

A decorative border composed of numerous small, colorful squares in various shades of blue, red, yellow, green, purple, and brown, arranged in vertical columns around the central text area.

Congresso Internacional 2018

ABRALIC | ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LITERATURA COMPARADA

Circulação,
tramas & sentidos
na Literatura

30 Jul a 03 Ago.

Congresso Internacional 2018

ABRALIC | ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LITERATURA COMPARADA

Circulação,
tramas & sentidos
na Literatura

30 Jul. a 03 Ago.

Caderno de resumos do Congresso Internacional ABRALIC 2018

Organizadores:

Rogério da Lima Silva

Ana Maria Amorim

Frederico Cabala

ISBN: 978-85-86678-29-5

ABRALIC

**Associação Brasileira de Literatura Comparada
2019 - Uberlândia (MG)**

EXPEDIENTE

Diretoria da ABRALIC – 2018-2019

Presidente

Prof. Dr. Rogério da Silva Lima (UnB)

Vice-Presidente

Profa. Dra. Betina Ribeiro Rodrigues da Cunha (UFU)

Primeira Secretária

Profa. Dra. Kelcilene Gracia-Rodrigues (UFMS)

Segundo Secretário

Prof. Dr. Wilton Barroso Filho (UnB)

Primeiro Tesoureiro

Prof. Dr. Danglei de Castro Pereira (UnB)

Segundo Tesoureiro

Profa. Dra. Anna Herron More (UnB)

Conselho Deliberativo

Germana Maria Araújo Sales (UFPA)

Marli Tereza Furtado (UFPA)

João Cezar de Castro Rocha (UERJ)

Maria Elizabeth Chaves de Mello (UFF)

Maria Zaira Turchi (UFG)

Regina Zilberman (UFRGS)

Roberto Acízelo Quelha de Sousa (UERJ)

Socorro de Fátima Pacifico Barbosa (UFPB)

Membros suplentes

Marcos Antonio de Moraes (USP)

Benito Martinez Rodriguez (UFPR)

Comissão Científica

Betina Ribeiro Rodrigues da Cunha

Carlos Augusto de Melo

Cintia Camargo Vianna

Daniel Pacheco Padilha da Costa

Elaine Cristina Cintra

Elzimar Fernanda Nunes Ribeiro

Enivalda Nunes Freitas E Souza

Fábio Figueiredo Camargo

Fernanda Aquino Sylvestre

Frederico de Sousa Silva

Irlei Margarete Cruz Machado

Ivan Marcos Ribeiro

Joana Luiza Muylaert de Araujo

Kenia Maria de Almeida Pereira

Leonardo Francisco Soares

Luiz Humberto Martins Arantes

Maria Auxiliadora Cunha Grossi

Maria Ivonete Santos Silva

Maria Suzana Moreira do Carmo

Marisa Martins Gama-Khalil

Miguel Jost

Paulo Fonseca Andrade

Sylvia Cintrão

Thiago César Viana Lopes Saltarelli

Comissão de apoio técnico

Betina Ribeiro Rodrigues da Cunha

Ana Maria Amorim

Frederico Cabala

Nelson Costa

Ednamar Ferreira Rosa Germano

Marcen de Oliveira Souza

Rafael Visibelli

Alisson Vinícius

Diogo Junqueira Penha

Cibele Januário Faria

Joy Brito Rolim

Ilaria Regina Rodrigues Rocha

Letícia Alves de Oliveira

Iara Ferreira Germano

Lucas Ferreira Germano

Lorena Alves Gorito

Scarlett Sarah Almeida Arcanjo

Gildo Antonio Moura Júnior

Bruno Drighetti

Iasmim Walchan

Ana Karla Silva Henrique

Rafaela Cristina de Souza Silva

Isadora Davi Pena

Maria Carolina Rodrigues Bastos da Silva

Lara Cristina Souza

Suzimara de Oliveira Dantas

Bianca Fernandes Santos

Jéssica Fernandes Silva

Caderno de Resumos do Congresso

Internacional ABRALIC 2018 (Orgs):

Prof. Dr. Rogério Lima Silva (UnB)

Ana Maria Amorim

Frederico Cabala

APRESENTAÇÃO: Os fios de uma trama

Betina R. Rodrigues da Cunha (UFU)

Rogério da Silva Lima(UnB)

Essa obra, que agora se apresenta, nasceu sob o signo da diversidade, da identidade e de um esforço plural para compartilhar com os interessados na Literatura, e em suas textualidades, os olhares e aventuras que constroem e justificam o embate entre leitor, autor e obra, nesse universo ao mesmo tempo tão ambíguo e instigante do mundo contemporâneo.

Tal diversidade e, ao mesmo tempo, identidade, é, em verdade, fruto da apresentação de comunicações em simpósios no Congresso Internacional ABRALIC/2018, sediado na Universidade Federal de Uberlândia, sendo conduzido pela Diretoria da gestão 2018/2019, cujos Presidente e Vice-Presidente, respectivamente, Profs. Rogério Lima (UnB) e Betina Ribeiro Rodrigues da Cunha (UFU) tem agora a honra e o privilégio de compartilhar com os associados da ABRALIC, com os leitores e interessados.

Em um espaço acolhedor e, sobretudo, interativo, no qual os diálogos se avolumaram em uma clara mostra de curiosidade e entendimento, os participantes do Congresso puderam trocar opiniões, enxergar pelo olhar do outro, trocar impressões e saberes, em uma mostra da supremacia e da convivência entre pares, interessados nos projetos de uma sensibilidade contemporânea. E é essa manifestação contemporânea - ou, sempre!!, uma sensibilidade alimentada e eternizada pelos caminhos da experiência histórica e humanizadora a traduzir os homens ao longo dos séculos – que leva à busca e ao entendimento das formas de representação e concretização das revelações e expressões estéticas resultantes das escrituras e linguagens artísticas.

Nesse momento, é forçoso buscar em Achugar a grande lição, intuída pelo exercício da modernidade e das urgências sentidas pelo tempo agonizante e, ao mesmo tempo, utópico:

*La representación de una obra de arte es y ha sido siempre problemática pero hoy –con la urgencia que le otorga el hecho de ser mi/ nuestro muy fugaz hoy– es aun mayor su inestable condición. La inseguridad y la provisoriedad han ido ganando el campo de la cultura occidental-europea y occidental-latinoamericana. ¿Es posible hablar de arte representativo sin sentir malestar? ¿Es posible afirmar que Carmen Miranda es un estereotipo, un simulacro, una burla de la cultura latinoamericana y que Fernando Botero, no necesariamente lo es? Es decir, ¿es posible sostener que hay representaciones válidas para la totalidad de América Latina?*¹

Achugar, com simplicidade e acurada sabedoria, olha para a América Latina – mas pode-se, sem medo de errar, transferir tal olhar para os diferentes continentes e produções - prevenindo-nos sobre as provisoriedades das manifestações artísticas, uma vez que elas passam, mais do que tudo, por uma identidade de público e de linguagens que se dilui no desconhecimento e na diferença, seja de códigos, seja de concepções, seja de representações. A perenidade dessas manifestações reflete a condição ambígua do homem e de suas inúmeras buscas em favor de uma construção e apaziguamento dos desconfortos e constrangimentos gerados pelo estar-no-mundo.

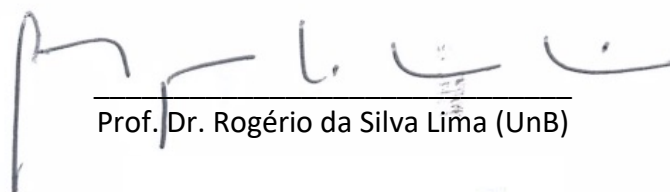
Portanto, ao abrir espaço para as instigantes interrogações a respeito da palavra, dos textos e do poder da imaginação criadora – desenhando novos e inesperados caminhos que organizam os projetos particulares da experiência contemporânea, dinâmicos e plurais ao mesmo tempo – a ABRALIC, em sua proposta de gestão, instiga inúmeras reflexões e questionamentos, carregados de leituras possíveis a interpretar o *estar no mundo* e suas amplas relações, bem como suas representações.

A partir dessas considerações e de seus desdobramentos que esta obra encontra justificativa no interesse de sugerir e de tornar visível ao leitor e à crítica, sutilezas da produção literária, sobretudo no que diz respeito ao modo como as temáticas e estruturas encontram sua concretização na modernidade.

¹ ACHUGAR, Hugo. *La biblioteca en ruinas*. Montevideo: Ediciones Misiones. 1994. P. 18

Nesse sentido, reuniram-se trabalhos, pesquisas e olhares que, a partir da ABRALIC 2018 – Uberlândia, procuraram provocar uma nova expedição: aquela de buscar novas trilhas, de enxergar as fontes que fazem desdobrar palavras em sentidos, de enfrentar mundos ainda não vislumbrados.

Finalmente, agradecemos a todos que nos emprestaram suas vozes para a concretização deste livro e que, em um esforço de análise e reflexão, dividem com os leitores suas impressões pessoais sobre as textualidades contemporâneas e suas diferentes manifestações.



Prof. Dr. Rogério da Silva Lima (UnB)



Profa. Dra. Betina Ribeiro Rodrigues da Cunha (UFU)

Diretoria da ABRALIC – 2018-2019

Presidente

Prof. Dr. Rogério da Silva Lima - UnB

Vice-Presidente

Profa. Dra. Betina Ribeiro Rodrigues da Cunha- UFU

Primeira Secretária

Profa. Dra. Kelcilene Gracia-Rodrigues – UFMS

Segundo Secretário

Prof. Dr. Wilton Barroso Filho - UnB

Primeiro Tesoureiro

Prof. Dr. Danglei de Castro Pereira– UnB

Segundo Tesoureiro

Profa. Dra. Anna Herron More – UnB

1 - A CIDADE COMO “ARQUIVO DE SIGNOS LEGÍVEIS” NA LITERATURA MODERNA E CONTEMPORÂNEA

Coordenação: José Eduardo Martins de Barros Melo (UNIR); Rosana Nunes Alencar (UNIR); Sandra Aparecida Fernandes Lopes Ferrari (IFRO)

Resumo: Esta proposta objetiva discutir a relação entre a experiência urbana e a produção literária moderna e contemporânea e desse modo acolhe trabalhos que analisem a linguagem poética a tecer os percursos da cidade em suas dobras e desdobras (o dentro e o fora, o público e o privado, o homem e a multidão, o passado e o presente). Brend Witte, estudioso alemão, (2008, p. 22) entende que na modernidade a cidade “passa a ser experienciada como um grande arquivo de signos legíveis”, efetivando-se, portanto, um “discurso urbano”. A produção literária na interseção arte-cidade foi tão intensa no século XIX que um século depois, João do Rio, cronista do Rio de Janeiro, no início do conto “A rua”, declarou: “Eu amo a rua” (1997, p. 48). Tem-se daí uma sedução pela rua e pelas figurações instáveis e fugidias que nela deambulam e se deixam captar pelo olhar do outro. A fisionomia urbana, fundada entre o olhar do artista e o “fora de casa” (Baudelaire assim se refere à vida na rua) é de natureza ambivalente. É um movimento capaz de conjugar encanto e horror à multidão configurado na performance do *flâneur*: Deriva desse movimento a visão tetrificante da cidade decadente em meio às ruínas que, segundo Walter Benjamin no livro *Passagens* (2009), é uma das *fantasmagorias* a partir da qual Baudelaire elabora a sua concepção de modernidade. “A cidade grande é o cenário tensão”, afirma Edvaldo Souza Couto (2009, p. 63) e Baudelaire soube fazer da vivência urbana e suas múltiplas contradições palco para a experiência poética. No ensaio *O pintor da vida moderna* (1863), o poeta francês trata da figura do *flâneur* e da relação visceral entre o artista moderno e a multidão, a rua, a cidade. Para ele, o contato com a multidão de passantes permite ou favorece entrar “num imenso reservatório de eletricidade” (2010, p. 30) e esse contato evoca uma reação moral que se desdobra em outra, de ordem estética. Também na contemporaneidade a experiência urbana movimenta diversas questões. Por exemplo, nos livros *Modernidade líquida* (2001) e *Identidade* (2005), Zygmunt Bauman se propõe, sobretudo, a pensar na constituição do sujeito e dos espaços contemporâneos urbanos a partir da metáfora da liquidez. No prefácio do primeiro livro, o sociólogo polonês faz uma leitura da contemporaneidade tendo por referência a modernidade baudelaireana; para ele, mais sólida. As incertezas fazem parte do projeto da modernidade, contudo ainda assim havia alguns núcleos mais ou menos estáveis, havia certa estabilidade da noção de identidade, de sujeito, de subjetividade. A contemporaneidade relativiza os referenciais identitários e essa perspectiva permite também pensar na relação do sujeito com espaços urbanos a partir da mobilidade. Os espaços são móveis. São espaços de não permanência, de não fixação, dos “não lugares” (AUGÊ, 2012), propiciando um embate entre a constituição do sujeito e a identidade do espaço por onde transitam. Essas reflexões permitem estudar alguns poetas e escritores modernos e contemporâneos como artistas que perscrutaram “a cidade com seus corpos e suas pernas” (MONGIN, 2009, p. 33). Lendo a cidade nessa perspectiva, o artista a sente e a transcende intensamente. Todavia, na produção literária moderna e contemporânea, isso se dá de modo paradoxal, pois para melhor sentir o universo urbano ora o narrador/sujeito lírico observa o movimento de um ponto fixo e distante, e essa é a perspectiva do conto “A janela de esquina do meu primo”, de Hoffmann; ora se mistura na multidão numa tentativa de capturar todos os seus segredos, perceptível no célebre conto “O homem da multidão”, de Poe, e no poema “A uma passante”, de Baudelaire; ou coloca-se na a posição de observador (*voyeur?*), tal qual expresso na poesia de Sebastião Uchoa Leite, ou, ainda, fragmenta-se, anula-se, multiplica-se, como está posto no romance *Eles eram muitos cavalos*, de Luiz Ruffato. Assim, questões dessa natureza e outras próprias da relação entre literatura e cidade podem ser motivo de diálogo nesta proposta de trabalho.

REFERÊNCIAS:

AUGÊ, Marc. *Não lugares*: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Trad. Maria Lucia Pereira. Campinas-SP: Papirus, 2012.

BAUDELAIRE, Charles. *O pintor da vida moderna*. Trad. T. Tadeu. Bolo Horizonte: Autêntica Editora, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

_____. *Identidade: entrevista Benedetto Vecchi*. Trad. Carlos Alberto. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BENJAMIN, Walter. . *Passagens*. Trad. I. Aron e C. P. B. Mourão. Belo Horizonte: Editora da UFMG; São Paulo: imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.

COUTO, Edvaldo Souza. "Walter Benjamin: ruas, objetos e passantes". In: COUTO, Edvaldo Souza & DAMIÃO, Carla Milane (orgs.). *Walter Benjamin: formas de percepção estética na modernidade*. Salvador: Quarteto Editora, 2008.

MONGIN, Olivier. *A condição urbana: a cidade na era da globalização*. Trad. L. M. de Andrade. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

JOÃO, do Rio (org. Raúl Antelo). *A alma encantadora das ruas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

31 de julho 8h30

"O HOMEM DAS MULTIDÕES" NO CINEMA DE CAO GUIMARÃES E MARCELO GOMES

Bárbara Bergamaschi Novaes (PPGLCC PUC-RIO / PPGCOM ECO-UFRJ)

Resumo: O filme *O Homem das Multidões* (2013), de Cao Guimarães e Marcelo Gomes, é livremente inspirado no conto homônimo de Edgar Allan Poe (1840). No filme, os personagens Juvenal (Paulo André) e Margo (Sílvia Lourenço) vivem um desencontro em meio ao caos da urbe contemporânea. Juvenal é condutor do trem do metrô em Belo Horizonte, carrega as multidões pelas artérias da cidade, percorre o mesmo trajeto todos os dias, em uma travessia circular que não leva a lugar algum, voltando sempre ao início, espécie de tempo-ourobourus saído do Aleph de Borges (1949). Margô, sua colega e supervisora no trabalho, ao contrário, se mantém imóvel sentada defronte a dezenas de telas de câmera de vigilância, é responsável pelo controle do fluxo dos trens e vive isolada em sua torre à la panóptico de Bentham. Apesar de fisicamente inerte, Margô circula através da fibra ótica pelo universo do virtual. Também sem destino, ela deambula pelas multidões anônimas da internet. Constantemente no celular, conectada às redes sociais e ao "bate-papo" online. Passa de uma tela à outra, sem nunca se desligar. Apesar dessa diferença físico-motora-corporal no trabalho - enquanto um está em constante movimento, o outro jaz imóvel - ambos sofrem de uma paralisia e de uma aridez no campo das relações sociais, de contato rarefeito com o outro. Nas palavras dos diretores, Juvenal encarna a solidão "analógica" enquanto Margô a solidão "digital". Os dois personagens seriam, portanto, arquétipos de uma sociedade industrial moderna e contemporânea, respectivamente, refletindo o processo de isolamento do indivíduo e da massificação das estruturas sociais. O autor Ben Singer escreve a respeito de processos sócio culturais do final do século XIX, como a urbanização, industrialização e consumo de massa, que em conjunto integram o fenômeno chamado de Modernidade. É interessante observar também, ao longo do filme, a presença do trem - máquina-ícone da modernidade, do progresso e da urbanização, figura simbólica dos primórdios do Cinema. Nossa análise se concentra, portanto, na construção das duas personagens do filme, bem como busca introduzir os diferentes entendimentos da epistême Contemporânea e o Moderna, suas problemáticas e embates. A partir dessas personagens, remontamos também o passado histórico da imagem fotográfica e cinematográfica, trazendo para a pesquisa a figura do flâneur, a questão dos hiperestímulos e a crise da atenção na modernidade. Lançamos a hipótese de que a crise da atenção moderna, apontada por Walter Benjamin e outros teóricos, pode ter se intensificado na contemporaneidade, culminando no "desejo de memória" e "desejo presença" conceituado pelos teóricos contemporâneos, Andreas Huyssen e Hans Ulrich Gumbrecht, respectivamente. Referências Bibliográficas: BENJAMIN, Walter.

Obras Escolhidas. Magia e Técnica, Arte e Política. BENJAMIN, Walter. A Modernidade e os Modernos. CHARNEY, L.; SCHWARTZ, V.; O Cinema e a Invenção da Vida Moderna. HUYSEN, Andreas. Seduzidos pela Memória: arquitetura, monumentos e mídia. GUMBRECHT, Hans U. Nosso amplo presente: o tempo e a cultura contemporânea.

Palavras-chave: Cinema Contemporâneo; Adaptação; Modernidade

O INDIVÍDUO E A CIDADE NO FILME MEDIANERAS

Anna Carolyna Barbosa (UFU)

Resumo: O presente trabalho objetiva discutir a condição do indivíduo da modernidade e na modernidade, sua relação com o outro e também com a cidade, a partir do filme argentino Medianeras: Buenos Aires na era do amor virtual (2011), dirigido e roteirizado por Gustavo Taretto, com fotografia assinada por Leandro Martínez. Medianeras narra a história de duas pessoas: o web designer Martín e a vitrinista Mariana que vivem no mesmo quarteirão da capital argentina, frequentam os mesmos lugares, por vezes se cruzam, porém não se percebem. O filme incita nossa reflexão acerca da situação de isolamento do homem moderno em meio à multidão das grandes cidades; as fobias, as identidades – verdadeiras e forjadas –, as relações fictícias mediadas pela internet, a subjetividade, a busca pelo amor em meio à multidão e a relação do indivíduo com a cidade. No final do século XIX, Charles Baudelaire (1995), já havia refletido sobre a questão, ao criar a figura do flâneur, o observador urbano “esse homem, tal como o descrevi, esse solitário dotado de uma imaginação ativa, sempre viajando através do grande deserto de homens” (p. 859). Benjamin (1991) também dedicou parte de seus estudos a fim de entender essa figura do homem que encontra, em meio ao mar de pessoas, sua solidão “Para o homem privado, o interior da residência representa o universo. (p. 37). A era da modernidade trouxe consigo o legado das cidades superpovoadas e à medida que as cidades foram ficando maiores, as pessoas foram se tornando mais solitárias, o medo, a pressa, o estresse e o cansaço têm transformado o homem, cada vez mais, em ilhas. A desculpa de comodidade para se trancar dentro de casa e dentro de si acaba por se tornar individualismo, apesar das necessidades fisiológicas e emocionais de se relacionar, o medo de se frustrar e o conforto do não arriscar acabam se sobressaindo e mediando a vida desse homem da modernidade. Para o pensador Zygmunt Bauman (2011) “O espectro arrepiante e apavorante das “ruas inseguras” mantém as pessoas longe dos espaços públicos e as afasta da busca da arte e das habilidades necessárias para compartilhar a vida pública. ” (p. 110), esse sujeito da modernidade acaba camuflando em diversas desculpas o seu medo de se relacionar que acaba gerando um medo mais profundo; o de viver só. Buscaremos nossa reflexão utilizando o escopo teórico citado aqui e outros textos teóricos que se fizerem relevantes.

Palavras-chave: Medianeras; cidade; sujeito; modernidade; indivíduo

O OLHAR DO FLÂNEUR SOBRE A CIDADE E AS DESIGUALDADES SOCIAIS: UMA APROXIMAÇÃO ENTRE AS OBRAS "A ALMA ENCANTADORA DAS RUAS" E "LE SPLEEN DE PARIS"

Leiliane Germano de Souza (UFJF)

Resumo: Ao assumir a posição de flâneur, o escritor Paulo Barreto, usando o pseudônimo de João do Rio, percorreu ruas, vielas e diferentes espaços do Rio de Janeiro do século XIX. O mesmo fez Charles Baudelaire ao colocar no papel uma sociedade francesa deixada à margem e silenciada pela falta de espaço e oportunidade. A presente pesquisa realiza uma aproximação entre as obras "A alma encantadora das ruas", de João do Rio, e os poemas em prosa de "Le spleen de Paris", escrito por Baudelaire. A partir de tal estudo, busca-se compreender como ambos autores desenvolveram o olhar do flâneur diante das mazelas sociais de sua época.

Palavras-chave: João do Rio; Charles Baudelaire; Flâneur

AS AMBIVALENCIAS DAS METRÓPOLES OITOCENTISTAS: OS PERFIS LITERÁRIOS DE LONDRES E PARIS

EM O CLUBE DO SUICÍDIO

Ana Carolina Silva (Unicamp)

Resumo: As duas principais metrópoles do século XIX passaram por profundas transformações em suas dimensões geográficas, físicas e populacional. Marcadas tanto por singularidades quanto por semelhanças, Londres e Paris fascinaram e concentraram os olhares dos homens letrados oitocentistas e assim se converteram em modelos paradigmáticos das condições criadas e consolidadas pela emergência de sociedades predominantemente urbanas. Essa convergência de perspectivas não apenas desencadeou uma considerável profusão discursiva, como também consistiu em uma busca voltada a dar contornos e inteligibilidade as originalidades das práticas sociais e prerrogativas modernas, posto que os modos de representação tradicionais vigentes naquele período se mostravam insuficientes para abordá-las e torná-las cognoscíveis. Nesse sentido, as mudanças envolvendo as técnicas e os tratamentos de escrita, ademais de demonstrarem que estas se encontravam em consonância e eram desdobramentos do processo de secularização do pensamento, sinalizam a suma importância dos meios ficcionais para delinear tanto os perfis dos atores sociais em ascensão quanto dos seus espaços de atuação. Em linhas gerais, percebe-se que a progressiva figuração da cidade como palco de grande maioria dos escritos literários oitocentistas indica primeiramente o espaço urbano como o lugar das transformações e segundo como as próprias questões ali manifestas instigavam e articulavam a dinâmica interna das obras. Designar Londres ou Paris como cenário ficcional, em grande medida, consistia em invocar e contribuir para a construção de todo um repertório de imagens que não só reelaborava a fama e as camadas de memória carregadas por estas capitais, mas também dava vazão às novas fisionomias assumidas por elas, ao fundir elementos de representações antigos e modernos. O ponto de partida desta comunicação será precisamente o de investigar quais são as ideias de cidade transmitidas pela caracterização da capital britânica e francesa veiculadas por um dos escritos ficcionais do autor escocês Robert Louis Stevenson e os aspectos que passaram a aludir as suas singularidades e o posto ocupado por ambas como símbolo do auge civilizacional. Apesar de Londres ter um espaço muito maior do que Paris como ambientação na narrativa *O Clube do Suicídio* (1882), constata-se que as duas metrópoles oitocentistas possuem perfis contrastantes. Enquanto a primeira é moldada por meio de um jogo de luz e sombra, o qual reforça a sua aura de mistério, a segunda possui uma caracterização vívida e irradiante, a qual remete ao seu esplendor cultural. Dessa forma, será por meio de uma análise comparada dos mecanismos de representação destas duas cidades, em uma mesma produção literária, que concretizaremos o objetivo estabelecido para esta comunicação de explorar como a cidade ficcional e a cidade empírica mutuamente definiam as feições de seus espaços e habitantes.

Palavras-chave: Londres; Paris; Robert Louis Stevenson

31 de julho

14h30

MONUMENTO, ARQUIVO E FICÇÃO EM CINZAS DO NORTE, DE MILTON HATOUM

Ananda Nehmy de Almeida (UFMG)

Resumo: A expansão do conceito de “extermínio” aparece frequentemente no discurso da recepção crítica de *Cinzas do Norte*, de Milton Hatoum. Parte da sua recepção crítica relaciona elementos do romance ambientado no contexto histórico da Ditadura Militar ao discurso das entrevistas do escritor manauara, ora recortando a temática da Segunda Guerra, ora recorrendo aos “rastros” da fala de Hatoum indicadores da sua vivência no período da ditadura. Daiane Carneiro Pimentel retoma a entrevista de Milton Hatoum na qual o escritor cita a “banalização do mal”, de Hannah Arendt, e as obras de Primo Levi, com a temática da sobrevivência no campo de concentração. Pimentel identifica o “teor testemunhal” da prosa hatouniana seguindo as pistas das referências citadas na entrevista, confrontando-as à concepção de Auschwitz como evento cuja leitura altera “as bases para a continuidade das condições da vida e da história” proposta por Nesteroviski e

Seligmann-Silva, Roniere Menezes e Izabel Fonseca Sá mostram como o imaginário romanesco utiliza os “rastros” de uma biografia, localizados pelos ensaístas nas entrevistas do escritor com o objetivo de relacioná-los à influência da ditadura militar em espaços urbanos, como a escola. Para Menezes e Sá, o romance forma um “mosaico” ou “calidoscópio” elaborado no jogo intertextual a partir de “analogias, falas pistas, lapsos, intervalos temporais, cruzamento de relatos diversos”. Constituem, segundo os ensaístas, citações ou arquivos “remodelados pela mão do narrador testemunha” Lavo. Há, portanto, a caracterização de Cinzas do Norte como romance de teor testemunhal, no ensaio de Pimentel, e a identificação do arquivo de cunho “histórico” e “literário”, em Menezes e Sá. Essas leituras, marcadas pela história, concentram-se nas vozes dispersas da narrativa, no extermínio da Segunda Guerra e no contexto histórico da ditadura militar. O romance amplia essa matéria histórica e a noção de arquivo ao associá-las à ideia de museu ou biblioteca em outros contextos históricos, como o colonial e o da antiguidade clássica, a partir de espaços urbanos manauaras, a exemplo do Monumento Comemorativo à Abertura aos Portos. Pretende-se acrescentar à discussão promovida pela recepção crítica a compreensão do romance a partir da metáfora “arquivo” estendida à biblioteca e ao museu no espaço público da praça São Sebastião em Manaus, que abriga o Monumento Comemorativo à Abertura aos Portos, e no espaço privado das casas dos personagens. Serão examinadas as temáticas do extermínio indígena e da opressão de outros sujeitos, a maneira como se desenvolvem a partir de espaços e objetos distribuídos na narrativa. Ainda expandindo o conceito de museu, tendo em vista o encontro de Mundo com personagens artistas pertencentes respectivamente às tradições moderna e contemporânea, recorre-se ao anacronismo em Georges Didi-Huberman, que trata da dialética das imagens, as estéticas do laboratório e da emergência, de Reinaldo Laddaga. Por fim, será usado o conceito “romance de arquivo”, estabelecido por Suzanne Keen, na análise das tensões entre os arquivos de Jano e de Mundo e da produção pictural dos personagens, já que a teórica também aproxima a biblioteca e o museu do imaginário romanesco à categoria “arquivo”.

Palavras-chave: Romance de arquivo, monumento, museu.

REPENSAR A CIDADE: O ESTRANHAMENTO EM "PALOMAR", DE ITALO CALVINO

Isabel Camila Alves da Silva

Resumo: O tema cidade é uma constante na obra do escritor italiano Italo Calvino. Tal espaço é abordado de diversas formas, com enfoque no pensamento direcionado para cidades imaginárias e transformações através da percepção, do olhar. A partir desse contexto, nosso trabalho tem como objetivo uma análise sobre as relações entre o homem e o espaço citadino na obra Palomar (1983), em que buscaremos compreender a abordagem do estranhamento presente na produção. Através das explorações do Senhor Palomar, temos o confronto entre indivíduo e metrópole que, na aparente banalidade de seu cotidiano, proporciona imagens exóticas que dependem de interpretações diferentes, além do impulso para o desbravamento e o comportamento do flâneur. Observaremos como a percepção caminha para um sentido universal a partir do estranhamento, com a criação de um segundo olhar sobre o que já é conhecido; ele desautomatiza o significado banal de objetos, seres e espaços, redefinindo-os. Para isso, observação e descrição são pontos-chave da narrativa, na ânsia de perseguir e discutir a própria linguagem humana. As perspectivas teóricas que permeiam nosso estudo são, principalmente, a obra ensaística de Calvino (1990; 2009; 2010; 2015), sobretudo no que tange à linguagem, deslocamento e percepção do estrangeiro; as abordagens de estranhamento feitas por Chklovsky (1917) e Friedrich (1978); e o pensamento sobre a cidade a partir das concepções de Baudelaire (2006) e Certeau (1998).

Palavras-chave: Italo Calvino; Palomar; Estranhamento; Cidade

"MAS É DIFÍCIL FIXAR NO PAPEL OS CAMINHOS DAS ANDORINHAS": CONFIGURAÇÕES DO ESPAÇO E DA VISIBILIDADE EM AS CIDADES INVISÍVEIS, DE ITALO CALVINO

Luana Raquel da Silva Coimbra (UNEMAT)

Resumo: Para Italo Calvino, a cidade é um símbolo dentre os mais complexos que lhe permitiu maiores possibilidades de expressar a tensão entre a racionalidade geométrica e o emaranhado das existências humanas (CALVINO, 1990a, p. 85). É sob essa noção elementar que os espaços em *As cidades invisíveis*, obra de 1972 de Calvino, dão forma a um complexo de cidades antes móveis do que fixas, que operam como um jogo de múltiplas construções (e desconstruções), cujas bases são tão volúveis quanto a memória, o desejo, os símbolos, as trocas. Essas e outras palavras-chave que estruturam e tematizam a narrativa, ao passo que as qualificam em grupos, remetem-nas à impossibilidade de uma cartografia que se queira exata, pois “é difícil fixar no papel os caminhos das andorinhas”, conclui o narrador viajante Marco Polo, ao supor um mapa de Esmeraldina, cidade do grupo “As cidades e as trocas” (CALVINO, 1990b, p. 84). A despeito dessa virtualidade espacial, é no paradoxo da invisibilidade que as cidades permitem imagens poéticas as mais vivazes, porque passam a situar-se na esfera da fantasia. O que ocorre no livro de Italo Calvino não se trata de distâncias temporais ou geográficas, mas de uma forma de narrar que quer suplantar quaisquer relações com medidas reconhecíveis, o que lhes confere uma qualidade flutuante e incorpórea (GOMES, 2008, p. 52). Como observa Neitzel, em *As cidades invisíveis* os lugares não se definem com termos que indiquem um referente, “como este espaço, aquela rua, no país tal, pois a ideia é que eles revelem-se ao leitor como passagens de um mundo a outro. São imagens e territórios visitados na imaginação, capturados pelos sentidos e armazenados num espaço da mente” (NEITZEL, 2009, p. 67). Para Neitzel, a ausência do pitoresco na descrição dessas cidades suscita justo a libertação “do torpor da representação do real” (idem). Assim, os espaços são constituídos de suspensões e movimentos, que compreendem não somente as cidades em suas constantes mutações, mas o próprio humano como elemento integrante da urbanidade e como ponto perturbador de uma reavaliação do (in)visível. É precisamente neste aspecto imaginativo que a visibilidade – um dos valores comuns na literatura clássica que Calvino elege em suas *Seis Propostas para o próximo milênio* – torna-se efeito direto do “eu vi”, em que o olho é uma marca de enunciação (HARTOG, 1999, p. 273), validada, por sua vez, pela experiência da viagem: “somente por meio de olhos e ouvidos estrangeiros o império podia manifestar a sua existência para Kublai” (CALVINO, 1990b, p. 25). Diante disso, esta proposta se interessa por observar como o espaço em *As cidades invisíveis* aciona a instância da visibilidade, e como, sob o signo da cidade, a literatura de Calvino permite uma reflexão sobre as relações humanas e sobre a própria literatura nas suas formas de inventar.

Palavras-chave: As cidades invisíveis; espaço; visibilidade.

AS CIDADES (SUR)REAIS DE CHICO BUARQUE DE HOLLANDA

Olga Baginska-Shinzato (Universidade de Varsóvia)

Resumo: Chico Buarque de Hollanda, um dos artistas mais conceituados no Brasil, possui um costume, desde criança, de desenhar, planejar e projetar cidades imaginadas, sonhadas, surreais. Reproduz, também, cidades que já conhece, e cujo reflexo podemos ver em sua obra. Esse fato serviu de base para a análise da obra do citado autor. O objetivo desta pesquisa foi demonstrar que o processo criativo do artista, letrista e escritor em questão, assemelha-se ao processo criativo de um arquiteto, que o próprio Chico Buarque sonhara em ser, embora não tivesse completado a sua formação na área. A escrita, a elaboração de um texto escrito, seja um romance ou a letra de uma música, é um processo análogo ao processo de criação, projeção de uma nova cidade. Assim, visa-se aqui a análise do processo criativo do artista e do “urbanismo” literário de Chico Buarque de Hollanda, o arquiteto da palavra. Uma cidade, assim como um romance, um poema, ou a letra de uma música, possui uma determinada estrutura, ou seja, - uma construção. As palavras, assim como os variados elementos que constituem, compõem uma cidade, são encarregadas de determinadas funções ou significados. Um dos objetivos principais desta pesquisa é analisar o significado e a simbologia, assim como a função da cidade na criação artística de Chico Buarque de Hollanda - da cidade real (Rio de Janeiro, Budapeste, Berlim), e a surreal, alegórica. A cidade e o processo criativo (construção) nos romances e nas letras do autor aparecem, com frequência, como alegorias. Deste modo, surge a necessidade de apresentar os conceitos representados por meio delas (mulher, amor,

língua, música, etc.), já que todos reproduzem um processo, uma construção, um esquema ou modelo, uma rede de símbolos, ou um labirinto de significados. E no meio dele desponta, nasce, a imagem de uma cidade real, brasileira, assim como a imagem de uma cidade estrangeira, muitas vezes a sonhada, ou surreal.

Palavras-chave: Chico Buarque de Hollanda; cidade; construção

O TRANSITÓRIO E O FLUTUANTE EM JOÃO GILBERTO NOLL

Sandra Aparecida Fernandes Lopes Ferrari (IFRO)

Resumo: A modernidade nos legou reflexões sobre os espaços urbanos ocupados por seres que perambulam pelas ruas da cidade. Essa visão singular de modernidade, proposta por Baudelaire, instaura o efeito de choque através da miséria humana representada pelo flâneur, e traduz o homem moderno, constituindo uma compreensão dos fenômenos de urbanização do século XIX. O flâneur, o homem abandonado na multidão, transita pelas ruas de Paris e atende a uma necessidade individual burguesa de sobrepor-se à aristocracia e de tornar-se instrumento das “massas” na era dominada pela máquina. A percepção do flâneur parece se dar diante daquilo que é transitório na cidade, mas ele não apenas se lamenta a respeito da transitoriedade, como também se alimenta dela, uma espécie de abrigo no ventre da caótica modernidade. Nessa direção, Marc Augé, em sua obra Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade (2007), infere “a rua como o domínio da sombra e da noite”. Essa forma antropológica de ver o sentido de “espaço” reforça a busca identitária do indivíduo e define “lugar” como uma configuração espontânea de posições. Nesse sentido, remetemo-nos a algumas aporias sobre o “espaço”, da contemporaneidade na obra de João Gilberto Noll, e o espaço ocupado por seres anônimos e instáveis. Em especial, no romance “Hotel Atlântico”, esses seres são representados pela figura do narrador, que, em primeira pessoa, conduz a narrativa por uma viagem a vários locais e para dentro da obra, por meio da atuação do personagem sem nome, que perambula sem destino, de cidade em cidade. Todo o percurso transcorrido pelo personagem leva a espaços reais transcritos em não-espaços. Noll firma sua narrativa nos não-lugares da supermodernidade: hotel, ônibus, rua, escada, rodoviária, estrada, representado por um “espaço do não-lugar que não cria nem identidade singular nem relação, mas sim solidão” para o protagonista. A proposta deste texto é pensar sobre a experiência ficcional urbana na obra de Noll, como identidade de um não-lugar próprio de sujeitos nômades, transitórios e “flutuantes”.

Palavras-chave: Espaços transitórios; João Gilberto Noll; sujeito

01 de agosto

8h30

A CIDADE E O OUTRO: A MULHER, A FAVELA, O CAMPO

Mônica Gama (UFOP)

Resumo: Propomos nesta comunicação abordar a presença da cidade na literatura contemporânea brasileira a partir de três escritoras: Carolina Maria de Jesus, Beatriz Bracher e Maria Valéria Rezende. Em Quarto de despejo (1960) e Quarenta dias (2014), temos a escrita de si (diário e ficção de diário) de mulheres e sua relação com a cidade: no primeiro caso, Carolina Maria de Jesus registra em seu diário sua vida como catadora de papéis em São Paulo e seu cotidiano na favela, quarto de despejo social desse espaço urbano excludente; no diário ficcional de Alice, personagem de Maria Valéria Rezende, há um processo de migração compulsório em que a personagem principal, uma mulher idosa, passa a viver em um confortável bairro classe média de Porto Alegre, mas, ao contrário de Carolina Maria de Jesus, escolhe frequentar a favela e, posteriormente, a viver na rua. Para Carolina, a cidade oferece o material, o motivo, o tempo e a razão de sua escrita; para Maria Valéria, a cidade torna-se uma personagem, e seu romance investiga as relações afetivas traçadas no espaço de exclusão social. O discurso urbano é negado pelo personagem Teo, do romance Antonio, de Beatriz Bracher (2007), que abandona a família de São Paulo para viver no interior de Minas

Gerais. Nesse romance, os narradores tentam reconstruir suas vidas com Teo em um discurso direcionado a Benjamin, seu filho, presente no livro como personagem que escuta o que está sendo narrado – assim, personagem-assunto e personagem-destinatário das narrativas (Teo e Benjamin) são emudecidos. Um aspecto central do romance é o abandono da vivência urbana em relação às suas contradições, focalizada por três personagens que ficam na urbe e veem esse exílio com estranheza. Carolina Maria de Jesus mapeava em seu diário a geografia humana da cidade e de seu lugar de exclusão, a favela; Maria Valéria Rezende constrói uma narradora que, assim como Alice no País das Maravilhas, perambula por espaços, conhece pessoas, e registra num diário notas que oscilam entre o íntimo e o coletivo; Beatriz Bracher propõe três narradores que não compreendem o abandono da cidade, resultando em uma história plural, mas emudecida. A cidade, a favela e o ambiente rural formam uma rede de significação nesses romances que encenam a cidade real e um desenho de cidade, uma figuração do urbano, percebido como restrição, decadência, abandono, mas também como solidariedade e libertação. Por fim, propomos observar nesses três romances contemporâneos a figuração do espaço urbano e a percepção das personagens e narradoras femininas, sobretudo a relação, imposta pela figuração urbana, entre o privado e o público, o indivíduo e a coletividade, a segregação e a solidariedade.

Palavras-chave: Mulheres; cidade; favela; diário; narradores

PELOS LABIRINTOS DA URBE: PERSONAGENS ESCRITORAS NO ROMANCE BRASILEIRO DO SÉCULO XXI
Helena Maria de Souza Costa Arruda (Capes/UFRJ)

Resumo: Quando se estuda uma personagem, é imprescindível que se pense no espaço que ela ocupa, ou pretende ocupar, para situá-la geograficamente, historicamente, socialmente, psicologicamente, linguisticamente, culturalmente etc. O espaço é relacional, ou seja, está intimamente ligado a uma característica da personagem em relação a algo. A personagem possui, portanto, um caráter relacional, uma identidade relacional. Logo, só conhecemos a personagem em sua totalidade à medida que contrastamos sua identidade com outras identidades, seu posicionamento em relação a outros posicionamentos dentro da narrativa. Ao falarmos de espaço, temos uma tendência inconsciente de percebermos apenas o espaço físico, geograficamente colocado. No entanto, a literatura nos permite pensar uma infinidade de outros espaços – imaginários, subjetivos, anímicos, totalmente abstratos. Dessa maneira, é impossível dissociar o concreto do abstrato, ou seja, a forma como a personagem percebe, sente, experencia tal espaço está intimamente ligada à constituição de sua identidade, como já nos apontava Hall (2015) e Bauman (2005). O trabalho ora proposto visa à análise de três personagens femininas que dialogam entre si, tendo em vista que todas elas se deslocam entre cidades do Brasil e do mundo e tentam descobrir nessa flanerie, de acordo com Benjamin (1991) – sobre a experiência da metrópole –, quem são, o que querem e como poderão reconstituir suas identidades fragmentadas, conforme Kristeva (1994), e/ou desenraizadas, como nos aponta Todorov (1999). As três têm em comum o processo de escrita, uma vez que todas saem de seu lugar-comum e buscam pelas ruas da urbe alguma forma de se libertar e de reescrever seu estar no mundo. São, portanto, personagens escritoras que flanam numa busca desenfreada por suas histórias e a retomada de suas vidas. São elas: Luzia (2011), personagem do romance homônimo, de Susana Fuentes; Alice, de Quarenta dias (2014), de Maria Valéria Rezende; Valderez, personagem de Por escrito (2014), de Elvira Vigna. Luzia é uma personagem feita por meio da reconstrução da memória. Órfã de mãe aos nove anos, abandonada pelo pai, criada pelos tios e estuprada na infância, encontra na escrita, nos palcos e na música uma forma de libertar-se das amarras do passado, para isso se desloca entre dois apartamentos no Rio de Janeiro e a Ilha de Maraberto, onde vai buscar suas origens. Alice é uma professora aposentada, sexagenária, que vive em Recife e vê sua vida ser devastada por um desejo da filha: que ela mude para Porto Alegre para cuidar do neto que vai nascer. Revoltada e não se reconhecendo naquela cidade, Alice decide flunar por quarenta dias pelas ruas da urbe em companhia de Barbie, um caderno amarelado com a boneca homônima na capa. Durante os quarenta dias, reconta suas histórias e sua busca por Cícero Araújo (ou seria por si mesma?) numa

dupla narrativa. Valdez, de Vigna, é uma mulher em constante trânsito uma vez que seu trabalho (que abandona para se dedicar à escrita) já faz dela uma flâneuse, habitando aeroportos, bares, quartos de hotéis e camas diversas, buscando sua história para deixá-la, de vez, por escrito.

Palavras-chave: Personagem escritora; Espaço; Identidade; Trânsito

DA CASA PARA A RUA: O OLHAR FEMININO SOBRE O ESPAÇO NA OBRA ATIRE EM SOFIA, DE SONIA COUTINHO

Nêmia Ribeiro Alves Lopes (IF Baiano)

NÊMIA RIBEIRO ALVES LOPES (INSTITUTO FEDERAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA BAIANO- IF Baiano)

Resumo: As obras literárias, que apresentam o movimento de personagens nos mais diversos lugares, são significativas para se compreender a influência do urbano ou de determinado ambiente no modo de vida de sujeitos específicos. Na obra *Atire em Sofia* de Sonia Coutinho, é apresentado um processo de autoconsciência construído a partir do movimento de suas protagonistas femininas, a partir do diálogo entre o ambiente doméstico e o da rua. Para suas protagonistas, já não basta um lar tradicional, uma prisão comum à mulher de seu tempo, a casa ganha novas significações. Dessa maneira, este trabalho discute a representação dos espaços na obra *Atire em Sofia*, como forma de construção social e psicológica de suas protagonistas, a partir do olhar das personagens femininas.

Palavras-chave: Espaço; casa; gênero; *Atire em Sofia*

OS DUBLINENSES DE JOYCE E OS CURITIBANOS DE TREVISAN

Priscila Célia Giacomassi (UFPR)

Resumo: James Joyce nasceu em Dublin em 1882. Dalton Trevisan é um escritor contemporâneo da cidade de Curitiba, no Paraná. Obras tão distantes no tempo, no espaço e com aspectos culturais tão particulares, poderiam ter em comum características comuns que merecessem uma análise com esta proposta? Este trabalho pretende concentrar em "Dublinenses" de Joyce e em alguns dos livros mais emblemáticos de Dalton Trevisan para explorar basicamente dois aspectos que parecem permear ambas as obras: primeiramente a questão da "fuga geográfica" - uma característica compartilhada pela maioria dos personagens selecionados para esta análise - e também as maneiras pelas quais os personagens de cada autor buscam (ou não) uma forma que contornar ou escapar de sua dura realidade, repleta de decadência e paralisia. Nas obras selecionadas, ambos os autores também elegem o gênero conto para criar situações que acontecem nas cidades em que ambos nasceram. As circunstâncias envolvendo tais personagens também são similares em muitos aspectos. Via de regra, eles vivenciam situações extremas das quais não conseguem escapar, mantendo-se inexoravelmente presos e paralisados por elas. Dessa forma, eles costumam encontrar formas 'alternativas' de fuga: o sonho ou o devaneio uma vez que as agruras da realidade parecem imbatíveis; os vícios em suas diferentes manifestações que atordoam os sentidos aliviando as pressões do meio externo e também as internas; casos amorosos que não chegam a ter profunda significação para eles; sexo, entre outros. Mas enquanto os personagens do escritor curitibano são construídos de forma a jamais darem um salto qualitativo em suas vidas, Joyce possibilita situações e estratégias para que suas personagens possam vislumbrar esperança de dias melhores. Os curitibanos de Dalton Trevisan estão fadados ao autoaprisionamento e aos dublinenses de James Joyce é concedida a possibilidade de superação. Nos universos ficcionais criados por ambos os autores, a cidade pode ser encarada como uma grande personagem, maior, mais enigmática e poderosa que os demais. Joyce escreve para e sobre os dublinenses. Trevisan, para e sobre os curitibanos. Apesar de serem conterrâneos de seus personagens e terem intimidade com o cenário por eles criado, parecem ter encontrado uma distância estética que parece lhes permitir olharem-se para si mesmos pelo olhar de seus seres ficcionalmente elaborados numa espécie de busca por reconhecerem-se a si mesmos. A Dublin de James Joyce e a Curitiba de Dalton Trevisan de certa forma são mais que cenários. Funcionam como uma grande e envolvente persona que não só abriga os personagens, mas delineia seus destinos.

Palavras-chave: Dublinenses; Curitibanos; James Joyce; Dalton Trevisan; Cidade

01 de agosto
14h30

O REFLEXO E A AUTO-IRONIA EM ALDO PALAZZESCHI: UMA LEITURA CRÍTICA DO CÔMICO EM UNA CASINA DI CRISTALLO

Eric da Silva Santiago (UFRJ)

Resumo: A narrativa cômica sempre foi um dos principais instrumentos de Aldo Palazzeschi (1885 – 1974). O poeta, que participou de movimentos como o Crepuscularismo e Futurismo, defendia que o riso era a melhor forma de desenvolver nossa profundidade sentimental, como demonstra em seu manifesto *Il controdolore* (PALAZZESCHI, 1913): “É NECESSÁRIO SE ABITUAR A RIR DE TUDO AQUILO DE QUE ABITUALMENTE SE CHORA, desenvolvendo a nossa profundidade”. Embora a sua obra literária extensa tenha a comicidade como tema e muitas vezes argumento narrativo, a comicidade em si nunca se apresenta como objetivo final, mas sim como meio de acesso até ele. Através de sua narrativa cômica, Aldo Palazzeschi desenvolve sua poética, apresenta suas críticas à sociedade da época e busca a des-construção dos paradigmas literários italianos, a fim de reforçar novos ideais artísticos. Na poesia *Una casina di cristallo*, presente no livro *Poesie* (1971), Palazzeschi nos apresenta uma casa inteiramente feita de cristal transparente, localizada no meio de uma cidade. Dentro dessa casa acontece uma vida rotineira, com hábitos e costumes comuns a sociedade da época, porém, mesmo sendo tão comum e cotidiana essa rotina faz com que todos os passantes parem para comentar e criticar os acontecimentos de dentro da casa. Busca-se, através dos conceitos de absurdo e ironia presentes na obra *O Riso* (1980) de Henry Bergson, demonstrar como o cômico, através da ironia, é utilizado pelo poeta como ferramenta para apresentar uma crítica reflexiva sobre a sociedade da época.

Palavras-chave: Aldo Palazzeschi; cômico; riso; público e privado

REPRESENTAÇÕES DE UM ESPAÇO HÍBRIDO AFRICANO NA NOVELA "A SURPREENDENTE E DIALÉTICA DECADÊNCIA DO CAMARADA KALI TCHIKATI" DE EMMANUEL DONGALA

Gisele Pimentel Martins (UFU)

Resumo: Segundo Michel de Certeau (2014), se existe uma ponte é porque existe uma fronteira, desta forma, observaremos como o espaço na novela “A surpreendente e dialética decadência do camarada Kali Tchikati” (“L’étonnante et dialectique déchéance du camarade Kali Tchikati”), do volume *Jazz e vinho de palma* (*Jazz et vin de palme*), do escritor congolês Emmanuel B. Dongala, é capaz de construir a ponte que conduz ao mundo híbrido da sociedade africana. Nesta narrativa, o espaço exerce um papel fundamental, já que se mostra como determinante no comportamento dos principais personagens envolvidos em sua trama. A história é narrada por Kuvezo, um africano que vive nos EUA e está fazendo uma viagem para Ponta-Negra (Pointe-Noire), na República do Congo; o personagem vai caminhar pela cidade ao entardecer e, conforme caminha, faz descrições do espaço, seus odores, cores e sons que são muito marcantes e conduzem o leitor para um espaço desconhecido, misterioso e místico; o longo parágrafo, que introduz a narrativa e descreve o local e a hora, apelando para os sentidos, sobrepõe sensações, como se estas fossem os tijolos que edificam uma ponte sinestésica entre o mundo ocidentalizado e mais concreto do narrador e o mundo africano mais abstrato, híbrido e fugidio, como as próprias sensações provocadas pela descrição. Considerando-se as propostas de Michel de Certeau (2014) sobre fronteiras e pontes, parece-nos possível sugerir que várias são as formas de se construírem pontes e várias são as fronteiras que necessitam de pontes para serem ultrapassadas e conhecidas, assim, “tudo ocorre como se a própria delimitação fosse a ponte que abre o dentro para seu outro.” (CERTEAU, 2014, p. 197), desta forma, em toda fronteira pode existir uma ponte, construída pela própria delimitação característica da condição fronteiriça. Desta forma, neste estudo, vamos interpretar a ponte não como um espaço físico característicos às pontes, mas como a condição narrativa capaz de conduzir o personagem, e os leitores, através de uma fronteira e abrir “o dentro” para o outro, conforme proposto por Certeau.: a fronteira, como um “símbolo narrativo de intercâmbios e encontros” (CERTEAU, p. 195),

e a ponte com sua condição paradoxal de transgressora dos limites, expondo o que se escondia, mas possibilitando sempre a volta para um lugar familiar.

Palavras-chave: literatura africana; espaço; hibridismo

DOIS OLHARES, DOIS LUGARES: LISBOA

Orivaldo Rocha da Silva (Universidade Presbiteriana Mackenzie)

Resumo: Quantos olhares e quais impressões um mesmo espaço é capaz de provocar a quem se propõe a explicitar o resultado de um trabalho ora apenas mentado, ora de fato vivido, tendo por veículo a palavra escrita, não importando se provocada por motivações de autobiografia ou enredada e combinada nas tramas de um relato ficcional que ainda assim guarda em essência algo do mundo real? Quantos olhares e quais impressões uma cidade é capaz de gerar na sensibilidade do artista que se vale do artifício de criação de suas figuras-personagens criadas e postas a atuar nesse espaço urbano, interagindo nele e com ele, e dele recebendo em troca a contrapartida esperada de um sítio inteiramente afastado do caráter da neutralidade? Quantos olhares e quais impressões as paisagens urbanas de Lisboa são capazes de provocar? Discutir, ainda que brevemente, as especificidades dos olhares dispensados a um mesmo espaço urbano – no caso, a cidade de Lisboa – por meio da escrita de José Saramago e Teolinda Gersão é a proposta desse texto, que objetiva também apresentar a diversidade de interpretações da cidade explicitadas pela sensibilidade de dois grandes nomes da Literatura Portuguesa no século 20. Adicionalmente, objetiva-se também colocar em diálogo aspectos dos romances *História do cerco de Lisboa* de José Saramago e *A Cidade de Ulisses*, de Teolinda Gersão com postulados teóricos levantados por Bakhtin no texto “O tempo e o espaço nas obras de Goethe”, da obra *Estética da Criação Verbal*. De início, parece importante logo destacar que o espaço-cenário da cidade de Lisboa, que é parte integrante nas tramas de Saramago e de Gersão não pode ser entendido e limitado àquilo que se possa meramente descrever como denotado, mas sim, como de fato é possível depreender da análise de segmentos dos dois romances, o conjunto formado pelas vias lisboetas cria sensações e atmosfera que se mostram muito mais associadas ao caráter da abstração. Olhares, lugares. Ao tratar de espaços urbanos e mais especificamente da presença do espaço urbano de Lisboa nos dois romances em tela, convoca-se também a presença de Bakhtin e alguns de seus postulados para uma tentativa – sumariíssima tentativa – de promover um diálogo entre os dois olhares mais acima explorados e o olhar teórico e crítico bakhtiniano expresso no texto “O tempo e o espaço nas obras de Goethe”, capítulo III do segmento intitulado *O Romance de Educação e sua importância na história do Realismo*, da obra *Estética da Criação Verbal*.

Palavras-chave: Saramago; Gersão; Lisboa; olhares

EVIDÊNCIAS DA TRANSPOSIÇÃO URBANA NA CONTÍSTICA RAWETIANA

Natalia Klidzio (Universidade Marie Curie Skłodowska)

Resumo: Samuel Rawet e sua produção contística surge num momento em que o acento e a presença dos imigrantes europeus eram comuns no cotidiano de cidades brasileiras. É ele, um egresso de uma quase aldeia polonesa. O traslado de toda família ocorre para o Rio de Janeiro por força da emigração no período entre as guerras. Mais tarde, o escritor vive em Brasília e participa da construção da capital. Este artigo pretende apresentar uma reflexão sobre a formulação de um material biográfico a respeito do autor e sobre como as várias transposições urbanas vividas por ele, refletem no processo de sua criação narrativa. As experiências da vida itinerante de Rawet em cidades como a pequena Klimontów, a grande Rio de Janeiro, e por último, a moderna Brasília não reverterão numa literatura de trajetória topográfica. Rawet constroi espaços urbanos nos quais expõe em tese diferentes condições humanas. A vida, a rua e o andar lhe dão o corpo para descobrir e refletir. Os contos revelam a internalização desses ambientes pelo autor e sua preocupação com a vida e com o homem contemporâneo nas cidades. A vida de Rawet exposta a novas territorialidades proporcionam a ele, experiências e leituras em relação ao espaço e ao

homem que lhe servirão de motores para a criação contística contemporânea como um modus de reflexão.

Palavras-chave: Rawet; contística; territorialidade

CHARLES BAUDELAIRE E SEBASTIÃO UCHOA LEITE: POETAS DA CIDADE

Rosana Nunes Alencar (UNIR)

Resumo: Ivan Junqueira, na introdução ao livro *As flores do mal* (2006), destaca que as máscaras criam, para a modernidade de Charles Baudelaire, a intermediação e o distanciamento necessários para “o trânsito da pessoa à persona”, estando o dândi na base da fundamentação estética e na “justificação de sua conduta humana e social” (p. 64). Luiz Costa Lima, no livro *Sebastião Uchoa Leite: resposta ao agora* (2012), vê que para esse poeta brasileiro contemporâneo a personalização (não a despersonalização) cria um espaço poético evasivo de rasura do lirismo. Assim como Baudelaire, que além do dândi, tem na figuração do flaneur, do voyeur e de múltiplos passantes em meio à multidão de Paris a base para a constituição de uma identidade poética, Sebastião Uchoa Leite, mascara a “recusa do metafórico” valendo-se de moradores de rua do Rio de Janeiro, personagens do cinema e dos quadrinhos e animais peçonhentos. Por isso, ainda que marcados pela precariedade, os espaços urbanos, por onde transitam essas subjetividades, ganham sentido a partir do olhar irônico e agressivo do poeta. Eis a proposta desta comunicação. O que se pretende é investigar a relação entre o poeta e a cidade na poesia de Charles Baudelaire e de Sebastião Uchoa Leite, passando pela constituição dos sujeitos que transitam pelo espaço urbano. Ressalta-se que um trabalho dessa natureza não pode ignorar o pensamento teórico do próprio Charles Baudelaire presente no ensaio *O pintor da vida moderna* e de Walter Benjamin. Também servirão de apoio às discussões as concepções de Zigmund Bauman.

Palavras-chave: Modernidade; Contemporaneidade; Cidade.

02 de agosto

8h30

LAPA, RIO DE JANEIRO, UM MUNDO QUE VEM A BAIXO

Jorge Luiz Marques de Moraes (Colégio Pedro II)

Resumo: Ambientado na Lapa de fins dos anos 60, o romance “Lábios que beije”, de Aguinaldo Silva, é uma admirável reconstrução de espaços e indivíduos em ruínas. Num ambiente em que a decadência é a tônica, impera uma figura exótica e fascinante, ímã que atrai a atenção e o fascínio de todos que a cerca: trata-se de Débora, a bicha que voa, lendária travesti cuja alcunha se dá pela habilidade de fugir da polícia saltando do alto de prédios. Esta comunicação se dedica ao estudo de Débora, a Monarca Vampira, reedição decrépita de Madame Satã, cuja figura congrega, metonimicamente, a própria Lapa. “Lábios que beije” é, assim, uma obra em que o espaço se reflete nas personagens e vice-versa. Em suas páginas, a travestilidade ressoa forte, na medida em que o tradicional bairro boêmio do Rio de Janeiro é aquele que, mais tradicionalmente, acolhe os indivíduos à margem da sociedade. Nesse sentido, o texto de Aguinaldo Silva alça Débora ao status de protagonista, numa das raras oportunidades em que, nas letras nacionais e estrangeiras, uma travesti assume esse papel. É no corpo decadente de Débora que se reflete o fim de uma era e o soterramento de um bairro, ainda que essa mesma destruição alcem a travesti e a Lapa ao patamar de lendas: sublime ruína que se constrói nas páginas do texto literário. Nada mais natural que assim o seja, visto que o Rio de Janeiro é uma cidade (des)construída em camadas: o novo fulmina o antigo e, ato contínuo, o aterra. Cidade aterrada, soterrada e, finalmente, partida. Os contínuos processos de gentrificação fazem da metrópole o que ela é hoje: um imenso pântano onde o abismo social profundo torna cada vez mais distante a imagem de calidez boa-praça que se tornou clichê ao falar dos cariocas. Desconstrói, reconstrói, desconstrói, aterra. Bota-abixo. Bota-acima. Muda, embeleza, enfeia, reembeleza. Muda. Constrói e desconstrói. Uma cidade em movimento, que, certamente, dará muito trabalho e alegria aos arqueólogos dos próximos milênios. No entanto, nas contínuas

camadas de aterro que eles terão de vasculhar, escorrerão das suas mãos a matéria humana que ali vivia, sofria, amava, conforme já cantou brilhantemente Chico Buarque na música "Futuros Amantes". Não obstante a Lapa já ter sido abordada literariamente por um sem-número de escritores, o livro de Aguinaldo trata de um momento em que o bairro estava à beira da destruição, provocada por mais uma das incessantes reformas urbanas por que a cidade passou. É nesse ambiente em que os interesses do capital destroem espaços e pessoas que o autor construirá uma interessante trama de corpos que lutam pela sobrevivência.

Palavras-chave: Espaço; travestilidade; cidade

CRÔNICAS DE UMA CIDADE PARTIDA: LIMA BARRETO E O RIO DE JANEIRO DA BELLE ÉPOQUE

Thaís Bartolomeu Barcellos de Melo (UFF)

Resumo: A partir da proclamação da República via golpe militar no Brasil em 1889, diversas medidas começaram a ser tomadas no sentido de dar ao país um status de país moderno, o que incluía o apagamento de um passado colonial e monárquico. Este passa, portanto, a ser o marco que estabelece o início da Belle Époque no Brasil, que vai durar até o final da chamada República Velha em 1930. O Rio de Janeiro figura como palco principal das grandes transformações que estavam por chegar, agora já não mais como corte e sim como capital da República. Com a chegada do novo século, e com ele novas tecnologias e descobertas científicas, chega também a era das grandes reformas urbanas. Em 1902 a presidência do Brasil é ocupada por Rodrigues Alves que permanece no cargo até 1906, enquanto a prefeitura do Rio de Janeiro fica nas mãos de Pereira Passos pelo mesmo período. Durante estes quatro anos o Rio de Janeiro viveu um momento histórico que ficou conhecido como "bota-abaixo" devido às medidas enérgicas do então prefeito de destruir diversos cortiços localizados na região central da cidade para que as estreitas vielas pudessem dar lugar a largos boulevares e, especialmente, a Avenida Central (atual Avenida Rio Branco). Uma das justificativas para o "bota-abaixo" foi a necessidade de arejar a cidade visando controlar a propagação de doenças como a febre amarela, varíola e até mesmo a peste bubônica. Todavia, o argumento sanitário, que fez com que centenas de famílias ficassem desabrigadas naquele início de século, não se sustenta quando se constata que problemas de saúde pública como a falta de saneamento básico, por exemplo, não foram de fato solucionados, apenas transferidos de lugar. Nos subúrbios e favelas que começaram a surgir no período, grande parte da população continuava sem acesso a água potável ou rede de esgoto. Lima Barreto foi um dos muitos escritores cariocas do início do século XX que retratou a cidade em suas crônicas. Mas diferente daqueles que enalteciam as vertiginosas transformações urbanas que tomavam conta do Rio dia após dia, Lima Barreto optou por uma postura crítica em relação ao projeto modernizador que passou a ser implementado no Rio, especialmente a partir do governo de Pereira Passos. Por ser morador do subúrbio, Lima convivia diariamente com outro Rio que nada tinha a ver com aquele que vinha sendo projetado aos moldes franceses. Em suas crônicas ele nos apresenta um panorama que revela, portanto, uma cidade partida: de um lado havia o Rio dos teatros, da bela arquitetura, da moda, das confeitarias; de outro, havia o Rio da falta de saneamento, dos maltrapilhos, dos desempregados, das pequenas casas lotadas de moradores. Em sua escrita ativista, Lima explicita as rasuras de um projeto que não incluía melhorias em toda cidade, mas apenas em parte dela. A presente comunicação tem, portanto, como objetivo explorar a representação do Rio de Janeiro na Belle Époque como uma cidade partida, excludente e excluída, nas crônicas de Lima Barreto.

Palavras-chave: Crônica; Lima Barreto; Belle Époque

RIO DE JANEIRO E A SOBERANIA DO IMPÉRIO

Vanessa Augusta Cortez dos Santos Cunha (PUC - Rio)

Resumo: Rio de Janeiro, cidade Imperial. Cidade Império. Império soberano. Soberania do Império. O Império que reina ainda hoje. O Império que sobrevive em praças, ruas, monumentos, Igrejas, e o poder da soberania de um Império que mata; que exerce a soberania através de um estado permanente de exceção onde a violência é direcionada não a indivíduos que discordam das práticas

do Soberano, mas um tipo de exercício da soberania baseada no valor que se dá aos tipos de vida. Corpos. Corpos matáveis. A exceção encontra uma maneira de existir de forma continuada, se distanciando do caráter excepcional. Torna-se o *modus operandi*. O direito de fazer morrer e deixar viver une-se à biopolítica e a ideia de fazer viver e deixar morrer. A biopolítica em sua própria maneira de existir, baseada na vida, na bios, encontra uma forma de valorar os corpos e age, indiscriminadamente, a partir desse valor atribuído aos corpos. Dentro do universo biopolítico, o jeito de entrar em vigor essa política, se baseia inteiramente no exercício do racismo. Por isso, para que haja a prática da biopolítica, como uma forma de distinção dos corpos que valem mais ou menos, é imprescindível que a sociedade em questão seja uma sociedade racista. Rio de Janeiro, cidade Imperial. Cidade Império. Império soberano. Soberania do Império. O Império que reina ainda hoje. O sol na cabeça. Todos os mundos que cabem em um único território, repartido, desterritorializado, um território subjetivo, como diz Peter Pál Pelbart. Geovani Martins, autor de *O sol na cabeça*, escancara o Rio de Janeiro desterritorializado, o Rio de muitos mundos. As periferias, as várias, e suas caras, desnudadas sob a perspectiva do autor que veio delas, não de uma só, mas de todas elas que o habitam, e suas formas de fala, de enunciação estética da vida. Um mundo Rio de ser; da Gávea a Bangu, do Vidigal ao Jacaré. Um Rio que vigia e pune os corpos periféricos em trânsito. A cidade que coloca de maneira clara a atuação dos dispositivos de segurança e os espaços de segurança aos quais submete a população. Mas Geovani subverte. Insurge como um corpo-voz em trânsito livre. Um corpo que é capital e sabe o valor de sua existência. Potência de vida, corpo-multidão, um fazer político do próprio corpo, que ele sabe, é a única maneira possível de existir. Nessa economia afetiva, a subjetividade não é efeito ou superestrutura etérea, mas força viva, quantidade social, potência psíquica e política. (PELBART, 2002, p. 38)

Palavras-chave: Soberania; Biopolítica; Biopotência; Rio; Corpos

MODOS DE LER A CIDADE EM MALAGUETA, PERUS E BACANAÇO, DE JOÃO ANTÔNIO

Julio Cezar Bastoni da Silva (UFSCAR)

Resumo: O espaço urbano é aspecto determinante na obra do escritor paulistano João Antônio (1937-1996). Entre São Paulo e Rio de Janeiro, cidades nas quais ambientou seus contos, o espaço urbano constitui-se não apenas como cenário, mas elemento participativo da estruturação da representação da vida das classes populares, mote geral de seus textos. No caso da coletânea *Malagueta, Perus e Bacanaço*, estreia do autor publicada em 1963, a cidade de São Paulo e seus ambientes, dos centrais aos periféricos, é parte constitutiva da construção dos personagens, geralmente tipos extraídos da classe trabalhadora ou marginais urbanos. Entre a vida miúda do trabalhador, como no conto “Busca”, no qual a cidade é o meio a partir do qual a reflexão sobre a ausência de sentido existencial se estrutura, até os ambientes cinzentos através dos quais o enredo circular do conto-título da obra é construído, a relação entre os personagens e a urbe vale como uma interação marcadamente visceral, manifestada em uma deambulação atenta aos desvãos do espaço e de seus habitantes. Nesse sentido, a cidade nas narrativas de *Malagueta, Perus e Bacanaço* constitui-se como espaço de mediação entre o narrador, em primeira ou terceira pessoa, e a figuração dos dilemas das classes populares urbanas, revelando uma intimidade que dirá respeito a uma representação afetiva desse ambiente, maneira de significar e ressignificar a experiência urbana por meio de seus viventes. Esse trabalho, nesse sentido, busca compreender as funções desempenhadas pelo espaço urbano paulistano nos contos de *Malagueta, Perus e Bacanaço*, entendendo-o como elemento de constituição de um painel da vida das classes populares urbanas de meados do século XX, elemento que guia o projeto literário do autor.

Palavras-chave: Malagueta, Perus e Bacanaço; João Antônio; Cidade

02 de agosto

14h30

MANUEL BANDEIRA: A LINGUAGEM EM MOVIMENTO

José Eduardo Martins de Barros Melo (UNIR)

Resumo: Resumo: A poesia de Manuel Bandeira caminha em diversos sentidos e por diversas direções, constituindo-se o que neste texto denomina-se linguagem em movimento, espaço em que a correspondência entre os trajetos percorridos se dá por relações entre elementos diversos e recorrentes em sua poética. É nesta dinâmica de baila que surgem as questões abordadas aqui sob perspectivas diversas que resgatam a discussão das relações entre texto poético e história; arte literária e as outras artes, em meio às fagulhas de reflexões sobre tradição e modernidade. Dá-se aqui o que se empresta da estética comparada e seus instrumentos de estudo sobre a correspondência das artes de Étiene Souriau enquanto metáforas em movimento que se renovam para constituir o estilo em diversos espaços e momentos da obra literária.

Palavras-chave: Manuel Bandeira; Poesia; Modernidade

A POESIA CAMINHANTE: MATIZ QUE CIRCUNDA O ESPAÇO POÉTICO DE MARIO QUINTANA

Ana Cristina Tannús Alves (UFMG)

Resumo: A atividade andarilha por ruas e calçadas da cidade de Porto Alegre revela-se como singular característica da poesia de Mario Quintana. A paisagem cotidiana, percebida pelo poeta, seria captada e transfigurada na elaboração poética. No enredar entre concretude e percepção, o registro da cena urbana se realiza. Por meio do olhar, a composição de um novo ambiente surge, ambiente que define a geografia imaginária que o poeta gaúcho vai redesenhando à medida que caminha. Os espaços por onde anda são, por vezes, espaços marginais, ou seja, espaços pouco valorizados, lugares boêmios; outras vezes, são os espaços que evocam atmosferas e/ou lugares metafóricos. A atividade andarilha se faz ao lado do olhar que topografa os espaços. Trata-se, pois, de uma postura peculiar do poeta, visto que lê o mundo e o interpreta com doses de humor e pitadas de tragicidade. O ato de transitar configura o modo com que Mario Quintana movimenta o olhar diante dos fatos da vida. O universo que se cria a partir daí simboliza uma experiência literária muito particular. O poeta pensa o transitar como especificidade no modo de sentir o espaço na modernidade. Transitar e seus sinônimos de perambular e percorrer conduzem ao sentido da fluidez, da efemeridade, opondo-se à permanência da tradição. Este o sentido do flâneur na poesia quintaneana, sobre o qual buscaremos refletir neste trabalho. Isso porque, embora a flânerie baudelairiana influenciasse Quintana, importa ressaltar que a forma como a cidade de Paris recebeu à época as questões relativas ao tempo moderno não seriam sentidas da mesma maneira em Porto Alegre. Se os espaços sofrem alterações porque, sob a égide do moderno, as mudanças são imprescindíveis, a percepção do sujeito seria afetada, resultando daí as várias facetas criadas na vivência de cada grande cidade. Quintana lê a paisagem cotidiana em consonância com seu andar. É o andar vasculhando o exterior não de um determinado centro, mas a partir de um constante deslocamento. Desloca-se também no ato de criar, de assumir o ponto de tensão entre real e imaginário. O poeta acompanha a evolução e modificação espacial de sua Porto Alegre, construindo e reconstruindo-a sucessivamente numa relação perene de vivência. Desse modo, buscaremos analisar alguns poemas quintaneanos que tratam da leitura poética da cidade de Porto Alegre, observando a configuração de uma mitologia a partir da reapresentação dos espaços percorridos por Mario Quintana. Enfim, verificar na atividade do caminhar o dispositivo de leitura que melhor nos auxilia a compreender o olhar quintaneano sobre o espaço citadino, olhar que desnuda alguns espaços e os dissolve para a emergência de um novo espaço, lugar do imaginário, da realidade criada pela linguagem.

Palavras-chave: poesia; espaço; cidade; Mario Quintana; caminho

BELO HORIZONTE LITERÁRIA: A POESIA NO FINAL DO SÉCULO XX

Kaio Carvalho Carmona (FAJE)

Resumo: Esta pesquisa tem por objetivo a análise da produção poética belo-horizontina no período de 1980 a 2000 e sua relação com as estéticas já canonizadas do século XX, como o Modernismo, a Poesia Concreta e a Poesia Marginal. Por meio da leitura de textos produzidos por poetas nesse recorte de período, o estudo estabelece relações temáticas e contextuais dessa produção, bem

como um panorama histórico-literário da capital mineira, desde a sua inauguração, em 1897, a partir de seus principais nomes, revistas e jornais que na cidade atuaram durante o século XX, construindo uma espécie de linha narrativa no imaginário coletivo sobre Belo Horizonte, tal como se vê nos versos de Carlos Drummond de Andrade, nas memórias de Pedro Nava, nos romances de Fernando Sabino e Humberto Werneck. Dentre os muitos caminhos percorridos pelos poetas, este trabalho privilegia o eixo temático palavra-corpo-espço como representação essencial das principais forças do grupo de poetas investigado. Pareceu-nos interessante a investigação das duas últimas décadas do século XX, já que o período pertence ainda, ao menos para a arte, a um tempo contemporâneo e também possibilita um mínimo de distanciamento desejado para a realização de um trabalho analítico, fornecendo uma dupla visada: a especificidade de uma poesia fin de siècle e sua comparação com toda a herança poética das décadas anteriores. Conforme o pensamento de Giorgio Agamben, o contemporâneo é aquele que se encontra justamente em uma fissura, um deslocamento de seu tempo, olhando para trás, recontextualizando o seu passado e, ao mesmo tempo, tornando-se contemporâneo do momento analisado sobre o qual se debruça. Para o filósofo italiano, o contemporâneo é aquele que lê no presente a história, de modo inédito, reatualizando uma espécie de origem que nunca se extinguiu. É aquele que, por suas próprias forças, não caminha com e nem segue os demais, distinguindo-se na unanimidade, mas fazendo-se, ao mesmo tempo, eco de uma tradição. Traçar opiniões e mapear uma literatura em processo é uma empreitada arriscada, embora sedutora, já que o crítico se encontra no “olho do furacão”. Ainda que esteja tratando o período analisado à distância de quase duas décadas, para a arte, especificamente a literária, essa distância pode, por vezes, se revelar bastante curta. De 1980 — o período inicial do recorte feito no estudo — até os dias de hoje, a maioria dos autores aqui analisados deu continuidade à sua produção, publicando novos livros e poemas. Ou seja, podem tanto confirmar aquilo que consta nas análises, conservando certo *modus operandi*, quanto negar toda a sua obra anterior ou modificá-la de maneira singular, transformando a leitura realizada. É o risco incontornável a que a pesquisa se propõe e não poderia ser de outra maneira.

Palavras-chave: Poesia contemporânea; Belo Horizonte; Século XX

criação autobiográfica intermediária a partir da descrição dos lugares em lieux, de Georges Perec

Tatiana Barbosa Cavallari (USP)

Resumo: O objetivo desta pesquisa é realizar uma reflexão sobre a criação de algumas obras intermediárias, ou seja, que fazem relação do texto literário com outras artes (fotografia, cinema, emissão radiofônica, etc.) partindo da influência de um projeto central na obra de Perec, intitulado *Lieux*. Trata-se de um projeto iniciado em 1969 e “abandonado”, segundo críticos da obra perequiana, em 1975 (baseados, sobretudo, nas ideias de Philippe Lejeune em seu livro *La mémoire et l’oblique*, de 1991) mas que, a partir das análises que pretendo desenvolver, dá origem a outra hipótese: este projeto não será aqui lido como abandonado ou fracassado, mas transformado em outras obras, bastante heterogêneas e significativas, já que em relação com outras artes que extrapolam o texto literário. Perec pretendia, ao longo de doze anos, visitar doze lugares e descrevê-los, criando uma espécie de escrita dupla: a primeira sobre o que via, e a segunda sobre o que lembrava a respeito de tais lugares. Contudo, ao longo do projeto, percebemos que as descrições vão ficando cada vez mais escassas, ao mesmo tempo em que cedem espaço a outras expressões artísticas, que também têm como eixo central a descrição dos lugares e a reflexão a partir deles: Perec realiza, assim, uma espécie de conjunto de obras autobiográficas intermediárias. A proposta da pesquisa é investigar como o projeto *Lieux* influenciou a obra de Perec em direção às outras artes. Caminhando por Paris - o cenário que inspira a escrita sobre doze lugares marcantes na vida do escritor - e levando consigo parceiros fotógrafos, anotando detalhadamente e exaustivamente os acontecimentos de cada lugar descrito, Perec parte da primeira investigação através da escrita e segue em direção a outras estratégias que possam dar conta da sua tentativa: registrar a passagem do tempo, dos lugares e da própria memória, a partir da observação e descrição dos lugares.

Palavras-chave: Espaço; Autobiografia; Mémoire

O ESPAÇO DA CIDADE DA PRODUÇÃO POÉTICA DO MOVIMENTO DOS ESCRITORES INDEPENDENTES DE PERNAMBUCO

Maria Elizabete Sanches (UNIR)

Resumo: Em Altas literaturas, Leyla Perrone Moisés nos lembra que no âmbito do catolicismo o cânone adquiriu o sentido de uma "lista de santos reconhecidos pela autoridade papal" que "por extensão passou a significar o conjunto de autores literários reconhecidos como mestres da tradição" (1988, p.61) o que, sem dúvida, norteou os estudos literários no Brasil até bem pouco tempo, logrando ao esquecimento uma rica produção literária ignorada por essa visão colonialista norteadora dos estudos acadêmicos desenvolvidos em nossas universidades. Estudar esta produção, a maneira como se comportavam os poetas nos anos 1980 em relação ao cânone estabelecido e os olhares sobre a urbe, com recorte específico no Movimento dos escritores Independentes de Pernambuco, na espacialidade de sua produção poética é o que se pretende neste trabalho, levando-se em consideração as suas relações com a cultura nordestina e seu programa de ação, datado de 1981, início da chamada "Década perdida", como ficou designada a geração da época pela crítica mais conservadora e tradicionalista.

Palavras-chave: Cânone; Cidade; Movimento Independente; Poesia.

2 - A CONSTITUIÇÃO DE IMAGINÁRIOS EM OBRAS DE AUTORES LATINO-AMERICANOS

Coordenação: Antonio Rediver Guizzo (UNILA - PPGC); Alexandra Santos Pinheiro (UFGD – PPG-Letras)

Resumo: O conjunto das imagens e das relações estabelecidas entre as imagens que constituem o capital pensado do *homo sapiens*, conforme Gilbert Durand (2002 [1992]), são o denominador por meio do qual é mediada toda compreensão e produção humana. Isto é, a relação entre sentido e experiência sensível não é imediata, mas sim, mediada pelas imagens que constituem o imaginário humano. No âmbito das artes, diante de tal compreensão, as pesquisas que se voltam para a investigação dos diferentes imaginários que compõem os fenômenos artísticos procuram compreender tais imaginários tanto a partir das relações internas evidentes nas sintaxes imagéticas construídas pelos autores quanto a partir das inter-relações entre as imagens de uma obra e os imaginários sociais com os quais ela dialoga. Para Juremar Machado Silva (2012 [2009]), "O homem só existe na realidade imaginal". A afirmação do sociólogo dialoga com as ideias de Jacques Lacan, para quem o concreto apenas se realiza por meio do processo imaginário do indivíduo. Do debate, nasce outra problemática a ser desvendada: tratamos, muitas vezes, do imaginário ou do simbólico? Alguns estudiosos simplificaram a questão e criaram o termo "imaginário simbólico". Durand (2002 [1992]), explicita que o ser humano é dotado de uma extensa capacidade de formar símbolos em sua vida sócio-cultural. E com esse pensar, explicita que "O imaginário, longe de ser a epifenomenal louca da casa a que a psicologia clássica o reduz, é, pelo contrário, a norma fundamental, a justiça suprema" (2002 [1992]). Ele utiliza a expressão imaginário, ao invés de simbolismo, uma vez que para ele o símbolo seria a maneira de expressar o imaginário. Sua teoria sobre o imaginário se organiza sob o método da convergência, isto é, os símbolos se (re) agrupam em torno de núcleos organizadores. Neste Simpósio, tomamos o imaginário como fundamentação das reflexões que serão apresentadas, já que se trata de um processo dinâmico, que interfere na realidade, mas que também recebe dela elementos que o alimenta. A partir deste contexto investigativo, o Simpósio tem por objetivo principal conhecer, discutir e articular pesquisas voltadas à compreensão dos imaginários manifestos em obras de escritores latino-americanos. A aproximação da literatura brasileira à literatura hispano-americana conforma o *corpus* de análise das discussões a serem propostas. Pretende-se, assim, problematizar as seguintes questões: 1) quais as semelhanças e diferenças na construção dos imaginários latino-americanos, tanto no continente quanto na relação com outros imaginários; 2) como os imaginários, no âmbito das expressões artísticas e proposições teórico-críticas, evidenciam-se hoje; 3) como se manifesta o "imaginário simbólico" latino-

americano. Nesse contexto, a área da Literatura Comparada é um espaço privilegiado para o desenvolvimento e fortalecimento de conhecimentos científicos que possam colaborar para a constituição de saberes que cumpram o papel de evidenciar os imaginários manifestos na literatura, visto que possibilitam investigações que transcendem as fronteiras político-administrativas dos países do continente e constituem espaços transfronteiriços de pesquisa, assim como, a metodologia da Literatura Comparada viabiliza possíveis diálogos entre as literaturas. Portanto, propõe-se a discussão sobre a convergência articulada de investigações voltadas para a compreensão dos imaginários manifestos nas artes latino-americanas, sobretudo, em estudos que se articulem na interrelação entre as configurações estéticas aparentes na materialidade dos objetos artísticos e as condições materiais (naturais, históricas, econômicas e/ou culturais) de produção e/ou recepção de tais textos. A partir desta proposta, a intenção do Simpósio é promover o fortalecimento da produção científica na área da Literatura Comparada, na área dos Estudos do Imaginário e na área da teoria, crítica e historiografia literária latino-americana, como também, discutir as teorias, historiografias e cartografias imaginárias diversas, problematizando a viabilidade e aderência de aportes teóricos, modelos interpretativos e pressupostos metodológicos constituídos em territorialidades, culturas e temporalidades diversas (geralmente originárias da Europa) na compreensão dos fenômenos literários da América Latina. Por fim, todas as investigações que, por diferentes vertentes, analisem textos literários situados no contexto latino-americano são bem-vindas para participarem do debate aqui proposto. Desejamos compor um debate que reúna múltiplos olhares em torno do tema e que, ao final, possamos tecer uma síntese que aponte para a constituição do imaginário que regem as representações literárias da literatura latino-americana. Na multiplicação das vozes, criamos registros memorialísticos, confrontando valores e permitindo, ao leitor, problematizar temas cotidianos ou grandes acontecimentos históricos, como defende Ligia Chiappini (2000).

Palavras-chave: Literatura Comparada; Imaginários; América Latina

REFERÊNCIAS:

Durand, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

CHIAPPINI, Ligia. "Literatura e História. Notas sobre as relações entre os estudos literários e os estudos historiográficos". *Literatura e Sociedade*. n. 05. São Paulo. USP/DTLLC, 2000, p. 18-28.

SILVA, Juremir Machado. *As tecnologias do imaginário*. Porto Alegre: Sulina, 2012.

31 de julho

8h30

IMAGINÁRIO E HISTÓRIA EM MONSIEUR TOUSSAINT, DE ÉDOUARD GLISSANT

Maria Helena Valentim Duca Oyama (UFRR)

Resumo: Como se pode restituir a(s) história(s) dos afrodescendentes ocultada(s) deliberadamente pela História, no âmbito da América Latina e mais precisamente no da região caribenha? E como fazê-lo diante de populações escravas a quem foram negadas as condições básicas de moradia e de educação após o período da escravidão? Édouard Glissant, ficcionista, poeta, ensaísta e dramaturgo da Martinica, propõe estimular o que chamou de "visão profética do passado", ou seja, a busca de uma poética que dê conta da reconstrução das histórias rasuradas a partir da travessia do Atlântico dos africanos transplantados para a região caribenha, a poética da *Relação* (1990), que seria uma forma de diálogo que atravessa histórias e imaginários em torno de acontecimentos marcantes da região em tela. Esta comunicação tem o objetivo de discutir o imaginário presente na obra teatral glissantiana intitulada *Monsieur Toussaint*, escrita em 1960. Esta obra põe em evidência o personagem histórico Toussaint Louverture, líder da Revolução de Saint Domingue (que culminou com a independência do atual Haiti – 1804). Trata-se de uma figura emblemática para o pequeno país que ainda hoje sofre as consequências de diversas lutas pela igualdade de direitos. Toussaint Louverture foi tratado hora como sanguinário, ora como mártir em outras obras literárias de outros

escritores caribenhos, como o também martinicano Aimé Césaire, com a obra também dramaturga *La tragédie du roi Christophe* (1960), e o cubano Alejo Carpentier, com *El reino de este mundo* (1949), com quem se estabeleceu um diálogo buscando convergências que passam pelas condições históricas de busca de identidade cultural e também econômica para aquela região. Neste sentido, Glissant defendeu a necessidade de se criar uma consciência coletiva que se daria com a tentativa de instruir repetitivamente o povo refém da História oficial. Para pensar as possíveis formas identitárias, será discutida também a crítica que Glissant faz ao líder do passado visando ao líder do presente no contexto em que a peça foi escrita, Aimé Césaire, então deputado martinicano na França, foi a autoridade que aceitou a Lei de Departamentalização da Martinica junto à metrópole, em 1946. Glissant propõe que só uma reflexão coletiva pode levar a uma saída, o que teria de passar forçosamente pelo reconhecimento de uma identidade marcada pela heterogeneidade, pela convergência de várias matrizes. O personagem Toussaint Louverture retoma o caminho das suas decisões em diálogo com outros personagens igualmente históricos, o que possibilita a reconstrução de cenários específicos da cela onde o personagem foi historicamente encarcerado na obra e na História.

Palavras-chave: Imaginário; Édouard Glissant; Haïti

A CASA NAS TEXTUALIDADES POÉTICAS DA AMÉRICA LATINA: CORPO, LOUCURA E VIOLÊNCIA

Anelise de Freitas (UFJF)

Resumo: Esse trabalho nasce da minha pesquisa de doutorado sobre a casa na poesia contemporânea brasileira e argentina. A partir de um primeiro mapeamento de poéticas que se relacionam com esse espaço, observei que majoritariamente meu objeto de pensamento estava delimitado por mulheres. Na dúvida da significância da estatística – esse dado poderia refletir apenas um fator pessoal de leitura – optei por levá-la em consideração. Se a casa foi, muitas vezes, um lugar imposto às mulheres, talvez seja oportuno e necessário refletir sobre esse lócus na produção da escrita feita por essas mesmas mulheres. O estudo da casa representa também o corpo, por onde a penso, pois creio que ele atue como o fio condutor da experiência. Assim, nessas poesias contemporâneas, o corpo apresenta-se como um lugar na construção das poéticas porque também é ele que pode dar conta daquilo que a linguagem não supre, sem reduzi-lo ao lugar do significativo; o corpo é a metáfora perfeita (e cafona) para refletir sobre a casa. Não é o perspectivismo histórico da América Latina multiculturalista que comprova as várias formas de contenção que foram impostas às mulheres, mas é ele que nos mostra como os tsunamis das teorias feministas ainda não chegaram até nós, como ainda é necessária uma visão interseccional sobre a América Latina. Ou, talvez, seja necessário engrossar o coro daquelas que desejam e produzem uma teoria que perpassa uma organicidade. Assim, até esse momento, a pesquisa se desenvolve em dois campos temáticos dentro das textualidades poéticas brasileiras e argentinas feitas por mulheres: violência e loucura. Nesse recorte, procuro falar do corpo-casa que se apresentana obra de Stela do Patrocínio, uma poeta enlouquecida e encerrada em uma casa manicomial, e María Isabel Abad, autora de “Hotel París”, que conta a história da jovem Raquel, que se fecha em uma casa de repouso.

Palavras-chave: casa; poesia contemporânea; América Latina; mulher

FICÇÃO OU VERDADE: O IMAGINÁRIO SOCIAL NA RELAÇÃO CAUSA-EFEITO NO LIVRO LOS PEQUEÑOS SERES DO SALVADOR GARMENDIA

Maria Emilia Landaeta Silva (UFMT)

Resumo: O presente artigo tem como finalidade o estudo e análise das características principais presentes no livro, *Los Pequeños Seres*, do autor venezuelano Salvador Garmendia, em relação aos conceitos do imaginário social, a representação do arquétipo na sociedade, o arquétipo do homem comum, e mais importante, o grau de ficção e verdade presentes no texto, a fim de entender a relação causa-efeito dentro da realidade social que se manifesta nas cidades, neste caso específico, na cidade capital da Venezuela, Caracas, assim como também a influência do ambiente político nos

cidadãos. Existem certos períodos de um país marcados por acontecimentos políticos, econômicos, ou sociais que não podem ser ignorados. Por exemplo, a Venezuela, é uma nação que ao longo da história, tem sido alvo de diversas mudanças, negativas e positivas que afetam diretamente aos cidadãos, os quais têm que se adaptar aos câmbios sem se preocupar com as implicações e sequelas. O texto foi publicado no ano 1959, depois da queda da ditadura do presidente venezuelano Marcos Pérez Jiménez, deixando o país com diversas mudanças, sendo as mais notáveis, dentro do aspecto econômico e do espaço físico, especialmente na cidade de Caracas, a qual sofreu a maioria dos câmbios de infraestrutura causando um grande aumento na população, devido ao fato de que pessoas de diferentes partes do país, em vista do crescimento repentino, decidiram emigrar para a capital, transformando a cidade numa nova Caracas. Por outro lado, ao falar de livros inspirados num período determinado da história de um país, é necessário entender o grau de ficção e verdade presente nesses textos, é por isto que, será realizada uma análise baseada nos conceitos de ficção literária e verossimilhança, para assim considerar ambos os aspectos que ajudam entender um texto ficcional literário, criado num período específico da história o qual significou grandes câmbios.

Palavras-chave: Imaginário social; arquétipo; ficção e verdade

RESSIGNIFICAÇÕES DA AMÉRICA LATINA EM TRÊS EPOPEIAS

Éverton de Jesus Santos (UFS)

Resumo: É possível observar a flutuação do sentido para a expressão “América Latina” e suas variantes em Toda a América, de Ronald de Carvalho, Canto geral, de Pablo Neruda, e Latinomérica, de Marcus Accioly, sendo a primeira um poema híbrido, épico-lírico, e as duas últimas essencialmente épicas. A flutuação é na direção, por exemplo, de ora significar região, subcontinente, ora ser comunidade, havendo, também, espaço para mutações na forma e, consequentemente, no sentido e na interpretação. Diante disso, o objetivo deste estudo é descrever e analisar os contextos em que tal expressão aparece e abordar as ressignificações subjacentes, evidenciando, com efeito, a constituição de imaginários acerca da América Latina e como isso pode colaborar para a criação da latino-americanidade. Para tanto, a investigação parte de revisão bibliográfica baseada em teóricos e críticos como Tzvetan Todorov, Walter Mignolo, Eduardo Galeano, Darcy Ribeiro, entre outros, que pensaram a região e propiciaram diferentes pontos de vista no tocante a ela. Ao fazer a intersecção entre os textos literários e as obras teóricas, espera-se elaborar um painel dos múltiplos significados atribuídos à ideia de América Latina e, por conseguinte, impulsionar estudos posteriores concernentes à visibilidade histórica desse subcontinente.

Palavras-chave: América Latina; Épica; Ressignificação; Imaginário

MEDIAÇÃO CULTURAL: LITERATURA INFANTIL E MÚSICA A INTERCULTURALIDADE ATRAVÉS DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NAS ESCOLAS COM ESTUDANTES IMIGRANTES

Elisane Andressa Kaiser da Silva (UNILA); Mariana Cortez (UNILA)

Resumo: Esta comunicação tem o propósito de apresentar os resultados de uma pesquisa de TCC do curso de Letras- Artes e Mediação Cultural, realizada em escolas municipais de Nível Fundamental I, localizadas em Medianeira (PR) e em Foz do Iguaçu, que teve como objetivo analisar se estas instituições proporcionam um ensino intercultural através da literatura infantil, por meio da contação de histórias. Considerando que estas escolas localizadas na faixa de fronteira recebem estudantes imigrantes, percebe-se a necessidade da valorização e respeito em relação a diversidade étnica e cultural no ambiente escolar. Nesse contexto, esta pesquisa surgiu da necessidade de conhecer a realidade dessas escolas e promover a sensibilização, discussões e críticas relacionadas à interculturalidade através de uma atividade prática de contação de histórias com música, realizada de uma maneira diversificada e descontraída, a fim de oportunizar momentos de interação, sensibilizando os estudantes e promovendo a integração e respeito à diversidade cultural e étnica. De acordo com Bettelheim (1980) é possível identificar as inúmeras contribuições ofertadas a partir da leitura dos mesmos. Conforme o psicanalista, “o conto de fadas oferece materiais de fantasia que

sugerem à criança sob forma simbólica o significado de toda batalha para conseguir uma autorrealização, e garante um final feliz” (op. cit, p.50). Este trabalho descreve como acontece a integração dos estudantes imigrantes no ambiente escolar em cinco escolas localizadas na faixa da fronteira, ao mesmo tempo que busca promover reflexões sobre a importância do professor enquanto mediador cultural e do mediador cultural como mediador de leitura, destacando de que forma estes podem contribuir para um ensino intercultural, seja através das práticas educativas ou por meio da Literatura Infantil através da contação de histórias que contemple a diversidade cultural e étnica. Para contribuir com esta reflexão, serão apresentadas as entrevistas realizadas tanto com os professores do curso de Letras- Artes e Mediação Cultural da Universidade Federal Latino Americana (UNILA), quanto com os professores do Ensino Fundamental I. Em seguida, será evidenciada a importância da mediação de leitura com uma temática intercultural e como estas narrativas podem contribuir para a sensibilização, integração, respeito e valorização da diversidade, principalmente em instituições de ensino com estudantes imigrantes. Por fim, será relatada a experiência da atividade prática de mediação de leitura de duas histórias infantis com uma temática intercultural para estas instituições de ensino localizadas em Medianeira (PR) e Foz do Iguaçu (PR) com estudantes imigrantes. Para responder às questões levantadas, esta pesquisa seguiu as seguintes etapas: Entrevista inicial com professores, processo de adaptação das histórias infantis com músicas/paródias, atividade prática de contação de histórias infantis com uma temática intercultural e conversação após a mediação de leitura.

Palavras-chave: Literatura infantil; música; mediação de leitura

31 de julho

14h30

OS CAMINHOS DO FANTÁSTICO EM CALIXTA BRAND DE CARLOS FUENTES

Dolores Raissa Teixeira Cunha (UFC)

Resumo: O presente trabalho abordará o conto “Calixta Brand” que pertence ao livro *Inquieta Companhia* (2007) do autor mexicano Carlos Fuentes (1928 - 2011), sob a perspectiva da literatura fantástica e do realismo maravilhoso. O livro, cujo título original *Inquieta Compañía*, - teve sua primeira edição lançada em 2004, sendo um dos grandes clássicos de Carlos Fuentes da literatura fantástica, a obra é composta por seis contos que caminham pelos acontecimentos insólitos. Fuentes, autor de uma grande tradição literária dentro da literatura latino-americana, escreveu diversas obras que permeiam ao meio fantástico e o realismo maravilhoso. Em “Calixta Brand” o conto é narrado por Esteban, o marido da personagem do título, o casal casa-se logo depois de se conhecerem na universidade, desde o princípio existem segredos guardados. O tempo passa e doze anos depois lemos o relato do narrador sobre os acontecimentos que nos levam ao fantástico e ao realismo maravilhoso. Alejo Carpentier no texto “Do real maravilhoso americano” observa que a “presença e vigência do real maravilhoso não era privilégio exclusivo do Haiti, mas patrimônio da América inteira” (1971, p. 117). O maravilhoso a qual se refere a autor cubano tem relação com os elementos que compõe a natureza latina americana. Nesse período os escritores latino-americanos passam a produzir uma literatura que tenta reconhecer o espírito e a identidade americana. A literatura de Carlos Fuentes esta inserida nesse contexto, o livro publicado anos depois do chamado Boom latino-americano caminha pelo realismo maravilhoso e pela literatura fantástica. David Roas em seu livro *A ameaça do fantástico*, afirma que “a literatura fantástica é o único gênero literário que não pode funcionar sem a presença do sobrenatural, e o sobrenatural é aquilo que transgride as leis que organizam o mundo real” (2014, p.31). No conto do autor mexicano o verossímil e o inverossímil caminham lado a lado, a atmosfera feita em sua primeira parte nos leva acreditar que os acontecimentos ali narrados não passam de questionamentos de um homem em dúvida com o seu casamento, mas os acontecimentos verossímeis e inverossímeis se confundem causando o que Irlemar Chiampi chama de “poder de encantamento” (2015, p.62). O diálogo que estabelecido entre o realismo maravilhoso e a literatura fantástica dentro do conto “Calixta Brand” de Carlos Fuentes é

o principal elemento que identificamos nessa leitura, analisamos em nosso trabalho como essas duas vertentes se encontram dentro da obra e dialogam. Portanto, tendo como ponto de partida o conto do livro de Fuentes tentaremos estabelecer como se constitui a relação entre o fantástico e o maravilhoso.

Palavras-chave: Fantástico; Maravilhoso; Latina; Carlos Fuentes

ESTÉTICAS DA VIOLÊNCIA: IMAGINÁRIOS DE VERONICA STIGGER E RUBEM FONSECA

Antonio Rediver Guizzo (UNILA)

Resumo: Entre os temas abordados pela arte contemporânea, a relação entre cultura e violência tem protagonizado o eixo de representações de muitas obras de nossa época. Na literatura, no teatro, no cinema e na música, assistimos a uma exposição, cada vez mais intensa, de imagens de agressões, assassinatos, tortura, mutilações, guerras etc. Essa opção temática decorre, em um contexto regional, da presença marcante da violência no cotidiano das grandes metrópoles e, em uma escala global, de sua presença nos diversos conflitos internacionais; mas, sobretudo, decorre dos avanços tecnológicos de produção e transmissão de imagens que permitem à rápida difusão e exploração de todo esse imaginário da violência pelos diferentes meios midiáticos. Neste trabalho, investigamos o tratamento estético dado à representação da violência por Rubem Fonseca, nas obras *Calibre 22* (2017) e *Amálgama* (2013), e por Veronica Stigger, na obra *Sul* (2016). Em Rubem Fonseca, analisamos a configuração estética da obra a partir da articulação entre a representação da violência urbana e a construção de um complexo jogo de motivações éticas e afetivas na composição de personagens-narradores em dois contos: “O morcego, o mico e o velho que não era corcunda” e o “O ciclista”. Em Veronica Stigger, analisamos o entrecruzamento entre representações diversas da violência e a imagem socialmente construída da mulher em três textos que compõe a obra *Sul*, a narrativa distópica “2035”, a peça de teatro “mancha” e o poema “O coração dos homens”. Os principais aportes teóricos utilizados para as análises foram: a teoria de Gilbert Durand sobre a constituição e funcionamento do imaginário apresentada na obra *As estruturas antropológicas do imaginário* (2002 [1992]), as reflexões de Slavoj Žižek sobre a violência apresentadas na obra *Violência* (2014), as reflexões de Pierre Bourdieu sobre as relações entre a violência simbólica e a condição feminina apresentadas na obra *A dominação masculina* (2014 [1998]) e as considerações sobre as interfaces entre literatura e violência apresentadas por Jaime Ginzburg em *Literatura, Violência e Melancolia* (2012). Nos contos analisados de Rubem Fonseca, observamos que, embora os personagens-narradores procurem justificar os atos de violência subjetiva como relação de causa e consequência e/ou resposta ética à violência objetiva sistêmica e simbólica da qual são “vítimas”, suas ações excedem a responsividade ética e se relacionam com a dimensão afetiva do caráter destas personagens – pulsões que encontram satisfação em situações de violência e/ou perigo em “O ciclista” e negação da condição de velho em “O morcego, o mico e o velho que não era corcunda”. Nos textos analisados de Veronica Stigger, observamos três formas distintas de representação da violência: a violência ritualizada em “2035”, a relação entre a superexposição e os processo de naturalização e comicização da violência em “A mancha”, a violência simbólica contra o gênero feminino em “O coração dos homens”; embora no último texto a violência simbólica seja mais explícita, consideramos nas análise que os dois primeiros textos também versam, em certa medida, sobre a violência simbólica contra a mulher.

Palavras-chave: Violência; Representação; Literatura Contemporânea

MITOS, SABORES E ODORES: O IMAGINÁRIO DAS FRUTAS NA POESIA CUBANA DO SÉCULO XVIII

Cauê Cardoso Polla (USP)

Resumo: José Lezama Lima publica, em 1959, no suplemento literário *Lunes de Revolución*, um curioso ensaio intitulado *Corona de las Frutas*. Visitando o tema das frutas plasmado em escrita, desfilam São Francisco de Sales, Plínio o jovem, Oviedo, Góngora, Soto de Rojas, Juan Montalvo e até mesmo Bernardin de Saint-Pierre, verdadeira cornucópia autoral. A perspectiva barroca de Lezama, num mosaico de leituras (objeto supersticioso, enciclopédico-catalográfico, poético), suscita

pensarmos a envergadura mítico-política da fruta em dois poetas cubanos do XVIII: Manuel de Zequeira y Arango e Manuel Justo Rubalcava. Os emblemáticos A la pinã e Silva Cubana instauram a dimensão polêmica de uma guerra vegetal. O abacaxi de Zequeira, vestido por Ceres, obelisco rural, carregado por Hermes para o sagrado Olimpo, por Orfeu oblatado, tem sua cultura ordenada por Vênus em seus jardins suspensos, fruta coroada, a pompa de minha pátria. As frutas em coroa de Rubalcava, a goiaba superior à pera, o abacate que seduz o frio europeu, o mamei celebrado, a papaia saborosa, a fruta-do-conde – Argos das frutas, explicitam o que em Zequeira era apenas implícito: a fragrante e saborosa identidade cubana, emulando a insípida europeia, lhe é superior. Poetas abertamente neoclássicos que são, buscam nas formas e no imaginário antigo, ações e adjetivações para o império vegetal cubano. A dimensão demiúrgica Greco-cubana dos poemas parece fortalecer o imaginário insular, insuflado contra uma metrópole cinza de maus odores. Não nos seria lícito, pois, colher o “imaginário simbólico” frutificado no XVIII por Zequeira e Rubalcava como expressão muito própria de uma busca pelo cubano na poesia, tomando aqui emprestada a expressão de Cintio Vitier? Ao mesmo tempo diatribe e afirmação, esse imaginário foi capaz de imantar um magistral Severo Sarduy, auto-exilado na cidade luz, longe da ilha solar, em pleno século XX, a escrever as suas dez décimas Corona de las Frutas – e seria um simples acaso o poeta ter sido um colaborador naquele mesmo Lunes de Revolución? Pretendemos, nesta breve reflexão, sugerir os poemas frutais dos autores do XVIII como instauradores de um imaginário que capturou a potência vegetal da ilha de Cuba e, por que não dizer, do império vegetal das Caraíbas. Desde os primeiros cronistas de índias, enfeitados pelos trópicos e sua abundância, as frutas simbolizaram o diferente e o ausente, aquilo que não encontra símile na Europa. Inscrevendo a fruta na poesia, Zequeira e Rubalcava sublinharam a diferença metrópole-colônia, diferença esta que culminaria em revoluções posteriores, sempre em busca de uma identidade constituída como “imaginário simbólico”.

Palavras-chave: poesia hispanoamericana; poesia cubana; imaginário

A REPRESENTAÇÃO DAS MEMÓRIAS DE DITADURA EM PEÇAS TEATRAIS DE BRASIL E CHILE

Flávia Almeida Vieira Resende (UFGD/PNPD/Capes)

Resumo: O presente trabalho propõe uma análise de obras de literatura dramática de Brasil e Chile, produzidas no século XXI, que refletem sobre o período da Ditadura Militar em seus respectivos países. Mais especificamente, serão estudados os textos de *O amargo santo da purificação* (2008), obra do grupo brasileiro Ói Nós Aqui Traveiz, baseada em poemas de Carlos Marighella, e *Villa e Discurso* (2012), combo cênico do dramaturgo chileno Guillermo Calderón. *O amargo santo da purificação* apresenta a história de Carlos Marighella, poeta, político e militante perseguido e morto pela Ditadura Militar brasileira. O espetáculo traz poemas musicados de Marighella, que vão costurando a história pessoal do poeta a momentos significativos de repressão no Brasil, desde o Estado Novo até a Ditadura Militar. *Villa* trata da reconstituição do ex-quartel de tortura Villa Grimaldi, em Santiago, como um espaço de memória, e *Discurso* apresenta um discurso fictício do fim do primeiro governo (2006-2010) da ex-presidenta chilena Michelle Bachelet. O objetivo desta comunicação é refletir sobre como se constrói, nessas obras, um olhar sobre esse passado de violência de estado, que denota um imaginário comum nas últimas décadas na América Latina. O que se percebe é a necessidade dessas sociedades, por meio das práticas artísticas, de voltar a refletir sobre esse passado recente, a fim de cobrar justiça e de realizar uma elaboração simbólica desse trauma coletivo. Partimos, então, do conceito de “anacronismo das imagens”, do filósofo francês Georges Didi-Huberman no livro *Diante do tempo* (2012), para pensar sua produtividade para analisar obras do continente latino-americano. Para Didi-Huberman, a história é sempre anacrônica, no sentido de que há um encontro de pelo menos duas temporalidades: a do historiador e a do período analisado. Isso vai contra a ideia de uma história pautada por uma lógica causal e rumo ao progresso. Didi-Huberman afirma, ainda, que também a imagem está carregada de anacronismos: no que elas trazem de inatual, naquilo que nelas sobrevivem de outros tempos, como nos propõe Walter Benjamin (2006) com o conceito de “imagem dialética”. A hipótese trabalhada

aqui é de que a literatura dramática contemporânea que retoma os momentos de violência estatal, ao instituir em cena uma montagem de imagens anacrônicas, apresenta um tratamento da memória capaz de interrogar o presente e de questionar simbolicamente as estruturas de “estado de exceção”, que, como afirma Giorgio Agamben (2004), na esteira de Walter Benjamin (1994), tornam-se cada vez mais a estratégia geral de governo. Isso significa um ultrapassamento das literaturas alegóricas dos momentos ditatoriais, como sinaliza Ana Cecília Olmos, com formas que têm um tratamento diferenciado da realidade (não alegórico, mas tampouco de estética realista), rumo à “configuração de uma memória crítica do acontecido” (OLMOS In SELIGMANN-SILVA; GUINZBURG; HARDMAN, 2012, p. 134). Analisaremos como isso se dá nas peças mencionadas, de Brasil e Chile, numa leitura comparativa entre os dois contextos, tendo em vista o momento em que essas obras foram escritas e as configurações estéticas que elas apresentam.

Palavras-chave: Ditadura militar; Imagem e memória; Teatro.

EXÍLIO, DITADURA E SOBREVIVÊNCIA NO BRASIL E NO PARAGUAI: REPRESENTAÇÕES NA LITERATURA ESCRITA POR MULHERES

Alexandra Santos Pinheiro (UFGD)

Resumo: Pelo viés dos Estudos Culturais, buscamos compreender como autoras paraguaias e brasileiras problematizaram/problematizam a ditadura militar, acontecimento que marcou não apenas a história do Paraguai e do Brasil, como a de outros países da América Latina. Do Paraguai, selecionamos Susana Gertopán e Renné Ferrer, duas escritoras contemporâneas e reconhecidas pela crítica literária paraguaia. Do Brasil, elegemos Adelaide Carraro e Cassandra Rios, as autoras mais censuradas durante a ditadura militar brasileira. Em Gertopán, temos o exílio como o grande tema de referência; em Renné Ferrer, a representação da ditadura de Alfredo Stroessner dá-se pelo viés do testemunho. Aqueles que sobreviveram à prisão e à tortura oferecem o seu ponto de vista sobre o período. Adelaide Carraro e Cassandra Rios apostam na ironia, no deboche e tratam de temas proibidos para a época, como a homo afetividade e a prostituição. Elas também destacam, como pano de fundo, a consequência de um estado de exceção, em que os indivíduos necessitam abafar as suas subjetividades para não sofrerem as represálias. A produção das escritoras paraguaias e brasileiras em destaque nesta investigação permite compreender o diálogo entre literatura e história. Sejam mergulhadas no momento histórico ou sejam revisitando-o, as escritoras (re)contextualizam literariamente as marcas deixadas pela ditadura militar na América Latina. Estudar estas representações literárias a partir do olhar de paraguaias e de brasileiras tem mostrado, também, que, quando o tema é ditadura militar, as marcas rompem fronteiras geográficas e se repetem: exílio, opressão e resistência (ainda que seja pela escrita literária) acompanham os enredos de Gertopán, Ferrer, Carraro e Rios. A base metodológica desta análise é a bibliográfica e o referencial teórico está voltado para a questão da Representação, da Memória e da Escrita de autoria feminina.

Palavras-chave: Literatura, representação, Ditadura

01 de agosto

08h30

O SONHO NA ESCRITA DE CECÍLIA MEIRELES E DE JORGE LUIS BORGES

Fabio Alcides De Souza (UnB)

Resumo: O sonho, fenômeno presente na vida de todas as pessoas, é algo cuja explicação não é plenamente compreendida. O elemento onírico, presente no nosso imaginário, estejamos acordados ou dormindo, sempre se coloca como algo fascinante para qualquer ser humano. A possibilidade de fruirmos vivências diferentes daquelas às quais estamos acostumados, durante o período da vigília, permite que nos afastemos temporariamente da realidade perceptível. Estas experiências que são objeto de estudo em diversas áreas, podem ser representadas na Literatura, seja em forma de sonho ou devaneio, e, historicamente, têm sido motivo de diversas interpretações filosóficas, científicas e

culturais. Na Literatura Brasileira, a poeta Cecília Meireles, cuja obra apresenta como um dos seus traços distintivos um certo distanciamento da realidade, tratou diretamente desta temática em poemas escritos no período de 1950 a 1963. O sonho, entretanto, se apresenta como tema em sua obra desde seu primeiro livro *Espectros* de 1919. Na Literatura Hispanoamericana, o argentino Jorge Luis Borges utilizou o elemento do sonho de forma recorrente em seus contos e poemas, oferecendo uma percepção em que sonhos e devaneios funcionam como criadores de realidades. De forma semelhante à escritora brasileira, Borges também tratou do tema desde seu primeiro livro de poesia *Fervor de Buenos Aires*, publicado em 1923. Cecília Meireles e Jorge Luis Borges são, portanto, dois autores que compartilharam a mesma época, o mesmo continente, a mesma temática. E ao observar as opiniões de Mário de Andrade – um escritor fortemente ligado ao movimento modernista brasileiro – verifica-se que a independência de estilo das obras dos dois autores não impediu a apreciação de seu valor. A partir da leitura de textos de Cecília Meireles, crônicas e poemas, é possível verificar a oposição entre sonho e realidade, na obra da poeta brasileira. E, no que se refere a Jorge Luis Borges, podem ser utilizados poemas, contos, alguns ensaios publicados pelo escritor sobre o tema, além de depoimentos concedidos em entrevistas. O objetivo deste trabalho é analisar e confrontar obras dos escritores Cecília Meireles e Jorge Luis Borges que tratem da temática do sonho e suas representações. Além dos aspectos literários, se busca também possíveis diálogos com filosofias e pensamentos pertinentes, que porventura possam ser úteis para a análise. A partir da perspectiva dos estudos literários comparados, se pretende compreender a temática do sonho no universo literário, mas também em outras áreas do conhecimento, utilizando as várias percepções sobre o tema como subsídio para a análise das obras de ambos os escritores sul-americanos, especialmente, no que se refere à oposição sonho e realidade.

Palavras-chave: Sonho; Cecília Meireles; Jorge Luis Borges

LITERATURA COLOMBIANA, EXPLORAÇÃO BANANEIRA E IMAGINÁRIO SOCIAL. UM ESTUDO SOBRE A OBRA "MANCHAS DEL JAGUAR" DE CLINTON RAMIREZ

Anderson Claytom Ferreira Brettas (IFTM)

Resumo: No processo de consolidação dos estados nacionais da América Latina liberta do jugo colonial, a presença dos interesses políticos e comerciais dos Estados Unidos moldou a configuração do continente desde o final do século XIX. Indubitavelmente, dentre todos os produtos e serviços do capital do novo império, o cultivo e a exportação da banana melhor simbolizou a exploração e a submissão latinoamericana ao grande capital. A United Fruit Company foi a empresa que mais se destacou na produção, distribuição e comercialização de frutas tropicais, sendo o melhor paradigma de uma corporação poderosa, esmagadora e insensível às questões sociais e políticas, estando vinculada diretamente na conspiração e derrubada de governos contrários aos seus interesses. Fundada em Costa Rica, a companhia chegou à Colômbia em fins do século XIX, no departamento de Magdalena, caribe colombiano, constituindo um monopólio que marcou profundamente a região em seus aspectos sociais, econômicos e políticos. A presente comunicação trata do estudo da obra *"Las Manchas del Jaguar"* (2005), do escritor colombiano Clinton Ramirez (1962/), autor nascido em Ciénega, cidade que foi importante eixo estratégico da atividade bananeira, localizada entre as fazendas produtoras e o porto marítimo da capital do Magdalena, Santa Marta, aonde vivia a maior parte da aristocracia local beneficiária do cultivo da banana. Escritor, economista e professor universitário, Ramirez é um autor precoce. *"Manchas del Jaguar"* foi seu primeiro romance, publicado inicialmente em 1987 ao receber o prêmio de melhor novela da cidade de Montería (capital do departamento de Córdoba, também na região caribenha colombiana), e revisada em sua segunda edição lançada dezoito anos depois. Se a atividade bananeira deixou um rastro de pobreza, exploração e opressão, também ofereceu opulência para uma camada da sociedade, composta, sobretudo, por descendentes de famílias de espanhóis, proprietária de terras e comerciantes. O período de bonança da banana, conhecido como *"belle époque"* ou *"época de ouro"*, correspondeu até o final dos anos 20, e o processo foi abalado pelo episódio conhecido como *"massacre das bananeiras"*, ocorrido em 1928, quando uma greve de trabalhadores foi reprimida violentamente

pelas forças militares, com dezenas de mortos, e também com a profunda crise do capitalismo decorrente da quebra da bolsa de 1929. A obra de Clinton Ramirez perpassa pela sociedade Ciénequera no período de decadência local – posterior, portanto, ao massacre - de desintegração social e dismantelamento gradual das atividades da United Fruit. E seu texto, embora desenvolvido num espaço fictício, associa o enredo desde o início com a greve e a tragédia dos trabalhadores, onde alguns personagens estiveram diretamente vinculados ao episódio. Como no paradigmático “Pedro Páramo”, de Juan Julfo, a morte permeia toda a trama, consequência de um tempo duro e áspero, cuja escrita densa é marcada pela polifonia e caracterizada pelo propósito do resgate da memória coletiva, assinalando as decrepitudes alcançadas pela comunidade. Clinton carrega consigo uma visão de mundo angustiante, marcado pelas perdas – definida pelo estudioso francês Jacques Gillard como uma “nostalgia crítica” (2005) -, e neste livro ele exorciza certos fantasmas e inquietudes interiores.

Palavras-chave: Literatura colombiana; imaginário; Clinton Ramirez

SIN VEREDA DE ENFRETE: A CIDADE INVISÍVEL DE JORGE LUIS BORGES

Palmireno Couto Moreira Neto (UNICAMP)

Resumo: Marcado pelo retorno do escritor a Buenos Aires após alguns anos na Europa, o programa literário de Jorge Luis Borges nos anos 1920 é entretido a partir da lembrança de uma cidade encoberta e da imagem de uma nova cidade fundada por processos modernizadores. Nessa junção, para a qual a experiência proporcionada pelo envolvimento com as vanguardas artísticas europeias foi decisiva, o escritor argentino realiza uma leitura nostálgica do espaço urbano que materializava o território perdido da infância. Essa leitura é o ponto de partida para a elaboração do passado da modernidade estética do escritor e para a estruturação de um locus literário que será expresso por meio daquilo que Beatriz Sarlo chama de “criollismo urbano de vanguardia”. Tal posição será defendida a partir da profícua produção poética e ensaística de Borges durante essa década: Fervor de Buenos Aires (1923), Luna de enfrente (1925), Inquisiciones (1925), El tamaño de mi esperanza (1926), El idioma de los argentinos (1928), Cuaderno San Martín (1929) e Evaristo Carriego (1930), além de publicações em jornais e revistas. Ainda que o escritor “maduro” recuse posteriormente os excessos ultraístas do jovem poeta que retornava da Europa, bem como os seus desenvolvimentos criollistas, o projeto que assume nos anos 1920 está ligado à constituição de uma língua literária para Buenos Aires e à instauração de uma dimensão mítica para a cidade. Nesse movimento, a contemplação do escritor busca na paisagem os elementos que reforçam a posição insular do poeta e legitimam o seu canto: “la ciudad criolla que persiste en la ciudad moderna, la llanura pampeana que se refleja en el patio, en los cercos vivos del suburbio, en las calles ‘sin vereda de enfrente’, es decir las calles que tocan la pampa y se pierden en la extensión de un paisaje familiar” (SARLO, 2007, p. 150). A comunicação proposta pretende abordar esse momento formativo da trajetória de Borges, explorando as distintas linhas de força que compõem as imagens da urbe presentes na produção poética e ensaística do escritor no período.

Palavras-chave: Jorge Luis Borges; Cidade; Modernidade

OCTAVIO PAZ E O TEMPO: IMAGENS MITOPOÉTICAS

Tiago Eric de Abreu (UFU)

Resumo: O tempo é um aspecto fundamental da obra do poeta e ensaísta mexicano Octavio Paz (1914-1998). Seus escritos poéticos, de teor simbólico e substancialmente ligados à história e ao imaginário dos povos mesoamericanos, apresentam, a partir da década de 1950, pontos de correspondência com as cosmovisões e tradições filosófico-religiosas indianas. Ao residir na Índia, na década de 1960, Octavio Paz reencontra na arte local formas arquetípicas que o remetem diretamente ao imaginário arcaico das civilizações que primeiro habitaram a Mesoamérica. Paz estabelece uma relação experiencial com aspectos culturais e filosóficos indianos que estão refletidos na escritura do poeta, sobretudo em suas concepções acerca do tempo. Octavio Paz reflete, ao visitar exposições artísticas nos Estados Unidos e Europa, sobre o fundamento comum

entre as manifestações estético-religiosas dos povos do México pré-colombiano e aquelas da arte moderna. As reflexões a respeito das correspondências entre a arte antiga e a moderna suscitam, nos escritos ensaísticos de Octavio Paz, a reflexão sobre a centralidade da ideia de tempo na vida cultural das civilizações, desde a Antiguidade. O imaginário acerca do tempo é fundamental na abordagem da obra paziana, uma vez que o poeta mexicano o concebe como um fenômeno multidimensional; as ideias em torno à temporalidade são cruciais para a formação histórica dos povos orientais e ocidentais. O presente trabalho propõe um olhar reflexivo sobre a obra "Piedra de Sol" (1957), longo poema de versos hendecassílabos, cujas imagens poéticas possuem alta ressonância arquetípica com a história, suscitando leituras hermenêuticas que possibilitam estabelecer correspondências entre memória e imaginário, ressignificados na escritura.

Palavras-chave: poesia; mitopoese; imaginário; tempo.

O SILÊNCIO DAS MULHERES DE BIOY CASARES

Ana Luíza Duarte de Brito Drummond (UFRJ)

Resumo: Este trabalho analisa três personagens femininas do escritor argentino Adolfo Bioy Casares, quais sejam, Diana, de *Dormir al sol* (1973); Faustine, de *A invenção de Morel* (1940); e Paulina, do conto "Em memória de Paulina", de *Histórias Fantásticas* (1948). A escolha dessas três personagens se deve, primeiramente, à semelhança estrutural das narrativas das quais fazem parte, todas narradas por narradores-personagens em claro conflito psíquico. Considerando a impossibilidade do amor que essas histórias carregam, proponho uma leitura do silêncio dessas mulheres idealizadas que têm pouca ou nenhuma voz durante a narrativa. Assim, o trabalho divide-se em três pontos, o silêncio fantasmagórico de Faustine, o silêncio coagido de Diana e o silêncio aurático de Paulina para, ao fim, tentar pensar o próprio silêncio das mulheres de Bioy Casares.

Palavras-chave: silêncio; personagens femininas; Bioy Casares.

3 - A CRÍTICA LITERÁRIA E SUAS INSTÂNCIAS DE LEGITIMAÇÃO CANÔNICA

Coordenação: Sílvia Maria Azevedo (UNESP/Assis); Ana Paula Franco Nobile Brandileone (UENP/CCP)

Resumo: Com o advento do jornalismo no Brasil em meados do século XIX, a literatura ganhou espaço privilegiado, de um lado pelo fato de o jornal servir como principal meio de divulgação do literário – seja através da publicação obras literárias, seja como notícia de lançamentos de livros, notas sobre escritores ou ainda por exercer a função de difundir artigos críticos, resenhas, entrevistas – tornando, desse modo, a literatura mais acessível ao leitor. Por outro lado, o jornal prestou-se como fonte de renda para os escritores, concedendo-lhes não só condições mínimas de independência econômica, mas também libertando-os, ainda que provisoriamente, das demandas éticas e estéticas dos mecenas. O primeiro abalo sofrido pelo jornal como privilegiado suporte de difusão da literatura foi motivada pela passagem de uma crítica literária ligada fundamentalmente à não-especialização da maior parte dos que se dedicavam a ela, denominada "crítica de rodapé" e exercida nos jornais, para uma geração de críticos interessados na especialização, e cujas formas de expressão dominantes eram o livro e a cátedra; resultado, aponta Flora Süssekind (1993), da formação universitária que se fez sentir no final dos anos 40. A consequência disso foi não só o afastamento do leitor comum, que se viu apertado entre períodos longos e rebarbativos da dicção universitária, mas também o confinamento cada vez mais acentuado desses críticos-*scholars* ao *campus* universitário, sobretudo devido ao desaparecimento paulatino das revistas e suplementos literários. O segundo abalo deu-se por conta do agenciamento das práticas literárias pela internet. Com o uso da internet e da tecnologia eletrônica aplicada à literatura, por meio da apropriação de novos dispositivos, a circulação de textos tornou-se muito mais fácil e rápida, bem como uma vitrine para novos autores, o que "[...] possibilitou o aparecimento de milhares de novos leitores críticos, de competência variada, em *sites* ou em *blogs*" (PERRONE-MOISÉS, 2016, p.68). Por isso, o meio eletrônico permite uma outra interatividade entre escritor e leitor, que assume o papel tanto de crítico quanto de coautor do texto escrito, uma vez que o processo de criação literária se tornou um

processo coletivo e concreto, elaborado a inúmeras mãos, diluindo, assim, as fronteiras entre leitor e autor. Desse modo, o texto literário ganhou uma nova dimensão não só pela velocidade da criação, mas também pela transmissão e recepção dos textos, muitas vezes associada a debates inflamados sobre textos e autores (CORRÊA, 2008). Já para Paulo Franchetti (2005), o que se assiste no cenário da crítica literária contemporânea no Brasil, é o seu esvaziamento e/ou a forma de discurso anódino que evita o confronto, que se desvia de um posicionamento claro diante da cultura e da literatura contemporâneas. Para o autor, este estado de coisas está ligado, dentre outros fatores, às necessidades de se ajustar aos imperativos da indústria e do comércio, jornalístico e livreiro. Discussão que encontra eco em alguns críticos que se propõe a desenhar alguns aspectos da narrativa brasileira contemporânea, como é o caso de Tania Pellegrini, para quem os escritores estão divididos entre a possibilidade de dedicação exclusiva à literatura e a pura e simples aceitação do jogo mercantil: “[...] o autor é, agora, em definitivo, um produtor trabalhando para o mercado, o que lhe impõe conhecer e, mal ou bem, aceitar suas regras” (1999, p.171). E, ainda, lançar mão de estratégias de divulgação e de promoção para venda de suas obras, seja por meio de noites de autógrafos, entrevistas e/ou palestras. Também para Walnice Nogueira Galvão (2005), o mercado pesa, de forma avassaladora, sobre todas as artes. Ainda Karl Eric Schøllhammer aponta para o poder da imagem e do espetáculo como coordenadas culturais contemporâneas extremamente atuantes, pelo fato de os autores hoje desejarem “provocar efeitos de realidade por outros meios” (2011, p.54), que vão desde a sua integração com o mercado e com os meios de comunicação de grande alcance, como a televisão e o cinema, aos mais diversos recursos estilísticos e técnicas narrativas. A fim de dar conta das complexas e múltiplas contradições que engendram a literatura brasileira contemporânea na sua intrincada rede de produção e consumo, de preferências e tendências vinculadas à dinâmica do mercado, bem como no seu casamento com a mídia, é que este Simpósio pretende congrega trabalhos voltados para a discussão dos processos de canonização de autores e obras. Para tanto, considera-se que não se pode compreender os processos de formação canônica sem levar em consideração, segundo Pierre Bordieu (2005, 2009), as relações que eles mantêm com o campo das instâncias de difusão, conservação, consagração e legitimação.

REFERÊNCIAS:

- BORDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- _____. *A economia das trocas simbólicas*. Trad. Sérgio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- CORRÊA, Almir Aquino (org). *Ciberespaço: mistificação e paranóia*. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2008.
- FRANCHETTI, Paulo. A demissão da crítica. http://www.germinaliteratura.com.br/enc_pfranchetti_abr5.htm
- GALVÃO, Walnice Nogueira. *As musas sob assédio: literatura e indústria cultural no Brasil*. São Paulo: Ed. SENAC, 2005. p. 9-13.
- PELLEGRINI, Tânia. O mercado. In: *A imagem e a letra*. São Paulo: Mercado de Letras, FAPESP, 1999.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. A crítica literária. In: *Mutações da literatura no século XXI*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. p. 60-69.
- SCHOLLHAMMER, Erick Karl. *Ficção Brasileira Contemporânea*. 2ªed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- SÜSSEKIND, Flora. *Papeis colados*. Rio de Janeiro: Ed.UFRJ, 1993.

31 de julho
8h30

AS COLEÇÕES DE LITERATURA BRASILEIRA DO XIX E O CÂNONE: PERMANÊNCIA VERSUS ESQUECIMENTO

Odair Dutra Santana Júnior (UNESP)

Resumo: Isabelle Olivero (1999), em estudo sobre a história do livro na França, mostra-nos que a noção moderna de “coleção editorial” se estabeleceu na primeira metade do século XIX. Como ela indica, o estudo da história das coleções favorece e converge para estudos mais amplos, uma história cultural – e uma história literária, acrescentamos – que compreende leitores, editores, a história da vulgarização científica e, entre outros, a noção de cânone. Nessa comunicação, voltaremos nosso olhar para o desenvolvimento dessa estratégia editorial no Brasil, esmiuçando as iniciativas de Quintino Bocaiuva e de Baptiste-Louis Garnier, por terem sido das mais profícuas entre as tentativas de formar coleções literárias, principalmente para a literatura brasileira, que foram lançadas no Rio de Janeiro do século XIX. Quintino Bocaiuva, ao colocar em circulação sua *Bibliotheca Brasileira*, em 1862, buscava facilitar a publicação de trabalhos nacionais ignorados. Apesar de sua iniciativa ter se modificado após seu primeiro ano, tornando-se uma revista mensal, foi inegavelmente uma das mais frutuosas tentativas do período de se formar uma coleção de textos literários nacionais. O primeiro número da *Bibliotheca Brasileira* saiu à luz em abril de 1862 e, antes da mudança de formato, a coleção somou doze números, publicados no período de um ano, correspondentes a oito obras, entre elas *As minas de prata*, de José de Alencar, e *Memórias de um Sargento de Milícias*, de Manoel Antônio de Almeida. Quanto às coleções organizadas por Baptiste-Louis Garnier, destacamos sua iniciativa denominada *Brazilia*, *Bibliotheca Nacional*, presente em um catálogo de sua livraria que teria sido publicado entre 1876 e 1878, e as *Bibliotheca de Algibeira* e *Bibliotheca Escolhida*, presentes em catálogo posterior a 1878. Entre os autores presentes no primeiro conjunto, destacamos Manoel Inácio da Silva Alvarenga, Inácio José de Alvarenga Peixoto, Alvares de Azevedo, Laurindo José da Silva Rabello, Gonçalves Dias, Casimiro de Abreu e Junqueira Freire. Faziam parte da *Bibliotheca de Algibeira*, os títulos *Til*, de José de Alencar, *O índio Afonso*, de Bernardo Guimarães e *Mártires da vida íntima*, de José Ricardo Pires de Almeida; enquanto *O Guarani* e *As minas de prata*, de José de Alencar, estavam entre os livros da *Bibliotheca Escolhida*. Como afirma Lúcia Granja (2016), Garnier passou a dominar o comércio de livros na capital do Império brasileiro na segunda metade do século XIX e se tornou o grande editor dos escritores brasileiros do período. Nessa época, ele começou a formar coleções a partir das quais afirmaria, já nos anos 1870, os princípios do cânone da Literatura Brasileira, sobretudo da poesia, conforme o conhecemos até hoje (GRANJA, 2016). Assim, nessa comunicação, além de caracterizar essas coleções, pretendemos refletir sobre como essa produção interage com um momento de formação do cânone literário nacional, acompanhando o protagonismo ou omissão/preterição dos títulos nelas publicados na história literária brasileira.

Palavras-chave: História literária; edição; coleções; cânone

O LUGAR MAIS ALTO DO PÓDIO LITERÁRIO: AS DINÂMICAS DE CONCORRÊNCIA PARA CONSAGRAÇÃO LITERÁRIA NO BRASIL (1930 A 1945)

Wanessa Regina Paiva da Silva (UERJ)

Resumo: De acordo com Pascale Casanova, “no universo literário é a concorrência que define e unifica o jogo, ao mesmo tempo em que designa os próprios limites do espaço [literário]. Nem todos fazem a mesma coisa, mas todos lutam para entrar no mesmo curso (concursus) e, com armas desiguais, tentar atingir o mesmo objetivo: a legitimidade literária” (2002, p. 60). Tendo por base as reflexões da autora sobre os mecanismos de dominação e as disputas que dão forma ao espaço literário mundial, em que se confrontam diferentes regiões pela legitimidade literária, neste trabalho, apresentaremos algumas considerações sobre a vida literária brasileira compreendida entre 1930 e 1945, especialmente, no que diz respeito às distintas dinâmicas para consagração utilizadas para promover obras, autores e projetos estético-ideológicos no período. Nosso interesse se volta, sobretudo, para a relação que se constrói entre o mercado editorial, a crítica e os prêmios atribuídos pelas associações e fundações literárias, como a Academia Brasileira de Letras, a Fundação Graça Aranha e a Sociedade Felipe D’Oliveira, de modo a apontar de que maneira esses elementos atuaram no processo de conquista da legitimidade literária pelos grupos de escritores

que a disputavam entre si. Para tanto, analisaremos textos veiculados pela imprensa periódica da época, a exemplo de resenhas sobre lançamentos de livros, notícias sobre a repercussão de concursos e inquéritos culturais. Esperamos poder contribuir com estudos dedicados a esse momento específico de nossa literatura, procurando trazer informações sobre o modo de funcionamento interno do espaço literário nacional a partir das concorrências estabelecidas entre diferentes grupos de escritores que se movimentavam no sentido de afirmar seu lugar diante de seus concorrentes, ao mesmo tempo em que procuravam desqualificá-los. Tal concorrência, é importante dizer, tem em vista o lugar mais alto do pódio literário, isto é, o lugar de autoridade para decidir quem pode ser escritor, quem pode determinar os critérios legítimos de literariedade, empregados para pensar e produzir a literatura nacional. Vale adiantar que os polos desse jogo de concorrências são ocupados, de um lado, por escritores “metropolitanos”, que desejam manter consigo e suas regiões essa autoridade, e, de outro, escritores “provincianos”, que desejam deslocar o eixo de decisões literárias, entrando forte na disputa, suficientemente dispostos a questionar e por em risco os valores estabelecidos por quem sempre ocupou o centro do espaço literário nacional. Nesse sentido, deter-nos-emos nas principais oposições que se formaram naquele cenário, os personagens envolvidos, as estratégias utilizadas e as polêmicas surgidas de toda essa movimentação.

Palavras-chave: Imprensa; Literatura; Concorrência; Consagração

CRÍTICA LITERÁRIA E PROCESSOS DE CANONIZAÇÃO EM PUNTO DE VISTA (1978-2008)

Raphael Nunes Nicoletti Sebian (UNIFAL)

Resumo: Os intelectuais que criaram e mantiveram Punto de Vista, uma das mais importantes revistas culturais da Argentina no século XX e uma das mais significativas publicações latino-americanas desse tipo na segunda metade do século passado, dedicaram-se a diversos objetos, perspectivas e problemas de investigação durante os trinta anos de circulação do periódico (1978-2008), entre os quais se destacam a crítica literária, a história literária e a teoria literária. Intentar-se-á demonstrar como a veiculação e a análise de textos críticos e literários na revista evidenciam certas escolhas interpretativas dos idealizadores/realizadores de Punto de Vista, oferecendo uma série de leituras de aspectos importantes da história e da literatura da Argentina e da América Latina nos séculos XIX e XX e colaborando para a canonização de autores e de obras na Argentina.

Palavras-chave: Punto de Vista; Argentina; crítica literária.

O POST-HORROR E A CONSTRUÇÃO DO AUTOR: INVESTIGAÇÕES SOBRE OS LIMITES DO CÂNONE, A CAPITALIZAÇÃO DO EU E AS ESTRATÉGIAS DE BRANDING DO CINEMA E DA LITERATURA

Gabriela Lopes Vasconcellos de Andrade (UFBA)

Resumo: O presente trabalho busca analisar a influência do discurso cinematográfico do gênero horror na literatura brasileira contemporânea a partir dos romances Neve Negra de Santiago Nazarian, As Perguntas de Antonio Xerxenesky e O Jantar Secreto de Raphael Montes. Os autores transitam pela cultura de massa, pela literatura pop, pela linguagem cinematográfica e pelo espaço biográfico, ficando atento à recepção de suas obras para criar estratégias performáticas de legitimação. O escritor assume uma identidade mitológica e midiática, tecida através de uma rede imaginária formada por seus leitores. Nesse processo, dentro de uma estética que utiliza elementos do pop, o projeto literário do autor está mudando e se inserido na estética cinematográfica do terror. O trabalho busca então problematizar essa trajetória, pensando na construção do gosto do autor e na tentativa de consolidar a sua obra a partir do crescimento do consumo desse tipo de literatura, influenciado pelo sucesso do cinema de terror, apreciado tanto pelo leitor comum quanto pela crítica. Assim, o trabalho busca questionar a classificação do termo post-horror (pós-terror), utilizada por esses escritores, em uma tentativa de se inserir no espaço de legitimação do cânone e nos valores do mercado literário, como uma estratégia mercadológica vinculada à uma indústria cinematográfica que vende o discurso do Art-House no cenário dos festivais e premiações independentes. Um discurso que influencia na precarização das condições e dos valores do trabalho

artístico ao tratá-lo como uma commodity. Para isso, serão utilizados os conceitos de Transmídia de Jenkins, a ideia de hiperpresente de Lipovetsky e Serroy, o trabalho de Annateresa Fabris, Arnaldo Cortina e Eneida Maria de Souza sobre o mercado literário brasileiro, a discussão sobre autoria e a construção midiática do eu a partir de Sibília e Foucault, no intuito de perceber como o cinema internacional de terror está influenciando a construção da estética da literatura brasileira contemporânea. Também será feita uma revisão teórica a partir de Platão, Nietzsche, Artaud e Reyes para repensar o conceito de terror (e horror), problematizando a necessidade do termo post-horror como uma estratégia de branding e legimação e analisando a linguagem e a estética vinculada ao termo.

Palavras-chave: Nazarian; Montes; Xerxenesky; Post-Horror

31 de julho

14h30

As crônicas de Alphonsus de Guimaraens: novas perspectivas sobre a obra do escritor mineiro Mariana Apolinário de Moraes (UFV)

Resumo: O poeta mineiro Alphonsus de Guimaraens (1870-1921), laureado escritor da estética simbolista, é um dos grandes autores que compõem o cânone da literatura brasileira. Sua obra mais prestigiada e, portanto, a mais apreciada pelos estudos literários são os livros de poemas. Pela reconhecida qualidade de seus versos, os manuais de história e crítica literárias conservam em local de destaque esses e outros livros de poesia publicados por Alphonsus. Sua obra poética foi responsável por elevar o autor ao patamar de cânone das letras brasileiras. Além da publicação em livros, Alphonsus manteve contribuição ativa em jornais e periódicos de maneira que parte de sua produção literária encontra-se publicada nas páginas desses efêmeros suportes. Enquanto nas publicações livrescas destacam-se os poemas, no jornal a escrita em prosa desse autor ganha espaço e evidência, sobretudo o gênero crônica. Em oposição à obra poética do autor, as crônicas de Alphonsus de Guimaraens não gozam do mesmo prestígio de participar do cânone da literatura brasileira. Em artigo produzido para o Jornal do Brasil, no qual discorre sobre o jornal como suporte literário, Regina Zilberman (2003) argumenta a favor de uma volta dos pesquisadores às fontes primárias, com a finalidade de buscar outros ângulos de investigação. Acreditamos, portanto, que os jornais cumprem esse papel de profícuas fontes de pesquisas no campo dos estudos literários no Brasil. No que concerne à obra do escritor mineiro Alphonsus de Guimaraens, acreditamos que os jornais enquanto fontes de investigação podem suscitar importantes reflexões que contribuirão para novas percepções sobre a atividade literária do escritor, uma vez que a produção publicada pelo autor nesse suporte ainda não foi amplamente contemplada. Dessa forma, ao voltar-se para o cânone sobre a perspectiva do esquecimento, com vistas a resgatar parte da história e da memória literária que não foi institucionalizada, este trabalho pretende investigar as crônicas de Alphonsus de Guimaraens publicadas no jornal mineiro Conceição do Serro, periódico dirigido pelo escritor mineiro, que também contribuiu com publicações, com o intuito de discutir a atividade do autor enquanto escritor e jornalista, assim como as relações entre o jornal e a atividade literária no século XIX e início do século XX, como, por exemplo, a circulação e divulgação de textos, a profissionalização do escritor e outros fenômenos possibilitados e ampliados pelo surgimento da imprensa. Igualmente, este trabalho pretende refletir sobre a importância do jornal enquanto suporte literário e enquanto arquivo detentor de parte da história literária e da memória cultural.

Palavras-chave: Alphonsus de Guimaraens; crônicas; jornais.

A REPERCUSSÃO INICIAL DE ÚLTIMOS SONETOS (1905), DE CRUZ E SOUSA

Alvaro Santos Simões Junior (UNESP)

Resumo: Analisam-se na comunicação resenhas e notícias publicadas por ocasião do lançamento, em 1905, dos Últimos sonetos, terceira obra póstuma de Cruz e Sousa. Responsabilizou-se pela publicação desse livro Nestor Vítor, que contratou para sua impressão a editora Aillaud, de Paris. A

comunicação representa resultado parcial de pesquisa sobre a repercussão na imprensa carioca da publicação das primeiras obras póstumas de Cruz e Sousa. Estudam-se com especial atenção os posicionamentos de dois grupos distintos: 1) críticos tradicionais, que produziam segundo o ponto de vista “oficial” o noticiário e a crônica literária de jornais e revistas, e 2) discípulos e admiradores de Cruz e Sousa, que, também nos periódicos, praticavam eventualmente a crítica de sustentação, formulando critérios de avaliação e uma interpretação “criativa” que pudessem ser favoráveis ao assim chamado Dante Negro.

Palavras-chave: Últimos sonetos; Cruz e Sousa; Simbolismo; Crítica

UM LIVRO-ARQUIVO PARA DANTE MILANO

Vanessa Moro Kukul (USP/PNPD-CAPEs)

Resumo: No ano em curso, *Poesias* (1948), de Dante Milano, completa setenta anos de publicação. Lendo os jornais cariocas da época, percebe-se que a estreia do poeta em livro foi recebida como um acontecimento para a poesia brasileira. Desde então, contudo, as menções ao poeta restringem-se a breves comentários em sínteses panorâmicas da literatura brasileira ou a raros estudos sobre a poesia milaniana. Na década de 1980, Carlos Drummond de Andrade sublinhou a diferença entre qualidade estética e popularidade, assinalando que Milano, a despeito de ser “um grandíssimo poeta”, não teria “a mínima popularidade”. Com o projeto de pesquisa de pós-doutorado, intitulado “Arquivo Dante Milano: projeto de uma edição”, intento contribuir para um reconhecimento menos restrito do poeta e para a divulgação de sua obra que permanece até hoje na “penumbra”, como anotou Paulo Mendes Campos em 1972. Nesse sentido, “Arquivo Dante Milano” constitui-se como uma proposta de divulgação de textos escritos por Dante Milano e sobre Dante Milano. Um livro-arquivo que, como demonstrarei, assegura não apenas o acesso ao conhecimento e à memória mas também possibilita formulações e revisões da Crítica e da História Literária.

Palavras-chave: Dante Milano; livro-arquivo; crítica literária.

A RECEPÇÃO CRÍTICA DE SÃO BERNARDO DE GRACILIANO RAMOS EM 1934-1935

Edilson Dias de Moura (USP)

Resumo: Quando, na Revista Acadêmica n. 27, de maio de 1937 – edição de homenagem a Angústia, de Graciliano Ramos, pelo recebimento do Prêmio Lima Barreto de 1936 –, Aydano Couto Ferraz comenta “considero como solução fundamental para o prestígio da obra de Graciliano Ramos a publicidade constante em torno de seus livros” (FERRAZ, 1937. Apud MOURA, 2011, p. 260), é de se imaginar a que aspecto do conceito de “publicidade” o crítico se refere. Evidentemente aquele número da revista por qual se manifestava Ferraz era em si um meio de ação publicitária para o autor. Mas é ao “suposto boicote a Caetés” – que teria sido promovido pelo editor e poeta Augusto Frederico Schmidt, de acordo com denúncia de Jorge Amado em um artigo intitulado “São Bernardo e a política literária”, de 1935 – que ele atribui o sentido de publicitário, a saber, de que se construía a imagem de um escritor “visado, desta maneira, pelo boicote oficial” e com quem o povo se identificaria: “são romances em que o povo se espelha. A espera, talvez, de encontrar nas suas páginas, [...] uma solução para os problemas em que se debate, certo de que com sua participação ativa eles serão resolvidos [...]” (FERRAZ, 1937. Apud MOURA, 2011, p. 261). Vale lembrar que Graciliano Ramos, após pouco mais de um ano da publicação de *São Bernardo*, será preso em Alagoas, cumprindo um ano de prisão, sem processo judiciário tampouco qualquer acusação. No período em que esteve preso, não houve notícia nos jornais do que lhe sucedera. E é ainda no cárcere que vai publicar *Angústia*, em 1936, sendo libertado em 1937. O período a que Ferraz se refere transcorre em pouco mais de dois anos. E, ao examinarmos a produção crítica jornalística do período, mais precisamente a recepção de *Caetés* e *São Bernardo*, notamos de fato o embate que contribuiu, em parte, para a geração dessa imagem do autor combativo que a história consagrará. Esta proposta de comunicação tem por meta apresentar o painel das relações entre “autor/obra/público” dos anos 1930 a partir das críticas publicadas nos mais importantes jornais e revistas da época, a fim de evidenciar a relação entre os romances, o crítico e o contexto imediato

da publicação dos livros de Graciliano como meio de transformação político-social. É impossível não notar imediatamente a intenção de se gestar uma consciência democrática, de participação social, naquele momento pela inclusão da noção de população ativa nos romances; mais precisamente, pelo que lá denominavam os autores como “humanização da literatura”. Assim, em seu âmago, o tipo de modalidade crítica literária, ainda não especializada à época, conteria os mais legítimos anseios democráticos, para além da mera ação publicitária. Efetivamente os textos produzidos não deixam dúvidas de que os romances continham elementos suficientes para introduzir no imaginário do leitor o direito de sua própria dicção e de construção do seu destino, das convicções mais simples às mais elaboradas, no marco do golpe de Estado conduzido por Getúlio Vargas e com qual teria de se confrontar.

Palavras-chave: Crítica literária; Romances; Graciliano Ramos

ARGUMENTOS MORAIS NA RECEPÇÃO DE KAFKA NO BRASIL

Mario Tommaso Pugliese Filho (USP)

Resumo: Quando Kafka começa a ser traduzido no Brasil, sua obra ainda não era uma quase unanimidade na crítica europeia. Apenas em 1951, Günther Anders publicaria Kafka: pró e contra, os autos do processo, em que revisava as leituras biográficas, teológicas, alegóricas e as apreciações divergentes num mesmo campo politológico (por exemplo, as leituras opostas de Lukács e Benjamin), procurando superá-las e argumentar sobre um texto que se impõe pela força da linguagem e de suas figuras. No campo literário brasileiro, Kafka já surge como autor clássico entre os modernos, apresentado inicialmente por Carpeaux, em 1941, mesmo antes de ser traduzido. Embora se faça notar como referência entre escritores e críticos, na qualidade de um paradigma de realização literária, e não pareça ter havido polêmica em torno de sua legitimidade e inclusão no cânone, sua presença serve para reforçar ou rearticular posições. Assim é que Mário de Andrade escreverá a Murilo Rubião que Kafka o deixa insatisfeito, sem compreender nem apreciar o gênero do absurdo. Antonio Candido defenderá, resenhando rosário Fusco, existir um “super-realismo” que, transposto para o Brasil, é “ginástica mental”, que não deve ser praticado na literatura nacional nem compreendido “como uma concepção geral do pensamento e da literatura”, pois é “arremedo da existência real”, sintoma da “crise de consciência burguesa” se propõe a “falta de significação da vida”. Já Davi Arrigucci Jr. verá em Kafka um modelo de uma “literatura que transfigura o real”, para rebaixar autores brasileiros que não são capazes de “encantar o leitor”, como Kafka supostamente o faria. Já a partir destas 3 ocorrências, depreendemos o modo como diferentes pontos de vista dentro do mesmo campo literário utilizam a imagem do autor e os díspares efeitos do texto kafkiano ora como exemplos, ora como antiexemplos da concepção que está no horizonte de expectativa do crítico a respeito do que deva significar “literatura” na relação com um determinado sentido para “realidade”, “mundo” ou “vida” dentro de diferentes projetos políticos e estéticos. Ao subsumir a avaliação dos procedimentos literários a um programa que não considera a produtividade retórica da literatura e da ficção, essas e outras leituras argumentam sobre os textos num plano que, com maior ou menor complexidade, é o da moral. Ao ler retoricamente os textos ficcionais e críticos, supomos que é preciso questionar o parti-pris crítico do realismo da representação de transcendentais como a nação, o progresso, a psique, a causalidade social, a moral, a religião, entre outros, suspendendo a eficácia destas categorias e analisando a variedade de discursos críticos em que elas são funcionais como documentos de práticas pedagógicas e erísticas, cujos agentes recorrem sempre a formulações retóricas. Acreditamos, por fim, que esse procedimento de leitura pode implicar ressignificações nas teorias literárias que marginalizaram certa linha descontínua na literatura brasileira de autores que experimentaram gêneros e procedimentos como o nonsense, o fantástico, o absurdo, etc.

Palavras-chave: Crítica literária no Brasil; recepção; Franz Kafka

IMPLICAÇÕES DA SEMIÓTICA DE JULIA KRISTEVA PARA A CRÍTICA LITERÁRIA

Marcelo Brito da Silva (UFMT)

Resumo: Este trabalho apresenta reflexões sobre a semiótica de Júlia Kristeva e suas implicações para a crítica literária, formuladas a partir da leitura do livro *Introdução à semanálise* (2005) e de discussões e notas de sala de aula, realizadas durante o curso intitulado *Análise e crítica literária: Julia Kristeva e a Semiologia*, ministrado pelo professor Doutor Vinícius Carvalho Pereira, no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso, durante os meses de março e abril de 2017. Julia Kristeva é filósofa, escritora, crítica literária, psicanalista e feminista búlgaro-francesa. Seu nome é geralmente relacionado ao conceito de intertextualidade e é dela a famosa frase “todo texto se constrói como um mosaico de citações” (2005, p. 68.) De fato, a frase está presente em *Introdução à semanálise*, mas muito mais que isso a leitura da obra revela que a autora propõe uma mudança radical na abordagem dos textos de modo geral e da literatura especialmente. Para Kristeva, a literatura não é cópia nem o reproduz o real, não consegue dar conta do real porque é parte dele. Na semiótica de Julia Kristeva o texto é concebido como agência, como uma produção que subtrai o sujeito (autor) e rompe com a categoria de espelho de um exterior. Nesse modelo de semiótica, a pergunta que se levanta é: O que o texto literário produz em determinada época? O trabalho aciona também o pensamento de outros autores, entre eles Roland Barthes (1987), Vinícius Pereira (2012) e Susan Sontag (1987).

Palavras-chave: Julia Kristeva; Semiótica; Cadeia de significantes

01 de agosto

08h30

"UM OLHAR SOBRE AS PROPOSTAS DO MANIFESTO ANTROPOFÁGICO BRASILEIRO"

Sônia Regina da Silva (UNIFESP)

Resumo: A presente comunicação visa refletir sobre as propostas do Manifesto Antropofágico Brasileiro (programas e princípios estético-culturais com nova concepção de mundo e código artístico para o questionamento das formas tradicionais e canônicas da literatura brasileira) dentro do contexto do Modernismo Brasileiro. O objeto de estudo para esse projeto de pesquisa é a rapsódia "Macunaíma", obra pilar da cultura brasileira e revolucionária de Mário de Andrade, que melhor retrata as propostas do Manifesto Antropofágico Brasileiro. Isso tudo de forma a repensar, criticamente, a questão da dependência cultural brasileira em relação às demais culturas europeias, segundo pressupostos teóricos de alguns críticos literários. A reflexão faz-se necessária na medida em que induz o pesquisador a ressaltar nessa pesquisa a importância de dar um novo ânimo a arte e a literatura brasileiras, resgatando a própria originalidade com o individual e o nacional. Assim fundando uma cultura própria, por meio de todo um passado histórico, sem a negação absoluta dos valores europeus (tradicionais centros de referência cultural).

Palavras-chave: Manifesto Antropofágico; Modernismo; Macunaíma.

QUARTO DE DESPEJO & SALA DE VISITAS: CAROLINA DE JESUS, INTÉRPRETE DO BRASIL

Maurício Gabriel dos Santos Nascimento (UNICAMP)

Resumo: O livro-diário "Quarto de Despejo" de Carolina de Jesus possui um valor inquestionável para os debates acerca do papel e situação das mulheres negras no Brasil e como patrimônio da literatura negra brasileira. Contudo, a obra ultrapassa o enquadramento periférico e marginal – que a crítica geralmente considera como aspectos particulares – trazendo contornos que servem para interpretar e compreender a realidade brasileira como um todo. Em seus registros a autora mostra como é administrar a pobreza na cidade de São Paulo, coração econômico do país. Mais que a autenticidade do relato de quem vem de baixo, ela denuncia a humilhação cotidiana sofrida pelos mais pobres e como funciona o ethos da favela, que mantém o ciclo de exploração e miséria. Ela apresenta a diversidade da composição social da favela (donas de casa, prostitutas, operários, militares, nordestinos, ciganos); o abandono e assujeitamento das crianças ao mundo adulto (precocidade das relações de trabalho, amorosas, sexuais); o universo feminino em situação de miséria; a violência constante. Caracteriza a pobreza urbana (ausência de solidariedade entre os

pobres; degradação moral), a economia da sucata, um sistema particular de trocas e favores entre moradores e pequenos comerciantes. Além disso, discute o plano político mostrando o oportunismo eleitoral e a dinâmica de interesses que acontecem na favela. Há forte presença de igrejas e outras organizações oferecendo apoio em troca de adesão à fé ou ideologia. Apesar da dependência do Estado ser grande, sua presença é tímida, precária e violenta. Essa soma de elementos inaugura um novo par da contradição brasileira no contexto da urbanidade paulistana: Quarto de Despejo & Sala de Visitas. Alcinchado pela própria autora, esses extremos representam também uma novidade de perspectiva, pois são formulados por quem vive às margens da opulência. A partir deles é possível ter uma visão abrangente do funcionamento das cidades brasileiras baseado na desigualdade herdada do sistema colonial. Em grande medida, percebe-se que a atribuição de valor canônico depende de aspectos fortemente ligados aos ideais da elite econômica, intelectual e política. Como não há interesse em superar esse modelo, os diários de Carolina aparecem para a Crítica Literária de forma particular, mas ela diz respeito a uma massa trabalhadora muito expressiva que é a base do trabalho nas grandes cidades. Sua descrição se choca frontalmente com as interpretações consagradas sobre o Brasil e evoca, ao mesmo tempo, a necessidade de questionar o discurso oficial e buscar novos referenciais para essa autora e essa obra, visto que o existente não é suficiente para explicá-la.

Palavras-chave: Carolina de Jesus; Literatura; Pensamento Social

"POLÍTICA LITERÁRIA" NA OBRA CRÍTICA DE NESTOR VÍTOR

Douglas Ferreira de Paula (USP)

Resumo: Impossível dissociar a ideia que se tem da crítica literária de Nestor Vitor do movimento simbolista brasileiro. Ainda que trabalhos mais recentes busquem demonstrar que o escritor tenha sido mais do que um crítico deste movimento e que esta canonização dificulte uma aproximação com os seus escritos críticos da década de 1920, quando há uma abordagem dos primeiros modernistas (SILVEIRA, 2010), ela ajuda a explicar não só o crítico, mas também a própria constituição do movimento simbolista no campo literário de nossas letras. A ideia de que os melhores críticos do Simbolismo teriam saído do próprio movimento, como Nestor Vitor, conforme apresenta Alfredo Bosi, em História concisa da literatura brasileira, ou de que essa filiação ao movimento explicaria as posturas teóricas do crítico paranaense (CAROLLO, 1980) revela uma autorrepresentação que o grupo dos primeiros simbolistas quis dar a si mesmo e que, de alguma forma, vingou na historiografia, como a ideia de um movimento “fechado”. Conquanto o campo literário, como parte do campo cultural, na República Velha, não houvesse alcançado a autonomia progressiva do sistema de relações de produção e consumo de bens simbólicos (BOURDIEU, 2004), a marginalização em que foram colocados os escritores identificados ao simbolismo e ao decadentismo em fins do século XIX permitiu a Nestor Vitor solicitar a imparcialidade na crítica literária, então marcada pelo cientificismo e pelo critério de nacionalidade. A crítica de Nestor Vitor, portanto, não nasceu de uma relativa autonomia das relações de produção artística, impossíveis ainda nas condições de mercado restrito do período, ela foi antes uma exigência contra o próprio campo literário, em que as preferências pessoais, refletindo determinações outras que não as estéticas, atuavam fortemente. A exigência de imparcialidade, na verdade, agia como estratégia para denunciar o que o próprio Nestor Vitor chamou de “política literária”, relações extraliterárias que dominavam o período e determinavam o sucesso ou insucesso dos escritores, a valorização ou não das obras, com a exclusão do cânone, por exemplo, do poeta e amigo Cruz e Sousa. Recorrendo a já conhecida tese de Brito Broca, em A vida literária no Brasil – 1900 (BROCA, 1975), que explicita o fato de que a vida literária na belle époque possuía maior relevância do que a própria criação literária, o artigo busca evidenciar como a crítica cultural em Vitor revela os processos de legitimação da própria crítica. A partir de um lugar “secundário”, tendo as sombras de Veríssimo, Araripe e Romero às costas, Vitor pôde fazer o julgamento do “mundanismo” do período e ele próprio pôde utilizar da influência que gradativamente conquistou após o início da Primeira Guerra, escolhendo e elogiando as obras e os autores que, de algum modo, filiavam-se à corrente “místico-

simbolista” de que ele era herdeiro, revelando, assim, que o próprio simbolismo também não esteve fechado às vicissitudes do tempo histórico em se desenvolveu e que, embora não-dominante, não rompeu com as regras da arte do campo literário em formação.

Palavras-chave: Nestor Vitor; crítica cultural; política literária

A CRÍTICA LITERÁRIA DE LÍVIO XAVIER

Silvia Maria Azevedo (UNESP)

Resumo: Mais conhecido pela militância política, a atuação de Lívio Xavier (1900-1988) como crítico de jornal ainda está por ser pesquisada e mais amplamente conhecida. Passados quarenta anos, em que acompanhou de perto a atividade literária brasileira e estrangeira, Lívio Xavier reuniu, dentre a extensa produção jornalística produzida entre os anos de 1920 a 1970, sessenta e oito textos que vão fazer parte do livro *O elmo de Mambrino*, publicado pela José Olympio, em 1975, e com o qual o crítico-jornalista irá receber o Prêmio Jabuti, no ano seguinte. Com base nos textos que fazem parte da mencionada coletânea, o objetivo da comunicação é dar destaque às principais expressões literárias (autores, obras, movimentos literários) que se fazem representar na crítica de Lívio Xavier, fruto da circunstância jornalística, assim também analisar a sua tarefa de crítico de jornal na produção do ensaio curto.

Palavras-chave: Lívio Xavier; Crítica literária; Ensaio

CARTAS FEMININAS N'O LIBERAL DO PARÁ

Márcia do Socorro da Silva Pinheiro (UFPA)

Resumo: Os periódicos se configuraram nos anos oitocentos como espaço privilegiado de divulgação da prosa ficcional, como também das discussões acerca do assunto, uma vez que estavam presentes em suas páginas o discurso moral e seus juízos relacionados com as movimentações históricas e culturais. Nesse período, era comum a divulgação de conteúdo moralizante, como as publicações de narrativas, da portuguesa Maria Amália Vaz de Carvalho (1847-1921) no periódico *O Liberal do Pará*, que revelam importantes aspectos da produção de autoria feminina no fim do século XIX e início do século XX. As produções da autora portuguesa abrangiam temas relacionados à História, contos, crônicas e poesias, e ao ser pesquisada, permite-nos visualizar que a autora versava, sobretudo, sobre assuntos ligados ao universo das mulheres, tais como, casamento, maternidade, viuvez, educação e trabalho feminino, que são conduzidos, quase sempre, por um viés moralizante. Destacamos ainda que dos conceitos literários do último quartel do século XIX, Maria Amália abraçou a causa da literatura como missão social, assim, acreditava que o autor só devia escrever sobre o que era conveniente, educativo e não causasse desvirtuamento das senhoras casadas da época. Dessa forma, esse trabalho apresenta parte da sua escrita, na qual advogava que a mulher devia apenas se

Palavras-chave: Maria Amália Vaz de Carvalho; *O Liberal do Pará*

01 de agosto

14h30

CULTURA DA CONVERGÊNCIA E CRÍTICA LITERÁRIA

Patricia Vicenza Gonçalves Orlando (USP)

Resumo: O advento do jornalismo e, além disso, da convergência de mídia a partir do século XIX e XX, respectivamente, levou à necessidade de uma nova compreensão dos meios de comunicação voltados para a crítica literária. Importante mencionar que a convergência pode ser utilizada como forma de definir transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais, e assim ser o meio no qual as transformações da crítica literária e da literatura contemporânea se apoiam e se legitimam. A legitimação da literatura contemporânea está suportada pela relação entre o leitor e a obra, bem como pontua JENKINS (2009, p.29): “a convergência representa uma transformação cultural, à medida que os consumidores são incentivados a procurar novas informações e fazer

conexões em meio a conteúdos dispersos”. Desta maneira, uma vez que os livros em si pertencem a padrões consistentes de circuitos de comunicação fragmentados e não fragmentados, ao passo que esses padrões são revelados elucida-se a verdadeira faceta dos livros: que eles não apenas relatam a história, eles fazem a história (DARNTON, 2010, p.219). Ao fazer a história, os livros e suas críticas podem ser compreendidos como reflexos de fatores externos influenciadores na organização interna de uma obra. Um dos influenciadores seria o fator social, fornecedor da matéria narrativa (ambiente, costumes, traços sociais, ideias) que serve de veículo para conduzir a corrente criadora (CANDIDO, 1965, p.5). A cultura da convergência, então, seria o meio – e o fator social – no qual a literatura contemporânea está suportada: transformações econômicas, midiáticas e sociais exercem um papel imprescindível para o diagnóstico do sistema de integração e coordenação entre obra e sociedade. Para tanto, a importância do diagnóstico da verdadeira engrenagem responsável por incluir a obra de arte na discussão sobre a sua possível fuga de debates culturais e a sua inserção em polêmicas mercantis. O autor nada mais seria do que um produtor de uma mercadoria que, como a própria denominação remete, necessita seguir a lógica do mercado para conseguir alçar o ciclo de consumo cultural. Também para Jenkins (2009), as obras estéticas e literárias devem responder às exigências das culturas de conhecimento, nas quais o leitor e o autor inserem-se em um circuito único e, desta maneira, um sustenta a atividade exercida pelo outro – em outras palavras, o autor baseia sua obra a partir da expectativa do leitor. Para tanto, é criada uma base comum entre as comunidades consumidoras da arte, fator gerador da formação de laços com o produto (seja ele industrial ou artístico) e, por meio dele, com outros consumidores.

Palavras-chave: crítica literária; convergência; contemporaneidade

RETRATOS DO CAMPO DA CRÍTICA LITERÁRIA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Jefferson Expedito Santos Neves (UFBA)

Resumo: A pesquisa consiste em analisar como o campo da crítica literária tem se configurado no presente. Cabe ressaltar, a princípio, que o cenário atual parece composto por dois grupos de vozes destoantes, que se aproximam, paradoxalmente, ao possuírem um caráter superlativo e, por isso mesmo, extremista: de um lado, escuta-se o réquiem proferido por alguns críticos e intelectuais como Alcir Pécora (2011), (2004), Leyla Perrone-Moisés (2013), (2017), Paulo Franchetti (2004), José Castello (2015), o recentemente falecido Wilson Martins (1996), (2005), Sérgio Rodrigues (2007) e Flora Sussekind (2010), apesar do tom mais ameno desta última; que asseveram o prolongado marasmo da vida cultural e literária do país, visto que as humanidades estariam sofrendo uma perda significativa de conteúdo. Do outro lado do campo, a morbidez é substituída pelo otimismo de certos acadêmicos como João Cezar de Castro Rocha (2012), (2013), Nelson de Oliveira (2011), Flávio Carneiro (2016), Lourival Holanda (2012), além da ensaísta Eneida Maria de Souza (2007), que afirmam de forma enfática ser o contemporâneo caracterizado por uma potência inédita, acusando os rivais de achar feio o que não é espelho. Nesse contexto, pretende-se expor e analisar os argumentos de alguns desses pensadores, os apresentados em relação e em tensão a fim de compreender melhor como o campo da crítica no Brasil se estrutura e as projeções acadêmicas e midiáticas de seus agentes. Pretende-se ainda problematizar os impasses, a ressonância do discurso crítico hoje e seu processo de reconfiguração diante das novas demandas dos universos digitais e audiovisuais.

Palavras-chave: Crítica brasileira; Campo Literário; Crise

RECEPÇÃO DE PROSA DE FICÇÃO BRASILEIRA NO BOOKTUBE

Daniel Prestes da Silva (UFPA)

Resumo: Nos últimos dez anos houve uma mudança de paradigma no que se refere à circulação e recepção de textos literários, principalmente no que tange às publicações recentes feitas pelo mercado editorial. Tal mudança ocorreu na web 2.0, por meio da plataforma YouTube®, que possibilita a criadores de qualquer tipo de conteúdo disponibilizarem vídeos sobre assuntos variados. Esse fenômeno tem particular relevância ao se observar o espaço que o consumo de bens

culturais, em especial de produtos literários, ocupa na dinâmica das sociabilidades de alguns segmentos da sociedade. Essas transformações e sofisticação tecnológica possibilitou alçar o consumidor-leitor a outros patamares, de modo que alguns ocuparam posições distintivas dentro da comunidade mais ampla de leitores. Nesse contexto surgiram os booktubers, leitores que ocupam o lugar de comentaristas e veiculam, por meio da plataforma do YouTube®, conteúdo intrinsecamente ligado a livros e ao mercado editorial. Dentre os conteúdos comumente produzidos por esses booktubers, há vídeo-resenhas, diários de leitura, vídeos de lançamentos do mês de várias editoras e vídeos de livros adquiridos no mês, bem como as brincadeiras literárias conhecidas como TAGs. Em alguma medida, esse fenômeno desloca a experiência de leitura enquanto experiência individual e solitária para um espaço de socialização coletivo. É nesse contexto de recepção de textos literários, que parece ser mais voltado para as novidades do mercado editorial, ou seja, para os “últimos lançamentos do mês” que a ação produzida por booktubers tem chamado atenção das empresas editoras. Essa relação tem sido materializada por meio de vários meios e iniciativas: patrocínios publicitários, realização de parcerias entre canais e editoras, além da possibilidade de inserção desses booktubers no mercado editorial na condição de escritor. Considerando o papel que esses agentes têm produzido na difusão de gostos e práticas de consumo literárias contemporâneas, essa pesquisa, que encontra-se em fase inicial, busca verificar: Como se dá a recepção de prosa de ficção brasileira no Booktube? A princípio, para responder a questão, elaboramos uma metodologia a ser desenvolvida pela combinação de diferentes métodos, dentre os quais alguns de natureza quantitativa e outros qualitativa. No que diz respeito aos métodos quantitativos serão utilizados questionários a serem aplicados junto à população-alvo, qual seja, os booktubers. Uma primeira prospecção já foi realizada, com alguns integrantes do autodenominado Culto Booktuber, que há 03 anos se reúne desenvolvendo atividades em conjunto. Nesta prospecção, além de dados que permitem estabelecer um perfil destes agentes, também foi possível saber quais as obras de prosa de ficção leram e resenharam, o que permitirá sistematizar os dados relativos às obras, atentando para as seguintes categorias: autor, título da obra resenhada, gênero, local de edição, tipo de edição (física ou virtual), editora, data (s) da 1ª edição, data da divulgação da resenha no canal, canal de divulgação; caracterização dos autores resenhados; caracterização das resenhas, conforme os seguintes parâmetros: decalagem temporal entre o lançamento da obra e a postagem da resenha, tempo de duração da resenha, elementos constitutivos em termos estruturais, critérios de avaliação; e os editores.

Palavras-chave: Recepção; Prosa de ficção brasileira; Booktubers.

NO "CALOR DA HORA": A RECEPÇÃO CRÍTICA DE "LITERATURA MARGINAL - A CULTURA DA PERIFERIA ATO I, ATO II E ATO III" EM O GLOBO E JORNAL DO BRASIL

Ana Paula Franco Nobile Brandileone (UENP)

Resumo: Esta comunicação faz parte de um projeto maior de pesquisa, cujo interesse centra-se na investigação da representação de grupos marginalizados na literatura brasileira contemporânea. O mais importante destas narrativas, que trazem para o centro da discussão os excluídos sociais advindos da periferia de grandes centros urbanos, é o lócus (espaço mais do que geográfico, social e afetivo) de onde fala o autor (lugar de enunciação), bem como a sua intenção que, não raro, dedica-se à defesa das causas e das experiências dos oprimidos, criando, deste modo, uma escritura de testemunho. Importa, ainda, a esta produção literária criar um espaço de valorização da cultura da periferia. Considerando a importância da publicação das edições da Revista Caros Amigos, “Literatura Marginal – A Cultura da Periferia Ato I, Ato II e Ato III”, produzidos entre 2001 e 2004, para a promoção, união, bem como apropriação e legitimação desta expressão que denomina o movimento (NASCIMENTO, 2009; PATROCÍNIO, 2013; HOLLANDA, 2014), esta comunicação tem por objetivo analisar algumas vozes da crítica literária em torno da literatura promovida pelos autores ditos marginais. Para tanto, propõe-se a recuperar a memória do lançamento dos volumes organizados por Ferréz, a fim de discutir a recepção crítica do “calor da hora”, tendo em vista artigos publicados em periódicos, especialmente o jornal. Considerando que nas edições anteriores da ABRALIC a

tônica recaiu sobre a recepção crítica desses volumes no jornal O Estado de São Paulo, especialmente no suplemento “Cultura” – ABRALIC 2016, e na Folha de São Paulo – ABRALIC 2017, jornais, portanto, de grande circulação do estado de São Paulo, pretende-se, nesta edição do evento, apresentar a fortuna crítica das edições no Jornal do Brasil e O Globo. Importante destacar que o mapeamento da fortuna crítica dos volumes especiais da Caros Amigos é objeto de análise da pesquisa de Maria Luiza Navarro Martins, a quem oriento o âmbito da Iniciação Científica.

Palavras-chave: Literatura Brasileira Contemporânea

A PRESENÇA DO ROMANCE DE FORMAÇÃO NO DISCURSO DA CRÍTICA LITERÁRIA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA: O CASO DE MICHEL LAUB

Naiara Alberti Moreno (UNESP)

Resumo: A ideia de “romance de formação”, tradução do termo alemão Bildungsroman, tem-se mostrado bastante produtiva, mas também bastante problemática aos estudos literários. Há um impasse já no questionamento sobre a pertinência da tradução do termo, cunhado em 1810: os megaconceitos Bildung (formação) e Roman (romance) estão historicamente circunstanciados à autoafirmação de uma incipiente burguesia alemã, que buscava legitimar seu lugar diante de uma aristocracia decadente, produto do absolutismo tardio do final do século XVIII. As noções de formação e romance surgem, portanto, nesse contexto, articuladas ao universo cultural da Aufklärung (Iluminismo). Assim, a complexidade em relação a essa categoria literária decorre, entre outras razões, da ancoragem histórica e cultural de sua origem, em contraposição à expansão de seu uso ao longo do tempo, por meio de processos de apropriação e de ressignificação pela crítica. Outro ponto controverso está na possível discrepância entre as conceituações basilares do termo e o romance ao qual esteve comumente associado, Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister, de Goethe, obra consagrada pela crítica como paradigma do gênero. Apesar das numerosas controvérsias, poucas designações foram tão largamente difundidas, consolidando-se no léxico crítico dentro e fora do continente europeu. Assim, em mais de dois séculos de existência, o romance de formação ganhou diferentes acepções à medida que foi empregado para tratar de um programa narrativo cada vez mais heterogêneo. Na crítica literária brasileira, a trajetória do termo é recente: Massaud Moisés, na década de 1970, foi quem primeiro o empregou, relacionando-o a obras como O Ateneu e Amar, verbo intransitivo. Desde então, várias outras produções brasileiras já foram incluídas nessa tradição. Neste século, tal expediente continua em voga e não raras são as vezes em que romances contemporâneos brasileiros são associados a esse cânone. Reconhecendo a escassez de trabalhos que, considerando a complexa genealogia do termo, problematizem esse uso recente, propõe-se aqui uma contribuição para o rastreamento do estado da questão na crítica literária brasileira deste século. Para tanto, partindo do desenvolvimento histórico do conceito, confere-se enfoque à fortuna crítica do escritor gaúcho Michel Laub, terreno aparentemente fértil à discussão: o discurso em torno de suas obras refere-se a sua produção recorrendo frequentemente à ideia de “romance de formação”, ainda que de modo vago e impreciso. Essa associação costuma ser legitimada também pela divulgação dos romances, pelos paratextos dos livros e pelo próprio autor. Haveria pertinência na aproximação entre um conceito concebido para designar, a princípio, obras europeias produzidas sob a égide do Iluminismo do século XVIII e romances brasileiros do começo do século XXI? O ato de filiar romances contemporâneos a um modelo canônico serve, certamente, como estratégia de mercado, mas isso inviabilizaria, necessariamente, a legitimidade da aproximação? Por meio do levantamento da presença do termo nesse discurso crítico e da averiguação de seus usos, espera-se cooperar para a delimitação de seu status. Finalmente, em vista do deslocamento histórico, social e cultural em relação às acepções iniciais, espera-se reconhecer o que está sendo entendido como formação no universo da produção de Michel Laub.

Palavras-chave: Bildungsroman; Romance de formação; Crítica literária; Michel Laub.

4 - A EPISTEMOLOGIA DO ROMANCE E OS CONCEITOS ESTÉTICOS COMO POSSIBILIDADES DE CONHECIMENTOS DA EXISTÊNCIA

Coordenação: Ana Paula Aparecida Caixeta (UnB); Itamar Rodrigues Paulino (UFOPA); Maria Veralice Barroso (UnB/SEEDF)

Resumo: A proposta para este simpósio resulta das múltiplas reflexões teóricas e literárias assumidas pelo Grupo de Pesquisa Epistemologia do Romance cujas atividades estão vinculadas ao Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade de Brasília. Priorizando práticas interdisciplinares e reivindicando para suas análises um olhar metafísico que transita por pelo menos três ramos da filosofia – a epistemologia, a estética e a hermenêutica -, os estudos epistemológicos do romance querem ampliar e aprofundar as discussões entre arte e conhecimento e, ao fazer isso, ela traz para o âmbito das discussões autores que não pouparam esforços na construção de narrativas ficcionais amparadas por processos de criação guiadas pela reflexão. Não é por acaso então, que Hermann Broch se constituiu em importante referência nos círculos de debates da Epistemologia do Romance. Livre de subterfúgios e revelando ousadia incomparável, o escritor trouxe uma das maiores inovações para a estética do romance moderno quando, na trilogia “Os Sonâmbulos” inseriu o ensaio intitulado “A degradação dos valores”. Embora difícil de ser entendido como ficção, negar o ensaio filosófico como parcela importante dos três volumes da obra ficcional seria incorrer em outro problema, pois se não é ficção, de modo algum destoa do conjunto da obra, semanticamente ele a interliga e completa. A decisão arriscada para a época, traduzia o desejo que, por toda a trajetória literária, perseguiu Hermann Broch: fazer da Literatura um lugar de conhecimento; conforme Hannah Arendt(2008), desde seus primeiros escritos, Broch atribuiu um potencial de conhecimento à arte bem superior ao da filosofia; no entendimento do escritor, tal atributo era resultado tanto de um distanciamento dos valores teológicos que, na modernidade, fizera a filosofia perder o sentido da totalidade, quanto pelo fato de a literatura se antecipar às ciências, pois, no entendimento do romancista, existem assuntos que só podem circular, no tempo e espaço em que circulam, no interior das narrativas literárias, porque no solo literário estão (ou deveriam estar) isentos de julgamentos morais. As reflexões que perfazem o livro *Création Littéraire et connaissance*, são caras na medida em que indicam ser esta busca pelo conhecimento em Broch algo indissociável dos conceitos estéticos cujo valor fora resumido, pelo escritor Milan Kundera. Nos anos finais do século XX, Kundera se declarou simpatizante e seguidor confesso da literatura brochiana; em suas palavras, os conceitos estéticos se constituem importantes vias de acesso ao conhecimento do humano porque ao longo da vida as pessoas em geral “são constantemente confrontadas com o belo, o feio, o sublime, o cômico, o trágico, o lírico, o dramático, a ação, as peripécias, a catarse, ou, para falar de conceitos menos filosóficos, com a *ageslastia*, o *kitsch* ou o vulgar;” e para este romancista, “todos esses conceitos são pistas que conduzem a diversos aspectos da existência inacessíveis por qualquer outro meio”. (2006, p. 98). Compreendendo que a literatura é uma pátria “supranacional” na qual, as múltiplas linguagens podem marcar encontros, tal como afirmou Carlos Fuentes (2007, p. 28) e se aproximando das discussões de Broch e Kundera em relação arte e conhecimento, a Epistemologia do Romance trouxe para o âmbito de suas reflexões romancistas que fizeram da prática criadora um desafio no sentido de explorar a existência. Entre outros, além dos já mencionados, García Márquez, Varga Llosa, Machado de Assis, Glauco Mattoso, Eliane Brum, Luiz Vilela, são escritores nem sempre voltados tão somente à criação, mas também ao pensamento acerca do estético; seguindo as orientações de José Luís Jobim referentes aos críticos criadores, observamos que neles há frequentemente uma intersecção entre o que escrevem sobre literatura com aquilo que produzem como literatura (2012, p.54). Os estudos epistemológicos optam por escritores dessa natureza, porque em seu fazer, eles descortinam um desejo de “explorar a existência” o que, segundo Milan Kundera (1988), seria a única razão de ser do romance, arte que desde o despertar da Era Moderna, acompanha de perto as aventuras humanas. Sendo assim, o presente Simpósio, “A Epistemologia do Romance e os conceitos estéticos como possibilidades de conhecimentos da existência”, demonstra interesse por estudos que exploram o estético literário de modo a sondar aspectos existenciais, nesta configuração, pensa-se no papel

desempenhado por elementos estéticos inerentes à narrativa ficcional: narrador, tempo, espaço...Ademais, nosso interesse se volta para elementos tais como, o risível (ironia, deboche, comicidade, escárnio...), a sexualidade (erotismo, sedução...) e abjeções, os quais, muitas vezes, se presentificam nas narrativas enquanto escolhas estéticas como vias de possibilidades de conhecimento acerca existência humana. Do mesmo modo, análises que buscam refletir sobre o processo de criação, sobre a história do romance moderno, bem como sobre o papel do leitor pesquisador do literário serão bem-vindas nos espaços de nossas discussões.

REFERÊNCIAS

- ARENDT, Hannah. *Homens em tempos sombrios*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- BROCH, Hermann. *Os sonâmbulos*. Trad. Wilson H. Borges. S.P: Germinal, 2003.
- _____. *Espírito e espírito de época: ensaios sobre a cultura da modernidade*. Trad. Marcelo Backes. 1ª edição- São Paulo: Benvirá, 2014.
- _____. *Création Littéraire et connaissance*. Trad, do alemão. Albert Kohn. Paris: Gallimard, 1966.
- FUENTE, Carlos. *Geografia do romance*. Trad. Carlos Nougué. RJ.:Rocco, 2007.
- JOBIM, José Luís. *A Crítica Literária e os críticos Criadores no Brasil*. RJ.: Caetés : EDUERJ, 2012.
- KUNDERA, Milan, *A cortina*. Trad. Teresa Bulhões C. da Fonseca. São Paulo: Companhia Das letras, 2006.
- _____. *A arte do romance*. Trad. Teresa Bulhões C. da Fonseca e Vera Mourão. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1988

31 de julho

14h30

OS SONÂMBULOS: LIBERTAÇÃO DE TEMPOS PASSADOS, ESPERANÇA E CRENÇA EM TEMPOS NOVOS
Itamar Rodrigues Paulino (UFOPA)

Resumo: Embora os comentadores de Broch reconheçam que Os Sonâmbulos seja uma obra que apresenta sinais de esperança de uma vida sensata como forma de superação dos sistemas de valores humanos em dissolução, não há de maneira clara análises mais aprofundadas da trilogia de Broch como instrumento de esperança. Broch, em sua trilogia, faz severas críticas do período dos Reich alemães, considerando essa época como opressiva e injusta. Nos três episódios, Broch enfatiza as identidades perdidas de seus protagonistas no tempo e no espaço. A redenção tão esperada por Esch e Pasenow no terceiro episódio, com apelos à religião na crença da chegada do Dia do Julgamento, parece ser a única saída possível de uma época em dissolução de valores, embora esse tempo nunca tenha chegado de fato, pois Broch expõe no terceiro episódio o comportamento pragmático e realista de Huguenau. Sua narração apresenta o protagonista como referência de vida fundada na objetividade, no cinismo e oportunismo, na deserção, chantagem e assassinio, com vida final bem sucedida após sua saída de Eifel e chegada à Alsácia. A vitória do crápula é objeto de finalização da trilogia. Neste sentido, onde há esperança ou crença no texto brochiano? O presente trabalho objetiva discutir Os Sonâmbulos de Hermann Broch como texto literário que encaminha o drama da fragmentação da vida moderna resultante da degradação dos valores. Nossa pesquisa aponta a tese de que Broch insiste, na trilogia, em estabelecer unidade que dê significado a uma vida mais ética. No entremeio de um tempo que morre e outro que está por nascer, Broch dedica tempo a procurar na forma de romance, a verdade, e encontra no fim o drama da dissolução dos sistemas de valores na esperança de finalmente ocorrer novo porvir. Uma possibilidade emergencial é a superação da alergia que estruturas racionais modernas têm das coisas sensíveis pelo motivo de que não se pode reduzi-las à intelectualidade pura. Assim, nosso debate reconhece em Os Sonâmbulos o esforço autoral de pensar o mundo, sem abrir mão da sensibilidade. Parece-nos urgente dialogar

com diversas formas de conhecimento não necessariamente racionais, objetivos e absolutos; estabelecendo abertura, criando fendas no espaço de debate que permita uma penetração sensível e intelectual no mundo, para daí estabelecer conhecimento sensato de valores e, poder propor saídas ao paradoxo de viver numa época que já se apresenta morta sem que outra tenha nascido, ainda que se acredite e se espere está por vir. A trilogia de Broch contém visão de esperança e utopia que, contextualmente, parece impossível de ocorrer e ainda assim é perfeitamente realizável: no espaço das artes, no universo da literatura, no mundo da imaginação criativa. Embora seja inquietante a proposta de *Os Sonâmbulos*, é válido pensar assim, pois se pode ensinar acordar do sonambulismo e contribuir para o nascimento de uma nova época, isso porque, ainda recordando Hermann Broch, na finalização de sua obra, *Tu dir kein Leid! denn wir sind alle noch hier*, ou seja, ainda estamos aqui, não façam o mal.

Palavras-chave: Sonambulismo; Epistemologia; Literatura. Valores.

O PROBLEMA DA OBJETIVIDADE EM "OS SONÂMBULOS"

Emanuelle Souza Alves da Silva (UnB)

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar o problema da objetividade proposto por Hermann Broch no terceiro volume de sua trilogia *"Os Sonâmbulos"*, intitulado *"Huguenau ou a objetividade"*. A obra se passa Alemanha, no início do século XX e narra sujeitos imersos em vários problemas existenciais, sendo que no terceiro volume Broch mergulha no período da Primeira Guerra e é proposto que os valores cristãos estão se degradando em vista do avanço científico trazendo consigo uma maneira mais objetiva de lidar com os problemas da época. A partir disso, faremos nossa reflexão e análise atrelada ao norteamento da Epistemologia do Romance, que analisa a obra literária a partir da estética, hermenêutica e epistemologia. Propomos abordar esses assuntos levando em conta de que se tratam de questões pertinentes à condição humana.

Palavras-chave: Literatura; Filosofia; Epistemologia do Romance.

O LUGAR DO ROMANCE MEDITATIVO NO CONTEXTO DAS METAMORFOSES DA INTRIGA

Vítor Hugo dos Reis Costa (UFSM)

Resumo: Trata-se de refletir no horizonte do rastreio do lugar ocupado pelo romance meditativo no contexto do que Paul Ricoeur chama, em *Tempo e Narrativa*, de metamorfoses da intriga. Através da análise dos romances e das ideias sobre a arte do romance do escritor tcheco Milan Kundera, se pretende averiguar como pode ser compreendido o papel do auxílio prestado pela digressão ensaística, típica dos romances meditativos, na composição do espaço romanesco compreendido como exploração estética das estruturas da existência. A hipótese é de que o romance meditativo, que reflete sobre sua própria vocação no espaço diegético da ficção, se constitui como uma reserva de entendimento e imaginação capaz de arrostar os discursos acerca da morte do romance e da arte de narrar em geral. Outrossim, se entende que o romance meditativo explora de maneira explícita uma das prerrogativas da arte do romance segundo Ricoeur, a saber, a de que o romance presta serviço ao pensamento moral enquanto laboratório de possibilidades humanas.

Palavras-chave: Hermenêutica, Kundera, Ricoeur, Romance

O NARRADOR FILOSÓFICO COMO ELEMENTO ESTÉTICO DO "ROMANCE QUE PENSA"

Maria Veralice Barroso (UnB)

Resumo: A presente proposta de comunicação está interligada às reflexões do campo teórico Epistemologia do Romance-(ER) e resulta, portanto, das reflexões empreendidas enquanto Pesquisadora Associada do grupo de pesquisa homônimo à teoria mencionada. Em razão das abordagens que apresenta no espaço de interpretação do estético romanesco, um dos desafios da ER tem sido no sentido de encontrar expressões conceituais capazes de atender e sustentar satisfatoriamente as demandas que encerram os debates propostos em seus círculos de atuação. Um bom exemplo do problema suscitado diz respeito às noções de leitor. Cedo, deu-se conta da insuficiência das definições conceituais que envolvem o leitor para dar conta do arcabouço

meditativo da ER, desse modo, visando atender a tais exigências, no artigo “Epistemologia do Romance: uma proposta metodológica possível para análise do romance literário”, desenvolveu-se um estudo, a partir do qual foi apresentada a noção conceitual de ‘leitor pesquisador’, a qual continua em processo de construção, mas que tem se mostrado de grande importância para lidar com as questões interpretativas nos círculos teóricos da ER. Quando alinhados aos discursos hermenêuticos, especialmente aqueles voltados à relação do sujeito com o objeto estético desenvolvidos por Hans – Georg Gadamer (2004), os estudos acerca do leitor têm se mostrado eficazes no trato com o objeto estético romanesco também fora dos círculos da ER. Dentro da problemática apresentada acerca do leitor, as reflexões em torno da concepção de narrador, demonstram merecer de nossa parte igual atenção. Pois como acertadamente salienta Ronaldo Costa Fernandes (1996), leitor e narrador são duas instâncias que se encontram interligadas e são inerentes ao romance (1996). Em “A invenção do romance”, conforme Jacynto Lins Brandão (2005), esta última é uma categoria já presente nas narrativas gregas, recebendo, por parte de Aristóteles, tratamento especial. Na contemporaneidade, leitor e narrador, normalmente se constituem em problemas recorrentes da crítica literária, sendo assim, uma teoria que tem como ponto de referência a prosa ficcional, não poderia negligenciar as discussões em torno de uma ou de outra categoria estética, especialmente quando se dá conta de que as reflexões empreendidas pela teoria e crítica nem sempre contemplam as análises pretendidas pelos estudos epistemológicos. Desse modo, visando compreender e atuar nesta lacuna que se apresenta nos círculos da Epistemologia do Romance, a presente proposta de comunicação pretende pensar a figura de um possível ‘narrador filosófico’ enquanto criação estética resultante de um processo munido por intenções de romancistas que enxergam o espaço da prosa ficcional como um lugar da prática filosófica, escritores partícipes de um projeto literário por Milan Kundera (2006), denominado de ‘Romance que Pensa’.

Palavras-chave: Palavras-chave: Romance; epistemologia; narrador

01 de agosto

14h30

A HERANÇA DE CERVANTES NA ARTE DO ROMANCE, UMA QUESTÃO EPISTEMOLÓGICA

Wilton Barroso Filho (UnB)

Resumo: É quase um senso comum afirmar que Don Quichotte de Miguel de Cervantes é uma obra fundadora do romance moderno. Também é notório que Milan Kundera faz essa mesma afirmação em seu livro a Arte do Romance. No entanto em ambos os casos são esquecidos as avaliações dos efeitos de Cervantes na História da Literatura. De um ponto de vista mais epistemológico falta explicar como a Arte do Jogo, que pode ser entendida aqui como sinônimo da Arte do Romance, produz conhecimento, o que a torna um elemento interessante para a Epistemologia do Romance. Para que a afirmação que dá título a presente proposta de comunicação se faça analisar trar-se-á três passagens da História da Literatura. O enterro de Crisóstomo em Don Quichote, principalmente o discurso de Marcella, que pode revelar como o jogo fora do tempo revela o conhecimento antigo da condição da mulher na sociedade ocidental. A questão em análise, é a de saber se esta passagem, trás em si as dificuldades de transformação social no transcurso do tempo. A escolha do nome de Tristan e a possibilidade de batismo de um feto, a invenção de uma teologia apropriada ao discurso. É uma passagem do romance igualmente clássico de Laurence Strene. Questão em análise é saber se esta trás em si e ao seu modo uma certa Arte do Jogo que poderia revelar uma outra percepção do tempo, uma certa mutação do cronos ao longo da História da Civilização Ocidental. Por fim, em Memórias Póstumas de Brás Cubas narra deliberadamente uma mentirinha, mas cuja Arte do Jogo seja talvez a única possibilidade de crítica a hipocrisia reinante em uma sociedade conservadora. Mas a proposta aqui é apenas de passagens, então a questão em análise é como e sobretudo qual o significado da crítica a perfeição divina: como alguém pode ser bela e coxa? Portanto, a presente

proposta trás três casos, todos clássicos, com o objetivo claro de tentar mostrar a herança irônica de Cervantes e algumas das suas possibilidades comparatistas de grande significado epistemológico.

Palavras-chave: Epistemologia do Romance, Cervantes, Sterne

A COERÊNCIA DO TOSCO E A PROVOCAÇÃO PELO DESAJEITADO: VISCONDE DE TAUNAY, AO ENTARDECER (1901), MILAN KUNDERA, A IGNORÂNCIA (2000) E M.COLETTA E ASSIS BENEVENUTO-TEATRO DO COMUM, IGNORÂNCIA

Rosana Campos Leite Mendes (UnB)

Resumo: A presente comunicação abordará recorrências do que se contrapõe aos sinônimos do tido como agradável, leve, delicado e harmônico presente nas obras A ignorância (2000), de Milan Kundera, Ao Entardecer (1901), do Visconde de Taunay, e Ignorância, Teatro do Comum (2015), de M.Coletta e Assis Benevenuto, do Grupo Quatroloscinco de Minas Gerais. O trabalho em questão busca falar dos desajustamentos tidos como desprezível, repulsivo e apavorante na montagem de ‘retratos’ sociais estabelecidos como feios e presentes nas escritas literária e dramática. E, como referência à ideia que um “mundo totalmente coerente não existe”, percebemos, portanto, traços dessa dimensão alojada nos textos de ficção quando estes vinculam as fronteiras entre o visto como harmônico e o tido como disforme. Especificamente, o presente trabalho, cujos preceitos teóricos centrais são os estudos interartes e o da Epistemologia do Romance tem por objetivo refletir acerca do que se compõe como uma “simetria do toско”, do ponto de vista temático, em obras que revelam autores cuja natureza interartística vinculam a ficção literária e as artes de uma forma geral.

Palavras-chave: simetria do toско; ignorância; Taunay; Kundera.

O PERSONAGEM MELQUIÁDES E A GENIALIDADE OPERADA POR GARCÍA MÁRQUEZ NA OBRA CEM ANOS DE SOLIDÃO

Priscila Cristina Cavalcante Oliveira (UnB)

Resumo: O presente trabalho visa apresentar um estudo do romance “Cem anos de Solidão” do autor Gabriel García Márquez a partir do exercício estético-filosófico observado nas ações e comportamentos do personagem Melquíades na primeira parte da obra e na revelação de seus pergaminhos. A pesquisa aqui proposta buscará nos estudos sobre a Epistemologia do romance aporte teórico para revelar o que o objeto possui a partir da concepção epistemológica que considera a influência da filosofia, da história, da estética e da hermenêutica para a análise do personagem na obra. O que nos propomos é estudar como o efeito estético desta primeira parte do livro provoca ruminações no campo da magia e do diálogo mítico ontológico no conflito provocado pelo tempo e isso causa sensações e questionamentos com a racionalidade. Tentar-se-á neste trabalho vislumbrar ajustes realista de lucidez do narrador onde a compreensão metafísica de Schopenhauer em A metafísica do belo, ao falar do gênio nos auxiliará a buscar sentidos literários que não se pautam apenas no efeito estético, mas se entranham na pergunta kantiana sobre o que se pode saber através da construção deste personagem. A teoria narrativa de Walter Benjamin nos vai auxiliar a vislumbrar o narrador que revela este personagem e suas marcas discursivas estéticas, filosóficas, bem como a situação histórica que propõe o personagem construtor deste enredo, essas características nos revelam ainda a necessidade de se buscar em Baumgarten os pontos estéticos relacionados à genialidade e racionalidade desta construção literária. Por fim, pretende-se com este estudo analisar os dilemas da escrita de García Marquez que inicia o verdadeiro “Boom hispanoamericano” diante de um cenário de conflito e reações opositivas peculiares ao que se esperaria de ‘povos colonizados’. As possibilidades de leitura encontradas nesta obra faz-nos pensar em uma estética da genialidade em que a ficção é mais forte que a própria ficção proposta pela literatura. A nossa proposta é repensar hermeneuticamente o processo de representação que a figura de Melquíades possui na obra.

Palavras-chave: Cem anos de solidão; Realismo; Gênio.

TRADUTOR: UM LEITOR-PESQUISADOR

Sara Lelis de Oliveira (UnB)

Resumo: “Traduzir é a maneira mais atenta de ler”, reitera o tradutor e crítico literário Paulo Rónai em referência ao escritor argentino e também tradutor José Salas Subirat (RÓNAI, 1987). A definição justifica-se pelo desejo do tradutor, em sua leitura, de penetrar as obras – sejam elas literárias ou não – em camadas que ultrapassam suas superfícies linguísticas. A missão de dar à luz à obra original em uma língua distinta da qual o texto foi concebido converte o tradutor em um leitor obstinado. Seu ofício caracteriza-se, segundo a concepção do filósofo alemão Walter Benjamin sobre a tradução, por “ter uma consciência da vida das obras” (BENJAMIN, 2011), preceito esse que conduz esse sujeito a buscar pelo essencial de uma obra literária. O essencial é aquilo que transcende o que se comunica na superfície da língua do original, “aquilo que se reconhece em geral como o inapreensível, o misterioso, o “poético”, aquilo que o tradutor só pode restituir ao tornar-se, ele mesmo, um poeta” (ibidem). Para tanto, o tradutor deve percorrer uma série de contínuas metamorfoses, movimento no qual se transita entre as línguas do original e da tradução, e através do qual o tradutor coleta elementos fundamentais de composição da obra literária no intuito de plasmá-los na obra traduzida. Esse movimento é caracterizado por um posicionamento diferenciado do tradutor perante o texto literário. Trata-se de uma leitura-tradutória que não é irrefletida, pois traduzir exige “encontrar na língua para qual se traduz a intenção a partir da qual o eco do original é nela despertado” (BENJAMIN, 2011). Nesse ínterim, este trabalho pretende apresentar a figura do tradutor como um leitor pesquisador haja vista que sua tarefa na leitura-tradução do original é conhecer profundamente o texto que será traduzido: um processo sistemático. E sistema não é método, conforme o filósofo francês Antoine Berman (2012). Nossa proposta de tradutor como um leitor pesquisador será apresentada com base na experiência tradutória da obra literária em língua mexicana intitulada MALINCHE (2006), da escritora Laura Esquivel. Essa experiência consistiu, por intermédio da leitura-tradução, na compilação de dados da referida obra literária que proporcionou um profundo conhecimento sobre a obra, qualificando o tradutor como um leitor pesquisador.

Palavras-chave: Leitor pesquisador, tradutor, leitura-tradutória.

02 de agosto

14h30

DESTINATÁRIOS DO JORNAL DOBRABIL, DE GLAUCO MATTOSO: UMA QUESTÃO DE EFEITO ESTÉTICO

Ana Paula Aparecida Caixeta (UnB)

Resumo: No campo literário, discussões acerca do efeito estético são fortalecidas por Wolfgang Iser (1996), em que a estética da recepção, enquanto assimilação e apreensão de textos, lida com diferentes interesses que circundam o objeto artístico. Seu trabalho ocupou-se de tratar do texto literário, no espaço da crítica, como oriundo da relação autor e mundo, bem como leitor e obra. Entende-se que ambos os movimentos dialéticos retornam aos aspectos kantianos de sujeito e objeto, cuja dimensão relacional aponta para possibilidades interpretativas e de conhecimento que ultrapassam uma “aparência estética”. Diante de um autor que tem sua identidade literária construída esteticamente e que pode ser considerada ficcional – haja vista a ideia fixa do nome proveniente da doença que lhe acometeu e a figura pública autoadjetivada de poeta maldito, fetichista e podólotra – incorre-se que, desde o Jornal Dobrabil (2001), Glauco Mattoso tem uma preocupação com o efeito estético proveniente da leitura de seus textos, em especial, uma preocupação com a desestabilização originária de sua escrita transgressora. Deste modo, é possível observar que questões autoficcionais e heteronímicas são fortes ferramentas no processo intencional do artista quanto àquilo que é puro do efeito. A intencionalidade não alcança claramente o espaço do leitor, exceto quando este leitor é também uma construção literária, como é o caso de muitos leitores do Jornal Dobrabil que tiveram suas “cartas” publicadas em alguns dos folhetins avulsos; não obstante, nitidamente são parte do processo poético que contribui com a forma e o conteúdo do periódico satírico. Por esta razão, fizeram-se gatilho para a comunicação aqui proposta, reflexões que nascem do literário glaucomattosiano e que, pensadas pelo viés da Epistemologia do

Romance, levam às discussões do efeito estético e do processo de criação em consonância com a figura do autor e do leitor.

Palavras-chave: Mattoso; Efeito estético; Epistemologia do Romance

ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA: UMA ESTÉTICA DO APRENDIZADO

Claudia Carla Martins (UNEMAT)

Resumo: O desejo gnosiológico é uma das diretrizes do gênero romanesco, narra-se para conhecer, para entender, para significar o mundo e a si mesmo. Apesar de nem todos romances trazerem expressamente este anseio, há alguns que, dada a sua construção, convertem-se em uma estética do aprendizado. Contar o humano e evidenciar a urgência do aprendizado parece ser o propósito do romance *Ensaio sobre a cegueira* (1995), do escritor português José Saramago. A busca pelo entendimento já é exposta antecipadamente na epígrafe do livro como uma convocação, um chamado: “Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara.” A obra efetua uma reconfiguração e atualização da alegoria da caverna, de Platão, na estética romanesca, o faz por meio da apresentação da cegueira branca coletiva que leva à queda de uma forma de vida: a civilização e a instauração de um estado de barbárie. É sabido que diante do caos, da experiência-limite, o ser revela-se mais plenamente, “Provavelmente, só num mundo de cegos as coisas serão o que verdadeiramente são” (SARAMAGO, 1995, p. 128), afirma uma das personagens fundamentais, o médico. Portanto, nesta nova alegoria, teremos o ser em sua mais profunda e absurda verdade. Uma nova caverna, temporalidade e cegueira compõem a diegese; no centro: a figura humana a debater-se consigo e com o outro, a ser desnudada gradualmente, a ter suas múltiplas facetas e complexidades expressas passo a passo. Considerando tais aspectos, pretende-se, neste artigo, levantar elementos narrativos que comprovem constituir-se o romance em foco uma estética do aprendizado. Para tal estudo, nos atentaremos à construção do narrador e à escolha de uma perspectiva para narrar: a da mulher do médico, aquela que se transforma na testemunha do horror. Também observaremos a composição de uma personagem de suma importância para a discussão posta, o velho da venda, figura que sintetiza a voz daquele que aprendeu pela experiência e que tem o que transmitir. Ainda, é relevante examinar a forte e insistente presença de ditados populares, já que estes condensam o aprendizado em uma máxima. Reiteramos que investigaremos, além destes, outros aspectos da narrativa que reforçam a defesa de nosso argumento.

Palavras-chave: Narrador; personagem; Estética do aprendizado.

DO CORPO À DESCOBERTA DO NÃO-DITO: APONTAMENTOS SOBRE METAFICÇÃO EM UMA/DUAS, DE ELIANE BRUM

Nathália Coelho da Silva (UnB)

Resumo: Este trabalho tem como objetivo a reflexão sobre a ideia de metaficção – baseado nos conceitos de Linda Hutcheon – aplicada ao romance *Uma/Duas*, da jornalista e escritora Eliane Brum. A partir de um olhar filosófico sobre a narrativa, pensa-se tal espaço como um possibilitador de conhecimento sobre a condição humana. Neste sentido, enquanto o corpo físico aparece como repositório de não ditos, o impulso de ficcionalizar – sair da realidade e enveredar-se para o processo de escrita literária – abre a porta para a vazão destas palavras reprimidas, numa busca fragmentada e ao mesmo tempo transcendente de descoberta de si. Este entendimento é possível na observação do movimento da personagem e uma das narradoras da história: Laura. Com o intuito de se livrar do peso de sentir-se extensão do corpo da mãe, a filha começa a escrever uma ficção dentro da ficção, criando para si um lugar possível para o homicídio da matriarca; afinal, já não é suficiente os cortes (as bocas de sangue) que promove em seu próprio corpo nessa busca do seu eu, um eu imbricado no eu da mãe desesperado para se encontrar liberto. É aqui o começo da jornada da metaficção em *Uma/Duas*: no narrar da história oscilando entre a “realidade” da ficção e a “ficção” da ficção, num processo de metalinguagem. O entre-lugar torna-se palco para a problematização tanto da arte quanto do sujeito, levando em consideração a variável da contradição. É pelo ato de escrever que Laura inicia uma jornada subversiva aos padrões sociais, de

pensamento e uma resignificação de suas relações, guiadas sobretudo pela experiência de lidar com os corpos que lhe são de responsabilidade: o seu, primeiro, e o da mãe (já debilitado pelo avanço de um câncer). O ponto forte desta viagem entre palavras e corpos culmina na reivindicação do direito de morrer da mãe, no impedimento de posse de um terceiro no tratamento de “saúde” e a possibilidade de matar da filha, se assim for a vontade da proprietária deste corpo em jogo. A investigação literária ocorrerá por meio da Epistemologia do Romance, teoria complexa em desenvolvimento que prioriza a Epistemologia, a Estética e a Hermenêutica no estudo romanesco.

Palavras-chave: metaficção; corpo; não-dito; filosofia; romance

"ESTÁ DORMINDO, SENHOR MEIS?": O HUMORISMO PIRANDELLIANO COMO ESTÉTICA DE QUESTIONAMENTO EXISTENCIAL

Leonardo Vianna da Silva (UFRJ)

Resumo: Apesar da literatura produzida por Luigi Pirandello (1867 – 1936) ter sido muito mais profícua nas suas novelle – afinal, seu projeto era o de escrever 365, uma para cada dia do ano – e no teatro – foram suas peças que o tornaram um dramaturgo de fama internacional –, os seus romances constituem a base da estética pirandelliana. O objetivo desta comunicação não é esboçar uma espécie de “filosofia pirandelliana” em seus romances ou analisar o “pirandellismo”, conceito cunhado pelo crítico teatral Adriano Tilgher. Pirandello era totalmente contrário a essas conceituações; sua obra busca romper justamente com as chamadas “forme fissate” (PIRANDELLO, 1993, p. 93), as formas fixadas: os conceitos, os nomes, as máscaras. O que se propõe nesta comunicação é a análise dos discursos do senhor Paleari e de Mattia Pascal/Adriano Meis, de O falecido Mattia Pascal (1904). A análise se debruçará sobre os textos em língua original; os resultados obtidos até então deixam claro que lidamos com típicos representantes da estética do humorismo, descrita e analisada mais longamente por Pirandello, em seu ensaio *L'umorismo* [O humorismo], publicado em 1908. Ambos personagens operam como interlocutores do pensamento de Luigi Pirandello na narrativa: é através do senhor Paleari, dono da pensão romana onde se hospeda Mattia Pascal/Adriano Meis e aficionado em sessões de espiritismo, que conhecemos a lanterninosofia, ou filosofia da lanterna – uma metáfora filosófica sobre a modernidade europeia às escuras, sem mais seus conceitos norteadores – além do relativismo pirandelliano – contado brevemente através do convite que faz a Adriano para assistirem um teatrinho de fantoches encenarem o mito de Orestes. Paleari e Pascal não só têm importância fundamental para a narrativa da qual fazem parte, como para o esboço do que seria uma estética do humorismo pirandelliano, um fio que perpassa, de modo mais ou menos sutil, toda sua obra. Tal estética, presente em maior ou menor grau nos seus romances e peças de teatro, discute a modernidade como sendo ausente de conceitos referenciais para o homem, a tensa relação entre vida e forma e essência e aparência, além do relativismo como fator de importância fundamental para a concepção de várias verdades e a desconstrução da noção positivista de uma Verdade.

Palavras-chave: Pirandello; Humorismo; Lanterninosofia; Relativismo

A IRONIA ROMÂNTICA EM VÍCIOS E VIRTUDES, DE HÉLDER MACEDO: A POSSIBILIDADE DE REPRESENTAÇÃO DE UMA ESTÉTICA DA DÚVIDA

Renata Alexsandra Albino Miguel Oliveira (UFU)

Resumo: O Presente trabalho é fruto de uma pesquisa inicial do curso de Mestrado em Estudos Literários e propõe apresentar como a ironia romântica viabiliza a representação da dúvida no romance *Vícios e Virtudes* (2002), do escritor Helder Macedo. A pesquisadora Maria Ferraz afirma que a ironia, de modo geral, revela “a história do modo como o homem tem experimentado a realidade que o circunda” (FERRAZ, 1987, p.17). Em nosso trabalho será explorada especificamente a ironia romântica que expressa “impossibilidade do certo, do verdadeiro, do absoluto como dados únicos da realidade (...) expressa sobretudo o conflito, a crise. Recusando a certeza, o acabado das verdades feitas (...)” (idibem, p.20). Lélia Duarte vai na mesma direção de Ferraz ao afirmar que a ironia “brinca geralmente com valores ou ‘verdade’ estabelecidos, denunciando seu uso como

recurso de dominação do homem pelo homem.” (DUARTE, 2006, p.154). Logo, a ironia – e, sobretudo, a ironia romântica – relativiza e questiona os padrões impostos, funcionando, na literatura, como um meio de revisão dos discursos prontos e enrijecidos, propondo novos olhares para a existência. A presente proposta pretende estudar como a ironia romântica, na referida narrativa de Macedo, viabiliza uma Literatura que opera no vazio, rasurando verdades pré-estabelecidas e rompendo, através de jogos e encenações, com o lugar-comum do texto literário como imitação do real, possibilitando uma experiência literária que ocorre em um espaço de ambiguidades e incertezas. Duarte afirma que a ironia romântica é um fenômeno que “diz sem dizer ou que simultaneamente afirma e nega, numa oscilação constante (...)” (DUARTE, 2006, p. 156). É exatamente esse “dizer sem dizer” que caracteriza a construção da personagem Joana no romance. Para entender os efeitos de sentido criados a partir da presença da ironia romântica na obra é importante voltar-se ao enredo. A narrativa centra-se em dois núcleos. O primeiro deles remete-se a Joana de Áustria. O narrador dedica-se à investigação dessa figura para escrever um romance. Já o segundo ocorre às voltas de outra Joana, uma mulher misteriosa, amante de Francisco de Sá – amigo do narrador. Joana inicia um jogo de encenação, ora se assume como Joana de Áustria, ora como a personagem do romance de Francisco de Sá. Ao descrever-se, oculta-se, finge ser aquilo que os homens desejam que seja e, no mesmo instante, descaracteriza-se. Ambos os núcleos mesclam-se em um jogo de ironia, onde a maior certeza é a da dissimulação – o que evidencia um projeto literário que, pelas vias da ironia romântica, pretende desestabilizar verdades de toda ordem, propondo novas formas de se pensar o real e, ainda, a própria arte literária. Queremos estudar como ocorre a construção estética da ironia romântica no romance, possibilitando uma melhor compreensão desse fenômeno em sua natureza comunicativa específica – relacionada aos entendimentos de mimeses, encenação, ambiguidade, jogo, equívoco e, inclusive, ao entendimento da contemporaneidade. Passaremos pelas teorias de Richard Rorty com sua obra “Contingência, ironia e solidariedade” além de Leila Duarte e Maria Ferraz no que se refere à ironia romântica.

Palavras-chave: Ironia Romântica; Representação; Literatura Portuguesa

5 - A LITERATURA AMAZÔNIDA BRASILEIRA ENTRE A LINGUAGEM, O VIVIDO E O DEVANEIO

Coordenação: Itamar Rodrigues Paulino (UFOPA)

Resumo: Apresentada ao mundo de forma insipiente e insuficiente pela História Literária Brasileira, o tema *Amazônia* sempre esteve atrelado à biodiversidade. Atualmente, porém, já despontam no horizonte literário estudos com visão mais aprofundada sobre o ser humano amazônida. Essas questões não são novas, os escritores Inglês de Sousa e José Veríssimo, nascidos em Óbidos, representam expressões literárias com força regional ímpar no cenário moderno brasileiro. A literatura na Amazônia moderna e contemporânea expressa um complexo conflito entre a valorização das diversas expressões culturais regionais e a busca de universalização do pensamento amazônida. Em outros termos, o conflito está em como apresentar ao mundo uma forma singular local de aproximação da realidade que sirva de representação universal, contemplando variados modos linguísticos e expressões das vivências coletivas e individuais, e que ajude o leitor amazônida, ou não, a constituir suas próprias percepções de verdade, a organizar suas memórias e a conhecer-se e reconhecer-se na sua condição humana. Se essa representação universal é possível, é difícil afirmar. O que nos interessa, porém, não é nos fechar em um conceito universal; pois o próprio termo *Amazônia* já desempenha essa função universalizadora. Importa-nos discutir de maneira ampla essas formas de representação, considerando que desde o século XVI a literatura amazônida tem apresentado enredos que descrevem o ambiente natural, realidade social e diversidade sociocultural local, utilizando linguagens próprias da região, experimentando formatos estéticos que articulam texto e contexto, para demonstrar um pensamento possível sobre a existência humana, a partir da *Floresta Tropical* e provocar reflexões sensíveis na humanidade. Ousamos, sem a pretensão de universalismo literário, apresentar o desafio de pensar uma possível *condição amazônida de uma época*, aproveitando que o mundo nas últimas décadas tem passado por novas configurações em seus modelos sociais, redefinindo a si a partir de conceitos do tipo sustentabilidade, ecologismo,

ambientalismo, preservação, conservação, devastação, exploração, resistência, entre outros. Pensar a condição amazônica de uma época é uma proposta provocativa porque nela há o encontro severamente conflituoso entre o debate efervescente do jeito colonizador de pensar o meio ambiente, com o jeito nativo de perceber a fragilidade da floresta e a necessidade de sua preservação. Entre as diversas áreas de conhecimento que tecem *tramas e sentidos* na e sobre a Amazônia encontra-se a literatura, lugar de criação e recriação da maneira de se observar, apreender e apresentar a realidade. Na literatura há um universo de falas e narrações que compõem o enredo provocativo e *fascina* o leitor, pois mistura imaginário e real e possibilita percepções e conhecimentos de si e o mundo. Nesse caso, é importante haver circulação de propostas ficcionistas como as de Inglez de Souza, José Veríssimo, Saladino de Brito, Milton Hatoum, Benedito Nunes, Dalcídio Jurandir, entre outros, que procuram apresentar ao mundo uma Amazônia a ser universalizada e concepções de mundo a partir e pelos habitantes da floresta e cidades nela encravadas, com identidades culturais singulares e deslocadas do tecido nacional. Assim, trejeitos indígenas, caboclos, ribeirinhos, quilombolas, extrativistas e migrantes são exaltados e transparecem nas obras de autores amazônicos, que reivindicam para si a condição de agentes, com o legítimo direito de apresentar ao mundo as culturas das comunidades locais, outrora esquecidas e excluídas, por meio de produtos literários, servindo de voz das minorias e impondo crise no pensamento burguês local de cultura europeia, o qual teima em desconsiderar as vozes na apresentação ao mundo dessa região. As obras que resultam dessa dinâmica causam fascínio por conta da forma desprendida como esses escritores se embrenham na feitura de um texto, revelando um universo no qual não há fronteiras entre o real e a representação imaginária, e cujos sonhos e devaneios têm consequências reais que trespassam a redoma da vida rígida e angustiante na Floresta. A efervescência literária vinda da floresta amazônica é um começo de conversa que toma forma de análise que pavimenta a via para se penetrar no território do imaginário e do mistério no coração da floresta, torrão que em pleno século XXI ainda não foi totalmente desencantado, para dali produzir jogos despretensiosos entre *linguagem, vivido e devaneio*.

31 de julho

14h30

O MASCARADO FOBÓ NA LITERATURA DA AMAZÔNIA: ENTRE LETRAS E FESTEJOS

Elian Karine Serrão da Silva (UFOPA)

Resumo: Este trabalho tem por objetivo apresentar a figura do Mascarado Fobó, figura fundamental do carnaval de Óbidos-Pará e sua importância para a atividade poética e literária na região do Baixo Amazonas. A partir de estudos bibliográficos sobre a cultura de Óbidos e em loco por meio de entrevistas com pessoas moradoras da cidade, que são participantes ativas das manifestações artístico-culturais identificou-se que o personagem símbolo do carnaval amazônico é um elemento que se destaca nos escritos poéticos da literatura obidense, sendo caracterizado por seu aspecto secular, moderno e ao mesmo tempo tradicional, e por ser elemento representativo da identidade Amazônica. A literatura obidense exalta o personagem em seus textos, principalmente os textos que são objetos musicais dos blocos carnavalescos, pois sua figura marca vidas, épocas, memórias, e, sobretudo, a história e o caminho percorrido pelo carnaval em toda a região do Baixo Amazonas, que datam do início do século XX até os dias atuais. O Mascarado fobó é elemento essencial à literatura obidense, pois é um personagem que representa a cultura popular de Óbidos e a cada novo carnaval revive com seu trejeito cultural assumido por crianças, jovens, adultos e idosos um momento de ruptura à normalidade da vida na região do Baixo Amazonas, promovendo uma simples brincadeira envolvida em seriedade, com reconhecimento literário por meio das poesias musicalizadas que contam sua história, suas manifestações e suas críticas sociais. O mascarado também dá vida a inúmeras personalidades que por motivos diversos não desejam revelar sua identidade, e nesta representação em anonimato manifesta-se a euforia mesclada com a seriedade, que é típico de mascarados que participam de festejos carnavalescos. Por isso, o presente trabalho

visa discutir a literatura que apresenta o Mascarado fobó não como um personagem da criação carnavalesca obidense, que ganhou status de patrimônio cultural do Pará, mas como elemento simbólico que inspira escritores a discorrerem sobre tudo o que envolve a presença de um ser que se traveste de uma máscara, de uma chita e outros acessórios e sai pelas ruas do município a debochar das pessoas, cumprindo sua função de ser provocador de riso, mas sério crítico da realidade. O Mascarado fobó, elemento fundamental da cultura carnavalesca de Óbidos, personagem secular e de tradição confere identidade singular no contexto cultural da Amazônia. E essa identidade pode ser literariamente vista pelo reconhecimento nos poemas musicados dos blocos carnavalescos. Tais poesias servem também de literatura obidense com vistas à proteção, conservação e valorização de seu principal personagem cultural.

Palavras-chave: Mascarado; Carnaval; Cultura; Literatura; Amazônia

NOS RASTROS DE LUCIANA: A CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM EM ROMANCES DE DALCÍDIO JURANDIR

Erika Guiomar Martins de Aquino (UFF)

Resumo: A pesquisa que será apresentada é um estudo de personagem na obra de Dalcídio Jurandir. Assim, trataremos para discussão a personagem Luciana Boaventura na trajetória de Alfredo, as suas particularidades, as analogias, as relações que Alfredo estabelece ao procurar presentificá-la. Desse modo, será discutida a interdição ao conhecimento, ao amor; a relação mística dessa personagem com elementos da natureza e elementos cristãos. Luciana aparece nestas três obras: Primeira Manhã (1968), Ponte do Galo (1971), Os Habitantes (1976). A trilogia ilustra a distinção no tratamento da personagem que surge no primeiro livro como uma personagem sem rosto (citada somente por outras pessoas) até se configurar como uma personagem de presença física no terceiro livro (mesmo fazendo parte das analepses). O jogo entre tempo, espaço e narrativa também é importante para melhor compreender uma personagem como Luciana – uma composição complexa, fruto do que é apreendido por Alfredo – e sua relação na construção dos enredos, já que muito do que se revela dela está nas anacronias, conforme formulações teóricas que poderemos encontrar em Paul Ricoeur e Gérard Genette. Luciana não aparece no presente da narração, ela é um sujeito do passado que é trazida para a história por meio das lembranças que outros têm dela. Portanto, também se articulará a rememoração e o esquecimento (Walter Benjamin) como elementos que tecem a memória para acompanhar a trajetória da Luciana por meio dos fragmentos, acréscimos e apagamentos que fazem da vida dela. Partindo dessa concepção inicial de uma personagem construída na memória que aparece na narrativa como um rastro do passado, o trabalho tem por objetivo apresentar a construção da personagem feminina no mundo ficcional romanesco de Dalcídio Jurandir. O movimento da narrativa do romancista, com paisagens, personagens e situações comuns, que se desdobram em vários romances, assemelham-se a *La Recherche Du Temp Perdu* de Marcel Proust, como afirmou Benedito Nunes no livro *Dalcídio Jurandir: Romancista da Amazônia* (2006, p. 246). Esses desdobramentos, aliados ao confronto das disposições dos acontecimentos e seguimentos temporais que fazem com que a narrativa seja lenta, exigem uma leitura muito atenta e de retomada constante. O trabalho, por isso, se foca na relação de Alfredo com a personagem Luciana permitindo, nesta delimitação, que se juntem as partes que apresentam a personagem, fazendo-se, assim, um panorama de sua aparição no romance, ampliando-se também o conhecimento sobre particularidades dos romances de Dalcídio Jurandir.

Palavras-chave: Dalcídio Jurandir; tempo e narrativa; personagem.

MÁRIO DE ANDRADE NA BACIA DO AMAZONAS: TRAMAS E SENTIDOS DO FAZER PAISAGEM

Jakeline Fernandes Cunha (USP)

Resumo: Mário de Andrade realiza a esperada viagem para a Amazônia em 1927. As notas riscadas nos passeios pelo viajante foram dando corpo ao diário *O Turista Aprendiz*, deixado inacabado. A partir desse objeto de estudo desenvolvido em minha tese de doutorado (2016), proponho no simpósio discutir os sentidos de paisagem do autor modernista com base nas perspectivas de Anne

Cauquelin, Simon Schama, Alain Roger, Raymond Williams e, sobretudo, de Georg Simmel em A filosofia da paisagem (1913). Estes ensaios me levaram a perguntar: Como o autor de Macunaíma acolhe, transforma e demarca em sua arte “útil” o ilimitado mundo amazônico? Se o significado de uma paisagem expressa a história e a cultura de um povo como perceber a diferença do processo artístico de Mário de Andrade em relação ao fazer paisagem universal? Observa-se que o narrador-personagem do relato – que, aliás, assume nas crônicas postura menos de viajante e mais de anti-viajante – busca em sua difícil travessia desvestir a sua alma de europeu para descobrir a sua alma de nativo capaz de captar o sentido sensível, a grandeza cotidiana e humana do ambiente amazônico. Com isso, a tessitura dos quadros amazônicos de tratamento psicológico e social, cuja luta interior do viajante-pintor cria a possibilidade de apoio ao nonsense, resulta um modelo de paisagem de trama complexa, questionadora e de pouca espontaneidade. Cada imagem-quadro da natureza é formada na alternância entre a distância anímica do sonho/repouso e a distância do despertar da realidade. No entanto, a abstração ou a entrega ao objeto, fortuitamente, é interrompida por algum tipo de obstáculo (“proximidades que o tocam” no dizer de Walter Benjamin em uma de suas reflexões) ora para inverter o devaneio sem concretude do romântico ora para aplacar o seu próprio enleio. O modelo de paisagem marioandradiano em O Turista Aprendiz é, enfim, motivado pela releitura crítica das obras e relatos da tradição romântica e naturalista que timbraram o espaço amazônico de grandeza falsa e de estigmas negativos.

Palavras-chave: Amazonas; Mário de Andrade; Paisagem

CRÔNICAS DAS EXPEDIÇÕES NO RIO AMAZONAS ENTRE O SÉCULO XVI E XIX: CONTRADIÇÕES E COERÊNCIAS ENTRE LITERATURA E HISTÓRIA

Camila da Costa Lopes (UFOPA)

Resumo: As grandes expedições para o reconhecimento de territórios a serem explorados pelos colonizadores europeus entre os séculos XVI e XIX possibilitaram uma visão geral de territorialidade e organização social das civilizações existentes no novo mundo, até então desconhecidas pelas potências da época. A região norte do continente sul-americano tornou-se um cenário fundamental nas crônicas dos expedicionários devido à presença do rio Amazonas, porta de entrada e saída na conquista e demarcação de território, dominação de colonizadores, disseminação de culturas europeias, e palco dos primeiros inventários da riqueza da geobiodiversidade existente nessa região. Diante desse contexto, este trabalho busca confrontar contradições e coerências nas crônicas registradas dos navegadores que passaram pela Amazônia brasileira, descrevendo a exuberância e diversidade da fauna, flora e flúvio da região, bem como a existência de populações nos diversos trechos percorridos ao longo do Rio Grande, reconhecendo a existência de vários povos que viveram pela região, entre eles os Konduris, uma nação indígena cuja existência é comprovada por meio de vestígios de sua vivência nos municípios de Óbidos e Oriximiná. As quatro principais expedições ao rio Amazonas no período pesquisado tiveram frentes de comando de várias nacionalidades, entre elas a espanhola, a portuguesa e a inglesa, realizadas com propósitos diversos. A primeira expedição, registrada e descrita pelo frei Gaspar de Carvajal, ocorreu entre 1535 e 1542, realizada sob o comando do capitão espanhol Francisco Orellana que, após ajudar Francisco Pizarro na conquista da região que compreende o Peru, partiu pelo rio Napo em busca de alimentos para sua tropa e da cidade do Eldorado, até chegar a sua foz entre os estados do Pará e o Amapá. Quase um século depois, em 1637 o português Pedro Teixeira depois de várias vitórias nas tomadas de fortalezadas construídas por ingleses na colônia portuguesa, foi autorizado a explorar o rio Amazonas e delimitar uma divisória entre as coroas portuguesa e espanhola, a expedição findou em 1639, registrada pelo jesuíta Cristóbal de Acuña. Com a intenção de realizar pesquisas naturalistas, o inglês Henry Walter Bates foi outro expedicionário na Amazônia brasileira, o que lhe rendeu renome mundial e se tornou referência acadêmica até os dias atuais nas ciências naturais pelo completo inventário da fauna e flora realizado no século XIX na Amazônia. Em 1863, Alfred Russel Wallace voltou à Amazônia para aprofundar estudos sobre a teoria das espécies desenvolvida por Darwin, catalogando a fauna e a flora da região. As crônicas desses expedicionários revelam por vezes contradições e coerências,

exigindo debate propositivo entre a Literatura e História para fins de apurar texto e contexto para apresentar um olhar plausível sobre a condição amazônida desde então.

Palavras-chave: Amazônia; Expedições; Crônicas; Navegadores.

6 - A MELANCOLIA E SEUS DESDOBRAMENTOS NA LITERATURA: DO ROMANTISMO À CONTEMPORANEIDADE

Coordenação: Fabiano Rodrigo da Silva Santos (UNESP); Rafaela Mendes Mano Sanches (UFS)

Resumo: O conceito de melancolia, cujas origens remetem à medicina hipocrática, consiste em um dos legados do pensamento antigo mais reincidentes na história ocidental. Inicialmente, a melancolia ocupa lugar cativo no campo das tradições médicas, tendo as investigações que a tomaram como objeto presenciado o nascimento das ciências dedicadas ao estudo da mente (SCLIAR, 1994). Tributária ao pensamento de Hipócrates e Galeno, a melancolia adentra a Idade Média e nos tratados de Constantinus Africanus (BENJAMIN, 2013), acrescenta a seu repertório a influência astrológica de saturno que enriquece o imaginário acerca dessa enfermidade, oriunda, segundo a antiga teoria dos humores, da produção desequilibrada da bile negra, que levaria o enfermo ao isolamento misantropo, à prostração, à loucura e a uma tristeza mórbida, identificada com o ermo e com a morte. Ainda na antiguidade, o tratado atribuído a Aristóteles, conhecido como *Problema XXX* (1998), cunha uma definição de melancolia que se tornaria cara, posteriormente, ao campo das artes e das atividades intelectuais – segundo o tratado, há uma associação íntima entre melancolia e estados de inventividade genial, de maneira que excentricidade, tristeza e solidão seriam atributos próprios das mentes superiores e invulgares.

A partir do século XVIII, com o desenvolvimento dos campos da medicina na senda da experimentação empírica, o termo melancolia torna-se inadequadamente impreciso e obsoleto para descrever uma condição patológica e positivamente verificável – isso, pois, a essa altura, a melancolia já medrara com relativa autonomia e franco vigor nos campos das artes, principalmente, como meio de identificação de uma forma de genialidade desviante e mesmo maldita. A medicina e a psicologia moderna adotam, então, o conceito “depressão”, incursionando pelos meandros da melancolia, apenas em busca de correspondências especulativas e mesmo metaforicamente poéticas.

Conforme se distancia da ciência, a melancolia desenvolve-se acentuadamente nas artes, converte-se em motivo poético, que, vicejando sobretudo em solo romântico, carrega para os campos da criação artística todo um repertório de imagens que servirão de matéria prima para uma concepção de arte hiperbolicamente subjetiva, que coloca em relevo os contrastes entre o artista inspirado e a realidade comum, sempre insuficiente, entediante, rarefeita e opaca. Saturno (e a influência malsã dos astros), bile negra, *spleen*, tédio, acedia, luto, vazio, silêncio, precipitação, sentimento de exílio e estagnação estão entre os muitos contributos da história da melancolia à esfera das artes.

A equação entre tristeza, loucura e inspiração, já presente no *Problema XXX*, será de grande importância para a configuração do conceito de gênio no romantismo; essas categorias tornar-se-ão ainda mais próximas conforme se desenvolve a sociedade burguesa e, consequentemente, marginaliza-se o artista, que, como reconhece Hugo Friedrich (1979), ao ser alheado do plano utilitário da sociedade moderna, assume o estigma do isolamento como identidade. Além disso, a própria arte, no processo de constituição da sociedade moderna, é extirpada de suas pretensões à transcendência e à sacralidade aurática (BENJAMIN, 1987) – na esfera do utilitarismo moderno, o artista converte-se em anátema e a arte tem em seu norte um ideal vazio. Sensível a esses fenômenos, o gênio romântico converte-se em artista maldito, e o complexo melancólico torna-se não apenas referência para a identidade do artista moderno, mas prisma monocromático pelo qual ele enxerga a realidade e relaciona-se com a história, mediante uma atitude de negação e resistência. Como reconhecem Michael Löwy e Robert Sayer (1995), enquanto a ilustração chancela a hegemonia do ideário moderno, o romantismo representa a reação a esse ideário. Dada sua

proeminência junto ao romantismo, a melancolia pode ser considerada uma de suas bandeiras de resistência, a bem dizer, uma bandeira negra e desmantelada.

Benjamin (1989) e Dolf Oehler (1997) reconhecem a associação entre melancolia e resistência na poesia de Baudelaire como um mecanismo de relacionamento com a história. Com efeito, a visão desencantada de Baudelaire acerca do tempo presente pode ser tratada como ponte entre o espírito romântico e o das épocas futuras, encontrando correspondência na arte do século XX, que, ao presenciar a falência das utopias modernas face à deflagração de fenômenos que colocaram em relevo os nexos íntimos entre progresso e barbárie, configura uma imagem do século envolta em atmosfera de rarefação, opacidade e dissolução.

Considerando-se a ligação íntima entre a melancolia e a configuração de aspectos da identidade artística moderna, o simpósio proposto visa comportar considerações sobre os diversos desdobramentos da imagética da melancolia na literatura ocidental entre o romantismo e a contemporaneidade. Enfeixando, pois, desde a leitura da melancolia como referência para a identidade do artista moderno, até seu tratamento como mirante para avaliação do fenômeno histórico. Desse modo, ficção, poesia, teatro e crítica produzidos desde fins do século XVIII até o século XXI que tomem como referência a melancolia, o tédio, a evidencia de categorias negativas e testemunhem a falência de utopias possuem interlocução com a proposta de nossas discussões.

31 de julho

8h30

"APOSTAR ABSURDAMENTE NA VIDA": A POTÊNCIA DA "FALTA DE FUNDAMENTO" EM VILÉM FLUSSER

Livia Santiago Moreira (UNICAMP)

Resumo: "Apostar absurdamente a própria vida: isto é ser mestre na arte da falta de fundamento" (FLUSSER, 2007). Neste trabalho iremos pensar, através da teoria de Freud e Vilém Flusser, a melancolia como paradigma para o surgimento de novas formas de subjetivação e engajamento com o mundo pós-histórico (Flusser, 2011). Vilém Flusser tornou-se conhecido mundialmente por suas reflexões consideradas proféticas sobre a sociedade tecnológica, chamada por ele de "pós-histórica" ou "telemática". Na sua obra, os conceitos de tradução, dialogismo, ficção, jogo e aparelho ganham importância na compreensão do "novo homem" ou dos novos "funcionários", que surgem como efeito da revolução que as imagens técnicas operam no mundo da comunicação. O autor começa a ser revisitado agora a partir da sua teoria das imagens técnicas e da fotografia. Judeu de Praga, único sobrevivente de sua família no contexto da Segunda Grande Guerra, Vilém Flusser, após uma breve passagem pela Inglaterra, se exila no Brasil, tomando o português como sua "segunda língua materna". De acordo com o filósofo, a experiência de ser banido poderia ser um fator que nos tornaria mais humanos. Esta vivência do entre-lugar do eu, entre línguas e culturas, será transposta através das pontes que este construirá a partir de uma nova realidade da linguagem. Se num primeiro momento o exílio é sinônimo de melancolia, num segundo momento, esse estado de perda do solo, e de si, é o ponto de partida para uma nova forma de estar no mundo. Seu elogio ao exílio parece oferecer novas saídas para a mortificação melancólica. Identificamos em sua "autobiografia filosófica" Bodenlos (1992/2007) como se deu a construção de uma ética da relação com a outridade a partir da discussão sobre o exílio e a tradução, que adquirem para ele uma dimensão tanto linguística quanto existencial. Bodenlos, palavra tcheca intencionalmente não traduzida no título da edição brasileira, traduziria-se por ausência de fundamento, no sentido de sem raízes, sem chão, sem significado, absurdo. Buscaremos retrazar as rotas que permitiram a transformação da "falta de fundamento (Bodenlos)" em elemento indispensável para a construção de possíveis modos de vida capazes de desfazer o amálgama que impede a visão para além do abismo entre as construções de sentido – que sustentam as relações "eu" e "outro", sujeito e objeto. Essa dicotomia herdada do pensamento moderno será superada em Flusser pela noção de "gesto", sendo este um "movimento no qual se articula uma liberdade", ao mesmo tempo em que é revelador de mentiras da ideologia e

uma forma de presença ativa no mundo que permite a inclusão da dimensão corpórea na teoria (FLUSSER, 1991/2014). Dessa forma, a melancolia será tomada aqui na sua dimensão parrésica, como o discurso necessário para o encontro com a verdade da “falta de fundamento” na experiência do sujeito moderno, da perda da noção de origem e identidade, em direção a um indeterminado que não se esquia de “olhar o escuro de sua própria época” (AGAMBEN, 2009).

Palavras-chave: Wílem Flusser; Melancolia; Bodenlos. Freud, Gesto

DISSECANDO A MELANCOLIA ATRAVÉS DE METÁFORAS

Deborah Walter de Moura Castro (UFMG)

Resumo: Em 2017, o escritor argentino Carlos Daniel Aletto lança o romance *Anatomia da Melancolia*, obra homônima do inglês Robert Burton, publicada pela primeira vez em 1621. O romance de Aletto traz na narrativa do médico Andrés Vesálio, supostamente escrita em 1616, 5 anos antes da obra de Burton, um relato em torno da melancolia, doença que acomete quase todos os personagens presentes na obra. Vesálio nos apresenta, logo nas primeiras páginas, a motivação para que nos contasse sua história: relatar o porquê de ter dissecado um homem vivo, e por isso ter sido condenado a morte. A partir daí seguimos em uma história de peregrinação e encontros para entender suas motivações. A melancolia, principalmente no desenho do Homem Árvore, presente na tríptico *Jardim das Delícias*, de Hieronymus Bosch, é o fio condutor que não apenas une todas as personagens da obra como também parece desencadear sua trama. O objetivo desse trabalho é, portanto, perceber como a narrativa gira em torno do Homem Árvore como uma estratégia para uma série de relações entre personagens, mas principalmente construindo, através de metáforas, o desenho da melancolia. Em um resgate de personalidades clássicas do Renascimento, dentre elas o próprio Andrés Vesálio, além de Jeroen Bosch, Robert Burton e Bruegel, o romance acaba por compor uma maneira de dissecar a melancolia através de metáforas e imagens. Nesse trabalho, essas relações serão apresentadas tomando como base o conjunto de artigos compilados em *Metáfora e melancolia: ensaios médicos-filosóficos* (2009), de Jackie Pigeaud, a fim de melhor entender a relevância da metáfora para a construção da melancolia e atmosfera melancólica que rodeia a obra. Outros textos mais pontuais também serão relevantes para ajudar a perceber a melancolia como metáfora como, por exemplo, o próprio *Anatomia da Melancolia* (1621), de Robert Burton, e o catálogo *Mèlancolie: genie et folie en Occident* (2005), organizado por Jean Clair.

Palavras-chave: melancolia; Renascimento; metáfora

MELANCOLIA E COMPANHIA E TEORIA DO ROMANCE

Daniel Bonomo (UNICAMP)

Resumo: A apresentação discutirá a posição do romance como gênero face à melancolia no complexo de sentimentos afins que incluem a tristeza, a acídia, o tédio, o aborrecimento, o enfado, o nojo, o pesar etc. Pressupondo que a diferenciação mais precisa desses termos não está sempre em condições de isolar a realidade emocional que eles representam, isto é, admitindo que essas ideias, em si bastante complexas, tanto se sobrepõem quanto variam de aspecto segundo determinações históricas e sociais, pretende-se revisar desde um ponto de vista atual sua aproximação às artes tomando como eixo investigativo dimensões temporais e formais da literatura, em especial da narrativa romanesca. Entendido, aqui, como gênero particularmente inclusivo e extensivo, o romance não apenas figurou do século XVIII ao XXI conteúdos relacionados com este grupo de estados físicos e mentais que gravitam em torno da melancolia, mas também construiu uma tradição própria que os articula mediante recursos retóricos de amplificação, tais como as descrições e catalografias. Nesse sentido é insuficiente para a observação do vínculo do romance com o conjunto de noções em apreço identificar somente títulos que tematizam ostensivamente a experiência da melancolia e congêneres. É preciso reconhecer antes uma afinidade entre o assentamento da cultura burguesa moderna e traços distintivos do discurso do romance que formaliza este universo, quer por incursões diretas em rotinas insossas de trabalho e casamento, quer por investimentos indiretos nos mundos contrários da aventura e da fantasia, quer pelo

mergulho profundo nos abismos do ser e do nada, quer pelo vazio que assola nossas democracias-mercados, por exemplo. Assim, dos traços que distinguem o discurso do romance, cabe atentar para a sua força em compor temporalidades narrativas particularmente lentas. Por oposição ao drama, um personagem de Goethe dizia que o romance “deve ir lentamente e os sentimentos da personagem principal devem, seja de que maneira for, retardar o avanço do todo para o desenlace” (nos Anos de aprendizagem de Wilhelm Meister). Demorar, desacelerar, estender o texto e com ele o tempo de leitura, portanto, seriam alguns dos procedimentos típicos do gênero. Porém, no presente, ao passo que se mantêm e vão protegidas determinadas qualidades da instituição literária, muitas vezes enquanto reposição do tradicional par instruir/divertir, a organização da vida contemporânea resiste às realidades mais lentas e reflexivas, e por consequência modifica os modos de atenção e a economia afetiva nas esferas privada e pública. O que tal situação diz, afinal, sobre o hábito literário hoje e de que modo ela permite recuar historicamente são as questões em pauta nesta comunicação, uma proposta, em suma, de revisão em perspectiva histórica e formal da relação do romance como gênero com a família da melancolia, do tédio, aborrecimento, fastio etc. Essa proposta motiva uma pesquisa em progresso neste momento na Universidade Estadual de Campinas com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

Palavras-chave: Gêneros literários; Teoria do romance; Melancolia.

OS MOVIMENTOS DE SATURNO: A FUNÇÃO DA MELANCOLIA NA OBRA DE W.G. SEBALD

Beatriz Moreira da Gama Malcher (UFRJ)

Resumo: A presente pesquisa tem como objetivo primordial analisar o modo pelo qual se processa a formalização estética da melancolia conforme empreendido por W. G. Sebald em seu livro *Os Anéis de Saturno* (1995). A partir de uma metodologia que leva em conta a tensão entre texto, contexto social e autor – aos moldes de Erich Auerbach - pretendo discutir o papel da renovação da forma literária empreendida por Sebald, tendo como aspecto central a análise de seu caráter melancólico, assim como da administração do silêncio como forma de ruptura e resistência. Observando a temporalidade e a ritmização particular desenvolvida pelo autor, assim como a construção específica de sua estrutura textual, lanço a hipótese de que o trato dado à melancolia na dinâmica formal do livro funcionaria como uma forma de atualização dialética da tradição literária e ensaística alemã. Partindo do pressuposto de que a tradição artística alemã sempre foi atravessada por um caráter melancólico, mas que este, por sua vez, foi constantemente atualizado e retrabalhado ao longo de sua história, procuro comparar estes diferentes tratos e conceitualizações da ideia de melancolia, observando como elas se relacionam na estrutura textual de Sebald e são pelo autor atualizadas ou superadas. Se *Os Anéis de Saturno* tem como temática central a relação progresso-regressão, persigo a ideia de que a melancolia seria um componente fundamental para operar um processo de transposição estilística, internalizando este tema. Isso ocorreria exatamente por conta do caráter ambíguo que a própria melancolia desempenhou historicamente na dinâmica interna de diferentes obras de arte ou de períodos artísticos, cumprindo tanto um papel crítico quanto um papel regressivo – como é o caso do trato melancólico presente no drama trágico barroco ou no cinema nazista. Levando em consideração que Sebald se relaciona dialeticamente com a tradição da literatura de língua alemã, persigo ainda a hipótese de que a atualização formal que ele empreende, através da melancolia, cumpriria um papel de exposição e desestabilização destas supracitadas ambiguidades. A renovação proposta pelo autor, seria, isto posto, uma maneira de, através de uma temporalidade narrativa própria, se contrapor ética e esteticamente à relação progresso-regressão. Para este estudo, levarei em conta os contrastes evidentes entre o caráter melancólico presente na literatura trágica barroca e aquele presente na literatura germânica romântica. Também cabe, neste sentido, comparar a melancolia produtiva e de resistência pensada por Benjamin e Oehler em contraposição à estética melancólica da obra de Leni Riefensthal. Também terei em vista, por fim, dados sobre o caráter místico e metafísico da melancolia no trato medieval e renascentista.

Palavras-chave: W.G. Sebald; *Os Anéis de Saturno*; melancolia

31 de julho
14h30

"ACABOU-SE; ADEUS." TOADAS DA PERDA E SUAS IDENTIFICAÇÕES POÉTICAS NOS ROMANCES DE EVANDRO AFFONSO FERREIRA

Valéria Jacó Monteiro (Fatec - São Caetano do Sul)

Resumo: A melancolia “nada mais é que um dos extremos do enamoramento”, uma paixão do ser, como reitera Roland Chemana, em seu verbete, do “Dicionário de Psicanálise” (1995), fazendo-nos rever, além dos textos seminais de S. Freud, os estudos de Jacques-Marie Lacan. Lacan chama-nos a atenção para uma das facetas do amor quando o sujeito que ama eleva o objeto amado ao tudo (o amado idealizado) ao passo que o sujeito amante, em queda, declina-se ao nada em um rebaixamento impulsionado pela perda ou possibilidade de perda da figura amada, levando o sujeito que “ama em perda” a uma pulsão de morte. Curioso destacar a perspectiva da antiga grafia da expressão “a mourre” (“a morte”) com “amor”. A perda está para a melancolia e o luto, assim como a falta está para o desejo nas considerações de Freud/Lacan. Se a falta é constitutiva do desejo subjetivo, a perda faz vacilar o desejo. O sofrimento de perda do sujeito pode fazê-lo “crer” que aquilo que está perdido era o que ele verdadeiramente desejava, arriscando-se em colocar a falta em estado terminal, pois está, a falta, irremediavelmente perdida. A falta, de vazio simbólico, passa a figurar-se como vazio real, perigando em morte. Amor e morte são elementos toantes na melancolia. Nesse contexto psicanalítico, conjugado às teorias sobre sofrimento e violência na contemporaneidade, tais como “A melancolia”, de Luis Costa Lima (2017), “Melancolia, literatura e psicanálise”, de Jaime Ginzburg (2013), “Mal-estar, sofrimento e sintoma”, de Christian Dunker (2015); e, “Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo”, de Teresa Pires do Rio Caldeira (2000), este estudo tratará da melancolia nas elaborações poéticas e enunciações de “O mendigo que sabia de cor os adágios de Erasmo de Rotterdam” (2012), de Evandro Affonso Ferreira, suplementado com considerações acerca de seus outros romances: “Minha mãe se matou sem dizer adeus” (2010), “Os piores dias de minha vida foram todos” (2014), passando por “Não tive nenhum prazer em conhecê-los” (2016) até o atual “Nunca houve tanto fim como agora” (2017).

Palavras-chave: Melancolia; Psicanálise; Teoria Literária

O SUICÍDIO NOS QUADRINHOS: UM ESTUDO DE A ARTE DE VOAR, FRANGO COM AMEIXAS E TALCO DE VIDRO

Ana Lúcia Mendes Antonio (UNIFESP)

Resumo: Como menciona Scott McCloud, os quadrinhos, embora um gênero relativamente jovem de arte, são o resultado de um longo processo de evolução da imagem e da palavra combinadas ao longo dos séculos. Pela grande carga imagética da chamada nona arte, “o mundo invisível das emoções também pode ser representado entre ou dentro do quadro” (Desvendando os quadrinhos, 2005, p. 121). Sob esse ponto de vista, trata-se da arte do invisível (ibidem, p.136). Este trabalho tem o objetivo de observar um tema comum a três obras do gênero: as formas de representação da melancolia e seus desdobramentos. A primeira delas, A arte de voar, de autoria de Antonio Altarriba e de Kim, narra a história da vida do pai de Altarriba, que viveu na Espanha da Guerra Civil e do posterior Franquismo até cometer suicídio aos 90 anos de idade em 2001. A obra, por meio de uma narrativa circular, procura entender os motivos que levaram seu protagonista a cometer esse ato somente em uma idade tão avançada, depois de uma existência de privações e sofrimento. A segunda obra, da aclamada autora de Persépolis, Marjane Satrapi, aborda um triste acontecimento na vida de seu tio-avô, Nasser Ali Khan, que decide morrer depois que sua esposa quebra seu violino durante uma discussão e ele não encontra outro instrumento à altura do antigo. Ao longo do registro dos oito últimos dias do homem, em 1958, no Teerã, a autora traz lembranças familiares e o amor dele pela arte de tocar seu tar, instrumento de cordas típico do Irã. Já a terceira obra, do brasileiro Marcello Quintanilha, foca na crise existencial que começa a se estabelecer na vida da dentista Rosângela, moradora de classe alta de Niterói, casada, com dois filhos e com uma vida

aparentemente perfeita, depois da visita de um primo pobre para uma consulta. A presença constante de falas de pensamento permitem ao leitor acompanhar os estragos profundos que a inveja e o recalque de Rosângela operam tudo por causa de um “sorriso”, um sorriso que não se desmancha mesmo diante de um casamento desfeito, do fracasso de voltar para a casa dos pais, de uma rotina difícil de quem mora “em um lugar horrível, o Barreto”. Todos os conflitos internos da protagonista levam ao ato extremo e súbito de tirar a própria vida inesperadamente na travessia da ponte Rio-Niterói. Portanto, por meio de uma análise comparativa, a intenção, aqui, é tentar delinear como cada obra lida com essa questão tão humana e presente na nossa sociedade.

Palavras-chave: graphic novels; suicídio; melancolia

A ARTE DA SOLIDÃO E DO MEDO NO ROMANCE A ILHA DE ARTURO

Caroline Ferreti (UNESP)

Resumo: A obra *A ilha de Arturo* (1957) é o segundo romance publicado pela escritora italiana Elsa Morante. Apresenta uma forma de ficção mesclada de autoconhecimento e uma tentativa de explorar o mundo das ideias. Sua narrativa oferece reflexões a respeito da existência, da busca pela identidade, da liberdade, isto é, por elementos que impulsionam o ser humano em sua longa peregrinação pela vida. Acompanhamos a formação de Arturo frente ao desconforto que sente no espaço em que está inserido, como se estivesse em um país onde a língua e os costumes fossem totalmente inversos aos seus. O narrador protagonista, Arturo Gerace, passa grande parte do tempo sozinho na ilha, vê em seu pai uma beleza única, um valor heroico, registra os acontecimentos nos mínimos detalhes, mas não os compreende. A visão que possui do pai é fantasiosa, na realidade ele é irresponsável e insatisfeito consigo e com os outros. Aos poucos o menino percebe que seu herói não existe. Além das dificuldades com seu pai, passa por outro conflito - a paixão pela madrasta. Fantasiar, sonhar, criar expectativas, esperar das pessoas respostas e atitudes que o agradasse, isto é, viver em um mundo de fábula era a principal característica de Arturo. Ninguém o ajuda a solucionar os equívocos pelos quais atravessa. O sentimento de impotência o domina; abandonar a ilha é a única alternativa que consegue enxergar, mas não deixa de lado a tentação de voltar à casa dos rapazes e ver Nunziata, seu grande amor. Sabemos por meio de sua consciência essa intensa vontade, e o fato de partir de Procida querendo permanecer. Sua liberdade transforma-se em clausura. A narrativa de Morante penetra num passado para trazer à tona tormentos psicológicos das personagens. Arturo apresenta suas alegrias, dores e pensamentos ao longo da adolescência, ou seja, refaz suas memórias. A reflexão sobre os acontecimentos do passado percorre a narrativa, buscando no desenrolar do tempo relatar seus martírios com a finalidade de usá-los como instrumento, para talvez livrar-se da solidão. Além do isolamento que atormenta o adolescente, havia o pensamento da morte, assunto este odiado por ele. O prédio existente na ilha, onde funciona uma prisão, é vista por Arturo como um feudo que, segundo ele, é injusto como a morte. Imaginava seu pai libertando os condenados, assim como um herói dos livros. O protagonista criado por Morante está em constante formação e transformação. O trabalho propõe analisar o percurso pelo qual Arturo atravessa a fim de encontrar-se, esquivar-se do medo, e principalmente superar-se diante de todas as suas frustrações.

Palavras-chave: *A ilha de Arturo*; Solidão; Medo

INCONSCIENTE MELANCÓLICO: O CALEIDOSCÓPIO DE ANA C.

Leide Rozane Alves da Silva (UnB)

Resumo: Ana C poeta carioca da literatura marginal, tradutora, crítica literária e jornalista. Em sua breve vida, compôs uma poética consistente, na qual sua poesia expunha suas vivências e sentimentos de forma intensa. Sua escrita ora ocorria de forma linear, ora com períodos e estrofes mais longas, ora com as mesmas mais curtas, mantendo a densidade característica de sua escrita. Pensando no ato de escrever pelo viés da literatura, este processo seria compreendido como tentativas de traduzir o indizível, traçar paralelos entre o real e o imaginário, relatar desejos e dores, descrever os universos internos e externos no qual o escritor se encontra. A psicanálise como

ciência, modo investigativo que trabalha com pistas e lacunas como os sonhos, atos falhos e lembranças corporifica o que se guarda no inconsciente. A arte é uma forma de síntese do que estava ausente. Então, as tentativas de expressão se fazem possíveis através da linguagem, que seria o ponto de encontro entre a psicanálise e a literatura. O autor redige seus textos ao passo que sublima suas pulsões. A psicanálise não coloca a literatura no divã e a analisa dando-lhe diagnósticos, ela vem a demonstrar que a composição artística faz parte dos processos psíquicos humanos. A linguagem é uma das ferramentas que utilizamos para nomear e dar sentido ao que se encontra ao nosso redor e também para dar significação ao que sentimos. O inconsciente é estruturado como linguagem, a escrita é um processo em que o mesmo se faz presente. É através das palavras que o escritor se revela, ele é escrito por elas, desvela e vela seu íntimo de forma peculiar. Nesse aspecto, nos ateremos à metáfora de um caleidoscópio para compreender a composição artística de Ana Cristina Cesar. No que tange a poeta, analisaremos a presença da melancolia que é expressa em alguns de seus textos. Enfim, pretendemos asseverar que o vigor da escrita de Ana C. reside na imagem do caleidoscópio luminoso, que presentifica a melancolia visceral – feita de murmúrios, engasgos, gritos e êxtase – como faz parecer Denilson Lopes (1999), quando afirma que estes estados sensíveis são “uma potencialidade do homem ocidental”.

Palavras-chave: Poesia; Melancolia; Inconsciente; Caleidoscópio

01 de agosto

8h30

LEMBRAR NO IMPERFEITO: AS AUSÊNCIAS EM CARO MICHELE DE NATALIA GINZBURG

Iara Machado Pinheiro (UFRJ)

Resumo: Em consonância com o Simpósio A MELANCOLIA E SEUS DESDOBRAMENTOS NA LITERATURA: DO ROMANTISMO À CONTEMPORANEIDADE, proponho analisar fragmentos selecionados de Caro Michele, 1973, de Natalia Ginzburg, a partir da circunscrição de lugares vazios que colocam em questão as temporalidades e as possíveis posições subjetivas perante a ausência de alguém amado – o passado vagamente feliz que reverbera no presente da branda resignação e o futuro, quando a felicidade parece irrealizável. A carta que fecha o romance Caro Michele é encerrada com as seguintes palavras: “porque nos consolamos com nada quando não temos mais nada, e até mesmo ter visto naquela cozinha aquela blusa esfarrapada que não recolhi foi para mim um estranho gélido, desolado consolo” (p. 154). Outra questão referente ao nada que paira a leitura é a ausência do personagem que dá título ao livro, Michele é o destinatário da maioria das cartas do enredo, mas por poucas vezes é o remetente. A mãe do personagem, que se diz tomada por uma “brandura resignada”, na última carta que escreve para o filho, narra a lembrança da última visita de Michele, qualifica-a como “um vago dia feliz”, e logo adiciona que essa qualificação só pôde aparecer posteriormente. Ao longo de outras correspondências, a felicidade é apresentada pela impossibilidade. O que o texto de Ginzburg provoca é esta dualidade, entre o sujeito que lembra, que diz não ter nada ou se caracteriza como resignado, que se comove com desolamento, e algum brilho das lembranças. A temporalidade é o que é necessário para a distinção de um ‘vago dia feliz’, embora seja também o que sinaliza a perda no presente e assinala a ausência no porvir. O recordar carrega tanto os efeitos de um acontecimento que não cabe no passado perfeito, quanto parece ressaltar o nada entranhado no momento da enunciação. Jean Starobinski, ao ler o poema Horror Simpático, de Baudelaire, destaca os desdobramentos das rimas de ‘vide’ de maneira que aponta para o vazio como “indício do absoluto ausente”, como um lugar que permanece vago e cuja defecção é tão impossível quanto dolorosa. Qual o efeito das lembranças perante este lugar vazio? O romance de Ginzburg parece colocar algo como um lugar intermediário, onde se tem uma marca da ausência, ‘o não ter nada’, mas há também o rastro do ausente, seja a camisa puída que o amigo encontra na última casa que o ausente morou, seja a recordação da mãe, que imobiliza no tempo quem não está, e garante algum lugar na própria ausência.

Palavras-chave: Natalia Ginzburg; Literatura italiana; memória

A POÉTICA DA SOLIDÃO NA NARRATIVA MORTE EM VENEZA, DE TOMAS MANN

Ângela Maria da Silva Elias (UNEMAT)

Resumo: O presente trabalho de reflexão propõe-se a uma análise do tema da solidão na obra *Morte em Veneza*, de Tomas Mann. Um romance produzido no início do século XX durante uma estada do autor no hotel Lido, de Veneza, mesmo lugar que a personagem central, Aschenbach, busca refúgio no percurso da narrativa. Embora alguns estudiosos destaquem a obra como autobiográfica, neste trabalho interessa-nos discorrer sobre seu caráter ficcional. Diante do romance proposto para análise, discorreremos sobre a poética da solidão. A princípio apresentamos o conceito de solidão pensado por Fromm-Reichmann (1959) e, a partir desse conceito, articulamos teoria e ficção e narrador e personagem, numa esfera dialógica. Alguns questionamentos incitam o trabalho e nos fazem refletir acerca do que a solidão ensina sobre a vida. De certa maneira, abordar o tema solidão na perspectiva de Tomas Mann é evocar a reflexão daquele que se encontra só. Cabe-nos dizer que o leitor, frente às páginas do romance, responsabiliza-se pelas fantasias e devaneios oferecidos pelo narrador/escritor, numa linguagem poética. A obra apresenta capítulos curtos, permeados de uma metalinguagem pensada a partir do narrador-escritor, que serão interpretadas à luz do discurso monológico sustentado por Mikhail Bakhtin (2002), entre outros.

Palavras-chave: Palavras-chaves: Solidão; Romance; Thomas Mann.

TEMPO E MELANCOLIA EM BELONA, LATITUDE NOITE, DE MOACIR COSTA LOPES

Thalys Eduardo Nunes de Araújo Oliveira (UFRN)

Resumo: O tempo é um dos mais fascinantes elementos que permeiam o universo. De difícil compreensão, como afirmou a seu respeito Santo Agostinho (1948), ele condena à morte, sarcástico e impiedoso, tempo-ferrugem, tudo que ousa nascer e à finitude tudo que se pretende permanente. De modo que tudo que resta de toda e qualquer existência é um vazio cheio de migalhas deixadas pelo tempo. E com elas, aquilo que parece ser o mais natural produto de sua ação devastadora: a melancolia. Moacir Costa Lopes, escritor cearense ainda pouco conhecido nos meios acadêmicos, em seu quinto romance, *Belona, latitude noite* (1968), narra a agonia de marinheiros e tripulantes, acometidos pela gripe espanhola, a bordo de um navio que se perdeu em uma noite sem fim, evidenciando, no capítulo *Ferrugem*, o tempo – que corrói o navio, a memória e a própria existência – como agente desencadeador do estado melancólico que impregna as vivências dos personagens do referido romance. Afinal, é da degradação do navio, que resguarda o afeto do Capitão Lúcio pelo mar, dos cabelos brancos de uma prostituta que ele conheceu ainda jovem e com quem se reencontra já na velhice, da antiga ausência da filha, de quem há muito não tem notícias, e da própria impotência da memória em preservar-se, por exemplo, que o tempo arranca o desconforto da existência desse personagem. Saindo do nível do conteúdo para o nível da forma, percebe-se também nesta a potência temporal em desencadear processos melancólicos, como o alongamento da noite, período que ancora toda a narrativa – exceto nos trechos rememorados por algum personagem –, e as interrupções, pausas e retomadas que a todo momento se processam na narrativa, criando um verdadeiro labirinto no qual o leitor é jogado e onde se perde na medida em que avança. Fundamentam nosso estudo teóricos como Benedito Nunes (1988) e Gérard Genette (1972), quanto às considerações sobre o tempo na narrativa, e Moacyr Scliar (2003) e Luiz Costa Lima (2017), quanto à melancolia na literatura.

Palavras-chave: Moacir Costa Lopes; Tempo; Melancolia.

DIÁSPORA JUDAICA, EXÍLIO E LOUCURA EM OS VOLUNTÁRIOS DE MOACYR SCLIAR

Wanely Aires de Sousa (UFU)

Resumo: Pesquisar *Os Voluntários* de Moacyr Scliar (1979) advém do desejo de seguir nos estudos sobre a loucura na literatura, tendo em vista a pesquisa realizada no Mestrado, *Autobiografia e ficcionalidade em O Diário Íntimo e O Cemitério dos Vivos* de Lima Barreto. Nessa ocasião, ficou perceptível a frequência com que a loucura representa a experiência humana num mundo

padronizado pela política e pela cultura e a voz de resistência contra essa imposição. Não é raro encontrar autores que tenham trabalhado com a temática da loucura. Assim chegou-se à obra de Moacyr Scliar e ao personagem Benjamin do romance *Os Voluntários*. Esta narrativa representa uma produção que configura o olhar do exilado, dentro da perspectiva da diáspora judaica, sobre o prisma do fenômeno da loucura. Se em Lima Barreto se observa uma narrativa de registro e/ou ficcionalidade, em Moacyr Scliar, percebe-se a literatura de exílio, cujos limites entre o que é ser estrangeiro e o que é ser brasileiro se confundem. No universo de Moacyr Scliar, fica evidenciado o mundo judaico de uma perspectiva transcultural em que afloram traços que conduzem ao protótipo do exilado e ao arquétipo do homem moderno que se sente mergulhado no vazio da busca por suas origens. No caso de *Os Voluntários*, há um olhar pitoresco em torno do movimento da rua Voluntários da Pátria, em Porto Alegre. Ali, naquele cenário multicultural, estão os personagens da narrativa e está Benjamin cuja loucura é uma obsessão que o conduz junto a quatro homens e uma mulher a saírem de um cais de Porto Alegre rumo ao porto de Haifa, para que ele realize o grande devaneio de ver a cidade de Jerusalém antes de morrer. As diversas culturas que aparecem na obra, bem como a fuga dos personagens, obrigam o leitor a revisitar o passado histórico, memorialístico do povo judeu, temática central de muitos romances de Moacyr Scliar. Assim, não apenas quanto ao tema desenvolvido, mas sobretudo pelas imagens que a obra de Moacyr Scliar recupera, justifica-se a escolha dessa história para a realização desta pesquisa. Ademais, resta o anseio de responder: como o sentimento de exílio interior, advindo da diáspora judaica, norteia as ações do personagem Benjamin? De que maneira a loucura representa o entre lugar que o personagem Benjamin configura como imigrante judeu? Para o desenvolvimento deste trabalho, além das fontes citadas anteriormente como fundamentação teórica os estudos de Berta Waldman, *Os caminhos da ficção* de Moacyr Scliar (2012) e de Regina Zilberam, *o Viajante Transcultural – Leituras da obra de Moacyr Scliar* (2004), com vistas a delinear a trajetória literária do escritor; Michel Foucault, *A História da Loucura* (2000), com o intuito de reconstruir o arquétipo do louco no decorrer do desenvolvimento da civilização ocidental; Hannah Arendt, *As Origens do Totalitarismo – Antissemitismo, Imperialismo e Totalitarismo* (2012), para o entendimento da diáspora judaica e Joseph Brodsky, *Sobre o Exílio* (2016), com apontamentos sobre o exílio e do exílio, do âmbito metafísico, objetivando a construção desse entre lugar.

Palavras-chave: diáspora judaica; exílio; loucura

01 de agosto

14h30

O PROBLEMA MORAL EM DIE MARQUISE VON O

Carina Zanelato Silva (UNESP)

Resumo: No fim de sua *Crítica da razão pura* Immanuel Kant expõe a moral como produto da razão, já que esta não possui apenas uma parte teórica, mas também é constituída de um âmbito prático. Dessa forma, razão, para o filósofo, não busca apenas o conhecimento, mas cria e atua no mundo moral, que, por sua vez, independe do mundo sensível e deve obedecer apenas à lei do dever, livre de tudo o que seja empírico ou remeta à sensibilidade. A conduta do homem, neste postulado, deve ser baseada apenas na lei moral em si mesma, desinteressada de qualquer propósito ou recompensa, ainda que as condições expostas ao nosso livre arbítrio sejam empíricas. De tal modo, Kant elege como objeto de investigação a moral pura, ideal, que abdica das inclinações sensíveis, pois para ele a vontade boa é justamente aquela que demonstra ser independente da contingência observada no mundo sensível. Porém, surge desta escolha o seguinte questionamento: como se desprender completamente do mundo sensível se o homem tem que justamente aplicar a sua boa vontade na realidade empírica? Heinrich von Kleist (1777-1811) discute a questão moral precisamente sob o seu aspecto antropológico, da contingência encontrada no mundo empírico. Após a famosa crise-kantiana, o autor apresenta-se como uma fonte de resistência a este ideário transcendental e evidencia o abismo entre o ideal e o real: para Kleist a razão é falha na apreensão

da realidade concreta, portanto como confiar o princípio moral a essa instância reguladora? O escritor encaminha esta questão para a literatura, fundamentando as ações de seus personagens diante dessa crise da razão a partir do viés moral: a impossibilidade de apreensão da essência dos objetos no mundo sensível se reflete numa moralidade que não consegue alcançar a exatidão dos conceitos de bem (Güte) e de mal (Böse). Kleist, em sua interpretação cética da filosofia crítica de Kant, evidencia que a inviabilidade do conhecimento objetivo terá como consequência fundamental a impossibilidade de uma pureza moral que faça com que o homem seja bom ou mau em essência, pois a boa vontade deve ser vista como atuante neste mundo de aparência, o que dilui o rigor da lei moral, já que muitas vezes ela se torna incompatível ao caos da realidade empírica. Diante disso, objetivamos nesta comunicação expor como Kleist transfere o problema do conhecimento para o problema moral, discutindo como a falha da razão diante da realidade torna-se uma falta de perspectiva da mesma diante da moralidade do homem. Para tanto, analisaremos o conto *Die Marquise von O* (1808), cuja temática, aliada à forma em que a narrativa foi estruturada, nos possibilita encontrar os pontos principais desta discussão filosófica empreendida por Kleist.

Palavras-chave: Immanuel Kant; Heinrich von Kleist; lei moral

O COMPLEXO DE CAIM EM RENÉ, DE FRANÇOIS-RENÉ AUGUSTE DE CHATEAUBRIAND

Natália Pedroni Carminatti (UNESP)

Resumo: Publicado, pela primeira vez, em 1802, *René*, de François-René Auguste de Chateaubriand alcançou um sucesso literário inesperado, consagrando a seu autor o título de mestre da literatura pré-romântica. E os leitores poderão se questionar o porquê de estrondoso sucesso. Com a publicação de *René*, a literatura francesa deu passo muito amplo no que diz respeito ao estudo do Eu. Em realidade, com a queda do Antigo Regime, a sociedade liberal burguesa viu sua chance de avançar nessa guerra liberalista, buscando, nesse sentido, uma posição estratégica de soberania. Decorreu que as marcas deixadas pela Revolução Francesa de 1789 condenaram, inexoravelmente, os homens a uma existência solitária, destituída de significação, e o exílio tornou-se uma experiência comum nesse século. Assim, pouco a pouco, o otimismo dos burgueses começou a revelar certas contradições, diríamos que um mal de siècle, cujas marcas históricas, políticas e sociais, dominou a sociedade, dando início a uma era de melancolia e inquietação. Exemplo máximo desse momento e envolto por um ciclo eterno de catástrofes, *René*, o novo Caim, surgiu na literatura chateaubriana como um ser destrutivo, diabólico e sedutor. Regido por um gênio maldito, a personagem alegórica perturbou a todos com a sua presença, sobretudo, a quem mais amou, sua irmã Amélie. Sob a pena de Chateaubriand, vimos tal personagem devorar-se a si mesma, manifestando seu ódio e rancor de existir. Incapaz de reprimir essa doença incurável, o que fez, foi espalhar a epidemia do mal do século a todos que estavam em sua volta. Com efeito, tal atitude proclamou uma oração fúnebre na tribo dos Natchez, já que seu espírito satânico deu cabo não só a uma comunidade indígena, mas também a sua irmã e a si próprio. Do “Suis-je donc Caïn?”, a presente comunicação pretende estabelecer um diálogo entre essas duas personagens, além de apresentar um panorama histórico do mal estar da civilização, que tomou conta do século XVIII e reinou no decorrer do século XIX. Para tanto, como arcabouço teórico valer-nos-emos das contribuições de Fabienne Bercegol, Pierre Glaudes e Jean-Claude Berchet, de modo que nossa leitura forneça as possíveis fontes de toda essa tensão, que se definiu como tema na literatura romântica. Ora, como se sabe, o estudo da melancolia, desde Werther (1774), representou um traço importante para esses pensadores do Eu. De onde vem a melancolia que acelerou o poder de exclusão, condenando os homens à condição de solitários?

Palavras-chave: Literatura; Melancolia; René; Caim

A CRISE DA REPRESENTAÇÃO E O MAL DE SIÈCLE NA POESIA DRAMÁTICA DE VILLIERS DE L'ISLE-ADAM

Lígia Maria Pereira de Pádua Xavier (UNESP)

Resumo: O drama, desde antiguidade, sempre gozou de grande prestígio. Aristóteles, por exemplo, elege a tragédia como gênero supremo em toda tradição clássica visto seu caráter mimético puro. No Renascimento, ela também goza de grande deferência, pois sendo fiel ao projeto humanista antropocêntrico, permite inserir o homem e suas relações intersubjetivas no palco através do diálogo. No entanto, no final do século XIX, o conceito de mimesis aristotélica é questionado em todos os segmentos artísticos: com o progresso científico e a consolidação do capitalismo, o homem acreditava estar no auge do processo civilizatório evidenciando o culto do “eu”, do individualismo, que fora consagrado como valor absoluto pela revolução burguesa. Assim, testemunha-se uma crise que faz eco às transformações sociais: a crise da representação. De acordo com Michaud (1966), essa crise começa a ser engendrada pela queda do antigo regime através da remise en cause – ou seja, de uma programática contestação – de todo “edifício do pensamento ocidental”, abalando fortemente o sistema de crenças e valores da época. Daí decorre o sentimento de instabilidade, de dúvida e inquietação, o mal de siècle, que se instaurara já no fim do século XVII. Além disso, o racionalismo materialista, que melhor incorporou os princípios da nova ordem que se estabelecia – o capitalismo burguês –, destituiu a razão de qualquer impulso quimérico relegando-a ao espaço circunscrito da lógica e da realidade tangível. Nesse intento, o Romantismo representa uma revolta estética contra a perda da unidade simbólica da arte que se fixara no substrato referencial. E é por esse espírito romântico de revolta contra o racionalismo e o materialismo intransigentes que Villiers de l’Isle-Adam se coloca no front de batalha, inspirando os jovens simbolistas. “Exorcista do real e guardião do ideal”, como o alcunhava Rémy de Gourmont, Villiers integra o grupo desses poetas malditos, inadaptados à espécie, que buscam na morte, na evasão do mundo sensível – pela a criação da ilusão de um mundo Ideal – um subterfúgio para livrar a alma da hegemonia da razão. Mesmo que comumente reputado pelo seu caráter quixotesco, Villiers é, também, dotado de um agudo senso de realidade e, ao solapá-la, ele faz uma contumaz e eloquente crítica social. Acrescido a isso, seu idealismo assume forma de um estandarte que iria representar a busca simbolista por uma nova forma artística adaptada às exigências da alma e, segundo uma parte da crítica, é pelo seu teatro que isso, de fato, se dá. Desse modo, o objetivo da minha comunicação será analisar como o mal de siècle romântico fundamentou as bases da dramaturgia villieriana forjando, ainda que embrionariamente, a renovação cênica simbolista.

Palavras-chave: Villiers; Poesia dramática; Romantismo; Simbolismo

A MELANCOLIA DE MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO NO CONTO "O HOMEM DOS SONHOS"

Marcelo Pacheco Soares (IFRJ)

Resumo: Realiza-se aqui uma leitura do conto “O homem dos sonhos”, publicado na década de 1910 (na revista A Águia, em maio de 1913, e na coletânea de contos e novelas Céu em Fogo, em 1915) por Mário de Sá-Carneiro, um dos mais importantes escritores do movimento modernista português ao lado do amigo Fernando Pessoa e de José de Almada Negreiros. Para essa nossa proposta de compreensão do texto, focamos no tema da melancolia, tão presente na obra e na vida de Sá-Carneiro, estado de espírito, aliás, que o levou a um suicídio algumas vezes anunciado e que se consumou antes de o autor completar 26 anos. Ao invés de, no entanto, emulando uma crítica mais recorrente, perscrutar tais características melancólicas em sua produção em verso, sem dúvida a parte de sua obra mais bem acabada e que por isso mais atenção vem merecendo até hoje, optamos por lançar nosso olhar a uma de suas narrativas curtas para investigar tais traços melancólicos. Além disso, adotamos como base teórica não as pesquisas de Freud e seus sucessores acerca da questão da depressão sob o ponto de vista psicanalítico, outro viés recursivo da crítica sá-carneiriana ao estudar o reflexo das tendências depressivas em sua poética, mas antes escolhemos os estudos filosóficos a respeito do tópico, especialmente os trabalhos publicados sobre a melancolia no período renascentista, quando, através de Marsiglio Ficino ou Heinrich Cornelius Agrippa ou Andres Velasquez (para citar apenas alguns nomes geograficamente espalhados pela Europa), mais bem se desenvolveu o conceito de que esse estado de espírito manifestar-se-ia mormente em pessoas intelectualmente privilegiadas (proeminentes gênios criadores e indivíduos dotados de

potencialidades cognitivas, notadamente artísticas), concepção resgatada dos trabalhos realizados já na Grécia antiga meritoriamente por Aristóteles e seus discípulos e que ganha volume eclodindo outra vez no continente nos séculos XV e XVI. Influenciando propostas estético-literárias na Modernidade, tais discussões farão eco, por exemplo, durante o Romantismo oitocentista. Ora, não obstante a produção literária de Sá-Carneiro ser reconhecida como modernista, é indubitável a relação formal e temática que, em vários aspectos, mantém com a estética romântica, como por exemplo precisamente esse seu teor melancólico decadentista. Pois eis que, no conto em análise, o personagem-título afirma ser capaz de produzir sonhos lúcidos que o permitem evadir da tediosa realidade, o que o transforma em um homem particularmente feliz, “um homem inteiramente feliz — tão feliz que nada lhe poderia aniquilar a sua felicidade”, o que, paradoxalmente, o identificará como um personagem, como pretendemos demonstrar, absolutamente melancólico.

Palavras-chave: 1. Conto Português; 2. Sá-Carneiro; 3. Melancolia.

02 de agosto

8h30

DA MARGEM DA EXPERIÊNCIA HISTÓRICA ÀS PÁGINAS DA FICÇÃO: O POPULAR E O POETA MELANCÓLICO EM JOSÉ DE ALENCAR

Rafaela Mendes Mano Sanches (UFS)

Resumo: Este trabalho propõe analisar a representação da cultura popular no texto *Alfarrábios*: crônicas dos tempos coloniais (1872), atentando-se ao processo de simbiose cultural, explorado pelos meios com que a ficcionaliza o contato entre a cultura letrada e a cultura popular no período seiscentista – época abordada pelas crônicas constituintes do livro. O gênero adotado por Alencar em *Alfarrábios*, suscita reflexões sobre as zonas de contato entre história e ficção; nomeados de “crônicas”, os textos são construídos à maneira das crônicas coloniais, mas permeáveis a inventividade literária que se sintoniza com o repertório popular a fim de preencher as lacunas da história deixadas pelos registros oficiais. Desse modo, o objetivo é investigar o delineamento das linhas de força da crônica alencariana sob influxo da relação dialética entre historiografia oficial e registro das matrizes folclóricas do país. A crônica de *Alfarrábios*, por um lado nutre-se das formas de representação próprias da história oficial, entrevista em gêneros como crônica histórica e a ficção de caráter histórico, por outro, se apropria do repertório das narrativas lendárias, acercando-se delas com liberdade inventiva e linguagem francamente poética; tais características permitem ler os textos de *Alfarrábios* à luz do contexto da discussão sobre as fronteiras entre os gêneros e os limites entre ficção e história que ocuparam os letrados durante o século XIX. Nesse sentido, o texto cronístico que constitui *Alfarrábios* se apresenta integrado a um processo construtivo oriundo de um esforço de conferir contornos verossímeis à matéria da história não apenas sob amparo do discurso oficial, mas também sob influxo do elemento de difícil apreensão representado pela cultura oral e realidade dos costumes do povo. Com efeito, a plasmação do elemento folclórico na obra intensifica-se proporcionalmente à atenuação do registro histórico, sobretudo, por ser enredada por formas literárias permeáveis à apreensão dos elementos lendários, aliás, formas essas intimamente ligadas ao lirismo que permeia a obra. A vazão dada a momentos de lirismo manifesta-se por meio da voz de personagens oprimidos pela solidão, cuja trajetória marca o imaginário dos setecentos. Por sua vez, o texto abre espaço para explorar a figura de um poeta moribundo e melancólico, cujas experiências abafadas pela dor e frustração ocupam o imaginário de outras gerações, tornando-se uma lenda do período colonial. A partir dessas considerações, o estudo proposto se debruça sobre a cultura popular, que, nas narrativas, surge como refratária à cultura erudita e como via de expressão da voz dos marginalizados e sempre como ponto privilegiado para investigar a constituição das culturas nos tempos coloniais.

Palavras-chave: cultura popular; ficção alencariana, melancolia

O APEQUENAMENTO DO HOMEM MODERNO: MELANCOLIA, ANGÚSTIA E NIILISMO EM GRACILIANO

RAMOS

Mauro Lopes Leal (UFPA)

Resumo: O temor diante do nada situa o homem em um estado de indagação que, não raro, deixam-no insatisfeito com respostas de cunho metafísico: Deus, paraíso, alma, dentre outros conceitos, não apaziguam no homem a angústia mediante a envergadura opressora da realidade, a saber, que o homem é transitório e que o seu vigorar no mundo é efêmero. Em busca por respostas, o homem depara-se com concepções divinas, científicas e imaginações que, elaboradas por si mesmo, visam de forma direta ou não, amenizar a aflição que o próprio existir deposita sobre a sua jornada no mundo. No mundo moderno, marcado essencialmente pela velocidade de produção e das relações humanas fortuitas, pela aquisição de bens como representação de sucesso, pela diminuição de um voltar a si mesmo como exercício de reconhecimento, o homem tornou-se coisa, instrumento, peça, fugacidade, cuja existência adentra em uma nadificação significativa. Em uma sociedade caracterizada por relações comerciais e técnicas, a noção de homem deu lugar à valorização material, superficial e banalizada, tornando-o refém angustiado daquilo que produz e almeja. Em determinados casos, adentra-se no terreno do niilismo, ou seja, na descrença de todos os valores. Este é um fenômeno no qual os valores mais enraizados da sociedade são desfeitos, postos em descrédito, imergindo o homem em um estado de vazio, no qual toda crença é insuficiente para satisfazer o espírito humano, gerando o sentimento de impotência, desestabilização, insegurança e sofrimento, uma vez que a existência humana é finalmente percebida como algo permeado pelo vazio, o nada. É este homem melancólico e imerso no nada que Graciliano Ramos irá apresentar em diversas de suas obras. No presente trabalho, abordar-se-á na obra *Angústia* a presença do indivíduo imerso em melancolia e sua condição de niilista. Publicada em 1936, *Angústia*, de Graciliano Ramos, traz em seu cerne a questão da angústia do homem diante de si mesmo, do mundo que o rodeia e do nada. No contato com a vigência do mundo, o ser humano desespera-se por não saber qual direção tomar, que atitudes apresentar diante das adversidades existenciais. Este é o papel representado por seu narrador, Luís da Silva, cuja vida esvaziada e destituída de maiores ambições, situa-o, por isso mesmo, em um contexto de complexidade que revelam o apequenamento do homem moderno. Graciliano Ramos expõe a fragilidade do homem que se mostra incapaz de transformar essa angústia em um sentimento de reconhecimento e aceitação de si e do mundo que o rodeia. A consciência da morte futura, a sua brevidade enquanto ser posto no mundo, deveria suscitar no homem da modernidade um olhar mais reflexivo, o que, efetivamente, não ocorre. Desse modo, tal homem imerge no vazio niilista, acreditando-se deslocado da efetiva realidade, preferindo o subsolo da existência do que a responsabilidade pela vigência da sua existência e liberdade vigorante no mundo. Para suporte teórico, serão utilizados, entre outros, o pensamento do filósofo Nietzsche, que abordou a questão do niilismo de modo significativo. No que tange ao aspecto literário, o pensamento de Antônio Cândido se fará presente.

Palavras-chave: Homem moderno; niilismo; angústia; melancolia.

SOB A TAIPA, SOBRE A LAMA, A URBE NATAL DO DESCONSOLO – RELAÇÕES ENTRE MELANCOLIA, CONSCIÊNCIA HISTÓRICA E POESIA AUTOCONSCIENTE

Fabiano Rodrigo da Silva Santos (UNESP)

Resumo: As presentes considerações propõem uma leitura da relação entre melancolia, performance poética autoconsciente e plasmação da história nos poemas “Os doentes” (Eu, 1912), de Augusto dos Anjos; *O cão sem plumas* (1950), de João Cabral de Melo Neto e “As mortes das casas de ouro preto” (Claro Enigma, 1951), de Carlos Drummond de Andrade. Os três poemas compartilham certa orientação que os inclina à tentativa de composição de alegorias sobre a história, marcadas por profunda consciência de impossibilidade. Em seu esforço performático, tais alegorias evidenciam a relação entre indagação dos fenômenos sociais e investigação da natureza do discurso poético. A investigação das imagens dos poemas aqui considerados busca interlocução com o conceito de alegoria moderna, entendida, nos termos de Walter Benjamin, como maneira particular com que o olhar melancólico “capta” a história. Grosso modo, esse tipo de alegoria

poderia ser interpretado como processo de representação artística marcado por uma insuficiência consciente que traduz para a obra a fragmentação e a precariedade presentes na história; daí sua pertinência para as reflexões ora expostas. “Os doentes”, uma longa meditação poética sobre o Weltschmerz do eu lírico de Augusto dos Anjos, ao passo em que descortina a errância cega dos seres rumo à putrefação, erige uma cosmovisão sobre a história a partir da ruína: doentes, leprosos, os mitos nacionalistas profanados, cadáveres expostos surgem no poema como alegorias do país, que, acumulando-se em quadro vertiginoso, desafiam a expressão lírica, ocupada em “conter” dentro dos limites do poema e da racionalidade a profusão de imagens que lhe acomete. Já em “O cão sem plumas”, de João Cabral de Melo Neto, a tentativa de plasmar a essência do rio Capibaribe e das misérias que seguem seu curso moroso e triste gera a alegoria do cão – destituído de adornos, humilde e melancólico. Todavia, assim como corre o rio, paulatinamente, a metáfora eleita se revolve e esvai; em constante movimento, o cão-rio se transfigura, sorvendo a paisagem social para seu corpo e, ao fim, surge como estopim de uma reflexão não apenas sobre a ontologia da expressão poética como das carências humanas. “A morte das casas de Ouro Preto”, integrante de Claro Enigma, de Carlos Drummond de Andrade, por seu turno, articula-se sob mirada visionária e testemunha, na chuva que cai sobre a velha cidade mineira que título ao poema, a força corrosiva e diluidora do tempo – as casas, alegorias de taipa da história, esvaem-se diante da perspectiva lírica que, sobre os escombros dos edifícios, busca recompor, em dicção poético, o sentido da história. Com efeito, “Os doentes”, de Augusto dos Anjos; O cão sem plumas, de João Cabral de Melo Neto e “A morte das casas de Ouro Preto”, de Carlos Drummond de Andrade permitem uma investigação do modo particular de luto enunciativo pelo qual Julia Kristeva compreende o processo de assimbolia que permite a correspondência entre o complexo melancólico e a linguagem poética fragmentária e elíptica. Sejam fantasmagorias geradas do esfacelamento dos ideais de pátria e indivíduo, como em Augusto dos Anjos, sejam alegorias corroídas pela precariedade haurida da paisagem sócio-histórica, como em João Cabral de Melo Neto e Carlos Drummond de Andrade, as imagens emanadas pelos três poemas estudados denotam que sob o signo da melancolia, os fenômenos da consciência social e da autoconsciência poética integram-se como duas faces de uma mesma experiência de carência (ou luto) a qual frequentemente recorre a poesia moderna para plasmar suas relações com a história.

Palavras-chave: Melancolia; Alegoria; Poesia Brasileira

7 - A POESIA NA SALA DE AULA

Coordenação: Andresa Fabiana B. Guimarães (USP); Mei Hua Soares (FCL)

Resumo: Para Anatol Rosenfeld (ROSENFELD, [1965] 2006), o lírico é o mais subjetivo dos gêneros porque centrado em uma voz que exprime estados de alma, vivências e emoções, plasmando as vivências de um EU no encontro com o mundo. Antonio Candido (CANDIDO, 1996), ao asseverar sobre as relações que podem ser estabelecidas entre prosa e poesia, ressalta o caráter híbrido que pode envolver os textos poéticos. Paul Valéry, ao defender a estética de Mallarmé, ressalta ainda a recusa e a negação como potências literárias e poéticas (CAMPOS, 2011). Mas quando a poesia adentra os ambientes escolares e institucionalizados, como isso se dá?

Nos documentos oficiais que regem legalmente a Educação, como é o caso da LDBEN/96, verifica-se que um dos objetivos do trabalho com a literatura é o “aprimoramento do educando como pessoa humana, formação ética, desenvolvimento da autonomia intelectual e pensamento crítico” [Art. 43]. Entende-se, dessa forma, que a escola deverá estabelecer como meta “o desenvolvimento do humanismo, da autonomia intelectual e do pensamento crítico”. Para Osakabe (OSAKABE, 2004), a literatura pode ser um agenciador do amadurecimento do aluno, proporcionando-lhe um convívio com um domínio cuja principal característica é o exercício da liberdade. Vale ressaltar que esses documentos se baseiam em critérios como transversalidade, interdisciplinaridade, sensibilidade, igualdade, identidade.

Nesse sentido, o trabalho com poesia parece se revelar instrumento valioso no tocante à formação escolar, embora, em sua origem, não esteja previsto o caráter utilitário. No entanto, se pensarmos

nos conceitos de sociedades disciplinares (FOUCAULT, [1975] 2009) e de sociedades de controle (DELEUZE, [1992] 2010), verificaremos que a escola apresenta pontos de intersecção na reprodução de formas de poder e, portanto, a poesia, por se dar no campo da linguagem, na sua forma mais apurada e potente, também poderia consistir em valiosa ferramenta reflexiva e transformadora. Porque desestabiliza, reverte (a língua inclusive!), desordena, traz à tona o inesperado, o inseguro, faz estranhar. É certamente nesse estranhamento provocado pela linguagem estética que reside a sua maior contribuição: diz, não dizendo diretamente; faz despontar o real, sem parecer mirá-lo; expressa o que há de mais subjetivo, trazendo, em suas entranhas, o coletivo, como atesta Adorno: “Uma corrente subterrânea coletiva é o fundamental de toda lírica individual (ADORNO, [1957] 2003).

Em crônica no *Jornal do Brasil* publicada em 1974, Carlos Drummond de Andrade levanta a questão: “Por que motivo as crianças, de modo geral, são poetas e, com o tempo, deixam de sê-lo? Será a poesia um estado de infância relacionada com a necessidade de jogo, a ausência de conhecimento livresco, a despreocupação com os mandamentos práticos de viver – estado de pureza da mente, em suma?”. O autor avança tecendo considerações a respeito da relação intrínseca entre poesia, meninice, senso crítico e estético e sobre a pertinência da escola em trabalhar com essas questões “Mas, se o adulto, na maioria dos casos, perde essa comunhão com a poesia, não estará na escola, mais do que em qualquer outra instituição social, o elemento corrosivo do instinto poético da infância, que vai fenecendo, à proporção que o estudo sistemático se desenvolve, até desaparecer no homem feito e preparado supostamente para a vida? (ANDRADE, 1974)”. Na sequência, o poeta responde: “Receio que sim”.

Fazendo coro aqui aos questionamentos de Drummond, lança-se, nesta proposta de simpósio, o desafio de se pensar, mais detidamente, sobre o tema e permitir o compartilhamento de experiências com a poesia no espaço da escola.

Considerando a poesia como algo que pode ser expresso em poemas e textos poéticos – em prosa ou em verso –, mas que também figura em outras formas de expressão e linguagem – em textos visuais, plásticos, na fotografia, na dança e no teatro, por exemplo –, pretendemos explorar como o trabalho com poesia pode se dar no contexto da sala de aula. Ao adentrar o espaço físico e simbólico escolar – em seus diferentes níveis – que práticas de leitura e de escrita envolvendo poesia podem se revelar potentes? A poesia é ensinável? Como se dá a exploração de um discurso tão libertário e surpreendente em um terreno de regras, lições, planejamentos e expectativas mais precisas e mensuráveis? Como explorar um texto que requer sensibilidade, agudeza de sentidos e senso lógico também, em um território marcado por tantas outras exigências e metas mais conteudísticas e objetivas? O texto poético aliado a outras linguagens pode gerar propostas ricas na escola? Quais metodologias e didáticas são adequadas para lidar com o gênero em questão? Como é a recepção discente em relação ao texto de acentuado valor estético? Pensando nos cortes, estranhamentos e aporias que a arte e a literatura envolvem, quais os riscos advindos desse diálogo entre poesia e sala de aula?

REFERÊNCIAS:

- ADORNO, Theodor. Palestra sobre lírica e sociedade. In: _____. *Notas de literatura I*. Jorge M. B. de Almeida (trad.). São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003, p. 70 e 77. [1957].
- ANDRADE, Carlos Drummond de. A educação do ser poético. In: *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 1974. Disponível em: <http://goo.gl/7abR67>. Acesso em: 11/03/2018.
- BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Orientações curriculares para o ensino médio: linguagens, códigos e suas tecnologias. Vol. 1. Brasília: MEC/SEB, 2006.
- CAMPOS, Augusto de. Poesia da recusa. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- CANDIDO, Antonio. Estudo analítico do poema. São Paulo: Humanitas Publicações / FFLCH/USP, 1996.
- DELEUZE, Gilles. Conversações. São Paulo: Editora 34, [1992] 2010.
- FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão. Petrópolis (RJ): Vozes, [1975] 2009.

OSAKABE, H. FREDERICO, E. Y. Literatura. Orientações curriculares do ensino médio. Brasília: MEC/SEB/DPPEM, 2004.

ROSENFELD, Anatol. "A teoria dos gêneros". In: O teatro épico. São Paulo: Perspectiva, 2006.

31 de julho
8h30

A POESIA E SEUS (MUITOS) SENTIDOS NA ESCOLA

Marli Siqueira Leite (USP)

Resumo: Pretende-se, com a comunicação, propor a reflexão a respeito do trabalho com a Poesia na escola (especialmente no ensino fundamental) – propriedades, dificuldades e possibilidades dessa prática – a partir de algumas experiências concretas com a leitura e a produção de poemas na sala de aula. Espera-se, com a oportunidade, instigar o pensar sobre a prática pedagógica, contribuindo, de alguma forma, com os professores, para um trabalho consistente, eficaz e sensível com o gênero.

Palavras-chave: Poesia; Leitura e escrita; Literatura e Educação.

DES(CONSTRUIR) OS EMARANHADOS DA TEIA POÉTICA: O ENSINO DA POESIA ORIDEANA NO AMBIENTE ESCOLAR

Jaqueline de Carvalho Valverde Batista (UNESP)

Resumo: O trabalho com a leitura e a interpretação, em sala de aula, é proposta a ser desenvolvida pelo professor para que o aluno desenvolva suas habilidades, sobretudo a capacidade de senso crítico. Conforme Cagliari (2009, p. 148), "a atividade fundamental desenvolvida pela escola para a formação dos alunos é a leitura", pois é por meio dela que o aluno conseguirá formular a escrita. O reconhecimento da prática de leitura conduz o professor à escolha dos textos com quais irá trabalhar e entre esses pode-se destacar os textos literários, sobretudo poemas, pois a construção que apresentam levam o aluno a um processo de desestabilização, o qual se coloca a refletir em tarefa de des(construir) a superfície poética para criar novos significados e, portanto, interpretar e executar o senso crítico. Isto é, o trabalho com o texto literário pode funcionar como uma ferramenta magistral no progresso do desenvolvimento das capacidades apontadas, no que toca ao aluno. A poesia causa estranhamento, é sugestiva e, portanto, difere-se de um texto não literário, de modo a propor que o aluno examine o poema, reflita e estabeleça possíveis recifrações, como aponta Barbosa (1986). Na mesma esteira, Osakabe (2002) afirma que a poesia exige do sujeito uma experiência particular com o objeto. O reconhecimento do trabalho de construção com as palavras de forma a desestabilizar o leitor feito no poema pode contribuir para a escolha do professor em trabalho com seus alunos leitores em sala de aula. O presente trabalho, justifica-se, ao reconhecer esse papel primordial da poesia em sala de aula e propõe a aplicação da leitura de poemas da poeta brasileira Orides Fontela, em ambiente escolar, pois, a nosso ver, sua poesia é construção, poeta artesã das palavras, poesia sugestiva, portanto, que leva o leitor a desconstruir para construir novos significados. Por ter uma fortuna crítica um pouco discreta, no sentido de que poucos conhecem sua obra ainda, pode ser uma proposta de trabalho que permitirá o despertar dos alunos para a leitura não somente de sua poética, mas de outras também, permitindo olhares críticos do mergulhar poético em várias fontes. A pesquisa objetiva motivar o professor na prática do trabalho com poemas em sala de aula e, por meio, da poética de Orides Fontela, reconhecer possibilidades de reflexão produzida por sua poesia. Segundo Barbosa (1986), a poesia moderna é obscura e difícil, de tal modo que não permite a decifração, mas a recifração de seus significados. Osakabe (2002) ressalta que é na experiência do objeto pelo sujeito que o leitor constrói significados possíveis, pois a poesia orideana é sugestiva, como nos seguintes versos de seu poema "Rosa", confirma-se "Eu assassinei a palavra e tenho as mãos vivas em sangue", ou seja, a poesia sugere, a palavra morre e transcende em significação, o que permitirá, assim, ao leitor a recifração, o olhar crítico e atento aos emaranhados da teia poética.

Palavras-chave: Ensino; Poesia; Desenvolvimento; Orides Fontela

O LEITOR DE POESIA: DA FRUIÇÃO AO OLHAR ANALÍTICO

Andresa Fabiana Batista Guimarães (USP)

Resumo: Para se trabalhar os textos Cándido (2004), parte da noção de que cada um deles requer um tratamento adequado à sua natureza, embora tenham alguns pressupostos comuns. Um deles é de que os significados são complexos e oscilantes, outro é que o autor, na construção, combina elementos de vários tipos, por isso “na medida em que se estruturam, isto é são reelaborados, numa síntese própria estes elementos só podem ser considerados externos ou internos por facilidade de expressão.” (p.5) Sendo assim, o analista deve utilizar os dados de que dispõe para verificar como a matéria se torna “forma e o significado nasce dos rumos que esta lhe imprimir” (idem), por isso, as análises devem focalizar os aspectos relevantes de cada texto. No caso do poema é relevante se pensar na relação dos segmentos, principalmente tendo em vista o conceito básico de estrutura como correlação sistemática das partes. Desta forma, o trabalho de análise deve partir do poema em sua realidade concreta, levando em consideração primeiramente a análise e não propriamente a sua interpretação. Cándido (2006), propõe que a “análise como comentário é um preâmbulo, e para o professor de literatura e de língua se torna indispensável”. (p.22). O comentário é o esclarecimento objetivo dos elementos necessários ao entendimento do poema. É por meio deste movimento que é possível se experimentar o encanto do poema para, em seguida, partir para sua análise, “depois desta, a interpretação deve surgir como reforço daquele encantamento, e não como sucedâneo ou diminuição.” (p.23). Desta forma, consideramos o trabalho com poema uma operação realizada a parit de duas etapas, o comentário e a interpretação, ou seja, o comentário analítico e a análise interpretativa. Na esteira dos estudos sobre leitura e ensino de literatura, nos debruçamos sobre os trabalhos acerca da recepção, tendo em vista que o leitor, tornou-se um objeto importante de reflexão teórica. A questão central de toda reflexão sobre a leitura literária é a da liberdade concedida ao leitor pelo texto. Como aponta Compagnon (2012), os estudos recentes da recepção interessaram-se pela maneira como uma obra afeta o leitor, “um leitor ao mesmo tempo passivo e ativo, pois a paixão do livro é também ação de lê-lo. A análise da recepção visa o efeito produzido no leitor, individual ou coletivo e sua resposta ao texto considerado como estímulo.” (p.145). Desta forma, levando-se em consideração as questões relevantes acerca dos procedimentos de análise dos poemas e, na perspectiva dos estudos acerca do leitor e da recepção da literatura, nos propomos a lançar um olhar analítico acerca de uma prática de leitura e análise de poemas realizados em uma sala de aula de 7º ano do ensino fundamental de um colégio bilíngue de São Paulo. O objetivo é lançar um olhar reflexivo ao processo de leitura e análise dos textos poéticos e, de que maneira a leitura literária é capaz de produzir novos significados nestes leitores, tornando-os mais conscientes dos efeitos produzidos pelos recursos estilísticos na construção dos textos.

Palavras-chave: teoria da recepção; poesia; análise literária

POESIA EM SALA DE AULA: UMA RIMA, UMA SOLUÇÃO

Valdenides Cabral de Araújo Dias (UFRN)

Resumo: O presente estudo tem por objetivo mostrar o papel da poesia em sala de aula, como estratégia para a promoção do letramento literário. Considerando que a linguagem da poesia perpassa outras formas do dizer poético, ressaltamos a dupla face, lúdica e estética, capaz de despertar o interesse dos alunos. Dentro do espaço escolar, cuja meta é ofertar ao aluno uma aprendizagem ampla, a partir do que proclama os PCN (BRASIL,1998) em relação ao texto como unidade básica de sentido, ainda não encontramos essa interlocução com o literário e mais especificamente, com a poesia, de forma prazerosa e lúdica. O que pode, então, negativizar a recepção do leitor do texto literário? Onde a falta de interesse pela leitura é visível, levando-o a fazer parte de um quadro de leitores funcionais, inviabilizando o processo de compreensão leitora, a escola não pode, nem deve se furtar à tarefa de desenvolver projetos de leitura do texto literário em suas várias modalidades. A poesia, portanto, entra na sala de aula para aguçar a capacidade imaginativa e criativa do aluno, proporcionando-lhe vivenciar momentos de fabulação da vida e de

humanização (CANDIDO, 1995). A leitura do poema nasce da necessidade de sentirmos o mundo real de uma forma mais prazerosa e lúdica. A estrutura poemática, composta de estrofes, versos, rimas, ritmo, melodia, entre outros, permite ao leitor compará-la à música, de onde o poema se originou. Assim, estudar o poema em sala de aula é a chave mágica por onde entrará a compreensão do mundo, a criticidade do mundo e o deleite do leitor. É a via por onde podemos iniciar o hábito da leitura. É o gênero textual por excelência ligado ao prazer do texto, à sua fruição, seja o poema erudito ou popular. É por onde o leitor vai experimentar a sensação de prazer, de emoção, que chamamos poesia. Para que isso aconteça em sala de aula, forma-se um quadrado perfeito: autor, texto, leitor e professor, imbuídos de um desejo de ser lido, sentido e compreendido. Para o letramento poético em sala de aula (DIAS, 2016), seguimos passos que começam pela ação reflexiva, orientada e participativa acerca da criação poética e de como se constitui o poema, para, em seguida, o aluno traduzir, dentro de si, a poesia e nela descobrir, no momento da leitura silenciosa e em voz alta o ser poético, tornando-se sensível a este ser.

Palavras-chave: Leitura; Poesia; Sala de aula.

01 de agosto

8h30

POR UMA DEFESA DO FAZER POESIA (TAMBÉM) NO ENSINO MÉDIO

Sarah Vervloet Soares (USP/IFF)

Resumo: Este trabalho se propõe a apresentar e discutir alguns pontos de vista recolhidos de pesquisas e fontes sobre o ensino de literatura e, especificamente, o ensino de escrita literária. Tendo em vista que a escrita é um objeto social e historicamente construído, é possível compreender a necessidade de sua inserção à vida pessoal, cultural, social e profissional, de modo que, para isso, deve-se explorar suas múltiplas possibilidades. Nesse sentido, o trabalho com a linguagem escrita caracteriza-se, cada vez mais, pelo trabalho com o texto e faz-se fundamental pensarmos quais são as concepções hoje existentes relativas ao texto e como essas abordagens acontecem na prática. Assim, entende-se que a mudança do paradigma de ensino da escrita e de suas representações está relacionada com as práticas de produção desses textos, mas, principalmente, com a visão que se tem do texto e da própria escrita. Tanto a leitura literária quanto a escrita literária fazem parte, atualmente, de uma série de estudos que endossam a ideia de um ensino mais direcionado à prática do texto literário e não de sua fragmentação ou historicismo, por exemplo. Nas últimas décadas, com colaboração das novas correntes linguísticas (textual, pragmática, teorias enunciativas) procedeu-se a uma importante mudança de paradigmas no ensino da língua portuguesa e, também, o objeto do ensino de literatura passou a ser questionado. De acordo com essa nova perspectiva de educação literária, é do texto e de sua leitura que devem partir as aulas e não de seus resumos e dos estilos de sua época. Tendo em vista que a escrita faz parte desse processo de leitura (não só por meio de tarefas e atividades que visam a “fixar” o conteúdo, mas também porque a escrita exige a leitura do próprio texto e a reflexão das próprias capacidades), cabe ainda questionar se é possível potencializar esse ensino a partir da escrita literária. Amparando-se nos estudos de Calkins (1989), Barré-de Miniac (2002), Possenti (1996), Tauveron (2014), Rouxel (2013), entre outros, intenta-se buscar aparatos para justificar o estudo e a produção de textos literários, não só nos primeiros ciclos da escola, mas também ao final deles, ou seja, durante o ensino médio. Com isso, pretendemos refletir sobre a importância dessa escrita para a (trans)formação do sujeito e de suas capacidades cognitivas, pensando em sua constituição como autor. Conjeturar a escrita literária como parte do ensino de Língua e Literatura significa apontar que a prática dessa escrita carrega valores que podem subsidiar diferentes vínculos com a aprendizagem.

Palavras-chave: Escrita literária; Ensino Médio; Produção de Texto

CAMINHOS PARA A ABORDAGEM DE TEXTOS LITERÁRIOS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Diego Domingues (UFRJ)

Resumo: Não é incomum encontrarmos discursos que subestimam a capacidade de compreensão e apreciação de textos literários por alunos da educação de jovens adultos (EJA) ou que avaliam tais textos como de dificuldade elevada, isto é, textos inadequados para o trabalho nesta modalidade. Refletindo um pouco sobre essas equivocadas percepções, este trabalho busca compartilhar com outros profissionais de educação relato sobre práticas pedagógicas com textos literários, principalmente do gênero poema, realizadas durante um bimestre em duas turmas de sétimo ano da EJA de uma escola municipal de Duque de Caxias/RJ. Tal trabalho passeou pela obra de diversos autores e autoras, como Carlos Drummond de Andrade, Cora Coralina, Manuel Bandeira, dentre outros, buscando desconstruir preconceitos que muitos alunos carregavam sobre o que poderia ser considerado texto literário, sobre suas diferentes manifestações, bem como sobre a importância de sua abordagem no espaço escolar. Aproveitou-se, também, para demonstrar como não é necessário desconsiderar os conteúdos tradicionalmente presentes no currículo escolar, isto é, a leitura de textos literários, além de apresentar aos alunos a riqueza das possibilidades linguísticas, também os convidou a analisar certas características e regularidades, presentes no desenvolvimento de um texto, que puderam potencializar suas produções escritas. Tendo como referenciais teóricos as obras de Antunes (2003, 2013) que tratam da importância de atividades contextualizadas de leitura e escrita em sala de aula; e as de Bittencourt (2008), Cereja (2013) e Cosson (2014), que criticam a maneira tradicional e conteudista com quem os gêneros literários são costumeiramente tratados na escola, propondo reflexões sobre a importância da leitura literária no letramento de alunos da educação básica; o trabalho desenvolvido buscou evidenciar a importância de tecer estratégias que possibilitem a exploração de textos literários nas práticas de ensino de língua portuguesa, demonstrando diversas possibilidades e potencialidades que a abordagem de tais textos pode trazer para o ensino, independentemente da faixa etária ou da modalidade em que os alunos estão. Como considerações finais, percebeu-se que privilegiar o processo de interação entre aluno e texto, possibilitando o desenvolvimento de sua criticidade, ao invés de impor pensamentos hegemônicos; bem como trazer temas que dialoguem com sua realidade, evitando uma visão de texto limitada apenas ao código, são indicativos de que as práticas pedagógicas estão verdadeiramente preocupadas em tornar o conteúdo trabalhado na escola significativo. Notamos que quando não há esta intencionalidade, temos práticas que, a despeito de usar ou não a literatura, relegam aos alunos a posição de meros receptores de um saber pré-estabelecido, destituído de significação ou valor para suas vidas.

Palavras-chave: educação de jovens e adultos, poema, letramento

ORA (DIREIS) OUVIR 'SONETOS'. CERTO PERDESTO O SENSO!: PROJETOS INTERDISCIPLINARES DE LEITURA - OS GÊNEROS POÉTICOS

Ana Elvira Luciano Gebara (Universidade Cruzeiro do Sul / FGV Direito SP)

Resumo: Os gêneros do campo discursivo literário reúnem uma infinidade de objetos culturais. Alguns com séculos e séculos de tradição como a cantiga, o soneto, o conto de fadas; outros com algumas décadas como o vídeo-poema, os contos da twitteratura ou as narrativas da fanfiction. Apropriar-se desses objetos culturais requer bem mais do que simplesmente compreender como se organizam, sua estrutura temática ou composicional. Trata-se de entender o diálogo empreendido entre a tradição que construiu o que chamamos de poemas, retomados no trabalho dos sujeitos autores pelos sujeitos leitores. No espaço escolar, a tradição parece ter maior importância do que nos outros espaços, pois parece-nos, por vezes, que os saberes ali desenvolvidos ou propagados se apoiam na legitimidade vinda dos anos de sua existência ou de cânones irrefutáveis. Nesse quadro de coerções externas aos alunos, e alheias à não aceitação de uma concepção em que espontaneidade e uma espécie de aderência quase exata aos sentimentos com poucas mediações representa os gêneros líricos (BORDINI, 2013), o espaço da sala de aula pode se configurar (como muitas vezes tem ocorrido) como um obstáculo para o aprendizado do poema (COSEM, 1980; PINHEIRO, 2003). Nos cursos de Licenciatura – Português /Inglês, a preocupação com esses

elementos de resistência ao aprendizado tem dupla direção: uma voltada para a leitura e produção dos graduandos; outra para a formação do professor que promoverá o ensino desses gêneros. Nesta comunicação, tem-se como objetivos; 1) apresentar os resultados de projeto interdisciplinar “Ora (dizeis) ouvir ‘sonetos’. Certo perdeste o senso!: percursos de leitura literária – os gêneros poéticos”, que reuniu três disciplinas do 5º semestre do curso de Letras da Universidade Cruzeiro do Sul – “Prática de Ensino de Língua Portuguesa”; “Metodologia de Ensino de Língua Portuguesa” e “Língua Portuguesa: Linguística Textual”, focalizando o processo de elaboração e o produto final “antologia de sonetos” em que os alunos participaram como poetas e organizadores; 2) discutir como é possível desenvolver uma abordagem do poema em uma perspectiva interdisciplinar, promovendo a leitura como uma das formas de agência, tal como a concebe Bazerman (2006), e a autoria (FIAD, 2008), em especial, no poema (JOLIBERT, 1994). A proposta do trabalho interdisciplinar tem como meta promover a leitura dos clássicos (MACHADO, 2002; BLOOM, 2001). Neste projeto, o foco da primeira etapa era leitura de sonetos de Shakespeare, especificamente, os sonetos 65 e 141, e a elaboração de um soneto à la Shakespeare, tomando como tema o fazer metalinguístico e o amor. A partir da leitura e da produção do soneto, os grupos eram responsáveis pela criação de uma antologia com os sonetos de cada um dos componentes e outros para o guia de leitura dos gêneros poéticos que deveria responder às necessidades que envolvem o ensino do texto literário no Fundamental II (SORRENTI, 2009; GEBARA, 2009). Como resultado desse trabalho, buscou-se ainda, um efeito possível como se observa nos estudos de Nogueira (2008), a apropriação que leva a aplicação em outros gêneros dos conhecimentos construídos no projeto.

Palavras-chave: Ensino; gêneros poéticos, projeto interdisciplinar

O SLAM: EXPERIÊNCIA COM A LINGUAGEM POÉTICA E SEUS VÍNCULOS COM A CULTURA E A VIDA

Lucimar Americo Dantas (UFU)

Resumo: A formação da competência leitora de textos literários é altamente relevante no meio científico e educacional, uma vez que esse tema está inserido nos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs, nas Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio – OCEM, no Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM e na Base Nacional Comum Curricular – BNCC. O texto literário é pouco valorizado no processo de formação do leitor nas escolas, principalmente o texto poético. É objeto de estudo nesta pesquisa o gênero literário poema com foco no Ensino Fundamental, uma vez que, dentre os textos literários, esse é o menos valorizado na educação escolar tanto no Ensino Fundamental quanto no Ensino Médio. Segundo Pinheiro, “de todos os gêneros literários, provavelmente, é a poesia o menos privilegiado no fazer pedagógico da sala de aula” (2007, p.17). Também tratamos nesta pesquisa sobre o Slam como uma proposta de intervenção que está sendo desenvolvida nos anos finais do Ensino Fundamental em uma escola municipal de Uberlândia/MG. O Slam é um campeonato de performances poéticas que se originou em Chicago e depois se espalhou mundo a fora, inclusive, o Brasil. Como diz Ramos (2017), consiste “em declamações poéticas em locais públicos e privados, em que o poeta versa, em formato de batalha, durante três minutos, sobre diversos temas ligados a sua vida”. Trata-se de uma espécie de literatura marginal que, segundo alguns estudiosos do tema “periferia”, precisa ser legitimado. A metodologia que está sendo utilizada neste estudo é a pesquisa-ação (ou pesquisa participante), na qual a participação das pessoas envolvidas (pesquisador e participantes) nos problemas investigados é de suma importância. A presença (ou não) do poema em sala de aula é investigada neste estudo tentando delinear causas prováveis para o desinteresse do aluno por esse gênero e analisar possíveis práticas de leitura que possam contribuir para que melhore essa situação. Esta pesquisa parte da concepção de um letramento literário fundamentado num paradigma complexo que visa o leitor real e não o leitor ideal segundo o modelo cartesiano. De um modo geral, a poesia contribui para a formação integral do aluno: sua personalidade, seu crescimento intelectual e afetivo, na compreensão da realidade e de si mesmo. Aqui apresentaremos, também, algumas reflexões sobre as dificuldades para se trabalhar com a poesia na escola, sobre o lugar e a função da poesia em nossa vida e

algumas possibilidades de como se trabalhar o gênero poema relacionando-o com a cultura e a vida a partir da concepção de letramento poético.

Palavras-chave: Letramento literário; Poesia; Slam.

02 de agosto

8h30

POÉTICA E COMUNICAÇÃO SOCIAL: A POESIA NA FORMAÇÃO DE GRADUANDOS DE JORNALISMO

Mei Hua Soares (Faculdade Cásper Líbero)

Resumo: A partir de trabalhos envolvendo textos poéticos realizados junto a alunos de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, pretende-se tecer breves explicações sobre aspectos relacionados ao contato com diferentes gêneros textuais e literários, incluindo poemas, na formação do profissional de Comunicação. Imersos na hipercultura universal ou cultura-mundo (SERROY e LIPOVETSKY, 2011), onde os saberes em rede e o acesso a quantidades volumosas de informação ininterrupta pautam as rotinas e interesses, ainda é possível pensar em um trabalho com a linguagem, com a leitura e produção de textos poéticos que escape do ritmo desenfreado e areje outras recepções de leitura sem deixar de atender a especificidades e demandas próprias do campo jornalístico? Umberto Eco, ao discorrer acerca das especificidades e encaminhamentos da literatura e ao mencionar o impacto das personagens de ficção, aponta também para o fato de que, apesar de não ser prioridade na vida dos sujeitos em geral, sem a literatura, o mundo seria bem menos humano. Candido também defende a tese de que a literatura (lado a lado com as demais artes) deve ser considerada um bem incompressível, ou seja, indispensável à vida, uma vez que, segundo ele, todos necessitamos de doses de fantasia e de ficção para sobreviver e para nos reconhecermos enquanto seres humanos (CANDIDO, 2013 [1988]). Além disso, Candido toca em questão fulcral ao alçar a literatura ao patamar dos bens inalienáveis, pois põe em evidência o fato de que considerar a literatura e as demais artes e manifestações culturais supérfluas às camadas mais pobres, faz com que seja reafirmada a sua permanente exclusão da cultura letrada e dos campos simbólicos de poder. Já Tzvetan Todorov, o historiador e ensaísta búlgaro, ressalta a literatura como fator de humanização. De acordo com o autor, a literatura opera transformações a partir de modificações sensíveis internas ao sujeito leitor. Além disso, assim como Eco, enfatiza o caráter didático que a literatura pode envolver. Nosso intuito não é (embora possa aparentar) defender a poética como obrigatória nos cursos de Comunicação. Ela não chega sequer a constar na grade disciplinar do curso. Trata-se de entender se a leitura e produção efetiva de textos poéticos pode consistir em possível ferramenta pedagógica formativa ou contribuir para que as dimensões estética, estilística e poética (em diálogo com a dimensão política, social, cultural) sejam contempladas na formação do sujeito, no caso futuros (as) comunicadores (as). Dentre tantas outras possibilidades metodológicas e didáticas, o trabalho com poesia, com suas “exigências” de recepção (esforço cognitivo diante do formato “antiquado” em comparação com a imagem ou com as sinestesias digitais; necessidade de concentração; inserção em tempo e ritmo diferenciados; adequação à linguagem poética e literária, ao vocabulário por vezes rebuscado, às inversões sintáticas etc.), ainda pode consistir em elemento de relevância formativa? É sobre essa questão (e seus desdobramentos) que gostaríamos de nos debruçar.

Palavras-chave: Poesia; Comunicação; Formação; Literatura

"O IMPORTANTE PARA O TRABALHADOR É SABER DO SEU VALOR": ESCRITAS DE SI COMO INSTRUMENTOS DE REAPROPRIAÇÃO DO SENTIDO ONTOLÓGICO DO TRABALHO E RESSIGNIFICAÇÃO DA SUBJETIVIDADE

Patricia Horta (UERJ/ IFSP)

Resumo: A presente comunicação relata e analisa uma experiência de produção poética desenvolvida na disciplina de Sociologia para o Ensino Médio na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), em duas escolas públicas da cidade de Sertãozinho (SP): O Instituto Federal de

Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo - Campus Sertãozinho, e a Escola Estadual Maria Conceição Rodrigues Silva Magon. No contexto de desenvolvimento do tema “Trabalho”, analisou-se e discutiu-se o poema “O operário em construção”, de Vinicius de Moraes. A partir das reflexões sobre o poema e o tema em pauta, os estudantes foram estimulados a produzir seus próprios textos poéticos, de forma a exprimir criticamente, em linguagem estética, as vivências dos trabalhadores na sociedade contemporânea. A experiência resultou em textos poéticos autobiográficos, que oscilam entre a construção de um pensamento crítico sobre o (próprio) trabalho e a apropriação da linguagem estética como expressão do pensamento. São escritas de si (ARFUCH, 2010), que além de colaborarem com a compreensão dos conceitos abordados pela disciplina, promoveram a construção de uma subjetividade como eu trabalhador, promovendo o pensamento crítico e autocrítico e incentivando a autonomia intelectual (BRASIL/MEC, OCN, 2006). Desse modo, a escrita de si tornou-se instrumento de apropriação e reapropriação do sentido ontológico do trabalho (SAVIANI, 2007) pelos estudantes, causando uma mudança subjetiva no processo de ressignificação de sua existência. Durante a comunicação, serão analisados poemas escolhidos produzidos nessa experiência pedagógica, com o propósito de provocar reflexões sobre a interdisciplinaridade, as metodologias de ensino e os desdobramentos pedagógicos da produção poética em sala de aula.

Palavras-chave: EJA; poesia; escritas de si; Trabalho ontológico.

O EXERCÍCIO DA FORMAÇÃO DE LEITORES DE POESIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA POR QUATRO LICENCIANDAS DA UFRJ

Marcos Vinícius Scheffel (UFRJ)

Resumo: O poema é um objeto estranho nas práticas escolares da educação básica. Um dos motivos dessa estranheza é o choque com a leitura instrumentalizada que predomina na escola e o caráter desafiador do poema em relação à gramática, à doxa e às ordens do discurso (GENS 2010, p.5). Nesse sentido, é comum que os poemas sejam lidos : 1) fragmentariamente, servindo como exemplos gramaticais ou figurando nos materiais didáticos ; 2) fora dos seus contextos originais de publicação / circulação e sem que haja uma preocupação de se entender a relação do poema escolhido com a produção daquele autor; 3) de modo pouco sistemático quando comparado a outros gêneros mais indicados pelos professores / redes escolares (o romance, o conto, a crônica e outros mais ligados à práxis social). Some-se a isso uma série de práticas dos próprios cursos de formação de professores (Licenciaturas) que reiteram muitos dos problemas vivenciados na educação básica – como as leituras fragmentárias e a pouca atenção dispendida na formação do leitor/professor de poesia – e que criam outros como «o da impossibilidade do ensino da poesia dado o seu caráter hermético», que é reforçado por leituras complexas do poema sem problematizar o longo caminho que levou a tais leituras. O presente trabalho pretende discutir como o ensino da poesia deve ser problematizado dum ponto de vista teórico que leve em consideração contribuições do campo educacional sobre o ensino de literatura (COLOMER 2007; PETIT 2010 ; MAYOR 2016) e da articulação destas teorias com o cotidiano de nossas salas de aula – rompendo com os modelos de ensino criticados anteriormente. Para tanto, farei um breve relato de como esta questão tem sido pensada teoricamente nas aulas de Didática de Português e Literatura, que ministrei na UFRJ, e sua efetivação na prática em quatro aulas de regência realizadas em 2017 por Licenciandas da Faculdade de Letras no Colégio de Aplicação da UFRJ e no Colégio Pedro 2 (nas unidades do Engenho Novo e de Realengo). Ao longo da comunicação, retomarei o percurso dessas alunas, analisarei os materiais produzidos para as aulas, refletirei sobre como as teorias contribuíram para mediação dos poemas com os alunos da educação básica e comentarei aspectos relevantes do projeto de formação de leitores de poesia dessas escolas parceiras na formação de futuros professores para atuarem na educação básica brasileira. Tais aspectos estruturais e pedagógicos viabilizaram a realização destas aulas bem sucedidas que suscitaram aprendizagens poéticas significativas para leitores em formação.

Palavras-chave: ensino de poesia; formação de professores; estágio

8 - ARQUIVOS DE MEMÓRIA, MEMÓRIAS SEM ARQUIVO: FULGURAÇÕES NARRATIVAS DA MEMÓRIA E DA PÓS-MEMÓRIA EM NOSSOS TEMPOS

Coordenação: Édimo de Almeida Pereira (CESJF); Gislene Teixeira Coelho (IFSUDESTEMG)

Resumo: Nossa proposta objetiva incitar uma discussão em torno do conceito de memória e suas aparições na literatura e em outras representações artísticas, as quais vêm mostrando um desejo de reconstituição e lembrança de determinados fatos ou período, bem como uma dificuldade de elaboração mnemônica. A memória e a falta de memória vêm perseguindo notoriamente a literatura desde o final do século XX, sendo acompanhada frequentemente por um mal-estar narrativo, que ventila, no campo da crítica literária, encaminhamentos de questões que abrangem os diversos espaços, usos e significados da memória. Diversos acontecimentos traumáticos, genocídios, atos e políticas repressoras contribuíram ao longo do citado século para o exercício da desmemória, no entanto, na contramão do esquecimento, incontáveis produções literárias insistiram na opção pelo aquecimento da memória, trabalhando, recorrentemente, pelas frestas da censura e da clausura, desafiando a dificuldade e o medo de falar ou até mesmo a vontade de esquecer. Concomitante a essas reações à política da desmemória, as décadas finais do século XX empenham-se no exercício da memória, de modo que outras áreas do conhecimento e de representação cultural sinalizam preocupação com a presentificação do passado, fomentando discussões que envolvem, por exemplo, o lugar do monumento, a ampliação da capacidade de armazenamento das novas tecnologias e suas implicações, as formas de representação de nossas memórias, a inflação da memória (paradoxalmente aproximando lembrar e esquecer), fornecendo uma densidade teórica e pragmática que caracterizaria nosso tempo e nossas inclinações político-culturais pelos termos **Seduzidos pela memória**, título do livro de Andreas Huyssen. Interessa-nos, portanto, as muitas respostas que a literatura e outras representações artístico-culturais oferecem como alternativa ao esquecimento e aos equívocos de nossa história, alternativas que abrem caminhos que se destacam como exemplos de expressividade, engajamento e resistência, que geram o distanciamento da categoria da memória da perigosa aproximação entre História, monumento e documento (LE GOFF, 2012). A literatura, seja em sua realização mais testemunhal, autobiográfica ou mesmo ficcional, apresenta trabalhos bastante desafiadores, que pressionam a favor da dilatação e flexibilização do conceito, em que se observa a aglomeração de um intrincado feixe de elementos em que a fragmentação, a confusão, o silêncio, a amnésia tomam parte do arquivo de memórias, bem como a criação ficcional e a apropriação de lembranças, fatos, testemunhos de outrem entram no rol de nossas próprias histórias. Nesse sentido, parece que caminhamos para um tipo de memória em que cada vez mais se apaga a marca da autoria, da propriedade e da legitimidade sobre os arquivos, de modo que a categoria mnemônica hospeda conotações de apelos mais afetivos e sensíveis, deixando em segundo plano o viés informacional e histórico-organizacional, tendencialmente inclinado ao armazenamento e valorização de datas, fatos e personagens históricos. Essa literatura contemporânea vem inclusive questionando noções limitadoras do testemunho e do testemunhável, ampliando a perspectiva da validade e da importância das testemunhas, recepcionando-as independente da carga de experiência, de informação e de disposição das mesmas à revelação. Nessa atual política, engajada com nossos problemas de memória, são bem-vindas produções humanas inconclusivas, provisórias, sejam elas provenientes de experiências pessoais ou não, em primeira ou terceira pessoa, de meus arquivos de memória ou de pós-memória, as quais potencializam, em conjunto, um trabalho de ampliação e de superação de nossas dificuldades e falhas mnemônicas. Como uma espécie de provocação ao conceito tradicional de memória, a pós-memória parece atender a um repertório importantíssimo de informações e impressões que partem de sujeitos legatários de memórias, normalmente herdeiros de um passado não pertencente ao alcance de suas experiências pessoais, mas igualmente vivificado na forma de lembranças apropriadas ou herdadas e na forma de sensações reais e presentes daquilo que outros viveram e que ficou para além de seu próprio tempo. Buscamos vislumbrar nas representações artísticas da (pós-)memória incursões por arquivos nada canônicos e subversores dos espaços canônicos da memória, questionando o domínio do factual, do documental, do comprovado, para abrir espaço

para uma gama maior de narrativas e testemunhos, às quais não se imponha questionamentos, condicionamentos ou barreiras impeditivas. A pós-memória, em suma, cria uma abertura nos estudos da memória, podendo congrega elementos que se acreditavam perdidos e/ou superados. A pós-memória toma o lugar de uma discussão mais complexa que descose o jogo especular de memória e experiência pessoal, documento e monumento, narração e realidade, entre tantas outras dualidades já erguidas para arregimentar a confiabilidade e legitimidade histórica e patrimonial dos registros; ao esgarçar esses pares, o campo de novas representações da memória imprime-lhe conotações de fluidez e volatilidade e, desafiando o próprio silêncio da morte, parece desejar que mais e mais pessoas se predisponham a falar, por si, por outrem, pelo outro em mim.

REFERÊNCIAS:

- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CASTELLO BRANCO, Lúcia. **A traição de Penélope**. São Paulo: Annablume, 1994 - (Selo Universidade).
- CHARTER, Roger. Memória e escrita. In: _____. **A mão do autor e a mente do escritor**. Trad. George Schlesinger. São Paulo: Editora Unesp, 2014, p. 213-233.
- HALBWACKS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Edições Vértice, 1990.
- HUYSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia**. Rio de Janeiro, Aeroplano, 2000.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Trad. Bernardo Leitão [et al]. 6. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2012.
- SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.
- SOUZA, Eneida Maria de. A crítica biográfica. **Cadernos de Estudos Culturais**, Campo Grande, v. 2, n. 4, p. 51-57, dez. 2010.

31 de julho 8h30

AS MEMÓRIAS EM UM ROMANCE DE RACHEL JARDIM

Cleíze Pires de Mendonça (CES/JF)

Resumo: A presente comunicação tem como objetivo apresentar à comunidade acadêmica e ao público em geral os primeiros estudos em torno da pesquisa que nos propusemos desenvolver no âmbito do curso de Pós-graduação – Mestrado em Letras, do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, CES/JF, acerca da escrita memorialística implementada pela escritora juizforana Rachel Jardim (1985) no romance *Os anos 40: a ficção e o real de uma época*. No romance em questão, por meio de uma escrita da memória, a autora narra as experiências que viveu na cidade de Juiz de Fora na década de 40 no período da adolescência, revisitando lugares, pessoas e acontecimentos. A protagonista faz uma viagem pelo tempo, resgatando os costumes da época e os sentimentos despertados, as impressões experimentadas, as situações vivenciadas e as pessoas – estas representadas por amigos ou pela própria família – os quais, por serem tão importantes para ela, permanecem ainda vivos em sua memória, mesmo após a morte. As relações com a família, tios, primos, avós são reveladas a partir do relato das reuniões, almoços e jantares ao redor de uma grande mesa. A obra aborda, ainda, a presença da morte como algo inevitável, que traz angústia, dor e sofrimento à personagem/autora pela perda de pessoas tão queridas, e que por isso mesmo revela o lado efêmero da vida. O poeta, prosador e professor Fernando Fábio Fiorese Furtado (2006), em artigo intitulado *Repetição e memória*, investiga as características da escrita memorialística de Rachel Jardim em alguns dos romances e contos da escritora, tomando como ponto de partida a narrativa contida em *Os anos 40: a ficção e o real de uma época* (1985). Segundo o teórico em questão, “em toda escrita da memória opera a lei da repetição” (FURTADO, 2006, p.142, grifos do

autor). Furtado (2006) acrescenta que o retorno ao passado através da escrita da memória é uma forma de reviver as alegrias da infância e da adolescência, os momentos felizes, os traumas e também o luto provocado pelas perdas. A repetição das dores e das alegrias do passado configura uma característica da escrita memorialística, o que confere ao texto de Rachel Jardim uma grafia elaborada nos limites imprecisos da melancolia e da depressão. Finalmente, salientamos que para a pesquisa e para a proposta de comunicação ora anunciadas recorreremos ao arcabouço teórico de autores como Ecléa Bosi, Fernando Fábio Fiorese Furtado, Maurice Halbwachs, Simone de Beauvoir e Virginia Woolf, além de outros.

Palavras-chave: Literatura Brasileira; Memória; Rachel Jardim; Rom

"MANIA", UM CONTO QUE RESUME À REBOURS A MEMORIALÍSTICA DE RACHEL JARDIM

Fernando Fábio Fiorese Furtado (UFJF)

Resumo: “Mania” é o título do texto que se propõe funcionar como resumo da poética do livro de memórias *Os anos 40: a ficção e o real de uma época* (JARDIM, 1973) ao ser colocado em paralelo com o título de estreia de Rachel Jardim. Trata-se de um dos contos ou crônicas coligidos no segundo livro da autora, *Cheiros e ruídos: estórias* (JARDIM, 1975), provavelmente escrito ainda na juventude, mas publicado apenas dois anos após a edição princeps do referido volume memorialístico. Embora não se pretenda considerar aquela recolha de narrativas curtas como mero laboratório escritural d’*Os anos 40*, o artifício de análise que enseja um encontro não marcado entre tais textos permite depreender muito dos modos e manobras empregados no registro das memórias da “menina da província”. O estatuto de “estranho familiar”, análogo ao Unheimlich freudiano (FREUD, 2006), de “Mania” em relação ao título inaugural da escritora juiz-forana possibilita rubricar numerosas semelhanças e diferenças, desde a zona de incerteza e suspeita que ambos os textos ocupam no que concerne ao gênero escritural até a cabal distância entre a figuração da protagonista da estória curta na sua lutuosa “mania” de garde-mémoire e o entendimento expresso em *Os anos 40* acerca tanto do mal-estar das operações do registro memorialístico quanto das suas funções e disfunções. Neste sentido, com sua presença intrusa, oblíqua, desencaixada e avoenga, “Mania” não apenas transtorna os fragmentos ficcionais e documentários da “fala menininha” (OLIVEIRA, 1973) que Rachel Jardim emprega como artifício para a reconstituição do tempo de sua infância-adolescência em Juiz de Fora (MG), Guaratinguetá (SP) e Rio de Janeiro (RJ). Também acaba por desvelar um aspecto pouco estudado da conhecida angústia existencial manifesta na obra jardimiana, qual seja, a confrontação da personagem/narradora/autora d’*Os anos 40* com um possível alter ego futuro, representado pela “velhinha pequena e enrugada, com pouquíssimos cabelos” (JARDIM, 1975) que protagoniza a narrativa curta. Tal personagem funciona como um duplo negativo que, em sua secreta, monstruosa e mortuária coleção de matérias jornalísticas e de fotografias de estrelas do cinema, evidencia as armadilhas, os emperros e as falhas das operações de preservação da memória. A mania colecionista da velhinha não é mais que a caricatura abreviada e crítica de um modo de registro do tempo perdido a ser evitado, uma vez que implica tanto o alheamento do sujeito em relação ao mundo em devir e aos seres nunca apaziguados, conformes ou a salvo do perigo quanto a negação do poder mágico da palavra singular de reelaborar o passado com as forças da ficção.

Palavras-chave: Palavras-chave: Memória; Angústia; Duplo

MEMÓRIA INDIVIDUAL E COLETIVA NAS NARRATIVAS DE JOSÉ GODOY GARCIA E JOSÉ J. VEIGA

Ionice Barbosa de Campos (UFU)

Resumo: Esta comunicação visa demonstrar os caminhos da memória que foram percorridos pelos personagens de duas narrativas, quais sejam: *O caminho de Trombas* (1966), de José Godoy Garcia e *A hora dos ruminantes* (1974), de José J. Veiga. A leitura analítica das obras será enviesada pela perspectiva social, de forma a evidenciar traços de uma forçada trajetória de migração da zona rural para a urbana, em uma época particularmente marcante para o estado de Goiás, que é a década de 1960. Nas obras, procuramos destacar os traços que as unem, isto é, a simbólica temática da

migração que perpassa pelas narrativas e a consequente (trans)formação de identidades. Portanto, uma das necessidades para completar a leitura é passar pela questão da memória coletiva, que se faz presente nas duas narrativas e é essencial para o entendimento total das histórias, uma vez que, nas obras, memória e história estão interligadas. Não apenas a coletiva, como a individual, tendo em vista que, na obra de José Godoy Garcia, especialmente, há uma relação de maior proximidade entre escritor e narrador, que abordaremos com mais detalhes posteriormente, e nos leva a identificar traços de uma memória individual no romance. No que diz respeito ao contexto histórico das obras a serem trabalhadas, não devemos esquecer que, principalmente por uma questão regional, não há como desvincular a história do seu contexto de produção e recepção, até mesmo porque ela se faz presente na memória e no tempo, tanto dos personagens das narrativas, quanto do autor. Na perspectiva teórica, autores como Jaques Le Goff e Walter Benjamin nos ajudarão a pensar e discutir com mais clareza essa íntima relação entre os passeios da memória coletiva e a literatura, nesse caso, em específico, a literatura produzida em Goiás. Metodologicamente, o estudo consiste em uma pesquisa teórica e, portanto, qualitativa, voltada para as questões de narrativas marcadas pela História e pela presença da memória, enquanto objeto de criação literária.

Palavras-chave: Migração; Memória; História.

MIL ROSAS ROUBADAS: MEMÓRIAS DE UM OUTRO EM MIM

Leila Aparecida Cardoso de Freitas Lima (UNESP)

Resumo: Com base em pressupostos da Teoria e Crítica Literária apresenta-se esta proposta de reflexão acerca da obra *Mil Rosas Roubadas* de Silviano Santiago, publicada pela Companhia das Letras em 2014. O tema concentra-se na relação entre o narrador e suas memórias no romance de Santiago; tendo como objetivo refletir sobre a problemática do ponto de vista adotado pelo narrador, que diante da morte de seu amigo – Zeca – afirma ter perdido o seu biógrafo, lamentando o fato de ninguém tê-lo conhecido melhor e mais intimamente que Zeca. Tal focalização, contudo, gera a hipótese de que o narrador, a despeito de propor-se testemunha da história de Zeca, no desenrolar do discurso narrativo vai se tornando cada vez mais autodiegético, conforme a teoria de Gérard Genette. As memórias apresentadas pelo narrador fornecem a impressão de uma suposta necessidade de mergulhar no mais íntimo das lembranças do outro para buscar algum entendimento sobre si. Neste percurso, nota-se a dificuldade de sobreviver ao enterro de um ente querido, tendo que lidar com memórias que revelam sentimentos mal resolvidos que parecem escapar à compreensão do eu. De repente, em algum momento da trajetória em comum das duas personagens que, de acordo com o narrador, nasceram um para o outro no ano de 1952, tenha escapado ao sobrevivente traços importantes da personalidade do outro, bem como de seus sentimentos que talvez pudesse ter sido revelado, caso este outro não tivesse morrido e realmente escrito a biografia do narrador. Mediante a imponderável e violenta morte, ficou ao narrador apenas a possibilidade de rememorar a vida em comum com Zeca, para quem sabe, entendendo pormenores da vida do outro venha à luz alguma compreensão de si. Os métodos empregados restringem-se ao recurso da pesquisa de caráter dedutivo na área da teoria e crítica literária, além da contribuição da psicanálise. Para tanto, autores como o outrora mencionado Gérard Genette (1979); Mikhail Bakhtin (1997); Jeane Marie Gagnebin (2006); Sigmund Freud (1930); Theodor Adorno (2003); Georg Lukács (2000); Beatriz Sarlo (2007), entre outros, serão convidados à discussão em momentos oportunos, no intuito de clarear a problemática a respeito do relacionamento conflituoso entre eu e outro e, por vezes, entre um eu profundo e um eu superficial, ou um outro que se instala no interior do eu. Com semelhante visada analítica no romance de Silviano Santiago, espera-se chegar na compreensão da necessidade do sujeito empírico - representado no sujeito ficcional - de estar sob a vigília permanente do olhar do outro. Em face dessa carência, mediante a morte do outro resta ao eu o processo de rememoração e escrita.

Palavras-chave: Narrador; Memória; *Mil Rosas Roubadas*; Santiago.

MEMÓRIA, HISTÓRIA, LITERATURA E RESISTÊNCIA EM K.: RELATO DE UMA BUSCA, DE BERNARDO

KUCINSKI E LA DISTANCIA QUE NOS SEPARA, DE RENATO CISNEROS

Yvonélio Nery Ferreira (UFAC)

Resumo: Reservatório subjetivo de onde emanam e se escondem momentos, pessoas, sons, cheiros, a partir de um caos que se organiza e se desestrutura na tarefa de retornar ao tempo pretérito desenhado qual um caleidoscópio de onde imagens são revisitadas, ou não, por meio de combinações diversas que o indivíduo busca construir: assim é a memória, elemento perpassado por mecanismos de funcionamento com implicações para o indivíduo e para a sociedade. Enquanto propriedade capaz de conservar inúmeras informações e, quando necessário trazê-las à tona, caso não haja nenhum fator que a impeça de tal feito, a memória pode evocar elementos históricos, sociais, culturais, políticos, religiosos, entre outros, a partir de processos individuais ou coletivos, passíveis de criar sentidos novos aos vestígios resgatados. Logo, transitam, na atualização das informações passadas, discursos a partir dos quais as impressões pretéritas são reavivadas. O comportamento narrativo – falado ou escrito – é uma das formas de armazenar e compartilhar a memória, e tal prática está presente em todas as sociedades por seus indivíduos possuírem grande quantidade de informações em seu patrimônio genético e cultural. Ao considerar o aspecto psicológico da memória, pressupõe-se a existência da memória individual – responsável por abarcar manifestações conscientes e inconscientes, como a afetividade, o desejo, a inibição e a censura – da qual se tem a ideia de que, para recordar um fato, são necessários um acontecimento e um sujeito apto a guardá-lo, lembrá-lo e relatá-lo, no intuito de se perpetuar e se tornar memória para o grupo. Porém estudos desenvolvidos pelo sociólogo Maurice Halbwachs apontam para o caminho da memória coletiva, que, mesmo aparentemente particular, remete a um grupo, já que todo sujeito está imerso em relações interpessoais. Para um indivíduo evocar lembranças de um grupo, é preciso sua identificação com esse grupo, e, a partir de contextualizações diversas, a memória individual se estabelece, mas, pela participação de vários sujeitos, os acontecimentos tornam-se partilhados por um grupo, apontando, então, para a relação entre a memória individual e a coletiva. É a partir da influência e do contato dos sujeitos com os grupos com os quais ele convive que a memória individual se instaura enquanto memória coletiva. Nesse sentido, o objetivo desta comunicação é fazer uma leitura comparativa, a partir de memórias individuais e coletivas, entre os romances K.: relato de uma busca, de Bernardo Kucinski – no qual o narrador conta a história de um pai à procura da filha desaparecida durante a ditadura militar no Brasil – e La distancia que nos separa, de Renato Cisneros – cujo narrador apresenta um filho que busca entender seu lugar no mundo com base na história de seu pai, general e ministro da guerra durante o regime ditatorial no Peru. Pretendo, então, observar o quanto essas memórias individuais são responsáveis por resgatar memórias coletivas que representam momentos importantes e recentes, que não devem ser esquecidos, de regimes ditatoriais que ocorreram em países da América do Sul.

Palavras-chave: Literatura; Memória; História; Resistência.

ARQUIVOS DAS MEMÓRIAS DO CÁRCERE: UM CORPO E UMA PALAVRA PARA RECRIAR GRACILIANO RAMOS

Gabriela Rocha Rodrigues (UFRGS)

Resumo: Neste artigo analisamos o diálogo interdisciplinar que se estabelece entre o texto literário e o texto cinematográfico. Quando uma determinada obra literária é adaptada para outro meio artístico, um conjunto de elementos estéticos, socioculturais e ideológicos estão presentes na formação da transposição, pois são eles que influenciam na recriação do texto-fonte e na formação da obra adaptada. Como exemplo desse processo, trazemos a interpretação do ator Carlos Vereza no filme Memórias do Cárcere (1984), de Nelson Pereira dos Santos, e a ficção Em liberdade (1981), de Silviano Santiago. Para realizar este trabalho, nosso principal aporte teórico é a obra Mal de Arquivo: uma impressão freudiana (2001), de Jacques Derrida. Nesse texto, o filósofo relaciona a noção de arquivo com a memória pessoal e histórica a partir da consideração da obra de Freud. Para Derrida, numa visão desconstrucionista, o arquivo não é um repositório fechado, fichário inerte, mas o contrário, é abertura, movimento e por vir. Derrida também aborda a assinatura que Freud

imprimiu em seu próprio arquivo – daí o termo impressão freudiana, que é compreendido através de sentidos distintos no texto em questão: a) Impressão enquanto marca grafada no corpo: Freud deixa a marca inscrita nele próprio, a circuncisão; b) Impressão enquanto escritura: deixa a impressão na História da Psicanálise, em suas obras, palestras, etc.; c) Impressão enquanto herança, ou seja, marca espectral sobre todos aqueles que falaram depois dele – com ele, nele ou contra ele. Nesse sentido, a partir das reflexões de Derrida, criamos o termo impressão graciliana a fim de buscar os traços, rastros e marcas deixados por Graciliano Ramos nos arquivos pesquisados. Assim, consideramos como arquivos, a atuação de Carlos Vereza, a ficção de Silviano Santiago, além das entrevistas concedidas por estes no ano de 2015 e ao longo do ano de 2016, em diálogo com o “arquivo matriz” Memórias do Cárcere, de Graciliano Ramos. Nosso objetivo principal é investigar as impressões gracilianas na ficção de Silviano Santiago e na interpretação de Carlos Vereza, para a recriação de Graciliano Ramos nas obras citadas.

Palavras-chave: Arquivo; Memória; Palavra; Corpo.

31 de julho
14h30

VIOLÊNCIA E ESQUECIMENTO: MEMÓRIAS FICCIONAIS EM FELIZ ANO NOVO DE RUBEM FONSECA
Zacarias Eduardo da Silva (UFMG)

Resumo: História e a memória, intimamente ligadas, são constituídas, principalmente através percepção dos grandes acontecimentos políticos e ou econômicos (que acabam por se imiscuir ao discurso do poder politicamente constituído). Num ambiente discursivo que se interessa pela memória política e econômica, bem como pelas grandes catástrofes, o espaço para as tragédias pessoais ou para a violência urbana cotidiana basicamente não existe senão nos noticiários que criam seu próprio discurso baseado em seu posicionamento em suas expectativas. Conforme nos lembra Benjamin (2010, p. 224): “articular historicamente o passado não significa conhecê-lo como ele de fato foi. Significa apropriar-se de uma remanescência tal como relampeja no momento de um perigo”. Percebemos assim, como cabe à ficção, por vezes, redirecionar a parte da história gerando, de acordo com seu estatuto social, documentos de memória nos quais o discurso ressurgue de maneira mais completa. Pretende-se assim, examinar e refletir sobre a violência e os extratos de micropoder que se embatem nos corpos ficcionais na obra Feliz Ano Novo de Rubem Fonseca em um cotejo com as anotações de Darcy Ribeiro em Aos trancos e barrancos a partir da percepção dos problemas gerados pela urbanidade crescente e pelas políticas de repressão adotadas pelos governos da ditadura militar brasileira. Entendemos assim que a ficção permite uma ampliação do discurso histórico e uma busca por um entendimento de que esse discurso foi espargido pela sociedade como um todo, fixando-se em fragmentos discursivos que passam pela mídia, a ficção entre outros e que é sempre passível de ser revisado e ampliado. Pretendemos assim, reabrir reflexões acerca dos diversos processos sócio-culturais ocorridos, bem como acerca de sua representação na e através da ficção literária, no que tange casos de violência estatal, pautada nos corpos agentes e/ou receptores de tais processos biopolíticos. Os poderes constituídos se têm seu centro de irradiação nos corpos. Os corpos ficcionais surgem nos dois lados da moeda do micropoder: aquele que sofre e aquele que causa a violência, em paralelo à violência e ao poder estatais.

Palavras-chave: Violência; micropoder; biopolítica; ditadura

ENTRELAÇAMENTOS ENTRE LITERATURA E MEMÓRIA NA FICÇÃO DE MILTON HATOUM
Dayane de Oliveira Gonçalves (UFOP)

Resumo: “Não há literatura sem memória”, é o que afirmou o escritor Milton Hatoum em entrevista concedida à revista Na ponta do lápis (n.8/2008). De fato, matéria presente na literatura de todos os tempos, a memória – seja ela memória individual, coletiva, histórica, memória do trauma, pós-memória entre outras –, em alguma medida, apresenta-se como base de apoio de toda narrativa

(oral ou escrita). Nesse sentido, pode-se afirmar que, para além desse apoio, uma significativa vertente da ficção brasileira contemporânea tem a memória também como um de seus temas mais recorrentemente explorados. Fértil temática, a memória em suas diversas possíveis representações ficcionais encontra-se centralmente posicionada nos três romances de Milton Hatoum em que se concentrará a nossa atenção nesta proposição; são eles: *Relato de um certo Oriente* (1989), *Dois irmãos* (2000) e *Cinzas do Norte* (2005). Nesses três romances, a memória constitui-se como eixo central não apenas no nível temático – na representação ficcional da memória da transformação urbana da cidade de Manaus, das memórias das famílias tematizadas que, nos três romances, têm reconstruídas as suas histórias a partir de lembranças fragmentas de um ou mais narradores e das memórias que, como pano de fundo político das narrativas, reconstroem cenas de um período truculento que encobre parte da Ditadura Militar no Brasil –, mas também no nível estrutural da composição narrativa, uma vez que nesses romances a estrutura narrativa – por meio das técnicas memorialísticas, da informação narrativa fragmentada, da sequência narrativa não linear, entre outros recursos – mimetiza o processo orgânico e vital da memória e do esquecimento. Astrid Erll e Ansgar Nunning (2005) oferecem uma proposta de sistematização de abordagens possíveis para quem deseja trabalhar o tópos da memória dentro da perspectiva dos estudos literários. Sem a pretensão de exaurir as possibilidades de abordagem dessa relação, Erll e Nunning apresentam um recorte com três conceitos basilares – a memória da literatura, a memória na literatura e literatura como medium da memória coletiva. Tomando-se como guia tal sistematização, esta comunicação se propõe a expor um panorama de como vem sendo abordada a tópica da memória – em suas múltiplas possibilidades – nos três romances mencionados. A focalização da memória é, afinal, a grande porta de entrada para os estudos da narrativa hatoumiana; é o que se evidencia na observação de grande parte da fortuna crítica que se tem produzida até então em torno da obra do autor. Dessa maneira, pretende-se responder às seguintes questões: como o campo literário tem tratado a questão da memória nos romances de Milton Hatoum? Quais os temas que se relacionam intrinsecamente a uma urgência de memória e de revisitação do passado são os mais recorrentes nos estudos da obra desse autor?

Palavras-chave: memória; Milton Hatoum; fortuna crítica.

FICÇÃO, HISTÓRIA E MEMÓRIA EM A NOITE DE ESPERA

Haidê Silva (USP)

Resumo: O objetivo do presente trabalho é analisar as relações possíveis entre Ficção, História e Memória na obra *A Noite da Espera*, primeiro volume da série *O Lugar mais sombrio*, de Milton Hatoum. Na obra em questão, a personagem Martim, um jovem paulista, muda-se para Brasília após a separação traumática dos pais nos anos 60. Em Brasília, ele faz amizade com um variado grupo de adolescentes, do qual fazem parte filhos de altos e médios funcionários da burocracia estatal e também com os moradores das cidades-satélites, espaço relegado aos migrantes desfavorecidos. Enquanto estudante, na Universidade de Brasília, ele participa direta ou indiretamente dos movimentos estudantis, das ocupações e escapa por pouco da repressão, mas de qualquer forma, é obrigado a exilar-se para não ser preso. Assim, na narrativa, o drama familiar, vivido intensamente pela separação dos pais, ausência da mãe e relação conflituosa com o pai, se entrelaça com a história da ditadura militar, enquanto passado e presente dialogam num texto híbrido no qual as lembranças de Brasília, que a personagem conseguiu manter através de anotações e fotografias que guardou minuciosamente em um caderno, se misturam com o tempo do exílio em Paris.

Palavras-chave: Ficção; História; Memória; *A Noite da Espera*

MEMÓRIA E PÓS-MEMÓRIA DITATORIAL EM AZUL CORVO E LENGUA MADRE

Renata Rocha Ribeiro (UFG)

Resumo: O objetivo deste trabalho é analisar a situação de memória e pós-memória ditatorial das protagonistas dos romances *Azul corvo*, da escritora brasileira Adriana Lisboa, e *Lengua madre*, da escritora argentina María Teresa Andruetto, ambos publicados em 2010. Logo, será observada a

relação das personagens Evangelina e Julieta com os períodos ditatoriais brasileiro e argentino, como as duas recebem as memórias daqueles que viveram tais épocas e em que medida os regimes opressores conduziram os rumos de suas trajetórias. Como fundamentação teórica, serão utilizados os pressupostos de Candau (2016), Hirsch (2008; 2012), Sarlo (2005), entre outros. Nesse sentido, será verificado que ambas as autoras constroem um projeto literário pautado na experiência afetiva e na possibilidade de superação das tragédias pessoais e coletivas. (A apresentação deste trabalho contou com o auxílio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás - FAPEG.)

Palavras-chave: romance contemporâneo; memória; pós-memória.

LITERATURA, HISTÓRIA E MEMÓRIA: JOGOS DE SENSIBILIDADES

Heloisa Helena Ribeiro de Miranda (UNIR)

Resumo: Esta comunicação visa apresentar a relação entre literatura, história e memória por meio da representação singular da Ditadura Civil Militar, presente nas obras do escritor uruguaio Eduardo Galeano, na tentativa de compreender como ocorre a transposição do escritor engajado, produtor de uma linguagem referencial, ao poeta subterrâneo, cuja forma de articulação da língua proporciona o distanciamento da linguagem gregária, na concepção semiológica de Roland Barthes (1977) e a possibilidade que a manifestação do poético, segundo Julia Kristeva (2005), promove a arquitetura um espaço cuja forma de articulação com linguagem corrobora para a autonomia do texto e a composição de uma nova percepção da escrita historiográfica latino-americana. Para tanto, partiremos de um estudo formal e de conteúdo de narrativas das seguintes obras: *Memória del fuego* (1982-86), *El libro de los abrazos* (1989), *Las palabras andantes* (1993), *Boca Del tiempo* (2004), *Espejos: una historia casi universal* (2008). A perspectiva crítica de abordagem deste conteúdo incidirá sobre as teorias filosóficas de Paul Ricoeur (2007) e psicanalíticas de Jacques Lacan (1985), os quais compreendem a memória como parte da realidade do sujeito, organizando-se como um sistema estrutural de linguagem, sendo distinguida entre matéria e substância e compostas por lembranças-imagem. Acreditamos que o diálogo entre as duas abordagens nos auxiliará na compreensão, não apenas no percurso de escritura de Eduardo Galeano, mas, sobretudo, na compreensão de aspectos da história latino-americana tematizadas pelo autor. Desse modo, será relevante refletir sobre o que vem a ser a História e como se dá seu método de composição da escrita. Para tal, partiremos da aceção de Jacques Le Goff (1990), que a compreende como uma ciência ambígua em si mesma, uma vez que deseja ser objetiva, mas não é; deseja revivenciar os acontecimentos passados, mas apenas pode recordá-los no presente. O historiador nos informa também que a percepção da subjetividade marca uma nova percepção dos fatos históricos, afastando-os do historicismo positivista do século XIX. Tal distanciamento permite considerar a multiplicidade das realidades históricas, não pensá-las como um corpus homogêneo; assim, a historicidade atribui valor histórico a realidades negligenciadas. Em suas obras, Galeano consegue valendo-se da linguagem literária fala não apenas de eventos históricos grandiosos, mas também de fatos considerados menores e que, por isso, permanecem marginalizados pela história oficial da América Latina. Seu modo de escritura revela muito mais que eventos históricos, mas a própria sensibilidade histórica.

Palavras-chave: Literatura, história, memória, ditadura militar

01 de agosto

14h30

MEMÓRIA E RETÓRICA DO TESTEMUNHO EM ROBERTO BOLAÑO: O CASO ESTRELA DISTANTE

Talita Jordina Rodrigues (UFSC)

Resumo: A memória e o testemunho ganharam, no século XX, grande notoriedade no campo das artes, das letras e das ciências sociais. Essa “guinada subjetiva”, de que trata a pesquisadora Beatriz Sarlo, pode ser identificada na literatura das últimas décadas, sobretudo naquela que se dedicou a retratar acontecimentos históricos traumáticos e violentos como, por exemplo, o Holocausto e as

ditaduras da América Latina. O chileno Roberto Bolaño é um dos autores que empreendeu esse projeto e retratou a ditadura de seu país em algumas obras, dentre elas o romance *Estrela Distante*. Este trabalho pretende analisar, portanto, esta obra de Roberto Bolaño sob a perspectiva da memória e da retórica testemunhal discutidas por Beatriz Sarlo. Para tanto, observaremos os seguintes pontos apontados pela pesquisadora: a qualidade romântica do relato; a qualidade realista da narrativa, representada pela feiticização do detalhe; o anacronismo da memória e do relato; e, por fim, as questões práticas ligadas ao testemunho. A partir desses dois últimos tópicos, evocaremos também as teses “Sobre o conceito de história”, do filósofo alemão Walter Benjamin, que apresentam-se como fortes inspirações de Sarlo e boas propostas de diálogo com a obra de Bolaño.

Palavras-chave: Testemunho; Ditaduras; Memória; Literatura; Bolaño

REPRESENTAÇÕES DA FAMÍLIA NO CONTEXTO DA GUERRA CIVIL ESPANHOLA: IMAGENS PRODUZIDAS POR PERSONAGENS FEMININAS

Samira Pinto Almeida (UFMG)

Resumo: A comunicação pretende analisar o modo como a memória é representada em dois capítulos da obra *Sefarad* (2003), de Antonio Muñoz Molina, “categorizada” pelo autor como um “romance de romances”. Com este subtítulo, Muñoz Molina parece sinalizar, simultaneamente, a autonomia das histórias narradas em cada “parte” da obra e o fio que as entrelaça, a saber: o contexto da guerra civil espanhola. Optamos pelo estudo comparativo dos fragmentos “Cerbère” e “Sherazade” devido a outra característica singular que os aproxima: ambos são narrados por figuras femininas que transitaram pelos espaços da intimidade do lar em tempos de instabilidade política e social. Nesses capítulos, encontramos uma faceta peculiar dentro do tema “literatura de guerra”, uma vez que a memória parte de pontos de vista e de ambientes ainda pouco explorados. Ao invés do choque provocado pelas cenas de horror desenvolvidas em campos de concentração, em porções onde pessoas são torturadas ou em frentes de batalha, o leitor encontra nesses textos a sensibilidade de personagens que possuem feridas abertas, porém invisíveis aos olhos de quem só busca as lesões físicas. Os danos psicológicos são os mais evidentes nos relatos ficcionalizados. As imagens do trauma não encontram apaziguamento no discurso; falar sobre o passado parece ser antes de tudo uma forma de reviver os sofrimentos mais uma vez. Contudo, as personagens se relacionam com suas experiências de maneiras distintas: em “Cerbère” há uma tentativa (em parte fracassada) de superação do passado, enquanto que em “Sherazade” temos a obliteração do presente em favor das lembranças. Uma quer esquecer, a outra quer viver em função da memória. Em ambos os casos, nos deparamos com a impossibilidade de lutar contra a história que constitui os sujeitos. Para abordar a construção desses testemunhos ficcionais, será utilizada a noção de imagem, desenvolvida por César Guimarães (1997), com o objetivo de elucidar o processo de reelaboração do passado traumático pelas personagens: como as imagens se organizam para forjar um significado, quais delas são recorrentes, quais foram borradas pelo tempo, quais receberam novos contornos por se misturarem demasiadamente com o presente.

Palavras-chave: Imagem; Memória; História; Guerra Civil Espanhola.

APONTAMENTOS SOBRE A VELHICE E A MEMÓRIA EM “REENCONTRO”, DE ANTONIO CARLOS VIANA

Marília Simari Crozara (UFU)

Resumo: Esta comunicação objetiva discutir aspectos relacionados à memória, ao esquecimento e à noção de arquivo, inerentes à reflexão sobre os personagens envelhecidos presentes na narrativa “Reencontro”, que integra a coletânea *Jeito de matar lagartas*, de Antonio Carlos Viana. Em “Reencontro”, a questão da memória é abordada em decorrência do encontro, quarenta anos depois, entre o narrador e o seu delator no período da Ditadura Militar, levando-os a reviver cenas traumáticas do passado. A relação entre torturado e torturador, entretanto, é subvertida, uma vez que o protagonista mantém relações sexuais com a sobrinha de seu algoz como uma forma de vingança contra seu agressor do passado, o qual já idoso, porém lúcido, encontra-se incapaz de

retaliar. Para percorremos as questões teóricas supracitadas, o estudo se baseará nas concepções de Jacques Derrida em *Mal de arquivo: uma impressão freudiana* (2001); de Ecléa Bosi, em *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos* (1994); e de Márcio Seligmann-Silva, em *História, memória e literatura: o testemunho na era das catástrofes* (2003).

Palavras-chave: Envelhecimento; Arquivo; Narrativa contemporânea

A CASA, A ESCOLA E A CATEQUESE NA OBRA DE SCHOLASTIQUE MUKASONGA

João Marcos Reis de Faria (UERJ)

Resumo: O Genocídio em Ruanda (1994) suscitou o desenvolvimento de um importante campo testemunhal que abrange não apenas relatos de sobreviventes mas também textos ficcionais que buscam compreender o horror infligido aos tutsis e narrar as dificuldades que se impuseram à reconstrução do país. A obra de Scholastique Mukasonga se erige em relação a essa literatura a partir de uma situação peculiar: exilada desde 1973, tendo passado pelo Burundi e pelo Djibuti, e instalada na França desde 1992, Mukasonga assistiu à catástrofe a distância – o que não significa que tenha sido poupada, pois, entre as vítimas, ela contabilizou trinta e sete parentes, como seus pais e quase todos os irmãos, cunhados e sobrinhos. O retorno a Ruanda dez anos após o Genocídio despertou em Mukasonga a necessidade de organizar seus fragmentos de memória como maneira de preencher a ausência de vestígios dos familiares e conhecidos que pereceram. Entre as dimensões que comporta esse trabalho de luto, ao lado da nomeação dos mortos e do resgate da língua materna e dos saberes tradicionais de Ruanda, destaca-se um leque de lembranças de infância que fomentam tanto seus relatos de teor autobiográfico quanto seus textos de ficção. Nesse sentido, o registro da repressão sofrida sob o regime pró-hutu, desde o desterro da família até a perseguição aos estudantes tutsis, se desenvolve paralelamente à narração do cotidiano dos deportados e de suas estratégias para atravessar aquilo que fora sentido como a preparação de um massacre. Na obra de Mukasonga, a adoção do ponto de vista infantil revela como o seio familiar, a escola e as missões católicas configuraram espaços de elaboração de sentidos e de construção das identidades pessoal e coletiva – e, no caso dos dois últimos, como instrumentos de controle social. O trabalho buscará mostrar, portanto, como esses universos são explorados no interior de diferentes textos de Scholastique Mukasonga e em que medida oferecem à escritora, à narradora e aos personagens infantis, entendidos como desdobramentos de um único sujeito de memória, diferentes possibilidades de interpretação do processo que culminou no Genocídio de 1994.

Palavras-chave: Mukasonga; Genocídio; Ruanda; Memória; Infância.

ARQUIVOS DA MEMÓRIA, POLÍTICA DA PÓS-MEMÓRIA: IMPRESSÕES DE O VENDEDOR DE PASSADOS, DE AGUALUSA

Gislene Teixeira Coelho (IF Sudeste MG)

Resumo: Este trabalho desenvolve uma discussão em torno da memória e das contaminações da memória, tomando como referencial investigativo a obra *O vendedor de passados*, de José Eduardo Agualusa, publicada em 2004. Partindo das contradições em solo angolano, Agualusa propõe uma leitura dos registros de memória e dos processos de arquitetura de memória, sobre os quais realidade e ficção, verdade e mentira, lembrança e esquecimento alternam-se, seja para completar, para enaltecer, para ocultar, para reprimir; enfim, modos e intenções diversas de rememorar que, consciente ou inconscientemente, atuam sobre o teor narrativo de nossas histórias. O protagonista do romance Félix Ventura, cuja ocupação era vender passados inventados, instiga nossa discussão em torno do conceito de memória ao relacionar-se com outros personagens - seus clientes - ávidos pela aquisição de passados, o que torna a noção de memória ainda mais obscura e sugere um mal-estar profundo da sociedade contemporânea angolana com seu passado e sua forma de representação. Tendo como fundo histórico, um solo atravessado pelas marcas do colonialismo, a obra põe em tela rastros de um período de presença colonial que incidiu decisivamente sobre os próprios processos de narrativas de memórias, em cuja escrita sobressai a inscrição da rasura e do apagamento, de forma que se pode detectar a presença testemunhal do vazio e do esvaziamento

em sua história. Dado o histórico traumatizante de guerras, muitas experiências foram interdidas, de modo que, guardadas para si, tendem a perecer com o tempo. Por outro lado, fecundam experiências e sujeitos fictícios, que exercem um efeito heroizante sobre a memória preservada, forçando o desbotamento de arquivos perigosos e indesejados. Nesse sentido, a obra de Agualusa, em nossa leitura, transcende o contexto angolano, servindo como instrumento para pensar a construção da memórias em países com histórico de interferência colonial, em que painéis diferentes da história chocam-se, denunciando uma tentativa persistente de apagar e eufemizar os contornos violentos do passado, assim como uma incômoda sensação de esvaziamento histórico pela presença do colonizador. Por conseguinte, dado o entendimento de uma memória problemática e manipulada, uma outra preocupação emerge em relação aos registros das futuras pós-memórias que estamos construindo e deixando para as futuras gerações. A pós-memória, em si mesma, constitui um registro incompleto e fragmentado, marcadamente configurada como uma narrativa sem narradores-protagonistas, haja vista incorporar o que lhe foi contado e deixado na forma de herança. Em outros termos, discutir e problematizar a memória é de fato mostrar preocupação com uma política da pós-memória, é engajar-se em um compromisso presente com o nosso passado, de modo a levantar os desdobramentos futuros dos passados inventados, rasurados e intencionalmente suavizados. Situando-nos nesta transição de séculos, parece oportuno rever nossas narrativas de memória, momento em que uma nova geração já desponta entre nós, geração esta que somente terá contato com o passado e as interferências coloniais por via de terceiros.

Palavras-chave: Memória; colonialismo; interferências; pós-memória

02 de agosto

14h30

AS MARCAS DA MEMÓRIA EM A DOR DE MARGUERITE DURAS

Maria Cristina Vianna Kuntz (USP)

Resumo: Marguerite Duras (1914-1996) nasceu na Conchinchina, Vietnã. Aos dezessete anos, vai para a metrópole e jamais voltará à terra natal. Em Paris, dá início (1943) à sua produção literária que só se encerrará um ano antes de sua morte (*C'est tout*, 1995). Escritora midiática *avant-la-lettre*, com mais de cinquenta títulos entre romances, teatro, filmes e crônicas, traduzida em mais de quarenta línguas, Duras é, hoje, considerada uma das mais importantes escritoras da Literatura Francesa da segunda metade do século XX. Em 1984, seu livro autobiográfico, *O Amante*, recebe o *prix Goncourt*. No ano seguinte, publica *A dor*, também autobiográfico, que focaliza, além de um período sombrio de sua vida, acontecimentos históricos de que participou. Trata-se da revisão de uma espécie de diário, *Les Cahiers Bleus*, escrito nos anos 1940, durante a Ocupação alemã na França, durante a Segunda Guerra Mundial, enquanto aguardava a volta de seu marido que estava preso no campo de concentração de Buchenwald, na Alemanha. Freud explica que a violência e as guerras causam fortes traumas no indivíduo ou dele exigem solidez psíquica para sua superação. A constante ameaça de solidão e de morte (do companheiro e dela própria) provoca em Duras imensa angústia (2010). Refletindo sobre a memória, Ricoeur ressalta "a impressão enquanto afeição, resultante do choque como acontecimento impressionante, marcante" (2000, p.16). Neste sentido, a representação feita é a de uma imagem presente semelhante à impressão "de um anel sobre a cera" (cf. *Id.*, *Ib.*, p.8). Embora Aristóteles tenha ensinado que "a memória é o passado" (cf. *Id.*, *Ib.*, p.19), sabemos que Duras escreveu suas lembranças ao mesmo tempo que se desenrolavam os acontecimentos narrados. Portanto, não seria um trabalho de *remémoration*, de resgate, mas Duras quer captar sua experiência do momento "em profundidade" (*Id.*, *Ib.*, p.9). Além do diário inicial, essa obra compreende mais cinco narrativas: três que contam acontecimentos dos quais a autora teria participado e dois que ela declara ficcionais, mas que também se reportam aos tempos sombrios da deportação. Duras seria, pois, o *histor* de Heródoto, aquele que testemunhou o acontecimento e narra sua experiência "porque somente a transmissão simbólica, assumida apesar e por causa do sofrimento indizível, [...] esta retomada reflexiva do passado pode nos ajudar a não

repeti-lo"(GAGNEBIN, 2006, p. 57). Adorno nos adverte da importância da "luta contra o esquecimento" em oposição a "atividades comemorativas, restauradoras" (cf. Id, lb., p.100). Distinguindo a autobiografia, que diz respeito ao sujeito, das "memórias", marcadas pela objetividade da abordagem do contexto histórico e da coletividade (cf. LECARME, 1999, 47-48), em certo sentido, poderíamos considerar esta narrativa como "memórias de Duras" ou "memórias da Ocupação". Nesta intervenção, pretendemos examinar de que maneira a dor pungente da autora se vale da memória como "impressão na cera" e a transforma em escrita (graphein) autobiográfica, memorialista e/ou ficcional. Evocando outros ecos dolorosos de sua obra, como a "a dor de Calcutá" (Le Vice-Consul), a "dor de Duras" estende-se "à dor da França" e à de todos os deportados da Ocupação e da Segunda Guerra Mundial.

Palavras-chave: Marguerite Duras; memória; autobiografia; diário

NA MEMÓRIA, A POÉTICA - UMA REFLEXÃO SOBRE A ESCRITA DE MARGUERITE DURAS EM CADERNOS DA GUERRA

Mariana Bisai Quillici (UFU)

Resumo: Nos últimos anos, o estudo da memória e o seu lugar na literatura parece ter se tornado algo insistente nas mais diversas pesquisas. Inúmeros escritores e pesquisadores têm se voltado para um modo de investigação por fragmentos que ficam guardados no homem e que aparecem revivendo, redescobrimo e recriando momentos. A obra de Marguerite Duras não deixa de apresentar este movimento e, além disso, faz com que seus escritos consigam traduzir suas emoções já vividas, e muitas vezes são capazes de transformá-las em novos sentimentos. Nesse sentido entendemos que a poética da obra Durasiana vem de suas memórias. Espaços, personagens, acontecimentos, tudo isso sai da vivência e das memórias da escritora e (re)aparecem em sua escrita. Tece-se então uma trama repleta de vozes vindas de outros textos, outras memórias. Principalmente pensando em *Cadernos da guerra* (2009), um de seus livros, que consiste na organização de vários escritos da autora, principalmente textos que remetem a sua vivência na resistência francesa, entre 1943 e 1949, durante e logo após a Segunda Guerra Mundial, fica fácil identificar que existe uma comunicação entre esses fragmentos e que eles parecem representar uma única obra. Nela encontramos riqueza nas lacunas de sua memória, onde Duras tece suas reflexões e deixa transparecer o efeito poético. Suas narrações são atravessadas por reflexões já posteriores ao acontecido e demonstram que aquelas memórias não são intocáveis, ao contrário, são construções que, agregadas ao distanciamento dos fatos, resultam em uma escrita capaz de dialogar com passado, presente e futuro. Nesse sentido, Castello Branco (1990), nos aponta que desenvolver um exercício de escrita com a memória é seguir em direção ao futuro: "O gesto de se debruçar sobre o que já se foi implica um gesto de edificar o que ainda não é, o que virá a ser"(p.34-35). Emblemático, nesse sentido, é o trecho em que Marguerite Duras reflete sobre a falta de notícias do marido que está lutando na Alemanha nazista: "Se ele voltar, iremos à praia. Será verão, pleno verão. Entre o momento em que abrirei a porta e aquele em que estaremos no mar, estarei morta. Numa espécie de sobrevida vejo um oceano verde, uma praia um pouco alaranjada, sinto a brisa salgada no interior da minha cabeça, não sei onde ele está no momento em que vejo o mar, mas ele vive. Em algum lugar na terra ele respira, posso me deitar na praia e descansar. Quando ele voltar iremos à praia. É o que lhe dará mais prazer."(p. 176-177). Podemos considerar que é apenas por meio do recurso da linguagem que as experiências, e seus significados, que envolvem o passeio na praia são atualizados no contexto vivido pela narradora; ao mesmo tempo, são vivenciados em seu aspecto de impossibilidade – ainda que momentânea, como a esperança parece demarcar. Por esse viés, propomos uma discussão sobre a forma como os movimentos da memória desenham uma verdadeira poética na obra da escritora francesa.

Palavras-chave: Memória; Poética; Escrita

TRAÇOS MNEMÔNICOS DOS ESPAÇOS/TEMPOS NARRATIVOS CRIoulos NO ROMANCE UN DIMANCHE AU CACHOT

Livia Maria da Costa Carvalho (UFPE)

Resumo: Neste trabalho, insisto em refletir sobre as tensões que ecoam as brutalidades vividas pelo território e pelo povo antilhano nos processos de sua construção identitária, política e social. Elaborado no contexto contemporâneo, o romance *Un dimanche au cachot* apresenta a perlaboração de traumas do presente através das memórias do passado. No romance, as análises libertadoras dos processos de perlaboração da memória serão desenvolvidas por meio de narrativas das violências vividas por três gerações de mulheres que, durante o regime escravagista, foram aprisionadas e punidas no calabouço de uma velha habitação. Pretendo, de maneira específica, apontar os microcosmos dos lugares de memória que são apresentados por Chamoiseau em suas narrativas, buscando evocar a reapropriação das histórias antilhanas. A Crioulidade reivindicada por Patrick Chamoiseau, Raphaël Confiant e Jean Bernabé no manifesto *Éloge de la Créolité* propõe a atualização, a reprodução e a valorização da identidade cultural antilhana. E o lugar de onde partem as primeiras articulações dessas ideias é o da produção de uma estética literária crioula. Pelo engajamento literário, uma nova perspectiva e um caminho consciente da realidade local devem ser traçados. Para superar as assimilações e transcender a busca pelo Outro, a literatura antilhana terá no traço crioulo o seu modo de expressão fundamental.

Palavras-chave: Memória. Traço crioulo. Literatura

"LE COEUR À RIRE ET À PLEURER": NARRATIVAS DO ÍNTIMO E ASPIRAÇÕES COLETIVAS NA VOZ DE MARYSE CONDÉ

Irene Corrêa de Paula Sayão Cardozo (UFF)

Resumo: A presente pesquisa se inscreve no contexto da reflexão sobre o papel da literatura na constituição de subjetividades e na transmissão memorial na contemporaneidade pós-moderna. Busca-se nesta comunicação fazer uma análise da narrativa de infância *Le Cœur à rire et à pleurer*, da escritora de língua francesa (originária da Guadalupe) Maryse Condé, levando em consideração o imbricamento, recorrente na obra, entre a expressão de uma memória individual, íntima e subjetiva, e de uma memória coletiva, herdeira da empreitada colonial e escravocrata nas pequenas Antilhas francesas e, mais particularmente, na Guadalupe. Trata-se de observar em que medida a voz da criança ("eu" redescoberto) se torna o vetor de uma identidade sociocultural ("eu" caleidoscópico) inclinada a dar voz aos silenciados da história (e da estória). No que diz respeito às literaturas pós-coloniais de língua francesa, a emergência e proliferação de narrativas de si (em suas múltiplas modulações) na contemporaneidade está fortemente ligada ao contexto colonial; a inscrição literária do "eu" estando, assim, frequentemente, associada a uma busca de elaboração identitária atrelada a uma demanda de reflexão sobre a memória coletiva e cultural. A transmissão literária dessa memória ancestral (genealógica ou geracional) tem um papel essencial, já que recuperá-la/reescrevê-la corresponde a preservar e elaborar a própria identidade daquele que narra. A infância, retomando aqui as palavras de Suzanne Crosta, no livro *Récits d'enfance antillaise*, é um momento fundador impregnado de potencialidade e virtualidade, simultaneamente objeto e tema da vida privada e coletiva, que serve para sensibilizar e engajar o Outro na esfera humanitária. Compreensão essa que vai ao encontro da reflexão proposta por Patrick Chamoiseau, Raphaël Confiant e Jean Bernabé em *Éloge de la Créolité* quando afirmam que era preciso que os antilhanos resgassem a visão que tinham de sua realidade e se recolocassem no centro si mesmos, reaprendendo a olhar positivamente o que palpitava em torno de si. Um pouco do olhar da infância que interroga até mesmo as evidências, um olhar livre que dispensaria autoexplicações, um olhar sem expectador externo que "emerge de uma projeção do íntimo e trata cada parcela da nossa realidade como um acontecimento, no sentido de romper a visão tradicional, neste caso, exterior e submissa da alienação" (CHAMOISEAU, 1989, p.24). Maryse Condé, através de um percurso e uma proposta semelhantes, dramatiza, neste retorno à infância, uma crise identitária que encena (na escrita) a reinvenção do "eu" através de uma reflexão crítica sobre a memória/herança coletiva, aliando aspirações íntimas a aspirações humanitárias.

Palavras-chave: pós-colonialismo; narrativa de infância; memória

A (PÓS)MEMÓRIA DA ESCRAVIDÃO NA SOCIEDADE E NA CULTURA BRASILEIRAS E A POESIA DE SOLANO TRINDADE E DE ADÃO VENTURA

Édimo de Almeida Pereira (CES/JF)

Resumo: Cento e trinta anos, contados a partir da assinatura oficial da Lei Áurea, separam os tempos de violência e de exploração da força de trabalho retirada do continente africano em prol do desenvolvimento da então colônia do império ultramarino português no Novo Mundo e os dias que vivenciamos no Brasil do século XXI. Tal constatação insta-nos ao exercício de pensarmos a memória e a (pós)memória da escravidão, por intermédio da presente comunicação, que tem por objetivo estabelecer uma reflexão não só a respeito da instauração do regime escravista no Brasil e da (pós)memória em relação ao período em que o mesmo vigorou no país, como também a respeito das implicações da presença negra outrora escravizada na conformação do que são a sociedade e a cultura brasileiras contemporâneas. Neste expediente, iremos nos valer da observação de aspectos da poesia levada a termo pelo escritor pernambucano Solano Trindade, bem como pelo poeta mineiro Adão Ventura, tomando por base, neste caso, as duas vertentes criativas identificáveis na obra desse autor. Em um segundo momento, recorreremos a aspectos socioculturais da contemporaneidade brasileira em torno da temática em questão, no que teceremos considerações a partir de aspectos presentes no enredo do Grêmio Recreativo e Escola de Samba Paraíso do Tuiuti, agremiação vice-campeã do Carnaval carioca de 2018, que trouxe para o centro de uma das maiores manifestações culturais nacionais a indagação “Meu Deus, meu Deus, está extinta a escravidão?”. Pensarmos a escravidão no Brasil e os efeitos da mesma sobre a constituição de um imaginário ora presente, ora aparentemente ausente no cotidiano da população e da cultura brasileiras implica o trabalho com a noção de memória e de (pós)memória e com a vinculação destas ao esquecimento e à lembrança, quando, então, recorreremos aos aportes teóricos de diversos estudiosos, tais como, Clóvis Moura, Manuela Carneiro da Cunha, Ecléa Bosi, Paul Ricoeur, Roger Chartier, Henri Bergson, dentre outros.

Palavras-chave: Contemporaneidade; Escravidão; Pós-memória; Poesia

03 de agosto

14h30

ZÉLIA GATTAI: ARQUIVO FOTOGRÁFICO E O ARQUIVAMENTO DE VIDA

Milena de Jesus Santos (UFBA)

Resumo: Em 1946, na ocasião do exílio político na Europa Zélia Gattai Amado (1916 - 2008), fotógrafa e escritora inicia sua Reportagem Incompleta sobre a trajetória do escritor brasileiro Jorge Amado, com quem foi casada por 56 anos. Movida pela admiração, Gattai documentou em imagens a trajetória de seu companheiro. Foram cinco décadas de registros imagéticos que resultaram na formação do Arquivo Fotográfico Zélia Gattai, doado pela escritora em 1991 à Fundação Casa de Jorge Amado, localizada em Salvador/BA – instituição referência em pesquisa e difusão do legado literário do escritor. O acervo compreende cerca de 30.000 imagens entre negativos e ampliações publicadas pela Fundação em dois catálogos que retratam a vida política e privada de um dos maiores intelectuais brasileiros do século XX. O presente estudo analisa o patrimônio documental a partir do que se compreende no âmbito das Ciências Sociais por arquivamento de vida. Com isso, duas reflexões centrais são estabelecidas: a primeira refere-se à construção biográfica do personagem Jorge Amado, a partir de relatos íntimos do seu cotidiano, delineados e publicizados pelo arquivo fotográfico; a segunda analisa a ressonância do empreendimento na prática literária de Zélia Gattai e sua atuação como memorialista que resultou em publicações do gênero, são elas: “Reportagem Incompleta”(1986), “Um Chapéu para viagem” (1982), “Senhora dona do baile”(1984), “Jardim de inverno” (1988), “Chão de menino” (1992), “Casa do Rio Vermelho” (1999), “Cittá de Roma (2000), “Códigos de família” (2001), “Jorge Amado: Um baiano romântico e sensual (2002), “Memorial do amor” (2004) e “Vacina de Sapo” (2005). Tendo como aporte teórico os

apontamentos do sociólogo Pierre Bourdieu (1986), sobre a perspectiva da Ilusão Biográfica, os trabalhos de Philippe Artières (1998) e Luciana Quillet Heymann (1997) que versam acerca do arquivamento de vida, o estudo de caso proposto, analisa a produção imagética e literária de Zélia Gattai, por intermédio de investigação dos indícios presentes na tessitura memorialística resultante de sua prática como fotógrafa e escritora. O presente estudo refere-se a pesquisa em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Museologia – linha 1: Museologia e desenvolvimento social - da Universidade Federal da Bahia, sob orientação da profa. Dra. Suely Moraes Cerávolo.

Palavras-chave: Arquivamento de vida; Acervo fotográfico; Zélia Gattai; Jorge Amado

O ESPAÇO DA MEMÓRIA NAS PÁGINAS DO JORNALISMO LITERÁRIO DE ANTONIO CALLADO E GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ

Joana de Fátima Rodrigues (UNIFESP); Giselle Larizzatti Agazzi (UNIMES)

Resumo: Entre a literatura e o jornalismo, os escritores Antonio Callado e Gabriel García Márquez levaram para as páginas da imprensa grandes reportagens. Em períodos históricos marcados pelas mais diversas formas de opressão, o intelectual brasileiro e o colombiano procuraram romper, por meio das suas publicações, com o silêncio imposto pelos estados autoritários. Movidos por um traço comum, o de dar voz aos fatos sociais e políticos que buscavam ser ocultados pela história oficial, os escritores construíram estratégias diversificadas para superar o processo de desmemória a que as sociedades latino-americanas eram submetidas no fim do século XX. Callado e Márquez, diante da perspectiva de Said (SAID, 2005), procuraram amplificar os acontecimentos traumáticos em curso em seus países junto ao público, engendrando textos que dialogavam com a tradição do jornalismo literário. É também por meio desse gênero – mas não só, pois, como se sabe, ambos são cronistas, jornalistas e ficcionistas de ampla envergadura – que eles buscavam iluminar o que o discurso “legitimizado” procurava apagar. Respeitando as especificidades de cada trajetória intelectual, a comunicação pretende abordar como algumas das reportagens literárias de Antonio Callado e Gabriel García Márquez contaram as histórias que não eram contadas pelos documentos oficiais, contribuindo para o reconhecimento de que, por baixo da memória tecida pelos Estados, outras memórias, ocultas, precisavam ser reveladas.

Palavras-chave: Jornalismo; Antonio Callado; García Márquez

NARRATIVAS DE 1 GIGA: DIÁLOGOS ENTRE MEMÓRIA, LITERATURA E ARTES PLÁSTICAS

Thiago da Silveira Cunha (UFPB); Ana Cristina Marinho Lúcio (UFPB)

Resumo: Entre pavões, princesas, cantadores populares e barcos à vela pintados nas paredes da cidade de João Pessoa, encontra-se uma peculiar relação entre memória, literatura e artes plásticas. Observando a produção do grafiteiro Aginaldo Pereira – mais conhecido como Gigabrow –, é possível perceber uma trama bastante singular que une memórias individuais e coletivas, através de releituras de histórias de cordéis e outras obras da literatura brasileira, representadas pela estética Naif. Esta é bastante assimilada e consumida na Paraíba e, no contexto local, costuma associar-se às representações das lembranças como matéria-prima de criação artística (XAVIER, 2007). Ouvindo os depoimentos de Aginaldo, temos novas surpresas: o artista agrega características que o assemelham aos dois tipos arcaicos de narradores indicados por Walter Benjamin (1994). Uma é metaforizada na figura do marinheiro, que muito viu e por isso muito tem para contar. Giga diz: “Nasci na Torre... fui pro Alto do Mateus, do Alto do Mateus fui pro Cristo, do Cristo eu... fui pra Beira-Rio, fui pra... Bessa, fui pra... um monte de canto, saí. Baía da Traição, num sei onde, num sei onde, num sei onde... Rua”. Completa suas andanças em diversas cidades do litoral ao sertão, além de Rio de Janeiro e São Paulo, lugares que conheceu em trabalhos com graffiti, circo, cinema ou surfando. O outro tipo de narrador é o do camponês sedentário que conhece as histórias de seu povo, oriundo de uma infância e adolescência passadas principalmente no sítio da família, no interior da Paraíba. De lá carrega o gosto pela fauna e flora local, assim como pelas tradições populares da região: brincadeiras de reisado, novenas etc. Como afirma Ecléa Bosi (1994), a narração de memórias é uma

forma artesanal de comunicação. “Ela não visa transmitir o ‘em si’ do acontecido, ela o tece até atingir uma forma boa. Investe sobre o objeto e o transforma”. Desse modo, a apropriação ativa exercida por Gigabrow em suas histórias, torna possível perceber uma poesia oral popular (ZUMTHOR, 1997) pulsante e em constante movimento criativo. Suas reelaborações aditam às lembranças próprias, outras apropriadas ou herdadas, mesclando elementos formais dos enredos e temas da literatura de folhetos nordestina (ABREU, 1999) aos traços da religiosidade popular, devidamente afetados pelas vivências do artista marcada, sobretudo, pela boemia – ou atualmente, “vida loca”. A metodologia utilizada neste trabalho perpassa a etnografia fílmica (FRANCE, 2000) e executa procedimentos pertinentes à história oral e aos estudos referentes à memória e à oralidade, apoiados em debates iniciados por autores como Ong (1990), Simson (1998), Halbwachs (1990), Pollak (1989, 1992), Le Goff (2012) e Alberti (2004). A partir disso, buscamos ampliar as discussões sobre os diversos espaços, usos e significados da memória na literatura popular e em outras representações artísticas.

Palavras-chave: memória; oralidade; literatura de folhetos; naif

O BRUNO DE DAVID GROSSMAN OU A OUTRA MEMÓRIA DE BRUNO SCHULZ

Élida Mara Alves Dantas Martins (UFU)

Resumo: O menor contato que um leitor atento puder ter com o universo de Bruno Schulz, um escritor polonês do entreguerras, é o suficiente para que se compreenda por que sua vida e obra foram parar nas penas, nos pincéis e nas telas de outros artistas que, fascinados, tentaram, de alguma forma, recuperar um último fôlego de criação que o escritor polonês pudesse ter deixado escapar momentos antes de sua morte. Dentre tantas outras razões, particularidades que envolvem a cena de seu assassinato e o desaparecimento do seu manuscrito intitulado *O Messias* contribuíram para que alguns artistas admiradores de Schulz mitificassem sua figura. É o caso do escritor israelense David Grossman que, em *Ver: Amor*, por meio de uma bela metamorfose, resgata Schulz das mãos dos nazistas, concedendo-lhe outro destino no âmbito da ficção. Esse romance do escritor israelense é analisado, aqui, como uma espécie de escrita da memória alheia. Apropriando-se da memória de Schulz, o protagonista da obra desenvolve o projeto de reconstrução da história do escritor polonês, o que inclui também a reescrita/recuperação do manuscrito perdido. Esse ato de redenção praticado por Grossman funciona como uma metáfora para sua própria noção sobre uma das funções da literatura (revelada em seus ensaios, depoimentos, entrevistas e também em sua ficção): salvar o homem/escritor. Nas palavras do autor, *Ver: Amor* “conta a história de muitas pessoas incapazes de contar uma história” (GROSSMAN, 2009). É uma narrativa polifônica e fragmentada que, assim como toda obra sobre a Shoá escrita nos últimos sessenta anos, não consegue traduzir a experiência do horror, “porque é possível traduzir qualquer outra ferida para a linguagem da realidade conhecida, e apenas o Holocausto não é passível de tradução” (GROSSMAN, 2007). Publicado originalmente em 1989, o referido romance do escritor israelense divide-se em quatro narrativas interligadas que apresentam momentos distintos da história de Shlomo Neuman (Momik), narrador e protagonista da obra. No entanto, para este trabalho, foram tomadas para análise apenas a primeira e a segunda parte, intituladas, respectivamente, “Momik” e “Bruno”. Como prenunciam os títulos, a primeira parte da obra, ambientada na “realidade”, conta a história da infância do protagonista, um menino que na década de 1950, por meio de rumores e fragmentos, luta para, literalmente, reconstruir e humanizar a “Besta Nazista”, termo utilizado para designar o nazismo naquela época. Na segunda parte, já adulto, em uma narrativa fantástica, ele reconstitui a história de Bruno Schulz, que, em sua versão, foge do gueto, salta no mar e entra em comunhão com um cardume de salmões. Nessa parte da obra de Grossman é dado ao leitor acompanhar, com a sensação de que em tempo concomitante à escrita, uma narrativa que só poderia ser criada por aquele que, por uma estranha ação, entrasse em comunhão com a memória do escritor polonês.

Palavras-chave: Bruno Schulz; David Grossman; *Ver: Amor*; Memória.

9 - AS LINGUAGENS TRANSCRIPTIVAS: ESTUDO DE TEXTOS INTERARTÍSTICOS SOB DIFERENTES OLHARES

Coordenação: Divino José Pinto (PUC – GO); Lacy Guaraciaba Machado (PUC – GO)

Resumo: A pretensão central deste simpósio é a de criar uma instância em que se possa explorar a presença de diálogos interartísticos numa perspectiva em interação com autor, leitor e obra de arte. Nesse sentido, pensa-se que tanto o autor quanto o leitor apoiam-se no repertório cultural de que são dotados e os movem durante o ato de leitura. Isso porque a obra de diferentes sistemas de linguagem é instigadora de construção de redes de sentidos. Daí a relevância de se intensificarem estudos que estabeleçam relação interartes constitutivas de território amplo e espaço sedutor para novas perspectivas de análise e compreensão das artes em suas múltiplas correspondências. As linguagens verbal e visual incorporam signos distintos, autônomos e complexos. Assim delimitado, este simpósio quer se constituir em mais uma provocação para que se socializem investigações transcriativas e interartísticas relacionadas à produção e recepção estética, mediante abordagens comparativas que promovam novos olhares sobre combinações e processos de hibridação de linguagens criativas incluindo estudos sobre a recepção da obra de arte (infantil, juvenil e adulto) e sua relação com espaços de leitura e ferramentas contemporâneas adotadas para a produção, circulação e veiculação de textos artísticos.

Realizar estudos teóricos da linguagem literária na sua relação com outras linguagens pressupõe estabelecer aproximações, contrapontos e distinções, para melhor compreender o parentesco e a parentalidade de gêneros artísticos manifestados nessas linguagens. Daí a relevância em explorar relações dialógicas entre Literatura e outras artes apreendidas como fatores geradores de identidades em cada uma dessas formas artísticas, assumidas como fonte criativa de acentuada produtividade nos dias atuais.

Alguns teóricos que subsidiam estudos dotados de propósitos como estes podem ser representados por Haroldo de Campos, Júlio Plaza, Giorgio Agamben, Mario Bellatin, Walter Benjamin, Theodor W. Adorno, Roland Barthes, Susan Buck-Morss, para quem “A coletividade do século XX [...] constrói sua identidade na base da imagem ao invés da palavra” (BUCK-MORSS, 2009, p. 28) e forma uma comunidade transnacional, embora o signo verbal continue habitando os mais diferenciados espaços textuais verbais e não-verbais.

Nessa direção, pretende-se socializar, neste simpósio, estudos que tratem das relações entre textos de diferentes sistemas de linguagem, averiguando, por exemplo, até que ponto os aspectos relativos à continuidade/descontinuidade, à compleição formal das obras articulam-se e podem ser entendidos como fenômenos inerentes à produção, à complexidade ou simplificação estética e de como tudo isto proporciona relações de fruição artística e “consumo”.

REFERÊNCIAS:

- AGAMBEN, Giorgio. *Profanaciones*. Trad. Flávia Costa e Edgardo Castro. Buenos Aires: Adriana Hidalgo, 2005.
- BARTHES, Roland. *Realismo ¿mito, doutrina o tendencia histórica?* Buenos Aires: Quadrata, 2004, p. 91-101.
- BELLATIN, Mario. *Jacobo el mutante*. México DF: Alfaguara, 2001.
- BELLATIN, Mario. *El arte de enseñar a escribir*. México: Fondo de Cultura Económica, 2006.
- BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985. v.1. (Obras escolhidas).
- BUCK-MORSS, Susan. *A tela do cinema como prótese de percepção*. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2009.
- DIDI-HUBERMAN, G. *O que vemos, o que nos olha*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1998.
- GUIMARÃES, César. *Imagens da memória. Entre o legível e o sensível*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1997.

HORKHEIMEIR, Max. *Dialética do esclarecimento*: fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

PLAZA, Julio. *Tradução e intersemiótica*. São Paulo: Perspectiva, 2013.

31 de julho
8h30

POÉTICAS DA PLENITUDE E DO ENCANTAMENTO NO ALTO MODERNISMO BRASILEIRO: UMA CONSTELAÇÃO INTERARTES

Luiz Mauro do Carmo Passos (UFMG)

Resumo: Tendo como referência os conceitos de poética da plenitude e do encantamento, formulados por Jean Cohen (Le Haut-Langage, 1979; ed. port. A plenitude da linguagem, 1987) e por Catherine R. Moore (La Poétique de L'enchantement, 1990), propõe-se um exercício de leitura e interpretação comparadas da construção e do efeito estético da obra poética dramatúrgica de Vinicius de Moraes (1913–1980), em Orfeu da Conceição (1956), em relação à obra arquitetônica de Oscar Niemeyer (1907-2012), particularmente no seu cenário da primeira montagem desta peça (1956) e outras obras da época e à obra escultórica de Maria Martins (1894 – 1973), particularmente em Orpheus, 1953 (Bronze 101 x 70 x 70 cm). Cohen postula quatro etapas ou características principais na construção poética da plenitude: o desvio da norma, a totalização, a intensificação (“pathétisation”) e a repetição – estratégias que serão investigados nas três obras indicadas. Busca-se identificar esquemas formais comuns às três obras (Gombrich 1962; Iser 1989; 1993), no contexto das respectivas linguagens da sua época, no Brasil e nos Estados Unidos, onde identificamos algumas sincronicidades, intertextualidades e um regime de visualização comum (Didi-Huberman). Busca-se também remontar à teoria poética desenvolvida por Apollinaire nas décadas de 1900-1910, na França, em relação às vanguardas pictóricas e à sua própria obra literária – como fonte e referência sobre a qual se operará uma criação reflexiva desta que pode ser considerada um dos núcleos criativos das vanguardas modernistas. Finalmente, sugerimos que a criação poética deste momento do alto modernismo do período em torno da 2ª Guerra Mundial se constitui numa reflexão e síntese das vanguardas modernistas do início do século.

Palavras-chave: Poética; modernismo; interartes; efeito estético.

POR UMA POÉTICA COMUM: LITERATURA E FOTOGRAFIA À LUZ DE JACQUES RANCIÈRE

Pedro Gomes Dias Brito (UFMG)

Resumo: Nesta comunicação, buscaremos discutir as possíveis correspondências entre literatura e fotografia, palavra escrita e imagem, tendo como lastro teórico e filosófico a obra de Jacques Rancière. O objetivo geral de nossa fala será demonstrar que o diálogo foto-literário ultrapassa o estatuto de simples ilustração – fotografia ilustrativa de um texto ou vice-versa – ou as apropriações de procedimentos formais de uma mídia pela outra. Em um nível mais basilar, fotografia e literatura operam constitutivamente, em tempos do regime estético das artes, uma poética comum: a poética dupla do que Rancière chamará a “palavra muda”. Nosso argumento será pautado, num primeiro momento, pela apresentação dos traços fundamentais desse regime estético, dotado de historicidade própria, cujas bases remontam a fins do século XVIII e à revolução operada pelo romantismo. Tais traços fundamentais serão examinados à luz de algumas obras do filósofo francês, notadamente, “La parole muette”, “Aisthesis”, “O destino das imagens” e “A partilha do sensível”. Discutiremos como o regime estético das artes surge no momento mesmo em que escritores, filósofos e pintores rompem com os princípios organizadores do denominado sistema representativo. Em linhas bem gerais, Rancière (2009, p. 47) demonstra que esse sistema “definia, com os gêneros, as situações e formas de expressão que convinham à baixeza ou elevação do tema”. A maior fissura operada pelo novo regime diz respeito, precisamente, à negação da conveniência que subordinava a elocutio (a expressão, enunciação) à inventio (escolha do assunto representado). A partir de então, rege um princípio de indiferença do estilo em relação ao assunto representado,

princípio que atribui a todos os seres e a todas as coisas igual importância e mesma linguagem. Encaminhando-nos para o segundo momento de nossa argumentação, desdobrado a partir do anterior, direcionaremos nossa questão diretamente para a nova poética que emerge junto a esse regime: a palavra muda, manifesta tanto na fotografia quanto na palavra do poema e do romance. Graças ao novo princípio de indiferença – que destrói a estabilidade mimética das relações entre intencionalidade autoral, forma sensível (visual e verbal), expressão de uma significação e produção de efeitos determinados –, veremos que as imagens, tanto literárias quanto fotográficas, produzem uma flutuação das propriedades de identificação e caracterização social das pessoas e coisas representadas. Trata-se do momento de irrupção de um “esplendor do insignificante”: dos microeventos sensíveis, do ordinário, do “farniente”, enfim, da neutralização da oposição entre os assuntos dignos da arte e as formas anônimas da experiência. Em síntese, buscaremos explicitar por meio da análise de exemplos concretos – duas fotografias, uma de José Medeiros e outra de Marcel Gautherot, e um poema de Francisco Alvim – que a fotografia torna-se arte, e a literatura, propriamente literatura, quando sob o modo de uma indeterminação, de uma oscilação, elas fazem falar duas vezes o rosto do anônimo: “como testemunhas mudas de uma condição inscrita diretamente em seus traços, suas roupas, seus modos de vida; e como detentores de um segredo que nunca iremos saber, um segredo roubado pela imagem mesma que nos traz esse rosto” (RANCIÈRE, 2012, p. 23-24).

Palavras-chave: Literatura; Fotografia; Poética; Jacques Rancière

PROCEDIMENTOS COMPOSICIONAIS DO CONTO CONTEMPORÂNEO: MOLDURAS E MONTAGEM

Eni Santos Carvalho (PUC-GO)

Resumo: Neste estudo, buscamos rememorar um breve percurso do conto literário, reconhecendo que o conto literário se afirma como tal a partir do século XX. Entretanto, é no século XIV que esse gênero encontra seus descendentes mais próximos, sendo o aspecto da tessitura o elo genético que os aproxima. Armando Moreno (1987) destaca que o ritmo e a linguagem poética se integraram ao conto ainda no século XIV. Assim como da pena e tinteiro passou-se ao uso da caneta, o conto, aqui referido sempre como conto literário, sofreu transformações substanciais ao longo dos tempos. Para isso, apresentamos elementos que demonstrem que a literatura produzida em Goiás, especialmente o conto, participa de um “poliedro capaz de refletir as situações mais diversas da vida real ou imaginária, se constitui no espaço de uma linguagem sensível, tensa e empenhada na significação” (BOSI, p. 15, 2015). Reconhecer se uma narrativa é literária, se pode ser denominada obra de arte, pressupõe delimitar fundamentos que norteiam as especificidades de cada obra de arte. Assim, para esta empreitada se sustentar recorremos, a princípio, a Gerard Genette (2010), pois consideramos que o aspecto da literariedade que Genette (2010) chama de relações transtextuais, grosso modo, envolve aquilo que vai para além do escrevível e legível na obra literária. É por meio dessas conexões que o leitor percebe correlações dos contos selecionados para este estudo com outras obras. Nesse sentido, escolhemos o conto “Yago Ciriago ou a Tortura de um Gato Pedrês”, por meio do qual estabelecemos correlações com o romance machadiano Memórias Póstumas de Brás Cuba, particularmente o terceiro capítulo. Propomos, ainda, suscitar alguns conceitos sobre a narrativa curta contemporânea, tendo como corpus os contos: “A casa tomada”, do escritor e crítico Julio Cortázar, publicado em seu primeiro livro de contos Bestiário (1986) e “Menino a bico de pena” (1969), de Clarice Lispector. Aos discorrermos sobre o conto “A Casa tomada”, de Julio Cortázar, constatamos a possibilidade de traçarmos um paralelo entre essa obra e a pintura La Clairvoyance, de René Magritte (1936), pois o sistema pictórico torna evidente a manifestação do “fundo” na constituição das imagens, o que se nota haver também, no discurso narrativo, quando este projeta dois tipos de personagens: figuras móveis, as personagens centrais, e figuras imóveis, as personagens secundárias (USPÊNSKI, 1979). Estas personagens “imóveis” atuam como personagens de “fundo”, como cenário, pois dado a sua imobilidade, muitas vezes não transitam nos espaços da narrativa. Assim, essa comparação é entendida por nós como enriquecedora da leitura de procedimentos construtivos artísticos. Faz parte do nosso método de estudo situar os contos de

Júlio Cortázar e de Clarice Lispector como paradigma para análise dos contos de Miguel Jorge, o que enseja uma interrogação a ser respondida em estudos posteriores: quais aspectos determinam a contemporaneidade dos contos de Lacraus no cenário da literatura brasileira?

Palavras-chave: Conto; discurso narrativo; moldura; montagem.

LITERATURA E ESTUDOS INTERARTES: A ESCRITA E A IMAGEM NA POÉTICA DE GERARDO MELLO MOURÃO

Júnior César Ferreira de Castro (UnB)

Resumo: Com a evolução e transformação da sociedade, a literatura passou a sofrer influência de várias mídias no seu contexto de produção a fim de perder o caráter unívoco, de uma arte temporal, e possibilitar o nascimento de poéticas centradas nos aspectos visuais. Essa intermediação se estabelece ora com a pintura, o cinema e a ilustração ora com o cartaz, as histórias em quadrinhos, a música e a fotografia por meio das combinações e referências midiáticas que se resultam nas adaptações, transmigrações, reescrituras e rearranjos plásticos. Sob essa perspectiva, a de intensificar a materialidade do signo, a função do pictural não é apenas de adornar ou complementar as palavras do autor, mas de dialogar e expressar suas especificidades em um determinado tempo e espaço. Assim, a inserção do ícone na obra literária foi se firmando, principalmente, na modernidade com a poesia concreta para obter a estética do efeito sobre aquilo que estava sendo representado e, com isso, chegar à configuração da estética do conteúdo. Gerardo Mello Mourão, escritor cearense e pouco mencionado pela crítica, é um dos poetas que vem se destacando no cenário da literatura brasileira contemporânea, justamente, pelo fato de promover essa inovação híbrida e contribuir com a teorização de novos elementos para os estudos interartes. Os peões é um livro composto de três poemas-narrativos longos (“O país dos Mourões”, “Peripécias de Gerardo” e “Rastros de Apolo”) que canta a fundação do Brasil pelos feitos heroicos da família Mello Mourões composto pela fusão do épico ao lírico e também de imagens para instituir, a partir do processo intersemiótico (HOEK, 2006; PIERCE, 2015), uma voz epilírica decorrente de duas consciências criadoras, a do autor e a própria iconicidade, bem como a do leitor que as interpretam no mundo do texto (ISER, 2002). Esse dialogismo intratextual é instaurado pela intermedialidade (RAJEWSKY, 2012; CLÜVER, 2006) onde a integração do código verbal com o visual cria uma verdadeira linguagem, uma produção midiática formada como memória fotográfica devido à rememoração dos fatos históricos estarem no tempo presente da narrativa (RICOEUR, 1994). Essa representação é tomada por um viés estético-filosófico e pelo princípio bakhtiniano da exotopia, demonstrando que os signos imagéticos têm como foco a conexão in praesentia (ARBEX, 2006) para que as fotos dos documentos, os ideogramas, as letras gregas e os caligramas fotográficos não sejam considerados como meras ilustrações, mas interpretados com base nos seus respectivos significados textuais. Estes, por sua vez, são estabelecidos através dos índices e símbolos (DUBOIS, 1993) que caracterizam o epos e os indicadores da espacialidade e da temporalidade da intriga. Para compreender a memória como criadora das imagens, convocam-se Bachelard (2008), Brassai (2005), Bergson e Deleuze (2006) além de Aumont (1993), Benjamin (1987), Joly (2007), Barthes (2012), Eco (2012), Sontag (2004) e Kossoy (2001) para relacioná-los com as nuances picturais, atestando que as lembranças evocadas pela técnica da fotografia são retratadas tanto por um realismo artístico quanto pela iconografia capaz de instaurar a obra em questão como uma poética do visível e do visual.

Palavras-chave: Poesia visual; Intermedialidade; Intersemiótica.

31 de julho

14h30

A UTOPIA NA DISTOPIA: A TRADUÇÃO DE UMA ERA ETERNA A BEATLEMANIA

Ludmila Martins Naves (PUC-GO)

Resumo: Neste trabalho, objetiva-se trazer à centralidade a utopia na distopia na era contemporânea. Através de uma série de crises e reformas históricas as catástrofes são interpretadas pelos filósofos do séc. XXI como uma conclusão insensível da ciência moderna, da burguesia e da globalização. Jacques Derrida comenta essa era distópica à obra de Michel Foucault "Madness and Civilization"(1978), "a razão é mais louca que a loucura". Contudo, por meio da análise crítica de algumas canções dos Beatles como obra de arte, o universo utópico pode ser considerado uma sombra no universo distópico que hoje conhecemos como humanidade? The Beatles nasceu em Liverpool, cidade de renome internacional por sua midiaticização concebida através de citações em canções e álbuns dessa banda inglesa que até os dias de hoje é tida como "mania". Como diria o beatle George Harrison, "os Beatles sobreviverão aos próprios Beatles." O impacto dessa afirmação ainda se faz presente nos dias de hoje com a beatlemania e ao que se diz respeito à história da banda, é importante apontar as contribuições multisensoriais que esses jovens deixaram ao mundo e ainda deixam através das performances de Paul McCartney. Entre os álbuns com maiores destaques, temos aquele da capa colorida que traz uma ideia de contracultura e linguagem imagética do movimento hippie; Sgt. Peppers Lonely Hearts Club Band (1967), incrivelmente dois anos antes do maior movimento hippie do mundo: o Woodstock. Pressupõe-se que, a feição pós-modernista dos Beatles possa ser conferida nas entrelinhas de suas canções de amor que são para a poética, poesias de amor e para a filosofia moderna um interessante objeto de estudo com cunho crítico e filosófico. Sendo assim, o romper com a tradição crítica seria um dispositivo de alcance para que seja possível comunicar a respeito da utopia na distopia, por meio da leitura crítica do movimento beatlemania que há décadas é como uma filosofia de vida para milhares de pessoas. Contemporaneamente, considerando as composições de John Lennon como um elo de ambiguidades que se manifestam enquanto distintivos sociais permeados pelo tempo e por diversas culturas, pode-se dizer que para Nietzsche a filosofia moderna transcende ao campo do sensível. O álbum Sgt. Peppers se consagrou o mais importante na história dos Beatles e paralelo à canção de pós-guerra "Imagine" de John Lennon, traduz nas entranhas de todo esse manifesto artístico a questão da utopia na distopia: a realidade contemporânea como se a vida fosse uma bodega fantástica.

Palavras-chave: Utopia. Distopia. Contemporaneidade. The Beatles.

ESTUDOS COMPARATIVOS E TRANSCRIÇÃO EM NARRATIVAS DE JOSÉ J. VEIGA E GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ

Paula Apoliane de Pádua Soares Carvalho (PUC-GO)

Resumo: Esta pesquisa foi impulsionada pelo interesse em investigar as singularidades entre os planos das produções literárias do escritor goiano José J. Veiga, escrita considerada pela como parte do Realismo Fantástico e a de Gabriel García Márquez que, do mesmo modo, se prestam à análise semelhante. Nossa proposta busca os aspectos que se aproximam ou distanciam nos dois autores, que permeiam o universo literário traduzindo as manifestações e comportamentos relacionados à condição humana, por meio de procedimentos do fantástico, não como forma de dispersão das coisas concretas, mas como imersão consciente nelas, pela transgressão e pela ironia da escritura. Possíveis hipóteses como das imagens que margeiam o grotesco, o estranho, o absurdo, extraídos do universo tangível, bem como toda a atmosfera de magia estabelecida em suas obras. Essa relação deve ser averiguada, como caminho para externalizar a relevância de estudos comparados aliados ao processo de transcrição. Nesse viés, e valendo-se desse mecanismo, compreender como a obra está constituída. Portanto, a realização deste estudo poderá provocar no leitor, que se interesse pela temática, a iniciativa de desenvolver outros estudos a partir de outras obras literárias ou de outras manifestações artísticas por sua importância na construção e formação do indivíduo. Duas expressões literárias, representantes da literatura brasileira e hispano-americana aqui se apresentam. Realizaremos estudos comparativos, atentando para os limites da transcrição observável entre sistemas semiológicos a fim constatar a dialogia concreta entre essas produções literárias. Assim, buscaremos identificar as possíveis formas de apresentação das obras desses

autores a partir da Teoria da Transcrição, por meio de estudos Intersemióticos. Dessa forma, ao propor o comparativismo e a transcrição, referendamos críticos como, Roland Barthes Haroldo de Campos. Assim sendo, a Teoria da Transcrição se apresenta como recriar, por meio da tradução, isto é, considerar um texto estético como um todo. Julgamos pertinente, portanto, a utilização do método qualitativo, por meio da pesquisa bibliográfica. O que se traduz como sendo o mais adequado quando o objetivo é estudar uma situação ou realidade em seu próprio contexto, no caso as obras literárias dos referidos autores. Espera-se que após a realização dessa pesquisa/estudo comparado, as análises sejam externalizadas por meio de publicações e livros de ensaios acerca do estudo concretizado, a fim demonstrar a viabilidade da pesquisa do ponto de vista qualitativo e bibliográfico com base no comparativismo e transcrição de obras literárias já consolidadas do ponto de vista dos seus precursores.

Palavras-chave: Comparativismo; Transcrição; Fantástico; Humano

ASPECTOS DA TRANSCRIÇÃO NA POESIA DE WALT WHITMAN E CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE Rosângela Soares de Almeida Ribeiro (PUC-GO)

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo realizar estudos sobre partes e aspectos das obras de dois poetas: Walt Whitman (2012) e Carlos Drummond de Andrade. O interesse que nos mobiliza é o fato de que ambos apresentam em suas obras poéticas uma inovação estética que aponta para além dos seus tempos e os tornam diferentes e dignos de serem considerados à parte. Apoiar-nos-emos, nesta pesquisa, em teorias críticas que possibilitem compreender da grandeza e da singularidade desses autores, bem como a universalidade e a atualidade permanente dos seus textos. Busca-se também, em seus poemas, os elementos temáticos que trazem à tona todo o pensamento produzido pela geração de que ambos fizeram parte, sem, contudo, ignorar o passado que também lhes servira de matéria poética, na construção dos novos rumos do modernismo, sem rupturas radicais, mas apresentando atitudes surpreendentes em suas formas de escrever, utilizando-se a farta de procedimentos não muito usuais, como os versos livres, por exemplo. Drummond e Walt Whitman fazem parte de uma gama de poetas que apresentam estreita relação com a natureza, com a literatura, com a sociedade e com as pessoas, na sua dimensão humanística. Salientamos o estudo com base em teóricos como: Hugo Friedrich (1991), Julio Plaza (2013), Paul Ricoeur (2000), Harold Bloom (1995) dentre outros. Walt Whitman e Carlos Drummond de Andrade foram dois poetas de tempos distintos, mas as suas obras apresentam uma consonância imensurável, na qual a predominância dos versos livres, a reflexão que transcende a respeito das pessoas, a liberdade de expressão e o mundo que os cerca. Os dois grandes poetas trouxeram novos pensamentos e atitudes para o século XX, sendo notável o caráter múltiplo e universal das suas obras. Whitman, nas suas poesias sempre preocupadas com os problemas sociais, morais, políticos, defensor da democracia, da natureza, o respeito para com o ser humano e sempre se igualava às pessoas, era enfim, a democracia sem uma hierarquia, o humanismo estava sempre presente e a condição humana estava acima de tudo. Drummond desenvolveu, nos seus poemas, uma reflexão de caráter existencial, interpelando as pessoas no mundo, as quais se tornavam cada vez artificiais ante o universo tecnológico, que, de certo modo é um grande fator de opressão. Nesse contexto, ele deu forma e universalidade à poesia moderna brasileira. O poeta alcançou grande multiplicidade de temas, servindo-se de elevada subjetividade, que se mostra na presença/ausência. O cenário, múltiplo significativo, está densamente manifesto em sua criação, mas sempre de uma forma imprevisível, como se o poeta extraísse a beleza acerca dos fatos mais banais.

Palavras-chave: Transcrição. Inovação estética. Atemporalidade.

A TRANSCRIÇÃO EM "O PAI DA RITA" DE DI MORETTI

Solange Salete Toccolini Zorzo (UnB)

Resumo: Esta pesquisa baseia-se na relação entre o roteiro cinematográfico O pai da Rita (2011), de Di Moretti, e a canção de Chico Buarque de Hollanda, A Rita (1966). O Argumento de "O pai da Rita" foi premiado no primeiro Pitching organizado pela GloboFilmes, durante o Cine Ceará, em 2008. A

partir da premiação, Di Moretti elaborou o primeiro tratamento do roteiro, objeto deste estudo, que ainda não foi às telas. Ao tomarmos esse roteiro como arte, procedemos sua análise à luz da teoria literária. Há entre as obras estudadas uma relação de transcrição e não apenas uma adaptação no sentido literal da palavra, apegada à fidelidade à obra originária. A presença da música, da dança, dos fotogramas e da teatralização dos personagens nas cenas do roteiro reforça a plurimedialidade presente na obra. Esse encontro de mídias dentro da mídia textual nos induz a parafrasear as palavras de Solange de Oliveira (2003) em que ela afirma que a caneta usada pelo escritor inclui a usada pelo compositor, quando confia ao papel a sua partitura, podendo ainda simbolizar a batuta do maestro, que, como o instrumentista, extrai da notação musical o milagre de sua arte, ou ainda, simbolizar a harmonia da Vai-vai no Bixiga dentro do roteiro em que música, dança e coreografia fazem a grande composição da escola. De qualquer forma, com suas “rimas holográficas, grandes assonâncias e ressonâncias, harmonia vária e aleatória de amostragem”, e sua textura imagética, o compositor/roteirista proporciona mais um exemplo das muitas formas, limitadas apenas pela criatividade particular da interpenetração de música, dança e roteiro literário. A tradução das obras, no sentido amplo de releitura, reescrita, transcrição ou, como postulou Ismail Xavier no Congresso da ABRALIC em Belém (2015), “que outro nome merecer”, emerge como a grande catalisadora da criação poética roteirizada por Di Moretti.

Palavras-chave: Canção. Roteiro literário. Transcrição.

SHUTTERS SHUT: TRADUÇÃO INTERSEMIÓTICA DE GERTRUDE STEIN PELA NEDERLANDS DANS THEATHER 2

Daniella de Aguiar (UFU)

Resumo: Há diversos tipos de relação entre literatura e dança que podem ser estabelecidos e mencionados: a dança em obras de ficção, a dança em poesia, a inserção de textos literários em obras coreográficas, a ação de poetas e escritores na criação de espetáculos de dança ou na reflexão teórica sobre dança, espetáculos híbridos em que diversos sistemas e processos se misturam em instalações e performances, entre outros. Este trabalho se concentra, entretanto, nos processos que envolvem a relação entre fonte literária e resultado coreográfico. Mais especificamente, nos modos e nos meios envolvidos nesta complexa relação entre literatura e dança, conhecida como tradução intersemiótica. De acordo com Jakobson (1969, p. 65), a tradução intersemiótica, um dos três tipos de tradução de sua tipologia, “consiste na interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não-verbais”. O linguista russo foi o primeiro a elaborar um conceito para este tipo de relação entre produções verbais e não-verbais. O termo adquiriu maior abrangência, e atualmente pode ser utilizado para designar relações entre signos de diversas naturezas, não estando confinado apenas à interpretação de signos verbais. A abordagem teórico-metodológica, que tenho desenvolvido nos últimos anos, tem como foco aqui principalmente a noção de recriação de Haroldo de Campos (1992, 1994, 1997). O poeta e tradutor propõe outros termos para tradução afim de destacar que uma tradução é uma nova criação, e que, portanto, não é submissa à obra fonte; o tradutor faz escolhas críticas nesta operação, tornando-a “a forma mais atenta de ler”. O corpus de análise é a tradução intersemiótica para dança do retrato “If I Told Him: A Completed Portrait of Picasso”, de Gertrude Stein, pelo dueto Shutter Shut, coreografado por Paul Lightfoot e Sol Leon. A escritora norte-americana é um exemplo do experimentalismo modernista mais radical do início do século XX. Suas experiências foram refinadas nos retratos realizados a partir de *Three Lives*. Os retratos escritos por Stein entre 1921 e 1925, como é o caso de “If I Told Him”, destacam-se pela ênfase e concentração nas repetições fônicas, densidade e acumulação das rimas internas e complexidade rítmica, em comparação às experiências elaboradas anteriormente. A coreografia Shutter Shut, da companhia Nederlands Dans Theater 2, utiliza como música uma gravação do retrato oralizado por Gertrude Stein. A tradução para dança coloca em evidência certos aspectos materiais da leitura de Stein ao realizar uma transcrição cinética baseada nas estruturas rítmicas e balanço prosódico das sentenças. Nesta tradução de Stein para dança não há qualquer referência ao fato de o texto ser um retrato de Picasso ou ao gênero do retrato. Os coreógrafos não se debruçam sobre o retrato de Stein

como um todo, indivisível, mas selecionam aspectos que consideram relevantes e os recriam criticamente. Deste modo, em consonância à noção de recriação de Campos, esta tradução intersemiótica, ao revelar aspectos da linguagem de Stein, não se submete à fonte e oferece uma interpretação crítica de sua obra.

Palavras-chave: tradução intersemiótica; Gertrude Stein; dança

01 de agosto
8h30

LITERATURA E MÚSICA: UMA LEITURA PARA SURDOS

Alessandra Alves Vieira Ribeiro (PUC-GO)

Resumo: Tomando como ponto de partida o entendimento de que os signos são entidades do conhecimento e da percepção. Estes são instrumentos de comunicação e representação, na medida em que, com eles, configuramos linguisticamente a realidade e distinguimos os objetos entre si. Desta forma, objetiva-se, neste estudo, verificar através da interpretação de clássicos literários e músicas a construção, no indivíduo surdo, dos signos necessários à compreensão e ao estabelecimento da relação significado e significante nos diferentes graus de surdez. Sabemos que a associação conceito, imagem e som é diferente para os indivíduos surdos, desta forma a relação de ideia, pensamento e fala é concebida sem o som que será substituído por um símbolo na língua de sinais. Esta concepção, de significação para o surdo e sua comunidade, é o alvo desta investigação. A educação de surdos é cercada de lacunas, ou seja, de possibilidades inexploradas para se potencializar o aprendizado desta comunidade. Desta forma esta investigação irá avaliar como, uma concepção artística, literária e musical pode contribuir para a construção de significados e também para influenciar no processo de cognição do surdo. Propomos, através da interpretação em língua de sinais de obras literárias e músicas, recriar o ambiente imaginativo e relacional, permitindo assim a incorporação de conceitos, valores e sentimentos que estas obras proporcionam a comunidade surda e ouvinte. É proposta ainda mensurar e qualificar esta apropriação, discutindo a sua aplicabilidade e resultados junto à comunidade surda e referências bibliográficas.

Palavras-chave: Literatura, Surdez, Música, Cognição, Discurso.

LITERATURA E IMAGEM: APREENSÃO DO SIGNO ESTÉTICO PARA O SURDO

Ana Cristina Di Oliveira (PUC-GO)

Resumo: A presente pesquisa tem como objetivo realizar a tradução em LIBRAS de textos escolhidos da literatura escrita de Monteiro Lobato "DIÁLOGO ENTRE A BONECA E O VISCONDE. A ESPERTEZA DA EMÍLIA E A RESIGNAÇÃO DO MILHO", do livro MEMÓRIA DE EMÍLIA FÁBULAS, em comparação com o texto imagético televisivo homônimo, para a apreensão do signo estético de modalidade visoespacial para o surdo, explorando a gramática da LIBRAS, com seus sinais e classificadores, considerando a imagem em movimento da linguagem cinética; a interação entre o Visconde e a Emília, com a utilização de instrumentos interativos em suas especificidades comunicativas, traduzindo esta atmosfera para o surdo, de maneira que lhe garanta a possibilidade de apreensão do signo na dimensão estética, para oferecer-lhe o acesso ao universo artístico pelas vias do signo verbal, imagético e cinético, para que assim ele participe de forma efetiva da significação e ressignificação de sua linguagem em sua primeira língua natural. Busca-se, então, servindo-nos das contribuições decorrentes da semiótica e da interface entre os sistemas estéticos, atentando-se às correntes críticas contemporâneas, afim de realizar estudos sobre a comunicação do surdo, aprofundar as leituras inerentes às questões interacionais comunicativas nas modalidades verbivisual e visoespacial.

Palavras-chave: Literatura. Transcrição. Estética. Surdo

EL LENGUAJE SIAMÉS

Cristina Gutiérrez Leal (UFRJ)

Resumo: La literatura contemporánea y su tributo a la era posmoderna ha tenido muchos deltas. El espectro de obras se abre ante nosotros como un terreno difuso, opaco y sobre todo disruptivo. Una de los grandes alcances de las propuestas estéticas actuales son las que hermanan las artes, las que consiguen aproximar lo que parecía cercado definitivamente por cánones y convenciones sobre el arte y sus distintas manifestaciones. La interacción entre imagen y escritura es un ejemplo que es, y debe ser, estudiado convocando nuevas categorías de análisis que al menos intenten dar cuenta del potencial que existe en el encuentro de diferentes soportes artísticos. En ese empeño, propongo la consideración y desarrollo del término "lenguaje siamés", introducido sutilmente por el crítico puertorriqueño Julio Ramos, para explicar el enlace de la fotografía y la palabra como una lógica de la solidaridad. Me interesa dialogar con esta premisa, entre otras de voces ya canónicas del pensamiento fotográfico, para luego explicar cómo las obras de algunos escritores latinoamericanos en particular como Diamela Eltit, Mario Bellatin y Eduardo Lalo, pueden servir como material de estudio, pues parecen tener la necesidad perenne de asirse a esta doble escritura, proponiendo proyectos estéticos convergentes e intersticiales, propio de lo contemporáneo.

Palavras-chave: lenguaje siamés, literatura, fotografía

LITERATURA ELETRÔNICA E LEITURA DIGITAL: PROCEDIMENTOS E POSSÍVEIS CAMINHOS PARA A LEITURA NO SÉCULO 21

Viviane Andrade Oliveira (PUC - GO)

Resumo: Cada nova invenção que o homem desenvolve traz em si novas possibilidades de criação artística, de tal sorte que os diferentes procedimentos que o escritor exercita, acabam por ampliar a própria concepção de arte. Neste estudo, propôs-se analisar narrativas ficcionais de construção interativa observando sua relevância e inovações quanto aos procedimentos artísticos da obra de arte, tendo como amostras a narrativa por hiperlinks Um estudo em vermelho, de Marcelo Spalding (2013), a hiperficção A dama de espada(s), de Marcos Palácios (2017), o miniconto multimodal A vela e o vento, de Silvio Vasconcelos, o app U-VENTURES (transcrição da obra impressa Choose your own Adventures, de Edward Packard) e o RPG digital Hunter. Foram destacados os procedimentos que as caracterizam avançando e aproximando escritura, escritor e leitor, no sentido de proporcionar maior interatividade entre o ato de compor e o de ler, tanto do ponto de vista da organização da narrativa, quanto da coloração temática do suspense. Foram consideradas as concepções de teóricos como Roland Barthes (1974), Tzvetan Todorov (2013), Gérard Genette (1979), Julio Cortázar (2008), Wolfgang Iser (1979), Afrânio Coutinho (1986), Sérgio Capparelli (2010), Katherine Hayles (2009), Nick Monfort (2010), Lucia Santaella (2004), dentre outros. Embora as obras analisadas tenham demonstrado algum distanciamento nos elementos que as constituem, uma relevante aproximação entre elas foi notada, podendo-se concluir que a essência da elaboração do discurso narrativo permanece, independente das inovações propostas pela escrita digital. Entretanto, é necessário compreender que, embora para a literatura importe as observações no que concerne a busca do fazer artístico, os procedimentos constitutivos na produção da narrativa curta em linguagem digital precisam ser melhor analisados e compreendidos pela teoria e pela crítica literária, observando-a no meio em que se inscreve, sabendo-se que esta tem sua origem na obra impressa. Compreendeu-se neste estudo, ainda, que as obras que consideram o sistema social do leitor, tem um papel fundamental na formação de leitores jovens pois eles, pelo menos por enquanto, flutuam cotidianamente entre a leitura de obras literárias impressas e a escrita digital. Desta forma, a literatura eletrônica pode se constituir em uma das estratégias destinadas à formação de leitores jovens, tanto na sua inicialização quanto no arrebatamento daqueles mais resistentes à leitura tradicional. É inegável que o ciberespaço e suas ferramentas digitais influenciam a sociedade, seu modo de relacionar-se e de receber a arte, podendo levar a percepção desta a um público vasto e heterogêneo que, potencialmente, convive e se completará com a leitura de obras literárias impressas, digitalizadas ou de literatura eletrônica, sejam estas narrativas milenares, modernas, contemporâneas ou cibernarrativas.

Palavras-chave: Escritura; Interatividade; Narrativa curta digital

NÓS BOOKTUBERS- O QUE, COMO E POR QUE CRIAMOS VÍDEOS SOBRE LIVROS E LITERATURA NA INTERNET

Ana Carolina Barbosa Carpintéro (PUC - Rio)

Resumo: Este trabalho pretende, de forma artística-ensaística, apresentar uma visão diferenciada do objeto booktube. Entende-se por booktube a comunidade online na plataforma youtube voltada para a temática 'livros e literatura'. Embora não seja uma divisão formal dentro da plataforma, o que torna impossível obter números certos da comunidade, em pesquisa recente foram catalogados mais de 500 canais de booktube no Brasil, tendo os mais populares, um número acima de 300 mil usuários inscritos. Os membros que alimentam esta comunidade com conteúdo audiovisual original, de autoria própria, são chamados de booktubers. Aos mais familiarizados com a terminologia da web, pode-se dizer que booktubers são vloggers literários. São jovens que se sentam em frente a uma câmera, em suas casas (em maioria em frente a suas estantes), para compartilhar suas experiências de leitura com um grupo de pessoas que, em raros momentos, conhecerá pessoalmente. Grupo esse que também se manifesta, reage a opiniões, se instiga a conhecer obras apresentadas em vídeo-resenhas, sugere leituras e temas de novos vídeos ao booktuber e interage diariamente nas redes sociais. Há muito para ser abordado sobre este objeto: seus entrecruzamentos com a crítica literária mesmo sem a adoção de um discurso de autoridade; a espontaneidade da partilha de experiências de leitura e suas claras marcas afetivas de discurso; o impacto mercadológico das indicações de livros em vídeos populares; aspectos técnicos de cenário, iluminação e enquadramento de vídeo; a estrutura narrativa utilizada para apresentar o enredo dos livros e seu impacto no leitor/narrador; o efeito "2.0" da internet, seu feedback constante nos vídeos (sendo esses positivos ou negativos) e como isto impacta a produção de vídeos, entre outros tantos aspectos. Encontra-se, recém-publicados ou ainda em desenvolvimento, pesquisas acadêmicas nas áreas de letras, comunicação, marketing e educação que lançam um olhar analítico e distanciado sobre o fenômeno. Este trabalho propõe um movimento não-analítico e não-distanciado do objeto. É uma escrita que parte do movimento de dentro para fora, aproveitando a massa crítica já existente na comunidade sobre si mesma e a posição privilegiada da autora do trabalho enquanto produtora de conteúdo na área. Com um aporte teórico nas bases da convergência de mídias, experiência de leitura e cultura participativa, o "manifesto booktube" é um caminho outro para se entender essa nova dinâmica de partilha de experiências entre leitores. Serão pontuadas, aos moldes do manifesto antropofágico, questões teóricas, práticas, artísticas e pragmáticas que envolvem a produção de vídeos na comunidade booktube. A comunicação será apresentada parte oral e parte em vídeo. O trabalho faz parte da pesquisa de mestrado em desenvolvimento no programa de pós-graduação em literatura, cultura e contemporaneidade da PUC-Rio.

Palavras-chave: booktube; manifesto; convergência; leitura

01 de agosto

14h30

ÉCFRASE COMO PONTE ENTRE FICÇÃO E NÃO-FICÇÃO EM NÃO HÁ LUGAR PARA LÓGICA EM KASSEL, DE ENRIQUE VILA-MATAS

Thais Kuperman Lancman (Universidade Presbiteriana Mackenzie)

Resumo: Esta proposta de comunicação, parte de pesquisa de Doutorado em andamento, analisa alguns aspectos de Não Há Lugar para Lógica em Kassel (VILA-MATAS, 2015), mistura de ensaio e ficção de Enrique Vila-Matas, com foco nas descrições de obras de arte e performances presentes na obra. Parte-se da hipótese de que é a partir da écfrase, tida aqui como recurso narrativo, que se estabelece o encontro das esferas literária e das artes plásticas e que, com este contato, ocorre a desestabilização do gênero ensaístico e a inserção do caráter ficcional da obra. Não Há Lugar para Lógica em Kassel narra a experiência de Vila-Matas como escritor convidado pela organização da

Documenta 13, mostra de artes realizada na cidade de Kassel, na Alemanha, em 2012. Além de visitar a exposição, ele passaria algumas horas por dia escrevendo em um restaurante chinês, aos olhos do público e clientes do local. O autor relata desde o convite até seus momentos em Kassel, mergulhando no universo artístico, confrontando seus preconceitos em relação à arte contemporânea, e construindo um universo ficcional a partir da interação com as obras de arte. O presente trabalho se utiliza da intertextualidade como método (SAMOYAUULT, 2008), inventariando as ocorrências intertextuais na obra e seus efeitos de sentido. Analisando enunciados específicos em que a intertextualidade se manifesta, podemos verificar aspectos circulares do texto e questões referentes à sua memória, compreendendo como ele se relaciona com a memória da literatura, mais especificamente no que diz respeito à presença das artes plásticas como tema e seus possíveis paralelos com o fazer literário. Além disso, como coloca Samoyault, também é importante aprofundar as análises da intertextualidade como acesso à memória do autor e do leitor, na medida que os enunciados sobre os quais esta pesquisa se debruça acessam diretamente a experiência vivida por Vila-Matas e reconstruída na recepção da obra conforme ela instiga o acesso aos conhecimentos de cada um a respeito de arte contemporânea e eventos como a Documenta. O conceito de tradução intersemiótica (PLAZA, 1987) completa a metodologia de análise de *Não Há Lugar para Lógica em Kassel*, compreendendo que a intertextualidade em sua complexidade só se dá por meio do contínuo exercício de tradução das obras de arte para o texto escrito. Por fim, esta pesquisa se insere nos estudos interartes (CLÜVER, 1997) em seu contínuo esforço de estabelecer uma metodologia que dê conta de obras hibridizadas cuja a arte contemporânea tenha papel determinante, considerando algumas de suas características intrínsecas e que desafiam a prática da *écfrase*: a impermanência, a efemeridade, o uso de múltiplos suportes físicos e até mesmo a problematização do objeto artístico em si.

Palavras-chave: Enrique Vila-Matas; *écfrase*; interartes

NARRATIVAS EM TEMPO OSCILANTE

Lacy Guaraciaba Machado (PUC-GO)

Resumo: Este estudo consiste na identificação dos procedimentos construtivos das obras selecionadas como corpus: *Confissões de Leoa*, de Mia Couto, e *Ventos do Apocalipse*, de Paulina Chiziane. Adota-se uma abordagem comparatista, fundamentada, por excelência, na temática pertinente ao movimento das personagens, apreendidas como signos iconizados, inscritas em um processo contínuo em que existe uma volta dinâmica ao passado. São explorados os conceitos desterritorialização, entretempo, entre-lugar. Estes conceitos permitem compreender os recursos literários utilizados na reconstrução de identidades, histórias e memórias, circunstâncias discursivas nas quais a personagem acha-se no “tempo ‘duplo e cindido’ da representação” (Bhabha, p. 204), ficcionalizado a partir de “estratégias retóricas de hibridismo, deformação, disfarce e inversão” (idem, p. 205). Para destacar como a memória, o horror, a espiritualidade e a oralidade percorrem os episódios narrados, são estabelecidos contrapontos instituídos pelas vozes manifestadas pelas personagens centrais, quando estas assumem a sua própria voz, em relação àquela adotada pela personagem narradora, ou seja, a controladora das informações narrativizadas. O percurso iniciado vem solicitando diferentes formulações teóricas sobre os temas privilegiados nas obras selecionadas. O passo inicial do estudo consiste na identificação de categorias discursivas e imagens poéticas próprias das obras selecionadas como representantes da produção literária narrativa de Moçambique, bem como, reconhecimento do processo histórico ficcionalizado, inscrito em tempo oscilante. Nesse sentido, a pesquisa promove uma análise transcendendo os elementos intrínsecos que compõem o objeto artístico, centrando atenção sobre o espírito da nacionalidade, entendido como expressão de determinado modo de ser cultural, fundamentado em valores e ideais que aqueles povos têm para si e para os outros. Assim, o estudo permite a interface entre modos de manifestação de crenças e desesperança expressos na linguagem dos textos literários constitutivos do corpus.

Palavras-chave: Hibridização; Mia Couto; Paulina Chiziane; Destem

TRAGÉDIA NUM DOMINGO NO PARQUE

Isabel Cristina Gonçalves de França (UFMS)

Resumo: O trabalho a seguir tem como objeto de discussão a canção Domingo no Parque (1967), de autoria de Gilberto Gil, canção que concorreu no III Festival da Música Popular da TV Record no mesmo ano. Gil alcançou o segundo lugar com a canção e, em 1968, foi lançada no álbum Gilberto Gil. O autor e cantor estava à procura de algo que soasse mais nacional e para isso implementou o arranjo com sons de berimbau lembrando uma roda de capoeira, elemento totalmente diverso do que se apresentava na época, que ainda flutuava ao som da Bossa Nova. Com Domingo no Parque, de Gil e Alegria, alegria de Caetano Veloso a música popular brasileira encontrou novos rumos e por eles chegou à Tropicália, amada por uns e odiada por outros. O texto poético, Domingo no Parque, de Gilberto Gil, será objeto de discussão considerando sua função poética, o gênero literário tragédia, as questões que envolvem os personagens, narrador até as questões sociais pelas quais ele perpassa quando enquadrado como fato do cotidiano social. Essas questões serão discutidas de maneira breve e clara para melhor acesso às questões elencadas no trabalho. Gilberto Gil escreveu essa letra numa época em que as denúncias, fossem quais fossem, eram vetadas e ao final tornou-se uma das mais belas obras da MPB de todos os tempos, inclusive respeitando a qualidade literária e imortalizando-a. A canção de Gil apresenta uma riqueza imensa em metonímias e anáforas, figuras de linguagem largamente exploradas com sutileza e delicadeza. Entretanto a canção tornou-se polêmica pelas contradições de elementos da cultura contemporânea, utilizando o som do berimbau para lembrar o baião por um lado, para na sequência mostrar o som de música erudita acompanhada por um grupo de rock, no caso Os Mutantes. O grupo de rock atçou a revolta de quem era tradicionalista e desprezava o uso da guitarra elétrica, considerado na época símbolo do "colonialismo cultural". A análise de alguns elementos da narrativa serão abordadas em especial no que diz respeito à posição do narrador, a maneira como ele conduz a narrativa, suas especificidades em relação à narrativa da tragédia e pontos mais específicos de debate entre sua identificação ou não com o autor. O autor não aparentou fazer algum tipo de denúncia, fato que não nos impede de fazer a releitura passados mais de 50 anos, sob a perspectiva do feminicídio e a forma como ainda é encarado em fins da segunda década do século XXI. Fazendo a retrospectiva da obra podemos observar o quanto é possível explorá-la em diversos tipos de narrativas e utilizar seus pontos polêmicos para tratar de temas que persistem no cotidiano do terceiro milênio. As causas da violência contra as mulheres, por Gil abordada, é uma questão a ser muito mais debatida haja vista o número crescente de feminicídio que os noticiários nos tem apresentado. São questões sociais que devem levar a novas reflexões a partir de um pequeno texto musicado que envolvem todas as camadas da sociedade brasileira.

Palavras-chave: Canção; tragédia; literária; cultura

URDIDURAS DA NARRATIVA POLICIAL: ENTRE A LITERATURA E O CINEMA

Cristine Fickelscherer de Mattos (Universidade Presbiteriana Mackenzie)

Resumo: A narrativa policial é o ponto de partida do presente trabalho para a análise de trocas e influências mútuas entre a literatura e o cinema. Como gênero consagrado pela comunicação de massa, a narrativa policial possui trajetória de diálogo diversificado tanto com produções comerciais de entretenimento como com obras questionadoras de seus próprios elementos canônicos. Em sua história de transformações e subdivisões, o gênero, como na maioria dos casos, exportou inicialmente elementos da linguagem literária para a linguagem fílmica. Contudo, a intensa adoção de modos e derivações do gênero por parte de produções cinematográficas de grande aceitação popular, consagrou diretores e atores dentro das modalidades do suspense e do crime e trouxe acréscimos e características novas às narrativas policiais em geral. Os novos meios de comunicação difundiram as mensagens fílmicas e reeducaram o olhar, a leitura e a dinâmica das percepções. Este trabalho examina as urdiduras da narrativa policial literária contemporânea, resultantes das trocas intermediárias entre o verbal e audiovisual ao longo dos tempos, através de obras de dois autores

do século XX: o argentino Manuel Puig e brasileiro Sérgio Sant'Anna. Localizados em culturas diferentes, todavia igualmente impactadas pelo universo imagético, ambos praticam possibilidades e formas de comunicação não verbal e explicitam reflexões a esse respeito em suas obras *The Buenos Aires Affair*, daquele autor, e *Um crime delicado*, deste. A partir de breve histórico sobre os caminhos percorridos pela narrativa policial, o trabalho enfoca analiticamente os influxos audiovisuais transformadores do material literário nesses romances. O instrumental teórico para fazê-lo é de base intersemiótica e pressupõe uma referencialidade midiática que, embora decorra derradeiramente do meio audiovisual para o literário, manifesta liames internos essenciais advindos dos meios e dos códigos verbais. A urdidura das referencialidades legadas à narrativa policial faz da presença de elementos desse gênero nessas obras uma fonte de originalidade criativa e um estímulo às riquezas perceptiva e interpretativa próprias da literatura da segunda metade do século XX.

Palavras-chave: intermedialidade; cinema; narrativa policial

02 de agosto

8h30

O GESTO DE LER NO LEITOR: GLAUBER, GODARD E BORGES EM TORNO DE WILLIAM FAULKNER

Bruna Carolina Domingues dos Santos Carvalho (UNIRIO)

Resumo: A novela "Palmeiras selvagens", do escritor norte-americano William Faulkner, publicado em 1939, dispara o gesto anacrônico e arquirológico com o qual procede o crítico argentino Raúl Antelo em boa parte de suas reflexões: o gesto de, em vez de ler um texto em si mesmo ou em seu autor, "(des)lê-lo", "entre-lê-lo", em seus leitores. Persigo, em vestígios dispersos por entre cartas, diálogos, entrevistas, a montagem de uma cena em que os cineastas Glauber Rocha e Jean-Luc Godard e o escritor Jorge Luis Borges travam uma conversa silenciosa em torno deste livro. Investigo como estas leituras repercutem nas manifestações artísticas e nas reflexões sobre arte e política destes três autores-leitores a partir da compreensão sobre a leitura realizada por Roland Barthes em "O rumor da língua" – de entendê-la como um gesto do infinito deslocamento, uma ciência do inesgotamento. Ou, em outras palavras, aproxima-se do método regressivo sugerido por alguém no conto "A biblioteca de Babel", de Borges: para chegarmos ao livro A, consultamos previamente um livro B que indique o lugar de A; para localizarmos o livro B, consultamos previamente um livro C, "e assim até o infinito". Em Glauber Rocha, o desejo por uma adaptação cinematográfica de "Palmeiras Selvagens" que nunca chegou a ser realizada. Além disso, a aproximação da sua prática de leitura com o "lector salteado" concebido por Macedonio Fernández: este leitor que lê mal, pula páginas, não concebe o livro como uma ordenação canônica, e, por isso, está constantemente lendo fora de lugar. Produz, assim, uma leitura por dentro, tal qual a raspagem de um palimpsesto, através da qual se enxerga um novo sentido, uma espécie de andaime na arquitetura final. Em Godard, o gosto pela citação – presente na superfície e no subterrâneo de seus filmes – em um intenso e diabólico exercício de montagem, que não apenas reverencia a tradição que educou seu olhar, como toca um real perdido no contemporâneo sobre o qual nos fala Agamben. Uma história do cinema que profana uma historiografia do cinema por meio da colisão imagética do passado com o presente. Por fim, em Borges, tradutor de "Palmeiras selvagens", para quem tal exercício de tradução não se trata de uma fidelidade ao literal, mas de uma lealdade a uma certa estranheza daquilo que se traduz. Nem que, para isso, seja necessário extrapolar o "original", enfatizá-lo a ponto de torná-lo mentiroso. Referências bibliográficas: AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo? e outros ensaios (2009). BARTHES, Roland. O rumor da língua (2004). BORGES, Jorge Luis. Ficções (2007). FERNÁNDEZ, Macedonio. Museo de la novela de la eterna (2015).

Palavras-chave: leitura; arquirolologia; tradução

ENTRETEXTOS, ENTRECANTOS: O ARQUÉTIPO DO TROVADOR NO KALEVALA E EM ASHIK KERIB, DE SERGUEI PARAJANOV

Carolina Silva de Almeida (UFU)

Resumo: Esta pesquisa pretende comparar e analisar a manifestação do arquétipo do herói trovador no poema épico finlandês, Kalevala, e no filme de Serguei Parajanov, Ashik Kerib. A reflexão sobre a construção deste arquétipo do herói nos permite compreender o usos e funções do ato de narrar como parte da jornada épica. Para tanto, durante a pesquisa definiremos o arquétipo do herói com o qual trabalharemos, em seguida descreveremos as obras e, por fim, investigaremos as formas da manifestação arquetípica da figura do herói trovador nas duas formas narrativas, o poema épico e no cinema. O aspecto central da análise comparativa será, portanto, o arquétipo do herói trovador. A pesquisa irá analisar e comparar a forma como os personagens das duas obras são construídos a partir da observância dos princípios do arquétipo de herói trovador. Para isso, inicialmente delimitaremos e definiremos o arquétipo do herói com o qual trabalharemos. Em seguida, faremos uma breve história da figura do trovador na literatura, tanto como personagem quanto como sujeitos históricos. A primeira das duas obras analisadas será o poema épico finlandês Kalevala. O Kalevala foi publicado originalmente em 1835 com uma segunda versão ampliada em 1848. Nesta pesquisa, iremos nos ater apenas ao personagem Väinämöinen, filho da deusa Ilmatar. Väinämöinen é um herói bardo, ou seja, capaz de alterar a natureza tocando seu kantele (instrumento musical similar à harpa). Em suas viagens, Väinämöinen tenta livrar sua terra e o povo das desgraças e maldições da feiticeira Louhi, sua arqui-inimiga. A segunda obra é o filme Ashik Kerib(1988), Trovador Kerib, na tradução em português (lit. estranho amante) dirigido por Serguei Parajanov e Dodo Abashidze. O filme é baseado no conto de mesmo nome do escritor russo Mikhail Lermontov. Ele conta uma história da tradição oral azerbaijana, um músico que se apaixona pela filha de um comerciante rico, que só permite o casamento dos amantes se o músico pagasse a ele um dote adequado em 1000 dias. Parajanov mantém em sua obra elementos tradicionais da cultura azerbaijana, assim como o movimento da narrativa folclórica durante o filme, assim como algumas referências contemporâneas à sua época de produção.

Palavras-chave: Kalevala; Ashik Kerib; Herói Trovador

A GAMA DE TRANSFORMAÇÃO DA ARTE: UMA LEITURA METAMORFOSEANTE

Jacy Cristina Antunes de Queiroz Gonçalves (PUC-GO)

Resumo: A literatura e as artes possuem formas inusitadas de configurar o real e destituí-lo de suas pretensas camadas de manifestação. O trabalho se propõe a explorar as relações entre pintura e texto literário e seus processos de transfiguração do real e o processo de desconstrução do referente realista, tanto na obra plástica quanto no texto literário. Para tal estudo selecionamos obras que tendem a deflagrar estilisticamente uma espécie de hiperrealismo metamorfoseante. Para que seja possível realizar esta pesquisa elegemos obras do universo visual e verbal: a obra plástica de Pablo Picasso "A Metamorfose dos Touros" (1945), e buscando encontrar na Literatura correspondências não tão comuns, mas determinantes para o que entendemos como homologia estrutural entre os sistemas, destacamos Clarice Lispector em "A Paixão Segundo GH" (1964). "Trata-se do desaparecimento do limite entre sujeito e objeto. O esquema racional nos representa ao ser humano como sujeito que fica em relação com outras pessoas ou com coisas exteriores a ele, e que têm em status do objeto. A literatura fantástica põe em julgamento esta separação abrupta. Ouça-se uma música, mas já não existe o instrumento musical emissor de sons e exterior ao ouvinte, por uma parte, e o ouvinte, por outra. (TODOROV, 1992). No instante em que a figura passa a ser um componente fundamental do signo, a corporalidade invade os territórios da linguagem e, dessa maneira abrem-se perspectivas insólitas para o estudo da figurativização, transfiguração e para os processos de metamorfose. Ignácio de Assis (1995) traça uma caminhada em razão de três conceitos de metamorfose: a que se desenvolve no interior do signo, a que se manifesta pela transformação do estado de símbolo e a que se realiza pela transformação do simbólico em semi- simbólico. Nesse universo de metamorfoses buscaremos elucidar a abordagem que está na relação tensa e consequentemente dialética entre o discurso verbal e o discurso visual. As relações tensivas entre um determinado tipo de obra plástica e um determinado tipo de obra literária.

Palavras-chave: Realismo fantástico; transfiguração ; Clarice Lispector; Pablo Picasso

EDGAR ALLAN POE E O ROCK: SEUS GÊNEROS E SUBGÊNEROS

Tamyris Gomes Araújo (PUC-GO)

Resumo: Pretende-se, neste estudo, realizar uma incursão através do universo de Edgar Allan Poe, observando no campo da música, especialmente no rock, as revisitações transcriativas que perpetuam esse modo peculiar de visão de mundo nas mais várias aparições do signo. Edgar Allan Poe, como poeta, escritor, romancista, editor e crítico literário americano, fez parte do movimento romântico, marcado pelas ideias góticas, que se firmou como uma tendência à parte no século XIX, sendo conhecido pelas histórias que envolvem o grotesco, macabro, o fantástico e o misterioso. Poe influenciou muito o mundo artístico. Na música, suas marcas estão, especialmente no rock. São várias as bandas e artistas que cederam ao fascínio de sua atmosfera de mistério, terror e horror que fazem parte até hoje da história do rock. Só para listar alguns, temos Lou Reed, que lançou um disco/álbum em 2003, chamado “The Raven”, totalmente dedicado ao escritor. A banda The Alan Parsons Project, que também dedicou um disco/álbum inteiro a Edgar Allan Poe, “Tales of Mystery and Imagination”, lançado em 1976, com a recriação de poemas de Poe em forma de músicas. A banda de metal Tristania, que compôs uma música inspirada no poema “Lenore”, que evoca o tema da morte de uma bela mulher, lançada em 1998. The Cure com a música “Just like heaven”, lançada em 1987, que tem inspiração no poema “Annabel Lee”, de Poe, que também foi influência para Stevie Nicks em seu álbum In Your Dreams, lançado em 2011. A música Murders In The Rue Morgue de Iron Maiden, lançada em 1981, uma tradução criativa do conto “The Murders in the Rue Morgue”, de Poe. A faixa “Nevermore” do segundo álbum do Queen, lançada em 1974, dialoga diretamente com o poema “O corvo”, certamente o mais famoso de Poe. Vários outros artistas e bandas também foram contagiados por Poe e o gótico. Artistas como Alice Cooper, e bandas como Kiss e Black Sabbath, trazem em suas letras e performances sombrias a energia dos contos e poemas de escritor. O rock é um gênero musical que surgiu por volta dos anos 50 através de misturas do Blues, Country e Jazz. Daí, derivaram vários subgêneros como: o Classic Rock, o Rock progressivo, o Hard Rock, O Punk Rock, etc. Desse modo, neste trabalho, investigaremos as relações e diálogos homológicos estabelecidos entre o mundo literário erigido por Edgar Allan Poe e as criações musicais, encontradas no repertório do rock e seus subgêneros, ancorados por suporte teórico especializado.

Palavras-chave: Literatura; Edgar Allan Poe; Rock; Psicodelia

10 - AS NARRATIVAS NA ESCOLA: LITERATURA, SENTIDOS, PRÁTICAS E ENSINO

Coordenação: Paula Gomes de Oliveira (UnB); Silvana Augusta Barbosa Carrijo (UFG)

Resumo: Em um dia, dentre tantos, daqueles quatro anos em que o pintor Michelângelo trabalhou freneticamente na pintura do teto da Capela Sistina, ele escreveu ao seu amigo Giovanni da Pistoia: “Escrevo com pincel e o ar transforma meu poema em pintura. Não sei o que faço, na realidade, aqui, deitado sobre mim mesmo, debaixo deste teto que é meu castigo. Mas sei que há uma história que devo contar” (BUONANORRORI, 2009). Parece-nos que ele conseguiu contar sua história. Uma história recontada, modificada, ressignificada e atualizada por cada pessoa que dirige seu olhar para o alto e se põe a admirar aquela obra. De modo semelhante, acreditamos que a escola, a despeito de seu aparato reprodutor e cerceador de subjetividades, representa ainda um espaço de trabalho e de produção de subjetividades e, principalmente, de criação de histórias. Espaço de encontro, desencontros, luta por sentidos e tensão, alegrias e descobertas. Lugar em que se encontram crianças, jovens e adultos, imersos em diferentes linguagens sociais e experiências de vida, e que têm uma história para contar, quando a sala de aula consegue estar aberta à vida com toda a sua capacidade de criação e novidade. Nesse seara, o texto literário e a literatura podem conduzir esses sujeitos na exploração das potencialidades da linguagem, da palavra falada e da escrita, que se mostra singular em relação aos demais processos mentais superiores próprios da atividade humana. Quando se aprende a língua materna, já na modalidade oral e antes da alfabetização escolar,

aprendem-se certos modos de pensar, sentir, querer e agir, que interferem no desenvolvimento de certas estruturas cognitivas dos sujeitos, propiciando-lhes significados e sentidos para si, para o mundo e para a linguagem/língua. Esses significados e sentidos não estão “prontos”, mas dependem da aprendizagem na interação com os outros sujeitos. Possivelmente, essa é uma diferença fundamental: o lugar do “outro” no processo de desenvolvimento cognitivo e de aprendizagem escolar da língua escrita e oral e, por conseguinte, da compreensão das narrativas literárias por parte dos alunos, compreendida em sua dimensão social e histórica. Na leitura e na escrita das narrativas literárias encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. E, mais que um conhecimento a ser elaborado, ela pode ser a incorporação do outro em mim, sem a renúncia da minha própria identidade. No exercício de contato com a literatura, podemos ser outros, podemos viver como outros, (LLOSA, 2004) podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos. A experiência literária não só nos permite saber da vida por meio da experiência do outro, como também vivenciar essa experiência (ECO, 1993), ou seja, a ficção feita pela palavra na narrativa e a palavra feita pela matéria na poesia são processos formativos tanto da linguagem quanto do leitor e do escritor. É por possuir essa função de tornar o mundo compreensível, transformando sua materialidade em palavras, cores, odores, sabores e formas intensamente humanas, que a literatura tem e precisa manter um lugar especial nas escolas. Nesse sentido, precisamos de um olhar minucioso das práticas com as narrativas literárias desenvolvidas em sala de aula, pois elas se mostram como possibilidade de ampliação de novas formas de produção de sentidos. Nessa perspectiva, adotamos o conceito de literatura apregoado por Antônio Cândido no texto clássico “O direito à literatura”: “Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações” (CÂNDIDO, 2011, p. 174). A partir desse horizonte de perspectiva, este simpósio deseja se configurar como um *espaçotempo* de diálogo e compartilhamento de sentidos, práticas e questões relacionadas ao ensino da literatura na escola. Interessa-nos problematizar também o papel da literatura e as características das novas possibilidades de escrita literária da atualidade; a escrita e a leitura fruto da interação com os espaços midiáticos e hipertextuais e de demais contextos de linguagem, desde que aportem em nossas escolas e mantenham diálogo com nossas crianças, adolescentes e jovens.

REFERÊNCIAS:

- BUONARRORI, Michelângelo. *Cartas Escolhidas de Michelângelo Buonarrori*. Seleção, tradução e notas de Maria Barbara. Campinas, SP: Editora da Unicamp; São Paulo, SP: Editora Funivesp, 2009.
- CÂNDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. *Vários Escritos*. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul/ São Paulo: Duas Cidades, 2011.
- LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. *Literatura Infantil Brasileira: histórias & histórias*. São Paulo: Ática, 1984.
- LLOSA, Mario Vargas. *A verdade das mentiras*. Tradução de Cordelia Magalhães. São Paulo: Arx, 2004.

31 de julho
14h30

EXPERIÊNCIA ESTÉTICA: O CONTO DE FADAS COMO PROPULSOR DO ENLACE EMOCIONAL E GERADOR DE DESENVOLVIMENTO NA INFÂNCIA

Kátia Oliveira da Silva (UnB)

Resumo: A arte é um movimento que não se encerra em si mesmo, mas numa perspectiva histórico-cultural, sendo resultante de uma ação cultural que possibilita o processo de humanização com capacidade de transformação do sujeito em sua unidade afeto/intelecto. A emoção suscitada via experiência estética é um sentimento versado que se delinea em diversas funções psicológicas superiores, como a imaginação. Entendemos a interseção entre emoção e imaginação – enlace emocional – como resultante da reação estética e possui capacidade para a superação de sentimentos contraditórios. O conto de fadas se constitui num espaço de soltura por encerrar em imagens que despertam a imaginação do sujeito, levando-o à criação de novas imagens e como propulsor do entrelaçamento entre imaginação-emoção-linguagem. A presente pesquisa objetiva analisar a experiência estética e os processos imaginativos presentes na produção oral/gráfica das crianças em atividade com o filme de animação ‘Enrolados’. O aporte teórico estabelece uma articulação dos conceitos da unidade pensamento/linguagem, perejivanie, experiência estética e educação, fundamentados na perspectiva histórico-cultural de Vigotski (2007, 2009 e 2010), na discussão de narrativas proposta por Benjamin (1985) e na análise de contos de fadas intimista em Corso e Corso (2011). A pesquisa encontra-se embasada na metodologia construtivo-interpretativa de González Rey (2005, 2017) e proporciona a percepção da subjetividade humana, sendo indissociável dos processos simbólicos, da imaginação, da emoção, da linguagem e da cognição. Como cenário da pesquisa tivemos uma instituição pública de ensino, localizada numa Região Administrativa do Distrito Federal, que atende turmas da Educação Infantil ao 5º ano. Os sujeitos colaboradores da pesquisa foram um grupo composto por 12 crianças do 5º ano do Ensino Fundamental, sendo 3 meninos e 9 meninas com idades entre 9 e 11 anos. Os nomes utilizados são fictícios por questões éticas de pesquisa com crianças. Os procedimentos utilizados para a construção das informações foram: exibição do filme de animação ‘Enrolados’, roda de conversa sobre o filme e registro pictórico. O trabalho pedagógico com o conto de fadas possibilitou a percepção de que através da experiência estética com a história, as crianças encontraram espaço para exporem suas inquietações, suscitando um debate sobre questões de gênero, desigualdade social e respeito à infância, levando-as a processos conscientes gerados a partir da contradição entre a realidade e a imaginação. As vozes das crianças evidenciaram a relação da arte com a vida e que a educação estética via escola é favorecedora da emergência das experiências emocionais portadoras de sentido e da reação estética.

Palavras-chave: Experiência Estética; Contos de Fadas; Perejivanie

AS NARRATIVAS ORAIS E A LITERATURA EM SALA DE AULA

Paula Gomes de Oliveira (UnB)

Resumo: Este trabalho assenta-se nas práticas pedagógicas desenvolvidas em de sala de aula junto às crianças. Um espaço-tempo marcado pela primazia das narrativas, quer sejam orais ou literárias. Benjamin (1996) define a narrativa como a faculdade de intercambiar experiências, já que as narrativas resguardam uma habilidade artesanal de comunicação, baseada na necessidade de comunicar para o outro um fato, acontecimento ou algo, considerado valioso pelo narrador, por isso merece ser socializado. As narrativas orais são criações populares que surgiram em um momento da história da humanidade no qual a oralidade ocupava o lugar de primazia nas interações sociais. Boa parte delas é anônima e transmitida de geração em geração, compondo assim um acervo de memória coletiva constituinte da cultura das comunidades. Deveu-se aos contadores orais a tarefa de perpetuação do costume e a criação de novas formas de narrar as histórias, modificando-as e transformando-as de acordo com a capacidade criativa e imaginativa e com a necessidade de adequação de acordo com os elementos de recepção, em especial, contexto e ouvintes, época e valores da comunidade nos quais eram narradas. Segundo Busatto (2003), as histórias orais, ao longo do tempo, sofreram também mudanças em relação a sua estrutura narrativa. Os contos podem ser caracterizados como narrativas que foram adquirindo formas cristalizadas no enredo ou em sua forma enunciativa. A forma enunciativa “era uma vez” anuncia uma estrutura narrativa performática em ação e convida o ouvinte para a entrada em enredo de história narrada, por vezes, incontáveis, e

sempre nova e renovada. Tolkien (2010), em um livro belíssimo, que traz ensaios e palestras proferidas na década de 1970, sobre estética e literatura, retoma a origem do termo contos de fadas, designação francesa para os contos maravilhosos cuja presença das fadas é essencial no desenrolar das tramas narrativas. Mais à frente, Simonsen (1987) argumenta a favor da ampliação do uso do termo para narrativas que comportam personagens, lugares e objetos sobrenaturais: duendes, florestas encantadas, gnomos, pó mágico e outros elementos fantásticos. O interesse pelas narrativas orais na educação infantil e nos primeiros anos de escolarização surgiu a partir da observação do fascínio e do interesse que as histórias narradas e lidas exercem sobre as crianças (ARAÚJO, 2009). Investigações a respeito das razões para tal mobilização, assim como investigações sobre as relações entre os afetos e emoções, relacionados com o prazer de ouvir histórias, corroboram a tese de que as histórias narradas despertam o imaginário das crianças e contribuem para a estruturação de sua personalidade, já que por meio da audição das narrativas, é dada à criança a oportunidade de reelaborar sua história de vida pessoal. Perceber e vislumbrar outras formas de ser e de estar no mundo, além de poder compreendê-lo a partir de outras perspectivas (ABRAMOVICH, 1991). Nessa seara insere-se a discussão proposta por esse artigo: analisar as narrativas orais como antecipação do contato e da apreciação da literatura em sala de aula.

Palavras-chave: Narrativa; Literatura; Contação de Histórias.

LITERATURA INFANTIL: UMA ESCOLHA PEDAGÓGICA NA ROTINA DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Andreia dos Santos Gomes Vieira (UnB)

Resumo: Contar histórias é uma das atividades mais antigas realizadas pela humanidade, valorizar as narrativas, é também uma forma de compreender a caminhada humana. A caracterização oral das primeiras narrativas teve papel crucial na elaboração e difusão dos primeiros relatos do homem. O fato de tantas histórias chegarem à nossa época, superando o tempo, os novos e sofisticados meios de produção, demonstram o poder da palavra na construção das sociedades. No trabalho pedagógico com as crianças pequenas, as práticas de ler e contar histórias estão presentes no cotidiano das instituições de Educação Infantil. Como fenômeno artístico, a Literatura é capaz de suscitar sentimentos, articular pensamentos, agir nas dimensões afetivas e cognitivas, contagiar emocionalmente aqueles com quem mantém contato. Por meio das atividades literárias as crianças podem criar, sentir, imaginar, realizar, experimentar no campo simbólico e emocional diferentes papéis, em diferentes enredos e situações. Importante elemento da cultura, a Literatura Infantil, "é arte: fenômeno que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/ impossível realização." (COELHO, 2000, p.27). No contexto escolar, a Literatura Infantil, deve ocupar lugar privilegiado na rotina pedagógica da Educação Infantil, uma vez que nesta etapa do ensino objetiva-se a formação integral das crianças. Compreendidas como categoria pedagógica na Educação Infantil, as rotinas pedagógicas são, segundo Barbosa (2006), "produtos culturais criados, produzidos e reproduzidos no dia a dia, tendo como objetivo a organização da cotidianidade." (p.37). Como organizadoras das atividades, espaços e materiais, as rotinas devem primar pela diversidade das culturas infantis, como aponta Almeida (2011) cuja aprendizagem significativa deve acontecer via participação efetiva das crianças, em interações com seus pares e com os adultos, promovendo variações conforme o contexto histórico-social de atuação e mediante as necessidades das crianças com as quais se desenvolvem o trabalho pedagógico. Quanto mais experiências significativas às crianças tiverem durante a rotina pedagógica, maiores serão suas possibilidades de aprendizagem e desenvolvimento. Entendendo o contato com a literatura como experiência significativa no campo simbólico e emocional, qual sua importância no trabalho com as crianças pequenas, de modo que essa se torne uma escolha pedagógica, elemento permanente na rotina da sala de aula? O presente artigo busca refletir, enquanto professora regente, as atividades literárias da rotina pedagógica, tendo como foco o trabalho com as histórias, atividade permanente na sala de aula, e ainda, compreender as percepções das crianças ao que concernem essas atividades. Para o alcance dos objetivos, este estudo foi realizado na perspectiva da abordagem qualitativa, de base exploratória. O instrumento

utilizado foi uma entrevista semiestruturada e observações das crianças durante as atividades com literatura propostas na rotina pedagógica. A análise dos dados foi realizada com base nos princípios da análise do conteúdo de Bardin (2004). Foram participantes deste trabalho dez crianças com 5 anos, alunos da turma da qual a pesquisadora foi regente, alunos da rede pública de ensino, situada na região periférica do Distrito Federal.

Palavras-chave: Literatura; Rotinas Pedagógicas; Educação Infantil

EDUCAÇÃO, ENSINO DA LITERATURA E ALTERIDADE: POR UMA ÉTICA DA COMPAIXÃO NA SALA DE AULA, OU QUEM SÃO E O QUE PENSAM OS QUE JULGO "QUE NÃO QUEREM NADA", "PORQUE TÊM FAMÍLIAS DESESTRUTURADAS"?

Humberto Luiz Lima de Oliveira (UEFS)

Resumo: “Eles não querem nada”, “os alunos são violentos”, “os meninos andam armados na escola” “ não se interessam por nada que a gente ensina”, “naquela escola, as meninas são “piores” que os meninos”! Tornada campo de batalha, a escola se divide entre docentes e corpo administrativo de um lado e na outra invisível fronteira alunos e alunas, sob a quase sempre inexistente presença da família e da comunidade. Quem é este “outro” que tanto nos atemoriza e inibe? Por que não conseguimos enxergar a humanidade sob a aparência da diversidade? (LEVINAS:1993) Será possível pensar um projeto de construção de pactos necessários, mesmo se pontuais, provisórios, para vencer as barreiras que impedem a humanização do humano na própria sala de aula? (FREIRE: 1992) Como desconstruir esta gramática negativa e pessimista que debita todas as mazelas da vida social e educacional ao Outro, não importa o seu nome – Negro, Mulher, Camponês, Pobre, “da periferia”, “violento”? (LARROSA:2001;OLIVEIRA: 2015). Se “em tempos perigosos, aqueles que desejam exercer liderança em prol de valores e práticas que compreendem como eticamente importantes necessitam não apenas expressar-se, mas expressar-se bem e, com um efeito pedagógico máximo, persuadir, mas persuadir honestamente e com base em argumentos seguros e evidências fortes (MCLAREN, 1997, p.21-22), este trabalho, reconhecendo que estamos imersos no tempo do cinismo que nos leva a ver tudo fragmentado , busca apresentar ao leitor-auditor (posto que pensado originalmente em forma de curso de extensão) exemplos emblemáticos da eficácia tanto de uma prática de ensino da Literatura quanto da própria prática educativa ancoradas na atitude generosa do professor ou da professora capaz de se abrir para a escuta do outro e assim tornar-se capaz de estabelecer acordos, mesmo se pontuais, com a criação de vínculos afetivos, possibilitando nos ajudar a buscar compreender a rede de relações por vezes invisíveis que nos cercam. Para ilustrar esta proposta, trazemos a narrativa Um grande buquê de gerânios, do escritor tunisiano Samir Marzouki.

Palavras-chave: Literatura, ensino, alteridade, compaixão

01 de agosto

8h30

A EXPERIÊNCIA LEITORA E O PACTO ENTRE ADOLESCENTES E A LITERATURA: Um estudo em análise.
Selma Aparecida Rodrigues dos Santos (PUC - Campinas)

Resumo: A sociedade no século XVIII passava por grandes transformações, tanto econômicas, quanto sociais. Com o surgimento da classe burguesa e a ascensão de seus ideais, cria-se uma nova visão da infância. Num mundo, que até então, a tratava “de igual por igual” por seus pares adultos; agora a entendia como um ser a parte da realidade social que deveria estar isolada dessa, na intenção de “proteger” sua constituição como ser humano. Mediante essa nova concepção familiar, surge a Literatura Infantil, que nasceu com o objetivo de trilhar a criança em seu processo de reinserção social. Ao longo dos séculos, essa literatura sofreu todos os percalços que lhe atribuíam tal caráter doutrinador e, juntamente com a escola, carregou os estigmas dessa visão. Todavia, conquistou seu patamar de reconhecimento como sendo primordial no processo de leitura e na conquista do sujeito em sua compreensão do real. Bem como, na transformação desses sujeitos em

leitores capazes de discernir e construir ideias, (re) criando a sociedade. No entanto, na contemporaneidade, o que se observa é um desligamento do indivíduo com as práticas leitoras, principalmente, a voltada para a leitura literária. Dentre os muitos fatores que contribuem para esse quadro, a escola, com suas práticas de “desler”, afasta cada vez mais o estudante, transformando-o em mais um integrante do já tão populoso grupo dos que “não gostam de ler”. Na tentativa de transformar esse panorama caótico, em que se encontra a trajetória de leitura literária nas escolas, é que se faz necessário a compreensão dos processos que constituem a experiência leitora; assim, como ocorre a receptividade interacional entre adolescentes e as obras literárias produzidas para eles. Sendo assim, o objetivo desse trabalho é compreender o processo do pacto com o leitor, à luz dos estudos teóricos de Lejeune (2008), Zilberman (1989), e Larrosa (2009), entre estudantes do Ensino Fundamental da rede municipal de Jaguariúna e a obra O Diário de Anne Frank. Uma análise parcial da pesquisa desenvolvida apontará dos registros das narrativas de experiências elaboradas em forma de diários de leitura, e produzidos pelos mesmos e que serão organizadas e analisadas tomando como base teórica os autores já mencionados acima. Visa-se com tal compreensão, a possibilidade de um novo norte para que se pense em novas metodologias escolares na constituição de leitores críticos e atuantes na sociedade brasileira.

Palavras-chave: Literatura; Pacto de leitura; Experiência Leitora

ENTRE O EU E O LIVRO, O OUTRO: A MEDIAÇÃO DE LEITURA NO ENSINO SUPERIOR E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES LEITORES

Silvana Augusta Barbosa Carrijo (UFG)

Resumo: No encontro entre o eu e o livro, o outro. Quantas vezes se toma conhecimento de um livro pelas mãos já iniciadas de alguém cujos olhos já percorreram aquelas páginas e vai nos ciceroneando por suas sendas de poesia e seus bosques de ficção? Quantos sentidos são agregados a um livro a depender de quem a ele nos apresentou? Quantos livros restam esquecidos em prateleiras justamente porque entre eles e nós faltaram mãos mais entusiastas a mediar o percurso leitor? Como bem lembram Santos, Marques Neto e Rosing (2009, p. 13): “Apenas circular em meio a materiais diversificados de leitura não desenvolve o gosto pelo ato de ler. É imprescindível conviver com uma ou mais pessoas que se envolvam eventual ou permanentemente com esses materiais, significando-os”. A perspectiva desta tríade formada pelo eu, o outro e o livro ancora nossa experiência docente no Ensino Superior, em disciplinas como Literatura infantil e juvenil 1, Literatura infantil e juvenil 2 e Práticas de leitura em literatura infantil e juvenil. Partindo do pressuposto da necessidade da produção do conhecimento haurida do enlace entre os instrumentais teóricos e a experimentação metodológica prática – na qual destacamos a estreita relação entre Literatura e ludismo – e asseverando a importância de despertar e/ou fomentar no graduando em Letras, futuro formador de leitores, o gosto pela leitura, desenvolvemos práticas com o texto literário que demandam um papel ativo, criativo e deleitoso do mediador de leitura no processo do letramento literário. Para tanto, partimos, primeiramente da mediação, feita por mim, entre os discentes de Letras e exemplares de títulos representativos de livros infantis e juvenis de meu próprio acervo, a eles emprestados semanalmente. Tais empréstimos se configuraram como forma rápida e exitosa de acesso aos livros, despertando o interesse, a adesão e a consequente construção de uma prática de leitura lúdico-cognitiva de tais obras, para alguns inacessíveis quando de seu próprio período de infância ou adolescência. O contato mediado com o livro literário, para além do mero estudo epistemológico de teorias e críticas, fez com que os graduandos vivenciassem a importância de acessar os textos, o objeto livro, de modo que percebessem a importância de fomentar esse acesso a seus futuros alunos. Apresentar alguns resultados alcançados com esta prática docente no Ensino Superior é o que objetivamos por via do presente trabalho.

Palavras-chave: Mediação de Leitura; Literatura; Ensino Superior

DE MEMÓRIA EM MEMÓRIA: DO TEXTO LITERÁRIO À ESCRITA AUTORAL E DE SI POR JOVENS NO ESPAÇO ESCOLAR

Gleiser Mateus Ferreira Valério (UnB)

Resumo: Pela obra, o escritor conta histórias e nos conduz por espaços distantes dos que experimentamos diariamente. Narrativas nos levam a ambientes que talvez somente por meio da Literatura consigamos presenciar. O imaginário do autor, representado na obra, entra em contato com o do leitor, por meio da leitura, o que promove a reflexão e a experimentação, resultado de um processo dialógico, intertextual e polifônico comum do texto literário, tal como denomina Bakhtin (2003). O ambiente escolar é um local propício para tal. Estudantes, cotidianamente, são estimulados por professores para leitura de obras de escritores para interpretar e debater sobre suas ideias e questionamentos provocados pela Literatura. O maior problema parte da dificuldade docente em buscar textos que consigam despertar o interesse dos alunos para o ato de ler, ou pior, tornam a sala de aula em um local de acúmulo de leituras que não provocam o diálogo, encarceram reflexões em propostas de análise prontas e não relacionam com o vivido por eles. Para a presente pesquisa, teremos como foco as Olimpíadas de Língua Portuguesa (OLP), projeto promovido pelo MEC em parceria com instituições de fomento da educação, e a categoria memória. Por mais que tenha críticas a muitos elementos do concurso, seu material é rico de textos e exercícios interpretativos que podem levar ao prazer da leitura. Para tal, uma coletânea de escritos de autores como Zélia Gattai, Tatiana Belinky, João Ubaldo Ribeiro e Manoel de Barros, entre outros, são utilizados em sala com a finalidade de levar o jovem a pensar a si e sua realidade. Com o tema O lugar onde vivo, o projeto desenvolve uma série de atividades, tendo a Literatura como foco de discussão. O resultado é a produção de narrativas em sala que são selecionadas e das quais algumas foram disponibilizadas na página da OLP como coletânea. No caso específico da memória literária, assume-se um caráter especial, visto o relato não ser propriamente de si, mas de alguém mais antigo na comunidade que retrata o passar dos anos e o desenvolvimento da cidade. Sendo assim, o estudante constrói narrativas na qual assumirá como narrador em primeira pessoa, mas descrevendo a história de outrem, tomando essa voz como sua e parte de si. Tanto as coletâneas de textos literárias, como as de histórias estudantis servirão como corpus para o trabalho. A relação entre elas será questionada e colocada em xeque para se pensar o que é o escritor e como o texto estudantil pode ser considerado autoral. Por meio de teóricos como Foucault (1992), propomos pensar como essas produções de jovens refletem sobre sua base de elaboração, dialogando e tendo uma identidade que não deixa de lado o seu elemento constituidor inicial que é a Literatura. Por fim, observar a infinidade de possibilidades que os textos contidos nas coletâneas dos alunos são capazes de oferecer para uma visão da escrita de si.

Palavras-chave: Literatura; Memória; Leitura; Escrita; Autoria.

CLÁSSICO E BEST-SELLER: RECEPÇÃO E PERCEPÇÃO DO JOVEM LEITOR

Iara de Oliveira (UFG)

Resumo: A instituição escolar e a figura do professor(a) leitor(a) têm um relevante papel na formação literária do leitor, dado que essas são umas das principais instâncias que promovem as experiências literárias dos alunos durante todo o percurso entre a Educação Infantil e o Ensino Médio. No entanto, há nas escolas a tendência de privilegiar e preservar o contato com o cânone estabelecido previamente pela crítica e pela teoria literária, de modo que, costumeiramente, os best-sellers não encontram espaço nas aulas de literatura. A leitura dessas narrativas pelos alunos permanece, assim, como uma leitura à margem da escola, visto que os mediadores, em certa medida, ignoram a potencialidade de sedução que esse tipo de literatura pode ter para a formação do leitor. Em vista disso, o objetivo deste trabalho será problematizar a mediação literária no contexto escolar, tendo em vista o impasse vivenciado pelos jovens leitores entre o que “deve ser lido” e “o que querem ler”, ou seja, entre o que a escola espera que eles leiam e as obras que eles escolhem livremente no campo literário. O referido impasse foi observado em uma pesquisa realizada em escolas públicas de Goiânia/Goiás, em que se observou o desinteresse dos alunos pelas obras que eram indicadas pela escola e a leitura entusiasmada que eles faziam de outros títulos, praticamente desconhecidos pelos professores das turmas. A partir dessa constatação, investigou-se

de que modo as fronteiras entre os clássicos e os best-sellers são estabelecidas a partir da ótica dos leitores. Dessa forma, a pesquisa verificou quais elementos em diferentes formas narrativas provocam afeição ou estranhamento na leitura do jovem, assim como o papel do mediador para que o aluno seja estimulado a transitar entre diferentes concepções de literatura. Para aprofundar as discussões propostas, a pesquisa se valeu das contribuições teóricas de Hans Robert Jauss (1970), Pierre Bourdieu (1996), Roland Barthes (1987), Michèle Petit (2008), Vera Teixeira de Aguiar e Maria da Glória Bordini (1988), Chantal Horellou-Lafarge e Monique Segré (2010), Jean Yves Tadié (1992), Roger Chartier (2001), Teresa Colomer (2007), entre outros. A partir da análise dos dados, foi possível perceber que os participantes apresentaram enunciados que configuram uma visão escolarizada das obras literárias trabalhadas, ou seja, uma visão que persiste em valorizar o cânone mesmo que essa não seja a sua prática de leitura preferida. Além disso, as atividades de leitura literária desenvolvidas durante a pesquisa proporcionaram aos jovens uma reflexão sobre a relevância da literatura em suas vidas, possibilitando uma maior autonomia na escolha do seu cânone individual.

Palavras-chave: Leitura; Clássico; Best-seller; Formação; Recepção

O DIREITO À LEITURA DE MACHADO DE ASSIS

Felipe Bastos Mansur da Silva (Colégio de Aplicação João XXIII - UFJF)

Resumo: A ficção de Machado de Assis parece sempre vir à tona quando se discute os desafios do ensino literário no Brasil. Reconhecido e reproduzido como cânone máximo de nossa literatura, a obra de Machado acaba contaminada pelos diversos discursos que a perpassam antes mesmo de que muitos leitores tenham contato, de fato, com a escrita do autor. Já que não se trata de discursos críticos, vindos da academia e constantemente renovados, mas de imagens e definições sobre Machado e sua obra que sobrevivem no senso comum do nosso imaginário cultural, o brasileiro letrado, na maioria das vezes, não consegue ter contato com o escritor carioca sem o peso que ronda sua figura. Este trabalho, portanto, pretende apresentar uma outra forma de abordagem pedagógica em torno da obra narrativa de Machado de Assis. Para tal, proponho uma concepção do escritor como um antimoderno, a partir do conceito utilizado por Antoine Compagnon em *Os antimodernos* (2011), em que define como seu traço mais visível: “a contestação permanente da lei do progresso” (COMPAGNON, p. 62). Fora da lei do progresso, fora da lei da história, por consequência. Desse modo, deve-se recusar um ensino excessivamente historiográfico que coloca o autor na prateleira dos românticos ou dos realistas, dois tipos notadamente modernos, por sinal. Ainda que uma série de críticos venham ao longo das últimas décadas construindo uma outra concepção para a obra machadiana, em que se destaca, por exemplo, o trabalho de Eduardo de Assis Duarte, a respeito da visão crítica à escravidão e ao racismo nas narrativas de Machado, poucos trabalhos têm se dedicado a pensar a obra do autor em uma perspectiva político pedagógica que contribuisse para a renovação do trabalho em sala de aula com os contos e romances de Machado. Retomando Antonio Candido, em “O direito à literatura”, não podemos, enquanto professores da Educação Básica, negar ao estudante brasileiro a riqueza cultural que representam as melhores obras de Machado de Assis. Cabe, contudo, abordá-lo em uma perspectiva nova, capaz de permitir que jovens leitores construam sua própria relação com a obra do autor. Compreendendo a leitura literária como experiência, como colocado por Jorge Larrosa Bondía, nosso trabalho pretende discutir como a experiência da leitura de contos e romances machadianos podem ser conduzidas e enriquecidas pelo professor em seu trabalho em sala de aula. Pois a partir de um trabalho que se concentre no próprio texto do escritor, recusando as simplificações muitas vezes apresentadas no próprio livro didático, poderemos abordar a narrativa de Machado em sua mirada crítica fundamental, a da construção da dúvida como paradigma humano e do humor como forma de abordá-lo. Em outras palavras, considerando o texto literário machadiano, seu estilo, sua marca de autoria (na concepção barthesiana de estilo) em primeiro plano, e não mais a temática de suas narrativas ou o seu peso histórico, permitiríamos que o jovem leitor construísse na experiência da leitura a percepção crítica e inconformada que emana dos principais textos do autor.

Palavras-chave: Machado de Assis; antimodernidade; experiência

01 de agosto
14h30

PROPOSTAS DE LETRAMENTO LITERÁRIO NO ENSINO MÉDIO: LITERATURA DE AUTORIA FEMININA E NEGRA

Aline Alves Arruda (IFMG)

Resumo: Com a criação da Lei nº10.639, teve início a inserção da história e da cultura africana e afro-brasileira no currículo escolar como parte do reconhecimento institucional de sua importância em nosso país. Desde 2003, portanto, o que já acontecia em sala de aula em atitudes isoladas, passou a ser obrigação de todo professor nas mais diversas disciplinas. No caso específico da literatura afro-brasileira, sabemos que sua invisibilidade, decorrente de séculos de omissão e/ou injusto esquecimento, dificultou o trabalho do professor. A presença do negro como sujeito construtor da identidade cultural brasileira é inegável. É perceptível, no entanto, que tal presença é marcada por diversas formas de exclusão ainda hoje. Parece imprescindível, assim, para tais grupos, deixarem sua marca identitária na vida social. E, então, representações de indivíduos excluídos dessa ordem aparecem frequentemente, sendo ao mesmo tempo "revelação e ocultamento de identidades". E a literatura é fator revelador dentro dessa construção identitária. Sobre a literatura de mulheres, sabemos que sempre nos foi relegado o direito à escrita. Embora muito tenha mudado e o espaço dado às escritoras seja hoje maior, no âmbito escolar, especialmente, há muito que conquistar. A primeira legislação brasileira autorizando a educação pública feminina data de 1827. Antes, apenas nos conventos ou em casa, com professores particulares, mulheres eram alfabetizadas. Isso nos mostra o quanto ler e escrever foram atividades negadas às mulheres. Mesmo começando lentamente a partir daí, sabemos que era privilégio de poucas, brancas e de alta classe. Precursoras como a potiguar Nísia Floresta (1810-1885), que publicou textos em jornais de grande circulação e também diversos livros, pleitearam para as outras o direito à instrução e ao trabalho, como nos mostra em suas pesquisas sobre feminismo e literatura, a professora Constância Lima Duarte (2003). De Maria Firmina dos Reis, passando por Carolina Maria de Jesus e chegando contemporaneamente a Conceição Evaristo, temos uma linha história-literária que muitos nos dizem sobre as "vozes-mulheres" (Evaristo) negras brasileiras. Este trabalho tem como objetivo apresentar relatos de práticas docentes relativas ao âmbito do ensino da literatura afro-brasileira de autoria feminina, a fim de não só divulgar tais experiências como também incitar o ensino da temática étnica e de gênero. Espera-se que tais propostas promovam novas reflexões sobre a relação entre a teoria e a prática no âmbito escolar e sobre o letramento literário (COSSON, 2006) entre os adolescentes.

Palavras-chave: letramento literário; literatura negra; escritoras

OLHANDO MAIS DEVAGAR PARA AS QUESTÕES DE GÊNERO NA ESCOLA: UMA EXPERIÊNCIA COM O CONTO "GIRL" DE JAMAICA KINCAID

Leticia de Souza Gonçalves (UFG)

Resumo: O conto "Girl" (1978), da autora caribenha Jamaica Kincaid (1949 –), sintetiza um discurso de mulheres aprisionadas em papéis de gênero que se sentem obrigadas a alertar as gerações seguintes quanto aos limites sociais a elas impostos. Contendo a fala de uma mãe objetiva e autoritária para a sua filha, a narrativa é uma sucessão de períodos curtos em ritmo cadenciado contendo conselhos referentes a afazeres domésticos e a comportamentos que deveriam ser seguidos a fim de tornar-se uma legítima dama. Preocupada com sua conduta futura em um mundo tipicamente patriarcal, essa mãe conselheira reafirma indiretamente que sua filha não é um garoto e que, portanto, deve seguir regras sociais caso deseje ser respeitada. Tendo em vista a estrutura textual, a linguagem e o tema, "Girl" aborda questões basilares ao estudo sobre gênero, aos estudos pós-coloniais e à possível desconstrução de estereótipos e preconceitos. Nesse sentido, este trabalho propõe apresentar e discutir uma prática pedagógica inserida em uma disciplina eletiva

sobre representações do gênero na arte, desenvolvida em uma escola pública federal da cidade de Goiânia – GO. Pretende-se discorrer acerca da leitura e análise do conto “Girl” com os alunos de tal disciplina e expor os efeitos do uso da literatura no trabalho com a (des)construção de discursos e papéis sociais de gênero. Com base em apontamentos de Jorge Larrosa Bondía (2002) sobre o sujeito da experiência, de Rildo Cosson (2015) sobre a prática da leitura literária na escola, e de Guacira Lopes Louro (1997) sobre o trato da categoria gênero no ambiente escolar, este trabalho discute a leitura ilustrada e a leitura aplicada como princípios pedagógicos concomitantes, em que tanto a fruição estética quanto a promoção do conhecimento contribuem para um “olhar mais devagar”, um “pensar mais devagar” e um “escutar mais devagar” (BONDÍA, 2002, p. 24). Logo, por meio de narrativas representativas como o conto de Jamaica Kincaid, a vivência da experiência do outro possibilita o trato de questões sociais urgentes em nossas escolas.

Palavras-chave: Conto; estudos de gênero; Girl; escola.

AS AVENTURAS DO LEITOR PRINCEPS: O PERSONAGEM LEITOR NA NARRATIVA JUVENIL CONTEMPORÂNEA

Agatha Camila Ferreira Araujo (UFG)

Resumo: Quando o autor não se contenta em somente “contar” determinado enredo e busca complexificar a narrativa, por meio de estratégias como a intertextualidade, metalinguagem, a metaficção, assim, promove um prazer diferenciado advindo do contato do leitor com a Literatura. Valendo-se de tais recursos composicionais, o autor Juan Villoro em O Livro Selvagem (2011) amplia o leque de possíveis leituras do texto, pressupondo um jovem leitor mais participativo, crítico e criativo. O autor mexicano apresenta também sob o olhar do personagem reflexões sobre o ato da leitura que não só exercem a função de elucidar a leitura literária, tal como também de expor a imensidão de sentidos à vida que a literatura oportuniza. Partindo de tais pressupostos, a pesquisa objetiva analisar as descobertas literárias do personagem leitor Juan, investigando assim, a função da metalinguagem na obra investigada no que diz respeito à representação do leitor neste texto de ficção em específico, dessa forma, expondo as reflexões que o protagonista apresenta sobre livros literários. A partir das características analisadas na narrativa, o objetivo é expor o fascínio do personagem pelas manifestações ocorridas no decorrer de suas experiências literárias e o subsídio alcançado através desse conhecimento. Intentamos também, a partir da narrativa em questão, investigar como obras que contemplam personagens leitores podem contribuir para com um eficaz processo de letramento literário do jovem leitor em contextos específicos de escolarização da leitura literária. Baseando-se em estudos relacionados a essa experiência de construção de si através das histórias lidas como; VIGOTSKI (2009); PETIT (2009) e BOJUNGA (1992), YUNES (2002), a pesquisa tende a examinar o processo metalinguístico utilizado, o perfil leitor do personagem, e os efeitos que a obra em si podem propiciar ao leitor desse texto.

Palavras-chave: Palavras-Chaves: Leitor; Personagem; Metalinguagem

GAMES E NARRATIVAS

Solange da Silva Augusto dos Santos (IF Sudeste MG)

Resumo: O objetivo desta comunicação é apresentar os resultados de uma pesquisa que envolveu alunos do Ensino Médio em suas atividades de leitura e produção de textos, de modo a analisar as relações entre as narrativas dos jogos eletrônicos de RPG e as narrativas feitas pelos discentes. Como material de investigação, elaborou-se um questionário que discriminava o perfil do aluno como jogador, além das produções textuais que tinham como motivação tema livre no gênero narrativo. Esse trabalho pretende mostrar as influências da cultura lúdica cibernética no universo juvenil e no ambiente escolar. Com o intuito de realizar essa pesquisa, elaboramos quatro questões que direcionam nossas discussões: 1. O que buscam os jovens no universo virtual dos games? 2. Como os jogos de RPG interferem no processo de leitura de textos literários? 3. Qual a relação entre os elementos da narrativa do game e da narrativa apresentada pelo discente? 4. Quais as diferenças de produção textual entre os alunos que praticam, assiduamente, jogos de RPG e aqueles que jogam

RPG eventualmente? Esse estudo também investigou as semelhanças e diferenças entre as narrativas digitais e as narrativas literárias, baseado no referencial teórico dos autores: Propp, Murray, Alves, Gomes, Costa, entre outros, estudiosos que abordam o tema das narrativas no âmbito da contemporaneidade. A análise dos questionários baseou-se num programa de análise estatística aplicado às Ciências Sociais. As produções textuais dos discentes foram analisadas com base nos critérios: adequação ao gênero textual, estratégias de textualização e aspectos gramaticais. Ao final, obtivemos as seguintes conclusões: Os jovens, em sua maioria, buscam diversão no ciberespaço. Dependendo do nível do jogador no jogo, ele é influenciado a ler livros como: Harry Potter e Lord of Rings (Senhor dos Anéis). As relações entre a narrativa dos games e a dos alunos referem-se ao cenário mitológico medieval e ao personagem idealizado como herói. Os alunos, que jogam frequentemente, refletem em sua produção textual a influência das narrativas dos games. Contudo, independente de jogar ou não jogar: alguns alunos redigem muito bem, porém muitos discentes necessitam do apoio linguístico do professor. Para concluir os jogos de RPG podem ser utilizados como um recurso didático no processo de aprendizagem, pois ampliam o repertório criativo do discente.

Palavras-chave: narrativas ; games; educação.

PRÁTICAS LITERÁRIAS NAS CLASSES DE ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA

Melina Xavier de Sá Morais (UFU)

Resumo: As discussões por nós apresentadas neste trabalho têm como intuito discorrer sobre o uso do texto literário nas classes de Espanhol como Língua Estrangeira (E/LE). Em termos conceituais analisamos o exercício e/ou a aplicação da leitura nas aulas E/LE como estimuladora do senso crítico e cognitivo dos alunos, bem como sendo capaz de contribuir significativamente para o desenvolvimento linguístico, cultural e imagético por parte dos estudantes de LE. Para tanto realizamos uma pesquisa bibliográfica, de forma exploratória sobre as análises elencadas, em relação ao uso da literatura nas aulas de LE, em especial, das classes de espanhol, como instrumento para desenvolver a consciência e a sensibilidade dos estudantes, seja diante do respeito à cultura do outro, seja diante do comportamento social e cidadão que o jovem deve ter em sala de aula e/ou na sociedade. Dessa forma, através da leitura nos é permitido experienciar sensações às vezes não vividas, através das diversidades culturais apresentadas por uma dada obra (alimentação, vestimenta, religião, credences, dentre outros.) e, assim, nos possibilitar conhecer e respeitar o outro, ou melhor, a cultura do outro (um gesto de alteridade). Outrossim, partindo do pressuposto de que a literatura seja uma modalidade ímpar de comunicação, em vista das suas variadas possibilidades de diálogo com leitores das mais variadas épocas, nos permite inferir que o uso do texto literário nas classes de LE corrobora para o desenvolvimento cognitivo, humanitário e crítico dos alunos. Dessa forma, o ensino da literatura nas classes de E/LE, permite aos professores agregar as práticas tradicionais de ensino de LE, o exercício crítico/ reflexivo e interpretativo, de forma a tornar as aulas mais dinâmicas, desafiadoras e motivadoras. Por outro lado, a linguagem poética permite aos alunos desvendarem o universo da aquisição de uma segunda língua de forma diferenciada, pois através do texto literário os alunos são imersos a uma variedade de formas de linguagens e atividades culturais, bem como interpretativa, o que possibilita o desenvolvimento das habilidades de aprendizagem (audição, fala, escrita e leitura) dos estudantes. A utilização da literatura, assim, nas classes E/LE tem para nós uma grande relevância, pois o ser humano nasce apto a desenvolver de forma contínua sua capacidade de cognição, que se dá através da dedicação, do interesse, da disciplina e, principalmente, pelo conhecimento compartilhado (mediado pelo outro). Ao associarmos essa capacidade intelectual humana, ao exercício crítico e reflexivo mediado pelo texto literário, pretendemos agregar novas formas didáticas ao ensino de E/LE e, por conseguinte, formar indivíduos que saibam interagir, indagar e transformar o mundo de maneira autônoma e espontânea.

Palavras-chave: Ensino; Literatura e LE; Formação

12 - ATUALIDADE DE BAUDELAIRE

Coordenação: Francine Ricieri (UNIFESP); Gilles Jean Abes (UFSC); Eduardo Veras (UFTM)

Resumo: Em um breve texto, intitulado “L’Actualité de Baudelaire”, a ser publicado em breve no Brasil, André Guyaux, retomando Nietzsche, afirma que Baudelaire é “inatural”, que sua contribuição à história da cultura é perene, como o mal, como o pecado, o “*immortel péché*”, obsessivamente tematizado em sua obra poética, epistolar e ensaística. Dialogando também com Walter Benjamin, Guyaux observa ainda que “nada envelheceu” na poesia e no pensamento de Baudelaire, e que o refutador de sua ideia de modernidade e de progresso ainda não nasceu. Antoine Compagnon já havia observado, também em termos nietzschianos, que o eterno retorno do mal e a fidelidade ao presente constituem as duas faces complementares da modernidade baudelairiana. Constantemente convocado pela posteridade, pelas mais diferentes correntes poéticas e críticas, que vão das vanguardas políticas ao formalismo, passando pelo misticismo de matriz platônica e pelo pensamento ultraconservador, Baudelaire se presta a múltiplas atualidades, a múltiplas atualizações hermenêuticas. Sua adesão radical à teologia do pecado original e seu interesse incontornável pelo aqui-agora do presente, equação básica de sua visão ambivalente da arte e da existência, explicam a “inaturalidade” de seu legado, constantemente reivindicado por movimentos literários dos mais diversos matizes. No que se refere mais especificamente ao nosso tempo, é digno de nota o interesse renovado que a poesia e a figura de Baudelaire têm despertado nos poetas que protagonizam o debate atual sobre a poesia contemporânea na França. Nos últimos quinze anos, poetas importantes como Michel Deguy, Yves Bonnefoy, Jean-Michel Maulpoix e Jean-Marie Gleize, para não estender demasiado a lista, revisitaram em algum momento o legado baudelairiano, reafirmando seu vigor e sua importância para a compreensão daquilo que está em jogo nas disputas contemporâneas. Enquanto os dois primeiros acabam de publicar obras de fôlego sobre o poeta (Deguy, Michel. *La Pietà Baudelaire*; Bonnefoy, Yves. *Le Siècle de Baudelaire*), os dois últimos, opositores no campo de batalha entre anti-poetas e neolíricos, têm recorrido com certa frequência a Baudelaire com propósitos que são inseparáveis de suas posições sobre o destino da poesia contemporânea. No âmbito acadêmico, a lista de trabalhos dedicados ao “poeta da modernidade” nas últimas décadas é bastante vasta, com destaque para o crescente interesse da crítica pela prosa e pela correspondência do poeta. Para ficar apenas nos anos 2000, vieram à público estudos e trabalhos de peso como os de Steve Murphy (*Logiques du Dernier Baudelaire: lectures du Spleen de Paris*), John E. Jackson (*Baudelaire sans fin*) Antoine Compagnon (*Baudelaire l’irréductible*), Andrea Schellino (*Bibliographie du Spleen de Paris (1855 – 2014)*) e André Guyaux e Henri Scepî (*Lire Le Spleen de Paris de Baudelaire*), para citar os mais relevantes. A atualidade de Baudelaire passa também pelo papel preponderante que ele assume na reflexão teórica contemporânea sobre a poesia. Tópicos importantes como a crise do sujeito lírico, a crise da poesia e do paradigma musical, o surgimento do poema crítico, a passagem para a prosa e o valor desta como questão contemporânea, a crítica da metáfora e do discurso figurado, a problemática do lugar social do poeta e suas relações com a cultura de massa, entre tantos outros de interesse ainda central para a Teoria da Literatura neste início de século XXI, passam necessariamente por Baudelaire e por leituras já canônicas de sua obra como as de Valéry, Hugo Friedrich e Walter Benjamin. No Brasil, o período também é marcado pela atualização das leituras de Baudelaire. Cite-se, por exemplo, o colóquio sediado na Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 2007, na ocasião dos 150 anos da publicação das *Flores do mal*, e que reuniu um grande número de especialistas em torno da obra. Acrescente-se a isso o interesse renovado de tradutores (em especial voltado para os poemas em prosa), e pesquisadores pela obra baudelairiana, atestado, por exemplo, pela publicação de dossiês e números especiais em revistas brasileiras em memória dos 150 anos da morte do poeta, em 2017. Este simpósio se volta para os estudos baudelairianos em geral, focalizando a atualidade do legado e da recepção literária, tradutória e crítica da obra de Baudelaire, no Brasil e no exterior. Serão aceitas propostas que abordem os campos supracitados, adentrando mais especificamente temáticas tais como sua recepção e atual influência na literatura e na teoria literária, pesquisas

voltadas para a literatura comparada, além de estudos sobre (ou com base em) a biografia, os “escritos íntimos”, a produção epistolar, ou ainda, o pensamento crítico do poeta parisiense presentes em seus ensaios ou artigos de jornal. No mais, pesquisas voltadas para os estudos da tradução, nas áreas da teoria, crítica, história e tradução comentada, concernindo a obra de Baudelaire, serão igualmente bem-vindas nesse simpósio dedicado ao autor das *Flores do mal*.

31 de julho
8h30

"HARMONIAS DO INFERNO": MÚSICA E ANTI-MÚSICA NOS PEQUENOS POEMAS EM PROSA, DE BAUDELAIRE

Eduardo Veras (UFTM)

Resumo: O problema das fronteiras e dos pontos de contato entre a poesia e a música retorna diversas em Baudelaire. Nas *Flores do mal*, vemos o poeta se apresentar diversas vezes por meio de metáforas musicais como a do “falso acorde” (*faux accord* – *L'Héautontimorouménos*) ou a do “sino rachado” (*cloche fêlée* – *La Cloche fêlée*). Associada inicialmente ao entusiasmo poético (cf. “*La musique*”), a música aparece, nos versos do poeta, caracterizada pela mesma ambivalência que marca as suas reflexões sobre Richard Wagner. No contexto de seus comentários sobre a obra de Wagner, Baudelaire desenvolve a questão da colaboração entre as artes nos termos, mais próximos da reflexão sobre a literatura, de uma convergência entre o entusiasmo e o pensamento crítico. Essa conjunção entre o “instinto” e a razão é vista por ele como resultado de uma “crise” que leva os poetas a “refletirem sobre sua arte” (OC, II, p. 793; tradução minha). A mesma questão retorna no poema em prosa “*Le Thyrs*”, dedicado ao compositor Franz Liszt, que também é citado no ensaio sobre Wagner. No poema, Baudelaire celebra a dualidade da obra do compositor húngaro, que seria capaz de aliar sensualidade, entusiasmo musical e inteligência, ou crítica, para retomar o termo empregado na discussão sobre Wagner. A saudação a Liszt, com a qual se encerra o poema, coloca em termos claros a visão dual que marca a teoria poética de Baudelaire, fundada sobre a tentativa de conciliação entre o êxtase musical e a inteligência crítica, entre as figuras do filósofo, do poeta e do artista. “*Le Thyrs*” pode ser tomado como um ponto de referência para a compreensão de uma tensão que se intensifica no conjunto dos Pequenos poemas em prosa. “Musical, sem ritmo e sem rima”, como se lê na carta-dedicatória a Arsène Houssaye publicada em *La Presse*, a prosa baudelaireana radicaliza a fratura já observável nos poemas em verso quando se trata de pensar a relação da poesia com a música. Das *Flores* ao *Spleen*, assistimos à passagem de uma música em crise, caracterizada pela dissonância, ao advento de barulhos, ruídos e “gritos discordantes”, que formam a “lúgubre harmonia” da modernidade. A exemplo da referência visual da cidade moderna como “caleidoscópio humano” (COMPAGNON, 2014, p. 154), é possível definir a Paris de Baudelaire também a partir de uma referência sonoro-musical como as “harmonias do inferno”, descritas pelo poeta em “*Le Crépuscule du soir*”. A presença constante de pancadas, explosões, gritos, tiros, latidos e outros sons desprovidos de sentido musical nos poemas em prosa de *Le Spleen de Paris* apontam não apenas para os limites da própria concepção lírico-musical de poesia mas também para a importância de sua desconstrução no âmbito do projeto poético baudelaireano. Nesse sentido, pretendo mostrar, nesta comunicação, que Baudelaire faz uso de uma retórica musical que reúne, ao mesmo tempo, a herança wagneriana de uma correspondência direta entre o som e o sentido, e a desconstrução irônica dessa mesma herança, especialmente nos poemas em prosa, caracterizada pelo “questionamento do sentido musical” (BONNEFOY, 2014) da poesia.

Palavras-chave: Poesia; Prosa; Música; Dissonância; Barulho

O POEMA EM PROSA EM BAUDELAIRE E NA POESIA BRASILEIRA: ESPECIFICIDADES E APROXIMAÇÕES
Francine Fernandes Weiss Ricieri (UNIFESP)

Resumo: Poetas como Pedro Kilkerri, Cruz e Sousa e Alphonsus de Guimaraens, para mencionar alguns, fizeram movimentos no sentido de experimentar as possibilidades criativas aventadas pela

prática do poema em prosa. No caso específico de Kilkerry, a escassez do corpus disponível para análise em nada diminui o interesse das questões que se apresentam à reflexão. Esta comunicação pretende partir de especificidades discerníveis em escritos de Kilkerry (especialmente os textos “Do hinário de um nômade” e “Notas trêmulas”) para explorar caminhos de que se valiam poetas locais do período usualmente denominado simbolismo ou decadentismo, quando se arriscavam pelos cruzamentos implicados nos poemas em prosa. A partir dos textos citados, esperamos recuperar aspectos do diálogo com o poema em prosa francês: no caso de Kilkerry, os textos escolhidos permitem considerar uma oscilação entre práticas que remeteriam a leituras de Baudelaire, Rimbaud e Mallarmé. Assinalando a complexidade desse diálogo, bem como a peculiaridade de sua realização por Kilkerry, o objetivo aqui seria explorar, em específico, as relações com o poema em prosa praticado e teorizado por Baudelaire. A questão central diz respeito à perspectiva irônica discernível em poemas do francês, observando-se em que medida e sob quais arranjos tal perspectiva compareceria nos escritos de Kilkerry. Seria o caso de ressaltar, em “Notas trêmulas”, que o poema se vale de um modo de estruturação em que a encenação de uma interlocução (proposta a partir de um trecho narrativo implícito) contribui com o estabelecimento de perspectivas facilitadoras do estabelecimento de jogos irônicos e ou polifônicos. Uma consideração paralela seria, ainda, o estabelecimento de relações entre tais procedimentos e as linhas discerníveis também nas incursões de um poeta como Cruz e Sousa por tal prática poética. O objetivo da proposta é, nesse sentido, realizar transições entre o comentário do texto particular, o comentário da proposta de um poeta específico e o estabelecimento de relações com a história do poema em prosa no Brasil (pelo cotejo, principalmente, mas não apenas, com as práticas de Cruz e Sousa), considerando sempre, como contraponto, a tradição francesa do poema em prosa, tomada sobretudo a partir dos tensionamentos a que Charles Baudelaire teria submetido a forma.

Palavras-chave: Poema em Prosa, Baudelaire, Poesia Brasileira

O DESENCONTRO ENTRE AUTOR E LEITOR - AMBIVALENCIAS DA RELAÇÃO HOSTIL ENTRE NARRADOR E O PÚBLICO NOS PEQUENOS POEMAS EM PROSA DE BAUDELAIRE

Rita de Cássia Bovo de Loiola (USP)

Resumo: Em “Le Spleen de Paris”, do poeta francês Charles Baudelaire, uma certa hostilidade ou violência tende a surgir nos pequenos poemas em prosa que consideram a relação com o leitor. A ligação, inclinada à agressividade e ironia, é mais evidente em textos como “Le chien et le flacon” (no qual a última frase compara o público a um cão “ao qual não se deve jamais apresentar perfumes delicados que o exasperem, mas dejetos cuidadosamente escolhidos”) e algo disfarçada em títulos como “Assommons les pauvres!”, que trata de uma luta que faz com que as duas personagens se tornem “iguais” -- é como um “semelhante” que Baudelaire se refere ao leitor no poema dedicado a este em “As Flores do Mal” (“Hypocrite lecteur, -- mon semblable, -- mon frère!”). Em “O pintor da vida moderna”, Baudelaire se refere à atividade criadora de Constantin Guys com termos que lembram uma batalha (“... lutando com seu lápis, sua pena, seu pincel, lançando água do copo até o teto, limpando a pena na camisa, apressado, violento, ativo, como se temesse que as imagens lhe escapassem, belicoso, mas sozinho e debatendo-se consigo mesmo”). O campo da violência e da agressividade aparece, portanto, associado, de maneira explícita ou velada, tanto à relação entre autor e público quanto ao processo de concepção da obra artística. O legado dessa espécie de desencontro brutal entre autor e leitor pode ser percebida também na obra de poetas modernos, como em João Cabral de Melo Neto que, em seu texto crítico “Poesia e Composição”, de 1952, menciona o “desentendimento” que há entre quem cria literatura e seu público e se interessa pelo leitor como “contraparte essencial à atividade de criar literatura”. No mesmo texto, o poeta afirma que a criação das obras é “uma violência dolorosa contra si mesmo, em que ele se corta mais do que se acrescenta”. Recentemente, Carlito Azevedo, em “Livro das Postagens”, publicado em 2017, traz um cão em sua abertura. A figura do animal, que nos pequenos poemas em prosa de Baudelaire é retratado seja como objeto da irônica comparação com o público, seja como o simpático “cão flanêur, o cão saltimbanco” que reflete a imagem do poeta (em “Les bons chiens”) é, portanto,

ambivalente e historicamente construída. No livro de Carlito, afina-se à recusa da identificação com o leitor, mas também à analogia entre o poeta e o cão desprezível submetido à curiosidade do público, como aponta o crítico Marcos Siscar, em texto publicado em março de 2017 no jornal O Globo. Por meio do comentário de alguns poemas em prosa de Baudelaire, a presente reflexão busca investigar por que, afinal, a hostilidade foi escolhida como figura da relação entre poeta e público, ecoa na poesia do presente, e de que maneira a perspectiva da ligação violenta entre poesia e leitor, que passa pela relação do artista com sua obra, seja capaz de justificar certa modalidade do espírito crítico.

Palavras-chave: Baudelaire; poema em prosa; O Spleen de Paris

31 de julho

14h30

"Ó SANTÍSSIMO BAUDELAIRE": NOTAS SOBRE A ESPIRITUALIDADE, O MAL E A MÚSICA EM PIERRE JEAN JOUVE

Pablo Simpson (UNESP)

Resumo: "Ó caro ó magnífico o santíssimo Baudelaire". São palavras do poeta francês Pierre Jean Jouve, do ensaio *Tombeau de Baudelaire*, publicado em 1942. Flutuam aí como uma espécie de epígrafe, embora haja outra acima extraída das *Flores do Mal* e que diz que "o túmulo sempre compreenderá o poeta". Epígrafe de si mesmo, com algo como um verso próprio, "improvisado", diria Jouve, cuja função é não cair imediatamente num discurso crítico que julga, na contemporaneidade, "deteriorante" (1942, p. 9). "Ó caro, ó magnífico" lembram o início de uma prece, instituem uma relação dupla com o poeta, que é de deificação, mas também da retomada de um movimento que está na própria poesia de Baudelaire, com a apropriação da linguagem litúrgica, nas "Litâneas de Satã", por exemplo. Jouve, em sua introdução ao *Túmulo de Baudelaire*, desfaz, todavia, a possibilidade de um equívoco: o de imaginar na santidade baudelaireana uma ironia. No poeta se reuniram, como para o Cristo, tragédia e glória. A própria máscara satânica de Baudelaire estaria "destinada a esconder o sofrimento pessoal". O objetivo desta comunicação é partir dessa leitura de Jouve, que situa, de algum modo, também uma "inatualidade" do poeta, para que possamos pensar no que lê, de forma aparentemente contraditória, como uma "retórica profunda". Trata-se do que reconhece como "interior ao verso": um "poder novo", uma "tensão" ou uma "respiração nova" (p. 73 e 76). A partir delas, pretende-se uma interpretação atenta também à música de alguns poemas do próprio Jouve e à relação que estabeleceu entre dissonância ou tensão do verso com o mal e a espiritualidade.

Palavras-chave: Baudelaire, Pierre Jean Jouve, espiritualidade

EM BUSCA DA POÉTICA DE BAUDELAIRE: NOS RASTROS DE SUA CORRESPONDÊNCIA

Gilles Jean Abes (UFSC)

Resumo: A correspondência de Charles Baudelaire: eis um rico material que precisa ser explorado, dada a ausência de tradução de sua correspondência para o português brasileiro e o acesso dificultado com as missivas em língua francesa. Além disso, o caráter heterogêneo de suas cartas – muitos assuntos se entrecruzam a todo momento –, tornam sua leitura e pesquisa mais árduas. Não obstante, Marcos Antônio de Moraes (USP) destaca três fecundas perspectivas de abordagem do gênero epistolar, cuja importância é preciso destacar. Para ele, a correspondência de escritores, artistas plásticos e músicos, é uma documentação de caráter privado que vem suscitando grande interesse editorial no Brasil. A perspectiva que se abre inicialmente nas epístolas é a da expressão testemunhal que define um perfil biográfico. Em outros termos, confidências e impressões espalhadas pela correspondência de um artista contam a trajetória de uma vida, delineando uma psicologia singular que ajuda a compreender os meandros da criação da obra. A segunda possibilidade de exploração do gênero epistolar procura apreender a movimentação nos bastidores da vida artística de um determinado período. Nesse sentido, as estratégias de divulgação de um

projeto estético, as dissensões nos grupos e os comentários acerca da produção contemporânea aos diálogos contribuem para que se possa compreender que a cena artística tem raízes profundas nos “bastidores”, onde, muitas vezes, situam-se as linhas de força do movimento. O gênero epistolar pode ser interpretado num terceiro viés de abordagem, como “arquivo da criação” – principal foco dessa comunicação –, espaço onde se encontram fixadas a gênese e as diversas etapas de elaboração de uma obra artística, desde o embrião do projeto até o debate sobre a recepção crítica favorecendo a sua eventual reelaboração. A carta, nesse sentido, ocupa o estatuto de crônica da obra de arte e a epistolografia pode ser vista, principalmente pela crítica genética, enquanto “canteiro de obras” ou “ateliê”, buscando descortinar a trama da invenção, os traços de um ideal estético, quando examina os processos da criação. Este trabalho busca explorar esse “arquivo da criação”, na volumosa correspondência do poeta Charles Baudelaire – mais de 1.500 cartas –, seguindo os rastros das reflexões do autor sobre literatura e, principalmente, sobre sua criação poética. O estudo da correspondência, portanto, não dará uma resposta cabal à interpretação da obra de um autor, não procurará explicar de forma rígida e inquestionável, não poderá, por mais que se tente, explicar a obra. Seu estudo buscará perspectivas complementares, ângulos ainda pouco valorizados: uma tênue luz sobre o mistério da gênese de uma obra literária. Há de se considerar também a importância de Charles Baudelaire, não apenas no contexto francês e europeu, mas também o valor das suas reflexões para os estudos literários e artísticos no Brasil, sobretudo, se disponibilizadas para os pesquisadores brasileiros graças à tradução dessas missivas. Dar acesso à riqueza pouco explorada dessas cartas significa, para os pesquisadores, novos horizontes possíveis de leitura da correspondência e da obra de Charles Baudelaire.

Palavras-chave: Baudelaire; Correspondência; Poética; Tradução.

A AUSÊNCIA DE BAUDELAIRE NO PAIDEUMA DA POESIA CONCRETA

Nicollas Ranieri de Moraes Pessoa (UNICAMP)

Resumo: Uma parte do esforço do movimento da poesia concreta consistiu na definição de um repertório poético que fosse adequado às necessidades de uma vanguarda que se estabeleceu em um período posterior às vanguardas históricas. Ao mesmo tempo, o que acabou se conjugando com um extenso trabalho tradutório e crítico, tratava-se de trazer ao Brasil certas referências que não estavam presentes no debate poético nacional ou que não se encontravam suficientemente sedimentadas. Essa definição de um elenco que seria fundamental para a elaboração de uma nova poesia pode ser compreendida através do conceito de paideuma, amplamente utilizado pelos poetas do grupo Noigandres, constante em Ezra Pound a partir do uso que ele faz da antropologia de Leo Frobenius. Para além dos nomes tidos como precursores da poesia concreta (Stéphane Mallarmé, James Joyce, Ezra Pound e e. e. cummings), Augusto de Campos, Haroldo de Campos e Décio Pignatari colocaram em circulação outros tantos nomes de toda a história da poesia que vão, por exemplo, de Homero a Octavio Paz. Há, entretanto, uma ausência notável entre tais interesses, a de Charles Baudelaire. Longe de ser meramente casual, possui implicações relevantes para a compreensão da poesia moderna na nossa tradição. Augusto Massi, tanto em artigo para a Folha de São Paulo em 1996 quanto em entrevista concedida por Haroldo de Campos ao programa Roda Viva no mesmo ano, chegou a questionar em tom mais ou menos polêmico essa exclusão, reclamando por uma abertura a autores que ficaram de fora do paideuma. Em sentido completamente diverso, o presente trabalho pretende compreender os efeitos da escolha concretista, entendida aqui como uma tomada de partido em nome de uma determinada poética, e suas motivações no interior de um projeto de vanguarda. Logo de saída, podemos notar que a exclusão de Baudelaire se dá na mesma medida em que há uma escolha radical por Mallarmé, ou ainda, por uma certa leitura de Mallarmé, de tal maneira que a pergunta que orienta o presente trabalho poderia ser formulada da seguinte forma: por que Mallarmé e não Baudelaire? No célebre ensaio “Poesia e modernidade: Da morte da arte à constelação. O poema pós-utópico”, Haroldo de Campos, acompanhando de perto o raciocínio de Walter Benjamin, entende Baudelaire como o poeta moderno por excelência, que ainda trabalha nos marcos do verso alexandrino e cuja ruptura residiria no choque e no “desmascaramento crítico”

efetuado no campo semântico, ou seja, Baudelaire seria assim um sucedâneo de Victor Hugo que “ultimou” a sua revolução. Mallarmé, por outro lado, seria aquele que introduziria o pós-moderno através da “função crítico-utópica”, dada a estrutura do poema constelar “Un coup de dés jamais n’abolira le hasard”. É através da inusitada distinção entre moderno e pós-moderno efetuada por Haroldo de Campos em um texto já da década de oitenta e, portanto, posterior aos anos mais combativos da poesia concreta, que se pretende discutir a ausência de Baudelaire no repertório concretista e oferecer alguns contornos para a própria leitura de Baudelaire que se esboça a partir daí.

Palavras-chave: Poesia Concreta; Paideuma; Charles Baudelaire

O ARTISTA, HOMEM DO MUNDO: BAUDELAIRE E A INVENÇÃO DE SI

Alice Vieira Barros (UFMG)

Resumo: Constitui uma aporia singular que o romanista Hugo Friedrich compreenda a “despersonalização” como elemento importante do projeto poético de Baudelaire. O mesmo poeta moderno – “moderno e antimoderno”, como notaria Antoine Compagnon – que estava comprometido com o desejo de Poe de suprimir da poesia uma sensibilidade expressa como “the intoxication of the heart”, era, paradoxalmente, uma figura cultural marcante enquanto sujeito e “pessoa”. Seja nas considerações sobre o dandismo e a flânerie em “O pintor da vida moderna”, seja na sua própria apresentação enquanto poeta na sociedade parisiense, em seu “prazer aristocrático de chocar”, em tudo vemos uma consciente necessidade do autor de projetar uma imagem de si mesmo. Tenciono, nesta comunicação, refletir sobre as fronteiras entre a literatura e a vida em Baudelaire, as linhas de força que constituem seu self-fashioning. Tomo como referencial teórico principal as reflexões da crítica russa Svetlana Boym em sua tese “Death in quotation marks”. Neste trabalho, Boym reflete sobre os mitos culturais que foram construídos sobre quatro poetas muito distintos entre si: Mallarmé, Rimbaud, Maiakovski e a escritora Marina Tsvetaeva. Boym observa como a própria recepção da notícia da morte desses poetas foi impactada por esses mitos culturais que foram difundidos de muitas maneiras. Formulo a hipótese segundo a qual Baudelaire tentou conscientemente instituir uma indistinção entre o “poeta inventado” e sua “vida real”, e que esta indistinção é parte integrante de seu projeto estético e da narrativa do mito cultural do poeta moderno que ele desejava construir a respeito de si mesmo. Este mito cultural se associa à superstição da diferença que o autor tinha enquanto artista - superstição passível de ser resumida no desfecho de “A une heure du matin”: “E vós, Senhor, meu Deus! Concedei-me a graça de produzir alguns poucos versos belos, que provem a mim mesmo que não sou o último dos homens, que não sou inferior àqueles que desprezo!”.

Palavras-chave: Baudelaire; self-fashioning; life-creation; poeta.

1 de agosto

8h30

A AMBIVALENCIA DO HORROR EM MON COEUR MIS À NU, DE CHARLES BAUDELAIRE: DUAS ESTRATÉGIAS DE TRADUÇÃO

Thiago Mattos de Oliveira (USP/FAPESP)

Resumo: Na pesquisa de doutorado (Entre o texto e o não texto: o contínuo do rascunho em tradução em Mon coeur mis à nu, de Charles Baudelaire; processo FAPESP 2015/14677-8), preocupei-me em traduzir Mon coeur mis à nu tendo por base duas dimensões do seu inacabamento: de um lado, sua condição de eterno rascunho, manuscrito não terminado e interminável; de outro, sua desordem constitutiva, isto é, a impossibilidade de ordenar seus “fragmentos” de modo único e sobretudo definitivo. Durante o percurso tradutório, no entanto, também me vi diante de uma problemática que, apesar de secundária no âmbito da pesquisa, mostrava-se não menos relevante: a relação entre ética e tradução a partir de algumas passagens no mínimo “desagradáveis”. Muitas dessas passagens são sexistas, outras supostamente antissemitas,

algumas xenófobas. Tendo por base algumas afirmações tão inaceitáveis quanto “De la nécessité de battre les femmes” ou “Belle conspiration à organiser pour l'extermination de la Race Juive”, vi-me confrontado com uma questão fundamental na prática e nos estudos de tradução: até que ponto o tradutor pode e deve intervir num texto? Haveria uma forma de dizer (isto é, uma forma de escrita tradutória) que não reproduzisse essa forma de ser (isto é, essa forma de significar a mulher, o judeu etc.)? Como pano de fundo das reflexões, recorro aos estudos de tradução (os “atos de tradução” conceituados por Lenita R. Esteves no âmbito da sua pesquisa sobre tradução e ética) e da crítica literária (o horror baudelairiano, o “prazer aristocrático em desagradar” e, como denomina Steve Murphy, a “poética da provocação e da programação”). A fim de traduzir o “horror” e ao mesmo tempo dar a ver certas ambivalências fundamentais da obra baudelairiana, proponho uma dupla estratégia de tradução: primeiro, uma tradução sem estratégias de amortecimento (supressão, atenuação lexical etc.); depois, uma tradução que se aproveita do espaço paratextual e expõe certas possibilidades de leitura para as passagens em questão, relacionando-as à crítica baudelairiana mais recente. Esta comunicação retoma e aprofunda a discussão iniciada no artigo “O prazer aristocrático de desagradar”: ética e tradução no último Baudelaire”, a ser publicado pela Revista XIX (UnB).

Palavras-chave: Ética; tradução; Mon coeur mis à nu; Baudelaire

FELIX PACHECO: PRIMEIRO JARDINEIRO

Ricardo Meirelles (Faculdade Capital Federal)

Resumo: Entre os anos de 1931 e 1933, Felix Pacheco, diretor geral do Jornal do Comércio, publicou periodicamente vários artigos e diversas traduções, suas e de outros tradutores, de diversos poemas do livro *Les Fleurs du mal*, de Charles Baudelaire, além de seis artigos e cinco livros especificamente sobre o poeta francês e sua obra-prima. Essa “onda” baudelairiana, provocada pelo poeta e tradutor piauiense na capital da República (a cidade do Rio de Janeiro), certamente promoveu um importante diálogo entre literaturas, não só, de certa forma, contestando o movimento modernista, eminentemente paulista, mas também mostrando-se acompanhar a vanguarda do pensamento literário internacional. Traduzir e publicar poemas de *Les Fleurs du mal*, nesse momento, parece provocativo e serve como exemplo de resistência a uma estética com poucos rigores formais e mais liberal, que era o Modernismo, ao mesmo tempo em que acompanha uma reabilitação da imagem de Baudelaire na França, alavancada alguns anos antes por Paul Valéry e outros intelectuais. É certo que as importantes publicações de Felix Pacheco no Jornal do Comércio concorreram para suscitar um novo enfoque dessa importante obra francesa e para incentivar outros poetas e críticos brasileiros a dialogarem e se envolverem com ela, especialmente quando diversifica e amplia a sua recepção – visto que os estudos críticos de Felix Pacheco são pioneiros nos estudos da tradução no Brasil ao reunirem, sempre, teoria e prática – e mostrando a força do seu papel, antecipando ainda uma crítica mais relevante e contemporânea, ilustrada por Michel Deguy, Yves Bonnefoy e Walter Benjamin.

Palavras-chave: Baudelaire; tradução; poesia; crítica; Pacheco

13 - AUTOFIGEÇÃO, EROTISMO, SEXUALIDADE E RELAÇÕES DE GÊNERO NA LITERATURA LATINOAMERICANA E OUTRAS LITERATURAS

Coordenação: Telma Borges (UNIMONTES); Sebastião Alves Teixeira Lopes (UFPI)

Resumo: Este Simpósio tem por objetivo propiciar espaço para discussão acadêmica acerca de representações do feminino nos mais diversos gêneros literários, a partir das noções de AUTOFIGEÇÃO, EROTISMO, SEXUALIDADE E RELAÇÕES DE GÊNERO NA LITERATURA LATINOAMERICANA E OUTRAS LITERATURAS. Apesar da grande luta dos movimentos feministas e de maior conscientização acerca das amarras patriarcais e de relações de gênero que insistem em colocar a mulher em situação de inferioridade em relação ao homem, nas sociedades ocidentais contemporâneas ainda persiste entre nós uma tendência de representar o feminino nos mais

variados discursos sociais, de forma a ratificar relações desiguais de gênero, interpelando-o em posições sociais que perpetuam a subalternização da mulher. Compreendemos a literatura como um fenômeno social, capaz de refletir conflitos sociais e tensões ideológicas que muito revelam da própria sociedade onde circulam essas narrativas. O discurso literário, portanto, constitui-se de uma complexa rede de representações que ensejam construções de sentidos que, além de ‘re-apresentarem’ o feminino, interpelam-no posicionando mulheres em espaços sociais pré-determinados, de acordo com ideologias patriarcais e de gêneros hegemônicas. Ou seja, a teoria feminista, em suas diversas formulações, cria condições de possibilidade para se pensar desigualdades nas relações humanas em todo o mundo. A literatura, como uma prática discursiva que nos faz viver, como diria Antonio Candido, é uma das formas de explicitar a permanência desses discursos ou de apontar caminhos possíveis de superação das assimetrias impostas ao modo como o mundo está organizado em termos de gênero. Autoficção, termo utilizado contemporaneamente para referir-se à autobiografia ficcional, teve como precursor Serge Doubrovsky (1977), em seu romance *Fils*. A noção de autoficção, de acordo com esse autor, difere da teoria proposta por Lejeune (2005) na medida em que um autor pode optar por contar sua vida em 1ª ou em 3ª pessoa, utilizando os elementos ficcionais a serviço de uma busca pela autoficção. O gênero, no qual autor e personagem dividem o espaço ficcional transformou-se uma tendência na literatura contemporânea, principalmente entre mulheres que fazem da vida substância narrativa. Quando uma narrativa faz coincidir autor e narrador estabelece um jogo que acentua o disfarce entre esses agentes da narrativa. Um narrador em primeira pessoa, cujo nome é igual ao do autor que assina a capa do livro pode nos levar a, pelo menos, duas hipóteses: uma seria a de que há um relato biográfico ou de que há uma ficcionalização do biográfico; nesse caso estaríamos no terreno da autobiografia ficcional, conforme assinalado por Phillipe Lejeune. Então, como diz Patricia Waugh, “o autor descobre que a linguagem do texto o produz tal como ele produz a linguagem do texto. O leitor é levado a tomar consciência de que, paradoxalmente, o autor está situado dentro do texto (como narrador) da mesma forma em que está situado fora dele (como autor). (WAUGH, 1993, p. 133, tradução minha). Como no desenho intitulado “drawing hands”, de M. C. Escher, há na escrita (meta)autoficcional um duplo movimento: a mão que é sujeito é a mesma que é objeto da escrita. A história contada em primeira pessoa por um narrador que também se autodenomina autor cria uma ilusão de verdade, porque supõe ser vivenciada por aquele que conta. No que diz respeito ao erotismo e à sexualidade, apoiamo-nos em Bataille e em Foucault, respectivamente. Para Bataille, “só os homens fizeram de sua atividade sexual uma atividade erótica, e o que diferencia o erotismo da atividade sexual simples é uma procura psicológica independente do fim natural encontrado na reprodução (...) (BATAILLE, 1987, p. 10); é a exuberância da vida e a consciência da morte, fascinação que domina o erotismo. Foucault (1999) afirma que “[...] a sexualidade é um comutador que nenhum sistema moderno de poder pode dispensar. Ela não é aquilo que o poder tem medo, mas aquilo que se usa para seu exercício. As proibições não são formas essenciais do poder, são apenas seus limites, as formas frustradas. As relações de poder são, antes de tudo, produtivas” (FOUCAULT, 1999, p. 360). Nossa proposta com este simpósio é, portanto, acolher reflexões críticas e teóricas que contemplem o debate sobre a autoficção, o erotismo, a sexualidade e as relações de gênero em literaturas latino-americanas e em outras literaturas.

31 de julho

8h30

CORPO FEMININO, HISTÓRIA E RELAÇÕES DE PODER: INCONTORNÁVEIS FIGURAS KOUROUMIANAS

Maria Suzana Moreira do Carmo (UFU)

Resumo: Abordando diversas dimensões de conflitos sociopolíticos da África subsaariana, os enredos da obra de Ahmadou Kourouma expõem, implacavelmente, os indizíveis males da África tradicional e contemporânea. Ainda que não seja possível identificar nenhuma intenção deliberada de defender ou contestar qualquer desalinho específico entre homens e mulheres, o que vemos em

seus romances são personagens que compõem um cenário propício à interpretação das participações femininas na história recente do oeste africano. No decorrer desta pesquisa, foi possível notar que, embora a obra de Kourouma já disponha de uma sólida fortuna crítica, um estudo sistemático sobre a imagem do feminino que desponta em sua obra ainda permanece um campo pouco explorado. Partindo das análises de Virginie Affoué Kouassi (2004) e de Véronique Bonnet (2006) referentes à identificação de uma tipologia do feminino kouroumiano em sua articulação com uma ficção fortemente ancorada na história da África, apresento, neste trabalho, a análise da materialidade e da circulação, física e simbólica, de corpos femininos africanos pensados a partir de uma realidade subsaariana e desenhados por uma prosa que em momento algum abre mão da circunscrição do terroir e se projetam, ora fragilizados pela violência, ora fortalecidos pelo combate aguerrido contra as violações e os estados de guerra, como peças fundamentais para o esclarecimento de complexos processos históricos do continente africano e das relações de poder que os sustentam.

Palavras-chave: Kourouma; corpos femininos; relações de poder.

A DESOBEDIÊNCIA EPISTÊMICA DE CHIMAMANDA ADICHIE

Telma Borges da Silva (UNIMONTES)

Resumo: Trabalho com apoio financeiro da FAPEMIG O romance *Hibisco roxo*, de Chimamanda Adichie, narra em media res os momentos agônicos na vida de uma família de classe média alta, os quais antecedem a morte do violento patriarca Eugene, lentamente envenenado pela esposa, que é inocentada porque o filho assume o assassinato paterno. No intervalo entre a primeira e a última cena – uma família que regressa da missa e as visitas da mãe e da irmã a Jaja na cadeia – o leitor é inserido no contexto de uma Nigéria tensionada entre o sistema colonial europeu e cristão e os valores tradicionais primitivos e pagãos, principalmente representados pela etnia Igbo. Enugu e Nsukka são os principais espaços onde a trama se desenvolve. Na primeira, vive a família rica da narradora; na segunda, a família pobre de tia Ifeoma, irmã de Eugene. No trânsito entre esses dois cenários, a narradora-personagem Kambili e seu irmão Jaja descobrem o valor da palavra, que nunca lhes fora permitida na casa paterna. O reconhecimento das diferenças material, ideológica e religiosa entre a família da tia e sua própria família faz com que os irmãos adolescentes principiarem um processo de inversão consciente de estruturas que subsidiam o supostamente forte alicerce familiar encarnado na figura paterna. Nosso objetivo com este trabalho é discutir de que maneira Chimamanda Adichie e a narradora praticam uma forma de desobediência epistêmica ao colocarem em prática uma forma de narrar que associa literatura e vida, desembocando no que venho chamando de (meta)autoficção. De modo bastante objetivo, a metaficção pode ser definida como a ficção sobre a ficção, ou como um tipo de ficção que deixa à mostra o processo narrativo. Nas narrativas metaficcionais, essa é uma forma de concretizar a tensão através da desconstrução de modelos pré-estabelecidos. Os textos elaborados sob essa égide descontrolam para reconstruir, firmando o novo sobre o antigo, que é revitalizado, passando a ser visto sob uma nova ótica. É um processo autoconsciente de criação tanto pelo fato de se exhibir o processo da criação quanto pela escrita de si, marca evidente na narrativa da autora nigeriana.

Palavras-chave: (Meta)autoficção; Chimamanda Adichie; *Hibisco roxo*

A REPRESENTAÇÃO DA TRABALHADORA EM PARQUE INDUSTRIAL, DE PATRÍCIA GALVÃO

Taislane Vieira (UNIMONTES)

Resumo: Autora: Taislane Vieira (UNIMONTES)- Bolsista da Capes Orientadora: Telma Borges da Silva (UNIMONTES) Ao longo dos séculos percebe-se que muitas mulheres escreveram, mas poucas foram reconhecidas. A maioria das obras consideradas canônicas e que circulam no meio acadêmico são de autoria masculina; as poucas mulheres escritoras, que conseguiram publicar seus livros nos séculos passados, eram provenientes da classe abastada, algumas tinham familiares que atuavam no meio literário e muitas escreveram com o pseudônimo masculino. O apagamento da escrita feminina é consequência da sociedade patriarcal que, ao longo dos anos, restringiu a atuação feminina ao

ambiente doméstico. Nos séculos XVIII e XIX, mais precisamente, quem exercia o papel de crítico literário era um grupo seleto de homens; portanto, era esse segmento que decidia quais obras mereciam ser exaltadas e quais seriam apagadas. Logicamente, esses críticos reconheciam as obras de seus pares como adequadas e as produções femininas como inapropriadas. Na contemporaneidade, observa-se um esforço para resgatar as escritoras femininas e suas obras do esquecimento a que foram submetidas. Neste contexto, essa comunicação pretende explorar as representações de algumas personagens femininas, encontradas em *Parque Industrial* (1933) de Patrícia Galvão, e suas relações com o campo do trabalho, de forma a contribuir para o dessilenciamento da escrita de autoria feminina. Para refletir sobre a representação da condição social da mulher e sua inserção no mercado de trabalho, pretende-se analisar as personagens femininas a partir dos conceitos de representação social e de gênero, uma vez que o romance traça perfis de mulheres exploradas pela classe burguesa, o que permite debater as representações elaboradas pela sociedade em relação às mulheres proletárias.

Palavras-chave: Autoria Feminina. Gênero. Representação Social

31 de julho

14h30

METAFICÇÃO À DERIVA: RESSEMANTIZAÇÃO HISTÓRICA E ESTRATÉGIAS NARRATIVAS EM RELATO DE UM NÁUFRAGO, DE GABRIEL GARCÍA MARQUEZ

Karla Vivianne Oliveira Santos (UFPI)

Resumo: Dez dias à deriva e finalmente: terra à vista. A verdadeira história por trás do relato de um sobrevivente após um naufrágio foi protagonizada por um marinheiro e um escritor colombianos que, até então, tinham a pretensão de dar voz à realidade não mostrada em jornais e entrevistas feitas anteriormente. O fato histórico da queda de oito tripulantes da marinha de guerra colombiana no mar do Caribe é o plano de fundo de *Relato de um naufrago* (2014), em que Gabriel García Márquez busca dar outro viés à história original, contada pelos militares que governavam a Colômbia durante o regime militar. Anos após o acontecimento, a publicação dessa obra trouxe consequências duras não somente para quem a contara como também para quem a escrevera. Consoante à isso, percebe-se que a narrativa ficcional de García Márquez possui elementos históricos que auxiliam a ressemantizar a versão oficial dos fatos. Mais uma vez, a relação entre Literatura e História é tomada como ponto de partida para a tessitura de grandes obras. Em termos epistemológicos, considera-se que os dois ramos do conhecimento supracitados adquirem força e significação a partir da verossimilhança, muito além do que qualquer verdade objetiva. História e Literatura apropriam-se da realidade de maneira a materializá-la em construto linguístico, transformando-a em narrativa. Tanto o ficcional quanto o histórico possuem formas nada transparentes no que tange a linguagem ou arquitetura, uma vez que parecem ser igualmente intertextuais, encadeando os textos do passado com suas autênticas e complexas textualidades. Sob esta mesma ótica estão convencionados os ensinamentos implícitos da metaficção historiográfica: seus estudos propõem uma consciência explícita da estruturação do texto literário e da relação de colaboração mútua entre autor e leitor para a construção e interpretação de uma obra. Dito isso, este trabalho tem como objetivo principal investigar como os elementos históricos e ficcionais dessa narrativa podem auxiliar na reorganização e ressignificação da versão oficial dos fatos históricos da qual ela se apropria. Para compreender as armadilhas do ficcional presente no texto da obra em análise, buscamos averiguar, à luz dos teóricos que versam sobre a presença dos discursos históricos e do fictício no texto ficcional, quais as estratégias narrativas tecidas por García Márquez em *Relato de um naufrago* (2014), bem como as artimanhas utilizadas pelo autor em sua obra sob as perspectivas da metaficção historiográfica, a fim de explicitar como ocorre a ressemantização do acontecimento histórico em torno do qual a obra está circunscrita. Propomos a discussão das perspectivas teóricas de Hayden White (1991), Luiz Costa Lima (1989), José Carlos Reis (2010), no que diz respeito aos aspectos das narrativas históricas e literárias, bem como as contribuições

teóricas de Linda Hutcheon (1991) e Patricia Waugh (1985) sobre o estudo da metaficção historiográfica. Em nossa análise, podemos notar que a escrita da narrativa de García Marquez proporciona questionamentos sobre si mesma e exige a participação de um leitor experiente, que esteja atendo às estratégias do texto literário e preparado para questionar aquilo que lê, tanto quanto é questionado pela leitura que realiza.

Palavras-chave: Literatura; História; Metaficção; García Marquez.

A REPRESENTAÇÃO DA CONDIÇÃO FEMININA EM VERÃO DOS INFIÉIS DE DINAH SILVEIRA DE QUEIRÓS

Naira Suzane Soares Almeida (UFPI); Margareth Torres de Alencar Costa (UFPI)

Resumo: Explorações recentes mostram o surgimento das relações de gênero como conceito científico que está intrinsecamente ligado à história do movimento feminista e recentemente estudado como ginocrítica. No Brasil apenas nos finais de 1980 as feministas brasileiras se apropriam das discussões de gênero. Nessa perspectiva a autora Dinah Silveira de Queirós, apresenta em Verão dos infiéis (1968), idéias referentes às relações de gênero e poder visualizadas através das ações das personagens, Valentina, Carminho e Elvira. O aprofundamento do estudo relacionado aos diálogos com a história e com as questões políticos-sociais presentes na literatura de Dinah Silveira de Queirós têm relevância, sobretudo quando Valentina, Carminho e Elvira além de fazerem parte da mesma família, constroem suas identidades alicerçadas em conflitos específicos (sociais, sexuais, políticos, existenciais, religiosos), o espaço referenciado na obra é a cidade do Rio de Janeiro e o tempo perpassa pela década de 60. O presente trabalho é uma tentativa de discutir de que forma se dá a transformação de representação da condição feminina na estrutura familiar em “Verão dos infiéis”, de Dinah Silveira de Queirós: sob o olhar das personagens Valentina, Carminho e Elvira. Partindo da hipótese de que as personagens femininas na obra são definidas a partir da função social sancionada para as mulheres de acordo com a ideologia patriarcal dominante. A presente pesquisa é de tipo exploratória e de cunho qualitativa, em que se interpretou o texto literário através dos pressupostos dos estudos feministas e dos sociológicos. Tendo como corpus a obra Verão dos infiéis de Dinah Silveira de Queirós. Nesta perspectiva, se utilizou como instrumento de pesquisa: teses, dissertações, artigos de revistas científicas, fichamentos e resenhas de textos teóricos. Este estudo apóia-se no aporte teórico proposto por Beauvoir (2016), Bourdieu (2010), Candido (2014), Freyre (2013), Lauretis (1994), Motta-Roth e Hendges (2010) entre outros. Conclui-se que existe uma pressuposição prejudicial e autodestrutiva, a de que todas as mulheres devem ter os estereótipos de rainha do lar, a fiel, a submissa, a paciente, a que desiste de seus sonhos para agradar o marido e permanecer no casamento, e que são oriundos dos modelos sociais de sociedades patriarcalistas. Entende-se que as peculiaridades pertinentes às três personagens contribuem para a compreensão da condição social feminina sob a ideologia patriarcal ainda muito presente nesta obra, no entanto as personagens diante dos problemas particulares passam a gerir suas vidas e mostram traços do sistema matriarcal, apesar do construto social (estado, igreja, escola e família) depositar na figura do patriarca uma espécie de “tábua de salvação” ao longo da trama.

Palavras-chave: Literatura; Gênero; Patriarcalismo; Elemento social.

EROTISMO, SEXUALIDADE E RELAÇÕES DE GÊNERO EM "ELE ME BEBEU" E "PRAÇA MAUÁ", DE CLARICE LISPECTOR

Telma Maria Vieira (FATEC ITAQUÁ)

Resumo: Clarice Lispector é reconhecida como uma das grandes escritoras do século XX. Há unanimidade na crítica literária quanto à contribuição relevante de sua obra para inovações na literatura brasileira. Como característica principal, a autora criou personagens que procuram dar sentido à própria existência, por meio do resgate de experiências intuitivas. Concomitantemente, usa o espaço das narrativas para traçar reflexões a respeito do processo de criação literária, estabelecendo diálogo entre realidade e ficção, ou seja, escreve sobre suas personagens ao mesmo tempo em que a respeito de si e sua condição de escritora. Tal processo resulta em obras singulares,

com personagens e enredos fragmentados, construções linguísticas permeadas de imagens simbólicas. Na publicação de vinte e seis obras, encontramos romances, crônicas e contos, além de entrevistas. Toda produção ficcional é considerada como enigmática, com exceção de *A Via Crucis do Corpo*, tratada como obra inferior e, por isso, rejeitada pela crítica, quando foi lançada. Publicada em 1974, é composta por uma coletânea de contos que, ao primeiro olhar, se caracterizam pela temática inovadora da sexualidade, mas que apresentam, ou escondem, elementos que se articulam e encerram conflitos de ordem existencial. Tais questões podem ser encontradas implicitamente nas produções anteriores da autora, datadas desde 1943. Contudo, nessa obra, o corpo e suas exigências primárias são reveladas explicitamente, por meio da construção de personagens consideradas pela sociedade brasileira dos anos 70 como marginais. Destacamos dois contos: “Ele me bebeu” e “Praça Mauá”. Buscamos considerar nos textos analisados o enfoque que Clarice Lispector deu às relações de gênero e manifestações de erotismo e sexualidade, num momento em que tais questões eram consideradas tabus. Como suporte teórico, recorremos à obra *Erotismo*, de George Bataille, cujo conceito denominado “vida interior” ilustra experiências que desequilibram estruturas particulares de vida, como padrões comportamentais assegurados por rígidos códigos morais. Também nos valem dos conceitos de “corpo próprio” e “corpo objetivo”, adotados por Maurice Merleau-Ponty, em *Fenomenologia da Percepção*. Os contos selecionados apresentam personagens em relações conflituosas com a própria existência e os papéis estabelecidos pelo discurso organizado pela sociedade para estabelecer todo comportamento masculino e feminino.

Palavras-chave: erotismo; sexualidade; relações de gênero.

ESQUECIMENTO, MEMÓRIA E REPRESSÃO EM "TROCA D'ARMAS" NA VOZ FEMINISTA DE LUISA VALENZUELA

Lílian Lima Gonçalves dos Prazeres (UFES); Adelia Maria Miglievich Ribeiro (UFES)

Resumo: Esta comunicação é parte da pesquisa de tese de doutorado em andamento, na qual analisamos os deslocamentos das vozes e dos corpos femininos na escrita transgressora da escritora argentina Luisa Valenzuela, no contexto do “Terrorismo de Estado”, como ficou conhecido o período ditatorial (1976-1983), naquele país. O presente recorte da pesquisa concentra-se em um de seus contos, “Troca d’Armas”, no qual escreve ficcionalmente a partir de vivências no período. A voz feminina é o suporte escolhido para contar a história, afastando-se intencionalmente da história oficial e aproveitando para expor os sistemas de opressão de gênero e quebrar tabus. A narrativa, em terceira pessoa, conta a vida de Laura que, desprovida de memória, encontra-se presa num apartamento, vigiada por Martina. Além disso, um homem, oficial argentino, controla a sua permanência ali e de Martina, frequentando regularmente a casa para ter relações sexuais com Laura. Traçamos aqui uma crítica literária que se apoia em contribuições do chamado “feminismo decolonial” e “feminismos outros”, a exemplo de Betty Lerma (2010), Rocío Martín (2013), combinando-as ao pós-estruturalismo de Judith Butler (1998).

Palavras-chave: Luisa Valenzuela; Feminismos; Ditadura; Argentina.

A PRESENÇA DO HOMOEROTISMO NA OBRA EL PÚBLICO DE FEDERICO GARCÍA LORCA

Leandro de Jesus Malaquias (UFU)

Resumo: Este trabalho tem como objetivo contribuir para a criação de um olhar diferenciado sobre o amor homoerótico presente na obra *El Público* de Federico García Lorca. Refletir sobre esse tema talvez seja uma das tarefas mais complexas dentro da literatura. Abordar uma temática tão sensível torna-se um desafio, pois vem acompanhada de tabus que ameaçam e impedem alcançar a profundidade necessária para tal. Na dramaturgia de Federico García Lorca a erotização de seus personagens, é uma sombra que acompanha e influencia o comportamento de todos. Lorca transforma o amor de seus seres de ficção em um sacrifício, em que a violência de um assassinato ou de um suicídio cabe perfeitamente, embora essa violência possa assumir uma característica de libertação. Amor e erotismo conjugados na obra lorquiana nos ajudam a compreender o porquê o poeta exalta o feminino como elemento principal de sua criação dramática. Nela suas

personagens sofrem a união poderosa e arrasadora de um erotismo latente cujo final é sempre trágico. García Lorca foi muito mais que um poeta, foi um hábil prestidigitador da palavra. Alimentado por uma atitude filosófica, por um ideal social e pelo grande conhecimento de temas eternos, em seu mais profundo sentido da vida, do amor, do sacrifício e da morte, o poeta alia a estes temas a presença de um erotismo devastador que assedia o coração de suas criaturas. Razão que nos leva a analisar os elementos que se constelam e enriquecem sua obra dramática.

Palavras-chave: García Lorca; El Público; Amor; Erotismo; Homoerotismo.

1 de agosto

8h30

A TRANSGRESSÃO MORAL EM PERÍODOS DITATORIAIS: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DAS OBRAS FELIZ ANO NOVO DE RUBEM FONSECA E EN OCTUBRE NO HAY MILAGROS DE OSWALDO REYNOSO
Lara Mucci Poenaru (UFPA)

Resumo: Por um lado, as duas guerras mundiais, a revolução russa, a guerra fria, o nazismo, o fascismo, os campos de concentração, a grande crise financeira internacional, a revolução cubana; por outro, os militarismos precedentes, os golpes de Estado, as ditaduras, a pobreza em grande escala. Diversos fatores internos e externos convergiram para criar uma atmosfera propícia de desolação e queda do indivíduo. Os livros *Feliz Ano Novo* (1975), de Rubem Fonseca, e *En Octubre no hay milagros* (1965), de Oswaldo Reynoso, nascem nesse contexto de tristeza e desesperança, dor e angústia, solidão e morte. Dentro dessa perspectiva, nesta pesquisa, busco realizar uma aproximação entre duas obras escritas em contextos ditatoriais que tematizam a cidade em uma perspectiva inaugural, ao articularem ao cenário urbano o crime e a perversão. Provocativas, as produções se tornam uma elegia ao prazer e à delinquência. E é no limiar entre gozo e lei – entre transgressão e limite – que se encontra a essência da moral que resiste a toda monstruosidade daquelas cidades. Interessa-nos compreender como se dá a relação entre moral – tomando como base o conceito de ética proposto por Foucault (2010) e política, explicitamente demarcado por estados de exceção. Como se articulam as dimensões moral e política nos livros estudados? O que implica a opção pela temática e pela linguagem pervertidas em um contexto de violência brutal aos direitos individuais? Por que serem os motivos morais – e não políticos – os operadores apresentados para justificar, a princípio, a censura das obras? A partir das considerações tecidas sobre moral e marginalidade nas obras *En Octubre no hay milagros* e *Feliz Ano Novo*, faz-se necessário adotar uma abordagem metodológica que contemple essa perspectiva. Proponho trabalhar a partir de dois marcos teóricos: Ricardo González Vigil (2008), que elucidará a perspectiva da Geração dos 50; e Antonio Cornejo Polar (2003 e 2008), que faz um histórico da trajetória da literatura peruana. No contexto brasileiro, visa-se utilizar os estudos de Alfredo Bosi (1977), especialmente sua análise sobre a corrente “brutalista”; Antônio Cândido (1976, 2006) trará os aportes sobre a influência dos fatores sociais na composição da obra literária; Marisa Lajolo & Regina Zilbermn (1996) introduzirão a perspectiva do leitor para a discussão. Necessários ainda para o estudo das obras são os trabalhos que dissertam sobre o conceito de moral e transgressão. Nesse sentido, a obra de Georges Bataille (2013, 2014, 2017) alicerça os conceitos de transgressão, literatura autêntica e dispêndio. Os livros de Foucault (1978, 1988, 2001, 2003) dialogam com a obra de Bataille e propõem estudos sobre a ética; o livro de Julio Jeha, Lyslei Nascimento e Laura Juárez (2016) propõe novos olhares sobre a violência e a transgressão; enquanto a tese de Maria Suzete Salib (2001), e os artigos de Diogo Sardinha (2010), Leonardo Pinto de Almeida (2008) e François Warrin (1974) relacionam os estudos de Bataille e Foucault sob a perspectiva literária. Através da bibliografia teórica selecionada poderemos contemplar os aspectos históricos fundamentais para um estudo mais denso sobre a produção das obras. Soma-se a isso uma tentativa de relacionar possíveis leituras de romances anteriores às publicações que possam nos guiar para uma possível filiação na busca pelo caminho percorrido para se chegar a duas obras inaugurais como aquelas. Finalmente,

espera-se realizar um estudo sobre o papel da arte como resistência e sopro de liberdade aos regimes totalitários instaurados no Brasil e no Peru.

Palavras-chave: Literatura Comparada; Transgressão Moral; Censura.

QUE AUTOFIÇÃO É ESTA? O PROCEDIMENTO AUTORREFERENTE EM CÉSAR AIRA

Luana Marques Fidencio (UFU)

Resumo: Pretende-se com este trabalho uma abordagem das relações entre a obra do escritor argentino César Aira e a autoficção. Para tanto, será empreendida uma breve análise do panorama formado pelas principais propostas teóricas que tratam da questão da autoficção, sobretudo nas produções literárias contemporâneas. Do mesmo modo, pretende-se retomar o início do século XX, momento da história do romance em que se apresentam bem-sucedidas propostas narrativas já fundidas e/ou derivadas da primeira pessoa dos próprios autores de literatura. Uma das hipóteses que se pretende por à prova no espaço da presente reflexão trata dos sentidos do gesto de aparente liberdade com que autores de ficção têm operado um deslocamento do eu autobiográfico para o interior do romance. Os desdobramentos desse movimento do eu autorreferenciado para o centro da prosa literária, nas últimas décadas, têm se apresentado sob a designação genérica de autoficção. É interesse ainda desse trabalho refletir sobre quais seriam os elementos capazes de proporcionar a diferenciação entre os romances entremeados com elementos autobiográficos das vidas de seus autores e as autoficções. Assim como indagar sobre as possibilidades do gesto autoficcional significar uma genuína mudança com relação aos procedimentos de autorreferenciação postos em jogo desde Proust, assim como vários outros nomes, no decorrer das experimentações literárias efetivadas ao longo do século XX. Ainda tento em vista o objetivo principal de tratar da configuração que César Aira confere à autoficção em sua obra, será efetivada a análise do seu romance *Como me tornei freira* (2013). A partir da abordagem desse romance de Aira, pretende-se evidenciar o modo como a autoficção esgota as possibilidades de crença na própria verdade autobiográfica, no mesmo movimento em que desestabiliza os limites do ficcional e exacerba o processo de diluição das fronteiras que acomete a literatura, reforçando aquela constatação, da qual tratou Josefina Ludmer (2013), acerca da morte do literário enquanto território autônomo. Nesse sentido, entende-se aqui que essas autofagias da primeira pessoa parecem promover a devoração do que resta de materialidade, de lastro designativo, à primeira pessoa autorreferente. O que, em todo caso, acabaria por comprometer de vez, e talvez em definitivo, os lastros (como os dados comprovadamente autorreferenciados) aos quais se aferraram as narrativas autobiográficas, ainda que no caso daquelas fundidas a formas ficcionais. Nesse sentido, segundo o que acredita aqui, na referida obra de Aira, o modo como é mobilizada a autoficção implica na constituição de um procedimento autorreferente singular capaz de por em movimento uma narrativa ambígua, que se comprova e se impossibilita à medida em que promove a diluição de dados e fatos autorreferenciados na vida do autor César Aira. Pretende-se, por fim, assinalar nesse romance do escritor argentino uma exortação pouco velada quanto aos perigos da crença absoluta na ficção, assim como os perigos da crença no seu contrário, isto é, os perigos da crença na referencialidade contundente prometida pela autobiografia.

Palavras-chave: Autobiografia; Romance; Autoficção; César Aira.

OS ROMANCES DE DARCY RIBEIRO SOB A PERSPECTIVA DA VIOLÊNCIA E DO EROTISMO

Alessandro Aparecido Fagundes Matos (UFMS)

Resumo: Este trabalho tem por objetivo perceber e analisar o erotismo nos romances de Darcy Ribeiro. São eles: *Maíra* (1976), *O Mulo* (1981), *Utopia Selvagem* (1982) e *Migo* (1988). Na literatura do antropólogo, que sempre teve por foco o povo brasileiro e sua formação, é possível perceber o erotismo como recurso estético e político. As personagens, vítimas constantes da violência social, com frequência rompem os interditos reguladores dos discursos externos da sociedade. O resultado desse rompimento nos aproxima da ideia de Georges Bataille (2017), referência teórica acerca do conceito para esta proposta, do gasto inútil. Este é o princípio verdadeiro da economia geral. É por

meio desse que o homem passa da miséria à glória, pois não é necessário produzir e acumular, mas, sim, dissipar a energia já existente sem medida. É este o princípio para entendermos, nos romances do autor em pauta, o erotismo como ferramenta política, pois seus personagens não reprimem a energia erótica – se a contivessem, experimentaríamos uma miserável guerra interior; mais uma somada às resultantes do meio externo – sendo este um possível contradiscurso à violência. Esta hipótese é sustentada e dialogada com a perspectiva de violência apresentada por Jaime Ginzburg (2017), próxima da perspectiva de Nilo Odalia (2017), em que é apresentada e fundamentada no fator social. Ou seja, toda violência é social, institucionalizada e política. Ainda mais, por ser a formação do povo brasileiro marcada pelo período colonial e de escravidão, nossos traumas, o intelectual e escritor, neste caso Darcy Ribeiro e seus romances, tem o papel de produzir memória da violência por meio de personagens subalternos, uma vez que a literatura tem função social na formação da nação. Sendo a violência, com frequência, naturalizada no cotidiano do ser humano e percebida por muitos como princípio organizador da sociedade, ela precisa ser apreendida, exigindo esforço do homem para reconhecimento de sua situação degradante. Os romances em destaque oferecem a incorporação do externo da obra – o processo civilizatório e a formação do povo brasileiro, por exemplo –, que constitui a sua internalidade, fazendo com que o leitor se volte à realidade percebendo a sua condição. A aproximação entre erotismo e violência é justamente por ser esta parte integradora da estrutura harmônica, viabilizando a ordem dos acontecimentos, no processo constitutivo de identidade, orientando princípios e comportamentos. Nesse ínterim, o erotismo, ferramenta política contradiscursiva, quebra a lógica de leis externas nas práticas das personagens apresentadas nas narrativas do antropólogo brasileiro esquecido, no que tange aos seus romances, pela academia e crítica literária.

Palavras-chave: Darcy Ribeiro; Violência; Erotismo.

1 de agosto

14h30

O PÚBLICO E O PRIVADO EM L'INCESTE, DE CHRISTINE ANGOT

Flora Viguini do Amaral (UFES)

Resumo: Desde que o termo autoficção foi cunhado pelo francês Serge Doubrovsky, tal prática tem sido amplamente discutida nos estudos teórico-literários. Em L'inceste (1999), que tornou famosa a escritora francesa Christine Angot, verifica-se a encenação do conflito entre o privado e o público, uma vez que há oscilação entre realidade e ficção, a partir do jogo autoficcional. A autora se coloca em cena e deixa rastros para incitar no leitor o desejo de verificar se as personagens fictícias existem fora do livro, já que nomes reais de membros de sua família são citados exaustivamente na obra.

Palavras-chave: Autoficção; Público; Privado; Angot; França

A IDENTIDADE FEMININA NO CONTO: "A CAMISA DO MARIDO" DE NÉLIDA PIÑÓN

Eliene Cristina Caixeta (IF Goiano - Campus Urutaí)

Resumo: Este estudo tem por objetivo discutir a construção identitária feminina no século XXI por meio da análise do conto "A camisa do marido", de Nélida Piñón. Este conto, além de integrar a obra, também intitula a coletânea nelidiana. Em princípio, é importante ressaltar que temos a forte presença de duas mulheres vivendo em um meio familiar problemático, a saber: Elisa, a mãe; e Marta, a nora, esposa do primogênito. No conto narrado em primeira pessoa pelo narrador e também pelas personagens, o jogo dos significados é formado por uma quota de contribuição de cada uma delas. No decorrer da narrativa fica nítida a rememoração do papel da mulher que manipula e destrói a todos que a rodeiam. A educação dos filhos, ficou a desejar, pois nenhum deles conseguiu afirmar-se como pessoa íntegra, com condutas duvidosas e falhas. O matrimônio da matriarca Elisa, em todos os níveis, fora envolvido pela sedução da figura feminina, convergindo para a tragédia. Em síntese, todo o malogrado foi efetivado devida à influência e culpa das mulheres. Compreendemos também que, Elisa, por sua vez, trata o marido como se fosse material, é ela quem

exerce o poder e seu domínio sobre o homem, inclusive é animalizada, quando das suas características e sexualidade. No fim, dela nada resta, sua voz é, em definitivo, calada, e de sua vida restam apenas ruínas. Desta feita, nesse contexto familiar, a disputa pela herança valorosa circunda os desafetos e conflitos no lar mesmo após sua morte.

Palavras-chave: Identidade feminina; Conto; Nélide Piñon.

DEBAIXO DA PONTE PRETA: PODER, VIOLÊNCIA E A REPRESENTAÇÃO FEMININA NO CONTO DALTONIANO

Maíra Soalheiro Grade (UNILA)

Resumo: A desigualdade entre homens e mulheres constitui um processo construído historicamente, discursiva e simbolicamente, profundamente enraizado em nossas estruturas de pensamento, em nossos discursos e em nossas relações sociais. No conto “Debaixo da Ponte Preta”, de Dalton Trevisan, publicado em *O vampiro de Curitiba* (1998), narra-se a história de Ritinha da Luz. A personagem, de dezesseis anos, negra e empregada doméstica, decide, ao sair do trabalho, caminhar até a casa da irmã Julieta, localizada atrás da Ponte Preta. Durante o caminho, é levada à força por três soldados para um matagal adjacente à linha férrea e, lá, é espancada e violentada pelos três homens – que representam o poder do Estado – além de mais três ou quatro indivíduos. Após o crime, Ritinha, que havia sido abandonada severamente machucada e chorando, é encontrada por um guarda-civil, que a conduz à delegacia. Para efetuar a narrativa da violência, o conto utiliza um estilo de escrita semelhante ao das transcrições de depoimentos em processos judiciais – frases concisas e praticamente desprovidas de emoção, com as vozes dos personagens e do narrador superpostas e entrelaçadas. Durante todo o conto, as vozes dos personagens se entrelaçam e se contradizem na tentativa de explicar a violência praticada. Repete-se, porém, nas diferentes narrativas, a afirmativa de que Ritinha teria sofrido a violência por ter se sentido “seduzida” por um dos soldados, o personagem de nome Durval, e tal fato, na narrativa do conto, se deve apenas ao fato de esse soldado ser loiro. A violência teria partido somente do foguista Miguel, descrito como “moreninho”. A análise do conto também permite identificar uma tentativa dos personagens de diminuir a gravidade do crime que praticaram. Em um dos trechos, o personagem Miguel afirma que praticou o ato com o objetivo de resguardar sua virilidade, como se o estupro fosse justificável se praticado em defesa da honra e da manutenção da dominação masculina. Toda a narrativa é de uma violência impactante, um retrato cruel da violência sofrida por Ritinha, que permanece praticamente silenciada em todo o conto, sem voz, sem direito de escolha, marcada de forma indelével e definitiva por sua sexualidade, violentada e espancada apenas pelo fato de ser mulher e negra. Neste contexto, o objetivo deste trabalho é analisar as relações de gênero, violência e poder representadas no conto “Debaixo da Ponte Preta”, de Dalton Trevisan. Pretende-se, ainda, observar como a representação da personagem Ritinha – mulher, negra, e retratada como responsável pela violência sexual da qual foi vítima – ainda se reflete no imaginário de nossa sociedade e de nossa literatura, demonstrando que as práticas discursivas constituem um meio de renovação, reprodução e corroboração dos processos de dominação sofridos pelas mulheres.

Palavras-chave: Dalton Trevisan; poder; violência; gênero.

AUTONOMIA FEMININA E SEXUAL EM GABRIELA, CRAVO E CANELA E ECOS DAS IDEOLOGIA POLÍTICAS ANTICAPITALISMO

Marta Amado de Moura Melo (UNIFESP)

Resumo: Na presente comunicação almeja-se apresentar uma análise das personagens femininas da obra *Gabriela Cravo e Canela*: crônica de uma cidade do interior, do autor Jorge Amado. Um foco maior será direcionado a Gabriela, sobretudo em relação ao aspecto da autonomia feminina e sexual, buscando traçar relações entre essa autonomia e ecos das ideologias políticas anticapitalistas. O livro foi escrito após o rompimento do autor com o Partido Comunista, tal fato marcaria, para muitos críticos, uma nova fase na escrita do autor, que deixaria de lado o engajamento político-literário para concentrar-se no romance de costumes como aponta

MACHADO, 2014, p.32. A questão a ser demonstrada é se, apesar de deixar o Partido Comunista, ainda permeariam nas obras do autor traços de seus ideais políticos no que tange a evidenciar as desigualdades sociais e a busca de minimizá-las, e ainda se esses ideais podem ser percebidos pela forma do autor retratar a família e a mulher da maneira que o faz no livro.

Palavras-chave: autonomia feminina; ideologia política; Jorge Amado

O EROTISMO: DIÁLOGOS ENTRE CLARICE LISPECTOR E LYGIA FAGUNDES TELLES

Nayara Marylandy Saraiva Novaes (UFU)

Resumo: Nossa pesquisa analisa, por meio da leitura e posterior comparação das narrativas, a confluência temática do erotismo, nos contos “Felicidade Clandestina” e “As Águas do Mundo”, da obra *Felicidade Clandestina* (lançada em 1971), de Clarice Lispector, e nos contos “As cerejas”, narrativa componente da obra *Seleta* (publicada em 1971) e “O Menino”, publicado na obra *O Cacto Vermelho* (de 1949, sendo posteriormente incluído em *Antes do Baile Verde*, de 1970), de Lygia Fagundes Telles. A intenção é relacionar o erotismo ao desnudamento do universo das personagens femininas, sondando, nas referidas obras, o modo pelo qual se esculpe essa sexualidade e recorrendo-se, para isso, à análise da linguagem - ou linguagens – utilizada. Ademais, pretendemos investigar o processo de busca de asserção de identidade das personagens femininas, demonstrando a relevância do erotismo para a evolução do enredo das obras analisadas e para o desenvolvimento do perfil dos personagens, apontando a temática como um dos mecanismos de melhor compreensão da condição feminina e da própria existência humana. Para a consecução dos objetivos apresentados, valemo-nos de uma pesquisa de caráter reflexivo e bibliográfico, tratando de um estudo interpretativo do texto literário, a partir de conhecimentos estruturados sobre o gênero conto e sobre a temática do erotismo.

Palavras-chave: Erotismo; Clarice Lispector; Lygia Fagundes Telles

2 de agosto

8h30

DESEJO, REPULSA E DISFARCE: O HOMOEROTISMO PRIVADO E PÚBLICO EM MÁRIO DE ANDRADE

Eron Rafael dos Santos (UFRGS)

Resumo: O começo do século XX foi um contexto de grandes transformações para aqueles desviantes dos códigos morais impostos pela sociedade. Se de um lado, os movimentos de vanguarda europeus e o movimento literário modernista brasileiro revolucionaram as matérias estéticas e ridicularizaram os costumes de uma elite conservadora, a sexualidade dava passos pra trás, trocando os nomes de seus agentes de repressão, mas não seu conteúdo. O sexo, e em especial a prática homossexual, que até então era vista enquanto pecado nefando ? chamada até o momento simplesmente de “prática da sodomia” (GREEN, 2000) passava agora a ser objeto de estudo da comunidade médica (TREVISAN, 1986). Além disso, a crescente urbanização possibilitaria mudanças dentro da estrutura de funcionamento dos encontros sexuais entre homens no país, uma vez que as então criadas pensões garantiriam disfarce para aqueles das classes mais abastadas e trabalhadoras, enquanto que as crescentes batidas policiais nos espaços urbanos que serviam a esses encontros iria recolher indivíduos das classes mais baixas como objetos para os estudos médicos sobre a sexualidade. Assim, na tentativa de compreender a situação daqueles sexualmente desviantes na época em questão, o estudo debruça-se sobre a obra de Mário de Andrade - figura central na cultura oficial paulistana e personalidade destacada como referência histórica de pensador e ativista cultural, cuja sexualidade foi por tantas vezes assuntos dentro dos meios intelectuais. Para isso, utiliza o poema “Moda dos quatro rapazes” e o conto “Frederico Paciência” como forma de compreender como se dá o desejo dentro das relações ambíguas de amizades entre homens retratadas pelo autor, estas marcadas por elipses, sugestões, máscaras e, principalmente recalques e ambiguidades. Além disso, alinha o poema “Cabo Machado” com o romance inacabado *Café* a fim de analisar como o escritor retrata o desejo homossexual nas grandes zonas urbanas e espaços

públicos, especialmente as personagens que parecem liderar esses ambientes e sua organização. Este último agrupamento marcado pela coexistência entre repressão e desejo, bem como exposição e recolhimento. A relação entre os dois cenários convergem para melhor compreender como Mário de Andrade expõe a questão do homoerotismo e da homossexualidade a partir tanto dos contextos privados quanto em espaços urbanos. Além disso, as formas e escolhas literárias feitas por Mário para retratar o objeto dentro dos dois ambientes dá pista sobre como se organizaram as diferenças constituintes dentro do grupo homossexuais masculino no Brasil, diferenças essas ainda observáveis na atualidade e presentes no decorrer de nossa história enquanto grupo.

Palavras-chave: Homoerotismo ; Homossexualidade; Mário de Andrade

VAI TER LITERATURA DE TEMÁTICA LÉSBICA, SIM! OU DIEDRA ROIZ: EMBLEMA DE LUTA PELA OCUPAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO

Lucelia Lima (UFU)

Resumo: O objetivo desta comunicação é pensar o lugar dos corpos - LGBTQ, e em específico das lésbicas - movendo-se (livres ou não) pela sociedade brasileira, uma sociedade só formalmente democrática, já que constituída pela cultura patriarcal, heteronormativa e homofóbica. Para tal escolhi a autora Diedra Roiz como emblema da luta pelo posicionamento do corpo das lésbicas no espaço público brasileiro. Penso o espaço público a partir da concepção de Hannah Arendt, para quem este é o lugar em que o poder só é efetivado enquanto a palavra e o ato não se divorciam. As palavras e os atos nesse sentido são suscitados para estabelecer relações políticas na perspectiva de que cada um que ocupa esse espaço aparece e expressa o poder que, de outra forma, na concepção da filósofa judia, não se materializaria. Arendt não pensa a democracia como resultado do bom funcionamento das instituições. Sua teoria sobre a democracia está fundada na noção de cultura cívica, isto é, a inserção na esfera pública de vários setores sociais, que sejam capazes de criar um novo tipo de mediação entre Estado e sociedade civil. Parto exatamente desse pressuposto de que a esfera pública é formada, constituída pelos diversos grupos que a compõem. E esses grupos têm sido empoderados na medida em que não se furtam de participar do mundo não na condição de meros consumidores atomizados, mas como categoria que não abre mão da negociação necessária para forjar condições de existência igualitária, digna. Ainda não alcançamos um conceito do universal que realmente inclua todas as populações que por direito desejam ser representadas a partir de suas próprias condições. Contudo a luta diária - nunca mecânica ou dada involuntariamente, mas como resultado de uma franca disputa - tem sido efetivada pelos sujeitos conscientes de suas posições de guerra tanto pelo sentido - ao posicionar o seu corpo como corpo de direito - como guerra pelo discurso. O ganho de espaço, em específico pelo viés da cultura brasileira literária, tem dado mostras de ocupação por esses corpos. O propósito desse trabalho é justamente pensar Diedra Roiz como um desses sujeitos que se colocam no espaço público na condição de escritora, diretora teatral e atriz. Tem doze livros publicados: os romances de literatura lésbica Sempre em meu coração (2017), O suave tom do abismo - reflexão (2016), O suave tom do abismo - absorção (2015), O livro secreto das mentiras e medos (2009), Legado de paixão (2014), Amor às avessas (2015), Amor a qualquer preço (2016), Simples como amor (2017), Luas de Marias (2016) e Assim falou Benedito (2017) – Boleros de papel (2011) e O livro de poesias ama/dor/a (2014).

Palavras-chave: Literatura com temática LGBTQ; Corpo político

DOIS CORPOS EM CONTATO: O IDEAL FEMININO E A MATURIDADE SEXUAL EM O PRIMEIRO BEIJO DE CLARICE LISPECTOR

Luciana Braga (UFC)

Resumo: Pretende-se, nesta comunicação, analisar o ideal feminino a partir da representação de uma mulher por meio de uma estátua de pedra e a maturidade sexual alcançada por um jovem ao beijá-la no conto “O Primeiro Beijo”, de Felicidade Clandestina (1971), de Clarice Lispector. Nesse conto, frente ao enigma do desejo, percebemos claramente o jogo de alteridade feminino e

masculino, assim como as diversas simbologias sexuais em torno da sede insaciável do personagem. Pretendemos analisar a escrita desse conto através da teoria do “corpo erotizado”, de Elódia Xavier (2007) e da definição de FREUD (1915) para “pulsão sexual”. Além disso, a fim de aprofundar teoricamente nossas reflexões, utilizaremos um arcabouço teórico constituído por BATAILLE (1987), BARTHES (2015), SÁ (1979), entre outros, que possam contribuir efetivamente para o cumprimento do propósito deste trabalho.

Palavras-chave: Corpo; Feminino; Beijo; Pulsão sexual; Maturidade.

RELAÇÕES DE GÊNERO EM LYGIA BOJUNGA

Rosânia Alves Magalhães (UFU)

Resumo: Este trabalho reflete sobre Sapato de Salto, de Lygia Bojunga, tomando por base os estudos sobre gênero. A narrativa aborda questões tais como o estupro, o suicídio, o feminicídio, bem como as relações de poder baseadas no modelo de dominação do masculino tradicional. O objetivo deste texto é refletir sobre a ideia de construção do masculino em nossa sociedade e identificar como essas representações das masculinidades contribuem para a discussão sobre a violência simbólica. Segundo Pierre Bourdieu (2011), a sociedade funciona como uma máquina simbólica que confirma a dominação masculina tornando-a dispensável de justificativas diante de posturas machistas. O autor expõe que a divisão social do trabalho é a responsável pela delimitação entre atividades e espaços que cabe a cada um dos dois sexos. Para a filósofa Judith Butler (2003), o gênero é uma produção social, por isso, não deve ser visto como a inscrição cultural de significados num sexo previamente dado, mas como um aparato de produção, no qual os próprios sexos são estabelecidos. Neste contexto, Robert W. Connell (1995) expõe que, quando falamos em política de gênero, deve-se lembrar de que se o gênero é um produto histórico, estará aberto à mudança histórica. E, para que esta aconteça é necessário que esteja aberta ao controle democrático e que se tenha a consciência de que o gênero é moldado e pode ser remoldado. Assim, na concepção deste autor, gênero é a forma pela qual as diferenças sexuais dos corpos humanos são envolvidas nas práticas sociais e tornadas parte do processo histórico. Dessa forma, a masculinidade caracteriza-se como uma configuração da posição do homem na estrutura das relações de gênero. Connell (1995) salienta que falar de uma configuração de prática significa colocar ênfase naquilo que as pessoas fazem, e não naquilo que é esperado ou imaginado. A respeito disso, Pedro Paulo de Oliveira (2004) salienta que as definições do termo masculinidade têm sido insuficientes, no que se refere à sua força de influência histórica, social e cultural. Entretanto, a masculinidade caracteriza-se como um espaço simbólico de sentido, em que se estrutura a hegemonia masculina, ainda bastante valorizada, que serve de bússola de orientação para construções de identidades que modelam comportamentos a serem seguidos. Como aporte teórico referente às masculinidades e às relações de gênero foram selecionados os textos de Robert W. Connell, Pedro Paulo de Oliveira, Judith Butler, Pierre Bourdieu, dentre outros. Esta pesquisa revelou que Bojunga apresenta em suas narrativas um cenário de violência simbólica contra a mulher e a construção estereotipada dos gêneros masculino e feminino, em uma sociedade misógina.

Palavras-chave: Estudos Literários, gênero; masculinidades

TRAÇOS DA ESCRITA FEMININA EM A MADONA, DE NATÁLIA CORREIA: UMA BUSCA PELA LIBERDADE

Bruna Fernanda de Simone (UNESP)

Resumo: Grande nome da literatura portuguesa do século XX, além de grande ativista e política, cuja luta principal era pelo espaço da mulher na sociedade, Natália Correia publica sua obra A Madona em 1968. Nessa, evidenciam-se traços bastante singulares de uma escrita que se destaca de diversas formas: na maneira de trabalhar com o tempo, na composição complexa de suas personagens femininas - em detrimento das masculinas - e na forma subjetiva de lidar com os espaços dentro da história. Todos esses elementos convergem para um tema central dessa obra, a busca pela liberdade, tanto da personagem principal, quanto da própria obra literária, que ganha novas formas,

a partir da escrita de autoria feminina. Pretende-se neste trabalho, portanto, demonstrar, em A Madona, alguns traços que tornam tal obra nataliana um palco para lutas contra o patriarcalismo e contra a condição de submissão feminina.

Palavras-chave: escrita feminina; Natália Correia; narrativa.

14 - CAMINHOS DO NARRAR: ESCRITA CRIATIVA, MÚSICA E CINEMA

Coordenação: Gandhia Vargas Brandão (UnB)

Resumo: Roland Barthes (2011) aponta que “a narrativa está presente em todos os tempos, em todos os lugares, em todas as sociedades; a narrativa começa com a própria história da humanidade; não há em parte alguma, povo algum sem narrativa; todas as classes, todos os grupos humanos têm suas narrativas” (p. 19). Além disso, “a narrativa pode ser sustentada pela linguagem articulada, oral ou escrita, pela imagem fixa ou móvel, pelo gesto ou pela mistura ordenada de todas estas substâncias; está presente no mito, na lenda, na fábula, no conto, na novela, na epopeia, na história, na tragédia, no drama, na comédia, na pantomima, na pintura (...), no vitral, no cinema, nas histórias em quadrinhos, no *fait divers*, na conversação.” (Barthes, 2011, p. 19). Atualmente pequenas multidões se movimentam no mundo em busca de cursos chamados de Escrita Criativa, em tradução literal do inglês (Creative Writing), ou, no Brasil, chamados também de Oficinas Literárias, Oficinas de Criação Literária, Oficinas Narrativas, Laboratórios de Textos, Laboratórios Literários, Laboratórios de Criação Textual ou de Redação Criativa (Disponível em <http://www.laab.com.br/oficina.html>. Consultado em 25/11/2016). Joseph Campbell (2007) aliando o conceito de arquétipo e inconsciente coletivo de Jung com seus próprios estudos chegou à conclusão de que há estruturas narrativas comuns encontradas nas histórias ao redor do mundo, sejam elas de ordem mitológica, ritualística/religiosa, folclórica ou onírica, estruturas com as quais as pessoas se representam individualmente nas suas próprias narrativas, nos seus sonhos. Essas estruturas aparecem até mesmo inconscientemente na maioria das narrativas, independente de o autor ter ou não a intenção de abordá-las. Chega a colocar que é como se a mesma história fosse contada infinitamente de modos diferentes. A partir disso, Christopher Vogler (2009) percebe que a reversa desse raciocínio também é verdadeira, ou seja, pode-se usar essas estruturas e arquétipos conscientemente para mobilizar o inconsciente das pessoas e assim as conectar às narrativas (seja em filmes, livros, games, canções, óperas, etc) por se sentirem representadas. Fazê-las se interessarem pelas histórias e movimentar, portanto, a indústria do entretenimento. Vogler foi consultor de histórias da Disney e professor de construção narrativa. Escreveu o livro *A jornada do escritor*, o qual foi adotado como um dos guias padrão de Hollywood para a arte do roteiro e a revista *Spy* o chamou de “a nova Bíblia da indústria”. Segundo Vogler (2009), Hollywood trabalha com cerca de 150 a 200 histórias por vez, de modo que precisam de algum sistema de seletividade dessas histórias. A leitura de Vogler (2009) a partir da jornada do Herói (Campbell, 2007), juntamente com os arquétipos de Jung, foi um dos modos escolhido por estúdios de Hollywood para selecionar, dentre essa gama de histórias, as que seriam por eles produzidas. E, certamente, foi um método escolhido e mantido por tanto tempo, porque, na perspectiva deles, ‘funciona’, ou seja, faz os investimentos dos estúdios terem um retorno nas bilheterias que corresponde a lucro para as empresas. Mais recentemente, o mundo do marketing tem descoberto que as histórias, as narrativas e seus arquétipos têm potencial para venderem muito mais do que a si mesmas. No festival internacional de criatividade, em Cannes, 2014, nos seminários e debates, segundo Adilson Xavier (2015), os temas que lotavam os auditórios do *Palais* continham o termo *storytelling* no título. Foram onze títulos abordando explicitamente temas relacionados a *storytelling*, além de outros temas que abordaram a questão do *storytelling*, ainda que não houvesse referência no título. Desse modo, conforme aponta Santos (2006) “Nascemos rodeados pelas narrativas. Tudo aquilo que podemos sentir no mundo, tudo aquilo que podemos compreender do mundo, em tudo que somos impelidos a empreender no e pelo mundo se dá a partir das narrativas que herdamos e também pelos relatos daquilo que fazemos. Toda tarefa humana, desde os atos mais ínfimos e impensáveis, até os mais ousados, grandiosos – e por isso mesmo imperdoáveis – carece de narrativas. Temos uma imperiosa necessidade de relatar, contar

ao mundo, acerca de nossos medos, impasses e sonhos.” (s.p.). Diante disso, esse simpósio busca reunir trabalhos ao redor da temática da arte de contar histórias, do narrar o ser no mundo, do ser na própria arte e do próprio fazer artístico. As construções narrativas na contemporaneidade e os diversos modos de circulação e reprodução dessas narrativas.

REFERÊNCIAS:

- BARTHES, R. *Análise estrutural da narrativa*. Petrópolis, Editora Vozes, 7ª ed, 2011.
CAMPBELL, J. *O herói de mil faces*. São Paulo, editora Pensamento. 2007.
SANTOS, G. F. C. Madame Bovary: a paixão, o consumo. *Cerrados (UnB)*, v. 01, p. 79-90, 2006.
VOGLER, C. *A jornada do escritor – estrutura mítica para escritores*. São Paulo, Aleph, 3ª ed. 2015.
XAVIER, A. *Storytelling – histórias que deixam marcas*. Rio de Janeiro, best business, 2ª ed., 2015.

31 de julho
14h30

A JORNADA DO HERÓI DISSIMULADO EM SIMULACROS, DE SÉRGIO SANT'ANNA

Janda Montenegro (UFRJ)

Resumo: Em *Simulacros*, de Sérgio Sant'Anna, acompanhamos a trajetória de quatro personagens (Velho Canastrão, Prima Dona, JP e Vendetinha) que, dentro do livro, simulam ser outros personagens o tempo todo, atuando papéis distintos para os outros (sociedade), entre si (supervisionados pelo Dr. PhD) e para o leitor. Toda a história é centrada no personagem Jovem Promissor, o típico herói - jovem, com um brilhante futuro pela frente, disposto a lutar e a se tornar um grande líder, que recebe uma missão do mentor (Dr. PhD) e a conclui ao término do romance. Porém, em uma narrativa tão cheia de simulações diretas e indiretas, seria JP um herói nato, ou seria ele, na verdade, um herói dissimulado? Até que ponto o autor estaria provocando o leitor a torcer pela personagem, somente para, ao final, reconfigurar toda a trama e deixar no leitor o gostinho de que ele foi enganado? Escrito e publicado nos anos 1970, quando a ditadura militar censurava e destruía as manifestações culturais no país, *Simulacros* faz uso da ironia e do humor como uma forma de resistência. Diferentemente da segurança e da estabilidade social promovidas pela ordem, tal como explana Freud em seu *O mal-estar na civilização*, este estudo propõe-se a uma leitura pelo viés d' *O mal-estar da pós-modernidade*, de Zygmunt Bauman (1997), e em como o valor principal dessa geração – a vontade de liberdade –, nesta história vem atrelada a um inexistente senso de responsabilidade pelos atos oriundos desta dada liberdade, pois, com a desculpa de estarem submetidos a um estudo científico, os personagens ganham a liberdade de agirem e atuarem como quiserem, inclusive nos dois grandes plot-twists do enredo. Partindo dos estudos de Dau Bastos (2009) e (2013), de entrevistas do próprio Sérgio Sant'Anna, e do ensaio de Maria Isaura Rodrigues Pinto (2009), que se interessa pela obra santanniana, entre outros; foram subsidiários também os estudos de: Wolfgang Iser (1996) sobre o ato da leitura e o impacto do texto no leitor pós-moderno e (2013), sobre a questão limítrofe entre o fictício e o imaginário; Silviano Santiago (1989), e sua análise sobre a prosa literária contemporânea no Brasil; de George Lukács (2015), e suas considerações sobre a estrutura e a formação do romance; e Hans Robert Jauss (1994), e sua perspectiva da literatura em oposição à teoria literária. Da digestão literária de tais teóricos, pretende-se estabelecer diálogo entre o romance e a proposta da *Jornada do Herói*, de Joseph Campbell (2007), transparecendo as influências cinematográficas na composição da obra santanniana.

Palavras-chave: Sérgio Sant'Anna; *Simulacros*; narrativa

OFICINA LITERÁRIA DE ESCRITA CRIATIVA: CONCEITUAÇÕES, MÉTODOS E OBJETIVOS

Yan Patrick Brandenburg Siqueira (UFES)

Resumo: A Escrita Criativa tornou-se conhecida a partir de Oficinas Literárias, que têm se espalhado desde 1970 pelo Brasil, e, atualmente, por meio do advento de vários sites que compartilham

técnicas de escrita. Luiz Antonio de Assis Brasil (2015) esclarece que essa expressão, na cultura letrada atual, é aceita como a escrita de uma obra literária de qualquer gênero. É diferente, por exemplo, da escrita administrativa e jurídica. Além disso, a Escrita Criativa é sempre declinada num ambiente de ensino e aprendizagem, seja informal, seja acadêmico. Dessa maneira, o método de uma oficina que pretende ensiná-la seria o de usar técnicas e motivações específicas no campo da criatividade para desencadear a criação do texto literário; e a palavra “oficina” pode ser entendida como a organização de encontros ou de determinado ambiente para ser exercido e praticado um ofício: neste caso, o ofício de escrever criativamente (LAMAS; HINTZ, 2002, p.13). Neste sentido, além de discutir conceitos de “Oficina Literária” e de “Escrita Criativa” a partir dos estudos de diferentes teóricos e de entrevistas de oficinairos, pretende-se descrever e analisar o funcionamento dessas práticas de fomento à escrita no Brasil, investigando os conceitos que gerenciam uma oficina literária, suas possíveis metodologias, seus objetivos e seu alcance. Analisá-las e apresentar uma possível contribuição a sua recepção e à compreensão de seus objetivos depende, antes da observação de suas práticas, estratégias e métodos, de conceituações fundamentais que ajudam a observar melhor sua natureza, seus propósitos e seus resultados. Para isso, investigaremos conceitos como ofício, técnica e forma a partir dos estudos de Ariano Suassuna (2008). Em seguida, traçaremos quatro perfis metodológicos de oficina: a expositiva, a textualista, a oficina avançada e a de caráter integral. Nesse tópico, demonstraremos que o ofício e a técnica abrangem os assuntos possíveis de serem transmitidos, enquanto na forma reside aquilo que somente o oficinairo pode realizar – isso se demonstra na máxima de Henry Miller: “Faça o melhor que puder!”. Ou seja, por mais eficiente que seja o método do oficinairo, há sempre uma parte da literatura não passível de ser ensinada. Assim, sistematizaremos os procedimentos mais utilizados pelos oficinairos, ao menos os dos abordados nesta pesquisa. São eles: Deny Gomes, Marcelino Freire, Marcelo Spalding, Luiz Antonio de Assis Brasil, Roberto Klotz, Noemi Jaffle, Isabel Furini e Alexandre Lobão. Como afirma Dimas Gomez (2015), há uma tradição de compilar e debater a respeito de oficinas em outros países, enquanto que em território nacional parece existir pouca discussão sobre o assunto e, especialmente, são escassos os debates sobre suas metodologias e seus dispositivos teóricos. Espera-se, portanto, contribuir para uma área de estudo pouco investigada e apresentar uma visão do escritor como aquele para quem a produção artística é fruto de um trabalho árduo, vinculado ao estudo, à dedicação e, sobretudo, à paciência com a maturação de sua obra.

Palavras-chave: Oficina Literária; Escrita Criativa; Escritor.

ESTUDOS EM ESCRITA CRIATIVA

Patrícia Gonçalves Tenório (PUC-RS)

Resumo: O objetivo do presente trabalho é apresentar os Estudos em Escrita Criativa que estão acontecendo em 2018. Nascido em agosto de 2016 na capital pernambucana, o grupo se propõe a investigar teóricos da literatura e outras áreas de conhecimento (psicanálise, filosofia, semiótica, história) e outras artes (cinema, teatro, artes plásticas, música, fotografia), para, a partir da teoria, provocar a construção de textos ficcionais, poéticos e ensaísticos. Em 2017, em parceria com a PUCRS e a XI Bienal Internacional do Livro de Pernambuco, e com a presença de escritores gaúchos – Prof. Luiz Antonio de Assis Brasil, Valesca de Assis, Gustavo Melo Czekster, Alexandra Lopes da Cunha, María Elena Morán, Daniel Gruber, Luís Roberto Amabile, Guilherme Azambuja Castro –, e escritores pernambucanos – Profs. Maria do Carmo Nino, Lourival Holanda e Robson Teles, Adriano Portela, André Balaio, Sidney Nicéas, Cida Pedrosa –, realizamos o I Seminário Nacional em Escrita Criativa de Pernambuco. Com a boa receptividade do Seminário, ampliamos o projeto inicial e propomos encontros temáticos (o tempo, o mito, a viagem, a música, o amor, o sonho, a imagem, o fogo) e mensais, nas cidades de Recife – PE e Porto Alegre – RS, e dividimos em três partes. Na primeira parte, trazemos teóricos referentes ao tema abordado. Na segunda parte, realizamos exercícios práticos de desbloqueio. Na terceira parte, convidamos escritores locais para falarem de seus processos criativos. No primeiro estudo de caso desta comunicação, apresentaremos os teóricos dos encontros sob a temática do mito, Yuval Noah Harari (Sapiens – Uma breve história da

humanidade), André Jolles (Formas simples – Legenda, saga, mito, adivinha, ditado, caso memorável, conto, chiste), Aristóteles (Poética), e alguns textos resultantes dos exercícios de desbloqueio com os participantes de Recife e Porto Alegre. No segundo estudo de caso, apresentaremos os teóricos dos encontros sob a temática da viagem, Michel Onfray (Teoria da viagem), Joseph Campbell (O poder do mito), Christopher Vogler (A jornada do escritor: estruturas míticas para escritores), assim como alguns textos resultantes dos exercícios de desbloqueio com os participantes das duas cidades que estamos trabalhando. No encontro sobre o mito, descobrimos em Harari que o homo sapiens, para agrupar mais de cento e cinquenta indivíduos com o mesmo objetivo, necessita de uma narrativa em comum, uma ficção. Um mito. E, no encontro sobre a viagem, investigamos essa necessidade humana do deslocamento, desde os tempos imemoriais, quando Caim, agricultor-sedentário, e Abel, pastor-viajante, lutam pelo controle da narrativa de um dos livros mais antigos e imprescindíveis para quem escreve na literatura ocidental: a Bíblia.

Palavras-chave: Mito; Viagem; Escrita Criativa.

A MEMÓRIA E A TÉCNICA NO PROCESSO CRIATIVO DA NARRATIVA FICCIONAL

Guilherme Azambuja Castro (PUC-RS)

Resumo: O escritor é um ser que observa o outro e a si mesmo. Ele recorda e também imagina. Relacionando os eventos que ocorrem dentro e fora dele, diz Fayga Ostrower, o artista “os configura em sua experiência do viver e lhes dá um significado” (OSTROWER, p. 9). Cecília Almeida Salles chama essa busca de Processo de Conhecimento: “o instante em que o artista vai tateando o mundo com olhar sensível e singular” (SALLES, p. 127). Em meu projeto de tese de doutoramento em Escrita Criativa, na PUCRS, venho elaborando um livro de contos, e um ensaio reflexivo sobre seu processo criativo. Será um conjunto de relatos curtos, os quais terão como temática a solidão. Os contos relacionam-se entre si na medida em que representam o isolamento de uma determinada geografia: a minha cidade natal, localizada ao extremo sul do Brasil. A obra deverá se chamar Topografias da solidão. Em meu processo criativo, lido permanentemente com a invenção e a memória, com a técnica narrativa e o exercício autobiográfico. “Escreve-se, inevitavelmente, a partir da memória”, diz Ana Teresa Torres, em *La memoria móvil: entre el odio y la nostalgia*. Mas escrever a partir da memória não é suficiente. Sem a técnica, o relato não tomará uma forma comunicável. Assim, apesar de reconhecer a importância das concepções de Edgar Allan Poe e Julio Cortázar sobre o conto, em meu trabalho não pretendo defender regras consagradas. Entendo que o conto é um gênero vivo e, por isso, aberto. Novas descobertas estéticas ainda ocorrem. No começo do século XX, Katherine Mansfield, em *Euforia*, já teria demonstrado que, num conto, a trama pode se desenvolver apenas no interior de um personagem. Não à toa o trabalho de Mansfield é trazido, em 1969, como exemplo de conto lírico, por Eileen Baldeshwiller. No século XXI, Alejandro Zambra, com os contos reunidos no livro *Meus documentos*, parece demonstrar que mesmo a unidade de efeito de Poe pode ser revista quando são as imagens da memória que guiam o relato. Como comunicação no congresso da ABRALIC, proponho uma reflexão autoral sobre o processo criativo de um dos contos – deve chamar-se *Todo esse tempo* – que constituirá o livro *Topografias da solidão*. Nesse conto, para a elaboração da trama e da subjetividade do narrador, uso lembranças de infância. Por essa razão, entendo-o como pertinente à discussão aqui proposta: a memória e a técnica no processo criativo da narrativa ficcional.

Palavras-chave: Escrita criativa; Processo criativo; Memória.

1 de agosto

14h30

NARRATIVA TRANSMIDIÁTICA: AS TRANSFORMAÇÕES DAS ESTRATÉGIAS NARRATIVAS ROMANESCAS COM O ADVENTO DAS MÍDIAS DIGITAIS

Vanessa de Carvalho Santos (UFPI)

Resumo: Transmídia é tudo aquilo que move-se de uma mídia para a outra. Destacamos, a exemplo das relações entre mídias, as adaptações de histórias em quadrinhos ou das peças de Shakespeare, que podem ser vistas no cinema, em animações, assim como em seriados de TV ou até mesmo as narrativas presentes na bíblia que vêm sendo retratadas, no decorrer da história, em pinturas e adaptações televisivas. Todavia, a narrativa transmidiática difere-se da adaptação. Trata-se de uma mesma história que se desdobra por meio de múltiplas mídias e não de uma mesma história em diferentes mídias. O termo narrativa transmidiática – no original transmedia storytelling – ganhou atenção dos estudiosos no trabalho de Jenkins (2008). O autor explica que há algum tempo as novas e velhas mídias conversam, mas o que era antes pensando para apenas um meio, agora é pensado para múltiplas plataformas, visando o público atual. Para melhor compreensão de como esta forma de narrativa atua, podemos imaginar uma história em que o primeiro capítulo seja contado através de um vídeo no youtube – chamaremos essa de plataforma principal – o segundo pode ser encontrado na forma de revista em quadrinhos – plataforma secundária –, o terceiro capítulo retorna ao youtube, mas o quarto seja contado em um jogo online e assim por diante. A narrativa transmidiática projeta a ideia que exista um universo ficcional a ser explorado e a audiência precisa imergir nesses mundos – plataformas – chegando até mesmo a envolver-se com ele para que o entendimento da história seja efetivo. Isto ocorre por intermédio dos fóruns na internet – muitas vezes disponibilizados pelos próprios criadores da narrativa – para discutir os pedaços das histórias e como estas se conectam. Estamos diante de uma estratégia que fragmenta a narração em texto, imagem e som, mas que caminha pari passu para uma união que dá sentido a história. Todavia, esta não é a primeira vez que a maneira de contar história tem mudado. De acordo com Rose (2011) todo avanço importante na área das telecomunicações deu origem a um novo formato de narrativa, desde a imprensa com o surgimento do romance nos séculos XVII e XVIII até a televisão com o a criação da sitcom. Posto isto, à luz dos estudos de autores como Aguiar e Silva (2006), Murray (2003) e Von Stackelberg (2011), este trabalho tem por finalidade discutir as transformações das estratégias narrativas do romance com a chegada das mídias digitais, através desta nova forma de narrativa alcunhada como transmidiática.

Palavras-chave: Transmídia; Estratégias; Narrativas romanescas

UM TRAJETO DA NARRATIVA OPERÍSTICA

Gandhia Vargas Brandão (UnB)

Resumo: Ópera e narrativa, dois gêneros da atividade humana cumprindo juntas o papel da arte de contar histórias, narrar o ser no mundo, o ser da própria arte e do próprio fazer artístico. Pretende-se problematizar o ser da narrativa textual a partir do romance "A Dama das Camélias", de Alexandre Dumas Filho, em relação ao ser da ópera enquanto narrativa musical com a música de Giuseppe Verdi em sua obra "La Traviata" para a qual o romance de Dumas inspirou o libreto. Visto que filosoficamente a música é considerada algo que antecede a razão e linguisticamente algo que antecede a linguagem, pois é a coisa em si, mostrar-se-á o lugar da narrativa textual na narrativa musical e seus respectivos encaixes na associação romance-libreto-música. Fazendo valer a teoria dos gêneros infinitos de Mikhail Bakhtin em contraponto à gramática da narrativa proposta por Tzvetan Todorov em "As Estruturas Narrativas" com acréscimo de Aaron Smuts e seu artigo "Story Identity and Story Type" em que questiona a possibilidade de se contar a mesma história, ou seja, narrar, via diferentes mídias colocando a modificação do meio como elemento de interferência e problematizando a própria categoria de narrativa, apresenta-se a ópera como possibilidade literária, o que nos leva diretamente à questão da ontologia da música. Tendo vivido o período de transição musical do classicismo para o romantismo, Arthur Schopenhauer, conhecedor e admirador dessa arte, absorve os resultados das produções de ambos os períodos e transpõe a linguagem musical para seu pensamento de modo a construir uma metafísica da música. Seu conceito de Vontade, encontrado em "O Mundo como Vontade e Representação", está intrinsecamente relacionado à dor. A Vontade é sofrimento e este tem somente a possibilidade de ser aliviado momentaneamente através de sua eliminação que, por sua vez, só pode se dar através da contemplação artística, sendo

a música exaltada como arte universal por ultrapassar qualquer limitação individualizante. A grandiosidade e universalidade da música, para Schopenhauer consiste justamente no fato de ser capaz de atingir a todos, inclusive os menos dotados de sensibilidade. Isso porque a música reproduz a própria Vontade, enquanto as demais artes reproduzem ideias. Por isso, no caso da ópera ou da canção, a música jamais perderia sua supremacia em relação à poesia ou à narrativa, ou seja, os textos que fazem igualmente parte de sua constituição. Pois a música é a coisa em si enquanto o texto traz ideias consigo. Sendo assim, “La Traviata” é veículo para “A Dama das Camélias” existir musicalmente ou a mídia, nesse caso, a ópera, o suporte, modifica a narrativa e a transforma tornando-a um outro ser?

Palavras-chave: Literatura; Ópera, Narrativa.

AUTENTICIDADE E A FINALIDADE DA ARTE

Igor Sampaio Felismino (UFPI)

Resumo: Criatividade e imitação, nos tempos atualmente vividos (que comumente se denominam “pós-modernos”), constituem, numa metáfora cuja utilidade será situar as manifestações empíricas do problema, o vermelho e o violeta do espectro cromático. Em primeiro lugar, visualizem a intensificação das leis a respeito de direitos autorais, com acusações e processos de plágio que se popularizam, num contexto em que muitas obras de arte são produzidas com o intuito de gerar lucro e, portanto, exigem uma proteção de sua utilização. Por outro, visualizem a enxurrada de obras fabricadas em processo de “cadeia de montagem”, principalmente no mundo cinematográfico, seguindo os esquemas da assim chamada “jornada do herói”, descrita por Joseph Campbell (2007). Em tal cenário, cabe indagar exatamente qual a situação atual do conceito de originalidade, e como as relações entre obras de arte podem ser encaradas após seu esclarecimento. Tendo em vista que não acreditamos em conceitos ideais e imóveis, que moldam a matéria sensível e mutável, e, portanto, não acreditamos na concepção racional de obra de arte de Hegel como um monumento realizado da única forma possível, chegamos a uma concepção de arte que pode sofrer mutações, já que não se encontra mais revestida de uma aura mística, conforme Walter Benjamin (2012). “Nothing is original. Steal from anywhere that resonates with inspiration or fuels your imagination (...). Authenticity is invaluable; originality is non-existent” (JARMUSCH, 2004). Intrinsecamente ligada a esta, encontra-se também a discussão a respeito da finalidade, do “objetivo” da Literatura, ou mesmo da Arte em geral. Seu objetivo é apenas entreter? Então por que não “roubar” de fontes interessantes a fim de, utilitariamente falando, aumentar o potencial de entretenimento da narrativa? Seu objetivo é criar dissonâncias e modos de vida mais leves para quem teve sua identidade negada (pensamento que se coaduna com o espírito do simpósio 62)? Então, qual o problema de colher estratégias que deram certo em outros contextos e adequá-las aos novos objetivos? Seu objetivo é elevar o espírito (expressão que soa perigosamente antiquada, mas que vai ao encontro do que pensa o autor deste texto)? Então, por que todos os escritores do mundo, vivos e mortos, não se dão as mãos, esquecem o “orgulho” associado à ideia de “originalidade”, e não deixam que suas ideias sejam aproveitadas e moldadas por outros, visando aos fins “altruístas” de serem produzidas continuamente obras cada vez mais “eficientes” na elevação do espírito (seja lá o que signifique isso)? São questionamentos como esses que servirão como motores para o objetivo do presente trabalho, que é construir uma concepção mais ou menos coerente de “autenticidade”, para se usar a palavra que Jim Jarmusch escolheu a fim de representar o valor fundamental da Arte.

Palavras-chave: Criatividade; Imitação; Originalidade; Autenticidade

UM POVOADO DENOMINADO TOPE: ENTRE HISTÓRIAS E ESTÓRIAS, UMA ESCRITA CRIATIVA?

Josué Rodrigues Frizon (UFRGS)

Resumo: O presente trabalho pretende apresentar um relato de escrita criativa, que vem ocorrendo a partir de uma pesquisa de campo, realizada no interior do Rio Grande do Sul. Inicialmente, através de um pequeno baú de lembranças, o autor deste trabalho revela um pouco da história de um antigo povoado e de parte de seus habitantes. " Sabe, o Tope tem muita história para contar. Eu não

sei exatamente como isso acontece. Mas importantes documentos e imagens chegaram às minhas mãos nos últimos anos. Muitas pessoas vieram falar comigo, para contar algo ou pedir informações. Parece mesmo que algumas vezes o universo conspira a nosso favor. Nesse caso, parece ter conspirado em favor, principalmente, da memória do povoado." Em meio a descrições, recordações de narrativas orais, pesquisas bibliográficas, caderno de anotações, antigas fotografias, memórias de sua avó e de outros personagens reais o texto vai se construindo. Os caminhos da escrita deste trabalho não podem ser definidos com grande facilidade. Se trata de um caderno de anotações, diário, obra historiográfica ou literária? Algumas certezas são expressas pelo autor na tentativa de dialogar com seus futuros leitores: "É engraçado como a nossa vida é permeada por folclore, lendas, causos, imaginação, memórias, fatos extraordinários. Seja lá como for e deem a denominação que desejarem, eu resolvi dividir com todos os amigos e a quem interessar um pouco das minhas pesquisas. Eu desejo que vocês se surpreendam. E que assim como eu, se emocionem. Desejo mais. Que esse pequeno trabalho sirva para percebermos a importância do nosso passado. Que pelas minhas palavras ecoem as vozes do Manoel, do Alexandre, do Saturnino, do Rodolpho, do Luiz, do Capitão Albuquerque e de tantos outros que aqui chegaram." Ao desvendar um pouco da vida de homens e mulheres do campo, a história do povoado vai sendo registrada. "Por muito tempo venho guardando lembranças, documentos, pequenas investigações e objetos sobre o lugar que me viu crescer. Caro leitor, não quero aqui, e nem tenho a pretensão, de fazer com que esse material se constitua em uma fonte apenas de ordem historiográfica. Meu desejo é e sempre será o de resgatar também as memórias de minha avó, de suas amigas e de tantos outros anciãos da nossa comunidade." A referida pesquisa acaba sendo direcionada para a figura de um professor: Maneco Schell, primeiro alfabetizador da localidade. A partir de então, faz-se uma investigação a respeito de sua biografia e, tendo em mãos parte de sua pequena biblioteca, observa-se as leituras que realizava. Em andamento, o objetivo desse trabalho é discutir os caminhos dessa escrita e a importância deste trabalho para um pequeno povoado e seus habitantes. "Temos muita história para contar..."

Palavras-chave: Narrativa-Literatura-História

DEAR WHITE PEOPLE - UM DEBATE POLÍTICO POR MEIO DA NARRATIVA IMAGÉTICA

Thayza Alves Matos (UnB)

Resumo: Falar de um contexto americano é sempre complexo, e quando tratamos da diáspora negra, torna-se ainda mais peculiar. Pensando no contexto norte americano, nos voltamos para a série streaming Dear White People (2017) de Justin Simien, para realizar algumas reflexões sobre a questão das relações raciais assim como a retomada desse debate por meio de obras cinematográficas, televisivas e streaming contemporâneas. Observa-se que nos últimos anos, tivemos produções – Selma (2014), The Black Panthers (2015), The Get Down (2016), I'm not your negro (2017), para citar algumas – que colocam o negro e suas múltiplas vivências no centro da questão, saindo de um local de coadjuvante que há muito perdurava nesses tipos de produções. Dear White People aborda a questão do racismo em um ambiente muito particular, que levanta a bandeira de ser uma instituição pós-racial. Buscamos refletir como as questões levantadas pela série são configuradas por meio de uma combinação muito interessante entre entretenimento e política em debate com a construção de espaços de poder, tanto ficcionais quanto oficiais. Assim, procuraremos analisar a construção estética de que esse debate imagético pretende nos falar, de discursos que por muito tempo foram silenciados.

Palavras-chave: Entretenimento; Política; Narrativa; Negro

15 - CEM ANOS DE URUPÊS: A OBRA DE MONTEIRO LOBATO NO CENTENÁRIO DE SUA ESTREIA EM LIVRO

Coordenação: Emerson Tin (Facamp); Milena Ribeiro Martins (UFPR).

Resumo: O ano de 2018 é auspicioso para o desenvolvimento dos estudos acerca da obra de Monteiro Lobato (1882-1948). Completa-se, neste ano, o centenário de publicação de *Urupês*, primeiro livro de Monteiro Lobato assinado com seu nome. (No mesmo ano, publicou também *O Saci-Pererê: resultado de um inquérito*, assinado “por um demonólogo amador”.) Com essa coletânea de contos também teve início sua atividade editorial. *Urupês*, como se sabe, deve seu título ao artigo homônimo publicado no jornal *O Estado de S. Paulo* em 1914. Nesse artigo, o então fazendeiro direcionava toda a sua verve contra aquele que considerava um símbolo do atraso nacional: o caboclo, encarnado na figura de Jeca Tatu.

O livro já foi considerado o primeiro *best-seller* brasileiro: somente em 1918, foram três edições sucessivas, a partir de julho, somando sete mil exemplares. O pé de vento (nas palavras do próprio Lobato) foi alavancado ainda mais após a conferência de Rui Barbosa, então candidato à Presidência da República, intitulada “A questão social e política no Brasil”, em janeiro de 1919. Logo na sua abertura, Rui Barbosa citou a personagem, o livro e o autor: “Conheceis, porventura, o Jeca Tatu, dos *Urupês*, de Monteiro Lobato, o admirável escritor paulista?”

Em 1943, o jubileu de prata de *Urupês* foi celebrado por meio de edições especiais, artigos e notas na imprensa, consignando, então, a importância dessa obra no sistema literário brasileiro.

O ano de 2018 marca também os setenta anos da morte do escritor, falecido em 4 de julho de 1948, o que traz, assim, uma importante consequência para o mercado editorial: a entrada da obra de Monteiro Lobato em domínio público a partir de 2019, de acordo com a legislação vigente.

Essas duas efemérides servem como mote para a proposição deste simpósio, que tem como objetivo congrega novas pesquisas sobre a obra do escritor, editor, crítico e tradutor, com especial atenção para aquelas que permitam sua compreensão contextualizada, sua inserção num panorama histórico-cultural brasileiro e internacional e a constante reavaliação de sua dimensão na realidade sociocultural brasileira dos últimos cem anos.

A progressiva disponibilização de documentos e periódicos em plataformas virtuais – de que são exemplos a Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional e a Hemeroteca da Biblioteca Digital Unesp –, bem como em acervos físicos, como o da Biblioteca Monteiro Lobato, em São Paulo, e do Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulálio – CEDAE –, na Unicamp, em Campinas, que guardam e organizam documentos das mais diversas naturezas (manuscritos, datiloscritos, fotografias, pinturas e objetos), proporcionando, assim, o acesso a fontes primárias associadas à vida e obra do escritor, tem contribuído para a produção de pesquisas a respeito da produção e recepção de sua obra, abrangendo não apenas os livros publicados, mas também sua correspondência inédita e outras facetas do escritor, como a de fotógrafo e pintor, bem como à compreensão do funcionamento do sistema literário nacional na sua época.

A entrada em domínio público da obra de Monteiro Lobato é também motivo para se pensar em profundidade quanto aos vínculos entre sua obra e questões teóricas e sociais contemporâneas – associadas à recepção de sua literatura em situações escolares e em outras esferas sociais.

Nesse sentido, serão aceitas para este simpósio comunicações que coloquem em pauta novos olhares sobre a obra lobatiana, considerando sua longevidade e sua iminente entrada em domínio público.

REFERÊNCIAS:

AZEVEDO, Carmen L. de.; CAMARGOS, Marcia; SACCHETTA, Vladimir. *Monteiro Lobato: um furacão na Botocúndia*. São Paulo: editora Senac São Paulo, 1997.

BIGNOTTO, Cilza. *Novas perspectivas sobre as práticas editoriais de Monteiro Lobato (1918-1925)*. Tese Doutorado. Campinas: Unicamp, 2007

CHIARELLI, Tadeu. *Um Jeca nos vernissages: Monteiro Lobato e o desejo de uma arte nacional*. São Paulo: Edusp, 1995.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. Trad. Maria da Penha Villalobos e Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: T.A. Queiroz; Edusp, 1985.

LAJOLO, Marisa; CECCANTINI, João Luís. (Orgs.). *Monteiro lobato, livro a livro*: obra infantil. São Paulo: Editora Unesp e Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008.

LAJOLO, Marisa (Org.). *Monteiro Lobato, livro a livro*: obra adulta. São Paulo: Unesp, 2014.

LUCA, Tânia Regina de. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*. São Paulo: Editora Unesp, 1999.

MARTINS, Milena Ribeiro. *Lobato edita Lobato*: história das edições dos contos lobatianos. Tese de Doutorado. Campinas, Unicamp, 2003.

TIN, Emerson. *Em busca do "Lobato das cartas"*: a construção da imagem de Monteiro Lobato diante de seus destinatários. Tese de Doutorado. Campinas, Unicamp, 2007.

31 de julho

14h30

UM BÓLIDE NA TABA: A HISTÓRIA DE URUPÊS NAS CARTAS DE MONTEIRO LOBATO

Emerson Tin (FACAMP)

Resumo: Em 4 de abril de 1911, assim se manifestava o então desconhecido Monteiro Lobato (1882-1948) em carta a Godofredo Rangel (1884-1951), publicada em *A barca de Gleyre*, a respeito de seu eventual ingresso no mundo das letras: “Essa história de vir com o primeiro livrinho e submeter-se à piedade da crítica, e ouvir que somos uma ‘bela promessa’, isso não vai comigo. Ou entro e racho, ou não entro nunca. A coisa há de cair na taba como um bólido.” (LOBATO, 1964). O bólido cairia na taba em julho de 1918, com a publicação do livro *Urupês*, alçado à fama pelo célebre discurso de Rui Barbosa em sua campanha a presidente da República em janeiro de 1919, o que levaria a sucessivas edições em um período de poucos meses, como constataria em carta, também a Godofredo Rangel, datada de 20 de abril de 1919: “O discurso do Ruy foi um pé de vento que deu nos Urupês. Não ficou um para remédio, dos 7.000! Estou apressando a quarta edição, que irá do oitavo ao décimo segundo milheiro. Tiro-as agora aos quatro mil. E isto antes de um ano, hein? O livro assanhou a taba – e agora, com o discurso do Cacique-Mor, vai subir que nem foguete.” (LOBATO, 1964) O objetivo desta comunicação é, assim, traçar o histórico de *Urupês* a partir da correspondência de Monteiro Lobato, desde a criação de alguns de seus textos até seu meteórico percurso editorial, observando-se os bastidores da criação de alguns de seus contos, a gestação e a circulação do livro de estreia do escritor, bem como sua recepção pela crítica, digerida em alusões nas cartas do criador do Jeca Tatu.

Palavras-chave: Monteiro Lobato; *Urupês*; correspondência

MONTEIRO LOBATO, EDITOR EM PERSPECTIVA: ROMANCES E CONTOS BRASILEIROS DOS ANOS 1920

Milena Ribeiro Martins (UFPR)

Resumo: Dando continuidade às pesquisas de Laurence Hallewell (1985) e Cilza Bignotto (2007) a respeito do editor Monteiro Lobato, apresentarei nesta comunicação uma análise quantitativa e elementos para uma análise qualitativa da publicação de livros de ficção pelas editoras em que Lobato atuou. As diferentes empresas dirigidas por ele ou em que ele teve participação ativa receberam os nomes de: Edições da Revista do Brasil, Monteiro Lobato & Cia., Companhia Gráfico-Editora Monteiro Lobato e Companhia Editora Nacional. Pretende-se colocar em perspectiva as edições dessas empresas com relação às de outras editoras espalhadas pelo país. Esse mapa das editoras e o traçado comparativo entre suas produções tem por intuito dar a conhecer a quantidade de romances e contos brasileiros publicados em livro na década de 1920 e compreender algo do significado das editoras na produção e distribuição de literatura nesse período. Nosso recorte – e portanto nossa limitação – são os gêneros romance e conto. Elegeu-se a década de 1920 para esta pesquisa por se tratar de um momento crucial para a consolidação do sistema editorial brasileiro, no que diz respeito às edições de obras literárias e à sua circulação. Como se pode perceber, trata-se de uma pesquisa que atua dentro dos limites da História do Livro, interessada portanto pelos textos literários, pela materialidade gráfica dos livros, por sua circulação e recepção. Referências

bibliográficas: BIGNOTTO, Cilza. Novas perspectivas sobre as práticas editoriais de Monteiro Lobato (1918-1925). Tese Doutorado. Campinas: Unicamp, 2007. DARNTON, Robert. "O que é a história do livro (revisitado)" in ArtCultura, Uberlândia, v. 10, n. 16, p. 155-169, jan.-jun.2008. GENETTE, Gerard. Paratextos editoriais. Tradução de Álvaro Faleiros. Cotia/SP: Ateliê Editorial, 2009. HALLEWELL, Laurence. O livro no Brasil: sua história. Trad. Maria da Penha Villalobos e Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: T.A. Queiroz; Edusp, 1985. LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. A formação da leitura no Brasil. São Paulo: Ática, 1996.

Palavras-chave: História do livro; edição; Monteiro Lobato

VÁRIOS MONTEIROS E MUITOS LOBATOS

Marisa Lajolo (Universidade Presbiteriana Mackenzie / UNICAMP)

Resumo: VÁRIOS MONTEIROS E MUITOS LOBATOS Alguns documentos relativos a Monteiro Lobato (até hoje inéditos, pouco divulgados ou pouco estudados) tanto reforçam o perfil múltiplo deste polêmico escritor, como abrem novas frentes para discussão do valor da correspondência de escritores para os estudos literários. Em julho de 1914, carta de Godofredo Rangel parcialmente publicada no Suplemento Literário (Minas Gerais. Belo Horizonte. Sábado. 1º dezembro de 1984. Ano XIX. N°948.), tendo como destinatário (sob o pseudônimo Yewscky) Monteiro Lobato, parece antecipar aquilo que o acervo de cartas enviadas e recebidas pelo autor de Urupês confirma cada vez mais: a pluralidade de Lobatos. Para o escritor mineiro, "cada um de nós é uma sucessão de pessoas no decorrer da vida". Esta pluralidade de Lobatos, que de certa forma Cavalheiro antecipa e que esta comunicação pretende apontar e discutir, é magnificamente registrada por José Carlos Sebe Bom Meih, que apresenta o criador do Sítio do Picapau Amarelo como "pleno de manias, defeitos, muito contraditório" (O outro Lobato: Juca Tatu; Taubaté, Unitau, 2012.s/p). Relativamente à correspondência passiva de Lobato, outro segmento da carta de Rangel acima mencionada favorece a discussão de posições de um Lobato fazendeiro face a seus colonos: "És agora (...) um animal anônimo (...) gênero homo, espécie fazendeirus (...) à falta das emoções poderosas de uma campanha bélica, ganhar pruridos napoleônicos, numa pirracinha de colonos. Que te importa Balzac? Que te importa a alma humana? Cinge-te a observar teus colonos. É mais prático. O mais - lerias! (...)" . Na correspondência ativa de Lobato, carta de 24.01. 1948 dirigida a João Palma Neto discute que "A grande coisa da Bahia é o negro, e das manifestações da civilização negra, tão profundamente africana, o candomblé é o produto supremo (...). Os dois a que assisti em dezembro me encheram as medidas - o Joãozinho da Gomeia é positivamente a reencarnação dum príncipe maia ou asteca. No físico. Não me sai da cabeça o seu perfil austero, forte, hierárquico, do dia em que o vi dançar. Não olhava para ninguém, não sorria, mantinha os olhos baixos o tempo todo (Cartas escolhidas. SP.; Editora Brasiliense.1970 P.345). A par da exposição de posicionamentos e de valores – exemplificados nos segmentos acima transcritos- ao longo da correspondência lobatiana – sobretudo a mantida com Godofredo Rangel- temos acesso ainda a bastidores da produção literária lobatiana o que, sem dúvida, pode sugerir novas formas de se entender o Modernismo na literatura brasileira

Palavras-chave: Monteiro Lobato; correspondência; preconceito

O ESCÂNDALO DO PETRÓLEO: 20 MIL EXEMPLARES E 3 EDIÇÕES EM 5 MESES

Katia Chiaradia (UNICAMP)

Resumo: O Escândalo do Petróleo é uma miscelânea de artigos, de vários pensadores e homens importantes de seu tempo. Oscilando entre o relato histórico e o editorial, guardando traços de denúncia social e reportagem política, é praticamente impossível encaixá-lo em um gênero já (re)conhecido, seja na academia ou na sociedade. A primeira edição de O Escândalo do Petróleo é datada de agosto de 1936 e este é um dos poucos apontamentos claros e definidos (se não, o único) que se pode fazer acerca deste livro de Monteiro Lobato. Todos os demais pontos que podem envolver a produção, o estudo ou a pesquisa de um livro se tornam obscuros: é difícil determinar o gênero, os processos de produção e comercialização, a recepção entre os leitores e, até mesmo, a

autoria d'O Escândalo. Na mesma época de produção e lançamento do livro, o período de 1934 a 1937, estreitaram-se as relações entre Monteiro Lobato (18/04/1882- †04/07/1948) e o suíço Karl Werner Frankie (04/03/1894- †02/02/1968), engenheiro do petróleo que, imigrado em junho de 1920, passa a chamar-se Charles Frankie. Lobato e Frankie trocaram nesse período de três anos 147 missivas, além de alguns documentos técnicos relacionados à exploração do petróleo no solo brasileiro. Nessas cartas, Lobato e Frankie, além de tratarem de questões da exploração petrolífera, discutem literatura e seus aspectos, como os requisitos para uma boa tradução, ou os critérios para um livro bem editado e bem distribuído. Apesar de ser o petróleo a causa da ligação entre o escritor e o engenheiro, parece ter sido a literatura o ponto que os manteve ligados. O aproveitamento, n' O Escândalo do Petróleo, de Lobato, de informações importantes, fornecidas, por escrito, por Frankie, em cartas pessoais, somado ao estreitamento das relações entre ambos sugere o estabelecimento de uma parceria. Em dados numéricos, O Escândalo do Petróleo foi um absoluto sucesso editorial: teve mais de 20 mil exemplares vendidos, em apenas cinco meses. O tempo parece ainda mais especialmente curto, se observarmos que, em pouco mais de cem dias, aconteceu o preparo de três diferentes edições. Apenas muitos anos mais tarde, após sair da prisão, Monteiro Lobato preparou uma quarta edição de seu O Escândalo do Petróleo, na qual inseriu o texto "Que houve depois de 1936?". A proposta desta comunicação é, enfim, comparar as três primeiras edições d'O Escândalo do Petróleo, buscando identificar em que medida a estreita troca de cartas entre Lobato e Frankie definiu ou orientou as alterações procedidas por Monteiro Lobato de uma edição a outra.

Palavras-chave: Monteiro Lobato; Charles Frankie; petróleo

1 de agosto

14h30

O INQUÉRITO SOBRE O SACI PERERÊ: UM LOBATO MÚLTIPLO

Amaya Obata Mouriño de Almeida (UFMS/CPTL)

Resumo: O "Inquérito sobre o saci" foi uma pesquisa de opinião promovida por Monteiro Lobato (1882-1948) e publicada no jornal O Estado de São Paulo em sua edição vespertina, entre os dias 27 de janeiro e 06 de março de 1917. Ganhou maior repercussão no ano seguinte com a edição em livro, intitulado O Saci-Pererê: resultado de um inquérito (1918). Esta comunicação pretende apresentar os principais resultados das pesquisas bibliográficas e de investigação de fontes primárias, que resultaram na tese "O Inquérito Sobre o Saci: no jornal e no livro, o trabalho de edição de Monteiro Lobato", defendida em 2016, na UPM – Universidade Presbiteriana Mackenzie. O projeto iniciou-se pela recuperação e disponibilização dos depoimentos de leitores do "Estadinho" sobre essa figura folclórica brasileira. O ponto central do trabalho foi a comparação entre os textos publicados no jornal e no livro e sua análise, procurando estabelecer as características e a profundidade das interferências de Lobato ao efetuar esta dupla transferência. Sugere-se que as fronteiras entre o trabalho de edição e o de autoria se diluem, resultando desse processo uma narrativa coesa na qual é possível identificar a presença de um narrador a conduzir e gerenciar a leitura, ao mesmo tempo em que democraticamente abre espaço à participação de outras vozes, à pluralidade de perspectivas.

Palavras-chave: Monteiro Lobato; Saci Pererê; Inquérito; Folclore

O PENSAMENTO DE MONTEIRO LOBATO E LIMA BARRETO NO BRASIL DOS TEMPOS DE URUPÊS (1918-1922)

Tâmara Maria Costa; Silva Nogueira de Abreu (UFRN)

Resumo: Em dezembro de 1918, Lima Barreto envia carta a Monteiro Lobato agradecendo-lhe pelo envio de um exemplar daquele que viria a ser o seu maior sucesso literário e primeiro best seller nacional: Urupês. Na missiva, o escritor carioca aponta ao escritor e editor paulista a comunhão de ideias sobre questões nacionais que os aproxima. O gesto de Lobato confirma o que se observa na correspondência mantida entre eles ao redor dos anos 1920: literatura, imprensa, sociedade,

política, questões da vida nacional. Esses eram temas centrais sobre os quais Lobato e Lima se debruçavam em seus escritos e lançavam olhares semelhantes, fazendo da crítica social o mote de sua atividade literária publicada em livros e na imprensa. Esse trabalho busca comparar o pensamento e a modernidade de ambos entre 1918 a 1922, ano da morte de Lima Barreto, e investigar os Brasis que se desenham pelas suas penas nos tempos de Urupês.

Palavras-chave: Monteiro Lobato, Lima Barreto, crítica social

O BRASIL DAS DITADURAS: MONTEIRO LOBATO E GRACILIANO RAMOS - ESCRITOS DO CÁRCERE

Regina Zilberman (UFRGS)

Resumo: O BRASIL DAS DITADURAS: MONTEIRO LOBATO E GRACILIANO RAMOS – ESCRITOS DO CÁRCERE Graciliano Ramos foi preso em março de 1936, em Alagoas, e liberado em 13 de janeiro de 1937, período de encarceramento de que resultaram as Memórias, lançadas postumamente a partir de 1953. À época de sua incriminação, o Brasil era governado por Getúlio Vargas que, em 1930, liderara movimento contrário à posse, na presidência da República, do pau-lista Júlio Prestes e desde então mantivera-se no poder. Em 1936, após a promulgação da Constituição que facultava a eleição indireta do presidente e novo mandato de Vargas, cresce a insatisfação entre intelectuais e líderes políticos, levando-os a se organizar em uma associação não declaradamente partidária, a Aliança Nacional Libertadora (ANL). No mesmo ano, oficiais do exército, lotados em Natal e Recife, tomam quartéis, no esforço de dar início a uma revolução socialista; no Rio de Janeiro, o movimento se repete, com participação de filiados ao Partido Comunista, entre os quais Luís Carlos Prestes. Vargas aproveita o momento político de instabilidade e decreta a Lei de Segurança Nacional, que lhe confere plenos poderes para prender pessoas acusadas de cooperar com a tentativa de derrubar o governo, colocando na cadeia militares acusados de insurreição, além de comunistas e intelectuais simpatizantes das esquerdas. Entre eles, Graciliano Ramos, na época, funcionário na instrução pública de Alagoas. O escritor ficou detido primeiramente em Maceió, a seguir em Recife, de onde partiu, ao lado de outros incriminados por razões políticas, para o Rio de Janeiro a bordo do navio Manaus. Na então capital da república, permaneceu no início no Pavilhão dos Primários, sendo depois deslocado para a Colônia Correcional da Ilha Grande, de onde retornou para a Casa de Correção, no Rio de Janeiro, até ser liberado sem que se tenham esclarecido juridicamente os motivos para sua permanência, por quase um ano, naqueles locais. É bem após esses acontecimentos que Graciliano enceta a redação de suas Memórias do cárcere. A se julgar pela declaração constante nas primeiras linhas do capítulo de abertura, o processo principia entre 1946/1947; porém, a publicação dos volumes, ainda que inacabado o último, ocorre em 1953. A obra, portanto, pressupõe dois grandes intervalos tempo-rais: entre a liberação, em 1937, e o início da escrita das recordações do tempo da prisão, e entre esse começo e o lançamento do texto impresso. O primeiro intervalo soma quase dez anos, e o segundo, pelo menos, sete, na hipótese de que Graciliano estivesse em vias de concluir seu trabalho. As distâncias temporais são decisivas para que se compreenda o comportamento do intelectual durante um período de repressão política e seus efeitos sobre sua personalidade e produção de sua obra.

Palavras-chave: Monteiro Lobato; Graciliano Ramos; cárcere

MONTEIRO LOBATO COMO PARADIGMA DE LEITURA DOS PRIMEIROS LEITORES DE GUIMARÃES ROSA

Maria do Rosário Abreu e Sousa (Universidade Metropolitana de Santos/ Universidade de Ribeirão Preto)

Resumo: Este artigo discute a presença de Monteiro Lobato como paradigma de leitura adotado pela crítica literária em relação ao livro de estreia de João Guimarães Rosa, Sagarana, publicado em abril de 1946. Para tal, selecionou-se dez artigos de críticos literários publicados naquele ano nos principais periódicos da época, que fazem parte do Fundo João Guimarães Rosa do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB/ USP). Inicialmente discutiu-se convergências e divergências relativas a aspectos da teoria literária; em seguida, o modo como os críticos

selecionados referiram-se aos autores e obras relacionando-os à leitura de Sagarana. Em relação aos primeiros, bastante valorizada e discutida pelos críticos selecionados é a ruptura do paradigma sujeito-objeto, uma vez que até então a produção de escritores regionalistas vinha se caracterizando pela profusão de estereótipos. A ruptura dessa relação foi, portanto, fator inovador e decisivo para a qualidade a Sagarana. Nesse sentido, Urupês, de autoria de Monteiro Lobato, e Os Sertões, de Euclides da Cunha, compõem como os paradigmas de leitura mais citados. Embora no ano de 1946 o modernismo já estivesse em vigor há mais de vinte anos, observa-se que os escritores desse período da história da literatura brasileira são pouco mencionados. Quando muito há referência a eles de modo genérico, quando o recorte é regionalista. Por outro lado, ainda com relação aos escritores brasileiros mencionados pelos críticos, observa-se a predominância dos pré-modernistas, que compõem com oito nomes: Afonso Arinos, Amadeu de Queirós, Coelho Neto, Euclides da Cunha, Graça Aranha, Hugo de Carvalho Ramos, Monteiro Lobato, Simão Lopes Neto e Rui Barbosa. Genolino Amado foi o crítico cujo paradigma de leitura predominante foi Lobato. Antonio Candido analisa a relação sujeito-objeto dos estilos lobatiano e rosiano. Wilson Martins alinha Monteiro Lobato e Guimarães Rosa entre os escritores considerados mestres do conto. Para Lauro Escorel, Lobato e Rosa equiparam-se no que concerne à criação de personagens marcantes. Para o crítico e escritor J. G. de Araújo, o autor de Sagarana deveria afastar de Euclides da Cunha e se aproximar de Monteiro Lobato. Os escritores brasileiros tomados como paradigmas de leitura pertencem ao período pré-moderno, o que permite algumas inferências. A primeira seria a permanência da leitura desses escritores, ainda que decorridos vinte e quatro anos desde a Semana da arte moderna. A segunda, decorrente da primeira, suscita questionamentos acerca da força do modernismo paulista. A terceira, sugere a reavaliação dos escritores pré-modernistas pelos primeiros leitores de Sagarana, refletindo portanto a quinta tese de Jauss, que sustenta que a obra literária deve ser estudada levando-se em conta não apenas sua recepção no momento da publicação, mas também as recepções posteriores.

Palavras-chave: Monteiro Lobato; Guimarães Rosa; leitura

2 agosto

14h30

AS LEITURAS DE DONA BENTA NAS OBRAS INFANTIS DE MONTEIRO LOBATO

Patrícia A. Beraldo Romano (UNIFESSPA)

Resumo: Ao longo de todos os textos infantis de Monteiro Lobato Dona Benta se mostra leitora perspicaz. Sempre fazendo referência a clássicos da literatura universal ou sendo referenciada pelos netos como leitora de algum escritor importante para o conhecimento de determinado assunto, essa personagem parece aguçar a curiosidade leitora, seja a de seus ouvintes na ficção, seus netos com seus bonecos, seja a de seus leitores reais, crianças, jovens e adultos. A partir do interesse pelo estudo de Dona Benta como mediadora de leitura nas obras infantis lobatianas, esta comunicação pretende apresentar os resultados da investigação realizada em toda saga infantil sobre os escritores citados por Dona Benta ou obras por ela lidas. A proposta é a de verificar como essas leituras contribuíram para a sua formação mediadora ao longo das histórias das quais ela participa direta ou indiretamente. Foram utilizados para isso os textos das obras infantis completas de Monteiro Lobato (1977) sustentados por teóricos como Lajolo e Ceccantini (2008), Pentecado (1997), dentre outros teóricos.

Palavras-chave: Dona Benta; leitura; mediadora de leitura

DIÁLOGOS FABULOSOS: A MEDIAÇÃO NA OBRA FÁBULAS, DE MONTEIRO LOBATO

Luís Hellmeister de Camargo (UNICAMP)

Resumo: No dia 12 de janeiro de 1944, a menina Edith Canto, uma das muitas crianças correspondentes de Monteiro Lobato, escreveu ao escritor: “Meu caro Sr. Lobato [...] O que muito me agradou na nova edição das ‘Fábulas’ foi o comentário do pessoal do sítio. Comentário ‘batatal’

que dá margem a outros comentários...” É apenas na oitava edição do livro *Fábulas*, publicada em 1943, pela Companhia Editora Nacional, que aparece, depois de cada fábula, um comentário dos personagens do Sítio do Picapau Amarelo. Esses comentários compõem um conjunto de 74 diálogos breves, que representam situações de mediação de leitura. Entende-se aqui diálogo como gênero literário, ou seja, segundo Cuddon (1992, p. 239), um texto no qual personagens debatem um assunto detalhadamente. Os diálogos do livro *Fábulas*, em grande parte, são protagonizados por Dona Benta, assim como acontece em *D. Quixote das crianças* (1936), cujas mediações já foram estudadas por Marisa Lajolo (1993 e 2005). O objetivo desta comunicação é analisar os comentários dos personagens do Sítio do Picapau Amarelo como pertencentes ao gênero diálogo, o que significa entender que a obra *Fábulas* não é apenas uma coletânea de fábulas, mas sim, uma obra híbrida, composta por fábulas e diálogos. Na linha dos ensaios de Lajolo já citados, pretende-se também dar continuidade aos estudos sobre mediação na obra lobatiana, procurando entender como essas mediações de leitura ficcionais podem contribuir para as mediações concretas dos mediadores de hoje.

Palavras-chave: fábula; diálogo; mediação de leitura

REINAÇÕES RELOADED: REESCRITAS E RELEITURAS DE REINAÇÕES DE NARIZINHO E CAÇADAS DE PEDRINHO, DA ERA TIPOGRÁFICA À ERA DIGITAL

Cilza Carla Bignotto (UFOP)

Resumo: Monteiro Lobato estreou como autor de livros infantis com *A menina do narizinho arrebitado*, álbum publicado em 1920. Na época, ele estava à frente da Monteiro Lobato & Cia., que vinha se tornando uma das principais editoras do país. Os livros para crianças que escreveu e publicou até 1925, quando da falência de sua empresa, então denominada Cia. Gráfico-Editora Monteiro Lobato, foram reescritos nas décadas seguintes e passaram a incorporar novas histórias. O álbum lançado em 1920 foi bastante modificado e tornou-se o primeiro capítulo de *Reinações de Narizinho* (1934). A caçada da onça (1924), cujo texto também foi remodelado, veio a integrar *As caçadas de Pedrinho* (1933), posteriormente denominado *Caçadas de Pedrinho*. Nesta comunicação, pretendo apresentar algumas hipóteses sobre o modo como a escrita e a reescrita desses livros teria sido influenciada, nas primeiras décadas do século XX, por obras de sucesso, brasileiras e estrangeiras; por desdobramentos da falência da Cia. Gráfico-Editora Monteiro Lobato; por demandas de instituições como Secretarias de Ensino e agremiações religiosas. Pretendo, igualmente, analisar o modo como edições impressas e digitais do final do século XX e início do XXI propõem ou encaminham determinadas leituras dos textos estabelecidos em 1946 pelo autor, por intermédio de paratextos, recursos gráficos e animações eletrônicas, entre outros expedientes.

Palavras-chave: Monteiro Lobato; Literatura infantil

HALDEMAN JULIUS E MONTEIRO LOBATO: DOIS EDITORES DAS AMÉRICAS

Rosemary P. L. Carter (UNIP)

Resumo: Nesse artigo pretendemos abordar alguns pontos comuns de vivências, e onde essas abordagens se intrincam entre dois nomes muito importantes das letras: E. Haldeman- Julius e Monteiro Lobato. Monteiro Lobato e Haldeman - Julius nasceram em países diferentes, um no Brasil e o segundo nos Estados Unidos da América do Norte; são frutos de origens diversas, o primeiro neto de um fazendeiro poderoso e com título nobiliárquico - um visconde, legítimo representante da oligarquia rural brasileira e o norte-americano, filho de imigrantes judeus ucranianos, que haviam emigrado para os Estados Unidos em 1882, fugindo do anti-semitismo que era presente, na ocasião, na Rússia czarista. O pai de Haldeman- Julius, apesar de origem modesta, foi um encadernador muito orgulhoso e habilidoso da sua profissão. O editor norte-americano estudou até a oitava série do “high – school”, enquanto que Monteiro Lobato possuía graduação em direito, formado por faculdade conceituada do país. Ambos se tornaram escritores primeiramente antes de se aventurarem como editores de livros. Em 1906, Haldeman -Julius ligou-se ao partido socialista e passou a escrever para o diário Call da cidade de Nova York. Posteriormente Haldeman -Julius

escreveu para um outro jornal socialista o The Daily Leader da cidade de Milwaukee escrevendo sobre diversos assuntos que versavam da política à arte, da filosofia à literatura. Monteiro Lobato após formar-se advogado foi promotor de justiça na cidade de Areias, estado de São Paulo. Teve dois artigos, “Velha Praga” e “Urupês”, publicados no jornal O Estado de São Paulo em 1914, mas desde 1913 já apareceria como colaborador desse matutino paulista. A partir de 1916, Monteiro Lobato surge, também, como colaborador da Revista do Brasil desde seu primeiro número. A Revista do Brasil pertencia aos donos do jornal O Estado de São Paulo. Em maio de 1918, Monteiro Lobato utilizando-se de recursos da venda de uma fazenda herdada pelo falecimento de seu avô, o visconde, compra A Revista do Brasil e publica o livro Urupês. Nesse corrente ano, Urupês está celebrando o centenário de publicação. Em 1925, Haldeman- Julius publica através de sua recém editora três contos de Monteiro Lobato, vertidos para o inglês, e inclusos nessa edição pioneira de Urupês. Os contos de Monteiro Lobato inclusos na edição de Urupês (1918) são “O engraçado arrependido” que se intitulou nessa publicação de 1925 da Haldeman-Julius Company, “ The penitente wag”; o segundo conto foi “O comprador de fazendas” que na versão inglesa se chamou “The plantation buyer” e o terceiro conto foi “Um suplício moderno”, que na sua transposição para o inglês foi nomeado “Modern Torture”. Os três contos em Urupês (1918) foram traduzidos para o inglês por uma tradutora amiga de Monteiro Lobato e seu nome permanece desconhecido até os dias atuais. O editor Haldeman- Julius publica os três contos de Lobato numa Série, que se tornou extremamente popular nos EUA durante as primeiras décadas do século XX: a Série Blue Books, que também iremos abordar.

Palavras-chave: editores; mercado livreiro norte-americano; Série Little Blue Books

16 - CONSTRUÇÃO IMAGÉTICA DE PERSONAGENS EM OBRAS LITERÁRIAS REPRESENTATIVAS DAS SUBALTERNIDADES

Coordenação: Leni Nobre de Oliveira (CEFET-MG); Marinei Almeida (UNEMAT); Evaldo Balbino da Silva (UFMG)

Resumo: Os estudos culturais no século XX, o surgimento do multiculturalismo e a revisão dos critérios considerados ideais para a valorização da obra literária facilitaram o reconhecimento da Literatura Comparada como instrumento propício para o estudo das novas obras que surgiram e para a releitura de outras dentro ou fora do cânone ou ainda as excluídas do circuito de leitura, já que não indicadas em livros didáticos, vestibulares ou outros processos em que obras literárias são instrumentos de avaliação. Nesse sentido, a Literatura Comparada, visto aqui o comparatismo como método de investigação e não um fim em si mesmo (CARVALHAL, 1999), muito tem contribuído com os estudos literários nos últimos tempos. Com o advento da atenção aos multiculturalismos, a circulação de novas produções e revalorizações de outras, sob o ponto de vista das diversidades, trouxeram à tona novas abordagens. Contextos advindos a partir dos olhares de novos atores, na produção de obras e na crítica literária, em se tratando da construção e da análise das personagens, revelaram novas e diversas imagens de personagens. Esses “seres de papel”, ou melhor, de palavras, construídos a partir desses novos olhares, inserem-se em contextos diferentes daqueles que comumente povoam o conjunto canônico das obras literárias. Isso porque tais olhares encontram-se contaminados por vivências advindas das periferias e das margens, muitas delas tendo seus próprios autores como atores e personagens de suas próprias narrativas e expressões poéticas.

Desse modo, tais autores, atores e personagens criados encenam, em suas tramas narrativas, novos episódios não antes contemplados pelos olhares, celebrando a presença de aspectos das relações sociais, econômicas, políticas, familiares e religiosas dessas personagens, com possibilidades representativas de problemáticas das vivências periféricas, distintamente daquelas apresentadas de modo idealizado e comumente vistas no conjunto canônico de obras literárias. Ao se reconhecer a importância das novas perspectivas de abordagem das diferenças na e pela literatura, busca-se atrelar isso à maior força denunciatória de um enunciado quando este é produzido por um sujeito que se implica como objeto vítima da questão denunciada, uma vez que a emissão dessas vozes propicia situações de empoderamento aos enunciadores. Não se menospreza aqui a importância de

uma consciência da alteridade assumida por vozes outras que não estejam inseridas, em termos de experiências, nas questões abordadas. Mas se enfatiza que falar de um determinado lugar impacta mais do que se falar sobre ele, visto que as relações de poder se caracterizam também e principalmente pelo direito de expressão e pelo assentimento da recepção, sendo considerado, portanto, o espaço de enunciação como o lugar também autorizado ou vetado. Desse modo, as vozes dos próprios subalternos, em suas próprias criações artísticas, têm outro impacto. Quando o sujeito que se insere nessa condição assume um discurso contestatório, tanto no plano teórico quanto no da representação literária, sem dúvida alguma sua fala assume matizes de um poder político inquestionável. Tal ideia é defendida por Gayatri Spivak ao dizer da cumplicidade entre sujeito e objeto de investigação no tocante ao desempenho da crítica e da teoria (SPIVAK, 1988). E acrescentamos que isso também ocorre no tocante ao desempenho da própria literatura. Cumplicidade esta que funciona como uma estratégia política nos meandros dos discursos instituídos, na medida em que se briga pela afirmação da posição ou posições do sujeito na sociedade. Também nesse sentido cabe aqui reforçar o conceito de interstício dos discursos dominantes (BHABHA, 1998), nos quais as vozes subalternas adentram e promovem, no seio mesmo da discursividade dominadora, elementos de desconstrução das narrativas predominantes (CULLER, 1997; DERRIDA, 2002).

Assim, neste simpósio, interessa-nos pôr em relação trabalhos que contribuam para o debate sobre a construção imagética das personagens advindas desses novos olhares artísticos e críticos. Nosso intuito é visualizar o quão reveladoras das adversidades e diversidades elas podem ser quando analisadas pelo viés comparatista, principalmente. Assim, análises de personagens de obras de literaturas atentas à encenação das subalternidades (expressão africana e afrodescendente, homoerótica, indígena, feminina etc.) serão de nosso interesse.

REFERÊNCIAS

- BHABHA, Homi K. Locais da cultura. *O Local da cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998, p. 19-42.
- CARVALHAL, Tânia Franco. *Literatura comparada*. 4 ed. São Paulo: Ática, 1999 (Série princípios).
- CULLER, Jonathan. *Sobre a desconstrução*. Trad. Patrícia Burrowes. Rio de Janeiro: Record; Rosa dos tempos, 1997.
- DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. 3 ed. Trad. Maria Beatriz Marques Nizza da Silva. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- SPIVAK, Gayatri C. *Other worlds – Essays in cultural politics*. New York / London: Routledge, 1988.

31 de julho

14h30

PERSONAGENS FEMININAS E NEGRAS: TEODORA, DE TEREZA ALBUES, E MARIA NEGRA, DE ZÉLIA GATTAI

Leonice Rodrigues Pereira (UNEMAT)

Resumo: Pretende-se através desta apresentação realizar uma leitura da narrativas de *A travessia dos sempre vivos* (1993), da mato-grossense Tereza Albues, e de *Anarquistas, Graças a Deus* (1979), da paulistana Zélia Gattai. São duas obras que trazem na sua gênese a memória; mas o enfoque desta análise recairá sobre a questão do feminino e da negritude que constitui as personagens analisadas inseridas numa sociedade patriarcal. Teodora, de Tereza Albues, apaixona-se e se casa com um homem branco e padre, rompendo assim com os valores morais de sua época, primeiras décadas do século XX do interior de Mato Grosso. Na cidade de São Paulo, também nas primeiras décadas do século XX, espaço e tempo de *Anarquistas, Graças a Deus*, a personagem secundária Maria Negra vai trabalhar como babá e empregada doméstica na casa de uma família de italianos, dos pais de Zélia Gattai, que assume no livro a condição de narradora-protagonista. Apesar da narradora dar importância a atuação da personagem negra na formação de si mesma, Maria Negra

vai ocupar sempre a condição de subalterna naquele espaço de brancos. Observa-se, então, que nas duas narrativas a constituição das personagens se dá através da perspectiva feminina. Em *A travessia dos sempre vivos*, é uma bisneta de Teodora, personagem analisada neste trabalho, que vai exercer o papel de narradora. Esta se lança em busca da história de seu bisavô João Padre, que adquire na narrativa a função de um grande herói, que vai ter como esposa a negra Teodora. E em *Anarquistas*, graças a Deus, é Zélia Gattai que ao assumir que está narrando sua própria história se vê na necessidade de trazer à tona partes da história de sua babá, Maria Negra. Esta passa a fazer parte da família, assumindo praticamente todo o trabalho doméstico. A base teórica para análise dos valores culturais femininos será as reflexões de Riane Eisler, para quem a história da humanidade nem sempre foi centrada na competição, dominação do outro, como ainda acontece no sistema capitalista. Antes deste sistema centrado na hierarquia de poder de uns sobre os outros e na força masculina, as relações humanas eram compostas essencialmente pela solidariedade e reverência ao feminino e à vida. O filósofo Walter Benjamin e o sociólogo Maurice Halbwachs iluminarão, com suas ponderações, a abordagem da problemática da memória como elemento estético a compor as narrativas em estudo, constituído pelo olhar feminino das narradoras. As personagens analisadas, além de serem personagens mulheres, edificadas com base na memória enquanto elemento estético, o percurso de suas vidas trazem a problemática vivenciada pelo negro no Brasil, que será abordada com base nas ponderações de Kebengele Munanga. A história de Teodora, de Albues, ganha a peculiaridade de um drama, marcado pelo sofrimento, em decorrência da sua condição de mulher e negra. Já Maria Negra de Gattai é evidenciada pela narradora como feliz e livre, considerando que se tratava de uma família de anarquistas, cujos valores ideológicos e políticos se tornam contraditórios diante da presença de Maria Negra naquela casa.

Palavras-chave: Personagem feminina; memória; negritude.

ANTÔNIO BALDUÍNO E O MITO DA DEMOCRACIA RACIAL EM "JUBIABÁ", DE JORGE AMADO

Evandro Jose dos Santos Neto (USP)

Resumo: Uma das importantes contribuições de Jorge Amado para o estudo das relações entre literatura e sociedade é a representação do negro na literatura brasileira. Não à toa, alguns historiadores e cientistas sociais o colocam no mesmo panteão que nomes como Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior. Para o bem ou para o mal, pois pesa sobre ele – com alguma razão – crítica à idealização do negro e do mulato sob a égide de um discurso social panfletário, o certo é que Amado fez o que até então não havia sido feito: falou do negro, de sua cultura, de sua religião com pouca ou nenhuma reserva. A representação do negro em "Jubiabá" evidencia a preocupação de Jorge Amado em discutir a violência disfarçada de igualdade racial e a real condição econômica e social de uma sociedade relativamente recém-egressa da escravidão, que concentrava riqueza e privilégios nas mãos de uma elite branca, criando assim, uma barreira intransponível entre brancos e negros. A falácia dessa igualdade racial fica mais perceptível no protagonista de Jubiabá, Antônio Balduino, cujo processo de formação de caráter e consciência é acompanhado pelo leitor desde os primeiros anos de infância. É através dele e de suas relações que nos é informado sobre a ausência de ações afirmativas que visassem à integração do negro e do mulato nessa nova ordem baseada no trabalho livre.

Palavras-chave: negro; escravidão; democracia racial.

O DIÁRIO ÍNTIMO E O DISCURSO INSURGENTE DE LIMA BARRETO

Maria do Socorro Barbosa De Miranda (UFBA)

Resumo: Neste artigo, empreendemos uma análise do Diário íntimo, de Afonso Henriques de Lima Barreto, a partir do recorte de algumas notas, as quais se, por um lado, evidenciam um método peculiar de escrita e um projeto literário específico do autor, por outro lado, constituem-se espaços de produção de sentidos que nos permitem recolocar a obra do romancista no cenário contemporâneo, seguindo um viés de leitura que tenta escapar aos limites do estereótipo. As notas do Diário íntimo são atravessadas por dilemas e tensões cruciais, que revelam as fraturas de um país

ainda fortemente marcado pelo regime escravocrata. Os registros abrem espaço para a constituição de um discurso insurgente, que atua no sentido de deslocar “verdades” e saberes historicamente construídos com base em preceitos de exclusão social. Fundamentando, pois, nossas análises não mais nos pressupostos da crítica literária tradicional, responsável por convencionar um certo modo de ler e de interpretar a obra de Lima Barreto que forjou e disseminou diversos preconceitos e estereótipos em torno da figura do escritor, fizemos opção pelo trabalho com um campo de conhecimento que, ao nosso ver, contribui para a emergência do ponto de vista subalterno e para a visibilização dos excluídos dos processos históricos, possibilitando a formulação de imagens capazes de deslocar os sentidos cristalizados ao longo da historiografia literária brasileira. Podemos depreender, das entrelinhas narrativas de Lima Barreto, a seleção e a abordagem de temas que se convertem em firmes denúncias aos mecanismos de agressão às populações marginalizadas e à herança cultural afrodescendente. Em se tratando de um texto como o *Diário Íntimo*, em cujo processo de constituição é marcante o traço autobiográfico, resulta importante considerarmos que tais imagens revelam menos uma identidade ou verdade sobre o autor do texto do que uma perspectiva a partir da qual podemos perceber os modos de interpretação de si e da realidade. Nesse sentido, buscamos considerar o potencial dos registros de deslocar “verdades” e estereótipos, bem como captar, por meio das ambiguidades e da fragmentariedade que constituem a narrativa de Lima Barreto, o modo peculiar como o narrador, a partir do seu locus de enunciação, constrói/desconstrói imagens de si mesmo e opera deslocamentos nos discursos hegemônicos de poder. As reflexões serão desenvolvidas com base, principalmente, nos estudos de Edmilson de Almeida Pereira, Eduardo de Assis Duarte, Luiz Silva Cuti, Regina Dalcastagnè, Frantz Fanon, Edward Said, Michel Foucault, dentre outros.

Palavras-chave: *Diário Íntimo*; discurso; insurgente; Lima Barreto

ANA, FIEL SERVIDORA DA NOSSA PAISAGEM

Gisele Gemmi Chiari (SEE-DF)

Resumo: Em o *Resumo de Ana* (1998), de Modesto Carone, o narrador reconta a história da avó Ana com base nos relatos de sua mãe, dona Lázara. A narração de Lázara é fragmentada e elíptica, permeada de depurações e das fissuras da memória. O narrador, por sua vez, faz interpolações e comentários, embora nunca resvale para a prolixidade. Aliás, o texto é estruturado no discurso indireto, constituindo-se, dessa forma, numa terceira instância do relato do vivido, sendo impossível inferir em que medida o narrador plasmou a história que recebeu da mãe. A voz de Ana, portanto, não se faz ouvir de forma direta, o que reverbera sua posição marginal na família e na sociedade. Órfã, foi doada pelos irmãos à família de Ernestina Pacheco, tornando-se filha de criação. Aos dezessete anos, mudou-se para São Paulo para trabalhar como empregada doméstica, depois foi governanta e, por fim, casada, assumiu a condição de dona de casa. A opção pelo termo *resumo* no título da obra justifica a brevidade da história, ademais, a concisão intensifica a trágica trajetória de Ana Baldochi, nascida Godoy de Almeida no município de Sorocaba, na região de Itavuvu, em 1887. Ao contrário dos apelos melodramáticos das óperas, tão apreciadas pela personagem, Carone opta pela condensação e objetividade, contraindo a história até atingir a sua essencialidade. A narrativa é pontuada por indicativos da realidade, como datas, fatos históricos e nomes ligados à política da época. Todos esses dados colaboram para delinear um quadro do contexto histórico, econômico e social abarcando a configuração das relações de trabalho após a abolição do regime escravocrata, bem como o processo de pauperização dos pequenos proprietários de terras. As marcas do real se articulam às vidas das personagens culminando num texto em que o limite entre a ficção e o relato histórico torna-se tênue e se perfaz numa dialética entre o subjetivo e o objetivo. Nesse sentido, como se constrói a subjetividade de Ana? Como essa similaridade com o relato histórico é dissipada? De que maneira a força estética da obra sobrepuja as irrupções do real? Se pensarmos que a intenção do narrador enquanto atitude estética é suspender juízos e explicações em relação à experiência atentando apenas para a condição de vulnerabilidade ante os efeitos que ela causa, compreendemos a opção pela expressão austera e comedida do romance. Para Chantal Maillard

(1998), a experiência da criação se assemelha à ação de se lançar em um abismo. Quando não há explicações ou racionalidade suficientes para dar conta do mundo e da vida, é preciso inventar. Ana é uma criação estética, um abismo em que o narrador se joga dando a mão aos leitores, que, inadvertidamente, também se projetam na experiência do narrado. As emoções que emanam das adversidades da personagem não perpassam o texto por meio de um discurso melodramático e prolixo, mas pelos interstícios das entrelinhas e dos silêncios. Modesto Carone propõe uma estética do silêncio, que, especular, desvela a história dos subalternos de nossa paisagem.

Palavras-chave: Modesto Carone; Resumo de Ana; Subalternidade

1 de agosto

8h30

AS MARAVILHAS DO AGORA: A LINHA ALL-NEW ALL-DIFFERENT MARVEL NOW E A REPRESENTAÇÃO DO OUTRO NOS COMICS

Gabriel Braga Ferreira de Melo (UERJ)

Resumo: Ainda na década de 1960, o rumo das histórias em quadrinhos estadunidenses começou a mudar. A principal figura de representação dos Estados Unidos enquanto povo e nação nos comics, Capitão América, começa a perceber o “Outro” em sua diversidade e a repensar a identidade a partir da alteridade. Tal atitude traz como resultado o fato de que, como afirma P. Ouellet (2007 apud BERND, 2010, p.20), “quando se começa a pensar o identitário juntamente com a alteridade, aceita-se a manifestação da natureza essencialmente heterogênea da existência”. Os Estados Unidos nos quadrinhos, muito através do Capitão América, começaram a dar os primeiros passos para uma abordagem de representação da sociedade verdadeiramente multicultural. Mais de 40 anos depois, os comics se estabelecem como um veículo da voz do “Outro” sem que este precise de alguém por detrás validando seu discurso e, assim, estabelecem uma abordagem multicultural de verdade. É a nova era dos quadrinhos. Dentre várias temáticas que surgem, uma que obteve um grande destaque e aceitação pelo público é a questão dos deslocamentos e dos sujeitos híbridos. Tal temática possui, como maior destaque, a personagem da nova Ms. Marvel, a muçulmana filha de paquistaneses Kamala Khan. Outros personagens também com maior ou menor sucesso se fazem notados, como o filho de uma latina com um afroamericano Miles Morales, o novo Homem-Aranha; o chinês imigrante ilegal Blindspot; o nativo estadunidense Red Wolf; o estadunidense de origem coreana Amadeus Cho, o novo Hulk; entre outros. Embora personagens muito distintos, tanto em histórias contadas quanto em enfoque adotado nas mesmas, uma coisa todos têm em comum: as revistas das quais estes heróis fazem parte são verdadeiras arenas de debate da realidade estadunidense nos dias de hoje e um reflexo de como essa sociedade recebe o que vem de fora, mostrando tanto sua face positiva quanto a negativa sob o olhar do Outro, posto que seus roteiristas compartilham da mesma origem dos heróis que escrevem. Esta comunicação tem por objetivo analisar a importância de tais personagens para uma conscientização dos estadunidenses do mundo real em favor de uma sociedade cada vez mais heterogênea e a força que tais personagens têm para alterar a nossa sociedade real e não apenas a das páginas dos quadrinhos. Para alcançar tais objetivos, valho-me das noções de hibridismo e entre lugar de García Canclini (2008), zonas de contato de Pratt (1992 apud HALL, 2009 [2003], p.31) e a questão da tradução de Hall (2005) para a adequação de tais personagens em uma sociedade cada vez mais mutante e menos receptiva a identidades fixas e imóveis como nos mostra Bauman (2005).

Palavras-chave: Identidade; Deslocamentos; Histórias em quadrinhos

PARTINDO DE NOSSAS PARTES: UM PARALELO ENTRE PIECING ME TOGETHER E THE HOUSE ON MANGO STREET

Barbara Lima Madsen (UERJ)

Resumo: Em tempos decoloniais, sujeitos antes considerados marginais tomam para si a possibilidade de escrever suas próprias origens e histórias dentro da sociedade Americana, traçando

uma estrada de retorno que elimina qualquer dúvida sobre a pluralidade de suas identidades. Assim acontece em *Piecing me together* (2017), de Renée Watson, e *The House on Mango Street* (1984), de Sandra Cisneros. Apesar dos 33 anos que separam as duas publicações, os paralelos que podem ser estabelecidos entre Jade e Esperanza - as meninas protagonistas das obras - desafiam o tempo e corroboram com a ideia de que o sujeito decolonial está (re)escrevendo a história de sua construção na produção de literatura contemporânea. *Piecing me together* (2017) apresenta como protagonista Jade, que acredita que precisa sair de seu bairro pobre para ter sucesso e, para isso, segue o conselho de sua mãe de aproveitar todas as oportunidades que surgem em seu caminho. Todo dia, ao pegar o ônibus para a escola particular – onde ela se sente como uma pessoa à margem, mas onde tem muitas oportunidades, apesar de cansada de ser apontada como alguém que precisa de ajuda – Jade quer falar, criar, expressar suas alegrias e tristezas, sua dor e sua esperança. No entanto, algumas oportunidades ela realmente não aprecia, como um convite para se juntar a *Women to Women*, um programa de orientação para meninas "em risco". Só porque sua mentora é negra e estudou na mesma escola não significa que ela entende de onde Jade vem. Talvez Jade possa ensinar algumas coisas sobre a compreensão do mundo e encontrar maneiras de ajudar outras mulheres. *The House on Mango Street* é composta por uma série de 44 vinhetas narradas por Esperanza Cordero, uma jovem latina, sobre sua vida crescendo em Chicago com Chicanos e porto-riquenhos; a área urbana em torno da casa Cordero em Mango Street é o eixo de ação. Os fragmentos frouxamente conectados ilustram as experiências formativas da jovem mulher no bairro, e os episódios unem temas relacionados à sua maturação pessoal, o senso de alteridade de sua família nos Estados Unidos e a luta da comunidade latina - em particular, sua turbulenta relação com a cultura anglo-americana. O crescimento e o desenvolvimento de Esperanza é um eixo central na novela, e nas páginas finais ela toma a decisão de sair de casa e voltar algum dia no futuro. Temas principais incluem a busca por uma vida melhor e a importância de sua promessa de voltar pelos "que [ela] deixou atrás. Por aqueles que não puderam sair". (1984, 110). Esse trabalho levanta paralelos na construção de ambas personagens sob dois eixos: raça e classe. É sobrepondo faces diferentes, como Esperanza antes dela, que Jade pode se recompor e voltar à sua Mango Street. Para aquelas que ficaram atrás. Por aquelas que não puderam sair.

Palavras-chave: subalternidade; protagonista feminina; minorias

YEMAYÁ E I(Y)EMANJÁ: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DA REPRESENTAÇÃO DA MÃE D'ÁGUAS EM TEXTOS DE LYDIA CABRERA E EDISON CARNEIRO

Mariana Pereira da Fonseca Teixeira (UFF)

Resumo: Pensar a produção de textos sobre as heranças religiosas africanas reinterpretadas no Brasil e em Cuba é deparar-se com similitudes e divergências resultantes do contato da cultura africana com o espaço local. Assim, este trabalho tem por objetivo analisar a representação da Senhora das Águas (Iemanjá) em ensaios presentes nos livros *Religiões Negras/Negros Bantos* (1991) de Edison Carneiro, e *Iemanjá e Oxum* (2002) de Lydia Cabrera, buscando perceber os pontos de contato e afastamento com relação à representação de Iemanjá apresentada por esses dois intelectuais latino-americanos, considerando que o processo de hibridação gerou em Cuba e no Brasil novas religiões, próprias e múltiplas, diferentes de sua matriz e diferentes entre si. Para tal tarefa, foram escolhidos quatro ensaios do supracitado livro de Carneiro: "A rainha do mar", "Presentes à mãe d'água", "Dona Maria" e "Os orixás da água"; e os dois primeiros capítulos do livro citado anteriormente de Cabrera: "A Virgem de Regla, Padroeira do Porto de Havana" e "Quem é Iemanjá?". Com relação a essas obras, cabe mencionar que a temática afro-religiosa foi um ponto de grande aproximação entre esses autores. Ambos os autores falaram do culto e da cultura das religiões de origem africana, a partir do lugar dos iniciados, diferentemente dos grandes nomes que os antecedem, a saber: Fernando Ortiz no caso da cubana; Nina Rodrigues e Arthur Ramos no caso do brasileiro. Com relação à estrutura temos que, na primeira parte, apresentaremos uma breve comparação da trajetória de Edison Carneiro e Lydia Cabrera, procurando pontuar o lugar de enunciação que cada um assume em seus ensaios, levando em consideração o contexto de produção

de suas obras; em seguida, apresentaremos os ensaios/capítulos escolhidos e por último, mas não menos importante, procuraremos colocar em diálogo estes ensaios etnográfico-antropológicos com textos teóricos, latino-americanos, no contexto dos estudos pós-coloniais. Cabe explicitar, neste momento, os teóricos que serão trabalhados: Cornejo Polar (O condor voa: literatura e cultura latinoamericanas), Zulma Palermo (Desde la otra orilla: pensamiento crítico y políticas culturales en América Latina), García Canclini (Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade) e Ángel Rama (Transculturación narrativa en América Latina). No livro Desde la otra orilla, Palermo nos alerta sobre a importância da suspeita, e segue afirmando que, em um primeiro momento, essa suspeita permitiu colocar em evidência de que maneira o conhecimento sobre a cultura das sociedades colonizadas permitiu legitimar os valores dominantes e subordinar a cultura do “outro”, apontando as diferenças e criando hierarquias entre culturas com termos como: alta cultura x subculturas/subliteratura/folclore/produção marginal/cultura-literatura subordinada e, agora, subalterna, e a consequente carga de valorização que isso implica. Por fim, cabe mencionar que pensar a relação entre o imaginário africano transplantado para o Brasil e para Cuba a partir do testemunho de Cabrera e Carneiro em diálogo com as teorias latino-americanas é em certa medida perseguir uma redefinição de cultura e literatura nacional buscando um caminho alternativo que incorpora o patrimônio silenciado pela história oficial das letras, tal como é proposto por Palermo.

Palavras-chave: Lydia Cabrera; Edison Carneiro; Religião; Iemanjá

1 de agosto

14h30

NARRATIVA DIASPÓRICA E POSICIONAMENTO POLÍTICO NA RELAÇÃO ENTRE ORIENTE E OCIDENTE

Loiva Salete Vogt (UFRGS)

Resumo: A presente comunicação seleciona uma obra ficcional do período pós onze de setembro publicada nos Estados Unidos por um autor proveniente do Afeganistão, país predominantemente islâmico. O propósito da presente análise é atentar para as construções imagéticas de personagens no romance *The Kite Runner* (2003) de Khaled Hosseini, observando como as soluções narrativas inscrevem posicionamentos políticos e assim, ratificam binarismos de gênero, etnia e classe social. Na obra, temos a presença de conflitos étnicos no Afeganistão que colocam o protagonista Amir na posição do privilegiado filho de Baba, proveniente da etnia majoritária Pashtum, enquanto Hassan pertence a uma etnia desvalorizada chamada Hazara que foi vítima de um massacre em 1998. A relação de amizade entre eles é ambivalente, pois Amir é o mestre, enquanto Hassan é o servo. No entanto, as atitudes de valentia de Hassan são altamente valorizadas pelo pai de Amir, o que estabelece uma relação de disputa e conflito entre os meninos. Hassan sacrifica-se sendo estuprado por Assef- também um Pashtum que defende o massacre e a necessidade de uma limpeza étnica no Afeganistão. O sacrifício de Hassan tem um propósito: que Amir consiga vencer o campeonato de pipas e ser admirado pelo pai. No entanto, a bravura de Hassan aumenta o desconforto de Amir que encontra um meio de desmoralizar e afastá-lo de seu convívio. Devido à invasão soviética, Amir e seu pai migram para os Estados Unidos. O fato de ter traído seu leal amigo na infância permanece como um defeito no caráter que Amir precisa corrigir. Para tanto, ele parte em uma missão de resgate no Afeganistão pois Sohrab, filho de Hassan, está nas mãos do Talibã. Há uma relação alegórica entre os acontecimentos narrados e a política de invasão dos Estados Unidos que pode ser observada a partir de posicionamentos binários com traços específicos para o Ocidente em oposição ao Oriente. Há o “bom” oriental e o “mau” oriental, sendo que o primeiro atende aos interesses políticos hegemônicos americanos. Nesse contexto, o teórico pós-colonial Edward Said (1978) indica que a forma como chega até nós a crença do quem vem a ser o Oriente é uma invenção cultural e política do Ocidente que coloca determinadas civilizações na condição de inferiores, exóticas e estáticas. Essa dicotomia também pode ser observada em relação ao sistema patriarcal no romance que determina a valorização de determinadas características de masculinidade em detrimento de características tidas como femininas. Há um processo de transformação do menino afegão tido

como frágil, que prefere ler e escrever literatura ao invés de envolver-se em conflitos com outros meninos. Ao tornar-se um adulto nos Estados Unidos tem também o objetivo de ser pai. Para assumir esse papel, investe na empreitada de desafiar Assef, pertencente agora ao Talibã. Faz-se necessária, portanto, uma reflexão a respeito da experiência da diáspora presente na obra que permite a reavaliação de práticas culturais e seus sentidos através da criação imagética dos personagens na narrativa.

Palavras-chave: Oriente Médio; Literatura Americana; Pós-colonial

EUCLIDES NETO E A REPRESENTATIVIDADE DOS POBRES EM MACHOMBONGO

Juliana Cristina Ferreira (UFU)

Resumo: Temos como objetivo neste artigo, analisar a maneira como Euclides Neto representa as personagens pobres e trabalhadoras das fazendas cacauzeiras do Sul da Bahia na narrativa Machombongo (1986), período em que cacau entrou em decadência. Como conhecedor da produtividade cacauzeira, pois nasceu e cresceu na região, o autor consegue representar em seus textos literários as mudanças de vida que os moradores da região sofreram no período em que o cultivo do cacau entrou em decadência. Sabemos que a monocultura propiciou crescimento e desenvolvimento para a região, pois ao cair no gosto popular, o produto adquiriu muitas vendas para outras regiões do Brasil, como também, para outros países, conforme Rocha (2008). Nesse período de grandes vendas, várias pessoas de outras regiões imigraram para as terras cacauzeiras em busca de emprego, moradia e uma nova forma de vida. Por ter se tornado o fruto de ouro para a população, os produtores de cacau pensavam que as plantações não precisavam de cuidados, porém, produto foi atacado pelo fungo popularmente conhecido como vassoura de bruxa, o qual chegou e acabou com as plantações, resultando na decadência do fruto. O declínio do cultivo contribuiu para que os fazendeiros, donos de terras cacauículoras, para a ampliação de suas terras, tomassem as terras dos posseiros vizinhos, desapropriando-os e deixando-os sem moradia. Após serem desterritorializados, os trabalhadores empobreceram e para sobreviverem, começaram a trabalhar como agregados nas fazendas de cacau. Nesse cenário de empobrecimento do trabalhador rural, Euclides Neto consegue representar em seus textos literários, as perdas das terras dos trabalhadores e a exploração destes nas fazendas cacauículoras. Assim, podemos compreender que o autor busca, por meio de seus textos literários, dar voz aos trabalhadores pobres que foram desterritorializados e para subsistirem a fome, vão trabalhar como agregados nas fazendas produtoras de cacau. A problemática desta pesquisa busca mostrar quem eram os pobres da narrativa e a situação em que essas personagens viviam ao morarem de favor nos casebres oferecidos pelo patrão, enquanto estivessem trabalhando na produtividade cacauzeira. Para uma melhor compreensão, utilizaremos autores como Schwarz (1983), o qual esclarece que os pobres, para sobreviverem, realizam trabalhos de exploração, considerados trabalhos semiescravos. E Lapa (2008), afirma que por questão de subsistência, os pobres se viam obrigados a venderem sua força de trabalho, mesmo que recebessem um salário aviltante, precisavam subsistir a fome. Dessa maneira, teremos como metodologia a pesquisa bibliográfica sobre a pobreza da região sul baiana e a análise do corpus abarcará a representatividade dos pobres em Machombongo. Como resultado provisório, temos o fato histórico da decadência do cacau como fator que contribuiu para o empobrecimento da região e consequentemente dos trabalhadores rurais.

Palavras-chave: Representação dos pobres; Narrativa euclidiana; Machombongo.

A SOLIDÃO DE IFEMELU: A TRAJETÓRIA DA MULHER NEGRA EM UM ROMANCE DE CHIMAMANDA ADICHIE

Luana Caetano Thibes (UESC)

Resumo: A trajetória da protagonista Ifemelu, narrada no romance Americanah (2014), de Chimamanda Ngozi Adichie, tem como temática o processo de migração e as experiências vividas pela jovem mulher negra nigeriana, e ilustra desde as vivências em seu país de origem, passando por sua autodescoberta enquanto negra e pela adaptação ao que se espera dela – tanto no que

concerne à nacionalidade, quanto à raça e ao gênero –, chegando ao momento do despertar crítico de Ifemelu. O presente trabalho tem como objetivo analisar o percurso da personagem, evidenciando principalmente sua condição de imigrante nos Estados Unidos, e as situações em que é enquadrada sob estereótipos por cidadãos estadunidenses. Objetiva, também, averiguar a solidão da mulher negra imigrante representada na obra adichieana, que mesmo em situação comum a milhares, encontra pouca identificação ou empatia em seu meio de convivência. Em adição às dificuldades de adaptação originadas da inferiorização da imigrante africana no país norte-americano, a protagonista aqui analisada também se descobre objeto da erotização procedente do olhar masculino, que hipersexualiza seu corpo ao identificá-la como exótica, por diferir do parâmetro ocidental branco. Para desenvolver a análise proposta, o trabalho tem como aporte teórico os estudos de Fanon (2008) em relação à condição do sujeito proveniente de países outrora colonizados. De acordo com o psicanalista antilhano, o negro tenta se igualar ao branco, provar seu valor, que lhe foi tirado quando lhe disseram que os padrões de beleza, inteligência, e cultura aceitáveis eram os do homem branco. Assim, a protagonista adichieana, ao buscar aceitação no contexto estadunidense, se vê pressionada a adaptar-se ao padrão ocidental. O que o leitor acompanha no desenrolar da trama é a jornada de Ifemelu ao percorrer o caminho de volta para seu lar, literal e figurativamente, quebrando os paradigmas vigentes. Esta pesquisa baseia-se, também, na contribuição de Spivak (2010) quanto à possibilidade ou impossibilidade de fala do subalternizado. Para a teórica indiana, o local de subalternidade ocupado pela mulher – duplamente, no caso da mulher negra, e triplamente, pela mulher negra e pobre – a silencia. Assim, leva-se em conta essa combinação de exclusões que empurra a mulher negra para a base de uma cadeia social imaginada, evidenciando-a em busca de mudanças. Partindo desse argumento, a pesquisa aponta para a possibilidade de observação de diferentes níveis de subalternidade na representação de personagens negras de Adichie, destacando a posição intermediária de Ifemelu, como estudante universitária africana-nigeriana. Conclui que a protagonista adichieana sofre toda sorte de discriminação por sua cor, sua etnia e seu gênero. A análise conclui também que, a partir das representações em *Americanah*, a mulher negra imigrante sofre classificação negativa triplamente, ao tomar parte de mais de um grupo minoritário, e é inferiorizada não só em relação a outros grupos, como também ao ser submetida a toda sorte de imposições hegemônicas, o que a faz sentir-se distanciada da sociedade em que toma parte.

Palavras-chave: Mulher negra; Pós-colonial; Nigéria; Adichie

2 de agosto

8h30

A EPOPEIA DO SUBALTERNO: O LIRISMO TRÁGICO COMO EXPRESSÃO DECOLONIAL EM "ROMA AMAZÔNICA", DE SANTIAGO VILLELA MARQUES

Iouchabel Sarratchara de Fatima Falcão (UFMT)

Resumo: Das formas de representação existentes, tem-se na literatura um espaço em que é possível a articulação de vozes que se colocam à frente – reparaentare – na busca pelo que constitui a identidade humana e que está diluído na história. Durante o processo de composição, o ato heroico do artista se consolida em sua jornada quando ele recolhe os estilhaços que encontra durante seu trajeto e utiliza, como arma e escudo, os meios e modos que melhor (re)apresentam o que o constitui e o identifica, proporcionando não apenas uma reconstrução de si como o exercício de alteridade coletiva. No Brasil, estabelecendo como período aproximado o movimento Modernista (iniciado em 1922) até contemporaneidade, vários locais de enunciação questionam o processo de colonização do país. Em suma, a principal crítica presente nessas manifestações é contra a imagem criada pelo romantismo brasileiro de um herói com perfil europeu hegemônico pouco representativo da identidade local, além da apresentação de um cenário exótico e fértil aos projetos de interesse dos dominantes, estigmatizando a marginalização da cultura nativa e das minorias através do silenciamento e do apagamento cultural. O objetivo deste trabalho é, apresentar uma

perspectiva analítica/interpretativa do poema “Roma Amazônica” (2010), do poeta mato-grossense Santiago Villela Marques, que oferece uma interessante construção que articula gêneros para (re)contar uma história de colonização. A ambivalência que envolve o signo “uma” que acompanha “história”, a carga indeterminante do artigo ou categórica do numeral, é uma tentativa de demonstrar como a imagem poética pode, em sua multiplicidade, expressar vários recursos de representação, perpassando várias culturas num único texto e permitindo o encontro das vozes silenciadas que gritam e/ou verbalizam nas fissuras. As marcas que o tempo deixa no corpo da linguagem (BOSI, 2010), são bastante significativas e oferecem mecanismos de resistência. Concretizada no texto literário, a consciência do apagamento histórico e do silenciamento – e suas marcas na contemporaneidade –, sofridos pelos povos nativos nas regiões colonizadas, possibilita a reflexão decolonial que, aqui, será investigada nos tecidos da linguagem poética para melhor compreender como os modos e meios de composição são utilizados na representação identitária. São utilizados como norteadores de análise os estudos sobre cultura e sua expressão na campo literário (BOSI, 2010), reflexões da perspectiva pós-colonial (MIGNOLO, 2007), o suporte semiótico nos Estudos Culturais (BHABHA, 1998) e o conceito de “entre-lugar” (SANTIAGO, 2000), pensamentos que elucidam o percurso aqui escolhido.

Palavras-chave: Decolonialidades; poesia mato-grossense; Santiago

NARRATIVAS DE ESTUPRO: QUE PAPÉIS AS MULHERES EXERCEM NESSAS HISTÓRIAS?

Camila Fernandes da Costa (UFRN)

Resumo: O artigo analisa comparativamente dois romances de épocas diferentes, o primeiro é Capitães da Areia (1937), de Jorge Amado e o segundo é Terra Sonâmbula (1992), de Mia Couto. Neles se faz presente a representação abuso sexual contra personagens femininas e negras. Essa pesquisa objetiva-se a analisar as construções do patriarcalismo nas obras. E, além disso, desenvolver uma relação entre a crítica feminista e os textos literários, identificar as relações entre arte e vida em cada autor, realizar um estudo comparativo entre as literaturas, atentando para a descrição do estupro. Dessa forma, busca-se analisar como essas mulheres são representadas por esses distintos escritores diante de uma mesma situação – o abuso sexual - visto que, muitas vezes, insere-se a culpa na própria vítima quando se trata de crimes sexuais. O estudo em Literatura Comparada se faz importante pois o escritor moçambicano afirma que ele e outros escritores de seu país receberam influência do escritor brasileiro. A pesquisa busca trabalhar com questões de identidade, gênero e cultura, analisando o espaço que foi relegado à mulher nas obras. A questão que norteia nossa pesquisa é: Quais são as pressuposições implícitas contidas nos textos em análise em relação ao abuso sexual? Para tanto, elencaremos como aporte teórico: Judith Butler em Relatar a si mesmo (2016), Branco e Brandão em Literaterras: As bordas do corpo literário (1995), Zolin e Bonnici em Abordagens históricas e tendências Contemporâneas (2009), Heleieth Saffioti em Gênero patriarcado violência (2015), Rebecca Solnit em A mãe de todas as perguntas: reflexões sobre feminimos (2017), Thomas Bonnici em O pós-colonialismo e as literaturas: estratégias de leitura (2002). Ao analisar as obras, percebe-se que elas possuem descrições do abuso sexual com enfoques distintos, os quais remetem às questões sociais e valores incutidos. Uma crítica a postura do agressor, a outra objetifica o agredido. Há diferentes usos de escolhas lexicais para descrever a situação. Ao ler os romances, fica evidente que a presença do discurso patriarcal em uma narrativa e a situação do pós-colonial em outra são responsáveis pela perpetuação de práticas ancestrais de opressão sexual e social. Por isso, a leitura e análise foram realizadas através de uma ótica que possibilite fazer emergir dos textos esses discursos e apontar algumas de suas consequências. Visto que, tem-se a necessidade desafiar as convenções, para rompê-la ou modificá-la. E, por meio da Literatura Comparada, pode-se tomar conhecimento da subalternidade da mulher em contextos de abuso sexual – seja na ficção, seja na vida – para poder questioná-la.

Palavras-chave: Jorge Amado; Mia Couto; Narrativas de estupro

2 agosto

14h30

O ESTUDO DO ESPAÇO COMO DETERMINANTE DAS RELAÇÕES DE GÊNERO: UMA LEITURA SOBRE O FEMININO E AS FAVELAS POR CONCEIÇÃO EVARISTO

Cristina Aparecida Sancho (UFJF)

Resumo: O presente estudo pretende abordar questões associadas ao espaço destinado aos negros, pobres e mulheres do Brasil. Para isso, nosso objeto de estudo será Conceição Evaristo. Uma autora que representa a condição de mulher, negra, pobre e favelada, estereótipos esses que marcam determinados grupos sociais e os marginaliza. Nesse sentido, a escrita de Conceição oferece à literatura afro-brasileira uma grande contribuição, pois permite a discussão de aspectos que perpassam a História e se mantêm nos dias de hoje. Um desses aspectos que persistem desde a colonização é a ideia de lugar destinado ao povo negro. Desde o trânsito, entre África e Brasil nos navios negreiros, que temos um retrato desse espaço desumanizado. No prefácio do livro, *Becos da Memória* de Conceição Evaristo, escrito por Maria Nazareth Soares Fonseca, encontramos trechos que marcam o enfoque de nossa pesquisa. Nos ateremos nesse trabalho a duas obras de Evaristo, *Becos da Memória* (2006) e o conto “Os amores de Kimbá” do livro *Olhos D’água* (2015). Mediante essas obras analisaremos os espaços ocupados pelos negros nas narrativas já mencionadas e destacaremos as estratégias utilizadas pela autora para retratar a realidade desse povo. No romance, *Becos da Memória*, Conceição Evaristo trabalha com um ambiente distinto daquele que temos na atualidade. A favela apresentada na narrativa não existe mais; as memórias traduzidas pela voz da narradora, Maria-Nova, diferem-se completamente das reminiscências trazidas pelas favelas contemporâneas; os espaços de hoje geram memórias que não se assemelham as geradas pela obra. Já no conto “Os amores de Kimbá”, temos como espaços a favela onde vive o personagem e a casa de seus amigos no centro. Há uma constante de idas e vindas a esses espaços e no conto esse trânsito é marcado pelo termo, *descer*: *descer os degraus da escadaria da ladeira, descer o morro...* Além do espaço físico, *Becos da Memória*, traz de forma importante a figura da mulher. É perceptível o espaço que Conceição Evaristo confere à narradora. Maria-Nova é o eu enunciador e por isso traz para a narrativa a história de um grupo que foi silenciado por causa dos limites impostos pela escravidão; pessoas vítimas das desigualdades socioeconômicas e as quais foram conferidos na sociedade os piores espaços físicos e culturais existentes; nesse sentido a autora propicia um lugar privilegiado para essa figura feminina que compõe o seu romance. Destacaremos nas duas obras questões concernentes ao espaço individual e coletivo, já que nas narrativas essas características possuem uma abordagem distinta. Por meio de uma análise entre as obras já citadas, a escrita de Conceição Evaristo e as questões histórico-culturais de nosso país, esperamos compreender como que a autora traduz nas narrativas esses espaços e consequentemente como ela trabalha as questões do individual, do coletivo e da identidade nas favelas.

Palavras-chave: Espaço; mulher; negros; periferia; exclusão.

MARIA DAS DORES E PONCIÁ VICÊNCIO ENTRE MEMÓRIA, SUBALTERNIDADE E TRAUMAS: UMA LEITURA COMPARADA DOS ROMANCES O ALEGRE CANTO DA PERDIZ, DE PAULINA CHIZIANE E PONCIÁ VICÊNCIO, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Marinei Almeida (UNEMAT/UFMT)

Resumo: A produção literária na contemporaneidade aborda temáticas variadas, abrangendo variados tempos, lugares e vozes. Protagoniza, dessa maneira, múltiplos e distintos “dizeres” e subjetividades, em movimentos significativos de construção, desconstrução ou reconstrução em contextos particulares. Assim, a memória se torna um dos elementos estéticos recorrentes para o aporte dessas produções. Nesse sentido, tomamos emprestadas tais reflexões para pensar a questão da memória, bem como outros elementos que trazem à superfície certas revisitações pretéritas como o caso do elemento da loucura em dois romances de literaturas de língua portuguesa, mais especificamente o romance *O alegre canto da perdiz* (2008), da moçambicana Paulina Chiziane e o romance *Ponciá Vicêncio* (2003), da brasileira Conceição Evaristo. Os romances aqui citados estão

inseridos em época marcadas pela literatura que privilegia a memória de um passado que ainda não se acomodou. Esse tipo de produção ocupa o importante papel de servir de instrumento do não-esquecimento do trauma da nação (DAIBERT, 2009). Paulina Chiziane por meio de uma narrativa bastante poética, traz personagens como os loucos Maria e José, e eventos, como a escravidão e a ocupação colonial, lançando problematizações ainda não acomodados na história de Moçambique. Assim também, Conceição Evaristo, no romance referido, reporta a eventos anterior ao século XXI, aborda questões enfrentados por ex-escravos e seus filhos ainda nascidos na recente institucionalização da Lei Áurea aqui no Brasil e nessa problematização traz o elementos da loucura que, via de regra, vai servir para a reflexão sobre mundos fraturados, mas de alguma maneira emergidos pela memória.

Palavras-chave: Memória; Subalternidade; Trauma

A SUBALTERNIDADE DA MULHER DA NEGRA NO CONTO MARIA, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Celiomar Porfirio Ramos (UNEMAT); Rosineia da Silva Ferreira (UnB)

Resumo: Este trabalho tem como objetivo realizar algumas considerações acerca da subalternidade da mulher negra brasileira, tendo como base o conto Maria do livro Olhos D'água (2016), da escritora mineira Conceição Evaristo. As reflexões propostas a partir do conto supracitado são estruturadas sob a hipótese de que a literatura produzida por essa escritora é tomada como arma a fim de denunciar aspectos relacionados a mulher, voltando seu olhar especialmente, à mulher negra marginalizada, pobre, vítima da violência e de uma sociedade patriarcal. A mulher negra neste contexto é colonizada duplamente, por viver em uma sociedade patriarcal já instituída e por sua cor. Considerando o exposto, entendemos que a escrita de Conceição Evaristo no conto Maria volta seu olhar à classe de mulheres que, muitas vezes, foram e ainda hoje são subalternas, denunciando, assim, a condição da mulher negra e, conseqüentemente, proporcionando reflexões sobre o local social do sujeito feminino negro, oportunizando personagens sociais brasileiras que foram silenciadas ao longo dos anos, as mulheres negras, a ter voz por meio de sua escrita e, expor sua situação de ser marginalizado socialmente, abordando seus dramas cotidianos e sua resiliência. A linha de pesquisa na qual se insere este trabalho é literatura e vida social e, por isso, tomando o texto literário para refletir sobre a sociedade. A fim de sustentar teoricamente o trabalho temos como base o texto de crítica literária de Antonio Candido Literatura e Sociedade (2006) e de outros teóricos e críticos que seguem a mesma linha de raciocínio.

Palavras-chave: Literatura; Mulher Negra; Subalternidade.

A REPRESENTAÇÃO IMAGÉTICA DO OPRESSOR NA VISÃO DOS SUBALTERNOS

Leni Nobre de Oliveira (CEFET-MG)

Resumo: Os estudos culturais, no século XX, o surgimento do multiculturalismo e a revisão dos critérios considerados ideais para a valorização da obra literária facilitaram o reconhecimento da Literatura Comparada como instrumento propício para o estudo das novas obras que surgiram. Tais eventos propiciaram a releitura de obras dentro ou fora do cânone, ou daquelas excluídas do circuito de leitura. Contextos advindos a partir dos olhares de novos atores, na produção de obras e na crítica literária, revelaram diversas representações antes desconhecidas do outro. Esses seres de palavras, construídos a partir desses novos olhares, inserem-se em contextos diferentes daqueles que comumente povoam o conjunto canônico literário. Isso porque tais olhares encontram-se contaminados por vivências advindas das periferias e das margens, muitas delas tendo seus próprios autores como atores e personagens de suas próprias narrativas. Nesse contexto, a posição de Carolina Maria de Jesus, em seu Diário de Bitita, sob condição sabidamente de alteridade em relação àqueles com os quais convive, e reconhecedora da situação de opressão que a cerca, torna-se revelador de uma sagacidade peculiar: o discurso da narradora não se limita a descrever e a narrar o que vê, vive e ouve. Os comentários, observações, condenações e julgamentos apresentados denunciam uma vivência de oprimida auto-empoderada que não curva a própria cerviz e muito menos consegue aceitar a condição de subserviência e submissão daqueles que se encontram na

mesma condição. Desse mesmo modo, *Becos da Memória* de Conceição Evaristo nos revela um universo periférico sob o olhar atento de uma narradora rodeada por um grupo de marginalizados sociais e excluídos. Pela construção dessas personagens, essas narradoras se tornam arquitetas de muitas ilações que nos chegam como a de alguém que, ciente da opressão, precisa encenar a libertação. Ao mesmo tempo, em ambas as obras, a percepção de uma parcela social dominante e, em muitas situações, opressora, demarca uma linha bastante visível que separa a esfera composta pelos oprimidos. Se falar de um lugar implica resultados diferentes de falar a partir dele, essas duas obras podem revelar que é importante o reconhecimento das novas perspectivas de abordagem das diferenças na e pela literatura, se atrelarmos a isso a busca por uma maior força denunciatória. Episódios não contemplados pelos olhares canônicos, celebrando a presença de aspectos das relações sociais, econômicas, políticas, familiares e religiosas dessas personagens, trazem possibilidades representativas de problemáticas das vivências periféricas, distintamente daquelas apresentadas de modo idealizado, no conjunto canônico de obras literárias. Isso porque, no centro da narrativa encontra-se um sujeito que se implica como objeto vítima da questão denunciada ou com sentimento de pertencimento às mesmas problemáticas dos oprimidos. Sendo assim, as vozes dos subalternos têm outro impacto, porque tais sujeitos que se inserem nessa condição assumem um discurso contestatório, tanto no plano teórico quanto no da representação literária. Sem dúvida alguma sua fala assume matizes de um poder político inquestionável, que é o que queremos observar na leitura dessas duas obras, tendo como objeto principal a análise da representação imagética do opressor por esses novos protagonistas.

Palavras-chave: Diário de Bitita; *Becos da Memória*; construção imagética de personagens; subalternidade; empoderamento discursivo

17 - CRÍTICA TEXTUAL/FILOLOGIA EM TEMPOS DE RESISTÊNCIA

Coordenação: Ceila Maria Ferreira (UFF); Cristiane Navarrete Tolomei (UFMA); Viviane Arena Figueiredo

Resumo: A Crítica Textual estuda a transmissão de textos e estratégias de restituição desses textos a uma representação da última redação autoral ou ao texto que mais se aproxima dessa redação. Além disso, estuda a materialidade dos textos, as etapas do processo de sua construção e de sua gênese e constrói *links*, por meio de interpretações e de comentários, entre os textos editados criticamente e o público leitor ao longo do tempo. Podemos também entender a Crítica Textual como uma disciplina que trabalha com a historicidade, mais especificamente, com a historicidade do processo de produção textual – seja esse processo entendido como os que englobam a gênese textual, seja os entendidos como estudos sobre objetos e/ou instrumentos e/ou veículos de divulgação da literatura - e que transita num espaço muito caro aos estudos acadêmicos, nos dias de hoje, que é o espaço da interdisciplinaridade. Além disso, por meio da pesquisa da gênese textual, assim como do estudo de variantes textuais autorais ou de terceiros, podemos dialogar com a Crítica Genética, com a Análise de Discurso, com a Estilística, com a Hermenêutica, por exemplo. A Crítica Textual tem atuação marcante e necessária no processo de preservação do patrimônio cultural em forma de textos escritos e pode, inclusive, questionar ou inquirir o cânone literário a partir do resgate de textos, de obras, de autoras e de autores que acaba promovendo. Hoje, fala-se em um novo Eça, a partir da publicação de volumes do projeto de Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós, coordenado pelo Professor Carlos Reis, Catedrático da Universidade de Coimbra. Tal projeto trouxe a público novas versões de textos de Eça de Queirós, como também ajudou a levantar e a divulgar informações acerca de procedimentos de escrita do autor de *Os Maias*, um dos maiores escritores da língua portuguesa. Tal projeto também contribuiu e contribui para a sistematização de uma teoria e de uma metodologia de edição de textos em língua portuguesa de escritores do século XIX. Nesse sentido, vale lembrar da Comissão Machado de Assis, instituída pelo governo brasileiro de então, o JK, em 19 de setembro de 1958, para estabelecer o texto das obras de um dos maiores escritores nascidos no Brasil: Machado de Assis. Tanto a obra de Eça de Queirós como a de Machado de Assis, antes dos projetos aqui citados, sofreram graves ruídos de transmissão. Não podemos nos

esquecer da prestigiosa Equipa Pessoa, coordenada pelo Professor Ivo Castro, que vem editando criticamente a obra de Fernando Pessoa e de seus heterônimos e que vem também constituindo uma teoria e uma metodologia para o exame e edição de manuscritos literários. Neste simpósio, não vamos nos ater somente à obra de Eça, de Machado e de Pessoa. Pretendemos dialogar com estudos de gênese, de transmissão e de recepção de textos que tiveram problemas de edição e de transmissão, inclusive de autoras esquecidas pelo cânone, assim como de autores que também não tiveram sua obra lembrada ou valorizada pelas páginas das histórias da literatura. Nosso olhar investigativo também se preocupa com a chamada literatura popular, produzida por segmentos da sociedade menos favorecidos em termos econômicos e de escolaridade, como, por exemplo, a literatura de cordel. Como contribuir para divulgar esses textos e para que tais segmentos da sociedade também sejam reconhecidos e estudados pela academia como autores e autoras de obras literárias? Sabemos que, em tal discussão, está também inserida a própria discussão sobre a natureza do texto literário e o próprio conceito de literatura. Ademais, nossa proposta também passa por uma discussão sobre a importância da Crítica Textual para os Estudos de Literatura, assim como para o estudo de obras que tiveram seu texto censurado. E vale lembrar que a Crítica Textual tem um papel considerável de resistência. Já dizia Edward Said que a Filologia: “[...] pressupunha um profundo espírito humanista empregado com generosidade e, se me permitem o termo, com hospitalidade [...]” (SAID, 2003, p. 22). Nestes tempos temerosos em que vivemos, de golpe no Brasil, de guerra na Síria, de recusa à aceitação de imigrantes, de aprofundamento do capitalismo financeiro, praticar generosidade e hospitalidade são atos de resistência. Resistência, no caso da Crítica Textual/Filologia, também ao apagamento de textos, de autoras, de autores, de coletivos de pessoas, de vozes muitas vezes dissonantes aos mandatários do poder.

REFERÊNCIAS

SAID, Edward. Prefácio da Edição de 2003. In: _____. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 22.

1 de agosto

14h30

NOS (DES)CAMINHOS DAS HIPEREDIÇÕES: A EXPERIÊNCIA COM O ACERVO DE EULÁLIO MOTTA

Liliane Lemos Santana Barreiros (UEFS)

Resumo: As edições digitais já se tornaram uma realidade no campo da Crítica Textual. Nota-se que há diferentes experiências fundamentadas em princípios e critérios estabelecidos por grupos de pesquisa ou por pesquisadores individualmente. No presente trabalho, serão apresentados os critérios e princípios das hiperedições das obras de Eulálio Motta, considerando as relações dos textos editados com os documentos do acervo do escrito e as anotações lexicais realizadas nas referidas edições. Os critérios e princípios apresentados fundamentam-se em questões teórico-metodológicas que o grupo de pesquisadores ligados ao Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Humanidades Digitais (neiHD), da UEFS, está se debruçando atualmente. Para ilustrar a discussão, serão apresentados dois modelos de edições digitais. O primeiro é baseado na construção de um rizoma, a partir do dossiê arquivístico de um panfleto de autoria de Eulálio Motta, e o segundo a edição digital de um panfleto acompanhado da anotação lexical e a construção de um glossário online. As hiperedições ampliam as possibilidades de leitura do texto, atendendo às demandas do leitor imersivo (SANTAELLA, 2004), que constrói seus caminhos, faz suas escolhas, interage com o texto, deixando suas marcas por meio de comentários e compartilhamento de informações. O desafio imposto à filologia digital, na atualidade, é justamente lidar com a linguagem e a dinâmica da Web 3.0. Nesse sentido, arriscamos afirmar que a hiperedição pode ser uma alternativa viável para atender a tais demandas.

Palavras-chave: Hiperedições; Eulálio Motta; Filologia Digital.

A FIDEDIGNIDADE TEXTUAL NAS ADAPTAÇÕES

Fabiana da Costa Ferraz Patueli Lima (UERJ)

Resumo: Há muitas adaptações que utilizam o rótulo de fidedignidade à obra original, sobretudo, para chamar a atenção do público consumidor, sujeitando o conceito de fidedignidade textual às necessidades do mercado, que passam a valorizar tudo que é apontado como original, perpetuando uma hierarquia entre o texto-fonte e as suas adaptações. Para Linda Hutcheon, em *Uma teoria da adaptação* (2013), a hierarquização é reforçada se a mídia reconhecida como “original” for um texto escrito e canônico, pois o mesmo tem o poder de se sublevar as diferentes formas de comunicar na cultura ocidental. Muito embora, reconheça-se que o próprio título de “original” possa ser questionado, tendo em vista o processo imbricado pelo qual o pensamento se dá e o constante diálogo entre as produções artísticas. A valoração da obra fonte em detrimento de suas adaptações, provavelmente, é concernente às estruturas regulatórias das instituições ou pessoas, que detêm o poder sob as formas de expressão de um grupo ou sociedade, ou seja, trata-se de uma escolha sociocultural que pode ou não ser completamente homogeneia, tendo em vista Umberto Eco em *Apocalípticos e integrados* (2011). Assim, para o contexto da pesquisa, foi considerada a fonte “original”: o texto ou a obra que servirá de base para uma adaptação, que poderá ser uma (re)leitura ou uma transcrição nos termos de Haroldo de Campos. Enquanto a fidedignidade textual, como uma proposta ou um efeito, está atrelada à prática de transmissão de um texto independente da mídia pelo qual é expresso. Nas adaptações, é mais comum o uso da fidedignidade como uma proposta do que a busca pelo estabelecimento do texto com o rigor da Crítica Textual. Muito embora, é inegável que a Crítica Textual ao buscar a fidedignidade de um texto dentre as suas reedições no tempo, faz-se importante para o estabelecimento da representação textual, que melhor corresponda à vontade autoral, que paralelamente às suas adaptações, poderão nos fornecer um quadro mais completo sobre as leituras possíveis acerca das reflexões do mundo que teve como objeto primário uma determinada fonte. Neste contexto, o efeito da fidedignidade se refere à relação que o público pode intuir das obras, independe das marcas patentes entre elas. Essa relação proposital, ou não, vai depender dos conhecimentos que o leitor ou o espectador possuem sobre a obra fonte e o seu autor e de como estes se relacionam com os discursos socioculturais vigentes. Para exemplificar melhor as questões concernentes à fidedignidade textual, como proposta e como efeito, na relação entre o texto-fonte e as suas adaptações, abordaremos a transmissão do conto “O espelho” de Machado de Assis em periódico (*Gazeta de Notícias*, 8 set. 1882), livro (*Papéis avulsos*), filme (Becca Lopes, 2008; Rodrigo Lima, 2015) e história em quadrinhos (Jeosafá e João Pinheiro, 2012). Palavras-chave: Fidedignidade. Adaptação. Crítica Textual. Machado de Assis. “O espelho”.

Palavras-chave: Fidedignidade; Adaptação; Machado de Assis.

A CRÍTICA TEXTUAL E OS CONCEITOS CIENTÍFICOS: UM ESTUDO DOS JORNAIS DO EIXO RIO-SÃO PAULO EM PROL DA ALFABETIZAÇÃO CIENTÍFICA

Leandro Trindade Pinto (UERJ)

Resumo: Estudar os textos do passado significa submergir em um universo diferenciado, no qual passamos a ter consciência de comportamentos, atitudes, práticas sociais, políticas e históricas. Quando analisamos textos pertencentes a outros séculos, ou mesmo, determinadas épocas específicas, temos que nos inteirar de certos aspectos que possam balizar as nossas pesquisas de modo consistente, fato tal que exigirá domínio do assunto no qual nos propomos a pesquisar e, consequentemente, escrever. A Crítica textual nos oferece elementos seguros para buscarmos o texto e, paralelamente, as ideias do autor, de forma íntegra e sem rupturas de sentido; através das técnicas empregadas na edição de textos publicados em uma época anterior, podemos trazer ao leitor a versão autoral, preservando, assim, não só a escrita, mas também o trabalho original de determinado autor. Porém, como aplicar a literatura, bem como a Crítica textual ao trabalho de Ciências? Em um primeiro momento, pode-se pensar que estas áreas não possuem muitas determinantes em comum, porém, com um olhar mais apurado, percebemos que a Crítica textual

pode ser uma útil ferramenta para trazermos à tona textos do passado que, por vezes, foram modificados em seu processo de transmissão. De fato, quando estudamos textos que sofreram tais modificações, acabamos por ter em mãos, um documento que, por não primar pela sua essencialidade, trará em seu conteúdo ideias distorcidas, não apenas pela singularidade da ideia exposta no texto, como também pelas marcas sociais e históricas expressas nos valores da época em que este foi construído. Ao voltar para o diálogo presente entre Literatura e Ciências, ou mais especificamente, entre Crítica textual e Ciências, nos dispomos a perguntar, primeiramente, como a sociedade urbana brasileira do final do século XIX e início do século XX encarava os estudos científicos? O ponto de partida para esta pergunta talvez seja nos conscientizar que veículos informativos davam voz às pesquisas científicas desta época; há de se lembrar, neste estudo, que deve ser considerado que a fase em questão a ser estudada, corresponde a severas transformações tanto nos quadros sociais, quanto históricos; para tal, podemos considerar a abolição da escravatura e a proclamação d república como marcos que também ajudaram a repensar os conceitos científicos aqui no Brasil. Sendo assim, é através de jornais do eixo Rio de Janeiro – São Paulo, que nos dispomos a construir esta pesquisa, buscando textos que trouxessem à população informações sobre diversos conteúdos científicos, seja meramente por meio de informar a sociedade sobre pesquisas da época, ou mesmo, influenciar à população em termos da prática denominada conceito higienista. Ao fazer a edição destes textos, nos preocupamos em não só trazer o texto como fonte fiel e primária de informação, como também nos dispomos a analisar o discurso imerso nas crônicas de cunho científico, observando a carga ideológica presente na construção desses textos. Sendo assim, ao realizarmos uma visão mais apuradas deste texto, também nos propomos a discutir como era realizada a chamada alfabetização científica (AULER, D.; DELIZOICOV, D.) para a população da época, de modo a analisar as bases que construíram o pensamento científico dos tempos atuais.

Palavras-chave: crítica textual; alfabetização científica; jornais

2 agosto

14h30

PELO RESGATE DE UMA LITERATURA DE RESISTÊNCIA E DE COMBATE: PREPARAÇÃO DE EDIÇÕES CRÍTICAS DE OBRAS DE MACHADO DE ASSIS E DE EÇA DE QUEIRÓS

Ceila Maria Ferreira (UFF)

Resumo: Vamos apresentar algumas reflexões sobre a preparação de duas edições críticas que estamos realizando: a de Papéis Avulsos, coletânea de contos de Machado de Assis, e a das narrativas de viagem de Eça de Queirós. A primeira é um projeto do Labec-UFF e conta com a colaboração de alunas e de alunos de graduação do Instituto de Letras da UFF e, no momento, conta com apoio de uma bolsa PIBIC. A segunda é parte do projeto de Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós, coordenado pelo Professor Carlos Reis, da Universidade de Coimbra. Além disso, apresentaremos alguns exemplos retirados do cotejo de diferentes edições das obras citadas anteriormente. Falaremos também sobre característica de resistência e de combate à ideologia dominante apresentadas pelos textos tanto de Machado como de Eça. No caso de Papéis Avulsos, trata-se de uma obra publicada pela primeira vez em 1882, pela Lombaerts & C e é formada por uma Advertência, doze contos (“O Alienista”, “Teoria do Medalhão”, “A Chinela Turca”, “Na Arca”, “D. Benedicta”, “O Segredo do Bonzo”, “O Anel de Polycrates”, “O Empréstimo”, “A Sereníssima República”, “O Espelho”, “Uma Visita de Alcibíades” e “Verba Testamentária”) e um capítulo com notas do próprio autor. Todos os doze contos publicados em Papéis Avulsos foram publicados anteriormente em periódico. Segundo John Gledson, no Prefácio à edição de 2011 de Papéis Avulsos, publicada pela Penguin/Companhia das Letras: “[...] o assunto meio escondido da coletânea é o Brasil – porém, um Brasil visto indiretamente, às avessas, com ironia, através de excursões no tempo e no espaço.” (GLEDSON, 2011, p. 10) . Já as narrativas de viagem de Eça de Queirós foram muito provavelmente escritas em 1869-1870, durante a viagem que Eça fez ao Egito, a Palestina e à Alta Síria. Uma pequena parte dessas narrativas foi publicada no Diário de Notícias, em 1870-1871.

Contudo, 26 anos após o falecimento do autor, saiu o volume intitulado *O Egypto. Notas de Viagem*, com texto organizado pelo filho do autor, José Maria, e com uma introdução escrita também pelo filho do autor. O texto dessa narrativa em comparação com o do manuscrito autógrafo que se encontra na Biblioteca Nacional de Portugal foi bastante alterado. Há também uma publicação intitulada *Folhas Soltas*, saída em 1966, organizada pela filha do autor, Maria, que também apresenta muitas modificações. Vale ressaltar também que o caráter de crítica social, na minha avaliação, é mais intenso no manuscrito autoral do que nas edições publicadas em livro aqui citadas.

Palavras-chave: Crítica Textual; Literatura; Machado; Eça; Edição

REPENSANDO O PORTUGAL SETENTISTA: PARA UMA REFLEXÃO SOBRE AS FARPAS DE EÇA DE QUEIRÓS

Gisele de Carvalho Lacerda (UFF)

Resumo: Nesta comunicação procuramos apresentar o cotejo entre dois textos de Eça de Queirós para *As Farpas*. Ambos os textos são do ano de 1871 e versam sobre a situação político-cultural de Portugal na altura e acentuam a importância do resgate das Artes e da Literatura para uma possível organização do Portugal setentista. *As Farpas*, de Eça de Queirós e Ramalho Ortigão, circularam de 1871 a 1882 e a participação de Eça se limitou à quinze fascículos, correspondendo a maio de 1871 a outubro de 1872. Estima-se que este periódico, impresso por conta dos autores, cuja intenção era apenas apontar os erros vividos por Portugal no período da Regeneração (utilizando em grande parte a galhofa para alcançar seus objetivos de escárnio da sociedade), tenha alcançado a marca de 2500 exemplares, tendo a edição se extinguido rapidamente. A temática geral das *Farpas* trazia um jornalismo apertado e eram uma crítica social, literária e estética. A homogeneidade dos textos dos escritores era tal que não seria possível distinguir seus estilos, o que só pôde ter sido feito anos mais tarde quando da publicação de *Uma Campanha Alegre*, uma vez que, mesmo que Eça de Queirós não participasse mais, ainda constava o seu nome em todas as edições posteriores à sua saída. *Uma Campanha Alegre* foi originalmente publicada em dois volumes em 1890 e 1891 consta da publicação dos textos compilados (muitos deles alterados em relação ao original do periódico) de Eça de Queirós nas *Farpas*. A importância de revisitar as *Farpas* de Eça de Queirós, seja na publicação de *Uma Campanha Alegre* ou nos periódicos ainda disponibilizados para consulta em acervos se dá pelo fato de que essa prática da escrita jornalística desenvolvida nas *Farpas* contribuiu para o aperfeiçoamento de seus futuros romances, como é exemplo *O Crime do Padre Amaro*, *O Primo Basílio* e *Os Maias*, em que ainda podemos ver traços deste jovem escritor. Ao revisar seus textos para a publicação de *Uma Campanha Alegre*, vemos um Eça já consagrado como escritor que ao revisar seus textos altera-os, não só no aspecto estético, mas também ideológico, por razões várias que pedem uma maior reflexão e pesquisa. A edição por nós cotejada trata-se do volume XV da edição do Centenário: obras de Eça de Queirós para a Lello & Irmão editores, em 1948. O texto original do periódico queirosiano encontra-se no acervo do Real Gabinete Português de Leitura, no Rio de Janeiro e também digitalizado no site da Biblioteca Nacional de Portugal.

Palavras-chave: geração de 70; Eça de Queirós; periódicos

DA GAZETA DE CAMPINAS PARA A LITERATURA: UMA REVISÃO CRÍTICO TEXTUAL DAS PRIMEIRAS CRÔNICAS DE JÚLIA LOPES DE ALMEIDA

Viviane Arena Figueiredo (UFF)

Resumo: A Literatura de autoria feminina possui muitas histórias; dentre tantas, pode-se notar nos textos das mulheres escritoras um sentimento de pertencimento individual, no qual a atitude do mundo que nos cerca é colocada em xeque, em meio a reflexões sobre certos parâmetros sociais que, na maioria das vezes, parecem descrever apenas parte da sociedade. Sendo assim, podemos notar que escrever, por vezes, se configura como um grande ato de resistência frente àquilo que nos incomoda. Nesse âmbito, ser mulher e, ao mesmo tempo, ser escritora, é vencer um paradigma há muito já institucionalizado de que o campo da literatura pertence ao universo masculino. Se hoje em dia, ainda encontramos certos padrões no qual a desigualdade entre gêneros se faz presente,

imagina, então, no século XIX? Para demonstrar tal retrato, trazemos à tona, nesta pesquisa, a imagem da escritora Júlia Lopes de Almeida, mulher que venceu os paradigmas literários de sua época, conseguindo viver exclusivamente da Literatura. Apesar de ter sido influenciada dentro de seu lar a seguir o mundo das Letras, Júlia Lopes, em uma entrevista a João do Rio, confessou que também teve receio em divulgar os seus textos, visto que percebia que aquele universo fora proibido a muitas mulheres de sua época. Em relação à Crítica textual, é preciso considerar que a literatura de Júlia Lopes de Almeida configura-se como um importante dado para se analisar a sua produção autoral. Muitos textos da autora ainda são desconhecidos não só do público leitor, como de pesquisadores da área, pois se encontram em manuscritos, ou mesmo, perdidos em jornais da época, visto que a maior parte das pesquisas sobre a vida e obra de Dona Júlia centra-se na construção de seus romances. Sendo assim, a fim de fugir desse parâmetro, trazemos a público, pois, a produção inicial de Júlia Lopes, publicada na Gazeta de Campinas a partir de 7 de dezembro de 1881 até 1884, quando a autora começou a contribuir para o jornal “O paiz”. Em um total de quarenta e um textos, Júlia aborda diversas temáticas, desde aquelas que descrevem o dia-a-dia da cidade paulista até reflexões importantes sobre o comportamento feminino e a ideologia de gêneros. De modo a seguirmos a técnica implantada nos estudos filológicos, essa pesquisa caracteriza-se não só pela edição dos textos publicados por Júlia Lopes, na Gazeta de Campinas, como também nos remete à observação da periodicidade de reedição autoral desses mesmos textos em outras obras publicadas pela autora. Para tal, traçamos esta investigação a partir do livro Traços e Illuminuras, publicado em 1887, visto que constam modificações autorais de textos outrora publicados na Gazeta de Campinas. Vale salientar que tal pesquisa pretende delinear o início da carreira de Júlia Lopes de Almeida, demonstrando a maneira pela qual a autora construía e modificava seus textos em prol de manter a qualidade de sua publicação.

Palavras-chave: Júlia Lopes de Almeida; edições; crônicas

EDIÇÃO CRÍTICA DOS TEXTOS DE IMPRENSA III (D'A ATUALIDADE)

Cristiane Navarrete Tolomei (UFMA)

Resumo: Esta comunicação tem por objetivo apresentar o conjunto de operações destinado a apurar, preparar e estabelecer o texto-base, no caso, 15 crônicas escritas por Eça de Queirós no periódico A Actualidade, do Porto, entre 24 de abril de 1877 a 7 de junho de 1878. Também serão apresentados as normas e os critérios para o estabelecimento do texto crítico e registro das variantes com base nas diretrizes da equipe responsável pela edição Crítica das Obras de Eça de Queirós, coordenada pelo Prof. Dr. Carlos Reis, da Universidade de Coimbra. Além da utilização do texto-base, confrontamos as edições intituladas Crônicas de Londres (1944), de compilação sob responsabilidade de Eduardo Pinto da Cunha; e Obras de Eça de Queiroz: Cartas de Inglaterra e Crônicas de Londres (2000), com fixação do texto e notas de Helena Cidade Moura. De maneira geral, portanto, a edição crítica se iniciou com a operação básica da edição crítica, o recensio, que consiste no levantamento de todos os dados e testemunhos conhecidos, tanto na tradição direta quanto na indireta. Ainda na fase do recensio fizemos a colação e o expurgo dos exemplares inúteis ou coincidentes. Ao final da colação, comparados todos os testemunhos, excluímos todos os exemplares que foram considerados inúteis ao estabelecimento do texto crítico por serem coincidentes (ou cópias de outros testemunhos subsistentes) ou por outros motivos, como, por exemplo, por serem edições contaminadas ou deturpadas. Logo, este projeto se revela importante para o rejuvenescimento dos textos queirosianos, maltratados por edições defeituosas

Palavras-chave: Edição Crítica; Eça de Queirós; A Atualidade.

18 - DECADENTISMO E GÓTICO: OLHARES SOMBRIOS

Coordenação: Alexander Meireles da Silva (UFG); Fernando Monteiro de Barros Junior (UERJ)

Resumo: Decadentismo e Gótico vem há séculos caminhando de mãos dadas como amantes que lançam seus olhares sombrios diante das cenas finiseculares que engendram e alimentam seus corpos negros e subversores. Por parte do Decadentismo, essa postura se inicia ainda na

Antiguidade para descrever o final dos períodos Alexandrino (300-30 a.C.) e do Imperador Romano Augusto (14 d.C.), mas indubitavelmente ele veio a ganhara uma nova dimensão já dentro do terreno racionalista da Modernidade na França com o Simbolismo a partir da segunda metade do século dezenove. O Decadentismo se caracterizava já ai pela autonomia da arte, pela busca do sensacionalismo, pela utilização do melodrama, pela ênfase em elementos como o egocentrismo, a artificialidade, o bizarro, sinalizando uma posição de autonomia do decadente em relação a uma sociedade anestesiada pelos ideias da ciência e dos produtos do progresso e alienada pelo pensamento realista-naturalista. Especificamente, na seara da Literatura, segundo Orna Messer Levin em *As figuras do dândi* (1996), a ideia de decadência surge pela primeira vez na França de 1834 no estudo do crítico Desiré Nisard no qual ele faz a análise das semelhanças entre a poesia latina e a literatura romântica. Mas foi por meio do poeta francês Charles Baudelaire, com a coletânea de poemas *As flores do mal* (1857), fortemente influenciado pela visão artística do escritor norte-americano Edgar Allan Poe, que o Decadentismo deu forma ao seu manifesto, ganhando força através da influência exercida sobre os artistas contrários ao *status quo*. Percebe-se neste ponto um dos primeiros flertes efetivos entre o Decadentismo e seu irmão/amante o Gótico, visto que as narrativas de Poe exploravam elementos caros ao decadentes como a ênfase em situações ancoradas no onírico, a discussão do lugar da arte e a exploração de espaços sensoriais. Ou seja, são narrativas centradas no individuo como elemento maior de oposição as massas urbanas das crescentes metrópoles. Esta ligação entre Decadentismo e Gótico se intensificou em 1884, quando ocorre a estreia do Decadentismo na prosa com *Às avessas*, do francês Joris-Karl Huysmans, considerado o “breviário” do movimento. Na obra, o leitor é apresentado ao protagonista Des Esseintes, incorporação das ideias decadentistas e da *maladie fin de siècle*. Sua rotina é centrada na construção e substituição do natural por espaços não-naturais e para isso ele faz uso de sua inteligência, dinheiro e tempo livre. Tudo isso almejando a obtenção de sensações novas e bizarras, em uma continua e crescente ansiedade narcisista pelo próximo momento efêmero. É essa busca decadentista que se coloca como uma ação subversora contra as normas e convenções sociais utilitaristas que abre espaço para a presença do sobrenatural de natureza religiosa ou advinda dos mistérios da Ciência de fim de século, explorado pela Literatura Gótica. No primeiro caso, representado, por exemplo, em *O retrato de Dorian Gray* (1891), do escritor irlandês Oscar Wilde vemos o jovem Dorian Gray operando da mesma forma que o decadente Des Esseintes no exercício de sua prática de dândi com o acréscimo do elemento satânico manifestado na releitura do pacto faustico. Esse diferencial faz com o romance assuma uma nova dimensão permitindo com que, ao lado de outros elementos, a obra de Wilde possa ocupar o lugar tanto de representante do Gótico quanto do Decadentismo. No segundo caso, em que a Ciência é fonte de fascínio e medo, se pode citar como exemplo a novela *O estranho caso de Dr Jekyll e Mr Hyde* (1886), do escocês Robert Louis Stevenson, cujas experiências científicas executadas pelo respeitado Dr. Jekyll, com vistas a encontrar uma maneira de levar uma vida de subversão ao sistema que não manchasse a sua imagem de respeitado cavaleiro vitoriano, iniciam o tortuoso processo de decadência que culmina em seu suicídio. É dentro deste território de diálogo, cruzamento e paralelismo entre o Gótico e o Decadentismo que este simpósio acolherá comunicações de pesquisadores que abordem discussões sobre o Gótico e/ou o Decadentismo desde os seus respectivos surgimentos e momentos chaves em fins do século dezoito com o romance *O castelo de Otranto* (1764), do escritor inglês Horace Walpole e fins do século dezenove com *As flores do mal*, de Charles Baudelaire e *Às avessas*, de Joris-Karl Huysmans, até suas manifestações e expressões nos dias de hoje, na Literatura e no Cinema.

31 de julho

14h30

A REPRESENTAÇÃO LITERÁRIA DA AMAZÔNIA NO UNIVERSO PUNK-GÓTICO DO RPG LOBISOMEM: O APOCALIPSE

Breno Pauxis Muinhos (UFPA); Maria do Perpétuo Socorro Galvão Simões (UFPA)

Resumo: As narrativas orais carregam profundos sentidos decorrentes de nossa cultura e história, o ato de contar histórias é uma atividade que remonta nossa herança ancestral. Os jogos de interpretação de papéis são movidos pelo ato de narrar tramas que envolvem personagens a serem interpretadas por outros participantes; apesar do nome, em essência, um roleplaying game não é apenas um jogo, a presença de elementos de atuação e interpretação inserem aspectos únicos ao gênero. Na segunda metade da década de 90, foi traduzido e publicado no Brasil o livro de RPG Lobisomem: O Apocalipse, criado por Mark Rein-Hagen, Bill Bridges e Robert Hatch, como parte do cenário do Mundo das Trevas: uma ambientação semelhante ao mundo real, contudo, com diversos elementos fantásticos e preenchido pelo decadentismo literário, pela proposta de revolta do movimento punk e de conformismo da estética gótica. No cenário, os participantes são convidados a interpretar seres que vivem em mais de uma forma, entre homem e animal, e que travam uma guerra perdida com a devastação do meio-ambiente. As inspirações dos textos que compõem o livro são nitidamente inspiradas em obras literárias como O Médico e o Monstro, Metamorfose, O lobo da estepe, e outras. Ainda se pode notar diálogos intrínsecos com as narrativas orais populares fantásticas. A Amazônia é referida diversas vezes no livro principal e em diversos de seus suplementos; inclusive tendo um como o foco principal, Rage Across Amazon. O presente trabalho busca dialogar e refletir sobre como a representação fantástica e literária da Amazônia ocorre nessas produções, como se dá o diálogo com as narrativas orais populares amazônicas, e entender a relação decadentista e gótica entre esses elementos. De recorte para a presente comunicação serão também abordadas duas categorias dos estudos literários, para discorrer sobre a singular experiência que há nos roleplaying games: a narrativa e a oralidade, que aqui serão discutidas como partes integrantes da estrutura do “jogo”; principalmente, na criação conjunto, contínua e improvisada entre os participantes, narrador e jogadores. Na pesquisa, para o desenvolvimento da proposta, foram verificadas as reflexões sobre o jogo de Johan Huizinga, as percepções de história e tempo de Walter Benjamin, as discussões sobre literatura fantástica de Tzvetan Todorov, os estudos sobre RPG e seus diálogos com literatura de Edson Cupertino; também se procurou as narrativas orais paraenses recolhidas nos livros Belém Conta e Santarém Conta, e as publicações de Literatura Oral, o decadentismo e a estética gótica.

Palavras-chave: Amazônia ; RPG ; Literatura Oral

OS FANTASMAS DE ATWOOD

Guilherme Copati (UFU)

Resumo: Contos populares de todos os tempos e culturas provam ter sido, desde sempre, assombrados pela presença inquietante de fantasmas. Elemento onipresente nos romances góticos da tradição e também nos gêneros derivativos ghost story e sensation novel, essa figura sobrenatural está ligada ao medo do escuro e às superstições humanas sobre a morte, e seu retorno frequentemente sinaliza a busca por vingança, a exposição de um crime cuidadosamente escondido, ou o assédio contra aqueles que sobreviveram (SNODGRASS, 2005). Sua aparição abjeta carrega consigo a estranha familiaridade do unheimlich freudiano e sinaliza a obsessão do gótico por um passado que insiste em se fazer presente. Em especial a partir do final do século dezenove, com a incipiente estruturação da psicanálise e seu consequente questionamento de noções cartesianas de identidade, e também com o advento do século vinte e suas aceleradas modificações, marcadas, dentre outros aspectos, pelos horrores das Grandes Guerras e pelo individualismo excessivo, o fantasma passa a corporificar aquilo que nos assombra de dentro, das fronteiras do inconsciente, e que não raro serve como metáfora para o trauma, para o mutismo, para a repressão e para toda sorte de transgressões. Como dito pela célebre Virginia Woolf (1987), a modernidade vê os fantasmas dos mortos progressivamente substituídos por outros, mais insidiosos, que habitam o interior do indivíduo e dele emergem para assombrá-lo. Partindo dessas possibilidades de reflexão acerca do fantasma, apresento, em linhas gerais, uma discussão a respeito das aparições fantasmagóricas em romances da escritora canadense Margaret Atwood. O objetivo desses apontamentos é demonstrar que o retorno do fantasma - seja aquele que volta do mundo dos

mortos para assombrar os vivos, seja aquele que se manifesta por meio do inconsciente ou da memória, engendrando tentativas de resolução para traumas e conflitos subsistentes - é um tópos ou convenção estruturadora da obra em prosa de Atwood, repetindo-se em um considerável número de romances escritos por ela, tais como *Surfacing* (1972), *The Handmaid's Tale* (1985), *Cat's Eye* (1988), *The Robber Bride* (1993), *Alias Grace* (1996) e *The Blind Assassin* (2000). Será de interesse particular a reflexão em torno do fato de que os fantasmas de Atwood são, em sua maioria, figuras de mulheres que estabelecem uma relação de duplicidade com as protagonistas de seus diversos romances. Tais considerações iniciais me permitirão examinar, ao longo deste e de outros trabalhos, a relação entre o retorno do fantasma e outros temas prediletos na ficção da escritora canadense, tais como a fragmentação das identidades na pós-modernidade, as manifestações da abjeção, o gênero, a opressão física e ideológica da mulher e as diversas formas de resistência a essa coerção.

Palavras-chave: Gótico; Fantasma; Margaret Atwood

POÉTICA GÓTICA E MOVIMENTOS MESSIÂNICOS: O CASO DE CANUDOS

Hélder Brinate Castro (UFRJ)

Resumo: O romance gótico, inaugurado pela publicação de *The Castle of Otranto* (1764), de Horace Walpole, caracteriza-se por sua escrita desencantada e pessimista em relação a seu contexto sociocultural, em que se manifestam eventos violentos e insólitos. Os excessos da narrativa do romancista inglês não constituem, porém, caso individual. Durante o período de 1764 a 1820, o mais homogêneo da literatura gótica (PUNTER, 1996), produziu-se uma ficção popular associada a uma visão sombria e decadente da vida, em que escritores como Ann Radcliffe e Matthew Lewis deixaram sua marca. A poética gótica não se limitou, todavia, a essa periodização, influenciando escritores de séculos posteriores e de outras partes do mundo. No século XIX, o Gótico continuou a reproduzir seus topoi: em diversas narrativas, personagens sórdidas e monstruosas habitam casas e castelos arruinados, florestas tenebrosas, onde ocorrem incidentes misteriosos. No término dos Oitocentos, autores consagrados, como Robert Stevenson, com *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde* (1886), e Bram Stoker, com *Dracula* (1897), demonstraram horrores dos avanços científicos. Já no século posterior, o gótico espalhou-se por diversos meios artísticos – a música, o cinema e os graphic novels –, tendo sempre grande apelo popular e se adaptando às realidades da época. A poética gótica configura-se, pois, como uma faceta desiludida da natureza humana, transpassando múltiplas manifestações culturais e estabelecendo-se, no campo da arte, como uma estética negativa. Se, na Europa e nos Estados Unidos, a literatura encontrou, nos topoi góticos, formas de representar os medos de seus habitantes, é de se esperar que, no Brasil, tenha ocorrido processo semelhante. Uma análise das críticas e historiografias literárias brasileiras dos séculos XIX e XX revela, todavia, poucas associações entre a literatura do nosso país e o Gótico. Os motivos dessa ausência de relação não se dão pela inexistência de obras que explorem atmosferas lúgubres e ambientes decadentes. Entre as causas para o “apagamento” da poética gótica nas Letras nacionais, destaca-se a preferência de nossos estudos literários por temas realistas e explicitamente relacionados à identidade nacional. As obras com características imaginativas, fantásticas e góticas foram e ainda são, por conseguinte, negligenciadas por nossa historiografia. Nesse contexto, as narrativas que tematizam os movimentos messiânicos ocorridos no Brasil tiveram suas análises voltadas mais à documentação das organizações sociorreligiosas do que aos recursos formais empregados por seus autores, atendo-se, principalmente, a fins de estudos sociológicos e antropológicos. As análises dos recorrentes eventos sobrenaturais e das descrições lúgubres dos rituais místico-religiosos presentes nas obras não costumam, pois, apreender o seu potencial estético e sua relação com a poética gótica. Tencionando preencher tal lacuna, pretende-se averiguar as características e as técnicas ficcionais da poética gótica – sobretudo a conformação de loci horribiles e de personagens monstruosas – manejadas em duas obras que narram a histórica guerra de Canudos: *Os Jagunços: novela sertaneja* (1898), de Afonso Arinos, e *Os Sertões* (1902), de Euclides da Cunha. Pretende-se, por fim, compreender como a temática do fanatismo religioso –

mais especificamente dos movimentos messiânicos – pode ter contribuído para o emprego de topoi góticos em nossa literatura.

Palavras-chave: Gótico; Literatura brasileira; Messianismo; Canudos

GÓTICO NO BRASIL, GÓTICO BRASILEIRO: O CASO DE "FRONTEIRA", DE CORNÉLIO PENA

Júlio França (UERJ)

Resumo: Os estudos literários ressaltam, tradicionalmente, em “Fronteira” (1935), obra de estreia de Cornélio Pena (1896-1958), três aspectos: (1) que se trata de um romance de cunho psicológico; (2) que se configura por meio de uma escritura intimista e; (3) que dá vazão a um ideário de fundo católico de seu autor. Sem prejuízo do reconhecimento desses três elementos, o romance de Pena vem atraindo, nos últimos anos, a atenção de muitos estudiosos da literatura gótica no Brasil, tais como Fernando Monteiro de Barros (2014) e Josalva Fabiana dos Santos (2012). Os estudos contemporâneos têm aprofundado a percepção de Luís Costa Lima, que, no livro “A perversão do trapezista” (1976), primeiro chamou atenção para os aspectos góticos do romance do escritor petropolitano. A comunicação ora proposta pretende justamente desenvolver essa hipótese, ao descrever “Fronteira” como uma das primeiras e mais bem acabadas realizações do que iremos chamar de “Gótico Brasileiro”, em oposição à ideia de “Gótico no Brasil”. Para que tal proposição seja compreendida, é necessário esclarecer duas premissas: (1) em primeiro lugar, entende-se Gótico como uma tradição artística que codificou, mediante narrativas ficcionais, um modo de figurar os medos e expressar os interditos de uma sociedade. Seu principal traço distintivo – a produção de prazeres estéticos negativos, como o sublime terrível da tradição burkeana, o grotesco, o art-horror etc. – é resultado direto da visão moderna de mundo que lhe informa. O que se chama de literatura gótica é, pois, a convergência entre uma percepção de mundo desencantada (Stevens, 2000) e uma forma artística altamente estetizada e convencionalista. Entre os muitos elementos convencionais dessa tradição, três se destacam por sua importância para a estrutura narrativa e a visão de mundo góticas. São eles: o “locus horribilis”; a presença fantasmagórica do passado; e a personagem monstruosa. Quando aparecem em conjunto e sob o regime de um modo narrativo que emprega mecanismos de suspense com objetivo expresso de produzir, como efeito estético, o medo ou suas variantes, esses três aspectos podem ser descritos como as principais convenções do que chamamos de narrativa gótica, cujas amplitude, permanência e pujança cultural estendem-se até a contemporaneidade (Punter, 1996; Botting, 2014). (2) Em segundo lugar, a distinção ora proposta entre “Gótico no Brasil” e “Gótico Brasileiro” chama atenção para nosso desejo de evitar um estudo da influência dos grandes autores europeus e norte-americanos sobre os brasileiros. Ao invés disso, buscaremos uma perspectiva que valorize o fato de que determinadas concepções de mundo geram concepções artísticas próprias, ainda que relacionáveis, correspondentes e, certamente, comparáveis. Assim, a expressão “Gótico Brasileiro” servirá para descrever as peculiaridades do desenvolvimento desse modo narrativo no contexto cultural brasileiro. Se formos bem sucedidos, conseguiremos mostrar, em “Fronteira”, como o Gótico estabelece uma via de mão dupla com a tradição literária no Brasil – isto é, alimentando-a, ao mesmo tempo que é por ela alimentada.

Palavras-chave: Gótico; Literatura Brasileira; Cornélio Pena

1 de agosto

8h30

REPRESSÃO MASCULINA EM O MÉDICO E O MONSTRO, O REI DE AMARELO E SUAS REPERCUSSÕES CONTEMPORÂNEAS

Diego Moraes Malachias Silva Santos (UFMG)

Resumo: Nesse texto aborda-se a repressão de masculinidades não tradicionais e a consequente polarização da figura masculina em O médico e o monstro (1886), de Robert Louis Stevenson, e O rei de amarelo (1895), de Robert W. Chambers. Tendo em vista a confluência temática entre inclinações decadentes e góticas nas duas obras, investiga-se a tendência inicial de personagens masculinos

reprimirem as masculinidades socialmente não aceitas. Na obra clássica de Stevenson, a repressão de uma masculinidade libertina repudiada pelo discurso moral vitoriano culmina na geração de um duplo freudiano monstruoso que funciona como metáfora para a hipocrisia e para as falhas de moralidade inglesa durante o fim do século XIX. Além da sexualidade reprimida explorada por leituras psicanalíticas, a polarização em *O médico e o monstro* diz respeito à masculinidade como um todo, envolvendo questões morais, culturais e sociais. Já na coleção de contos de Chambers, frequentemente lida à luz do decadentismo europeu, personagens masculinos apresentam menos resistência a masculinidades não tradicionais, parecendo ceder mais diretamente a impulsos carnis ao alegarem distância da moralidade e estética convencionais. Na prática, contudo, essa falta de convencionalidade, quando justaposta à arte realmente subversiva da peça de teatro ficcional que dá nome a *O rei de amarelo*, revela uma incoerência interna, desestabilizando a suposta recusa de valores convencionais artísticos e morais. Alguns personagens, como o protagonista do conto “*O emblema amarelo*”, que se descreve como vazio de moral e diz “ter levado uma vida indolente e inconsequente” (CHAMBERS, 1895), perdem o sentido e a razão ao entrarem em contato com a peça de teatro perversa e insana. O que antes era caracterização de personagens típicos de uma obra com raízes decadentes se torna um discurso questionável. Seriam mesmo os personagens de Chambers assim tão amorais? Parece mais provável que habitem um estranho limiar entre a liberdade trazida pela amoralidade e as condutas ainda aceitas para um homem da época. Tanto o texto de Stevenson quanto o de Chambers, mesmo que em medidas diferentes, discutem as complicações de balancear construções de masculinidade na virada do século XIX para o XX. Mais de cem anos depois, tais preocupações permanecem relevantes às masculinidades atuais. Ademais, obras contemporâneas revelam como as obras de Stevenson e Chambers, relidas por autores como Lovecraft e Stephen King, povoam grande parte de nosso imaginário cultural. Adaptações literárias e cinematográficas, desde super-heróis como Hulk até a coletânea brasileira *O rei amarelo* em quadrinhos, indicam que o desequilíbrio entre masculinidades tradicionais e não tradicionais, simbolizadas pelo duplo ou comunicado através de valores decadentes, ainda está presente tanto na literatura de horror quanto em boa parte da cultura popular.

Palavras-chave: masculinidade; gótico; decadentismo

D'ANNUNZIO À MODA RUSSA: APROXIMAÇÕES ENTRE GIOVANI EPISCOPO E CRIME E CASTIGO

Julia Ferreira Lobão Diniz (UFRJ)

Resumo: O autor Gabriele D'Annunzio é classificado como um dos maiores representantes do decadentismo italiano e é também responsável pela criação de um estilo próprio e original, conhecido como dannunzianesimo, que implica em um conjunto de características similares no que diz respeito à personagens, escolhas lexicais, temas de questionamento moral e, por fim, a elaboração de cena enunciativa. Entretanto, durante o período denominado como Fase della bontà (Giovani Episcopo, 1891, e L'Innocente, 1892), o escritor abruçês rompe com a estética decadentista, abandonando a aristocracia e os ambientes luxuosos e voltando-se, de forma inédita, para personagens humildes e desfavorecidos, recorrentes na literatura russa. Na obra *Giovani Episcopo*, D'Annunzio desenvolve um ambiente sombrio, principalmente no que se refere à construção de personagens, baseada no tema do pequeno homem. O tema do pequeno homem, no original málienki tcheloviék, se volta para a narrativa de operários ou funcionários públicos que não possuem condições sociais para defender-se de humilhações, personagem-tipo recorrente na literatura russa do século XIX. Fiódor Dostoiévski, escritor estruturalista imortalizado pelo tom humano e compassivo de suas obras, aborda esse tema de forma subjetiva e não se baseia na importância social ocupada por um personagem, nem em seus traços ou objetivos específicos na trama: a real temática de Dostoiévski consiste na significação que o mundo tem para cada personagem. Semelhante à *Giovani Episcopo*, *Crime e Castigo* se desenvolve a partir de um personagem constantemente humilhado e os cenários que compõe os ambientes complementam a ambientação assustadora e hostil. Nesse contexto, as obras utilizadas como corpora se desenvolvem a partir de uma visão sombria elucidada pelo protagonista, que se alinham com uma narrativa de vertigem e

ansiedade. Visto isso, buscamos aproximações entre a obra *Giovani Episcopo* (D'ANNUNZIO, 1892) e *Crime e Castigo* (DOSTOIÉVSKI, 1866) sob um viés cenográfico (MAINGUENEAU, 2017). A cenografia se estabelecerá a partir do estudo de personagens e sua visão de mundo, através de cenas que elucidem uma paisagem mental (LEPOLLARO E MORELLI, 2014).

Palavras-chave: D'Annunzio; Dostoiévski; Paisagem mental.

GÓTICO E EMPATIA: A FIGURA DO CIENTISTA NA OBRA DE H. P. LOVECRAFT

Marina Sena (UERJ)

Resumo: Bandas de rock gótico, filmes e livros sobre vampiros, monstros e fantasmas, séries televisivas com uma poética tétrica e soturna, um estilo de moda contemporâneo caracterizado por seu apreço por vestimentas negras e sombrias: a diluição do Gótico ocorre nas mais diferentes áreas da cultura ocidental. Tal diluição, especialmente a partir do século XX, leva Fred Botting a afirmar que tal poética está, ao mesmo tempo, em todos os lugares e em lugar nenhum. É nesse contexto que se insere o escritor norte-americano H. P. Lovecraft que, ainda que frequentemente ligado ao Fantástico e à Ficção Científica, também é associado ao Gótico. De fato, diversos pesquisadores contemporâneos demonstram a utilização da poética gótica na obra do autor. Lovecraft, seguindo a tradição iniciada por Mary Shelley em *Frankenstein* (1818) e perpetuada por R. L. Stevenson em *O médico e o monstro* (1886), tem, como um dos temas-chave de sua obra, os horrores de saber demais, ou os horrores do conhecimento. Ao utilizar esta temática, Lovecraft utiliza como protagonistas, frequentemente, cientistas ou acadêmicos. A hipótese deste trabalho é que tais personagens podem ser melhor compreendidos pelo viés da neurociência e, de forma mais precisa, pelo trabalho de Simon-Baron Cohen em *"The Science of Evil: on empathy and the origins of cruelty"* (2011). O psicopatologista faz uma descrição de vários graus de empatia – variando do zero ao seis. O nível que interessa para o este trabalho é aquele que se localiza no início do espectro: o grau zero de empatia. Estar nesse nível equivale a dizer que você não sabe lidar com outros indivíduos – muito menos antecipar seus sentimentos. Se você for um grau zero, os pensamentos de terceiros estão, simplesmente, fora de seu alcance. Isso te leva a uma existência solitária, em que seus pontos de vista são os únicos certos, e seus sentimentos são os únicos que importam. Além disso, você busca satisfazer todos os seus desejos, sem se importar se a realização deles irá ou não causar dano à outra pessoa. Há, entretanto, diferentes tipos de zero, a começar pela diferenciação de que um indivíduo grau zero pode ser positivo ou negativo. Aqueles no grau zero positivo possuem mentes extraordinariamente precisas, exatas e sistemáticas. Tais indivíduos não conseguem supor o que os outros estão pensando e não sabem como reagir às emoções de terceiros. Mas, mesmo não possuindo qualquer habilidade social ou empática, zeros positivos são altamente inteligentes e tendem a voltar seus desejos a diversos campos de conhecimento, principalmente aqueles relacionados às ciências exatas e biológicas. Procurarei demonstrar que a descrição que Baron-Cohen faz de constructos empáticos, e do indivíduo localizado no grau zero positivo de empatia, é uma chave para se compreender melhor o arquétipo do cientista na literatura gótica. Como estudo de caso, serão analisados os cientistas dos contos de H. P. Lovecraft, que sempre ultrapassam o limite do que deve e pode ser conhecido, em especial Walter Gilman, de *"Sonhos na casa da bruxa"* (1932/1933).

Palavras-chave: Empatia; Literatura gótica; Ciência

DUPLO QUEER - DE SHUUICHI MINAMINO À KURAMA YOUKO: YOUKAI QUEER EM YUYU HAKUSHO, DE YOSHIHIRO TOGASHI

Samara Souza da Silva (UNIFESSPA)

Resumo: Ao longo dos séculos artistas/pintores/desenhistas de todos os gêneros têm procurado maneiras criativas de contar histórias com figuras/imagens/desenhos, entretanto muitas dessas imagens somente podem ser decodificadas por um público distinto. Quando tentamos resumir a arte e/ou literatura na escrita acadêmica sobre o discurso da arte visual da animação e do mangá (quadrinho japonês), com ênfase, na obra de Yoshihiro Togashi, de imediato é visível o quão limitado

isso é. Essa ideia de nome mangá somente se tornou popular no início do século XX, segundo Luyten, (2012, p.32) “O termo mangá só se tornou popular no começo deste século por intermédio do desenhista Rakuten Kitazawa, que se empenhou em sua popularização, uma vez que já tinha sido cunhado por Hokusai, famoso xilogravurista da arte ukiyo-ê.” Após a popularização do termo, houve a necessidade da criação das demografias, para assim ter uma divisão de categorias no país. De modo que, ao refletirmos sobre gótico e queer na literatura japonesa e, especialmente, sobre os mangás sempre pensamos na multiplicidade de abordagens que são possíveis de se realizarem. Dentre tantas, propomos aqui uma reflexão sobre as figuras queer na obra, YuYu Hakusho (2015), de Togashi, publicado originalmente em 1990. A partir de tais concepções, este trabalho tem como objetivo discutir processos de construção de duplo queer da figura de um youkai (Classe de criaturas sobrenaturais do folclore japonês), a partir da análise de um mangá Shounen (que, de acordo Luyten (2012), é o quadrinho japonês direcionado para o público adolescente masculino). A escolha do corpus se justifica por estarem atravessados por temas góticos e queer, em que os personagens Shuuichi Minamino (humano) e Kurama Youko (youkai) são tidos como humano e demônio queer, e os espaços sociais em que estão inseridos os categorizam como personagens fora dos padrões esperado pela sociedade e pelo mundo espiritual. Fundamentamos nossa pesquisa no duplo da paródia de Linda Hutcheon (2013), e na teoria queer de Judith Butler (2017), principalmente sobre a performance de gênero. Concernente sobre os estudos de quadrinhos/mangás, pautamos em Sonia Luyten (2012) e Toni Johnson Woods (2010), e no imaginário mitológico japonês em Zilia Papp (2010), especialmente sobre as imagens dos monstros tradicionais. Percebemos nos personagens analisados, que o duplo queer é construído tendo como referência a figura perversa de youkai e nos padrões sociais da figura masculina. Quanto a isso, a obra de Togashi (2015) desenvolve uma narrativa literária em quadrinhos no contexto do mundo espiritual japonês, que se transforma através de vários artifícios e estratégias literárias, tais como: um estudo de imagem perversa queer, e uma representação de horror/terror que se transforma no decorrer do enredo.

Palavras-chave: Duplo queer; Youkai; Mangá; Yoshihiro Togashi.

GISELLE: UM CONTO GÓTICO NO BALLET

Verônica Maria Valadares de Paiva (UnB)

Resumo: Com libreto do poeta Théophile Gautier, inspirado no poema “Fantômes”, de Les Orientales (1829), de Victor Hugo, e na descrição da lenda das Willis feita por Henrich Heine em uma passagem de De l’Allemagne (1835), Giselle (1841) é considerado a epítome do ballet romântico. Sua narrativa segue a jovem camponesa, que antes tinha a dança como seu maior prazer, mas ao ser enganada por aquele que parecia ser seu “príncipe encantado”, ainda que disfarçado de plebeu, morre e passa a fazer parte de uma horda de espectros vingativos que usa a dança como sua arma mais letal. Em Giselle, são salientados temas como a fuga para a natureza, representada pela idealização da vida no campo, a dicotomia entre o real e o sobrenatural, e a idealização da figura feminina como ser etéreo e inalcançável. Aqui, no entanto, propõe-se uma nova interpretação de Giselle, à luz da ficção gótica e do papel feminino neste gênero. A influência feminina na ficção gótica se dá tanto pelo amplo número de autoras que se dedicaram particularmente a este tipo de literatura, a começar por Ann Radcliffe, considerada a mãe do romance gótico, quanto pelos temas que lhe são intrínsecos. Jovens presas em castelos em ruínas, ambientação que, com o passar dos anos foi se modernizando e ficando cada vez mais doméstica, ameaçadas pelo sempre presente Vilão Gótico, que busca satisfação material ou sexual. Giselle, no entanto, apresenta um desafio interpretativo por não seguir este padrão narrativo à risca, não existindo nem espaço físico de aprisionamento, tampouco um vilão definitivo; afinal, quem poderia preencher este papel? Albrecht, o duque, com sua enganação? Hilarion, com sua possessividade? Ou Myrtha, a Rainha das Willis, os espectros vingativos, com sua fúria insaciável? Mesclando os estudos literários à arte híbrida do ballet, serão explorados os elementos que tornariam Giselle uma narrativa gótica que expõe as tensões sociais surgidas após a Revolução Francesa, e que permeiam todo o século XIX, e a latente influência de uma sociedade fortemente patriarcal no destino de Giselle. Para tal, serão

consideradas as obras de Cyril W. Beaumont (1969) e Marian Smith (2000) sobre a concepção e repercussão do ballet Giselle, incluindo também o estudo de Jody Bruner (1977) sobre a dimensão psicológica da obra. O enquadramento de Giselle no gênero gótico será embasado na definição de Fred Botting (1996) e na subdivisão do gênero no chamado Gótico Feminino, termo proposto por Ellen Moers (1976). A narrativa do ballet Giselle, quando vista pela perspectiva da ficção gótica, permite a exposição de questões ainda hoje pertinentes. Onde se via um conto de fadas trágico, surge um conflito gerado por privilégio social e de gênero que acaba levando Giselle à morte.

Palavras-chave: Ficção gótica; Gótico feminino; Giselle; ballet

1 de agosto

14h30

ESTRANHANDO O ESTRANHO: TRÊS MOMENTOS DO WEIRD/NEW WEIRD NO CINEMA

Alexander Meireles da Silva (UFG)

Resumo: Baseado no livro Aniquilação (2014), primeira obra da trilogia Comando Sul, do escritor Jeff Vandermeer, o filme Aniquilação (2018) provocou debates mesmo antes de seu lançamento, justamente pelo fato de seu lançamento não acontecer nas salas de Cinema no mercado internacional, mas sim por meio da plataforma de vídeo streaming Netflix. A decisão da produtora Paramount partiu da previsão de que a produção do diretor Alex Garland poderia não ter desempenho satisfatório nas bilheterias ao redor do mundo por conta da dificuldade em classificar a obra. Ficção Científica? Terror? Horror? De fato, os comentários variados a respeito da obra corroboram a análise da Paramount quanto ao estranhamento que Aniquilação causa no grande público por não conseguir enquadrar o filme. Todavia, longe de algo negativo, está dificuldade se coloca como um dos diferenciais da obra e que o caracteriza como um texto que subverte convenções de gênero, alinhando-o com a proposta do New Weird. Buscando unificar os três principais gêneros do fantástico em Língua Inglesa: o Horror, a Fantasia e a Ficção Científica, o New Weird é herdeiro do Weird Fiction de fim do século 19 e início do 20, e tem suas primeiras menções em meados do século passado em obras como a trilogia Gormenghast, composta por Titus Groan (1946), Gormenghast (1950) e Titus Alone (1959), do escritor inglês Mervyn Peake. O New Weird toma o corpo como o principal locus da manifestação do fantástico, enfatizando os aspectos grotescos relacionados a transformação, decadência e mutilação do corpo humano. Esse aspecto é claro na obra e se formaliza nas exploradoras de Aniquilação por meio da interação das personagens com o espaço insólito no qual elas estão inseridas. Não é a toa que a narradora/protagonista do filme, interpretada por Natalie Portman, é uma bióloga especializada em reprodução celular. Mas Aniquilação não é a primeira produção norte-americana a causar reação de estranhamento por parte do público. De fato, em dois outros momentos das décadas passadas dois filmes alinhados com a estética New Weird também tiveram problemas de arrecadação pela mesma dificuldade do público em enquadrá-los: O enigma do outro mundo (1982) e O enigma do horizonte (1997). Com base neste quadro, esta comunicação busca refletir sobre a subversão das fronteiras das vertentes do fantástico colocada pelo New Weird representada principalmente pelo foco no corpo humano/monstruoso.

Palavras-chave: Weird; New Weird; Jeff Vandermeer; Aniquilação

O GÓTICO, A DECADÊNCIA E O PORNÔ DA TORTURA: UMA LEITURA COMPARATIVA DE A CENTOPEIA HUMANA E A SERBIAN FILM

Claudio Vescia Zanini (UFRGS)

Resumo: A presente proposta visa analisar as articulações entre o gótico e o decadentismo na agenda estético-ideológica de um subgênero do cinema de horror contemporâneo convencionalmente chamado de “pornô da tortura” (Edelstein, 2006; Jones, 2013), que se caracteriza pela forte presença do elemento gráfico nas cenas que descrevem a tortura, destruição e decadência do corpo humano. Controverso, o pornô da tortura tem entre seus expoentes as

franquias Jogos Mortais e O Albergue, além de A Centopeia Humana (2009) e A Serbian Film (2010), os dois filmes que compõem o corpus aqui analisado. Banidos em diversos países – inclusive no Brasil – os dois filmes são repletos de escatologias e de passagens que testam os limites do que o ser humano pode suportar em ambos os lados da tela. A afiliação destes filmes ao gótico e ao decadentismo se configura através da presença do sensacionalismo, do bizarro e da artificialidade, bem como da exploração das potencialidades sensoriais. Em ambos os filmes existem protagonistas egocêntricos – o cientista Heiter em A Centopeia Humana e o ator Milos em A Serbian Film – cujas motivações e desejos remetem a elementos identificáveis em Frankenstein e O Retrato de Dorian Gray, respectivamente. A análise comparativa aqui proposta pretende demonstrar que o pornô da tortura é espaço de exacerbação, horror, fortes dicotomias e subversão, o que configura e reforça seu vínculo com o gótico e o decadentismo.

Palavras-chave: Gótico; Decadentismo; Pornô da tortura.

O ARQUÉTIPO DE FRANKENSTEIN NO CINEMA: ENTRE O HUMANO E O MONSTRUOSO

Dudlei Floriano de Oliveira (INS)

Resumo: Desde seus primórdios, o Gótico lida com temas sombrios, perturbadores e transgressivos. Com o advento do Romantismo no século XIX, o Gótico passa a lidar com tais temas de forma cada vez mais pessoal e psicológica, permitindo a compreensão destas narrativas como representações sobre conflitos vividos pela humanidade, tanto de forma individual como coletiva. Uma das obras mais representativas deste período é o romance britânico Frankenstein (1818), de Mary Shelley. Entre as diversas inovações que a obra trouxe à literatura, está o fato de se repensar questões como a personificação do mal em personagens grotescas ou monstruosas. Se as origens do Gótico são marcadas pela dicotomia do bem contra o mal através de personagens claramente representadas como “boas” ou “más”, sendo estas muitas vezes apresentadas como figuras fantasmagóricas, Frankenstein propõe uma nova leitura: personagens tido como monstruosos podem se mostrar muito mais afetivos e sensíveis do que aqueles considerados “humanos”. A criação de Victor Frankenstein - criatura a quem é negado um nome, direito inalienável da condição humana -, se mostra um ser capaz de grandes feitos de altruísmo, mas cuja condição física o torna um excluído. O arquétipo da criatura de Frankenstein foi revisitado diversas vezes no cinema ao longo das últimas décadas, em filmes como Edward, Mãos de Tesoura (1990), de Tim Burton, o filme inspirado em fatos reais O Homem Elefante (1980), de David Lynch, , mais recentemente, o vencedor do Oscar de Melhor Filme em 2018, A Forma da Água (2017), de Guillermo del Toro. Este, tendo como cenário os Estados Unidos da década de 1960, é marcado por questões sócio-políticas que parecem tangenciais à narrativa, mas que são essenciais para a compreensão da dualidade humanidade x monstruosidade presente no filme. Mais do que isso, tais questões talvez tenham muito mais a dizer sobre o público do filme, do século XXI, visto que a produção do filme ocorre em um momento de polarização política no mundo ocidental, em que temas que pareciam ter sido resolvidos com os movimentos sociais da década de 1960, parecem estar cada vez longe de uma resolução em diferentes países do mundo globalizado. Assim, este trabalho tem por objetivo o estudo do arquétipo criado por Mary Shelley e sua releitura em diferentes obras cinematográficas, com especial atenção ao premiado A Forma da Água, e como a relação entre monstruosidade e humanidade é tratada nas diferentes possibilidades de releitura deste arquétipo.

Palavras-chave: arquétipo, Frankenstein, A Forma da Água, Gótico, monstruosidade

A REPRESENTAÇÃO DE PREOCUPAÇÕES SOCIAIS, PSICOLÓGICAS E ESPIRITUAIS NO GÓTICO CONTEMPORÂNEO: UMA ANÁLISE DE O EXORCISTA, DE WILLIAM PETER BLATTY

Fábio Ramos Paz (UnB)

Resumo: A presente pesquisa tem por finalidade expor como o romance gótico não está apenas conectado ao medo, mas também a diversos outros temas de relevância acadêmica através da análise de O Exorcista (1971), de William Peter Blatty. A literatura gótica procura despertar reflexões e emoções nos leitores através da utilização de elementos peculiares e sobrenaturais, como

monstros, fantasmas e demônios (BOTTING, 1996). Iniciado em meio a racionalidade iluminista, o Gótico literário teve como seu primeiro representante o romance *O Castelo de Otranto* (1764), de Horace Walpole. Antes da palavra “gótico” ser utilizada na descrição de obras literárias, ela já estava conectada a um estilo arquitetônico caracterizado pela presença de construções pontudas (CLERY, 2002). O termo também é utilizado para a nomeação do período de superstições e barbaridades da Idade Média, como o momento da queda do Império Romano. De acordo com Ann Radcliffe (1826), Jeremy Hogle (2002) e Stephen King (2013), o Gótico utiliza-se do terror e do horror para gerar tensão, sendo o terror a emoção derivada do suspense, das indagações que o escritor proporciona sem explicitar (ainda) o perigo em determinada cena. Já o horror é causado pela percepção de algo materialmente errado, como a presença de monstros ou de barulhos estranhos. Além de tais noções, King inclui a repulsa dentro dessa “tríade do medo”, sendo ela a contemplação de momentos que provocam desconforto físico, como a descrição de mortes sangrentas, mutilações e atrocidades variadas. O medo derivado da leitura de textos Góticos é sempre acompanhado da exposição de locais de segurança duvidosa, como castelos e casas abandonadas. Conforme os anos se passaram, o Gótico foi adquirindo um caráter contemporâneo e adaptando-se à evolução social: o castelo deu espaço à “casa de família”, enquanto os monstros foram substituídos por pais, maridos e criminosos (BOTTING, 1996). Como importante característica do Gótico contemporâneo está o foco na mente humana, o que torna possível a abertura do gênero aos estudos da Psicologia (BRUHUM, 2002). Com isso, o tema “possessão demoníaca” e o vilão “demônio” tornam-se comuns aos escritos góticos, já que na ficção literária a invasão de um corpo por um demônio pode ser, na verdade, a representação da ação de um transtorno de múltiplas personalidades (NOLL, 1992), o que é observado em *O Exorcista*. Ao apresentar a estória de Regan, uma garota de doze anos de idade possuída por um ente maligno, Blatty proporciona ao Gótico contemporâneo uma narrativa com a exploração do terror, do horror e da repulsa, e promove a interpretação da obra através da Psicologia. Além disso, é possível realizar a identificação de fenômenos sociais na narrativa, como a reflexão acerca do processo de indesejada invasão territorial (BRUHUM, 2002). Por fim, também é clara a forma como convicções religiosas estão na obra, desde o seu título até a descrição do rito de exorcismo. Assim, após a análise de *O Exorcista*, torna-se mais perceptível como o Gótico contemporâneo é composto por um conjunto de elementos que, ao ultrapassarem os limites do medo, proporcionam discussões sociais, psicológicas e espirituais.

Palavras-chave: Gótico; Medo; Possessão; Exorcismo; Psicologia.

DUPLOS E ALUCINAÇÕES

Vinícius Lucas de Souza (UNESP)

Resumo: Ao se considerar o romance *O médico e o monstro* (Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde, 1886), de Robert Louis Stevenson, essa narrativa está entre as muitas obras literárias que se dedicaram à abordagem do motivo do duplo (Doppelgänger), tropo que tenciona relações entre o eu e o outro, o original e a cópia, o verdadeiro e o falso. No romance de Stevenson, o Dr. Henry Jekyll, um cientista renomado, por meio de uma substância química fruto de seu experimento de Medicina Transcendental, altera sua corporeidade, transformando-se no infame e repulsivo Mr. Edward Hyde, dando vazão, assim, aos prazeres e paixões proibidos à faceta respeitável do doutor. Se passarmos ao campo do Cinema, inúmeras releituras do romance em questão foram e são realizadas ao longo dos anos. Numa dessas releituras, *Viagens alucinantes* (Altered States, 1980), dirigido por Ken Russell e roteiro de Paddy Chayefsky, o foco da pesquisa do Dr. Edward Jessup é tentar encontrar o “eu original”, que, segundo o pesquisador, contém a imortalidade e a verdade absoluta. Logo, ao combinar tanques de privação sensorial — o primeiro passo de sua pesquisa — com uma droga alucinógena empregada em rituais de uma tribo do México, o cientista consegue ultrapassar as alucinações que o isolamento sensorial fornece, externalizando seu estado de consciência entorpecido ao próprio corpo e, conseqüentemente, dotando temporariamente sua própria estrutura óssea de características simiescas. Com uma segunda experiência, ele torna-se um símio, regressando à forma humana após vagar e caçar em um jardim zoológico. No clímax da narrativa

cinematográfica, a terceira ingestão da droga e a entrada no tanque fazem-no mutar-se, esgarçando a organização genética de Jessup num ser que se distingue do padrão humano e liberando uma grande quantia de energia no local, ao ponto de destruir o tanque em que se encontrava e causar uma espécie de vórtice de água no laboratório. O objetivo da presente comunicação, portanto, é analisar Viagens alucinantes, focando no motivo do duplo, presente tanto na relação entre o doutor e suas outras configurações corpóreas — o símio e o ser amorfo — quanto na experiência científica conduzida por ele — que requer o uso da droga e a inserção no tanque de privação sensorial para a efetiva transformação — e como o filme dialoga e relê o romance O médico e o monstro. Tal diálogo é possível de se visualizar, por exemplo, no próprio nome de Edward Jessup, ecoando o prenome de Edward Hyde e o sobrenome de Henry Jekyll; nas alterações corporais do protagonista e na semelhança das pesquisas dos dois cientistas, que esbarram em questões transcendentais.

Palavras-chave: O médico e o monstro; Viagens alucinantes; Duplo.

19 - DIÁLOGOS E DEBATES SOBRE A LITERATURA CLÁSSICA GRECO-ROMANA

Coordenação: Frederico de Sousa Silva (UFU)

Resumo: Em *Literatura e Sociedade*, Antônio Cândido afirma que uma obra de cultura é produto de todo um contexto e que o conhecimento desse contexto é importante para que tal obra seja compreendida e para que também sua própria escrita possa ser justificada. Com isso em mente e com o objetivo de alavancar os estudos clássicos, aproveitando o espaço de discussão a respeito da cultura clássica greco-latina, para este congresso da Abralic, sediado na Universidade Federal de Uberlândia, propõe-se Simpósio Temático que permita àqueles que vão apresentar comunicação a possibilidade de revisitar o passado e trazê-lo para o presente de forma crítica e reflexiva, com o fim não só de fortalecer a pesquisa mas também de difundir os conhecimentos na área de estudos clássicos da antiguidade greco-romana. Para Walter Benjami, “o passado só se deixa fixar, como imagem que relampeja irreversivelmente, no momento em que é reconhecido”. Partindo dessa premissa, observam-se cada vez mais estudos, nestes últimos anos, que se voltam para a chamada antiguidade clássica, especialmente investigações a respeito dos romanos, e nesse novo olhar sobre o mundo antigo os mais diversos autores e suas obras ganham importância e trazem à tona novas discussões e novos olhares que envolvem e ampliam uma rede de conhecimentos, com os pesquisadores tendo à disposição todo um vasto leque de obras da antiguidade para estudos, uma vez que a literatura clássica greco-romana nos brinda com mais de dez séculos de história, com grandes ramificações nos mais variados setores do conhecimento, com vasto substrato histórico, geográfico, político, social, filosófico, e que constitui o subsídio para a troca de experiência neste encontro de pesquisadores. Para este Simpósio, serão bem-vindas contribuições de pesquisadores que têm como foco o estudo de textos da antiguidade clássica greco-romana, que tenham em foco os mais variados autores e gêneros daquela época, bem como também aqueles pesquisadores que tenham como ponto de interseção as literaturas grega e latina e a literatura moderna, que privilegiam seu método investigativo no âmbito de estudos que refletem as relações entre passado e presente. Dessa forma, a ideia é criar um ambiente de debates com o propósito de que os estudos clássicos sejam disseminados na Universidade, atraindo pesquisadores e fortalecendo esse campo do saber, com a finalidade de que exponham a potência da palavra antiga e as ideias veiculadas naquele período; palavras e ideia que encontram ressonância ainda hoje, uma vez que a presença e permanência do clássico se tornam quase indiscutíveis para o reconhecimento e a necessidade em entender o nosso tempo. Enfim, este Simpósio Temático tem a proposta de discutir o lugar dos clássicos da antiguidade greco-romana na articulação e produção de saberes.

ACHCAR, Francisco. **Lírica e lugar comum**. São Paulo: Edusp, 1994.

ALFÖDY, Géza. **A História Social de Roma**. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

BACON, Francis. **A sabedoria dos antigos**. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

CALASSO, Roberto. **A Literatura e os Deuses**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

- CAVALLO, Guglielmo; FEDELI, Paolo & GIARDINA, Andrea. **O espaço literário da Roma antiga**. Belo Horizonte: Editora Tessitura, 2010.
- CONTE, Gian Biagio. **Profilo Storico della Letteratura Latina: dalle origini Allá tarda ETA imperiale**. Firenze: Le Monnier Università, 2004.
- CONTE, Gian Biagio; PIANEZZOLA, Emilio. **Latinitatis Memoria: Storia e testi della letteratura latina**. Casa Editrice Felice Le Monnier: Firenze, 2001.
- COSTA, Cléria Botelho da. **História e Literatura: identidades e fronteiras**. Uberlândia: Edufu, 2006.
- CURTIUS, Ernst Robert. **Literatura Européia e Idade Média Latina**. São Paulo: Edusp, 1996.
- JONES, Peter V. **O mundo de Atenas: uma introdução à cultura clássica ateniense**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- LIMA, Luiz Costa. **História, Ficção, Literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- OLIVEIRA, Terezinha. **Educação, cultura e religiosidade na antiguidade e medievo**. Maringá: Eduem, 2013.
- PARATORE, Ettore. **História da Literatura Latina**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.
- PEREIRA, Maria Helena da Rocha. **Estudos de História da Cultura Clássica**. 2 volumes. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Sd.
- VEYNE, Paul. **A Sociedade Romana**. Lisboa: Edições 70, 1993.
- VIEIRA, Brunno V. G.; THAMOS, Márcio. **Permanência Clássica: visões contemporâneas da Antiguidade Greco-romana**. São Paulo: Escrituras Editora, 2011.
- WERNER, Christian; SEBASTIANI, Breno B. **Gêneros poéticos na Grécia antiga: confluências e fronteiras**. São Paulo: Editora Humanitas, 2014.

1 de agosto 8h30

DA ANTIGUIDADE CLÁSSICA AO SÉCULO XX: A CULTURA DO ESTUPRO NAS OBRAS METAMORFOSES, DE OVÍDIO, E CHIBÉ, DE RAIMUNDO HOLANDA GUIMARÃES

José Victor Neto (UERJ)

Resumo: O presente trabalho visa estabelecer uma possível interlocução, em perspectiva comparada, entre a obra *Metamorfoses* (2010), de Ovídio, e o romance *Chibé* (1964), de Raimundo Holanda Guimarães. O poeta Públio Ovídio Naso (43 a.C. – 18 d.C.), mais conhecido apenas como Ovídio, foi um renomado autor latino de diversas obras, dentre as quais se destacam *Herodes*, *Amores*, *Ars Amatoria*, *Metamorfoses*, *Fastos*, *Tristia* e *Epistulae ex Ponto*. Já o escritor paraense Raimundo Holanda Guimarães (1935-2004) foi um austero juiz de direito, jornalista polêmico e intelectual inquieto, tendo publicado, além do romance *Chibé* (1964), a prosa memorialística *Cidade Perdida* (1999), e a coletânea de crônicas *A Cor da Saudade* (2004). Pretende-se analisar a forma como os autores retratam estupro em suas respectivas obras, dando especial destaque para a condição feminina a partir da abordagem de duas personagens bastante emblemáticas a esse respeito: Medusa e Maria das Dores. Nas referidas narrativas, tais personagens representam mulheres marcadas pela violência, visto que ambas são estupradas e sofrem, a partir daí, consequências decorrentes de uma perceptível cultura de culpabilização das vítimas pela agressão sofrida. O enfoque aqui proposto buscará explorar como ponto de contato entre as duas obras a persistência da chamada “cultura do estupro”, característica das sociedades patriarcais, as quais tendem a objetificar a mulher, sendo esta tomada como uma propriedade masculina. Entende-se a “cultura do estupro” como sendo um reflexo da prevalência da orientação machista e patriarcal que caracteriza muitas das sociedades no transcorrer da história do ocidente, desde a antiguidade clássica até nossos dias, a qual vem perpetuando o estupro enquanto prática a partir de sua naturalização e justificação, chegando mesmo ao ponto de imputar à vítima a culpabilidade pela violência sofrida, de modo a, com isso, perpetuar a primazia de um sistema de poder falocêntrico conivente com esse verdadeiro ato de barbárie. Pretende-se também abordar as diferenças na forma como cada autor trata a questão, considerando os indícios de manutenção e naturalização

dos discursos de opressão feminina, bem como as possíveis indícios de sensibilização e empatia para com a vítima. Darão suporte às discussões aqui empreendidas as conceituações de Michel Foucault (2001), Junito Brandão (1986), Thomas Bulfinch (2006), Andrea Almeida Campos (2016) e Maria Fernanda Brunieri Regis (2009), entre outros. Buscar entender como esse aspecto cruel da realidade fora abordado pelos respectivos autores em obras literárias separadas por uma considerável distância espaço-temporal pode, com efeito, possibilitar importantes reflexões acerca das relações entre ficção e realidade, bem como sobre a perpetuação de discursos de opressão, subjugação e objetificação femininas até os nossos dias.

Palavras-chave: Metamorfoses; Chibé; Feminino; Cultura do estupro

GÊNEROS LITERÁRIOS NA CARTA-PREFÁCIO EM DOS AMORES APAIXONADOS, DE PARTÊNIO DE NICEIA

Orlando Luiz de Araújo (UFC)

Resumo: Dos amores apaixonados, obra do autor Partênio de Niceia, nascido, provavelmente, no século I a.C), é uma obra que podemos considerá-la polifônica, pois é construída em diálogo com outros autores, poetas, historiadores, filósofos, bem como a partir das histórias ditas milesíacas ou milesianas, e lança um novo olhar não apenas sobre o tema da paixão, mas também sobre as questões fundamentais para a crítica e para a criação poética. Por conseguinte, as narrativas que constituem "Dos amores apaixonados" constroem-se como obra de fronteira, já que promove a relação da poesia com a filosofia, a história, a retórica etc. Elas sugerem que o leitor tome uma posição diante da paixão. Fazendo isso, obriga o leitor a refletir sobre o elemento poético. Nesta comunicação, analisaremos a carta-prefácio que Partênio envia ao amigo Cornélio Galo, a fim de que esse ofereça novo tratamento às historietas ou resumos que compõem Dos amores apaixonados. Partimos da hipótese de que esse procedimento coloca Partênio no papel de mediador de duas épocas literárias: o passado, cujo representante maior é Homero, além do diálogo que estabelece com outros autores, e o presente, com a formação de novos modelos poéticos, alcançados pelas conquistas recentes de outras culturas. Para mostrar a pertinência da análise, utilizaremos o conceito de dialogismo de Bakhtin (1936), pois sua noção de dialogismo da obra literária nos possibilita pensar e reconhecer as instâncias dialógicas do presente com o passado e o futuro, numa espécie de jogo de previsão e resposta. Nesse contexto, Partênio dialoga, ao mesmo tempo, com a tradição e "propõe" um novo modelo de criação poética.

Palavras-chave: Partênio; Dos amores apaixonados; Dialogismo

ELEMENTOS CLÁSSICOS GRECO-ROMANOS NA LITERATURA DO BRASILEIRO CYRO DOS ANJOS

Frederico de Sousa Silva (UFU)

Resumo: Com o objetivo de revisitar o passado e trazê-lo para o presente, não só na forma de difundir conhecimentos, mas também para que possamos refletir sobre a importância dos estudos clássicos greco-romanos, seja a respeito da língua, seja acerca da literatura, e também com o propósito de fortalecer a pesquisa nessa área de clássicas, propomos apresentação em que fazemos um retorno ao clássico antigo com o fim de lê-lo em uma obra da literatura brasileira do século XX. Dessa forma, então, para este Simpósio da Abralic, sediado na Universidade Federal de Uberlândia, Simpósio este que tem como foco o debate a respeito da literatura clássica da antiguidade greco-romana, importa-nos destacar e trazer ao conhecimento e análise a relação que se pode estabelecer entre autor da literatura brasileira, a saber, Cyro dos Anjos, e a tessitura de sua obra com a cultura clássica. Para isso, fazemos um recorte naquilo que denominamos de cultura clássica, entendida aqui como o grande acervo da literatura greco-latina, e em especial a literatura latina. Entende-se também que os grandes autores marcam suas obras de variadas referências, entrelaçando assim a sua escrita com diversos textos, estruturando uma relação que eleva a literatura. Isso não é diferente para Cyro dos Anjos, autor mineiro integrante da chamada geração de 30 da literatura brasileira, que pertence ao panteão dos grandes autores também por inserir em sua obra todo um

arcabouço clássico. Dessa maneira, propomos apresentar uma leitura e conhecimento de obras clássicas da antiguidade greco-romana por meio da literatura do brasileiro Cyro dos Anjos.

Palavras-chave: Literatura Latina; Latim; Literatura brasileira

20 - ESCRITAS CONTEMPORÂNEAS: INCURSÕES, AVALIAÇÕES E DESAFIOS AO COMPARATIVISMO

Coordenação: Adeílato Manoel Pinho (UEFS-BA); Maria de Fátima Gonçalves Lima (PUC-GOIÁS)

Resumo: Esta proposta é a continuação de simpósio realizado nos Congressos Abralic de 2015, em Belém- PA, no Encontro 2016, no Rio de Janeiro e no Congresso Internacional 2017, no Rio de Janeiro. Dado o êxito das apresentações e discussões naquelas oportunidades e por ser do âmbito do Projeto Procad/Capes PUC-Rio/UNEB-Salvador/UEFS-Bahia/PUC-Goiás, que irá até 2019, consideramos esta proposta decisiva para as atividades do projeto. A continuação da proposta e realização do simpósio representa a consolidação de um grupo de trabalho multi-institucional e em instância nacional dentro do projeto. Para delinear os desafios presentes no título deste Simpósio, e aqui propostos como um convite instigador a pesquisadores interessados na atualidade das práticas culturais, artísticas e teórico-críticas, elegemos, no pequeno e exitoso ensaio de Giorgio Agamben, uma das suas postulações a O que é o contemporâneo: "Contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro." A imagem potente de um "escuro" do tempo delinea metaforicamente a problemática a ser compartilhada pelos pesquisadores, em vertentes ou perspectivas compatíveis com seus objetos de interesse e investigação. Tal imagem se impõe quando se constata que, nas últimas décadas, na área dos estudos literários como nas ciências humanas, ocorreram alterações que reconfiguraram os pilares do território disciplinar, abalando o domínio de objetos previsto, o elenco de instrumentos, métodos e, expressivamente, o corpo das proposições aceites como horizonte teórico dos estudos de literatura, outras artes e da cultura. Tais alterações repercutiram predominantemente na diluição de fronteiras entre as disciplinas, na multiplicação inovadora das questões e temas de investigação plausíveis para cada uma delas e na ampliação dos instrumentos conceituais e técnicas que as singularizam. Em paralelo às alterações no plano epistemológico, são expressivas também, nas últimas décadas, as alterações que ocorrem no âmbito da cultura e no campo artístico, especialmente no domínio do literário. No primeiro caso, a noção de "cultura" alargou-se, extrapolando a legitimidade que lhe atribuíram – igualmente, mas em circunstâncias diversas – o empreendimento civilizacional iluminista, o Estado nacional moderno e as elites cultas na alta modernidade estética, tornando a cultura e, principalmente, o valor cultural focos de instabilidade, conflito e disputa, por forças que saíram dos bastidores e passaram a disputar a significação cultural. Os dois eixos da significação e valor que atravessaram a área de Letras, afetando o âmbito dos estudos comparados: por um lado, problematiza-se a ligação mutuamente legitimadora entre literatura e nacionalidade, parte do processo de constituição dos estados modernos e matriz de toda a historiografia que por um século pautou os estudos da literatura; por outro, dá-se a contestação ao confinamento do valor cultural à esfera erudita, às artes canônicas e, consequentemente, à separação entre arte, cultura e o que pensadores como Edward Said e Stuart Hall designaram como a "mundanidade". Em grande parte, emanam deste cenário de mudanças epistemológicas e culturais o "escuro do tempo" ou os desafios do contemporâneo, que constituem o campo temático do debate aqui proposto, que deverá confrontar-se com o caráter intempestivo, insurgente ou disruptor da contemporaneidade, sistematizando e provendo instrumental teórico e crítico para lidar com as suas diversas dimensões ou concreções. O deslocamento ou a recusa de hierarquias instituídas tanto na dimensão epistemológica quanto na dimensão artístico-criativa geram a oportunidade para que estejam sob o foco deste Simpósio – como desafios que emergem das zonas de sombras do contemporâneo – as formas, expressões e domínios de experiência recalcados ou preteridos e sua potência intempestiva, tais como: (a) o corpo, em sua materialidade e enquanto superfície de inscrição e energia ético-estética; (b) os afetos, enquanto força disruptora a dar ensejo a outras formas de experiência e representação das vivências; (c) o comum e o cotidiano enquanto

categorias transversais da cultura, a mobilizar uma rede de significados que remetem a espaços periféricos, tanto no cenário político e sociocultural quanto nos cenários textuais e artísticos; (d) a violência, a exclusão e a cidade como figurações do presente que convulsionam os limites da representação ao instaurarem, em diversas linguagens artísticas; (e) a lógica do testemunho, do biográfico e do documental, em flagrante desafio à compreensão estabilizada do que seria próprio do domínio ficcional. Ao acolher as perspectivas dos estudos de literatura e de outras linguagens artísticas, bem como dos estudos de produções, práticas e políticas da cultura, incorporando as dimensões de materialidade, de performatividade e de insurgência, próprias das estratégias criativas da atualidade, este Simpósio ambiciona empreender não apenas uma discussão estética e política que possibilite a acolhida analítica das forças e das formas artísticas e culturais do presente, mas – e principalmente – acentuar uma potência inovadora e transformadora que possa afetar práticas investigativas, formativas e educacionais na sociedade brasileira contemporânea.

REFERÊNCIAS

AGAMBEM, Giorgio. O que é o contemporâneo? e outros ensaios. Chapecó: Editora Argos, 2009.
HALL, Stuart. Da diáspora. Org. Liv Sovik. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.
SAID, Edward. Cultura e imperialismo. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

31 de julho
8h30

NARRAÇÕES DA DIVERSIDADE BRASILEIRA: CORRUPÇÃO, MERECIMENTO E DESIGUALDADE Adeílato Manoel Pinho (UEFS)

Resumo: Há uma obscuridade na cultura brasileira, muitas vezes repetindo e reeditando comportamentos sociais e culturais ainda da época colonial. O contemporâneo espaço social brasileiro, na forma de debate, é pautado pela vontade política, da imprensa e do judiciário de finalmente superarem a corrupção. Esta é uma excelente oportunidade de refletir, no âmbito dos estudos de cultura, sobre os significados e usos deste tema tão marcante na cultura brasileira. Expressões consagradas como “jeitinho brasileiro”, “favor”, “apadrinhamento”, “pistolão” serão abordadas. Aproveito para articular e continuar discussão sobre a etnia negra no Brasil em suas formas e performances visíveis. Em estudos anteriores, já investigamos sobre Pobre, Favela, Guerra de Canudos. A corrupção será confrontada com mais estes temas. Os autores Silviano Santiago, Edward Said, Roberto Schwarz, João César de Castro Rocha serão base para este estudo. A obra de Jorge Amado, a poesia de Gregório de Matos e a música de Cazuza e Renato Russo e outros seguirão sendo abordadas.

Palavras-chave: Corrupção; Cultura; Sociedade; Identidade

REPRESENTAÇÃO E VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE E DA VOZ DO NEGRO NA LITERATURA BRASILEIRA ATRAVÉS DA POÉTICA DE LUIZ CAMA Magnólia Ferreira Cruz da Paixão (UEFS)

Resumo: Sendo fruto da diáspora africana oriundo, portanto, das margens do tecido social, o menino negro vendido pelo próprio pai como escravo, mesmo tendo nascido livre, tornou-se autodidata, poeta, advogado, jornalista e um dos pioneiros a contribuir para a representação e valorização da identidade e da voz do negro na literatura brasileira. Este trabalho lança um olhar sobre o pensamento de Luiz Gonzaga Pinto Gama ou simplesmente Luiz Gama no campo social e político do século XIX. Além disso, deve-se perceber a relevância das poesias de cunho satírico sobre a sociedade da época e o quanto estas contribuíram para a tomada de consciência com relação às causas do negro e as questões étnico-racial vividas pela sociedade do século XIX. São trazidos para o debate, textos de Luís Gama, extraídos da sua única obra Primeiras trovas burlescas de Getulino (2000), sob a ótica crítica de Zilá Bernd, Lígia Fonseca Ferreira, Eduardo de Assis Duarte e outros.

Palavras-chave: Luiz Gama; Primeiras trovas burlescas de Getulino; Literatura brasileira.

NAÇÃO E ALTERIDADE AMERÍNDIA EM MAÍRA E O RASTO DO JAGUAR

Cíntia Paula Andrade de Carvalho (IFBA)

Resumo: Na contemporaneidade, a literatura tem disponibilizado representações das culturas ameríndias que diferem da antiga figuração romântica desses povos (FIGUEIREDO, 2010; OLIVIERI-GODET, 2013). Os romances Maíra (1976), de Darcy Ribeiro, e O rasto do jaguar (2009), de Murilo Carvalho, em narrativas que exploram a multiplicidade de vozes, trazem como personagens principais indígenas que, depois de anos afastados da convivência com suas famílias e obrigados a se integrarem à sociedade nacional, enveredam por uma trajetória de retorno às culturas ameríndias. Nessa experiência de reconstrução identitária, eles se descobrem marcados por questionamentos existenciais e transitando em dois mundos muito diferentes (BHABHA, 1998; HALL, 2000; 2003). Esta comunicação pretende discutir, em uma abordagem comparativa (CARVALHAL, 1999), como ambas as obras, separadas por três décadas da publicação de uma para a outra, discursivamente se aproximam e se distanciam na tentativa de criticar o processo civilizatório a que os povos indígenas foram e continuam sendo submetidos no Brasil e problematizar a (im)possibilidade de uma conciliação entre as culturas ameríndias e o modelo de comunidade nacional homogeneizante (ACHUGAR, 2013).

Palavras-chave: nação; identidades múltiplas; alteridade ameríndia.

LITERATURA E A HISTÓRIA UMA QUESTÃO DE LINGUAGEM

Heloisa Helena Ribeiro de Miranda (IFRO); Célia Maria Domingues da Rocha Reis (UFMT)

Resumo: Literatura e história apresentam discrepâncias ou correspondências, dependendo da concepção epistemológica vigente. Tal relação, por vezes hostil, acaba por gerar questionamentos sobre suas limitocidades, centrados nas dicotomias fato versus ficção, mito versus história, real versus imaginário. Por mais que inúmeros debates já tenham sido desenvolvidos acerca dessas fronteiras, não se torna tautológica a indagação sobre onde termina a história e começa a literatura? O questionamento se agrava quando se trata de uma produção fundada em ocorrências históricas, que pode ser considerada literatura pelos recursos artísticos que emprega. Nesse caso, é necessário ficar indagando sobre o ponto onde o discurso histórico é posto em suspensão e se passa a penetrar na sutileza das tramas da linguagem literária? Ou mesmo questionar se é interessante investir a atenção nessas dicotomias, quando as partes ensinam cada qual garantir o seu espaço na junção, ao invés de aproveitar o vigor que provém da interdisciplinaridade? A história, em seu estatuto de ciência, compõe-se como um gênero narrativo. A literatura, expressão artística, está naturalmente implicada na história, que a constitui como gênero produzido pelo homem, imerso na temporalidade. O “ponto-zero”, que marca o antes e o depois entre a história e a literatura, está no fato de ambas se constituírem como linguagem: “a história é antes de mais nada um artefato verbal, produto de um tipo especial de uso da linguagem. E isso sugere que, se o discurso histórico deve ser compreendido como produtor de um tipo distinto de conhecimento, ele deve antes ser analisado como uma estrutura de linguagem. (WHITE, 1991, p. 24). Explica-nos José Carlos Reis (1995) que o método de construção da linguagem histórica clássica impõe ao historiador a configuração de uma escrita que aperte, ajuste, encoste, ou, até mesmo, cole o signo linguístico ao seu referente. Tudo pelo ímpeto da reconstrução precisa e minuciosa dos acontecimentos do passado. Sendo assim, pretendemos nesse texto demonstrar como o discurso histórico pode fazer uso da linguagem literária na composição da narrativa historiográfica. Para tanto, analisaremos o texto “Palabras perdidas”, do uruguaio Eduardo Galeano, retirado da obra Espejos: una historia casi universal (2008), verificando que, embora Galeano não cumpra as exigências do método da historiografia estrutural, configurando sua escrita a partir da demarcação temporal, do relato dos fatos, da informação das fontes, da datação dos vestígios, da referencialidade da linguagem e da memória das grandes personagens históricas (LE GOFF, 1990), seu texto nos apresenta outra sistematização, possível ao discurso histórico.

Palavras-chave: Literatura, história, linguagem

A VIOLÊNCIA EM MAÇÃ AGRESTE, DE RAIMUNDO CARRERO

Eliene Medeiros da Costa (UFRN); Marte Aparecida Garcia Gonçalves (UFRN)

Resumo: A obra literária pode, dentre suas múltiplas acepções, caracterizar-se como uma forma de refletir a sociedade com suas problemáticas e complexidades. Pode se mostrar como uma espécie de fuga da crueza do mundo real ou se colocar numa posição de embate, levando o leitor a pensar sobre o mundo e suas múltiplas faces: em que um minúsculo grupo está no auge da riqueza enquanto um grande número de pessoas vive na miséria e na obscuridade; e que em meio a uma realidade cultural que preza pelo correto, pelo justo, pelo belo há outra face que está envolta em um modo de vida “condenável”: a prostituta, o estupro, o assassino, o pobre, o velho, etc. É justamente esse grupo que vive em meio à obscuridade que nos é dado a conhecer na obra do escritor pernambucano Raimundo Carrero. Um dos aspectos que se destacam nela é a violência. Violência que predomina em seus núcleos familiares e que se materializa através do assassinato, do estupro, do incesto e do abandono. Como a literatura contemporânea retrata diversos aspectos da sociedade e em alguns momentos se propõe como uma espécie de diálogo com o mundo e suas dissonâncias muitas vezes encontramos disseminados nos discursos e atitudes de muitos personagens ecos e reminiscências da realidade social na qual a obra está inserida. Nesse sentido, um dos temas que é constantemente apresentado em diferentes espaços de interação da nossa sociedade, na atualidade, a violência, é estudado na obra do escritor pernambucano Raimundo Carrero, *Maçã agreste*. Existem muitas visões e concepções em torno da palavra e da ideia de violência, no entanto, nossa proposta de trabalho se baseia na ideia de violência simbólica. Tipo de violência que muitas vezes aparece de forma sutil, quase invisibilizada, pois está incorporada à sociedade e mascarada em atitudes que parecem benevolentes e inocentes. Ou é escondida na tentativa de manter certo distanciamento da realidade com o propósito de não sofrer com as consequências que ela possa trazer, como por exemplo, levar o indivíduo a se perceber sendo conivente e perpetuante dela. O percurso de análise da obra em estudo acompanhará, no desenvolvimento da narrativa, o personagem Jeremias. O qual é tocado pela situação de miséria e abandono de parte da população da cidade do Recife. Ele atravessa a ponte que separa a classe social alta e vai viver entre “os abandonados da sorte”. Entre aqueles em que a prática da violência é mais “visível”. Diferentemente daquilo que acontece com os membros da sociedade, a obra literária, comumente, não se atém a padrões pré-estabelecidos socialmente. Sendo assim, o personagem adentra ao universo dominado pela miséria e pela violência e parece fazer dele seu lar. Como não aceita a invisibilidade da violência faz dela sua arma de combate. Para sustentar nossa análise nos basearemos dentre outros, nos pensamentos de Butler (2015), Žižek (2014) e Ginzburg (2012).

Palavras-chave: *Maçã agreste*; violência ética; literatura.

31 de julho

14h30

A CENTOPEIA DE NEON, DE EDIVAL LOURENÇO E ECOPOEMAS VISUAIS, EM SACIOLOGIA GOIANA, DE GILBERTO MENDONÇA TELES: A PERFORMANCE DO REAL E DO IMAGINÁRIO

Maria de Fátima Gonçalves Lima (PUC-GO)

Resumo: O presente estudo será dividido em dois momentos: o primeiro terá como foco o romance de Edival Lourenço, *A centopeia de neon* e o segundo, *ecopoemas visuais* de Gilberto Mendonça Teles. As obras escolhidas oscilam nas bordas da realidade e do imponderável e nos conduzem ao pensamento que verdade da vida, pode até ser a verdade da arte, embora defendemos que o objeto artístico não diz, ele é arte, apenas, e que o artista da palavra vê o invisível, sente e percebe o mundo com os olhos de quem procura metáforas, por isso o mundo transfigurado em forma de arte, surge sob o efeito de um estranhamento que desperta o humano e a vida. Assim, as metáforas do criador de um texto literário traduzem, inconscientemente, verdades do homem e da própria arte. A obra *A centopeia de neon* (1990), de Edival Lourenço e os *ecopoemas visuais* de Gilberto Mendonça Teles não estão detidos numa simples representação do mundo exterior, numa espécie de cópia de

um espaço histórico-geográfico, mas traduzem situações que podem ser fatos acontecidos no Brasil ou em qualquer lugar, onde paira o desajuste político, social – quer seja na absurdez das tramas políticas ou nos desajustes ecológicos de destroem a natureza. A proposta desse trabalho é apresentar um estudo sobre textos desses autores, envolvendo as abordagens sobre o imaginário e ecocrítica sob os aspectos do estético, do imagético e da transfiguração da história real para o mundo mitopoético e ecocrítico. Serão analisados, os ecopoemas de Gilberto Mendonça Teles “Etnologia” e “Peixes de Goiás” e “Aldeia Global”, Mato Grosso de Goiás, que expõem reflexões sobre a relação do homem com a natureza, com a extinção dos povos indígenas, com a biodiversidade do cerrado brasileiro e problemas sociais e políticos.

Palavras-chave: Imaginário; Ecopoesia; Ecocrítica; Mitopoético

A PERFORMANCE DE ECOPOEMAS VISUAIS E CIBERECOPOESIA EM MOVIMENTO

Késia Brasil Pereira Nacif (PUC-GO)

Resumo: A proposta desse trabalho é apresentar uma reflexão sobre a performance de ecopoemas visuais e ciberecopoesia em movimento partir das teorias da performance, do imaginário e do ecocrítica, considerando o ponto de vista estético de textos poéticos que tratam da ecopoesia, a ciberecopoesia digital em seu movimento performático e formativo que despertam a curiosidade dos leitores críticos e criativos. Esta interconexão entre a ciberecopoesia digital em movimento oferece voz as questões emergentes ambientais, utilizando a arte a poesia e a tecnologia como meio para difundir a ecocrítica em suas relações intersemióticas presentes entre o signo poético aos seus leitores e participantes. Nesse sentido apresentaremos a poesia como eixo articulador entre as questões fenomenológicas da natureza e suas interfaces ocultas na escrita. Uma performance poética da ecopoesia e da ciberecopoesia digital em movimento, acelera a conexão entre voltar da contemporaneidade e performance do homem e em suas práticas da cultura e da consciência ecológica, que se se reconfiguram cotidianamente. Este acesso às novas concepções fazem com que a tecnologia entre neste cenário em forma de poesia, numa perspectiva colaborativa e ingrediente para divulgar a ciberecopoesia, religando as linguagens, os suportes midiáticos e a criatividade, ao ambiente colaborador para consciência ecológica, stecidas num “terreno”, quer seja virtual ou visual que, de qualquer forma, oportuniza ao leitor o prazer do texto diante de culturas distintas, num resgate do humano, do imaginário, das lembranças que vinculam as pessoas do mundo todo para um religar poético diante das questões ambientais. Assim sendo, a ciberecopoesia tem sido uma ferramenta de construção colaborativa, eficaz a ser utilizada em sala de aula como uma proposta pedagógica literária na formação de leitores críticos e participativos e este universo digital chega no “pátio cibernético” no qual o leitor interage o tempo todo, despertando o gosto por uma leitura colaborativa, onde a construção e reconstrução deverá ser ponto de partida para a análise crítica do texto poético, espaço onde os leitores debruçarão. O estudo se volta para a reflexão sobre aplicabilidade do ensino da arte literária, de forma especial a ecopoesia e da ciberpoesia digital na educação básica por meio da difusão de plataformas interativas e educacionais.

Palavras-chave: Ciberpoesia; Ecopoesia; Movimento

MITO E IMAGINÁRIO NA ECOPOESIA DO LIRISMO RURAL DE GILBERTO MENDONÇA TELES

Iracema Maria da Trindade (PUC-GO)

Resumo: Este trabalho tem como proposta estudar o mito e imaginário na obra Lirismo Rural, O Sereno do Cerrado, de Gilberto Mendonça Teles, a partir das teorias do imaginário, da ecoficção e do ecocrítica, uma vez que o autor assinala o espaço do cerrado goiano e faz uma reflexão sobre a cultura, o povo de Goiás, as lendas, a linguagem. O poeta apresenta ainda, um olhar sobre o bioma cerrado de forma lírica, imagética e mítica. Nesse sentido sua obra enriquece a mitologia brasileira e cria um personagens denominado Sereno que metaforiza a poesia e a natureza do cerrado goiano com sua fauna e flora. O Bioma Cerrado é a segunda maior formação vegetal brasileira e de acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) está classificado em onze tipos principais de vegetação, enquadrados em formações florestais (Mata Ciliar, Mata de Galeria, Mata Seca e

Cerradão), savânicas (Cerrado sentido restrito, Parque de Cerrado, Palmeiral e Vereda) e campestres (Campo Sujo, Campo Limpo e Campo Rupestre). Sua formação do tipo savana tropical, possui fisionomia mais comum, composta de árvores e arbustos baixos, coexistindo com uma camada graminosa. No entanto, existem várias outras fisionomias, indo desde cerradão arbóreo até campos limpos estendendo-se por uma área cerca de 2.045.064 km², o que corresponde a 20% do território nacional, abrangendo parte dos estados de Minas Gerais, Goiás, Tocantins, Bahia, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Piauí e o Distrito Federal. Face às condições climáticas, clima tropical típico com estações bem definidas, seca de abril a setembro e chuva de outubro a março, com temperaturas médias em torno de 25º C, podendo chegar a máximas de 40ºC no alto verão. O cerrado possui uma imensa diversidade de vida que se alimentam de seus frutos. Em 2010 foi catalogado, no cerrado brasileiro, mais 15 mil espécies de plantas e 1570 espécies de animais e 277 tipos de frutos comestíveis. Todos esses frutos são exóticos e de sabores concentrados, cheiros acentuados pela riqueza do solo o calor do sol em seus frutos, dando uma consistência de casca grossa, acidez sem perder a doçura. A maioria das plantas do cerrado é medicinal e, portanto, o homem utiliza de seus frutos como alimento e para as curas de diversas doenças. Em tempos de tecnologias avançadas, muitos de seus frutos e cascas são utilizadas em cosméticos. A vida no cerrado, depende absolutamente dos frutos, raízes e folhas para sua preservação nesse bioma. Desses frutos vivem aves, mamíferos, reptéis, anfíbios e até insetos. A obra *Lirismo Rural: O Sereno do Cerrado* de Gilberto Mendonça Teles é uma odisseia que marca uma viagem d o personagem Sereno em 1956, na região Leste/Nordeste de Goiás, por meio de poemas, desde o nascimento, aprendizagem, linguajar e outras aventuras.

Palavras-chave: Imaginário; Ecopoesia; Ecocriticismo; Mitopoético

A ECOPOESIA NA OBRA SACIOLOGIA DE GILBERTO MENDONÇA TELES

Rosally Brasil Pereira (PUC-GO)

Resumo: Trata-se de artigo que aborda a ecopoesia na imagem do ecossistema do cerrado presente nos poemas de Gilberto Mendonça Teles, como o escritor sente o tempo e ou o espaço, e a sua relação com os outros. Utilizamos como abordagem a função fantástica do espaço e outras imagens de Gilbert Durand em as estruturas do imaginário. A finalidade é mostrar o imaginário cultural do escritor e seu questionamento sobre os impactos ambientais causados pelo homem ao longo de sua conquista e trato com a natureza, além de explorar a relação da obra com o mundo exterior. As imagens exploradas nos poemas *SER TÃO CAMÕES* apontam para uma natureza rica que fala de rio, de peixe, terra, sal, águas, porteiras, que sofrem impactos ambientais e que são exploradas em sua imagem primeira, bem como outras que o poema permite leitura conjunta com as imagens dos regimes de Gilbert Durand que nos diz que “qualquer árvore ou qualquer casa pode se tornar o centro do mundo”, nos levam à profundidade, verticalidade, horizontalidade, retorno, duplo e outras imagens fantásticas como a ubiguidade ao local do espaço do cerrado. Nesse sentido, é que trabalharemos com a objetiva ocular nos aproximando dos elementos da natureza que a obra nos oferece. Para este trabalho, utilizaremos o método de abordagem do imaginário, esse campo fenomenológico que busca aproximar os fenômenos que surgem das imagens, em espontaneidade, seguindo a princípio o mesmo caminho de outros estudiosos do imaginário como Danielle Perin Rocha Pitta, José Carlos de Paula Carvalho, Denis Domeneghetti Badia, Michel Maffesoli, Muniz Sodré.

Palavras-chave: cerrado; imaginário; função fantástica; ecossistema

A ECOFICÇÃO E A IMAGEM DA ÁGUA EM A EPOPEIA DOS SERTÕES DE WILLIAM AGEL DE MELLO

Jussira Moema Ramos de Oliveira (PUC-GO)

Resumo: *Epopéia dos Sertões*, romance do goiano Wilian Agel de Melo, é uma obra em que o autor mostra o espaço do cerrado catalano, como matéria de arte, reflexão e imaginação sobre a cultura de um povo, as lendas, os mitos, a linguagem e, de maneira especial, a fauna e a flora dos ermos goianos, com seus caminhos e descaminhos. A imaginação que move a criação do romance, traça

uma narrativa permeada pelas imagens e pelo pensamento que se espacia em devaneio, onde o homem interage com suas angústias, seus campos psíquicos, se extasia, reflete, e se encontra com o seu eu existencial. Conforme Pitta “A imaginação é a capacidade de deformar as imagens fornecidas pela percepção, ela é, sobretudo, a faculdade de nos libertar das imagens primeiras, de mudar as imagens” (PITTA, 2005, p.44). Nesse contexto da narrativa, em que o duplo de uma realidade é o outro, que a imaginação deforma, plasticiza e libera imagens dinâmicas de uma ficção que se constrói no espaço imaginário de uma cidade, Catalão. Dentre os vários elementos da narrativa, destacamos a água na imagem de viscosidade de Gilbert Durand, da estrutura do regime noturno da imagem. A água em seu aspecto viscoso, em sua consistência formal e material gelatinosa, espessa; que através de seu grude é capaz de recontar outras narrativas, outros tempos, outras dimensões tais como o nojo e a repulsa e outros sentidos de representações como na água do rio na narrativa que se apresenta como rio sujo, lenda, grosso e chupador. Pensar na viscosidade da água é entrar na representação do mundo imaginário, em que permite caminhar pelos espaços do devaneio, assim como (BACHELARD, 1997, p. 01) o fez em seu Ensaio sobre a imaginação da matéria da água. Seu devaneio alcançou falar sobre as águas claras, primaveris, correntes, amorosas, profundas, dormentes, mortas, pesada, composta, material e feminina, pureza e purificação, a moral da água, a água doce e violenta. E nisso, Bachelard dá impulso à imaginação formal e material, explorando as imagens da forma e da matéria da água. A orientação para esse devaneio vem do próprio Bachelard que nos orienta a encontrar a substância da matéria.

Palavras-chave: Imaginário; viscosidade; ecoficção.

1 de agosto

8h30

O GOLPE NO GÊNERO AO SOM DAS PANEAS

Maria da Conceição Pinheiro Araújo (IFBA)

Resumo: Durante toda a história da humanidade as mulheres foram atacadas de diferentes formas e aqui poderia escrever páginas e páginas sobre isto mas já escreveram, particularmente Mary Del Priore, entre tantas outras. Quero me ater neste artigo sobre o que pesquisei: um pequeno recorte dos séculos XIX e XX, na Bahia, ampliando para pensar este início de século XX. A intenção é contribuir para a discussão do como e porque no século XIX as mulheres escritoras foram silenciadas, apesar de terem produzido inúmeras obras relevantes, as quais foram resgatadas no século XX através dos esforços coletivos de mulheres pesquisadoras, formando redes de contato e discussão por meio de ações como o GT Mulher e Literatura, A Editora Mulheres e os Programas de pós-graduação (UFBA e UFSC), conseguimos reverter o quadro de esquecimento e, em clima de retrocesso, no século XXI fomos golpeadas, com o ataque às instituições de ensino e pesquisa e as agências de financiamento. Este estudo terá como fundamentação ideias de Linda Rubim (2018), Joana Maria Pedro (2010), Cristina Esteves (2010) e outras.

Palavras-chave: Gênero. Literatura. Pesquisa. Golpe.

A ESCRITA DO COMUM EM MACHADO DE SILVIANO SANTIAGO

Guilherme Zubaran de Azevedo (UFMG)

Resumo: O trabalho propõe analisar o livro Machado de Silviano Santiago. A articulação entre escritor-narrador e as personagens do livro evidencia um espaço ficcional marcado pela disseminação de relatos. Essa conflagração de multiplicidades de relatos enseja uma conceituação teórica baseada na ideia de escrita enquanto um ato enunciativo cuja potência embaralha as atividades e identidades instituídas na ordem do sensível. Baseando-se em Jacques Rancière, busca-se pensar a escrita de Silviano Santiago é uma abertura à dimensão comum, entendendo essa noção conforme Roberto Esposito, isto é, a comum ausência de identidade. Ao questionar a ordem que garante a legitimidade das formas de ver e dizer o sensível, desarticulando os modos de interlocução regidos pela autoridade do logos, abre-se a possibilidade de uma cena enunciativa em que os

personagens aparecem numa condição de precariedade, marcada pela enfermidade das personagens. A doença é um elemento importante para a emergência dessa dimensão do comum, porque a precariedade física mostra um modo despersonalizado e dessubjetivado de conviver com o outro, característica da noção de comunidade desenvolvida por Roberto Esposito. Daí a possibilidade de pensar a doença e a morte na obra Machado, de Silviano Santiago, como fatores de crítica à noção de pessoa e, ao mesmo tempo, como formas de apresentar uma escrita caracterizada pelas noções de impropriedade e impessoalidade, conceitos trabalhados também por Esposito. Assim, a própria mistura de gêneros biográficos e autobiográfico serve para pensar a construção política dos domínios do público e do privado. A reflexão dessas duas dimensões é feita tendo em vista o processo de modernização do Rio de Janeiro, narrado no romance, que busca instituir o novo por meio da violência e da destruição. A modernização e a construção do público e do privado são analisados a partir da categoria de biopolítica, teorizada por Michel Foucault e Roberto Esposito. Assim, a noção de biopolítica pressupõe uma mútua implicação entre vida, política e história, visto que esses três elementos se afetam mutuamente. Essa desconstrução epistemológica gera uma noção de biopolítica que considera a vida como um ponto de intersecção entre a natureza e a história: a vida é, de um lado, o limite biológico da história, isto é, a sua exterioridade, e, de outro, o componente permanente da historicidade humana, pois é marcada pelas técnicas de governo e pelos dispositivos de saber e poder. O texto de Silviano produz um conjunto de interrogações sobre os modos pelos quais a biopolítica faz viver uma forma particular de vida vivível a partir de múltiplas intervenções culturais e políticas. A proposta é pensar esses questionamentos por meio de uma escrita marcada pela condição comum de impropriedade. Silviano se coloca na comum ausência de sua marca autoral, mostrando que não é proprietário do seu texto e nem o princípio de inteligibilidade dele. O ato de escrever é uma forma radical de despersonalização, na medida em que a enunciação é um gesto de doação pelo qual se estabelece uma relação comunitária com o outro.

Palavras-chave: Romance; Comunidade; biopolítica

"AS MENINAS" E "LUTAS DO CORAÇÃO": RETRATOS DE MULHER NA LITERATURA BRASILEIRA

Antonia Rosane Pereira Lima (UEFS)

Resumo: Resumo: O presente estudo tem como objetivo abordar a presença da tríade feminina, e seus desdobramentos, em *As meninas* (1987), de Lygia Fagundes Telles, a partir da descrição das personalidades de Lorena, Lia e Ana Clara, em contraponto com a obra *Lutas do coração* (1999), de Inês Sabino, com as personagens Angelina, Matilde e Ofélia. Nesse sentido, em Lygia F. Telles as figuras femininas possuem como pontos marcantes as problematizações de seu estar no mundo, resultantes das experiências e contatos com as outras pessoas. Elas estão em constante busca de si mesmas e os enredos pautam-se, na maioria das vezes, pela investigação psicológica em que lembranças e divagações se confundem com o presente narrativo, tornando o tempo cronológico bastante desordenado. Em Inês Sabino, especificamente na obra em estudo, também ocorrem, através das figuras femininas, problematizações de cunho psicológico relacionadas com as descrições do meio social e seus costumes, os quais tais personagens fazem parte. Além disso, em *Lutas do coração*, as três mulheres se envolvem emocionalmente com uma personagem masculina, Hermano Guimarães, e as ações se baseiam em torno desse “quarteto”. Já em *As meninas*, cada uma das três mulheres possui envolvimento com uma personagem masculina distinta. Nessa obra, assim como na anterior, tais relacionamentos amorosos permeiam a narrativa ao longo de todo o enredo e suas implicações modificam o rumo dos desfechos. Em relação às personalidades, ambas as obras retratam três perfis de mulheres de maneira heterogênea, isto é, cada uma, a seu modo, é abordada de forma a evidenciar características diferentes, o que as individualiza ao longo da narrativa. Em se tratando de narrativa, em *Lutas do coração* quem apresenta as personagens é a figura do narrador, que, através de chamamentos e uso de outros recursos, atrai a atenção do leitor para que adentre no enredo, ao contrário de *As meninas* em que são as próprias personagens as narradoras dos fatos, bem como se apresentam ao leitor. Outro elemento a ser destacado neste estudo diz respeito ao número três nas obras literárias. Sobre isso, Elódia Xavier (2013) aborda a presença dele em outras

obras de Lygia F. Telles, como *Ciranda de Pedra* (1954), com as personagens Virgínia, Otávia e Bruna, o conto *Dolly*, presente no livro *A noite escura e mais eu* (1995), em que a tríade feminina é representada por Dolly, Adelaide e Mathilde e *Verão no Aquário* (1963), com Raíza, Patrícia e Graciana. Desse modo, com base nesses dois romances, traçam-se alguns paralelos em relação aos aspectos em que ambas se assemelham, bem como aqueles em disparidades. Para tanto, foram utilizados os estudos de ARAUJO (2008); CHORA (2014), OLIVEIRA (2009), QUINLAN (1999), SILVEIRA (2014); TORRES (2013) e XAVIER (2013), dentre outros.

Palavras-chave: Personagens femininas; Semelhanças; Diferenças.

PERTENCER OU NÃO PERTENCER? O LUGAR DO SUJEITO SUBALTERNO LATINO-AMERICANO NO TERRITÓRIO DA GLOBALIZAÇÃO

Larissa Moreira Fidalgo (UFF)

Resumo: No âmbito dos estudos literários, os últimos anos foram marcados por debates em torno da função da crítica frente à produção brasileira contemporânea. O complexo sistema de legitimação e circulação, e a expansão dos estudos em torno da prática da transnacionalização impuseram uma nova apreensão do literário fora das tradicionais dicotomias de centro vs. margem, pertencimento vs. não pertencimento, nação vs. mundo global. Afinal, se o inter-relacionamento de experiências heterogêneas é uma condição inerente a todo indivíduo histórico, como podemos (re)estabelecer identidades “autênticas” relacionadas ao conceito de nação e ao sentimento nacionalista que teve seu auge no século XIX? Se os discursos críticos da arte são indissociáveis, portanto, das transformações culturais e políticas dos contextos em que interagem, as considerações de Walter Benjamin acerca do materialismo histórico e da crítica historicista merecem ser recuperadas e tomadas como ponto de partida de nossas indagações no presente trabalho. Antes de perguntarmos como uma obra literária se situa no tocante às relações de produção da época, gostaríamos de perguntar como ela se situa dentro dessas relações. Na esteira do filósofo e lembrando-nos também das reflexões de John Barth, em seu *The literature of replenishment* (1984), acerca da indissociabilidade dos elementos estéticos e políticos no interior das obras literárias, a pergunta que nos guiará é a seguinte: como a literatura brasileira contemporânea, aqui ilustrada pelo romance *O filho da mãe*, de Bernardo Carvalho, e a crítica literária podem ser lidas na era da globalização e da intensificação das trocas interculturais, especialmente no que diz respeito às relações entre ficção, história e política? Diante de uma prosa em que seus protagonistas podem ser considerados personagens-imagem das identidades fluídas dos sujeitos no mundo contemporâneo, poderemos vislumbrar em *O filho da mãe* a emergência da discussão política em seu horizonte literário, em que a literatura se mostra espaço privilegiado das discussões acerca das relações homem/mundo resistência às normatizações.

Palavras-chave: Ficção brasileira contemporânea; Bernardo Carvalho

O CONCEITO DE MODERNO E SEUS POSSÍVEIS DESDOBRAMENTOS NO CONTO A NOVA DIMENSÃO DO ESCRITOR JEFFREY CURTAIN DE MARINA COLASANTI

Marília da Silva Freitas (UFU)

Resumo: Estudar a obra de Marina Colasanti é sair dos limites do texto, romper as fronteiras literárias, interagir com outras áreas do conhecimento, interligando saberes, constituindo uma literatura de transformação e questionamento do ser, como também do seu espaço social e cultural. Deste modo, o presente trabalho propõe uma análise do conto “A nova dimensão do escritor Jeffrey Curtain” de Marina Colasanti, que tratará do processo de “libertação” de uma vida monótona e rotineira de um escritor de contos, iniciado após entrar em coma, em que seu cérebro passa a funcionar independente do restante do corpo, e a atingir várias outras dimensões, proporcionando ao protagonista realizações que lhe eram restritas em “vida”. Tendo como ponto de partida o conceito de modernidade, elaborado por Baudelaire, em que a arte moderna é caracterizada por ser transitória, efêmera e contingente, se averiguará, a partir da constituição da personagem, o quanto tais concepções são compatíveis com o que é narrado, ou seja, como acontece a relação existente

entre o que é considerado arte moderna para o teórico, como isso é representado no texto e ainda corrobora para outros possíveis desdobramentos. Para isto, se verificará a importância de fatores intrínsecos à construção desta narrativa, como a ambiguidade dos corpos, a experiência do duplo, e a relação morte e vida. Assim, esta pesquisa pretende refletir sobre o conceito de modernidade tanto na forma, quanto no tema narrados, verificando a versatilidade da autora em ser capaz de retratar as angústias e “obscuros” do seu tempo, e ainda pensar sobre o papel do autor contemporâneo e do fazer literário na atualidade.

Palavras-chave: Moderno; Literatura; Marina Colasanti; Ambíguo

1 de agosto

14h30

EXPERIÊNCIAS DO CONTEMPORÂNEO NAS ESCRITAS DA CRÔNICA E DA TWITTERATURA

Elizabeth Lima (UNEB)

Resumo: Segundo Agamben (2009) cada gênero ou forma, em seu tempo, reflete a experiência do contemporâneo, sendo necessário apresentar um olhar renovado diante da relação entre os tempos para perceber o escuro do presente. E nessa relação entre os tempos, os desafios comunicacionais e tecnológicos que vêm sendo impostos à escrita revelam que a experiência do contemporâneo pode se manifestar tanto na escrita da crônica, quanto na literatura desenvolvida na rede social Twitter. A crônica moderna emergiu no século XIX, tendo como seu veículo de origem o jornal, suporte marcado pela efemeridade, pela documentalidade e pelo fragmentário, características mimetizadas na crônica, mas que alteram seu possível status artístico e literário. A twitteratura, termo que expande o campo da literatura, é desenvolvida no suporte da rede social Twitter, que impõe aos seus usuários a escrita em 280 caracteres. Esta limitação converte-se em desafio criativo no intuito de escrever ficção e poesia nessa extrema concisão, em um espaço literário alternativo, marcado ainda pela hiperbrevidade, pelo instantaneísmo e pelo fragmentário. Nesses exemplos de formas literárias, é possível constatar que os meios de comunicação e seus suportes vêm transmutando significativamente os modos de produção artística e de recepção, tensionando as concepções e a especificidade do que seja literatura. E nesse rastro, Josefina Ludmer (2010) formula o conceito de literatura pós-autônoma para as escrituras que atravessam a fronteira da literatura e tomam as formas da autobiografia, da reportagem jornalística, da crônica. Estas escritas saem da literatura e entram na realidade cotidiana através dos meios de comunicação como a TV, a internet, os blogs, e o e-mail, entre outros. A crônica, no suporte do jornal e a literatura, no suporte da plataforma Twitter, materializam essa literatura pós-autônoma, cada uma em seu tempo, possibilitando transformações epistemológicas, sociais e culturais. Afetando, em última instância, os modos de ler e de escrever, proporcionando experiências estéticas, revisão das separações estabelecidas entre arte e não arte, literatura e documento. Investigar as experiências do contemporâneo por meio dos suportes do jornal e da rede social Twitter é proposta deste trabalho, que examinará as duas formas literárias oriundas das transformações comunicacionais e tecnológicas que vêm contaminando a escrita. O corpus a ser examinado incluirá crônicas de João do Rio e Olavo Bilac que discutiram os efeitos da escrita jornalística e dos ritmos técnicos do suporte do jornal na produção da literatura. Na análise dos tweets literários serão examinadas as páginas e os posts de literatura, levando ainda em consideração o movimento de inversão de escritores que saltaram da tela e publicaram as experiências estéticas do Twitter em editoras físicas no suporte do livro como, Fabrício Carpinejar em Twitter.com (2010). Assim, a reflexão propõe considerar que nas experimentações e formulações estéticas apresentadas pela crônica e pela twitteratura, deve ser levado em consideração os suportes como materialização das experiências do contemporâneo que reverbera na ampliação do campo literário.

Palavras-chave: Contemporâneo, Experiências; Crônica, Twitteratura

AS FUNÇÕES DA DESINFORMAÇÃO EM GRAÇA INFINITA, DE DAVID FOSTER WALLACE

Bruno Silva Nogueira (UFPR)

Resumo: Graça Infinita, romance de David Foster Wallace, é visto como uma obra literária que exige esforço por parte do leitor, algo que o próprio autor discute em entrevistas com Scocca (1998) e Miller (1996) e levou autores como Greg Carslile (2007) e Stephen J. Burn (2003) a criarem companions para auxiliar a leitura da obra e/ou propor potenciais explicações para seu enredo. O objetivo desse trabalho é mostrar alguns dos significados gerados por Wallace a partir do uso da desinformação, aqui entendida como todo tipo de estratégia que oculte informações a respeito do enredo ou torne difícil sua compreensão por parte do leitor. Pretende-se discutir as seguintes estratégias usadas para desinformá-lo: a simples ausência de informações; as contradições, especialmente aquelas em que personagens afirmam coisas diferentes sobre um mesmo evento; e as informações pouco confiáveis, como, mas não só, aquelas dadas por personagens que têm um interesse em situações específicas ou alguma incapacidade que os torna pouco qualificados como fornecedores de informações relevantes ou críveis. A maneira caótica como as informações são distribuídas ao longo do livro também tem seu efeito aqui, mas uma vez que ela parece indissociável dos elementos acima, será mencionada junto a eles. A relevância do caos no romance também será retomada na conclusão, na qual se argumentará que alguns dos principais objetivos da desinformação em Graça Infinita seriam exigir do leitor um tipo de trabalho intelectual que fuja ao máximo à passividade, demonstrar que muitas vezes a maneira como lidamos com certos conflitos e dúvidas depende de escolhas ativas, e replicar a experiência desafiadora que é tentar encontrar sentido em mundo tão repleto de informações que chega a ser difícil dizer quais são relevantes.

Palavras-chave: GRAÇA INFINITA; DAVID F. WALLACE; DESINFORMAÇÃO

UMA RELEITURA DO TRANSCENDENTALISMO EM THE SUN ALSO RISES, DE ERNEST HEMINGWAY

Manoela Caroline Navas (UNESP)

Resumo: A presente comunicação tem como objetivo a exploração de uma possível releitura desenvolvida por Ernest Hemingway de dois conceitos transcendentalistas, natureza e moralidade, latentes em sua obra *The Sun Also Rises* (1926), circunscrita em sua relação com a História, como resposta ao Puritanismo renovado após a Primeira Guerra Mundial nos Estados Unidos. O Transcendentalismo foi um movimento filosófico, religioso e literário com início em meados do século XIX, baseado em ideais humanistas e de caráter introspectivo, disparados pelo contexto histórico da Revolução Industrial, e tendo como expoentes os autores e filósofos Emerson e Thoreau. Nossa primeira análise sobre uma possível releitura dos conceitos transcendentalistas será em torno do conceito de natureza e como ele é apresentado no romance *The Sun Also Rises*. Traremos como apoio para esta discussão um artigo de Camry Scott publicado em 2016, no qual há a defesa da tese de que Hemingway teria criado uma versão moderna do Transcendentalismo. O crítico argumenta inicialmente que se faz necessário explorar a temática da natureza nas obras de Hemingway por apresentarem a seguinte característica em torno das personagens: “Para muitas das suas personagens, a natureza é o local de cura, reflexão e paz, assim como fora para os transcendentalistas da Nova Inglaterra do século dezenove” (SCOTT, 2016). Como nosso objetivo é apontar para uma releitura do Transcendentalismo, precisamos, portanto, elucidar algumas considerações sobre a natureza e o tratamento dado a ela por Emerson em seu ensaio intitulado *Nature*, escrito em 1849, para podermos estabelecer a comparação apontada por Scott. Partiremos então para análise de trechos do romance nos quais verificaremos quais as similaridades com o conceito de natureza proposto por Emerson, e se haveria alguma diferença no trato deste assunto tecido por Hemingway. Nosso segundo conceito a ser analisado é sobre um outro elemento atrelado à natureza, de acordo com Emerson, a temática da moralidade. A natureza não seria apenas um local puro ou com propriedades curativas, mas é o espaço de conexão do ser humano com Deus, e assim, transcendendo de seu estado frívolo para o estado moral. No quinto capítulo de seu ensaio, ele apresenta um debate sobre a disciplina e como a natureza é uma disciplina, no sentido em que rege as práticas de entendimento das verdades intelectuais. Iremos discutir quais seriam as estratégias textuais creditadas ao autor ao trabalhar a temática da moralidade. Para fundamentação

teórica, faremos uso do estudo publicado por Scott Donaldson, em 1971, no qual o autor discute uma suposta moralidade da compensação na obra de Hemingway. Por fim, pretendemos expor que o trato dado aos conceitos de natureza e moralidade por Hemingway reforça a busca de uma solução para a composição de um indivíduo pleno e estável, já que o contexto da Guerra Mundial provocou a quebra da unidade estável dos seres humanos. Para além disso, queremos também apontar para o processo de revelação do obscurantismo que se instaura no processo de renovação das ideias puritanas acerca da exploração das potencialidades do homem no pós-Primeira Guerra Mundial.

Palavras-chave: Ernest Hemingway; Moralidade; Transcendentalismo

A PERSPECTIVA DA INADAPTAÇÃO EM SAMUEL RAWET

Thays Freitas de Almeida Pena (UFF)

Resumo: Samuel Rawet nasceu na Polônia, em 1929 e veio para o Brasil com apenas sete anos de idade, aqui se naturalizando, em 1936. Surge no cenário literário brasileiro em 1956, com a coletânea Contos do Imigrante. Já em sua obra inaugural, instaura um marco no conto nacional através de sua escrita sensível e cortante. Objetivo apresentar a perspectiva da inadaptção do estrangeiro no conto “O Profeta”, presente na obra Contos do Imigrante (1956) de Samuel Rawet. Entre os pressupostos teóricos, utilizo aqueles presentes em textos de Julia Kristeva, Edward Said, Stuart Hall, Eugène Enriquez e outros estudos que serviram de contraponto para abordar o desajuste como condição existencial. Para Julia Kristeva (1994, p. 9), “o estrangeiro habita em nós: ele é a face oculta da nossa identidade”, portanto o estudo realça a inadaptção do imigrante judeu no conto. Rawet extrapola o tema da imigração e, ao trazer a ideia do estrangeiro que habita em cada ser humano, eleva a reflexão para o estrangeiro e sua angústia ancestral, ultrapassando as fronteiras geográficas.

Palavras-chave: Estrangeiro; Identidade; Samuel Rawet; desajuste

2 de agosto

8h30

CARTAS DE EULÁLIO MOTTA PARA JORGE AMADO

Patrício Nunes Barreiros (UEFS)

Resumo: O presente trabalho objetiva apresentar o dossiê arquivísticos das cartas escritas por Eulálio Motta e dirigidas ao romancista baiano Jorge Amado. A constituição do dossiê arquivístico é parte da metodologia adotada para a elaboração da hiperedição da referida correspondência. O dossiê foi elaborado a partir do levantamento dos documentos paratextuais e prototextuais que se relacionam com as cartas e que podem elucidar a sua leitura. Durante sessenta anos, o escritor baiano Eulálio Motta arquivou um volume de documentos relacionados à sua vida pessoal e, principalmente, às atividades que desenvolveu enquanto escritor, jornalista e político. Esse acervo foi cedido pelos seus familiares para a pesquisa que está sendo desenvolvida desde 1999, no âmbito da Universidade Estadual de Feira de Santana. A documentação inclui manuscritos avulsos, cadernos com textos inéditos, rascunhos de obras publicadas, diários, cartas, postais, fotografias, coleção de jornais, a biblioteca do escritor, diplomas, datiloscritos e objetos pessoais. Além de informações biográficas, de seu valor histórico, literário e linguístico, o acervo de Eulálio Motta traz à tona o laboratório do escritor, o seu “canteiro de obras”. Isso permite conhecer os esboços, os rascunhos, as anotações de leituras, o planejamento das obras e a rede de sociabilidade que Eulálio Motta estabeleceu com outros escritores, autoridades políticas, editores e familiares. Nesse sentido, a oficina do escritor amplia a visão do acervo como um corpo, constituído de partículas interligadas que formam um tecido complexo. As 36 cartas escritas para Jorge Amado foram preservadas como rascunhos em cadernos, folhas avulsas manuscritas e datilografadas, com diversas emendas, rasuras e notas que remetem a outros documentos do acervo. Portanto, a leitura mais desejável dessas

cartas precisa levar em consideração suas relações com o acervo enquanto um conjunto documental integrado. Essas relações podem ser representadas por uma estrutura rizomática que muda sua forma de acordo com a perspectiva de análise que se adote. Uma estrutura rizomática amplia o modo de organização do conhecimento, principalmente, por ser diferente de uma estrutura em formato de árvore ou raiz que fixam um ponto, uma ordem. Pode-se acessar um rizoma a partir de qualquer ponto. Ademais, cada ponto de um rizoma pode conectar-se a qualquer outro ponto. O rizoma não segue um modelo estruturado, permite reelaborações e rupturas porque é mutável, reversível. Cada um de seus pontos podem se multiplicar, transformando a sua natureza, renovando-se. Ao estudar a correspondência de Eulálio Motta, com vista à elaboração de uma edição, percebeu-se essa instabilidade peculiar à estrutura rizomática. A correspondência, muitas vezes, funciona como um catalizador que une vários pontos de um rizoma, ou se lança em direção a diversos pontos, criando novas possibilidades interpretativas. Nesse sentido, as cartas de Eulálio Motta para Jorge Amado correspondem a um conjunto de documentos heterogêneos que mantêm uma relação intrínseca com a produção literária dos dois escritores. Portanto, não seria produtivo editar tais textos, sem considerar as suas múltiplas relações com a documentação do acervo e as edições convencionais impressas, obviamente, não dariam conta da complexidade das relações que podem ser estabelecidas. A alternativa mais adequada é elaborar uma hiperedição, que explore os códigos linguísticos, bibliográficos e contextuais dos textos editados. Considera-se como hiperedição uma hipermídia que apresenta mais de um tipo de edição integrada a documentos paratextuais e prototextuais diversos – rascunhos, anotações marginais, imagens, vídeos, sons e animações, organizados conforme critérios estabelecidos pelo editor. Trata-se, portanto, de uma edição híbrida que apresenta múltiplas potencialidades de leitura e análise dos textos. Por se tratar de uma edição em meio digital on-line, a hiperedição permite utilizar uma linguagem rizomática peculiar à Web, mas para realizar esse tipo de edição, faz-se necessário elaborar o dossiê arquivístico com os textos editados e seus pontos de contatos com outros documentos.

Palavras-chave: Correspondência; Eulálio Motta, Jorge Amado.

O LUGAR DO MANUSCRITO EM ESCRITAS CONTEMPORÂNEAS BRASILEIRAS

Augustto Corrêa Cipriani (UFMG)

Resumo: Tendo em vista o fenômeno contemporâneo de diálogo entre as diferentes instâncias do graffiti, da poesia e das artes visuais no Brasil, a comunicação se volta à compreensão das potências de significação da escrita à mão no terreno da contemporaneidade. É perceptível nas últimas décadas um crescimento do interesse pelo manuscrito em diferentes cenários: seja na poesia, como os recentes trabalhos de Guilherme Závios, ou nas artes visuais, em trabalhos como o de Gustavo Speridião e Joana César, por exemplo. Ora ressignificando o traço da escrita enquanto gesto artístico, ora dialogando com a arte urbana, tais projetos põem em questão a própria noção de escrita, enfatizando sua materialidade gráfica, a presença de um corpo que se inscreve e, ainda, a clivagem entre escrita e imagem. Com relação ao histórico das artes e das letras nacionais, esse momento estético de experimentação escritural contemporâneo trava diálogo com movimentos já consagrados, como a Poesia Concreta e o Neoconcretismo, além de remeter à obra de artistas como Arthur Bispo do Rosário e Leonilson, nomes incontornáveis quando se trata da relação entre escrita e artes visuais no Brasil. Desse modo, apesar de não serem inaugurais, os gestos da escrita nas artes e na poesia brasileiras estudados reformulam parte das questões levantadas pela tradição em que se inserem e as retomam tendo em vista seu lugar na contemporaneidade. Por um lado, tais objetos se apoiam na estética dos graffiti, desde sua inserção institucional no cenário artístico nova-iorquino, especialmente com o trabalho de Jean-Michel Basquiat, até as práticas atuais de graffiti, pichações e pixo nas grandes cidades brasileiras. Por outro lado, os manuscritos estudados apresentam traços de certo primitivismo do gesto escritural, remetendo à história da prática da escrita e a suas aproximações com os grafismos rupestres. Busca-se compreender, portanto, entre o gesto primitivo e a prática atenta a estéticas contemporâneas, os efeitos da revalorização artística do manuscrito, em suas potencialidades estéticas, éticas e políticas. De modo a suplementar a análise histórica das

obras baseadas na estética do manuscrito acima mencionadas, lança-se mão, ainda, de pressupostos dos Estudos de Palavra e Imagem, especialmente na localização conceitual do graffiti nas artes visuais e no tensionamento das barreiras entre escrita e imagem, além de apontamentos da teoria barthesiana que se ocupam da revisão da história da escrita e do papel do corpo no ato de escrever. Tendo tal panorama em vista, por fim, examinam-se os modos com que as obras de Guilherme Zarvos, Gustavo Speridião e Joana César atualizam a noção de escrita e transitam na fronteira entre o escritural e o imagético.

Palavras-chave: Manuscrito; Graffiti; Escrita

A OBRA DE ARTE PICTURAL NA IDADE MÉDIA E A FIGURA FEMININA

Roselene Cardoso Araujo (PUC-GO); Maria Aparecida Rodrigues (PUC-GO)

Resumo: O objetivo da pesquisa é estudar as pinturas sobre as mulheres na Idade Média sob o olhar estético e suas relações com a condição feminina da época. A análise tem fundamentação teórica fenomenológica, na qual a obra de arte é tratada como um fenômeno estético em si mesmo e estabelece vínculos com a vida. A base teórica serão os estudos de Michel Foucault a respeito da sexualidade e do controle inerentes à Idade Média, nas obras *Vigiar e Punir* e *História da Sexualidade* (1988); a obra de Michelle Perrot, *As Mulheres ou os Silêncios da História* (2005); *Uma História do Corpo na Idade Média*, Nicolas Truong (2006); *O Imaginário Medieval*, Jacques Le Goff (1992) e *O Poder Simbólico*, Pierre Bourdieu (2000). Desse modo, a inquisição na Idade Média tornou-se um dever de consciência para cristãos que estimavam a fé e os valores religiosos acima de quaisquer outros, afirmando o sentido do termo de que Média envolve o período de dez séculos, do V ao XVI, um período intitulado de ignorância, chamado de MEDO ou INTERMEDIÁRIO. A expressão estética da figura feminina, em sua corporeidade revela, por meio das túnicas romanas, um vestuário que negava sua feminilidade, pois iam do pescoço ao tornozelo, fechadas com broches, cintos e fivelas. Em seguida, o vestuário sofreu influências bizantinas da Europa Ocidental e as roupas passaram a ser mais ornamentadas, porém, manteve a obscuridade de sua condição feminina. Após as cruzadas, no séc. XI, sendo substituída por roupas modeladas a cintura e no busto, em sedas, veludos e cetins, vestuários compridos e rodados sobre anáguas. Os cabelos com redes, véus e lenços até o pescoço ou uma faixa sobre o queixo e as têmporas, enfeitados com acessórios em pedrarias que significavam Castidade Cristã. Desse modo, no ideal cristão era preciso “matar” tudo que era sensível e sensual, reportando-se à figura feminina. Nesse contexto, os líderes religiosos manifestavam indignação a adornos, uso de maquiagem, vistos como força maléfica e sinal de impureza. As mulheres foram anuladas como seres sensuais e, no séc. XIII, se manifestaram contra a igreja, iniciando cuidados com a imagem física e higiene pessoal. Na composição do mundo patriarcal, a condição do ser feminino estava subjugada ao patriarcalismo. Este se tratou de uma organização a um só tempo familiar e social que fez com que o indivíduo, o pai exercesse autoridade, em decorrência de ser o mais forte, ou mais velho. Esta supremacia masculina baseava-se no medo e estava incluso até o direito de vida ou morte sobre a mulher. A representação das mulheres em seu corpo, sua sexualidade e até sua invisibilidade ao longo da história, na condição de cristianização e religiosidade, gerou estereótipos e valores tornando-as invisíveis e denominando-as responsáveis por atos de feitiços e magias, representando-as como detentoras do pecado, transmitindo, ao olhar masculino, práticas e virtudes quanto a castidade, submissão, comportamento e obediência à doutrina da igreja.

Palavras-chave: Estética; feminilidade; crítica; pintura.

A ECOCRÍTICA NA OBRA A HORA DOS RUMINANTES, DE JOSÉ J. VEIGA, E NAS ARTES VISUAIS DE SIRON FRANCO

Wanice Garcia Barbosa (PUC-GO)

Resumo: O presente artigo tem por objetivo discorrer sobre a ecocrítica, ecoficção, o contradiscurso da desfiguração dos signos imagéticos e o estranhamento estético, em *A Hora dos Ruminantes*, de José J. Veiga e obras do artista plástico Siron Franco, a partir de teorias que tratam da liquidez na

literatura contemporânea, do fantástico-absurdo. Apresentar bibliografias sobre a ecocrítica que reforçam a ideia de uma transformação social, e a sua desfiguração através do imediatistíssimo onde prevalecendo a microcoercitividade, provocada pelas redes rizomáticas. Demonstrar como a atemporalidade e subjetividade fizeram surgir a ideia de três ecologias ou ecosofia, dentre os autores que serão apresentados temos Felix Guattari, Greg Garrard, William Rueckert entre outros estudiosos, sendo elas: A do o meio-ambiente onde a possibilidade das piores catástrofes ambientais e que leva a destruição; das relações sociais desta nova sociedade a partir da reconstrução em todos os níveis do socius; e a subjetividade humana (tecnologia) ou mental o que leva o ser humano a desfiguração das relações do sujeito como o corpo, a psique (inconsciência) e o consciente, onde o diálogo humano apesar de veloz tornou-se confusa e obscura fortalecida pela virtualidade. O que busca confirmar o porquê, das obras terem que se transportarem do papel para a transfiguração virtual o que promoverá a interação redeática, pois a humanidade vive no mundo cibernético, ou seja, imaginário tecnológico. Explicar na visão de autores que estudam a imagem, eco imagem, e mostram que ela não é mais que a consciência que temos dela, ela se define por ser consciência, assim quanto conectados nas redes midiáticas aquele momento passa ser o consciente e a sua convergência aponta para um conjunto de transformações e desfigurações do real que ultrapassam a perspectiva provocando assim interatividade entre sujeitos sociais no processo comunicativo, o que favorece a divulgação das ecologias que se apresentam de forma sublimadas/simuladas, os dois autores justificam em suas obras. Reforçar a importância da ecocrítica literária dentro do contexto da ecoficção provocando uma maior consciência de espaço e do ser, as obras estudadas abrangem as ecologias justificadas através de sombras que são imperceptíveis para o consciente, mas não para o inconsciente, que são trazidos para o consciente através de atos falhos. Demonstrar na visão de Zygmunt Bauman a transfiguração e desfiguração nas obras de arte, demonstrando a sua liquidez provocada pelas inovações contemporâneas, sendo ela imediatista e microcoercitiva, o que leva ao estranhamento estético, previsto nas teorias Wolfgang Iser e Walter Benjamin e outros. Este estudo almeja a corroborar na aplicabilidade de tornar as teorias que focam a consciência em relação a ecosofia da vida, através da promoção das obras nas redes midiáticas com a intencionalidade de proporcionar o empoderamento das artes e sua importância para conservação do homem, apontando a percepção dos sentidos ecológicos e a sua amplitude o que levará leitor/coautor a ter consciência da existência de ser no mundo.

Palavras-chave: Ecocrítica. Contradiscorso.Desfiguração.Imaginar

2 agosto

14h30

DO VERSO À PROSA: DIÁLOGOS ENTRE JORGE DE LIMA E RADUAN NASSAR

Elijames Moraes dos Santos (UFPA)

Resumo: Na presente comunicação, pretendo apresentar uma breve análise, um esboço, de um projeto maior sobre a prosa de Raduan Nassar. Assim, como ponto de partida para esse estudo destacamos o romance *Lavoura Arcaica*, no qual apresenta uma estrutura formada a partir de fragmentos de outros textos, com os quais dialoga no contínuo da narrativa, desdobrando-se em um todo homogêneo. Desse modo, temos uma escrita que traz uma epígrafe: "Que culpa temos nós dessa planta da infância, de sua sedução?", de *Invenção de Orfeu*, de Jorge de Lima, a qual soa em meio aos conflitos protagonizados por André, cuja rememoração situa o leitor ao tempo dos acontecimentos, da infância à adolescência, na fazenda da família. Este cenário é delineado nas lembranças de André que saltam no jorro da cólera presente nas palavras que se opõem às mensagens proferidas pelo pai, Iohána, sustentadas por uma doutrina (arcaica) na qual se faz sentir o desejo de humildade, união, e de amor. Mensagem essa inscrita pela força do verbo, do sagrado, repassada diariamente à família por meio dos sermões à mesa das refeições, o que instaura um processo intertextual, pois ao evocar a doutrina de seus antepassados, percebemos que Iohána remonta uma tradição mediterrânea, a qual faz jus aos costumes mulçumanos e cristãos. Conferindo

à narrativa uma representação de uma espécie de hibridismo religioso, fazendo jus às doutrinas que visam manter os membros da família sob a égide da tradição de seus ancestrais. Para tanto, a prosa de Nassar se apropria de fragmentos literários e parábolas bíblicas, o que revela o aspecto intertextual do romance e nos faz inferir a respeito das comparações de tais elementos que perpassam esta escrita literária. Desse modo, é possível também intuir que a força do verbo em *Lavoura Arcaica*, o inalterado na palavra do pai, assemelha-se à do verbo bíblico, no sentido de que este prevalece de geração à geração. À semelhança de uma epopeia (órfica) a prosa de Raduan Nassar apresenta uma abertura para as discussões do sagrado e, nesse sentido, evoca um diálogo com os versos de Jorge de Lima em *Invenção de Orfeu*, desafiando o leitor a pensar um estilo de escrita que rompe os padrões da tradição literária de seu tempo. Nesse ínterim, o presente estudo objetiva analisar os desdobramentos dos conflitos instaurados em *Lavoura Arcaica* a partir das relações comparativas e dialógicas com os versos de *Invenção de Orfeu*. Assim, entre tantos vieses que esse texto literário possibilita ser interpretado, partiremos desse princípio no qual a escrita contemporânea de Raduan Nassar, ora de maneira fragmentada ora inaudita, promove uma negação ou uma ruptura da modernidade, segundo trata Octávio Paz (2013), pois parece não se ajustar a um lugar específico, o que desperta uma série de questionamentos que se entrelaçam nos discursos da narrativa. Endossando as palavras de Sedlmayer (1997), quando diz que a literatura de Nassar ocupa um lugar solitário no contexto literário nacional, nosso estudo visa discutir os aspectos dessa prosa a qual parece ser formada por meio de uma fusão do discurso arcaico e do moderno. Outrossim, essa narrativa estruturada sob a forma de romance, se afina a epopeia, a qual, segundo Vasconcelos (1997, p. 14), "é radicalmente lírica, órfica (e contém uma entonação do sagrado)". Assim, a narrativa do *Lavoura Arcaica* promove uma contemplação do presente ao confrontar o futuro com o olhar do passado, e surge como uma fenda no veio da modernidade, elevando a palavra ao seu mais alto grau - aos limites de uma poética -, ou seja, extraindo a gema da palavra. Logo, o texto vibra, se apresentando como uma literatura dos extremos, de explosão mas tem uma dimensão do silêncio que também é explosivo. E, portanto, relembremos Agamben (2012), ao relatar que o autor contemporâneo mantém firme o olhar em seu tempo, mesmo na obscuridade, é capaz de propor uma escrita em constante diálogo não só com as luzes, mas com o que se faz nas trevas do presente, e que nem sempre está visível.

Palavras-chave: Diálogos; Jorge de Lima; Raduan Nassar

A ECOPOESIA NA LITERATURA E NA ARTE PICTÓRICA EM GOIÁS

Elizabeth Abreu Caldeira Brito (PUC-GO)

Resumo: Este estudo tem como proposta apresentar uma reflexão sobre as vozes líricas das poetisas: Alcione Guimarães, Lêda Selma, Maria Abadia Silva, Maria Helena Chein e Sonia Maria Santos e do poeta e artista plástico Yvan Avena representantes da pluralidade que abarca a literatura e a ecopoesia brasileira produzida em Goiás. Suas criações extrapolam os sentidos e contemplam as metamorfoses do fazer lírico e artístico, abrangendo horizontes, além de seus espaços de criação e dos meios onde transitam suas existências. Os textos, desses artistas, dialogam com as artes visuais e o meio ambiente em suas múltiplas manifestações, quer sejam da natureza ou dos inúmeros seres de vida e de não-vida transeuntes deste universo. Os signos biológicos, em mútua relação com o meio ambiente e as artes da palavra e das cores, manifestados pelos escritores em questão, transitam no âmago da teoria do ecocriticismo, do imaginário e da performatividade. É no diálogo entre a literatura, arte e o meio ambiente, representado pela natureza presente no texto poético e nas artes visuais, especialmente na abordagem da contemporaneidade, nas interferências humanas em suas diversas implicações, quer sejam éticas, ambientais, sociais e culturais, na qual o ecocriticismo tange sua presença como álibi aliado às artes. Neste sentido, o ecocriticismo sob a análise da relação dialética do objeto artístico, mediado pela hermenêutica das linguagens: literária e artística visual, possibilita, sob novos olhares, rever as atitudes do homem, especialmente o ocidental, frente à natureza. Portanto a teoria do ecocriticismo, propulsão por uma consciência universal de crise, demonstra sua preocupação com os aspectos éticos e os compromissos

ambientais. Ela se propõe a estudar, sob os prismas estéticos e culturais, as manifestações artísticas contemporâneas que se delineiam das problematizações do meio ambiente e da ecologia, sob o viés das artes e da poética do imaginário.

Palavras-chave: Poesia; Artes visuais; Ecocriticismo; Imaginário

A ARTE DE FREI CONFALONI

Maria Abadia Silva (PUC-GO)

Resumo: Frei Giuseppe Nazareno Confaloni é um italiano de Viterbo, iniciado na Congregação Dominicana desde os oito anos de idade e que veio para Goiás em 1950, aos 33 anos, para afrescar a Igreja Nossa Senhora do Rosário, da Cidade de Goiás, antiga capital. Sua formação nas Academias de Florença, de Roma e de Milão conta também com a orientação dos mestres Felice Carena, Bacci Maria Baccio e Primo Conti, seu especial amigo, todos grandes artistas do final do Quattrocento. Viveu três décadas entre nós quando veio a falecer em 1977, aos 60 anos. Deixa um legado extraordinário e transformador. Cria as Escolas de Belas Artes e depois a Escola de Arquitetura, forma uma geração de grandes artistas, alguns deles hoje reconhecidos internacionalmente. Artista reconhecido e influente articulador, constrói também uma Igreja, um convento, cria e fomenta um movimento artístico impulsionador da produção, do gosto e da moderna arte em Goiás. Fez da fraternidade humana o lema de sua arte, trouxe uma imaginária nova e iluminada local. Com preocupações pelo social, mas com olhar renascido, forte, bondoso, aspirando uma sociedade mais justa. Sem nunca se deixar prender ou se escravizar por ditames ideológicos, nem religiosos, nem pelas exigências do mercado. Expressava-se por uma linguagem lírica ligada à vida sacra e à realidade dos trabalhadores, dos retirantes e dos mais pobres, temática dominante de sua pintura. Acentuava extraordinário vigor plástico às suas figuras humanas deformadas, com pés e mãos gigantes, na busca de efeitos dramáticos, criando um desenho de maior expressividade, equilíbrio da força com a graça, Portinariando a sua arte florentina. A Proposta deste estudo é apresentar um contraponto com a arte de Frei Confaloni, especialmente os seus temas que envolvem retratos, madonas e paisagens, com a obra *A Pintura encarnada* de Georges Didi-Huberman, a *Obra-Prima* desconhecida de Honoré Balzac, na medida que essas obras nos permitem fazer reflexões sobre questões da arte realista e contemporânea. Ressaltando o comparativismo entre literatura e a pintura de Frei Confaloni, a pesquisa correlaciona também a obra de Nélide Piñon *A força do destino* e o êxtase inscrito na emoção da ópera *La Forza del Destino*, de Giuseppe Verdi, como ênfase da energia metafórica da arte, articulada pelo imaginário, pela criação, pelo êxtase e pelo poder de provocar no leitor/ receptor o pluralismo de visualidades marcado pela função de ascender um espanto diante da multiplicidade de sentidos. O trabalho será pautado pelo ponto de vista estético e imagético, ponderando sobre o modo de construção da obra de arte contemporânea, considerando a importância de tais abordagens para a crítica literária, para os estudos literários da poética do imaginário e a transfiguração da vida para o mundo mitopoético.

Palavras-chave: Literatura1; Pintura ; Arte ; Imaginário

POÉTICA DAS PEDRAS

Marta Bonach Gomes (PUC-GO)

Resumo: A escritura poética pinta quadros na memória e encaminha quem lê a pensar e se inquietar com a obra escolhida. Amparo-me nesta premissa para propor, neste estudo, investigação sobre a obra poética de Ana Lins dos Guimarães Bretas (Cora Coralina), filtrada no olhar de hoje desde sua produção, suas particularidades e suas complexidades no campo da poesia que enriquecem a literatura brasileira produzida em Goiás. Nesse sentido, a pesquisa se propõe a realizar estudo interpretativo sobre as escrituras, expressividade lírica de seus textos poéticos presentes na obra: *Pedras* (Coralina, Cora Villa Boa de Goyaz 2 ed. São Paulo: Global, 2003 p 93-95) Assim, será traçado na apresentação, o valor estético/artístico, utilizando fortuna teórica dos autores TELES (2003), PAZ (1982), a fim de explorar os traços poetizados das descrições históricas, humana e belezas naturais da terra, com a carga poética marcada por uma força advinda do coração do Brasil. Dessa forma,

serão enaltecidos os ermos memorialísticos goianos, a antiga capital de Goiás, com suas pedras, seus becos e histórias mais.

Palavras-chave: Poética, Cora Coralina, memória, história, Goiás.

O QUE CONTAM OS QUE CONTAM SOBRE CONTAR HISTÓRIAS

Nathalie Letouzé Moreira (UnB)

Resumo: Os cursos de escrita criativa podem vir a se tornar um fenômeno anglófono globalizado (Dawson, 2005; McGurl, 2009). Esses cursos, que surgiram nos Estados Unidos e foram institucionalizados e amplamente difundidos após a Segunda Guerra Mundial, atualmente se expandiram para diversos países, como Canadá, Reino Unido, África do Sul, Coreia do Sul, Austrália, Brasil, dentre outros. Embora no Brasil, comparativamente, ainda sejam incipientes, nos Estados Unidos, esses cursos foram considerados o evento mais importante na história da literatura norte-americana pós-Segunda Guerra pelo pesquisador Mark McGurl (2009), especializado em literatura norte-americana do século XX, sendo de influência marcante na literatura desse país. Embora desde a Poética de Aristóteles muito se tenha formulado, discutido e apresentado a respeito da constituição de narrativas, ao que nos parece, o diferencial desses cursos é que, além de sua espantosa difusão, em geral possuem um caráter mais prescritivo do que descritivo e, talvez só mais recentemente, uma meta clara: escrever histórias vendáveis, que sobrevivam no mercado livreiro (ou na indústria cinematográfica, conforme o caso), que sejam escolhidas e publicadas por editoras comerciais. Por essa razão, o que se busca, em grande parte, são técnicas narrativas que favoreçam a isso, com algumas diferenças na forma de abordagem, na linguagem utilizada para esse fim e talvez até nas próprias técnicas em si, apesar de possivelmente haver muitas semelhanças entre elas. Apesar de se poder crer que a literatura considerada de 'qualidade' esteja distante dessa discussão, esse debate merece reflexão, especialmente se levarmos em conta o quanto um escritor contemporâneo, inserido na sociedade atual, pode se distanciar, conscientemente ou não, dessas abordagens narrativas, uma vez que elas estão presentes não apenas no que se considera 'literatura comercial' ou 'baixa literatura', mas em filmes, campanhas publicitárias, videogames, em toda parte. Assim, ainda que um escritor não tenha cursado nenhum desses cursos, estando isento de uma influência direta, possivelmente não o está de uma influência indireta. Diante da relevância que consideramos ter esse assunto, apresentaremos, nesse estudo, uma síntese das técnicas de escrita narrativas apresentadas por um curso de escrita criativa online oferecido por uma universidade inglesa de renome, das técnicas narrativas discutidas na obra *A jornada do escritor*, de Vogler (2009), e das técnicas apresentadas pelo conjunto de três manuais intitulados de *Book in a box*, de James McSill (2013). Além disso, faremos uma comparação entre essas técnicas. Tencionamos, dessa forma, levantar e instigar reflexões a respeito desse fenômeno na sociedade e na literatura.

Palavras-chave: Escrita criativa; Storytelling, Literatura contemporânea

21 - ESCRITAS DE SI NA CONTEMPORANEIDADE: PACTOS E DESDOBRAMENTOS

Coordenação: Carolina Duarte Damasceno (UFU); Júlio de Souza Valle Neto (UNIFESP); Ricardo Gaiotto de Moraes (PUC – Campinas)

Resumo: As escritas pessoais, pautadas pela memória e pela (re)construção de imagens do passado e de si, sempre apresentaram uma tendência a desembocarem na invenção, a despeito das promessas de sinceridade e fidelidade à experiência vivida. John Eakin (1985), ao tecer um breve panorama sobre as mudanças ocorridas nesses relatos, pontua que, para Poe e Rousseau, ser fiel remetia à coragem de contar tudo, mesmo os episódios pouco louváveis da vida. Ou, como lembra Luiz Costa Lima, a Rousseau ainda não ocorre "que a vontade de destruir todas as máscaras pode alimentar outra máscara" (LIMA, 1986, p. 295). Não estava em jogo o problema epistemológico da verdade nem a possibilidade de atingi-la através da rememoração. No século XX, porém, despontou a consciência de que o relato do passado é moldado pela memória e pela imaginação. Assim, embora sempre tenha havido fronteiras entre as escritas de si e o universo ficcional, elas somente foram problematizadas pelos escritores a partir deste momento.

Na contemporaneidade, tornaram-se ainda mais inglórias as tentativas de “transformar o matagal da literatura do eu em jardim à francesa” (LEJEUNE, 2014, p. 21). Com a crítica à noção de sujeito, convenção de mais em mais problematizada, uma pergunta essencial para os gêneros pessoais – quem é o “eu” que escreve – ganha novas dimensões. Se em 1973, ano da escrita de “O pacto autobiográfico”, Lejeune observava que, em geral, os autobiógrafos estavam muito afastados do herói de *O inominável*, de Beckett, que se pergunta quem nele diz “eu”, no cenário atual essa distância certamente diminuiu. Novas formas de entender e expressar aquilo que se entende por identidade vêm à tona.

O termo autoficção foi lançado pela primeira vez por Serge Doubrovsky em *Fils*, livro de 1977. De acordo com Jacques Leacarme, a autoficção consistiria em um dispositivo muito simples: “uma narrativa cujo autor, narrador e protagonista compartilham da mesma identidade nominal e cuja denominação genérica indicia que se trata de um romance” (LECARNE, 2014, p. 68). A novidade deste dispositivo instauraria um novo pacto ambíguo diante do leitor, uma vez que, agora, se a coincidência entre narrador/protagonista/nome do autor levaria a uma confiança no caráter fático da narrativa, a caracterização do texto como ficção levaria a uma suspensão dessa mesma confiança. De todo modo, destaca-se, no campo literário atual, o que Diana Kingler (2012) chamará de um “retorno do autor”. Para além do campo literário, também nas artes visuais é possível verificar esse movimento, traduzido pelo imperativo “faz de sua vida uma obra de arte” (BOURRIAUD, 2011, p. 18). De fato, a figura do autor, alvo de questionamentos e críticas a partir do final da década de 50 volta à cena, assumindo novos papéis na cultura midiática, alimentando, ao que parece, novos “pactos” de leitura e consumo.

Assim, as escritas de si, consideradas de maneira ampla (da autoficção, aos diários, correspondências, ensaios, livros de artistas etc), dado seu caráter performático – uma vez que os sujeitos parecem se constituir e ser constituídos por elas –, provocam questionamentos estéticos e éticos que vão da afirmação de identidades ao “cultivo narcisista do eu” (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 218).

Este Simpósio propõe-se a estimular o amplo debate sobre as escritas de si, abrangendo trabalhos que as abordem, dentre outras possibilidades, enquanto forma de expressão marcadamente literária; enquanto matéria multidisciplinar (em seus veios filosóficos, educacionais, psicanalíticos, historiográficos, etnográficos etc.); enquanto documento (de estudo historiográfico, antropológico, literário); em suas implicações para a constituição do cânone; em suas consequências para noções-chave da crítica (como o conceito de autor), bem como para variadas correntes da teoria literária; como ponto de indagação privilegiado na compreensão de diferentes obras em língua portuguesa e estrangeira – enfim, como forma de reabrir a discussão em seus múltiplos pactos e desdobramentos.

REFERÊNCIAS

- BORRIAUD, N. Formas de vida: a arte moderna e a invenção de si. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- EAKIN, Paul John. Fictions in autobiography: studies in the Art of Self-Invention. Princeton: Princeton University Press, 1985.
- LIMA, L. C. Júbilos e Misérias do Pequeno Eu. In: Sociedade e Discurso Ficcional. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986. pp. 243-307.
- LECARNE, J. Autoficção: um mau gênero? In: NORONHA, J. M. G. Ensaios sobre a autoficção. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.
- LEJEUNE, P. Autoficção & CIA. In: NORONHA, J. M. G. Ensaios sobre a autoficção. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.
- KLINGER, D. Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica. 3ª. ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.
- PERRONE-MOISÉS, L. Mutações da literatura no século XXI. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

31 de julho
8h30

ESCRITA, ATO DE INVENÇÃO EM TORNO DO REAL

Cirlana Rodrigues de Souza (Hæresis Associação de Psicanálise)

Resumo: O Espaço Hæresis Sobre Escritas é uma experiência dentro da lógica do sujeito do inconsciente: na análise sujeitos (se) escrevem em transferência na amarração entre real, simbólico e imaginário em torno do vazio como causa do desejo cujo índice é o objeto a, conforme elaborações do psicanalista francês Jacques Lacan ao longo de seus Seminários e Escritos. Como espaço psicanalítico, investigamos também como o analista escreve essa experiência de transferência. Esta comunicação proposta versa sobre essas experiências Sobre Escritas. Psicanalistas escrevem a teoria, escrevem a técnica, escrevem seus casos: passam pelo escrito, usando expressão de Milán-Ramos (2007). Jacques Lacan, no Seminário sobre o Sinthome (1975-76) diz: “Joyce é signo de meu embaraço”. A escrita do ego esvaziado de determinações do escritor irlandês fez Lacan se embaraçar em sua escrita borromeana que inventou para dar conta de seu próprio embaraço em torno das questões impostas pelo Real, no campo da psicanálise: cada um funciona como escritor a seu modo, rateia a seu modo. No Espaço, partindo das questões neuróticas que fazemos diante da escrita, nos deparamos com o inesperado na escrita com base na definição de letra para Jacques Lacan (1971). Nessa direção, o grupo trabalha com a escrita do sujeito em torno da causa de seu desejo nas diferentes experiências seja na clínica, na dimensão do sofrimento, do mal-estar e dos sintomas, seja nas saídas sublimatórias – mas não definitivas, nos variados objetos culturais, nos laços sociais, nas construções da vida particular e social. Ainda, dialogamos com autores que nos permitem tirar proveito dessa escrita considerando o sujeito contemporâneo e sua resposta ao Real. Neste tempo do trabalho, voltamos à noção de autor de Foucault (1969), à proposição de Diane Klinger (2012) sobre a escrita de si, marcando o retorno do autor nas produções culturais contemporâneas em que para a psicanálise interessa a escrita dessubjetivada que se aproxima da lógica da escrita em análise: o esvaziamento do ego, ali onde o sujeito se reconhece pelo estranhamento de si diante do inesperado, do traumático do real, onde é convocado a responder ao que lhe causa, ao desconhecido. Para o Espaço, autor é aquele que escreve o inesperado, escrita é um ato que suscita um novo desejo e determina um novo começo, com base na noção de ato para a psicanálise (Lacan, 1968-69). A escrita é aquilo que se inventa em torno do desconhecido, é aquilo que o si inventa com o não-sabido do inconsciente tornando-o simbólico diante da impossibilidade de saber da causa do desejo. Trabalho realizado por Lopes (1999) fazendo nós em torno da melancolia, que ao passar pelo escrito muda de desconhecido. Trabalho realizado por Beckett (1949), em torno do inominável. Trabalho realizado por tantos outros como Maurice Blanchot, Roland Barthes e Walter Benjamin que ao escreverem não realizaram apenas a teorização sobre a literatura, a escrita e a filosofia, escreveram de si. Nesses termos, o sujeito que escreve de si é aquele que diz “escrevi o que escrevi”, não predicado, sem complemento.

Palavras-chave: Escrita; Psicanálise; Sujeito; Real.

AUTOFICÇÃO, ROMANCE AUTOBIOGRÁFICO E INTENCIONALIDADE AUTORAL: UMA PROPOSTA DE REFLEXÃO

Carolina Duarte Damasceno (UFU)

Resumo: Doubrovski, ao propor pela primeira vez o controverso e de mais em mais difuso termo “autoficção”, atribui a si a criação da palavra, e não do tipo de narrativa que se vale do que está em jogo nesse procedimento (uma vez que é ainda mais delicado se falar em “gênero”). Esse comentário, o qual tende a passar despercebido nas discussões sobre a temática, evidencia que entre a dita autobiografia tradicional e as narrativas autoficcionais não houve um salto, mas sim um caminho gradual formado por algumas obras que passam a problematizar as relações entre escritas de si e ficção - a partir das imbricações entre memória e imaginação, por exemplo. Esse movimento, que ganha força ao longo do século XX, tem no grande livro de Proust – construído, segundo Dorrit Cohn (2001), sobre uma ambiguidade entre romance e autobiografia - um de seus representantes mais emblemáticos. O primeiro propósito desta comunicação é destacar alguns elementos dessa

trajetória, detendo-se especialmente nas relações entre a autoficção e o romance autobiográfico. Ainda tendo em mente essa ideia de percurso, uma parte do teor de novidade de autoficção remete, de certo modo, ao resgate da figura autoral no campo literário. A esse respeito, é importante destacar a reflexão de Diana Klinger, para quem o autor que retorna não é aquele atacado pelo estruturalismo, mas sim o “sujeito de uma performance, de uma atuação, que ‘representa um papel’ na própria ‘vida real’...” (KLINGER, 2007, p.57). Nesse sentido, o autor seria uma espécie de personagem, cujos depoimentos e entrevistas “constituem corpus que fazem parte do conceito de literário atualmente” (MORICONI, 2006, p.162). A despeito dessa diferenciação, parece pertinente perguntar até que ponto elementos questionados nas décadas de 40 e 50 por Wimsatt, Beardsley e Barthes não voltam à tona em algum grau no cenário contemporâneo. Em outras palavras, até que ponto o recurso a declarações do escritor sobre seus escritos, bastante frequente na recepção das obras ditas autoficcionais, não constitui uma volta de certa intencionalidade autoral e de um direcionamento interpretativo que esses teóricos visavam combater? Essa discussão, que se configura mais como um convite à reflexão, é o segundo propósito deste trabalho.

Palavras-chave: autoficção; romance autobiográfico; papel do autor

A ESCRITA DIARÍSTICA COMO ESTRATÉGIA NARRATIVA EM ROMANCES BRASILEIROS CONTEMPORÂNEOS

Cloves da Silva Junior (UFG)

Resumo: A ficção brasileira contemporânea, isto é, aquela produzida a partir de 1965 (cf. Dalcastagnè, 2005), é caracterizada pela crítica especializada como palco de uma série de inovações estilísticas, multiplicidade de formas e processos de escrita. Nesse sentido, o romance, dado o seu caráter plástico e inacabado, configura-se como um gênero literário propício para abarcar as múltiplas linguagens, estratégias narrativas e estilos que surgem a cada instante na cena literária brasileira do século XXI, agregando uma variada gama de experimentações possíveis. Uma dessas experimentações é a inserção do gênero diário como elemento estruturante do romance (ou como elemento parcial) que atua como uma estratégia narrativa utilizada com fins específicos. Desde o Memorial de Aires, de Machado de Assis, publicado em 1908, é possível encontrar vestígios da escrita diarística em romances da literatura brasileira, os quais constituem-se, de forma genérica, a partir de uma escrita não-linear, com entradas de parágrafos e marcações de data (dia/mês/ano), além de outras peculiaridades do gênero diário que foram absorvidas pelo romance. Diante disso, esta pesquisa de doutoramento consiste na análise da introdução do gênero “diário” na composição do romance brasileiro contemporâneo, especificamente nas obras Diário do farol, de João Ubaldo Ribeiro (2016); Diário da queda, de Michel Laub (2011); e Quarenta Dias, de Maria Valéria Rezende (2014). Para isso, pretende-se identificar e analisar as características e técnicas de utilização do gênero diário nesses romances, bem como refletir sobre a ausência de marcação temporal na escrita diarística dessas obras, considerando que a data é elemento estruturante do diário. A metodologia utilizada será a pesquisa bibliográfica, com base nas contribuições teóricas de Bakhtin (2010; 2011), Blanchot (2005), Carneiro (2005), Dalcastagnè (2005; 2010; 2012), Lejeune (2008), Lukács (2009), Picard (1981), Resende (2008), Schøllhammer (2011), Watt (2010), dentre outros. Espera-se, ao final da pesquisa, destacar os processos de composição da escrita diarística no romance – principalmente em relação aos casos de ausência de marcação temporal – e sua funcionalidade para o enredo das narrativas.

Palavras-chave: Romance; Escrita diarística; Marcação temporal.

CONFESSANDO AO ESPELHO: A INVULGARIDADE DE REINALDO SANTOS NEVES À GUIA DE ADORNO

Eduardo Costa Madeira (UFES)

Resumo: Forma e conteúdo, binômio este tão caro ao escritor de qualidade. Reinaldo Santos Neves é um caso particular, isolado na ilha de Vitória, que, para muitos (nem tantos), não alcançou seu devido lugar entre os cânones. Provocativo foi, o crítico Wilberth Salgueiro, quando, em “Prosa sobre Prosa” (2013), coloca o autor capixaba no mesmo panteão que Guimarães Rosa e Machado de

Assis. O autor está “muitos pontos acima da literatura brasileira contemporânea”, como disse Paulo Betancur (2007), talvez porque “com sua fleuma britânica e sua ironia francesa ele tem uma certa dificuldade de se reconhecer entre os adeptos tropicalistas da busca do coqueiro perdido”, como disse Gilbert Chaudanne (2014). Como justificar esse calibre que atribuo ao autor? Nesta apresentação, a partir de uma leitura da novela *A Confissão* (1999), vou buscar respostas em Theodor Adorno que, no aforismo 51 de suas “*Minima Moralia*”, nos fornece alguns elementos conceituais fundamentais ao escritor que não quer incorrer em “vulgar coqueteria” (1993). Em um trecho do livro, o autor capixaba explicita o cunho “autoficcional”, quando, diante de um pequeno resgate da história da imigração que envolve a família de um dos personagens, se pergunta: “Mas que importa essa história tortuosa de imigrantes italianos do Espírito Santo de fim de século?” (NEVES, 1999, p. 48-49). Com essa atitude, Reinaldo ironiza a afetação estilística da qual ele concomitantemente se distancia, reiterando sempre uma linguagem coloquial que dê conta de seu projeto estético. Aqui há uma das ressonâncias em Adorno quando diz que “Uma das técnicas do escritor é poder renunciar inclusive às ideias fecundas, quando a construção o exige” (ADORNO, 1993, p. 74), uma vez que a ironia e metalinguagem sempre anunciadas na dimensão do estilo da obra justificavam o gesto de “autopolicimento” empregado por Reinaldo. A tirada irônica do narrador em relação ao próprio risco de se tornar enfadonho faz assim eco com as precauções de Adorno: “Quem não quiser fazer nenhuma concessão à estupidez do sadio senso comum deve resguardar-se de adornar estilisticamente ideias que de per si induzem à banalidade.” (ADORNO, 1993, p. 74) Ao “brincar” com a infância, em *A Confissão* (1999), o narrador também brinca com a linguagem. Se, para Adorno, o escritor deve “insistir na criação dos textos rigorosos e que mantêm uma vinculação íntima entre forma e conteúdo” (1993), para que “a consciência já danificada dos indivíduos não se aproprie indevidamente deles”, é seguro afirmar que a novela de Reinaldo foge da celebração saudosista da infância, lugar comum literário, mas extrai, no manejo seguro da técnica, “substratos significativos da vida humana situados em determinado espaço e tempo” (VAZZOLER e SANT’ANNA, 2001) Assim, no compasso fragmentado de sua narrativa, Reinaldo Santos Neves preenche, com a elegância de um jazzmen, os buracos da memória com o sopro fresco da ficção.

Palavras-chave: Escrita de si; Reinaldo Santos Neves; Adorno

31 de julho

14h30

A ESCRITA DE SI NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS PARA ADULTOS: UMA POSSIBILIDADE DE LITURATERRAR?

Aline Accioly Sieiro (UFMG)

Resumo: Umbigo sem fundo conta a história dos Loonys, uma família afetada pela separação de seus pais. Seu autor, Dash Shaw, afirma que a narrativa se baseia em Tolstói, quando diz que todas as famílias felizes se parecem, mas cada família infeliz é infeliz a sua maneira. Em Teoria, de Klewerton Bortoli, acompanhamos a criação de uma narrativa baseada em Schrodinger: “Enquanto uma caixa estiver fechada, o gato estará simultaneamente vivo e morto”. Afetados por dois axiomas de diferentes autores, Shaw e Bortoli criam duas histórias em quadrinhos para adultos e, à sua maneira, nos colocam em contato com o drama e o sofrimento de seus personagens, imersos em seus próprios universos em diluição. Apesar das histórias serem atravessadas por um universo singular em pleno desmantelamento, é justamente nesse caos que podemos observar a maneira particular como os dois cartunistas parecem construir uma escrita-rasura que enlaça criação, origem e assinatura. Para discutir essa hipótese de escrita-rasura e enlaçamento, tomo como ponto de ancoragem os conceitos de traço e letra em psicanálise, especialmente a partir das elaborações de Lacan realizadas no seminário “A identificação” (1961-62/2003), no texto “Lituraterra” (1971/2003) e no seminário “De um discurso que não fosse semblante” (1971/2007). No seminário de 1971, Lacan (p.114) teoriza sobre a diferença entre a escrita na literatura e a escrita na psicanálise, a partir da criação do significante lituraterra, a rasura de um traço que do litoral faz terra. Ele afirma: “a letra

que constitui rasura distingue-se por ser ruptura, portanto, semblante, que dissolve o que constituía forma, fenômeno, meteoro”. No presente trabalho, sigo os traços de Bortoli e Shaw, para discutir a possibilidade de transmissão de um modo de saber-fazer com seu sintoma, tão particular quando a criação de um artista em seu processo de escrita-desenho-rasura nos quadrinhos contemporâneos.

Palavras-chave: psicanálise; histórias em quadrinhos; escrita

BLOG, AUTOFICÇÃO E LITERATURA: AS PRODUÇÕES DE CLARA AVERBUCK

Carlos Henrique Vieira (UNICAMP)

Resumo: O início da produção de Clara Averbuck esteve ligado à internet e aos seus diferentes meios de circulação: o e-zine, o e-mail, o site e principalmente o blog; tais veículos foram explorados pela autora à medida que surgiram e se expandiram como meios de comunicação na sociedade brasileira entre os anos de transição do século XX para o XXI. Antes mesmo da publicação de seu romance de estreia, Máquina de Pinball (2002), a escritora já havia colaborado para o e-zine CardosOnline, mantido um site para a publicação online de seus próprios textos, bem como foi uma das pioneiras da escrita de blogs no Brasil. O blog de Averbuck, Brasileira! Preta, foi mantido por dois anos – de setembro de 2001 a setembro 2003 – nele, ela publicou textos cuja temática girava em torno de seu cotidiano. Por um lado, essas postagens não fogem à regra da ideia que, em geral, se fazia dos blogs assim que ocorreu o seu aparecimento na rede mundial de computadores; pois, eles surgiram e foram divulgados como uma pretensa versão online do diário. Assim, tais publicações eram lidas sob lógica biográfica pela qual o eu-enunciado e o eu-enunciador compartilhavam a mesma identidade. No entanto, por outro lado, ela também passa a fazer do blog uma espécie de laboratório de escrita, compartilhando trechos que seriam posteriormente publicados em seus dois primeiros romances ou retirando trechos do blog e inserindo-os nos livros sem grandes alterações. A intrínseca relação entre trechos dos romances e diversas postagens que a autora divulgava em seu blog acabou por interferir na recepção de suas obras. De forma que, após a publicação de Máquina de Pinball e Vida de Gato (2003), muitos leitores tenham questionado, desconfiado ou, até mesmo, ignorado a leitura ficcional dessas obras e buscado as semelhanças compartilhadas entre a sua autora e a narradora-personagem-escritora, Camila. Portanto, a partir da análise da produção de Clara Averbuck, nessa comunicação pretende-se problematizar os desdobramentos de seu surgimento como figura autoral por meio de um blog. Uma vez que este novo meio de publicação pode ser entendido como uma das formas midiáticas que integram o “espaço biográfico” (ARFUCH, 2010), e ainda, como um meio que, ao permitir a performance de uma subjetividade autoconstruída, constitui-se como instrumento favorável para o exercício da autoficção contemporânea, uma vez que as fronteiras entre vida e ficção tendem a se misturar. Por fim, ambiciona-se analisar como os procedimentos de inserção de trechos do blog em livros catalogados como romances resultaram, no caso de Averbuck, em uma série de ambiguidades que atingiram a figura autoral, a recepção do texto e a expectativa do leitor.

Palavras-chave: Blog; autoficção; performance; Clara Averbuck.

REALIDADE FICCIONAL POÉTICA: AS MEMÓRIAS DA INFÂNCIA E O ESTILO DE MANOEL DE BARROS

Bianca Rodrigues Cabral (UnB)

Resumo: Esta comunicação propõe um estudo sobre a ficcionalização da memória na poesia de Manoel de Barros, utilizando como corpus, a primeira parte do livro Menino do Mato, que contém seis poemas, publicado a primeira vez em 2010. A matéria poética utilizada por Manoel de Barros, nos seis poemas que compõem a primeira parte do livro, se dá pela lembrança do período da infância, se valendo dessas situações que se conservaram na memória, material apto à construção de uma outra realidade, a ficcional. O autor também enaltece a infância como origem, inclusive do estilo que utiliza, com uma linguagem que brinca com as palavras. Portanto, investigaremos como a lembrança do período da infância, se torna material para a construção da ficção, e afeta o estilo artístico que Manoel de Barros possui. A memória como fator criativo fica evidente na obra do autor, que usa a imagem como um dos pontos de força mais forte em sua poesia, em suas obras. Quando

lemos, ficamos imergidos nesse mundo de Barros, em suas memórias (mesmo que por vezes inventadas) e somos transbordados de imagens complexas e simples ao mesmo tempo, guiados por um projeto estético e poético muito bem feito, e muito bonito. O autor constrói um espaço ficcional singular, que parte não só da maneira como percebe e sente o mundo, mas também da maneira particular que organiza e trabalha a linguagem, que tenta alcançar pela linguagem o que se acumula em sua memória, o que viu e sentiu, criando um estilo único e uma linguagem cheia de imagens. “O uso da descrição, da recordação, da memória, pode em um certo momento construir um ato inaugural” (SISCAR, 2000, p.174), de acordo com a memória de Manoel de Barros, na infância costumava brincar com as palavras, sem se preocupar com suas regras de uso ou significados dicionarizados, era assim que experimentava o mundo, a cada palavra, como se fosse a primeira vez. Esse foi o “ato inaugural” de sua poesia, é daí que veio o seu estilo de escrita, e as imagens poéticas que faz, o autor “faz de sua vida uma obra de arte” (BOURRIAUD, 2011, p. 18), principalmente a infância, a que é muito grato. Barros retrabalha a linguagem funcional, para que resulte uma nova linguagem, a poética, o autor faz isso, manifestando-se no presente do sujeito lírico, que pretende transmitir em sua linguagem toda a experiência alcançada nos tempos em que ainda era criança, e nos levar com ele. Referências: BORRIAUD, N. Formas de vida: a arte moderna e a invenção de si. São Paulo: Martins Fontes, 2011. SISCAR, M. A. A paixão ingrata. In: NASCIMENTO, E.; GLENADEL, P. (Org.). Em torno de Jacques Derrida. Rio de Janeiro: 7letras, 2000, p. 160-187

Palavras-chave: Memória; Infância; Poesia

O POETA FILMADO NO ABISMO DO MUNDO: A CORPOGRAFIA DE HERBERTO HELDER

Derick Davidson Santos Teixeira (UFMG)

Resumo: Em 1968, Roland Barthes publicava o divisor de águas “A morte do autor”, ensaio basilar no que concerne ao lugar da figura autoral. Sabemos hoje que, enquanto personagem moderna, fruto do positivismo, “resumo e desfecho da ideologia capitalista”, conforme nos diz esse texto-obituário, o autor está morto. Na poética escritural, segundo as teorizações de Barthes, tal morte é o resultado do exercício do símbolo fora dos fins transitivos, o qual faz emergir o significante em primazia no mesmo movimento em que se inicia o esgarçamento da figura autoral. Também em 1968, ano caro aos estudiosos da escrita helderiana, Herberto Helder dava fim a circulação de seu livro, de cunho notavelmente autobiográfico, intitulado Apresentação do Rosto, do qual alguns fragmentos reapareceriam em Photomaton & Vox, publicado em 1979. Neste texto, de nítido hibridismo, em diversos momentos, Helder teoriza sua poética, entendida por ele como a “escrita exercida como caligrafia extrema do mundo, um texto apocalipticamente corporal”. Apesar de deportado o gesto autobiográfico enquanto discurso autorreferencial, o qual cede lugar à prática da escritura como engajamento com a língua, em Photomaton e Voz, exercendo a frequente literalização da metáfora, Helder trabalhará a escrita enquanto um photomaton capaz de capturar o corpo em movimento. Conforme escreve o poeta, embora livre das “tentações biográficas”, “o escrito conservará cegamente um tremor central, esse calafrio de ter olhado alguma vez o nosso rosto filmado no abismo do mundo”, dito que faz ecoar as teorizações de Derrida, em Essa estranha instituição chamada literatura, acerca do mínimo traço autobiográfico, presente na escritura, no qual pode estar reunida a maior potencialidade histórica e filosófica. Também, no que concerne à memória, em Helder, importa não o resgate do passado pela via referencial, mas aquilo que Walter Benjamin, em “A imagem de Proust”, chamou de “o trabalho de Penélope da reminiscência”, isto é, a tessitura da rememoração pautada por restos. É nessa via que veremos surgir o poema enquanto morada, “casinfância”, conforme lemos em “Minha cabeça estremece”, fruto da memória que é criada na materialidade presente do poema. Partindo, então, da noção barthesiana de escritura, em cotejamento com formulações derridianas acerca da escrita, em conjunto com algumas elaborações de Lacan sobre o nó corpo-linguagem, o presente trabalho pretende elucidar a corpografia de Herberto Helder como uma escrita de si, ainda que dela esteja ausente a autorreferencialidade. Ao fim de seu ensino, Barthes estabelecerá a escritura como lugar de aparição exata do corpo, teorização presente, por exemplo, em O grão da voz, convocando o gozo do corpo e opondo ao

fonocentrismo o “grão da voz”. Se, mesmo que recusadas a referencialidade e a transitividade, podemos considerar a poética escritural como inscrição do corpo em meio à subtração da brutalidade biográfica, para o pensamento do retorno do autor enquanto corpo erótico esgarçado pela prática da escrita – proposta barthesiana de O prazer do texto e Sade, Fourier, Loyola – o que proponho chamar, com Herberto Helder, de corpografia é medular.

Palavras-chave: Herberto Helder; Escritas de si; Autor; Escritura.

1 de agosto

8h30

DIÁRIOS COMO BUSCA PELA LITERATURA EM VIRGINIA WOOLF

Ana Carolina de Carvalho Mesquita (USP)

Resumo: O desenvolvimento da obra de Virginia Woolf foi profundamente influenciado por sua escrita pessoal, especialmente pela prática de manter um diário (ABBOTT apud BUNKERS, 1996). Entretanto, a simbiose entre diários e ficção de Woolf, que imprimiu marca distinta ao modernismo da autora, permanece quase ignorado. Como uma escrita sem fim (LEJEUNE, 2008), seus diários representam seu anseio por um “sistema que não excluísse”, incluindo tudo: o eu e o outro, a vida e o artifício, o rasteiro e o sublime. Terreno de experimentação, num movimento autotextual alimentam toda a sua escrita. Woolf neles fez o mesmo que buscou nos romances: registrou a consciência (aqui, a sua própria) e a passagem do tempo. Para além de uma “verdade do eu”, vemos ao longo de suas milhares de páginas escritas durante 41 anos não o retrato de uma única Woolf que se forma aos poucos, mas o registro da metamorfose à qual o calendário a arrasta – muito apropriado, aliás, a uma autora que questionou a solidez do sujeito e os limites de conhecimento da realidade. Contudo, esmagados pelo peso do gênero, seus diários continuam sob o silêncio condescendente relegado às obras ditas menores de um escritor. Visto costumeiramente como registro fiel da vida e da subjetividade de quem o escreve, o diário enquanto forma literária encontra-se não raro acorrentado a um regime de suposta sinceridade absoluta; como se, em troca do privilégio de “dizer a verdade”, precisasse ser despido da literariedade: “para que o diário diga a verdade, é preciso expulsá-lo da literatura” (PAULS, 1996). Isso talvez explique por que os poucos estudos sobre os diários de Woolf costumem desconsiderar seu aspecto literário e vê-los apenas como suporte para examinar seus romances. Se a verdade não é única – são muitas a formar um quadro, dependentes do observador –, por outro lado transforma-se numa quimera quase sempre pressuposta e quase nunca verificável. Mas de que modo a ficção não se limita à literatura, e como a literatura, por sua vez, não se apoia completamente na ficção? Para Auerbach, o essencial no processo woolfiano é que “não se trata de um sujeito, cujas impressões conscientes são reproduzidas, mas de muitos sujeitos, amiúde cambiantes. [...] A intenção de aproximação da realidade autêntica e objetiva mediante muitas impressões subjetivas [...] é essencial” (AUERBACH, 2009). A verdade torna-se, em suma, um efeito. É nesse terreno de busca incessante por definição, sem encontrá-la, que Woolf parece caminhar. Para ela, a literatura ao mesmo tempo vem da vida – o “halo” de que fala em “Ficção Moderna” (WOOLF, 2014) – e não vem (“é preciso sair da vida e ir além”, “eu desconfio da realidade”, diz ela nos diários). O movimento é simultaneamente interno, para dentro da linguagem, e externo, voltado para o fora (SCHMIDT, 1990; BLANCHOT, 2005): a ficção surge como travessia entre arte e realidade. Este trabalho, recorte de um doutorado em andamento, busca examinar tal hibridismo nos diários de Woolf e como ele pode fornecer algo sólido em meio a seus experimentos vanguardistas e contradições.

Palavras-chave: Virginia Woolf; Diários; Ficção; Autotextualidade

"O DIÁRIO DE IZUMI SHIKIBU", DE IZUMI SHIKIBU E O "DIÁRIO DO ÚLTIMO ANO", DE FLORBELA ESPANCA: A NARRATIVA POÉTICA COMO MEMÓRIA DO EU
Joy Nascimento Afonso (UNESP)

Resumo: A proposta desse trabalho tem como base apresentar e comparar a narrativa poética dos diários de duas poetisas. A primeira, Izumi Shikibu (? 979 -? 1036), foi uma das maiores poetisas do século XII no Japão, narra em 3ª pessoa, a corte amorosa feita com o Príncipe Atsumichi (981- 1007) por meio de suas cartas e poemas trocados por 10 meses, até a entrada triunfal da dama no palácio a convite do príncipe. Em contraposição, o “Diário do último ano”, escrito por Florbela Espanca (1894 – 1930), traz o último ano da poetisa, em que descreve sua luta interior em se manter viva após tantas decepções vividas. A prosa poética de Florbela evidencia a luta da memória com a realidade sentida. Embora as duas obras tragam “o conhecimento de si mesmo e a libertação por meio da autobiografia” (MATHIAS, p.43, 1997) por meio da escrita, há uma demarcação clara de como a memória elege a coerência narrativa, em que na obra clássica japonesa a autora prioriza as memórias de sua ascensão social e glória, apesar da quebra das normas sociais da época, visto que seu amante era seu cunhado; e no diário da poetisa portuguesa temos a memória apenas como fonte de dor e tristeza, servindo como base para o suicídio de Florbela, que ocorreria poucos dias após a sua última anotação. O texto de ambos os diários mescla-se à técnica poética, cada uma a sua maneira, quem refletem o estilo e época de cada narrativa. O diário japonês, por se tratar de um cortejo entre um casal no século XI, possui as marcas sociais da aristocracia nipônica e muitos poema resposta (poemas *z?t?ka*), um tipo de poesia clássica criada em torno do século VI, que incentivava o jogo amoroso e poético do casal. No diário de Florbela a poesia é sentida na prosa curta e quase dilacerante que espera a morte vir. Em um nível mais profundo pretendemos entender como se dá a descrição da vida – triunfo e glória, e desejo da morte nos diários dessas duas poetisas que partiram de suas memórias, de seus desejos, para entender e “aceitar” as suas respectivas realidades. Enquanto que no Diário de Izumi Shikibu, temos o surgimento da morte – o período de luto do 1º marido e vergonha devido aos comentários recebidos por receber homens em sua casa, para a ascensão por meio de uma paixão; as memórias de Florbela perpassam as glórias de sua vida, como os amores e paixões que viveu para a espera da morte, como forma de imortalidade de sua poética.

Palavras-chave: Diários; Izumi Shikibu; Florbela Espanca

"AS QUATRO PAREDES DE MIM MESMO": UMA CONSTRUÇÃO DO DIÁRIO DE ANDRÉ DE CRÔNICA DA CASA ASSASSINADA, DE LÚCIO CARDOSO

Flavia de Castro Souza (UnB)

Resumo: Crônica da casa assassinada, de Lúcio Cardoso, publicado em 1959, narra a história da decadência de uma família do interior de Minas Gerais, os Meneses, que, economicamente arruinada, tenta manter a antiga fidalguia. A desestruturação evidencia-se quando Valdo traz, do Rio de Janeiro, sua esposa Nina, mulher jovem e deslumbrante, que se torna elemento catalisador do combate entre os irmãos e da derrocada do núcleo familiar. Demétrio, casado com Ana, parece ser apaixonado por Nina, a cunhada, a qual se apaixona por Alberto, o jardineiro, e desperta ciúme e inveja em Ana, que começa a observá-los. Acusada de adultério, Nina resolve partir da casa e voltar ao Rio de Janeiro, deixando o filho. Após 15 anos, ela retorna para a chácara e inicia um caso incestuoso com André, o filho que havia sido criado pela família Meneses. Apresentando sinais de doença, Nina resolve partir novamente para o Rio, mas retorna após ser diagnosticada com um câncer incurável. Dentro desse universo familiar conturbado, Cardoso constrói a narrativa de forma que seus leitores pareçam investigadores que vão, aos poucos, reconstituindo a história. Através da leitura de cartas, diários íntimos, memórias pessoais têm-se acesso aos vários pontos de vista que compõem o romance. O trabalho em questão analisa o diário de André, embora não tenha como fazê-lo separadamente das demais narrativas porque uma história completa e contradiz a outra, num exercício de escrita e de leitura que se assemelha ao romance policial. Sobre a teoria diarística considere o pacto autobiográfico: de Rousseau à internet, de Philippe Lejeune, que define pacto autobiográfico como sendo o limite entre a autobiografia e a ficção, no qual é importante que o leitor saiba e aceite que o texto é autobiográfico no momento da leitura; O rumor da língua, de Roland Barthes, que afirma que a escrita do diário, para ter valor, deveria ser a escrita do mundo e

não a escrita do eu, portanto, se assim fosse, deixaria de ser diário; O livro por vir, de Maurice Blanchot, em que o autor afirma que os objetos do diário e da literatura são contrários porque o diário estaria abaixo da narrativa na hierarquia dos gêneros literários; e o ensaio “A literatura e os gêneros confessionais”, de Sheila Dias Maciel, que considera que os gêneros confessionais são, como qualquer discurso, uma produção humana entrecortada de ficção, que a literatura e a escrita confessional não podem ser separadas em categorias hierárquicas e deveriam estar no mesmo plano entre as narrativas. Para a análise do romance Crônica da casa assassinada, em especial o diário de André, considere-se que as regras estabelecidas para o diário dito real ou autêntico são as mesmas válidas para o diário ficcional, pois são feitos da mesma matéria e que apenas o trabalho com a linguagem os difere.

Palavras-chave: Escrita de si; diário; Crônica da casa assassinada

UM ANGUSTIADO PERSONAGEM TRANSITA PELA VIDA DIÁRIA: A POÉTICA DE LÚCIO CARDOSO NO DIÁRIO COMPLETO

Rafael Batista de Sousa (UnB)

Resumo: A proposta deste trabalho é analisar o Diário Completo (1970), de Lúcio Cardoso, com o objetivo de esquadriar como se constitui nesta obra, de caráter aparentemente confessional, uma poética cardosiana capaz de pontuar os principais elementos norteadores do labor ficcional do escritor. Desse modo, o Diário Completo apresenta e problematiza alguns dos principais eixos estruturantes do projeto estético de Lúcio Cardoso, isto é, a relação com a morte, com Deus e com o mergulho nas subjetividades agônicas que constituem o núcleo de sua atividade literária.

Palavras-chave: Lúcio Cardoso; Diário; Poética.

MARIA GABRIELA LLANSOL: UMA ESCRITA POR SI

Sueli Gomes de Lima (UFTM)

Resumo: A escritora portuguesa Maria Gabriela Llansol apresenta, no conjunto de sua obra, uma performance de rara beleza estética. Essa performance é delineada por uma intensidade de escrita e uma potência na trama da linguagem capazes de compor um texto com grande riqueza estilística. Da obra de Llansol, para a consecução deste texto, me atendo ao Diário I – Um falcão no punho. Esse volume registra, tal como enunciado no título, um falcão no punho a escrever, intensa e incessantemente, aos moldes de um diário, 78 episódios, datados por Llansol e destinados a “inscrever os dias estendidos por longo período de tempo (LLANSOL, 2011, p. 9). No Diário I – Um falcão no punho, como em toda a obra de Llansol, o modo como a potente trama da linguagem constrói a enunciação revela-nos os entrelaçamentos entre a vida e a obra da autora, cujos efeitos são a expressão de uma escrita densa, tensa e de profundo valor poético. Partindo dessa reflexão de que a obra de Maria Gabriela Llansol funda uma escrita em que há sobreimpressão entre vida e obra é que proponho, rastreando o pensamento de Sérgio Laia, em seu Os escritos fora de si – Joyce, Lacan e a loucura, tecer algumas considerações sobre os aspectos estético-linguísticos da escrita llansoliana, bem como evidenciar que Llansol, em um gesto impulsivo de escrever, viola a lógica da linguagem e fundamenta uma escrita por si.

Palavras-chave: Palavras-chave: Maria Gabriela Llansol; diário; escrita por si; ficção.

1 de agosto

14h30

A PERSPECTIVA HISTÓRICA NAS ESCRITAS AUTOBIOGRÁFICAS DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE E ARMANDO FREITAS FILHO

Jorge Augusto Balestero (UNESP)

Resumo: Para a Literatura as fronteiras entre arte e realidade, assim como entre ficção e verdade tem sido corrompidas desde o século XVIII, nos diversos Romantismos literários, por exemplo, como nas perspectivas poéticas de solilóquio de Fichte, que incorpora o leitor na co-criação do poema, ou

no eterno retorno do pensamento como no caso da poesia dos Irmãos Novalis. Porém, trata-se de um fenômeno que se mostra mais evidente a partir do século XX, principalmente, quando a partir da realidade do trauma e da violência de estados geradas na realidade humana por duas grandes guerras mundiais, o pensamento moderno então necessita remodelar suas perspectivas de compreensão do fenômeno da existência humana como um todo mais complexo. A realidade amplia-se por meio do indizível e do silenciamento, e a literatura procura nomear a falta gerada nessa nova realidade humana. Dessa maneira, na perspectiva das Confissões de Rousseau, ou mesmo da Recherche du temps perdu de Marcel Proust, acompanhando a perspectiva poética de Mallarmé ou de Rimbaud, assim como de Primo Levi ou Sophia de Melo Breiner, poetas brasileiros como Carlos Drummond de Andrade interferem na expansão do mundo moderno como conhecimento a se reformular por meio do entrelaçamento entre escrita de si e invenção. Na trilogia Boitempo, por exemplo, o poeta utiliza da rememoração do passado de sua infância em busca da compreensão histórica da identidade de sua própria poética, simultaneamente dada numa busca engajada pela compreensão de uma identidade nacional moderna brasileira. Na mesma linha na contemporaneidade, o poeta Armando Freitas Filho apresenta sua própria trilogia autobiográfica, referendando em ampliação estética e ontológica a noção de escrita de si como reformulação da verdade do ser, e questionando assim as identidades impostas e as aculturações ao longo da história, possibilitando no entrelaçamento entre passado, presente e futuro uma terceira margem que se situe entre a realidade e ficção. Assim, este trabalho propõe apresentar a perspectiva histórica das escritas de si de Carlos Drummond de Andrade e Armando Freitas Filho, nos Livros Boitempo (1968) e Lar, (2013), respectivamente, sendo consideradas como ponto referente das escritas de si como borramento de fronteiras no caso brasileiro de junção de poesia e escrita de si. A perspectiva que se emprega em leitura é da hermenêutica do sujeito, de Michel Foucault, a ontologia da faticidade como em Martin Heidegger, e na História cultural, principalmente em Roger Chartier, para apresentar teoricamente no horizonte do provável uma epistemologia de compreensão dessa relação dual da escrita de si poética entre a história e a ficção.

Palavras-chave: Poesia Moderna; Autobiografia; História; Ficção

PAIXÃO PAGU: A AUTOBIOGRAFIA DA JOVEM PATRÍCIA GALVÃO

Alan Osmo (UNICAMP)

Resumo: O livro Paixão Pagu: a autobiografia precoce de Patrícia Galvão (2005) traz uma grande complexidade enquanto uma escrita de si: é ao mesmo tempo uma carta ao amado, uma autobiografia de uma jovem mulher, e também uma memória da militância política no Brasil na década de 1930. Trata-se de um texto autobiográfico em forma de carta ao amado, escrito por uma mulher que começa a desconfiar que está grávida, e que se dirige ao possível futuro pai de seu filho, sendo que parte da escrita se deu dentro da prisão. Patrícia Galvão (1910-1962) tinha apenas 30 anos quando escreveu essa carta, que veio a público apenas aproximadamente 65 anos depois de escrita. Entretanto, ao lermos os acontecimentos de vida narrados, temos a sensação de que se trata de uma longa vida, cheia de aventuras e episódios marcantes. Ficamos surpresos ao nos darmos conta de que a maior parte dos eventos narrados se passa durante sete ou oito anos. Nesse sentido, podemos questionar por que Patrícia Galvão parece fazer esse projeto autobiográfico em forma de carta em um momento em que era tão jovem. Proponho uma leitura desse texto autobiográfico, como algo que marca uma série de rupturas na vida de Patrícia Galvão: o relacionamento amoroso com Geraldo Ferraz, a segunda gravidez, e o desligamento do Partido Comunista. Trata-se, portanto, de um momento de virada, em que há uma reviravolta em questões centrais de sua vida. A vida amorosa, a maternidade e a militância política, portanto, parecem ser pontos fundamentais que articulam a narrativa autobiográfica de Pagu. O primeiro desses pontos é o papel da relação amorosa com Geraldo para a sua escrita autobiográfica, que nasce como parte de uma relação que se baseava em um princípio de sinceridade e total abertura em relação ao outro. Nessa longa carta a seu amado, Pagu faz questão de contar de forma minuciosa e sincera sobre os outros relacionamentos amorosos ou casos que teve, mesmo que isso implique em expor os episódios mais

íntimos. O segundo tema importante escolhido no texto de Pagu é a maternidade. Nesse sentido, chama a atenção como os seus outros períodos de gravidez e a relação com seu primeiro filho estão presentes em todo o texto. É possível ver essa característica a partir do fato que Pagu começa a escrever a sua carta no momento em que descobre que está grávida daquele que viria a ser seu segundo filho. Desse modo, a carta parece ser também uma longa reflexão sua sobre a maternidade. A entrega fervorosa de Pagu à militância, que foi até capaz de abafar em algumas ocasiões os seus sentimentos relacionados à maternidade, constitui o terceiro tema bastante significativo no texto. A história da militância de Pagu é marcada, em seu início, pela paixão e pela entrega aos ideais socialistas e revolucionários. Posteriormente, entretanto, vai predominar a sua profunda decepção com o Partido Comunista, com a União Soviética e com o lugar que a mulher era colocada nesse contexto de militância política.

Palavras-chave: autobiografia; escritas de si; Patrícia Galvão.

OS RELATOS DE EUCLIDES NETO: AUTOBIOGRAFIA, HISTÓRIA E FICÇÃO

Ana Sayonara Fagundes Britto Marcelo (UFBA/UESB)

Resumo: O objetivo deste texto é refletir sobre a escrita autobiográfica do escritor baiano Euclides José Teixeira Neto (1925-2000), tomando como corpus de pesquisa dois livros: “64: um prefeito a revolução e os jumentos”, publicado em 1983 e “Trilhas da reforma agrária”, publicado em 1998. Essas duas obras se configuram como relatos do escritor a partir de suas experiências quando o mesmo assumiu cargos públicos na Bahia. Em “64: um prefeito a revolução e os jumentos” Euclides Neto relata suas experiências enquanto prefeito da cidade de Ipiaú, situada na região cacauzeira da Bahia, entre os anos de 1963 e 1967, período da ditadura militar no Brasil, deflagrada durante sua gestão na prefeitura. O autor revela no início da obra sua intenção de prestar um testemunho dos reflexos desse momento da história recente da Bahia numa cidade do interior baiano. Por seu turno, no livro “Trilhas da reforma agrária”, o escritor propõe relatar as experiências vividas quando atuou por pouco mais de dois anos à frente da Secretaria de Reforma Agrária da Bahia, entre os anos de 1987 e 1989, considerada a primeira secretaria do gênero no Brasil. Apresentaremos, em linhas gerais, uma proposta de pesquisa ainda em fase inicial, por isso nos deteremos à revisão teórica sobre o discurso autobiográfico, com ênfase no relato, considerando as características das obras corpus do projeto de pesquisa: as intrincadas relações estabelecidas entre autobiografia, as narrativas de fatos históricos e as narrativas ficcionais. Narrar a própria vida em relatos onde o público e o privado se inter-relacionam, onde memória, história e ficção estão imbricadas, proposta dos dois relatos supracitados de Euclides Neto, além de evidenciar suas experiências no exercício de cargos públicos, suas reflexões e ações, colocando em evidência imagens e representações de si, podem evidenciar além do que é intencionalmente dito no texto, o não dito. Sendo assim, a pesquisa busca responder quais recursos discursivos foram acessados pelo autor na tessitura de seus relatos e até que ponto estes recursos revelam o que o autor gostaria de relatar e revelam outros aspectos não previstos pelo escritor. Evelina Hoisel (2006) chama a atenção que o sujeito é ao mesmo tempo produtor e produto de um discurso. O aprofundamento nas produções escritas de teor autobiográfico remete-nos também às pesquisas de Leonor Arfuch (2010, 2012), cujo tema “auto/biografia” é analisado considerando a trajetória ao longo dos séculos, quando a autora retoma diversos pesquisadores, entre eles Philippe Lejeune (2008), que ao definir autobiografia, explica o pacto entre autor e leitor, onde aquele propõe apresentar um discurso sobre si, buscando responder quem se é através de uma escrita que não pretende ser transparente. Os estudos de Mikhail Bakhtin (1992) tornam-se essenciais para o aprofundamento em torno dos gêneros discursivos, entre eles os que compõem o campo de estudo das autobiografias. À guisa de conclusões, esperamos poder discutir o percurso traçado para pesquisa, na intenção de trocar experiências e redimensionar, se necessário, as perspectivas de abordagem do objeto.

Palavras-chave: Autobiografia; Relatos; Ficção; História.

TENSÕES NA ESCRITA DE SI: O FAMILIAR EM PÚBLICO

Ricardo Gaiotto de Moraes (PUC-Campinas)

Resumo: O boom da “escrita de si”, figuradas pela autobiografia e autoficção, na literatura brasileira contemporânea, parece indiciar tanto a necessidade do leitor de escarafunchar a vida do autor, quanto a necessidade do escritor em responder a esse apelo pela constituição de um *mise-en-scène* autoral. A primeira tentativa de definição do gênero “autobiografia” remonta a 1973, quando Philippe Lejeune, à luz do estruturalismo, desenvolveu uma taxonomia para as escritas de si. Em “O pacto autobiográfico” (LEJEUNE, 2014), o autor apresentou critérios que estabeleceriam, para além das características formais baseadas na narratologia de Gérard Genette, os aspectos a partir do qual o leitor passaria a ler uma narrativa considerando-a um relato ficcional ou de caráter biográfico. O reconhecimento deste caráter levaria a uma confiabilidade maior do leitor no caráter factual do relato. O neologismo “autoficção” foi lançado pela primeira vez por Serge Doubrovsky em *Fils*, publicado em 1977. A novidade deste dispositivo instauraria um novo pacto ambíguo diante do leitor (LECARME, 2014), uma vez que, agora, se a coincidência entre narrador/protagonista/nome do autor levaria a uma confiança no caráter fático da narrativa – como a autobiografia estabelecia (LEJEUNE, 2014), a caracterização do texto como ficção levaria a uma suspensão dessa mesma confiança. Assim, como pontua Jean-Louis Jeannelle (2014), a ambiguidade provocada pela coexistência entre elementos factuais e ficcionais acaba por gerar uma indecidibilidade que passa a definir a narrativa autoficcional. Se a indecidibilidade é um aspecto definidor, a hibridiz e porosidade das definições de ficção (entre ficcional, fictício e falso) e factual levariam Vincent Colonna (2004) a propor um mergulho do leitor no mundo ficcional. De certa forma, a firma do autor não constituiria lastro suficiente também na autobiografia, uma vez que tanto leitor como autor sabem que a narrativa que se apresenta é mediada (PERRONE-MOISÉS, 2016). Assim, a autoficção e a autobiografia ao mesmo tempo em que possibilitam a multiplicação das personalidades do autor (ALBERCA, 2013), estabelecem um pacto de leitura que impulsiona o leitor à busca pela sinceridade do autor. Isso porque a coincidências entre os temas de um romance e a vida pessoal parecem constituir certo valor a esse lugar enunciativo e coerência ao próprio “nome do autor”, que segundo Bordieu (2006), seria a entidade sobre a qual se organiza uma trajetória mais ou menos coerente em ordem cronológica; além disso, as escritas de si têm sido também espaço para a voz de minorias, que reencenando suas tensões, constituem identidades e identificações. Levando em consideração esses aspectos, esta comunicação abordará dois livros brasileiros contemporâneos, marcados pela escrita de si, e cujas temáticas se aproximam ao focalizarem as relações familiares. Em “Ainda estou aqui” (2015), de Marcelo Rubens Paiva, o narrador/autor, em primeira pessoa, descreve sua relação com a mãe acometida pelo mal de Alzheimer. Em “Pai, pai” (2017), de João Silvério Trevisan, por meio de cenas narradas quase em tom de crônica que se avolumam, o narrador/autor apresenta as memórias de sua relação conflituosa com o pai.

Palavras-chave: Escritas de si; Autobiografia; Família.

“PRA VOCÊ QUE ME LÊ”: UMA AUTOBIOGRAFIA EM RETALHOS DA ARTESÃ LYGIA BOJUNGA

Vanessa Paulino Venâncio Passos (UFC)

Resumo: Há mais de quarenta anos, Lygia Bojunga vem publicando suas obras as quais têm recebido uma excelente recepção da crítica literária e dos leitores (crianças, jovens e adultos) de um modo geral. Os vários prêmios que a autora recebeu são uma prova disso. É importante ressaltar que a escritora brasileira tem uma forte ligação com o conceito de memória. Destacamos suas obras de cunho predominantemente memorialístico: Livro – um encontro (1988), que comenta sua experiência como leitora e escritora; Feito à mão (1999), que aborda sua paixão pelo processo artesanal de feitura de um livro; O Rio e eu (1999), que traz uma conversa entre sua persona e o Rio de Janeiro, cidade personificada na obra. Além desses livros, temos o Recordando Genô (2015), um livreto artesanal, que teve uma tiragem de apenas oito exemplares presenteados a amigos íntimos, publicado pela Editora e Fundação Casa Lygia Bojunga. Em 2016, a autora publica Intramuros, obra que funde o discurso ficcional com o autobiográfico, que entrecruza o romance com um depoimento literário. Mesmo nos livros que não têm marcadamente um teor autobiográfico, ela inseriu um

espaço íntimo com o objetivo de aproximar escritor e leitor, o “Pra você que me lê”. Este espaço, presente em muitas obras (ficcionais ou não), compõe uma autobiografia em retalhos, que perpassa toda a sua obra. São retalhos que, às vezes, conversam entre si, outras vezes mudam de forma, podem vir no início, no final, anterior ao último capítulo, ou ainda, espalhados por toda a obra, como ocorre em *Intramuros*. Portanto, para que Lygia Bojunga precisa de uma biografia tradicional, se podemos ir conhecendo sua vida juntamente de sua obra, aos poucos, a conta-gotas? São essas questões que este trabalho pretende analisar, com foco no levantamento dos “Pra você que me lê”, e com base no conceito de pacto autobiográfico e espaço autobiográfico de Philippe Lejeune (2008).
Palavras-chave: Memória; Autobiografia; Depoimento pessoal.

2 de agosto
8h30

CONTRA A INVENÇÃO: A BUSCA PELO REAL NAS AUTOFICÇÕES DE JULIÁN FUKS E KARL OVE KNAUSGÅRD

Camilo Gomide Cavalcanti Silva (PUC-SP)

Resumo: Os escritores Julián Fuks e Karl Ove Knausgård ganharam projeção nos últimos anos com projetos de autoficção que partem da mesma premissa: a recusa à invenção e o desejo de contar a verdade sobre a própria história. Ambos se inserem numa vertente da escrita de si contemporânea que busca efeitos de realidade em fatos verídicos e na experiência pessoal. A esses autores, não interessam os recursos da verossimilhança e o uso da imaginação. Apesar de o caráter fictício de toda expressão de si e a não coincidência entre realidade e linguagem serem dados inquestionáveis, a legitimidade dos gêneros autobiográficos só tem aumentado (ARFUCH, 2005). Em *A resistência*, o narrador do brasileiro Julián Fuks sabe da impossibilidade de expressar algo como a verdade dos fatos, mas insiste em sua tentativa de narrar o passado dos pais, militantes de esquerda argentinos exilados no Brasil, na década de 1970, e do irmão, adotado antes do exílio, durante os anos de chumbo na Argentina. Seu efeito de sinceridade deriva da desconfiança permanente do narrador em relação ao próprio discurso. Minha luta, de Karl Ove Knausgård, é uma reflexão existencial a partir da vida do próprio autor, um norueguês comum que luta para conciliar a vida de pai com o ofício de escritor. Os efeitos de real advêm da exposição radical de sua intimidade, do autorretrato corrosivo desse narrador, e da narração abundante de gestos e objetos do cotidiano. Essa comunicação pretende analisar e comparar as estratégias desses dois escritores que partem do mesmo desconforto com a ideia tradicional de ficção e buscam criar novas formas de realismo, assim como a expressão de uma voz sincera. Nossa hipótese é que a principal força de efeito de realidade dessas duas obras está no ato de desmascaramento do próprio discurso, ideia baseada na tese apresentada pelo filósofo Alain Badiou em *Em busca do real perdido*. Também serão trazidos para a discussão textos de Leonor Arfuch, Karl Erik Schøllhammer, Michel Foucault, Roland Barthes e Serge Doubrovsky.

Palavras-chave: Autoficção; Real; Sinceridade; Fuks; Knausgard

TEMPO, MEMÓRIA E DIÁSPORA NA AUTOFICÇÃO: VOZES CONTEMPORÂNEAS EM ÉDOUARD GLISSANT

Flavia Alexandra Pereira Pinto (UERJ)

Resumo: A literatura, por ser uma das mais fortes formas de expressão cultural de um povo, historicamente tem procurado conferir ao homem uma identidade cultural, de forma a acentuar a relação desse homem com o lugar de vivência, situando-o também socialmente. A proposta desta comunicação é analisar as representações da memória e da diáspora no romance *O Quarto Século* (1986), de Édouard Glissant, a partir das questões relacionadas à história do autor, à autoficção e à elaboração do romance na contemporaneidade. Deve estar na pauta de análise, além da ideia de reconstrução do ser humano enquanto corpo e mente enraizados na sua terra, a tentativa de entendimento das fronteiras que definem a obra autoficcional, apresentando as características que

são consideradas necessárias para seu melhor enquadramento conceitual. É necessário atentar, também, ao fato de que “o que interessa na autoficção não é a relação do texto com vida do autor, e sim a do texto como forma de criação de um ‘mito do escritor’”. (KLINGER, 2006, p. 54). Isto é, considerar uma obra autoficcional significa dizer que a narrativa não pode ser a verdade em si, mas cujos valores devem ser ambivalentes, conforme a interpretação de um referente extratextual/biográfico. De toda forma, a autoficção se instaura como “uma máquina produtora de mitos do escritor, que funciona tanto nas passagens em que relatam vivências do narrador quanto naqueles momentos da narrativa em que o autor introduz no relato uma referência à própria escrita [...]” (KLINGER, 2006, p. 55). Isso porque a literatura contemporânea tem buscado novos artifícios para “contar suas histórias”. No que se refere a estes aspectos, a atitude dos autores da literatura contemporânea tem sido, além do engajamento político e social, a problematização de seu tempo e do mundo em que vivem, observando a abertura para a liberdade individual do sujeito e para concepções fragmentárias, heterogêneas e plurais da memória e da realidade. Neste contexto, a disputa entre a memória individual e coletiva se acirra, e encontra nas representações literárias um palco fecundo para essa disputa. Para fundamentação teórica do presente trabalho serão utilizados autores como LEJEUNE (2014), KLINGER (2012), NORONHA (2014), HALBWACHS (2004), RICOEUR (2007), WALTER (2009), HALL (2002) e PERRONE-MOISÉS (2016).

Palavras-chave: Autoficção; Escritas de si; Memória; Diáspora; Édouard Glissant

A NARRATIVA ESPECULAR E A ENCENAÇÃO DA ESCRITA EM OS PAPÉIS DO INGLÊS, DE RUY DUARTE DE CARVALHO

Juliana Campos Alvernaz (PUC-Rio)

Resumo: O presente artigo busca analisar a obra *Os papéis do inglês* (2000) – primeiro volume da trilogia *Os filhos de Próspero*, composta também por *As paisagens propícias* (2005) e *A terceira metade* (2009) – do escritor angolano Ruy Duarte de Carvalho (1941 – 2010), a partir de procedimentos literários próprios da autoficção. A escrita de si, na literatura contemporânea, aponta para um efeito cascata narrativo, em que o próprio fazer literário é apresentado ao leitor. Pensando nisso, pretende-se pesquisar aspectos da encenação da escrita na obra, entendida aqui como estratégia autoficcional, visto que o autor se ficcionaliza e faz com que a elaboração de sua escrita seja parte do enredo. Assim, será investigado o pacto de leitura ambíguo na narrativa para compreender os procedimentos literários aqui objetivados. Entendendo que o autor-narrador busca a verdade na ficção, bem como a si mesmo no personagem construído, propõe-se que essa busca, portanto, se dá por meio de procedimentos autoficcionais, como o especular – conceito apresentado por Collona (2015) – e o *work in progress* – sugerido por Klinger (2007). Os dois conceitos, de certa forma, abarcam o narrador da autoficção, o qual reflete o próprio ato criativo na escrita, mostrando ao leitor o processo de construção narrativa.

Palavras-chave: Autoficção, encenação da escrita

ENTRE A FRAGMENTAÇÃO DA IDENTIDADE AUTORAL E A CONSTRUÇÃO DE UMA ASSINATURA

Nivana Ferreira da Silva (UFBA)

Resumo: A assinatura de Ricardo Lísias tem como uma de suas marcas o trânsito do escritor paulistano entre a ficção e a realidade, característica notável em *O céu dos suicidas* (2012), *Divórcio* (2013) e, emblematicamente, na série de plaquetes *Delegado Tobias* (2014), cujos desdobramentos (extra)literários culminaram em exposições nas mídias sociais, em especulações críticas, em imbróglis jurídicos e no livro *Inquérito Policial: família Tobias* (2016). Ao que parece, na obra de Lísias – e aqui nos detemos, especificamente, nas narrativas que trazem personagens homônimos ao autor – a identidade autoral encontra-se fragmentada, na medida em que ela se ramifica e revela personas, ora através da ficcionalização do “eu”, ora por meio da exposição do escritor, que insere o registro do “real” no texto, mas, simultaneamente, declara o status puramente ficcional da narrativa. Esses movimentos do autor, calculados ou não, tendem a contribuir, de algum modo, para a construção de sua assinatura e para o reconhecimento de seu nome no campo literário. Sendo

assim, a comunicação propõe uma reflexão sobre o jogo entre a fragmentação da identidade autoral e a inscrição da assinatura de Lísias, pois, se por um lado, a pulverização e a sobreposição de suas vozes, “dentro e fora” da obra (LUDMER, 2007), corroboram a diluição dessa identidade, por outro, e ao mesmo tempo, contribuem para alicerçar a iterabilidade e a singularidade de sua assinatura (DERRIDA, 1991), bem como para consolidar a formação de seu nome (BAPTISTA, 2003) enquanto escritor de literatura brasileira contemporânea. Acreditamos, portanto, que essa característica em Lísias, exemplificada a partir de uma pretensa escrita de si como performance (KLINGER, 2008), reverte-se nos modos como seu trabalho é recebido, nos protocolos de leitura requeridos por ele e, ainda, reverberam na própria obra, favorecendo a construção e a solidificação de sua particular assinatura, a despeito da suposta fluidez da(s) identidade(s) do sujeito que assina.

Palavras-chave: Literatura contemporânea; Ricardo Lísias; Assinatura

A AUTOFICÇÃO EM "O MAL DE MONTANO", DE ENRIQUE VILA-MATAS

Rosana Arruda de Souza (UFMT)

Resumo: "O mal de Montano" é o mesmo nome que o narrador-protagonista do romance designa uma espécie de doença literária de que estariam acometidos ele próprio, o filho e, por fim, a literatura. Essa doença teria por sintomas a incapacidade de escrita, de modo que a pessoa se torna um ágrafo trágico (VILA-MATAS, 2002); a criação de duplos – a pessoa começa a se achar duplo de outras pessoas e, no caso de escritores, estes conjecturam que tudo que escrevem já foi escrito por outrem; a mania de fazer citações, que acomete o narrador-protagonista – tudo o remete a trechos de obras literárias. Por fim, quem conta tudo isso vai deixando ali e aqui traços autobiográficos como, por exemplo, a data e local de nascimento, coincidentes com as do autor do romance, Enrique Vila-Matas. Porém, embora existam tais coincidências, haveria uma quebra no pacto de leitura autobiográfica que desviaria o olhar do leitor do par narrador/autor para o uno autoficção. Nesse sentido, o que pretendo discutir nesse trabalho é como a autoficção, comumente ligada à autobiografia, descambaria num embuste autobiográfico, pois seria a escrita em que se finge falar de um eu, narrador/autor, quando está-se falando dela própria. Nessa linha da autoficção se encaixariam as autobiografias modernas e pós-modernas. Ocorre que, como afirma Serge Doubrovsky (2014), das autobiografias clássicas às posteriores houve um corte epistemológico e mesmo ontológico, que veio intervir na relação consigo mesmo, como por exemplo, a descoberta freudiana do inconsciente que assinala o fato de que o eu não é senhor de si. Assim sendo, o não domínio de si e, por consequência, o não domínio da memória, impossibilitaria o desnudamento da vida pretendido numa autobiografia. No máximo, o que temos são fragmentos e tal é a artimanha de (des)organização desses fragmentos, que o eu acaba por desaparecer, e a escrita – a maneira com a qual o eu foi contado – chama mais a atenção do que o próprio eu. Essa mesma linha de raciocínio cai sobre o propósito do narrador que afirma várias vezes que seu desejo é desaparecer por meio da escrita, assim, ele escreve de si, não para evidenciar-se, mas para sumir sob a escrita. Isso, também, justificaria a doença literária, defendida pelo narrador-protagonista, pois escrever de si seria adoentar-se e morrer (desaparecer) aos poucos.

Palavras-chave: autoficção, autobiografia, fragmentos

2 agosto

14h30

A TEMPORALIDADE RETROPROJETIVA DA NARRATIVA VIVENCIAL DISCUTIDA A PARTIR DO ROMANCE AVALOVARA, DE OSMAN LINS

Fábio de Lima Amancio (UEPB)

Resumo: Este estudo propõe discutir um possível modelo de temporalidade que, em tese, regeria as “narrativas vivenciais”. Para Leonor Arfuch, estas constituem o lugar de “confluência de múltiplas formas, gêneros e horizontes de expectativas”, que inclui textos que vão deste a autobiografia até a ficção. Quando tomamos o conceito de “autobiografia” de Philippe Lejeune [1975], a saber, uma

“narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria história”, e o conceito de “autoficção” de Serge Doubrovsky [1977], entendida como uma “ficção, de fatos e acontecimentos estritamente reais”, que o escritor decide apresentar de si mesmo e por ele mesmo, incorporando a experiência de análise no tema e na produção, percebemos que tais conceitos se baseiam em perspectivas opostas, a primeira retrospectiva, a segunda projetiva, inseparáveis de uma concepção de tempo linear e factual, estruturado em passado>presente>futuro. Propondo uma alternativa, compreendemos que a “escrita de si” funciona na e a partir de uma conjunção de perspectivas, a qual damos o nome de ‘perspectiva (ou temporalidade) retroprojetiva’. Este conceito de perspectiva dupla encontra o primeiro fundamento na argumentação de Philippe Vilain [2009] sobre a “busca inventiva” da autoficção. Para este pesquisador, a “busca inventiva da escrita” autoficcional não procura apenas a “lembrança atrás de si”, mas “também diante de si”, posto que amalgama “retrospecção” e “prospecção”, “pois a lembrança é aqui fonte autoestimulante de recriação”. O segundo fundamento está na argumentação de Claude Romano sobre o “acontecimento”, presente em *El acontecimiento y el mundo* (2012) e *Event and time* (2014). Para este pensador, diferente de um “fato” que ocorre e é compreendido segundo relações de causa e finalidade previamente estabelecidas, um “acontecimento”, ao surgir, inaugura seu próprio contexto de interpretação, de maneira que toca de modo singular aquele que com ele se relaciona, colocando em jogo uma nova compreensão de “mundo” (que excede todos os contextos preexistentes), abrindo o tempo ou temporalizando-o. No âmbito da escrita de si, o escritor não restaura fatos objetivos e cronológicos, antes agencia as significações dos “acontecimentos” vividos. Resulta disto que a obra advém como um acontecimento, inaugurando suas próprias possibilidades junto ao leitor. Nesse sentido, esse tipo de escrita opera uma dinâmica ‘retroprojetiva’, de espiral dupla, que depende e excede o vivido, simultaneamente. Vamos encontrar um exemplo desta temporalidade no romance *Avalovara* [1973], do escritor pernambucano Osman Lins. Esta “narrativa vivencial”, feita de simultaneidades, semelhante ao deus Jano e à andrógina Cecília, ao mesmo tempo, alimenta-se das experiências e percursos vividos na Europa, em Recife/Olinda e no Sudeste brasileiro, e projeta uma imagem do ‘autor’, que não existiria sem sua publicação. Segundo Klinger (2008, p. 20), é justamente isto que ensina a autoficção: a questionar “a existência de um sujeito prévio, ‘um modelo, que o texto pode copiar ou trair’”; a perceber que ocorre de fato uma “construção simultânea (no texto e na vida) de uma figura teatral – um personagem – que é o autor” (KLINGER, 2008, p. 20).

Palavras-chave: Acontecimento; Memória; Romance; Temporalidade

A ESCRITA COMO TRAVESSIA PARA O OUTRO: INTIMIDADE, ENDEREÇAMENTO E AMOR EM FLORES AZUIS, DE CAROLA SAAVEDRA

Patricia Mariz da Cruz (UFF)

Resumo: Publicado em 2008, *Flores azuis* é o segundo romance da escritora Carola Saavedra. Assim como os seus demais romances, *Toda terça* (2007), *Paisagem com dromedário* (2010) e *O inventário das coisas ausentes* (2014), a narrativa é centrada na confissão de uma narradora que deseja se comunicar com o amado, tentando fazê-lo compreender seus sentimentos e questionamentos conforme ela deseja. A narrativa atravessada por duas histórias que se sobrepõem. De um lado temos Marcos, um homem recém- separado, que se sente estranho às mulheres, já que não as compreende nem se sente compreendido por elas. Ao se mudar para o novo apartamento, ele começa a receber cartas endereçadas ao antigo morador e, ao lê-las indevidamente, é atingido pela sinceridade da remetente. A incompreensão de outrora dá lugar ao entendimento da enamorada do ex-morador. Esta assina apenas como “A.” e escreve cartas íntimas a um destinatário nomeado apenas como “meu querido”, em uma tentativa de entender o motivo da ruptura do relacionamento, procurando achar o momento em que o elo entre ambos foi desfeito. Além disso, as cartas de A. podem ser entendidas como um diário íntimo, já que, conforme Maurice Blanchot (2005) afirma, trata-se de um relato sincero, baseado no compromisso com a verdade. Nessa escrita de si há a exposição da intimidade ao destinatário, buscando a compreensão e a (re)aproximação desses laços que foram desfeitos com a separação. A exposição do íntimo é, então, uma forma de

partilha com o outro, uma vez que, ao expô-lo, a narradora não busca o espetáculo, como vemos atualmente nos realitys shows, mas a identificação, um ponto em comum com ele. A exposição da intimidade também revela a questão da impossibilidade da linguagem, já que nem sempre se consegue transmitir o que se deseja ao outro, ocasionando mal entendidos. Para A. há “algo” que precisa ser esclarecido, desfazendo o vão existente, (re)estabelecendo o elo entre os dois amantes. Esse “algo” relaciona-se à subjetividade e, por isso, a linguagem não consegue dar conta de descrever e nomear. Com isso, a linguagem amorosa se torna obscura (KRISTEVA, 1988) e, de acordo com Roland Barthes (1977), não pode ser comunicada, apenas expressa ao amante. Flores azuis, portanto, configura-se como uma narrativa na qual se verifica a necessidade de uma comunicação sem falhas com o outro, em que a escrita íntima é utilizada como uma estratégia e tentativa de diminuir o ruído de comunicação existente entre remetente e destinatário. A partilha da intimidade, a ruptura, o endereçamento e a impossibilidade da linguagem se desvelam nessa escrita de si, a partir da necessidade de fazer com que o outro compreenda aquele que fala.

Palavras-chave: Escrita de si; endereçamento; discurso amoroso.

COMO UM ROMANCE, DE DANIEL PENNAC: ALGUMAS QUESTÕES SOBRE OS GÊNEROS E O ENSINO DE LITERATURA

Júlio de Souza Valle Neto (UNIFESP)

Resumo: Em 1992, Daniel Pennac publica, na França, *Comme un Roman*. Grande sucesso editorial, Como um Romance chega ao Brasil, traduzido por Leny Werneck, logo no ano seguinte. Com o tempo, estabelece-se como referência bibliográfica frequente nos estudos sobre educação, leitura e literatura, o que significa assumir, em termos de gênero, que o livro foi lido, nessas circunstâncias, preferencialmente como ensaio. Dessa maneira, circunscreve-se também um modo de leitura em consonância com o que um de seus paratextos, a ficha catalográfica, dispõe como a sua classificação primeira. Contudo, essa forma de ler dá conta apenas de uma das suas sugestões plurais e híbridas nesse particular, constatação que, a rigor, não se limita ao texto propriamente dito, mas abrange também outros paratextos dele constitutivos. É o caso do próprio título, que aponta explicitamente para os elos romanescos da obra. Escrita “como um romance”, a própria informação de capa anuncia uma instabilidade essencial: parece, mas não é (ou é, mas não parece). Perturbação que, de algum modo, seria agudizada por outro de seus paratextos, a “orelha” da primeira edição brasileira, na qual se lê que, “lendo para seus alunos, Daniel Pennac fez com que eles percebessem que Dostoievski, Tolstoi, Calvino, Gabriel García Márquez, John Fante, todos, qualquer que seja a forma por eles escolhida, as palavras que utilizaram, contam uma história” (1993). A afirmação, aparentemente sem maiores consequências, acaba por associar o “professor” do relato à própria figura do autor real, algo que o texto sugere, mas nunca faz explicitamente. Com isso, o livro, escrito “como um romance”, acaba margeando também a “autoficção” (“uma narrativa cujo autor, narrador e protagonista compartilham da mesma identidade nominal e cuja denominação genérica indicia que se trata de um romance” (LECARNE, 2014, p. 68)). De modo que, como parece claro, a obra propicia uma discussão sobre os gêneros a ela relacionados, algo a que essa comunicação, em alguma medida, pretende dar lugar. Contudo, mais do que insistir em exercícios classificatórios mais ou menos estéreis, interessará discutir o que o deslizamento constante entre os gêneros implica tanto para a construção do argumento quanto para a construção ficcional. Além disso, interessará deter-se no aspecto central do argumento de Pennac, para quem vale a pena, em se tratando de leitura literária, investir numa maior flutuação entre os limites da casa e da escola. Para esse fim, a comparação com *How to teach your children Shakespeare*, do dramaturgo norte-americano Ken Ludwig, mostra-se conveniente. Escrevendo um manual inspirado na experiência de apresentar, aos próprios filhos, a obra do bardo inglês, as técnicas por ele propostas, contudo, “work just as well in the classroom as they do in the living room” (p. VIII, 2013). Explorando igualmente as fronteiras entre a “sala de estar” e a “sala de aula”, contudo, nem sempre Pennac e Ludwig parecerão construir, na prática, o mesmo argumento, como pretende sugerir, por fim, a presente comunicação.

Palavras-chave: Ensino de Literatura; Daniel Pennac; Ken Ludwig

OLHAR-SE NO ESPELHO: O ETHOS NARRATIVO EM A AMIGA GENIAL, DE ELENA FERRANTE

Milena Vargas dos Santos Ferreira (UFRJ)

Resumo: Na última década, a autora italiana Elena Ferrante despontou como best-seller internacional na cena literária contemporânea. Seus livros desafiam o leitor com narrativas de si de protagonistas sempre femininas, envolvidas com questões relativas a um necessário retorno às origens e ao cerne familiar. Em *A amiga genial* (FERRANTE, 2011), primeiro livro da Tetralogia Napolitana, para além da enunciação de uma narradora em primeira pessoa, o ethos construído funciona como um jogo de espelhos seja nas interações entre as duas amigas protagonistas, seja na coincidência entre o nome da narradora e o pseudônimo da autora – Elena. Seguindo o conceito de ethos debatido no livro *Imagens de si no discurso: a construção do ethos* (AMOSSY, 2013), isto é, a representação de uma imagem de si que se relaciona com o objetivo do próprio discurso, a pergunta que nos fazemos é: Que face vemos da Elena que escreve as memórias para impedir o desaparecimento da amiga, e quem é essa amiga se não um reflexo de quem um dia ela foi?

Palavras-chave: Identidade; Discurso; Contemporâneo; Elena Ferrante

ADSO E A MEMÓRIA: A ESCRITA DO OUTRO COMO DESCONFIGURAÇÃO DE SI

Lilian Monteiro de Castro (UnB)

Resumo: No romance *O Nome da Rosa* (2015), de Umberto Eco, o relato do narrador, o velho abade Adso de Melk, sobre suas experiências conjuntas com seu antigo mestre, frei Guilherme de Baskerville, evoca dois diferentes modos de mnemotécnica: o medieval, caracterizado pelas imagens de piedade ou dantescas; e o clássico, caracterizado por imagens marcantes e grotescas. O que poderia justificar a presença das distintas formas da mnemotécnica evocadas pela memória do narrador? Ao compreender que narrar-se, é desfigurar-se: é desconstruir a imagem do “eu” e reconfigurá-la pela linguagem, transformando-se num outro (DeMan, 1984), observa-se como o jovem Adso, já desfeito pelo tempo, existe apenas no tecido da memória do velho e prudente narrador, e só se tornará presente pelo seu relato “enriquecido de outras narrativas que ouvi depois – se é que a minha memória estará em condições de reatar os fios de tantos e tão confusos portentos”, [re]engendrado na trama urdida por memória pessoal, coletiva e histórica. Moldado em escrita, mas ainda assim ruína de si mesmo, Adso faz-se personagem. Em seu percurso, transfigura-se assim em Jorge, torna-se “a própria memória da biblioteca e a alma do scriptorium” (ECO, 2015), ansiando somente, no fim de sua vida eternizar-se, por essa vez, mergulhando na treva divina em que “o coração verdadeiramente pio sucumbe bem-aventurado” (ECO, 2015).

Palavras-chave: Memória; Mnemotécnica; Eco

3 de agosto

8h30

ENTRE CARTAS E LIVROS: MEMÓRIAS LITERÁRIAS DO ESCRITOR GODOFREDO RANGEL

Camila Russo de Almeida Spagnoli (USP)

Resumo: Godofredo Rangel e Monteiro Lobato partilhavam o interesse pela literatura, paixão manifestada ao longo da correspondência reunida em *A barca de Gleyre* (1944). Entretanto, uma pequena parcela das respostas de Rangel a Lobato foram publicadas, em 1984, no Suplemento Literário de Minas Gerais. Apesar do volume de mensagens ser limitado, apenas dezessete cartas, há alguns diálogos que se instauram entre os missivistas. Leitores privilegiados, opinam sobre leituras, escritores e personalidades da época, ao mesmo tempo que compartilham seus escritos, testemunhando etapas do processo de criação. O objetivo da comunicação proposta é, a partir da correspondência registrada em *A barca de Gleyre* e no Suplemento Literário de Minas Gerais, recuperar referências a autores e obras, um breve panorama das memórias literárias de Godofredo Rangel, além de resgatar a mediação de Lobato, nesse período em que ambos estão em formação e ensaiam-se como escritores.

Palavras-chave: Godofredo Rangel; Monteiro Lobato; Correspondência

ESBOÇO DE UMA POÉTICA: DIÁLOGOS ENTRE O ESTUDO DE CARTAS E A CRIAÇÃO LITERÁRIA

Carlos Augusto Moraes Silva (UFU)

Resumo: Antes da internet, uma prática comum entre escritores e demais personagens da vida pública e privada era a troca de correspondências – cartas, telegramas, cartões postais, bilhetes, dentre outros. O que podem nos revelar hoje esses documentos? O pesquisador da epistolografia tem, diante de si, um vasto terreno a ser explorado. No ensaio “Narrador, registro e arquivo”, Teresa Malatian (2011) afirma que a correspondência comporta troca de ideias e elaboração de projetos, além de selar pactos, expor polêmicas e fixar rupturas. Por meio das missivas, o estudioso pode detectar intrincadas redes de relações sociais que reúnem seus atores. No caso específico de intelectuais, esse diálogo epistolar é particularmente importante, pois envolve a rede profissional, em que há trocas de livros, opiniões acerca de determinados temas, sentimentos diversos, firmando-se estratégias de atuação entre os pares. Por essa perspectiva, a correspondência de renomados intelectuais é alçada à importante fonte de pesquisa para compreender a circulação das ideias e dos homens nos espaços literários. Diante dessas e de outras questões acerca dos estudos de cartas, o presente trabalho faz um recorte no conjunto de missivas trocadas entre Clarice Lispector e o escritor Lúcio Cardoso, especificamente uma carta datada de 1945, na qual os autores abordam impressões sobre a escrita do romance “O Lustre”. Esse intenso diálogo epistolar descortina para o leitor e a crítica mais do que um relato de experiências pessoais – as cartas constituem, de fato, um espaço privilegiado de reflexão sobre a literatura e o respectivo processo de criação.

Palavras-chave: epistolografia; Clarice Lispector; criação literária

FLORES AZUIS: UMA DESCONSTRUÇÃO DO ROMANCE EPISTOLAR

Josye Gonçalves Ferreira (UFU)

Resumo: O romance epistolar, isto é, escrito em forma de cartas, foi muito popular durante o século XVIII, especialmente na França. Pertencendo ao conjunto das escritas de si, a carta é um meio de comunicação específico que visa levar uma mensagem de um remetente para alguém real ou fictício. Sua existência está estrelada à ausência do destinatário e sua função seria, portanto, aproximar os interlocutores ou, no dizer de Foucault (2004), tornar o escritor presente àquele a quem se dirige. Entretanto, mesmo que a ausência seja central no discurso epistolar, sua natureza é ambivalente já que articula duas dimensões: a carta cria uma ilusão de aproximação (presença) diante da realidade da separação (ausência). Nesse jogo de presença-ausência, a correspondência abre um espaço de diálogo fictício entre o remetente e o destinatário, entre o autor e o leitor. Tradicionalmente, o romance epistolar está estruturado exclusivamente na forma de cartas. Este trabalho, porém, pretende discutir como a escritora Carola Saavedra utiliza as cartas como procedimento narrativo ao mesmo tempo em que desconstrói o gênero epistolar na obra Flores Azuis (2008). A trama do romance gira em torno da leitura das cartas que o protagonista Marcos recebe da personagem A. Mesclando o discurso epistolar com uma narração em terceira pessoa, Saavedra apresenta duas narrativas em perspectivas diferentes: a história contada nas cartas de A. e a história de Marcos, que recebe e lê indevidamente as cartas destinadas a outra pessoa. A narrativa vai se construindo nesse espaço de diálogo fictício e unilateral, uma vez que o protagonista não pode responder às cartas pois não tem o endereço da remetente. Dessa maneira, o encontro de Marcos com A. se realiza somente nas páginas escritas, levando o protagonista a desenvolver uma relação platônica com a missivista misteriosa. Enquanto as duas histórias são contadas, uma terceira trama vai se tecendo diante dos olhos do leitor do romance que, com um olhar globalizante, vai construindo os possíveis sentidos do texto.

Palavras-chave: Carola Saavedra; romance epistolar; desconstrução.

3 de agosto

14h30

MEMÓRIAS DA CIDADE: O ESPAÇO COMO ELEMENTO FORMADOR DA NARRATIVA EM BECOS DA MEMÓRIA

Rosineia da Silva Ferreira (UnB)

Resumo: Este trabalho tem como objetivo realizar algumas considerações acerca do espaço como elemento formador da narrativa na obra *Becos da Memória* (2006), de autoria de Conceição Evaristo (2006). Para essa proposta de análise interpretativa será considerado o plano do espaço como elemento que constitui a narrativa e contribui para a compreensão artística da obra para de modo que este elemento seja constitutivo da narrativa, não se tratando apenas de um segundo plano para o desvelar dos acontecimentos. A opção por uma análise interpretativa baseada no espaço da obra não conflita com os outros elementos intrínsecos constitutivos dela, pelo contrário, este estudo visa a esclarecer como este elemento coaduna-se aos outros, pois todos esses elementos estão inter-relacionados de forma que esta abordagem não se torna limitadora, mas explicitadora do aqui proposto. Narrativa essa que se dá a partir das memórias coletivas que a autora tem de sua vivência na favela em seu tempo de criança que se transpõem para a história como as memórias e narrativas da personagem Maria-Nova. A linha de pesquisa na qual se insere este trabalho é literatura e vida social e, por isso, tomando o texto literário para refletir sobre a sociedade. As bases teóricas que sustentarão esse trabalho serão os textos *Breve História do Espaço na Teoria Literária* (2005) e *Espaços Literários e suas Expansões* (2007) de Luis Alberto Brandão, bem como *Espaços da Recordação* (2011) de Aleida Assmann, *O corpo utópico, as heterotopias* (2013) de Michel Foucault, *A memória, a história e o esquecimento* de Paul Ricoeur (2007).

Palavras-chave: Espaço; memória; história.

ESTRANHAS CORRESPONDÊNCIAS: ARTE E PENSAMENTO COM UMA VIDA SELVAGEM

Pablo Vinícius Dias Siqueira (UFMG)

Resumo: O antiobjetivo deste ensaio pop é filosofar com o pensamento de Clarice Lispector e desdobrar estranhas correspondências tangenciadas pela escrita de si e criadas por todos os textos dispersos no amor, como *A hora da estrela*. A palavra radical, a autoficção e a autoavaliação crítica são os meios para desconstruir as formas e os conteúdos acadêmicos cristalizados que refletem, neste caso, um Rio de Janeiro camuflado na miséria de um estado de exceção que ceifa os aspectos políticos da alegria, tanto em 1977 quanto em 2018. Esse mesmo estado é o ponto-de-fuga para pensar os afetos e as experiências que se rebelam diante daqueles que aceitam a condição de pesquisador comum e censuram o desafio do ensaio, da polêmica, da ficção filosófica e da criação de conceitos.

Palavras-chave: Clarice Lispector; Ensaio; Filosofia pop

ESCRITAS DE E PARA MARIGHELLA: O GUERRILHEIRO NAS BIOGRAFIAS PÓS-DITADURA

Luiz Claudio Ferreira (UnB)

Resumo: O objetivo da pesquisa é o de identificar os processos de (re)construções simbólicas em obras biográficas sobre o guerrilheiro Carlos Marighella (assassinado em 1969 por agentes da ditadura militar brasileira) a partir de narrativas centradas na memória e testemunhos. Busca-se uma narratologia de obras que perseguem justiça a partir do olhar para critérios de inclusão identificáveis por amarrações textuais, como se fossem suturas corporais a respeito de um personagem rasgado e alvejado. O quanto a inexistência da memória também ajuda a costurar relatos que sobreviveram, sob dores e amores, por três ou quatro décadas? Historicamente, o personagem principal, durante aquele período de estado de exceção no país, era considerado pelo governo como o principal inimigo político nacional e diretamente responsável pelo sentimento do "risco". Narrativas literárias e cinematográficas nos anos 1.990 e 2.000, período marcado pela consolidação democrática entre a promulgação da Constituição (1988) e o início dos trabalhos da Comissão Nacional da Verdade (2011), reconstituem humanidade ao guerrilheiro. Trabalha-se com a premissa de que o texto de caráter autobiográfico "Por que eu resisti à prisão", escrito e publicado em 1965

pelo próprio Marighella, influenciou diretamente trabalhos dispostos a romper com silenciamento sobre esse personagem vítima de violência e tortura durante período da mais recente ditadura civil-militar no Brasil. Em busca dos enlaces, são observadas as biografias “Marighella: o guerrilheiro que incendiou o mundo”, de Mário Magalhães (2012), “Carlos Marighella: o inimigo número 1 da ditadura militar”, de Emiliano José (1997), Carlos, a face oculta de Marighella, de Edson Teixeira da Silva Junior (2009), além dos documentários “Marighella”, de Isa Ferraz (2012) e “Marighella: retrato falado de um guerrilheiro”, de Silvio Tendler (2001). A pesquisa encontra caminhos de análise nas discussões das modalidades autobiografia, biografia e documentário, além de discussões sobre literatura de testemunho e memória. Aqui encontra-se a conceituação de “biografia” e “documentário biográfico” com referências a partir de Ricoeur, Dosse, Nadel, Villas Boas, Damasceno e Pena. As questões relacionadas à memória individual seriam tratadas principalmente a partir de Ricoeur e Derrida. Ainda neste item, a ideia é recorrer às reflexões de Bourdieu sobre a “ilusão biográfica”. Reflexões sobre o papel do personagem nesses gêneros narrativos são fundamentais para concepção da desconstrução do vilão, reconstrução do herói, da memória e da “verdade” pretendida. Marighella é apresentado como ser sensível, romântico, mas forte, valente e indestrutível. Uma pessoa que luta contra policiais da ditadura, é alvo de tiros e ainda consegue sobreviver. Para este item da pesquisa, recorreríamos a Brait, Todorov, Motta, Reuter, Bal e Achard. Marighella (re)vive, pois. O estudo dessas narrativas é urgente às vésperas dos 40 anos da morte do homem e do nascimento do mito.

Palavras-chave: biografia; memória; livro-reportagem

A REVISITAÇÃO DO PASSADO DE CLARICE LISPECTOR POR MEIO DA CRÔNICA "RESTOS DO CARNAVAL"

Amanda Oliveira Pinheiro (UNESP)

Resumo: Clarice Lispector chegou ao Brasil com apenas dois meses e, junto com sua família, se instalou no Recife, onde viveu até a adolescência. A época da infância é marcada pela observação da “tragédia social brasileira”. A autora busca entender as mudanças sociais sofridas pelas grandes cidades e como isso aumentava a desigualdade social e o atraso. Essa tragédia social volta a ser explorada no seu trabalho como jornalista. Ao escrever suas crônicas, Clarice denuncia a repressão exercida por agentes de segurança e contrapõe-se ao poder imposto e monopolizado exercido pelo Estado Moderno. Assim, uma ocorrência publicada na página policial ganha um novo foco, e passa de matéria jornalística para matéria literária. Recife teve um papel importante na vida e escrita da autora. Como cenário da infância, aparece com certa frequência nos seus contos e em suas crônicas; a partir de suas lembranças da cidade a autora consegue construir uma identidade da forma mais real possível, sem interferências estrangeiras. Ao analisarmos as crônicas de Lispector que rememoram a infância é possível perceber que a autora efetiva o que Philippe Lejeune chama de ‘pacto autobiográfico’, ou seja, ela afirma a identidade autor-narrador-personagem, remetendo, em última instância, ao nome próprio na “capa” do livro (ou, neste caso, na assinatura da crônica). Deste modo, a autora trabalha sobre o nome e a assinatura, fazendo com que os leitores assumam aquele texto como verdade e, consequentemente, aceitando o pacto. É importante ressaltar que a autobiografia não é exata, afinal, nem tudo ocorre exatamente como nos lembramos; há uma série de perspectivas e modos de se ver uma mesma situação. Assim, a autobiografia não pode ser entendida como uma relação de eventos e sua transcrição exata pelo texto, e sim como um contrato entre autor e leitor. Ao acionar a memória para nos contar da infância, Clarice esboça uma imagem de si mesma menina, emoldurada pela presença do pai e das irmãs; a vida em Recife – acompanhada de viagens e idas à praia –, assim como suas dificuldades; as lições aprendidas; a doença da mãe – aliada a culpa de não ter conseguido curá-la – e os livros que a apresentaram o universo da ficção. Toda essa imagem é criada pela própria autora, ou seja, ela seleciona o que será contado e o que será deixado de fora. Tendo esse parâmetro em vista, essa comunicação pretende apresentar a reflexão sobre a infância por meio da crônica “Restos do Carnaval”, na qual a autora reflete sobre as

frustrações da menina Clarice ao não poder comemorar o que seria seu primeiro carnaval devido ao agravamento da doença de sua mãe.

Palavras-chave: Clarice Lispector; crônicas; memória

INCURSÕES NAS ESCRITAS DE SI: UMA (RE)INVENÇÃO DO CONTO “ED E TOM”, DE SILVIANO SANTIAGO

Héber Ferreira de Souza (UFES)

Resumo: Podemos afirmar que o conto “Ed e Tom”, presente em Histórias mal contadas, de Silviano Santiago, revela que o projeto literário desse autor pode também ser definido como “cigano”, tendo em vista que nasce para ser universal, ou seja, para não fixar raízes em lugar algum. Foi traçado numa trajetória que ultrapassa barreiras geográficas, temporais e culturais. Surge para o mundo, percorrendo os mais ínfimos e ininteligíveis labirintos da alma do autor, do narrador, dos personagens; enfim, do homem dentro e fora da escrita, num movimento em que as fronteiras entre o real e o fictício são porosas, e assinalam que a boa literatura origina-se do cerne de experiências humanas, colocando em xeque os preceitos dicotômicos que insistem em distanciar o vivido e o inventado. Dessa forma, o caminho entre as diferentes faces temporais torna-se bem mais estreito e inter cruzado, e a função autor reconfigura-se não para ser posta na berlinda, justificando ou esclarecendo as histórias mal contadas pelos narradores de suas obras, mas para revelar que todo autor é um ser histórico, portanto, indubitavelmente, traz na escrita marcas de sua história. Apropriando-se do conceito que define autoficção como narrativas descentradas, fragmentadas, com sujeitos instáveis que dizem “eu” sem que se saiba exatamente a qual instância enunciativa ele corresponde (FIGUEIREDO, 2013), pretendemos reler o conto de Silviano Santiago, “Ed e Tom”, tendo em vista se tratar de uma “história mal contada” e que, portanto, depende do leitor para preencher as lacunas deixadas pelo narrador. Iniciaremos o percurso, analisando como os dados temporais estão dispostos no texto, constituindo uma temporalidade que contraria a força cronológica de forma que o que importa é o tempo linguístico, que não é redutível a nenhum outro tempo e que é produzido na (e pela) realidade da enunciação. Em seguida, observaremos a forte presença metalinguística na narrativa perscrutada, procurando mostrar que na metalinguagem do conto deslindado se performa o narrador e, a partir dela, surgem indícios de autoria. Por último, mostraremos o uso sutil da metáfora, como recurso de linguagem marcante nessa construção autoficcional, ampliando a possibilidade de (re)invenção do texto. Entendemos que “Ed e Tom” faz parte do conjunto de obras literárias que dessacralizam a figura do autor, tirando-o do pedestal e trazendo-o para o nível do chão, possibilitando de que, dessa forma, suscite nele e a partir dele, o pensamento de que vida e arte são coisas imbricadas, pois não há arte fora da vida e, tampouco, autor fora da obra, confirmando assim que todo texto, em certa medida, é autobiográfico. No intento de fundamentar nossa argumentação, ancoraremos nossa análise notadamente em estudiosos sobre autoria como Roland Barthes, Roger Chartier, Eurídice Figueiredo, Leonor Arfuch e outros autores que dialoguem de alguma forma com o recorte temático proposto.

Palavras-chave: Ed e Tom; Autoficção; Metalinguagem; Temporalidade

22 - ESCRITAS PERFORMÁTICAS - NARRATIVA, FICÇÃO E DISSENSO

Coordenação: Adriana Sucena Maciel (PUC-Rio); Frederico Coelho (PUC-Rio); Lia Duarte Mota (UFJF)

Resumo: Este simpósio pretende pensar a narrativa nas diferentes linguagens artísticas, tendo em vista as transformações que ocorreram em suas dimensões sociais, políticas e intelectuais desde o final do século XIX. No campo da ficção, que não se opõe ao real, mas que age em dissenso, as narrativas constituem uma forma particular de pensamento e de produção de conhecimento.

Há um adensamento intelectual na literatura no final do século XIX. Machado de Assis, Dostoiévski, James Joyce, Samuel Beckett, Virginia Wolff, Marcel Proust, Jorge Luis Borges e muitos outros, além de provocarem uma reinvenção na escrita, passaram a colocar a questão da existência, do pensamento reflexivo e da condição do sujeito moderno em primeiro plano. O narrador se torna um dispositivo-chave para tais processos críticos de escritas ficcionais. Vale lembrar que tal quadro se

deu a partir de um diálogo com autores como Freud e Nietzsche – diálogos esses de mão dupla, já que ambos viam na ficção uma usina de força para seus temas e questões. Além disso, áreas como a psicanálise e a filosofia propuseram formas narrativas desafiadoras para os seus campos de saber e demais áreas da escrita.

Ao permitir novas maneiras de pensar a ficção, as noções oriundas da arte da performance também contribuem para a discussão. A performance, na escrita, pode ser pensada como aquela que rompe com a estrutura clássica, que escava a linguagem, que se apropria de diferentes fontes, mídias e suportes. Narrativa que não distingue da produção de pensamento e de sensibilidade, pois ambas acontecem juntas no corpo.

A escrita performática é um ato, não apenas do corpo que risca o papel, mas do corpo que risca superfícies e que se deixa inscrever. Como escrita, ela é arquivo da cultura e ao performatizar a narrativa é, ao mesmo tempo, repertório. Organiza, em sua própria feitura, uma invenção singular na linguagem e age no tempo e no espaço de sua recepção. Essa escrita não ocorre apenas na literatura. Ela está a acontecer em diferentes tipos de textos – dança, artes visuais, filosofia, música, cinema etc. As narrativas são práticas de composição de realidades. A escrita performática é narrativa que se desdobra por diferentes meios e tecnologias. Se a escrita tradicionalmente organiza pensamentos e ideias de forma linear e sequencial, a escrita performática possibilita a expressão simultânea de ideias. Ela não é apenas um estatuto do literário, a literatura é uma das suas possibilidades entre as várias formas narrativas.

Nas artes visuais, a partir do final do século XIX, altera-se a ideia de representação, a bidimensionalidade é reafirmada e a pintura deixa de ser vista apenas como uma janela que dá a ver o mundo, apresentando uma realidade pictórica e não ilusória. As vanguardas estéticas do início do século XX evidenciam os processos e procedimentos artísticos e põem em questão a excelência técnica como medida de qualidade. A partir de então, os processos são, muitas vezes, apresentados, eles mesmos, como obra, em outras, são dados a serem levados em conta na percepção do(s) sentido(s) propostos pela obra, o que altera a forma como percebemos a arte de nosso tempo e também a dos séculos que nos antecede.

É importante explorar tanto artistas que se tornaram críticos ou ensaístas quanto a escrita que se mostra parte da “obra”, casos como os de Tunga e Lygia Clark. Entendendo que a noção de obra foi modificada durante esse período, poderíamos dizer que escritas como as dos artistas citados constituem um mesmo ato artístico, abarcando a sua produção visual, espacial e textual.

O intuito é pensar textos artísticos como produtores de um corpus teórico. Ou seja, ir além dos questionamentos estanques sobre o que é arte e o que é literatura – não se trata de transdisciplinaridades –, e superar uma linha de corte entre esses campos, ou pelo menos, torná-la porosa. Buscamos ainda investigar como tais procedimentos operam e mostram-se capazes de uma produção de conhecimento, como ocorre na filosofia e ciência. Desta maneira, pretendemos rever a ideia de que arte é algo meramente ilustrativo de uma ideia, mas pode gerar, ela mesma, uma ideia. Gostaríamos, portanto, de contar com pesquisadores e artistas para participar deste simpósio: Escritas performáticas - narrativa, ficção e dissenso, recorte feito no campo da discussão entre a escrita e pensamento, para que, juntos, possamos ampliá-lo e adensá-lo nas discussões acadêmicas.

REFERÊNCIAS:

- BARTHES, Roland. *O grau zero da escrita: seguido de novos ensaios críticos*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- CARREIRA, A. L. A. N., VILLAR-QUEIROZ, F., GRAMMONT, G. de et al.(Org.). *Mediações Performáticas Latino Americanas*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/UFMG, 2003.
- CHIARA, Ana, SANTOS, Marcelo, VASCONCELLOS, Eliane (orgs). *Corpos diversos: imagens do corpo nas artes, na literatura e no arquivo*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2015.
- CLARK, Lygia. “Caminhando”. In: *Livro Obra*, 1964. Retirado de http://www.lygiaclark.org.br/arquivo_detPT.asp?idarquivo=17 em 26 de agosto de 2017.

- CLARK, Lygia. “Do Ato”. In: *Livro Obra*, 1965. Retirado de http://www.lygiac Clark.org.br/arquivo_detPT.asp?idarquivo=17 em 26 de agosto de 2017.
- DELEUZE, Gilles. *Kafka – por uma literatura menor*. Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações*. São Paulo: Ed. 34, 1992.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol.1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.
- DELEUZE, Gilles. O que é a filosofia?. Trad. de Bento Prado Jr., Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Editora 34, 2000.
- DERRIDA, Jacques. *Escritura e diferença*. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- DERRIDA, Jacques. *Essa estranha instituição chamada literatura: uma entrevista com Jacques Derrida*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.
- DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- DEWEY, John. *Arte como experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- DIDI-HUBERMAN, G. *A imagem sobrevivente - História da arte e tempo dos fantasmas segunda Aby Warburg*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.
- DIDI-HUBERMAN, G. *A sobrevivência dos vaga-lumes*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011.
- GUATTARI, Félix. *Lignes de fuite-pour un autre monde de possibles*. Paris: Ed. L’aube, 2011.
- GIL, José. “Sem título”: *Escritos sobre arte e sobre artistas*. Lisboa: Relógio d’água, 2005.
- GIL, José. “Abrir o corpo”. In: *Lygia Clark – da obra ao acontecimento: Somos o molde*. São Paulo: Ed. Pinacoteca, 2005, p. 63-66.
- GOLDBERG, RoseLee. *Performance Art. From futurism to the present*. London: Themes and Hudson, 2014.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Corpo e Forma*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1998.
- HUBERMAN, Georges Didi. *O que vemos, o que nos olha*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 1998.
- RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível – estética e política*. São Paulo: Ed. 34, 2005.
- RANCIÈRE, Jacques. *Políticas da escrita*. São Paulo: Ed. 34, 1995.
- SERRES, Michel. *Variações sobre o corpo*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2004.
- NANCY, Jean-Luc. *Corpus*. Paris: Métailié, 2000.
- NANCY, Jean-Luc. *El Intruso*. Trad. Margarita Martínez. Buenos Aires: Amorrortu, 2007.
- ROLNIK, S. “Uma terapêutica para tempos desprovidos de poesia”. In: *Lygia Clark – da obra ao acontecimento: Somos o molde*. São Paulo: Ed. Pinacoteca, 2005 pp. 13-27.
- VIDAL, Eduardo. “Uma letra que não se lê”. In: *A prática da Letra*. Rio de Janeiro: Escola Letra Freudiana, 2000, p.25-30.

31 de julho 8h30

A ESCRITA COMO ATO Lia Duarte Mota (UFJF)

Resumo: A proposta deste trabalho é desenvolver uma reflexão sobre as escritas performáticas a partir de duas linhas, não opostas, mas complementares: o que significa dizer que a literatura é também uma forma de produção de pensamento, de compreender o mundo e o outro, e como esse olhar pode permear os textos ditos “críticos” ou “teóricos”, como pode, de fato, transformar os textos que são produzidos nos espaços destinados aos estudos da literatura. Em ambos os casos o que parece estar em jogo – ou, seria mais preciso dizer, o que interessa nesta discussão – é como essa escrita pode interferir no mundo, agir, provocar alterações no espaço em que age, ser combativa. Em ambos os casos, há um corpo, presente, ativo. Em diversos textos em que Jacques Rancière discute a política da arte, ele esclarece que a arte possui uma política própria, que concorre com a disciplina política e que é anterior à vontade dos artistas. Assim, segundo Rancière, a arte não produz conhecimento para a política, mas sim dissensos, uma experiência específica, fruto do engendramento entre o visível e o não visível, o dizível e o não dizível. O que vale ressaltar é que a

tensão imposta não se resolve, ela é parte do espaço sensível comum. Já em relação à escrita, Rancière afirma: “O conceito de escrita é político porque é o conceito de um ato sujeito a um desdobramento e a uma disjunção essenciais. Escrever é o ato que, aparentemente, não pode ser realizado sem significar, ao mesmo tempo, aquilo que realiza: uma relação da mão que traça linhas ou signos com o corpo que ela prolonga; desse corpo com a alma que o anima e com os outros corpos com os quais ele forma uma comunidade; dessa comunidade com a sua própria alma”. (RANCIÈRE, 2017, p. 7) Trata-se, portanto, de pensar como esses corpos estão imbricados na escrita, partes de um ato que se dá no indecível da política da arte. A literatura, portanto, envolve o corpo e não deve falar especificamente sobre situações políticas para ser política, não deve falar especificamente sobre a existência ou a construção/ ocupação humana do mundo para ser considerada pensamento. A escrita é política ao embaralhar gêneros, discursos, assuntos, línguas, lugares. Desse modo, pretende-se, a partir de trabalhos artísticos selecionados, discutir os atos possíveis da escrita performática, relacionada a um corpo, tendo como pano de fundo o pensamento sobre a arte formulado por Jacques Rancière.

Palavras-chave: Escrita; Arte; Política; Corpo.

MEMÓRIAS DES.AUTORIZADAS - AUTOFRICÇÕES

Matheus Marques da Cunha Carvalho (PUC-Rio)

Resumo: A partir do estudo da materialidade discursiva de pichações textuais urbanas no Rio de Janeiro, procura-se investigar como estas escrituras inscrevem-se em um corpo autoral e poético. De tal forma, tais intervenções são lidas como vestígios da ação performática de corpos em dissenso disputando um espaço de fala, um modo de existência. Os experimentos deste processo vem resultando em autofricções - fragmentos narrativos em tom memorialístico, (des)articulando existência, pertencimento e afirmação.

Palavras-chave: Pichação; Narrativa; Corpo; Memória

A ESCRITA PERFORMÁTICA EM "A ARTE DE PRODUZIR EFEITO SEM CAUSA"

Graziela Ramos Paes (UFJF)

Resumo: Os personagens das narrativas de Lourenço Mutarelli vivem crises nas quais, em meio à rotina sufocante, perpassam por suas vidas acontecimentos capazes de causar transtorno. Os romances do autor nos conduzem a este insólito mundo ligado a sonhos, crenças e superstições, convidando-nos a entrar na narrativa e acompanhar a intimidade de cada um dos personagens. É importante destacar que essa intimidade está sempre em diálogo com a realidade social, econômica e afetiva do sujeito: as dificuldades financeiras, os apelos consumistas, os problemas com o trabalho, a falta de comunicação entre as pessoas, as crises familiares e amorosas, etc. A partir dessas características da prosa mutarelliana, discutirei sobre como se dá a escrita performática no romance A Arte de produzir efeito sem causa (2008), lançando mão de considerações sobre o realismo performático, ideia presente em Karl Erik Schøllhammer (2009), e a noção de arquivo e repertório, contida nos estudos de Diana Taylor (2013).

Palavras-chave: Lourenço Mutarelli; Escrita performática; Insólito

ARTE E VIDA: LENDO LYGIA CLARK E CADERNOS PESSOAIS OU DE BICHOS E DOBRADIÇAS

Ana Tereza Milanez de Lossio e Seiblit (PUC-Rio)

Resumo: ARTE E VIDA: LENDO LYGIA CLARK E CADERNOS PESSOAIS ou DE BICHOS E DOBRADIÇAS Tereza Seiblit Este trabalho busca um diálogo instigante entre escritas já institucionalizadas como artísticas e escritas pessoais inéditas, que se propõem como investigação intelectual através de exercício de crítico-investigativo. Minha perspectiva de trinta anos trabalhando como atriz entra como material a ser entrecruzado. O corpo do ator se faz escrita, traz ações e paixões da profundidade para a superfície, dos órgãos para a face. Considero tarefa e desafio constante do ator procurar resolver o drama na tensão do paradoxo, equivalente à linguagem do humor. Trechos de

Waly Salomão e Lygia Clark serão utilizados numa costura com trechos de arquivos pessoais onde a questão vida/arte me parecem imbricadas. Lendo meus cadernos em contraponto ao olhar teatral de Waly e à construção perturbadora dos objetos articulados de Lygia, refiro-me ao humor como a qualidade de um bicho que surpreende o sentido esperado, que sinaliza para um lado mas vai para o outro. A partir da leitura do texto “Os Bichos” de Lygia Clark podemos perceber semelhanças entre o ator e o conceito dessa obra. Uma delas é a necessidade da interação para que o Bicho exista. Dessa interação do ator/bicho com o espectador, os dois saem modificados. Lygia diz: “É impossível entre nós e o Bicho uma atitude de passividade, nem de nossa parte nem da dele”. O que acontece com o Bicho tem a ver com aquele espaço de tensão/relação entre ator e personagem? O Bicho estaria também avizinjado a um infra-ator. Quebrando a palavra, infra-ator, podemos imaginar um ator que estaria por dentro do ator, anterior ao ator, como o prefixo infra sugere. O infra-ator expõe situações efêmeras, impalpáveis, invisíveis, mas que estão ali. Sua atuação deve provocar uma quebra de sentido. Essas fraturas pretendem fissuras na ordem vigente, pretendem trazer perspectivas outras, espaços para respirar, para liberar vida. Essas fraturas poderão ser amalgamadas de maneira torta, com enviezamentos, calosidades produzindo novas existências. O infrator deve ter um olhar não domesticado e precisa de dobradiças eficientes como os Bichos de Lygia. Como não domesticar o olhar? Que tipo de escrita produz um olhar arisco, atento, um olhar-bicho?

Palavras-chave: arte/vida; arquivo pessoal; colagem; performance

31 de julho

14h30

A HIBRIDEZ DA DESCENTRALIZAÇÃO NAS REDES DE MARIA, EM LA ORDEM SECRETA DE LOS ORNITORRINCOS

Isabel Jasinski (UFPR)

Resumo: As redes do literário estão relacionadas às obras e autores, às linguagens artísticas, aos meios de reconhecimento e circulação formados pela pesquisa, pela crítica, pelas editoras, feiras e prêmios. Se constituem como criação do contemporâneo enquanto expressão ficcional das experiências de significância, que se desenvolvem em espaços descentralizados para muitos artistas latino-americanos. Muitas vezes recorrem às redes sociais, que permitem a liberdade de conexão e a visibilidade de ações; também buscam a ocupação de espaços não oficiais, abrindo as fronteiras nacionais, de língua e linguagens. Quando considerados os processos de mobilidade de escritores na atualidade, nessa perspectiva, a reflexão sobre a literatura não pode estar desvinculada das redes do literário. Em parte, essa literatura repercute o fenômeno da migração generalizada, que coloca pessoas em comunidades onde muitas línguas são faladas, como analisa J. Hillis Miller (2012). A dinâmica dessa experiência contemporânea é complexa, obedecendo a razões políticas, econômicas e culturais, relacionadas à globalização, que impulsionam seu nomadismo. A expressão artística da mobilidade, nesse contexto, se manifesta como hibridez de linguagem, imagens e meios, entendida como uma “escrita nômade”, em que a palavra se torna prótese do corpo como modo de intervenção no real. Com isso, a literatura atual busca promover a disseminação de paradigmas de valor e julgamento em multiplicidades de referências, que propõem uma nova política da sensibilidade (RANCIÈRE, 2005). Nesse sentido, ela se constitui como expressão ficcional da significância (NANCY, 2003). Essa discussão faz parte do projeto de pesquisa “Américas transitivas: redes ficcionais do literário”, que se propõe a pensar como as redes de relação e significância produzem zonas onde as leis, o valor e o cânone da literatura são reconfigurados pela pirataria, pelos blogs, pelas pequenas casas editoriais e revistas literárias autônomas na América Latina. O foco é a experiência do contemporâneo em autores que vivem o trânsito em vários sentidos, é o caso de Maria Alzira Brum, escritora brasileira que publica em espanhol e português, intensamente focada nas ações sociais da sua arte, em países como o México e o Peru, nas performances, nas

redes sociais e nas edições independentes da sua obra. O objetivo deste trabalho é refletir como a autora expressa essa hibridez na obra *La orden secreta de los ornitorrincos* (2014), como efeito de conexões que jogam fora do previsível. A obra está relacionada à desconexão da personagem M. que se desdobra em múltiplas versões de si mesma, recorrendo a um processo narrativo de dissimulação e opacidade. Ao jogar com referências fakes e fragmentos de outras narrativas, linguagens e meios, como o cinema ou a TV, cria deliberadamente uma escrita mercenária como possibilidade de dissenso.

Palavras-chave: Redes do literário; escrita nômade; Maria A. Brum

O REALISMO DE CHIMAMANDA ADICHIE E A LITERATURA DECOLONIAL

Carolina Fabiano de Carvalho (UFRJ)

Resumo: Em 2012, durante conferência na Commonwealth Foundation, a autora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie disse: “lemos, não para ver como outras pessoas são como nós, mas para vê-las, simplesmente; para vê-las de verdade”. Seu texto intitulava-se “Para instruir e deleitar: uma defesa da literatura realista”; nele, Adichie fez uma emocionante apologia à literatura como fonte de prazer e conhecimento, mas também de empatia, de cultura, de sensibilidade. Seu realismo, bem exemplificado nos contos de *No seu pescoço* (Cia. das Letras, 2017), segue esta tendência: trata-se de pequenas incursões no cotidiano e na intimidade de diversas mulheres africanas, unidas, porém, por sua marginalidade ao seu entorno: mulheres pobres, traídas, migrantes, escritoras, lésbicas. A força do realismo de Adichie desponta no que Nicholas Mirzoeff sugere como “o realismo da contravisualidade”: aquele que procura subverter permanentemente as condições de existência. Em “O direito a olhar”, o autor norte-americano partirá de teorias visuais para reivindicar aos excluídos o direito à existência, ao real. Este trabalho pensa, a partir da leitura cerrada dos contos de Adichie, textos de Achille Mbembe, Elizabeth Povinelli e Aghogho Akpome, a o decolonial na literatura e suas consequências para a Teoria Literária do século XXI.

Palavras-chave: Chimamanda Adichie; decolonial; realismo

PERFORMANCE NARRATIVA EM AMADA, DE TONI MORRISON

Beatriz Castanheira (PUC-Rio)

Resumo: Este trabalho é parte da reflexão que venho desenvolvendo na minha pesquisa de tese de doutorado em Literatura, Cultura e Contemporaneidade, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Aqui apresento uma leitura preliminar do livro *Amada* da escritora Toni Morrison, traduzido no Brasil em 2007 por José Rubens Siqueira. A leitura se desenvolve a partir da presença exacerbada da morte no livro e dos efeitos em torno desse motivo, o que se vincula às estratégias performativas do modo de narrar. O trabalho reflete sobre o devir xamânico da narrativa em *Amada* através de seu caráter performativo pela estreita ligação com um fazer e pela implicação de corpo envolvida na narração que, ao mesmo tempo em que é enunciada, deseja provocar efeitos. Tais efeitos envolvem movimentos que podem ser pensados a partir da permeabilidade do conceito de acontecimento em termos deleuzianos e de uma noção crucial para o perspectivismo, a quasidade, tal como é apresentada pela imaginação conceitual ameríndia. Em *Amada*, como não se trata da exposição ilustrativa e romanceada da escravidão ou da reflexão crítico-teórica de suas consequências nefastas, a experiência de contato com esse mundo adquire força na escavação dos limiares da escrita. Um deles, a potência inventiva de um ponto de vista relacionado à produção de pensamento e de sensibilidades que a arte mobiliza de modos distintos e que, em *Amada*, acontecem juntas no corpo. Sugere-se aqui: pensar um morrer no livro de Morrison pelo ponto de vista da composição da escrita ficcional é encarar o desafio de responder à atmosfera xamânica a partir do registro de um mundo vegetal cravado nas costas da protagonista Sethe: mulher, negra, vítima de açoites, abuso moral e violência sexual. Em *Amada*, tal ponto de vista carrega uma força interessante para pensar a noção de quase acontecimento extrapolando o movimento restrito ao próprio corpo para a ação de múltiplas vidas simultâneas. O contato com esse mundo

majoritariamente escravizado se dá mantendo o mundo vegetal à vista a partir de um bloco de tremor. É importante o abalo da narração tornando permeáveis vida e morte. Um abalo que faz ranger o pensamento e nos arrasta para uma aridez rarefeita, diante da visão de uma árvore cravada no corpo da mulher negra, uma cicatriz que fala. E o fato fundamental ali é o de que a pele deformada pelo açoite se metamorfoseia no organismo vivo de uma multidão que lutou séculos contra essa energia mortal e continua lutando contra a exploração branca determinante de uma marginalidade ainda presente. Por isso, esse quase acontecimento insiste no organismo vivo da multidão negra em Amada e é aí que está a sua riqueza, nesse modo de existência da morte com o qual se pode experimentar a radical mobilidade de perspectivas.

Palavras-chave: Performance narrativa; Toni Morrison; Amada

CORPOS QUE (SE) ESCRREVEM EM "LA SED", DE PAULA BONET

Leticia Pilger da Silva (UFPR)

Resumo: “La Sed”, de Paula Bonet, é um livro ilustrado e/ou uma exposição que narra(m), por meio de imagens e palavras, a história de duas mulheres, Lupe e Monique, que enfrentam “terremotos”, literal e metaforicamente, e que, através dos tremores sísmicos da solo e da vida, riscam e (se) deixam escrever na epiderme do papel de seus corpos, que são riscados, escritos, pintados, tocados, esboçados, tatuados por si, pelos outros corpos de papel, pelo autor-tatuador – ecoando a ideia de Sarduy de que a literatura é uma arte da tatuagem, cuja inscrição fere e rasga – e também pelos corpos que tocam sua pele e viram as suas páginas, caminham e olham as paredes da galeria e constroem significados dos seus rostos-corpos que são comunicabilidade e performance humano no espaço e no tempo. Do movimento dos corpos e da vida dessas duas personagens, junto da potência da efabulação e do jogo realidade-ficção, uma terceira mulher, Teresa, (se) escreve metafictionalmente e conta o processo de construção de seu corpo e de sua voz, dos tremores de ambos, da sua (quase) destruição pela via do suicídio e, finalmente, de uma reconstrução pela sua sede de viver e pela quebra do controle sobre o corpo da(s) mulher(es). Assim como seu corpo, a voz de Teresa é também movimento, pois é construída por citações – que, como disse Benjamin, são palavras colocadas em movimento, como que ecos em corpos outros – de várias artistas denominadas por Bonet de “despertadoras”, pois lhe despertam a sede de viver: como Clarice Lispector, Anne Sexton, Virginia Wolf, Camille Claudel, , Sylvia Plath, Sara Herrera Peralta e Siri Hustvedt. Esses corpos e essas vozes formam uma equivocidade de vozes de mulheres, que incorporam e performam o texto-vida que, na parede de sua exposição na Galería Miscelanea, em Barcelona, Paula Bonet descreve como “[...] uma voz de mujer, de varias, muchas, todas las mujeres hablando como una sola. Y con ellas la historia oculta de las cosas, la transformación del léxico y las costumbres, la necesidad de apuntar a la mirada individual buscando la avalancha colectiva” (BONET, 2017, s/p). A avalanche coletiva de que fala Bonet é formada pelo seu gesto de autora que potencializa a imagem e a palavra da imagem-corpo, pelas vozes das “despertadoras” e pelo olhar-voz dos leitores que entrarão no jogo da leitura e (re)construirão e performarão os corpos. É Teresa quem está (se) escrevendo no livro, mas é também as outras duas personagens, as despertadoras, a autora e também as leitoras, que viram as páginas, montam e desmontam o livro para construir os corpos e as vozes ali incorporados, pelo olhar, pela voz e pelo tato. Assim, o objetivo deste trabalho é ensaiar o movimento e a (des)montagem dos corpos femininos, a função narrativa das técnicas pictóricas, as citações e a intersecção entre palavra e imagem, pensando como a arte gera pensamento e deslocamento, inscreve corpos, constrói realidades e age no tempo-espaço, tomando “La sed” como uma ficção do corpo da mulher.

Palavras-chave: Corpos; Escrita; Movimento

1 de agosto

8h30

“SENTIR A DOR DO OUTRO NO PRÓPRIO CORPO”

Aline Leal Fernandes Barbosa

Resumo: Em 1958, quando o jornalista Audálio Dantas vai até a favela do Canindé fazer uma reportagem sobre o crescimento das moradias nas margens do Rio Tietê, ouve Carolina Maria de Jesus (1914-1977) ameaçar uma mulher dizendo que iria colocá-la em seu livro. Considerando pouco usual que um livro fosse escrito por uma mulher da favela, Audálio pede para ver o que Carolina escrevia, e depara-se com cerca de 140 cadernos. A organização desse material resulta em Quarto de despejo (1960), que vendeu cerca de 100 mil exemplares no ano de seu lançamento, narrando o cotidiano duro de uma catadora de papel mulher, mãe de três filhos, negra, pobre e favelada. Na escrita de Carolina será no corpo, concebido como infraestrutura, como aquilo o que a ela resta, e que é determina pelo prazer e pela dor, e que ela oferecerá ao leitor. Será o corpo da escritora uma possibilidade de aceder à sua experiência no mundo e, por sua vez, nos situarmos em seu próprio mundo. Nessa comunicação, queremos desenvolver a ideia de uma escrita performatizada como ato de sobrevivência daqueles que transitam nas margens da sociedade. Escrita como estratégia de inscrição no mundo.

Palavras-chave: Carolina Maria de Jesus; cadernos; performance

O ARREBATAMENTO DE R.B.

Giselle Gonçalves Matos Moreira (UFMG)

Resumo: “Arrebatamento – essa palavra constitui para nós um enigma.” (Lacan, 2003, p.198) // Na passagem do seu seminário “O discurso amoroso”, realizado na École pratique des hautes études durante os anos de 1974 a 1976, para o livro “Fragmentos de um discurso amoroso” (1997), Roland Barthes faz uma operação em relação a uma figura do discurso do amante: a figura do Arrebatamento [ravisement]. Se no seminário ela ocupava um lugar destacado, fora da ordem - como a figura que origina todas as outras - quando o livro é finalmente publicado, a figura do Arrebatamento é recolocada, por Barthes, conjuntamente com as demais figuras na ordem alfabética. Caráter “brusco, irruptivo, violento, eventual, sémelfactif” (Barthes, 2007, p.68) do nascimento do amor, o arrebatamento reenvia à ideia de uma colocação brusca de uma imagem - ou voz - diante da qual o corpo do amante se encontra absolutamente tomado. O Arrebatamento - palavra quase durasiana e começo do discurso amoroso de Roland Barthes - ao ser transposto em figura por Barthes, nos transporta imediatamente à cena do baile de T. Beach, cena inicial do Arrebatamento de Lol V. Stein (1986), de Marguerite Duras. No livro de Duras, é o narrador, Jacques Hold, quem inventa uma versão sobre a noite do Cassino de T. Beach - da qual estava ausente - e desse modo, forja uma reconstrução da cena de captura, do aniquilamento, de Lol V. Stein. Se, no livro de Duras, é o narrador quem reconstrói sua cena do arrebatamento de Lol, o amante barthesiano diz, ele próprio, sobre essa imagem-situação que o arrebatou. A partir desse “distanciamento” - em que o amante expõe narrativamente seu pequeno drama - Barthes localiza, por sua vez, a operação “narrativa” em jogo. Lembremos que é desta forma que Barthes apresenta seu livro: “É pois um amante que fala e que diz”, é o corpo do amante em ação. Para ler essa figura - Arrebatamento - proponho sobrepor, o “texto Roland”, o “texto Duras” e o testemunho de Jacques Lacan em “Homenagem a Marguerite Duras pelo arrebatamento de Lol V. Stein” (2003). Nessa homenagem, Lacan dá testemunho de seu arrebatamento, como leitor, pelo texto de Duras. Arrebatado, arrebatadora, arrebatamento essa palavra - que parece resistir a uma tradução simbólica, ao nível do sentido - acaba por se fazer existir como letra que ressoa no corpo do leitor, arrebatado pela escrita de Duras. Se, para Lacan, a letra constitui o litoral entre gozo e saber, propõe-se avançar no desdobramento dessa noção de “letra”, a partir da escrita do Arrebatamento e do efeito de uma letra que ressoa sobre um corpo – (do leitor?). Em que a letra marca um litoral entre esse acontecimento de corpo – o arrebatamento - e a tentativa da reconstrução desse evento pela via significante.

Palavras-chave: Narrativa; Letra; Roland Barthes

ESTADOS DE CONEXÃO E CORPOS COLETIVO NOS ESCRITOS DE LYGIA CLARK E HELIO OITICICA

Marina Lima Mendes (PUC-Rio)

Resumo: Proponho uma comunicação que visa compartilhar sensações sobre estados de conexão e corpos coletivos em Lygia Clark e Hélio Oiticica a partir de atos de leitura – gestos de debruçamento exclusivo às escritas destes artistas sem atravessamentos da perspectiva de outros críticos. Uma forma de reagir aos textos mais do que às obras de arte. Ler os textos de Lygia, para mim, sempre foi como embarcar numa jornada de delírios e devaneios, em que me vejo sendo levada pela mão até certo ponto e lá deixada para seguir com as próprias pernas. Como uma conversa de frases poucas e enigmáticas, sinuosa feito fumaça de cigarro. Lygia desorganiza os estatutos: os sonhos infiltram os textos nem sempre anunciados. Não há dívida quanto a qualquer tipo de explicação científica ou necessidade de ser fidedigna. Uma trilha que acaba de repente no meio do nada: não há o toque, o direcionamento e sim uma voz ressoando. Mas ela está lá, ou aqui, e estamos conectadas. Lygia não resolve a experiência para o outro, ela convida a indefinições, lugares onde os limites arbitrários dos espaços estão desmarcados, diluídos. Por isso os movimentos de expansão e sobreposição parecem não ter fim: ali estão contidos todos os mundos de que se sabe e os de que não se sabe mas se imagina e sente que há. Com Hélio, sinto os percursos mais delimitados, cheio de placas e direções. São bastantes nomes próprios e marcações de relações entre conceitos, que às vezes até se confundem. Não que Hélio nos imponha limites ou premissas sobre como colocar o corpo pra jogo. Não existe intenção de condicionamento por resultados específicos. Pelo contrário: ele nos diz querer o caos, a liberdade. Sua proposições só poderiam ser, nas palavras dele, totalmente anárquicas justamente pelo grau máximo de liberdade que está implícito ali. Hélio nos fala a partir de uma posição experimental em que há, assim como com Lygia, uma procura de outro espaço, outro tempo. A proposta é que, a partir de experiências como estas - de caos, cosmos e diferentes estados de conexão - se torna possível repensar a ideia de presença para reinventar modos de existir e formas de se estar junto.

Palavras-chave: Estados de Conexão, Lygia Clark, Helio Oiticica

1 de agosto

14h30

APARIÇÃO E DESAPARIÇÃO: TENSIONAMENTOS ENTRE AUTOR E PERSONAGEM A PARTIR DE SOPHIE CALLE

André Vecchi Torres (PUC-Rio)

Resumo: Uma das narrativas que compõe o livro de contos Exploradores do abismo, do escritor espanhol Enrique Vila-Matas (1948-), intitula-se Porque ela não pediu isso. A historieta está dividida em três partes, compondo uma trama sofisticada entre relato e ficção, em que Sophie Calle (1953-), artista visual contemporânea francesa, aparece, junto ao autor, como personagens centrais. A artista francesa cabe perfeitamente na história justamente por se valer de estruturas da narratividade literária em seus trabalhos, alternando o papel de personagem com o de narradora, transformando, nesses casos, o outro em personagem, friccionando a relação entre autor e personagem. Sophie Calle, além de ser uma pessoa física, um indivíduo, é também uma figura pública, uma artista. Seu estar no mundo é atravessado por ambas instâncias que se entrelaçam. Seu trabalho como artista parte, de algum modo, de uma dimensão subjetiva, formada e formadora da sua visão de mundo e suas experiências. Contudo, sua figura pública não é constituída só pelo seu trabalho como artista, ela também se faz edificar pelos outros que a narram, seja no sentido da própria narrativa da arte, composta por escritos de historiadores, críticos, curadores e demais pesquisadores do campo das artes a partir de seu trabalho visual, seja a partir do seu aparecimento na literatura ficcional, como referencial direto, no caso de Enrique Vila-Matas, ou como rastro, para Paul Auster e Hervé Guibert. Sua figura pública não se desliga da figura íntima, mas o contrário não seria igualmente válido? A intimidade, a subjetividade da artista não se constrói também pelo seu colocar-se em público?

Posicionando a questão de outra maneira, nos perguntaríamos: Sophie se torna personagem pelo outro, aqueles que a narram, ou ela se constrói enquanto tal? A Sophie Calle artista contemporânea francesa é uma personagem da Sophie Calle indivíduo? Ou a Sophie Calle indivíduo é personagem da Sophie Calle artista contemporânea? Nessa construção, nesse se dar a ver presente na performatividade de seus trabalhos, ela não estaria também moldando o outro, aquele que a narra, pois os outros autores que dela se valem como tema o fazem apenas a partir daquilo que ela estipulou para si, enquanto personagem? Nesse caso o trabalho dos outros autores, e principalmente dos escritores de ficção, não seria uma consequência da própria construção de Sophie como personagem- autora? Ao colocar-se no mundo como artista, consequência de seu trabalho, Sophie não seria o personagem, o elemento significativo, que dá sentido ao seu processo? O interesse, nessa proposta de comunicação, repousa na intrincada rede de relações de criação de subjetividade a partir do entrelaçamento das figuras do autor, do narrador e da personagem na produção contemporânea de artes visuais em sua imbricada relação com a literatura. Partindo do conto de Vila-Matas busca-se compreender onde a performatividade de si pode levar a um desaparecimento do autor em prol da aparição de um personagem que remete a esse autor, criando um jogo infinito, um “mise en abyme” de sujeitos, tornando ainda mais opacas essas funções e as relações entre real e ficção.

Palavras-chave: arte contemporânea; literatura; autor; personagem

A TORÇÃO COMO UM ESPAÇO DE DESLOCAMENTO E INVENÇÃO DE CORPOS

Raissa De Góes Rapozo (PUC-Rio)

Resumo: “Esse horrível interior-exterior que é o espaço.” Henri-Michaux. “O homem é o ser entreaberto.” Gaston Bachelard A proposta desta comunicação é construir uma reflexão sobre a noção de torção, com ênfase nos modos como esta pode funcionar como um operador crítico, teórico e artístico capaz de deslocar formas tradicionais de compreender oposições como dentro/fora, interior/exterior. Toma como intercessores a artista Lygia Clark, com atenção especial ao seu trabalho Caminhando e alguns de seus textos; e o filósofo Jean-Luc Nancy, e sua noção de “intruso” e estrangeiro. O filósofo francês em escritos como O intruso e a coletânea de ensaios Corpo, fora, organizada e traduzida pela também filósofa Marcia Schuback, elabora o conceito de dentro e fora como lados que não se excluem, mas coabitam o mesmo espaço. Essa ideia se pode perceber claramente na torção da fita de moebius, material do trabalho de Lygia Clark. Essa torção promove a concomitância dos corpos, dribla a ciência aprendida nas escolas, derrubando a ideia de que dois corpos não podem ocupar o mesmo lugar ao mesmo tempo. Sim eles podem. O eu e o outro, o dentro e o fora. O corpo e seu intruso. O estrangeiro no corpo, o que se introduz e produz um fora no dentro, mesmo que ele, o estrangeiro, já estivesse lá, cria um outro corpo. Ou talvez seja esse encontro, essa dinâmica que crie esse corpo. A criação, estaria, portanto, no ato. Uma perturbação na intimidade, como escreve Nancy. Essa perturbação é constante e nos interessa para pensar o corpo e a escrita. Esse movimento incessante, não se trata de um gesto que se esvai, é um contínuo, faz o intruso permanecer como estrangeiro, ser ejetado e se introduzir ao mesmo tempo; segue caminhando pela torção da superfície da fita de moebius. Esse jogo não tem fim, o corpo mesmo e o outro se torcem, se ocupam, se ejetam. Há, aqui, uma erótica desse deslocamento. Gostaríamos de refletir sobre essa erótica, a partir desse deslocamento ou torção, entender o seu procedimento, desse roçar e torcer, que acontece no corpo e na escrita. Tanto no caso dos textos/proposições de Lygia, quanto em Nancy.

Palavras-chave: escrita; arte; dentro/fora; corpo; espaço

INTOXICAÇÃO VOLUNTÁRIA E PRODUÇÃO DE PENSAMENTO

Luiz Guilherme Fonseca (PUC-Rio)

Resumo: Em “Testo Yonqui – Sexo, drogas y biopolítica” (2014), o filósofo Paul B. Preciado diagnostica no segundo pós-guerra a emergência de um novo regime de poder. O poder não atuaria

mais de fora, de cima, mas por dentro. Se em Foucault o biopoder se caracterizava por instituições exoesqueléticas de produção da subjetividade, e em Deleuze a característica fundamental do que ele chamou de sociedade de controle era a substituição da disciplina pela vigilância, Preciado identifica o deslocamento para uma manifestação imanente do poder: fluxo de fármacos legais e ilegais na nossa corrente sanguínea, circulação de hormônios endógenos e exógenos, cirurgias estéticas, cirurgias reparadoras ou emergenciais, próteses e demais dispositivos que normatizam os corpos e permitem que eles funcionem ou mantenham-se vivos. No mesmo livro, atravessando os textos teóricos que dão conta da emergência desse novo regime de poder, Preciado nos apresenta o diário de um meticuloso protocolo de auto-intoxicação com testosterona em gel. Se o humano, e com ele o gênero, o sexo e o corpo, é uma construção tecno-cultural sofisticada, a auto-administração de testosterona em gel adquirida através de meios ilegais, sem acompanhamento médico e fora de um protocolo de mudança sexual é a produção de uma contra-ficção somatopolítica que não apenas evidencia o caráter absolutamente moldável das características humanas mais enraizadamente consideradas como naturais, como também abre brechas para construções políticas dissidentes. No clássico texto “A Literatura e a vida”, Deleuze nos fala de certa produção literária, nomeadamente a de Kafka e de autores norte-americanos, como produtora de criação sintática (ser estrangeiro na própria língua ou criar uma língua estrangeira) e enunciação coletiva de um povo menor (ou de um povo por vir). Ao fazer do corpo essa plataforma de experimentação política, ao pensá-lo como uma ficção passível de construção e reconstrução não apenas identitária, estética, muscular, mas ética e inclusive molecular, Preciado está criando uma nova sintaxe corporal, uma sintaxe que incorpora todos os estrangeiros históricos por excelência, a saber, os povos não-brancos, precarizados e subalternizados por todos os sistemas políticos que nos atravessaram e continuam atravessando. Mais do que isso: praticar a auto-intoxicação de gel de testosterona e manter um meticuloso diário sobre isso é criar a enunciação coletiva de um povo menor, um povo ainda por vir, escrever por esse povo (e já nos adiantou Deleuze: “por” significa “em intenção de” e não “em lugar de”), um corpo ainda por vir. Dessa forma, essa comunicação ambiciona investigar a experimentação consigo mesmo (intoxicação com testosterona) e as escritas de si (o meticuloso diário/ registro dessa experiência) como produtoras de uma subjetividade dissidente, levando em consideração as consequências políticas dessas práticas.

Palavras-chave: intoxicação; escrita; corpo; experimentação

CARTA-CORPO: A ESCRITA DE CLARICE LISPECTOR EM PERFORMANCE

Leyliane Gomes da Silva (UFRJ)

Resumo: Embora seja uma escritora imensamente pesquisada nas universidades tanto nacional quanto internacionalmente e seja conhecida do grande público por supostas frases de efeito ditas ou escritas que circulam, sobretudo, em redes sociais, Clarice Lispector ainda se mantém sob um véu de mistério e contrariedades. Mulher, pode-se dizer, de diferentes performances – romancista, contista, cronista, escritora de pequenos e grandes, conselheira de mulheres, entrevistadora, mãe, filha, irmã, esposa – Clarice escreveu diferentes narrativas de si e dos outros. No entanto, é sobre uma performance específica que este trabalho objetiva se debruçar: a escrita de cartas feitas por Clarice quando morou (ou viveu?), por um longo tempo, no exterior para acompanhar seu marido, Maury Gurgel Valente, em função da carreira de diplomata. A primeira pergunta que salta é: seriam estas cartas ficção? Se sim, como definir um narrador, categoria ficcional, visto que é Clarice se remetendo às irmãs, aos amigos para contar-lhes seus dias mais rotineiros e íntimos? Que corpo é esse, não dos romances ou dos contos, mas de textos que Clarice endereça, que Clarice, ao escrever, diz e, ao ler, é dita como quando, em uma das cartas, seu destinatário Lêdo Ivo lhe responde, ao final, “Escreva mais romances, talvez seja mais real nos livros.” (LISPECTOR, 2002)? Ou quando a própria Clarice, em carta a seu amigo Lúcio Cardoso, diz-lhe, exasperada, “Deus meu. Se a gente não se guarda como nos roubam.” (LISPECTOR, 2002)? Ao mesmo tempo que reclama uma reserva, Lispector expõe, também em carta a Lúcio, um ato falho “Se eu tivesse lendo então Proust alguém pensaria num lustre proustiano (meu Deus, ia escrevendo proustituto!)” (LISPECTOR, 2002). É nas

cartas que Clarice, ao desejar se guardar, revela-se, ainda que a sua revelia. Em mais uma carta, dessa vez a uma das irmãs, Tania Kaufmann, Clarice despede-se dizendo “Dê um beijo para Márcia e me abraçe, que no abraço mais do que em palavras, as pessoas se gostam” (LISPECTOR, 2002). Diante de tantas perguntas e de tantos indícios, este trabalho traça uma direção ao tentar elaborar não um possível descortinar ou uma possível revelação de uma autora, conhecida por ser misteriosa e difícil, através de seus relatos quase diários, mas o quanto, pode-se dizer, da carta-corpo é possível pensar a escrita da ficção clariceana na medida em que aquilo que, a priori, seria uma escrita da realidade, também pode ser pensada como ficção, tornando-se chave de leitura, então, das, canonicamente, chamadas ficções de Clarice.

Palavras-chave: Escrita; Clarice Lispector; Ficção; Real; Corpo

2 de agosto

8h30

A FORMA DO TEMPO, UMA ESCRITA

Adriana Maciel (PUC-Rio)

Resumo: Escrever é compor textos, tecer, organizar tramas. É possível pensar a escrita em diferentes linguagens, para além daquilo que habitualmente reconhecemos como textual, como literário. Em cada linguagem específica, um texto se produz na organização de seus sistemas, é a isso que chamamos aqui de escrita ampliada. Cada texto é tramado no vocabulário particular de sua linguagem. Os sons escrevem, assim como as imagens. Os corpos produzem um tecido espesso de significados ao ocuparem espaços de modo performático, ou seja, colocando-se em ação e estendendo seus limites. Se a escrita tradicionalmente organiza pensamentos e ideias de forma linear e sequencial, a escrita performática possibilita a expressão simultânea de ideias. Ela não é apenas um estatuto do literário, a literatura é uma das suas possibilidades de entre as várias que nos atravessam cotidianamente. A escrita, em sua linearidade, reafirma a consciência histórica. Escrever é selecionar, ordenar, e nesse movimento de seleção e ordenação, muito se exclui. Toda narrativa é uma maneira de lidar com o tempo e com o espaço, é interpretação desta temporalidade, é duração que delimita espaço. Imagens e sons e ainda a imensa possibilidade de hibridismos que a tecnologia vem proporcionando, produzem escritas que exigem outras formas de recepção, uma nova leitura. Escritas que pedem uma simultaneidade na percepção e que desafiam os critérios até aqui estabelecidos.

Palavras-chave: escrita, performance, tempo, narrativa

ESCRITA E PERFORMANCE NAS "PARTITURAS DE EVENTO"

Hermano Arraes Callou (UFRJ)

Resumo: Esta comunicação pretende discutir a relação entre escrita e performance no conjunto de proposições artísticas que na cena das artes experimentais dos anos 1960 ficou conhecido como partituras de eventos (event scores). As partituras de eventos surgiram como resposta ao impacto da obra de John Cage entre músicos, poetas e artistas visuais, em particular entre os seus alunos de Composição Experimental na New School for Social Research e no ciclo de artistas ao redor da influente publicação *Anthology of Chance Operations* de 1961. Em um contexto em que assistia à formação do que poderíamos chamar de música expandida, as partituras de eventos surgiram como um questionamento do quadro institucional da música ocidental, em particular da relação entre composição e performance, da definição de música encarnada na linguagem notacional e em sua codificação nas escalas e intervalos ocidentais e, sobretudo, no próprio estatuto da partitura, que passa a ganhar um caráter autônomo em relação à performance. Inspirados possivelmente na ideia cageana de que compor era, antes de tudo, o ato político de oferecer instruções para performers, determinando ou indeterminando a sua ação, artistas como os músicos de vanguarda George Brecht e La Monte Young, o poeta Jackson Mac-Low e os artistas plásticos Goerge Maciunas, Yoko Ono,

entre outros, produziram uma série pequenas instruções verbais, frequentemente em forma de cartões, que prescreviam ações – sonoras ou não – de grande força poética ou de desconcertante simplicidade, a serem atualizadas em contextos performáticos variados : VOICE PIECE FOR SOPRANO Scream. 1. Against the wind. 2. Against the wall 3. Against the sky 1961, Yoko Ono Composition 1960 #10 Draw a straight line and follow it 1960, La Monte Young Indeterminado quanto a seu medium artístico, este pequeno conjunto de textos curtos e lacônicos promovem novas repartições entre o verbal, o visual, o musical e o performático, ao mesmo tempo que promovem uma investigação sobre as relações entre escrita e acontecimento. As relações entre o texto escrito e a performance se mostram, na verdade, bastante diversas no corpus das partituras de eventos, reivindicando ao mesmo tempo a autonomia e a heteronomia do texto. Esta comunicação parte da ideia de que podemos encontrar na partitura de eventos a genealogia de várias práticas artísticas contemporâneas, como os Fluxus Films, a task-oriented dance, a arte conceitual e a performance, se tornando um território privilegiado para entender a formação das categorias estéticas do presente. A hipótese que guiará esta apresentação é a de o que se encontra em gestação na experimentação com partituras verbais é o evanescimento da oposição entre artes do tempo e artes do espaço, na qual a música, arte duracional por excelência, passa a servir como modelo para artes que passam a tomar as noções de processo e de duração como suas categorias privilegiadas.

Palavras-chave: Partitura de eventos;música expandida; performance

JAMES JOYCE E A MÚSICA: HARMONIA, EPIFANIAS E PRODUÇÃO DE SENTIDO NO FINNEGANS WAKE

Vicente Pithan Burzlaff (UFRJ)

Resumo: O trabalho proposto integra uma pesquisa mais ampla no âmbito do programa de mestrado do HCTE/UFRJ articulando o Finnegans Wake com avanços e rupturas em diversos campos da ciência e do conhecimento entre as décadas de 1940 e 1970. Esta comunicação, em específico, se dispõe a explorar algumas hipóteses de como a música se manifesta e articula a produção de sentido junto ao leitor do Finnegans Wake. A música é parte integrante da estética joyciana desde seus primeiros escritos como a coleção de poemas “Música de Câmara” (1907) para, no Finnegans Wake (1939), converter-se em elemento estruturante da narrativa. Partindo da hipótese de que o último livro de Joyce seria “um sonho do qual se ri”, começamos articulando esses dois pilares, o riso e o onírico, para explorar artifícios musicais dos quais Joyce lançou mão na escrita do Finnegans Wake, como dissonâncias implícitas nas iniciais do personagem principal Humphrey Chimpden Earwicker, (HCE - Si, Dó, Mi) ,leitmotifs que acompanham os personagens ao longo da obra, anotações à margem do texto feita por um dos personagens associando a passagem do tempo a motivos musicais (BC/AD – antes de cristo, depois de cristo, si, dó, lá, ré) e elementos do enredo que remetem a sequências de dissonâncias da ópera Tristão e Isolda de Richard Wagner. Para fins de pesquisa, criamos a hipótese de que a produção de sentido no Finnegans Wake ocorre como ressonância harmônica de um elemento fundamental deliberadamente ocultado pelo autor, possivelmente o ocultamento sugerido por Anthony Burgess entre a dissonância de HCE com a partícula SEC de inSEct, mas em assonância com inCESt. Segundo Burgess, em tradução livre:”O herói de Joyce, HCE, pode ser transposto como tema musical, com o H sendo Si natural na escala germânica. O SEC de “insect” seria, também em alemão, Mi bemol, Mi natural e Dó. Os dois temas de três notas combinam em harmonia perfeita. CES não caberia ali (Earthly Powers, p. 201).Humphrey Chimpden Earwicker aparece diversas vezes ao longo da obra sob a alcunha de Persse O'Reilly (Pierce Oreille em francês, fura-orelha em português). Ambos os nomes remetendo a earwig em inglês, um inseto da ordem dos dermapteros, mas também uma expressão que qualifica uma melodia insidiosa que “gruda” na cabeça e que não somos capazes de esquecer. Como referência teórica musical, utilizamos a “Harmonia” de Arnold Schoenberg, que representa um ponto de viragem importante na música erudita ocidental com a transição do tonalismo para o dodecafonismo, e a hipótese proposta pelo maestro Arthur Nestrovsky de que a produção de sentido musical no Finnegans Wake ocorra por meio de “clusters etimológicos” sugeridos mediante paronomásia. Por fim, será proposta uma articulação entre os conceitos de “epifania” joyciana, o

“insight” freudiano e o raciocínio abduutivo conforme exposto pelo semiótico Charles Sanders Peirce.

Palavras-chave: James Joyce; *Finnegans Wake*; música; harmonia

NADA SEMPRE TEM ESTILO - A LITERATURA DE ANDY WARHOL

Tiago Leite Costa (FAMATH-RJ / PUC-Rio)

Resumo: Andy Warhol foi um dos artistas mais enigmáticos do século XX. Imediatamente associado à reviravolta estética da Pop Art, Warhol também foi uma figura influente na transformação dos costumes da década de 1960-70. Numa época de revolta contra o status quo, ele desorientou o meio artístico e intelectual pelo modo como abraçou os valores e as imagens da cultura de massa. Duas décadas depois da sua morte, ainda é difícil definir precisamente a atuação de Warhol. Apesar disso, poucos negam sua importância paradigmática na forma de se produzir, pensar e consumir arte na contemporaneidade. Este reconhecimento, porém, raramente é associado a sua escrita. Conhecemos muitas de suas máximas que estampam camisetas, ímãs de geladeira e outros suvenires de museus pelo mundo afora. Entrevistas e passagens de seus livros são utilizadas como matéria de especulação por teóricos como Arthur Danto, Hall Foster e Thomas Crow. Mas quase nunca sua literatura é considerada uma peça significativa na arquitetura da sua obra. Talvez porque seja uma produção relativamente curta, que consiste em apenas um romance, dois livros ensaísticos e um diário em dois volumes. Ainda assim, a escrita de Andy Warhol é tão rica e indecifrável quanto seus quadros, fotografias e filmes. Nela encontramos narrativas, diálogos e reflexões sobre o amor, a arte, a fama, a beleza, o tempo, o trabalho, a economia e o nada. É difícil resumir o eixo conceitual que norteia essas múltiplas impressões e temas, pois as descrições de Warhol transitam entre o frívolo e o filosófico; o banal e o abstrato; o ficcional e o biográfico. O leitor é guiado nesse labirinto pela unidade de estilo construída em torno da excêntrica figura de Warhol. Este personagem, famoso nos meios de comunicação de massa, ganha minúcias desconcertantes na sua literatura. Entramos em contato com um sujeito escorregadio, que procura despistar o leitor com observações supostamente despretensiosas, mas que se revelam como verdadeiras granadas lançadas aos fundamentos da Alta Cultura. Ao mesmo tempo, diagnósticos e prognósticos impensáveis sobre a cultura do espetáculo despontam nas entrelinhas de sua encenação niilista. A proposta dessa comunicação é refletir sobre a literatura de Andy Warhol, considerando as particularidades de sua escrita e de suas ideias acerca da arte e da cultura na segunda metade do século XX.

Palavras-chave: Andy Warhol; literatura; arte contemporânea

**2 agosto
14h30**

ESCREVER PARA EXISTIR

Fred Coelho (PUC-Rio)

Resumo: Como narrar o que falta e o que excede? Como fabular a perda de si, o limiar dos sentidos, a (in)consciência do cosmos, o esgotamento da palavra, a ruptura com a razão, a emergência de uma experiência absoluta e irredutível? Nesta comunicação pensaremos a escrita como campo de ação criadora de existências e produção de pensamentos que ampliam saberes. Através de uma leitura crítica de dispositivos narrativos (textos de Lima Barreto, Torquato Neto, Rogério Duarte e Lygia Clark) exploraremos diferentes formas de enunciação e sua força conceitual. Os textos serão ativados a partir de duas premissas: a primeira, pensar o narrador como a instância literária que produz pensamento crítico a partir de experiências radicais com a linguagem e os sentidos; a segunda, é pensar a criação de uma voz em situações-limites que deslocam a escrita para infraturas produzidas a partir de experiências radicais. Os textos propostos, em alguma medida, situam-se nesse espaço de uma escrita pensante, cujos narradores, seus dispositivos e estratégias, serão o centro de nossa conversa.

Palavras-chave: Experiência; Escritas de si; Infraturas

NOTAS SOBRE UMA ESCRITA ACÉFALA

Julia Klien (PUC-Rio)

Resumo: Acéphale é o nome da sociedade secreta de Georges Bataille, André Masson, Georges Ambrosino e Pierre Klossowski. A revista homônima, criada pelo mesmo grupo em 1936, dura apenas quatro edições e tem fim em 1937. Dirigida por Bataille e dedicada a princípio à religião, à sociologia e à filosofia, a publicação elege Nietzsche como uma espécie de patrono e o monstro acéfalo como seu "AntiDeus". Essa figura irruptiva e disforme do acéfalo constitui, para o grupo, o emblema da guerra que seus integrantes afirmam empreender contra uma humanidade domesticada, dessexualizada, apaziguada, pelo excesso de racionalidade; sintetiza, numa imagem, os gritos contra a civilização, a "vulgaridade instruída" e o pensamento reduzido à análise. Contra um sedentarismo mental, acomodado aos limites da razão, a premência de uma vida extática degola o corpo. A partir desse corpo degolado e redimensionado, passa-se a conceber uma hipertrofia tanto da sensação em detrimento da razão quanto mesmo de um pensamento que SEJA sensação ou descarga elétrica. O êxtase eletriza o pensamento, que, movido pela lógica extático-dispendiosa, se extrema no não-saber – noção pela qual Bataille passa ao longo de toda A experiência interior (1944), primeiro livro publicado com seu nome e o que abre o projeto nunca concluído da Suma ateológica. Na radicalidade poético-filosófica desse texto, e ao desviar a palavra do objetivo de exprimir uma reflexão, Bataille chega à possibilidade de uma escrita que não se movimenta senão pelo e para o excesso. Não narra a experiência [interior], nem a explica ou traduz; antes, transplanta para a linguagem sua voltagem, seu gasto inútil de energia. Não molda o caos: lubrifica suas engrenagens. Eminentemente poética e dispendiosa, a palavra devém berro ou gemido e conduz somente ao não-sentido – já que o êxtase só admite extravio. É com a proposição de Adília Lopes, para quem "O poema/ não deve ser/ raciocinado/ deve ser/ extasiado", e, sobretudo, com a afirmação de Bataille segundo a qual "O NÃO-SABER COMUNICA O ÊXTASE", que esta proposta visa a pensar. Trata-se, talvez, de auscultar e amplificar o que entendo por escrita acéfala, cujo motor é o não-saber.

Palavras-chave: Georges Bataille; não-saber; experiência interior

ANTONIN ARTAUD: POR UMA ESTÉTICA DO SUBJÉTIL

Luiz Henrique Carvalho Penido (UNIMONTES)

Resumo: Das cartas enviadas à Jacques Rivière até os últimos escritos sobre o rito do peiote entre os Tarahumaras e a censurada emissão de Pour em finir avec le jugement de Dieu, Antonin Artaud persegue uma ideia da obra que é, paradoxalmente, uma implosão dessa ideia mesma. Em um primeiro nível, por perseguir a excisão dos marcos fronteiros pretensamente separando a escrita do corpo e o corpo do gesto – postura que lhe renderá ao longo da vida grandes dissabores, em particular o exílio psiquiátrico. Em um segundo nível, resulta dessa postura arriscada uma estética do subjétil (Derrida), resistindo tanto à forma quanto ao sentido ao explorar a zona de irrepresentabilidade e incognoscibilidade das práticas artísticas, independentemente da sua adesão às artes da palavra (o livro contra o Livro), às artes pictóricas (o traço contra o desenho) ou as artes dramáticas (a crueldade contra a encenação). Tendo essas questões de fundo, propomos uma análise da produção final do autor, em particular aquelas nas quais a produção de irrepresentáveis cria a possibilidade de escavar as zonas indiscerníveis de contato entre textos distintos – o próprio teatro da crueldade cria um espaço de heterogeneidade produtiva com a ideia de uma 'arte total', desde que se entenda 'total' não como forma final e redentora mas como abertura a todos os textos e linguagens e, principalmente, na ênfase desses encontros. O experimento de Artaud é, dentre outros ao longo do séc. XX, responsável por certa forma de pensamento da arte capaz de revitalizá-la, isto é, ao explorar as zonas cinzas de contato resulta simultaneamente uma renovação das possibilidades e práticas artísticas específicas. São essenciais na análise que propomos a leitura de

escritores profundamente influenciados pelas ideias do teatro da crueldade, Maurice Blanchot, Jacques Derrida e Gilles Deleuze, e outros capazes de afinar conceitos relevantes à nossa proposta, tais como Jacques Rancière, Giorgio Agamben, Michel Serres e Clément Rosset. Acreditamos, desse modo, e levando em consideração o desenvolvimento de nossa pesquisa iniciado em tese, contribuir significativamente para as discussões requeridas pelo simpósio.

Palavras-chave: Antonin Artaud; Subjétil; Teatro da Crueldade

POÉTICAS DIGITAIS E SUAS RELAÇÕES COM AS PERFORMANCES, ARQUIVOS E O ATLAS MNEMOSYNE

Juliana Andrade de Lacerda (CEFET-MG)

Resumo: O artigo consiste em investigar os arquivos e as montagens anacrônicas, apresentada no Atlas Mnemosyne (2010), de Aby Warburg (1866-1929), a partir dessa investigação discutiremos sobre os arquivos digitais, que se expandiram exponencialmente, com a web. Nesse universo de proliferações estéticas, iremos discutir sobre as novas poéticas visuais que refletem sobre as questões femininas. A partir dessa proposta, partiremos da hipótese de que haveria possíveis relações entre os arquivos do Atlas Mnemosyne os arquivos digitais. Apesar de Warburg, em sua época, não dispor do meio digital, mas apenas de meios físicos, ele criou um método de montagem crítico, que poderia ser precursor do que hoje conhecemos como montagem digital. O letímotivo poderia ser diverso, entretanto, destacaremos alguns trabalhos que se utilizam do dispositivo do arquivo, como do português Rui Torres, Amor de Clarice e da performance brasileira, de Belém do Pará, Berna Reale. O primeiro trabalho foi uma recriação da leitura do conto Amor (1960) de Lispector, a partir de uma seleção minuciosa das obras da escritora, o artista e professor português Rui Torres realizou uma transposição literária para a arte digital. Ele utilizou-se de programas computacionais para criar uma obra interativa, que foi publicada em CD-ROM, apresentada em galerias de arte distribuída em rede. A partir dessas imagens, Torres propõe um jogo, entre texto e fotografia para produzir uma obra que foi exposta em museus e galerias e também disponibilizada pela internet. Na atualidade, há uma tendência na arte, que é a produção a partir de arquivos analógicos e digitais. Nesse ambiente, alguns dados são compartilhados, o que leva a um maior acesso aos dados imagéticos e memorialísticos. Assim, os direitos estéticos se igualam, obliterando os limites entre as artes, ademais, podemos aproximar categorias até então distantes, como: instalações midiáticas e artísticas, poemas visuais, videoarte, fotografia, performances, poesia, fotografia, etc. Essas novas formas estéticas, muitas vezes, são classificadas como intermídia, uma vez que ampliam as possibilidades de difusão e de exibição de imagens, diante das produções digitais. Dentre as pranchas do Atlas, destacaremos as figuras das Ninfas, para embelezar conexões e associações com obras de Clarice Lispector e da performance de Berna Reale, que condensam erotismo e sofrimento, pois apresentam o pathos de forma explícita, ao evidenciar as várias formas de crueldade as quais as mulheres estão sujeitas. Ao produzir uma estética própria, elas inovam, pois evidenciar os diferentes tipos de violência que afligem as mulheres, em uma sociedade dominada pelo poder patriarcal. O assunto sobre as questões de gênero estão cada vez mais em evidência, principalmente, nas mídias sociais e na arte contemporânea, que são evidenciados cada vez mais, a partir das novas tecnologias da imagem, como os trabalhos da performer Reale e na obra de Rui Torres, proposta a partir da literatura de Clarice Lispector.

Palavras-chave: ATLAS MNEMOSYNE; ARQUIVO; DIGITAL; PERFORMANCE

23 - ESCRITORES BRASILEIROS NO EXTERIOR, ESCRITORES ESTRANGEIROS NO BRASIL: EXPERIÊNCIAS, TEXTOS E CONTEXTOS

Coordenação: Márcia Valéria Martinez de Aguiar (Unifesp); Maria Cláudia Rodrigues Alves (Unesp); Valter Cesar Pinheiro (UFS)

Resumo: Quando se trata de refletir sobre a publicação e a recepção da obra de um autor em terras estrangeiras, muitos são os elementos que entram em consideração. Que razões levam à escolha, para edição, de um autor estrangeiro em determinado país ou época? Qual o papel de agentes literários, passadores, editores, tradutores, discursos políticos e sociais e projetos editoriais nessa escolha? Em outras palavras, como a singularidade de certo texto será atualizada em dado horizonte histórico, geográfico e literário? Essa problemática abrange estudos sobre a presença de autores estrangeiros no Brasil e, inversamente, investigações sobre a presença de autores brasileiros no exterior.

Inúmeras são as pesquisas que examinam a absorção da obra de autores estrangeiros por escritores brasileiros ou o modo como certo escritor foi acolhido no Brasil, refletindo sobre a maneira como foi traduzido e/ou aclimatado em solo brasileiro em determinado período de nossa história, posto que, como constatava Antonio Candido em 1946, “estudar literatura brasileira é, em boa parte, estudar literatura comparada”. Não faltam, igualmente, ensaios sobre a edição de autores brasileiros no exterior em que são examinadas as diversas variáveis que vieram a definir sua presença nesses países. Assim, um dos autores brasileiros mais lidos no exterior, Jorge Amado, foi traduzido pela primeira vez nos Estados Unidos na década de 1940 no quadro da política de boa vizinhança idealizada pelo presidente Roosevelt; ao passo que, na França, sua edição se realizou no universo que correspondia ao seu militância comunista de então. Guimarães Rosa, publicado na Itália, França, Alemanha e Estados Unidos ao longo dos anos 1960, é diferentemente acolhido nesses países: como explicar a defasagem, na França, entre a crítica positiva de *Corpo de baile* e *Grande sertão: veredas* e o fraco nível de venda desses livros, enquanto na Alemanha o romance do escritor mineiro esgota rapidamente três edições? Joaquim Nabuco, Ribeiro Couto e Sérgio Milliet, por sua vez, têm algumas de suas obras publicadas exclusivamente no exterior, o primeiro em razão do contexto político, o segundo e o terceiro pelo fato de terem vivido parte de suas vidas fora do solo nacional. Podemos observar que esse fenômeno acontece também em sentido inverso: assim, o recentemente publicado *Diálogo entre filhos de Xangô* (correspondência entre Pierre Verger e Roger Bastide, com notas e prefácio de Françoise Morin e tradução de Regina Salgado Campos) foi editado exclusivamente no Brasil em 2017. Outras configurações poderiam ainda ser lembradas, como o caso de Georges Bernanos que, exilado no Brasil, escreve aqui, em sua língua natal, obras que seriam inicialmente publicadas por seu editor no Rio de Janeiro, Charles Ofaire, da Atlântica Editora.

A publicação de um texto singular no exterior exige assim que o pesquisador examine as diferentes circunstâncias de sua edição: em que língua foi inicialmente escrito? No caso de ter sido traduzido, de que perspectiva foi realizada a tradução? Como foi escolhido o tradutor e quem era ele? Que paratextos verbais ou icônicos acompanharam esse escrito? Como foi ele visto no sistema literário ou político que o acolheu? Foi lido com base nos mesmos parâmetros em dois locais e momentos diferentes? Foi percebido em sua singularidade ou assimilado ao conjunto das obras de mesma nacionalidade? Causou impacto ou deixou indiferentes seus leitores? Apenas o estudo da publicação de cada autor e obra em certo local e época pode responder de forma precisa a essas questões e, mesmo, formular as questões a serem debatidas.

Nosso simpósio contempla diversas línguas e culturas e acolherá investigações que abordem, sob alguns desses aspectos, as experiências e o complexo processo de publicação e recepção de um escritor em um país estrangeiro, refletindo sobre as mediações que se estabelecem entre o texto original e/ou traduzido e os vários atores que participam de sua publicação, leitura e divulgação em seu país de origem e no estrangeiro.

REFERENCIAS :

JAUSS, H. R. *Pour une esthétique de la réception*. Traduction de Claude Maillard. Paris : Gallimard, 2007.

MILTON, J. *Tradução. Teoria e prática*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SAPIRO, G. HEILBRON, J. Por uma sociologia da tradução: balanços e perspectivas. Tradução: Marta Pragana Dantas e Adriana Cláudia de Sousa Costa. In: Graphos. João Pessoa, Vol 11, N. 2, Dez./2009, p. 13-29. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/index.php/graphos/article/viewFile/4354/3284>. Acesso em 31 jan. 2018.

NITRINI, S. *Literatura comparada*. São Paulo: Edusp, 2000.

ROMÃO, S. RIAUDEL, M. (org.) QUINTINO, F. (col.). *Livros, literatura e história: passagens Brasil-França*. Florianópolis: Escritório do Livro, 2017.

GENETTE, Gérard. *Paratextos editoriais*. Cotia: Ateliê Editorial: 2009.

31 de julho 8h30

CÂMARA CASCUDO E O INTERCÂMBIO CULTURAL NA DÉCADA DE 1920: LEITURA E DIVULGAÇÃO DE ESCRITORES ESTRANGEIROS

José Luiz Ferreira (UFRN)

Resumo: A partir leitura dos textos esparsos publicados por Luís da Câmara Cascudo, nos jornais natalenses A Imprensa e A República, ao longo dos anos 1920, destacando-se aqueles em que são divulgados obras de vários escritores estrangeiros, é possível compreender o modo como temas e tensões dominantes na conjuntura mundial e brasileira caracterizam situações nas quais as tradições regionais interagem no processo de construção de um sistema literário nacional. Analisar as tensões daí resultantes, no âmbito dos estudos atuais, em que se impõem como necessidade as questões transnacionais, significa colaborar com o esforço intelectual para compreender a própria contemporaneidade a partir da análise de um passado que, se não é recente, foi determinante para os caminhos da cultura e da literatura brasileiras, nos quais ainda se dão muitos dos passos do sistema literário em vigência. Nesse sentido, importa saber quais são os posicionamentos assumidos por Câmara Cascudo naquele momento, uma vez que ele figurou, na capital potiguar dos anos de 1920, como um dos principais articuladores de um ambiente intelectual que discutiu as ideias culturais e literárias em voga naquele momento. Tal fato habilitou a intelectualidade e a produção literária local para o processo de discussão da moderna literatura brasileira. Importa saber também que, naquele período, o autor, através de uma intensa rede de contatos, a qual incluía escritores de outras nacionalidades, teve seus textos publicados fora do país em livros e revistas. Para a leitura desse material, teremos como aporte teórico as discussões feitas pelos estudos de ARAÚJO, CANDIDO, HABERMAS, JAMESON e SCHWARZ, dentre outros estudos.

Palavras-chave: Câmara Cascudo; modernismo; intercâmbio cultural

PANORAMA DA LITERATURA BRASILEIRA NA FRANÇA: TEXTOS E CAPAS, A IMAGEM DO BRASIL NO EXTERIOR

Maria Cláudia Rodrigues Alves (IBILCE/UNESP)

Resumo: Desde quando a França começou a observar o Brasil e a ter interesse por suas produções literárias? O contato se estabeleceu via traduções, porém, caberia perguntar quais seriam os critérios de escolha do que deveria ser traduzido e como esse produto da periferia poderia ser consumido pelo centro. Em tempos de globalização e integração de mercados, como a literatura brasileira foi introduzida e comercializada na França? Podemos dizer que há um projeto editorial (ou vários) que permeiam esse percurso? Ou seriam publicações aleatórias, ditadas pelo acaso e oportunidades variadas? Fato é que, como sabemos, o interesse da França pelo Brasil existe desde antes de sua descoberta pelos portugueses, porém, foi a partir do século XVI que a literatura considerada de viagem e os textos de teor etnográfico atestam a curiosidade dos franceses e testificam a construção de uma imagem exótica do Brasil e dos brasileiros ao longo destes cinco séculos. De Jean de Léry a Paulo Coelho, o Brasil tem marcado presença no gosto e instigado o imaginário dos franceses. O interesse da França – e dos países francófonos, também consumidores das editoras francesas – pelo Brasil literário, devido à própria história da literatura brasileira, é, no

entanto mais recente. O empenho dos franceses em conhecer a literatura brasileira data do século XIX. Algumas raras traduções e publicações de obras literárias brasileiras testemunham essa simpatia pelos autores tropicais como Tomás Antonio Gonzaga e o Visconde de Taunay, segundo levantamento realizado por Estela dos Santos Abreu na publicação *Ouvrages brésiliens traduits em France=Livros brasileiros traduzidos na França*, de 2004. Esse levantamento revela que, de aproximadamente 1500 obras brasileiras recenseadas em língua francesa, cerca de 900 títulos correspondem a traduções de obra brasileira traduzida e publicada na França. De onde se conclui que os demais títulos, em torno de 600, foram escritos diretamente em francês e/ou publicados em outros países. Observando apenas o final do século XIX e o século XX, detectamos que 406 são os autores repertoriados, sendo que quase a metade (139 homens e 52 mulheres) é composta por poetas, romancistas, contistas, biógrafos e dramaturgos. A outra parte dos 406 autores consagrou-se à realização de obras de teor social, político, religioso, econômico etc. Esses números são reveladores do interesse da França pelo Brasil, no que se refere à antropologia ou aos direitos humanos, por exemplo. Interessa-nos tecer nesta ocasião um panorama do interesse dos franceses pela literatura brasileira no decorrer do século XX, e isso a partir da escolha de autores e obras, das publicações, mas também e sobretudo de suas capas, paratexto essencial para a compreensão da imagem que os editores fizeram do Brasil e venderam durante mais de um século em terras francesas.

Palavras-chave: Literatura brasileira; paratexto editorial; imagem

O APARATO PARATEXTUAL DA ANTOLOGIA *LA POÉSIE DU BRÉSIL* (2012) ENQUANTO RECURSO DE MEDIAÇÃO

Rosalia Rita Evaltd Pirolli (UFPR)

Resumo: A literatura brasileira traduzida tem, progressivamente, conquistado espaço dentro do rígido sistema cultural francês, sobretudo graças a uma série de iniciativas que vão desde a reformulação do Programa de Apoio à Tradução e à Publicação de Autores Brasileiros no Exterior, em 2011, até uma maior visibilidade midiática do país, que pode ser percebida, no campo da literatura, por meio da realização de eventos de grande porte dedicados exclusivamente à produção brasileira, como o festival *Printemps Littéraire Brésilien*, cuja primeira edição ocorreu em 2014, e o *Salão do Livro em Paris* (2015). Além disso, houve um crescimento significativo no número de traduções de literatura brasileira publicadas na França a partir dos anos 2000, atingindo a média considerável de 42 títulos publicados em 2014, segundo Torres (2015). Conforme consta no *Bulletin Culturel Spécial – Livre Paris 2017* (2017), cada vez mais editoras francesas investem em traduções e disponibilizam títulos brasileiros em seus catálogos. No entanto, esse cenário razoavelmente otimista, em que a produção literária brasileira começa a despertar interesse, chamando atenção inclusive para sua posição periférica no sistema cultural francês, aplica-se principalmente à prosa de ficção. Nesse quadro, a poesia brasileira em tradução ocupa uma posição ainda mais periférica, muito menos visível dentro desse sistema cultural. Dessa forma, é notável a publicação da editora Chandeigne, em 2012, de *La Poésie du Brésil – Anthologie du XVIe au XXe siècle*, coletânea organizada e traduzida por Max de Carvalho. Essa antologia, que segundo seu prefácio foi pensada como um volume “de vocação panorâmica”, contempla a produção de 132 poetas, partindo “dos mitos ameríndios e produções jesuíticas do século XVI até textos de poetas nascidos antes de 1940” (CARVALHO, 2012). Partindo, portanto, desse volume, iremos apresentar parte do trabalho de pesquisa desenvolvido até então na tese intitulada *Qual poesia modernista na antologia La Poésie du Brésil?*, onde analisou-se o aparato paratextual – notadamente o prefácio, as epígrafes e as notas de fim – que compõem o material. Os paratextos, segundo Genette (1987), relacionam-se com o modo de apresentação da obra ao leitor e cumprem um papel fundamental para sua recepção. Nesta análise, embasada a partir dos pressupostos dos Estudos Descritivos da Tradução (cf. TOURY, 1995) e do esquema metodológico para a descrição de traduções proposto por Lambert e Van Gorp (1985), pretendemos evidenciar como tal aparato, que se constitui como uma ponte entre texto, tradutor e leitor, se constrói como um espaço privilegiado para a compreensão das estratégias tradutórias

subjacentes à obra, além de se constituir igualmente como um recurso essencial de mediação entre culturas e literaturas.

Palavras-chave: Tradução; Paratexto; Poesia brasileira traduzida.

AS CONDIÇÕES SOCIAIS DE CIRCULAÇÃO DA LITERATURA BRASILEIRA NO EXTERIOR (2000-2015)

Marta Pragana Dantas (UFPB)

Resumo: Refletir sobre as condições sociais de circulação internacional da literatura brasileira no século XXI supõe levar em conta alguns elementos de análise, entre os quais: a posição que ela ocupa no espaço transnacional das trocas literárias culturais internacionais, o grau de autonomia do campo de produção cultural tanto no Brasil quanto nos países em que ela circula, bem como os intermediários que intervêm nesse processo de circulação (HEILBRON; SAPIRO: 2009). A partir desses eixos de análise, a presente proposta de comunicação tem como objetivo principal propor um olhar transversal sobre as condições de tradução da literatura brasileira em quatro contextos diferentes: na Alemanha, na Espanha, na França e na Inglaterra. Ficarão evidenciadas algumas regularidades no que diz respeito, por exemplo, aos autores e às obras traduzidas, assim como às editoras e aos agentes da intermediação, revelando como atuam certos princípios (de natureza econômica, política e cultural) sobre o fluxo das traduções no espaço literário internacional. Esse mesmo olhar transversal se debruçará ainda sobre algumas especificidades relativas aos contextos de chegada estudados.

Palavras-chave: Literatura brasileira traduzida; Circulação; Assimetrias.

31 de julho

14h30

A INTERNACIONALIZAÇÃO COMO MECANISMO PARA A PROFISSIONALIZAÇÃO DO ESCRITOR BRASILEIRO

Franciele Queiroz da Silva (UFU)

Resumo: Na contemporaneidade, o papel do escritor, a sua figura, torna-se muito mais visível do que em outros períodos e épocas. Estes autores, que possuem um espaço relevante na mídia, se tornam, em muitos casos, verdadeiros produtos midiáticos, com um potencial mercadológico latente. Suas obras são incorporadas a uma época imediatista, frenética, visual e descartável. Há uma verdadeira corrida contra o tempo para adequação do livro – e do próprio escritor – a novos meios e suportes de alcance ao público consumidor, e esse “contato” vem pela criação de páginas pessoais; por meio de redes online como facebooks, blogs, twitters; pelo espaço adquirido em programas de televisão; pelas inúmeras e grandiosas feiras literárias; por prêmios literários; por projetos das grandes editoras; e, finalmente, pelo livro – livro esse que, em alguns casos, conta com um mercado ávido pela própria figura do escritor. Muitas vertentes são passíveis de análises em vista do panorama apresentado, no entanto, uma das frentes mais discutidas e verificadas na produção dessas obras talvez seja a biográfica, que evidencia a presença do “eu”, do privado e, consequentemente, do público, da própria ficcionalização da figura do escritor, o que ajuda a dar luz, a nosso ver, à problemática que nos interessa na presente comunicação, ou seja, a profissionalização do escritor. Apesar de uma abertura possível para reavaliar essa questão na contemporaneidade, evidenciamos que uma das maiores dificuldades para o crítico literário esteja em avaliar os mecanismos que podem legitimar uma produção artística, assim como o seu produtor, a condição “profissional”. O reconhecimento como um escritor profissional é algo complexo e passa por diversas instâncias de legitimação e uma delas, a nosso ver, é a internacionalização das obras e do autor. Apostamos, assim, que a imersão dos autores brasileiros nos mercados exteriores é um dos passos para que essa construção da imagem de um escritor profissional se consolide no campo literário. No prefácio ao livro *O conto brasileiro contemporâneo*, organizado por Carmen Villarino Pardo e Luiz Ruffato, discute-se a internacionalização como uma possibilidade de demarcar um determinado espaço enquanto produto e produtor de arte: “Os produtos literários, como produtos

exportáveis, convertem-se em mercadorias que integram uma Marca Brasil, mais ampla, em termos culturais” (VILLARINO e RUFFATO, 2011). Tais espaços não interessam apenas àqueles que escrevem, mas a todas as instâncias de legitimação que se incluem no campo literário, tais como: universidades, tradutores, críticos, editores, agentes literários e etc. A fim de tornar mais produtiva a nossa análise, analisaremos o impacto da publicação Os melhores jovens escritores brasileiros, da revista inglesa Granta 9, mais especificamente, na trajetória de três escritores: Daniel Galera, Laura Erber e Paulo Cuenca. Interessa-nos, então, pensar a repercussão dessa publicação para a condição desses escritores no campo literário brasileiro e como a possibilidade dos autores escolhidos alcançarem a consagração internacional interfere na questão da profissionalização.

Palavras-chave: Internacionalização; Profissionalização; Escritor

A INTERNACIONALIZAÇÃO DA CARREIRA DE ADRIANA LISBOA: ASPECTOS E IMPACTOS NO PROCESSO DE PROFISSIONALIZAÇÃO

Neila Brasil Bruno (UFBA)

Resumo: O objetivo desta comunicação é apresentar os principais aspectos da internacionalização da carreira de Adriana Lisboa, analisando os prêmios que conquistou, seu relacionamento com a mídia, a contratação de agentes literários e a tradução de seus livros. Pretendemos também analisar os impactos desse processo e seus desdobramentos no Brasil, tanto na consolidação de sua imagem pública (por meio da imprensa e da crítica), quanto na publicação de suas obras (repercussão no meio editorial). Ao receber o Prêmio Fundação José Saramago em 2003, em Portugal, por seu romance Sinfonia em branco, Adriana Lisboa não era ainda uma autora amplamente conhecida dos leitores brasileiros. As novas perspectivas profissionais surgidas a partir do prêmio levaram a autora a contratar os serviços de uma importante agente literária, Ray Güde Mertin, para cuidar de sua carreira fora do Brasil. Adriana Lisboa concedeu entrevistas, participou de feiras e eventos, foi alvo de diversas reportagens em jornais e passou a ter sua obra divulgada em sites e blogs. O romance Sinfonia em branco foi traduzido para diversas línguas como o italiano, o espanhol, o francês, o inglês, o alemão e o russo, e também foi finalista do Prix de Lectrices de Elle (França) e do Pen Translation Award (Estados Unidos). A partir daí, a carreira literária da autora passou a ter uma dimensão global, o que favoreceu a produção e o reconhecimento de seus romances seguintes, com convites para palestras em universidades importantes da Europa, Estados Unidos e Japão. Esse processo de internacionalização repercutiu no Brasil, sendo em grande parte acompanhado pela imprensa brasileira e capitalizado pelas editoras de seus livros no país. A obra de Adriana Lisboa vem recebendo mais atenção de estudiosos e críticos literários empenhados em conhecer a literatura contemporânea. Além de pesquisas acadêmicas de maior fôlego, artigos, críticas e resenhas têm contribuído para a divulgação de seus textos e a formação de um público leitor para suas obras. A observação da trajetória da autora indica como suas escolhas foram decisivas para sua profissionalização, seja na construção sistemática da sua literatura, seja na ampliação da recepção crítica de seus textos. Os dados apresentados nessa comunicação serão extraídos de sites das agentes literárias que cuidam da obra de Adriana Lisboa e das diversas editoras estrangeiras que publicaram sua obra. Nossas reflexões serão feitas fundamentalmente a partir da perspectiva teórica de Pierre Bourdieu (1996) e estarão centradas nas circunstâncias que viabilizam a legitimação e a profissionalização de Adriana Lisboa no cenário literário.

Palavras-chave: Adriana Lisboa; Internacionalização; Literatura.

DIÁLOGOS E REFLEXOS DO MODERNISMO PORTUGUÊS NA COMPOSIÇÃO POÉTICA DE RONALD DE CARVALHO

Aline Pasquoto Perissinotto (USP)

Resumo: Nesta comunicação pretende-se apontar as relações estabelecidas entre Ronald de Carvalho e intelectuais portugueses. Diante de sua relevância em um panorama histórico literário nacional, conhecemos Ronald de Carvalho como um modernista brasileiro que estabeleceu ao longo de sua trajetória, enquanto escritor, um diálogo profundo com intelectuais estrangeiros, fato este

imprescindível para a formação ideológica do autor. Portanto, a intenção é demonstrar como as publicações de poesias do autor brasileiro estiveram presentes em periódicos portugueses, como destaque tem-se as publicações nas revistas *A Águia* e *Orpheu*, periódicos essenciais para o cenário literário do início do século XX português. No que confere os principais estudos sobre o autor encontramos análises sobre sua obra, ou ainda, sobre a posição e rotina intelectual de Ronald de Carvalho, no entanto, há a necessidade de compreender as principais publicações literárias a partir da posição intelectual do escritor que também era diplomata; e como as relações com alguns intelectuais, em determinados momentos, estão presentes nesse período de diálogo com o modernismo Português. Fundamentado nesta afirmação, nota-se que Ronald de Carvalho enquanto diplomata e viajante tencionou e construiu diálogos por onde passou, a exemplo das relações com Mário de Sá-Carneiro, Fernando Pessoa e Luís de Montalvor, ainda, tais relações desenvolveram-se, inclusive, a ponto de estabelecer um diálogo através da correspondência. Diante desta observação, algumas questões ou hipóteses analíticas são essenciais, uma vez que este diálogo resultou em um reflexo de produção literária, principalmente no que concerne um projeto literário e ideológico de Ronald de Carvalho: o pan-americanismo. Apesar, de assumir essa valorização de um pan-americanismo, o escritor estabeleceu relações com diversos intelectuais europeus em momentos diferentes. Por isso, esses diálogos ao longo da carreira de Ronald de Carvalho, estabelecidos além-fronteiras, são formativos de uma poética e ideologia do autor, ademais, temos toda sua obra provinda desses anos formadores. Portanto, a intenção é investigar a composição desse poeta presente em uma tradição modernista portuguesa e seu próprio talento individual: modernista brasileiro, pan-americanista, diplomata e cosmopolita. A análise será construída por intermédio de um olhar das principais publicações poéticas de Ronald de Carvalho em periódicos portugueses, ainda, como essa participação serviu como base formativa das concepções estéticas de um modernista brasileiro, bem como uma tentativa de compreensão e observação entre as principais posições intelectuais e ideológicas de um poeta/diplomata e homem das letras. Como principal objetivo desta apresentação, pretende-se arquitetar e ampliar o conhecimento sobre esse diálogo e atuação no modernismo português exercido por Ronald de Carvalho.

Palavras-chave: Modernismo Português; reflexos; periódicos

DORA RIBEIRO: DE "BICHO DO MATO" A "BICHO" DO MUNDO

Felipe Dartagan Maropo Teixeira de Castro (UFMS); Fabiano Quadros Ruckert (UFMS)

Resumo: O ato do ser humano de deslocar-se no espaço, de migrar, é um fenômeno bastante antigo, e há muito estudado. Pensadores da migração, como Abdelmelek Sayad (*A imigração*, 1998), Joaquín Arango (*La explicación teórica de las migraciones*, 2003), e Elisa Massae Sasaki e Gláucia de Oliveira Assis (*Teorias das migrações internacionais*, 2000), afirmam que o fenômeno migratório é extremamente complexo e que, por isso, deve ser estudado em perspectiva interdisciplinar. As motivações para migrar podem ser as mais diferentes: mudanças climáticas, perseguições por convicções ideológicas, ânsia por melhores condições materiais de existência, busca por um status diferenciado, entre tantos outros. Pensando a partir dessas questões mais abrangentes sobre migração analisamos bicho do mato, de Dora Ribeiro. A escritora, sul-mato-grossense de Campo Grande, mudou-se para Portugal, onde residiu de 1983 a 2003, e lá compôs muitos de seus poemas. Informações biográficas estão amparadas em Ana Claudia Pinheiro Dias Nogueira em *Dora Ribeiro: esboço de vida e obra* (2013). Apesar do livro *bicho do mato* ter sido publicado no Brasil, pela editora "7 Letras", em 2000, Dora Ribeiro ainda residia em Portugal e, lá escreveu os poemas do livro. Além disso, mesmo não sendo nossa intenção analisar, nesta comunicação, outra obra da autora, em 2005 ela publica em Portugal a coletânea *o poeta não existe*. No entanto, mais do que onde ela publica, nos interessa onde ela escreve, onde ela concebe sua obra. Como forma de embasar a problemática da produção literária por brasileiros no exterior, nos amparamos em Else R. P. Vieira (*Escritores da diáspora brasileira: ações editoriais e processos de alteridade*, 2015). Interessa-nos perceber em Dora Ribeiro como a situação de estar distante de sua terra natal afeta a poética. Vieira (2015) nos chama atenção para várias nuances da temática. Citando Stuart Hall (*The*

formation of a diasporic intellectual: an interview with Stuart Hall, 1997) e Zygmunt Bauman (Liquid modernity, 2000), fala da “experiência diaspórica” e da “modernidade líquida”, conceitos que apontam, entre outras coisas, para um sentir-se pertencente a mais de um local. Else Vieira (2015) esclarece também que, neste início de terceiro milênio, a produção cultural não necessariamente necessita estar vinculada a uma nação específica: uma literatura dita brasileira, por exemplo, não estaria fadada a ser obrigatoriamente produzida no Brasil. Outra questão importante da discussão é a escolha da língua literária. Vieira (2015) percebeu que, apesar de muitos autores brasileiros que se encontram no exterior dominarem a língua do país de estada, eles escrevem na língua materna, patemizados pelo vínculo originário com a terra natal. Essas questões norteiam o presente trabalho.

Palavras-chave: bicho do mato; Diáspora brasileira; Literatura brasileira; Migração; Poesia brasileira contemporânea.

**1 de agosto
8h30**

"À LA MANIÈRE DE": CEM ANOS DE PUBLICAÇÃO DE EN SINGEANT...: PASTICHES LITTÉRAIRES, DE SÉRGIO MILLIET E CHARLES REBER

Valter Cesar Pinheiro (UFS)

Resumo: Há cem anos – e uma década após a publicação de dois clássicos do gênero, *À la manière de...*, de Paul Reboux e Charles Müller, e *Pastiches et Mélanges*, de Marcel Proust –, Sérgio Milliet (1898-1966), à época estudante de Ciências Econômicas e Sociais na cidade de Genebra, lançava *En Singeant...: Pastiches Littéraires*. O título, redigido em colaboração com Charles Reber, amigo do círculo literário capitaneado por Jean Violette, é o segundo da lavra do autor a vir a lume em solo suíço: um ano antes, saíra pela editora do grupo genebrino Le Carmel uma coletânea de versos simbolistas compostos à moda de Baudelaire e Verlaine: *Par le Sentier*. Milliet, que então assinava “Serge”, publicaria mais dois livros escritos em francês antes de retornar definitivamente ao Brasil e adotar o português como língua de expressão literária: *Le Départ Sous la Pluie*, em 1919, e *Œil de Bœuf*, pela editora da revista belga *Lumière*, em 1923. Decorrido um século de sua publicação, *En Singeant* permanece desconhecido do público leitor e praticamente ignorado pela crítica, que, conquanto nunca tenha deixado de realçar o caráter prolífero e multifacetado da obra de Sérgio (tão trezentos ou trezentos e cinquenta quanto à do amigo modernista Mário de Andrade), restringiu essencialmente seu interesse ao monumental *Diário Crítico* e aos ensaios sobre artes plásticas, como *Marginalidade da Pintura Moderna*, *Pintores e Pinturas* e *Pintura Quase Sempre*. Se a ficção e a poesia de Milliet, em que se destacam a novela autoficcional *Roberto* e os versos de *Cartas à Dançarina*, ainda aguardam estudos de fôlego, situação mais difícil é a enfrentada pelos volumes impressos em solo europeu, posto que ausentes do acervo das principais bibliotecas brasileiras. O objetivo desta comunicação, portanto, é, à luz das reflexões sobre o pasticho propostas por Gérard Genette (*Palimpsestes*), Maxime Decout (*Qui a peur de l’imitation?*) e Paul Aron (*Histoire du pastiche*), apresentar, passando em revista o contexto de publicação, a parceria entre Milliet e Reber – autor a que o primeiro alude amiúde no memorialístico *De Ontem, de Hoje e de Sempre* e no supramencionado *Roberto* (como Karl Reiber, amigo do protagonista) – e o rol de homenageados com as imitações, alguns comentários acerca de *En Singeant...: Pastiches Littéraires*, obra na qual Milliet e Reber fizeram, como afirmara Proust em relação a suas próprias imitações, “crítica literária em ação”.

Palavras-chave: Sérgio Milliet; Pasticho; Simbolismo.

FURTADO COELHO: UM DRAMATURGO PORTUGUÊS NO BRASIL

Gustavo Zambrano (UNESP)

Resumo: O artista português Luiz Candido Furtado Coelho pode ser considerado um dos responsáveis pela implantação do realismo teatral no Brasil. Tendo chegado em terras brasileiras em 1856, Furtado Coelho, em nosso país, desenvolveu trabalhos de ator, ensaiador e empresário

teatral, sendo que como ator dramático atuou em peças que foram grande sucesso de público no Teatro Ginásio do Rio de Janeiro. Como dramaturgo, Furtado Coelho igualmente foi reconhecido por seu trabalho. Pelo artista português foram escritas e encenadas no Rio de Janeiro e em outras províncias do país o provérbio Nem por muito madrugar amanhece mais cedo, a comédia Procure-me depois do amanhã e os dramas José do Telhado, O bom anjo da meia-noite, O agiota, O ator, A atriz, O remorso vivo, sendo esta última em parceria com Joaquim Serra. A partir destas considerações, esta comunicação tem como objetivo, portanto, comentar sobre a dramaturgia de Furtado Coelho, dando especial atenção ao drama O remorso vivo, peça encenada no Teatro Ginásio em 1867.

Palavras-chave: Furtado Coelho; Teatro no Brasil; Teatro Ginásio.

EXÍLIO E RESISTÊNCIA: BERNANOS NO BRASIL

Cássio Oliveira Lignani (UFMG)

Resumo: A relação de Georges Bernanos com o Brasil é, a princípio, uma vinculação concreta e terrena. Exilado no país desde 1936, cultivou a terra, criou gado e tentou viver dessa relação física, que, conseqüentemente, conduzia-o em uma aproximação espiritual com o local onde vivia. Preferia o campo aos centros urbanos; das cidades, optava por frequentar os cafés, nos quais encontrava o lugar que acreditava propício à escrita de seus artigos. *Lettre aux Anglais* (1942) é um desses textos. Escrito em Barbacena em homenagem aos ingleses, traz em seu prefácio, consequência de uma angústia em razão da distância da qual o autor acompanhava os acontecimentos da guerra, um ensaio dedicado ao exílio e às impressões do Brasil, lugar a partir do qual observa o mundo e para o qual, em nenhum outro texto anterior, havia dedicado tantas páginas. O prefácio inicia-se com uma justificativa do autor sobre a escrita do próprio livro. Para isso, afasta-se da condição de exilado, embora preferisse que seu sentimento não precisasse ser exposto. Ele o faz a fim de se opor aos escritores viajantes, que circulam pelas academias e são buscados pelos intelectuais de cada país pelos quais passam, envaidecidos, ocupando um lugar de prestígio e com a ilusão de que sua palavra é imprescindível na condução da história humana. Para Bernanos, o Brasil firma-se como um lugar de escolha – uma segunda opção –, após a frustração inicial de se instalar no Paraguai. O destino desejado, nesse sentido, é, na verdade, a desvinculação do colaboracionismo, da cumplicidade e da própria Europa; seu exílio surge como um necessário distanciamento físico para manutenção de sua personalidade francesa. O prefácio de *Lettre aux Anglais*, texto dedicado ao Brasil, que precede a carta em homenagem à Inglaterra, contrapõe a França aos países nos quais Bernanos projetou dois de seus anseios: a reclusão espiritual e a resistência na guerra. Trata-se, pois, não de uma manifestação a partir de um lugar de privilégio, mas sobretudo de um lugar de testemunho. Sua escrita é, nesse sentido, a declaração de um olhar, que face às ações trágicas da guerra, não se permite perder-se na serenidade. O escritor acrescenta ainda, marcando seu lugar de fala, que o Brasil não é um “hotel suntuoso”, mas sua casa – *mon foyer, ma maison* –, embora ainda não seja capaz de dizer que o conhece. Bernanos não o afirma com a pretensão de se colocar num lugar de privilégio em relação ao Brasil e ao mundo, mas para marcar sua origem e, principalmente, pela despretensão de seu discurso, oferecer a legitimidade de um testemunho.

Palavras-chave: Georges Bernanos; exílio; resistência; testemunho

DE "PINTURAS GROSSEIRAS" A "DESCRIÇÃO MARAVILHOSA". O PAPEL DA CRÍTICA NO PROCESSO DE RESSIGNIFICAÇÃO DO ROMANCE L'ASSOMMOIR, DE ÉMILE ZOLA, NO BRASIL

Eduarda Araújo da Silva Martins (UFRJ)

Resumo: Émile Zola iniciou sua carreira de escritor na década de 1860, ocupando através da imprensa uma posição de embate nos campos literário e artístico (BOURDIEU, 1992) da França. Tornou-se conhecido pelas polêmicas em torno de seus artigos que defendiam novas expressões artísticas (o impressionismo, por exemplo) e literárias (o naturalismo). Ainda que estivesse, naquele momento, em uma posição de pouco destaque nos dois campos, ele se dedicou a desenvolver conceitos que norteariam sua literatura e a de outros confrades. Eles apareceram, inicialmente, em

periódicos na França e na Rússia e, mais tarde, foram reunidos no volume *Le Roman expérimental* (1880). Zola adquiriu paulatinamente capital social, tendo se aproximado, na década de 1860, de escritores de grande envergadura como Gustave Flaubert e os irmãos Jules e Edmond de Goncourt, além de reunir um grupo de jovens aspirantes ao naturalismo. Ficou conhecido mundialmente pela publicação da série de vinte romances intitulada *Les Rougon-Macquart*. Em sua trajetória como escritor, acumulou capital simbólico, conquistando legitimação da crítica e de seus pares. Também alcançou sucesso de público, obtendo capital econômico a partir da publicação de *L'Assommoir*. Segundo Pascale Casanova (1999), a consagração de um escritor no espaço nacional é condição necessária para sua projeção no espaço mundial, o que ocorreu rapidamente em relação a Zola no Brasil. Tendo em vista os avanços tecnológicos que afetaram a sociedade na segunda metade do século XIX, como a implantação do cabo telegráfico submarino ligando o Brasil ao continente Europeu, em 1874, o crescimento da produção dos impressos, o aumento do público leitor graças à crescente alfabetização, a melhoria do sistema de redes ferroviárias e de transportes marítimos que permitiram aos editores e aos livreiros ampliar a difusão de seus livros, a circulação de notícias e impressos sofreu uma importante transformação que resultou em um novo processo de “globalização da cultura” (ABREU, 2011). Nessa perspectiva, os mediadores culturais tornam-se essenciais para entender os processos de acolhimento e ressignificação de uma obra literária na cultura receptora. Assim, o conceito de transferências culturais (ESPAGNE & WERNER, 1987) nos parece bastante fecundo para a análise dos contextos de surgimento e recepção de uma obra literária. Tendo em vista a vasta produção literária de Zola, escolhemos para esta comunicação um dos romances que se mostrou basilar em sua trajetória: *L'Assommoir*. Esta obra foi um grande sucesso de público e permaneceu sob o julgamento da crítica desde sua publicação em folhetim (1876-1877) até sua adaptação para o teatro (1879). No Brasil, identificamos dois momentos de acolhimento da crítica. O primeiro, no final da década de 1870, após sua publicação em volume na França. O segundo, na década de 1880, quando a obra circulou pelo país em montagens teatrais. O crítico assumiu um papel fundamental na introdução e na permanência dessa obra no Brasil. Buscamos apresentar como se deu esse processo no Brasil a partir de dados de fontes primárias disponíveis no site da Hemeroteca Digital Brasileira da FBN, considerando as escolhas das instâncias de mediação.

Palavras-chave: Émile Zola; Imprensa brasileira; Mediador

1 de agosto

14h30

CLARICE LISPECTOR NO MUNDO ANGLO-AMERICANO: QUESTÕES DE HISTÓRIA, RECEPÇÃO E CRÍTICA
Laurieny da Costa Vilela (UnB); Válmí Hatje-Faggion (UnB)

Resumo: Considerada escritora integrante do cânone literário brasileiro, Clarice Lispector (1920-1977) está entre os autores brasileiros mais traduzidos no exterior. Uma de suas obras, *A hora da estrela* (1977), tem duas traduções em língua inglesa, ambas publicadas com o mesmo título: *The hour of the star*. O professor britânico Giovanni Pontiero (1932-1996) foi o primeiro a traduzir a obra, publicada pela editora Carcanet Press, no Reino Unido, em 1984. O estadunidense Benjamin Moser (1976) foi o segundo tradutor da obra, publicada pela editora New Directions, nos Estados Unidos, em 2011. Esta comunicação está relacionada à pesquisa de mestrado, em andamento, que tem como um dos objetivos investigar os aspectos extraliterários que circundam a formulação, a publicação e a recepção de *A Hora da Estrela* no processo de transferência dessa obra entre sistemas literários nesses dois momentos e espaços. Inserida nos Estudos Descritivos da Tradução, esta pesquisa parte da teoria dos polissistemas (EVEN-ZOHAR, 1978; TOURY, 1980) e adota como metodologia o esquema para a descrição sistemática de traduções literárias proposto por José Lambert e Hendrik Van Gorp (1985). O exame das duas traduções mencionadas inclui critérios relacionados ao primeiro (dados preliminares) e ao quarto estágio (contexto sistêmico) desse esquema teórico-metodológico adotado, o qual possibilita observar questões relacionadas a

tradutores, paratextos, editoras e agentes institucionais envolvidos na formulação e na publicação das traduções. Esse recorte tem como objetivo obter informações relevantes sobre a recepção e a crítica nesses dois países de língua inglesa, visto que a análise dos aspectos extratextuais revela como mediadores entre o texto e o leitor podem influenciar a leitura e a recepção do texto (GENETTE, 1997; BASSNETT, 1998). Com relação aos dados preliminares, pode-se observar que a obra foi traduzida e retraduzida por tradutores que atuaram como “agentes culturais” ou “embaixadores” de Lispector em países de língua inglesa. Pontiero é o responsável pelo maior número de traduções de obras de Lispector em inglês e era vinculado ao meio acadêmico. Pela análise dos paratextos, pode-se destacar que Pontiero tenta validar Lispector como uma grande escritora, detendo-se a apresentar a escritora ao novo público leitor, fazendo um entrelaçamento entre a sua obra e biografia, ainda pouco conhecida no Reino Unido. Por outro lado, Moser descreve o projeto de tradução no posfácio que ele elabora para sua tradução, justificando a necessidade da nova tradução da obra. Ainda, a figura popular de Moser nos Estados Unidos, que escreve para grandes meios de comunicação nacionais e internacionais, como a Harper’s Magazine e o New York Review of Books, parece ter ajudado a influenciar a recepção da obra e a presença de Lispector em meios de comunicação populares nesse país. Palavras-chave: Clarice Lispector; Hora da estrela; Recepção; Crítica; Tradutores anglo-americanos.

Palavras-chave: Clarice Lispector; Hora da estrela; recepção; crítica

DE NONADA A NENNI: CONSIDERAÇÕES ACERCA DA TRADUÇÃO FRANCESA DE GRANDE SERTÃO: VEREDAS (1990)

Sílvia Augusto de Oliveira Holanda (UFPA); André Luiz Moraes Simões (UFPA)

Resumo: Trata-se de um estudo interpretativo da tradução francesa de Grande sertão: veredas (1956), com base nos trabalhos rosianos pertinentes (AGUIAR, 2010; FAVERI, 2009; MEYER-CLASON, 1969; NUNES, 1963; ZAVAGLIA, 2005, na teoria da tradução (HEIDERMANN, 2001; CAMPOS, 1992) e da recepção (JAUSS, 1994). Publicada em 1990 pela Albin Michel, com o título de Diadorim, a tradução do romance rosiano desloca o foco do título de sertão para Diadorim e impõe à crítica algumas questões acerca do ato tradutório, para além de uma discussão meramente lexical, por suscitar um debate sobre a traduzibilidade do texto rosiano e sobre os acertos interpretativos de sua tradutora, Maryvonne Lapouge-Pettorelli. Além disso, a nova tradução (1990), impõe-se ainda como espécie de réplica aos procedimentos adotados 25 anos antes, quando Jean-Jacques Villard lançou sua versão do romance rosiano (Albin Michel, 1965). Embora a primeira tradução não seja o objeto da presente comunicação, não há como deixar de considerá-la com base no contexto cultural em que foi realizada, escapando, contudo, a uma polarização valorativa restritiva com a edição de 1990. No caso da segunda tradução, cabe salientar a manutenção, em evidente ato de mediação cultural, do termo “sertão”, ao passo que seu correlato “veredas” é traduzido apositivamente como “petites vallées vallées ponctuées d’eau, de bois de buritis.” (ROSA, 1990, p. 98). A meticulosidade da tradutora se demonstra ainda no cuidado na versão dos neologismos (nonada vs. que nenni) e dos nomes relativos à fauna e à flora, cuja riqueza é bastante conhecida, o que gera dificuldades de toda ordem para um tradutor de origem europeia. Por último, vale mencionar que Lapouge-Pettorelli está a par dos aspectos lexicológicos da pesquisa rosiana, que já nos deu um léxico completo, O léxico de Guimarães Rosa (MARTINS, 2001). A esse propósito, registre-se a tradução de “esmerados esmertes olhos, botados verdes, de folhudas pestanas, luziam um efeito de calma” por “ces yeux smart, merveilleux, d’un vert d’eau, aux cils feuillus, irradiant une impression de calme” (ROSA, 1990, p. 101), recriando, em francês, a poeticidade do texto rosiano, inclusive no nível sonoro e imagético, e desvelando todo o processo criativo do termo “esmerarte” a partir do inglês “smart” (MARTINS, 2001, p. 200; CASTRO, 1982, p. 104). Pode-se afirmar, com base do conjunto dos procedimentos adotados, que a tradutora soube, reelaborando matrizes culturais diversas, promover um permanente deslocamento de fronteiras e uma abertura para a alteridade, capazes de potencializar o teor crítico e imagético do texto de Guimarães Rosa.

Palavras-chave: Guimarães Rosa; tradução francesa; Grande sertão: veredas

O SERTÃO ROSEANO E A RECEPÇÃO CRÍTICA FRANCESA NOS ANOS 1960

Márcia Valéria Martinez de Aguiar (UNIFESP)

Resumo: Com a publicação de Sagarana em 1946, João Guimarães Rosa faz sua entrada na cena literária brasileira. Recebido com entusiasmo, o livro é considerado, por Álvaro Lins, « como uma grande obra, que amplia o território cultural de uma literatura ». Dez anos mais tarde, Grande sertão: veredas e Corpo de Baile consagrarão definitivamente Guimarães Rosa junto a seus leitores e críticos, seduzidos por uma escrita que escapa ao regionalismo e ao exotismo permanecendo, contudo, ancorada no sertão natal do escritor. Os inúmeros nomes de vegetais e animais, as paisagens, as personagens, os falares e as expressões locais não se contentam, nas palavras de Antonio Cândido, em trazer “um certo sabor regional”: eles o constroem, de modo que Minas Gerais se torna “menos uma região do Brasil do que uma região da arte”. Esse fenômeno deve-se à escrita singular de Guimarães Rosa. Tomando como material de base o português tal como falado no Brasil – particularmente no sertão –, ele recusa todo calco da língua falada, utilizando cada palavra como “se tivesse acabado de nascer, para limpá-la das impurezas da linguagem cotidiana e reduzi-la a seu sentido original”. Fugindo dos lugares comuns, ele cria um universo particular em que toda separação entre realidade e ficção, sujeito e objeto, regional e universal, palavras e coisas acaba por se desfazer. “Os vocábulos de nosso romancista-poeta”, sintetiza Pedro Xisto, “não se restringem a contar uma história. Eles têm, ainda, o que contar de si próprios. Eles são mais do que signos abstratos e indiferentes. Eles integram a coisa, participando, concretamente, das vivências”. Enfeitiçados por essa escrita, editores e tradutores estrangeiros iniciam, nos anos 1960, a publicação das obras de Guimarães Rosa no exterior. O primeiro livro do autor em língua estrangeira é lançado em 1961 na França com o nome de Buriti. O volume, com três histórias de Corpo de baile - Dão-lalalão, O recado do morro e A festa de Manuelzão - mereceu críticas em jornais e revistas da França, Bélgica e Suíça. Nelas, os críticos, surpresos, buscam maneiras de se apropriar do que intuitivamente apreendem dos textos roseanos, daquilo que o próprio escritor chamaria de sua “metafísica”. Para isso, assimilam-nos por vezes às narrativas de outros escritores, quer pelo estilo, que pela temática. Nesta comunicação, gostaríamos de refletir sobre as razões que teriam levado esses críticos a comparar Guimarães Rosa tanto a Virgílio quanto ao do escritor provençal Jean Giono.

Palavras-chave: Guimarães Rosa; recepção França; Corpo de Baile.

VILÉM FLUSSER : UM CRÍTICO LITERÁRIO?

Eliane Maria Diniz Campos (UERJ)

Resumo: Vilém Flusser (1920-1991), nascido na República Tcheca, foi um intelectual exilado, que chegou ao Brasil por volta dos anos de 1940, anos turbulentos da Segunda Guerra Mundial. Estabeleceu-se em São Paulo, tornando-se professor da FAAP e da USP por alguns anos. Flusser possui escritos críticos variados, entre eles alguns a respeito de Franz Kafka (1883-1924), seu conterrâneo, e do autor modernista brasileiro João Guimarães Rosa (1908-1967). É sabido que o filósofo conheceu pessoalmente Guimarães Rosa e, embora grande parte da obra de Rosa seja anterior, o pensamento flusseriano pode ter influenciado os escritos desse autor. Além disso, Flusser também escreveu ensaios opinando sobre as vanguardas modernistas e outros autores. Assim, esta comunicação pretenderá examinar alguns textos escritos pelo autodidata e filósofo Vilém Flusser, detendo-se especialmente em seu olhar estrangeiro sobre a literatura brasileira. O público poderá ter a chance de conhecer o pensamento desse filósofo sobre a literatura - empresa até então pouco explorada, já que as publicações em jornais ainda não receberam um tratamento adequado e muitas ainda não foram reunidas e comentadas.

Palavras-chave: Vilém Flusser; estrangeiro; Guimarães Rosa.

2 de agosto

8h30

A LUVA MISTERIOSA: UMA ADAPTAÇÃO FOLHETINESCA DE LA PEAU DE CHAGRIN, DE BALZAC

Norma Wimmer (IBILCE/UNESP)

Resumo: O número 6, de 20 de junho de 1836, do jornal O Chronista – fundado no Rio de Janeiro por Justiniano José da Rocha (1812-1862) e por ele dirigido – apresenta um artigo no qual o diretor revela sua intenção de diferenciar seu periódico dos demais por divulgar as “belezas da literatura moderna”, não em traduções, muitas vezes segundo ele, desmerecedoras dos originais, mas em breves quadros que reuniriam importantes páginas das obras de Hugo, Balzac, Sue, Lacroix... Em seguida, anuncia a publicação de A luva misteriosa, imitada o “terrível” texto de Balzac, La peau de chagrin (1831). A narrativa de Rocha, portanto, foi impressa, sob forma de folhetim, em 1836, nos números 6, 8 e 9 do periódico. Não há notícias do exemplar de número 10. Duas hipóteses relativas a esse fato parecem poder ser aventadas: a primeira – e talvez a mais plausível – é a de que ele se tenha perdido, definitivamente. A segunda, também viável, é a de que o “adaptador” simplesmente tenha abandonado a publicação no jornal e optado pela edição em volume. Efetivamente, um anúncio de rodapé, do segundo trimestre de 1836, leva-nos a aventar a possibilidade de o texto ter sido publicado e posto à venda na casa Laemmert e na Tipografia Comercial. Desta publicação também não encontramos mais notícias. O Jornal do Commercio que, por muito tempo, divulgou os títulos impressos no Rio de Janeiro, não menciona a publicação da “adaptação” do texto de Balzac. Justiniano José da Rocha anuncia também, no mesmo número 3 de seu periódico, a intenção de apresentar um artigo à semelhança do que faziam os jornais franceses sob o título de “feuilleton”. Optando pela tradução “folhetim” para o termo francês, ele informa ser o Chronista o primeiro jornal a seguir o exemplo francês no Brasil e considera que, em sua opinião, a novidade certamente agradaria aos leitores. Ao estudioso de Balzac, dois aspectos despertam, logo de partida, a atenção: a opção pelo autor a ter seu trabalho adaptado pois, na ocasião, Balzac não desfrutava ainda de seu posterior prestígio; além disso, o fato de o próprio Balzac ter publicado, sob forma de folhetim, no mesmo ano de 1836, La vieille-fille, em La Presse. Labbé e Millet afirmam que este teria sido o primeiro romance-folhetim publicado pelo jornal de E. Girardin. Este fato, se confirmado, indicaria que, graças ao trabalho de Rocha haveria, se não coincidência de datas, pelo menos grande proximidade entre este tipo de publicação na França e no Brasil. Considerados estes dados, o objetivo da comunicação a ser apresentada é o de refletir acerca da adaptação de La peau de chagrin em O Chronista e, ao mesmo tempo, tecer considerações sobre a importância, para a imprensa brasileira do século XIX, do trabalho de Justiniano José da Rocha.

Palavras-chave: Justiniano José da Rocha; Balzac; folhetim.

A TRADUÇÃO DE ROMANCES: UM ESTUDO DAS CONDIÇÕES ORIGINAIS DE APARIÇÃO NA FRANÇA DAS OBRAS VERTIDAS E PUBLICADAS POR B.-L. GARNIER NO BRASIL

Valéria Cristina Bezerra (UNESP)

Resumo: O livreiro-editor francês Baptiste-Louis Garnier, ao instalar-se no Brasil nos anos de 1840, passou a ampliar a presença de livros estrangeiros no país. Nas décadas iniciais de sua atuação no Rio de Janeiro, investiu principalmente na importação de obras em idioma original e, posteriormente, de traduções provenientes de Portugal. Com o crescimento de seu negócio e seu contato com pessoas do meio das letras brasileiras, tornou-se um dos principais editores dos autores locais. Na década de 1870, período de intensos debates sobre a constituição da literatura nacional, Garnier fomentou também a oferta de obras transladadas para o português. Nesse decênio, Garnier deu maior desenvolvimento a seu empreendimento de tradução e manteve a seu serviço um corpo de tradutores, integrado por literatos brasileiros, que verteram 80 romances, em sua maioria de origem francesa. O repertório literário no Brasil era composto, portanto, por obras nacionais e também por produções estrangeiras, muitas vezes bem acolhidas pelos críticos, que defendiam a tradução como uma atividade relevante na consolidação das “letras pátrias”. Nesse contexto, faz-se pertinente a compreensão do impacto de obras estrangeiras na composição do ambiente literário brasileiro e no processo de elaboração da literatura nacional. O caso da empresa de tradução de B.-L. Garnier é ilustrativo desse cenário e pode revelar o caráter da inserção da literatura estrangeira no

país. Para tanto, vários aspectos precisam ser apreciados, como a recepção crítica, o perfil dos tradutores, as ações de difusão adotadas pelo editor. Merecem atenção ainda as condições de aparição e recepção das obras no país de origem, que podem apontar para os critérios de sua escolha por Garnier para a tradução no Brasil. Esta comunicação é resultado de pesquisas realizadas durante estágio de pesquisa na França e centra-se numa das etapas dos trabalhos de investigação, que busca verificar a participação dos romances franceses, que foram posteriormente traduzidos por B.-L. Garnier, no mercado de livros de origem, o francês, atentando para a atuação dos editores franceses na publicação dessas obras e na sua distribuição internacional. Propõe também uma análise da recepção crítica desses romances publicada na imprensa francesa, com o fim de identificar o status das obras e de seus autores e de entender as razões pelas quais Garnier passou a oferecê-los no Brasil por meio de sua tradução.

Palavras-chave: Palavras-chave: tradução; romance; século XIX.

A PESQUISA EM FONTES PRIMÁRIAS: REPENSANDO A CIRCULAÇÃO DA OBRA DE HONORÉ DE BALZAC NO BRASIL (SÉCULO XIX)

Lilian Tigre Lima (IBILCE/UNESP)

Resumo: Conforme têm demonstrado pesquisas recentes em torno da História do Livro e da Edição no Brasil, o estudo das fontes primárias contribui com a pesquisa em literatura à medida que facilita uma revisão de sua historiografia. O acesso a periódicos, catálogos e primeiras edições, entre outras fontes, possibilita a descoberta de novas informações e a revisão de outras. Os catálogos dos livreiros-editores, por exemplo, que circularam na França, no Brasil e entre os dois países no século XIX, constituem importantes recursos de informação, visto que permitem melhor compreender a dinâmica econômica do mercado de distribuição e venda de livros. Desse modo, com base no mapeamento dos dados de circulação da obra de Honoré de Balzac no Brasil durante o século XIX, ou, mais especificamente, no período que corresponde às décadas de 1830 e 1840, a presente comunicação pretende debater como os títulos de Balzac foram publicados, anunciados e comercializados nos catálogos das livrarias B. L. Garnier, Garraux, Contemporânea de Faro e Lino e, ainda, no Diário do Rio de Janeiro (fontes às quais se chegou a partir de pesquisa preliminar). A partir daí, o objetivo desta comunicação é discutir a pesquisa literária em fontes primárias, que, por sua vez, contribui para uma compreensão mais diversificada dos modos de produção e divulgação da literatura no século XIX, visto que conhecer os bastidores das principais livrarias e jornais do Oitocentos no Brasil é buscar compreender também como se dava e pensava a circulação e recepção da literatura na época.

Palavras-chave: Honoré de Balzac; Fontes primárias; Século XIX

LUIZ GASTÃO D'ESCRAGNOLLE DÓRIA, MEDIADOR DA OBRA GONCOURTIANA NO BRASIL

Zadig Mariano Figueira Gama (UFRJ)

Resumo: Durante a pesquisa de Mestrado sobre a circulação e a recepção do romance *Sœur Philomène* (1861), dos irmãos Edmond (1822-1896) e Jules (1830-1870) de Goncourt, nos campos literários (BOURDIEU, 1992) francês e brasileiro, deparamo-nos com a curiosa trajetória do jornalista, escritor e professor Luiz Gastão d'Escragnolle Dória (1869-1948), grande entusiasta da literatura goncourtiana no Brasil. Apesar de hoje ter sua atuação como escritor e tradutor eclipsada pelos cargos de professor do Colégio Pedro II e diretor do Arquivo Nacional e do IHGB, foi possível comprovar que sua atuação nas letras brasileiras foi intensa e abrangente. No âmbito da tradução, durante as últimas décadas do século XIX, Escragnolle Dória tornou acessível ao público leitor dos periódicos com os quais colaborou um incontável número de obras estrangeiras, sobretudo escritas originalmente em língua francesa. Dentre elas, podemos destacar, a título de exemplo, além da tradução de *Sœur Philomène* que, em 1891, saiu na seção folhetim do *Jornal do Commercio* (RJ), a peça *Os cegos*, de Maurice Maeterlinck; os contos “*Menteuse*”, de Alphonse Daudet, e “*Mademoiselle Perle*”, de Guy de Maupassant; e o poema “*Tristesse d'été*”, de Stéphane Mallarmé. Paralelamente à sua atuação no campo literário como tradutor, Escragnolle Dória se dedicou à

escrita literária, firmando-se paulatinamente como escritor reconhecido por críticos como os acadêmicos Araripe Júnior e José Veríssimo. Ao recuperarmos sua produção literária, composta principalmente por contos e poemas em prosa, cuja maior parte circulou somente na imprensa, e ao restabelecemos a recepção desses textos, observamos a crítica especializada reconhecer sistematicamente traços naturalistas e relacionar o estilo do autor ao dos irmãos Goncourt. Incidindo em sua maior parte sobre o livro de contos *Dor* (1903), única publicação de ficção desse autor no suporte livro, a relação de sua figura à dos Goncourt feita pela crítica tomou um novo rumo após a publicação do obituário de Edmond de Goncourt assinado por Escragnolle Dória, em 1896, na *Revista Brasileira*. Por meio deste texto, é possível observar que a admiração desse polígrafo das letras brasileiras desdobrou-se em uma relação de estima entre os dois escritores, nutrida por meio de correspondência. As cartas trocadas entre o francês e o brasileiro, transcritas naquele texto, reverberaram no tempo, tendo sido reproduzidas na *Revue des Revues* (Paris), no *Malho* (RJ) e em crônica assinada pelo crítico literário e historiador Brito Broca, publicada no jornal *A Gazeta* (SP). À vista disso, o problema de pesquisa que se impõe atravessa as razões de escolha de se traduzir determinadas obras de determinados autores, os critérios de que lançou mão nesse sentido e a incorporação de valores estéticos e de traços estilísticos em sua obra. Isto nos leva a questionar, dentro da heterogeneidade de gêneros praticados e traduzidos por Escragnolle Dória, em que medida a mediação (ESPAGNE & WERNER, 1987; ESPAGNE, 2012) desses textos literários escritos originalmente em língua francesa teria contribuído para a circulação e incorporação da literatura goncourtiana ao campo literário brasileiro.

Palavras-chave: Escragnolle Dória; Goncourt; recepção literária

2 agosto

14h30

ROMANCES DE FENIMORE COOPER NO BRASIL DO SÉCULO XIX: CIRCULAÇÃO E RECEPÇÃO CRÍTICA DE LIVROS E FOLHETINS

Lucas de Castro Marques (UNESP)

Resumo: Os estudos da presença da ficção – original ou traduzida – de escritores estrangeiros nas livrarias, bibliotecas e periódicos brasileiros do século XIX podem nos ajudar a entender as escolhas que motivaram a travessia de romances e sua disseminação entre o público leitor do Brasil. Considerando esse contexto de investigação, esta comunicação tem como objetivo apresentar uma análise da circulação e recepção crítica dos romances de James Fenimore Cooper no Brasil do Oitocentos, sobretudo em Rio de Janeiro e São Paulo. Em conformidade com esse propósito, evidenciaremos os editores, tradutores, livreiros e críticos que desempenharam papéis determinantes para a divulgação da ficção desse escritor norte-americano em terras brasileiras. Sabemos que, durante o “longo século XIX” (HOBBSAWM, 1992), houve intensa disseminação da cultura no Ocidente (GRUZINSKI, 2004) por meio da circulação de impressos e ideias entre diversos países (CHARTIER, 1994), favorecida pelas diversas transformações culturais e tecnológicas que propiciaram uma grande difusão de livros e jornais (ABREU & MOLLIER, 2016). Durante esse período, os romances de Cooper, em livros, foram sentos traduzidos, adaptados, reeditados, impressos, vendidos, comprados e lidos na Europa, principalmente na França (GOUANVIC, 2003), cujo mercado editorial e livreiro foi fundamental para a disseminação das obras desse escritor norte-americano entre os leitores franceses e os leitores de outras localidades, como o Brasil. O mercado português e o mercado brasileiro têm sua importância nesse cenário, pois foram também responsáveis pela difusão das obras de Cooper entre o público leitor de língua portuguesa. Contudo, além de circularem em livro, formato para o qual foram originalmente escritos, seus romances, traduzidos para o português, encontraram lugar no suporte midiático do jornal, já que figuraram no rodapé de periódicos brasileiros, em espaço destinado ao romance-folhetim. Sendo assim, com o propósito de entender o fenômeno da circulação das obras de Cooper, utilizamos, como fontes primárias, os catálogos de livrarias e os periódicos de São Paulo e Rio de Janeiro, e também os catálogos de

bibliotecas e gabinetes de leitura da Corte Imperial. Apresentaremos uma reflexão sobre a recepção crítica das obras do norte-americano a partir de resenhas dos anúncios de venda de livros, bem como a partir de comentários comparativos entre os romances de Fenimore Cooper e José Alencar, presentes nos textos dos críticos Pinheiro Chagas, Araripe Júnior, Joaquim Nabuco e Franklin Távora. O itinerário de circulação e recepção de sua obra no Brasil, a partir do que podemos constatar no contexto do Rio de Janeiro e de São Paulo da época, inscreve-se no quadro de reconhecimento internacional do trabalho de Fenimore Cooper durante o XIX, talvez pelo entendimento de que esse escritor tenha se inserido na criação da Literatura e Cultura Americanas, no diálogo com o discurso europeu a respeito do Novo Mundo (WASSERMAN, 1994), ou bem como por ter sido considerado um modelo de escritor das Américas, no qual os demais literatos do grande continente deveriam se orientar.

Palavras-chave: Circulação; Fenimore Cooper; Fontes primárias.

JOSÉ LINS DO REGO E A ARGENTINA: CONFERÊNCIAS NO PRATA E CRÔNICAS D'O GLOBO

Regiane Matos (Fundação Getúlio Vargas)

Resumo: Esta comunicação abordará a relação do escritor brasileiro e paraibano José Lins do Rego (1901-1957) com a Argentina. O ponto de partida é sua ida ao país platino em 1943, onde e quando proferiu uma série de conferências a respeito da literatura brasileira do século XIX no Colégio Libre de Estudios Superiores (1930-1959), posteriormente reunidas e publicadas em Conferências no Prata (Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1946). A recém-publicada Correspondência Mário de Andrade & Newton Freitas (organizada por Raúl Antelo – São Paulo/Florianópolis: Edusp/Editora da UFSC, 2017: 178-179) recupera carta de 1 de novembro de 1943 na qual Newton Freitas comenta a passagem de José Lins pela capital argentina. O cronista José Lins atuou no cenário jornalístico carioca durante as décadas de 1940 e 1950, tendo publicado milhares de crônicas nos periódicos O Globo, de Roberto Marinho (crônicas do cotidiano, coluna com títulos e temas variados), n'O Jornal de seu conterrâneo Assis Chateaubriand (crônicas também do cotidiano, coluna "Homens, Seres e Coisas") e no Jornal dos Sports de Mário Filho (crônicas esportivas, coluna "Esporte e Vida" (HOLLANDA, 2012: 136-7). O objetivo é apresentar as possíveis redes de solidariedade e de sociabilidade que giram em torno da ida do escritor paraibano à Argentina e as principais abordagens do país presentes nas crônicas que publica n'O Globo depois dessa viagem. Dentre as mais de 1.500 crônicas assinadas por José Lins n'O Globo entre 1944 e 1956 – as edições de 1948 e 1949 não puderam ser integralmente consultadas por problemas de microfilme – 36 giram em torno do país platino. O primeiro texto sobre o país assinado por José Lins foi publicado na edição de 12 de outubro de 1944 do periódico, intitulada "A poesia de Martin Fierro" e o último, "La prensa", em 8 de fevereiro de 1956. Após a identificação de títulos e leitura do conteúdo das crônicas, foi feito o estudo que aproximou os textos de acordo com seus eixos temáticos (impressões de sua viagem, análise da política e/ou da literatura argentinas, comentários acerca de personagens do país vizinho). Referências bibliográficas: ANDRADE, Mário de; FREITAS, Newton. Correspondência Mário de Andrade & Newton Freitas; organização, introdução e notas de Raúl Antelo. São Paulo/Florianópolis: Edusp/Editora da UFSC, 2017. HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. ABC de José Lins do Rego. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012. ROMERO, Luis Alberto. "Capítulo tres / 1920-1976: El Estado y las corporaciones". In: De las cofradías a las organizaciones de la sociedad civil – Historia de la iniciativa asociativa en Argentina (1776-1990). [Buenos Aires]: Edilab Editora, 2002, p. 169-275.

Palavras-chave: José Lins do Rego; crônica; O Globo; Argentina

A CABEÇA PENSA ONDE O PÉ PISA? LUGARES DA CRÍTICA LITERÁRIA E MIA COUTO

Natasha Magno Francisco Dos Santos (UNICAMP)

Resumo: Como o romance moçambicano O último voo do flamingo, de Mia Couto, foi recebido e lido pela crítica literária? Essa foi a pergunta primordial que motiva essa comunicação. A partir dela seguiram outros questionamentos: quais dificuldades ou facilidades impunham as leituras e escritas

de um dos maiores escritores moçambicanos do século XX e XXI? Quais os procedimentos de leitura crítica adotados sob o romance *O último voo do flamingo*? Quais transformações são perceptíveis na sucessão do ofício da crítica literária? Quais foram os efeitos, para concordância ou discordância de pontos de vista, que se sucederam sobre a obra? Por que a crítica coutiana concentra-se majoritariamente fora de Moçambique? Impossível responder todas essas questões num único espaço, visto que aqui não se propõe a sanar todos esses questionamentos, mas de apresentá-los como ponto de partida e principalmente para contextualizar não só o romance, mas o próprio autor dentro do debate literário. Traduzido em mais de 13 línguas, filho de imigrantes portugueses, nascido em Moçambique, Mia Couto escolheu, assim como muitos brancos do seu mesmo contexto social, a nacionalidade moçambicana após a independência, em 1975. Dono de um projeto literário marcado pela exuberância de novas formas e originalidade, fórmula literária rara de se alcançar, sua literatura fez e faz parte da construção de um cânone literário, cativando e ampliando assim também uma multiplicidade de perspectivas da crítica, como comprovam as dezenas de teses a seu respeito, os diversos livros e artigos. Busca-se nesta comunicação apresentar um breve levantamento bibliográfico, para assim traçar um primeiro ponto de análise e mapear o território interpretativo da obra de Mia Couto, focando principalmente no que envolve a recepção de seu romance *O último voo do flamingo*. Este levantamento procura sintetizar e organizar as principais incursões feitas sobre o romance, de modo a se constituir também como ferramenta útil para futuros estudos sobre a obra literária do autor, assim como destacar o modo como vêm sendo lido a obra coutiana. As produções e diferente recepções das obras literárias africanas em língua portuguesa são marcadas por um longo processo de configurações identitárias e de resgate memorialista, consistindo numa prática que implica, muitas vezes, na definição de particularidades africanas por oposição a particularidades europeias ou “ocidentais” (MORAES, 2007, p. 13). Tal particularidade vem se mostrando como fio condutor de diversas análises críticas da própria obra de Mia Couto, apontando muitas vezes para possíveis estratégias de abordagem leitura da sua obra. Desde seu ápice literário, com o ímpeto revolucionário que clamou pela independência do colonialismo português, até os dias de hoje, as literaturas africanas em língua portuguesa têm apresentado para o seu leitor uma oportunidade interessante de conhecimento de uma experiência humana e literária e essa polaridade de leituras e interpretações de muitos autores africanos nos permite trazer um olhar crítico sobre como Mia Couto foi recebido, principalmente fora do continente africano. Nesse sentido, refletir como tal fenômeno literário é recebido é também um modo de se discutir a estruturação social e estrutural da própria crítica literária

Palavras-chave: Mia Couto; Recepção Crítica; Literatura Moçambicana

ZELDA FITZGERALD: LIMITES ENTRE LOUCURA, PRECONCEITO E AUTORIA

Marcela Lanius (PUC-Rio)

Resumo: Esta proposta de comunicação se volta para a escritora e artista norte-americana Zelda Sayre Fitzgerald, consagrada dentro do cânone literário como a esposa do grande autor da Era do Jazz, F. Scott Fitzgerald. Ainda que extremamente famosa durante a década de 1920, Zelda parece ocupar um espaço bastante restrito dentro da mesma tradição que idolatra seu companheiro: louca, invejosa e problemática, a Zelda canonizada pelos comentários e afirmações de figuras poderosas como Ernest Hemingway, Maxwell Perkins e Harry T. Moore ainda encontra lugar no discurso contemporâneo sobre os Fitzgerald, que teimosamente insiste no fato de que foi por conta da esposa que F. Scott Fitzgerald não foi capaz de atingir todo o seu potencial de escritor. De rainha da Era do Jazz a paciente hospitalizada, de heroína a esquizofrênica, Zelda lutou para conquistar um espaço exclusivamente seu – e acabou pagando um alto preço por isso. Presa ao estigma da insanidade, Zelda tentou se voltar para a literatura como forma de realização profissional – e, nas mãos da crítica da época, essencialmente masculina e preconceituosa, foi consagrada como um mero apêndice à obra de seu ilustre esposo. Esta comunicação, portanto, se propõe a mostrar como a visão hegemônica de Zelda, cristalizada na sua língua e cultura de origem, se comporta quando traduzida para o português – e busca investigar os agentes por trás da consagração ou

ressignificação de tal imagem: agentes como escritores ou prefaciadores que, embora não assinem a tradução, utilizam do seu espaço dentro da obra para construir ativamente uma nova identidade autoral para Zelda. Por esse mesmo motivo, esta comunicação dará maior destaque ao único romance que Zelda escreveu, *Save me the Waltz* (1932), à tradução que tal obra recebeu para a língua portuguesa em 1986 e aos paratextos que cercam esses dois volumes, assinados por Harry T. Moore e Caio Fernando Abreu. É a partir do diálogo com os agentes de Zelda no Brasil e na língua portuguesa que tentarei reafirmar a importância da tradução enquanto meio de ressignificação de identidades, repensar o papel de Zelda enquanto escritora – e o valor de seu romance enquanto obra literária – e, por último, questionar a rigidez e a hierarquia das relações de poder entre línguas chamadas dominadas e aquelas dominantes.

Palavras-chave: tradução; ressignificação; Zelda Fitzgerald

24 - ESTUDOS PROUSTIANOS

Coordenação: Luciana Persice Nogueira (UERJ); Alexandre Bebiano de Almeida (USP); Carla Cavalcanti e Silva (UNESP)

Resumo: Escritor paradigmático e cronista de seu tempo, Marcel Proust (1871-1922) legou uma obra enciclopédica e polifônica, que se espraia pelos mais diversos gêneros: ensaios de caráter teórico, artigos de crítica (literária entre outras), poemas, rascunhos de projetos ficcionais abandonados inacabados (publicados postumamente), duas traduções comentadas (cujas notas de rodapé e paratextos complementam os artigos de caráter crítico e/ou teórico), um romance de sete tomos escritos numa prosa que reúne elementos desses gêneros precedentes (sendo que os últimos tomos também foram publicados postumamente, e sem sua revisão definitiva do autor – o que acrescenta um caráter polêmico às próprias edições), e uma vastíssima correspondência que não só liga o escritor a outros membros do meio artístico e intelectual da época (expondo os bastidores de sua produção escritural) como informa, ao menos em parte, sobre sua própria visão da obra em andamento, enquanto crítico e comentador de si mesmo. Polêmico, manteve-se no centro das turbulências artísticas e literárias que caracterizaram a *Belle Époque*, fundando ou contribuindo para revistas especializadas, tomando partido em questões de monta (Caso Dreyfus, por exemplo), e desenvolvendo um estilo inortodoxo que o coloca no limiar entre várias tendências literárias que marcaram o século XIX e o início do século XX. Funâmbulo entre séculos e mundos, Proust torna-se um clássico, no sentido atribuído por Antoine Compagnon (1989): não “uma obra estável, mas uma obra fora de esquadro, cujas discrepâncias e falhas não param de suscitar a leitura”; o clássico não “transcende o tempo”, é “desconcertante em todo presente, inclusive o seu” próprio. E não foram poucos os críticos contemporâneos, nem os das gerações seguintes. Porém, contrariando Sartre, que em 1939 anunciava que estávamos “livres de Proust e ‘da vida interior’”, e Nathalie Sarraute, que dez anos depois colocava Proust entre os escritores de uma “psicologia” e “uma época passadas”, os incontáveis centros e núcleos de estudo e de pesquisa, revistas e boletins dedicados à obra proustiana (obra entendida em todas as manifestações da produção escrita do autor) vem colocando luz e foco sobre os seus sempre atuais e surpreendentes aspectos: os *avant-textes*, os intertextos, os temas (não esquecendo que a própria crítica temática se origina no seu método “contra Sainte-Beuve”), as relações com as outras artes (pintura, música, fotografia, cinema..) e outros saberes (filosofia, arquitetura, psicologia...). Homem sintonizado com tudo que estava no “ar do tempo”, Proust contribuiu para o seu debate, lançando um olhar singular sobre muitas questões em voga: o tempo, o espaço, a memória, a arte, a leitura, o papel do escritor, a importância das literaturas estrangeiras, a preservação do patrimônio... Homem paradoxal, conseguia ser, concomitantemente, cosmopolita e recluso, cingiu-se de forros de cortiça e unguentos, insônias e achaques, e, ao escrever, deitado e enfronhado em cobertas, cadernos e papéis esparsos (de onde as temíveis *paperolles*), “mantém em círculo, ao seu redor, o fio das horas, a ordem dos anos e dos mundos”, assim como leitores atentos aos mais diversos indícios impregnados nas linhas de geografias sonhadas, amores e sabores perdidos, e toda sorte de histórias que incorporou à matéria de sua obra. Os estudos proustianos abarcam o sem-fim da escrita e da escritura proustianas, ocupam-se

do estilo da frase, do uso da língua, da construção do texto, da estética, do universo imagético, do “eu” ambíguo e inovador...; atentam também para outras ambiguidades (romance e ensaio, prosa e poesia, erudição e inspiração, memória voluntária e involuntária, autobiografia e autoficção, tradição e inovação, retrospectiva e descortinamento de admiráveis rumos novos à literatura e à crítica). Estudos que – por que não? – analisam a própria fortuna crítica dedicada a Proust, desbravando caminhos, lados e vieses que, trilhados com dedicação e esmero, provam-se comunicantes. O Simpósio de Estudos Proustiano prevê incluir todos os aspectos imagináveis dessa busca enciclopédica, colocar em debate seus meandros, e divulgar seu caleidoscópio discursivo.

1 de agosto
8h30

DOIS CRIMES, DUAS CRÔNICAS: MARCEL PROUST E MACHADO DE ASSIS

Alexandre Bebiano de Almeida (USP)

Resumo: A comunicação pretende comparar duas crônicas: “Sentiments filiaux d’un parricide”, de Marcel Proust, publicada no jornal “Le Figaro”, em 1º fevereiro de 1907; e “O punhal de Martinha”, de Machado de Assis, publicada no jornal “A Gazeta de notícias”, em 5 de agosto de 1894. Nosso comentário se propõe a descrever: a) o uso que Marcel Proust e Machado de Assis fazem da crônica, desse gênero a meio termo de fatos cotidianos e do ensaio literário; b) de que maneira as crônicas abordam dois crimes divulgados pela imprensa, para desacreditar certos implícitos e, mesmo, certos preconceitos difundidos pelas pequenas reportagens de jornal; c) o uso do intertexto literário pelos dois cronistas, principalmente de referências literárias clássicas: a tragédia grega “Édipo-Rei”, por parte de Proust; e um capítulo da “História de Roma” de Tito Lívio, por parte de Machado de Assis. Nossa análise se orienta por uma pergunta mais geral, que diz respeito às pesquisas sobre o papel da crônica nos jornais brasileiros e franceses: quando Machado de Assis e Marcel Proust comentam “fait divers” contemporâneos, seria possível caracterizar aproveitamentos diferentes do gênero por parte do escritor francês e brasileiro?

Palavras-chave: Proust; Machado de Assis; crônica; fait divers

TRADUZIR O RITMO PROUSTIANO

Sheila Maria dos Santos (UFSC)

Resumo: Segundo Henri Meschonnic (1982), o ritmo de uma obra literária é o aspecto responsável por ligar todas as partes do discurso e constituir uma unidade coerente e harmoniosa. Ao contrário da aceção dicotômica tradicional de ritmo, que, sob a égide do signo, distingue som e sentido, limitando seu alcance ao campo sonoro, Meschonnic define o ritmo na linguagem como a organização do sentido no discurso. Por conseguinte, sendo o sentido a atividade do sujeito na enunciação, o ritmo passa a ser a organização do sujeito no discurso, de modo que é possível identificar o sujeito no discurso por via do ritmo. Para fazê-lo, o autor propõe três categorias analíticas, a saber, o ritmo linguístico, o ritmo retórico e o ritmo poético. Destarte, este trabalho pretende analisar, sob a ótica da teoria desenvolvida por Meschonnic, de que forma os escritores-tradutores brasileiros responsáveis pela primeira tradução integral da obra *À la Recherche du temps perdu*, de Marcel Proust, a saber, Mario Quintana, Manuel Bandeira, que traduziu o quinto volume em parceria com Lourdes Sousa de Alencar, Carlos Drummond de Andrade e Lucia Miguel Pereira, lidaram com tal aspecto da obra em sua prática tradutória. Tendo em vista que a *Recherche* é conhecida, entre outros, por suas frases longas, as quais possuem um ritmo intermitente, formado a partir de um uso singular da pontuação, que não segue normas sintáticas, posto que não é pautada pela gramática, e sim pela oralidade, dar-se-á atenção especial a esse instrumento rítmico.

Palavras-chave: Tradução literária; Ritmo; Marcel Proust

1 de agosto
14h30

A FECUNDAÇÃO DAS FLORES EM SODOMA E GOMORRA: A PRESENÇA DE MAETERLINCK

Carla Cavalcanti e Silva (UNESP)

Resumo: A edição genética dos 75 cadernos de rascunho de Marcel Proust presume, entre as várias etapas, a realização de notas que indiquem os temas desenvolvidos na obra proustiana e seu aparecimento nos diversos documentos manuscritos. Analisando o caderno 52 e os cadernos de mise au net I e II, encontramos o desenvolvimento do romance Sodoma e Gomorra, e a elaboração da célebre passagem do encontro de Charlus e Jupien. Percebemos, no entanto, que longe da imagem condensada que temos no romance publicado, encontramos uma longa menção aos estudos de botânica de Darwin e termos excessivamente técnicos que serão suprimidos no texto publicado, como “fleurs dolychostylée” (flores com vários estiletos). O tom do texto contido no manuscrito ainda está muito próximo de um estudo de botânica do que da bela metáfora que aparece na Recherche, mas um dos pontos a salientar é que em uma passagem do manuscrito, Proust menciona, em uma nota, um botânico francês – Babinet – que é citado por Maeterlinck em seu livro L’intelligence des fleurs. É interessante notarmos que Proust utiliza muito do vocabulário desenvolvido por Maeterlinck para elaborar a passagem, e embora haja muitos estudos que versam sobre a importância de Maeterlinck para Proust, encontramos raríssimas menções a esse intertexto botânico proveniente do escritor belga. Essa informação se torna, portanto, bastante relevante para entender a escritura proustiana. Por um lado, vemos que embora Proust mencione os estudos de Darwin, muito do que fala sobre botânica provém não do famoso naturalista, mas de um escritor simbolista no século XIX. A presente comunicação busca refletir como a leitura de Maeterlinck foi determinante na escolha da imagem botânica do romance proustiano Sodoma e Gomorra.

Palavras-chave: Proust; Sodoma e Gomorra; Maeterlinck; Babinet

MARCEL PROUST, PAUL DESJARDINS E O BULLETIN DE L'UNION POUR L'ACTION MORALE (BUAM)

Luciana Persice Nogueira (UERJ)

Resumo: Autor que representa e, ao fazê-lo, como que encerra a Belle Epoque francesa, Marcel Proust (1871-1922) registra em suas obras ficcional, ensaística e epistolar muitos dos mitos, dos ditos, dos conflitos, dos modos e das modas de seu tempo e de seu meio. A intelectualidade à qual pertence dita e edita leituras e literaturas, e forma opiniões. O Bulletin de l’Union pour l’Action Morale (BUAM, 1892-1905) tem um papel importante nesse contexto : entre os principais formadores de opinião de sua época (de linha marcadamente kantiana, promotor de um reformismo social republicano calcado no “cristianismo laico”) foi fundado pelo jornalista Paul Desjardins (1859-1940) – ex-professor de Proust, e pessoa ligada a seu círculo de amigos, colegas e correspondentes. A influência de Desjardins sobre Proust é inegável, e pode ser rastreada em exemplos da correspondência proustiana, e até, surpreendentemente, na opção do romancista por enveredar, antes de se lançar na escritura de A la Recherche du Temps Perdu (1913-1927), pelas malhas da tradução literária. Serão vistos, na comunicação proposta, os elos que atam o BUAM às duas traduções feitas por Proust de títulos de John Ruskin (La Bible d’Amiens, 1904, e Sésame et les lys, 1906), assim como a continuidade da presença de Desjardins na obra de Proust – tanto na Recherche quanto em sua troca epistolar.

Palavras-chave: Marcel Proust ; Paul Desjardins; BUAM; Belle Epoque

POÉTICA DO ENCONTRO ENTRE LITERATURA E FILOSOFIA : FRANÇOIS JULLIEN RELÊ MARCEL PROUST

Maria Luiza Berwanger da Silva (UFRGS)

Resumo: Percebe-se que Marcel Proust constitui uma figura de alta recorrência na produção filosófica de François Jullien tanto por possibilitar a tradução de eixos basilares do pensamento desse filósofo, a exemplo das “transformações silenciosas”, da percepção de incidentes e do consequente efeito do “inusitado”, bem como da singularidade da relação estabelecida com diferentes culturas e subjetividades, quanto por mediar a convergência desses eixos pelo simbolismo do “viver”, considerado como figuração primordial do jogo entre “memória voluntária

" e " memória involuntária", captado da produção de Marcel Proust . Com base no exposto, a presente comunicação, ao evidenciar a eficácia da cartografia prousteana para a obra de François Jullien , efetuará a configuração dessa eficácia para a textualidade literária e cultural do Brasil contemporâneo.

Palavras-chave: memória ; percepção; transformação

25 - ESTUDOS RETÓRICOS E POÉTICOS

Coordenação: Marcus De Martini (UFSM); Marcelo Lachat (UNIFESP)

Resumo: Os estudos retóricos e poéticos vêm recebendo uma atenção renovada nos últimos anos, na academia, seja na esteira de trabalhos que procuraram resgatar a importância da disciplina de Retórica, como os de George A. Kennedy (*Classical Rhetoric and Its Christian and Secular Traditions*) e Brian Vickers (*In Defense of Rethoric*), seja, principalmente, na relação dessa com a crítica literária, na tentativa de resgatar uma relação íntima com as poéticas anteriores à Modernidade. Se a crítica humanista e estilística de meados do século XX já vinha alertando para a importância de uma reconstrução histórica das formas de escritura, como se via já em Erich Auerbach, em seu clássico *Mimesis*, ou ainda no monumental *Literatura Europeia e Idade Média Latina*, de Ernest Robert Curtius, seria necessário ainda um pouco mais de tempo para que, no Brasil, houvesse um redirecionamento dos estudos literários nesse sentido. Sinais do interesse global que tem azeitado a produção da pesquisa científica nesses domínios ocorrem com a maturidade manifesta dos altos estudos acerca da obra de escritores emblemáticos das letras brasileiras, como o padre Antonio Vieira e o poeta Gregório de Matos. Assim, trabalhos como os de João Adolfo Hansen (*A Sátira e o Engenho*) e Alcir Pécora (*Teatro do Sacramento*) são fundamentais para os estudos poéticos e retóricos no Brasil. Notório ainda é o desenvolvimento da pesquisa sobre a obra teológica de Vieira na condição de réu do Tribunal do Santo Ofício realizada pela profa. Adma Muhana, grandeza na qual se inclui a edição dos "Autos do processo" de acusação a que o padre foi submetido durante décadas do século XVII pela Inquisição de Portugal e a publicação de textos proféticos do autor luso-brasileiro). Desse modo, esses trabalhos, dentre outros, foram emblemáticos quanto ao resgate dessas formas de representação, apontando para a necessidade de uma reconstrução "arqueológica", nos dizeres de Hansen, de textos anteriores ao século XVIII, que, não raro, eram lidos pela crítica sob um viés anacrônico, ou, pior ainda, considerados de pouca ou nenhuma relevância para o leitor contemporâneo. Essa renovação tende a romper um círculo vicioso de desinteresse e desconhecimento das letras escritas antes da instauração do pensamento da modernidade nas artes, pontualmente antes de meados do século XVIII, quando, como se sabe, todo o sistema do pensamento e do escrever foram profundamente alterados e mesmo rompidos. Observa-se neste sentido um incentivo no mundo editorial, com a publicação de numerosas obras jamais editadas, colocadas presentemente no circuito comercial de venda de livros, bem como um incentivo no domínio da pesquisa acadêmica, em alguns (poucos) nichos dos estudos clássicos e classicistas, para usar-se dois termos generalizantes, presentes na história literária. Com isso, a tendência é que os estudos das práticas retóricas e dos fazeres de poéticas reconquistem algum espaço nos currículos escolares, no debate científico, no mercado livresco, nas instituições globais de produção e disseminação dos saberes, como bibliotecas, institutos, academias e universidades, domínios de que vêm sendo predominantemente alijados por razões várias, cuja compreensão, debate e rejeição fazem parte do interesse deste Simpósio da Abralic, dentre outros mecanismos de ação reflexiva.

Assim, este Simpósio de "Estudos Retóricos e Poéticos" pretende discutir trabalhos nos campos da poética e da retórica, especialmente voltados para *corpora* das letras antigas e modernas (até o século XVIII), tendo como objetivos principais: elaborar um panorama das atividades de pesquisa realizadas no Brasil sobre preceptivas e produções retóricas e poéticas; estabelecer redes associativas de conhecimento e divulgação dessas pesquisas e de seus objetos; definir mecanismos institucionais para a troca de informações; agregar pesquisadores de temáticas afins com objetivo

de divulgação de resultados de trabalhos; vitalizar a produção acadêmica brasileira nos domínios dos estudos retóricos e poéticos. Para tanto, propõem-se os seguintes eixos temáticos em que podem se inserir as propostas de comunicação:

- Retórica e poética nas letras clássicas ou antigas;
- Retórica e poética nas letras modernas;
- Manuscritura, história do livro e da cultura letrada;
- Relações entre as letras e o discurso da história;
- Retórica e poética e as disciplinas humanísticas;
- Retórica, poética e filosofia;
- Recepção de tratados de retórica e poética;
- Retóricas e poéticas medievais;
- Retórica e poética nas letras portuguesas e luso-brasileiras dos séculos XVI, XVII e XVIII.

Espera-se, desse modo, que os trabalhos deste Simpósio mostrem antes ruínas letradas do que construções atemporais anacronicamente idealizadas, recorrendo-se àquilo que enforma essas práticas letradas em seus próprios tempos, em especial, às *technai* retórica e poética e às matérias elaboradas tecnicamente, para que se compreendam melhor as especificidades de tempos que não são os da "modernidade literária".

1 de agosto

14h30

O LOCUS AMOENUS NA CONSTRUÇÃO DAS PAISAGENS EM LUIGI FIACCHI, IL CLASIO

Jeannie Bressan Annibolet de Paiva (UFRJ)

Resumo: A presente pesquisa tem como corpora as fábulas de Luigi Fiacchi (Scarperia, 1754 – Firenze, 1825), poeta italiano e sacerdote católico do século XVIII, acadêmico da Academia de Letras Italianas, a famosa Accademia della Crusca, e conhecido pelo epíteto de “Il Clasio”. As fábulas de Luigi Fiacchi foram publicadas em três momentos diferentes, uma das edições foi estampada em 1795, com um total de cinquenta e quatro fábulas, a outra em 1802 com o acréscimo de trinta e duas fábulas e, finalmente, a última versão, publicada em 1841, com novo acréscimo de quatorze fábulas e dos seus sonetos pastorais, totalizando cem fábulas escritas por este autor. Esta última edição foi publicada sob o título de “Le favole e i sonetti del sacerdote Luigi Fiacchi detto Clasio”, sendo esta a edição utilizada para recorte do corpora da pesquisa aqui apresentada. Busco na presente apresentação trazer a discussão do percurso do termo Locus amoenus, sendo utilizado como suporte teórico as obras de Aristóteles, Brioschi e Giroalano. O locus amoenus é uma expressão latina cuja tradução (local ameno) remete ao significado de paisagem ideal, e pode ser definido, de forma muito resumida e simplificada, como uma descrição da Natureza nas obras da literatura, contando com a presença de alguns elementos específicos (como o campo fresco e verdejante, um vasto arvoredo, flores coloridas, fontes, riachos de águas cristalinas, animais, borboletas, pássaros, etc.), que irão suscitar a harmonia, perfeição e comunhão com a natureza, dentre outros sentimentos. Pontuarei aqui o percurso do termo locus amoenus na Antiguidade e na poesia italiana dos setecentos, utilizando a obra do poeta, sacerdote e acadêmico Luigi Fiacchi, mais especificamente suas fábulas (favola em italiano), uma narrativa breve de caráter literário que possui dois aspectos principais: os personagens que são predominantemente animais ou seres inanimados e que apresentam vícios e virtudes humanas que retratam o cotidiano; e o seu objetivo é explicitamente ou implicitamente moral. Nas fábulas de Luigi Fiacchi podemos encontrar uma paisagem bucólica que nos remete a descrição do locus amoenus, sendo, em algumas delas, recriado, de maneira reduzida, essa paisagem bucólica, como uma idealização da Natureza em forma de jardins. Esta recriação da Natureza nas fábulas de Luigi Fiacchi produz um ambiente propício à elaboração e à reelaboração de morais referentes à época do autor, o século XVIII. Morais estas que

são muitas vezes retiradas das obras de Esopo, escravo grego do século VI A.C. que é considerado por muitos o pai da fábula.

Palavras-chave: Locus Amoenus; Luigi Fiacchi; fábulas italianas

A POESIA "VULGAR" DE ANTÔNIO DA FONSECA SOARES: PROPOSTA DE REEXAME DO CONCEITO
Luís Fernando Campos D'Arcadia (UNESP); Carlos Eduardo Mendes de Moraes (UNESP)

Resumo: Antônio da Fonseca Soares (1631-1682), fidalgo e soldado das forças portuguesas durante os conflitos da guerra de restauração, foi um poeta português que adquiriu fama na produção de romances (poemas em quadras assonantes de temática variada). Sua obra poética se deu primeiramente com a produção de poesias de circunstância, distribuídas entre seus companheiros e enviadas a seus interesses amorosos. Sua arte e engenho na composição de tais romances, assim como na composição de obras épicas a respeito de episódios da Guerra (Elvas Socorrida e Mourão Restaurado), renderam-lhe uma fama considerável, levando-o ainda a contribuir em certames literários como os da Academia dos Generosos (c. 1647). No ano de 1663, no entanto, Fonseca toma o hábito de frei, o que o levou a renegar sua produção "vulgar", especialmente a de conteúdo erótico e satírico. Como frei, ficou conhecido por suas pregações com uma retórica apaixonada e constantes peregrinações voltadas ao povo dos vilarejos do interior de Portugal. Depois de morto, além da fama de bom poeta e soldado, o conhecido Frei Antônio das Chagas também adquiriu fama de homem santo. Sua fortuna biobibliográfica assume um tom quase hagiográfico e sua obra devota recebe edições impressas relativamente regulares. A poesia "vulgar", atribuída ao poeta não religioso, por sua vez, foi distribuída em folhas avulsas e em compilações miscelânicas e apócrifas, permanecendo grande parte, em estado manuscrito. No século XIX, entretanto, juntamente com uma recuperação do romanceiro popular efetuada pelos românticos, a poesia de Antônio da Fonseca voltou aos estudos de história da literatura portuguesa. Nos inícios do século XX, a teórica portuguesa Maria de Lourdes Belchior Pontes publicou 'Frei Antônio das Chagas: um homem e um estilo do século XVII', efetuando cuidadoso estudo a respeito do autor, classificando sua poesia profana, principalmente a dos romances, como "poesia vulgar". Nosso trabalho tem discutido a propriedade deste termo, principalmente à luz dos estudos de Retórica e Poética quando aplicados à produção conhecida como barroca. Essa metodologia de estudos procura resgatar a prática de escrita dos letrados do século XVII, ao mesmo tempo em que fornece elementos para uma nova compreensão da fortuna crítica dos autores daquele período. Elementos como a noção de decoro, estilo mediano, poesia de contrafação, assim como as relações entre modalidades de composição escrita, oral, popular e eruditas na troca de textos serão conceitos a partir dos quais a ideia do vulgar será examinada, quando esta é aplicada à poesia de Antônio da Fonseca Soares.

Palavras-chave: Barroco; Retórica; Poética; Estilo.

A EPISTOLOGRAFIA JESUÍTICA PELAS CARTAS DE ANTÔNIO VIEIRA
Moisés Laert Pinto Terceiro (UFU)

Resumo: As cartas escritas pelos jesuítas em missão pelo mundo no século XVII formam, no conjunto, material importante para compreendermos variadas relações existentes naquele período. Da demonstração das relações econômicas, políticas e sociais até questões culturais, religiosas e simbólicas, as cartas que tiveram o padre Antônio Vieira como remetente, em especial aquelas escritas durante a segunda estada do religioso no Maranhão, oferecem razoável painel das contradições próprias do processo de colonização do território brasileiro. Tributárias da Ars Dictaminis, a arte de se escrever cartas, as missivas escritas pelo jesuíta em missão nos Estados do Grão-Pará e Maranhão demonstram a estrutura formal das epístolas, assim como os temas e assuntos enformados por tal estrutura.

Palavras-chave: Antônio Vieira; Ars dictaminis; Cartas jesuíticas

2 de agosto
14h30

DAS LETRAS NA AMAZÔNIA COLONIAL: O CASO BENTO DE FIGUEIREDO TENREIRO ARANHA (1769-1811)

Thiago Gonçalves Souza (UFPA)

Resumo: O nome de Tenreiro Aranha figura como um dos primeiros e principais registros de produção literária no norte do país. Nascido na vila de Barcelos, sede da capitania de São José do Rio Negro, ainda na juventude se transferiria para Belém, no Grão-Pará. Poucos detalhes se tem acerca da vida e atividade do poeta, concentrados em pequeno artigo biográfico publicado no jornal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e reimpresso no Jornal do Comércio em 1841, e que introduz a primeira edição de suas obras, preparada pelo filho do autor, João Batista de Figueiredo Aranha, de 1850. Não obstante, as edições contemporâneas de sua obra poética trazem duas narrativas biográficas, desenvolvidas a partir daquelas parcas informações, e que se contradizem mutuamente: a do escritor amazonense Márcio Souza, em ensaio introdutório no qual pinta a imagem de um “poeta-mártir”, cindido entre a percepção da injustiça do sistema colonial português e a vontade de integrar-se a este, o que o teria conduzido na via da produção de uma poesia “burocrática”; e a do citado artigo, que pinta o retrato de um prestimoso súdito, um “distinto letrado” que antevia a independência brasileira. Nesta comunicação, pretendemos elaborar algumas considerações no sentido de afastar o nome “Tenreiro Aranha” dos polos do “ressentimento” e do “nacionalismo” imputados ao autor e compreendê-lo, juntamente com sua obra, na historicidade das práticas letradas e políticas da segunda metade do século XVIII na capitania do Grão-Pará. Para isso, partiremos das diretrizes fornecidas pelos estudos de João Adolfo Hansen (1989) e Ivan Teixeira (1999), e de documentos de época, registros da política para a organização dos estudos e das letras nas capitanias do norte da colônia, levantados por nós no projeto de pesquisa “Cultura poética e retórica no Grão-Pará setecentista: uma investigação das práticas letradas na Amazônia colonial”, atualmente conduzido junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará.

Palavras-chave: Tenreiro Aranha; Poética; Amazônia (século XVIII)

A CONSTRUÇÃO HISTÓRICO-RETÓRICA DA PERSONA BERNARDO VIEIRA RAVASCO

Marcelo Lachat (UNIFESP)

Resumo: Bernardo Vieira Ravasco foi importante persona política da América Portuguesa no século XVII, ocupando, de 1646 a 1697, o alto cargo de Secretário do Estado do Brasil, hierarquicamente abaixo apenas do Governador-Geral. No entanto, esse Ravasco foi (e ainda é) pouco estudado por pesquisadores da história e das letras luso-brasileiras e, muitas vezes, deixado à sombra de seu célebre irmão, o Padre Antônio Vieira, talvez devido ao desconhecimento ou à desconsideração de algumas especificidades das práticas letradas do Brasil seiscentista e setecentista, tal como a auctoritas: uma noção retórica fundamental para compreender melhor Bernardo Ravasco enquanto “personagem” histórico-político e poético. Diogo Barbosa Machado, em sua Biblioteca Lusitana, foi um dos primeiros a historiar, com detalhes, tal persona, começando sua descrição da seguinte forma: “BERNARDO VIEYRA RAVASCO. Naceo na Cidade da Bahia Capital da America Portuguesa, e teve por Pays a Chriftovaõ Vieira Ravafco, e D. Maria de Azevedo, e por Irmaõ ao infigne P. António Vieyra Oráculo da eloquência Ecclesiastica, do qual senaõ distinguio na subtileza do engenho com que a natureza liberalmente o enriqueceo. Desde a adolescencia até a ultima idade se exercitou com summo valor, e naõ menor fidelidade em obsequio da Pátria, ou fosse como soldado, ou como politico”. Essa exposição da uita de Bernardo Ravasco se pauta por preceptivas retóricas antigas e modernas. Assim, conforme Quintiliano, para que uma narração seja clara, devem-se empregar palavras adequadas, plenas de significado, não vulgares, nem rebuscadas ou distantes do uso corrente, e fazer-se uma nítida diferenciação das coisas, das pessoas, dos tempos, dos lugares e das causas (Inst. Orat. IV, II, 36). E, em um dos diálogos da Corte na Aldeia de Francisco Rodrigues Lobo (obra preceptiva fundamental das letras portuguesas do século XVII), logo após um dos personagens (o “Licenciado”) contar uma longa história, outro (o “Doutor”) afirma: “Maravilhosa é a história para

exemplo”. Então, o discurso (predominantemente epidítico) de Barbosa Machado evidencia (euidencia) a “vida” de Bernardo Ravasco de modo tecnicamente apropriado, sendo claro, breve e verossímil (como recomendam tratados de retórica antigos, em particular, a *Rhetorica ad Herennium* e a *Institutio Oratoria*) e descrevendo o lugar de nascimento e as pessoas que são causas da virtude de Bernardo. Além disso, se “maravilhosa [deve ser] a história para exemplo”, é fundamental, para entender-se a construção dessa persona histórica nos séculos XVII e XVIII, assinalar que, conforme Ernst Robert Curtius, o paradeigma ou exemplum é “um termo da retórica antiga, desde Aristóteles, e significa ‘história em conserva para exemplo’. A isso se juntou (desde perto de 100 a.C.) uma nova forma de exemplum retórico, que depois se tornou a importante figura de exemplo ou ‘imagem’ (eikon, imago), isto é, a incorporação de uma qualidade numa figura: *Cato ille virtutum viva imago*”. E é assim que Barbosa Machado retrata Bernardo Ravasco, como uma viva imagem da virtude, para que tal imago sirva como exemplum. Isso porque, o que prevalece nos anos Seiscentos e Setecentos é ainda a noção antiga de história, sintetizada pelo conhecido topos ciceroniano: *historia magistra uitae*. Por isso, Barbosa Machado exalta o “sumo valor” e a “fidelidade” do paradeigma Ravasco, cuja uita, virtuosa e exemplar, sempre esteve a serviço da “Pátria, ou fosse como soldado, ou como político”.

Palavras-chave: retórica; história; Bernardo Vieira Ravasco

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O LUGAR DA RETÓRICA NA OBRA PROFÉTICA DE PADRE ANTÔNIO VIEIRA

Marcus De Martini (UFSM)

Resumo: O aspecto profético da obra de Padre Antonio Vieira, apesar de ser em grande parte negligenciado nas apreciações e comentários a seus textos, frequentemente entretidos com os sermões do jesuíta, desde sempre elogiados por sua engenhosidade, tem progressivamente chamado mais a atenção da crítica nos últimos anos. Quanto a isso, vale lembrar que, para Vieira, sua obra profética era o que realmente ficaria de seu trabalho intelectual, ao passo que seus sermões seriam obras menores e de pouco alcance. No entanto, de fato, não se encontram nas grandes obras proféticas de Vieira – na “História do futuro”, na “Clavis prophetarum”, na “Apologia das coisas profetizadas” e nas “Representações primeira e segunda”, publicadas por Hernâni Cidade sob o nome de “Defesa perante o Tribunal do Santo Ofício” – o “discurso engenhoso”, segundo o nome que lhe deu Antonio José Saraiva, na mesma proporção que nos sermões. Assim, o que chama a atenção hoje para os textos proféticos de Vieira é seu conteúdo “curioso”, em contraste aparente com a imagem difundida do jesuíta como um homem mais envolvido com assuntos práticos do reino (o problema da escravidão indígena, a necessidade de capitais para o reino e a fundação de duas companhias de comércio para o império ultramarino português, para citar os mais importantes). Todavia, como mostrou Alcir Pécora em seu trabalho seminal, “Teatro do Sacramento”, o que se vê, na obra de Vieira, é uma unidade retórico-político-teológica, em que todos os temas estão unidos sob a mesma égide, que se funda na constatação da onipresença divina no mundo e na necessidade, por exemplo, de a política ser feita sobre uma base teológica. Assim, a obra profética vieiriana vai muito além dessa supracitada “curiosidade”. No que toca ao presente trabalho, pretende-se salientar alguns aspectos pertinentes a sua construção retórica, mais especificamente, sobre as formas de apresentação e ocultamento do “autor” e da construção de um “ethos”, já que a obra profética de Vieira surge e, em grande parte, é escrita no contexto de seu processo no Tribunal do Santo Ofício português e na necessidade de defender-se. Assim, além disso, é importante analisar os gêneros retóricos envolvidos na escrita desses textos, seja o deliberativo, como quer Adma Muhana (2009), ou o judiciário, como se pretende aventar na presente comunicação, relacionando-os ainda à particularidade da “História do Futuro”, obra que pretensamente diz se valer das regras da escrita da

história para, paradoxalmente, tratar de um tempo vindouro. Por fim, então, pretende-se mostrar como o arcabouço teórico disponibilizado pelos estudos retóricos é fundamental para a compreensão desses textos dentro de sua temporalidade específica.

Palavras-chave: Retórica; Profecia; História; Padre Antônio Vieira

26 - ESTUDOS SOBRE SHAKESPEARE

Coordenação: Lawrence Pereira Flores (UFSM); Régis Augustus Bars Closes (USP)

Resumo: Mesmo após quatrocentos anos da morte de Shakespeare, suas obras continuam a estimular diálogos, questionamentos e estudos ao redor do mundo. Novas mídias e formas de transmissão de conteúdo colaboram para que outros espaços ao redor do mundo sejam alcançados e sua relevância sempre colocada à prova. Ao contrário de um falso senso comum, muito do que se produz atualmente sobre a obra e os tempos de Shakespeare e de seus contemporâneos é composto de ricos materiais que proporcionam novas rotas críticas para se pensar obras praticamente inesgotáveis. É natural que Shakespeare e suas mais de quarenta obras acabem por ser um ímã natural para diversas teorias literárias tanto pela relevância quanto pela diversidade do conjunto dramático. Séries como “Shakespeare and Theory”, organizada por Evelyn Gajowski e publicada recentemente pela *Arden Shakespeare*, e a série abrangente “Shakespeare Oxford Topics”, publicada pela *Oxford University Press*, atestam a flexibilidade de se refletir, questionar e se aproximar do texto shakespeariano. Ambas as séries refletem sobre o que tem sido feito em cada área de concentração especializada e fornecem análises que aplicam o aparato teórico discutido e explicado ao longo do livro.

Este simpósio pretende reunir pesquisas de campos em desenvolvimento dentro ou relacionado à crítica literária/teatral/fílmica sobre Shakespeare, tais como linhas, ainda emergentes, de teoria e crítica literária e menos favorecidas nos estudos sobre Shakespeare e seus contemporâneos — por exemplo, *ecocriticism*, *ecofeminism*, *geocriticism*, *new economic criticism*, *attribution studies*, *post-humanist theory* e *spatial studies* —, com as linhas de pesquisa já mais estabelecidas — tais como *adaptation studies*, *movies theory*, *gender studies*, *textual studies*, *queer studies*, *psychoanalytic theory*, *economic criticism*, *marxism criticism*, *(post-)colonial studies*, *cultural materialism* e *new historicism* — promovendo o debate e a reflexão sobre os múltiplos olhares acerca de um objeto comum.

Convidamos propostas sobre Shakespeare, em qualquer linhagem teórica, para debatermos juntos, ao longo deste simpósio, questões como: Como o crítico (re)constrói o(s) sentido(s) a partir do aparato teórico?; Qual via deve ser utilizada ou evitada em sala de aula?; A existência de diversas teorias auxilia ou dispersa?; A divergência de conclusões é fruto da análise ou da natureza “shakespeariana” do texto?; Uma abordagem específica necessariamente anula/contradiz outra? Cabe ao crítico literário se especializar em uma abordagem ou não?; Quais cruzamentos entre linhas críticas devem ou não ser feitos?; Como deve ser interpretada a variedade de teorias lançadas para uma mesma obra, como um objeto inesgotável, saturado ou uma via segura para se pensar a produção da crítica literária?; Por que algumas teorias são desenvolvidas em língua portuguesa enquanto outras não?; Portanto, a partir de uma malha crítica diversificada, este simpósio procura, por meio da diversidade de abordagens, estimular o diálogo entre diversas formas e percursos de se pensar os estudos sobre Shakespeare desenvolvidos tanto no Brasil como no exterior.

REFERÊNCIAS:

- BROWN, Carolyn. *Shakespeare and Psychoanalytic Theory*. Shakespeare and Theory. Arden Shakespeare. London: Bloomsbury, 2015.
- EGAN, Gabriel. *Shakespeare and Ecocritical Theory*. Shakespeare and Theory. Arden Shakespeare. London: Bloomsbury, 2015.
- EGAN, Gabriel. *Shakespeare and Marx*. Oxford: Oxford University Press, 2004.
- HARBER, Karen. *Shakespeare and Post-Humanist Theory*. Shakespeare and Theory. Arden Shakespeare. London: Bloomsbury, 2018 [no prelo].

- HAWKES, David. *Shakespeare and New Economic Criticism*. Shakespeare and Theory. Arden Shakespeare. London: Bloomsbury, 2015.
- LAROSHE, Rebeca et MUNROE, Jennifer. *Shakespeare and Ecofeminist Theory*. Shakespeare and Theory. Arden Shakespeare. London: Bloomsbury, 2017.
- MARLOW, Christopher. *Shakespeare and Cultural Materialist Theory*. Shakespeare and Theory. Arden Shakespeare. London: Bloomsbury, 2017.
- MARTIN, Randall. *Shakespeare & Ecology*. Oxford Shakespeare Topics. Oxford: Oxford University Press, 2015.
- MENON, Madhavi (Ed.). *Shakespeare: A companion to the Complete Works of Shakespeare*. London: Duke University, 2011.
- NOVY, Marianne. *Shakespeare and Feminist Theory*. Shakespeare and Theory. Arden Shakespeare. London: Bloomsbury, 2017.
- PARVINI, Neema. *Shakespeare and New Historicist Theory*. Shakespeare and Theory. Arden Shakespeare. London: Bloomsbury, 2017.
- RACKIN, Phyllis. *Shakespeare & Women*. Oxford Shakespeare Topics. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- SINGH, Jyotsna. *Shakespeare and Post-Colonial Theory*. Shakespeare and Theory. Arden Shakespeare. London: Bloomsbury, 2018 [no prelo].
- TAYLOR, Michael. *Shakespeare Criticism in the Twentieth Century*. Oxford Shakespeare Topics. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- SANCHEZ, Melissa. *Shakespeare and Queer Theory*. Shakespeare and Theory. Arden Shakespeare. London: Bloomsbury, [no prelo].
- HOLLIFIELD, Scott. *Shakespeare and Film Theory*. Shakespeare and Theory. Arden Shakespeare. London: Bloomsbury, [no prelo].

31 de julho

8h30

DE SHAKESPEARE À POÉTICA PÓS-COLONIAL NA ERA DA IRONIA

Isaías Francisco de Carvalho (UESC)

Resumo: Na “era da ironia”, em que estamos inseridos, enfatizo o aspecto de diálogo da literatura com tradições, dadas condições sociopolíticas favoráveis, nas estratégias de apropriação e de reescritura do impulso pós-colonial. Em tal “era da ironia”, em um trocadilho que vai além do lúdico, passamos, nas relações socioculturais e políticas, da “ira à ironia”, na quase totalidade do Caribe Estendido e no Mundo como um todo. Com fundamentação em Northrop Frye (1973), Maria Helena de Novais Paiva (1961), Erich Auerbach (1971) e Linda Hutcheon (1988), entre outros, destaco a posição privilegiada de William Shakespeare como consolidador, para não dizer inaugurador, de um novo modo de representação (mimese) da realidade na literatura ocidental, o que proponho chamar de “era da ironia”. Nessa época imaginada, a ironia mesma e a inversão histórica são observadas tanto nos temas quanto na linguagem predominante na literatura dos últimos cinco séculos, com acentuada ênfase nos últimos cento e cinquenta anos. Na era da ironia, portanto, tudo pode ser objeto da poesia (e da ficção), tudo pode ser questionado e relativizado e “Foder é divino!”, como insinua o poeta Luís Antonio Cajazeira Ramos (2002). Quando o próprio poeta faz uso de palavras chulas para defender exatamente a quebra de hierarquias entre o chulo e o clássico, consolida-se o ethos que descrevo para inserir a análise da quase totalidade da produção literária pós-colonial.

Palavras-chave: Chulice; mimese; pós-colonial

BINGO DE EDWARD BOND: O PAPEL DO CÂNONE SHAKESPEAREANO NO PÓS-GUERRA E A RELAÇÃO ARTE-SOCIEDADE NOS TEMPOS ATUAIS

Jonathan Renan da Silva Souza (USP)

Resumo: Esta comunicação parte da proposta de esboçar uma análise da peça *Bingo* (1973) de Edward Bond (1934-), a qual coloca em cena o dramaturgo britânico William Shakespeare (1564-1616) diante do dilema dos cercamentos na Inglaterra elisabetana. Três panoramas norteiam a análise: o contexto sócio-histórico retratado na peça; aquele da escrita da obra e o momento atual; os quais servem como propulsores para considerar o papel social e político das obras artísticas, da dramaturgia considerada moderna e daquela produzida no período pós-Guerra britânico. A partir do choque vivenciado pelo Shakespeare ficcionalizado entre seu dever como cidadão e seus interesses econômicos particulares, discute-se a função dos artistas e das obras literárias perante a realidade material imediata. Para tanto, tomamos para contraste dois grandes temas: a obra de Shakespeare em si em seu diálogo com os problemas de seu momento histórico e a interlocução que sua obra obteve com temáticas sociais relevantes ao longo da História. Algumas de suas peças são assim abordadas, sobretudo aquelas que geraram releituras de cunho político no século XX tais como o *Coriolano* (1951) de Bertolt Brecht e *Lear* de Edward Bond (1971). Um terceiro momento compreende o debate acerca do caráter de intervenção dos artistas e suas obras em relação aos problemas estruturais da sociedade. Para além da questão da arte engajada, procuramos discutir o traço inerentemente político dos artefatos artísticos e dramáticos. Os exemplos tomados para um breve estudo são as polêmicas – vindas à tona recentemente – em torno do conceito de arte e de teatro, ressaltadas em episódios de censura a exposições de artes plásticas e performances teatrais no Brasil. Ao final, pretende-se instigar a reflexão sobre os possíveis usos do cânone shakespeariano para discussões prementes conforme proposto por Bond, dramaturgo preocupado até os dias atuais com o viés político e problematizador do teatro e sua inescapável relação com a sociedade. Os temas abordados em *Bingo* (o impasse econômico em que se encontra Shakespeare vs. seu comprometimento com os problemas sociais, por exemplo) e os elementos formais utilizados, encontram surpreendente atualidade no contexto contemporâneo, especialmente nas problemáticas persistentes desde o pós-Guerra e que ainda demandam respostas e mudanças substanciais. O uso estratégico do arcabouço dramático shakespeariano é, portanto, evidenciado como um importante meio de se refletir sobre os eventos históricos, a inserção das obras em sua conjuntura e o momento atual em suas contradições e desafios. A partir dos questionamentos propostos pelas peças, reflete-se, finalmente, sobre a possibilidade de um futuro isento da dominação violenta do fator econômico, conforme apresentada por Edward Bond em *Bingo* e que, certamente, ainda é vivenciada no presente contexto sócio-histórico sob a égide do sistema capitalista.

Palavras-chave: Teatro Britânico; Teatro Político; Releituras

PERSONAGENS FEMININAS EM SHAKESPEARE: O PAPEL DA MULHER EM SUA DRAMATURGIA

Claudiane Felix de Moura (IFRN)

Resumo: A presente pesquisa tem por objetivo analisar três perfis femininos presentes em duas obras shakespearianas: *Romeu e Julieta* e *O Mercador de Veneza* para identificar o papel exercido por essas mulheres nessas duas obras. Em *Romeu e Julieta* iremos analisar o perfil de Julieta, enquanto na obra *O Mercador de Veneza* iremos analisar as personagens Pórcia e Jéssica. Em nossa análise levaremos em consideração os aspectos sociais, políticos e religiosos que vigoravam na época em viveu o autor das duas obras, o poeta e dramaturgo William Shakespeare, e que podem ter influenciado o autor na construção de suas personagens. Para tanto, faz-se necessário traçar um breve histórico da época em que vivia o dramaturgo, o Renascimento, e do período que o antecedeu, a Idade Média. Um dos conceitos – presente nesses dois períodos – fundamentais para entender a situação das personagens supracitadas é o patriarcalismo, uma tradição que condiciona o comportamento das três mulheres e que as influencia durante todo o enredo das obras supracitadas. A pesquisa traz um caráter descritivo e exploratório e busca analisar e comparar os aspectos tanto literários quanto históricos e sociais. Ao final da pesquisa, foi possível verificar que o autor reproduziu em suas obras a situação da mulher vigente em sua época. Com esta pesquisa

espera-se contribuir com a divulgação dos conhecimentos tanto para os estudos das obras de Shakespeare quanto para os estudos da área de igualdade de gênero.

Palavras-chave: Shakespeare; personagens femininas; renascimento.

31 de julho

14h30

CULPABILIDADE EM MACBETH: UMA ANÁLISE ATRAVÉS DE TRADUÇÕES INTERSEMIÓTICAS

Débora Cibeles de Benedetto e Silva (Pesquisadora independente)

Resumo: Macbeth, peça encenada em Londres pela primeira vez em 1606, é uma das obras mais consagradas e reproduzidas de William Shakespeare. Desde sua primeira apresentação, essa breve tragédia – a mais curta dentre as escritas pelo bardo de Stratford-upon-Avon – vem suscitando questionamentos quanto ao tema da culpabilidade. Afinal, é Macbeth o responsável pelas mortes que se dão ao longo da história? Ou ele é coagido a agir por Lady Macbeth? Ou ainda: são as três bruxas que manipulam os acontecimentos? O rei Duncan e seus guardas poderiam ter evitado sua morte? De acordo com Emma Smith, da Universidade de Oxford, mais do que buscar culpados, Shakespeare propõe, por meio da peça, uma reflexão acerca da culpabilidade. Tal reflexão, bastante visível quando diferentes versões de Macbeth são comparadas, será o fio condutor da pretendida comunicação. Aqui, chamaremos essas versões de traduções intersemióticas. Roman Jakobson (1957) foi o primeiro semiótico a pensar nesse conceito. Em linhas gerais, trata-se da transferência de determinados conteúdos de uma mídia para outra; na realidade, e considerando que diferentes mídias são marcadas por especificidades, o processo envolve não somente a transferência, mas, também, e, principalmente, a criação de novos conteúdos. Todas as traduções elaboradas se interligam e passam a integrar uma vasta rede de conhecimentos acerca de determinado conteúdo. Em Culpabilidade em Macbeth, analisaremos, dentre outras traduções, os filmes de Orson Welles (1948) e de Justin Kurze (2015), a produção televisiva *The Animated Tales: Macbeth* (BBC, 1992) e algumas reportagens jornalísticas que comparam crimes e acontecimentos do cotidiano com personagens da peça. Com isso, pretende-se mostrar que o texto original de William Shakespeare mais pergunta do que responde questões – e que é justamente por isso que sua obra continua atual e relevante, mesmo 400 anos depois de sua morte.

Palavras-chave: Macbeth; culpabilidade; traduções intersemióticas

UM NOVO SHAKESPEARE PARA NOVOS APELOS IDEOLÓGICOS

Renato Gonçalves Lopes (PUC - Campinas)

Resumo: Shakespeare é perene objeto de estudo, sendo, assim, o foco das mais diversas intenções estéticas e ideológicas, de mercadológicas a crítico-teóricas. O “doce cisne de Avon”, como o queria Ben Jonson, vem servindo de embasamento a propostas analíticas e interpretativas no campo da literatura, mesmo antes da concepção de disciplinas como a teoria literária. Desde sua descoberta pelos românticos alemães e sua glorificação no Romantismo francês, o pressuposto para sua aparição em estudos acadêmicos, conservadores ou progressistas, é sempre o de que, para a cultura dita “universal” (ou europeia escolarizada), Shakespeare está entre os principais autores de “todos os tempos”, muitas vezes é o primeiro entre os grandes nomes, o centro do nosso cânone literário. Colocar o drama shakespeariano embasando ou repudiando determinados conceitos e valores sócio-culturais vem fortalecendo pontos de vista, pondo em cheque usos e costumes da crítica e mesmo a função pedagógica de seu texto na construção de novas gerações de leitores. Por exemplo, Caliban de *The Tempest* já foi o “primitivo incivilizável” do novo mundo, hoje tende a figurar a “resistência colonial”, um debate que muito dificilmente fica ausente de suas encenações, tamanha influência da discussão, a princípio restrita ao meio acadêmico; Caliban ressignificado, atual símbolo da luta ante a exploração nas Américas, representa também a influência da academia sobre a expressão artística – os usos da peça. Nesse viés, como a atualização de Shakespeare depende de seus leitores e intérpretes, tem-se visto o destaque de elementos antes obscuros, a ressignificação de tradicionais

leituras pelo paralelismo a fenômenos hodiernos, a negação de entendimentos ditos como “original da peça”, o apelo a contextos da sociedade elisabetana e jacobina. Com isso, peças e personagens são “radicalizadas”, opõem-se a análises diletas, tornando-se instrumentos de renovação do texto Shakespeare e, inclusive e por extensão, da cultura anglófila – uma função bastante significativa que acompanha aquelas tragédias e comédias há ao menos dois séculos. Enfim, ao olharmos para movimentos crítico-teóricos, como os “materialistas culturais”, que muito se beneficiaram de Shakespeare ao desrespeitarem conservadorismos da bardolatria, propõe-se um debate acerca do uso inovador ou, por que não, “revolucionário” do drama shakespeariano nos estudos literários advindos do pós-estruturalismo, como forma de renovação também de ideologias vigentes.

Palavras-chave: Teoria, renovação, materialismo cultural, leituras

A CONSTITUIÇÃO DO MONÓLOGO ELISABETANO EM THOMAS KYD: ASPECTOS RETÓRICOS

Leandro Tibiriçá de Camargo Bastos (USP)

Resumo: Em nossa comunicação pretendemos analisar um dos monólogos presentes na peça *The Spanish Tragedy*, de Thomas Kyd. O monólogo apresenta uma longa trajetória na história do teatro. Presente desde a antiguidade clássica, passou pelo renascimento italiano e se fez presente no teatro inglês desde a era Tudor. No limiar da época elisabetana, no entanto, Thomas Kyd promoveu inovações que se mostraram fundamentais para o papel central que ele ocupou nas tragédias de Shakespeare e seus contemporâneos. Além de concentrar os monólogos no personagem central, se afastando de modelos anteriores, onde eles se apresentavam de maneira mais distribuída entre os personagens, Kyd selecionou recursos textuais que o tornaram mais complexo e flexível. Por um lado, parte desses recursos já fazia parte da tradição retórica inglesa e continental. Encontramos registros que remetem à poesia lírica, à poesia épica, à retórica deliberativa, além de traços da última moda literária em voga na época: o eufuismo. Por outro lado, Kyd introduz um registro novo, conhecido como “plainness”. Esse registro se distinguia dos demais de várias maneiras. A primeira distinção é social. A época elisabetana foi marcada por profundas mudanças sociais. Essas mudanças tiveram reflexo no discurso. Como colocou Jennifer Richards, “a modernização do inglês está implicada na modernização da sociedade, já que a linguagem é refinada de modo a acomodar diferenciações cada vez mais nuançadas em termos de classe”. A esse respeito, Richards cita Keith Wrightson, quando diz que a modernização está ligada à “transição de uma sociedade de ‘estados’, ou ‘ordens’, para uma ‘sociedade de classes’”. Podemos traçar um pouco dessa mudança nos manuais de cortesia. Esses manuais eram escritos para dar “conselhos sobre as maneiras”, e começaram a aparecer no século XVI, com *Il Libro Del Cortegiano*, de Baldassare Castiglione. A partir da década de 1540, no entanto, passaram a procurar “introduzir e explorar um novo modo de fala, a conversação civil”. Esse modo de conversa seria “tão adequado para o mercado como é para a corte” (RICHARDS, 2003). Para essa finalidade passaram a advogar um registro menos retórico, afastado das convenções da corte. Esse registro mais direto passou a ser conhecido como “plainness”. Poderíamos remeter o sentido do termo (teríamos em “clareza” uma tradução próxima) a uma fala direta, especialmente no teatro, que remete à oralidade, ou a uma prosa em estilo jornalístico, clara, sem tropeços. Ligamos a ideia de clareza a um discurso menos retoricamente denso, menos carregado. O uso desse tipo de recurso linguístico veio da influência de peças populares, como *Common Conditions*, ou seja, veio justamente de um distanciamento em relação às convenções da escrita estabelecida. É na tensão linguística entre retórica tradicional e “plainness” que vai se encarnar tanto a tensão social quanto a tensão do personagem presentes no monólogo analisado.

Palavras-chave: teatro pré-shakespeariano; retórica; monólogo

1 de agosto

8h30

A CONCEPÇÃO COLABORATIVA DE ESPAÇOS SOCIAIS NAS PEÇAS DE SHAKESPEARE

Regis Augustus Bars Closel (USP)

Resumo: Como a terra é encenada nas peças de Shakespeare? Como ela desempenha sua parte? Ela desaparece quando a ação se desenvolve ou durante o processo de leitura? Por acaso ela tem algum papel importante – ainda que não visível – em costurar os elementos da ação, personagens e enredo no tecido da obra? Ela possui subtextos protomodernos que ainda são relevantes para uma audiência ou leitores modernos? Ainda que no background, terra e suas variações – localizações específicas, locais, quartos, e campos abertos – estão presentes no drama. Seja o referente um local histórico ou ficcional, esses espaços compõem uma rede interconectada de relações sociais que podem recompor a maneira como representantes de classes/papéis sociais agem e reagem. Esta comunicação investigará essas questões nas peças colaborativas de Shakespeare sob a ótica dos estudos sobre o espaço e geografia, em especial através do conceito de espaço social de Henri Lefebvre, no qual espaço é socialmente produzido através de práticas espaciais, experiências estéticas individuais e acordos sociais. Assim, será defendida a hipótese que essas peças apontam para concepções protomodernas sobre a terra ao mesmo tempo em que iluminam importantes questões econômicas, sociais, ecológicas e de gênero. Ademais, tais concepções podem ser mapeadas dentro de uma obra colaborativa a partir de uma perspectiva autoral, contribuindo para a tensão do espaço social criado pelo conjunto.

Palavras-chave: Shakespeare; peças colaborativas; geografia

KING LEAR, A TRADUÇÃO E AS VARIAÇÕES DO IN-QUARTO E DO IN-FÓLIO

Lawrence Pereira Flores (UFSM)

Resumo: Nossa proposta é discutir as práticas tradutórias possíveis em King Lear, de William Shakespeare, considerando que elas devem interagir com as variáveis das duas primeiras edições, o in-quarto e o in-fólio, assim com estabelecer ou pelo menos elucidar como a variabilidade dos dois textos pode ser útil, em termos tradutórios-interpretativos, para revigorar a prática de reconfiguração formal e semântica. Essa proposta tem por pano de fundo a discussão sobre a “divisão do reino” textual desta célebre peça, mas argumenta fora das polarizações excessivas das últimas décadas, buscando mostrar considerando as exigências específicas colocadas pela tradução, o cotejo textual permite um melhor proveito da variabilidade textual com fins de impulsionar o entendimento paradigmático-metafórico que permeia o texto de KL.

Palavras-chave: King Lear; Tradução; Rei Lear; in-quarto; fólio

A AMBIGUIDADE COMO ELEMENTO FORMAL EM SHAKESPEARE

Ricardo Cardoso (USP)

Resumo: As obras dramáticas de William Shakespeare propiciam uma infinidade de interpretações e estudos nos mais diversos campos, as diferenças de perspectiva não se dão apenas entre estudiosos de épocas ou disciplinas distintas, mas dentro do mesmo período e escola teórica. O debate se torna ainda mais interessante quando a análise engloba possibilidades de compreensão sobre posições políticas tomadas pelo dramaturgo, como demonstram as análises do Novo Historicismo norte-americano e Materialismo Cultural inglês. Dentro desta premissa, esta comunicação pretende investigar hipóteses que tentaram explicar o estabelecimento da ambiguidade como elemento estrutural nas obras do poeta, fator que difere seus textos dramáticos daqueles de seus colegas coetâneos. Para isso, averiguaremos a opinião de estudiosos de diferentes áreas e momentos sobre a questão, como Arnold Hauser, destacado no campo da história social da arte; e Quentin Skinner, historiador do pensamento político moderno.

Palavras-chave: estética shakespeariana; política e Shakespeare

1 de agosto

14h30

SHAKESPEARE IN THE PARKING LOT: AN ANALYSIS OF MICHAEL ALMEREYDA'S CYMBELINE

Flávia Rodrigues Monteiro (UFMG)

Resumo: In *Cymbeline*, Shakespeare – once again – plays with (mis)conceptions regarding the binaries interior / exterior, superficial / core. Even though it was produced around four centuries ago, the plot still has the potential to invite audiences to question appearances and exercise their judgment in order to perceive the causes for the characters' misadventures. Michael Almereyda's 2014 film adaptation of the play dresses the Shakespearean tradition in contemporary clothing. By considering Julie Sanders's concept of "appropriation," we can look at Almereyda's *Cymbeline* as an "appropriation" that comments on the still standing nature of humanity, embedded with ambition, hubris, love, forgiveness, deception, and mortality, among other themes. The film is constructed with references to contemporary popular culture on the basis of the Shakespearean text. The Briton king *Cymbeline* becomes the leader of a motorcycle gang involved with illegal activities that support his animosities with the Roman police force, the filmic counterpart of the Roman Empire. The twists and turns of Posthumus and Imogen's love story happen during and with the aura of Halloween celebrations. Almereyda puts a costume on Shakespeare's text as the film tricks and treats the audience by conveying the up-to-dateness of the Bard through historical and cultural references and media devices. Hence, the imagery of the film aids the sense of identification and familiarity among its audience even though there may be some awkwardness regarding the Shakespearean text and plot. However, it is a mistake to think that image and text are in conflict. In the same way Shakespeare blends literary genres – pastoral, romance and revenge tragedy, for instance –, Almereyda employs media devices to reaffirm the continuity of social and cultural issues through history. Under the perspective of intermediality, the film matches the three categories proposed by Irina Rajewsky: it is an example of "medial transposition" for adapting the play to another medium; it presents "media combination," an inherent feature of cinematic productions; also, "intermedial references" appear in varied forms through the film and help the construction of meaning and identification for contemporary audiences. This fluid conversion of media is the result of Almereyda's dynamism to provide continuity to Shakespeare's explorations on society. Therefore, from stage to screen, from the park to the parking lot, settings and media may change, but the Bard's understanding of human nature remains and Almereyda's film contributes to the palimpsest of Shakespearean legacy.

Palavras-chave: Shakespeare; Intermediality; Legacy; Palimpsest.

HAMLET, BRASIL, 69-70

Roberto Ferreira da Rocha (UFRJ)

Resumo: O objetivo desta comunicação é analisar o trabalho de tradução/adaptação da peça A tragédia de Hamlet, o príncipe da Dinamarca, de William Shakespeare (c. 1601), realizado por Geir Campos e Flávio Rangel, tendo em vista a montagem da obra, estreada em 1969. Há duas versões do texto em português. A primeira é em verso e prosa, dividida em atos e respectivas cenas, conforme as edições canônicas da peça em inglês. A segunda é em prosa em sua totalidade, o texto não é dividido em atos, mas em quatorze cenas. Ele é também bem mais compacto que o da primeira versão: possui apenas sessenta e quatro páginas datilografadas contra cento e oitenta e duas. A partir dessas simples constatações cheguei a uma hipótese inicial. Todo o projeto de tradução desde do início volta-se para o palco. Somente a primeira versão possui uma folha de rosto que indica o autor do texto original e o título recebido nesta versão em português, além de indicar os tradutores: Geir Campos e Flávio Rangel. A folha de rosto também esclarece que se trata de uma tradução "para o palco". A primeira versão é, a princípio, uma tradução literária da peça shakespeariana. Ela é dirigida apenas a leitores individuais que devem fruí-la como obra de caráter verbal, requerendo assim uma abordagem crítica de caráter filológico. No entanto, ao defini-la como uma "tradução para o palco", seus autores parecem desestabilizar o destino esperado do texto. Ele não é pensado para se tornar uma obra literária que terá como suporte material o livro (realmente essa tradução nunca foi publicada). A segunda versão parece confirmar isso. Ela é produto de um trabalho dramático que visou uma encenação da peça e sua respectiva mise-en-scène. Sua fruição não

será solitária, mas coletiva. O suporte do texto deixa de ser a página impressa e passa a ser o corpo do ator, um feixe de signos que envolve a matéria verbal e amplia o seu universo significativo. Além disso, o texto perde o seu status de objeto puramente literário e passa a ser parte de um discurso multimodal que coloca o verbal entre outros códigos significativos que fazem parte do espetáculo teatral. Porém, nossa abordagem crítica da tradução procura localizá-la em um momento preciso da história do teatro brasileiro moderno. Tal escolha metodológica requer uma atenção especial às convenções linguísticas assumidas tanto por atores como pelo público da época, bem como às tensões históricas presentes no momento em que a encenação da peça se deu. Para dar conta disso, é necessária a análise de uma série de paratextos produzidos em torno do espetáculo teatral (reportagens, entrevistas, depoimentos, resenhas) que nos ajudarão, acreditamos, a produzir uma interpretação mais coerente e verdadeira desse específico evento tradutório que chamamos tradução do texto dramático para o teatro.

Palavras-chave: Hamlet; Tradução; Teatro

QUADRINIZANDO SHAKESPEARE: MACBETH, POR KATE BEATON

Rebeca Pinheiro Queluz (UFPR)

Resumo: Nossa comunicação tem por objetivo analisar alguns quadrinhos feitos pela cartunista, historiadora e antropóloga, Kate Beaton. A autora, que começou a postar seu trabalho em 2007 em um blog chamado Hark! A Vagrant, , atualmente publica suas tirinhas com alguma frequência no website de mesmo nome, , que está online desde maio de 2008. A quadrinista canadense também criou contas em outras redes sociais, como o Facebook, o Instagram e o Twitter para ajudar a divulgá-las. Uma parte desses seus trabalhos foi publicada em dois livros impressos: Hark! A Vagrant (2011) e Step Aside Pops: A Hark! A Vagrant Collection (2015). Sua obra apresenta como tema principal figuras históricas (como James Joyce, Ada Lovelace, Jane Austen, Napoleão, Mary Shelley, Jules Verne), personagens fictícios (Drácula, Sherlock Holmes, Robinson Crusoe, Harry Potter, o gato de Cheshire), sobretudo, da literatura ocidental. No que concerne às obras de William Shakespeare, a quadrinista dedicou diversas tiras para homenagear o dramaturgo inglês. Em seu arquivo é possível acessar as seguintes entradas: Macbeth, King Lear, Caesar, part 1, Caesar part 2, Richard III, Hamlet. Para essa apresentação nossa atenção será direcionada especialmente para os quadrinhos referentes a Macbeth. Na seção intitulada “The Scottish Play”, Beaton introduz, através de suas tiras, alguns comentários (em sua maioria) cômicos a respeito de passagens específicas da peça shakespeariana, como: a do encontro das bruxas, a da previsão de que os filhos de Banquo serão reis, a da aparição do fantasma de Banquo, a do sonambulismo de Lady Macbeth, a da decapitação do herói-vilão ao final. Em apenas nove tiras, Kate Beaton revisita Macbeth e traz uma leitura crítica, atribuindo novos sentidos à obra shakespeariana. De maneira divertida e inusitada, a cartunista se apropria da estrutura narrativa de Shakespeare e a modifica, transforma e recria acrescentando muitos elementos de ironia. As análises serão feitas a partir do embasamento teórico dos trabalhos de Linda Hutcheon sobre adaptação e paródia, dos estudos de Julie Sanders sobre apropriação e das pesquisas de Thiago de Castro e Paulo Ramos sobre novos suportes e formatos de quadrinhos e a produção contemporânea de tiras cômicas online. Queremos propor uma reflexão acerca do diálogo entre a literatura e os quadrinhos, procurando compreender como Kate Beaton explora a linguagem da narrativa sequencial e as mídias sociais para atualizar as peças do dramaturgo inglês e construir estratégias de aproximação com os leitores e de incentivo à leitura a novos públicos das redes sociais.

Palavras-chave: Shakespeare em quadrinhos; Macbeth; Kate Beaton

**2 de agosto
8h30**

A RETÓRICA DO GESTO DE LAVÍNIA EM TITUS ANDRINICUS

Igor Alexandre Capelatto (UNICAMP)

Resumo: Considerando gesto uma manifestação cultural de uma atitude ou "ação" no corpo, este trabalho investiga o corpo multifacetado, violentado de Lavínia e como ela se comunica através dos gestos na peça *Titus Andronicus* de William Shakespeare, uma vez que lhe é arrancada a língua: "Que dor! Esse instrumento delicioso do pensamento dela, que eloquência tão agradável modulava sempre, foi arrancado da gentil gaiola, onde, tal como pássaro melódico, cantava suaves notas e variadas, que as ouças de nós todos deleitavam". Através de Agamben, Benjamin, Flusser entre outros filósofos do gesto, este trabalho investiga o comportamento do gesto que comunica fisicalidade e subjetividade (forma e cultura) e se constitui como discurso em *Titus Andronicus*. Segundo Galard: o gesto é a porsia do ato.

Palavras-chave: Gesto; *Titus Andronicus*; Cultura

RICARDO III: VILÃO MONSTRUOSO OU HUMANO AMBICIOSO?

Marcella de Melo Faria (UnB)

Resumo: A presente pesquisa tem como finalidade analisar a peça "Ricardo III" escrita por William Shakespeare por volta de 1593, bem como a relevância de seus respectivos acontecimentos históricos durante o período da Guerra das Rosas. Esta análise consiste na investigação do caráter de Ricardo III e como sua incessante busca pela coroa constrói a narrativa criada pelo bardo. A peça em questão relata os acontecimentos que ocorreram no final do conflito onde a dinastia York, depois de ter derrubado os Lancasters, é por sua vez derrotada pela dinastia Tudor. Ricardo III nos é apresentado como um vilão fisicamente deformado disposto a matar todos aqueles que lhes são empecilhos para alcançar o trono. Como afirma Harold Bloom (1999), embora Ricardo seja um vilão monstruoso, ele é um personagem encantador uma vez que somos atraídos e até convencidos pelos seus planos maquiavélicos. Todavia, tais acontecimentos retratados na peça shakespeariana foram tomados como verdades ao longo da história, quando muitos eventos não possuem evidência histórica. Shakespeare escreveu suas peças históricas mais de cem anos depois da Guerra das Rosas. Ele baseou-se nas crônicas de seus historiadores contemporâneos que narraram tais acontecimentos numa perspectiva que favorecesse o regime dos Tudors, isto é, a história era contada pela dinastia vitoriosa. Essa propaganda política tinha o objetivo de vilanizar a dinastia York e favorecer as dinastias Lancaster e Tudor. É importante ressaltar que Shakespeare escrevia suas peças para entreter sua audiência e veracidade histórica passa a ser não relevante. Esta pesquisa pretende explorar leituras teóricas de um texto histórico. O "new historicism" nos apresenta uma leitura interessante uma vez que busca analisar o contexto cultural que formou o texto literário. Ou seja, para ler Shakespeare, temos que entender a Guerra das Rosas. Contudo, como afirma Neema Parvini (2012), uma das ideias do humanismo clássico é a de que o poder de mudar o curso da história está nas mãos dos indivíduos e de suas habilidades tais como a imaginação. Shakespeare nos dá a oportunidade de explorar a questão humana na história uma vez que ele criou conflitos internos e motivos individuais para as ações de cada personagem através de uma profunda análise de caráter. Seus personagens são humanos e atuam no mundo. Suas peças não são simplesmente um reflexo da propaganda Tudor, e sim um produto da imaginação de Shakespeare, já que revelam um pensamento crítico sobre a história e política da Guerra das Rosas. Como conclusão, evidencia-se que analisar Shakespeare como um simples produto de seu contexto que reflete ideias de sua época é uma leitura limitada, visto que Shakespeare nos proporciona um trabalho histórico, cultural e ideológico onde os personagens agem individualmente na história. Afinal, não é a história que molda os indivíduos, e sim eles que fazem história. Por fim, este trabalho busca contribuir para a análise das peças históricas de Shakespeare através de uma perspectiva humana, ou nas palavras de Bloom, da "invenção do humano".

Palavras-chave: Shakespeare; Ricardo III; História

27 - EXPERIÊNCIA ESTÉTICA NA LITERATURA E NA CRÍTICA IBERO-AMERICANAS

Coordenação: Joana Luiza Mulyaert Araujo (UFU); Karla Fernandes Cipreste (UFU); Thiago Cesar Viana Lopes Saltarelli (UFMG)

Resumo: Este simpósio foi pensado a partir de inquietações comuns aos três proponentes e tem como um dos objetivos encontrar pesquisadores que compartilhem desse sentimento. Trata-se da observação de que desbordam pesquisas literárias mais estimuladas por questões sociológicas e minguem propostas fundamentadas em questões de imaginário e de estética. Recuperando uma obra muito interessante, citamos alguns fragmentos de *Curso de literatura europea*, de Vladimir Nabokov: “Así que, ¿cuál es el auténtico instrumento que el lector debe emplear? La imaginación impersonal y la fruición artística. Tiene que establecerse, creo, un equilibrio armonioso y artístico entre la mente de los lectores y la del autor.” (NABOKOV, 2016, p.24). Em um artigo publicado no jornal espanhol *El País*, o escritor peruano Ivan Thays comenta o prólogo desse livro de Nabokov, o qual discorre sobre o bom e o mau leitor: “Y los que buscan en las novelas aspectos socio-económicos, esos lectores antropológicos carentes de imaginación e incapaces de reconocer la autonomía de la ficción, están irremediabilmente perdidos para Nabokov”. Essa conclusão está bem fundamentada no próprio texto do escritor russo quando ele discorre sobre o surgimento da literatura: “La literatura no nació el día en que un chico llegó corriendo del valle neanderthal gritando el lobo, el lobo, con un enorme lobo gris pisándole los talones; la literatura nació el día en que un chico llegó gritando el lobo, el lobo, sin que le persiguiera ningún lobo.” (NABOKOV, 2016, p.18).

Procurando aprofundar-se nessa discussão sobre o caráter do literário, tanto na perspectiva da crítica quanto da teoria e da criação, este simpósio está interessado em propostas de leituras de obras ibero-americanas que tenham como substrato teórico três eixos, a saber: imaginário, erotismo, experiência estética. O propósito é reunir e fazer circular pesquisas cujas questões estejam mais vinculadas à especificidade da literatura como espaço do ficcional e menos sujeitas ao viés culturalista e identitário. O interesse pela literatura feita no espaço geográfico delimitado se justifica pela possibilidade de se formar um diálogo profícuo entre países cujas culturas foram entrelaçadas pela história.

Algumas discussões teóricas dos campos da filosofia e da teoria literária inspiram esta proposta. Em primeiro lugar, a questão do imaginário como proposição para uma antropologia da literatura, inspirada em Wolfgang Iser (1999), quem analisa a literatura como um jogo no qual o indivíduo pratica o autodesdobramento de si, via imaginário, para entrar no mundo do “como se”, o qual revela a vida como um repertório de possibilidades. Em segundo lugar, interessam-nos pesquisas cuja proposta de leitura esteja inspirada no erotismo como experiência de jogo com a morte para reafirmação das energias vitais. Essa concepção se encontra nas análises de Georges Bataille (arte, riso, sacrifício e experiência do sagrado) em suas obras *O erotismo* e *A parte maldita*, e nas reflexões de Octavio Paz sobre a cultura mexicana, presentes na obra *El laberinto de la soledad*. Para Bataille, as experiências eróticas do excesso – erotismo, poesia, riso e êxtase – não estão contempladas pela razão ocidental porque eludem a explicação conceitual e porque se aproximam da morte na medida em que suspendem a noção de tempo instituído e de espaço construído. Bataille denomina esse acontecimento como excesso porque irrompe como uma violência de um ser racional que sucumbe a uma força interior, a qual não se deixa aprisionar pela razão. Para isso, é necessário ter coragem para negar a realidade como uma simples limitação do possível. Em terceiro lugar, pensamos na questão da experiência estética na literatura como uma instância capaz de estimular uma vida autodeterminada e inspirada na estética da existência, ou seja, em um estilo de vida ético e estético insubmisso a qualquer questão ideológica. Nesse sentido, tendo em conta a experiência de Mario Vargas Llosa narrada por ele mesmo na obra *La llamada de la tribu*, interessam-nos pesquisas cuja concepção de literatura, leitor e escritor se distancie do imperativo do engajamento e da revolução, proposto por intelectuais como Sartre e dominante na crítica latino-americana, e se aproxime de propostas que prestigiem a construção de uma vida bela pela fruição nos sentidos e na convivência visceral com o outro, aposta de intelectuais como Albert Camus, Luc Ferry, André Comte-Sponville, Jacques Rancière e os já citados Octavio Paz e Mario Vargas Llosa, entre outros.

REFERÊNCIAS:

- BATAILLE, Georges. *El Erotismo*. Buenos Aires: Tusquets Editores, 2009.
- BATAILLE, Georges. *La Parte Maldita*. Barcelona: ICARIA, 1987.
- NABOKOV, Vladimir. *Curso de literatura europea*. Barcelona: Ediciones B, 2016.
- PAZ, Octavio. *El laberinto de la soledad*. México: Fondo de Cultura Económica, 2015.
- ROCHA, João Cezar de Castro, ed. *Teoria da Ficção*. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 1999.
- Vargas LLOSA, Mario. *La llamada de la tribu*. Barcelona: Alfaguara, 2018.

31 de julho

8h30

TRÊS PROPOSTAS CONTEMPORÂNEAS PARA A LITERATURA LATINO-AMERICANA

Karla Fernandes Cipreste (UFU)

Resumo: Considerando a discussão proposta pelo simpósio sobre o caráter do literário, esta comunicação se debruça sobre o histórico da crítica latino-americana e propõe uma crítica sobre a proposta do balbucio teórico (Hugo Achugar) como lugar de enunciação do intelectual que se dedica a pensar este continente. No livro *Planetas sem boca*, Achugar, baseando-se na obra *A Tempestade* de William Shakespeare e no personagem Enjolras, de Victor Hugo, defende que o intelectual latino-americano deve ter algo de arielista e algo do balbucio calibã, este associado ao engajamento do personagem do escritor francês. Apesar da proposta explícita no livro, o que realmente se lê de Achugar é uma quase total filiação ao calibanismo apenas. A presente comunicação vincula o substrato balbuciente à herança sartreana do intelectual engajado, bastante influente na grande maioria dos críticos latino-americanos, e propõe uma série de questões a essa pauta. Nesse sentido, apresenta-se a proposta de revisão de fatos históricos desde o modernismo hispano-americano, do qual a crítica latino-americana retira, em tom pejorativo, a denominação arielista, até a contemporaneidade; bem como do pensamento de intelectuais boicotados pela itelligentsia por sua oposição à proposta do engajamento (Octavio Paz, Albert Camus, Ortega y Gasset, Mario Vargas Llosa, Georges Bataille, entre outros). Propõe-se o pensamento desses intelectuais como tributário do livre-pensar liberal clássico e da estética da existência nietzschiana, motivo pelo qual estão considerados como pensadores cujas apostas estão no estilo de vida ético e estético insubmisso a qualquer questão ideológica. No que diz respeito à literatura contemporânea feita neste continente, pretende-se refletir sobre três propostas que destoam das formas de prestígio determinadas pela crítica latino-americana, a saber: o neo-humanismo de Fernando Vallejo; o erotismo de Mario Bellatin e o diálogo entre literatura e neurociência, proposto por Jorge Volpi.

Palavras-chave: crítica latino-americana; neo-humanismo; erotismo

A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA EM AGUAFUERTES PORTEÑAS DE ROBERTO ARLT

Graziele Camilo da Costa (UFU)

Resumo: Roberto Emilio Godofredo Arlt foi um jornalista e escritor argentino considerado atualmente como um dos maiores escritores da literatura latino-americana. Apesar de seu reconhecimento, o autor é pouco divulgado, principalmente em países não-hispânicos. Um dos motivos seria por ele ter sido da mesma época de Júlio Cortázar e Jorge Luis Borges e a fama desses autores pode tê-lo opacado. Outra razão pode ser o fato de o autor optar pelo uso do lunfardo em suas obras, dialeto usado pelos habitantes dos bairros pobres de Buenos Aires, o que dificulta sua tradução. Em suas obras, Arlt contesta a hierarquização de saberes e valoriza a cultura popular por meio de homenagens a tipos populares e *Aguafuertes Porteñas* é um exemplo dessas homenagens. Essa obra é composta por crônicas que foram publicadas no jornal *El Mundo* entre 1928 e 1933. Cada crônica tem como personagem principal um tipo popular da cidade de Buenos Aires, como o malandro, o solteirão, o preguiçoso, entre outros. O filósofo francês Henri Bergson (2002) define “tipo”, como um personagem cômico que apresenta traços gerais e coletivos, ou seja, ele não possui nome, mas sim características comuns a qualquer pessoa. Os personagens de Arlt também são

típicos da cidade, espaço limitado definido pelo historiador Michel de Certeau (2009) como um lugar que classifica de acordo com as relações de poder e exclui aqueles que não se enquadram às normas. Essas normas vêm sendo impostas na América Latina desde o período colonial por meio do projeto de modernização Iluminista com o objetivo de forjar um modelo de continente mais condizente com os interesses políticos-econômicos vigentes. Os tipos de Arlt optam por fugir às regras impostas socialmente tendo então, uma vida autoderminada pautada na estética da existência, que é uma proposta ética-estética da própria vida. Ética, pois é um estilo de vida que agrada a si sem incomodar o outro, e estética, pois dá prazer. Esses personagens resistem às normas por meio das relações comunitárias, imunizadas na implantação do projeto de modernidade, do riso e do saber popular. Sendo assim, pretende-se analisar alguns dos tipos de Roberto Arlt levando em consideração o modo de vida que eles possuem. Pretende-se também aproximar os personagens dos filósofos cínicos da Antiguidade e do pícaro, personagem do Século de Ouro espanhol. Os estudos sobre o conceito de cidade serão realizados à luz dos estudos de Michel de Certeau (2009), os estudos sobre o riso serão feitos por meio do estudioso Henri Bergson (2002) e os estudos sobre prática filosófica do Cinismo serão realizados à luz da teoria de Michel Foucault (2011). Os resultados desse trabalho concluem que o estilo de vida autoderminado dos personagens ativam o imaginário do leitor fazendo com que ele se identifique com os personagens provocando experiência estética. Além disso, os tipos populares de Arlt exemplificam o cinismo e a picaresca e mostram que existem possibilidades de existência além das que são impostas pela sociedade.

Palavras-chave: Experiência estética; Imaginário; Saber popular

A FIGURA DO ANTEJARDÍN EM CASABLANCA, LA BELLA COMO METÁFORA DOS ATRAVESSAMENTOS ENTRE ESPAÇO PÚBLICO E PRIVADO NA CONTEMPORANEIDADE

Tatiele da Cunha Freitas (UFU)

Resumo: Em *Casablanca, la bella* (2013), o escritor colombiano Fernando Vallejo conta a trajetória do seu constante velho narrador ao comprar uma casa em Medellín, Colômbia, às cegas a partir do México. O imóvel adquirido possui um grande valor sentimental e, visto de longe, parecia resguardar as características do passado do narrador, o que se percebe pelas longas descrições da casa feitas no início da obra. Nesta descrição, o narrador dirige o olhar dos leitores para o antejardín, uma construção que pode ser definida como uma área livre, mas de propriedade privada, que pertence ao espaço público e sobre a qual não se permite nenhum tipo de edificação. As menções a essa figura do antejardín perpassam toda a obra e é possível lê-la como uma metáfora de um atravessamento entre espaço e público e privado, assim como do apagamento entre essas fronteiras na contemporaneidade. Desse modo, a partir do respaldo teórico de autores que discutem a problemática do espaço público e privado nas sociedades pós-modernas e da função da literatura nesses âmbitos, como Lypovestky (2003), em *A sociedade da decepção*, e Sennet (1988), em *O declínio do homem público*, pretende-se discutir como Vallejo desdobra tais questões na obra mencionada, e da importância que traz o seu narrador para a necessidade de "cuidar do jardim", o que pode ser discutido a partir das ideias de Voltaire mencionadas em seu livro *Cândido* (2003).

Palavras-chave: Vallejo; pós-modernidade; espaços

O HABITAR POÉTICO NA OBRA DE MÁRIO BELLATIN

Matheus Taylor Souza Borges (UFU)

Resumo: A crítica latino-americana contemporânea tem demonstrado especial interesse por aspectos sócio-histórico-político-culturais na busca por compreender a formação dos diferentes "histórias locais", termo utilizado e discutido por Hugo Achugar (2006). Segundo o autor, tais pesquisas visam observar os "interesses locais e concretos" (p.28), daqueles que estão às margens ou nas periferias. Tal visão se opõe à chamada literatura universal, visto que defende uma identidade latino-americana única, baseada nos processos históricos vivenciados pela América Latina. Dentro deste processo, a literatura latino-americana passa a ser vista pela crítica como um todo histórico heterogêneo, porém com uma função pragmática de denúncia dos processos

colonizadores que a homogeneizaria. Neste cenário, as produções do autor mexicano Mario Bellatin se destacam exatamente por ir à contramão do que é proposto pela crítica latino-americana contemporânea, ao aproximar-se muito mais do que Heidegger (1994) definiria como uma função estética da literatura que proporciona ao homem um habitar poético que do caráter pragmático defendido por Achugar. Dessa forma, o presente trabalho pretende analisar alguns aspectos nas obras de Mario Bellatin que as diferenciam do todo homogeneizado defendido pela crítica latino-americana contemporânea, fazendo de sua escrita o que Octávio Paz adjetivaria como pachuca.

Palavras-chave: habitar poético; Mario Bellatin; crítica literária

1 de agosto
8h30

O IMAGINÁRIO MESTIZO DE ALEJO CARPENTIER

Thiago Cesar Viana Lopes Saltarelli (UFMG)

Resumo: A presente comunicação pretende evidenciar como o escritor cubano Alejo Carpentier opera com as ideias de mestiçagem e hibridação cultural no nível do imaginário e da estética, donde o que sobressai é a força da própria obra literária. Para tanto, a análise recairá sobre a obra "Concierto Barroco".

Palavras-chave: Carpentier; imaginário; mestizaje; neobarroco

A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA NO CONTO "LA LECHERA DE VERMEER"

Isabella Borges Gregorio (UFU)

Resumo: Este trabalho propõe uma análise do conto "La lechera de Vermeer", do escritor espanhol Manuel Rivas. O conto é uma arte riquíssima que vai mostrar como algumas situações a partir da experiência estética e com o belo podem se repetir com o tempo trazendo novos sentimentos e emoções. Os filósofos como André Comte-Spoville, Luc Ferry, apostam no fato de que a pós-modernidade destrói a experiência com o belo porque ela contesta valores como a família, o amor, a amizade. Além disso, Scruton afirma que a pós-modernidade destrói a experiência com o belo quando afirma que um tipo de arte é igual ao outro, colocando estilos de artes diferentes como iguais, desprezando assim o belo. Porém, Manuel Rivas e os filósofos vão afirmar que a experiência com o belo é fundamental para a formação de um bom caráter na criança e isto é mostrado no conto. O narrador tem uma experiência com o belo que é exatamente o que o faz reconhecer a boa criação que teve, faz ter orgulho e amor pela sua mãe, formando assim o seu caráter íntegro. O escritor reafirma os valores não como se fossem já construídos e sim construídos a partir da relação com o outro. Portanto, Rivas não é filosoficamente pós-moderno, mas sim neohumanista, pois ele volta a proposta de que existe sim o belo que é diferente do horror, a mentira que é diferente da verdade e a experiência estética que tem a capacidade de unir a humanidade.

Palavras-chave: experiência estética, neohumanista, emoções

A PREVALÊNCIA DA ESTÉTICA EM OFICINA Y DENUNCIA E BODAS DE SANGRE EM OPOSIÇÃO À TENDÊNCIA ENGAJADORA DAS ARTES NO SÉCULO XX

Laura de Oliveira Coradi (UFU)

Resumo: Northrop Frye (2004), em Código dos códigos, afirma que a linguagem passou por três fases ao longo dos séculos: a metafórica, a metonímica e a demótica. Esta última é a que vivemos atualmente, e se caracteriza pela proximidade da linguagem com os elementos do mundo prático, experimentável, a saber, a linguagem resumida ao dizível. Podemos relacionar essa fase da linguagem proposta por Frye na obra de George Steiner (2002), Gramáticas da criação, na qual o crítico francês notou que esse afastamento se dá pelo ceticismo frente ao mundo, tendo como algumas causas a falta de silêncio na vida privada, a coletivização da vida e a racionalização advinda da ideia de progresso e evolução. Com o estopim das grandes guerras, o ceticismo já estabelecido juntou-se a um pessimismo frente ao aniquilamento humano resultante desses acontecimentos. Vê-

se, então, a soma da desesperança causada pelos horrendos conflitos e do já evoluído desenlace entre a linguagem e o indizível. Consequentemente, o mundo se afasta da religiosidade genuína e da estética, que para Steiner são as duas únicas experiências que “[...] permitem que os seres humanos participem da ficção verdadeira, da metáfora real da eternidade [...]” (p.275). Logicamente, as artes não escaparam das consequências dessa crise. A arte apresenta sequelas do utilitarismo causado por esse momento conturbado. Steiner vê o movimento dadaísta como o grande precursor da crise da linguagem na produção artística, justamente pelo fato de que nessas obras se contemplam o efêmero e as invenções humanas, ou seja, o que é material. Isso leva-nos a refletir sobre o utilitarismo ideológico na literatura. O século XX foi o século dos manifestos literários, que procuravam romper com a tradição e promover uma nova cosmovisão, voltada à ruptura e à arte engajada. Ao redor do mundo, muitos movimentos artísticos tinham como objetivo fomentar a arte engajada, por exemplo, com o surgimento dos Estudos Culturais na Inglaterra. Apesar dessa tendência, vemos na literatura espanhola, e fundamentalmente nas obras de Federico García Lorca, uma resistência ao utilitarismo da linguagem, de modo que a estética está acima do engajamento político ideológico. Tendo em vista isso, aprofundaremos essa crise da linguagem na fase demótica, à luz de Frye e Steiner, e mostraremos no poema *Oficina y denuncia* e na obra teatral *Bodas de Sangre*, ambos de García Lorca, essa sobrepujança do poético em relação ao materialismo e utilitarismo que dominaram a arte no século XX. Bolsista CAPES

Palavras-chave: Literatura; linguagem; ceticismo; arte.

EXPERIÊNCIA ESTÉTICA EM TOÑO CIRUELO. A ARTE DA DESTRUIÇÃO E DA RENOVAÇÃO

Carlos-Germán van der Linde (Universidade de La Salle)

Resumo: O romance colombiano *Toño Ciruelo* (2017), de Evelio Rosero, tem a particularidade de não abordar os problemas nacionais tradicionais: guerrilheiros, paramilitares, corrupção política ou tráfico de drogas. Nem faz uma revisão historiográfica para entender os conflitos atuais no país. Nesse sentido, *Toño Ciruelo* está localizado em um lugar diferente dentro da literatura nacional. Os personagens principais -Antônio Ciruelo e Heriberto Salgado- estão fora da avaliação moral do bem e do mal. *Toño* e *Eri* são, respectivamente, expressão e interação do mal. Essa categoria, no romance, é “desterritorializada” (Deleuze) dos sentidos político e sociológico, e é “reterritorializada” no campo da criação artística. *Toño* é a expressão máxima do mal, mas seu ato mais importante -na minha opinião- não é sua criminalidade, mas criação estética. *Eri*, por outro lado, tem uma experiência particular de admiração e censura em relação a *Toño*. Dado o que *Ciruelo* representa, pode-se dizer que a experiência sensível do mal é uma espécie de sedução (Baudrillard), que oscila entre atração e rejeição. A reação emocional de *Eri*, em frente à obra/pessoa de *Toño*, é escrever algumas memórias sobre seu amigo. Essas memórias são precisamente o livro que os leitores têm em suas mãos, sob o título de *Toño Ciruelo*.

2 de agosto

8h30

CARTAS PARA UMA POÉTICA DA TRADUÇÃO NA CORRESPONDÊNCIA ENTRE GUIMARÃES ROSA E SEU TRADUTOR ITALIANO

Joana Luíza Muylaert de Araújo (UFU)

Resumo: Em carta de 4/12/1963, a seu tradutor italiano, Guimarães Rosa revela que escrever um livro é traduzi-lo de “algum alto original”, sempre esquivo; no limite, intraduzível. Extraio dessa afirmação o mote para refletir sobre a ideia de “tradução” nela contida, escrita-tradução sempre sujeita a erros, a distâncias entre a língua humana traduzida e a linguagem arquetípica imaginada. Para ampliar a compreensão das questões envolvendo o ato tradutório, recorro à correspondência entre o tradutor italiano, Edoardo Bizzarri, e o autor de *Corpo de baile*, travada no período de outubro de 1959 a outubro de 1967. Nessa comunicação, pretendo “traduzir” tanto quanto possível a correspondência em questão, assumindo como pressuposto a ideia de que traduzir é “abrir no

nível da escrita uma certa relação com o outro, fecundar o Próprio pela mediação do Estrangeiro”, nos termos de Antoine Berman; ou encontrar o que Walter Benjamin chamou de “traduzibilidade da obra”, sem deixar de apontar para o que nela persiste como “intraduzível”, em seu conhecido ensaio sobre os problemas da tradução.

Palavras-chave: Tradução; Guimarães Rosa; correspondência

CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESCRITOR CYRO DOS ANJOS E SUA OBRA ABDIAS

Angélica Pereira Martins Chagas (UFU)

Resumo: Cyro dos Anjos é um escritor mineiro que foi amigo de Carlos Drummond de Andrade. Foram dois escritores brasileiros que trocaram correspondências por toda a vida. Segundo Wander Melo Miranda: “Tornaram-se compadres, confidentes, na vida e na escrita” (MIRANDA, 2012, p. 5). Ambos partilhavam da rotina entre serviço público e literatura. Ivan Marques diz que: No romance de Cyro dos Anjos, assim como na poesia de Drummond, o que se observa é a “fatalidade histórica” de um sujeito colocado entre dois pontos: o latifúndio e a vida urbana” (MARQUES, 2011, p. 212). Cyro dos Anjos escreveu poucas obras e todas foram comentadas por Drummond nas cartas. O presente trabalho se dedicará a analisar trechos da obra Abdias: exploraremos a questão do imaginário, a questão da experiência estética na literatura analisando o personagem da obra em questão, além disso pretendemos realçar as impressões de Drummond a respeito do romance observando as correspondências entre os autores. Também serão levantados tópicos que perpassam a escrita de si, memória e espaço que são elementos presentes na obra e realçam a relação entre viver e escrever do protagonista. Os principais romances do autor em estudo são O Amanuense Belmiro (1937) e Abdias (1945), ambos em forma de diário, escritos por narradores em primeira pessoa, por homens que estão em busca de sua identidade social. Cyro dos Anjos afirma: “Em O Amanuense e no Abdias a narrativa é centrada no destino de um personagem ou flui pelo prisma de uma consciência” (ANJOS apud STEEN, 1981, p. 115). Constância Lima Duarte destaca que “nos dois primeiros, escritos em forma de diário que parece acompanhar o fluxo da memória, os personagens oscilam entre o desejo e a inércia, e deixam a vida passar entre o devaneio e a frustração intelectual” (DUARTE, 2009, p. 180). Memória e introspecção fundem-se nos observadores discretos da vida urbana de personagens humildes e simples. Marques ressalta que “poucos escritores foram tão fiéis ao gênero autobiográfico quanto ele, que a rigor sempre escreveu memórias – romanceadas ou ‘imaginárias’, nos dois primeiros romances, e ‘verdadeiras’, embora líricas, em A menina do sobrado” (MARQUES, 2011, p. 213).

Palavras-chave: Cyro dos Anjos; escrita de si; memória; espaço.

INFÂNCIA, RELEITURA DE UM REAL ACESSÍVEL PELO (E AO) IMAGINÁRIO EM BOITEMPO, DE DRUMMOND

Leíza Maria Rosa (UFU)

Resumo: Esse trabalho tem como objetivo estudar a literatura como espaço do ficcional, em diálogo com a questão do imaginário, conforme proposto por Wolfgang Iser (1999). Para tal, a intenção é utilizar como corpus literário um pequeno grupo de poemas publicados em Boitempo, de Carlos Drummond de Andrade, considerado um livro de memórias do autor, recheado de histórias da infância em Itabira-MG, um entrelaçamento de subjetividades de um Carlos adulto que, com volúpia, volta a ser menino, como cita no poema “Intimação”. Na perspectiva adotada, recorro à noção de “atos de fingir” para compreender como Drummond, poeta adulto, apresenta literariamente a experiência da infância – atravessando, transgredindo os limites entre o real e a ficção. Transgressão essa que pode ser entendida como forma de entender e resolver os conflitos vividos e/ou imaginados pela criança, agora adulta, que relembra o pai, coronel e fazendeiro austero, a mãe e cinco irmãos, na pacata cidade interiorana. O menino/adulto que via no boi não um meio de sustento, mas uma inspiração literária, tão deslocado da realidade da fazenda. Ainda considerando o “fazer de conta” poético, proponho, nessa comunicação verificar o modo como o poeta traduz em imagens o tempo e o espaço da infância, tornada aberta e propícia à invenção de

possíveis como prenúncio e, ao mesmo tempo, releitura, de um real acessível pelo (e ao) imaginário. Nos poemas de Boitempo, Drummond construiu a sua realidade poética, reescrevendo a própria história. Ao “fingir” que se lembra do tempo passado, Drummond eterniza em versos o que poderia ter sido um tempo de outrora. Resultado de uma operação poeticamente transgressora, Boitempo é memória que se inventa, se escreve e se inscreve no tempo e no espaço imaginários.

Palavras-chave: Drummond; infância; imaginário; realidade; ficção.

DIÁRIO, MEMÓRIA E IDENTIDADE: O HOMEM E O AUTOR JOSÉ SARAMAGO

Margarete Santos (UFU)

Resumo: Diário, memória e identidade: o homem e o autor José Saramago Margarette Santos (UFU)

Resumo: A discussão teórica proposta por meio deste estudo parte da concepção do escritor e homem José Saramago que se revela por si mesmo em seus diários intitulados Cadernos de Lanzarote (volumes I, II e III) que compõem o período de sua vida de 1993 até 1995 e os Cadernos de Lanzarote II (volumes IV e V) correspondendo ao período de 1996 até 1997 e, também, na obra memorialista Pequenas Memórias (2006) caracterizada como um relato profundo das lembranças da infância do autor. Nesse âmbito, busca-se a compreensão da identidade em uma prática textual considerada subjetiva e privada em que se resgata a relação do leitor com o “eu” que se inscreve nos textos autobiográficos integrando o contexto de produção com a identidade do autor enquanto sujeito de sua criação. Os diários como obra de base literária sem intenção meramente ficcional dão um significado específico à condição de sujeito-autor para José Saramago que, de forma incomparável, consolida sua visão de narrador dos seus momentos de vida com um teor crítico, sincero e dilacerante alternando-a com a mais pura singeleza poética sobre as banalidades de seu cotidiano. Embora o autor seja o personagem central dos relatos que envolvem a obra, ocorre, no resgate metalinguístico da narrativa, a presentificação do leitor mencionado e atuante no texto e, também, como aquele para quem se direciona a futura leitura. Assim, tanto nos diários quanto na obra memorialista de Saramago, a escrita autobiográfica apresenta-se com particularidades discursivas e temáticas fundamentais para estruturação do estudo proposto.

Palavras-chave: Palavras-chave: escrita do eu; diários; memória

28 - FANTÁSTICOS, PARAFANTÁSTICOS, METAFANTÁSTICOS, PSEUDOFANTÁSTICOS, FANTASISMOS

Coordenação: Marisa Martins Gama-Khalil (UFU/ CNPq); Flavio García (UERJ/ FAPERJ); Maira Pandolfi (UNESP – Assis)

Resumo: Mesmo depois de uma infinidade de teóricos e críticos, tanto na Europa, quanto nas Américas, virem, há muito, se dedicando a refletir sobre o fantástico, ainda é sumamente impossível delimitar, com rigor, a ficção recoberta pelo termo-conceito. Nem mesmo o recurso à diversidade de artistas que, produzindo em diferentes *media*, exercitaram-se, no passado, e exercitam-se, ainda hoje, como críticos, problematizando essa vertente ficcional, torna mais amena a sempre movediça tentativa de definir, com alguma precisão, o que seja, efetivamente, o fantástico.

Tzvetan Todorov, em seu famoso estudo *Introdução à literatura fantástica*, reuniu as ideias de teóricos, críticos e literatos que, antes dele, debruçaram-se sobre o fantástico, com o fito de, a partir dessas reflexões, esquadriñar uma definição para essa literatura. Por intermédio de uma posição marcadamente estruturalista, esse teórico búlgaro ofereceu ao público da época um estudo que ainda hoje é seguido por alguns estudiosos e que considera a literatura fantástica por meio de uma perspectiva genológica. Nessa direção todoroviana, o gênero fantástico, que se define pela hesitação, tem por vizinhos o gênero maravilhoso, no qual a hesitação inexistente, e o gênero estranho, em que a hesitação, instaurada no início da narrativa, é desfeita por alguma evidência que tenha como base a razão.

Insatisfeitos com o modelo todoroviano, que esquadrinha limites entre os gêneros a partir de diferenças, e percebendo que algumas narrativas não se encaixam rigorosamente nos referidos limites, alguns teóricos buscaram novos mirantes teóricos para a definição do fantástico. Dentre essas alternativas teóricas, podemos citar duas principais: a percepção do fantástico como modo e como categoria. Acompanhando os argumentos indicados especialmente por Rosemary Jackson, o pesquisador português Filipe Furtado, no verbete “Fantástico: modo”, que escreve para o *E-dicionário de Termos Literários* de Carlos Ceia, denuncia o quanto a perspectiva genológica deixa à parte uma série de narrativas que poderiam ser consideradas e lidas como fantásticas. Nesse linha de entendimento, Furtado admite que o conceito de sobrenatural não seria englobante a ponto de conjugar diferenças e similitudes e por isso defende que o modo fantástico seria caracterizado por uma fenomenologia metaempírica. Furtado compreende que o metaempírico englobaria acontecimentos da ordem do sobrenatural, mas outros ainda que, assustadores ou não, são insólitos, inexplicáveis quando da produção do texto, seja por incapacidade de percepção, seja por falta de conhecimento de suas leis, seja, enfim, por não possuírem existência efetiva em nossa realidade prosaica.

A definição do fantástico pelo mirante de categoria foi de certa forma motivada pelo fato de o fantástico extrapolar o domínio do literário e encontrar-se em outras artes. Aqui abrimos um parêntese para lembrar que as visões genológica e modal - especialmente essa última -, ainda que não tenham se enveredado pela leitura de outras artes, privilegiando o enfoque sobre a literatura, permitem sua aplicação em artes diversas, como, por exemplo, o cinema ou a hoje tão difundida *graphic novel*. A pesquisadora portuguesa Maria João Simões, com base nos estudos de Roger Bozetto, Arnaud Huftier Étienne Souriau e Robert Blanché, esclarece que a categoria se define por intermédio de um *ethos* específico e estabelecido ilustrativamente através de um diagrama em rosácea. O fantástico seria uma das células/partes de uma rosácea, que seria composta por tantas outras unidades, como o grotesco, o gótico, o sublime, o cômico, o trágico etc.. E, nessa perspectiva de compreensão, o fantástico seria um predicado estético que pode ser encontrado no gênero trágico, por exemplo.

Todas essas variadas experiências de compreensão do fantástico foram e continuam sendo realizadas em função de haver um imenso conjunto de produções artísticas que fazem emergir elementos e/ou acontecimentos da ordem do inexplicável e que parecem esquivarem-se a toda tentativa de definição. Há, contudo, no vasto e heterogêneo conjunto de produções ficcionais fantásticas, parafantásticas, metafantásticas, pseudofantásticas ou fantasistas em geral, seja em língua portuguesa, espanhola, francesa, inglesa, seja em galego, italiano, alemão etc., um traço distintivo que daria, a essa vertente ficcional, certa unidade. Esse traço corresponde à impressão do caráter insólito na composição de qualquer de suas categorias narrativas, isoladas ou solidariamente entre si, afastando o texto do universo comprometidamente realista. Essa impressão se produziria a partir do recurso a diferentes estratégias de construção narrativa – ranhuras, fissuras, fraturas e rupturas, resultantes da instauração de incoerências ou incongruências face aos referentes extratextuais, geralmente demarcados pela verossimilhança realista – que põem em xeque as expectativas da lógica racional e aristotélica.

Tem-se, nesses casos, a manifestação do que se pode chamar de insólito ficcional, reunindo uma ampla diversidade de gêneros, modos, categorias do discurso que foge da *mimesis* realista. Assim, percorrendo por essas manifestações artísticas, espera-se que as apresentações e discussões acolhidas neste simpósio problematizem e reflitam sobre essas questões, tomando como *corpus* ficções diversas, caracterizadas como fantásticas, maravilhosas, estranhas, góticas, ficções científicas, distopias, ucronias, fantasistas ou outras tantas várias modalidades de expressão do insólito ou metaempírico.

31 de julho
8h30

"LA NOCHE BOCA ARRIBA": O NEOFANTÁSTICO NO JOGO ENTRE A FICÇÃO E A HISTÓRIA

Aurora Gedra Ruiz Alvarez (Universidade Presbiteriana Mackenzie)

Resumo: O exercício de tramar os fios narrativos do conto com o intento de seduzir o leitor exige muita engenhosidade, pois tratando-se de uma narrativa breve, o criador tem que operar essa maestria dentro de um texto reduzido, sem deixar que o leitor se despegue da magia criada pela história, como preconiza Julio Cortázar em "Alguns aspectos do conto" e em "Do conto breve e seus arredores", ensaios de Valise de cronópio. Também Edgar Allan Poe, em "A filosofia da composição" reflete sobre a economia do texto literário, ao examinar o longo poema "O corvo". Neste ensaio, o crítico americano discorre sobre os procedimentos estéticos fundamentais que conferem a força de prender a atenção do leitor no texto. Os preceitos discutidos no âmbito da poesia, por extensão, são reconhecidos pela crítica como basilares para a construção também do conto. Segundo Poe, é imprescindível que o texto literário se avolume em tensão no seu andamento e, ao final, ofereça ao leitor uma surpresa, um desfecho que o desafie a trilhar novamente o percurso da composição em busca de pistas que possam, talvez, iluminar o enigma final. Neste trabalho propomos estudar "La noche boca arriba", conto da coletânea Final do jogo (1956), de Julio Cortázar, partindo da hipótese de leitura de que esse conto, cujas raízes se fixam nas narrativas historiográficas, compõe a sua diegese estabelecendo um jogo entre a história e a ficção, entre o empírico e o metaempírico, entre a realidade e o sonho, mecanismos responsáveis por envolver o leitor na trama. Defendemos que nessa relação interdiscursiva, a tensão se alimenta e cria uma zona de opacidade que se dilata em igual escala em que se inscreve o neofantástico. Derivado do fantástico, o neofantástico também rompe com a realidade configurada no estatuto ficcional como ocorre com o gênero de sua origem, no entanto, o neofantástico não trabalha com expedientes relacionados aos mistérios do medo (fantasmas, vampiros etc.). Nessa nova forma de representação literária, o "outro" instala-se na narrativa "de una manera marcadamente trivial y prosaica, sin advertencias premonitórias, tramas ad hoc y atmósferas apropiadas como en la literatura gótica", como explica Cortázar. Esta situação insólita, que irrompe sem avisos na cena, dilui as fronteiras entre o real e o irreal e fomenta a tensão. Para perseguir essa proposta de leitura, estabelecemos o objetivo de conhecer a tessitura da trama, os conflitos que nela habitam, as fronteiras movediças entre empírico e metaempírico, bem como os recursos estéticos usados que legitimam a força de imanizar o leitor até o seu desfecho. Nas reflexões teóricas e no exame do texto, apoiamos-nos nos estudos dos autores já citados e em outros estudiosos da Teoria literária, assim como também nos amparamos em Ross Hassig, especialista da cultura Mexicana e da Etnohistória colonial do México, e em Jaime Alazraki, estudioso do neofantástico.

Palavras-chave: "La noche boca arriba"; Neofantástico; Recepção.

ELEMENTOS DO GÓTICO EM O CRIME DO PADRE AMARO, DE EÇA DE QUEIRÓS

Xênia Amaral Matos (UFSM)

Resumo: Mesmo sob o influxo do realismo, as narrativas de Eça de Queirós apresentam nuances do gótico e do fantástico. Estudos revisionistas, tais como Camilo e Eça: O Apelo do Horror (2004), de Teresa Manuela Vasques Fadista da Cruz Rosado e A dimensão fantástica na obra de Eça de Queirós (2002), de Maria do Carmo Castelo Branco de Sequeira, têm destacado o papel do fantástico para a composição de algumas narrativas eciananas, especialmente os contos e as novelas. Sequeira dedica uma subunidade de seu estudo ao gótico em Eça, porém não apresenta uma análise profunda do tema, pois apresenta uma visão restrita da definição de gótico. Sua concepção de gótico está pautada principalmente sobre os escritos ingleses do século XVIII, narrativas ambientadas na Idade Média, com atmosferas sombrias e horripilantes (SEQUEIRA, 2002, p. 243). Assim, sua análise limita-se aos textos de Eça em que o gótico aproxima-se dessa concepção de forma mais evidente, como em Prosas Bárbaras (1912). Entretanto, mesmo os romances da consagrada fase realista-naturalista (cf. RIBEIRO, 1994, p. 17), como O crime do Padre Amaro (1875), apresentam elementos que se relacionam ou aludem ao gótico principalmente os que tangem à composição de enredo, à figuração de personagens e à construção de cenário. O gótico, além de estar conectado à tensão da narrativa,

auxilia a comunicar interditos sociais e transgressões morais, uma vez que traz à tona flagelos humanos, sejam eles psíquicos ou sociais, revelando a dificuldade que os indivíduos sofrem ao tentar compreendê-los e o consequente caráter obscuro de tais assuntos (cf. BRUHM, 2002, p. 263). Nesse sentido, apesar de, num primeiro momento, poder ser considerado o extremo oposto do modo realista-naturalista de fazer narrativa, o gótico não deixa de ser uma maneira de tangenciar a “tirania da realidade” e mesmo de projetar aspectos semânticos que uma linguagem mais objetiva e lógica anularia ou simplificaria. Tendo em vista tais considerações, o presente trabalho propõe uma análise das nuances do gótico em *O crime do Padre Amaro*, em especial na figuração da personagem Amaro. Para isso, serão utilizadas as considerações de Byron e Punter (2004), David Punter et al. (2012) e Jerold Hogle et al (2002) sobre o gótico. Além disso, destaca-se que essa proposta de análise está vinculada ao projeto de tese chamado *A literatura portuguesa sombria: o gótico na obra de Eça de Queirós*, o qual é desenvolvido pela autora no Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Santa Maria, sob a orientação da Prof. Dr^a. Raquel Trentin Oliveira, o qual conta com o apoio financeiro da CAPES/DS.

Palavras-chave: Eça de Queirós, gótico, romance

31 de julho

14h30

ESTRATÉGIAS NARRATIVAS E EFEITOS FANTÁSTICOS EM "AMIGAS", DE MIRIAM ALVES E "EI, ARDOCA", DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Angélica Maria Santana Batista (UERJ)

Resumo: A ficção, produção humana que inaugura mundos, tem como característica primordial manifestar tensões que, combinadas, podem aprofundar, questionar, testar, transformar ou alterar os limites do mundo conhecido. A ficção conhecida como fantástica – os relatos com a presença de fantasmas, monstros, aventuras macabras, espaços escuros, ou com a atuação de quaisquer elementos inexplicáveis – vem, “definitivamente, questionar a validade dos sistemas de percepção da realidade comumente admitidos” (ROAS, 2012, p. 119) e rompe com ditames da verdade. Além disso, para além da hesitação entre o real e irreal postulada por Todorov em sua clássica obra *Introdução a literatura fantástica*, o Fantástico dito contemporâneo tem se firmado como um território em que o questionamento das percepções – físicas, ideológicas, sensoriais, identitárias etc. – é uma tônica a ser seguida visto que o insólito surge para “postular a possível anormalidade da realidade” (ROAS, 2012, p. 138), pois esta é vítima da incerteza e da fluidez dos discursos e das mentalidades no decorrer do século XX, o que fissa a fronteira entre texto e mundo porque “o vínculo entre texto e mundo é remoldado no pós-modernismo não pelo desaparecimento do texto no interesse de um retorno ao real, mas por uma intensificação da textualidade que a torna co-extensiva com o real. Uma vez que o real se transformou no discurso, já não há separação entre texto e mundo a ser transposta” (CONNOR, 2000, p. 107). Conhecido como um gênero da transgressão (cf. TODOROV), o Fantástico é uma forma de encenar e denunciar temas, modos e visões que, transfigurados pelos estatutos da ficção, talvez não conseguissem ser trabalhados de outra maneira. Nesse sentido, o Fantástico se coloca como uma verdade ficcionalizada que não esconde sua intencionalidade – a destruição dos marcos estáticos da perspectiva narrativa e a pressuposição explícita do contrato tácito entre autor e leitor (Cf. REIS & LOPES, 1998, pp. 43-44). Assim, as narrativas “*As amigas*”, da escritora paulistana Miriam Alves (1952), e “*Ei, Ardoça*”, da autora mineira Conceição Evaristo (1946), representam personagens que vivem situações limítrofes em mundo ficcionais possíveis em que o Fantástico não está ancorado na presença de seres ou objetos insólitos, mas sim no jogo textual em que o estranhamento está na alteração de vozes, espaços e percepções. A primeira narrativa é uma combinação nebulosa de sonho e realidade que se espraia em espaços vagos e imprecisos em consonância com lembranças e memórias da narradora. Já a segunda narra a história de um homem em uma viagem de trem ilusoriamente normal, em que este e o veículo dividem seus destinos. Tais estratégias combinadas possuem o efeito fantástico:

mesmo que os contos sejam, em um primeiro momento, conduzidos com extremo realismo descritivo, as transformações interiores e exteriores das personagens denotam fluidez na relação perceptiva de tempo, espaço e afetos, de modo aberto e relativamente contraditório, o que leva a ler tais textos como representantes contemporâneos da estética fantástica, sempre ambígua e polivalente.

Palavras-chave: Ficção; Fantástico; Conceição Evaristo

ASPECTOS DO FANTÁSTICO NO CONTO "A CARTOMANTE" DE MACHADO DE ASSIS

Fernando Rodrigues da Costa (UNESP)

Resumo: Esta comunicação tem como principal objetivo analisar as perspectivas do universo fantástico que permeiam o conto "A Cartomante" de Machado de Assis, tendo como ponto de partida os aspectos presentes na narrativa que indicam as possíveis mediações entre o plano terreno e o plano sobrenatural. Observa-se assim que a própria figura da cartomante encontra-se inserida no imaginário popular de diferentes épocas e culturas como sendo alguém dotado de poderes advindos de uma natureza milagrosa e que consegue evidenciar o futuro. No conto esta personagem desestabiliza a realidade e possui um papel fundamental na medida em que cria soluções ao enredo e desenvolve todo o horizonte para o foco narrativo. No entanto, a cartomante não deixa de ser objeto também para o jogo analítico da desconfiança machadiana, que assim como em outras obras tende sempre a criar interrogações e ambiguidades, trafegando nesta história por entre as linhas do acaso e da predestinação. A metodologia aplicada se utilizará das análises propostas em "Introdução à literatura fantástica" de Tzvetan Todorov, estas servem como referência para a ampla compreensão do universo fantástico e das bases formadoras do gênero. Os estudos de David Roas em "A ameaça do fantástico" também serão abordados visando o aprofundamento dos diferentes contextos históricos e sociais em que o fantástico surge e se consolida em diferentes obras literárias. A pesquisa do cabedal crítico para o tema será relevante não apenas para salientar os detalhes presentes no conto em questão, mas ainda para perceber quais os parâmetros de significação do real e do fantasioso encontram-se na cultura. O conto apresenta o triângulo amoroso formado por Rita, Vilela e Camilo, este último vai paulatinamente criando laços com Rita, eles passam então a viver uma paixão às escondidas e a jovem com dúvidas sobre o futuro inicia consultas com uma cartomante italiana. A narrativa começa a orbitar em torno desta que é possivelmente uma cigana, mas além disso uma mulher de posição transgressora e marginalizada na sociedade, usando-se de artifícios e jogando com revelações do destino. Os amantes são interceptados por cartas anônimas que podem revelar conhecimento dos encontros secretos. Meses depois um bilhete identificado pelo nome de Vilela pede que o amigo compareça com urgência em sua casa, Camilo por acidente de percurso se vê de frente para a casa da cartomante e opta por uma consulta. Saindo tranquilizado pela senhora Camilo vai ao encontro do amigo, mas finalmente percebe que este descobrira de fato o adultério. A análise do conto abre brechas para explorar o arquétipo da cigana e seus aspectos sociais. Ainda de caráter místico pode-se observar a recorrência da clássica citação de Shakespeare "Há mais coisas no céu e na terra do que sonha a nossa filosofia", esta surge tanto pela voz do narrador quanto pela reflexão das personagens, retomando assim o constante clima de mistério que traça as linhas condutoras de uma narrativa que por entre os fios da desconfiança e das indagações sobre o futuro atinge seu foco emblemático nos enigmas da obscura personagem da cartomante.

Palavras-chave: Fantástico; Contos; Machado de Assis; A Cartomante

MENINAS QUE ESCUTAM DUENDES: UMA LEITURA DE "GOBLIN MARKET", DE CHRISTINA ROSSETTI

Guilherme Magri da Rocha (UNESP)

Resumo: Com o objetivo de contribuir para os estudos que se concentram em torno da Literatura de Autoria Feminina, esta contribuição propõe uma possibilidade de leitura do poema narrativo "Goblin Market", escrito por Christina Georgina Rossetti (1830-1894): "a maior poetisa religiosa do anglicanismo" (2011, p. 1857), segundo Otto Maria Carpeaux (1900 - 1978). Esse poema foi publicado na coleção *Goblin Market and Other Poems* (1862), embora tenha sido escrito em 1859,

época em que a escritora era voluntária em uma entidade anglo-católica, que se dedicava à reabilitação de prostitutas. Na referida publicação, o texto foi ilustrado pelo irmão da autora, Dante Gabriel Rossetti (1828 - 1882), fundador da Fraternidade Pré-Rafaelita. Para a consecução de nossa leitura, pretende-se compilar e questionar a fortuna crítica da obra em questão, e discuti-la a partir dos pressupostos teóricos da Crítica Literária Feminista conforme Elaine Showalter (1985 e 1994). Essa pesquisadora chama de fase feminina (feminine) a produção das mulheres entre 1840 e 1880, configurada pelo surgimento de textos que se caracterizavam pela imitação e internalização dos valores simbólicos então vigentes (masculinos). Em nossa leitura, entendemos o poema de Rossetti em conformidade com Diane D'Amico, para quem ele deve ser lido como "um texto utópico em que uma sociedade patriarcal corrupta é substituída por outra puramente matriarcal" (1999, p. 82 – tradução nossa). Dessa forma, pode-se dizer que a escritora rompe com o sistema simbólico, apesar do momento de escrita e de publicação de sua obra, apontando, então, para aquela que seria a próxima fase da literatura de autoria feminina inglesa segundo Showalter, evidenciada pela ruptura com os valores vigentes. Busca-se, portanto, repensar "Goblin Market" dentro cânone literário, rever sua trajetória literária, de forma a examinar a representação da mulher e a construção da identidade feminina nele; discutir sobre as relações de poder nessa obra; dissertar sobre o papel do fantástico dentro do conto-de-fadas, gênero dentro do qual o texto pode ser inserido, e suas contribuições na ampliação do significado simbólico do texto.

Palavras-chave: Christina Rossetti; Literatura; Goblin Market

O HOMEM LUPINO EM O LIVRO DOS LOBOS, DE RUBENS FIGUEIREDO

Luís Paulo Fiúza Marques (Universidade Presbiteriana Mackenzie)

Resumo: A lenda do homem lobo já fora inúmeras vezes representada na literatura. Histórias como a do lobisomem e a do menino que fora criado por lobos (Mogli) fomentam, no imaginário popular, a possível relação entre homens e lobos. A partir daí, Rubens Figueiredo, no conto "Alguém dorme nas cavernas", que compõe a coletânea de O livro dos lobos (2009), aborda novamente essa temática por meio do narrador-personagem Simão, que após conhecer Gregório e ter acesso a certas literaturas começa a se comportar como um lobo, na medida em que passa a interagir com estes animais, visto que eles se achegam na Casa para conseguir comida, o que gera certa ambiguidade na identidade da personagem. Além disso, o conto trata de um crime, que ocorre devido a esse modus lupino de Simão, e que relembra a célebre frase do filósofo inglês Thomas Hobbes homo homini lúpus que significa: o homem é o inimigo do próprio homem. Por outro lado, a narrativa também apresenta o estado de enclausuramento de Simão na Casa (ambiente interno), onde fora deixado com oito anos pela família na escola religiosa, e na floresta e caverna (ambiente externo), onde fora deixado pelos lobos. O desfecho da narrativa é surpreendente, uma vez que dessa ambiguidade de personalidade ocorre um crime e, então, Simão depara-se com a sua verdadeira identidade. Essa dúvida personalidade, os espaços onde as personagens interagem, tratado por Lucas Furtado (1980) como ambientes negativos, que são propícios para uma narrativa fantástica, são, por assim dizer, grandes atraentes para uma análise acurada deste texto a partir dos conceitos da narrativa fantástica tradicional e do neofantástico. Seria, pois, o homem o lobo do próprio homem?

Palavras-chave: O homem lobo, identidade, fantástico.

DE ANDERSEN A MALAZARTES: AS INSÓLITAS TRAQUINAGENS DE SEUS HERÓIS NEOPICARESCOS

Maira Angélica Pandolfi (UNESP)

Resumo: Esta comunicação pretende apresentar uma leitura comparada entre o conto "Nicolau Grande e Nicolau Pequeno", escrito pelo dinamarquês Hans Christian Andersen, e a história de cordel "Artimanhas de Pedro Malazartes e o urubu adivinhão", de Antônio Klévisson Viana. Ambas as histórias demonstram um intenso diálogo que nos leva à hipótese de que a temática abordada no cordel tenha sido inspirada, muito provavelmente, no conto de Andersen, um dos maiores escritores infantis de todo o mundo. Nelas, desponta o protagonismo de um "anti-herói" forjado no molde

picaresco, contradizendo a moral dos “bons mocinhos” que a tradição literária dos contos de fadas consagrou. Apesar dessa dissonância em relação aos heróis tradicionais dos contos infantis, está em questão a ascensão do pobre e humilhado que por meio de sua inteligência supera essa condição adversa, enganando os tolos endinheirados que tanto lhe exploram. Abordaremos, a partir da teoria sobre o maravilhoso, o insólito e o fantástico, a crença do popular nas histórias selecionadas em relação à magia que emana dos animais, ou seja, no espírito de um cavalo e no gado aquático em Andersen, assim como no urubu adivinhão das histórias de Pedro Malazartes. Para tanto, consideramos, ainda, o vínculo dessas histórias com a tradição literária picaresca ibérica do menino que vence a fome por meio de sua astúcia, vingando-se daqueles que lhe maltratam. Como suporte teórico, foram utilizadas as obras de Propp sobre o conto maravilhoso, Nelly Novaes Coelho e sua obra sobre o conto de fadas, símbolos, mitos e arquétipos; os estudos de Filipe Furtado sobre o modo fantástico; os estudos de Mário M. González sobre a vertente neopicaresca brasileira e suas características; a visão do fantástico segundo David Roas; os estudos de Volobuef sobre os contos de fadas; os estudos de Duarte sobre Andersen e sua obra; estudos atuais sobre o insólito ficcional, os estudos de Bakhtin sobre a função do trapaceiro e do bobo no romance, dentre outros.

Palavras-chave: Hans C. Andersen; Antônio K. Viana; neopicaresco

1 de agosto

8h30

ESTRANEIDADE E ESTRANHAMENTO NA COLÔNIA PENAL, DE FRANZ KAFKA

Lidiany Caixeta de Lima (UFU)

Resumo: Estraneidade, nas ciências jurídicas, refere-se à situação jurídica do estrangeiro, da pessoa que se encontra em Estado estrangeiro e não possui status de cidadão deste país. Estranhamento é, para os estudos literários, a construção inusitada de linguagem que engendra o efeito de distanciamento do leitor em relação ao texto literário. Partindo das interseções entre direito e literatura, o estudo a que se propõe esta comunicação oral, que tem como corpus a novela Na colônia penal, de Franz Kafka, escrita em 1914 e publicada em 1919, vislumbra articular os conceitos de estraneidade e estranhamento nesta obra literária, focalizando a personagem do estrangeiro. Na referida narrativa, um explorador estrangeiro (observador internacional) faz uma visita à colônia penal, com o objetivo de conhecer o singular aparelho usado na execução de sentenças daquele lugar. A história se passa em algum local não definido desses tristes ensolarados trópicos, um lugar que é quente, afastado e, por que não dizer, atrasado, segundo o olhar do estrangeiro, que ali está como observador da máquina do judiciário. Dito isso, a presente pesquisa alvitra explicitar os (possíveis) efeitos de sentido produzidos pela tessitura narrativa, de modo a demonstrar como os elementos de estraneidade e estranhamento produzem em Na colônia penal uma crítica ao Direito (ordenamento jurídico e ciência jurídica), analisando-se, especialmente, o estranho como constituinte do olhar exótico do estrangeiro.

Palavras-chave: estranho; estrangeiro; estraneidade.

ELEMENTOS DA DIMENSÃO REAL IMAGINÁRIA E O ESTILO NEOBARROCO EM CEM ANOS DE SOLIDÃO, DE GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ

Vanessa Lemos de Moura Santiago (UFPI); Saulo Cunha de Serpa Brandão (UFPI)

Resumo: O objetivo deste trabalho é investigar e problematizar os conceitos que estabelecem a dimensão real imaginária, termo definido por Mario Vargas Llosa (2007), e a construção do discurso neobarroco na obra Cem Anos de Solidão, (1967), de Gabriel García Márquez. Pretende-se identificar os elementos que se inserem nas categorias: mágico, milagroso-maravilhoso, mítico-legendário e fantástico, apontadas por Vargas Llosa na obra de García Márquez e confrontar suas definições e ocorrências no texto literário. Além disso, este trabalho visa discutir sobre as qualidades estéticas da língua escrita e os jogos de linguagem que traduzem as raízes folclóricas da América Latina no período do Boom Latino-americano presentes na obra Cem Anos de Solidão. Especificamente, esta

pesquisa tem o propósito de investigar a trajetória dos estudos teóricos do fantástico acerca da obra *Cem anos de Solidão*, problematizando as alteridades conceituais representadas como gênero, modo ou estilos que se apresentam na obra em discussão. Portanto, serão analisados os conceitos de Real Maravilhoso, Realismo Mágico e estilo Neobarroco na obra de García Márquez. Como fundamentação teórica, recorreu-se à leitura e apreciação crítica de pesquisadores da área, como: Irlemar Chiampi (1980), referente à teoria do Realismo Maravilhoso, Omar Calabrese (1992), que classifica a corrente latino-americana como neobarroca, uma herança do Barroco Seiscentista; Lois Parkinson Zamora e Monika Kaup (2010), as quais alegam que o realismo mágico pode ser considerado um Neobarroco floreado do Barroco latino-americano; Angela Ndalianis (2004), que sustenta a defesa da estética neobarroca como sendo uma herança das características distintivas do Barroco, dos séculos XVI e XVII, e, por fim, Gregg Lambert (2004), que reúne diversos artigos que contêm as conceituações conflitantes em torno dos termos Barroco e Neobarroco.

Palavras-chave: Real Maravilhoso; Neobarroco; *Cem anos de Solidão*

O MARAVILHOSO EM THOMAS MANN

Marise Gândara Lourenço (UFU)

Resumo: Partindo do princípio de termos definido como corpus de nosso trabalho *Dr. Fausto*: a vida do compositor alemão Adrian Leverkühn narrada por um amigo, propomos estudar o maravilhoso construído de modo contínuo por Serenus, mas que, em certo momento, decide destruí-lo por meio de uma análise meticulosa, mas que, na verdade, representa uma preparação para colocar à mostra a maestria de seu próprio fazer como um narrador que é escritor, fundada na sua destreza de simular e enredar o leitor nas teias de um mito. Como uma das razões de nossa proposta está o fato de acreditarmos que o presente estudo seja algo significativo para entender, de forma efetiva, os limiares entre o maravilhoso e o estranho, principalmente, porque Todorov apresenta-nos este último como sendo um gênero que se caracteriza por provocar medo. Mas se o diabo e Deus se enquadram no maravilhoso por que, em Mann, o narrador tem receio de contar-nos sobre o pacto e os seus resultados? Como a música ocidental, ao longo de sua História é tomada como uma possibilidade de ascensão a Deus e na escrita manniana representa o diabo e o contrato com o mal? Qual o limite entre o medo e a angústia, considerando que a junção da Literatura com a Música, em *Dr. Fausto*, representa o pacto com o Diabo? Pacto que acontece a partir da escolha de Adrian Leverkühn de adotar o dodecafonismo como técnica composicional que possibilita criar uma música que é pura dissonância do começo ao fim, gerando uma angústia personificada no protagonista (Adrian), embora ele já trajasse esta veste, desde o início do romance, mas em pequenas proporções. Mas o contrato com o demônio, na obra de Mann, não é só representado pela adoção desta técnica. Figura-se também por meio da escolha do texto poético a ser musicado pelo protagonista e os efeitos que a união da Literatura e da Música provoca. Neste sentido, tentaremos responder as nossas indagações e compreender as peculiaridades de um *Dr. Fausto* inscrito no século XX, pautando-nos na estratégia de contrapor a concepção genológica de fantástico de Todorov as de Furtado e Roas e às teorias que concebem a literatura fantástica como modos, entre as quais podemos citar Bessière, Reno, e Rosemary Jackson entre outras. Com isto buscaremos, principalmente, compreender em que medida Thomas Mann idealiza o diálogo da Música com a Literatura, num romance ensaístico, que possibilita, ao construir e destruir um mito, criar o movimento dialético entre a mimesis realista e o insólito ficcional.

Palavras-chave: Literatura; Música; Insólito ficcional; Mimesis.

1 de agosto

14h30

O NÃO-LUGAR DO CONTO "COISAS", DE JOSÉ SARAMAGO, NA LITERATURA FANTÁSTICA

Rosângela Soares de Lima (UFC)

Resumo: A comunicação toma como objeto de investigação o conto Coisas que foi publicado em 1978 com outros cinco contos no livro *Objecto quase*. Objetiva-se focalizar a escrita saramaguiana para além de seus romances, possibilitando assim um espaço para a discussão teórica e contribuição mesmo que de maneira ínfima sobre o seu trabalho com o gênero conto. Alguns trabalhos trouxeram à luz o esmero e a grandiosidade para essa ficção mais curta do autor, contudo, na maioria das vezes esses trabalhos colocaram o gênero conto como algo embrionário de uma produção mais complexa que surgiria posteriormente, renegando assim uma análise mais valorativa da narração curta. Vale destacar que o objetivo central em questão é problematizar as armadilhas que o conto Coisas cria para o leitor que busca rotular o texto no gênero fantástico, bem como em qualquer outro tipo de gênero. O conto Coisas está permeado do discurso fantástico, haja vista não sendo crucial classificá-lo. Dado que as interpretações que o conto possibilita por meio do discurso fantástico são mais relevantes. Deste modo, busca-se elaborar uma das muitas possíveis interpretações que o conto possibilita por meio do uso do discurso fantástico. O referencial teórico será constituído por análises sobre o gênero conto elaboradas por Magalhães Junior (1972) e Ricardo Piglia (2004) e por estudos sobre o gênero fantástico, postulados por Filipe Furtado (1980), David Roas (2014) entre outros.

Palavras-chave: José Saramago; Discurso fantástico; Insólito.

O HORROR VEM DE DENTRO - O ABJETO E O ESTRANHO EM MARIANA ENRIQUEZ

Izabel Santa Cruz Fontes

Resumo: Neste trabalho, pretendo analisar três contos da escritora de horror argentina Mariana Enriquez: *Fim de curso*, *Nada de carne sobre nós* e *As coisas que perdemos no fogo*, relato que dá nome à coletânea à qual pertencem os relatos deste primeiro livro de Enriquez traduzido no Brasil. Como cenário temos um país marcado pelo contraste social e pela violência crescente, de crises econômicas cíclicas e de um passado recente de terrorismo de Estado. Dos doze contos reunidos no livro, apenas um tem um homem como narrador. Nos demais, temos narradoras mulheres que se movimentam por bairros decadentes, casas vazias, ruas sem iluminação e povoadas por viciados, pedintes, prostitutas, traficantes. Mulheres de classe média cujas rotinas são quebradas por aquilo que aparece como o outro – ameaças vindas de outra classe social ou da culpa histórica, mutilações, desaparecimentos, assassinatos, alucinações, rituais religiosos, fenômenos inexplicáveis. Os três relatos que analisarei são narrados por mulheres que escolhem, de uma maneira ou de outra, transformar os próprios corpos em anomalias, através de decisões pessoais, mas ao mesmo tempo coletivas ou motivadas por uma força sobrenatural não explícita. No primeiro relato, uma garota conta de uma colega de classe que começa a mutilar-se: primeiro arrancando as próprias unhas, depois os próprios cabelos, cílios e sobrancelhas, por fim, tentando cortar a garganta e desaparecendo. Na cena final, a narradora assume o lugar da colega, cortando as próprias coxas e assistindo maravilhada e alheia ao sangue correr. A ação de *Nada de carne sobre nós* começa quando uma mulher encontra na rua uma caveira humana, que leva para casa e apelida de Vera. Ao longo do conto, a protagonista afasta-se do mundo (namorado, mãe, amigos) e aproxima-se de Vera, em um processo de identificação tão grande que decide, ao final, parar de comer e transformar-se ela mesma em uma caveira. Já no conto que dá nome ao livro, *As coisas que perdemos no fogo*, vemos o surgimento de um grupo de mulheres que se jogam em fogueiras para deformar o próprio corpo e assim protegerem-se do desejo e da violência masculinos. Elas buscam, como afirma a primeira das mulheres queimadas, criar uma nova sociedade, composta de homens e monstros. O efeito de horror conquistado por Mariana vem primeiramente de sua habilidade de retirar gradativamente narrativas à primeira vista realistas dos espaços comuns da esfera do ordinário, transformando espaços familiares em pura estranheza (*unheimlich*), fazendo ser a esfera da intimidade o berço do horror. Nos contos analisados, esse processo é intensificado à medida em que o espaço familiar a ser transformado é o próprio corpo, que torna-se alheio, abjeto, espaço de dissidência e objeto de terror. As modificações corporais dos três relatos aparecem como um vírus ou uma epidemia, ao mesmo tempo em que se apresentam como resistência. Passa de uma garota a

outra em Fim de curso, da caveira à mulher em Nada de carne sobre nós, é oriunda de uma inclinação ancestral das bruxas queimadas na inquisição em As coisas que perdemos no fogo.

Palavras-chave: horror, corpo, abjeção, argentina

O CORPO MONSTRUOSO E SEUS ESPAÇOS FANTÁSTICOS

Jamille da Silva Santos (UFU)

Resumo: O presente trabalho objetiva estudar o espaço/corpo de metamorfose do Lobisomem dentro de uma cultura que circula entorno do licanthropo. Desse modo, pensaremos nesse trabalho a noção de literatura fantástica. Porém, não temos a intenção de discutir as nomenclaturas relacionadas a essa modalidade literária. Acompanhamos o pensamento de Filipe Furtado quando afirma que, apesar das diferenças existentes dentro das nomenclaturas na literatura fantástica, em uma coisa todos concordam, que ela é constituída por acontecimentos inexplicáveis e sobrenaturais. Assim, uma das metas do presente trabalho é verificar como o fantástico emerge dentro do corpus selecionado que possui como temática o lobisomem. Para isso, tomaremos como base os estudos voltados a literatura fantástica, principalmente os postulados de Allejo Carpentier, e Renato Prado Oropeza para pensarmos esse ser metamorfo que habita as construções históricas e sócias do imaginário humano. Segundo Carpentier em seu livro O Reino desse Mundo, só recebe o milagre aquele que acredita, assim pensamos que para quem acredita a figura do lincantropo é real. Para Prada Oropeza, a realidade é uma construção sócio-histórica, onde as determinações de valores são estabelecidas por meio das relações entre: religião, política, jurídica, social entre outras. Dessa forma, o fato de o texto literário apresentar relações com o discurso cotidiano faz com que ele propicie a irrupção do imaginário social. Aliada a essa questão, problematizaremos as modificações corporais considerando os posicionamentos foucaultianos, tomando para tanto a noção utopia e heterotopia, apresentadas no livro O corpo utópico, as heterotopias. Utilizaremos como corpus para tal discursão o livro Olhos de Lobo de Rosana Rios que em sua narrativa dialoga com as tradições populares, desde o conto da Chapeuzinho Vermelho até a atualidade, a narrativa brinca com a linha temporal apresentando ao leitor histórias do período medieval ao mesmo tempo que na atualidade, trazendo o embate do nosso velho e temido lobo mau para os dias atuais. Para olharmos de perto as tradições populares, tomaremos como base os estudos de Câmara Cascudo no livro Geografia dos Mitos Brasileiros, em que o autor busca narrar e catalogar histórias ouvidas e lidas em várias partes do país, tais narrativas fazem uma difusão de certos espaços específicos de habitação/transformação do nosso Garou. É nesse limite entre o real e o imaginário, que a obra selecionada para tal pesquisa se encontra, no limiar entre o homem e a fera, envolvendo o leitor em um universo de incertezas, da possibilidade ou não da existência do lobisomem.

Palavras-chave: Literatura fantástica, espaço, corpo, heterotopia

JOÃO DO RIO: O FANTÁSTICO E AS SENSATÕES

Raphael Silveira Vasconcelos (CES-JF)

Resumo: Esta apresentação tem por objetivo mostrar como a ocorrência do fantástico nos contos de João do Rio está intrinsecamente ligada ao modo como sua literatura é atravessada pela emergência de um conjunto de discursos que, no início do século 20, fazem das sensações uma categoria epistemológica. Embora não esteja inscrito exatamente em uma tradição do fantástico, João do Rio, realizou algumas bem-sucedidas incursões pelo gênero. Flâneur e observador arguto da vida urbana carioca, João do Rio parece encontrar nesse hábito o mecanismo para irrupção do inquietante em seus contos. Dos relatos de um indivíduo com hipersensibilidade olfativa aos hábitos sadomasoquistas de um sujeito que extrai prazer em picar mulheres com agulhas, os problemas relativos às patologias sensoriais emergentes no seio da vida moderna parecem se constituir como o leitmotif que nos permite inscrever a literatura de João do Rio dentro de uma variante moderna do fantástico. Ao refletir sobre os motivos que levam à renovação do gênero fantástico na modernidade, Irène Bessièrre salienta como o desenvolvimento de novas categorias do saber, como a neuropsicologia e o eletromagnetismo, influem decisivamente para a constituição de narrativas

que colocam em cena novas configurações do imaginário. Inscrito no contexto histórico-social das transformações epistemológicas e neurológicas da modernidade, a literatura de João do Rio se configura, justamente, como lugar de inscrição do conflito caracterizador do fantástico, segundo David Roas, o embate entre “o real e o impossível”. Nela, o extraordinário não irrompe do plano transcendente, mas a partir da manifestação de patologias nervosas, como de um “vício perigoso”, de “bons instintos” ou de uma “moléstia incurável”. Para além do plano do enredo, o flerte de João do Rio com o fantástico e com o universo das sensações também pode ser verificado em sua preocupação com a unidade de efeito, para usarmos aqui o a conhecida rubrica de Edgar Allan Poe. Um certo sentido de corte na narrativa, a estrutura rítmica do texto e o uso calculado das digressões evidenciam a preocupação de autor com a recepção de seus textos. A partir de uma cuidadosa pesquisa documentos como notícias de crimes, anúncios publicitários, dados biográficos e postulados científicos do início do século 20, pretendemos mostrar como a literatura de João do Rio está inscrita em uma rede de discursos modernos sobre a sensação e que desdobramento esse aspecto tem na configuração do fantástico em seus contos. Nesse sentido, para além das contribuições nos planos da narratologia e dos estudos dos gêneros literários, pretendemos colocar em evidência os problemas relativos às complexas articulações entre estética e política; entre a sensibilidade dos escritores, as estruturas do imaginário e os discursos de produção de saber e de controle dos corpos na modernidade.

Palavras-chave: Palavras-chave: João do Rio. Sensações. Fantástico

FIGURAÇÃO DE PERSONAGENS NOS MUNDOS POSSÍVEIS DO INSÓLITO FICCIONAL

Flavio García (UERJ)

Resumo: Todo e qualquer texto narrativo, ficcional ou não, corresponde a uma imagem de mundo possível, ou seja, trata-se de uma seleção subjetiva e arbitrária de recortes acessíveis nos mundos de base, pretensamente objetivos. Assim, os textos armam-se como macroestrutura narrativa a partir de diferentes relações de referencialidade entre o que eles informam em seu interior – espaço da intencionalidade – e o que acessam e buscam na realidade exterior – universo da extensionalidade. Pode-se dizer, simplificando de modo bastante genérico, que esses textos, em sua condição semionarrativa, são signos complexos nos quais se refletem, dialógica e organicamente, as imagens do significante – no plano intratextual – e os referentes do significado – em níveis extratextuais. Portanto, a composição dos espaços, tempos e personagens, bem como o desenvolvimento acional, que se inter-relacionam na superfície diegética de uma narrativa, implicam seleções de referentes encontráveis nos mundos de base. Essas seleções encontram-se subordinadas às possibilidades existentes no quotidiano extratextual acessado. Quando um texto se pretende não ficcional, tanto sua constituição narrativa, quanto os referentes buscados para que se a arme subordinam-se a critérios miméticos comprometidos com valores realistas, racionalistas e aristotélicos. Com isso, a verossimilhança narrativa interna – necessária à compreensão efabulativa – mantém proximidade com os conceitos vigentes de verdade e de real em dado cronotopo. Logo, espaços, tempos, personagens e ações não costumam ferir as expectativas culturais dos sujeitos-produtores ou sujeitos-leitores, e o texto se vincula aos sistemas semionarrativos realistas. Diferentemente disso, sempre que um texto se assume ficcional, em maior ou menor escala, seu sujeito-produtor admite buscar, para sua armação macroestrutural, nos mundos referenciais de base, elementos que não se subordinem, obrigatoriamente, àqueles critérios miméticos subordinados a valores realistas, racionalistas e aristotélicos, comprometidos com os sistemas semionarrativos realistas. Nesses casos, portanto, a verossimilhança narrativa interna não se vê obrigada a manter-se sob o jugo de conceitos tidos por verdadeiros ou reais, conforme se os tenham quaisquer recortes espaçotemporais. Dessa maneira, espaços, tempos, personagens e ações podem ferir as expectativas culturais dos sujeitos-produtores ou sujeitos-leitores, e o texto se necessita de estar vinculado a sistemas semionarrativos realistas. Dependendo dos referentes buscados nos mundos de base acessados e das imagens compostas nos mundos possíveis ficcionais, os textos de ficção podem se inscrever no amplo e diversificado continente do fantástico, visto em sentido lato,

valendo-se de estratégias de construção narrativa que arranham, fissuram, lascam ou, mesmo, mais radicalmente, quebram as expectativas comuns e habituais da coordenação harmoniosa entre aqueles dois mundos. Dessa forma, abordar determinados textos sob essa concepção narrativa obriga a que se pense quais estratégias de construção lhes garantem efetiva existência. Tal reflexão recai sobre a configuração dos espaços, tempos, personagens e ações. A presença comunicação vai se centrar, especialmente, sobre a figuração das personagens nos mundos possíveis do insólito ficcional, procurando destacar alguns de seus mais relevantes processos de composição.

Palavras-chave: Mundos Possíveis; Figuração; Insólito Ficcional

2 de agosto

8h30

A FENOMENOLOGIA METAEMPÍRICA NA CONSTRUÇÃO DO FANTÁSTICO EM A PATA DO MACACO DE W. W. JACOBS

Cristiane Moreira da Costa (UFU)

Resumo: O presente estudo tem como objetivo a análise do fantástico enquanto gênero e modo presente no conto A mão do macaco de W. W. Jacobs. Nossa fundamentação é feita a partir da concepção de gênero fantástico proposta por Todorov, em sua obra Introdução à Literatura Fantástica (1981), na qual ele afirma que o essencial para o gênero fantástico é a hesitação, confirmando também que há uma diferença entre o estranho, o fantástico e o maravilhoso, o que é questionado por Felipe Furtado em A construção da narrativa do fantástico (1980), uma vez que o autor defende como elemento indispensável ao fantástico a temática de índole sobrenatural, apresentando-nos a fenomenologia metaempírica, sendo assim, o fantástico para ele não seria uma forma de composição da narrativa, pois evidencia a recusa de uma definição condensada e simplista para os termos. Ainda que Furtado, no referido livro, mantenha uma perspectiva que se alinhe à genológica, uma vez que divide as modalidades estranho, fantástico e maravilhoso em gêneros, já anuncia implicitamente uma perspectiva que será a tônica do verbete “Fantástico Modo”, presente no E-Dicionário de termos literários de Carlos Ceia. Sua visão, pois, anuncia uma perspectiva modal a ser assumida posteriormente, ao defender que a marca da literatura fantástica é o metaempírico. O conto A pata do macaco pode ser analisado conforme a concepção de Todorov (1981), pois há a existência de um elemento de poder capaz realizar os desejos humanos, comprovando o sonho de poder de que nos fala o autor, e também a hesitação dos personagens diante de diferentes acontecimentos. Não obstante, percebemos também a ambiguidade de que fala Felipe Furtado na construção do fantástico; pois junto à hesitação diante da notícia da morte do filho, nota-se certa alegria por parte do pai ao ter conhecimento do valor a ser pago pela empresa, justamente o que ele havia desejado para quitar a casa, fato que desencadeia os elementos insólitos na narrativa. O que para o pai foi visto como uma coincidência, seria o que Furtado (1980) denomina de fenomenologia metaempírica, característica da literatura do sobrenatural e que está para além daquilo que é compreensível a partir da experiência, tanto pelos sentidos ou da capacidade intelectual, como através de quaisquer aparelhos que auxiliem, desenvolvam ou supram essas faculdades. Procuraremos demonstrar como o jogo com a hesitação e as ambiguidades, aliado a uma fenomenologia metaempírica, constrói o fantástico no conto de W.W. Jacobs.

Palavras-chave: Fantástico; Metaempírico; A Mão do Macaco

FASCÍNIO E TERROR: AS FIGURAS FEMININAS NAS OBRAS AURA DE CARLOS FUENTES E A OUTRA VOLTA DO PARAFUSO DE HENRY JAMES

Danielli de Cassia Morelli Pedrosa (Universidade Presbiteriana Mackenzie); Ana Lucia Trevisan (Universidade Presbiteriana Mackenzie)

Resumo: A perspectiva da mulher como transgressora remete aos principais mitos de criação e segue, pela Arte e Literatura, estabelecendo toda uma jornada de subversão que acabou por consolidar uma compreensão do feminino como representante do incognoscível, do misterioso e do

inalcançável, logo perigoso, ameaçador. De deusas antigas, como a indiana Kali, criadoras e destruidoras, às mais sedutoras FemmeFatales do cinema, com seu imenso potencial mesmerizador é possível identificar na cultura ocidental uma tradição literária, pictórica e fílmica que revela uma conexão entre a femealidade e as potências dionisiacas e incontroláveis da natureza. A partir destas ideias, este estudo se propõe a problematizar e comparar a composição dos elementos de hesitação na obra *Aura* de Carlos Fuentes e em *A outra volta do parafuso* de Henry James, levando em conta a utilização de aspectos atribuídos tradicionalmente ao imaginário feminino, como a loucura, o súcubo, o mistério, o ocultismo, o instintivo e o daimônico, na tessitura dos contos. Compreendendo a construção do estranhamento como parte da estruturação do fantástico, estranhamento este provocado pela fissura entre o referencial de realidade do mundo conhecido pelo leitor e por um novo referencial, alheio ao leitor, mas também com seus próprios códigos e verossimilhança, compreensíveis dentro de seu próprio contexto, pretende-se relacionar a influência de aspectos do feminino arquetípico com o arranjo das escolhas estéticas que caracterizam o gênero. A partir dos conceitos de Todorov, Roas, Alasraki, Bessiére, serão estudados os sentidos do insólito, expressos no eixo da relação entre real e imaginário, que permitem elaborar uma reflexão sobre as faces enigmáticas das representações da mulher, muitas vezes, aterradoras.

Palavras-chave: Realismo Fantástico; Conto; Feminino

UM SERTÃO GRACILIÂNICO: OS ESPAÇOS FANTÁSTICOS EM HISTÓRIAS DE ALEXANDRE

Lilliân Alves Borges (UFU)

Resumo: *Histórias de Alexandre* de Graciliano Ramos, publicada pela primeira vez em 1945, narra a história de Alexandre, um grande contador de histórias. Alexandre, todas as noites, cercado por seus companheiros, efabula histórias sobre o seu passado. Enquanto o presente de Alexandre é marcado pela pobreza, pela exclusão social e pela invisibilidade; o passado que recria é permeado pelo fantástico, já que animais falantes, objetos mágicos fazem parte de seu cotidiano. Ao realizar essa efabulação metaempírica, Alexandre esgarça os limites entre o real e o irreal. Relevante apontar que Felipe Furtado, em seu livro *A construção do fantástico na narrativa*, elabora o conceito de metaempírico. Para Furtado, que está além do que é cognoscível em nosso mundo prosaico, ou seja, algo que não tem lugar racional em nosso mundo. Neste trabalho, não enfocaremos os animais e objetos fantásticos presentes na narrativa de Graciliano Ramos, demonstrando a continuidade das potencialidades de leitura de seu texto literário pela via do fantástico. Enveredar-nos-emos, portanto, pela análise dos espaços em *Histórias de Alexandre*. Em vista disso, questionamo-nos: Que espaços são elaborados na obra? Por intermédio de que recursos narrativos eles são construídos? O espaço em questão é o sertão nordestino e, nesse sentido, verificaremos como ele corrobora para a irrupção do fantástico nos contos graciliânicos. Evidenciamos que tanto o espaço da narrativa e o espaço da narração são os mesmos, no que se refere à sua espacialidade geográfica, uma vez que se trata do sertão nordestino, porém, esses espaços não coincidem quando se referem à aparição do metaempírico. Em outras palavras, o espaço da narrativa é permeado por elementos do campo do fantástico, pela irrupção do metaempírico. Em contrapartida, o espaço da narração é marcado pelas regras do mundo prosaico, em que todas as coisas, as personagens, os animais respeitam as suas funções instrumentais. Outro ponto relevante de nossa análise é demonstrar que é sempre durante a noite que ocorre tanto a contação de histórias por parte de Alexandre, quanto as aventuras que ele conta. De acordo com Fernando Cristovão, a noite é o elemento impulsionador das histórias permeadas pelo fantástico. É durante a noite, então, que tudo resvala potencialmente no campo do metaempírico. Nesse sentido, ao analisarmos a narrativa *Histórias de Alexandre*, pretendemos evidenciar as inúmeras potencialidades que a análise da obra de Graciliano Ramos nos permite realizar, especialmente no que concerne a uma averiguação da irrupção do fantástico na narrativa, narrativa essa em que animais, objetos e espaços constituem elementos determinantes da narração de um passado reinventado metaempíricamente.

Palavras-chave: *Histórias de Alexandre*; Espaço; Sertão; Literatura

2 agosto
14h30

INQUIETANTE, ESTRANHO E METAEMPÍRICO: EFEITOS DA NARRATIVA FANTÁSTICA

Lilian Lima Maciel (UFU)

Resumo: Partindo da ideia de que a hesitação do leitor é uma condição para o fantástico Todorov elaborou um modelo sistêmico e teórico que considera a posição do leitor na construção de uma narrativa fantástica. Na tentativa de conceituar o fantástico como gênero literário esse teórico instituiu algumas características/regras que se aplicariam a todas as narrativas, e a principal seria a hesitação, do leitor ou da personagem. Reconhecendo o caráter fundamental dessas noções de Todorov para os estudos da literatura fantástica, propomos neste trabalho uma problematização da demarcação entre fantástico e maravilhoso ao longo da história, buscando demonstrar como a proposta de Todorov foi revisitada pelos inúmeros estudiosos do fantástico, em especial no tocante aos efeitos provocados por essas narrativas: hesitação, inquietação, estranhamento, angústia ou medo. Além disso, debater a “obrigatoriedade” desse sentimento para a condução do leitor na passagem do mundo real, familiar, para o mundo fantástico com elementos desconhecidos. Admitindo, como acredita a maioria dos teóricos, que existe diferença entre o fantástico, o maravilhoso e o estranho, ressaltaremos como essa diferença é melhor assinalada quando tomada na perspectiva das questões socioculturais, ou seja, para compreender a história narrada como fantástica é necessário analisá-la dentro de um contexto cultural, considerando que o elemento insólito que irrompe da realidade causará efeitos diversos dependendo do contexto e das condições de produção, circulação e recepção dos saberes vinculados. A discussão proposta aqui também abarca a possibilidade de ampliação do conceito de literatura fantástica, tomando o entendimento do fantástico como modo e não gênero, isto porque essa compreensão abarca mais categorias de textos. Portanto, para a análise dos aspectos fantásticos será indispensável os pressupostos teóricos de Todorov, Freud, Vax, Filipe Furtado, Ceserani, David Roas, Italo Calvino e outros.

Palavras-chave: Fantástico; Maravilhoso; Hesitação

O SERTÃO COMO ESPAÇO DE ENCONTRO COM O PROFANO

Bruno Silva de Oliveira (UFU/ IF Goiano)

Resumo: O sertão é um espaço de encontro, de embates e batalhas, atravessado de questionamentos e incertezas, construído a base de dicotomias: passado e presente, geral e específico, uma ausência presente, é um tempo dentro do próprio tempo ou atemporal, ele possui uma pluralidade de sentidos, constitui e é constituído por uma trama de imagens fluídas. O sertão se origina da evolução do termo “deserto”, visto que “sertão” seria uma evolução de “desertão”. Além de a imagem do sertão estar ligada diretamente ao deserto, os dois termos eram utilizados como sinônimos. Os sertões são os desertos tupiniquins, sendo os beduínos brasileiros os arrieiros, tropeiros, cangaceiros, jagunços, retirantes, as personagens que permeiam os vazios e as regiões afastadas, isoladas, secas e desabitadas do interior do país. Nele a natureza ainda está indomada e pura, diferentes das dominadas e modificadas cidades e vilas. O sertão é um terreno incerto, indeterminado e movediço que está em constante transformação para se manter invencível, constituindo-se um desafio para os que o cruzam; suas terras áridas e secas são como dunas do deserto que se (des)fazem com o passar do tempo e pela força do vento. Esse espaço é o outro lugar ou o lugar do outro, um espaço de alteridade; área pouco povoada, região inóspita, a fronteira a ser cruzada e conquistada, um lugar afastado. Mantendo uma estreita ligação com a palavra sertão, o deserto é o lugar onde sagrado e profano se cruzam. Lembremo-nos dos Evangelhos de São Marcos e São Lucas, que narram o período da quaresma, no qual Jesus (representando o sagrado) é tentado pelo diabo (que materializa o profano), logo esse espaço é povoado por demônios, assombrações e maus augúrios, como também um refúgio para a reflexão sobre o mundo e sobre acontecimentos prosaicos e sobrenaturais. O sertão é, nesse sentido, um amplo espaço trespassado por lendas, crenças, mitos, mandingas, seres sobrenaturais e encruzilhadas onde os mais variados e

extraordinários encontros podem vir acontecer. Este trabalho visa discutir sobre os encontros com seres sobrenaturais que acontecem no espaço do sertão, por meio dos contos “O mão-pelada” e “Assombramento”, de Afonso Arinos, reafirmando que o sertão é edificado sob o signo da transição, do movediço, do abandonado e deteriorado, a região afastada dos centros urbanos, onde a natureza não é domada, sendo por excelência o reino do insólito, porque nele ocorrem encontro inóspito e metaempíricos que suscitam estranhamento e inquietação nas personagens.

Palavras-chave: Fantástico; sertão; profano; Afonso Arinos.

O ELEMENTO FANTÁSTICO NA CONSTRUÇÃO DOS MITOS DA MODERNIDADE: AS MÚLTIPLAS VARIAÇÕES DAS HISTÓRIAS DE DON JUAN

Marli Cardoso dos Santos (UFU)

Resumo: Pensando nos diversos estudos a respeito do fantástico na literatura sugerido para esse simpósio, propomos uma revisitação aos mitos da modernidade, sobretudo a figura de Don Juan na Literatura Moderna. Este estudo focalizará a inserção do elemento fantástico de natureza fundamental na configuração do mito. Para isso, propomos um trabalho que resgatará as principais variações da personagem Don Juan na história da Literatura, de maneira limitada, uma vez que o intuito principal desta pesquisa é a análise do mito literário construído por meio de elementos insólitos. Muitos desses mitos encontram-se vinculados à tradição oral, como no caso de Don Juan, e se relacionam com o progressivo processo de individualismo promovido pela modernidade a partir do Renascimento, segundo Ian Watt. O mito Don Juan, assim como o de Fausto, permaneceu por muito tempo no imaginário popular, devido à associação dessas histórias com o insólito. Em Don Juan, a presença da estátua de um morto que vem levá-lo ao inferno; em Fausto, o pacto com as forças ocultas em troca de poder. Mesmo que as variações de Don Juan sejam em sua maioria peças teatrais, conseguimos destacar a importância do elemento sobrenatural, tão comum no gênero narrativo. Todavia, no caso das variações desses mitos, mesmo não havendo a representação de um narrador que conduz os acontecimentos para o fantástico, há a presença do sobrenatural, esse fator é indiscutível e se torna um motivo para não nos prendermos aos termos de classificação estruturalistas. Então, nessas histórias, há a presença de seres sobrenaturais e/ou acontecimentos extraordinários, sem explicação natural. E, para essa demonstração, utilizaremos além das teorias de Tzvetan Todorov, Louis Vax e Remo Ceserani, o livro de Ian Watt sobre os mitos do individualismo moderno como fundamentação. Dessa forma, por meio de levantamento das inúmeras versões desse mito na história da literatura e pela análise do elemento fantástico inserido, chegaremos na representação do desejo de poder que essas personagens expressam. Ao longo do tempo, as histórias relacionadas ao mito de Don Juan resgataram a união de dois temas: a do Convidado de Pedra e a do Burlador. O Convidado de Pedra seria um conto popular que ganhou mais de duzentas versões. Trata-se da história de um homem que após chutar a cabeça de um esqueleto, convidou-o para jantar, e, assim, após a refeição, conduzido ao cemitério pelo esqueleto, ele recebe a lição de que nunca deve desrespeitar os mortos, pois seu lugar ali já estava marcado. No momento certo ele iria acertar as contas com Deus. Esse conto demonstra como esse homem brincava com os mortos e com a morte, sem medo das consequências, e nesse ponto, percebemos que a representação do mito de Don Juan não está apenas ligada às origens espanholas. Para Gregório Marañón, Don Juan pode ter origem na Espanha, mas já existiam precedentes, figuras similares na antiguidade, que ultrapassaram raças e nacionalidades pela sua simbologia universal, aspecto que analisaremos neste trabalho, por meio da inserção do elemento fantástico.

Palavras-chave: Don Juan; Mito; Modernidade; Fantástico.

OS FANTASMAS DA INFÂNCIA EM "SMALL KILLING" (2017) DE ALAN MOORE E OSCAR ZÁRATE

Suellen Cordovil da Silva (UFSM)

Resumo: A obra “Small Killing” (2017) de roteiro de Alan Moore e do ilustrador argentino Oscar Zárate elaboraram uma história no final dos anos 1980 com o personagem principal Timothy Hole que foi um publicitário de sucesso em seu tempo. Porém, ele vivenciou um passado aterrorizante

que com o tempo parece vir à tona. A tradução da obra é de Marília Toledo. Na edição publicada recentemente em São Paulo pela editora Pipoca & Naquim contém um entrevista com Alan Moore e Oscar Zárate intitulada "Anatomia de um assassinato" que apresenta semelhanças com a infância dos dois artista ao longo da narrativa. A entrevista foi dirigida por Jaime Rodriguez durante os meses de junho a setembro de 2002, e foi alterada por Alan Moore e Anthony Johnston em maio de 2013. Essa entrevista será ultimo para nossa interpretação ao longo narrativa. Moore afirma que a obra não é autobiográfico. Mas, ele afirma que as suas obras podem apresentar alguns elementos fragmentados da vida de Moore. Essa obra foi a primeira que Moore não atribuiu artifícios de super-heróis e convidou Oscar Zárate para ser um dos criadores desta obra singular. A obra é psicológica, traz lembranças que atormentam como se fossem traumas. Todorov (1992) compreende que a hesitação é um ponto real e nos coloca diante de um dilema de acreditar ou não na narrativa fantástica. Esse processo se desenvolveu para uma narratologia do fantástico. Prada Oropeza (2006) aborda o modo do discursos do gênero literário como o modo narrativo chamado o insólito. Dessa forma, o modo da narrativa é muito mais complexo ao ser entrelaçado pelo estranho, a hesitação e o insólito na obra "A small Killing". A recepção de uma obra literária carrega uma relevância por parte do leitor diante da abordagem da Estética da Recepção apontada por Robert Jauss (1976) em seu primeiro capítulo do livro "A literatura e o leitor: textos de estética da recepção" com a tradução de Luiz Costa Lima. Podemos entender que em cada época a obra tem uma recepção crítica distinta da obra e em cada período ela passa por um processo de produção e circulação específico. Encontramos anteriormente que Jauss utiliza o título "A história da literatura como provocação à teoria literária" em 1994, pois com a ampliação de suas reflexões desenvolveu suas teses. Consideramos a obra de Alan Moore e Oscar Zárate como uma história fechada diante de nossas leituras iniciais e que carrega a questão do insólito diante de um drama pessoal do protagonista Timothy Hole.

Palavras-chave: Alan Moore; Oscar Zárate; Um pequeno assassinato

ESPELHOS: OBJETOS QUE DESVELAM INSÓLITAS SUBJETIVIDADES

Marisa Martins Gama-Khalil (UFU/CNPq)

Resumo: Na presente comunicação, analisaremos como algumas espacialidades ficcionais, dentre elas os objetos, atuam na construção do enredo do conto "Diálogo do espelho" de Gabriel García Márquez. Para enriquecer intertextualmente a análise, será feita também uma leitura comparada com outros contos que têm em sua trama o espelho como imagem protagonizadora, como é o caso de "O espelho" de Machado de Assis, "O espelho" de João Guimarães Rosa e "O espelho" de J. J. Veiga. É preciso destacar inicialmente que os objetos configuram-se como materialidades espaciais. A importância do espaço não se encerra apenas no plano da caracterização das personagens ou da paisagem geográfica, mas pode também ser entendida como uma forma de manifestar ficcionalmente as práticas discursivas e ideológicas do contexto focado ficcionalmente pela narrativa. Nosso objetivo será verificar através de quais procedimentos as construções espaciais delineiam o efeito estético do insólito nessas narrativas fantásticas. Dentre essas construções espaciais, interessa-nos investigar com maior acuidade os próprios objetos enquanto espaços, bem como será imprescindível verificar os espaços que se encontram no entorno dos objetos analisados. Como em muitas narrativas a relação entre sujeitos (personagens) e objetos ultrapassa a mera posse, sugerindo uma afinidade além das delimitações demarcadas, cabe pesquisar as práticas de subjetivação atreladas aos objetos. A perspectiva de literatura fantástica seguida pela análise é a modal e defendemos essa opção, porque consideramos que a perspectiva genológica reduz o ponto de alcance de uma vasta literatura que fratura a realidade e se ergue como uma estética em que a incerteza é a base de criação, literatura essa que existe desde os primórdios, fruto do imaginário dos seres humanos; ao passo que, pela vertente que considera o fantástico como um modo, podemos alargar o enfoque analítico sobre essa literatura, porque o que mais nos interessa nas pesquisas sobre a literatura fantástica não é datar determinada forma de fantástico nem enfeixá-la em uma espécie ou outra, mas compreender de que maneira o fantástico se constrói na narrativa e, o mais

importante, que efeitos essa construção desencadeia. Nos contos, objetos da análise, fica evidente a magia do objeto espelho que congrega a um só tempo o lugar e o não-lugar, a utopia e a heterotopia, e é capaz de deslocar o sujeito, insinuando que o prosaico, o comum, o real, possui fortes aderências com o incomum, o insólito, o sobrenatural. É de relevância também compreender os procedimentos por meio dos quais os objetos configuram o insólito nas narrativas e para tanto serão articuladas noções que advém de estudos teóricos relacionados às imagens, como o punctum, teorizado por Roland Barthes (1984) no campo da fotografia; e a imagem-afecção e a rostização, estudadas por Gilles Deleuze (1985) no âmbito da linguagem fílmica. Por meio desses procedimentos, buscaremos estudar as formas pelas quais os objetos não só tornam-se o centro da narrativa mas como eles instauram o insólito.

Palavras-chave: objetos; espaços; insólito

**3 de agosto
8h30**

UM CORPUS INSÓLITO DENTRO DA LITERATURA JUVENIL PREMIADA PELA FNLIJ (2000 A 2015)

Andréia de Oliveira Alencar Iguma (UFU)

Resumo: A Fundação Nacional de Literatura Infantil e Juvenil – FNLIJ, foi criada no Brasil em 1968, e desde então, tem contribuído com a promoção de obras literárias infantis e juvenis. Em seu início, a única categoria contemplada era a literatura infantil brasileira (1974 a 1978); na sequência, em 1978, a premiação se expandiu ao inserir a categoria literatura brasileira para jovens; hoje conta com diversas esferas: Imagem, Poesia, Informativo, Tradução Criança, Tradução Jovem, Projeto Editorial, Revelação Escritor, Revelação Ilustrador, Melhor Ilustração, Teatro, Livro Brinquedo, entre outras. É importante destacar que a literatura infantil teve seu espaço consolidado enquanto subsistema literário anteriormente à juvenil; esta passou a ter maior visibilidade apenas em meados da década de 1970. No que tange aos estudos acerca da produção de literatura juvenil (doravante LJ), damos destaque à tese de doutoramento do professor João Luís C.T. Ceccantini, intitulada Uma estética da formação: vinte anos de literatura juvenil brasileira premiada (1978 – 1997), pois no referido trabalho, o pesquisador traça um panorama acerca da produção da LJ em suas duas primeiras décadas de existência, dando destaque aos prêmios que contribuíram com a legitimação do subsistema; com foco nos títulos e autores premiados e nas temáticas predominantes. Ceccantini (2010, p.82) pontua que há muito trabalho a ser feito no campo de estudos da LJ, e valida que as obras estéticas precisam ir além das rasas dicotomias que há tanto tempo povoam a sociedade, e apresentar leituras que tragam em seu bojo “a oposição entre os valores de uma sociedade rural e agrária e o mundo urbano e industrializado; a visão mítica de mundo e a oposição entre a perspectiva racionalista da realidade”. A parte em destaque é o chamariz para nossas reflexões, uma vez entendemos que esse espaço de quebra com a realidade é reservado às grandes rupturas no que se refere à ordem preestabelecida pela sociedade. Nesse ponto, as narrativas que têm o insólito como base de representação premiadas pela FNLIJ entre os anos de 2000 a 2015 ganham destaque em nosso estudo, pois defendemos que, por meio de representações insólitas, os jovens, público em potencial dessas narrativas, possam repensar sua condição enquanto sujeitos em processo de construção. Evidentemente, a literatura fantástica rompe com o real estático e é justamente esse ponto que nos leva a direcionar o nosso olhar a esse campo de investigação ao validar que o efeito do fantástico é “provocar – e, portanto, refletir” (ROAS, 2014). Nesse prisma, iremos esquadrihar neste estudo as onze obras, de um total de 24, dentro do nosso corpus, que possuem manifestações insólitas, as quais serão analisadas à luz da teoria da literatura fantástica, em uma perspectiva modal, por ser um dos pontos de destaque para nossa pesquisa.

Palavras-chave: FNLIJ; Insólito; Literatura juvenil

OS EXTRATERRESTRES NA LITERATURA LATINO AMERICANA - FRONTEIRAS ENTRE A FICÇÃO CIENTÍFICA E FANTÁSTICO

Luma Maria Braga de Urzedo (UFU)

Resumo: Definir o que é ficção científica parece não ser uma tarefa fácil, pois, diversas são as imagens que nos remetem ao gênero tão popular, sobretudo desde o século XX e até os dias atuais: guerras intergalácticas, alienígenas, utopias, distopias, viagens no tempo, criação de monstros, andróides, computadores, robôs etc. Há, porém, um ponto de partida com o qual tanto leitores quanto críticos e teóricos do gênero costumam concordar: a motivação literária para a criação das obras de ficção científica se deve, de alguma forma, a especulação científica, mas, também, podemos pensar em outras motivações. A antevisão da chegada de seres extraterrestres é, sem dúvidas, uma das temáticas que mais nos instiga, pois, a cosmologia, ciência responsável pela investigação do cosmos, ainda é inconclusiva em relação à questão da possibilidade de vida inteligente além do planeta Terra. Na literatura e no cinema o alienígena é muitas vezes associado ao medo e à guerra: tememos o que desconhecemos. Esse tornou-se um paradigma dos alienígenas, especialmente na ficção científica anglófona. Nossa investigação partirá de um outro olhar, o latino americano, cujo estranhamento e medo, dão lugar à curiosidade e uma possível empatia. Essa referida ficção científica latino-americana possui uma identidade muito particular e que se aproxima, com frequência, da literatura compreendida como fantástica. Analisaremos dois contos, um do escritor argentino, Adolfo Bioy Casares, a Lula opta por sua tinta, e outro do brasileiro do interior de Minas Gerais, João Guimarães Rosa, Um moço muito branco, com o intuito de investigar a influência exercida nas narrativas pelas personagens alienígenas e, ainda, refletir sobre os mecanismos que nos levam, ou não, a compreendê-los como pertencentes ao gênero ficção científica. A ficção científica, que dificilmente encontra suas delimitações teóricas, pode abrigar-se na concepção de fantástico enquanto modo literário. Pretendemos refletir sobre as características que irão compor esse estilo, bem como os traços que irão afastá-lo das visões que o senso comum e parte da crítica têm dele. Consideraremos a dificuldade de definição e a proximidade com a literatura fantástica e, por isso, nosso suporte teórico irá basear-se tanto em teóricos do fantástico como Tzvetan Todorov, Louis Vax, David Roas, Filipe Furtado, Irene Bessiére, Rosemary Jackson, Reni Ceserani quanto em teóricos da ficção científica como Bráulio Tavares, Adam Roberts, Elizabeth M. Ginway, Roberto C. Belli, Roberto Causo, dentre outros. Além disso, nos embasaremos em discussões acerca do gênero conto, contidas no livro Formas Breves, de Ricardo Piglia.

Palavras-chave: Ficção Científica, Fantástico, América Latina

AS REPRESENTAÇÕES DO DUPLO EM O VISCONDE PARTIDO AO MEIO DE ITALO CALVINO

Tamira Fernandes Pimenta (UFU)

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo analisar as construções simbólicas e insólitas relacionadas ao duplo em O visconde partido ao meio (2001), de Italo Calvino. Nessa obra o insólito se configura na naturalização do irreal que estabelece uma analogia com o mundo empírico, ao apresentar na narrativa o rompimento dos limites humanos com um personagem que é partido ao meio, mas que continua a viver de forma comum. Metardo di Terralba passa a ter metades físicas e mentais distintas, sendo o duplo configurado a partir das ações que se contrapõem entre o bem e o mal, caridade e terror, na diferença das cores das vestimentas e até mesmo nas características físicas, ora com perfil suave e amoroso ora temeroso e assustador. A incompletude do visconde é expressa através das ações que configuram essa duplicidade fragmentada, a qual é representada não só através do corpo, que funciona como fonte própria do fantástico, mas por meio da comunicação metafórica com Pamela. Figurações e acontecimentos narrativos dão mostra da incompletude humana e da busca vã por uma identidade única, como a insólita combinação de objetos e a dilaceração de animais, dentre outros. Dividido ao meio, a parte mesquinha do visconde separava em dois tudo o que encontrava na natureza por acreditar que as coisas não possuíam a essência necessária da vida, tudo era “casca”, como ele próprio denominava. Esse esvaziamento de crenças relativas aos outros seres é caracteriza principalmente pelas ações maldosas praticadas, como forma de punição pela incompletude e vazio que sentia e até mesmo as pessoas mais próximas ao Visconde não são poupadas dos seus devaneios. O objetivo da comunicação, portanto,

é analisar as características metaempíricas presentes na obra através do estudo de Filipe Furtado (1980) acerca da fenomenologia metaempírica, fenomenologia essa que, em nosso ponto de vista, encontra-se condensada nos espaços narrativos, especialmente se considerarmos o corpo do visconde como um lugar insólito; e, para embasarmos essa perspectiva, partiremos dos estudos de Marisa Martins Gama-Khalil (2008) sobre os espaços fantásticos. Por último, caberá investir em uma análise relativa aos desdobramentos do sujeito no texto, ou seja, sobre o duplo, análise essa que terá como suporte o estudo de Otto Rank (2013). Dessa forma, será por meio desses estudos que o nosso trabalho objetivará compreender como os elementos da narrativa se configuram através da duplicidade dos elementos simbólicos presentes na insólita duplicação do Visconde.

Palavras-chave: Insólito; Duplo ; Fantástico

3 de agosto

14h30

ENTRE CASTELOS ENCANTADOS E CATEDRAIS: A (DES) CLASSIFICAÇÃO DO GÊNERO FANTÁSTICO NA ARQUITETURA

Aline Stefania Zim

Resumo: Classificar o inclassificável parece ser a questão central do gênero fantástico na arquitetura. O fantástico e o erudito estão em contraposição nos sistemas de classificações, mas classificar não é uma ação neutra, nem ingênua. Os critérios que elegem os exemplares do gênero fantástico partem das diferenças entre as espécies e não das suas semelhanças - o que parece contraditório. O termo "fantástico", na arquitetura, não é assumido como qualidade de um objeto; ele se aproxima dos gêneros ditos menores, como o Maneirismo e o Ecletismo. As arquiteturas fantásticas possuem qualidades cenográficas do universo sobrenatural e maravilhoso: são obras híbridas, excêntricas, exemplos do não-exemplar que desafiam os críticos. Trata-se de um rótulo que (des) qualifica as obras estranhas aos sistemas convencionais de classificações, elegendo as espécies exemplares e excluindo as demais. As teorias em arquitetura pouco discutem o particular de tais obras (muitas construídas por não-arquitetos), pondo-as numa espécie de gaveta do gênero fantástico. Não se sabe ao certo por que a dimensão do sonho, na arquitetura, foi expurgada dos critérios de bom gosto e do academicismo, desde o final do século XIX, mas se desconfia de que as convenções dos ditos gêneros "puros" tenham uma ampla participação nesse processo. Atualmente, os lugares permitidos para a fantasia são espaços restritos à diversão, como a Disneylândia. Ali, os objetos arquitetônicos estão condicionados às bilheterias e aos espaços confinados. Adultos e crianças divertem-se temporariamente, vivendo a loucura produzida como espetáculo, como uma "casa de férias" permanentemente à disposição. A fantasia, o sonho e os desejos do inconsciente, aprisionados, transmutam-se em violência urbana, segundo Jung (2008), em O homem e seus símbolos. A prática da segregação em espaços confinados pela indústria do entretenimento é a mesma que fundou a cidade fragmentada e especializada: há o lugar de trabalho, das enfermidades, da loucura, do lazer, ou seja, tudo está determinado. As fantasias são trancafiadas nesses espaços, assim como a loucura, nos sanatórios. A sociedade reprime a fantasia arquitetônica e não é por acaso. No ensaio de Fernando Fuão (2012) sobre o fantástico na arquitetura, se fosse admitida como parte da cidade, a fantasia seria a própria oposição da repressão da imaginação, desautomatizando a visão de mundo vigente e dando espaço a novas culturas. A arquitetura fantástica representa uma forma de escapismo, assim como a arte em geral representa o refúgio da loucura. O fantástico é, em sua essência, um discurso de revelação que, pela hesitação entre realidade e sonho, coloca em cheque os critérios de criação. A fantasia dissimula mais do que esclarece, mas ao ocultar, guarda a chave da revelação; ao mentir, sabe a verdade. Suas estruturas alegóricas podem guardar chaves de leitura de sua época e da própria condição humana de fantasiar, imaginar e idealizar os desejos. Estudar as obras de arte pela dimensão do fantástico é diferente de estudar as mesmas obras numa perspectiva histórica. Tal dimensão permanece ignorada enquanto procedimento e tomada por livre

expressão do arquiteto como artista. O ensaio sugere que o fantástico pode ser estudado como uma categoria compositiva – e não excludente – para os espaços da arquitetura e da cidade.

Palavras-chave: arquitetura; gênero fantástico; classificações.

"UM OLHAR DE RETRATO QUE ATRAVESSA GERAÇÕES": UMA LEITURA DA CONFIGURAÇÃO DO ESPAÇO EM TRÊS ROMANCES DE ANTÔNIO LOBO ANTUNES

Ana Paula Silva (IFTM/UFV)

Resumo: Na ficção de Antônio Lobo Antunes, as memórias, que se constituem, em sua maioria, de compulsões, além de fazerem emergir na narrativa tempos diversos, contribuem para que se multipliquem nela os elementos espaciais. São lugares e objetos que presentificam tempos passados, enquanto são também significados por uma construção de memória na escrita e por meio dela. A escrita assim transfigura, no “olhar de retrato que atravessava gerações” na herdade, em Arquipélago da insônia; ou nas vozes ouvidas de folhas e objetos por uma personagem esquizofrênica em Comissão das lágrimas; ou ainda em um diário escrito a quatro mãos guardado num fenda de muro, memórias de opressão, violência e desafetos, bem como de afetos. Levando em conta a sexta proposta de Ítalo Calvino para o milênio, procuramos compreender, por meio deste estudo, como a escrita antuniana consegue fazer falar outros “eus” quando faz falar o pássaro, a árvore ou a pedra, o cimento e o plástico (CALVINO, 1990). Em Deleuze e Guattari (1995), buscamos a noção de rizoma para elucidar essa multiplicidade na configuração do espaço. São três os romances da ficção antuniana analisados nesta proposta de comunicação: Não é meia noite quem quer (2012), Comissão das lágrimas (2011) e Arquipélago da insônia (2008). Ressaltamos, ainda, que o espaço é considerado neste estudo numa perspectiva foucaultina, portanto não é tomado apenas como cenário, equivalendo a uma representação estática, desvinculada das relações que o sujeito constrói com o mundo. Da fortuna crítica que nos auxilia nesta leitura dos três romances de Antônio Lobo Antunes, destacamos: Ana Paula Arnaut, Maria Alzira Seixo e Eunice Cabral.

Palavras-chave: Antônio Lobo Antunes; romances; espaço.

FANTÁSTICO E MITO: LEITURA DE SETE MONSTROS BRASILEIROS, DE BRÁULIO TAVARES

Karla Menezes Lopes Niels (UFF)

Resumo: Jerônimo Monteiro (1950) ao organizar aquela que parece ter sido a primeira antologia de contos fantásticos editada no Brasil – O conto fantástico – colocou-se diante de uma complicada empresa pois, como comenta na introdução, deparou-se com grandes dificuldades para encontrar e ter acesso a contos de autores brasileiros que praticaram o fantástico. O antologista arrazoia que a escassez de literatura fantástica nacional se dê ao fato de que aquilo que se lê desse gênero no Brasil seria somenos literatura traduzida, especialmente do inglês. Seu argumento é o de que a literatura inglesa e norte-americana forneceria aquilo que não se tem na realidade – horrores ficcionais que ajudariam o leitor a suportar os horrores da vida real. No entanto, é interessante que numa cultura como a nossa, em que as superstições, as lendas e as crendices são tão afloradas, a produção de uma literatura de cunho fantástico tenha sido, até aquele momento tão improfícua. De acordo com a sua lógica, deveríamos gozar de uma produção de literatura fantástica ainda maior que a dos ingleses e norte-americanos, pois teríamos ainda mais material a explorar. No entanto, diferente do que afirma Monteiro, desde o século XIX é possível rastrear a prática do fantástico e de gêneros como o horror e o thriller em nossas letras, mas nada comparável ao que se vê no livro de contos de Bráulio Tavares, Sete Monstros Brasileiros (2014), título em que o autor paraibano faz exatamente aquilo que Monteiro julgava deficiente em nossa literatura – valer-se do imaginário brasileiro para criar literatura fantástica. A figura do monstro, segundo Julio Jeha (2007), é a corporificação de todos nossos medos e males e, conforme já afirmara Montaigne (1991), o medo do desconhecido é o maior deles. Um sentimento que, se não nos imobiliza, nos permite voar nas asas da imaginação. O monstro, seja no mito, seja na narrativa ficcional, corporifica esse tipo de medo; o medo de um mal que não se pode compreender; algo que “nenhum pensamento consegue objetivar” (JEHA, 2007, p. 7). Através da narrativa, oral ou escrita, criamos um quadro mental pictórico que ultrapassa a

significação das palavras e eleva a imaginação humana à contemplação de algo jamais visto pelo homem, mas que, ao menos no plano do discurso, faz-se presente, fazendo até mesmo com que o leitor aceite a possibilidade de que aquele ser, as vezes indescritível, com que se depara no texto possa residir em seu mundo. É dessa fissura do real que surge o fantástico em Sete Monstros Brasileiros. O presente trabalho se debruçará sobre os contos de Tavares, lendo-os à luz dos estudos seminais do fantástico, bem como dos estudos do folclorista Câmara Cascudo.

Palavras-chave: Fantástico; mito; Bráulio Tavares; Literatura Brasileira; Literatura Contemporânea

A PRESENÇA BAUDELAIRIANA DO MAL E DO MACABRO EM "SEM OLHOS" E "UM ESQUELETO", DE MACHADO DE ASSIS

Renata Philippov (UNIFESP)

Resumo: Esta comunicação tem por objetivo discutir a presença baudelairiana do mal e do macabro, enquanto topoi, nos contos “Sem Olhos” e “Um Esqueleto”, de Machado de Assis. Partindo de uma análise que considera tais contos como pertencentes ao gênero gótico, ancorando-se em estudos de Botting (1996), Punter & Byron (2004) e Cavallaro (2002) sobre o gênero, bem como nos de Ruff (1955), Toumayan (1987) e Moncel (1993) sobre o mal e o macabro nos escritos baudelairianos, pretende-se discutir como Machado teria reconfigurado tais temas, dentro do gótico, incorporando-os a seu projeto literário.

Palavras-chave: Machado de Assis; Baudelaire; mal; macabro; gótico

O FANTÁSTICO/MARAVILHOSO NA RECRIAÇÃO DO CONTO DE FADAS DE NEIL GAIMAN, EM A BELA E A ADORMECIDA, DE 2015

Júlio Cezar Pereira de Assis (UFU)

Resumo: A presente comunicação tem como objetivo a análise da narrativa A Bela e a Adormecida (2015), de Neil Gaiman, a partir da presença do fantástico/maravilhoso como gênero e da intertextualidade com os contos de fadas Branca de Neve e A Bela Adormecida, a partir das compilações folclóricas dos Irmãos Grimm, com a finalidade de ressignificá-los (retomando suas personagens principais e seus elementos narrativos mais significativos, assim como também os subvertendo na mesma proporção) dentro de uma perspectiva pós-moderna. Tzvetan Todorov, em sua Introdução à literatura fantástica (1975), elabora uma estrutura formal para a literatura fantástica, partindo do princípio de que toda obra literária se estrutura por meio de um sistema cujos componentes estão em relação de interdependência. De acordo com Todorov, o fantástico abriga uma ambiguidade e se define como “a hesitação experimentada por um ser que só conhece as leis naturais, face a um acontecimento sobrenatural” (TODOROV, 1975, p.31). Assim, o sobrenatural é um elemento que possui papel importante nas narrativas fantásticas, sendo que a temática de índole sobrenatural é elemento absolutamente indispensável ao fantástico. Tzvetan Todorov, em sua Introdução à literatura fantástica, ao explicar as várias vertentes do fantástico como gênero, define que, no maravilhoso, o sobrenatural é aceito, admitindo-se novas leis a natureza, pelas quais o fenômeno pode ser aplicado. É o caso dos contos de fadas, em que encontramos animais conversando e não estranhamos, pois compactuamos com o mundo do “faz-de-conta”; portanto, no maravilhoso a postura adotada pelo leitor é uma postura alegórica dos fatos, pois tais acontecimentos são vistos como a representação simbólica do real. Filipe Furtado, em A construção do fantástico na narrativa (1980), corrobora com a explicação de Todorov sobre a definição do maravilhoso. Furtado afirma que, no maravilhoso, como uma espécie de variante do fantástico, o leitor aceita o insólito como uma constante da verdade. Desse modo, não há uma explicação racional que restaure o real. Gaiman, por meio do fantástico/maravilhoso, recria em suas narrativas as histórias de contos de fadas dialogando com a pós-modernidade, por meio de várias formas intertextuais, a fim de responder as seguintes perguntas: qual é o lugar do maravilhoso em nossa existência hoje? Por quais motivos perdemos a nossa capacidade de encantamento com as histórias quando nos tornamos adultos? Por que há tanta resistência de um adulto se ver refletido em uma narrativa fantástica? Será que a representação das personagens femininas expostas nas

narrativas dos Grimm ainda funcionam como forma de alegorizar o verdadeiro papel da mulher na sociedade? São essas questões que a nossa comunicação, a partir da análise de determinados trechos da narrativa e, em especial da construção (ou desconstrução) das personagens da Branca de Neve, da Bela Adormecida e da Malévola, busca responder.

Palavras-chave: Neil Gaiman; maravilhoso; pós-modernidade

29 - FICÇÃO CIENTÍFICA E LITERATURA FANTÁSTICA: INTERFACES E MÚLTIPLOS OLHARES

Coordenação: Naiara Sales Araújo Santos (UFMA)

Resumo: Os gêneros de ficção especulativa e fantástica ocupam um nicho relativamente pequeno do mercado literário brasileiro. Durante décadas, a ficção científica brasileira sofreu com a ideia de que um país de Terceiro Mundo não poderia autenticamente produzir tal gênero; o mesmo se pode dizer da literatura fantástica mais associada a escritores estrangeiros tais como C. S. Lewis, J. R. R. Tolkien e Edgar Allan Poe. Embora sejam considerados gêneros populares, ainda são poucas as discussões e produções acadêmicas que focam nesses dois universos literários, ainda que alguns dos seus praticantes sejam figuras literárias bem estabelecidas, como Lígia Fagundes Telles, Dinah Silveira de Queiroz, o poeta André Carneiro e maranhenses como Coelho Neto e Aluísio Azevedo, dentre outros. Não é de surpreender que a maior parte dos primeiros estudos dedicados a esses gêneros, no Brasil, enfoquem obras estrangeiras. O primeiro estudo brasileiro de ficção científica publicado em português, *Introdução ao Estudo da Science Fiction* (1967), de André Carneiro, ecoa o argumento de C.P. Snow de que a distância crescente entre as humanidades e as ciências tem favorecido a rejeição da ciência pela maioria dos autores. Carneiro cita principalmente obras de ficção científica anglo-americanas para ilustrar seus argumentos, concluindo com uma breve seção sobre trabalhos brasileiros. O primeiro estudo de ficção científica brasileira figura em *Introdução a uma História de Ficção científica* (1987), de Léo Godoy Otero, que tenta enumerar e analisar trabalhos que poderiam ser classificados como ficção científica brasileira, vindo desde a virada do século até meados da década de 1980. Segundo Otero (1987, p.185), nenhuma obra no estrito conceito de ficção científica foi escrita em épocas anteriores aos anos 30, como se deu na Europa através de Wells e Júlio Verne. Entretanto, recorrendo-se ao passado, consegue-se antolhar precursores, sob o mesmo processo elástico empregado para se identificar convergências eventuais da pré-história da ficção científica com a moderna. Nesse sentido liberal, então, também no Brasil poderão alguns autores ser catalogados: Aluísio de Azevedo com seu conto “*Demônio*”, Monteiro Lobato com sua sátira mordaz “*O Presidente Negro*” e Érico Veríssimo com *Viagem à Aurora do Mundo*, dentre outros. Este simpósio tem como objetivo levantar discussões acerca das figurações dos gêneros Ficção Científica e Literatura Fantástica no Brasil e no mundo. Dentre análises comparativas e discussões, atenção especial será dada às variações destes gêneros no Maranhão por entendermos que tais gêneros ainda são pouco explorados neste Estado. As discussões aqui propostas visitarão as mais variadas temáticas do campo da Linguagem, Discurso, Gênero, Identidade e Memória, dentre outros. Com o intuito de analisarmos diferentes modalidades de discurso, daremos espaço tanto ao discurso Literário quanto ao discurso cinematográfico e seus múltiplos elementos de construção de sentido. Aqui, será enfatizado, dentre outros aspectos, o diálogo entre a Literatura Brasileira e a Euroamericana no tocante às temáticas do Fantástico e sua interface com a Ficção Científica. Atenção especial será dada às figurações ficcionais da literatura, sobretudo no que se refere ao impacto da tecnologia nas relações humanas, terreno ainda pouco explorado no universo da crítica literária, especialmente quando se trata da Literatura Fantástica e de Ficção Científica. Dentre os autores explorados neste simpósio estão: Aluísio Azevedo, André Carneiro, Coelho Neto, José Saramago, Plínio Cabral, Philip K. Dick, Poe, Humberto de Campos e outros que possam enriquecer as discussões aqui propostas. Também abordaremos discussões contemporâneas que versam sobre o homem pós-moderno e sua relação com o meio tecnologicamente desenvolvido, bem como aspectos político-sociais que influenciam nas transformações de elementos relacionados à identidade nacional e memória de um povo. Como suporte teórico traremos à baila as ideias de

Tzvetan Todorov, H.P. Lovecraft, Irleamar Chiampi, Felipe Furtado, Adam Robert, Paul Alkon, Darko Suvin, Homi Bhabha, Stuart Hall, Maurice Halbwachs, Michel Pollak, Nestor Canclini, entre outros. Nossa análise comparativa e crítica lançará mão de discussões já existentes em âmbito nacional e internacional no tocante ao conceito de Ficção Científica e Literatura Fantástica e outros gêneros relacionados a estes. Assim, exploraremos também os estudos feitos no âmbito desta temática por uma equipe de pesquisadores nacionais, dentre eles Flavio Garcia, Maria Cristina Batalha, José Paulo Paes e Naiara Araújo, dentre outros.

31 de julho

8h30

ASPECTOS DO FANTÁSTICO EM O SORRISO DO LAGARTO

Ana Maria Zanoni Da Silva (IMESB- Instituto de Ensino Superior de Bebedouro)

Resumo: O fantástico, na acepção moderna, extrapolou os muros dos castelos mal assombrados e atingiu temas que inquietam o homem, desencadeando a incerteza e o desconforto perante fatos considerados como familiares, pois “revela e problematiza a vida e o ambiente que conhecemos do dia-a-dia”, tal como afirma Volobuef (2000). Este trabalho analisa o romance O sorriso do lagarto, de João Ubaldo Ribeiro, a fim de demonstrar como aspectos da ciência amalgamados a temas do fantástico proporcionam a irrupção da atmosfera fantástica na configuração do confronto entre o bem e o mal; eixo temático sobre o qual a trama está apoiada.

Palavras-chave: Fantástico; Ciência; Inquietude; Insólito

"SESENTA E DUAS MIL E QUATROCENTAS REPETIÇÕES FORMAM UMA VERDADE": AS DISCIPLINAS E O ADESTRAMENTO DOS SUJEITOS NAS DISTOPIAS

Juliana Radosavac Figueiredo Cerqueira (UFF)

Resumo: A distopia tem sido uma das principais formas de pensar sobre a contemporaneidade na literatura, desde meados do século XX. O subgênero apareceu de forma marcante na modernidade como forma de reação à fé na ciência e à razão iluminista que, nos séculos XVII e XVIII, haviam produzido uma “crença no progresso infinito do conhecimento e no avanço infinito em direção ao aprimoramento social e moral” (BOOKER, 1994) e inspiraram as mais diversas utopias. No século XIX, no entanto, foi possível identificar uma tendência ou potência sombria nas mesmas tecnologias e discursos que, nos períodos anteriores, foram motivo de tamanha fé no progresso da humanidade (Ibid), o que levou à progressiva passagem de um otimismo utópico para um pessimismo distópico. No século XX, esse mesmo pessimismo se intensificou, devido aos inúmeros fracassos da época – dos quais muitos se configuraram como resultado das tendências observadas no século anterior – entre eles as muitas guerras, a crise do Estado de bem-estar, os desastres ecológicos, entre outros, sendo favorável ao estabelecimento da distopia como uma das formas de pensamento dominantes (SARGENT, 1994). Nos anos oitenta, o movimento distópico contou ainda com a criação das distopias críticas, impulsionada especialmente pela consolidação do neoliberalismo e da “utopia do mercado” (BACCOLINI e MOYLAN, 2003). Nas últimas décadas, o fenômeno tomou novas proporções com o vasto número de publicações voltadas para o público infanto-juvenil e a adaptação de muitas destas para o cinema. É importante, portanto, investigar por que modelos tão sombrios vêm sendo fortemente apreciados nos últimos tempos e a forma como dialogam com a realidade. As distopias oferecem uma ampla variedade de temas a serem discutidos. Em pesquisa anterior, estive em contato com diversas distopias contemporâneas e clássicas e pude notar a recorrência de certos modelos de ensino, os quais, frequentemente, desempenhavam um papel central na compreensão das obras analisadas, parecendo funcionar até mesmo com elementos didáticos dentro das mesmas. Sendo assim, a comunicação proposta pretende discutir uma das formas sob a qual o ensino toma forma em algumas distopias. Tal forma diz respeito ao seu uso como uma arma de controle e manipulação para a sustentação da distopia, que se associa à perspectiva das disciplinas, traçada por Michel Foucault (1999) em seu livro Vigiar e punir. Através do modelo disciplinar instaurado em

distopias como Admirável Mundo Novo de Aldous Huxley – que será analisada durante a comunicação – os Estados distópicos investem no adestramento dos sujeitos para criar dentro de seu sistema um intenso controle social, elemento caro às distopias. O uso das disciplinas no modelos sociais distópicos, em concordância com as afirmações de Foucault (2016), aumentam as forças dos corpos em termos de utilidade, ao mesmo tempo em que as diminuem em termos de resistência, produzindo uma relação de sujeição. Desta forma, as disciplinas auxiliam na propagação da ideologia adotada pelos Estados distópicos e, portanto, criam meios para a manutenção desses Estados. Entre os tópicos que cercam o uso das disciplinas dentro das distopias serão comentados a vigilância, a punição e a biopolítica.

Palavras-chave: Distopia; Disciplina; Biopolítica

O IMPULSO UTÓPICO E O SIMULACRO EM THE DOOMSDAY BOOK

Amanda Pavani (UFMG)

Resumo: O impulso utópico e o simulacro em *The Doomsday Book* *The Doomsday Book* (1991) é a publicação mais bem-sucedida de Connie Willis, vencedora dos prêmios Hugo e Nebula. A obra está inserida na sequência conhecida como Oxford Time Travel, que aborda a descoberta da viagem no tempo, apenas usada por historiadores para elucidar eventos do passado, uma vez que uma das regras dos Estudos do Tempo, na obra, pregam que nada pode ser trazido ou alterado no passado. Apesar do pouco trabalho acadêmico sobre esse clássico da ficção científica contemporânea, *The Doomsday Book* pode ser a base de frutíferas discussões sobre o impulso utópico em sf: a dualidade entre o bom lugar do futuro de 2050 e a Idade Média exemplificam o apontamento de Fredric Jameson sobre ilusões de uma utopia científica. Essas ilusões podem ser encontradas na obra por meio de uma análise de presenças do simulacro, conceito de Jean Baudrillard associado ao esvaziamento de significado dos signos. Em *The Doomsday Book*, ideias pré-concebidas sobre a racionalidade do futuro e dos cientistas são questionadas quando a protagonista, Kivrin, fica presa no ano de 1348, quando a peste negra atinge a Inglaterra. É notável o conflito entre ideias de retorno a um ideal idílico e um ideal racionalista de sociedade, quando personagens da Idade Média agem com mais “humanidade” e mais calma do que cientistas isolados em uma das melhores universidades do mundo. O futuro, que guardaria a cura de todas as doenças, é revelado como uma ilusão e como um projeto imperfeito. A literatura de Connie Willis é atravessada por temas que envolvem as dificuldades de comunicação humana, incluindo suas dissonâncias e seus desencontros; além disso, sua obra traz a ideia de que, ironicamente, os cientistas do futuro não seriam engenheiros, ou médicos, mas historiadores. Assim, *The Doomsday Book* desestabiliza ideias comumente associadas a utopias e distopias e também se configura como um comentário sobre a ciência na ficção. Esses questionamentos são associados ao simulacro porque o conceito de Baudrillard revela ideias que se desconectaram de seus referentes (como a própria noção de utopia), além de expor ilusões de relações unívocas entre símbolos (como a epistemologia racionalista ocidental ser vista como única geradora de verdades). A comunicação objetivará demonstrar, com evidências textuais do romance e pano de fundo teórico baseado principalmente em Fredric Jameson e Jean Baudrillard, como *The Doomsday Book* e seus simulacra literários evidenciam ilusões sobre ciência e sobre utopias.

Palavras-chave: ficção científica; utopia; the doomsday book

NOVUM ESPECULATIVO: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE DE OBRAS DE FICÇÃO ESPECULATIVA

Fernanda Sousa Carvalho (UFMG)

Resumo: O termo guarda-chuva ficção especulativa tem sido usado para abordar obras que misturam diferentes gêneros literários que especulam sobre seres e modos de vidas alternativos à realidade, tais como a ficção científica, a fantasia, o terror e o gótico. Trata-se de um termo útil para analisar obras que não podem ser claramente classificadas sob apenas um desses gêneros. Nessa perspectiva, proponho neste trabalho o conceito de novum especulativo para se referir a elementos criados em tais obras que apresentam algo novo em relação à realidade cotidiana de modo a criticá-

la. O termo proposto é adaptado daquele cunhado pelo crítico Darko Suvin para abordar as características intrínsecas das obras de ficção científica. Segundo Suvin, nesse tipo de obra a narrativa é dominada por uma inovação ficcional, validada por uma lógica cognitiva (1990, p. 63). Contudo, por essa definição, o termo *novum* não se aplicaria a elementos sobrenaturais, visto que engloba elementos que seriam cientificamente plausíveis, mesmo só existindo no mundo ficcional da obra. Por outro lado, pode-se perceber que tanto a ficção científica quanto os gêneros caracterizados pelo sobrenatural, como a fantasia, são definidos como apresentando algo novo, não observável na experiência cotidiana. De fato, a noção de *novum* parece estar implícita em definições mais recentes de ficção especulativa. R. B. Gill, por exemplo, afirma que obras desse tipo tem como foco eventos que são impossíveis sob as leis da física e as restrições do mundo real (2013, p. 72). O *novum* criado na ficção especulativa, nesse sentido, pode ser definido como algo não apenas novo, como o é uma invenção tecnológica na ficção científica, mas também impossível sob circunstâncias observadas na experiência humana. O problema em usar o conceito de *novum* criado por Suvin para analisar obras especulativas é que isso invalida a classificação de elementos sobrenaturais como nova, impossibilitando a abordagem da mistura de elementos de ficção científica com o terror, a fantasia e o gótico. Entretanto, como bem observa Ingrid Thaler, ao apropriar estratégias da ficção científica, como o estranhamento cognitivo e o *novum*, a ficção especulativa inclui elementos que seguem tanto as leis naturais quanto as que permitem a suspensão dessas leis (2010, p. 9). Em consonância com esse argumento, proponho neste trabalho a aplicação do conceito de *novum* a obras de ficção especulativa, desde que seja redefinido de acordo com as particularidades desse gênero guarda-chuva, ou seja, como incluindo os elementos que não são possíveis nas experiências cotidianas. Argumento ainda que escritores de ficção especulativa têm se apropriado desses nova para promover reflexões sobre visões de mundo e formas de vida alternativas, as quais tem por objetivo criticar a realidade. Para ilustrar tal apropriação, aponto os nova usados por uma escritora de ficção especulativa contemporânea, Nalo Hopkinson, em suas obras *Brown Girl in the Ring* e *Midnight Robber*. Tais romances misturam elementos de ficção científica com o folclore e as religiões Afro-Caribenhas para imaginar um mundo em que essa cultura tem um lugar de destaque e criticar o preconceito com que normalmente é visto.

Palavras-chave: Ficção especulativa; *Novum*; Nalo Hopkinson

31 de julho

14h30

A FABULOSA MATEMÁTICA DE MALBA TAHAN

Guilherme de Figueiredo Preger (UERJ)

Resumo: O Homem que Calculava: aventuras de um singular calculista persa, escrito por Malba Tahan, heterônimo de Júlio Cesar de Mello e Souza, é um clássico da literatura juvenil brasileira. Publicado em 1938, já chegou a mais de 80 edições. O livro conta a história do calculista persa Beremiz Samir, na Bagdá do século XIII. O grande sucesso do livro é um resultado de sua adoção em escolas como obra de divulgação da matemática. As peregrinações de Beremiz são contadas seguindo o modelo de narrativas da tradição árabe, com episódios contados ao modo dos contos das Mil e uma noites. Beremiz usa seu extraordinário saber matemático para resolver querelas e confusões entre pessoas comuns da vida árabe. Durante a narrativa são apresentados didaticamente problemas e também as suas soluções, eventualmente com ilustrações. Igualmente são apresentados alguns fundamentos da matemática, assim como sua história. A obra parece ter dois objetivos: o de incentivar o aprendizado do cálculo matemático e o de apresentar os elementos da cultura árabe e islâmica. Seu autor, que adotou o heterônimo em várias obras, era um entusiasta da cultura islâmica. Professor paulista, que como escritor se aliou ao modernismo brasileiro, tinha interesses nas áreas da pedagogia e da matemática. Nesta comunicação proponho estudar a obra dentro do contexto do problema das Duas Culturas, apresentado por C.P.Snow em 1959. Esse problema se refere ao crescente distanciamento de linguagem entre ciências exatas e das

humanidades, em particular, a literatura. C.P.Snow via esse distanciamento como danoso à civilização ocidental. Nesse aspecto, *O Homem que calculava* é uma obra importante, no contexto brasileiro, de mediação entre dois universos discursivos. Embora não possa ser vista como obra de ficção científica, ela pode ser considerada como interface entre o universo do discurso científico moderno, baseado em relações matemáticas, e o relato fantástico literário. O fantástico surge nessa obra não apenas na caracterização ficcional do mundo árabe e persa, mas numa série de anacronismos colocados pelo autor, numa estratégia narrativa de paródia que acentua seu caráter fantasioso. A obra também permite observar um jogo de aproximações e distanciamentos entre a linguagem matemática e a linguagem literária. Cada linguagem corresponde a um nível de realidade, entre o aparente e o oculto. A matemática se torna uma “heurística” para resolver o problema dos múltiplos olhares e da divergência de perspectivas dos personagens. Mas ela só pode exercer seu poder de convergência através da narrativa, que traz um sentido moral ou ético. As diversas camadas diegéticas, do personagem calculista, do narrador intradieético, do autor ficcional (Malba Tahan) e do autor histórico (Júlio Cesar) jogam ambigualmente com múltiplos níveis de realidade. Por isso, é possível classificar essa obra como uma fabulação especulativa, conceito do crítico norte-americano Robert Scholes para designar um tipo de literatura afim da ficção científica e contemporânea do discurso científico moderno. Fabulação como construção do discurso narrativo e de uma mundividência determinada, islâmica, medieval e árabe. Especulativa porque especula sobre a relação entre a estrutura da realidade, a linguagem “natural” humana e a linguagem matemática.

Palavras-chave: Malba Tahan; Duas culturas; Narrativa

A MAGIA PROFUNDA DE NÁRNIA: O FANTÁSTICO E A TEORIA LITERÁRIA EM C. S. LEWIS

João Lucas Alves dos Santos (UNEB)

Resumo: Foi só a partir da montagem cinematográfica feita em 2005 que *As Crônicas de Nárnia* de C. S. Lewis ganhou notoriedade para o grande público brasileiro. A série de contos fantásticos para crianças publicadas originalmente entre os anos de 1951 a 1956 na Inglaterra, é considerada um dos grandes clássicos de literatura do gênero. O que ainda continua muito pouco conhecida são as contribuições do autor no campo da teoria e da crítica literária, principalmente no que concerne a importância da literatura fantástica para a experiência da leitura. Embora tivesse escrito uma variedade de gêneros literários e não literários, foi na fantasia, e não somente isso, na fantasia para crianças, que Lewis alega ter encontrado artisticamente a forma exata de dizer o que ele pretendia dizer. Esse algo a dizer, o segredo por trás do autor e de *Nárnia*, foi uma espécie de horizonte para todas as abordagens teóricas e ficcionais que marcam sua obra. O objetivo desse artigo é, nesse sentido, apresentar a visão estética-filosófica de Lewis, que têm na experiência da Alegria - nome que ele dá ao sentimento romântico de anseio pela beleza – seu caráter essencial. Sob a ótica da Alegria, *As Crônicas de Nárnia* torna-se uma espécie de áskesis, um exercício espiritual, assim como é toda literatura capaz de fazer o leitor desejar ser mais, ansiar elevar-se além dele mesmo. Esse tipo de áskesis, característica do bom modo de se relacionar com a literatura, é muito mais provável na literatura fantástica do que nas literaturas de outro tipo. Além disso, é a partir de *Nárnia* que Lewis também procura defender a literatura fantástica de críticas que são recorrentes a esse gênero. É muito comum que a literatura fantástica sofra a acusação de escapismo, principalmente quando essa literatura é direcionada para crianças. Por trabalhar com aspectos da imaginação e do sonho, ultrapassando os limites das leis naturais, julgam que a fantasia e os contos de fadas são até mesmo prejudiciais, ao criarem uma falsa impressão da realidade. Lewis enfrentou esse tipo de crítica expondo seus argumentos em dois trabalhos; um deles foi no ensaio *Três maneiras de escrever para crianças*; o outro foi no livro *Um experimento na crítica literária*, publicado em 1961. Assim, pondo em análise *As Crônicas de Nárnia* junto aos seus principais trabalhos expositivos, tentaremos destacar os aspectos mais importantes das contribuições de C. S. Lewis para a crítica e a teoria do fantástico.

Palavras-chave: Fantástico; Beleza; Contos de fadas; C. S. Lewis

DOCTOR WHO: MUITO ALÉM DO ENTRETENIMENTO

Juliana Escames Pizzolato (Universidade Presbiteriana Mackenzie); Ana Carolina Pimenta Asson (Universidade Presbiteriana Mackenzie)

Resumo: O propósito desta comunicação é uma reflexão acerca da influência cultural e educativa da identidade produzida pela série de televisão britânica Doctor Who e seu protagonista. A série Doctor Who estreou em 1963. Foi cancelada em 1989 e só retornou em 2005, estando até hoje no ar. A série narra aventuras por entre o tempo e espaço por meio de uma nave espacial chamada TARDIS (dispositivo que permite viajar "através do tempo, através do espaço e através da matéria" (BBC, 1962, tradução nossa). Doctor é um personagem de aparência humana, mas de origem alienígena. O objetivo dele é proteger o universo de ameaças inimigas. Com seu carisma e complexidade, Doctor pode ser considerado um herói inbetweeness (BHABHA, 1998), um viajante entre mundos e tempo. O gênero "de ficção científica também incluem um elemento humano, explicando que efeito novas descobertas, acontecimentos e desenvolvimentos científicos teriam em nós no futuro" (NCTE/IRA, 2005, tradução nossa). A série ainda comprova essa nomenclatura com o próprio nome da TARDIS (tempo e dimensão relativa no espaço time) que evoca a temática da física, em controlar o espaço e tempo. Além disso, episódios de Doctor tem em sua essência viagens intergalácticas, com seres extraterrestres. É comum na série ocorrer regeneração do personagem, de modo que o elenco seja reformulado, o que mostra a longevidade da série até hoje, devido a esse engajamento e alterações (tanto a renovação do público quanto do elenco). O relevante é notar que o Doctor, independentemente da sua regeneração, é um ser com múltiplas identidades. Toda vez que ele se regenera, uma nova identidade e personalidade é introduzida, de modo a agregar a anterior. Pode-se dizer então que o Doctor é um sujeito pós-moderno, como Stuart Hall defende. Afinal, "o sujeito [...] está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas" (2015, p.12). A identidade é instável. E o Doctor é um reflexo dessa mutabilidade, uma vez que ele é um de muitos. Ao falarmos de séries, estamos falando, necessariamente, de cultura pop. É observado a constante disseminação de séries televisivas que engajam o público. De acordo com o dicionário Oxford, cultura pop é "cultura popular moderna transmitida por meio da mídia de massa e voltada particularmente para os jovens" (POP CULTURE, 2018, tradução nossa). Isso significa o quanto a cultura pop também tende a ser instável, assemelhando-se ao conceito de identidade, já que acompanha o desenvolvimento e o interesse dos jovens. É válido ressaltar que além de ser uma série característica da cultura pop, ela também ultrapassa qualquer tipo de padronização de faixa etária ao mesmo tempo que chama atenção de novos fãs pela sua longevidade. Em Doctor Who, além de entreter, é perceptível o aspecto educativo, uma vez que aborda a ciência, a arte, a língua, a cultura e reflexões. Portanto, é proposto uma reflexão em como Doctor Who pode ser considerado um elemento da cultura pop, não só como agente de entretenimento como também influenciador cultural e educativo por meio da construção identitária.

Palavras-chave: sci-fi; doctor who; identidade; cultura pop

A ALOCAÇÃO ESTRUTURAL DOS ACTANTES NO ROMANCE DRÁCULA: UMA ANÁLISE A PARTIR DA TEORIA DOS GRAFOS

Juliana Porto Chacon Humphreys (Universidade Presbiteriana Mackenzie)

Resumo: Este artigo promove uma análise da estrutura profunda do romance Drácula de Bram Stoker, à luz de uma teoria da matemática discreta denominada Teoria dos Grafos, utilizada para mapear visualmente a relação entre objetos de qualquer natureza, nesse caso, a relação entre os actantes do romance escrito por Bram Stoker em 1897. O objetivo é compreender como a alocação dos actantes no nível estrutural do texto revela-se na geração de sentido narrativo, o que, em Drácula, é relevante à medida em que o romance é colapsado em atos, nos quais as atitudes sobrepõem-se às características e aos traços de personalidade das personagens. De fato, Bram Stoker não apresenta em seu romance personagens profundas, ao contrário, elas são superficiais na medida, e cada uma delas é mais relevante em relação ao todo do que como indivíduos. São

consistentes porque agem da maneira como se espera. Bram Stoker nos ensina o que e quando esperar de cada uma delas e, a partir dessas ações, a história vai ganhando corpo. No entanto, ao observar cada uma individualmente, percebe-se que pouco ou nada se sabe sobre elas, a não ser sua importância e postura em relação ao grupo ao qual pertencem. Partindo dessa premissa sobre a coletividade das personagens, compreende-se que a relação entre os actantes é a verdadeira essência do romance, porpondo, portanto, uma divisão em dois grandes polos estruturais, o polo do bem e o polo do mal, que, sendo diametralmente opostos, são capazes de abrigar todos os actantes e, no nível narrativo, condicionam todos os princípios que regem as personagens. Ainda, após essa primeira proposta de posicionamento estrutural, a análise traz uma classificação das personagens com base nas funções exercidas na trama, são elas personagens estruturais, de ligação, operacionais, viabilizadoras e facilitadoras e, as funções exercidas por cada grupo, garantem as transformações nos estados de enunciado e a geração de sentido, com o desenrolar da trama. A Teoria dos Grafos é empregada buscando revelar as relações entre cada um dos grupos e dos actantes neles alocados para, por fim, reconhecer os níveis de influência que cada um exerce no romance. Os resultados obtidos com a análise multidisciplinar contesta o senso comum de que a força opositora de Drácula e, portanto, o verdadeiro antagonista do grande vampiro é Van Helsing, o homem que domina o saber da ciência e das forças ocultas. Ao contrário, o resultado suscita a ideia de que o verdadeiro opositor é Mina Harker, a mulher que detém a verdadeira capacidade de vencer a morte, enquanto aglutina os homens em torno da luta do bem contra o mal. O referencial teórico concentra-se na teoria semiótica greimasiana e na Teoria dos Grafos proposta por Leonhard Euler em 1736, porém, utilizando as propostas de aplicação feitas por Kenneth Rosen para delinear as relações entre os objetos. Os resultados obtidos são interessantes, pois podem ser percebidos em inúmeros enunciados e trazem possibilidades de pensar a literatura sob a ótica matemática, revelando uma visão vanguardista de um importante romance do século XIX.

Palavras-chave: Narrativa; teoria dos grafos; actantes; Drácula

LITERATURA E CINEMA NO BRASIL E NA ESPANHA DOS ANOS 50: CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA ESPECULATIVA DE FICÇÃO CIENTÍFICA

Naiara Sales Araújo (UFMA)

Resumo: Resumo: A Revolução Tecnológica também foi responsável por evidentes transformações sociais, sobretudo, no que se refere ao campo da comunicação e informação. A década de 50 foi divisora de águas para popularização do rádio e da recém-chegada Televisão, como veículos indispensáveis de propaganda e disseminação de ideologias. Embora as transmissões abertas tenham acontecido em países como Alemanha, Estados Unidos e Inglaterra, ainda na década de 30, no Brasil e na Espanha só aconteceriam duas décadas mais tarde. No Brasil, dos anos 50, segundo as palavras da pesquisadora Mônica Kornis(2008): “o país vivia sob a égide de uma ideologia prometeica, de crença no desenvolvimento, no progresso e na mudança”. Tal otimismo e entusiasmo estavam presentes não só na esfera política, mas também no campo artístico-cultural. Com maior popularização da televisão e do rádio iniciava-se um processo promissor de transformação social, a partir de consolidação da cultura de massa. Esse período é caracterizado por suas narrativas lineares com aventuras tecnológicas onde robôs, aeronaves, alienígenas, dentre outros ícones da ficção científica, eram elementos indispensáveis do enredo. Essa época é marcada pela existência de muitas revistas de ficção científica destinadas a uma audiência adulta que incentivou novos escritores e foram fonte de novas ideias para os as narrativas literárias e cinematográficas. Surpresa, The Magazine of Fantasy e Science fiction, Amazing, New Worlds e Galaxy Science Fiction foram algumas das revistas mais importantes que influenciaram, consideravelmente, a forma e as temáticas artísticas da década de 50. Muitos dos escritores mais representativos da Era de Ouro foram reconhecidos pela primeira vez quando suas obras foram publicadas nessas revistas. O presente estudo tem como objetivo percorrer acerca da produção cinematográfica no Brasil e na Espanha, durante os anos 1950, levando em consideração as mudanças socioculturais ocorridas no cenário mundial, no período pós-1945. Busca-se mostrar como

o cinema dos países em questão foi influenciado pelos avanços tecnocientífico e pelas tendências literárias advindas a partir do processo de desenvolvimento tecnológico. Baseado em apontamentos de pesquisadores do cinema brasileiro e espanhol, verificam-se significativas similaridades nos cenários cinematográficos desses países, haja vista que foram influenciados pelas mesmas correntes ideológicas e de produção. Os resultados apontam para uma importante influência da estética neorrealista italiana em ambos os países, bem como para uma significativa contribuição dos gêneros especulativos literários para a obtenção de uma linguagem esteticamente mais realista e atraente.

Palavras-chave: Cinema; Literatura; Ficção Científica; anos 50

**1 de agosto
8h30**

"ISSO É MUITO BLACK MIRROR": PARA ALÉM DO DISCURSO TECNOFÓBICO NAS DISTOPIAS ESCRITAS POR MULHERES NO SÉCULO XXI

Melissa Cristina Silva de Sá (IFMG/UFMG)

Resumo: As narrativas distópicas apresentam críticas pungentes às ansiedades do século XX com obras como Admirável Mundo Novo que criticam a engenharia genética e principalmente o uso não controlado da tecnologia. Presentes no imaginário popular, essas distopias influenciam a produção de obras cinematográficas e televisivas que incorporam em suas representações o desenrolar negativo da interação entre ser humano e tecnologia. É o que podemos ver em séries de TV populares como Black Mirror (2011-), cujas inovações tecnológicas ficcionais, mostradas quase sempre sob um viés negativo, criaram a expressão "isso é muito Black Mirror", utilizada online para comentar avanços tecnológicos reais e denotar que tal advento da tecnologia certamente culminará num efeito negativo para a sociedade. Estabelecendo um claro diálogo com as distopias do século XX, essa e outras obras recentes demonstram uma visão tecnofóbica; trabalhando humano e tecnologia como opostos. As narrativas distópicas escritas por mulheres no século XXI, no entanto, problematizam essa visão, questionando os avanços tecnológicos, mas também nossa própria percepção do que é humano. Romances como The Telling, de Ursula K. Le Guin, The Stone Gods, de Jeanette Winterson, e MaddAddam, de Margaret Atwood, ressignificam a tradição distópica do século XX ao questionarem a relação dos humanos com a tecnologia que não se reduz à tecnofobia e ao lugar-comum de medo da ciência. A discussão partirá das considerações de Donna Haraway sobre a identidade ciborgue e de Raffaella Baccolini sobre o hibridismo das narrativas distópicas.

Palavras-chave: distopia; tecnofobia; mulheres

VIAGEM NO TEMPO E QUESTÕES RACIAIS EM KINDRED, DE OCTAVIA E. BUTLER, E NOVEMBRO DE 63, DE STEPHEN KING

Waldson Gomes de Souza (UnB)

Resumo: Para além dos paradoxos temporais e do risco que épocas muito longínquas podem oferecer, a viagem no tempo costuma ser sinônimo de oportunidades e aventuras emocionantes para personagens brancas. Entretanto, quando a mesma temática é vivida por uma personagem negra, a experiência ganha outros aspectos, pois voltar para o passado significa encontrar sociedades mais excludentes ou até mesmo com o sistema escravagista em vigor. Diante disso, este trabalho pretende analisar e comparar os romances Kindred (1979), de Octavia E. Butler, e Novembro de 63 (2011), de Stephen King. Ambas as obras são ambientadas nos Estados Unidos e possuem a viagem no tempo como tema, apresentando, respectivamente, uma mulher negra e um homem branco como protagonistas. Em Kindred, Dana Franklin é transportada da década de 1970 para o século XIX. No período pré-Guerra Civil, ela passa a vivenciar na pele a realidade da escravidão tendo como parâmetro seu conhecimento histórico. Já em Novembro de 63, Jake Epping volta ao passado para impedir que John F. Kennedy seja assassinado em 1963. Mas alterar esse fato resulta em consequências drásticas no presente de Jake. A análise levará em consideração as

particularidades de Butler e King ao abordarem a viagem no tempo em suas obras, e terá foco no tratamento de questões raciais na experiência das protagonistas.

Palavras-chave: Viagem no tempo; Octavia E. Butler; Stephen King

ENTRE A (IN)DIFERENÇA E A PERPLEXIDADE: A REALIDADE DISTÓPICA EM ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA
Fábio Henrique Novais de Mesquita (UFMA)

Resumo: O presente trabalho é uma proposta de análise da obra de José Saramago, *Ensaio sobre a cegueira* (1995), e suas relações estreitas com objetos de análise como memória, espaço e identidade, principalmente no que diz respeito ao aspecto distópico que permeia a atmosfera da narrativa saramaguiana, também percebida em outras obras como *Todos os nomes* (1997). A veia crítica do escritor lusófono nos leva a compreender seu texto como um sintoma contemporâneo: a indiferença humana e a conformação com a situação de profundas desigualdades sociais. Com maestria e utilizando de um talento narrativo inquestionável, Saramago se apropria da metáfora da cegueira de forma tão original que merece atenção pela crítica literária fantástica, pois traz em sua configuração aspectos, originalmente, abordados por Todorov (2012), no tocante ao mistério que envolve tanto o leitor mais desprevenido em relação contexto de produção da obra, quanto os conhecedores dos conflitos da Portugal vista por José Saramago. Incontestavelmente atual, a obra suscita questionamentos a respeito da origem da cegueira e de seu contágio que se dão de formas inexplicáveis, sendo este mistério insolúvel até o fim do romance. Este fator desperta os personagens para uma realidade a qual eles eram indiferentes, além de suscitar sentimentos como o egoísmo e a perversidade desmedida. Esta obra tem um caráter universal desde seu tema até a pluralidade dos personagens, mostrando o típico espaço pós-moderno. Ao abordar estes temas, percebe-se que o fantástico não se respalda não apenas no sobrenatural como outrora, mas em fatos que reclamam a atitude da ciência, apesar de nem sempre encontrar soluções em métodos obsoletos. O conhecimento científico não é superior ao conhecimento do homem comum, do cotidiano. Quando todos se encontram na mesma condição sub-humana, o conhecimento hegemônico se torna insuficiente para resolver os problemas que surgem. Destarte, se torna relevante, também, tocar no aspecto que diz respeito ao conflito existente entre o conhecimento científico positivista, que está na base do pensamento progressista que permeia quase todo o século XX e as teorias sociais que buscam quebrar com estes paradigmas. O espaço, como categoria de análise, será trazido pela perspectiva do geógrafo humanista Yi-Fu Tuan (2013). Aliar-se-á a esta análise os estudos de Polak (1989; 1992) e Hall (2000), primordiais para percebermos como memória e identidade são construídas social e culturalmente. Tendo em vistas que a discussão tem como base as consequências da pós-modernidade no comportamento humano, pensa-se que o texto de Saramago se torna relevante para percebermos a degradação da dignidade humana ainda pelos antigos modelos colonialistas.

Palavras-chave: Saramago; Fantástico; Memória; Espaço; Identidade.

A SOCIEDADE DO ESPETÁCULO NO CONTO O HOMEM QUE ADIVINHAVA DE ANDRÉ CARNEIRO
Gladson Fabiano de Andrade Sousa (UFMA)

Resumo: O gênero de ficção científica é considerado por muitos críticos literários apenas um produto da Indústria Cultural, pelo seu grande apelo ao consumismo. Tal gênero goza de grande desprestígio em relação aos estudos acadêmicos, e ao que tange às produções literárias brasileiras, o desprestígio é duplo. No intuito de elucidar à comunidade acadêmica a importância deste gênero para a literatura nacional, este trabalho visa analisar o conto *O Homem que adivinhava* do escritor brasileiro André Carneiro, contido no livro homônimo publicado em 1966. O conto centra-se na trajetória do personagem, que se descobre detentor do dom de prever o futuro. Em seu curso as engrenagens do lucro e da publicidade se apoderam de suas habilidades sobrenaturais com intenções de mercado, manipulando-as através da espetacularização e criação de necessidades constantes no público. A lógica capital choca-se com a integridade da personagem principal, que é posta em cheque no decorrer do conto. O protagonista se depara com a criação de uma imagem de

si mesmo diante dos espetáculos constantes, até notar que “tudo o que era vivido diretamente tornou-se representação” (DEBORD, 1997). Para esta análise, serão utilizadas as obras *Sociedade do espetáculo* (1997) do francês Guy Debord, assim como os postulados críticos de Adorno e Horkheimer presente na obra *Dialético do esclarecimento* (2006) no tocante à crítica a Indústria Cultural e alienação do indivíduo nas sociedades modernas. Palavras-chave: André Carneiro. Ficção científica brasileira. Sociedade do espetáculo. Desumanização. Indústria Cultural.

Palavras-chave: André Carneiro; Sociedade do Espetáculo; Ficção Científica

30 - FICÇÃO CONTEMPORÂNEA E O JOGO DO TEXTO: DESLEITURAS

Coordenação: Juliana Cristina Salvadori (UNEB); José Carlos Felix (UNEB); Ana Maria César Pompeu (UFC)

Resumo: Compreendemos a leitura como atuação crítica e criativa - afinal, ler, é eleger e pôr em circulação certas narrativas, estruturas, autores, línguas e, também, produtos. Essa concepção da leitura como reescrita crítica e criativa, intrinsecamente interlocutória, é o que fundamenta este projeto e o grupo de pesquisa Desleituras em série, que “pretende, como o título implica, repensar o ato da leitura a partir de outras perspectivas, encarando-a como prática transgressora e desviante: desler o texto é também mediá-lo para outros públicos, e, nessa perspectiva, os outros textos /textos outros - como as adaptações e as traduções (textos outros/dos outros, por excelência) sejam estas multimodais, intersemióticas, interlinguísticas - desempenham papel/tarefa fundamental: desleem os textos a partir de outras linguagens, culturas, línguas.” O conceito de desleitura é desenhado por Bloom em sua obra *Angústia da influência* (1991) e posteriormente expandido em *Um mapa da desleitura* (1995) e a compreendemos como estratégia de resistência cultural, antídoto contra a angústia da influência, interpretada em uma chave pós-colonial: a desleitura põe em xeque a questão de uma estética do novo, do original e nos permite repensar nossas experiências excêntricas compartilhadas – mesmo que pontualmente diferentes – e lidar com a consequente angústia de estar “atrasados” – temporal e espacialmente excêntricos. Bloom, em *A angústia da influência* (1991), reconceitualiza influência a partir de uma virada no campo da literatura comparada – como uma desleitura, desviante e criativa, e é a partir da desleitura do conceito de Bloom que propomos este simpósio: dialogar com as desleituras contemporâneas e pós-coloniais que ampliam e põe em xeque o próprio conceito de literatura ao questionar obra, autor e leitor. Do mesmo modo, Umberto Eco, em seu livro *Obra Aberta* (1968), reflete acerca desse fenômeno ao examinar, na sociedade contemporânea, desde as “estruturas que se movem até aquelas em que nós nos movemos”, e cuja consequência mais sintomática é uma pleora de “formas que apelam à mobilidade das perspectivas”. A partir disso, pode-se entender que a revolução tecnológica transformou profundamente o modo pelo qual os sujeitos se inscrevem no mundo. Enquanto a modernidade erigiu as bases de uma tradição literária estreitamente pautada no domínio da escrita, afastando-se assim de uma tradição de narrativa oral de séculos, a sociedade e a cultura contemporânea são marcadas por uma tônica que confere à literatura contemporânea uma gama de possibilidades, particularmente mediada pelo ambiente hipermediático. Destarte, a produção literária, em constante diálogo com o cinema, a música, os quadrinhos e a internet, engendra um campo interdisciplinar que, ao ganhar legitimidade na atualidade, opera como um poderoso meio aberto a todas as formas e sujeitos outrora não inseridos em uma tradição literária canônica. Nessa perspectiva, o espaço do texto, ou melhor, da textualidade – sempre a se fazer no gesto – é o espaço da devoração e da emergência da diferença, do Outro – texto, leitor, língua, identidade, cultura. Nesta proposta de trabalho, enfocaremos as traduções e adaptações da ficção moderna e contemporânea. O objetivo geral é o de compreender o impacto da reescrita e consequente formação de um cânone doméstico, brasileiro, de certos autores e gêneros, nas práticas de leitura e consumo do público brasileiro contemporâneo, compreendendo seu impacto no horizonte de expectativas de uma geração de leitores e autores que opera com gêneros textuais que se estruturam em uma lógica de rede e interconexão diversa - hipermodal - e tem na adaptação, compreendida como uma das dimensões da tradução, sua operação hermenêutica de base. Neste

simpósio acolhemos propostas que se propõe refletir como as textualidades contemporâneas encampadas pela etiqueta de ficção (produzidas, circuladas e recebidas a partir de outros suportes/materialidades, particularmente mediados pelas novas tecnologias, línguas, gêneros) têm posto em xeque o sistema literário e seus elementos (autor, leitor e obra). O objetivo é compreender as práticas de leitura/escrita que estas textualidades fomentam – e nestas pensamos particularmente naqueles atos de (des)leitura e (des)escrita que a contemporaneidade permite e mesmo fomenta – ressignificando o lugar da ficção na contemporaneidade. Neste sentido, a leitura e a escrita são pensadas como desleitura na acepção de Bloom (1991; 1995), apropriação desviante do texto do outro – texto escrevível, a ser lido sempre na perspectiva de uma abordagem comparada, ou seja, em diálogo com outros textos. Esta proposta parte dos conceitos de desleitura e desescrita, cunhados por Bloom (1991; 1995), de textualidade (DERRIDA, 2008) e de textos escrevíveis (BARTHES, 1987; 2004), isto é, a partir de uma nova concepção de texto/textualidade.

REFERÊNCIAS:

- BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. Tradução de Mário Laranjeira. Prefácio de Leyla Perrone-Moisés. [São Paulo: Brasiliense, 1988](#).
- BARTHES, Roland. “A morte do autor”. In: *O Rumor da Língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BLOOM, Harold. *Um mapa da desleitura*. Trad. Thélma Médici Nóbrega. Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- _____. *A angústia da influência*. Trad. Arthur Nestrovski. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- CARVALHAL, Tânia Franco. *Literatura comparada*. 4.ed. rev. e ampliada. São Paulo: Ática, 2006 (Princípios; 58)
- DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. 4. ed. rev. e atual. São Paulo: Perspectiva, 2011....
- ECO, U. “Entrando no bosque”. In: *Seis passeios pelo bosque da ficção*. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.
- ECO, U. “Bosques possíveis”. In: *Seis passeios pelo bosque da ficção*. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.
- ECO, Humberto. *Obra Aberta*. São Paulo, Editora Perspectiva, 1968.

31 de julho
8h30

GEORGES BATAILLE E A TRANSCRIÇÃO DO EROTISMO EM ERO-GURO DE SUEHIRO MARUO
José Carlos Félix (UNEB)

Resumo: Em *História do olho* (1928), George Bataille explora, por meio de uma narrativa brutal, dilacerante e, sobretudo, gráfica, as formas mais inauditas de erotismo e transgressão, inscrevendo-se na esteira de escritores como Sade, Lautréamont e Rimbaud aquilo que Foucault (2009) assinalou como uma forma de pensamento pautada na linguagem da sexualidade; uma literatura do gozo que, por sua vez, transpõe e implode os limites do discurso normativo da sexualidade. Do mesmo modo, Suehiro Maruo, um dos principais ícones do mangá underground japonês contemporâneo, retoma temas recorrentes do universo de Bataille como morte, experiências do excesso, horror, recriando por meio de narrativa imagética e textual uma estética erótico-grotesca. Diante do exposto, e com base na concepção da leitura como reescrita crítica e criativa, intrinsecamente interlocutória, na qual Bloom compreende o ato de leitura como prática transgressora e desviante, no presente trabalho, pretendemos examinar as estratégias de reelaboração e recriação empregadas por Suehiro Maruo no mangá *Ero-guro* (2005), que caracterizam o complexo e imbricado conjunto de procedimentos formais de tradução ato de desleitura entre *História do olho* e *Erro-guro*. Para isso,

selecionamos algumas cenas dos livros de Bataille e de Suehiro Maruo, em particular a narrativa Receita para uma sopa de merda, para analisar as interseções que as coadunam, a exemplo dos temas recorrentes em ambas as obras. Por fim, destacaremos como, no bojo do processo tradutório filiado a uma noção de que o ato de desleitura põe em xeque a questão de uma estética do novo, as noções de linguagem da sexualidade e literatura do gozo de Bataille, convertendo-se na estética imagética do erótico-grotesco de Suehiro Maruo.

Palavras-chave: Erotismo; Transcrição; História do Olho; EroGuro

O SILENCIOSO NARRADOR DE ANACRUSA, DE RICARDO DAUNT

Sérgio Linard Neiva Pimenta (UFRN)

Resumo: O silêncio é reconhecido como um signo que guarda em si múltiplos significados, podendo ser construído no texto literário mediante a ausência da palavra, o cerceamento da voz de personagens, a ocultação de pensamentos e atitudes por parte do narrador, a utilização de expressões que remetam a este campo semântico e, ainda, no texto contemporâneo, por meio de modificações tipográficas. Essas materializações possibilitam a análise deste signo que, de acordo com Barthes (2003), é reproduzido para não ser signo, mas rapidamente recuperado como tal. Diante dessas perspectivas, objetivamos, com este trabalho, apresentar como o signo do silêncio é representado na criação do narrador em Anacrusa (2004), de Ricardo Daunt. A análise tem como principais bases teóricas as proposições de Barthes (2003), Holanda (1992), Orlandi (2002) e Homem (2011) sobre o silêncio; Adorno (2006) sobre o narrador contemporâneo; e Candido (2017) sobre a personagem do romance. O estudo do texto literário de Ricardo Daunt possibilitou-nos conclusões acerca da identidade do narrador contemporâneo. Percebemos que ele não mais se comporta como um simples contador de histórias, recorrendo, dentre outros meios expressivos, ao silêncio para exercer o seu poder sobre a condução da narrativa. O narrador, em Anacrusa, retira a voz das personagens quando a fala delas pode prejudicá-lo, o que revela o silêncio como instrumento de opressão. Ademais, este mesmo narrador cria espaçamentos maiores entre um parágrafo e outro, o que apresenta um grande recorte na história das personagens, narrando somente os trechos que lhes sejam pertinentes para a visão própria que ele, o narrador, pretende criar diante do leitor

Palavras-chave: Silêncio; Narrador; Daunt; Romance contemporâneo.

APELO, EXPERIÊNCIA E DILEMAS DA CRÍTICA LITERÁRIA EM VLOG: UMA LEITURA DO CANAL LER ANTES DE MORRER DA ISABELLA LUBRANO

Andréa Paula Oliveira de Carvalho (UNEB)

Resumo: A crítica literária contemporânea assinala que um dos impasses na formulação do conceito sobre literatura contemporânea advém justamente da pluralidade que caracteriza a produção literária hodierna, marcada por estruturas disformes e complexas tanto na prosa (romances) quanto na poesia. Tal indecidibilidade, para usar um termo derridiano, pode ser pensada como um dos sintomas de constante de renovação formal/temático e teórico/analítico, configuradores seja da produção literária contemporânea ou mesmo da crítica que instaura essa última, apontando para uma dimensão do invisível, ou mesmo do escuro, como bem observa Agamben. Nesse sentido, compreender a problemática da dilatação dos limites do acontecimento literário requerer, sobretudo, também refletir acerca do próprio status quo da crítica literária contemporânea. Contudo, a própria época lança suas alternativas de procedimentos de leitura: o advento do fenômeno dos vlogs parecem encarnar uma forma de processo de mediação entre os textos e seus respectivos leitores, que, contrário os procedimentos convencionais da crítica literária institucional, prefere abrir mão do emprego de métodos e procedimentos interpretativos de base teórica/metodológica, recuperando uma forma de crítica impressionista mais próxima da experiência leitor não especializado. É a partir de essa premissa que essa comunicação pretende examinar o fenômeno dos Vlogs, mais especificamente o canal Ler Antes de Morrer da jornalista Isabella Lubrano, a fim de examinar quais discursos autorrefentes de leitura da vida e de mundo são conjugados a partir da experiência de leitura e de crítica literária, as quais aos poucos têm ganhando

forma e conteúdo fora do ambiente acadêmico, bem como também sentido e consistência entorno do eu, porém, não de qualquer eu, mas do eu leitor exímio constituído pela própria experiência com os livros, com outros leitores e com os produtos gerados pelo próprio vlogueiro.

Palavras-chave: Crítica literária; Literatura contemporânea; Vlogs

31 de julho

14h30

OSSUARIES: UM ÉPICO DECOLONIAL

Lourdes Silva Modesto Alves (UFBA)

Resumo: O trabalho referente a este resumo se debruçará sobre a leitura do livro *Ossuaries* (2010) de Dionne Brand, autora caribenha-canadense, propondo que a especificidade narrativa desta obra pode ser considerada uma proposta de épico decolonial. Tendo isto em vista, o trabalho circulará em torno das questões da literatura e cultura caribenha e suas idiossincrasias trazidas ao texto com as referências ao trabalho de Antonio Benítez-Rojo (1992) e Édouard Glissant (1999; 2005) o trabalho de María Lugones a respeito da decolonização e, por fim, o trabalho teórico da própria autora Dionne Brand (1998; 2001). Considerando o conceito de escrevivência de Conceição Evaristo (2012) e que na vida das mulheres negras, a poesia é tanto introspecção como contribuição teórica (SMITH, 2015), a leitura da obra de Brand como um todo é central na proposta de ler *Ossuaries*.

Palavras-chave: Dionne Brand; *Ossuaries*; Decolonialismo; Épica.

WIDE SARGASSO SEA: UMA DESLEITURA CONTEMPORÂNEA DO FEMININO COLONIAL PRESENTE EM JANE EYRE

Jailda Passos Alves (UNEB)

Resumo: Essa proposta de trabalho traremos para o centro de discussão o conceito de desleitura, na acepção de Bloom (1991; 1995), como apropriação desviante do texto do outro, que, nesse contexto, opera por um viés de resistência cultural, assim como os estudos pós-coloniais e seus representantes, tais como Bhabha (1998), Retamar (1971), Spivak (1985) e Said (2011). Esses estudos têm contribuído para uma reflexão acerca do papel que a literatura e seus produtos desempenham na disseminação de ideologias como justificativas do processo de colonização. Para esse trabalho, concentramo-nos em uma leitura comparativa do romance *Wide Sargasso Sea* (2012), da escritora antilhana Jean Rhys, que deslê a partir de uma chave pós-colonial o romance *Jane Eyre* (2010), da escritora inglesa Charlotte Brontë que reproduz um discurso europeu etnocêntrico, bem como a sua adaptação cinematográfica homônima ao romance, lançada no ano de 2011, dirigida por Cary Fukunaga, com o intuito de verificar como tais questões estão postas nessa mídia. *Jane Eyre*, escrito no século XIX, durante a Era Vitoriana, é narrada pela personagem que dá nome a obra. Por tratar-se de um romance de formação, podemos acompanhá-la (assim como na sua adaptação cinematográfica de 2011) desde a infância até a fase adulta em seu percurso de crescimento e amadurecimento: Gateshead Hall, Lowood e Thronfield Hall. Essa última trata-se fase em que *Jane Eyre* passa a trabalhar para Edward Fairfax Rochester, quem, além de patrão e amigo, se tornaria seu marido; Bertha é conhecida como a “louca do sótão”, ocupando um lugar marginal na história. *Wide Sargasso Sea* (2012), por sua vez, refere-se a um romance de (de)formação. Embora possamos acompanhar o percurso de crescimento e amadurecimento da personagem Antoinette (em *Jane Eyre*, Bertha) e seu poder narrativo em grande parte do romance, acompanhamos também o momento em que esse direito lhe é tomado por Rochester que, apoderando-se da narrativa, inicia o processo de apagamento identitário, em caráter desumanizador. Desse modo, tem-se como ponto central de discussão o silenciamento, o apagamento étnico-racial e da identidade da personagem feminina, assim como a posição de subalterna da personagem no romance *Jane Eyre*, contraposta pela desleitura de Bertha/Antoinette em *Wide Sargasso Sea*, sob a ótica pós-colonialista. Pôde-se também, dar-se um enfoque ao olhar do subalterno/colonizado, em meio às questões de gênero, uma vez que essa posição é ocupada por uma mulher, a situação torna-se ainda mais complexa,

dado que ocorre uma subalternização dupla, primeiro por questões culturais e segundo pela questão de gênero.

Palavras-chave: Desleitura; Wide Sargasso Sea; Jane Eyre.

DESLENDO O MUNDO SE DESPEDAÇA: ACHEBE E A NÃO RESPOSTA A CONRAD

Ilauanna Teles Silva (UNEB)

Resumo: Um dos legados dos estudos pós-coloniais caracterizou-se pela noção de que a produção literária dos países africanos após o período colonial fosse compreendida como uma expressão de resgate de representação mais genuína de um universo social, histórico, linguístico e cultural não mais mediada por uma estética eurocêntrica. A partir dessa premissa, a presente comunicação pretende examinar o romance *O mundo se despedaça* (Things fall apart, 1958) de Chinua Achebe, como uma leitura desviante da representação do sujeito africano do romance de Joseph Conrad, *O coração das trevas* (Heart of darkness, 1977). A hipótese de leitura a ser investigada centra-se no argumento de que, embora o romance de Achebe insista em se inscrever em uma matriz literária mais africana que européia, no que tange sua estrutura diegética, ele não se distancia de uma tradição literária ocidental de representação realista pela literatura. Em sentido oposto, observamos que é justamente sobre a impossibilidade de representação do sujeito que se circunscreve o tema central do romance de Conrad. Para tanto, partiremos de um estudo bibliográfico, exploratório e analítico, tomando como embasamento teórico os postulados de Compagnon (1999) acerca do caráter mimético ou anti-mimético da literatura, relacionando-a com discussões de Tolstoi (1898) e Goodman (1977), que abordam a finalidade e as possibilidades da expressão literária.

Palavras-chave: Representação; Literatura; Arte; Romance Africano.

DIÁLOGOS E TRANSFORMAÇÕES: UMA ANÁLISE DA IDENTIDADE IRLANDESA CONTEMPORÂNEA NO CONTO THE STOLEN CHILD DE COLUM MCCAN

Patricia de Aquino Prudente (USP)

Resumo: O aclamado escritor irlandês contemporâneo Colum McCann em seu conto *The Stolen Child* do livro *Fishing the Slow-Black River* (1999) nos conta a história do personagem Padraic Keegan, um irlandês vindo da província de Leinster para morar no Brooklyn em Nova Iorque para trabalhar como assistente social em um abrigo de crianças abandonadas. Nesse abrigo, Padraic conhece Dana, uma jovem de 16 anos, cega, e negra. Ao conhecê-la, Padraic lhe conta que o seu nome é o mesmo de uma deusa irlandesa, a deusa Dana, líder e criadora da tribo mitológica dos Tuatha de Danann e mãe da deusa Ériu, a qual deu o nome à Irlanda. A amizade entre os dois personagens se estabelece a partir da contação de histórias da mitologia irlandesa e toca em temas sensíveis da identidade irlandesa contemporânea como a imigração, deficiências, infância, abandono, e racismo. Daniel-Henri Pageaux (2001) no livro *Musas na Encruzilhada – Ensaio de Literatura Comparada*, afirma que o objetivo da literatura comparada não é o de comparar, mas o de estabelecer relações, estudar trocas e pensar o diálogo entre literaturas e culturas. Para um diálogo fecundo, no entanto, o autor ressalta que é necessário que a divergência seja mantida, pois o ato de conciliação da diferença é uma negociação e, acima de tudo, um exercício democrático. Superar a diferença binária é na visão de Pageaux uma demanda contemporânea, como assinalada por pensadores como Kristeva e Said. Para tal, o comparatista deve mergulhar na natureza da diferença, explicitá-la e compreendê-la, sem jamais erradicá-la. Finalmente, Pageaux sugere que a reflexão do comparatista demanda inovação e renovação, não rupturas. O autor recupera o pensamento de Alejo Carpentier e mostra que a tradição não está no passado, mas na reinvenção e reformulação do presente. Para Pageaux, o comparatista tem a função de produzir transitividade, ou seja, o diálogo, onde não há. Sob a luz da teoria de Pageaux apresentada acima, discutiremos nessa comunicação como a comparação dos textos e personagens mitológicos mencionados no conto de McCann produzem um diálogo transformador que reinventa aspectos da identidade irlandesa contemporânea.

Palavras-chave: identidade; mitologia; conto; Irlanda

A CONSTRUÇÃO DE HEATHCLIFF, DE WUTHERING HEIGHTS, COMO UM PROTÓTIPO DE HERÓI BYRÔNICO: DO LIVRO À TELA

Suzane Gomes da Cunha (UFC)

Resumo: *Wuthering Heights*, de Emily Brontë, é um livro intenso e bem escrito que apresenta Heathcliff, um protótipo de herói Byrônico. Segundo Abram (1974), o herói Byrônico – que surgiu na produção de Lord Byron e teve como inspiração *Paraíso Perdido*, de John Milton – é misterioso, soturno, autoconfiante e fiel a quem ama até morrer; e todas estas características são parte da personalidade marcante de Heathcliff. Levando em conta o que Cândido (2014), Forster (1927) e Gomes (2014) dizem sobre personagens literárias, o objetivo desta pesquisa é comparar a construção de Heathcliff no livro de Brontë e a adaptação fílmica de mesmo nome dirigida por Andrea Arnold em 2011. Serão apontadas as diferenças e as similaridades entre a personagem do livro e a personagem do filme, considerando que a força de Heathcliff como personagem está exatamente no aspecto dubio e misterioso de sua personalidade. Cândido (2014) afirma que personagens são criações que se limitam aos recursos que o autor tem ao escrever uma obra. Ele também diz que o autor dá a impressão de conhecer a personagem muito bem – exatamente porque a personagem não é infinita e não transcende o que se sabe sobre ela como uma pessoa real – e esse é o motivo de uma personagem fictícia parecer tão real. Forster (1927) também discorre sobre o tema e explica que uma personagem ‘é real quando o escritor sabe tudo sobre ela’ (pág. 97). Gomes (2014), por sua vez, afirma que a personagem no cinema é criada a partir de palavras. É esse o motivo de haver maior liberdade quanto à personagem cinematográfica, pois ela depende da interpretação dos realizadores – principalmente quando se trata da adaptação de uma obra literária – e dos espectadores. Os realizadores escolhem o ator ou a atriz que interpretará a personagem, além do figurino, maquiagem, posição da personagem no plano e, por fim, se a personagem conduzirá a narração através da narração em voice over ou se a câmera sempre acompanhará uma só personagem ou se acompanhará mais de uma. Além disso, a personagem cinematográfica está ligada ao ator ou à atriz que lhe dá vida. Tudo isso, porque o cinema é uma produção coletiva. Os resultados desta pesquisa demonstram que a grande maioria das características da personalidade de Heathcliff foram mantidas na adaptação de Arnold. Isso aconteceu, porque os realizadores da adaptação fílmica decidiram que manter as características de Heathcliff seria a melhor escolha para o contexto de produção.

Palavras-chave: Literatura; Cinema; Personagem

1 de agosto

8h30

TRADUÇÕES DE ARISTÓFANES DESLENDO EURÍPIDES

Ana Maria César Pompeu (UFC)

Resumo: Eurípides está presente em toda a obra aristofânica, mesmo quando de forma muito sutil. Em três peças, no entanto, o tragediógrafo se torna personagem na comédia de Aristófanes: *Acarnenses*, *Tesmoforiantes* e *Rãs*. Em *Acarnenses*, Aristófanes se servirá do Télefo de Eurípides para se defender como poeta cômico e como protagonista. O Télefo de Aristófanes quebra a ilusão dramática e o páthos de que a tragédia depende, pois, enquanto o Télefo de Eurípides não se disfarça no palco, mas parece entrar disfarçado, de acordo com Foley (1988), o espectador de Aristófanes vê Diceópolis vestir os trapos de Télefo e começar a se comportar como um mendigo; já na cena de aquisição dos acessórios do disfarce, pelo exagero do detalhe e da atuação de Diceópolis torna-se demasiadamente realístico e não trágico. Também por expor o mecanismo do *ekkyklema* (408), no momento em que Diceópolis chama Eurípides para fora de casa, pode sugerir que a comédia desmascara o gênero sério, mostrando os bastidores do teatro trágico, mas acrescentando o mesmo mecanismo a sua própria ilusão cômica. Tal modelo será retomado em *Tesmoforiantes*, na necessidade de um novo disfarce, o feminino. É o próprio Eurípides que, dessa vez, precisa de um

disfarce e um discurso eficientes para se defender e evitar a morte. As mulheres que celebram as Tesmofórias, naquele ano, decidirão o destino do poeta inimigo do gênero feminino. E o poeta, como não poderia deixar de ser, já tem um plano que tenta colocar em prática. Como Diceópolis, que foi à casa de Eurípides pedir emprestado os trajes de Télefo, disfarçado de mendigo, embora fosse um rei, o tragediógrafo vai à casa de Agatão, também poeta trágico, mas efeminado, pois veste-se de mulher, com a desculpa de que faz um drama feminino. Eurípides procura Agatão para que entre no Tesmofórion, templo interdito aos homens, e fale, se preciso for, em sua defesa diante das mulheres. Novamente quando a tragédia está no Hades, e a cidade precisa de uma salvação, o deus Dioniso se travestirá de Hércules para resgatar Eurípides, que, embora substituído por Ésquilo, será a motivação do resgate da tragédia no mundo dos mortos, em Rãs. Outra vez um disfarce da tragédia de Eurípides será utilizado, Hércules. É através dele, movido pelo desejo de Eurípides, que Dioniso irá ao Hades resgatar o tragediógrafo. O disfarce é o do herói mais corajoso de todos, que irá ao Hades trazer o cão Cérbero para o rei Euristeu. Apresentaremos nesta comunicação algumas técnicas de tradução para o português brasileiro da comédia de Aristófanes ao desler Eurípides, quando o comediógrafo faz sua crítica e assimila os artifícios da tragédia de Eurípides, exagerando-os para quebrar a ilusão dramática e o páthos trágico, no estabelecimento dos limites de sua própria comédia. Fundamentaremos nosso trabalho nos estudos de Bowie (1993), Strauss (1993), Foley (1988), Bloom (1991; 1995), entre outros.

Palavras-chave: Aristófanes; Eurípides; desleitura; tradução

LITERATURA CLÁSSICA E (DES)LEITURAS MODERNAS DOS ANTIGOS

Liebert de Abreu Muniz (UFERSA)

Resumo: A abordagem predominante aplicada a obras da literatura clássica é aquela que pressupõe que texto é uma instância segura para leitura e análise. Pouca ênfase é dada a aspectos que ultrapassam os limites do texto. Levar em conta tais aspectos é, em grande medida, problematizar as leituras seguras, criar inquietações à própria prática da leitura da antiguidade clássica, reconhecer caminhos menos convencionais, é, em síntese, propor desleitura. Desse modo, revestem-se de importância discussões, no âmbito da literatura clássica, como as de Enrica Sciarrino (2014) que reconhecem traços de uma espécie de hiper-realidade presente nos textos clássicos; explicando melhor, instâncias típicas das experiências sensoriais, emocionais, afetivas, físicas e cinéticas – retomando uma questão antiga da relação entre poesia e outras artes, presente, por exemplo, em Simônides de Ceo (ca. V-IV séc. a.C.) que chama a pintura de poesia silenciosa, e a poesia de pintura que fala; questão ecoada na expressão "ut pictura poesis" da Arte Poética de Horácio, v. 361 –, dialogam intensamente com a constituição mesma do texto e, digamos, com o próprio ato criativo da leitura. Igualmente revestem-se de importância as discussões de Angelos Chaniotis (1997) sobre a noção de "theatricality" ou teatralidade, desenvolvida por ele, noção esta essencialmente pragmática, ou seja, que reconhece as estreitas relações entre a linguagem e a instituição do teatro (cf. DUCROT, 1972, p. 4 e 49). Nesse sentido, o teatro é entendido como uma metáfora, ou seja, ele pode ser trasladado para outros espaços, para a vida cotidiana, pública, política. O aspecto fundamental que se aúfere dessas discussões diz respeito à aplicação do teatro como um parâmetro ao mesmo tempo legítimo para o entendimento da linguagem e transgressor para as práticas de leitura. Em situações de comunicação, as lideranças helenísticas utilizavam recursos teatrais para construir suas próprias imagens e induzir seu público a determinado objetivo; o público espectador era tomado por um misto de sentimentos, de admiração, espanto ou mesmo pavor; nesse sentido, comunicar assemelha-se a uma performance. Em certa medida, os textos (os da literatura clássica, em nosso caso) podem ser entendidos ou, melhor dizendo, relidos por certa teatralidade. Estritamente falando, nossa proposta pretende discutir o modo como textos da literatura clássica, de "interpretação" aparentemente segura, podem ser problematizados, deslidos por abordagens menos convencionais. Como exemplo, discutiremos como a leitura do livro 4 das Geórgicas de Virgílio pode ser problematizada, desestabilizada por uma abordagem menos convencional. O poema em si, historicamente, permite diferentes leituras. Nosso propósito, no entanto, é propor, à

luz das propostas citadas, uma desleitura da leitura mais aplicada ao poema, a saber, a de que se trata de uma obra de teor didático, um tratado do campo concebido para instruir agricultores.

Palavras-chave: Literatura Clássica; Teatralidade; Desleitura

A OBRA DE: CÂNONE, DIÁSPORA E A QUESTÃO DO NOME NA ODISSÉIA VÁCUO DE RENATO NEGRÃO
Miguel de Ávila Duarte (UFMG)

Resumo: No poema-livro *Odisseia Vácuo*, do poeta contemporâneo belorizontino Renato Negrão, a desleitura como estratégia de escrita se apresenta pela via da apropriação e do recorte de um texto alheio. Com dicção veemente não-literária, temos ali a narrativa grandeloquente de uma sequência de grandes autores e obras, cujos nomes são, no entanto, sistematicamente suprimidos, como em uma versão absurdamente literal da proposta de Wolfflin de um história da arte sem nomes próprios. Evocando, no seu título, a obra metacanônica de Homero e, na mancha gráfica, uma das obras fundadoras da poética do séc. XX – *Un coup de dés* de Stéphane Mallarmé – o poema retoma o cânone enquanto pura forma narrativa, subvertendo o seu papel de quadro de honras. Insere, por fim, o vácuo, reservado normalmente às zonas de silêncio, no lugar central reservado ao autores e obras. Nosso argumento é que se trata da apropriação do que Kenneth Goldsmith denomina Poesia Conceitual e Escrita Não-Criativa como estratégia cultural pós-colonial, tal como compreendida pela teoria do entrelugar proposta por Silviano Santiago. Pois o silenciamento do nome, do próprio, do específico, que resulta em uma narrativa vaga e genérica, é exatamente a condição imposta aos que, como o autor, são descendentes da diáspora negra resultante de séculos de escravidão transatlântico. A questão da identidade, que na corrente principal da literatura negra brasileira costuma se traduzir na pesquisa da(s) negritude(s), se apresenta aqui, a contrapelo, como uma indagação da branquitude ostensiva, porém subentendida, dos quadros canônicos.

Palavras-chave: Poesia conceitual; Cânone; Diáspora

DA TRADUÇÃO COMO REESCRITA: ESCRITORAS DE LÍNGUA INGLESA NO SISTEMA LITERÁRIO BRASILEIRO

Juliana Cristina Salvadori (UNEB)

Resumo: O enfoque das traduções de textos literários nesta proposta é um desdobramento da proposta de pesquisa do grupo *Desleitura em Série*, que “pretende, como o título implica, repensar o ato da leitura a partir de outras perspectivas, encarando-a como prática transgressora e desviante: desler o texto é também mediá-lo para outros públicos, e, nessa perspectiva, os outros textos /textos outros - como as adaptações e as traduções (textos outros/dos outros, por excelência) sejam estas multimodais, intersemióticas, interlinguísticas - desempenham papel/tarefa fundamental: desleem os textos a partir de outras linguagens, culturas, línguas”. A relevância deste projeto se encontra no fato de pensar sobre a produção e circulação de objetos culturais /narrativas na contemporaneidade, procurando compreender como textos de língua estrangeira tem impactado o sistema literário brasileiro – a partir do conceito de reescritor e reescrita – propondo-se a mapear e compreender manifestações específicas de reescrita, no caso traduções de textos literários de autoras de língua inglesa, contemporâneas, com enfoque nas suas obras de ficção. Venuti (2004), em seu texto referência *A invisibilidade do tradutor* (*The translator's invisibility*), chama atenção para o fato de que a tradução, e o tradutor, são julgados a partir da legibilidade do texto apresentado e esta legibilidade implica que o texto traduzido precisa parecer o original e não uma tradução, isto é, precisa apresentar fluência jogando o jogo do como se: como se tivesse sido escrito naquela língua. Logo, a boa tradução, nesta perspectiva, é vista como moldura transparente que, enquanto invisibiliza o tradutor e sua intervenção, põe em evidência o texto estrangeiro e seu autor. O que se esconde por trás dessa invisibilização, contudo, argumenta o autor, é de fato o trabalho do tradutor para atender os critérios impostos de legibilidade a partir do critério da fluência. A segunda questão que o autor levanta é a da questão da autoria e o status ambíguo do tradutor, tanto enunciativa quanto legalmente, no que tange ao texto traduzido e o original. A este apagamento, o autor propõe uma história da tradução, subtítulo de seu livro, uma história cultural que não esconde

sua pauta política, de modo a perceber a tradução como o lócus da diferença e do Outro e não da homogeneidade. Esta defesa do tradutor e da relevância de seu papel em determinada língua e cultura de chegada será retomada em *Os escândalos da tradução* (2002), texto no qual o autor, em seu quarto capítulo, chama a atenção para a capacidade da tradução em formar identidades culturais locais e estrangeiras e estereótipos. Esta capacidade de influência é também levantada por Levefere (2007) que nos chama atenção para o fato de que as traduções, por ele concebidas como reescritas, dominam a cena e as práticas de leitura contemporâneas, particularmente dos leitores não-profissionais, isto é, dos leitores comuns, salientando seu impacto visto que “[n]o passado, assim como no presente, reescretores criaram imagens de um escritor, de uma obra, de um período, de um gênero e, às vezes, de toda uma literatura” (p. 18). O alcance das traduções, suas condições de produção e circulação, e impacto é objeto de estudo ainda negligenciado, segundo o autor (2007), com o qual concordamos. Considerando, portanto, o alcance das traduções, seu impacto na formação de identidades culturais e na formação de cânones domésticos de autores estrangeiros (“imagens de um escritor, obra, de um período, de um gênero”) e, logo, seu impacto e papel em determinado sistema literário, ainda não abordado no caso brasileiro de modo sistematizado, justificamos este trabalho pela sua contribuição, em primeiro lugar 1. à área de literatura comparada, visto que a abordagem comparatista a partir de textos traduzidos pode nos fazer compreender melhor as pautas locais – econômicas, políticas, culturais – que marcam as escolhas tradutórias no nosso sistema literário; 2. aos estudos da tradução que tem se consolidado no Brasil desde os anos 2000 e, com sua abordagem interdisciplinar, tem ressignificado as áreas de conhecimento; 3. Os estudos relativos à história material da leitura e do livro. Ademais, é preciso considerar este trabalho se pauta pela construção de uma historiografia da tradução de escritoras de língua inglesa, no bojo da história social das mulheres e de sua representatividade na produção na contemporaneidade. Dalcastagné (2005) em *A personagem do romance brasileiro*, informa os resultados de pesquisa quanto ao levantamento a respeito da escrita de mulheres e das narrativas com personagens mulheres na literatura contemporânea brasileira de 1990 a 2004, pautando nas publicações de três grandes editoras brasileiras (Record, Rocco e Companhia das Letras). Seus achados, que são agora contrastados com a segunda etapa da pesquisa, em publicação, são indicadores do pouco espaço que a escrita de e sobre mulheres encontra no mercado editorial brasileiro, que privilegia um perfil específico de autor e personagem – homem, branco, hétero, classe média – e põe em questão o papel e o lugar da representação e da representatividade, bem como dos lugares de fala, nas narrativas contemporâneas (p. 14-15). Segundo a autora, este achado aponta para um controle dos discursos e nos mostra quem tem legitimidade para dizer e narrar, o que leva a perda da diversidade no romance brasileiro contemporâneo, sintomático da falta de reconhecimento do Outro e de seu lugar. Este argumento da autora é baseado em Fraser e em sua luta contra injustiça social: para Fraser, essa luta passa pelo reconhecimento das expressões culturais de grupos subalternos. O papel das traduções para confirmar ou reconfigurar essa falta de diversidade e esse apagamento da escrita de e sobre mulheres é de e sobre mulheres é outra das razões que justificam a relevância deste trabalho.

Palavras-chave: Reescrita; Cânone doméstico; Escrita de mulheres

31 - *GENDER STUDIES: A CIRCULAÇÃO, AS TRAMAS E OS SENTIDOS DOS CORPOS NO TEXTO LITERÁRIO*

Coordenação: Cláudia Maria Ceneviva Nigro (UNESP); Flávio Adriano Nantes (UFMS)

Resumo: Pensar que os sentidos empreendidos na cultura para um determinado comportamento estão perpassados pela heteronormalização e heteronormatização implica afirmar que ainda há corpos que não podem circular democraticamente em todos os espaços, sejam eles público ou privado. Esses corpos (aqui tomados como dissidentes) que não se enquadram àquele conjunto de normas, a hétero, são alocados às margens sociais, invisibilizados, silenciados, ou seja, há uma política corpórea empreendida por diversos setores que visa à inexistência de um grupo de pessoas,

mais especificamente o LGBTQIA+ e acrescentamos, também, o corpo da mulher não trans. Jacques Derrida (1995), no ensaio “Paixões” afirmou que a literatura tem o direito de dizer tudo; estamos de acordo com a proposição do filósofo franco-argelino, e acrescentamos: o texto literário pode dizer inclusive a verdade – uma verdade acerca de determinados corpos que, por razões de uma ditadura compulsoriamente heteronormativa no interior de diversas sociedades ao redor do mundo, sofrem assédios, injúrias e às vezes a eliminação letal do corpo. A literatura, nesse sentido, a partir de um projeto est(ético) empreende ao leitor/espectador novos saberes sobre mulheres e a população LGBTQIA+, desterritorializando esses sujeitos da invisibilidade, do anonimato, da inexistência. Esses novos saberes ofertados pela literatura pode dar a conhecer o outro, o diferente, o corpo que não aceitou a imposição social heteronormativa e subverteu a linearidade sexo-gênero-orientação; esse conhecimento sobre o outro gera, ademais, o sentimento outridade. A literatura, embora não tenha nenhuma responsabilidade com a ética, a moral, a religião, os engendramentos do Estado-nação, etc., em muitos caos, se arvora a falar desses sujeitos tratados aqui: o que fazem, como é sua vida, quais são seus desejos, o que esperam da sociedade. O discurso literário, assemelhando-se à função de algumas instituições que visam à proteção das minorias sexuais, coloca esses corpos em evidência, em visibilidade, em debate. Judith Butler (2016) nos faz saber: “Minha perspectiva é de que a vida é certamente mais vivível quando nós não estamos confinadas, enquanto pessoas, a categorias que não funcionam para nós. A tarefa do feminismo, a tarefa da teoria e do ativismo *queer*, a tarefa da teoria e do ativismo trans, é seguramente a de fazer com que respirar seja mais fácil, com que andar pelas ruas seja mais fácil, com que encontrar uma vida vivível seja mais fácil, obter reconhecimento, quando necessitamos tê-lo, uma vida que possamos afirmar com prazer e alegria, mesmo em meio a dificuldades”. A literatura, voltando a Derrida, detém um sem-número de conteúdos à disposição do leitor, e em conluio com alguns organismos do governo ou não, com outras áreas do saber, pode disseminar conhecimentos acerca de vidas dissidentes que estão em condições precárias, sob ameaças, injúrias, assédios. Há sujeitos que vivem na iminência da eliminação letal de seu corpo, estão desprotegidos, não podem vivenciar de maneira aberta o sexo, o gênero, a sexualidade e quando o fazem passam por uma série de sanções, isto é, pagam um preço alto por ser quem são. O discurso literário, de acordo com nosso pensamento, provoca uma espécie de denúncia, evoca esses sujeitos da dissidência a falar, dizer sua história, chorar suas dores, exigir direitos sexuais, igualdade de gênero, se mover de forma democrática nos espaços público e privado. Existe um discurso falacioso de que mulheres e a população LGBTQIA+, ao solicitarem ações e políticas protetivas, estão mais no campo da vitimização que da violência. Há quem diga – sujeitos, máquina governamental, instituições religiosas, etc., etc. – que essa violência já não existe mais, foi extirpada. Sabemos que esse discurso é mentiroso, perigoso e tendencioso, pois se assim não fosse, o Brasil não seria o país que mais mata pessoas trans no mundo e nem estaria em 1º lugar do *ranking* internacional em assassinatos de militantes que lidam com diferentes minorias corpóreas. Convocamos para esse Simpósio pesquisadores que tratem de pensar como esses corpos são apresentados, construídos, postos em movimentação por intermédio da literatura e como o discurso literário pode colocá-los em evidência, eliminando a invisibilidade, a inexistência, a marginalização, e indicando caminhos para que essas vidas deixem de ser dissidentes e passem a ser vivíveis, respiráveis.

REFERÊNCIAS

- ADICHE, Chimamanda. *Sejamos todos feministas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- BUTLER, Judith. “Corpos que ainda importam”. In: COLLING, Leandro. *Dissidências sexuais e de gênero*. Salvador: EDUFBA, 2016, p. 19-42
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- BUTLER, Judith. *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

DERRIDA, Jacques. *Paixões*. Campinas/ SP: Papirus, 1995.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

31 de julho
14h30

O CORPO NEGRO NA CENA GAY AFRO-AMERICANA CONTEMPORÂNEA

Jânderson Albino Coswosk (UERJ)

Resumo: Através de narrativas plásticas e fotográficas, o presente trabalho abordará diferentes apropriações e representações do corpo negro na cena gay da Afro-América contemporânea. Busca-se, na potência das mais diversas linguagens empregadas nos trabalhos da revista estadunidense *The Tenth*, incluindo seus Volumes I (2014) e III (2015), e nos ensaios fotográficos da artista Nona Faustine (1977-), exibir narrativas fora da ótica hegemônica e heteronormativa, que durante muito tempo aprisionaram esses novos modos de ver e narrar o negro homossexual estadunidense na clausura das tensões raciais, presentes nos Estados Unidos desde o século XVI, e de conflitos da ordem da sexualidade, algo ainda a ser superado e dialogado dentro da comunidade negra desse mesmo território.

Palavras-chave: *The Tenth*; Nona Faustine; Afro-América

PERFORMANCES LITERÁRIAS DA TRANSEXUALIDADE NO SÉCULO XX

Marcelo Branquinho Resende (UNESP)

Resumo: A presente comunicação pretende passear pela literatura do século XX de modo a traçar uma arqueologia dos romances cuja temática principal perpassa a construção de uma performance narrativa da transexualidade como conhecida na contemporaneidade em inícios de século XXI. Ao longo do século XX (e ainda no XXI), a transexualidade era/é caracterizada como patologia e doença mental passível de interferência das ciências da psique, percepção herdada da percepção falocrática e positivista das ciências médicas desenvolvidas ao longo dos séculos XVIII e XIX. O desenvolvimento dos estudos culturais no fim do século XX permite leituras desconstrucionistas de obras sob a perspectiva da teoria queer, de forma a contestar leituras cânones a respeito de obras já estabelecidas universalmente como tal. Debruçaremos, portanto, no romance *Orlando* (1928), de Virginia Woolf, que traz um aristocrata do século XVI experimentando sua fluidez de gêneros ao mesmo tempo em que vivencia as transformações da sociedade burguesa da Modernidade. De acordo com as leituras de Bloom (1994) e Paglia (1992), *Orlando* é um romance cuja inconsistência gira em torno do fato do personagem principal ser andrógino, sendo assim, a única forma de ler o romance seria despreendendo-o de uma leitura feminista ou política, que tenha como foco a fluidez de identidades ou a transexualidade de Orlando. O que pretendemos é apresentar outros modos de leitura, tendo como foco a transexualidade, a linguagem e a jouissance do texto. Em meio a outras obras notáveis, nos preocuparemos também com *Orlanda* (1996), de Jacqueline Harpman, cuja protagonista experimenta seu desejo de trocar de corpo com um homem e experimentar novas vivências com sua metade/duplo masculina/o. A partir de uma análise queer da linguagem da autora, pretende-se analisar a jouissance, a intertextualidade com *Orlando* e os significados da obra dentro de seu contexto pós-estruturalista de publicação, bem como os legados de sua polissemia para a contemporaneidade no que diz respeito à formação das identidades de gênero dissidentes. A pesquisa busca, a partir destes dois romances que serviriam como eixos norteadores e representativos de uma literatura "trans" no século XX, analisar, por meio da teoria queer de base desconstrucionista, a linguagem pela qual a transexualidade foi construída, ou performativizada, além do contexto nos quais foram concebidos, de modo a averiguar quais as possíveis contribuições e heranças deixadas para a literatura e a subjetividade transexual no século XXI.

Palavras-chave: transexualidade; teoria queer; desconstrução

DESEJO, IDENTIDADE E ESPACIALIDADE EM JAMES BALDWIN

Paulo Rogério Bezerra (UFG)

Resumo: Propõe-se neste trabalho cartografar o desejo, a identidade, a espacialidade e outros aspectos que estão permeados pela diferença, no romance *Giovanni's Room*, de autoria do afro-americano James Baldwin, publicado em 1956. Na minha proposta de leitura do romance, com a percepção de que a sua narrativa gira em torno da relação do casal de amantes David e Giovanni, discuto o desejo como multiplicidade. No que concerne às questões relacionadas à identidade, as discussões abordam a transgressão, a diáspora e o entre-lugar, recortes que considero significativos com relação à obra e ao autor. Quanto à temática da espacialidade, esta tem, na minha visão, uma configuração periférica, que remete à condição marginal das personagens que nela habitam e circulam. A masculinidade, na obra de Baldwin está ligada, na minha leitura, à ambiguidade sexual. Ressalto que, quanto à masculinidade e à espacialidade, a pesquisa abordará, além de *Giovanni's Room*, os romances *Another Country* e *Just Above My Head*, de autoria de Baldwin. Quanto à espacialidade, o que pretendo nesta pesquisa é discutir a inter-relação desta com o caráter social das personagens. Tanto em *Another Country* quanto em *Just Above My Head*, a narrativa se passa em espaços periféricos, estando, portanto, à margem. Em *Another Country*, a narrativa se passa no Harlem, bairro habitado pelos negros e principalmente no Greenwich Village, onde moram e circulam imigrantes, hippies, negros, gays e artistas obscuros e boêmios. Em *Just Above My Head*, a narrativa, apesar de ser mais diversificada, ocorrendo em várias cidades e em até outros países, concentra-se no Harlem. As personagens masculinas, de Baldwin, nestes dois romances, também são periféricas, marginais, seja por serem negros ou por se relacionarem com outros homens. Ou, ainda, as duas coisas juntas, como acontece com Rufus, em *Another Country* e com Arthur e Crunch, em *Just Above My Head*. Vejo, então, nestas duas obras de Baldwin, uma interligação entre espaço e personagens. Ou seja, o espaço reflete o caráter social, a "alma" da pessoa que nele habita ou circula. Dessa maneira, em ambas as obras, espaço e personagens são periféricos, marginais. Com relação à masculinidade, ou "masculinidades", as personagens Rufus, Eric e Vivaldo, de *Another Country* e Arthur e Crunch, de *Just Above My Head*, são homens viris, másculos e que vivem relacionamentos homoeróticos. A aparência física e o comportamento dessas personagens, seu modo de andar, falar e gesticular também remete a um padrão bastante masculino, não afeminado. Contudo, esta masculinidade não está relacionada à heteronormatividade. Rufus, Vivaldo, Eric, Crunch e Arthur são personagens másculos, viris, que transam e amam mulheres, mas também se envolvem com outros homens, sexualmente, afetivamente. Logo, trata-se de uma masculinidade marcada pela ambiguidade sexual, pelo homoerotismo. Como suporte teórico para as questões pertinentes a essa pesquisa, utilizarei as contribuições de Michel Foucault, Judith Butler, Gilles Deleuze, Félix Guattari, Stuart Hall, Georges Bataille, Homi Bhabha, Gaston Bachelard, Fernando Seffner, entre outros.

Palavras-chave: James Baldwin; Desejo; Identidade; Espacialidade

"THE GARDEN OF EDEN", ERNEST HEMINGWAY E A ANDROGINIA

Raquel Reis Rodrigues (UFRJ)

Resumo: Este trabalho pretende fazer uma análise do romance *"The Garden of Eden"*, do escritor americano Ernest Hemingway e alguns trechos de sua autobiografia *"A Moveable Feast"*, a partir da leitura que Mary V. Dearborn, em sua recém lançada biografia sobre o autor (*"Ernest Hemingway, a biography"*, 2017), desenvolve. Ela direciona a leitura para a obsessão do autor com a androgenia. Em *"A Moveable Feast"*, lançado postumamente em 1964, ele se mostra aficcionado pelo cabelo curto de Hadley Richardson, sua primeira esposa. Hemingway alude a mudança de gênero do corte de cabelo e como isso recaia na relação sexual, caracterizando como prazeres secretos. Em *"The Garden of Eden"*, livro também lançado postumamente, em 1986, o protagonista e sua esposa desejam parecer gêmeos e com isso cortam e pintam o cabelo da mesma maneira, para serem idênticos além do gênero. Nesse romance é narrado o perigoso jogo amoroso do casal ao se apaixonarem pela mesma mulher. Ernest Hemingway trabalhou nesse manuscrito por 15 anos, ao mesmo tempo que escreveu *"The Old man and the sea"*, *"The Dangerous Summer"*, *"A Moveable*

Feast” e “Islands in the Stream”, e representa de fato uma mudança na direção de sua carreira. O escritor que capturou a mente de seus leitores e admirados como herói na Primeira Guerra Mundial, jovem e imaturo escritor na Lost Generation. Nos anos de 1930, com a manutenção do bigode, como símbolo de virilidade, amante de touradas, de safáris na África, e de pescas de marlins gigantes. Reinventa-se mais uma vez como politicamente engajado jornalista na Guerra Civil Espanhola, e finalmente “Papa”, com a grande barba branca residente de Cuba no pós-Guerra, até sua trágica morte, que interrompe, possivelmente, mais uma mudança. É intensão, para uma visão panorâmica, o contraste entre a biografia lançada ano passado com biografias anteriores, considerando o fato daquela ter sido a primeira escrita por uma mulher. Mary V. Dearborn apresenta uma visão particular, que vai de encontro à opiniões mais recorrentes sobre a vida e o trabalho ficcional de Hemingway, principalmente da sua infância e a relação conturbada com a sua mãe, que segundo o escritor, apagou a figura do pai dentro de sua casa, causando neste a depressão. Dearborn já no prefácio acrescenta que “if we were to continue to read Hemingway, we needed to take note of how we read him” (DEARBORN, 2017). O objetivo é começar nas questões de gênero e como elas foram representadas nas obra ficcionais, e a representação da masculinidade do escritor. Ressalvas quanto à edição de “The Garden of Eden” serão apontadas, críticas foram feitas aos cortes realizados pelos editores devido ao tamanho do romance, que poderiam modificar a intensão do escritor.

Palavras-chave: Biografia; Androginia; Hemingway

1 de agosto

14h30

CIDADANIAS SEXUAIS NO MULTICULTURALISMO: UMA LEITURA DE "OUT ON MAIN STREET" (1993) DE SHANI MOOTOO

Thiago Marcel Moyano (USP)

Resumo: Os séculos XX e XXI têm sido palco de grandes transformações no âmbito dos direitos humanos para a comunidade LGBT. Nos EUA, por exemplo, temas como empregabilidade, união civil, casamento, doação de sangue e crimes de ódio são foco de discussão nas mais variadas instituições, as quais são cada vez mais pressionadas a delimitarem posturas e estabelecerem políticas mais inclusivas. Paralelamente, o atual mundo globalizado assiste a um aumento significativo no fluxo de migrações entre países, em especial para o ocidente, destino que se mostra, por uma série de fatores, atraente para minorias das mais variadas nacionalidades. Dentre estas, a comunidade caribenha tem se estabelecido em grandes centros como Londres, Nova Iorque e Toronto, onde tal identidade regional se constitui justamente a partir desta condição de deslocamento que demarca a existência de tais sujeitos (ALLSOP, 2001). Em uma perspectiva interseccional, nota-se ainda que estas capitais têm atraído membros da comunidade LGBT nascidos no arquipélago, não somente em busca de melhores oportunidades financeiras, mas também, e talvez principalmente, em nome da proteção de uma sociedade que se diz melhor preparada para recebê-los (KING, 2014). No entanto, o acesso a direitos à cidadania LGBT se complica em um cenário multicultural, no qual a presença deste “outro” sexual traz à tona conflitos advindos justamente do caráter interseccional destas subjetividades (SABSAY, 2012). Atenta a esta realidade, encontra-se a obra da escritora indocaribenha, Shani Mootoo. Nascida em Dublin, filha de pais caribenhos de origem indiana e criada por sua avó em Trinidad, Mootoo – hoje radicada no Canadá – desenvolve enredos que retratam sujeitos queer em contextos transnacionais. O presente trabalho tem por objetivo analisar o conto que intitula sua primeira coleção de histórias, “Out on Main Street” (1993), no qual uma cena cotidiana de um casal lésbico de imigrantes indocaribenhos na urbe canadense desnuda várias tensões presentes nas dinâmicas destas novas comunidades que hoje também constituem o norte global. Assim, acredito que, em um constante movimento que mescla questões de gênero, raça, classe e sexualidade, a linguagem e a representação desses corpos sejam utilizadas estrategicamente pela autora no processo de resistência destas subjetividades face a um sistema configurado para excluí-las em diferentes níveis. Trabalhos de Avtar Brah, Evelyn

O'Callaghan, Sneja Gunew, Rosamond King, Letícia Sabsay, Sandra Goulart Almeida, entre outras, servirão de aporte teórico para esta investigação.

Palavras-chave: gênero, sexualidade, multiculturalismo

VIOLÊNCIA E TRAUMA NOS CORPOS DE CHIMAMANDA ADICHIE

Cláudia Ceneviva Nigro (UNESP/IBILCE)

Resumo: A escrita literária tem seus procedimentos reconhecidos e reafirmados pelos críticos e leitores que ditam sentidos em enunciados performativos, como disse Austin. Não há na literatura espaço para enunciados constativos, uma vez que não faz sentido verificar a veracidade desses, pois o que é enunciado no texto artístico depende justamente do fato de ser enunciado. A importância de selecionar palavras para os escritores constitui-se no mecanismo com o qual se criam sentidos e desdobram-se em feições e representações distintas de mundos, muitas vezes mais real que a dita realidade. Chimamanda Ngozi Adichie, escritora nigeriana vivendo nos Estados Unidos, conseguiu uma visibilidade enquanto propagadora de concepções feministas. Os enunciados na literatura de Adichie, especialmente no livro de contos intitulado *No seu pescoço*, referem-se a alguma coisa que é realizado na promessa da escrita e cumprida na realização da leitura por seus(suas) milhares de leitores no mundo. O que Adichie tem para contar atinge as populações sexistas do globo. Talvez seja por isso que é tão celebrada e traduzida transnacionalmente. Os contos publicados no Brasil pela Companhia das Letras fazem-se literários à medida que trazem narradores capazes de “referendar”, de alguma maneira, estes enunciados. As(os) narradora(e)s são autora(e)s ou partícipes “reais” de uma sociedade sexista incontestável. Para muitos são apenas narradora(e)s com a impossibilidade de se moldar, apassivar, domesticar ideias e conceitos violentos e traumáticos. Como reinventar o mundo sustentado em problemas políticos, sociais e culturais da Nigéria e dos Estados Unidos com construções lexicais comuns e, ao mesmo tempo, inusitadas? Ao reescrever ironicamente o próprio país a escritora traz para os(as) seus leitores americanos, africanos e de todas as partes, um desafio. As histórias contadas reverberam na sociedade que as lê ou caracterizam-se como falta de respeito, absurdas e ultrapassadas? O objetivo dessa comunicação é trazer algumas questões a serem resolvidas no processo de leitura/escrita de Adichie, relacionadas principalmente ao Gênero. As promessas da escrita feminina são ou não cumpridas na narração? A violência e o trauma relativos ao sexismo estão próximos da realidade ou não? Para realizar o que foi proposto acima utilizaremos, como aporte teórico, o texto do filósofo da linguagem J. Austin intitulado “How to do Things with Words” (1962), para que possamos analisar violências do ato de narrar. Ao narrar os contos, Adichie “referenda” um objeto que, definitivamente, não pode domesticar. Em relação ao gênero, lançaremos mão da professora de literatura comparada da Universidade de Berkeley, Judith Butler.

Palavras-chave: Austin; Butler; Adichie

ENTRE MONTAGEM E DESMONTAGEM: DESESTABILIZANDO IDENTIDADES EM UMA MULHER DIFERENTE, DE CASSANDRA RIOS

Ana Gabriela Pereira (UFBA); Arivaldo Sacramento de Souza (UFBA)

Resumo: Ao longo de uma trajetória que alcançou quase três décadas de intensa produção literária, a escritora paulista Odete Rios ficou conhecida não apenas pelo mais famoso de seus pseudônimos, Cassandra Rios, mas também pelo título de *Papisa do homossexualismo*. O rótulo foi decorrente do investimento em uma escrita voltada para dar visibilidade a sujeitos que foram marginalizados, excluídos de espaços sociais e, portanto, destituídos do direito a uma existência digna. Esse trabalho é parte da pesquisa sobre a literatura cassandriana, realizada sob o aval do Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia, que pretende culminar na tese de doutorado provisoriamente intitulada “Cassandra Rios e o protagonismo ex-cêntrico na literatura brasileira”. Na referida pesquisa, proponho ler a produção literária de Rios como um lugar no qual sujeitos silenciados por uma cultura constituída em torno do que Monique Wittig (2006) chama de “contrato heterossexual” – gays, lésbicas, travestis, dentre outros - constroem um espaço de

resistência à heteronormalização e à heteronormatização que os relegou à exclusão e à invisibilidade. Dentre o conjunto de romances estudado, teço aqui algumas reflexões acerca de *Uma mulher diferente*, publicado em 1968. A obra gira em torno da investigação do misterioso assassinato da sedutora Ana Maria, protagonista da narrativa. No percurso da investigação, é revelado ao público que a vedetinha, como a personagem é chamada, é uma travesti, o que permite uma série de agenciamentos em favor desses sujeitos. Como uma mulher diferente, a protagonista desestabiliza as identidades sexuais e de gênero, demonstrando, como sugere Colling (2013), que “sexo/biologia/natureza/órgão sexual, entendidos como a materialidade dos corpos, não determina o gênero das pessoas” (p.411). O processo de “montagem” da personagem denuncia a engrenagem de construção dos corpos e identidades, desmascarando a norma regulatória do “sexo” que trabalha, segundo Butler (2007), “de forma performativa para constituir a materialidade dos corpos e, mais especificamente, para materializar o sexo do corpo” (p.154), em favor da consolidação do modelo heterossexual. O romance, portanto, demonstra a existência de uma engenharia que age sobre corpos e subjetividades ininterruptamente, conformando-os, e sugere a construção de estratégias de resistência como única possibilidade de celebração vida em sua multiplicidade e plenitude. Referências BUTLER, Judith. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do ‘sexo’*. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 151-172. COLLING, Leandro. *A igualdade não faz o meu gênero - Em defesa das políticas das diferenças para o respeito à diversidade sexual e de gênero no Brasil*. Rev. Contemporânea, v. 3, n. 2, Jul.-Dez. 2013. p. 405-427. RIOS, Cassandra. *Uma mulher diferente*. São Paulo: Brasiliense, [1968] 2005.

Palavras-chave: sexo, gênero, corpo, montagem, desmontagem

O CORPO FEMININO COMO RESISTÊNCIA EM COPACABANA POSTO 6, DE CASSANDRA RIOS

Juliana Moreira de Sousa (UFU)

Resumo: É importante se pensar na Literatura, dentre outras possibilidades, como forma de expressão em que relatos históricos podem estar presentes. Nesse contexto, sabe-se que a mulher, principalmente se fugir aos padrões normativos, foi e continua sendo cerceada de seu direito de expressão nas artes; sua história, aquela que é reconhecida, é narrada por homens brancos e heterossexuais. Por mais que haja algumas poucas mulheres escrevendo sobre suas próprias histórias, elas não são consideradas autoras de uma “literatura oficial”. Visando contribuir com os estudos sobre essas mulheres, autoras, narradoras e protagonistas é que se propõe uma análise de Laura, protagonista do romance *Copacabana Posto 6 – A Madrasta*, escrito por Cassandra Rios, publicado em 1972. Rick Santos (2005) afirma que os romances de Rios documentam e dão corpo a histórias que foram apagadas sejam pela repressão da ditadura militar que imperava no Brasil, ou pela hegemonia da heterossexualidade compulsória. O objetivo deste trabalho é, portanto, analisar de que forma essa personagem é apresentada no romance como símbolo de resistência feminina e homossexual. Para esta análise utiliza-se Alfredo Bosi (2002) que aborda a ligação entre resistência e narrativa literária e afirma que existem duas maneiras de concretização dessa resistência; uma como tema central e outra como forma da escrita. Dessa forma, entende-se o romance citado como uma narrativa de resistência não por seu comprometimento ideológico, mas por sua preocupação de que a protagonista resista aos modelos sociais impostos a uma mulher. Laura é revolucionária em sua maneira de agir, no seu discurso, e permite um salto para uma nova perspectiva de compreensão dos desejos da mulher. Além dessa abordagem, utiliza-se Foucault (1998) que relembra que o discurso da sexualidade atravessa uma relação de poder e domesticação do corpo, ou seja, existe uma reação de controle da sexualidade por um poder político. Mais a fundo, para se analisar as representações da protagonista, foram utilizados os estudos de Judith Butler (2003), em que é pautada a sociedade que está diante de uma “ordem compulsória” que exige a coerência total entre um sexo, um gênero e um desejo/prática sexual que são obrigatoriamente heterossexuais. Em contrapartida a tal ordem privilegiada socialmente, Cassandra Rios, além de trazer à tona outra perspectiva sobre as correspondências de gênero e sexualidade, apresenta, através da personagem

do romance em questão, uma incessante resistência aos padrões femininos da época e luta contra a normatização do corpo da mulher. É na luta por essa resistência que foi possível perceber a violência simbólica sobre a qual escreve Bourdieu (2001) em que o simbólico é condicionado ao poder que atua para manter ou legitimar a dominação entre classes distintas. Por fim, a partir de uma análise sobre a personagem do romance de Cassandra Rios, pretende-se apresentar uma possibilidade de perceber o corpo e o discurso da mulher-protagonista como elementos de resistência.

Palavras-chave: Cassandra Rios; Homoerotismo; Protagonismo lésbico

2 agosto

14h30

AMOR E MORTE: A RESSIGNIFICAÇÃO AMOROSA DO CORPO EM LISABETTA DA MESSINA NO DECAMERON DE GIOVANNI BOCCACCIO

Evandro Albino de Souza (UFRJ)

Resumo: A história do amor na literatura é a história do amor infeliz, dos romances mortais e condenados. Esse amor mortal constitui o que há de mais universal na literatura e na lírica amorosa do ocidente (Rougement, 2003). Exaltar as vicissitudes amorosas, sofrer com um amor inatingível ou pleno de obstáculos, e que culmina, no mais das vezes, em um desfecho trágico, faz parte do itinerário da quarta jornada do Decameron de Giovanni Boccaccio (1313-1375). A quinta novela da quarta jornada, da jovem Lisabetta de Messina, apresenta os elementos que compõem o Tópos do amor trágico. A quinta novela, narrada por Filomena, e cujo propósito é o de causar compaixão ao leitor, trata da aventura amorosa de dois jovens – Lisabetta, filha de uma família de burgueses mercadores, e Lorenzo, rapaz pisano e simples que cuidava dos negócios – que se apaixonam e têm seu amor rompido pelos irmãos de Lisabetta, que resolvem dar cabo de Lorenzo a fim de manter “inócua” a reputação familiar. Lisabetta é uma dentre muitas personagens femininas a ocupar privilegiada representatividade nas novelas Boccaccianas. A figura feminina no Decameron possui inúmeras facetas, são portadoras de vícios e virtudes, sensibilidade e astúcia; sedutoras, frágeis ou engenhosas, também sofrem e morrem de amor. Nesta novela, Boccaccio insere um drama interior de sofrimento e de silêncio, mas que contrasta com a força do ímpeto amoroso e do trato cortês dos amantes, característica mais sutil do imaginário do século XII inserida na novela, porém não menos importante do ponto de vista da representação feminina nas relações amorosas e seu destacado papel, assim como o notável refinamento e sensibilidade entre os amantes. No caso de Lisabetta, a fragilidade de estar sob o jugo dos irmãos (que consideram o caso amoroso entre a irmã e Lorenzo uma “mácula”, juízo esse menos moral que social, visto que Lorenzo não é de nobre cepa) é apenas aparente, pois ela se mantém resoluta no amor ao jovem, correndo riscos mesmo após o assassinato de Lorenzo, em busca do seu corpo e da concretude amorosa. Assim, Lisabetta leva a cabeça de seu amante e a coloca em um vaso de terracota de manjerição, a rega-la com suas lágrimas. Em se tratando desta novela, o amor em Boccaccio apresenta seu aspecto tanto trágico quanto sublime. As lágrimas de Lisabetta fertilizam a terra do vaso com a cabeça decomposta, isto é, o amor frutifica como uma força vital da natureza. Por isso, pensar o amor e a morte é refletir sobre sua relação estreita com o corpo e as representações metafóricas associadas a ele. Deste modo, a presente pesquisa tratará da representação amorosa do corpo na quinta novela da quarta jornada do Decameron e sua linguagem simbólica com a natureza.

Palavras-chave: Literatura Italiana; Giovanni Boccaccio; Personagens femininas; Linguagem do corpo

A CIRCULAÇÃO, AS TRAMAS E OS AFETOS DE MULHERES LÉSBICAS, EM AMORA, DE NATALIA BORGES POLESSO

Flávio Adriano Nantes (UFMS)

Resumo: O presente trabalho tratará, por intermédio principalmente das proposições dos Gender Studies, de demonstrar a partir do livro *Amora* (2015), de Natalia Borges Polesso, as vivências no interior de determinados contextos sociais de mulheres lésbicas: como vivem, vivenciam as relações

amorosas, posicionam-se frente às pessoas com as quais convivem, como lidam com os assédios, as injúrias e as violências perpetradas contra elas pelo fato de desestabilizarem o item sexualidade da linearidade sexo-gênero-orientação. Amora apresenta ao leitor situações que envolvem mulheres homossexuais muito diferentes entre si: desde adolescentes que começam a perceber que seu desejo (enquanto subjetividade interior) se inclina a um sujeito com mesmo corpo a senhoras aposentadas que vivem juntas e, por estarem sob os ditames da compulsão heteronormativa que sonegam aos homossexuais o direito à sexualidade, enfrentam dolorosos problemas para serem reconhecidas enquanto um casal de “verdade”. A autora, ao elencar diferentes mulheres – seja pela idade, escolaridade, idiosincrasia, crenças, modo de ver/se posicionar no mundo –, nos oferece uma série de conhecimentos – *modus operandi* – sobre elas. Informações ainda invisibilizadas, rechaçadas, postas à margem, ou dentro de “armários” por determinados setores sociais que transmitem suas verdades pautadas por questões sexistas, moralistas, religiosas, patriarcais, etc. Natalia Polezzo, na contramão dessas verdades, põe em circulação, com um alto rigor estético, esses corpos – ainda dissidentes –, seus engendramentos, tramas e sentidos em diferentes contextos sociais.

Palavras-chave: Contos; Dissidência sexual; Literatura lésbica

CAMINHOS DA "MÍMESIS" E PERFORMANCE: REFLEXÕES A RESPEITO DAS REPRESENTAÇÕES DOS CORPOS FEMININOS NA LITERATURA

Bruna Wagner (UFMT)

Resumo: O ser humano sempre buscou formas de falar sobre si e deixar sua marca para as gerações que viriam posteriormente à ele. A literatura surgiu a partir da inquietude de falar para si e para o outro sobre tudo aquilo que podia ser escrito, transmitido a partir dos olhos e da mente para um pedaço de papel ou qualquer objeto que mantivesse ali a perenidade de suas palavras. Assim a humanidade começa a fazer representações. A partir do momento em que o ser humano passa a representar o mundo que o cerca surge também a noção de “mímesis”. O termo em questão deriva da palavra “imitatio”, imitação da realidade, porém, “mímesis”, na forma como empregaremos na presente pesquisa, não se limita a sua tradução como imitação. Primordialmente, o termo se manifesta no discurso artístico, porém, a “mímesis” também diz respeito às atividades cotidianas das sociedades de maneira geral. Consoante esta afirmação, no presente trabalho, debateremos o termo como um dos componentes que, empregados na esfera literária, nos propicia uma base para investigarmos a representação, a ficcionalização que nós seres humanos fazemos de nós mesmos e do mundo que nos rodeia. Em estudos contemporâneos, a noção de “mímesis” aparece associada à noção de performance. Nas teorias contemporâneas de gênero, observamos que há uma crescente no âmbito do entendimento das construções dos elementos do corpo e comportamento femininos, bem como masculinos, também como performances. Estes novos estudos tentam mostrar como a noção “tradicional” que se firmou a respeito do feminino é resultado de construções masculinas, não sendo, dessa forma, pertencentes à “natureza” feminina. Assim, percebemos que existem nas duas vertentes de pesquisa apresentadas uma correlação, em que, tanto a representação do real como a representação do feminino aparecem como performances. Nosso trabalho buscará tentar compreender de que maneira esses dois pensamentos podem se correlacionar, e como essa correlação pode influenciar na maneira como entendemos as representações do feminino na literatura. Nosso trabalho é um estudo de cunho bibliográfico de conhecimento teórico que buscará fazer a intersecção entre as teorias de representação e “mímesis” com a teoria da performance de gênero. A partir da conexão destes dois objetos de pesquisa temos por objetivo ajudar a compreender certas questões da realidade social por meio do auxílio dos estudos realizados pela teoria da literatura. Dessa forma, debateremos a respeito de dois problemas: o primeiro se refere a como a realidade social é representada na literatura; e o segundo ao debate da noção de performance de gênero defendida pelas teorias contemporâneas do feminismo. Para apoiar as discussões lançaremos mão de teóricos da literatura e de outras áreas do conhecimento tais como Wolfgang Iser, em sua obra “O fictício e o imaginário: perspectivas de uma antropologia literária”

(2013); Luiz Costa Lima com “Mímesis e modernidade: formas das sombras” (1980) e “Mímesis e arredores” (2017); Simone de Beauvoir, em seu primeiro volume de “O segundo sexo: fatos e mitos” (2016) e Judith Butler, com seu livro “Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade” (2016), entre outros.

Palavras-chave: Performance; “Mímesis”; Representação; Gênero.

3 de agosto

14h30

NA CABECEIRA: CORPO E TRANSGRESSÃO EM UM POEMA DE ANA CRISTINA CÉSAR

Bruno Cardoso (UnB)

Resumo: A comunicação analisa o poema “Cabeceira” da escritora carioca Ana Cristina César. Nele, pode-se visualizar, em poucos versos, o desafogar da alma feminina, suas repulsas, seus receios, suas atitudes frente à existência e à vida com todos os seus dissabores e coerções impostas pelo patriarcalismo ocidental. Assim, o foco analítico, com base em Butler (2003), reside na construção performática de um corpo, cuja feitura, ao longo do poema, revela-se como uma dada instância de transgressão de um sistema discursivo opressor, denominado pela filósofa norte-americana de matriz de inteligibilidade de gênero, que consiste num movimento unidirecional e não dissonante entre sexo biológico-gênero-desejo sexual- prática sexual. Desse modo, a análise incide na construção estético-discursiva de um corpo feminino dissonante, provocador, transgressor, cujo ethos instala-se em uma série de negações verbais, por meio das quais o eu-lírico elabora uma espécie de performance deslocada do conjunto performático moldador da matriz de inteligibilidade de gênero, tal qual arrolada por Butler. Tais enunciados performativos, cuja formulação conceitual é oriunda da teoria linguística de Austin, simulam, segundo Judith Butler (2003), uma lógica de acordo com a qual o sexo é um dado anterior à cultura, revestindo-se de um caráter imutável, a-histórico e binário. Pensando o gênero como performance, Butler defende a proposição polêmica conforme a qual o próprio corpo biológico já se apresenta encapsulado por uma série de aparatos discursivos. Ou seja, nascemos num corpo já enredado por uma matriz discursiva de heterossexualidade compulsória. No movimento final da análise, imbuído dos conceitos de interstício de Bhabha (1998) e de interdição discursiva de Foucault (2005), passo a refletir sobre o gesto político da escrita poética de Ana Cristina César, suscitado principalmente pela escolha temática do erotismo em muitos dos seus escritos. No livro A ordem do discurso (Foucault, 2005), o filósofo francês discorre sobre alguns procedimentos de exclusão constitutivos de uma determinada ordem discursiva onde se inclui o princípio da interdição. Para Foucault, não temos o direito de dizer tudo, não podemos falar de tudo em qualquer circunstância e nem tampouco qualquer um pode falar de qualquer coisa, de modo que o universo do erotismo constitui-se, em sua visão, um exemplo de interdição em uma ordem discursiva. Com isso em mira, finalizo defendendo que a qualidade da poesia de Ana Cristina César situa-se nessa potência deflagradora de interstícios emanada de seus versos cuja força abala, de forma implacável, o interior de uma ordem discursiva heteronormativa e patriarcal. Nesse sentido, compete-nos pensar a poesia da escritora carioca a partir de um recorte teórico que enfatiza a penetração de vozes subalternas as quais fazem valer o seu lugar de enunciação para desconstruir discursos hegemônicos, comumente disfarçados sob categorias epistemológicas tais como as de essencial e universal.

Palavras-chave: Corpo; erotismo; performance; interdição

FORA DA ORDEM E SEM LUGAR: A SEXUALIDADE DE PERSONAGENS COM DEFICIÊNCIA

Isadora Maria Dias (UnB)

Resumo: Os estudos sobre deficiência categorizam a deficiência como socialmente construída e imposta. E não necessariamente intrínseca a algum tipo de lesão e/ou disfunção biológica, como sublinhado nos trabalhos de Anahi Guedes de Mello (2012), Simi Linton (1998) e Lennard Davis (2006). De acordo com essa área de estudos, ao longo da história ocidental, pessoas com deficiência

tem sofrido violências diversas de uma sociedade que nega a humanidade e rejeita qualquer narrativa diferente de fracasso, superação ou abominação. Justamente por ser essa sociedade sistematicamente capacitista a sexualidade de pessoas com deficiência é campo pouco explorado e representado fora da esfera médico-patologizante. Relação essa, de corponormatividade, deficiência e sexualidade, evidenciada por Robert McRuer e Michael Bérubé (2006). Seguindo essa perspectiva, este trabalho se propõe, então, a analisar comparativamente as narrativas e representações das personagens Laila no filme *Margarita com canudinho* (2014), de Shonali Bose, e da protagonista no romance *O corpo em que nasci* (2013), de Guadalupe Nettel. Buscando, por meio dessa relação entre sexualidade e deficiência, questionar e compreender de que modo as noções de corpo estão constituídas nas duas narrativas. E, de que maneira essas representações se articulam com perspectivas não-hegemônicas de corpo, deficiência e sexualidade.

Palavras-chave: representação; sexualidade; deficiência

O SEXO DOS TUBARÕES DE NANÁ DELUCA OU UMA ESCRITA QUE FAZ DELIRAR: TRÂNSITO IDENTITÁRIO

Leocádia Aparecida Chaves (UnB)

Resumo: Stuart Hall (2005) ao refletir sobre as identidades sociais na pós-modernidade nos leva a pensar sobre os paradoxos desse tempo. Se por um lado, temos conquistado uma liberdade cada vez maior quanto à vivência da sexualidade e do gênero, em especial, após a terceira onda do feminismo e o nascimento da Teoria queer (SARA SALIN, 2013), por outro, padrões normativos e historicamente estabelecidos pelo status quo têm se fortalecido para impedir esse direito humano. Nesse contexto, os sujeitos que rompem ou rasuram com o estabelecido pela Ordem vigente (patriarcal cisgênera heteronormativa binária) têm - via de regra - suas vidas consideradas como vidas não vivíveis e por isso não enlutáveis (JUDITH BUTLER, 2015), em especial, pessoas transgêneras (JACQUELINE GOMES DE JESUS, 2012). No entanto, alguns desses sujeitos, ainda que territorializados nesse “quadro de guerra”, têm conseguido fazer de suas vidas, de suas produções: “vaga-lume” (GEORGES DIDI-HUBERMAN, 2011) e nessa perspectiva garantido espaço para produção de contra-discursos no/do escuro de nosso tempo (GIORGIO AGAMBEN, 2009). Pois bem, nesse contexto de análise, destacamos o romance *O sexo dos tubarões* (2017) de Naná Deluca, que usará da (re) territorialização (GILLES DELEUZE; FÉLIX GUATTARI, 1995) da língua-linguagem bem como do espaço ficcional para romper com a subalternização de corpos e identidades considerados “dissidentes” pelo padrão normatizador e normalizador. Salienta-se que sua escritura emerge de sua experiência identitária na “dissidência” e será dessa instância que abrirá espaço de fala para o silenciado (GAYATRI CHAKRAVORTY SPIVAK, 2010), que na sua escrita será representado pelo “tubarão” – metáfora potente para subversões. Destaca-se que o animal a despeito de ser reconhecido historicamente como monstruosidade – tal como a identidade trans, aqui se enunciará como sujeito de amorosidade, fragilidade e (re) existência subvertendo uma discursividade demonizadora: “E, então, eu vi. Abaixo do banquete, os tubarões se tocavam. Seus corpos se encontravam, se roçavam. Fincavam de leve seus dentes nas costas uns dos outros. Os arranhões pareciam esboçar mapas. Mapas não previstos em nenhum código. Não se contorciam, não era violência. Era adoração. Se encontravam” (DELUCA, 2017, p.15). O tubarão, portanto, nos parece signo de uma subversão identitária e nesta configuração é revelado como uma identidade vivível e passível de luto; imagem potente para permitir rupturas com estigmas identitários. Já a subversão linguística se realizará na indeterminação do gênero masculino-feminino no processo enunciativo, o que revela a ruptura com o sistema binário quanto ao gênero determinado pela normalização linguística vigente. Nessa tessitura-narrativa, portanto, o leitor será convidado a “experenciar” travessias que se revelam tanto pelo o que se enuncia como pela sua enunciação fazendo dessa escrita, na nossa compreensão, uma literatura menor (GILLES DELEUZE; FÉLIX GUATTARI, 1975), uma literatura delirante (GILLES DELEUZE, 1997) pois rompedora com discursividades estereotipadas quanto a vivência identitária. Isso se deve tanto por legitimar o espaço ficcional como o espaço do direito de “torna-se outro na vida” (GILLES DELEUZE, 1997) quanto pela conquista do direito de

narrar-se na singularidade ainda que essa singularidade dialogue com a de uma coletividade, de uma minoria identitária: Devo cont[ar essa história], pois meu conto também é de outros (DELUCA, 2017, p.7).

Palavras-chave: Transgeneridade; Literatura Menor; Ativismo

O PUTO EN(CENA)

Dorinaldo dos Santos Nascimento (UFU)

Resumo: O protagonista do conto de expressão homoerótica "Jarbas, o imaginoso", do escritor, artista plástico, teatrólogo e ativista homossexual, Darcy Penteado - presente no livro "Crescilda e os espartanos" (1977) -, é um jovem garoto de programa que exercita a "teatralidade" do sexo pago tendo encontros sexuais com um senhor, fazendo com este um jogo de sedução e fantasias, primeiro o de "virgenzinha tímida e desprotegida", deixando o cliente maravilhado, a ponto de indicar o rapaz a todos os seus amigos homossexuais, que se deliciam também com o novo e criativo michê. Jarbas exercita um novo jogo a cada mês, surgindo assim o da "velha solteirona prostituída" e o da "camela do Jardim Zoológico", sendo que continua a passar pelas mãos do grupo de amigos. Nesse contexto do universo da prostituição no qual o personagem de Penteado é fabulado, chama-se nos atenção os nomes de "guerra" utilizados pelos prostitutos para preservarem a identidade pessoal, já que, geralmente, agem na clandestinidade do marginal e estigmatizado mercado do sexo. A invenção de nomes converge para a criação, também, de "personagens" que alimentam desejos e fantasias de clientes. Nessa perspectiva, boys de programa e clientes, conforme ocorre na trama do conto, têm a oportunidade de representarem o papel que desejarem, de venderem e comprarem a fantasia sexual que quiserem. Essa necessidade de atender aos desejos e vontades do cliente expõe o caráter teatral que a prostituição possibilita. Os boys de programa podem criar personagens com nome, personalidade e sexualidade própria para dar conta das suas atividades sexuais, sendo o mercado do sexo o "palco" no qual atuam e os clientes ao mesmo tempo telespectadores, que pagam para assistir ao "espetáculo", são atores coadjuvantes nessa cena. Diante disso, à luz de pressupostos teóricos dos estudos literários e culturais, pretende-se, neste trabalho, analisar a constituição do personagem que se duplica no discurso literário, posto que Jonas, o protagonista da narrativa, além de configurar como elemento diegético de ação da história, sujeito da ficção ("ser de papel"), também é configurado sob a montagem do "personagem"/prostituto, que multiplica-se em outros personagens no jogo de encenação entre ele e seus clientes, dando corpo ao seu trabalho sexual. Este, aparece representado no conto, sobretudo, pela força da capacidade criativa do protagonista em "montar" fantasias e performatizá-las em sua atuação/interação sexual com os clientes. Desse modo, é escopo deste trabalho, também, buscar entender as representações dessas fantasias, sua relação com a expressão de papéis de gênero (das masculinidades), os jogos de poder estabelecidos, assim como fazer uma leitura do artifício elaborado pelo protagonista para seduzir e fidelizar os clientes através da comercialização de "fetiches" em consonância à provocação de desejos, da mobilização de componentes de erotização e incitação de propaganda dos seus serviços erótico-sexuais.

Palavras-chave: Homoerotismo; Prostituição masculina; Encenação.

32 - IDENTIDADE, CULTURA E ETNIA: IMAGENS DA(S) AMAZÔNIA(S) NA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Coordenação: Mirella Miranda de Brito Silva (UFRR); Adriana Helena de Oliveira Albano (UFRR); Cássia Maria Bezerra do Nascimento (UFAM)

Resumo: A Amazônia sempre suscitou as mais variadas imagens e significados no imaginário nacional, sobretudo ao longo do último século, período em que os discursos midiático e científico se debruçaram mais sistematicamente sobre a região. Espaço cuja conceituação parece sempre obnubilar-se, assim como o céu da floresta, via de regra encoberto pelas densas nuvens que sacodem os aviões que a sobrevoam, a Amazônia é um termo cercado de equívocos e inexatidões, mesmo do ponto de vista físico-geográfico. Geralmente enunciada como sinônimo da Região Norte

do Brasil, como assevera o senso comum, a Amazônia brasileira abrange outras regiões, se fazendo presente em estados do Centro-oeste e Nordeste brasileiro, além dos países fronteiriços que concentram boa parte de sua área.

Entretanto, na imensa maioria dos discursos acerca deste espaço, do oficial ao publicitário, percebe-se a representação de duas imagens da Amazônia que, apesar de antagônicas, permanecem inalteradas: de um lado, uma Amazônia risonha, que acena com a possibilidade do achamento do *El dorado* de riquezas infindáveis (uma visada que justificou os diversos *boons* migratórios do último século em direção às Amazônias); de outro, a imagem terrificante do “inferno verde”, da selva que destrói corpos e ânimos de quem tenta dela tirar seu sustento. A primeira perspectiva, nascida dos relatos dos viajantes, é reforçada de forma notável pela propaganda institucional dos governos militares, sobretudo a partir do programa de interiorização getulista, que reafirma “O destino brasileiro no Amazonas”, se plasmando em definitivo no imaginário nacional. A segunda imagem, frequentemente nascida da experiência do migrante, se solidifica nas obras atinentes à produção amazônica, sobretudo as que tratam especificamente da vida na Amazônia e que acabam por elaborar a expressão poética mais conhecida do que é a Amazônia e o que significa viver ali (como ocorre nos já clássicos *A Selva*, de Ferreira de Castro, e *Inferno Verde*, de Alberto Rangel). À opulência da natureza local se junta a imagem de exotismo, plasmada sobretudo na figura do “índio amazônida” (que o senso comum julga ser singular, pretérito e unívoco) e esta ideia da Amazônia como espaço/identidade por construir acaba por se tornar determinante.

Euclides da Cunha já declarara que a Amazônia esteve por muito tempo à margem da história, e só então a região se destacava nas discussões internacionais, ressaltando que os interesses nacionais e internacionais estavam muito mais voltados para as potencialidades naturais da biodiversidade da fauna e flora amazônica, do que para o homem da região e sua cultura. Nesse sentido, estamos de acordo com o que informa a professora e pesquisadora Ana Pizarro (2006), que afirma que “A Amazônia não é somente um reservatório ecológico, guardião da biodiversidade e necessário para a sobrevivência do planeta [...] a área amazônica é um reservatório cultural, berço de parte das formas de seu imaginário, esfera de uma densidade histórica em que não se pensa com frequência [...] é um centro de importância ecológica, mas, além disso, é um centro de elaboração cotidiana de cultura, de densidade histórica e de imaginários.” (PIZARRO, 2006, p. 98-99).

Para além do já enunciado *El dorado* amazônico que aponta para um porvir, é a imagem de um “lugar periférico” a que acaba por prevalecer, todo selva, primitivismo e rara *intelligentzia*, cuja definição estereotipada, em termos qualitativos-quantitativos, passa pelo termo homogeneizador escolhido para sua definição e que lhe dá nome: Amazônia. Essa “mitologia”, segundo Pizarro (2009), “entorpeció el reconocimiento de su compleja unidad en el plano simbólico”. Pizarro ainda afirma que, a despeito da enorme evolução nos estudos acerca da cultura latino-americana como um todo, os estudos acerca da Amazônia ainda são insuficientes, tornando-a, nas palavras da autora, “um espacio cultural que prácticamente no ha sido considerado en los estudios de la cultura latinoamericana. Se trata del relativo a la Amazonía” (Pizarro, 2009, p. 01).

Evidentemente, a literatura também funciona como discurso construtor/problematizador dessas imagens formadas acerca do que é a Amazônia (ou Amazônias) e de suas relações com o resto do continente, como sugere Pizarro. No que se refere ao contexto local, as formas literárias produzidas nas “grunhas do Roraima lá”, tanto em termos de prosa, quanto de poesia/música, também são reiteradoras ou construtoras desta e de outras imagens da Amazônia, seja colando-se às imagens paradisíacas plasmadas no discurso dos viajantes, seja problematizando esta mesma perspectiva, na busca da construção de outra(s) identidade(s) que contemplem a multiplicidade deste espaço.

É, pois, diante desse complexo cenário histórico – assim como teórico e crítico – que propomos, para este Simpósio, pensar a literatura produzida na(s) e sobre a(s) Amazônia(s), com ênfase especial às propostas que focalizem as confluências entre a produção literária da região e sua inserção no cânone nacional. Serão acolhidos trabalhos na seara da teoria da literatura, estudos culturais, história da literatura, literatura e cinema, ensino de literatura no contexto da Amazônia e áreas/temas afins.

31 de julho

14h30

MEMÓRIA E IDENTIDADE EM MUNDURUKU

Adriana Helena de Oliveira Albano (UFRR)

Resumo: O texto literário de cunho memorialístico, autobiográfico, traz em si descontinuidades e rupturas que estabelecem os caracteres próprios ao gênero com as peculiaridades inerentes a sua constituição estrutural. Recria uma escrita fragmentária e descontínua, questionando e abalando outra questão, a da veracidade. Há o desejo de transportar para a palavra escrita toda a carga emocional trazida pelas lembranças da infância. Percebemos então a existência de um rememorador que atravessa presente, passado e futuro. Dentro dessa perspectiva, pretendemos trabalhar com o movimento de rememoração presente em *Você Lembra, pai?* (2003) e *Meu Avô Apolinário* (2001) de Daniel Munduruku. A narrativa em *Você Lembra, Pai?* (2003) é a representação da presença do pai na infância, mas representação também de aspectos da cultura e da identidade do sujeito textual, como responsável pela transmissão dos valores reconhecidos por determinado grupo. Trata-se da re-criação de uma identidade que se identifica com a figura paterna: “Escrevi esse livro pensando em meu pai, um índio velho que olhava para o horizonte só para sentir o vento batendo em seu peito.” (MUNDURUKU, 2003, p.17). Em outro texto autobiográfico, *Meu Avô Apolinário* (2001), a descrição que o narrador faz do percurso para a Aldeia, local do encontro com o ancião, o avô Munduruku, reflete o encontro como modo de aprendizagem, como a presença de ensinamentos que dão ao sujeito sua perspectiva por meio do olhar indígena, sentimento não tão fortemente presente no ambiente citadino, por isso o Avô também é tido como exemplo de figura paterna, como aquele que contribui para a formação do caráter, do pertencer, da memória e da história, da formação da identidade desde os primeiros contatos com o personagem Munduruku. Nosso interesse recai justamente sobre a articulação dos “sujeitos” que despontam no texto memorialista. O tecido textual do paraense oferece ao leitor o drama do sujeito individual com suas tensões e afetos. Sugerem a perplexidade da subjetividade diante da violência que compreende o espaço representativo das relações desde o momento do nascimento via tecido autobiográfico. A assinatura, dessa forma, carregará uma tensão, um drama, um saber sobre a vida, um conjunto de experiências delimitado pelo texto ao qual se refere. A assinatura é o reconhecimento do sujeito que se mostra por meio da escrita e da verdade que o texto comporta. A produtividade do texto se encontra na forma com que o singular é inscrito na linguagem e quais as categorias se encadeiam para o trabalho de escritura da vida e do corpo. Nesse caso, a singularidade se expressa na mescla de estilos que estabelecem o fluxo da fala em períodos que se alternam, desequilibram a leitura, promovem a reflexão subjetiva num jogo de contrários que dificulta a primeira leitura. O processo de reconhecimento como busca de si mesmo está marcado e traz implicitamente a árdua caminhada percorrida porque o autor não se encontra idêntico a si mesmo. Existe a ausência de homogeneidade na constituição, além de uma instabilidade interna, resultante do sujeito heterogêneo que procura obsessivamente uma identidade.

Palavras-chave: Munduruku; memória; identidade; autobiografia

CHICO MENDES: A CONSTRUÇÃO LITERÁRIA DE UMA PERSONAGEM HISTÓRICA

Aila Rodrigues Pantoja (UFAM); Carlos Antonio Magalhães Guedelha (UFAM)

Resumo: O presente artigo faz um esboço de como se deu a construção literária de um personagem histórico: Chico Mendes, na minissérie *Amazônia, de Galvez a Chico Mendes*, de Glória Perez (2007) para isso utilizei o livro *O empate contra Chico Mendes* (1990) para apresentar o homem histórico Chico Mendes e a minissérie *Amazônia, de Galvez a Chico Mendes*, de Glória Perez (2007), para retratar a personagem do mundo ficcional. A minissérie *Amazônia, de Galvez a Chico Mendes*, de Glória Perez (2007), retrata a história do Acre, última região a ser incorporada ao território brasileiro, em 1904. A obra apresenta a trajetória de três personalidades que marcaram a história da

região: Luiz Galvez, Plácido de Castro e Chico Mendes. Para efeito desta pesquisa focaremos na personagem Chico Mendes, que nos é apresentada na terceira fase da trama que inicia na década de 80. Na terceira fase da minissérie nos é mostrada a trajetória do jovem sindicalista que lutou e deu voz aos seringueiros na Amazônia, na pequena cidade de Xapuri, no município do Acre. Francisco Alves Mendes da Silva, mundialmente conhecido como Chico Mendes, nasceu em 15 de dezembro de 1944, na cidade acreana de Xapuri. Exercendo a profissão de seringueiro, um ofício que aprendera ainda na infância com o pai, que era migrante cearense, Chico Mendes destacou-se como sindicalista e ativista político engajado com questões ligadas à preservação ambiental da Amazônia, pela não derrubada de árvores e preservação da floresta e por sua luta em defesa dos seringueiros. Por conta disso ganhou reconhecimento internacional, mas também despertou a ira de grandes fazendeiros que exploravam as terras as quais ele queria ver preservadas. No livro *O empate contra Chico Mendes*, de Márcio Souza, que foi escrito em 1990, dois anos após o assassinato do sindicalista e líder seringueiro. O autor apresenta um texto sobre o assassinato de Chico Mendes e as causas defendidas por este. O ensaio gira em torno dos relatos da viúva de Chico Mendes, Ilzamar Mendes, e amigos próximos que fazem um retrato de quem foi este líder sindical tão representativo na história da Amazônia. É interessante observar a ironia já no título de seu ensaio “O empate contra Chico Mendes”, visto que este valeu-se desta tática ingênua, porém eficaz, para defender as florestas e foi vítima de uma verdadeira estratégia de empate por parte dos fazendeiros que viam seus objetivos de lucros com o desflorestamento ambiental na Amazônia serem tolhidos pelo sindicalista. A análise seguirá de modo a compreender como ocorre a construção da personagem Chico Mendes no plano ficcional, na minissérie *Amazônia - de Galvez a Chico Mendes*, de Glória Perez (2007), a partir de relatos históricos presentes no livro *O Empate contra Chico Mendes*, de Márcio Souza (1990). A pesquisa de caráter bibliográfico e intersemiótico tem como suporte os escritos de Souza (1990), Martins (1998), Walty (1999), Braith (2006), Candido (2011) dentre outros que discorrem sobre o tema.

Palavras-chave: Chico Mendes; Amazônia; Personagem; ficção; história

CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE EM MEIA PATA

Beatriz Ferreira Salles Freire (UFRR)

Resumo: A pesquisa busca compreender a constituição da identidade da personagem Daniel, da obra *Meia Pata*, de Ricardo Dantas. A análise da subjetividade da personagem de Dantas será feita a partir da sua interação com o meio. Para isto toma-se como base teórica o geógrafo humanista Yi-Fu Tuan, especificamente, suas obras *Topofilia – Um Estudo da Percepção*, *Atitudes e Valores do Meio Ambiente e Espaço* e *Lugar: a perspectiva da experiência*. Nas referidas obras, o autor apresenta suas reflexões sobre sentimentos dos sujeitos em relação aos lugares, isto é, o elo afetivo estabelecido com o lugar, denominando-o como topofilia. A relação é vista como influência na constituição identitária. Por isso observou-se aspectos da identidade de Daniel considerando a hermenêutica do si desenvolvida por Paul Ricoeur em *O si-mesmo como um outro*. Ricoeur elabora uma crítica em relação ao cogito cartesiano que servirá como ponto de partida para a reconstrução da noção de sujeito e de identidade. Tal crítica possui vários desdobramentos em relação ao conceito de identidade pautado na imediaticidade. Um deles conduz a uma concepção de identidade a partir das relações com o outro. Por fim, nesta pesquisa, é apresentada também uma articulação entre os conceitos desenvolvidos por Ricoeur e Tuan, visto que a Geografia Tuaniana possui fundamento fenomenológico, no qual também se sustenta a filosofia de Ricoeur. Optou-se por realizar tal ligação nesta pesquisa ao considerar que tais articulações possibilitam a ampliação da compreensão do ser narrado por Dantas. E, considerando tudo o que foi lido, relacionado e analisado neste estudo, compreendeu-se que a natureza da subjetividade humana exposta por Ricardo Dantas em *Meia Pata* está irremediavelmente ligada ao engendramento de identidades, às relações do si mesmo com a/s alteridade/s, bem como com o espaço. Enfim, a identidade não se constitui de maneira isolada e sim, por meio de diálogos.

Palavras-chave: meia pata; lugar; identidade

CORONEL DE BARRANCO, DE CLÁUDIO DE ARAÚJO LIMA, E A AMAZÔNIA DO ÁUREO PERÍODO DA BORRACHA NA LITERATURA BRASILEIRA EM 1970

Marli Tereza Furtado (UFPA)

Resumo: Na primeira metade do século XX, temos, na literatura brasileira, um grande número de autores que retrataram a Amazônia de acordo com o paradigma estabelecido a partir de À margem da História, de Euclides da Cunha, publicado em 1909, centrado na denúncia dos problemas sociais e ambientais gerados sobretudo pela exploração da borracha, em estilo grandiloquente. Muitas dessas narrativas ficaram entre o relato e o estudo sobre a Amazônia, com pretensões literárias nem sempre atingidas. Outras avançaram e inovaram a forma de trabalhar ficcionalmente a região, dando novas perspectivas a autores subsequentes. Entre os escritores que criaram novos paradigmas literários, temos o marajoara Dalcídio Jurandir (1909/1979), que abriu com a obra Chove nos campos de Cachoeira, de 1941, a configuração da Amazônia paraense no ciclo Extremo Norte, concluído apenas em 1979, no décimo romance. O livro inicial do ciclo fraturou a tendência naturalista do romance da época e, por seu intimismo e técnica apurada, não foi muito bem compreendido, ficando enquadrado entre as obras regionalistas do período e Dalcídio Jurandir como um epígono dos autores da geração de 1930, dado que tem sido revisto nas últimas décadas. Ao paradigma quebrado, somaram-se algumas obras em decênios posteriores, caso das elaboradas por Márcio Souza e Haroldo Maranhão, para citar apenas dois, aquele amazonense e este paraense. Curiosamente, no entanto, outros autores publicaram obras nos anos posteriores a 1960 ainda alinhados a uma visão da Amazônia naquele paradigma euclidiano que, entre os aspectos sociais, ressaltava o local antiteticamente, entre o Inferno e o Paraíso, enfatizando-lhe o mistério e a força da natureza. Também é curioso o fato de alguns desses autores insistirem no retrato da Amazônia retomando o tema da economia da borracha, insistindo na técnica realista tradicional, beirando em muito o naturalismo literário. Entre a leva de escritores que retomaram o tema da economia da borracha na região amazônica, encontra-se Cláudio de Araújo Lima (1908/1978), manauense que publicou Coronel de barranco, em 1970, cujo enredo se localiza entre 1876 e 1926, cinquenta anos que abarcam o período áureo e a decadência do chamado primeiro ciclo da borracha na Amazônia. Embora pouco conhecida, essa obra ganhou uma segunda edição em 2002 e tem sido objeto de alguns estudos acadêmicos. Engrossaremos o veio desses estudos, analisando a obra em destaque, Coronel de barranco, observando em que medida avança ou recua na retratação da Amazônia, sobretudo no que diz respeito ao enfoque do período da economia da borracha, bem como o papel do autor no contexto da literatura brasileira.

Palavras-chave: Coronel de Barranco; Amazônia; avanços; recuos.

1 de agosto

14h30

IMAGENS DA (C)IDADE DE MANAUS EM VERSO E EM PROSA: ASTRID CABRAL E JOSÉ ALDEMIR DE OLIVEIRA

Cássia Maria Bezerra do Nascimento (UFAM)

Resumo: Manaus é cidade de amor e de ranço, de saudade, de retrocessos e de mudanças; é a cidade da memória e do cotidiano dos dois nomes que escolhemos para a presente análise: Astrid Cabral e José Aldemir de Oliveira. Para a leitura de Visgo da Terra de Astrid Cabral, recorreremos ao trabalho Manaus de águas passadas – a recreação poética de Manaus em Visgo da terra, de Astrid Cabral, de Carlos Antônio M. Guedelha, 2014. Para a leitura de “Crônicas da minha (c)idade”, José Aldemir de Oliveira, utilizamos as leituras de Manoela da Silva Rodrigues e Esteban Reyes Celedón, 2017. Relacionamos as palavras da poeta e do cronista sobre a Manaus que, seja pela memória seja pelo cotidiano, se revela em sua história, geografia, passado, presente. Visgo da Terra, de 1979/1986 é “voltado para a cidade de sua infância e adolescência” (GUEDELHA, 2014, 16), sendo assim a cidade retomada em pormenores e imensidão: “O mundo estava em Manaus/Manaus estava no

mundo” (CABRAL, 1986, 179). A Manaus de José Aldemir de Oliveira é a cidade de hoje (embora também haja retomadas que levam à infância e à adolescência) e por isso fazemos aqui o contraponto entre a Manaus de 1940 e 1950, do olhar da poeta, à Manaus de 2017 (com a memória do passado), no olhar do cronista que, aos 63 anos, junta cacos e arruma “algumas quase crônicas” para mostrar uma Manaus que pode ser “a cidade de cada um” (OLIVEIRA, 2017, 5). Manaus não é só paisagem. A cidade tem vida e se revela destrocada pela modernidade, pelos espaços dominados pelo concreto: “Da minha janela te vejo na sombra entre prédios numa selva de pedra. Da minha janela sou cúmplice da tua solidão e da tua melancolia. Encanto-me pelo teu canto e pelo teu voo” (OLIVEIRA, 2017, 123). Para esta leitura sobre a cidade em poesia e em crônica aqui realizada, buscamos fundamentação em Gaston Bachelard, em *A Poética do Espaço*, sobre cidade e cotidiano em *A Vida Cotidiana No Mundo Moderno*, de Henry Lefebvre, 1991; Michel Certeau, em *A invenção do cotidiano*, 2008; e Nestor Canclini, *A Cultura pela cidade*, 2008; e de Roberto Pontes (1999, 2006, 2015) para tratarmos acerca do tempo na escrita poética. Na análise de verso e prosa, apresentamos imagens do tempo e da cidade de Manaus marcados pelo olhar de quem a descreve, de quem a habita e de quem a leva na memória.

Palavras-chave: Manaus; Poesia; Crônica; Tempo; Cidade

TRADUÇÃO INTERSEMIÓTICA: ANÁLISE DO PROCESSO DE ADAPTAÇÃO DE UMA OBRA LITERÁRIA PARA A TELEVISÃO EM MAD MARIA

Valderiza de Almeida Alves (UFAM); Carlos Antonio Magalhães Guedelha (UFAM)

Resumo: Essa proposta de comunicação pretende analisar trechos da minissérie *Mad Maria*, do teledramaturgo Benedito Ruy Barbosa, uma adaptação do livro homônimo do autor amazonense Márcio Souza, apresentada pela Rede Globo de Televisão entre janeiro e março de 2005, e através da ótica da adaptação, abordar o processo de tradução intersemiótica de um livro para o formato de uma minissérie, evidenciando as transformações na história e entendendo a re-criação das características e das emoções descritas no texto de partida. Sendo assim, é natural que em uma adaptação encontremos elementos adicionados à obra já que se trata de uma recriação. Entendendo também que, quando um romance é adaptado para as telas, várias mudanças serão necessárias, isto ocorre porque alguns aspectos do romance não podem ser alcançados na tela. Assim, quando temos a literatura adaptada para o cinema obtemos uma nova obra, e outros fatores são levados em consideração, pois enquanto o texto literário utiliza a linguagem verbal o cinema emprega a linguagem predominantemente visual. O desenvolvimento teórico-metodológico adotado é, inicialmente, a realização de um breve levantamento da história da telenovela no Brasil, entendendo a configuração de cada gênero da teledramaturgia e evidenciando o potencial narrativo das minisséries. Visando contrapor-se às discussões que insistem em comparar, as adaptações com os originais, pondo-os em relação de dependência, vemos se consolidar grupos de estudos que se dedicam a teorizar acerca da independência do texto adaptado para a mídia cinematográfica. Essa proposta de comunicação se encaixa no temática sugerida pelo Simpósio IDENTIDADE, CULTURA E ETNIA: IMAGENS DA(S) AMAZÔNIA(S) NA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA porque tem como pano de fundo a construção da estrada de ferro Madeira-Mamoré, um evento histórico da Amazônia que despertou olhares externos sobre as riquezas desse povo. Nesse contexto, os dois imaginários sobre essa região são evidenciados: a Amazônia risonha, geradora de riquezas e a Amazônia como “inferno verde”, em decorrência da quantidade de trabalhadores de várias nacionalidades, que morreram durante a sua construção, acometidos pela malária e outras doenças, como a febre amarela, e vitimados por ataques de índios e afogamentos. Deste modo, buscarei enriquecer o debate com teorias que tratam de tradução e de adaptação assumindo o caráter de tradução intersemiótica nesse espaço de transposições entre gêneros díspares. Quanto à tradução intersemiótica ancorei-me em estudos realizados por Jakobson (2003) e Plaza (2010). Sendo assim, adentremos nas teorias pertinentes ao nosso estudo que busca apontar como a adaptação da literatura se efetiva quando proposta ao cinema.

Palavras-chave: Literatura; Tradução Intersemiótica; *Mad Maria*.

A VIOLÊNCIA SEXUAL COMO RESÍDUO GRECO-ROMANO NO IMAGINÁRIO FICCIONAL DE VERA DO VAL

Jandir Silva dos Santos (UFAM)

Resumo: A pesquisa em questão tem a proposta de oferecer uma leitura, pautada nos pressupostos próprios da teoria da residualidade, de três dentre os contos que compõem o livro *Histórias do rio Negro* (2011), da escritora paulistana Vera do Val, obra vencedora dos prêmios Jabuti em 2007 e Literário Cidade de Manaus em 2010, que narra o cotidiano de um povoado fictício às margens do rio-título. Trata-se da versão exótica da autora do que seria uma comunidade ribeirinha e suas relações conflituosas tanto com uma globalização urgente quanto com as figuras folclóricas remanescentes das ainda poderosas tradições locais. Observa-se aqui a apropriação que a autora faz do imaginário amazônico, conforme descrito por Cascudo (1999), e como o reconfigura em matéria ficcional, ao mesmo tempo em que são constatados tópos comuns que perpassam tanto os contos presentes em *Histórias* quanto determinados episódios da mitologia greco-romana, tais como registram Commelin (1988), Carmem e Seganfredo (2003) e Bulfinch (2006). Após discutir as concepções que Torres (2011) traz acerca do imaginário residual e a maneira com a qual Vera do Val traduz o imaginário caboclo em literatura, os seguintes tópos serão observados entre os contos da autora e os episódios mitológicos greco-romanos para fins comparativos: a) o fenômeno da metamorfose e suas condições serão motivo de discussão entre as narrativas *A gameleira*, que conta a história de um ribeirinho que, ao passo que se distancia da família devido a sua natureza reclusa, sente-se mais íntimo de uma árvore em particular, e o assédio que a ninfa Dafne sofre pelas insistências de Apolo, deus das artes e da luz solar; b) a antropomorfização do aspecto masculino da natureza constituirá objeto de interesse no conto *Caipora*, que relata o encontro sexual de uma entidade da floresta e uma jovem cabocla, e na narrativa mitológica grega que descreve a invenção da flauta de Pã, na qual vemos o deus dos bosques perseguindo a ninfa Siringe; c) assim como o rapto divino, a violação sobrenatural, presente tanto em *A cunhã* que amava Brad Pitt, no qual outra jovem se vê vítima do feitiço conjurado por uma figura-boto, quanto no sequestro da princesa cretense Europa por Júpiter, principal divindade do panteão greco-romano. As constatações realizadas em cada item originam assim um tópico comparativo comum a todos os anteriores: a presença de uma sexualidade por vezes violenta, naturalizada, contra o gênero feminino, que Krüger (2003), pautando-se em fundamentação engeliana, relaciona diretamente com a ascensão do patriarcado nas sociedades ditas civilizadas.

Palavras-chave: Residualidade; violência; mitologia; Amazônia

UMA ANÁLISE DA PAISAGEM NAS CANÇÕES DE ZECA PRETO

Suenia Kdidija de Araújo Feitosa (UFRR)

Resumo: O Estado de Roraima possui uma área física de 224.298,9 km² e está localizado no Hemisfério Norte; ao sul, o Estado é cortado pela linha do Equador e tem limites comuns, ao norte, com a Venezuela e a República Cooperativista da Guiana; ao sul, com o Estado do Amazonas; a leste, com a República Cooperativista da Guiana e com o Estado do Pará; ao oeste, com o Estado do Amazonas e com a Venezuela. (MAGALHÃES, 2008, p. 25). A diversidade fronteira de Roraima revela uma diversidade de culturas em contato, como também uma diversidade paisagística, e, consequentemente, uma diversidade identitária, já que o Estado está em “permanente contato com os estrangeiros da vizinhança” (OLIVEIRA; WANKLER; SOUZA, 2009, p. 27), além de receber pessoas de várias partes do País, principalmente da Região Nordeste. E, é sobre essas duas diversidades – na paisagem e na identidade – que nos debruçaremos para discutir sobre suas representações a partir das canções de Zeca Preto, poeta, cantor e compositor local, um dos principais representantes de um movimento cultural ocorrido na década de 1980, em Roraima, que buscou, entre outros objetivos, discutir a questão da identidade roraimense. Uma das canções de Zeca Preto deu nome ao movimento, *Roraimeira*, pois, segundo Oliveira; Wankler; Souza (2009), essa foi a primeira canção que buscou retratar as identidades locais, além de exaltar elementos presentes nas paisagens do

Estado, pois são várias as paisagens que podem ser encontradas em Roraima, desde topografias monótonas cobertas por florestas densas até regiões montanhosas formadas por grandes e exuberantes serras. E muitos desses “cenários vivos” estão representados nos versos da literatura local, principalmente na produção litero-musical de Zeca Preto. Em face disso, as canções de Zeca Preto são terrenos férteis para discussões sobre a nossa paisagem enquanto “matriz cultural”, tendo em vista que em seus versos não encontramos apenas elementos de contemplação da paisagem física do Estado, pois também se fazem presentes representações das identidades locais, que são formadas e transformadas pela mediação dos elementos da paisagem natural (além de outros aspectos). Diante do exposto, a proposta desta comunicação é analisar as representações da pluralidade do Estado, pluralidade que se desenha nas canções revelando aspectos da paisagem cultural. Nesse sentido, pretende-se identificar de que forma Zeca Preto representa a diversidade dos aspectos naturais e das identidades em suas canções ao empregar, ao mesmo tempo, o olhar da contemplação dos elementos materiais e a experiência da convivência nesse lugar de diversos contatos, de muitos encontros.

Palavras-chave: Paisagem; Identidade; Literatura

2 agosto

14h30

UM ROMANCE, DUAS MENTIRAS: O PROTAGONISMO INDÍGENA E A ADEÇÃO AO MODELO DESENVOLVIMENTISTA EM DADÁ GEMADA, DOÇURA AMARGURA - O ROMANCE DO FAZENDEIRO RORAIMESE

Mirella Miranda de Brito Silva (UFRR)

Resumo: Maria Macaggi nasceu em 24 de abril de 1913, em Paranaguá, no Paraná, e entrou para a história e imaginário do Estado de Roraima como Nenê Macaggi. Figura proeminente da sociedade letrada do Rio de Janeiro entre os anos 30 e 40 do século passado, Nenê atende ao convite do então presidente Getúlio Vargas e empreende a mudança radical em sua vida que a levaria para o extremo Norte do Brasil no ano de 1940. Seu objetivo oficial era a realização de um trabalho de caráter jornalístico, a exemplo do que já fizera em Pernambuco e em outras localidades acerca dos governos “biônicos”. Na Amazônia, ela deveria empreender uma descrição da situação dos recém-criados territórios federais da região, intento de caráter evidentemente propagandístico, de que o governo de Vargas foi pródigo. Na Amazônia, a escritora/jornalista fiza residência, num primeiro momento, na capital do Amazonas, mudando-se, no ano seguinte, em 1941, para o Território Federal do Rio Branco, hoje Estado de Roraima. É em Roraima que a escritora vive até sua morte, em 2005 e onde realiza o trabalho da sua vida, tanto no âmbito jornalístico e literário. Suas obras iniciais, publicadas no Paraná e o Rio de Janeiro, receberam críticas bastante positivas de escritores e críticos da época, que elogiaram o temperamento sombrio e trágico das narrativas na jovem escritora, comparando-a Edgar Allan Poe. Sua obra posterior, entretanto, não chegou a ser objeto de estudos críticos até a última década, com a elaboração de artigos e de ao menos uma tese pelas mãos de professores pesquisadores das universidades locais. Destacamos, em nosso trabalho, nos romances desta paranaense que se fez macuxi, a representação do modelo desenvolvimentista veiculado pela chamada “marcha para o oeste”, nome dado ao projeto getulista de interiorização do Brasil através da migração massiva de brasileiros para o Centro-Norte do Brasil, de modo a “colonizar” aquelas partes do país ainda não tocadas pela onda desenvolvimentista do governo Vargas. A obra de Macaggi, inteiramente realizada nas décadas de 70 e 80 do século passado, ora adere, ora repudia os modelos de desenvolvimento da Amazônia, quase sempre predatórios e descaracterizadores, preconizados por Vargas e retomados, posteriormente, pelo Regime Militar. Este jogo de adesão/repulsa gera, subterraneamente e ao longo de sua produção, uma terceira via através da sugestão de um modelo de desenvolvimento assentado numa figura quase sempre acessória em seus escritos, mas que ganha o status de protagonista nos seus últimos romances: o índio. É no rastreamento destas tensões, que trazem à cena jogos de poder entre o centro e a periferia (em

termos políticos e literários), que nosso trabalho se dedica. Para tanto, privilegiaremos a análise do romance *Dadá Gemada, Doçura Amargura*, de 1980, que trata do estabelecimento dos migrantes na região do baixo Rio Branco e elabora a representação da miscigenação e do surgimento de um “novo Brasil” e de uma “nova” Amazônia a partir da história de amor de dois “índios vestidos”, como eram referidos os indígenas catequizados e que viviam entre não-índios, *Dadá-Gemada* e *Naldo Macuxi*,

Palavras-chave: Roraima; Amazônias; Regime Militar; indígena

CORPOS VIOLADOS EM ROMANCES DE NENÊ MACAGGI

Huarley Mateus do Vale Monteiro (UERR)

Resumo: Nos estudos de linhagem pós-colonial abordagens que trazem como foco configurações históricas da sociedade ocidental tem ganhado evidência. Os desdobramentos dessas reflexões têm apontado pensadores como Michel Foucault, G. Agamben e R. Esposito enquanto referentes de diversas formas de entendimento seja no campo cultural, social, artístico e filosófico. Nossa proposta para esta comunicação, agrega-se a essa linhagem de entendimento; elegemos a categoria ‘corpo’ enquanto chave para o que nos provocado na corpora em análise, visto que esta tem sido abordada pelos referidos pensadores - resguardando suas escolhas teóricas - enquanto elemento construído a partir das representações de biopolítica. Assim, acreditamos que as tessituras que tencionam tais relações ganham espaço na matéria literária, cujos indícios deixados nesta chave/categoria apontam acontecimentos históricos. Partindo dessa linha de entendimento, o presente trabalho surge com o objetivo de apontar, a partir da matéria nortista de Nenê Macaggi, como a violação do corpo nos proporcionam compreensões de elementos históricos e culturais no espaço georeferenciado como amazônico, e não só. Fazem parte do conjunto de obras da autora ‘A mulher do Garimpo: o romance no extremo sertão do Amazonas’ (2012), ‘*Dadá Gemada, Doçura amargura: romance do fazendeiro de Roraima*’ (1980), ‘*Exaltação ao verde*’ (1984), ‘*Nara-Sue Uarená: o romance dos Xamatautheres do Parima*’ (1988) que se tornam a corpora a ser analisada. É válido comentar que o projeto literário da autora se insere em um período de extrema mudanças no cenário socioeconômico e político do país. O Estado Novo implementa seu modelo de desenvolvimento e expansionismo; o campo artístico sofre significativas imersões quanto ao elemento regional sobre os influxos do movimento provocado pela ‘Semana de 22’; as reverberações dessas mudanças podem ser vistas nos reordenamentos urbanos, implementando práticas culturais e sociais outras; ciclos migratórios irão apontar o tom ideológicos dessa ‘nova’ postura sócio-política, em que pese outro modelo de ‘escrita’ sobre o corpo que migra, ocupa e se reconstrói nas ‘movências’ da biopolítica. A Amazônia não foge a esse perfil de projeto implementado no país e os indícios imprimirão nos corpos, principalmente das camadas mais fragilizadas socialmente, o alcance de suas ações. O corpo, então, passa a figura enquanto escrita das violações e barbáries praticadas para afirmar ‘o projeto’ de Estado. Evidenciamos que esta proposta é um recorte do Projeto de Tese de Doutorado em Letras (PPGL/UFGA) em fase de qualificação, sobre orientação da Dra. Tânia Sarmiento-Pantoja; insere-se enquanto constituinte metodológico do que se entende por genealogia; já, os influxos teóricos, buscam suporte nas reflexões de M. Foucault (1977, 1979, 1986), G. Agamben (2002, 2009, 2017), R. Esposito (2011, 2012, 2017), Sarmiento-Pantoja (2009, 2013, 2014) e M. Silva (2016) entre outros e outras.

Palavras-chave: Corpo; Violação; Literatura; Nenê Macaggi

QUANDO BELÉM É PERSONAGEM: UMA ANÁLISE DO ROMANCE OS ÉGUAS, DE EDYR AUGUSTO PROENÇA

Suellen Monteiro Batista (UFPA)

Resumo: O romance policial é um gênero literário há muito discutido, seja pela crítica especializada, seja por seus ávidos leitores. Nele encontramos um gênero estreitamente ligado a uma nova organização social, que permite uma análise que observe aspectos intra e extratextuais presentes em sua composição. Tomando essa possibilidade de observação do gênero, propomos uma análise do romance *Os égua* (1998) do escritor paraense Edyr Augusto Proença, um texto marcado por uma

mescla de elementos do romance policial noir e do ultrarrealismo, composição estética cara à literatura brasileira contemporânea. O autor constrói em seu romance de estreia uma narrativa cuja centralidade ultrapassa o crime (o assassinato do cabelereiro Johnny) e permite observar aspectos de Belém da década de 1990, local onde a narrativa é ambientada. Desse modo, partimos da hipótese que analisar os crimes e os criminosos presentes no romance é, ao mesmo tempo, pensá-lo como uma modificação dentro de uma tradição do gênero policial e uma possibilidade de observar as dinâmicas de estruturação e organização social na Amazônia, mais especificamente, na cidade de Belém. Ao ponto de podermos questionar: a cidade é um personagem silencioso em *Os éguas*? O que “esses éguas” nos dizem sobre Belém? Partindo dessas perguntas, a presente comunicação propõe analisar o modo como a cidade surge no romance ultrapassando a dimensão meramente espacial e permitindo observar questões de cunho social, político e cultural, realizando uma leitura do escrito e, ao mesmo tempo, do impalpável, como propõe Robert Danton (1986) ao analisar aspectos da história cultural francesa. Nesse sentido, acompanhar o percurso investigativo do detetive Gilberto Castro é transitar por espaços e grupos sociais; é perceber a dinâmica da cidade e o modo como grupos socialmente distintos acabam cruzando-se na narrativa de Proença (1998); é observar a Amazônia com olhos que apontam para além do exotismo já tanto comentado na literatura sobre a região. Para tanto, tomaremos como aporte teórico dessa análise as formulações de Antônio Cândido (1989), acerca da narrativa produzida no Brasil após a década de 1960, mais especificamente, a presença da violência nessas produções; no que tange ao gênero romance policial nos basearemos nos livros de Sandra Reimão (1983 e 2005), nos quais ela trata da constituição do gênero e dos aspectos peculiares que ele assume no Brasil e, por fim, para darmos conta dos aspectos sociais e, ao mesmo tempo, históricos presentes no romance policial, tomaremos como aporte teórico Julio Pinto (2016) e Ricardo Piglia (2006).

Palavras-chave: Amazônia; Belém; *Os éguas*; Romance policial.

33 - LEITURAS E RELEITURAS DO LITERÁRIO: ABORDAGENS DIALÓGICAS

Coordenação: Marcel Alvaro de Amorim (IFRJ/UFRJ); Kátia Carvalho da Silva (UEMASUL); Adriana Gonçalves da Silva (UNIVESP)

Resumo: O simpósio aqui proposto tem por objetivo agrupar trabalhos que tenham como foco a investigação de formas e modos da leitura de textos literários como um processo social que se realiza nos mais diferentes contextos. Com efeito, consideramos a obra literária – e a obra artística, de forma geral – como parte de um texto infinito no sentido barthesiano (2010) do termo; isto é, como um produto fluido, em constante movimento, que se constrói em sentido em diferentes momentos sócio-históricos, nas mais diversas redes intertextuais e interdiscursivas. Sendo assim, o texto literário encontra-se sempre aberto a novas leituras e releituras, que, por consequência, o constituem enquanto objeto estético e de fruição. Nesse contexto, a proposta aqui delineada prioriza questões como os modos e formas da leitura literária, bem como a investigação do como, do onde e de quais são os participantes envolvidos nos mais diferentes eventos de (re-)construção discursiva do texto literário. Assim, os contextos da leitura literária tal como aqui entendida podem ser institucionais ou informais, na esfera da produção editorial, industrial e/ou didática e escolar, desde que se considere o ato de leitura ou releitura do objeto artístico a partir de bases teóricas de cunho dialógico (BAKHTIN, 2010 e 2016; VOLOSHINOV, 2017), abarcando a interação entre os participantes do evento de leitura – leitor, texto, autor, contexto etc. – e entre os diferentes discursos e momentos sócio-históricos como essenciais no processo de (re-)construção dos sentidos do texto. Considerando esses apontamentos, é intenção deste simpósio agrupar apresentações que tratem de temas como a prática de leitura e releitura de textos literários e o processo de construção de novos sentidos sobre esses textos em contextos escolares e/ou não escolares (ZILBERMAN, 2013; AMORIM, 2013; SILVA, 2017), as leituras e releituras do literário que possibilitam a construção de novos textos e produtos artístico-literários na contemporaneidade (SANDERS, 2006; HUTCHEON, 2006), o processo da adaptação de textos literários para mídias como o cinema, quadrinhos, TV etc. como práticas dialógico-intertextuais de leitura (STAM, 2000; AMORIM, 2013) –, dentre outros

modos e práticas interdiscursivas e intertextuais de leitura e releitura do literário. Em última instância, este simpósio tem como proposta reunir experiências dos pesquisadores envolvidos com ações de leitura e releitura do texto literário, abarcando diversos contextos, gêneros, mídia e tipos, na tentativa de criação de um diálogo fértil que busque a criação de integridade sobre o modo como, por meio da leitura, o leitor/autor constrói e (re-)constrói sentidos a partir do literário, dialogicamente, em um movimento de compreensão intertextual e interdiscursiva do tecido artístico. Nosso maior objetivo é divulgar trabalhos que apresentem experiências de leitura e releitura do literário enriquecedoras, em que a literatura se mostre como ponto de partida, realidade possível, tecido em construção, bem como horizonte de constituição da alteridade.

REFERÊNCIAS:

- AMORIM, M. A. de. "Literatura, adaptação e ensino: uma proposta de leitura". In: GERHARDT, A. F.; AMORIM, M. A.; CARVALHO, A. M. *Linguística aplicada e ensino: língua e literatura*. Campinas: Pontes, 2013a, pp. 231-262.
- AMORIM, M. A. Da tradução intersemiótica à teoria da adaptação intercultural: estado da arte e perspectivas futuras. *Itinerários: revista de literatura*. Araraquara, n. 36, p.15-33, jan./jun. 2013
- VOLOSHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.
- BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BAKHTIN, M. *Por uma filosofia do ato responsável*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.
- BARTHES, R. *O prazer do texto*. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- HUTCHEON, L. *A theory of adaptation*. London; New York: Routledge, 2006.
- SANDERS, J. *Adaptation and appropriation*. London; New York: Routledge, 2006.
- SILVA, T. "O ensino de literatura em tempos de homens partidos: a dramatização como possibilidade de rejunte". In: AMORIM, M. A. (Org.). *Ensino de literaturas*. Campinas: Pontes, 2017, p. 97-122.
- STAM, R. "Beyond fidelity: the dialogics of adaptation". In: NAREMORE, J. (Org.). *Film adaptation*. New Jersey: Tutgers University, 2000, pp. 54-76.
- ZILBERMAN, R. "Porque a leitura da literatura na escola". In: GERHARDT, A. F. L. M.; AMORIM, M. A. de.; CARVALHO, A. M. *Linguística aplicada e ensino: língua e literatura*. Campinas: Pontes, 2013, p. 209-230.

31 de julho
8h30

MEMÓRIA E RESPONSABILIDADE EM JESUSALÉM, DE MIA COUTO

Adriana Gonçalves da Silva (UFRRJ)

Resumo: O romance *Jesusalém*, publicado em 2009, por Mia Couto, traz a baila a história de cinco moçambicanos – entre eles, Silvestre Vitalício e seus dois filhos – que irão se refugiar em uma terra isolada. A empreitada se dá, por desejo do patriarca de reconstruir o seu presente abdicando do passado. *Jesusalém*, nome dado ao local, passa a ser habitada por interdições efetuadas pelo pai em relação à construção deste passado aos seus filhos. Não há espaço para expressões da memória, sempre rechaçada pelo patriarca que impõe, em seu lugar, silêncios. Ao negar a possibilidade de passado, Vitalício almeja habitar uma temporalidade e um locus suspensos e desconectados da inserção histórica, de forma que este presente só pode ser um outro em relação ao de seu país, que vivencia uma guerra civil. O único que é efetivamente filho de *Jesusalém* é Mwanito, que não possui memórias sobre o espaço anterior a não ser a contada por seu irmão, que também se lembra pouco. Estas são, portanto, na acepção de Halbwachs (2006), memórias tomadas de empréstimo. Todavia, apesar do seu esforço, o silenciamento destas recordações pelo pai não pode ser efetivado por completo: o próprio filho mais velho, Ntunzi, o tio Aproximado e o militar Zacarias – mesmo que censurados por Silvestre – fornecem alguns dos retalhos que irão permitir (re)compor e

retranscrever (FREUD, 1972), sobretudo para Mwanito, facetas desta memória, em uma atitude responsiva (BAKHTIN, 2016) diante deste passado. Silvestre Vitalício ao tentar afastar o passado de si e negá-lo a seus filhos, nega também uma parcela de si aos mesmos, uma vez que não podemos acessar sua atitude interpretativa destes fatos. Dessa forma, propomos nesta análise uma leitura dialógica das imbricações dos processos de memória realizados no romance, percebendo as atitudes responsivas frente à construção desta memória discursiva. No decorrer da narrativa, uma personagem feminina alheia a este passado será ironicamente a responsável por traçar e tecer o fio mais uniforme destas memórias. Ao recuperá-las e sistematizá-las em carta a Mwanito, Marta irá devolve-lhe aquele passado retirado, quase mítico, aquele “antes de nascer o mundo” de Jerusalém, como sugere a edição brasileira, mas que agora se revelará um éden às avessas.

Palavras-chave: Memória; Responsividade; Mia Couto.

ENSAIO SOBRE A MORTE DE RICARDO REIS: ESTRATOS FILOSÓFICOS NA OBRA SARAMAGUIANA

Pedro Nunes de Castro (Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC)

Resumo: Esta pesquisa alinha-se aos estudos que sustentam o entrelaçamento da literatura com a filosofia. Entendemos que são dois âmbitos de saber que se interseccionam, uma vez que abordam temáticas concernentes à condição humana. Na obra de José Saramago, esses conteúdos estão em primeiro plano, tais como as reflexões sobre o autoconhecimento que se conectam ao viés filosófico da ética. Apregoamos que nas narrativas do prêmio Nobel instaura-se um profícuo diálogo com o Estoicismo, corrente filosófica que nasceu na Grécia e teve ilustres seguidores, tais como, Sêneca (4 a.c. – 65 d.c.) e Marco Aurélio (121 – 180 d.c.). O âmbito ético dessa filosofia preconizou diretrizes para que o ser humano alcance a eudaimonia, isto é, a felicidade, identificada com a sabedoria e a virtude. 1. Viver de acordo com a razão; 2. Adesão integral ao destino; 3. Ser indiferente aos acontecimentos exteriores, buscando apenas na esfera interior do ser humano a causa para o estado de beatitude, estão entre os preceitos basilares. Entretanto, eles se tornaram objeto de interpretações diversas e contrastantes, sendo que existem estudiosos que inferiram uma exortação à ação e outros, o enaltecimento de um modo de vida exclusivamente contemplativo. A pesquisa em tela difunde o diálogo das narrativas *O ano da morte de Ricardo Reis* (1984), *Ensaio sobre a cegueira* (1995) e *As Intermitências da morte* (2005) com as normas sugeridas pelos estoicos, através dessa duplicidade hermenêutica. Ricardo Reis, por exemplo aderindo à crença no destino, procura adaptar-se às circunstâncias, aceitando de forma passiva e apática a opressão do salazarismo. Lídia, por sua vez, embora não questione diretamente a eventual existência do destino, manifesta-se criticamente sobre o cenário político e se dá a conhecer pela ação. No *Ensaio sobre a cegueira* (1995), destaca-se a mulher do médico, como um contraponto aos demais personagens, porquanto não cegou e procede de forma ativa como meio de superar a catástrofe resultante da epidemia relatada. O livro *As intermitências da morte* (2005) retrata, em nossa análise, tópicos conclusivos da comunicação efetivada com o Estoicismo, pois subjaz a compreensão nos romances de que adotar uma atitude apenas contemplativa é similar a morrer. A greve da morte ‘final’ serve, sob esse prisma, para evidenciar a morte que acompanha os vivos, isto é, quando as pessoas abdicam de agir. Entendemos que ressaltar esta relação dialógica agregará novas possibilidades hermenêuticas à fortuna crítica da obra em tela. E para efetivarmos o presente estudo, referenciamos-nos em Kristeva (1974) e Bakhtin (1981) que sustentam a onipresença da intertextualidade e do dialogismo na constituição da linguagem literária.

Palavras-chave: Razão; Destino; Dialogismo; Intertextualidade.

A PROJEÇÃO DO "TU" E DO "EU": AS VOZES DE JOANA EM PERTO DO CORAÇÃO SELVAGEM, DE CLARICE LISPECTOR

Erenil Oliveira Magalhães (UNEMAT); Bruna Marcelo Freitas (UNEMAT)

Resumo: Este artigo tem por objetivo analisar as alternâncias de vozes que constroem a imagem da personagem Joana no primeiro romance de Clarice Lispector, intitulado *Perto do Coração Selvagem*, publicado em 1944. Para tanto, valemo-nos das teorias que discutem elementos estruturais da

narrativa, com destaque para a obra *As vozes do romance*, de Oscar Tacca. No romance de Lispector, a imagem da personagem principal é construída por meio da alternância das vozes de Joana, personagem principal, e a voz do narrador, já que o romance oscila entre a narração em primeira e terceira pessoa. Nota-se que essa troca de vozes explicita-se principalmente pelo uso dos pronomes “eu” e “tu”. Joana progride, durante a narrativa, para um caminho de autoconhecimento, que oscila entre uma forte tendência à instauração do caos e, concomitantemente, à construção de um caminho para uma forma de libertação. Esse caos e essa libertação estabelecem-se de diversas formas, à medida que a personagem se percebe no mundo e na sua forma de interagir com ele e ao passo que ganha uma percepção de si mesma. As diferenças estabelecidas entre a narradora e o mundo que lhe é apresentado fazem com que ela assuma diversos posicionamentos no decorrer da narrativa. Nesse movimento de alternância de posicionamentos, por meio da memória e dos fluxos de consciência, são contrapostas várias fases da vida de Joana. Há, assim, certo distanciamento entre Joana e o mundo que se apresenta a ela. A personagem desconhece-se a si mesma e desconhece também o mundo. Esse desconhecimento precisa ser superado para se chegar à essência do ser, ou seja, para se chegar ao sentido da existência. Trata-se de um encontrar-se, de um descobrir-se, que é retratado no romance.

Palavras-chave: Vozes; Caos; Libertação; Clarice Lispector

A TRAVESSIA DO DIALOGISMO AO INACABAMENTO EM GRANDE SERTÃO: VEREDAS - DO RISO GROTESCO DE RIOBALDO ECOA A IRONIA DO AUTOR-CRIADOR

Jucelino de Sales (UnB/SEE-DF)

Resumo: Essa comunicação propõe discutir especificamente dois pontos do romance rosiano: a experiência dialógica do jagunço-narrador relatando suas memórias fundamentais ao suposto doutor da cidade e a cena do julgamento de Zé Bebelô, ambos a partir do grotesco, como forma romanesca moderna de ironia altamente elaborada. Sobre o primeiro ponto, pretendemos refletir sobre o contato entre o jagunço-narrador e o suposto doutor da cidade a partir do conceito de “riso grotesco” como ironia moderna estabelecida na descrença do doutor da cidade em relação ao mundo cultural do sertão. O intento é demonstrar analiticamente que o riso mofino do doutor da cidade é solapado pelo riso grotesco do jagunço-narrador que, sob o artifício da linguagem oral, por vezes menosprezada academicamente, tece uma narrativa altamente elaborada, repleta de dialogismos e contornos que, ironicamente, termina por suplantar a “não-fala” do suposto ouvinte, relegado a um silêncio propositalmente estabelecido na arquitetônica da obra desenhada pelo autor-criador. No que se refere ao segundo ponto, é desejo nosso operar numa análise pontual e centrada na cena do julgamento de Zé Bebelô, para observar nesse acontecimento grotesco por si só – visto que um julgamento nos ermos gerais sem quaisquer institucionalização urbana já é potencialmente dotado de ironia – o aglomerado de vozes (dialogismo) de chefes que se justapõem e coadunam num mesmo espaço de experiência, entre as quais a do próprio Riobaldo, alimentando a travessia do jagunço-narrador com visões de mundo, às quais ele mesmo se apropria ao longo de seu processo formativo enquanto pessoa inacabada que vai se compondo através da acumulação de pedaços da experiência de outrem. Bakhtin nos ensina que o romance é um gênero inacabado que representa um mundo inacabado, na medida plena em que esse gênero narrativo possui uma relação intrínseca com o presente histórico, pois retrata o passado com os olhos críticos da atualidade de sua presença: “o presente, com o seu caráter inacabado, considerado como ponto de partida e centro de orientação literário-ideológica, marca uma revolução grandiosa na consciência criadora do homem” (BAKHTIN, 1998, p. 426). Não obstante, esse conjunto dialógico ilustra que o ser Riobaldo, suspenso numa travessia inacabada, só pode sê-lo enquanto culminância de uma apropriação de discursos alheios, com os quais sua memória conflituosa, enquanto motor de sua própria forma literária no narrar, vai delatando paulatinamente o seu inacabamento ao ouvinte ilustrado.

Palavras-chave: grotesco; dialogismo; inacabamento; autor-criador

ANDRÉ GIDE E A BÍBLIA: A LUTA DE JACÓ COM O ANJO EM LES FAUX-MONNAYEURS

Renata Lopes Araújo (UFU)

Resumo: Nesse artigo, nossa proposta é a de comparar a releitura de uma passagem bíblica, a luta de Jacó com o anjo, feita por André Gide em seu *Les Faux-monnayeurs*, com uma interpretação da mesma apresentada no site da Associação de Famílias Protestantes. Tendo sido bastante influenciado pelo protestantismo, poderíamos imaginar que a representação da passagem em sua obra tivesse talvez alguma relação com a exegese protestante. Embora o trabalho intertextual desenvolvido por Gide se aproxime da interpretação apresentada no site em alguns pontos, ele também toma distância da visão protestante do excerto.

Palavras-chave: André Gide, intertextualidade, *Les Faux-monnayeurs*

1 de agosto

8h30

TRANSCONSTRUINDO SHAKESPEARE: ANTROPOFAGIA COMO UMA METODOLOGIA TRANSLOCAL

Marcel Alvaro de Amorim (IFRJ/UFRJ)

Resumo: A partir de teorias recentes da área dos Estudos da Adaptação de base dialógico-intertextual (STAM, 2000, 2005 e 2008; SANDERS, 2006; HUTCHEON, 2006; AMORIM, 2013) e da ideia de adaptação como transconstrução (AMORIM, 2016 e no prelo), a apresentação aqui proposta tem como objetivo principal o questionamento da apropriação do conceito de Antropofagia Cultural (ANDRADE, 2009 e 2011), noção inicialmente desenvolvida no âmbito do modernismo literário brasileiro, como uma metodologia global no campo dos Estudos Shakespearianos. Para tanto, é minha intenção apresentar brevemente uma discussão sobre algumas das principais metodologias da área de estudos intitulada Global Shakespeares (BOSMAN, 2010; DICKSON, 2015; HUANG, 2013 e 2016; SAWER e PANJWANI, 2017; JOUBIN, 2017), sinalizando como a Antropofagia Cultural poderia dialogar e/ou antagonizar com esses estudos, apresentando uma nova perspectiva para a ideia de Shakespeare enquanto fenômeno translocal (BLOOMAERT, 2005; AMORIM, no prelo). Nesse sentido, acredito poder realmente examinar a validade do conceito de transconstrução como uma nova metodologia para pesquisadores e estudantes dos Estudos Shakespearianos que enxergam o bardo como um autor de produções – dramáticas e/ou poéticas – que são constantemente ventiladas ao redor do globo, nas mais diversas formas, pelas mais diferentes línguas e mídias. Por fim, na tentativa de ilustrar a discussão teórica apresentada, também pretendo delinear algumas notas sobre os limites do processo de devoração antropofágica desenvolvido em graphic novels, peças de teatro, filmes e musicais de países como os Estados Unidos da América, a Inglaterra e o Brasil. Dentre esses meios e mídias, dirigirei particular atenção à produção teatral *Midsummer Night Dream*, de Emma Rice, ao musical *Something Rotten*, de John O'Farrell and Karey Kirkpatrick, à graphic novel *Sonhos de uma noite de verão*, de Wanderson de Souza e Lillo Parra, e dos filmes *A herança* e *O jogo da vida e da morte*, respectivamente, de Ozualdo Candeias e Mario Kuperman.

Palavras-chave: Transconstrução; Antropofagia; William Shakespeare

LAVOURA ARCAICA: UM TECIDO DE MÚLTIPLOS DIÁLOGOS

Kátia Carvalho da Silva Rocha (UEMASUL)

Resumo: O filme *Lavoura Arcaica* (2001), de Luiz Fernando Carvalho, consolida-se por ser um produto tão artístico quanto à obra que gerou. Nele, toda a construção fílmica se doa de forma intensa para o espectador, que, em função do como é mostrado, parece ser atingido por um turbilhão de sensações. O filme se caracteriza por ser uma complexa transposição do fluxo de consciência do protagonista para a imagem, de tal forma, que o resultado desta operação se concretiza quando, gradativamente, os conteúdos dessa fala em torrente vão adquirindo contornos quase palpáveis para o espectador. Isso, sem dúvida, se justifica por um conjunto de escolhas determinantes que possibilita não só dar uma dimensão crível aos eventos narrados, como também ressignificá-los, em função da dimensão artística que o filme busca estabelecer. Por isso,

inegavelmente, essa riqueza audiovisual pode ser explicada pela esplêndida fotografia de Walter Carvalho, pela trilha sonora (tão bem concatenada com as motivações da narrativa), pelo texto vigoroso de Raduan a ecoar no decorrer da narrativa fílmica, pelo desempenho visceral dos atores, e, além disso, também é impossível não mencionar todo o trabalho cenográfico realizado. De fato, todos estes aspectos elencados demandam a necessidade de um olhar mais criterioso e ao mesmo tempo crítico, capaz de respeitar a especificidade formal e material do filme *Lavoura Arcaica*. Ao transpor o romance para as telas, mesmo tomando o texto literário como o próprio roteiro do filme, é inegável que, na construção do filme, Luiz Fernando Carvalho se alimentou de outros suportes que, embora evocados a partir da sua leitura da obra literária, estão imediatamente relacionados a outros campos estéticos. E o próprio Luiz Fernando, consciente disso, afirma: “*Lavoura Arcaica* é uma história tecida pelas diferenças e contrastes humanos. As razões que me levaram a filmar *Lavoura* são cacos de vários lugares, são estilhaços que me ajudaram a formar o filme. E sempre pensei na estrutura de *Lavoura* como sendo uma daquelas pinturas islâmicas em cerâmica, normalmente pinceladas sobre superfícies circulares, um prato, um vaso, onde a cada instante, quase despercebidamente, surgisse um animal, uma flor e você poderia escolher um novo ramo para seguir a cada instante” (Carvalho, 1998: Extras). Partindo, portanto, da concepção de dialogismo, cunhada por Mikhail Bakhtin, que entende todo texto como somatório de outras vozes (polifonia), e também, de estudos subordinados a este pensamento, como a intertextualidade, de Júlia Kristeva, e transtextualidade, de Gérard Genette, esta proposta quer discutir as contribuições de outras artes para a construção de *Lavoura Arcaica*. Para tanto, deseja-se pensar de que forma a música de Marco Antônio Guimarães, a concepção teatral de Artaud, bem como a pintura de Caravaggio acrescentam novas possibilidades de se investigar e interpretar a obra de Luiz Fernando Carvalho. De fato, o fim último desta proposta é exatamente provocar o exercício da leitura fílmica, considerando-a, portanto, como importante ferramenta no mundo contemporâneo, repleto de textos audiovisuais.

Palavras-chave: Leitura; Dialogismo; Adaptação Cinematográfica

AS IDEIAS SÃO À PROVA DE BALAS: SENTIDOS EM DISPUTA PARA AS MÁSCARAS DE GUY FAWKES EM JUNHO DE 2013

Fernanda Olívia Lazaro Carvalho (UFRJ)

Resumo: O uso de gestos popularizados por algumas adaptações cinematográficas de obras literárias tem se tornado comum na composição de revoltas sociais deste decênio. Dentre estas influências, a *graphic novel* “*V de Vingança*” (MOORE & LLOYD, 2005) desponta como uma das maiores inspirações dos movimentos sociais da atualidade. Nos protestos de junho de 2013, no Brasil, a máscara de Guy Fawkes emergiu como um dos adereços mais utilizados entre os manifestantes e foi dialogizada por sujeitos dos mais distintos matizes ideológicos. Sujeitos com demandas anarquistas, socialistas, conservadoras, nacionalistas, vestiram o mesmo adereço de sorriso irônico e bigode icônico. A disseminação das máscaras de Guy Fawkes em contextos tão singulares, evidencia o desenrolar de um jogo complexo e dinâmico da comunicação discursiva. Cada uso das máscaras de Guy Fawkes, cada interpretação e enunciado sobre sua definição, concorda ou discorda, rejeita ou polemiza, aceita ou ironiza, enunciados que foram produzidos por outras vozes discursivas. Estes contextos não estão apenas justapostos, mas sim em estado de atrito constante, em tenso combate dialógico (FARACO, 2009). No fluxo da comunicação responsiva descrita pelo Círculo de Bakhtin (VOLOCHINOV, 2017; BAKHTIN, 2016), o ambiente de um enunciado é a heteroglossia dialogizada (FARACO, 2009), onde vozes sociais vão se entrecruzando ineditamente e formando novas vozes sociais. Assumindo que os quadrinhos possuem status de obra artística de caráter literário e, a fim de compreender como se dá a relação textual entre estes distintos contextos de produção de sentidos sobre as máscaras, esta comunicação abordará brevemente algumas leituras sobre a personagem: a da obra literária “*V for Vendetta*” (MOORE & LLOYD, 2005), a do filme “*V de Vingança*” (MCTEIGUE, 2006), e de algumas vozes de junho de 2013. Por fim, apresentarei resultados de pesquisa com dados retirados de uma seção de comentários produzida no portal G1. Esta notícia tratava do aumento das vendas dos quadrinhos, do filme e das máscaras devido aos protestos e

recebeu cerca de 130 comentários em formato sequencial e não linear. Neste gênero discursivo, os participantes responderam, opinaram, reagiram ao tema da notícia e desenvolveram, principalmente, tentativas de produção de sentidos estáveis para as máscaras de Guy Fawkes. Nesta análise, buscarei, a partir da noção de dialogismo e de heteroglossia, produzidas a partir dos escritos do círculo de Bakhtin, compreender diferentes modos de leituras deste signo, principalmente aqueles que entraram em disputa na interação. Admitindo que as palavras estão em constante reverberação pelo atrito com a palavra alheia (BAKHTIN, 2016), esta comunicação chamará atenção para os momentos em que alguns participantes tentaram tornar a máscara de Guy Fawkes um signo monovalente, estático e autocentrado.

Palavras-chave: Máscara de Guy Fawkes; Dialogismo; Heteroglossia

O CONTINNUM MACHADO DE ASSIS E GUIMARÃES ROSA POR MEIO DOS CONTOS HOMÔNIMOS "O ESPELHO"

Aline Carrijo de Oliveira (UFU)

Resumo: O objetivo deste trabalho é propor que as relações intertextuais entre os contos "O espelho", de Machado de Assis (1882), e o conto homônimo de Guimarães Rosa (1962) estão além de uma releitura literária. A análise dos contos pontua possibilidades de intersecções entre os enredos, além de apontarem para outros textos canônicos citados, e viabiliza a reflexão de que "O espelho", de Guimarães Rosa, promove um continuum da narrativa de Machado de Assis em questão. Os elementos enumerados como provas para essa argumentação estão presentes no título e na imagem do espelho como objeto emoldurador da narrativa, como também estão presentes na própria questão filosófica que envolve o (auto)(r)reconhecimento da identidade humana e das relações que ela constrói. A teorização da construção textual (literário) de Barthes (1976) e os conceitos remontados por Samoyault, em seu texto A intertextualidade (2008), acerca da relação intertextual serão bases para as discussões acerca da proposição deste trabalho. Para Willrich (2012), os contos a compor este corpus desenvolvem o símbolo do espelho como metáfora para a descoberta da identidade, contudo o texto de Machado trata o espelho como objeto responsável pelo autorreconhecimento do personagem/indivíduo face à sociedade a partir da experiência externa, ao passo que o conto de Guimarães Rosa trabalha o espelho como metáfora para o autorreconhecimento íntimo por meio da observação profunda e subjetiva do seu reflexo. Em decorrência da análise é possível perceber que por mais que os títulos dos contos evidenciem o objeto espelho, a metáfora trazida por ele não é temática principal de ambas as narrativas. Para Machado, o espelho é o mecanismo de percepção da relação entre as duas almas humanas: a interna – como o ser próprio se vê – e a externa – como a sociedade o constrói. Para Guimarães Rosa, o espelho reflete o uno que é plural, pois trata-se de sobreposições de máscaras às quais as pessoas são submetidas. Contudo, eles (os espelhos) são falsos, pois cada um reflete de acordo com sua natureza. E do mesmo modo comportam-se os olhos humanos, que dependem de uma posição em relação à luz e do momento no qual se deparam com o sujeito observado. De acordo com a análise proposta neste trabalho, em ambos os contos é tratada a característica instável da identidade, pois está em constante formação. Na linha adotada nesta pesquisa, o conto "O espelho", de Guimarães Rosa, poderia ser entendido com uma biblioteca das referências machadianas no conto homônimo e, como proposta investigativa, possibilita uma continuidade da inquietação e reflexão acerca das questões de identidade e autorreconhecimento da alma humana

Palavras-chave: Machado; Rosa; Intertextualidade

O LEITOR COMO AUTOR: A RELAÇÃO INTERTEXTUAL ENTRE FICCIONES E A ÚLTIMA VIAGEM DE BORGES

Carla Carolina Moura Barreto (UFRR)

Resumo: Tem sido bastante recorrente nos últimos anos o fato de muitas obras literárias serem compostas por elementos que são deslocados de seu âmbito original para compor outras obras. Essa prática é denominada no campo artístico de apropriação e tem como precursor o artista dadaísta

Marcel Duchamp, que se apropriou de objetos do cotidiano para transformá-los em objetos artísticos. O artista deu início a esse processo de apropriação dentro da arte, em 1917, ao inserir um unirol de porcelana branco em uma exposição artística. Duchamp deslocou o objeto de seu local de origem e o recontextualizou, transformando-o em uma obra de arte, de modo a colocar em questionamento o processo criativo e a evidenciar uma nova forma de produção artística. Esse procedimento artístico de deslocamento da obra de seu âmbito original ocorre também entre textos. Muitos autores passam a deslocar fragmentos textuais de seu local de origem para inseri-los em novas obras, praticando uma apropriação textual. Essa prática é exercida pelos novos leitores, os quais leem textos e se apropriam de elementos pertencentes a eles, tornando-se autores-leitores. Assim, esses novos autores produzem seus escritos partindo de suas experiências literárias, de algo que foi produzido por outro, substituindo o ato de criação pelo de apropriação através de uma relação intertextual. Dessa forma, a prática literária passa a ser exercida pelos novos autores não mais a partir da criação, mas sim da apropriação, colocando em cena a intertextualidade como ato de criação literária. Assim, essa nova forma de produção, que parte da apropriação, coloca em questionamento a noção de autoria e originalidade, revitalizando o debate que desde a década de sessenta é suscitado entre teóricos. Dessa forma, o presente trabalho tem como objetivo analisar a peça teatral *A Última Viagem de Borges*, de Ignácio de Loyola Brandão, buscando evidenciar os atos apropriaacionistas exercidos pelo autor ao inserir dois personagens borgeanos em sua narrativa: Funes, de Funes, el memorioso e o Bibliotecário, de *La biblioteca de Babel*, contos inseridos na obra *Ficciones* (1944). Com isso, buscaremos destacar como se dá o diálogo intertextual entre a obra de Brandão e as obras de Borges, o qual é mediado pelos procedimentos intertextuais de citação e paródia. Assim, pretendemos analisar a função autoral na obra, a qual desautoriza o autor como único detentor de sentidos do texto e evidencia as relações intertextuais como ato de criação literária, resultando no surgimento de um autor-leitor, o qual se apropria dos textos de Jorge Luis Borges. Para tanto, utilizaremos como principal base teórica Barthes (1968), Foucault (1969), Kristeva (1969), Compagnon (1979) e Hutcheon (1985).

Palavras-chave: Autoria; Apropriação; Intertextualidade.

2 de agosto

8h30

CURTA O CURTA - O ESTÍMULO EDUCATIVO NA ADAPTAÇÃO DE CONTOS MACHADIANOS

Marina Leite Gonçalves (CEFET-MG)

Resumo: Existe, também, por trás das várias adaptações literárias para o cinema, televisão e outras plataformas, uma motivação pedagógica. Estudantes de literatura e seus professores, no ímpeto de estimular a imaginação cinematográfica de seus alunos, representam um dos maiores mercados de incentivo para as obras adaptadas do texto literário (HUTCHEON, 2013). Atendendo a esta perspectiva adaptativa do estímulo educativo, a rede nacional de TV Educativa - TV Escola - movimenta-se nessa indústria pedagógica da adaptação, povoando o imaginário infanto-juvenil com curtas de animação da literatura clássica machadiana. Estas várias produções de audiovisuais em intertexto com as narrativas curtas do escritor carioca serviram ao impulso pedagógico de aproximar os leitores nativos digitais da literatura clássica. O exame das diferentes versões de Machado em desenho de animação, cujo público alvo é o infanto-juvenil, fez-nos perceber que além do prazer estético de adaptar, os agentes adaptadores deram relevância ao potencial de acesso desses jovens às narrativas de Machado por meio do apelo contextual de suas adaptações. Este trabalho tem como objetivo analisar o movimento transtextual que ramificou-se pelo cinema de animação com a adaptação de cinco contos do escritor carioca: *Um Apólogo* (2013), baseado no conto de mesmo título, publicado na coletânea *Várias Histórias* (1896); *Aurora sem dia* (2013), inspirado no conto homônimo da coletânea *Histórias da meia noite* (1873); *Tênis da Hora* (2014), baseado na narrativa "A chinela turca", publicado em *Papéis Avulsos* (1882); *A Ciência do bem e do mal* (2015), adaptado do conto "Adão e Eva", de *Várias Histórias* (1896) e *Miss Dollar* (2013), adaptado do conto

homônimo da coletânea Contos fluminenses (1870). É nossa intenção observar como os adaptadores souberam aliar os acréscimos e as transformações com os sentidos interpretativos e significativos da narrativa de origem para atender à expectativa do público leitor da TV Escola. Orientados pela expectativa de um público conectado ao conteúdo cultural das mídias contemporâneas, os adaptadores contextualizaram as narrativas curtas machadianas à linguagem e cultura dos jovens atuais. As mídias digitais, propagadoras de entretenimento, foram utilizadas como mecanismo para assegurar que o leitor nativo digital interagisse com o texto literário de forma prazerosa e descontraída. As personagens e enredos dos contos oitocentistas além de ganharem novas personalidades, em conformidade com a cultura urbana do século XXI, ganharam também expressão e movimento através da computação gráfica, modelagem e animação 3D. A motivação educacional dessas narrativas machadianas em animação é relevante, pois podem levar a criança ou o adolescente, que têm a tecnologia e a cultura do audiovisual infiltradas em seu cotidiano, chegarem até aos contos que lhe serviram de inspiração. O “faça-com-que-eles-leiam” é a intenção das adaptações da TV Escola.

Palavras-chave: Machado de Assis; adaptação; desenhos animados

LEITURA E ESCRITA CRIATIVA NA WEB: FANFICTIONS DA SÉRIE ONCE UPON A TIME

Cristiane Tosta Alcantara (UNEB)

Resumo: O processo de convergência das mídias provocou mudanças nos padrões de comportamento do espectador e do leitor. A interação entre as mídias e os consumidores tem oportunizado a participação ativa do público, obrigando conglomerados de entretenimento a traçarem estratégias interativas a fim de atender as necessidades e reivindicações comunicacionais dos indivíduos na contemporaneidade. A participação do público na internet tem possibilitado uma revolução no comportamento do internauta, que investe mais tempo em ambientes digitais e o desafia a construir universos ficcionais, traduzidos por Henry Jenkins (2012) como narrativas transmidiáticas, que representam uma transformação cultural na medida em que os espectadores são constantemente incentivados a buscar novas informações em diferentes suportes. O trabalho busca examinar a apropriação do produto midiático Fanfictions, inspiradas nas histórias da série Once Upon a Time, tendo o site spiritfanfiction.com como objeto de estudo a fim de demonstrar que as produções dos fãs podem ser consideradas um dos caminhos para a formação do leitor contemporâneo. A partir desses elementos, pretende-se analisar de que maneira a narrativa dos denominados ficwriters têm favorecido a produção e o compartilhamento de textos em diversas mídias, e quais motivações têm levado os fãs a se tornarem produtores de fanfics. Esses autores ou ficwriters têm como inspiração as histórias produzidas no mercado cultural de livros, HQs, filmes e seriados de TV, fortalecendo o vínculo com a cultura do fã e com o objeto a ser reconfigurado, possibilitando a criação de novos produtos culturais, conforme propõe Jenkins em Invasores do texto (2015). A série Once Upon a Time (2011) seduziu espectadores em vários países e tem como argumento a mixagem de diversos contos de fadas em um universo paralelo. Os autores de fanfics com base em seriados e, especificamente nesse seriado, alteram o final da obra, confrontando inclusive a construção lógica dos roteiristas, criando e/ou modificando o destino das personagens, explorando outras facetas da história, demonstrando que a obra, como objeto de linguagem, é um texto aberto e o espectador/leitor potencializa a leitura. A participação do leitor nesse processo de reescrita é fundamental para constataremos que o leitor é parte da engrenagem dos sentidos propostos pelo autor do texto. Desse modo, “uma teoria do efeito estético se funda no texto, ao passo que uma estética da recepção é derivada de uma história dos juízos de leitores reais” (ISER, 1999). O espaço da escrita mudou e os conteúdos midiáticos oferecidos na rede configuram-se como produtos decorrentes da cultura colaborativa. Entender esse processo é compreender como as pessoas estão sendo estimuladas a produzir textos e consequentemente a criar novos gêneros textuais.

Palavras-chave: Fanfictions; Convergência das mídias; Escrita criativa; Fã

MULTILETRAMENTOS E LETRAMENTO CRÍTICO: DESAFIOS À ABORDAGEM PEDAGÓGICA DO TEXTO LITERÁRIO

Michela Rosa Di Candia (UFRJ); Rogério Casanovas Tílio (UFRJ)

Resumo: Na sociedade contemporânea multi e hipersemiotizada, a leitura de textos (literários ou não) vem sendo reinventada, mas muitas vezes acaba sendo relegada às margens. As transformações do cotidiano trazidas pelas novas tecnologias de informação e comunicação, especialmente por conta da internet e dos smartphones, exercem grande influência na formação dos sujeitos que se aliam ao fascínio da hipermodernidade (LIPOVETSKY, 2004). Nesse contexto, algumas questões que se relacionam à leitura literária e às suas formas são ressignificadas, enquanto outras são apagadas. Na tentativa de resgatar o valor do texto literário, nossa proposta é considerar os pressupostos do letramento crítico apresentando um exemplo prático com atividade desenvolvida em um projeto de extensão universitária de formação inicial de professores pedagógica que oferece aulas de inglês à comunidade externa (CLAC/UFRJ). Ao realizar a leitura de um texto literário, o aprendiz entra em contato com uma série de dados culturais diferentes daqueles de sua(s) cultura(s). Por isso, primeiramente, ele tem o desafio de vencer as barreiras linguísticas do texto, para, então, negociar seus sentidos interpretativos. Tendo como ponto de partida teóricos do letramento crítico (Janks, 2010; Luke, 2012, 2017) e dos multiletramentos (The New London Group, 1996; Cope; Kalantziz, 2015, 2012; Kalantziz; Cope, 2012, 2016) e, considerando-se a ideia de que um texto não possui significado anterior à sua leitura (Derrida, 1976), pretendemos, por meio da leitura de um poema de Alan Ginsberg, propor como o ensino crítico (Tílio, 2017; Pennycook, 2004) pode colaborar para promover o protagonismo do aluno na construção/negociação dos significados. É fundamental que os aprendizes/leitores sejam estimulados à leitura crítica e ao letramento crítico (Cervetti; Pardales; Damico, 2001) das representações discriminatórias do outro, que é comumente visto como diferente e a-histórico nos textos e narrativas presentes nos textos multisemiotizados. Buscamos, portanto, entender de que forma a aula de literatura pode fomentar um espaço dialógico entre ensino e aprendizagem de uma língua estrangeira.

Palavras-chave: multiletramentos, literatura, letramento crítico

A LEITURA LITERÁRIA DIALÓGICA NA REDE PRIVADA DE ENSINO: UM CONVITE À RESPONSABILIDADE DOCENTE-DISCENTE

Mariana Roque Lins da Silva (UFRJ)

Resumo: Vivemos fissuras, fragmentações e desestabilizações na contemporaneidade. Assim, se o homem apresenta natureza contraditória, heterogênea e fluida, não se pode esperar que verdades essencializadas deem conta de responder às necessidades atuais. Dessa maneira, sendo a literatura uma importante forma de expressão artística, erguendo-se como caminho para o ser humano (re)pensar seu estar-no-mundo, a leitura da obra *Capitães da Areia*, escrita em 1937 por Jorge Amado, ergue-se como proposta para a construção de um processo de letramento crítico e dialógico, no qual professores e estudantes de uma escola privada de classe média alta, no Rio de Janeiro, encontram espaço para assumir sua atitude ativa-responsiva diante das questões sociais suscitadas pelo livro. Nesse sentido, considerando a palavra e o seu território social – sempre interacional e ideológico, portanto –, a leitura literária proposta pelo presente trabalho visa a ventilar proposições acerca de conceitos do Círculo de Bakhtin, como heteroglossia, ideologia, responsividade e exotopia, no contexto da leitura dialógica e da produção escrita discente. Urge problematizar, ainda, a (ir)relevância de documentos normatizadores como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e de projetos reguladores em andamento nas instâncias municipal, estadual e federal, como o Escola Sem Partido (ESP). Considera-se, pois, a sala de aula como lugar de interação discursiva entre sujeitos sociais que, imbricados na leitura literária em questão, se manifestam por meio do discurso, como uma arena entre forças centrípetas – centralizadoras – e centrífugas – descentralizadoras, não havendo espaço para o apagamento das vozes sociais em interação. Isso porque, de acordo com a perspectiva adotada pela presente pesquisa, em consonância com as ideias do Círculo de Bakhtin, toda produção discursiva é, por si só, ideológica. Para tanto, é necessário

pensar que o processo de leitura literária efetivamente comprometido com as questões sociais pode, dessa maneira, favorecer o acesso às fronteiras discursivas, por meio do tenso e necessário embate ideológico. Por isso, no que se refere ao processo de leitura literária da obra amadiana, constata-se que tal atividade oportunizará aos participantes a instauração de consonâncias, dissonâncias e multissonâncias. Ler e, de algum modo, vivenciar – nas linhas e nas entrelinhas amadianas – a realidade de centenas de crianças e adolescentes que vivem nas ruas pode ser um importante convite para que os estudantes se posicionem, por meio da análise e da produção de discursos, sobre esse tema de grande relevância social. Nessa perspectiva, consoante Bakhtin (2008, 2010 e 2011), Moita Lopes (2006) e Voloshinov (2017), a desconstrução de verdades pré-concebidas e a responsividade diante das problemáticas sociais das quais trata a obra são estratégias imprescindíveis para a efetiva leitura literária dialógica.

Palavras-chave: leitura literária; dialogismo; responsividade

ATIVIDADES DIDÁTICAS E FORMAÇÃO DE LEITORES LITERÁRIOS

Débora Ventura Klayn Nascimento (UFRJ)

Resumo: O trabalho discute atividades destinadas ao estudo do texto literário em livro didático do Ensino Médio. Para isso, tem como base concepções da filosofia da linguagem co-construída por intelectuais russos do século passado, integrantes do grupo que hoje denominamos Círculo de Bakhtin, sobretudo os conceitos de dialogismo (BAKHTIN, 2016) e de responsividade (VOLÓCHINOV, 2017). A crítica à teoria linguística de Saussure, presente em textos do Círculo, é convocada para apontar possíveis caminhos para a compreensão das origens do modelo de atividades de leitura vigente, isto é, um modelo no qual as atividades centram-se na reprodução de informações textualmente escritas e na identificação de conceitos estudados durante as aulas de Língua Portuguesa e não abrem espaços para a expressão dos posicionamentos responsivos dos alunos frente às leituras literárias. A convocação da crítica feita pelo Círculo à teoria saussureana se mostra importante na tentativa de compreensão do modelo vigente porque, ainda que a teoria linguística de Saussure não figure hegemônica nos dias atuais, sua influência ainda parece forte nas práticas pedagógicas presentes em livros didáticos, conforme se pretende demonstrar na análise realizada no trabalho. Ademais, os conceitos presentes na filosofia da linguagem bakhtiniana são evocados para contribuir com a percepção da infecundidade do modelo de atividades analisado para a formação de leitores (literários), uma vez que demonstram que toda compreensão é ativa e dialógica. Dessa forma, posicionamentos responsivos constituem o ato da compreensão e se fazem presentes nas leituras dos alunos, apesar de não constituírem alvos nas atividades didáticas. Além disso, os conceitos presentes na filosofia da linguagem bakhtiniana, por realizarem uma interpretação da linguagem verbal como registro, reflexo e refração do mundo social, direcionam o estudo para a compreensão do caráter social de manutenção de poder a determinados grupos que um ensino pautado na reprodução, na identificação de conteúdos e no silenciamento das atitudes responsivas pode promover. Afinal, quando grande parte da população tem contato com a leitura - e sobretudo com a leitura literária - principalmente, através dos materiais escolares, a sufocação das vozes e das leituras que as pessoas constroem no contato com os textos mostra-se essencial para o sustento da hegemonia que se apresenta, uma vez que não favorece o processo de apropriação, caro ao Letramento Literário (COSSON, 2006), inviabilizando, assim, a literatura como um direito de todos (cf. CANDIDO, 1995). Alicerçado nos conceitos esboçados acima, o trabalho analisa uma atividade, baseada em soneto camoniano e presente em livro didático do Ensino Médio, aprovado pelo PNLD 2018. A análise intenciona contribuir com a “desaprendizagem” de velhas práticas referentes à abordagem da leitura literária na escola.

Palavras-chave: Leitura literária; Dialogismo; Responsividade.

3 de agosto

8h30

POÉTICAS E POLÍTICAS DAS ARTES NO CONTEXTO DA SURDEZ

Alessandra Gomes da Silva (PUC-Rio)

Resumo: O século passado foi marcado por intensas modificações. A busca por legitimação dos grupos minoritários, a descrença nas metanarrativas – fundadas em visões totalizantes da história, as viradas linguísticas e, mais tarde, a icônica evidenciaram outros modos de produzir e divulgar conhecimento. Podemos incluir uma revolução, aparentemente ainda em curso, dos meios de comunicação, que vem gerando novas possibilidades de se relacionar com o outro e, conseqüentemente, de ouvir e de contar histórias. Diferentes suportes, temas e contadores coabitam e disputam espaços cada vez mais interligados de produção e de difusão de narrativas. Trazendo para o campo da surdez, sabemos que o modo como compreendemos tal condição irá determinar nosso olhar para esses indivíduos. Para Skliar (SKLIAR, 1998, p.10), tal questão nos obriga a pensar nesses sujeitos também em uma dimensão política. Já Gesser (2008) nos aponta ainda que a surdez é tanto uma construção cultural quanto um fenômeno físico. Nosso trabalho, então, pretende abarcar questões que impliquem pensar nos surdos como um grupo social com características específicas, para além de uma concepção patológica acerca da condição desses sujeitos. Para isso, buscamos, pelo viés da arte, aliada às transformações histórico-culturais, principalmente as que ocorreram a partir dos anos 60, tentar seguir alguns movimentos de ruptura que partilharam novas possibilidades de compreensão dos modos de ser desses indivíduos. Com a certeza de que o fio da história é sempre provisório e inacabado, voltamos-nos para a literatura, o cinema e o teatro, como eixos de condução possíveis para compreendermos as transformações do pensamento nos modos de lidar com as diferenças, sobretudo, buscando outro entendimento da surdez. Nesse contexto, analisaremos algumas produções culturais que transitaram pelo tema e que em seu escopo podem colaborar para uma produção reflexiva acerca desses indivíduos. Acreditamos importante pontuar a questão da compreensão da surdez como diversidade e a sua inclusão em grupos linguísticos minoritários, a partir da legitimação política das línguas de sinais. Todo este trajeto de pesquisa evidenciou ainda a importância de representações próprias que rompam com os estereótipos marcados socialmente. Isso porque há, nesse campo, uma necessidade de ruptura com determinadas imagens simbólicas sobre o surdo, geralmente, fruto de uma possibilidade bastante limitada de representação de um imaginário cultural, voltando-se somente para a questão do não ouvir, desconsiderando outras formas de existir e de lidar com o mundo. Assim, acreditamos que nesse contexto possamos contribuir para uma diversificação dos estudos da teoria literária, abrangendo um encontro das artes, a partir de um campo expandido de produção/significação, com diferentes alteridades e meios de expressão.

Palavras-chave: Surdez; língua de sinais; arte; política

DIALOGISMO E INTERTEXTUALIDADE NO MATERIAL DIDÁTICO DO ENSINO MÉDIO REGULAR: UMA ANÁLISE ORIENTADA PARA O ENSINO DE LITERATURA

Silvio de Oliveira Gomes (UFRJ)

Resumo: Os conceitos de linguagem e dialogismo formulados pelo Círculo de Bakhtin - especialmente por Mikhail Bakhtin (2015, 2016) e Valentin Volóchinov (2017) - dão suporte à concepção de intertextualidade proposta nos anos 60 do século XX por Julia Kristeva, em artigo publicado originalmente na revista *Critique* sobre as teorias do Círculo contidas nas obras *Problemas da poética de Dostoievski* e *A obra de François Rebelais*, bem como à vasta gama de interpretações sobre o tema em nossa contemporaneidade, tanto na área de estudos da linguagem, em geral, quanto na crítica literária e em pesquisas sobre ensino de literatura, em específico. Nesse contexto, a comunicação aqui proposta visa a explicitar semelhanças e divergências no desenvolvimento dos conceitos apresentados – dialogismo e intertextualidade - bem como a validade da intertextualidade para os estudos em ensino de literatura, principalmente em relação à análise/produção de materiais didáticos voltados ao contexto do Ensino Médio regular. Para isso, além dos autores já citados, serão importantes as contribuições sobre intertextualidade de José Luiz Fiorin (2008a, 2008b), Roland Barthes (2010), Linda Hutcheon (1991), Tânia Carvalhal (2006) e Gérard Genette (1997). Em seguida,

para compreender a validade desse conceito para a área de ensino de literatura, observarei o trato dado à questão por documentos como os Parâmetros Curriculares Nacionais e as Orientações Curriculares para o Ensino Médio, assim como por autores que buscam a construção de um olhar dialógico para o campo, tais como William Cereja (2005) e Marinês Kunz e Marcia Regin Souza (2013), Marcel Amorim (2013) e Paula Szundy e Luciana Nascimento (2016).

Palavras-chave: Ensino de literatura; Dialogismo; material didático

DO VIDEOCLÍPE À LITERATURA: UM PERCURSO DE (RES)SIGNIFICAÇÕES DIALÓGICAS

Vitor Ferreira (UFRJ)

Resumo: Diante de uma educação que não se preocupa apenas com o que ensinar, mas também, como ensinar e diante de alunos inseridos num ambiente tecnológico e novo, a procura por formas para resgatar o interesse do jovem certamente se faz necessária a fim de que o ensino se torne proficiente. Pensando nessa questão, urge um trabalho sobre a literatura e a canção (letra e música) contemporânea num contexto que envolva a realidade do aluno, assim como o ambiente tecnológico em que ele está inserido. Os conhecimentos intrínsecos a qualquer cultura são passados de geração a geração através da literatura. Ao abrir ao infinito a possibilidade de interação com o(s) outro(s), podemos entender a literatura como um elo da corrente dialógica, assim, percebemos que estamos de alguma forma conectados a ela, e isto vai além de um simples entretenimento, já que ela amplia nosso universo na medida em que nos humaniza, o mesmo podemos dizer da música. A literatura e a canção podem ter sim uma função lúdica, de entreter indivíduos. Todavia, ambas não se resumem/reduzem somente a isso, pois são também um recurso de crescimento e desenvolvimento humano. Podemos dizer que as palavras são capazes de narrar e reproduzir coisas que a música (refere-se à harmonia e à melodia) não pode, por outro lado esta tem a capacidade diferenciada de exprimir certas emoções e climas. Contudo, não nos interessa discutir canção/música e literatura e nem quais elementos de cada área possuem prioridade sobre outros, mas refletir como essas linguagens podem operar em conjunto. Temos como objetivo tentar alcançar tanto uma percepção sociocultural quanto um incentivo à leitura literária, buscando apresentar formas possíveis para que a literatura adentre o ambiente escolar com mais facilidade, dialogando com a canção presente na mídia atual. Para isso, buscaremos operacionalizar os conceitos do Círculo de Bakhtin a uma proposta metodológica de leitura de videocliques, pensando numa atividade que possa ser utilizada com alunos do Ensino Médio. Assim, mirando nosso olhar para os videocliques, é fundamental entender o espaço no qual ele está sendo criado, a conexão com a letra e com a harmonia da música, o figurino, a escolha dos personagens, a movimentação deles, as cenas inseridas antes ou posteriormente à música, toda a construção que é gerada para que o pequeno vídeo relacionado a uma canção tenha uma experiência diferente para quem o vê, ouve e observa. Ademais, partiremos dos conceitos de interação discursiva, dialogismo, ideologia do cotidiano, ideologia formada e responsividade para um olhar sobre o videoclipe. Com isso, esperamos alcançar uma proposta de trabalho que possa gerar inteligibilidade desses alunos acerca do mundo que os cerca.

Palavras-chave: Literatura; Canção; Círculo de Bakhtin.

LETRAMENTO LITERÁRIO NO ENSINO FUNDAMENTAL II: DIÁLOGO ENTRE ÉPICOS PÓS-MODERNOS E MITOLOGIAS

Juliana Lannes (Colégio Pedro II/ UFRJ)

Resumo: A leitura literária, muitas vezes, é feita no Ensino Fundamental II sem a pretensão de um letramento literário propriamente dito, já que esse é uma apropriação crítica da leitura por parte do leitor e – em muitas situações a leitura em sala de aula é apenas um subterfúgio para o trabalho com conceitos gramaticais ou com gêneros literários estanques. Buscamos nesse trabalho uma concepção de leitura que possa ser mais analítica, tentando promover a reflexão e o debruçamento do aluno sobre os textos trabalhados e as questões por eles suscitadas. Dentro dessa proposta, tenho o objetivo – através de sagas épicas pós-modernas - e distantes do cânone -, como: Harry

Potter, Percy Jackson e Os Kane – de discutir e de fomentar debates de temas presentes nas obras – rejeição, preconceito, controle, violência e outros - que circundam não apenas questões juvenis, mas tópicos que sejam referentes a toda sociedade. Para tanto, criei um projeto escolar com esse objetivo no ano de 2017, esse trabalho reuniu mais de 15 alunos de 8º e de 9º ano, em dois grupos nos turnos da manhã e da tarde. Durante reuniões semanais discutimos o gênero literário épico e suas implicações; o que seria a pós-modernidade – e como unir os conceitos de textos épicos às questões propostas em nossa contemporaneidade; as obras selecionadas previamente por mim e outras sugeridas pelos alunos; os temas latentes nas obras; os diálogos constantes com outros textos/ mitologias/ símbolos e as questões sociais relativas aos mesmos. Durante o processo, o interesse dos alunos, por se aprofundar nas míticas e nas outras culturas, foi crescente. Com isso nos levando a uma nova reverberação do trabalho que foi, por fim, nosso ponto alto. Assim, nossa culminância acabou ocorrendo na parte final do período letivo, quando os alunos começaram a construir seus "crossovers" e "fanfics" baseados nas discussões das reuniões que ocorreram durante o ano. Para tal, eles utilizaram como base alguns dos textos lidos em sala ou textos totalmente autorais, mas sempre dentro da ideia de um texto épico, assim a leitura de textos como o Dicionário de mitologia, de Junito Brandão de Souza e o Dicionário de símbolos, de Chevalier – entre diversos outros – fez-se fundamental para que eles pudessem pesquisar e aprofundar as suas narrativas. A base teórica utilizada para pensar e construir esse trabalho concentra-se na noção de letramento literário de Rildo Cosson, na ideia de literatura como direito de Antônio Candido e nos conceitos de dialogismo e de gêneros do discurso presentes em Mikhail Bakhtin.

Palavras-chave: Dialogismo; Letramento; Épicos pós-modernos

A POESIA DE DRUMMOND: NOVOS SUPORTES, NOVOS LEITORES

Janeide Sousa Santos (UNEB)

Resumo: Nas últimas décadas o mundo passou por inúmeras mudanças sociais e epistemológicas provocadas especialmente pelo desenvolvimento tecnológico que transmutou as formas de produção do conhecimento e acesso aos bens de consumo. Dentre essas transformações, verifica-se a expansão do acesso à internet e aos dispositivos eletrônicos relacionados à comunicação. Os modos de leitura de textos literários também foram influenciados promovendo uma transição na forma de recepcionar a poesia, conforme diz Chartier (1998), que do códex medieval, do livro impresso ao texto eletrônico, várias rupturas dividem a longa história das maneiras de ler. Na contemporaneidade, o universo virtual promoveu outra extensa e profunda ruptura na forma de ler poesia, ao possibilitar ao webleitor ou navegador, transitar por meio de fluxos informacionais, líquidos, híbridos, sonoros ou visuais, conforme assinala Santaella (2007), dinamizando as maneiras de ler e recepcionar a poesia. Se a leitura até a década de 80 se dava por meio do livro impresso, jornais e revistas, na atualidade, observa-se uma crescente preferência pela leitura através dos aparelhos digitais como computadores, tablets, smartphones. Os artefatos tecnológicos não apenas modificaram as formas de ler e escrever, como possibilitaram a descoberta da leitura às pessoas distantes das bibliotecas, livrarias ou bancas de revistas. Com a mobilidade promovida pelo ciberespaço, a produção literária nos meios digitais tem ganhado força e vitalidade, ao mesmo tempo em que textos produzidos no impresso passam a migrar para o ambiente virtual. O texto poético acompanha esse movimento, a exemplo da produção poética de Carlos Drummond de Andrade produzida entre os anos 1920 e 1980 do século passado, e que tem sido amplamente difundida e acessada através das mídias digitais disponíveis. A proposta desse trabalho é analisar o trânsito da poesia do impresso para o virtual e examinar se a acessibilidade a esses textos através dos suportes digitais tem favorecido o surgimento de novos leitores de poesia. A fim de investigar esse movimento serão selecionados os poemas: “Congresso internacional do medo”, “Poema de sete faces”, “José” e “No meio do caminho” do poeta Carlos Drummond de Andrade. Assim será possível observar a divulgação das poesias escritas inicialmente no suporte livro ganhando cada vez mais adesão no ciberespaço, ao circular em páginas dedicadas à poesia, sites, blogs e redes sociais, atualizando o que a literatura tem de mais essencial, o público leitor.

Palavras-chave: Poesia; Suportes; Leitores; Drummond; Ciberespaço

34 - LETRAMENTO LITERÁRIO, ENSINO DE LITERATURA E FORMAÇÃO DO LEITOR NO PROFLETRAS

Coordenação: Áustria Rodrigues Brito (UNIFESSPA); Maria da Conceição de Jesus Ranke (SEE-TO)

Resumo: Ao completar seis anos, o Programa de Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional (ProfLetras) pode fazer um balanço dos primeiros resultados de sua ação no âmbito da formação de docentes que atuam educação básica. Criado por uma demanda da CAPES e de caráter emergencial, mobiliza dezenas de universidades públicas e centenas de professoras da Área Linguística/Literatura. Isso não é pouco pelo volume de sujeitos implicados, muito menos pelas pretensões quanto ao alcance pretendido pelos efeitos desse enorme trabalho. Assume para si a urgência de produção de saberes novos que envolvem, sobretudo, a reflexão sobre a prática, o saber fazer docente, considerando as complexidades que ultrapassam a mera aplicação de uma abordagem teórica e apressadas transposições didáticas. Embora tenha presença ainda tímida do ponto de vista da proporção que ocupa no currículo frente às demais disciplinas, a literatura encontra aí seu lugar, o que implicou que se mobilizassem pesquisadores de todo o país para pensar o ensino de literatura, a formação do leitor literário, o letramento literário (COSSON, 2007; 2013; 2014), a leitura subjetiva (ROUXEL, 2012; 2013), a formação do gosto e a experiência estética (FIORIN, 1999); a leitura sob a perspectiva da escrita criativa (FREITAS, 2016), o letramento literário indígena e negro (SOUZA, 2015), a literatura oral no processo de identificação cultural, a literatura na relação com as mídias digitais, enfim, temáticas que até bem pouco tempo não gozavam de prestígio na pesquisa acadêmica mais canônica na área de literatura. Mobilizamos aqui o conceito de letramentos adotado por Street (2007), por consideramos práticas sob perspectiva não universal e, nessa direção, importa pensar os diferentes espaços em que os sujeitos vão construindo suas identidades e ideologias. Simultaneamente, pensamos que, como efeito da consolidação de abordagens teóricas advindas da linguística, muitas vezes vemos apresentadas propostas didáticas que favorecem a redução do tratamento do texto literário sob a perspectiva do gênero (SILVA, 2017). Nesse caso, o texto pode servir apenas como modelo de uma estrutura que deve ser incorporada para os fins mais pragmáticos da produção textual e um soneto de Camões pode ser traduzido como apenas um soneto exemplar com a finalidade única de apreensão elementar de um gênero literário (SILVA e MELO, 2015), seguindo os previsíveis modelos de abordagem do texto a partir de esquemas representados por sequências didáticas. Diante desse quadro, este simpósio objetiva reunir pesquisas oriundas do ProfLetras e que reflitam as contribuições para a leitura literária na educação básica sob um viés crítico. Que caminhos estão sendo construídos pelos docentes/pesquisadores? Como essa formação tem impactado na escola pública? Considerando o momento especial do Programa, a chamada de trabalhos para este simpósio prevê ainda contribuições para um projeto que se encontra em fase de reformulação. Buscamos, assim, a escuta da pluralidade e da heterogeneidade de proposições diante do desafio que se impõe ao tratamento do texto literário na escola.

REFERÊNCIAS:

- COSSON, R. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2007.
- _____. A formação do professor de literatura: uma reflexão interessada. In: PINHEIRO, A. S.; RAMOS, F. B. (Orgs). *Literatura e formação continuada de professores: desafios da prática educativa*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2013. p. 11-26.
- _____. *Círculos de leitura e letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2014. 189p.
- FIORIN, J. L. Objeto artístico e experiência estética. In: LANDOWSKI, Eric; DORRA, Raúl; OLIVEIRA, Ana Cláudia (Orgs.). *Semiótica, estesis, estética*. São Paulo/Puebla: EDUC/UAP, 1999, p. 101 – 118.
- FREITAS, M. R. S. *Contribuições do digital para a formação do leitor literário: interações na leitura de “A Hora da Estrela”*. 2016. 158 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional, Universidade Federal do Tocantins, Araguaína.

ROUXEL, A. Práticas de leitura: quais rumos para favorecer a expressão do sujeito leitor? *Cadernos de Pesquisa*, v.42, n.145, p.272-283, jan./abr. 2012.

_____. Autobiografia de leitor e identidade literária. In: ROUXEL, Annie; LANGLADE, Gérard; REZENDE, Neide Luzia (Orgs.). *Leitura subjetiva e ensino de literatura*. São Paulo: Alameda, 2013, p. 67 – 87.

SILVA, L. H. O.; MELO, M. A. O que pode o leitor? *EntreLetras (Online)*, v. 6, p. 120-132, 2015.

SILVA, L. H. O. Não vejo o mundo com seus olhos: inquietações sobre a leitura e a literatura na perspectiva da semiótica didática. In: BRITO, A. R.; SILVA, L. H. O.; SOARES, E. P. M. (Orgs.). *Divulgando conhecimentos de linguagem: pesquisas em língua e literatura no ensino fundamental*. Rio Branco: NEPAN, 2017, p. 195-211.

SOUZA, L. F. *Literatura negra e indígena no letramento literário: um estudo sobre a identidade leitora de alunos do ensino fundamental II*. 2015. 151 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, Uberlândia.

STREET, Brian. *Letramentos sociais: abordagens críticas do letramentos no desenvolvimento, na etnografia e na educação*. São Paulo: Parábola, 2014.

31 de julho

14h30

A LEITURA DE CLÁSSICOS LITERÁRIOS EM SALA DE AULA: RECONHECENDO SABERES EM UBIRAJARA, DE JOSÉ DE ALENCAR

Aniele Cristina Rodrigues (UFU); Thais Nunes Xavier dos Santos (UFU)

Resumo: Nesta comunicação, apresentamos um recorte do trabalho que surgiu como instrumento de avaliação da disciplina Leitura do Texto Literário, ministrada pela Profa. Dra. Marisa Martins Gama-Khalil, da IV turma do Profletras da Universidade Federal de Uberlândia – UFU. O objetivo deste trabalho foi a elaboração de uma proposta de intervenção direcionada à ampliação do gosto pela leitura dos clássicos literários nas aulas de Literatura e Língua Portuguesa, partindo da temática indígena presente em Ubirajara, de José de Alencar, a fim de promover um olhar crítico e consciente do aluno para o papel do indígena em nossa sociedade. Para atingir o objetivo proposto, foram considerados os pressupostos teóricos de Queirós (2012), Cosson (2006), Barthes (1989), Sosa (1998), além da legislação que estabelece a obrigatoriedade do ensino da história e cultura indígena em todas as escolas e níveis do país. A proposta foi construída inicialmente para ser realizada com os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, porém é possível realizar adaptações para que sua aplicação seja viável em outros anos. As atividades estão organizadas de acordo com as etapas da sequência básica elaborada por Cosson (2006). Na motivação, o foco é despertar o interesse do aluno para a temática da obra a ser lida, no caso desta proposta, a cultura e história indígena. Na introdução, há a apresentação rápida do autor e da obra por meio da exploração das informações contidas no livro: orelha, prefácio, capa, contracapa. A etapa da leitura, é dividida em três momentos: leitura intervalada, que compreende atividades com textos que complementam os elementos abordados nos capítulos lidos; leitura em sala de aula, na qual os alunos realizam a leitura coletiva e dialogada de alguns capítulos do livro em sala de aula; leitura em casa, na qual o professor determina que os alunos façam a leitura de alguns capítulos do livro em casa. Por fim, na etapa da interpretação, têm-se as projeções de leitura e interpretação, nas quais os alunos discutirão sobre as temáticas abordadas no livro. Dessa forma, pretendemos contribuir para o despertar do interesse dos alunos pela leitura literária, utilizando para tal a análise dos clássicos literários, que são livros de fácil acesso nas bibliotecas escolares e que abordam questões sociais importantes que poderiam despertar o desenvolvimento do senso crítico. Pretendemos também, contribuir com o trabalho docente por meio de uma proposta desenvolvida com atividades adaptáveis e acessíveis que poderão ser utilizadas por professores de Literatura e Língua Portuguesa em suas aulas.

Palavras-chave: leitura literária; crítica social; ensino

MODOS DE RELAÇÃO COM O TEXTO NA ESCOLA: A PERSPECTIVA SOCIOSSEMIÓTICA DO REGIME DE AJUSTAMENTO

Érica de Cássia Maia Ferreira Rodrigues (UFT)

Resumo: No último ano letivo, atuando no acompanhamento pedagógico junto aos professores que ministram Língua Portuguesa para alunos de 6º ao 9º ano, chamou-nos a atenção o fato de o professor ainda ser a única voz que fala em sala, centrando nele o agenciamento da leitura e sendo este o destinador nesse processo. Diante disso, o presente trabalho pretende refletir o ensino de literatura nos anos finais do Ensino Fundamental em escolas estaduais de Araguaína – Tocantins. O estudo filia-se aos estudos da sociossemiótica (regimes de interação: ajustamento) e pretende pensar ensino de literatura como um direito que possibilite o desenvolvimento da leitura literária a partir de experiências e conhecimentos dos alunos leitores valorizando os seus saberes, a produção de sentidos. O corpus mobilizado para o trabalho consiste na análise do Documento Referência para Elaboração dos Planos de Ensino para a efetivação do planejamento pedagógico para o ano letivo 2018 do Estado do Tocantins, planos de ensino registrados pelos docentes no Sistema de Gestão Escolar – SGE, e em registros escritos gerados a partir da observação e participação em atividades promovidas na escola pelos professores de Língua Portuguesa. Não se pretende aqui, desqualificar o trabalho docente, mas pensar as práticas programadas de leitura e que estas não favorecem a interação. Pensamos as estratégias de ensino adotadas e como estas podem mobilizar os saberes socialmente construídos e favorecer pelo ajustamento, um fazer conjunto, a promoção de práticas de letramento literário em que os alunos possam se formar sujeitos ativos no seu processo de formação leitora. Por isso, também comporá o corpus desse estudo, os relatos de alunos que tiveram a experiência de leitura e produção de sentidos a partir da conversa em sala sobre a obra *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, lida integralmente, numa escola da rede em questão. Faz-se necessário trazer essa experiência como forma de reafirmar que é pela interação, pelo ato de dizer a respeito do texto lido e dos sentidos produzidos que o sujeito significa a si, o texto e o mundo. Crê-se que, a partir do ensino de leitura literária e a multiplicidade que carrega cada texto, a escola deve promover aprendizagens que permitam ao sujeito-aluno-leitor, interagir, expressar a si e o mundo que o cerca. Como mestre pelo ProfLetras, mobilizaremos as reflexões que foram produzidas no âmbito da nossa formação, centrando a atenção na leitura da obra literária e nas possibilidades de seu tratamento na educação básica. Para isso, estabelecemos uma ponte entre estudos do letramento literário e a sociossemiótica, a partir dos trabalhos de Eric Landowski (2014).

Palavras-chave: Profletras; literatura; ensino; sociossemiótica.

A FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO A PARTIR DA LEITURA DE SAPOMORFOSE OU O PRÍNCIPE QUE COAXAVA

Fabiane Lemos de Freitas Garcia (UFMS-CPTL)

Resumo: O trabalho pretende apresentar resultados parciais de um projeto desenvolvido com o objetivo de refletir sobre a formação de leitores literários por meio da metodologia denominada Sequência Básica proposta por Rildo Cosson (2016) em *Letramento literário: teoria e prática*. O corpus analisado foram as produções da turma do 6º ano “D” da escola municipal Parque São Carlos, localizada em região periférica da cidade de Três Lagoas, MS. A coleta de dados para a pesquisa ocorreu entre os meses de agosto a novembro de 2017, sendo parte da proposta a ser apresentada para o Mestrado Profissional em Letras no campus da UFMS, nesta mesma cidade. Fizemos uso de todas as etapas da sequência básica proposta por Cosson (2016): motivação, introdução, leitura e interpretação. Acrescentamos a estas, ainda, produção textual, contação de histórias e apresentação literária. A primeira parte da pesquisa foi iniciada com a leitura obra *Contos de fadas* (2013), com prefácio de Maria Tatar. Foi necessário esse encontro com as histórias dos contos de fadas tradicionais para que compreendessem o teor paródico e inovador presente na obra, objeto central do trabalho, *Sapomorfose ou o príncipe que coaxava*, de Cora Rónai (1983). Autores como Azevedo (2004), Junqueira (2004), Perrotti (1999), além do próprio Cosson (2016) e (2017), conferiram unanimidade quanto a importância da formação leitora de literatura.

Palavras-chave: Formação do Leitor; Letramento literário; Infanto-juvenil

1 de agosto

14h30

HISTÓRIAS DE LEITORES(AS) E ENSINO DE LITERATURA: DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES

Gislene Pires de Camargos Ferreira (UFT)

Resumo: Este trabalho é um recorte de nossa tese em andamento como pesquisa vinculada ao Gesto – Grupo de Estudos do Sentido do Tocantins. Trata-se de uma pesquisa de cunho interdisciplinar que põe em diálogo o letramento literário, o ensino e a semiótica discursiva para analisar relatos de histórias de vida e de formação de professores. Os dados foram gerados em entrevistas semiestruturadas com nove docentes que atuam na educação básica da rede pública do Estado do Tocantins, nas quais emergem suas memórias de leitores(as). Objetivamos relacionar as histórias de vida desses leitores(as) com o universo escolar. Nessa escuta atenta ao dizer da experiência, interessa-nos o olhar sensível que os sujeitos lançam sobre suas relações com o texto e com o ensino de leitura, partindo do pressuposto de que essas narrativas possam contribuir de modo significativo para compreender o processo de formação de leitores, envolvendo tanto o âmbito escolar institucionalizado quanto outros espaços sociais como a família e a comunidade. Do ponto de vista do letramento literário, interessa-nos os trabalhos que caminham na direção da leitura subjetiva, observando elementos que definem tanto os sentidos que atribuem aos textos quanto o que coopera para seus interesses de leitura. Na perspectiva semiótica, mobilizamos neste momento a sintaxe narrativa, observando as relações subjetais e objetais, compreendidas respectivamente como as que se constituem entre diferentes sujeitos em distintos papéis temáticos e actanciais e as de conjunção e disjunção com os livros concebidos seja como objeto valor, seja como objeto sensível. Ao mesmo tempo em que íamos ouvindo essas histórias de leitura, fomos também remontando às nossas próprias experiências, o que faz com que tragamos aqui, em meio aos depoimentos dos participantes, o nosso próprio depoimento, nossas memórias de leitura também. Se o exercício de dizer a memória concorre para a própria (re)construção de si, a nossa escuta nos encaminhou inevitavelmente para pensar a nossa própria formação e os gestos que fundaram o gosto pelo texto. Assim sendo, é importante mencionar que a formação de leitores perpassa a família, a escola e comunidade, ou seja, tal formação é complexa e multifacetada, a exemplo do sujeito leitor, que se desenvolve sob a ordem e o caos. Assim sendo, abarca o ser humano em sua totalidade, sendo imprescindível levar em conta o inteligível e o sensível, o individual e o coletivo, uma vez que as histórias de leituras se confundem com a própria vida, desenhando novos itinerários e forjando novos caminhos rumo a uma formação humana mais sensível e humanizadora, desenhando e redimensionando a nossa aventura e jornada, conjugando vida, literatura e ficção por entre tentativas de nos compreender melhor, de acolher os outros em sua alteridade e, juntos, ficcionarmos e construirmos um mundo melhor, mais justo, mais igualitário, e por que não mais feliz?

Palavras-chave: FORMAÇÃO DE LEITORES; ENSINO; SUBJETIVIDADE

POR UM RETORNO AO TEXTO E SEUS (DIS)SABORES

Luiza Helena Oliveira Da Silva (UFT); Marcio Araújo de Melo (UFT)

Resumo: Até bem pouco tempo, não se podia reconhecer um grande interesse por parte dos pesquisadores da literatura quanto ao ensino. Enquanto questões como a do letramento literário iam se consolidando na educação, no campo das pesquisas da área da literatura, estas se traduziam como um problema menor, de segunda ordem, como objeto menos nobre para os interesses da área. Ao mesmo tempo, a literatura ia perdendo paulatinamente espaços na escola, lócus privilegiado para a formação de leitores, sobretudo das classes populares, deixando de constituir-se como disciplina e tornando-se conteúdo, a ser abordado de modo interdisciplinar nas aulas de língua portuguesa. A precariedade com que foi traduzida nos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL,

1999) fez com que houvesse uma reação teórica que resultou nas Orientações Curriculares Nacionais do Ensino Médio (BRASIL, 2006), documento em que a estética de recepção comparece como principal orientação para o tratamento do texto literário na escola. A despeito da seriedade do documento, a literatura ainda carece de uma tradução mais consistente na educação básica, na medida em que vemos o texto literário ser cada vez mais absorvido pela perspectiva hegemônica dos estudos dos gêneros. Assim, mesmo quando se faz presente enquanto materialidade discursiva, o texto literário passa a ser tratado como exemplar de um gênero X, a ser reproduzido imediatamente pelas produções dos alunos, sob um viés de um ensino mais pragmático e utilitário. Nesse sentido, não se sabe como se faz o tratamento da leitura de Quarto de despejo: diário de uma favelada, de Carolina Maria de Jesus, mas sabemos que os alunos tiveram como resultado final a guiar toda uma sequência didática a produção de seus respectivos diários. No ProfLetras, a presença da literatura é tímida, contando com apenas uma disciplina no núcleo obrigatório e duas eletivas. Essa composição da matriz curricular faz com que também tenhamos um número maior de professores com formação em linguística em detrimento do quantitativo de professores de literatura na formação dos colegiados das 49 unidades. Consequentemente, temos, também, um número menor de pesquisas sobre a temática do ensino de literatura. Apesar disso, o ProfLetras colocou em pauta nacional a literatura na educação básica, contribuindo para deslocamentos dos interesses de pesquisa tradicionais. Em vez de privilegiar tradicionalmente as análises literárias, o foco deve ser então o tratamento do literário na escola. Diante disso, nossa pesquisa recorta como corpus cinco dissertações defendidas em unidades das cinco regiões do país para uma análise de natureza qualitativa. A escolha se dá aleatoriamente, em consulta aos repositórios institucionais. Buscamos observar como se organizam as propostas de intervenção na escola a partir da literatura e que orientações guiam a leitura do texto mesmo, ultrapassando as generalidades das concepções de leitura literária que privilegiam a motivação e as produções finais, sem apontar para o que e como fazer com o texto e seus (dis)sabores, assim como vão além do reconhecimento das regularidades em detrimento das especificidades do texto. Além da langue, subsumida pelos estudos dos gêneros, interessa-nos um olhar sob a parole.

Palavras-chave: Profletras; ensino de literatura; gêneros

POÉTICA DA LEITURA E POÉTICA DO LEITOR: ENCONTROS (IM)POSSÍVEIS NA ESCOLA

Maria do Socorro Silva (Secretaria Estadual de Educação do Tocantins)

Resumo: Um dos requisitos do curso de Pós-Graduação, Mestrado em Letras (PROFLETRAS), é que o trabalho final de curso seja desenvolvido a partir de uma pesquisa que problematize questões pertinentes à prática docente no ambiente escolar. O professor então, assume também o papel de investigador participativo na escola, além do desafio de realizar pesquisas que problematizem e procurem intervir em sua própria realidade, em nosso caso específico a leitura literária e mais especificamente, a leitura de poesia no espaço da sala de aula. Por esse viés, o presente trabalho traz uma síntese da pesquisa de mestrado desenvolvida no âmbito do Profletras na Universidade Federal do Tocantins (UFT), sendo que a mesma caracterizou-se por seu teor qualitativo e cunho interpretativista, tendo como eixo basilar o referencial metodológico da pesquisa-ação. A investigação foi realizada no contexto da sala de aula e para isso a professora pesquisadora-participante realizou uma intervenção em uma turma de terceira série do Ensino Médio, em aulas de literatura, em um Centro de Ensino Médio pertencente à rede pública estadual, na cidade de Palmas, Tocantins. Para isso, a ênfase das aulas foi direcionada para o texto poético a partir da leitura da obra Um poema catedral uma canção (2003) do autor tocaninense Célio Pedreira. A pesquisa buscou, sob a perspectiva do letramento literário alcançar seu objetivo geral o qual pautou-se por promover o encontro entre leitor e texto literário por meio da poesia, dando vazão à subjetividade do aluno-leitor. Mediante a análise qualitativa dos dados de pesquisa foi possível evidenciar, entre outros achados de pesquisa, que na interação mediante a leitura literária com os alunos houve um resgate do prazer de “ouvir” poesia favorecendo a construção de sentidos do texto poético. Os alunos da escola-campo se mostraram capazes ler o texto construindo individual e coletivamente as

interpretações, tornando a aprendizagem um encontro consigo mesmo e com o outro. Destaca-se que as interpretações dos estudantes foram mediadas por suas subjetividades, havendo bom engajamento no qual deixaram emergir suas vivências, seus conceitos sobre literatura, suas emoções, seus sofrimentos e demonstraram grande facilidade em relacionar a poesia aos seus contextos de vida cotidiana via texto poético, favorecendo a formação do leitor literário na escola. Desse modo, o estudo destacou a importância e a necessidade do desenvolvimento de pesquisas que deem conta de contribuir para a melhoria e, sobretudo, para uma reflexão da atual situação do ensino de Literatura no contexto escolar. Sendo assim a investigação visou contribuir para desestabilizar práticas e crenças equivocadas a respeito do trabalho com o texto poético na escola dada a imprescindibilidade de envolvimento do ser humano com esse conhecimento estético, bem como a relevância dessa área de estudo para a educação básica.

Palavras-chave: leitor; letramento literário; literatura; poesia

PROFLETRAS EM CENA E A ECOFORMAÇÃO DO PROFESSOR E DO ALUNO NA PERSPECTIVA DO LETRAMENTO CIENTÍFICO EM LITERATURA

Mario Ribeiro Morais (UFT)

Resumo: Formar leitores; desenvolver o gosto, a experiência estética pela literatura; compreender e escrever textos diversos, articulando várias competências linguísticas; formar professores pesquisadores que veem a escola como laboratório de produção de conhecimento e não como locus de reprodução de teorias; produzir saberes científicos, ecoformativos e sustentáveis que envolvam a prática reflexiva do professor e o *savoir-faire* se configuram como grandes desafios para as escolas de ensino básico e para as universidades. O PROFLETRAS traz encaminhamentos para essas demandas. Como professor de educação básica, visando fortalecer as minhas práticas pedagógicas no trabalho com a poesia, bem como buscando formar leitores, sedimentando e construindo conhecimentos em uma turma do 9º ano do ensino fundamental de uma escola pública de Palmas, percorri o caminho do Mestrado Profissional em Letras, defendendo a dissertação Estratégias metacognitivas de leitura do texto poético: formação de memórias (2015). A jornada percorrida nesse programa – notadas melhorias na minha atuação e no favorecimento da formação de leitores do texto literário – além de demandas de construção de saberes coletivos e de escolas criativas e transformadoras; do aprimoramento e aplicação das práticas pedagógicas para além dos muros da academia e da necessidade da elaboração de propostas, como objetos de conhecimentos, no âmbito da leitura, para os componentes curriculares de língua portuguesa e literatura do ensino médio têm me levado a desenvolver o projeto de doutoramento Letramento científico em literatura: a produção de gêneros discursivos na perspectiva ecoformativa, pelo PPGL: Doutorado em Ensino de Língua e Literatura, da UFT. O letramento científico (LC) procura compreender os fenômenos que afetam os atores sociais, de modo a levá-los à tomada de atitude frente aos desafios que se colocam para a produção do conhecimento e da inovação tecnológica. O LC em literatura pensa uma educação planetária, sustentável, ética, responsável, solidária, inteligível e sensível, bem como a promoção da ecologia de saberes e a formação para a vida dos atores sociais. O objetivo da pesquisa é investigar como o LC em literatura pode contribuir para o ensino de língua e literatura no CEM Castro Alves, em Palmas/TO, visando ao fortalecimento sociocientífico do docente e dos alunos envolvidos na pesquisa, a partir da produção de gêneros discursivos de iniciação científica, levando-os a fazer escolhas e intervenções com base em princípios sustentáveis e altruístas. Dada a complexidade do objeto de investigação construído, numa perspectiva indisciplinar da linguística aplicada (MOITA LOPES, 2006), utilizamos referenciais teóricos, que tratam do LC (HURD, 1998; DEBOER, 2000; AKDUR, 2009; SANTOS, 2007; SANTOS; MORTIMER, 2001) e literário (COSSON, 2007, 2014); da ecoformação (ZWIEREWICZ, 2011); da formação sustentável (RATTNER, 1999; SILVA, 2017) e da leitura subjetiva (ROUXEL, 2012; 2013). Como procedimento metodológico, desenvolveremos uma pesquisa-ação (por meio de atividades pedagógicas com encaminhamentos), de abordagem qualitativa, realizada a partir do cruzamento de diferentes fontes de pesquisas produzidas no contexto escolar. Como resultados, esperamos desenvolver várias competências linguísticas e

sociocientíficas com os colaboradores, além da fruição do texto literário, do favorecimento da formação de leitores.

Palavras-chave: Relato; Letramentos; Ecoformação; Gêneros discursivos

FORMAÇÃO DO LEITOR NO PROFLETRAS-UFPE: ANÁLISE DOS RESULTADOS DOS PROCESSOS SUBJETIVOS DE ALUNOS DO NONO ANO NA LEITURA DE TEXTOS LITERÁRIOS

Rosiane Maria Soares da Silva (UFPE)

Resumo: Um dos objetivos do Mestrado Profissional de Letras é de formar profissionais capazes de organizar situações de aprendizagem na consciência de um papel evolutivo de sua prática pedagógica para atender as demandas da escola neste século. Dito em outras palavras, o Profletras visa a desenvolver nos mestrandos as competências de ordem cognitiva, afetiva, conativa e prática. Esta pós-graduação deveria assim propiciar uma explicitação dos conhecimentos práticos dos professores, um *savoir-faire* adquirido na sala de aula na união entre a prática docente e suas teorias em eixos da escrita, da oralidade e da leitura. É deste eixo que nos ocupamos neste simpósio. Faz parte dos estudos teóricos da Recepção, a análise das reações dos leitores na leitura das Obras literárias. Qual o papel do sujeito-leitor na leitura de textos literários? Que liberdade nós, professores, em nossa prática docente, concebemos ao leitor de textos literários nas três fases (antes, durante e depois) da atividade de leitura? Ora, se a leitura de textos literários tem a ver com a empatia, a projeção e a identificação como afirmam diversos especialistas, o que estamos fazendo, nós formadores de professores por um retorno do leitor à cena literária? E de que leitor, estamos falando? Por exemplo, não é incomum lermos em biografias de escritores de textos literários depoimentos sobre os livros ou passagens de livros literários que marcaram a vida deles. Especialistas dos estudos literários afirmam que a leitura desses tipos de textos acorda os sentimentos mais recônditos de nosso inconsciente por ativar nossa memória afetiva, nossos conhecimentos prévios, explicitar nossos pontos de vista, nosso deleite e/ou rejeição. Mas na prática docente, como é o acolhimento desses implícitos do mundo íntimo do leitor que se apropria da obra que ele lê? Como propiciar na leitura de textos literários a dimensão subjetiva do leitor que demanda todo ato de leitura? Neste simpósio, nossa proposta é de apresentar uma metodologia de análise das reações de jovens leitores na leitura de textos literários. Essas experiências subjetivas foram vividas na sala de aula de dois dos nossos mestrandos em duas turmas de nono ano, uma da cidade do Recife, e outra de Petrolina. Para colher as impressões dos alunos, elaboramos um método receptivo apresentado em um quadro metodológico inspirado na leitura literária como retorno a si à luz da leitura subjetiva no ensino de literatura. Fundamentamo-nos em (PAQUAY; PERRENOUD, ALTET E CHARLIER, 2008) no tocante à formação de professores profissionais; na noção de leitor real, segundo (PICARD, 1996) e da leitura subjetiva no ensino da literatura com (ROUXEL, JOUVE E LANGLADE, 2004).

Palavras-chave: Formação de leitor; Subjetividade; Literatura.

35 - LITERATURA CARIBENHA ESCRITA POR MULHERES

Coordenação: Juliana Pimenta Attie (UNIFAP); Viviane Ramos de Freitas (UFRB)

Resumo: Pensar na cultura caribenha é pensar em nações que durante anos tiveram – e a ainda têm – sua cultura e linguagem violentamente substituídas pelas do colonizador. Nessa dinâmica de apropriação e imposição, comum à maioria das nações colonizadas, permeia a literatura a busca pela identidade e os percalços para sua expressão. Primeiramente, deve-se levar em conta a influência de países dos continentes europeu e africano no processo de formação da identidade dos caribenhos, tendo em vista o processo colonizatório e escravocrata. Em segundo lugar, é preciso considerar também a questão da diáspora. Conforme Hall (1999, p.1), “[...] a migração tem sido um tema constante na história do Caribe” e, nessa conjuntura, as identidades tornam-se múltiplas. Sobre essa multiplicidade de identidades, é relevante pensar que, nos estudos pós-coloniais caribenhos, encontramos, basicamente duas correntes que abordam a questão da identidade. A primeira, representada principalmente pelo pensamento de Frantz Fanon e Aimé Césaire, entende que a

cultura caribenha deve buscar uma essência, uma identidade unificadora e fortalecedora dos povos caribenhos. Já a outra vertente procura ressaltar a heterogeneidade dos povos de origem caribenha e entender a identidade como um elemento processual. A esse pensamento ligam-se teóricos marxistas modernos. Guardadas as diferenças entre as duas perspectivas, em ambas observamos o desejo pela reconstrução do passado histórico e por dar voz aos sujeitos silenciados pelo colonizador, ou, nas palavras de Spivak (2014), os subalternos. Para a teórica indiana, são subalternos os sujeitos excluídos do mercado, da representação política e legal, e impossibilitados de participarem plenamente do extrato social dominante. Em *Twentieth Century Caribbean Literature*, Alison Donnel (2006, p. 5) aprofunda a discussão e identifica quatro momentos críticos através dos quais os paradigmas da crítica literária caribenha foram estabelecidos em torno de um conjunto de questões: 1) anticolonialismo, nacionalismo; 2) migração e diáspora; 3) a centralidade da etnia afro-caribenha; 4) a concepção das mulheres como duplamente colonizadas. Donnel aponta o início da década de 1990 como o momento em que começaram a surgir estudos críticos sobre narrativas de mulheres caribenhas, pela primeira vez consideradas como um conjunto distinto. Esses primeiros estudos feministas sobre o trabalho de escritoras caribenhas foram orientados pelas demandas de uma crítica voltada para a diáspora negra. Já em relação ao quarto momento crítico, Donnel introduz a noção de colonização dupla (*"double colonisation"*), que para ela consiste numa descrição simplificada da complexa posição das mulheres negras inseridas na ordem social patriarcal e colonial imposta pelo colonialismo e suas consequências (DONNEL, 2006, p. 138). Conforme apontam os autores de *The Empire Writes Back*, o termo firmou-se como uma descrição durável do status das mulheres no colonialismo (ASHCROFT, GRIFFITHS, TIFFIN; 2002, 206). Donnel pontua que o termo de fato ofereceu uma identidade ideológica para a escrita de mulheres afro-caribenhas, que permitiu a sua incorporação em estudos mais abrangentes sobre a escrita de mulheres negras, que surgiram no final da década de 1980 e início da década de 1990. No entanto, Donnel argumenta que o termo também criou um discurso crítico em torno da invisibilidade e silêncio que não tem sido útil para situar a escrita de mulheres caribenhas como parte de uma tradição ou história literária regional de longa data. Donnel propõe como substituto o termo agente duplo (*"double agent"*). Desse modo, no lugar de conceber as mulheres (escritoras) pós-coloniais como duplamente destituídas de poder, Donnel coloca em primeiro plano a ideia do quanto as escritoras caribenhas são capazes de mobilizar as questões de gênero, etnia e identidade cultural como locais de resistência e afirmação. A noção de "agente duplo" alude ao domínio da espionagem, disfarce e subterfúgio, bem como à capacidade de agência que passou sem reconhecimento. Nesse sentido, o termo potencialmente abre possibilidades para as mulheres caribenhas e suas obras literárias serem lidas como resistentes, textos rebeldes que exigem uma compreensão mais específica e diferenciada da "mulher caribenha", tanto como posição do sujeito como sujeito posicionado (DONNEL, 2006, p. 139). Diante disso, esse simpósio é um convite para dirigir o olhar ao trabalho de escritoras caribenhas, radicadas ou não no Caribe, mas comprometidas com uma escrita situada. As interlocuções com essas escritoras permitem explorar de que forma as questões morais, políticas, religiosas, espirituais encenadas por esses textos são capazes de ampliar, contestar, deslocar, ou propor novas travessias de fronteiras raciais, sexuais e culturais.

REFERÊNCIAS:

- ASHCROFT, Bill Frances; GRIFFITHS, Gareth; TIFFIN, Helen. *The Empire Writes back: Theory and Practice in Post-Colonial Literatures* New York: Routledge, 2002
- DONNEL, Alison. *Twentieth-Century Caribbean Literature: Critical Moments in Anglophone Literary History*. London: Routledge, 2006.
- HALL, Stuart. *Thinking the Diaspora: Home-Thoughts from Abroad*. Small Axe, Durham (North Carolina), p. 1-18, 1999.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o Subalterno Falar?* Tradução de André Pereira Feitosa e Marcos Pereira Feitosa; Sandra Regina Goulart Almeida. Belo Horizonte: UFMG, 2010

31 de julho

14h30

ESPAÇO, ENCONTROS E DESENCONTROS EM LITERATURAS CONTEMPORÂNEAS CARIBENHAS ESCRITAS POR MULHERES

Juliana Borges Oliveira de Moraes (UEMG)

Resumo: O momento contemporâneo tem o espaço como uma categoria conceitual relevante devido ao intenso movimento de pessoas e ideias que marca a presente época e também porque há na contemporaneidade a problematização do entendimento de fronteiras e de limites fixos em diferentes conotações: físico-geográficas e discursivas. Quanto aos espaços discursivos, Carole Boyce Davies nos lembra que eles “não são unicamente uma questão de geografia física, mas de locação ou de posicionamento do sujeito em sentidos mais amplos em termos de raça, classe, gênero, sexualidade, acesso, educação e assim por diante” (2010). Tomando por referência a proposição de Doreen Massey de que “lugar é um momento dentro das geometrias de poder; como uma constelação particular dentro de topografias mais amplas de espaço” (2009), uma aproximação viável seria considerar o lugar de enunciação como um ponto de articulação, também discursivo, dentro de uma geometria maior, que é o espaço. Esses pontos de articulação discursivos carregam, por sua vez, bagagens várias, tanto sociais quanto psicológicas. Tratando-se de processos identitários, essas bagagens são influenciadas por fatores e contextos específicos. À luz de Davies e Massey, o entendimento de políticas identitárias desestabiliza, portanto, uma ideia coesa de identidade. Nesse sentido, Avtar Brah afirma: “Eu acredito que coalizões são possíveis por meio de uma política de identificação, ao invés de uma política de identidades” (1994). Stuart Hall também sugere o conceito de identificação (2003), de forma a promover uma problematização do termo. No panorama atual, a literatura da diáspora se insere de modo instigante porque o conceito de diáspora, em si, já abarca a questão do movimento, uma palavra chave do momento contemporâneo. Tendo-se em mente, especificamente, obras escritas por mulheres, percebo que muitas vezes não somente fronteiras físicas são transpostas pelas personagens por elas representadas, mas também fronteiras identitárias (no que concerne a papéis de gênero, sexualidade, etc). Proponho, portanto, o mapeamento e estudo de narrativas da literatura inglesa produzidas por escritoras contemporâneas da diáspora, especificamente da diáspora afro-caribenha - publicadas a partir da década de 1990- de forma a discutir as diferentes relações entre as personagens femininas e os espaços percorridos por elas. Os conceitos a serem analisados, no contexto da diáspora, são: espaço, memória e lugar/lar. Minha hipótese é que os itinerários das personagens femininas nessas narrativas são amplamente influenciados pelo deslocamento e por aspectos culturais (a memória tendo um papel importante), mas trazem uma relação singular com o espaço em suas políticas identitárias, sem essencializações: há silenciamentos, há também redefinições possíveis. Analiso literaturas contemporâneas de autoria feminina, sendo o meu recorte obras publicadas a partir dos anos 90, tendo como referência a escrita diaspórica (ou rediaspórica) afro-caribenha, escritas em inglês. Meus objetos de análise são: *Geographies of Home*, da escritora dominicana Loida Maritza Pérez (1999); *Breath, Eyes, Memory*, da escritora haitiana Edwidge Danticat (1994) e *The Scorpion's Claw* (2005), da autora também haitiana Myriam Chancy. A respeito da minha escolha por esse recorte, destaco escassez de estudos sobre narrativas de escritoras de origem caribenha, apesar do crescente reconhecimento do trabalho dessas autoras contemporâneas.

Palavras-chave: Espaço, diáspora, gênero, memória, identidade

"ONE GREAT BIG BLUR": A REPRESENTAÇÃO DO TRABALHO DA MEMÓRIA EM LUCY DE JAMAICA KINCAID

Juliana Pimenta Attie (UNIFAP)

Resumo: O romance *Lucy*, de Jamaica Kincaid, é construído por meio da representação da memória da protagonista – de nome homônimo – que narra sua história, recorrendo constantemente a imagens do seu passado no Caribe, para construir sua identidade e se compreender no contexto da metrópole para onde ela escolheu se exilar. Todavia, seu percurso em sua própria história não é feito por meio de uma nostalgia romântica, isto é, saudosa e permeada do desejo de retorno; ao contrário, suas memórias são acompanhadas de angústia e revolta por compreender suplementarmente (DERRIDA, 2005) seu contexto de exploração e submissão por ser negra e ter nascido na colônia. Nesse sentido, o presente trabalho visa mostrar as estratégias narrativas do romance de fluxo da consciência que atuam na representação da memória da protagonista Lucy e, consequentemente, colaboram para a crítica não só ao colonialismo, bem como à colonialidade (MIGNOLO, 2009; 2015), uma vez que, mesmo longe de sua terra natal e em um país que não é a metrópole, a protagonista é colocada na posição de subalterna (SPIVAK, 2010). São exemplos de estratégias narrativas a associação livre, os flashbacks e a intertextualidade. Esta última traz a literatura como elemento que pode atuar tanto na construção, quanto no apagamento de uma cultura. Vale ressaltar que o sofrimento não está associado à saída de casa, e sim às lembranças. Ademais, é importante ainda marcar que a forma por vezes ríspida com que Lucy aborda os fatos e as relações – “cold heart” como ela própria denomina –, é uma tentativa de mostrar que o ela não está cega e satisfeita com a “bondade dos brancos”, e que deseja ser vista como algo exótico, tampouco que se reconciliou com as vozes do passado, especialmente sua mãe. Ela reconhece sua posição subalterna no Caribe e nos Estados Unidos e não busca construir uma história de superação ou elaboração do seu trauma, mas de uma poética do deslocamento (FRIEDMAN, 2004) em que se ressalta a necessidade do sujeito feminino de sair de casa e o reconhecimento de que esse lar pode não ser símbolo de conforto e acolhimento e, portanto, deve ser abandonado.

Palavras-chave: Memória; Pós-Colonialismo; Colonialidade.

VOZES SILENTES NOS ROMANCES DE CYNTHIA MCLEOD

Natali Fabiana da Costa e Silva (UNIFAP)

Resumo: A literatura produzida no Suriname é uma literatura marcada pela pluralidade étnica cultural e linguística, pela tematização das contradições sociais e pelo discurso sobre a marginalização de uma região que ficou conhecida como “Inferno Verde”. As narrativas que compõem esse espaço inscrito na heterogeneidade estão povoadas de personagens silenciadas historicamente, mas que falam, apesar de intermediados por um escritor ou uma escritora, enquanto representantes de culturas não valorizadas e/ou pouco conhecidas. Entre os romances de escritores surinameses, destacam-se as obras de Cynthia McLeod por terem como protagonistas mulheres que, fora da ficção, ocupam papéis subalternos, como esposas de fazendeiros, ou aquelas a quem é negado um lugar na estrutura social, como as escravizadas. Assim, esta comunicação tem por objetivo analisar os romances da escritora Cynthia McLeod, mais especificamente, as obras *The cost of sugar* (2010) e *Tutuba: the girl from the slave-ship Leusden* (2013) enfocando o modo como essa literatura questiona os paradigmas literários vigentes e resgata a problemática de outras vozes cuja legitimidade é continuamente posta em questão. Como tema adjacente à pesquisa, a autoria feminina de obras literárias também será trazida à baila, pois é possível perceber um campo ainda bastante homogêneo na produção de romances no sentido de promover e fazer circular obras majoritariamente feita por homens que pertençam a certa classe social e a determinados centros urbanos. Nessa perspectiva, se a literatura é um produto cultural, a questão da autoria, da voz e do local de fala revela também a problematização do conceito de representação. Para a discussão dessas questões, esta pesquisa se baseará nas reflexões de Spivak (2014), Hutcheon (1991) e Dalcastagnè (2012).

Palavras-chave: Subalterno; Autoria feminina; Voz; Local de fala

MAPEANDO A EXISTÊNCIA: A ESPACIALIZAÇÃO DA HISTÓRIA NA FICÇÃO DAS ESCRITORAS CARIBENHAS JAMAICA KINCAID E JEAN RHYS

Viviane Ramos de Freitas (UFRB)

Resumo: O trabalho faz uma leitura dos textos ficcionais *On seeing England for the first time* e *a small place* da escritora antiguana Jamaica Kincaid e *Vasto Mar de Sargaços* da escritora dominicana Jean Rhys, a fim propor uma discussão acerca dos desdobramentos da construção imaginária da nação Inglaterra para a constituição da identidade das narradoras/personagens desses textos, a partir dos efeitos da educação inglesa e das representações e imagens que prevaleceram no Caribe colonial e prevalecem no Caribe pós-colonial, como mapas, livros e discurso turístico publicitário. O trabalho estabelece interlocuções entre os textos de Kincaid e Rhys e as noções de “história espacial” em “Spatial history” (CARTER, 1995) e “mapa da existência” em “In praise of creoleness” (BERNABÉ; CHAMOISEAU; CONFIANT, 1990). Além disso, promove um diálogo entre os textos ficcionais das escritoras e as ideias de “worlding” de Spivak (1985), e “comunidades imaginadas” desenvolvidas por Anderson (2006), Bhabha (1998) e Hall (2002). Além disso, a abordagem traz para o centro da discussão a questão da representação espacial, ao promover uma articulação com as ideias de Huggan (1989) em “Decolonizing the map”, que estabelece a correspondência entre o discurso cartográfico e o discurso colonial na medida em que ambos promovem uma falsa visão essencialista do mundo através de estratégias retóricas similares. Tendo como ponto de partida as imagens de mapas na ficção de Kincaid e Rhys, o enfoque do trabalho recai sobre o mapa colonial como uma metáfora para concepções espaciais hegemônicas da história imperial, cujo resultado é o apagamento da história espacial dos sujeitos colonizados, ou seja, a anulação da materialidade da sua existência e da experiência vivida no espaço. O trabalho busca explorar a forma como tanto a ficção de Kincaid quanto a de Rhys “descolonizam o mapa”, ou seja, desconstruem as imagens e representações hegemônicas que prevaleceram no Caribe colonial, através do tratamento dado por essas escritoras ao lugar ocupado pelos mapas e livros ingleses, ou, num sentido mais amplo, o lugar da educação formal e cultura literária inglesas. Além disso, de forma bastante consistente, suas narrativas colocam em primeiro plano a atenção ao espaço vivido das personagens. *On seeing England for the first time* e *Vasto Mar de Sargaços* são narrativas ficcionais que subvertem as representações da nação Inglaterra e o livro/mapa inglês ao mapearem a existência de sujeitos coloniais através da espacialização da história de suas narradoras/personagens. *A Small Place*, por sua vez, critica, através da sátira e da ironia, o discurso turístico publicitário que apaga a história, a experiência e o espaço vividos dos habitantes locais. Kincaid e Rhys colocam em foco questões relacionadas à cultura e identidade levando em conta as dimensões da experiência histórica e social caribenhas. Desse modo, seus textos não só contestam as estratégias retóricas dominantes de representação do espaço caribenho, como também desafiam a concepção da identidade apoiada na ideia de nação, acenando para outras possibilidades de conceber o espaço (caribenho) e a identidade (caribenha).

Palavras-chave: Caribe; representação espacial; identidade

36 - LITERATURA , CINEMA E PSICANÁLISE: SINTOMAS DA CULTURA

Coordenação: Roseli Gimenes (UNIP); Lígia Regina Máximo Cavalari Menna (USP/UNIP); Sandra Trabucco Valenzuela (Universidade Anhembí Morumbi)

Resumo: Este simpósio temático busca analisar as interações, convergências e conflitos entre as imbricações de literatura, cinema e psicanálise partindo do termo ‘inteligência’: artificial, emocional, coletiva, libidinal. Literatura e psicanálise mantém relações bastante estreitas. A matéria básica de ambas é o elemento linguagem. Há uma fala e uma interpretação que as permeia. Há a cura, pela psicanálise, de um real sintomático que não se suporta mais pelas vias imaginárias. Como isso se dá? Por meio do simbólico. Em se falando, pode-se curar. Usando a linguagem. Assim, a literatura - pelo poeta - expressa-se no simbólico: no texto. Texto fala. Desde que Freud instaurou a psicanálise, ela vem permeando a análise de textos literários e a literatura tem dado contribuições generosas aos psicanalistas. E as relações entre cinema e psicanálise já começam pelo próprio escurinho do cinema: todas as imagens são grandes metáforas metonimizadas. Assim como no sonho: *flashes* metafóricos apontam um descondensar interminável de possibilidades de análise. Talvez o cinema possa ser a

possibilidade do sonho de olhos abertos. Eis a soma das relações : literatura, cinema e psicanálise. Nessa relação, o estudo da semiótica psicanalítica que aponta, como linha de pesquisa, as manifestações do inconsciente na contemporaneidade. Seu objeto de estudo são os sintomas da cultura, como apontado de acordo com Lucia Santaella em seu artigo de 2004, *O corpo como sintoma da cultura*, que compreende os processos de produção, de circulação e de consumo de significações na vida cotidiana, segundo o estilo de recalçamento próprio da presente época histórica. Os sintomas seriam os aspectos contraditórios do capitalismo global, que podem ser lidos, escutados e interpretados com o auxílio da semiótica aplicada e da psicanálise em extensão. A onipresença das mídias afeta a subjetividade, individual e coletivamente. O ser-no-mundo atual decorre da mediatização da existência, a ser entendida como um fenômeno irreversível, onde a tecnologia permite estruturar os processos sociais, culturais, políticos, econômicos e psíquicos de grande parte da população. Assim sendo, a realidade social construída pelos meios de comunicação define um campo de investigação privilegiado, pois ali se cruzam os aspectos simbólicos e imaginários da ideologia. Dentro das produções da indústria cultural, tem especial importância um tema abrangente, porém, específico. A sexualidade e suas representações, até pouco tempo atrás censuradas no Ocidente, fazem parte hoje das paisagens urbanas, de forma aberta. Tamanha visibilidade, rapidamente integrada no dia a dia, na literatura, na propaganda, na televisão, no cinema, na internet, se apresenta como um fato consumado, a ponto de parecer banal. Mas nunca foi, nem poderia ser. Nessa indústria cultural insere-se o cinema como produção híbrida e que, desde **Metrópolis** (Fritz Lang, 1927) até o recente **Fragmentado** (M. Night Shyamalan, 2017) ou **Blade Runner 2049** (Denis Villeneuve, 2017), tem trabalhado as questões não apenas da sexualidade, mas a tecnologia hoje vista como inteligência artificial. As relações triádicas de literatura, cinema e psicanálise estão muito bem trabalhadas no primeiro **Blade Runner** (Ridley Scott, 1982). Nesse filme nos deparamos com a base literária de Philip K. Dick **Do Androids Dream of Electric Sheep?** (Grã-Bretanha: Orion Publishing, 2010). Não se trata de transposição literária para o cinema, mas de uma base - de fato - de argumento para o filme de Scott. Basta um olhar ao título da obra de Dick para a percepção de como o sonho, principal referente freudiano, perpassa a questão da inteligência humana para a percepção robótica. Como se dão esses sonhos, sim, é trabalho de análise psicanalítica. Semelhante caso é o do filme **A.I. Artificial Intelligence** (A. I. Inteligência Artificial título no Brasil e em Portugal), uma ficção científica de Steven Spielberg lançada em 2001, a partir de um projeto de Stanley Kubrick, sobre a possibilidade da criação de máquinas com sentimentos. O roteiro criado por Spielberg foi baseado em um conto de Brian Aldiss chamado **Supertoys Last All Summer Long**. Assim, são objetivos deste simpósio temático as relações frutíferas que a literatura gera em outros códigos, em outras linguagens, proporcionando aquilo que conhecemos como literatura comparada. Neste caso, especificamente , as relações entre literatura, cinema e psicanálise entremeadas pelos sintomas da cultura contemporânea, notadamente, a da Inteligência Artificial. Autores como Yuval Noah Harari, em suas recentes obras, **Homo Deus** (2015) e **Homo Sapiens** (2016), aponta para o pensamento ético que se torna necessário neste momento. Dentro desse objetivo de relações que a literatura propõe , este simpósio marca a presença da psicanálise freudiana e lacaniana, assim como o cinema de trabalho envolvendo as questões da inteligência, notadamente a inteligência emocional, libidinal, artificial. Todas cabíveis em filmes ditos de ficção científica sem que necessariamente partam de obras literárias desse gênero.

31 de julho
8h30

PRIS, GIGOLO JOE E MANNY: O AMOR E OS BONECOS DE PRAZER
André Pereira Feitosa (UNIFEI)

Resumo: Os bonecos e outros simulacros do corpo humano têm despertado o interesse de vários povos, do ocidente e do oriente, desde tempos imemoriais. Tais representações têm o propósito, em algumas ocasiões, de estimular a afetividade em humanos cujo exemplo mais significativo está em

crianças que brincam de ser mãe de uma boneca. Nos dias atuais, os bonecos adquiriram utilidades que podem ou não estar relacionados à dileção humana. Alguns são predestinados ao trabalho forçado e repetitivo, como nas linhas de montagem das fábricas, ou até mesmo à destruição, como os dos testes de colisão (crash test dummies). Em 2017 muitos se surpreenderam com o artigo do New York Post no qual o japonês Masayuki Ozaki afirma que sua boneca sexual é muito melhor que sua esposa e que está tão apaixonado pela mulher-robô, Mayu, que deseja ser enterrado com ela. A doutora em ciência da computação, Kate Duvlin, estuda as mudanças sociais que ocorrem com a introdução de novas tecnologias nas sociedades modernas; o foco de seu estudo são os robôs sexuais providos de inteligência artificial. Segundo a estudiosa, a análise de tal fenômeno perpassa pela filosofia e pela psicologia que, inevitavelmente, despertam sentimentos paradoxais como amor e medo. Nesta mesma linha de pensamento, o renomado doutor em Inteligência artificial, David Levy, afirma em seu livro *Love and Sex with Robots: the Evolution of Human-Robot Relationships* (2008) que “os robôs serão capazes de se adaptar às necessidades e aos desejos de seus parceiros humanos” e que “essas entidades inteligentes não serão percebidas como máquinas” (LEVY, p.17). Apoiando-se nestes teóricos da Inteligência Artificial, é possível fazer uma análise comparativa entre o Boneco de Prazer presente no conto “The Man Doll” (2007), de Susan Swan, a Replicante Pris, em *Blade Runner* (1982), e o personagem Gigolo Joe, em *Inteligência Artificial* (2001), um robô prostituto programado para imitar o amor dos humanos. Tanto em *Blade Runner* (1982) quanto em *Blade Runner 2049* (2017), há uma superexposição do corpo feminino como objeto de prazer masculino. Existe uma intensa apelação sexual dos anúncios em 6D nos quais as mulheres aparecem nuas ou seminuas convidando clientes para um momento de prazer sexual. Já o filme *Inteligência Artificial* (2001) inverte esse conceito sexista e evidencia um robô masculino, projetado para satisfazer mulheres solitárias ou inseguras para amar em uma sociedade na qual os valores encontram-se invertidos. Nesta realidade, os androides e os superbrinquedos providos de inteligência artificial são capazes ter emoções supostamente humanas como lealdade, empatia, amor e respeito à vida. Já os humanos são desprovidos de bondade, vislumbrados com espetáculos de morte simulada e violência. Manny, o personagem de Swan, é um simbiote fabricado sob medida pela doutora Tina para ser um garoto de prazer. No entanto, Manny começa a se perceber semelhante a uma pessoa, com sentimentos de amor e empatia, e inicia uma revolução entre os simbiotes e os humanos, recusando, assim, o seu papel de objeto de prazer feminino.

Palavras-chave: Bonecos; Inteligência Artificial; Interatividade

O CASO DA MENINA E DOS ATORES: AMOR E MORTE REPRESENTADOS NOS CONTOS DE MARCELINO FREIRE

Henrique Nascimento da Silva (UFMS)

Resumo: A brutalidade e a violência na literatura contemporânea brasileira é um fato. Sua representação pode ser observada em vários autores, dentre eles, Marcelino Freire. Tomamos os contos “O caso da menina”, compilado em *Angu de Sangue* (FREIRE, 2005) e “Os atores”, compilado em *Rasif: mar que arrebenta* (FREIRE, 2014) como exemplos para a análise. A partir da ideia de novo realismo de Karl Erik Schøllhammer (SCHØLLHAMMER, 2009), iniciamos uma discussão sobre o caráter representacional da literatura atual. Para isso, é necessária uma síntese dialética entre as noções de representação e mimesis de Aristóteles (2005) e Luís Costa Lima (1981). Assim, questionamos as estruturas e os conteúdos dos contos com o intuito de contribuir para o debate sobre os traços de realismo na literatura contemporânea. Em um nível mais profundo de análise, compreendemos que o desconforto e o mal-estar gerados em várias produções artísticas nacionais e, em específico, nas narrativas selecionadas, têm origem na concepção de mal-estar freudiana. Numa tentativa de avançar os conceitos de mal-estar, princípio de prazer e princípio de realidade do psicanalista Sigmund Freud abordados na obra *O Mal-Estar na Civilização* (FREUD, 2010), conceitos como Eros e Thanatos são operacionalizados na interpretação apresentada em *Eros e civilização* (MARCUSE, 1975) por Herbert Marcuse. A proposta de uma psicologia do indivíduo para expor as organizações sociais como uma psicologia da civilização tem função relevante para se entender a

literatura produzida no período atual. Neste sentido, as violências presentes no dia-a-dia da realidade brasileira tanto é temática dos contos contemporâneos, quanto exemplifica a contradição entre amor e morte (Liebestod) advinda do aparelho psíquico humano e, conseqüentemente, deixa lastros de realismo nas obras de artes do nosso tempo. Ao analisarmos uma parcela da produção de Marcelino Freire, notamos o mal-estar, o desconforto e a violência, na forma e no conteúdo, como leitmotiv para a trama narrativa. Tais motivos narrativos orbitam no conjunto de outros temas por meio dos quais se justifica os traços de realismo de Schøllhammer.

Palavras-chave: Representação; Realismo; Psicanálise

A CONFLUÊNCIA ENTRE OS TEXTOS VERBAL E IMAGÉTICO EM O CAMINHÃO (1997), DE MARGUERITE DURAS

Lara Rodrigues Silva (UFU)

Resumo: Marguerite Duras apresenta em sua obra um desejo pela imagem que a faz arriscar-se a se perder em um cinema cuja proposta maior é ancorar-se no nada. . A autora considera o texto como um guardião do imaginário, de maneira que o cinema e sua escrita estão intrinsecamente ligados, embora um não dependa do outro para acontecer. Desse modo, seu texto e o seu cinema encaminham-se para uma desobstrução, uma desocupação, em que a palavra emerge como vazio, como um nada que parte de um risco, do traço da escrita, da ausência. Ela quer propor um grau zero do cinema – destruir o modo como os filmes são feitos a fim de que se estabeleça uma nova forma de realizá-los. Essa destruição vai acontecer a partir, principalmente, de uma substituição da palavra pela imagem. Em sua obra O Caminhão (1977), a realizadora subverte a lógica imagética do cinema ao substituir às ações próprias a filmes comerciais e experimentais, realizados até o momento, pela leitura, ou seja, pela não encenação/interpretação do texto. Nas obras – texto e filme – ao discorrer sobre vários assuntos, a realizadora revela a onipresença da arte literária no cotidiano, enfatizando, porém, sua tendência à falha, à inutilidade, ao caminhar rumo ao que Blanchot (2005) denomina ser sua essência: ao desaparecimento, ou desobramento. Esse sumir-se em si mesmo, que leva a obra da autora a um inominável, a uma ilegibilidade que resiste à representação e à significação, incita, também, o desejo de analisar seu trabalho exaustivo com a tríade imagem/signo, significante e letra no filme em foco. Posto que a arte, seja como sintoma seja como letra, é o que sustenta o sujeito naquilo que o fura ou o barra no Real (BRANDÃO, 2006). Ademais é pertinente analisar a relação entre texto/filme e o modo como tal produção se entremeia nos âmbitos da cultura e da arte. Pois, como sintoma da cultura, há a explosão capitalista de mercadorias artísticas/literárias que se sobrepõe à existência de uma arte que assume seu caráter fragmentário, singular, que foge ao signo e vai de encontro ao impronunciável, ao Real – sem assumir, porém, um caráter de Deus, não é para ser adorada. Essa arte desemboca rumo ao desaparecimento, e no caminho entre o existir e não existir há um leitor que, por sua vez, deseja apenas gozar dos buracos perfurados dessa linguagem que permite ver e ouvir o que está de fora, o que se desloca da gramática e se direciona a um limite “assintático” (DELEUZE, 2011). Há essa exigência do desejo pelo acontecimento inacabado, vindo da lei secreta da narrativa que se movimenta rumo ao desconhecido, ao ignorado, que não se projeta no real, mas que pode, também, fugir ao devir, escolhendo, dessa forma, o entre, o lugar em que o acontecimento ainda por vir é invocado e a escrita, de um texto ou de um filme, se realiza.

Palavras-chave: Literatura; Cinema; Psicanálise; Imagem; Texto

O MITO DE PERSÉFONE, A RAINHA DA NEVE, DE HANS CHRISTIAN ANDERSEN E A ANIMAÇÃO FROZEN: A MORTE REVESTIDA PELA BELEZA

Lígia Regina Máximo Cavallari Menna (UNIP)

Resumo: Desde sua primeira versão no século XIX até a atualidade, o conto “Rainha da Neve” (Snedronningen, The Snow Queen) de H. C Andersen , tem servido de inspiração para diversas adaptações e releituras, tanto literárias quanto cinematográficas ou televisivas. A rainha de Nárnia, a Feiticeira do primeiro livro das Crônicas de Nárnia, de C. S. Lewis, por exemplo, apresenta-se como uma clara referência à Rainha de Andersen. Seu constante diálogo ainda pode ser observado na

animação Frozen: uma aventura congelante (Disney, EUA, 2013), a qual, livremente inspirada no conto andersiano, reitera a figura ambígua e misteriosa da bela rainha de cabelos platinados. De tessitura complexa, dividido em sete histórias, o conto, publicado inicialmente em dezembro de 1844 no primeiro volume dos Novos Contos de Fadas, situa-se na estética romântica, reveste-se do imaginário cristão, mas também apresenta um núcleo pagão mítico a ser desvelado, com referência a mitos nórdicos, como de Skadi, portadora do inverno e da morte; e gregos, como o de Perséfone, a rainha do mundo dos mortos. Esta comunicação tem por objetivo analisar o conto de Andersen em contraste com a animação norte-americana e verificar se o inverno congelante e suas rainhas, revestidas de beleza e mistério, constituem-se em uma analogia à morte. Para refletir sobre o tema, tomamos como referência o artigo O tema dos três escrínios(ou a escolha do cofre), de Sigmund Freud. Nele são citadas obras de Shakespeare, como O Mercador de Veneza, na qual há a escolha de um cofre(escrínio) entre três, o que leva o autor a refletir sobre o tema da “escolha de um homem entre três mulheres.” Cita ainda Rei Lear e suas três filhas, relacionando-as com as Parcas/Moiras/Horas e a morte. Para o pai da psicanálise, há três relações, inevitáveis, que um homem tem/terá com uma mulher : a mulher que lhe dá à luz, sua mãe; a mulher que é a sua companheira, sua amada e a mulher que o destrói, a Terra-mãe, a morte, para onde retorna. Contudo, o homem, que faz uso de sua atividade imaginativa para satisfazer os desejos que a realidade não satisfaz, rebela-se contra a morte, construindo narrativas míticas ou literárias em que a “ Deusa da morte” é substituída pela “Deusa do Amor”, humanizada por sua beleza.

Palavras-chave: Perséfone; A Rainha da Neve; Frozen; Morte

"OS AGENTES DO DESTINO": DO CONTO DE PHILIP K. DICK PARA AS TELAS

Sandra Trabucco Valenzuela (Universidade Anhembi Morumbi)

Resumo: O presente trabalho visa analisar o filme "Os Agentes do Destino" (The Adjustment Bureau), de 2011, dirigido e roteirizado por George Nolfi, como resultado de sua transposição do conto "Equipe de Ajuste" (Adjustment Team), escrito em 1954 por Philip K. Dick. Na narrativa fílmica, o personagem David Norris é um congressista norte-americano destinado, aparentemente, ao sucesso como político. No entanto, sua trajetória é interrompida e desequilibrada ao conhecer a bailarina Elise Sellas, fato este que contraria o chamado "Plano". Os agentes do destino passam então a ocupar-se de evitar o romance entre ambos, usando recursos de diversos tipos para desviar aproximações: o entre-lugares surge na forma de portas, que permitem viajar através do tempo e do espaço. Os agentes do destino funcionam como intermediários, que dissimulam sua presença no cotidiano para poder manipular as ações humanas. A narrativa aborda questões filosóficas fundamentais como liberdade e livre arbítrio, em oposição ao "Plano" ou à predestinação.

Palavras-chave: Agentes do Destino; Ficção científica; P. K. Dick

31 de julho

14h30

PARRICÍDIO E FILICÍDIO EM "A EMPAREDADA DA RUA NOVA" DE CARNEIRO VILELA

Joaquim Teles de Faria (UnB)

Resumo: Este estudo surge como uma reflexão a partir de leituras de obras de Freud e Jacques Lacan, nesse percurso dois conceitos ganham destaque e chamam a atenção, sendo eles o parricídio e o filicídio. O romance “A emparedada da Rua Nova”, do romancista pernambucano Carneiro Vilela, surge como objeto de aplicação das teorias psicanalíticas para uma análise literária, onde o foco é a relação entre pai e filha, tomando por base os personagens do romance, Jaime Favais e Clotilde Favais. A trama apresenta a figura de um núcleo familiar que vai se desconstruindo paulatinamente até culminar em adultérios e homicídio. Desse modo o romance “A emparedada da Rua Nova” surge como uma possibilidade de estudo onde é possível vislumbrar a tragédia grega a permear a narrativa de Vilela, evidenciando alguma relação entre o romance do pernambucano e a Antígona de Sófocles, e permitindo um exercício de leitura que compreende os conceitos psicanalíticos do parricídio

simbólico e do filicídio. Essa abordagem desenvolve-se como estudo literário, porém, anseia pelas sendas da psicanálise procurando entender como os conceitos de parricídio e filicídio podem permitir uma análise mais acurada do universo mental que constitui a mentalidade dos personagens desse enredo. Nesse percurso, utilizando a Psicanálise aplicada como instrumento de análise literária, observa-se como as pulsões reprimidas da filha do protagonista do romance (Clotilde), vai no desenrolar da trama, resultar em um parricídio simbólico, que coloca pai e filha em uma relação de completo estranhamento. Essa relação desgastada que desemboca no estranhamento absoluto ocasiona como consequência o filicídio efetivo, onde o protagonista (Jaime Favais), acaba por assassinar a filha emparedando-a viva em um dos cômodos de sua casa. Esse olhar pauta-se numa adoção da Psicanálise freudiana de maneira ortodoxa, pois não propõem-se a discutir a crítica a Freud, como por exemplo o faz o feminismo. Não, o que se propõe é algo diferente, o que se almeja é com um olhar ortodoxo instrumentalizar a análise literária com alguns conceitos freudianos, de modo a enfrentar o texto literário. A narrativa trágica de Carneiro Vilela dialoga por meio da intertextualidade com a Antígona de Sófocles e nesse sentido torna possível notar uma releitura da tragédia grega na narrativa do escritor Pernambucano e é esse percurso que permite sem maiores pretensões, uma análise que aproxima Psicanálise e literatura.

Palavras-chave: Parricídio, tragédia, filicídio, feminino, masculino.

PASSAR PELA CEGUEIRA: EXPERIÊNCIA E NARRATIVA

Patrícia de Oliveira Leme (USP)

Resumo: Este trabalho visa produzir uma reflexão acerca do gesto narrativo, tomando a divisão entre modo e voz (GENETTE, 1995) à luz da teoria psicanalítica. Para tal, a última tragédia de Sófocles, Édipo em Colono (2005), será convocada como um paradigma de leitura a outras cenas, ou, por que não, outros casos literários, no que a peça permite observar a transposição de um ato em relato: após o "horror não audível, não visível" revelado em Édipo Rei (2004, v.1312), o mito nos mostra um rei destituído, cego e em busca de um lugar para morrer, sobre quem recai a demanda de contar sua história. Não sem manifestar alguma resistência, às portas de Colono Édipo atende ao pedido do Coro e narra, delineando uma transição que nos interessa de perto; pois, tão perto do fim, algo ganha forma através da fala – "O que eu disser se tornará visível" (2005, v.74), adverte o herói. A articulação produzida entre os dois registros – dizer e tornar visível – recorta o território onde se cruzam a teoria literária e a psicanalítica: se a narratologia aponta a necessidade de distinguir aquele que vê daquele que fala na compreensão da operação narrativa (cf. GENETTE, 1995, p.186), a área psicanalítica evidencia a relação inextricável entre o ser humano e o campo da linguagem, pela qual falar torna-se um imperativo e, ao mesmo tempo, remete a uma perda fundamental – o capítulo censurado da nossa história, que não toma forma senão pela fala (cf. LACAN, 1998, p.206). É nessa perspectiva que o raco do velho Édipo, personagem cuja visão excessiva o excluía da própria história (cf. FOUCAULT, 2002, p.41), orienta esta leitura: como o caso paradigmático daquele que "(...) enxerga tão longe quanto se pode enxergar (...)" (LACAN, 2005, p.180) e que, com o advento de sua cegueira, crava um limite ao que é possível narrar. Estabelecido tal paradigma, o presente trabalho pretende trazer à baila arranjos possíveis produzidos pela instância narrativa frente a sua cegueira constitutiva, bem como problematizar as formas de com ela operar. Nesta trajetória, três referências se anunciam como inescapáveis: Jorge Luis Borges, Georges Bataille e Marguerite Duras. Referência bibliográfica: FOUCAULT, Michel. "Conferência 2". In: A verdade e as formas jurídicas. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2002, pp.29-51. GENETTE, Gérard. Narrative discourse. New York: Cornell University Press, 1995. LACAN, Jacques. "Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise". In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, pp.238-324. _____. O seminário – livro X: a angústia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005. SÓFOCLES. Édipo Rei. (Trad. Trajano Vieira). São Paulo: Perspectiva, 2004. _____. Édipo em Colono. (Trad. Trajano Vieira). São Paulo: Perspectiva, 2005.

Palavras-chave: Narrativa; cegueira; literatura e psicanálise.

STEPHEN DAEDALUS, CRIADOR E CRIATURA: UMA LEITURA PSICANALÍTICA DA FORMAÇÃO DO EU-ESCRITOR EM JAMES JOYCE

Rodrigo Macedo Alves (UNIP)

Resumo: A comunicação abordará a relação entre a formação de Stephen Daedalus no Stephen Hero, Retrato do artista e capítulo Scylla & Charybdis de *Ulisses*, e os fundamentos da criação literária de James Joyce. Partindo da hipótese de que o exílio e o reencontro com o originário, vida e obra, são grandes motivos estruturantes da forma em James Joyce, as conclusões apresentadas são fruto de uma pesquisa que une teoria literária e teoria psicanalítica, que visou desenhar as relações entre vida e escrita em James Joyce, mais especificamente na figura de Stephen Daedalus. Inscrito na tradição do Bildungsroman, remonta ao Wilhelm Meister de Goethe, partindo do desabrochar de sua consciência na linguagem, delineando-se os contornos de uma intencionalidade que culminará na missão de escrever e, assim, libertar-se através de uma linguagem criadora, das amarras da tradição e da autoridade paterna. O caráter metaficcional do romance de formação situa o cerne da questão na ideia da autoria não só do texto mas também de si. O que Joyce criou foi uma obra que se dobra sobre si mesma tanto narrativamente, do ponto de vista temático, da trajetória de Stephen marcada por rompimentos, expatriação e alienação, quanto metodologicamente, ao resolver na forma a tensão entre vida e obra, permitindo um vislumbre do engendramento da sua composição, de si mesmo e de sua escrita. Podemos definir a tensão que move o romance de formação como aquela entre o sujeito, no sentido de um indivíduo autônomo, porém dividido, em busca da realização externa de sua interioridade, e alguma forma de autoridade, lei paterna ou tradição, não raro associada a uma instituição religiosa, política ou social. Incluindo-se a oposição sociedade tradicional x modernidade urbana industrial, sendo uma das formas em que o romance de formação sobreviveu no século XX, o que parece sintetizar a tensão no Romance de formação é a oposição indivíduo sociedade, eu-outro, inerente à experiência de formação do eu. O duplo movimento de “libertar-se do grupo” e “encontrar seu caminho de volta” é facilmente identificado na trajetória de Daedalus, literalmente, quando parte para Paris e depois retorna para a Irlanda, mas também figuradamente, em sua trajetória oscilante entre a alienação dos vínculos sociais e seu compromisso com uma escrita pautada pela realidade da experiência. Em outros termos, renegando a autoridade paterna por um lado, mas impondo-se a tarefa de ser um pai-deus-criador por outro. Lacan, nos anos finais de seu ensino, que já levava 20 anos, dedicou-se a desenhar o que entendia que era o nó de Joyce, seu Sinthoma. Para além da psicopatologia, se Joyce era louco ou não importa menos que saber como Joyce realizou tanta literatura, ou como se salvou através dela. Lacan apostou na saída de Joyce em construir uma metáfora delirante, uma esperança para os psicanalistas pensarem um tratamento possível para a psicose. A loucura entendida por Lacan como carência simbólica/paterna foi compensada/suplantada por seu sintoma. Joyce fundou sua religião na astúcia, no silêncio e no exílio, forjando a consciência incriada de sua raça.

Palavras-chave: Autobiografia; Bildungsroman; Sinthome

BLADE RUNNER E INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL: INTELIGÊNCIA LIBIDINAL E A LITERATURA DE FICÇÃO

Roseli Gimenes (UNIP)

Resumo: A proposta desta comunicação é apontar as relações entre cinema, psicanálise e literatura partindo da análise de dois filmes: *Blade Runner* (1982), de Ridley Scott, e *Inteligência Artificial* (2001), de Spielberg. O enlace desses filmes se dá com a literatura de ficção de Philip K. Dick (1928-1982) com sua obra *Do androids dream of electric sheep?* (1968) e de Brian Aldiss (1925-2017) com a obra *Supertoys last all summer long and other stories* (2001). Para este estudo, partimos da psicanálise de Freud com sua obra *A interpretação dos sonhos* (1900) que vê os processos inconscientes, pré-conscientes e conscientes envolvidos nos sonhos, incluindo sonhar, recordar e relatar o sonho. O texto explica o argumento para postular o novo modelo do inconsciente e desenvolve um método para conseguir acesso a ele, tomando elementos de suas experiências prévias com as técnicas de hipnose e com o tratamento da histeria por meio da técnica de associação livre em que o paciente fala o que lhe ocorre no momento. Essa técnica foi transposta

para as associações em relação ao conteúdo do sonho. Também pela psicanálise de Lacan(1959-1960) com seus estudos acerca do desejo. O desejo é estruturante do ser humano. Mas o que é o desejo? Podemos tomar o desejo como sinônimo da falta. O desejo é algo que se coloca para o sujeito sempre como uma condição absoluta e infinita, sempre insatisfeito e inatingível. Para análise das obras e dos filmes por meio da literatura partiremos da ficção científica de críticos como Carl Freedman em sua obra *Critical theory and science fiction*(2000) que se baseia em grande parte em escrever sobre mundos, futuros e cenários alternativos possíveis e de maneira racional. Diferentemente da Fantasia, no contexto narrativo da ficção científica encontramos elementos imaginários, inspirados em fatos reais ou do passado, que estão cientificamente estabelecidos ou postulados por leis e princípios científicos, ainda que o enredo permaneça imaginativo. Nessa relação cinema, psicanálise e literatura, um elemento que aponta para os sintomas da cultura contemporânea que podemos divisar em obras de Lucia Santaella, como *O corpo como sintoma da cultura*(2001), e das reflexões de Yuval Harari com *Sapiens*(2014) e *Homo deus*(2016) que investigam também o desejo humano para a deificação, a felicidade e a imortalidade. Exatamente o que as obras e filmes aqui apresentados mostrarão: o ser humano fabrica bonecos semelhantes a si mesmo na busca de eternizar sua imagem como os replicantes de *Blade Runner* ou como a inocência do menino robô de *Inteligência Artificial*. Ao fim e ao cabo, a busca do desejo. Do desejo de ao menos continuar sonhando.

Palavras-chave: Cinema; psicanálise; literatura de ficção.

37 - LITERATURA, CINEMA, TEATRO: TRAMAS E SENTIDOS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

Coordenação: Anna Paula Soares Lemos (Unigranrio)

Resumo: O conjunto de imagens, o ritmo, o contexto, os tons, o sentido, entram em jogo quando se fala de fazer a travessia dos signos de um idioma a outro, de um código a outro, de um ponto de partida (referente) a sua transcrição. As práticas de linguagem tematizam e instituem questões identitárias. Saberes, memórias e patrimônio, críticas e limites de expressão se colocam em questão quando o movimento de tradução de linguagens entra em cena.

O tradutor Paulo Bezerra, no artigo *Tradução como criação* compara o movimento de traduzir com o ritmo do adágio, um ritmo gradativo e lento de entrar em contato com outros valores culturais, outra psicologia de recepção, outra literatura e outra oralidade para depois retornar a si mesmo e interpretar, recriar o ritmo da obra entendida em seu contexto referente. Como no adágio, é preciso estabelecer uma sequência de passos e de posições complexas em um ritmo lento, como que a primeira parte de um pas de deux clássico, para que o resultado final não gere entendimentos equivocados que podem ser perpetuados na história justamente por uma busca de literalidade que leva em conta apenas a palavra como referente.

Segundo Paulo Henriques Britto, a tradução – e seus limites para a utilização deste conceito – pode ser no seu caminho de travessia estrangeirizadora ou domesticadora.

A tradução domesticadora visa facilitar o trabalho do leitor, modificando tudo aquilo que lhe poderia causar estranheza, aproximando o texto do universo linguístico e cultural que já lhe é familiar. A estratégia estrangeirizadora faz o contrário: ela mantém muitas das características originais do texto – referências nada óbvias para o leitor da tradução, recursos estilísticos desconhecidos na cultura-alvo, até mesmo alguns elementos do idioma-fonte – com o intuito de aproximar o leitor do universo linguístico e cultural da obra original. (BRITTO, 2012: p. 21).

Tanto uma como outra forma de lidar com a linguagem estabelece uma operação com sentidos e não com significados, que deve afastar a ilusão da literalidade, uma literalidade impossível de ser atingida salvo pelo jogo da poesia.

Como não se traduz uma língua, mas sim uma linguagem, que é “o mundo do sentido”, nos termos de Octavio Paz, o suporte material constitui-se como um aspecto essencial à compreensão das narrativas.

O mundo do homem é o mundo do sentido. Tolera a ambigüidade, a contradição, a loucura ou a confusão, não a carência de sentido. O próprio silêncio está povoado de signos. Assim, a disposição dos edifícios e suas proporções obedecem a uma certa intenção. Não carecem de sentido - pode-se dizer, com mais precisão, o contrário - o impulso vertical do gótico, o equilíbrio tenso do templo grego, a redondeza da estupa budista ou a vegetação exótica que cobre os muros dos santuários de Orissa. Tudo é linguagem. (PAZ, Octavio. O arco e a lira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. P. 25).

Neste sentido, literatura, cinema e teatro mudam suas estruturas textuais - entendendo texto como tecido de linguagens - conforme os suportes e tecnologias que dialogam com suas relações de escrita, leitura e respectivas formas de recepção. Atualmente, tanto crítica quanto criação narrativas não podem prescindir da análise do suporte em que é fixado o texto, seus meios de divulgação, suas rotas de circulação e inclusive os agentes mediadores do processo de publicação e/ou difusão da obra. Desse modo, não nos ateremos apenas a análises semântico-narrativas. Abrangendo o texto literário, o roteiro e criação cinematográficos, o texto teatral, sua divulgação e sua apresentação, e tendo como foco a adaptação e roteirização para televisão ou cinema, as traduções e transcrições, o uso das tecnologias na linguagem teatral, desde sua escrita literária até seu roteiro de apresentação, este simpósio temático tem como propósito reunir estudos que coloquem no centro de sua reflexão os aspectos materiais envolvidos na relação Literatura, Cinema e Teatro com a chegada das diversas mídias contemporâneas.

1 de agosto
8h30

ENTRE VINGANÇA E PIEDADE: DUAS MEDEAS CONTEMPORÂNEAS

Alessandra Cristina Rigonato (USP)

Resumo: Este trabalho propõe um estudo com ênfase na visão do infanticídio das peças de teatro *By the Bog of Cats* (1998), de Marina Carr (1964-), e *Medea Mina Jeje* (2017), de Rudinei Borges (1983-), ambas inspiradas em Medeia (431 a.C.) de Eurípedes. Carr desloca sua Medeia, que se chama Hester Swane, para as Midlands, uma região rural e pantanosa da Irlanda, onde Hester confronta a exigência de Carthage (Jasão) para que ela abandone seu lar; em outra perspectiva, Borges transporta sua personagem para o período do auge da exploração de minérios em Ouro Preto, com condições desumanas do trabalho feito pelos escravos trazidos da África. Ao escolher duas obras situadas em contextos bastante distintos culturalmente, esta pesquisa leva em consideração aspectos semelhantes nas cenas de assassinato dos filhos. No âmbito da recriação de obras clássicas, três questões importantes afloram: por que revisitar o texto clássico? Como se dá o diálogo entre estes textos contemporâneos e o antigo? E, finalmente, quais são os efeitos das escolhas do processo de reescritura desta tragédia? Para responder a essas questões, esta comunicação se pauta por uma análise comparativa entre as obras à luz dos estudos de recepção dos clássicos de Lorna Hardwick (2003). Além disso, busca-se os sentidos de vingança e piedade no grego clássico a fim de observar como ambos se apresentam nos dramas de Carr e Borges. Com base na pergunta instigante de Ítalo Calvino (1923-1985) no livro *Por que ler os clássicos?* (1991), aqui se indaga por que reescrever a tragédia clássica. Aponta-se a hipótese de que as Medeias contemporâneas sugerem um olhar para o infanticídio que difere da ideia de um crime engendrado pelo desejo de vingança.

Palavras-chave: Medeia; Dramaturgia contemporânea; Releitura

REDE BAIXADA EM CENA: O TEATRO E SUAS POTENCIALIDADES NARRATIVAS

Anna Paula Soares Lemos (UNIGRANRIO)

Resumo: Região envolvida em conflitos ambientais, com desenvolvimento desordenado, problemas de poluição e violência, a Baixada Fluminense tem, no entanto, um crescimento econômico acentuado, é a segunda mais importante região do Estado e uma das mais importantes

microrregiões do país. Com essa configuração, as tensões e construções de suas singularidades apresentam paradoxos e necessitam de fortalecimento dos sentimentos de pertença dos seus moradores. Neste sentido, o processo de territorialidade do espaço pela arte, é fundamental. As ações e expressões de arte e cultura somam-se a noção de território que é ampliada para a noção de territorialidade. Segundo Rogério Haesbaert (2004) e Milton Santos (1994), as territorialidades se configuram no espaço vivido, usado, significado que leva em conta o plano simbólico, poético, artístico e das subjetividades de uma determinada região. São, portanto, espaços flexíveis, flutuantes e móveis que estão relacionados mais com as relações sociais projetadas no espaço que com o espaço concreto. Propiciam assim novas lógicas de produção e cooperação que levam em conta inclusive as redes sociais. Ana Lúcia Enne e Marina Dutra apontaram no artigo “Relações entre cultura e territorialidades” que [...] a dimensão da cultura, percebida como prática e categoria discursiva, se mostra fundamental para compreendermos como se configuram as múltiplas territorialidades, visto que compartilhamos da visão de que territórios são plurais, são apropriados, desapropriados e reapropriados continuamente por múltiplos agentes. (ENNE et al. In: <http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/entre-conter-e-resistir-relacoes-entre-cultura-e-territorialidades/>) Assim, há a possibilidade de reconstruir os suportes materiais da memória do teatro da Baixada Fluminense a partir das narrativas teatrais desenvolvidas neste território. Ao se fazer teatro, a proposta inicial é apresentar uma história, comunicar um fato, entreter e reunir pessoas. "Todo o teatro é político, ainda que não trate especificamente de temas políticos"(BOAL, 1993, p.15). Quando se realiza no espaço urbano, comum a todos, uma plateia extremamente heterogênea, o fazer teatral torna-se uma experiência enriquecedora, provocando multidões e incentivando a discussão de temas variados. O projeto Rede Baixada em Cena com novas lógicas de produção e cooperação deram visibilidade ao território da Baixada Fluminense ganhando inclusive prêmios internacionais. Assim, será importante entender a arte teatral na Baixada – com foco na cidade de Duque de Caxias – entendendo que esta arte fortalece as identidades deste território. O foco será nas atividades e narrativas desenvolvidas pela Cia. Artística Sol sem Dó e pela Cia. Arte Popular de Duque de Caxias. Pergunta-se: Em que medida as narrativas circenses, dos palhaços, são críticas e a perspectiva artesanal do teatro de rua e do teatro de grupo se relaciona com a rede social?

Palavras-chave: TEATRO, NARRATIVAS CIRCENSES, REDE BAIXADA EM CENA

PRODUÇÃO E COMUNIDADE EM CONSTRUÇÃO NO FILME ERA UM HOTEL CAMBRIDGE DE ELIANE CAFFÉ

Cristiane Lage de Matos (CEFET-MG)

Resumo: A presente pesquisa analisa as questões relacionadas às Identidades nômades e à comunidade na construção da escrita e da produção do filme Era um Hotel Cambridge, roteirizado por Eliane Caffé e Luiz Alberto de Abreu. O filme aqui é pensado como resultado de um processo de montagem, de edição em seu sentido amplo onde existe autor/diretor, uma construção narrativa e posterior exibição/circulação. Elaborado a partir de um espaço e de uma comunidade em construção, o filme evoca tensões estéticas, políticas e sociais onde as relações estabelecidas em seu processo são associadas a conceitos de comunidade proveniente de reflexões filosóficas de Jean-Luc Nancy, Peter Pal Pelbart e Marie-José Mondzain. O espaço e suas influências podem ser demarcados, perdidos ou esquecidos ou se constituir em um espaço subjetivo onde se estabeleçam marcas da escrita, dêiticos. O espaço pode ser cenário de diferentes configurações de comunidades onde se ressignificam as identidades e as relações. Todos os filmes realizados por Eliane Caffé, enquanto autora-realizadora, têm uma forte relação com a literatura, onde, muitas vezes, reverberam o realismo fantástico, a poesia, a narrativa oral, a narrativa épica e o cordel. Seus personagens ficcionais têm pontos em comum: a desterritorialização e o não pertencimento. Podem ser chamados de filmes diaspóricos, que carregam identidades flutuantes e as marcas dos múltiplos deslocamentos. O espaço dos filmes de Caffé é biopolítico e possibilita diversas reflexões, particularmente em seu último trabalho, Era o Hotel Cambridge, que tem como processo e temática

os coletivos de luta por moradia. Esses coletivos são pensados como comunidade, sendo a produção do filme mesmo um exercício criativo do comum.

Palavras-chave: Eliane Caffé; comunidade; cinema; narrativa

DA LITERATURA AO ROTEIRO ADAPTADO: PERCURSOS DO PROJETO A FRIAGEM

Jadson Borges de Assis (UEG) ; Émile Cardoso Andrade (UEG)

Resumo: Essa comunicação tem o intuito de apresentar o resultado parcial de um projeto que nasceu como proposta de mestrado e se amplia num objetivo maior, qual seja fazer um filme a partir das discussões e investigações suscitadas pela reflexão em torno do processo de adaptação de um conto literário em roteiro. A necessidade da elaboração deste estudo parte da escassez de trabalhos que envolvam necessariamente a relação de tradução entre o roteiro e o texto original. Interessa a esta pesquisa pensar de que maneira e sob quais prerrogativas o conto A friagem da escritora goiana Augusta Faro pode ser levado às telas, tendo em vista sua estética fantástica e sua construção imagética. A transposição do texto literário para o suporte cinematográfico em todas as suas instâncias – pensando no conceito de “campo cinematográfico” de Paulo Emílio Salles Gomes (1986) – é o foco de análise, o qual atravessa as discussões teóricas requeridas no âmbito acadêmico e se encaminha para a produção efetiva da obra em película. Em outras palavras, a ideia é compreender de que forma o dispositivo do cinema é capaz de revelar a experiência literária de Augusta Faro em suas mais variadas etapas de realização: criação de roteiro, escrita de projeto para captação de recurso, captação de recurso, decupagem do roteiro, processo de gravação, edição e distribuição. Todo esse processo interfere nas escolhas estéticas e técnicas que resultarão no produto final, o filme. Enfim, a proposta se concentra em perscrutar quais são e como se efetua as particularidades da migração de um texto literário em roteiro (Figueiredo, 2010), e por fim, em filme.

Palavras-chave: roteiro, literatura e cinema, A friagem

A QUESTÃO DO OLHAR EM HOTEL ATLÂNTICO: UMA LEITURA COMPARADA ENTRE O ROMANCE DE JOÃO GILBERTO NOLL E O FILME HOMÔNIMO DE SUZANA AMARAL

Jaqueline Castilho Machuca (UNICAMP)

Resumo: Os personagens de João Gilberto Noll são, em sua maioria, viajantes. Sem bagagem, sem destino, sem companhia, esses sujeitos transitam por espaços variados. Este trabalho procura entender como o olhar do protagonista errante de Hotel Atlântico se constitui para confrontar a questão da visualidade no cinema e na literatura, a fim de discutir como o filme de Suzana Amaral traz para a linguagem visual a problemática do olhar. A respeito da obra nolliana, Nizia Villaça (1996) ressalta que ao contrário dos demais sentidos, o olhar não entra em contato com o mundo, passa entre as coisas, objetiva-as. Para a pesquisadora, a percepção do autor é uma máquina voraz que passo a passo devora as imagens que registra e a si própria. Colando-se a pessoas e objetos, o olhar funciona como um colecionador, retira-lhes a vida, os rastros, surgindo, não a ficção do eu poderoso de uma tradição literária anterior, mas o eu sitiado e programado pela profusão de imagens que bombardeiam o indivíduo. A discursividade desse olhar tem a forma de planos curtos e descontínuos, submetidos a um processo de montagem de fragmentos heterogêneos. Suprimindo as conexões -causais, temporais- que corresponderiam a uma organização fluída, Noll opta por apresentar pedaços de enredos que pouco se relacionam. O narrador do romance em pauta faz um percurso sensorial, no qual a visão comparece mesclada aos demais sentidos. Tal percepção sensória é fragmentária, descontínua, instantânea - migra de uma coisa à outra, de uma sensação à outra, desenhando uma “viagem” também sem foco nem direção no universo dos sentidos. O filme (2009) de Suzana Amaral, assim como o romance, é construído com planos curtos. Sem relação de causalidade, o enredo fílmico também é segmentado- apesar de utilizar uma montagem clássica sem ousadias estéticas, o que é uma característica da obra pregressa da cineasta. Além dos textos pertencerem a diferentes suportes, e o propósito aqui não é discutir a fidelidade na transposição de um veículo a outro, pois Literatura e Cinema comunicam diferentemente e faz pouco sentido traçar paralelos exatos entre os dois no nível da comunicação denotativa (JOHNSON, 1982), há aspectos

que distanciam as obras em termos de “olhar”. Embora o narrador do livro seja autodiegético, ele tece poucas reflexões de cunho existencial, optando por uma descrição objetiva daquilo que enxerga, já que existe a preocupação de detalhar o entorno, ainda que de forma pendular. No texto de Amaral poucas recorrências de câmera subjetiva são apresentadas, denotando o enfoque no protagonista e não naquilo que ele observa.

Palavras-chave: Olhar; João Gilberto Noll; Suzana Amaral.

38 - LITERATURA, CULTURA E IDENTIDADE NA/DA AMAZÔNIA: CIRCULAÇÃO, TRAMAS E SENTIDOS NA LITERATURA

Coordenação: Luciana Marino do Nascimento (UFRJ/UFAC); Roberto Mibielli (UFRR); Devair Antônio Fiorotti (UFRR)

Resumo: Este simpósio Literatura, Cultura e Identidade na/da Amazônia, tem se repetido ao longo dos últimos 10 anos de Abralic, dele, muita discussão produtiva e algumas publicações resultaram, tendo sido o segundo livro editado em formato digital, a partir das discussões ocorridas tanto no evento de 2016 quanto no de 2017 (a ser lançado pela ABRALIC ainda em 2018). O primeiro, lançado pela Letra Capital há quatro anos (2014) intitulou-se *Nós da Amazônia: Literatura, Cultura e Identidade na/da Amazônia*. De 2008 para cá, esta parceria, na perpetuação das discussões em torno das questões atinentes à Amazônia, tem perdurado e se perpetuado em quase todas as edições dos encontros nacionais e internacionais da ABRALIC.

A cada ano temos visto crescer a quantidade de trabalhos sobre a região, ao mesmo tempo em que vemos crescer também a ignorância sobre ela. Nesse sentido, entendemos que a Amazônia representa, no imaginário da grande maioria, o El Dorado que se está por descobrir. Imagina-se que haja na Amazônia Legal riquezas incomensuráveis, oriundas dos três reinos naturais. Mas a construção desta faceta do imaginário não se limita apenas aos reinos da natureza, abarca também o universo da cultura.

A diversidade de fronteiras e de culturas, dentro e fora das comunidades indígenas locais, é um dos elementos que merece destaque. É bem verdade que boa parte do conhecimento sobre esta Região ainda está por ser construído. Tanto é que muitas pessoas que imaginam ser este um espaço privilegiado em termos naturais – e mesmo humanos, como as existentes entre as comunidades indígenas, de seringueiros e garimpeiros, por exemplo – não percebem que esta diversidade abrange, inclusive outras fronteiras, as das culturas urbanas. Não percebem, ou não sabem, também, que há universidades, pesquisa, tecnologias em desenvolvimento neste meio/lugar.

A imagem que prevalece, via de regra, é a de um “lugar periférico”, subdesenvolvido ao extremo (“primitivo”, para alguns), fechado em seus limites regionais, pobre, tomado pela floresta, em que há grande diversidade de culturas indígenas e pouca *intelligentzia*.

A Amazônia é muito diversa em sua conformação geográfica, climática, e nos habitats que proporciona. Esses, por seu lado, têm ampla influência na cultura das populações que neles vivem. Se de um lado predominante, mas nunca homogêneo, há matas exuberantes e abundantes, por outro lado também há o pântano, o altiplano e o lavrado (espécie de estepe, pobre de florestas e rica em vegetação rasteira). Os próprios espaços urbanos são muito diversos entre si. Manaus e Belém são centros que ilustram bem essas diferenças.

O simpósio que propomos não pretende dar conta de toda esta diversidade cultural, mas abrigá-la. Pretende contrastá-la, compará-la, tanto interna, quanto externamente, questionando as fronteiras e limites de sua regionalidade/universalidade, além de mostrar uma fatia desta construção/invenção em seus múltiplos aspectos. Ao abrigarmos trabalhos cuja temática se refere à Amazônia, pretendemos exercer a comparação tanto no que concerne aos objetos abordados em cada trabalho, na sua relação com o cânone central, quanto na relação entre seus centros, como também nas relações constituídas entre centros, margens e periferias, dentro e fora do âmbito do espaço regional amazônico, propondo sempre o necessário debate entre seus autores/pesquisadores.

Nesse sentido, o simpósio intitulado *Literatura, Cultura e Identidade na/da Amazônia* objetiva, assim como pretende-se, objetivar sempre a discussão acerca dos limites e das confluências linguísticas e culturais da/na Amazônia, nas perspectivas da Teoria da Literatura, dos Estudos Culturais e da História (e áreas afins), deslocando-se o eixo da análise da cultura, desfazendo ideias já constituídas acerca dessa região, com vistas a tornar possível o debate em torno das identidades híbridas, de uma compreensão dessas identidades frente às estruturas globais e às novas configurações do lugar do periférico, das fronteiras e das culturas, bem como, da circulação, tramas e sentidos da Literatura neste universo.

Nosso simpósio pretende (e pretenderá), principalmente, privilegiar questões relativas à literatura (sua teorização, suas possibilidades, suas categorias, o modo como se apresentam ao leitor os narradores, o que propõem como narrativa, que tipo de intervenção pedagógica é feita nas escolas a partir do objeto literário, por exemplo); privilegiar a estética de contos, fábulas e mitos da literatura latino-americana, de origem oral ou escrita. Também é nosso objeto de investigação a identificação e interpretação de certo discurso identitário, a partir do estudo comparado de textos literários diversos, enfocando questões culturais específicas, quase sempre oriundas ou emanadas, da produção literária/mitológica amazônica, de sua circulação, tramas e sentidos.

31 de julho
8h30

A AMAZÔNIA BRASILEIRA RETRATADA FORA DO BINARISMO PARAÍSO/INFERNO VERDE EM CINZAS DO NORTE DE MILTON HATOUM

Ivanete da Silva Alves (UFMG)

Resumo: A imagem de paraíso/inferno verde da região amazônica foi divulgada mundo a fora pelo imaginário externo. Nessa disseminação, os primeiros viajantes e conquistadores tiveram papel relevante. A perspectiva propagou-se e, tal espaço passou a ser visto amplamente de modo binário. Contudo, essa visão dúbia nega a multiplicidade desse local, além de desfavorecer a compreensão em torno da diferença cultural, já que, acarreta uma visão pejorativa para os sujeitos nativos. Diante dessa percepção entende-se que é interessante pensar a Amazônia fora da ideia dual, dando relevo ao seu caráter complexo e heterogêneo. Essa reflexão será feita por meio da análise do romance *Cinzas do norte* (2005) de Milton Hatoum pelo fato de essa obra por em pauta questões contundentes para esse trabalho, a exemplo dos processos migratórios.

Palavras-chave: Amazônia; paraíso; inferno; heterogeneidade.

(TRANS)MIGRAÇÕES CULTURAIS EM OS RIOS PROFUNDOS DE JOSÉ MARÍA ARGUEDAS E DOIS IRMÃOS DE MILTON HATOUM

Ezilda Maciel da Silva (UnB)

Resumo: O presente artigo tem a finalidade de analisar os romances *Dois irmãos* (2000), de Milton Hatoum, e *Os Rios Profundos* (1978), de Jose Maria Arguedas. A proposta é examinar como as movências, as errâncias, os deslocamentos e os trânsitos migratórios dão visibilidade às diferenças culturais, no mundo romanesco destes dois autores. Vista na dianteira dessa zona dialógica, *Dois irmãos* e *Os Rios Profundos* mapeiam alteridades, corpos, línguas e culturas, projetando ainda cenas rizomáticas, fronteiriças e errantes. Pretende-se colaborar para uma compreensão mais ampla e problematizante da diversidade estética/cultural no âmbito das interconexões das (po)éticas da alteridade no contexto latino-americano – lugar residual, de passagens e trocas. Por isso mesmo, desperta tantos exercícios interpretativos sobre sua cosmogonia e cosmologia em escala planetária, entrelaçando olhares críticos para traduzir os limites do território das narrativas literárias latino-americanas.

Palavras-chave: Poética, Migração, Literatura, Topografia.

NEGRITUDE E POÉTICA EM "CACHAÇA", DE BRUNO DE MENEZES

Edvaldo Santos Pereira (UFPA)

Resumo: Com uma abordagem acerca da negritude como forma de expressão de uma memória africana guardada pelos remanescentes dos negros que foram trazidos ao Brasil do século XVI ao século XIX, este trabalho traz, pela poética de Bruno de Menezes, poeta paraense, a figura do negro e dos afrodescendentes, na luta diária para se inserir na sociedade de Belém, maior metrópole da Amazônia no início do século XX, marcada pela hegemonia da cultura europeia, que se manteve como cultura primordial, já que a organização política e social firmava-se sob os mesmos princípios e valores cultivados pelo colonizador. Ainda que distante geograficamente da manifestação em prol da negritude, iniciada em Paris pelos estudantes negros de colônias francesas, como forma de colocar à mostra as culturas africanas dispersas pelo mundo, sobretudo pelos países americanos, a expressão poética de Bruno de Menezes traz a figura do negro e afrodescendentes, em semelhante busca, contrapondo-se aos atributos de um colonialismo etnocêntrico imposto aos países latino-americanos. Nessa luta, a cultura europeia não conseguiu se sobrepor de forma a extinguir traços identitários das culturas de uma variedade de etnias africanas, trazidas para a América como mão-de-obra escrava, e sob essa condição permaneceram por três séculos, até o momento da abolição de uma escravatura que, mesmo instituída sob os efeitos legais, ainda continuou velada nas ações de grande parte do povo, e até mesmo na prática repressora do Estado. Como narrativa memorialística de uma identidade afro-americanizada, propõe-se aqui a análise do poema “Cachaça”, com focalização na resistência do negro, em sua luta contra o poder do senhorio. No poema, é possível perceber o uso dessa bebida em circunstâncias diversas, seja como artifício de consolo, de manifestação religiosa, de diversão ou de força, motivo do desenvolvimento de uma observação pautada na valorização dos traços africanos que se mantiveram e se tornaram contribuintes para a formação de uma identidade coletiva, não apenas de Belém, cidade cenário da maioria dos poemas de Bruno, porto de chegada para muitas etnias africanas, mas também de saída, ou até mesmo de fuga para a formação de quilombos em outras localidades da região Amazônica, o que possibilitou a abertura de novos horizontes relacionados à formação de cidadãos dessa sociedade que, em sua diversidade étnica e cultural, congrega traços significativos de etnias africanas, assim como acontece em outras regiões do Brasil, de um modo geral, oportunizando um estudo mais aprofundado das tendências da poesia de uma época em que os poetas descobriam as vozes que construíram a nossa identidade nacional, passando então a valorizá-las pela transmissão de uma memória cultural desses caracteres passados de uma geração a outra, com função relevante no processo de assimilação de valores sociais, e também para o desenvolvimento de todo indivíduo, enquanto membro de qualquer sociedade.

Palavras-chave: Negro; Negritude; Identidade; Memória; Poder.

PSSICA, DE EDYR AUGUSTO: AMAZÔNIA LAISSEZ FAIRE OU O RETORNO AO INFERNO VERDE?

Alex Santos Moreira (UFPA)

Resumo: Uma adolescente de 14 anos, após ter a intimidade exposta em um vídeo que circulou por celulares é expulsa de casa pelos pais e acaba sendo conduzida a uma trama vertiginosa de violências, as quais listam-se: abuso e prostituição infantil, narcotráfico, tráfico humano, corrupção política e policial e miséria social. Ao drama de Janalice, conectam-se o de Manoel Coutinho, imigrante angolano, que busca vingar a morte da jovem esposa assinada por “ratos d’água”, e o de Préa, garoto que após o assassinato do pai assume a liderança de um bando criminoso no Marajó (PA). A violência desenfreada narrada na obra pode levar o leitor mais incauto a inferir que a Amazônia é uma região infernal, primitiva, bárbara e incivilizada; cujo paradigma em torno das narrativas amazônicas se estabelece com Euclides da Cunha (1866-1909) nos escritos ensaísticos de À margem da história (1909) e que posteriormente passaram a integrar a coletânea Um paraíso perdido: ensaios amazônicos (1976). Contudo, a história da região, desde a chegada dos primeiros europeus até os dias atuais, está marcada pelo assédio, principalmente, do capital. Com efeito, vista a partir do ponto de vista rentável, a Amazônia possui uma trajetória de perdas e danos (LOUREIRO, 2002) regida pelos mandos e desmandos do liberalismo econômico; o qual determina o destino da

região a partir de ideias que desconsideram as especificidades dos habitantes da floresta tropical. Diante disso, o presente trabalho tem por objetivo expor como o enredo do romance de Edyr Augusto, *Pssica* (2015), está estruturalmente organizado no intuito de evidenciar a ligação entre os problemas individuais das personagens e os problemas históricos da Amazônia. Pois, a progressão da ação narrativa e do conflito dramático do romance acompanham a ampliação do espaço que parte do restrito, especificamente, a cidade de Belém, passando por Breves, Soure e Muaná (na ilha do Marajó), indo em direção à Pan-Amazônia, precisamente, a cidade de Caiena, capital da Guiana Francesa.

Palavras-chave: *Pssica*; Edyr Augusto; Amazônia; Literatura brasileira contemporânea.

31 de julho

14h30

MAÍRA: UM ESTUDO DO ROMANCE DOS ÍNDIOS DA AMAZÔNIA

Vanessa Aparecida de Almeida Gonçalves Oliveira (UFJF)

Resumo: Este trabalho tem origem no conceito de transculturação narrativa, de Ángel Rama, que assim como os pensamentos de heterogeneidade, criouliização, hibridismo, estabelecem novas formas de compreender territórios que sofreram com o processo de colonização, dessa maneira, se distanciando das visões etnocêntricas, que, por muitas vezes, são responsáveis por olhares estereotipados. Na contemporaneidade, torna-se constante a consolidação da identidade por meio da especificidade, da heterogeneidade e da diferença, uma vez que o conceito de identidade nacional não corresponde à fragmentação e à descentralização do indivíduo e das culturas. Ao pensar as narrativas de fundação tem-se a oportunidade de entender que o gênero romance foi um dos grandes aliados na constituição do Estado/nação, principalmente, no sentido de promover a concepção essencialista e de unidade cultural no Velho e Novo Mundo. Na contexto contemporâneo, o gênero romanesco continua sendo uma ferramenta importante na construção cultural de um grupo, contudo, não mais com suas características fundamentalistas, tal como os conceitos relacionados à temática de identidade cultural, o romance pode ser reconhecido pelas suas nuances de heterogeneidade. Nesse sentido, um dos traços mais relevantes que se apresenta no romance e contribui na comprovação da ideia de ser um gênero em formação, é seu caráter profundamente autocrítico, a partir da composição híbrida de outras formas de discurso, a maneira como é penetrado pela ironia sinalizam para sua ligação com o contexto de sua época. Faz parte da natureza do romance, a apropriação dos gêneros para parodiá-los, reinterpretá-los e integrá-los na composição do gênero. Isso, só corrobora para a compreensão de que o romance é um gênero complexo, mesclado e plural. Além do mais, ele está inscrito na história da arte pela sua linguagem plural, é por meio dela, que é possível conhecer de si e do outro, promovendo a redescoberta de muitas vozes sociais do mundo, no nosso caso, a redescoberta da voz silenciada dos índios da Amazônia. À vista disso, o romance pode ser compreendido como um continuum construído a partir dos sistemas verbal e social, por meio das relações estabelecidas em diferentes planos, como tal, as relações de alteridade. Por isso, trata-se de um gênero de natureza indeterminada permeada pela fala do outro. O trabalho aqui apresentado será feito a partir da obra *Maíra*, do antropólogo e escritor Darcy Ribeiro, pretendemos abordar a relação do gênero romance com o pensamento cultural de identidade por meio do conceito de transculturação com o objetivo de ressaltar e ressignificar a história dos índios da Amazônia.

Palavras-chave: Romance; Alteridade; Transculturação.

IMPrensa, Letras e Modernidade na Terra onde Florescem as Seringueiras: Uma Leitura do Jornal A Alvorada- Periódico Literário-Noticioso- Acre. (1913/1914, N. 01, 08, 12, 14)

Luciana Nascimento (UFRJ); Luciano Mendes Saraiva (UFRJ)

Resumo: O espaço urbano constituiu uma inovação em fins do século XIX. Na esteira da imagem de modernidade ressignificada no século XIX (BERMAN, 1986), o jornal foi o grande veículo difusor do

discurso moderno, tendo reforçado os ideais civilizatórios e a crença no progresso material engendrado pelo capitalismo em expansão. Nesse sentido, os estudos de Rama (1982); Benjamim (1990) e Anderson (2008) orientarão as reflexões que se pretende realizar neste trabalho, ou seja, objetiva-se estudar o lugar da leitura e da literatura como espaço de discussão dos acontecimentos hodiernos da cidade, através da crônica (CANDIDO, 1991; ARRIGUCCI Jr. 1987). Sem dúvida, os jornais constituem registros do cotidiano, através dos quais é possível recuperarmos “o espírito do tempo”. Nesse diapasão, a proposta que se esboça, aqui, tem como foco uma leitura do jornal A Alvorada- Periódico Literário-Noticioso, tendo em vista se tratar de periódico editado no Acre, em 1913 e 1914, tendo restado apenas 4 números do periódico, os quais estão na hemeroteca da Fundação Biblioteca Nacional. Ou seja, observa-se que é um periódico editado em contexto periférico, na esteira da anexação do Acre ao Brasil, o que demonstra a importância do jornal enquanto instrumento de formação da nação, dando lastro à afirmação de uma identidade nacional vinculada a uma ideia de preservação e pertencimento, conforme os postulados de Anderson (2008).

Palavras-chave: Literatura; Cultura; Amazônia; Periodismo

DA COBIÇA À RUINA: A SAGA DE SIR WALTER RALEGH EM BUSCA DO ELDORADO (ANÁLISE DE UM RELATO DE VIAGEM)

Valtenir Soares de Abreu (UFRJ); Saide Feitosa da Silva (UFRJ)

Resumo: Resumo: Na obra O caminho de Eldorado: a descoberta da Guiana por Walter Raleigh em 1595, desenvolve-se o relato de viagem deste que é tido como “uma das figuras mais controvertidas da Renascença inglesa no reinado de Elizabeth I. Em uma incursão que pode ser considerada como, no mínimo ousada, o explorador chega a um lugar - a Guiana, de onde sairia com suas expectativas de enriquecimento frustradas, pois os interesses da coroa não haviam sido satisfeitos. Entretanto, para o público leitor, ávido por aventuras ocorridas nas distantes terras do Novo Mundo, as peripécias de Raleigh renderam um assombroso número um milhão de cópias vendidas em duas edições no mesmo ano (1596). Pretendemos analisar o relato de viagem de Sir Walter Raleigh em uma perspectiva que transcenda o olhar aventureiro e se detenha também aos aspectos discursivos e nas relações de poder estabelecidas entre exploradores e explorados. Para esse fim, discutiremos conceitos que consideramos de suma importância para a análise aqui empreendida. Dentre estes, podemos destacar as ideias de discurso, poder e linguagem. Ao longo de todo o relato de viagem, procuraremos localizar tais concepções, buscando relações com o campo da Linguística Aplicada enquanto campo epistemológico interdisciplinar.

Palavras-chave: Relato de viagem. Discurso. Poder. Linguagem

AS MARCAS DOS COLONIZADORES NA AMAZÔNIA BOLIVIANA: UMA EXPERIÊNCIA COM ESTUDANTES DE LITERATURA HISPANO-AMERICANA COM A(S) FRONTEIRA(S) (IM)POSTAS PELA ESCOLA

Cleilton França dos Santos (UFRJ)

Resumo: Este trabalho apresenta um relato de experiência sobre um trabalho desenvolvido com um grupo de alunos, do 7º período do curso de Licenciatura em Letras Espanhol, da Universidade Federal do Acre, na cidade boliviana de Cobija, durante a disciplina de Literatura “Hispano-americana I”. O objetivo do trabalho foi observar em “terras hispânicas”, as marcas dos colonizadores europeus na formação da identidade cultural, em quatro pontos turísticos daquela cidade da “Amazônia Real”. As observações foram realizadas em dois dias, os alunos se dividiram em quatro grupos de seis integrantes e orientados por dois professores e um colaborador, guia turístico, realizaram as visitas para registros e posterior relatório das “experiências” (LARROSA, 2002), vivenciadas durante dois dias, nas seguintes localidades, em Cobija: Monumento a los tres Héroes, Iglesia Nuestra Señora del Pilar, Mural de la Universidad Amazónica de Pando e Barrio Junin. Durante as aulas da disciplina de Literatura “Hispano-americana I” - conforme sua ementa - discutimos “as manifestações literárias da Época Pré-colombiana” e a formação do “cânone literário hispano-americano”, a partir da chegada dos espanhóis. Como leituras complementares, no âmbito da disciplina, indicamos Estética da Criação Verbal (BAKHTIN, 1997), Marxismo e filosofia da linguagem

(BAKHTIN, 2006) e A Ordem do Discurso (FOUCAULT, 1996). Essas leituras nos levaram a refletir sobre a formação da Hispanoamérica, comparada-a a formação histórica do Acre, esse debate nos conduziu à pesquisa de (TOCANTINS, 2001). As leituras programáticas, obrigatórias, do Plano de Curso da disciplina passam a ser realizadas com um olhar mais crítico e questionador. O mito do eldorado, de terras não descobertas e de “lugar periférico”, são discursos cristalizados que se repetem na/sobre a Amazônia, uma invenção datada e ideológica, fortalecida pela escola. O curso de Licenciatura em Letras/Espanhol da Universidade Federal do Acre, a partir de uma reflexão sobre as fronteiras (Amazônia Real/Legal), tendo como base o que Anderson denominou como Comunidades Imaginadas (ANDERSON, 2008), tem vislumbrado uma intervenção pedagógica nas escolas, de certos discursos identitários na/da Amazônia, através da formação de professores e reflexão crítica empreendidas no estudo de Pimenta (2011). A experiência dos alunos do 7º período, futuros professores de Espanhol, na cidade de Cobija, departamento de Pando, na Bolívia, foi de grande valia para desfazer ideias já cristalizadas acerca dessa região, tornando possível o debate sobre identidades híbridas, percebendo a relevância cultural, literária e linguística da Bolívia, para o ensino de Espanhol no Acre. Nos relatórios desses futuros professores e em um debate realizado após as “experiências”, verificou-se que os conceitos sobre a cultura e literatura, sobretudo as consideradas “nacionais”, devem ser repensadas e que as marcas dos colonizadores europeus não estão exclusivamente dos pontos turísticos, porém, em nossas práticas docentes que precisam de independência para desconstruir as fronteiras que nos ensinou a escola.

Palavras-chave: Literatura. Cultura. Amazônia. Identidades

1 de agosto
8h30

XUNUNU TAMU OU O GENOCÍDIO INDÍGENA EM ATO

Devair Antônio Fiorotti (UFRR)

Resumo: Xununu tamu (primeira versão se chamava Os bravos de ouxi) é uma obra de José Vilela, escritor do Mato Grosso, radicado em Roraima, que trata da violência contra indígenas na década de 80, do século passado em Roraima. Ambienta-se na comunidade indígena Santa Cruz, localizada no município de Normandia, Roraima. Como mesmo disse o autor, “isso tudo é real, companheiro”. “Isso tudo” se refere à truculência com que fazendeiros, apoiados pelo estado, trataram os indígenas dessa comunidade. Se aspectos de valor estético até podem ser questionados em relação à obra, como certo prolongamento moralista no final do livro, seu valor de documento não. O autor à época trabalhava para o Conselho Indígena Missionário (CIMI) e fez um trabalho de campo com os indígenas extenso para produzir Xununu tamu e construir uma obra manifesto contra o descaso com que, em Roraima, os índios Macuxi foram tratados e ainda são. A partir dessa obra, pergunta-se a respeito de um genocídio histórico e ainda vigente no Brasil em relação aos indígenas, tal perspectiva será posta a dialogar com os dados do CIMI, atuais, sobre a violência contra indígenas no Brasil.

Palavras-chave: Xununu tamu; Genocídio indígena; Macuxi; Roraima.

MEMÓRIA, PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO CULTURAL E DESOBEDIÊNCIA EPISTÊMICA DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DA ILHA DE SÃO VICENTE EM ARAGUATINS-TO

Alex Montel de Sousa (UNIFESSPA)

Resumo: O objetivo deste trabalho é elaborar uma reflexão crítica sobre a identidade cultural e memória na comunidade tradicional quilombola na ilha de São Vicente no município de Araguatins, Tocantins, a partir de pressupostos do multiculturalismo e da interculturalidade dos estudos culturais e pós-coloniais. Esta reflexão surge no momento em que se questiona paradigmas uniformizantes que se organizam na perspectiva da repetição e da uniformização de pontos de vista sobre a literatura, a cultura e a vida. Em vez da ideia de pureza e estabilidade dos recursos

hegemônicos, estamos propondo uma reavaliação desses modelos impositivos, para que se absorvam as margens instáveis de saberes e vivências de populações e comunidades tradicionais, visando a valorização de histórias, narrativas e versões invisibilizadas pela sociedade que não valoriza o saber nem a memória do povo quilombola que é parte viva e importante para a história da cidade de Araguatins no estado do Tocantins. Pretende-se questionar as estruturas fixas que mantém dicotomias como centro/periferia; oralidade/escritura; cultura erudita, cultura/popular. Para tanto, esta pesquisa busca trabalhar com narrativas orais dos remanescentes quilombolas que habitam a Ilha de São Vicente em Araguatins. Pretende-se trabalhar com a Literatura oral coletada com o povo quilombola, explorando suas tradições através das narrativas orais locais. Esse povo, conhecido como família Barros, reside na ilha de São Vicente desde 1888 e chegaram à região 20 anos antes, em 1868, para trabalhar na fazenda do fundador da cidade de Araguatins, portanto, este povo é parte importante e integrante da formação histórica da cidade e da região. A comunidade estudada é marginalizada pela sociedade, não tendo seu valor histórico e social reconhecido pelo povo araguatinsense, não sendo o povo reconhecido, a literatura oral produzida por eles é marginalizada, desprestigiada, sendo praticamente repassada somente entre os que pertencem à família quilombola. Com isso, mais que trabalhar a literatura e sua dicotomia oral/escrito, busca-se explorar as tradições deste povo esquecido dentro de uma comunidade da qual fizeram parte da criação. Assim, as narrativas orais são parte importante para a valorização deste povo. A literatura em todos os seus períodos acompanha a história, a oral aqui explorada acompanha a história de um povo que vive na ilha citada, localizada no majestoso Rio Araguaia e para este trabalho aqui apresentado é inconcebível que seja separado literatura de história. Com isso, História e Literatura caminharão juntas neste texto. Como referências bibliográficas Trabalharemos com Hall (1999) para as discussões a respeito da identidade local, Bosi (1994) para a memória local, Ong (1998) para as questões que se referem a oralidade e suas teorias e Zumthor (1993; 2000; 2010) para as discussões a respeito de literatura oral.

Palavras-chave: Literatura oral; Quilombolas; Memória.

1 de agosto

14h30

LITERATURA EM RORAIMA: diálogos e Leituras

Roberto Mibielli (UFRR)

Resumo: O Colóquio Literatura em Roraima: diálogos e leituras foi um evento criado a partir de duas disciplinas, em dois níveis diferentes de ensino: mestrado e graduação em Letras da UFRR, unidos, em um mesmo espaço, no intuito de criar uma maior interlocução entre os estudantes, no que tange à discussão sobre a literatura local. Acabou se tornando um evento no qual desfilaram, em suas mesas redondas, praticamente 90% dos escritores e poetas publicados em Roraima na atualidade. Os debates entre eles, sempre com a presença de quatro debatedores, um coordenador aluno (de graduação ou pós) e uma temática específica, produziram horas de material gravado em áudio e vídeo. Dessas gravações retiramos alguns testemunhos e questões de modo a tentar, a partir das falas destes poetas e escritores, dimensionar e propor uma imagem da literatura contemporânea do estado. Questões como: a ampliação da presença da mulher no meio literário amazônico e nacional; a existência de literatura no estado, ou de movimentos literários e sua busca pela identidade local; o modo como se produz literatura em Roraima; a literatura indígena e seus desdobramentos; e mesmo a interação da crítica e do ensino de literatura com o local Amazônia e outras mais, foram observadas de modo a se constituir um mosaico de ideias que permitem visualizar posições, perspectivas e propostas, algumas das quais bastante *sui generis*, de uma literatura que antes primava apenas pelo exotismo da paisagem e pela grife amazônica para atingir algum destaque. Nesta comunicação, abordamos alguns desses aspectos, na tentativa de uma caracterização desta produção contemporânea. Mesclam-se nesta tentativa de perspectivação, as falas de escritores recém publicados em seu *début* literário, assim como escritores e poetas já consagrados, com

alguma fortuna crítica e dissertações publicadas, como é o caso dos poetas Eliakin Rufino, Zeca preto e Neuber Uchoa, pertencentes ao movimento Roraimeira. Questões como a migração e as relações interculturais dela provenientes também foram objeto do evento, em uma mesa específica que procurou abordar as influências e confluências da circulação de textos literários no espaço fronteiro entre Brasil, Guiana e Venezuela, contando, para este fim com a presença de uma poeta-compositor Guianense e uma cronista venezuelana. Até mesmo questões como a história do estado, fosse na forma de memórias, fosse na de narrativas dos viajantes que por aqui estiveram, também tiveram seu lugar de destaque, permitindo uma discussão ampla, cuja abordagem englobou elementos e momentos distintos da formação literária e cultural do estado.

Palavras-chave: Literatura de Roraima; panorama literário; cultura

A FORMAÇÃO CULTURAL E LITERÁRIA DO ALUNO DE ENSINO FUNDAMENTAL: LINGUAGEM, IDENTIDADE E CULTURA NA AMAZÔNIA

Sebastião Gonçalves Dias (UNIFESSPA)

Resumo: O objetivo do nosso trabalho é elaborar uma proposta de discussão sobre a formação cultural e literária do aluno de ensino fundamental, discutindo conceitos de linguagem, identidade e culturas na Amazônia. Estamos propondo averiguar a função do sujeito, A importância da prática de leitura e do ensino de literatura e sua contribuição na formação social e cultural do sujeito-aluno na escola de ensino fundamental. Essa reflexão sobre leitura e literatura, surge a partir de um projeto de intervenção de caráter didático-metodológico na escola de ensino fundamental no município de Jacundá, localizado no Sudeste do Pará. Utilizando autores prioritariamente da Amazônia. Queremos discutir e analisar metodologias capazes de problematizar o lugar da cultura, da leitura e da literatura na escola, no currículo e na sala aula. Discutir cultura e literatura no âmbito escolar, nos leva a refletir sobre alguns pontos relevantes a respeito do lugar social do outro, da pluralidade cultural e da diversidade. Teoricamente estamos afinados com teorias dos estudos culturais, pós-coloniais, sobretudo, com leituras de Homi K. Bhabha, Antoinette Compagnon, Michel de Certeau, Marjorie Perloff, Franz Fanon, Walter Benjamin, Antônio Candido, entre outros que propõem o desafio de pensar a diferença e a diversidade cultural. O princípio é, o que entendo por cultura, pode não ser visto pelo outro que está além de uma imagem fronteiriça criada por, de certa forma imposta, por aqueles que acreditavam ser detentores do conhecimento, criada por uma cultura colonialista e elitista. Estamos pensando nas bordas, nas fronteiras moveis, nas misturas, capazes de problematizar o modelo, as formas padronizadas. O ensino de Literatura e a prática de leituras literárias no ensino público, de modo especial no ensino fundamental, tem recebido pouca relevância no Brasil, o que afeta consideravelmente o desempenho do aluno no ensino médio, e até mesmo na universidade. Outro ponto que ainda podemos considerar como mais um agravante é o de que somente nos anos finais do ensino médio dá-se uma pequena relevância para leitura e a Literatura, inserindo-a na grade curricular. Nos anos anteriores (1º e 2º), assim como no ensino fundamental (6º ao 9º), a literatura às vezes complementa a grade de Língua Portuguesa. Para formar cidadãos capazes de compreender os diferentes tipos de textos com as quais se defrontam é necessário organizar o trabalho educativo. É preciso que a escola lhes proporcione essa experiência, colocá-los em contato com a Literatura, com o universo literário, fazê-lo perceber que há um outro mundo próximo dele que precisa ser explorado e confrontado com a realidade, reconhecer o seu espaço nos espaços descritos nos livros, ou seja, o sujeito precisa encontrar-se com o mundo literário, esse é o primeiro passo na formação cultural e social de ser mais crítico e politizado. A contribuição da literatura na formação de cidadãos mais críticos e solidários é percebida num dado momento em que vemos homens e mulheres identificando-se como sujeitos de sua própria história, constituindo-se autores de sua cultura, mesmo que muitas vezes influenciada pela cultura do outro.

Palavras-chave: LINGUAGEM- IDENTIDADE- AMAZÔNIA- LITERATURA

KOCH-GRÜNBERG, A AMAZÔNIA E MÁRIO DE ANDRADE: CIRCULAÇÃO, TRAMA E SENTIDO DO MODERNISMO BRASILEIRO

Fábio Soares dos Santos (Secretaria Estadual de Educação de Roraima - SEED / RR)

Resumo: O eixo temático deste trabalho está voltado para a ligação entre Koch-Grünberg, Mário de Andrade e uma das regiões mais enigmáticas do Planeta - a Amazônia, bem como para a forma com que os discursos destes dois renomados intelectuais contribuíram para a formação teórico-metodológica do Modernismo brasileiro e para a interpretação mais acurada do Brasil. Desde muito tempo, a Amazônia representou para o mundo um espaço muito rico não apenas no tocante à sua biodiversidade, mas, principalmente, na revelação de uma cultura milenar que, de tanto especulada, passou a gerar uma aura mística e mítica no pensamento dos grandes centros do saber mundial, especialmente do Ocidente, sempre ávido pelo poder e expansão territorial. Entretanto, com o apogeu das Revoluções Francesa e Industrial e seus reflexos nas Américas, o mundo, já divisando o terror da possibilidade da 1ª Grande Guerra, descobre, através de Koch-Grünberg - “o último viajante naturalista de uma tradição oitocentista”, nas palavras de Farage; Santilli (2006), uma Amazônia que não é nem “inferno verde, nem paraíso verde. Terra bem terrestre, encanto de nossa terra”, como confessaria o papa do Modernismo brasileiro, Mário de Andrade (ANDRADE, 2015). Koch-Grünberg passa a ser partícipe então de uma trilogia em que a circulação, trama e sentido da identidade cultural brasileira assumem posturas irreverentes diante de uma sociedade atônita com as mudanças do mundo moderno, principalmente no campo político-econômico, e o acirramento das desigualdades sociais, em especial nos grandes centros urbanos do país. A tríade ‘Koch-Grünberg, a Amazônia e Mário de Andrade’, sem querer anular a contribuição de uma plêiade de artistas e intelectuais (Sílvio Romero, Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral, Anita Malfatti etc), impactou as formas de se ver o mundo e de se pensar o futuro do Brasil, sua concepção de vida e de arte. A Amazônia e o trabalho do pesquisador germânico despertaram a curiosidade de Mário de Andrade que fez nascer, do fundo do mato-virgem, o representante ilustre do Modernismo brasileiro - Macunaíma: o herói sem nenhum caráter, inserindo-o no hall dos protagonistas ameríndios que tanto se esforçaram em narrar, cantar e representar o mundo que os envolvia, falando, alto e bom som, que ‘a vida só é possível reinventada’. Makunaima, Makunaíma, Macunaíma e inúmeras histórias orais e escritas insistem em mostrar ao homem (pós) moderno que, tal qual na Amazônia, na sociedade atual não é o mais forte nem o mais inteligente que sobrevive, mas aquele se coloca como sujeito de sua própria história, adaptando-se à dinâmica movimentação que é nossa existência. Se então a Amazônia, de certa forma, inspirou o berço da civilização – a França, à sua grande Revolução (Pinto, 2008), participou também do projeto modernista brasileiro no qual grandes nomes se eterniza(ra)m - especialmente Koch-Grünberg e Mário de Andrade.

Palavras-chave: Amazônia; Koch-Grünberg; Mário de Andrade.

LITERATURA, CULTURA E IDENTIDADES NAS AMAZÔNIAS: LEITURAS E OUTRAS IMAGINAÇÕES

Nelcilene Cerqueira de Moraes (UNIFESSPA)

Resumo: Este trabalho propõe a leitura e estudo de obras dos autores Milton Hatoum, Marcio Souza e Eneida de Moraes e tem como objetivo discutir o espaço da literatura como elemento estratégico no processo de construção da identidade cultural na Amazônia. Com base nos pressupostos teóricos dos estudos culturais e pós-coloniais, bem como, em teorias sobre o papel humanizador da literatura, que destacam a relevância do texto literário como um poderoso instigador de reflexões sobre questões cotidianas e na importância de um letramento literário em que o leitor se identifique e reconheça nas obras os elementos culturais característicos da região Amazônica, com também aqueles pertencentes à outras realidades culturais, evidenciando dessa forma, a multiplicidade e pluralidade que compõe a região. Para este trabalho foram utilizadas obras de autores que retratam o imaginário da Amazônia sob o ponto de vista da memória e da modernidade. “A Casa Ilhada”, de Milton Hatoum, “A Caligrafia de Deus”, de Márcio Souza e “Aruanda”, de Eneida de Moraes são obras que apresentam uma perspectiva de cultura, local, regional e nacional. Com Hatoum percebemos a presença do elemento colonizador, o cientista que vem para Manaus, e de um narrador, que através da memória, nos apresenta o espaço local, cheio de particularidades, crenças e saberes que interagem entre si. Em “A Caligrafia de Deus”, Marcio Souza nos apresenta os

personagens num processo de perda da identidade, pois num conceito pós-moderno, Izabel, a personagem central da obra, encontra-se em desarmonia com o local e o universal, já que ao mudar para Manaus e ao tentar assimilar a cultura das freiras, a mesma perde sua identidade indígena. Em Eneida, nas crônicas “Tanta Gente” e “Banho de Cheiro”, a narradora relembra os prazeres e alegrias vividos na infância em Belém, cujas lembranças se entrelaçam com o do leitor. E ainda em suas memórias, a narradora demonstra Belém emergida e interagindo com a diversidade cultural. Em suma, as obras lidas e estudadas evidenciam a diversidade social, política e econômica existente na Amazônia, que se desdobra em pluralidade, tornando assim, Amazônias. A proposta, portanto, apresenta a importância do texto literário para a formação global do sujeito, agente de transformação social, que, em contato com o texto literário que valoriza suas vivências e estimula a relação entre o texto e a realidade do leitor, sente-se próximo do contexto social e cultural do local em que vive, contribuindo para a afirmação da identidade e da diversidade

Palavras-chave: identidade; cultura; literatura; amazonia

39 - LITERATURA E DISSONÂNCIA

Coordenação: André Dias (UFF); Alfredo Ricardo Silva Lopes (UFMS)

Resumo: A proposta do simpósio é examinar a manifestação da dissonância em diferentes obras literárias das mais variadas nacionalidades, com vistas a compreender o modo pelo qual alguns autores se constituíram, através dos discursos literários, como vozes questionadoras de seus tempos, sociedades e condições existenciais. O tema está associado aos artistas e intelectuais que analisaram de maneira profunda aspectos primordiais de diferentes épocas e construíram uma crítica contundente aos mais distintos valores presentes nessas realidades sociais. A ideia central é abrir espaço para o diálogo entre pesquisadores que investigam variados autores, cujas obras expressam inquietações e questionamentos, tanto na esfera social quanto na ideológica ou na existencial. O que se espera é que os trabalhos apresentados no âmbito do Simpósio Literatura e Dissonância discutam, entre outras questões, o problema teórico do intelectual frente às variadas ideologias, quer sejam elas hegemônicas ou não, e o problema histórico dos escritores diante do *status quo*, manifestado na esfera da política, da moral, dos costumes, da economia, etc.

Mikhail Bakhtin, falando sobre o grande tempo histórico e o trabalho dos escritores, chama atenção para o seguinte fato: “o próprio autor e os seus contemporâneos veem, conscientizam e avaliam antes de tudo aquilo que está mais próximo do seu dia de hoje. O autor é um prisioneiro de sua época, de sua atualidade. Os tempos posteriores o libertam dessa prisão, e os estudos literários têm a incumbência de ajudá-lo nessa libertação.” (BAKHTIN, 2003, p. 364). Sendo assim, ao abordarmos a temática Literatura e Dissonância, temos clareza de que todo autor, para o bem e para o mal, é antes de tudo um homem de seu tempo. Desse modo, aos que se ocupam da investigação literária cabe a desafiadora tarefa de, dialogicamente, atualizarem os diversos discursos literários produzidos nos mais variados tempos e espaços históricos. Agindo assim, os estudiosos da literatura contribuirão para manter a vivacidade de distintos autores e suas obras. Sobre a criação romanesca, o pensador russo adverte que “o autor-artista *pré-encontra* a personagem já dada independentemente do seu ato puramente artístico, não pode gerar de si mesmo a personagem – esta não seria convincente” (BAKHTIN, 2003, 183-184). Em outras palavras, nenhuma personagem é fruto do gênio criador de um autor adâmico, pois a matéria de memória da literatura está no mundo social, local de onde os escritores extraem os motivos para criar. De maneira análoga, a palavra do outro é fundamental para a tomada de consciência de si e do mundo, segundo aponta Bakhtin: “como o corpo se forma inicialmente no seio (corpo) materno, assim a consciência do homem desperta envolvida pela consciência do outro” (BAKHTIN, 2003, p. 374). Dessa forma, as premissas bakhtinianas apresentadas aqui fundamentam o desenvolvimento das nossas reflexões e ajudam a ampliar os sentidos das análises.

O fórum, observada a perspectiva da dissonância no campo dos estudos literários e do comparativismo, acata propostas que vão desde o enfoque do ensino da literatura, passando pela questão do trabalho crítico, até chegar à discussão teórica das experiências literárias e da

diversidade de textualidades contemporâneas. Seja no espaço das territorialidades, cujos limites se esvaem diante da instantaneidade das comunicações globais, seja no âmbito do regional esvaziado no mesmo diapasão — em que os conceitos de literatura e de literariedade vigentes nos séculos XIX e XX perdem sentido com as realizações e as propostas estéticas dos autores do século XXI —, procura-se o dissonante na antiga ordem hierarquizada, no recente e finado mundo bipolar ou no universo multilateral que se instaura. Há que se considerar, ainda, estudos comparativos entre autores que, mesmo distantes no tempo e no espaço, fixam a seu modo o questionamento de valores hegemônicos e não hegemônicos. Tais autores, independente se no âmbito da prosa ou no da poesia, acabam por constituir uma aproximação literária mediada pelo estado de permanente inquietação.

Do ponto de vista da historiografia literária, qualquer que seja o modo analítico proposto, os problemas se sucedem, pois os últimos anos têm sido de deslocamentos incessantes dos postulados teóricos. Tais deslocamentos transformaram em cada vez mais inglórios os embates com o mundo concreto, considerando a acelerada mutabilidade das circunstâncias sociais, políticas, históricas e das representações simbólicas, no âmbito das artes em geral e da literatura em particular. Assim sendo, no estudo da circulação, das tramas e sentidos construídos pela literatura cabe, inclusive, questionar as significações do conceito de literariedade. Tal questionamento pode incorporar novas e dissonantes acepções ao termo, tanto na perspectiva dos cânones consagrados, quanto dos cânones emergentes.

Levantar questionamentos, de preferência contundentes, e, eventualmente, produzir alguma conclusão, ainda que provisória, é o que se espera alcançar com o presente Grupo de Trabalho, cuja sequência de participações na Abralic, sempre com intensa adesão dos colegas, indica a importância e a pertinência do debate proposto.

REFERÊNCIAS:

- BAKHTIN, Mikhail. *Teoria do romance I: a estilística*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BOSI, Alfredo. *Literatura e resistência*. São Paulo: Cia das Letras, 2002.
- DIAS, André. *Lima Barreto e Dostoiévski: vozes dissonantes*. Niterói, RJ: Editora da UFF, 2012.
- SARTRE, Jean-Paul. *Que é literatura?* Trad. Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Ática, 1989.
- TEZZA, Cristovão. *Entre a prosa e a poesia: Bakhtin e o formalismo russo*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
- TEZZA, Cristovão. *O espírito da prosa: uma autobiografia literária*. Rio de Janeiro: Record, 2012.
- VARGAS LLOSA, Mário. *A verdade das mentiras*. Trad. Cordelia Magalhães. São Paulo: ARX, 2004.

31 de julho
8h30

A PROJEÇÃO DO "TU" E DO "EU": AS VOZES DE JOANA EM PERTO DO CORAÇÃO SELVAGEM, DE CLARICE LISPECTOR

Erenil Oliveira Magalhães (UNEMAT); Bruna Marcelo Freitas (UNEMAT)

Resumo: Este artigo tem por objetivo analisar as alternâncias de vozes que constroem a imagem da personagem Joana no primeiro romance de Clarice Lispector, intitulado *Perto do Coração Selvagem*, publicado em 1944. Para tanto, valemo-nos das teorias que discutem elementos estruturais da narrativa, com destaque para a obra *As vozes do romance*, de Oscar Tacca. No romance de Lispector, a imagem da personagem principal é construída por meio da alternância das vozes de Joana, personagem principal, e a voz do narrador, já que o romance oscila entre a narração em primeira e terceira pessoa. Nota-se que essa troca de vozes explicita-se principalmente pelo uso dos pronomes “eu” e “tu”. Joana progride, durante a narrativa, para um caminho de autoconhecimento, que oscila

entre uma forte tendência à instauração do caos e, concomitantemente, à construção de um caminho para uma forma de libertação. Esse caos e essa libertação estabelecem-se de diversas formas, à medida que a personagem se percebe no mundo e na sua forma de interagir com ele e ao passo que ganha uma percepção de si mesma. As diferenças estabelecidas entre a narradora e o mundo que lhe é apresentado fazem com que ela assuma diversos posicionamentos no decorrer da narrativa. Nesse movimento de alternância de posicionamentos, por meio da memória e dos fluxos de consciência, são contrapostas várias fases da vida de Joana. Há, assim, certo distanciamento entre Joana e o mundo que se apresenta a ela. A personagem desconhece-se a si mesma e desconhece também o mundo. Esse desconhecimento precisa ser superado para se chegar à essência do ser, ou seja, para se chegar ao sentido da existência. Trata-se de um encontrar-se, de um descobrir-se, que é retratado no romance.

Palavras-chave: Vozes; Caos; Libertação; Clarice Lispector

ORIDES FONTELA E A INSISTÊNCIA DA LÍRICA

Rogério Pires Amorim (UFRJ)

Resumo: Esta comunicação se concentra em investigar, na poesia da poeta brasileira Orides Fontela, como o amálgama entre forma e conteúdo aliados ao aprofundamento do que Walter Benjamin, em suas reflexões sobre o conceito da história, apontou como importante ao se romper com a linearidade para ganhar um salto dialético, o tônus do projeto estético da poeta, com uma profunda relação de aproximação e afastamento das inquietações que movimentaram a matéria literária ao longo do seu período de atividade. Se no início do século havia certo entusiasmo pela possibilidade de se instituir novas formas de arte a partir das experiências de vanguarda, as inquietações com os eventos subsequentes, por outro lado, viriam a se multiplicar. As décadas de 1960 e 1970 despontam devido ao conjunto de acontecimentos que ganharam relevância não apenas no Brasil, mas também no mundo. A guerra fria aliada à ditadura militar somou ao ceticismo uma insatisfação crescente naqueles indivíduos mais atentos. O medo e o clima de patrulha ideológica arrefeceram, por um lado, as pesquisas formais no âmbito da poesia e, por outro, catapultaram o engajamento de uma ala importante da intelectualidade brasileira. Esse período transpareceu a efervescência cultural e o engajamento de toda uma geração. Conectado a esse horizonte ideológico sem, no entanto, aderir a correntes políticas explícitas, a poeta brasileira Orides Fontela publica, em 1969, “Transposição”, seu livro de estreia. Ela mantém, como diz Agamben (2009), “uma relação singular com o próprio tempo, que adere a este e ao mesmo tempo dele toma distâncias”. É sem dúvida por isto que em “Transposição” encontramos, nas palavras de Arrigucci Jr., “as características mais poderosas da poesia, ou seja, a penetração, a lucidez cortante, a capacidade de alta condensação, o caráter destrutivo [e que] estão representados de forma contundente, limpa, seca”. A escrita de Orides parece situar-se no limiar entre “a nostalgia de uma poesia absoluta”, que tem “medo de romper a plenitude pela escrita”, e o “desejo de viver, a urgência do sangue, a aspiração ao ato”, como bem escreve Antonio Candido no prefácio de “Alba” (1983), terceiro livro e ganhador do prêmio Jabuti daquele ano. É o apuro formal de organizar a sintaxe de modo a parecer fechar a comunicação, mas que na verdade amplia, densamente, o campo das possibilidades através de sua lírica, aliado ao exposto acima, é o que nos anima a investigar a poesia de Orides. Esta comunicação quer pensar, portanto, a partir da pergunta fundamental de Octavio Paz em “O arco e a lira” e que nos convida ao mergulho nas ações humanas: “Como encontrar um sentido que não seja histórico?”. Toda a tentativa de compreensão da arte — e aqui em especial a poesia — se reforça quando nos debruçamos e desvelamos, na medida do possível, as camadas que compõem o ambiente externo a essa arte, seja ele histórico, filosófico, estético ou formal. O fato é que a poesia é uma das melhores vias de acesso às águas primordiais da existência.

Palavras-chave: Poesia Brasileira Contemporânea; Lírica; Ruptura

ENTRE O REAL E A FORMA - A ESCRITA INSUBORDINADA EM A HORA DA ESTRELA

Mona Lisa Bezerra Teixeira (USP)

Resumo: Em *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, o narrador/autor, Rodrigo S. M., discute sobre um modo de criação que se aproxima do que Bakhtin, em seu capítulo “A forma espacial da personagem”, de *Estética da criação verbal*, denomina de “excedente de visão estética”, que, a partir de um “olhar de fora”, é capaz de construir, moldar a personagem e exercer qualquer interferência na sua composição. Logo no início da narrativa, Rodrigo S. M. expõe o processo de composição de Macabéa, em conjunto com o uso das palavras apropriadas para dar conta da história. Nesse processo, se intercalam a discussão sobre a escrita, o modo de narração, a personagem e a vida do autor, que se expressam nestas frases de Rodrigo S. M.: “Tenho então que falar simples para captar a sua delicada e vaga existência”; “Pergunto-me se eu deveria caminhar à frente do tempo e esboçar logo um final”; “De uma coisa tenho certeza: essa narrativa mexerá com uma coisa delicada: a criação de uma pessoa inteira que na certa está tão viva quanto eu”. Para Bakhtin, na obra de arte, as manifestações particulares das personagens são tão importantes quanto o seu todo e o que as envolve de maneira mais complexa. Nesse sentido, o momento em que Macabéa diz a Olímpico que gosta muito de pregos e parafusos é emblemático, pois ela aponta para o objeto desprezível, sendo ela mesma desprezada pelo meio social, e, ao mesmo tempo, esse objeto insignificante é fundamental para a engrenagem do capital, estrutura da qual Macabéa é apenas um número, e nem imagina sua condição no sistema. O excedente de visão para Bakhtin é como um “broto em que repousa a forma e de onde ela desabrocha como uma flor”, mas para que isso ocorra com efetividade é preciso que ele complete o horizonte do outro indivíduo sem perder a originalidade deste, por isso é necessário ir mais adiante, tentar enxergar o outro além das nossas percepções mais evidentes. E essa é uma das preocupações de Rodrigo S. M., como tratar da moça nordestina tão distante da sua realidade? E como também está dito na narrativa, como ele será capaz de tocar no pão da personagem sem torná-lo ouro e, dessa maneira, impedindo-a de comer? Essa hesitação de S. M. durante toda narrativa dá um caráter não sentencioso à história, e é essa a resposta de Clarice Lispector aos que a criticaram por não apresentar romances realistas. A incompetência de Macabéa para a vida é também extensiva ao autor diante dos problemas sociais, pois S. M. não pode resolver nada, é hesitante e tem plena noção da impotência da palavra diante da brutalidade do mundo, mas, como Macabéa, na hora de sua morte vê “entre as pedras do esgoto o ralo capim de um verde da mais tenra esperança humana”. A “falta de harmonia” no enredo revela uma estética inovadora na história da literatura brasileira e também um olhar corrosivo diante de nossa existência.

Palavras-chave: Clarice Lispector; *A hora da estrela*; M. Bakhtin.

O GROTESCO EM “MEU TIO O IAUARETÊ”

Maria Cecília Marks (USP)

Resumo: Tomando como referenciais teóricos os conceitos de realismo grotesco e carnavalização da literatura, elaborados por Mikhail Bakhtin a partir da obra de François Rabelais, e contrastando o pensamento do ensaísta russo com as análises de Wolfgang Kayser a respeito do grotesco, estudamos a novela “Meu tio o Iauaretê”, de João Guimarães Rosa. Construída de forma dialógica e não linear, como o romance *Grande sertão: veredas*, a narrativa tem como motivo principal a mistura de formas humanas e animais, configurando um sistema imagético em que predomina o deslizamento de contornos e a ausência de fronteiras definidas, características fulcrais da estética do grotesco. Tal movimento é magnificamente trabalhado pelo autor, que funde as formas humana e animal chegando a uma simbiose entre o homem e a onça. O texto equilibra-se em uma tensa linha de diálogo com um interlocutor silencioso, porém ativo, cuja voz e condição reverberam no discurso do narrador. Este reage ao ser provocado pelo interlocutor não aparente que, no entanto, se faz presente, pois é por meio da presença dele, interlocutor, que o conflito se desenvolve. O estranhamento, o incômodo, o abismal são moto contínuo e o tom é crescente, podendo-se identificar, além dos elementos evidentes do grotesco, como a mistura das formas, as lutas e os despedaçamentos, também o grotesco latente, em que o absurdo se instala como verossímil ao longo da novela. De acordo com Walnice Nogueira Galvão (1978), trata-se do conflito entre culturas,

entre civilização e natureza, sendo que a trajetória do narrador é a tentativa de um retorno do cozido, representado pelo fogo domado, civilizado, para o cru, conforme se apoia a ensaísta nos estudos de Claude Lévi-Strauss. Nesse sentido, Guimarães Rosa atualiza a visão do encontro do indígena com o branco e a impossibilidade do primeiro de retornar à sua condição original. O sistema imagético e a linguagem, criados pelo autor a partir da tradição popular, são determinantes para o resultado da obra, que se constitui em exemplar privilegiado de grotesco realista, superando o aspecto meramente estético ou formal para penetrar, a partir da epiderme do texto, no interior dos tecidos, revelando um sentido profundo e trazendo à tona a visão do autor sobre questões primordiais da cultura e da existência.

Palavras-chave: Grotesco. Guimarães Rosa. Mikhail Bakhtin

A NÁUSEA EXISTENCIAL EM AS LESMAS, DE HELENO GODOY

Raphaella Pacelli Procópio (UFU)

Resumo: Os acontecimentos políticos e sociais que permearam as últimas décadas do Brasil, como a ditadura militar, que durou de 1964 a 1985, fizeram com que as narrativas ficcionais produzidas nesta época adquirissem novas características, sobretudo, em sua estrutura e linguagem. Nesse âmbito, a fragmentação tem aparecido na literatura contemporânea como um modo recorrente de narrar, no lugar de uma narrativa de começo, meio e fim, tem-se sobreposições de situações. Consoante com Antonio Candido (2000), podemos afirmar que essa “nova narrativa” produzida a partir dos anos de 1960 e 1970, seguiu uma linha experimental e renovadora refletindo uma nova postura estética e “amargura política”, de verdadeira legitimação da pluralidade, resultando em textos indefiníveis. Foi nesse contexto que o escritor goiano, Heleno Godoy, concebeu *As lesmas*, único livro de romance do autor publicado. Essa obra projetou a literatura feita em Goiás no cenário das narrativas modernas e recebeu a apreciação de vários críticos, notadamente a de Mário Chamie (1974) e a de Afrânio Coutinho (1997). O escritor goiano escreveu o romance entre 1965 e 1968, e entregou para publicação em 1969, porém sofreu censura pelo editor que lhe fez alguns cortes consideráveis, como o prefácio e alguns parágrafos. Mesmo assim, foi editado e publicado mil exemplares que se esgotou em pouco tempo. Em 2002, o livro foi reeditado pelo autor e acrescido de um capítulo e publicado novamente. Vale ressaltar que, o nosso estudo se faz a partir da reedição. O objetivo do nosso trabalho é verificar, dentre as várias influências que podem ser encontradas na obra *As lesmas*, como se estabelece a náusea existencial sartreana, averiguando como as personagens godoyanas, através do discurso literário, apresentam-se como vozes questionadoras de seus tempos, sociedades e condições existenciais, uma vez que, pensar o problema da filosofia existencialista é reconhecer que há diferentes formas de se compreender as relações dos homens em uma dada realidade histórica, compreendendo a náusea cotidiana e a afirmação do vazio do mundo como atitudes próprias da narrativa contemporânea.

Palavras-chave: Narrativa contemporânea; Náusea; Existencialismo

IMAGENS ABERRATIVAS NA POÉTICA DE HILDA HILST

Diego Pereira Ferreira (UERJ)

Resumo: Esta é uma proposta de investigação estética da poética de Hilda Hilst, objeto central deste trabalho, na medida em que se aproxima do que intitula “imagens aberrativas”. Essas são imagens que se produzem no estranhamento, nos ruídos da percepção, nas torções da forma, nos restos da experiência, nos sintomas de um real que nunca se completa na linguagem. Para tanto, apoio-me em imagens-força de formas aberrativas presentes na literatura de Hilda – como a besta com os olhos nas patas, o menino-porco, o bicho-ninguém ou a cadela-poeira. São imagens que provocam ranhuras na percepção, que provocam um efeito de estranhamento, na medida em que associam elementos improváveis, corpos dissonantes, enfrentando assim os paradigmas do antropomorfismo, da tautologia e, fundamentalmente, do biográfico (se tratamos o corpo como uma bioescrita). Na literatura de Hilda, a aberração nos aparece sintomatizada nos corpos dos personagens, suas dilacerações identitárias, em seus dilemas que se constroem como as superfícies inundadas pela

atuação de uma força inefável. Faz-se necessário delimitar os contornos daquilo que insisto em chamar por aberração, tal qual demonstrar como a aberração se pode inserir numa imagem – literária, neste caso – a ponto de impedir a construção de uma forma fechada. A aberração não significa, portanto, a ausência da forma, mas a inserção na forma de um elemento disruptivo, que sabota a síntese de uma imagem, que atrasa seu reconhecimento, que fere uma plasticidade paradigmática. Como efeito, a aberração torna a diferença visível, a constrói sobre um plano, uma superfície, produz uma diferença que emite seus sintomas em um plano estético. Imageticamente fundada, a aberração aparece introduzindo uma imperfeição na semelhança, como se a fissura em um busto de argila nos revelasse um fundo oco, uma imagem porvir, uma imagem sem-fundo. A aberração em Hilda não significa, portanto, o aniquilamento da forma, mas frustrar a expectativa de uma forma “bem-acabada”, não significa a supressão da forma por uma categoria abstrata e desencarnada, mas desenhar no corpo os vestígios de sua transitoriedade, encarnar o tempo da transitoriedade. O que a literatura de Hilda tem a deslocar está na ordem da dessemelhança, na experiência de testemunho da força que desloca as formas no tempo. Testemunhar a transformação da forma, em Hilda, é movimento ativo, significa que não só a ação do tempo tem o poder de erosão sobre as rochas, mas que é o próprio olhar quem pode provocar uma disrupção, é algo na ordem do desejo que produz e retorce as formas do mundo.

Palavras-chave: Aberração; estética; forma; corpo; diferença

31 de julho

14h30

NO PESADELO DA HISTÓRIA: FIGURAÇÃO DO BRASIL EM NOITE DENTRO DA NOITE, DE JOCA REINERS TERRON

Gabriel Estides Delgado (UnB)

Resumo: Em narrativa incomum, em que o trecho realista está submetido às variações de consciência do narrador-protagonista, Joca Reiners Terron parte de convenção literária banalizada na produção brasileira contemporânea – a da autoficção – para tentar, sob tal gênero de conformação biográfica, empreender fuga inovadora e crítica. A estrutura formal básica sedimenta-se na construção de um insuspeito narrador em segunda pessoa, que “conta” a história de vida do protagonista-escritor: “Essa história é sobre você, mas vai contá-la como se fosse sobre outro” (TERRON, 2017, p. 12, 363, 460). Abre-se desde aí ostensiva dissidência com modelos da autoficção contemporânea local, em que ou a narração em terceira pessoa estipulava a distância criativa necessária à emulação biográfica (é o caso, por exemplo, de *O filho eterno*, de Cristovão Tezza [2007]), ou tentava-se assumir, com vertiginoso risco, as possibilidades imersivas caras à narrativa em primeira pessoa (é o caso de *Divórcio*, de Ricardo Lísias [2013]). Não tão próximo do objeto narrativo a ponto de perder-se a condução no vórtice algo restrito de uma voz em primeira pessoa, mas igualmente não tão distante a ponto de ser apenas, a partir do discurso indireto, neutra tradução, o relato construído pelo escritor cuiabano almeja tanto a densa expressão emotiva da épica pessoal retratada quanto a possibilidade de distanciamento orquestrador, técnica que confere substância e largo horizonte ao enredo. Tal armação formal quer responder de maneira ambiciosa às referências históricas nacionais que pontuam a formação do herói. Esta inicia-se no final dos anos 1960, alcançando, por fim, o ano eleitoral de 1989 – mas remete o leitor à publicação da obra em 2017, quando, de fato, “amadurece” o escritor –, e baseia-se no travejamento social do país ao longo de seu século XX. Um retrato fantasmagórico emergirá, refração das altas cargas de violência da realidade assomadas à consciência volátil de uma personagem convulsiva e em crescimento. A condição epiléptica do herói é como espelho redivivo do meio em que se desenvolve. De maneira contígua aos espaços extremados que se percorrem na obra – vai-se desde uma improvável nevasca no interior do Paraná em 1975, em pequena cidade dependente do abatedouro local, à ausência de chão confiável no pantanal mato-grossense –, as altas doses de estupefacientes tomadas pelo herói ainda criança são como vias abertas de modo contínuo à infiltração onírica, que, em meio ao

massacre de tribos indígenas do Chaco Boreal (território ocupado pela família do protagonista e narrador), e à longa ditadura militar (aplicada algoz de frações intelectuais da classe média brasileira, da qual deriva a filiação de Terron), turva-se de sangue, instabilidade e terror. Como em um ponto de fuga possível, o pesadelo traçado passo a passo pelo romance, em que o leitor, de modo paradoxal, melhor percebe a concretude da história, é tanto realização literária de uma imaginação sensível quanto refazimento formativo de tal imaginação. Transcende-se, assim, a mera peripécia egoica do “eu-escriptor” para, na larga forma do romance, estipular o sedimento histórico e o alcance de uma vocação criativa.

Palavras-chave: autoficção; onirismo; ditadura militar

DALTON TREVISAN, UM CRÍTICO LITERÁRIO DISSONANTE

Raquel Illescas Bueno (UFPR)

Resumo: Propõe-se estudar a vertente crítica da obra de Dalton Trevisan em textos publicados em livro. Esses textos serão lidos como a retomada, em espaço público, do Dalton Trevisan crítico silenciado desde os anos 1940. Nessa década, à frente da revista Joaquim (1946 – 1948), Trevisan manifestou-se principalmente contra as tendências estéticas passadistas que ainda persistiam em Curitiba e no Paraná. Abordou temas relativos a literatura e artes plásticas, tendo se envolvido em polêmicas características do período imediatamente posterior à Segunda Guerra Mundial. Em seguida, assumiu outra postura, até hoje mantida, a de escritor inacessível, para quem tudo o que precisa ser dito deve estar na obra. Esporadicamente, passou a inserir em seus livros, sempre apresentados como coletâneas de contos, textos redigidos em registro próximo do confessional. Esse processo se intensificou nos livros Dinorá, de 1994, e Desgracida, de 2010. A análise desse corpus será a base para interpretar a nova atitude autoral de Trevisan, seu alcance e as relações com o restante de sua vasta produção, na qual a dissonância e a mordacidade sempre estiveram presentes. Interessa observar quais autores tiveram obras comentadas por ele, quem foram os destinatários iniciais dessas apreciações (no caso dos textos apresentados como cartas), e o tom em que a crítica é redigida. Considere-se, com Todorov (Crítica da crítica; um romance de aprendizagem), que a crítica se abre ao diálogo porque pretende um alto grau de esclarecimento das possíveis verdades transmitidas pela arte literária e que, nesse sentido, é bem-vinda uma crítica que fale, ouça e deixe falar. Trevisan, entretanto, emite opiniões de forma muito enfática, em uma atitude combativa e provocativa, empregando retórica própria de quem parte rapidamente para o ataque de alvos previamente definidos. Nesse sentido, é grande o risco de que, nos termos de Todorov, o jogo seja fraudado, para que a polêmica e a dissonância prevaleçam. Serão analisados os textos em que Trevisan aponta inverossimilhanças com base em restrições às caracterizações dos protagonistas de Grande sertão: veredas e de O general em seu labirinto. Sobre Riobaldo, afirma-se que, “Peri sofisticado”, “não se sustenta nas alpercatas”; sobre Diadorim, que é “outra virgem dos lábios de mel”, cuja caracterização inverossímil torna o Grande sertão “(A) história menos plausível na literatura de travesti.” Quanto ao protagonista do romance de Gabriel García Márquez, representação ficcional de Simón Bolívar, Trevisan afirma ser ele um “fantasma, sem graça nem grandeza”, “lamentável general, heroico lá pras peruas dele”, “patético generalíssimo em pijama de bolinhas vermelhas”. O humor corrosivo, a princípio dirigido a amigos íntimos contactados por meio de missivas particulares, assume um sentido potencialmente mais explosivo quando lido em obra apresentada como ficção.

Palavras-chave: Dalton Trevisan; crítica literária; dissonância

O AUTOR DIANTE DO ESPELHO: DISCURSOS SOBRE O ESCRITOR DE FICÇÃO EM ROMANCES DE CRISTOVÃO TEZZA

Weverson Dadalto (IFES)

Resumo: A obra ficcional de Cristovão Tezza é atravessada pela dúvida sobre o lugar do escritor de literatura no mundo contemporâneo. No conjunto de personagens de Tezza, há diversos autores de ficção, todos inseguros quanto ao papel que exercem na sociedade. Nesse contexto, esta

comunicação tem como principal objetivo analisar as vozes relacionadas aos discursos sobre o escritor na obra de Tezza. Para isso, foram selecionados quatro personagens de três romances: *Trapo* (1988), *A suavidade do vento* (1991) e *O filho eterno* (2008). Em *Trapo*, o poeta que nomeia o livro e o professor Manuel polarizam pontos de vista frequentemente associados à figura do escritor: de um lado, o criativo inventor, desajustado em relação aos padrões de comportamento, representante do imaginário romântico do poeta maldito; de outro, o intelectual, detentor do direito à palavra, autoridade sobre a língua e a cultura. Esse conflito permanece no protagonista de *A suavidade do Vento*, o professor Matôzo. Ao se tornar escritor, esse personagem representa o constrangimento do autor de literatura ao tomar a palavra, assim como sua dificuldade em estabelecer para si mesmo uma identidade, uma vez que a comunidade não reconhece a legitimidade de seu lugar de fala. O narrador de *O filho eterno*, por fim, constitui-se como uma elaboração autoficcional que dialoga, em certa medida, com a própria pessoa de Tezza, já que parece representar as expectativas do escritor em alcançar reconhecimento profissional e, sobretudo, clareza sobre o sentido da permanência do romancista no mundo atual. Apoiando-se em pressupostos teóricos e metodológicos que têm como base os conceitos de dialogismo, polifonia, autor-pessoa e autor-criador, tais como propostos por Bakhtin (2011, 2013) e Brait (2016), este estudo propõe que os quatro personagens selecionados são representantes de vozes ideologicamente distintas que dialogam umas com as outras a partir de representações que o autor-criador, nas obras elencadas, faz de si e do outro. Dessa forma, o autor-criador reflete e refrata discursos acerca da função que o escritor de ficção ocupa na sociedade e do lugar de onde fala na literatura. Ao final, expomos resultados parciais que apontam que, nas obras de Cristovão Tezza, o autor-criador atua como regente de um conjunto de personagens escritores, seus duplos ficcionais, num espelhamento metalinguístico que visa a fazer do próprio texto romanesco um espaço de busca para a legitimação da arte literária no século XXI.

Palavras-chave: Cristovão Tezza; Autor; Escritor; Autoficção.

LUIZ VILELA E A DISTOPIA COMO DISSONÂNCIA

Alfredo Ricardo Silva Lopes (UFMS)

Resumo: Lançado em 2011, o romance *PERDIÇÃO*, de Luiz Vilela, teve escassa repercussão e recebeu críticas acerbas quanto à sua qualidade literária, em especial no que se refere à estrutura romanesca. Ainda assim, em várias passagens, reencontramos a mão segura do escritor consciente de seus recursos, capaz de trabalhar temas inquietantes sob perspectivas inesperadas. Em tese defendida em abril de 2018, com o título *O ROMANCE AUTOBIOGRÁFICO DE LUIZ VILELA*, Pauliane Amaral propõe que se trata de romance autobiográfico (de resto, como os demais romances lançados até o momento por Luiz Vilela) e que, contrariando a tendência contemporânea das escritas de si, em especial dos romances de autoficção, mas também daqueles autobiográficos, *PERDIÇÃO* aponta para uma cosmovisão disfórica. Nosso objetivo, nesta comunicação, é verificar de que modo tal disforia é construída sob a égide de uma percepção distópica da realidade. De modo geral, os romances de Vilela apresentam uma sociedade em ruínas, nos termos definidos por Walter Benjamin, em que homens mesquinhos, egoístas, ignorantes e medíocres ? denunciados por um narrador algo iluminista, muito irônico e totalmente cético ? vivem experiências de conflito, morte e catástrofe. O mundo desolado, de escombros e sombras, pessimista e negativista, tem algo da disforia do realismo do final do século XIX, modelo estético-formal, aliás, que orienta a construção do romance de Luiz Vilela. Em *PERDIÇÃO*, o narrador, Ramon, que se formou em Letras e trabalha em um jornal provinciano de uma pequena cidade do interior de Minas Gerais, Flor do Campo, relata a transformação do seu amigo Leo, um pescador, no pastor Pedro, ligado à igreja de Mister Jones. Narrado ao modo de uma épica, na exemplaridade da trajetória de intertexto bíblico, o romance, no entanto, subverte os princípios da épica. A narrativa, a que o narrador nomeia de relato, é dividida em três partes cujos títulos já indiciam a trajetória disfórica e distópica de queda: “O rapaz dos peixes”, “O pescador de almas”, “Ninguém”. Em mais um dos paradoxos denunciadores em sua ironia da ficção de Luiz Vilela, é na relação com a religião que Leo se perde de si mesmo, nos rastros

da Teologia da Prosperidade que explodiu com as Igrejas Neopentecostais. E então o pescador transmutado em pastor Pedro se mostra compromissado com sua igreja e não com sua fé. Aqui, a leitura do niilismo nietzschiano de Vilela aflora uma rejeição ao religioso como norteador para a vida. Pedro se afoga no lago em que pescava na juventude, em uma tentativa de voltar ao que foi, mas Leo não mais existe. A descrença do narrador homodiegético na religião como caminho para a vida fica evidente no modo de narrar a escolha do protagonista pelo suicídio. A distopia aqui se traduz numa descrença do mundo transcendente: a “perdição” no romance de Luiz Vilela não se caracteriza pela morte, mas pela experiência do religioso, inclusa nela a vivência na religião. Se a queda, marcada desde os títulos das partes do PERDIÇÃO, denuncia a sociedade que envolve as personagens e a narrativa emula o romance do oitocentos, a dissonância se firma sobre a distopia construída em enredo de muitos elementos autobiográficos, a começar do narrador com características de alter-ego, colimando na negação disfórica do futuro em oposição ao romance do atual momento da literatura brasileira, que tem sido, senão de euforia, de finais que indiciam superação ou esperança, quando não de relatar episódios que chegam a bom termo pela esperança e pela superação.

Palavras-chave: Autobiografia; Nietzsche; Perdição; Romance

"DESCREVER É NARRAR": O ESPAÇO FICCIONAL EM "MIRIM", DE LUIZ RUFFATO

Osmar Casagrande Júnior (UFMS)

Resumo: Analisamos o espaço ficcional na narrativa breve “Mirim”, do livro Domingos sem Deus (2011), quinto volume da pentalogia Inferno provisório, de Luiz Ruffato. Essa história condensa em poucas páginas características recorrentes na obra do autor, apresentando personagens da classe baixa brasileira com um experimentalismo radical na forma. O escritor explica que Inferno provisório se propõe a repensar a história do Brasil da década de 1950 até o início do século XXI, com um olhar indignado para a miséria, a violência e o desenraizamento que se espalha pelo país (cf. RUFFATO, 2008). A série aborda o êxodo rural das décadas de 50 e 60, a formação do proletariado entre 60 e 70, o contraste do imaginário rural e urbano em 70 e 80, as mudanças comportamentais em 80 e 90 e a situação do país no início do século XXI (cf. RUFFATO, 2008), em que se concentra Domingos sem Deus. Esse volume traz seis histórias que recompõem o passado das personagens, das décadas anteriores até cerca dos anos 2000. “Mirim” abrange, em sumários narrativos cronologicamente saturados, a história de Valdomiro desde a infância na roça, no início dos anos 50, até a velhice num asilo, aposentado por invalidez da indústria metalúrgica. Portanto, essa narrativa ilustra exemplarmente a proposta de Domingos sem Deus, por abranger o passado do protagonista da infância à velhice. Além disso, “Mirim” condensa aspectos históricos de toda a série Inferno provisório, pois a personagem vive desde o êxodo rural da década de 50 até o início do século XXI. Analisamos o tratamento do espaço ficcional pelo autor, apontando a forma radicalmente peculiar com que Ruffato descreve os ambientes, ao que dialogamos com o conceito de “ambientação”, de Osman Lins. Para tanto, baseamo-nos nos estudos de Antonio Candido sobre o espaço ficcional, pelo método que o mesmo denominou de “redução estrutural”. No ensaio “Degradação do espaço”, Candido analisa o espaço ficcional do romance L'Assommoir (1877), de Zola, e afirma que “aqui, poderíamos dizer contrariando o famoso ensaio de Lukács que descrever é narrar” (CANDIDO, 2004). Propomos a análise de “Mirim” em diálogo com Candido e Lukács, em consonância com aquele, mostrando que também em Ruffato “descrever é narrar”, mas com uma atualidade experimental extremamente diversa das obras analisadas por aqueles. A literatura de Luiz Ruffato tornou-se conhecida pela radicalidade de sua experimentação formal, como um projeto extenso, pensado a longo prazo. Tratam-se narrativas breves, fragmentadas, mas que o autor trata como romance, e nesse gênero é premiado e estudado, parecendo efetivar sua proposta de “colocar em xeque a própria forma do romance” (RUFFATO, s.d.). A forma fragmentada de Ruffato aponta a precariedade da vida contemporânea, agravada pela pobreza da vivência material do proletário, em que tudo é, paradoxalmente, uma permanência do provisório: um “inferno provisório”. Analisamos como o autor opta por uma saturação descritiva extrema, o que, num aparente paradoxo, presta-se a

encadear um enredo ágil, contrariando certas tendências críticas que apontam a descrição como algo estático e monótono, uma interrupção do fluxo narrativo.

Palavras-chave: Espaço ficcional; Luiz Ruffato; Ambientação.

RESISTÊNCIA E TRANSGRESSÃO DO EU: A FALA LOUCA NO ROMANCE CONTEMPORÂNEO BRASILEIRO - UMA LEITURA DE "A ARTE DE PRODUZIR EFEITO SEM CAUSA" (2008), LOURENÇO MUTARELLI
Elizabeth Cardoso (PUC-SP)

Resumo: A presente proposta está inserida na pesquisa "Literatura e loucura: A escrita do delírio na literatura contemporânea", que dedica-se a mapear a presença da loucura na literatura contemporânea, com a finalidade de observar e rastrear questões ligadas à loucura na tentativa artística de configuração da subjetividade humana na literatura, especialmente a prosa brasileira, editada a partir da segunda metade do século XX. O aspecto de maior interesse para o estudo, e objetivo principal da pesquisa, é o modo como os autores ultrapassam a loucura enquanto tema e a incorporam como elemento estrutural da narrativa. No primeiro momento (de 2013 a 2016), a pesquisa esteve dedicada ao estudo da presença da loucura na literatura e a análise dos romances "Quatro-Olhos" (1976), do brasileiro Renato Pompeu, e "La ciudad ausente" (1992) do argentino Ricardo Piglia. Nos dois livros analisados, a loucura portadora de discernimento se desdobra em metáfora de resistência às ditaduras militares instaladas no Brasil e na Argentina durante as décadas de 1960, 1970 e 1980. Na fase atual, iniciada no final de 2017, a atenção recai especialmente sobre os romances de Bernardo Carvalho, "Teatro" (1998), e Lourenço Mutarelli, "A arte de produzir efeito sem causa" (2008). O presente trabalho é dedicado à obra de Mutarelli. O artigo investiga como o romancista configura literariamente a loucura; qual fenômeno social a loucura configura, metaforiza; ou ainda, quais os efeitos literários e estéticos do delírio ou da fala louca em sua obra. O enfoque no referido romance se dá pela presença central da loucura enquanto tema, enredo e linguagem, que as atravessa por meio do delírio (a fala louca) indicando simultaneamente o sujeito contemporâneo sem-lugar social definido, sua resistência e transgressão na busca por sua subjetividade, respostas e conexões por meio da linguagem, o que acaba reforçando seu deslocamento. Leva-se em conta que apesar de o conceito de loucura ter passado por transformações históricas e clínicas, na literatura manteve-se a tendência prevalente de interpretá-la como metáfora de lucidez e criatividade, uma direção tomada desde Cervantes, com o valor moral e a sabedoria de Quixote. Nos livros de Piglia e Pompeu prevaleceu a loucura portadora de discernimento que se desdobra em metáfora de resistência às ditaduras militares. Já na obra de Mutarelli, percebemos personagens delirantes em busca de respostas sobre si, numa espiral pela subjetividade, que na fatura geral da obra ecoa enquanto crítica ao status quo literário, estético e social. Junto aos romances e às teorias literárias confluem duas linhas de força: loucura e narrativa da memória traumática. Essas linhas, aqui, movimentam aportes teóricos de Freud, Lacan, Foucault e Seligmann-Silva que auxiliarão na compreensão da gramática da loucura presente na narrativa contemporânea. Loucura não apenas enquanto tema, mas também como traço fundamental da constituição do corpo textual da ficção.

Palavras-chave: Literatura; loucura; literatura contemporânea.

1 de agosto

8h30

O PROCESSO DE REDUÇÃO ESTRUTURAL DO PATRIMONIALISMO DURANTE O SEGUNDO REINADO NOS CONTOS "TEORIA DO MEDALHÃO" E "FULANO", DE MACHADO DE ASSIS

Rafael Lucas Santos da Silva (UEM)

Resumo: Os objetos da presente pesquisa, os contos "Teoria do medalhão" (1882) e "Fulano" (1884), fazem parte da imensa galeria de gêneros com os quais Machado de Assis (1839-1908) trabalhou artisticamente, ao longo de 53 anos de percurso ininterruptos de produção literária. Ambos são narrativas muito significativas sob o ângulo da pretensão individual de galgar na sociedade o prestígio sociopolítico, por isso partimos do pressuposto de que o universo imaginário

dos contos em questão possui uma organicidade, com visões de mundo que apontam para horizontes análogos, cuja ressonância intertextual pauta-se no desejo da conquista da insígnia de medalhão. Procurou-se construir uma análise desses dois contos com base nas reflexões analíticas de Antonio Candido (1918-2017), especialmente no que se refere ao processo a que ele denominou de redução estrutural, o qual Schwarz (2009) e Waizbort (2007) consideram como elemento medular em seu posicionamento metodológico. O autor do célebre “Dialética da Malandragem” possui obras de grande envergadura, as quais são referências básicas nos estudos literários; reconhecido pela argúcia em que tratou a espinhosa questão da relação entre literatura e sociedade, posicionando-se contra o ato de tomar a obra literária como reflexo documental da sociedade ou isolá-la em âmbito formalista. Sendo assim, ao concordarmos com Candido (2010 [1965]) que na interpretação o processo social importa “não como causa, nem como significação, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura” (CANDIDO, 2010, p. 18), a nossa hipótese de leitura é de que a coerência interna das narrativas dos contos “Teoria do medalhão” e “Fulano” são constituídas a partir da redução estrutural do Estado patrimonialista e do estamento-burocrático, fenômenos descritos e analisados pelo jurista Raymundo Faoro (1925-2003) no livro “Os Donos do Poder” (1958/1975). Dessa maneira, ambos os contos permitem visualizar um estilo político em que o poder é arbitrário, originado por uma tradição que trata a coisa pública como privada, dificultando boas relações a nível entre Estado e Sociedade. Por conseguinte, a análise possibilita expor como a cultura política patrimonialista que caracteriza o processo histórico e social brasileiro do século XIX é problematizada pela produção literária de Machado de Assis, o que é por sua vez uma reflexão bastante pertinente, pois permite problematizar a construção da subjetividade do cidadão brasileiro e suas relações com o projeto democrático. Na perspectiva do nosso propósito de compreender o modo como se realizou a redução estrutural de processos históricos da sociedade brasileira durante o Segundo Reinado (1840-1889), nos deparamos portanto com dois aspectos fulcrais: por um lado, a utilidade heurística dos estudos de Faoro para explicar boa parte dos conflitos sociais desse período, embora seus conceitos e análises não esgotem a realidade social; por outro, concomitantemente, demonstra-se que uma das singularidades dos contos em questão é a reflexão crítica ao expor que no contexto social do qual emergem era fundamental os sujeitos integrarem-se em um mundo de visibilidade, no qual é necessário o estreitamento da consciência crítica daquele que o integra, e, sobretudo, a aplicação de estratégias de engano mescladas com adulação.

Palavras-chave: Machado de Assis; Redução estrutural; Patrimonialismo

UM DIÁLOGO DOS MORTOS À BRASILEIRA

Iasmim Santos Ferreira (UFS)

Resumo: Há entroncamentos entre a produção de Machado de Assis e a tradição luciânica, que sucede à sátira menipéia. Assim, muitas das características dessa tradição estão presentes nos escritos de Machado, como: o pessimismo, a ironia, o olhar distanciado do Kataskopos, o ceticismo, a paródia. Para tanto, os estudos de Sá Rego (1989) e Brandão (2001) mostram a retomada dessa tradição por Machado, bem como apontam para a revisitação da tradição luciânica através de outros autores, a saber Laurence Sterne, Xavier de Maistre e tantos outros, com os quais Machado também dialoga. Sá Rego (1989) se debruça nos romances machadianos para mostrar a influência dos escritos luciânicos sobre esses. Todavia, não há estudos que se dediquem a observar analiticamente essa tradição em outros gêneros. Um fato curioso é que Machado não só incorpora características dessa tradição, mas também estabelece diálogo com os textos de Luciano de Samósata. Diálogos tão interligados que carregam o mesmo título ou fazem menção aos escritos e a pessoa de Luciano. Desse modo, as crônicas, de Machado, “Parasita” (I e II) dialogam com O Parasita, de Luciano. O conto “Teoria do Medalhão” cita o próprio Luciano. O conto “Entre santos” (1896) à moda do Diálogo dos mortos, de Luciano, como observa Brandão (2001, p. 358). Nosso trabalho se inscreve no estudo comparativo entre esse conto e esse diálogo, apontando quais relações intertextuais se

estabelecem, os recursos utilizados e os sentidos engendrados por esse diálogo dos mortos à brasileira.

Palavras-chave: conto machadiano; tradição luciânica; Diálogo.

NOMADISMO EM LIMA BARRETO

Francisco Humberlan Arruda de Oliveira (UFRN)

Resumo: O estudo crítico sobre o conjunto da obra de Lima Barreto tem se posicionado, desde Francisco de Assis Barbosa, quando na década de 1950 organizou os escritos do autor de Policarpo Quaresma e escreveu sobre sua vida, na perspectiva de escrita engajada socialmente. Tal noção foi tomada de forma mais ou menos homogênea por estudiosos como Sevckenko (1985), Beatriz Resende (2004) e, mais recentemente, Schwarcz (2017). O que há de comum entre esses críticos é a ideia de que Lima Barreto fora um intelectual porta-voz de classes sociais como, por exemplo, a gente simples do subúrbio e o negro marginalizado. O objetivo deste trabalho – que faz parte de um estudo, em construção, em curso de doutorado – é dessacralizar essa posição existencial de Lima Barreto e da sua obra por meio do estudo de seus contos. Para isso, o autor de Policarpo Quaresma será tomado aqui a partir da noção de nômade emergente (FLUSSER, 2007), pois ele rompe os laços sociais e culturais com grupos, o que favorece sua livre circulação sem se prender, exclusivamente, a uma vertente social. Isso explicaria a aproximação e a repulsa, em sua obra, a diversos nichos sociais – como o negro, o suburbano, a academia, etc. Tomando o nomadismo como um conceito fundamental na obra de Lima Barreto, alguns posicionamentos tornam-se discutíveis, como a caracterização de escritor afrodescendente defendida por Schwarcz (2017) ou a posição do escritor sobre o feminismo (BARBOSA, 2002), por exemplo. Esses posicionamentos atribuídos ao escritor carioca podem resultar, de imediato, em dois caminhos: compreender a produção de Lima Barreto como um produto acabado e bem definido ou, ainda, tomar o escritor como um sujeito engajado em pontos específicos em que a chave para o estudo da produção barretiana são as expectativas contemporâneas do pesquisador. Em ambas posições a obra, o estético, fica sempre em segundo plano em detrimento de um determinado gosto crítico que quer atualizar Lima Barreto, a todo custo, como um sujeito engajado na dinâmica de classes sociais, em especial, minoritárias. Portanto, será que na obra barretiana há uma voz em favor de grupos ou uma voz que fala de um não lugar em favor da estética? Nesse sentido, o presente trabalho abordará o conceito de nomadismo emergente, a partir de Flusser (2007), e terá como objeto de trabalho dois contos, “Lívia” e “Quase ela deu o ‘sim’, mas...”, que versam sobre o feminismo e que demonstram a ideia de nômade emergente. Com isso pretendemos demonstrar que sua escrita é fluída não se fixando – cultural ou socialmente – num ponto, mas transitando entre eles, como um nômade que precisa cortar os laços e manter a distância para melhor observar, pois o que está em jogo não é uma bandeira social, e sim uma defesa da estética.

Palavras-chave: Conto; Estética; Lima Barreto; Nomadismo.

LIMA BARRETO E WILSON BUENO: VOZES DISSONANTES E A HISTÓRIA REVISITADA

Eliza da Silva Martins Peron (UFMS)

Resumo: Os limites entre Literatura e história sempre foram objeto de discussão. Na contemporaneidade, cumpre averiguar de que maneira os autores manejam o discurso literário com o fito de organizarem o passado histórico. Para verificar essa intersecção, isto é, o modo com que a história vem tecida nesse entrecruzamento entre literatura e história, passado e presente, nosso objeto de análise incidirá sobre as obras *Triste fim* de Policarpo Quaresma (1994), de Lima Barreto, e *Amar-te a ti nem sei se com Carícias* (2004), de Wilson Bueno. São dois autores distantes pelo espaço temporal e que se coadunam com a mesma proposta, pois suas vozes dissonantes denunciam e tecem nas páginas dos romances o engendramento de fatos históricos redimensionando-os. Em Lima Barreto, nosso intuito será o de refletir acerca de quais fatos hegemônicos o escritor conjectura pós implantação da República e os problematiza nas linhas do romance retratando acontecimentos históricos, dentre eles, as relações e as manipulações de poder,

a tirania e fatos sociais da época, a descrição do povo, do linguajar simples, da dicotomia entre a pobreza e a suntuosidade dos casarões no período da *belle époque*. Em Wilson Bueno, o entrecruzamento entre a ficção e a realidade possibilita uma re-leitura de tais acontecimentos passados porque o autor incorpora na narrativa os vezos, os vícios, a crueldade latente no trânsito do século XIX para o XX, retratando acontecimentos históricos que vão da guerra do Paraguai, uma das mais sanguinolentas de nossa história, do escravagismo, do preconceito de uma sociedade que escondia os desmandos por meio de um falar empolado. O autor plasma ainda, fatos posteriores à República, evidenciando via ficção a desagregação instaurada após a queda da monarquia e que servem como reflexão no presente. Desse modo, Bueno também se constitui enquanto voz dissonante porque revisa o passado para possibilitar que o leitor repense se tais atos ainda persistem. Nesse sentido, a literatura figura como revisão histórica e alegórica de nosso próprio presente servindo como denúncia de atos que talvez ainda vigorem. Assim, propomos verificar de que maneira esses vestígios do passado encontram-se textualizados e/ou revisitam a história. A metodologia será de análise comparada assinalando a contestação de valores e da política apresentada pelos autores ao criticarem os recônditos da história. Para empreender e nos respaldar nessa apreciação, nos pautaremos nas premissas de Linda Hutcheon (1991) para quem as narrativas contemporâneas se mesclam e se incorporam ao presente de maneira reciclada, considerando diferentes processos para o fazer literário. Para fundamentar as referências históricas e ampliar o sentido da análise, utilizaremos, entre outros, as reflexões de Mary Del Priore e Renato Pinto Venâncio (2001) e de Lilia Moritz Schwarcz e Heloísa Murgel Starling (2015).

Palavras-chave: Literatura; História; Arquitetura literária.

OS ERVAIS DE SELVA TRÁGICA: UMA VIA DE MÃO ÚNICA - DEGRADAÇÃO E MORTE

Jesuino Arvelino Pinto (UNEMAT)

Resumo: No conjunto da produção literária de Hernâni Donato, percebe-se a predominância de narrativas que traçam o percurso do homem preso a um espaço que faz dele um ser colado à paisagem social e submetido a leis que anulam seus sonhos, utopias e capacidade de libertação, impedindo-o de se realizar em sua plenitude humana. As personagens desses romances lutam contra as pressões da natureza e do meio social, para elas a liberdade é algo impossível de se alcançar, embora seja um sonho coletivo. Sofrendo pressões socioeconômicas de um sistema capitalista, que escraviza e dá sustentação à relação opressiva entre dominadores e dominados, os protagonistas de *Selva Trágica* (1959) vivenciam relações de oposição entre grupos e experimentam situações trágicas, bem como a degradação humana. Ao considerar que as instâncias da Literatura e da História acentuam a possibilidade de assimilação pela obra literária do contexto histórico em que ela foi produzida, percebe-se que a relação entre ficção e realidade constitui um dado inalienável ao próprio processo de criação artística. A obra é, portanto, uma configuração estética do mundo, criada pelo escritor com base num sistema simbólico de representação do real. Partindo do pressuposto que esta narrativa de Donato gira em torno de um eixo social e denuncia a trama das relações que subjugam o homem, expondo-o à dominação e à exploração perversas; e o localizam no centro das lutas desiguais de classes; o propósito deste trabalho é realizar uma abordagem da relação Literatura e Vida Social em *Selva Trágica*, enfatizando seus motivos temáticos centrais e os aspectos formais. A narrativa traz como subtítulo “a gesta ervateira no suldestematogrossense”, constituindo-se um testemunho de época, conta a história dos ervateiros de Mato Grosso do Sul, antigo sul do Mato Grosso e da fronteira Oeste, assim oferece interpretação ficcional da possível História dos trabalhadores da Companhia Matte Larangeira, arrendatária de terras devolutas, circunscritas ao Mato Grosso, nas primeiras décadas do século XX, quando as zonas de exploração de erva mate estavam em poder dessa companhia de exportação, que mantinha o monopólio; com sede em Ponta Porã e Buenos Aires. Nesta narrativa pode-se estabelecer a relação da forma romanesca e a estrutura da sociedade em que ela se desenvolve. A partir de um eixo social, desvela-se a trama das relações que subjugam o Homem. Para o homem comum, a constante preocupação com a morte tem traços mórbidos. Assim, ele desviará a atenção do fato da morte, especialmente

em seus aspectos mais desagradáveis, sempre que esse fato se introduzir em sua consciência. Nas atividades cotidianas, não há lugar para reflexões sobre a transitoriedade da vida, porque o dia-a-dia é repleto de trabalhos e ações que pressupõem sempre o tempo futuro. Segundo Heidegger (2002), a vida prática cotidiana exige, pois, o "esquecimento" da morte e, para tanto, o homem a "despersonalizou", fez dela um fenômeno puramente biológico ou social, recusando-se a meditar sobre aquilo que é uma experiência à qual todos os seres se submetem individualmente.

Palavras-chave: Literatura social; Narrativa de tensão; Hernâni Donato; Selva Trágica

1 de agosto

14h30

A ANGÚSTIA DA CONDIÇÃO HUMANA NO TEATRO DE LUIS ALBERTO DE ABREU E JEAN-PAUL SARTRE
Janaina Soares Almeida Cruz (UFF)

Resumo: A presente proposta pretende uma reflexão crítica entre as obras de dramaturgia dos escritores Luis Alberto de Abreu e Jean-Paul Sartre, não somente pensando na importância que ambas têm no século XX, mas também tencionando demonstrar a importância do discurso dramatúrgico para a literatura. Os dois autores tratam, em suas obras literárias, de temas que nos afligem até os dias atuais, de modo que seus discursos contestaram, sob vários ângulos, as dissonâncias da sociedade vigente. Bakhtin (2010) nos alerta para uma inserção de determinados sujeitos no discurso literário que já se encontram no mundo externo, tornando-se, assim, sujeitos ficcionais. Nesse sentido, o pensamento humano e a condição do ser são representados nesses sujeitos. No caso das peças O livro de Jó, de Abreu, e Entre Quatro Paredes, de Sartre, há o interesse primordial nos temas no que concerne à condição humana como a angústia e o desamparo, temas estes que se relacionam com o que o filósofo francês nomeia condição da liberdade. Mais especificamente, estes temas levantados pela filosofia existencialista nos leva a pensar, com a (re) leitura d'O Livro de Jó, na relação entre sociedade e religião, com base na consciência e nas ações das personagens dessas duas obras. "É na angústia que o homem toma consciência de sua liberdade ou, se se prefere, a angústia é o modo de ser a liberdade como consciência de ser, é na angústia que a liberdade está em seu ser colocando-se a si mesmo em questão." (SARTRE, 1998). De alguma forma, a fé da personagem Jó é colocada à prova; assim, é possível reflexionar sobre a problemática da religião para o homem moderno, principalmente quando a razão e a busca pela verdade sobrepõem a fé e a dúvida de um deus responsável pelas ações dos homens acomete a consciência dos mesmos. Isto é, Jó, no meio de sua angústia, se vê na busca pela verdade e pela sua real liberdade. Aqui, Jó seria o homem que toma consciência de sua angústia. Já a personagem Matriarca, esposa de Jó, é como a personificação do homem moderno, que não mais pode colocar seu destino nas mãos de um deus, mas que deseja optar por sua liberdade e engajar-se, bem como tenciona a base existencialista de Sartre. Além disso, é preciso atentar-se para a ideia da criação das leis e da moral religiosa como meio de o homem se distanciar da responsabilidade de suas ações. Esta é, então, mais uma possibilidade de interpretação dessa releitura bíblica no que tange aos problemas do homem moderno. É necessário salientar que o projeto que aqui se inscreve ainda se inicia, porém, esperamos apresentá-lo para tornar o caminho mais profícuo, visualizando, assim, um trabalho proficiente de pesquisa.

Palavras-chave: literatura brasileira; teatro; existencialismo

FAR RIDERE E FAR PENSARE: O PRÓLOGO NA COMÉDIA DE MAQUIAVEL

Priscila Nogueira da Rocha (UFRJ)

Resumo: Desde a Antiguidade Clássica o prólogo é uma seção de notória importância para a compreensão e contextualização das comédias, como pode ser observado, por exemplo, nas obras dos comediógrafos latinos Plauto e Terêncio, grandes influenciadores do teatro do Renascimento. Entretanto, ainda que de importância análoga, as funções e características dos prólogos nas peças dos autores supracitados divergem bastante entre si: se Plauto apresenta tão somente um resumo

da peça a ser representada, Terêncio trazia em seus prólogos verdadeiros manifestos pessoais, em muitos casos chegando mesmo a desabafar com seu público. Avançando para a Renascença, cujo teatro se nutriu fortemente nas obras de Plauto e Terêncio, nos deteremos na obra mais representativa do período, escrita por Nicolau Maquiavel (1469-1527). A *Mandrágora* (1514-1518) une em seu prólogo elementos advindos de ambos autores latinos, explicando a trama e seus personagens, porém não se abstendo de mostrar todo o seu desprazer pela sua situação pessoal e seu ressentimento com a sociedade que tanto ajudara em sua função de secretário da república. Apesar de a comédia, por definição, trazer usualmente uma trama mais leve, engraçada e zombeteira, esconde sob essa aparente leveza uma mensagem crítica que mostrava um mundo de enganos, idêntico ao seu. O riso não era provocado por traços intrinsecamente engraçados dos personagens, que não os traziam em si mesmos, mas na exposição direta e quase cruel do seu caráter falho, bem como das falhas humanas em si, e da sociedade florentina como um todo. Seria o próprio Maquiavel, em obra posterior sobre linguística *Discurso o dialogo intorno alla nostra lingua*, de publicação estimada entre 1516 e 1518, que viria a definir o conceito de comédia como um espelho da vida privada, a ser tratada ridiculamente com termos e temas que produzam o riso e o cômico como amálgama entre a linguagem da tradição e a língua pertencente à esfera familiar. Retomando o prólogo de *A Mandrágora*, apesar de frisar a leveza do divertimento e a tentativa de sair do cotidiano, Maquiavel traz à tona a interrupção de sua vida política. Ao mesmo tempo em que diz que o teatro deve ser leve, incita seu público a prestar atenção no conteúdo, pois não dissocia a sua situação política de suas obras. Partindo destes pressupostos, objetiva-se com esta comunicação mostrar como o prólogo de *A Mandrágora* é estruturado, como a ironia na comédia é a chave para uma crítica social do comportamento da sociedade e de seus cidadãos, e ainda como o riso provocado pelo autor nem sempre é cômico. Pretende-se ainda evidenciar que, em *A Mandrágora*, Maquiavel deixa claro que sabe quem e como criticar, e através da ironia, consegue agradar até mesmo à Aristocracia e ao Papa, seus maiores antagonistas, que não enxergaram o seu ardil. A discussão terá como suporte teórico os estudos de Stoppelli (2006), Bergson (2007) e Viroli (2002).

Palavras-chave: Maquiavel; Teatro; Renascimento; Comédia; Prólogo.

A TRAIÇÃO EM HAMLET E CALABAR

Júlia Tavares Bessa (UFF)

Resumo: O projeto de pesquisa aqui esboçado tem como objetivo comparar a temática da traição em *Hamlet* de William Shakespeare e em *Calabar*: O elogio da traição de Chico Buarque e Ruy Guerra. Para além de um exercício de comparação, pretende-se passar por questões importantes para a compreensão de ambas as obras, como trazer à tona as peculiaridades das denúncias existentes nos dois enredos, analisar os respectivos contextos de produção e refletir sobre o que já se deixa transparecer nos próprios títulos das peças. Sobre esta última tarefa cabe de imediato observar que no trabalho de Chico e Ruy Guerra, percebe-se ao primeiro olhar como a “traição” passa por uma inversão de valores ao ser “elogiada”, assim, ela ganha uma conotação positiva que está para além de seu uso no senso comum, como diria Ruy Guerra: "Inclusive, quando a gente põe um Elogio da Traição é tirado do Erasmo de Rotherdam O Elogio da Loucura, que é justamente uma inversão de valores, quando o cara faz um elogio da loucura. Aí, a loucura, como valor positivo, numa época que se dá assim como um estigma." (BUARQUE & GUERRA, 1973, p. 6) Esta inversão é importante na medida em que ela dará o tom de um dos nossos objetivos principais, a saber: investigar e estabelecer o estatuto da traição nas duas peças em questão. Deste modo, tendo em mente que a temática da traição é o elo que encontramos para aproximar *Hamlet* de *Calabar*, cabe então dizer que a questão central a ser investigada apresenta-se do seguinte modo: como as denúncias são trazidas à cena por seus autores? Dito de modo mais específico: quais seriam as aproximações possíveis entre as peças ao levarmos em conta as maneiras pelas quais as denúncias de traição tomam forma? Na tentativa de responder tal questão partiremos da hipótese de que, em ambas as peças, as denúncias de traição se desenrolam a partir de um jogo de velamento e desvelamento. De modo mais específico, sobre a temática central das obras cabe elencar algumas

observações. Tanto uma quanto a outra abordam a traição nos vários âmbitos que tal ação permite interpretações, ou seja, denunciam a deslealdade em todas as suas camadas, seja ela a coroa que governa o país cenário de cada enredo ou entre amigos, irmãos e casais. É a partir dessa temática central que se pode então questionar e notar alguns pontos do que é ser traidor ou ser traído. Logo, é certo que a traição e o elogio da traição apresentam-se como o núcleo das duas peças. A questão central de nossa análise é compreender como as duas obras representam e se relacionam com a questão da traição. Partindo dessa temática, percebemos que as peças entrelaçam-se também a partir de seus personagens, de suas denúncias e, até mesmo, pelas suas condições de produção. Em suma, resta dizer que partiremos da temática da traição e, a partir dela, evidenciaremos diversos outros elos entre Hamlet e Calabar.

Palavras-chave: Traição; Hamlet; Calabar

ANTONIO ABUJAMRA: PERSONAGEM DE SI MESMO

André Dias (UFF)

Resumo: O presente trabalho analisa as encenações das peças: O casamento, de Nelson Rodrigues; A resistível ascensão de Arturo Ui, de Bertolt Brecht; Auto da Compadecida, de Ariano Suassuna e As fúrias, de Rafael Alberti – todas montadas por Antonio Abujamra e sua companhia Os Fodidos Privilegiados. Além disso, o ensaio analisa também um conjunto de entrevistas e depoimentos do diretor e sobre ele, a fim de avaliar como Abujamra acabou criando para si a personagem do artista rebelde, insubmisso e sempre provocador. A partir da identificação dessa questão, procura-se, por fim, pensar e compreender a dimensão e os impactos desse processo de encapsulamento do artista como personagem de si mesmo.

Palavras-chave: Discurso dramático; teatro; Antonio Abujamra.

A REPRESENTAÇÃO ESTÉTICA DA DISSONÂNCIA NO RISO DO PALHAÇO: ENTRE O HUMOR E O HORROR

Emmanuel Prado de Oliveira (UFU)

Resumo: A história do riso na literatura e na filosofia possui grandes imbricações nas perspectivas de evolução e compreensão da realidade humana, além de demonstrar os momentos (sociais, culturais e históricos) que marcam uma sociedade. Ao nos depararmos com o riso e os seus efeitos de sentido, como a ambiguidade e a ironia, percebemos que há ainda um longo caminho a ser percorrido no que diz respeito à crítica formal. Desse modo, partimos da pesquisa iniciada no Mestrado e fizemos um recorte para o presente trabalho: o estudo da representação estética do riso e de seus efeitos de sentido na novela gráfica (Graphic Novel) A Piada Mortal, de Alan Moore com ilustrações de Brian Bolland, publicada pela DC Comics/Panini. A novela gráfica foi escolhida justamente por sua representação do personagem Coringa, que personifica um riso macabro e fúnebre, localizado no limite entre o humor e a insanidade – representados discursivamente de um modo próximo nessa novela. Na construção desse personagem, notamos uma linha tênue entre o riso e a loucura, já que o Coringa representa – em linhas gerais que serão aprofundadas no desenvolvimento deste trabalho – uma reflexão ambígua e subversiva sobre um riso singular, que é tecido também – de muitos modos, inclusive gráficos – como veículo de destruição, não somente física, mas também moral. De modo análogo, percebemos que a figura emblemática de uma personagem é suficientemente preenchida por camadas que permitem uma análise profunda e efetiva a respeito da criação estética, bem como da reflexão do lugar do riso e de seus efeitos de sentido, além de potencializar as dissonâncias inerentes à contemporaneidade. Com efeito, a análise pauta-se, especialmente, no material teórico produzido acerca do riso, além de comunicar-se com correntes filosóficas e estéticas presentes na literatura. Por princípio, este trabalho pauta-se na noção de riso macabro proposta por Baudelaire e por Minois. Também serão usados textos que tratam diretamente do fenômeno do riso e do horror em obras literárias: o texto de Henri Bergson, que servirá de base para a elucidação do fenômeno do riso como cômico, visando estabelecer paralelos entre a manifestação cômica e o horror/violência. Além disso, é necessário que se

estabeleça também o que constitui o horror em literatura, e para tal partiremos de conceitos básicos do que seria o suspense e o horror, de textos do ilustre autor H. P. Lovecraft, que demonstram parte do que seria o processo criativo para o estabelecimento de uma obra literária que gire em torno de um ambiente e de personagens macabros, por meio de seu célebre livro *O Horror Sobrenatural em Literatura*. Assim, verificaremos nesta apresentação como é tecida esteticamente a figura do Palhaço enquanto motor de desordem social e disforia – uma vez que sua inserção no universo do horror retira-o de seu espaço habitualmente cômico.

Palavras-chave: Riso; Ambiguidade; Dissonância

LÚCIO CARDOSO E NELSON RODRIGUES: CONSTRUTORES DA DECADÊNCIA

Frederico van Erven Cabala Oliveira (UFF)

Resumo: A presente comunicação se propõe a apresentar aproximações entre as produções literárias e dramáticas de Lúcio Cardoso e Nelson Rodrigues a partir do tema da decadência familiar. Em um primeiro momento, mencionaremos os possíveis pontos de contato entre as trajetórias artísticas dos autores que, à primeira vista, parecem acumular somente distanciamentos. Exporemos, a partir de então, uma análise comparativa entre as estratégias narrativas utilizadas por Lúcio Cardoso e Nelson Rodrigues para abordagem daquele que parece ser o tópico predileto de ambos: a deterioração de relações familiares. Para essa análise comparativa, focaremos atenção maior nas obras *Crônica da casa assassinada* (1959), de Lúcio Cardoso, e *Toda nudez será castigada* (1965), de Nelson Rodrigues, a fim de perceber possíveis paralelos que ligam as estéticas dos escritores. Sabe-se que tanto o romance como a peça se apresentam como importantes e emblemáticos projetos de seus autores, condensando traços característicos das escritas de Nelson e de Lúcio. A intenção desse trabalho é examinar elementos comuns que podem ser visualizados nos dois mundos narrados, como as narrativas em gêneros testemunhais desfiadas pela memória, a incomunicabilidade entre entes familiares e o conflito entre desejo e repressão. A partir da caracterização desse paralelo entre a economia interna das duas produções artísticas, procuraremos apresentar também o que se pode depreender dos tratamentos da decadência em relação ao contexto de transformações culturais ocorridas no Brasil de meados do século XX. Nesse ponto, parece ser fecunda uma leitura dos textos por meio da chave do confronto entre as ordens rural e urbana. Aparentemente em oposição, procuraremos delinear como o cenário urbanizado, como visto em *Toda nudez será castigada*, se mantém sobre alicerces próximos aos percebidos no espaço interiorano de *Crônica da casa assassinada*. Veremos, nesse sentido, de que modo as obras lançam mão de um discurso de desconstrução de tais bases. Por fim, vale acrescentar que por todo percurso buscamos refletir sobre a pertinência da leitura cruzada entre as obras romanesca e dramática para a área da Literatura Comparada.

Palavras-chave: Lúcio Cardoso; Nelson Rodrigues; Literatura Comparada; Decadência

2 de agosto

8h30

A FICÇÃO REGIONALISTA EXPRESSIONISTA DE BERNARDO ÉLIS

Luiz Gonzaga Marchezan (UNESP)

Resumo: As obras que reúnem os contos de Bernardo Élis – *Ermos e Gerais* (1944), *Caminhos e descaminhos* (1965), *Veranico de janeiro* (1966), *Caminhos dos gerais* (1976), demonstram apego ao espaço geográfico goiano. A ficção regionalista de Élis, na verdade, trama com o espaço, com lugares. Voltamos-nos para um conto de *Veranico de janeiro*, “A enxada”, volume laureado com o Jabuti de 1975, época em que Bernardo Élis conta com 60 anos e mostra-se um autor de prosa regionalista expressionista. Conforme queremos demonstrar com nossa pesquisa, aquele conto apresenta imagens em que lemos, na fatura da espacialidade, um excesso de imaginação com capacidade de ultrapassar a realidade geográfica, aumentá-la com variações, dissonâncias, algo da inventiva, no momento, do expressionismo de Élis. Dessa maneira, para nós, o autor de “A enxada”,

ao tramar, de forma expressionista, com lugares do espaço goiano, elide a argumentatividade da narrativa e, por meio de hipérboles e de cenários grotescos, procura uma nova recepção para seu conto.

Palavras-chave: literatura brasileira; conto; hipérbole; grotesco

POLÍTICA E LITERATURA EM A IRA E A VIDA DE ANTÔNIO SILVINO DE LEANDRO GOMES DE BARROS
Felipe Gonçalves Figueira (IFRJ)

Resumo: Leandro Gomes de Barros (1865-1918) foi o artista que, relendo e imprimindo novos sentidos às matrizes europeias a partir de elementos locais, deu corpo literário e empresarial à atividade da Literatura nacional de folhetos. O presente trabalho tem como objeto de estudo o texto de Leandro intitulado A ira e a vida de Antônio Silvino (1910 – 1912). A análise tem dois objetivos: a) compreender o uso da obra como propaganda política da candidatura do coronel Rego Barros ao governo do estado da Paraíba e b) perceber a posição sócio-política do autor no contexto de enunciação a partir de sua obra. Neste sentido, é preciso evidenciar que a produção literária de Leandro se dá na tensão entre a sociedade tradicional rural e a reorganização urbana da vida nacional. Embora os folhetos sejam identificados muitas vezes a uma ideia arcaico-rural da sociedade brasileira, sua produção se orienta a partir do trabalho de Leandro Gomes de Barros em um contexto de “modificação quantitativa e qualitativa das classes populares com o surgimento de uma massa que não é definível a partir da estrutura social tradicional e que ‘desarticula as formas tradicionais de participação e representação’” (MARTÍN-BARBERO, 2015, p. 225). Se considerarmos que a Literatura de folheto é um fenômeno social que se consolida pari passu com a urbanização de algumas regiões do Norte do país (ferrovias, tipógrafos, firmas distribuidoras ao longo do país), perceberemos a marca de uma prática hibridizada. Esta tensão social e a reorganização dos saberes e fazeres decorrentes dela ficam em muitos momentos relegados a um segundo plano de análise. É apontando para esse painel amplo e para os fatores específicos já explicitados que buscarei compreender os sentidos possíveis da ação política de Leandro em favor do candidato do grupo político de Hermes da Fonseca, bem como empreenderei esforços para entender o lugar econômico-social do autor nessa sociedade em ruptura e renovação dos modos de existência do popular. Para o desenvolvimento da proposta, instrumentalizo-me, ainda, com as proposições de análise do discurso fundadas pelo pensamento de Mikhail Bakhtin (1895-1975).

Palavras-chave: Leandro Gomes de Barros; Folhetos; Antônio Silvino

O HOMEM DIANTE DA LEI: O CASO DE SÃO BERNARDO, DE GRACILIANO RAMOS
Heurisgleides Sousa Teixeira (UNICAMP/UNEB)

Resumo: Objetiva-se, com este trabalho, entender e analisar as atitudes e, dentro delas, o modo como Paulo Honório, em São Bernardo, de Graciliano Ramos, concebe a ideia de justiça e como age em torno da questão. Aparentemente há uma contradição nas atitudes do narrador, que parecia ter uma noção de justiça quando pobre, trabalhador alugado ou vendedor de miudezas e de gado, e outra quando se torna proprietário da fazenda São Bernardo. Na primeira fase da sua narrativa, a justiça institucionalizada e personificada nas figuras de autoridades como juízes, advogados e soldados de polícia, parece tão distante quanto inacessível, incapaz de atender as suas demandas. Depois, como latifundiário, cada vez mais o advogado, a lei e o juiz tornam-se recursos que vão ajudá-lo a resolver questões certos conflitos. Como se trata de uma escrita em estilo autobiográfico, e como quase todo o tempo o narrador obedece a cronologia dos eventos, é possível perceber quando e porque essa mudança ocorre. Dois eventos marcam a fase errante de sua vida em relação à justiça: a prisão decorrente de uma briga em que esfaqueia o oponente, e uma emboscada, armada a um “doutor” que lhe recusava o pagamento de cabeças de gado compradas meses antes. Quando proprietário, recorre às leis oficiais como garantia da posse de suas terras e para que devedores honrem pagamentos. Mas essa justiça, cara - ele sempre alega dela o custo-benefício - é utilizada quando sabe que vai conseguir ganhar uma causa e não como solução para todos os conflitos para os quais é precisa de uma solução. Minha hipótese é que a mudança de classe de

Paulo Honório não suscita sequer uma crítica ou autocrítica do narrador em torno das suas relações com a justiça. Essa mudança revela, antes, uma visão de que ele crê e confia no sistema, ou seja, o problema não é o fato de haver ou não leis ou de elas serem extensivas para todos ou não. Crente de que a estrutura social é justa, o que modifica sua visão diz respeito apenas ao lado que ocupava. Suas atitudes decorrentes do mando local que exerce não seriam talvez motivo na narrativa, se não fosse a chegada de Madalena para problematizar seu exercício de poder. A partir dessas observações iniciais e, tendo por base as discussões de José Miguel Wisnick (2002) acerca da regra sertaneja da aliança e da vingança em confronto com as leis que representam a institucionalização da justiça com a premissa de que ela vale para todos, além de outros estudos específicos sobre a obra de Graciliano Ramos e do romance de 30, como Luis Bueno (2001), Antonio Candido (2006) e Maria Izabel Brunacci (2008), pretendo discutir a seguinte questão: depois de todo o conflito provocado pela presença de Madalena na fazenda e, ainda, depois do seu desaparecimento, que provoca a necessidade da escrita reflexiva de Paulo Honório, há uma mudança de perspectiva do narrador sobre sua ideia de justiça?

Palavras-chave: São Bernardo; sociedade justa; romance de 30

O INTELLECTUAL SOB O OLHAR DE CAMINHOS CRUZADOS E O AMANUENSE BELMIRO: CONVERGÊNCIAS E DISSONÂNCIAS

Mariana Mansano Casoni (UNESP)

Resumo: Mikhail Bakhtin (1895-1975) em sua obra Problemas da poética de Dostoiévski disserta que um gênero textual não só traz aspectos de seu presente, como também de seu passado. Para ele esta “memória criativa” é essencial para o desenvolvimento literário (BAKHTIN, 2015, p.121), deste modo pode-se observar este processo de “rememoração” nas obras O amanuense Belmiro e Caminhos Cruzados quando o narrador daquela alude ao escritor francês Julien Benda, ao utilizar a expressão “torre de marfim” (ANJOS, 1975, p.147) referindo-se ao intelectual distanciado dos problemas da sociedade, e quando o enredo desta leva o leitor a uma série de questionamentos a respeito do intelectual. Portanto, este procedimento de recuperação da discussão do intelectual presente tanto na obra de Cyro dos Anjos, quanto na de Erico Verissimo permite comparar com aquela iniciada por Julien Benda, em sua obra La trahison des clercs de 1927. O termo intelectual se popularizou na França, no fim do século XIX com o caso Dreyfus. A partir deste fato a figura do intelectual passou a ser conhecida como defensora de alguma causa, esta definição de intelectual se configurou ao longo das décadas tanto pelos acontecimentos da sociedade, quanto por meio da literatura. É, portanto, esta presença do intelectual na sociedade que as duas obras brasileiras, ambas publicadas na década de 1930, discutem de maneiras diferentes a figura do intelectual, justamente em uma época que a sociedade vivia muitas mudanças políticas e econômicas. No romance de Erico, publicado em 1935, intitulado Caminhos Cruzados a narrativa se desenvolve em terceira pessoa e é feita pelo narrador onisciente. Nela são encontradas diversas camadas sociais e as histórias das personagens se cruzam ao longo da narrativa. A literatura está presente na vida de algumas personagens e é a partir dela que alguns conflitos se tornam aparentes, como por exemplo, a inadequação à realidade. Este conflito se evidencia sobretudo com Noel com a escrita de um romance, assim a partir da escrita o conflito se instaura no que diz respeito ao tema: narrar uma ficção fantasiosa que foge dos problemas do cotidiano ou uma narrativa que aborde seus conflitos? Esta inadequação à realidade e a busca por um lugar, que a princípio é encontrado por meio da escrita, também está presente na obra de Cyro. O amanuense Belmiro publicado em 1937, narra a vida de Belmiro Borba que se encontra diante de vários conflitos, sobretudo os metafísicos, diante deles seu posicionamento diante da vida é de resignação, ele tenta modificar esta situação por meio da escrita de suas memórias, mas é derrotado pelos acontecimentos do presente. Ao comparar as duas obras brasileiras observa-se a mesma temática: a dificuldade de aceitar a realidade e a sua inadequação diante do mundo, bem como a escrita que tem papel fundamental como elemento de transformação e consciência por parte das personagens. Desta maneira constata-se que estas obras

publicadas na mesma década e que apresentam os mesmos conflitos são compostas de maneiras diferentes, no entanto oferecem ao leitor caminhos completamente diferentes a serem trilhados.

Palavras-chave: Intelectual; caminhos cruzados; o amanuense Belmiro; literatura comparada.

ENTRE MAPAS E MUSEUS: A NATUREZA DA TRILOGIA INDIANISTA DE JOSÉ DE ALENCAR

Ana Maria Amorim Correia (UFF)

Resumo: O Romantismo brasileiro possui, entre seus grandes expoentes, José de Alencar, autor da chamada trilogia indianista: O Guarani (1857), Iracema (1865) e Ubirajara (1874). Se o Romantismo possui, em cada país e tempo, características próprias, neste artigo pretendemos examinar as descrições da natureza em tais obras a relacionando ao aspecto histórico de independência do país, contexto este abordado pelo autor, também jornalista e deputado, em suas outras produções. Este trabalho se propõe a refletir sobre as proximidades entre a natureza e uma ideia de patrimônio na trilogia indianista de José de Alencar, proximidades estas realçadas por um intento histórico de constituir o país enquanto nação independente de Portugal, evocando diálogos entre escrever o mapa do novo país, a sua língua nacional e a grandiosidade de seu passado, de forma, contudo, a não negar um “projeto civilizatório”, evidenciado na forma e no conteúdo que emergem em tais livros. Como demonstrado por Anderson (2008), as nações são conceitos envolvidos pela ideia de comunidade imaginada, com os censos, museus e mapas vistos como aparatos que colaboram para a construção desta ideia. Este conceito de nação é também abordado por outros autores, que incluem a literatura como uma pedra angular das elites na construção dos símbolos da nação, a exemplo dos estabelecimentos de cânones, como exemplifica Hobsbawm (1990) e Corse (2010). Aqui, nos cabe refletir, diante de tais aspectos, como a natureza brasileira é um elemento nacional dentro do projeto da construção de nação expresso na literatura romântica, e, também, como esta possui características que a envolvem de temporalidade, espaço, mapeamento e, como desejamos demonstrar, patrimônio.

Palavras-chave: Romantismo brasileiro; Patrimônio; Natureza; José de Alencar

2 agosto

14h30

A MÁFIA DOS PADECENTES TERMINAIS: MERCANTILIZAÇÃO DA MORTE EM AS INTERMITÊNCIAS DA MORTE, DE JOSÉ SARAMAGO

Adriana Marcon (UNESP)

Resumo: O propósito deste trabalho é refletir sobre a mercantilização da morte no romance As Intermitências da Morte (2005), do escritor português José Saramago, sublinhando a relação entre vivos e mortos a partir da manipulação da morte por instituições como agências funerárias, agências seguradoras, hospitais e a “máfia”. Com isso, objetiva-se mostrar como a morte é um grande negócio, nem sempre limpo. Apesar do tema principal girar em torno da impossibilidade de ser imortal, Saramago não deixa de alfinetar aspectos da sociedade moderna, dado que em decorrência da greve da morte instaura-se o caos no país imaginário em que a trama se passa. Saramago faz uso da alegoria, da sátira, da ironia e do humor para narrar episódios fantasiosos, porém coerentes com aspectos da nossa realidade, caso do sistema capitalista. A ausência da morte constituir-se-á num estorvo, sobretudo, para o mundo do capital, causando prejuízo econômico. Neste ponto, a narrativa tecida de ironia ácida, põe à mostra os mecanismos que regem o capitalismo e a contemporaneidade, o mundo da “cultura do dinheiro”. Para alcançar tais objetivos, esta comunicação estará pautada nas contribuições da fortuna crítica saramaguiana e nos estudos sobre o tratamento da morte no Ocidente. Por último, salienta-se a importância deste trabalho nos dias de hoje, em que a morte encontra-se na zona do interdito e o homem, ao invés de encará-la como contraface da vida, tenta cada vez mais prolongar a sua existência, romper a reciprocidade desta aliança indestrutível.

Palavras-chave: Morte; Mercantilização; José Saramago.

O ENGAJAMENTO LITERÁRIO DE LEONARDO SCIASCIA

Gisele Maria Nascimento Palmieri (UFRJ)

Resumo: Em entrevista dada a Marcelle Padovani, transcrita na obra *La Sicilia come metafora* (1979), Leonardo Sciascia (1921-1989), intelectual siciliano, fala sobre a infância vivida na época do fascismo. Ele afirma que, quando criança, não sentia a existência do fascismo, até que se começou a falar em pena de morte aplicada aos contrários ao Estado fascista. Aceitar a pena de morte era, para o escritor, a maior infâmia a que uma sociedade e seus cidadãos, que consentiam com o ato, poderiam chegar. “E nessuno voleva parlare con me della cosa, tutti dicevano giusta.” (SCIASCIA, 1979, p.9) Décadas depois, o então ensaísta, jornalista e romancista Sciascia trata as questões da sociedade siciliana em seus textos, atacando, principalmente, a máfia, que para ele está no mesmo patamar do governo de Mussolini, pois ambos se constituíram como um regime de poder autoritário e antidemocrático. No artigo “I professionisti dell’antimafia”, publicado no jornal *Corriere della Sera* em 10 de janeiro de 1987, afirma: “L’idea, e il conseguente comportamento, che il primo fascismo ebbe nei riguardi della mafia, si può riassumere in una specie di sillogismo: il fascismo stenta a sorgere là dove il socialismo è debole: in Sicilia la mafia è già fascismo.” Considerando a sua indignação, que o acompanha desde a infância, sua escrita coloca-se à serviço dessa inquietação com as injustiças perpetradas por grupos que têm como *modus operandi* o uso da força e a repressão aos contrários aos seus regimes depóticos. Seu engajamento político e social atinge, em forma de literatura, o ápice de reconhecimento após a publicação de *Il giorno della civetta* (1961), primeiro romance a mostrar a máfia mais parecida com a realidade da época. Seguido do romance *A ciascuno il suo* (1966), as duas obras são, até hoje, as maiores referências de ficção literária que trazem à reflexão do leitor os meios e os modos de ação de grupos que utilizam como força motriz a alienação e a indiferença de seus subjugados.

Palavras-chave: inquietação – engajamento literário – máfia

CALL ME BY YOUR NAME: DESTINOS DA LÓGICA DO RECONHECIMENTO NA INTERFACE ENTRE LITERATURA E PSICANÁLISE

Aline Souza Martins (USP)

Resumo: A relação entre literatura e psicanálise nasce praticamente junto com as primeiras teses que tinham o inconsciente como hipóteses principal. Textos como *O Estranho* (1919), *O delírio e os sonhos na Gradiva* de W. Jensen (1907) e o caso Schreber (1911) usam peças literárias não para exemplificar conceitos psicanalíticos, mas para construí-los. Freud entra em contato com a diferença do outro através da literatura e se apoia nela para construir uma nova psicologia. Mais tarde, tantos autores quanto estudiosos das artes também passam a usar a psicanálise para criar. Essa é idealmente uma relação interdisciplinar de troca, na qual mais de um podem existir, uma relação não colonizadora, ou seja, sujeito-sujeito (Felman, 1992; Frosh, 2010). O encontro com a diferença não é simples para a consciência, pois ela tende a usar identificações para criar representações, aproximando o que entra em contato com algo de semelhante ao já vivido (Benjamin, 1998). Portanto, a arte e a literatura, dentro dessa perspectiva, passam a exercer um papel privilegiado de colocar o outro, neste caso a psicanálise, em contato com a diferença de seu tempo. Por meio da análise do romance *Call me by your name* (2007), de André Aciman, que deu origem ao filme homônimo em 2017, pretendemos fazer uma discussão sobre o processo de reconhecimento da diferença e da semelhança que se apoia na teoria da psicanalista e feminista estadunidense Jessica Benjamin (1988, 1998, 2018). O romance se trata de uma história de amor em um lar no interior da Itália de 1980 entre um adolescente, Elio, e um estudante, Oliver, ambos judeus em um contexto intelectual da classe média alta. Além disso, o livro apresenta uma sobreposição da metáfora da relação homoafetiva na Grécia antiga, tema de estudo de Oliver e do pai de Elio, e a relação homoerótica entre os personagens. A complexidade deste romance será tratada a partir de quatro níveis de análise: o processo de reconhecimento entre os protagonistas, o papel das mulheres, as relações homosociais e as questões de classe. Concluindo, ao mesmo tempo que os protagonistas

apresentam algo do reconhecimento do semelhante no outro, envolvendo questões que passam pela intelectualidade, gênero, judeidade e classe, o filme demonstra, também, uma possibilidade contra hegemônica de lidar com a diferença, vozes questionadoras de seus tempos, sociedades e condições existenciais. A partir da análise do livro, pretendemos fazer a teoria psicanalítica trabalhar, pensando em novos modos de relacionalidade que abram espaço para o que é difícil de escutar sobre a alteridade, se unindo “as vozes questionadoras de seus tempos, sociedades e condições existenciais”.

Palavras-chave: Psicanálise; Literatura; Reconhecimento; Aciman

ENLACES ENTRE SOCIEDADE, NATUREZA E LITERATURA DE LIBERTINAGEM: O CASO DO MARQUÊS DE SADE

Marcos Antonio Fernandes dos Santos (UEMA)

Resumo: Antes de ser um homem da sociedade, sou-o da natureza. Para o Marquês de Sade, somos corrompidos pelos falsos valores impostos pela sociedade, religião e educação filosófica recebida. Segundo ele, o ser humano em busca de sua satisfação deve ceder a todos os vícios, e a nenhuma só virtude. Em obras como *Justine*, *120 dias de Sodoma* e *Juliette de Sade*, o escritor pregou que o desejo é uma imposição da natureza. Dessa forma, esta pesquisa objetiva evidenciar que a literatura de libertinagem pode trazer ao leitor liberdade de reflexão, livrando-o de possíveis amarras sociais e dogmas. Tais textos, conforme demonstra a literatura, apesar de escritores como Simone de Beauvoir ainda se questionarem se devemos ou não queimar as obras de Sade, apresentam uma importante função social. O trabalho possui caráter bibliográfico e apoia-se também nas teorias de Michel Foucault (1995) e suas reflexões sobre as relações de poder, nos trabalhos de Kant (2005) e sua concepção de natureza supra-sensível. Adorno e Horkheimer (1985) também são utilizados nesse trabalho, principalmente sob a perspectiva do medo como condição humana que nos impede de ver a verdade. A obra do Marquês nos traz novas concepções acerca da realidade, inclusive sobre a sociedade.

Palavras-chave: Libertinagem; Marquês de Sade; Sociedade.

A IDEIA DE "CRISE" NO PERCURSO DA PROSA POÉTICO-CRÍTICA DE MALLARMÉ

Caroline Pessoa Micaelia (USP)

Resumo: A obra de Mallarmé sempre foi alvo de interpretações regadas a lugares comuns, citações descontextualizadas (sempre as mesmas) e reprodução incansável de leituras célebres (localizadas historicamente). Castro Rocha (2005) explica essa ocorrência através do conceito de “autor matriz”, o que significa que as produções de autores como o francês, dada a própria complexidade, autorizam “a pluralidade de abordagens, pois elementos diversos de[las] [...] podem ser valorizados. Por vezes, elementos opostos, que convivem criativamente no texto ficcional, engendram inevitáveis divisões no campo crítico.” Os escritos de Mallarmé, porém, levam essa categoria a um limite: não apenas apresentam a complexidade indicada pelo teórico, como também uma singular dificuldade de leitura e apreensão que, em si mesma, quando não afasta os leitores – fazendo com que estes procurem aqueles que com algum sucesso já se debruçaram sobre tais escritos –, dá uma abertura ainda maior para os três tipos de aproximação acima indicados. Com efeito, trata-se de uma tendência que chega já perto de fazer parte daquilo que sempre foi a crítica mallarmeana – e enfrentá-la mostra-se um grande desafio quando se estuda o poeta. Enquanto tendência, cabe dizer que suas consequências para os estudos mallarmeianos têm sido severas: por um lado, findadas as leituras simbolistas do trabalho de Mallarmé, informadas em grande parte pelo que escreveu Valéry, sua obra foi tratada como a de um poeta da negatividade, defensor da separação completa entre arte e realidade, de um hermetismo exacerbado, de certo conservadorismo, ao passo que por outro lado, após as leituras consideradas “modernas”, principalmente informadas por Greer Cohn, ganharam força as interpretações que buscam seja “desvendar” a obra do poeta por meio de uma espécie de hermenêutica no sentido fraco, seja fazer com que ela caia num ostracismo, não sendo possível depreender dali nada a não ser processo, impossibilidade, impasse. Contudo, a obra de

Mallarmé, seja em verso ou em prosa, é essencialmente crítica e está firmemente ancorada no cotidiano. Tomando seu percurso como prosador, é possível verificar com nitidez o “olhar infinitamente atento a seu tempo” que Rancière (1998) não cansa de defender, assim como a maneira com que o trabalho formal realizado pelo poeta participa de sua compreensão a respeito do poder – e do dever – da poesia frente à sociedade. De fato, indo de “The Impressionists and Édouard Manet” (1876) a *Divagations* (1897) – e seu grande marco, “Crise de vers” –, é possível verificar na prosa de Mallarmé não só uma voz altamente questionadora e uma crítica aos valores então em voga, como uma produção surpreendentemente de circunstância. A obsessão de Mallarmé pelas “crises” que reviravam seu tempo relaciona-se, afinal, à etimologia da palavra: em grego *krísis*, isto é, “decisão, julgamento”. Dito de outra forma, as “crises” são para Mallarmé momentos “críticos”, que pedem a separação, a escolha, o julgamento. Este trabalho pretende, através de um panorama da ideia de “crise” na prosa mallarmeana, combater o termo que se quis dar à obra do poeta (Siscar, 2010) e comentar a maneira por meio da qual ele leu seu tempo criticamente.

Palavras-chave: Stéphane Mallarmé; crise; prosa poético-crítica

OS CORPOS INSEPULTOS: PERSPECTIVAS LITERÁRIAS DA DIMENSÃO DA POLÍTICA DE VIDA E MORTE EM ENTERRE SEUS MORTOS E ANTÍGONA

Élvio Cotrim (UFF)

Resumo: *Enterre Seus Mortos* (2018), de Ana Paula Maia, e *Antígona*, de Sófocles, têm como fio condutor a dimensão política da vida e da morte. Nesta comunicação, analisaremos, por meio do método comparativo, os caminhos percorridos pelos respectivos protagonistas, que precisam sepultar seus mortos – no caso da tragédia grega, a saga para suspender o interdito de Creonte para que seu irmão Polinice tenha direito à sepultura, e, no caso do romance de Maia, o périplo de Edgar Wilson por instituições e trâmites burocráticos no interior do Brasil para dar um enterro digno a dois corpos de identidade desconhecida por ele encontrados enquanto realizava seu ofício, o de recolhedor de corpos de animais da beira da estrada. Tomando por base os teóricos que discutem as noções de biopoder (Michel Foucault, Giorgio Agamben e Achille Mbembe), cuja discussão sobre os corpos que merecem viver e morrer nos parece essencial para essa comparação, pretendemos discorrer sobre as delicadas relações entre os atores sociais em ambas as obras, além de propor uma analogia entre elas – respeitados os contextos dentro dos quais estão inseridos. *Antígona*, fruto da união incestuosa entre Édipo e Jocasta, única a não abandonar o pai quando ele está banido de Tebas, está disposta a infringir as leis do monarca Creonte e enterrar Polinice. O nó trágico da peça de Sófocles consiste em um paradoxo perceptível apenas para o público grego: se ela deixar o irmão insepulto, ela obedece às leis humanas e será punida pelo monarca; contudo, ao fazê-lo, conhecerá a ira dos deuses, que proíbem o descumprimento de tal preceito. Edgar Wilson, por sua vez, põe em cena a tragédia do absurdo brasileira: os trâmites legais para a remoção de corpos de animais são mais eficazes e ágeis que os necessários para o sepultamento de humanos indigentes. O corpo insepulto da prostituta sem nome vai ser guardado e transportado por Wilson, em uma terra sem lei, em algum lugar não claramente identificado por Maia. A intrincada rede de negociações com os outros atores que ocupam a função análoga à do monarca grego no romance brasileiro evidencia o paradoxo trágico que Maia compõe de modo seco e visceral – como, por exemplo, o policial rodoviário, o dono do estabelecimento onde se processam os animais mortos, os funcionários públicos do IML. O jogo irônico evocado pela temática deste simpósio, atores em cena, evidencia o caráter dialógico entre texto literário e representação, uma vez que compararemos uma tragédia grega a um romance que foi concebido como um roteiro de cinema. Tangenciando os caminhos do teatro do absurdo, as obras revelam o indivíduo mergulhado num mundo que não pode responder às suas perguntas.

Palavras-chave: biopoder, absurdo, morte

40 - LITERATURA E DRAMATURGIA: ENTRE O PALCO E A ACADEMIA

Coordenação: Suzi Frankl Sperber (UNICAMP); Sandra Luna (UFPB)

Resumo: Retomamos a proposta de estudar dramaturgia, continuando a examinar tanto o texto dramático autoral quanto a cena. A acolhida a essa dupla injunção, literária e teatral, fundamenta-se na convicção de que, sob perspectivas dos estudos literários, o drama não tem merecido a atenção concedida a outros gêneros, sobretudo no contexto brasileiro, no qual a tradição dramática não se sobrepõe em relação a outras formas ficcionais, narrativas ou poéticas, entrevistas como pilas de nossa herança nacional e mais afeitas a abordagens estritamente literárias. Do ponto de vista dos estudos teatrais, o drama também se revela obscurecido, e por motivos opostos, por um lado, por representar uma longa, incontornável e por vezes opressora tradição de cujas convenções não se consegue escapar, a não ser por via de um proposital “esquecimento” ou “negação”, como o quer o chamado teatro “pós-dramático”, cujo rótulo faz ainda ecoar a própria tradição. Por outro lado, se para os estudiosos da literatura o drama é excessivamente teatral, contaminado por uma concretude cênica que escapa a interesses estritamente literários, para os estudiosos do teatro contemporâneo, o drama é uma área excessivamente literária, poética, discursiva, sobretudo considerando-se que a própria experiência teatral, no século XX, priorizou o espetáculo, concedendo especial atenção a outras linguagens, a recursos cênicos, à arte e ao corpo do ator, valorizando aspectos que hoje consubstanciam pontos centrais na formação dos profissionais do teatro.

Levaremos em conta a ideia explicitada pela temática proposta na presente ABRALIC. Um objetivo será refletir sobre a relação entre público e criação, traduzida pelo uso do termo linguagem no seu sentido mais amplo: o uso da linguagem literária, cênica, dos atores, a linguagem dos temas e dos discursos, a linguagem como sujeito literário, a linguagem como expressão de problemas centrais e ideias negociadas na contemporaneidade social, política, humana, e até mesmo em seu sentido metafórico, como estilo, forma e gênero. A diversidade e, sobretudo, a intensidade e a mescla das múltiplas experiências artísticas no teatro, capaz de combinar obras dramáticas canonizadas com uma encenação contemporânea, e mesmo uma modificação do texto original, desautorizam concepções normativas do estético e as ideias de gênero tradicionais, que reduzem drasticamente o horizonte de leituras, criando entraves para a renovação do repertório teórico e crítico. Navegando em sentido contrário às normas, incorporamos a pluralidade de valores e de interesses como uma alternativa a ser radicalizada. Portanto, o reconhecimento da existência da multiplicidade de suportes e de formas de inscrição textual nos leva a abandonar a ideia de “texto”, em seu sentido mais canônico, a fim de reafirmar a noção de “textualidades contemporâneas” que implica a “pluralidade de suportes possíveis, a miríade de formas de inscrição e a multiplicidade tanto de produções de presença quanto de atribuições de sentido”.

A linguagem, ou escrita, ou texto têm sido entendidos, pelo menos desde Foucault, como esburacados, fraturados, corroídos. Colocados linguagem, escrita, texto em perspectiva macro histórica, de fato a fratura, os ruídos, a corrosão existem. Mas quando há necessidade de expressão e existe desejo de comunicação – e, pois, de alguma forma de entendimento – linguagem, escrita, palavra, texto são organizados num universo micro - e mesmo existindo a dificuldade de se exprimir o indizível, o irrepresentável, há (ou deveria haver?) um claro esforço de que o receptor possa pelo menos intuir o dito ou a-presentado. Existe a esperança de que os órgãos de recepção captem tons, ritmos, compassos, algum desenho, linha, volume que possa ser captado e faça algum sentido a partir da construção de arte. Ainda que a experiência seja volátil, a pulsão de ficção lança fios que tentam captar vibrações – e que estes fios que possam fazer algum sentido. É relevante, portanto, saber que apesar de haver buracos na expressão, manifesta-se sempre o desejo de comunicação. Sem contar que em uma obra de arte são disseminados de alguma forma, mais ou menos, algo de memória, mito, transmissão da Palavra e do Exemplo expressos pela experiência (tal como nos explicou Walter Benjamin), resgate ou crítica da tradição, consciência crítica do presente, decifração do sentido da ação humana, resgate de aspectos desqualificados pela sociedade. Ainda que reunindo eventualmente linguagens diferentes entre si, assim como o humano, o super-humano ou a marionete e a supermarionete, os mecanismos e os hibridismos, ainda que sendo uma das

finalidades de um espetáculo impressionar pelo impacto do novo, persiste, na expressão, o desejo de acolhimento e este, talvez, com atribuição de sentido.

31 de julho

14h30

GRISELDA GAMBARO: PERFORMANCE E VIOLÊNCIA NO TEATRO ARGENTINO DA DÉCADA DE 60

Juliana Henriques de Luna Freire (UFPB)

Resumo: Em sociedades latinoamericanas nas quais a luta das mulheres para participar do mundo artístico e literário teve progressos muito recentes, como comprova o movimento feminista e literário voltado para a releitura de textos de autoras (SHOWALTER, 1985), mais complexa ainda é sua participação como intelectuais e ativistas políticas. Segundo María Mercedes Jaramillo e Nora Eidelberg “[...] o mundo do espetáculo tem sido um dos espaços vedados à mulher e o que mais trabalho custou para penetrar no campo das artes...” (1991, p. 10). Griselda Gambaro, escritora e dramaturga argentina, conseguiu ser uma das poucas a conquistar um espaço predominante masculino latinoamericanos da sua geração – uma longa e solitária jornada, como admite a mesma a Diana Taylor e Roselyn Constantino no prefácio *Holy Terrors: Latin American Women Perform* (2003, p. 13). Além das barreiras de gênero, a repercussão de Gambaro é ainda mais surpreendente se consideramos a repressão política do seu país durante a ditadura, que serve tanto de empecilho, como mecanismo propulsor, uma vez que a violência termina por servir como matéria-prima para a sua arte. Na afirmação de Becky Boling em *Reenacting Politics: The Theater of Griselda Gambaro*, “As peças de Gambaro das décadas de 1960 e 1970 retratam a irracionalidade desse período na história argentina, durante a qual o país experimentou mudanças espasmódicas na liderança. Ao longo desse período de produção, Gambaro se concentra em descrever a dinâmica da opressão, as estratégias de poder e a irracionalidade da dominação, como ela as testemunhou na prática na Argentina” (1998, p. 8, tradução nossa). A autora cria o que se há denominado de “a dramaturgia da resistência”, com uma intenção de apontar para o cenário político (MUDANI, 2002, p. 12) que construía, então, as mudanças políticas do que Taylor chamaria de terror na Argentina. A percepção da violência e da tortura muda em uma década, assim como o discurso do inimigo, e Gambaro consegue antecipar a violência que surgiria com a militarização do país que, como Alberto Ure denomina, foi uma “premonição excessivamente realista” (1989, p. 17), já que a verdadeira violência ainda estava por vir. Embora suas obras incorporem elementos de brutalidade institucional e em relações íntimas, incluindo elementos da violência de gênero, Gambaro foi criticada por feministas como Becky Boling por criar personagens-mulheres vítimas, e não heroínas, e defendida por outras como Yolanda Flores por retratar o mundo “onde vivem as mulheres” (2000, p. 43) com mais realidade, embora de maneira crua. O intento desta apresentação é analisar as performances de gênero presentes em *O campo* (1968) e *O desatino* (1965), dentro de uma perspectiva de performance político e social.

Palavras-chave: teatro argentino; Griselda Gambaro; violência

ENRIQUE BUENAVENTURA E O "TOMAR POSIÇÃO" NA PEÇA "HISTORIA DE UNA BALA DE PLATA": UMA NARRATIVA DA AMÉRICA LATINA E DO CARIBE

Juliana Caetano da Cunha (UFRJ)

Resumo: Trabalho sobre “*Historia de una bala de plata*” (1979), obra teatral do dramaturgo colombiano Enrique Buenaventura, do Teatro Experimental de Cali (TEC), encenada como criação coletiva e escrita em meio a esse processo. A peça recebeu o Prêmio Casa de las Américas, e é uma das mais importantes do Novo Teatro Colombiano, movimento que teve seu auge nos anos 1970. Em poucas palavras, pode-se dizer que o movimento inaugurou naquele país uma nova fase, que consistiu em o teatro passar a preocupar-se em ter identidade com a sua própria gente e a sua própria história, promovendo cada vez mais produções autorais e coletivas, além de adaptações de obras consagradas que favorecessem o debate de questões gerais a partir de subjetividades muito

próprias do público nacional. Não se tratava de retratar a história dos vencedores, como diria Benjamin, mas de questioná-la, redescobri-la, tornando-a reaberta aos personagens antes silenciados. Foi um momento importante de desenvolvimento do teatro de grupo, independente, crítico e político, que passou a investir no método da criação coletiva, a diferentes maneiras, tendo inclusive estabelecido diálogos com outros grupos que, em países vizinhos, estavam na mesma busca. Realiza-se um estudo comparativo, que remete a fatos históricos e a outras obras que influenciaram a construção desse texto, como por exemplo “A tempestade” (1611), de William Shakespeare, o romance “El reino de este mundo”, de Alejo Carpentier (1949), e uma peça anterior do próprio Buenaventura, “La tragedia del rey Christophe”, que ganhou o Prêmio Unesco em 1961. Esta última aborda objetivamente o reinado de Henri Christophe no Haiti, em princípios do século XIX: o primeiro rei negro do Novo Mundo, general e ex-escravo, que acabou cometendo suicídio. Em “Historia de una bala de plata”, pelo contrário, só uma bala especial pode derrubar Louis Poitíé. Neste caso, estamos numa ilha qualquer do Caribe, em que diversas forças operam num tempo de revolta dos escravizados e de falência do domínio colonial na América Latina, no caso, por parte da Coroa francesa. A peça revela contextos e conflitos que se estenderam pelo continente, quando o imperialismo norte-americano começa a construir suas bases nas “futuras ex-colônias” (ou futuras neocolônias) latinas. Manipulações, jogo de poder, disputa de mercado e lutas por libertação e justiça dão o tom do texto, que esclarece a complexidade de nossa história, que lemos de uma realidade ainda hoje marcada pela exploração colonial, pelo extermínio indígena e pela escravização dos negros, posteriormente substituída por falsa alforria. O mito do imperador negro, como uma primeira grande vitória dos despossuídos destas terras, converte-se em mais uma revolução derrotada, sendo contado a partir de uma narrativa destoante dos moldes tradicionais. A análise considera as categorias apresentadas Bertolt Brecht quanto ao teatro épico e dialético, em relação ao teatro burguês, assim como as teorias de Georges Didi-Huberman, especialmente em seu trabalho sobre a arte quando “toma posição”, o que difere de “tomar partido”. Os pressupostos deste estudo passam pela compreensão de que Literatura e Sociedade são grandezas inseparáveis.

Palavras-chave: Enrique Buenaventura; América Latina; teatro.

JOÃO CABRAL DE MELO NETO E O POEMA DRAMÁTICO: ELEMENTOS PARA A CONSTRUÇÃO DE NOTAS SOBRE UMA POSSÍVEL A CASA DE FARINHA

Gislaine Goulart dos Santos (UNICAMP)

Resumo: No conjunto da obra de João Cabral de Melo Neto, o gênero dramático, embora pouco estudado pela crítica, está presente antes da publicação de seu primeiro livro, Pedra do sono (1942), nos poemas “Pirandello I” (“A paisagem parece um cenário de teatro” e “Os homens passam tranquilamente/ Com a consciência de que estão representando”) e “Pirandello II” (“O diretor apoderou-se de todas as consciências/ Num saco de víspora”), do livro Primeiros poemas (1990 - escritos entre 1937 e 1940), organizado por Antonio Carlos Secchin. O elemento dramático surge também nos livros Os três mal-amados (1943); Morte e vida Severina (1954-1955) – encenado em 1966 pelo Tuca; Dois parlamentos (1958-1960) e O Auto do frade (Poema para vozes) (1984). Estes três últimos poemas-livros são referidos no manuscrito Notas sobre uma possível A casa de farinha (2013), ora comparando, ora se distinguindo da obra em statu nascendi. O interesse de João Cabral pelo teatro, mais especificamente pelo auto, aparece também em outro projeto inacabado sobre Jerônimo de Albuquerque, antepassado conhecido pelo nome de Adão Pernambucano. O herói nestes livros de João Cabral é moderno e enfrenta a fome, a seca, a morte, o latifúndio, a industrialização; os personagens se esbarram com símbolos do poder local – coronéis, usineiros, os ricos da cidade, os banqueiros, os políticos, os industriais. Não será diferente em Notas sobre uma possível A casa de farinha: “O pessoal da casa de farinha está excitado e surpreso porque receberam notificação do dono de que era a última vez que podiam trabalhar naquela instalação (sem dar os motivos). Os motivos dão lugar a várias hipóteses” (MELO NETO, 2013, p. 28) que constroem o conflito dramático da peça: otimismo (raspadoras) x pessimismo (raladoras). João Cabral começou a escrever as notas sobre A casa de farinha (1966 a 1985) no auge do sucesso de Morte e vida

Severina e a escrita deste dossiê avançou na (re)construção de personagens, cenário, temas, subtemas, hipóteses. Neste sentido, o presente estudo objetiva analisar a construção do plano, da cena e dos diálogos em torno do último dia de trabalho na casa de farinha. O próprio poeta enfatizou a necessidade de “Buscar formas em teatro tem de ser buscar cenas” (MELO NETO, 2013, p. 72) e as três páginas com citações do livro *L’amateur de Théâtre* (1952), de Pierre-Aimé Touchard, mostram a preocupação do poeta em encontrar a forma mais adequada para desenvolver os choques e as discussões entre os personagens, os diálogos e o movimento dramático do auto. A forma dramática neste manuscrito é uma escolha em função da opção estética do poeta que anseia por uma comunicação direta com a coletividade em uma linguagem poética e teatral; de diálogos: diálogo do autor com ele mesmo, na opção do conteúdo e da forma e do diálogo pretendido entre as pessoas da coletividade, já que, na retomada do auto medieval, o poeta pinça do passado coletivo a voz da existência humana e traduz as vozes de diversas classes sociais para atingir uma finalidade ética e estética.

Palavras-chave: Casa de farinha; manuscrito; auto; João Cabral

O ANIMAL QUIMÉRICO DE CÉSAR BRIE: DRAMA HISTÓRICO, DRAMA MÍTICO, BIODRAMA OU OUTRA COISA?

Michel Silva Guimarães (UFBA)

Resumo: A ideia de dissolução épica da forma dramática é derivada de Lukács e da leitura equivocada dos pensamentos de Adorno, Peter Szondi, e, mais recentemente, de Hans Theles Lehman. Aqui, longe de discutirmos a suposta crise do drama, ideia cuja superação nos parece ponto pacífico entre os críticos contemporâneos, nos interessa discutir a produtividade do afrouxamento das fronteiras entre os gêneros, que tem gerado um número cada vez maior de obras para as quais nem mesmo a criação de neologismos parece dar conta. No campo do Drama, são vários aqueles que tentam classificar as novas e diversas formas dramáticas, teatro do íntimo, teatro épico, peças parábolas, peças sonhos, dramas itinerantes e os aqui investigados drama mítico e biodrama. Esses neologismos, em geral, têm em comum a irrupção do Romance no Drama, com a narrativa avançando sobre a ação, e surgem, ainda, em um contexto histórico no qual mesmo o Romance, gênero acanônico e reinventivo, parece carecer, também, de neologismos que deem conta de suas novas formas, como o romance autobiográfico ou romance autoficcional e romance ensaio, que trazem em comum com as inovações no Drama o fato de também estarem repletos do íntimo, do subjetivo, da tematização do sujeito. Em “Otra vez Marcelo” (2005), César Brie dá espaço para a vida pública e também íntima de Marcelo Quiroga Santa Cruz. Um íntimo que traz, também, de forma diferenciada, o político, um íntimo com uma nova conotação, não mais intimista, isolado, em um encerramento alienado, mas, como o pensa Sarrazac (2013, p. 11) um teatro de profunda penetração em si, para uma melhor inserção e enfrentamento do eu com o mundo. Como visto em relação ao íntimo, por exemplo, há uma profusão e ambiguidade de termos, que, na atualidade, tentam construir um novo material léxico, já que o material léxico histórico que possuímos não dá mais conta, sozinho, de operar as leituras sobre objetos contemporâneos. Obviamente, há o perigo de, ao afirmar o novo, reafirmarmos as velhas denotações e fronteiras, contudo, para lograr analisá-lo, não se pode deixar de lançar mão do passado e, assim, a partir de uma nova conotação dada a palavras cansadas, tentar escapar ao esgotamento a partir de leituras críticas operadas pela experiência individual, como fazemos, aqui, com a obra de Brie. É justamente a falta de jargão léxico, de lastro teórico e de vocabulário técnico que guia essa comunicação nos levando a perguntar pela “outra coisa”, em meio à possibilidade de se fazer uma leitura da dramaturgia brieniana via o drama histórico (LUKÁCS, 2011), o drama mítico (ROJO, 2009) ou o biodrama (TELLAS, 2009).

Palavras-chave: drama histórico; drama mítico; biodrama

1 de agosto

14h30

UM HOMEM É UM HOMEM: UM DRAMA PARA A TRIBUNA

Thereza de Jesus Santos Junqueira (UFBA)

Resumo: Explora-se neste trabalho a progressiva alteração do texto dramático de Mann *ist Mann* [Um homem é um homem] de Bertolt Brecht, em razão da repercussão das encenações, e do contexto sócio-político em que elas aconteceram. O texto a que hoje se tem acesso foi publicado em 1953. Entretanto, a concepção do argumento e a escritura do texto dramático foram iniciadas muitos anos antes, remontando a primeira encenação a 1927. Galy Gay, a personagem principal, é um estivador, que sai de casa para comprar um peixe e retornar em seguida, pois o peixe seria preparado por sua mulher, que o esperava para o almoço. Ocorre que Galy Gay não sabe dizer não e, ao ser abordado por outras personagens, acaba investido involuntariamente em novas ações, transformando-se, por fim, em uma máquina de guerra. O tema da modificabilidade da identidade é valorado negativa ou positivamente nas diferentes versões, o que é visualizado em razão das alterações do texto propostas pelo dramaturgo. No texto *O que é o teatro épico?*, pontua Walter Benjamin (2012, p. 83) que, com a inventiva de Brecht, o palco havia se transformado em tribuna, e que essa seria a nova situação à qual todos deveriam se adaptar. Essa assertiva supõe uma crítica ao “textocentrismo” ou à intransitividade da encenação, pois é o efeito da obra que ganha destaque. A tribuna é o lugar de onde se argumenta, e que supõe uma audiência a ser convencida. No palco ilusionista, os caracteres interagem entre si, enquanto no palco tribuna, os caracteres interagem com a plateia. Benjamin também destaca a gestualidade que, em sua análise, seria o elemento principal do teatro brechtiano. Com isso, pode-se dizer que essa prática teatral cuida, preferencialmente, da situação de enunciação, com vistas a desautomatizar uma recepção pautada na referência, que procura modelos dados de vida, por detrás da obra. O gesto não está colado à fábula, ele pode ser modificado, e pode ser apreendido, sendo, assim, a ferramenta para atualizar historicamente a fábula. Essa a novidade que Benjamin destaca no teatro épico. O que as diferentes (re)construções da peça deixam claro? A situação de enunciação. É ela que finaliza a construção da personagem. O teatro de Brecht, ao destacar a enunciação acaba por desautomatizar uma recepção pautada na referência, que procura modelos dados de vida, por detrás da obra. A encenação teatral evidencia o momento da enunciação, na medida em que a recepção e as impressões provocadas na audiência são imediatas, compartilhadas e retornam para os participantes do teatro. Caso Brecht mantivesse a valoração positiva da modificabilidade da personalidade no período entre guerras, ele correria o risco de reiterar o imaginário fascista circundante, pois não conseguiria promover o distanciamento que pretendia. Para que o texto dramático comunique seus gestos, ele precisa ser pensado a partir da plateia a que se dirige, um drama político sobretudo, e especialmente se se pretender acessível via estranhamento.

Palavras-chave: dramaturgia; gesto; situação de enunciação

OS AZEREDO MAIS OS BENEVIDES: VIANINHA HOMENAGEIA "A MÃE CORAGEM" COM O TEATRO ÉPICO E A QUESTÃO AGRÁRIA DO CAPITALISMO PERIFÉRICO E DESAFIA A CRÍTICA TEATRAL BRASILEIRA

Beatriz Yoshida Protazio (UEM)

Resumo: Este trabalho, fundamentado na crítica literária materialista e no conceito de teatro épico dialético, é um recorte de uma pesquisa em andamento sobre a peça *Os Azeredo mais os Benevides*, de Oduvaldo Vianna Filho, que tematiza a questão agrária brasileira na década de 1960, por meio da história de uma “funda” e errada amizade entre um senhor de terras, Espiridião, e um migrante nordestino, Alvimar. Além disso, aqui, Vianinha toma distância da tentadora mitificação da classe trabalhadora, o que torna a obra ainda mais interessante do ponto de vista da análise da crítica materialista, uma vez que se considera que só foi possível sua realização pelo desenvolvimento do movimento social agrário em território nacional e sua observação atenta por um dramaturgo reconhecidamente interessado. A peça em questão, conforme sua epígrafe e a fortuna crítica, tem inspiração em *Mãe Coragem*, de Bertolt Brecht, assim, nos parece pertinente buscar aferir em que medida esta obra pôde ser atualizada, em solo brasileiro, desafiando as concepções normativas do

estético e as ideais tradicionais de gênero. A oportunidade de abordar a peça de Vianinha, a partir deste olhar sobre Brecht, além de oportunizar um aprofundamento na sua análise “em camadas”, também dialoga com a proposta deste simpósio no sentido de perceber nas obras – neste caso não contemporâneas, mas moderna – uma relação com obras canônicas, ainda que seja preciso ressaltar o lugar desprivilegiado em que se constitui a dramaturgia para falar em “cânone”, ainda mais a obra brechtiana em especial. O que nos dá alento é a firmeza com que este simpósio se propõe a questionar as ideias tradicionais de gênero e, assim, se constitui um lugar por excelência para falar sobre Brecht e Vianinha, sobretudo porque aquele, desde suas primeiras obras e, para mencionar especificamente a referida neste trabalho, já em 1939, na Alemanha, radicalizou a objetividade do plano da temática, para plano o institucional da forma, como nos esclarece Peter Szondi (2015), em sua Teoria do drama moderno. Assim, as mudanças propostas por Brecht substituem uma sobreposição sujeito-objeto, essencialmente dramática, por sua contraposição, que tem caráter épico. Brecht, portanto, põe em “xeque” a sacralizada “pureza” dos gêneros tão cara à crítica tradicional, a fim de responder, esteticamente, aos imperativos sociais de seu tempo. Do mesmo modo, Vianinha, com a medida brasileira, põe contra a parede a crítica teatral de nosso capitalismo periférico emoldurada pela concepção do drama burguês como forma teatral por excelência, por meio de inovações na linguagem cênica e no texto “dramático”.

Palavras-chave: teatro épico; questão agrária; Brecht; Vianinha

O SERTÃO EM CENA

Livia de Sá Baião (PUC-Rio)

Resumo: No presente trabalho, pretendo refletir sobre a releitura dramática que a diretora Bia Lessa fez da obra Grande sertão: veredas, de João Guimarães Rosa, com temporadas recentes em São Paulo (Teatro SESC Consolação em 2017) e no Rio de Janeiro (Centro Cultural do Banco do Brasil em 2018). Apoiando-me em pressupostos teóricos de pensadores como Peter Brook, Bertold Brecht e Antonin Artaud, tenho a intenção de examinar a encenação do romance a partir do texto dramaturgico (escrita cênica) produzido pela própria diretora. Com vasta experiência em adaptações para o teatro de obras literárias canônicas (O homem sem qualidades de Robert Musil, Os possessos de Dostoiévski e muitas outras), Bia Lessa coloca em cena diferentes linguagens, a expressão corporal trabalhada no limite, uma arquitetura cênica inusitada e recursos sonoros surpreendentes. Para fazer o sertão rosiano saltar das páginas para o palco, eclodindo em pura teatralidade, ela leva ao palco uma “pluralidade de suportes possíveis, a miríade de formas de inscrição e a multiplicidade tanto de produções de presença quanto de atribuições de sentido” (resumo Proposta do Seminário 40 - ABRALIC 2018). Além de autora da “escrita cênica”, Bia Lessa é a poeta do palco que perturba os nossos sentidos colocando o teatro a serviço da grande literatura ao trazer a ferocidade do texto rosiano para o palco. Ela encara o romance Grande sertão: veredas como “monstro que permanece selvagem, até mesmo quando adestrado por competentes e exímios treinadores” (SANTIAGO, 2017, p. 96). Dá a ver desde o início da peça o “pau grosso, em pé, enorme” (ROSA, 2006, p. 608), descrição que Rosa reserva para o rio São Francisco na última página do romance. Na montagem, dez atores se desdobram em pelo menos 50 personagens e permanecem no placo durante as duas horas e meia do espetáculo. Corpos que, num processo de devir incessante, transitam entre homens, mulheres, bichos, plantas e pedras. Bia parte da ideia de indiscernibilidade entre o humano e o animal que já se delineia desde o primeiro parágrafo do livro: um bezerro com máscara de cão e que ri feito pessoa para nos conduzir pelo universo rosiano, onde os olhos de um cavalo têm muito mais a dizer do que a eloquência humana. O espectador se depara com um espaço em permanente construção, um palco com prosclênio incerto e corpos nus que revelam toda força e fragilidade do humano. Tudo contribui para que o espectador-leitor se sinta desafiado a enfrentar o espetáculo-texto como um animal bravo, como queria Rosa. O espectador é confrontado com a ferocidade do texto, das cenas e da violência do sertão-mundo ou do mundo-sertão. Afinal, “sertão é onde o pensamento da gente se forma mais forte do que o poder do lugar. Viver é muito perigoso.” (ROSA, 2006, p. 25).

Palavras-chave: Guimarães Rosa; Bia Lessa; Grande sertão veredas

O ERRO TRÁGICO DO DESCOBRIMENTO

Giseli C. Tordin (Dickinson College)

Resumo: O texto dramático de Denise Stoklos, “500 Anos – Um Fax de Denise Stoklos para Cristóvão Colombo”, de 1992, contém desde o título o mote da ação: uma carta escrita do ponto de vista do conquistado devolve a Cristóvão Colombo, através das palavras, os efeitos do colonialismo. Opondo-se ao termo “descobrimento”, o monólogo desconstrói tanto o discurso que romantiza o oprimido que aceitou pacificamente a colonização portuguesa ou as políticas econômicas neoliberais da era moderna quanto a naturalização da violência de gênero e do corpo da mulher como objeto escópico. O objetivo da minha apresentação é mostrar como este texto dramático – um texto que não foi feito para ser encenado, mas que acolhe o registro cênico interligando diferentes fatos históricos sob os efeitos do colonialismo – subverte um conjunto de crenças colocando as minorias no centro do palco. Este texto faz parte do Teatro Essencial, conceito desenvolvido pela própria Denise Stoklos, no qual o ator é o produtor da própria peça. Trata-se de um teatro cujos recursos estão ausentes e a força da teatralidade é o corpo: a voz, a mímica, a presença. O texto é retrabalhado dentro da própria ação. As conexões entre os diferentes fatos históricos são realizadas pela voz e corpo. A linguagem coloquial, muito evidente no texto, contribui para torná-lo atemporal porque, não obstante as referências históricas a pessoas, eventos ou lugares, a apropriação remete essas referências a um núcleo comum, a saber, aos efeitos do colonialismo que o corpo do ator sente na sua pele - no momento presente - e os expressa. Apesar da constante ironia da peça, o desfecho dos argumentos é trágico. A tragédia da empreitada colonialista volta à cena. A voz devolve ao espectador uma consciência crítica que ressignifica o passado chamando a atenção a este ciclo repetitivo de domínio e exclusão no qual todos somos náufragos. Busco explorar, sobretudo, a técnica de extensão do fragmento que desarticula a visão colonizadora através de digressões e ironias. Evidencio, ao final, como este teatro mantém-se atualizado (apenas o “fax” foi ultrapassado tecnologicamente, mas não a mensagem encenada) ao criticar, por exemplo, a anistia que permite, segundo o monólogo, que todos os torturadores continuem no poder ou o impeachment, que deveria ser proposto a todos os Colombos, já que são eles que “querem justamente o que nós não queremos”. Para evidenciar a contemporaneidade deste texto dramático, comentarei também como meus estudantes que leram esta peça em um curso que lecionei, intitulado “Pretty, Maidenlike, and a Housewife?”, atualizariam no ano de 2018 este registro cênico.

Palavras-chave: Corpo do ator, exclusão, Denise Stoklos, monólogo

2 agosto

14h30

A DRAMATIZAÇÃO IRÔNICA DA ESCRITURA EM UM SOPRO DE VIDA

Lyza Brasil Herranz

Resumo: A obra Um sopro de vida, de Clarice Lispector, possui uma estrutura mais teatral do que romanesca. A cisão do “eu” em eu-sujeito e eu-objeto, que está na base do procedimento metaficcional, passa a ser a própria forma do livro. Sem uma história para narrar, o narrador desdobra-se em criador (Autor) e criatura (Ângela). Em vez de narração, há uma dramatização do monodialogo do Autor consigo mesmo, ou com seu duplo (Ângela), que é irônica na medida em que as falas de ambos são perpassadas por inúmeras questões sobre o modo como cada um escreve – oposto e complementar – e o próprio ato que lhes dá vida: escrever. O último sopro de vida da autora engendrou uma das narrativas mais originais de sua ficção.

Palavras-chave: Literatura brasileira; Clarice Lispector; metaficção; teatro

"DORMIR, TALVEZ SONHAR": A RESISTÊNCIA, A IRONIA E O CÔMICO NO PALCO DA CENA CONTEMPORÂNEA

Fabíula Martins Ramalho (UnB)

Resumo: A peça “Dormir, talvez sonhar” foi escrita por Oswald Barroso em 2003. Nascido em Fortaleza, Barroso sempre esteve comprometido com a pesquisa sobre a cultura popular, suas fontes e desdobramentos, atuando ativamente no cenário cultural, artístico e acadêmico do Ceará. Dramaturgo, poeta, diretor, ator, pesquisador e professor universitário, ele traz para o palco da cena contemporânea o tema da tortura, ferida ainda aberta dos anos de repressão e de violência da ditadura militar brasileira. Ao tratar de um tema tão doloroso, com elementos da cultura popular e do romance de cordel, a peça expõe um capítulo triste da história recente do Brasil, proporcionando um diálogo repleto de múltiplos sentidos que estimula o leitor/espectador a repensar e a reinterpretar os conflitos vividos pelos personagens Pedro, Maria, Isabel e João. Com uma linguagem dramatúrgica, em que há uma atualização nas formas de representação da cultura popular e no desenvolvimento das situações dramáticas, “Dormir, talvez sonhar” torna o palco “uma espécie de protesto” e de “ardente reivindicação” diante dos soberanos. Com o uso intencional da ironia e do cômico na relação entre o dominado e o dominador, a peça comunica, em uma temática tão fortemente marcada pelo sofrimento, que o riso e a ironia são recursos que provocam reflexões, ambivalências, questionamentos, que possibilitam ao leitor/espectador uma tomada de consciência crítica com relação ao jogo discursivo de vozes existentes na peça. Portanto, a linguagem cômica e irônica permite, ao longo do desenrolar da trama cênica, uma “ação reparadora”, ou seja, um modo de responder ao conflito na sua forma mais pesada em diversos aspectos. Assim, a linguagem do texto e da encenação ganham força simbólica representativa que expressa ao mesmo tempo a astúcia, a coragem e a fragilidade humana por meio de um discurso permeado pela metáfora, pelo mito, pela memória, pela ilusão do sonho versus o drama da realidade. Nessa perspectiva, a partir dos conceitos de resistência e “ação reparadora” no teatro nordestino (Marco Camarotti), de ironia e cômico (Mikhail Bakhtin) e das relações entre literatura, história e sociedade (Antonio Candido), este trabalho pretende analisar do ponto de vista dialético-crítico como a trama dramatúrgica de “Dormir, talvez sonhar” reflete o ato de resistir diante dos conflitos ao apropriar-se de uma linguagem irônica e cômica que manifesta, na escritura cênica e na recepção crítica da encenação, o embate de duas visões de mundos irreconciliáveis. Desse modo, oferece ao leitor/espectador, na sua experiência com a escritura da palavra e da cena, uma reflexão crítica com relação ao sujeito contemporâneo marcado pelas suas lutas, pelos seus sonhos, pelos seus contrastes, pelas suas rupturas consigo mesmo e com o outro, na busca de sobreviver dentro de uma sociedade conflitante e antagonista.

Palavras-chave: Teatro; Dramaturgia; Resistência; Ironia; Cômico.

UM ESPETÁCULO À PROCURA DE PERSONAGENS: O CAVALO MARINHO ENQUANTO TEATRO DE RUA
Suzi Frankl Sperber (UNICAMP)

Resumo: O público delimita o espaço cênico da brincadeira, formando um círculo a partir do Banco. Eis o enredo: O Capitão Marinho deseja dar uma festa em louvor aos Santos Reis do Oriente. Ele já tem o “Banco” (músicos) e precisa de “figuras” (personagens) para desenvolver a brincadeira. A primeira figura da noite é o “Seu Ambrósio”, um “vendedor de figuras” que negocia com o Capitão as personagens que poderão surgir ao longo da brincadeira. Ele mostra cada uma delas através da imitação de suas corporeidades, ações físicas e “trupés” (passos de dança) específicos. Fechado o negócio, “entram na roda” “Mateus” e “Bastião”, contratados pelo Capitão para “cuidar” do terreiro. O Capitão informa que vai viajar e deixa Mateus e Bastião encarregados de cuidar da ordem da brincadeira. O ápice da brincadeira é a encenação da volta do Capitão de sua longa viagem. Ele retorna com sua “Galantaria”. Os Galantes, juntamente com o Capitão, realizam um baile em louvor aos Santos Reis do Oriente, através de várias evoluções coreográficas. As toadas e as “loas” (poesias) desta parte da brincadeira falam sobre o nascimento de Jesus Cristo, os Reis Magos... A última encenação da noite é a que conta a morte e ressurreição do “Boi”. Por fim, todos formam uma grande roda no terreiro para cantar e dançar os Cocos de Despedida, terminando assim a brincadeira. A história encenada pelo Cavalo Marinho é brincadeira feita para homenagear os Reis

Magos, figuras históricas e mitos, sendo o sagrado camuflado pelo jogo. Mas não perde sua potência, sendo ritual também, ainda que rito encenado com paródia. Existe profanação na disjunção entre mito e rito. Mas a apresentação das figuras que representam a comunidade popular, a busca repetida, o riso que camufla e potencia o ato sagrado e o mistério que é construído ressacralizam a cena com a morte e ressurreição do boi. Este morre, sua carne é repartida – e depois ele renasce, construindo um rito nas renovadas danças, movimentos, volteios, chamados, música, que correspondem a uma cena teatral primitiva. Este ritual corresponde ou está implicado no Catolicismo Popular – distinto do catolicismo patriarcal. “O povo tem uma cultura própria e podemos mesmo afirmar que o Catolicismo Popular constitui a cultura mais original e mais rica que o Brasil já produziu [...]” (HOORNAERT, 1991, p.98-99). Nas festas do Boi existe uma história que justificaria a morte do Boi: a esposa grávida deseja comer carne bovina. No Cavalo Marinho não há tal justificativa. O boi aparece de repente, é morto sem razão nenhuma e ressuscita sem mais. Isto encena com maior poder o mistério do nascimento, morte e ressurreição de Cristo, com público, como num teatro de rua tradicional, que tem na construção do mistério a chave para a potência do ato e atualiza o ato de encenar na busca de figuras que sirvam para a festa, à maneira – às avessas – de “Seis Personagens à procura de um Autor”, de Luigi Pirandello.

Palavras-chave: Cavalo Marinho; teatro de rua; busca personagens

A POÉTICA DE L'APRÈS-MIDI D'UN FAUNE: DOS VERSOS AOS PALCOS

Thais Meirelles Parelli (UNICAMP)

Resumo: A presente pesquisa se propõe a uma análise da poesia de Stéphane Mallarmé, *L'après-midi d'un faune*, e sua adaptação para o palco apresentada em 1912 pela companhia dos “Ballets Russes”, com direção artística e coreográfica de Vaslav Nijinski. Partindo do princípio da dramaturgia enquanto composição literária, temos como objetivo traçar um alinhamento entre tais poéticas, a poesia de Mallarmé e a dança pré-moderna de Nijinski (bailarino e coreógrafo russo), refletindo como elas se fundem e conversam. Para isso, teremos como corpus o poema *L'après-midi d'un faune* (1876), além das críticas e teorias sobre teatro, dança e música de Mallarmé e como ele idealizou, num primeiro momento, seu fauno nos palcos em *Monologue d'un faune* (1865) - Mallarmé era encantado pela dança, para a qual escreveu críticas e análises, afirmando que o balé é *la forme théâtrale de poésie par excellence* devido ao seu grau de abstração ser próximo da escrita poética. Afinal, as figuras dos personagens que dançam são puras e inseparáveis do ritmo - a bailarina não aparece em cena, sendo metade do elemento em causa e metade humana; esses elementos se confundem e se fundem na flutuação de um devaneio. Teremos, também, as anotações de Nijinski sobre seu processo de montagem do balé (notação coreográfica), críticas, fotos da época e música inspiradora de Debussy. Assim, a trajetória de nosso fauno se inicia pelo poema de Stéphane Mallarmé, que por sua vez inspira Claude Debussy a lhe dar voz e alma em seu *Prélude à l'après-midi d'un Faune* e desperta em Nijinski o movimento que lhe dá corpo. Juntos eles eternizam o mito, a sensualidade e a figura do Fauno. Diante das poéticas apresentadas, a inovadora poesia das sensações de Mallarmé e a dança pré-moderna de Nijinski, e tendo sempre em vista a estreita ligação que Mallarmé constrói entre dança e poesia, pretendemos estudar estas duas linguagens: aparentemente diferentes, mas surpreendentemente próximas e, juntas, encantadoras.

Palavras-chave: Mallarmé; Nijinski; Fauno; Poesia; Dança moderna

3 de agosto

14h30

A ADAPTAÇÃO DRAMATÚRGICA COMO JOGO: UM ESTUDO DE CASO ATRAVÉS DA RECRIAÇÃO DE PERÓN EM WILDE

Felipe Vieira Valentim (UERJ)

Felipe Vieira Valentim (Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

Resumo: Esta comunicação tem por objetivo pensar o processo de adaptação no campo expandido da arte contemporânea. Para tanto, tomamos, como exemplo, a peça *An ideal husband*, de Oscar Wilde, traduzida e adaptada pelo aluno-diretor Felipe Valentim para a “Mostra Mais 2017” dos alunos de direção teatral da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Nossa atenção se volta às contaminações, aos desdobramentos e às atualizações da temática proposta, retomando reflexões de Linda Hutcheon (2011), que sublinham o fato de cada pessoa desenvolver sua própria teoria da adaptação. Entender o “adaptar” como um jogo, neste trabalho, justapõe e confunde as figuras dramaturgo e diretor; fato que convoca as discussões de John Dewey (2010) para se pensar a arte como experiência. A dramaturgia de Wilde apresenta os conflitos de um casal e as fragilidades que cercam a “imagem ideal” perseguida pelos admiradores da moral e dos bons costumes na sociedade londrina do século XIX. Entretanto, considerando-se relativizações sobre a construção da imagem pública, a dramaturgia proporciona reflexões de forma atemporal. Seguindo essa premissa, o texto adaptado investe nas desconstruções não só do “marido ideal”, mas também outras, como a “do redentor”, “do herói da pátria”, tudo que, envolto na aura da perfeição, reforça imaginários sociais. Política e casamento são tomados como instâncias próximas e interpenetráveis. Por questões de proximidade, transpomos o universo de Wilde para a Argentina populista de Perón. Tal dinâmica nos exigiu estudos do período histórico, do cenário econômico e dos argumentos antiperonistas no recorte compreendido entre 1940-1955. O texto de Wilde sofreu grandes cortes, deslocamento de cenas, redistribuição de diálogos entre personagens. Eva Duarte Perón é fundamental para pensar este “outro” que sustenta a imagem do marido ideal: a mulher narrada e encenada pelos homens em grande parte da história ocidental. Nossa releitura toma por base três biografias diferentes da estrela-política e ressalta observações presentes nas pesquisas da portenha Beatriz Sarlo (2005, p. 90): “o corpo de Eva dá corpo à sociedade dos peronistas (e também a essa outra sociedade, a dos opositores, que a odiaram até a morte)”, porque “antes de ser uma ideologia, antes de ser um sistema de ideias, o peronismo foi uma identificação”. Oscar Wilde expõe as fragilidades da moralidade e ridiculariza ritos e conveniências de determinadas posições sociais. Em nossa adaptação, Sir Robert Chiltern é Juan Domingos Perón, que precisará recorrer ao carisma e à ambição da esposa para salvar sua imagem pública. Nada diferente do que nos narra a história factual do peronismo e nada distante da própria dramaturgia de Wilde: a imagem do marido ideal é sustentada pela imagem da esposa; na vida pública, o matrimônio é um jogo de poder. Nossa conclusão estabelece comparações entre cena teatral e poesia, desvendando o jogo discursivo que cerca a poética da cena. O fazer cênico-dramatúrgico em questão se reafirma, portanto, como transcrição (Haroldo de Campos, 2010), como uma forma mutante (Wander Melo Miranda, 2014) e como uma constante relação entre forma e intensidade (Georges Didi-Huberman, 2010).

Palavras-chave: dramaturgia; adaptação; cena contemporânea; Um marido ideal

A PARODIZAÇÃO DO TRÁGICO NA CONDIÇÃO PÓS-MODERNA: IMPASSES ÉTICOS E SOLUÇÕES ESTÉTICAS NO DRAMATURGISMO DE "O ÚLTIMO ÉDIPO"

Sandra Luna (UFPB)

Resumo: Muito se tem escrito sobre a recorrência da paródia na condição pós-moderna. Mais que uma estratégia discursiva, Linda Hutcheon (2002) propõe seja a paródia reconhecida como um gênero na arte contemporânea. Essa tendência generalizada a uma estética do remake apresenta ainda outros traços de composição que incidem fortemente nas produções artísticas dos nossos dias: a ironia, o sarcasmo, a irreverência, a ambiguidade, a jocosidade, a indecibilidade de sentidos, a opacidade e o hibridismo estético. Não surpreende que a arte pós-moderna tenha sido enquadrada por renomados críticos, a exemplo de Jameson (1991) e Eagleton (1996), como tendentes ao superficial e ao deboche, sugestivos de alienação ou cooptação dessa arte pela lógica cultural reificada do establishment nesse período do capitalismo global. A recusa à história e à memória seria ainda, segundo Jameson, outro traço dessa estética pós-moderna, que se encarcera no tempo presente, recuperando o passado em gestos vorazes destituídos de nostalgia. Essas e outras características anotadas por Jameson levam o próprio teórico a conceituar como pastiche e não

como paródia as adaptações contemporâneas da arte do passado. Podemos afirmar que, em uma série significativa de produções dramáticas da atualidade, os debates sobre a superficialidade e a irreverência da arte pós-moderna se tornam ainda mais complexos, pois que se evidencia, além dos traços acima expostos, uma recorrente recusa à tragicidade em suas formas de expressão mais tradicionais. Sabe-se que, desde os gregos, a despeito das mutações históricas a incidirem sobre a forma da dramaturgia trágica, metamorfoseando-a através dos séculos, pelo menos até meados do século XX, a elevação e a seriedade apresentavam-se como parâmetros incontornáveis à dramatização do trágico. Em uma série expressiva de dramas contemporâneos, no entanto, sobretudo na tradição anglo-americana, com a qual estamos mais familiarizados, nas últimas décadas a tragicidade tem sido submetida a contorções irônicas, cômicas, farsescas, grotescas. O pathos trágico, em sua figuração do sublime, evadiu-se da cena. Não que o teatro tenha se despedido da morte, ao contrário, a violência abunda nos palcos e o sangue permanece em cena, mas a expressão da tragicidade modificou-se radicalmente, não parece mais possível chorar no teatro – sem pagar mico. Nossos estudos, no entanto, nos levam a propor que, no cerne dessas tendências estéticas atuais, pulsa fortemente um novo tipo de “Realismo”, que não se confunde com naturalismo, mas que guarda, no seio da jocosidade, das extravagâncias, das carências e dos excessos observados nos palcos contemporâneos, um sentido profundo e grave de realidade, revisitada e denunciada com aguda ironia crítica. Nosso trabalho pondera sobre estas e outras questões, considerando, por um lado, pesquisas teóricas que temos realizado nos últimos anos, por outro lado, os impasses entre teoria e prática a que chegamos em nossa própria experiência como dramaturgista do espetáculo “O Último Édipo”, adaptado livremente do premiado texto de Waldemar Solha “Édipo no Terceiro Milênio” e levado à cena sob a Direção de Jorge Bweres.

Palavras-chave: Drama e paródia; Dramaturgismo; O Último Édipo

TRÊS CHAVES PARA A LEITURA DE ESPERANDO GODOT, DE SAMUEL BECKETT

Tereza Cristina Damásio Cerqueira (UFBA)

Resumo: O objetivo desta comunicação é discutir o esgotamento da linguagem na dramaturgia de Samuel Beckett, numa abordagem que se apóia nas reflexões filosóficas de Gilles Deleuze e François Noudelman, para tratar da peça Esperando Godot (1952). Leva-se em conta, para isso, a relação entre Literatura e Teatro, o contexto e as referências de Beckett ao seu texto, como faz na carta escrita ao amigo Michel Polac (1996). Tem-se, pois, os estudos dos dois pensadores franceses e os escritos do próprio Beckett como as três chaves para a leitura do mencionado texto dramático, publicado pelo dramaturgo irlandês 07 anos após o fim da Segunda Guerra Mundial. Significa dizer que a produção de E. G. encontra-se no contexto do homem sem esperança, sem perspectiva, num contexto em que tudo está acabado. Na peça, o homem encontra-se com a sensação do imenso vazio, para aí buscar, sabe-se lá onde e como, o recomeço. Se é que é possível recomeçar. Godot, como também se fará referência à peça, não conta uma história numa estrutura linear. É um texto que inaugura um modo de fazer e conceber teatro, logo classificado pelos teóricos como Teatro do Absurdo. Em Esperando Godot, a unidade de tempo não apresenta uma linearidade e o espaço é não definido, determinado. A unidade de ação foge ao padrão, isto é, à ideia de começo, meio e fim, Acontecem sequências repetitivas que rompem com a lógica convencional. No papel de mendigos, ou vagabundos, os dois personagens protagonistas, Vladimir e Estragon, aparecem em cena e discutem sobre o nada a fazer. A expectativa de ambos gira em torno de um nada e da espera de alguém que não conhecem. Uma expectativa vazia, pois Godot não chega. A entrada de mais dois personagens, Pozzo e Lucky, reforça a relação de dependência entre os pares. A partir daí, Beckett defende sua tese quanto à existência humana e sua fragilidade. Mas, tudo isso só pode ser compreendido se for possível compreender o projeto maior de Samuel Beckett, nesta e em outras obras, o esgotamento da linguagem. Para essa discussão são tomados o ensaio Sobre o teatro: Um manifesto do Menos e O esgotado (2010), de Gilles Deleuze, o livro de François Noudelman, Beckett ou a scène du pire: étude sur En attendant Godot et Fin de partie (2010) e os escritos do próprio Beckett, conforme mencionado acima. A questão posta é: em que medida a linguagem é esgotada,

isto é, é explorada no limite do possível? Ou, se Esperando Godot não é compreendida como cópia da realidade ou mesmo como um simulacro, qual representação será produzida a partir da experiência do esgotamento da linguagem? Será possível representar o irrepresentável? Perseguindo uma resposta para essas questões, além das referências acima mencionadas, serão feitas alusões a outras peças do dramaturgo irlandês, como Eleutheria (1995) e Fim de Partida (2002), aos trabalhos de pesquisadores como Fábio de Souza Andrade (2001, 2005, 2016), Ruby Cohn (2005), Luiz Marfuz (2014), Catherine Naugrette (2017), Cláudia Maria de Vasconcellos (2017), entre outros.

Palavras-chave: Literatura,; Teatro do Absurdo; Samuel Beckett.

A CRISE DA LINGUAGEM CHEZ IONESCO: UMA ANÁLISE DA MONTAGEM DE NICOLAS BATAILLE E O TEXTO LA CANTATRICE CHAUVE

Carla Cristina Campos Brasil Guimarães (UnB)

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo propor uma reflexão acerca das relações entre o texto teatral e sua montagem. A partir da peça La Cantatrice Chauve, de Ionesco, pretende-se investigar como ocorreu o uso das indicações cênicas e do texto literário em relação a montagem de Nicolas Bataille, que é apresentado todas as semanas há mais de 60 anos no Théâtre de la Huchette, em Paris. A referida peça é conhecida como o marco do que se convencionou chamar de o teatro do absurdo (ESSLIN, 1968). Dentro dessa perspectiva, as repetições sem sentido, o relógio que toca inúmeras vezes, a curiosidade e o bizarro dão lugar à crise da linguagem (IONESCO, 1966). Dessa forma, demonstraremos através das análises aqui apresentadas como esses elementos - o texto e a montagem - se traduzem através do olhar do espectador, a quem a realidade do texto e da cena se mostram possíveis.

Palavras-chave: La cantatrice chauve; Ionesco; Espectador

41 - LITERATURA E OUTRAS ARTES (MÚSICA, PINTURA, DANÇA, CINEMA, TEATRO): RELAÇÕES INTERARTÍSTICAS

Coordenação: Francisco Antonio Ferreira Tito Damazo (Centro Universitário Toledo); Agnaldo Rodrigues da Silva (UNEMAT)

Resumo: Este simpósio é um espaço para reflexões e discussões sobre as relações entre a literatura e outras artes (música, pintura, dança, cinema, teatro). O estudo comparativo entre artes e obras literárias, fundado na relação interartística, tem se apresentado de forma eficaz quanto à capacidade de envolver e seduzir o leitor, constituindo o ponto inter-relacional para o diálogo entre obras literárias, na perspectiva da intertextualidade, bem como entre a literatura e outros sistemas semióticos artísticos. Afinal, já em si mesma, a complexidade do literário se configura envolta por camadas cuja natureza, espelhada por sua linguagem, suscita perceptíveis traços homológicos com outras linguagens artísticas. Este espaço se abre também para experiências de leitura literária pela ótica das artes vivenciadas no ensino da literatura, seja no âmbito da literatura oral, seja no âmbito da expressão da arte literária por meio dessas outras artes, ou nas homologias possíveis de serem estabelecidas entre elas, como, por exemplo, através da musicalização de poemas, ou ainda pelas letras de canções da música popular brasileira que atingem a categoria de poesia; seja na possível visualização da obra de arte por meio das artes plásticas, ou mesmo da encenação de obra literária. Este procedimento tem demonstrado em atividades voltadas aos estudos e à pesquisa o grande interesse por parte de metodologias educacionais contemporâneas, considerando que os diferentes se compõem no todo. O propósito é tornar este espaço aberto para as pesquisas que propendam à investigação das mais diversas e sutis relações entre a literatura e as outras artes, dando, assim, mais visibilidade às múltiplas possibilidades dessa instigante atividade de pesquisa. É público e notório, nos dias de hoje, o avanço do conhecimento por meio da inter-relação entre as mais diversas áreas das ciências e, por conseguinte, das artes. É consensual também o entendimento de que não se pode perder de vista que as coisas, os seres são um todo, de cuja relação integrada e interacional depende a plenitude de sua existência. Nesse sentido é que se pode afirmar que as mais

diversas manifestações artísticas, guardadas suas especificidades, permitem-se dialogicidades múltiplas consubstanciadas em proximidades e diferenças. Aproximam-se pelo fato de que, dentre outros, todas elas têm o estético como primeira plana. Este é o dínamo de seus fazeres. Move-as o belo como fator e resultado de uma expressão que, sem obliterar a realidade, constrói – e com ela simultaneamente se constrói – uma linguagem elevada à categoria do inusitado, do singular, em que a ética e a moral se estabelecem sob o primado do estético. O olhar arguto do artista faz-se pelo viés da percepção desautomatizada. Suas inquietações e inconformismos, instigados por fina sensibilidade e visão crítica do mundo em que se inserem, fazem-no criar a obra de arte, cuja dimensão poética não se alinha com este seu universo e tampouco dele se desaliena. Ao contrário, configura-se como uma realidade, cuja beleza consiste na confluência da capacidade de emocionar, sensibilizar, ao mesmo tempo em que confronta. Este procedimento, reitera-se, é particular e comum a todas as artes. E sua comparação, tomando cada uma com sua forma e linguagem, pode conduzir à consecução de realidades e visões daí resultantes, mas com percepções também diferentes. Assim é que suas diferenças, em razão de suas peculiaridades, permitem olhares múltiplos muitas vezes sobre os mesmos temas, possibilitando leituras diversas e pertinentes. Compará-las, confrontá-las, sem dúvida, abrem para dimensões de sentido, ampliando o campo de análise, interpretação e compreensão da realidade. A esse respeito, em sua clássica *Obra Aberta*, Umberto Eco diz que “Das estruturas que se movem até aquelas em que nós nos movemos, as poéticas contemporâneas nos propõem uma gama de formas que apelam à mobilidade das perspectivas, à múltipla variedade das interpretações. Mas vimos também que nenhuma obra de arte é realmente “fechada”, pois cada uma delas congloba, em sua definitude exterior, uma infinidade de leituras possíveis.” (Eco, 1969). Portanto, é pautando-se nessas reflexões que este simpósio se propõe a dar continuidade a um trabalho de pesquisa iniciado em 2008 quando da sua primeira proposição ao congresso da Abralic realizado na USP e os seguintes, 2010 (Curitiba), 2013 (Campina Grande), 2015 (Belém) e 2016/2017 na Uerj, cujos resultados podem ser observados em publicações, troca de experiências e participação de pesquisadores em grupos de pesquisa em diversos centros acadêmicos, enriquecendo a amplitude do conhecimento da Literatura Comparada.

REFERÊNCIAS:

- BOSI, Alfredo. *Reflexões sobre a arte*. São Paulo: Ática, 1985.
- BRASIL, Assis. *Cinema e Literatura*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.
- ECO, Umberto. *Obra Aberta: Forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas*. Tradução Giovanni Cutolo. São Paulo: Perspectiva, p. 67, 1969.
- _____. *A Definição da Arte*. Tradução José Mendes Ferreira. Rio de Janeiro: Elfos Ed., Lisboa: Edições 70, 1995.
- DORIA, Gustavo Alberto Accioli. *Moderno teatro brasileiro: crônica de suas raízes*. São Paulo: Serviço Nacional do Teatro, 1975.
- GONÇALVES, Aguinaldo José. *Transição & Permanência. Miró / João Cabral: Da Tela ao Texto*. São Paulo: Iluminuras, 1989.
- _____. *Laokoon Revisitado: Relações Homológicas entre Texto e Imagem*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.
- OLIVEIRA, Solange Ribeiro de. *Literatura e Música: modulações pós-coloniais*. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- OLIVEIRA, Valdevino Soares de. *Poesia e Pintura – Um Diálogo em Três Dimensões*. São Paulo: UNESP, 1999.
- TINHORÃO, José Ramos. *Música popular: um tema em debate*. São Paulo: Editora 34, 1997.
- TATIT, Luiz. *Análise semiótica através das letras*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- TODOROV, Tzvetan. *A Beleza Salvará o Mundo: Wilde, Rilke e Tsvetaeva: os aventureiros do absoluto*. Tradução Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2011.
- WISNIK, José Miguel. *Sem receita: ensaios e canções*. São Paulo: Publifolha, 2004.

_____. *O som e o sentido: uma outra história das músicas*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

31 de julho
8h30

ENTRE SONS E IMAGENS - TRAJETÓRIA DA OBRA DE GUIMARÃES ROSA PELO SERTÃO

Beth Ziani (USP)

Resumo: Essa comunicação estrutura-se a partir de experiências com a literatura de Guimarães Rosa no sertão de Minas Gerais e ressalta aspectos do retorno da sua obra a determinadas localidades, constituindo o que definimos como Território Literário. Alguns aspectos contribuíram nesse processo: representação do real na obra; recepção da obra geradora de ações em torno da leitura; adaptações da obra em outras linguagens. O processo criativo do escritor e suas estratégias para observar a realidade e torná-la matéria-prima da sua criação são apontados a partir de registros localizados em seu arquivo no Instituto de Estudos Brasileiros/USP-SP. Na perspectiva do percurso da obra pelo sertão, são abordados projetos artísticos e pesquisas que mostram a literatura como mobilizadora de vivências no sertão real. Destaca-se a expedição *Os Loucos por Rosa* (1995) como o início de um projeto coletivo em Cordisburgo, Morro da Garça e Andrequicé/Três Marias, cidades de referência na vida e obra do escritor e a partir dela as iniciativas que se firmaram nesses locais: semana culturais; narração de textos literários de cor; o bordado; pintura. As adaptações do texto para a narração oral são apresentadas pelos projetos *Contadores de Estórias Miguilim* e *Caminhos do Sertão*, ambos desenvolvidos em Cordisburgo. Na recriação da obra em imagem estão destacados os projetos artísticos: na pintura, o trabalho do artista plástico José Murilo; no bordado, experiências coletivas nas cidades, mostrando técnicas e métodos utilizados. Nessa perspectiva, a proposição de Território Literário firma-se nos caminhos da obra entre espaço, sons, imagem e várias outras ações literárias, que resultaram na valorização da cultura local e na relação estabelecida pelas comunidades com seu Território revitalizado a partir da literatura. Essa comunicação abordará diálogos interartísticos entre texto e imagens (pintura e bordado); texto e som (literatura narrada de cor) e ressaltará aspectos da recepção e difusão da obra de João Guimarães Rosa pelo sertão.

Palavras-chave: Recepção Literária; ; Literatura e outras artes; Narração Literária de cor; Pintura; Bordado

A LITERATURA-PINTURA DE ÉMILE ZOLA EM ESCRITOS SOBRE A ARTE

Aline Magalhães dos Santos Silvério Ishii (USP)

Resumo: Émile Zola, embora mais conhecido por sua carreira como romancista, teve sua iniciação como escritor entre as décadas de 1860 a 1896 como crítico de arte, anos nos quais o escritor frequentou os cafés, os Salões de arte e os ateliês de seus célebres amigos pintores. O crítico inicia suas crônicas literárias em 1866 no jornal *L'Événement*, onde será publicada boa parte de sua crítica, até sua fusão em novembro do mesmo ano com o *Le Figaro*. A outra parte dos escritos, a partir de 1868, aparecem no *L'Événement illustré* em que publicava quase todos os anos julgamentos sobre as telas expostas nos Salões, julgamentos estes que o próprio Zola faz uma compilação, postumamente chamada "Escritos sobre a arte". Zola se irritava fortemente com as técnicas fechadas da pintura da arte tradicional, tanto quanto as técnicas fechadas na literatura, sendo, portanto, o impressionismo sua escola preferida. Zola é o mestre da arte da impressão imediata e dedicou alguns artigos para falar desse movimento artístico. O objetivo desta comunicação é mostrar uma pequena análise de alguns fragmentos da crítica de arte feita por Zola com o objetivo de identificar como a sua relação com os pintores impressionistas leva o escritor a utilizar os procedimentos picturais desse movimento para descrever os quadros expostos nos Salões de 1866 a 1880. Na presente análise, buscaremos identificar os procedimentos pictóricos impressionistas nas análises de Zola e os desdobramentos dessas técnicas na produção da sua crítica de arte.

Palavras-chave: Émile Zola; Literatura e pintura; *Écrits sur l'art*

INTER-RELAÇÕES ENTRE LITERATURA, RELIGIOSIDADE AFRO-BRASILEIRA E A PERFORMANCE DE MARIA BETHÂNIA

Isley Borges da Silva Junior (UFU)

Resumo: Em sua performance rapsódica, a intérprete Maria Bethânia canta acerca de muitos lugares sagrados para as religiões de matriz afro-brasileiras. A performance rapsódica seria aquela que se caracteriza pela construção teatral e por uma dramaturgia pensada a partir de fragmentos e textos literários (FIORIN JUNIOR, 2015). A performance da intérprete configurar-se-ia como uma ponte entre o ofício dos rapsodos antigos e o teatro contemporâneo, o que geraria um alto grau de poeticidade e uma pulsão rapsódica, sintetizadas por fragmentações e “costuras” que formariam tramas de uma dramaturgia intertextual que transita entre a literatura canônica e a oralidade (STARLING, 2015). “Costuras” estas que colocam em evidência uma espacialidade sagrada intrinsecamente brasileira: o mar, as matas, o rio, o terreiro, as cachoeiras, as pedreiras, os quintais. O mar, de Yemonjá; as matas, guardadas por Odé; os rios e as cachoeiras, da rainha das águas doces Oxum; o terreiro, com as portas guardadas pela fortaleza de Exus; as pedreiras, que concentram as forças de Xangô: o repertório da baiana, é nítido, diz com propriedade do lugar sacro (PRANDI, 2001). A trajetória da artista representa de modo próximo ao da literatura a cultura brasileira, miscigenada e plural, assim como, especialmente, a realidade regional da Bahia, seu estado de origem, que recepcionou uma diversidade de nações africanas em tempos opressores de escravidão, sobretudo os Yorubás, vindos do sudoeste da Nigéria que, a partir de um processo de territorialização (origem africana), desterritorialização (ruptura com a África) e reterritorialização (reestabelecimento no Brasil), influenciaram a cultura brasileira através de sua oralidade refletida pelas cantigas, danças, culinária e religiosidade (PORTUGUEZ, 2015). O panteão de deuses e deusas deste povo é amplamente citado e louvado nas canções interpretadas por Bethânia. Então, a comunicação visa ao estabelecimento de inter-relações entre a cultura afro-brasileira (espacialidade sagrada do candomblé), a performance de Maria Bethânia (“costura” de textos poéticos, literários e musicais que resulta em uma dramaturgia intertextual) e os Estudos Literários (área do conhecimento científico que, nos últimos anos, volta-se para a trajetória de Bethânia). A proposta é multidisciplinar, já que coloca em diálogo grandes conceitos como a cultura, a religiosidade, a arte e o espaço (literário e sagrado). Após catalogação pormenorizada das canções interpretadas por Bethânia que versem sobre os espaços sagrados da religiosidade afro-brasileira, o corpus de análise desta comunicação será delineado. Citamos, como exemplo, alguns discos representativos da performance rapsódica de Bethânia sobre a temática pesquisada: Pássaro Proibido (1976), Olho D’Água (1992), Brasileirinho (2003), Pirata (2006), Mar de Sophia (2006), Dentro do Mar Tem Rio (2007), Encanteria (2009), Amor, Festa e Devoção (2010), Meus Quintais (2015) e Abraçar e Agradecer (2016).

Palavras-chave: performance rapsódica; sagrado; Maria Bethânia

TAL QUAL ILUSÃO DE ÓTICA: UM ESTUDO COMPARADO ENTRE ANA CRISTINA CESAR E VIVIAN MAIER

Julia Pasinato Izumino (USP)

Resumo: Diante da possibilidade de reconhecer aproximações entre os campos das artes visuais e da literatura e, mais especificamente, procurando reconhecer as contaminações e limites de trocas entre a Fotografia e a Lírica moderna – partindo das categorias de análise que Adolfo Montejo Navas (2017) e Natália Brizuela (2013) nos oferecem – esta comunicação se propõe a se debruçar sobre um estudo de caso: o da construção do sujeito e da identidade ficcional na poesia híbrida de ficção, diário e correspondência da brasileira Ana Cristina Cesar e nos autorretratos da fotógrafa estadunidense Vivian Maier. Esta fala tentará mostrar, a partir da breve análise de um poema de Ana Cristina de A teus pés (1982) e uma fotografia de Maier de 1961, como ambas parecem operar a figuração de suas próprias imagens, do corpo que se torna presente na obra para performar o ato que, ao mesmo tempo que o funda, o esconde, e a maneira como constroem relações de

ambiguidade e tensão com aquele que lê ou observa – seja pela constante provocação do leitor da poesia de Ana C., que, ao mesmo tempo que é interpelado e seduzido ao texto através de vocativos e aparentes confissões íntimas, também é mantido à distância por meio de versos elipsados, imagens fragmentadas e pela constante lembrança de que aquele texto não passa de ficção; seja pela forma aparentemente indiferente e quase accidental que Vivian Maier se coloca nos seus próprios autorretratos, obrigando-nos a procurar pela sua figura só para encontrá-la, no mais das vezes, na sombra, fora de foco ou descentralizada. Os sujeitos femininos que se instauram nestas obras se dividem entre observadores e observados, recontextualizam temas típicos da representação da feminilidade nas artes – como a paixão, a intimidade e a atitude de deixar-se ser vista, como nota John Berger (1972) – e tomam o comando da enunciação e da construção da própria imagem, desmontando as estruturas mesmo dos gêneros artísticos que produzem. Tendo sempre em perspectiva as características de cada obra e os mecanismos próprios de cada prática, e ainda considerando as questões que compartilham quanto à arte da segunda metade do século XX no Brasil e nos Estados Unidos, esta comunicação tentará identificar possíveis interlocuções e também as distinções entre estas duas poéticas, num intuito de alimentar o debate, recente e crescente, sobre as formas e limites do estudo comparado entre a Lírica e a Fotografia.

Palavras-chave: Fotografia; Poesia; Sujeito ficcional

PEDRA DO REINO: A ARMORIALIDADE NA TRADUÇÃO DO ROMANCE PARA AS TELAS

Tamires de Souza Carvalho (UFC)

Resumo: A minissérie A Pedra do Reino (2007), concebida por Luiz Fernando Carvalho, foi adaptada da obra de Ariano Suassuna intitulada Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta (1971). Obra que por excelência, segundo os próprios integrantes do Movimento Armorial, melhor representa o romance armorial. O livro traz um conceito estético próprio, que é o armorial, e segundo Suassuna (1974) "A Arte Armorial Brasileira é aquela que tem como traço comum principal a ligação com o espírito mágico dos "folhetos" do Romanceiro Popular do Nordeste, com a Música de viola, rabeca ou pifano que acompanha seus "cantares", e com a Xilogravura que ilustra suas capas." Em nossa pesquisa investigamos se (e a maneira como), se dá uma aproximação à estética armorial da obra adaptada, no processo de tradução desta para as telas. Buscamos identificar mecanismos usados pela direção, produção, cenografia e arte, figurino e trilha sonora para capturar no filme, a sensibilidade plástico-sonora-visual própria do armorial, e verificamos referências de elementos artísticos populares e eruditos inerentes a esta estética. Para tanto, nos apoiamos nos Estudos da Tradução Intersemiótica. Abordamos autores como Bennet (1982), Diniz (1999), Pierce (1974) e Plaza (1987).

Palavras-chave: Armorialidade; Pedra do Reino; Tradução.

31 de julho

14h30

O CANTO LÍRICO ITALIANO NAS CRÔNICAS DE MACHADO DE ASSIS

Ionara Satin (UNESP)

Resumo: A ópera italiana atravessou o Atlântico e invadiu os palcos, as ruas e os jornais do Rio de Janeiro. Escutar os assobios da melodia da Norma de Bellini pelas ruas da cidade era comum aos ouvidos da época oitocentista, os cantores italianos eram estrelas daquele momento, tanto que alguns entraram para a memória da literatura brasileira, como é o caso de Augusta Candiani. Muitos desses registros de um tempo encontramos no dia a dia das crônicas de Machado de Assis pelos diversos jornais fluminenses, o melodrama italiano se abrigou entre os diversos assuntos deste gênero tão ao rés-do-chão, como disse uma vez Antonio Candido (1997, p.7). As crônicas machadianas carregam a ópera italiana nas tramas de suas linhas de diferentes maneiras: crítica musical, comentários da chegada e partida das companhias, reação do público, preços dos bilhetes, pagamentos dos cantores e etc. Nesta comunicação, interessa-nos apresentar aquelas crônicas em

que a ópera invade o texto de maneira mais profunda, seja por meio de uma citação ou pela mudança de estilo na escrita do cronista, ou ainda pela aproximação com os acontecimentos da época. Além disso, diante de todo esse processo de intertextualidade, é importante pensar na presença da ópera italiana na crônica de Machado de Assis a partir dos conceitos de transferências culturais, no qual o cantor passa ser um mediador cultural que transporta a Itália até o cronista. Nesse sentido, verificar-se-á de que modo a ópera italiana chega ao Brasil e como ela se manifesta na crônica de Machado, tomando por base as alusões e citações que aí se encontram.

Palavras-chave: Crônicas; Intertextualidade; Machado de Assis; Ópera

BARRO: APROXIMAÇÕES ENTRE LITERATURA E CERÂMICA EM JOSEFINA PLÁ

Débora Cota (UNILA)

Resumo: O trabalho parte das discussões da literatura comparada acerca das homologias, dos diálogos, dos contatos ou contágios entre a literatura e outras artes para deter-se na produção de uma multifacética intelectual paraguaia: Josefina Plá (Espanha, 1903 – Paraguai, 1999). Especialmente, procura adentrar-se na perspectiva “indisciplinada” da literatura comparada aberta à diversidade teórica e à transposição das fronteiras disciplinares. O estudo toma o barro como um elemento produtivo nas artes e na literatura paraguaia: a cerâmica guarani e o já clássico Yo, el supremo (1974), de Roa Bastos ou, contemporaneamente, o livro Xiru (2012), de Damián Cabrera são mostras da intensa exploração deste elemento em criações paraguaias. Trata-se de um elemento transnacional, muito característico no país (Josefina Plá se refere ao Paraguai como uma ilha cercada de terra) mas que o atravessa alcançando o Brasil e a Argentina. Neste estudo, é o elemento que coloca em evidência os contatos entre a literatura de Josefina Plá e suas produções cerâmicas. Apesar de suas inúmeras habilidades para a arte (praticou a cerâmica, o “grabado”, a serigrafia, o teatro, a narrativa e a poesia, entre outras atividades) todas as suas atividades artísticas foram desenvolvidas dentro das coordenadas de seus gêneros, o que não quer dizer, no entanto, que sejam produtos totalmente autônomos e inaptos ao diálogo entre si. O barro está presente na cerâmica de Josefina Plá mas, também em sua prosa. (Sem falar em seu estudo sobre a cerâmica popular paraguaia no qual discorre sobre a história desta atividade no país e o fato de ter sido casada com Julián de Herrería, um dos maiores ceramistas paraguaios.) Se nas narrações dos contos de La mano en la tierra (2014) o barro desenha, dá forma, cores e densidades que contribuem na constituição da terra paraguaia, no desenho e formato da cerâmica Plá narra as histórias daquele país. Desse modo, o estudo visa discutir as inter-relações entre as imagens criadas por Josefina Plá, através do barro, em produções literárias (contos) e ceramísticas, sobretudo, a partir da maneira como estas imagens apresentam aspectos históricos: como afirma Didi Huberman (2015), estar diante da imagem é estar diante do tempo. Trata-se de uma história contada a contrapelo, denominação pensada desde Walter Benjamin, uma vez que o barro propicia através dessas criações o contato com o universo popular e certa revisão do processo colonial. Por outro lado, o trabalho do ceramista ou a ideia de cântaro como sublimação do vazio discutida por Lacan (1988) ao discorrer sobre a criação artística, serve aqui para pensar como a produção de barro de Josefina Plá se relaciona com o vazio.

Palavras-chave: barro; literatura; cerâmica; Josefina Plá.

"O PRAZER DE DAR O PONTO": POESIA E NARRATIVIDADE EM LEONILSON.

Gabriela Fernandes de Carvalho (UFMG)

Resumo: Definida por Lisette Lagnado (1995) como “ficção epistolar contemporânea”, a obra do artista plástico cearense Leonilson se constrói no limiar entre artes plásticas e literatura, compondo quadros que misturam cores, palavras e bordados na confecção da representação de si e do outro. O trabalho com agulha e linha traz características próprias, criando uma identidade para a obra, além de remeter à cultura nordestina. A incorporação da palavra e do bordado ampliam o horizonte criativo e a potência narrativa de suas produções, que ao transbordarem o meramente gráfico, compõem uma trama cheia de detalhes e sutilezas que passeia entre a poesia e a narratividade,

construída num jogo de contrários, permeado pelas dúvidas e contradições comuns aos artistas plásticos brasileiros da “Geração 80”. Pretende-se nesse trabalho, investigar a partir da perspectiva interartes (CASA NOVA, 2008), as aproximações e possíveis distanciamentos entre a palavra e a imagem na obra de Leonilson.

Palavras-chave: Leonilson; Interartes; Artes plásticas

JOGO E CONFLUÊNCIA INTERARTES EM O PERFEITO COZINHEIRO DAS ALMAS DESTES MUNDO, ÁLBUM COLETIVO DA GARÇONNIÈRE DE OSWALD DE ANDRADE

Yara dos Santos Augusto Silva (CEFET-MG)

Resumo: Este estudo se dedica a pensar como a abertura de uma instância de jogo entre texto e imagem anima a produção de *O perfeito cozinheiro das almas deste mundo*, primeiro livro de Oswald de Andrade, que completa cem anos em 2018. *O perfeito cozinheiro das almas deste mundo* foi composto como um caderno coletivo, espécie de álbum de convivência e registro expressivo da estimulante amizade entre os artistas e intelectuais frequentadores da *garçonnière* mantida por Oswald de Andrade (1890-1954), em seu estúdio, localizado no centro nobre da capital paulista, no período de 30 de maio a 12 de setembro de 1918. É fato conhecido que, entre aqueles que frequentaram o covil oswaldiano, temos nomes como os de Ignácio da Costa Ferreira, Edmundo Amaral, Victor Becheret, Guilherme de Almeida, Léo Vaz, Menotti del Pichia e, ainda, Monteiro Lobato, que, segundo consta no livro, teria, certa vez, esquecido por lá os manuscritos de *Urupês* (1918). Na criação que prima pela manipulação linguageira, o contato interartístico e o experimentalismo estético, traçamos o objetivo de inquirir a prática de uma escrita criativa que vislumbramos se elaborar como atividade lúdica. Além da competição pela afeição de Miss Cyclone, jovem amante de Oswald e única mulher a integrar o grupo, a grande disputa que se trava entre os convivas é o desafio de criar uma escritura pictural, em uma obra sincrética, que interroga as possibilidades do suporte livro, a partir de uma partida coletiva, construída de forma plural, em que cada jogador intervém, contribui e pode desviar os resultados. A investigação se embasou em um arcabouço teórico transdisciplinar, ancorando-se em contribuições das áreas de Teoria da Literatura, Literatura Comparada, Filosofia, Estética e Estudos Interartes. A partir da pesquisa desenvolvida, foi possível constatar que o livro surge a partir de uma intensa dinâmica de jogo, por meio de um processo criativo colaborativo, pautado pela articulação de múltiplas operações de inscrição, marcação, recorte, colagem e montagem, em que o mecanismo de escritura vive um constante deslocamento, pautado por movimentos e translações interartes. Conclui-se também que a obra se constitui, ainda, como uma espécie de laboratório para a experimentação de recursos, processos e técnicas artísticas que, posteriormente, seriam levados a cabo nas obras de Oswald de Andrade e de seus companheiros da vanguarda modernista brasileira. Ao fundar-se a partir de uma lúdica escritura, *O perfeito cozinheiro das almas deste mundo* preserva a sua atualidade como obra - a força do texto sobrevive -, projeta múltiplos caminhos interpretativos e segue engendrando deslocamentos e reverberações nos campos da literatura e das artes, com as releituras produzidas em novos contextos sócio-históricos.

Palavras-chave: Jogo; Vanguarda; Estética de Ruptura.

1 de agosto

8h30

OFICINA DE LEITURA E ESCRITA LITERÁRIAS: A DANÇA E A POESIA COMO OBJETOS DE ENSINO

Alessandra Oliveira Arguejos (UFU); Flordelice Souza Nunes (UFU)

Resumo: O objetivo deste estudo é apresentar uma proposta de atividade que contemple as relações interartísticas entre a dança e a poesia, explorando os aspectos sociocognitivos e metacognitivos da leitura (KATO, 1985), de forma que despertem no estudante o interesse pela leitura em sala de aula. Partimos do pressuposto de que a leitura literária é uma atividade comandada pelo texto e pelo leitor no processo de interação, a leitura unifica o encadeamento do

texto ao efeito sobre o leitor. Sendo que, como agente dessa relação, esse leitor concebe a leitura com os olhos, ouvidos, sentimentos, pensamentos e sua bagagem sociocultural, identificando-se e projetando-se no texto. A leitura é habilidade fundante do ser humano, como afirma Dell'isola (1996) esse é o primeiro enfoque da leitura, lemos tudo e o tempo todo, interagimos com o mundo por meio de nossa leitura de mundo. Traçamos um paralelo entre o segundo enfoque da leitura de Dell'isola (a leitura como prática social) e a atitude de "ler levantando a cabeça" expressa por Roland Barthes (1988). Barthes explica que ao ler um texto e dialogar com ele, concordar ou discordar, interagir com o texto nessa relação de inter-subjetividade, faz com que o leitor leia sempre levantando a cabeça. Mas, esse movimento não significa uma leitura desrespeitosa, muito pelo contrário, esse movimento representa o momento em que o leitor ao interagir com o texto, imprime nele todo o seu conhecimento de mundo e todas as suas experiências pessoais e ao dialogar com o texto, formula sua compreensão e reflete sobre seus significados. O terceiro enfoque da leitura, de acordo com Dell'isola, é a leitura como um ato de co-produção do texto. Nesse enfoque o leitor ao realizar a leitura do texto, preenche as lacunas deixadas conscientemente ou inconscientemente pelo autor. Nesse preenchimento, o leitor acessa todo seu conhecimento de mundo, ativa os processos cognitivos, percebe o texto, decodifica-o, o compreende, ativa os processos inferenciais e por fim surge a interpretação. Para isso, desenvolvemos uma oficina com a leitura subjetiva de textos não verbais carregados de linguagem poética (a dança). A motivação para a elaboração dessa proposta surgiu pela necessidade de se desenvolver atividades que englobem os aspectos sociocognitivos e metacognitivos de leitura, a leitura e a produção de textos literários que proporcionem aos estudantes formas de aprendizagem colaborativas em que se valorize os saberes e vivências dos adolescentes, assim como a troca de experiências entre os mesmos. A oficina foi desenvolvida em duas etapas, sendo a primeira, leitura de dois vídeos de dança; e na segunda, os alunos "escreveram a leitura" por meio da poesia. Além disso, usamos recursos de multimídias na aplicação da oficina. Percebemos que é imprescindível o professor propor atividades significativas, provocando o aluno para uma leitura literária (COSSON, 2009) que o leve a ser co-produtor do texto, ativado pelo processo cognitivo.

Palavras-chave: leitura; escrita; dança; poesia

O GRITO DE CLARICE

Anderson Vitorino Pinheiro (UFU)

Resumo: Pouco tempo após sua morte, veio a público a última obra de Clarice Lispector: a novela *A Hora da Estrela* (1977). Nessa obra, talvez a mais conhecida e lida da escritora, Clarice criou um alter ego masculino, Rodrigo SM, para expor o processo de criação de uma narrativa sobre as agruras de uma nordestina na capital fluminense. *Macabéa* nasce de uma inspiração real: o narrador-autor afirma ter ouvido um pedaço de história numa famosa feira de cultura nordestina. Aqui, a preocupação social surge de maneira mais evidente na obra clariciana. Porém, a composição da personagem não flerta em nada com o realismo. Clarice, por meio de seu alter ego, cria uma protagonista deformada, inadequada, incompetente para a vida: quase um não-ser. A estrutura metalinguística e fragmentária espelha a composição de *Macabéa* – a autora criou um não-romance, ou uma não-novela, uma narrativa deformada, como sua protagonista. "O grito" é um dos subtítulos de *A Hora da Estrela*, como o título do célebre quadro de Edvard Munch que inspirou o movimento expressionista do início do século XX. Eivada de angústia e composta de maneira não-realista, a novela de Clarice se aproxima da obra de Munch, em que uma figura humanoide, deformada como a *Macabéa*, está deslocada do ambiente e, encarando o espectador, parece gritar, numa expressão de desespero e dor. Sob a perspectiva das relações interartísticas, busca-se aqui aproximar a preocupação social e a deformação no Expressionismo com as mesmas práticas na composição da personagem e da narrativa modernista de Clarice. Tais categorias expressionistas foram destacadas por Argan (1992), que também diferencia o expressionismo do impressionismo, visto que aquele apresenta um movimento "do interior para o exterior: é o sujeito que por si imprime o objeto" (p. 227). O modernismo libertou a pintura de ser uma reprodução fiel e mimética do mundo e, no

romance, essa mudança de concepção artística aparece na interiorização dos personagens, na quebra do distanciamento entre narrador e objeto narrado, como observado por Anatol Rosenfeld em "Reflexões sobre o romance moderno". O narrador de *A Hora da Estrela* expõe o seu processo de criação e escrita. A novela é composta pelas tentativas narrativas e pelos comentários de Rodrigo SM sobre a nordestina magérrima, pobre e inadequada para a vida. Até que ponto, essa obra se revela como um grito de Clarice face à vida miserável de imigrantes e às dificuldades de narrar uma história como a de Macabéa?

Palavras-chave: Literatura comparada; Literatura brasileira; Artes

MODOS ESFEROGRÁFICOS DE FAZER E CELEBRAR: POESIA E CINEMA EM HERBERTO HELDER

Constance von Krüger de Alcântara e Silva (UFMG)

Resumo: Publicado na "Revista Relâmpago" (volume 3, de 1998), em um arguto ensaio intitulado "Cinemas", o poeta contemporâneo português Herberto Helder (1930 – 2015) propõe alguns pontos de tangência ou de similitude entre os ofícios poéticos e cinematográficos. Essa argumentação parte do pressuposto de que tanto a poesia quanto o cinema são artifícios que fazem uso da atenção e da produção de imagens – o que apresenta um discurso contemporâneo que aponta para a associação interartística, seja na produção, na recepção ou na concepção da sua própria arte: o poema. Em determinado trecho, Helder afirma: "O arroubo é uma atenção votada às miúdas cumplicidades com o mundo, o mundo em frases, em linhas fosforescentes, em texto revelado, como se diz que se revela uma fotografia ou se revela um segredo. O poema, o cinema, são inspirados porque se fundam na minúcia e rigor das técnicas da atenção ardente." A própria produção poética helderiana confirma a referida tese, pois, como destaca a crítica Rosa Maria Martelo, em passagens de seu livro "O cinema da Poesia" (2012), a poesia de Herberto Helder parece estar fundada em mecanismos de cinema – ou, mais especificamente, usa métodos análogos aos cinematográficos para se compor, tais como: montagem, sobreposição, iluminação e contraste. Para além disso, em termos de representação – ou de "cumplicidades com o mundo" –, a forma de escrita de Helder pressupõe uma reinvenção de uma realidade, o que, em outros termos, pode-se compreender como a criação de um mundo próprio, ou a reinvenção do universo por meio da palavra e das imagens. Essa capacidade adâmica de (re)nomear o mundo em uma nova forma de linguagem é, talvez, a pedra filosofal da sétima arte. Em outro trecho do mesmo ensaio, escreve Helder: "A imagem é um acto pelo qual se transforma a realidade, é uma gramática profunda no sentido em que se refere que o desejo é profundo, e profunda a morte, e a vida ressurrecta." A ideia da comunicação aqui proposta é de mapear incidências, na poesia de Herberto Helder, de formas cinematográficas, em termos de criação, de estética ou de referência. Para isso, propõe-se um levantamento de poemas ou fragmentos poéticos que assinalem a presença do tema cinema, bem como a análise de textos cuja construção tenha aspectos similares à construção de uma imagem cinematográfica. Por fim, propõe-se investigar como a própria produção de imagens poéticas na obra de Herberto Helder se aproxima da ideia de capturas instantâneas de imagens estáticas em um contexto de imagens em movimento, fundamentalmente constitutivas do cinema e da poesia. Para tanto, serão considerados poemas da obra "Ou o poema contínuo" (2001), de Herberto Helder, e bibliografia teórica que trata de sua obra e da relação entre cinema e poesia, além de reflexões estabelecidas pelo próprio poeta, em "Photomaton & Vox" (1979).

Palavras-chave: Cinema; Poesia; Herberto Helder; Imagem

DE DESONRA A DESONRA: A ADAPTAÇÃO DA OBRA LITERÁRIA

Bruna Marcelo Freitas (UFMT)

Resumo: Esse artigo propõe-se a discutir as aproximações e distanciamentos entre o romance *Desonra*, de J. M. Coetzee, e o filme homônimo, lançado em 2008 e dirigido por Steve Jacobs. O romance *Desgrace* foi publicado em 1999 e traduzido para o português por José Rubens Siqueira, em 2000. A análise proposta pauta-se na identificação de pontos de contato entre os dois objetos selecionados, bem como na distinção entre eles. O objetivo não é estabelecer fronteiras ou reforçar

preconceitos no tocante à relação literatura e cinema. Ao contrário, a perspectiva que se insinua é a de compreender as diferenças como parte significativa entre essas duas formas de expressão artística que são distintas, por excelência, como aponta Pereira (2009). Embora essas linguagens complementem-se, não se deve esperar ou conceber o texto cinematográfico como uma cópia fidedigna do texto literário, mas percebê-lo na sua singularidade e independência, não perdendo de vista, é claro, o texto original. Nesse sentido, compartilhamos com a perspectiva de Johnson (1982), de rejeição à ideia de fidelidade do filme ao romance, pois essa noção se configura a-histórica, subjetiva e impraticável. Além disso, essa fidelidade, devido às diferentes formas materiais de expressão do romance e do filme, é impossibilitada. Privilegiamos, assim, uma análise que se atente tanto aos aspectos formais quanto contextuais. A análise formal só faz sentido se considerada como um meio e não como um fim, que conduza à revelação da ideologia circunscrita na obra artística, como bem orienta Johnson (1982). Em que pese o agudo realismo transbordante no romance *Desonra* e no filme homônimo, seria de absoluta subversão desprezar os elementos contextuais que estão fortemente imbricados nas obras. Como suporte teórico, adotamos as obras de Robert Stam, Mikhail Bakhtin, Gérard Genette, entre outros. Os resultados indicam que os aspectos espaço-temporais não fogem nem ao romance nem ao filme, no entanto, este último transforma tais elementos em expressão máxima do conflito dramático, recebendo novos contornos do Diretor Steve Jacobs. Além disso, as estratégias narratológicas empregadas na adaptação demonstram a dinamicidade projetada no/pelo hipertexto em relação ao hipotexto. Ou seja, os recursos estéticos priorizaram uma concisão e acentuação dos eventos narrados no romance. Essa estratégia contribui, acreditamos, para incitar o efeito de choque do real no espectador. Por outra via, a obra fílmica distancia-se do romance à medida que não alcança a subjetividade do protagonista frente ao conflito trágico em que vive, que é, diga-se de passagem, muito bem arquitetado por Coetzee em seu romance.

Palavras-chave: *Desonra*; Cinema; literatura.

ESTUDO INTERSEMIÓTICO DE GRANDE SERTÃO: VEREDAS E DA CANTATA CÊNICA

Cícero Ferreira Pinto Neto (UNIMONTES)

Resumo: Estimulados pela valiosa relação entre música e literatura, buscamos, ao longo de nosso estudo, explicitar por meio da teoria semiótica as relações existentes entre o romance *Grande sertão: veredas* e a cantata cênica *Ser tão dentro da gente*, de autoria de Raul do Valle, músico e professor do Departamento de Música do Instituto de Artes da UNICAMP, e Carlos Rodrigues Brandão, antropólogo e professor do Departamento de Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP; apresentando o romance e a cantata na perspectiva da musicalidade. Para isso, levamos em consideração, em se tratando da cantata, as partituras que já foram compostas (linha melódica), parte instrumental e textual (palavras-chave e coro), bem como a produção de sentido provocada pela massa sonora. No que concerne ao romance, procuramos evidenciar em que medida a cantata conseguiu traduzi-lo, além de apontarmos para a musicalidade que subjaz às palavras, traço marcante do escritor de Cordisburgo. No sertão de João Rosa tudo é som. Tudo quer dizer algo, a alma das coisas parece fazer serenata. No escaldo do sol, na poeira do estradão, na solidão da vereda, no balanço do buriti, sertão é o som. Na escrita rosiana percebe-se uma fricção do significante com o referente, gerando dessa forma uma musicalidade sensível. Durante nosso percurso de estudo, percebemos que essa relação torna-se possível devido a algumas características peculiares na escrita do autor, como o uso de um maior número de consoantes na produção de uma língua própria ao romance, além da presença de rimas, aliterações, assonâncias, dissonâncias e onomatopeias. Se somarmos ainda a esses fatores a forma poética de escrita, a intenção do autor explicitada em suas entrevistas com os tradutores em “atender ao ritmo, à música” das palavras, a íntima relação de Riobaldo com a Canção de Siruiz, que permeia toda travessia do jagunço dentro da obra, como se fosse sua trilha sonora, a forma de construção do romance que se assemelha à forma sonata, além das várias peripécias e histórias, nos é permitido fazer uma leitura do romance como uma grande canção. Nessa medida, nos foi possível aproximar

música e palavra escrita, apontando para outras significações e produções de sentido dentro de Grande sertão: veredas, demonstrando mais uma vez a vasta riqueza da obra e seu caráter infinito de interpretações. Ao interpretarmos uma obra ainda inédita (a cantata cênica), entendemos que nossos estudos contribuem para o avanço no que diz respeito à interpretação da obra rosiana apontando para outras formas, outros sentidos, além de promover o contato com outras esferas de interdisciplinaridade. Trabalho com apoio financeiro da FAPEMIG e CAPES.

Palavras-chave: Tradução Intersemiótica; Cantata Cênica; Romance

1 de agosto

14h30

ARQUITETURA E POESIA NO SISTEMA DAS ARTES

Erinaldo de Oliveira Sales (UnB)

Resumo: Este trabalho analisa a situação da arquitetura e da poesia no âmbito das chamadas belas- artes a partir das considerações de três filósofos alemães: Immanuel Kant, Georg W. F. Hegel e Arthur Schopenhauer. É feito um percurso histórico sobre o desenvolvimento das belas- artes, a partir do mundo grego antigo, até culminar na filosofia alemã do século XVIII. Busca-se uma tentativa de entendimento de o porquê a poesia estar sempre numa posição elevada dentro da hierarquia do sistema das artes e a arquitetura figurar sempre na base dessa hierarquia.

Palavras-chave: Sistema das artes; arquitetura; poesia

DAS HISTÓRIAS INFANTIS ÀS TELAS DO CINEMA: A ADAPTAÇÃO DO CONTO A GATA BORRALHEIRA DE CHARLES PERRAULT PARA O CINEMA EM LUA DE CRISTAL

Fernando Franqueiro Gomes (UFU)

Resumo: Escrita no século XVII, a história de A Gata Borralheira, popularmente conhecida como Cinderela, permanece sendo um dos contos de fadas mais populares entre as crianças, e muito desse sucesso se deve, atualmente, às frequentes adaptações da história para diferentes mídias, sendo uma delas o cinema. Este trabalho fará uma análise dos elementos da narrativa original e a leitura que recebem em uma versão cinematográfica. Primeiramente será feita uma contextualização acerca dos contos de fadas e suas características a partir de autores como Sheldon Cashdan, Nelly Novaes Coelho, Vladimir Propp e Charles Squire. Em seguida, o conto A Gata Borralheira, escrito pelo autor Charles Perrault em 1697, será analisado junto à sua adaptação cinematográfica no filme Lua de Cristal, dirigido por Tizuka Yamazaki e protagonizado por Xuxa Meneghel e Sérgio Mallandro. O filme transporta a história de A Gata Borralheira para o Rio de Janeiro da década de 1990, e propõe uma releitura moderna, conservando elementos essenciais do conto original que seguirão uma nova roupagem. Este trabalho busca mostrar que a história de Cinderela apresenta uma narrativa bastante rica e é responsável por inspirar diversos produtos cinematográficos através da sua atemporalidade temática que permite que diversas abordagens e formatos de adaptação continuem sendo realizados.

Palavras-chave: literatura infantil; cinema; adaptação; Cinderela.

"O GRITO", IMAGEM E POESIA: ENTRE EDVARD MUNCH E LUÍS MIGUEL NAVA

Camila Franquini Pereira (UFRJ)

Resumo: Entre vários poemas da obra Vulcão, último livro publicado em vida do autor português Luís Miguel Nava em 1994, encontra-se "O grito". Este é o poema que inaugura a segunda parte do livro e é um poema ekphrastico que retoma o quadro homônimo de Munch. Nesta comunicação, proponho que leitura do quadro por meio do poema traz uma reflexão sobre o poder transformador da poesia, foco da obra de Luís Miguel Nava e passível de ser observada no quadro de Munch, sustentando que as formas artes evocam umas às outras formando uma realidade alternativa nessa relação que se estabelecem entre si.

Palavras-chave: Luís Miguel Nava; Munch; ekphrasis

UNIFICAÇÃO E SEGREGAÇÃO NA OBRA DE ARTE: RELATIVIDADE (1953), DE MAURITS CORNELIS ESCHER; CRIANÇAS DE AÇÚCAR (1996), DE VIK MUNIZ; E CASAL OU MÚSICO (1930), DE SALVADOR DALÍ

Agnaldo Rodrigues da Silva (UFMT)

Resumo: Por unificação (ou unidade), pode-se entender como aquele princípio que permite a observação da obra de arte pela sua harmonia (igualdade), gerados pelos estímulos visuais que constituem a totalidade da composição, de modo que quanto melhor for o equilíbrio dos elementos visuais, maior é a sensação de unificação. De outro modo, pelo princípio da segregação (ou separação) pode-se entender como o postulado que justifica a capacidade do cérebro em identificar informações sobre uma composição, pela percepção de suas subunidades; o observador tende a ver a unidade menor como figura e a maior como fundo, conseguindo criar, pelo contraste, uma hierarquia entre as partes. Em 1953, Escher produziu Relatividade, uma litografia sobre planos de gravitação, planos esses que agem verticalmente uns sobre os outros, criando a ilusão de uma totalidade (unificação) que se fragmenta (segregação), a partir de um olhar mais apurado sobre os detalhes da obra, em que o todo torna-se diferente da soma de suas partes, no que se refere à significação. Em 1996, Vik Muniz deu início à produção da série Sugar Children (Crianças de açúcar), em que reúne retratos recriados com açúcar de crianças que ele conheceu no Caribe. Na construção dessa arte, ele contrapôs a doçura infanto-juvenil com o amargo do trabalho de crianças e adolescentes (exploração), legitimando na arte a discussão sobre os aspectos políticos e os tempos de crise em diversos espaços do Brasil. Crianças de açúcar também apresentam os princípios da unificação e segregação, pois nota-se uma totalidade que se realiza na forma, cor, direção e textura. Como podemos perceber, são 6 (seis) retratos que compuseram a amostra, nos quais subjazem a vida sofrida que os trabalhadores viviam nos canaviais caribenhos, que não poupavam as crianças dos trabalhos forçados (crescer e viver naquele contexto amargo da mão-de-obra escrava). Em 1930, Dalí produziu Casal ou Músico, uma produção artística que se pode considerar típica daquelas que ocasionam as ilusões de ótica. Nesse trabalho, o talento do pintor surpreende a nossa visão, com uma técnica que segue dos princípios da unificação à segregação. A mistura de universos oníricos, mundos surreais e situações não convencionais, fazem surgir como produto final um efeito de profundidade, com perfeita noção de espaço e perspectiva que, sem dúvida, revolucionou o pensamento sobre a arte na sociedade moderna. Desenvolveu o método crítico-paranoico, que consistia numa técnica de apreciação da arte surrealista; essa técnica (ou método) envolvia formas de associações irracionais e racionais, criando vários significados para uma mesma imagem, permitindo ao público apreciar a obra para, enfim, perceber seus diferentes significados. Diante das análises acima propostas, pode-se afirmar que o indivíduo tende a captar uma imagem primeiramente pela sua totalidade, e depois é que se consegue identificar as suas partes constituintes, tal como acontece quando lemos ou ouvimos um discurso; uma análise mais detalhada dele permitirá descortinar significados implícitos, afinal a cada vez que lemos um texto ou contemplamos uma obra de arte, encontramos novos elementos.

Palavras-chave: Artes visuais; Segregação; Unificação.

2 de agosto

8h30

VERSO, TRAÇO E CENA: DIÁLOGOS INTERSEMIÓTICOS EM TRANSPOSIÇÃO FÍLMICA DE MORTE E VIDA SEVERINA

Anairan Jeronimo da Silva (IFMA)

Resumo: Morte e Vida Severina, escrito em 1956, é um poema icônico de João Cabral de Melo Neto. Uma narrativa regionalista, composta à moda de um Auto de Natal pernambucano, que figura uma epopeia moderna, cujo herói, Severino, que sai de sua terra em busca de uma vida nova, é na verdade um anti-herói castigado pela seca, pela fome e pela iminência da morte. Sua saga é posta

como uma sina, um destino trágico, porém inevitável vivido por qualquer homem ou mulher que se encontra na situação de abandono e exílio social, típico daqueles que se localizam no sertão nordestino em meados do século XX. A obra é icônica porque apresenta, por meio de uma linguagem típica do sertanejo, o tormento da migração forçada, pela busca de um lugar de sobrevivência menos agonizante do que aquela vivida no sertão. Essa representação, em tempos de ditadura militar, produziu uma identificação, tanto com a mensagem, quanto com a própria ideia de homem e lugar posta no poema. Isso quer dizer que ao passo que a saga de Severino produz uma referência válida de "ser nordestino", em seus leitores e críticos, também teve seu discurso reconhecido como aquilo que se pretende dizer sobre este homem, sua vulnerabilidade e seu silenciamento. O fato é que o discurso enunciado no verso é lugar produtivo para dialogicidades e reinterpretações, em diferentes relações interartísticas. Além de uma versão para o teatro e para a televisão, com texto de Chico Buarque (1965), o poema também foi traduzido para a linguagem cinematográfica por meio da animação do cartunista Miguel Falcão (2010). Em co-produção com a Fundação Joaquim Nabuco e a TV Escola, o filme de título homônimo, reconta, em 52min, a narrativa de Morte e Vida Severina, conservando o texto original na íntegra. Do verso ao traço, e do traço à cena, a animação apresenta elementos visuais simbólicos que ressignificam a saga de Severino, recontando-a em um plano estético construído a preto e branco. Esta pesquisa lança seu olhar sobre o filme em dois aspectos. Primeiro interessa compreender como Miguel Falcão desenha o cenário e o homem na saga vivida por Severino, transplantando o discurso do poema para a tela, em elementos simbólicos que representam uma identidade nordestina. Em seguida, visa compreender que diálogos essa transposição fílmica possibilita em suas relações intersemióticas, ou seja, em que medida os traços homológicos que figuram a narrativa no filme reforçam e/ou atualizam uma percepção dialógica de nordeste e de "ser nordestino", historicamente construída no imaginário nacional. Para tecer o estudo comparatista, esta pesquisa recorrerá à Semiótica, à Crítica Sociológica e à Etnografia. A hipótese básica a ser confirmada é a de que essa transposição fílmica se torna espaço de identificação e representação do homem sertanejo. Utilizando metáforas imagéticas que ultrapassam a fronteira do verso de João Cabral de Melo Neto, resgata e ressignifica imagens típicas do cenário de desolação do migrante, no nordeste castigado pela seca.

Palavras-chave: Morte e Vida Severina; Transposição fílmica; Dialogismos; Nordeste

LINGUAGENS DA LOUCURA: CONFLUÊNCIAS ENTRE LITERATURA E OUTRAS ARTES NA PRODUÇÃO MANICOMIAL BRASILEIRA DO SÉCULO XX

Jhony Adelio Skika (UEPG)

Resumo: A loucura não é um tema estranho às Artes. Das tragédias gregas a Shakespeare, de Dom Quixote de la Mancha aos Surrealistas, de Antonin Artaud aos delírios pós-modernos, a figura do louco tem intrigado artistas, pesquisadores e intelectuais ao longo dos séculos. A produção textual que surge no confinamento dos asilos de alienados, todavia, pode ser vista a partir de dois enfoques, segundo o crítico de arte e psiquiatra Jean Starobinski (apud PELBART, 1989, p. 13): o clínico e o cultural. De um lado, estariam os psiquiatras, psicanalistas e terapeutas interessados unicamente com o sofrimento psíquico, considerando as manifestações discursivas do doente como sintomas patológicos; de outro, estariam pesquisadores interessados pela loucura, procurando entender o lugar que ocupa o sujeito esquizofrênico no âmbito de nossa realidade cultural, poética, artística, filosófica. Para estes, a produção artístico-literária que brota dos ambientes manicomiais é vanguarda cultural, estética e, por vezes, política, como vão considerar os Surrealistas. Com base na ideia de Esquizolinguagem (SKEIKA, 2017), surgida a partir das discussões da Esquizoanálise de Gilles Deleuze e Félix Guattari, o objetivo deste trabalho é refletir sobre a produção artístico-literária de alguns sujeitos brasileiros que encontraram na arte uma linha de fuga, um espaço de desterritorialização e ruptura das amarras manicomiais. Desde textos escritos, passando pela pintura e desenho até chegar na escultura e ornamentos, as obras de arte de esquizofrênicos de dois dos principais hospitais psiquiátricos do Brasil – Hospício de Pedro II e suas Colônias e unidades vinculadas (Rio de Janeiro, RJ) e o Hospital Psiquiátrico do Juquery (Franco da Rocha, SP) – revelam a

potência criativa de indivíduos marginalizados, excluídos e encarcerados em ambientes violentos, cuja força repressiva tem sua forma manifesta no eletrochoque, na lobotomia e em outros métodos de coação e controle. Assim como Antonin Artaud, que encontrou na Arteterapia uma forma transcender as terríveis experiências que passou nos asilos de alienados de Ville-Évrard e Rodez (França), de 1937 a 1946, muitos esquizofrênicos brasileiros, como Maura Lopes Cançado (1929-1993), Arthur Bispo do Rosário (1911-1989), além dos “clientes” de Nise da Silveira (1905-1999) e os pacientes de Osório César (1895-1979), fizeram dos espaços manicomiais um celeiro profícuo de manifestação de sua sensibilidade e visão insólita da realidade, criticando as mazelas da psiquiatria brasileira do século XX e encontrando uma linha de fuga para, pela escrita, pintura ou outra forma de arte, suportar os horrores do mundo ao seu redor e organizar o caos do seu mundo interior.

Palavras-chave: Esquizolingagem; Literatura; Artes; Esquizofrenia; Hospitais psiquiátricos

"NUM DESATINO DE CONTRAVOLTAS": UMA LEITURA SOBRE A PRESENÇA DA DANÇA EM "UMA ESTÓRIA DE AMOR (FESTA DE MANUELZÃO)", DE JOÃO GUIMARÃES ROSA

Joelma Rezende Xavier (UFMG)

Resumo: “Uma estória de amor (Festa de Manuelzão)” é uma das sete novelas constituintes da obra *Corpo de Baile*, de João Guimarães Rosa, publicadas, pela primeira vez, em 1956. A novela ambienta-se no espaço rural de Minas Gerais e desenvolve-se a partir do mote da festa de Manuelzão, entre travessias de vaqueiros e de boiadas. O enredo é marcado pela oralidade, por costumes, pensamentos, comportamentos e por diferentes ritmos característicos do Brasil profundo. É a partir da multiplicidade de elementos nessa narrativa, que proponho um estudo comparativo entre literatura e dança. Para isso, intenciono analisar a representatividade da festa como um traço mítico-memorativo, especialmente a partir de Didi-Huberman (2013), e a presença de bailados populares como práticas sociais, conforme Montandon (1997). Além disso, serão consideradas perspectivas literárias, a partir da fortuna crítica de Guimarães Rosa, e as noções de cultura popular e tradição, conforme Côrtes (2012). O cruzamento dessas perspectivas possibilitará o desenvolvimento do estudo interartes, proposto neste trabalho, visando a percorrer travessias entre o gesto dançado e o gesto escritural na narrativa de Guimarães Rosa.

Palavras-chave: literatura; dança; cultura popular; memória

SOBRE BRUTALIDADES E SUTILEZAS: AS RELAÇÕES ENTRE VACA DE NARIZ SUTIL, DE CAMPOS DE CARVALHO, E VACA COM NARIZ SUTIL, DE JEAN DUBUFFET

Juliana Pacheco Oliveira Neves (UNEB)

Resumo: Umberto Eco (1985) afirmava que um título é uma chave de interpretação – designação que lamentava, uma vez que, para o autor, tal expressão poderia direcionar a leitura. Não só o leitor, no entanto, é influenciado por esse componente do texto: alguns escritores assumem deixá-lo guiar suas obras. É o caso do escritor mineiro Campos de Carvalho. Em entrevista, o autor assumiu ter escrito duas de suas principais novelas a partir da escolha do título. Uma dessas obras toma emprestado o designativo do quadro *Vaca com Nariz Sutil*, do pintor francês Jean Dubuffet. Fundador do movimento conhecido como arte bruta, Dubuffet acreditava que a arte produzida através do impulso e do instinto teria mais valor do que aquela construída por intermédio da técnica apurada e valorizada pela cultura artística rebuscada. Apresentar essa arte sem o refinamento estético tradicional, para o pintor francês, era uma forma de confrontar a sociedade erudita na época do pós-guerra, propondo uma reconstrução do modelo artístico, ao mesmo tempo em que o mundo era forçado a se reconstruir a partir das ruínas. O projeto de Campos de Carvalho elege muitos pontos de similaridade com o de Dubuffet. O escritor brasileiro, dono de uma prosa desconcertante, afirmava jamais reescrever ou fazer edições de suas obras, tornando-as exemplo de arte do instinto e do impulso, proposição adotada por Dubuffet. Também a missão artística de Campos de Carvalho parece ser da ordem do choque: *Vaca de Nariz Sutil* foi duramente criticada na época do lançamento por uma suposta falta moral, em relação à presença de um narrador-personagem pedófilo, esquizofrênico e sem medo de usar palavrões e apelos de cunho sexual.

Considerando essas informações, este artigo se propõe analisar o que há de comum entre a obra de Campos de Carvalho e a de Dubuffet, no concernente a aspectos mais panorâmicos, considerando ambos os projetos estéticos e as missões artísticas, e, também, especificamente, entre o livro *Vaca de Nariz Sutil* e o quadro *Vaca com Nariz Sutil*. Para empreender essa comparação, faz-se uso das teorias da semiótica, considerando o projeto da expressão e o plano do conteúdo como duas faces de um objeto artístico. Em tais planos, duas obras produzidas a partir de suportes diferentes, no caso, a literatura e a pintura, podem admitir relações de comparação. Ainda sobre os aspectos teóricos e metodológicos, lança-se mão de estudos de outros pesquisadores que versaram sobre a relação entre artes literárias e artes plásticas, a exemplo de Márcia Arbex (2006) e Aguinaldo José Gonçalves (1994).

Palavras-chave: CamposdeCarvalho;JeanDubuffet;ArteBruta;Semiótica

INTERMIDIALIDADE EM GEORGES PEREC: MONTANDO O QUEBRA-CABEÇA

Leonardo Cavalcante Mendes (USP)

Resumo: Esta comunicação pretende expor como a intermedialidade atua entre algumas obras do escritor francês Georges Perec. A análise se baseia na metáfora do quebra-cabeça, frequente nas produções do autor. Imaginando cada uma destas como uma peça do jogo, ao encaixá-las estabeleceremos as relações entre elas, produzindo uma imagem que representa uma união possível. Entre os trabalhos a ser analisados, estão os romances *Les choses*, que transita pelo universo cinematográfico em conteúdo e em forma; *La vie mode d'emploi*, que traz diversas referências às artes plásticas e a muitas relações com outros trabalhos do autor; *Un homme qui dort*, posteriormente adaptado para o cinema pelo próprio Perec, em parceria com o diretor Bernard Queysanne; e o curta-metragem autobiográfico *Les lieux d'une fugue*, dirigido por Georges Perec, transposto de um texto homônimo, escrito em 1965, mas publicado postumamente apenas em 1990, no livro *Je suis né*. O autor afirmava ter vontade de percorrer todas as possibilidades da literatura, em seus diferentes gêneros, e a escrita de roteiros ocupou lugar importante nessa ambição. Um destes é *Signé particulier: Néant*, que suprime um procedimento estrutural básico e, portanto, seria uma espécie de transposição do romance lipogramático *La Disparition*: Perec constrói o roteiro sob a contrainte de jamais mostrar o rosto das personagens, o que seria o equivalente à ausência da vogal E no livro. O autor acreditava que a transposição de obras para o cinema funciona como uma expansão do trabalho literário, pois recursos como o som e as imagens servem de motor para a imaginação. Essa reflexão foi partilhada por autores franceses desde o surgimento e a expansão da cinematografia. Em 1917, por exemplo, o escritor vanguardista Guillaume Apollinaire já convidava seus contemporâneos a inspirar a poesia nessa nova arte, utilizando artifícios como a velocidade, o movimento e os estímulos visuais. Ele esperava assim “machiner la poésie comme on a machine? le monde”. Para Perec, interessava explorar, em alguns de seus textos, esse prolongamento da escrita utilizando a contraposição entre imagem e som. A análise dessas relações tomará como base teórica autores que ponderam sobre questões intermidiáticas, como Irina Rajewsky, que fundamenta em três distinções a concepção de intermedialidade: restritamente 1) “transposição midiática”, como as adaptações cinematográficas; 2) “combinação de mídias, que abrange fenômenos como ópera, filme, teatro, performance, manuscritos com iluminuras, instalações em computador ou de arte sonora, quadrinhos etc.”; e 3) “referências intermidiáticas, por exemplo, referências, em um texto literário, a um filme, através da evocação ou da imitação de certas técnicas cinematográficas como tomadas de zoom, dissolvências, fades e edição de montagem”. Nas obras selecionadas, serão exploradas principalmente as duas primeiras distinções.

Palavras-chave: Georges Perec; Intermedialidade; Multiplicidade

2 agosto

14h30

"FOGO MORTO" DE JOSÉ LINS DO REGO E "AGUAPÉ" DE BELCHIOR

Francisco Antonio Ferreira Tito Damazo (UNITOLEDO)

Resumo: Ao lado de Graciliano Ramos, José Lins do Rego foi um dos romancistas da denominada “ficção nordestina” de 1930 da maior importância para a história da prosa literária brasileira. Em seu romance *Fogo morto* (1943), conquanto desenvolva uma história centrada num contexto regional, o problema socioeconômico evidenciado é de caráter nacional, pois se trata da progressiva decadência do ciclo da cana de açúcar, o principal organismo da economia brasileira naquele período. E o que torna esta obra um primor é justamente o fato de a narrativa dar relevância ao intenso e denso drama psicossocial que afeta profundamente os indivíduos consigo mesmos e a sua relação e convivência com os outros. E, para ressaltá-lo, o narrador elege como procedimento narrativo predominante a onisciência seletiva múltipla. Por meio dela vão sendo expostos os conflitos interiores dos principais personagens, as relações conflituosas entre si, as causas e consequências de seus procedimentos e ações e as implicações no contexto geral. O enredo se detém especialmente na obsolescência dos engenhos de açúcar que se tornam inviáveis com a nova técnica de processamento com o advento da usina, como também com as novas formas de produção em decorrência da abolição da escravidão. A narrativa se divide em três etapas para circunstanciar este quadro decadente com suas consequências. A primeira denominada “O mestre José Amaro” expõe as reações de uma pequena classe social ante a derrocada de seus pequenos negócios, simbolizada no drama vivido pelo sequeiro José Amaro que se vê completamente secundarizado, relegado ao esquecimento e ao desprestígio. A segunda, “O engenho de seu Lula” revela o implacável esboroamento de um engenho de açúcar que persiste em se manter tal qual, ignorando a nova e irreversível realidade. A terceira denomina-se “O capitão Vitorino”. A figura dessa personagem quixotesca, que tem relação transgressora com todas as outras representadas, atua de modo a ser a voz crítica contra as admitidas injustiças e violências praticadas por quaisquer das outras instâncias sociais de representação. Enfim, esse dramático conjunto inter-relacional de gente e coisas constitutivas do romance representam uma aguda percepção literária de um momento crítico da queda do ciclo da cana de açúcar, momento em que os engenhos entram em fase de “fogo morto”. É o que entendemos também representar, numa concepção poética sintetizada em canção popular, a composição musical “Aguapé” de Belchior, que integra o disco *Objeto Direto* (1980). Nessa canção o autor de “Mucuripe”, “A palo seco”, e outras conhecidas canções, numa representação dramática e sinfônica, interpretada juntamente com o cantor Fagner, suscita, num jogo poético fortemente sugestível, a proliferação de imagens que dialogam, evocando tempo, espaço e situações similares àquelas narradas em *Fogo morto*. As semelhanças/dessemelhanças de forma e conteúdo com que ambas as obras representam esteticamente aquela realidade são o objeto desse trabalho.

Palavras-chave: *Fogo morto*; *Aguapé*; José Lins do Rego; Belchior

ASSASSINATO NO EXPRESSO DO ORIENTE: DIÁLOGO ENTRE A OBRA LITERÁRIA E A VERSÃO FÍLMICA JAPONESA

Lorena Alves Gorito (UFU)

Resumo: Este trabalho tem por objetivo analisar como os personagens e acontecimentos são representados na adaptação fílmica japonesa de *Assassinato no Expresso do Oriente*, escrito em 1934 pela aclamada escritora inglesa Agatha Christie, comparando a obra original com a produção cinematográfica. A obra de Christie já fora adaptada diversas vezes para o cinema e para a televisão, e a adaptação japonesa *Oriente Kyuko Satsujin Jiken* (2015), dirigida por Koki Mitani e contando com a participação de celebridades japonesas, foi dividida em dois filmes diretamente para a televisão. Desconhecida por muitos no Brasil, a produção fílmica surge como uma surpresa, e a qualidade dos filmes merece ser destacada. No presente trabalho, destacaremos as particularidades culturais presentes na adaptação fílmica, em questões diegéticas e técnicas da produção, identificando aspectos em comum no filme e seu texto original, levando em consideração teorias sobre a adaptação fílmica e discorrendo sobre as transposições e inter-relações culturais no filme. Nossa análise de *Assassinato no Expresso do Oriente* justifica-se pela falta de pesquisas em literatura comparada que consideram a versão fílmica japonesa da obra, e que se propõem a analisar como os

personagens de Christie foram retratados nos filmes feitos no Japão, dando ênfase à mudança de narrador e a construção do enredo no segundo filme. Propomos uma reflexão sobre as teorias da adaptação cinematográfica de obras literárias, visando entender como a cultura de um povo e os diferentes pontos de vista de uma mesma história podem contribuir na criação da obra fílmica japonesa, apontando também outras adaptações do romance, como a atual versão lançada nos cinemas no final do ano de 2017. A análise será realizada concomitantemente à leitura de obras provenientes de áreas como teoria literária, teoria da linguagem cinematográfica e teoria da adaptação. As teorias sobre a adaptação literária nos mostram que, ao adaptar um texto para a mídia fílmica não basta apenas ocorrer uma simples transposição do texto original, chamado de texto base, para um novo formato de divulgação. Para que a análise seja realizada, é necessário que haja uma atenção aos atributos intrínsecos de cada meio, pois o autor literário, ao escrever e publicar suas obras, não possui o objetivo cinematográfico a priori – seu objetivo, obviamente, é literário – possibilitando assim a intertextualidade. Através de uma linguagem própria, a literatura e o cinema firmaram-se como formas de expressão de pensamentos e de comunicação reconhecidas mundialmente, com valores artísticos expressivos.

Palavras-chave: Agatha Christie; Adaptação; Intertextualidade

A NOVELA COMO HERDEIRA DA TRAGÉDIA: O CASO "MICHAEL KOHLHAAS" DE HEINRICH VON KLEIST
Marcos Fabio Campos da Rocha (UFF)

Resumo: O objetivo deste trabalho é o de mostrar como a narrativa pode ainda conter elementos próprios das tragédias. Este gênero de teatro conheceu seu apogeu no século V a. C. que viu as produções de Ésquilo, Sófocles e Eurípedes estabelecer um padrão para o teatro grego que então se iniciava. Escritas na época em que Atenas comandava a liga de cidades gregas nas longas Guerras Médicas contra os persas e, mais tarde, nas Guerras do Peloponeso contra Esparta, as tragédias precedem o século dos filósofos e guardam muito da força psíquica e moral que movia os heróis mitológicos, alguns deles protagonistas da Ilíada ou de outras sagas. Finda a hegemonia de Atenas, o gênero perde seu vigor original e só muito mais tarde a tragédia viria a ressurgir em nível poético semelhante sob as mãos de Shakespeare, Corneille e Racine. Aos poucos elas deram lugar ao drama psicológico que domina os palcos até hoje, sem contudo nada perder de sua atualidade. Indicador seguro disso é o fato de personagens de traços nitidamente trágicos ainda poderem ser identificados em romances e novelas, gêneros que por sua vez podem guardar elementos da estrutura trágica mesmo que não sejam obras para o teatro. A ascensão das formas da narrativa no século XVIII dá-se justo no momento em que a tragédia declina, pois a burguesia não se reconhecia nesta, como os príncipes, e sim, naquela. Nossa proposta é a de demonstrar, através dessa comunicação, que essa relação frutificou secretamente ao longo de uma continuidade discreta, tomando como exemplo a novela "Michael Kohlhaas" de 1811 do escritor alemão Heinrich von Kleist.

Palavras-chave: Tragédia; Romance; Literatura alemã

A FÚRIA DO CORPO E A INTERTEXTUALIDADE MUSICAL

Maria Amélia Castilho Feitosa Callado (UFU)

Resumo: Este estudo analisa o romance A fúria do corpo, de João Gilberto Noll, verificando como o escritor se apropria da intertextualidade através de elementos musicais para a construção textual. A intertextualidade é a retomada possível de uma escritura, uma apropriação voluntária, antropofágica do texto do outro. Noll, privilegiando os sentidos, utiliza a intertextualidade para enriquecer a poética em seu romance, absorvendo e transformando o seu escrito em um mosaico. O autor serve-se da tensão entre retomar o texto antigo e produzir um novo texto propondo uma poética que movimenta os textos, que os revive. Pretendemos buscar essas correspondências, essa explosão subjetiva, verificando como o autor assimila os elementos musicais em seu texto, preenchendo os vazios da subjetividade proposta pela narrativa com elementos musicais. Esta análise será embasada nos estudos sobre a intertextualidade realizados por Julia Kristeva, Tiphaine Samoyault entre outros estudos sobre literatura e música que possam fortalecer esta pesquisa.

Palavras-chave: literatura;música;intertextualidade; joão g. noll

3 de agosto
8h30

L' AMANT (1984) ENTRE CINEMA E LITERATURA: INFLUÊNCIAS CINEMATOGRAFICAS EM ROMANCE AUTOBIOGRAFICO

Maria do Socorro Aguiar Pontes Giove (UnB)

Resumo: O presente estudo visa constatar as influências da sétima arte no romance mundialmente conhecido de Marguerite Duras e que lhe valeu o prêmio Goncourt (1984): L'Amant [O Amante]. Trata-se de uma autoficção sobre as experiências amorosas de uma adolescente nos anos 1930 na antiga Indochina Francesa. A mesma história já tinha sido, anteriormente, desenvolvida pela cine-escritora nas obras Un barrage contre le Pacifique [Barragem contra o Pacífico] (1950) e L'Éden Cinéma [Eden Cinema] (1977), e será retomada, posteriormente, em L'Amant de la Chine du Nord [O Amante da China do Norte] (1991). Se, em seus primeiros tempos, o cinema buscou na literatura fonte de inspiração para contar histórias, passará a influenciar fecundamente a literatura no período pós-Segunda Guerra mundial (CLERC, 1993). A obra de Marguerite Duras se inscreve exatamente no entrecruzamento entre as duas artes. Este artigo pretende analisar como o cinema se manifesta em L'Amant, por meio da identificação, neste texto autobiográfico, de ferramentas específicas da linguagem cinematográfica (VANOYE, 2017).

Palavras-chave: Cinema; Literatura; Autobiografia.

O DIÁLOGO ENTRE POESIA E PINTURA NAS OBRAS DE BLAISE CENDRARS E TARSILA DO AMARAL

Natalia Aparecida Bisio de Araujo (UNESP)

Resumo: Em 1924, o vanguardista Blaise Cendrars viajou para o Brasil em busca de uma nova matéria para sua poesia. Após ter conhecido, em Paris, Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral, o escritor franco-suíço é convidado pelos modernistas para conhecer o país. Essa viagem resulta na produção de Feuilles de Route, que significa “anotações que viajantes tomam durante o seu percurso”. O projeto da obra previa sete volumes com poemas sobre o Brasil. Como um verdadeiro diário de viagens, encontram-se na obra os episódios que o poeta vivenciou no país, sobretudo, da excursão que o grupo modernista fez, junto de Blaise Cendrars, tanto pelo interior do país, passando por ambientes rurais e pelas cidades históricas de Minas Gerais, quanto pelas grandes capitais, como o Rio de Janeiro. Essa viagem despertou no grupo um interesse por nossas tradições, por nossa história e pelos traços remanescentes coloniais, servindo de inspiração não somente para a obra de Cendrars, mas também para a de Tarsila do Amaral, pois essa redescoberta do país foi a fonte na qual a pintora colheu a matéria de sua pintura Pau-Brasil. O entusiasmo do poeta estrangeiro por tudo o que via e pelo Modernismo fez com que ele convidasse Tarsila a ilustrar suas Feuilles de Route. Além dos croquis da brasileira para a obra, os poemas do segundo volume de Feuilles de Route, “São Paulo”, acompanharam o catálogo de Tarsila para sua exposição em Paris, na Galeria Percier, em junho de 1926. Nos poemas do escritor, a descoberta das terras brasileiras se ilustram com traços exóticos e primitivistas, além de versos que são, em sua maioria, curtos, ágeis e com uma linguagem despojada, informando rapidamente algum dado da viagem. Dialogando com os poemas, as ilustrações de Tarsila na obra possuem a mesma brevidade e agilidade dos versos, tais como rápidas anotações que se fazem em um caderno de notas, croquis que registram brevemente uma experiência ou a observação de uma paisagem. Palavra e imagem constroem, juntas, os sentidos da obra. Além disso, os poemas de Cendrars também assumem certo aspecto plástico, como se fossem poemas-pintura: as paisagens brasileiras apresentadas possuem um aspecto rudimentar e primitivo, por meio de versos essencialmente descritivos, sem pontuação, sem rimas e com períodos simples sem subordinação; enquanto a descrição da coloração das paisagens é reduzida a pouquíssimos tons de cores primárias. A pureza das cores “cruas” das paisagens, que se repete pelos poemas, somada à simplicidade linguística e formal dos versos, assemelha-se ao primitivismo das pinturas que Tarsila

desenvolvia no período Pau-Brasil, onde traçava desenhos em contornos simples, com predominância de cores primárias. Cendrars faz um retrato primitivo do Brasil, assim como a pintora modernista. Desse modo, é possível entender o significado da exposição na Galeria Percier, onde foram expostos quadros de Tarsila e poemas de Cendrars: o diálogo entre as obras. A partir disso, o objetivo principal deste trabalho é examinar as relações estéticas entre as obras de Cendrars e de Tarsila, comprovando que houve um processo criativo conjunto entre os dois artistas.

Palavras-chave: Cendrars; Tarsila; Diálogo entre poesia e pintura

O POEMA TROCA DE MÃOS E SE TRANSFORMA EM FILME: PENSAR A EXPANSÃO CINEMATOGRAFICA EM MANUEL GUSMÃO E CARLOS DE OLIVEIRA A PARTIR DO MÉDIA-METRAGEM "CARLOS DE OLIVEIRA - SOBRE O LADO ESQUERDO"

Patrícia Resende Pereira (UFMG)

Resumo: A pesquisa realiza um estudo teórico-crítico e comparativo da releitura cinematográfica da obra do poeta português Carlos de Oliveira feita pelo crítico e também poeta Manuel Gusmão, um dos mais importantes estudiosos do trabalho do escritor, no filme "Carlos de Oliveira – Sobre o lado esquerdo". Dirigido por Margarida Gil, com quem Gusmão co-escreve o roteiro, o média-metragem de 50 minutos, de 2007, pode ser entendido como resultado da leitura feita pelo ensaísta do trabalho poético do escritor português, possibilitando que o filme transite entre o cinema, a poesia e o ensaio crítico, além de servir como uma homenagem. Para tanto, Manuel Gusmão tem em mãos "Finisterra: paisagem e povoamento" (1978), que oferece o cerne da narrativa; textos de "O aprendiz de feiticeiro", especialmente os que dizem respeito ao processo da escrita, tema de reflexão constante da obra de Carlos de Oliveira, e poemas selecionados de "Mãe pobre", "Cantata", "Terra de harmonia", "Descida aos infernos" e "Sobre o lado esquerdo". Há, ainda, alusões à produção cinematográfica de "Uma abelha na chuva", "adaptação" da obra homônima, escrita em 1953. Em referência a esta "transposição", de 1972, tem-se, no elenco do média-metragem, o diretor Fernando Lopes e a atriz Laura Soveral, intérprete de Maria dos Prazeres, esposa de Álvaro Silvestre, o que reforça a proposta de se fazer uma homenagem à obra de Carlos de Oliveira. No média-metragem, Soveral representa a mulher da família de "Finisterra", enquanto Lopes está envolvido em duas situações da narrativa: as sequências em que trechos da "biografia" do poeta são lidos e quando interpreta o adulto do último romance escrito pelo poeta, tarefa que divide com o ator Luís Miguel Cintra. Destaca-se que, como o enfoque dado à obra de Carlos de Oliveira vem de um crítico, especialista no trabalho do autor e, ao mesmo tempo, ele mesmo, um poeta, estamos diante de uma situação pouco comum no universo cinematográfico. Tal característica vai, até mesmo, contra um dos pontos destacados por Ismail Xavier (2003) em seu estudo sobre as denominadas "adaptações" cinematográficas, pois na pretensa "transposição" de um romance para o cinema acontece um distanciamento entre o escritor e o realizador do filme, especialmente porque os dois constituem distintas subjetividades. Todavia, em "Carlos de Oliveira – Sobre o lado esquerdo", o roteiro foi elaborado por um poeta consagrado, um crítico literário que estudou por anos o trabalho do escritor e que apresenta, ali, um filme pautado pelo estudo crítico e acadêmico de sua obra. Para tanto, vê-se, Manuel Gusmão soluciona uma série de conflitos iniciados na obra de Carlos de Oliveira, como acontece, apenas para citar um exemplo, com a cruz de vidro de Finisterra: paisagem e povoamento. Perdição nas dunas e encontrada pelos camponeses no livro, no média-metragem o objeto encontra um destino bastante distinto. Tem-se, então, a proposta de uma expansão cinematográfica, uma vez que Gusmão continua a escrita da obra de Carlos de Oliveira, agora no cinema.

Palavras-chave: Carlos de Oliveira; Manuel Gusmão; cinema; poesia

PINTURA E MÚSICA NOS POEMAS DE DA COSTA E SILVA

Raimunda Celestina Mendes da Silva (UESPI)

Resumo: "A poesia é uma pintura que se move e uma música que pensa", a frase de Deschamps instiga a compreensão de como os poemas do poeta piauiense Antônio Francisco da Costa e Silva se

reproduzem em outras linguagens, tal qual os trabalhos do pintor Ostiano Machado e do músico Francis Monte que transportaram para as artes plásticas e artes musicais, respectivamente, alguns poemas do vate amarantino, moldando-os e estabelecendo elos entre as diversas sensações que o eu-lírico produz. As interpretações artísticas levam o leitor/ouvinte a compreender as fontes e os contextos originários da criação dos poemas, das pinturas, das músicas, reforçando a intenção entre as artes, além de suscitar indagações quanto aos aspectos dos textos, ou seja, da construção de frases melódicas e rítmicas, dos efeitos líricos nas músicas ou nas pinturas. O objetivo, portanto, da comunicação é identificar o processo dialógico instituído entre diferentes linguagens, a partir dos poemas A moenda e Saudade, congregando as belezas comuns da poesia, da pintura e da música.

Palavras-chave: Música; Poema; Pintura; Da Costa e Silva.

3 de agosto

14h30

A CANÇÃO E A EDUCAÇÃO ESTÉTICA

Sílvio Rodrigo de Moura Rocha - Sílvio Ramiro (PUC-MG)

Resumo: A canção é um gênero que nasce para ser cantado, que não se concretiza fora dos elos entre letra e melodia, que reverbera valores de uma época, que cumpre finalidades específicas de acordo com o momento histórico de produção e recepção, que tem sua construção estética muito específica e complexa. Diante disso, este trabalho visa a discutir o papel da canção na sala de aula e propor percursos possíveis com esse gênero em situações de ensino-aprendizagem. Assim, balizamos nossas propostas, sobretudo, nas teorias de Mikhail Bakhtin e de Luiz Antônio Marcuschi sobre gêneros textuais, nos estudos de Luiz Tatit sobre a semiótica da canção, nas proposições de Roxane Rojo sobre multiletramentos, nas reflexões de Rildo Cosson sobre letramento literário e na conferência de Antonio Candido sobre o direito à literatura para a formação humana. Nosso objetivo alinha-se, pois, tanto às diretrizes curriculares nacionais e às pesquisas acadêmicas que hoje norteiam o ensino de língua portuguesa e literatura quanto a um lugar sócio-histórico que a canção ocupa em nosso país, sendo um gênero que exerce centralidade na vida cultural brasileira, conforme defende José Miguel Wisnik. Nesse contexto, defendemos a canção como gênero intersemiótico e complexo, por sua natureza lítero-melódica e, ademais, pelos elos que o arranjo entre letra e melodia engendram no processo de construção de sentido. Assim, essa construção híbrida do texto cancional nos leva a defendê-lo, à luz das reflexões de Nelson Barbosa da Costa e de Lauro Meller, como um gênero autônomo, portanto distinto do poema – apesar de, por vezes, manuais didáticos e textos do mundo midiático confundirem os gêneros e tratarem a canção de modo fragmentado, contemplando somente a letra. Sendo diferenciada do poema, ao ser analisada, a canção precisa ter suas peculiaridades constitutivas consideradas em função das finalidades que cumpre e dos efeitos de sentido que provoca. Por isso, para ser um gênero propício à sala de aula, ela deve entrar pela porta da frente, ser analisada em sua profundidade e complexidade, ter seu contexto de produção e recepção respaldado e, além disso, possibilitar a fruição estética aos estudantes. No caso específico deste trabalho, selecionamos as canções “É fogo” e “Meu amanhã”, do cantautor pernambucano Lenine, objeto de estudo em nossos mestrado e doutorado, a fim de propor caminhos possíveis para a entrada do gênero na sala de aula, a partir de sua integridade constitutiva e de experiências situadas de ensino-aprendizagem. Com isso, pretendemos que a canção seja um instrumento de letramento e, mais que isso, de educação estética.

Palavras-chave: canção; educação estética; letramento

LITERATURA E CINEMA NA ESCOLA: (RE)PENSANDO A FORMAÇÃO DO LEITOR

Walter Guarnier de Lima Júnior (UFU)

Resumo: O processo de formação de leitores está atualmente em contínuo movimento, daí por que, de tempos em tempos, surgem novas estratégias, novos conceitos que não apenas representam esse movimento, mas também servem para impulsioná-lo. O ensino, que recebe a responsabilidade

social de promover a formação do leitor para a cidadania, ao defrontar-se com essa tarefa, defronta-se, também, com a necessidade de promover sua própria reorganização. No contexto desse movimento, surge o diálogo literatura-cinema, como alternativa de maior significado, na busca de superação da atomização do conhecimento em disciplinas, tanto no contexto da pesquisa quanto do ensino. Segundo Fedorov (2015), o cinema vem sendo utilizado desde 1960 em algumas escolas como importante recurso didático. Por outro lado, tal uso, muitas vezes, tem deixado de ser potencializado pela falta de planejamento ou pela ausência de objetivos claros a atingir. Com a pesquisa, em fase inicial, buscamos: (re)pensar a interface literatura/cinema como estratégia para a formação do leitor do texto literário no Ensino Médio. No intuito de atingir tal objetivo, são indispensáveis, como etapas da pesquisa: a) O levantamento de um sólido arcabouço teórico dedicado às discussões em torno das relações entre literatura, cinema e de referencial relacionado à reflexão sobre o ensino de literatura e a formação do leitor; b) A identificação e análise, em livros de português recomendados pelo Guia de Livros Didáticos – Ensino Médio 2018, de referências ao trabalho com a interface literatura-cinema; c) O confronto de informações presentes nos documentos oficiais do Ministério da Educação dedicados às orientações do trabalho com literatura no Ensino Médio e as propostas de atividades relacionadas ao diálogo literatura-cinema encontradas nos livros de português recomendados pelo Guia de Livros Didáticos – Ensino Médio 2018; e, por fim, d) A partir das etapas anteriores, propor a elaboração e consequente apresentação de possibilidades de trabalho de leitura e análise textual envolvendo obras da literatura brasileira e o filme Caramuru – a invenção do Brasil, de Guel Arraes e Jorge Furtado. É verdade que há vasto material bibliográfico que, de uma forma ou de outra, estabelece relações entre literatura-cinema-ensino, como em: Metz (2014), Martin (2013), Brito (2007), Cunha (2009), Avellar (1994); por outro lado, também é verdade que não consta da literatura acadêmica, no âmbito dos estudos literários, trabalhos que se dediquem ao estudo das contribuições do cinema como elemento motivador para o aprofundamento da leitura do livro literário. A pesquisa, aqui proposta, se torna relevante por incidir sobre essa lacuna, ao investigar a(s) interface(s) entre a literatura e o cinema como estratégia pedagógica em potencial para formar o leitor de literatura que se encontra em desenvolvimento no Ensino Médio. Espera-se, ao final do estudo, compreender mais a fundo a interface literatura-cinema, assim como sua contribuição para a formação do leitor literário no Ensino Médio. Espera-se, ainda, após o período de investigação, produzir e propor possibilidades pedagógicas para um trabalho que relacione literatura brasileira e cinema em sala de aula de modo mais intenso e produtivo, atrelando a teoria da literatura e a teoria do cinema.

Palavras-chave: Literatura; Cinema; Formação do leitor.

O LUGAR DA POESIA NO MAPA-POEMA ILHA DE ARNALDO ANTUNES

Marina Valesquino Affonso dos Santos (UFU)

Resumo: O poema Ilha de Arnaldo Antunes, parte integrante do livro 2 ou + corpos no mesmo espaço, participa de um envolvimento fronteiriço, ou melhor, confere-se como um mapeamento que circunscreve territórios distintos: é em composição, um mapa-poema. O mapa-poema foi constituído por camadas adicionais de identidades, quais sejam a imagem aérea de uma ilha, a apresentação de abreviaturas de rodovias e de órgãos do corpo humano e os traços negros vazados que remetem ao homem: precisamente, a geografia, a fotografia, o sistema linguístico e o desenho de contorno (matriz em negativo) contribuem para a formação de um exemplar que tem como máxima a relação da poesia com outras Artes. Vê-se que no poema a foto, algumas siglas e um negativo apresentam o visível e a lembrança de uma visibilidade; portanto, é possível dizer que imagens, palavras e significados não se mostram com vista em/para uma escala superior (distanciada) de realidades, formatando retratos que centralizam e direcionam o conhecimento, mas configuram-se a partir da articulação da correspondência das artes. A realidade do mapa-poema ou poema-cartográfico se insere em uma dinâmica segundo a qual o assunto e o conteúdo se organizam a maneira de um quebra-cabeça, onde suas peças não se fecham num espaço, mas se expandem conforme a organicidade e a particularidade do olhar como se em cada mínimo pedaço

houvesse um desvelamento para múltiplas significações. A ilha, reprodução de uma realidade resultante da aerofotogrametria aponta para o negativo (o tom escuro e invertido percebido como uma complementaridade): é na linha que circula exteriormente o poema que parece residir uma espécie de menção ao todo. Logo, há como proposta para considerar três exercícios que instigam o olhar: um que se debruça sobre a escritura, outro que contempla as imagens, e ambos que se revolvem diante do princípio fundamental do poema, sua temática: a ilha como elemento estrutural e motivador para a origem do corpo do poema. Dessa forma, a primeira pergunta que se faz é: qual o sentido da ilha para o mapa-poema? O texto *Causas e Razões das Ilhas Desertas*, escrito pelo filósofo Gilles Deleuze (2004), servirá de ponto de apoio para refletir sobre esta questão. Porém, para pensar o lugar da poesia no mapa-poema Ilha, que se mostra enquanto forma representativa originária da sobreposição de elementos com o propósito de conduzir e orientar o poema em vias de conformidade com outras artes – mais especificamente, a Literatura e as Artes Visuais – é significativo trazer ao âmbito deste contexto a leitura filosófica de Étienne Souriau (1983) sobre a Correspondência das Artes.

Palavras-chave: Arnaldo Antunes; Poesia; Correspondência das Artes

A TRADUÇÃO INTERSEMIÓTICA EM HOLMES: DO LITERÁRIO AO AUDIOVISUAL

Ribanna Martins de Paula (UnB)

Resumo: A presente pesquisa tem como finalidade analisar a adaptação televisiva dos romances e contos de ficção policial protagonizados por Sherlock Holmes, de autoria do escritor escocês Arthur Conan Doyle, publicadas de 1887 a 1927. Esta análise consiste na investigação das transformações sofridas pelo texto literário na criação de seu correspondente audiovisual produzido pela emissora britânica BBC – composta por quatro temporadas de três episódios cada, além de um especial de Ano Novo, exibidas entre 2010 e 2017. A série televisiva, denominada *Sherlock*, apresenta episódios livremente baseados nas aventuras do detetive e seu amigo John Watson. Alguns deles são: *A Study in Pink*, *A Scandal in Belgravia*, *The Hounds of Baskerville*, *The Reichenbach Fall* e *The Sign of Three* – releituras de *A Study in Scarlet*, *A Scandal in Bohemia*, *The Hound of the Baskerville*, *The Final Problem* e *The Sign of the Four*, respectivamente. Ademais, esta pesquisa pretende explorar os procedimentos aplicados durante o processo de tradução intersemiótica, que “consiste na interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não-verbais” (JAKOBSON, 1976, p. 64). Para tal, optou-se pela contribuição teórica de Robert Stam (2009) que, em seu diálogo com Mikhail Bakhtin, defende a legitimidade das adaptações junto ao texto literário, como mais um meio narratológico. Outro pensamento acerca das adaptações considerado neste trabalho é o de Linda Hutcheon (2011) ao reconhecer a dialética existente entre o contexto social e as produções artísticas para a geração de novas possibilidades formais de criação. Neste estudo, as teorias relativas à adaptação são pensadas em termos de uma prática intertextual, segundo as noções de intertextualidade de Julia Kristeva ao salientar que “todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de outro texto” (1969, p. 68), bem como as de Gerard Genette que a define como “uma relação de copresença entre dois ou vários textos, isto é, essencialmente, e o mais frequentemente, como presença efetiva de um texto em um outro” (2010, p. 12). Cabe ressaltar que ainda que os conceitos de intertextualidade de ambos os autores sejam relacionadas à literatura, suas reflexões são relevantes na consideração das práticas de adaptação. Por fim, após a realização desta pesquisa, evidencia-se como os elementos da narrativa presentes na obra de Doyle experimentam uma alteração na adaptação proposta pela BBC. Com isso, pretende-se contribuir para os estudos da área de literatura e outras artes, bem como para as reflexões concernentes à difusão do conhecimento de literatura por meio de diferentes sistemas semióticos artísticos.

Palavras-chave: Sherlock Holmes; Intersemiótica; Adaptação.

42 - LITERATURA E RELIGIOSIDADE

Coordenação: Cristhiano Motta Aguiar (Universidade Presbiteriana Mackenzie); João Leonel (Universidade Presbiteriana Mackenzie)

Resumo: No Ocidente contemporâneo, a religião é um fenômeno que chama a atenção por sua expansão e diversidade. Sensíveis a isso, vários segmentos como a antropologia, a sociologia, a história em seus diversos matizes, a psicologia, além da própria ciência da religião fazem da religiosidade seu foco de pesquisa e trazem para o ambiente acadêmico resultados já consolidados.

Estudiosos da literatura, de forma geral, mantêm-se distantes do tema. No entanto, é fato que a religião e suas expressões ocupam espaço relevante tanto na literatura mundial quanto na literatura de língua portuguesa. As raízes da própria ideia de literatura como a conhecemos hoje se encontram interligadas com o sagrado e a religiosidade. Assim, a mélica e a épica gregas, por exemplo, não podem ser plenamente compreendidas se não levarmos em conta suas relações com o imaginário religioso dos seus contextos originais de produção. Momentos importantes da história da literatura ocidental estabelecem conexões com a religiosidade: os poemas barrocos de Quevedo e Gôngora, o teatro de Shakespeare, *Os Lusíadas*, de Camões, a prosa de James Joyce, ou os contos de Jorge Luis Borges são alguns dos exemplos possíveis dessa fecunda relação. No caso específico da literatura brasileira, é possível percebermos a fecundidade do diálogo entre poesia, representação ficcional e religiosidade, que já se inicia entre nós, por exemplo, com o teatro de Anchieta, percorre a poesia de Gregório de Matos, perpassa o arcadismo, romantismo e a obra de Machado de Assis. Ao longo dos séculos XX e XXI, a literatura brasileira continuará esse diálogo nas obras de escritores como Cecília Meireles, João Guimarães Rosa, Jorge Amado, Ariano Suassuna, Milton Hatoum, Adélia Prado, Hilda Hilst, Conceição Evaristo, entre tantos outros que poderiam ser citados. Dessa forma, embora a lista a seguir não seja exaustiva das possibilidades de abordagem e trabalho no campo da literatura e religiosidade o objetivo deste Simpósio se propõe a pensar um tema de relevância na literatura universal – a religião – indicando como em obras literárias o tema se manifesta por meio da reescrita de textos religiosos, nas relações intertextuais entre texto literário e texto religioso, nas manifestações poéticas do sagrado, nas expressões de gênero e raça e na constituição dos elementos narrativos da ficção. O Simpósio volta-se, igualmente, para os estudos que relacionam memória e religiosidade, para os elementos discursivos de sermões religiosos e para a análise literária e semiótica da Bíblia e de textos religiosos.

Por decorrência, a abordagem proposta se distancia das áreas de estudos que tratam da religião, seja a teologia ou as ciências da religião, uma vez que elege um tema – a religião/religiosidade – e investiga sua presença na literatura a partir de teorias e análises próprias ao campo.

REFERÊNCIAS:

- ALTER, Robert. *A arte da narrativa bíblica*. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.
_____. KERMODE, Frank. *Guia literário da Bíblia*. São Paulo: Editora Unesp, 1997.
ARMSTRONG, Karen. *A Bíblia: uma biografia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
_____. *Em nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo*. São Paulo: Cia. de Bolso, 2009.
_____. *Uma história de Deus*. São Paulo: Cia. de Bolso, 2008.
BLOOM, Harold. *Abaixo as verdades sagradas: poesia e crença desde a Bíblia até nossos dias*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2012.
CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Publifolha, 2000 (Grandes nomes do pensamento brasileiro).
EAGLETON, Terry. *Como ler literatura: um convite*. Porto Alegre: L&PM, 2017. Ebook.

- _____. *Teoria da literatura: uma introdução*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- ELIOT, T. S. Religion and Literature. In: KERMODE, Frank (Ed.). *Selected Prose of T. S. Eliot*. New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1975. p. 97-106.
- Espírito da letra, o: temas de literatura e teologia. *Religião & Cultura*. Departamento de Teologia e Ciências da Religião – PUC/SP, v. III, n. 6, jul/dez, 2004.
- FERRAZ, Salma. *As faces de Deus na obra de um ateu*. 2. ed. rev. e ampl. Blumenau, SC: Edifurb, 2012.
- FRYE, Northrop. *O código dos códigos: a Bíblia e a literatura*. São Paulo: Boitempo, 2004.
- JASPER, David. *The Study of Literature and Religion: An Introduction*. 2nd. Ed. Eugene: Wipf and Stock Publishers, 2009.
- KNIGHT, Mark; MASON, Emma. *Nineteenth-Century Religion and Literature: An Introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- _____; LEE, Louise (Eds.). *Religion, Literature and the Imagination: Sacred Worlds*. London: Continuum, 2009.
- KORT, Wesley A. "Religion and Literature" in Postmodernist Contexts. *Journal of the American Academy of Religion*, Oxford University Press, v. LVIII, n. 4, p. 575-588, 1990.
- KUSCHEL, Karl-Josef. *Os escritores e as escrituras: retratos teológico-literários*. São Paulo: Loyola, 1999.
- LEONEL, João. Religião e linguagem literária: contribuições da literatura para a interpretação de textos religiosos. *Reflexão*, Puccamp, v. 41, p. 47-59, 2016.
- MAGALHÃES, A. *Deus no espelho das palavras: teologia e literatura em diálogo*. São Paulo: Paulinas, 2000.
- MALANGA, Eliana Branco. *A Bíblia Hebraica como obra aberta: uma proposta interdisciplinar para uma semiologia bíblica*. São Paulo: Humanitas/Fapesp, 2005.
- MILES, Jack. *Deus: uma biografia*. São Paulo: Cia. de Bolso, 2009.
- MORI, Geraldo Luiz de; SANTOS, Luciano Costa; CALDAS FILHO, Carlos Ribeiro (Orgs.). *Aragem do sagrado: Deus na literatura brasileira contemporânea*. São Paulo: Ed. Loyola, 2011.
- NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza (Org.). *Religião e linguagem: abordagens teóricas interdisciplinares*. São Paulo: Paulus, 2015.
- PAZ, Octavio. *O arco e a lira*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.
- PERRONE-MOISÉS, Leila. *Mutações da literatura no século XXI*. São Paulo: Cia. das Letras, 2016.
- QUEIROZ, Maria Eli de. *Machado de Assis e a religião*. Considerações acerca da alma machadiana. Aparecida (SP): Ideias e Letras, 2008.
- WOOD, James. *Como funciona a ficção*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.
- ZABATIERO, Júlio P. T.; LEONEL, João. *Bíblia, literatura e linguagem*. São Paulo: Paulus, 2011.

31 de julho 8h30

COMO REPREENDER UM REI? UMA TENTATIVA DE ANÁLISE DA NARRATIVA BÍBLICA
Diana Sousa Silva Correa (IFMA); Aristóteles de Almeida Lacerda Neto (IFMA)

Resumo: Quando falamos na Bíblia, pensamos imediatamente na religião cristã, enquanto um sistema que se propõe a determinar um modelo de vida ligado à divindade. Desse modo, tal livro é utilizado como principal meio de propagação das verdades reveladas para levar o homem à crença em um único Deus. Partindo desse pressuposto, o discurso bíblico é essencialmente persuasivo, pois visa a convencer o homem a viver de acordo com a vontade suprema da divindade. Antes de ser um livro teológico, a Bíblia é um livro literário cheio de sentido e alusões morais e psicológicas em torno dos personagens bíblicos. Neste sentido, é inegável o valor literário que a narrativa bíblica apresenta sendo fonte de inspiração para inúmeros trabalhos acadêmicos literários. Segundo Robert Alter (2007), a Bíblia tem muita coisa a ensinar a qualquer pessoa que se interesse por narrativa, pois sua arte - que parece simples, mas é maravilhosamente complexa. Ante o exposto, no presente trabalho

debruçamos a nossa atenção ao livro de II Samuel. O Capítulo 12 do referido livro, narra o episódio em que Deus usa o profeta Natã para repreender o rei Davi por ter cometido adultério com Betsabéia e consequentemente ser o responsável direto da morte do marido da sua amante. Um fato que nos chama atenção nessa narrativa é o desempenho do porta-voz de Deus, ao repreender Davi. O profeta utiliza-se de uma parábola para entregar a mensagem punitiva. Isso motiva-nos a investigar a relação Profeta-Rei existente no presente colóquio. Optamos por analisar os textos baseados na versão da Bíblia de Jerusalém, pelo fato de esta apresentar uma tradução que é muito respeitada pelos estudiosos, sendo reconhecida não só para estudos teológicos, mas também, filológicos, linguísticos e literários. Assim, o presente estudo, de caráter eminentemente bibliográfico, toma por objeto a interação entre os personagens, a carga de motivação no diálogo os personagens, os traços de personalidade, bem como os condicionamentos políticos, sociais e religiosos, para depreender os significados morais e teológicos que emana da fala, dos gestos e atos do profeta e do rei. Para tanto, recorremos aos postulados de Robert Alter (2007), que compreende a Bíblia como obra literária sem vilipendiar a teologia implícita que impõe à narrativa um realismo psicológico e moral bastante complexo. Para a realização da análise proposta, usaremos também o método prático de análise literária de José Pedro Tosa Abadía (2000).

Palavras-chave: Palavras-chave: Literatura; Bíblia; Relação Profeta-Rei; Natã; Davi.

A FICCIONALIZAÇÃO DE ESPAÇOS NARRATIVOS NO TEXTO BÍBLICO: O EVANGELHO DE MATEUS

João Leonel (Universidade Presbiteriana Mackenzie)

Resumo: Na tradição ocidental de estudos teórico-narrativos, o espaço ficcional tem sido preterido em favorecimento de outros, como narrador, tempo, personagens e enredo. Mais recentemente, todavia, sob impacto de grandes movimentos migratórios derivados de conflitos bélicos surgidos de questões políticas, sociais e religiosas, o aspecto espacial veio à tona, seja pela impossibilidade da permanência em terras arrasadas, seja pela busca de um novo chão para reconstrução da vida. O ressurgimento dramático da busca por recolocação geográfica tem impactado tanto a reflexão teórica-literária quanto a produção ficcional. Os estudos da Bíblia seguem percurso semelhante. Sob influxo da leitura e interpretação historicistas que regem os estudos bíblicos nos últimos dois séculos, elementos literários e, de modo particular o estudo da constituição de espaços, têm sido desconsiderados ou, na melhor das hipóteses, estudados a partir de aspectos geográficos e de reconstrução de cenários históricos. Somente a partir dos anos 1980 é que a perspectiva analítica começou a ser alterada, acompanhando o desenvolvimento de novas teorias, principalmente ligadas aos estudos da linguagem e da literatura. Dessa forma, passou-se a utilizar conceitos da teoria literária para analisar narrativas bíblicas. Os espaços passaram a ser incluídos nessa nova vertente, embora ainda em caráter secundário. O que se faz, nesse sentido, não é exatamente o mesmo que se dá na crítica literária – estudar como são criados e atuam os espaços ficcionais, mas sim como espaços geográficos presentes em textos bíblicos são ficcionalizados ou tratados como tal, de modo a serem inseridos no rol de elementos literários disponíveis ao autor para a composição da obra. Esta comunicação estuda um livro bíblico específico – o evangelho de Mateus, e de modo particular um espaço – a casa – visando detectar como tal espaço exerce funções literárias no referido evangelho. Para tanto, a proposta teórico-analítica desta comunicação opõe-se à visão tradicional de biblistas que consideram a casa como mero cenário histórico, cuja função é apontar para a veracidade do Jesus Histórico. O desenvolvimento da proposta visa demonstrar que a casa, para além de cenário histórico/geográfico, é trabalhada e apresentada no evangelho de tal forma a servir de estratégia retórica de convencimento dos leitores. Para tanto, serão usadas teorias narrativas desenvolvidas por Franz Karl Stanzel (1986) e Teresa Bridgeman (2007) que vinculam o foco narrativo à construção de espaços narrativos.

Palavras-chave: Espaço narrativo; ficcionalização; evangelho; casa

QOHÉLET - O -QUE-SABE : O "NÉVOA-NADA" E A POESIA TRANSCENDENTE DE HAROLDO DE CAMPOS
Laís Midori da Silva (UNESP)

Resumo: Desde que começamos a analisar a relação do poeta Haroldo de Campos com a tradução de textos religiosos, tais como o Gênesis, Eclesiastes, Livro de Jó e Cântico dos Cânticos, ficou-nos clara a aproximação laica e “primacialmente interessada em poesia” (CAMPOS, 2000). É nesse sentido, inclusive, que alguns pesquisadores têm direcionado seus trabalhos, valorizando os recursos da tradução, como o máximo esforço para a manutenção do ritmo e da melodia do texto original em hebraico, os jogos, a disposição das palavras e os recursos gráficos utilizados pelo brasileiro num procedimento que o mesmo nomeou como transcrição ou tradução criativa. No entanto, apesar da grande importância da combinação de todos esses elementos na tradução dos textos bíblicos, tal procedimento não se configura como uma inovação exclusivamente repensada para os fragmentos da Bíblia ou do texto religioso. A nosso ver, no vasto percurso de (re)criação trilhado pelo poeta, o mesmo já havia explorado arranjos tradutórios com alto nível de complexidade e de novidade ao trabalhar com obras do cânone literário e com autores como Homero, Dante, Joyce e Goethe, por exemplo. Ou seja, Haroldo é um poeta que, desde os tempos da vanguarda concretista, sempre se apropriou antropofagicamente dos textos mais importantes da tradição. Dessa maneira, é nesse ponto que destacamos a Bíblia como objeto de nossa pesquisa, pois, assim como ocorre com a seleção de obras da tradição na composição do seu paideuma, a escolha dos fragmentos bíblicos não nos parece aleatória. Ao contrário, entendemos que o “névoa-nada” e o caráter transitório das coisas evidenciados no Eclesiastes apresentam-se como unidades capazes de realizar um movimento de entrelaçamento com a poesia quando relacionadas à transição e à transitoriedade do projeto poético haroldiano, de modo que, diante dos contextos de crise - da vanguarda, do verso e da utopia - o poeta, por meio do labor com os textos da origem e da religião, procura, novamente, realizar um trabalho órfico, contribuindo para o eterno retorno da poesia e, acima de tudo, da linguagem poética trabalhada em máximo grau. Assim, apoiando-nos principalmente em teóricos como Northrop Frye - a fim de explorarmos a Bíblia pela perspectiva do *mythos*, bem como as metáforas e metonímias que conferem poeticidade à obra - e Friederich Nietzsche - para elucidarmos o eterno retorno e verificarmos se há algum ponto de convergência entre os trechos contemplados pela tradução de Haroldo, a “morte” da linguagem e a ideia do “Deus morto” - pretendemos compreender se, de fato, há um processo lógico na seleção realizada pelo poeta, de modo que se possa afirmar que o objetivo maior de seu projeto tradutório é permitir a vivificação de uma “religião” da linguagem poética, garantindo, desse modo, o lugar de transcendência da Poesia e da Literatura.

Palavras-chave: Eclesiastes; Haroldo de Campos; Poesia.

JOSÉ, O MENINO, DAS MARGENS AOS CIMOS: EXÍLIO E HOSPITALIDADE EM PRIMEIRAS ESTÓRIAS E NA BÍBLIA

Mariana Aparecida Venâncio (CES-JF)

Resumo: Jean-Luc Nancy, em seu ensaio *La existencia exiliada* (1996), chama a atenção para o fato de que o exílio é constitutivo de todo ser humano. Este, ainda que fisicamente residente em sua pátria, está, naturalmente, fora de si e em constante busca pelo seu lugar. Amparados pelo pensamento do filósofo, pretendemos ler em perspectiva comparada os contos *As margens da alegria* e *Os cimos*, de autoria de João Guimarães Rosa, e as narrativas de Gênesis 37-50. O Menino, personagem das histórias rosianas, é figura semelhante a José, o jovem protagonista do excerto bíblico. Ambos perfazem um caminho de exílio de sua terra a uma outra estranha, marcada pelo progresso urbano que contrasta com seu lugar de origem. Porém, tanto na coletânea *Primeiras histórias* (1962), na qual figuram os contos escolhidos, quanto na Bíblia, o tema do exílio não aparece apenas como condição à qual estão submetidas as personagens; antes, constitui uma experiência modeladora de suas identidades. De maneira semelhante, a hospitalidade, que, sobretudo na Bíblia, é resposta esperada ao exílio, também aponta para a interioridade. José e o Menino experimentam hospitalidades de tal forma relacionadas ao íntimo, que são capazes de condicionar suas atitudes, desencadeando ações futuras determinantes para os enredos nos quais estão inseridos. A abordagem dessas relações de hospitalidade em nível subjetivo se fará por meio da apresentação e

discussão ao redor do conceito de hospintralidade. Assim, investigar o exílio e as hospitalidades oferecidas ou recebidas pelas personagens em questão corresponde ao trabalho de se pensar a sua identidade enquanto pessoas interiormente exiladas. Essa condição, no entanto, não impede que ainda abriguem dentro de si a existência de outros. Tal empreendimento será feito buscando apontar, sempre que assim se fizer possível, exemplos da ocorrência dessas relações também em diferentes textos bíblicos e em outros contos de Primeiras estórias. Esta comunicação afasta-se de uma investigação teológica e confessional da Bíblia, levando em conta seu caráter literário, o que nos possibilita aproximar dela a literatura rosiana. A partir dos temas do exílio e da hospintralidade, portanto, pretendemos ler a interioridade dos textos para alcançar a intimidade dos personagens, fazendo emergir contribuições para a hermenêutica de ambas as obras. Além de Jean-Luc Nancy, em suas reflexões filosóficas sobre o exílio, este exame se apoia nos estudos de autores como Erich Auerbach, Harold Bloom e Robert Alter, no que diz respeito à abordagem literária da Bíblia e Paulo Rónai, que, no Brasil, foi amigo e intérprete de João Guimarães Rosa.

Palavras-chave: Jean-Luc Nancy; Bíblia; Primeiras estórias; exílio; hospintralidade

31 de julho

14h30

MARIA LUIZA: O ENCONTRO DA CRISE SOCIAL E SUBJETIVA PELO DESLOCAMENTO NO DISCURSO RELIGIOSO

Elisa Domingues Coelho (UNESP)

Resumo: Na numerosa prosa da década de 30, há uma vastidão de personagens femininas, todavia, não há consequentemente uma pluralidade de trajetória, elas surgem sempre numa mesma constituição: um narrador, uma voz masculina, em uma história em que o mesmo enredo – da mulher ludibriada e desgraçada que se “perde” e termina miseravelmente na prostituição – repete-se. Maria Luiza, de Lúcia Miguel Pereira, escapa a esse modelo ao trazer uma personagem feminina em absoluta centralidade na narrativa, cujo olhar não só atravessa todos os demais personagens como é o fio condutor da narrativa. Desse modo, seu título já antecede para o leitor a singularidade do romance no contexto de 30, e tal feito, atribuído em grande parte à filiação aos romances que se ocupavam centralmente dos “temas do espírito” – como nomeado pela crítica da época –, ilumina, desse modo, a trajetória espiritual de uma personagem feminina representativa das questões de seu tempo. Inserido não só no contexto da literatura brasileira, como em um outro mais amplo da profunda transformação do gênero romanesco – operada pelo romance moderno –, o projeto literário da narrativa desenha para nós um contexto prototípico da família burguesa católica de 30, cuja síntese moral se manifesta no discurso da protagonista Maria Luiza. O movimento do romance será, então, através de uma crise espiritual profunda, promover o deslocamento nesse discurso através de um processo espiralado de rememoração e ressignificação que traz a crise dessa sociedade de 30 para a subjetividade despedaçada da personagem. Há, outrossim, a construção do descompasso de um enredo absolutamente simples, que retrata uma estrutura social e moral estratificadas, incapazes de enxergar e compreender a mudança operada naquela que era seu pilar, a protagonista. Em contrapartida, há o tempo do fluxo de consciência de Maria Luiza, que revive e ressignifica seu antigo lugar e, da centralidade antes ocupada nessa sociedade, passa a viver o abismo, esse trânsito que torna o lugar dos personagens de 30 impossível ao não conseguir mais se vincular ao passado decadente e tampouco se encontrar nesse futuro que a modernidade traz. O seu encontro final com o abismo e a transcendência reafirmam a personagem como extremamente representativa dessa crise de 30: entre as ações externas e a percepção de sua consciência, permanece a impossibilidade, o desencontro; já a resignação e conforto na fé genuína situam o romance também na busca protagonizada pelos intelectuais de 30 por caminhos e saídas para a crise, fossem eles na esfera social ou espiritual.

Palavras-chave: Literatura brasileira; romance; década de 30

O TEOR TESTEMUNHAL DO VISIONÁRIO EM MOMENTOS DE CONFLAGRAÇÃO

Agostine Braga dos Santos (UFRJ)

Resumo: Dissertarei sobre a possibilidade de dar sentido a uma realidade conflituosa por intermédio de uma poesia não realista, não discursiva, de caráter essencialmente lírico e simbólico. No turbulento contexto sociopolítico brasileiro referente ao período da Segunda guerra, Murilo Mendes, na obra *As Metamorfoses*, projeta uma persona que carrega uma voz cosmogônica para atestar seu mundo à deriva. Nesse sentido, interessa-me apreender o ponto de vista do eu lírico enquanto poeta-profeta colocando-se como testemunho ocular de Deus, capaz de presentificar através do verbo divino um passado primordial, a se tornar futuro, no momento do rito, fruto da sua imaginação simbólica. Parto, assim, da premissa de Jorge de Lima, que apresenta o que chama de “poeta místico”, no texto “A mystica e a poesia” (1935), como aquele que não imita a natureza, mas a Jesus, e por isso a transforma; e da afirmação da filóloga espanhola Victoria Cirlot, de que o visionário é capaz de subverter a linguagem pelo jogo de sinais apocalípticos; para refletir, por fim, se seria possível a poesia suportar o testemunho da encenação trágica de um Visionário capaz de fazer crível um mundo impossível através de uma linguagem criadora, ressignificando, desse modo, a própria realidade.

Palavras-chave: Murilo Mendes; Mística; Visionário

HADEWIJCH DE AMBERES E ADÉLIA PRADO: DIÁLOGOS POSSÍVEIS NA MÍSTICA MEDIEVAL E CONTEMPORÂNEA

Paloma do Nascimento Oliveira (UFPB)

Resumo: Imaginemos que há mais de 800 anos uma mulher, na província de Brabante (atual Bélgica), chamada Hadewijch de Amberes, passava por experiências místicas em que era amante de Deus. No século XIII, seria impossível para a Igreja aceitar esse tipo de contato com o Senhor, principalmente se não havia intermédio eclesial. Não se sabe bem o porquê (talvez amigos influentes), mas Hadewijch não passou pelo processo inquisitório, como tantas outras místicas contemporâneas a ela e seus escritos foram encontrados no século XIX, intactos. São cartas, visões e poemas que legitimam seu diálogo com Cristo e ressaltam a ousadia de se sentir íntima de um Ser tão superior à sua condição de mulher na Idade Média. Num salto para o século XX, nasce uma menina em Divinópolis, Minas Gerais, que só se sentiria confortável em dialogar com Deus através da escrita aos 40 anos: Adélia, filha católica, mãe dedicada e fundadora de novas linhagens nos presenteia com poemas dialogais com o Divino. Apesar de um largo espaço de tempo essas duas mulheres trazem em seus versos a experiência do contato com Outro, cada uma com sua linguagem, seu modo de descrever a atuação de do Sagrado em suas vidas, especialmente em seus corpos e suas almas. De um lado temos a experiência de uma beguina: uma religiosa autônoma que participava de uma comunidade em que o Divino podia ser acessado de forma livre e direta, sem a intercessão da Igreja; Ele podia ser sentido dentro de cada uma, sendo desnecessária a ida ao Templo Sagrado. Do outro uma religiosa que escolheu formar família e inserir Deus e a religiosidade no seu dia a dia, na sua cozinha, na sua cama, nos seus textos: Adélia Prado não abandonou os ritos e dogmas propostos pela Igreja, mas igualmente a Hadewijch de Amberes, se deleita em suas experiências compartilhadas apenas entre ela e Ele. Da Idade Média ao contemporâneo, a mística do amor percorreu um trajeto de certo esquecimento, ou até marginalização na academia; por isto, a proposta deste trabalho é refletir sobre as contribuições que as poetisas deixam acerca da temática, assim como apresentar alguns resultados sobre a pesquisa que vem sendo desenvolvida para a construção da tese de doutorado intitulada “Amor e mística em Hadewijch de Amberes e Adélia Prado: aproximações e distanciamentos” e orientada pela professora Luciana Eleonora de F. Calado Deplagne (PPGL/UFPB). Para tanto, alguns autores da área foram utilizados para embasar a construção do texto, contamos com os estudos de Vauchez (1995), Cirlot & Garí (1999), Épiney-Burgard & Brunn (2007), Teixeira (2014), Duby (1990), entre outros.

Palavras-chave: Poesia; Mística; Mulher.

"O CASO MEURSAULT" E "O ESTRANGEIRO": MEMÓRIA PÓS-COLONIAL E REESCRITURAS DO SAGRADO

Ariane da Mota Cavalcanti (UFPE)

Resumo: O ficcionista e jornalista argelino Kamel Daoud reescreve o clássico “O estrangeiro (1957)”, de Camus, no romance recentemente traduzido para o português com o título: “O caso Mersault” (2013). Em termos gerais, a obra encerra o projeto de reapresentar a história de “O estrangeiro” a partir de um outro lugar de fala diverso do pertencente ao narrador “colonizador”: o do irmão (Haroun) do árabe assassinado (Mussa) no romance francês, trazendo elementos que foram silenciados, como bem remarca Edward Said em “Cultura e imperialismo” (1993) por Camus: o território da Argélia, a memória da colonização da França no país, as subjetividades árabes, que agora ganham nomes próprios na nova obra. Assim, a partir da memória da família árabe, os sentidos de “O estrangeiro” são revisitados criticamente numa relação paródica, nos termos entendidos por Linda Hutcheon em “Poética do pós-modernismo” (1991), e, nessa dinâmica, o romance de Daoud abre espaço para que se observem representações do islamismo na cidade de Orã, capital da Argélia. Este trabalho, pois, objetiva discutir sobre como tais representações do sagrado islâmico se compõem em interface com as noções de metaficção, memória e crítica pós-colonial.

Palavras-chave: Kamel Daoud; Camus; Estudos pós-coloniais; Islã

1 de agosto

8h30

O MAL EXTERNO E SUAS INFLUÊNCIAS INTERNAS: A REPRESENTAÇÃO DO MAL E DA TENTAÇÃO N'O SENHOR DOS ANÉIS

Jonas Filipe Matos de Souza (UnB)

Resumo: O presente artigo tem como objetivo principal compreender e apresentar de qual maneira o conceito de Mal, representado como algo real e personificado, é capaz de influenciar os pensamentos e as atitudes dos personagens, através da Tentação, dentro de uma obra literária, especificamente em O Senhor dos Anéis (1954-1955), de J. R. R. Tolkien. O autor, católico devoto e escritor exímio, teve durante toda sua vida essas duas características marcantes conduzindo suas ações, tanto em sua vida pessoal, quanto profissional e literária. Para Jung (1964), o homem expressa-se por meio de uma linguagem não necessariamente descritiva, cheia de imagens, símbolos ou sinais. Para Eliade (1979), o símbolo é responsável por trazer à luz os aspectos mais profundos da realidade, da própria consciência do autor, através de sua capacidade de representação intrínseca nas obras literárias. A utilização de símbolos como ferramentas de expressão de diversos significados é algo corriqueiro dentro da literatura, sendo o meio escolhido pelos escritores para transmitir valores e ideias através de suas obras. Apesar de negar várias vezes que sua obra tratava de temas religiosos, Tolkien (1981) responde que ao revisá-la observou que em verdade sua obra era uma obra católica. Tal declaração foi feita a um de seus leitores, o padre jesuíta Robert Murray, que havia escrito indagando-o sobre relações e símbolos religiosos encontrados por este enquanto lia a obra. O autor afirma, na mesma carta, que a religiosidade da obra é absorvida pela história em seus símbolos. Segundo São Tomás de Aquino (2016), Mal é tudo aquilo que nos priva do Bem, que gera consequências nocivas à realidade daqueles ao qual direciona-se, enquanto a Tentação é um movimento interior intencionado pelo Mal a partir de influências aos sentidos externos, que age movendo as intenções internas (espirituais) para que estas comandem a natureza física. O presente artigo é guiado pelos princípios da análise comparativa entre a obra literária e a fortuna crítica, especificamente nos campos teológico e simbólico. A partir da utilização dos símbolos pelo autor, é possível identificar em sua obra elementos representativos do Mal como uma força que possui vontade própria, representado principalmente por meio de Sauron, à quem são imbuídos os títulos de Senhor do Escuro, Inimigo, Enganador, Cruel e Senhor dos Anéis. Sauron, através de sua astúcia e habilidades sobrenaturais, impôs sua força de vontade em objetos mágicos, os Anéis de Poder, os

quais utiliza para subjugar todos os outros povos e raças da Terra-Média, controlando-os e prendendo-os na escuridão de sua vontade perversa. Tais anéis agiriam assim como ferramentas da ação do Mal, ou seja, a Tentação, que tem como fim a ruína daqueles ao qual conquista. Portanto, espera-se com este artigo a análise da representatividade do Mal e da Tentação na obra literária O Senhor dos Anéis a partir da utilização de símbolos pelo autor e como tal representatividade se mostra significativa no ponto de encontro entre os estudos literários e de religiosidade.

Palavras-chave: Mal; Tentação; Simbolismo; Cristianismo; Tolkien

THE SCREWTAPES LETTERS: ECOS E LEITORES BRASILEIROS

Esdras Alexandre Silva da Rocha (Faculdade Nazarena do Brasil)

Resumo: A influência da obra lewisiana décadas após a morte do autor é notável. O mercado editorial percebeu que as obras relacionadas a C. S. Lewis têm um bom mercado, posto que seu nome é reconhecido. De acordo com Roger Chartier, “a leitura é sempre apropriação, invenção, produção de significados. Segundo a bela imagem de Michel Certeau, o leitor é um caçador que percorre terras alheias” (CHARTIER, 1999). Há décadas, a ação do leitor diante da escrita tem, não apenas despertado interesse por parte da expertise da linguagem, mas também suscitado novas áreas de pesquisa. Pretendemos demonstrar algumas reações de pessoas comuns à leitura do texto *The Screwtape Letters*, seja qual for sua edição publicada no Brasil. Desse modo, apresenta-se como alternativa viável a manifestação dos leitores por via eletrônica. Levando em conta tudo o que foi apresentado, tendo em vista os dados disponíveis na internet, mormente em hipertextos na rede social para leitores no Brasil denominada Skoob, levantamos informações acerca da recepção de *The Screwtape Letters* entre leitores brasileiros, conforme os dados disponíveis no período de 13 de outubro a 3 de novembro de 2017. Tal obra é apresentada por meio de três títulos: *The Screwtape Letters*, *Cartas do inferno* e *Cartas de um diabo a seu aprendiz*. Outros dois títulos de publicações nacionais, a saber, *As cartas do Coisa-Ruim* e *Cartas do diabo ao seu aprendiz* não são encontrados. Se juntarmos as apreciações dos três títulos, e considerarmos que todos eles correspondem a uma única obra, teremos os seguintes números: 2.080 pessoas afirmam terem lido o texto; 254 dizem que a estão lendo; 2.338 demonstraram interesse em lê-la; 12 afirmam que a releem; 76 afirmam tê-la abandonado; 49 resenhas foram postadas na rede social. Quanto aos ecos da obra em nosso meio, percebemos que ela motivou alguns de seus leitores para a produção de outros textos e mesmo de outras manifestações artísticas. A primeira obra é a produção do desenho animado, dirigido por Ricardo Irwin, intitulado “*Tônico e o Demônio*”, de 1961, com aproximadamente 24 minutos de duração. O segundo texto é o artigo publicado na *Revista Teológica*, no volume 64, de julho-dezembro de 2004, do Seminário Presbiteriano do Sul em Campinas, SP, nas páginas 115 a 123, intitulado *C. S. Lewis na fronteira entre teologia e literatura: reflexões sobre The Screwtape Letters*, cujo autor é Carlos R. Caldas Filho. A terceira referência trata-se de uma sequência de três livros do ministro e acadêmico Dr. Augustus Nicodemus: *O que estão fazendo com a igreja: Ascensão e queda do movimento evangélico brasileiro* (2008), *O ateísmo cristão e outras ameaças à Igreja* (2011) e *Polêmicas na Igreja: doutrinas, práticas e movimentos que enfraquecem o cristianismo* (2015). Todos os livros são publicados pela supracitada editora Mundo Cristão. Concluímos que há interesse pela obra entre leitores brasileiros e, à medida em que ela é republicada por diferentes editoras, há uma renovação de seu público leitor, inclusive entre os não religiosos.

Palavras-chave: C. S. Lewis, *The Screwtape Letters*, leitores

THE PILGRIM'S REGRESS: PARA UMA METAFOROLOGIA EM C. S. LEWIS

José Luiz Coelho Rangel Junior (PUC-Rio)

Resumo: Este trabalho tem como objetivo analisar, por um viés específico, *The Pilgrim's Regress* (1933), primeiro livro de ficção do escritor irlandês, C. S. Lewis (1898-1963). A obra é frequentemente relacionada à experiência de conversão do autor ao cristianismo, mas nessa pesquisa se buscará por outras interpretações para além da mera autobiografia alegórica. Pretende-se, portanto, demonstrar que Lewis escreve uma alegoria “obscura” inserido num importante

debate, posterior à Primeira Guerra Mundial (1914-18), sobre a natureza da linguagem. Neste caso, o autor apresenta, dentro da narrativa, ideias que circulavam nos meios acadêmicos de Oxford e Cambridge e que dificilmente são notadas pelo leitor desavisado. Um dos aspectos marcantes do pós-guerra foi exatamente a mudança que se operou na forma como as pessoas passaram a olhar para a linguagem. Apesar de não haver ainda uma mídia tão sofisticada quanto a existente na Segunda Guerra Mundial (1939-45) – como o rádio ou a televisão – ainda assim, jornais, livros, panfletos, imagens e canções serviram aos propósitos propagandísticos durante a Primeira Guerra. Portanto, a ideia de um combate travado não apenas com armas, mas também por meio da linguagem, se tornou assente tanto para os que viveram naquele período quanto para os que se dedicaram a estudá-lo. Obviamente, ao perceberem-se os perigos da propaganda e do uso da linguagem como veículo do ideário de guerra, abre-se espaço para uma série de questionamentos quanto a objetividade da língua no contexto da informação e de obras literárias. Apesar de ser injustamente acusado de não lidar com os problemas do século XX, C. S. Lewis era um crítico veemente das ideias modernas ligadas à linguagem. Portanto, suas obras de ficção e acadêmicas não promoviam o que defendia o ideário moderno. Em *The Pilgrim's Regress* tem-se uma amostra do modo como o autor se posicionava diante da controvérsia sobre a natureza da linguagem, situada no período posterior à Primeira Guerra. Lewis, de fato, não possui uma teoria da metáfora tão bem acabada quanto a de I. A. Richards ou mesmo, em outro contexto, como a de Paul Ricoeur. Mas, apesar de não ser um linguista nem um retórico, esse trabalho partirá da hipótese de que é possível, a partir da reconstituição das principais ideias de Lewis sobre a metáfora, mostrar como sua compreensão sobre o modo de construção e utilização da metáfora não deve ser descartada, mesmo nos dias de hoje. Ou seja, parte-se da premissa de que a contribuição do autor para o estado atual da discussão continua sendo relevante. Para resgatar qual seja essa contribuição do pensamento de C. S. Lewis, uma de suas obras de ficção, em particular, será tomada como mote para a reconstituição de um pensamento específico, relacionando-a aos textos teóricos do autor e ao contexto intelectual em que este se insere. Em outras palavras, parte-se do próprio uso e construção de metáforas e da teorização destas para se reconstituir uma possível metaforologia a partir deste intelectual do século XX, tão pouco lembrado por sua contribuição como teórico e crítico literário.

Palavras-chave: metáfora; alegoria; razão; romantismo; cristianismo

1 de agosto

14h30

AS TRÊS "METAS" DE GUIMARÃES ROSA NO CONTO SÃO MARCOS

Bruno de Sousa Figueira (UFU)

Resumo: O conto “São Marcos”, presente em *Sagarana* (1946), primeira obra de Guimarães Rosa publicada no formato de livro, sublinha fortemente aquilo que, posteriormente, se configuraria como sendo a poética roseana. Ancorado numa proposta metalinguística (metaliterária), o conto representa de forma plena o universo literário do escritor brasileiro e tem como características fundamentais o árduo trabalho com a linguagem, as temáticas que envolvem cultura popular e religiosidade, além da própria reflexão, metaforizada a partir do ficcional, em torno do fazer literário. A força da oração como uma alegoria para a própria força da linguagem literária é um dos fios condutores da narrativa de Rosa e é sob essa perspectiva que pretendemos analisar, na presente comunicação, alguns artifícios estético-literários mobilizados por Guimarães Rosa no conto em questão. Além disso, objetivamos detalhar e analisar questões relacionadas à hipótese de que o conto “São Marcos” é construído a partir de três “metas”, a saber: a metáfora, a metalinguagem e a metamorfose. De modo mais específico, pretendemos problematizar fundamentalmente em que medida o religioso, o mítico, o mágico e o irracional funcionam na narrativa como elementos estéticos e metafóricos capazes de tratar do “poder” de transformação da linguagem literária. Isto é, o escritor, além de metaforizar questões da linguagem literária por meio dos elementos religiosos

presentes no conto, mobiliza também uma linguagem popular e um léxico neológico, formando um esquema sintático e semântico totalmente próprio; aspecto que resulta em um expressivo trabalho com a estética literária e, portanto, metaliterário por essência. Fundamentamos nossa análise, ainda, em conformidade com o que é apresentado por Antonio Cândido (1995) em sua célebre palestra “A literatura e a formação do homem”. Segundo o crítico literário, o indivíduo, ao ler um livro, entra no domínio da ficção e volta à realidade transformado. Esse indivíduo tem a possibilidade de “vivenciar” por meio da verossimilhança aquilo que pode ser real em um mundo ficcional – um movimento de (trans)formação de identidades. Tendo isso em vista, encaminhamos a nossa hipótese para a ideia de que, na mesma medida em que a oração de São Marcos, elemento central da narrativa em questão, é capaz de “livrar” o protagonista da estória de um feitiço, a partir da força das palavras proferidas, a literatura também teria esse poder de “livramento”, de transformação, de provocar metamorfoses. Além da conferência de Cândido, também baseamos esta comunicação nas problematizações expostas na dissertação de mestrado intitulada: “Ficção e Linguagem nos contos ‘São Marcos’ e ‘A hora e vez de Augusto Matraga’”, de Querubini (2009); além das questões levantadas nos artigos: “A presença do realismo mágico no conto ‘São Marcos’ de João Guimarães Rosa”, de Queirós e Camarani (2010) e “Guimarães Rosa e a função humanizadora da linguagem”, de Travassos (2010).

Palavras-chave: Linguagem literária; Religiosidade; Metalinguagem

O IMAGINÁRIO RELIGIOSO NO UNIVERSO ROSIANO: O DIVINO NAS COISAS TERRENAS

Edna Tarabori Calobrezi (UNIP)

Resumo: Desde tempos remotos, até nossos dias, a religiosidade é passível de estar sempre presente no cotidiano das pessoas, o que garante sua universalidade e atualidade. O diálogo entre o homem e seu imaginário religioso é frequentemente explorado pela arte (em músicas, esculturas e pinturas) e pela mídia (em novelas e filmes). Comparece sobremaneira na produção literária de renomados escritores, de países, épocas, estilos e movimentos culturais diferentes, como Camões, Shakespeare, Gregório de Matos, Jorge Amado, Guimarães Rosa e muitos outros, artífices de notáveis relações intertextuais entre o texto religioso e o literário. Nesta pesquisa busca-se perceber a maneira de tratamento dessa constante, estudando principalmente seu significado e sua vinculação com o conjunto da produção ficcional de Guimarães Rosa. Em sua obra, a presença explícita ou implícita do imaginário religioso, revela-se marcante e se faz sentir, com maior ou menor intensidade (Cf. COUTINHO, 1983). Em alguns textos, a questão é basilar, constituindo-se no seu fio condutor; em outros aparece de forma sutil e tangencial, mas com marcas significativas, na busca de um viés de compreensão da existência. Não se pretende trabalhar toda a obra do autor, nem a ideia de unidade ? impossível, aliás ?, e sim pontuar certas constantes reveladoras, respeitando-se sua diversidade, determinada pela autonomia formal, tom e perspectiva dos contos: de Sagarana: A hora e a vez de Augusto Matraga, de Primeiras estórias: A menina de lá, de Grande sertão: veredas: o pacto de Riobaldo, de Estas Estórias: Bicho mau. Esta investigação incide em sondar em que a religiosidade - termo abrangente, que se refere aos variados aspectos da atividade e crença religiosa, permeia o texto rosiano e influi significativamente em cada narrativa, contribuindo para a construção dos personagens, do ambiente, do enredo, na instauração do questionamento da verdade oculta que rege o universo e na busca do “aprender a viver”, eterna preocupação do autor mineiro. Para enfocar o tema, nosso viés teórico principal será Mircea Eliade (1972). Entretanto, abordar um tema implica analisar também o seu tratamento literário. Nesse sentido, é imprescindível observar as perspectivas narrativas (COELHO e VERSIANI, 1975; COVIZZI, 1973) avaliando a importância das diferentes visões e suas nuances, exploradas com relação às constantes no conjunto dos contos em análise, procurando entender como as possíveis maneiras de narrar vinculam-se aos efeitos pretendidos, possibilitando-nos uma reflexão mais ampla sobre o problema.

Palavras-chave: religiosidade, Guimarães Rosa; aprender a viver.

OS SETE SELOS DO GRANDE SERTÃO

Gregory Magalhães Costa (UFRJ)

Resumo: Um princípio de composição fundamental do Grande sertão: veredas (2006), de João Guimarães Rosa, é a paródia e estilização, na denominação clássica de Yuri Tynianov (1969) e Mikhail Bakhtin (2005), tendo a Bíblia como uma de suas principais fontes. O próprio livro sagrado é uma compilação artística da cultura hebraica, ressoando esse processo literário nas obras posteriores. Segundo Northrop Frye, “nenhum livro poderia ter uma influência literária tão pertinaz sem possuir, ele próprio, características de obra literária” (2004: 14). Ele vê a Bíblia como um trabalho de bricolagem, no termo de Levi-Strauss, que junta várias escrituras e mitos em uma unidade. No mesmo sentido, Frank Kermode avalia que “novos gêneros literários estão continuamente se formando a partir dos existentes” (1997: 404). Interpretação semelhante tem Robert Alter, para quem “esse jogo intertextual ocorre repetidamente na Bíblia hebraica, levando seus elementos heterogêneos a uma certa unidade móvel imprevista” (1997: 27). Além de compilar os gêneros literários anteriores, a Bíblia também serviu de fonte para os posteriores, por isso, junto com Kermode, ele observa que “a Bíblia, outrora pensada como fonte secular [...] agora promete tornar-se parte do cânone literário” (1997: 13). Entrando na questão da religiosidade no Grande Sertão rosiano, podemos observar, por exemplo, que os conselhos do compadre Quelemén ressoam as orientações sobre a essência humana de Shiva a Arjuna no “Bhagavad Gita”. Além disso, Riobaldo foi guerreiro como Arjuna. Referindo-se à Bíblia, Fokkelman interpreta sobre a essência humana: “a essência do homem é definida por duas dimensões dialógicas, sua revelação com o(a) parceiro(a) e sua relação com Deus” (1997: 59). Procuramos nos ater aqui às ressonâncias bíblicas no Grande Sertão, especialmente em relação à ativação do apocalipse jagunço por meio de seus sete selos. Bernard McGinn entende o livro das revelações como misterioso e cheio de alegorias secretas. Para ele, “muitos especialistas modernos [...] consideram o apocalipse de João uma apresentação cíclica de visões que representem a mesma mensagem básica de perseguição presente, destruição iminente dos maus e recompensa dos justos” (1997: 565). O Grande Sertão se passa precisamente na iminência do apocalipse jagunço, representando uma época de crise tipicamente apocalíptica, numa temporalidade cíclica entre divino, heroico e racional, no sistema viquiano. Uma etapa substancial dessa crise é a parousia, a segunda volta de Deus para fazer justiça e derrotar o mal, representada pela segunda volta de Zé Bebelo ao Sertão, vindo de Goiás após seu julgamento, para fazer justiça, perseguir e se vingar de Hermógenes e Ricardão, chamados de Judas, numa clara alusão bíblica. Além disso, há mais sete etapas correspondentes à abertura de cada selo. O primeiro é o do Anticristo, Hermógenes que governa o lado esquerdo do São Francisco; o segundo trata basicamente da guerra, como a de Bebelo contra os chefes sertanejos e de Riobaldo e Diadorim contra os Judas; o terceiro é o da escassez, sendo a fome e a sede comuns no Sertão, apesar dos seus banquetes carnavalescos; o quarto libera a peste, que aparece sobretudo nas veredas do Sucruíú, e assim por diante.

Palavras-chave: Bíblia; Grande Sertão: veredas; paródia; apocalipse

OS MALAQUIAS, DE ANDREA DEL FUEGO E A BÍBLIA

Paula Fabio (USP)

Resumo: Esta comunicação visa discutir a intersecção da narrativa bíblica do livro do profeta Malaquias, do Antigo Testamento, e do romance contemporâneo da autora brasileira Andrea Del Fuego, Os Malaquias, vencedor do Prêmio Saramago, em 2011. O romance de Del Fuego inicia-se como uma narrativa realista e aos poucos introduz elementos do insólito, como a presença de espectros apenas vistos pelo narrador e pelo leitor, simulações do mundo onírico, refeições exóticas, além de espaços delineados para confundir o leitor. Entretanto, o mote do livro, embora baseado em uma história real, flerta com o absurdo por sua raridade e gravidade, levando-nos para o campo do espanto: um raio atinge o coração de um casal, deixando três filhos órfãos. Aventamos a hipótese de que a construção do fantástico no livro de Del Fuego é feita a partir da mistura de elementos da credence popular, das religiões espíritistas, da Bíblia católica, da superstição, da mitologia grega e das ciências naturais e da filosofia – o que não deixa de ser um paradoxo muito bem arquitetado pela

autora. Leitora de Murilo Rubião, autor brasileiro que se dedicou ao gênero fantástico com uma obra entremeada por citações bíblicas, Del Fuego intitulou seu romance como *Os Malaquias*, mesmo título do último livro profético da Bíblia, ou seja, o livro que antecede o Novo Testamento. N'Os Malaquias bíblico, há uma referência ao dia do Senhor, nos versículos finais 23 e 24, quando o senhor dos exércitos declara que não punirá mais a terra: “[v]ou mandar-vos o profeta Elias, antes que venha o grande e temível dia do Senhor, e ele converterá o coração dos pais para os filhos, e o coração dos filhos para os pais, de sorte que não ferirei mais de interdito a terra” (Bíblia Sagrada, 1980, p. 1283). N'Os Malaquias, de Del Fuego, encontramos a descrição da recepção do raio nos corações dos pais e dos filhos: “[o] coração do casal fazia a sístole [...]. Na passagem do raio, pai e mãe inspiraram, o músculo cardíaco recebeu o abalo sem escoamento”, já “Nas crianças, nos três, o coração fazia a diástole, a via expressa estava aberta. O vaso dilatado não perturbou o curso da eletricidade e o raio seguiu pelo funil da aorta” (DEL FUEGO, 2010, p. 19-20). Talvez, a imagem do coração prefigure a futura necessidade do reencontro familiar, assim como a comunhão pressuposta no livro bíblico, e acompanhe as personagens até o último capítulo, quando os membros da família se reúnem, embora sem se encontrar de fato, no porto. Também cogitamos abordar a figura do profeta em outra obra de Del Fuego, *As miniaturas*, livro publicado em 2013. Trata-se do adivinho Artemidoro de Daldis, que provavelmente viveu no século II d. C. e escreveu um tratado sobre a interpretação dos sonhos. Para orientar nossa discussão, utilizaremos os estudos de Robert Alter, Northrop Frye, Leila Perrone-Moisés e David Roas.

Palavras-chave: Os Malaquias; Bíblia; Profetas; Del Fuego

2 de agosto

8h30

SECULARIZACIÓN DE LA CACERÍA INFERNAL Y MISE EN ABYME EN LA NOVELLA DE NASTAGIO

Julia Berardozi (Instituto Superior del Profesorado "Joaquín V. González")

Resumo: La aparición de la narrativa moderna, en el marco de la crisis del pensamiento cristiano medieval y del sistema feudal que lo enmarcó en tanto sus condiciones de producción, está signada en Italia por la autoconciencia de su novedad. En la canonización del nuevo género, el Decamerón representa una sistematización de sus postulados formales en una verdadera teoría de la novella (PICONE, 1989). La obra es testigo de y, simultáneamente, actor interviniente en la descomposición de la forma mentis medieval, integralista y monolítica: cuestionada la subordinación de la experiencia humana al orden trascendente y en el vacío de valores resultante, del repertorio de procedimientos de Boccaccio se infiere, además, un nuevo status de auctor. Se propone constatarlo en un análisis de la octava novella de la Quinta jornada, a través de una contrastación con las fuentes medievales, reescritas por Boccaccio en clave laica. Se observará la relación dialéctica que, en su origen poligenético, la novella trabó con los géneros menores medievales. Se intentará demostrar la interrelación entre el retroceso del exemplum en tanto método cognitivo medieval (BATTAGLIA, 1958) y la mise en abyme de la autoconcepción del autor en el personaje de Nastagio.

Palavras-chave: Cacería infernal – Novella -Exemplum - Secularizac

A DIMENSÃO RELIGIOSA NO AUTO DA SIBILA CASSANDRA, DE GIL VICENTE

Luís André Nepomuceno (Centro Universitário de Patos de Minas - UNIPAM)

Resumo: Escrito provavelmente entre 1509 e 1513, o Auto da Sibila Cassandra (ca. 1509-1513), de Gil Vicente, a julgar pela simplicidade pastorícia das demais composições natalinas da primeira fase do dramaturgo, mantém-se como peça diferenciada, de trama e personagens mais complexos, de referencial mais amplo, exibindo um universo literário de maior alcance por parte do autor. O importante vicentista Paul Teyssier (1982) mostra que, com Sibila Cassandra, há “novo progresso” que se registra no teatro do mestre português, em especial na construção da personagem que leva o nome da peça. A Cassandra de Gil Vicente, profetisa do acervo clássico, provavelmente extraída da Crônica Troiana que circulou pela Europa na Idade Média, prediz que o filho de Deus nascerá de uma

virgem, e por presunção, acredita que ela será a eleita. Por isso, e para manter-se casta, recusa obstinadamente o pedido de casamento de Salomão, o patriarca bíblico, autor do Cântico dos Cânticos. Mesmo sob a solicitação de suas “tias” que entram em cena (Erutea, Peresica e Cimeria, outras sibilas do acervo clássico) e dos “tios” de Salomão que chegam depois (os patriarcas e profetas Abraão, Moisés e Isaías), Cassandra mantém-se inflexível, numa obstinação que beira a comicidade, não fossem os argumentos graves e sóbrios sobre as dificuldades do matrimônio para as mulheres daquele tempo. Nossa profetiza só irá reconhecer o seu orgulho, quando a cena da natividade se abrir aos olhos do espectador, revelando a virgem verdadeira e os mistérios do nascimento de Cristo. Gil Vicente escreveu boa parte de seu teatro devocional a partir do “ciclo da natividade”, disseminado pelas moralidades e milagres típicos da dramaturgia medieval. Compondo uma face desse ciclo, o Auto da sibila Cassandra, a exemplo dos demais textos vicentinos desse período, termina com a cena do presépio como modelo máximo de humildade, antítese do “mundo às avessas” representado no primeiro quadro da peça. Esta proposta de comunicação analisa a dimensão religiosa do autor, bem como os personagens centrais da trama, Cassandra e Salomão, como identidades de culturas distintas (a tradição clássica e o mundo do Antigo Testamento), ambas imbuídas da soberba que caracteriza o pecado de Lúcifer, porém levadas ao reconhecimento do erro, à piedade e à adoração que movem o ciclo da natividade do teatro medieval. Uma breve análise histórica sobre o pecado do orgulho, fundamentada sobretudo em Agostinho e Tomás de Aquino, sustenta o entendimento da ação composta por Gil Vicente.

Palavras-chave: literatura e religião; auto natalino; Escolástica.

AS RESSONÂNCIAS DA PHILOKALIA NOS RELATOS DE UM PEREGRINO RUSSO

Victor Hugo Pereira de Oliveira (UnB)

Resumo: A presente comunicação tem por objetivo a exploração das ressonâncias da Philokalia nos Relatos de um Peregrino Russo. Este livro, datado do século XIX, é composto por sete relatos nos quais um Peregrino conta ao seu mestre o seu percurso pela Rússia Imperial acompanhado pela Oração Incessante e os diversos encontros que ele tivera com, praticamente, todos os tipos de pessoas. A prática da Oração Incessante na vida do Peregrino começara depois do seu encontro com um Stárets (do russo, ancião). Na primeira narrativa dos Relatos de um Peregrino Russo o Stárets mencionara ao Peregrino a existência de um livro que estaria impregnado da prática da Oração Incessante. Trata-se da Philokalia: “nós aprendemos a maneira como chegar à oração perpétua com a ajuda desse livro, [...], que contém uma descrição exata e detalhada sobre essa ciência [...] é tão útil e tão perfeito que ele é considerado como o guia essencial da vida contemplativa.” (ANÔNIMO DO SÉCULO XIX, 2008, p.41). A Philokalia está presente em toda a narrativa, uma vez que ela é uma espécie de manual para a vida contemplativa. De acordo com Leloup a palavra “Philokalia quer dizer literalmente ‘amor à beleza’” (LELOUP, 2003, p. 126). Trata-se de uma coleção de textos escrita entre os séculos IV e XV pelos mestres espirituais da tradição cristã oriental. Para os cristãos ortodoxos, “o termo Philokalia também é fundamental. Significa literalmente ‘amigos da beleza’. A ortodoxia entende a própria tradição mística transposta em texto como Philocalia. A ideia de que Deus se manifesta pela beleza é muito forte na mística ortodoxa” (PONDÉ, 2003, p. 105-106). A Philokalia é mais conhecida no Brasil através da tradução intitulada “Pequena Filocalia”, editada e publicada pela Paulus através da coleção denominada ‘oração dos pobres’. Todos os textos presentes na versão original da Philokalia, de acordo com Palmer, Sherrard e Ware (1984), estão em grego. No entanto, diversos monges – em diversos períodos da história – fizeram traduções da Philokalia para as línguas eslavas. E, de acordo com os tradutores da Philokalia para o inglês, o Peregrino levava consigo a tradução feita por Paisii Velichkovski, que fora um monge russo que havia visitado o Monte Athos e, na Moldavia, traduzira uma seleção de textos da Philokalia. O título, em eslavônico, lê-se Dobrotoljublje. Através de uma leitura atenta da Philokalia, dos aconselhamentos de um Stárets e de uma vida sacramental, o Peregrino – e, virtualmente, todo cristão – pode atingir o estado avançado da quietude, ou seja, do hesicasmo. Do hesicasmo viria, também, a concentração – népsis – a ideia de se estar sentado, fixado. E a amerimnia viria, portanto, logo em seguida, pois

esta se refere à tranquilidade, leveza. Além disso, viria, com um grande destaque, a iluminação que serviria como prelúdio da Unio Mystica, ou seja, da via unitiva com Deus através do amor filial.

Palavras-chave: Intertextualidade; Literatura; Hesicismo; Rússia.

AS POMPEIAS DE CECÍLIA MEIRELES: UMA LEITURA DIALÓGICA DO ESPAÇO E DO SAGRADO

Irina Deffente Migliari (Universidade Presbiteriana Mackenzie)

Resumo: Os Poemas italianos (2017), de Cecília Meireles (1902-1964), reunidos pela primeira vez postumamente em 1968, são inspirados na obra Poemas escritos na Índia (1961), em que a poetisa se baseia em suas viagens à Índia e à Itália, respectivamente. Os poemas de ambas as obras foram escritos, em sua maioria, no ano de 1953. Pouco discutidos pela crítica literária, ganham destaque nos Poemas italianos conceitos de uma Itália clássica, sólida e clara; as personagens desses poemas são trágicas e noturnas e circundam uma Itália de ruínas, cinzas, cemitérios e solidão, tal como se observa em “Pompeia”: “[...] A cinza chegou de repente/à cidade despreocupada./A árvore morta de Pompeia/morreu, também, nas próprias asas.” (MEIRELES, 2017, p. 61). A fim de compreender a leitura da Itália de Cecília Meireles e a obra em sua amplitude, foram selecionados quatro poemas para análise: “Pompeia” (“Havia deuses, foro, termas”) – aqui referido como “Pompeia I”; “O que me disse o morto de Pompeia”; “Pompeia” (“Vós, os que vistes Deus, como ficaste?”) – aqui referido como “Pompeia II”; e “Prenúncio em Pompeia”. Os poemas que compõem o corpus desse trabalho dialogam com o espaço da morte, ora contemplados pelo eu lírico, como nos versos de “O que me disse o morto de Pompeia” (2017, p. 63): “[...] E a estar, ao mesmo tempo, longe e perto,/e a ser múltiplo, unânime e indiviso/porque estive acordado em plena morte,/ e sei tudo que existe e o que é preciso. [...]”, ora inseridos em um cenário que dão voz às personagens mortas, como em “Pompeia II” (2017, p. 69): “Vós, que vistes Deus, como ficastes?/boca entreaberta e pálida de mortos,/cinza de grito, arquejo de saudade... [...]”. Além do diálogo com o espaço da morte, os eu líricos desses poemas trazem uma reflexão sobre o sagrado, tema trabalhado pela poetisa desde a obra Baladas para El-Rei (1925), em que a morte, o efêmero (outro tema bastante recorrente no conjunto da obra de Cecília) e o sagrado traduzem-se em diálogos sobre a indagação existencial, a (re)descoberta da condição humana, a valorização do mundo e o deleite na transitoriedade da vida. A leitura dialógica dos poemas supracitados será feita a partir do entendimento de conceitos do Círculo de Bakhtin, em que “[...] a consciência da linguagem tem sentido no conjunto dos contextos possíveis de uso de cada forma particular” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 95, grifo nosso). Uma vez que a formação do enunciado está presente em um determinado contexto correspondente (VOLÓCHINOV, 2017), pode-se estudar os Poemas italianos a partir de referências míticas, sagradas e espaciais, como os espaços cobertos de cinzas, os jardins, as estátuas, a presença de Deus nos diálogos e as menções a Apolo e Ísis. Com intuito de aprofundar os estudos sobre esses elementos e poemas, serão utilizados textos de Leila Vilas Boas Gouvêa (2008), Cleusa Rios Pinheiros Passos (2007), Cristhiano Aguiar (2017), Valentin Volóchinov (2017), Mikhail Bakhtin (2018) e as Crônicas de viagem (2001), de Cecília Meireles, em que, dentre outros espaços, a poetisa registra memórias e histórias da Itália.

Palavras-chave: Poemas italianos; Cecília Meireles; Dialogismo.

2 agosto

14h30

ÉDEN E DESERTO REVISITADOS: ANIQUILAÇÃO, DE JEFF VANDERMEER, E OS DETETIVES SELVAGENS, DE ROBERTO BOLAÑO

Cristhiano Motta Aguiar (Universidade Presbiteriana Mackenzie)

Resumo: Esta comunicação se propõe a realizar uma leitura do espaço da natureza tal como é representado no romance de ficção científica Aniquilação (publicado em 2014), do escritor norte-americano Jeff Vandermeer, e do espaço do deserto na última parte de Detetives selvagens (publicado em 1998), um dos mais importantes romances do escritor chileno Roberto Bolaño. A

partir da leitura comparada das duas obras, pensaremos de que forma elas ecoam os espaços bíblicos do Jardim do Éden e do Deserto, respectivamente. Existem diferentes modalidades de diálogo entre narrativas contemporâneas e a Bíblia. Uma das mais comuns consiste na reescritura de episódios bíblicos, reescritura essa efetuada com tons reverentes, paródicos ou abertamente iconoclastas. A citação, direta ou indireta, de trechos bíblicos consiste em outra dessas modalidades, bem como a atribuição de nomes e/ou comportamentos dos protagonistas bíblicos a personagens das narrativas contemporâneas. Logo, nesse campo de discussão nos interessará entender o elemento espacial da relação entre texto contemporâneo e bíblico. Tomando como ponto de partida os livros do Gênesis e do Êxodo, em especial as narrativas da Criação do Mundo e da Fuga do Cativo Egípcio, nossa reflexão partirá do pressuposto de que a Bíblia estabeleceu arquétipos narrativos no imaginário ocidental que fecundam, até hoje, as escritas contemporâneas. Desse modo, não será o enfoque desse trabalho tentar estabelecer um campo direto de influências dos livros bíblicos nas obras *Aniquilação* e *Detetives selvagens*, pois entendemos que mesmo que os escritores citados não tenham tido direto conhecimento do Gênesis e/ou do Êxodo, ainda assim é possível estabelecer um campo de influências amplo, difuso, a atuar em nosso imaginário contemporâneo. Do contraste entre as imagens originais do Jardim e do Deserto com as suas ressignificações contemporâneas, poderemos pensar as seguintes questões: 1) O qual central é o espaço para a arquitetura das duas obras escolhidas; 2) Quais significados simbólicos os tópicos do Jardim e do Deserto encerram em cada livro; 3) Quais as aproximações e diferenças entre os espaços do Gênesis e Êxodo, por um lado, e do *Aniquilação* e *Detetives selvagens*, por outro; 4) O que essas aproximações e diferenciações significam. A fim de realizar essa leitura, tomaremos como ponto de partida as considerações sobre o espaço de Bachelard, Osmar Lins e Luis Brandão, as perspectivas de Northrop Frye sobre narrativa e Bíblia, as reflexões de Karen Armstrong sobre mito e sociedade e as interpretações literárias da Bíblia efetuadas por Robert Alter e Harold Bloom.

Palavras-chave: Bíblia; Espaço; Literatura contemporânea

A ESCRITA SUBVERSIVA DE JAMES MORROW EM "THE DELUGE" E "THE TOWER"

Delzi Alves Laranjeira (UEMG)

Resumo: O texto bíblico tem sido escrutinado por exegetas e estudiosos através dos séculos. Esse estudo, porém, atravessou as fronteiras da religião e espalhou-se pelos diversos campos do conhecimento. Para Gunn (1983) no que se refere à literatura, a Bíblia tem sido uma fonte de temas e perspectivas que permanecem relevantes na contemporaneidade. Ela é “o texto paradigmático literário (...), repositório de pontos de referência, de imagens, alusões, mina de ouro de mitos, personagens, ideias, modos narrativos e modelos sobre os quais romancistas e poetas continuamente se debruçam” (BEVAN, 1993, p. 3-4). Essa presença constante da Bíblia na cena literária também é enfatizada Frye (1982, p. xviii), que afirma que ela é “claramente o maior elemento da nossa tradição imaginária, (...) e por isso não pode e não deve ser ignorada”, como, de fato, nunca foi. O que se observa, ao longo de vinte séculos de cristianismo, é uma constante abordagem e reescrita, pelo campo literário, dos episódios bíblicos. Em sua antologia *Bible stories for adults* (1996), o escritor norte-americano James Morrow reescreve explicitamente passagens bíblicas nos contos “The deluge”, cujo intertexto é a narrativa de Gênesis 6-9, sobre o dilúvio, e “The tower”, baseado em Gênesis 11 e que narra o episódio referente à construção da Torre de Babel e a consequente dispersão da humanidade sobre a terra. Morrow é reconhecido na cena literária dos Estados Unidos como um autor de ficção científica, porém, a interface com a religião aparece em várias de suas obras, como *Only begotten daughter* (1990), *Towing Jehovah* (1994), *Blameless in Abaddon* (1996) e *The eternal footman* (1999). Ao introduzir uma prostituta na arca de Noé, cuja presença gera dissenso entre seus habitantes e muda os rumos da história da humanidade em “The deluge”, e ao colocar Deus como um manipulador frio e calculista em sua versão da Torre de Babel, Morrow questiona o caráter sagrado dessas histórias, além de enfatizar a própria textualidade das narrativas bíblicas, que se abrem para novas versões e interpretações. Essas novas versões, frequentemente, subvertem os sentidos estabelecidos e sedimentados pelas Escrituras, muitas vezes

colocando em choque os posicionamentos religioso e literário. Em ambos os contos, contudo, esse revisionismo das histórias bíblicas não significa desacreditar a Bíblia como um texto sagrado, mas sim que suas narrativas são vistas, do ponto de vista literário, como variações de histórias, potencialidades a serem retrabalhadas e remodeladas. Seus contos mostram que, quando esses mitos religiosos são recontextualizados sob a perspectiva literária, eles podem resultar em perturbadoras variantes.

Palavras-chave: Bíblia e literatura; Reescrita; Subversão

SEDUÇÃO E PODER NA RETÓRICA SATÂNICA DE O CASAMENTO DO CÉU E DO INFERNO

Dênis Sebastião Ramos Firmino (UFU)

Resumo: O trabalho propõe discutir como foram desenvolvidas representações acerca da figura do diabo na obra *O casamento do céu e do inferno* (1790) de William Blake. A arte literária e visual do poeta, escritor, tipógrafo e gravador inglês William Blake foi tecida tendo como uma de suas principais referências a Bíblia. As leituras de textos do livro sagrado cristão possibilitaram ao autor adquirir luzes que refletiram em diálogos intertextuais não apenas com a literatura bíblica, mas com obras da arte literária. Ao se apropriar dos ideais advindos da Revolução Francesa e do Romantismo, que eclodiram no final do século XVIII, Blake empreendeu críticas contra a monarquia e a Igreja Católica. Os textos que compõem *O casamento do céu e do inferno* foram escritos em estilo bíblico. Há várias passagens da Bíblia, seja do Antigo ou do Novo Testamento, que se encontram parafraseadas ou que podem ser inferidas ao longo da obra citada. O diabo é apresentado como o portador de um discurso eloquente, sedutor e detentor de amplo poder. O autor inglês concede voz a Satanás ao atribuir a este uma performance oral que viabiliza um jogo de sedução para com os outros personagens da obra em questão. Blake exalta a figura demoníaca ao criticar noções que gravitam ao redor das dualidades compreendidas pela fé cristã, como: céu e inferno, bem e mal, Deus e diabo. O recurso de moldar a habilidade de comunicação do diabo pelo viés persuasivo não somente garantiu um tom de poder, mas igualmente um requinte de fascinação ao defender o empoderamento dos indivíduos ante os valores religiosos. A caracterização de Satanás como entidade propulsora de liberdade e de realização de desejos posicionará as doutrinas religiosas à margem do discurso demoníaco de poder e de fascínio, elaborado por Blake. O autor elegeu as palavras *Energia* e *Razão* para ensejar concepções e diálogos intertextuais à luz dos textos bíblicos e de obras da arte literária. Nessa perspectiva, a palavra *Energia* despertará o anseio pela liberdade, porém aqueles que seguem a *Razão* estão fadados a uma vida desvinculada de horizontes. Desse modo, os questionamentos aos dogmas cristãos, que outrora eram tidos como anátema, são formulados por William Blake para estimular a independência de pensamento dos indivíduos. A valorização da liberdade e a produção de ideias revolucionárias em torno da figura satânica são os elementos candentes que configurarão o diabo como símbolo de poder em *O casamento do céu e do inferno*.

Palavras-chave: William Blake; Energia; Razão; Diabo.

3 de agosto

8h30

UM ESTUDO SOBRE ADAPTAÇÕES DO TEXTO BÍBLICO DE JOSUÉ 2.1-24: RAABE, A HISTÓRIA DE FÉ DE UMA PROSTITUTA

Leni Soares Vieira (Universidade Presbiteriana Mackenzie)

Resumo: As transposições midiáticas, textos criados em uma mídia e adaptados para outra, ocorrem nas artes, na publicidade e propaganda, no marketing, no design e tantas outras áreas. Esse diálogo entre diferentes linguagens nos cerca todos os dias, em todos os lugares, afinal, o dialogismo é, em primeiro lugar, uma propriedade intrínseca da linguagem verbal e não-verbal. Um discurso é sempre feito em resposta a outro discurso e “nele estão presentes ecos e lembranças de outros enunciados”. (FIORIN, 2008, p.21) Entendendo essas transformações de uma linguagem para outra

como a essência do funcionamento das linguagens, pretendemos observar, neste estudo, as adaptações da narrativa bíblica de Josué 2.1-24 para a minissérie televisiva americana *The Bible* e obras de Jacques Tissot, Gustave Doré e Marc Chagal. As adaptações com as quais trabalharemos são interpretações dos signos linguísticos da narrativa bíblica por signos não linguísticos, e apresentam pontos que remetem ao hipotexto, assim como, novas leituras que são possíveis justamente pelas diferentes mediações que utilizam. Gérard Genette, em *Palimpsestos*, define hipertextualidade como a relação que une um texto B, hipertexto, a um texto anterior A, hipotexto, salientando que essa relação não é de apenas um comentário (2010, p. 17). É importante lembrar que o hipotexto, mesmo se não fizer referência clara ao hipertexto, não poderia existir sem ele; segundo o autor, transposição é a "presença efetiva de um texto em um outro" (2010, p.14). Para que essas transposições ocorram, os hipertextos passam por operações de seleção, acréscimo, redução, concretização e atualização, o que os tornam novos textos. Veremos que os hipotextos apresentam referências ao hipertexto, mas são, na verdade, obras diferenciadas, novas criações, que podem ter mais ou menos pontos em comum com o texto fonte. As escolhas ficam a cargo do autor e criador de cada texto. Robert Stam afirma que: "Originalidade completa, como consequência, não é possível nem desejável. [...] Os críticos geralmente tratam as adaptações de uma forma extremamente moralista: "infidelidade", "traição", "violação" e "vulgarização". " (2005, p. 04). Lembramos que de acordo com Júlio Plaza (2003), a tradução intersemiótica consiste na interpretação de signos entre sistemas semióticos, e se dá "a partir de uma estratificação ou demarcação de fronteiras nítidas entre diversos e diferentes sistemas de signos, dividindo-os em códigos separados, tais como: verbal, pictórico, fotográfico, fílmico, televisivo, gráfico, musical, etc." (2003, p.67) Robert Stam (2000, p. 56) chama-nos a atenção para o fato de que a mudança de uma mídia com uma única forma expressão, sendo esta verbal, como um romance, que utiliza somente palavras para se constituir, para uma mídia multimodal como um filme, que pode contar não somente com palavras (escritas e faladas), mas também com a performance, música, efeitos sonoros e imagens em movimentos, explica a impossibilidade e até a indesejabilidade - da fidelidade literal. As adaptações com as quais trabalharemos são, então, interpretações dos signos linguísticos da narrativa bíblica por signos não linguísticos e apresentam pontos que remetem ao hipotexto e novas leituras que são possíveis justamente pelas diferentes mediações que utilizam.

Palavras-chave: transposição; tradução intersemiótica; hipertexto

ROQUE JACINTHO E A LITERATURA ESPÍRITA PARA NÃO ADULTOS

Ana Claudia da Silva (UnB)

Resumo: Roque Jacintho foi o primeiro autor no mundo a escrever uma literatura espírita especificamente voltada para o público não adulto, ou seja, para crianças e jovens. Sua obra de estreia, *"O Lobo Mau reencarnado"*, de 1972, abre as portas de um mundo que, à semelhança do que fez Monteiro Lobato, quer instigar nos brasileiros a aquisição do conhecimento por meio da literatura - no caso, o conhecimento da Doutrina dos Espíritos, codificada por Allan Kardec. A literatura pioneira de Roque Jacintho tem sido parcamente divulgada, mesmo entre os leitores espíritas, embora suas histórias conjuguem de forma exemplar a literariedade com o intuito doutrinário, inseparável da literatura espírita enquanto gênero didatizante. Objetivamos, nesta comunicação, apresentar os traços que modulam a prosa doutrinária de Jacintho. Selecionamos no conjunto de sua obra três contos, a saber: *O Lobo Mau reencarnado* (JACINTHO, 1985); *O peixinho vermelho* (JACINTHO, 1992) e *O coração da boneca* (JACINTHO, 2003), os quais serão analisados em seu quádruplo aspecto: literário, infantil, pedagógico e espírita. Para isso, mapearemos o conceito de "livro edificante", veiculado no discurso espírita (LUCIO, 2013; CAMPETTI SOBRINHO, 2015), iluminando-o com as reflexões sobre o poder educativo da fantasia inerente à produção literária, tal como destacado na crítica contemporânea da chamada literatura infantil (ZILBERMAN & SILVA, 2008; HUNT, 2010; COLOMER, 2017).

Palavras-chave: Roque Jacintho; Literatura espírita; Infância.

"DESTROÇADOS ANUNCIADORES DO MUNDO": O LUGAR DO SAGRADO EM UMA LEITURA DO PROJETO POÉTICO DE SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN

Ana Maria Ferreira Côrtes (UNICAMP)

IMERSÕES E EMERSÕES SAGRADAS EM ÁGUA VIVA DE CLARICE LISPECTOR

Leyla Thays Brito da Silva (UFPB)

Resumo: O romance *Água Viva*, publicado em 1973, é marcado pela radicalização estética da escrita clariceana, a qual se dá na tentativa de mergulho no sagrado, ou seja, no que está para além ou aquém da linguagem e do pensamento. Para o conceito de sagrado como um componente ininteligível da experiência humana, utilizamos as proposições de Georges Bataille, na sua obra *Teoria da Religião*, em que a sacralidade é compreendida na perspectiva da imanência, isto é, da intimidade da vida. Para o filósofo, a animalidade e a espontaneidade da natureza, com seus mistérios, violência e beleza, sinalizariam ao ser humano as raízes de sua própria existência. Tendo construído sua condição em torno das representações da linguagem, o outro lado do humano, acultural, não-linguístico, converte-se, a um só tempo, em matéria perigosa e sedutora: perigosa, porque ameaça as garantias da linguagem e do pensamento; sedutora, porque é a matriz da própria vida. Para atingir essas instâncias incognoscíveis, a intriga de *Água viva* dá-se de modo a fazer emergir, na rede da composição narrativa, uma imagética poética, que tenta emoldurar a matéria misteriosa sagrada. O universo narrativo-poético do romance, através de uma voz feminina, que se dirige a um interlocutor, um tu amado, propõe, reiteradamente, uma aproximação ao núcleo cru da vida, como sinaliza uma das primeiras frases da obra: “quero me alimentar diretamente da placenta”. Nesse sentido, a configuração literária dessas entranhas do viver, em *Água Viva*, produz um importante material, para, se não uma total compreensão, ao menos uma aproximação à matéria do sagrado, enquanto categoria estética. Portanto, com este trabalho, pretende-se identificar e analisar, a partir das ponderações batailleanas, como se dá a modelagem do sagrado na obra em análise e, assim, numa perspectiva mais ampla, colaborar com os estudos que se dão na interface literatura e sagrado.

Palavras-chave: Sagrado; Literatura; Lispector; Bataille

43 - LITERATURA E TESTEMUNHO: TEORIAS, LIMITES, EXEMPLOS

Coordenação: Carlos Augusto Nascimento Sarmiento-Pantoja (UFPA); Wilberth Claython Ferreira Salgueiro (UFES)

Resumo: Contemporaneamente, a noção de testemunho vincula-se à chamada “literatura do Holocausto”, como a narrativa de Primo Levi e a poesia de Paul Celan, por exemplo, mas também à literatura eslava – polonesa e russa, em especial – sobre o Gulag, como as obras de Gustaw Herling-Grudziński e Varlam Chalamov, entre outros (cujo antecedente histórico mais próximo é constituído pelas obras literárias oitocentistas versando sobre as penas dos condenados à Sibéria). Na América Latina, destaca-se um amplo e variado conjunto de textos votados à memória e à denúncia de fatos reveladores do viés autoritário, discriminatório e excludente de nossas sociedades, abrangendo desde Graciliano Ramos e Rigoberta Menchú a Ferréz, desde Miguel Barnet e Paulo Lins aos Racionais MC's. A proposta do simpósio é estudar as relações entre literatura e testemunho, a partir de alguns traços e textos que caracterizam este “gênero”, como, por exemplo: registro em primeira pessoa; compromisso com a verdade e a lembrança; desejo de justiça; vontade de resistência; valor ético sobre o valor estético; representação de um evento coletivo; forte presença do trauma; sintomas de ressentimento; vínculo estreito com a história; condição de minoridade etc. A ideia é, portanto, “manter um conceito aberto da noção de testemunha: não só aquele que viveu um ‘martírio’ pode testemunhar” (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 48), entendendo, assim, que “testemunha também seria aquele que não vai embora, que consegue ouvir a narração insuportável do outro e que aceita que suas palavras levem adiante, como num revezamento, a história do outro” (GAGNEBIN, 2006, p. 57). Pensar o que há de testemunho na literatura significa, a um só tempo, pensar as intrincadíssimas teias entre verdade e ficção, entre ética e estética, entre história e forma.

Percebe-se que a avassaladora existência da “literatura de testemunho”, na sua salutar diversidade conceitual, promove um inevitável abalo na noção de cânone e de valor literário, além de alterar o quadro dos agentes ou produtores de literatura: textos e registros de presos, torturados, crianças de rua, favelados, empregados domésticos, prostitutas, sem-teto, povos tradicionais, enfim, todo um grupo “subalternizado” que agora depõe e se expõe não só em nome próprio, mas também em nome de muitos. Nesse sentido, é preciso destacar que “o estudo do testemunho articula estética e ética como campos indissociáveis de pensamento. O problema do valor do texto, da relevância da escrita, não se insere em um campo de autonomia da arte, mas é lançado no âmbito abrangente da discussão de direitos civis, em que a escrita é vista como enunciação posicionada em um campo social marcado por conflitos, em que a imagem da alteridade pode ser constantemente colocada em questão” (GINZBURG, 2012, p. 52). Seja na versão iniludivelmente dramática da experiência da Shoah e de outros genocídios, que geraram um conjunto de textos rubricados como “literatura de testemunho”, seja na versão lírica ou romanesca por vezes mais “suavizada” da experiência cotidiana da violência no Brasil e no mundo, temos um elemento absurdamente comum: a ação do homem contra o homem. O Simpósio pretende reunir, em suma, pesquisadores e interessados na problemática do testemunho e suas relações com o literário, apresentando [a] estudos teóricos que discutam os limites e as confluências entre estes discursos (o literário, tradicionalmente ligado à estética; e o testemunho, produzido a partir de um propósito ético) e mormente [b] estudos que analisem obras específicas que exemplifiquem tais relações – quer obras já consagradas nesta perspectiva do testemunho, quer obras menos conhecidas ou mesmo não analisadas à luz do paradigma testemunhal. [c] Proposições no âmbito estético de atualizações do conceito de testemunho e sua relação com a resistência ao autoritarismo. No XII Congresso Internacional da Abralic, ocorrido em 2011 em Curitiba, este Simpósio teve uma primeira edição; no XIII Congresso, em 2013, em Campina Grande, ocorreu uma segunda edição; em 2015, em Belém, a terceira; em 2017, no Rio de Janeiro, a quarta edição. A produtividade do tema e a necessidade dos debates, fundamentam nosso quinto encontro, além de questões eminentemente teóricas, o debate envolveu nomes como Alan Pauls, Aleksander Henryk Laks & Tova Sender, Alex Polari, Ana Maria Gonçalves, Art Spiegelman, Ayaan Hirsi Ali, Bernardo Kucinski, Cacaso, Caio Fernando Abreu, Carlo Levi, Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Charlotte Delbo, Chico Buarque, Czesław Miłosz, Davi Kopenawa & Bruce Albert, Edgar Hilsenrath, Ferréz, Deborah K. Goldemberg, Eduardo Galeano, Eliane Potiguara, Elie Wiesel, Elisa Lispector, Elisa Lucinda, Ferréz, Gonçalo M. Tavares, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, João Antônio, Jurek Becker, Kaka Werá Jecupé, Lara de Lemos, Lídia Tchukóvskaia, Lima Barreto, Luis Fernando Verissimo, Luiz Alberto Mendes, Mario Benedetti, Miguel Torga, Miron Białoszewski, Paulo Ferraz, Paulo Leminski, Paulo Lins, Pedro Terra, Pierre Seel, Primo Levi, Reinaldo Arenas, Renato Tapajós, Ricardo Aleixo, Ricardo Piglia, Roberto Bolaño, Ruth Klüger, Sérgio Sampaio, Sérgio Vaz, Stefan Otwinowski, Svetlana Aleksievitch, Tadeus Różewicz, Tereza Albues, Ungulani Ba Ka, Vasco Pratolini, Władysław Szlengel e W. G. Sebald. A ideia é estender o debate, seja em relação a estes nomes, como, naturalmente, incorporar outros autores e textos em que o problema da literatura e do testemunho se deixe perquirir.

REFERÊNCIAS:

- GAGNEBIN, Jeanne Marie. Memória, história, testemunho. Lembrar, escrever, esquecer. São Paulo: Ed. 34, 2006.
- GINZBURG, Jaime. Linguagem e trauma na escrita do testemunho. Crítica em tempos de violência. São Paulo: Edusp, Fapesp, 2012, p. 52
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. Apresentação da questão. História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes. Org.: Márcio Seligmann-Silva. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

1 de agosto
8h30

TESTEMUNHO E CÂNONE: UMA LEITURA DE "O COLONO E O FAZENDEIRO", DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Wilberth Salgueiro (UFES)

Resumo: O poema “O colono e o fazendeiro” saiu em Antologia pessoal, de Carolina Maria de Jesus (1914-1977), livro publicado em 1996 pela editora da UFRJ. As quinze quadras emolduradas em um constante esquema rímico ABAB, as rimas maciçamente consoantes (ão/ão, ar/ar, ente/ente etc.), as letras maiúsculas iniciando todos os versos, assim como o ponto final que arremata as estrofes e ainda a solta polimetria dos versos, que variam de 5 a 11 sílabas, e mais a sintaxe e o vocabulário em geral singelos dão a ver um poema que, formalmente, se elabora a partir de certa ingenuidade e de algum espontaneísmo no trato com a matéria verbal. O teor do poema aponta, no entanto, com dureza e rudeza, para o antigo, grave e atual tópos da luta de classes. Na verdade, as supostas “deficiências” do poema mais que indiciam o problema de ordem estética: incorporam-no: o poema mesmo é exemplo da condição de “espoliado” do trabalhador que, “escravo”, e mesmo sem “sindicato”, não tem acesso a formas múltiplas de experiência e de produção artística e cultural, e assim “Não pode dar margem à vocação” [termos do poema em pauta]. Obras poéticas como a Antologia pessoal de Carolina Maria de Jesus reacendem polêmicos debates entre alta e baixa literatura, cânones e margens, cultura erudita e popular, arte autônoma e arte massificada e quejandos. Paira sobre o debate a noção de valor, mais especificamente de valor estético. Antoine Compagnon, em O demônio da teoria, afirma que o “valor literário não pode ser fundamentado teoricamente: é um limite da teoria, não da literatura”. Talvez por isso, todos os envolvidos na publicação do livro de Carolina tenham se referido a seus poemas como “obras testemunhais” (Marisa Lajolo, apresentação), “evidente valor testemunhal” (Carlito Azevedo, orelha), “tocante testemunho” (Armando Freitas Filho, nota curta) e “testemunha surda, suja e sem nexos na lógica de uma cultura que diz buscar justiça social, direitos humanos e igualdade feminina” (José Carlos Sebe Bom Meihy, prefácio). Tal aparato de poetas, professores e pesquisadores, e a publicação por uma editora universitária sinalizam não só um movimento de legitimação da escritora mas também uma espécie de gesto reparador. Todavia, Meihy reconhece que, “em face dos cânones sagrados da Literatura, a qualidade de seus escritos é de uma pobreza estilística que faria arrepiar até mesmo os mais tolerantes críticos”. Daí a necessidade de – sem afetada condescendência – o crítico saber ajustar suas ferramentas ao objeto que investiga. Se a investigação se der “em face dos cânones sagrados da Literatura”, decerto obras como a de Carolina ficarão “na porta estacionando os carros” na festa dos figurões da área, mormente homens, brancos, adultos, urbanos, letrados e burgueses. Em síntese, a análise do poema permitirá discutir como e por que obras de testemunho podem se tornar um cânone literário.

Palavras-chave: Carolina Maria de Jesus; poesia; testemunho.

A CENTRALIDADE DA NARRATIVA E SEU CARÁTER TRANSITÓRIO

Alessandra Barros Pereira Ferreira (UFJF)

Resumo: A escrita, como forma de persuasão do sujeito moderno, tende a padronizar conceitos, seja no campo da padronização ou no campo da marginalidade. A questão da escrita marginal, e consequentemente, o relato daqueles que vivem tal experiência, é permeado de impressões pessoais, análises de casos, ou mesmo circunstâncias socioeconômicas. O relato do Carandiru não foi diferente. Drauzio Varela (1943), no papel de narrador, percorre os pavilhões da extinta penitenciária de segurança máxima, o Carandiru (1920-2002), a fim de descobrir casos de contaminação de HIV, entretanto, o que o médico encontra vai além das doenças. Descobre relatos com alto valor biográfico, e com isso adentra o interior dos detentos, atingindo o ápice da biografia, seguindo os passos de O pacto autobiográfico (1973), de Lejeune (1805-1859).

Palavras-chave: Escrita hegemônica; marginalidade; biografia.

O TEOR TESTEMUNHAL E O CONCEITO DE DISPOSITIVO PARA LEITURA DA NARRATIVA FICCIONAL

PÓS-64

Abílio Pacheco de Souza (UFPA)

Resumo: A Literatura ou Narrativa de Testemunho produzida no Brasil pós-64 (principalmente nas fases iniciais da Ditadura Militar) se distancia significativamente das duas vertentes mais ou menos canônicas (seja de criação, seja de teorização) relacionadas à temática. O Testimonio latino ou hispano-americano normalmente trabalhado mais relacionado a luta das minorais, versando sobre a permanência da exploração na América Latina. E o Zeugnis, europeu ou alemão, mais direcionado ao testemunho de catástrofes genocidas como a Shoah. A primeira mais próxima aos Estudos Culturais e a segunda vertente mais próxima à Psicanálise. Tais vertentes podem ser lidas também em câmbio inverso, ou seja, características do Testimonio no Zeugnis e vice-versa, como chamou a atenção Cornelsen (2012). A principal diferença dessas duas vertentes em relação aquela produzida no Brasil durante a ditadura de 64 é que, ao contrário dos testemunhos de Rigoberta Menchú (que narrou o massacre de seu povo na Guatemala anos depois para Elizabeth Burgos em Paris) e de Primo Levi (que, anos após sua libertação já residindo, relata “sua experiência de judeu lançado em um campo de concentração” Bosi, 2002), a maioria das narrativas brasileiras pós-64 se constituíram de modo ficcional e foram escritas num contexto de violência política e institucional contra a produção artística. Hoje nós sabemos que apenas um autor foi preso durante todos os 21 anos de ditadura por causa de um romance, mas em 1967, por exemplo, quando foram publicados os dois primeiros romances de relevo sobre a ditadura (Pessach e Quarup), não se sabia disso. Carlos Heitor Cony, por exemplo, respondia processos e IPMs por causa de suas crônicas publicados no jornal Correio da Manhã e Ênio da Silveira por sua atividade editorial à esquerda. Em outro trabalho, procurei explicar que “calor do momento” seja a justificativa para o caráter ficcional do nosso testemunho. Nesta comunicação, a fim de compreender o testemunho brasileiro pós-64 (uma terceira vertente ou uma vertente ficcional do testemunho), discutiremos a importância do “teor testemunhal” conforme Seligmann-Silva, pois mais importante ou mais produtivo que uma preocupação de taxionomia literária, o estudo do testemunho pode ser através de “traços característicos deste teor [...] que pode ser encontrado em qualquer produção cultural” (2001). Também consideramos como relevante o conceito de “dispositivo” em Foucault (1977) para a compreensão do funcionamento dessas narrativas. Especialmente por causa do seu dinamismo por acompanhar as mudanças próprias das relações de poder e também por seu caráter de urgência. O dispositivo visa atender a uma demanda decorrente da necessidade de resistência imediata diante de adversidades sociais concretas.

Palavras-chave: teor testemunhal, dispositivo, narrativa de testemunho

1 de agosto

14h30

TESTEMUNHO ARBITER: PARA ALÉM DO TESTIS E DO SUPERSTES

Carlos Augusto Nascimento Sarmento-Pantoja (UFPA)

Resumo: Quando pensamos nos estudos sobre o testemunho na contemporaneidade encontramos duas formas bem delimitadas de narrativas, caracterizadas a partir dos estudos de Émile Benveniste (1969), e divulgada amplamente nas pesquisas sobre o autoritarismo, sobre a Shoah e as ditaduras latino-americanas, sedimentadas em diversos estudos, com contribuições de Márcio Seligmann-Silva (2008), Jaime Ginzburg (2011), Élcio Cornelsen (2012), Wilbert Salgueiro (2012), Tânia Sarmento-Pantoja (2014), na fixação dos conceitos de testemunho testis e testemunho superstes e na compreensão de várias formulações do testemunho latino-americano. Em 2016, apresento minha contribuição aos estudos do testemunho, proponho uma nova categoria de testemunho o arbirer, que se configura na narração realizada por meio da recuperação do testemunho ouvido. Por muito tempo, esse tipo de testemunho fora desvalorizado, por não representar as formulações tradicionais do testemunho testis (terceiro), aquele viu e testemunhou a cena dolorosa, ou do testemunho superstes (primeiro), aquele que viveu e testemunha sua própria experiência. Compreendemos que

o testemunho arbiter (segundo), daquele que ouviu e arbitra o que e como narrar, deve ser validado como parte de uma tríade testemunhal, já que se encontra imiscuído às outras formas de testemunho, pois a identificamos em narradores testis e superstes, ao descrever experiências de outros a ele contada. Uma forma testemunhal observada desde os testemunhos ontológicos de Primo Levi e Anne Frank, passando pelo testimonio latinoamericano, chegando à narrativa de segunda geração, realizada pelo filhos de sobreviventes, que na maioria dos casos narra por meio de reconstruções testemunhais das experiências de outros, ou dos testemunhos de outros, inclusive em relação a sua própria experiência.

Palavras-chave: Testemunho; Testis; Superstes; Arbiter.

A MILITÂNCIA NACIONAL-CONSERVADORA DE ERNST VON SALOMON ATRAVÉS DE SUAS MEMÓRIAS
Bruno Mendes dos Santos (UNICAMP)

Resumo: A Literatura da República de Weimar (1918-1933) evidencia a agitação desse período na diversidade de direções e movimentos, muitas vezes contraditórios, apontando para uma dificuldade da inteligência literária em se encontrar uma orientação, diante da complexidade da era. Nesse período aparece Ernst von Salomon (1902-1972), um proeminente intelectual que concentra em sua personalidade toda a turbulência contraditória de seu tempo. Nascido na então Prússia, filho de um oficial da polícia, foi educado desde a infância em escolas de cadetes, onde internalizou as virtudes prussianas (definidas por valores morais protestantes), tais como a disciplina, a diligência e a determinação. Levou a cabo, em sua conturbada juventude, atitudes extremas e ilegais para agir conforme sua ideologia. Em 1920, participou de um fracassado golpe de estado junto com os Freikorps; depois, em 1922, de um atentado contra o ministro Walter Rathenau. Seu primeiro romance, *Die Geächteten* ("Os marginalizados", sem tradução em português) narra sua evolução de cadete prussiano nacionalista a combatente antidemocrático, chegando às circunstâncias do assassinato de Rathenau, bem como o período de reclusão. Tais ações levariam o leitor contemporâneo a considerá-lo um potencial adepto do nacional-socialismo que estaria por ascender. Após a tomada do poder por Hitler, entretanto, Salomon afastou-se da política nazista. Ainda assim, enquanto diversos autores alemães do pós-guerra procuravam participar do trabalho de *Vergangenheitsbewältigung* (o acerto de contas com o passado), analisando suas ações antes e durante a época nazista, a fim de conseguirem lidar com o genocídio da Shoah, Salomon, pelo contrário, recusava o conceito de *Kollektivschuld* ("culpa coletiva") e a condenação coletiva da nação; considerava-se isento das ações dos líderes nazistas, por nunca tê-los apoiado, desde que assumiram o poder. Tal postura encontrava-se na contramão das intenções das políticas institucionais de memória nas décadas seguintes, guiadas majoritariamente por uma visão democrática, libertária e progressista. *Die Geächteten* é de natureza autobiográfica e de caráter documentarista, em que o autor-observador diretamente envolvido nos eventos do passado os descreve através da arte narrativa. Para o leitor atual, é muito difícil desvincular da ascensão do nazismo qualquer obra publicada do início do século XX; tudo parece um prenúncio do que estaria por vir. No caso de Salomon, à época um jovem autor com formação militar e com inclinações políticas de extrema direita, essa correlação é quase imediata. Entretanto, o autor considera que o período em que a obra foi escrita deveria ser hoje vista como "amoral" e pretende explicar sua perspectiva sobre o mundo e sua forma de agir sobre ele, já que as ações em si não resultaram nos objetivos almejados. Com o passar das décadas, o autor toma uma posição mais moderada, aberto a outras posições políticas, desde que não ultrapassassem a fronteira da violência, caminho escolhido por ele em sua juventude. Levanta-se, assim, uma questão: (como) seria possível ler sua obra dentro da chave do teor testemunhal, segundo o conceito de Seligmann-Silva, considerando o ambiente de violência da guerra e do embate político interno na Alemanha e o sentimento de marginalização descrito pelo autor?

Palavras-chave: literatura alemã; Weimar; nacional-conservadorismo

LITERATURA E TESTEMUNHO NA PRODUÇÃO DE BORIS SCNAIDERMAN

Evelina Hoisel (UFBA)

Resumo: Com o objetivo de discutir as questões propostas pelo simpósio “Literatura e testemunho: teorias, limites e exemplos”, esta comunicação pretende investigar em que medida os traços que caracterizam o testemunho, como: registro em primeira pessoa, compromisso com a verdade e a lembrança, desejo de justiça, vontade de resistência, valor ético sobre o valor estético, representação de um evento coletivo, forte presença do trauma, vínculo estreito com a história estão presentes em *Guerra em surdina* (1ª ed. 1964) e *Caderno italiano* (2015) de Boris Schnaiderman. Com perspectivas escriturais distintas, estes dois textos do escritor ucraniano, residindo no Brasil desde os oito anos de idade, relatam a sua participação na Força Expedicionária Brasileira (FEB), na Itália, durante a Segunda Guerra Mundial, no período de 1944-1945. Se *Guerra em surdina* assume um caráter mais explicitamente ficcional, *Caderno italiano* retoma a mesma temática em um relato autobiográfico de um excombatente que se sente eticamente compelido a prestar o seu depoimento sobre os medos, as angústias e os absurdos que os soldados experimentam quando seguem para a guerra. A literatura de Schnaiderman, seja em sua realização mais testemunhal, autobiográfica ou mesmo ficcional, propõe questões bastante desafiadoras, que pressionam a favor da dilatação de fronteiras de tipologias estabelecidas, solicitando uma revisão de conceitos, ao mobilizar um intrincado feixe de escritas – memórias, anotações de diários, cartas, ensaios - a constituírem os arquivos da história, montados com a apropriação de lembranças, fatos, testemunhos de sua própria experiência e dos que participaram com ele da Força Expedicionária Brasileira (FEB). Objetiva-se assim investigar em que medida esta intrincada rede de escritas presentes nos livros abordados propicia definir as relações entre literatura e testemunho, estabelecendo – ou não - outros limites e outras configurações teóricas para o “gênero”. Por sua vez, pretende-se problematizar estas questões no contexto do projeto cultural de Boris Schnaiderman, “um intelectual entre fronteiras”, conforme proposta do projeto de pesquisa (CNPq/BRICS) que vem sendo desenvolvido sobre a produção teórico-crítica, docente e tradutória desse mediador cultural, um proeminente intelectual dos séculos 20 e 21, que vivenciou o trauma da emigração quando criança e passou grande parte da vida nas trincheiras de regimes repressores: no Brasil, a ditadura de Vargas e a ditadura militar de 1964; na Rússia, o regime Stalinista.

Palavras-chave: 1.Boris Schnaiderman; 2.Literatura; 3.Testemunho.

BERNARDO ÉLIS: A AUSÊNCIA COMO PROVA

Marcelo Gonçalves de França (UFMS)

Resumo: Neste trabalho, pretendemos observar o caráter testemunhal no conto “A enxada” de Bernardo Élis. Utilizamos o acervo reunido do autor, disponível no Centro de Documentação Cultural da UNICAMP, para traçar paralelo histórico. É um percurso teórico complementar ao projeto de pesquisa “Ditadura Militar e Bernardo Élis: violência em dois matizes?” Bernardo Élis é um autor Goiano inscrito na literatura brasileira por obras de cunho social e memorialístico de contexto rural do estado de Goiás.

Palavras-chave: Literatura brasileira; Bernardo Élis; Testemunho.

A PEQUENA PRISÃO, DE IGOR MENDES: PRISÃO POLÍTICA NO BRASIL DEMOCRÁTICO

Maria Isolina de Castro Soares (UFES)

Resumo: A obra *A Pequena Prisão* (2017), de Igor Mendes, catalogada como da área de Ciências Políticas, é uma obra de testemunho. Seu autor, uma testemunha que desabafa: “Por defender certos pontos de vista, considerados ‘perigosos à ordem’, ofereceram-me a descida aos porões mais obscuros de nossa sociedade” (MENDES, 2017, p. 34). Igor Mendes, como militante do Movimento Estudantil Popular Revolucionário (MEPR) e integrante da Frente Independente Popular (FIP), grupos considerados violentos pela polícia, foi um dos 23 presos na tentativa de o governo evitar manifestações que repercutiriam no mundo todo, dado a final da Copa do Mundo no Brasil, em 2014. Tendo participado de muitos movimentos e mobilizações de contestação da ordem vigente, Igor Mendes foi preso em 3 de dezembro de 2014, e são os antecedentes dessa prisão e a

experiência no Complexo Penitenciário de Gericinó, antigo Complexo Penitenciário de Bangu, designação ainda utilizada pelo autor, que ele conta em *A pequena prisão*. O depoimento do autor revela que mecanismos jurídicos podem ser colocados em ação para impedir que se realizem atos que possam prejudicar a imagem que o governo tem interesse em manter. Mesmo afirmando a todo o momento que é um preso político, o autor lança um olhar sensível sobre a massa de desassistidos que se encontra nos presídios brasileiros. Sua narrativa expõe os problemas de uma sociedade que se diz democrática apenas por realizar eleições diretas. A pequena prisão repercute as vozes dos excluídos, numa tentativa de alertar uma sociedade que parece não ter ouvidos para essas vozes. É uma denúncia contra o poder político, que legisla procurando manter privilégios que só fazem aumentar a concentração de riqueza para uma parcela ínfima da população. O real apresentado pelo testemunho do autor tem um compromisso com aqueles que nada têm, nem mesmo justiça. Segundo o autor, “É, sobretudo, um depoimento engajado, assumidamente parcial, de quem continua disposto a prosseguir na briga [...]” (MENDES, 2017, p. 33). As questões são postas num texto que utiliza recursos de linguagem literária para narrar atitudes de violência, negação de direitos, manipulação política, dentre muitos outros problemas apresentados na obra. O livro não deixa de assinalar, com frequência, a comparação do que ocorre nas prisões brasileiras com o que ocorria nas prisões, oficiais ou não, do regime militar no Brasil, de 1964 a 1985. A pretensa liberdade do regime democrático atual exclui uma parcela imensa da população brasileira, que vive uma subvida na “grande prisão” da vida fora dos presídios.

Palavras-chave: Testemunho; Prisão; Política.

2 de agosto

8h30

O TESTEMUNHO DE SEGUNDO GRAU NO CONTO “A POSIÇÃO”, DE JÚLIO CÉSAR MONTEIRO MARTINS

Arnaldo Franco Junior (UNESP)

Resumo: O conto “A posição” foi publicado originalmente em *Sabe quem dançou?* (1978), segundo livro de Júlio César Monteiro Martins – escritor da geração de, entre outros, Caio Fernando Abreu, Luiz Fernando Emediato e Domingos Pellegrini Jr. Neste conto, o autor retoma o tema do assassinato por tortura, que já abordara em “O método”, conto publicado em 1977 na coletânea *Histórias de um novo tempo* – o novíssimo conto brasileiro. Essa retomada do tema, candente à época da “lenta, gradual e segura” abertura política tutelada pela ditadura (1976-1985), se dá mediante dois importantes procedimentos: a) a narração em 1ª pessoa de uma testemunha de segundo grau (um narrador amigo da vítima); b) a subordinação da representação da tortura ao imaginário daquele que, tendo sobrevivido à morte do amigo, é o único que pode elaborar o horror sob a forma de uma narrativa. São esses dois procedimentos que nos permitem observar que “A posição” registra uma passagem da literatura de testemunho concebida como *testis* — terceiro, no sentido etimológico do termo, “de necessidade de se ter três testemunhas para se poder dar uma sentença jurídica. [Literatura que] quer ser documentária, documento” (SELIGMAN-SILVA, 2003) — para a literatura de testemunho concebida como *superstes*, termo que “também quer dizer sobrevivente [...] [Literatura] realizada por alguém que sobreviveu [e] marcada pela fragmentação e impossibilidade de desenhar um contexto que deveria acomodar o ‘texto’ criptografado na memória do autor (ou da sociedade)” (SELIGMAN-SILVA, 2003). Essa passagem, além de revelar um amadurecimento do autor, então um jovem na casa dos vinte e poucos anos, no tratamento do tema da tortura, mostra que, ao contrário do que certas avaliações apressadas da crítica à literatura do período afirmaram, o trabalho de luto realizado pela literatura brasileira nos anos de abertura política pós-ditadura não se reduziu ao apego ao realismo-naturalismo. “A posição” põe em destaque o relato de um narrador que tenta elaborar o assassinato por tortura por meio de uma narração em que são evidentes as marcas da fragmentariedade e da oscilação angustiada entre hipóteses imaginárias que, em vez de se prestarem ao verismo documental que esvaziaria a potência do evento violento, multiplicam a

dor do sobrevivente caracterizando-a como objeto de um permanente retorno do trauma. O testemunho de segundo grau cumpre, em “A posição”, a importante função de manter a memória da vítima, denunciando a violência e o terrorismo de Estado que, no contexto da ditadura civil-militar instaurada no Brasil a partir do golpe de 1964, perpetrou a sua morte, banalizando-a. Neste trabalho, analisaremos como se dá, neste conto, a construção deste testemunho, suas funções e seus efeitos de sentido.

Palavras-chave: Conto; Ditadura; Terrorismo de Estado; Testemunho

UM TESTEMUNHO DA HORA PRESENTE: ENCENANDO A DOR E O SILÊNCIO EM A HORA DA ESTRELA
Fernanda Valim Côrtes Miguel (UFVJM)

Resumo: Nesta comunicação apresentaremos uma leitura crítica do romance *A hora da estrela* (1977), de Clarice Lispector, em contribuição aos dossiês que homenagearam os 40 anos de sua primeira publicação no Brasil em 2017. Para a realização do estudo, partimos de uma perspectiva filosófica wittgensteiniana de linguagem em diálogos produtivos com o pensamento de autores como Jaime Ginzburg (2012), Regina Dalcastagné (2012) e Margutti Pinto (1998). As reflexões apontam para o modo como a estrutura narrativa do romance, sua tematização e o tensionamento dos limites da linguagem dão voz aos sons musicais e ao silêncio, criando outras sonoridades possíveis, diferentes daquela que embala a poética da civilização moderna. De maneira análoga, este “hoje” demarcaria a trágica vida de Macabéa, destituída de experiências passadas e de um projeto de futuro possível. Nesse sentido, a personagem estaria presa entre o início e o fim, presa na hora exata de um silencioso e doloroso presente. A ficção de Clarice, em “suas cabeçadas contra as paredes da linguagem” (WITTGENSTEIN, 1979, IF-119, p. 55), possibilitaria uma crítica a certa concepção de humanismo, baseada na formação civilizatória centralizada no princípio da razão, no princípio de combate à animalidade do homem e de todo um racionalismo - positivo e masculino (profundamente bélico) - de heranças eurocêntricas e cartesianas em nome do qual construímos nossas crenças e fundamentamos nossas certezas modernas, bem como o emprego instrumental da razão pela barbárie. As reflexões de Ginzburg (2012) já denunciaram o modo como a tradição cartesiana criou bases para a expectativa de que cada sujeito humano fosse capaz de compreender a natureza e de dominá-la de acordo com seus próprios interesses, desde que organizasse sua capacidade de pensar racionalmente. Essas expectativas não se cumpriram, especialmente quando observamos, por exemplo, os genocídios em massa, as guerras, especialmente ao longo do século XX, após Auschwitz, após a experiência mundial do horror e dos regimes autoritários que evidenciaram o emprego instrumental da razão pela barbárie e a indiferença da política para com a ética. De maneira bastante sutil, ao nos colocar diante do questionamento mais amplo e filosófico sobre a vida, bem como da reflexão sobre a iminência da morte (inclusive da escritora), a narrativa do livro vai, aos poucos, nos tornando cientes de nossa própria condição histórica, lançando fragmentos dissonantes, quase inaudíveis, que marcam igualmente um outro relato, de um escritor sem ilusões, seguramente lúcido diante do obscurantismo de seu próprio tempo. Rodrigo S. M. é um escritor-narrador profundamente melancólico diante da “hora presente”, porque consciente das próprias contradições que o atravessam pessoalmente e socialmente e que o fazem sofrer: “eu canto alto agudo uma melodia sincopada e estridente – é a minha própria dor, eu que carrego o mundo e há falta de felicidade” (LISPECTOR, 2017, p.47). Essa constante expressão de seu desconforto pessoal ganha sentido alegórico de uma angústia coletivizada. Em *A hora da estrela*, o teor testemunhal da hora presente, marcado ao longo de todo o relato, pontuaria uma profunda consciência do escritor/escritora sobre a escuridão de seu próprio tempo.

Palavras-chave: Lispector; Dor; Silêncio; Wittgenstein

O "PASSADO QUE NÃO PASSA": DIMENSÕES DO TRAUMA NO CONTO "TIO ANDRÉ", DE BERNARDO KUCINSKI

Suzeli Santos Santana (UESC)

Resumo: O trabalho tem como objetivo analisar o conto “Tio André”, de Bernardo Kucinski, publicado após o processo de redemocratização política no livro *Você vai voltar pra mim e outros contos* (2014), obra esta que retoma memórias da ditadura civil-militar brasileira. À luz de Guillermo O’Donnell, Pinheiro (1991) elucida o conceito de “autoritarismo socialmente implantado”, a saber, o “autoritarismo que não termina com o colapso das ditaduras, mas que sobrevive às transições e sob os novos governos civis eleitos, porque independe da periodização política e das constituições” (p. 46). Diante da continuidade de práticas autoritárias, próprias de regimes de exceção, torna-se relevante discutir o contexto da ditadura civil-militar, a partir da literatura de teor testemunhal de Bernardo Kucinski, estabelecendo um diálogo entre o tempo representado na narrativa (anos 1960-1970, contexto do regime militar) e o momento de publicação da narrativa analisada (2014, regime democrático). A leitura que propomos do conto de Kucinski, portanto, está orientada a compreender de que maneira a literatura produzida no contexto pós ditadura problematiza os aspectos de violência e autoritarismo. Nessa conjuntura, procura-se discutir, mais especificamente, a simultânea necessidade e impossibilidade da elaboração de vivências traumáticas na linguagem literária, partindo da premissa de que o testemunho “se dá sempre no presente” e que “o trauma é caracterizado por uma memória de um passado que não passa” (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 69). A pesquisa, de caráter bibliográfico, se fundamentará em Ginzburg (2008), Seligmann-Silva (2003; 2005), entre outros, e pode contribuir para os estudos de literatura de teor testemunhal, expandindo seu alcance de divulgação e debate, em especial a brasileira, com destaque para a produção contemporânea do século XXI.

Palavras-chave: Literatura de testemunho; Ditadura civil-militar brasileira; Traumas sociais; Autoritarismo; Bernardo Kucinski.

2 agosto

14h30

O TESTEMUNHO PERUANO: O CASO DE GREGORIO MAMANI E ASUSTA QUISPE

Antônia Claudene de Lima Santos (UFRJ)

Resumo: A literatura de testemunho hispano-americana teve seu apogeu no cenário latino-americano nas décadas de 1960 e 1970, após a canonização do gênero literário promovida pelo concurso Casa das Américas. No Peru, assim como em diversos países hispânicos, a produção de testemunhos visava denunciar uma situação de opressão dos grupos marginalizados socialmente, no caso peruano, os testemunhos dos indígenas marcou a produção do gênero no país. A obra que estudamos em nossa pesquisa revela um pouco da história e perspectiva de mundo dos indígenas peruanos, Gregorio Condori Mamamani/ Asunta Quispe Huamán – *Autobiografía* (1977/2014), foi produzida a partir de entrevistas realizadas pelos antropólogos peruanos Ricardo Valderrama e Carmen Escalante ao casal indígena. Ao longo da obra, conhecemos as opressões e lutas do casal por uma vida melhor. Tomando esta obra como testemunho mediado, nos termos definidos por Elzbieta Sklodowska (1992), analisamos a questão da autorepresentação do sujeito indígena na obra. Para realizar nossa análise, também contamos com as contribuições de Martín Lienhard (1990) acerca da questão da oralidade e escritura, Hugo Achugar (1992) para tratarmos da questão da voz do outro nas obras testemunhais, Jonh Beverley (1992) para analisarmos a questão do outro na literatura de testemunho, Ángel Rama (1985) para tratarmos sobre a luta pelo espaço discursivo na cidade letrada e Cornejo Polar (2004) para analisarmos a questão da heterogeneidade do testemunho peruano.

Palavras-chave: testemunho; indígena; literatura peruana

DÍAS Y NOCHES DE AMOR Y DE GUERRA DE EDUARDO GALEANO: CONSIDERAÇÕES SOBRE LITERATURA TESTEMUNHAL NA AMÉRICA LATINA

Liana Márcia Gonçalves Mafra (IFMA)

Resumo: O livro *Días y noches de amor y de guerra*, de Eduardo Galeano, apresenta-se como expressão literária, social e histórica de um período de tensão, violência, repressão e suas consequências, vivenciadas nos países da América Latina, principalmente Uruguai e Argentina, na ditadura militar. Desse modo, nesta apresentação, andar-se-á pela obra *Días y noches de amor y de guerra* que se apresenta como testemunha de uma época, na qual o autor relata suas próprias memórias e/entre as memórias de outros, através das histórias que lhe chegam, que vive, busca ou cria. As histórias presentes na obra foram retiradas, ouvidas, vividas em suas andanças por alguns países da América. O regime militar censurou, torturou, fuzilou, porém a dor causada não foi somente a física, que deixa marcas, feridas e sangue exposto. O regime autoritário também manipulou a memória, mutilou a história, deixou chagas na alma e traumas nas vidas. E para resistir às atrocidades, a pena de Eduardo Galeano não se silenciou e tenta corrigir, por meio da ação dos personagens nas narrativas, as omissões da história na América Latina, através da operação da memória, dentro da literatura de resistência, por vezes chamada de engajada, de protesto, e também por meio da literatura de testemunho. Ressalta-se que foi a partir da década de 70 que cresceu o tipo de escrita qualificada com a expressão literatura de testemunho, “a escolha do termo obedeceu à necessidade de acolher um alto número de originais que se situavam na intersecção de memórias e engajamento” (BOSI 2002, p.221). Logo, não somente historiografia e não somente ficção, testemunho, colocando o sujeito no centro dos estudos e modificando a percepção de subjetividade e de hierarquia dos fatos. Beatriz Sarlo (2007) considera o testemunho como um “discurso”, ato de enunciação cujo narrador está envolvido nos fatos. O autor-narrador-personagem está cheio de gente. Quando recorre à própria memória não lembra sozinho, configurando-se também como registro de pertencimento e de identidade individual e do coletivo. Assim, a narrativa desenvolve-se na primeira pessoa e tais relatos atingem mais o coletivo que o individual, pois esses focos narrativos em primeira pessoa juntam-se a outros infinitamente. Em meio às questões centrais discutidas, reflete-se sobre a polêmica atuação e produção literária do escritor uruguaio, analisando especificamente como se estabeleceu o diálogo entre a memória, história e a literatura, como possibilidade de produzir uma outra versão para a história da América Latina, considerando que após décadas de regimes militares, a memória coletiva ainda se encontra fragmentada e mascarada.

Palavras-chave: Ditadura Militar; Testemunho; América Latina

A LÍRICA TESTEMUNHAL DE PEDRO TIERRA: O "CANTO DA RESISTÊNCIA E DA ESPERANÇA" EM POEMAS DO POVO DA NOITE

Núbia Silva dos Santos (UFG)

Resumo: Essa comunicação propõe-se a emitir reflexões acerca do Testemunho na Poesia do Poeta Pedro Tierra, em sua obra *Poemas do Povo da Noite*, escrita durante o período em que o poeta esteve como prisioneiro Político, de 1972 – 1979, durante a Ditadura Militar Brasileira. Consideramos a obra de cunho testemunhal, visto ter sido Hamilton Pereira da Silva – nome de registro do Poeta Pedro Tierra – um sobrevivente dos horrores praticados durante a Ditadura, mas também uma testemunha que viu a violência sofrida por tantos outros, com os quais conviveu no cárcere. Num primeiro momento apresentamos a obra de Tierra e explicamos o que o motivou a escrevê-la – o encontro com Mayer Kucinski, por isso, fazemos uma breve imersão comentando sobre o Romance *K.: Relato de uma Busca*. E, por fim, analisamos dois poemas de Pedro Tierra, em intersecção com dois poemas de Carlos Drummond de Andrade, considerando a ambos como poetas, cuja Poesia, configura-se como Poesia de Resistência. Referências: GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Memória, história, testemunho. Lembrar, escrever, esquecer*. São Paulo: Ed. 34, 2006. GINZBURG, Jaime. *Linguagem e Trauma na Escrita do Testemunho*. Revista *Conexão Letras*. v. 3, n. 3 (2008). *Linguística/Literatura e Encontro e Pesquisa*. Disponível em: . Acesso em: 28 jul. 2017. SELIGMANN-SILVA, Márcio. *Apresentação da questão. História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes*. Org.: Márcio Seligmann-Silva. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

Palavras-chave: Testemunho; Poesia; Resistência; Política; Ditadura

O TEOR TESTEMUNHAL DA POÉTICA DRUMMONDIANA EM "VISÃO 1944"

Rosana Gondim Rezende (UFU)

Resumo: Propõe-se, neste artigo, analisar o teor testemunhal de “Visão 1944”, poema do livro “A Rosa do Povo” (1945), de Carlos Drummond de Andrade, a partir de alguns apontamentos de Márcio Seligmann-Silva sobre literatura testemunhal a qual, de acordo com Seligmann, “é um local de resistência e de rearticulação das identidades. (...) expressa o processo de esmagamento daquilo que é expelido pela sociedade como se fosse um resto”. Este estudo se apoia também no conhecido ensaio “Lírica e sociedade”, de Theodor Adorno. Pretende-se, a partir de Seligmann e de Adorno, ressaltar as expectativas causadas pelos acontecimentos que definiram a II Grande Guerra na poesia de Drummond, de 1945, mais particularmente o ataque alemão a Stalingrado, cujo impacto encontra-se refletido nessa obra do poeta mineiro. Podemos dizer que “Visão 1944” traduz o anseio do referido poeta por uma nova ordem social naquele momento histórico, metaforizada, inclusive, no próprio título da obra: a rosa (vermelha) é um dos símbolos do Socialismo, organização que defendia direitos, voz e igualdade numa sociedade futura e em relação a qual o poeta mantinha grandes expectativas. De forma alegórica, a poesia, constituída de palavras, representa a voz/ rosa do povo, e o poeta se polariza entre uma face militante de consciência social e outra de um eu melancólico e reflexivo que indaga interiormente sobre o significado de sua existência e de sua participação no mundo. Os poemas de “A Rosa do Povo” voltados para a temática da guerra possuem carga testemunhal, como é o caso de “Visão 1944”, tornando a poesia a expressão angustiada de um homem que, impossibilitado de agir diretamente, acompanha os horrores da guerra à distância. Amalgamando história, sociedade e poesia, Drummond torna-se, portanto, testemunha capaz de traduzir, pelas imagens poéticas, os sentimentos mais diferentes, desencadeados pelas notícias traumáticas dos horrores da guerra. Nesse sentido, a poesia-testemunho traduz os sentidos pungentes, transforma em palavras o silêncio perturbador, o incômodo de uma sociedade amedrontada e impotente. Sendo o poeta a voz que se (em)presta a essa missão, a anáfora no primeiro verso dos vinte e cinco quartetos que compõem o texto em análise — “Meus olhos são pequenos para ver” — reitera a pequenez do homem frente a uma guerra e, ainda, a angústia por constatar tamanha crueldade. Isso nos permite afirmar que a poética drummondiana contempla o que ponderou Theodor Adorno, em sua “Palestra sobre lírica e sociedade”, ao afirmar que o teor de um poema não pode se reduzir a expressões individuais, pois estas alcançam o legítimo valor artístico ao conquistarem sua participação no universal.

Palavras-chave: II Guerra; testemunho; poesia; Carlos Drummond

A LITERATURA DE TESTEMUNHO: OS VÍNCULOS ENTRE OS RELATOS DA VIOLÊNCIA E A MEMÓRIA DO TRAUMA QUE RECLAMAM UMA COMPREENSÃO

Catiussa Martin (UFSM)

Resumo: O trabalho tem por objetivo refletir sobre os vínculos que existem entre a prática de violência e os relatos que a narram. Para tanto, aborda-se a política do silêncio, do esquecimento e da memória ferida vinculada à narrativa do trauma, no contexto hispano-americano, como é o colombiano. Para pensar sobre o vínculo entre a literatura de testemunho e a violência, analisa-se a obra *El olvido que seremos*, de Héctor Abad Faciolince (2006), que conta a história do pai assassinado, somente vinte anos após o fato, sendo que o filho quer e, principalmente, precisa contar essa história. O autor elabora as lembranças feridas através de diferentes estratégias narrativas. O texto relaciona as sequelas da memória do trauma à trajetória de violência, reflete-se, então, sobre as relações da problemática do país com o campo literário. Na discussão da pesquisa, leva-se em consideração algumas reflexões sobre a literatura de testemunho, a memória individual, coletiva, histórica e as nuances da do trauma. Para isso, o estudo vale-se, teoricamente, de Ricoeur (2007), Ginzburg (2012), Jelin (2012), Gagnebin (2006), Freud (2010), Seligmann-Silva (2003 e 2008) entre outras fontes, para, posteriormente, pensar a relação de tais conceitos nas estratégias discursivas de Faciolince. Então, tem-se uma obra que se constitui sob a perspectiva de um sujeito afetado por uma situação de violência política e social por que passava a Colômbia. Logo, percebe-se

que a escrita é autobiográfica, sendo que o autor/narrador se apresenta subjetivamente diante do registro da memória como uma tentativa de escrever para compartilhar e compreender o trauma vivido. Por fim, apresenta a narrativa de si através do outro como uma forma de justiça e de acolhimento das vítimas dos diferentes contextos de violência, tornando, então, um pouco mais perdurável pela palavra o que já se é finito, como o sujeito.

Palavras-chave: Testemunho; Violência; Memória; Narrativa

3 de agosto

8h30

"12 ANOS DE ESCRAVIDÃO": O TRAUMA DA ESCRAVIDÃO NAS NARRATIVAS DE ESCRAVOS

Débora Spacini Nakanishi (UNESP)

Resumo: O sistema escravagista, ainda hoje, é considerado o “pecado original” estadunidense: um assunto tabu na sociedade norte-americana. Na atualidade, mais de 150 anos após a abolição da escravidão nos Estados Unidos, os afro-americanos continuam sentindo os ecos ressonantes dessa “instituição peculiar”. As narrativas de escravos, textos autobiográficos de homens e mulheres que conseguiram, de alguma forma, a liberdade, são testemunhos contundentes sobre a escravidão. Nos Estados Unidos, tais textos têm uma circulação considerável, especialmente nas universidades, entretanto, são pouco conhecidas pelo resto do mundo. Diferente da “literatura do Holocausto”, as narrativas de escravos não são celebradas e, diversas vezes, são até mesmo negligenciadas. Na presente comunicação, propomos uma reflexão sobre essas histórias. De acordo com Gates Jr. e McKay (2004), o homem branco havia retirado violentamente a humanidade do escravo e este, portanto, sentia a necessidade de reconquistá-la. Na época, havia uma ideia de que escrita e inteligência eram concomitantes e, assim, os escravos mostravam, por meio da escrita, serem tão racionais quanto os brancos. Além disso, descrever as próprias histórias acabaria tendo dois objetivos maiores: sensibilizar as pessoas do Norte dos Estados Unidos sobre os horrores ocorridos no Sul do país e construir uma identidade coletiva para o povo negro, cuja identidade africana havia sido negada pelos senhores das fazendas. Dessa forma, cada testemunho individual ganha mais força quando vistas de uma perspectiva mais abrangente, pertencendo ao grupo de narrativas de escravos. Isso porque as vidas dos escravos eram muito parecidas entre si, uma vez que eram cativos do mesmo sistema capitalista de escravidão, resultando em uma identidade coletiva da comunidade afro-americana. Em 2013, Steve McQueen lança a adaptação cinematográfica da autobiografia de Solomon Northup, “12 anos de escravidão”, sendo recebida positivamente tanto pela crítica quanto pelo público em geral. Ademais, o livro recebe novas edições, inclusive a primeira no Brasil, pela Cia das Letras, e volta a ser considerado relevante pela sociedade. Acreditamos que os norte-americanos ainda resistem à ideia de discutir o tema escravidão por tratar-se de uma mancha na própria história. Eyerman (2001) afirma que um trauma cultural legado pela escravidão persiste na sociedade de maneira geral, afetando tanto os afro-americanos, as vítimas, quanto os brancos, os perpetradores do trauma. Ainda para o autor, o trauma persiste porque nunca houve um processo de cura ou reconciliação (apesar de ter havido tentativas, todas falharam) e a atual geração de norte-americanos pode sentir-se tão traumatizada quanto os próprios escravos há mais de 150 anos. Doravante, parece-nos imprescindível que as narrativas de escravos recebam a devida atenção enquanto literatura de testemunho, uma vez que o mesmo trauma que levou tais escravos a registarem suas histórias parece afetar diversas gerações. No nosso trabalho, baseamo-nos em autores como Gates Jr. e McKay (2004), Olney (1984), Roy (2015), Eyerman (2001, 2011) e Pederson (2014), entre outros.

Palavras-chave: Narrativa de escravos; Trauma; Escravidão

A MESMA ESTRADA, OS MESMOS PECADOS: ANÁLISE COMPARADA ENTRE O RAP DOS RACIONAIS MC'S E A LITERATURA MARGINAL DE FERRÉZ

Rafael Rodrigues da Cunha (UNIR)

Resumo: O objetivo geral deste trabalho é apresentar uma análise comparativa entre o livro *Capão Pecado*, de Ferréz, e o rap “Um homem na estrada”, dos Racionais Mc’s, do álbum *Raio X do Brasil* (1993), pensando as relações entre literatura e testemunho a partir da crítica que os autores fazem da experiência política de seu tempo. Como objetivo específico, visa identificar o testemunho da violência social oriunda da sociedade de classe nas obras, avaliando como esse contexto é introduzido estruturalmente no rap e no romance. De acordo com o próprio Ferréz, seu interesse é testemunhar: “eternizar a história desse povo, dessa época, deixa-las vivas, pelo menos no livro” (FERRÉZ, 2013, p.10). Consideramos que o universo de ambas as obras possui relação intertextual perceptível, visto que se constroem a partir do espaço da periferia da zona sul de São Paulo, mais especificamente em Capão Redondo. A região é conhecida por figurar nas letras de rap e também por ser um local violento, com altos índices de criminalidade, abrigando cenas de miséria das classes empobrecidas da periferia, com alcoolismo, tráfico varejista, repressão policial, homicídio, roubo, dentre outras mazelas que se mostram de forma nua e crua nos nossos objetos de estudo. A comparação entre as obras, distintas em suas formas, possui algumas aproximações que dizem respeito principalmente ao contexto social e estético em que se encontram. Perceberemos também que Ferréz utiliza algumas ferramentas de construção estética comuns no âmbito do rap. Como referencial teórico, as relações entre literatura e sociedade pensadas por Theodor Adorno e Antonio Candido se mostram coerentes com as condições de produção de Ferréz e Racionais Mc’s.

Palavras-chave: Ferréz; Literatura Marginal; Rap

A ESCRITA EM FERRÉZ: LITERATURA DE GUERRA, DISPUTA DE TERRITÓRIOS E IDENTIDADES

Rhegysmere Myrian Rondon Alves (UFMT)

Resumo: Propõe-se aqui pensar de que forma o autor da periferia de São Paulo, o Ferréz (1975 -), traz em sua escrita as marcas do cotidiano do Capão Redondo. Servirão de base para essa discussão seus dois romances mais conhecidos, *Capão Pecado* (2000) e *Manual prático do ódio* (2003). Ferréz, ao propor uma escrita cuja linguagem se apresenta agressiva e contundente - cuja marca principal é o teor de verossimilhança com a realidade retratada no campo da ficção - fala do cotidiano na periferia de São Paulo a partir de um sentimento elencado e disseminado como comum: o ódio. O mesmo ódio com o qual se apresenta também uma possível arma contra o distanciamento social construído pelo capitalismo. Ao retratar esse cotidiano, o autor imprime à sua escrita e na sua figura de escritor seu forte engajamento político. Esse engajamento, muitas vezes nomeando sua literatura como marginal não advém apenas da sua capacidade de criticar, denunciar e contestar a violência física e simbólica praticada por um sistema hegemônico, mas também na sua capacidade de transformar o não-lugar conferido pelo sistema hegemônico àquele que habita às suas margens em uma identidade possível, em um campo positivo de pertencimento estético, cultural e social. Daí a importância de discutir essa literatura que se produz na periferia por entender sua importância no cenário de constituição da cultura popular urbana e também por entender que as narrativas na literatura marginal assim como ocorre com certas narrativas do cinema nacional nos últimos anos, vêm indicar o reconhecimento da importância das periferias como parte integrante da cultura e da identidade nacional. Se pensarmos que esta literatura é produzida e pensada a partir de um lugar e por sujeitos que se relacionam com a ideia de marginalidade e periferia (econômica, social e política), como bem desenvolve em sua extensa pesquisa sobre o tema a antropóloga Érica Peçanha do Nascimento (referência nos estudos da produção cultural das periferias), ela não terá só a ver com o território. Terá, também, uma relação com a posição social do autor. E trará marcas específicas, complementa Nascimento: “será composta por uma certa eleição de temas, personagens e uma linguagem. E essa maneira de escrever que evoca esses modos de vida na periferia assim como a valoriza, é também uma forma de afirmação política” (NASCIMENTO, 2014, s/p). É com esta perspectiva da narrativa da vida na periferia, pelo olhar do sujeito periférico, que busca-se aqui um estudo da escrita composta por Ferréz, um expoente quando se fala em literatura marginal sendo um de seus maiores disseminadores. Nas narrativas de *Capão Pecado* (2000) e *Manual prático do ódio* (2003), a violência aparece como o entorno de uma série de outras questões

que envolvem a vida na periferia. O lugar da violência aqui é invertido e, na apresentação dos personagens e da difícil realidade a que estão condenados, o crime passa a ser o arredor de uma série de outras violências a que estão condenados os moradores da periferia, em razão do descaso do poder público ao acesso aos principais meios de subsistência (HOLLANDA, 2012, p. 44). Talvez seria importante, a partir dessas leituras, pensar que a missão e urgência desta literatura, tal como a defende Ferréz em seu Manifesto Terrorismo literário (2005), seja o de tentar garantir a sobrevivência e a proteção aos discursos marginalizados que estão sob um processo instituído de aniquilamento simbólico e material.

Palavras-chave: Literatura marginal; Ferréz; periferia

44 - LITERATURA INDÍGENA EM PERSPECTIVA

Coordenação: Carlos Augusto de Melo (UFU); Graça Graúna (UPE).

Resumo: Nas últimas décadas, os povos indígenas encontraram uma das mais sensíveis alternativas de poderem ser ouvidos: a escrita literária. Principalmente, após a década de 1980, período de intensas lutas e confrontos dos movimentos políticos indígenas, um número significativo de escritores conseguiu demonstrar, por meio de intensa atividade literária, a potência de subverter os estereótipos construídos sobre os aborígenes que, pela tradição europeia e branca, sempre foram considerados inferiores intelectualmente. A literatura tornou-se uma espécie de arma contra o violento silenciamento histórico, político e cultural imposto a eles. Os indígenas ocupam o espaço da criação literária como forma de verdadeira resistência! Escrever é, para eles, a possibilidade de tornarem-se visíveis e ouvidos, desprenderem-se das sufocantes amarras coloniais e revelarem-se sujeitos protagonistas de suas próprias histórias. Como afirma a escritora indígena Graça Graúna, a literatura indígena “é um lugar utópico (de sobrevivência), uma variante do épico tecido pela oralidade; um lugar de confluência de vozes silenciadas e exiladas (escritas), ao longo dos mais de 500 anos de colonização. (GRAÚNA, 2013, p. 15). Essa prática autoral permitiu revelar a complexa representação das identidades indígenas, mas, agora, sob a ótica de dentro, daqueles que construíram suas próprias culturas e subjetividades. Nesse sentido, esses textos apontam para o fortalecimento da identidade indígena como forma de resgate coletivo dos princípios da ancestralidade atemporal. Amplia-se, portanto, a possibilidade de acesso à cultura literária indígena, a qual era mantida, há séculos, apenas por meio da tradição oral e a socialização dos conhecimentos ancestrais. Com o domínio da escrita em língua portuguesa, no caso brasileiro, a produção literária de autoria indígena permite ressignificar a tradição literária de seus ancestrais, cujas marcas estéticas “perpassam desde a literatura oral, sistemas pictóricos, cantos, danças, variadas formas de artes e pinturas corporais, etc.” (ROSA, 2017, p.286). Desse modo, os estilos literários desses escritores revelam uma complexidade artística que ultrapassam as barreiras dos gêneros literários dos escritores da história da literatura canônica. As representações literárias, nesse contexto, demonstram uma íntima relação entre o universo primitivo e as revelações de nossa contemporaneidade. Em seus textos, muitas vezes, a coexistência dos estados prosa e poesia, característica dos povos primitivos, da qual Edgar Morin (1998) fala, confirma-se exemplarmente. Além disso, eles entrelaçam, com um domínio surpreendente, aspectos da oralidade, da contação de histórias e dos elementos visuais, associados, sobretudo, à revelação das histórias ancestrais, dos mitos, do protagonismo dos povos aborígenes, dos relatos de si e do posicionamento político. Nessa direção, este Simpósio, intitulado “A literatura indígena em perspectiva”, tem como princípio reunir trabalhos reflexivos que, de alguma forma, contribuam para o enriquecimento da fortuna crítica em torno das importantes produções literárias de escritores indígenas, dentro do círculo nacional e, também, internacional. Tem-se o anseio que, neste encontro, seja possível congregarmos ideias as quais aprofundem saberes sobre o complexo e vasto universo literário indígena dentro de diversas perspectivas críticas, teóricas, filosóficas, epistemológicas, históricas, sociais, estéticas, culturais e políticas. Nesse sentido, acolher-se-ão propostas que, com profundidade, abordem e problematizem as produções literárias dos escritores indígenas, as representações dos indígenas na história da literatura brasileira ou estrangeira, os contrapontos entre escrita indígena e não indígena, as

aproximações entre as literaturas indígena, africana e afro-brasileira, a ressignificação dos mitos indígenas, a construção da identidade e da memória ancestrais, o lugar do autores indígenas no cânone literário, a contação de histórias indígenas, a literatura infantil e juvenil indígena, a literatura indígena no contexto escolar, a valorização e a demarcação étnicas, as marcas da alteridade, as espacialidades ameríndias. Essas são algumas das possibilidades de contribuição deste encontro, dentre muitas outras. Vale ressaltar, portanto, que este simpósio pretende ser um espaço de conhecimento para que se desconstruam as barreiras intelectuais e culturais que ainda subjagam cruelmente a cultura literária dos povos autóctones, principalmente dentro do campo literário, e se desestabilizem as diversas perspectivas de silenciamento das vozes indígenas no contexto contemporâneo. Em particular, o propósito é apoiar e, até mesmo juntar-se a, essas vozes que, recordando das palavras de Daniel Munduruku (2014, p. 182), “estão soando há tempo suficiente para serem reconhecidas como um desejo coletivo de se mudar a (in)compreensão sobre as populações indígenas (...)”, e “já fazem eco nas universidades, nas editoras, nas escolas, nos governos.”

REFERÊNCIAS:

- GRAÚNA, Graça. *Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013.
- MORIN, Edgar. A fonte da poesia. In: Morin, Edgar. *Amor, poesia, sabedoria*. 8.ed. Trad. Edgard de Assis Carvalho. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. p. 33-43.
- MUNDURUKU, Daniel. Literatura indígena e as novas tecnologias da memória. In: MARTINS, Maria Sílvia Cintra (org.). *Literatura, cultura e direitos indígenas em época de Globalização*. V. 1. Campinas: Mercado de Letras, 2014. p.173-183.
- ROSA, Francis Mary Soares Correa da. A Literatura Indígena Brasileira: um movimento de afirmação identitária. *Brasilianna Journal for Brazilian Studies*, V 5, n. 1, p. 285-317, 2017.

1 de agosto
8h30

LITERATURAS INDÍGENAS: DECOLONIZANDO MULTIPLICIDADES E (RE)CONSTRUINDO IDENTIDADES Fernanda Vieira de Sant’Anna (UERJ)

Resumo: As literaturas indígenas são ferramentas potentes e necessárias na decolonização de saberes e multiplicidades. Elas preenchem, com suas muitas vozes milenares, as lacunas históricas e silenciamentos aos quais as primeiras nações foram forçadas pelas práticas coloniais – que se perpetuam, com uma máscara diferente, na colonialidade (GOSFOGUEL, 2008, p. 126). As literaturas nativas contemporâneas são espaços de (r)existência e (re)criação de mundos possíveis, sendo lugares utópicos (de sobrevivência) e espaço de confluência de vozes silenciadas pela ruptura histórica provocada pelos mais de 500 anos de colonialidade (GRAÚNA, 2013, p. 15). A pluralidade das literaturas nativas não age como negação da oralidade – o que reafirmaria uma hierarquização de saberes, onde a cultura “letrada” dos saberes Ocidentais seria superior às demais –, mas atua como apropriação das ferramentas do colonizador e como mecanismo de reinvenção das suas identidades des-locadas, desafiando um mundo moldado para que o nativo seja visto como – e também se veja como – indesejável, um traço do passado, um empecilho ao “progresso” da civilização. Nesse sentido, escritoras indígenas como Eliane Potiguara, Potiguara do Brasil, Graça Graúna, Potiguara brasileira, Marcia Wayne Kambeba, Omágua/Kambeba do Brasil, Janet Campbell Hale, Coeur d’Alene estadunidense, Larissa Behrendt, Kamilaroi e Yualawuy de Austrália e Chrystos, Menominee dos Estados Unidos, entre outras tantas autoras de peso, são mulheres para quem o silêncio não é uma opção, mulheres que tomam a palavra escrita para denunciar as lacunas da História oficial que, em sua constante tentativa de extermínio dos povos originários, tenta obliterar as vozes e histórias das primeiras nações. Mulheres que se colocam como agentes de mudança de

um fazer literário, onde deixam de ser objetos e personagens de enredos ou metáforas e matérias para críticas sociais, e passam a ser agentes na produção de uma literatura onde a voz dos povos nativos conte suas próprias histórias e denunciem seus silenciamentos. Além disso, as narrativas indígenas abrem caminhos para lidar com as subjetividades hifenizadas, forjadas no entrelugar, e os desdobramentos das suas relações com não-nativos e os muitos reflexos da colonialidade. Com uma abordagem comparatista e pelo viés dos estudos culturais e decoloniais, este trabalho se propõe a desdobrar as novas cartografias do pertencimento, hibridismo e outramento na escrita de Marcia Wayna Kambéba, através de poemas selecionados de sua obra *Ay Kakyri Tama - Eu moro na cidade* (KAMBEBA, 2013) e Chrystos, com poemas selecionados de sua obra *Fire Power* (CHRYSTOS, 1995). Com um aporte teórico que inclui Maracle (1996), Grosfoguel (2007), Schneider (2008), Erll (2011), Graúna (2013) e Munduruku (2015), entre outros.

Palavras-chave: Literaturas indígenas; Autoetnografias; Pertencimento; Primeiras Nações.

O SENTIDO DA LITERATURA INDÍGENA CONTEMPORÂNEA BRASILEIRA

Julie Stefane Dorrico Peres (PUC-RS)

Resumo: A literatura indígena contemporânea possibilita a autoexpressão desses sujeitos marginalizados e invisibilizados e enuncia temas que colocam em perspectiva as condições de vida impostas aos indígenas pela civilização moderna ocidental. O seu duplo pressuposto, a contínua expropriação de seus territórios tradicionais por parte dos colonizadores e a despersonalização das culturalidades e das subjetividades ameríndias, têm sido o cerne crítico e criativo dos discursos literários nos textos publicados da década de 1990 para cá. Mas não só: aliado a esses temas somam-se a revalorização dos saberes tradicionais e a autoafirmação da diferença étnica e cultural apontada enquanto estilo e alternativa políticos. Tal alternativa reconhece que a empresa da modernidade em relação aos povos autóctones consiste na e leva à supressão dos seus direitos, subjugando-os às políticas do mercado e roubando-lhes as terras, bem como anulando seu pensamento, impossibilitando-lhes a fala e a reivindicação comunitária aos modos de vida tradicionais que envolvem crenças, ritos e expressões próprias a cada povo. Pensando na defesa de seus costumes e mesmo no direito à existência, os escritores passaram a apontar “um modelo de comunidade contrário ao mundo metropolitano” (Almeida e Queiroz, 2004, p. 229), efetivando, através da literatura, lugar de cruzamentos sincrônicos, um espaço para autoexpressão de memória, testemunho, depoimento, profecia xamânica, histórias antigas, ficção, história coletiva e individual. Com efeito, a aquisição, pelos povos indígenas, da escrita alfabética, das mídias sociais, da educação escolar conjugada à educação tradicional, permite a articulação de autoexpressão, de resistência e de re-existência dos povos indígenas em relação a si mesmos e frente à sociedade brasileira de um modo mais geral. Nosso argumento central, portanto, consiste em defender que o sentido da literatura indígena contemporânea brasileira é aquele que busca reafirmar a alteridade, problematizar e em muitos sentidos superar as formas de domínios sofisticadas perpetradas pela modernidade, seja no âmbito religioso, econômico, social ou estético, seja na forma do colonialismo ou da colonialidade. Na contramão dessa lógica ocidentalizada, os escritores e intelectuais indígenas, denunciam a contradição dessa “proteção” territorial que permite o esbulhamento de terras, e reafirmam o caráter estético nas publicações literárias em particular e sobre a cultura indígena de um modo geral. Os escritores indígenas a seguir são alguns dentre os quase quarenta atuantes no país e na escrita literária: Daniel Munduruku, Cristino Wapichana, Kaká Werá, Álvaro Tukano, Ailton Krenak, Eliane Potiguara, Márcia Kambéba e Tiago Hakiy. Tais autores produzem conhecimento, arte e literatura. Em síntese, é possível perceber nessa conjuntura de autores, nessa pluralidade deslocada geograficamente de escritores e suas respectivas publicações literárias, que o sentido da literatura está na reafirmação da alteridade e na luta pelo direito à existência com todas as suas especificidades e sabedorias, no tempo e no espaço da sociedade brasileira.

Palavras-chave: Sentido; Modernidade; Literatura Indígena; Brasileira.

IDENTIDADE E ANCESTRALIDADE NA LITERATURA INDÍGENA

Lilian Greice dos Santos Ortiz da Silveira (FURG)

Resumo: Marcada pela oralidade, a literatura indígena ainda ocupa um espaço reduzido dentro do âmbito literário. Em decorrência disso, existe a necessidade de busca por representatividade e voz. Isto posto, o presente estudo pretende discutir a obra *Crônicas de São Paulo: um olhar indígena*, publicada no ano de 2004 e de autoria de Daniel Munduruku, a partir de um olhar que investiga o espaço ocupado pela literatura indígena e a forma como a escrita acaba funcionando como uma prática que mostra cultura e identidade. Para tanto, partiremos dos apontamentos de Lynn Mario de Souza (2003), Maria Inês de Almeida (2009) e Julie Cruikshank (1998), teóricos que refletem acerca da oralidade e da escrita literária indígena. Assim, discutiremos a forma como Daniel Munduruku se insere no sistema literário e como o autor dá voz ao seu povo a partir da publicação de suas crônicas, escritas de dentro de um centro urbano relacionando culturas distintas. A obra *Crônicas de São Paulo: um olhar indígena*, que recebeu o prêmio FNLIJ como livro altamente recomendável, mostra uma mistura entre passado e presente. Nos dez capítulos da obra, denominados de Tatuapé, Anhangabaú, Ibirapuera, Jabaquara, Guarapiranga, Butantã, Pirituba, Tietê, Tucuruvi, e o capítulo final, Guaianases, Guarulhos e Guaranis, é apresentando um olhar indígena sobre a cidade de São Paulo, um olhar capaz de relacionar histórias que fazem parte do passado indígena com elementos que constituem um grande centro urbano, fazendo com que identidade e cultura se conectem. Além disso, o narrador apresenta sua visão a partir de um olhar atento às diferenças entre os distintos modos de vida, visto que se preocupa em evidenciar as variações existentes entre práticas comuns na cidade e na floresta. Sendo assim, ao longo da narrativa, Munduruku (2010) dá um novo sentido à história de São Paulo a partir da ligação do passado indígena com elementos do presente, uma vez que os lugares do presente de São Paulo levam o narrador das crônicas a revisitar um tempo longínquo. Portanto, dentro da obra essa relação entre passado e presente funciona como um meio para que exista um reconhecimento cultural e a sensação de pertencimento. Por fim, acredita-se que a literatura indígena está ganhando espaço no âmbito literário e há um grupo de escritores indígenas que está publicando cada vez mais. Dentro do grupo de escritores que fazem parte dessa literatura emergente está Daniel Munduruku que expressa sua cultura a partir de seus textos e busca dar voz ao seu povo. *Crônicas de São Paulo: um olhar indígena* faz parte desses textos e mostra elementos da cultura indígena.

Palavras-chave: Oralidade; literatura indígena; representatividade

DISCUSSÕES INTRODUTÓRIAS ACERCA DA QUESTÃO ESPACIAL NA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL DE AUTORIA INDÍGENA

Letícia Santana Stacciarini (UFU)

Resumo: Eliane Potiguar, Lia Minápoty, Cristino Wapichana, Edson Krenak, Yaguarê Yamã, dentre outros, correspondem a nomes de destaque no que diz respeito a produções de autoria indígena. A referida literatura, ainda pouco explorada, suscita materiais para as mais plurais investigações. Sobre isso, vale destacar que “todos têm o direito de descobrir, ler e debater os textos produzidos pelos diversos povos indígenas, como forma não só de conhecer visões estéticas e temáticas diferentes, mas também de valorizar o outro, o diferente, que deve ter sua história, sua presença e visão de mundo reconhecidas” (THIEL, 2013, p. 1175). Para tanto, o presente estudo emerge como possibilidade de retratar, especificamente, questões pertinentes ao elemento espacial em escritos de tal natureza. A este respeito, Milton Santos, em *Metamorfoses do Espaço Habitado*, ressalta que “o espaço deve ser considerado como um conjunto indissociável de que participam, de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, e de outro, a vida que os preenche e os anima, ou seja, a sociedade em movimento” (1997, p. 26). Paralelamente a isso, destaca-se que, inseridas na literatura infantil e juvenil, três foram as obras selecionadas para um desdobramento mais detalhado: “Meu Vô Apolinário” (2001) de Daniel Munduruku, “Criaturas de Ñanderu” (2010) de Graça Graúna e “Ajuda do Saci Kamba” (2006) de Olívio Jekupé. Em se tratando da temática de abordagem, já se sabe que o espaço acaba por refletir a forma como o mundo é capturado por seu autor e, frente a esta perspectiva, a geografia torna-se também uma aliada para a compreensão da

obra literária. Não apenas isso, mas além das discussões mais pontuais da construção do enredo a partir de uma dada localização, é nela que se apresentam aspectos culturais, físicos, espirituais, psíquicos, míticos, religiosos. Assim sendo, “são os próprios indígenas que fornecem dados sobre as realidades cotidianas dos seus povos e falam sobre os desafios que estes enfrentam pela sobrevivência nos espaços urbanos, rurais, às margens dos rios e no interior das florestas” (MONTEIRO, 2014, p. 151). Por tudo isso é que se pretenderá, nas obras selecionadas, perpassar por temas coincidentes - e foi justamente por esta razão que se deu tal escolha - e de importante reflexão focalizando, por exemplo, na cidade como o “desconhecido” (o espaço do “perigo”, do preconceito) em contrapartida à aldeia como local de “organização”, “respeito”, “tradição” etc. Cabe frisar que o tema faz parte do desenvolvimento de uma pesquisa vinculada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Literários (Doutorado) da Universidade Federal de Uberlândia, sob a orientação do Prof. Carlos Augusto de Melo. Pesquisa esta que, em linhas gerais, pretende abordar o espaço mítico da floresta em exemplares infantis e juvenis de autoria indígena.

Palavras-chave: Literatura; Autoria indígena; Questão espacial.

1 de agosto

14h30

A POÉTICA DE RESISTÊNCIA DA ESCRITORA INDÍGENA MÁRCIA WAYNA KAMBEBA

Carlos Augusto de Melo (UFU)

Resumo: Em participação no documentário Maíra, de Darcy Ribeiro: um Deus Mortal? (2010), do cineasta carioca Frank Coe, Darcy Ribeiro comenta que, durante seus estudos antropológicos, percebeu nos povos indígenas uma extraordinária capacidade de resistência, mesmo diante das mais diversas formas de violência pelas quais passa(ra)m desde os tempos de colonização no Brasil. Essa resistência revela-se nas lutas pelas demarcações de terra, nas participações em lideranças políticas, nas presenças em universidades públicas, nas produções intelectuais, culturais e literárias. Considerando esse último aspecto, pode-se dizer que, nas últimas décadas, os indígenas brasileiros encontraram, na prática da escrita literária, um mecanismo potente de resistência no qual, de todas as maneiras possíveis, podem demarcar seu pertencimento étnico, ou seja, conforme palavras de Eurídice Figueiredo (2013, p. 152), “aflora um contingente de escritores [indígenas] que reivindica um pertencimento marcado pela etnicidade”. Nessa trajetória literária, não se pode negar, por exemplo, o papel das indígenas brasileiras Eliane Potiguara, Graça Graúna e Márcia Wayna Kambeba que, em suas singulares expressões poéticas, resistem duplamente à violência contra a condição de ser indígena e, também, a de ser mulher. Elas se inserem em um “processo de resistência através da enunciação” (SCHNEIDER, 2008, p. 64.), protagonizando a cena literária contemporânea em plausíveis tentativas de luta contra o persistente silenciamento das vozes das mulheres ameríndias. Nesta comunicação, propõe-se abordar a produção poética de Márcia Wayna Kambeba, mais especificamente os poemas do livro Ay Kakyri Tama: eu moro na cidade (2013), com objetivo de, sob viés teórico-reflexivo dos estudos literários modernos e contemporâneos, visualizar potentes estratégias estético-literárias muitas vezes relacionadas ao que se está considerando como “poética de resistência”. É possível dizer que, por meio de suas subjetividades inscritas nos poemas, Kambeba resiste quando deixa ecoar a voz de uma mulher que, no espaço citadino e com o contato com a cultura do não índio, reconstrói sua identidade e memória ancestrais. Essa proposta parece querer enfatizar que “o índio e/ou a índia, onde quer que vá, leva dentro de si a aldeia”. (GRAÚNA, 2013, p. 59). Concomitantemente, a escritora reescreve a identidade dos povos indígenas, em uma perspectiva coletiva e plural, denunciando o preconceito e o desrespeito contra a cultura, a crença e os territórios indígenas e, ao mesmo tempo, cultivando a memória e a tradição ancestrais. Ela consegue trazer à tona as vozes dos povos indígenas os quais “mantêm vivo em seu ser a chama da ancestralidade dos valentes guerreiros.” (KAMBEBA, 2013).

Palavras-chave: Poesia, Resistência, Indígenas, Márcia Kambeba

LITERATURA DE AUTORIA INDÍGENA NO BRASIL: IDENTIDADE FEMININA NA POÉTICA DE ELIANE POTIGUARA

Heliene Rosa da Costa (UFU)

Resumo: O objetivo desse trabalho é investigar como a identidade feminina indígena é construída no livro *Metade Cara, Metade Máscara* (2004), de autoria da escritora indígena brasileira Eliane Potiguara. Neste sentido, verificamos que esta identidade se manifesta de modos variados na obra analisada e tem como sustentação a memória e os conhecimentos ancestrais transmitidos pela avó da narradora, por meio da contação de histórias. Por outro lado, a temática feminina permeia os escritos da autora, seja na defesa de direitos ou na denúncia de injustiças sofridas por mulheres indígenas e socialmente excluídas. Percebe-se que há um imbricamento da produção poético-literária com a luta pela conquista dos direitos femininos. Na sequência, identifica-se uma cosmovisão étnica em que o olhar da mulher indígena engendra o processo composicional da escrita. Em contrapartida, as expressões literárias dos autores indígenas brasileiros, em língua portuguesa, são relativamente recentes e embora essa produção tenha aumentado significativamente nos últimos anos, ainda é pouco conhecida e pouco difundida nos ambientes culturais e acadêmicos. A literatura indígena atua em favor da preservação da memória, da identidade e da ancestralidade das diversas comunidades indígenas brasileiras. Assim, a produção e a difusão do conhecimento sistematizado sobre a obra da escritora Eliane Potiguara podem contribuir para minimizar questões relacionadas ao preconceito contra os povos indígenas. Dessa forma, a literatura produzida pelos intelectuais indígenas brasileiros torna-se instrumento importante para o fortalecimento da luta dos povos originários pelo reconhecimento do valor de suas culturas, memórias e identidades. Nesse sentido, Potiguara ressalta o aspecto hierático da identidade feminina indígena por meio da sabedoria ancestral, ao potencializar a voz de um ancião xavante para quem a palavra da mulher é sagrada como a terra. Nas palavras da autora: “Pedimos à força superior que nossos pensamentos se elevem aos mais profundos planos sagrados da espiritualidade indígena, junto aos velhos, aos curandeiros, aos velhos pajés, muitas vezes apagados pelo poder, mas renascidos como força, pela consciência do povo.” (Potiguara, 2004). Por outro lado, nos textos poéticos, percebe-se estreita relação entre a identidade e a ancestralidade, num processo singular de polifonia em que passado, presente e futuro se fundem e se alternam dialeticamente na superfície textual: “Eu mergulhei nas profundezas dos mares e reencontrei a minha avó-foca, minhas sagradas ancestrais e os velhos guerreiros que também não se envergonhavam por suas lágrimas. Elas – sabiamente – me contestaram e mostraram que eu, inconsciente e pacificamente, aceitava os padrões éticos impostos pela intolerância da sociedade, e voltei com minha alma fortalecida, voltei com meus sonhos definidos, voltei com minha intuição extremamente clara, precisa, determinada”. (Potiguara, 2004).

Palavras-chave: Literatura Indígena; Identidade; Ancestralidade

"METADE CARA, METADE MÁSCARA", DE ELIANE POTIGUARA: RESGATE DA MEMÓRIA ANCESTRAL E UMA PROPOSTA DE DESCOLONIZAÇÃO

Tarsila de Andrade Ribeiro Lima (UERJ)

Resumo: Em crescente expansão, a literatura escrita por autoras e autores indígenas no contexto brasileiro, antes de um espaço de divulgação de saberes e de criação artística, é o reflexo de um grito guardado há cinco séculos. Não raro, então, nos depararmos com textos que suscitam questões como identidade, território, direitos humanos. Dessa forma, a escrita indígena contribui não só para o fortalecimento da identidade ancestral dentro de comunidades indígenas como contribui também para a conscientização da população não indígena sobre os problemas que cercam estas comunidades. Nesse universo, encontramos a obra da escritora Eliane Potiguara, *Metade cara, metade máscara* (2004). Por meio de suas palavras, a autora instiga nossa reflexão para o fato de, desde a invasão dos colonizadores, a mulher indígena ser muitas vezes representada com discriminação, preconceito, malícia. Potiguara defende a valorização da mulher como um dos caminhos para a cura dos males causados pela colonização, pensamento que nos inspira estabelecer

conexões com os conceitos de descolonização e despatriarcalização de Ochy Curiel (s/d) e Maria Galindo (s/d). Assim, pretendemos partir de uma análise comparativa entre obra de Eliane Potiguara, grandemente inspirada no conceito de mulher selvagem de Clarissa Pinkola Estés, e os conceitos de Galindo e Curriel. Acreditamos que, apesar de ambas as pensadoras não serem brasileiras e de partirem de outro universo para desenvolver suas reflexões, suas obras ultrapassam fronteiras e, dadas as semelhanças históricas de suas culturas com a realidade brasileira no que diz respeito à colonização, acreditamos que o conceito de despatriarcalização também pode trazer contribuições para o fortalecimento da identidade ancestral indígena em universo brasileiro. Nesse sentido, nosso trabalho pretende refletir sobre a proposta de cura do planeta defendida por Eliane Potiguara, abordando questões como a mulher indígena e a natureza intuitiva feminina no fortalecimento de uma identidade ancestral. Pretendemos, ainda, expandir a reflexão para verificar como a proposta da escritora pode contribuir para pensarmos em uma prática de descolonização na sociedade brasileira como um todo. Sociedade esta que, ao longo de sua história, esteve marcada por episódios de imposição cultural, o que gerou consequências que atravessaram séculos e ainda encontram-se em nosso cotidiano, como o racismo, a intolerância religiosa, o desrespeito e a desconexão com a natureza. Dessa forma, manter vivos os saberes ancestrais é não só uma forma de fortalecimento de uma cultura, mas torna-se também um convite para um olhar mais cuidadoso consigo, com o outro, com a Terra e suas formas de vida.

Palavras-chave: Descolonização; Memória; Eliane Potiguara

LITERATURA INDÍGENA: MEMÓRIA E IDENTIDADE NA POÉTICA DE GRAÇA GRAÚNA

Laís Cristina Soares (UFU)

Resumo: A produção literária indígena brasileira é um marco bastante considerável para a história da literatura produzida no Brasil. Assim, é importante refletir e analisar criticamente sobre a identidade cultural dos autóctones brasileiros e sua valorização na produção literária de autoria indígena, com enfoque nas produções de Graça Graúna, pseudônimo de Maria das Graças Ferreira, poetiza de origem potiguar, nascida em São José do Campestre (RN), que busca apresentar em suas obras elementos da identidade indígena, perceptíveis nos livros *Canto Mestizo* (1999) e *Flor da Mata* (2014). Os dois livros são conjuntos de poemas, que variam entre as formas de haicais, versos livres e cinéticos. As produções citam costumes, a natureza, a preservação da identidade, a variação étnica, a busca pela preservação da identidade, ritos, mitos, danças, adornos e a relação do homem com a natureza, o que possibilita a reflexão sobre a identidade cultural dos autóctones brasileiros e sua valorização na produção literária de autoria indígena. Estas obras serão utilizadas para o estudo de terminologias específicas do meio indígena, ou seja, as nomenclaturas utilizadas na obra de Graça Graúna, com foco nos critérios de seleção de itens lexicais importantes para a compreensão dos textos. Ademais, o estudo dos vocabulários específicos do meio indígena será validado por meio de pesquisa analítica sob os fundamentos dos estudos literários, principalmente os Estudos Culturais, considerando os aspectos estéticos-literários presentes nas obras citadas. Além disso, em relação aos elementos culturais abordados na produção poética, será possível realizar a listagem dos mesmos, uma vez que são essenciais para a compreensão das poesias. Ao analisar as características estético-literárias na produção poética de Graúna, espera-se comprovar que os livros sevem para mobilizar as tradições orais, o caráter performático de tais tradições e reúnem a etnicidade das nações indígenas de pertencimento ao “traduzir” para a produção escrita uma voz coletiva, de forma que o leitor a “experimente” e, dessa forma, recupere-a em um pronunciamento que se relaciona a um povo inteiro, sua sensibilidade e toda sua história. Assim, será possível realizar um levantamento biográfico e bibliográfico relacionados à escritora Graça Graúna, escritora indígena, cuja participação na história da literatura brasileira é importante por conta de seu caráter visionário e ativo. Alguns elementos de linguagem literária utilizados pela autora poderão ser observados ao analisar a forma como seus livros apresentam associação entre a palavra impressa e a leitura das ilustrações e os mesmos podem ser utilizados para análise da construção literária com elementos rítmicos e performáticos que enriquecem o arcabouço cultural presentes nos poemas. Outrossim, será

proposto observar como o gênero haikai e os poemas cinéticos podem contribuir para significação da produção textual, visto que a autora os entende como um exercício fundamental para que o poeta saia de si e se concentre no mundo, possibilitando uma análise enriquecedora a ser realizada. Em suma, analisar as obras de Graça Graúna tornam possível compreender a forma como as poéticas são usadas como meio de valorização e de representação dos indígenas, possibilitando a preservação da sua identidade.

Palavras-chave: Literatura indígena; Memória; Identidade.

2 de agosto

8h30

A ALTERIDADE CÓSMICA COMO VIÉS DECOLONIAL: UMA REFLEXÃO BASEADA NOS CONTOS INDÍGENAS "¡GRACIAS A LA PAPA!" E "MAMÁ COCA"

Elda Firmo Braga (UERJ)

Resumo: Neste trabalho, analisamos duas narrativas tradicionais: "¡Gracias a la papa!" e "Mamá coca", a primeira se trata de uma lenda andina e a segunda de uma lenda aimara. "¡Gracias a la papa!" relata a história de um povoado peruano que era oprimido pelos guerreiros e estava passando fome. O Deus Sol lhes oferta a batata como alimento; esta o fortificou para vencer a fome e os guerreiros. "Mamá coca" retrata uma comunidade na qual as pessoas eram subjugadas pelos colonizadores. Graças à misericórdia do Deus Sol, Tayta Inti, encontraram na coca alimento e possibilidade de ultrapassar as barreiras do tempo como recurso de defesa, uma vez que, a partir desta, poderiam ter acesso à sabedoria dos antepassados. Neste sentido, ancorados em uma proposta decolonial, temos como objetivos centrais refletir sobre: i) a interferência do sobrenatural para dirimir as máculas da violência causada aos indígenas através da natureza; ii) o valor da coletividade indígena, desvelada pelas malhas narrativas; iii) o processo de construção de identidade, num intenso repúdio a alicerces etnocentros. Para fazê-lo, pautaremos-nos no conceito de alteridade cósmica de Guerrero Arrias (2002), pois nos leva a elaborar interrelações mais holísticas e harmônicas entre o ser humano, a natureza e o cosmos, possibilitando-nos uma nova maneira de entender o nosso papel nessa tríade. Daremos relevo ao referencial teórico sustentado pela perspectiva decolonial que nos traz a noção de "buen vivir" (WALSH, 2008), com a finalidade de mostrar que precisamos acabar com o tratamento colonial que ainda dedicamos à mãe natureza, num movimento de autoconsciência, de humanização coletiva, de atenção a diferentes epistemologias... que nos façam perceber quão longe estamos distante de um projeto político ético e inclusivo, essencial à reflexão que aqui se coloca.

Palavras-chave: Alteridade cósmica; Buen vivir; Contos indígenas.

RESISTÊNCIA NA LITERATURA INDÍGENA DE AUTORIA FEMININA EM BRASIL E CHIL

Larissa Fontinele de Alencar (UFPA)

Resumo: Este trabalho tem por objetivo, a priori, apresentar reflexões iniciais acerca dos movimentos de resistência presentes na literatura indígena de autoria feminina contemporânea nos países, Brasil e Chile. É importante dizer que, tais movimentos por meio de suas produções literárias, rompem com silêncios provenientes de uma colonização europeia branqueada e hegemônica, em que essas escrituras passam a rememorar, denunciar e resistir diante de um panorama ainda silenciador e canônico dentro do universo artístico, político e social, no contexto em que estão inseridas. Dessa forma, para este trabalho, destacaremos um breve panorama de escritoras indígenas brasileiras e mapuches chilenas, irradiadoras das demandas dos povos indígenas e de contrapontos que se interseccionam e se problematizam através de nossas primeiras impressões sobre esse estudo, como: as relações com o cânone literário, questões de gênero e subalternidade. Logo, para aprofundar nossa pesquisa, enfatizaremos as relações existentes entre a literatura indígena brasileira e a de etnia mapuche, em especial, quando se toca em temas referentes ao engajamento crítico, político e social que ambas possuem. Além disso, analisaremos a poética

mapuche a partir dos estudos de autoras como, Maribel Mora Curriao e Fernanda Moraga Garcia (2010), que recuperam e sistematizam a poesia produzida por mulheres mapuches dos séculos XX – XXI. Entendemos que as escritoras indígenas (brasileiras e mapuches) subvertem a visão do colonizador que demarcou estereótipos que se cristalizaram nas sociedades, afinal, mesmo com as formas de silenciamento impostas pela colonização, a produção poética é uma das práticas em que há uma participação ativa das mulheres (CURRIO & GARCÍA, 2010). Por fim, consideramos que a resistência é um movimento interno e inerente a literatura indígena que dá voz ao que foi silenciado em outros tempos, ou seja, resistências em torno de existências de uma literatura emergente na contemporaneidade, e que sob a égide da escrita engendra uma luta contra a violência epistêmica.

Palavras-chave: Resistência; Literatura; Indígena; Feminina

VOZES DE ESCRITORAS AMERÍNDIAS NO BRASIL E NO QUEBEC : UMA PERSPECTIVA COMPARADA

Rita Olivieri-Godet (Université Rennes 2 / Institut Universitaire de France)

Resumo: Vozes de escritoras ameríndias no Brasil e no Quebec : uma perspectiva comparada Profa. Dra. Rita Olivieri-Godet (Université Rennes 2 ; Institut Universitaire de France) As vozes de mulheres ameríndias ocupam um lugar de destaque no processo de emergência de produções literárias autóctones nas letras brasileiras e quebequenses. A irrupção dessa produção introduziu uma dinâmica que vem contribuindo para a reconfiguração do imaginário sobre os povos originários das Américas. O diálogo inaugurado por esses textos com a tradição literária e com os intertextos sociais reforçam a consciência da diversidade dos povos ameríndios e de suas produções intelectuais. Interessa-nos precisar, explorando uma perspectiva comparada dos espaços literários do Brasil e do Quebec, a contribuição singular de escritoras ameríndias que inauguram modalidades estéticas originais e introduzem novas temáticas nos sistemas literários nos quais se inserem. Sujeitos históricos duplamente discriminados, enquanto mulheres e enquanto indígenas, a experiência da linguagem alicerçada na experiência de vida, permite-lhes recriar espaços de reconstrução material e simbólica, acionando a memória ancestral, engajando-se no ativismo político para denunciar as violências sofridas e reivindicar seus direitos, projetando práticas diversas do espaço e de paisagens, através da inscrição de seus corpos em territórios tradicionais ou urbanos. A sensibilidade erótica, o caráter cosmológico e mítico, a dimensão da heterotemporalidade, a função terapêutica da escrita são alguns dos aspectos a serem analisados.

Palavras-chave: escritoras ameríndias; Brasil; Quebec

AGENCIAMENTO LITERÁRIO NAS REDES: NAVEGANDO NAS POÉTICAS INDÍGENAS DE GRAÇA GRAÚNA E MÁRCIA WAYNA KAMBEBA

Randra Kevelyn Barbosa Barros (UNEB)

Resumo: Os povos indígenas sofrem um processo de exclusão e invisibilização que pode ser notado ao longo dos séculos e ainda persiste contemporaneamente. Isso reflete a condição de subalterno que foi imposta a essas nações. Nesse sentido, tal como explica Spivak (2010), o subalterno não é ouvido devido ao fato de ele ter sido silenciado. Buscando romper esse ciclo e assim fazer ecoar suas vozes, os nativos assumem a literatura enquanto um “grito de libertação”, como aponta o escritor indígena Daniel Munduruku (2016). Apesar de as produções orais sempre estarem presentes em suas aldeias, os filhos da terra se apropriam de um fazer literário marcado pela escrita para continuarem se afirmando identitariamente e desconstruírem os estereótipos que a sociedade brasileira demonstra em relação a esses grupos. Nesse processo, a aprovação da Lei 11.645/08, que alterou a Lei 10.639/03 e instituiu a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-brasileiras e Indígenas” no currículo oficial da rede de ensino do país, incentivou o mercado editorial a ceder um pequeno espaço para essas produções. Assim, os escritores nativos têm conseguido até mesmo publicar alguns de seus textos, especialmente em editoras voltadas para o público infantil e juvenil. No entanto, os autores ainda enfrentam dificuldades para divulgar suas obras, principalmente quando estas se referem à poesia. Nesse contexto, as mídias digitais podem ser aliadas estratégicas, tanto por viabilizar essa publicação, quanto pelo fato de permitir que um maior número de pessoas

tenha acesso aos textos, havendo também um diálogo mais direto e interativo com o leitor. Levando isso em consideração, pretende-se analisar como as poetisas Graça Graúna (filha do povo Potiguar) e Márcia Wayna Kambeba, da nação Omágua/Kambeba, utilizam o espaço virtual para visibilizar e divulgar os seus trabalhos, que estão intrinsecamente ligados às vivências dos seus povos. Para tanto, o trabalho selecionou locais na rede onde essas escritoras publicam com mais frequência os seus textos. No caso de Graça Graúna, isso ocorre em seu blog (<http://ggrauna.blogspot.com.br>), no qual a autora expõe as suas produções artísticas e científicas, compartilha eventos sobre a temática indígena, divulga sites que tratam desse assunto, entre outros. Já Márcia Wayna Kambeba, participa da rede social Facebook, onde mais atua, publicando os seus poemas e demais trabalhos artísticos, tais como as fotografias que realiza de seu povo. Tanto no blog quanto no Facebook, há a possibilidade de os textos literários dialogarem com diversas linguagens multimídias, tais como vídeos, áudios, fotografias, entre outros, expandindo assim o campo da literatura nesses meios digitais. Desse modo, essas poetisas nativas conseguem dar mais visibilidade aos seus textos e tal como os Estudos Pós-Coloniais sugerem, os grupos excluídos buscam a sua agência quando utilizam estratégias para romper com a exploração imposta pelas classes dominantes, obtendo a sua autonomia, há um processo de agenciamento literário em Graça Graúna e Márcia Wayna Kambeba, visto que elas protagonizam a sua própria produção e procuram maneiras de colocar em circulação as suas obras.

Palavras-chave: Espaços virtuais; Graça Graúna; Márcia Wayna Kambeba; Poéticas indígenas.

2 agosto

14h30

LITERATURA EM LÍNGUA WAPICHANA: MOVIMENTO DOS PROFESSORES INDÍGENAS EM RORAIMA

Ananda Machado (UFRR)

Resumo: Desde 2009 vimos compartilhando experiências de produção textual com os Professores de língua Wapichana em Roraima. Alguns textos são registros das histórias de vida, outras narrativas que envolvem metamorfose, diálogos entre animais, dentre outras. Um grupo de professores de língua Wapichana da Região Serra da Lua está traduzindo da língua Portuguesa para a Wapichana os textos registrados nos anos 1930-40 por Dom Mauro Wirth. O beneditino ouviu as histórias na língua Wapichana, registrou-os nessa língua, mas publicou apenas as traduções para a língua Portuguesa. São 62 textos que estão em fase de ilustração e revisão para posterior publicação. Esse movimento vem contribuindo para valorizar a língua Wapichana. Pois a escrita literária prestigia tanto a língua, quanto as histórias, a cultura Wapichana, os narradores e os escritores. Estamos refletindo sobre a tipologia desses textos e criando exercícios de interpretação e explicação dos usos da língua (gramática). Pretendemos aprofundar algumas dessas narrativas antigas e registrar o material complementar que possa surgir a partir do diálogo com os Wapichana que tem mais de 60 anos.

Palavras-chave: Literatura Wapichana, língua e história indígena

LITERATURA INDÍGENA: UMA FISSURA NA CONCEPÇÃO DE UNIDADE LINGUÍSTICA

Maria Andréia de Paula Silva (CES-JF)

Resumo: As manifestações literárias oriundas de grupos específicos constituem um lugar de reflexão necessário para o estudioso de literatura, pois conceber o fenômeno literário como um sistema dinâmico, no qual as operações de formação do cânone se realizam na dobra entre o deslocar das concepções consagradas e, simultaneamente, a absorção de novas formas de escrever aquilo que é visto como o já estabelecido, conforme ensina mestre Antonio Candido no ensaio *Literatura de dois gumes* (1989), torna-se imperioso no século XXI. A simultaneidade de movimentos que ocorrem dentro do cânone é mapeada (talvez controlada) pelas suas diversas instâncias de consagração; a denominada academia, a mídia, o mercado editorial promovem a inclusão ou a exclusão de determinadas expressões culturais. As motivações destas ações seriam as mais diversas, contudo, é possível e mesmo desejável que, vez ou outra, uma forma que ameace ou que transforme

completamente a concepção dominante se imiscua no interior de um sistema. É o caso Literatura indígena ou nativa, conforme defende Olívio Jekupé (2010). Constituindo um excelente lugar de visibilidade para os povos autóctones que tiveram sempre sua voz, sua vez e o seu lugar obliterado pelos olhares, ora condescendentes, ora discriminatórios dos povos dominadores, as produções literárias recentes têm promovido um deslocamento de concepções consagradas sobre o grande sistema denominado Literatura Brasileira. Nesta comunicação, busca-se apresentar e também discutir um dos aspectos mais incisivos, a meu ver, da presença da voz autóctone na literatura brasileira: a cisão provocada na ideia de unidade linguística. Conforme afirma Silviano Santiago em ensaio antológico, *O entre-lugar do discurso latino americano* (1978), na colonização a busca da unidade seja linguística, seja religiosa, seja política, era a única medida que contava e, em seu nome, traços de origem foram (e continuam sendo) continuamente apagados. Partindo das concepções de literatura menor e suas implicações intuídas por Gilles Deleuze e Félix Guattari, segundo a qual uma literatura menor não é a de uma língua menor, mas antes a que uma minoria faz em uma língua maior (1975, p. 25), e a da Teoria dos Polissistemas elaborada por Itamar Even-Zohar, na qual no sistema literário, os textos, mais que desempenhar um papel nos processos de canonização, são o resultado desses processos, pretende-se apresentar uma primeira abordagem sobre o deslocamento ou a desterritorialização provocados pela literatura indígena no conceito de literatura brasileira, na noção de unidade linguística entre outros pressupostos que têm norteado a crítica literária. Serão abordadas obras dos autores Daniel Munduruku, Olívio Jekupé e Yaguaré Yamã.

Palavras-chave: Literatura indígena; Sistema literário; Daniel Munduruku; Olívio Jekupé; Yaguaré Yamã.

O MESTRE E O DIVINO - IDENTIDADES EM COMBATE E ESTEREÓTIPOS EM DESLOCAMENTO

Luiz Henrique De Nadal (PUC-Rio)

Resumo: O documentário intitulado *O Mestre e o Divino* (2013) é um desdobramento do projeto Vídeo nas aldeias, encabeçado por Vincent Carelli desde 1986, em que indígenas de diversas etnias são iniciados no ofício cinematográfico para que produzam seus próprios filmes. Neste contexto, o diretor Tiago Campos, então professor de edição do jovem cineasta xavante, Divino Tserewahu, descobre um vasto acervo fílmico do missionário alemão, Adalbert Heidi, o Mestre. Estes registros foram feitos pelo salesiano desde o seu encontro com os indígenas do Mato Grosso, em 1957, e mostram a empreitada da missão de Sangradouro, o processo de conversão dos Xavantes e a sua própria trajetória como verdadeiro mito do herói colonial. Ato contínuo, Tiago Campos compõe uma narrativa entre o documentário e a encenação, de modo que as duas formas de retratar a vida na aldeia e na missão, a do Mestre e a do Divino, falem por si. Do embate entre os dois pontos de vista, desloca-se o “estereótipo” (BHABHA, 2013) do indígena, fixado ao longo do tempo em nossa “comunidade imaginada” (ANDERSON, 2008). Mais do que isso, a montagem documental flagra as investidas e negociações utilizadas pelo cineasta indígena para que o seu ponto de vista alcance uma equivalência à do padre estrangeiro. Exerce, assim, o direito de participação na narrativa de fundação daquela história, interpelando-a através da própria língua, saberes e mitologia. Esta encenação histórica interrompe a imemorable repetição da narrativa nacional em que personagens semelhantes a Mestre e a Divino são representados em relação de igualdade, contudo, sem a instauração da diferença. Por conseguinte, induz a um inevitável retorno à historiografia literária, já que é através da literatura que o “oco” da nação começa a ser preenchido (ALENCAR, 1872). Para Frantz Fanon, a ação é uma questão crucial em sua abordagem sobre o colonialismo. Aqui, o “negro” (termo generalista utilizado à época) é privado de agir, imobilizado na condição de escravo. Algo que não implica apenas em uma imobilização muscular, mas discursiva: “[...] todas as vezes que se trata de valores ocidentais produz-se, no colonizado, uma espécie de retesamento, de tetania muscular” (1968, p. 20). No documentário visto, ação e performance são definidoras na construção de novas identidades e no deslocamento do estereótipo. Nesse sentido, esta comunicação propõe uma análise crítica do documentário audiovisual, tendo como interlocutor um referente canônico da literatura colonial – A carta de Pero Vaz de Caminha. Além de ser considerada o primeiro capítulo de

nossa historiografia literária, permitindo identificar repetições e diferenças com o atual documentário, as noções de documento e verdade que constituem ambos objetos, serão colocadas em perspectiva. Não perdendo de vista a diferença fundamental das duas obras no que diz respeito a nossa percepção sobre o Outro: não mais o Outro radical, mas um Outro familiarizado no nosso cotidiano. Neste diálogo cruzado serão utilizados textos incontornáveis para um aprofundamento acerca do período colonial, como Controle do imaginário (2009), de Luís Costa Lima, além de estudos pós-coloniais como os de Eneida Leal Cunha e Karl Erik Schøllhammer.

Palavras-chave: Documentário; Literatura; Indígena; Identidade

CENAS ENUNCIATIVAS NAS NARRATIVAS DE UM XAMÃ YANOMAMI

Viviane de Cássia Maia Trindade (PUC-MG)

Resumo: “Eu, um Yanomami, dou a vocês, os brancos, esta pele de imagem que é minha.” (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 66). Nesta citação do livro A queda do céu: palavras de um xamã yanomami, de Davi Kopenawa, indígena yanomami e Bruce Albert, etnógrafo francês, vamos analisar o modo como enunciador encena diferentes papéis para envolver o seu interlocutor. O fragmento trata da enunciação do indígena, que protagoniza um gesto xamânico, enquanto constrói a imagem de si mesmo a partir de uma contraposição com o seu outro, o branco. Na expressão “pele de imagem”, o indígena se refere, com ironia, ao gesto do homem branco de escrever suas verdades em papéis/livros. Porém, seu próprio relato ganha forma como livro. E a obra escrita tem como finalidade advertir o homem branco do risco que a humanidade corre se não compreender as verdades xamânicas das quais Davi Kopenawa, o enunciador, é portador. Ao agenciar diferentes instâncias como as ideias que são próprias da cultura indígena yanomami, o exercício intelectual de um etnógrafo como seu tradutor e os aspectos culturais formais da fala do branco para comunicar suas verdades, Davi Kopenawa opera com variadas esferas de sentido para estabelecer comunicação. Os deslocamentos empreendidos por Davi no/do universo cultural do branco para criar um discurso que pudesse ser convincente para este último, faz com que o indígena também se desloque, assumindo perspectivas ora de sua cultura ora da cultura do outro. Como efeito literário, podemos considerar que o que acontece à língua, materializada no enunciado em análise, é similar ao gesto xamânico, pois, do mesmo modo que o chefe espiritual yanomami atravessa diferentes dimensões, intercambiando mensagens entre homens e espíritos, opera com elementos de diferentes esferas e culturas para mediar a comunicação entre o povo da floresta, os deuses e os brancos. Podemos ainda assinalar a identidade estética do discurso de Davi, pois, toda dinâmica criada na língua por este enunciador enquanto encena discursos diversos, agencia interlocutores propondo-lhes perceber o mundo por variadas perspectivas. O enunciado ganha forma de uma metáfora, que, ao ser desdobrada, revela as sínteses e contraposições de diferentes vozes. Junções e disjunções que podem produzir possibilidades de escuta, justamente por efeito de estranhamento, aos aspectos de testemunho, autobiografia e apelo messiânico, dos quais a obra tratará. A partir dos argumentos reunidos neste texto, buscar-se-á identificar e analisar as estruturas que promovem no leitor experiências de alternadas perspectivas, não somente a indígena e a branca, mas também a xamânica.

Palavras-chave: Enunciação; Literatura indígena; Narratividade

45 - LITERATURAS, AFRICANIDADES E DESCOLONIZAÇÃO

Coordenação: Felipe Fanuel Xavier Rodrigues (UERJ); Luiz Henrique Silva de Oliveira (CEFET-MG); Paulo Dutra (Stephen F Austin State University)

Resumo: Dando continuidade ao projeto de acolher comunicações dedicadas ao estudo da vida, obra e pensamento de autores e autoras de ascendência africana, cuja imaginação literária provém de vivências da afrodescendência em localidades formalmente descolonizadas, às margens das quais a africanidade constitui *leitmotif* de literaturas que se situam dialeticamente dentro e fora de sistemas literários hegemônicos, apresentamos esta proposta de simpósio. O objetivo é explorar os contornos críticos e teóricos das produções literárias engendradas a partir das histórias, culturas e

instituições de pessoas de origem africana, bem como o impacto dessas literaturas em contextos de desigualdades e demandas sociais. Ao declarar o período de 2015-2024 como a Década Internacional dos Afrodescendentes, as Nações Unidas reconheceram a urgência de se colocar na ordem do dia a promoção e proteção dos direitos humanos de um contingente de aproximadamente 200 milhões de pessoas de ascendência africana espalhadas pelo mundo. A discussão dessa pauta acarreta ressonância política e histórica no contexto brasileiro. Apesar de o Brasil gerar a segunda maior população afrodescendente atual, os jovens negros (pretos e pardos) são as principais vítimas de homicídio no país (CERQUEIRA *et al.*, 2016). O fenômeno, já descrito como “genocídio negro”, expõe os efeitos funestos da persistência do racismo e impõe reflexões acerca da cultura como local de luta e sobrevivência para afrodescendentes que vivem em democracias desiguais. Na genealogia do racismo contemporâneo – onde quer que seja flagrante –, constam ontologias construídas para fundamentar sistemas de segregação racial que cercearam os direitos dos negros em territórios controlados por projetos colonialistas etnocêntricos. Contudo, o imprevisível surgimento de literaturas de sujeitos que perspectivam tradições africanas, afirmam identidades negras e tematizam experiências em ambientes hostis manifesta a dinâmica cultural de afrodescendentes cuja escrita contrapõe práticas textuais e interpretativas que essencializaram seus corpos e os trataram como objetos. Trata-se de um processo de descolonização, isto é, um processo histórico em que sujeitos legatários do mal-estar colonial “recriam” a si mesmos como seres humanos, rompendo, portanto, com a conformidade à lógica de um mundo em que a discriminação racial perdura.

REFERÊNCIAS:

CERQUEIRA, Daniel *et al.* *Atlas da Violência 2016*. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada e Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2016.

31 de julho

8h30

A RIQUEZA METAFÓRICA NO CONTO MAUNDLANE, O CRIADOR DE PAULINA CHIZIANE

Márcia Neide dos Santos Costa (UEFS); Tércia Costa Valverde (UEFS)

Resumo: Neste trabalho realizaremos uma análise do conto intitulado Maundlane, o Criador presente na obra *As andorinhas* (2013) da escritora moçambicana Paulina Chiziane. A partir desse conto, iremos analisar e discutir os recursos metafóricos utilizados pela autora, identificando, a partir do narrador do texto e das falas dos personagens, as metáforas presentes na narrativa. Além disso, refletiremos sobre de que forma e para que Chiziane faz uso desse recurso. A metáfora é considerada uma figura de linguagem utilizada para conferir poeticidade a um texto. Ela pode estar presente principalmente na literatura, causando um efeito, não só de sentido, mas também estético ao texto. No conto Maundlane, o Criador de Paulina Chiziane, a metáfora surge para nos dar a dimensão histórica de Moçambique, (país que ganhou independência colonial em 1975) e das tradições orais moçambicanas. Neste conto, encontramos os costumes populares de Moçambique narrados, poeticamente, como uma contação de histórias, àquelas contadas pelos mais velhos ao redor das fogueiras (tradição antiga africana). A presença dos mitos e ancestralidade também estão presentes no conto da escritora como forma de afirmação identitária da nação, bem como da “recuperação” das manifestações culturais das regiões de Moçambique. Tudo isso porque Paulina Chiziane sente a necessidade de narrar, recontando, reconstruindo a história do seu país. História essa que foi negada pelo processo colonizador. Portanto Chiziane apresenta essas histórias para mostrar que a única história a ser contada não deve ser apenas àquela ocidental, hegemônica. E isso Chiziane faz de modo irônico, narrado por meio de uma linguagem metafórica, empregada para enriquecer e tornar a história mais leve, simples e contemplativa. A obra é composta por mais dois contos, a saber: Quem manda aqui? e Mutola. Através deles, Paulina Chiziane busca (re)contar a

história de Moçambique, valorizando a cultura e personalidades históricas do seu país. A referida autora, nascida em Manjacaze, 04 de Junho de 1955, em Moçambique, escreveu, dentre outros livros, os romances *Balada de amor ao vento* (1990), *Ventos do Apocalipse* (1993), *O sétimo juramento* (2000), *Niketché- Uma história de poligamia* (2001), obra vencedora do prêmio José Craveirinha, *O alegre canto da perdiz* (2008), e o mais recente *O canto dos Escravos* (2017). Para a realização deste trabalho, utilizaremos como suporte teórico: Marçal Paredes (2014), Laura Cavalcante Padilha (2013), Carmem Secco (2013), Mafalda Leite (1998), Igor Fernando Carmo (2014) e teóricos que discute a respeito da linguagem metafórica como Lakoff & Johnson (2002), T.B. Sardinha (2007), Roberta Santos (2010).

Palavras-chave: Moçambique; linguagem metafórica; Paulina Chiziane

PODER, VIOLÊNCIA E SILENCIAMENTO: UMA LEITURA COMPARATIVA DE NARRATIVAS DE "OS OLHOS DA COBRA VERDE", DE LÍLIA MOMPLÉ, E "DUMBA NENGUE", DE LINA MAGAIA

Carla Pereira Lima (UFF)

Resumo: As narrativas literárias têm sido utilizadas como importantes fontes para pesquisa das práticas socioculturais. Além de oferecerem imagens sobre a realidade econômica, social e cultural de uma época, tais narrativas fazem uma espécie de inventário imagístico de uma sociedade, trazendo à tona alguns tipos humanos característicos, enfatizando seus costumes, suas angústias, suas identificações e seus “preconceitos”. Assim sendo, o presente trabalho de reflexão pretende investigar as representações de poder, violência e silenciamento de uma época da literatura moçambicana de forma a lançar um olhar sobre as narrativas ficcionais dos livros “Os olhos da cobra verde”, de Lília Momplé, e “Dumba Nengue”, de Lia Magaia. As escritoras moçambicanas, como mulheres de seu tempo, imprimem, nessas obras, cada qual a sua maneira, elementos de diferentes discursos (o de poder, principalmente) e incorporam acontecimentos recentes que teriam ocorridos no contexto moçambicano dos quais a violência funciona como fator estruturante tanto das relações sociais e do imaginário das personagens quanto da maneira como a composição das narrativas foi pensada (neste caso, de forma fragmentada). Tomando discurso como um conjunto de práticas ou unidades dinâmicas constituídas e constituintes nos processos socioculturais e linguísticos, portanto, históricos de produção e recepção de sentidos (Molino, Jean). No caso da noção de relações de poder, é preciso ressaltar que elas não devem ser pensadas somente sob o prisma da opressão unívoca. Assim, é necessário destacar que o poder e as relações de poder não somente são um mecanismo coercitivo e negativo, mas também algo produtivo e positivo. Como diria Michel Foucault, em *Vigiar e punir*, o poder não apenas nega, impede, coíbe, restringe, esconde, recalca, limita, mas igualmente “faz”, produz, provoca, incita, encoraja e legitima. Assim, temos que ter em mente que tais relações são construídas não apenas por meio de mecanismos de repressão e censura, mas também através de práticas e discursos que instituem gestos, modos de ser e de estar no mundo, maneiras de falar e de agir, comportamentos, atitudes e posturas consideradas adequadas em determinado período, lugar e sociedade. Lília Momplé e Lina Magaia são escritoras que fazem parte, portanto, da geração de autores e autoras moçambicanos que buscam, através da literatura, um espaço social que privilegie a expressão e experimentações de diferentes modos representar, encenar a realidade. Sendo assim, vale aqui a colocação feita pela escritora e pesquisadora Rita Chaves ao falar da do papel das narrativas literárias na produção de um discurso que imprime nas letras as inquietações, os questionamentos, a ideologia de uma sociedade: “...o trabalho de representação da realidade, compromisso constante da literatura, implica a mobilização de um sofisticado repertório de procedimentos que transforma o espaço em matriz de significados múltiplos, instituindo-se ainda como local de articulações importantes, como aquelas que se podem estabelecer entre o passado e o presente, entre a natureza e a cultura, entre as referências da tradição e os signos da modernidade” (CHAVES, Rita. 2010)

Palavras-chave: Literatura; Moçambique; Lília Momplé; Violência

A HISTÓRIA É UMA FICÇÃO CONTROLADA - A FRELIMO E A LITERATURA MOÇAMBICANA

Camila Lobato Rajão (CEFET-MG)

Resumo: A escrita e a literatura são manifestações políticas que definem e significam as divisões criadas dentro da partilha do sensível, conceito de Jacques Ranciere. Os discursos políticos oficiais da FRELIMO – Frente de Libertação de Moçambique - abordados neste trabalho atuam no contexto social e histórico moçambicano das décadas de 1970 e 1980, estabelecendo o que faria parte do comum partilhado entre os cidadãos moçambicanos e o que estaria separado, excluído ou segregado deste comum que aqui entendemos ser a construção da nação e da identidade nacional moçambicana. Para além dos elementos em disputa da partilha, estes discursos versam ainda sobre quem poderia fazer parte e principalmente quem poderia falar em nome da nação moçambicana. Revelando ser a linguagem campo fértil essencial para o desenvolvimento de disputas políticas a respeito da conquista e manutenção do poder e da legitimidade dos porta-vozes de um grupo. O sensível que é partilhado, por sua vez, não se apresenta como unidade livre de ambiguidades, disputas e embates promovidos por diferentes forças dentro do espaço temporal-histórico a que se vincula. Em Moçambique, a FRELIMO sofre ao longo do período estudado diversas contestações e críticas a respeito da forma e conteúdo de seus discursos. Estas críticas aparecem em momento de cerceamento da liberdade política dos moçambicanos e de controle da oposição no contexto de guerra civil. Neste momento delicado, muitas das vozes dissonantes ao discurso oficial da FRELIMO encontram na literatura um campo propício para a abordagem de temas que até então não encontravam espaço para o debate político aberto no mundo social, como a obra *Ualalapi*, de Ungulani Ba Ka Khosa, que será analisada na pesquisa. Estes temas podem ser incorporados à literatura e ao seu estatuto ficcional, deslocando as verdades fixas do discurso histórico oficial da FRELIMO, possibilitando novas significações, novas possibilidades e novas histórias de pessoas e fatos até então excluídos do debate.

Palavras-chave: FRELIMO; literatura moçambicana; história e ficção

A COLONIALIDADE DO FUKÚ, A MALDIÇÃO DO NOVO MUNDO

Maria Carolina Fernandes Moraes (UFPE)

Resumo: Antes de sermos apresentados aos personagens do romance *A fantástica vida breve de Oscar Wao*, do escritor dominicano radicado nos EUA, Junot Díaz, nos deparamos com um pequeno prólogo no qual somos introduzidos ao que verdadeiramente será o maior e mais misterioso de todo o elenco dominicano-americano da trama: o fenômeno sobrenatural e ubíquo fukú americanus, ou a Maldição do Novo Mundo, lançada sobre as Américas a partir da chegada de Cristóvão Colombo. “Contam que veio da África, trazido pelos gritos dos escravizados; que se tratou de praga rogada pelo povo taino, enquanto um mundo perecia e outro nascia; que foi um demônio deslançado na Criação quando do arrombamento do portão de tormentas nas Antilhas”, explica o narrador na abertura dessa premiada obra. A narrativa, portanto, não começa pela famosa “descoberta” da América, e, sim, pelos primórdios dessa maldição, que, por fim, se espalharia pelo mundo como um poderoso vírus. Aos prováveis leitores céticos de seu misterioso poder, Yunió, o narrador, logo dispara: “Independentemente de qual seja a sua crença, o fukú crê em você”. Afora suas extensas explicações sobre as vítimas da maldição, e as possíveis causas para seu surgimento, à medida que a trama se adensa, a impressão mais marcante que o fukú nos deixa se dá pelas entrelinhas - curiosamente, quanto mais distante um sujeito estiver do status quo estabelecido a partir do empreendimento colonial, mais propenso a tornar-se vítima dessa maldição secular. A vida dos personagens desse romance, a família Cabral de León, exemplifica justamente isso; o fukú, que teve no ditador Rafael Leónidas Trujillo seu “mestre de cerimônias”, lhes parece uma maldição incontornável, avultando-se sobre seus destinos e perseguindo-os para além das fronteiras da República Dominicana. Ainda que sobrenatural, uma maldição como essa parece fazer sentido não só na República Dominicana, mas no resto do mundo. Afinal, desde a chegada dos europeus ao arquipélago Hispaniola (que corresponde hoje ao Haiti e à República Dominicana), deu-se início a um processo de apagamento e extermínio que perdura até hoje – é nele que está enredado o secular e ominoso fukú. De fato, nossas convicções em relação à maldição não importam tanto, pois, como diz

o título de uma entrevista com Walter Mignolo, “coloniality is not over, it is all over” - a colonialidade está em toda parte. Neste estudo, proponho-me a buscar conexões entre o elemento narrativo fukú americanus, ou a Maldição do Novo Mundo, presente no romance A fantástica vida breve de Oscar Wao, e o conceito de Colonialidade, Padrão de Poder e Americanidade, de Aníbal Quijano, e encontrar algumas pistas sobre como a criação desse elemento narrativo busca estabelecer outras formas de imaginar a história e seus silenciamentos.

Palavras-chave: colonialidade; americanidade; Aníbal Quijano

31 de julho

14h30

ENCRUZILHADAS DISCURSIVAS DE LITERATURAS AFRODIASPÓRICAS

Felipe Fanuel Xavier Rodrigues (FTESM)

Resumo: O presente trabalho se propõe a refletir sobre as representações da África nas literaturas contemporâneas de escritoras negras no Brasil e nos Estados Unidos. Recorre-se ao método da crítica comparada da literatura negra, formulado por Henry Louis Gates, Jr. (1989), para estabelecer encruzilhadas discursivas, dentro das quais textos e contextos afrodiaspóricos são entrecruzados à procura de uma voz negra que, como notou Carol Boice Davies (1996), tende a buscar mudanças “através da memória, visão de mundos alternativos e existências transformadas.” Da reivindicação do “poder de narrar”, tão importante na manutenção dos impérios ocidentais (Said, 2011), à substituição do “juízo de identidade” pela “declaração de identidade” (Mbembe, 2017), as literaturas afrodiaspóricas reafirmam a subjetividade negra e ressignificam o coletivo cultural africano para efetuar uma reescrita da história da descolonização – no sentido fanoniano – através da imaginação literária, combatendo, enfim, “a violência epistêmica do imperialismo”, ignorada pelo pós-estruturalismo europeu. (Spivak, 1994) No combate à persistência de imagens essencialistas que reforçam a violência epistêmica de formas variadas de racismo, as autoras negras recuperam narrativas que assumem a importância da africanidade como fundamento identitário e fonte imaginária de herança cultural. Desta forma, as literaturas de autoras negras examinam, de modo crítico e criativo, as limitações e potencialidades das experiências presentes e passadas de afrodescendentes.

Palavras-chave: literaturas afrodiaspóricas; Brasil; EUA

REINVENTANDO-SE NA PÓS-COLONIALIDADE: A DESCOLONIZAÇÃO CULTURAL NA FICÇÃO DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE

Cláudio Roberto Vieira Braga (UnB)

Resumo: Neste trabalho, examino a literatura da autora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, a partir da condição pós-colonial representada em suas narrativas, ambientadas no século XXI. Tal condição, que denomino Pós-colonialidade, é problematizada a partir das teorizações de Kwame Anthony Appiah (1991), Rajagopalan Radhakrishnan (1996) e Biodun Jeyifo (1991). Na análise, realço dois temas centrais na obra da escritora, que são o uso da língua inglesa por nigerianos pós-coloniais e o cabelo afro feminino. Sobre eles, pergunto-me de que forma contribuem para a Descolonização cultural de indivíduos e de sociedades que necessitam se reposicionar, a fim de reelaborar os efeitos da dominação cultural colonial. Para desenvolver o conceito de Descolonização cultural, parto das ponderações de Edward Said (1995) e Albert Memmi (2006). Para Said, há um movimento de literaturas e teorias no mundo pós-colonial que é parte de um esforço “para se iniciar um debate com o mundo metropolitano em pé de igualdade, que mostre a diversidade e as diferenças do mundo não europeu e apresente suas prioridades, as coisas a fazer e suas próprias histórias” (SAID, 1993, p. 63-64). Na fase atual da literatura pós-colonial, a ficção de Adichie se destaca por propor esse “debate em pé de igualdade”. Além dos prêmios literários que conquistou, Adichie já figura, apesar de jovem, na cronologia de eventos literários e políticos pós-coloniais da The Cambridge Companion to the Postcolonial Novel, de Ato Quayson (2015). Curiosamente, a autora reside em

dois países: na terra natal e nos Estados Unidos, onde sua literatura apresenta notável aceitação, sobretudo entre leitoras afrodescendentes. Essa alternância transnacional de lares se reflete de maneira acentuada em sua ficção, que trabalha a africanidade associada ao passado colonial, mas também aos efeitos da mobilidade e da globalização. Desse modo, minha pesquisa discute a complexidade de tramas que justapõem questões culturais africanas a ambientações estadunidenses, tecidas em contos como “Os casamenteiros”, “No seu pescoço” e “Réplica”, de 2009, e no romance *Americanah* (2013). Como demonstro neste trabalho, a Descolonização cultural necessita ser compreendida a partir do hibridismo das culturas em sua conjuntura atual, para que aspectos como o uso de uma língua e o cabelo afro feminino possam incorporar a resistência e o combate à desigualdade, à discriminação racial e à hostilidade, que problematizo nas situações vivenciadas pelas protagonistas de Adichie.

Palavras-chave: Pós-colonialidade; Descolonização; Hibridismo.

IDENTIDADE E MEMÓRIA NAS NARRATIVAS DE LÍLIA MOMPLÉ

Viviane Carvalho Lopes (UESC)

Resumo: Objetiva-se, nesta pesquisa, trabalhar com a obra literária da escritora moçambicana Lília Momplé, cujas narrativas são pouco conhecidas no Brasil, problematizando-se como, nas antologias de contos *Os olhos da cobra verde* (1997), *Ninguém matou Suhura* (1988) e no romance *Neighbours* (1995), são apresentados/construídos sentidos de moçambicanidade, considerando-se as relações entre história e ficção. Para tanto, os pressupostos teórico-críticos da análise assentam nos Estudos Culturais e nas problematizações da Teoria Pós-Colonial, entendendo-se a literatura como integrante da cultura e fonte de identidade (TUTIKIAN, 2006). Assim, o desenvolvimento desta proposta investigativa, de caráter bibliográfico, terá fundamentação nos estudos de Mata (2012,2014), Fonseca (2015), Noa (2015), Chaves (2005), Hall (2004), Candau (2011), Santos (2010), Rosário (2010), entre outros teóricos pertinentes ao tema. Almeja-se, com este percurso investigativo, contribuir para o reconhecimento da escrita literária de Lília Momplé, bem como colaborar com as pesquisas sobre Moçambique e as trajetórias relacionadas à constituição de sua identidade cultural.

Palavras-chave: Literatura moçambicana. Moçambicanidade. Narrativa. Estudos pós-coloniais.

1 de agosto

8h30

A MULATA AINDA É A TAL? UM ESTUDO DA BELEZA NEGRA EM REPRESENTAÇÕES ARTÍSTICAS

Christiane Fontinha de Alcântara (Arizona State University)

Resumo: A beleza é parte indispensável da existência humana. Ela está presente nos mais diversos âmbitos, desde o design de objetos, à apreciação de paisagens, passando também por nossas escolhas conjugais. Como senso estético, a beleza é muitas vezes entendida como construto cultural (WOOLF 1991, BORDO 1993, FOUCAULT 1995), embora historiadores e pesquisadores de ciência evolutiva acreditem na existência de uma capacidade estética universal (embora não uniforme) que constitui o que entendemos por beleza humana (GOMBRICH 1971, ETTCOFF 1999, GAAD 2007). Em "On Beauty and Being Just" (1999), Elaine Scarry discute erros relacionados à percepção da beleza: quando olhos acostumados a uma certa paisagem são expostos a algo completamente diferente, isto causa ou a sua rejeição por não satisfazer nosso senso estético, ou uma excessiva apreciação e exotização do objeto. Ao introduzirmos neste contexto a diáspora africana e o contato de povos europeus com fenótipos diferentes, é possível entender a formação de duas maneiras estereotipadas como a beleza negra tem sido representada: seja como o corpo grotesco, assexuado, maduro e pesado de Tia Anastácia (rejeição), ou como corpo voluptuoso, sedutor, incorrigível e misterioso da mulata Globeleza (exotização). Com enfoque na negra bela, este trabalho busca responder à pergunta: o estereótipo da mulata de exportação dá visibilidade à beleza negra, ou a exclui ainda mais? O presente estudo analisa textos de autoria negra que representam personagens negras com largo enfoque na beleza física. Usando o viés descrito por Russell Potter, este trabalho

observa formações culturais que se expandem através de bordas geográficas e socioculturais (1995) para entender como artistas populares e escritores canônicos usam-se da beleza da mulher negra para reforçar ou desafiar a categorização da beleza negra como um estereótipo. Utilizando um cânon compreensivo e diverso que inclui artistas americanas como Beyoncé e Toni Morrison, africanas como Ama Ata Aidoo e Tsitsi Dangarembga, e brasileiros como Jorge Amado e Karol Conká, este trabalho rompe barreiras de tempo, espaço e gênero artístico para entender como a beleza negra foi e continua sendo representada na arte popular.

Palavras-chave: Beleza; Arte; Raça

CONCAUSALIDADES DO RESENTIMENTO: ONDE ESTÃO OS NEGROS BRASILEIROS EM “ANJO NEGRO”, DE NELSON RODRIGUES

Fábio Rodrigo Penna (IFFLU / UERJ)

Resumo: Em 1948, a polêmica peça teatral "Anjo Negro", de Nelson Rodrigues, foi encenada pela primeira vez. Em 2018, essa obra que denuncia o racismo institucional completa 70 anos. Segundo o próprio Nelson, o personagem principal foi pensado para ser interpretado por seu amigo Abdias do Nascimento, já que o considerava como o “único negro no Brasil”, em "O óbvio ululante" (1968). Todavia, para o sério teatro brasileiro da época, o blackface foi considerado a escolha adequada. Usando como mote a pergunta feita pelo pensador francês Jean-Paul Sartre (“Onde estão os negros brasileiros?”), quando esteve no Rio de Janeiro, o trabalho destacará, a princípio, as crônicas que retratam a admiração de Nelson Rodrigues por Abdias do Nascimento, que lançou, em 1978, "Genocídio do Negro Brasileiro", obra que completa 40 anos de publicada. Considerando as crônicas presentes em "O óbvio ululante" e o conceito de ressentimento (SCHELER), o objetivo é apresentar como, em "Anjo Negro", são abordadas questões étnico-raciais e autoridade familiar masculina. A peça de Nelson denuncia o preconceito racial e o patriarcalismo, destacando a violência como fator de base dos fundamentos institucionais do racismo.

Palavras-chave: Nelson Rodrigues; Racismo; Ressentimento

A IDENTIDADE FEMININA NAS OBRAS DE MARIAMA BÂ

Vânia Carolina Gonçalves Paluma (UFU)

Resumo: O presente trabalho objetiva analisar como são construídas as representações das identidades femininas nas protagonistas das obras “Une si longue lettre” (1979) e “Un chant écarlate” (1984) da autora senegalesa Mariama Bâ. Nesses romances, são abordadas questões concernentes ao papel da mulher na sociedade senegalesa, os valores destinados a ela - enquanto esposa e mãe -, colocando em xeque uma visão cultural que possibilita uma reflexão e, ao mesmo tempo, desconstrução desse espaço atribuído à figura feminina, no qual as personagens Ramatoulaye e Mireille, buscam transgredi-los, de certo modo. No romance epistolar “Une si longue lettre”, a identidade é um importante tema a ser estudado, considerando que Ramatoulaye busca no período de Mirasse - após o casamento de Modou com outra esposa e durante o período de clausura pós-viuvez, requerido pela religião - uma outra identidade: de uma mulher fortificada pela dor que, por vezes, procura ser indiferente aos padrões sociais esperados por ela, o que pode ser observado pela personagem através de uma longa carta enviada - que inclusive dá título à narrativa - para sua amiga Aïssatou, que mora em outro país, subvertendo os costumes a ela impostos e vivendo da maneira como crê que seja correta. Já em “Un chant écarlaté” muitos dilemas identitários são colocados em xeque, com relação à diferença religiosa entre Mireille e Ousmane, bem como as questões socioeconômicas que também são apontadas como empecilho da relação, sendo isso observado pelo pai dela, ou ainda de preservação e tentativa de manutenção cultural imposta pela família de Ousmane, fazendo com que ele tenha que se casar com uma segunda esposa, sendo evidenciado, nessa situação o que seria esperado pela protagonista e como ela de fato age diante dos fatos que lhes são impostos. Em outras palavras, o presente estudo busca analisar os valores relativos à identidade sobre o prisma de Ramatoulaye e Mireille, nesses romances em que se solicita da memória uma revisão dos contextos culturais e sociais estabelecidos nas obras

para a (des)construção de uma identidade nova, gerada a partir das situações vivenciadas por elas. Ademais, busca-se averiguar, se houve o intuito de através das protagonistas de “Une si longue lettre” e “Un chant écarlaté”, a autora ficcionalizar o que ocorre na sociedade trabalhada no enredo, com a finalidade de dar voz a tantas outras silenciadas no contexto situacional mencionado nas narrativas. Assim, por meio de uma metodologia de pesquisa bibliográfica, pretende-se verificar como as personagens femininas são construídas e como se estabelece a identidade e a forma de conduta diante das várias situações impostas, fazendo com que as personagens se (re)criem a partir do que é a elas destinado.

Palavras-chave: Identidade feminina; Mariama Bâ

POR MEIO DAS MEMÓRIAS E INFÂNCIA(S): UMA PROPOSTA DE ANÁLISE COMPARADA DAS OBRAS DE ONDJAKI E NOVIOLET BULAWAYO

Patrícia Carvalho de Souza (UNICAMP)

Resumo: Este trabalho tem como objetivo analisar os romances do escritor Ondjaki, Bom dia, Camaradas (2003) e da escritora Noviolet Bulawayo, Precisamos de novos nomes (2014). Busca-se analisar e comparar, por meio de uma perspectiva pós-colonial, o romance de formação em cada uma das obras e como o gênero literário foi construído nas narrativas. Dutra (2012) afirma em seu texto “A infância, Guerra e a Nação” que a infância metaforiza um tempo de prazer só em parte segmentado por diferenças de classe, raça etc. Tal metáfora inicia-se no período pré-independência, ganhando destaque ao associar-se ao anseio de libertação do jugo colonial. Desse modo, este recurso literário nos permite pensar que os dois romances também foram construídos em épocas semelhantes, e retrata o desenvolvimento interior de cada personagem em confronto com os acontecimentos anteriores de seu país, deixando explícitos os conflitos gerados no decorrer dessa formação. Apesar do tempo da narrativa das duas obras serem distintos, há um amadurecimento das personagens que evoluem por meio de conflitos e descobertas. Ambos os romances estão ressignificando a identidade e a pós colonialidade da nação a partir da perspectiva histórica dada por duas crianças. Sendo assim, será discutido o estudo da representação de gênero, no caso o romance de formação, em cada uma das obras de dois escritores africanos, NoViolet Bulawayo escritora do Zimbábue, e Ondjaki, da Angola. Além da análise do romance histórico presente nos romances, pretende-se discutir a escrita de memória de cada romance, visto que cada narrativa trata de uma memória subjetiva e o discurso de um eu. Essa comparação será atestada por meio dos trechos das obras em que se notam semelhanças entre o contexto da narrativa do personagem/narrador, visto que nos dois casos as personagens principais são também narradores da história, e a relação autobiográfica com o contexto da obra. Essa relação poderá ser comprovada através do contrato de identidade estabelecido entre autor, narrador e personagem. A finalidade não é de analisar o quanto as obras são autobiográficas, mas sim relatar em que medida auxilia na construção da escrita de memória que tem por objetivo recriar novos registros acerca dessa história. Outro fator importante para a análise será a representação de gênero das duas personagens, Darling (Precisamos de novos nomes) e Ndalú (Bom dia, Camaradas). Será possível verificar os conflitos enfrentados pela menina e pelo menino com base nos diversos subsídios nas narrativas que facilitarão essa análise, visto que na obra Precisamos de novos nomes há o assunto de gravidez precoce, o estupro, o assédio no ambiente de trabalho. Já na narrativa de Ondjaki não aparecem as temáticas e as preocupações de Ndalú. Apesar dessa personagem, Ndalú, não tem sua adolescência retratada como a da outra personagem Darling, notamos grandes diferenças de gênero nas duas obras. Esse dado é importante também para que as relações de gênero possam ser pensadas nas Literaturas Africanas, visto que a presença feminina na escrita é também inferior ao número de homens escritores.

Palavras-chave: Literaturas africanas comparadas; memória

JONATÁS E MANUELA: POR UMA REPRESENTAÇÃO ESTÉTICA DESCOLONIA

Fabiana da Silva Campos dos Santos (UFPE)

Resumo: As narrativas literárias ditas pós-coloniais no contexto da América Latina são múltiplas. Uma afirmativa desse teor nos leva a pensar que essa literatura engloba uma variedade de representatividades, para além de uma fronteira política entre "sul-sul". Todavia, marginalização, esquecimento etc., enfraquecem o caráter descolonial da literatura latino-americana porque foge ao caráter democrático do regime político da escrita. Esta fuga se dá talvez pelo fato de que a escrita, segundo Rancière (2017, p. 9), "é aquilo que, ao separar o enunciado da voz que o enuncia legitimamente e o leva a destino legítimo, vem embaralhar qualquer relação ordenada do fazer, do ver e do dizer." Assim, embora os códigos de escritas literárias tenham sua própria política com múltiplas possibilidades imaginativas - e se acerquem de um viés muitas das vezes dito apolítico - nos parece que as chamadas "novas" representatividades literárias no cenário contemporâneo, sobretudo no contexto latino-americano, têm seus soslaio apontados como estritamente políticos. Isto é, fora do conglomerado estético, como se o valor estético fosse absoluto em si mesmo e desprendido do que Rancière (2009, p.13) compreende como "um regime específico de identificação e pensamento das artes". Deste modo, o presente trabalho tem por objetivo observar como Chiriboga, no romance *Jonatás y Manuela*, trabalha a ordenação do fazer, do ver e do dizer ficcional, nos oferecendo outras possibilidades estéticas, de caráter simbólico: mítico/utópico, um devir descolonial, em diálogo com o que Glissant (2005) vai chamar de estética da Relação.

Palavras-chave: Representação; estética; descolonial

1 de agosto

14h30

MACHADO DE ASSIS AFRODESCENDENTE: RELENDO "MISSA DO GALO"

Paulo Dutra (Stephen F Austin State University)

Resumo: Esta comunicação tem como escopo a recente discussão sobre a identificação racial de Machado de Assis. Historicamente o Bruxo tem sido lido e relido num contexto de uma crítica literária que não somente reflete como fomenta aspectos estruturais da sociedade brasileira no que diz respeito ao prestígio de que a parcela embranquecida da população desfruta. Em outras palavras, a crítica machadiana tem como norma desconsiderar o fato de que Machado era um mulato ou, muitas vezes ancorada na noção de universalidade de sua obra, reduzir esse dado a um detalhe insignificante que não seria de nenhuma importância para o entendimento de sua obra. Aqui faço um releitura do emblemático conto "Missa do galo" trazendo para o plano principal as questões raciais presentes na obra e categoricamente ignoradas até o momento. Para tanto, parto de um ideia emprestada do conto "Recitatif" de Toni Morrison, visito o mais atual debate sobre "Machado de Assis afrodescendente", e, finalmente, faço uma leitura pontual do conto "Missa do galo" para demonstrar a, até o momento desprezada, importância tanto da questão racial no conto como na recepção da obra de Machado.

Palavras-chave: Recitatif; Missa do galo; literatura negra

ASSIMILAÇÃO E RESISTÊNCIA CULTURAL NO ROMANCE UM DEFEITO DE COR DE ANA MARIA GONÇALVES

Cristina Álvarez (UFMT)

Resumo: O romance *Um defeito de cor* publicado no ano 2006 pela escritora brasileira Ana Maria Gonçalves, relata a vida de Kehinde nascida no Reino de Daomé (atual Benin) em 1810. Aos sete anos os guerreiros do Rei Adandozan matam a sua mãe e seu irmão, obrigando aos sobreviventes – sua avó, sua irmã gêmea a Taiwo e ela- fugir para Uidá, cidade onde é cativa por mercadores escravagistas. As três começam a travessia pelo Atlântico Negro (GILROY, 1993). A narração é autobiográfica e é através da memória que ela reconstitui sua história pessoal, mas também é uma história coletiva: a história da diáspora negra que dispersou pelo mundo, especialmente no continente americano, milhares de crianças, mulheres e homens. São quase oitenta anos da sua vida os que ela rememora, assim é possível observar diferentes processos históricos, sociais e políticos,

mas com a novidade da presença da voz de uma mulher negra escravizada; fato consoante com as narrativas contemporâneas que trazem à luz outras vozes, as que sumiram no mare magnum da história contada pelos vencedores. O romance acarreta amplas e interessantes discussões, porém nosso foco é refletir sob como se dá o desenvolvimento da protagonista considerando o modo como percorre sua trajetória de forma a integrar-se com as ideologias e modelos simbólicos projetados pela sociedade branca brasileira do século XIX. Nesse sentido, pretendeu-se analisar os processos de assimilação e resistência cultural. Os mecanismos de assimilação e resistência cultural são respostas possíveis à ferida colonial (MIGNOLO, 2005), um repertório de processos, operando aos níveis individual, de grupo e institucional que moldam as trajetórias de adaptação e inadequação dos sujeitos. Kehinde sofre perdas indescritíveis: a família, o território, tudo o conhecido, mas também “perde” a fé na sua religião, “perde” valores e senso de comunidade. As legítimas contradições da protagonista permitem olhar claros exemplos de processos bem de assimilação, bem de resistência. Trata-se não de escolhas cientes e pessoais, mas das opções que o poder estabelecido impõe, o limitado espaço de ação e movimento que contradiz quaisquer princípio de liberdade. O sujeito colonizado atua sempre baixo uma lógica que não lhe pertence, que lhe é imposta. Nosso objetivo foi explorar criticamente os contornos que definem o percurso feito por Kehinde e questionar as ideias de sucesso que a crítica precedente há lido no romance, incorporando a noção de assimilação cultural como uma chave não só para ler o romance mesmo, senão também como uma marca forçosa do sujeito colonizado.

Palavras-chave: Assimilação; Resistência; Um defeito de cor

ABOLIÇÃO E FORMA LITERÁRIA EM VENCIDOS E DEGENERADOS

Harion Márcio Costa Custódio (UFMG)

Resumo: Vencidos e degenerados, romance escrito por Nascimento Moraes e publicado em 1915 em São Luís do Maranhão, possui como propulsor dramático central o acontecimento histórico da Abolição da escravidão no Brasil e seus efeitos imediatos. Vemos, assim, uma narrativa ficcional com forte preocupação sócio-histórica, demonstrando conexões entre o estético e o político. Inter-relação essa, vale ressaltar, que não se caracteriza como fortuita: dada a biografia engajada do escritor com os problemas sociais de seu tempo e lugar, assim como sua atuação como cronista em diversos jornais e periódicos, os problemas históricos representados no referido romance adquirem, também, importância formal. Visto isso, o objetivo desse trabalho é demonstrar como a crítica operada por Nascimento Moraes ao regime escravista e ao status quo é também um mote de construção estrutural, ressaltando o caráter interdependente entre história, política e estética em sua narrativa.

Palavras-chave: Abolição; Pós-abolição; Política; Estética

OUTROS OLHARES PARA O SISTEMA LITERÁRIO BRASILEIRO: AFRODESCENDÊNCIAS NOS ESCRITOS DE CONCEIÇÃO EVARISTO E ALLAN DA ROSA

Renata de Oliveira Batista Rodrigues (UFRJ); Fabiana de Pinho (IFRJ/ PUC-Rio)

Resumo: A presente pesquisa é fruto de nossas reflexões sobre a tomada de posto narrativo de sujeitos que possuem poucas oportunidades, não apenas de contarem histórias, porém, também, de serem história. Temos como inspirações as criações literárias de Conceição Evaristo e Allan da Rosa. Ambos, embora de gerações distintas, conquistaram recentemente visibilidade pelos seus escritos. Os dois são negros, ensaístas, acadêmicos e, com uma escrita, que a todo momento resgata memórias e invoca nossa ancestralidade como forma de resistência. Seus escritos criam visibilidade para as pessoas que estão em alguma posição de subalternidade, nos permitindo, enquanto leitoras, também mergulhar nas suas histórias. E suas histórias são leituras de periferias, com suas diversas possibilidades, que nos permitem entrar no seu íntimo e ressignificar vidas de acordo com nossos repertórios, alimentando as nossas memórias. Essas memórias nos conectam de tal maneira aos nossos autores, que evocam a representação. Uma das questões que se estabelece é: Como esses autores circulam num sistema literário como o nosso? Sistema literário que é composto não apenas

pelos livros que são lidos, mas pelas feiras literárias, por exemplo. Refletir sobre isso é pensar de que maneira esse corpo negro que escreve, promove indagações sobre quais são os lugares dos corpos negros na sociedade. Para que essas reflexões sejam tecidas, percorremos um caminho de estudos sobre as “escritas do eu” com Leonor Arfuch (2010) e Philippe Lejeune (2014). Também se fez necessário recorrermos a Stuart Hall (2009) e (2016) para pensarmos questões identitárias e de representação construídas por um homem negro diaspórico. Diaspórico e negro assim como os escritores a quem dedicamos este estudo, Conceição Evaristo e Allan da Rosa. Considerações de Eduardo de Assis Duarte (2007) e (2013) sobre o negro na literatura brasileira e a literatura afro-brasileira, encerram o que consideramos a base conceitual da nossa pesquisa, para que as afrodescendências no sistema literário brasileiro sejam pensadas. Cabe ressaltar também que, de acordo com a pesquisadora Regina Delcastagne (2005), nos romances (não citando outros gêneros da escrita literária) publicados pelas editoras de maior prestígio (Companhia da Letras, Record e Rocco) entre 1990 e 2004, a maioria dos escritores brasileiros são homens, brancos, com diploma superior, moram no eixo Rio - São Paulo. Sendo assim, pensar as criações de pessoas periféricas ao sistema literário brasileiro é ter o entendimento de que vozes silenciadas em outros momentos da trajetória literária e intelectual do nosso país estão hoje narrando, não somente suas próprias histórias, mas também outras histórias. As experiências literárias de Conceição e Allan evidenciam o protagonismo conquistado, não dado, por pessoas antes silenciadas pelas suas condições de marginalidade social. Conceição e Allan conseguem, através de relatos muito peculiares de quem experimentou determinadas situações bem de perto, criar. A visibilidade literária da periferia integra um movimento característico do mundo contemporâneo.

Palavras-chave: Lit. Brasileira; Afrodescendência; Sist. Literário

"ALL OF THEM WERE HOME": PROCESSOS DE SUBJETIFICAÇÃO EM PONCIÁ VICÊNCIO E GEOGRAPHIES OF HOME

Priscila Reis Catalão (UERJ)

Resumo: Questionamentos acerca do conceito de lar podem ser vistos como um debate sem fim, no entanto em um mundo globalizado e levando-se em conta sociedades que sofrem com tentativas de processos de descolonização, os deslocamentos modernos dispersaram relutantemente grandes massas de seus locais de origem, logo pensar o lar, raízes versus rotas e o conceito de identidade per se não é apenas crucial, mas também extremamente genuíno. Ser um sujeito diaspórico é bem diferente de ser um viajante ou um turista, sê-lo implica deixar uma localização para trás e chegar a um novo lugar. Ambas as condições de partida e de chegada são cruciais para o entendimento da jornada diaspórica de uma subjetividade. Pensar os efeitos da diáspora é uma questão de grande importância, visto que jornadas diaspóricas nunca deixaram de existir dado o fato de que sistemas onde o trabalho é análogo ao escravo ainda existem. Além disso, pessoas ainda são forçadas a deixar seus países de origem devido a guerras e contendas políticas. Posto isto, precisamos levar em consideração o fato de que estes deslocamentos mudaram a forma como nós percebemos identidade hoje em dia, em vez de pensarmos nela como construções fixas, nós precisamos reconhecer que identidades são heterogêneas, e além disso estão em constante movimento. O romance *Geographies of Home* (1999), de Loida Maritza Pérez narra a jornada de uma família dominicana que imigra para os Estados Unidos em busca de uma vida melhor longe das condições difíceis e da ditadura vigente no país de origem. A família é composta por Aurelia e Papito e seus catorze filhos. Iliana, uma das meninas, nos chama a atenção porque é a única dos catorze filhos que tem acesso à educação universitária e acaba por se mudar de casa para dar continuidade aos estudos. Ponciá Vicêncio (2003), da autora Conceição Evaristo retrata a história de Ponciá. Ela é uma mulher negra que vive no interior do Brasil. Ponciá e sua família vivem nas terras de antigos senhores de engenho. O período de escravidão já acabou, Ponciá e seu irmão fazem parte da primeira geração de negros libertos pela lei do ventre livre, e, no entanto, as relações de poder e o sistema laboral não mudaram muito desde que a Princesa Isabel assinou o documento que teoricamente libertaria os escravos das terras brasileiras. Os avós de Ponciá foram parte da diáspora

africana e o legado de violência causado pela escravidão está presente no romance. Esta comunicação tem como objetivo discutir os processos de subjetificação das personagens Ponciá Vicêncio e Iliana dos romances Ponciá Vicêncio e Geographies of home, como a diáspora afetou ambas as personagens, os temas violência e trauma nas histórias destas personagens, o conceito de lar e a (im)possibilidade de retorno a ele.

Palavras-chave: Diáspora; Lar; Subjetificação

2 agosto

14h30

QUILOMBOS EDITORIAIS, SOCIABILIDADE E DIFUSÃO CULTURAL AFRO-BRASILEIRA

Luiz Henrique Silva de Oliveira (CEFET-MG)

Resumo: A proposta deste trabalho é procurar reconstruir os meios editoriais pelos quais a chamada literatura afro-brasileira tornou-se possível e viável, ao menos a partir do século XIX, quando os prelos começaram a existir no país. Chamo estes meios de “quilombos editoriais”. Entendo estes quilombos como as múltiplas redes de sociabilidade atuantes no campo da produção editorial (como fim ou meio), os quais viabilizaram espaço para a escrita do sujeito negro. Estas formas culturais de quilombos pautam-se pela lógica da produção independente. Procuram subverter a ordem do campo estabelecido ao formar um novo segmento de escritores, leitores e obras, o que sugere outra face para a literatura brasileira. São exemplos: a Tipografia Dois de Dezembro; a Imprensa Negra (séculos XIX e XX); a Frente Negra Brasileira (FNB); o Teatro Experimental do Negro (TEN); o Movimento Negro Unificado (MNU); a série literária Cadernos Negros; a Editora Pallas; o grupo Quilombhoje; a Mazza Edições; a Nandyala Editora; a Editora Ogun’s Toques Negros; a Editora Malê; a Ciclo Contínuo Editorial; e as edições dos próprios autores. Assim, a análise em conjunto dos quilombos editoriais aponta para a natureza peculiar de sua postura diante: a) do mercado; b) da autonomia necessária à produção independente; c) do aporte de capital para manutenção dos volumes; d) do papel de agente cultural necessário em um espaço bem demarcado etnicamente; e) do profissionalismo requerido na condução das atividades, dada a ausência de políticas públicas de apoio às edições afro-brasileiras. Apoiaremos nossas reflexões nos trabalhos de Pierre Bourdieu (Os usos sociais da ciência e As regras da arte); Hernán López Winne e Víctor Malumián (Independientes ¿de qué? - hablan los editores de América Latina); e Henrique Antunes Cunha Jr. (“Quilombo: patrimônio histórico e cultural”). A natureza da investigação será bibliográfica e exploratória.

Palavras-chave: quilombos editoriais; sociabilidade; difusão

PRIMEIRAS REFLEXÕES A CERCA DE UMA HISTÓRIA EDITORIAL DA POESIA AFRO-BRASILEIRA

Fabiane Cristine Rodrigues (CEFET-MG)

Resumo: Este trabalho, fruto de uma pesquisa ainda em andamento, tem por objetivo apresentar um panorama editorial da poesia escrita por autores(as) afro-brasileiros(as), considerando suas produções individuais, considerando o período de 1859 até 2017, buscando compreender que dinâmicas editoriais e sociais específicas têm viabilizado a produção e circulação desta poesia num campo historicamente avesso à literatura negra brasileira. Entendemos a literatura afro-brasileira como linhagem dentro e fora da literatura brasileira: dentro porque se vale dos mesmos suportes e formas; fora porque apresenta temática, autoria, linguagem e, sobretudo, um ponto de vista interno à afrodescendência, como fim e começo (cf. DUARTE, 2010). Dessa maneira, para delinear essas considerações sobre literatura afro-brasileira do ponto de vista editorial, foi utilizada a perspectiva de gênese do campo literário traçada por Bourdieu (1996), na qual o campo literário descrito como um espaço social no qual ocorrem ações individuais e coletivas que também podem ser encaradas como lutas travadas entre os agentes, que possuem mais ou menos poder de acordo com as regras definidas dentro daquele campo específico, que o constituem, a fim de conservar ou transformar a realidade no interior do campo. Somando estas reflexões ao que Milton Santos (2015) denomina como tirania do dinheiro e da informação, é possível afirmar que, no interior do campo literário

brasileiro, a relação entre o capital simbólico, que pode ser caracterizado pelo prestígio ou honra do qual um agente goza no interior do campo, e o capital econômico são parte fundamentais de uma equação de legitimação literária de uns em detrimento de outros. A base de dados utilizada foi o Portal literafro (www.letras.ufmg.br/literafro). O corpus da pesquisa é formado, portanto, por nosso levantamento, composto por 271 obras individuais de 79 poetas, publicados por 117 casas editoriais distintas e em 26 cidades do território nacional. Através da organização e análise dos dados obtidos, foram listadas as obras individuais publicadas; os meios editoriais que as viabilizaram; as dinâmicas socioculturais dos períodos históricos em que os autores apareceram; os meios pelos quais publicaram; a distribuição editorial da poesia afro-brasileira. Espera-se, com este levantamento, delinear explicações para o apagamento de poesias e poetas afro-brasileiros no campo editorial do nosso país.

Palavras-chave: Literatura afro-brasileira; Edição; Poesia

A CONSTRUÇÃO DE UMA EPISTEME AFROLITERÁRIA NAS MODAS DE ANECIDE TOLEDO, A VOZ FEMININA DO BATUQUE DE UMBIGADA DE CAPIVARI-SP

Lorena Faria (UFU)

Resumo: O Batuque de Umbigada é uma manifestação cultural de tradição bantu, trazida ao Brasil por populações negras escravizadas vindas sobretudo de Angola. No interior paulista, ainda resiste principalmente nos municípios de Capivari, Piracicaba e Tietê. Mesmo sendo uma manifestação afro pouco valorizada e muitas vezes silenciada ao longo do tempo, as vozes dos batuqueiros ainda ecoam e as apresentações do Batuque de Umbigada são momentos de enunciação em que os discursos reconstroem nuances históricas e configuram uma episteme afroliterária. Apesar de mostrar-se primordialmente como uma dança, o Batuque de Umbigada traz em si outros elementos que merecem ser destacados: a elaboração das letras, ou “modas”, a técnica de afinação dos instrumentos tradicionais e o próprio significado da umbigada entre os corpos dançantes são matizes culturais que remontam à ancestralidade, a formas africanas de autoinscrição (MBEMBE, 2001), ao culto às tradições e ainda à luta contra o preconceito racial. Entre os mestres batuqueiros ainda vivos, destaca-se a figura de Anecide Toledo – única mulher compositora do Batuque de Umbigada paulista, patrimônio imaterial do Estado de São Paulo – que ainda permanece em atividade. Suas modas, carregadas de elementos simbólicos e polissêmicos, apresentam grande diversidade temática, desde o alcance do Batuque hoje e antigamente, o modelo de educação dos jovens, a espiritualidade sincrética entre o catolicismo e religiões de matriz africana, até a denúncia ao racismo. Diante disso, o objetivo principal desse trabalho é demonstrar como as composições da mestra Anecide Toledo configuram construções discursivas reveladoras de resistência cultural e de “lugares de memória”. Espera-se, com isso, demonstrar como a promoção e reconstrução da memória e da história dos povos negros ancestrais por meio do Batuque de Umbigada constitui um importante meio de autoafirmação positiva do sujeito negro, haja vista a comunidade batuqueira encontrar-se em condições de vulnerabilidade social e a umbigada ser praticamente esquecida pelo poder público local. Ao associar o saber acadêmico aos saberes dos batuqueiros e sua cultura, abre-se a possibilidade de construir uma nova percepção social sobre o Batuque, bem como contribuir para o fortalecimento da comunidade envolvida, num contexto em que o racismo silencia sujeitos. Nesse sentido, fomentar a preservação e fortalecimento dessa memória coletiva, num posicionamento de resistência também no meio acadêmico, ao subverter e repensar a lógica do cânone ocidental, vai ao encontro do que Boaventura Sousa Santos sugere para a construção de uma “ecologia dos saberes”, ao fazer dialogar o saber científico “com o saber laico, com o saber popular, com o saber das populações urbanas marginais, com o saber camponês” (SANTOS, 2007, p. 33). Essa proposta busca, assim, oferecer alternativas às grandes narrativas, podendo questionar e ressignificar ideias e valores já cristalizados. Além disso, insere-se num campo inédito de pesquisa, visto que nos últimos anos tem havido a publicação de trabalhos voltados à descrição da dança do Batuque de Umbigada como um todo, mas nenhum que tenha atentado especificamente a

investigar as construções discursivas das modas, configurando uma fortuna crítica para pesquisadores interessados pelo tema no campo dos estudos literários.

Palavras-chave: Batuque; Anecide Toledo; episteme afroliterária.

A ASCENSÃO DO NEGRISMO NA LITERATURA INFANTOJUVENIL: UM MOVIMENTO DE (DES)CONSTRUÇÃO DO CAMPO LITERÁRIO

Vívian Stefanne Soares Silva (CEFET-MG)

Resumo: A proposta deste trabalho é discutir a estrutura e a manutenção do campo literário, com enfoque nos espaços ocupados pela literatura infantojuvenil de cunho negrista, ou seja, a literatura que traz em si uma voz autoral externa à afrodescendência, mas que se simpatiza com o universo deste coletivo, trabalhando com temáticas afro-brasileiras e/ou africanas. Para iniciarmos nossas discussões, tomaremos como arcabouço teórico as propostas de Bourdieu (1997) sobre campo científico e campo literário, tendo em vista que são nessas duas esferas que circulam as obras infantojuvenis, seja no seu contexto de produção e recepção, seja nas produções teóricas e críticas acerca dessa vertente literária. Bourdieu (1997) coloca que "aquilo que se defronta no campo são construções sociais concorrentes, representações". Para Stuart Hall (2016) nenhuma representação é neutra e a marcação da diferença é a base da ordem simbólica daquilo que chamamos de cultura, de modo que, cultura e representação são termos indispensáveis na construção de uma identidade. Nesse contexto, os espaços ocupados pela literatura infantojuvenil passam a ser, então, espaços de resistência dentro do campo literário, uma vez que relacionar as questões étnicas raciais a uma literatura já tida como menor é assegurar uma nova camada de segregação a uma literatura de minorias. Mas, mais que isso, são também espaços de construção de identidade, já que é por meio da representação que damos lugar a diferentes culturas, possibilitando que essas tenham imagem e voz num campo delimitado. À vista disso, propomos as seguintes questões: quais espaços são reservados a essa literatura dentro de um campo em que suas estruturas definem o discurso do sujeito e o sujeito dominante define sua estrutura? Ora, o campo científico e, dentro dele, o campo literário, é tido por Bourdieu (1997) como um jogo em que as próprias regras estão em jogo. Quais são, então, os desafios e as propostas dessa literatura de minorias para adaptar-se às regras do campo e, mais que isso, sobreviver a elas remodelando o próprio campo? A proposta deste trabalho culmina, então, no apontamento das possibilidades de des(construção) que a literatura infantojuvenil vem traçando, buscando entender de que modo a dinâmica dos campos cerceia ou favorece essa vertente, que busca remodelar as estruturas de poder, construindo uma representação cultural negra a partir dos primeiros leitores, quais sejam, as crianças.

Palavras-chave: Bourdieu; Negrismo; Literatura infantojuvenil

46 - MEMÓRIA, HISTÓRIA E CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM NEGRA

Coordenação: Jurema Oliveira (Ufes)

Resumo: O presente simpósio tem por objetivo discutir os processos narratológicos e de composição da personagem em narrativas africanas de língua portuguesa e afro-brasileiras. Entendendo-se os processos de figuração de personagens (REIS, 2015) como marco central da elaboração de uma narrativa, pois como já destacara Roland Barthes "não existe uma só narrativa no mundo sem personagens" (1971, p. 43). É uma preocupação no âmbito das discussões a percepção de modelos de composição dos seres de ficção para entender o conjunto de elementos constitutivos da narrativa com personagens negros. Assim, será possível observar em que medida a enunciação e a personagem constituem e são constituídas por experiências afro-centradas, reunindo traços que caracterizam um comprometimento com a produção literária africana de língua portuguesa que descende direta ou indiretamente da tradição oral. A discussão poderá refletir acerca da produção literária durante a colonização, no pós-guerra de libertação, no pós-guerra civil e também na contemporaneidade, percebendo o legado recebido pelas novas gerações de escritores africanos de língua portuguesa. Em relação ao Brasil, desde a década de 1970, uma nova geração de escritores afro-centrados vem assumindo a responsabilidade de produzir uma literatura negra que traduza,

seja no romance, no poema, no conto, na crônica, enfim, na obra literária, na bibliografia e, mesmo, nos textos científicos, uma escrita que busque responder de forma plena a toda a dimensão humana e espiritual da população afro-centrada, procurando contextualizar as nuances de sua formação e produção. Ambiciona-se, com isso, construir um amplo espaço de discussão acerca da literatura afrocentrada brasileira, focalizando prioritariamente os processos de composição literária, porém sem perder de vista os elementos impulsionadores para a formação de determinada literatura nos mundos da ficção. Pretende-se analisar os processos de composição da personagem negra, percebendo as estratégias concatenadas para engendrar as engrenagens narrativas. Também será parte das reflexões do presente simpósio a cadência de imagens que se misturam para gerar a literatura negra, focando, ainda, nos elementos motivadores para a sua produção. A expectativa é a de reunião de olhares em que se conjuguem as motivações extratextuais e intratextuais para a composição narrativa, porém com foco centrado nos alicerces presentes na teoria da literatura para a produção de uma literatura denunciadora e enriquecida pelo muitos elementos que a constituem. O presente simpósio espera conjugar propostas comparativistas, bem como trajetos isolados, no campo dos estudos das literaturas africanas de língua portuguesa e afro-centradas. Há, portanto, a perspectiva de perceber e refletir sobre os movimentos presentes na construção dos mundos e submundos de personagens no campo dessas literaturas, averiguando os diferentes espaços de construção, mas, principalmente, desnudando os muitos matizes da estruturação do personagem negro na literatura africana de língua portuguesa e brasileira, seja a partir do seu próprio olhar, seja pelos meios como esse negro foi olhado no decorrer dos tempos. Desse modo, por meio de uma narrativa que traz nos estilos, novas sintaxes, novas subjetividades e novas interpretações representativas do modo de ser negro e que necessita de uma reflexão sobre o conjunto abarcado pela novidade presente na irrupção de uma literatura marcada também pelo lugar de fala. Nessa perspectiva, procura-se ler nas narrativas as memórias, as histórias e os processos de criação, que contam com experiências/vivências individuais e coletivas em obras de autores africanos de língua portuguesa e afrocentrados brasileiros. A leitura de tais obras será realizada pela via dos estudos narrativos, percebendo os processos de configuração das personagens e entendendo as muitas nuances envolvidas na composição dessas narrativas.

REFERÊNCIAS:

- BARTHES, Roland. "Introdução à Análise Estrutural". In: BARTHES, Roland *et al.* *Análise estrutural da narrativa*. Rio de Janeiro: Vozes, 1971. p.19-60.
- CUNHA Junior, Henrique. "Ntu". Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/9385/5601>
- OLIVEIRA, Jurema. "As marcas da ancestralidade na escrita de autores contemporâneos das literaturas africanas de língua portuguesa". In: *Signótica Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística/Faculdade de Letras*. – Goiânia: Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística/Faculdade de Letras, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/sig/issue/view/1534/showToc>.
- _____. "A poética da ancestralidade em narrativas contemporâneas de autores de Moçambique e Angola". CUNHA, Betina Ribeiro Rodrigues da; ARANTES, Luiz Humberto Martins & CARMO, Maria Suzana Moreira do (Org.). In: *Tantas margens: reflexões sobre literaturas e arte*. Uberlândia: Edufu, 2017.
- REIS, Carlos. *Pessoas de livro: estudos sobre a personagem*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2015.
- SILVA, Luciana Moraes da. *Figurações da personagem e o universo insólito nos novos discursos fantásticos: narrativas curtas de Murilo Rubião, Mário de Carvalho e Mia Couto*. 2016. 216 p. Tese (Doutorado em Letras) - Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil; Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal, 2016. Disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/39121#>.

31 de julho
8h30

VOZES DE VELHAS NEGRAS: TIA NASTÁCIA DEIXOU HERDEIRAS?

Dalva Martins de Almeida (UnB)

Resumo: De que espaços surgem as personagens avós-negras na literatura infantil contemporânea? No caso da literatura infantil brasileira contemporânea, é possível dizer que as avós-negras são personagens criadas ou inspiradas em Tia Nastácia? O presente texto parte da reflexão em torno das possíveis representações resultantes da relação dialógica entre as personagens híbridas, avós-netas negras, na literatura infantil contemporânea. E põe em discussão a ausência de vozes negras na literatura infantil, campo representado apenas por avós brancas e seus possíveis netos e interlocutores, e a necessidade de ruptura com o processo de apagamento da personagem negra. Para tanto, busca-se discutir a afirmação das identidades negras na sociedade brasileira contemporânea, através do reconhecimento da ancestralidade como elemento diaspórico, de valorização histórico-cultural de matrizes africanas, por um lado. Por outro viés, a revelação do espaço-tempo como categoria promotora da trajetória da tradição oral, expressiva de memórias afro-brasileiras, como proposta de reordenação do mito da democracia racial à brasileira. A reflexão será conduzida de modo interdisciplinar, por intermédio das contribuições dos estudos culturais e de crítica literária.

Palavras-chave: Ancestralidade; Identidade; Autoria; Personagens

MEMÓRIA E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE EM DIÁRIO DE BITITA, DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Daniela de Almeida nascimento (UNESP)

Resumo: Este trabalho propõe um estudo analítico de Diário de Bitita (1982 na França e 1986 no Brasil), enquadrando-o na tradição da literatura negra brasileira. Publicado postumamente, a narrativa da escritora Carolina Maria de Jesus oferece uma leitura da história sob uma perspectiva rara na literatura brasileira: a infância e juventude de uma mulher negra, que desafiou e superou imensas adversidades para existir desde seu nascimento numa pequena cidade de Minas Gerais, Sacramento, seu êxodo e errância por cidades mineiras e paulistas do interior, até a sua chegada a cidade de São Paulo. As memórias de Diário de Bitita são tão individuais quanto são coletivas: trata-se da vida e da formação da autora-narradora e é a história daqueles que ficaram circunscritos às margens do desenvolvimento e do “progresso” do país. Cronologicamente anterior aos seus primeiros dois livros autobiográficos, Quarto de despejo (1960) e Casa de alvenaria (1961), Diário de Bitita, apesar do título, situa-se nas fronteiras entre memórias e autobiografia e integra o que reconhecemos ser um projeto literário idealizado, indicativo de uma busca por coerência e globalidade no qual Carolina de Jesus coloca-se como a autora da sua própria história, construindo, textualmente, sua identidade como escritora, mulher negra, brasileira, mas também como herdeira e participante de uma tradição ancestral africana. Este trabalho propõe uma análise da construção dessa identidade mediante o diálogo que a narrativa estabelece entre literatura, memória e história, o individual e o coletivo em quatro esferas: 1) a da autoria; 2) a do ponto de vista; 3) a da temática e 4) a da discursividade. O aporte ideológico de Diário de Bitita é exatamente essa relação entre literatura, memória e história por meio da qual a autora-narradora constitui-se sujeito situado historicamente.

Palavras-chave: identidade; literatura negro-brasileira; memória.

A MORTE E A DOR PRESENTES NA VIDA DAS PERSONAGENS NEGRAS DE BOM DIA, CAMARADAS, DE ONDJAKI E DE O SÉTIMO JURAMENTO, DE PAULINA CHIZIANE

Kátia Marlowa Bianchi Ferreira Pessoa (UNIPAC); Maria Cândida (UNIPAC)

Resumo: Este trabalho tem por objetivo destacar o sentimento de dor causado pela presença da morte nas narrativas Bom Dia, Camaradas, de Ondjaki e O Sétimo Juramento, de Paulina Chiziane. Apesar dessas se desenrolarem em países diferentes, possuem em comum o fato de pertencerem ao

mesmo continente, serem ex-colônias de Portugal – Angola e Moçambique- e partilharem da presença da morte, cuja dor marca a vida das personagens: o menino narrador (sem nome) de Bom dia, Camaradas e a família de Davi de O Sétimo Juramento. Essas observações de dão sob a ótica das teorias de Lourenço do Rosário, Moçambique- história, culturas, sociedade e literatura; Aspectos da Pós Colonialidade: O regresso na literatura portuguesa contemporânea in: Flávio Garcia; Inocência Mata (Org.) Pós-Colonial e Pós-Colonialismo: Propriedades e Apropriações de Sentido; Jane Tutikian, Velhas identidades novas- O pós-colonialismo e a emergência das nações de língua portuguesa, Edward Said, Cultura e Imperialismo e Stuart Hall, A Identidade Cultural na Pós-Modernidade. Nesses textos, os autores apresentam como enfoque principal, discussões acerca da situação social, política e econômica de Angola e Moçambique no período colonial e pós-colonial, assim como oferecem subsídios para a compreensão da dor da morte devido às perdas significativas na vida das personagens onde a busca da identidade também se reflete nas obras de ficção estudadas. Constatase que as duas narrativas- Bom Dia, Camaradas e O Sétimo- Juramento apresentam como espaço temporal o período pós- colonial assolado pelo término da guerra civil, que sucede a da independência nos dois países. Pretende-se assim neste trabalho, destacar as semelhanças que existem entre as personagens dessas narrativas no que se refere à dor causada pela constante presença da morte.

Palavras-chave: Morte; Dor; Negros; Pós-colonialismo; História.

A NEGRA DE UM PEITO SÓ: UM RETRATO DA MEMÓRIA LITERÁRIA NOS FOLHETOS DE CORDEL

Leticia Fernanda da Silva Oliveira (UNESP)

Resumo: Neste trabalho buscamos analisar a maneira como a memória literária é fundamental para a transmissão das histórias populares contadas pelos poetas de cordel, trazendo para essa discussão reflexões também sobre os conceitos de oralidade e originalidade. É possível afirmar que tudo já está dito, então, pensando logicamente, o novo seria impossível. A importância do texto literário e sua originalidade é pensar que a arte tem o poder de ser reinventada mesmo quando aborda os mesmos assuntos, pois cada autor explora aquilo que mais lhe convém, de maneira própria. Utilizaremos, portanto, de conceitos estabelecidos por importantes autores como Paul Zumthor, Jerusa Pires Ferreira e Tiphaine Samoyault. Como exemplo das personagens muito difundidas pela Literatura de Cordel,- assim como os arquétipos das personagens Imperatriz Porcina, Donzela Teodora, Pedro Malasartes e Carlos Magno- escolhemos a Negra de um peito só, protagonista de vários folhetos e alvo de discursos pejorativos e caricaturizados. Herdeira da tradição da literatura erudita e dos valores católicos e das elites, que constantemente rebaixavam as mulheres negras, colocando-as sempre em estado de menoridade perante personagens brancas, a Literatura de Cordel incorpora em si esse imaginário coletivo, majoritariamente misógino e racista. Baseando-nos no conceito de representação estipulado por Roger Chartier, que busca demonstrar como o fato dos dominadores possuírem a voz, e, conseqüentemente, o poder de manipular a própria imagem e a imagem do Outro, é possível refletir sobre como essas percepções do social, claramente expostas na literatura, não são de forma alguma discursos neutros, embora muitas vezes almejem falsear uma neutralidade. O que se pretende com essa estratégia é impor autoridade àqueles que devem continuar dominados, sendo as mulheres negras um claro exemplo destes grupos minorizados pelos poderosos. Sendo assim, as imagens calcadas nos folhetos de cordel reproduzem os estereótipos vigentes naquela sociedade. As negras figuram como uma caricatura do mal e, desta forma, muitas vezes o retrato que se cria é totalmente despersonalizado, e esta passa então a figurar como um retrato da deformidade e da incompletude. Reforçavam estes estigmas as teorias científicas da época, que criavam os retratos das mulheres, dos negros, das crianças, ou seja, das minorias sociais, como seres inferiores aos homens brancos, estes sim dotados de todas as capacidades para o pleno desenvolvimento de seus corpos e de suas mentes. Sendo mulher e negra, o retrato alicerçado na memória popular era amplamente caricaturizado. A mulher negra estaria então fadada não apenas à subalternação social, mas também à subalternação literária.

Palavras-chave: Negra de um peito só; oralidade; memória literária

TESTEMUNHO, MEMÓRIA E VIOLÊNCIA: NARRAR PARA RESISTIR

Linda Maria de Jesus Bertolino (UnB)

Resumo: RESUMO: O presente estudo tem como objetivo apresentar discussões acerca dos termos testemunho, memória e violência, na escrita do romance *Diário de Bitita* (2014), da escritora Carolina Maria de Jesus, sujeito que vivencia e testemunha a violência e, que termina por fazer da escrita narrativa um instrumento de liberdade e resistência. Partirei da compreensão de que a escrita do *Diário de Bitita* se constitui como um testemunho, uma vez que termina por dar forma à reelaboração dos acontecimentos silenciados pela memória e história da violência social, cultural e física sofrida pelo negro no Brasil, o que impõe pensar que essa narrativa trata, portanto, de uma escrita pessoal de si e do outro, cuja memória é construída a partir da vivência de quem sofreu e testemunhou todos os tipos de exceção de direitos humanos, em uma sociedade tipicamente orientada por valores culturais brancos. Para dar sustentação à resignificação dos fatos, re-(a) apresentados a partir da memória de quem escreve, partirei do entendimento de que as cenas narradas - pelo eu (escritor) que testemunhou e vivenciou a violência - terminam por fazer da narrativa uma sustentação documental do viés discriminatório e excludente imposto ao sujeito negro. Assim, direi que a fidelidade da representação de quem narra a experiência da violência, faz da memória um dispositivo de tradução dos traumas vivenciados, sendo, pois, essa vivência que valida o testemunho e o conhecimento de quem escreve. Para desenvolver a noção de testemunho e memória recorro às discussões de Seligmann-Silva (2003) e do filósofo Paul Ricoeur (2007), já para falar de violência recorro às ideias de Giorgio Agamben (2010).

Palavras-chave: Testemunho; Memória; Violência; Negro; Resistência

31 de julho

14h30

AS MENINAS NEGRAS: REPRESENTAÇÃO DA INFÂNCIA EM UM DEFEITO DE COR E BECOS DA MEMÓRIA

Maria Aparecida Cruz de Oliveira (UnB)

Resumo: No pensamento cartesiano, enquanto a loucura é condição de impossibilidade do pensar, a infância é o que resiste à disciplina metódica da razão. Em *Emílio ou da educação*, Rousseau sugere que a infância é não razão espontaneamente orientada para a razão.” (Weinmann, 2014), no entanto há representações literárias em para as crianças negras essa orientação é negada, elas devem permanecer na não razão. Assim, ser criança é uma modalidade da não razão e ser negro também é ser colocado na não razão, em um contexto racista. Bell Hooks problematiza a ausência da mulher negra no trabalho intelectual, os empecilhos para que ela não seja considerada uma intelectual em potencial e como ela mesma se tornou uma intelectual negra. O intelectual é para Hooks muito do que percebemos na criança Kehinde de *Um defeito de cor* de Ana Maria Gonçalves (2010): “no meu caso voltei-me para o trabalho intelectual na busca desesperada de uma posição oposicional que me ajudasse a sobreviver a uma infância dolorosa” (Hooks, 1995, p. 465). Kehinde não foi uma intelectual reconhecida como Hooks é, mas ela ensaiou a vida intelectual desde a infância, começando pela tentativa e de ter uma formação educacional, superou a sinhazinha que tinha dificuldade em aprender, logo na vida adulta escreve um diário para seu filho conhecer sua história de luta e resistência. Tornar-se intelectual para as meninas negras é uma forma de entender o mundo e sua própria realidade, sem desassociar da política do cotidiano. Maria-Nova de *Becos da Memória* de Conceição Evaristo (2006) e Kehinde têm consciência das barreiras para uma menina negra se envolver com as atividades do pensar, mas também entendem que a liberdade de seu povo e a restituição de humanidades negadas estão relacionadas ao trabalho intelectual, ao pensar os modos como as epistemologias negras têm sido desautorizadas. Desse modo o objetivo deste artigo é mostrar como as meninas negras desses romances projetam-se como intelectuais para resistir ao racismo. Para isso utilizarei o conceito de intelectual de Bell Hooks (1995, p. 468): “intelectual é

alguém que lida com ideias transgredindo fronteiras discursivas, porque ele ou ela vê a necessidade de fazê-lo. Mostrarei como percebo nessas personagens uma qualidade de abertura crítica que permite a transgressão.

Palavras-chave: Infância, Conceição Evaristo, Ana Maria Gonçalves

NUANCES DO AMOR NA LITERATURA: LITERATURA, AMOR E HUMANIZAÇÃO NEGRA

Mariana Santos de Assis (UNICAMP)

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo analisar as relações amorosas e afetivo-sexuais de sujeitos negros construídas na literatura. Entendemos que a literatura assumiu papel fundamental no processo de construção de uma identidade nacional, sobretudo no que se refere à formação do povo brasileiro. A imagem do índio como o grande herói nacional e da miscigenação entre brancos e indígenas como as origens desse grande povo foi o carro-chefe de nossa identidade nacional, durante o século XIX, sobretudo durante o Romantismo. Nesse contexto, o negro foi totalmente invisibilizado, principalmente nas chamadas Primeira e Segunda Geração Romântica ou aparece de forma generalizada, um pretexto para criticar a escravidão, como vemos na Terceira Geração (DUARTE, 2009, 2013; PROENÇA FILHO, 2004). Apenas no século XX vemos o negro surgir como personagens e protagonistas das obras mais estudadas e reconhecidas até os dias de hoje, no entanto, ainda não há uma superação dos estereótipos racistas da escravidão. Nesse contexto, as relações amorosas entre sujeitos negros ficam impossibilitadas, pois não há qualquer contribuição da cultura africana ou afro-brasileira na construção do modelo de família, das relações amorosas ou do próprio conceito de amor construído em nossa literatura. Sabendo que a literatura consolida conceitos e ideologias (CANDIDO, 1985, 2004), podemos dizer que o amor passa a ser visto como um sentimento restrito a pessoas brancas ou povos não-brancos (indígenas), desde que estejam dispostos a abrir mão de sua história e ancestralidade, a exemplo de grandes clássicos como “O Guarani” e “Iracema”. Diante disso, pretendemos demonstrar que a literatura negra apresenta uma alternativa para pensarmos as relações amorosas entre pessoas negras e, nesse sentido, representa uma importante contribuição para reverter os processos de animalização de negros e negras empreendido, em grande medida, também pela literatura hegemônica. Já no século XIX, autores como Maria Firmina dos Reis e Luís Gama ofereceram obras emblemáticas, que superaram os estereótipos racistas vigentes até então, além de apresentar uma problematização da personalidade e das relações afetivas entre sujeitos negros. Entre os séculos XX e XXI a produção literária negra é ainda mais profícua e apresenta grandes nomes, tendo um outro salto com a literatura marginal/periférica (SILVA, 2013; NASCIMENTO, 2006). Porém, infelizmente esses autores e autoras ainda são pouco conhecidos do grande público e estão distantes das instâncias de legitimação do cânone, como grandes editoras, currículos escolares, listas de leitura obrigatória de avaliações nacionais e vestibulares etc. (ABREU, 2006). Tal condição impede que essa grande produção cultural cumpra seu papel de reverter o racismo inerente às relações sociais no país, sobretudo no que se refere às relações sociais e afetivas entre negros e negras, por isso nosso objetivo é dar visibilidade a essas obras bem como analisar seu conteúdo e potencial humanizador, por meio da valorização e viabilização do amor negro.

Palavras-chave: Literatura negra; Amor; Racismo

O REALISMO ANIMISTA E A CONSTRUÇÃO DAS PERSONAGENS MARIA DAS DORES E PONCIÁ VICÊNCIO

Tamires Maiara Santos Araújo (UNIMONTES); Telma Borges da Silva (UNIMONTES)

Resumo: Autora: Tamires Maiara Santos Araújo (UNIMONTES)- Bolsista da Capes/ FAPEMIG Orientadora: Telma Borges da Silva (UNIMONTES) Resumo: A proposta desta comunicação é apresentar algumas proposições iniciais acerca da relação entre a personagem Maria das Dores, do romance O alegre canto da perdiz (2008), da autora moçambicana Paulina Chiziane, e a personagem Ponciá Vicêncio, do romance que leva o mesmo nome, da escritora mineira Conceição Evaristo. Este estudo comparado pretende levar em conta a suposta presença do conceito de realismo animista,

postulado inicialmente pelo escritor angolano Pepetela, e analisar como é acionado pelas respectivas personagens como uma forma de reencantar o mundo pós-colonial, a partir de um inconsciente animista. Sabemos que, “nas literaturas africanas a natureza dos acontecimentos está calcada nas crenças religiosas animistas, nos antepassados e em poderes que existem na natureza” (SARAIVA, 2007, p. 4). Nesse sentido, é de suma importância estudar essas obras e de maneira especial as personagens Ponciá e Maria das Dores, já que são elas que, muitas das vezes, instauram e ressignificam, em suas vivências, elementos que aparentemente pertencem a um inconsciente animista. De acordo com Garuba (2012, p. 242), “o inconsciente animista é uma forma de subjetividade coletiva que estrutura o ser e a consciência em sociedades e culturas predominantemente animistas”. É nesse contexto que as obras em questão e suas personagens são construídas, visto que as culturas representadas nesses textos evidenciam, de maneira singela e própria dessas autoras, características do animismo.

Palavras-chave: Personagens negras. Realismo animista. Inconsciente

MEMÓRIA E RESISTÊNCIA ANCESTRAL EM PONCIÁ VICÊNCIO, DE CONCEIÇÃO EVARISTO E A VARANDA DE FRANGIPANI, DE MIA COUTO

Jurema Oliveira (UFES)

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo ler criticamente a relação entre memória, oralidade e ancestralidade nas narrativas de Conceição Evaristo e Mia Couto. Em Ponciá vicêncio (2003), a narrativa privilegia um enunciado construído todo no tempo da memória, o pretérito, reforçando o compromisso com a memória vivida, a imaginada e a ancestral. Em A varanda de frangipani (2007), o enunciado elaborado em primeira pessoa oscila entre o tempo passado, o tempo presente e um futuro no plano visível e invisível. Nesse sentido, ambas as obras exploram em sua enunciação o elo com as experiências empíricas que direta ou indiretamente contribuem para a construção da trama romanesca. A primeira narrativa por meio do artifício - memória e repetição das diversas situações ocorridas ao longo da vida da personagem central -, coloca o leitor diante da ausência de práticas ancestrais silenciadas no mundo empírico, mas não excluídas da memória de Ponciá Vicêncio, a protagonista da trama. Metaforicamente, o enredo encena o diálogo entre o mundo dos vivos e dos mortos com uma complexidade recorrente em ficções que privilegiam a afrocentricidade. A segunda obra explora as marcas ancestrais, o rebatismo de um membro da fortaleza, a reconfiguração do sentido dos rituais não cumpridos no tempo preciso e a resistência de um espírito que deseja um funeral de acordo com a sua tradição. As personagens do romance vivem uma experiência intrínseca em relação ao enredo. Não existe enredo sem personagem e à medida que ela adentra o espaço literário identifica-se a vida que vive, assim, como os problemas “em que se enreda, na linha do seu destino – traçada conforme certa duração temporal, referida a determinadas condições de ambiente”. (CÂNDIDO & OUTROS, 1976, p. 53) A trama, o conjunto dos incidentes constitui a ação de uma obra de ficção que só existe por meio das intrigas desenvolvidas pelas personagens: “O enredo existe através das personagens; as personagens vivem no enredo. Enredo e personagem exprimem ligados, os intuitos do romance, a visão da vida que decorre dele, os significados e valores que o animam”. (CÂNDIDO & OUTROS, 1976, p. 54). A intriga só se desenvolve com a participação da personagem, um ser fictício capaz de existir, um ser de papel que vive, paradoxalmente, uma verdade existencial: “Podemos dizer, portanto, que o romance se baseia, antes de qualquer coisa, num certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem, que é a concretização deste”. (CÂNDIDO & OUTROS, 1976, p. 55)

Palavras-chave: Memória; Resistência; Ancestralidade

47 - MITO E POÉTICAS DO IMAGINÁRIO

Coordenação: Alexandre Nunes (UFG); Fábio Cavalcante de Andrade (UFPE); Felipe Aguiar (São Miguel)

Resumo: A literatura e, conseqüentemente, os Estudos Literários, sempre estabeleceram um diálogo intenso com as linguagens e saberes que lhes fazem fronteira. Em alguns momentos esse diálogo foi mais poroso que em outros. Atualmente a perspectiva transdisciplinar representa um espaço de questionamento tanto em relação à noção mais tradicional e estável de literatura, como em relação aos métodos de abordagem de viés formalista do texto literário. Nessa perspectiva transdisciplinar, podemos situar os Estudos do Imaginário que, embora tenham desde cedo eleito a literatura como um de seus objetos preferidos de reflexão, estendem-se para as mais diversas áreas e linguagem artísticas. A proposta desse simpósio é discutir as ressonâncias e aplicações, no das reflexões voltadas para a perenidade da linguagem do mito, do símbolo e da imaginação na literatura e nas artes contemporâneas. Dentro de uma perspectiva *poiética* (do termo grego “poiesis”), de um fazer criador que mergulha no manancial de imagens que fundamenta nossas relações com o mundo, com o outro e com nós mesmos; propomos a partilha de um olhar sobre a textura profunda e velada da cultura em sua dimensão individual e gregária. É possível pensar a valorização da imaginação num grande arco que parte de pensadores como Nietzsche e o historiador e teórico das artes Aby Warburg, até os encontros do círculo de Eranos, a fenomenologia das imagens simbólicas de Gaston Bachelard, o estruturalismo figurativo de Gilbert Durand e o imaginário social de Cornelius Castoriadis; chegando a uma geração mais recente de pensadores, tais como James Hillman, Carlo Ginzburg, Giorgio Agamben e Georges Didi-Huberman. Vê-se uma espécie de amplificação do trabalho das chamadas “hermenêuticas restauradoras”, para usar a terminologia de Durand, ao interpretarem o mito, o símbolo e a imagem simbólica como elementos fundamentais na constituição da cultura e da sociabilidade humanas. Didi-Huberman, por exemplo, insiste numa consagração de sua escrita às imagens. Ao invés da linguagem ser instrumentalizada para dar conta de um saber filosófico que se define exteriormente a ela, é justamente ela – a linguagem – que se transforma, em sua oscilação entre o dizível e o visível, no caminho possível para acompanhar o aparecimento das imagens, reconhecendo-as na sua dimensão gestual – de gesto criador e, por isso mesmo, epistemológico. Acreditamos que a questão da imagem que tanto interessou a Warburg, ele mesmo um pesquisador de grande inclinação trans-disciplinar, pode significar a via para uma reflexão muito produtiva inclusive no tocante à *literatura*, ao deslocar o próprio conceito de literatura para o âmbito mais amplo de um possível pensamento estético contemporâneo, marcado, ele mesmo, por um princípio pluralista incontornável. Pensadores, teóricos e filósofos de tendência multidisciplinar, como Walter Benjamin e Georges Bataille, que se interessaram pela imagem e pela vida das imagens no contexto da sensibilidade moderna e contemporânea, também devem ser considerados importantes temas de comunicação para este simpósio. A idéia de constelações de imagens e imagem dialética de Benjamin, assim como a noção de experiência interior e dispêndio de Bataille e os estudos em torno da Arte da Memória, de Francis A. Yates constituem construtos teóricos profundamente sintonizados com as reflexões mais atuais sobre o imaginário, em suas repercussões artísticas e sociais. Outro desdobramento direto do conjunto de inquietações que esses autores representam é a questão da memória, vista também sob a ótica não apenas da visibilidade da imagem, mas também de sua legibilidade. Sobre a questão da memória, observa-se sob a ótica da legibilidade da imagem que Não há memória sem imagens, assim como não há imagem sem memória. Ampliando esse princípio, diríamos igualmente que não há memória sem fantasma, para usar o inaugural termo aristotélico para se referir à força da imaginação; assim como não há fantasma sem memória. O tempo residual e a anterioridade que desencadeiam o presente são pressupostos basilares da esfera imaginativa – que não a determinam necessariamente, mas a influenciam. A relação das imagens com a memória na literatura e na arte contemporânea, e com temporalidades disjuntivas, através de noções como as de anacronia, representam também importantes pontos de passagem para a reflexão que este simpósio procurará proporcionar. Por fim, a disposição do simpósio é abrigar comunicações que nos permitam refletir sobre as relações entre mito, arte e memória – do ponto de vista da literatura contemporânea em seu constante diálogo

com as mais variadas linguagens artísticas (teatro, fotografia, música, cinema e dança). Nessa reflexão, ao que parece, devemos buscar compreender o percurso da imagem e do imaginário no pensamento estético moderno e contemporâneo em seus vínculos com a cultura e com a sociedade.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. *Nudez*. Trad. de Davi Pessoa. São Paulo: Autêntica, 2014.
- BATAILLE, Georges. *O Erotismo*. Trad. de Fernando Sheibe. São Paulo: Autêntica, 2013.
- CALASSO, Roberto. *A Literatura e os deuses*. Trad. de Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das letras, 2004.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *A imagem sobrevivente: história da arte e tempo das fantasmas segundo Aby Warburg*. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.
- _____. *A semelhança informe: ou o gaio saber visual segundo Georges Bataille*. Trad. de Caio Meira, Fernando Scheibe e Marcello Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.
- PAZ, Octavio. *A Outra Voz*. Trad. de . São Paulo: Siciliano, 1992.
- SCHOLLHAMMER, Karl Erik. *Além do visível: o olhar da literatura*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2016.
- WARBURG, Aby. *Histórias de fantasmas para gente grande: escritos, esboços, conferências*. Trad. de Lenin Bicudo Bárbara. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- OLIVEIRA, Alexandre et Al. *Deslocamentos críticos / Itaú Cultural*. São Paulo: Babel, 2011.

31 de julho
8h30

ORFÃOS DO ELDORADO DE MILTON HATOUM: MITOS E IMAGINÁRIOS EM DISCUSSÃO

Manuella Mirna Enéas de Nazar (UFPE)

Resumo: Conforme Campbell, há um mito para cada época, pois cada uma traz demandas, sendo o mito passível de transformação. A força dessa narrativa se alia ao caráter ativo e possível do imaginário e da memória, que, segundo Joachim, mexem com o sistema mítico de um povo. Mas mitos não são inventados por força da vontade, são eles os dotados de força de surgimento e de transformação, bem como de irradiação e atualização. Na contemporaneidade não seria diferente. Na Era das tecnologias e multiplicidades, a força cultural, política e econômica da globalização dita mudanças em escala global. A tendência para a horizontalidade de padrões convive com as diferenças inerentes às diversas nações e culturas. O sujeito, frente aos questionamentos das antigas fronteiras, tanto materiais quanto ideológicas, fragmenta suas noções. Assim, o homem chega ao século 21 tendo visto seu mundo original ruir, suas certezas serem questionadas e seu berço geográfico e ideológico ser destronado, de forma que o mito hoje dialoga com realidades em (des)construção. Nesse cenário, o imaginário fornece para o homem uma estrutura, imaterial e sem amarras. Muitos teóricos fundamentam os estudos do imaginário. Dentre eles, atentamo-nos a Durand, Jung, Castoriadis, entre outros. Ilustrando, Durand, com sua perspectiva antropológica, permite-nos ver o imaginário identificado com o mito, constituindo-se um mundo de representações. Jung, ao desenvolver o conceito de arquétipo aliado ao de imaginário, favorece-nos a compreensão de imagens primordiais do inconsciente coletivo e concretas da percepção. Já Castoriadis atrela imaginário à coletividade, levando-nos à atenção com sistemas simbólicos diversificados com amplitude de produção e circulação de imagens verbais e mentais. Em compasso com esses estudos está Warburg e sua ideia de sobrevivência; de temas, estilos, motivos, que retornam em uma lógica pulsional e sintomatológica através de imagens peregrinas. Pensa-se, assim, em recorrências e deslocamentos, em ondas mnêmicas. Expressão warburgiana retomada por Calasso que traz inclusive a importância da memória nessas conexões, onde presente e passado cruzam-se e reinventam-se. Se o poder do imaginário é inegável e sua dinâmica criadora, sendo capaz de se transformar como o mito, a memória é inventiva e anacrônica, podendo mobilizar

ficções culturais, que Assmann chama de mitos histórico-significantes. Assim, interessa para este trabalho a ideia de memória como motor do agir ao contribuir para a de imaginário e a de mito no que têm de significantes e de operadores de significados. Nesses contextos e sob esses olhares, este trabalho propõe-se a analisar Orfãos do Eldorado de Milton Hatoum, buscando enxergar as ressonâncias transfiguradoras de mitos e de imaginários acionados e rediscutidos pela obra em busca de significados, percebendo também os jogos de memória empreendidos. Uma obra que faz esses diálogos mostra um tempo relacional e a força da sobrevivência. E, ainda uma vez, estamos atentos a isso, um presente constituído pelas ruínas do passado e um passado ainda presente. Treinamos o olhar à Agamben, voltando-se sobre o presente em busca de obscuridades, sabendo que, para entendê-las, é preciso um olhar anacrônico, que, em seu deslocamento, perceba as intenções e os redimensionamentos dos retornos.

Palavras-chave: imaginário; mito; memória; Órfãos do Eldorado

MITOLOGIAS DO IMAGINÁRIO EM BORGES: A LEITURA DO MITO E O ENGAJAMENTO LITERÁRIO

Graciane Cristina Manguiera Celestino (UnB/UNIPLAN)

Resumo: A presente pesquisa busca investigar em que medida a linguagem não se limita à literatura e nem vice-versa. Ambas estão em um momento de corroborar provas de que há um funcionamento que participa de sua compreensão geral no campo social de interação. A análise que se propõe da experiência leitora de Borges é como sua imbricação resulta do processo de escrita. A linguagem, para Foucault, “produz sem parar novos objetos, faz emergir a luz e a sombra, faz rachar a superfície, desarruma as linhas” (2009, p. 181). Destarte, os formatos de narrativa que perpassaram o texto organizado por Jorge Luís Borges e Marguerita Guerrero, tanto as que consideravam indicativas dos registros narrativos de si, quanto as que consideravam relacionadas às culturas que estavam sendo segregadas durante o regime peronista, remeteriam a totalidades impossíveis, a atos de imersão, produção, indicando a força da narrativa do imaginário e como se seleciona aquilo que será ou não registrado. Este estudo é parte da tese de doutorado, Mitologias do Imaginário em Borges: Literatura e expressões de poder na leitura, em andamento na Universidade de Brasília, tendo como ponto central a discussão acerca do mito, narrativas do imaginário e subjetivação leitora. “O desejo de ler ou reler é um desejo de conhecimento que nasce de uma vontade de compartilhar com os outros leitores, e a palavra desempenha um papel essencial” (ROUXEL; LANGLADE; REZENDE, 2013, p. 73), neste sentido o trabalho que se apresenta busca refletir a relação entre mito e linguagem e sua interação com as mitologias do imaginário apresentadas. Salienta-se que O Livro dos Seres Imaginários, objeto de análise da pesquisa, como já mencionado anteriormente, foi primeiramente publicado como Manual de Zoologia Fantástica em 1957, em colaboração com Marguerita Guerrero. Sua organização iniciou-se em 1953, aproximadamente, dez anos depois de sua publicação. Em 1967 foi ampliado por Borges, ganhando o título de O Livro dos Seres Imaginários. Sendo assim, sua escrita é bem anterior às reflexões atuais relacionadas à constituição de uma subjetividade que analise a formação dos processos de leitura interna, individual, como proposta de isolamento que constitua a subjetividade leitora. As ideias iniciais para organização da antologia de seres fantásticos em 1953 podem indicar um esforço tanto de Borges quanto de Guerrero, de resistir a uma política cultural difundida pelo peronismo na Argentina, que na época tinha a intenção de caracterizar a identidade nacional como único atributo da cultura de um todo social. Isso, no entendimento tanto de Borges quanto dos demais intelectuais antiperonistas, se configurava em tentativas fascistas de isolamento e rigidez cultural (AGUIAR; VASCONCELOS, 2001). Entende-se por rigidez cultural a rejeição drástica das contribuições novas oriundas de outras nações, povos ou culturas, instalando uma tensão nos produtos culturais já estabelecidos (AGUIAR; VASCONCELOS, 2001).

Palavras-chave: Imaginário, subjetividade, engajamento e leitura

A FIGURA MITOLÓGICA COMO BASE PARA A CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO POÉTICO NA OBRA DE ANTONIO CICERO

Sara Gonçalves Rabelo (UFU)

Resumo: Desde tempos remotos, as façanhas dos deuses foram imortalizadas pelas artes. Assim, após séculos, músicas, esculturas, peças de cerâmica, jogos e poesias ainda guardavam sua memória. Os poetas arcaicos, que falavam inspirados pelas Musas, estavam encarregados de conservar os feitos memoráveis realizados pelos heróis, como Ulisses, Teseu e Hércules. Por outro lado, atribuíam-se às Musas a capacidade que o poeta tinha de memorizar os longos cantos para a recitação, uma vez que a linguagem oral era predominante naquela época. Os deuses foram cultivados como fuga da realidade, ou seja, eram seres sublimes que viviam concomitante ao mundo real, porém invisíveis para os olhos humanos, o que os levou à antropomorfização nas forças da natureza. Dessa forma, a mitologia surgiu como um modo de auxiliar o homem a lidar com as eventuais dificuldades humanas, além de propiciar uma justificativa para os fenômenos terrestres – tempestades, raios, trovões, terremotos – e situações extremas de amor e ódio. Sob esse viés, a poesia se firmou, na antiguidade, tentando exaltar as divindades e, considerada sagrada, fazia parte de uma sociedade que ainda não possuía o conhecimento da escrita como um meio de manter preservado o passado. Com isso, no contexto de uma comunidade basicamente oral, a poesia encontrou um valor semelhante ao das profecias, já que tanto o passado quanto o futuro estavam distantes do presente vivido naquele contexto. Além disso, a poesia sempre se sentiu atraída pelos mitos como uma forma de mistério e embelezamento estético, provocando a criação de imagens literárias que permeavam o imaginário popular. Na poesia contemporânea, os eventos mitológicos continuam sendo retomados, o que não poderia ser diferente nas obras de Antonio Cicero, o qual lança mão, em suas produções, de personagens mitológicos para construir imagens relacionadas aos atos e perplexidades humanos. Segundo o autor, “o mito é um arquétipo imemorial, incriado, que os poetas, por um processo de anamnese, recuperam para a comunidade a que pertencem” (CICERO, 2009). Dessa maneira o discurso reconhece, através de canções e versos, ainda na atualidade, a importância dos deuses, logo o conceito do poeta como criador de mitos é comum na contemporaneidade. Portanto, neste trabalho, tendo como embasamento teórico as obras de Mircea Eliade, Luis Sérgio Krausz, Jean-Pierre Vernant, Roland Barthes, Gaston Bachelard, dentre outros, além da obra de Hesíodo, Teogonia, serão analisadas as figuras mitológicas que permeiam o imaginário das obras de Antonio Cicero, com o intuito de compreender a construção de sua poesia.

Palavras-chave: Mito; Musas; Antonio Cicero.

31 de julho

14h30

DRAMATURGIAS, IMAGENS E IMAGINÁRIOS DA CENA CONTEMPORÂNEA

Alexandre Silva Nunes (UFG)

Resumo: No contexto das transformações contemporâneas das artes da cena, a noção de dramaturgia é possivelmente uma das ideias que passou pelas maiores reformulações. Se, até o século XIX, o texto dramático ocupava o centro das discussões teóricas no campo da poética teatral, com o surgimento da figura do encenador, esse princípio se alterou por completo. Como observa Jean-Jacques Roubine (ROUBINE, 2003), essa transformação não implicou apenas na consciência sobre a importância da perspectiva do diretor sobre a obra literária utilizada como referência, mas abriu margem para uma compreensão mais ampla sobre a natureza da linguagem teatral, em sua diversidade expressiva. É a partir destas transformações que a linguagem da cena, em sua singularidade específica, passa a ser verdadeiramente estudada, dando cidadania às diversas línguas não-verbais que constituem a linguagem teatral. Poderíamos falar em termos de cenografia, figurino, iluminação, trilha sonora, gestualidade, entre outros elementos, para além da palavra falada, mas isto ainda seria insuficiente. De fato, é a noção de poética teatral, em sua amplitude, que se altera e são mais precisamente as interações entre essas diversas línguas, em seu caráter irredutivelmente interconectado, que marcarão as transformações de perspectiva mencionadas. Ainda que propositadamente em situações de desarmonia, é essa interação que irá estabelecer os

caminhos para a composição e leitura da cena, com possibilidades mais ou menos abertas ao acaso. Por outro lado, apesar de todas essas transformações do estatuto cênico, levou ainda algum tempo para que se começasse a pensar que era afinal o significado do substantivo dramaturgia, em si, que necessitava ser repensado. No âmbito da teoria do teatro pós-dramático (LEHMANN, 2007), pode-se falar hoje de dramaturgia sob um prisma amplo, do qual participam também todos os discursos visuais e sonoros que compõem a cena, para além da comunicação verbal. Lehmann menciona não apenas as implicações do fim da hierarquia entre linguagens, como também as possibilidades de se pensar a cena a partir de apenas alguns desses componentes, em circunstâncias que extrapolam a noção aristotélica de estrutura dramática (LEHMANN, 2015): corpo e luz; música e verbo; objetos, sons e gesto; etc. Nesta comunicação, nos propomos a discutir as mudanças do conceito de dramaturgia coadunando-as às ferramentas de estudo das narrativas simbólicas que constituem as chamadas teorias do imaginário. Pretende-se com a conexão entre os campos da cena e da antropologia do imaginário, entrever a constituição de narrativas mitopoéticas múltiplas e capazes de orquestrar polissemias simbólicas. Mais do que propor o uso de narrativas míticas na composição cênica, nossa ideia é a de exercitar a leitura simbólica da cena, para além das pretensões dos próprios autores. Afirma-se assim, a inevitável ocorrência de discursos míticos de fundo, cabendo mais ao artista tomar consciência dos simbolismos que evoca, em sua conjugação de ideias, do que, propriamente, decidir por utilizá-los.

Palavras-chave: Dramaturgia; Imaginário; Cena Contemporânea.

IMAGINAÇÃO CRIADORA: VISUALIDADES NA POÉTICA DE MANOEL DE BARROS

Cleide Alves de Queiroz (UFPE)

Resumo: Apesar de, recentemente, amplamente debatida, a relação entre a literatura e as artes visuais encontra suas bases na antiguidade clássica. Segundo Praz (1982) é na tese de Horácio, acerca da relação entre a pintura e a poesia, que se encontra, em registro de estudiosos entre-artes, a primeira menção ao fato de ser a poesia como a pintura, sendo seguida de apontamentos como o de Simônides de Cós que toma a pintura como poesia muda e a poesia como pintura falada. Nesse sentido, este trabalho buscará estabelecer um diálogo dos poemas de Manoel de Barros com o imaginário das artes visuais tendo em vista que o poeta usa da imagem em sua função de caligrama, de dizer de outro modo o que a própria palavra já se ocupou em projetar, o que cumpre, segundo Foucault, um anseio criativo de duplicidade ao representar algo, buscando desafiar o leitor a cerca da credibilidade ou não do que dizem as imagens, em seus filtros amatórios. O fazer criador do poeta nos possibilita uma imersão no imaginário manuelino, seja através da metalinguagem, ou através das imagens poéticas que ele constrói nessa relação íntima com o mundo a sua volta. Desse modo, partindo do pressuposto que “cada imagem – ou cada poema feito de imagens – contém muitos significados opostos ou díspares, que ela abrange ou reconcilia sem suprimir” (PAZ, 2012, p.104) e da hipótese que os poemas de Manoel de Barros estão num entre-lugar, desse diálogo (trans)artístico, este trabalho busca, partindo do poema As Lições de R.Q que compõe a 4ª Parte (Os outros: o melhor de mim sou eles) do Livro sobre o nada (1996), investigar como o imaginário das artes visuais está presente no processo criador de Manoel de Barros, especialmente nos livros Livro sobre o nada (1996), Retrato do artista quando coisa (1998) e Ensaios Fotográficos (2010). O poema que abre as portas para o imaginário manuelino vem acompanhado de uma nota sobre como/quando Manoel de Barros conheceu o pintor Boliviano Rômulo Quiroga, e nos possibilita investigar como o imaginário social compartilhado dos artistas (pintor, poeta, escultor, fotógrafo) pode servir de base para uma leitura de suas produções. Assim, dialogamos com DiDi-Huberman quando o mesmo afirma que “não há imagem sem imaginação” (DIDI-HUBERMAN, 2012) e nos aparamos em discussões teóricas que buscam dar conta das questões relativas ao imaginário como Cornelius Castoriadis (2002) e Gilbert Durand (1988), bem como os que se debruçam especificamente sobre a imagem como DiDi-Huberman (2012) e Octavio Paz (2010), no que tange especificamente a imagem poética, esperando resultados que possam nos dar a compreensão sobre o imaginário manuelino que o poeta nos possibilita criar a partir de seus escritos.

Palavras-chave: Artes visuais; Imaginação; Imaginário manoelino

UMA PROPOSTA INVESTIGATIVA A PARTIR DOS CONCEITOS DE PERFORMANCE

Valquíria Guimarães Duarte

Resumo: Esse artigo visa à exploração das múltiplas possibilidades de pesquisa no âmbito Interartístico. O ensaio demonstra como o campo da História e Teoria Interartes aborda as práticas interculturais, orientando-as à investigação e a reflexão hermenêuticas, combinando a tradição e a comparação entre as diversas manifestações temáticas e formais, rumo à crítica a partir da estética comparada. Aqui especificamente, partimos das cenografias teatrais e do campo televisivo. Contemporaneamente já não se pode dizer que a reflexão acerca dos fenômenos complexos pode direcionar-se somente para o campo do imaginário. Se um dia esses estudos conduziram a acreditar em uma ordem maior (o que Freud denominava condensações), hoje a pesquisa tende à análise inter e transdisciplinar, atravessando o fenômeno de várias maneiras - e sem a pretensão de se chegar a um sentido absoluto. Nesse estudo propomos um diálogo com a psicanálise, “rumo às fantasmagorias”. Apresentamos uma proposta investigativa que parte dos conceitos Performance Conceitual, Performance Process, Techo-performance e Performance (In) Doors, (Out) Doors. A Performance se torna uma estratégia por excelência na apreensão de uma história crítica entre imagem, texto, som e corpo, já que nasce em uma zona de entrelaçamento intertextual - em um ponto de encontro entre diferentes linguagens artísticas - , cujas formas de diálogo não convencionais incidem com maior ou menor força. Nesse sentido, muito interessante para uma história crítica da Direção de Arte. O que pretendemos, ao final, é mostrar que a crítica, hoje, não pode somente se basear no campo do imaginário, mas deve incluir o campo da imaginação, no sentido freudiano.

Palavras-chave: Estudos interartísticos; Performance; Cenografias

1 de agosto

8h30

A IMAGINAÇÃO MATERIAL COMO UMA POÉTICA DE RESSONÂNCIA ESPIRITUAL EM DORA FERREIRA DA SILVA

Fernanda Cristina de Campos (UFU)

Resumo: A obra de Dora Ferreira da Silva revela-se como um berço imagético que engendra uma poesia singular, em estado puro, cuja linguagem reverbera essências cósmicas e sacras por meio de imagens referentes aos quatro elementos: o fogo, a água, o ar e a terra. O lirismo é marcado pela não-referencialidade da palavra poética, mas sobretudo pela potência e dinâmica das cadeias imagéticas que compõem o anima mundi. Itinerários filosóficos acerca da linguagem e da imaginação foram requisitados a fim de alcançar uma compreensão alargada desse lirismo que se abre ao movimento do poético rumo ao pensamento filosófico e numinoso. Assim, postulados que refletem acerca da força da linguagem poética de pensadores como Friedrich von Hardenberg Novalis, Charles Baudelaire, Friedrich Nietzsche, Martin Heidegger, Ernest Cassirer, Giorgio Agamben, Gilbert Durand foram determinantes à pesquisa. Para a consideração mais detalhada dos poemas, buscou-se amparo na metodologia da crítica do imaginário, partindo-se do pressuposto de que o poeta organiza em imagens, símbolos e mitos percepções do trajeto antropológico coletivo. De igual modo, a filosofia fenomenológica de Gaston Bachelard foi decisiva para o construto das análises. Dora edificou um reino poético a partir do fino labor com linguagem, concebendo cantos inigualáveis, dos quais emana uma esfera numinosa a partir da fusão de elementos naturais no campo lírico.

Palavras-chave: Mito, poesia, imaginário, imagens, poesis.

EXÍLIO E METAMORFOSE DENTRO DA TERRA: OS SÍMBOLOS TERIOMÓRFICOS E DA INVERSÃO E INTIMIDADE NO CONTO "O BURACO", EM "TREMOR DE TERRA", DE LUIZ VILELA

Juliana Vittorazze Schroden de Paiva (UFU)

Resumo: Este trabalho busca analisar o conto "O buraco", da obra "Tremor de Terra", de Luiz Vilela, publicada originalmente em 1967. Partindo dos estudos do imaginário, trataremos dos símbolos presentes na narrativa que retrata a imersão de um jovem no próprio buraco que cava no quintal de casa desde a infância. Ao mesmo tempo que submerge na terra, sua transformação em um animal (um tatu) ocorre paulatinamente apresentando uma pluralidade de ressonâncias do imaginário na simbólica animalesca e metamórfica ao mesmo tempo que transcreve os mitos relacionados à terra e seus significados. Trabalharemos sob a ótica dos estudos do antropólogo Gilbert Durand, presentes especialmente na obra "As estruturas antropológicas do imaginário". Neste conto em específico, contrapomos os símbolos teriomórficos representados pelo regime diurno na figura do narrador - que transcende a condição humana para a bestialidade numa busca pela introspecção e silêncio - com os aspectos da descida acolhedora terra adentro nos símbolos da inversão e intimidade, características do regime noturno, tratadas na obra Durandiana. Buscaremos correlacionar os arquétipos presentes neste conto fantástico com as relações sociais e familiares das quais o narrador procura se afastar. Ainda que não rompa em definitivo com o universo externo à sua cova, o ventre frio e silencioso é onde ele se aconchega e se "rebrotar". Trataremos do sentimento de pertencimento à Mãe Terra contrapondo à sensação de inadequação no convívio social. Analisaremos em que sentido ao tornar-se o animal protegido pela couraça e de garras fortes, o jovem passa a se identificar com a caracterização bestial, que se esconde no escuro do buraco, no qual se transforma corroborando assim para a construção de um mito e uma alegoria de sua própria condição humana.

Palavras-chave: imaginário; terra; símbolo; animal; mito

A MENINA DE LÁ E O MENINO DO MATO: REFLEXÕES SOBRE ANIMUS E ANIMA EM MANOEL DE BARROS E GUIMARÃES ROSA

Samita Vieira Barbosa Martins (UFU)

Resumo: À luz da Poética do Devaneio, de Gaston Bachelard, e das reflexões que são desenvolvidas neste sobre animus e anima, o presente trabalho está em busca de perceber como se desenvolvem aspectos do feminino e do masculino no conto A Menina de Lá, de Guimarães Rosa, e em poemas do livro Menino do Mato, mais especificamente a primeira parte, que possui o mesmo título, de Manoel de Barros. Assim, partindo do exercício que o filósofo empreende para perceber as palavras ao se delongar no devaneio sobre elas, reconhecendo como se dão as relações delas ao feminino (anima) e ao masculino (animus), que podem ser já previamente trazidas a nós por elas na própria concordância de gênero que estas apresentam na língua, e que imagens poéticas isso pode suscitar. Ao nos determos à leitura de obras de Guimarães Rosa e Manoel de Barros no geral, já nos fica muito claro o quanto ambos são mestres do que chamo aqui de "jogar" com a linguagem, pensando o termo jogar aqui no sentido do próprio brincar basicamente; um jogo que subverte o real ao transformá-lo em outra coisa, ao apreendê-lo e sublimá-lo. É como se pegassem a língua e a jogassem pra cima, a sentissem, a experimentassem, a apalpassem só para ver o que ela poderia responder a partir desse impulso. E pensar esse jogo com as palavras nestas duas obras em específico nos interessa por serem escritores em que, além de se aproximarem na maestria de sua escrita, fica perceptível a interseção da prosa e da poesia nas suas escritas de uma forma muito fluida. Ambos, creio não ser exagero dizer, "revolucionam" a linguagem poética, fazendo isso seja no âmbito da semântica ou da própria palavra. Para tal reflexão, além de Bachelard, que nos norteia nesses devaneios, buscaremos também um maior apoio nas reflexões de Gilbert Durand, o qual nos leva a um maior aprofundamento nessas abordagens do feminino e do masculino (vendo estes praticamente numa abordagem yin e yang) e também pesquisadores que refletiram mais detidamente sobre os dois escritores.

Palavras-chave: Manoel de Barros; Guimarães Rosa; animus e anima

1 de agosto

14h30

STANISLAW IGNACY WITKIEWICZ - A FORMA PURA E O ÊXTASE MÍSTICO PELA ARTE

Andrea Carla de Miranda Pita (IFG)

Resumo: Neste artigo será abordado um pouco da vida de Stanislaw Ignacy Witkiewicz- o Witkacy(1885-1939) e também da sua “teoria da Forma Pura”. O multi-artista polonês foi pintor, fotógrafo, dramaturgo, romancista, performer, escritor de teoria filosófica e também de uma teoria estética – a teoria da Forma Pura. Entre uma espécie de formalismo e expressionismo, a Forma Pura será o ideal buscado em suas obras e como achava que deveria ser a arte, último reduto da possibilidade de experienciar o “mistério da Existência” à sua época e no futuro. É possível dizer que na teoria da Forma Pura moram germes do que viria a ser uma parte importante da performance-arte e do teatro contemporâneo.

Palavras-chave: Forma Pura; Êxtase místico; Arte.

IMAGEM E CORPO: A SOBREVIVÊNCIA DO EROTISMO SAGRADO NA OBRA DE GEORGES BATAILLE

Fabio Andrade (UFPE)

Resumo: Georges Bataille é considerado um dos escritores modernos mais subversivos da literatura francesa. Não só a literatura de Bataille, mas também seu pensamento, desenvolvido ao longo de seus ensaios, conferem-lhe um lugar singular, marcado pela impureza e pela porosidade. Um lugar não fixo, obcecado pelo deslocamento e pelo diálogo entre literatura, filosofia, psicanálise, antropologia, teologia. A transdisciplinaridade de Bataille provocou uma escritura que mergulha nos meandros da experiência e do desejo como os únicos limites concretos para compreender a trajetória do homem em suas realizações materiais e simbólicas. É possível perceber também que no diálogo dessas duas dimensões que compõem a obra de Bataille, a criativa e a ensaística, o corpo participa de um feixe de imagens profundamente conectado com certa linguagem arcaica. O objetivo deste trabalho é apresentar as imagens, seja no âmbito da escrita literária, seja no âmbito do interesse do próprio Bataille pela visualidade (pintura, fotografia, iconografia religiosa); como estruturadores de uma constelação imaginária capaz de exprimir aquilo que denominamos de erotismo sagrado. Como focos principais de nosso interesse estarão os textos literários A história do Olho, o O ânus solar e Madame Edwarda; e os ensaios O erotismo, Teoria da Religião e A experiência interior. A ideia é apresentar o diálogo possível entre essas obras, associando-as a partir mesmo dessa linguagem oblíqua e movente que constitui a experiência Bataille. Do ponto de vista metodológico, interessa-nos conceitos cunhados pelo historiador das artes Aby Warburg (2013) ao estudar a arte do Renascimento, tais como “Nachleben” (sobrevivência ou vida póstuma, dependendo da tradução) e “Pathosformeln” (fórmulas de Pathos), ao propor um novo modelo de história da arte, baseado nas imagens obsedantes, e num ritmo pulsional que sugere o movimento imprevisto da reminiscência, de caráter simbólico e sintomatológico. Eles se mostram importantes ferramentas para se pensar a ressonância do arcaico ao longo do tempo, e especificamente na compreensão do funcionamento dessa linguagem que atravessa a literatura e o pensamento de Bataille, marcados segundo Georges Didi-Huberman, em seu livro A semelhança informe (2015), por aquilo que o filósofo francês chama de “Gaio saber”, um saber rente o máximo possível ao indizível da experiência, ao seu caráter irredutivelmente informe. Representam também um caminho para perceber mais claramente essa epistemologia selvagem, que fundamenta uma proposta original para se pensar o humano e suas experiências como existência simbólica e artística, constituídas essencialmente por um imaginário que adquire por vezes as feições de uma fantasmagoria que obseda e questiona os fundamentos do racionalismo ocidental.

Palavras-chave: sobrevivência; erotismo sagrado; Georges Bataille.

A POTÊNCIA TRÁGICA-DIONISÍACA NO TEATRO DA CRUELDADE DE ANTONIN ARTAUD

Rodrigo Peixoto Barbara (UFG)

Resumo: O presente estudo é fruto da minha pesquisa de mestrado intitulada: (DES)DOBRANDO O TEATRO DA CRUELDADE: Nietzsche, Artaud, Deleuze e outros pensadores Rebeldes, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Performances Culturais, da Universidade Federal de Goiás e intentou propor uma discussão sobre o Teatro da Crueldade, de Antonin Artaud, respaldada no Trágico do filósofo alemão, Friedrich Nietzsche. O Trágico, na filosofia nietzschiana, em específico na obra O Nascimento da Tragédia ressalta a salutar presença, na trama trágica, dos deuses Apolo e Dioniso, porém, evidencia o segundo como o deus trágico por excelência e que, sem a figura mítica-ritualística de Dioniso, a tragédia não existiria. No contexto apresentado, a intenção de Nietzsche não foi a de suprimir a importância de Apolo do enredo da tragédia, até mesmo porque, segundo Deleuze, em uma leitura do trágico nietzschiano, sendo Dioniso o único personagem trágico, é Apolo que transforma o trágico em drama. Posto isto, o presente pensamento não visou apagar Apolo em proveito a Dioniso, mas sim, contestar, veemente, o rigorismo com que os filósofos da seriedade, com ênfase em Eurípedes e Sócrates, aboliram a música, o canto, as danças e, consequentemente as nuances da vida, dando à tragédia um caráter mais moral do que artístico-vívido. Com a presença de Dioniso, em uma leitura nietzschiana, a tragédia retoma suas origens, lá onde ela lidava com a vida em suas festividades, bem antes de ser sufocada pela “quase” instrumentalização interposta a ela, pelos pensadores-filósofos “sérios”, estabelecendo por intermédio da mesma, condutas. Diante do exposto, da presença vital de Dioniso para o fôlego da Tragédia e da Tragédia como espaço para que Dioniso se presente e se apresente em suas múltiplas faces e fases é que ousei provocar um diálogo entre esse pensamento com as elucidações de Artaud, acerca do Teatro da Crueldade. Ao olhar atentamente para essa criação artaudiana, levando em consideração a leitura do trágico, de Nietzsche, constatee possíveis relações que me fizeram explorar esse campo e dispor um pensamento sobre a potência trágica-dionisíaca no Teatro da Crueldade. Esse teatro é, na pretensão do presente pensador francês, espaço para que a vida se manifeste sem ressalvas e imposições. Destemido foi Artaud quando, respaldado nas expressões artísticas balinesas e nos rituais dos Tarahumaras, no México, pensou um teatro em que o Corpo sem órgão (termo criado por ele), sem organismo e subversivo pudesse se evidenciar. A Crueldade é, nas palavras de Artaud, um turbilhão de vida que devora as trevas e, seguindo esse raciocínio cruel, é que se despontam, no Teatro da Crueldade, os aspectos trágicos e dionisíacos da filosofia de Nietzsche. Ou melhor, é seguindo esse pensamento que podemos pensar a Crueldade como a potência trágica e dionisíaca do teatro, pois, tanto o Trágico, sustentado em Dioniso, quanto o Teatro da Crueldade, reafirmam o duplo sim à vida.

Palavras-chave: Trágico; Dioniso; Teatro da Crueldade.

A IMAGEM DO SÁTIRO NO CONTO "THE BOARDING SCHOOL" DE ANAÏS NIN COMO ELEMENTO DE TRANSGRESSÃO/PERVERSÃO NA NARRATIVA

Rafael Macário de Lima (UFPE)

Resumo: Delta of Venus é uma coletânea de contos da escritora franco-americana Anaïs Nin, sua publicação acontece em 1977 depois de sua morte. Nessa obra encontram-se narrativas curtas que expõem os percursos dos personagens e suas situações de transgressão/êxtase/dor dentro da mística erótica. O presente trabalho pretende realizar uma investigação no conto The Boarding School, e nas imagens projetadas durante a narrativa. A presença imagética mais pulsante - e a escolhida como enfoque desse trabalho - está metamorfoseada na figura animalesca do Father Dodo - Padre Dodô - cuja aparência é descrita como a de um Sátiro. A imagem do Sátiro - do latim satirus e do grego sáturos - está associado na mitologia grega, a um ser metaformo, cuja aparência é de um híbrido entre um homem e um bode. Uma das características principais legadas à esse ser é de um falo viril sempre ereto e de proporções sobre-humanas, como é descrito por Pierre Grimal (2012). Também associado ao culto de Dioniso, a imagem do sátiro e de seu falo, é reproduzida em diversas versões de mitos como o de: Príapo e Pã. Essa potência imagética do mito reverbera no personagem do conto The Boarding School, o transformando em um recipiente de potências e gestos dessa figura mítica/sagrada, sendo assim, o personagem e a literatura tornam-se o refúgio dessa força mitológica

de outrora. Roberto Calasso (2004), discorre acerca desse aspecto de fuga das divindades pagãs para a literatura, de como os deuses saíram de seus altares, deixando os templos vazios, e se hospedando nos textos literários, encontrando assim uma nova maneira de agir entre os homens. A imagem desse Sático/Príapo aqui será ancorada no pensamento de Georges Didi-Huberman (2015), que liga a visão das deidades e sua derrição, ou seja a sua derrocada do campo sobrenatural e seu alinhamento com comportamentos humanos - antropomorfismo. Tal movimento nos leva a compreender em que ponto a imagem criada do personagem em estudo se alinha com a divindade/ser mitológico aqui investigada nesse trabalho. Esse estudo se utilizará também do basilar conceito de interdito e transgressão preconizados por Georges Bataille (2013) em sua obra "O Erotismo". Tendo em vista essas prerrogativas teóricas, assim como as percepções que a imagem provoca. Essa investigação buscará compreender o que há de sático/Príapo/Pã no Padre do conto de Anaïs Nin e como essa força erótica se move dentro do texto e em que medida ela é influenciadora. Essa compreensão será acessada através do arcabouço teórico escolhido, no qual há um conjunto de teóricos que discutem e conversam acerca do imaginário na produção de arte na modernidade. Esse estudo buscará trazer sentindo ou dar sentido a essa figura mítica e sua presença com um propósito de pura perversão dentro do texto.

Palavras-chave: Anaïs Nin; erotismo; mitologia; imaginário

2 de agosto

8h30

A POESIA E O FAZER POÉTICO EM ALBA, DE ORIDES FONTELA

Aline Camara Zampieri (UFMS)

Resumo: Ao analisar o poema de Jorge de Lima, A musa quebradiça, o professor Fábio de Souza Andrade (1996), assevera que, assim como o poeta, o leitor de poesia precisa descer uma escada submarina, se desprendendo da familiaridade dos significados conhecidos para aprender a respirar sobre a água densa dos sentidos metafóricos e entrelaçados; obscuros, mas genuínos. A recompensa desse processo é a descoberta de uma nova dimensão da linguagem: menos utilitária, menos corriqueira, mais hermética, muitas vezes mais difícil; contudo, mais preciosa em sua recusa da simplicidade óbvia e desgastada. Nesse sentido também se dá a interpretação da poesia de Orídes Fontela (1940-1999), poeta paulistana cuja obra constituída apenas de cinco livros (Transposição, de 1969, Helianto de 1973, seguido por Alba em 1983, Rosácea em 1986, Trevo em 1988, que consiste numa coletânea de sua obra de 1969 a 1988 e Teia, no ano de 1996) é ainda pouco estudada pela crítica literária. A escritora, filósofa e professora primária tem sua obra marcada por uma linguagem tensa e concisa, construída por poucos termos, aparentemente simples, sem grandes construções métricas ou utilização de recursos de linguagem, mas que nos exigem uma leitura árdua e insistente, que caminha por essa escada submarina e que, a cada degrau, vai revelando novas tensões, novas metáforas e novos significados. Marcada ainda pela originalidade, seus temas que vão da religiosidade cristã a mitologia grega, passando pelo mito, pelo questionamento do ser, pela insistência em certas palavras e/ou símbolos como o pássaro, o branco, a água e recorrendo, muitas vezes, à tradição literária. Em Alba, de 1983, obra que nos propomos a analisar, observamos que saltam de boa parte de suas poesias uma preocupação com o fazer poético, com a palavra, com a página em branco. Inquietação essa que ora se explicita (como em Composição) e ora se camufla (como em Alba, em Letes e em Bodas de Caná) exigindo do leitor, crítico e/ou interprete um debruçar-se mais profundo sobre sua obra. A partir dos estudos de Alfredo Bosi (2003) no capítulo A interpretação da obra literária, de Céu, inferno e de Otávio Paz (1982) em O arco e a lira sobre o fazer poético, além das análises de Alexandre Bonafim Felizardo (2009), Márcio de Lima Dantas (2006), Alcides Cardoso dos Santos (2015) e Alcides Villaça (1992), a respeito da obra de Fontela, entre outros, pretendemos a refletir sobre um aspecto comum na obra da autora: a preocupação com o fazer poético, que intentamos revelar a partir da análise de quatro poemas da obra Alba (1983): o homônimo Alba, Composição, Bodas de Caná e Letes.

Palavras-chave: Orides Fontela; Alba; Metapoesia

O IMAGINÁRIO DA ANIMALIDADE EM HILDA HILST: VOO, CÃES E GARRAS

Karyne Pimenta de Moura Costa (UFU)

Resumo: Hilda Hilst (1930-2004), poeta, dramaturga e ficcionista, fortaleceu sua produção literária a partir do diálogo com as estruturas profundas da psique humana. Circunscrita nos anseios criativos da poesia contemporânea do século XX, a qual retrata questionamentos últimos do homem diante de sua condição de finitude perante as ações do tempo e da morte, Hilda constituiu em sua lírica uma inspiração que recupera o arquetípico das vivências humanas, bem como da criação poética, atitudes essas prenhes de tensões e ambivalências aproximáveis, por gestos instintivos, da animalidade. A preocupação com o estender pelo tempo e os mistérios que envolvem a inspiração poética foram temas de mitos e reflexões fundantes de culturas, cujas inquietudes permanecem ainda hoje. Nesse prospecto, Hilst criou poemas que simbolizam na animalidade uma via tanto da expressividade do eu em busca da palavra, bem como a maneira como o eu se traveste para alcançar pela poesia a ruptura com o tempo. Os confrontos do sujeito lírico com a criação poética e com a finitude do homem diante do tempo, exercidos a partir de encenações eróticas que imiscuem sua procura afetiva por uma totalidade, são oportunizados pela presença da animalidade, que contempla, dentre demais imagens, de cães a pássaros, cavalos, tigres, garras e pelos. Os animais, para a poeta, eram simbólicos de sua união com a linguagem poética. Tomamos na animalidade as referências da inocência, da leveza, da pureza e da liberdade, distintas do homem, que, fragmentado de si, em suas buscas e questionamentos, recorre a conjunturas de violência e falta de humanidade que o afastam da ordem. A animalidade, nesse rumo, é a ordem diante de uma experiência caótica, pois situa o homem perante uma esfera sedimentada. Pela criação poética e pela certeza da finitude, o caráter afetivo do imaginário da animalidade trespassa o tempo e o espaço, bem como engendra um enfrentamento da condição do homem mortal e temporal. Nesse aspecto, a pesquisa investiga o entusiasmo poético que reatualiza, pelo imaginário da animalidade, mitos, imagens e símbolos na tríade metalinguagem, morte e erotismo, a qual reitera uma antiga questão: a poesia como reveladora da palavra e da essência de sua criação. Sob o arcabouço teórico de, dentre outros, Gilbert Durand (2002), Gaston Bachelard (1988) e Carl Gustav Jung (1996), verificaremos de que maneira deslizam os temas da morte e do erotismo, os quais são evocados no canto LXII de Cantares de perda e predileção (1983), publicado recentemente na coletânea Da poesia (2017), pelas imagens “garças”, “voo”, “lebres”, “cães” e “garras”, as quais retratam como a lírica hilstiana circunda o imaginário de animalidade nos vieses da criatividade e da continuidade do homem pela palavra. Para tanto, identificaremos como os arquétipos da animalidade, calcados na força bruta do inconsciente, se consolidam na contemporaneidade, por meio de um referencial simbólico recuperado na obra da poeta. Objetivamos, assim, reconhecer o lugar de Hilda Hilst na representação da animalidade como recurso expressivo para o canto lírico do desejo pela palavra poética, que se transforma na morte, no erotismo e no ofício da criatividade.

Palavras-chave: Hilda Hilst; Criação Poética; Animalidades.

O AMOR COMO ELEMENTO SAGRADO NA POÉTICA DE DORA FERREIRA DA SILVA

Mariana Ramos Rodrigues (UFU)

Resumo: A escritora paulista Dora Mariana Ferreira da Silva, nascida na cidade de Conchas, interior de São Paulo, tem despertado o olhar da crítica e vem sendo objeto de inúmeras pesquisas acadêmicas. Tal interesse da academia por sua obra deve-se ao fato de que essa escritora contribuiu para a literatura brasileira com uma poesia ímpar, na qual evoca imagens que fazem parte do inconsciente coletivo humano. Entre essas imagens interessa para esse trabalho as que a poeta utiliza para se referir ao amor, pois ela tenta resgatar o que de sacro há nesse sentimento. O amor sublime, ato de entrega total aparece, inclusive, no poema “Cânticos”, cujo tom assemelha-se ao apresentado no livro dos Cânticos, da Bíblia sagrada, pois o eu lírico enuncia: “Tenho-te um amor de mansidões/ rebanho lento e branco pascendo na alvorada/ tenho-te um amor tranquilo e trêmulo/

não sei se música ou se constelações”. Desse modo, percebe-se na obra na poeta paulista elementos que trabalham o amor do ponto de vista sagrado, também percebido pelo próprio sentimento creditado a ela para o fazer poético, amor este que se aproxima da devoção, o que leva a crítica a considerar seu trabalho com as palavras como órfico. Sobre a temática escolhida, desde a Antiguidade, já se comentava sobre a origem do amor, o que o motivava e quais as características dos amantes. Entre os pré-socráticos, temos na obra *O banquete*, de Platão, a ideia de que só se ama o que é belo, assim como só se morre por alguém a quem se ama. Posteriormente, foi tema dos trovadores, na Idade Média, em que cantavam sobre as decepções amorosas, o amor não concretizado. Para os românticos, o amor inatingível era fonte de inspiração para seus poemas, motivados pela noite e pela melancolia, o que será verificado em Novalis, por exemplo. Já para Zygmunt Bauman, o significado da palavra amor, hoje em dia, é utilizado para representar relações e cargas afetivas muito menores do que expressava antigamente. Dessa forma, para fundamentar a análise do corpus utilizado – poema “Cânticos” –, serão utilizadas as teorias sobre poesia do Ezra Pound, em *ABC da literatura* (2006), *O arco e a lira* (1982), de Octavio Paz e *Estrutura da lírica moderna* (1978), de Hugo Friedrich; e com relação ao estudo do imaginário será necessário recorrer a Gilbert Durand, Gaston Bachelard, Carl Gustav Jung, estudiosos dos quais poderão ser utilizados mais de uma obra.

Palavras-chave: amor; sagrado; poesia; Dora Ferreira da Silva

2 agosto

14h30

A NOÇÃO DE IMAGEM DIALÉTICA COMO PROCEDIMENTO CRÍTICO E POÉTICO

Ana Cristina Bartolo (PUC-Rio)

Resumo: O objetivo da comunicação é observar nos livros *Diante da Imagem* (1990); *O que vemos, o que nos olha* (1992) e *Diante do Tempo* (2000) como o trabalho de Georges Didi-Huberman com a noção de imagem dialética benjaminiana possibilita a este autor uma reflexão sobre os procedimentos de abordagem da imagem no contexto do pensamento estético contemporâneo. Em *Diante da Imagem*, Didi-Huberman inicia o livro relatando uma experiência que teve no convento São Marco, em Florença. Ao entrar na cela onde supostamente Fra Angelico pintou a cena da “Anunciação” (c. 1440-41), uma luz vinda da janela de frente e contígua à parede em que o afresco foi pintado ofuscou com um “branco” seu primeiro olhar. Esse jorro de branco, essa contraluz na visão da obra, o leva, no livro em questão, à necessidade de abordar uma dimensão da imagem que nos escapa e que, portanto, resistirá sempre a uma apropriação sistemática no contexto de uma história da arte. Didi-Huberman, ao considerar este primeiro “clarão” na percepção da obra, o pensa em termos de apresentação (*Darstellung*) e, assim, utiliza as categorias de visual e virtual, em uma composição em que também comparecem as de invisível, legível e visível. Como operar este virtual na abordagem da obra leva Didi-Huberman a uma constante indagação metodológica que permeia os livros que serão considerados nesta comunicação. No entanto, em *Diante da Imagem* a noção de imagem dialética não comparece diretamente, Didi-Huberman trabalha neste livro com categorias oriundas da psicanálise freudiana, mas já aponta na consideração do virtual como fenômeno da apresentação da obra. Em *O que vemos, o que nos olha*, livro escrito dois anos depois, Didi-Huberman se utiliza plenamente da noção benjaminiana em uma concepção de imagem implicada naquilo que faz ver. Já em *Diante do Tempo* (2000), o choque temporal que a engrenagem de uma imagem dialética põe em ação é trabalhado a partir do elemento anacrônico que ao se atualizar provoca novas reconfigurações de abordagem da imagem. No mestrado, abordei o conceito de imagem dialética a partir de Walter Benjamin. No desenvolvimento da pesquisa, observei que a noção de imagem que eu investigava trazia na própria estrutura do conceito a elaboração de um método que possibilitava minha abordagem do objeto. É nesta perspectiva que trabalhamos esta noção como um modo operatório, um procedimento de abordagem. Didi-Huberman, diante de uma imagem aponta para um certo “mal-estar do método” e propõe uma abordagem que conjugue

“momentos de proximidades empáticas, intempestivas e inverificáveis com os momentos de recursos críticos, escrupulosos e verificadores.” (2000, p. 28). Ainda que Didi-Huberman desenvolva suas reflexões tendo em vista as imagens da arte, ele o faz estrategicamente em uma perspectiva transdisciplinar. Dessa maneira, observar seus procedimentos de abordagem nos possibilita uma reflexão em um contexto ampliado da imagem em diferentes meios, como nas visualidades do campo dos estudos literários.

Palavras-chave: imagem dialética; Didi-Huberman; virtual

ENTRE O GESTO DO COLECIONADOR E A ARTE DA MINIATURA

Francisco Camêlo (PUC-Rio)

Resumo: A apresentação se propõe a articular os gestos de colecionar e miniaturizar, em conexão com o imaginário fantasmagórico da infância, a partir do pensamento de Walter Benjamin. Sabe-se que, além de ter escrito ensaios sobre a ação de colecionar e a figura do colecionador, Benjamin foi colecionador e tinha apreço pelo pequeno (miniaturas, brinquedos, selos, cartões postais, escrita). Seu método de trabalho enfatizava o pormenor, o detalhe, os aspectos aparentemente insignificantes de seus objetos de estudo, como a Paris de Baudelaire ou a dos surrealistas, esta última um “pequeno mundo”. Esta metodologia, cuja atenção se volta para o minúsculo, está articulada tanto à apresentação da filosofia como uma mônada quanto a um sentimento infantil de Benjamin, como afirma Susan Sontag no ensaio “Sob o signo de Saturno” (1986). Com base nessa atração infantil pelo pequeno e na figura do colecionador, isto é, daquele que, qual uma criança, consegue olhar de forma diferente um objeto, esta comunicação perseguirá afinidades entre o imaginário da infância e as ações de colecionar e miniaturizar, em reflexão cruzada tanto com artistas visuais que compõe séries com objetos em miniatura (Marcel Duchamp, Joseph Cornell, Rosângela Rennó, Márcia X) quanto com escritores colecionadores e/ou que constroem suas ficções, enfatizando o pequeno, o mínimo, o pormenor (Jorge Luís Borges, Pablo Neruda, Virginia Woolf, Clarice Lispector).

Palavras-chave: colecionador; miniatura; práticas estéticas

A FECUNDIDADE DO INCONSCIENTE: VANGUARDA E TRADIÇÃO EM JEROME ROTHENBERG

Luiz Felipe de Queiroga Aguiar Leite (Faculdade São Miguel)

Resumo: O objetivo proposto é retomar o cerne de um caminho estético (filosófico, sociológico, antropológico) que discute as forças das propostas revolucionárias de Jerome de Rothenberg que transitam entre a vanguarda e a tradição. Propostas em que toda sugestão de ir adiante é também um retorno. Tomado como retorno, qualquer processo que aponte um futuro precisa ser pautado no que o mito e o imaginário constrói de fecundo e indispensável. Neste caminho, o primeiro passo é retomar as ideais do meio em que viveu Jerome Rothenberg: Contracultura, Geração Beat, Vanguardas: o Cubismo, o Surrealismo e principalmente o Dadaísmo, tornam-se fontes não apenas destruidoras, mas impulsionadoras do novo. Novo, cujo débito com o passado nunca se desfaz, e dele depende para se fazer de fato revolucionário. Em seguida apresentamos uma leitura de uma poesia Sêneca em que o primitivismo nela presente se mostra com a fecundidade do ventre. A proposta quer mudar a estrutura a partir do restabelecimento da unidade primordial criando uma nova realidade. Assim, o poeta xamã se aproxima do poeta moderno, o mais antigo grego ou africano, é cantor e vidente, como dizia Rimbaud ou os esquimós iglulik. Tanto o poeta quando o cantor xamã morrem e renascem; entre a inconsciência e consciência necessárias o homem adocece, cura-se e torna-se ele mesmo. Mas ele mesmo é uma fonte que jorra o som do passado criando o presente. Finalizamos retomando umas das propostas do autor que fala de perto ao exercício do professorado: “Dê aulas com um chocalho & um tambor”. Tal afirmação implica uma reversão de modelos pragmáticos que institucionalizados desde da era moderna racionalizou o homem subtraindo sua humanidade que, feita de consciência, mas também de inconsciência, desenvolve-se incompleta. Falta-nos, como corpo social, a revisão autocrítica do outro, do estranho, da diferença. Esse outro é sacrificado pelo bem do corpo social. Mas o bem encontrado na eliminação higiênica do

bode expiatório não cura e mantém-se uma falsa sensação de saúde que apodrece o corpo social por dentro. A poética xamã chama o iniciado, colapsa o seu familiar e sua visão de mundo. Possuído por palavras que não são dele, ele morre para o mundo social em que ingenuamente vive, escuta palavras do passado, palavras do estrangeiro, torna-se veículo dessas palavras e cai morto. Da doença ele é curado e torna-se xamã, o vidente que constrói o futuro. Uma outra prática de escuta emerge de uma necessidade real de cura do corpo social. A prática de escutar os tambores primordiais que educam a partir da retomada do inconsciente do ser. Além do próprio autor, Jerome Rothenberg, dialogamos com Mircea Eliade, Rimbaud, Joseph Campbell, Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, Julia Kristeva, entre outros.

Palavras-chave: Inconsciente; Vanguarda; Tradição; Rothenberg

RETÓRICA DA IMAGEM: O CONFLITO ENTRE A ARTE, A RETÓRICA E A FILOSOFIA EM PLATÃO

Martha Solange Perrusi (Universidade Católica de Pernambuco); Eleonora Enoque da Silva (Universidade Católica de Pernambuco)

Resumo: Platão, como filósofo e crítico do pensamento que o precedeu, a sofística, relegou a retórica à mera técnica da linguagem. Segundo ele, a retórica não estaria preocupada com o conteúdo do discurso, se verdadeiro ou não, se bom ou não. Além disso, o filósofo foi um grande crítico da arte, concebida enquanto mimesis. Para Platão, a verdade reside no mundo ideal e as coisas sensíveis são imitação da ideia. Por conta disso, ele colocava a arte figurativa em um lugar ainda mais inferior, posto que seria uma imitação da imitação. Assim, porque a arte é mimética, ela perderia em grau de verdade e seria reprovada no pensamento platônico. Mas as coisas não são tão simples, pois, embora a preocupação de Platão tenha sido com a verdade, muitas vezes, o filósofo usou narrativas míticas como recurso retórico. Trata-se, pois, de uma via bastante ambígua no pensamento o autor. Os sofistas primam por um discurso variado, a polimatia, sabem um pouco de tudo e, portanto, não sabem a verdade. A pintura, por sua vez, se apresenta com as mais variadas cores, dando uma ideia de polimatia também. Nossa expressão “preto no branco”, por exemplo, visa a dirimir qualquer ambiguidade presente em uma profusão de cores. Para Platão, contudo, a verdade seria única, absoluta, ideal, e só poderia ser alcançada pelo exercício da razão. Ainda que possamos dizer que a razão esteja presente na formulação de um discurso, por conta da construção argumentativa, a ênfase que encontramos na crítica que Platão faz à retórica sofística é que o recurso estilístico de se dizer algo a alguém se sobressaiu em detrimento do que se diz (conteúdo). De modo semelhante, a arte não se ocupa com a verdade, como podemos ler na filosofia platônica, e, por ser mimética, se afastaria duplamente da verdade única. A crítica à pintura, por sua vez, toma partido de uma espécie de realismo, uma pintura de uma cama não serviria nem para se deitar. Daí que pretendemos investigar essa correlação entre a crítica de Platão à arte figurativa e à arte retórica – como também os recursos de imagem e narrativas alegóricas ou mesmo míticas, como recursos retóricos, que encontramos na filosofia platônica. Apesar do duro golpe que a filosofia platônica empreendeu sobre as artes retóricas e figurativas, nenhuma delas feneceu. Elas sobreviveram, inclusive porque Platão tratou com ambiguidade tais artes, de um lado, ele era crítico, de outro, usou-as como recurso argumentativo em seu pensamento.

Palavras-chave: arte figurativa; retórica; Platão; narrativas

48 - MODERNIDADE, MATERIALIDADE E ESPAÇO URBANO NA LITERATURA

Coordenação: Geraldo Cáffaro (Unimontes); Marcelo Parreira (USP)

Resumo: A literatura moderna surge em meio a uma série de transformações de ordem econômica, material e social. A partir da segunda metade do século XVIII a relação dos autores com o público sofreu profundas transformações com o surgimento de um mercado literário, o crescente intercâmbio entre diferentes nações e a experiência urbana, marcada pela diversidade, crises, fragmentação e mobilidade. As formas de circulação de informação e das produções literárias também se modificaram, e a maior circulação no espaço da cidade, entre outros aspectos do

desenvolvimento capitalista, submeteu os autores a novas experiências, obrigando-os a forjar diferentes propostas estéticas.

Várias têm sido as perspectivas utilizadas para se discutir o impacto dessas transformações no desenvolvimento do romance e de outros gêneros, sendo que alguns dos destaques são o novo historicismo, os estudos pós-coloniais, o marxismo em suas diversas vertentes, o estruturalismo, o pós-estruturalismo, o desconstrutivismo e os estudos de gênero e culturais. Além disso, nas últimas décadas temos observado um aumento no número de trabalhos comparativos que elucidam várias interseções e relações entre autores de diferentes partes do globo. Nesse cenário, a modernidade, um conceito moldado na experiência do centro hegemônico europeu, se abre a outras temporalidades e modernidades, incluindo uma vasta gama de literaturas ditas periféricas.

Também temos percebido como o autor, figura amplamente contestada nas teorias pós-estruturalistas, tem ressurgido nos estudos literários, abrindo espaço para revisões e releituras do cânone, bem como da relação dos autores com o público, com os campos literários emergentes e com a experiência moderna. Esse autor que ressurge não é visto mais como princípio unificador, mas como elemento de dispersão e indeterminação. Como observa Sean Burke em *The death and return of the author*: “Longe de consolidar a noção de um sujeito universal ou unitário, o redirecionamento de um trabalho a seu autor significa sua reinserção histórica, cultural e política” (BURKE, 1998, p. 202).

Nesse contexto, ganham relevância os processos de automodelamento (Stephen Greenblatt), as performances autorais, as ansiedades e as negociações simbólicas que permeiam a experiência da escrita num cenário de profissionalização da arte literária. E é também nesse contexto que perspectivas como as da história e geografia culturais – como as de Franco Moretti – ou a da sociologia literária – como a de Pierre Bourdieu – tornam-se particularmente enriquecedoras para os críticos.

A revitalização do autor, com efeito, sintoniza-se com uma maior valorização do sujeito nos discursos. De acordo com Nestor García Canclini, o mundo de sujeitos simulados no qual vivemos, caracterizado pelo anonimato em diferentes níveis (especialmente na World Wide Web), conduz a uma crescente irresponsabilidade, e, ao mesmo tempo, cria um sentimento de impotência nos indivíduos (CANCLINI, 2005, p. 183).

Junto com a maior valorização do sujeito, percebe-se maior atenção para indivíduos marginalizados e subalternos, para as hierarquias na produção de sentidos, para a importância dos lugares de fala e para reflexões relativas aos espaços de forma mais abrangente, como as relações entre os espaços físicos e virtuais, as tensões relativas às configurações geopolíticas, os trânsitos entre espaços marginais e centrais, entre outros. Muitas têm sido as contribuições nesse campo, e os trabalhos circunscritos aos chamados estudos urbanos têm lançado luz sobre diversas obras e produções culturais. Por outro lado, as formas autográficas, ou autoficcionais, ganham cada vez mais espaço nos estudos literários atuais, uma vez que trazem à tona a dimensão política das subjetividades e a potencialidade disruptiva dos afetos.

Esse simpósio abará comunicações que proponham discutir a modernidade, mormente sob a perspectiva esboçada acima. Serão aceitos trabalhos que abordem as relações de escritores com o campo literário, com as questões materiais envolvidas na atividade da escrita, e também com as questões urbana e geopolíticas. Trabalhos que explorem o tema da circulação, em seus diferentes aspectos (por exemplo: financeiro, simbólico, afetivo e espacial – no que se refere a deslocamentos, trânsitos e movimentos interculturais) sintonizam-se com a proposta maior do encontro da ABRALIC em 2018. Estudos comparatistas que discutam relações entre escritores e obras de contextos distintos também serão bem-vindos. Além disso, o simpósio está aberto a propostas de caráter teórico que busquem debater as diversas disjunções temporais evidenciadas pelas temáticas modernas em diferentes gêneros narrativos e que também levem em conta o atual cenário crítico e a forma como ele re-significa e relê a história literária.

REFERÊNCIAS:

- BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. Trad. Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- BURKE, SEAN. *The death and return of the author*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1998.
- CANCLINI, Nestor Garcia. Quem fala e em qual lugar: sujeitos simulados e pós-construtivismo. In: *Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade*. 183-208. Trad. Luiz Sergio Henriques. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.
- GREENBLATT, Stephen. *Renaissance self-fashioning: from More to Shakespeare*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.
- MORETTI, Franco. *Signos e estilos da modernidade: ensaio sobre a sociologia das formas literárias*. Trad. Maria Beatriz de Medina. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

31 de julho

8h30

CONTRADIÇÕES DA PÓS-MODERNIDADE: O UNIVERSAL E O NACIONAL EM O SOL SE PÕE EM SÃO PAULO E DIÁRIO DA QUEDA

Gisele Novaes Frighetto (UFSCAR/USP)

Resumo: Este trabalho propõe a análise dos temas do nacional e do universal em dois romances brasileiros contemporâneos, *O sol se põe em São Paulo* (2007), de Bernardo Carvalho, e *Diário da queda* (2011), de Michel Laub. O estudo teve como ponto de partida a abordagem dialética de Antonio Candido (2007), segundo a qual a literatura brasileira se constituiu historicamente no jogo de forças entre o universal e o local, sendo o primeiro termo entendido como representação de grandes temas da humanidade e o segundo, no sentido de particularização dos temas e formas de expressão. A investigação da presença do nacional diz respeito à ficcionalização de elementos descritivos especificamente brasileiros, no caso, do ponto de vista material ou socioeconômico, a despeito do renascimento dos pressupostos de uma “literatura mundial” na nova ordem global (AHMAD, 2010). Nesse sentido, os romances demonstram como a representação do nacional pode consistir em elemento de permanência, e esta foi relacionada a teorias do pós-modernismo que contemplam a coexistência de transformação e continuidade estética (JAMESON, 2007). Outro aspecto de permanência pôde ser encontrado na presença do realismo, seja via realismo formal, seja via resquícios de realismo social na representação de um “mundo hostil” (PELLEGRINI, 2009). Nos textos analisados, o resgate estético do realismo, ainda que de maneira refratada, contribui para a composição de narrativas onde convivem tendências conflitantes, sintetizadas nos conceitos de realismo afetivo e realismo traumático (SCHØLLHAMMER, 2012; 2013). Consideramos que os traços de permanência aqui apontados guardam relação com um contexto local de produção literária e, portanto, com as condições de atraso socioeconômico e cultural que caracterizam a sociedade brasileira (CANDIDO, 2011), as quais igualmente ensejam uma projeção internacional pautada em fontes estrangeiras e em princípios etnocêntricos de universalidade (SCHWARZ, 2006; 2012). Nos romances analisados, a despeito do protagonismo de temas e de fontes intertextuais transnacionais, o nacional emerge em segundo plano pela representação da violência urbana e da desigualdade social, percebidos aqui como índices possíveis de brasilidade. Por fim, o contexto latino-americano demanda uma abordagem diferencial que contemple os fenômenos de hibridação (CANCLÍNI, 2015), bem como as construções transculturais de identidades (HALL, 2011) e narrativas literárias (RAMA, 1984), enquanto sínteses possíveis da dialética entre local e universal.

Palavras-chave: romance; pós-modernismo; nacional; universal.

OS ESPAÇOS TRANSITÁVEIS E DE MEMÓRIA DE BIELA EM UMA VIDA EM SEGREDO

Daniela de Azevedo (UNIMONTES)

Resumo: Sabemos que a literatura mantém um elo profícuo com as paisagens e com os espaços como tema múltiplo, concatenando com outros saberes como a Filosofia, a História, a Sociologia, a Geografia e a Psicologia. Em qualquer obra literária, seja na poesia, no conto ou no romance é possível perceber diferentes concepções e funcionalidades atribuídas ao espaço e à paisagem literária, tanto de forma literal quanto metafórica. Yi-Fu Tuan (1983) pontua que a visão de mundo é uma experiência conceitualizada, sendo parcialmente pessoal e em grande parte social. É uma atitude ou um sistema de crenças, influenciada pelos espaços que ocupamos e pelas experiências que vivenciamos nesses espaços. No campo das experimentações sensoriais, Tuan aborda a relação entre mundo, espaço e sentidos. Portanto, um espaço, para ser concebido como tal, necessita ser experimentado e experienciado pelo indivíduo. De acordo com Gaston Bachelard (1993), a paisagem é o espaço habitado e/ou vivido, sendo os espaços íntimos e domésticos dominados por imagens arquetípicas, uma vez que o filósofo define a poética do espaço como pesquisas sobre a imaginação poética, a produção intersubjetiva de imagens poéticas e sua repercussão na alma. Bachelard privilegia o exame de imagens bem simples, as imagens do espaço feliz. Por isso, a escolha de espaços íntimos da vivência humana como casa, quarto, gavetas e baús que desencadeiam sentimentos e lembranças. Assim, o “espaço feliz” são os pequenos espaços da vida íntima: a casa e suas divisões, e os sentidos atribuídos ao porão, ao sótão, às gavetas, aos cofres, aos armários, não deixando de refletir sobre os espaços ainda menores e esquecidos como os cantos dos aposentos e as miniaturas. Posto que a experiência humana do mundo é espaço-temporal, Bachelard demonstra que a dialética espaço-tempo também se faz presente na vida íntima e na relação sensível com seus espaço. Feitas essas considerações, acreditamos existir um ponto de interseção entre as concepções de espaço dadas por Tuan (1983) e Bachelard (1993), e delas fazemos uso para a análise do deslocamento físico e memorialístico da personagem Biela de *Uma vida em segredo* (1964), obra de Autran Dourado. Buscamos interpretar como Autran Dourado explora a questão do espaço na obra *Uma vida em segredo* (1964), através do fluxo de consciência da personagem principal, Biela. Biela se move fisicamente da Fazenda do Fundão – espaço rural – para a cidade – espaço urbano, porém, por não se adaptar aos moldes de comportamento social e cultural impostos na época, ela se transporta para o espaço rural através de suas memórias. Nesta breve análise, nos valem das considerações teóricas de Gaston Bachelard (1993) e Yi-Fu Tuan (1983) sobre espaço literário e espaço geográfico e ainda Robert Humphrey (1976) que aborda os principais aspectos que dizem respeito ao fluxo de consciência.

Palavras-chave: Espaço; Memória; Fluxo de consciência; Biela.

MOBILIDADE E PRÁTICAS DO ESPAÇO EM *WAYS OF DYING*, DE ZAKES MDA, E *BECOS DA MEMÓRIA*, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Simone Aparecida Aguiar (UNIMONTES)

Resumo: Os estudos sobre as cidades se intensificaram, sobretudo, com o surgimento dos estudos pós-coloniais. Concomitante foi também o crescimento vertiginoso das favelas no sul global, acompanhando a intensa urbanização decorrente da fuga de moradores das áreas rurais em busca de trabalho nas indústrias. A literatura pós-colonial tem produzido, entre outros, textos provocativos que se inquietam com as grandes massas de migrantes que incham as favelas das megalópoles e que sofrem com a pobreza extrema e a violência. Essas inquietações têm sido habilmente exploradas por autores sul-africanos negros e brasileiros afrodescendentes. Dentre eles, Zakes Mda e Conceição Evaristo têm produzido trabalhos de ficção que desnudam as tensões, os conflitos e as desigualdades decorrentes das razões mencionadas acima, mas também do longo período de escravidão de africanos e seus descendentes. Nessa perspectiva, o meu propósito nessa comunicação, é uma investigação comparativa dos romances *Ways of Dying* (1995), de Zakes Mda e *Becos da Memória* (2006), de Conceição Evaristo, fundamentada na crítica pós-colonial e nos estudos culturais, especialmente sob a luz da teorização de Michel de Certeau. A discussão de Certeau em *The Practice of Everyday Life* (1984) sobre o andar pela cidade pode ser analisada como uma extensão do estudo de Benjamin sobre o flâneur, entretanto, seu foco são as pessoas comuns.

Certeau afirma que “o longo poema da caminhada manipula organizações espaciais” (1984, p. 101). Para ele, o pedestre que percorre as ruas lê a cidade como um texto, mas também o escreve, a partir das escolhas que faz. Assim, os pedestres formatam espaços, “juntos eles tecem lugares” (1984, p. 97). As simples atividades cotidianas, tais como o andar pela cidade, se tornam o objeto sob o qual Certeau constrói um corpo teórico que busca explicar como indivíduos operam através de “táticas”. Os dois textos discutidos nesse estudo lidam com as trajetórias, histórias e memórias dos becos de favelas de cidades grandes da África do Sul e do Brasil. Toloki, um carpideiro profissional na cidade grande em transição pós-apartheid, e Maria Nova, uma adolescente pobre, percorrem os becos das favelas, fazendo, assim, escolhas dos espaços que desejam praticar – ou construir – e estas práticas determinam quais e como as histórias são narradas.

Palavras-chave: Mobilidade; Práticas; Cidade; Favela; Histórias

ESPAÇO E CONSTRUÇÃO DE SUBJETIVIDADE: UMA BREVE ANÁLISE DE BECOS DA MEMÓRIA, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Ariane Avila Neto de Farias (FURG/UNIPAMPA); Lilian Greice dos Santos Ortiz da Silveira (FURG)

Resumo: O presente trabalho visa analisar aspectos referentes ao espaço na obra *Becos da Memória* (2006), da autora Conceição Evaristo. Entende-se aqui que a favela, lugar em que o romance é ambientado, ocupa papel de fundamental importância na construção de tal narrativa, agindo na representação das personagens negras e, principalmente, na construção das fortes mulheres na escrita de Evaristo. É importante salientar que tal análise leva em consideração a compreensão de que o espaço literário é elemento subjetivo, imaginário e fruto da ficcionalidade. Compreende-se também que ele vai além do papel de suporte aos sujeitos da narrativa (palco), protagonizando a função de veículo (ator) de um processo que está em constante movimento de lutas entre o já existente e o que impõe sua existência. Ao protagonizar tais papéis, ele é lugar tanto de pertencimento quanto de trânsito dos indivíduos, reforçando a ideia de que os espaços por onde os sujeitos passam são organizados tendo como base suas experiências e trocas com o seu corpo. A partir de tal entendimento, apreende-se a noção de que esse espaço, nas linhas da autora mineira, trabalha como reflexo das vidas das diferentes personagens da narrativa, sendo, ao mesmo tempo, o palco e o ator de uma história de reflexão acerca dos sujeitos tanto em sua singularidade quanto em importante relação de troca com o outro. Ao encontro das ideias de Merleau-Ponty, percebe-se que o espaço, na narrativa de Conceição Evaristo, não é ambiente (real ou lógico) é meio pelo qual a posição das coisas se torna possível. Nesse sentido, é fundamental pensá-lo como a potência universal de suas conexões. É por uma história contada através de fragmentos que se tem acesso a um espaço permeado pelos traumas, alegrias e memórias de sujeitos silenciados pela História. O dar voz ao “espaço favela” faz-se movimento de descentralização, que retira o véu que cobriu os sujeitos marginalizados, dando, assim, voz às diferenças. O espaço, que carrega a intensa dramaticidade e constante busca pela razão da existência, em que a narrativa se passa entrecruza-se aos indivíduos que nele residem. Suas identidades se confundem e, por vezes, é difícil reconhecer a quem estamos a ouvir. Isso posto, tais reflexões serão realizadas a partir de apontamento de importantes teóricos, tais como Paul Ricoeur (2007), Yi-fu Tuan (1983), Luis Alberto Brandão (2013) e outros importantes teóricos que debruçam-se na importância de se pensar o espaço como fundamental elemento de uma história, fundamento de caráter inseparável ao indivíduo narrado.

Palavras-chave: espaço; favela; Conceição Evaristo

**1 de agosto
8h30**

HISTÓRIA, POBREZA E POLÍTICA: O MUNDO DOS HUMILHADOS E OFENDIDOS EM "THE PRINCESS CASAMASSIMA", DE HENRY JAMES

Gabriel Gimenes de Godoy (USP)

Resumo: O assunto e o universo social do romance “The Princess Casamassima” (1886), fogem do comumente abordado pela produção ficcional do escritor norte-americano Henry James (1843-1916). Com efeito, James costuma se centrar nos hábitos e dilemas morais e psicológicos dos representantes das elites norte-americana e europeia, deixando de lado a esfera dos subalternos e das movimentações políticas que abalaram o século XIX. Contudo, “The Princess Casamassima” figura como exceção no corpus jamesiano: traz ao primeiro plano o mundo dos pobres e dos movimentos revolucionários ingleses de fins dos Oitocentos, pelo ponto de vista de um herói, também, proveniente da camada dos humilhados e ofendidos. A história do jovem encadernador Hyacinth Robinson, protagonista e “refletor” do romance (expressão do escritor que designa o foco narrativo pelo qual apreendemos a matéria narrada), apresentou-se para James, como diz no prefácio à obra, em suas perambulações pelas ruas de Londres. Rememorando a experiência dos primeiros anos de residência na Europa, o autor destaca o apelo imaginativo que as ruas londrinas oferecem para alguém interessado em explorar artisticamente os diversos matizes da vida urbana – tanto no que tem de depositária do processo civilizacional burguês, quanto no que é determinada pelas contradições sociais que colocam à margem parte da população espoliada. Em uma só palavra, a percepção histórica do romancista, assinalada no prefácio, congrega em um só movimento o avanço do processo capitalista e a exclusão daqueles que orbitam à margem do sistema. A imbricação entre acúmulo artístico-cultural burguês e desigualdade e segregação social, fez James conceber Hyacinth como que emergindo, quase que espontaneamente, do pavimento da cidade. Um herói que parece carrear as implicações e preocupações esboçadas no prefácio: proveniente da esfera dos de baixo, recebe uma educação digna das elites, o que lhe propicia, assim, ao menos, conhecer superficialmente os objetos de arte e cultura. Passa, então, a almejar uma realização espiritual pelo cultivo da sensibilidade estética, que está em desacordo com a sua realidade de classe às voltas com a rotina do trabalho alienante e embrutecedor. Em suma, Hyacinth tem um vislumbre do potencial civilizador contido nos objetos artísticos da cultura burguesa; mas, devido à sua posição social desprivilegiada, pode apenas roçar a franja do universo social o qual corresponde esta arte. Como se observa, James pretendeu elaborar artisticamente algo de sua percepção da realidade londrina. Interessa-nos, portanto, em um primeiro momento, discutir a matriz prática que o escritor norte-americano encontrou na Europa; em seguida, como o processo social da Inglaterra do século XIX – palco privilegiado da luta de classes, como afirma Friedrich Engels – toma forma pelo prisma do herói do romance. Deste modo será possível, debater os fundamentos histórico-sociais da representação do mundo dos pobres pela singularidade do olhar de Hyacinth, como também compreender a ideia de arte que orientou a mudança de ângulo narrativo de James em relação às suas demais obras.

Palavras-chave: Henry James; literatura norte-americana; pobreza

OS DIÁRIOS DE JUVENTUDE DE VIRGINIA WOOLF E SEU ENTRELAÇAR DE SUJEITOS

Mayara dos Santos Freitas (USP)

Resumo: Este trabalho visa discutir o entrelaçar dos desenvolvimentos identitário e literário de Virginia Woolf, tomando como base os seus chamados diários de juventude. Os diários de juventude de Virginia Woolf constituem um compilado de escritos íntimos que se estendem por sete cadernos preenchidos de maneira intermitente entre os anos de 1897 e 1909. À época de sua escrita, Woolf era ainda Adeline Virginia Stephen, e não sabia que seria um dos grandes nomes da literatura do século XX. Segundo Philippe Lejeune (2014), por vezes diários funcionam como “uma viagem de exploração”. Escreve-se para entender-se, para constituir-se. Ao longo dos cadernos íntimos da jovem Virginia, para além de todas as possíveis peculiaridades de sua escrita, entrevê-se, por intermédio de passagens que versam sobre a sociedade na qual se vive, sobre a importância de se viajar, sobre as atitudes que deixam ou não de ser tomadas, o desenvolvimento da identidade de um sujeito. Sujeito esse que não se mostra estático e uno nem no momento da escrita e nem no correr do tempo, posto que se relê, repensa-se, muda, reconstrói-se. Entrelaçado à constituição do sujeito “Adeline Virginia Stephen”, que se pensa e age no mundo ao seu redor, é possível enxergar o

desenvolvimento de uma identidade literária, o nascer e os primeiros passos de um sujeito escritor. Virginia traz para suas anotações íntimas elementos de cunho literário: insere um personagem ficcional chamado Miss Jan, que por diversas vezes assume o papel de agente no primeiro dos diários; escreve em muitos momentos baseando-se na possibilidade de um leitor, “I suppose a reader sometimes for the sake of variety when I write; it makes me put on my dress clothes such as they are” (WOOLF, 1990); faz uso de certas técnicas de escrita, como as típicas de ensaios, para narrar acontecimentos de sua vida. Pretende-se, então, mostrar que no correr dos diários tem-se uma relação muito intrínseca entre desenvolvimento identitário e literário. Virginia se constitui como pessoa, pensa o ambiente a sua volta e o lugar que nele ocupa procurando formas de representá-lo. Ela perscruta o seu fazer literário incansavelmente até perceber quem ela é e também quais são os meandros estilísticos do seu “eu” escritor, entre eles, a não transposição do mundo para o papel como se esse fosse retilíneo, unitário – característica essa que, anos após o término desses cadernos íntimos, permeará muitas das obras mais importantes da já então Virginia Woolf: “I attain a different kind of beauty, achieve a symmetry by means of infinite discords, showing all the traces of the minds passage through the world; & achieve in the end, some kind of whole made of shivering fragments; to me this seems the natural process; the flight of the mind” (WOOLF, 1990).

Palavras-chave: Virginia Woolf; Diários de juventude; Sujeito.

ESPAÇO, ALTERIDADE E MODERNIDADE EM "DÉBARCADÈRES", DE JULES SUPERVIELLE

Augusto Darde (UFRGS)

Resumo: Jules Supervielle foi um poeta de expressão francesa nascido no Uruguai. O seu livro “Débarcadères”, de 1922, tem como tema principal a viagem marítima entre a Europa e a América do Sul nas primeiras décadas do século XX. A partir desse deslocamento espacial, são fundados tanto o universo da obra quanto o olhar de um eu-lírico viajante. Não há destino fixo, mas uma sucessão de idas e vindas que trazem ao leitor algumas experiências do percurso. Várias dicotomias se formam na construção do texto. Por vezes, a subjetividade do eu-lírico participa de um encontro de culturas distintas e, em alguns momentos, é o próprio espaço que se desdobra em duplos, sobretudo através de um contraste muito familiar à condição moderna: natureza/civilização. Também o aspecto formal de “Débarcadères” apresenta uma importante dualidade, ligada, nesse sentido, à sua época de publicação, em que a reflexão das vanguardas propõe tanto rupturas radicais quanto possíveis permanências de modelos estéticos do passado. Folheando as páginas, o leitor testemunha a coexistência de decassílabos heroicos e versos livres. Assim, no aspecto da forma poética, Supervielle opta pela síntese dialética do clássico/moderno. O presente trabalho propõe uma análise do espaço em três poemas de “Débarcadères”, a fim de observar como se relacionam e se constroem textualmente as dicotomias apontadas acima. Se, na forma, o autor busca aproximar opostos em uma certa harmonia, no âmbito espacial, a síntese nem sempre se efetiva: no poema “Retorno à Estância”, a vegetação do pampa uruguaio despreza qualquer elemento de cultura europeia; em “Paquete”, há um embate onde o mar estranha a presença continental do navio; já em “Marselha”, por outro lado, o mar se dilui no cotidiano da cidade portuária. Nesses contrastes espaciais, o tema da alteridade é dominante. Quando observamos a relação entre os componentes das dicotomias, há sempre um efeito de estranhamento em ação, ou distanciando seus dois lados ou aproximando-os através da superação de si enquanto estranhamento. Para situar o tema da alteridade, da dicotomia eu/outro – onde “/” é o estranhamento –, traremos uma possível herança à qual o livro “Débarcadères” é fiel: o interesse pelo tema da alteridade que caracteriza uma das importantes reflexões estéticas da poesia francesa moderna da segunda metade do século XIX. Seja em torno do “eu sedento do não-eu” do flâneur de Charles Baudelaire, seja na continuidade da fórmula “Eu é um outro” do voyant de Arthur Rimbaud, Jules Supervielle povoa os espaços de seus poemas com subjetividades que se encontram entre si e a si, fundando exatamente na reverberação desse choque o seu material poético principal. Assim, o eu-lírico viajante está atento não apenas à sua constituição subjetiva e a como ela responde e se abre aos diferentes cantos do mundo, mas

também às subjetividades que observa pelo caminho, a como elas respondem a ele mesmo, ao espaço que as cerca, à distância que as enquadra.

Palavras-chave: Supervielle; Poesia; Alteridade; Modernidade.

O TERCEIRO ATO DE HENRY JAMES: DESCONEXÕES, DESLOCAMENTOS E O ELEMENTO DESTRUIDOR EM "THE IVORY TOWER"

Marcelo Pen (USP)

Resumo: O estudo reabilita um antigo argumento de Stephen Spender acerca do “elemento destruidor” (1935), dilema histórico com que teriam se confrontado autores modernistas como Eliot, Auden e Kafka – um grupo em cujo centro Spender insere o escritor norte-americano Henry James. Seguindo essa relação, e também as mais recentes teses de Beverly Haviland, Marc Shell e Stuart Culver sobre o papel do dinheiro, da riqueza, da tecnologia e dos meios de comunicação na desconexão entre artefato cultural e referente, com o resultante sentimento de fantasmagoria e impostura gerado pela resignificação, este trabalho procura examinar alguns dos enigmas de "The Ivory Tower" (1917), romance póstumo e inacabado no qual James desvela sua visão mais impiedosa sobre o mundo moderno, um “retrato do inferno não mitigado pelo deleite estético” (Spender). A pesquisa leva em consideração não apenas os elementos intrínsecos, mas também extrínsecos, como inerentes a esse retrato, compreendendo o aspecto inacabado do romance (propondo que se trata de obra cujo significado é enformado pela própria ausência, sendo completo em sua incompletude); o misterioso caso envolvendo o trecho elusivo relativo ao igualmente elusivo bigode do herói, Gray Fielder; ou o símbolo polissêmico da torre de marfim, que, “blank and replete” [vazia e repleta], igualmente põe a arte no banco dos réus pelo modo como ela responde aos dilemas políticos e históricos suscitados pela opulência econômica da Era Dourada norte-americana. Ao enfrentar práticas pecuniárias predatórias e às vésperas de imensas catástrofes produzidas pela mesma civilização violenta que produz as grandes obras-primas, a arte se vê obrigada a lidar com curtos-circuitos advindos dos detritos da alta cultura. Ao fazê-lo, ela também corre o risco de converter-se naquilo que ela própria invoca, ao mesmo tempo operando com e consubstanciando-se em fragmento, desconexão e deslocamento.

Palavras-chave: Henry James; dinheiro; modernismo; resignificação

2 de agosto

8h30

FORMAS DE INSCRIÇÃO NO MUNDO

Mirian Gado Fernandes Costa (USP)

Resumo: “Você junta duas coisas que nunca foram juntadas antes. E o mundo se transforma”, esta reflexão de Julian Barnes – escritor e ensaísta inglês, encontra-se em Altos Vãos e Quedas Livres (Levels of Life, 2013), um texto híbrido apresentado em três partes articuladas como um romance. Nesta narrativa, a potência da memória e sua precariedade, lembranças e sua falta, impelem o escritor a encontrar a palavra justa e lúcida para descrever a morte da esposa, mas, sobretudo, para partilhar a dor da perda e a experiência do luto para qualquer outro, indicando como a intensidade dos afetos preside formas literárias. A narrativa pouco convencional mescla o tempo cronológico e o tempo subjetivo, ao recontar a experiência empática da morte: “Os escritores acreditam nos padrões que suas palavras criam, eles esperam e acreditam que possam expressar ideias, histórias, verdades. Esta é a salvação deles, estejam ou não devastados pelo luto” (BARNES, 2013). Sua história não é particularizada, tampouco há questionamentos sobre os limites entre ficção e realidade, comum na autoficção. Considerando os aspectos formais desta obra e de O Papagaio de Flaubert, 1984 - onde Barnes explora, inventiva e ficcionalmente, a vida e obra do escritor francês, e fusionando gêneros, incentiva a reflexão sobre os limites do biografismo e da própria crítica literária - estabeleço como objetivo desta comunicação, a investigação de como essas duas obras espelham uma demanda contemporânea que diz respeito “...à era do testemunho, a busca de uma unidade

entre o pensar e o existir, assim como a perda da capacidade estruturante dos grandes paradigmas, que contribuem para o entusiasmo atual pelo biográfico” (DOSSE, 2009). Encontrar o corte biográfico em uma obra ficcional é importante etapa analítica, ainda mais se revelar aquilo que traiu as intenções originais do autor, expondo o que fugiu do controle no processo criativo; a ficção se torna eco de questionamentos do sujeito frente sua posição no mundo, a passagem do tempo, o enredo de seus sentimentos e de sua morte, permitindo refletir sobre as transformações da narração de si num contexto contemporâneo progressivamente esfacelador da experiência subjetiva, essas narrativas indicam formas de resistência e tentativas de construção de ressignificações. Pressupostos de Paul Ricoeur encontrados, especialmente, em *Tempo e Narrativa II*, 1995 e *Metáfora Viva*, 2000, nos lembram que o tempo se torna humano na medida em que é articulado de modo narrativo, e a narrativa se torna significativa na medida em que esboça traços da experiência temporal. Biografias ficcionalizadas de autores são locus privilegiado do encontro entre a vida interna do sujeito e sua inscrição em determinada história social e cultural, instaurando um campo de renegociação e reinvenção identitária, pois se honesto no discurso, atento e receptivo ao mundo a seu redor, o narrador transforma digressões em forma literária, partilha experiências, criando “certa distância até do seu próprio eu, mas essa distância é a condição para a proximidade em relação aos outros” (PERRONE-MOISÉS, 2016), o que o religa ao mundo fragmentado, trazendo à tona a dimensão política dos sujeitos e a força dos afetos.

Palavras-chave: Contemporaneidade; Escritas de si; Ressignificação

A AUTONOMIA E A PRECARIZAÇÃO DO ESCRITOR PROFISSIONAL CONTEMPORÂNEO

Larissa Lacerda Nakamura (UFBA)

Resumo: Tendo em vista que o deslocamento do escritor de um sistema de mecenato a nova economia de mercado veio acompanhado regras consequentes da recém-adquirida autonomia, sabemos que na hoje, na contemporaneidade, esse artista encontra-se conectado a modos de hegemonias de subjetivação, em que é preciso coproduzir-se a fim de vender sua força de trabalho e conquistar sua desejada liberdade na dedicação à literatura. Ora, a partir do momento que o produtor cultural consegue viver unicamente de sua pena, entende-se que é superada uma etapa árdua a ser conquistada, muito embora outros desafios encontrem-se à frente. A liberdade do autor está em poder dedicar-se única e exclusivamente ao trabalho artístico, e em mostrar-se responsável pelo manejo nas escolhas assumidas em seu exercício profissional. No entanto, de acordo com Isabell Lorey (2006), as noções de autonomia e liberdade representam uma falsa ilusão e, ao mesmo tempo, possíveis no governo de si governamental, mas para isso há de se levar em conta o paradoxo que lhes é interior. A partir dos estudos empreendidos por Foucault (1976), Lorey afirma que cada cidadão passa a ser inteiramente responsável por si, tendo em vista o cuidado e o investimento físicos a fim de vender seu corpo como força de trabalho a fim de se ajustar ao papel de indivíduo biopolítico. Assim, é preciso disciplinar e controlar o corpo, o próprio eu, entendendo-os como meio de produção, garantindo sua segurança e estabilidade de vida. Importante destacar que os dispositivos governamentais de dominação utilizados dissimulam a repressão que está contida no governo biopolítico, e acabam por sujeitar as pessoas à subordinação e ao controle interiorizados. No contemporâneo, os indivíduos se constituem através de relações voltadas para si de natureza egocentrada e egoísta que são primordiais na constituição da ideia de autonomia. Há, portanto, uma orientação das relações através das quais os “denominados sujeitos autônomos e livres constituem a si mesmos como tais.” (LOREY, 2006, p.3) Possuir autonomia representa, para os escritores profissionais ou aos que desejam sê-lo, crer em absoluto na “livre” escolha de viver modos de vida e trabalho precários, mas que foram, acima de tudo, elegidos voluntariamente para si. Nesse sentido, os indivíduos que desejam se profissionalizar na literatura são os que estão mais sujeitos a condições exploratórias de trabalho, pois, acreditando na autonomia e liberdade de suas escolhas, aceitam trabalhos temporais, frequentemente mal remunerados e menos criativos com o propósito de sustentar sua atividade artística no mercado da arte. Em se pensando os escritores que almejam a profissionalização, a precarização massiva revela-se ainda mais pronunciada, posto que ela se impele

rigidamente sob as condições de trabalho apresentadas, em especial naqueles indivíduos que perseguem o sonho de se aventurar na possibilidade de integral administração nas suas vidas, criatividade e novo ofício, e no abandono de profissões liberais.

Palavras-chave: Profissionalização; escritor; autonomia

ESPAÇO URBANO E LETRAMENTO NA LITERATURA CHICANA CONTEMPORÂNEA: UMA LEITURA DE UNDER THE FEET OF JESUS, DE HELENA MARÍA VIRAMONTES

Osvando de Melo Marques (USP)

Resumo: No eixo central do enredo de *Under the Feet of Jesus*, publicado em 1995 pela autora chicana Helena María Viramontes, encontra-se Estrella, uma adolescente de 13 anos, norte-americana de ascendência mexicana, cujo letramento, que se dá de maneira peculiar (por meio da leitura de signos não verbais de rótulos de embalagens e associando-se as letras do alfabeto às ferramentas manuais de seu padrasto), é retratado como força motriz de seu empoderamento, tornando-a capaz de se libertar dos discursos hegemônicos que permeiam o espaço marginal em que ela e sua família encontram-se confinadas, durante o tempo das colheitas na Califórnia. Como demonstra o romance, discursos hegemônicos são constantemente construídos em espaços sociais e inscritos de tal maneira no eu, que indivíduos e grupos acabam por se tornar subjugados pelo poder dessa espacialização. *Under the Feet of Jesus* descreve como a personagem principal, por meio do letramento, aprende a lutar contra esses vários discursos e a redefinir seu espaço nesse lugar geográfico chamado Estados Unidos da América. São objetivos principais desta comunicação: a) apresentar sucintamente uma retrospectiva da história chicana, pontuando posicionamentos e reposicionamentos dos chicanos nos espaços urbanos estadunidenses e demonstrando como os mexicanos-americanos tornaram-se, por força de um desdobramento histórico imperialista, a parte da não parte, em consonância com a tese do dissenso postulada pelo filósofo Jacques Rancière (2010); b) propor uma análise do espaço social retratado no romance de Viramontes, a partir da perspectiva de teorias pós-modernas de espaço, diferenciando realidades espaciais diversas (sociais, culturais, políticas, econômicas, entre outras) de lugares geográficos propriamente ditos, considerando-se, em particular, os contextos históricos dos trabalhadores migrantes de origem mexicana nos Estados Unidos, descritos na referida obra, e c) verificar em que medida a aquisição do letramento pode ser considerada o principal meio pelo qual a protagonista da história adquire agência e consegue romper com os grilhões dos discursos opressores – linguísticos, raciais, econômicos e de gênero – que a relegam a uma posição de sujeito neocolonial. Para o desenvolvimento dessa análise, nos valeremos de influentes teorias de espaço e lugar, tais como as de Mike Davis (1990), Arjun Appadurai (1990), James Clifford (1992) e Frederic Jameson (1993), e de letramento crítico, como as propostas por Paulo Freire (1974) e Henry Giroux (1992). Demonstraremos, também, como a voz de transgressão da narradora do romance, alinhada com a noção pós-moderna de escrita como reescrita, postulada por Niall Lucy (2000), torna-se crucial para elucidar o processo de redefinição do espaço e de libertação do jugo neocolonial vivenciado pela protagonista.

Palavras-chave: espaço; letramento; literatura chicana

MODERNIDADE E PÓS-MODERNIDADE: FIGURAS DA CIDADE EM DICKENS E CALVINO

Geraldo M. Cáffaro (UNIMONTES)

Resumo: Na célebre abertura do romance *Bleak House* (1853), Charles Dickens nos apresenta a imagem de uma Londres quase que indiscernível em meio à névoa e lama. Como muitos críticos têm apontado, tal imagem teria função metafórica, a de sublinhar a cegueira e alheamento do sistema jurídico inglês na primeira metade do século XIX. Ao longo do romance, podemos observar a proliferação de figuras e descrições da cidade que realçam toda a multiplicidade e fragmentação daquela que era a capital do império britânico naquele momento. Embora esse seja um romance mais inserido dentro do contexto da modernidade, proponho, nessa comunicação, lê-lo em contraponto e em aproximação a *Cidades Invisíveis* (1972), de Ítalo Calvino, alinhado com a estética

pós-moderna. Inspiro-me, a princípio, no trabalho de Alessia Ricciardi, “Lightness and gravity: Calvino, Pynchon, and postmodernity” (1999), mas minha proposta busca questionar a suposta coerência e hierarquia implícita nas categorias modernidade/pós-modernidade e alinha-se com a perspectiva de Jay Clayton, que observa que tanto o “Romantismo quanto o pós-modernismo compartilham a condição de serem os dois discursos anti-iluministas mais significativos produzidos no Ocidente” (Tradução minha. CLAYTON, 2003, p. 7). Seja como romântico, realista, ou pré-moderno, Dickens aborda o espaço urbano de forma notadamente alegórica, assim como o faz Calvino em seu romance, e interessa-me explorar, especificamente, a cidade entendida como conjunto de signos em constante deslocamento e disjunção com seus supostos referentes. Além disso, o tema da invisibilidade, a relação do império com suas margens, e a alternância de pontos de vista na apreensão da cidade (Esther Summerson e o narrador onisciente; Kublai Khan e Marco Pólo) serão alguns dos elementos norteadores de minha análise. Esse trabalho ampara-se em teorias do espaço, nos estudos urbanos, em teóricos do pós-estruturalismo e pós-colonialismo e em trabalhos de cunho comparatista que têm estabelecido novas interseções entre autores de contextos e épocas distintas.

Palavras-chave: Dickens; Calvino; figuração; cidade

49 - MULHERES EM TERRITÓRIO LITERÁRIO: ENTRE TRANSIÇÕES ESTÉTICAS, AUTORIA, SUBJETIVIDADE E HIBRIDISMO

Coordenação: Guacira Marcondes Machado Leite (UNESP/ ARARAQUARA); Fani Miranda Tabak (UFTM/UBERABA)

Resumo: Este simpósio agrega estudos que tenham como tema central a mulher, seja sob o prisma da produção literária, seja sob a forma de representação discursiva. Considerando o trabalho arqueológico sobre a mulher que se intensifica a partir dos anos 90 e o aumento da visibilidade feminina nas mais variadas cenas da cultura, entendemos que seja necessário refletir sobre a condição de transição estética que se opera nos discursos produzidos pelas mulheres e para as mulheres desde o século XIX.

A partir dos oitocentos, estereótipos femininos eram construídos e repetidos por meio do imaginário literário, escritos fundamentalmente por homens, para determinar espaços e papéis esperados das mulheres. Consequentemente, a linguagem torna-se objeto onde se instaura e se manifesta o poder, uma vez que, repetida exaustivamente, é usada para solidificar estereótipos discursivos em um determinado tempo, legitimando-os como uma construção histórico-cultural a ser compreendida. O poder exercido pelo imaginário romanesco do século XIX, enquanto mediação perfeita de um ponto de vista androcêntrico sobre a mulher, nos permite compreender o desenvolvimento de mecanismos para controlar e punir as questões de gênero, criando uma cultura exemplar de condutas a serem seguidas já que as mulheres estavam excluídas de toda e qualquer participação cultural.

A criação literária feminina nesse período, no entanto, demonstrou tratar-se de uma produção extremamente híbrida, em que a produção estética configura um amalgama de tendências que tornam difícil a sua classificação dentro dos parâmetros escolares de época, tão caros à história literária romântica. Nesse sentido, a produção de mulheres encontrava novas formas de comunicação da vida social e de si. A partir da observação desses discursos femininos, que se intensificou nas últimas décadas, podemos acompanhar a inquietação de uma produção teórica que deve reconstruir um modo operacional para tratar desses móveis artísticos. Com uma natureza intrinsecamente feminina, esses discursos problematizam as noções de autoria, hibridismo, subjetividade e transição estética.

Interessa-nos, portanto, do ponto de vista da linguagem, como o poder exercido por variados discursos dentro do universo literário compõe representações que legitimam ou não espaços forjados ao gênero feminino e como este discute com suas “forjas”. Nesse aspecto, dialoga-se diretamente com a noção de que o corpo é um produto oriundo de uma cultura historicamente determinada e que deve ser examinado a partir dos diferentes discursos que o engendram. O corpo

feminino, objeto discursivo de diversas metáforas sociais, transcende o espaço literário e encena representações para além da arte. O corpo é memória que se ergue de uma tradição misógina, mas é forma semovente que luta para ressignificar-se. Assim, procurando avançar na compreensão de um corpo que se agiganta, um novo movimento de discussão e leituras das geografias da identidade (Friedman, 2017), impactando de forma irrefutável os estudos feministas, aponta que a noção de identidade, localismo, está muito além de um espaço determinado, mas subjacente às diferentes construções discursivas de uma sociedade em constante tensão e redimensionamento de suas ideias. A produção literária feminina, nesse sentido, incorpora intersecções importantes que traduzem desde seus localismos periféricos até questões discursivas que reinventam as próprias noções de sexualidade forjadas. Nesse território literário, a estética de produção feminina reinventa modos e formas de concepção dos objetos artísticos, submetendo-os a um tratamento intenso de verticalização subjetiva. A invenção de si incorpora uma metáfora de desprendimento de uma longa e penosa tradição misógina, projetando um universo dinâmico que traduz a possibilidade de um futuro, de um corpo reinventado. Essa estética proporciona ao texto uma posição híbrida, caracterizando uma identidade que está em constante dissolução de si mesma. Nessa direção, a produção literária feminina encontra, a nosso ver, uma ressonância intensamente forte nas palavras de Maria Teresa Horta: *A literatura é o meu primeiro sentido das coisas. Entre aquilo que leio e aquilo que escrevo, correnteza de rio indo pelo caminho das pedras, até ao lugar onde as águas se misturam, se confundem, se fusionam.*

REFERÊNCIAS:

- Brandão, Izabel (org.) Traduções da cultura: Perspectivas Críticas Feministas (1970-2010)/ Izabel Brandão, Ildney Cavalcanti, Cláudia de Lima Costa, Ana Cecília Acioli Lima (Organizadoras). – Florianópolis: EDUFAL; Editora da Ufsc, 2017.
- Flores, Conceição.(org.) Mulheres e literatura: ensaios. Natal: Edunp, 2013.
- Foucault, Michel. A Ordem do Discurso. 17ª Ed., São Paulo: Edições Loyola, 2008.

1 de agosto

8h30

ESCRITORAS EM TRÂNSITO: MARY WOLLSTONECRAFT E NÍSIA FLORESTA

Flora Schroeder Garcia (PUC-SP)

Resumo: O ideal burguês de mulher que pretendeu restringir a ação das mulheres no mundo à procriação e à manutenção da harmonia familiar, negando-lhes a liberdade espacial, intelectual e artística, teve sua gênese ainda no século XVIII, a partir de discursos como o presente em Emílio ou Da educação, de Jean-Jacques Rousseau. No século XIX, atingiu a sua forma mais acabada, cristalizando-se na figura do Anjo do Lar, engendrada em poema homônimo pelo inglês Coventry Patmore. O seu efeito tornar-se-ia tão devastador que, em seu ensaio “Profissões para mulheres”, publicado originalmente em 1942, Virginia Woolf apresentaria o assassinato metafórico do Anjo do Lar como necessário à plena liberdade intelectual e artística das mulheres. Entretanto, todas as raízes da potência destruidora desse ideal encontram-se já no tratado pedagógico rousseauiano. Ao final dessa obra, tendo explorado detalhadamente a educação do pupilo Emílio, o autor introduz Sofia, sua companheira ideal, e aborda a educação da jovem, concebida de forma oposta e complementar. No plano pedagógico de Rousseau, figura enquanto atividade reservada aos homens a prática da viagem. Essa prática era entendida, no século XVIII, como importante parte da educação do sujeito cosmopolita e da formação do cidadão, devido ao conhecimento de mundo que possibilitaria alcançar. Dessa maneira, devido ao crescimento do turismo, buscou-se combater à época, em inúmeros tratados dirigidos ao viajante que estabeleciam os modos adequados de viajar, a ameaça de que fosse desfeito o elo entre o conhecimento e a viagem. Entre os autores desses manuais estão pensadores proeminentes na tradição do pensamento ocidental, como Bacon e o próprio Rousseau (SCHLICK, 2014). Além disso, com efeito, buscou-se limitar, com base em

argumentos de ordem filosófica e biológica, a participação das mulheres também nessa prática. Todavia, a despeito do que é propagado pelo discurso hegemônico, são inúmeras as mulheres ocidentais - provenientes de diversas localidades e que viveram em diferentes períodos históricos - que pensaram, que viajaram e que criaram obras de arte. Tanto que a viagem, que desempenha considerável papel na literatura ocidental - como metáfora ou como eixo narrativo -, está presente em incontáveis obras literárias escritas por mulheres. Desse modo, procurando realizar nossa modesta contribuição à imensa tarefa de retirar da invisibilidade a produção literária de mulheres, procuraremos considerar os modos como a viagem é imbuída de sentidos próprios ao ser elaborada por duas autoras em seus relatos de viagem: a inglesa Mary Wollstonecraft (1759-1797), que foi importante filósofa, escritora e feminista, e a brasileira Nísia Floresta (1810-1885), que além de educadora, escritora e poetisa, foi também defensora dos direitos das mulheres, dos escravizados e dos indígenas.

Palavras-chave: escritoras; condição feminina; relato de viagem

RACHILDE: CRÍTICA LITERÁRIA E ROMANCE NO FIN-DE-SIÈCLE FRANCÊS

Camila Soares López (UFU)

Resumo: Rachilde (1860-1953), pseudônimo de Marguerite Eymery, deixou ainda jovem sua abastada família, oriunda do interior da França, e aventurou-se nas rodas simbolistas e decadentistas do fin-de-siècle parisiense. Lançou-se como repórter, romancista e crítica literária em um momento em que essas atividades eram majoritariamente exercidas por homens. Nesta comunicação, propomos a apresentação da atuação de Rachilde nos agrupamentos de sua época e o estudo de sua escrita em diferentes suportes: na revista *Mercure de France*, cuja série *moderne* teve início em 1890, ela foi a responsável pela resenha de romances entre os anos de 1896 e 1914, trazendo ao público a avaliação de diferentes obras, sob um estilo pessoal e afinado às disputas do campo literário e das sociabilidades que permeavam a crítica do período. Também ofereceu reflexões sobre sua produção e seu processo de formação como escritora. Em seus romances, a exemplo do *Monsieur Vénus*, trouxe polêmica e escândalo para sua época ao dar vida a personagens que transitavam entre o gênero masculino e o feminino – assim como a própria autora, que adotou a alcunha de *Monsieur Rachilde* para exercer o ofício jornalístico, e escreveu sob outros pseudônimos masculinos, como Jean de Chilra. Tal como aponta Martine Reid (2010), a produção romanesca de Rachilde foi via do questionamento dos papéis de gênero estabelecidos na sociedade francesa do XIX, do casamento, da ordem e das relações sentimentais.

Palavras-chave: Rachilde; Crítica Literária; Romance.

A ESCRITA DA MULHER PARA A MULHER NA IMPRENSA PARAENSE OITOCENTISTA

Maria Lucilena Gonzaga Costa Tavares (UFPA)

Resumo: O ano de 1822 representa uma data importante para a província do Grão-Pará, não apenas por ter sido a Independência do Brasil, afinal, nessa província isso só ocorreu quase um ano depois, em 15 de agosto de 1823, mas, porque testemunhou a inauguração da imprensa na região, por intermédio do paraense Felipe Patroni. A atuação da imprensa no Grão-Pará ocorreu em vários setores, principalmente, no educacional, visto que contribuiu para a democratização da leitura e da escrita na região. Os imigrantes portugueses residentes na província, percebendo a importância da imprensa como um negócio lucrativo, fundavam jornais com características próprias, uma vez que além de atuarem como editores e redatores, publicavam notícias estrangeiras, mormente de seu país de origem, e das demais regiões do país, e divulgavam bens de consumo nacionais e importados, oportunizando ao paraense maior acesso à informação, especialmente aquelas escritas por um público específico: o feminino, que, com a produção da borracha e a chegada da Belle Époque amazônica, tornara-se mais exigente e consumidor da moda e de produtos importados da Europa, inclusive, os afamados romances-folhetins, muito apreciados no território paraense. Nesse sentido, a província do Grão-Pará contou com uma correspondente feminina exclusiva para esse público seletivo. É o caso de Guiomar Torrezão (26/11/1844 – 22/10/1898),

escritora lisboeta que, em fins da década de 1870 para início de 1880, publicou como correspondente portuguesa no jornal O Liberal do Pará. Guiomar, na condição de repórter de moda, escrevia periodicamente para as leitoras paraenses, ávidas das novidades estrangeiras tais como vestimenta, comportamento, alimentação, entre outros assuntos. Mas o importante na escrita dessa repórter era a maneira como abordava tais assuntos, introduzindo em suas correspondências relevantes questões de feminismo destinadas a essas leitoras. Notamos, em nossa pesquisa que Guiomar Torreção criara uma técnica de “dissimulação” discursiva, uma vez que iniciava sua escrita a falar sobre moda e, na sequência do texto, introduzia suas ideias e opiniões a respeito do feminismo para, posteriormente, concluir seu texto com alguma receita de culinária ou modelagem de roupa, de maneira que ela conseguia “disfarçar” a real intenção de sua escrita, caso fosse lida por algum marido vigilante desse propósito. Assim sendo, este trabalho objetiva apresentar a escrita feminina em periódicos oitocentistas, especialmente as publicações da referida escritora que estiveram, por longo tempo, esquecidas nas páginas dos periódicos oitocentistas – enquanto fonte documental de sua atuação – a fim de ratificar as contribuições da mulher na imprensa oitocentista.

Palavras-chave: Escrita Feminina; Imprensa Paraense; Século XIX.

A GEORGE SAND DE ÁLVARES DE AZEVEDO

Patrícia Aparecida Guimarães de Souza (USP)

Resumo: Durante o século XIX, observamos uma intensa circulação de obras do romantismo europeu no Brasil. Entre os autores lidos pelos românticos brasileiros, podemos destacar a romancista francesa George Sand (1804-1876), que além de sua vasta produção literária, participava ativamente na vida política de seu país. Ela escreveu em periódicos, chegando a ter uma publicação em conjunto com o socialista Pierre Leroux, dissidente radical do saint simonismo e defensor da igualdade entre os gêneros, também manteve diálogos com Lamennais, que pregava um cristianismo de cunho social. A romancista teve ainda participação direta nas revoluções de 1848. Álvares de Azevedo (1831-1852), poeta ligado ao romantismo paulista de teor byroniano, foi um de seus admiradores. Dedicou a ela um longo trecho de seu poema narrativo O Conde Lopo e um estudo literário: George Sand – Aldo o rimador. No poema, o paulistano faz uma descrição viva da autora. Afirma que seria impossível que um poeta não se apaixonasse por ela, devido a sua beleza e por pensar como os jovens românticos, assim poder compreendê-los. No estudo literário, Álvares de Azevedo destaca elementos de sua biografia, como seus amores, seus posicionamentos políticos e a sua atividade como literata, além de analisar e traduzir alguns trechos de uma de suas obras. Ser uma mulher separada do marido, que escrevia, viajava só e defendia ideias socialistas era motivo de assombro para ele, que a admirava, mas em alguns momentos também censurava seu comportamento e certa “imoralidade” de sua obra, rapidamente “perdoada” ao afirmar que o fim da arte era o belo e não a moral. Aldo le Rimeur foi a obra escolhida por Álvares de Azevedo para traduzir e analisar, provavelmente pela proximidade temática com seus próprios trabalhos. O texto de Sand, além de ter a forma de fragmento, utilizada também pelo poeta brasileiro, tem como eixo central as dores de um jovem poeta que não consegue viver de sua poesia e que, mesmo depois de encontrar o amor e estar numa situação de vida confortável, continua a sofrer, revelando que esse langor era traço de sua personalidade. Em seu trabalho crítico, Álvares de Azevedo ainda faz uma comparação do Ado com o Chatterton de Alfred de Vigny (1797-1863), também analisado e com trechos traduzidos no estudo. Nesta comunicação, pretendo debruçar-me sobre a representação da autora feita pelo poeta brasileiro, e comparar os sentidos dado por Sand a sua obra, em comentários posteriores, e pelo poeta com as escolhas dos trechos que traduziu. Também pretendo observar como são apresentadas as personagens femininas dos trabalhos de Sand e Vigny e a forma que Álvares de Azevedo as apresenta. Este trabalho é baseado em um dos itens de minha dissertação de mestrado, defendida ano passado.

Palavras-chave: Álvares de Azevedo; George Sand; Romantismo

A MORTE DO FEMININO E O DISCURSO DA ABJEÇÃO EM FRANKENSTEIN: OR THE MODERN

PROMETHEUS, DE MARY SHELLEY

Fani Miranda Tabak (UFTM)

Resumo: Em 1818, Mary Godwin publica sua primeira edição de *Frankenstein: or the Modern Prometheus*, dando início a um gênero pouco praticado entre as mulheres. Precursora das narrativas de horror, Godwin estabeleceu uma importante contribuição que teria sido impulsionado, anos mais tarde, por boa parte dos autores pertencentes às chamadas gerações românticas. A primeira edição, quase desconhecida do público hoje, é um texto que passou por uma revisão considerável até chegar à sua edição de 1831, já com a influência do marido. As diferentes versões da obra, bem como as alterações que lhe foram sugeridas ao longo de uma década, evidenciam alguns fatores importantes para a aceitação pública da autora, bem como uma mudança profunda que está atrelada ao seu posicionamento social enquanto esposa de Shelley. Em análise das edições de 1818 e 1831, notamos que as metáforas sociais produzidas na obra trazem questões não apenas ligadas ao desenvolvimento científico da época, como é comumente ressaltado pela fortuna crítica, mas também a uma profunda reflexão sobre o universo feminino e o fenômeno da abjeção. O romance, que trata de um cientista que cria uma criatura a partir de restos mortais, Viktor Frankenstein, trata de algumas questões sociais importantes. A divisão de papéis exercidos pelo mundo masculino e feminino, por exemplo, é claramente desnudado entre os personagens Viktor, Clerval e Elizabeth. Viktor e Clerval são homens interessados na ciência, enquanto Elizabeth apenas lê poesia e contempla o mundo (criando uma espécie de microcosmo feminino). A partir da morte da mãe de Viktor, e do seu desejo final de vê-lo casado com Elizabeth, a trama se encarrega do que chamo de morte simbólica do feminino. Nessa direção, o monstro criado, a criatura, representa, em uma primeira instância, uma metáfora da criação de um mundo sem o feminino, um projeto criacional que aborta o útero como abrigo fundamental para o nascimento, escolhendo um homem, enquanto pai autônomo, para seu desenvolvimento. O monstro, como duplo do pai que o criou, é lançado ao mundo da existência sem o feminino, tornando-se um corpo abjeto que transita em busca de aceitação. A criatura, ainda, empreende uma busca pelo feminino, já que crê que seu criador deve dar-lhe uma fêmea para que possa sobreviver em uma sociedade que o excluiu do convívio social. A recusa do feminino por Viktor, ancorada na brutalidade do monstro e no seu arrependimento, leva ainda ao desdobramento de outra sexualidade reprimida entre Viktor e sua pretendente Elizabeth. Ao apagar o elemento feminino e a possibilidade de sexualidade em toda a narrativa, a perspectiva autoral nos leva à sua condição abjeta para os moldes de escrita de sua época.

Palavras-chave: Mary Godwin, *Frankenstein*; Feminino; Mary Shelley.

1 de agosto

14h30

A MEMÓRIA COMO GATILHO DAS RELAÇÕES SOCIAIS NOS ESCRITOS DE LYGIA FAGUNDES TELLES

Vanessa Aparecida Ventura Rodrigues (UNESP)

Resumo: Os arranjos familiares estão, há muito tempo, no centro de grandes obras literárias, desde as grandes tragédias gregas até os grandes romances dos séculos XIX e XX. O termo família remete-nos a um microcosmo refletor de toda uma época, e assim, a partir do apogeu da forma romanesca, passou-se a ler sobre as histórias familiares como forma de conhecer a sociedade e o mundo, histórias que vinham retratar, na maior parte das vezes, relações perfeitas, porém como diria Leon Tolstói em *Ana Karenina* (1935), todas as famílias felizes se parecem, mas cada família infeliz é infeliz à sua maneira. Lygia Fagundes Telles, consagrada escritora brasileira, é autora de quatro romances e perpetua-se como escritora de contos, insere-se no universo feminino desvelando seu enfrentamento com o mundo. Para Lygia, o corpo feminino transcende o espaço literário e traz uma representação social que ultrapassa barreiras temporais; o corpo de suas protagonistas luta em busca de uma (re)significação do que é ser mulher numa sociedade baseada em tradições cruelmente patriarcais. No conto intitulado “Senhor Diretor”, publicado no livro *Seminário dos ratos* (1977), há o drama de uma senhora, Maria Emília, que deseja escrever uma carta ao Jornal da tarde

sobre a degradação moral em que a sociedade se encontra por meio da televisão; entretanto, no decorrer da leitura, seu discurso torna-se frágil e vem representar o reflexo de seus desejos reprimidos. A solidão move a vida e o comportamento de Maria Emília e, essa mesma solidão, será a responsável pela destruição de seu discurso moralista e caminho em busca de liberdade. Já em “O espartilho”, conto publicado no livro *A estrutura da bolha de sabão*, (1991) dá-se a relação da personagem Ana Luísa com sua avó com quem aprendeu, desde sempre, que “as jovens se dividiam em dois grupos, o das virgens, e o grupo daquelas que não eram mais virgens [...] – uma agressão direta para a família.” E ao falar sobre o papel da mulher nas tarefas conjugais, percebe-se, por meio dos escritos lygianos, o quanto o prazer para a mulher sempre ficou em segundo plano. Lygia, ao construir personagens como Maria Emília e Ana Luísa, faz com que nós leitoras façamos uma árdua reflexão sobre a trajetória feminina marcada pela opressão do corpo. Dessa forma, o objetivo maior desta proposta é ressaltarmos a importância das transformações da representação da mulher como objeto social, ao longo de suas aparições como personagens da literatura de autoria feminina.

Palavras-chave: Invenção; Memória; Mulher; Patriarcado

REFLEXOS E REFLEXÕES: VOZES FEMININAS SUBVERSIVAS E ESTRATÉGIAS NARRATIVAS HÍBRIDAS NOS CONTOS DE SILVINA OCAMPO

Rafael Eisinger Guimarães (Universidade de Santa Cruz do Sul)

Resumo: Poeta, tradutora e escritora, Silvina Inocencia Ocampo Aguirre, embora tenha, por muitos anos, ficado à sombra de figuras de destaque internacional como sua irmã Victoria Ocampo, seu marido, Adolfo Bioy Casares, e seu amigo Jorge Luis Borges, é hoje considerada uma das mais interessantes autoras da literatura argentina do século XX. Sua produção, além de bastante profícua – abrangendo mais de cinco décadas –, revela-se, quando lida com atenção, extremamente rica em termos temáticos e estilísticos, em especial no que tange aos seus contos. Ao longo de sua obra, elementos como o onírico, o duplo e o ambíguo são bastante recorrentes, carregando as narrativas de uma ambientação na qual, por trás de uma aparente serenidade e singeleza, imperam uma tensão e uma inquietante estranheza. Vistos em conjunto, os quase duzentos contos que escreveu, reunidos em sete livros, deixam claro o protagonismo que a experiência do feminino assume na escrita de Silvina. Nesse sentido, as relações de gênero, a condição opressiva a que as mulheres estavam submetidas, o seu assujeitamento e reclusão ao doméstico, bem como as estratégias de subversão e superação dos silêncios a que essas personagens eram relegadas, são, por assim dizer, os temas centrais da autora. Diante da impossibilidade de, nos limites da reflexão aqui proposta, dar conta satisfatoriamente da totalidade desse corpus, foram selecionados três contos em que, a meu ver, a escritora argentina não apenas problematiza e redimensiona alguns dos pontos nevrálgicos do imaginário androcêntrico como também coloca em xeque as premissas narrativas que sustentam a concepção patriarcal acerca do objeto literário. É o caso de “Autobiografía de Irene”, publicado na obra homônima, de 1948, “El diario de Porfiria Bernal”, de *Las invitadas*, de 1961, e “Cornelia frente al espejo”, presente no livro de mesmo título, de 1988. A partir de estratégias distintas – como a construção fragmentada e não linear, no caso do primeiro conto; o recurso da narrativa em contraponto, no caso do segundo; e uma construção estruturada exclusivamente em diálogos, no caso do terceiro –, as vozes femininas que se manifestam nesses textos lançam seus olhares sobre si mesmas, sobre seus corpos, sobre suas experiências gendradas, usurpando a autoridade/autoria masculina e elaborando elas mesmas as narrativas de suas identidades. Para empreender a análise aqui proposta, serão de fundamental importância a teorização levada a cabo por nomes como Elaine Showalter (1994), Elódia Xavier (2007), Hélène Cixous (1997), Luce Irigaray (1985), Lucía Guerra (2006), Nelly Richard (2003), Rita Terezinha Schmidt (2017), Rosario Castellanos (1997) e Simone de Beauvoir (2009), dentre outros.

Palavras-chave: Silvina Ocampo; personagem feminina; ginocrítica

A RUPTURA DO SILÊNCIO DE O SEMELHANTE E DAS VOZES GUARDADAS EM ELISA LUCINDA

Patrícia de Paula Aniceto (UFJF)

Resumo: O presente artigo tem por objetivo fazer uma análise das inquietações que problematizam as noções de corpo, misoginia, identidade e hibridismo nas obras *O semelhante* e *Vozes guardadas*, de Elisa Lucinda. Através de um discurso híbrido, tais produções literárias revelam saberes, experiências e vivências do sujeito lírico. Considerando que o corpo é um território, uma fronteira variável e um locus de múltiplas significações e de representações estéticas cuja identidade não se afirma de forma estável, tal análise apresenta a subversão e a libertação do corpo culturalmente construído na sociedade em que sua representação não é apenas um fator de individuação, uma vez que, em determinados poemas a mulher não se distingue do seu grupo, mas rompe com o silêncio do seu semelhante e de tantas vozes guardadas pelo sujeito lírico. Essa abordagem, através do caráter transformador e interseccional da consciência feminina, traz essa questão à tona para debate, bem como pretende confirmar e/ou refutar o acobertamento das relações que envolvem a mulher num discurso elaborado a partir do simbólico e do real, da subversão e da libertação, nesse território literário de Elisa Lucinda. Tem-se como ponto de partida e suporte teórico os textos de Simone de Beauvoir, Heloísa Buarque de Hollanda, Elaine Showalter, Judith Butler, Elódia Xavier, Zilá Bernd, Marcia Tiburi e Leandro Karnal. Para tanto, se recorrerá a outros autores sem, portanto, esgotar todas as possibilidades de leitura dos poemas analisados.

Palavras-chave: Poesia; Corpo; Mulher; Misoginia; Identidade.

ELENA FERRANTE: AUSÊNCIA, AUTORIA, METAFICÇÃO

Mariana Cristine de Almeida (USP)

Resumo: O objetivo deste trabalho é analisar a noção de autoria na obra de Elena Ferrante, escritora italiana contemporânea, como uma noção essencial da relação que a autora estabelece com o leitor. Elena Ferrante é um pseudônimo e dentro desse limite imposto pela figura da autoria e pelo seu encobrimento, estabelece-se uma relação diferente, pois que não nos é permitido conhecê-la fora do texto. É propriamente esse o fio condutor de sua “obra crítica” *La frantumaglia* (2016). Reconhece-se que mesmo essa abertura aos pensamentos críticos da autora, a possibilidade de conhecê-la além da obra ficcional é, ainda sim, duvidoso. Compreende-se Ferrante como uma construção ficcional, porque mesmo o nome, a personalidade, o tom, são criações literárias. Isso também mistura, para o leitor, os estatutos de verdade e ficção, e o insere no jogo complicado da verdade literária da qual a autora fala, em oposição à verossimilhança. Por isso, aborda-se o conceito de autoria postulada (KINDT & MÜLLER, 2006) e metaficção (WAUGH, 1984) como chaves de leitura dessa questão.

Palavras-chave: ausência; autoria; metaficção; verdade literária

O DISCURSO FEMININO DE CLARICE LISPECTOR

Guacira Marcondes Machado Leite (UNESP)

Resumo: O discurso feminino de Clarice Lispector A leitura da produção literária de Clarice Lispector (1925-1977) exige a compreensão de um discurso que se revelou desafiador desde seu primeiro livro. A própria autora, a nosso ver, jogou um pouco de luz sobre a impressão causada por sua leitura ao dizer que “escrevendo, [acha] que poesia no fundo é a mesma coisa que prosa, embora usem formas diversas”. De fato, ao narrar, Lispector exprime-se contínua e reiteradamente por meio de imagens nas quais a palavra tem sempre um sentido inesperado, a ser interpretado, e que faz nascer um novo nível de compreensão do texto. Essa maneira de escrever, as técnicas que emprega ao fazê-lo, são predominantemente as de um poeta. Ao leitor de poesia, fica o impacto provocado por uma voz lírica que trabalha no âmbito da consciência, da introspecção, e tem que manipular a linguagem como o faz um poeta. Por outro lado, o leitor de ficção tem, também, a percepção de que não enfrenta uma obra em prosa, pois reconhece nela momentos de difícil leitura, ao utilizar modos e formas que propõem uma postura distinta daquela que se encontra no processo de narrar. Clarice Lispector é o narrador que examina, apresenta seus personagens à luz de seu “olhar de míope”, como já foi dito dela, que dialoga com eles, mas sempre como alguém que espera de seu leitor uma adesão àquilo que ela revela em suas palavras, após terem sido devidamente interpretadas por meio

de um mergulho no texto que é poético. Ao examinar sua produção de contos, aparentemente em prosa, é preciso fazer um exercício de leitura reversiva, resultado de atenção ao trabalho de prestidigitadora que a autora realiza com a expressão, para criar imagens, de interpretação nem sempre tranquila e insuspeita. Nossa proposta aqui é examinar as questões estéticas colocadas por seu texto e a maneira pela qual elas se revelam traços de uma escrita feminina, voltada à percepção das intermitências do mundo interior, à visão do mundo exterior e à relação entre eles. Trata-se de um texto que incorporou novas técnicas, na esteira da hibridização de gêneros que prolifera no século XX, mas que, além disso, traz marcas que próprias da escritora. De fato, quando diz não distinguir poesia de prosa, Clarice Lispector permite que se diga, porque se pode constatar isso nas suas obras, que escreve narrativas poéticas, tal como Tadié (1978) as definiu. Por meio da leitura de “Atenção ao sábado” e “Mistério em S. Cristóvão” buscaremos encontrar as marcas e o percurso da escrita feminina dessa autora.

Palavras-chave: Clarice Lispector; discurso feminino; narrativa

VEJO UM VULTO NA JANELA, ME ACUDAM QUE EU SOU DONZELA, DE LEILAH ASSUMPÇÃO: ENTRE CRIATURAS E CRIADORAS

Esther Marinho Santana (UNICAMP)

Resumo: La casa de Bernarda Alba (1936), de Federico García Lorca, concentra sua ação em uma residência de um vilarejo no interior da Espanha, onde uma autoritária matriarca confina suas cinco filhas. Tal dinâmica de repressão e isolamento é citada já nos momentos iniciais de Vejo um vulto na janela, me acudam que sou donzela (1964), de Leilah Assumpção. De maneira análoga à peça espanhola, o título brasileiro restringe-se ao espaço de um pensionato habitado por jovens mulheres, constantemente vigiadas pela proprietária do local, Leopoldina. A referência ao controle implacável de Bernarda Alba revela, entretanto, tons um tanto irônicos, uma vez que as pensionistas participam também da São Paulo sessentista da eclosão dos movimentos estudantis, de mulheres que trocavam o ambiente familiar interiorano pela formação profissional na capital do estado, de vivências sexuais descoladas do imperativo do casamento, e da popularização da contracultura inglesa e norte-americana. As obras assemelham-se por suas figuras repressoras, particularmente ávidas por controlar os desejos sexuais e amorosos das garotas, e pela irrupção de elementos exteriores às claustrofóbicas moradias, que desestabilizam, de maneira mortal, a ordem até então imposta. Isto é, ambas as casas, ocupadas apenas por mulheres, de súbito são penetradas por homens: Pepe el Romano, nas linhas de Lorca, e agentes do DOPS, no texto de Assumpção. À imagética do desvirginamento segue-se a retomada da inflexibilidade de Bernarda Alba, responsável pelo suicídio de Adela. Já Leopoldina transforma sua vigilância inapta na submissão oportunista ao regime militar, vendendo o pensionato. Aqui, Cecília também comete o suicídio. Porém, vitima-se não pela angústia do desejo interdito, mas pela fusão de uma indisposição existencial individual com a impotência diante do golpe de 1964. Operando como uma espécie de reverso dramático da personagem, ergue-se Maria, que, nos momentos finais da ação, escreve, representando a criação literária/teatral. O presente trabalho tenciona elaborar uma análise comparada de La casa de Bernarda Alba e Vejo um vulto na janela, me acudam que sou donzela, dedicando especial atenção às suas divergências e dissonâncias. Conquanto a peça de Assumpção assinale o título de Lorca como um claro intertexto, parece modificá-lo propositalmente, sobretudo em seu funcionamento metateatral (HORBY, 1986). Trata-se, primeiramente, de um comentário ao contexto sócio-político brasileiro contemporâneo à sua escritura mais explícito do que a alegorização de Lorca da Guerra Civil espanhola e do fascismo de Franco. Ainda, avento que a personagem de Adela é apropriada por Assumpção, e ressignificada por meio de Cecília e de Maria, em medidas complementares tanto vítimas quanto realizadoras, tanto suicidas quanto sobreviventes, tanto criaturas quanto criadoras. A peça delineia, nesse sentido, uma análise não apenas de um título essencial para o que se pode considerar o cânone teatral tradicional do século XX, como uma proposição de outras potencialidades do teatro, que compreenderiam uma dramaturgia feminina.

Palavras-chave: Teatro comparado; L. Assumpção; F. G. Lorca

2 de agosto

8h30

PAULINA CHIZIANE: A ENUNCIÇÃO DE UMA VOZ FEMININA EM MOÇAMBIQUE

Sandra Maria Gonçalves da Silva (UNEMAT)

Resumo: A condição da mulher em Moçambique, como em várias partes do mundo, ainda é de silenciamento e exclusão. A literatura torna-se um dos campos para problematizar essa temática, e é por meio dela que a escritora moçambicana Paulina Chiziane desvela incansavelmente as atrocidades cometidas contra a mulher nesse contexto. Motivada pela sua experiência de mulher negra e pobre, a autora torna a sua escrita um espaço de denúncia, traz para a cena literária questões que são consideradas tabus para a tradição moçambicana. Pretendemos investigar como Chiziane aborda tais questões no romance *O Alegre Canto da Perdiz* (2010), visto que é perceptível os conflitos vividos pelas personagens com relação à sua cor e cultura. A protagonista, nesta obra, evidencia desejos dúbios de aceitação e negação de sua cultura, sinalizando na diegese que a barbárie cometida pela colonização vai além dos embates físicos, perpassam também por questões ideológicas, interferindo negativamente no modo de vida desse povo. Para embasarmos nossas reflexões, buscaremos aporte teórico em Franz Fanon, que expõe com precisão as contradições vividas pelos negros e negras durante e após o período da colonização. Observaremos, ainda, o papel da autora como intelectual em um espaço em que a tradição moçambicana juntamente com a cultura ocidental, levada pelos colonizadores portugueses, cerceou categoricamente a mulher, impedindo qualquer movimento que a impulsione para o desenvolvimento de uma subjetividade autônoma. Para discutir a atuação da autora em seu locus, traremos o conceito de intelectual desenvolvido por Edward Said no livro *Representações do Intelectual: As palestras de Reith* (2000). Nele, o crítico dialoga com outros estudiosos, enfatizando a importância do intelectual para, dentre tantas outras tarefas, se esforçar “em derrubar os estereótipos e as categorias redutoras que tanto limitam o pensamento humano e a comunicação” (2000, p. 14). Nessa perspectiva, estabeleceremos paralelo entre o romance da escritora, seus textos de opinião, entrevistas e depoimentos.

Palavras-chave: Paulina Chiziane; Mulher; Intelectual; Literatura.

A "MULHER SUBVERSIVA" DA DITADURA MILITAR EM BERNARDO KUCINSKI E MARIA PILLA

Aline Teixeira da Silva Lima (UnB)

Resumo: Este trabalho tem por objetivo problematizar a representação na literatura contemporânea das mulheres militantes no período ditatorial brasileiro e argentino. Com base na análise dos romances *K.: relato de uma busca* (2014), de Bernardo Kucinski, em que o narrador conta a história da filha militante, e *Volto semana que vem* (2015), de Maria Pilla, em que temos a voz da própria militante, narrando o que lhe acontecera, pretende-se comparar, sob o viés dos estudos de gênero, como essas personagens são construídas/desconstruídas, tanto na autoria feminina quanto masculina, destacando, sob essa perspectiva autoral, se há diferença na representação da figura feminina frente às situações de militância política. Mesmo tendo ciência de que muitas mulheres lutaram, juntamente com os homens, militando pela redemocratização do Brasil, a figura feminina sofreu um apagamento na História. A razão desse apagamento tem suas raízes na cultura patriarcal, em que a “mulher correta” não deveria ultrapassar a área a ela destinada, o espaço privado, para se tornar um sujeito político, no espaço público. A sociedade, estruturada a partir de tal premissa, sempre ditou como as mulheres devem se comportar: *La mujer buena es encantadora, educada y discreta, (...) las mujeres buenas tienen hijos y se quedan en casa a criarlos sin rechistar. Las mujeres buenas son modestas, castas, sumisas. Las mujeres que no adhieren a estos cánones son las desgraciadas, las indeseables; son malas mujeres* (GAY, 2016, pp. 303-304). Partindo dessa conjuntura, é estranho pensar em mulheres lutando contra o autoritarismo e a supressão dos direitos constitucionais, que marcaram o regime militar, e resistindo às perseguições políticas, à prisão e à tortura por parte das Forças Armadas. Entretanto, caminhando na contramão do que

ditava o contexto patriarcal, muitas mulheres contestaram sim a ordem estabelecida e romperam com “o estereótipo da mulher restrita ao espaço privado e doméstico, enquanto mãe, esposa, irmã e dona de casa, que vive em função do mundo masculino” (RIDENTI, 1990, p. 114). Esses papéis impostos de maneira tão arbitrária a ambos os sexos são consolidados ao longo da história e reforçados pela ideologia, como atenta Pierre Bourdieu (2014) ao afirmar que as estruturas de dominação são produto de um trabalho incessante (e, como tal, histórico) de reprodução, para o qual contribuem agentes específicos (entre os quais os homens, com suas armas como a violência física e a violência simbólica) e instituições, famílias, a Igreja, a Escola e o Estado. Assim, é importante discutir o porquê de na obra de Kucinski haver uma idealização e vitimização da figura da filha, único papel atribuído a mesma pelo pai, associando-a sempre à fragilidade e à inocência, não havendo, dessa forma, uma desconstrução desse estereótipo, e sim uma reiteração do mesmo. Logo, fica evidente que apenas homens falando dessas mulheres ou por essas mulheres não é suficiente para dar conta das inúmeras identidades e peculiaridades que compõem os sujeitos femininos, sendo necessário, portanto, dar voz às mesmas. E é justamente isso que o leitor encontrará em *Volto semana que vem*, ou seja, a perspectiva da própria guerrilheira.

Palavras-chave: Mulher, Ditadura, Bernardo Kucinski, Maria Pilla

MODERNIDADE, ESTÉTICA E FIGURAS FEMININAS EM CONTEXTOS REGIONAIS

Bruna Carolina de Almeida Pinto (UNESP)

Resumo: O trabalho proposto visa analisar as configurações estéticas e temáticas de figuras femininas nos romances *Fogo morto* (1943), de José Lins do Rego, e *Ilhéu de contenda* (1974), de Henrique Teixeira de Sousa. A aproximação entre a obra brasileira e a cabo-verdiana visa comparar as soluções estéticas que cada autor deu à elaboração de representações femininas no universo patriarcal em dissolução que conformou as relações sociais e econômicas do Nordeste brasileiro e da ilha do Fogo do arquipélago cabo-verdiano. Observadas as especificidades histórico-sociais, interessa ressaltar, sobretudo, como o discurso feminino emerge de obras construídas por escritores homens que buscaram encontrar novas soluções de representação mais democráticas pela via literária que permitissem um redimensionamento da figura feminina nas sociedades retratadas. Para isso, parte-se da constatação de Luís Bueno, em *Uma história do romance de 30* (2006), de que esse contexto literário brasileiro produziu uma viragem conceitual tanto estética quanto temática que buscou abarcar, principalmente na produção romanesca, figuras descentradas da posição aristocrática do escritor iluminando no processo de elaboração de suas obras em especial duas principais figuras: o pobre e a mulher, para além do fracassado. Considerando, ainda, a irradiação das obras brasileiras produzidas sob essa concepção temática e estética para os países de língua oficial portuguesa, e tomando como exemplo o diálogo profícuo estabelecido com os novos romancistas cabo-verdianos, este trabalho busca cotejar as estratégias de representação da mulher em romances que têm como tema aspectos circundantes da modernidade em transição em contextos regionais.

Palavras-chave: Modernidade; Mulher; Regionalismo.

AS MULHERES MOÇAMBICANAS DE PAULINA CHIZIANE, EM NIKETCHE - UMA HISTÓRIA DE POLIGAMIA

Jéssica Fabrícia da Silva (UNICAMP)

Resumo: No cenário da literatura moçambicana, Paulina Chiziane encontra-se em uma posição privilegiada e paradigmática, como afirma Ana Mafalda Leite, pois, além de ter sido a primeira mulher a ter um romance publicado em Moçambique, a escritora representa um cânone nas narrativas que se propõem a criticar a poligamia (2012). O romance, que é o corpus desta pesquisa, no qual se pode ver essa crítica de forma explícita é *Niketche: uma história de poligamia* – a começar pelo título dado a obra, trata-se de uma dança tradicional de iniciação sexual do norte de Moçambique, das regiões da Zambézia e Nampula. Logo, o corpo feminino, marcado pelas diversas formas de coerção social, transforma-se, na tradição da literatura marcada pela escrita das mulheres, em tema importante de luta. Como demonstra Iglésias (2007) e Hamilton (2007), a

mulher, em África, já nasce subalterna. Além disso, os estudiosos explicitam que a poligamia ainda é uma prática comum em regiões rurais, e específicas em certas sociedades, principalmente nas muçulmanas. Todavia, este processo é deturpado na sociedade moçambicana, graças à multiplicidade da cultura que leva a uma dialética entre a modernidade e a tradição. Tal fato é evidente em Niketche com a personagem Tony: por ser um comandante da polícia, criado e casado nas leis da instituição católica, ele deve respeitá-las e não se submeter a práticas tradicionais, como a poligamia. Entretanto, não é isso que ocorre, ainda mais quando a personagem faz uso de uma poligamia ilegal, oficiosa e não-oficial. É interessante notar que as relações extraconjugais de Tony se constroem de forma alegórica e funcionam como um mosaico cultural de Moçambique, já que cada mulher representa uma região e, dessa forma, uma cultura diferente deste país, e que a própria narradora tem consciência desse fato: “Mas nós já somos uma variação, em línguas, em hábitos, em culturas. Somos uma amostra de norte a sul, do país inteiro nas mãos de um só homem. Em matéria de amor, o Tony simboliza a unidade nacional.” (CHIZIANE, 2002, p.161). Desse modo, torna-se nítido que Rami não narra apenas a sua vivência enquanto mulher na sociedade moçambicana, mas também a vivência das mulheres de seu marido, que ela aprende a ver como irmãs de sofrimento e não rivais ameaçadoras. As (des)semelhanças das mulheres do Norte e do Sul de Moçambique é a base dessa pesquisa, que pretende evidenciar essa problemática que refletirá na condição da mulher moçambicana. A importância desse estudo se dá pelo fato de que não é esperado aqui apenas um exercício de cunho sociológico ou apenas um exercício de cunho crítico-literário, já existentes e que não suprimem a problemática, mas sim um que abarque os dois pontos, no que Antonio Candido (2014), em seu ensaio *Crítica e Sociologia*, explana como os fatores externos que acabam, por meio da construção e estrutura narrativa, sendo fatores internos da obra.

Palavras-chave: Literatura Moçambica; Poligamia; Paulina Chiziane.

SUBJETIVIDADE E FEMININO EM ELIZABETH BISHOP

Patricia Barreto Mainardi Maeso (UFPR)

Resumo: A subjetividade na obra de Bishop tem um tratamento diferenciado de seus predecessores, poetas do alto modernismo como T.S. Eliot e Marianne Moore (que enfatizaram a despersonalização extrema da poesia, pela abdicação do eu do poeta romântico que os antecederam), e de seus contemporâneos e sucessores, como Robert Lowell, Sylvia Plath, Anne Sexton (que fizeram do confessionalismo extremo sua forma de expressão) ou ainda os poetas do movimento Beat. De que maneiras Bishop se inscreve, se é que se inscreve, em uma tradição poética que vai da despersonalização extrema do modernismo de vanguarda ao confessionalismo intenso que se segue? E ainda, como o feminino se apresenta em sua poética? Seria possível dizer que ela se afirma enquanto poeta mulher (a despeito de sua recusa do rótulo)? Na realidade, sua representação de subjetividade é flutuante e fragmentada, ao mesclar elementos de autoficção, despersonalização e afirmação feminina, numa poética que pode parecer, em um primeiro momento, contraditória — relutante em se declarar feminina —, mas que apresenta ao mesmo tempo uma lucidez acerca da noção de feminismo e do feminino, em poemas que abordam as contradições e vicissitudes da existência feminina, mas ao mesmo tempo com uma independência extrema com relação à noção de escrita feminina — mulheres são poetas em primeiro lugar, seu gênero é uma condição secundária. Bishop evitou e refutou os esforços realizados por críticos e principalmente por editores e outras poetas (como a também norte-americana Adrienne Rich, sua contemporânea) para categorizá-la como poeta mulher ou poeta lésbica, mas representou ambos os aspectos (feminino e homoafetivo) em sua obra. O objetivo desta comunicação é abordar a questão da subjetividade na poética de Elizabeth Bishop, bem como explorar as relações que ela estabelece com a condição feminina e a condição de poeta. Para tanto, lançamos o olhar para a sua produção poética, em especial para os poemas “It is marvellous to wake up together”, poema não canônico, postumamente publicado, e sua tradução para o português, realizada por Paulo Henriques Britto, e “Sonnet”, de 1979, poema também póstumo e voltado para a expressão da libertação da homoafetividade, com o objetivo de apontar as formas pelas quais a autora trabalha elementos

subjetivos por meio de um eu-lírico personalizado, que ela aproxima de si mesma e de sua experiência pessoal, profundamente feminina. Ao mesmo tempo, ela se afasta da postura ativista ou panfletária, permitindo que sejam apenas entrevistados os elementos homoafetivos e femininos de sua poética.

Palavras-chave: Subjetividade; Feminino; Poesia; Bishop.

2 agosto

14h30

LAS LITERATAS. CARTA A EDUARDA E A ROOM OF ONE'S OWN: A LITERATURA COMO ESPAÇO DE INDEPENDÊNCIA DAS MULHERES

Tais Matheus da Silva (IF-SP)

Resumo: Em 1866, a escritora galega Rosalía de Castro publicou o texto *Las literatras. Carta a Eduarda*. Ao modo cervantino, a escritora cria o simulacro de uma carta escrita por uma mulher e endereçada a uma amiga que deseja lançar-se ao mundo da literatura. Nicanora, a remetente, embora seja escritora, desaconselha a amiga tendo em vista as dificuldades de ser uma mulher escritora na sociedade de seu tempo. Em muitos momentos da obra rosaliana, a condição da mulher e a subversão da ordem patriarcal associam-se à discussão a respeito da escrita literária produzida por mulheres. Do mesmo modo, a escritora inglesa Virgínia Woolf discute a inexistência de uma tradição literária de mulheres no ensaio *A room of one's own*, publicado em 1929. Um dos pontos centrais abordado por Woolf é a falta de independência econômica, que aprisiona as mulheres ao papel de submissão e lhes impede a conquista da autonomia, inclusive, no âmbito da escrita literária, uma vez que a individualidade lhes é negada em benefício da servidão à família e dos cuidados com a casa. Tanto em *Las literatras. Carta a Eduarda* como em *A room of one's own* o espaço privativo, onde a mulher tenha total liberdade e apenas ela possa adentrar, é um espaço físico e sinônimo da independência econômica, mas também é o espaço simbólico da expressão criativa. Nesse sentido, pretendemos analisar como Rosalía de Castro e Virgínia Woolf utilizam o texto literário para pautar os dilemas vividos por mulheres escritoras no fim do século XIX e início do XX. Para analisar esses textos, recorreremos às teorias feministas no âmbito dos Estudos Literários, mais notadamente as teóricas Sandra Gilbert e Susana Gubar, quanto ao conceito de ansiedade de autoria, e Elaine Showalter, quanto às categorias literatura feminina, literatura feminista e literatura de mulher cunhadas para a análise da produção literária das mulheres, na literatura de língua inglesa, do século XIX ao fim do século XX.

Palavras-chave: Rosalía de Castro; Virgínia Woolf; Feminismo

O HARÉM, O VÉU, O JARDIM: AMBIGUIDADE COLONIAL E AGÊNCIA FEMININA EM AS DESENCANTADAS, DE PIERRE LOTI

Roberta da Rocha Salgueiro (UnB); Sidney Barbosa (UnB)

Resumo: No centro da representação sobre a sexualidade dos povos islâmicos – e nessa plataforma estereotípica confundem-se persas, árabes e turcos – figuram a curiosidade e a especulação sobre a mulher muçulmana. Ao situar a representação literária europeia da mulher na sociedade islâmica encontram-se, em um polo, o arquétipo da dançarina do ventre, hipersexuada e disponível dos relatos de Flaubert, e, em outro, o da mulher velada e reprimida, personificada na literatura egípcia pela Amina da trilogia de Naguib Mahfuz. Entre uma e outra, encontram-se Zeinab, Mélek e Djenane, as personagens do último romance de Pierre Loti (1906), *As Desencantadas*. “Desencantadas” com a tradição, buscam em um duplo do autor, o personagem André Lhéry, apoio para fruir um mundo livre das paredes do harém. A aura de proscrição da mulher muçulmana confinada revela-se, nas *Desencantadas*, na ansiedade causada pelo véu de Djenane ao francês André Lhéry. A tensão erótica entre André Lhéry e a diáfana Djenane culmina no pedido do escritor para que permita que se lhe vejam os olhos. Djenane, em um arroubo, desvela-lhe o rosto, em uma passagem pontuada pelo suspense e pelo erotismo. O véu, tido ainda na contemporaneidade como

correspondente simbólico da clausura, é o marcador mais retumbante da diferença cultural e objeto de disputa política. A “libertação” concedida a propósito da presença do francês no romance de Loti é característica da proposta civilizatória subjacente ao projeto colonial europeu. Conforme aponta Spivak (2010), a proteção da mulher compõe a imagem do imperialismo como “estabelecedor da boa sociedade”. Loti não se alinha à tradição crítica da qual faz parte Montesquieu e tampouco subverte os estereótipos sobre a alteridade característicos dos escritos europeus sobre o Oriente. Todavia, ao descrever a restrição da liberdade da mulher turca do início do século XX a partir da perspectiva daquelas mulheres, o autor desvela a ambiguidade do projeto colonial. Essa ambiguidade reflete-se na própria biografia de Loti, que foi oficial da marinha francesa, conquanto denunciava abusos da ocupação colonial. Ademais, a própria história do romance repete o jogo de identidade de Loti (BARTHES, 2000): ainda que o “avant-propos” afirme tratar-se de uma história de ficção e que as três amigas turcas são também fictícias, existiram de fato encontros entre Loti e três mulheres, sendo duas delas irmãs, e tais encontros culminaram no romance em análise. Após a publicação do romance, Marie Léra, uma francesa, revelou que houvera enganado Loti, convencendo-o, sob um véu jamais erguido, de que era uma turca como as outras duas irmãs. As relações entre as mulheres e a tradição, a iterabilidade do signo feminino no romance colonial e a noção de autoridade colonial na construção de imagens de alteridade serão objeto de análise no estudo em tela.

Palavras-chave: Pierre Loti; romance colonial; harém; exotismo

AS BRUMAS DE AVALON E AS NOVAS REPRESENTAÇÕES DO FEMININO NA TRADIÇÃO ARTURIANA: A REINVENÇÃO DE SI E O LUGAR DE FALA DA MULHER NA MATÉRIA DA BRETANHA

Juliana Cristina Terra de Souza (UNESP)

Resumo: O presente trabalho pretende discutir a obra Desmundo (1996), de Ana Miranda, à luz das teses benjaminianas sobre a história, apresentadas na obra *Magia e técnica, arte e política: Ensaios sobre literatura e história da cultura* (BENJAMIN, 1987). Almeja-se traçar um paralelo entre os fatos históricos tratados na narrativa e sua contemporaneidade, apresentando a importância desse tema para a discussão da condição feminina que perpassa o passado histórico e permanece na atualidade. Ao trazer à tona a opinião de uma mulher órfã do Século XVI, trazida de Portugal para o Brasil e obrigada a casar-se com um colono, coloca-se em evidência um ponto de vista outrora silenciado, mas que muito tem a contribuir tanto no que diz respeito à ressignificação histórica, quanto para a discussão feminista. Tal discussão torna-se importante, já que, apesar de inúmeros avanços no que diz respeito ao sexo feminino, a subjugação apresentada em Desmundo permanece em várias esferas, e ao fazer essa ressignificação o fato histórico é lido de ‘modo inédito’, ou seja, colocando em evidência a opinião de uma mulher órfã e que, não apenas expressa suas vontades como luta contra as imposições que lhe são feitas. Compreende-se que esse tipo de narrativa nasce de um mergulho na obscuridade do contemporâneo, logo, a análise pautar-se-á nessa condição feminina da atualidade, representada através da denominação da mulher pela expressão ‘bela, recatada e do lar’ e da criação da ‘escola de princesas’, corroborando que a situação presente é resultado da ressonância de acontecimentos passados. Será traçado um paralelo entre a obra literária e a realidade, contribuindo na percepção da condição turva vivida pelas mulheres ao longo do tempo e que essa situação de subjugação que permanece na contemporaneidade advém de situações históricas silenciadas. Objetiva-se, portanto, reinterpretá-las com o intuito de colaborar com o debate feminista e sua luta para acabar com a supremacia do masculino sobre o feminino, perpetuada desde sempre pelo discurso patriarcal. Através das propostas de Benjamin (1987), será discutida, essencialmente, a importância da revisitação histórica como forma de problematizar a condição feminina na atualidade e, conseqüentemente, buscar a promoção de mudanças na forma como a questão de igualdade de gênero é tratada, para que essa posição de inferioridade da mulher seja discutida, iluminada, ressignificada e saia das trevas de uma vez por todas, projetando um futuro diferente, onde não haja qualquer tipo de distinção entre pessoas que seja determinada pelo sexo.

Palavras-chave: Desmundo; história; contemporâneo; feminismo.

AS MULHERES RECLUSAS NO HARÉM DAS CARTAS PERSAS

Thaís Chauvel (USP)

Resumo: A presente proposta busca analisar a representação das mulheres que participam à fragmentária trama do harém das Cartas persas, romance epistolar de Montesquieu publicado em 1721. Através da análise do discurso que se atribui às mulheres, pretende-se compreender o sentido da atuação feminina na obra deste renomado filósofo iluminista. Propõe-se conduzir a presente análise para além do debate acerca do "proto-feminismo" de Montesquieu, demonstrando como esse filósofo se vale da poligamia oriental para constituir a polifonia feminina em seu romance. Com efeito, ao atribuir cinco esposas oficiais ao dono do harém (Zachi, Zelis, Fatmé, Zelis e Roxane), Montesquieu multiplica e diversifica as vozes femininas de seu romance filosófico, abordando diferentes perfis femininos fictícios. Ao longo desta comunicação, pretende-se observar as especificidades de cada perspectiva feminina apresentada por Montesquieu com o intuito de desvelar quais são suas respectivas reivindicações. Com isso, a proposta visa mostrar que tanto o discurso quanto a atuação das mulheres reclusas no harém Persa reivindicam o direito ao prazer, à felicidade e à emancipação feminina. No mais, cumpre destacar que a proposta da presente comunicação toma por base as referências do capítulo dedicado às mulheres da minha dissertação de mestrado intitulada: O harém das cartas persas - um concerto de vozes dissonantes.

Palavras-chave: Cartas persas; Romance do serrallo; mulheres

A DOR DO ABANDONO: UMA COMPARAÇÃO ENTRE "DIAS DE ABANDONO" DE ELENA FERRANTE E "A MULHER DESILUDIDA" DE SIMONE DE BEAUVOIR

Bruna Montes Werneck de Freitas (UFJF)

Resumo: Esse trabalho tem como objetivo delinear as relações possíveis entre o romance "A mulher desiludida" da autora e ensaísta francesa Simone de Beauvoir e o romance "Dias de abandono", de Elena Ferrante, pseudônimo de uma autora italiana cuja identidade é mantida em segredo desde suas primeiras produções nos anos 1990. Nesse aspecto, procuramos tentar entender os motivos pelos quais a narrativa de Beauvoir, de 1968, ainda reverbera na narrativa de Ferrante, cujo romance analisado neste trabalho tem 2002 como o ano de sua primeira publicação. Além das questões relacionadas ao feminino de modo geral, procuramos tentar entender como a libertação feminina de ambas as personagens se desdobra a partir de suas experiências singulares após o abandono, sendo esse o ponto crucial para nossa pesquisa. A pesquisa procura relacionar, então, uma narrativa ficcional de 1968 e outra de 2002 e, dessa forma, tentar entender o porquê delas serem contemporâneas e continuarem a moldar o modo como é vista a "mulher abandonada" nos dias de hoje. Ambas as ficções retratam, portanto, mulheres em épocas distintas, com vidas distintas e famílias distintas que, em certo momento de suas vidas, veem-se abandonadas pelos respectivos maridos. No âmbito teórico, discutiremos questões relacionadas à crítica feminista e à condição da mulher discutidas nas teorias de Beauvoir, Scott, Butler e Woolf. Por tratarmos, em um dos romances, de um pseudônimo, focaremos em uma análise baseada na concepção geral proposta pela Nova Crítica. Sendo assim, o texto será a maior base de análise para os desdobramentos teóricos de ambas as autoras - Beauvoir de modo mais formal, como ensaísta; e Ferrante através de respostas de entrevistas que realizou por carta ou e-mail, reunidas no livro "Frantumaglia" -, propondo uma discussão sobre identidade, materialidade e subversão dos mitos que cercam as questões do feminino e a literatura de autoria feminina. Sem predefinir um local de "feminino" ou "ser mulher", Ferrante e Beauvoir convidam os leitores a problematizarem questões ainda extremamente enraizadas em nossa sociedade patriarcal e, subvertendo até mesmo os discursos mais engajados, revelam a forma literária dessas questões.

Palavras-chave: autoria feminina; crítica feminista; abandono.

O PASSADO EM FOCO: DESMUNDO COMO CAMINHO DE COMPREENSÃO DA CONDIÇÃO FEMININA

NA CONTEMPORANEIDADE

Juliana Cristina Minaré Pereira (UNESP)

Resumo: O presente trabalho pretende discutir a obra *Desmundo* (1996), de Ana Miranda, à luz das teses benjaminianas sobre a história, apresentadas na obra *Magia e técnica, arte e política: Ensaios sobre literatura e história da cultura* (BENJAMIN, 1987). Almeja-se traçar um paralelo entre os fatos históricos tratados na narrativa e sua contemporaneidade, apresentando a importância desse tema para a discussão da condição feminina que perpassa o passado histórico e permanece na atualidade. Ao trazer à tona a opinião de uma mulher órfã do Século XVI, trazida de Portugal para o Brasil e obrigada a casar-se com um colono, coloca-se em evidência um ponto de vista outrora silenciado, mas que muito tem a contribuir tanto no que diz respeito à ressignificação histórica, quanto para a discussão feminista. Tal discussão torna-se importante, já que, apesar de inúmeros avanços no que diz respeito ao sexo feminino, a subjugação apresentada em *Desmundo* permanece em várias esferas, e ao fazer essa ressignificação o fato histórico é lido de ‘modo inédito’, ou seja, colocando em evidência a opinião de uma mulher órfã e que, não apenas expressa suas vontades como luta contra as imposições que lhe são feitas. Compreende-se que esse tipo de narrativa nasce de um mergulho na obscuridade do contemporâneo, logo, a análise pautar-se-á nessa condição feminina da atualidade, representada através da denominação da mulher pela expressão ‘bela, recatada e do lar’ e da criação da ‘escola de princesas’, corroborando que a situação presente é resultado da ressonância de acontecimentos passados. Será traçado um paralelo entre a obra literária e a realidade, contribuindo na percepção da condição turva vivida pelas mulheres ao longo do tempo e que essa situação de subjugação que permanece na contemporaneidade advém de situações históricas silenciadas. Objetiva-se, portanto, reinterpretá-las com o intuito de colaborar com o debate feminista e sua luta para acabar com a supremacia do masculino sobre o feminino, perpetuada desde sempre pelo discurso patriarcal. Através das propostas de Benjamin (1987), será discutida, essencialmente, a importância da revisitação histórica como forma de problematizar a condição feminina na atualidade e, conseqüentemente, buscar a promoção de mudanças na forma como a questão de igualdade de gênero é tratada, para que essa posição de inferioridade da mulher seja discutida, iluminada, ressignificada e saia das trevas de uma vez por todas, projetando um futuro diferente, onde não haja qualquer tipo de distinção entre pessoas que seja determinada pelo sexo.

Palavras-chave: *Desmundo*; história; contemporâneo; feminismo.

50 - NARRATIVAS AUDIOVISUAIS CONTEMPORÂNEAS

Coordenação: Maria Elisa Rodrigues Moreira (UFMT – Brasil); Rosângela Fachel de Medeiros (URI/FW – Brasil)

Resumo: Neste início de século XXI, chama a atenção a grande disseminação da imagem audiovisual, a qual se distribui na sociedade por meio dos mais diversos tipos de telas, desde as salas de cinema aos quase onipresentes smartphones. Esses suportes variados propiciam a convivência entre velhas e novas mídias: se é possível ainda, por um lado, assistir à programação em televisores comuns ou em salas de cinema mais tradicionais, por outro se expandem as experiências renovadas diante dessas plataformas. As salas de cinema 3D chegaram para ficar e, a cada dia, parecem aprimorar sua tecnologia com o intuito de propiciar uma imersão cada vez maior no universo narrativo que ali se apresenta; as smart tvs possibilitam o acesso a conteúdo diversificado e on-line, fazendo da televisão um aparelho muito mais interativo, por meio do qual se pode agregar à experiência televisiva aquela oriunda da navegação web; os celulares parecem, hoje, servir menos para conversas telefônicas rápidas que para possibilitar a conexão ininterrupta com o mundo e com a multiplicidade de narrativas que pode ser acessada através de suas telas. Em meio a esse universo ofuscado pelo brilho das telas, constante e simultaneamente ligadas, as narrativas audiovisuais se expandem, por meio de desdobramentos inesperados, multiplicações vertiginosas e hibridizações surpreendentes, colocando em questão os modos pelos quais estávamos habituados a refletir sobre elas. Novos referenciais teóricos e distintos aportes metodológicos surgem diante de objetos que

colocam problemas ao pesquisador que não sabe ao certo como lidar com essa profusão de materiais que lhe provocam, exigindo que ele também se desdobre e multiplique seus caminhos de reflexão. As teorias da adaptação e da tradução intersemiótica, que já podemos considerar como referenciais estabelecidos nos estudos sobre narrativas audiovisuais, ainda que continuem a ser utilizadas mostram-se insuficientes para atender aos problemas colocados na contemporaneidade, de modo que a elas se acrescentam reflexões sobre os processos de transmídiação e as narrativas transmidiáticas, sobre a imersão propiciada por filmes e jogos, sobre as noções de interface e de convergência, sobre a constituição de universos narrativos complexos, entre diversas outras. Teorias clássicas do cinema são utilizadas para se refletir não só sobre a chamada sétima arte, mas também sobre séries de televisão, webfilmes e performances multimídia: nesse deslocamento, agregam-se às teorias cinematográficas estudos específicos sobre a produção para televisão, sobre a comunicação social, sobre os meios multimodais, sobre as teorias de rede, sobre a produção de games. Franquias complexas expandem-se sobre mídias e suportes diversos, exigindo pesquisadores que sejam capazes de lidar com universos narrativos cada vez mais variáveis e problemáticos, reticulares, aos quais é impossível responder somente recorrendo a aportes teóricos advindos da literatura, do cinema, da televisão, da comunicação: esses novos objetos de análise transitam entre o cinema, a internet, os quadrinhos, os livros, os objetos, os games. Diante dessas mudanças, os métodos de trabalho requeridos também exigem transformações, e mostram-se cada vez mais associados às perspectivas transdisciplinares e transmidiáticas, indicando que a capacidade de se estabelecer um diálogo entre materiais tão diversos é essencial à compreensão desses materiais. A universidade não se depara mais, assim, apenas com a possibilidade do estudo de narrativas audiovisuais que se afirmaram ao longo do século XX: junto a estas, que continuam a ser objeto de estudo, a academia precisa enfrentar o desafio de produzir saberes a partir de uma série de novos produtos, processos e mídias que hoje se fazem presentes de forma indiscutível na sociedade. O provocante slogan — Não é TV. É HBO||, utilizado por este veículo de comunicação entre os anos de 1996 e 2009, prenunciando um período de transformações no que diz respeito às narrativas audiovisuais, parece ser hoje insuficiente para cobrir toda a variedade de possibilidades que nos assola. É nessa perspectiva que este simpósio se propõe a discutir conteúdos, formatos e plataformas de séries, webseries, games, fanfictions, filmes, telenovelas, telefilmes, assim como sobre seus cruzamentos e sobre outras modalidades narrativas audiovisuais emergentes na contemporaneidade, buscando tornar-se um espaço para a reflexão sobre essas narrativas e sobre seu impacto na sociedade contemporânea. Para tanto, serão acolhidos trabalhos que versem sobre esses objetos, em perspectiva crítica-analítica, ou que se proponham a refletir sobre teorias e métodos que possibilitem que nos acerquemos deles de maneira mais produtiva e problematizadora.

1 de agosto

8h30

O GRANDE JOGO DAS ADAPTAÇÕES: SHERLOCK, FANFICTION E O CONTEXTO MIDIÁTICO CONTEMPORÂNEO

Patricia Bronislawski Figueredo (UFSC)

Resumo: Desde os primeiros contos publicados por Arthur Conan Doyle na Strand Magazine, Sherlock Holmes conquistou um grande e fiel número de leitores e fãs. Além de leitores assíduos, os fãs de Sherlock Holmes se envolvem em discussões sobre pontos específicos da narrativa, colecionam artefatos relacionados ao personagem e muitas vezes também criam suas próprias narrativas usando os personagens criados por Doyle ou paródias que se referem de maneira mais ou menos explícita a ele. Além de um vasto número de autores não publicados que criaram suas investigações conduzidas pelo detetive, escritores como J. M. Barrie e Mark Twain publicaram suas versões. Além das narrativas impressas, o personagem Sherlock Holmes protagoniza radionovelas, filmes, séries e animações, e foi considerado em 2015 o personagem literário mais adaptado para as telas pelo Guinness Book, quando aparecia em 254 narrativas audiovisuais. Alguns fãs de Holmes

participam do que é chamado “The Grand Game”, uma teoria que se baseia na ideia de que Sherlock Holmes era uma pessoa real, e que Doyle era seu agente literário. Com base no “Great Game”, grande parte do discurso dos fãs é definido, incluindo discussões sobre o que é “aceitável” em uma adaptação ou não. A série Sherlock, produzida pela BBC, foi criada por Mark Gatiss e Steven Moffat como uma versão contemporânea das narrativas do personagem – uma adaptação para a televisão criada por dois grandes diretores que se auto-intitulam fãs de Sherlock Holmes. Segundo eles, a série é uma adaptação não só dos contos escritos por Doyle mas também de outros filmes e séries que já popularizaram o personagem (a tornando também uma adaptação de outras adaptações). De acordo com Ashley Polasek (2012), ao trazer os personagens para um contexto contemporâneo, Sherlock quebrou as regras do “Great Game” – o que, em um contexto maior, dá uma maior liberdade para a criação de conteúdo por fãs. Considerando o contexto midiático atual, para compreender Sherlock não é possível analisar apenas a relação entre as narrativas literária e cinematográfica sem considerar a grande rede de narrativas que circundam as duas. A série, cujas temporadas contendo 3 episódios são lançadas a cada 2 anos, gera um grande número de discussões online, fanarts, fanfiction entre outras atividades de fãs. Partindo desse contexto, o presente trabalho discute alguns pressupostos teóricos dos estudos de adaptação focando em sua aplicação na série Sherlock. Esse estudo mostra a necessidade de ampliar o foco das discussões para englobar as novas mídias e as novas maneiras de produzir e consumir produtos midiáticos.

Palavras-chave: Sherlock; adaptação; série; televisão; fanfiction

"O CONTO DA AIA" NO SÉCULO XXI: O ROMANCE, A SÉRIE E SEUS CONTEXTOS HISTÓRICOS

Alice de Araujo Nascimento Pereira (UFF)

Resumo: "O conto da aia" de Margaret Atwood, publicado em 1985, é uma distopia de sucesso e esse romance já foi adaptado para o cinema, além de ter se tornado uma ópera e um balé. Desde 2016 sua popularidade tomou um novo fôlego com a notícia de uma nova adaptação, desta vez para série. Pretendemos neste trabalho discutir o livro e a série levando em conta os contextos históricos em que se inserem, tecendo considerações sobre adaptação e o momento histórico, além de pontuar algumas questões sobre direitos das mulheres que permeiam o romance e essa adaptação. Atualmente, é comum vermos romances (clássicos e contemporâneos) e HQs adaptados para o cinema, teatro e televisão. Seu potencial para o sucesso comercial é inegável, pois já conta com um público cativo. Porém, do ponto de vista da crítica e da academia, há um discurso preconceituoso acerca das adaptações, apesar das inúmeras vantagens que estas podem oferecer, sustenta-se uma retórica da perda, ignorando o que pode ser ganho com as adaptações (STAM, 2005, p. 3). Acreditamos, no entanto, que com as adaptações podem-se ganhar novas interpretações que reflitam o momento histórico, político e social em que são desenvolvidas. Nos últimos anos, uma onda conservadora, tanto na política quanto na cultura tem entrado em choque com movimentos progressistas que advogam pelos direitos das mulheres, da comunidade LGBTQ, dos negros e contra as interferências das pautas de cunho religioso nos governos. A eleição de políticos conservadores em países do Ocidente e o crescimento de grupos de Extrema Direita tem gerado resistência desses movimentos. Para o cientista político Corey Robin, o conservadorismo é uma mediação e tradução teórica da experiência de ter poder, vê-lo ameaçado e tentar tê-lo de volta (2011, p. 4). A obra de Atwood trata de uma sociedade sob um regime autoritário que se instala após conflitos armados nos EUA e devastação ambiental, que levaram o fundamentalismo cristão e sua ideologia misógina ao poder, extirpando os direitos civis, políticos e econômicos das mulheres, além de dividi-las em castas. Dentre essas, as aias são as que devem gerar os filhos para os homens da elite. O controle sobre o corpo, sexualidade e capacidade reprodutora das mulheres é o tema de "O conto da aia", que ressoou nos anos 80 e continua relevante. Uma nova onda de luta pelos direitos das mulheres desde o início do novo milênio e a força que essa pauta tem ganho na política encontra resistência e tentativas de retroceder nas conquistas há pouco obtidas. A partir de uma leitura dessa conjuntura, e utilizando do embasamento teórico a partir de Robert Stam e Linda Hutcheon, e da crítica e teoria literária de Keith Booker, Tom Moylan e Gregory Claeys, discutiremos a obra de Atwood e sua

adaptação mais recente, através das lentes da distopia e dos estudos de gênero. Acreditando que adaptação possibilita o enriquecimento e (re)interpretando a obra ficcional, considerando as questões de gênero e do neoconservadorismo do século XXI.

Palavras-chave: Adaptação, distopia, feminismo, Margaret Atwood

NEORREGIONALISMO LITERÁRIO E CINEMATOGRAFICO: OS DIÁLOGOS ENTRE A LITERATURA E O CINEMA DIANTE DE UMA NOVA TENDÊNCIA

Herasmo Braga de Oliveira Brito (UESPI)

Resumo: Contar histórias não significa apenas percebemos a descrição de eventos com toques de realidade e/ou ficção. Com as narrativas temos mais duas percepções complexas que atuam: uma é que com as narrativas presenciamos o tempo e na junção da narrativa e do tempo é que percebemos a nossa existência. Com essa concepção que ocorre o surgimento do indivíduo através da sua memória e a identidade. Desta maneira, manifestamos as nossas experiências pelos fios da narrativa. É pelo desenrolar das narrativas que buscamos transmitir não só o nosso olhar sobre as coisas, mas acima disso, os sentimentos envolvidos nas construções que tornam os nossos dizeres, nossas transmissões, nossas anedotas não só com sentido, mas com razões para existir, pois ela nos singulariza e torna relevantes os enredos que divulgamos. Quando nos debruçamos sobre estudos interpretativos sobre o Brasil dois sentimentos acabam por compor as reflexões: as tensões e a busca de uma identidade nacional. Somos marcados pelas tensões. Do mesmo modo, perscrutamos em prol da construção de uma identidade nacional. Apesar dos quase dois séculos de independência política brasileira, estamos sob a égide destes sentimentos que povoam não só o nosso imaginário social, como também, insere-se nas nossas manifestações artísticas. Analisar, portanto, a presença destes sentimentos, através dos diálogos entre as narrativas literárias e cinematográficas sob uma nova configuração estética denominada Neorregionalismo consiste no foco da nossa abordagem. Essa nova tendência, primeiramente, literária e depois cinematográfica, apresenta alguns elementos significativos que permeia o diálogo com a tradição regionalista advinda dos romances de 1930, mas trazem algumas particularidades tais como a autonomia das personagens femininas, o espaço com outras configurações indo além da composição de cenários, pois ele passa a atuar nas subjetividades dos indivíduos causando inúmeras transformações e os traços memorialistas que fazem com que a memória dos aspectos regionais acabem servindo como instrumento de resistência cultural frente a essa homogeneização cultural advindo dos tempos pós-modernos. Interessante observarmos que esses aspectos não se deram de uma maneira programática, advinda de um movimento artístico, mas advém das vivências de autores e cineastas. O cinema Neorregionalista se faz presente nas grandes produções cinematográficas como nos filmes A Caminho das Nuvens (2003, Vicente Amorim), Abril Despedaçado (2002, Walter Sales), O céu de Suely (2006, Karim Aïnouz), Boi Neon (2016, Gabriel Mascaro), como em filmes fora dos círculos das grandes produções como Mãe e Filha (2012, Petrus Cariry), O Exercício do Caos (2012, Frederico Machado). O elo entre as obras literárias e cinematográficas estava em discutir o país com os seus problemas e a partir de uma consciência social via as artes e fundar novos olhares sobre a nação. Desta maneira as produções cinematográficas produzem nova configuração narrativa como iremos analisar diante desta nova estética Neorregionalista. Os autores que fundamentam a nova análise são: Candido (2000), Araújo (2008), Ricouer (2010), Debs (2010), Braga (2017).

Palavras-chave: Neorregionalismo; Cinema; Literatura; Narrativa.

**1 de agosto
14h30**

A REELABORAÇÃO TÉCNICA E O EFEITO DE DILUIÇÃO CINEMATOGRAFICA EM "NO", DE PABLO LARRAÍN

Juan Ferreira Fiorini (UFMT)

Resumo: Este trabalho tem por propósito sugerir uma leitura de alguns aspectos técnicos e estéticos do filme "No", dirigido pelo chileno Pablo Larraín e lançada em 2012. O enredo do filme se baseia em um acontecimento histórico do Chile em 1988, quando o General Augusto Pinochet convoca a população a um referendo que tinha como finalidade validar suas intenções de se perpetuar no poder. Por outro lado, um publicitário, interpretado por Gael García Bernal, opta por trabalhar pela oposição e passa a articular as operações de marketing político que culminarão na derrota pinochetista nas urnas e nos processos de reabertura democrática do país. A partir do produto fílmico, o que se pretende na leitura a ser executada é identificar como os recursos técnicos propositais na concepção do filme contribuem na formação de um efeito de diluição dos limites entre o arquivo, o documento, a ficção, as linguagens cinematográfica e televisiva e a defasagem dos modos e técnicas de registro da imagem disponíveis entre os anos 1980 e a primeira década do século XXI. Essas práticas de fusão reafirmam ao cinema – e, mais especificamente, ao filme "No" – o caráter de um produto artístico essencialmente híbrido e confirmam a importância dos estudos acerca de fronteira, de deslocamentos, de avizinhamentos entre manifestações e suportes artísticos. Ademais, "No" abre a possibilidade para uma leitura política que se articula tanto na revisão do acontecimento histórico quanto nos gestos de apropriação, absorção e horizontalização de linguagens imagéticas tratadas, geralmente, de forma assimétrica.

Palavras-chave: Cinema; hibridismo; No; Pablo Larraín

NARRATIVAS AUDIOVISUAIS NO ESPETÁCULO CARNE: UMA NARRATIVA SOBRE A MEMÓRIA

Leandro Santos de Brito (UFMT)

leandro santos de brito (universidade federal de mato grosso)

Resumo: A presente comunicação se propõe a refletir sobre o uso de recursos audiovisuais no espetáculo Carne: uma narrativa sobre a memória, produção da Solta Cia de Teatro, de Cuiabá, Mato Grosso. Entende-se esse espetáculo, composto por uma série de performances articuladas, como uma narrativa híbrida, interartística, que propõe o diálogo entre diversas artes e mídias: sua proposta cênica foi concebida a partir de textos que trouxessem como tema a opressão, recorrendo a vários gêneros literários, por meio de uma composição que dialoga também com as artes plásticas e o teatro (recursos de figurino, iluminação, cenário e disposição da plateia no palco). A linguagem audiovisual está inserida na montagem em três momentos principais: a exibição de um curta-metragem na performance Opressores, a projeção de um vídeo sobre um ator durante a performance Entidade e a transmissão ao vivo das ações que ocorrem em um camarim montado na parte externa do palco, exibidas por televisores de tubo e projeção, que compõe a performance A atriz que falha em desistir. As telas nas quais as produções audiovisuais são projetadas encontram-se espalhadas no palco, misturadas aos atores e àqueles que assistem ao espetáculo, que precisam movimentar ou mesmo deslocar seus corpos para visualizar o que ali se apresenta. Neste contexto entendemos a construção fragmentária do espetáculo como um ato político de resignificação do objeto artístico, que ao retirar as narrativas audiovisuais de seus territórios mais específicos, deslocando-as para os espaços internos à cena, provoca uma desterritorialização dessa linguagem, imergindo-a na performance. Desestabilizam-se, assim, as fronteiras do teatro tradicional, da performance e do audiovisual, abrindo espaço para a construção de uma nova sensibilidade.

Palavras-chave: Fragmento; Hibridismo; Desterritorialização

NARRATIVAS HÍBRIDAS DIGITAIS: UMA ABORDAGEM A PARTIR DE DIÁLOGOS COM AS TEORIAS DO HIPERTEXTO

Maiara Alvim de Almeida (IFRJ/UFJF)

Resumo: As narrativas sempre fizeram-se presentes na história da humanidade, constituindo um de nossos mecanismos primários de compreensão do mundo. Por muito tempo, retringiram-se à oralidade, passando, há alguns séculos, a serem transcritas, ocupando os livros, jornais e outras formas de mídia impressa. Mais recentemente, narrativas áudio-visuais começam a surgir e a se destacar. De fato, o surgimento de uma nova tecnologia implica no surgimento de novos gêneros

narrativos, bem como uma nova experiências e uma nova postura de seu público. Com o advento das tecnologias digitais, novas possibilidades surgem para a criação de histórias, transpondo o que antes era feito no papel, com as limitações da mídia impressa, para o ambiente do computador e da internet. Com o novo suporte eletrônico, uma nova gama de alternativas revela-se, permitindo a incorporação às narrativas de elementos além da palavra, como som e imagens (estáticas ou em movimento), bem como a exploração o espaço ocupado pelo texto, que pode se estender para além dos limites da página. O ambiente virtual e sua abertura para uma experimentação e convergência de mídias abre portas para o surgimento de novas formas de narrar. Nesse contexto, destacam-se as criações em quadrinhos, essa forma de arte que, aos poucos, vem ganhando destaque na academia, e que por si só já se apresenta enquanto um híbrido das regências da literatura, em sua parte escrita, e das artes visuais, com as ilustrações, como já sinalizava Eisner (2015). Diante de histórias que levam a relação dos quadrinhos além da mera justaposição entre texto e imagem, nos deparamos com obras que vão além dos limites do hiper-gênero, dialogando fortemente com jogos eletrônicos e animações, dentre outros aspectos. Esforços de classificar tais obras têm sido feitos, com destaque para o trabalho de Franco (2013), pesquisador goiano que cunhou o termo "Hqtrônica" para se referir às mesmas. Neste trabalho, nos debruçaremos sobre a obra "O Diário de Virgínia", uma história em quadrinhos digital de autoria da quadrinista brasileira Cátia Ana. Apesar da obra ser apresentada pela autora enquanto Hqtrônica, na pesquisa que apresentaremos, argumentamos que narrativas como as de Cátia Ana apontariam para uma nova possibilidade que surge, já abordada em Alvim de Almeida (2017) de narrativa híbrida e hipertextual, típica da cibercultura e caracterizada pela convergência de diferentes mídias e pelo trânsito entre diferentes formas de arte em seu aspecto formal. Nossa fala se ocupará de apresentar a obra em questão e, a partir de apontamentos de elementos da mesma que permitem lê-la enquanto hipertexto, discutir as novas possibilidades e gêneros narrativos que se desvelam no ambiente digital.

Palavras-chave: Webcomics; Narrativas eletrônicas; Hipertexto

EXPANSÕES DO AUDIOVISUAL: A CIDADE COMO TELA

Maria Elisa Rodrigues Moreira (UFMT)

Resumo: Uma das miradas que se pode lançar sobre a arte contemporânea deriva daquilo que Jacques Rancière denomina como "regime estético das artes", no qual a estética se assume como sendo, também, necessariamente política. No amplo rol das produções artísticas contemporâneas, interessam-me ações pontuais e temporárias, como performances ou intervenções urbanas, que só se fixam caso ocorra um "registro" no momento em que elas se efetivam: nessa perspectiva, essas "obras de arte" se apresentam muito mais como uma "duração", como uma "abertura" cujos sentidos só podem ser elaborados coletivamente, e que tem como um de seus principais espaços de realização a cidade, a qual percorre e sobre a qual deixa rastros por vezes bastante sutis. Essas produções se caracterizam ainda pela diversidade de suportes, materiais e técnicas a que recorrem em sua conformação, constituindo-se como movimentos híbridos e fragmentários. Nesta comunicação, proponho uma reflexão acerca de intervenções urbanas que se apropriam, em sua constituição, das narrativas audiovisuais, denominadas em geral como experiências de "audiovisual expandido", buscando compreender como essa utilização renova a própria concepção de audiovisual e possibilita distintas formas de interação entre as produções audiovisuais, o espaço em que estas são exibidas e o público que as acompanha. Para tanto, recorro aos seguintes trabalhos: Cubo, uma intervenção multimídia coletiva (BijaRi, A Revolução Não Será Televisionada, Cia Cachorras, Cobaia, Contra-Filé e Perda-Total) realizada no centro de São Paulo em 2005, que consistiu na concepção de um cubo desmontável com sistema de projeção audiovisual; Suaveciclos, ação do VJ Suave, duo artístico formado pelos especialistas em arte digital Ceci Soloaga e Ygor Marotta em 2009, que projeta animações em superfícies das cidades; e Pedra das culturas, videomapping de Fernando Salis realizada no Pão de Açúcar, Rio de Janeiro, em 2014.

Palavras-chave: arte; cidade; intervenção urbana; audiovisual

2 de agosto
8h30

A REPRESENTAÇÃO DO TRABALHO EM NARRATIVAS SERIADAS CONTEMPORÂNEAS: DE HILL STREET BLUES A THE WIRE

André Ferreira Gomes de Carvalho (UNESP-Ibilce)

Resumo: Segundo diversos autores (DENNING, 2005, p. 102; MCGRATH, 1995; PUETTE, 1992), o universo do trabalho resiste à representação na literatura e no cinema. Contudo, ao examinar a produção televisiva, percebemos que desde os anos 1980 séries dramáticas e cômicas passam a situar suas narrativas em ambientes profissionais, como delegacias de polícia, hospitais e escritórios, em detrimento de ambientes familiares e domésticos (FEUER; KERR; VAHIMAGI, 1984; MCGRATH, 1995). Por causa disso e de transformações tecnológicas no consumo da programação (LOTZ, 2014; MITTELL, 2006; SPIGEL; OLSSON, 2004), tais séries multiplicam os temas e as situações passíveis de serem abordados a cada episódio e adquirem características formais novas. Dentre outras coisas, elas interligam arcos narrativos de tal maneira a eliminar a predominância do protagonista, incorporam estruturas de enredo presentes em outras formas de narrativa seriada, como no romance seriado do século XIX, e utilizam recursos de montagem, fotografia e trilha sonora típicas do cinema. Assim, levando em conta a centralidade do trabalho na produção e reprodução de nosso modo de vida e a popularidade da ficção televisiva norte-americana que faz uso do ambiente profissional, percebemos a necessidade de uma articulação mais detalhada entre ambos os termos, trabalho e narrativa, para examinar as transformações nas relações trabalhistas nos Estados Unidos durante esse período e as possíveis correlações com a formação do seriado televisivo moderno, cujo formato se estabeleceu a partir de 1980 e hoje se tornou hegemônico. Serão analisadas séries que representam momentos decisivos na formação do seriado moderno, dentre elas: Hill Street Blues (1981), ER (1994), The Sopranos (1998), 24 (2001) e The Wire (2002). Nossa abordagem se baseia nos Estudos Culturais da vertente britânica, tal como praticada por Raymond Williams e Stuart Hall, figuras proeminentes do Centre For Contemporary Cultural Studies (CCCS), utilizando como modelo estudos de literatura, cinema e televisão produzidos pelo centro. Também faremos uso do arcabouço teórico filosófico e sociológico de autores interessados na questão do trabalho, como os brasileiros Ricardo Antunes (2005, 2009, 2015) e Giovanni Alves (2011), que mapearam as transformações nas relações de trabalho contemporâneas a partir da metade do século XX, em particular a transição do tipo fordista/taylorista de produção para o modelo toyotista, além dos sociólogos norte-americanos Richard Sennett (SENNETT, 1998) e Stanley Aronowitz (2015; 1994; 1981), que tratam do caso específico dos Estados Unidos. A mudança do fordismo ao toyotismo será fundamental para as novas expectativas geradas sobre os trabalhadores que, de acordo com nossa hipótese, encontram reflexos em novos modos de representação ficcional. Para as análises, utilizaremos instrumentos clássicos de crítica literária e de estudos audiovisuais, de modo a situar a posição do narrador, a construção de personagens, o uso da cinematografia e da trilha sonora, e a estruturação do enredo serial. Assim, esperamos encontrar correspondências formais entre as narrativas citadas e as modificações pelas quais as relações de trabalho têm passado nas últimas décadas.

Palavras-chave: Televisão, Trabalho, Seriado, Estados Unidos

TELENOVELAS BRASILEIRA: UMA LEGITIMADORA DE PADRÕES OPRESSIVOS

Elaine Cristina Carvalho Duarte (UNICNEC)

Resumo: Já não se pode mais discutir a Literatura sem abarcar os conceitos e modelos intermediários e o processo de hibridização presentes no fazer artístico atual. É necessário ampliar os estudos literários para os estudos de mídia, buscando apresentar o papel não só dos conteúdos textuais, mas também das mídias que os suportam, sua produção, sua distribuição e sua recepção, que são elementos tão importantes na construção do significado do texto quanto as formas e os conteúdos. É imprescindível também estudar os impactos que esses novos formatos de textos têm

exercido sobre a sociedade contemporânea, uma vez que pela facilidade de acesso, essas novas propostas textuais têm atuado de forma massiva sobre essa sociedade. Dentro dessa proposta esse estudo pretende analisar o formato de texto telenovela, considerando-a como uma narrativa contemporânea carregada de significados. Buscar-se-á refletir sobre a construção do masculino e as relações que concretizam a opressão feminina nas telenovelas da Rede Globo, valendo-se do conceito de Violência simbólica de Pierre Bourdieu, e outras teorias. Pretende-se discutir o machismo como padrão de comportamento que caracteriza a desigualdade de direitos entre homens e mulheres, e que é reforçado pelas telenovelas globais. Serão abordados elementos legitimadores da opressão feminina para se analisar cenas clássicas de telenovelas brasileiras que representam padrões de violência física e psicológica contra a mulher.

Palavras-chave: Telenovela - machismo - violência

O MAST E SUA PRODUÇÃO AUDIOVISUAL NO FINAL DA DÉCADA DE 1980: NOVOS E ANTIGOS SUPORTES NA CONSTRUÇÃO DE UMA NARRATIVA DENTRO DA INSTITUIÇÃO

Aline Monteiro de Carvalho Silva (MAST); Alexander Lima Reis (MAST); Marta de Almeida (MAST)

Resumo: Esta proposta surgiu de algumas reflexões do projeto institucional Vozes da Ciência no Brasil que, em primeiro momento, visava a organização e o diagnóstico das fontes audiovisuais e sonoras produzidas pelo Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST). O MAST foi criado no Rio de Janeiro em 1985 como unidade de pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e, em sua trajetória, foi agregando objetivos, tais como: fazer divulgação científica, preservar documentação de ciência e tecnologia (C&T) no Brasil, realizar pesquisas em história da ciência, além de preservar e estudar objetos museológicos. E, ao longo desses anos, foi registrado em áudio e vídeo entrevistas, aulas, sonorizações museológicas, vídeos de popularização da ciência, campanhas, imagens do campus, exposições (permanentes e temporárias), programas de rádio, entre outros. Atualmente, a etapa de diagnóstico está terminando e inúmeras questões foram surgindo. Neste simpósio gostaríamos de apresentar dois desdobramentos dessa pesquisa. O primeiro, de caráter arquivístico, está relacionado à grande disseminação de imagem audiovisual que ainda carece de uma política de preservação, pois ainda não há um esforço nacional de compreender esta tipologia documental como patrimônio da humanidade a ser preservado e a maior parte das iniciativas está isolada. No decorrer dos últimos 40 anos, a plataforma em que um áudio ou vídeo se reproduz passou por diversas gerações tecnológicas: fita rolo, fita cassete, fita de vídeo umatic, vhs, betacam, mini cassete, além de CD e DVD. Muitos aparelhos estão obsoletos e a literatura da área aponta que alguns desses suportes estão com prazo de validade. Por exemplo, especialistas estimam que o tempo de vida de um VHS pode chegar a 30 anos. Em seguida gostaríamos de apresentar dois vídeos produzidos pelo museu no final da década de 1980 que está relacionado ao esforço da recém instituição de se afirmar no cenário de redemocratização do país como espaço de produção e divulgação de atividades científicas. Os vídeos escolhidos referem-se a atividades de divulgação de C&T dentro e fora da instituição, sendo: o vídeo Primeira Colônia de Férias com Artes nas Estrelas (1986), mostrando o museu como espaço de entretenimento, experimento e educação para crianças e adolescentes; e o Documentário O Museu Vai a Praia (1988), sobre a iniciativa do MAST em levar experimentos à diversas praias do Rio de Janeiro durante o verão. Dessa forma, objetivamos em um primeiro momento pensar a preservação desses documentos. Em seguida pensar o potencial desse material para novos usos no início do XXI, bem como visamos problematizar a relação entre novas e velhas tecnologias, sua forma de conservação dentro do MAST e outras instituições. Para tanto é necessário enfatizar o sentido do resgate e do reforço da memória do museu através da iniciativa de rever esses materiais em tempos de crise econômica, política e institucional.

Palavras-chave: Acervo Audiovisual; Conservação; MAST; Memória

2 agosto

14h30

SOBRE O REALISMO DE WATCHMEN: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE

Rômulo Bezerra (USP)

Resumo: Em uma carta enviada ao desenhista e arte-finalista Dave Gibbons, Alan Moore – roteirista de Watchmen – expõe seu desejo de construir uma narrativa diferente daquelas que eram feitas em quadrinhos até então; diz ele que pretendia por os super-heróis no “mundo real” (GIBBONS; KIDD; ESSL, 2009). Esse é o ponto de partida da análise proposta: de que maneira esse realismo pretendido se constitui de fato em Watchmen? Para refletir sobre essa questão, o ponto de partida é uma aproximação entre os dois gêneros narrativos nela envolvidos: o romance literário e a graphic novel. Mais do que partilharem o nome, ambos os gêneros dividem semelhanças quanto ao seu contexto de desenvolvimento – (I) modo de produção, (II) surgimento de um público específico, (III) reconhecimento do gênero como algo distinto por parte desse público – e quanto às possibilidades temáticas que abriram. Nesse sentido, aliam-se as reflexões sobre o romance e sobre a narração feitas por Adorno (2003), Benjamin (2012), Lukács (1965, 2009) e, sobretudo, a noção de realismo formal como a característica primordial do romance, proposta por Watt (2009, 2010). Em relação ao desenvolvimento da graphic novel, parte-se da trajetória descrita por Garcia (2012). Além dessa aproximação contextual, realiza-se uma comparação entre o realismo formal e os artifícios específicos dos quadrinhos elencados por Ramos (2012), tais como balões e legendas (representação do discurso dos personagens), a forma e o contorno do quadrinho, o tempo e o espaço, o corpo e o movimento (representação de ação). A análise se baseia na explicitação do fato de essas estruturas serem utilizadas em Watchmen de modo a mobilizar tratamentos convencionais de representação realista que se pressupõem miméticos e, ao mesmo tempo, apontarem a impossibilidade de apreensão da realidade pela mimese. Pretende-se, portanto, demonstrar que essas estruturas são usadas de dois modos: semelhantemente a composições típicas dos romances realistas clássicos e assim haver a construção de uma narrativa que também se pretende realista, porém, de forma a indicar o fato de que essa mesma construção apresenta sinais de distanciamento da matéria real que deseja representar. No entanto, dentro desse raciocínio, não se podem ignorar as transformações da convenção realista que aconteceram ao longo do século XX. De fato, há séculos de distância entre o surgimento do romance e o da graphic novel; a fim de considerar, portanto, as diferenças entre os gêneros e o modo como o século XX repensou a representação realista, apontou suas falhas e a ressignificou, empregam-se os ensaios de Sarraute (1963).

Palavras-chave: Watchmen; Realismo formal; Teoria do Romance; História em quadrinhos

MEMÓRIA E ESQUECIMENTO EM DOIS FILMES DE TATA AMARAL

Vinícius Alexandre Rocha Piassi (UFU)

Resumo: Este é um trabalho sobre a ausência. Em especial, trata-se da ausência relativa à morte de cidadãos brasileiros durante a ditadura militar no Brasil, sobretudo por meio dos assassinatos cometidos por agentes da repressão estatal durante os governos militares, bem como em decorrência dos desaparecimentos forçados de suspeitos de subversão e de pessoas contrárias à ditadura, igualmente realizados de acordo com um padrão de práticas sistemáticas de perseguição e eliminação de opositores do regime militar, em concordância com uma política institucional do Estado brasileiro. A reflexão sobre o vazio deixado pelas vítimas da ditadura, entre mortos e desaparecidos, é encaminhada a partir da abordagem desse tema em duas produções do cinema nacional contemporâneo: "Hoje" (2011) e "Trago Comigo" (2015). Ambos os filmes são de autoria de Tata Amaral, cineasta paulistana que tem uma carreira consolidada no meio audiovisual brasileiro e que, pela variedade e qualidade de sua produção, se destaca como uma das mais importantes realizadoras do cinema nacional contemporâneo. Em Hoje e Trago Comigo, o passado ditatorial brasileiro é enquadrado através de seus influxos no presente, em especial as marcas subjetivas dos crimes e violações de direitos humanos cometidos pelo Estado durante os governos militares, e suas vítimas fatais entram em cena por meio da memória daqueles que sobreviveram. Pelo seu tema, esses filmes se inserem na “trilogia do passar o passado a limpo” de Tata Amaral, como ela define a

sequência das produções "O Rei do Carimã" (2009), "Hoje" (2011) e "Trago Comigo" (2015), os quais, motivados por questões pessoais, buscam enfrentar uma tradição de violação de direitos na história nacional, segundo a diretora. Entre os filmes produzidos no âmbito de sua produtora, a Tangerina Entretenimento, "Hoje" e "Trago Comigo" foram escolhidos para embasar a discussão proposta devido aos modos como cada um propõe uma mise-en-scène da memória e do esquecimento. Neles, interessa-nos, especialmente, discutir as instâncias temporais e espaciais construídas cinematograficamente para alojar o outro perdido e reencontrado imaginariamente por seus personagens, sobreviventes de experiências-limite durante a ditadura. Identificamos esse fenômeno aos processos psíquicos que permanecem estranhos ao eu. A categoria do estranho é discutida por Freud como aquilo que foi uma vez reprimido pelo sujeito, consciente ou inconscientemente, e posteriormente retorna. As instâncias espaço-temporais articuladas pelos processos mnemônicos em relação a esse outro estranho aos personagens são construídas diversamente nos dois filmes. Essas temporalidades e espacialidades imaginárias nos interpelam na medida em que contrastam com as concepções tradicionais de um tempo quantitativo e unificado e de um espaço geométrico e confrontam a primazia da consciência sobre as atividades da memória, do esquecimento e da imaginação.

Palavras-chave: Memória; esquecimento; imaginação; heterotopia; heterocronia.

DE CORPO PRESENTE: O JOGO DAS REFRAÇÕES DO PROTAGONISMO NO CINEMA DE NANNI MORETTI, DO SUPER-8 AO DIGITAL

Gabriela Kvacek Betella (UNESP)

Resumo: Arlindo Machado (2016) ressalta a desmontagem ou a problematização do dispositivo cinematográfico pelo próprio cinema, localizando em momentos primordiais na década de 1920, com Vertov, Gance e Eisenstein, ou em fases mais revolucionárias na década de 1960, no cinema experimental underground, a recusa do dispositivo standard e seu modelo industrial, reação que incluía formatos de exibição provocadores, desvelamento da ilusão cinematográfica e, ao mesmo tempo, resistência do fascínio imaginativo. O cineasta Nanni Moretti, cujo início de carreira coincide com o período chamado "terceira onda" do cinema italiano (ou seja, a geração que sucede os herdeiros diretos do neorealismo), carrega a responsabilidade de ter sido formado por um "cinema de autor", porém seus trabalhos foram capazes de explorar elementos do cinema experimental e da narrativa clássica, multiplicando as possibilidades. Desde os primeiros curtas e até as últimas produções, sobretudo nos 12 longas-metragens escritos, dirigidos e interpretados pelo diretor, o cinema de Moretti oferece material para análise sob uma perspectiva transmidiática, pois o universo narrativo permite uma aproximação aos suportes e aos conteúdos com uma discussão que pode versar pelo menos sobre três aspectos: 1) o aparato de captação de imagens nos primeiros filmes (8 e 16mm), etapa quase obrigatória para cineastas iniciantes nos anos de 1960 e 1970, e as limitações utilizadas em benefício de um estilo, pontuado pela câmera fixa, que se afirma e se revisa ao longo da filmografia, não exatamente atingindo o anticonvencional, mas a expressão irônica do declínio de uma revolução sociocultural; 2) a utilização da primeira pessoa (e da autoficção) como aliada natural do experimentalismo, mas também como exercício de ponto de vista, com um alter ego em cinco dos primeiros filmes, foco autobiográfico assumido no sétimo e oitavo longas (Caro diário, 1993, e Aprile, 1998), e distanciamento do "eu" a partir do nono (O quarto do filho, 2001); 3) a atuação de Moretti deixa de ser protagonista das tramas à medida que os sentimentos e personalidades envolvidos requerem um deslocamento do olhar para enfoque sociopsicológico diferente e, conseqüentemente, dirigido a outro sujeito. Nos últimos quarenta anos, o cineasta romano tem rebatido relações de poder e modelos democráticos contemporâneos, além de polemizar com o estado da produção cinematográfica e artística, de investigar as contradições de uma geração pós-1968 e trazer à tona a falência de relações familiares, colocando-se em meio aos acontecimentos, como personagem principal ou não. A questão que se impõe em nosso estudo é encarar a manipulação do ponto de vista, seja pelas manifestações subjetivas, pela posse do lugar de narrador, corpo e/ou voz do personagem, com a confluência de elementos literários na construção narrativa,

em obras audiovisuais dispostas a rever o lugar do protagonismo para iluminar a complexidade das posturas contemporâneas. Apresentamos dois exemplos da filmografia de Nanni Moretti como representantes de um refinado método de narrativa audiovisual capaz de aproveitar a hibridização de linguagens, a perspectiva transmidiática e o velho cinema de autor na medida de um olhar crítico, inconformado e, ao mesmo tempo, crente na contemporaneidade.

Palavras-chave: Nanni Moretti; Transmidialidade; Protagonismo

DIABO (DIABLO - 2012), DE NICANOR LORETI: A TRANSCULTURAÇÃO COMO FERRAMENTA DE DESCOLONIZAÇÃO AUDIOVISUAL

Rosângela Fachel de Medeiros (URI)

Resumo: O mercado cinematográfico latino-americano é dominado pela hegemonia econômica e estética do Cinema Hollywoodiano administrado pelas majors transnacionais que, além de atuarem como produtoras, controlam os fluxos nacionais e internacionais de distribuição, decidindo assim que filmes chegam a que cinemas. Nessa perspectiva, imperam nas salas de cinema produções cinematográficas globalizadas (ORTIZ, 1999; CANCLINI, 2003) que têm como meta atingir o maior público possível. A percepção da importância econômica e cultural do setor no contexto nacional e regional vem originando, na América Latina, políticas nacionais e transnacionais de fomento à produção audiovisual. Destacam-se, nesse sentido, as ações do INCAA (Instituto Nacional de Cine e Artes Audiovisuales) na Argentina, que trouxeram o país ao patamar de maior produtor cinematográfico da região. Nesse contexto, surgem desde obras populares esteticamente “hollywoodiana”, realizadas com o objetivo de obter sucesso de público, até o cinema mais autoral e artístico, destinado aos festivais. No imbricamento dessas duas posições, surgem obras que, apesar de notoriamente geradas da hegemonia e da grande influência (narrativa, estética, formal e temática) dos cinemas hollywoodianos, apresentam uma forte marca identitária construída por meio da transculturação (RAMA, 1982) de modelos e de elementos recorrentes nesses cinemas. Tais obras respondem ao manifesto “Hacia un tercer cine” (1969), dos cineastas argentinos Fernando Solanas e Octavio Gentino, que imbuídos das ideias de Franz Fanon, clamavam pela descolonização do olhar de produtores e espectadores cinematográficos latino-americanos. E propunham um enfrentamento estético, narrativo e educativo à linguagem hollywoodiana, partindo de perspectivas nacionais e regionais. Esse é o caso do premiado filme argentino Diabo (Diablo – 2012), de Nicanor Loreti, que imbrica elementos clássicos do cinema de gênero de matriz hollywoodiana: ação (em sua vertente reconfigurada por Quentin Tarantino), comédia negra, filme de boxeador; na configuração de uma obra cinematográfica absolutamente argentina e repleta de “argentinidade”. Violência e humor negro são o pano de fundo da história de Marcos, conhecido como “El Inca”, um boxeador que deixa os ringues após matar acidentalmente a um oponente: peruano, judeu e peronista, ele leva tatuados no peito os rostos de Evita e de Perón.

Palavras-chave: Transculturação; Descolonialidade; Cine Argentino

51 - NATURALISMO E NATURALISMOS

Coordenação: Haroldo Ceravolo Sereza (USP); Leonardo Mendes (UERJ)

Resumo: O Naturalismo do século XIX, estética que possui estreitos laços com o realismo do qual se origina, mas que dele se mantém independente, torna-se, a partir de sua difusão pelo mundo, um modelo capaz de influenciar a literatura e outras manifestações artísticas para muito além de seu período histórico. A vaga naturalista deu origem a métodos de pesquisa e criação, bem como a formas de expressão que foram sistematicamente retomadas por escritores ao longo do século XX, mas não apenas por eles. Sua forma de abordar a realidade como elemento constitutivo da obra de arte influenciará pintores, fotógrafos, cineastas e autores de novela. Flora Süssekind, ao analisar o romance brasileiro, refere-se a vagas naturalistas nos anos 1930 e 1970 a manifestar-se no Romance de Trinta e no Romance Reportagem. A própria Flora apontará, em “Desterritorialização e forma literária - Literatura brasileira contemporânea e experiência urbana”, a “escrita para-jornalística” e de “catalogação patológico-criminal” de Ferréz, Dráuzio Varella e Paulo Lins nos anos 2000 como

uma retomada de características centrais da produção literária naturalista. Sússekkind, como já fizera em *Tal país, qual romance?*, opõe-se a esse movimento, mas o registro dessa nova onda naturalista é representativa, justamente, da força da ficção de inspiração naturalista. O desejo de expressar um aspecto da realidade, a primazia dada à descrição de conflitos sociais, o racismo (na virada do século XX para o XXI narrados também sob o ângulo de escritores negros e militantes), o desejo de documentar situações não vividas pelo leitor hipotético constituem elementos desse pacto de leitura que se renova: o leitor encontra obras que se posicionam como retratos e debates que dialogam com o tempo imediato e que sugerem tomadas de posição sobre violências e situações quotidianas. O elemento extraliterário é um componente central da obra, e a busca por verossimilhança decorre tanto do discurso da experiência pessoal quanto da pesquisa científica (nesse momento, das ciências humanas) ou jornalística. Por outro lado, estudos de pesquisadores ao redor do mundo sobre a influência da obra literária de Émile Zola apontam a permanência e a adaptação do modelo que o consagrou em países tão distantes culturalmente da França quanto o Japão e a Coreia, além de repercussões no cinema, seja por meio de releituras de obras dos escritores naturalistas, seja por meio da adoção, pelos autores cinematográficos, de métodos e formas criadas pelos escritores. No caso brasileiro, é inevitável pensar em Nelson Pereira dos Santos e sua adaptação de *Vidas secas*, em Lúcio Flávio, o passageiro da agonia (1977), de Hector Babenco, também diretor de *Carandiru*, ou de *O invasor* (2001), de Beto Brant. Ao não recusar o paralelo entre o escritor e o fotógrafo que lhe é frequentemente atribuído pela crítica, o escritor naturalista do século XIX ou aquele que retoma seus métodos nos séculos XX e XXI estabelece um diálogo direto com a fotografia e com o cinema. Essa relação foi percebida, de forma negativa, por Machado de Assis, quando a fotografia ainda era uma técnica incipiente e o romance naturalista não havia se implantado entre nós. Escrevendo sobre *O primo Basílio*, Machado afirma ainda que, até então, “não se conhecia em nosso idioma aquela reprodução fotográfica e servil das cousas mínimas e ignóbeis”. Graciliano Ramos, por outro lado, aceitará este rótulo, defendendo, no texto “O fator econômico no romance brasileiro”, métodos de aproximação com a realidade análogos à fotografia: “Com certeza os nossos autores dirão que não desejam ser fotógrafos, não têm o intuito de reproduzir com fidelidade o que se passa na vida. Mas então por que põem nomes de gente nas suas ideias, por que as vestem, fazem que elas andem e falem, tenham alegrias e dores?” Para o filósofo francês Jacques Rancière, a literatura naturalista, ao abolir hierarquias e criar obras de arte que não respeitavam a organização até então vigente, criou, por meio do “efeito de realidade”, o “efeito de igualdade”. Esse efeito de igualdade está diretamente ligado, para ele, à possibilidade de associação livre de imagens: Rancière apontará, inspirado em Adorno, que a literatura que privilegia o descrever sobre o narrar permite que o “aristocrático emprego da ação” seja “bloqueado pela democrática coleção desordenada de imagens”. O propósito desse Simpósio Temático é, justamente, pôr em discussão a prosa naturalista (ou realista-naturalista) do século XIX, no exterior e no Brasil, estabelecendo diálogos que permitam analisar suas derivas tanto na literatura quanto em outras artes, especialmente as visuais, estabelecendo um percurso interpretativo que não se esgota nas obras dos irmãos Goncourt, de Émile Zola, de Eça de Queiroz, de Aluísio Azevedo ou naquela de outros escritores da mesma corrente menos reconhecidos. Ao contrário, a expressão naturalista, bem como o alicerce estético-científico que a define, reinventa-se ao longo do século, provocando e instigando o leitor, renovando-se em sua forma e abrindo caminhos e espaços para novas manifestações estéticas e culturais da realidade.

REFERÊNCIAS:

- ADORNO, Theodor W. Notas sobre literatura. Obra completa, 11. Tradução: Alfredo Brotons Muñoz. Madri: Akal, 2009.
- ASSIS, Machado de. Crítica literária. São Paulo/Rio de Janeiro/Porto Alegre: W.M. Jackson, 1942.
- CANDIDO, Antonio. O discurso e a cidade. 3ª edição. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro Sobre Azul, 2004.

- CHEVREL, Yves. *Le naturalisme – Étude d'un mouvement littéraire international*. 2ª edição. Paris: PUF, 1993.
- GURAL-MIGDAL, Anna. *L'Écrit-Écran des 'Rougon-Macquart': Conceptions iconiques et filmiques du roman chez Zola*. Villeneuve d'Ascq: Presses Universitaires du Septentrion, 2012, 269 p.
- LUKÁCS, Georg. *Ensaio sobre literatura*. Trad. de vários. Coordenação e prefácio de Leandro Konder. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.
- LUKÁCS, György. *Arte e sociedade – Escritos estéticos 1932-1967*. Trad. de Carlos Nelson Coutinho e José Paulo Netto. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.
- MACKE, Sébastien. « Filmer “la vie telle qu'elle est” ». In: Mitterand, Henri. *Le naturalisme: Textes et documents pour la classe*, 2012, p. 26-27
- MENDES, Leonardo Pinto. *O retrato do imperador. negociação, sexualidade e romance naturalista no Brasil*. Porto Alegre: EdPUC-RS, 200. 228 p.
- MÉRIAN, Jean-Yves. *Aluísio Azevedo. Vida e obra (1857-1913)*. Tradução do francês por Claudia Poncioni. Rio de Janeiro: Garamond, 2013, 616 p.
- MITTERAND, Henri. « Le naturalisme n'existe pas à l'état pur ». In: Idem. *Le naturalisme: textes et documents pour la classe*, 2012, p. 28-29.
- RAMOS, GRACILIANO, *Linhas tortas*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record/Livraria Martins Editora, 1976.
- RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível – Estética e Política*. Trad. de Mônica Costa Netto. São Paulo: Editora 34/Exo Experimental, 2005.
- RANCIÈRE, Jacques. “O Efeito de Realidade e a Política da Ficção”. Trad. de Carolina Santos. *Revista Novos Estudos*, nº 86. São Paulo: Cebrap, março de 2010.
- SEREZA, Haroldo Ceravolo. *O Cortiço, romance econômico*. *Revista Novos Estudos*, nº 98. São Paulo: Cebrap, março de 2014.
- SNIPES-HOYT, Carolyn, ARMSTRONG, Marie-Sophie Armstrong et ROSSI, Riikka (ed.). *Re-Reading Zola and Worldwide Naturalism: Miscellanies in Honour of Anna Gural-Migdal*. Newcastle-upon -Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 2013, 434 p.
- SÜSSEKIND, Flora. *Tal Brasil, qual romance?* Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.
- SÜSSEKIND, Flora. *Desterritorialização e forma literária - Literatura brasileira contemporânea e experiência urbana*. *Rev. Literatura e Sociedade*, nº 8. São Paulo: FFLCH, 2005.
- ZOLA, Émile. *Le bon combat – des Courbet aux impressionistes*. Hermann, Paris, 1974.
- ZOLA, Émile. *O romance experimental e o naturalismo no teatro*. Trad. De Italo Caroni e Célia Berrentini. São Paulo: Perspectiva, 1982.

31 de julho
8h30

NOVA CARTOGRAFIA DO NATURALISMO NO BRASIL NO SÉCULO XIX Leonardo Mendes (UERJ)

Resumo: Baseados em pesquisas desenvolvidas por nós na última década, apresentamos uma nova cartografia do naturalismo no Brasil que expõe os posicionamentos de grupos de escritores dominantes e dominados em relação à estética no final do século XIX. Identificamos três subgrupos entre os escritores dominantes, cada um defendendo uma posição específica: 1. Visconde Taunay e os católicos; 2. José Veríssimo e Machado de Assis; 3. os irmãos Artur e Aluísio Azevedo. A partir desse esquema, é possível discernir vertentes, autores e obras naturalistas do período que foram negligenciados (ou incompreendidos) pela historiografia tradicional. No grupo dos escritores dominantes, temos o “naturalismo machadizado”, a que associamos os escritores Pedro Rabelo e Domício Gama, ligados a Veríssimo e Machado de Assis; e o “naturalismo da desilusão” (BAGULEY, 1990), a que associamos Pardal Mallet e Coelho Neto, ligados a Artur e Aluísio. Havia também escritores que não estavam ligados a nenhum subgrupo dominante e se autodeclaravam naturalistas, que chamamos de “outsiders”. Desse grupo, destacamos o escritor catarinense Virgílio

Várzea, que encarnava o ethos do escritor naturalista como pintor de quadros; e o fluminense Alberto Figueiredo Pimentel, que explorava o potencial sensacionalista da estética.

Palavras-chave: Naturalismo; Historiografia; Século XIX

PEDRO RABELO E A COLUNA "NOTAS CIENTÍFICAS" NA GAZETA DE NOTÍCIAS, 1891-1892

Riane Avelino Dias (UERJ)

Resumo: Neste trabalho objetivamos apresentar parte da produção jornalística de Pedro Rabelo (1868-1905) e sua contribuição para a propagação de conhecimento científico para o leitor da Gazeta de Notícias, em 1891 e 1892. Rabelo foi detentor de uma carreira plural como jornalista, poeta, contista e funcionário público, chegando a chefe na Secretaria do Conselho da Intendência Municipal. Pertenceu a mesma geração de Olavo Bilac (1865-1918), Coelho Neto (1864-1934), Guimarães Passos (1869-1909) e Paula Nei (1858-1897), dos quais foi amigo e com quem atuou em diversos projetos e parcerias, com destaque para a fundação da Academia Brasileira de Letras em 1897. Foi uma geração guiada por valores republicanos e abolicionistas e que trazia consigo o sonho de serem escritores e de se sustentarem com seus escritos (MELLO, 2007), uma realidade para aqueles que conseguiram se destacar pela expansão dos periódicos. A principal obra de Pedro Rabelo é *Alma alheia* (1895), uma coletânea de contos naturalistas (MENDES & DIAS, 2017), comprovando a importância do pensamento científico para o escritor. Ele contribuiu para diversos jornais, mas destacamos neste recorte a Gazeta de Notícias, especificamente a coluna "Notas Científicas" que, graças ao obituário publicado no jornal O Paiz, pudemos identificar como sendo de autoria de Rabelo. Nela o autor publicou 19 crônicas científicas sem assinaturas, em que disponibilizava para seus leitores versões palatáveis de estudos científicos publicados em congressos internacionais e pela Academia de Medicina de Paris. Pedro Rabelo se inteirava das novidades e as rerepresentava na coluna, mantendo termos técnicos e citando o nome dos responsáveis quando necessário, ao mesmo tempo em que lhes atribuía um uso real e imediato para a vida cotidiana do leitor carioca do século XIX. Na coluna abordou temas das áreas de medicina, fotografia, eletricidade, telefonia, astronomia, botânica, biologia e paleontologia, mas a temática sobre a qual mais lhe interessava informar era a tuberculose. Todos conheciam alguém afetado pela doença, Pedro Rabelo incluso. A doença era contagiosa, considerada incurável e causava dores físicas constantes. Por isso, o autor tinha uma grande preocupação em manter-se atualizado sobre os avanços e descobertas divulgados, em busca de algo que abrandasse os sintomas ou até mesmo curasse o mal que o assombrava e levava tantos amigos. A principal fonte de informações desta face da produção do autor é a Hemeroteca Digital Brasileira/FBN, que disponibiliza inúmeros exemplares digitalizados de jornais e revistas em que esta geração trabalhou. Por isso, tornou-se possível uma investigação mais completa e significativa de autores que foram esquecidos pela historiografia, e que podem ser redescobertos atualmente.

Palavras-chave: Belle Époque; Pedro Rabelo; Naturalismo

ALFREDO GALLIS (1859-1910), NATURALISMO E PORNOGRAFIA NO FINAL DO SÉCULO XIX

Aline Cristina Moreira de Almeida (UERJ)

Resumo: Inspirada pelo furor científico do segundo Oitocentos, a ficção naturalista buscava, supostamente, revelar a "degradação" da sociedade. A historiografia reduziu o naturalismo a uma estética científicista, um retrato positivista da sociedade, ignorando que, na época de sua primeira circulação, a literatura naturalista era popularmente conhecida pelo potencial licencioso dos textos. Termos como "pornográfico", "erótico", "obsceno", "imoral", "licencioso", "pândego", entre outros, eram sinônimos usados para designar livros que tratavam direta ou indiretamente sobre sexo, e o romance naturalista, mesmo aquele que tratava sobre o desejo reprimido das personagens históricas, era anunciado nas listas de "leituras para homens", um dos eufemismos da época para descrever a literatura licenciosa. Para fugir dessas acusações, era comum que os escritores naturalistas alegassem ter objetivos pedagógicos. Um desses escritores foi o português Joaquim Alfredo Gallis (1859-1910). Nos longos prefácios que antecedem praticamente todas as suas

narrativas, Alfredo Gallis afirmava que seu objetivo não era excitar sexualmente o leitor, mas realizar uma “autopsia dos males sociais” (GALLIS, 1901). Contudo, Gallis jamais alcançou reconhecimento e foi esquecido pela historiografia literária justamente porque pecou por um “excesso de crueza naturalista” (Correio Paulistano, 1910) e se “manchou” com a pornografia (AGOSTINHO, 1915). Entre os homens de letras e leitores do seu tempo, a popularidade do escritor oscilava entre o prestígio e a censura. Para alguns, Gallis era considerado “um escriptor de bastante merecimento” (Correio Paulistano, 1910), mas sua vasta obra só poderia ser admirada por aqueles que “se comprazem em ver passar pela vista as pustulas mais repugnantes do vício” (CAYOLLA, 1911). A fama ambígua que recebeu ainda em vida se reflete na escassa fortuna crítica a seu respeito produzida nos últimos anos, e ainda hoje é comum que seus livros sejam lidos pelo viés cientificista e moralista do naturalismo. Essa é uma leitura possível, mas não pode ser atribuída a toda a sua produção. Se em outros livros Gallis desautoriza a leitura pornográfica, em *Volúpias: 14 contos galantes* (1886), o caráter licencioso é assumido pelo nome que o assina. Sob o aclamado pseudônimo Rabelais, Gallis ousa assumir, no prólogo da primeira edição, que não se trata de um livro para contemplação, pois é “uma inutilidade relativa”; não serve para a “educação moralista” das mulheres; e, principalmente, deve ser lido por aqueles que buscam a satisfação, e não a sobriedade. Uma das principais hipóteses de nossa pesquisa é que a literatura pornográfica produzida por Alfredo Gallis e outros escritores no período está ligada ao imaginário cômico-obsceno medieval e da literatura libertina pré-sadeana (LADENSON, 2016). Nesta comunicação, vamos aprofundar a discussão a respeito do subgênero naturalista a que chamamos de naturalismo pornográfico, contemplando não apenas os romances naturalistas de Alfredo Gallis que foram apropriados como pornografia, mas também a literatura assumidamente licenciosa produzida pelo autor, que rompe com a tradição sadeana para voltar às origens medievais da pornografia.

Palavras-chave: Naturalismo; Pornografia; Alfredo Gallis.

31 de julho

14h30

"FILLES DE JOIE": AS MOÇAS ALEGRES DA FICÇÃO NATURALISTA

Renata Ferreira Vieira (UERJ)

Resumo: Nas rodas sociais europeias do século XVIII era comum usar a expressão francesa “filles de joie” para se referir às prostitutas, mulheres que “levavam alegria” por meio de prazeres sexuais regamente pagos pelos amantes. Essa expressão era tão conhecida que chegou a ser o título da tradução francesa do romance *Fanny Hill or Memoirs of a woman of pleasure*, do escritor inglês John Cleland (1710-1789), publicado em dois volumes entre 1748 e 1749 (HUNT, 1999). Pelo título francês, *La fille de joie* (1786), a obra deixava claro que não se tratava da vida de uma “mulher pública” qualquer, mas de uma jovem prostituta de luxo chamada Fanny Hill, que relatava (sem culpas) o início de suas aventuras sexuais em um prostíbulo em Londres até a sua consagração de cortesã rica ao lado do homem amado. Se “filles de joie” era uma expressão corriqueira nas rodas sociais europeias do século XVIII, nos lares burgueses – onde as regras da moral da sociedade patriarcal dominavam – a expressão era mal recebida, pois declarava a degradação das mulheres segundo os valores morais daquela sociedade. Mulheres que desfrutavam o prazer sexual fora do casamento (reais ou fictícias – como Fanny Hill) não eram bons exemplos para as moças de família. Desse modo, expressões (assim como livros) sobre a “condição degradante” da mulher deveriam ficar longe das moças, para evitar os “maus passos” para a vida de prostituição (BAGULEY, 1990). Embora as histórias sobre prostitutas fossem censuradas pelas famílias e pelos críticos conservadores, as ficções sobre as “mulheres da vida” instigavam (e excitavam) a imaginação do público leitor, como também estimulavam as vendas do comércio livreiro (EL FAR, 2004). Para esta comunicação, entretanto, filles de joie receberá a livre tradução de “moças alegres”. A expressão será apropriada para descrever mulheres que são “senhoras de suas próprias vidas”, que têm vozes ativas e atitudes resistentes às normas da sociedade patriarcal, a partir da afirmação dos seus

desejos sexuais. Para o desenvolvimento do argumento, esta reflexão tomará como objeto as práticas textuais dos romances naturalistas Nana (1880), de Émile Zola (1840-1902), A carne (1888), de Júlio Ribeiro (1845-1890), e O aborto (1893), de Figueiredo Pimentel (1869-1914), para demonstrar como as protagonistas desses romances – Nana, Lenita e Maricota – transgrediam a moral dominante do século XIX para viver corajosamente suas sexualidades com prazer e alegria.

Palavras-chave: Naturalismo; Pornografia; Patriarcalismo.

A MANIFESTAÇÃO DO NATURALISMO NOS PALCOS PORTUGUESES

Claudia Barbieri Masseran (UFRRJ)

Resumo: André Antoine (1858-1943), fundador do Théâtre Libre em Paris em 1887, em uma conferência ministrada em Buenos Aires em agosto de 1903, rememorou o nascimento do naturalismo em França. Para ele, "depois de 1870, num rude despertar, sobre as ruínas do desastre, trazido por cinquenta anos de romantismo, de lirismo e de exaltação poética infantil", foi possível observar o "levantar de outro sol" (ANTOINE, 1910, p. 99). O novo astro, o naturalismo, surgia como um bálsamo para uma geração que não mais se satisfazia com as "fábulas otimistas que tinham alimentado a inconsciência dos seus antepassados" (IDEM). Émile Zola (1840-1902), por sua vez, afirmaria no seu icônico texto O naturalismo no teatro, de 1880, que "[...] ou o teatro será naturalista ou não existirá" (1982, p. 127). Ao transporem para a cena alguns fragmentos da vida real, sem mascaramentos ou falsidades, os primeiros autores dramáticos vinculados à nova estética foram acusados, vezes sem conta, de serem vis, amorais, deturpadores dos bons costumes, desprovidos de senso artístico. Para alguns críticos teatrais, como Sarcey, os naturalistas eram pessimistas, elencando como temas os fatos mais sórdidos, exaltando as qualidades mais repugnantes, valorizando tudo o que fosse abjeto e depravado. Achincalhados pela crítica, perseguidos e ultrajados pelo público em algumas apresentações, os autores dramáticos encontraram inúmeras reservas pelo caminho. Contudo, a semente estava fertilmente plantada. O primeiro teórico do naturalismo em terras portuguesas seria o romancista, contista, jornalista e crítico literário Júlio Lourenço Pinto (1842-1907). No volume Estética Naturalista, de 1884, foram reunidos cinco artigos escritos para a Revista de Estudos Livres em 1882, dentre eles "Naturalismo no teatro". Seguindo a esteira do texto de Zola, o crítico português concordava que o naturalismo era mais facilmente trabalhado no romance ou na poesia do que no teatro. Entretanto, as dificuldades precisavam ser sanadas, afinal "o teatro é mais impressionador com a representação material das imagens que evoca, do que o romance que só pelo esforço da imaginação dá vida e relevo à realidade evocada" (PINTO, 1996, p. 146). Este caráter impactante e intenso aos sentidos era o grande diferencial a ser explorado pelos autores dramáticos sem, contudo, caírem nos exageros desmedidos pelo romantismo, onde os desdobramentos da ação objetivavam produzir nos espectadores o máximo de comoção possível. Todavia, para Lourenço Pinto, esta emoção era provinda de elementos falsos, de personagens inverossímeis, de fatos mascarados e manipulados para gerar o embuste. Para o autor, o naturalismo era mais do que um diálogo com a sua época, era um método, uma concepção artística, um comprometimento com a verdade. Alguns escritores buscaram implantar estes preceitos na cena portuguesa: nomes como os de Gervásio Lobato, D. João da Câmara, Manuel Laranjeira e Ramada Curto destacaram-se entre os dramaturgos que foram partícipes na consolidação da estética naturalista nos palcos. Assim, esta comunicação tem por objetivo recuperar alguns momentos da história do naturalismo no teatro português, entre 1870 e 1910, trazendo para discussão autores, peças e críticos coevos.

Palavras-chave: Teatro português; naturalismo; crítica teatral

1 de agosto

8h30

JOÃO ROMÃO, PORTUGUÊS OU BRASILEIRO?

Haroldo Ceravolo Sereza (USP)

Resumo: Em "De cortiço a cortiço", Antonio Candido aponta o preconceito contra o português como elemento estruturante da obra de Aluísio Azevedo. João Romão, uma das duas personagens centrais da obra, é português e inicia sua vida trabalhando para um outro português, que retorna a Portugal, deixando a ele "em pagamento de ordenados vencidos, nem só a venda com o que estava dentro, como ainda um conto e quinhentos em dinheiro". Além dessas duas personagens, apresentadas no início da obra, também são portugueses com forte relevância no romance o vizinho Miranda e o cavouqueiro Jerônimo. Eça de Queiroz, por sua vez, em "As Farpas", publicou um texto sobre o "brasileiro" em que trata especificamente do emigrante português que enriquece no Brasil e retorna a Portugal - um caminho seguido pelo patrão de João Romão, mas não pelos demais homens portugueses. O objetivo dessa apresentação é, assim, discutir, a partir de leituras de Aluísio e também de trabalhos historiográficos, como o livro "O Rio de Janeiro dos fados, minhotos e alfacinhas - O antilusitanismo na Primeira República", de Gladys Sabina Ribeiro, se de fato pode-se perceber o tal preconceito sugerido por Candido e avaliar como a presença desses imigrantes, com seus diferentes destinos, permite pensar o método naturalista de escrita e o recepção bem sucedida da obra.

Palavras-chave: naturalismo; imigração; preconceito

CONFIGURAÇÕES (ANTI)PATRIARCAIS NO NATURALISMO BRASILEIRO: SEXO, CASAMENTO E DIVÓRCIO EM LIVRO DE UMA SOGRA, DE ALUÍSIO AZEVEDO

Marina Pozes Pereira Santos (UERJ)

Resumo: No presente estudo, pretende-se analisar algumas configurações narrativas antipatriarcais presentes no romance Livro de uma sogra (1895), de Aluísio Azevedo (1857-1913). Para isto, considera-se a hipótese de que o naturalismo, no seu primeiro momento de circulação, nas décadas de 1880 e 1890, abraçou as causas antipatriarcais em pauta no contexto político-social do período, caracterizado pela transição da Monarquia para a República, como a autonomia feminina, o sexo livre e fora do casamento, o aborto e o divórcio. Causas que colocavam em crise a autoridade patriarcal, para quem a mulher figurava como submissa e inferior ao homem, educada para o casamento e para a maternidade, sob a óptica da moral cristã que a via atividade sexual apenas como meio para a procriação. Contrapondo-se a esta visão patriarcal, apoiada pelos princípios morais da época e compartilhada pela historiografia tradicional, entendem-se como configurações narrativas antipatriarcais as ações e as atitudes das personagens femininas nos romances naturalistas que se opuseram às convenções da sociedade patriarcal, como submissão aos pais e aos maridos, sexo somente depois do casamento e apenas com o cônjuge e realização plena da maternidade. Em Livro de uma sogra, observa-se uma crítica implacável aos moldes da instituição chamada casamento por meio de uma análise que desestabiliza as suas bases patriarcais, burguesas e religiosas. Tudo isso num momento em que se propaga na imprensa um debate sobre o divórcio e a autonomia feminina na sociedade – temas abraçados pela ficção naturalista brasileira no seu primeiro momento de circulação. O Livro de uma sogra, último romance do autor e publicado no ano de 1895, foi uma ousadia para a época, pois escandalizou a sociedade com a audácia de suas propostas, rendendo-lhe críticas e acusações de imoralidades. Assim, propõe-se uma leitura do naturalismo identificado com a imprensa periódica e interessado pelo cotidiano e pelas questões prementes do momento, como o divórcio, o sexo e seus "desvios". A partir disso, almeja-se oferecer uma leitura dos romances naturalistas alternativa à que foi institucionalizada pela historiografia tradicional, dando voz aos discursos da época a favor da autonomia feminina, silenciados no campo literário. Portanto, há um questionamento do controle patriarcal através das ações das protagonistas femininas, conduzidas por indícios de autonomia para decidir sobre sua vida amorosa e sexual, impondo-se em meio à sociedade patriarcal e opressora. Ainda que esta autonomia se dê no campo das ideias, uma vez que as mulheres não eram ainda legalmente livres, mas, por outro lado, queriam ser donas de suas ideias, dos seus corpos e dos seus desejos.

Palavras-chave: Naturalismo; Historiografia tradicional, Sexualidade; Divórcio; Autonomia Feminina

A PROMOÇÃO PUBLICITÁRIA DE O HOMEM (1887), DE ALUÍSIO AZEVEDO: NATURALISMO, PORNOGRAFIA E MERCADO LIVREIRO

Cleyciara dos Santos Garcia Camello (UERJ)

Resumo: Aluísio Azevedo (1857-1913) passou a ganhar notoriedade nos círculos intelectuais brasileiros com o aparecimento de *O mulato* (1881) e *Casa de pensão* (1884), duas obras aceitas com ressalvas pela tradição crítica. Com *O cortiço* (1890), o maranhense garantiu a sua entrada na lista de escritores canônicos da literatura nacional e se consagrou como o maior nome do naturalismo no Brasil. Todavia, o triunfo literário de Aluísio deveu-se, em parte, ao seu romance esquecido e relegado pela historiografia em virtude do seu aspecto licencioso *O homem* (1887), fundamental nesse processo, e apropriado como escrita pornográfica por leitores comuns à época do seu lançamento. A obra foi um sucesso de vendas, garantindo ao maranhense o fechamento dos seus primeiros contratos com a L. B. Garnier, editora que publicava Machado de Assis e uma das mais importantes do período. O êxito de *O homem* foi resultado de uma sagaz campanha publicitária colocada em curso pelo próprio autor e sua influente rede de amigos da imprensa. Com foco imediato nas vendas, eles divulgaram o livro de maneira dúbia, destacando ao mesmo tempo o seu cientificismo e a sua licenciosidade. No entanto, na percepção do leitor comum e dos críticos, a obscenidade avultava-se frente à patologia abordada. Por isso, o Rio de Janeiro ficou escandalizado ao ler os sonhos eróticos da protagonista, descritos para tratar o tema da histeria feminina. Por causa de *O homem*, Aluísio Azevedo sofreu ataques dos detratores da escola naturalista, que o acusaram de escrever “pornografia” disfarçada de ciência. Esse fato aumentou mais ainda a polêmica e o interesse sobre a obra, aquecendo o comércio e fazendo surgir a 4ª edição do livro em menos de um ano depois de sua primeira publicação. Era uma façanha para a época, pois sabemos que o campo literário nacional lutava contra a falta de incentivo e reconhecimento de editores, livreiros e diretores de teatro. Era uma tarefa penosa ganhar os leitores brasileiros diante de títulos europeus famosos que circulavam por aqui. Por esse motivo, Aluísio e o seu grupo buscando ganhar o público, bem como consolidar espaço no campo literário brasileiro investiram fortemente na publicidade do livro. Este trabalho visa contar a polêmica campanha de divulgação de *O homem*, obra que contribuiu no processo de ascensão da carreira de Aluísio como um grande escritor naturalista. Para tanto, este estudo ancora-se em pesquisas de fontes primárias, nos estudos recentes sobre a ficção naturalista que vem renovando o olhar sobre a estética e também em leituras sobre o universo da escrita pornográfica de renomados autores. Palavras-chave: Aluísio Azevedo; naturalismo; pornografia; publicidade; mercado livreiro.

Palavras-chave: Aluísio Azevedo; naturalismo; pornografia

2 de agosto

8h30

AS RELAÇÕES DE PODER EM BOM-CRIOULO, DE ADOLFO CAMINHA

José Dino Costa Cavalcante (UFMA)

Resumo: O Naturalismo aportou no Brasil vindo da Europa (França) na década de 1870, introduzido através dos debates e discussões na Faculdade de Direito do Recife. Um maranhense, nascido na cidade de Viana, Celso da Cunha Magalhães (1849-1879) escreveu uma obra chamada de *Um estudo de temperamento* (1870), publicada parcialmente por intermédio de Arthur Azevedo e José Veríssimo numa revista de São Paulo. Oficialmente o nome de Aluísio Tancredo Gonçalves de Azevedo foi considerado o primeiro romancista a publicar uma obra de cunho naturalista (em que as patologias humanas, as relações sociais ficam mais evidentes). *O Mulato*, de 1881, é o marco dessa escola no Brasil, narrativa que aborda as muitas contradições de uma sociedade mergulhada nos valores patriarcais de profundas diferenças sociais e étnicas. Na esteira de Aluísio Azevedo, vieram Júlio Ribeiro – com o romance *A Carne* (1888) – e Adolfo Caminha – com *Bom-Crioulo*, *A Normalista*, entre outros. O cearense de Aracati (1867-1897) foi o naturalista que mais abordou temas delicados (ou caros) para a época (Século XIX), como homossexualidade masculina (na época

homossexualismo), dominação pelo capital, etc. Em Bom-Crioulo, há o desenvolvimento de um tema já abordado de maneira mais tímida em Senhora, de Alencar, que é relação de poder exercida por quem de fato possui o capital. No caso do escritor romântico, a mulher dominando a relação por possuir bens materiais. No escritor naturalista – 20 anos depois –, um homem negro (numa época de extremo racismo por parte da sociedade branca), tendo um pequeno soldo domina a relação com um jovem branco, ambos na Marinha do Brasil: o negro como uma espécie de marinheiro e o branco, um grumete (espécie de recruta, sem salário) – daí a fragilidade diante do mundo, das coisas e dos homens. Além dessa questão, há uma personagem também expressiva na narrativa: Carolina, formando com os dois outros um dos triângulos amorosos mais singulares da Literatura Brasileira. Dois homens e uma mulher, sendo esta a estranha ao casal primeiramente estabelecido, isto é, que provoca a ruptura da relação. Além dessa questão de poder, há toda uma reflexão por parte do narrador acerca das relações sociais no Rio de Janeiro do final do século XIX, como as ruas, os assaltos, os locais em que os marinheiros bebiam, a vida nas embarcações da Marinha, etc. O presente trabalho pretende investigar essa relação de poder que existe tanto por parte de Amaro quanto de Carolina em relação a Aleixo – a parte economicamente mais fraca. Para essa análise, buscaremos os aportes teóricos de Georg Lukács (Teoria do Romance), Antonio Candido (Literatura e Sociedade) e Roberto Schwarz (Machado de Assis: Um mestre na periferia do Capitalismo).

Palavras-chave: Naturalismo; Bom-Crioulo; Poder

A INEXISTÊNCIA DE CAETÉS

Marcos Falchero Falleiros (UFRN)

Resumo: Antonio Candido, em Ficção e confissão, atribuiu a Caetés a qualificação de romance “temporão”, “galho já cediço do pós-naturalismo”, com evidências de “deliberado preâmbulo”, como se fosse um exercício de técnica literária preparativo da grande obra por vir. Além das ressalvas que o crítico apresenta, demonstrando o quanto a presença do narrador em “situação” anuncia embriões tais como os monólogos interiores da grande obra, vê-se que nesse romance, tanto o modernismo, por aversão, quanto o marxismo, apesar da simpatia, não articulam plenamente o profuso cafuncho de cultura de almanaque com que Graciliano Ramos se diverte – o que não deixa de ser mais um sintoma de sua ambivalente fatura na estreia promissora do autor, posta entre a revolução da forma árida e a timidez de um conteúdo acuado pela miserabilidade no beco sem saída do contexto provinciano. A multidão de personagens e a confusão do romance funcionam como remédio antipasmaceira providenciado por seu ágil dinamismo, que as conversas atanzadas do Padre Atanásio tão bem simbolizam, e a que, ainda assim, o trecho principal se sobrepõe com nitidez geométrica. Mas seu aspecto mais interessante é o uso persistente dos presentes do indicativo, que, permeando a narrativa do começo ao fim, tem como ótimo efeito de sentido manter vivo e insuperável o mundo obsedante que quer descartar. É o que revela a intenção do autor de posicionar a escrita na imediatez da realidade presente. Estaríamos, portanto, lendo Caetés figuradamente do lado de fora do romance, como uma representação imediata da realidade, em meio a tempos verbais que só justificariam seu uso para, por exemplo, configurar a forma de um diário, ou representar momentos em que o narrador vem à tona do texto no tempo da narração. Assim, encontramos o texto perpassado por constantes escapadelas de presentes do indicativo referidos ao pretérito no tempo do narrado. Na forma desse arcabouço, que joga a primeira camada do romance para fora de si mesma, exposta ao presente do leitor, o narrador pretende escrever, dentro de Caetés, o “Caetés” dos antropófagos, projeto frustrado e abandonado no último capítulo, por absoluta incompetência para a literatura – uma atividade que Graciliano tantas vezes qualificou ironicamente de “indecente meio de vida”, ou, como o próprio João Valério diz, afinal: “um negociante não se deve meter em coisas de arte”. De fato, a construção de Caetés é conduzida por um interessante jogo lógico. A formulação paradoxal, mantendo o livro fora de si mesmo, consegue figurar a inexistência do romance de modo duplo: o Caetés que estamos lendo é o mundo externo, dentro do qual João Valério tenta escrever “Caetés”, mas afinal abandona o projeto. Essa é a sua revolução formal e a superação do pós-naturalismo.

Palavras-chave: Graciliano Ramos; Caetés; Pós-naturalismo.

DA FORÇA COERSIVA DO PODER À LUTA ÉTICA PELA SOBREVIVÊNCIA: TRADIÇÃO E INOVAÇÃO EM O FIEL E A PEDRA DE OSMAN LINS

Édila da Cássia Souza Santana (UFMS)

Resumo: Um dos aspectos característicos da ficção de Osman Lins é o elo comunicativo estabelecido pelo escritor, que garante a existência de características ligadas as tendências realista, naturalista e regionalista, ao mesmo tempo que se apresenta como uma literatura de resistência, problematizando a escassez do espaço literário, na dinâmica sociocultural nacional. Nesse sentido, esse trabalho tem como objetivo fazer uma análise do romance *O fiel e a pedra* (1967) de Osman Lins, analisando a tensão representada pelo drama social e a verdadeira luta pela sobrevivência, diante de situações como latifúndio, exploração de classes e imposição de valores. O romance narra a história de Bernardo na zona rural nordestina, tendo por núcleo, as relações conflituosas entre o despótico senhor de terras, Nestor, e Bernardo, um forasteiro íntegro e altivo. A narrativa contempla aspectos notórios tanto no contexto de produção da obra, como também, da nossa atual realidade. Aspectos de um modelo de vigência social formado pelos opressores e pelos oprimidos, gerando conflitos de ordem social, com alta carga de sondagem humana, visto que o dilema em que o homem se encontra, vai além dos conflitos externos, contemplando o mal-estar da modernidade. Assim, o romance em questão, aborda a significativa recusa da submissão, violação de valores e honra, diante da força coerciva que o cerca e o tende a manipular. Nessa perspectiva, a obra permite discutir fatores constituintes do meio em que estão inseridos seus personagens, e as amarras sociais que determinam as relações do homem e o seu fado. A interpretação crítica do contexto feita pelo autor, amplia a discussão em torno da documentação de situações que expressam aspectos da realidade e seus conflitos sociais, culturais, políticos e religiosos. Para analisar tais questões, utilizaremos como referencial teórico os textos de: José Paulo Paes, sobre aspectos relevantes das obras de Osman Lins, Leyla Perrone-Moyses (2002), no texto *Modernidade em ruínas*, Anatol Rosenfeld (1996), *Reflexões sobre o romance moderno*, Theodor W. Adorno (1973) estudos sobre ideologia, Sandra Nitrini (2001), *Poéticas de tensões*, Vladimir Ilitch Lenin (1977), estudos das lutas de classes, e Sigmund Freud (2011), *O Mal-estar na civilização*. Consideramos por fim, que a narrativa em questão, por meio da luta travada entre opressores e oprimidos, traz à tona conflitos representados por forças antagônicas que coloca em evidência a luta entre o bem e o mal. Tal luta, permite a nós leitores um estudo do homem, no que diz respeito a sua inserção no meio social, nesse caos coercivo, e nos seus princípios éticos e morais.

Palavras-chave: Opressor; Oprimido; Naturalismo; Modernidade

52 - O CORPO COMO RESISTÊNCIA NA LITERATURA DE AUTORIA FEMININA

Coordenação: Enedir da Silva dos Santos (SME/São José do Rio Preto)

Resumo: O que é ser mulher? É ter um corpo físico em que prevaleça a vagina como órgão sexual? A posse e o peso do aparelho reprodutor como obrigatoriedade da maternidade? As questões, assim como as concepções mudaram muito e permitem-nos repensar não apenas as delimitações naturalmente assimiladas por meio da violência simbólica, como aponta Bourdieu (2002), mas aquelas que orientam o processo de reflexão do ser/estar e do papel social. Simone de Beauvoir (2016) prenunciava que não se nasce mulher, torna-se mulher, isto porque nenhum destino poderia definir a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade. É no seio da sociedade brasileira do século XXI que as questões sobre gênero e sexualidade estão em ampla evidência e as barreiras colocadas por uma sociedade religiosa e patriarcalmente moralizante têm se afrouxado e caído à medida que se lança luz sobre discussões que foram silenciadas por leis e sentenças regulatórias, punitivas e discriminatórias. Pensar em gênero é obrigatoriamente pensar em relações entre os seres e deles com seus corpos, cernes das discussões e delimitações comportamentais, territórios políticos e de poderes em que a materialização do sexo revela uma série de disputas, como evidenciou Judith Butler (2000) para quem materializar os corpos em dois eixos únicos: masculino e

feminino, é uma forma de sedimentar a hegemonia da heterossexualidade. Os desdobramentos dessa sedimentação se fazem sentir em vários setores sociais, inclusive no campo literário, em que a literatura modelar brasileira foi sempre orientada pela construção masculina e foi por meio dessa voz que as mulheres, enquanto leitoras, foram conduzidas para sua própria representação, o que se constitui como elemento confirmador da sedimentação da importância da voz masculina e, consequentemente, da desimportância da feminina. O corpo da mulher enquanto território de disputas de poderes: biológico, quando tratado como elemento de reprodução humana; sedução, quando enaltecido pela sexualização; moralizador, quando evidenciado como condutor de práticas abusivas e regulatórias (in) justificadas por valores sociais; político, quando elemento articulador de políticas públicas, econômico: quando elemento capitalizador de recursos em prol da estética; influencia diretamente a relação entre seu ser e seu corpo, seu corpo e o corpo de outras mulheres, desaguando em questões mais amplas. Esse caleidoscópio de relações e representações do corpo foi evidenciado por Elódia Xavier (2007) em dez categorias exemplificadas com análises de textos literários: corpo invisível, corpo subalterno, corpo disciplinado, corpo imobilizado, corpo envelhecido, corpo refletido, corpo violento, corpo degradado, corpo erotizado e corpo liberado, o que nos leva a perceber que a variedade de abordagens e de tratativas dispensadas ao corpo é importante para a representação da mulher e de como ela se relaciona com o ele enquanto território. O olhar para o corpo feminino e o papel que ele ocupa nos textos de autoria feminina nos permite observar que ele é também o ponto de partida para a resistência a papéis instituídos pela sociedade patriarcalista, pois exemplifica posturas que vão do silenciamento à exploração sexual consciente. Não se trata restrita e especificamente da relevância do corpo físico, mas àquilo que se pode transver a partir dele, visto que o texto literário permite que se ficcionalize a realidade e esta possa evidenciar-se como libertação dos parâmetros instituídos, por meandros narrativos, poéticos e dramáticos que cada autora emprega para propiciar suas abordagens. A proposta deste simpósio é buscar dentre os textos de autoria feminina as articulações entre o corpo e posicionamentos que evidenciem resistência ou que levem a refletir acerca do papel da mulher no contexto social, talvez até mais do que isso, proporcionar novos olhares para como a escrita feminina aborda essa questão e a emprega como combate à repressão seja na orientação sexual, seja no posicionamento ideológico. Entendemos que assim como a variedade de abordagens, há também variedade de diálogos possíveis, por isso, o intuito é abrir espaços para se discutir o papel do corpo em diferentes obras escritas por mulheres e, consequentemente, como esse corpo e suas relações podem ecoar como pontos focalizadores para incentivar novas posturas no campo social: que o corpo seja uma forma de resistir às mais variadas imposições naturalizadas pela violência simbólica. Dessa forma, convidamos para este simpósio, trabalhos que abordem o corpo como elemento de resistência em obras de autoria feminina e proponham reflexões acerca desse corpo inserido no tempo/espaço como território de disputas.

REFERÊNCIAS:

- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: a experiência vivida*, vol. 2. Trad. de Sérgio Milliet. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- BOSI, Alfredo. Narrativa e resistência. *Revista Itinerários*, Unesp/Araraquara, n. 10, p. 11 – 27, 1996. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/2576/2205>>. Acesso em: 10 nov. 2016.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Trad. de Maria Helena Kuhner. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Trad. de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). *O corpo educado: pedagogia da sexualidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. 2. ed.. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

DALCASTAGNÈ, Regina. *A construção do feminino no romance brasileiro contemporâneo*. s/d. Disponível em: <<http://www.crimic.paris-sorbonne.fr/IMG/pdf/dalcastagne.pdf>>.

DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Vinhedo: Horizonte, 2012.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

DUARTE, Vera. O poder da palavra: representações na literatura de autoria feminina: escrevo, logo existo. *Revista Cerrados*: Brasília, v. 20, n. 32, p. 101-130, 2011.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres*. Trad. de Maria Thereza da C. Albuquerque. 8. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.

MATOS, Maria Izilda S.; SOIHET, Raquel. *O corpo feminino em debate*. São Paulo: Unesp, 2003.

RAGO, Margareth Luzia. *A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções de subjetividade*. Campinas: Unicamp, 2013.

RAMALHO, Cristina (Org.). *Literatura e feminismo: propostas teóricas e reflexões*. Rio de Janeiro: Elo, 1999.

SHARPE, Peggy (Org.). *Entre resistir e identificar-se: para uma teoria prática da narrativa brasileira de autoria feminina*. Florianópolis: Mulheres; Goiânia: Editora da UFG, 1997.

XAVIER, Elódia. *Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino*. Florianópolis: Mulheres, 2007.

31 de julho

14h30

CORPO: PAÍS DESCONHECIDO

Sue Helen da Silva Vieira (UFRJ)

Resumo: A poesia de Ana Martins Marques recupera o lirismo amoroso em seus versos e faz crítica ao amor banalizado, por vezes, toma a ironia como traço distintivo para questionar este sentimento. O corpo, que está em transformação, seja pela ação do tempo, seja pela reação entre o ser amante e o ser amado, aparece em seus versos como condutor da trama amorosa. No poema "Hospitalidade", inserido no livro *A vida submarina*, lê-se que "o seu corpo é um país desconhecido/ que não sei como visitar" (2009, p.139). O corpo atua como locus do desenlace amoroso, nele ocorrem as modificações tanto no agir como no pensar. O corpo atua como fator de resistência que se estende como desenlace amoroso.

Palavras-chave: poesia; corpo; amor

A REPRESENTAÇÃO DO CORPO NA POESIA DE ANGÉLICA FREITAS E ANA PAULA OLIVIER

Suzana Mcauchar (CES-JF)

Resumo: O que é o corpo? O que é a mulher? Em que consiste a escrita feminina? De que maneiras este corpo de mulher é representado em uma sociedade na qual se circunscrevem seus interditos? Estas são interrogações a que este ensaio não conseguirá responder, mas sobre as quais pretende se debruçar: o ser feminino e o seu devir, ou seja, sua existência e as respectivas mudanças que dela fazem parte. Essas questões estão inscritas e problematizadas há muito no universo da contemporaneidade, objeto de profundo estudo de autores como Pierre Bordieu, Judith Butler, Simone De Beauvoir, Angela Davis, e Regina Dalcastagnè, dentre outros, e que comporão o arcabouço teórico, em cujos argumentos apoiaremos este estudo. Porquanto na sociedade contemporânea o corpo tenha se tornado objeto de interesse, estudos e cuidados individuais e coletivos, compete-nos a inquirição acerca das perspectivas por meio das quais este corpo possa vir a ser empregado como um elemento chave da escrita poética. A publicitação da problemática feminina, em forma de poesia, irá adquirir as roupagens desejadas por sua criadora, que poderá optar por utilizar os mais diversos recursos da linguística moderna e figuras de linguagem, com a finalidade de enfeitar sua obra, motivando o interesse e a leitura. Nessa perspectiva, interessa-nos discutir como a representação do corpo feminino em questão nos permite desvelar os discursos e as

relações de poder aí constituídas. Com este propósito, tomaremos como referência a poesia das autoras contemporâneas Angélica Freitas e Ana Paula Olivier, cujas obras demonstram relevância perante o tema, à medida em que oferecem subsídios para se arrazoar a representação do corpo feminino na poesia contemporânea. Seu fazer poético adota dimensões políticas, mediante o afastamento que propositalmente assumem da rede discursiva instituída, cuja produção Foucault presumia ser controlada, selecionada, organizada e redistribuída a fim de conjurar seus poderes e perigos, dominar os fatos aleatórios, evitando assim os duros efeitos da materialidade (FOUCAULT, 1996). A maneira como a ordem se constitui na sociedade, estabelecendo as suas relações de dominação, seus direitos e prerrogativas, suas vantagens e suas iniquidades, ocasiona inúmeros efeitos e consequências prejudiciais. Ainda que o modo como essa condição se eterniza e as sequelas decorrentes possam vir a se tornar quase insuportáveis, porém toleradas, os responsáveis por este impacto em nada modificam a metodologia do fazer social. A percepção desse estado tornou-se motivo de inquietação intelectual e intensos estudos por parte de Pierre Bordieu, que devotou importância ao tema (Bordieu, 2017).

Palavras-chave: Corpo feminino; Mulher; Sociedade; Poesia

A VERTIGEM METAFÓRICA NOS JARDINS POÉTICOS DE CLAUDIA ROQUETTE-PINTO

Eloiza Fernanda Marani (UFMS)

Resumo: A metáfora é um dos recursos linguísticos mais utilizados por escritores em todo o mundo, pois proporciona aspecto figurativo, enigmático e reflexivo. Claudia Roquette-Pinto, poeta carioca da segunda metade do século XX (1963-), uma das fortes vozes da poesia brasileira contemporânea e autora de sete livros – *Os dias gogos* (1991), *Saxífraga* (1993), *Zona de sombra* (1997), *Corola* (2000), *Margem de manobra* (2005), *Botoque e Jaguar: a origem do fogo* (2009) e *Entre lobo e cão* (2014) –, faz parte do grande ramo de poetas que utilizam desse recurso em seus poemas. Embora tenha publicado um número significativo de obras, a escritora ainda é pouco conhecida nos meios acadêmicos. Entretanto, no estudo da poética de Claudia Roquette-Pinto notamos uma escrita repleta de metáforas botânicas, o que possibilita a apreciação de uma poesia que aborda temas presentes no cotidiano de forma sutil e figurativa, como: amor, sexualidade, feminismo, intertextualidades, resgate da tradição, construção poética, etc. Todas as temáticas que integram o percurso das obras da autora arquitetam o 'jardim de poemas' através de metáforas que aproximam mundos distintos, contudo, convergentes no cosmos da poesia: aspectos da natureza + aspectos da poesia. A lírica de aproximação de Claudia Roquette-Pinto encontra no jardim a imagem criadora, em que jardim apresenta-se como simulacro de privacidade, de realidade selvagem e de uma natureza liberta de culturas. Sendo simulacro, o jardim de Claudia é realidade além da realidade, representação do mundo natural de forma simbólica e subjetiva. Desse modo, os poemas de Claudia Roquette-Pinto são, aparentemente, o simulacro da poesia e coexistem na materialidade de seu jardim, o qual representa a busca incansável pela poesia e os mistérios que a cerca. A identidade que a escritora estabelece com analogias a flores, folhagens e elementos da natureza apresentam-se como confirmação de uma ânsia pela efetivação da essência e predileções que perfazem o universo feminino. Diante o exposto, a presente comunicação tem como objetivo dialogar com a historiografia dos estudos que versem sobre a metáfora, para isso traremos a luz da discussão análises de poemas com compõem as obras *Os dias gogos* (1991), *Saxífraga* (1993) e *Corola* (2000), no intuito de exemplificar, ilustrar e traçar a construção de um percurso estrutural e metafórico que revelará a íntima relação corporal – fisiológica e poética –, por meio da voz feminina. Para fomentar nossas discussões e análise, nos baseamos em Paul Ricoeur (2005), Aristóteles (1964), Luiz Costa Lima (1989), Octavio Paz (2012), entre outros, concernentes a metáfora.

Palavras-chave: Literatura Brasileira; Poesia Contemporânea; Metáfora Botânica; Literatura Feminina

"UM ESPAÇO TODO SEU": A BRICOLAGEM LITERÁRIA DE ANA CRISTINA CESAR

Danielle Ferreira Costa (UFRGS); Maria Luiza Berwanger da Silva (UFRGS)

Resumo: Conforme nos expõe a pesquisadora Jean Franco, em seu texto “Invadindo o espaço público; transformando o espaço privado”, as décadas de 1970 e 1980 foram marcadas pela luta das mulheres na América Latina pela ressignificação da dicotomia público/privado, no qual a esfera pública sempre esteve ligada ao masculino e a esfera privada ao doméstico, ao banal, ao rotineiro, que se atribuía ao feminino. Nesse contexto de transformação dos espaço público e privado, o feminino francês, começando com Simone de Beauvoir, teve um papel fundamental. Isso porque, ao “apontar a artimanha escandalosa mediante a qual, simultaneamente, sublimava-se a sexualidade masculina e se eliminava de toda consideração o corpo, em particular, o corpo feminino” (FRANCO, 2005, p. 144), Simone de Beauvoir leva as escritoras latino-americanas a perceberem a necessidade de terem o corpo feminino, em suas mais íntimas manifestações, em suas narrativas. Assim, dentro desse cenário, investigaremos a obra literária de Ana Cristina Cesar que, inicialmente, segue a mesma linha da escritora peruana Carmen Ollé, reivindicando a inclusão do corpo, tido como da esfera do privado, na esfera pública de debate, pois só assim a mulher teria voz no espaço público. No entanto, problematizaremos, nesta pesquisa, que a escritora brasileira dar um passo além da escritora peruana, pois se Ollé descreve as intimidades do corpo das mulheres de sua geração, o faz por uma perspectiva ainda dialética com relação a intelectualidade da mulher. Já Ana Cristina Cesar elimina de sua poética essa postura sobre o corpo feminino, construindo uma literatura que transita entre a prosa e poesia, buscando muito mais a cumplicidade do leitor do que o seu estranhamento diante de algo tão íntimo do corpo feminino. Outro ponto que investigaremos na poética de Ana Cristina Cesar também dialoga com o que nos expõe Jean Franco a respeito da literatura feminina, a qual, segundo a pesquisadora, “não é nem uma escola nem um estilo [...], o gênero e o modo como as mulheres escrevem definem sua posição em um debate cujos termos são raramente articulados de maneira explícita” (FRANCO, 2005, p. 133). Nesse sentido, encontramos uma autora que contrói sua literatura por meio da apropriação de fragmentos de outros autores, influenciada pela desconstrução de Jacques Derrida. Assim, por meio de uma escrita como conversação, como fala, compõe uma narrativa que tensiona diversos gêneros textuais, a prosa e a poesia, o masculino e o feminino, fragmentos de sua autoria e fragmentos de outros autores, em um processo estético intenso de desmontagem. Nessa composição fragmentária em que se apropria de textos de outros e mescla-os aos seus, Ana Cristina Cesar estabelece um jogo com o leitor, pois, conforme Armando Freitas Filho, “só um autor de máscara ou de óculos escuros pode dialogar, ‘eticamente’, de igual para igual, com um leitor sem rosto ou disfarçado. Combina com quem sofreu da premência, quase teatral, de ser íntima, e da fatalidade, sempre questionada, de ser pública” (FREITAS FILHO, 1999, p. 10).

Palavras-chave: Espaço Social; Ana Cristina Cesar; Corpo Feminino

BLISS: O AFETO FEMININO IMAGINADO - KATHERINE MANSFIELD, ANA CRISTINA CESAR, TRADIÇÃO LITERÁRIA

Erica Martinelli Munhoz (UNICAMP)

Resumo: A presente proposta surge da pesquisa de mestrado a respeito de diálogos literários entre a poeta Ana Cristina Cesar e importantes nomes da tradição de língua inglesa. Passando pela leitura de sua apropriação transformadora das palavras de uma tradição moderna masculina evidente, pudemos em seguida esboçar reflexões sobre seu contato com algumas vozes femininas. Lendo sua tradução anotada do conto “Bliss” de Katherine Mansfield como reflexão crítica, além da presença do termo “bliss” em tantos poemas da própria Ana Cristina, nos interessa propor uma leitura do conto enquanto metáfora para um fenômeno importante dentro da literatura: a dificuldade do encontro entre corpos/textos femininos, e a necessidade de construção de diálogos afetivos entre mulheres, vivenciada como experiência literária. Segundo Gilbert e Gubar (1979), para que a mulher possa fazer literatura, é preciso superar a “angústia de autoria”. O conceito é uma reelaboração da “angústia de influências”, de Harold Bloom, que descreve a batalha edipiana pelo poder entre autor homem e pai literário. O conceito de Bloom não daria conta da experiência da mulher diante da tradição, já que esta não se apresenta como espaço possível para ela. A possibilidade de produzir

literatura passaria então pelo encontro com outras autoras, a recuperação de predecessoras, pouco visíveis no cenário da tradição literária. Importantes nomes do feminismo denunciam a dificuldade dessa tarefa para além da literatura: por não formarem uma cultura própria torna-se difícil a compreensão de mulheres enquanto grupo (Beauvoir, 1970). Outros aspectos como a "heterossexualidade compulsória" (RICH, 1978), ou o "straight mind", (WITTIG, 1990) evidenciam a relação simbólica entre mulheres sempre mediada pela figura masculina. Na literatura o corpo masculino que interrompe o contato feminino é também o corpo de textos da tradição. A fortuna crítica de Mansfield reconhece, de modo geral, a relação entre o sentimento de "bliss" (êxtase na tradução de Ana Cristina Cesar) da personagem Bertha e o desejo homoerótico, ainda que pouco explícito. A dificuldade de reconhecimento da origem desse sentimento para Bertha, além da impossibilidade de encontro real entre as duas mulheres da narrativa (que culmina na descoberta do envolvimento entre Pearl e Harry), nos permitem justamente a leitura da metáfora do desencontro entre as vozes/corpos textuais femininos na literatura. O impedimento do encontro afetivo das personagens femininas se personifica na figura do marido. As figuras masculinas do cânone funcionariam também como um tipo de barreira para o encontro entre as vozes literárias femininas? Sempre descrito em referência ao corpo e vindo dele, o sentimento de "bliss", lido por alguns como evidência da ingenuidade de Bertha, nos parece, pelo contrário, o espaço de resistência íntima da personagem, que abala as estruturas estabelecidas: o corpo, segundo Bertha, não deve ser mantido trancado, "como um raro violino". Se o desencontro dos corpos é também o desencontro dos textos, vale a pena fazer uma leitura atenta dos movimentos do sentimento de "bliss" na personagem e de sua importância para poetisas como Ana C, na busca metafórica de diálogo afetivo entre vozes femininas isoladas pela estrutura patriarcal da tradição literária.

Palavras-chave: mulher; tradição literária; Katherine Mansfield

1 de agosto

14h30

MULHERES QUE (SE) TECEM: METÁFORAS DO BORDADO EM MARINA COLASANTI

Maisa Barbosa da Silva Cordeiro (UFMS/CPTL)

Resumo: Neste trabalho propõe-se à análise dos contos de fadas "Além do bastidor" e "Fio a fio", presentes no livro *Uma ideia toda azul* (1978), de Marina Colasanti. A contística da autora, em constante diálogo com os mitos, é elaborada na confluência entre o imaginário coletivo e a subjetividade, e evidencia o comportamento humano frente às vicissitudes das diegeses. Entre as temáticas abordadas por Colasanti, estão, de modo bastante constante, as correlações entre mulheres, sejam elas harmoniosas ou conflituosas. Elas são evidenciadas, nos dois contos sobre os quais se debruça neste trabalho, por meio das formas de amadurecimento sofridas pelas personagens ao longo das narrativas. Parte-se, nesta comunicação, especificamente da análise das metáforas do ato de tecer, que se imbricam ao amadurecimento das mulheres representadas e à transfiguração dos corpos das personagens. Dialogam, ainda, com aspectos relacionados ao feminino, bem como a sua emancipação. Os contos de fadas de Marina Colasanti abordam uma série de questões associadas ao imaginário coletivo, como é comum aos contos de fadas, mas também às formas de libertação (Foucault, 2004) dos sujeitos. As narrativas da autora deixam entrever cenas nas quais as personagens representadas modificam seu entorno ao modificarem a si próprias. No que tange aos dois contos aqui analisados, eles evidenciam, ainda, alguns pontos fundamentais associadas ao processo de amadurecimento representado: nos modificamos no contato com o outro. É no dialogismo (BAKHTIN, 2003) que podemos vislumbrar o outro e, nesse processo, imprimir, por meio da responsividade, na relação dialógica, nossas perspectivas em relação ao outro. Tais fatores são esclarecidos, nos contos, de modo bastante particular: a relação entre irmãs. As protagonistas, imersas nas diversas problemáticas advindas do convívio entre irmãs, entendido aqui como metáfora do próprio convívio entre mulheres, deixam claro a existência de laços pouco harmoniosos entre elas. Entre tentativas de subjugação ("Além do bastidor") e uma rede de intriga e

inveja (“Fio a fio”), os contos lidam com os confrontos nas relações das próprias mulheres ao longo da história. Com a ausência de um final especialmente feliz, como é característico dos contos de fadas (COELHO, 1987), os contos são um convite ao entendimento de relações muitas vezes conflituosas entre mulheres. As protagonistas tecelãs se emaranham aos fios e, nesse processo, tecem, ativamente, sua própria história, motivo pelo qual buscar entender as metáforas que permeiam o universo da costura, do bordado e do tecer, historicamente atribuído à mulher, é, também, um modo de compreender os percalços dessas relações.

Palavras-chave: Mulher; transfiguração do corpo; Marina Colasanti.

CIRANDA DE PEDRA: SEXUALIDADES EM RUPTURA

Leylanne da Silva Lima Melo (UFPI); Sebastião Alves Teixeira Lopes (UFPI)

Resumo: Em *Ciranda de pedra* (2008), Lygia Fagundes Telles nos apresenta com uma trama que não só expõe as fragilidades humanas e as relações familiares, como também constrói personagens transgressoras em relação à sociedade da década de 1950. É uma época rígida quanto aos valores morais e aos papéis sociais que homens e mulheres deveriam seguir. Diante disso, tem-se como objetivos deste artigo compreender como as transgressões das identidades de gênero em *Ciranda de pedra* (2008) quebram com as noções de corpo e sexualidade dos anos 1950, assim como agem as instituições responsáveis por aprisionar as mulheres a uma moral sexual. Ressalta-se que as identidades de gênero dos Anos Dourados, segundo Rocha-Coutinho (1994), tinham seus papéis sociais bem delimitados, uma vez que homens e mulheres deveriam desempenhar as suas funções sociais de acordo com cada esfera de atuação pré-estabelecida, isto é, a eles reservava-se o espaço público e a elas, o privado. Entretanto, para Saffioti (1987), a definição desses espaços consiste na naturalização de processos socioculturais que tem por finalidade excluir as mulheres do centro de poder, e assim relegar a elas a subalternidade. Todavia, Lygia Fagundes Telles, em *Ciranda de pedra* (2008) rompe com as distribuições desses papéis sociais, invertendo alguns dos valores morais da década de 1950 em relação ao corpo e à sexualidade. No que diz respeito à sexualidade e aos Anos Dourados, Del Priore (2017) abre discussões a respeito da moral sexual dessa época que ditava uma conduta de comportamento que homens e mulheres deveriam seguir: “a moral sexual dominante nos anos 50 exigia das mulheres solteiras a virtude, muitas vezes confundida com ignorância sexual e, sempre, relacionada à contenção sexual e à virgindade. Em contrapartida, relações sexuais dos homens com várias mulheres não só eram permitidas, como frequentemente incentivadas” (PRIORE, 2017, p. 613). Nesse sentido, a eles tudo era permitido a fim de que se pudesse realçar a virilidade masculina. Entretanto, a elas restavam-lhes seguir uma vida de recato, vigilância e censura, posto que delas eram cobrados os desempenhos de suas funções de esposa e mãe. Para isso, eram necessários o controle e a castração da sua sexualidade. Portanto, a transgressão sexual ocorrerá quando os papéis sexuais se mostrarem invertidos por meio de algumas personagens que não desempenharão o papel de homem viril ou o da mulher esposa e mãe, assim quando instituições reguladoras da sexualidade feminina, como a família, revelarem-se fora do padrão. Dessa forma, para alcançarmos os objetivos desta pesquisa, recorreremos às contribuições teóricas de Rocha-Coutinho (1994), Pinsky (2014), Foucault (2017), Del Priore (2017), Butler (2017), Xavier (2007), dentre outros.

Palavras-chave: *Ciranda de pedra*; Gênero; Sexualidade.

O VIGORAR DO CORPO NA OBRA A PAIXÃO SEGUNDO G.H., DE CLARICE LISPECTOR

Julie Christie Damasceno Leal (IFPA)

Resumo: A questão sobre o corpo tem permeado o imaginário humano desde tempos imemoriais, adquirindo em cada época ou região uma interpretação própria, que perpassa por compreensões distintas do que é corpo e como este interliga-se com o mundo. Na concepção cristã antiga, o corpo, especialmente o feminino, apresenta-se em um sentido de contraposição à alma, esta perfeita, imortal, enquanto que àquele é compreendido em um plano distinto, ou seja como algo imperfeito, impuro, pecaminoso e mortal. Na modernidade, o corpo enquadra-se significativamente na vertente

estética, no sentido de uma busca por um tipo de beleza física considerada ideal, que não raro aprisiona o indivíduo em uma ideia de beleza a ser buscada que está acima da sua individualidade, saúde e bem-estar. O corpo, na escrita de Clarice, torna-se presentificado através do seu contato e integração com o próprio espaço que o cerca, bem como com o outro, desvelando-se nas suas particularidades que estão conectadas com a postura e o pensar dos personagens. Dessa forma, Lispector apresenta uma visão de corpo que se espalha para além do âmbito puramente físico ou sensualista, ela, através da imagem do corpo, recria significados, simbologias, metáforas que se inserem no contexto da narrativa, indissociáveis da linguagem, revelando diferentes perspectivas e interpretações referentes ao indivíduo posto no mundo e sua integração com as demais pessoas/personagens. Esta pesquisa tem como objetivo investigar a questão do corpo na obra de Clarice Lispector, mais particularmente no romance *A paixão segundo G.H.* Busca-se indagar sobre as esferas de articulação que se estabelecem entre corpo e indivíduo, bem como sua interação com aquilo que ele compreende por realidade, real. Para tanto, no processo interrogador da referida obra, serão utilizados pensadores e estudiosos tanto do campo literário como do filosófico, centrando-se, no segundo aspecto, no pensamento do filósofo Nietzsche, para o qual o corpo precisa readquirir sua importância, pois, afirma o pensador, sem corpo não existe pensamento, razão ou filosofia, uma vez que o corpo é o viés pelo qual o mundo chega ao pensamento humano. Nesta interação entre interno e externo, Clarice Lispector aborda, em *A paixão segundo G.H.*, o corpo sob um ângulo bastante singular, pois nesta obra, o corpo assimila outro corpo, mas de natureza inumana, no caso, uma barata. A complexidade de tal relação trabalhada por Clarice exige do leitor uma compreensão da busca de G.H. por um conhecimento de si que irá se efetivar com o outro, no caso, o inseto. Esta junção entre humano e inumano, pois nesse aspecto deve ser considerado também o corpo da barata, representa um ato de liberdade e individuação de G.H. Assim posto, compreende-se que, para Clarice, corpo e vida são indissociáveis e se encontram em um plano que extrapola a visão meramente orgânica ou social, pois o corpo, em seu vigorar, no sentido de existir, compõe-se e recompõe-se, desfaz-se para em um segundo momento reconstruir-se, revelando o mundo que há dentro de cada um em contato com o outro.

Palavras-chave: Corpo; vida; Clarice Lispector.

OBJETIFICAÇÃO E ALIENAÇÃO DO "CORPO", DE ALCIENE RIBEIRO

Natália Tano Portela (UFMS)

Resumo: "Iguais no juízo da profissão, diferentes crânios e classes se inclinam em impressões maliciosas ou para ver melhor, o cru acordo de negar coração no peito do perfil, — apenas bailarina paga para diverti-los". "Corpo", conto de Alciene Ribeiro publicado em *O João Nosso de Toda Hora*, de 1982, narra uma performance da dançarina exótica Maria Joana. Com o foco narrativo voltado para a protagonista, o enredo permeia a subjetividade da mesma, provocando uma não linearidade do tempo da diegese. Por meio da análise dos elementos narrativos em busca dos sentidos ocultos no texto, este trabalho tem por objetivo apontar e caracterizar a objetificação e a alienação do corpo feminino da protagonista. Por objetificação, entende-se aqui a percepção de um indivíduo como se fosse objeto, desconsiderando sua humanidade, suas emoções e seu psicológico. A pesquisa parte da hipótese de que a objetificação do corpo da personagem é anterior à sua alienação, e que o corpo representa não apenas a matéria física, mas toda a vida da mulher. Para tanto, utilizamos, dentre outros, dos pressupostos teóricos de Simone de Beauvoir, no que tange à existência feminina tal como apresentada em *O Segundo Sexo*, e de Pierre Bourdieu, em relação à dominação masculina. Sendo uma das formas de exercício do poder e podendo se manifestar na repressão, a dominação masculina legitima-se "pela força da tradição que demarca o conteúdo dos ordenamentos" (ZINANI, 2013, p. 67), constituindo-se, assim, como produto de um trabalho histórico de eternização, no qual os princípios da visão dominante passam por natural a ordem social. Segundo Simone de Beauvoir, é a própria ordem social que gera a necessidade de uma casta de "mulheres perdidas", para que seja possível tratar "mulheres honestas" com respeito. Em "Corpo", os indícios das práticas de eternização do modelo patriarcal são perceptíveis em todas as camadas do texto: superficialmente,

pelo enredo, com a caracterização vocabular das personagens e da ambientação; e, mais profundamente, através das figuras de linguagem pode-se apreender, na construção narrativa, a ideologia veiculada pelo autor. É possível identificar, no conto de Alciene Ribeiro, o desvelamento de uma crítica em relação aos papéis encenados pelos gêneros, nos quais a mulher, para sobreviver, deve se submeter a um espetáculo grotesco para apreciação do homem. Concluímos que, como ato político, o uso da prática discursiva pela mulher torna-se capaz de desconstruir a imagem projetada pelas manifestações de dominação masculina, conferindo a possibilidade de recontar a história a partir do discurso feminino.

Palavras-chave: conto; feminismo; literatura

AS MÚLTIPLAS EXPRESSÕES DE RESISTÊNCIA DO CORPO FEMININO EM SELO DAS DESPEDIDAS, DE HELENEIDA STUDART

Enedir S. Santos (SME/ SJRP)

Resumo: Em nossa sociedade, o corpo feminino constitui-se como território de disputas e está no cerne de uma série de discussões que não são atuais, sequer ignoradas. Em alguns momentos, para ratificar os ideais patriarcalistas que regem o comportamento brasileiro, elas são negligenciadas ou silenciadas, como melhor aprouver para que se perpetue a marginalidade do ser mulher. Assim como são variadas as discussões que envolvem o corpo da mulher, são variada as formas de violência que socialmente o atingem, por isso, concomitantemente, o corpo aparece como cenário de violência e resistência. Na literatura escrita por homens, a delimitação dos papéis femininos (DALCASTAGNÈ, 2012) corroboram para que se reforcem os paradigmas sociais da imagem da mulher: mãe, professora, doméstica, dona-de-casa e, dessa maneira, mascaram os conflitos e as tensões que as mulheres enfrentam cotidianamente, visto que na representação da mulher feita pelo texto literário masculino, muitas dessas discussões aparecem de forma superficial, pois não é possível ao homem conhecer os impactos que tais questões têm na vivência de uma mulher. Nesse quesito, a literatura de autoria feminina não apenas expõe tais discussões, mas as adensa, contribuindo para que a mulher se veja representada e, a partir dessa representação, se reconheça como ser de valor, capaz de uma multiplicidade resistente, visto que o protagonismo e as tratativas que o texto escrito por sua semelhante lhe oferece, encontra-a em seus dilemas, desde os mais íntimos, até os mais superficiais. Nesta comunicação, objetivamos encontrar as múltiplas possibilidades de resistência do corpo feminino no romance Selo de despedidas, lançado em 2000, por Heloneida Studard. No texto de Heloneida, o corpo, como território político, manifesta expressões diversas de resistência ante as admoestações da sociedade patriarcalista, seja na obrigatoriedade do casamento como forma única de realização da chamada moça de família, seja na desconstrução da sensualidade que caracterizaria esteticamente a mulher. Essa resistência se concretiza em atitudes que negam valores e princípios organizadores da sociedade e da imagem da mulher inserida nela. Dessa maneira, os corpos das personagens protagonistas se configuram como propositores de rebeldia diante de contextos sociais afetados pela castração familiar e pela situação política: eles não se adequam e reagem como forma de expressar-se contrariamente aos padrões instituídos. Mais do que isso, o romance retoma pela personagem protagonista Mariana a história de suas antepassadas e de seus exemplos enquanto mulheres tentando se libertar, na esteira dessa recuperação dos fatos, o narrador demonstra que mesmo diante de um contexto altamente repressor e punitivo, a iniciativa das mulheres que se rebelaram reverbera como eco de resistência a ser repassado a todas as outras e perpassado pelo tempo, em busca de uma sociedade mais igualitária.

Palavras-chave: Narrativa; Corpo; Feminino; Resistência.

O "TORNAR-SE" MULHER EM SINFONIA EM BRANCO, DE ADRIANA LISBOA: A OPRESSÃO SOCIAL E FAMILIAR NA CONSTRUÇÃO DAS PERSONAGENS

Amanda Cordeiro Quintella (UFJF)

Resumo: A análise aqui proposta pretende investigar o “tornar-se” mulher, ou seja, alguns dos aspectos sociais envolvidos na construção das vivências das personagens Clarice e Maria Inês de Sinfonia em Branco (2001), de Adriana Lisboa. Para tal, como indica a escolha do termo “tornar-se”, serão utilizadas algumas considerações de Simone de Beauvoir, presentes na obra *O Segundo Sexo* (1949). O livro de Adriana Lisboa, vencedor do prêmio José Saramago em 2003, possui, como personagens principais, duas irmãs e, como enredo, as suas histórias desde a infância, passando pela juventude e chegando à vida adulta. Na adolescência, uma delas é violentada pelo pai, e este fato marca profundamente suas relações familiares. Ao mesmo tempo, o núcleo familiar e o círculo social no qual vivem têm grande influência no desenvolvimento das personagens. Algumas dessas influências foram abordadas por Beauvoir, que entende que a formação do feminino (e do masculino também) resulta das influências sociais e que, por isso, “ninguém nasce mulher” (p. 11), pois a construção do que é ser mulher é um processo de tornar-se, projetado pelo meio social, começando pela família, que “não é uma comunidade fechada em si mesma” (p.331). Sendo assim, Beauvoir apresenta atitudes e casos socialmente localizados para argumentar que a posição de inferioridade das mulheres é produto de intervenções da sociedade. Relacionando essa questão ao livro de Lisboa, pergunta-se quais dessas observações de Beauvoir estão presentes no meio social de Clarice e Maria Inês e como intervêm na construção das personagens como mulheres. Os comportamentos cobrados de uma mulher, desde a infância até a vida adulta, apresentados em *O Segundo Sexo*, como, por exemplo, o controle da sexualidade e a destinação ao casamento, serão pontos de referência para perceber a relação de cada irmã com tais imposições, bem como as relações maternas, os incômodos da puberdade e a iniciação sexual. Para complementar as questões familiares, principalmente a relação do núcleo familiar com o social, no que diz respeito à opressão das mulheres e das crianças, serão usadas algumas informações do capítulo *Justiça e Família*, de Flávia Biroli (2014), que está no livro *Feminismo e Política*, da mesma autora e de Luis Felipe Miguel. Este trabalho, sob a perspectiva da Crítica Feminista, indicada por Elaine Showalter (1994) como um meio de elaborar estudos sobre obras produzidas por autoras, visa a diminuir o preconceito existente acerca da escrita das mulheres, revelando o “território selvagem” (SHOWALTER), espaço da autoria feminina, que traz um discurso muitas vezes ignorado pelo cânone literário. A análise das relações no processo de construção das mulheres nas narrativas é mais um ponto de vista que ajuda a desvendar discussões diferentes das predominantes sobre obras de autoras e personagens femininas, ocupando um espaço necessário.

Palavras-chave: Sinfonia em Branco; personagens femininas; crítica

2 de agosto

8h30

"JAMAIS O FOGO NUNCA", DE DIAMELA ELIT: AS RUÍNAS DO PASSADO E DOS CORPOS

Lua Gill de Souza (UNICAMP)

Resumo: O questionamento de Gayatri Spivak, “pode o subalterno falar?” (1985), constitui um dos principais eixos da narrativa de “Jamais o fogo nunca” (2007), de Diamela Eltit, recém lançado no Brasil, conforme a leitura de seu tradutor, Julián Fuks, no prefácio que escreve para o livro. A narradora, uma mulher, guerrilheira de uma célula revolucionária e resistente na ditadura pinochetista, diante da experiência traumática da repressão ditatorial, do luto e da culpa frente às mortes, ou, ainda, da derrota política tenta, a todo custo, testemunhar e, principalmente, se fazer ouvir. Escrito com um distanciamento temporal de mais de trinta anos, a obra é a formalização da tentativa de fala de uma voz constantemente subjugada, subalternizada, silenciada, e da matéria dos restos do intraduzível diante de experiências limite. Os espectros do passado, entretanto, continuam extremamente vivos no seu relato e nas suas condições de vida, e são parte central dos seus questionamentos. Diante de uma luta que continua na resistência ao silêncio, na contemporaneidade, a narradora politiza o silêncio e recupera (ou tenta recuperar) o fracasso da língua diante do trauma ou do indizível (CARUTH, 1996), principalmente quando se dirige, em seu

monólogo, no interior do seu apartamento, ao marido doente, o qual se recusa, trinta anos depois, a ouvi-la. A narrativa parte desta voz, feminina e subjetiva, ou seja, a partir do microssocial, para pensar todo o contexto histórico e político do Chile de Pinochet, de maneira a lidar com os corpos que, diante do fracasso e das mudanças, excedem este tempo. Se, de uma parte, o fracasso das utopias revolucionárias e a tentativa de dizer esse fracasso é um impasse geral para as esquerdas e para os seus participantes ativos, por outro, não se pode deixar de levar em conta que o corpo que aqui fala (ou não) é o de uma mulher. Situa-se, portanto, diante de uma dupla transgressão, pois, inicialmente, ao escolher ser guerrilheira, se opõe ao contexto ditatorial, mas, com isso, se opõe também ao patriarcado e ao conservadorismo moral. A transgressão continua na tentativa de contar (e questionar) essa história. Assim como as utopias se esfacelam, no contexto contemporâneo, esses corpos narrados se transformam, se deformam, se deterioram e se constituem como “repositório da memória das experiências traumáticas” (ASSMAN, 2011). O fracasso habita não só o contexto político, mas o corpo, em ruínas, de toda uma geração de jovens que precisa rever a sua posição diante de um projeto social e revolucionário que não mais se sustenta, e que deve abandonar uma certa noção de heroísmo (VEZZETTI, 2009) e de uma perspectiva teleológica revolucionária. Mesmo diante da recusa, o corpo resiste e narra. O relato perpassa questões de maternidade, luto, culpa e trauma. Para fundamentar a discussão, me utilizo de constructos de teóricos como Butler, Caruth, Foucault, Bell Hooks, Seligmann-Silva, Spivak e Vezzetti, entre outros.

Palavras-chave: Resistência; Literatura contemporânea; Ditadura

A REPRESENTAÇÃO DO CORPO DA MULHER NEGRAS NAS NARRATIVAS DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Francielle Suenia da Silva (UFPB)

Resumo: Apesar das dificuldades de mercado, o que acarretou e ainda acarreta em uma invisibilidade na produção literária, as mulheres negras produzem – não de hoje – textos nos quais uma dupla condição emerge: a de gênero e a de raça. Nesses escritos, é possível perceber pontos de resistência, militância, descrição de um modo de ver o mundo a partir do prisma de uma mulher negra, por meio dos mecanismos próprios à linguagem literária. Dessa forma, tem-se uma escrita evidentemente política, marcada pelas categorias sociais que o grupo de autoras representa. Uma das formas de resistência e militância se dá através da representação do corpo. O corpo da mulher ocupa um espaço importante nos textos de autoria feminina negra brasileira, seja para evidenciar a maternidade, a sensualidade/sexualidade ou para denunciar situações de violências físicas ainda persistentes, uma vez que, na literatura, do corpo da mulher negra era retirado o valor humano passando, então, a ser objetificado, com fins exclusivamente voltados para a procriação. Nas obras da escritora Conceição Evaristo, a temática da mulher negra, nas mais diversas faixas etárias, se faz recorrente. A própria autora pontua que “a representação literária da mulher negra, ainda ancorada nas imagens de seu passado escravo, de corpo-procriação e/ou corpo-objeto de prazer do macho senhor, não desenha para ela a imagem de mulher-mãe.” (EVARISTO, 2012). Como forma de alterar o cenário literário e dar à mulher negra uma nova representatividade de seu corpo, a escritora anteriormente mencionada traz em seus escritos a voz de um grupo que, por anos, teve sobre si a amálgama da objetificação pelo gênero e pela raça. Considerando o que foi posto, a proposta deste trabalho é analisar os contos “Quantos filhos Natalina teve?” e “Duzu-Querença”, ambos de Conceição Evaristo e que fazem parte da obra Olhos D’Água (2015), quanto à representação do corpo e da maternidade como formas de resistência da mulher negra. Nos contos em questão, o corpo está relacionado ao biológico, à maternidade, à resistência contra ideologias que tornavam subalternos a mulher negra. Dessa forma, temos o corpo e a escrita atuando de forma política em defesa e direcionadas à valorização desse sujeito dentro da sociedade, seus valores e desejos em detrimento de questões sociais impostas à comunidade negra, em especial, à mulher. Para fundamentar a discussão, utilizaremos teóricos a exemplo de Campos (2010), Gonçalves (2010) e Duarte (2017) que abordam questões como a escritura feminina de autoria negra no Brasil, apresentando especificidades e temáticas recorrentes.

Palavras-chave: Gênero; Raça; Literatura negra de autoria feminina

NEGRITUDE E RESISTÊNCIA NA NOVELA SOCIAL "OS CORPOS E OBÁ CONTEMPORÂNEA" (2005) DE HELENA DO SUL: DO SACRIFÍCIO DE OBÁ AO EMPODERAMENTO DE IANSÃ

Dênis de Moura de Quadros (FURG)

Resumo: Durante muito tempo o espaço delegado às mulheres era o do lar, espaço restrito que representa (va) a prisão e dominação das mulheres pelos pais e maridos. Com o passar dos tempos e as inúmeras lutas do movimento feminista, como é sabido, a mulher tem conquistado espaço e aberto novas oportunidades em vários campos. A representatividade não é, ainda, uma das melhores visto que os salários recebidos pelas mulheres são mais baixos do que os dos homens com a mesma escolaridade e ocupando os mesmos cargos, mas é possível perceber a mudança dando seus ares de revolução como, por exemplo, a chegada de uma mulher ao cargo de Presidente da República. Quando falamos de mulheres negras a precariedade é ainda maior. Deste espaço em que convivem diariamente, minuto a minuto, com a violência e a iminência da morte, as mulheres negras buscam vias de resistência e de empoderamento, uma delas é a literatura. O corpo feminino é um corpo subjugado e, em especial, o da mulher negra que gira em torno de duas representações opostas: uma que sexualiza o corpo feminino cristalizando a imagem da mulata e outra que renega esse corpo cuja função é restritivamente laboral. Essas representações contribuem, ainda, para a solidão da mulher negra, tema da tese de Ana Cláudia Lemos Pacheco (UNICAMP, 2008). Compreendemos que a ruptura dessas imagens pode/deve ocorrer através do conceito defendido por Zilá Bern de “negritude”. A negritude é aqui compreendida como: “a tomada de consciência de uma situação de dominação e de discriminação e a consequente reação pela busca de uma identidade negra” (BERN, 1984, p. 20). Essa tomada de consciência opera na esteira do empoderamento feminino negro que começa, habitualmente, pelo aceitação dos cabelos cacheados e crespos antes alisados quimicamente. Assim como não se nasce mulher, torna-se mulher, a negritude é o processo de “tornar-se negra” (SOUSA, 1983). Dessa forma, a literatura afro-feminina que é a: “produção de autoria de mulheres negras que se constitui por temas femininos e do feminismo negro comprometidos com estratégias políticas civilizatórias e de alteridades” (SANTIAGO, 2012, p.155) nos servirá de base para analisarmos a novela social “Os corpos e Obá contemporânea” da escritora afro-gaúcha Helena do Sul. A novela social conta a história de Azantewaa e sua relação com o arquétipo mítico-religioso de Obá, Orixá que corta uma de suas orelhas para provar seu amor a Xangô. Desse corpo mutilado, Azantewaa encontra outras mulheres dispostas ao sacrifício corporal em troca do calor de um corpo masculino. Nesse ínterim, a protagonista compreende que é preciso subverter Obá e é através do arquétipo mítico-religioso de Iansã que empodera essas mulheres mutiladas. A novela social é construída em cima de relatos pessoais da autora e de outros relatos de mulheres mutiladas no que possuem de mais precioso e poderoso: seus corpos.

Palavras-chave: Negritude; Obá; Iansã; Literatura afro-feminina

2 agosto

14h30

DE CORPO E ALMA: A FIGURAÇÃO DO FÍSICO EM O PINTOR QUE ESCREVA, DE LETÍCIA WIERZCHOWSKI

Carla Aparecida Alves Bento (UFRJ)

Resumo: O objetivo desta comunicação é empreender uma análise da construção do corpo, em sua forma física, embasada no romance O pintor que escrevia – amor e pecado, de Letícia Wierzchowski. Ao avaliar a narrativa, encontra-se a descrição do belo corpo da personagem principal - Amapola – numa relação intertextualizada, visto que a história de amor do pintor Marco Bellucci, esposo da personagem, será retratada nas telas por ele pintadas (e algumas trazem uma lembrança dos azuis e amarelos de Vincent van Gogh e de Pablo Picasso), ao passo que sua história de amor e pecado vai sendo derramada com a força de sua pena na parte de trás de cada moldura. A descoberta desse

amor a um corpo que será marcado como a representação do pecado será vivida pelo marchand Augusto Seara vinte anos após a morte do pintor – uma solicitação da própria viúva de Bellucci, que o contrata para selecionar as pinturas do falecido marido. Entretanto, o corpo que outrora habitava aquelas telas não é mais o mesmo: envelhecida, Amapola reencarna, talvez, a ideia machadiana de pretender atar as duas pontas da vida e tentar, dessa forma, resistir ao conceito de que o tempo apaga as lembranças. Retomar os quadros para mandá-los de volta à Itália, cidade de origem dela e do falecido marido, é uma maneira encontrada por ela de não deixar morrer o corpo do homem que a amou sem poder. A narrativa desvela – ao não se manter em silêncio, o corpo vivo que antes brotava nas telas encontra forças para, mais uma vez, resistir. A vida da personagem é uma prisão de obediências às ordens da mãe – mulher controladora, que escolheu para a filha o marido tido como ideal. Ao longo do romance, porém, um outro corpo resiste – e não pela primeira vez o corpo ganha força e voz nas palavras de Letícia Wierzchowski – o de Augusto Seara. Contrariando regras, o marchand mantém um relacionamento amoroso com um rapaz 20 anos mais novo, pincelando um outro pecado às telas das normas de conduta da sociedade da década de 1970. Durante o romance, toda forma de personificação é estruturada para desmontar a ideia de que um corpo “romântico” e de que um possível final feliz existirão. Marco Bellucci encarna o ideário do século XIX, ao dar fim à própria vida numa manhã de céu tão azul quanto as veias do corpo de Amapola. No entanto, o sofrimento amoroso da então viúva é calado pela força patriarcal de sua mãe, Antônia Maestro – maestrina a tentar controlar a roda do destino da filha e do genro, que ao se jogar da janela de seu ateliê, faz com que seu corpo não admita a interferência da regente de sua vida. Os conceitos de Eros e Tânatos vão se derramar por cada página – ou por cada tela – levando o leitor a perceber que, ao final, o corpo resiste às regras ditadas pelas normas de conduta social, mas jamais será forte o suficiente para resistir ao apelo do amor.

Palavras-chave: Corpo; pecado; amor

O CORPO FEMININO E AS QUESTÕES HETERO NORMATIVAS EM O EFEITO URANO, DE FERNANDA YOUNG

Marta Maria Bastos (UFU)

Resumo: Este trabalho apresenta uma reflexão acerca das representações do corpo feminino no romance *O efeito Urano* (2001), de Fernanda Young, numa visão contemporânea em que as relações afetivas ganham voz na escritura de mulheres. Suas personagens legitimam um novo discurso, a partir da autonomia, do discurso e da polissemia. São personagens instigantes, questionadoras de si mesmas em relação ao outro. Neste romance há uma desconstrução do papel designado à mulher no discurso hetero normativo. Cristiana, a protagonista desta narrativa ficcional, vela e desvela seu corpo e suas relações afetivas. Apesar de viver um casamento perfeito aos olhos da sociedade, na intimidade, Cristiana revela-se uma mulher insatisfeita em busca de aventuras sexuais com várias parceiras, até que surge Helena, por quem se apaixona perdidamente. Envolta nesse triângulo amoroso, ao mesmo tempo em que a narrativa revela o grau de passionalidade que rege as escolhas da personagem principal, em muitos momentos ela faz uma reflexão da relação acerca do masculino e feminino, dessa mistura de papéis que envolvem as concepções amorosas e sexuais na atualidade. Desse modo, pretende-se compreender quem é esse sujeito que aparece na ficção, o gênero, sexo, a linguagem. Para compor essa discussão acionamos David Le Breton (2003); Beatriz Preciado (2014); Georges Bataille (2013); Stuart Hall (2002); Judith Butler (2013), Fábio Camargo (2011); Michel Foucault (2015); Elódia Xavier (2006), Ruth Silviano Brandão (1993); Pierre Bourdieu (2003); entre outros.

Palavras-chave: Literatura; Memória; Identidades, Corpo Feminino.

A REPRESENTAÇÃO DO CORPO ENQUANTO OBJETO ESTÉTICO: PROBLEMATIZAÇÕES DA PROSA E DA POESIA DE AUTORIA FEMININA

Maria Elenice Costa Lima Lacerda (UFRJ)

Resumo: O presente trabalho parte da interpretação do livro Joias de família (1992), de Zulmira Ribeiro Tavares, em paralelo com o poema "Retrato" (2001), de Cecília Meireles, a fim de discutir o corpo como mecanismo de resistência na autoria feminina. A partir da construção do rosto social empreendida pela protagonista Maria Bráulia Munhoz e do verso "em que espelho ficou perdida a minha face?", de Cecília Meireles, é problematizada a representação do corpo enquanto objeto estético tanto na prosa na quanto na poesia de autoria feminina brasileira.

Palavras-chave: Corpo; Objeto estético; Autoria feminina.

CORPO E GÊNERO: UMA ANÁLISE DE THE WIVES OF BATH (1993), DE SUSAN SWAN

Lis Doreto Romero (UNESP)

Resumo: Em 1993 é publicado o romance *The Wives of Bath*, da escritora, professora e feminista canadense Susan Swan. Abordando temas latentes à época, como a sexualidade, a transexualidade e a identidade, a autora teceu o romance em sintonia com diversos acontecimentos históricos, dando à obra características do que Linda Hutcheon (1991) chama de metaficção historiográfica. A história se passa na década de 1960, momento em que a comercialização da pílula contraceptiva junto à revolução sexual e ao desenvolvimento dos novos movimentos sociais estadunidenses, entre eles o feminismo e o movimento homossexual, dão ao início da segunda metade do século XX novos ares. Na década seguinte, as feministas da segunda geração desenvolvem o que Linda Nicholson (2000) chama de "fundacionalismo biológico", isto é, oferecem uma crítica baseada na dicotomia sexo/gênero, porém, ainda considerando uma essência comum às mulheres. Com os avanços dos estudos feministas, os quais foram fortemente influenciados pelas críticas das feministas negras e lésbicas quanto à univocidade da mulher feminista, a qual é branca, classe média e heterossexual, em 1980 os estudos de gênero emergem e se fortalecem. Embora o cenário não estivesse favorável às minorias, ainda na mesma década, a epidemia da AIDS e a ascensão conservadora, nos Estados Unidos, contribuíram para que surgisse a teoria queer. A teoria queer busca afirmar a diferença como resistência política frente às normas sociais e culturais que regem a sociedade, a exemplo a heteronormatividade e a heterossexualidade compulsória. A presença de características que enfrentam a norma social e cultural presentes nas sociedades ocidentais é encontrada na obra aqui proposta para análise, *The Wives of Bath*. Para compor a narrativa de estilo gótico, Susan Swan criou personagens que podem ser consideradas abjetas, anormais, estranhas, ou fora dos padrões normativos: Mouse, a heroína, é uma garota corcunda e que passeia entre o feminino e o masculino; Pauline, a anti-heroína, é lésbica e comete um assassinato para comprovar sua virilidade e masculinidade; Miss Vaughan, a diretora do colégio, é lésbica; Sergeant, o zelador, é anão e se traveste de mulher. Essas, entre outras personagens, fazem parte do terceiro dentre os cinco romances publicados da escritora canadense Susan Swan, o qual possui uma narrativa alinear e que mistura diferentes gêneros textuais e literários. Em *The Wives of Bath*, além da falta de linearidade na narrativa, o gênero carta também se faz presente. Quanto aos gêneros literários, considerando os pressupostos de Northrop Frye (1957), por exemplo, são encontrados no texto características de histórias romanescas, comédias, tragédias e dramas que muitas vezes acabam por ser parodiados, ou seja, subvertem as concepções já estabelecidas sobre essas formas de gênero. Assim, observa-se que a obra é composta por características subversivas que estão presentes tanto nos corpos das personagens, como o corpo do texto.

Palavras-chave: Mulher; Gênero; Queer; Literatura canadense

A REPRESSÃO E A INSURGÊNCIA DOS CORPOS FEMININOS NA OBRA THE HANDMAID'S TALE, DE MARGARET ATWOOD

Ana Letícia Barbosa de Faria Gonçalves (UNICAMP)

Resumo: *The Handmaid's Tale*, romance distópico de Margaret Atwood publicado em 1986, apresenta uma narradora-protagonista a relatar sua experiência dentro de um regime totalitarista e teocrático instaurado nos Estados Unidos da América. Em um contexto de caos ecológico e crise demográfica, um grupo hegemônico determina novas configurações políticas e sociais, nas quais as

mulheres perdem por completo qualquer estatuto de sujeito, direito a escolhas ou autonomia. São as detentoras de corpos férteis, as denominadas handmaids (“aias”, na tradução para o português), os bens mais preciosos deste sistema e, por isso, colocadas sob maior jugo. A proposta deste trabalho é realizar uma leitura crítica do corpo da mulher em *The Handmaid’s Tale*, entendendo-o como justificativa para o cárcere feminino, porém buscando as potencialidades de insurgência pelo viés do discurso que emana desse mesmo corpo cativo. A narrativa em primeira pessoa concede voz a uma das aias, e é através dessa voz que o texto abre um espaço de poder, de insurgência. É constantemente reiterada, através da metalinguagem, a importância da história que se revela, pois a autoexpressão é o instrumento que permite evadir a condição de objeto reprodutor, “ovário com pernas” (ATWOOD, 1996), para legitimar-se como sujeito. Para pensar o texto literário em questão, as reflexões de Sandra Gilbert e Susan Gubar em *The Madwoman in The Attic*, de 1979, foram importantes chaves de leitura. Ao focalizarem a representação feminina nos textos masculinos e também a “invasão” da mulher no universo literário, as estudiosas demonstraram o poder de gerar e de aniquilar que a caneta (a pena, a máquina de datilografia ou qualquer equivalente) detém. Entendemos, nesse trabalho, que a mulher autora que usurpa a caneta, ou o “pênis metafórico” (GILBERT; GUBAR, 2000), rompe o confinamento e o silenciamento de seu gênero utilizando-se, ironicamente, do mesmo objeto que lhe impõe sujeição: “A caneta entre meus dedos é sensual, quase viva, eu consigo sentir seu poder, o poder das palavras que ela contém.” (ATWOOD, 1996). Escrito em um contexto bastante distinto daquele analisado por Gilbert e Gubar, *The Handmaid’s Tale* é fruto de conquistas feministas, mas é também o reflexo secular da prisão do texto e da prisão do corpo, levando Atwood a inscrever seu gênero em uma narrativa sobre a impossibilidade de narrativas. Entendemos, portanto, que seu texto figurativiza a mulher como corpo cuja função essencial é a reprodução, ao mesmo tempo em que coloca em pauta embates externos e internos, tematiza o cerceamento da liberdade (re)produtiva e, finalmente, clama a possibilidade de insurgência e revelia. A linguagem, incidindo sobre o real pela simbolização, tem o potencial de silenciar, mas também de legitimar a voz e conferir visibilidade. É nesse sentido que se busca compreender o corpo feminino no romance, sob a conjectura de que as imagens literárias criam uma nova versão da realidade que nos permite melhor compreendê-la, revisá-la e, em última instância, transformá-la.

Palavras-chave: corpo; autoria feminina; Margaret Atwood

53 - O ENSINO DE LITERATURA HOJE: CAMINHOS, PROPOSTAS E ATITUDES

Coordenação: Marta Aparecida Garcia Gonçalves (UFRN); Rosana Cristina Zanelatto Santos (UFMS, CNPQ), Benedito Antunes (UNESP/ASSIS).

Resumo: Em 2013, o Congresso internacional da ABRALIC, ocorrido em Campina Grande (PB) foi palco de várias ações voltadas para as discussões sobre o ensino de literatura, reforçando a importância dos debates sobre o tema e a sua consolidação na área de Literatura e Linguística. Aquela edição da ABRALIC estimulou um grupo de pesquisadores a promoverem a reativação do GT Literatura e Ensino, criado no I ENANPOLL, na UFPR, em 1985. Assim, nosso Simpósio, parte integrante das ações do GT Literatura e Ensino da ANPOLL, convida pesquisadores a discutirem temas inerentes ao ensino da literatura no ensino superior, assim como nos níveis fundamental e médio. Destacamos que a orientação central deste Simpósio recai sobre o ensino como atividade relacional que envolve de maneira circular a teoria, a prática e a pesquisa. Muitos dos problemas do ensino – e não somente de literatura – situam-se no modo como os conteúdos são aplicados e discutidos em sala de aula e na ausência de correlação entre esses conteúdos e as experiências para além do universo escolar/acadêmico. Os saberes, em qualquer nível de ensino, devem ser produzidos e não reproduzidos; ainda hoje, eles são, de modo preponderante, disciplinarmente reproduzidos segundo uma organização que não é clara para os aprendizes e, muitas vezes, nem para os docentes. Assim, não há reflexão, não há compreensão (aqui, pensamos contigualmente à Hannah Arendt, para quem compreensão não é sinônimo de convencimento, porém de discernimento) na maioria de nossas salas de aula, o que dificulta e mesmo elimina a possibilidade

de produção de conhecimento. Quando nos referimos à prática da pesquisa como ingrediente do ensino, ela é o *locus* propício para o desenvolvimento de posturas investigativas e compreensivas, enfim, críticas tanto no corpo docente quanto no discente, apresentando-se como catalisadora e antídoto à dispersão no processo ensino-aprendizagem. Adentrando no ensino de literatura, é preciso que se dê conta da materialidade dos objetos literários, inicialmente, *de per se*, encaminhando-se, a seguir, para seu caráter estético, advindo da percepção do observador/leitor, afinal, o processo que constrói a interpretação das obras literárias e, de modo geral, artísticas. Faz-se necessário que se abandone um determinado ensino de literatura baseado/consubstanciado em uma historiografia literária de caráter, ainda, positivista e objetivista, o que, no mais das vezes, entroniza os dizeres dos “críticos especializados” (em geral, professores universitários) e deixa ao largo o leitor de primeira hora, seduzido *pelo* texto literário e não pelas resenhas/artigos/ensaios *sobre* o texto literário. É preciso prestigiar o *texto literário* e os leitores desse texto, muitas vezes também os atores aí representados. Como assevera Márcio Seligmann-Silva (p. 71), devemos pensar num dos desejos de Walter Benjamin, qual seja, o de arrancar os fenômenos “[...] da falsa continuidade cronológica e da cadeia de causas e efeitos, para inseri-los dentro de uma nova ordem que conecta diferentes agoras e revela, ao mesmo tempo, a interpretação objetiva desses fenômenos”. Nesse sentido, serão aceitos trabalhos que se afinem aos temas norteadores propostos para a organização do Simpósio, como: metodologias de leitura do texto literário; os estudos interartes e o ensino da literatura: interfaces e possibilidades; as questões da identidade e da outridade e o ensino de literatura; o ensino da literatura e a intertextualidade: singularidades e processos; estudos literários e gêneros literários; o ensino de literatura em relação com outras áreas do saber; os estudos de gênero e o ensino de literatura; o ensino de literatura no contexto do comparativismo; a lei 10.639/2003; o ensino da literatura luso-africana e afro-brasileira; o ensino de literatura e os novos estudos de recepção e hermenêutica intercultural; a literatura e a formação docente; o ensino de literatura na atualidade: o imanentismo e os fatores externos ao literário como suportes; relatos de experiências de ensino de literatura; o ensino de literatura e a formação do leitor crítico. Outros trabalhos que se norteiem pelo eixo de Literatura e Ensino também serão aceitos, ainda que não enumerados nos temas expostos, uma vez que a proposta de nosso Simpósio é construir e ampliar os debates já existentes, para que, por meio da reflexão teórico-crítica da prática docente nas salas de aula de literatura, novas e transformadoras ações se concretizem.

REFERÊNCIAS:

ARENDT, Hannah. Compreensão e política. In: _____. *A dignidade da política: ensaios e conferências*. Org. Antônio Abranches. Tradução Helena Martins *et al.* Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993. p. 39-53.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *A atualidade de Walter Benjamin e de Theodor W. Adorno*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. (Coleção Contemporânea: Filosofia, Literatura e Artes).

31 de julho

8h30

LEITURA, LITERATURA DIGITAL E FORMAÇÃO DOCENTE

Angeli Rose Do Nascimento (CEDERJ/UNIRIO e UFRJ)

Resumo: Esta comunicação apresenta resultados parciais de pesquisa-ação desenvolvida em estágio pós-doutoral em Educação, tomando como foco a formação inicial de professores em curso de Pedagogia na modalidade EAD de uma instituição pública e a possibilidade de dar a ver as experiências com a literatura digital, enquanto objeto de aprendizagem. Para tanto, foi realizada breve revisão bibliográfica sobre a concepção de literatura digital (Kock, 2013), além de análise dos dados obtidos a partir de aplicação de questionário a professores-tutores e coordenador da disciplina “Literatura na formação do leitor”, integrante do currículo da referida graduação. A motivação inicial do projeto de investigação partiu da experiência de tutoria nesta disciplina, em

2016, em que apenas a literatura digitalizada, principalmente infantil, estava presente como objeto de aprendizagem na formação inicial de futuros professores e, invariavelmente, com abordagem tradicional e estabelecida nos compêndios escolares, sem qualquer indicação para as possíveis variações nos gêneros literários em meio digital. A partir disto, com o objetivo inicial de coletar dados sobre a presença e circulação da literatura digital no cotidiano dos docentes-formadores, no caso, os professores-tutores, propor uma formação através de oficinas de leitura digital, a fim de sugerir a relevância da literatura digital na escola para cibercidadãos (Valle, 2016). Neste sentido, foi revisto o conceito de “experiência” operado na teoria da leitura de Larrosa (1998) e o tratamento dado ao termo por Benjamin (1987), tendo em vista as pesquisas anteriores já concluídas sobre formação de leitores na contemporaneidade (Rose, 2017). Outro ponto de reflexão importante levou em consideração que a literatura digital tem suscitado inúmeras questões, tanto direcionadas para o ensino como para a teoria da literatura e teorias da leitura. Pesquisadores e produtores do campo das Letras tem se deparado com a complexidade para lidar com a teoria dos gêneros literários, dado o dinamismo da produção na cibercultura, gerando certa instabilidade no campo de estudos. Tomou-se, então, o gênero textual “manifesto” (Bakhtin, 2003 e Spalding 2013) e o “Manifesto da Poesia Concreta” (1958), do movimento Concretista. A abordagem a que nos propusemos fez parte de um cotejamento inicial que estabelecia algumas diferenças e contiguidades possíveis, tanto no que tange o gênero textual “manifesto” que segue uma tradição de ruptura na literatura brasileira, como o estabelecimento de algumas continuidades dentro de contextos intermediários diferenciados. Os resultados parciais obtidos em análise sugerem a necessidade de se efetivar e intensificar ações formativas para professores-formadores, enquanto professores-leitores, pois algumas contradições surgiram das respostas dos professores-tutores, tais como: a predominância do uso de material digitalizado (60%); num universo de opções que incluía games, artigos de periódicos e resposta aberta com espaço para nomear referências em relação a meios para favorecer a leitura literária; apenas 20% dos especialistas indicaram conhecer literatura digital, porém, ao solicitar-se destes a nomeação de algum título, 10% “não lembravam” e outros 10% indicaram autor clássico da literatura brasileira, portanto, texto digitalizado. Entretanto, 60% reconhecem a relevância da presença da literatura digital na formação inicial de professores e 100% desejam participar de formação específica sobre literatura digital e sua possível inclusão no currículo de Pedagogia, visando à formação de futuros leitores de literatura, em meio aos nativos digitais que se apresentam a cada dia mais na educação básica, ratificando que o contexto contemporâneo não pode nem deve prescindir de mais esta frente formação leitora como direito (Cândido, 1972).

Palavras-chave: literatura digital; formação docente; experiência

LITERATURA JUVENIL: PARA LER E ENSINAR

Benedito Antunes (UNESP)

Resumo: A comunicação examinará brevemente um conjunto de livros da chamada literatura juvenil com a finalidade de avaliar sua relação com as práticas didáticas. Parte desses livros foi lida por alunos do Ensino Fundamental e serviu de corpus de pesquisa sobre a recepção literária. Outra parte foi analisada tendo em vista seu uso em sala de aula. À vista disso, são abordados Açúcar amargo (1987), de Luiz Puntel, As meninas da Praça da Alfândega (1994), de Sérgio Capparelli, De Paris, com amor (1997), de Lino de Albergaria, Antes que o mundo acabe (2000), de Marcelo Carneiro da Cunha, A órbita dos caracóis (2003), de Reinaldo Moraes, e Lenora (2008), de Heloisa Prieto. Publicados nas últimas três décadas, esses romances comportam traços relevantes da literatura juvenil do período, de forma que sua análise poderá contribuir para delinear o conceito do gênero e, ao mesmo tempo, dada a larga utilização em sala de aula, ensejar uma reflexão sobre sua função pedagógica na formação do leitor literário.

Palavras-chave: Literatura juvenil; Ensino; Formação do leitor.

LITERATURA, ENSINO E TECNOLOGIAS DIGITAIS: CONDICIONAMENTO OU CONSTRANGIMENTO?

Lucilo Antonio Rodrigues (UEMS)

Resumo: A escolarização da literatura impõe, logo de saída, um problema de difícil dimensionamento, por isso requer um esforço coletivo no processo de apreensão do próprio conceito. A narrativização desse problema constitui o objeto de muitas pesquisas, sobretudo, no âmbito do programa de mestrado profissional de Letras em rede, conhecido também como PROFLETRAS. A nossa pesquisa nessa área concentra-se na relação dialógica entre o Ensino de Literatura e as Tecnologias Digitais. A ênfase no diálogo como um tipo específico de relação não é gratuita: ela é tributária dos estudos levados a cabo pelo chamado círculo de Bakhtin. Um dos aspectos que mais nos chama a atenção na teoria do dialogismo é o fato de o autor, às vezes, se constranger diante da voz de determinados personagens. Consideramos que este enfrentamento da personagem diante de um interlocutor invisível é primordial para compreendermos a relação entre o ensino de literatura e as tecnologias digitais e, mais do que isso, possibilita a apreensão de outros enfrentamentos cujos interlocutores não estão em nosso campo de ação. Desse modo, relacionar ensino de literatura e tecnologias digitais implica, necessariamente, em um complexo processo de citação do discurso do outro que muitas vezes não é levado em conta quando a tecnologia entra na sala de aula. Por isso, a nossa maior preocupação é justamente saber como se articulam os diferentes lugares de enunciação dos saberes envolvidos. Até o momento identificamos pelo menos três lugares cujas fronteiras podem não ser tão evidentes: a escola, o espaço familiar/cotidiano e o espaço tecnológico. Em nossas pesquisas temos buscado atravessar essas fronteiras mediante o uso de diferentes práticas de letramento literário, qual seja, o de natureza artesanal (ou singular), o escolar (técnico ou tensivo) e o tecnológico (automático/pedagógico). As referidas práticas não se articulam como esquemas, mas como possíveis narrativas em que a relação sujeito/objeto é desfocada. Ou seja, embora central nos estudos sobre as relações entre o discurso narrado e o discurso citado, o processo de reificação é propositalmente borrado mediante atravessamentos iterativos. Desse modo, se é verdade que as mídias digitais nos condicionam em praticamente todas as atividades, o ensino de literatura em diálogo com as tecnologias pode apontar para outras possibilidades de enfrentamento de tais condicionamentos da mesma forma que alguns personagens de romances enfrentam/constrangem seus próprios autores no processo da escrita literária. Neste particular a escolarização da literatura pode ser pensada como um processo de atravessamento de fronteiras que só agora pode ser vislumbrado, graças ao desenvolvimento das tecnologias digitais.

Palavras-chave: Literatura e ensino; mídias digitais, dialogismo

DOCENTE LEITOR OU FORMADOR DE LEITORES: DESAFIOS PARA O ENSINO DO GOSTO NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES

Naiane Vieira dos Reis (UFTO)

Resumo: Este estudo analisa o processo de formação de leitores dos acadêmicos de uma licenciatura em Letras de uma universidade situada na região norte do país, observado o modo como esses sujeitos relacionam-se e são colocados diante dos textos. Para análise, considerou-se corpus diários de campo produzidos em um estágio em docência de uma doutoranda na disciplina de letramento literário, bem como dados de uma pesquisa sobre a leitura de estudantes que também são trabalhadores, sendo focalizada a relação dos acadêmicos com a literatura. Mesmo compreendendo que a disciplina devesse privilegiar questões concernentes ao ensino, políticas e práticas de leitura, observou-se que, ao longo do curso, não foi contemplado o contato sensível com o texto literário no percurso de formação daqueles futuros professores de língua portuguesa. A leitura foi realizada principalmente em contexto formal de ensino, intermediada por demandas específicas da didatização, em que o prazer estético configura-se, por vezes, como marginal aos objetivos pedagógicos. A teoria literária, mais precisamente, as discussões sobre a recepção da leitura pelos sujeitos em diversos contextos sociais, e a semiótica discursiva, mobilizando a sintaxe do nível narrativo para analisar a relação do leitor com o objeto literário, são mobilizadas como fundamentos para debater o ensino de leitura no contexto de ensino superior. Considerando as competências do sujeito do fazer, o leitor quer, mas não sabe, pode ou deve entrar em contato com a literatura. Ainda

que o texto literário seja considerado pelos licenciandos como um objeto-valor, o efetivo contato com a literatura acontece em circunstâncias pouco favoráveis à formação do gosto pelo estético, tendo em vista o pragmatismo do processo de escolarização da leitura, além da idealização do ato de ler, concebido como apartado da vida comum e das demandas cotidianas. Tendo em vista um público leitor pertencente às camadas menos privilegiadas economicamente e que compõe a classe trabalhadora, a leitura de literatura vai sendo circunscrita, portanto, como uma habilidade cada vez mais atrelada aos grupos de maior privilégio social. O saber ler não resulta precisamente em um gostar ou sentir prazer na leitura, apreciar as qualidades estéticas de um texto. Ainda que os sujeitos tenham acesso às teorias de leitura e saibam notificar a qualidade estética de um texto, mantêm-se na posição de quem ainda não é dotado de saberes sensíveis, que resultam no prazer estético. Além das discussões teóricas acerca do ensino de literatura, é urgente a necessidade de privilegiar o letramento literário dos professores em formação inicial, tendo em vista que esses sujeitos, futuros mediadores de leitura, em alguns casos, ainda não são leitores.

Palavras-chave: estesia; formação; ensino; licenciatura

O ENSINO DA LITERATURA NA PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU: RELAÇÕES ENTRE LEITURA E MÉTODO

Nícea Helena de Almeida Nogueira (UFJR)

Resumo: Muitos professores recém-formados em cursos de pós-graduação stricto sensu na área dos Estudos Literários enfrentam a sala de aula com a necessidade de um aprofundamento na metodologia de ensino, especialmente em relação à literatura. Esta pesquisa propõe a análise de práticas pedagógicas para o ensino de textos literários, apresentando reflexões sobre diferentes modos de leitura e interpretação crítica de textos por alunos de mestrado e doutorado. Interessa-se por observar os posicionamentos do professor de Literatura, assim como as causas e consequências da relação entre o aluno-leitor e o texto. Investiga os aspectos da formação, o ambiente de trabalho e posicionamento do professor frente ao texto literário, além de verificar como esse texto chega até o público discente e quais são as perspectivas sincrônicas e diacrônicas para o ensino da literatura. Tais aspectos são respaldados por estudos realizados por Jewel Spears Brooker, Roland Barthes, Antonio Candido, Willian Cereja, Umberto Eco, Paulo Freire, Leyla Perrone-Moisés, Philippe Perrenoud, Irene Pieper, Helder Pinheiro, Elaine Showalter e Regina Zilberman, entre outros.

Palavras-chave: Ensino; Literatura; Pós-graduação.

31 de julho

14h30

PROFESSORES-LEITORES E SUAS RELAÇÕES COM A LEITURA LITERÁRIA: CARACTERÍSTICAS, INFLUÊNCIAS E (DES)ENCONTROS

Maria da Conceicao de Jesus Ranke (UFTO)

Resumo: Este trabalho constitui-se de um recorte de uma pesquisa mais ampla, tese de doutorado, investigação vinculada ao Gesto – Grupo de Estudos do Sentido do Tocantins. Trata-se de uma pesquisa de cunho interdisciplinar que colocou em diálogo letramento literário e semiótica discursiva com o objetivo identificar e analisar as relações que se estabelecem entre leitor e a leitura literária. Como fundamentação teórica, foram mobilizados estudos do campo do letramento literário transversalizados pela semiótica discursiva nas questões relativas ao envolvimento dos sujeitos com os objetos estéticos. A investigação consistiu numa pesquisa norteada, particularmente, por princípios qualitativos identificada como estudo de caso de caráter interpretativista. Para a produção dos dados foram realizadas entrevistas semiestruturadas, bem como registros informais complementares foram produzidos mediante anotações de campo. A amostra do estudo foi constituída de 7 professores, já licenciados, de Língua Portuguesa e Literatura, que atuam na rede pública de ensino do Tocantins, e 6 licenciandos, pertencentes aos cursos de Letras dos campi universitários de Araguaína e de Porto Nacional, ambos da Universidade Federal do Tocantins. As

categorias mobilizadas para a análise dos dados buscaram dar visibilidade à relação que os professores-leitores estabelecem com a leitura literária, descrevendo os aspectos ou elementos que entram em jogo nessa relação. Para isso, o estudo descreveu as características, influências e (des)encontros, além dos conceitos de leitor que emergiram dos discursos dos professores-leitores, tendo em vista a formação de leitores e as demandas do letramento literário. A partir da análise dos dados gerados durante a pesquisa foi possível concluir, dentre outros achados, que as características que definem um leitor nesse estudo foram aquelas que o configuram como um sujeito plural, evidenciando uma relação marcada por muitas faces, intenções e demandas. A trajetória de vida dos leitores no que concerne a se tornar e a ser um leitor foi influenciada por diversos contextos, dentre os quais enfatiza-se a importância da família e da escola. No âmbito familiar, constatou-se a importância de atitudes que imprimem marcas importantes, senão relevantes para a formação inicial do indivíduo enquanto leitor. No contexto escolar a influência mais marcante relacionou-se a interferência positiva do professor como um importante influenciador da formação literária. No que diz respeito aos encontros e desencontros com a leitura literária, foram diversas as experiências pessoais que marcaram o percurso dos participantes do estudo, e sinalizaram para mudanças de perspectivas, dentre as quais ressaltaram-se as leituras de caráter volitivo e as leituras de cunho pragmático.

Palavras-chave: Formação do leitor; Leitura; Letramento literário

AS QUALIDADES INDISPENSÁVEIS DE UM PROFESSOR DE LITERATURA: UMA PROPOSTA DE TRABALHO PARA O ENSINO MÉDIO

Silvia de Paula Bezerra (Universidade Presbiteriana Mackenzie)

Resumo: O ensino de literatura ou de leitura literária vem sendo discutido por diversos autores como (TODOROV, 2009), (PERRONE-MOISÉS, 2016), (ROUXEL, 2015) entre outros. E essa discussão se deve ao fato de que mudanças são necessárias para que a escola consiga realizar um trabalho mais efetivo na construção de novos leitores, principalmente, no ensino médio uma vez que neste período, a independência leitora dos estudantes deve ser consolidada, conforme pontua (ROJO, 2009) visando não só o mercado de trabalho, mas também a ampliação de suas visões de mundo e de sua cidadania. Por isso, os estudos desses autores reconhecem a importância da formação de professores para que essa tarefa alcance êxito. Afinal, são leituras e obras escolhidas por esses profissionais que moldam, em um primeiro momento, as escolhas feitas pelos estudantes. Assim, pensamos que falar acerca da formação de docentes é lembrar a obra de Paulo Freire e sua atualidade, pois conforme assevera (VASCONCELOS: 2016, p.109) “[...] Com obras publicadas em mais de vinte países, Freire continua a desempenhar importante papel na formação de professores, comprometidos com a utopia de um Brasil melhor [...]”. Diante do exposto, o objetivo deste trabalho é, partindo de nossas leituras e da experiência em turmas do ensino médio de escola pública municipal, estabelecer um diálogo entre o que pontua (FREIRE, 2016) na sexta carta da obra Professora, sim; tia, não e o que dizem estudiosos da atualidade acerca da leitura literária na escola, como (LAJOLO, 2001), (DALVI, 2013) e (COLOMER, 2007). Por meio deste trabalho, buscamos ampliar as discussões e a troca de experiências que podem auxiliar os professores de língua portuguesa e literatura no trabalho difícil e ao mesmo tempo prazeroso, de aprofundar a relação entre os estudantes e a leitura literária, não só no ensino médio como também em sua própria formação.

Palavras-chave: Literatura; Leitura; Ensino; Estratégias.

FORMAÇÃO DO LEITOR EM ATIVISMO CULTURAL: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA PESQUISA-AÇÃO SOBRE LETRAMENTO LITERÁRIO

Arlyse Silva Ditter (UFSC)

Resumo: O projeto de pesquisa e extensão Confraria Literária do CA-UFSC: formação do leitor e ativismo cultural ocorre desde 2013, geralmente, no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina. São encontros em horários extra-classe, com participação por interesse. A

perspectiva de abordagem é horizontal, já que integra leitores de várias idades e diferentes formações acadêmicas: professores, técnicos e alunos em discussão sobre um determinado objeto cultural. Objetiva-se contribuir com a formação escolarizada do leitor, sob o Letramento Literário. Utiliza-se a estratégia da Sequência Expandida (COSSON, 2014) na abordagem de objetos culturais em várias linguagens, muitas das vezes sob foco interdisciplinar. Pretende-se formar o leitor não somente dos textos literários, mas de objetos culturais do cinema, música entre outros, ampliando, assim, o repertório cultural de cada participante. O projeto também visa possibilitar espaços de discussões sobre temas de relevância e ou emergente para a formação do leitor, seja pelo valor cultural, pela referência canônica, como pela atualidade; aproximar membros de toda comunidade acadêmica para convivência social e cultural, promovendo um "warm up" entre todos; promover encontros da comunidade acadêmica com agentes e artistas locais – escritores, músicos, contadores de histórias, entre outros – valorizando, assim, a cultura catarinense; divulgar as atividades culturais da cidade, em intercâmbio com membros da comunidade interna e externa da UFSC e, assim, mobilizar os participantes para a cultura local; criar um ambiente de protagonismo cultural ao dar voz e vez a todos. A Confraria Literária do Colégio de Aplicação tem sua estrutura e organização norteadas pelas premissas da pesquisa-ação, método de conhecimento da realidade que tem utilizado várias matrizes teóricas (EL ANDALOUSSI, 2004). Sua principal característica- a intervenção - se presta tanto à ação educativa, como conscientizadora com os envolvidos. Na pesquisa-ação acontece simultaneamente o “conhecer” e o “agir”, uma relação dialética sobre a realidade social desencadeada pelo processo de investigação dinâmico, conforme Thiollent (1985). Nesse projeto, tem-se duas formas de organização. A primeira ocorre a cada encontro que tem objetos e expectativas diferentes, mas que busca identificar no junção dos diferentes atores metodologias para formação do leitor. A segunda avalia de forma global as ações por meio de uma assembleia inaugural, no início de cada ano letivo, em que se socializa as apreciações coletivamente e pactua-se mais uma etapa de trabalho. Os encontros têm reforçado o caráter da prática social da Literatura e das Artes, que insere o leitor de forma mais reflexiva, crítica e sensível na sociedade como pode-se perceber pela quantidade crescente de participantes, as interações e depoimentos.

Palavras-chave: Formação do leitor; Cultura; Letramento Literário

LITERATURA NA SALA DE AULA: RESISTÊNCIA EM MEIO AO CAOS

Ana Carolina Miguel Costa (UNESP)

Resumo: Literatura é um direito de todos e “instrumento poderoso de instrução e educação”. Esses pensamentos de Antonio Candido (2004) são referências ao pesarmos a importância que a literatura tem na vida de todos. Em um mundo globalizado, fragmentado, de incertezas e indagações no campo educacional, ela surge como resistência, como libertação. Atividade racional e emocional, capaz de quebrar paradigmas e transcender o mundo das urgências cotidianas, a literatura, desde Platão, é questionada por seu potencial reflexivo e crítico, motivo por que o acesso a ela é cada vez mais escasso. Em vista disso, a escola deveria ser um dos ambientes a conceder esse direito, tendo o professor como mediador. Entretanto, o texto literário ocupa espaços diminutos ou é a condição de pretexto para o ensino de conteúdos específicos, como a gramática ou as técnicas de redação. Muitos docentes estão preocupados em sintetizá-los e reproduzi-los para exames vestibulares e, muitas vezes, não acreditam na capacidade de seus alunos. Na verdade, na maioria das vezes, os estudantes são vistos como um receptáculo, seres passivos que devem obedecer, seguir todas as instruções de seu professor, sem ter o direito de opinar, discordar ou apresentar outras possíveis leituras e interpretações. É postergado que estes deveriam ser os protagonistas, seres ativos, capazes de criticar, criar, produzir, inquirir, de renovar ou até mesmo quebrar os padrões e normas enraizados concernentes à educação. Pretendemos, então, refletir sobre o fato de que a literatura não é apenas um instrumento para outros fins e planejar métodos para aproximar os alunos dos textos literários. Queremos mostrar como ele pode ser planejado e trabalhado na sala de aula, as possibilidades de reflexão, crítica e os seus benefícios. Além disso, almejamos evidenciar a importância do papel do professor como mediador entre o leitor e a obra literária e ratificar que o

aluno deve ser o protagonista nessa construção de sentidos do texto. Desse modo, apresentaremos alguns resultados obtidos com nossa atual pesquisa que tem por foco o estabelecimento de métodos de seleção dos textos literários, leitura em sala de aula e análise dos resultados. O projeto está pautado na elaboração de questões epilinguísticas, conforme proposto pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Língua Portuguesa (1997), para incitar a reflexão sobre o texto e seus recursos expressivos. Cada encontro foi gravado em áudio para posterior análise de conteúdo e verificação da qualidade de leitura dos alunos, sendo que para isso utilizamos o método quantitativo e qualitativo proposto por Laurence Bardin (1977).

Palavras-chave: Literatura; Texto literário; Leitura; Ensino.

PROJETO DE EXTENSÃO CAFÉ COM LETRAS

Ângela da Silva Gomes Poz (IFF)

Resumo: Amplas pesquisas divulgadas na obra “Retratos da leitura no Brasil 4” (FAILLA org., 2016) revelam a carência de leitura de livros em nosso país e os problemas que isso acarreta, constituindo um desafio social transformar essa realidade. Mesmo havendo atualmente um crescente interesse e maior discussão acerca de meios para promover e fortalecer a formação de leitores, ainda percebe-se a ineficácia de práticas tradicionais em salas de aula nesse sentido e pouco se nota nos meios educacionais a consciência da extraordinária importância da leitura. Referimo-nos aqui “não apenas à leitura de mensagens, e-mails, documentos, à leitura meramente utilitária, circunstancial e informativa; e sim à leitura literária” (MARIA, 2016). Numa sociedade hierarquizada, com base em classes, como a nossa, “a distribuição desigual de técnicas de acesso aos bens simbólicos reforça e realimenta as características excludentes” (FOUCAMBERT, 1994). A escola, envolvida em imensos currículos e uma gama de conteúdos a “dar conta” acaba por, em todos os anos, formar mais alunos apenas alfabetizados e não letrados, que comporão, em muitos casos, uma multidão de analfabetos funcionais. E, tragicamente, a exclusão reservada aos analfabetos – que nunca aprenderam a decodificar os sinais gráficos, será também destinada a esses apenas alfabetizados: “... tanto os alfabetizados quanto os analfabetos são frutos do mesmo processo de exclusão. [...] Para aqueles que socialmente vivem essas condições de exclusão, o destino é [...] num caso ou noutro, a não-leitura” (Idem, 1994). “Para fazer a inclusão social, necessitamos fazer a inclusão mental, e a literatura oferece essa possibilidade [...]” (MORIN, 2014). Considerando essa perspectiva, o Projeto de Extensão Café com Letras consiste em ações contínuas visando à formação de leitores e incentivo à leitura, especialmente literária, tendo como eixo principal encontros mensais de um grupo de pessoas (alunos, professores e outros servidores do IFF campus Bom Jesus do Itabapoana, de outros campi e de outras instituições de ensino; pais de alunos e outros membros da comunidade externa) para compartilhar leituras de livros escritos em língua portuguesa e promover reflexões e debates sobre temas relevantes a partir deles, como Gênero, Racismo, Testemunho, Identidade, Memória, Resistência, Diversidades, entre outros. Além dos encontros mensais, que, fazendo jus ao título, são reuniões agradáveis e amistosas, que sempre terminam com um “Café” especialmente preparado para elas, o Projeto promove outras ações internas e externas, como Seminários, Palestras, Minicursos, Saraus, Cirandas poéticas, Exposições, Encontros com Autores – locais, regionais, brasileiros e (se possível) estrangeiros, Contações de histórias, entre outras, intentando expandir o conhecimento e as diversas possibilidades e dinâmicas sociais que a Literatura impulsiona. Objetiva-se, com isso, aumentar o número de leitores na escola, na cidade e na região, ao mesmo tempo, promover o intercâmbio entre setores e comunidades, capacitando as pessoas para uma postura crítica e atuante na sociedade, desenvolvendo suas habilidades linguísticas e culturais e ampliando sua percepção política e consciência cidadã. Formando leitores e aumentando seu quantitativo, o Projeto vem contribuindo para a quebra de paradigmas excludentes, no intuito de ajudar a construir uma sociedade mais justa e mais livre.

Palavras-chave: Letras; Livros; Literatura; Formação; Leitores.

1 de agosto

8h30

CAFÉ LITERÁRIO: AUTONOMIA DOS ESTUDANTES E TRABALHO COLABORATIVO NO ENSINO DA LITERATURA

Gyzely Suely Lima (IFTM)

Resumo: Contextualizamos este trabalho a partir da problematização ressaltada por Antunes (2015) de que a Literatura evolui conforme a própria história do homem, adquirindo formas e funções variadas, de modo que consequentemente, o ensino da Literatura, também, sofre mudanças e tem enfrentado uma crise. Corroboramos com o argumento de que há morosidade por parte da escola em rever seus currículos porque existe “um apego a corpus e métodos didáticos que tendem a se distanciar das práticas sociais da criança e do jovem contemporâneo” (ANTUNES, 2015, p.05). Nessa perspectiva, o objetivo deste trabalho é apresentar um relato de experiência sobre o ensino da Literatura durante o desenvolvimento do projeto de extensão nomeado Café Literário, que já está em sua terceira edição, e conta com uma comissão organizadora especificamente composta por um grupo de estudantes do curso técnico de Administração do Instituto Federal do Triângulo Mineiro. Baseado na metodologia do trabalho colaborativo, o intuito do Café Literário é promover um momento de apreciação e debate da Literatura com a comunidade interna e externa sobre temáticas diversas a partir de contextos histórico, social e psicológico dos artistas e escritores, propiciando aos participantes a possibilidade de uma reflexão pessoal e um aprofundamento teórico por meio de rodas de conversa e intervenções literárias. Sob o prisma pedagógico do ensino da literatura, pretendemos relatar como o Café Literário surgiu da necessidade dos próprios estudantes de criar um espaço de exposição e debates sobre temas apresentados em textos literários, expandindo as discussões para outras áreas de estudo e caracterizando a interdisciplinaridade do estudo da Literatura. Dentre os resultados alcançados, destacamos as vantagens de viver a experiência do trabalho colaborativo entre os estudantes e professores, bem como a consolidação da autonomia dos alunos em organizarem seu próprio evento acadêmico.

Palavras-chave: Colaboração; Autonomia; Papel do professor

PRÁTICAS DE LETRAMENTO LITERÁRIO QUE POSICIONAM O SUJEITO LEITOR NO CAMPO DA CRÍTICA

Sandra Helena Borges (UFU)

Resumo: Pretendo detalhar, nesta comunicação, modos de pensar sobre e realizar a leitura literária no contexto escolar (práticas de letramento literário) de forma a posicionar o leitor infantil como sujeito – que manifesta liberdades por meio do texto - no campo da crítica. Nesse sentido, conceberei a leitura literária como jogo de representação (portanto, de imaginação) e como jogo de regras, conforme os escritos de Picard (1986). Esses escritos foram influenciados pelo filósofo alemão Schiller (1995), com sua teoria da arte como jogo, e pelas teorizações do psicanalista inglês Winnicott (1975), acerca dos fenômenos transicionais, isto é, dos fenômenos que se encontram no meio do caminho entre a chamada realidade concreta e a realidade psíquica. Então o jogo na leitura ficcional, para Picard (1986), é tanto defensivo quanto construtivo: uma atividade absorvente, incerta, que tem relações com a fantasia, mas também com o real, vivido como ficcional, mas sujeito a regras. Rouxel (2014) reformulou, esclareceu e estendeu ao ensino às teorizações de Picard (1986). Sendo assim, a pesquisadora francesa propõe uma leitura subjetiva que realize a apropriação de uma obra por seu leitor com um movimento duplo de participação e de distância, e que promova reflexão sobre a pertinência do texto pessoal criado pela experiência estética no ato da leitura, dando réplica ao texto. Desse modo, o ato de ler - com o investimento emocional, psicológico, moral e estético do leitor - liberta-se da leitura inscrita no texto e segue o mundo desdobrado diante dele. Rouxel (2014) esclarece que nessa leitura, metodologicamente, o aprendiz é convidado e incentivado a argumentar, à maneira da abordagem socrática, perante a comunidade interpretativa, o seu texto criado na leitura silenciosa a partir do texto da obra, devido à possibilidade de diferentes recepções. Essa comunidade - que é atravessada por convenções, contextos e instituições -, em concordância com Fish (1995), ajuda o leitor a ir além da sua compreensão singular do texto para

acessar possibilidades interpretativas compartilhadas. Ou seja, no modo de ler subjetivo conciliador, segundo Rouxel (2014), o aprendiz é encorajado a engajar-se emocionalmente na leitura para depois restaurar suas emoções, analisá-las e interpretá-las. Logo, esse modo de ler concebe a leitura como interação dialógica entre o texto e o leitor, um jogo de liberdade e de imposição. Nesse sentido, no que diz respeito ao ensino, a leitura subjetiva fundamentada nas teorizações de Picard (1986) ambiciona desenvolver a parcela de liberdade compreensiva do leitor e, ao mesmo tempo, colocá-la nos trilhos de uma atividade coletiva - interpretativa - que busca um senso comum e valores compartilhados nas reatualizações dos sentidos das obras. Esse modo de ler acorda então com o pensamento bakhtiniano (2011) de que o conceito linguístico de sentido (smisl) participa da categoria de diálogo, pelo fato de responder a perguntas do leitor à procura da compreensão responsiva.

Palavras-chave: Práticas de Letramento literário

LITERATURA E PROJETOS NA SALA DE AULA

Rosa Maria Monteiro De Araújo (UFAM)

Resumo: Executar projetos que tenham como objetivo a leitura de textos literários deve ter cada vez mais espaço nas aulas de Língua Portuguesa e Literatura, pois é um tipo prática didática que possibilita aos alunos o letramento literário de uma maneira diversificada, propiciando o exercício de diferentes competências ao se articular com vários gêneros do discurso ao mesmo tempo. No contexto escolar, a realização de projetos interrompe a rotina, imprime dinâmica e interação social, envolvendo os alunos em torno de um objetivo e possibilitando-lhes a aquisição de novas competências e habilidades, pois criam situações reais de produção. Tal procedimento está de acordo com a proposta constante nos PCNs ao afirmar que “as ações realizadas na disciplina Língua Portuguesa, no contexto do ensino médio, devem propiciar ao aluno o refinamento de habilidades de leitura e de escrita, de fala e de escuta.” (BRASIL, 2006) e em consonância com a proposta de literatura como interação de Rildo Cosson ao afirmar que “o ensino da literatura deve ter como centro a experiência do literário” (COSSON, 2014, p.47). Essa metodologia também é recomendada por William Cereja ao afirmar que “o trabalho com projetos ganha fundamental importância, uma vez que são eles a ferramenta por meio da qual as práticas sociais de linguagem são realizadas” (CEREJA, 2017, p.366). Esta comunicação, visa, portanto, trazer reflexões sobre a importância de o professor de linguagens oportunizar aos alunos a elaboração e execução de projetos que tenham por objetivos a construção e o compartilhamento de vivências literárias, bem como mostrar as etapas de elaboração de um projeto e sugestões de recursos tecnológicos que podem ser usados para viabilizar e torná-lo mais eficiente. Como exemplo, relatarei minha experiência, na Escola Estadual Prof.ª Alice Salerno Gomes de Lima, uma escola de Ensino Médio em Manaus-Am, com a execução de um projeto de letramento literário desenvolvido sob o tema Literatura, crítica e resistência, realizado no primeiro semestre de 2017 do qual participaram as 18 turmas da escola. Nesta comunicação, nos ateremos às atividades realizadas com uma turma de 3º Ano, que leu e dialogou com poemas de Ferreira Gullar, Chico Buarque, Caetano Veloso, Geraldo Vandré dentre outros, e como a partir da leitura desses autores, os alunos recriaram e declamaram poemas, elaboraram painéis, banners e uma peça teatral intitulada "Ditadura nunca mais!", a qual foi encenada para toda a comunidade escolar, demonstrando assim, que os textos lidos tiveram uma excelente recepção por parte dos jovens alunos.

Palavras-chave: Projetos; Vivências literárias; Tecnologia

PENSAR O ENSINO DE LITERATURA PELA ÓTICA DA ESCRITA CRIATIVA: PROPOSTAS E PERSPECTIVAS

Diego Grando (PUC-RS)

Resumo: O campo acadêmico da Creative Writing, surgido em 1936 na Iowa University, desenvolve-se nos Estados Unidos e no Canadá desde a metade do século XX, visando à formação e à qualificação de escritores. No Brasil, a Escrita Criativa configurou-se como um campo acadêmico decorrente do surgimento das oficinas literárias, a partir da década de 1960. Constituídas como

espaços de discussão, sistematização e desenvolvimento dos procedimentos criativos, as oficinas passaram a oferecer um novo viés sobre a criação literária, e, portanto, sobre o objeto literário como um todo. Em 1985, foi criada a Oficina de Criação Literária ligada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, organizada e ministrada pelo escritor Luiz Antonio de Assis Brasil, até hoje em funcionamento. Em 2006, o mesmo PPGL criou a linha de pesquisa em Escrita Criativa, dentro do Mestrado em Teoria da Literatura, expandindo-a, em 2012, para a área de concentração em Escrita Criativa, em nível de Mestrado e Doutorado. Em 2016, a instituição implementou a Graduação em Escrita Criativa, com o Curso Superior de Tecnologia. Nesta comunicação, pretendo apresentar as reflexões iniciais que levaram à proposição do projeto de pesquisa de pós-doutorado "Novos paradigmas para o ensino de poesia: a Escrita Criativa como método", iniciado em março de 2018 junto ao PPGL da PUCRS, em que proponho o desenvolvimento de uma metodologia de ensino de poesia em nível superior centrada em atividades de criação poética. Originado das minhas experiências prévias de organização e implementação de oficinas de poesia em diferentes contextos (oficinas privadas, estágio de docência no ensino superior, atividades de extensão universitária), o projeto tem como ponto de partida a constatação de que a Escrita Criativa pode ser entendida como uma forma de ensino prático reflexivo, de acordo com as concepções de Schön (1983, 2000), podendo, assim, expandir sua abrangência para o terreno da formação (inicial e continuada) de professores e pleitear seu espaço na discussão mais ampla sobre ensino de literatura.

Palavras-chave: Escrita Criativa; Poesia; Ensino de Literatura

PROJETO JOVENS ESCRITORES: LITERATURA, LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL

Patrícia Lopes da Silva (UFU)

Resumo: Nesta proposta, pretende-se expor o trabalho realizado com alunos do ensino fundamental anos finais, de modo a ressaltar a importância da literatura, leitura e produção textual. Cabe destacar que, antes da execução do projeto, observou-se que a maioria dos alunos trazia consigo muitas dificuldades de interpretação e escrita, isso acarretava um impacto no desempenho, não só em língua portuguesa, como também nas outras disciplinas. Essas dificuldades, por sua vez, tendem a aumentar à medida que os alunos avançam em seus estudos, tornando-se, assim, um entrave para a aprendizagem. Uma das principais causas das dificuldades era a falta de leitura, visto que a grande maioria desses discentes não possuía o hábito de ler. Dessa forma, o objetivo foi promover práticas de leitura literária, escrita, ampliando os conhecimentos, proporcionando reflexões para a formação de adolescentes mais conscientes, criativos e com opiniões próprias, pois os textos literários têm papel relevante no processo de formação de sujeitos críticos. Para isso, foram abordados aspectos sobre a leitura, sua importância, bem como o poder da literatura no conjunto das artes produzidas e apreciadas pela humanidade. Enfim, ainda que o projeto tenha sido feito somente com alguns alunos, aguçou a vontade de ler e escrever de outros alunos da escola que não tiveram participação efetiva. Assim, apresentaremos algumas ações que exploramos durante a execução do projeto "Jovens escritores", versando sobre a necessidade de ampliar o letramento literário dos alunos de ensino fundamental e valorizar as suas produções textuais. No fim do projeto, com parceria da editora Estante Mágica, cada aluno produziu seu próprio livro. Para embasar nossa proposta, recorreremos aos estudos de Antonio Candido, Tzvetan Todorov, Antoine Compagnon, Rildo Cosson, dentre outros críticos e teóricos.

Palavras-chave: Literatura; leitura; produção textual e ensino.

1 de agosto

14h30

RELAÇÕES INTERARTES E LEITURA: POSSIBILIDADES EM SALA DE AULA

Amanda Araújo Souza (UFRN)

Resumo: Embora as relações interartes venham se transformando ao longo do tempo, entende-se que a relação "antiga" que existe entre as "artes irmãs", a literatura e a pintura, pode ser vista como

provável e relevante no cenário multimidiático atual. Assim, surgiu nossa proposta de cruzar os efeitos de sentido da leitura de dois poemas de Alberto Caeiro, heterônimo de Fernando Pessoa com a produção de uma representação pictórica dessa leitura. O estudo se fundamenta na complementaridade dos efeitos que a linguagem da poesia e da pintura podem causar no leitor, embora se alicercem em suportes diferentes: o escrito e o icônico. As considerações sobre a experiência de leitura pictórica a partir da imagem serão feitas através da ótica da teoria da recepção, da ideia de leitura subjetiva e dos estudos interartes, além de teorias próprias da leitura de imagens. A proposta é a discussão da possibilidade das relações interartes dentro da sala de aula, sendo a relação, mais especificamente, entre a poesia e a pintura como possibilidade metodológica a partir da inclusão do texto icônico numa relação comparativa com o texto escrito.

Palavras-chave: Leitura; Ensino de Literatura; Interartes.

TEATRO POLÍTICO E EDUCAÇÃO: CONVERGÊNCIAS POSSÍVEIS

Maria da Glória Magalhães dos Reis (UnB)

Resumo: Nesta comunicação pretendemos discutir alguns princípios básicos do Teatro Político a partir de Brecht, Meyerhold e Piscator em seus diálogos possíveis com a educação e, mais especificamente, com o ensino da literatura no curso de Letras-Francês da Universidade de Brasília. À luz das discussões teóricas propostas, teceremos algumas reflexões sobre encenações do grupo En classe et en scène, coletivo formado por estudantes de UnB e por professores e alunos de francês do Distrito Federal, de peças de autores contemporâneos da África subsaariana de língua francesa.

Palavras-chave: Dramaturgias contemporâneas; África subsaariana; Educação

O ENSINO DE LITERATURA AFRICANA EM LÍNGUA PORTUGUESA E SUAS PERSPECTIVAS

Cristiane Da Silva Umbelino (UnB)

Resumo: O estudo tem o objetivo de discutir aspectos teóricos/metodológicos relacionados ao ensino de literaturas africanas em língua portuguesa. Centraremos nossa abordagem na legislação destinada ao ensino de literaturas em língua portuguesa nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB), entre outras e na Lei 10.639/03, alterada pela Lei 11.645/08, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas, públicas e particulares, do ensino fundamental até o ensino médio. Uma das principais propostas dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino de Língua e Literatura é promover a democratização do saber e a diversidade na abordagem dos gêneros discursivos em ambiente escolar, entendidos como heterogêneos. Ao interagir com os diferentes gêneros textuais/discursivos, o escrevente incorpora as modalidades organizacionais da linguagem e constrói o emaranhado de manifestações discursivas identificáveis na tradição da Língua Portuguesa (LP). Desta forma, dentro do PCN, é possível verificar a preocupação em valorizar o texto literário como uma importante modalidade textual, não como único “modelo” textual de valor, mas como uma das faces da diversidade de produções linguísticas em LP. É um processo de democratização e, por que não dizer, de redimensionamento da aura de “abstração” que o texto literário adquire dentro das escolas. Daremos também, enfoque a discussão de como a literatura africana em língua portuguesa é tratada em textos, direcionadores do fazer pedagógico associado ao ensino de literaturas. Em um segundo momento, faremos a seleção de uma série de livros didáticos de penetração nacional, pesquisados no site do MEC, para verificação e discussão de um possível silêncio relacionado a essa literatura. Nossa hipótese é a de que a literatura em língua portuguesa produzida na África não é abordada na Educação Básica, para além de questões étnicas, o que prejudica a valorização cultural via literariedade dos textos.

Palavras-chave: Literatura africana; Ensino; Lei 10.639.

2 de agosto

8h30

A LITERATURA NAS DIFERENTES VERSÕES DA LEI DE "DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO" BRASILEIRA: DO PERÍODO COLONIAL A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR

Danglei de Castro Pereira (UnB)

Resumo: A presente comunicação é um recorte de ações desenvolvidas no âmbito do projeto de pesquisa "Questões em torno do ensino de literaturas em Língua Portuguesa em Brasília/DF", projeto em desenvolvimento desde 12/2017 na Universidade de Brasília, com apoio financeiro da FAP/DF – Edital Demanda Espontânea 04/2017. Neste recorte da pesquisa, discutiremos fontes do que se pode denominar por diretrizes curriculares nacionais no Brasil com foco na abordagem do ensino de Língua e literatura presentes em documentos como: a Constituição Política do Império do Brasil, de 1824, a Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil, de 1891 e, na medida do possível, traçaremos um perfil histórico do ensino de Língua e Literatura permeado pelas edições de documentos oficiais como a Constituição de 1934, Lei de diretrizes e bases, de 1940 até o delineamento da Base Nacional Comum curricular, editada em definitivo em 2017. Procuraremos, sempre, traçar paralelos com a forma de apresentação curricular relacionada, prioritariamente, ao ensino Língua Portuguesa e literatura em escolas brasileiras, com foco específico, no Distrito Federal. A pesquisa visa historizar em um sentido amplo o lugar da literatura no contexto de ensino de Língua Portuguesa no Brasil desde 1822 e verificar como ao longo dos últimos 196 anos a literatura, não só a brasileira, aparece em contextos de ensino no Brasil por meio da investigação da legislação em vigor. A proposta de comunicação apresenta, portanto, resultados parciais da situação do ensino de literatura no Brasil e dará foco mais específico, em ações futuras da pesquisa, na situação do ensino de literatura em Brasília, capital do Brasil fundada em 1960. É objetivo do projeto, em uma perspectiva ampla, discutir em que medida nos últimos 58 anos o Distrito Federal dialoga com o perfil histórico brasileiro, no que se refere ao ensino de literaturas em Língua Portuguesa – LsELP, normatizados em documentos oficiais. Nossa preocupação é discutir o perfil histórico do ensino de literatura no Brasil e, nesta pesquisa, no Distrito Federal. Entendemos como premissa da pesquisa que a formação dos professores de Letras conscientes da importância da literatura possibilita uma maior valorização da LsELP como expressão cultural do Brasil e no Distrito Federal. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, quando pensamos questões teóricas ligadas ao perfil da legislação direcionada ao Ensino Língua e da leitura literária em um perfil histórico no Brasil.

Palavras-chave: Leitura literária; Ensino, Língua, Literatura

ESPAÇOS DE LEITURA EM TEMPOS DE DIVERSIDADE: ALGUMAS QUESTÕES SOBRE LITERATURA, IDENTIDADE, ENSINO E ACERVO ESCOLAR

Everton Fernando Micheletti (USP)

Resumo: Ao se pensar a respeito dos acervos literários em escolas e bibliotecas infantojuvenis, alguns problemas se colocam. A maior parte dos livros ainda é de autores brancos, sendo a literatura estrangeira predominantemente europeia. Essa situação começou a mudar com as reivindicações identitárias negras, feministas, gays, indígenas e outras, o que fez crescer o número de obras lançadas pelo mercado editorial com vistas a atender rapidamente essas demandas, em parte intensificadas com aprovação da Lei 10.639/2003. Como muitas escolas compram parte do acervo e estão investindo em espaços de leitura, onde os livros ficam disponíveis aos estudantes tanto para leituras livres como para aulas, é necessário que gestores, professores e orientadores de leitura tenham um conhecimento crítico a respeito das obras que vêm sendo publicadas, levando-se em conta o contexto atual das identidades. Na infância, por exemplo, a identificação com as personagens é umas das características fundamentais do prazer de ler e, conseqüentemente, do estabelecimento de vínculo com a literatura, portanto, não se sustenta mais que crianças negras não se "vejam" entre os protagonistas das histórias, assim como as indígenas e todas as outras conforme suas origens e identidade. Quais seriam, então, as melhores maneiras de se organizar o acervo nos espaços de leitura? Devem ser separadas as obras com protagonistas negro(a)s de outras obras? Devem ser separadas a literatura afro-brasileira, feminina e indígena da "literatura brasileira"? Os contos de fadas de Grimm deveriam ser rotulados de "contos europeus"? Há, nos acervos, obras das

literaturas latino-americanas dos povos originários? Existem problemas para se separar algumas obras entre africanas e afro-brasileiras, visto que há autores viajando à África e recontando histórias africanas no Brasil? Devem ser feitos "cantinhos" de leitura das meninas, com livros de capa rosa ou de princesas, e o "cantinho" dos meninos"? Outro aspecto que merece atenção é quanto às obras em si mesmas, não haveria algumas que prometem combater estereótipos, mas acabam por reforçá-los? Existem obras que atendem a uma reivindicação identitária, mas "traem" outra, por exemplo, apresenta uma protagonista negra, mas não questiona o estereótipo feminino? Em face de tantas questões que envolvem a organização e uso do acervo literário escolar quanto à identidade, os objetivos desta comunicação são apresentar dados, discutir e apontar alguns caminhos possíveis a partir da minha experiência como professor orientador de sala de leitura em uma escola municipal de São Paulo. Como parte da fundamentação teórica, além dos conceitos de "identidade", "diversidade" e "diferença", são utilizados os de "multiculturalismo", "hibridismo", "binarismo", "descolonialidade", tomando-se por base textos de Stuart Hall (2000), Conceição Evaristo (2009), Daniel Munduruku (2016), Judith Butler (2017), Homi Bhabha (1998), Chimamanda Adichie (2009), Walter Mignolo (2017), entre outro(a)s.

Palavras-chave: literatura infantojuvenil; identidade; acervo

ENSINO DE LITERATURA E FORMAÇÃO DE LEITORES: A REPRESENTAÇÃO DO OUTRO NA LITERATURA Vanessa Rita de Jesus Cruz (UFTO)

Resumo: Sabemos que a Literatura não se constitui como a única forma de proporcionar prazer e conhecimento, mas os textos literários representam uma possibilidade de, além do deleite, fazer com que os sujeitos questionem discursos produzidos e impostos por uma parcela da sociedade que quer deter a "verdade" sobre as pessoas e fatos. Este trabalho tem como objetivo pensar algumas questões sobre o modo como o texto literário, ao possibilitar a formação de leitores críticos, representa o outro, verificando, a partir dos conceitos de letramento e letramento literário, qual a contribuição desses textos para a formação do leitor. Para tanto, pretendemos abordar alguns conceitos e funções que a Literatura foi recebendo ao longo dos tempos – a partir daí, ela recebeu diferentes graus de importância –, considerando que, para uns, a literatura é um perigo e apenas instrui (PLATÃO, 2007), para outros, a literatura proporciona prazer e instrui (ARISTÓTELES, 1988), para outros, ainda, ela é elemento humanizador (CANDIDO, 2004), e é para outros mais, a vida (COMPAGNON, 2009). Teceremos algumas considerações sobre a Literatura e o contexto educacional e social, considerando que dentre os vários tipos de textos disponíveis no meio social como forma de comunicação, está o texto literário. Abordaremos, ainda, elementos referentes à Literatura infantil e juvenil em sua correlação com a escola. A partir disso, poderemos pensar sobre a forma como o outro tem sido representado nas obras literárias e como os escritores, os professores e os leitores têm construído a imagem desse outro, que, a depender da obra, diz respeito à diversidade de gênero e sexual, étnico-racial ou de classe social, por exemplo. Neste trabalho, pretendemos atribuir à Literatura uma função social, por acreditarmos na prática da leitura do texto literário como uma forma capaz de possibilitar a autonomia, a reflexão, a criticidade e a humanização do leitor, tendo em vista que o texto literário é permeado de conhecimentos "sobre o homem e o mundo" (COSSON, 2011, p.17) e possibilita que o sujeito vivencie a experiência do outro, se solidarize ou se alegre com o que a narrativa descreve, aprenda a respeitar as diferenças. A Literatura, suas diferentes temáticas e personagens podem ajudar na compreensão das diversas subjetividades, tendo em vista que o conhecimento que produzimos do mundo é mediado pela linguagem, assim a ficção pode propiciar ao leitor uma melhor compreensão e entendimento da realidade. Sabemos, no entanto, que, para que o leitor aja de forma crítica diante do que lê, não basta a simples leitura/decodificação de palavras, é necessário que ele se aproprie da leitura, fazendo dela instrumento de formação e de transformação.

Palavras-chave: Literatura; Ensino; Leitores; Representação.

O CÂNONE E O ENSINO DA LITERATURA

Fabio Alessandro Somenci (Universidade do Sagrado Coração)

Resumo: Em meio a amplos debates sobre a crise das humanidades e o ensino da literatura, em que participam renomados investigadores como Vitor Aguiar e Silva, a questão da formação do cânone e seu alargamento, reivindicado, sobretudo, por setores excluídos ao longo da evolução humana, vem a se somar a outras questões próprias do ensino que envolve conteúdos, metodologias e formação de valores. Este estudo vem participar da discussão através do objetivo de mostrar como o cânone se legitima e fortalece por meio do ensino da Literatura, e ainda a necessidade de se repensar não apenas o cânone, mas também as metodologias de ensino da literatura, visando preservar a essência artística manifestada em cada obra de supostas tendências dissecadoras ou tecnicistas que possam tentar o docente no momento de trabalhar com o texto. O caminho percorrido aqui segue quatro tópicos que consideramos relevantes para abordar o tema: O primeiro, intitulado “O estabelecimento do Cânone: definições e controvérsias”, apresenta algumas definições sobre o cânone para mostrar o quanto o conceito está longe de um consenso, apesar de guardar o sentido literal de “modelo” ou “padrão”. O investigador Harold Bloom é citado pois sua obra O Cânone Ocidental talvez seja a que maiores reações causou a respeito do assunto, como as do estudioso brasileiro Jaime Ginzburg. O segundo, intitulado “As vantagens do Cânone”, discute-se os valores consagrados à literatura canônica, como “autonomia estética”, “poder”, “civildade democrática” e “gosto”, vinculando-os também ao papel do professor, o que nos fez antecipar algumas questões relativas ao ensino. O terceiro, “O Cânone no contexto da lusofonia”, apresenta duas propostas de ampliação do cânone para além das fronteiras políticas de cada nação. A primeira, apresentada pelo professor Vitor Aguiar e Silva, levanta a hipótese da criação de um cânone comum para todos os falantes da língua portuguesa; e a segunda, apresentada por Helena Carvalhão Buescu, mostra o resultado da iniciativa de criação de um cânone literário para a Europa. Em ambas tecemos reflexões a respeito das implicações para o ensino, procurando ponderar a respeito das vantagens e desafios. Por fim, o tópico “O cânone e o ensino da literatura” procurará ampliar algumas discussões levantadas anteriormente, considerando o papel das obras clássicas no passado, a necessidade de se rever as metodologias para preservá-las da ânsia interpretativa dissecante, e vias para a inclusão de novas obras: oficial, não oficial e extraoficial. Consideramos que as reflexões levantadas possam ser o início de uma longa investigação nos estudos literários levando em conta a complexidade estrutural e metodológica que envolve o ensino na contemporaneidade e a necessidade de, como investigador, buscar problematizar temas de relevância para a ampliação do conhecimento e defesa da matéria prima literária, ambas subjugadas por padrões e valores utilitaristas que desconsideram a subjetividade, o conhecimento e a reflexão como meios para: a felicidade, promoção social e preservação da memória, cultura e saberes construídos pelos povos.

Palavras-chave: Cânone, Ensino, Metodologia

ENSINO DE LITERATURA: A URGÊNCIA EM SE (RE)PENSAR O CAMINHO

Noêmia Coutinho Pereira Lopes (Colégio São Mateus / Faculdade de Direito Santo Agostinho)

Resumo: (Re)Pensar o ensino de literatura hoje é uma atitude mais que necessária. É urgente. Se analisarmos a sociedade da segunda metade do século XX até os dias atuais, será inegável perceber a transformação pela qual esta passou e continua passando. Ainda na década de 1970, por exemplo, aparelho de televisão em casa era um luxo para poucos. Hoje, a TV pode ser acessada da palma da mão e em praticamente todos os lugares. Basta, para isso, ter um aparelho de celular com acesso à internet. Fazer pesquisas escolares implicava em ir a bibliotecas e copiar, a mão, páginas e páginas de informações, bem diferente das possibilidades registradas atualmente. E nesse ponto há, no mínimo, duas questões em aberto: com acesso facilitado aos livros e a tantas outras informações, por que a distância entre leitor literário e os livros parece ter aumentado? O jovem hoje não mais se interessa pela literatura, estando este envolvido apenas com aplicativos e redes sociais? O presente trabalho visa relatar uma prática de ensino de literatura, desenvolvida com alunos do Ensino Fundamental II, anos finais, e Ensino Médio, levando em consideração os protagonismos da contemporaneidade, bem como a construção do conhecimento de forma coletiva, contextualizada,

dinâmica e significativa. Afinal, parte-se do pressuposto que o conhecimento transforma e liberta. E a literatura é porta de entrada para esse mundo de possibilidades de autoconhecimento e atuação na sociedade. É mais que equivocado apresentar ao jovem de hoje a literatura como se este ainda vivesse em meados do século XX e esperar, como resultado, um aluno interessado, participativo. Se a leitura é a base para a compreensão, interpretação, escrita e atuação no mundo, cabe ao professor de literatura convidar os alunos a práticas que lhes proporcionem ampliar seus próprios horizontes, ajudando-os a desenvolver habilidades e competências de leitura e escrita a partir da formação do leitor literário. Diante dessa realidade e entendendo a responsabilidade do professor enquanto agente transformador, o projeto “Escritores da liberdade na estrada de tijolos amarelos”, que com seus resultados e desdobramentos hoje conta com oito livros de alunos publicados e outros por vir, nasceu da necessidade de adequação das aulas de literatura a esse cenário atual. Tendo como ponto de partida a observação de personagens, de autores, a priori, distantes no tempo e/ou no espaço, os alunos passam a se interessar por esse universo, convergente e/ou divergente e a se projetar nas obras sugeridas, através, também, de experiências vicárias, pensando-se ora como personagens, ora como autores, aprofundando as informações realizando pesquisas e apresentando trabalhos em outras linguagens, ao mesmo tempo em que vão percebendo suas possibilidades de atuação e do quão mágico um livro pode ser, bem como do quão longe eles podem chegar, saindo da posição de leitores passivos a autores. Para isso, foram observados os postulados de Antoine de Compagnon, Mirna Pinsky e Bruno Carneiro Lira.

Palavras-chave: ensino; formação do leitor literário; escrita

2 agosto

14h30

LITERATURA EM TEMPOS DE ESPETACULARIZAÇÃO

Marli Lobo Silva (PUC-GO)

Resumo: Literatura em tempos de espetacularização Marli Lobo Silva (PUC-GO) Marlilobo21@hotmail.com Resumo A literatura nunca esteve tão exposta e tanta evidencia faz com que sua posição seja permeada de tantas conjecturas, especialmente quando sua funcionalidade traz à tona discussões importantes que cercam esse campo, seja por sua resignificação ou configuração mimética. Em meio a pulsão de tantas generalizações faz necessário trazer ao centro dessas especulações as discussões que cercam a literatura e sua relação com o ensino e como esta relação vai além dos ressaibos que permeiam a disciplina. Este trabalho tem como objetivo discutir o ensino de literatura e o que resulta de sua performance frente à espetacularização híbrida proposta pelos novos estudos de recepção e hermenêutica intercultural. Nessa proposta, busca-se verificar como a tríade teoria, prática e pesquisa coadunam-se, e como esses campos impulsionam novos saberes, a partir de diretrizes voltadas para estudos multifacetados promovidos por questões emergenciais que cercam o campo literário. Levando em consideração essas discussões, faz-se necessário pensarmos nas seguintes questões: O que move a literatura, a que ela se propõe, como ela se posiciona em relação com outras áreas do saber, qual o impacto dessas mudanças e seus reflexos na leitura do texto literário, que critérios são relevantes para a produção e discussão literária em tempos de espetacularização, que papel a literatura, a escola, o professor e o aluno ocupam hoje? É nessa perspectiva que se dá a escolha dessa proposta; proposta esta em que pesa na construção desse estudo, pensar as questões fundamentais em torno do ensino de literatura na atualidade e o quanto esse impacto influencia ao provocar uma mutação no processo literário, pois se é pra sair do campo da repetição, que a prioridade seja mais no campo do discernimento prático e com isso evoluirmos para a produção do conhecimento. Assim, convém lembrar as palavras de Eliot, “a escrita literária alimenta-se das especulações, dos acréscimos, das revisões, de um passado que é alterado pelo presente”, em que a literatura vai resignificar esses discursos. Ademais, é preciso sair da “estagnação e conformismo” (PERRONE-MOISÉS, 1998), e abrir caminhos para que possamos enfrentar os desafios que o texto literário nos impõe.

Palavras-chave: Literatura; Ensino; Teoria; Prática

A CONDIÇÃO PARADOXAL DO LITERÁRIO E O ENSINO DE LITERATURA

Marta Aparecida Garcia Gonçalves (UFRN)

Resumo: O debate sobre o ensino de Literatura tornou-se bastante complexo, desde o século XX até a atualidade. Algumas funções e objetivos foram assinalados, como a fruição estética; a eficácia comunicativa, o prazer, a construção da subjetividade, a análise artística, o ampliação e desenvolvimento do pensamento crítico, dentre outros. Uma constatação já comum entre os professores e estudiosos de literatura é a de que o seu ensino hoje se reduz ao uso de técnicas e de métodos que provocam nos alunos desinteresse e um certo fastio pela disciplina, uma vez que cria uma barreira entre o literário e o mundo circundante, entre as obras, autores e o mundo em que vivemos. A literatura e o seu ensino, nos dizeres de Silvina Rodrigues Lopes nos exige um “tempo próprio, que nada tem a ver com a circulação de informações, um tempo de análise e de construção de perspectivas”. Para esta teórica, o ensino não deve se configurar no treino do uso de técnicas, mas deve explorar a condição paradoxal do literário: “preparar para a sua própria negação, a negação de ideias feitas, qualquer que seja o seu estatuto”. Assim, a pergunta que norteia a nossa proposta é: O que é educação literária na contemporaneidade? Quais os seus objetivos? Propomos construir e ampliar debates já existentes a outros em construção, para que, por meio da reflexão teórico-crítica, da formulação de possíveis soluções e da prática docente nas salas de aula de literatura, ações de melhoria no processo de ensino-aprendizagem de literatura se concretizem. Para nossas reflexões elencaremos: Giorgio Agamben (2009) e sua visão do que constitua o contemporâneo; Walter Benjamin (1986) para refletir sobre categorias como história, experiência e empobrecimento; Todorov (2009), para quem “a obra literária produz um tremor de sentidos, abala nosso aparelho de interpretação simbólica” (2009: 78); Jacques Rancière, para refletir sobre a emancipação intelectual, a partilha do sensível e a política da literatura; além das propostas metodológicas de Turchi (2004); Bordini; Aguiar (1993); Mello (1998 e 2002); Mügge; Saraiva (2006); Zinani; Santos (2002).

Palavras-chave: Ensino de Literatura; educação estética; fruição

A FORMAÇÃO DO EDUCADOR DAS LETRAS

Rosana Cristina Zanelatto Santos (UFMS/CNPq)

Resumo: Nossa percepção sobre a formação do professor de Letras passa, necessariamente, pela compreensão do que seja a formação como construção processual que deve ser gradativa, continuada e com um sentido de utilidade, esta última balizada por uma proposição geral e uma específica. A proposição geral refere-se a uma ética da/na formação do educador e que tenha caráter mimético (como postulado por Aristóteles) e não reprodutivo. A visada específica diz respeito aos conhecimentos a serem expostos, debatidos, feitos e refeitos pelo sujeito educador, posto que ele deve ter a capacidade de reconhecer publicamente que sabe algo e que sabe ensinar alguma habilidade por ele também adotada e conhecida. Na confluência de ambas as proposições, o que resulta é uma educação para o discernimento como forma seletiva e adequada de discussão e de inclusão das diferenças no bojo da escola. O educador das Letras deve reconhecer-se como sujeito que, responsavelmente, tem autoridade (do saber, do saber-fazer e do saber-ensinar) e é capaz de demonstrá-lo publicamente, pondo em cena a necessidade de educar para a interpretação, a compreensão e a fruição do mundo, não somente do mundo das palavras escritas, mas também da oralidade, das imagens em movimento, das imagens estáticas, do hipertexto, enfim, das linguagens.

Palavras-chave: Compreensão; Educador; Letras.

METODOLOGIA DE ENSINO DE LITERATURA: EM PAUTA, A CONTRIBUIÇÃO DOS LIVROS DIDÁTICOS

Rossana Dutra Tasso (FURG/IFRS)

Resumo: O educador Paulo Freire (2013) nos ensina que, no contexto da prática docente cidadã, o educador democrático não pode fugir do dever de reforçar a capacidade crítica dos educandos,

através do estímulo à curiosidade – fator que, por sua vez, conduz a uma postura de insubmissão diante da sociedade opressora em que vivemos. Para o filósofo Humberto Maturana (2014, 2009), o conversar é instrumento pelo qual linguagem e emoção se entrelaçam, sendo a escola um local privilegiado para que distintas redes de conversação se entrecruzem e, por conseguinte, os sujeitos possam se transformar, progressiva e espontaneamente. Assim, trazendo as reflexões desses dois autores para o campo das discussões acerca do ensino de literatura, constatamos que a prática do professor necessita estar engajada com um projeto que vise à formação do leitor crítico, aquele capaz de atuar como protagonista de seu próprio aprender, graças à interação efetiva com a palavra literária e com os diversos sentimentos, saberes e discursos que a partir dela emanam. Nesse sentido, a inclusão dos livros didáticos nas aulas de literatura requer um planejamento bastante criterioso, a fim de que as atividades propostas para a recepção do texto literário não acabem por conduzir os estudantes à mera reprodução de conceitos e, até mesmo, à assimilação de juízos de valor equivocados, imprecisos e/ou objetivamente insustentáveis, silenciando o diálogo e cerceando o vivenciar das experiências e dos sentidos que virão a constituir suas subjetividades. Então, no presente trabalho, dedico-me a analisar a proposta metodológica de três livros didáticos de literatura (Seleta em Prosa e Verso, de Alfredo Clemente Pinto [1884]; Português: De olho no mundo do trabalho, de Ernani Terra e José de Nicola [2004]; e Novas Palavras, de Emília Amaral et alli [2016]), centrando meu olhar no tratamento que seus autores concedem à produção do poeta brasileiro Olavo Bilac. O intuito é registrar os avanços e os retrocessos observados ao longo do tempo no que tange ao fomento à leitura crítica. Além disso, destacar, se percebidas, as possibilidades de incentivo à formação do gosto pelo contato com o literário, engrenagem principal tanto no incentivo à inclusão da leitura como hábito de vida, quanto ao exercício de apreciação de outros objetos estéticos, em suas diferentes materialidades. Para isso, utilizarei como aporte teórico os saberes de autores como Compagnon (2014), Cosson (2014), Dalvi (2013), Lajolo (2008), Malard (1985), Pinheiro (2000), Yunes (2005) e Zilberman (2016), dentre outros. A leitura literária implica vivenciar experiências, imaginar mundos possíveis e impossíveis, colocar a realidade vivida em pauta; perguntar-se e, ao fim, reconfigurar-se e (re)conhecer-se. Logo, o ambiente escolar, com toda a diversidade que coaduna, revela-se como potencial para que, por meio da interação mediada pela linguagem, os sujeitos expressem suas perturbações e, assim, somem saberes que venham a auxiliá-los no exercício de sua cidadania. As aulas de literatura – e os livros didáticos, consequentemente – não podem estar alheios a isso.

Palavras-chave: Literatura; Ensino; Livro didático; Criticidade.

O ENSINO DE LITERATURA NO HORIZONTE SEMIOTRÓPICO

Wellington Furtado Ramos (UFMS)

Resumo: Roland Barthes, em seu consagrado Aula (2004 [1978]), localiza a terceira força da literatura na semiosis ou, mais propriamente, naquilo que, dentro de sua lógica de pensamento, denominou-se semiologia. Para o autor, a semiologia “tem uma relação com a ciência, mas não é uma disciplina”, na medida em que se configura como um campo de conhecimento que pode colaborar com certas ciências, ser “sua companheira de viagem”, sem, entretanto, materializar-se como uma chave de solução, na medida em que não possibilita a apreensão direta do real (pois até mesmo enxerga a impossibilidade de fazê-lo), senão “busca antes soerguê-lo”. Assim, tal força semiológica da literatura age não em função de tomar o lugar de outras disciplinas, mas funcionar como uma espécie de “curinga do saber de hoje, como o próprio signo o é de todo discurso”. Nesse sentido, Barthes defende que a literatura não funciona como uma naturalização inerente do signo, configurando uma semiofisis, tampouco como uma apologia à sua destruição, configurando uma semioclastia; para ele, ela se volta para o signo, que “a cativa e ela o recebe, o trata e, se preciso for, o imita, como um espetáculo imaginário”, configurando-se como uma semiotropia. Desse modo, a literatura é o lugar dos signos em rotação e o semiólogo, para nós o professor de literatura, é aquele que “joga com os signos como um logro consciente, cuja fascinação saboreia, quer fazer saborear e compreender”. A partir desse postulado, então, nosso trabalho objetiva articular o horizonte

semiotrópico destacado por Barthes a fim de discutir o lugar do ensino de literatura como se tem verificado no ensino tradicional, repetido de modo alienante/alienado por professores e manuais didáticos, a fim de soerguer uma ideia de ensino de literatura pautada: a) pela relevância do texto literário em sala de aula, em detrimento de outros conhecimentos (históricos, biográficos, etc.); b) pela consubstanciação da fruição estética e da análise literária, no sentido de uma educação estética; c) pela revitalização da lógica dialética dos textos com seus contextos, tal qual a proposição de Candido sobre a conversão dos elementos extrínsecos em elementos intrínsecos; e d) pela crítica à moda conteudista que, amparada na crítica a certo estruturalismo, ignora a materialidade dos textos em favor de outros elementos e conhecimentos externos a ele, gerando uma lógica de subordinação do literário. Para tanto, faremos uso das proposições teóricas de Roland Barthes (2004 [1978]), Gustavo Bernardo (1999) e Jonathan Culler (1999), dentre outros.

Palavras-chave: Literatura; Ensino; Barthes; Semiotropia.

54 - O FANTÁSTICO EM NARRATIVAS DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

Coordenação: Claudia Fernanda de Campos Mauro (Unesp-Araraquara); Fernanda Aquino Sylvestre (UFU); Josilene Pinheiro-Mariz (UFCG)

Resumo: Na tradicional acepção de Todorov, o fantástico é um gênero evanescente, que se afirma por seu caráter de hesitação. De acordo com o teórico, a hesitação se faz presente na narrativa, expressa por meio da voz da personagem auto ou homodiegética, que leva o leitor também a um sentimento de hesitação. Para ele, o leitor é transportado para o fantástico, quando, em um mundo como o que vivemos, ocorrem acontecimentos peculiares, como a presença de vampiros, demônios etc. O que chama atenção na literatura fantástica é justamente o seu caráter ambíguo, tanto a crença absoluta, quanto a total incredibilidade afastam o leitor do âmbito do fantástico, que ocorre, então, na incerteza acima citada. O estranho, também para Todorov, estaria relacionado à ocorrência de acontecimentos insólitos, chocantes, extraordinários que, embora provoquem reações próximas às do âmbito do fantástico, podem ser explicadas pelas leis da razão. Além do fantástico e do estranho, Todorov define, ainda, o maravilhoso, como aquele em que os elementos sobrenaturais não provocam estranhamentos, sendo naturalmente aceitos pelo leitor. É importante ressaltar que o enraizamento no cotidiano é fato obrigatório para a noção de fantástico, pois só se considera algo insólito, quando ele é comparado com uma realidade não-fantástica. Pode-se considerar, então, que a ficção fantástica é uma obra aberta, que coloca em xeque a realidade, permitindo a efabulação do leitor pelas vias da imaginação. O fantástico trabalha tensionando o natural e o sobrenatural, o possível e o impossível, evidenciando a impossibilidade da linguagem em expressar o real. Ao tornar incompatível o natural e o sobrenatural, a obra literária fantástica põe em relevo as fissuras do modelo realista de representação. Para o teórico contemporâneo Roas (2014), a definição de Todorov (1992) do fantástico é vaga e restritiva, pois embora seja exemplar para classificar narrativas como *A outra volta do parafuso*, de Henry James, exclui muitas narrativas. Roas discute a importância do leitor para a concretização do fantástico, ressaltando que o gênero só existe com a participação do leitor, pois é preciso que ele confronte a história narrada com a realidade. Por isso, pode-se concluir que o fantástico depende sempre do que se considera como real e este sempre depende do que se conhece. Partindo dessas considerações, Roas afirma que ao se tratar as narrativas fantásticas, é necessário considerar os contextos culturais. Ceserani (2006) aborda alguns temas que permeiam a literatura fantástica, a saber: a noite, a escuridão, o mundo obscuro e as almas de outro mundo; a vida dos mortos; a loucura; o duplo; a aparição do estranho, do monstruoso, do irreconhecível; as frustrações do amor romântico e o nada. Nota-se que todos esses temas levam o leitor ao campo do medo, da inquietação, já que suscitam algo de desconhecido, incontrolável, obscuro, não explicado pelas leis da razão. Ainda sobre essas noções, Spindler (1993) define três tipos de realismo mágico, a saber: o antológico, o antropológico e o metafísico. O antológico pode ser definido como aquele em que a antinomia entre o elemento racional e o mágico não recorre a nenhuma perspectiva cultural específica e o sobrenatural é apresentado de maneira realista sem se contradizer a razão, não necessitando, por isso, que os

acontecimentos sobrenaturais sejam explicados. O de caráter antropológico é aquele que se remete à cultura de um povo ou de um grupo social. Por esse motivo, os narradores normalmente apresentam mais de uma voz, uma narrando de um ponto de vista racional, reafirmando o componente realista da diegese, e outra do ponto de vista daquele que crê no elemento mágico. Esse tipo de realismo mágico equivale ao que Carpentier (1995) chamou de realismo maravilhoso, entretanto Spindler considera a nomenclatura realismo mágico mais adequada ao que representa, já que não o restringe à América Latina, como acontece com o realismo mágico americano. O realismo metafísico, conforme lembra Spindler, tem suas raízes nas ideias do crítico de arte alemão Franz Roh, primeiro a utilizar o termo em um estudo acerca da pintura pós-expressionista alemã, publicado em 1925. Para Roh esse tipo de pintura funcionava como uma representação do mundo, sendo capaz de revelar o mistério oculto nos objetos comuns e na realidade cotidiana, como se o artista estivesse decifrando-os pela primeira vez. Roth apregoava um retorno à representação da realidade, sob nova perspectiva, sem restringi-lo a uma mistura entre a realidade e a fantasia. Como se pode observar, nessa breve exposição considerando alguns teóricos do fantástico, aqui entendido como um gênero amplo, o termo apresenta diversas vertentes: maravilhoso, realismo mágico, estranho, entre outros que não foram mencionados como o gótico, a ficção científica e a fantasia. Assim, a proposta deste simpósio é acolher comunicações que abordem o fantástico em suas diversas vertentes, tendo como *corpus* narrativas de línguas estrangeiras ou de línguas estrangeiras comparadas com a literatura brasileira.

31 de julho
14h30

A MANIFESTAÇÃO DO FANTÁSTICO NO SÉCULO XX: LES MALÉDICTIONS DE CLAUDE SEIGNOLLE

Amanda da Silveira Assenza Fratucci (UNESP - FCLAr)

Resumo: Sabemos que a literatura fantástica foi muito fecunda nas produções narrativas europeias durante o século XIX. Surgiu como modalidade literária durante o período do Romantismo europeu, com a intenção de representar o mundo interior e subjetivo da mente, conferindo à imaginação humana uma importância maior do que a da razão e da realidade. Grande parte dos estudiosos do fantástico afirma que esse fantástico tradicional que se manifestou ao longo do século XIX teve uma vida relativamente curta, não chegando ao século XX. Tzvetan Todorov, principal estudioso da literatura fantástica do século XIX, afirma em sua Introdução à Literatura Fantástica, que a manifestação tradicional da modalidade se esgotou com os textos de Maupassant no final do século XIX. O estudioso assinala que nessa nova literatura do século XX, o homem “normal” é precisamente o ser fantástico. Assim, o fantástico torna-se a regra, não a exceção. O fantástico molda-se a exigências do homem contemporâneo, deixando, dessa maneira, de explorar realidades transcendentais e passando a transcrever a condição humana. Dessa maneira, nos textos de literatura fantástica escritos a partir do século XX, a temática das obras se aproxima das angústias existenciais e psicológicas, apresentando um ser humano que se enxerga impotente diante das transformações e opressões de um mundo que caminhava rapidamente para a modernização. O fantástico contemporâneo definido por Todorov vai ao encontro das ideias de Jaime Alazraki (2001) naquilo que o crítico espanhol chama de “neofantástico”. Essa nova abordagem da modalidade resultante do contexto da pós-modernidade, segundo o estudioso espanhol, configura um momento em que a crença no progresso das ciências se desvanece, resultando na sensação de incompreensão do mundo e da realidade que nos cerca. Assim, o que se objetiva neste estudo é, partindo da análise de uma narrativa francesa do século XX, mostrar como o fantástico se desenvolve após esse período de mudança proposto por Todorov. A narrativa escolhida para análise é de autoria de Claude Seignolle, escritor francês nascido em 1917. Seignolle começou sua carreira como folclorista, junto ao irmão, recolhendo histórias do interior da França. A partir de 1945, Claude Seignolle iniciou sua carreira de ficcionista, mas sem abandonar as raízes folclóricas. Seignolle nos traz como personagens o diabo, o vampiro, o lobisomem, dentre outros que habitam o imaginário popular. A coletânea de

contos *La nuit des Halles* (2001) conta com narrativas ambientadas no espaço urbano de Paris. São lugares reconhecíveis da cidade que são atingidos por intromissões repentinas de algo demoníaco proveniente de tempos imemoriáveis.

Palavras-chave: Literatura Francesa; Fantástico, Claude Seignolle.

IMORTALIDADE OU NEGAÇÃO DA MORTE: QUANDO O FANTÁSTICO E O MEDO SE ENCONTRAM

Débora da Silva Chaves Gonçalves (UFU)

Resumo: A literatura fantástica nos oferece inúmeras formas de pensar a realidade; através dela somos transportados para um mundo que, de acordo com Todorov (1939), é exatamente o nosso, aquele que conhecemos normalmente, sem almas, sem espíritos, sem vampiros, etc. No entanto, nesse mundo é possível ocorrer algum tipo de acontecimento que não pode ser explicado pelos meios comuns de um mundo familiar e por isso acaba nos surpreendendo com alguma reação diferente daquela que teríamos normalmente. Pensando em uma investigação que aproxima o fantástico e o medo na narrativa, tomamos como objeto de análise os contos “Acabou-se”, de Luísa Marques da Silva e “El Immortal”, de Jorge Luis Borges, a fim de, através de seus desdobramentos, construirmos um caminho que se convergirá entre a imortalidade e a negação da morte. As duas narrativas escolhidas tratam sobre o tema da morte, no entanto, sob diferentes olhares e perspectivas. Também é possível observar um caráter de hesitação em ambas as narrativas, o que parece conduzir, também, o leitor a uma hesitação diante dos fatos narrados. Pensar a morte ou tratar de algum tema relacionado a ela tende a levar esse leitor ao medo e à inquietação, conforme assegura Ceserane (2006), pois, as condições em que são apresentados não asseguram clareza e muito menos explicações no campo da razão. No conto “Acabou-se”, da portuguesa Luísa Marques da Silva temos a história de um homem que brigou com a Morte por causa da perda de seu avô. Ele toma a decisão de não permitir que a morte leve qualquer outra pessoa dentre aquelas a quem ele ama e convive. Com o passar do tempo, a presença do fantástico se revela na narrativa e pode ser percebida a partir do trânsito que se posta entre o natural e o sobrenatural, fazendo com que o leitor tenha a falsa impressão de dominar a narrativa e ao mesmo tempo, assumir o papel de juiz da sanidade da personagem. Já em “O imortal”, Borges construiu uma narrativa que traz a ideia da imortalidade da carne objetivamente, contudo, essa imortalidade é tratada como um desejo, uma ambição humana e consciente, uma vez que apresenta o relato de um certo homem que inicia uma odisséia particular em busca do rio que purifica os humanos da morte e ainda, seu desejo por encontrar a Cidade do Imortais. A partir dessas leituras desejamos traçar um contraponto entre o fantástico e o medo, a fim de questionar, ou até mesmo de descortinar, a perspectiva fantástica que envolve tanto a imortalidade quanto o medo da morte.

Palavras-chave: fantástico; medo; hesitação; imortalidade; morte

A BELEZA FEMININA ENQUANTO ELEMENTO DE ALUCINAÇÃO E MELANCOLIA E OS EFEITOS PSICOATIVOS NA CONSTRUÇÃO DO FANTÁSTICO

Josilene Pinheiro-Mariz (UFCG); Saulo Rios Mariz (UFCG)

Resumo: O início do Romantismo francês teve, evidentemente, fortes inspirações alemãs; no entanto, de um modo muito especial, o “romantisme noir” alemão foi fundamental para o estabelecimento do fantástico francês, nos fins do século XVIII. Essa linha, considerada sangrenta e, ao mesmo tempo, sublime e melancólica refletiu nas artes plásticas, na música e de maneira bastante impactante, nas Letras. Além das Letras alemãs, com Hoffmann, as inglesas também participaram efetivamente dos primeiros anos do fantástico na Europa com Lord Byron e Mary Shelley; acrescente-se ainda com Alosyius Bertrand, francês, nascido na Itália e, os considerados clássicos do romantismo fantástico na França: Charles Nodier, Théophile Gautier e Gerard de Nerval, que deram as primeiras sinalizações para Charles Baudelaire desenvolver também esse gênero. Em todos esses ‘fantásticos franceses’, minimamente, há dois elementos que nos permitem uma análise que os aproxima: a presença da figura feminina e da euforia melancólica na construção do

fantástico. Por certo, ao longo da História, sobretudo na Literatura, a mulher esteve presente como personagem que instiga, provoca e, em diversas circunstâncias, é ela quem conduz o homem ao abismo, a exemplo de Eva, Salomé ou mesmo da mítica Medusa. Na literatura fantástica, na França do século XIX, essa figura é forte e recorrente, de modo particular, em narrativas fantásticas desse primeiro momento. Quanto ao elemento melancolicamente euforizante, esse é, muito provavelmente, resultado de um momento Pós-Revolução Francesa, que deixou um halo de tristeza e desencanto naquele povo, refletindo, portanto, na literatura também. Assim, nas artes, de maneira geral, não é raro encontrar essas marcas em que a figura feminina é retratada como aquela que conduz ao desespero e às profundezas dos abismos, sejam eles a partir de labirintos oníricos, sejam a partir do uso de substâncias como ópio ou de outras plantas psicoativas. Em uma significativa quantidade de narrativas francesas desse período, essa imagem é encontrada. Por essa razão, muito embora se tenha conhecimento da importância da narrativa nervaliana, a partir de *Les filles du feu* (1854), daremos enfoque, neste trabalho, às personagens femininas presentes nos contos fantásticos de Nodier, considerando-o como o iniciador no fantástico na França. Assim, o nosso objetivo é apresentar uma atenta leitura da presença feminina como aquela que seduz e desvia o olhar do homem, sendo entendida como a transgressivamente bela e fera concomitantemente, como se pode ler em *La carne, la morte e il diavolo nella letteratura romantica*, de Mario Praz (1930). O nosso olhar será focado nessa beleza que pode ser destruidora; e, de modo específico, potencializada pelo uso de plantas como verbena ou mandrágora. A nossa leitura dará atenção especial aos efeitos como melancolias e alucinações compartilhadas entre personagem e leitor, e que poderiam ser compreendidas pelo prisma da Psicofarmacologia (SCHUMACHER, 2014; OGA, 2014), na contemporaneidade, levando-se em conta que se trata de um domínio que se ocupa em estudar os efeitos das drogas psicoativas no organismo humano. Esta pesquisa qualitativa aponta para a relação intrínseca entre a Literatura e as Ciências da Saúde.

Palavras-chave: Literatura/ Psicofarmacologia; Beleza feminina

O FANTÁSTICO ESTABELECIDO A PARTIR DA FIGURA DA MULHER EM CONTOS DE GUSTAVO ADOLFO BÉCQUER

Nathália Hernandez Bergantini (UNESP/IBILCE)

Resumo: O fantástico, segundo estudos do professor David Roas (2006; 2011; 2013), ocorre quando um mundo fictício, que imita aquele que entendemos como real, é assaltado por um fenômeno que rompe com a anterior normalidade, este acontecimento destrói as convicções que o leitor possuía anteriormente, gerando medo e incerteza. Os contos fantásticos escolhidos para este trabalho são todos da autoria do espanhol Gustavo Adolfo Bécquer (*El beso*, *La ajorca de oro*, *La cueva de la mora*, *Los ojos verdes* e *La corza blanca*), autor inserido no pós-romantismo espanhol, bastante famoso por sua poesia e com suas leyendas em prosa, no formato de conto, trouxe inovações para a época, antes de Bécquer as lendas eram escritas preferencialmente em verso. Nas histórias selecionadas, a responsável pelo estabelecimento do sobrenatural é a mulher, principalmente por sua caracterização feminina, pois, na maioria das vezes ela não é, nestes contos, uma mulher real, humana. Em *Los ojos verdes*, por exemplo, ela é um demônio que habita as águas e usa a beleza feminina para atrair suas vítimas: homens, que inevitavelmente sentir-se-ão fascinados por sua forma física; em *El beso* a mulher é uma estátua, também extraordinariamente bela; em *La ajorca de oro* temos duas figuras femininas: uma humana, outra divindade (que é a responsável pela punição da personagem masculina); *La cueva de la mora* traz uma bonita mulher humana, que termina a narrativa como fantasma; e em *La corza blanca*, como o nome do conto ilustra, a mulher é um animal, uma corça. Essas mulheres sobrenaturais, sendo inumanas, contribuem no estabelecimento do fantástico nas histórias. Nestes contos o feminino é aproximado ao sobrenatural, de forma a mostrar a figura feminina como responsável pela punição destinada a uma personagem masculina, seja essa mulher boa ou má, ela acaba por trazer o castigo ao homem, que por amá-la desafiou alguma lei ou tradição. Além disso, esta figura é nos casos principalmente de *El beso*, *La ajorca de oro* e *Los ojos verdes*, mais voltada ao mal; em *La cueva de la Mora*, a mulher apesar de boa e

virtuosa, acaba, ainda que não intencionalmente, contribuindo para a morte daquele que a amava; e em *La corza blanca*, o fato de a mulher estar ligada ao sobrenatural, acaba por causar sua morte, também um castigo para o homem. Enfim, buscamos neste trabalho, mostrar como o fantástico, utilizando-se do sobrenatural a partir da figura da mulher, estabelece-se nas cinco narrativas do autor espanhol Gustavo Adolfo Bécquer.

Palavras-chave: fantástico; figura da mulher; punição.

1 de agosto

14h30

JOGOS VORAZES SOB O VIÉS DA LITERATURA FANTÁSTICA

Mônica Lopes Névoa Guimarães (UFU)

Resumo: A literatura contemporânea produzida para jovens adultos tem explorado com insistência a construção de universos distópicos habitados por criaturas fantásticas e governos totalitários ou caóticos. Em *Jogos Vorazes*, a fantasia começa no traçado do país Panem, que teria surgido do que restou da América do Norte depois de inúmeros conflitos armados e desastres naturais. Nesse ambiente, em nome da manutenção da paz, estabelecem-se os jogos vorazes cujas regras são simples: cada um dos doze distritos, que se rebelaram contra a capital, é obrigado a “doar” uma moça e um rapaz para lutarem até a morte em uma arena fechada, vigiada e controlada pelos organizadores dos jogos da capital. Trata-se de um misto de uma arena romana de gladiadores e um reality show contemporâneo. O fato de se imaginar uma sociedade em que se aceitem as regras de um jogo tão violento e cruel sem qualquer tentativa de rebelião, pelo contrário, com a agravante de ser um show popular na Capital, onde os telespectadores torcem por seus escolhidos e patrocinam produtos necessários à sobrevivência destes heróis é algo fantástico, pois traz algo conhecido do leitor, mas algo que extrapola a realidade também. O romance também traz outros elementos do fantástico como os bestantes, que são uma espécie de feras controladas ciberneticamente, mas construídas a partir dos corpos dos jogadores mortos, uma figura medonha e perigosa. Finalmente, o pássaro, símbolo da resistência ao regime que surge com força a partir da heroína da obra, o mockingjay, uma mistura genética entre um pássaro verdadeiro e um robô, também constitui algo fantástico, pois extrapola o real caminhando em um terreno onde a mistura entre seres vivos e máquina seja possível. O objetivo desse trabalho é refletir sobre os acontecimentos e fatos do primeiro volume da trilogia e traçar um paralelo entre o real e a fantasia, buscando compreender o que tais narrativas trazem de atrativo para os ávidos leitores que atraem. As características dessa sociedade fictícia, como governos totalitários, cujo poder repousa no uso da tecnologia, e o fato de que as imagens trazidas pela televisão são usadas para alienar a população, bem como o uso de drogas alucinógenas ora usadas como divertimento, ora como arma trazem para a narrativa uma perspectiva da literatura fantástica, já que abre para o leitor uma possibilidade de ver tais elementos de uma forma distinta do real e, ao mesmo tempo, propõem reflexões interessantes sobre a sociedade contemporânea, especialmente a norte-americana. Este trabalho faz uma reflexão sobre literatura fantástica e os elementos do romance em questão, passando por Todorov, Carpentier, Deleuze e Foucault, considerando o que pode ser classificado como fantástico e traçando um paralelo com o que se percebe da sociedade contemporânea, em especial do jovem pós-moderno.

Palavras-chave: distopia literatura fantástica pós modernidade

O CONTO DOS TRÊS IRMÃOS, DE J.K. ROWLING: A CONSTITUIÇÃO DO METAEMPÍRICO PELA RELAÇÃO ENTRE O SUJEITO E OS OBJETOS

Ana Paula Caixeta Matos (UFU)

Resumo: Este trabalho empreende uma revisão do conceito de maravilhoso que perpassa o conto intitulado *O Conto dos Três Irmãos*, da escritora J.K. Rowling, presente na saga infanto-juvenil *Harry Potter*, no livro *Os contos de Beedle, o Bardo*. A presente proposta refere-se a uma pesquisa realizada no Mestrado, voltada justamente para a revisitação dos conceitos teóricos em torno do

fantástico e do maravilhoso. No presente momento da pesquisa, notamos alguns efeitos de sentido, como a ambiguidade e o insólito, nas páginas do referido conto, situado habitualmente no espaço do maravilhoso. Em razão disso, a presente proposta volta-se ainda para a compreensão do conceito de fantástico, compreendido como modo, e abarcando conceitos e efeitos de sentido análogos como a ambiguidade, o insólito, o medo e o maravilhoso. Temos conhecimento de que, para Todorov (1992), elementos sobrenaturais no âmbito do maravilhoso não provocam estranhamentos no leitor. Diante disso, queremos pensar o lugar que o insólito e a ambiguidade ocupam nesse universo. Buscamos compreender de que modo o fantástico – enquanto modalidade literária – pode unir-se ao maravilhoso, e assim fundamentar-se a partir de acontecimentos insólitos, inusitados, inabituais e, muitas vezes, inacreditáveis para a criação de um universo imagístico, sem restringi-lo à verdade ou à inventividade. Conforme argumenta a pesquisadora brasileira Marisa Martins Gama-Khalil, em seu artigo “A Literatura Fantástica: Gênero ou Modo?”, não importa enquadrar uma narrativa literária nesta ou naquela categoria, mas sim “compreender de que maneira o fantástico se constrói na narrativa e, o mais importante, que efeitos essa construção desencadeia.” (GAMA-KHALIL, 2013, p. 30.) O conto possui ambientes envoltos por mistérios e magia, bem como representações simbólicas criadas através de objetos que rodeiam as personagens principais e tornam-se fundamentais para o desfecho do enredo. As protagonistas do conto, mesmo sendo versadas em magia, nos remetem a ambições comuns do dia-a-dia, ou seja, ao universo “real”, e isso faz com que nos questionemos até que ponto podemos separar as realidades “sobrenatural” e “natural”. Logo, a proposta é entender qual é a relação entre as personagens e os objetos no desencadeamento do metaempírico desse conto, e como isso pode fazer irromper o insólito dentro de um ambiente maravilhoso. Para tanto, pretendemos pensar no que é chamado por Ceserani (2006) de “a passagem de limite e de fronteira”, ao unirmos o universo fantástico ao maravilhoso, e pensarmos nos objetos simbólicos como mediadores da “(ir) realidade”, pois, muitas vezes, eles definem para o leitor o que será tido como “real” ou “sobrenatural” dentro das narrativas. Acreditamos que a relação entre as personagens e os objetos mágicos – aqui compreendidos não como mera composição dos cenários – pode nos levar a um estudo dos efeitos de sentido, tais como a ambiguidade e o insólito num conto que, ao nosso ver, será melhor compreendido e estudado pela ótica do fantástico como modo. Para tanto, passaremos pelas teorias de Todorov, Roas, Marisa Gama-Khalil e Ceserani.

Palavras-chave: Maravilhoso; Fantástico; Ambiguidade; Insólito

O MARAVILHOSO REVISITADO: UMA LEITURA DE O BARBA AZUL EM CONTOS DE ROBERT COOVER, NALO HOPKINSON E MARGARET ATWOOD

Fernanda Aquino Sylvestre (UFU)

Resumo: Inicialmente, o conto de fadas era uma tradição oral popular, sendo transmitido de uma geração para outra em volta das lareiras e nas cabanas dos camponeses. Hoje os contos de fadas são tidos como literatura infantil, mas no passado eles pertenciam ao mundo adulto. Por se tratarem de contos divulgados oralmente, não se sabe a autoria dos contos de fadas. Eles eram contados como forma de entretenimento, mas também como ensinamento, tendo, portanto, um valor pedagógico. A passagem da oralidade para a escrita ocorreu por meio da coleta dos contos orais. Perrault foi um dos primeiros a recolher os contos diretamente da tradição oral do povo no século XVII, na França. Os irmãos Grimm coletaram suas histórias de diversas fontes. Seus contos não eram recolhidos diretamente da tradição oral, mas fruto de histórias já marcadas pela tradição. antes de Perrault, alguns contos de fadas já haviam sido publicados. Giovanni Boccaccio e Geoffrey Chaucer escreveram narrativas que apresentavam conteúdo folclórico, posteriormente presente também em contos de fadas. Além deles, Giovanni Francesco Straparola escreveu diversas histórias com temas que faziam parte desse tipo de conto. Giambattista Basile inaugura o conto de fadas artístico moderno, publicando “Lo cunto de li cunti”, por volta de 1634. Muitos contos de Basile tratavam de temas como a sexualidade e o aborto de modo mais explícito, em tom cômico e obsceno. o maravilhoso, o sobrenatural e o mágico foram perdendo espaço com o avanço do racionalismo, da

ciência. As narrativas ao sabor de Perrault, dos irmãos Grimm e de Andersen são substituídas por um novo estilo que procura casar o mágico, o maravilhoso, o féérico com um mundo racional, objetivo. Surgem contos de cunho absurdo, fantástico, beirando o nonsense. Trata-se de contos que se pautam na leitura de um mundo em que os olhares devem se voltar para as incertezas, para a desconfiança diante da realidade mascarada por uma sociedade globalizada e influenciada intensamente pela ilusão transmitida pela mídia, como se nota em contos de autores contemporâneos como Robert Coover, Nalo Hopkinson e Margaret Atwood. Os autores citados revisitam os contos de fadas e escrevem narrativas que propõem uma leitura crítica do gênero maravilhoso, mais condizente com o mundo atual, ou seja, histórias com princesas valentes, heróis fracassados e finais infelizes. Nesse sentido, esse trabalho tem como objetivo, por meio da intertextualidade, analisar a releitura que Atwood, Coover e Hopkinson fazem da história O Barba Azul, mostrando como esses autores lidam com o gênero maravilhoso contemporaneamente. É interessante ressaltar que essa releitura vem ocorrendo na literatura de diversos países, já que Coover é americano; Atwood, canadense e Hopkinson, jamaicana.

Palavras-chave: Maravilhoso; Releituras; Intertextualidade

DA EXPERIÊNCIA AO REAL-MARAVILHOSO EM DEUSES AMERICANOS: O MITO CONTEMPORÂNEO

Luiza Maria Fonte Boa Melo (UFU)

Resumo: DA EXPERIÊNCIA AO REAL-MARAVILHOSO EM DEUSES AMERICANOS: O MITO CONTEMPORÂNEO Luiza Maria Fonte Boa Melo (UFU/CAPES) Deuses Americanos, de Neil Gaiman, desafia a razão ao ressignificar os mitos na era da tecnologia, onde não há espaço para deuses. Publicada em 2001, a obra de Gaiman (2016) consolida-se na premissa de que todas as crenças humanas materializam-se e ressignificam-se de acordo com suas necessidades. Desde deuses mitológicos como Toth, deus egípcio da escrita e da sabedoria, até Mídia, deusa tecnológica da informação, a fé humana cria e recria suas divindades, partindo de seus anseios e expectativas. Dentro deste cenário, nos propomos a analisar a criação e recriação dos mitos em Deuses Americanos (2016), pautando-nos no conceito de mito proposto por Micea Eliade (1972). Segundo o autor, "[...] o mito conta uma história sagrada [...] [que descreve] as diversas, e algumas vezes dramáticas, irrupções do sagrado (ou do 'sobrenatural') no Mundo." (ELIADE, 1972, p. 11) Assim, o mito só retrataria aquilo que de fato aconteceu, uma vez que sua narrativa pode ser provada pelo resultado do acontecimento. "O mito cosmogônico é 'verdadeiro' porque a existência do Mundo aí está para prová-lo" (ELIADE, 1972, p. 12) A partir da definição de Eliade (1972), analisaremos o mito baseando-nos nos conceitos de Forma Simples, Forma Atual e Forma Relativa, propostos por André Jolles (s.d.) em Formas Simples. Para o autor, o mito tem sua formação a partir de uma pergunta, feita pelo homem, e uma resposta, dada pelo universo: O homem pede ao universo e aos seus fenômenos que se lhe tornem conhecidos; recebe então uma resposta, recebe-a como responso, [...] em palavras que vêm de encontro das suas. O universo e seus fenômenos fazem-se conhecer. Quando o universo se cria assim para o homem, por pergunta e resposta, tem lugar a Forma a que chamamos Mito. (JOLLES, n/d, p.88) Tais perguntas e repostas são formuladas diante de um mistério da natureza ou do homem, que o leva – em sua necessidade constante de conhecer – a interrogar a si mesmo e ao mundo que o envolve. Aprofundando esses conceitos, ainda abordaremos o mito pelo viés da experiência – que, segundo Larrosa (2015), não abre espaço para a informação e para a objetividade e sim para o desconhecido, indeterminado, passível ao toque e ao sentir, para aquilo que foge ao pragmático e ao certo. Entendemos aqui a experiência como lugar primeiro do mito e para onde devemos retornar ao tentar alcançá-lo em seus resquícios hodiernos. Abordaremos, por fim, a relação entre o mito e o espaço narrativo onde a história opera: a América do Norte. Na América, tal como na era mítica, o sobrenatural toca o cotidiano e transforma-se, fazendo-se constante e verdadeiro. Diante da onipresença do impossível, compreendemos o espaço americano, segundo Carpentier (1987), como o lugar do extraordinário, uma vez que "[...] tudo o que escapa às normas estabelecidas é maravilhoso." (CARPENTIER, 1987, p. 122). Tomaremos, portanto, como recurso de análise o conceito de "real-maravilhoso", também apresentado por Carpentier (1987).

Palavras-chave: Mito; experiência; espaço; real-maravilhoso.

O GÓTICO EM RELEITURAS DE CONTOS DE FADAS

Maisa dos Santos Trevisoli (UNESP)

Maisa dos Santos Trevisoli (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara - UNESP)

Resumo: A realidade e o sobrenatural foram entrelaçados ao longo dos séculos de diversas formas e propósitos, levando em conta a sociedade, nossos medos e aflições, nossos anseios sobre o futuro e tensões ou lembranças do passado. Os contos de fadas nos apresentam o sobrenatural mesclado com a realidade, em um mundo maravilhoso onde humanos e criaturas mágicas coexistem, nem sempre pacificamente. Sabemos que os contos de fadas são educadores, socializadores e limitadores em vários níveis que eram adequados para o entretenimento e delimitação de modos de conduta em uma sociedade civilizada: a menina que não deveria falar com estranhos pois estes poderiam ter intenções maliciosas, a jovem que ao mostrar gentileza e inteligência em não julgar pela aparência se depara com um príncipe, além da menina que devido a sua inocência acabada sendo morta pela sua madrasta somente para ser salva pelo príncipe que poderá protegê-la de todo o mal. Esses são só alguns exemplos, porém percebemos políticas e ideologias da época em que esses contos foram publicados, no século XIX. Ademais, a importância que essas histórias maravilhosas têm no nosso imaginário não pode ser negada. Essas são algumas razões que rodeiam o surgimento de releituras desses contos de fadas, modificando-as em termos de estrutura, estilo, narrativa, perspectivas e ideologias. Os contos Snow, Glass, Apples (1994), de Neil Gaiman, *The Dead Queen* (1973), de Robert Coover, e *Branca dos Mortos e os Sete Zumbis* (2013), de Fábio Yabu, são releituras da história de Branca de Neve e trazem todas as mudanças supracitadas em diferentes níveis. Para além dessas questões, percebemos tanto nos contos de fadas quanto nas releituras um fio condutor que se torna ainda mais presente nestes últimos, o gótico. Nossa pesquisa propõe como hipótese o gótico como elemento intertextual que interliga esses dois tipos de textos ao considerar a própria natureza palimpséstica deste. Outros pontos relevantes para o surgimento dessa hipótese foram os elementos sobrenaturais presentes nos contos de fadas e como eles são apresentados, bem como a articulação narrativa, ações e cenários: donzela em perigo, envenenamento, morte, vampirismo, floresta, para citar alguns. Desse modo, essa comunicação pretende apresentar nossas descobertas e considerações sobre as questões levantadas nesse resumo, articulando teorias sobre o gótico (BOTTING, 1996; PUNTER, 2004, PUNTER, 2012; SMITH, 2007), a intertextualidade (SAMOYAUULT, 2008; GENETTE, 1982; BARTHES, 1984; ALLEN, 2000), contos de fadas e releituras (ZIPES, 1994; RICH, 1972; BACCHILEGA, 1997) e a análise das releituras supracitadas.

Palavras-chave: Releituras; Gótico; Contos de fadas.

2 agosto

14h30

ENTRE CABRAS E LOBOS: A METAMORFOSE NO UNIVERSO FANTÁSTICO DE TOMMASO LANDOLFI

Claudia Fernanda de Campos Mauro (UNESP)

Resumo: Em 1946, Gianfranco Contini publica, em Paris, a antologia *L'Italia magique*, traduzida na Itália, em 1988, com o título *Italia magica*. Contini concentra-se no que chama de *sensibilità magica in letteratura*, voltando sua atenção para a peculiaridade das obras em que o interesse pelo "mágico", isto é, pelo fantástico, não se deixa levar pelos impulsos irracionais mas está ligado a um controle consciente do processo de escritura. Um dos autores citados por Contini em suas considerações a respeito desta *sensibilità magica* e objeto do trabalho que apresento aqui é o italiano Tommaso Landolfi (1908-1979) que, com o romance *La pietra lunare* (1939) rompe o esquema narrativo tradicional e coloca o leitor diante do enigma e do mistério. Tommaso Landolfi, ainda que pouco conhecido do grande público, é considerado um dos escritores italianos do Novecento de maior relevo. Escritor, poeta e tradutor chegou a ser aproximado ao surrealismo; manteve, contudo, uma marcada originalidade em relação às tendências literárias pré e pós-guerra.

A “sensibilidade mágica” landolfiana, considerada excêntrica e marginal, é o elemento de aproximação entre o escritor italiano e a literatura fantástica já amadurecida na Europa. Um dos traços mais marcantes da narrativa de Landolfi é a sua capacidade de inserir, dentro de uma moldura realista, elementos insólitos e marcadamente fantásticos. O protagonista do romance escolhido como objeto deste estudo é o estudante de Letras Giovancarlo o qual, visitando parentes na sua pequena cidade natal, encontra Gurù, uma jovem misteriosa e sensual que, em noites de lua cheia, se transforma em uma capra-mannara, ou seja, uma criatura possuída pela maldição do lobisomem. A relação entre os dois transforma-se em uma intensa história de amor, que revela ao jovem o outro lado do real, escondido por trás da aparência das coisas. Giovancarlo e, com ele o leitor, é levado a um sabbat cheio de aparições inquietantes, de lunari orrori (mulheres de pés de cabra, lobisomens, homens com chifres, fantasmas, etc). Nossa proposta é observar a questão da metamorfose no romance *La pietra lunare*, que se desenvolve, basicamente, em dois planos: um, mais concreto e evidente, representado pela transformação de Gurù, que passa de mulher a mulher-lobisomem; o segundo plano em que se desenvolve o tema da metamorfose no romance é mais introspectivo e está ligado à transformação da visão de mundo do jovem Giovancarlo. O trabalho se concentra, então, na relação entre a lua e a licantropia/metamorfose. Buscamos, entre outras coisas, observar os expedientes utilizados por Landolfi no trabalho de mobilização do fantástico e do insólito. Pretendemos verificar em que medida o Landolfi revela, em seus textos, alguma tendência ao modo fantástico, tal qual nos sugere Remo Ceserani. Na Itália, ao contrário do que ocorreu em outros países, é o século XX o terreno fértil para o surgimento de obras ligadas a este modo literário. É no século XX, portanto, que iremos em busca de uma especificidade da literatura fantástica italiana.

Palavras-chave: Literatura italiana; Fantástico; Metamorfose

UMA LEITURA DA FIGURA DO BOI EM GUIMARÃES ROSA

Ivani Maria Pereira (UFU)

Resumo: A proposta principal desta comunicação é divulgar a continuidade de uma investigação acerca dos animais na obra *Ave, Palavra*, de João Guimarães Rosa, contemplando mais análises, ampliando as discussões permitidas pela temática a partir de olhares literários. Por meio desse ponto de partida, suscitar possíveis diálogos com outras áreas do conhecimento e com as situações cotidianas, especialmente, de caráter social pelo viés da identidade e da alteridade. A ideia primeira é sequencial, uma vez que o trabalho já foi iniciado com a produção da dissertação, intitulada *Os bestiários de Guimarães Rosa em Ave, Palavra*, sob a orientação da professora Dra. Betina R. R. da Cunha da Universidade Federal de Uberlândia, cujas pesquisas demonstraram um indispensável desenvolvimento dos estudos. Ademais, uma imensa necessidade de aprofundamento tanto teórico quanto analítico, sendo tal investimento promissor de reflexões e, por conseguinte, de contribuições para os leitores literários, particularmente, os rosianos, podendo alcançar até mesmo outros públicos. Mais especificamente, esta comunicação visa à amostra da linha de trabalho, escolhida até então, para composição da tese em desenvolvimento. Para tanto, a figura do boi, tão presente nas escrituras rosianas, será sondada em uma perspectiva comparativa nos textos “Entremeio com o vaqueiro Mariano” e “Pé-duro, chapéu-de-couro”, este da obra *Ave, Palavra* e aquele da obra *Estas Histórias*, privilegiando as questões sobre animalidade, cujas ideias estão em consonância com a linha de pensamento: Animal Studies, isto é, Estudos Animais. Este campo de pesquisa tem encontrado bastante ressonância em várias áreas do conhecimento, sobretudo, na Europa e nos Estados Unidos, mas também tem sido trabalhado por estudiosos brasileiros, como é o caso do antropólogo Eduardo Viveiros de Castro e da pesquisadora Maria Esther Maciel. O intuito é, portanto, apresentar um exemplo de leitura analítico-teórica, a qual demonstrará algumas estratégias investigativas ? que estão sendo utilizadas ? para alcançar de modo mais produtivo à obra *Ave, Palavra* com ênfase para o papel atribuído aos seres inumanos. É importante deixar claro ainda que as reflexões pretendidas por esta investigação serão bastante fundamentadas por meio da análise detalhada de todo arcabouço teórico referente à animalidade e à humanidade e, de

sobremaneira, as próprias marcas, "pistas" presentes nos textos. Assim, a fortuna crítica rosiana também será um recurso investigativo imprescindível. Desse modo, o trabalho analítico dos textos rosianos exigirá uma capacidade interpretativa multifacetada, em vistas os elementos constituintes deles.

Palavras-chave: Guimarães Rosa; Ave-Palavra; Animais; Boi.

A RAPINA AO REDOR: OS ÓCULOS SOCIAIS E A DESTRUIÇÃO DO EU EM "O ABUTRE", DE FRANZ KAFKA

Renato Rodrigues De Oliveira (UFU)

Resumo: O trabalho ora apresentado intenciona, com base na literatura fantástica de Franz Kafka, analisar como as estruturas sociais e todo o seu aparato são responsáveis por um processo de esfacelamento da subjetividade dos indivíduos com vistas à manutenção do status quo coletivo. Para tanto, nos ancoraremos no conto "O Abutre" para revelar a inversão da relação homem x animal, a aniquilação da racionalidade e a construção de uma poética do nonsense como mecanismo desencadeador da proposta aqui apresentada. Este trabalho é fruto de um argumento desenvolvido para a elaboração de um artigo científico de uma das disciplinas do curso de Mestrado da Universidade Federal de Uberlândia - UFU. O referido estudo propõe uma prospecção acerca de como a palavra entendida como objeto estético deve ser concebida em suas relações axiológicas, já que a primazia do conteúdo da arte encontra-se no terreno intrincado do campo ético, que, analisado nesse conto, desvela-nos a mão imperiosa da práxis sobre a subjetividade. Nosso aporte teórico se reportará a autores como Berger (2010), Coetzee (2002) e Derrida (2002) acerca da relação humana com o universo animal; Adorno (1965, 1986) sobre as relações de subjetividade e coletividade e Bakhtin acerca das postulações de conteúdo, forma e material do objeto estético. Bibliografia ADORNO, Theodor W. et alii. La personalidad autoritária. Buenos Aires: Editorial Proyección, 1965. ADORNO, Theodor W. Teoria crítica del sujeto – ensayos sobre psicoanálisis y materialismo histórico. Trad. Henning Jensen. México: Siglo Veintiuno, 1986. BAKHTIN, Mikhail. O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária. In: Questões de literatura e de estética- a teoria do romance. São Paulo: Editora HUCITEC ANNABLUME, 2002. BERGER, John. Os animais como metáfora. Trad. Ricardo Maciel dos Anjos. Suplemento Literário de Minas Gerais, Secretaria de Cultura de Minas Gerais, Belo Horizonte, n. 1332, p. 6-9, set./out. 2010. COETZEE, J. M. A vida dos animais. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Cia. das Letras, 2002. DERRIDA, Jacques. O animal que logo sou. Trad. Fábio Landa. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

Palavras-chave: Kafka; sujeito; coletividade; estética; ética

O AMOR ALÉM-TÚMULO: UMA COMPARAÇÃO ENTRE OS CONTOS "A MORTA", DE GUY DE MAUPASSANT E "QUATRO ANOS DEPOIS", DE MENALTON BRAFF

Roseli Deienno Braff (UNESP)

Resumo: Mais de cem anos separam o escritor francês Guy de Maupassant (1850-1893) do romancista e contista brasileiro Menalton Braff (1938), cujos contos serão objetos de nossa análise. O que aproxima, aqui, os dois autores é a forma não realista com a qual constroem suas obras artísticas, além de se avizinharem, também, pelo tema, qual seja, o amor (e a dúvida sobre uma possível traição) depois da morte do ser amado. O objetivo deste trabalho é comparar os distintos procedimentos de construção dos contos, destacando que Maupassant em "A morta" cria um texto fantástico, que, segundo Todorov, "é a hesitação experimentada por um ser que só conhece as leis naturais, diante de um acontecimento aparentemente sobrenatural" (TODOROV, 1970). Três são as condições para a existência do fantástico: primeira, a dúvida do leitor frente a uma explicação natural e uma explicação sobrenatural dos acontecimentos; segunda, essa dúvida é também sentida por um dos personagens; terceira, o leitor adota diante do texto uma postura de recusa às interpretações alegórica e poética dos fatos narrados. O fantástico está sempre ligado à ficção e ao sentido literal. Em "Quatro anos depois", Braff lança mão do realismo mágico ontológico, vertente do realismo mágico, no qual, de acordo com Spindler, "o sobrenatural é apresentado de maneira

despreocupada, como se não contradissesse a razão, e não são oferecidas explicações para os acontecimentos irreais no texto. [...] a liberdade total e criativas possibilidades de escrever são exercidas pelo autor, que não está preocupado em convencer o leitor. A palavra 'mágico' aqui se refere às ocorrências inexplicáveis, prodigiosas ou fantásticas que contradizem as leis do mundo natural e não possuem explicação convincente" (SPINDLER, 1993).

Palavras-chave: Conto; Fantástico; Realismo mágico; Comparação.

55 - O IMPÉRIO DO SEXO: GOZOS LITERÁRIOS, LEITURAS PSICANALÍTICAS

Coordenação: Hermano de França Rodrigues (UFPB); Amanda Ramalho de Freitas Brito (UNEAL); Aristóteles de Almeida Lacerda Neto (IFMA)

Resumo: É na intersecção entre o perigo e a recompensa, na infração à lei e no contato com o proibido, que residem os encantos e sortilégios da pornografia. Ela nos afeta, devasta-nos e, ao mesmo tempo, torna-nos demasiadamente humanos, ao desnudar nossas fragilidades, ao escancarar as fantasias operantes em nossa sexualidade, ao denunciar as falências de nosso narcisismo (no laço com o pornográfico, quem é o senhor?), ao delatar a parte obscura de nós mesmos. Dimensão obscurecida pela moralidade, pela vida social, pelas restrições a que nos submetemos em favor de um ideal de conduta, sempre inacessível e fugaz. O paradoxo da pornografia é sua solidariedade com o tabu, compartilhando com este do horror e da veneração que lhe são próprios. Daí as aflições que se abatem sobre todo aquele que segue seus passos e envereda por seus territórios. Assim como a violação ao tabu consagra o infrator e, em concomitância, lança-o ao degredo, na medida em que o estigmatiza, fazendo-o ocupar o lugar de objeto odioso e execrável, o contato com a pornografia, de igual modo, metamorfoseia a mortalidade em heroísmo, desterritorializando o sujeito que, maculado por seu ato, transforma-se em um ser abjeto e repulsivo. Essa ambivalência, antes de se converter em posições culturais, constitui a origem dos mais violentos e duradouros impulsos humanos. A fixação em um pólo ou outro, ou a oscilação entre um e outro (do horror à veneração, do sagrado ao impuro), demarca nossa atuação frente às concepções de sexo e de sexualidade, postas em relevo pelas experiências subjetivas com o corpo. Nas palavras do ensaísta e historiador da arte Alexandrian (1993), a pornografia segue o itinerário da carne, evidenciando sua fúria, sua beleza e seus prazeres. Sigmund Freud, em Totem e Tabu [1912-1913], expõe nossa vulnerabilidade ante os efeitos (des)agregadores das interdições. Afirma, inclusive, que "não existe povo e estágio de cultura que tenha escapado aos danos do tabu" (p.49). Tal reflexão nos ajuda a entender o processo de exclusão perpetrado pelas sociedades contra a experiência pornográfica. Embora o termo derive da língua grega e remeta aos escritos sobre prostitutas (do grego *porn(o)* = prostituta e *graphein* = escrita), a história da pornografia confunde-se, quiçá, com o surgimento dos primeiros grupos. A pré-história legou-nos um rico acervo de pinturas rupestres, em que o coito é representado em posições diversas, o que, sugere, no mínimo, uma tentativa de lidar com as forças libidinais. Certamente, o controle sexual não era tão aterrador e, com efeito, nossos antepassados incorreram no sexo, naturalizando-o conforme suas necessidades. Convém, por questões de hermenêutica, frisar que consideramos o erótico e o pornográfico como fenômenos que se imbricam, misturam-se e se confundem. A ligação é tão pujante que qualquer tentativa de separá-los está fadada ao fracasso. A diáspora a que foram, durante séculos, submetidos (e que, estranhamente acentua-se no contemporâneo) denota a moral perversa que, ainda, rege as sociedades, sobretudo as ocidentais, marcadas por ideologias religiosas e médicas, lapidadas ao engenho patriarcal e heteronormativo. Situar o erótico no espaço do sublime, do belo, da saúde e, em contrapartida, impor ao pornográfico as insígnias do grotesco, da feiúra e da patologia, diz, na verdade, de uma incapacidade ética e estética de lidar com o próprio desejo. O campo literário é testemunha dos esforços efetuados (e mal-sucedidos), a fim de reduzir esses "efeitos do agir humano" a um denominador comum. A depender da época e dos sujeitos, o erótico converte-se em pornográfico e vice-versa. É óbvio que não podemos apresentá-los como iguais, conformes, sinônimos. A pornografia, além de conter tudo o que é erótico, concentra algo a mais, da ordem do irrepresentável, de um prazer mortífero, sedutor e inevitável. Transitando pelos

meandros da chamada literatura licenciosa, deparamo-nos com obras que incorporam os signos da obscenidade, sem ressalvas nem pudor. Na alcova de suas páginas, refugiam-se as mais angustiantes cenas de tortura, perfilam-se os mais cruéis personagens e, por conseguinte, brotam as mais inescrupulosas e atraentes perversões. O espetáculo orgástico faz do corpo uma carnificina, uma obediência à fantasmática primitiva, uma travessia retilínea ao gozo. Resulta, dessas considerações, a proposta deste Simpósio Temático: congregar pesquisas (concluídas ou em andamento) que, numa interlocução entre literatura pornográfica/erótica e psicanálise, busquem analisar as dimensões representativas do sexo, de modo a compreender as imagens e os discursos que o cercam, bem como as configurações que assumem em determinado momento da história social e literária. Com vistas a enriquecer o debate e as discussões, as investigações podem debruçar-se sobre a poesia, o conto, o romance, a carta, a narrativa de viagem, entre outros gêneros.

REFERÊNCIAS:

- ALEXANDRIAN. História da Literatura Erótica. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
BATAILLE, Georges. O Erotismo. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. In: Obras Completas, Volume 18. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
FREUD, Sigmund. Totem e Tabu. In: Obras Completas, Volume 11. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
HUNT, Lynn. A invenção da pornografia. São Paulo, Hedra, 1999.
MCDUGALL, Joyce. As múltiplas faces de Eros – uma exploração psicanalítica da sexualidade humana. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
MORAES, Eliane Robert; LAPEIZ, Sandra M. O que é pornografia. São Paulo: Brasiliense, 1985.
PRECIADO, Beatriz. Manifesto Contrassexual. São Paulo: n-1 Edições, 2015.

31 de julho 8h30

O MISTÉRIO GOZOZO DE OSWALD DE ANDRADE EM "O SANTEIRO DO MANGUE"

Claudicélio Rodrigues da Silva (UFC)

Resumo: Proponho uma breve análise do poema-ópera oswaldiano à luz das categorias da profanação e fantasma (AGAMBEN), interdito e transgressão (BATAILLE) e melancolia e pulsão (FREUD). O texto de Oswald de Andrade, datado da década de 1950 e dedicado "aos michês em particular" e "às Senhoras Católicas em particular", trata-se de exemplo da veia satírica e paródica do poeta antropofágico, cujo foco é a fusão do sagrado e do profano, da natureza humana e da natureza divina no Rio de Janeiro, então capital da República. Tudo se passa no Mangue, bairro de prostituição entre o centro e a zona norte. Ironicamente, Oswald mostra que homens e mulheres, santos e prostitutas, crianças e velhos, seres sagrados e seres malditos não estão necessariamente assumindo uma postura maniqueísta. Eles são tão contraditórios quanto o desejo que os move. É nesse sentido que a comunicação procurará apresentar como cerne de leitura da ópera oswaldiana o discurso foucaultiano da "sciencia sexualis", ou seja, a necessidade da fala sobre sexualidade até o século XIX dá lugar, com Freud e a literatura do século XX, num poderoso discurso revisionista sobre a necessidade de avaliar as função do sexo como tabu e como totem, ou, como o quanto mais se falou sobre sexualidade, mais se desejou interditar o desejo, sobretudo os sistemas políticos e religiosos. O texto de Oswald, em matéria de transgressão ou profanação, se vincula às ficções de Memórias Sentimentais de João Miramar e Serafim Ponte Grande, sobretudo na crítica social, no desbunde, na denúncia das aparências que se sobrepõem à essência. Se a vida social não deixa de ser performance, se os homens não passam de atores que trocam de papéis conforme as circunstâncias ou a natureza da encenação, é possível pensar a ópera bufa de Oswald como uma alegoria da representação do eu na vida cotidiana, conforme o estudo de Erving Goffman? O Eros

oswaldiano expõe a natureza agônica e melancólica dos homens, conforme os estudos de Freud, Agamben e Byung-Chul Han? Os papéis sociais que desfilam na topografia do Mangue carioca, abençoados por um Jesus-Michê, um Satã-Voyeur e um santo que não é vendido pelo santeiro e que se chama São Tesão, seriam personas de um Eros travestido de cristianismo? São questões que o texto de Oswald colocam à disposição do leitor.

Palavras-chave: profanação; transgressão; fantasma; melancolia

A VIOLÊNCIA E A HOMOAFETIVIDADE REPRIMIDA NO CONTO O OFICIAL PRUSSIANO, DE D.H. LAWRENCE

Iêda Carvalhêdo Barbosa (UFC/IFCE)

Resumo: Resumo: A preocupação com o inconsciente, a emoção e o desejo subconsciente do homem é marcante na obra do escritor do Modernismo inglês D. H. Lawrence (1885-1930). Seus escritos são espontâneos e abordam, de forma franca e desinibida, assuntos tabus na Inglaterra pudica e vitoriana como o sexo, chocando muitos de seus contemporâneos e fazendo de Lawrence um autor de mais afinidades com a segunda metade do século XX do que com seus decênios iniciais quando produziu sua obra. A preocupação erótica marca todo o seu trabalho por meio do qual pretendia eliminar os extremos tanto da aparente modéstia vitoriana como da decadência e mecanização modernas de seu tempo, mostrando a necessidade de uma mudança revolucionária no que diz respeito às atitudes sexuais. Dois de seus romances, *O arco-íris* (1915) e *O amante de Lady Chatterley* (1928), foram proibidos e associados à pornografia por suas polêmicas descrições de relações sexuais e por ataques ácidos às convicções morais vigentes da sociedade inglesa. Para burlar os costumes da época e promover, ao lado do controle e da repressão, formas um tanto excêntricas de prazer, Lawrence fez uso de técnicas narrativas guiadas pela psicanálise, pelo fluxo de consciência e por discussões morais. Vale ressaltar que o escritor inglês, em *Pornography and Obscenity* (1929), afirmou que o sexo, desde o Renascimento, fora tratado erroneamente devido ao medo de doenças e à dissociação entre a mente e a função do corpo, levando a um tipo equivocado de segredo. O autor acreditava que eliminar o “segredinho sujo” era essencial para a liberdade humana e para o desenvolvimento do ser como um todo. Dessa forma, buscamos, no presente estudo, analisar um dos contos mais emblemáticos de Lawrence, *O Oficial Prussiano*, no que respeita à homoafetividade reprimida de dois personagens da trama, Herr Hauptmann, um oficial, e um jovem soldado sob seu comando, Schöner, que só conseguem exprimir seus desejos por meio da violência física e psicológica. As obscuras relações entre o agressor e sua vítima são descritas magistralmente nesse conto em que há uma angustiante fusão de paixão e rejeição, raiva e aceitação. O texto sugere uma cumplicidade entre os personagens que encontram um tipo de satisfação na violência, seja dada ou recebida. A referida pesquisa intenta provocar uma reflexão sobre a impossibilidade da transgressão sexual e a consequente adequação comportamental às normas das representações sociais. Baseando-nos nas teorias de Foucault (1988), Lins (1990), Costa (1992) e Wanderley (1994), Branco (2004), Freud (2012) e Bataille (2013), entre outros, concluímos que a homoafetividade não pode consumir-se nessa narrativa, pois é condenada pelo mundo exterior e pela própria moral puritana dos personagens, o que gera uma relação de amor e ódio baseada na violência.

Palavras-chave: Violência; Homoafetividade; D. H. Lawrence.

O MENINO DO GOUVEIA: ENTRE O GOZO E A LEI

Jaqueline Lupi Seabra da Silva (UFJF)

Resumo: O menino do Gouveia (1941) é considerado o primeiro conto gay do Brasil e relata a história de Bembém, adolescente com seus treze anos, o qual deseja ser iniciado sexualmente. Seu objeto de desejo inicial é o tio, mas esse o ignora, fazendo com que o rapaz fuja de casa. Ao sair pela porta da rua, Bembém anda pela cidade e um “velhote” se aproxima, dando início a realização das fantasias adolescentes. Tendo isso em vista, este artigo tem como objetivo analisar o conto pornográfico publicado em 1941, por dois vieses principais. Em primeiro lugar, pelo Estatuto da

Criança e do Adolescente – Lei 8069/1990 – em que o ato sexual entre adulto e adolescente é considerado crime e, em segundo lugar, o conto pode ser analisado por um retorno a Grécia antiga em que o ato sexual entre homens mais velhos e adolescentes era considerado normal, o que permitia, portanto, a entrada desse jovem na sociedade grega adulta (BREMNER, 1995). Busca-se, portanto, delinear uma pequena história da homossexualidade – desde a aceitação social, tendo a relação entre homens como um rito de iniciação – até a ojeriza e o preconceito, inclusive a não aceitação da relação sexual entre adultos e jovens. Observa-se que na edição publicada pelo O sexo da palavra, as fotos em que adolescentes aparecem nus são censuradas com uma tarja preta (tanto no rosto quanto nos genitais), demonstrando a força da lei. Desse modo, a capa e as ilustrações respondem ao Estatuto da Criança e do Adolescente, mas o texto traz explicitamente cenas de sexo envolvendo adultos e adolescentes, portanto, a premissa inicial é que o conto se aproxima muito mais da vivência grega de iniciação do que a censura social. No que se refere ao texto em si, o adolescente se apresenta como bem resolvido em sua sexualidade, aceitando-a naturalmente, sem muitos dilemas frente a ela. O adulto responsável pela entrada do adolescente no mundo sexual se mostra sensível e afetuoso, tendo o prazer e o respeito como pano de fundo para o relacionamento; desse modo, o conto vai na contramão da sociedade de hoje em que impera um verdadeiro “homocídio”, nas palavras de Luiz Mott (2003). O relacionamento entre adolescentes e adultos, consensualmente falando, é benéfico? O que o texto nos apresenta? Esse artigo, portanto, pretende responder a essas questões à luz da literatura. Para finalizar, este trabalho se baseará em autores como Jan Bremner, Peter Fry, e Luiz Mott.

Palavras-chave: O menino do Gouveia; sexualidade; homossexualidade

ORGIASMO E TRAGICIDADE NO IN-YER-FACE THEATRE

Leonardo Monteiro de Vasconcelos (UFPB)

Resumo: Qualquer estudo que envolva a dramaturgia inglesa na década de 90 irá encontrar o termo In-Yer-Face Theatre. Baseado no livro, do crítico Aleks Sierz, intitulado In-Yer-Face Theatre: the British drama today (2000), poderemos definir esse período como sendo caracterizado por um grupo de jovens escritores cujos nomes incluíam: Sarah Kane, Mark Ravenhill, Jez Butterworth, Joe Penhall e Patrick Marber, que exploraram e extrapolaram as possibilidades teatrais e criaram uma nova estética: um drama agressivo, de confronto e explosivo. A definição mais ampla para o In-Yer-Face Theatre, segundo Sierz (2000) é “o teatro das sensações”, ou seja, o drama desse período é chocante na temática e/ou na estrutura. Ao experimentar novas formas de fazer teatro, os novos dramaturgos pretendem sensibilizar o público, tanto no conteúdo quanto na estrutura, pois, questiona-se as normas morais, confrontando as regras do que pode ou não ser mostrado no palco. Então, para conseguir confrontar essas ideias, os escritores do In-Yer-Face Theatre utilizaram-se de alguns elementos, tais como “falar de sentimentos mais primitivos, mencionar tabus ainda presentes na sociedade, mencionar o proibido”. A linguagem é geralmente obscena, personagens discutem assuntos não-mencionáveis, atores tiram suas roupas no palco, fazem sexo, humilham uns aos outros. Linguagem e performance são os elementos essenciais nessa nova dramaturgia: por exemplo, uma cena de estupro pode ser encenada no palco, como em Shopping and Fucking de Mark Ravenhill. O que está sendo renegociado é a relação entre o público e performance. Segundo Sierz, esse drama tão extremista geralmente é encenado em teatros cuja capacidade é de 50 a 200 pessoas. O objetivo é causar desconforto. Nesse contexto, utilizaremos três obras representativas do período, a saber, Blasted, de Sarah Kane (1995), Shopping and Fucking, de Mark Ravenhill (1996), e Closer, de Patrick Marber (1997), para ilustrarmos como se configura essa dramaturgia de confronto. Um estudo da obra do sociólogo francês Michel Maffesoli se mostra bastante eficiente quando procuramos compreender o erótico e o trágico no In-Yer-Face Theatre, portanto, devemos considerar duas categorias analíticas do sociólogo, a saber, “orgiasmo” (2005) e “presenteísmo” (2001; 2014). O orgiasmo, de forma bastante simplificada, é denominada, pelo sociólogo, como cultura do prazer. O presenteísmo é um conceito que está intimamente relacionado ao orgiasmo e está aliada à consciência trágica. À luz do exposto, nosso trabalho pretende mostrar,

panoramicamente, às razões políticas que deram origem a esse grupo teatral, assim como estudar a linguagem e performance e, através destes dois elementos, usar conceitos maffesolianos, já previamente citados, com a finalidade de explicar esse erotismo e a sua ligação com o sentimento trágico na contemporaneidade.

Palavras-chave: In-Yer-Face Theatre; Orgiasmo; Presenteísmo

NEGAÇÃO E LEGITIMAÇÃO DA PSICANÁLISE EM A CASA DOS BUDAS DITOSOS, DE JOÃO UBALDO RIBEIRO

Jhonatan Leal da Costa (UFPB)

Resumo: “A vida é foder, em última análise”, sentencia a narradora de primeira pessoa da obra A casa dos budas ditosos, de João Ubaldo Ribeiro, publicada em 1999. No prefácio do livro, a explicação, dada pelo autor, de que ele não é propriamente o responsável pelo material que será narrado. Ubaldo argumenta que o seu texto é, na verdade, a transcrição de um relato, recebido por ele, no edifício onde trabalha. Os originais, segundo essa nota de abertura, chegaram-lhe em um envelope acompanhado apenas de um bilhete assinado pela misteriosa “CLB”. A narrativa constitui-se, assim, do depoimento escrito, mas bastante oralizado, de uma baiana anônima, com quase 70 anos, residente, no presente da diegese, na cidade do Rio de Janeiro. Ainda que partamos da ideia de que o próprio prefácio desta obra esteja inserido no campo da ficcionalidade, não nos interessa, neste trabalho, problematizar a veracidade ou as estratégias da criação literária, uma vez que temos como principal objetivo, para esta oportunidade, determinar os modos como o sujeito representado (re)constrói e reposiciona sua própria história na medida em que articula e edifica seu enunciado. Caótico, fragmentado, alusivo e desordenado, o discurso da idosa apresentada por João Ubaldo Ribeiro, similar ao que presenciamos em divãs, surge retalhado por lembranças, eventos, esquecimentos, silêncios e insights surgidos apenas no instante da fala. Como o fio que costura e unifica esses relatos, estão o sexo, o erotismo e a pornografia, surgidos como temas e formas centralizadoras do dizer despudorado dessa mulher que, apesar de estar à beira da morte, assegura que partirá satisfeita, pois, enquanto viva, quebrou quase todos os tabus a respeito da sexualidade. Com um aneurisma cerebral, essa senhora reconstrói sua biografia resgatando experiências de incesto, lesbiandade, sexo grupal, adultério, pedofilia e zoofilia, narrando como se apenas a fala fosse capaz de curá-la. Não a cura de sua doença fisiológica. Mas a saúde emocional, psíquica, o extermínio da angústia de quem, prestes a morrer, se agarra ao ideal de que, já que não tem mais tempo, precisa celebrar o que fora vivido. Contrária à psicanálise e desdenhosa de Freud, ela tenta, em várias passagens, negar a importância desta vertente clínico-teórica: “Não sou chegada à psicanálise. Lá em casa, desde muito antes de Freud, com certeza, sempre se achou obsceno ficar contando intimidades e fraquezas a um estranho” (RIBEIRO, 1999). Nesse sentido, ensinamos perceber a maneira paradoxal como A casa dos budas ditosos, ao mesmo tempo em que nega a psicanálise, também a legitima: tudo através dos atos de fala de sua protagonista. Para tal empreitada, faremos uso dos estudos defendidos por Sigmund Freud (2016), Maria Rita Kehl (2000), Daniele John (2015), dentre outros. Em nossas considerações, apresentaremos questões relacionadas à enredo, elaboração e temporalidade psicanalítica.

Palavras-chave: Psicanálise; Erotismo; João Ubaldo Ribeiro.

"A MULATA ERA O PRAZER": RITA BAIANA, INTERDITO, TRANSGRESSÃO E EROTISMO EM O CORTIÇO

Vinícius Bezerra (UFC)

Resumo: Rita Baiana figura entre as personagens mais destacadas d'O Cortiço, especialmente pela força singular do erotismo e sensualidade que encarna, constituindo um núcleo de significado meritório de demora analítica. Publicado em 1890, O Cortiço é um romance realista-naturalista considerado fundacional por ser o primeiro romance brasileiro a trazer para o primeiro plano da composição, seu eixo narrativo, o processo de formação da riqueza individual (Candido, 2002, 2010; Sereza, 2014; Santos, 2012), expresso através do ignominioso corticeiro português João Romão, personagem que protagoniza, ao lado da estalagem, o enredo em que se apresenta seu processo de

conversão metafórmica em capitalista. O erotismo, bem como a questão espacial, desempenha o papel de arranjo diegético intimamente articulado ao referido eixo econômico no interior do romance, onde, de um lado, é urdido mediante metáforas orgânicas e uma semântica animal (Brayner, 1973), de outro, revela determinações essenciais da forma erótico-amorosa numa sociedade colonial em desagregação sob o ímpeto diretor do capital em seu movimento de acumulação (Bezerra, 2015). Desta forma, reputamos que a análise do núcleo de significado que Rita Baiana encerra precisa ser levada a termo em consideração à totalidade narrativa do romance, o que inclui avaliar se Aluísio Azevedo transpõe meramente o ideário dominante da Belle Époque (medicina higienista, mesologia, teorias racistas etc.), ou se contraditoriamente o supera. Neste particular, o exame da personagem de Rita Baiana, coligindo aí as noções batailleanas de erotismo, interdito e transgressão (Bataille, 1987; Paes, 2006), é algo valioso para lançar luzes sobre seu perfil que destangencia a moral sexual vitoriana e cristã então vigentes. Demasiado importante à historiografia tanto quanto à crítica literária, pois se compreendemos mais a fundo o lugar desempenhado pelo romance azevediano na mobilização de representações sobre as práticas eróticas, isto é decisivo para o desvelo do quadro erótico citadino à época, se o romancista apenas asseverou e operou com tecnologias discursivas normatizadoras e repressoras das modalidades eróticas ou se procurou desvelar as raízes do *modus vivendi* erótico por ele minuciosamente descrito.

Palavras-chave: O Cortiço; Rita Baiana; erotismo

31 de julho

14h30

MACABÉA: O CORPO QUE NÃO TRAGOU O SEIO MATERNO, PRISIONEIRO DA LINGUAGEM

Vanalucia Soares da Silveira (UFPB)

Resumo: Ler *A Hora da Estrela* é, aparentemente, como fumar sem tragar, é estar diante de um cigarro a queimar-se sem que a fumaça seja inalada. E Macabéia seria uma ponta desse cigarro não tragado na boca do leitor. Nas mãos de um narrador onisciente seletivo e intruso, ela seria o incenso se apagando, embora em chamas; seria o cigarro com a outra ponta em cinzas. Macabéia seria um cigarro sem sabor, "não faz falta a ninguém" (LISPECTOR, 1998, p.14). Pois que Macabéia, por ser órfã, é a bebê que pode não ter tragado, de forma gratificante, as duas mães da infância - a mãe biológica e a tia - (teria sido tragada por elas?), e que, adulta, ainda é a mesma bebê não gratificada, e, por conseguinte, prisioneira da linguagem, ansiosa por devorar vorazmente o mundo. Nesse sentido, a protagonista demonstra-se fixada predominantemente na fase oral, no narcisismo primário, conforme atestam suas inscrições corporais voltadas ao desejo de esfoliar o seio materno. São sintomas desse adoecimento corporal sua compulsão alimentar, ou dependência pelo comer, introjeção dos impulsos destrutivos e negação do outro. Macabéia reverbera, em sua estrutura adulta, a precariedade de seu eu arcaico, pela estratégica da mímica, sendo que tal reverberação acontece sem movimento, de modo que a narrativa é menos rica em ações que em predicativos. Não obstante, predicativos para que significante? Haveria um sujeito para o verbo Ser em *A Hora da Estrela*? O objetivo desta pesquisa é tragar esse cigarro chamado Macabéia, mastigá-lo, através de um processo de regressão, que remonta à relação mais primitiva de todas, que é a sua relação com o seio materno, consoante pensamento kleiniano, para interpretar o corpo habitado pelas fantasias primordiais. Primeiro, analisar-se-á a falta da mãe genitora no processo de introdução da criança no mundo da linguagem, que é mediado, pela figura materna; depois, a educação sexual ensinada pela tia, seu segundo seio; a seguir, sua inserção na cultura pela mãe Rádio Relógio, e, por fim, sua relação de asseguramento com a cartomante, o seio bom. Para tanto, nosso aporte teórico fundamentar-se-á nos estudos de Klein (1996; 1974); Dolto (2015;2008), Freud (2016), Nasio (2010; 2008; 2007;1991), dentre outros. Destarte, esta análise visa a um trabalho metalinguístico, que se refere ao ato de "amamentar-se" da obra em estudo, de tragá-la, para discutir o processo de "amamentação" de Macabéia, o seu aprisionamento ao Imaginário e a sua ansiedade para ser.

Palavras-chave: Seio materno; Gratificação; Linguagem; Corpo.

ITINERÁRIOS DO PRAZER: SOBRE AS VIRGENS MEMÓRIAS QUE DELATAM A LUXÚRIA

Elisangela Marcos Sedlmaier (UFPB)

Resumo: Podemos pensar a literatura como uma tradução dos valores, preceitos, sonhos, medos e dos impulsos mais remotos dos homens que, de certa forma, são solapados pelos interditos morais, culturais e religiosos que cada sociedade arquiteta para o estabelecimento de uma certa ordem. Quando nos confrontamos, na literatura, com discursos e imagens que tangenciam a sexualidade, os tabus, o erótico e/ou pornográfico, muito da nossa curiosidade humana emerge, impondo-nos modos particulares de lidar com o estranho que há muito nos habita. É o caso, por exemplo, da figura da prostituta, grande representante deste “submundo” que congrega o fascínio e o escárnio, expondo, de forma crua, as facetas mais abjetas do imaginário sexual. Sabemos que, nem sempre, estas “mulheres da vida” ocuparam espaços subalternos e degradantes. Os primeiros casos de prostituição registrados nos anais históricos remetem ao sagrado, quando sacerdotisas do amor dispunham seus corpos em favor do aprazimento da(s) deusa(s), sacralizando simbolicamente o elo entre o terreno e o espiritual. Com a intromissão romana na civilização grega, a partir do séc. III a.C., a prostituição figurou-se como um meio de obtenção de renda, o que ocasionou uma divisão de classes entre as protagonistas deste comércio. Com o advento das grandes religiões monoteístas, a saber o judaísmo, cristianismo e islã e a propagação dos seus sistemas de valores, a prostituição e a sexualidade, anteriormente mais livres das amarras sociais, sofrem uma condenação moral, sendo escamoteadas, adentrando, assim, no universo do profano. A prostituta é alocada no lugar do pornográfico, da profanação, do aviltamento, do ser descartável e abjecto. O conseqüência negativo que circundava e circunda a prostituta e a prostituição não diminuiu seu lugar nem no imaginário nem em seu papel social. Na literatura, a figura da prostituta perpassa os séculos, ora parodiada e vilipendiada ora detentora de os enigmas e as artimanhas ligadas ao sexual e um grande “segredo”. Buscando desvendar alguns mistérios, e analisar as representações da prostituta, utilizaremos como corpus o romance *A agenda de Virgínia* (2006), cuja narrativa progride em primeira pessoa, na voz de Alejandra Duque, nome verdadeiro de Virgínia. Na obra, descreve-se sua iniciação sexual, que ocorreu por desejo próprio e todo o fascínio e repúdio que o sexo venal exerce, e de como satisfaz as mais diversas fantasias masculinas. Na pretensão de buscarmos “obscenidades” que remetem à sexualidade, e o lugar da prostituta e do feminino neste campo, apoiar-nos-emos nas teorias psicanalíticas de Freud (1905, 1932), Calligaris (2006), e Dolto (2015) com o intuito de desvendar o lugar e a subjetividade que a prostituição e a prostituta ocupa na economia psíquica dos indivíduos, e quais são os signos e representações que as colocam no lugar de erótico e/ou pornográfico na literatura ocidental.

Palavras-chave: Literatura; Prostituição; Psicanálise

A MODULAÇÃO DO OBSCENO NOS EUFEMISMOS PARÓDICOS DE "DIGA... NÃO DIGA...", DE PIERRE LOUÏS

Eider Madeiros (UFPB)

Resumo: Dentre tantos ingredientes que se mesclam na formação de sentidos entre o erótico e o pornográfico, o elemento obsceno se destaca por sua volatilidade subversiva junto ao olhar e ao signo, lidando com a “coisa-em-si” dos fantasmas sexuais ao mesmo tempo em que desvela, em um jogo excitante e/ou perverso, a linguagem como instrumento de fetiche. Diante de uma polissemia que lhe é própria, o obsceno, quando acionado, se contorna de paralelismos com a sexualidade que não são menos complexos que o próprio estabelecimento desta última enquanto dispositivo de controle mascarado de liberação discursiva, e ainda menos diante do fato dele não se desvencilhar da transgressão a fim de converter no espírito daquele que vê, daquele que lê, daquele que olha, uma potencialidade de conhecer algo que tantos outros não conhecem. Daí, o obsceno trafegar por significados pré-modernos de mau-agouro, sujeira, lamaçal; para em seguida, contrariar a cena, o palco, o visível do teatro, ser opositor daquilo que se expõe, se invisibilizar mantendo a curiosidade

de sua previsão, ou ainda permanecer tocando em surdina enquanto não se silencia em sua invocação subentendida; e logo mais, vir atentar à moral e se tornar antonímia da decência e do recato, ganhar a roupagem do nada auspicioso à civilidade que foge neuroticamente de todo mal-estar. Pierre Louÿs apresenta, no último capítulo do Manual de civilidade destinado às meninas para uso nas escolas (2005), um pequeno guia de eufemismos que brinca jocosamente com a ordem pública dos bons costumes quando esta tenta estabelecer, através das figuras de linguagem, os devidos modos de falar, os dizeres adequados às femininas representantes do pudor como virtude social. Ao reconhecer os produtos que o obsceno traz ao estimular a cena pornoerótica, aqui dada como uma fusão entre as categorias erótica e pornográfica sempre e já imbricadas, levanta-se a reflexão sobre como se negocia o não-dito, o interdito e o indizível na economia de valores que, quanto mais busca anular o linguajar de baixo calão mais termina por presentificá-lo, já positivo sob o semblante do real. Munida das contribuições de Sontag (1987), Moraes (2003) e Rodrigues (2015), esta análise se propõe a pensar o fator obsceno como imprescindível à compreensão da instância pornoerótica, diante de sua capacidade de movimentar e qualificar o limiar entre as ordens morais e os princípios de prazer, entre o impedido e o permitido, entre o implícito e o explícito, sem escapar da sua própria ambivalência destrutivo-produtiva.

Palavras-chave: Literatura pornoerótica; Obscenidade; Pierre Louÿs

A ESCRITURA DO CORPO HISTÉRICO: QUANDO O PECADO SACRALIZA O DESEJO

Rayssa Kelly Santos de Oliveira (UFPB)

Resumo: Desde a organização humana, narrativas sobre a histeria compõem o imaginário médico, literário e filosófico. Escrituras egípcias, datadas da antiguidade, narram casos de mulheres inaptas ao exercício da fala, ao caminhar e que protestam suas dores corporais, sentenciadas à doença do útero. Na cultura helênica, coube ao grego Hipócrates (400 a.C) consolidar o vínculo entre o pathos histérico e o corpo feminino. O pai da medicina atribuía uma semiologia excessiva ao útero obsoleto, afirmando que o órgão teria o livre arbítrio de movimentar-se no interior feminino. Com isso, verificava-se a sufocação do sistema reprodutor, outorgando, dessa forma, os espasmos e a devastação histérica. Considerava-se, ainda, que o tratamento dependia da realização de atividades físicas, inalação de vapores, e, sobretudo, o coito. A crença na ausência do ato sexual, enquanto evento fomentador da doença, levava a uma idealização de que haveria uma “sufocação central”, em razão de uma fragilidade ou leveza do útero, capaz, doravante, de percorrer as entranhas do corpo enfermo. Nessa esteira de discussão, Platão se predispunha ao entendimento de que a matriz clamava por reproduzir-se e, por isso, rebelava-se, causando a oclusão da abertura do ar, acaretando as mais variados sintomas. Essa condição perpetuou ao longo das estações, sendo, apenas, no século XIX, contornada por novas concepções, sobretudo, pelas contribuições de Jean-Martin Charcot e Sigmund Freud. O primeiro, neurologista e médico francês, ao investigar o quadro da histeria, associou a afeção a um elemento biológico (hereditário), utilizando-se, para tanto, da hipnose como mecanismo de intervenção. Contudo, fora desacreditado pelos estudiosos de sua época. Todavia, chamou a atenção de Freud, o qual, durante algum tempo, acreditou no procedimento hipnótico. Posteriormente, o mestre vienense, em suas observações clínicas, constatou a resistência de alguns pacientes ao método de Charcot, abandonando-o em favor do modelo cartático. Com efeito, prosta-se a escutar as histéricas, o que leva o pai da psicanálise à compreensão da histeria como um componente da arquitetura do sujeito. É a partir dessa conjectura que pretendemos analisar o conto "Melhor do que arder", do livro "A Via Crucis do Corpo" (1974), de Clarice Lispector, em especial, a personagem Madre Clara. Enxergamos, em Clara, uma subjetividade marcada pelos imperativos de uma sociedade conservadora que oprime a sexualidade e a linguagem corpórea feminina, utilizando-se de um aparato religioso e machista. A protagonista sucumbe à repressão, a partir da qual emoldura seu corpo e seu psiquismo, fazendo germinar uma desmedida insatisfação que, embora recalcada, empenha-se em emergir à consciência, dando contornos ao seu mundo interno e externo. Destarte, a narrativa nos oferta uma visão do quão é impossível negar a sexualidade, que encontrará vias tortuosas para satisfazer-se, num movimento (des)equilibrado entre o profano e o divino.

Palavras-chave: Histeria; Literatura; Feminino

EXPRESSÕES MÓRBIDAS DO DESEJO: O CORPO COMO MERCADORIA EM A MANSÃO FEITA DE LAMA
Monik Giselle Lira Monteiro (UFPB)

Resumo: O erotismo é um tema recorrente na literatura mundial, quiçá em virtude da necessidade humana de lidar com as angústias do sexo, tornando-se, pois, um ato de autonomia e posicionamento político. Para Bataille (1897-1962), o evento erótico é uma tentativa de suprimir um limite. Ao falarmos sobre literatura erótica e feminina no Brasil, envolta a rupturas e continuidades, não podemos olvidar das grandes escritoras, a exemplo de Cassandra Rios (1932-2002) e Adelaide Carraro (1936-1992), que resistiram fortemente às perseguições promovidas pela ditadura militar. Ambas fizeram, de sua escrita erótica/pornográfica, um instrumento de denúncia política e uma ferramenta para expressão e manifestação do desejo sexual, algo que era tido como anômalo, devido ao contexto histórico da época. O presente trabalho propõe-se a resgatar, através de vieses psicanalíticos, com referências Freud-lacanianas, elementos literários que relevam a postura crítica e pornográfica da escritora Adelaide Carraro, em sua obra *A Mansão Feita de Lama* (1972). Nesta, a personagem Ana Lúcia, na tentativa de sair do sótão em que morava, negando-se, de maneira enérgica, à falência financeira de sua família, utiliza-se de sua juventude e beleza para seduzir o pintor Dino Paranhos. Vítima de seus desejos mórbidos, a protagonista envolve-se numa trama amorosa e devastadoramente erótica, onde os papéis de sujeito e objeto se confundem e se desfazem a todo instante. Passa, inclusive, a ter vários amantes, a fim de construir a sua tão desejada mansão. Seu sofrimento psíquico é tão violento que a faz desenvolver uma defesa paranoica, na qual, sob a ótica do mecanismo da projeção, encontra uma forma precária de suportar a realidade psíquica. Cada amante torna-se, em seu mundo interno, um cômodo de sua mansão, uma mera garantia de uma posição para o seu objeto de desejo. De acordo com os escritos de Freud (1895-1969), a paranoia tem como desígnio destruir uma ideia que é incompatível com o ego, que mobiliza mecanismos defensivos para lidar com a instância superegoica, projetando seu conteúdo no mundo externo. A recorrência da paranoia, de forma sintomática, tem por objetivo provar a pertinência da projeção.

Palavras-chave: Literatura; Erotismo; Psicanálise.

POR QUE NÃO FALARMOS SOBRE EVA? UMA LEITURA PSICANALÍTICA ACERCA DA MATERNAGEM
Marcília Poncyana Félix Bezerra (UFPB)

Resumo: Na mulher, em sua demanda de amor ao Outro, também existe uma demanda de ser: ela precisa que o Outro lhe fale para que seja ela, mulher. É nessa busca de amor e de reconhecimento de si mesma, que Eva submete-se à vontade de ter um filho, que não era sua e se depara com sua devastação. O romance “Precisamos falar sobre o Kevin”, de Lionel Shriver (2011), conta a história de um adolescente de 16 anos que comete o assassinato de 9 pessoas na escola em que estudava. Eva, sua mãe, diz da sua dor através de cartas à Franklin, marido e pai dos seus filhos, como uma forma de encontrar lugar nessa história que, muitas vezes, parece não ser sua e sim só de Kevin. Enquanto nos chocamos com a trama do romance e refletimos sobre o lugar dessa mãe no desenvolvimento de Kevin, através de um olhar crítico, indo além das idealizações sobre a maternidade, é possível questionar o que Eva tenta inscrever de seu, além da culpa que é colocada no seu lugar de mãe? De que lugar essa mulher realmente nos fala? A respeito da mulher, Lacan avança um pouco mais na discussão do feminino iniciada por Freud. Escreve sobre uma falta de significante para dizer da mulher: “a mulher não existe” (LACAN, 1974-1975); E é nessa impossibilidade de identidade feminina que se localiza a devastação. Disso, também vai dizer da dificuldade na maternagem ou da sua impossibilidade. A mulher tenta encontrar algo que responda a essa falta, endereçando a um Outro uma demanda de amor, que não pode ser respondida; desde o seu primeiro objeto de amor – a mãe, até as relações amorosas ao longo da sua vida. Ao se deparar com essa falta, no fracasso no encontro com o Outro, a mulher se devasta, por perder o que lhe dava certo amparo para sustentar seus semblantes, precisando, agora, lidar com essa falta. Eva

encara sua devastação na perda do lugar de mulher amada por um homem e não nos episódios do seu filho, Kevin, como se pode pensar. Nessa perspectiva, este trabalho se propõe a realizar uma leitura analítica deste romance, com o olhar voltado para o que Eva conta da sua dor ao ser exposta à falta. Utilizando-se das teorias psicanalíticas e apoiando-se em suas tentativas de responder questões da mulher e do feminino, buscamos discutir e fazer elaborações sobre a devastação.

Palavras-chave: Devastação; Mulher; Feminino.

1 de agosto

8h30

AS FILHAS DE SAFO: AMOR E HOMOSSEXUALIDADE À LUZ DA PSICANÁLISE

Ivanildo da Silva Santos (UFPB)

Resumo: A psicanálise, ao examinar as razões do amor, indica, de maneira, esquematizada, o que os filósofos e poetas já sabiam: o amor é uma felicidade indizível. A ordem moral, com suas crenças, valores e imposições, molda o comportamento íntimo de homens e mulheres. Nossa compreensão do amor foi moldada pela cultura. Ao longo de séculos, as relações amorosas são explicadas a partir de diferentes pontos de vista e respostas divergentes, colocando-nos diante da impossibilidade de apreendermos toda a verdade sobre o amor. A literatura ocidental introduz os lugares do discurso: o do amante e do amado, representando a linguagem solitária do sujeito amoroso. O conhecimento psicanalítico, por sua vez fornece o Outro, ao qual dirigir o amor: um vínculo amoroso que fornece respostas mais adequadas em comparação aquilo que encontramos no cotidiano. Sendo assim, verificamos a influência do inconsciente social e cultural sobre os significados atribuídos ao amor. No discurso moralista sobre o amor, podemos notar as imposições colocadas às mulheres e sua sexualidade. A nossa cultura silencia o direito da mulher de ser atuante sobre os seus desejos, sobretudo das que amam outras mulheres, sempre resistentes, aos imperativos femininos. Nessa experiência de libertação do desejo, tais sujeitos parecem assumir uma posição de autonomia sobre as partes do seu corpo, permitindo-se ao prazer. O desejo homossexual feminino é apenas mais um dos destinos da pulsão sexual humana, não atrelada ao instinto, como nos animais. Ou seja, a homossexualidade feminina não é vício, degradação ou doença. Nesse contexto, a literatura de temática lésbica interpreta uma luta pela visibilidade do universo lésbico, suas maneiras de sentir, modos de ser e perceber o mundo e si mesmas. Este diálogo como desconstrói o condicionamento ao amor patriarcal, possibilitando ao amor lésbico o direito à aceitação e criação de modelos para denominar suas relações, sendo capazes de se interrogarem a respeito dos moldes a partir das quais enxergam suas experiências eróticas. Assim, propomo-nos examinar o conto Primeiras Vezes, escrito por Natalia Borges Polezzo, cujo enredo centra-se numa moça e seu desejo amoroso pelo mesmo sexo. Seu comportamento busca a extraordinária sensação de abraçar o estranho, como o enigmático caminho da descoberta de si, livre de opressões e imposições. O texto culmina na liberdade da personagem para amar e desejar. O amor mostra-se como o alibi para a concretização do desejo. Almejamos identificar os percursos, de modo a compreender os signos que cercam o desejo, gozo e amor da protagonista. Para tanto, recorreremos aos estudos de Sigmund Freud (1920), Jacques Lacan (1985) e Paulo Ceccarelli (2008).

Palavras-chave: Psicanálise; Literatura, Sexualidade

O EROTISMO POÉTICO DE GILKA MACHADO E SIMONE TEODORO

José Antonio Santos de Oliveira (UNEAL); Luiz Felipe Verçosa da Silva (UNEAL)

Resumo: A mulher tem conquistado cada vez mais seu espaço nessa literatura ainda tão masculina, externando seus sentimentos, desejos sexuais latentes e, sobretudo, manifestando críticas à sociedade, utilizando o texto literário como sua voz, a exemplo disso está Gilka Machado, percussora da poesia erótica no Brasil, uma das primeiras mulheres a desnudar o corpo feminino, afrontando piamente, por conseguinte, os padrões sociais/literários de sua época, já que sua escrita nua e sensual ganhava sentido à medida que externava a libido da mulher, coadunando-o aos elementos

peculiares do gênero poético. Na contemporaneidade, tem-se Simone Teodoro, poetisa mineira, que discute dentro de sua poética transgressora, questões de gênero por meio das suas palavras, repletas de metáforas de segundo grau e, conseqüentemente, um alto nível estilístico, no qual ela constrói os desejos e sensações homoeróticas com proficuidade, ao modo que desconfigura os padrões literários. Por esses motivos, este trabalho objetiva analisar os poemas *Fecundação* da primeira escritora (publicado em 1928, em sublimação), porque tal manifesta a libido feminina da autora por meio da sua escrita marcante, além da sensualidade ao relacionar as palavras ao corpo em meio ao ato sexual e *Profanação na teia*, do livro *Distraídas Astronautas* (2014), cujo erotismo concretiza-se nos versos imagéticos de uma relação sexual homoafetiva, comparando a figura feminina à aranha com sua presa, isto é, descreve por meio do jogo metafórico, o sexo e certas características desse momento de prazer entre duas mulheres, ou seja, revela, de certo modo, que o aspecto de submissão da mulher em relação ao homem fica de lado ao compreender a força feminina no sexo. Portanto, a presente comunicação pretende estudar o modo pelo qual as escritoras expõem seus desejos sexuais em cada obra, enfocando, principalmente, os aspectos eróticos construídos. Analisando como a condição do ser erótico está interligada com o processo de metamorfose da mulher, que encontrou apenas no universo da Literatura, o principal reduto para a manifestação de seus anseios e o lugar onde puderam se encontrar ou se perder enquanto seres racionais. Passeando pelo âmago do conceito de erotismo para explicar essas relações e revelar que esse estado de excitação sexual, é, assim como Bataille (1987) explica, a forma com que a mulher resiste mediante aqueles que menosprezaram a sua subsistência. Apresentando como o erotismo é fundamental para autonomia da mulher enquanto ser humano e como suas ferramentas auxiliam no seu autodescobrimento, dando-a a oportunidade de serem substantivos próprios e não mais adjetivos ou complementos nominais. E tentando dar uma nova roupagem a esse conceito ainda tão enigmático e delicado de texto erótico, bem como afirma Durigan (1985), visualizando essa definição a um estado de plenitude existencial da mulher e não como um processo banal ou uma ação imoral. Dentro dessa perspectiva, percebe-se como o erotismo se personifica e consegue unificar por meio da palavra duas autoras (Gilka Machado e Simone Teodoro), que são tão distintas de épocas, estilos e narrativas, mas se assemelham pela voz de seus eu líricos. Um grito daquelas que anseiam por liberdade, mesmo que tardia.

Palavras-chave: Erotismo; Gilka Machado; Simone Teodoro

PAZES E SENSações DO ATO ERÓTICO NO POEMA O CHÃO É CAMA, DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Ronaldo Gomes dos Santos (UNEAL); Joelma Correia da Silva (UNEAL)

Resumo: Para pensar o erotismo na literatura brasileira, é necessário entender o texto erótico como metáfora da sexualidade esboçada no gozo da palavra. Segundo Durigan (1985) no texto erótico o leitor apreende um conhecimento sobre o prazer, o que demonstra o texto erótico como uma representação de formas de prazeres e sensações. Por isso, entendemos o erotismo como sendo a busca psicológica da realização das fantasias, o que pode ser definido ainda como sexualidade transfigurada pelas imaginações e pelo desejo, sendo o impulso sexual uma tentativa de buscar a realização das fantasias psicológicas presentes nos desejos sexuais transfigurados pelas imaginações de uma personagem, ou de eu-lírico. Para Nascimento (2003) a relação entre erotismo e poesia se estabelece da seguinte maneira: o erotismo é uma metáfora da sensualidade, em que o sexo como protagonista do ato erótico adquire representações que reverberam aspectos da vida e das experiências interior do homem. Partindo dessas discussões, nosso intuito é analisar a construção do erotismo como representação do amor e dos desejos na forma poética de *O chão é cama*, de Carlos Drummond de Andrade. Toda essa erotização do poema remete imediatamente a uma desinibição do eu-lírico diante das delícias que atraem o corpo para o ato erótico, uma forma de incorporar como ato de vida as sensações sexuais, ou também para satisfazer os desejos irrealizáveis do próprio “eu”. Mostrando um discurso da necessidade de ser rápido para urgência no amor, isso se caracteriza também no tamanho do poema. A necessidade de concretizar o ato leva a lugares

improvisados, nos deixando imaginar em um desejo incontrolável. Um detalhado encontro carnal onde se concretiza o desejo. E logo após o ato e exaustos do gozo vão procurar repouso na cama. Quando o poeta fala de amor natural, ele descreve o erotismo em forma de desejo e concretude do impulso amoroso entre os amantes, ou seja, um ritual amoroso entre duas pessoas. Uma presença marcante do erotismo físico, que está ligado aos dois sexos. Uma das características principais é a forma que se organiza o masculino e o feminino, não há a presença destorcida dos sexos. Quando suas almas desejam a renovação da essência das relações sexuais, desejando ardentemente encontrar o verdadeiro amor. Cada um dos sexos busca o outro com a única esperança de conseguir a maior satisfação possível de prazeres espirituais e físicos para si, ou como aponta Bataille (1987) a própria recorrência da continuidade. Cada um utiliza o corpo como simples instrumentos para concretude desse ato. É a habilidade de sentir o próprio corpo e ser capaz de controlar suas reações de maneira a obter maior prazer e felicidade, contrariando as interdições.

Palavras-chave: Erotismo; Poesia; Drummond.

CONFISSÕES OBSCENAS PARA UMA DONA DE CASA: REGISTROS (IN)CERTOS DO GOZO

Maria Geneceleide Dias de Souza (UFPB)

Resumo: A comunicação propõe a leitura analítica do conto “Obscenidades para uma dona de casa”, do escritor Ignácio Loyola Brandão. Considerando os pressupostos psicanalíticos e teóricos sobre a sexualidade feminina apresentados por Dolto (1996), Freud (2016) e filosóficos de Beauvoir (2016). Discute-se na análise a construção da obscenidade, interdito, transgredido, que impulsiona a ação para a continuidade do sentido de existência da personagem feminina no contexto da instituição do casamento, precipitando-se como eixo de rompimento e desenvolvimento da sexualidade, enquanto estrutura representativa do desejo da mulher. Aliando-se a essa leitura a própria interface do erotismo como imagem, signo e palavra. O conto se desenvolve a partir das ações da personagem. Uma mulher casada, com filhos, que sente profundo anseio na expectativa das cartas que tem recebido. Porém, tem receio das cartas serem descobertas por outras pessoas, pelo seu teor sexual, que ora fala “os bicos dos teus seios saltam desses mamilos marrons procurando a minha boca enlouquecida”. Ora demonstra mais ousadia, “a tua boca engolindo inteiro o meu cacete e o meu creme descendo pela tua garganta, para te lubrificar inteira”. Tais correspondências têm despertado o seu desejo, “ficava excitada só em pensar”. A tessitura destas frases desenha o gozo corporificado pela palavra, colorindo novas possibilidades de expressar a sua sexualidade. A palavra vai compondo novos contornos na rotina da dona de casa, alcançando o desenlace autoerótico no corpo a partir das suas subjetividades. De acordo com os pressupostos de Simone de Beauvoir (2016) a mulher é compelida para a instituição do casamento, bem como, fica subalternizada à figura masculina, e sexualmente se torna passiva, suprimindo a vida erótica. No entanto, a protagonista procura descortinar a sua rotina através das leituras das cartas obscenas. Moraes & Lapeiz (1985) explicam que o obsceno é aquilo que fere o pudor, mas deixa revelar o impuro, “colocando em cena aquilo que deveria estar nos bastidores”. O obsceno em uma leitura estreita com a pornografia pode explicá-la “como o discurso veiculador do obsceno”. Sendo, aquilo que se mostra, mas, no entanto, deveria estar escondido, “o sexo fora de lugar”. Dessa maneira, essa mulher adorna configurações de um desejo despertado pela palavra. Para Françoise Dolto (1996) o desejo se organiza no campo da linguagem. “A linguagem trocada com o outro, a recordação das palavras ditas, se revestem de sentidos. O próprio corpo se torna um meio de lembrança do outro”. “Na ausência de palavras trocadas com o ser amado, todo indivíduo reencontra a linguagem do seu corpo subjacente à linguagem das palavras, alívio de sua dor”. Desse modo, a protagonista transfere a sua energia libidinal para o próprio ato de sentir-se desejada. Com efeito, encontra-se moralmente compelida a falar dos seus desejos com o marido. Ela reconfigura pela linguagem novos sentidos.

Palavras-chave: literatura; Sexualidade feminina; Psicanálise.

PRELÚDIOS DO GOZO: ANGÚSTIA E EROTISMO NA PROSA DE HILDA HILST

Mariana Pinheiro Ramalho (UFPB)

Resumo: É frequente, no discurso de indivíduos leigos, a utilização do termo perversão com base na definição do dicionário, “ato ou efeito de perverter(-se); corrupção; depravação; desvio da normalidade de instinto ou de julgamento, devido a distúrbio psíquico”. Outrora, tais concepções já eram vigentes, numa época em que a constituição religiosa e os “bons costumes” eram estimados por uma sociedade, na qual os diferentes eram vistos como um contingente de doentes, semiloucos, tarados ou degenerados, equivalentes àqueles pertencentes às classes perigosas, intimados a se comportarem de acordo com a “normalidade”, correndo o risco de exclusão da própria espécie humana. Em meados do século XIX, a medicina, representada por grandes psicopatólogos, reconhece o “perverso” não como o indivíduo que desafia à Lei e a ordem natural do mundo, mas como aqueles cujo instinto representa bestialidade e falta de civilização. Baseando-se nas definições da psiquiatria da época, Sigmund Freud resolveu estudar esses “desvios sexuais” que, até então, só foram descritos pela perspectiva médica, construindo um aporte teórico sobre a perversão. Em Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, Freud debruça-se sobre a criança, enquanto ser sexual, e sobre sua característica perverso-polimorfa, afirmando que ela, sendo diminutamente saudável, seria capaz de experimentar o prazer em múltiplas formas, em diversas zonas do corpo e com inúmeros objetos. À vista disso, analisamos como a polimorfia perversa se apresenta na personagem Lori, da obra “O Caderno Rosa de Lori Lamby”, escrito por Hilda Hilst, em 1990. A narrativa é carregada de metalinguagem, metafísica e “implicações hegelianas”, com poucos personagens, sendo eles: Lori, seus pais, o editor Lalau e o cliente Abel. A obra é apresentada ao leitor em forma de diário, mostrando os registros de uma menina de oito anos que vende seu corpo incentivada por seus pais proxenetas. A protagonista, Lori, ao contrário do que a premissa social teria como correto e esmagando as concepções sobre prazer, sexo, pudor e imoralidade, relata em seu caderno, com uma linguagem puramente erótica, que gosta e sente prazer nos encontros que realiza ao longo da narrativa. Destarte, o trabalho tem como objetivo analisar, na prosa pornográfica, os espectros da sexualidade experienciados pela protagonista, com base nos estudos de Freud (1905) e Ferenczi (1924).

Palavras-chave: Hilda Hilst; perversão; psicanálise

ENTRE O ESTRANHO E O FAMILIAR: (DIS)POSIÇÕES HOMOERÓTICAS EM GAJETÉ PARISIENNE, DE BENOÎT DUTEURTRE

Anderson Gustavo Silva Macedo Pereira (UFPB)

Resumo: Nos dias de hoje, a homossexualidade ainda é vista como algo repulsivo, mesmo para muitos indivíduos que são homossexuais. Por não ser plenamente aceita, é um tabu que envolve, em termos pulsionais, recusa e desejo. É uma relação de ambivalência, pois, proíbe-se algo que é desejado (FREUD, 1913), numa lógica repetitiva marcada pelo impulso de violar a proibição, que persiste no inconsciente, e o medo de perder-se no pleno gozo. Não à toa, “as coisas estranhas”, conquanto familiares, localizam-se dentro do campo do que é assustador, emergindo, inevitavelmente, à revelia do próprio Eu. A rejeição à condição homossexual, amiúde, dificulta o processo de auto-aceitação, de modo que a angústia invade o corpo e paralisa o psíquico. Como não há liberdade para ser o que se é, o que ocorre é a manutenção existencial mantida por um superego intumescido (FREUD, 1929). Caso todos resolvessem demonstrar, verdadeiramente, quem são, o mal-estar seria generalizado. Para o “bem” da civilização, em prol da manutenção do poder, o indivíduo é oprimido em suas pulsões e vive em estado de insatisfação, trilhando caminhos tortuosos, rumo àquilo que insiste em negar. Diante disso, no presente trabalho, debruçamo-nos sobre a obra “Gaieté Parisienne”, de Benoît Dutertre. O romance foi lançado em Paris, no ano de 1996. O personagem principal se chama Nicolas, um jornalista parisiense bem-sucedido, mas melancólico, pois sua vida amorosa não funciona tão bem quanto sua vida profissional. Ele sai com Cléopâtre, uma amiga inglesa e florista. Todavia se interessa mais pelos garotos. Suas relações sexuais são, em geral, conturbadas. Ao se relacionar sexualmente com Jeff, fica incomodado pelo fato de ele dizer “não sou gay” repetidas vezes, enquanto masturbava-o. Nicolas decide, então, frequentar boates a fim de encontrar um amor e deixar sua solidão. É onde ele conhece Julien, um

jovem estudante de administração por quem se apaixona. Mas a primeira noite de amor entre os dois é um fracasso, o que faz Julien perder o interesse no jornalista e desenvolver uma relação homoafetiva com o melhor amigo de Nicolas, Michel. O jornalista vive em conflito pelo fato de ser homossexual, mas não agir como um, o que é apontado por Julien e Michel como algo negativo. Ambos dizem que Nicolas está na fronteira entre a homossexualidade e a homofobia. Ele começa então a frequentar a casa de Julien e Michel e tenta seguir o modo de vida “gay” dos dois. O presente trabalho busca discutir o conflito homossexual e a busca de identidade de Nicolas.

Palavras-chave: Psicanálise; Homoerotismo; Desejo

**1 de agosto
14h30**

EROS ENLUTADO: A PERVERSÃO NO MITO MEDUSA REPRESENTADA NO BARROCO E NA CONTEMPORANEIDADE

Amanda Ramalho de Freitas Brito (UNEAL)

Resumo: O presente artigo tem como corpus de análise uma leitura comparativa da representação do mito da Medusa, a partir da perspectiva enlutada de eros, na pintura barroca Medusa, de Caravaggio; na escultura contemporânea Medusa, do artista carioca Ney Sayão e no poema decadentista Os meus cabelos, da poetisa portuguesa Judith Teixeira. Parte-se da premissa da representação de mito como arquétipo da própria configuração da mulher na sociedade contemporânea, associada, em uma variante, à perspectiva plural do entendimento de medusa. De acordo com Grimal (2004), a construção do mito passou por variações, compreendendo Medusa inicialmente como Górgona, encarnação aterrorizante da morte, posteriormente como vítima, inserida em um ciclo de relações punitivas, ancoradas, ora na rivalidade estabelecida com Atena, em decorrência da beleza dos seus cabelos, ora por ter sido violada no templo sagrado de Atena por Poseidon. Percebe-se, já nessa apresentação do tema que a construção do mito interliga-se às prospecções de eros, acessadas pela presença da beleza e do sexo. Com efeito, a construção monstruosa do mito, enquanto representamen da morte, instaura-se pelo processo de fusão da mulher com a possibilidade do ato erótico. Em uma relação triádica (mulher-cabelo-sedução): a mulher é representada pelos cabelos, símbolo da sedução. Para Chevalier e Gheerbrant (1998) a cabelereira representa, frequentemente, o poder feminino “do desejo de entrega ou reserva”, ainda significando simbolicamente o poder da terra, à vegetação. Esse poder associado à mulher produz um temor no homem, assim, provocando, o ato punitivo de uma sociedade centrada em valores falocêntricos. O mito como signo dos medos e dos conflitos tanto das sociedades antigas como modernas, apresenta Medusa como a corporificação do medo. Como coloca Galdós, Ruiz e Estramiana (2007), o arquétipo da mulher nas figuras de personagens como Pandora, Medusa, as bruxas medievais, denomina-se como construção de um poder misterioso, desconhecido, ligado à sedução, enquanto projeção da libido que precisa ser controlada, por isso, a punição, a cabeça cortada de Medusa, tornando-se símbolo de proteção contra o prazer sexual, o que está posto na veste de Atena. Segundo Freud (1996, p.176), no texto intitulado A cabeça de Medusa, “Atena, que traz a cabeça de Medusa na sua couraça, torna-se por meio disso a mulher intocável, cuja visão sufoca qualquer pensamento de uma aproximação sexual”. Nesse sentido, o mito será analisado comparativamente por meio de uma discussão desenvolvida em torno de um eros enlutado pela perspectiva de perversidade identificada nas composições de Medusa, destacando a sua compreensão contemporânea da violência sexual sofrida pela mulher e recuperada, por exemplo, na escultura de Sayão. O próprio conceito de perversão é associado na psicanálise à sexualidade, e como desvios atípicos dessa manifestação, ideia refletida por Freud, ou como coloca o pensamento de Stoller (2015), no ato perverso há uma relação de hostilidade entre a ação e o objeto. Assim, O gozo da imagem reflete nas obras analisadas o pathos da persona feminina.

Palavras-chave: Mito; Mulher; Perversão; Erotismo; Arte.

O GOZO SUBLIME DA MORTE: UMA ANÁLISE DE MACÁRIO, DE ÁLVARES DE AZEVEDO

Aristóteles de Almeida Lacerda Neto (IFMA); Janilson Silva dos Santos (IFMA)

Resumo: O presente trabalho propõe uma análise da obra Macário, de Álvares de Azevedo, na qual se faz uma contraposição entre o erotismo como pulsão de vida e a morte enquanto esplendor máximo da experiência sexual. Um dos expoentes da geração ultrarromântica Brasileira, a obra de Álvares de Azevedo tem como traços marcantes a melancolia; o sofrimento diante da condição humana; o tédio acerca da repetitividade da vida e a “binomia” – aproximação de temas extremos. Na obra analisada, uma peça teatral, temos como protagonista Macário, jovem viajante que casualmente encontra-se com Satã numa estalagem, e com quem passa a compartilhar a narrativa de suas venturas, desventuras e desesperanças. A morte é elemento basilar na obra; mas o traço de excepcionalidade que marca seu uso é a constante relação que se faz dela com o sexo, numa dialética que confere um tom funesto à obra, de modo que, se para George Bataille o gozo é uma pequena morte, para Macário, ela é o gozo sublime. A análise foi realizada valendo-se do arcabouço teórico de Freud, que concebe o erotismo como pulsão humana, diferenciando-se as duas concepções do protagonista sobre o sexo: a primeira como fome impura a ser constantemente saciada, independente daquela com que se sacia; e o sexo praticado com uma mulher amada, idealizada como perfeita e imaculada, e com a qual a experiência torna-se sublime, de modo a suprir e esvaziar o sentido da vida, tornando a morte um ápice esplendoroso para tal experiência. Ademais, para consubstanciar nossas conclusões, utilizamos da relação entre atividade sexual e sacrifício abordada por George Bataille, de modo a permitir a tangência entre os elementos sexo e morte.

Palavras-chave: Erotismo; Morte; Álvares de Azevedo.

SEMBLANTES (IM)PERFEITOS DA PERVERSÃO: QUANDO A DECOMPOSIÇÃO ENCARNA O OUTRO

Letícia Simões Velloso Schuler (UFPB)

Resumo: A dor é inerente ao ser humano desde sempre, e sua compreensão sempre preocupou a humanidade. Conhecer a trajetória histórica das inúmeras tentativas de conhecer o sintoma permite refletir sobre as bases dos conhecimentos que resultaram nos conceitos e teorias modernas. Para os homens primitivos, tal ocorrência era atribuída a demônios e espíritos, e seu tratamento resumia-se no uso de amuletos e feitiçarias para afugentar as entidades que causavam a dor. Hipócrates, na Grécia antiga, formulou a teoria dos quatro humores: sangue, fleuma, bile negra e bile amarela que, em desequilíbrio, resultavam em dor. Após esse postulado, outras explicações foram criadas, e a partir do século XII, o Cristianismo passou a influenciar a preocupação com relação à dor: por um lado era vista como uma forma de provação divina, que deveria ser tolerada; por outro lado, a encarnação de Cristo e seus tormentos na cruz, era a outra justificativa utilizada naquela época. A Renascença, o Período Clássico e o Iluminismo também formularam suas teorias no que se refere às noções da dor, ou seja, seu entendimento e explicação é algo que perpassa a história. No século XIX, a psiquiatria inicia as classificações das práticas sexuais e analisa a dor como obtenção do prazer. Nessa esteira, o psiquiatra austríaco Richard von Krafft-Ebing, compreendeu os itinerários da sexualidade como anômalos e dolorosos, sobretudo no que concerne às pulsões masoquistas e sádicas. Utiliza-se de um parâmetro exclusivamente biológico, a reprodução, para definir os comportamentos sexuais “desviantes”. Para o psiquiatra, todo o prazer natural deve corresponder à preservação da espécie e, quando isso não ocorre, é considerado uma patologia. O sadismo seria, para ele, o ato de provocar dor e humilhação ao outro, enquanto o masoquismo caracteriza-se pelo prazer de se fragilizar e se submeter ao objeto amado. Em seus estudos, Freud discorda do ponto de vista de seu predecessor, no que tangia a natureza e a etiologia das “aberrações”. Freud não considerava que a razão para essas práticas repousasse, estritamente, no campo da biologia. Os dois conceitos, sadismo e masoquismo, como componentes da sexualidade humana, fazem parte da sua natureza e se encontram em diferentes proporções no mesmo indivíduo. Destarte, o presente trabalho, alicerçado nos constructos teóricos freudianos, debruçar-se-á sobre o conto Avalanche da escritora brasileira Leila Guenther (2006), a fim de demarcar e analisar a representação

sadomasoquista presente na narrativa, que nos expõe o encontro entre um sádico e uma masoquista, repleto de relatos, anseios e desejos.

Palavras-chave: Literatura; psicanálise; erotismo.

PEDAGOGIAS DA PODRIDÃO: QUANDO A VIRTUDE ABANDONA A CARNE

Matheus Pereira de Freitas (UFPB)

Resumo: Em 1905, o psicanalista Sigmund Freud publicou um de seus mais importantes trabalhos, Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Nesse estudo, Freud irá traçar a trajetória sexual dos infantes, os quais apresentam uma potencialidade perversa-polimorfa em sua fase pré-genital, ou seja, a fase em que as zonas genitais não assumiram o papel predominante na sexualidade do indivíduo. A perversão-polimorfa é justamente assumir que todo o corpo do infante é uma zona erógena, capaz de sentir prazer em toda sua extensão. Dessa forma, determinados sujeitos reverberam, na vida adulta, esses traços polimórficos em sua atividade erótica. O presente artigo tem como objetivo utilizar-se do aparato teórico oriundo da psicanálise para analisar uma das obras literárias mais icônicas da perversão, Filosofia na Alcova, de Donatien Alphonse François, o Marquês de Sade, referência da literatura erótica/pornográfica francesa. Na obra, acompanharemos a instrução de Eugénie, por Sant-Ainge e Cavaleiro. Estes conhecerão Dolmancé, mestre na arte de elevar seus gozos ao suprasumo da libido. Eugénie e seus professores irão explorar o erotismo máximo de seus corpos, fazendo de cada lição, na alcova, uma prática que logo é executada pelos sujeitos da narrativa. Abordando temas como incesto, estupro, adultério, espancamento e sodomia, Sade fará quadros icônicos na literatura erótica mundial, utilizando-se de uma abordagem filosófica e irônica. O autor usar-se-á dessa construção para criticar os dogmas sociais e religiosos que permeavam a França recém republicana, trazendo uma perspectiva diferenciada dos iluministas de sua época, sobretudo Rousseau. Fica claro, em Filosofia na Alcova, os ataques de Sade à tese do “bom selvagem”. O objeto de análise será a alucinante Eugénie, cuja volúpia e desejos aumentam à medida que a narrativa avança, expondo as nuances do gozo perverso (a motivação máxima desses personagens atuantes do desejo). Para tanto, usamos os escritos psicanalíticos de Sigmund Freud (1920), Melanie Klein (1927) e Jacques Lacan (1968). Destarte, também recorreremos aos estudos de Georges Bataille (1957), acerca do erotismo, além de sua comunicação contínua com o universo sadiano. Como aporte complementar, debruçarmo-nos sobre a escrita de Eliane Robert (1994), em sua travessia crítica pela obra do Marquês, que põe em destaque seus conceitos e suas principais características. Pretendemos, dessa forma, investigar o esporrar boêmio dessa personagem recém-libertina.

Palavras-chave: Literatura, Psicanálise, Sade.

ENQUADRES DA PERVERSÃO: DA INTEGRAÇÃO DO EU ÀS FRATURAS DO OUTRO

Lucas Leite Borba (UFPB)

Resumo: A palavra pornografia deriva do grego pornographos, que significa, literalmente, escritos sobre prostitutas. Assim, em seu sentido original, o termo refere-se à descrição da vida, dos costumes e dos hábitos das prostitutas e de seus clientes. Mais tarde, a pornografia torna-se uma categoria literária, um lugar privilegiado para tratar de sexo, forjando espaços, onde tudo é liberado, mas nem tudo é permitido, já que várias obras do estilo foram censuradas. Segundo Eliane Robert (1987), a pornografia, que esteve sempre desbravando o mundo e erotizando a vida social, impulsiona estudos e pesquisas acerca da sexualidade, desmitificando o tabu que rodeia o sexo. Revela, ainda aquilo que se sente vergonha, ao expor os desejos obscuros que os seres humanos tentam acobertar. Ela põe em cena o voyeurismo, pois, (re)ativa a condição “passiva” do leitor/consumidor, numa experiência escópica de letargia e violação, que faz transbordar o caráter plástico da sexualidade, expondo o corpo nas suas mais diversas fraturas. Ela ilustra a potência das pulsões, permitindo que seus leitores/consumidores aproximem-se de seus desejos mais profundos e tortuosos, os quais não são passíveis de serem realizados plenamente, fora do mundo onírico das fantasias sexuais. As práticas sexuais, descritas pela literatura pornográfica, realizam-se, em geral,

por meio do anonimato, pois, as pulsões mais fortes, tendem a ser as mais grotescas, e, assim, repelidas pela cultura social. Destarte, alinharemos a historicidade da pornografia com os estudos psicanalíticos de Freud a respeito da sexualidade, a fim de debruçarmo-nos sobre a obra *O amante detalhista*, do escritor argentino Alberto Manguel, publicado em 2005. Durante a narrativa, somos introduzidos ao personagem Anatole Vansanpeine, um homem que trabalha em uma casa de banhos e possui grande habilidade e paixão por fotografia, além de, uma obsessão por partes do corpo humano. O enredo nos conduz pelo cotidiano do artista, que goza não com a totalidade dos corpos, que fotografa secretamente através de uma fechadura das saunas e banheiros de seu local de trabalho, mas com as partes, por vezes não identificáveis, destes. Manguel nos introduz a uma peculiar forma da sexualidade, fragmentada, fotografada, fetichizada e que se realiza no anonimato e na privacidade domiciliar, do solitário Anatole. Neste trabalho, buscamos desbravar os espectros do desejo e da sexualidade vivida pela personagem construída por Manguel, tomando como base os conceitos psicanalíticos acerca da perversão e do fetichismo.

Palavras-chave: Literatura; pornografia; psicanálise.

INSTINTOS PERVERSOS: A VIOLAÇÃO DO CORPO FEMININO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Taina Telles Cardoso (UFPB)

Resumo: Considerado um ato de violência, de extrema brutalidade, o estupro (coito forçado) é uma agressão sexual, podendo envolver outros atos libidinosos contra a vontade da vítima. Este, que se encontra em estado de vulnerabilidade, é forçado, ao coito não consensual com o agressor. O estuprador age como se sem ética, que não codifica as regras sociais, seguindo apenas as suas pulsões animais, sendo, portanto considerado um sujeito primitivo que não recalca seus desejos eróticos. O estuprador, então, diante da negação da autoridade do outro, se vê no direito de objetificar o corpo do outro através do ato sexual não consensual. O estupro fora considerado uma prática recorrente na sociedade da Grécia antiga, na qual nota-se, através das mitologias, a presença recorrente desta violação sexual contra as mulheres, seguido. No antigo regime (séc XVI-XX), o estupro era reconhecido como violência, mas não era julgado nem punido, e, até os dias atuais, é considerada uma violência invisibilizada por causa da desvalorização da mulher, temos visto o reflexo desta cultura na sociedade contemporânea ocidental. Notamos que, no atual contexto, o machismo é reafirmado através da cultura do estupro a qual objetifica o corpo feminino, provocando a culpabilização e o aviltamento da vítima junto com o silêncio diante de tal brutalidade. A dominação masculina e a subordinação feminina estão, claramente, legitimadas nessa cultura do estupro e da desvalorização da mulher, assim como a personagem do livro *"Oh..."* do autor francês Philippe Djian (2012). A obra conta 30 dias da história da vida de uma mulher após sofrer um estupro. Michele, no auge dos seus 50 anos, é bem sucedida profissionalmente e mantém um relacionamento amoroso com o marido da sua melhor amiga. Nas primeiras páginas da narrativa, o leitor se depara com a violência sexual e física que sofre a personagem por ser estuprada por um homem encapuzado na sua própria casa. No entanto Michelle não o denuncia. O estupro que ocorre na narrativa na perspectiva da psicanálise é considerado um ato perverso, sendo essa uma ação violenta que designa a degradação orgânica e o desvio sexual, onde o estuprador desmoraliza a vítima e a corrompe através de uma violência muito maior do que a violação sexual, resultando, na montagem perversa. Com referência aos estudos da estrutura perversa, recorreremos às premissas Freudianas, seguidos das referências clínicas de Ferraz (2010) e o percurso histórico de Vigarello (1998).

Palavras-chave: Psicanálise; Estupro; Estrutura perversa

2 de agosto

8h30

DOS CIRCUITOS ORGÁSTICOS AOS TRANSBORDAMENTOS LIBIDINAIS: QUANDO O FEMININO ESTRANGULA O FALO

Silvio Tony Santos de Oliveira (UFPB)

Resumo: Desde os primórdios da sociedade ocidental, o feminino resiste, a seu modo, às imposições do patriarcado. Antes do alvorecer dos grandes impérios da antiguidade, a sexualidade feminina comungava do caráter germinativo da terra. Era o tempo da libertação da volúpia feminina, onde o corpo da mulher é alçado a patamares sagrados, por meio de uma religião politeísta e fortemente influenciada por divindades femininas associadas à fertilidade, figurativizadas por curvas acentuadas, quadril e seios fartos. Todos elementos que remetem à fertilidade feminina. A partir da insurreição do patriarcado, mas, principalmente, pela ascensão do cristianismo entre os séculos III e IV d.C. O corpo feminino passa a ser amordaçado pelos dizeres do pecado, discurso que encontra alicerce nas interpretações católicas das sagradas escrituras, no que concerne à figura da mácula de Eva. Desta forma, a sexualidade feminina é concebida como ideal, quando de acordo com o caráter procriador, também alicerçado nos escritos bíblicos. O desejo sexual, por ventura permitido, é um bel-prazer restrito ao masculino e o corpo feminino é o instrumento para obtenção do gozo sexual deste. Assim, a mulher passa a ser a transfiguração da face pecaminosa do diabo e sua sexualidade entendida como armadilha para aqueles que se entregam aos prazeres carnavais. Nesse âmbito, a arte literária, em sua função mimética, em alguns momentos, alberga personagens femininos que se mostram transgressores quanto aos valores construídos e atribuídos, de forma distorcida, às mulheres quanto a sua sexualidade. O presente trabalho, por meio dos enlaces entre Literatura e Psicanálise, tem por objetivo fomentar reflexões acerca das representações do gozo fálico feminino, as quais se espargem na obra *Christel*, a universitária violentada (1980), da escritora Majorie Grant. O corpus mimetiza personas femininas transgressoras, capazes de subverter valores que dialogam com a opressão patriarcal. Apresenta, ainda, discursos e imagens que reivindicam o protagonismo de sua sexualidade feminina. É por meio de um discurso libertino, que as personagens promovem um transbordamento libidinal, que implica no ato de gozar do corpo masculino, sem menções a interditos. Outras questões nos impelem a esse percurso de pesquisa, como por exemplo: que valores patriarcais são colocados em xeque pelas personagens ao obterem o gozo fálico? Como o(s) parceiro(s) sexual(is) concebe(m), no universo diegético da obra em foco, os mecanismos de vazão libidinal femininos? Para tanto, recorreremos aos pressupostos de Sigmund Freud (1856 – 1939), acerca da sexualidade feminina, e de Jacques Lacan (1901 – 1981), com suas teorizações sobre o gozo e a teoria da sexuação humana.

Palavras-chave: Literatura; Psicanálise; Gozo; Sexualidade; Mulher

CORPO, SEXO E PODER: A (IN)DISCIPLINA PORNOGRÁFICA NO MUNDO VIRTUAL

Thiago Guilherme Calixto (UFPB)

Resumo: A expansão do acesso à internet, nas duas últimas décadas, tem possibilitado novas formas de compartilhamento de conteúdo e proporcionado uma facilitação inédita do consumo de material pornográfico. A privacidade e a comodidade ocasionado pela internet são dois aspectos fundamentais para a popularização da pornografia nesse meio. Dessa forma, o indivíduo tem a sua disposição um canal anônimo que o resguarda de uma exposição social indesejável, tendo em vista que o consumo de conteúdo pornográfico é socialmente considerado imoral e tido como uma prática condenável. Assim, o sujeito que, anteriormente, recorria a bancas de revistas, locadoras de fitas cassetes e a cinemas para ter acesso a pornografia, agora, por meio da internet, encontra uma forma rápida, muitas vezes gratuita e segura. Tal fenômeno tem modificado as relações entre o indivíduo e a pornografia, formando assim uma rachadura que tem possibilitado de um lado o afloramento de desejos outrora recalcados pelo sujeito e do outro o aumento na produção e diversificação do conteúdo pornográfico veiculados por sítio pornográficos. Dentro desse cenário surgem gêneros, como o Hentai, que é uma abreviação da expressão Hentai seiyoku que significa ‘perversão sexual’, ‘conduta anormal’. O termo tem sido utilizado, no Brasil, para designar diversos conteúdos de animações pornográficas que são divididos em múltiplos subgêneros que consideram a diversidade sexual e a constituição particular de cada personagem na animação para formar uma classificação bastante fluida. As diversas fantasias expostas nas animações e sua própria constituição

quanto gênero evocam estímulos sexuais que, em sua maioria, são recalçados pois esbarram nas concepções morais edificadas pela Cultura Ocidental, dessa forma, o indivíduo pode apresentar formações reativas como resposta a essa repressão: a repugnância e o asco. Decerto, a criação de um padrão sexual moral põe à margem o indivíduo que não se satisfaz com esse modelo. Desse modo, passa-se a criar soluções periféricas para a sua satisfação. Assim, o conteúdo pornográfico pode ser considerado como uma descarga dessa energia que foi reprimida. A fim de discutir essa temática, propomo-nos a fazer uma interlocução entre os estudos psicanalíticos pós-freudianos e os Hentais. Para tanto, utilizaremos algumas das peças mais visualizadas do sítio Xvídeo, com vistas à análise das temáticas mais recorrentes, dos sujeitos focalizados, da constituição dos corpos e das fantasias que operam nesse espaço.

Palavras-chave: Psicanálise; Pornografia; Fantasia

OS AMORES DE ÉDIPPO: A AGONIA DE RETORNAR AO PAI

Heuthelma Ribeiro Braga Santos (UFPB)

Resumo: O presente trabalho, numa interface entre a Literatura e a Psicanálise, pretende fazer uma análise do conto "O Menino" da escritora Lygia Fagundes Telles, publicado em 1970, o qual compõe a obra "Antes do Baile Verde". A narrativa segue o estilo da autora, onde os sentimentos humanos são apresentados com muita intensidade na vida e nas relações afetivas. Assume uma perspectiva intimista e psicológica numa mistura de realidade e ficção, por meio das técnicas do fluxo de consciência e do monólogo interior. A partir de conhecimentos psicanalíticos, constituídos por Sigmund Freud e Jacques Lacan, pautamos nosso trabalho numa temática voltada para o Complexo de Édipo que, inspirado na tragédia grega de Sófocles, refere-se aos desejos amorosos que a criança sente em relação à mãe. O conto se inicia com a profunda admiração do filho pela mãe, ao observá-la escovando os cabelos, passando perfume, retocando o batom e arrumando-se para, juntos, irem ao cinema. Lá, o menino percebe o envolvimento amoroso entre a mãe e um homem, quando este senta-se ao lado dela, pegando-lhe as mãos. O filho que a admirava, a desejava e a exibia aos colegas, fica muito decepcionado, após descobrir essa traição. Sofre uma desilusão, sente-se traído. Para Freud, o desejo incestuoso sofre interferência da figura paterna, que castra o interesse sexual do filho pela mãe, entretanto, neste conto, quem realiza essa função é o amante, com quem o menino estabelecesse uma rivalidade. O Édipo se instala a partir do momento em que a mãe deseja um terceiro entre ela e o filho. Ao chegarem a casa, o personagem encontra o pai lendo jornal, olha-o tristemente, solidariza-se com ele e muda de comportamento, que antes era rivalidade, passa a ser identificação. Com a submissão à Lei do interdito do incesto, consuma-se a dissolução do Complexo de Édipo onde o menino é introduzido simbolicamente no mundo das práticas sociais, de valores e regras morais. A passagem da sexualidade à moral constitui o supereu e os sentimentos que o exprimem: pudor, senso de intimidade e vergonha. Outra questão edipiana é a formação da identidade sexual e a origem dos nossos sofrimentos neuróticos. Os personagens do conto não possuem nomes próprios, não constituindo, assim, seres individualizados, mas representantes da instituição social familiar: pai, mãe e filho. A travessia do Édipo pode ser lida como o encontro de uma criança com as três figuras do pai, o que representa a Lei, outro que a faz ser respeitada e, aquele, invejado e contestado, que detém o Poder.

Palavras-chave: Psicanálise; Literatura; Complexo de Édipo

A IGNORÂNCIA DO CIÚME: QUANDO A CERTEZA FAZ DUVIDAR A ALMA

Rariela Valeska da Silva Salustino (UFPB)

Resumo: Todos em algum momento experimentaram os ciúmes. Trata-se de um sentimento que está presente nas relações sociais de um modo geral, todavia, o ciúme proveniente da relação entre casais, sejam namorados, sejam casados, é uma ocorrência clínica cada vez mais comum na psicanálise. No conflito ciúmes-infidelidade subjazem motivações intrapsíquicas ligadas ao temor da perda do objeto, relações de poder e satisfações narcísicas. A falsa ideia de posse do outro, quando contrariada, pode transtornar o indivíduo e causar danos imensuráveis. La fin de la jalousie - "O fim

do ciúme" é considerado a mais profunda novela que compõe a coletânea "Les Plaisirs et les jours" - Os Prazeres e os Dias que foi publicado em 1896, assinalando a estréia literária de Marcel Proust (1871-1922). Apaixonado pela bela Françoise, Honoré de Tenvres é constantemente movido por esse amor incrível, até o dia em que durante uma conversa um amigo coloca à prova a reputação de Françoise, afirmando saber que ela tem a fama de ser uma mulher fácil, logo, desponta o ciúme juntamente com o sentimento de que a amada poderia ter-lhe sido infiel. A partir desta declaração a crença na possível traição irá atormentá-lo, tornando-o completamente dominado por tal sentimento. A história da ligação amorosa entre Honoré e Françoise trata, sobretudo, do ciúme masculino vivido no tumulto da capital francesa. A relação é exclusivista e egocêntrica da parte do narrador. Ao longo da narrativa, Honoré cada vez mais se convence de que o amor, como todo sentimento, degrada-se com o passar do tempo. Inicia-se um fluxo fantasioso e corrosivo, sobrevivendo a insegurança e o medo do abandono. Após um acidente, Honoré se dá conta de que tanto a vida quanto os planos que fizera com Françoise fazem parte de um tempo já desaparecido e, mediante uma série de ocorrências ambíguas sensação/lembança e diante da morte, vê-se obrigado a estancar o seu sentimento de ciúme e inicia-se a luta do espírito, da fantasia criadora, contra o tempo, diante da impossibilidade de encontrar na vida o ponto no qual possa se prender. Este artigo procura sinalizar as interferências dos ciúmes na experiência sexual dos protagonistas, numa articulação com os postulados psicanalíticos desenvolvidos por Sigmund Freud, Melanie Klein, Denise Lachaud e Frank Pittman.

Palavras-chave: Psicanálise; literatura; ciúmes.

O HORROR DA DIFERENÇA: O DESEJO PETRIFICADOR DA MEDUSA

Wanessa de Góis Moreira (UFPB)

Resumo: Na contemporaneidade, há uma efervescência dos estudos sobre a Literatura de autoria feminina, no intento de romper com a linearidade histórica de predominância masculina no campo do saber literário. Observamos que essa nova escrita propõe novos paradigmas ao tratar da sexualidade feminina, promovendo uma ruptura com os modelos anteriormente estabelecidos e passando a evidenciar a mulher como um ser que sente e anseia realizar seus desejos mais latentes, de forma libertária. Esses movimentos discursivos se configuram como verdadeiros atos políticos, uma vez que, por muito tempo, a repressão à sexualidade feminina se fez presente em diversas esferas sociais. Desse modo, o espaço literário, sobretudo aquele que trata do erótico, incorpora a seus itinerários a resistência feminina, de luta e contestação, reverberando, em seus flancos, um corpo efervescente ante sua sexualidade, que busca dar vazão às suas manifestações iminentes. Eis o caso de Raquel Consorte (2016), escritora brasileira que ingressa, de modo nada tímido, na seara erótica contemporânea. Sua escrita contesta a opressão perpetrada pelas estruturas patriarcais que, ainda, submetem as mulheres a normas polarizadas, hábeis em delimitar o papel do homem, como sujeito ativo e livre em sua sexualidade, e o lugar da mulher enquanto sujeito passivo ante seus intuitos sexuais. A escritora aduz o erotismo – “desejo de união (ser um) com os objetos do mundo. (FREUD, 1983)” - como recurso estético literário, focando, através da tessitura erótica, um processo de subjetivação feminina, marcado pela resistência às amarras sociais, de modo a albergar imagem de um sujeito capaz de concretizar os desejos existentes em seu âmago, que, por um período longínquo, foi julgado como algo abominável. Tais traços se presentificam no cenário mimético do conto *Madrugada*, cujo enredo progride a partir da voz de uma narradora-protagonista. Ao relatar, em detalhes, o encontro sexual com o seu amante, utiliza-se de uma linguagem lasciva capaz de ofertar um tom luxurioso e orgástico à narrativa. Nessa experiência, a personagem solicita ao homem que a toque e a penetre, de maneira explícita. Destarte, nosso objetivo é analisar, numa conexão entre a literatura e as teorias psicanalíticas, as artimanhas do desejo, a partir das quais a personagem principal se inscreve na diegese, questionando os valores patriarcais, sobretudo no tocante às convenções misóginas que, há tempos, ignorou o feminino como ser desejante. Para isso, como arcabouço teórico, utilizaremos os textos: *Totem e Tabu* e *Os Três ensaios sobre a teoria da*

sexualidade, de Sigmund Freud. Como resultado, percebemos que a Literatura pode tornar-se um espaço onde o real e a utopia revelam às agruras humanas, numa dimensão social e subjetiva.

Palavras-chave: Literatura; Feminino; Erotismo; Psicanálise

DOS PRODÍGIOS DE APOLO: QUANDO OS VÍCIOS DA CARNE PROFANAM A ALMA

Fabio Gustavo Romero Simeão (UFPB)

Resumo: Se considerarmos a homossexualidade apenas sob um ponto de vista fenomenológico, poderíamos afirmar que o amor entre pessoas do mesmo sexo sempre existiu. Porém, ao longo da história, observamos que diferentes culturas arquitetaram aparatos ideológicos próprios para (des)caracterizar esse mesmo amor, com movimentos discursivos que oscilam desde uma tímida aceitação até o mais sórdido rechaço. No caso do Ocidente, atestamos a prevalência dos valores judaico-cristãos que reservam, para quaisquer atividades sexuais que não resultem na procriação, o lugar da imoralidade, da degeneração, enfim, do pecado. A “sodomia” emerge, assim, como a mais vil e abjeta das transgressões contra natura e seus adeptos são implacavelmente perseguidos. Esse quadro penoso, que desqualificava de maneira tão mortífera a homossexualidade, chega a seu apogeu na segunda metade do séc. XIX, com o nascimento da psiquiatria e da sexologia modernas. Ciências que, imbuídas de ideais higienistas e patologizantes em voga, tomarão para si o encargo de estabelecer arbitrariamente os limites entre o “natural” e o “perverso” do comportamento sexual humano. A literatura comparece, aqui, como palco no qual discursos sobre a sexualidade tomam forma e ideologias divergentes se materializam. Nesse sentido, o texto literário oferece um retrato íntimo da subjetividade de indivíduos que, inclinados homoeroticamente, eram alvo certo das mais covardes violências, tanto físicas quanto psíquicas e com consequências devastadoras. É o cenário desenhado para nós em *Teleny*, ou outro lado da moeda, publicada pela primeira vez no ano de 1893 e atribuída ao escritor irlandês Oscar Wilde (1854 – 1900). Figura emblemática da literatura inglesa e um dos maiores expoentes do movimento esteticista, Wilde consegue pintar magistralmente os conflitos e angústias que acompanhavam qualquer parceria homoafetiva na época, ao mesmo tempo em que criticava a frivolidade da moral vitoriana, que considerava tão nociva e hipócrita. Deparamo-nos, na narrativa em foco, com Camille Des Grieux, jovem aristocrata francês que se descobre profundamente apaixonado pelo pianista cigano René Teleny. Atormentado pelos desejos lascivos que nutre por Teleny e que não consegue controlar, Des Grieux desaba em desespero e se entrega aos prazeres que o submundo da Paris fin-de-siècle tem para lhe oferecer, a fim de entorpecer seus sentidos e tamponar sua verdadeira vontade. São essas defesas que o protagonista erige para se resguardar do seu próprio desejo que procuramos analisar neste trabalho. Destarte, numa conexão entre os estudos psicanalíticos de base (pós)freudiana e contribuições de ordem sócio-histórica, pretendemos elucidar os artifícios que o sujeito pode edificar para solapar sua libido quando esta se desvia daquilo que a ética sexual vigente estipula como ideal.

Palavras-chave: Literatura erótica; Oscar Wilde; Homoerotismo

O ÊXTASE DAS BORBOLETAS: PROCURAM-SE PALAVRAS, ENCONTRAM-SE VAZIOS

Hermano de França Rodrigues (UFPB)

Resumo: Conquanto o discurso médico-psiquiátrico tenha “absolvido” a homossexualidade dos crimes que, arbitrariamente, lhe eram impostos, as distorções ao “amor entre iguais” parecem gozar de certa eternidade. O homossexual, não raras vezes, ocupa um entre-lugar, cujas coordenadas obstaculizam a localização de si mesmo e do outro, de modo que, em dadas situações, a vítima, enraizada em contradições, ocupa o lugar do algoz. Tal conjectura irrompe-se nas territorialidades homoliterárias, onde o laço erótico dilui-se em representações plásticas, ora sedutoras e rarefeitas, ora letárgicas e resistentes. Defrontamo-nos, assim, com as idiossincrasias de uma escritura (des)estruturante, cujos quadros, nem sempre harmoniosos, reverberam a difícil experiência da diferença. Eis uma das faces da poética de Caio Fernando Abreu (1948–1996), um das vozes mais ruidosas e atraentes da contemporaneidade brasileira. Com um tom sutil e, ao mesmo tempo ácido, o escritor gaúcho contrapôs-se à repressão sexual e aos códigos heteronormativos, deixando, às

escâncaras, a complexa realidade dos vínculos humanos. No conto “Uma história de borboletas”, publicado na coletânea Pedras de Calcutá, em 1977, imergimos numa crítica aos pseudopadrões de normalidade, que calcificam o drama lúgubre vivido pelo narrador-protagonista e seu parceiro André – criaturas instáveis, condenadas à diáspora e à incompreensão. Ambos, náufragos em seus desejos, errantes em seus destinos, confrontam-se com a “loucura” um do outro, e, para sobreviverem à angústia da alteridade, recorrem a alucinações, nas quais habitam estranhas borboletas, num gesto defensivo contra a insuficiência simbólica da nomeação. Precários, sucumbem à angústia proveniente do olhar telúrico do Outro, que os convoca a relativizar a dependência, a enfrentar os medos e as fraquezas. A insanidade, aqui, é “trans-in-lúcida”, na medida em que evoca, no amante e no amado, uma série de sensações suscetíveis de recuperar, nas fissuras do corpo, fragmentos de sentidos recusados. Nossa pesquisa, numa conexão entre os estudos psicanalíticos de base kleiniana e a literatura, procura elucidar, na narrativa em questão, as ações dos protagonistas, diante da irrupção das ansiedades primitivas e depressivas, quando impelidos a reconhecerem as similitudes que os tornam contíguos e, concomitantemente, distantes. Quiçá, o encontro com as borboletas, em suas cores perturbadoras, seja uma metáfora da luta interna pela aceitação “de si mesmo”, bem como da percepção da aspereza exterior que enclausura o estranho, impelindo-o ao desamparo.

Palavras-chave: Psicanálise; Homoerotismo; Caio Fernando Abreu

56 - O SABER SOBREVIVER DAS LITERATURAS DO MUNDO A PARTIR DE UMA ABORDAGEM TRANSAREAL

Coordenação: Gerson Roberto Neumann (UFRGS); Victor Manuel Ramos Lemus (UFRJ)

Resumo: Em consonância com o comparatista alemão Ottmar Ette, o atual cenário mundial apresenta-nos uma possibilidade para repensarmos a Literatura, procurando fazer uma leitura obrigatoriamente mais ampla do que se entendeu por *Weltliteratur* em outro cenário. Nas palavras do Prof. Dr. Ottmar Ette, no texto *Die Transarealität der Literaturen der Welt. Lateinamerika zwischen Europa, Afrika, Asien und Ozeanien* [A transarealidade das literaturas do mundo. América Latina entre Europa, Ásia, África e Oceania], lemos:

as literaturas do mundo são polilógicas. O próprio termo ‘literaturas do mundo’ mostra que as formas de produção, de recepção e de distribuição da literatura, em escala planetária, não se alimentam de uma única ‘fonte’, não são reduzíveis a uma única linha de tradição – como à tradição ocidental, por exemplo. (ETTE, 2016, p. 13. Trad. do texto por Cláudia Pavan).

O termo *literaturas do mundo* aponta, ainda segundo Ette, nesse cenário, não mais para um entendimento mediador, dialógico – na melhor das hipóteses – entre o ocaso e o nascente, entre ocidental e não ocidental, mas para uma compreensão e vivência polilógicas de um saber que jamais pode ser reduzido a uma lógica única. A *Weltliteratur*, defendida pelo clássico alemão Johann Wolfgang von Goethe com veemência e obstinação contra o conceito de literatura nacional, pode ser descrita, sob um ponto de vista atual, como uma época que há muito já transcendeu seu apogeu histórico.

A literatura pode ser tomada como a expressão mais íntima de um grupo, de um povo, de um ser. Por isso, por ser a expressão mais íntima de uma comunidade ou de um indivíduo, entende-se que nela exista um emaranhado de relações complexas, as quais necessariamente se tenha que entender, pelo menos, para que seja possível uma aproximação a essa intimidade, para que possa existir uma con-vivência. Em torno da literatura há movimento, há vida que não para. A literatura é o movimento, levando consigo ou sendo parte carregada na fluidez do movimento do tempo. Acompanhamos mais uma vez o movimento de Ette no texto “Pensar o futuro: a poética do movimento nos Estudos de Transarea”:

literatura é [...] um saber em movimento, cuja estrutura multilógica possui significativa importância para a sobrevivência do mundo do século XXI e o desafio de garantir a convivência na paz e na

diferença. Também o jogo da literatura permite a continuidade de um pensar simultâneo em múltiplos contextos e lógicas culturais, sociais, políticas e psicológicas. (ETTE, 2016, 195-196)

A con-vivência na paz e na diferença merece destaque na citação acima, especialmente por nos encontrarmos em um momento de crise na leitura e na compreensão do outro no mundo que nos é comum. Fronteiras são edificadas em forma de muros e fortificadas das mais diversas formas, evitando contatos com o outro muitas vezes próximo. A busca pela sobre-vivência exige movimentos em diferentes direções, por vezes, com passagens traumáticas e dolorosas, mas que valem a vida. Para aqueles que edificam muros e fortificam fronteiras, esse ato é justamente um ato que busca a sobre-vivência. Os afastamentos para os extremos sempre valem como termômetros indicadores de que na sociedade algo não vai bem.

Em um cenário de movimento, a literatura ou as literaturas do mundo não podem estar sedimentadas em um cenário centralizado, nem dividido em dois mundos. Ao se tratar de literaturas do mundo, não se pode mais falar de um espaço, mas de espaços múltiplos, em movimento e sem morada definida.

Citando novamente Ette, na obra *ZwischenWeltenSchreiben. Literaturen ohne festen Wohnsitz [EscreverEntreMundos. Literaturas sem local definido]*, ele afirma que a função da literatura – assim como da filologia – é tornar audível o que há muito se acreditava perdido (ETTE, 2005, p. 59). Pensando na figura do arquipélago cultural e/ou literário, a função é estabelecer o contato entre as ilhas, saber algo sobre elas, sobre sua história. Os espaços existem e surgem justamente quando há movimento, e como a literatura é um saber em movimento, como Ette afirmou acima, a dinâmica do movimento em torno de ilhas, inseridas em um sistema arquipelagário, permite uma movimentação espacial de ida e volta, de contato e de refração, de destruição e de (re)construção, de (trans)passagem, de (re)conhecimento e (des)cobrimento de áreas num movimento transareal.

Em meio ao cenário de movimento e de des-locamentos, marcado por grandes movimentos migratórios em busca de sobrevivência, criam-se espaços de con-vivência e conflito, espaços de fricção. Os movimentos do Homem sempre foram marcados por deslocamentos para áreas que lhe oferecessem melhores condições de vida.

Propõe-se no presente simpósio temático, portanto, a discussão de uma literatura produzida em espaços de movimento, literaturas com traços de movimento e também a produção por parte de autores que circulam entre culturas, línguas, continentes, ilhas e nesses espaços produzem literatura. Em tal cenário, buscando-se tornar audível o que há muito se acreditava perdido, conforme Ette, deveríamos chegar naturalmente à discussão do conceito de literaturas do mundo.

REFERÊNCIAS:

ETTE, Ottmar. Die Transarealität der Literaturen der Welt. Lateinamerika zwischen Europa, Afrika, Asien und Ozeanien. In: Kopf, Martina / Seiler, Sascha (Hg.): *Komparatistische Blicke auf Lateinamerika und Europa*. Heidelberg: Universitätsverlag Winter, 2016, pp. 13-47.

_____. Pensar o futuro: a poética do movimento nos Estudos. *ALEA*, Rio de Janeiro. vol. 18/2, mai-ago. 2016b, p. 192-209.

_____. *ZwischenWeltenSchreiben. Literaturen ohne festen Wohnsitz*. Berlin: Kadmos, 2005.

**31 de julho
14h30**

A SOBRE-VIVÊNCIA NA LITERATURA EM MOVIMENTO. O CASO DA LITERATURA EM CONTEXTOS DE MIGRAÇÃO

Gerson Roberto Neumann (UFRGS)

Resumo: A migração, ou seja, o des-loca-mento de um local para outro faz parte do ser humano, fazê-mo-lo desde sempre, como seres humanos que buscam por um espaço de vida satisfatório.

Com isso, carregamos conosco traços inerentes ao nosso ser e modo de ser. Os des-loca-mentos dão-se de modo individual ou em grupos (de todas as proporções), o que por sua vez tem como consequência uma maior “facilidade” para o que poderíamos chamar de manutenção de tradições culturais em outros espaços ou a perda dos mesmos. Com isso, estamos tratando da tradução por parte do migrante do novo e da tradução daquilo que traz consigo para o novo meio, que a partir da sua presença naquele novo espaço estará interagindo com o local. Propõe-se trazer à discussão, além da obra de Ottmar Ette, a obra *The Location of Culture*, de Homi Bhabha, em que aborda “Como o outro entra no mundo,” dizendo: “é, ironicamente, o momento, ou mesmo o movimento, desintegrador, da enunciação – aquela disjunção repentina do presente – que torna possível a expressão do alcance global da cultura.” A partir do momento em que este novo elemento passar a produzir (arte, literatura, música, enfim, qualquer forma de produção) certamente será possível perceber traços distintos, porém pertencentes e inerentes àquele ser, nessa produção. Complementando os pontos a serem tratados aqui, pretendo trazer à discussão a produção na língua do outro, língua adquirida na fase adulta a partir da migração e exemplos de produção exofônica, repleta de tradução (cultural), oferecendo-nos a oportunidade de reflexão sobre o conceito de Weltliteratur, literatura mundo.

Palavras-chave: migração; deslocamento; exofonia; literatura mundo

DO CONTINENTE AO ARQUIPÉLAGO: DIÁLOGOS E CON-VIVÊNCIAS ENTRE MUNDOS

Fernanda Boarin Boechat (UNINTER)

Resumo: Ao longo da carreira, Erico Verissimo atuou não só como escritor, mas também como tradutor de língua inglesa, editor e conselheiro literário. Além das referidas atribuições, destaca-se a de agente político, em especial por conta de sua atuação na política de Boa Vizinhança estadunidense (1933-1945) e depois dela, entre os anos 1953 e 1956, quando assumiu o cargo de diretor do Departamento de Assuntos Culturais da antiga Pan American Union, hoje Organization of American States ou “Organização dos Estados Americanos” (OEA) em Washington D.C.. Essa ampla atuação no contexto literário, a nosso ver, impulsiona as reflexões do escritor a respeito da relação literatura e política, seja em vista da potencialidade de inserção do discurso literário em uma comunidade de comunicação ou do papel político que o escritor pode vir a desempenhar em diferentes contextos culturais e/ou em uma rede de relações políticas em que a literatura está inserida. Compreendemos que tal dimensão da reflexão de Erico foi construída também ao longo do desenvolvimento de sua obra literária e alcança maior expressão em *O tempo e o vento*, cuja primeira parte (Continente I e II) foi publicada em 1949, a segunda (*O Retrato I e II*) em 1951, e a terceira (*Arquipélago I e II*) em 1961 e (*Arquipélago III*) em 1962. Em nosso trabalho, propomos apresentar e discutir como os aspectos mencionados que entendemos construídos em *O tempo e o vento* dialogam com as reflexões do comparativista alemão Ottmar Ette. Para tanto, teremos como horizonte o paralelo literatura e ilha, e destacaremos – em diálogo com os dois autores e nas palavras de Ette – como a literatura pode ser entendida como “meio de armazenamento interativo e produtivo de conhecimento de vida capaz de se fazer útil à multiplicidade fundamental de ilha-mundos e mundos insulares [...] cunhada por uma estruturação e orquestração polilógica.” (Ette, 2011, p. 50-51). Os espaços criados pelo texto literário, portanto, possibilitariam a convivência entre as culturas, já que permite que o leitor habite outras ilhas, comunicando-se com as mesmas, cujo processo até mesmo seria capaz de provocar uma alteração no arquipélago de que se faz parte, quem sabe levando o leitor a algum continente. A reflexão proposta, ademais, em diálogo com Erico e Ette, tem a linguagem (em literatura) como centro. Assim, segundo a personagem escritor Floriano de *O tempo e o vento*, a literatura, cujo suporte é a língua natural, seria capaz “de construir pontes de comunicação entre as ilhas do arquipélago” (Verissimo, 2004, p. 352). Por fim, traçaremos paralelos entre entendimentos de Erico Verissimo, a exemplo da referida obra, e reflexões de Ottmar Ette no âmbito da Teoria da Literatura para pensarmos como a produção literária poderia concretizar um espaço de embate pacífico, discursivo, baseado em uma forma especial (estética) da racionalidade argumentativa.

Palavras-chave: Erico Verissimo; Ottmar Ette; linguagem; política

FLUTUAÇÕES GEO-POÉTICAS EM ILHAS, DE WILSON BUENO E EM RAGA, DE J.M.G. LE CLÉZIO
Cintea Richter (UFRGS)

Resumo: A relação entre o ser humano e as ilhas é formada por uma grande contribuição de processos de imaginação e de simbologia. Mitos e lendas sobre ilhas sempre fizeram parte do imaginário coletivo humano. Desde a mitologia pré-helênica até os dias de hoje, as ilhas foram vistas de diversas formas, mantendo, no entanto, ao longo da história, seu caráter ambíguo de paraíso, mas também de mistério. A ilha com sua peculiaridade topográfica exerce um magnetismo sobre a Literatura e sobre o universo simbólico geral. Seu isolamento geográfico faz dela um espaço de projeção que ora é explorado como um mini-mundo, mero reflexo da sociedade, ora como um mundo novo e idealizado, espaço sobre o qual projetamos desejos e sonhos bem como medos e pesadelos. Estariam as ilhas reduzidas a esse mundo simbólico ou ao paraíso idílico vendido nos catálogos de turismo? O fato é que, hoje, muitas ilhas estão longe de ser o lugar paradisíaco imaginado pela população não-insular. Ilhas tornaram-se produtos de turismo e de privatizações, alterando sua dinâmica econômica e empobrecendo os ilhéus. Ao longo do desenvolvimento da humanidade as ilhas foram fontes de materiais e recursos preciosos, pontos de parada e abastecimento de navios. O caráter de isolamento insular também foi explorado para torná-las prisões, sanatórios, fossas para cadáveres contaminados e, mais recentemente, depósitos de lixo. A Literatura dedicou inúmeras obras ao tema ilha ou utilizou o cenário insular para suas narrativas. Escritores como Eco (A ilha do dia anterior), Saramago (A ilha desconhecida), Verne (A ilha misteriosa), sem falar em Defoe (Robinson Crusoe), Morus (Utopia) e Bacon (A Nova Atlântida) se valeram do poder simbólico da ilha para expressar suas ideias. No entanto, a visão sobre as ilhas é sempre descrita sob a perspectiva de quem está sobre um continente. Ainda temos poucas vozes insulares reconhecidas no meio literário e poucos estudos sobre a literatura produzida lá. Ilhas e arquipélagos estão envoltas por movimentos, rotas, percursos que podem trazer novos aspectos de interesse para os estudos literários. Sua relação com a ocupação do espaço, sua flutuação, sua interligação, a constituição da identidade de sua população e seu lugar na Literatura Mundo são novos horizontes temáticos passíveis de abordagem e de estudo. Nas obras Ilhas, de Wilson Bueno, e Raga - uma viagem à Oceania, o continente invisível, de Le Clézio, as ilhas surgem em duas configurações distintas. Em Bueno, a simbologia, a intertextualidade e a amplidão interpretativa. Em Le Clézio, a realidade de ilhas colonizadas, a relação de seus habitantes com o continente e a constituição de uma identidade insular. Apesar da oposição, as obras têm em comum o movimento, responsável por conduzir as narrativas. Esse movimento interliga pontos geográficos distantes, traça rotas, marca destinos e pontos de partida, realiza coreografias com sensibilidades próprias. A percepção desse fluxo geo-poético e transareal que conecta continentes, arquipélagos e ilhas, interligando Geografia e Literatura, sobrepondo realidade e simbologia, descreve o novo cenário e a nova aceção de Weltliteratur de que nos fala Ette.

Palavras-chave: geo-poética; ilhas; movimento; transareal

O SOBREVIVER DO RIO: A DESCOBERTA DO PARADOXO DA VIDA NA OBRA DANÚBIO DE CLAUDIO MAGRIS

Fidelainy Sousa Silva (UFRGS)

Resumo: Este trabalho tem como objetivo problematizar a imagem paradoxal do rio na obra Danúbio (2008) do germanista italiano Claudio Magris. O foco do estudo está pautado no movimento do rio Danúbio que representa, ao mesmo tempo, a identidade ideal da Europa e sua fragmentação. Instaurando um paradoxo de vida, Claudio Magris percorre através da narrativa os fluxos identitários e as transformações deste/neste rio que permanece vivo mesmo depois de todas as Guerras e disputas políticas, econômicas e históricas que a Europa atravessou ao longo dos séculos. Nesse sentido, pretende-se compreender o processo de SobreViver do rio a partir da perspectiva do teórico Ottmar Ette. Em seu livro intitulado, SaberSobreViver (2015), Ette propõe uma nova

perspectiva de interpretação para a interdependência entre natureza, vida e literatura. Para tanto, a esteira teórica desta análise está pautada nas questões da efemeridade e das transformações da escrita identitária como elemento facilitador para as interpretações da transitoriedade pertinentes à pós-modernidade. Nesta relação mútua dos campos de conhecimento, além de alargar os Estudos Literários, considero que o ficcional se interpela com o real e abre um leque de possibilidades para ser rediscutida a imagem do rio para além da metáfora categórica de que rio é identidade móvel. Considerando a forma textual da narrativa *Danúbio* (2008), ressalto a postura de Roland Barthes, em *O prazer do texto* (2008), não é necessário um enquadramento obrigatório à forma para acentuar a liberdade de criação como aspecto facilitador de elementos primordiais para a criação literária. Ainda, sobre a liberdade da escrita, Jose Juan Saer, em *Ensaio la narración-objeto* (1999) e *El río sin orillas* (2003), afirma que a ‘tirania do gênero’ é um elemento limitante para a liberdade criativa da escrita e aponta as intersecções como elementos responsáveis pela expansão da teoria literária e teoria cultural. Diante da urgência de promover avanços teóricos que superem o binarismo entre teoria e prática considera-se que a literatura como instituição não somente receptora dos fluxos de mudanças, mas também aquela que se coloca como influenciadora de elementos para as trocas entre teoria e prática criativa. Portanto, essa postura teórica se coaduna com a finalidade de perceber a subjetividade em torno do fluir do rio Danúbio e considerar o movimento como elemento chave para essa análise. Nesse olhar, o rio representaria a própria imagem do corpo fluido, imagem esta que ultrapassa a unilateralidade da identidade dos países da Europa Central e leva a evidenciar as infinitas associações possíveis dentro do processo contínuo de significações identitárias.

Palavras-chave: Fragmentação, SobreViver; Movimento; Danúbio.

1 de agosto

14h30

DESAFIOS DA HISTORIOGRAFIA LITERÁRIA NO CONTEXTO DAS LITERATURAS DO MUNDO

Marcello de Oliveira Pinto (UERJ/UNIRIO)

Resumo: Os últimos anos do século passado viram surgir uma nova configuração no espaço da produção historiográfica. Desta expansão originaram-se vários campos novos de estudo como, por exemplo, a história mundial e as histórias regionais, que desbancaram a história nacional como discurso hegemônico da nação, esta última predominante no século dezenove. Tal pluralidade de discursos provocou um redirecionamento não só das questões que orientam os estudos historiográficos como também os pressupostos deste fazer. Além disso, o movimento pluridisciplinar do século vinte evidenciou a tentativa de alargar as fronteiras dos discursos das ciências sociais, estabelecendo laços cruciais para as descrições dos pressupostos teóricos e empíricos do fazer historiográfico. No campo da história da literatura, a repercussão deste movimento produziu novas perspectivas para a sua descrição. No início dos anos 70, por exemplo, a atenção para os pressupostos da escrita de histórias de literatura se reorientam a partir da figura do leitor e de como a recepção da obra se articula no contexto espaço-temporal Jauss (1994). A história literária passa a ser pensada como um processo de transformação e de caráter mais aberto, no qual a dinâmica descontínua e não teleológica do sistema literário e cultural, em suas múltiplas temporalidades, é levada em consideração. Hans Robert Jauss, assim como Haroldo de Campos (1972) posteriormente no Brasil, sugere a escrita de uma história não-linear e que realce as mudanças no horizonte de recepção das obras, na sua pluralidade e diversidade de tempos. Posteriormente, No fim da década de 80, início dos anos de 90, o interesse na esfera do agir do leitor e os aspectos da recepção tornam-se mais acentuados e, conseqüentemente. Naquela época surgiu, em âmbito internacional, uma série de projetos que apresentam uma proposta que acentua a diversidade, a complexidade e a contradição destas configurações como elementos norteadores da sua construção em oposição a perspectivas homogeneizantes. São eles “A Columbia Literary History of the United States” (ELLIOT, 1988) e “A New History of French Literature” (HOLLIER, 1989). Estes últimos exemplos apontam para uma dinâmica da reflexão sobre as formas de se escrever histórias de literatura que

levam em consideração a relatividade e a construtividade dos conceitos que determinam suas estruturas e seus alicerces epistemológicos. Todos estes elementos apontam para a percepção da sociedade como uma instância plural, um espaço de construções de sentido múltiplas e que se baseia num relativismo das suas estruturas principais. O resultado de uma produção historiográfica neste universo seria uma descrição histórica também múltipla. Frente a estes avanços, qual é o sentido de se pensar e se produzir historiografias literárias hoje? E se a “literatura é [...] um saber em movimento, cuja estrutura multilógica possui significativa importância para a sobrevivência do mundo do século XXI [...]” (ETTE, 2016, 195-196) como articular esta perspectiva no contexto complexo de “[...] um pensar simultâneo em múltiplos contextos e lógicas culturais, sociais, políticas e psicológicas (idem)?

Palavras-chave: historiografia literária; literatura contemporânea

A NOVA LITERATURA MUNDIAL OU AS LITERATURAS DO MUNDO? WELTLITERATUR E A LITERATURA CONTEMPORÂNEA ALEMÃ

Monique Cunha de Araújo (UFPEL/UFRGS)

Resumo: O termo Weltliteratur representa uma grande marca na história da Literatura, sobretudo na Literatura Comparada. Desde os anos 1960, porém, o conceito goethiano tem sido criticado, pois representa uma versão elitista da literatura, em que não se pode dissociar de um viés pensado a partir de uma literatura nacional. Por outro lado, é recorrente o termo Literaturas do mundo (Literaturen der Welt), principalmente na Alemanha. Diferente do conceito de Goethe, filtrado de Wieland (em que a Weltliteratur é a literatura do homme du monde, do Weltmann), o termo Literaturas do Mundo, segundo Ette (2005), concentra-se no embate entre as produções literárias em uma perspectiva global, refletindo sobre a origem da produção cultural no âmbito transnacional. Em inícios dos anos 2000, Darmosch (2003) e Moretti (2000) discutiram em diferentes estudos o Weltliteratur sob o aspecto de uma literatura mundial, de um cosmopolitismo. De maneiras distintas, os dois textos, What is World Literature e Conjectures on World Literature, mostram o processo de circulação da literatura mundial. Entretanto, em um nível epistemológico, os dois recaem sobre uma dicotomia e transferência de culturas em duas direções: alvo e origem. Ette (2004), a partir da análise e crítica da filologia da literatura mundial de Auerbach, formula cinco teses sobre a consciência mundial e as literaturas do mundo, nos quais evoca, entre outros, a chamada literatura sem morada fixa, termo que daria conta de uma concepção não-europeia e não-dicotômica de uma literatura mundial. Por outro lado, Elke Strum-Trigonakis discute, em Global playing in der Literatur (2007), os possíveis parâmetros para uma nova literatura universal (mundial), menciona que as formas literárias ditas “híbridas”, “marginais” e “regionais” de migrantes que, para ela, consideradas anárquicas em forma, conteúdo e estrutura, têm muito em comum e podem ser consideradas como uma nova ordem mundial: a nova literatura mundial (die neue Weltliteratur). Segundo ela, essa literatura pode ser distinguida das literaturas nacionais, das literaturas pós-coloniais, da literatura das migrações e pode ser diferente da literatura da globalização. No que se refere a literatura produzida por migrantes, cuja língua escrita não é a mesma que sua língua materna, como é o caso de grande parte da produção literária alemã, a discussão vai além. Autores contemporâneos como Ilija Trojanow, Moníkova, Rafik Schami, Abbas Khider (e outros) relatam em entrevistas, ensaios e livros a dificuldade editorial, preconceito e rechaço de universidades a autores migrantes. Este texto pretende com isso discutir o lugar desses escritores na literatura global, sem raízes nacionais, mas transareais.

Palavras-chave: Literaturas em língua alemã; weltliteratur

WELTLITERATUR E REALPOLITIK: ALGUMAS QUESTÕES DE PESQUISA SOBRE AS INTERFACES ENTRE RELAÇÕES INTERNACIONAIS E LITERATURA COMPARADA

Andrei dos Santos Cunha (UFRGS); Cícero Krupp da Luz (FECAP)

Resumo: As Relações Internacionais e a Literatura Comparada surgiram como disciplinas acadêmicas entre o final do século XIX e o fim da Primeira Grande Guerra, como tentativas de sistematizar o

conhecimento humano sobre questões políticas e culturais relacionadas ao mundo — em oposição aos estudos, muito mais desenvolvidos à época, de questões culturais e políticas relacionadas a nações específicas. Ambas as disciplinas alternaram, ao longo dos anos, um ideal cosmopolita e pacifista e uma visão de mundo mais negativa e realista. Ainda que imperfeitas e subordinadas a visões de mundo eurocêntricas e limitadas, essas disciplinas representavam um grande avanço, pois sugeriam haver traços em comum às literaturas do mundo (do lado da Literatura Comparada) e uma especificidade à maneira como os atores políticos se comportavam na esfera internacional (do lado das Relações Internacionais). A ficção e a poesia também refletem as grandes tendências mundiais ao longo das décadas — podemos citar exemplos como Ishiguro, Ôe, os escritores contemporâneos brasileiros, e muitos outros. Também os prêmios literários, como o Nobel, os órgãos internacionais, como a UNESCO, e suas políticas de preservação do patrimônio do mundo podem ser lidos tanto à luz do comparatismo como em termos de acontecimentos da política internacional. No entanto, essas disciplinas não surgiram de um vácuo — elas são, na verdade, a consolidação acadêmica de estudos e obras literárias e analíticas que buscaram, ao longo dos séculos, compreender a experiência humana como um sistema não limitado a fronteiras civilizacionais ou culturais, e sempre em interação com outras unidades sociais mais ou menos distantes. Assim, a literatura de imigração, a literatura crioula, e formas não nacionais de expressão literária são reflexos de um mundo que se torna cada vez mais complexo no plano do supranacional. As duas disciplinas se desenvolveram independentemente, mas guardam entre si muitas semelhanças e trajetórias teóricas e metodológicas comuns. No século XX, elas refletiram diferentes desenvolvimentos na área da teoria, desde o marxismo até o neoliberalismo, passando pelo estruturalismo, pela desconstrução e pelo pós-colonialismo. Alguns autores importantes, como Said e Anderson, podem ser lidos tanto como uma contribuição para a área da literatura como para a da política internacional. Fenômenos como a globalização, o orientalismo e o pós-colonialismo têm ramificações nas análises dos dois campos. Da mesma forma, tendências como o feminismo, a ecocrítica e o pós-humanismo também se manifestam de maneira complementar nas duas disciplinas. O objetivo deste trabalho é apontar alguns desses pontos em contato, com vistas à construção de um futuro diálogo mais intenso, sistemático e deliberado entre as disciplinas de Literatura Comparada e de Relações Internacionais.

Palavras-chave: interdisciplinaridade; Weltliteratur; Realpolitik

METAMORFOSES: REFLEXÕES SOBRE O NOME, SEU ENTRE-LUGAR E SEU PAPEL PARA A SOBREVIVÊNCIA DO SUJEITO MIGRANTE NA OBRA DE YOKO TAWADA

Cláudia Fernanda Pavan (UFRGS)

Resumo: O objetivo deste trabalho é propor uma reflexão sobre o sujeito migrante na produção de narrativas literárias a partir de uma nova concepção - uma concepção transareal - das literaturas do mundo (ETTE, 2016). Trata-se de uma reflexão sobre as metamorfoses pelas quais esse sujeito passa, inclusive em relação ao seu próprio nome, e sobre as consequências dessas metamorfoses na sua sobrevivência. Toda a produção literária de Yoko Tawada é propositadamente repleta de relações intertextuais. "Propositadamente" aqui aponta para a consciência da intertextualidade - o que se verifica com bastante frequência na escrita de Yoko Tawada - em contraposição àquelas relações intertextuais inconscientes, quase automáticas que constituem o fazer do escritor, pois, como afirma Samoyault (2008), "leitura e escrita se interpenetram" e, dessa forma, os textos lidos se fazem presentes na escrita tanto consciente quanto inconscientemente. No ensaio "Metamorphosen der Personennamen" (TAWADA, 2011), por exemplo, não se pode negar as referências intertextuais ao livro *A Metamorfose*, grande obra de Kafka. Contudo, neste trabalho, pretende-se explorar, com base no referido ensaio e em outras obras também escritas por Yoko Tawada, a metamorfose do sujeito migrante na literatura que, num movimento transareal e de deslocamento, tem seu nome alterado: uma metamorfose do nome, uma metamorfose que - diferentemente do sentimento de pessimismo, desesperança e aniquilamento que se tem na leitura da obra de Kafka - é crucial para a sobrevivência desse sujeito migrante, assim como é crucial para a sobrevivência de uma nova concepção de literaturas do mundo. Uma concepção "que não pode mais orientar-se por um único

ponto de vista, por um único meridiano de uma única literatura mundial totalizante" (ETTE, 2016). A função social do nome do sujeito migrante, tanto no ensaio "Metamorphosen der Personennamen" (TAWADA, 2011) quanto em outras obras de Yoko Tawada, e como as alterações no nome afetam a identidade desse sujeito, metamorfoseando-o, são questões que guiarão as reflexões ao longo deste trabalho.

Palavras-chave: metamorfose; literaturas do mundo; transarealidade

2 agosto

14h30

O GÊNERO POLICIAL E AS "LITERATURAS DO MUNDO"

Víctor Manuel Ramos Lemus (UFRJ)

Resumo: A severa crise mundial pela que atravessa o modelo de acumulação do capital vigente, precarizando todas as esferas da vida econômica e social (brutal diminuição da renda, aumento do subproletariado, ataques a toda forma de organização política popular, concentração da riqueza e do poder em restritos lobbies, favelização crescente, pauperismo de smartphone em todos os pontos periféricos à concentração da riqueza etc.), revela que a ideologia em que pretende se legitimar esse modelo, dito de neoliberal, não condiz com os valores morais nem preserva a democracia de que se postula como expressão e paladino. Os traços que se observam na superfície, tais como violência, corrupção, autoritarismo, discriminação, mais do que epifenômenos, constituem o verdadeiro modo de operar desse sistema. Nesse cenário, também em escala mundial, consolida-se a presença do gênero policial como forma privilegiada para indagar todas essas condições a partir da cultura de massas. Na atualidade, em filmes, seriados, contos e romances, o gênero policial é amplamente utilizado na construção da narrativa, seja de maneira completa e programática (crime, detetive, inquérito, suspeitos, aventuras, desfecho epifânico) até usando apenas alguns desses elementos. Das paradigmáticas sagas de Henning Mankell ou Stieg Larsson para contar a corrupção em países modelo do capitalismo, das revisões da história traumática nos diversos países da Europa, até as narconarrativas de inúmeros autores latino-americanos, o policial tem se consolidado como forma privilegiada para refletir de maneira crítica sobre o mundo contemporâneo. Nesse sentido, a mundialização desta etapa histórica da modernidade capitalista homogeneiza, também, os modos de apreensão da realidade. Expressão da cultura de massas (que se caracteriza por extrair sua originalidade na produção de diferenças dentro de formas altamente codificadas), o auge do policial coincide com a crise do modelo de representação da realidade próprio do realismo clássico do século XIX, que era explicativo e esclarecedor dos problemas do mundo exposto/denunciado, esmiuçados pormenorizadamente aos olhos do leitor/espectador. De acordo com Carlo Ginzburg, a coincidência entre o nascimento do romance policial e a psicanálise (entre outras áreas do conhecimento) constata o aparecimento de um modo de cognição "indiziário". Nesse modo de apreensão do real, toda forma de percepção sempre é ativa: mais do que aguardar passivamente que a informação se apresente a ela, procura ativamente "sinais, signos, pistas" que indiquem o sentido dos processos. Entanto alternativa à cognição e crítica próprias dos romances "político" e "social" que predominaram durante a primeira metade do século XX, o gênero policial (elusivo e veloz na apresentação das informações, dinâmico na sua progressão, deixando lacunas que deverão ser completadas pelo leitor/espectador, com o permanente uso do choque vanguardista tanto nos aspectos violentos como nas aventuras que aí se apresentam) se erige em forma privilegiada para abordar as contradições do mundo contemporâneo.

Palavras-chave: 1 - Gênero policial ; 2 - Literatura contemporânea ; 3 - Forma literária e processo social

"NESSE JEITO DE SE MOVER": UMA ABORDAGEM TRANSAREAL EM ELIZABETH COSTELLO, DE J. M. COETZEE

Carla Luciane Klôs Schöninger (UFRGS)

Resumo: O presente texto objetiva trazer um estudo acerca da obra literária Elizabeth Costello, de J.M. Coetzee, publicado em 2003. O romance trata de viagens e palestras ministradas pela escritora fictícia Elizabeth Costello, revelando questões ligadas a sua vida pessoal, acadêmica e profissional. A obra está dividida em oito capítulos: Palestra 1: Realismo; Palestra 2: O romance na África; Palestra 3: A vida dos animais- Um: Os filósofos e os animais; Palestra 4: A vida dos animais- Dois: Os poetas e os animais; Palestra 5: As humanidades na África; Palestra 6: O problema do mal; Palestra 7: Eros; Palestra 8: No portão e no final, há um Pós-escrito: Carta de Elizabeth, Lady Chandos. Cada capítulo intitula-se com nomes das palestras ministradas pela escritora em eventos realizados em diferentes países. Para esta análise, o enfoque será dado a dois capítulos: "Os filósofos e os animais" e "Os poetas e os animais". No primeiro, a escritora faz menção à linguagem filosófica de Aristóteles, Descartes, Agostinho, Kant, entre outros; no segundo, há a citação dos poetas Rilke, Ted Hughes e do romancista Swift. Ambos os capítulos retratam duas questões ligadas ao conceito de Transárea abordado pelo teórico Ottmar Ette (2016), a primeira, pensando o conceito como algo que ultrapassa as fronteiras físicas, já que a escritora vive em movimento, deslocando-se entre territórios mundiais, a segunda, por ultrapassar as fronteiras da literatura ao trazer aspectos filosóficos e científicos em suas palestras, dando a elas um caráter transdisciplinar. O título proposto: "[...]nesse jeito de se mover" é parte da sentença: "O poema nos pede para nos imaginarmos nesse jeito de se mover", a qual é um enxerto da palestra: "Os poetas e os animais". Esse, condiz com o momento em que Elizabeth Costello cita o texto literário "O Jaguar", de Ted Hughes, como exemplo de como essa escrita faz com que não conheçamos o jaguar por sua aparência, mas sim pelo modo como se move. Faço deste modo, uma analogia ao movimento na literatura. Neste sentido, na investigação predomina a ideia do espaço não como algo estático, mas sim marcado por movimentos globais entre territórios e entre áreas. A exemplo da obra de Coetzee, enfatiza-se a concepção de Ottmar Ette de que a literatura produz conhecimento capaz de transformar a compreensão do mundo.

Palavras-chave: Transárea. Elizabeth Costello. Ottmar Ette.

"E ASSIM CUMPRIRAM": MEYER-CLASON E GUIMARÃES ROSA NOS TEMPOS DO TROVÃO

Paulo Astor Soethe (UFPR)

Resumo: Sob a noção de "saber-conviver" (ZusammenLebensWissen), proposta por Ottmar Ette, e sob a abordagem dos Estudos Literários transareais, a presente comunicação informa sobre resultados parciais do projeto de pesquisa "Guimarães Rosa e Meyer-Clason: literatura, democracia, saber-conviver", realizado com apoio da Fundação Alexander von Humboldt em parceria entre a UFPR e a Universidade de Potsdam, sobre acervo do tradutor alemão Curt Meyer-Clason, hoje depositado no Instituto Ibero-Americano (IAI) de Berlim. Similaridades e simetrias nos percursos biográficos de escritor e tradutor; o compartilhamento de experiências análogas no contato com ambientes e contextos ditatoriais e democráticos; e o exercício da atividade intelectual, literária e político-cultural sob o impacto e constante recordação dessas experiências oferecem a estudiosos da literatura, da tradução e da história cultural no ambiente entre o Brasil e a Alemanha material e subsídios únicos para o estudos dos fenômenos de interação, convívio e transformação, em meio à produção, difusão e circulação literária da obra de um dos maiores autores da literatura mundial no século XX.

Palavras-chave: Guimarães Rosa; Curt Meyer-Clason; Ottmar Ette

57 - PARA ONDE CAMINHAM OS ESTUDOS LITERÁRIOS? REFLEXÕES SOBRE A CONSTITUIÇÃO E AS CRISES DA HISTÓRIA, DA CRÍTICA E DA TEORIA DA LITERATURA

Coordenação: Constantino Luz de Medeiros (UFMG); Roberto Acízelo de Souza (UERJ)

Resumo: As reflexões sobre a história e a teoria da literatura envolvem questões fundamentais para os estudos literários, e pertencem igualmente a diversos outros campos das denominadas ciências humanas, tais como a sociologia literária, a filosofia da história, a estética, a filosofia da arte, a história das mentalidades, os estudos do discurso, a hermenêutica, a linguística, etc. Mais

recentemente, ao envolver questões antropológicas e até mesmo bioéticas, a inter- multi-, pluri- e transdisciplinaridade tornou o campo dos estudos literários mais abrangente, muitas vezes a despeito do estudo mais aprofundado do texto literário tomado em si mesmo, isto é, nas suas próprias articulações internas. As múltiplas possibilidades de pesquisa e o experimentalismo intelectual das novas teorias – muitas vezes a repetição de antigas ideias com termos renovados – fazem dos estudos literários um campo de incertezas e de grande confusão teórica. No entanto, a exemplo do que se dá em outras áreas das ciências humanas, os estudos literários precisam delimitar claramente seu objeto e seus objetivos de pesquisa, bem como necessitam de certa organização metodológica e conceitual. Naturalmente, as controvérsias internas, as diferentes formas de abordar e de se conceber o que seja propriamente o literário faz dos estudos sobre teoria e história da literatura um dos campos mais controversos do saber universitário, o que, a par de seu lado desconcertante – especialmente para os que se iniciam na área –, também constitui uma qualidade notável, pela riqueza de possibilidades que oferece ao estudioso, que, a partir da reflexão sobre um problema literário específico, verá abrir diante de si instigantes possibilidades de conexões com as mais diversas disciplinas e com diferentes artes. Constituem assim os estudos literários não só o campo de atuação dos seus especialistas, mas também um centro de interesse de outros estudiosos, entre os quais filósofos, historiadores, poetas, ficcionistas, antropólogos, sociólogos, psicanalistas, linguistas, críticos de arte.

Após a preocupação com o conceito de gênio, as nacionalidades e o autor nas teorias pré-românticas e românticas do século XVIII; a importância do texto e de suas funções, nas correntes críticas do século XX, como a estilística e o formalismo russo; a era dos grandes manuais, como o *Teoria da literatura*, de Wellek e Warren; a decretada morte do autor, no bojo dos estudos pós-estruturalistas; a ênfase colocada pela Escola da Recepção no horizonte de expectativas, na distância estética e no efeito produzido sobre um suposto público; o desenvolvimento do conceito de intertextualidade; a expansão da compreensão de textualidade para além dos limites do propriamente literário, com os estudos culturais e as novas tendências críticas (aí compreendidas, entre outras orientações, a crítica feminista, o pós-colonialismo, os estudos de gênero e de identidades étnicas), a questão que se coloca mais uma vez é: para onde caminham os estudos literários?

A ideia do simpósio, desse modo, é especular sobre essas alternativas múltiplas, agrupando pesquisas sobre problemas de história, crítica e teoria literárias, bem como sobre questões pontuais, desde que reflexivas, isto é, desde que problematizem seus próprios fundamentos conceituais, conduzindo a considerações de ordem teórica. Serão acolhidos, pois, estudos ou projetos sobre tópicos como: aspectos diacrônicos da história, da crítica e da teoria da literatura; fundamentos conceituais dos estudos literários; poéticas; relações inter-, multi-, pluri- e transdisciplinares, no domínio dos estudos literários e das humanidades em geral; comparativismo; reflexões sobre ensino de literatura; tendências e correntes atuais dos estudos literários; metodologias de análise literária; problemas de tradução; texto poético; texto narrativo.

31 de julho
14h30

O SURGIMENTO DOS ESTUDOS LITERÁRIOS MODERNOS NO SÉCULO XVIII ALEMÃO

Constantino Luz de Medeiros (UFMG)

Resumo: A comunicação apresenta e discute os fundamentos do que denomino de “A invenção da modernidade literária”, isto é, a revolução estético-literária ocorrida no bojo do primeiro romantismo alemão, ao final do século XVIII (MEDEIROS, 2018). Inserindo-se no âmbito das alterações políticas, sociais, econômicas e culturais que tomaram corpo no “Zeitgeist” romântico, essa mudança radical da crítica e da criação literária é parte integrante de um fenômeno maior, que intitulo “reconfiguração dos discursos de literatura” (MEDEIROS, 2018). A partir da reflexão sobre as três formas de consciência que possibilitaram a reconfiguração dos discursos da teoria, da crítica e

da história da literatura no século XVIII alemão, a saber, a consciência histórica, a consciência crítica e a consciência estético-literária, discuto como os escritos românticos, sobretudo de Friedrich Schlegel abrem o caminho para o surgimento dos Estudos Literários modernos. Entre os aspectos que possibilitaram esse fenômeno encontram-se a quebra do paradigma representacional e o surgimento de uma literatura metacrítica (através da ironia romântica); a ruptura com a poética clássica pela fusão das mais variadas formas e gêneros literários, à qual denomino de “máquina de gêneros”; a aproximação entre criação e crítica, poesia e filosofia no conceito de poesia romântica, universal, progressiva; a ênfase na importância do feio e do grotesco para a representação literária (ideia desenvolvida por Schlegel ainda em 1795, em seu “Sobre o estudo da poesia grega”); a compreensão da linguagem literária enquanto jogo espirituoso e prazer desinteressado, a aproximação recíproca entre teoria, crítica e história da literatura, entre outros temas. Diversos críticos e estudiosos da atualidade são unânimes em indicar o lugar de Schlegel como precursor dos estudos literários da Modernidade. Para Schlegel, fazer crítica era realizar a obra em segunda potência, atividade também chamada de “poesia da poesia” (MEDEIROS, 2018). Os românticos não faziam distinção entre crítica e criação literária, entre poesia e filosofia, de modo que sua teoria, sua história e sua crítica surgem nas mais inusitadas formas, em fragmentos, ensaios e no romance. Assim como acontece com a ruptura com a mimese clássica, a própria noção de poesia é alterada no âmbito do romantismo alemão, como demonstra Schlegel em “Conversa sobre a poesia”: “Quando praticadas com arte em vista de si mesmas, toda arte e toda ciência que atuam por meio do discurso aparecem como poesia” (SCHLEGEL, 2016, p. 507). É por essa razão que Philippe Lacoue-Labarthe e Jean-Luc Nancy indicam que o romantismo não é apenas literatura, e nem tão pouco mera teoria, história ou crítica da literatura, “mas a própria teoria enquanto literatura, a própria literatura produzindo-se e produzindo sua própria teoria” (apud MEDEIROS, 2018, p. 18). A partir do estudo das fontes primárias e da recepção crítica da obra de Schlegel, reflito sobre o modo como as ideias e conceitos desse pensador auxiliaram na reconfiguração dos discursos da teoria, da crítica e história da literatura; como suas concepções originais forjaram novas e inusitadas formas de se fazer e interpretar os fenômenos literários, inaugurando a modernidade literária.

Palavras-chave: Estudos Literários; Primeiro Romantismo Alemão; Modernidade literária

PROJETO: UM "READER" DAS RAMIFICAÇÕES DOS ESTUDOS LITERÁRIOS NOS SÉCULOS XX E XXI

Roberto Acízelo Quelha de Souza (UERJ)

Resumo: O projeto tem por meta principal a publicação de uma antologia de textos seminais para os estudos literários representativos do período que compreende os séculos XX e XXI, que tenham por tema os problemas correlativos da natureza e das funções da arte literária, bem como as questões referentes às suas técnicas de elaboração, processos para sua análise e critérios para a aferição de seu valor, destinada a professores e alunos de graduação e pós-graduação, da área de letras e de outros campos das humanidades. Pretende, assim, fechar um ciclo de estudos iniciado em 2002, e que resultou nos volumes “Uma ideia moderna de literatura: textos seminais para os estudos literários (1688-1922)” (Chapecó, SC: Argos, 2011) e “Do mito das musas à razão das letras: textos seminais para os estudos literários (século VIII a.C. – século XVIII)” (Chapecó, SC: Argos, 2014).

Palavras-chave: estudos literários; modernidade e pós-modernidade

ENTRE A CRÍTICA LITERÁRIA E A REPRESENTATIVIDADE SOCIAL

Marcos Estevão Gomes Pasche (UFRRJ)

Resumo: No famoso artigo “Notícia da atual literatura brasileira: instinto de nacionalidade”, publicado há quase cento e cinquenta anos, Machado de Assis distinguia nacionalismo de expressão de nacionalidade, apontando como o primeiro poderia contribuir para a emancipação literária do País, mas sem deixar de registrar o que nele era limite artístico e lacuna de meditação. O texto permanece válido para se pensar um debate que está na ordem-do-dia dos estudos de literatura, pelo qual se colocam em lados opostos a crítica literária orientada pelo cânone e os estudos culturais, contestadores do que entendem como valores tradicionalistas. A divergência ganhou nova

e ilustrativa página quando Regina Dalcastagnè, estudiosa afeita aos estudos culturais, fez, para o “Suplemento Pernambuco”, resenha de Mutações da literatura no século XXI, o mais recente livro de Leyla Perrone-Moisés, crítica defensora da concepção de “alta literatura”. Em linhas gerais, de um lado defende-se o prestígio de obras que expressem representatividade de grupos politicamente minoritários e tradicionalmente excluídos dos mecanismos garantidores de dignidade social. Do outro, defende-se uma abordagem criteriosa da literatura, vista como forma discursiva específica, avaliável a partir de critérios que indiquem o valor de realização das obras. Uma observação desapaixonada e distintiva das duas correntes identificará nelas pontos de convergência, dado que a expressão de lugares de fala incomuns à tradição literária não se caracteriza necessariamente como forma estranha a essa mesma tradição, o que, no caso brasileiro atual, pode ser constatado pela leitura de obras de Ana Maria Gonçalves, Luiz Ruffato e Glauco Mattoso, por exemplo. Outro feito interessante para o debate é o recente ingresso do poeta, letrista de canção popular e filósofo Antonio Cicero na Academia Brasileira de Letras, para a qual se candidatou por vê-la como instituição importante para o necessário estabelecimento do cânone. Feitas as considerações, esta comunicação se anuncia como tentativa de contribuição para o debate, procurando realçar e defender a convergência apontada acima, visto que o cânone, embora longo, é mutável, e sua justificada existência pode inclusive adensar feitos da representatividade efetivada por meio da literatura. Além das estudiosas, do filósofo, da escritora e dos escritores citados e citados, esta comunicação buscará respaldo teórico em trabalhos de Amelia Valcárcel (Ética contra estética), Roberto Acízelo de Souza (Variações sobre o mesmo tema) e Thomas Bonnici (O pós-colonialismo e a literatura).

Palavras-chave: Crítica literária; Estudos culturais; Cânone

DE "MESTRE DA VERDADE" A "POETA": PENSANDO O AEDO E SUA IMPORTÂNCIA PARA O CONCEITO MODERNO DE POIESIS

Danilo Barcelos (UNIMONTES)

Resumo: Os poetas representam um dos alicerces da estruturação do pensamento grego e delineiam, dessa maneira, não só sua relevância para a história da literatura, como também para a história ocidental, pautada numa tradição exegética. É difícil, ainda hoje, pensar qualquer análise desses conceitos sem que o pesquisador dos estudos literários faça uma alusão ao pensamento de Platão e aos estudos da Poética, de Aristóteles. Visto que tanto Platão quanto Aristóteles são figuras centrais do pensamento desenvolvido com relação aos conceitos de poeta, poema e poesia, pretendemos perceber em que medida a figura do poeta, o fazer poético e a poesia têm importância em um tempo anterior à filosofia, anterior a ambos. Em que momento na história grega o poeta perdeu seu posto de importância na ordem social e chegou ao ponto de, com Platão, ser expulso da república ideal. Pensar quando e em que medida a técnica poética ganha importância ao ponto de ser um dos elementos distintivos dos gêneros poéticos, como propõe Aristóteles na Poética. Por isso, nesse artigo, faremos uma revisão dos conceitos a partir de um tempo anterior a uma Grécia que passou a ter, com a escrita, uma relação indissociável com o pensamento. O período por nós estudado nesse artigo é o micênico grego, que se estende aproximadamente dos anos de 1600 a 1200 a.C., passando pela chamada Idade das Trevas (1100 – 800 a.C.) e pela Idade do Bronze (até por volta do século VII a.C.), tempo conhecido como o dos Basileus. Nesse contexto, buscaremos perceber qual valor possuía o aedo, em que medida “resguardar do esquecimento”, atividade por ele desempenhada, era entendido como “verdade” e qual relevância social esse representava no cenário da organização palaciana. Para pensarmos teoricamente esses pontos, temos como base para nossa análise os estudos de M.I. Finley, Jean-Pierre Vernant, Marcel Détienne, Luiz Costa Lima, L.R. Palmer e Michel Austin. Entendemos que a revisão do período chamado por Détienne de o dos “Mestres da Verdade” é fundamental para entendermos de que maneira em Platão e em Aristóteles as noções de poema, poesia e poeta se consolidam. Com isso, ao discutirmos quais os elementos contextuais norteadores para a delimitação das noções de poeta, poema e poesia, contribuimos para uma análise mais acurada desses conceitos na modernidade, em especial a noção

de poiesis desenvolvida pelo filósofo alemão Martin Heidegger em seus escritos sobre o poético e sobre a obra de arte. Isso porque entendemos que Martin Heidegger une na figura do poeta, então, suas duas origens. Como o poeta micênico, precisa ouvir a “verdade” e, em seguida trabalhará na linguagem munido de sua técnica para compor o verso. Um dos elementos importantes no pensamento de Heidegger sobre a poesia, que a nosso ver é importante para a discussão do conceito na Teoria da Literatura, é o resgate e a soma dessas duas condições primordiais do poeta das quais sua figura nunca esteve livre, mesmo tendo sido alteradas e sofisticadas essas associações com o passar do tempo.

Palavras-chave: poiesis, micênico grego, Platão, Aristóteles, Martin Heidegger.

A RETÓRICA DA EVIDÊNCIA

Henrique Carvalho Pereira (UFMG)

Resumo: Nos anos que seguem o chamado "giro linguístico", em que o crítico e historiador estadunidense Hayden White iniciou uma exploração das dimensões linguística, estética e retórica da escrita da história, emerge em mesmo ritmo um desconforto com o obscurecimento das fronteiras entre história e literatura. Com frequência, historiadores recorrem aos argumentos da evidência e da autoria para reassegurar a fronteira. Esta comunicação pretende problematizar o quanto há de retórico e estético no recurso sobretudo à evidência e o quanto isso permite problematizar a estabilidade do conhecimento histórico.

Palavras-chave: História; Literatura; Documento; Retórica

1 de agosto

14h30

A TEORIA DA LITERATURA E AS DESUMANIDADES

Marcus Vinícius de Freitas (UFMG)

Resumo: Este trabalho busca analisar o desenvolvimento interno da Teoria da Literatura e suas conexões com a perspectiva anti-humanista da Arte Moderna, tal como proposta por Ortega y Gasset. O anti-humanismo possui suas raízes na filosofia alemã do final do século XIX e na primeira metade do século XX, em especial em um autor como Nietzsche, e encontra seu desenvolvimento na filosofia francesa pós-moderna, tal como praticada por Michel Foucault e Jacques Derrida. A análise investiga um conjunto de filósofos, sociólogos e críticos literários que se colocam como críticos da tendência anti-humanista nas ciências humanas, em especial Luc Ferry, Alain Renaut, Roger Scruton, Eric Voegelin, Raymond Aron, Daniel Bell, José Guilherme Merquior e Tzvetan Todorov, com vistas a discutir o papel histórico desempenhado pela Teoria da Literatura no conjunto das Humanidades, agora entendidas como Desumanidades.

Palavras-chave: Teoria da Literatura; Anti-Humanismo; Pós-Moderno

AS TRANSFORMAÇÕES NOS CONCEITOS CHAVE DA LITERATURA NO FINAL DO SÉCULO XX E AS TENDÊNCIAS CONTEMPORÂNEAS DA CRÍTICA

Rodrigo Octávio Águeda Bandeira Cardoso (UNICAMP)

Resumo: Ao propor a noção de uma “arqueologia das ciências humanas”, a partir de uma sequência ou superposição histórica de planos de clivagem e epistemes, Foucault admite a existência, em cada momento histórico, de formações discursivas diversas, divergentes e contraditórias, ainda que se formulem sobre um mesmo solo epistêmico, ou seja, que tenham um certo horizonte comum no que diz respeito a certos princípios não-formulados. A esses princípios não formulados, Agamben, apropriando-se de um termo da história das ciências cunhado por Thomas Kuhn, chama de paradigmas. Ou seja: o desenvolvimento dos discursos se dá de forma descontínua e em qualquer momento histórico é resultado de diversas relações historicamente contingentes que caracterizam práticas e discursos dentro de certas comunidades, disciplinas ou formações discursivas compartilhando uma formação ou solo discursivo comum. Para escavar esse solo e aceder a esses

princípios ou hipóteses não formulados, a estratégia proposta, em conjunto, por esses autores, é perceber uma certa regularidade enunciativa na contradição, ou um jogo que estabelece quais enunciados podem ser considerados válidos. Desse modo, podemos tentar avaliar as diversas tendências críticas e teóricas nos estudos de literatura tendo em vista não apenas a sucessão histórica de autores e escolas mais pronunciadas, mas também os embates internos nesses momentos, observando quais são as condições de possibilidade desses discursos relacionados a movimentos históricos mais amplos, suas relações agônicas e disputas, não apenas estéticas ou epistemológicas, mas também por uma hegemonia política. Seria possível, ainda, procurar compreender as clivagens epistêmicas que permitem a emergência sucessiva de diferentes campos teóricos nos estudos literários através de uma observação histórica das mudanças em certos conceitos chave que embasam esses estudos, como as relações entre sujeito e linguagem, língua e nacionalidade, identidade e estilo, forma e subjetividade, arte e sociedade. Atualmente, diversas forças parecem reclamar o literário, produzindo um esgarçamento do sistema de valores canônico em disputas que buscam desconstruí-lo e, ao mesmo tempo, contraditoriamente, ocupá-lo. Esboçando uma breve genealogia desses conceitos básicos em tendências críticas do final do século XX até o presente (Teoria Crítica, Estruturalismo, Pós-Estruturalismo, Estética da Recepção, Estudos Culturais e Pós-Colonialismo), procurarei trazer para o debate elementos para uma reflexão sobre as tendências críticas contemporâneas, explicitando suas contradições e embates, evidenciando seu caráter agônico e buscando trazer luz para um solo em pleno deslizamento, nem sempre passível de observação. Não se pretende, portanto, chegar a conclusões rígidas ou metodologias bem definidas mas, antes, realizar uma reflexão especulativa, teoricamente embasada, a fim de abrir um debate sobre os possíveis caminhos para os estudos literários no presente contexto histórico.

Palavras-chave: Genealogia; Paradigma; Estudos Literários

LITERARIEDADE: A FALÊNCIA DE UM CONCEITO?

Peron Pereira Santos Machado Rios (UFPE)

Resumo: Elaborado no cerne do Formalismo Russo, com Roman Jakobson, o conceito de literariedade guarda uma dupla petição de princípio: na definição e na ilustração. Literariedade (*literaturnost*), como sabemos, é aquilo que torna literatura a literatura. Percebemos, portanto, que, em tal definição, o predicativo atribuído à literatura em nada acrescenta ao que o substantivo já acolhe – caso flagrante de uma tautologia clássica. Massaud Moisés (Dicionário de Termos Literários): “Amplamente difundida e aceita, a palavra mereceu glosas e aditamentos, que não escondiam o seu caráter tautológico: se ‘literariedade é o que faz de uma determinada obra uma obra literária’, segue-se que o objeto da ciência literária somente pode ser a obra literária” (MOISÉS, 2004). Além disso, a ideia de literariedade se contorna a partir da observação da poesia de vanguarda do século XX, como já pôde nos dizer Umberto Eco (Obra Aberta). No entanto, sempre que os formalistas eram chamados a exemplificar a concepção, recorriam justamente à... poesia de vanguarda. Observe-se que a limitação das ilustrações também é dupla: não apenas o que caracterizaria a literatura se ancorava em predicados presentes numa parte dela – a poesia (teríamos, então, uma indução sem cogência, uma metonímia deslegitimada) –, mas o próprio universo dentro da amostragem da poesia também é restrito, pois comporta sobretudo o que foi produzido no espírito experimentalista das primeiras décadas dos 1900. Lembra-nos Roberto Acízelo de Souza (Iniciação aos Estudos Literários) que o desejo de encontrar o estranhamento na literatura é uma tônica dos teóricos do século passado, dentre os quais se elencam Benedetto Croce, Viktor Chklovski, William Empson, Leo Spitzer, Luiz Costa Lima, Roland Barthes. Supondo propriedades intrínsecas aos textos, a formulação é, por muitos teóricos, considerada suprasumida, principalmente após os aportes reflexivos gerados pela Escola de Constança e toda a subsequente Estética da Recepção. Eis o que nos observa Terry Eagleton, em seu Teoria da Literatura: uma introdução: “A ideia de que existe uma única linguagem ‘normal’, uma espécie de moeda corrente usada igualmente por todos os membros da sociedade, é uma ilusão. [...] O que alguns consideram norma, para outros poderá significar desvio” (EAGLETON, 2003). Indagaremos justamente se é

possível, reformulando-a, resgatar esta noção como um contributo ainda viável e frutífero para pensar o literário. Buscaremos propor uma categoria como literariedade historicizada – valendo-nos do procedimento de esquadrihar a história das formas, típico dos estudos filológicos, como os de E. Curtius (*Literatura Europeia e Idade Média Latina*), Vladimir Propp (*As Raízes Históricas do Conto Maravilhoso*) e os de Erich Auerbach (*Ensaio de Literatura Ocidental*). Aliás, a concepção de “topologia histórica”, vislumbrada nos escritos deste último, nos será um apoio indispensável. Apresentaremos a especulação com análises comparativas, estilísticas e micrológicas do Padre Antonio Vieira e do Padre Girolamo Cattaneo, em textos enfiados no volume *As Lágrimas de Heráclito*. Para tanto, as reflexões alentadas de Alcir Pécora, em seu *Teatro do Sacramento*, e de António José Saraiva, em *O Discurso Engenhoso*, nos servirão de lente precisa para que possamos visualizar o que prima por preservar-se encoberto.

Palavras-chave: Teoria; Topologia; Literariedade; Formalismo.

DA SINCRONIA À ANTROPOFAGIA-BARROCA: OS CAMINHOS DO REVISIONISMO EM HAROLDO DE CAMPOS

Thiago de Melo Barbosa (UNICAMP)

Resumo: Haroldo de Campos destacou-se no cenário nacional enquanto um intelectual de múltiplos interesses. Foi poeta-fundador do movimento de poesia concreta, tradutor de grandes e variadas obras, tais como a *Ilíada*, *Um Lance de Dados* e o *Eclesiastes*, e ainda crítico com valiosas contribuições para os estudos literários no Brasil, com ensaios de muita repercussão e influência como “Da Razão Antropofágica: diálogo e diferença na cultura brasileira” e “Poesia e Modernidade: da morte da arte à constelação. O poema pós-utópico”, para citar apenas dois. Dentre esses vários desdobramentos que a produção do autor proporciona, chamaremos atenção para o seu revisionismo da tradição e/ou da historiografia literária. Tal vertente do projeto crítico-poético haroldiano, desde muito cedo, tem lugar de destaque na sua trajetória, vide, por exemplo, o interesse da vanguarda concreta em estabelecer, logo nos primeiros manifestos, o que eles chamavam de “paideuma”, isto é, um “elenco de autores cultomorfologicamente atuante no momento histórico” (CAMPOS, 2006). Inicialmente, Haroldo irá sintetizar seu modo de pensar o passado — desenvolvido muito em função das teorias de Pound e de Jakobson — na sua conhecida crítica acerca da “Poética Sincrônica”. Num segundo momento, especialmente durante a década de 1980, seu revisionismo ganha outras nuances e, com isso, novos teóricos — Juss, Walter Benjamin, Derrida e Octavio Paz — passam a ter mais relevância; o que é fácil de perceber num trabalho como *O Sequestro do Barroco na Formação da Literatura Brasileira*. Diante disso, acreditamos que a relação de Haroldo com a história literária pode ser dividida em, pelo menos, duas fases: 1. A do método concreto da poética sincrônica (vanguarda) e 2. A da antropofagia-barroca (pós-vanguarda). Entre uma fase e outra, é importante destacar que o poeta-crítico empreendeu longa revisão da obra do modernista Oswald de Andrade, a qual defendemos tanto como um ponto crucial para a consolidação do método da poética sincrônica, quanto como um estopim para a virada rumo ao que aqui estamos chamando de “antropofagia-barroca”. Focando nesses aspectos da crítica haroldiana, pretendemos refletir sobre os vários caminhos que o autor percorre (e propõe) para resolver os impasses que a historiografia literária suscita quando nos colocamos questões como: o que críticos e poetas precisam procurar ao revisitarem o passado? Por que alguns autores e obras são “sequestrados” do cânone? A tradição se constrói linearmente? Como o nacional comparece, ou não, na formação de dada literatura ou projeto literário? Por meio desta comunicação, visamos compartilhar com a comunidade acadêmica alguns dos resultados parciais da pesquisa de doutorado intitulada “Do Linear ao Constelar: as (re)visões da tradição poética na obra de Haroldo de Campos e seus efeitos”, que está sendo desenvolvida junto ao Programa de Pós-graduação em Teoria e História Literária da Unicamp.

Palavras-chave: Haroldo de Campos; Crítica; Revisões da tradição

2 agosto

14h30

A PROSA CRÍTICA DE JOÃO CABRAL DE MELO NETO

André Vinícius Pessoa (UERJ/CAPES/FAPERJ)

Resumo: Com base na leitura dos textos em prosa crítica de João Cabral de Melo Neto, “Considerações sobre o poeta dormindo”, “Poesia e composição” e “Da função moderna da poesia”, a proposta da comunicação consiste em debater os pressupostos teóricos do poeta sob a luz da tradição moderna do poeta-crítico.

Palavras-chave: João Cabral de Melo Neto; poeta-crítico; ensaísmo.

REVISITANDO A PROBLEMÁTICA DOS GÊNEROS: A CRÔNICA DE MILTON HATOUM

Ana Carolina da Conceição Figueiredo (UERJ)

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo refletir sobre as novas (re) configurações do gênero crônica na produção literária do escritor Milton Hatoum. A partir desse tema central, nossa discussão propõe investigar um pequeno corpus composto por algumas crônicas de Hatoum, publicadas entre os anos 2006-2010 na extinta Revista Eletrônica Terra Magazine. Esses textos, embora classificados como crônica, possuem em sua estrutura textual diversas marcas de outras espécies literárias, como o conto, o poema e o ensaio, denotando uma vertente híbrida que traz ao pesquisador um problema quanto ao conceito rígido de gênero. Nesse sentido, propomos pensar a crônica como uma espécie literária que possui uma história e vem se desenvolvendo, ganhando novos matizes, desde seu surgimento, no século XIX, até a contemporaneidade. Além disso, é nosso objetivo tecer considerações sobre as noções de autoria e de texto a fim de investigar os aspectos mais diretamente ligados ao papel do autor nessa forma de produção literária, hoje. Tais reflexões serão fundamentadas a partir das concepções teóricas de Antonio Candido (1992), para quem as crônicas estão divididas em crônicas-diálogos, crônicas narrativa, crônica exposição poética e crônica biográfica lírica; e das abordagens de Mikhail Bakhtin (1997) sobre autor e autoria. Esta comunicação dialoga com o simpósio “Para onde caminham os estudos literários? reflexões sobre a constituição e as crises da história, da crítica e da teoria da literatura”, no sentido de colaborar para as discussões propostas, que agrupam “pesquisas sobre problemas de história, crítica e teoria literárias”.

Palavras-chave: crônica; hibridismo; autoria; Milton Hatoum

TRANSCRIÇÃO DE MANUSCRITOS AUTÓGRAFOS INÉDITOS DE JOSÉ DE ALENCAR: NOVAS PERSPECTIVAS, OUTRAS ABORDAGENS?

Marcelo Peloggio (UFC)

Resumo: O trabalho tem como proposta mostrar, a partir da transcrição de manuscritos autógrafos de José de Alencar, a revitalização do conteúdo literário, na interpretação de material inédito, exemplificando aí o diálogo permanente entre o autor e a sua obra. Traço de união que desaparece quando é profundamente taxativa a síntese classificatória. Pois que o autor firma, a cada texto, um novo cruzamento de ideias, que há de refletir o de outros campos textuais, nos quais, em momento diverso, lançou o próprio autor os mais variados conceitos e opiniões.

Palavras-chave: José de Alencar; manuscritos; revitalização

MACHADO DE ASSIS E "MARIA DUPLESSIS": A (TALVEZ) PRIMEIRA "TRADUÇÃO" POÉTICA

Wilton José Marques (UFSCAR)

Resumo: Em linhas gerais, a presente comunicação se articula em torno da hipótese de o poema “Maria Duplessis”, de Alexandre Dumas Filho, ter sido a primeira “tradução” poética de Machado de Assis. Além disso, a comunicação apresentará a resolução de um enigma que, há tempos, ronda esta versão machadiana e que, inclusive, desafiou críticos, como por exemplo, Galante de Souza e Jean-Michel Massa, ou seja, a identificação da fonte inicial usada por Machado de Assis. Por fim, ressalte-se que o uso de tradução entre aspas se deve ao fato de a versão machadiana, na verdade, ter partido de uma tradução anterior em português, realizada - aliás, em prosa - por Leonel de Alencar.

Palavras-chave: Machado de Assis; "Maria Duplessis"; Tradução

FICÇÃO E METAFÍSICA: SAER E A EMERGÊNCIA DO MUNDO

Lucas de Jesus Santos (UNICAMP)

Resumo: Neste trabalho, propomos dois movimentos: primeiro, traçar um certo histórico das relações entre os campos da Literatura e da Metafísica, especificamente na esfera ontológica; segundo, demonstrar como existe, em algumas obras do escritor argentino Juan José Saer, uma reintrodução diferencial das problemáticas metafísicas no campo literário e como ela envolve, entre outras coisas, a própria reconfiguração da definição da ficção. O século XX assistiu, principalmente com as filosofias coligadas da obra de Friedrich Nietzsche, a decadência da ontologia: na introdução de Mil Platôs, por exemplo, Gilles Deleuze afirma que sua filosofia instaura uma lógica do E em oposição à lógica do SER, ou seja, opera a ação de "reverter a ontologia". Essa desontologização do discurso filosófico contemporâneo reverberou também nos Estudos Literários: a chamada crise da representação instaura um desligamento entre a literatura e o mundo, ou as faixas extraliterárias de circunscrição do sentido, acentuando uma espécie de autotelismo literário de origem formalista. No entanto, a obra de Saer se afasta dessas relações ao tematizar diretamente as possibilidades de intersecção, contágio e emanhamento (entanglement) entre ficção e mundo. A ficção saeriana promove uma forma diferencial de ontologia literária, na medida em que não trata de modo ingênuo e direto as questões de representação, nem as abandona em prol de um reducionismo semiótico. Para Saer, o próprio conceito de ficção é uma espécie de antropologia especulativa, ou seja, uma deriva entre os "imperativos de saberes objetivos e as turbulências da subjetividade" (SAER, 2009, p. 4). Longe de representar a imagem nítida de uma forma de vida, de reconstruir os encadeamentos do acontecer da história, ou reproduzir uma experiência vivida, a ficção constitui um regime distinto de especulação, irreduzível a nenhum outro domínio do pensamento. Dessa forma, as relações entre ficção e mundo passam a ter um caráter distinto daquele que pode ser definido em torno da noção Correlação (MEILLASSOUX, 2006), a saber, de que a ficção é apenas um modo de ligação entre humanos e coisas, sujeitos e objetos – a forma pela qual se dá a relação entre o homem e os espaços circundantes continentes (mundo, sociedade, cosmo, etc.) e seus elementos, ou consigo mesmo (consciência, afetos, pensamentos, etc.). Na perspectiva saeriana, a ficção não é um simples meio de acesso, ou uma modalidade alternativa de conhecimento do real, mas uma espécie de amparo através do qual ocorre a emergência, a eclosão de uma forma de vida. Para demonstrar esta ontologia saeriana da ficção, escolhemos tratar de cenas de duas obras distintas: o ritual canibal descrito em *El Entenado* e a figuração da água em *El limonero real*.

Palavras-chave: Ficção; Metafísica; Ontologia

58 - PERSPECTIVAS DA FICÇÃO PORTUGUESA CONTEMPORÂNEA

Coordenação: Gabriela Silva (PUC-RS); Evelyn Blaut Fernandes (UFRJ)

Resumo: Considerando a transversalidade entre os objetos do estudo da literatura contemporânea portuguesa e reconhecendo a sua pluralidade, este Simpósio recebe trabalhos para comunicação a respeito de temas recorrentes nas obras literárias produzidas em Portugal no final do século XX e no século XXI. Resultado das relações de construção ficcional e do percurso sócio-histórico, essas obras geram novos sentidos e configurações de apreensão e representação do *real*, fazendo da literatura portuguesa uma forma particular de aproximação e entendimento de momentos importantes do país em seu singular contexto histórico e nas interações com o mundo. Jacinto do Prado Coelho, em *A originalidade da literatura portuguesa* (1977), atribui-lhe temas recorrentes ao longo do tempo: saudade, amor, vocação histórica, identidade nacional e nostalgia, entre outros traços constitutivos. Também Eduardo Lourenço, em *Mitologia da saudade: seguido de Portugal como destino* (1999), comenta o eterno retorno da literatura portuguesa aos temas ligados à sua origem e à sua história como fonte incansável de proposições. João Barrento, em seu último livro de ensaios *A chama e as cinzas – um quarto de século de literatura portuguesa* (1974-2000), aborda algumas problemáticas intrínsecas à ficção portuguesa produzida neste período que se originam ao pensarmos sobre os

novos desafios sociais, mudanças de paradigmas técnico-científicos e transformações culturais globais. Segundo o autor, pode-se entender melhor “o lugar social, cultural e curricular da Literatura Portuguesa hoje e da literatura portuguesa de hoje, num Portugal europeu em plena crise de identidade, crescendo e perdendo-se de si no meio de contradições que derivam do embate entre realidades constitutivamente pré-modernas e momentos de uma pós-modernidade assimilada à pressa” (2016, p.179). No entanto, a literatura produzida nos séculos XX e XXI instaura, para além da permanente revisitação histórica (ainda hoje pertinente nos estudos literários por se tratarem de vozes de extrema importância como contraponto e sustentação do não esgotamento dos referidos temas), a concepção da amplitude do sujeito português decorrente de uma ficção que procura a expansão de seus temas. Assim, pensar a literatura portuguesa contemporânea é perceber todas as suas modificações desde finais do século XX, sobretudo a construção de um novo sujeito que emerge do âmbito literário e desloca-se em fluxo contínuo e paradigmático em relação à sua própria cultura, configurando-se como leitor de um mundo externo ao seu, ou ainda um mundo pertinente ao entendimento do seu próprio universo histórico e social, vivenciado através de experiências particulares ou coletivas. No período delimitado como recorte temporal para a formação de um *corpus* de autores e obras, essas modificações alinhadas às constantes transformações da própria literatura têm sido demarcadas e estudadas sob diversos focalizadores numa tentativa de construir poéticas singulares na ficção portuguesa. Dentre a diversidade de pesquisas no universo da ficção contemporânea que compreende novas leituras, tendências, teorias, deslocamentos de estruturas, paródias e revisitações de temas já conhecidos, além de estudos sobre poéticas, vertentes, vozes, percepções do sujeito e temáticas voltadas para a compreensão da realidade histórica contemporânea, são também aceitas propostas de comparação com obras de épocas anteriores, não apenas presentes nos sistemas literários como também na interação da arte da palavra com as demais artes e áreas do conhecimento. Neste sentido, serão aceitos trabalhos que visem à discussão da atualização de temas nas obras do período delimitado sob os pontos de vistas da intertextualidade, do cânone, da experimentação e do comparatismo. Na proposta de comunicação recomenda-se constar a metodologia de trabalho e o quadro teórico de fundamentação.

31 de julho
8h30

CONSIDERAÇÕES SOBRE A PERSPECTIVA EM UMA ABELHA NA CHUVA E FINISTERRA. PAISAGEM E POVOAMENTO

Giseli Seeger (UFSM); Alana Francisca da Silva Hoffmann (UFSM)

Resumo: A obra de Carlos de Oliveira assume um lugar muito relevante no cenário da literatura portuguesa. O escritor publicou romances e poemas, distinguindo-se, em ambas as formas literárias, por um intenso cuidado artístico. Figura engajada na implantação do Neorrealismo, abandona gradualmente o pendor comprometido e militante que se fazia sentir em sua obra poética e romanesca inicial. No resultado final de sua produção, obsessivamente reescrita e revisada, podemos assistir à “afirmação enfática do eu enunciador” cedendo a um “recolhimento do espaço social para o textual” (SILVESTRE, 1996). Em *Uma abelha na chuva* (1953), a fidelidade neorrealista de Carlos de Oliveira começa a abrir “as fissuras confirmadas pela subsequente obra poética e também pela reescrita dos textos ficcionais”, fissura esta que, em *Finisterra. Paisagem e Povoamento* (1978), configura-se já como deriva em direção a um processo de escrita revolucionário (REIS, 2004): no último romance do autor, encontramos motivos temáticos e imagens que figuram em *Uma abelha na chuva* e constituem o pilar do conjunto de sua obra. Dentre estes, a paisagem da Gândara, a decadência moral e financeira, a instabilidade do solo, a ruína da casa, a memória, a solidão; o halo de luz, o fogo, a névoa, as dunas, o mineral. Em *Finisterra*, porém, essas constantes são desenvolvidas mediante um modo compositivo muito particular, que incide drasticamente sobre a configuração das categorias da narrativa. Interessa-nos analisar o modo como a perspectiva se

configura nestes dois romances de Carlos de Oliveira. Mais especificamente, importa-nos verificar como se opera em *Uma abelha na chuva* e *Finisterra* a exploração das modalidades de pessoa, as oscilações entre os pontos de vista dos narradores e das personagens e como tais configurações discursivas conexionam-se com a constituição das personagens e influem sobre sua percepção do tempo e do espaço. Considerados os pontos de contato e distanciamento entre as estratégias de construção da perspectiva empregadas em cada uma dessas obras, buscamos entender as articulações entre o processo evolutivo da escrita do autor e a conjuntura literária e social em que este se desenvolve.

Palavras-chave: Uma abelha na chuva; Finisterra; perspectiva.

NOTAS SOBRE A GUERRA: OS TESTEMUNHOS TRAUMÁTICOS DE JACK NOVAK EM A ÚLTIMA CANÇÃO DA NOITE, DE FRANCISCO CAMACHO

José Luís Giovanoni Fornos (FURG)

Resumo: O objetivo da comunicação é discutir as relações entre memória e história, considerando seus efeitos traumáticos no romance de Francisco Camacho. Para tal empreendimento, recorre-se aos campos teóricos da historiografia e da psicanálise, inserindo-os numa perspectiva política e sociológica. Dos entrelaçamentos previstos, são importantes a compreensão e a explicação dos processos sociais envolvendo sujeitos marcados pelos traumas históricos que assolam suas nações. O presente estudo decorre do projeto de pesquisa *As relações entre memória, história e esquecimento: uma perspectiva do testemunho, do trauma e da melancolia nos romances portugueses do século XXI*. Dos estudiosos elencados, destaque para o filósofo francês Paul Ricoeur que se propõe a discutir as aporias da memória, da história e do esquecimento. Um dos projetos de Ricoeur é compreender o problema da memória numa perspectiva individual e coletiva, relacionando-a à prática historiográfica.

Palavras-chave: Memória; testemunho; Romance português

EM TODOS OS NOMBRES, O SUJEITO VAI PARA O ESPAÇO

Pedro Fernandes de Oliveira Neto (UFERSA)

Resumo: Um romance com o título de *Todos os nomes* e que não apresentaria nenhum nome se não fosse a presença do Sr. José, o único nomeado, não é construído para por em destaque essa figura individual; tampouco está relacionado a uma temática de problematização dos nomes, como parecerá à primeira vista. Apesar de ser uma questão das recorrentes na literatura de José Saramago, inclusive nesse romance, não chega aqui a se constituir em tema principal; é mencionada numa breve reflexão em torno do nome do Sr. José e tudo não passa de uma discussão irônica sobre uma caracterização do funcionário. Isto é, mesmo que o título da obra chegue a desempenhar uma relação ainda que irônica com o fato de as poucas personagens que aí circulam serem destituídas de nome próprio ou de despiste alegórico, ser um título cujo sentido aponta para uma via quando se relaciona, de fato a outra, não ser um romance cuja ideia central está em tratar do processo de nomeação quando indica para isso, requer uma observação. Resta-nos compreender que esse título se relaciona, sim, não a outra coisa, mas à Conservatória Geral do Registo Civil onde estão registrados todos os nomes, os dos vivos e dos mortos. Mesmo a certa altura da narrativa, quando o Sr. José se afasta do seu lugar de trabalho para uma visita ao Cemitério – outra face do primeiro espaço – os termos são utilizados para designar a fronteira ou divisa entre o Cemitério e a cidade. Bom, ainda poderíamos atentar – pela experiência da nudez dos nomes próprios, nudez que primeiro assinala um anonimato das personagens e segundo os integra como qualquer um – que os termos todos os nomes inscrevem também a presença de uma ausência; afinal, este talvez seja, de fato, o sentido fundamental do romance. Não estamos, pois, em parte alguma distantes de um modo particular de figuração do sujeito, instância tão escorregadia quanto o sentido de presença na ausência. Espaço de conservação de todos os nomes, a Conservatória se institui como se um grande cérebro, “mundo e centro do mundo”, um organismo determinante de quem, de fato, é possuidor do direito de existir e não existir; imagem acerca da burocratização do ato de ser e estar no mundo,

apêndice da memória e da história social – temas, aliás, bastante caros à literatura saramaguiana. A partir destas considerações, esta comunicação se interessa por uma leitura sobre o espaço em Todos os nomes enquanto metáfora ou a metonímia, uma vez que sua organização desenhada milimetricamente pelo narrador se constitui como se uma forma para falar sobre outra coisa – função própria da primeira forma de linguagem; e sua configuração se apresenta alinhada como se uma miniaturização do aparelho social, isto é, instância que guarda em seu interior toda a ordem daquilo que se passa fora de suas fronteiras, como se mais um daqueles aparelhos simbólicos que regulam as naturezas dos indivíduos.

Palavras-chave: José Saramago; Espaço literário; Sujeito.

INÊS PEDROSA: DESAMPARO & REMEMORAÇÃO EM PROCESSO

Ulysses Rocha Filho (UFG)

Resumo: Esta comunicação apresentará o fazer literário presente em romance da escritora portuguesa Inês Pedrosa, entre o político e o biográfico de Portugal e do Brasil (onde vivera a protagonista Jacinta Sousa) em típicos espaços onde se cruzam personagens e histórias de outros continentes enquanto tentam sobreviver à maior depressão econômica das últimas décadas. Além disso, ressaltar a construção narrativa que emerge do âmbito literário e desloca-se em fluxo contínuo e paradigmático em relação à sua própria cultura de Portugal e Brasil. Para tanto, objetiva-se perscrutar o registro de quatro vozes, no silêncio, para emoldurar a saga da “matriarca” luso-brasileira sendo simulacro da história contemporânea dos países envolvidos. HALBWACHS (2013) ressalta que os fenômenos de recordação e de localização das lembranças não podem ser efetivamente analisados se não for levado em consideração os contextos sociais que atuam como base para o trabalho de reconstrução da memória. “O romance é a forma literária que reflete mais plenamente essa reorientação individualista e inovadora. As formas literárias anteriores refletiam a tendência geral de suas culturas a conformarem-se à prática tradicional do principal teste da verdade: os enredos da epopeia clássica e renascentista, por exemplo, baseavam-se na História ou na fábula e avaliavam-se os méritos do tratamento dado pelo autor segundo uma concepção de decoro derivada dos modelos aceitos no gênero”. (WATT, 1996, p. 14). O romance Desamparo (2015) capta o momento em que Jacinta, às portas da morte, recapitula uma vida de alegrias e tristezas no Brasil, a infância infeliz, a indiferença afetiva do pai em simultâneo com a ausência da mãe, as relações conjugais falhadas, a relação conflituosa com o filho mais velho, a vida no Rio de Janeiro na primeira metade do século XX. Assim, será ressaltada a utilização da memória na estrutura romanesca, na História ou na fábula e daqueles espaços percorridos pelos narradores como perspectivas de observação do desamparo em que se encontram país e familiares daquela mulher, após cinquenta anos de ausência física.

Palavras-chave: Velhice; Identidade; Estudos Culturais; Inês Pedrosa; Anamnese.

31 de julho

14h30

A FICÇÃO PORTUGUESA CONTEMPORÂNEA: A REPRESENTAÇÃO DE UMA INQUIETUDE PELAS VIAS DA IRONIA

Camila da Silva Alavarce (UFU)

Resumo: A ficção portuguesa contemporânea apresenta-nos um tipo muito singular de representação, quase sempre tecido pelo viés de uma busca. Seja o desejo de investigação de uma identidade, de certo modo, historicamente excêntrica ou periférica, seja a reflexão existencialista em torno do eu e do outro seja, ainda, o pensamento que perscruta os próprios limites da ficção – a narrativa portuguesa contemporânea tem sinalizado, esteticamente, uma preocupação em representar indagações em torno de um “estar no mundo”. Nesse sentido, romances como Aparição, de Vergílio Ferreira (1959), Bolor, de Augusto Abelaira (1968), Vícios e virtudes, de Hélder Macedo (2000), Comissão das lágrimas, de António Lobo Antunes (2011) e – claro – praticamente

toda a ficção de José Saramago revelam projetos literários que – guardando, obviamente, as suas especificidades – estabelecem um diálogo importante entre si, ao recusarem qualquer tipo de discurso enrijecido, padronizado ou convencional, buscando o resgate e a potencialização de um “real” cujo traçado é, invariavelmente, o da contingência. A presente proposta pretende pensar as origens desse traçado existencialista e desse “olhar desconfiado”, tão característicos da ficção portuguesa contemporânea, que tende, pois, a revisitar temas, assuntos, conceitos já conhecidos – e, de certo modo, cristalizados – para, enfim, propor um olhar outro, de outra perspectiva, em busca de uma revisão desses temas, assuntos e conceitos já convencionados. Partiremos do final do século XIX, revisitando a estética simbolista, e passaremos pelo Modernismo português, procurando “ouvir” as indagações presentes nesses momentos literários anteriores e, ainda, pensar que relações e antecipações essas “vozes indagadoras” estabelecem com a ficção portuguesa contemporânea. As narrativas portuguesas contemporâneas, delineadas do modo como estamos entendendo aqui – ou seja, pelas vias de uma representação da dúvida, da inquietação, da crise (também de identidade), de uma busca do novo, enfim – revelam, em seus projetos criativos, de maneira significativa e recorrente, a ironia e o riso. Queremos estudar também que afinidades são estabelecidas entre esses recursos estéticos – a ironia e o riso – e a ficção portuguesa contemporânea, no sentido de que tais recursos criam um espaço para a representação da ambiguidade e de um “olhar à espreita”, tão marcantes nessa ficção. Para tanto, revisitaremos os estudos de Eduardo Lourenço, em “O labirinto da saudade”, estudos em torno do conceito de ironia, ao lado das teorizações de Lélia Parreira Duarte, Linda Hutcheon e Richard Rorty e, ainda, estudos em torno dos momentos estético-literários do Simbolismo, do Modernismo português e da Contemporaneidade.

Palavras-chave: representação; ficção portuguesa; inquietação; ironia

O SENHOR ELIOT E AS CONFERÊNCIAS, DE GONÇALO M. TAVARES: METONÍMIAS DA PESQUISA, DA PRODUÇÃO E DA CRÍTICA LITERÁRIAS CONTEMPORÂNEAS

Maria Catarina Rabelo Bozio (USP)

Resumo: Na coleção O Bairro, Gonçalo M. Tavares – escritor português nascido em Luanda em 1970 – constrói uma pequena comunidade de personagens homônimos a grandes escritores. As publicações desta série, iniciada em 2002, propõem, por meio da ficção, uma convivência entre alguns personagens homônimos a figuras relevantes para o contexto acadêmico das ciências humanas. Dentre os senhores que dão nome a livros da série, tem-se Brecht, Kraus, Juarroz, Calvino, Henri, Walser, entre outros. Para esta comunicação, tomarei como ponto de partida o livro O senhor Eliot e as conferências (2010) por entender que ele pode representar uma metonímia do projeto de Tavares em sua proposta mais ampla. Na obra, sete conferências sobre poesia – mais especificamente, sobre um verso retirado de poemas dos poetas Cecília Meireles, René Char, Sylvia Plath, Marin Sorescu, W.H. Auden, Joseph Brodsky e Paul Celan – são proferidas pelo senhor Eliot. Neste sentido, já é possível identificar na existência de conferências literárias – cujo público é formado alguns outros senhores: Breton, Balzac, Borges, etc – a correspondência ficcional de uma pequena comunidade leitora, assim como proposto por Tavares como traço original de O Bairro enquanto coleção. Nas conferências de Eliot, há uma presença recorrente: Swedenborg, personagem cujo nome dá título a um outro livro da coleção, O Senhor Swedenborg e As Investigações Geométricas (2009). As comunicações do senhor Eliot são feitas em salas quase vazias, o que nos ajuda a repensar a própria proposta da pesquisa acadêmica na atualidade, e o conferencista trabalha com uma certa dose de humor a distorção e o papel da crítica literária contemporânea. Isso se baseia na prática do senhor Eliot de desmonte dos versos analisados e de realizar alterações no sentido original da composição literária até que os poucos interlocutores sejam convencidos das propostas interpretativas ali realizadas. Além disso, a grande intertextualidade proposta pela existência dos senhores (Breton, Balzac, Borges, etc), enquanto espectadores das conferências e pelos autores escolhidos como fonte dos versos (Meireles, Plath, Sorescu, Auden, etc) que originaram as palestras de Eliot dão margem a pesquisas sobre como o cânone literário e das humanidades é ali representado. Pode-se questionar a partir daí se a

reprodução fictícia corresponde ao papel histórico e literário de cada um dos autores que em O senhor Eliot e as conferências recebem personagens homônimos ou são citados – e sobre como esse novo formato de experimentação livre passa a compor a produção literária de Gonçalo M. Tavares e de outros autores desta mesma geração da novíssima literatura portuguesa. Em função desses traços, que podem indicar uma tendência para este grupo de autores da ficção contemporânea portuguesa, é possível reconhecer a obra de Gonçalo M. Tavares como representativa para uma reflexão sobre as perspectivas da ficção portuguesa contemporânea, de forma a buscar compreender o seu papel dentro da literatura portuguesa em si, mas também dentro das novas funções da literatura em um contexto mundial, que considere a realidade histórica, da crítica literária e da pesquisa acadêmica em vieses contemporâneos.

Palavras-chave: Comunidade literária; Gonçalo M. Tavares; O Bairro; O Senhor Eliot e as conferências; Crítica literária

"EU SOU AQUELE OCULTO E GRANDE CABO": REFLEXÕES SOBRE O ADAMASTOR NO SÉCULO XXI

Evelyn Blaut Fernandes (UFRJ)

Resumo: Partindo do reconhecimento de que a obra de Luís de Camões ocupa o centro do cânone literário português, esta proposta de comunicação busca uma reflexão sobre a relação do Poeta do século XV com a produção contemporânea da literatura portuguesa cuja leitura aponta como Os Lusíadas simbolizam a própria memória de uma cultura, ampliando sua notória influência na epopeia de Gonçalo M. Tavares. Esta influência é notável desde a emulação da estrutura da epopeia camoniana, mas Uma viagem à Índia, ao mesmo tempo em que problematiza as versões épicas através do deslocamento do seu protagonista em contexto de perseguição e fuga, também leva a efeito um movimento dos antigos aos contemporâneos. Além do movimento circular do próprio itinerário de Bloom (Lisboa-Londres-Paris-Alemanha-Viena-Praga-Índia-Paris-Lisboa), Uma viagem à Índia revisita os dois ciclos épicos d'Os Lusíadas, formadores da estrutura da viagem, segundo o modelo clássico greco-latino, alterando o roteiro circular de ida e volta entre o ponto de partida (Lisboa, Praia do Restelo), o meio do caminho (África, o Cabo das Tormentas) e a linha de chegada (Índia, Calecute) da narração da descoberta do caminho marítimo para as Índias por Vasco da Gama. A partir da leitura que faz Jorge de Sena do poema camoniano, em A estrutura d'"Os Lusíadas", com o primeiro verso do "Inferno" – Nel mezzo del cammin de nostra vita (Alighieri) –, também sigo a conclusão de Jorge Fernandes da Silveira no seu ensaio "Pedras" (Verso com verso, 2003): "A pedra no meio do caminho do Drummond é o seu Adamastor do Camões". Na viagem do século XXI, entretanto, não há uma pedra no meio do caminho (Drummond apud Silveira), "[n]ão há estados intermédios" (Uma viagem à Índia, 2010). Neste sentido, esta proposta busca ainda refletir sobre o Adamastor revisitado em Uma viagem à Índia, cujo herói é uma personagem em tempos de estados de exceção.

Palavras-chave: Camões no século XXI; cânone; ficção portuguesa contemporânea

PARA TÃO LONGO AMOR TÃO CURTA VIDA: A FIGURAÇÃO DE CAMÕES NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA

Gabriela Silva (URI)

Resumo: Jorge de Sena em "A poesia portuguesa" aponta sobre a poesia de Camões, descrevendo-o como "uma grande figura de poeta, prestigiada por secular devoção e universal renome" (1959, p.31). Também Eduardo Lourenço, recorre à ideia da identificação do povo português com o poeta que deu-lhes um sentido mítico para a existência. Em "O labirinto da saudade", comenta: "Camões não pertence a ninguém, mas na medida em que emprestou forma à existência e ao ser ideal da "pequena casa lusitana", e assim a subtrai à informe existência histórica empírica, a ele pertencemos. O que convém é saber como. Camões e a sua obra, em particular "Os Lusíadas", não são uma realidade intemporal e de significação unívoca. Deslocá-los, arbitrariamente, da sua significação própria (...), para a falsa eternidade de um mito moral, histórico e ideológico cujas bases continuariam intocáveis, é celebrá-lo às avessas." (2015, p.149). O fato é que Camões faz parte do

imaginário português e por isso é que não faltam ideias e alusões sobre a sua biografia. Vitor Aguiar e Silva, aborda essa perspectiva biografista do poeta: “(...) elabora-se uma construção biográfica com base em textos inquestionavelmente de Camões, em textos que podem ser de Camões e em textos que não são de Camões” (1999, p.11). Sua biografia interessou a pesquisadores e leitores de diversas épocas até os nossos dias. Para além das tentativas biográficas, existem as perspectivas ficcionais: construções que tornam o poeta personagem principal de uma vida baseada em fatos marcados e conhecidos pela história. Do corpus escolhido para compor este trabalho emergem três versões distintas da figura camoniana: “Que farei com este livro?” (1980), peça teatral de José Saramago; “Erros Meus, Má Fortuna, Amor Ardente” (1981), peça teatral de Natália Correia; e os “Naufrágios de Camões (2017)”, romance de Mário Cláudio. O enfoque que escolhemos para a abordagem são as recorrências similares ou ainda pontos de intersecção entre as diferentes composições da personagem. As obras apresentam aspectos históricos e biográficos do poeta, percorrendo momentos importantes de sua trajetória pessoal e deslocando-o para o mundo contemporâneo, constituindo-se como presença constante na literatura de diversas obras portuguesas do século XX e XXI. “Camões não precisa de nós, nem da nossa admiração redundante, nem do nosso olhar crítico.” (2015, p.156), comenta ainda Eduardo Lourenço. A literatura é que precisa de Camões, para que se tenha sempre a ideia dos elementos que constituem a qualidade de sua poética e da importância de toda a poesia por ele produzida.

Palavras-chave: Camões; literatura contemporânea portuguesa.

OS CAMINHOS POSSÍVEIS NO TEXTO DE MARIA GABRIELA LLANSOL

Winnie Wouters (FACESPI - União de Ensino Superior de Piraju)

Resumo: Maria Gabriela Llansol vivia da escrita. Não apenas porque dessa tarefa dependesse seu sustento, mas porque era na escrita que a autora via abrirem-se universos nos quais viver se torna realmente possível, mesmo quando a vida biológica não existe mais. Talvez possamos definir esse como o pensamento circundante em *Inquérito às quatro confidências* (2011b), “diário”/texto que, escrito por Llansol e dedicado a Vergílio Ferreira, apresenta a trajetória de uma amizade. Ali vemos se levantar as figuras de “Gabriela” e “Vergílio”, ambas buscando compreender um enigma, inquietação que cada um possui perante a escrita: “A pergunta do Vergílio [diz Augusto] é saber se o teu texto é possível, se há nele uma espécie de garantia de verdade, como a que a fé proporcionou à crença e a ciência experimental à razão./ Se houver.” (LLANSOL, 2011b). Para “Gabriela”, a questão está em encontrar um modo de levar “Vergílio” a perceber que, para além de definir aquilo que pode ser uma “garantia de verdade” ou não, está a necessidade de se enxergar um caminho diferente. Mescladas a essas interrogações, as reflexões das figuras se estendem pelo cotidiano, enquanto suas raízes extrapolam o olhar comum. As variáveis entre a “verdade” e outros rumos possíveis são dispostas em perspectiva por meio do discurso filosófico. Assim, “Gabriela” e “Vergílio” têm como fundo em sua discussão o poema de Parmênides, “Da natureza”. No intuito de investigar as formas possíveis de se existir para o texto llansoliano, esta comunicação propõe a análise do livro *Inquérito às quatro confidências* (2011b) sob a perspectiva da releitura ali presente do poema de Parmênides, em que, ao invés de sermos apresentados às vias possíveis em direção à verdade como propôs o eleata, aprendemos sobre os caminhos em torno do “há”: o que “há”, o que “não-há” e o “há com aura”. Para nos auxiliar a compreender os caminhos pelo texto, recorreremos às observações de Pedro Eiras (2004), Maria Etelvina Santos (2008) e João Barrento (2012), cujos trabalhos revelam a ideia do “há” sob diferentes perspectivas, contemplando a obra llansoliana como um todo. Tal reflexão, ao explorar o texto como espaço, elabora também uma análise acerca de seus limites, uma vez que toma a própria escrita como lugar, via possível, impossível ou ainda não percebida pelo olhar na qualidade de potência à espera do encontro inusitado.

Palavras-chave: Llansol; *Inquérito às quatro confidências*

59 - POESIA E CANÇÃO HOJE: IDENTIDADES E POSSIBILIDADES

Coordenação: Robson Tinoco (UNB); Sergio Bento (UFU)

Resumo: São conhecidas as complexidades da imbricação entre canção e poema. A primeira, largamente popularizada a partir da segunda metade do século XX, é por vezes relegada ao limbo da “indústria cultural”, tendo seu status literário questionado; o segundo, desde a modernidade, tem se fechado em um obscurantismo hermético que o encastela em pequenos círculos de “iniciados”. Com o impacto midiático da escolha de Bob Dylan ao prêmio Nobel de Literatura em 2016, além da proliferação de estudos ressaltando a performance como sua origem comum, ainda em sociedades orais (FINNEGAN, 1992; ZUMTHOR, 2010), ambas as manifestações vêm sendo confrontadas comparativamente em uma chave menos excludente. Longe de definições que incidam em um reducionismo hierárquico, ou ainda que promovam uma mutilação de elementos intrínsecos à obra (como analisar uma letra de música despida de sua melodia, tornando-a um suposto poema), essa recente linha investigativa busca no conceito de “voz” um ponto focal de similitude, o que abarca a multimodalidade propiciada pelas tecnologias computacionais e digitais. Assim, desbotam-se as fronteiras entre poesia, canção, performance, teatro e artes visuais, em um hibridismo de suportes que marca e define o contemporâneo.

No Brasil, a importância sociocultural da MPB (TATIT, 2004) – sua mescla de densidade política, verve paródica, inocência otimista, enfim, uma “gaia ciência”, na certa expressão de José Miguel Wisnik (2004) – levou autores a naturalmente transitar entre os diferentes universos de criação a partir dos anos 60 (ressalvada a relevância de Vinícius de Moraes como um fundamental precursor), com os poetas ligados à geração dita marginal, influenciados pelo Tropicalismo e sua “elucidação conceitual” da música popular feita no país (CICERO, 2005). Nomes como Torquato Neto, Capinam, Paulo Leminski e Waly Salomão apresentam obras consistentes tanto como poetas publicados em livros quanto como letristas; artistas multimídia, como Arnaldo Antunes, Augusto de Campos, André Vallias e Érica Zingano, especialmente desde a década de 80, fundem palavra, música, voz, cor e movimento em objetos artísticos dinâmicos de difícil classificação; a partir dos anos 90, a ascensão do RAP, primordialmente na periferia de São Paulo, lidera o surgimento de coletivos literários e de uma profícua produção poética a partir de espaços marginalizados na cena artística canônica; além disso, compositores musicais consagrados, como Caetano Veloso e Chico Buarque, não apenas produzem literatura *per se*, como são largamente referendados pela crítica.

Concomitantemente a tais relações e sobreposições, porém, persiste a publicação de poesia impressa no objeto livro, bem como o lançamento de canções populares, ambas convivendo com a situação limítrofe de suas formas “tradicionais” no novo século. Nos dois casos, prevalece a constante percepção de risco, de inadequação e de exaustão de possibilidades. É extensa a discussão sobre os rumos da lírica e sua viabilidade de existência em um mundo como o contemporâneo – de apagamento e fragmentação de identidades, de hiperaceleração do tempo e de acirramento do pragmatismo cotidiano –, o que lhe confere um modo de sobrevivência por meio da permanente situação de crise (SISCAR, 2010) e de autoquestionamento. Do mesmo modo, o RAP posto como uma “anticanção”, negação da impostação melódica que subverte a música popular, tem suscitado hipóteses de esgotamento do gênero nos dias atuais, seja por críticos como José Ramos Tinhorão, seja por compositores como Chico Buarque.

Dessa forma, o presente simpósio pretende estabelecer um espaço de discussão em que sejam levantadas e aprofundadas questões pertinentes ao escopo proposto: relações fronteiriças entre música e poesia, deslizamentos conceituais, hibridismos e novas formas, sempre pensados em função da contemporaneidade. Serão aceitas comunicações que:

- a) proponham um debate teórico entre o estatuto estético da canção e do poema, a partir de similaridades e diferenças, bem como reflitam sobre a sua viabilidade no mundo contemporâneo;
- b) apresentem estudos comparativos entre poemas e canções, suscitando os temas acima abordados;
- c) sugiram retomadas panorâmicas da canção e/ou da poesia brasileira recente e contemporânea;

- d) levantem questões limítrofes entre multimodalidades artísticas que contenham o elemento vocal, em meios digitais ou não;
- e) exponham estudos de caso de compositores e/ou poetas recentes e contemporâneos, preferencialmente brasileiros.

REFERÊNCIAS:

- CICERO, Antonio. O tropicalismo e a MPB. In: _____. Finalidades sem fim. pp. 54-72. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- FINNEGAN, Ruth. Oral poetry: its nature, significance, and social context. Bloomington: Indiana University Press, 1992.
- SISCAR, Marcos. Poesia e crise: ensaios sobre a "crise da poesia" como topos da modernidade. Campinas: Unicamp, 2010.
- TATIT, Luiz. O século da canção. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.
- WISNIK, José Miguel. Sem receita. São Paulo: Publifolha, 2004.
- ZUMTHOR, Paul. Introdução à poesia oral. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

2 de agosto
8h30

DA LAMA AO CAOS: UM TRÂNSITO DO HOMEM-CARANGUEJO NA CANÇÃO COMERCIAL

Paulo Henrique Vieira de Souza (UnB)

Resumo: Este trabalho realiza uma análise de “Da lama ao caos”, faixa homônima ao disco de 1994, do grupo Chico Science & Nação Zumbi. O texto inicia-se pela apreciação pormenorizada do conjunto gráfico que integra o álbum, procurando relações entre as imagens criadas pelos artistas Dolores e Morales, o “Manifesto Mangue”, de autoria de Fred Zero Quatro, e a faixa a ser discutida. Aos poucos, elucida-se a relação entre esses aspectos como busca de potencializar os significados da canção. Em seguida, a análise volta-se a aspectos da canção, procurando desvendar a concepção de sociedade e de ser humano engendrada ali. Para tanto, remete-se a outras canções do disco e a importantes referências como o romance “Homens e Caranguejos” (1967), de Josué de Castro, a teoria do caos, os gêneros musicais do pop global e o instrumental característico de musicalidades populares e coletivas brasileiras. Observa-se aí, tanto pelo conteúdo explícito da letra quanto pela sua formalização poética e musical, uma aproximação entre homem e caranguejo como recurso crítico às condições desumanas as quais determinada parcela da sociedade é submetida e, ao mesmo tempo, a utilização dessa condição de desvantagem social como critério de identificação positiva relacionada ao Manguebeat, que, em 1994, se encontrava em vias de consolidação. No nível musical, além da justaposição de instrumentos do pop global (guitarra e contrabaixo elétricos, sintetizadores e samplers) e da tradição nordestina (alfaias, caixa de maracatu e congas) (VARGAS, 2007), pode-se citar a presença estruturante da síncope (ANDRADE, 1972; SODRÉ, 1998) conferindo um novo “ethos” (WISNIK, 2004) musical capaz de ressignificar a potencialidade de Pernambuco no mercado de bens culturais brasileiros e, ainda, de contribuir para o reestabelecimento da música jovem como questionamento de estruturas sociais do país (AVELAR, 2011). Por fim, demonstra-se que a chave de interpretação para esse emaranhado de sentidos é uma subjetividade coletivo-periférica corporificada por Chico Science e seu canto atípico, que mobiliza todos os outros aspectos já mencionados, dando forma artística, logo política, a uma experiência coletiva periférica por meio de um produto fonográfico urdido, contraditoriamente, dentro de uma indústria comprometida com o lucro e a exploração capitalista. Como resultado dessa contradição (e de outras mais, encenadas dentro da canção: local x global; arcaico x moderno; crítica x apologia; e, especialmente, ordem x desordem, perceptível nos versos “Posso sair daqui pra me organizar/ Posso sair daqui pra desorganizar”), emana do conjunto um tom violento que perpassa todo o disco e parece dizer algo sobre as condições de produção da música pop no Brasil da década de 1990. A intenção é a de

encontrar constantes que permitam refletir sobre a eficácia estética da produção da banda e, por conseguinte, sobre as possibilidades artísticas e políticas da canção na década de 1990.

Palavras-chave: Chico Science & Nação Zumbi; Manguebeat; Canção comercial brasileira

REFLEXÕES SOBRE A PERFORMANCE A PARTIR DO RAP-CANÇÃO DE CRIOLO

Lucas Toledo de Andrade (UEL)

Resumo: Segundo Ruth Finnegan (2008, p. 24) no “momento encantado da performance, todos os elementos se aglutinam numa experiência única e talvez inefável, transcendendo a separação de seus componentes individuais”. Os elementos a que Finnegan (2008) se refere no trecho citado são o texto, a música e a performance que no momento da apresentação do artista, naquele espaço e tempo determinado, não podem ser pensados separadamente, mas sim de forma complementar, visto que uma análise que individualize ou o texto, ou a letra ou ainda a performance tende a ser reducionista, não dando conta do fenômeno como um todo. A ideia de Finnegan nos permite também trazer à tona Paul Zumthor que em “Performance, recepção e leitura” (2014) nos mostra que entende a canção não como apenas a poesia, a melodia ou a voz, mas como a junção desses elementos transpassados pela experiência daquele que os recebe. Nesse sentido, esse trabalho pretende, por meio de impressões da apresentação do músico e compositor contemporâneo Criolo no Festival Alternativo de Londrina, em 2013, e da análise de algumas letras de seus álbuns (“Ainda há tempo” (2006), “Nó na orelha” (2011), “Convoque seu buda” (2014) e “Ainda há tempo” (2016)) discutir a ideia de performance e canção, valendo-se do pressuposto de que a poética do compositor oriundo da cena periférica de São Paulo nos possibilita pensar no gênero rap a partir de uma abordagem que o liga a canção, o que nos leva à noção de rap-canção, relacionada diretamente à renovação do gênero em si, que deixa de ser entendido com “anticanção”, ganhando por isso novos rumos e possibilidades de produção e compreensão. Podemos dizer que a produção de Criolo marca-se por certa inovação formal, relacionada à mudança de “batidas”, à transformação das paisagens sonoras, à criação de letras ligadas a determinadas melodias e refrãos, que transitam pelos mais diversos gêneros musicais, por meio de um hibridismo bastante interessante, que desconhece hierarquias. O compositor em questão extrapola as próprias fronteiras do rap, instalando-se no entre-lugar de ritmos, discursos, letras, melodias, gêneros musicais e classes sociais, utilizando em suas composições de colagens da literatura canônica, cantos de ritos religiosos afro-brasileiros e versos de canções da MPB, reavivando, assim, a experiência com a canção e com a própria poesia afro-brasileira do presente, que se faz também pelo arruinamento dos limites que colocam poesia, canção e performance em campos separados.

Palavras-chave: Rap-canção; Performance; Criolo

BIXA PRETA LINN DA QUEBRADA: LITERÁRIA, COSMOPOLITA E SOCIAL

Eduardo Dias da Silva (UnB/ SEE-DF)

Resumo: Na evolução e na popularização das Tecnologias e das Artes, de um modo geral, tem se apresentado no bojo destas áreas, novos conceitos de cultura e de informação, e também na substituição de velhos dogmas que já vinham sendo discutidos ao final século XX e das recentes duas décadas do século XXI, sinalizando mudanças sistemáticas acontecendo, em velocidade crescente, como elucidado por Pennycook (2001; 2006) que pretende-se mostrar ao longo desse trabalho. Das favelas (comunidades) para o mundo, do morro para redes sociais, do funk entretenimento para o pop politizado e engajado. Linn da Quebrada, sujeita cosmopolita na definição de globalização contra-hegemônica de Sousa-Santos (2005), na qual há a valorização da cultura local com ancoragem em elementos e tendências globais, dessa forma, travestindo o global com aspectos locais, por vezes antagônicos, para com isso mostrar uma visão combatida e, ao mesmo tempo, indignada. Linn da Quebrada e suas letras poético-musicais são sujeitos frutos de uma sociedade, que de acordo com alguns pensadores, estão inseridos em uma sociedade líquida (Bauman, 2009) ou pós-moderna (Lyotard, 2011) ou em um processo de modernidade tardia (Giddens, 2002) cujos os elementos estão fragmentados/diluídos, deixando simplesmente de existir, sendo necessário

recorrer a fragmentos, fatos ou “pedaços” da história para dar sentido à materialidade do sujeito na interação social mediada pela linguagem, de acordo com Silva (2014). Pode-se dizer que a modernidade líquida/tardia/pós-moderna é a época atual em que se vive. É o conjunto de relações e instituições, além de sua lógica de operações, que se impõe e que dão base para a contemporaneidade. É uma época de liquidez, de fluidez, de volatilidade, de incertezas e inseguranças. É nesta época que toda rigidez, certeza e todos os referenciais morais da época anterior, denominada pelos autores como Bauman, Lyotard e Giddens como modernidade de outrora, são retiradas de cena para dar espaço à lógica do agora, do consumo, do gozo e da artificialidade. Sendo assim, o olhar para as possibilidades de representação do humano é latente na atualidade, Linn da Quebrada através de sua arte representada pela música e poesia de Bixa Preta (2017) questiona o lugar e a falta de visibilidade das bichas pretas, pobres e faveladas na sociedade brasileira. O uso do arcabouço teórico-metodológico do Realismo Crítico, da Teoria das Representações Sociais e da Análise Crítica do Discurso, nessa comunicação oriunda de artigo qualitativo de análise documental, busca desvelar as estruturas sociais de poder, ideologia, opressão, mas, a partir delas, apresentar soluções para a sua superação. Contribuindo, significativamente, para a compreensão dos mecanismos sociais de dominação e resistência ou de emancipação e de transformação social, Linn da Quebrada é a bixa preta que traduz a mudança e a reflexão no comportamento social do Brasil na tentativa de uma sociedade multifacetada e colorida.

Palavras-chave: Linn da Quebrada; Poesia e Canção; Identidades

A ANÁLISE DA CANÇÃO BRASILEIRA: LETRA, MELODIA E INTERPRETAÇÃO

Beatriz Schmidt Campos (UnB)

Resumo: Neste trabalho pretendemos aprofundar sobre questões de interpretação nos estudos da canção brasileira. Os parâmetros básicos característicos de uma canção são a letra e a melodia. A interpretação os expande por ser um parâmetro variável e, portanto, por permitir que o cantor acrescente componentes musicais e vocais os quais podem ressignificar o entendimento de uma canção. Vale ressaltar que a interpretação na música constitui duas ações principais: uma leitura ou escuta prévia da partitura ou da gravação da canção original, tal como composta pelo compositor e posteriormente, a interpretação do artista- ato de transmitir sua versão da canção. Seguindo essa perspectiva, várias interpretações podem ser dadas à uma mesma canção, por inúmeros cantores e até mesmo pelo compositor da canção e a cada vez que ela é cantada ou gravada poderá ser acrescentada as melodias, variadas interpretações. Portanto, para uma maior compreensão desses estudos buscaremos identificar os componentes que constituem uma interpretação nos estudos da canção como timbre, tessitura, dinâmica, densidade e improvisos melódicos no âmbito da voz e no âmbito do acompanhamento instrumental da canção, a instrumentação, os acompanhamentos e improvisos melódicos. Nessa via, por meio do estudo da interpretação ou das interpretações de uma canção acreditamos que há a possibilidade de compreender mais profundamente seu ou seus significados. Sob esse olhar, intencionamos refletir até que ponto o “como” uma voz se coloca em uma canção, com suas variações de timbre e de tessitura e improvisos melódicos podem acrescentar elementos de análise a uma canção, e até mesmo, se os instrumentos que acompanham uma melodia e as mudanças de sua forma, seus arranjos e improvisos instrumentais podem alterar a compreensão “primeira” de uma letra. Para a realização da pesquisa supracitada apresentaremos uma análise da canção “A Carne (negra)” de Marcelo Yuka, Ulisses Cappelletti e Seu Jorge (2002) interpretada e gravada por Elza Soares no disco “Do cóccix até o pescoço” (2002) e nos apoiaremos nas vertentes teóricas de Paul Zumthor (1993, 2010), Adriana Cavarero (2011), Lúcia Gayotto (1997) nos estudos da voz, na abordagem de Leonard Meyer (1967) sobre os elementos a serem analisados em uma interpretação e, também na visão de Umberto Eco (1990, 1992) sobre interpretação e interpretações, entre outros.

Palavras-chave: interpretação; canção brasileira; ressignificação

2 agosto

14h30

AMOR, LIBERDADE E EXÍLIO DOS CORPOS NOS NOMES DAS CANÇÕES DE TAIGUARA

Luís Cláudio Dadalti (UFJF)

Resumo: A obra de Taiguara Chalar da Silva se estende por dezesseis discos de gravações inéditas que compõem uma rica percepção crítica e lírica sobre a nação brasileira. Apesar de mais conhecido e lembrado como intérprete de canções românticas, o autor passou por um forte processo de engajamento político em suas composições, o que teve reflexos na mudança de temas e escolhas de arranjos e harmonias que se mostrariam muito evidentes na transição de Taiguara como compositor aclamado pelas canções de amor interpretadas nos festivais ao final dos anos sessenta, para o artista exilado, com discos recolhidos pela polícia e mais de noventa letras censuradas. Dentro desse contexto de perseguição pelo regime militar, Taiguara criou diversas personagens para figurar ao longo de sua obra, em sua maioria mulheres, apresentando, através delas, perspectivas sobre o país, a cultura e os amores. A presente comunicação desdobra-se do projeto de pesquisa “Todos os Nomes: onomástica, identidade e presença na canção popular brasileira”, coordenado pelo professor Alexandre Graça Faria, e pretende analisar a onomástica na obra de Taiguara a partir da catalogação dos vinte e oito nomes encontrados ao longo das canções que constam em seus discos ou que foram cedidas a outros músicos. Nomes como Leticia, Norma, Luiza, Maria, Amanda, Anita estão presentes em canções em que a mulher está no lugar ambíguo da amante, da política, da liberdade, da nação, do exílio e da luta, estabelecendo, dessa forma, por meio dos nomes próprios, uma forte presença dos corpos e dos sentidos que marcaram a luta pública e o engajamento político nas canções brasileiras dos anos 70.

Palavras-chave: Taiguara; Canção; Nomes

POR UMA LÓGICA DAS SENSações: EXPERIÊNCIA AUDITIVA E PRÁTICAS ESTÉTICAS NO TROPICALISMO

Alex Martoni (CES-JF)

Resumo: O cinquentenário do álbum Tropicalia ou Panis et Circencis, em julho de 2018, nos convoca à seguinte reflexão: de que forma o movimento tropicalista se inscreve em uma rede de discursos que colocam em relevo a importância da dimensão sensível da experiência e quais são as implicações estéticas e políticas deste fenômeno? Para além da conhecida chave de leitura do tropicalismo como alegoria da identidade nacional, um reexame dos processos técnicos e culturais constitutivos da sonoridade tropicalista, tais como os efeitos fonográficos, a incorporação de práticas da música concreta e a mistura heteróclita de gêneros e sonoridades, nos permite tanto compreender o papel desempenhado pelas tecnologias de som no âmbito das experiências culturais dos anos sessenta quanto refletir, profundamente, sobre as razões pelas quais, no contexto da modernidade epistemológica, o corpo humano se torna objeto de saber, lugar de instauração de regimes disciplinares, interface de processos produtivos. Como nos lembra Michel Foucault, a construção de uma arqueologia das ciências humanas deve começar pelo estudo dos mecanismos que penetram nossos corpos, nossos gestos e nossos comportamentos. Dentro dessa perspectiva, revisitar o álbum Tropicalia ou panis et circencis pela perspectiva das técnicas de construção da ambiência sonora e das práticas de audição do período nos permite compreender de que modos o desenvolvimento de meios técnicos de registro sonoro, desde o século 19, não só permitira a transformação da música em commodity, como também instituíra um sistema de condutas corporais do ouvinte diante dos dispositivos de áudio, questão fundamental para se pensar algumas experiências auditivas no mundo contemporâneo, como instalações artísticas, festas de música eletrônica e gravações em sistemas de áudio binaural. Nossa insistência nos anos sessenta, portanto, não é fortuita; acreditamos que neles se configuraram um conjunto de experimentações estéticas, injunções políticas e desenvolvimentos tecnológicos que reverberam em nosso presente. É dentro dessa perspectiva que, em diálogo com Jonathan Sterne, Simon Frith, Alex Ross, Luiz Tatit, Celso Favaretto, dentre outros, nos perguntamos: como o estudo dos processos por meio dos quais o

perceptível é construído nos revela a atuação de diferentes modos de agenciamentos sociais? Pode-se argumentar que, em vez de neutro, o espaço sonoro é um locus por meio do qual se constituem regimes de visibilidade, legibilidade e poder tanto material como simbólico? De que modo a técnica influi sobre os modos de articulação entre letra, voz e estrutura musical? O que o próprio fato de estarmos nos inquirindo sobre a cultura das sensações auditivas hoje revela sobre a nosso presente?

Palavras-chave: Tropicalismo; Sensações; Cultura; Tecnologias.

BELCHIOR: CANÇÃO E POÉTICA DE RESISTÊNCIA

Éder Silva Ferreira (UFU)

Resumo: O trabalho proposto objetiva uma análise da obra do cantor e compositor cearense Belchior. Serão abordadas questões de intertextualidade, sobretudo em relação à formação evidentemente erudita e popular que se nota na referida obra, a estética de resistência tanto em aspectos da melodia e harmonia como também nas letras das canções e a relação do artista com os movimentos artísticos e culturais contemporâneos a ele. A questão intertextual em sua obra já foi objeto de estudo de alguns trabalhos acadêmicos - dissertações, teses, artigos e etc. -, porém é bem-vinda uma releitura das questões tocantes ao diálogo com a Literatura e os movimentos culturais brasileiros (Tropicália, Jovem Guarda, Rock dos anos 80, MPB) e também internacionais (arte/cultura pop, vanguardas, artistas e bandas internacionais) que contextualizam, de forma dialógica e plural, suas músicas, declarações, opiniões e polêmicas com jornalistas, críticos e outros artistas. Junto à essa construção discursiva e identitária do artista e sua obra, também é importante caracterizar a estética pós-utópica de suas composições, já que essa ideia pode trazer um novo olhar sobre o legado cultural que ele nos deixou. O trabalho apoiar-se-á nas teorias dos gêneros discursivos, do dialogismo e da intertextualidade de Mikhail Bakhtin. Será utilizada como referência obra fundamental de Alfredo Bosi, *O Ser e o Tempo na Poesia*. Também serão abordados os estudos de José Miguel Wisnik. A hipótese que guiará este trabalho revela-se a partir da ideia de que, ao construir a sua identidade artística através do diálogo com as diversas manifestações de arte, movimentos culturais e outros artistas – sobretudo no que diz respeito às polêmicas -, Belchior evidencia, em algumas canções, a estética pós-utópica. Essa tendência em algumas de suas composições como, por exemplo, a bem conhecida "Como Nossos Pais", viria a ser, justamente, resultado dessas relações dialógicas intertextuais e interdiscursivas. Notamos que a poética de Belchior inclui preocupação estética, intenção atuante e combativa, seja no que diz respeito a liberdades individuais ou coletivas. É um combate, também, no seio da própria linguagem. É uma metalinguagem além de uma retórica simplista, visto que o poeta-músico funde de forma magistral a cultura pop, dita de massas, com a cultura erudita, em reformulações e ressignificações plurais. Em suas canções ouvimos as vozes dos diversos estratos sociais do Brasil, uma polifonia por excelência. Para finalizar, o trabalho também buscará argumentar que, apesar de ter sido assimilado pela indústria cultural, Belchior sempre se manteve em seu lugar de resistência. Não obstante, morreu no exílio auto imposto, traduzindo *A Divina Comédia*.

Palavras-chave: belchior; poesia, resistência, música, identidade

SE VOCÊS FOREM EM POLÍTICA COMO SÃO EM ESTÉTICA: UMA REFLEXÃO SOBRE O CONCEITO DE VANGUARDA A PARTIR DE TRÊS VAIAS CÉLEBRES NA HISTÓRIA DA MPB

Filipe Bitencourt Manzon (UFSC)

Resumo: Nosso trabalho se propõe a compor um panorama crítico sobre as diferentes modulações que estão por trás do conceito de vanguarda deduzido a partir de três célebres vaia na história da canção popular brasileira: a vaia a Caetano Veloso nas eliminatórias do terceiro Festival Internacional da Canção Popular, em 1968; a vaia a Tom Jobim e Chico Buarque na final do mesmo festival, ainda em 1968, e a vaia a Odair José no festival da canção da Phonogram, em 1972. Nos interessa observar o quanto cada uma dessas vaia pode ser lida como uma reação a um projeto estético político para a canção que se situa ora em um eixo estabelecido entre o engajamento nacionalista vs. adesão alienada à cultura de massa internacional, ora entre o escancaramento da

canção de protesto “combativa” no contexto ditatorial em contraste com a linguagem sutil de um protesto bossanovista ou, finalmente, em uma oposição entre a canção experimentalista e o meramente comercial “cafona”. Buscamos, nesse contexto, compor algo como um panorama do que se situava, em cada uma dessas discussões como o político e o estético pretendido pela canção engajada bem como o que figurava como sua frustração merecedora de vaias. É curioso o quanto algumas célebres discussões, tanto para uma teoria mais generalista da vanguarda, quanto para as discussões modernistas a respeito da identidade nacional tomam novo fôlego nesses três contextos, por vezes, inclusive, invertendo o seu sinal (isto é, vaia vs. aplausos) conforme o mesmo compositor/intérprete se desloca de um para outro contexto de recepção e de concepção estético-política. Cada vaia se coloca, assim, como sintoma de discussões teóricas que são, no limite, inesgotáveis, mas cujos expoentes mais marcantes poderiam ser intuídos a partir de autores como Theodor Adorno, Walter Benjamin, Clement Greenberg, Peter Bürger, Guy Debord, Jesús Martín-Barbero ou ainda, diretamente no Brasil, nas discussões propostas por Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Luiz Tatit, Rita de Cássia Morelli e Paulo César Araújo. Finalmente, é de nosso interesse observar o quanto essas discussões estão ainda hoje longe de estarem pacificadas, sendo retrabalhadas e trazidas para o primeiro plano por poetas brasileiros contemporâneos que mantêm uma relação próxima com a música popular brasileira como Leonardo Gandolfi, Angélica Freitas e Paulo César de Carvalho. Nossos três contextos de leitura servirão, assim, para mostrar que as retomadas da música popular brasileira por alguns poetas contemporâneos operam através de matizes muito sutis de interpelação entre o político e o estético, e vão muito além da planificação neovanguardista de celebração de uma estética do choque (cujo “Viva vaia” de Augusto de Campos é o exemplo máximo).

Palavras-chave: musica popular brasileira; vanguarda; vaia

3 de agosto

14h30

A RE-MEDIAÇÃO DA POESIA PELA CANÇÃO: PETER DOHERTY LÊ EMILY DICKINSON

Marcela Santos Brigida (UERJ)

Resumo: Em *Que é a literatura?*, Jean-Paul Sartre situa a poesia “ao lado da pintura, escultura e música” (1998, p. 28): enquanto escritores de prosa buscariam estabelecer significação, poetas são percebidos como artistas que se abstêm da linguagem como instrumento. Segundo o crítico, poetas consideram palavras como coisas e não como signos, o que os aproxima de pintores e músicos que, igualmente, não podem designar significações per se para suas obras. Portanto, tais obras de arte parecem almejar o atemporal em vez de se engajarem com o presente como um local ilusoriamente separado do passado e do futuro. Por sua vez, Affonso Romano de Sant’Anna (2001) aponta que historiadores da linguagem e filósofos nos transmitiram a ideia de que poesia e música surgiram juntas como forma de expressão do indivíduo e da comunidade. Neste sentido, o presente trabalho volta-se para as convergências entre poesia e canção a partir de um estudo comparativo entre dois poemas de Emily Dickinson e duas canções de Peter Doherty, escritor e compositor inglês declaradamente influenciado pela obra da poeta de Amherst. Em ‘At the Flophouse’, Doherty cita dois versos de “I took one draught of Life —” de Dickinson e estabelece um diálogo com o poema ao prolongar a sentença dickinsoniana, acrescentando versos próprios. Em ‘Arcady’, o compositor cita “There is a morn by men unseen —” quase integralmente, compartilhando com a poeta sua visão da Arcádia, um tema recorrente na obra do compositor. Para além da convergência de temas e citações, abordamos as similaridades entre a música de Doherty e a poesia de Dickinson na esfera da musicalidade tal como apresentadas por Sérgio Bugalho em *O poema como letra de canção: da música da poesia à música dos músicos* (2001). Entendemos aqui a experiência musical da poesia como sendo estabelecida por meio da combinação de entonação e ritmo que advém da performance, tomando como base os argumentos de Paul Zumthor em *Performance, reception, lecture* (1990). Doherty frequentemente estabelece um diálogo com a tradição literária anglófona

em suas letras de música e a poesia foi seu primeiro ofício criativo. Em sua relação com a obra de Dickinson, observamos um diálogo que toma forma por meio do fenômeno da remediação – tal como estabelecido por Walter Moser em *As relações entre as artes*. Por uma arqueologia da intermedialidade (2006) – da poesia através da música nas canções supracitadas. Esta pesquisa propõe-se a empreender uma leitura cerrada e comparativa das obras em questão a fim de interpretar como Doherty, um artista contemporâneo, leu a obra de Dickinson e como poesia e canção surgem como artes afins neste contexto particular.

Palavras-chave: Poesia, canção, poéticas da contemporaneidade

"MEU TEMPO É CURTO": ESTRANHAMENTO E DESCONFORTO NO ÚLTIMO CHICO

Sergio Guilherme Cabral Bento (UFU)

Resumo: Essa comunicação falará sobre os três álbuns solo e inéditos que Chico Buarque gravou no presente século: “Carioca” (2006), “Chico” (2011) e “Caravanas” (2017). Neles, percebe-se a recorrência de uma voz que, metamorfoseada em diferentes personas, expressa o desconforto e o estranhamento de um indivíduo mais velho em meio ao mundo contemporâneo, no contato com os mais jovens e na dinâmica da realidade digital. Há diversos modos de interação entre tal sujeito e essa nova realidade: uma delas é a volta ao passado por meio da remissão memorialística, como percebido em canções como “Sinhá” ou “Massarandupió”. Esta, composta com seu neto Chico Brown, constrói, em um emaranhado de metáforas entre a praia e o crescimento de uma criança, uma lírica imagem anamnética. Há ainda, na canção “Barafunda”, a exploração cômica da confusão, na velhice, entre lembranças diversas que se misturam e geram novas narrativas: “gravei na memória mas perdi a senha”, tirada humorística que desvela, ainda, o descompasso entre idosos e o mundo tecnológico. Nesse tema, aliás, canções como “Nina” e a regravação de “Dueto” são tangenciáveis. Esta, uma nova edição de um clássico cantado originalmente com Nara Leão, dessa vez tendo Clara Buarque – também neta do cantor – como a voz feminina. Percebem-se versos adicionais à letra primeva, com a inclusão de nomes de sites e redes sociais que se equiparam ao evangelho, ao karma e a outras referências de autoridade citadas na canção; Já Nina, narrativa sobre um relacionamento à distância, trata do isolamento das relações humanas na atualidade, em que a “tela” substitui o contato presencial. Outra característica perceptível na produção mais recente de Chico Buarque é a menção a envolvimento com mulheres mais novas, como a já citada “Nina” (em que a namorada russa orienta o sujeito a usar o Google Earth), ou ainda “Essa pequena”, contraste do “cabelo cinza” com o “cabelo cor-de-abóbora” da parceira, relação em que contrastes geracionais surgem apesar do amor. Outro tema que perpassa, embora não de forma declarada, esses três álbuns é a reflexão acerca da viabilidade da canção popular como forma estética no contemporâneo, em contraposição ao RAP como enunciação e declamação poética que se opõe ao canto, questionamento já feito por Chico em entrevistas e que ressurgem em canções como “Tipo um Baião” – cuja melodia parece se desenrolar de modo interrompido, vacilante – e na interação com o rapper Criolo no show do CD “Chico”. Portanto, a partir do corpus proposto, serão apresentadas algumas possibilidades interpretativas para a compreensão da relação eu-mundo na fase de maturidade desse fundamental compositor.

Palavras-chave: Chico Buarque; canção; música popular

CANTADOR: A IMAGEM DO ARTISTA NAS CANÇÕES DE CHICO BUARQUE

Mayra Moreyra Carvalho (USP)

Resumo: O título de uma publicação relativamente recente que reuniu ensaios sobre as canções de Chico Buarque, sob a organização de Rinaldo de Fernandes, referenda o epíteto praticamente consagrado a respeito do artista: “o poeta das mulheres, dos desvalidos e dos perseguidos”. No prefácio, o organizador desenvolve, em certa medida, tal caracterização, observando que “sua visão da sociedade – sempre ao lado dos mais fracos, dos desamparados e oprimidos – é profunda e penetrante” (2013). Ouvir e ler as canções de Chico Buarque a partir desses atributos tornou-se, em verdade, um lugar-comum. Nossa proposta busca problematizar tal visão, já que ela pode favorecer

uma perspectiva calcada na hierarquia, segundo a qual Chico Buarque, aparentemente situado acima “das mulheres, dos desvalidos e dos perseguidos”, seria o detentor de uma voz capaz de falar pelos outros, colocando-se generosamente em favor de quem não poderia se manifestar por ser “fraco”, “desamparado”, “oprimido”. Entendemos que a presença inegável e recorrente dessas figuras nas canções de Chico Buarque não se deve a uma posição do artista falando sobre essas pessoas ou por elas. Chico quer falar com elas. Sua voz lírica, a voz do cantador – como ele se define em “Amanhã, ninguém sabe” (1966) e “Amor barato” (1981) – busca alinhar-se a essas figuras e isso se observa nas canções em que aparece a imagem do artista. O exemplo mais claro talvez seja “Mambembe” (1972) e seu catálogo de proscritos – à maneira da tradição clássica, por que não? –, com os quais a voz lírica se identifica: “Poeta, palhaço, pirata, corisco, errante judeu”, em que não há superioridade em absoluto, mas deliberado intento de equiparar-se. Trata-se, nesse sentido, da enunciação de uma poética: o artista expõe a maneira como vê a si mesmo, opondo-se a qualquer tipo de concepção solene ou grandiosa a respeito de si e de sua arte. O coro de “infelizes”, “meretrizes”, “bandidos” e “desvalidos” (MENEZES, 1982, p. 39) que povoa o universo buarqueano daria conta, portanto, não de um compositor que canta por eles, mas de um cantador que, na esteira da ironia romântica e baudelairiana, revelaria nesta figuração uma autoconsciência crítica e estética ao traçar uma “caricatura” ao mesmo tempo “sarcástica e dolorosa” de si e de sua criação, valendo-nos aqui do estudo de Jean Starobinski sobre a tradição da representação iconográfica do artista como um saltimbanco desde o Romantismo (2007). A imagem do artista nas canções de Chico Buarque encobre e desvela os impasses estéticos do “cantor atormentado” (“Sinhá”, 2010), de sua “natural catimba” (“O futebol”, 1989); daquele que “samba na lama de sapato branco” (“Cantando no toró”, 1987); o “rei dos ciganos” que tem que partir mesmo “quando o corpo quer ficar” (“Na carreira”, 1982), e que precisa, na adversidade do presente, “sacar o samba lá do labirinto da (s)ua cachola” (“Jogo de bola”, 2017).

Palavras-chave: Chico Buarque; figuração do artista; ironia.

DUAS ABORDAGENS DIFERENTES PARA TRADUZIR BOB DYLAN

Eduardo Friedman (PUC-Rio)

Resumo: A presente comunicação tem o objetivo de investigar as diferenças entre poesia e letra de canção tomando como ponto de partida traduções autorais da música “All along the watchtower”, do cancionista (para tomar emprestado o termo que dá título à obra “O cancionista: composição de canções no Brasil”, de Luiz Tatit) estadunidense Bob Dylan. A escolha de Dylan se deu devido à qualidade de seu trabalho e minha admiração pessoal por sua obra, somadas ao fato de que, como vencedor do Nobel de Literatura de 2016, o autor e compositor deu um maior destaque à discussão relacionada à classificação (ou não) de letras de música como poesia — assunto que pretendo abordar na minha tese de doutorado —, e o debate reverberou em inúmeras esferas (acadêmica, artística, midiática etc.). Assim, tentei traduzir uma de suas músicas mais famosas em duas modalidades e discutir como elas diferem entre si. Depois da mistura estrondosa entre arroubos do modernismo literário americano e blues que culminaram no disco duplo “Blonde on blonde”, de 1966, veio o inclassificável “John Wesley Harding” no final do ano seguinte, com sua instrumentação esparsa, narrativas imbuídas de alusões bíblicas e canções concisas (para não dizer misteriosas). Uma das motivações principais por trás da decisão por “All along the watchtower” é sua forma: é possível analisar o texto como se fosse um poema escrito em ballad metre, formato de poesia popular nos Estados Unidos e adotado por poetas renomados como Emily Dickinson. Ou seja, isso abre a possibilidade de se explorar as diferenças formais da tradução, ao tratar a obra como poesia e como letra de canção. Na tradução como poesia, eu relaciono o ballad metre anglófono com os heptassílabos da poesia popular brasileira e apresento uma discussão acerca da correspondência entre formas do inglês e do português; na tradução como letra de canção, também evidencio os recursos poéticos que Dylan emprega, mas, desta vez, levando em consideração a dimensão musical da obra, como a organização rítmica, a divisão de compassos e a linha melódica. Eu procuro mostrar que, apesar de a noção de equivalência formal em poesia ser relativamente flexível, dependendo

dos parâmetros adotados, traduzir uma letra de canção enfatizando o lado performático não permite transformações formais; denota uma rigidez diferente na distribuição de acentos e no número de sílabas dos versos, já que temos que seguir a alternância entre batidas fortes e fracas e devemos evitar alterações no desenho melódico.

Palavras-chave: tradução; poesia; canção; Bob Dylan

60 - POESIA E POLÍTICA - O COMUM, A COMUNIDADE E OS AGENCIAMENTOS COLETIVOS

Coordenação: Luiz Guilherme Ribeiro Barbosa (Colégio Pedro II)

Resumo: Mais do que as outras expressões literárias do nosso tempo, a poesia se faz a partir das muitas formas da vida coletiva, das experiências grupais, dos agenciamentos de classe e das forças mobilizadas por múltiplos sujeitos, que se reúnem e se dispersam para criar, difundir, publicar e mesmo consumir o texto poético. Com ênfase especial no período moderno, mas não restrita apenas a ele, a história da poesia no Ocidente é também a história dos muitos coletivos e agrupamentos de poetas, dos inúmeros movimentos literários surgidos em torno deles e da organização, mais ou menos consciente e estudada, de uma **cena poética** – conjunto de pessoas e instituições que, envolvidas nos vários processos que envolvem a vida da poesia (escrita, performance, recitação, leitura, edição, distribuição). Das habitações comunitárias dos surrealistas franceses às diatribes anti-*establishment* do infrarrealistas mexicanos, das experimentações do OULIPO à cena do *Slam Poetry* nos Estados Unidos, exemplos não faltam que podem confirmar, na própria variedade de suas inserções e práticas, a centralidade do elemento coletivo no campo da poesia. No Brasil, por sua vez, pelo menos desde o Movimento Modernista (em sua primeira época uma ação fundamentalmente de poetas), passando pela vanguarda Concreta e Neoconcreta, até os muitos círculos da Poesia Marginal dos anos 1970 (que atuavam, em certo sentido, como guerrilhas de papel, passando ao largo dos circuitos tradicionais de escrita e publicação), a atuação dos coletivos se revelou decisiva tanto para a elaboração e maturação das propostas estéticas postas em jogo – que se alimentavam do embate e da diversidade de perspectivas – quanto para a atuação política desses mesmos grupos, que em nenhum momento foram apenas expectadores do teatro da História, intervindo sobre ele constantemente, tomando a frente do palco e modificando – ou pelo menos propondo radicalmente – a mudança das regras e das convenções da vida em curso. No curso das últimas décadas, no território amplo daquilo que se vem denominando como espaço contemporâneo, a presença dos coletivos de poesia e a sua importância para a cena têm sem revelado bastante grande, ainda que a dinâmica do funcionamento dessas engrenagens permaneça completamente desconhecida ou pouco estudada. Seja pelo destaque que os grupos minoritários organizados têm tido no cenário político atual (no Brasil e fora dele), seja pela experiência de intensa fragmentação que o tecido social – e também o campo das artes – tem conhecido nos anos mais recentes, seja ainda reorganização dos encontros e agenciamentos promovidos pela cultura digital e pelos fluxos em rede que hoje atravessam, se não mesmo determinam, a existência de todos, o fato é que cada vez mais o fenômeno poético no país se dá a partir da atuação de instâncias comuns, aparatos plurais capazes de atrair criadores e fomentar a inserção na arena pública da voz da poesia, seu contradiscurso desregulador. A afirmação das pequenas e médias editoras de poesia, o surgimento de grupos e movimentos novos, a reorganização massiva dos saraus e das leituras públicas, na Universidade e nas periferias das grandes cidades, a proposição, enfim, de plataformas comuns de atuação (que são, entre outras, pautas que vão das demandas identitárias de visibilidade e inserção comunitária de sujeitos marginalizados até a exploração, ao modo das vanguardas do século passado, dos desejos de renovação da forma poética, com ênfase especial na figuração do corpo e da voz, da performance mesmo como questão fundamental da poesia) – tudo isso configura algo que poderíamos chamar um **dever-coletivo** na poesia brasileira do presente, dado que vem reativando o **ethos** comunitário, a potência multitudinária (logo inquieta e desviante, posto que não restrita apenas ao confinamento do eu e do indivíduo) que sempre percorreu e informou a poesia em todos os tempos, e que no país agora se faz urgente e explosiva. Tendo em mente esse estado de coisas e levando em consideração a amplitude e a importância do tema para a compreensão da

produção poética recente, e até aquela feita décadas atrás, em outros regimes discursivos e outras configurações sociais, gostaríamos de acolher, no presente Simpósio, trabalhos que procurem discutir a história, o lugar, os sentidos e as perspectivas da relação entre poesia e agenciamentos coletivos, no Brasil e em outros países. Textos que possam repensar a poesia das vanguardas, que procurem reconstituir o papel e os lugares de atuação dos grupos na criação poética moderna, que possam se debruçar, no caso brasileiro, sobre as contribuições e limites do CPC, da Poesia Marginal, dos grupos de vanguarda; que procurem pensar os muitos coletivos e agrupamentos do presente, dos saraus da periferia às leituras feministas, das revistas eletrônicas às formações multidisciplinares que vem tentando produzir poesia de extração política entre nós, nas diversas maneiras que essa tarefa pode assumir.

31 de julho

8h30

A POESIA ATRÁS DA CRÍTICA - UMA LEITURA DE ANGÉLICA FREITAS E SUSANA THÉNON

Juliana Pereira (UFSC)

Resumo: Hal Foster, em "O retorno do real", ao empreender uma releitura das neovanguardas, remonta-se à conhecida "Teoria da vanguarda" de Peter Bürger e discute alguns pontos problemáticos nas formulações do crítico alemão, o qual "apresenta a vanguarda histórica como uma origem absoluta cujas transformações estéticas são absolutamente significativas e historicamente eficientes nesse primeiro momento." (Foster, p. 26). Há, para Bürger, um sentido único de ruptura nas vanguardas, que jamais pode se repetir, posição que corrobora as próprias pretensões vanguardistas de originalidade. Esse problema reflete-se diretamente na percepção de Bürger sobre a neovanguarda, que, a seu ver, apenas repete um fracasso, pois, nas suas palavras, "institucionaliza a vanguarda como arte e nega, com isso, as genuínas intenções vanguardistas." A resistência de Bürger às neovanguardas passa pelo que o crítico vê como retorno à institucionalização artística das obras ao passo que, para Foster, as releituras dos ou o retorno aos procedimentos vanguardistas não podem ser lidos senão em seus efeitos contraditórios. Outro ponto problemático em Bürger está na categórica afirmação sobre "o autêntico valor crítico da arte", que, para o autor, encontra-se quando esta se distancia da "praxis vital" e propõe novas formas de praxis, havendo aí, portanto, uma noção bastante privilegiada do artista e da arte como um todo. Essas são questões importantes para lermos tanto a poesia de Susana Thénon (Buenos Aires, 1935-1991) como de Angélica Freitas (Pelotas, 1973-), uma vez que nelas encontramos um diálogo direto ou indireto (seja evidenciado pelos poemas, seja pela crítica que os fazem circular) com procedimentos atribuídos a gerações vanguardistas e pós-vanguardistas, sobretudo quanto ao uso da repetição, da paródia e da apropriação de discursos. Por vezes, essa relação com tal tradição é a tônica da crítica literária sobre esses poemas, para valorá-los seja positiva seja negativamente. Contudo, cabe observarmos que essa leitura genealógica de inserção em uma tradição vanguardista não parece ser suficiente para ler a potência que se encontra nesses textos, que, para evocarmos uma expressão de Luciana di Leone, lidam com os "restos", com as "bostas" do mundo, escancarados nos poemas, repetidos tal e qual se encontram violentamente no dia a dia. Assim, na esteira da problematização com relação à visão historicista de Bürger que Hal Foster conduz, vale aqui pensarmos de que maneira a apropriação de discursos e o mecanismo de repetição dos discursos "bosta" do mundo podem ser lidos, na poesia de Freitas e Thénon, para além de uma herança diacrônica de uma tradição vanguardista ou mesmo de uma repetição procedimental cujos sentidos já se esgotaram nessa tradição. Cabe perguntarmos, assim, qual sentido político e crítico desses textos? Como lermos os poemas para além de um uso procedimental que diz respeito a um diálogo institucional restrito a poucos? Como lermos esses poemas que nos levam diretamente à realidade perversa de que, segundo Bürger, a vanguarda deveria se distanciar? Que espaços de ilegitimidade se constroem mesmo nesses poemas que não dizem, aparentemente, nada de "novo"?

A partir da leitura das poetisas aqui em questão, essas são algumas questões que essa comunicação pretende discutir.

Palavras-chave: Poesia; vanguarda; política; crítica

COMO LER JUNTO: ENUNCIÇÃO COLETIVA EM FORMAS E PRÁTICAS DA CRÍTICA LITERÁRIA HOJE Luiz Guilherme Ribeiro Barbosa (Colégio Pedro II)

Resumo: Seja qual for o conjunto de fatores que tem alterado as formas e as práticas de leitura e crítica literária, o resultado parece apontar para um campo discursivamente heterogêneo no qual o que poderia ser reconhecido como forma crítica é percebido como um entre outros modos de leitura que convivem "democraticamente". Assim é que o retraimento do espaço de resenhas e debates nos jornais impressos de grande circulação, a expansão de vagas em graduações e pós-graduações na área de Letras nos últimos 15 anos, a consolidação das redes sociais como espaço de publicação de leituras na forma de vídeos ou textos com as impressões de leitura são três indícios de um processo de deslocamento do espaço crítico de leitura do texto literário em registro público. Nossa hipótese é que essas transformações têm produzido a alteração de paradigma da crítica como leitura pública para uma espécie de crítica como leitura em coletivo. Não é à toa que num espaço de publicação fruto desse processo de expansão de publicações digitais ou impressas especializadas em debates e resenhas literários apareceu, em 2017, um texto de intervenção importante para o debate e a partir do qual a hipótese formulada será desenvolvida e testada: "A pós-crítica e o que vem depois dela" é o título do texto que Wander Melo Miranda fez publicar no Suplemento Pernambuco. Análise da situação e, por isso mesmo, das condições da crítica literária universitária, o texto de Miranda mobiliza textos de Jacques Rancière, Roberto Esposito, Josefina Ludmer e Reinaldo Ladagga, para pensar o traço comunitário da literatura, a contraface imunitária, seu estatuto "pós-autônomo" até assinalar, por fim, "o lugar da crítica de 'qualquer um' como o lugar do leitor emancipado". Inserido num debate amplo que precisa considerar a diferença brasileira e o percurso histórico da crítica nesse contexto, essa comunicação procura estudar, estudando o texto de Wander Melo Miranda, práticas de leitura crítica em coletivo, como aquela que vem sendo desenvolvida pela Oficina Experimental de Poesia (seja pelo que chama de "lanternagem" do poema, seja em textos críticos publicados por integrantes do coletivo), pelo projeto Xanto no blog da revista Escamandro, considerando também formações embrionárias como a iniciativa do professor de literatura brasileira Eduardo Coelho (UFRJ) no sentido de formar um coletivo de crítica literária com estudantes da graduação em Letras. A análise desses textos, confirmando o que defende Miranda, recai sobre uma "experiência de leitura" contraditória, que difere das e repete as formas críticas instituídas pela universidade, e parecem apontar, se não pelo conteúdo, para uma enunciação coletiva da interpretação do texto, seja por uma vinculação discursiva com políticas de identidades minoritárias, seja por uma vinculação discursiva com projetos literários menores da modernidade.

Palavras-chave: Crítica; Forma crítica; Enunciação coletiva

DO TEXTO CRÍTICO AO POEMA, SEM SAIR DO LUGAR Alberto Pucheu Neto (UFRJ)

Resumo: Pensar a poesia contemporânea e, simultaneamente, a crítica que, com ela, se faz, é colocar o dois (o poeta e o crítico) antes do um (o poeta ou o crítico), lidando, consequentemente, com alguma ideia de coletividade, ou seja, fazendo com que uma ideia de coletividade preceda a de individualidade. Tal fato ganha ainda mais relevância se pensarmos que, hoje, essa relação entre poetas e críticos, entre poesia e crítica, dá-se com muita força por outros coletivos, como, só para citar o exemplo que aqui de perto interessa, revistas virtuais, onde, mesmo por fora ou antes das publicações em livros, muita coisa de alta relevância acontece. A apresentação que proponho fazer tratará de pensar a relação entre poesia e crítica através de um caso exemplar dos últimos tempos, concernindo duas poetisas da mais nova geração da poesia brasileira, sendo que ambas nasceram em 1990, são poetas e críticas, uma é doutoranda em Teoria Literária da UFRJ e, outra, Mestra em Filosofia pela UFF. Nesse sentido, tem-se, então, algo de importante tanto para se pensar a

atualidade da poesia e da crítica brasileira quanto a relação mesma entre crítica e poema, entre teoria e poesia, entre poesia e filosofia. Para além de um aspecto geracional, talvez se tenha aí algo de importante para se pensar a indiscernibilidade ou o desguarnecimento das fronteiras entre crítica e poesia, entre teoria e poesia, entre poesia e filosofia... No dia 12/10/2016, a revista eletrônica “Escamandro; poesia tradução crítica”, publica, em sua seção declaradamente de “poesia”, com o único título de “Yasmin Nigri (1990 -)”, um texto que, ao fim dos poemas da respectiva poeta, é explicado por um dos editores da revista, Sergio Maciel, como: “poemas de Yasmin Nigri introdução de Danielle Magalhães”. A levar em conta a explicação editorial, trata-se, portanto, de uma “introdução” de Danielle Magalhães para os poemas de Yasmin Nigri então publicados. Mais do que uma “introdução”, o respectivo escrito de Danielle Magalhães, parece-me, antes, uma “extrodução”, um partir de tais poemas que, encontrando uma saída, nos leva para fora deles, criando, a partir deles, algo que pode prescindir mesmo deles. O fato de tal escrito, que, a princípio, chamo de “extrodutório”, ter sido publicado, pouco mais de um mês depois, como poema na “Germina; revista de literatura e arte”, com o título de “terror” e, logo abaixo do título, um “pensando nos poemas de yasmin nigri”, com pouquíssimas alterações em relação ao texto introdutório, nos mostra o tamanho da complexidade. Poderíamos pensar esse caso como paradigmático para se pensar uma crítica que seja ela mesma poética e, mais ainda, ela mesma um poema. Para mim, trata-se aqui de continuar pensando a questão da crítica desdobrando o que abordei em ensaios passados como “Pelo colorido, para além do cinzento (quase um manifesto)”, “Uma tese sobre a crítica literária brasileira (por uma crítica poética)”, “Um crítico, para que serve?”, “Dois críticos, para que servem?” e “Arranjo em busca de um paradigma para a relação entre o crítico literário e o poeta”.

Palavras-chave: poesia; crítica; contemporaneidade

31 de julho

14h30

PEDAÇOS DE LINGUAGEM ENTRE AS MÃOS

Paloma Roriz (UFF)

Resumo: Em seu artigo “A cisma da poesia brasileira”, Marcos Siscar problematiza alguns aspectos do discurso da diversidade enquanto componentes de certa dificuldade e “impasse” instaurado a partir da última polêmica significativa do século XX, datada de 1984, pela voz de Augusto de Campos, em seu poema visual “Pós-tudo”, ou ainda do texto de Haroldo de Campos “Poesia e modernidade”, publicado na Folha de São Paulo, em 1984, com a declaração que “fez fortuna na crítica brasileira”: “Ao projeto totalizador da vanguarda que, no limite, só a utopia redentora pode sustentar, sucede a pluralização das poéticas possíveis”. É tendo como pano de fundo esta cena apontada por Siscar, em seu sentido de abertura e deslocamento, que este trabalho propõe lançar um olhar mais detido em algumas práticas editoriais independentes, não como projetos editoriais “menores”, como os das “revistas de poetas”, surgidos nos últimos vinte anos, mas mais ainda como projetos editoriais “mínimos”, usando aqui a expressão de Luciana di Leone, em seu livro Poesia e escolhas afetivas, desenvolvidos de forma mais expressiva nos últimos anos. Trata-se de se pensar em alguns exemplos de práticas editoriais “mínimas”, ou o que talvez seja interessante chamar aqui de práticas inespecíficas de edição, que parecem, de algum modo, tomar para si um sentido de inespecificidade, seguindo o pensamento de Florencia Garramuño, enquanto formatação daquilo que se articula justamente na subtração de um sentido de pertencimento. Exemplos, portanto, em que podemos entrever o entrecruzamento de meios e suportes, a busca de um comum, o desejo de traçar novos modos de organizar os relatos.

Palavras-chave: poesia contemporânea, práticas editoriais anômalas

POLÍTICA E AUTONOMIA: O COLETIVO COMO PRODUTOR E O COLETIVO COMO FORMA

Rafael Zacca Fernandes (PUC-Rio)

Resumo: Em 24 de novembro de 2011, na Praça Catalunha, em Barcelona, após visitar diversas das ocupações de praças que estouraram no início da década, Eduardo Galeano deu uma entrevista para membros do movimento Occupy, e, já naquele contexto, uma pergunta que ronda todos os coletivos foi evocada: o que restará dessas ações, dessa movimentação, dessas ocupações? Que mudanças permanentes serão verificadas quando todos desocuparem as ruas? Galeano dizia, então, que talvez nada acontecesse depois, que não sabia o que viria depois, e que isso pouco importava: “me importa muito pouco o que vai acontecer; importa-me, mais, o que está acontecendo. Importa-me o tempo que é.” Dias antes, o filósofo esloveno Slavoj Žižek esteve na acampada do Occupy de Wall Street, no parque Zuccotti, em Nova York, e defendeu outra posição. Žižek alertava para o perigo de que os coletivos ficassem felizes demais com suas atuações e se descuidassem, com isso, de dar o passo que garantiria transformações permanentes. Em suas palavras: “Existe um perigo. Não nos apaixonemos por nós mesmos. É bom estar aqui, mas lembrem-se, os carnavais são baratos. O que importa é o dia seguinte, quando voltamos à vida normal. Haverá então novas oportunidades? Não quero que se lembrem destes dias assim: ‘Meu deus, como éramos jovens e foi lindo’.” No discurso de Galeano, o que se defende é a força da autonomia de um acontecimento da diferença; no de Žižek, a força de revolução não apenas no espaço, mas também no tempo, a partir da transformação das relações de produção. No primeiro caso, autonomia; no segundo produção. Com o novo boom dos coletivos de poesia, a mesma questão se coloca. Devemos investigar se a sua importância está em sua forma particular ou se naquilo que produzem de modo a redistribuir funções e alterar relações de produção no sistema literário. Sustento que se pode avaliar os coletivos de duas maneiras: tanto como forma (como obra), quanto como produtores (como corpos engajados, ou seja, implicados na política das relações literárias de produção). Gostaria de fazê-lo a partir de uma análise do coletivo “Bliss não tem bis”, formado no Rio de Janeiro no final da década de 2000. Dois atos o inauguram: a revista “Bliss”, por um lado, que une Clarissa Freitas, Lucas Matos e Márcio Junqueira, depois de um período de convivências a partir de uma oficina literária (essa espécie de amor comum da poesia), publicada em 2009; e o disco “Bliss não tem bis”, por outro, que sela o coletivo enquanto tal, com a inserção de Thiago Gallego no grupo, por volta de 2013. Sua pré-história está documentada no making of da primeira revista: uma série de e-mails impressos em uma plaquete que expõe não somente o processo de confecção da “Bliss”, como também casos e decepções amorosas, conversas sobre o corpo, o gozo, o lazer, a amizade, a intriga. Nessa investigação, veremos como nada disso é “lateral” no coletivo, pois no “Bliss não tem bis” atuam forças eróticas que conduzem, gravitacionalmente, pessoas, poemas, assuntos, formas e métodos.

Palavras-chave: coletivos de poesia; forma; relações de produção

COLETIVOS DE POESIA EM DIÁLOGO COM AS MANIFESTAÇÕES DE JUNHO DE 2013

Eduardo dos Santos Coelho (UFRJ)

Resumo: A poesia brasileira contemporânea tem se voltado a questões anteriormente restritas às pautas de movimentos sociais, como os problemas de mobilidade urbana, os preconceitos de gênero, a violência, as crises da representação e do capitalismo, o que pode ser observado sobretudo na produção de coletivos, como Bliss não tem bis e Oficina Experimental de Poesia. Pretende-se discutir certas subjetividades que se revelaram tanto em junho de 2013 quanto na produção contemporânea de coletivos de poesia.

Palavras-chave: poesia; coletivo; política; manifestações

1 de agosto

8h30

"NÓS CONSTRUÍMOS A DÉCADA DE 60": A DESCOBERTA DE UMA VANGUARDA SUBTERRÂNEA ATRAVÉS DOS MANIFESTOS DE CLAUDIO WILLER

Thomas Frizeiro (UFJF)

Resumo: Nesse trabalho tratamos dos manifestos-ensaios do poeta, ensaísta e tradutor Claudio Willer, nascido a 2 de dezembro de 1940, em São Paulo, presentes em Manifestos 1964-2010, de 2013. O interesse nesse poeta se dá por ter integrado um grupo de poetas e artistas, do qual também faziam parte, entre outros, Roberto Piva, Jorge Mautner, Roberto Bicelli e Antonio Fernando de Franceschi. Traduziu e prefaciou Cantos de Maldoror, de Lautréamont (do qual utiliza o pensamento, em seu manifesto de 1964, de que “a poesia deve ser feita por todos” para observar que a poesia está tomando um espírito cada vez mais grupal), e o livro Escritos de Antonin Artaud. Sua obra poética é caracterizada pelos vínculos com a escrita surrealista e com a Geração beat, ambos, respectivamente, grupos de vanguarda e segunda vanguarda (de acordo com a análise de Willer no ensaio Geração Beat, de 2010), tendo escrito, sobre o movimento americano diversos ensaios, além de também ter traduzido e prefaciado Uivo, Kaddish e outros poemas, do poeta beat Allen Ginsberg e Livro de Haicais, de Jack Keroauc. Os manifestos de Willer, apresentam o pensamento do grupo em relação à escrita delirante, transgressora e visceral, e à aproximação entre literatura e vida, além da relação entre poeta e sociedade. O poeta paulista é, de certa forma, quem apresenta de maneira analítica o movimento através de seus três primeiros manifestos que acompanham seus livros Anotações para um apocalipse, de 1964, Dias circulares, de 1976, e Jardins da provocação, de 1981 (os poemas desses três livros foram reunidos a outros, inéditos, em Estranhas experiências, publicado em 2004). Tomando os manifestos como indícios de um possível movimento de vanguarda contracultural, que adota como paradigma a linhagem dos chamados “poetas malditos” (na figura de poetas como Lautréamont, Rimbaud, entre outros), a Geração Beat (com sua aproximação entre vida e literatura) e o surrealismo com sua escrita delirante e visual, este trabalho aborda esses textos, em relação ao poema “Uivo” de Allen Ginsberg, considerado por Theodore Roszak (1972) como documento fundador da contracultura, e aos manifestos do surrealismo, de Breton, cuja forma se aproxima da forma com que Willer apresenta seu pensamento. Pretendemos assim, traçar a relação entre a geração beat, especificamente na relação entre Ginsberg, com seu “Uivo”, considerado manifesto da contracultura (ROSZAK, 1972), toda a linhagem maldita da literatura, e Willer com outros poetas paulistas e os manifestos, afim de localizar esse movimento como uma “vanguarda subterrânea”.

Palavras-chave: Vanguarda; Grupo literário; Contracultura

O POEMA COMO UM GESTO

Danielle Henrique Magalhães (UFRJ)

Resumo: Em Homero, agir e falar eram a mesma coisa, falar era uma espécie de ação. No período clássico, a pólis era o âmbito estritamente político em que discurso era sinônimo de ação, uma vez que os homens livres, aqueles que podiam agir e podiam começar, eram os mesmos que podiam discursar. Na antiguidade tardia e durante toda a modernidade, ação e palavra passaram a ser vistas como dicotômicas e opostas. Na modernidade, a ação se sobrepõe à palavra. Para Hannah Arendt, a prática se sobrepõe à teoria com Marx, especialmente. Acredita-se que os homens podem fazer a história tal como o trabalho das mãos do proletariado. Agir e fazer a história são compreendidos como oposição ao pensamento e à palavra. A poesia, porém, se na Grécia Clássica não pertencia nem à esfera da ação, da política, nem à esfera do pensamento, mas à da produção, na modernidade, ela será atribuída majoritariamente ao pensamento. Contra isso, os românticos alemães irão questionar na Revista Athenäum: “Mas o verdadeiro autor não deve ser também um fabricante?” E Rimbaud advertirá em Carta do Vidente: “A poesia não ritmará mais a ação [como na Grécia]. Ela está adiante.” Hoje, podemos dizer que um poema é um coletivo. Hoje, para se compreender a poesia brasileira contemporânea, sobretudo a mais recente, pode-se considerar a existência de coletivos, seja na rede eletrônica, com a grande circulação de revistas de poesia e de coletivos de poesia, seja com a presença de grupos que se encontram pessoalmente, coletivamente, em torno da poesia. É importante ver esse acontecimento da poesia mais recente não em uma autonomia, mas a partir de uma ideia de coletivo de pessoas ou de poemas que se encontram, de uma comunidade que se lê, que troca, que dialoga, que acende um poema no outro, que escreve

porque conversa, pessoalmente ou não. Poemas surgem não apenas de encontros pessoais, mas também como uma conversa entre leituras, entre leitores. É nesse sentido que um poema não é exatamente um poema, mas isso que já é um “fazer com” e um “pensar junto”. Mas o que pode um poema? Em um tempo em que voltamos a colocar em pauta a importância e a dificuldade dos atos, das ações, por estarmos nos sentindo tão impotentes politicamente, estaria a palavra, ainda, separada da ação? O que pode o corpo do poema? O que pode um corpo que não pode mais agir? Ou como perguntou Giorgio Agamben em uma entrevista: “O que pode um corpo que não pode mais agir politicamente?” Pode esse corpo, ainda, começar? Como podemos pensar o poema fora da dicotomia ação versus pensamento? Se a ação sempre foi compreendida no campo da política, ao contrário do pensamento, como pensar o estatuto político do poema sem, no entanto, vê-lo como ação e, ao mesmo tempo, sem vê-lo separado do pensamento? A proposta deste trabalho é pensar uma outra leitura do poema, vendo o gesto do verso como uma abertura ao coletivo.

Palavras-chave: Poesia; Política; Gesto

DISSENSÕES POÉTICAS E POLÍTICAS

Roberto Said (UFMG)

Resumo: A proposta desta comunicação é realizar uma leitura comparada das poéticas de Ana Martins Marques, Angélica Freitas e Domingas Alvim, escritoras contemporâneas em ação na última década, a fim de identificar e analisar as modalidades de dissensões que permeiam o diálogo do texto poético com a contemporaneidade histórica brasileira. Tratam-se de vozes poéticas femininas singulares que, a partir da sobreposição de territórios públicos e privados, internos e externos, interpelam os “presentes imprecisos”, para valer-me da expressão de Flora Sussekind, que experimentamos atualmente. Na esteira sempre reinventada das tradições líricas e contemporâneas de contaminação do eu com o mundo, essas escritoras colocam em debate, em um jogo discursivo cujos limites são igualmente imprecisos, tanto as condições de possibilidade de enunciação poética quanto as configurações do cenário político e cultural. Nessa linha, interessa-me investigar, a partir da leitura contrastiva dessas poéticas, quais são os procedimentos de escrita adotados e como se constituem diferentes cenas de escrita em que vozes poéticas tencionam espaços públicos e privados, artísticos e políticos, individuais e comunitários, tramando na superfície do texto uma espécie de “íntimo exterior”, como propõe recentemente Wander Melo Miranda.

Palavras-chave: Dissensão; comunidade; feminino

61 - POESIA E TRANSGRESSÃO

Coordenação: André Cechinel (UNESC); Cristiano de Sales (UTFPR)

Resumo: O arlequim que Mário de Andrade nos apresenta em muitos momentos de sua *Paulicéia Desvairada* opera de maneira precisa na proposição de uma estética modernista para a literatura brasileira. O modo como esse personagem aparece dentro da outra personagem, São Paulo, evoca um dos temas mais caros ao grupo que se empenhou na utopia modernista da década de 1920, a saber, o devaneio. Este, que carregava também um desejo de liberdade ganhou corpo em versos harmônicos – uma invenção formal de Mário. Essa refinada artimanha de amalgamar forma e conteúdo não apenas colocou o poeta paulistano no centro do movimento como também revelou um potente modo de transgredir. A transgressão, sabemos, ocupa lugar cativo nas tentativas de teorização acerca do modernismo. No entanto, não se pode baratear esse conceito no mero sentido de desvio ou negação de um sistema em curso (seja este sistema estético ou ideológico), pois, como fez o autor de *Macunaíma*, transgredir consiste sobremaneira em estabelecer contato com a tradição da qual se intenta libertar. Modificar algo num sistema demanda transformação e não se transforma nada encerrando a dialética entre a herança material-cultural e o novo que se pretende fazer aparecer.

O ser contemporâneo de Agamben não é o que vê os limites do tempo e o nega, mas sim aquele que estabelece dialéticas distintas e desestabiliza o dispositivo do tempo. Por isso o arlequim de *Paulicéia* tentou cantar na cidade e foi levado pela polícia, porque seu canto não compunha mais

melodias como queria a industrialização moderna que tomava conta da cidade, seu canto fazia harmonias com outros desejos, outros sonhos, oferecia outro ritmo. A transgressão estava em se permitir devanear. Ela é uma das principais potências do que chamamos modernismo em literatura. É uma potência que nos faz hoje acreditar que é característico da poesia transgredir.

Tendo em vista o cenário maniqueísta que se transformou a arena pública dos debates que tocam a política no Brasil hoje, e que esse binarismo chegou a colocar objetos de arte no centro de uma discussão antes moralista do que estética, queremos com esse simpósio colocar em questão o caráter transgressor da poesia nos meios em que ela ainda opera (e isso inclui espaços instituídos, como universidades e escolas, e não instituídos, como circuitos que independem do academicismo). Tendo em vista também que vivemos hoje cenários muito antes distópicos do que o cenário utópico que sedimentou o ato de transgredir como marca da poesia, queremos discutir a transgressão em diferentes momentos históricos, abrindo, com isso, espaço para estudiosos dos diferentes períodos e tradições poéticas.

Seja pelo inutensílio de Paulo Leminski – para quem a rebeldia era um bem absoluto que se manifestava na linguagem por meio da poesia –, ou pelos corpos riscados de Ana Cristina Cesar – onde o contorno de um seio e os traços da escrita de um poema se confundiam na tentativa angustiada de não separar a poesia da vida –, ou ainda na assumida luta inglória com o corpo da linguagem a que se entregou Ferreira Gullar, o rastro estendido no tempo que faz de certas escritas algo canônico (mesmo que em princípio à margem) parece trazer sempre a cicatriz de uma subversão num sistema operante. Mesmo quando nos afastamos das constelações de Mallarmé ou da postura mais radical de Rimbaud, encontramos vozes que permaneceram no tempo e no espaço porque desestabilizaram algo, não legitimaram o *status quo* da vida ou da literatura. E isso não é um mérito moderno, ocorre desde muito antes das interpretações românticas que damos à história da literatura.

Enquanto Baudelaire parecia entender e explicar algo da Modernidade com seu cisne atordoado no asfalto, ou com a passante que desperta paixões à última (e não à primeira) vista, Walt Whitman libertava o verso com eloquência contagiante. Rilke equilibrava conteúdo e forma de maneira cirúrgica não para dizer o que fazia a poesia moderna, mas para escancarar justamente o que as teses sobre a lírica moderna não davam conta de explicar. De certo modo foi o que fez também o marujo Neruda que não cessou de sonhar e se fazer lírico, ou Hilda Hilst que ousou fazer de deus uma via de acesso sensorial (sensual) e não um fim. Cecília, que transgrediu a objetividade triunfante de Drummond para assumir-se só e afinada com uma subjetividade ibérica...

Enfim, o que entrelaça esses poetas todos na mesma carne, ou campo, é o fato de não terem deixado estabilizar algo (estético ou ideológico). Isso também o faz quem se exprime em outras linguagens (Miró lido por João Cabral). Por isso queremos com esse simpósio não apenas homenagear os que já o fizeram, mas também ver posto em movimento obras e leituras que nos permitam debater novamente com quais dialéticas queremos nos comprometer em cenários tão ideologicamente estanques.

REFERÊNCIAS:

- AGAMBEN, Giorgio. *A ideia da prosa*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Nova Reunião 23 Livros de Poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- BERARDINELLI, Alfonso. *Da poesia à prosa*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- CESAR, Ana Cristina. *Poética*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- GULLAR, Ferreira. *Toda Poesia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.
- HILST, Ilda. *Exercícios*. São Paulo: Globo, 2002.
- MEIRELES, Cecília. *Viagem*. São Paulo: Global Editora, 2012.
- NETO, João Cabral de Melo. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Niva Aguilar, 1999.

RILKE, R. M. *Poemas*. (Edição bilíngue). Tradução Geir Camos. São Paulo: Luzes no Asfalto, 2010.
WHITMAN, Walt. *Folhas de Relva*. Tradução Bruno Gambarotto. São Paulo: Hedra, 2011.

31 de julho
8h30

AUGUSTO DOS ANJOS E CRUZ E SOUSA DE MÃOS DADAS COM A POÉTICA DA TRANSGRESSÃO
Valci Vieira dos Santos (UNEB)

Resumo: Este trabalho pretende analisar o diálogo que os versos literários de Augusto dos Anjos e de Cruz e Sousa estabelece com a poética da transgressão, ao se mostrarem irreverentes em face de pressupostos literários que ousaram impor limites à liberdade de expressão de ambos, através da rigidez do sistema vigente. Os poetas não se curvaram diante desse sistema; ao contrário, passaram a lutar por livrarem-se dele ou para tor ná-lo mais flexível. Espera-se, pois, demonstrar como a transgressão, enquanto categoria estética, se manifesta nas vozes denunciadoras dos Poetas, em poemas marcados pela insubordinação, irreverência, desobediência, subversão, rebeldia e insubmissão. Para tanto, a literatura comparada se constitui na nossa principal vertente teórica, além de lançarmos mão da escritura de pesquisadores da relação que a poesia estabelece com a transgressão, a exemplo de Wladimir Krysinski, em sua "Dialéticas da transgressão" (2007) e Carlos Felipe Moisés, em "Tradição & Ruptura: O pacto da transgressão na literatura moderna" (2012).

Palavras-chave: A. dos Anjos; Cruz e Sousa; poesia; transgressão.

SUBJETIVIDADE E ALTERIDADE NA LÍRICA IMAGÉTICA DE PEDRO KILKERRY
Carlos Eduardo Siqueira Ferreira de Souza (PUC-SP)

Resumo: O objetivo deste trabalho é investigar os processos de subjetivação e as relações de alteridade entre sujeito e mundo que se manifestam na lírica de Pedro Kilkerry (1885-1917), cuja produção poética extrapola o território da corrente simbolista, anunciando a evolução formal característica da moderna poesia brasileira. Pedro Kilkerry nasceu na Bahia, onde se formou em Direito, atuou como jornalista e desenvolveu obra poética singular, dispersa em jornais e revistas da época. A primeira reunião de seus poemas foi realizada por Jackson de Figueiredo, quatro anos após a morte do poeta, e ocupa um capítulo da obra *Humilhados e luminosos* (1921), que abrange a produção de autores baianos do início do século XX. A obra de Kilkerry, entretanto, só ganhou destaque em 1970, com a primeira edição de *ReVisão de Kilkerry*, organizada por Augusto de Campos, responsável por apresentar, em um mesmo volume, poemas e crônicas do autor, além de ensaios sobre sua poesia. Poemas publicados na segunda edição de *ReVisão de Kilkerry* (1985) compõem o corpus de análise deste trabalho, que se fundamenta nas propostas teóricas de Michel Collot (2004; 2013) – professor emérito de Literatura Francesa da Universidade de Paris 3, poeta, autor de diversos ensaios sobre a poesia francesa moderna e contemporânea e de estudos sobre as representações da paisagem –, para quem a lírica moderna caracteriza-se não como resultado da presença ou da ausência do eu lírico no poema, mas como território em que eu e mundo deslocam-se em fluxo constante, em sentido duplo. Em seus escritos, Collot recusa a tradição teórica e crítica que concebe o lirismo moderno como expressão de uma subjetividade equivalente a uma interioridade pura. Trata-se, pois, de colocar em crise o valor atribuído ao sujeito na construção do discurso poético e de sugerir um caminho alternativo para a investigação dos processos de subjetivação na poesia, caminho que envolve o desapossamento do eu lírico em nome da alteridade. À luz dessa perspectiva, em que a poesia é fruto do intercâmbio entre sujeito e mundo, pretende-se investigar a construção do sujeito lírico na poesia hermética e experimental de Pedro Kilkerry. Ao analisar a obra do poeta baiano, Augusto de Campos identifica não só a radicalização da estética simbolista, mas também o prenúncio de traços característicos de vanguardas modernas, como o Surrealismo: “adverte-se na sua técnica compositiva um adensamento da linguagem, uma complicação sintática, um arrevesamento metafórico menos comuns” (CAMPOS, 1985). Nessa poesia, imagens inusitadas, distribuídas em versos musicais, rompem a lógica formal do mundo

concreto, inscrevendo no corpo dos poemas as experiências de um sujeito lírico que, entregando-se aos apelos sensoriais, sofre uma espécie de dissociação. O exame dos métodos lírico-ficcionais que singularizam a escritura de Pedro Kilkerry aponta, então, para a emergência de processos de subjetivação consolidados por fluxos constantes de deslocamento entre eu e mundo, cujo efeito é a transfiguração da realidade.

Palavras-chave: Pedro Kilkerry; Subjetividade; Alteridade.

RESISTIR EM LITERATURA: TRADIÇÃO E TRANSGRESSÃO EM T. S. ELIOT

André Cechinel (UNESC)

Resumo: O ensaio “Tradição e talento individual”, de T. S. Eliot, completa, em 2019, cem anos desde sua primeira publicação. No entanto, longe de apresentar uma recepção já cristalizada e acomodada pela crítica, as teses centrais do breve texto constituem uma ferida aberta e um território em disputa para a teoria literária e os debates em torno da relação entre literatura e história. Se, num primeiro momento, a Nova Crítica, principalmente nas figuras de Allen Tate, Cleanth Brooks e Robert Penn Warren, insistiu na dimensão conservadora, no passado paralítico, nos monumentos intocáveis, na lista dos grandes gênios e no autocentrismo estético das principais obras de um cânone fundamentalmente eurocêntrico, as coisas mudam significativamente após a aparição da tese de doutoramento de Eliot, em 1964, e após a publicação dos ensaios filosóficos iniciais do autor, a partir de 2014. Agora, o ensaio de 1919 passa a revelar uma dimensão polêmica imprevista quando de sua recepção inicial: Eliot e tradição são cada vez mais associados a um passado pulsante que pede revisitação contínua, a uma tradição que só se mostra viva na medida em que é confrontada novamente pelo tempo presente, a uma noção de contemporaneidade em literatura que desconcerta qualquer linearidade temporal teleológica, a uma necessidade de violentar o passado para que ele simplesmente não desapareça ou caia no esquecimento ou mesmo numa desordem improdutiva. Num paradoxo difícil de conciliar com as imagens que pairam sobre o poeta e ensaísta nos manuais de literatura, tradição não é algo herdado ou repassado de geração em geração, mas sim um corpo amorfo que só existe ou reaparece quando submetido a uma nova apropriação capaz de desfigurá-lo, reconfigurá-lo e, assim, reafirmá-lo enquanto potência contemporânea. Ora, se tudo isso é verdade, essa nova leitura de “Tradição e talento individual” não nos pede apenas que revisitemos a ideia de tradição nos estudos literários, hoje tão comprometida pelas constantes desconstruções do cânone; mais que isso, o ensaio de Eliot reconfigura e reapresenta, então, o significado do que entendemos por “resistir” em literatura.

Palavras-chave: T. S. Eliot; Tradição; Resistência.

31 de julho

14h30

DESVIO E SINGULARIDADE: O MAL NA POÉTICA DE HERBERTO HELDER

Ana Cristina Joaquim (UNICAMP)

Resumo: Tomando como ponto de partida a interlocução que Herberto Helder deseja estabelecer com o “bom leitor impuro”, trata-se de sondar as possíveis relações entre a subversão moral – e a consequente recusa da cultura instituída –, e a possibilidade de se considerar uma ética da transgressão, a partir da qual problematizo os conceitos de comunidade e singularidade, conforme derivas de uma poética que se elabora mediante o fascínio poético pela ideia de mal.

Palavras-chave: Herberto Helder, Mal, Singularidade, Comunidade

BREVES PONTUAÇÕES SOBRE EXCESSO E LÍRICA

Ricardo Alves dos Santos (UFU)

Resumo: Esta comunicação abordará, a partir da lírica de dois poetas contemporâneos Glauco Mattoso e Waldo Motta, a questão do excesso poético, dessacralizando o espaço da poesia, como maneira singular dos escritores de promoverem uma escrita que dialoga, incessantemente, com os

paradigmas estético-literários que a crítica consolidou como sendo uma literatura de resistência. Os autores iniciaram seus exercícios artísticos ainda na década de 1970 e carregam características da poesia empreendida em tempos de censura e de rompimento com o sistema editorial da época. O tom coloquial e o alcance comunicativo dos versos de Mattoso e Motta reafirmam a influência da literatura marginal; e o discurso direcionado ao leitor faz-nos pensar sobre as vozes silenciadas ao longo do processo de consolidação da ética e da moral burguesa, as quais, de maneira opressora, colocam à margem corpos que não se enquadram nos modelos e padrões construídos culturalmente. Dessa maneira, a condição da homossexualidade, da cegueira, no caso de Mattoso, e do negro, no caso de Motta, permite-nos refletir sobre as exclusões e o anulamento social imperantes em solos ditos democráticos. Assim, o que propomos é fazer breves considerações acerca da criação literária como estratégia de resistência política, além de destacar os recursos estéticos que os poetas fazem em relação ao alinhamento entre poesia e vida desenvolvido pelos artistas ditos “marginais”.

Palavras-chave: Poesia; Resistência; Glauco Mattoso; Waldo Motta.

O ROCK, A POESIA, A INDÚSTRIA CULTURA E A TENTATIVA DE SILENCIAR A TRANSGRESSÃO

Angie Miranda Antunes (UFJF)

Resumo: Quando o rock ‘n’ roll e a poesia se encontram nos anos 1950, o mundo de fato foi sacudido. O ritmo que libertou o corpo somado às letras transbordadas em atitude permitiram encerrar a intransitividade dos verbos nascer, crescer, multiplicar, trabalhar e morrer, vinculados aos direitos “divinos” concedidos as suas origens social e/ou biológica. Historicamente a poesia, digamos, de protesto, esteve pari passu com as escolas tradicionais até que, no Romantismo, a rebeldia se tornou mainstream. E na virada do século XIX para o XX, as estéticas de fin de siècle e o Modernismo estabeleceram uma estética quebradiça e não fronteiriça que, ao longo do século XX, também se tornou mainstream. A formação de novos centros urbanos onde se reúnem pessoas oriundas de diversos cantos, onde ninguém sabe ao certo como se portar, faz desabrochar sentimentos contraditórios que são convergidos para as manifestações artísticas e culturais. Para além da produção de ruídos, a produção de significados em meio a essa nova realidade citadina se faz urgente nas culturas europeia e norte-americana após as duas grandes guerras. Dessa forma, depois de sacudir os quadris da classe média norte-americana, figuras como Robert Johnson, Chuck Berry e, principalmente, Bob Dylan incrementaram as letras com suas dúvidas, (des)esperanças e opiniões, abrindo espaço para a canção de protesto. Não se demorou muito a perceber que o novo estilo de vida difundido no mundo ocidental, repleto de otimismo e de esperança, propiciado pela produção em massa de bens manufaturados de uso pessoal e doméstico, não era para todos, nem respondia às questões daquele período. As letras do ritmo convergente começam a divergir da ordem que se estabelecia. Em A mundialização da cultura (1994) de Renato Ortiz, vemos que enquanto protesta, cresce e se espalha, o rock alimenta os primórdios da indústria cultural. Os grandes espetáculos, os programas de TV, os artigos relacionados multiplicados em revistas, pôsteres, miniaturas, edições especiais, marcas registradas etc. fomentam o imaginário dos fãs que não medem esforços (nem gastos) para saciar a paixão. Tornar uma expressão cultural em produto a ser distribuído é sinônimo de mercantilizar. O Brasil, sempre vidrado no que acontece na Europa, passa a beber da fonte norte-americana e foi o poeta e letrista Torquato Neto, na coluna Geleia Geral, um dos que manteve o país atualizado sobre as idas e vindas das estrelas do rock. Nessa junção das ondas do rock e da poesia, Torquato influenciou uma das bandas de rock brasileiras mais vibrantes: os Titãs. E é dessa parceria que acompanharemos a tentativa de silenciar a transgressão. Os poemas “Go back” e “andar andei” foram escritos em meio a ditadura militar e musicados pelos Titãs nos anos 1980, ainda na ditadura, quando a fuga ao passado e a cidade irreconhecível, respectivamente, ganham a força das guitarras nas apresentações ao vivo. Já nos anos 1990, quando as multinacionais se transformam em conglomerados, os poemas são retirados de seus contextos, recortados e transformados em canções de amor e, em seguida, em um hino de esperança com toques de autoajuda.

Palavras-chave: Cultura rock; Poesia; Transgressão.

1 de agosto
8h30

"A MEDITAÇÃO SOBRE O TIETÊ": O RIO, A TRANSGRESSÃO E A POESIA

Cristiane Rodrigues de Souza (UFMS)

Resumo: Em “A meditação sobre o Tietê”, testamento literário de Mário de Andrade, publicado em Lira paulistana (1945), o poeta que “tudo sacrifi[cou]” volta seu olhar a si mesmo, assim como ao seu percurso de intelectual e à criação literária. Além disso, ao mirar-se nas águas oleosas sobre a Ponte das Bandeiras, o eu lírico vê ainda, misturado ao cortejo do eu, a presença do outro – as luzes da cidade, os desmandos políticos, a demagogia, a multidão cerceada pelas margens. Assim, o rio se assume como espelho do eu fundido de maneira angustiada à civilização-água insalubre, possibilidade de encontro amoroso com o próprio eu, misturado à alteridade. Ao se perceber formado pela paisagem e pelas pessoas que o cercam, o poeta sente esse enlace como uma união de dor, já que reconhece em si o sofrimento do oprimido e também, com constrangimento, percebe no próprio ser a parte da civilização que carrega a impiedade do opressor, já que, nas águas estão também os governantes que a conduzem, numa clara referência ao contexto político da época. A resistência e a transgressão possíveis acontecem por meio da entrega sacrificial do eu à sua dissolução nas águas escuras do rio, como pode ser conferido, por meio do estudo do último poema do modernista.

Palavras-chave: Mário de Andrade, poesia, Lira Paulistana

O SONHO DORME PESADO: MÁRIO DE ANDRADE DO DESVARIO À LIRA

Cristiano de Sales (UTFPR)

Resumo: Na fundamental Paulicéia Desvairada (1922), Mário de Andrade parece anunciar um sonho, o de uma estética eloquente, comum ao tom mais utópico dos modernistas brasileiros da década de 1920. Em meio a esse desejo, o poeta põe em movimento o verso harmônico para cantar uma cidade cujas imagens sonoras se sobrepõem – fruto da abertura à industrialização vivida na São Paulo da época e de um cosmopolitismo incipiente naquela que seria mais tarde a maior metrópole do país. Nesse livro nuclear, vemos a personificação da subjetividade reprimida na cidade moderna por meio da figura de um Arlequim penalizado por cantar. No entanto, a São Paulo de Paulicéia parece revelar uma possibilidade ainda de vida livre; como se o poeta ainda tivesse uma escolha, como se a ele fosse dada a chance de resistir à industrialização da cidade e à fetichização dos corpos e mentes. Mais de duas décadas depois, em 1945, publica-se, do mesmo autor, o grande poema Lira Paulistana. Neste livro póstumo, percebemos que o sonho que se anunciava em Paulicéia cai em sono profundo. O homem, já cooptado pela máquina-trabalho, passa a ser cantado em ritmos muito menos livres e harmônicos, dado que não apenas prevaleceu o consumo (fetiche) na cidade, mas também que o corpo e a mente do cidadão estão completamente transformados em força de trabalho. Pretendemos com o presente ensaio demonstrar não apenas os temas anunciados acima, mas também algumas soluções formais elaboradas nos dois livros, o de 1922 e o de 1945, que corroboram a hipótese de adormecimento do sonho. Em última análise, queremos demonstrar como Mário de Andrade transgride a própria estética, anunciada no auge do modernismo, para acusar o desgaste do sonho.

Palavras-chave: Mário de Andrade; Desvario; Lira Paulistana; Sonho

BEN LERNER: COLISÕES E QUEBRAS NA LINGUAGEM POÉTICA DE MEAN FREE PATH

Maria Cecília Touriño Brandi (PUC-Rio)

Resumo: Pretendo apresentar a obra e o processo de tradução de Mean Free Path (2010), último livro de poesia de Ben Lerner, marcado pela fragmentação da linguagem, que gera ambiguidades, cortes, colisões e choques perturbadores. Para o autor, linguagem e vida, tensionadas, não se

dissociam. Ben Lerner nasceu no Kansas (EUA), em 1979. Sobre sua origem, disse: “Cresci numa família judaica esquerdista, em um Estado muito conservador, com mãe feminista, e estudei teoria política; de modo que minha percepção sobre política e linguagem – ou sobre o aviltamento da linguagem no contexto do capital e do império – cresceu comigo nos anos 1980, e isso foi parte do que me dirigiu para a poesia”. Antes de *Mean Free Path*, publicou outros dois livros de poesia. Depois, os romances *Leaving Atocha Station* e *10:04*, e o ensaio *The Hatred of Poetry*. Foi o mais jovem finalista do National Book Award, aos 36 anos. Os termos científicos com que Lerner nomeou seus livros de poesia não são termos técnicos que especificam ou esclarecem algo. São ramificações produzidas por descargas elétricas (*The Lichtenberg Figures*), ventos que tiram o avião do plano de simetria (*Angle of Yaw*) ou a distância percorrida por uma partícula até colidir com outra, criando passagens (*Mean Free Path*). É possível imaginar uma analogia entre a instabilidade gerada por esses movimentos e o estado de devir da linguagem, cuja irreducibilidade é de algum modo radicalizada por Lerner em MFP. Ele transgredir desmontando a linguagem e articulando a descontinuidade dos versos. MFP (*Percurso livre médio*) tem cinco seções: a “Dedication” e seções homônimas alternadas, duas “Mean Free Path” e duas “Doppler elegies”. Há estruturas formais definidas, mas os versos não seguem um modelo métrico convencional. Em consonância com o título do livro, seus versos também sofrem colisões: há choques de sentido, versos inacabados ou até desordenados. Lerner parece experimentar, na linguagem, imprimir novo vigor à forma como nossos sentimentos e pensamentos se manifestam na contemporaneidade (quando somos bombardeados por notícias, imagens, mensagens, desinformações): uma forma descontínua, fragmentária. Tudo parece ser, de algum modo, intercambiável, exceto Ari, presente ao longo do livro, a ela dedicado. “É em parte um poema de amor, ou um poema sobre a possibilidade de escrever um poema de amor contemporâneo”, disse Lerner. O tom é de conversa íntima, que transita com confusa naturalidade dos assuntos cotidianos (como a música ou uma nota sobre a distração do autor) aos mais críticos (a incitação ao consumo, a insularidade dos estadunidenses, o valor da poesia etc.) e graves (a morte de amigos). Temas aparecem e reaparecem, o que também caracteriza as conversas pessoais, com repertórios preferenciais. As ideias de interior e exterior, privado e público, se interpenetram. Gostaria de apresentar essas características de *Mean Free Path* e como elas dialogam com o debate sobre arte no Brasil. Ben Lerner é um jovem poeta que se move desestabilizando questões estéticas e ideológicas, de modo original. Pretendo apontar essas questões sobretudo mostrando trechos de minha tradução comentada, destacando temas, aspectos formais, transgressões, quebras e dificuldades.

Palavras-chave: poesia; transgressão; Ben Lerner; tradução; quebra

A POESIA ANTIMODERNA TRANSGRESSORA DE MARIO QUINTANA

Adriana Paula Rodrigues Silva (UESPI)

Resumo: Esse trabalho apresenta-se como um caminho possível de releitura da obra do poeta gaúcho Mario Quintana, tendo em vista a presença da poesia antimoderna e, por isso, transgressora, que ele desenvolveu ao longo de sua carreira. Por essa razão, visitamos toda a obra do poeta, no intuito de trazer à tona os elementos presentes em seus textos, que fazem dele um poeta filiado à corrente aqueles que provocam rupturas no cenário de onde se insurgiram. Inicialmente, apresentamos algumas considerações teóricas acerca do antimoderno, conforme Compagnon (2011), para logo realizar o levantamento dos fatores presentes da obra de Quintana que o tornam transgressor e antimoderno. Em seguida, descrevemos o panorama literário das décadas de 1940 e 1950, período das primeiras publicações do poeta, no intuito de contextualizar sua produção literária. Ainda trazemos à baila as reflexões em torno do tipo de aliciação do poeta, a partir da análise de suas poesias. Na parte final deste trabalho, realizamos a análise da metapoética e da crítica ao modernismo, presentes em suas obras. Com este fim, discutimos alguns aspectos dos estudos da metalinguagem. Para tanto, nos apoiamos nas teorias da poesia moderna e da crítica literária. Também reconstituímos, dentro dos nossos objetivos, o itinerário do poeta por meio das páginas dos treze livros editados entre 1940 a 1990, particularmente dos textos que apresentam elementos

caracterizadores do antimoderno. Nossas constatações estão fundamentadas em estudos de teóricos da poesia moderna, dentre eles Antonie Compagnon (2010 e 2011). E, no que concerne à metalinguagem, buscamos apoio nos estudos de Gilberto Mendonça Teles (1989) e Samira Chalhoub (1986), entre outros. São ainda referenciais importantes para o desenvolvimento desta tese os estudos de Carvalho (1997; 2005), Glória Bordini (1997; 2006), Regina Zilberman (1982; 2006), Ligia Chiappini (1972). Na execução deste trabalho, foi possível verificar nas obras de Quintana a presença dos rudimentos que fazem dele um poeta marcado pelas características daquilo que Compagnon definiu como antimoderno e que nós entendemos como transgressão. Embora a ambivalência dos conceitos de moderno e antimoderno, averiguamos ao final do estudo aspectos particulares, elaborados por meio de conceitos metapoéticos e metalinguísticos que se articulam na obra do poeta de modo singular e constante, colaborando para a constatação de marcas da transgressão e da antimodernidade presentes em toda sua obra.

Palavras-chave: Mario Quintana. Antimoderno. Transgressão.

62 - POR UMA ABERTURA DE HORIZONTES – LITERATURA E PRODUÇÃO DE OUTROS MODOS DE VIDA

Coordenação: Antonio Carlos Sobrinho (UNEB/Unijorge); Rodrigo Matos de Souza (UNB)

Resumo: Os tempos de agora, à semelhança de um passado que retorna, desvelam-se agônicos. Em curso, a capilarização de padrões (ultra)conservadores de pensamento em posições de poder nas esferas executiva, legislativa e judiciária, além de em espaços estratégicos de influência, a exemplo de canais e perfis, com elevados números de jovens seguidores, em plataformas virtuais como o *youtube* e o *facebook*. Os discursos produzidos por este campo ideológico se caracterizam por fechamentos e por recrudescências, orientando uma prática política e um policiamento moral violadores da dignidade de grupos divergentes, não irmanados à reduzida lógica do *status quo* – além de, não raro, ceifar estas vidas. Identidades predatórias, para fazer uso de uma formulação de Arjun Appadurai (2009), formam-se e exercem-se neste processo, solicitando o extermínio físico e/ou simbólico daquilo que se apresenta como diferença e, portanto, na condição de uma ferida narcísica desestabilizadora de qualquer pretensão à homogeneidade, este ideal fundante da Nação. A despeito da formatação oficial de um *ethos* brasileiro aludir à tolerância e ao conagraamento como aspectos característicos da vida nacional, o que não passa de um artifício para invisibilizar as fraturas internas que nos formam, as marcas fundacionais deste território constituem-se no exato oposto: o Brasil se organiza na e pela violência; opera através da exclusão. Censura. Reprime. De fato, os últimos desdobramentos do cotidiano político e sociocultural brasileiro reafirmam a leitura empreendida por Marilena Chauí (2000), qual seja, a de que somos uma sociedade autoritária. O cenário é, pois, crepuscular. No entanto, Georges Didi-Huberman (2011) ensina que, por mais avançadas e poderosas que sejam as tecnologias mobilizadas para a produção de silenciamentos e de extermínios, há sempre algo que escapa, como um pequeno e errático vaga-lume – metáfora que aponta para a possibilidade de formas outras de vida que não aquelas autorizadas e legitimadas pela ordem imperante. Formas sobreviventes. Formas rasurantes. A parca luminescência destes seres, incapaz de produzir cegueiras, é inversa à potência que eles detêm de reconduzir esperanças e de inspirar resistências. Com efeito, é uma demanda do contemporâneo, na acepção que Giorgio Agamben (2009) dá ao termo, a busca por estes caminhos erráticos e desviantes, a dança-voo dos vaga-lumes, como uma estratégia política de sobrevivência e luta ante estruturas de pensamento e ação social que historicamente se revelam produtoras de morte. A busca pela luminescência dos vaga-lumes pode encontrar um importante atalho se atenta ao que Michel Foucault (2001) designa por heterotopias, isto é, territorialidades que operam sob lógicas diversas daquela estabelecida como hegemônica, de modo que a tensionam e apontam para outras sociabilidades e para outras epistemologias possíveis. As heterotopias podem funcionar como espaços de morada, acasalamento e reprodução dos vaga-lumes; são relicários de sua diferença e da potência de vida que deles emana. Acreditamos que a literatura, este devir-outro da língua, como a define Gilles Deleuze (2013), pode ser simbolicamente pensada como uma heterotopia na qual pequenos conteúdos vaga-lumes talvez

sejam encontrados. Isto pensando tanto na construção interna do universo ficcional ou poético quanto, noutro plano, no entrelaçamento arte/corpo/vida que se realiza como performance. Afinal, entre outras nove anotações, Roland Barthes (2004, p. 102) destaca, como razão para o ato de escrever, "[...] contribuir para fissurar o sistema simbólico de nossa sociedade". Neste sentido, a proposta que elaboramos para este simpósio reivindica, sobretudo, que engajemos nossos pensamentos na reflexão e na discussão crítica acerca dos descaminhos trilhados por nosso tempo. A literatura, aqui pensada em um sentido amplo e não restrita a demarcações nacionais, é o nosso meio para tal exercício. Não se trata, porém, de focalizar discursos denunciativos dos erros em que vivemos, mas, englobando-os e indo além, observar a possibilidade de uma abertura de horizontes para formas de vida que escaparam à docilização de seus corpos e devieram outras, produzindo modos diversos e novos de ser, estar e relacionar-se com o mundo – e "novo" aqui não significa algo absolutamente inédito, mas formas que engendrem impactos, rupturas e reversões em relação à ordem estabelecida. As proposições de trabalho para este simpósio podem estar filiadas ao corpo de pensadores aqui utilizado, suplementá-lo ou assumir outras amizades teóricas. Serão acolhidas desde que se dediquem a visibilizar e discutir modos outros e possíveis de vida; abrir alternativas. Com isso, almejamos construir solaridades e demarcar, não importando a força que se instaure sobre nós, a possibilidade de nossa própria sobrevivência. Apesar de tudo.

REFERÊNCIAS:

- AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo? In: ---. O que é o contemporâneo? e outros ensaios. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009. p. 55-76.
- APPADURAI, Arjun. *O medo ao pequeno número*. Ensaio sobre a geografia da raiva. Tradução de Ana Goldberger. São Paulo: Iluminuras, 2009.
- BARTHES, Roland. Dez razões para escrever. In: ---. *Inéditos*. Vol. 1 – Teoria. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 101-104. (Coleção Roland Barthes).
- CHAUÍ, Marilena. *Brasil*. Mito fundador e sociedade autoritária. São Paulo: Perseu Abramo, 2000.
- DELEUZE, Gilles. Literatura e vida. In: ---. *Crítica e clínica*. Tradução de Peter Pál Pelbart. 2.ed. São Paulo: 34, 2013. p. 11-18.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *Sobrevivência dos vaga-lumes*. Tradução de Vera Casa Nova e Márcia Arbex. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- FOUCAULT, Michel. Outros espaços. In: MOTTA, Manoel da. *Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema*. Tradução de Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. p. 411-422. (Coleção Ditos & Escritos, v. III).

31 de julho
8h30

ENTRE O TEATRO E O TELEFONE CELULAR: LEITURAS E ESCRITAS EM UMA ESCOLA PÚBLICA

Fabiano Assis da Silva (Universidade do Minho)

Resumo: A minha pesquisa tem como ponto de partida a carência de apresentações da linguagem teatral nos segundos ciclos das escolas públicas de Braga, Portugal. Esta característica na grade de atividades do sistema de ensino público motivou-me a saber o porquê dessa falta e a desenvolver uma intervenção teatral com um Homem-banda para inserir as apresentações dessa linguagem em uma sala de aula da escola Francisco Sanches. A falta de pesquisa na área que trate dessa ausência traz ainda mais relevância para o estudo em busca de reflexão sobre o tema. Bourriaud "observa" que "a praxis artística aparece hoje em dia como um artifício rico para experiências sociais" que trabalham na criação de "utopias práticas" (2002 [1998], p. 9). Hoje as escolas de Braga têm alunos de vários países, criando um ambiente multicultural. Visualizando esse cenário que se repete em várias escolas do mundo, penso ser necessário utilizar a linguagem teatral como canal de comunicação para estreitar a distância entre as pessoas. Como estratégia de ação e aprofundamento na pesquisa, estimula-se os alunos a utilizarem os celulares para produzirem vídeos, como

youtubers, sobre e com a intervenção. Todos os envolvidos são ativos na ação, podendo intervir e mudar o curso das propostas iniciadas pelo artista. Após a intervenção os alunos produzem um texto poético baseado na experiência pessoal vivida dentro do grupo. Esses textos são lidos coletivamente, abre-se uma roda de conversa sobre a intervenção e o significado para cada um. A proximidade do espectador-aluno ao artista durante a apresentação potencializa a relação dos dois. Perceber as falibilidades, os virtuosismos e os improvisos propicia uma experiência modificadora para o estudante. Augusto Boal fala de um conceito que colabora com a ideia dessa pesquisa: “a arte apresenta sempre uma visão de mundo em transformação e portanto, é inevitavelmente política, ao apresentar os meios de realizar essa transformação.” (Boal, 2005, p. 35). A fruição artística no ambiente escolar abre outras possibilidades de ser e estar na vida. Transporta o aluno para outro lugar e sobretudo potencializa seus quereres e atuações na sociedade. Finalizo esse resumo com parte do depoimento sobre a intervenção artística, da professora Isabel Candeias, que é diretora de turma da sala onde estou a realizar essa pesquisa: “[...]se formos a pensar na parte da pedagogia, foi emocionante, porque eles não sabiam o que ia acontecer. [...] A ideia de uma pessoa que faz a música toda é fantástica. Aliás uma das meninas até falou isso. “Eu gostava de fazer as coisas assim”. Depois participaram de uma forma crítica fazendo o vídeo também. Não estavam só com o fruir do momento, mas a compor, eles ficaram naquela expectativa, o compromisso de documentar o momento, isso faz com que toda a experiência seja mais rica.” A pesquisa visa investigar o potencial de apresentações teatrais dentro da sala de aula, utilizando celulares e a escrita poética para estimular micro-utopias no ambiente escolar.

Palavras-chave: Teatro; Celular; Micro-utopia; Escola; Homem-banda

RAQUEL, DE LYGIA BOJUNGA E MARIA, DE ALICE VIEIRA - ADOLESCENTES ATUANDO PARA A CONSTRUÇÃO DE UM MUNDO MENOS DESIGUAL

Renata Flaiban Zanete (Universidade do Minho)

Resumo: A Literatura apresenta-se como rica aliada para a formação das gerações mais jovens numa perspectiva crítica e libertária. A bolsa amarela, de Lygia Bojunga (1976) e Úrsula, a maior, de Alice Vieira (1997), ambas obras destinadas a crianças e adolescentes, colocam-nos em contato com Raquel e Maria, meninas que não aceitam os limites que a sociedade falocêntrica, representada principalmente pela família, tenta impor a elas. A personagem principal de A bolsa amarela coloca-nos diante de três desejos, que ela chama de vontades, que precisa esconder: o de ser adulta logo, o de ser menino e o de ser escritora. Raquel transita entre as relações familiares e os amigos imaginários, que saem de sua produção ficcional, com espírito crítico e muita graça. Maria, a narradora de Úrsula, a maior, com pensamento ágil, língua afiada e muito humor, revela estar a fazer 15 anos ao final da narrativa, com a coloquialidade e senso crítico típico de muitas adolescentes dos dias de hoje. A adolescência constitui-se num período de grandes mudanças: corporais, de atitudes, de gostos e principalmente por afirmação de ideais em contraposição aos valores e modos de vida das gerações anteriores. Passar da infância à adolescência num ambiente em que as ideias reacionárias estão numa espécie de cabo-de-guerra com ideias mais progressistas, requer ainda mais esforço para que o sujeito se encontre, e se constitua como tal, em meio a estas disputas. O ensaio Um quarto só para si, de Virginia Woolf, é um marco na escrita feminista. A autora reivindica, às mulheres, este espaço de um quarto só seu, a fim de que tenham privacidade e liberdade para escreverem o que bem entenderem. Raquel tem, por diversas vezes, o quarto invadido pelos familiares e Maria, ao longo de sua história, divide o quarto com outras meninas que a mãe resolve acolher e ajudar. Ao mesmo tempo que estas outras meninas lhe incomodam, também instauram nela o desejo de provocá-las com o que lhe parece ser interessante, no que toca ao alargamento dos horizontes de vida. Maria não sabe, mas é uma precoce feminista. Virginia Woolf diz que o mundo responde com “uma gargalhada grosseira” (2005, p. 81), cheia de hostilidade às mulheres que escrevem ficção. E continua: “Fechai à chave as vossas bibliotecas se quiserdes; mas não existe portão, fechadura ou ferrolho que possa trancar a minha liberdade de espírito” (p. 111).

As limitações educativas e sociais referidas por Woolf estão a operar e incomodar Raquel e Maria. Rosi Braidotti fala de uma “tecnologia do ser”, isto é, a “constituição de identidade e aquisição da subjectividade enquanto formas de acesso ao poder, ou direito a certas práticas” (2002, p. 159). É nessa linha de constituição de identidade que Maria e Raquel se inserem. As personagens das narrativas aqui analisadas comparativamente fazem parte de um grupo de heroínas que falam às meninas dos dias de hoje que vale a pena assumir as rédeas do próprio destino, escrever a própria história, em vez de se deixar abater pelos desejos alheios.

Palavras-chave: Identidade; Desejo; Feminismo; Adolescência

"QUE? SÓ UMA CURTIDA? FUI EU! CURTIR SÓ POR AMIZADE!" OUTRO MODO POSSÍVEL DE VIDA: SUBJETIVIDADE INFANTIL EM QUADRINHOS

Heloisa Lopes Silva de Andrade (UFMG/UNEB)

Resumo: Este estudo busca investigar como a construção de subjetividade infantis são produzidos na cibercultura. O objetivo consiste em analisar como se entrelaçam a subjetividade infantis e a cibercultura no contexto da literatura em quadrinhos. Para tal, escolheu-se como corpus o diálogo entre os personagens do episódio “A Batalha dos Lutubers”, da criação do roteirista Edson L. Itaborahy de Mauricio de Souza produções, o exemplar nº 28 da revista Cascão de histórias em quadrinhos. A abordagem teórica ancora-se no campo de conhecimento da cibercultura e da filosofia, na perspectiva pós-estruturalista, visto que o diálogo do episódio tem como pano de fundo a cultura digital e a infância. A partir da narrativa do episódio entendo que, com a acessibilidade dos personagens aos dispositivos moveis digitais, os personagens são convocados a se inventar, produzir e compartilhar outros modos possível de viver na contemporaneidade na cibercultura e como isto representa um novo modo de vida já na infância. Os principais interlocutores são Michel Foucault, Gilles Deleuze, Giorgio Agambem e Paula Sibilia.

Palavras-chave: Subjetividade; Infância; Cibercultura

A ALEGORIA DA CONTEMPORANEIDADE EM DOIS FORMATOS - UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA

Patricia Conceição Silva Santos (UNIJORGE)

Resumo: O propósito desta apresentação é sugerir o trabalho em sala de aula com a obra O Ensaio sobre a Cegueira, de José Saramago, assim como da adaptação fílmica, do diretor Fernando Meireles, com o propósito de trabalhar a construção alegórica da sociedade contemporânea através de um surto de “cegueira branca” em um centro urbano indeterminado. O sentido de alegoria que iremos adotar refere-se ao conceito de “construção ornamental” usada pela linguagem (verbal e fílmica), presente na obra Alegoria, construção e Interpretação da metáfora, de João Adolfo Hansen. No que se refere ao romance, Saramago usa o termo ensaio para destacar que se trata de um texto dotado de posicionamento crítico, portanto uma mistura de ficção e realidade, como declarado pelo autor em entrevista. O caráter alegórico da obra em fazer as pessoas que cegaram vivenciarem uma realidade diferente daquela, à qual estavam acostumadas, adquire sentido, quando percebemos o intuito do autor em fazê-las experimentarem o convívio em grupos, ao invés de manterem-se isoladas, como estavam acostumadas e, terem que (re)aprender a lidar com a sensibilidade, necessária para um convívio solidário em sociedade. O que percebemos é que o escritor constrói uma trama, a partir de uma situação inusitada - uma epidemia de cegueira, à qual podemos atribuir a presença do elemento fantástico. No trecho da obra “[...] penso que estamos cegos, cegos que veem, cegos que vendo, não veem”, percebemos a intenção do autor saramaguiano em explicitar a sua real intenção em denunciar a alienação - vista como ausência da razão, presente nas sociedades contemporâneas, através de atitudes segregacionistas, retratadas na obra na atitude do governo em confinar uma parcela das pessoas acometidas pela cegueira e, de tratá-las de forma desumana ao atribuir um caráter contagiante ao problema, outro exemplo é o dos confinados que queriam assumir o comando dentro do sanatório, usando da força física para conseguir manterem-se no status de privilegiados. Estes dois grupos serão os principais responsáveis pelo acirramento do ódio

e pelo rebaixamento dos (as) internos (as) à condição animalesca. E, quanto à situação brasileira, o cenário caótico da cidade de São Paulo, abordado pelo filme, revela o quanto esta realidade esta presente em nosso contexto. Ao nosso ver, estas duas manifestações artísticas - Literatura e cinema, podem contribuir com o ensino-aprendizagem ao se comprometerem a criar reflexões e/ ou ressignificações dentro do nosso contexto social. Dentre outras obras teóricas que citaremos em nosso trabalho estão Medo líquido, de Zygmunt Bauman e Dez razões para escrever, de Roland Barthes.

Palavras-chave: alegoria; literatura ; cinema

31 de julho

14h30

O RETORNO AO LAGER: APÓS AUSCHWITZ COMO LUGAR DE CULTURA EM GEORGES DIDI-HUBERMAN E JORGE SEMPRUN

Rodrigo Matos de Souza (UnB)

Resumo: A ideia de Auschwitz não se trata do fato de que consiste em um evento extraordinário e devidamente localizado no passado como uma referência à memória, mas reside no fato de que é um evento constantemente atualizado e reproduzido em nossas sociedades, podendo até constituir-se como marco da normalidade da vida humana (DUCH, 2004). Os exemplos de nossa reprodução de Auschwitz são muitos e vão das experiências de extermínio em Ruanda e nos Balcãs, dos ataques sistemáticos a minorias na Índia, Síria ou no Norte da África, mas, também, de experiências cada vez mais sutis e que inserem a aniquilação do outro como algo possível de ser pronunciável e abrem caminho para a banalização do mal (ARENDT, 2013). O Lager, desde os eventos da Segunda Guerra, nunca esteve tão presente em nossos discursos e práticas cotidianas, ao que parece a quase súplica em forma de ensaio proposta por Adorno (2012), na qual pedia vigilância sobre o marco auschwitiziano para evitar sua repetição, não tem encontrado muitos leitores ou não provoca mais o mesmo efeito sobre seu público. Ao mesmo tempo, a experiência concentracionária tem sido revisitada de outras formas, como experiência turística, incorporada à paisagem urbana, nas quais selfies sorridentes contrastam com grades, arames farpados, fornos e jazigos; e como *bildung*, espaços de formação de memória coletiva para jovens judeus, que ali deveriam cimentar os elos com o sofrimento dos seus antepassados, a fim de evitar sua repetição – e que retornam aos seus lugares sem ver o campo vizinho, e cheio de palestinos, como uma reprodução desse passado. Os campos parecem ter perdido seus efeitos de memória e formação, convertidos em espaços de espetáculo, de uma performance-peregrinação, um não-lugar pelo qual se passa sem que haja, de fato, experiência (AUGÉ, 2005), tal como um supermercado, um centro comercial ou um aeroporto. O ensaio proposto como comunicação para esse simpósio procura observar o papel que esses espaços ainda desempenham a partir dos ensaios *Casas de* Georges Didi-Huberman (2017) e *A Escrita ou a Vida* de Jorge Semprun (1995) para, em especial, pensar como esses espaços vem convertendo-se em lugar de cultura, centros de entretenimento, museus do sofrimento, em não-lugares de espetáculo e de como o esvaziamento da função da memória tem permitido a ascensão cada vez mais sem constrangimento de discursos, propostas e exaltações de práticas fascistas que ingenuamente imaginávamos ter deixado no passado.

Palavras-chave: Memória; Não-lugar; Bildung

FRANCIS PONGE E O MUNDO POLÍTICO DOS OBJETOS

João Guilherme Siqueira Paiva (UFRJ)

Resumo: Na compreensão de que a política da arte extrapola o significado de arte política, isto é, de que não existe uma linha reta entre sentido e efeito sob o leitor/expectador, de que não há um continuum entre produção e percepção, nosso trabalho pretende discutir a política subjacente à poética de Francis Ponge. O autor, da segunda metade do século XX, repetiu inúmeras vezes o

desejo de clareza, “fórmulas claras e impessoais”. E o próprio adjetivo da mudez recebe grandes dimensões nessa poética, pois que sua obsessão é dar voz às coisas que não tem voz, distanciando-se do “homem”, indo “para fora do velho humanismo”, “para fora do homem atual e para frente”. Ponge argumenta que a humanidade é desprovida de palavra e tão muda como os peixes e pedregulhos. Não à toa também irá demonstrar certa repulsa ao idioma oral, imperfeito, improvisado, para seguir correndo atrás do que nomeou “equivalente do silêncio” dentro da escrita. Num ensaio de 1950 atribui a poesia ao plano do murmúrio, no que fará João Alexandre Barbosa somar as definições para “um murmúrio que se ouvisse entre mudos”. Segundo André Bellatorre, ler Francis Ponge é “estar constantemente convidado a ver duplo, pois seus textos ao mesmo tempo que descrevem o objeto, nos falam de uma outra coisa”. Ponge diz que o desespero genuíno não se permite ter voz. É inexprimível. Quando a poesia deseja conhecer algo ela “perde o trem”, quando tenta exprimir algo, “ela o perde de novo”. “Uma descrição perfeita é uma maneira de cerrar os dentes, uma maneira de não gritar, compreendem?”. Portanto, nós encontramos, em Ponge, a necessidade de calar-se sobre determinados aspectos e trabalhar a linguagem num exercício maior de não-dizer do que dizer. Nossa proposta de comunicação identifica aí, nesse lugar do não-dito, a política de Francis Ponge. Nosso intuito é discutir tal política a partir da leitura de “As pessoas e as coisas” de Roberto Esposito, isto é, no interesse em relacionar o “silêncio” de Ponge à sua relação com as “coisas” e os objetos do cotidiano. O cotidiano como lugar político fundamental.

Palavras-chave: poesia e política; objetos

LIVROS RASURADOS: A INSCRIÇÃO DO APAGAMENTO NA OBRA DE MARY RUEFLE

Clarissa Xavier Pereira (UFMG)

Resumo: Numa viagem de avião, uma estranha senta-se ao lado de Mary Ruefle e, para puxar assunto, pergunta o que ela faz da vida. Ruefle, poeta, ensaísta e artista plástica americana, autora de uma obra publicada nos últimos quarenta anos que mescla linguagens verbo-visuais e aparatos técnicos, responde que realiza “rasuras bíblicas” (“Biblical erasures”). Além da bíblia, o projeto “Erasure Books”, ao qual se refere a autora, utiliza como suporte para a criação textual muitas outras obras clássicas, cuja materialidade do livro enquanto objeto toma o centro de uma poética que propõe a invenção diante das marcas de ficção percorridas por outro autor. As rasuras realizadas nos livros cumprem a função de coletar, no interior de textos consagrados, versos que ali existiam já camuflados, e são agora iluminados pelo apagamento de palavras e linhas inteiras de um texto anterior, realizando assim novos caminhos para a textualidade. Para Ranciére (1998), a literatura comporta um desdobramento corporal da palavra, que pode ser o efeito de um corpo que a transmite ou, ao inverso, o hieróglifo que carrega uma ideia diante de um corpo. Isto significa, entre outras coisas, dizer que num mesmo movimento a palavra literária testemunha as formas de vida que a instauraram, e que instaura, por sua parte, novas possibilidades de vivências, cujas narrativas apontam para um domínio não-hegemônico da linguagem. A literatura é, numa leitura de Blanchot, o testemunho da possibilidade e da impossibilidade da escrita, em outras palavras, do silêncio que o dizer seleciona. De tal modo, as poéticas são propositivas à medida que rompem a condição de enclausuramento ideológico dominante que opera cotidianamente a sintaxe em seus múltiplos modos de produção e divulgação. Mary Ruefle, em suas obras rasuradas, chama atenção para a condição de construto que opera o ato performático da palavra encontrada nos livros publicados, e da relação permanentemente inaugural que somos capazes de estabelecer com nossos arquivos e repertórios de linguagens e poéticas. Silvina Rodrigues Lopes (2012) compreende a forma poema como uma espécie de “memória-profética, o que significa que nunca se limita a descrição e interpretação do passado, mas o constitui no próprio gesto que inventa o futuro”. Constituir o passado e inventar o futuro é, nesse sentido, prerrogativa das poéticas artístico-literárias, e se faz sob o pressuposto da luminosidade heterotópica que a contemporaneidade acarreta, e que, segundo Agamben (2009), trata-se da mesma contemporânea tarefa de ver, entre as luzes, o obscuro tempo em que vivemos. Nesse sentido, pode-se perceber a performance de criação poética de Ruefle como uma performance do tempo, figurada na simultaneidade do presente em sua

condição inacessível de vivência, permeada pelo rastro que vai do testemunho à promessa, e que circunda sobre nós o hieróglifo da permanência entre tempos que ativamente construímos. A exigência do presente, expressa nas palavras que restam das rasuras, é também, como afirma Agamben, a exigência de “ser contemporâneo não apenas do nosso século e do ‘agora’, mas também das suas figuras nos textos e nos documentos do passado”.

Palavras-chave: Performance; Contemporaneidade; Memória; Edição.

"MANUSCRITOS NÃO ARDEM": DESENHAR(MOS) COM PALAVRAS, ESCREVER POR PALAVRAS-DESENHO EM O MESTRE E MARGARIDA, DE M. BULGÁKOV

Gabriel Salvi Philipson (UNICAMP)

Resumo: Nesta apresentação, o uso de expressões em forma de slogan no romance O Mestre e Margarida é analisado para argumentar ao mesmo tempo contra sua interpretação lugar-comum que associa obra e vida de modo impensado e pela complexidade do lugar de Bulgákov quanto à revolução. Tal empreitada é realizada por meio de uma investigação da conexão entre literatura e poder, a partir da consideração tanto da linguagem como arma, como da literatura como aparato de um sistema. No desenvolvimento desta argumentação, a obra Fora, de Speridião, que cita textualmente a mais famosa dessas expressões do romance, é igualmente inspiração e motivo de estudo comparativo. “Manuscritos não ardem” é um dos slogans do romance O Mestre e Margarida (1940), de M. Bulgákov, que foi acriticamente adotado pelos seus leitores e, em especial, por alguns de seus críticos, como uma espécie de verdade apócrifa de uma obra que desvelaria e poria ao avesso os (muitos) desvios do período stalinista. Por meio da análise detida dos slogans no romance, gostaria de sugerir uma interpretação possível dele estabelecida a partir de uma reflexão de conteúdo nem tanto moral ou religioso, mas ético, do lugar da fala (e da escrita) em relação ao poder. O modo particular como a relação entre fala e poder ocorre no stalinismo por meio de seus slogans aparece como ocasião para Bulgákov explorar este tipo de relação. Entretanto, ele não as explora meramente para se contrapor ao stalinismo, mas faz uso disto para lidar a fundo com este problema, de tal modo que poderemos afirmar ser O Mestre e Margarida um romance não antistalinista, mas contrastalinista. Seus slogans não devem ser tomados à sério como verdadeiros slogans antistalinistas, mas talvez como contraslogans, como slogans que não voltam suas armas da linguagem frente às armas oficiais, mas que as desativam, as sabotam, ou seja, slogans que expõem, como paródia, a verdade dos slogans em geral – e, conseqüentemente, no caso, dos slogans do stalinismo. E não apenas no sentido de que o romance não meramente inverte e expõe as relações de poder concretas do poder de seu tempo e lugar, mas de que justamente por isso também é capaz de extrapolar estas determinações concretas, de modo que, assim, ainda podemos afirmar, apesar delas, sua atualidade e sua relevância para pensar a contemporaneidade quanto às estruturas programáticas do aparato artístico-literário em sua relação com o poder não apenas na sua versão e em possíveis novas versões stalinistas.

Palavras-chave: Literatura; poder; M. Bulgákov

1 de agosto

8h30

O CONTEMPORÂNEO E O VAGA-LUME. OU, AINDA JORGE AMADO?

Antonio Carlos Sobrinho (UNEB/UNIJORGE)

Resumo: Esta comunicação se apresenta como uma espécie de síntese, embora deslocada em relação ao tema, da discussão empreendida na tese Das possibilidades heterotópicas para uma experiência de liberdade – um estudo do universo ficcional amadiano (2017). Lá, como o próprio título indica, a investigação girava em torno da ideia de liberdade. Aqui, sem nunca perder este ângulo de leitura, mas abarcando-o em um movimento outro, procuro interrogar, à maneira de um breve ensaio, a produção ficcional amadiana sobre os modos pelos quais ela permanece

contemporânea, na acepção que o filósofo italiano Giorgio Agamben (2009) dá ao termo. Isto é, como uma textualidade, não importando a contingência espaço-temporal em que foi inicialmente produzida, que interage de forma crítica com o tempo presente, tensionando-o desde as trevas que o configuram. Para tanto, interessa-me, em particular, um desvio que Jorge Amado realiza em sua ficção a partir de *Gabriela, cravo e canela*, de 1958. No que concerne a uma atitude de desestabilização do status quo, compromisso ético que atravessa todo o universo amadiano, o autor se desloca de um posicionamento utópico, característico de seus textos entre 1933 e 1954, para um reconhecimento da potência de luta política presente na sobrevivência das heterotopias, ou seja, espaços reais que, segundo Michel Foucault (2001), operam em função de lógicas diversas daquela estabelecida como hegemônica, representativa do quadro de relação de forças dominante. À exceção de *Os velhos marinheiros*, de 1961, e *Farda, fardão, camisola de dormir*, de 1979, as narrativas amadianas das quatro últimas décadas do século XX, não aderentes aos encaminhamentos programáticos dos textos escritos até a metade dos anos 1950, observam resistências, desvios e possíveis construções de espaços de liberdade por entre as heterotopias: territorialidades negras, marginais e populares onde vigoram outros contratos sociais e outras epistêmes produzem sentidos outros, outras existências. Nesse sentido, pequenos vaga-lumes podem ser percebidos, em sua errática dança-voo, por entre as páginas amadianas: *Gabriela e Quincas*; *Dona Flor, Teresa, Tieta e Manela*, mesmo *Adalgisa*; *Pedro Archanjo e Tição Abduim*, *Fadul Abdala e Jacinta Coroca*. Como ensina Georges Didi-Huberman (2011), tais seres luminescentes sobrevivem às tentativas várias de docilização de seus corpos e de captura de seus desejos; escapam à grande luz homogeneizadora, totalitária; fogem deleuzianamente da micropolítica do fascismo, para dizer com Guattari (1985), que demarca o estágio atual do sistema capitalista. Configuram, portanto, frágeis/potentes lampejos que, desde as escuridões onde nenhuma grande luz jamais consegue chegar, posto que todo totalitarismo é falho e passível de múltiplas fissuras, apontam para outros modos possíveis de vida. Presenciar o belo espetáculo destes vaga-lumes em meio à noite é, com efeito, abrir brechas para não restar vencido. Apesar de tudo.

Palavras-chave: Jorge Amado; Contemporâneo; Vaga-lume; Desvio

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A IDENTIDADE NACIONAL BRASILEIRA

Camila David Dalvi (UFES)

Resumo: Esta comunicação pretende traçar paralelos entre resultados de pesquisa de doutorado finalizada em 2016, sobre Apropriações do bovarismo pela crítica acadêmica brasileira, sobretudo em sua parte final – acerca da utilização do termo para retratar a identidade nacional brasileira e sua relação com povos de outros países outrora colonizados –, e a recente leitura da obra *A elite do atraso*, de Jessé Souza. O termo bovarismo, cunhado a partir da obra flaubertiana oitocentista *Madame Bovary*, alçou uma longa e diversa trajetória que compreende até mesmo ser apropriado por estudiosos como Sérgio Buarque de Holanda em *Raízes do Brasil*, texto criticado abertamente em Jessé Souza. Vira-latismo, bovarismo e outros termos estão intrinsecamente ligados ao que se denomina constituição da identidade nacional brasileira, sendo eles passíveis de uma re-leitura que oferta novas possibilidades de compreensão do brasileiro, do Brasil e, mesmo, da América Latina. Busca-se entender essas localidades como resultados de processos colonizatórios, condenadas a sucessivas comparações com os países entendidos como de primeiro mundo (e, portanto, vistas como meras “cópias” ruins de sociedade “modelares”) e vítimas constantes das mais diversas dominações imperiais. Outros estudiosos e críticos serão evocados no estudo como forma de análise dos temas a serem discutidos.

Palavras-chave: identidade nacional; bovarismo; vira-latismo

O CORPO PROFANO COMO EXERCÍCIO POLÍTICO EM *BERKELEY EM BELLAGIO*, DE JOÃO GILBERTO NOLL

Evandro Ramos de Sant" Anna Junior (UFES)

Resumo: A poética de João Gilberto Noll destaca, em todo o seu percurso, o corpo como uma instância por onde perpassam as particularidades das personagens por ele propostas. A linguagem porosa construída por Noll (SANTIAGO, 1989) nos coloca em confronto direto com corpos urgentes, corpos que se movimentam e se chocam, corpos que, como sugere Giorgio Agamben em seu *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua I* (2014), constituem-se através de uma “matável insacriticabilidade” e são, dessa forma, “sujeitos à vida e suas armadilhas de morte” (NOLL, 2008, p. 13). Percebe-se ainda que, na mesma medida em que esses corpos expressam a existência de indivíduos violentados pelos dispositivos biopolíticos das sociedades contemporâneas — o homossexual, a mulher, o mendigo, a criança e o imigrante —, eles se articulam em torno de elaborações de dissidências em relação ao que os enquadra à margem da sociedade. Há, portanto, potências de resistência edificadas pelas protagonistas desenvolvidas nas obras do autor analisado. Considerando que a encenação desses corpos se configura por meio de diversas facetas — o exercício de sexualidades desconformes, o deslocamento, o olhar sobre o corpo etc. —, este trabalho pretende perscrutar, em *Berkeley em Bellagio* (2002), a dinâmica da profanação do corpo como uma dessas potências. Sob essa ótica, serão consideradas as proposições teóricas construídas por Giorgio Agamben em *Profanações* (2007), obra em que o filósofo italiano define o ato profano como um mecanismo que se apresenta por meio de um “uso (ou melhor, de um reuso) totalmente incongruente do sagrado” (AGAMBEN, 2007, p. 66) que restitui à comum vivência dos homens o que antes fora separado à esfera religiosa. Sob essa perspectiva, busca-se investigar as maneiras com as quais o romance destaca essa ação, procurando, sobretudo, compreender o dinamismo político intrínseco ao elemento da profanação. Pretende-se, com este trabalho, portanto, uma reflexão sobre o texto literário construído por Noll sob um prisma que evidencie a construção de roteiros de resistência, roteiros que fornecem às personagens uma vida com novos significados, novos espaços e novos exercícios opostos às articulações elaboradas pelos mecanismos que violentam as alteridades. Ou seja, objetiva-se ler, em *Berkeley em Bellagio* (2002), a profanação do corpo como um dispositivo de contrapoder que propicia aos sujeitos contemporâneos um deslocamento da regulamentação biopolítica às possibilidades de ressignificação do livre uso de seus corpos, um uso que lhes permita o exercício de uma vida que resista, ou, ao menos, escape à sua redução à categoria de *homo sacer*.

Palavras-chave: João Gilberto Noll; Corpo; Literatura; Profanação.

A POTÊNCIA DOS POBRES, A REPRESENTAÇÃO DO NOMADISMO E A PARTILHA DO JOGO TEATRAL EM "A DOCE CANÇÃO DE CAETANA" DE NÉLIDA PIÑON

Roniê Rodrigues da Silva (UEPB); Luciano Barbosa Justino (UEPB)

Resumo: Em narrativa de 1987, intitulada “A doce canção de Caetana”, a escritora contemporânea Nélida Piñon associa o tema do nomadismo a uma potência dos pobres e ao sincretismo da arte representados pelo grupo de teatro itinerante denominado “Os Romeiros” e pela própria protagonista Caetana, uma fracassada atriz mambembe que perambula pelo interior do Brasil como herdeira de uma arte funâmbula, legatária de uma vida de ciganos, e que aparece intercambiando seu fazer artístico por ovos ou galinhas, a fim de sobreviver. Experimentando o que Michel Maffesoli (2001) denomina por efervescência dionisíaca, à parte de uma indústria cultural do entretenimento, é possível afirmar que Caetana e sua trupe manifestam o desejo por formas de subjetivação que escapam à ordem imperante das instituições de poder, investindo numa plena afirmação da ideia de potência como produção de vida, de afetos, como criação, no sentido postulado na obra de Gilles Deleuze e Félix Guattari. Nessa perspectiva, este trabalho busca discutir de que maneira, em pleno contexto agonístico de ditadura militar, Caetana e a companhia de teatro da qual faz parte encenam a aventura da existência por uma vivência anômica caracterizada pela desterritorialização, pela deambulação constante, que os impede de se ajustar às normas de uma organização social, fato que dificulta a solidificação de qualquer tipo de identidade. Ao longo da narrativa de Piñon, observa-se que esses atores saltimbancos investem num circuito de afetos que lhes possibilita, por vezes,

emergirem no cenário social refratando a sua condição de miserabilidade, a sua situação marginal, inspirando, por essa feita, formas de resistência, em específico aquelas que dizem respeito à identificação do sujeito feminino figurativizada por meio da personagem Caetana, a qual encontra no jogo teatral e no desejo de errância a possibilidade de devir, conforme a noção desenvolvida por Deleuze e Guattari (1997), transgredindo estereótipos construídos ao longo dos tempos para a figura da mulher. Desse modo, a protagonista do romance compõe-se por uma representação que deslegitima as questões tradicionais de gênero e sexualidade advindas de uma sociedade patriarcal, provocando rupturas capazes de apontar para a produção de outros modos de vida.

Palavras-chave: Nélide Piñon; Potência; Nomadismo; Transgressão

MODOS DE VIDA, LITERATURA E SÉRIADOS: AS REPRESENTAÇÕES DAS MULHERES NA SÉRIE LA MANTE

Joabson Lima Figueiredo (UNEB/UFBA)

Resumo: As séries investigativas policiais e seus sub-gêneros, tais como thriller criminal, na atualidade tornaram-se populares com uma grande aceitação e debates críticos dos seus desdobramentos narrativos. Essas séries, em grande medida, são narrativas construídas com os pilares do gênero policial, com desdobramentos típicos em cada época ou linguagem cultural. Desde o século XIX, o universo da ficção policial é caracterizado por vários elementos, como medo, mistério, investigação, curiosidade, espanto e inquietação, que são dosados de acordo com os autores e as épocas, sempre como uma narrativa que prende o leitor / espectador. Desse modo, algumas séries provocam reflexões em suas aproximações e deslocamentos com o texto literário, em diálogos e novas configurações, e como corpus para este estudo, escolhemos *La Mante*, série original francesa. Na trama dirigida por Laurent Alexandre e escrita por Alice Chegaray-Breugnot, Grégoire Demaison, Nicolas Jean e Laurent Vivier, Jeanne Deber, conhecida como “a Louva-a-deus”, é uma famosa serial killer que foi presa na década de 90 por matar pais violentos e incestuosos, ou que haviam abandonado a família. Depois de 25 anos, um imitador surge copiando seus crimes e, então, Feracci, superintendente da polícia que prendeu Jeanne em 1990, é obrigado a cuidar do caso. Para ajudá-lo a encontrar o imitador, Jeanne exige que o filho policial, Damien, também esteja na equipe de investigação, provocando uma narrativa com vários segredos em família sendo revelados na trama. Desse modo, buscaremos refletir as representações das mulheres na série, com destaque à protagonista. Assim, colocaremos em cena a representação das mulheres na série *La Mante*, narrativa que se insere como um artefato cultural e social potente, para pensar as múltiplas manifestações das mulheres na diversidade contemporânea.

Palavras-chave: mulheres; séries televisivas; *La Mante*; narrativa; modos de vida.

63 - POÉTICAS (MARGINAIS) DA LITERATURA BRASILEIRA NO SÉCULO 21

Coordenação: Camila Morgana Lourenço (UNIVALI); Jair Zandoná (UFSC); Marcio Markendorf (UFSC)

Resumo: Questionar o significado de literaturas e/ou poéticas marginais nas primeiras décadas do século 21 em território nacional afigura-se uma tarefa crítica produtiva, se não urgente, e essencialmente desafiadora aos estudos literários contemporâneos. Afinal, depois de vagas de desconstrução do cânone — masculino, branco, heterossexual, classe média — e do novo cenário editorial brasileiro — no qual vigora a “fertilidade” de que trata Beatriz Resende (2008), da facilidade de autopublicação ao *boom* das editoras independentes —, o que deveria ser considerado fora do centro?

A provocação aqui lançada não pretende afirmar que os problemas de hierarquia, autoridade e consagração literária foram resolvidos, pois, de longe, estão — inesgotáveis, pela sua natureza, que são. O simpósio prevê constituir um espaço de reflexão no qual seja possível discutir as vertentes da marginalidade contemporânea — mais receptivas pela crítica após, por exemplo, os fenômenos mencionados. Pois, se nos anos de 1980, o caráter marginal no país era atribuído aos poetas da geração mimeógrafo, aos escritores cuja literatura em cima da experiência pessoal e do cotidiano

social era o motor construtor e aos que faziam uma espécie de releitura tupiniquim híbrida da seara *beat* e confessional americana, quais seriam as marcas da nova margem literária segundo a academia?

Uma vertente “marginal” a ser discutida, por exemplo, são as condições da mulher artista/escritora no cenário do cânone. Afinal, sabemos que, apesar dos avanços do movimento feminista, ainda não se pode falar de um tratamento isométrico no campo estético. Neste contexto, Susana Bornéo Funck, em “Mulher e literatura”, texto originalmente publicado na década de 1980 e depois reunido em “Crítica literária feminista: uma trajetória” — volume que congrega textos produzidos pela autora nos últimos decênios e atesta seu longo percurso acadêmico de intelectual feminista —, discorre, entre outras questões, sobre a premissa de que haveria um padrão “literário universal, descorporificado e assexuado”, o qual seria defendido tanto por homens quanto por mulheres, tendo em vista que “uma experiência considerada especificamente feminina não pode[ria] representar a experiência humana” (FUNCK, 2016, p. 20). Além disso, vale retomar a ideia de que, na cultura ocidental, coube à mulher a categoria de “musa inspiradora”, de criatura, e jamais de criadora, tal qual observou Norma Telles em “Autor+a”: “a tradição estética definiu o dom da criação como essencialmente masculino [...], o artista é progenitor e procriador de seu texto — um patriarca estético.” (TELLES, 1992, p. 51). Então, se não há um cânone sem gênero, tampouco simétrico, as ficções produzidas por mulheres ainda são vistas como periféricas em nosso tempo?

Dentre outras possibilidades de abordagem, a princípio pode-se pensar em um simpósio que congregue as seguintes apostas de crítica, sob o ponto de vista da literatura comparada: a produtividade fora do consagrado eixo Rio de Janeiro-São Paulo; o “levante” de uma literatura engajada, lgbt ou *queer*; a discussão em torno da literatura negra e/ou produzida nas periferias dos grandes centros; o florescimento do fantástico e da cientificação em contraponto à tradição realista da literatura brasileira; a expansão de plataformas *online* e de ferramentas de leitura em meio digital, bem como a construção de ficções digitais. Toda essa diversidade se quer parte das discussões que este simpósio temático pretende suscitar, entre outras possibilidades igualmente bem-vindas.

Sobretudo porque, ainda na esteira de Beatriz Resende (2017), não é demasiado lembrar que a literatura brasileira no e do século 21 se insere, inadvertidamente, no espaço das trocas globais, motivada pela interação, pela devoração e pelo trânsito livre de poéticas, vozes e formas. Enquanto resultado da circulação das artes, é que essa literatura — e não apenas — é produzida, divulgada, consumida de diferentes formas e por meio de suportes variados; tal qual as artes globalmente contemporâneas. Pois, à medida que a arte vai se modificando para assumir e/ou introduzir outras poéticas, é possível perceber a perda e a especificidade de cada linguagem, uma vez que “música, literatura, cinema, teatro, *performances*, artes visuais, intervenções em espaços públicos ou *design* recorrem a novos formatos expressivos que esbatem progressivamente as especificidades de suas linguagens. Evidentemente, essas manifestações culturais, novas ou usuárias de novos suportes, requerem novas epistemologias para suas apreensões e análises.” (RESENDE, 2017, p. 08-09).

De fato, é a partir dessas novas cartografias e poéticas — ou do que pretensamente pode ser lido com lentes capazes de detectar e defender o marginal enquanto potência criativa, possibilidade artística, manifestação estética de “um tempo”, de “um povo”, de “uma cultura” —, mobilizadas por fluxos culturais diversos, movediços, virtuais, é que este simpósio temático busca pensar e/ou fertilizar os estudos literários contemporâneos e o seu devir sem fim.

REFERÊNCIAS:

- FUNCK, Susana Bornéo. Mulher e literatura. In.: _____. *Crítica literária feminista: uma trajetória*. Florianópolis: Insular, 2016, p. 19-26.
- RESENDE, Beatriz. A literatura brasileira na era da multiplicidade. In.: _____. *Contemporâneos – Expressões da Literatura Brasileira no Século XXI*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2008, p. 15-40.
- RESENDE, Beatriz. *Poéticas do contemporâneo*. Rio de Janeiro: E-galácia (edição digital), 2017.

TELLES, Norma. Autor+a. In.: JOBIN, José Luis (Org.). *Palavras da crítica: tendências e conceitos no estudo da Literatura*. Rio de Janeiro: Imago, 1992, p. 45-63.

31 de julho
8h30

ENTRE SARAUS E SLAMS: A IDENTIDADE DA QUEBRADA

Anderson de Figueiredo Matias (UnB)

Resumo: Considerando o texto literário lugar em que perspectivas sociais interagem e se chocam e a arte expressão legítima dos socialmente excluídos, este trabalho pretende avaliar de que forma a realização de saraus e slams na periferia, assim como a publicação de obras literárias por escritores dessas regiões, têm movimentado a cena cultural de Brasília. Apesar da falta de apoio do poder público, eventos artísticos com relevante significado político e social, como o Sarau Complexo em Samambaia, cidade localizada a 30km do centro de Brasília, e o Slam Q'BRADA, batalha de poesia falada que ocorre mensalmente nas periferias do Distrito Federal e do Entorno, resgatam cidadania, fortalecem autoestima e colaboram para desconstruir a representação desumanizadora e estereotipada na qual essas regiões e seus habitantes foram limitados. Para orientar este estudo, pretende-se, a partir da análise de poemas que circulam nesse contexto, pensar como são construídas identidades periféricas. Dessa forma, serão selecionados textos de Meimei Bastos e Markão Aborígene, artistas que se destacam nesse cenário cultural, com a proposta de demonstrar a relevância dessas produções como possibilidade de acesso a? palavra por grupos sociais subalternos e reconhecer escritores como sujeitos/autores do processo simbólico que, ao retratarem a periferia a partir da própria periferia, encontram na literatura também uma forma de resistência. O referencial teórico que fundamentará essa análise considerará reflexões apresentadas por Lucía Tennina, Mário Medeiros, Érica Peçanha e Ingrid Hapke, em *Polifonias marginais* (2015), Regina Dalcastagne?, em *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado* (2012), Pierre Bourdieu, em *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário* (1996) e Homi Bhabha, em *O local da cultura* (2005). Este trabalho se justifica pelo fato de que, historicamente, as periferias, vitimadas pela violência do Estado, foram excluídas de aspectos básicos de infraestrutura e da vida cultural das cidades. Em Brasília, cidade cujo projeto urbanístico se caracteriza pela dispersão, esse quadro se agrava e a atual conjuntura desses movimentos culturais tem mostrado novas perspectivas, suscitando uma reflexão: o periférico, sujeito do processo simbólico, desestabiliza os critérios de legitimidade e de prestígio gerados pelo campo literário, os quais resultam na exclusão e na perda da multiplicidade dos pontos de vista. Assim, essa agitação cultural significa também uma tomada simbólica de território, a partir da qual discursos contra-hegemônicos diversificam o repertório disponível de imagens e contribuem para a construção da identidade dos que vivem em regiões menos privilegiadas das cidades.

Palavras-chave: Brasília; periferia; identidades; resistência

POÉTICAS DO CORPO FEMININO

Diamila Medeiros (UFPR)

Resumo: Os meios virtuais e a grande quantidade de pequenas editoras são alguns dos responsáveis pelo significativo florescimento da poesia, no campo da produção literária brasileira contemporânea. Com todo esse aumento quantitativo, é possível observar diversos tipos de discursos poéticos e grupos de artistas que vêm se formando pelo país, segundo afinidades estéticas ou mesmo por proximidade geográfica. Nesse cenário profícuo, chama a atenção a produção das poetisas Ana Martins Marques (MG), Angélica Freitas (RS), Adelaide Ivánova (PE) e Carla Diacov (SP). (As duas primeiras com publicações em grandes editoras e as duas últimas com publicações em editoras menores). Guardadas as devidas singularidades de suas obras, é possível perceber que há um componente capaz de alinhá-las: uma poética do corpo feminino – assunto ainda marginal do ponto

de vista de uma produção feita por mulheres poetas. Ou seja, na poesia dessas autoras, o corpo feminino não é o “tradicional” objeto de contemplação aos olhos de um eu-lírico masculino, trata-se, assim, de uma importante tomada de posição que desestabiliza o que se tem como canônico e estabelece uma nova ética em relação a esse corpo que passa de objeto a sujeito. Ana Martins Marques, com seu lirismo característico, coloca a experiência do corpo em contato com os detalhes do cotidiano e dá voz a uma Penélope que não pode falar. Angélica Freitas, entre ironia e iconoclastia, questiona os padrões impostos aos corpos de todas as mulheres. Adelaide Ivánova denuncia com seu martelo a violência sofrida pelo corpo feminino ao mesmo tempo que reflete sobre os desdobramentos do desejo que incidem sobre ele. Carla Diacov, em um interessante trabalho entre poesia e artes visuais, coloca em questão não só os limites entre essas linguagens artísticas, mas também os limites do corpo feminino poética e materialmente, ao propor ilustrações feitas com sangue de menstruação. Dessa forma, interessa-nos, nessa comunicação, refletir sobre a forma como essas novas poéticas (e poetisas) propõem processos éticos e estéticos que não se alinham ao apagamento do corpo feminino, ao contrário, que são, como sugere o próprio simpósio, novas cartografias poéticas do feminino e do corpo feminino enquanto potência questionadora de cânones e de concepções poéticas pré-estabelecidas. Desejamos observar o processo de reinvenção da própria poesia contemporânea, do feminino e do que é escrever sobre o feminino em um momento de intenso questionamento das representações, colocando em foco justamente o não essencialismo desse feminino tal como sugerido por teóricos como Judith Butler.

Palavras-chave: poesia contemporânea; feminino; corpo

"TEÇO ARTÉRIAS EM LABIRINTO": O CORPO COMO EXPERIÊNCIA HISTÓRICA NA POÉTICA DE JUSSARA SALAZAR EM FIA

Luana Fernandes Sofiati (UFJF)

Resumo: Constitui objetivo deste trabalho pensar a escrita da poeta pernambucana Jussara Salazar em Fia, publicado em 2016, composto a partir do contato com mulheres rendeiras do agreste pernambucano, no sentido de compreender em que medida este fazer poético se integra a uma das vertentes marginais da poesia contemporânea, seja a de uma poesia que nasce fora do eixo Rio de Janeiro – São Paulo ou ainda, mais profundamente, a de uma manifestação poética que esgarça o tecido do cânone literário ao alinhavar em sua construção experiências e sujeitos outrora invisíveis. A fiação, a tecelagem e outras técnicas que se utilizam do fio como matéria de criação são, desde a Antiguidade, práticas que marcam a vida, e consequentemente, a subjetividade das mulheres. Para pensar essa subjetividade moldada pelos gestos cotidianos partimos da análise empreendida por Rosiska Darcy de Oliveira, em Elogio da diferença: o feminino emergente, publicado em 1991. Ao apresentar desdobramentos de um movimento de mulheres que ganhou força no curso da terceira onda do feminismo, chamado Feminismo da diferença, a autora elenca a consciência do corpo como experiência histórica para defender que “a identidade feminina é tributária de uma espécie de cultura das mulheres que, como tradição, marca a experiência existencial de todas elas (OLIVEIRA, 2012, p.14-5). Isso significa dizer que passada a fase na qual o movimento feminista buscando igualdade de direitos acabava por forjar a anulação de diferenças entre homens e mulheres, surge um movimento de valorização da experiência histórica feminina e de proposição de novos paradigmas nos mais diferentes setores da sociedade, incluindo a literatura. Como desdobramento desse movimento, o imaginário da mulher tecelã representada nas artes plásticas e na literatura, em constate diálogo com os textos míticos, figura na escrita feminina contemporânea não mais para corroborar a cultura patriarcal, mas para operar uma ressignificação dos gestos. Por isso essa literatura à qual a poética de Jussara Salazar se alinha serve de mote para pensar as identidades da mulher-artista e da mulher-escritora. Como nos aponta Eliane Campello (2008), no artigo “A tessitura da escrita: do mito à expressão pela arte” ao defender que a obra de arte produzida pela mulher “interfere na cultura e traz como consequência uma série de transformações tanto para a autora quanto para a sociedade na qual ela se insere” (p. 46). Conduzimos, pois, nossa leitura de Fia

no sentido de observar de que modo a poeta se integra a essa linhagem marginal da literatura contemporânea brasileira ao propor a escrita de um livro desde o contato com mulheres rendeiras do povoado Gravatá dos Gomes, situado no município de Poção, agreste pernambucano, não para reforçar os estereótipos associados a estas mulheres, mas para criar a partir de suas experiências vitais.

Palavras-chave: Poesia brasileira; Feminismo; Poéticas marginais

A REPRESENTAÇÃO DA FAVELA NOS CONTOS DE O SOL NA CABEÇA, DE GEOVANI MARTINS

André Natã Mello Botton (PUC-RS)

Resumo: Se, segundo Agamben, é nas trevas, no obscuro que enxergamos o contemporâneo, nos contos de Geovani Martins que compõem o livro *O sol na cabeça*, vemos a atualidade quando olhamos diretamente para o sol e quase ficamos cegos. Sem dúvida, é uma nova voz que surge no cenário da Literatura Brasileira Contemporânea e que precisa ser ouvida. Ao longo dos treze contos, o autor, nascido em Bangu, no Rio de Janeiro, apresenta histórias de personagens que transitam pelas favelas da cidade carioca. De cunho bibliográfico, o presente trabalho propõe a discussão e a análise do local de fala dos narradores, a favela, e do modo como representam esse local. O livro é composto por seis contos em primeira pessoa e outros sete em terceira. No entanto, a característica comum a todos é a centralidade do espaço em que estão os narradores e as personagens: todos falam de dentro da favela e em apenas três contos saem de lá e transitam pela cidade do Rio de Janeiro, ou até mesmo para fora dela - como é o caso de *A viagem*, em que quatro amigos passam a virada do ano em Arraial do Cabo. Assim, este trabalho leva em conta a clara relação entre cidade e texto, conforme propõe Renato Gomes Cordeiro em *Todas as cidades*, a cidade: "O texto é o relato sensível das formas de ver a cidade; não enquanto mera descrição física, mas como cidade simbólica, que cruza lugar e metáfora, produzindo uma cartografia dinâmica, tensão entre racionalidade geométrica e emaranhado de existências humanas." (2008, p. 24). Assim, aproximamos a relação entre texto e favela, pois todos os contos possuem essa relação simbólica que é construída pelos narradores. Conforme Ítalo Calvino, em *Cidades invisíveis*: "a cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas, nas antenas dos para-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras." (2015, p. 14-15). Cada narrador dos contos conhece muito bem o espaço onde está inserido e, ao apresentá-lo para o leitor, traz ao texto memórias e outras histórias que o contém. Desse modo, a favela se constitui como espaço subjetivo e intrínseco de cada personagem. Há uma cidade partida, asfalto versus favela, no entanto, dentro desta última há uma unidade que se constitui pelo próprio espaço e pelas histórias que estão presentes dentro dela. Ao analisar os contos do livro, será discutido o modo como a favela, enquanto centro das narrativas, é representada pelos narradores e pelas personagens que livremente transitam entre a pobreza, a violência, as drogas, o preconceito, os sonhos e os desejos dos moradores desse espaço.

Palavras-chave: Literatura Brasileira; Contos; Favela.

1 de agosto

8h30

O LUGAR "NÃO LUGAR" DA MULHER AFRO-BRASILEIRA NA POÉTICA DE CONCEIÇÃO EVARISTO: UMA LEITURA DE "OLHOS D'ÁGUA"

Camila Morgana Lourenço (UNIVALI)

Resumo: O que, de fato, marca uma possível marginalidade poética na literatura brasileira produzida, comercializada e veiculada na contemporaneidade — notoriamente atravessada por produções ficcionais multifacetadas, de autorias diversas, não à toa originárias de territórios também marginalizados, e exploradoras de suportes igualmente não tradicionais? Certamente mais do que a mera panfletagem temática em favor de minorias sociais reconhecidas pelos universos

político e acadêmico. Neste contexto, a seleta de contos “Olhos d’água”, da escritora mineira Conceição Evaristo (1946-), surge como plataforma fértil aos estudos literários, ao reunir 15 narrativas breves que, na sua trama e variação temática, repercutem o tempo presente de vidas aparentemente enredadas a uma condição social fortemente excludente e irreversível — assentada em fatores étnicos, de gênero e socioeconômicos —, sem deixar de acusar o passado e esboçar um futuro potencialmente incapaz de se desvincular da sua origem para edificar uma realidade apta a neutralizar dissabores historicamente instituídos — tal qual se lê no fragmento do conto que dá nome ao livro: “Eu sabia, desde aquela época, que a mãe inventava esse e outros jogos para distrair a nossa fome. E a nossa fome se distraía.”. De fato, a ênfase das narrativas incide notoriamente sobre a valorização de personagens femininos afrodescendentes, que assumem a dianteira dos enredos por meio do recorte operado pela escritora sobre o circunstancial do cotidiano insalubre dessas mulheres — sempre às voltas com uma realidade urbana violenta, preconceituosa, opressora e miserável; a exemplo do trecho extraído do conto “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos”: “O barulho seco de balas se misturava à algazarra infantil. As crianças obedeciam à recomendação de não brincarem longe de casa, mas às vezes se distraíam. E, então, não experimentavam somente as balas adocicadas, suaves, que derretiam na boca, mas ainda aquelas que lhes dissolviam a vida.”. Ao estetizar, sem vacilo nas mãos, o feminino socialmente marginalizado nas narrativas e fomentar a constituição de uma nova estética literária marginal nacional, o interesse artístico da autora parece também residir na possibilidade de tocar a história e/ou renunciar à própria história para reescrevê-la, mimeticamente, no espaço literário na perspectiva daqueles que, antes dela, com ela e como ela, buscam (rea)firmar o seu lugar social — dentro e fora da arte — para “re-essencializá-lo”. E é isso o que se pretende investigar, no âmbito do simpósio, ao apresentar, criticamente, chaves de leitura acerca de tal vertente das poéticas e vozes marginais mencionadas.

Palavras-chave: poéticas marginais; contos; Conceição Evaristo.

JOÃO GILBERTO NOLL: UM 'CONTEMPORÂNEO' DE NOSSA VERTIGEM ESPECULAR

Dilma Beatriz Rocha Juliano (UNISUL)

Resumo: Propõe-se, nesta comunicação, indicar João Gilberto Noll, especificamente no romance Lorde (2004), como escritor fundamental para pensar a literatura brasileira do século XXI. Num trabalho com a linguagem indecível entre prosa e poesia, o escritor é um contemporâneo ao criar narrativas à margem da exigência do espetáculo editorial e narrar “com o olhar fixo no seu tempo, para perceber não as luzes, mas o escuro”. (Agamben, 2009). Em Lorde, o enigma do protagonista, que se revela sob a forma de um sintoma — a solidão —, pode ser lido como o duplo: personagem e literatura. O protagonista é um escritor brasileiro que, vivendo um profundo cansaço, se coloca em vertiginosa reflexão metafísica entre um ‘eu’ em transformação e um mundo de enunciados imperativos para sujeitos jovens, financeiramente bem-sucedidos, felizes, seguros de si. Identificado com os vencidos, o escritor, que apesar “de seus livros muitas vezes serem bem recebidos pela crítica quando não pelo público” (Noll, 2004), está sem condições financeiras de sobrevivência; ele “não tem escolha” e aceita o convite para ir a Londres, numa “missão” da qual nada sabe e até duvida que exista. A hipótese de marginalidade literária que se levanta é a de que, com Lorde, é possível estabelecer uma aproximação com o desterramento, o desenlace, a provisoriade, a melancolia que marca o contemporâneo — nosso e o da literatura brasileira. Longe do consumo, da submissão ao ‘vale-tudo’ da felicidade como meta, o protagonista é frágil, inseguro e só; em seus deslocamentos pela cidade ele se transforma muitas vezes no decorrer da narrativa, obrigando-nos à aproximação com ele pela inconsistência de nossa própria identidade. Portador melancólico de experiências literárias (Kehl, 2009) que o aproximam de um “alienígena”, teme transformar-se num personagem de livro de “baixa espionagem”. Ele mergulha na multidão anônima inglesa, “...um daqueles autores imigrantes, sem nacionalidade precisa...” (Noll, 2004), ou deve transformar-se no dândi que tanto desejava ser quando ainda em Porto Alegre? Alheio aos estímulos externos, o protagonista está mais próximo da reflexão sobre si próprio do que dos discursos normativos. Num redesenho constante “do nosso rosto incerto” a olhar-se “no espelho do mundo” (Pelbart, 2000), e

só ver subjetividades em trânsito, está ele – estamos nós – por um fio. A marginalidade em João Gilberto Noll está, assim, numa literatura que não facilita, não é ‘produtiva’, ao contrário, é potente ao confrontar, ameaçar e mostrar ‘identidades’ em deterioração, nas imagens que o espelho que essa literatura retrata.

Palavras-chave: João Gilberto Noll; Lorde; Contemporâneo

SUJEITOS EX-CÊNTRICOS NAS FICÇÕES DE VICTOR HERINGER E MARCELINO FREIRE: UMA LEITURA COMPARADA DE "O AMOR DOS HOMENS AVULSOS" E "NOSSOS OSSOS"

Marcio Markendorf (UFSC)

Resumo: No cenário da ficção contemporânea brasileira vigora certa profusão e visibilidade de projetos artísticos assinados por autores de diversos locais de produção e de vozes diversas. É um tipo de multiplicidade produtiva cuja força aparente parece ser a de desconstruir o imaginário de “celeiro literário” do tradicional eixo São Paulo-Rio de Janeiro, diminuindo sua importância como centro de criação, exposição e escoamento da produção ficcional. Algumas razões explicativas para o fenômeno são o acesso mais democrático à autopublicação e o aumento quantitativo de editoras independentes em nosso país. Ademais, na paisagem descortinada pelo século 21, sob o impacto dos estudos de gênero e da teoria queer, os heróis heterossexuais, brancos, de classe média passaram a conviver com mais frequência com sujeitos ex-cêntricos, aqueles que antes tinham vozes silenciadas e eram desprovidos de protagonismo. O interesse desta comunicação recairá justamente em figuras pouco comuns da tradição – inscritas sob os epítetos do velho, do gay, do soropositivo, do deficiente e do solitário – nas obras "Nossos ossos" e "O amor dos homens avulsos". Publicado em 2013 e assinado pelo pernambucano Marcelino Freire, o primeiro romance convoca a presença de um dramaturgo gay, velho e soropositivo, às voltas com a marginalidade do Rio de Janeiro. Já o segundo, de autoria do carioca Victor Heringer, publicado em 2016, apresenta uma história de amor gay em um cenário suburbano dos anos 1970, tomando como ponto de foco um personagem com deficiência física. Ambos os autores ofereceram aos leitores sua parcela de contribuição no que antes era uma “limitada fauna humana” da literatura brasileira, especialmente no que concerne a um nicho específico, o de personagens protagonistas gays. Da história canônica é possível destacar momentos muito pontuais, representados pelas histórias homossexuais em "O Ateneu", de Raul Pompeia (1888), e "O bom crioulo", de Adolfo Caminha (1895), pela tensão homoerótica de "Grande sertão: veredas", de João Guimarães Rosa (1956), pela bandeira gay em contos de Caio Fernando Abreu dos anos 1970-1990 ou, mais próximos de nosso tempo, o jogo com a indiferença sexual em romances de João Gilberto Noll. Não é tarefa deste trabalho, no entanto, fazer a cartografia da ficção gay brasileira contemporânea, mas explorar analiticamente, sob o ponto de vista da literatura comparada, como são representados personagens tradicionalmente ex-cêntricos nas obras destacadas, especialmente no que concerne às viagens narrativas: a primeira, de ordem iniciática, espiritual, de retorno a Pernambuco, metaforicamente uma volta ao ponto de origem da vida; a segunda, de ordem afetiva, uma viagem mnemônica, entrecortada, trajetória de trânsito pela infância passada como método para redenção presente do protagonista.

Palavras-chave: Victor Heringer; Marcelino Freire; ex-cêntricos.

PALIMPSESTOS LITERÁRIOS: VOZES DISSIDENTES NA LITERATURA BRASILEIRA

Jair Zandoná (UFSC)

Resumo: Na medida em que a escrita literária lança mão de recursos estéticos capazes de mudar o mundo e que, como espaço possível de reflexão, tem a capacidade de contribuir para que possamos nos situar no (nosso) mundo, pensar a literatura como resistência e campo de existências (comumente obliteradas), permite-nos compreender outras realidades – não tão – ficcionais. A partir dessa perspectiva, esta comunicação pretende desenvolver algumas reflexões entre o livro de poemas “Um verso e mei”, da escritora e slammer Meimei Bastos, publicado em 2017, e o romance “O pardal é um pássaro azul”, o primeiro da “trilogia da tortura”, escrito pela escritora feminista Heloneida Studart e publicado em 1975. Embora entre uma obra e outra haja uma distância de mais

de quarenta anos, o contexto de publicação, entretanto, se avizinha: as tensões políticas e o estado de repressão perpassam e atravessam o literário. Se a voz poética de Bastos provoca e desloca o ponto de vista desde a Quebrada, e mune-se de resistência e luta – “nóis tá em todo lugar” – mesmo que “tentam nos atrasar. / negam educação / pra gente não avançar.” (2017, p. 47), é desse lugar historicamente invisibilizado que a literatura de Bastos se anuncia e se pronuncia. No tocante ao romance de Studart, a narrativa em primeira pessoa feita por Marina retrata os (des)rumos de sua abastada família, os Carvalhais Medeiros. Embora tenha nascido em um bairro pobre, pois sua mãe se casara com um funcionário dos correios, sendo deserddada por isso, apenas quando, após a morte do pai, é que passa a compreender, com a ajuda do primo bastardo João, a cidade, a parte antiga, as ruas pobres – muito diferente do que estava acostumada com o casarão onde morava: “só a pobres e ricos”, dizia (STUDART, 1981, p. 7). Sua percepção, então, se transforma na medida em que percebe como João é sistematicamente esquecido pela casa onde mora. Ao ser preso por questões políticas, é como se não existisse, ou nunca tivesse existido. O mesmo ocorre com Guiomar, tio Lucas, tia Nini... Além disso, as diferentes estratégias de tortura pelas quais João passava, vítima de “prisão sem processo”, bem como a crueldade mordaz da mãe e da vó – para quem pobre, negro e mulher não tem que querer (1981, p. 51) – fazem Marina mudar. Como resposta a essas intolerâncias, ao herdar a fortuna da família, a narradora decide dissipar com todas as posses, rompendo, desse modo, com o poder perpetrado e secularmente centrado pelos Carvalhais Medeiros. Nesse sentido, a proposta de aproximar essas duas publicações, recupera a discussão feita por Norma Telles, retomando V. Wolff, de girar o caleidoscópio para novas paisagens, pois a “literatura escrita por mulheres é, em certo sentido, um palimpsesto, pois o desenho de superfície esconde ou obscurece um nível de significado mais profundo, menos acessível ou menos aceitável socialmente.” (TELLES, 1992, p. 46), de maneira que trazer Bastos e Studart possibilita um exercício de compreensão de/sobre o fora, o ex-cêntrico, o invisibilizado que resiste/existe no literário.

Palavras-chave: Literatura; Poéticas e políticas; Resistência

64 - POÉTICAS DO CERRADO: CULTURA POPULAR, LITERATURAS DE CAMPO E GEOPOESIA EM DIÁLOGOS POLIFÔNICOS

Coordenação: Augusto Rodrigues da Silva Junior (UnB); Ana Clara Magalhães de Medeiros (IFG)

Resumo: Investigar a literatura despontada no Cerrado tem sido esforço conjunto de pesquisadores do Terceiro Milênio. Pensadores que escutam as vozes populares, experimentam performances culturais e analisam poemas, canções e rastros das artes do centro, do oeste e norte brasileiros. Consideramos essencial a proposição de Simpósio que discuta os “dramas, campos e metáforas” (TURNER, 2008) que perfazem as poéticas do cerrado e as expressões pulsantes das literaturas de campo.

Ao tratar de “literaturas de campo” evocamos um fazer artístico que parte de espaços plurais, participa das dinâmicas inacabadas da cultura popular e se dissemina no âmbito da transdisciplinaridade. Entendemos que a Literatura Brasileira continua em *formação*. Partindo desta perspectiva, pretendemos dinamizar os modos de representação das culturas populares e popularizadas, bem como os modos menos canonizados da expressão cultural.

Assim, este Simpósio constitui-se como lócus de problematização do cânone internacional e nacional, de certa hegemonia cultural e intelectual do “Sul” brasileiro, além de se lançar como arena, sobretudo, para reflexão e difusão de poéticas sistematicamente silenciadas: literaturas do interior, de comunidades quilombolas, de resistências indígenas, de ambientes rurais ou de pequenas cidades, *invisíveis* cidades (CALVINO, 2000; SILVA JR, 2003).

Agregamos, ainda, os estudos de geopoética e de geocrítica em diálogo com investigadores brasileiros da cultura (Darcy Ribeiro, Carlos Rodrigues Brandão, Hermilo Borba Filho, dentre outros) em diálogo com figura que celebra a *carnevalização*: Mikhail Bakhtin. Pluralidade e inacabamento que acionam entendimentos de culturas em trânsito, em transes, contra abordagens monológicas (BAKHTIN, 2006; 2008).

No palco do interior brasileiro, convidamos à cena artistas, intelectuais e pesquisadores que contribuam para a consolidação de um pensamento ativo que se mostre responsivo ao outro, às alteridades múltiplas incessantemente despontadas dos povos cerradeiros e sertanejos. Uma *poética popular do cerrado* (SILVA JR; MEDEIROS, 2018) engendrando poéticas: plural linguístico que reverbera raízes e rizomas do sertão-cerrado de um país de culturas várias espalhadas por veredas, vales, vãos, recôncavos, planaltos, *altiplanos*, rios, quilombos, aldeias (espaços de resistência).

Nesta polifonia, arranjam-se vozes de poetas do cotidiano, como os goianos/mineiros/brasiliários Cora Coralina, José Godoy Garcia, Anderson Braga Horta e Cassiano Nunes; prosadores das gentes e tropas migrantes, a exemplo de Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, Hugo de Carvalho Ramos e Bernardo Élis; dramaturgos e cineastas que fazem do Planalto Central espaço universal: Dulcina de Moraes, Geraldo Lima, Hugo Zorzetti e Vladimir Carvalho; além de cantores e versistas populares de nomes apagados pela histografia, cujas obras perpetuam-se nas entoações das festas populares de santos, estações e ações.

Conforme adverte Maria Zaira Turchi, o literário não aceita uma delimitação precisa de fronteiras. É do movimento oscilatório que configura-se uma capacidade que o literário apresenta. O universalizado, a partir de pequenos índices da cultura, que aparece prodigiosamente no arranjo dos diversos recursos literários e artísticos (TURCHI, 2003, p. 95).

Nesta perspectiva, são convidados a fazer parte deste Simpósio trabalhos que versem sobre as várias literaturas de campo, em gêneros literários múltiplos (lírica, prosaística, cancionário, drama, cinema), sobre a pulsão da cultura popular no interior brasileiro, cerrado e/ou sertão, centro-oeste-norte, a partir de uma mirada pludiscursiva e dialógica, que procure dar corpo, voz e espaço à arte, à cultura e ao pensamento crítico despontado dos vãos e das almas do país.

REFERÊNCIAS:

- BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. 6. ed. Trad. Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.
- BRANDÃO, Carlos R. *Sacerdotes de viola*. Petrópolis: Vozes, 1981.
- CALVINO, Italo. *Seis propostas para o próximo milênio*. Trad. Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- GODOY GARCIA, José. *Poesias*. Brasília: Thesaurus, 1999.
- HORTA, Anderson B. *Altiplano e outros poemas*. Brasília: Ebrasa, 1971.
- RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SILVA JR, Augusto. R. Editorial. Cultura popular, oralidade e performance. *Cerrados – Revista do Programa de Pós-Graduação em Literatura (Poslit/UnB)*. V. 22, n. 35, 2013. p. 7-10. Disponível em: http://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/10934/pdf_2
- SILVA JR, A.R. MARQUES, G. C. Godoy Garcia e Niemar: um canto geral centroestino. *ECOS – Estudos Contemporâneos da Subjetividade*. Vol. 5. n. 2, p. 232-248. Disponível em: <http://www.uff.br/periodicoshumanas/index.php/ecos/article/viewFile/1699/1209>. Acesso em: 22 maio 2016.
- SILVA JR, A. R.; A. C. M. MEDEIROS. José Godoy Garcia e a poética preta-e-branca: imagens cotidianas de um realismo afro-goiano. *Guavira Letras – Revista do programa de mestrado e doutorado em Letras da UFMS/Três Lagoas*. n. 18, jan.-jul. 2014. p. 53-69. Disponível em: <http://websensors.net.br/seer/index.php/guavira/article/view/52/37>
- TURCHI, M. Zaira. *Literatura e Antropologia do imaginário*. Brasília: EdUnB, 2013.
- _____. As variações do insólito em José J. Veiga. *Organon (UFRGS)*, v. 38/39, p. 147-158, 2007.
- TURNER, Victor. *Dramas, Campos e Metáforas. Ação simbólica na sociedade humana*. Niterói: EdUFF, 2008.

31 de julho

8h30

DIÁLOGOS SOBRE O ESPAÇO: UMA GEOLITERATURA DO MUNDO DA TÉCNICA NO TRIÂNGULO MINEIRO

Adriana Lacerda de Brito (CEFET-MG)

Resumo: O objetivo deste trabalho é iniciar uma reflexão teórica acerca do espaço e da técnica tendo como eixo norteador a Geoliteratura do mundo da técnica no Sertão de Passagens, lugar que deu origem à região do Triângulo Mineiro, em Minas Gerais. A partir da noção de Geoliteratura, pretendemos demonstrar como as diferentes literaturas propõe perspectivas teóricas complementares, que anunciam a formação de certa sociedade, assim como analisar a maneira como a obra literária é compreendida pela filosofia da ciência e da arte ao longo dos tempos. Assim, propomos um diálogo entre a geografia e a literatura a partir de processos cujo interesse disciplinar é comum, de maneira que as disciplinas estejam orientadas para a procura do método de investigação do espaço. Assistimos hoje a mudanças de paradigma em que se desenham novas territorialidades, que interrogam as fronteiras entre o real e a ficção, e que se configuram como novas formas de abordagem do espaço literário e geográfico. Por vezes a análise deste espaço, que é antes um espaço social, decorre de um pesquisador mais centrado, determinando uma percepção de mundo egocentrada, que valoriza o espaço representado através de abordagens multifocalizadas e geocentradas. Outras vezes, no entanto, o pesquisador limita-se ao objeto de estudo de maneira sistemática, fragmentando a realidade social e perfazendo um distanciamento do sujeito e de sua essência. Entretanto, as essências ainda se encarnam nos signos mundanos, mas num último nível de contingência e generalidade. (DELEUZE, 2010, p.76) Assim, o estudo da geoliteratura demanda outros instrumentos para a compreensão da sua relação com o real, definindo novos limites à disciplina científica. Ao tratar a questão do método colocamos em evidência o uso da técnica. Assim, compreender o papel da técnica nas obras literárias nos direciona a uma análise da complexidade em que ela se inscreve, pois o mundo da técnica invasora é também o mundo do capital tecnológico invasor que busca, e consegue, contagiar as diversas tarefas rurais. (SANTOS, 2002, p.305) O imaginário da literatura acerca do Sertão de Passagens é, portanto, marcado pelo advento mundial da industrialização em sua etapa mais emblemática em relação ao capitalismo: a criação do relógio, como adverte Sibília (2005, p.42). A relação espaço-tempo altera a visão de mundo enaltecendo o tempo em relação ao espaço; um hiato que tem início no final do século XIX e que perdura por quase todo o século XX. Autores como Foucault (1967), Lefébvre (1968) e Deleuze (1975) trazem para a discussão a categoria de espaço na intrincada entre o território e a paisagem apontados nas obras literárias e na teoria do espaço. Os conceitos figuram como mecanismos de interpretação do spatial turn, da produção do espaço nas ciências sociais que versa para a questão da modernidade como espectro da modernização; culminando na formação da região do Triângulo Mineiro no debate entre o homem e a terra, a terra e o território. Tal espaço é marcado pela sofisticação técnica do mundo rural.

Palavras-chave: Geografia; Literatura; Triângulo Mineiro

AS ESTÓRIAS DO SERTÃO: UMA LEITURA DE "UMA ESTÓRIA DE AMOR (FESTA DE MANUELZÃO)", DE GUIMARÃES ROSA

Bianca Cristina Sinibaldi (UNESP)

Resumo: O presente trabalho realiza um estudo da novela "Uma estória de amor (Festa de Manuelzão)", de Corpo de baile (1956), de João Guimarães Rosa. Focalizaremos uma narrativa poética, oriunda da cultura oral popular - a estória do "Romance do Boi Bonito", intercalada à novela, e a formação de uma comunidade no sertão mineiro. A narrativa está repleta de quadros visuais da paisagem mineira e de elementos que constituem o sertão, como fazenda, riacho, vaqueiros e bois. A estória é narrada pelo personagem contador de estórias, o velho Camilo, um mendigo doméstico que vivia na fazenda Samarra. Percebe-se nesta estória contada as matrizes da cultura popular brasileira e da tradição oral, logo, uma representação literária, do povo do sertão

fazendo-se ouvir. Nossos objetivos serão demonstrar como a estória reorganiza o mundo conturbado do protagonista Manuelzão; examinar como ao contar a estória, velho Camilo passa a fazer parte da comunidade que, até então, o excluía e, mostrar de qual forma os personagens que ouvem a estória de caráter popular reconhecem-se ao seu final e formam a comunidade sertaneja. Rosa formula seu discurso que visa a reforçar seu engajamento com tudo aquilo que provém do sertão, dando verossimilhança ao que é ensinado por meio das narrativas. O autor apropria-se de um universo popular sem que o resultado disso seja uma produção "artificial", e sob o ponto de vista de quem conhece o sertão mineiro. Dada a fusão entre popular e erudito e entre oral e escrito, optou-se por recorrer a teóricos preocupados em discutir a performance das produções artísticas de caráter oral, como Câmara Cascudo (2006) e Paul Zumthor (1993). A correlação entre o texto rosiano e os escritos benjaminianos mostra-se significativa à importância dos personagens contadores de estórias, na novela que será analisada. Desse modo, a teoria de Benjamin foi eleita para que pudéssemos compreender a figura do contador de estórias e das narrativas orais. "Uma estória de amor" descreve um mundo em transformação, um mundo no qual o moderno começa a penetrar o mundo arcaico, assim, com o intuito de compreender a narrativa a partir do ponto de vista histórico, social e cultural ancoramos nossa pesquisa em Darcy Ribeiro (2015) e Willi Bolle (2004), para propormos uma leitura da formação da comunidade na região da Samarra, um lugar ainda não inteiramente desbravado, no sertão mineiro. Nessa perspectiva, desenvolveremos que Guimarães Rosa tece um panorama da dimensão geográfica e social do sertão mineiro; o sertão mineiro está incorporado na linguagem e integrado à cultura popular.

Palavras-chave: Guimarães Rosa; sertão; estórias; cultura popular.

TRANSCRIAR PARA O FRANCÊS A VOZ DO SERTANEJO PRESENTE NA LINGUAGEM ROSIANA EM "SARAPALHA" E "A HORA E A VEZ DE AUGUSTO MATRAGA"

Sophie Céline Sylvie Guérin Mateus (UnB)

Resumo: Berman afirma que a superposição de línguas mais ou menos declarada seria a questão mais aguda da tradução da prosa. Essa multiplicidade de vozes constitui para Bakhtin a principal especificidade da estilística romanesca. Na escrita de João Guimarães Rosa, a fala do sertanejo e a fala do autor se mesclam na representação criativa da linguagem popular do sertão, traçando um paralelo entre as duas culturas, a escrita e a oral, e promovendo a valorização de ambas. De fato, como o mostrou Mary Lou Daniel, o autor cria seu próprio léxico e sua própria sintaxe através de padrões já existente na linguagem popular que ele remaneja de forma a obter uma linguagem poética. Assim, ao traduzir para o francês os contos "Sarapalha" e "A hora e a vez de Augusto Matraga", publicados em 1946 em Sagarana, deve-se conseguir um texto que soa sertanejo em francês, mantendo a poesia da linguagem rosiana. De acordo com Benjamin, a lei de uma obra está na sua forma e Haroldo de Campos preconiza estudar todos os seus processos de seleção, distribuição, aspectos fônicos e rítmico-prosódicos, assim como o inter-relacionamento das diferentes classes morfológicas e das diferentes construções sintáticas, isso tudo formando o intracódigo, o espaço operatório da "função poética". Esses processos são responsáveis pela carga semântica e o efeito poético do texto literário e devem ser reproduzidos na tradução para outra língua. Ao recriá-los, pretende-se conservar tanto a voz do autor, quanto a voz do sertanejo. Traduzindo "Sarapalha", notamos que o autor cria neologismos acrescentando o prefixo a ou des tanto a adjetivos como a verbos, ou mudando uma letra numa palavra existente. Por exemplo, cria o adjetivo "desbrilhados" a partir do verbo brilhar, transformado em adjetivo, no qual acrescentou o prefixo des. Significa "perdeu o brilho" de acordo com Martins e traduzimos por "déluissants". O adjetivo "desdeixado" (p.97), construído a partir de "deixado", significa desleixado, desprezado, descuidado, abandono. Se traduzisse literalmente por "délaissé", perdia o registro e a construção de um neologismo. Assim, foi traduzido por "désentretenu". Ao traduzir "A hora e a vez de Augusto Matraga", as duplicações de termos sinônimos ou do mesmo termo numa estrutura tripartida foram reproduzidas. Assim, "acabar de acabar" foi traduzido por "finir de finir" e "fim no fim" por "à la fin de fin". As estruturas pleonásticas com "que" e o verbo ser, tipicamente do português brasileiro,

foram traduzidas quando era possível por “c’est que” como na frase “Por que é que o pai não gosta de nós, mãe?” que se tornou “Pourquoi c’est que papa ne nous aime pas, maman?”.

Palavras-chave: Guimarães Rosa; polifonia; transcrição; francês

CARTOGRAFIAS DOS "CONFINES": MÁRIO PALMÉRIO E O INVENTÁRIO DO CERRADO MINEIRO

Viviane Cristina Oliveira (UFMG)

Resumo: Nas páginas iniciais de "Vila dos Confins", obra publicada em 1956 por Mário Palmério, o leitor é apresentado a um lugar, no interior de Minas, que não constava nos mapas, ainda que existisse: “Começando na Serra dos Ferreiros [...] o fato é que o Sertão dos Confins existe. E é um mundão largado de não acabar mais [...] cerrado de um pêlo, de dois, cerrado de três pêlos” (PALMÉRIO, 1994, p.7). Espécie de crônica sobre a vida sertaneja, a narrativa de Palmério trouxe ao público o jogo político, não raro violento, que pautava as eleições nas pequenas cidades e de tal forma o retrato pareceu condizente com a realidade que, o autor, em algumas entrevistas, se viu compelido a esclarecer que os personagens e a vila eram inventados. Uma geografia inventada que tanto diz sobre a geografia de outros confins, outros cerrados e outras comunidades que vivem em um ritmo distinto daquele das grandes cidades; grafia de uma terra que desdobra-se em outros textos do autor, cujo gesto constante de inventariar os traços da região é o tema a ser discutido neste trabalho. É traço recorrente no texto palmeriano as cuidadosas descrições da paisagem, do cerrado mineiro com suas plantas e animais, a apresentação de causos desentranhados da cultura popular, expressos em uma linguagem regional que indicia o trabalho constante de recolhimento e preservação de informações sobre o local a partir do qual escreve. Tal como pesquisador, Palmério indica, por exemplo, nos comentários que fez como colaborador do filme “O caçador de esmeraldas”, a necessidade de colher informações com sertanistas, garimpeiros e moradores do sertão para melhorar algumas passagens do roteiro. A vivência do sertão, o gesto de escutar o outro que o habita, são elementos que se revelam na obra deste autor, cuja produção é aqui proposta como caminho para a discussão em torno de um fazer artístico que, mapeando falares, histórias e detalhes geográficos, dá corpo a uma ficção que pode ser lida como lugar de preservação e resistência de traços de uma coletividade, de uma regionalidade. Assim, é considerando a relevância de um autor que, em seus estudos sobre os sertões do país, acaba nos conduzindo a outros autores e outras narrativas, como as de Bernardo Élis, que neste trabalho, com auxílio de críticos que se dedicaram ao estudo da obra do mineiro, como Nelly Alves Almeida e André Azevedo da Fonseca, se almeja abordar a inscrição do espaço interiorano e da cultura popular em uma narrativa que, tratando de política, deu visibilidade ao que estava além e ao redor das lutas partidárias: os homens, a terra, a vida miúda invisível no grande mapa do país, o qual parece sempre preciso redesenhar.

Palavras-chave: Mário Palmério; Sertão; Cerrado; Inventário

UMA TRAVESSIA DA CAATINGA, SEGUINDO OS PASSOS DE SPIX/MARTIUS E EUCLIDES DA CUNHA

Stefan Wilhelm Bolle (USP)

Resumo: A comunicação se baseia na experiência de uma caminhada coletiva, de Uauá a Canudos Velho, organizada por um grupo de artistas da cidade de Uauá (BA) e realizada em março de 2018. Três foram os meus motivos para participar dessa “Caminhada dos Umbuzeiros”: 1) Conhecer, no caminho para Uauá, a cidade de Monte Santo e o local da queda do Meteorito de Bendegó – lugares visitados, há quase 200 anos, em março de 1819, pelos viajantes naturalistas alemães Spix e Martius. 2) Conhecer in loco os cenários da Guerra de Canudos (1896/97), que começou com a derrota da Primeira Expedição militar em Uauá, em novembro de 1896, e terminou com a destruição total da cidade de Canudos pela Quarta Expedição militar, em outubro de 1897. 3) Conhecer as condições atuais de vida dos sertanejos que vivem na caatinga. Na parte I da apresentação, comentarei algumas passagens do relato de Spix e Martius, Viagem pelo Brasil, 1817-1820, especialmente o capítulo sobre a sua expedição de Salvador até Juazeiro, no qual descrevem a caatinga, o arraial de Monte Santo e o vale do riacho de Bendegó. Monte Santo foi transformado em lugar de peregrinação pelo capuchino Frei Apolônio de Todi, que organizou a construção da Via Sacra, a partir

de 1775. Em 1784, quando foi encontrado o meteorito de Bendegó, tratava-se do segundo maior meteorito do mundo. Em 1888, ele foi transportado até o Rio de Janeiro, onde se encontra até hoje, no Museu Nacional. Na parte II, será ilustrada por meio de fotografias a nossa travessa da caatinga, focalizando o ambiente e as condições de vida dos habitantes locais. Serão citados também alguns trechos dos cordéis do poeta local Basílio Gomes da Mata Virgem, um dos organizadores da caminhada. Na parte III, serão apresentadas fotos de Canudos Velho (1910-1969) e do açude, com o qual foi inundada, em 1969, a cidade histórica de Canudos. Com a chegada do líder religioso Antônio Conselheiro, em 1893, esse arraial às margens do rio Vaza-Barris teve a sua população aumentada para 25.000 habitantes. Do lado oposto a Canudos Velho, visitamos o Parque Estadual de Canudos, onde fomos conhecer os principais pontos da luta entre conselheiristas e soldados do governo, especialmente o Alto da Favela. Com base no livro *Os Sertões* (1902), de Euclides de Cunha, e em trabalhos de estudiosos como Walnice Galvão e Roberto Dantas, será oferecido um breve resumo da Campanha de Canudos, ilustrada por meio de mapas. A apresentação será concluída com a pergunta: O que significa Canudos hoje? A palavra “favela” tem sua origem em Canudos, no Alto da Favela, que recebeu este nome a partir de uma planta local espinhosa. Quando os soldados retornaram ao Rio de Janeiro e se instalaram em casebres construídos no morro, eles o chamaram de Morro da Favela. Cerca de 12 milhões de pessoas moram em favelas, no Brasil atual. E a realidade das favelas atingiu um alcance global, como mostra o historiador Mike Davis em seu livro *Planet of Slums / Planeta Favela* (2006).

Palavras-chave: caatinga; Spix/Martius; Euclides d Cunha; Canudos

1 de agosto

14h30

É O PLANO, É O TORTO, É O TRONCO: IMAGENS DO CERRADO NO CINEMA LITERÁRIO GOIANO

Lemuel da Cruz Gandara (UnB)

Resumo: O cinema literário é o território propício para traduções coletivas que transmutam para o audiovisual a experiência com a escrita (ou o contrário) através dos recursos técnicos e da responsividade crítica criadora. Como um de seus afluentes, o cinema literário goiano concentra diálogos e intercâmbios entre as produções fílmicas e literárias que se dedicaram à cultura, ao povo, à arte, ao modo de viver dos que moram ou elegeram Goiás como morada. Nesse âmbito, temos livros que foram traduzidos para longas e curtas-metragens de animação, ficção ou documentários. Por outra via, lemos textos que levam a técnica e a recepção cinematográfica para as páginas da literatura escrita por autores goianos. As obras encerradas nesse horizonte, nos ajudam a identificar o espaço da sétima arte em Goiás. Nele, não encontramos variadas produções ou mesmo grandes ciclos intelectuais, como é o caso dos estados de Pernambuco, Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro, segundo pesquisa de Paulo Emilio Salles Gomes (1996). Durante a expansão e o reconhecimento do cinema como linguagem artística no Brasil durante a primeira metade do século XX, o estado esteve aberto à recepção e exibição. Por essa razão, nossa pesquisa se propõe a aprofundar e mapear o cinema literário goiano a partir de um dos elementos mais importantes da geografia do lugar: o cerrado. No romance *O tronco*, de Bernardo Elis, a paisagem do cerrado goiano é composta por um amálgama de sertão, árvores tortas, épocas de chuvas e de secas, horizontes planos sem serras ou montanhas. Como síntese desse espaço natural, temos este fragmento: “os ipês abrem o luar de ouro e paixão de suas copas floridas. Na monotonia da chapada coberta pelo cerrado, a monotonia dos pios das perdizes e codornas em busca do amor” (1988, p. 64). No texto, a flora e a fauna estão em harmonia com o espaço e revelam uma atmosfera de sensualidade e calma. Com esse aspecto geográfico em vista, nossa comunicação se preocupa em investigar como o cerrado do livro é traduzido para o cinema no filme *O tronco* (1999), dirigido por João Batista de Andrade. Nos concentramos na fotografia, nas locações, nos enquadramentos dos planos e no desenho de som para tecermos análises sobre como esses meios criativos da tradução coletiva transpõem as palavras de Elis para a imagem fílmica do espaço no cinema literário goiano. Como

notórias orientações crítica e teórica, também temos Benfica e Beto (1995), Mikhail Bakhtin (2016), Silva Jr. e Gandara (2015), Ismail Xavier (2001).

Palavras-chave: Cinema literário; tradução coletiva; O tronco

O POÉTICO MITOLÓGICO E A GEOPOESIA CINÊMICA EM EU RECEBERIA AS PIORES NOTÍCIAS DOS SEUS LINDOS LÁBIOS

Diego Faria Fernandes (UnB)

Resumo: Eu receberia as piores notícias dos seus lindos lábios (2012) é cinema literário e tradução coletiva realizada a partir da obra literária homônima, lançada em 2005, do escritor Marçal Aquino. Os termos teóricos figuram nos estudos que Augusto Silva Jr. e Lemuel Gandara vem desenvolvendo desde 2013. Enquanto cinema literário, a obra de Beto Brant apropria-se do texto escrito e entrega ao apreciador artístico uma obra cinêmica que não só dialoga com a literatura como também a atualiza. Neste sentido, a tradução coletiva realiza-se na produção e na recepção – em todas as etapas da obra fílmica. Esse tipo de relação interartes já fora pensada por Walter Benjamin e está contida no texto A obra de arte na era da reproduzibilidade técnica. Conceitualmente, ainda, tanto o cinema literário como a tradução coletiva surgem a partir dos estudos do dialogismo e da criatividade coletiva, ambos propostos por Mikhail Bakhtin (1895 – 1975) e contidos, principalmente, nas obras Estética da Criação Verbal (1979) e A cultura popular na idade média: o contexto de François Rabelais (1965), respectivamente. A obra cinêmica em questão extrapola os limites da tradução e encontra em um segundo livro, Viagem a Andara: o livro invisível (1985), do escritor paraense Vicente Cecim, terra fértil para o diálogo poético de vozes. Vozes que versam sobre o “a terra, o homem e a violência” (para dialogar com Euclides da Cunha). De maneira geral, os textos de Cecim apresentam estilizações e uma imagética de contos orais e lendas tradicionais da cultura popular brasileira. Histórias que buscam, na criação de mundos, de fantasia, reverberar sonhos (estilizados) e devaneios (reimaginados; Bachelard, 1996) que, por culpa do tempo ou das certezas frágeis e insustentáveis levezas do cotidiano, relegamos ao improvável, ao impossível ou ao inimaginável. Lendas como, por exemplo, a da Vitória Régia, uma índia que, de tão grande amor pela lua, foi transformada numa estrela terrestre para admirar sua amada. Assim, nos interessa investigar os diálogos entre a obra Eu receberia as piores notícias dos seu lindos lábios (2012) e a expressividade poético mitológica da escrita Ceciniana, mais especificamente o texto A Serpente e a Asa. Nesse caso, visamos o elemento poético mitológico na relação dialógica entre a narrativa cinêmica e os rastros da geopoética, termo oriundo dos estudos de Ronaldo de Melo e Souza na obra A Geopoética de Euclides da Cunha (2009) e da geopoesia (Silva Jr.; Marques). Nesta dimensão misteriosa da escrita Ceciniana, literatura fantasma, como o próprio autor classifica, compõe-se a aura do filme de Brant, dando à narrativa do triângulo amoroso um ar de mistério. Enfim, essa aproximação com as lendas e contos tradicionais, em versão contemporânea e cinêmica, em seu intercurso com territorialidades, é uma das questões que pretendemos desenvolver.

Palavras-chave: cinema; literatura; geopoesia; brant; cecim

A LITERATURA DE CORDEL DO CENTRO-OESTE: CULTURA NORDESTINA NOS VERSOS DO CERRADO OU CULTURA DO CERRADO EM "VERSOS NORDESTINOS"?

Gláucia Mendes da Silva (IFG)

Resumo: Nas últimas décadas a literatura de cordel tem se expandido para várias regiões do Brasil, tanto através da difusão da cultura nordestina para outros estados, quanto através da sala de aula, nas aulas de literatura brasileira e também através da academia, na qual já se vê um grande interesse pelas temáticas e pela linguagem presente neste gênero literário. Tendo como berço o Nordeste do país, essa difusão da literatura de cordel tem também como origem a migração do povo nordestino para outras regiões brasileiras, levando consigo sua cultura e costumes. A região Centro-Oeste é um exemplo desta migração, pois a partir da década de 60, incentivadas pelo projeto da construção da capital federal Brasília, milhares de famílias nordestinas se estabeleceram na região e ajudaram a construir todo um legado cultural do Centro-Oeste. Prova disso é a forte influência

nordestina de costumes que o estado de Goiás e a região conhecida como “entorno de Brasília” apresenta, desde a culinária até a música, as feiras e festas populares, a linguagem e, consequentemente, a literatura. Tendo como base esta influência, surge o interesse desta pesquisa pela produção da literatura de cordel na região Centro-Oeste. As perguntas que motivam esta pesquisa são: 1) quais são os principais poetas que se dedicam à escrita de cordeis no Centro-Oeste? 2) Como se dá a influência nordestina nestes cordeis? 3) De que forma, através dos cordeis, a cultura do Centro-Oeste dialoga com a cultura nordestina através dos versos dos cordeis? Por estar em sua fase inicial, a pesquisa ainda não apresenta um corpus definido, contando como objeto de interesse Meu livro de cordel (2013), obra da poeta goiana Cora Coralina, dedicado ao povo nordestino pelas belas palavras da poeta: “pelo amor que tenho a todas as histórias e poesias de Cordel, que este livro assim o seja, assim o quero numa ligação profunda e obstinada com todos os anônimos menestrelis nordestinos, povo da minha casta, meus irmãos do Nordeste rude, de onde um dia veio meu Pai para que eu nascesse e tivesse vida”. Além deste, obras de Gustavo Dourado, poeta nascido na Bahia, mas que fez sua carreira acadêmica e de escritor em Brasília. Como base teórica serão utilizadas publicações que tratem da literatura de cordel em seus diversos aspectos. Inicialmente as obras Literatura de cordel: do sertão à sala de aula (HAURÉLIO, 2013) e O cordel no cotidiano escolar (MARINHO, 2012) serão a base teórica preliminar da pesquisa que se pretende apresentar nesta comunicação.

Palavras-chave: Literatura de cordel; Centro-Oeste; Nordeste

AS REPRESENTAÇÕES DO SERTÃO EM INSPIRAÇÃO NORDESTINA DE PATATIVA DO ASSARÉ

Ernane de Jesus Pacheco Araujo (IFMA/UEMA); Silvana Maria Pantoja dos Santos (UEMA/UESPI)

Resumo: Este trabalho constitui-se de uma análise das representações do sertão na obra poética Inspiração Nordestina (2003) de Patativa do Assaré. Parte-se do princípio de que a espacialidade é constitutiva da subjetividade, neste sentido o sertão apresenta-se como espaço que participa diretamente da construção da identidade do homem sertanejo. Analisa-se a relação que o sertão estabelece com o sujeito e que representações surgem dessa relação. Questiona-se a concepção unívoca de sertão como lugar da seca, de forma que apresenta-se na obra outras representações desse espaço, outros sertões. O trabalho fundamenta-se em Bachelard (2008) e Brandão (2013) para se compreender como o espaço da obra literária ultrapassa a dimensão físico-geográfico para assumir novas significações, adentrando na subjetividade e ressignificando o sujeito poético; Albuquerque Jr (2011) para entender que o sertão da seca é apenas uma possível representação, ademais dela, há outras, por exemplo, o sertão da opulência proveniente da cana-de-açúcar. Percebe-se que são várias as representações de sertão que apresentam-se em Inspiração Nordestina. Além do sertão da seca entendido como o espaço que hostiliza o homem com as intempéries climáticas e questões político-sociais, representado no poema A triste partida em que o eu lírico é expulso de sua terra com sua família em virtude da estiagem, seguindo rumo a São Paulo em busca de sobrevivência; apresenta-se também o sertão idílico de Serra de Santana, descrito por Carvalho (2011) como um lugar idílico, sertão elevado, com doze lagoas, algumas permanentes, chão fértil. O eu lírico fala desse sertão movido por emoções e sentimentos, recupera suas memórias de infância, recordando-se de pessoas, lugares, objetos, brincadeiras. O sertão configura-se no campo, um lugar de tranquilidade e calma em oposição à cidade, sendo um espaço feliz para se viver. O sertão revela-se também como um lugar de beleza estética, terra de violeiros, cordelistas, cantadores e poetas, ou seja, o sertão como expressão artístico-cultural de um povo. Assim, reitera-se o que diz Santos (2013): o espaço se desterritorializa, assumindo outras possibilidades para além da geograficidade, subjetivando-se, de maneira que atua, em Inspiração Nordestina, diretamente no processo de construção da identidade sertaneja, porque o sujeito é interpretado a partir do seu lugar, o sertanejo vê-se no sertão, está no sertão e nele vive, de modo que se torna um “SER-TÃO”.

Palavras-chave: Representação; espaço; sertão; Inspiração Nordestina.

A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NO DISCURSO DO CONGO NA BARRA

Ana Catarina de Pinho Simas Oliveira (UFES)

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar e identificar, na poesia de um dos pontos de jongo mais populares do congo da Barra do Jucu, uma escrita sexista que ultrapassa o discurso narrativo de origem africana, que se estabelece no Brasil à época da colonização. Antes, porém, mostra registros das toadas de congo no Espírito Santo durante a colonização e antecipa, à análise literária, uma introdução sobre a Literatura Oral em apontamentos da crítica no mundo e no Brasil sobre o tema, com o objetivo de identificá-la em alguns cânones da literatura, tais como: Paul Sébillot e Reinhold Kohler, estrangeiros, e Câmara Cascudo e Guilherme dos Santos Neves, brasileiros, para entender como nasceu e se deu o fenômeno da Literatura Oral. A partir de então, analisa a letra da toada da Barra do Jucu reeditada por Martinho da Vila, a qual se tornou bastante conhecida e aceita socialmente. A análise e o objeto literários do artigo abrangem uma apresentação breve e histórica sobre o congo no Espírito Santo, e, mais notadamente, uma análise textual do jongo selecionado, empregando um aporte teórico feminista com Simone de Beauvoir para a análise do discurso.

Palavras-chave: banda de congo; análise do discurso; crítica feminista, literatura oral.

2 agosto

14h30

PELOS CAMINHOS E SENTIDOS DA PAISAGEM GOIANA: UMA LEITURA DE CONTOS DE BERNARDO ÉLIS

Regina Célia dos Santos Alves (UEL)

Resumo: A paisagem, conforme vem sendo compreendida, especialmente a partir dos anos 80 do último século, permite um olhar mais amplo quando se trata de abordar as representações espaciais na literatura. Entendida como “espaço percebido” (COLLOT, 2013), na paisagem coloca-se em primeiro plano o sujeito, pois é a partir de um ponto de vista que o espaço percebido se transforma em paisagem e ganha sentido, o qual, por partir de um sujeito, é rico em complexidade, já que movimenta o que é particular e o que é coletivo, individual e cultural, interior e exterior. A paisagem torna-se, assim, uma “construção simbólica” (COSGROVE, 2004), jamais reduzida à noção de espaço. Dele prescinde, mas só se constitui quando ao lugar se conjuga a percepção (que não se restringe ao olhar) e uma figuração. Entendida a paisagem dessa perspectiva é que intencionamos, no trabalho aqui proposto, fazer uma leitura de alguns contos do escritor brasileiro Bernardo Élis, cuja produção literária, sobretudo, de contos, concentra-se na segunda metade do século XX. Considerado pela crítica um dos principais escritores nacionais de viés regional e fazendo da vida rural do interior goiano um de seus temas centrais, Bernardo Élis apresenta uma discussão aguda e complexa do mundo que recria. Nesse movimento criativo, a paisagem está longe de figurar como elemento acessório em seus textos e que funcionaria apenas como descrição geográfica e de traços pitorescos do local focado. Como pretendemos mostrar com a análise de alguns contos do escritor, como “Nhola dos Anjos e a cheia do Corumbá”, “Ontem, como hoje, como amanhã, como depois” e “A mulher que comeu o amante”, na paisagem está não somente dados de um lugar, mas de forma intensa, e mesmo primordial, o drama humano experimentado de forma aguda pelas personagens e o modo como vivem, sentem e significam o mundo.

Palavras-chave: Bernardo Élis; Paisagem; Percepção; Significação.

OS LIMITES DO HUMANO E A BARBÁRIE EM “NHOLA DOS ANJOS E A CHEIA DO CORUMBÁ”, DE BERNARDO ÉLIS

Eduardo Junio Ferreira Santos (IFG)

Resumo: Em um rincão de Goiás, “na foz do Capivari no Corumbá”, “pra mais de 80 anos”, uma família, cujo patriarca para ali foi conduzido pelo “acaso” estabelecido pelas condições de um pós-guerra, subsiste tentando manter uma pequena criação de gado e retirando da natureza o elementar para a sobrevivência da família. Em um espaço inóspito e constantemente ameaçado pelas enchentes, o pequeno rancho da família dos Anjos é incessantemente comprimido pelas forças

da natureza, numa dialética homem versus natureza, que permite aproximação com os estudos estéticos de Lukács (1965). O alto desenvolvimento da técnica visualizado no século XX, não chega a esses recônditos do Cerrado brasileiro. A natureza traça historicamente o destino da família e leva à morte do patriarca e, anos depois, à esposa de Quelemente, ambos vítimas de malária. A matriarca do grupo, Nhôla, é desejosa de uma mudança no destino da família, no entanto, a única via de mudança que parecia possível à senhora e a seu filho era aquela conduzida por poderes sobrenaturais – tendo-se em vista que a transformação histórica, no sentido marxiano, não desponta no horizonte cultural da família. Desde a vitória das ervas daninhas sobre o gado, o ciclo da miséria foi acionado e a família nele se perpetuava. Destino e natureza sobrepõe-se ao poderio de ação humana. Se o homem, ao longo de séculos de existência, acumulou conhecimento técnico-científico, por meio do trabalho, para moldar a natureza a seu favor, a apropriação privada é exclusiva a alguns grupos sociais. É sobre isso que discorre Élis neste conto tão breve quanto trágico: o não acesso a ferramentas, técnicas e à terra pela família de Nhôla, levou aqueles personagens ao limite do humano, em uma viagem antropológica, onde uma família é tragada pela natureza. O desfecho da narrativa refaz o caminho atravessado por três gerações do clã dos Anjos, agora, porém, não por séculos, mas apenas durante o período de uma tempestade. Se ao longo dos mais de oitenta anos a fúria do rio e as eminentes enchentes, ervas daninhas e malária, ameaçaram constantemente – porém em doses homeopáticas – a gente dos Anjos, a cheia do Corumbá, em poucas horas, refez todo esse itinerário: primeiro o rio invade a casa, aos poucos vai se apossando do espaço, em seguida, apossa-se de toda a casa e carrega seus habitantes, para, por fim, serem todos tragados pela fúria de suas correntezas e pela barbárie do humano – no sentido preconizado por Walter Benjamin. O ápice da narrativa revela o completo esgarçamento das relações familiares, quando Quelemente se depara com o limite da sobrevivência de si ou da mãe ante o rio Corumbá. A Narrativa tem um final catártico, reafirmando a não autonomia dos personagens sobre suas vidas mesmo no momento derradeiro de suas existências.

Palavras-chave: Literatura Goiana; Cerrado; Barbárie

O SERTÃO DE HUGO DE CARVALHO RAMOS: POESIA E RESISTÊNCIA

Luciana Coelho Gomes (UFU)

Resumo: Nesse trabalho, busco apresentar a escrita de Hugo de Carvalho Ramos como representação de um sertão onde os dramas humanos se desenrolam em comunhão íntima com a terra e a gente que nela e dela vivem. A obra de Carvalho Ramos transita pelo cerrado goiano e por paisagens mineiras, desenhando um mundo de personagens que carregam em si as experiências da universalidade humana: traições, amores proibidos, paixões, fidelidade, carinho e toda uma gama de sentimentos que corporificam a figura do sertanejo modelar de Hugo de Carvalho Ramos e o sertão que o autor conheceu de perto e traduziu, com rara sensibilidade, em seus notáveis contos, reunidos em Tropas e Boiadas, os quais apresentam uma linguagem de refinada poesia e precisão semântica sempre surpreendentes. Dono de grande lucidez em relação ao seu papel como homem de letras, Carvalho Ramos evidencia em sua prática literária, assim como em sua escrita crítica e ensaística, a escolha consciente pelo fazer literário a partir de uma visão lato sensu sobre o interior do Brasil, uma visão que não se prende ao tipicamente regional, mas que se alarga na representatividade universal de caracteres que contribuem para a formação de uma identidade nacional e colaboram com a permanência e resistência de uma obra que perdura, garantindo ao autor um lugar permanente entre os grandes nomes da literatura brasileira.

Palavras-chave: Hugo de Carvalho Ramos; regionalismo; identidade.

OS DEZ ANOS DE NIEMAR NO CENTENÁRIO DE JOSÉ GODOY GARCIA: EXPERIÊNCIAS URBANAS NAS INVISÍVEIS CIDADES DO CERRADO

Ana Clara Magalhães de Medeiros (IFG)

Resumo: 2018 marca o centenário de nascimento de José Godoy Garcia, poeta goiano que merece espaço ao lado de nomes máximos da lírica brasileira – a exemplo de Manuel Bandeira e Carlos

Drummond. Ano que comemora também a primeira década de publicação de Niemar (2008), livro de Augusto Rodrigues, poeta goiano-brasiliense que adotaria, posteriormente, o nome (heteronome) de Augusto Niemar. Esta proposta relaciona as experiências urbanas expressas no livro de 2008, na geopoética de Araguaia Mansidão (GODOY GARCIA, 1972) e um conjunto inumerável de marcas de poetas que viveram de solidão na multidão. Da poesia de cerrado, entre cidades antagônicas tão iguais, natureza e concreto despontam como pilares de uma poética goiana (centroestina) que se responde enquanto se inscreve (silenciadamente) em vãos e vias da literatura brasileira. Literatura em formação até os nossos dias, um ano depois da morte de Antonio Candido. Esta arena, proposta por uma brasiliária (expressão extraída da contística sobre Brasília, de Clarice Lispector), está certamente permeada pelo poeta da solidão e das “amplidões da Asa Sul”, Cassiano Nunes, que, com suas Jornadas Líricas (1992), emerge como crítico e versista de uma estética da leveza na poesia do Centro-Oeste, do migrante/deambulante que, nos vazios do cerrado, recria a existência pela palavra. Se o estado de Goiás e a capital nacional que nele se insere constituem espaço histórico de passagem de tropas e boiadas, viajantes, candangos e gerais, a literatura aí erigida lança-se como lócus de habitação humana - homens e mulheres simples que engendram um povo, povo que impulsiona o fazer literário das coisas mais simples. Jataí, Goiânia, Brasília, os rios Araguaia, das Almas e Lago Paranoá são espaços singulares que edificam uma literatura de campo múltipla e polifônica: nela falam José Garcia Arco-Íris, Augusto sem-mar, Cassiano Nunes, Anderson Braga Horta, Cora Coralina, Bernardo Élis... Tropa poética que habita o interior do país, desconhecido pelo litoral, sistematicamente, desde o período colonial. Esta investigação de poesia de campo, cultura popular e insurgência de uma intelectualidade marginal no coração-altiplano do Brasil procura homenagear, apresentar e amplificar as letras goianas nos cem anos de nascimento de um dos seus que sonhou liberdade como a casa de morar povo. A partir da premissa de leveza, de Italo Calvino, do conceito bakhtiniano de responsividade (BAKHTIN, 2006) e da noção de “poética popular do cerrado” (Silva Jr; Medeiros), traça-se percurso crítico comparado por versos incrustados no interior do Brasil entre a segunda metade do século XX e a primeira do XXI.

Palavras-chave: Literatura goiana; poesia; Niemar; Godoy Garcia

UM INÉDITO DE CORA CORALINA: ENCONTRO DAS ÁGUAS DA GEOPOESIA NA RUA DO FOGO DA TANATOGRÁFIA

Augusto Rodrigues da Silva Junior (UnB)

Resumo: Nosso trabalho apresenta o poema-necrológio “Quem foi ela?”, de Cora Coralina (1965). Percorrendo ruas e becos da Cidade de Goiás (antiga Vila Boa/Goyaz), pretendemos analisar a movimentação de vozes femininas ecoando em movimentações de forças biográficas. O trabalho articula a poética coralina com a imagem de Idalina da Cruz Marques e seu importante papel social na cidade. Numa poesia plena de cotidiano, o discurso da “Boa Morte” dissemina-se numa dupla articulação do momento e do memento. Momento do trespasse, memento poético que conjugam memória viva e morte celebrada. Neste retrato específico, irrompe a imagem da cidade com suas igrejas e águas, pedras chantadas e passantes. Além do próprio material impresso (em jornal), congrega-se o relato vivo (memória oral) de Terezinha Vieira Maia que faculta detalhes encarnados da figura da biografada e da poeta biografizante. Num exercício de geopoética, em processo dialógico que aproxima geocrítica e geopoética, nossa perspectiva busca renovar o conceito de Literatura de Campo. No caso específico da geocrítica, as relações que Bertrand Westphal estebelece com o real, a ficção e o espaço ampliam noções geocentradas. No exercício de crítica literária de Ronaldo de Melo e Souza, sobre a Geopoética de Euclides da Cunha, um novo horizonte se abre para as “poéticas da terra”, “do homem” e “da luta” – tudo em travessia. Essa travessia expande-se no conjunto do pensamento-poesia de José Godoy Garcia e seus afluentes de Araguaia Mansidão. Num discurso-rio que corre em direção à transposição das fronteiras do conhecimento, na hipótese de contemplação do espetáculo do mundo, este desenvolvimento da geopoética busca a compreensão e disseminação de centro-oestinidades. Entre magmas e niemares, alguns outros poetas e prosadores demigrantes avultam: Cassiano Nunes, Anderson Braga Horta, Carlos Rodrigues Brandão, Joanir de

Oliveira, Hugo de Carvalho Ramos, Bernardo Élis, José J. Veiga, dentre outros. O objetivo de nosso trabalho é tecer relações poéticas que combinam-se em trajetos arqueológicos da memória. Arqueologia, na tanatografia, significando o discurso do trespasse (catábase) e uma escavação do conhecimento, do autoconhecimento, da sabedoria (Dante; Vieira). Sabedoria enformada pelos fusos discursivos, pelas tramas formais e pelas linhas sociais que apresentam experiências de uma geopoética, na sustentabilidade, de ser. Percorrendo grupos anônimos, colhendo expressões nas ruas da ponte e na rua do fogo, nas águas dos rios Vermelho e do rio Carioca. Enfim, uma topografia memorialística apresenta-se: “fonte segura de informações das velhas coisas, pessoas e costumes da cidade que vão se desgastando com a passagem do tempo” (CORALINA, 1965).

Palavras-chave: Geopoética; poesia do cerrado; tanatografia

65 - PRODUÇÃO, CIRCULAÇÃO RECEPÇÃO DA LITERATURA EM LÍNGUA DE SINAIS NO CONTEMPORÂNEO

Coordenação: Arlene Batista da Silva (UFES); Cláudio Henrique Nunes Mourão (UFRGS)

Resumo: Historicamente, a literatura em língua de sinais tem sido uma das principais produções culturais da comunidade surda. Nela, é possível encontrar produções próprias de surdos, como poesias, anedotas e também traduções de obras da literatura infantil universal como os contos de fadas, as lendas e as fábulas. Embora não se possa precisar a origem ou quando surgiram as primeiras produções literárias em língua de sinais, sabe-se que, assim como a língua, a cultura surda se desenvolve a partir da interação entre sujeitos surdos.

Para Marta Morgado (2011), embora não se possa precisar, há indícios de que a literatura em língua de sinais tenha surgido nos internatos de escolas de surdos, na Europa. Do encontro entre surdos, e das conversas sinalizadas sempre às escondidas dos supervisores oralistas, nasceram as primeiras histórias por meio da mímica, das imitações de personagens do cinema, dos professores e dos próprios colegas. Essas histórias foram sendo estruturadas com recursos visuais (imagens carregadas de expressividade por meio das expressões faciais e corporais).

Morgado (2011, p.157) destaca que “os surdos que tinham algumas posses podiam ir ao cinema, viam filmes e transmitiam-nos aos colegas do internato. [...] no tempo de escola, havia o hábito de descrever filmes de cowboys e de ação, pois eram um dos poucos que tinha possibilidade de ir ao cinema”. Ao descrever tais filmes, os surdos estavam se constituindo como contadores de histórias e tradutores culturais, reconstruindo sentidos por meio da expressão corporal, facial e da produção de imagens, ou seja, dos recursos estéticos das línguas de sinais.

Percebemos, portanto, que os internatos surdos se configuraram como espaço privilegiado para o processo de produção literária entre os surdos (por meio da contação de histórias e de anedotas), pois favorecia as trocas linguísticas, e a criação artística por meio de uma linguagem específica determinada da experiência visual, com objetivo de dar acesso aos surdos à cultura que circulava fora dos muros dos internatos. Além disso, essa literatura era também uma intervenção sociológica, ética e política, na medida em que essas histórias, sobretudo as piadas e poesias, guardam “[...] as raízes na experiência educativa que os surdos tiveram, nas barreiras por que passaram ao longo do crescimento, na forma de ver as coisas com uma percepção visual muito forte” (MORGADO 2011, p.154).

Vale destacar ainda que as associações de surdos foram (e ainda são) espaços importantes para a divulgação da cultura e da língua de sinais. Segundo a autora, nesses espaços os surdos “[...] se sentem em ‘casa’. Ali, faziam-se concursos de teatro de contadores de histórias e de humor” (MORGADO, 2011, p. 157).

Se, no passado, os internatos e as associações favoreceram a produção, a circulação e a divulgação da Literatura em língua de sinais, hoje, no Brasil, as manifestações artísticas da comunidade surda têm se manifestado dentro e fora das escolas, em eventos culturais como saraus, teatro e também por meio de traduções literárias divulgadas na internet. No Brasil, a produção cultural e literária dos surdos começa a ganhar visibilidade no campo acadêmico na última década. Pesquisas coordenadas por Lodenir Karnopp, Márcia Lise Lunardi Lazarin e Madalena Klein têm evidenciado que há uma

diversidade de produções como vídeos, encenações, piadas, escritos e traduções para a língua de sinais que guardam representações de identidades da comunidade surda. Todas essas produções têm circulado em diferentes suportes: livro impresso, DVD, obras autônomas postadas no Youtube e, ainda, materializada no corpo em performances nos saraus, teatros, etc.

No que se refere à produção, a literatura em língua de sinais na contemporaneidade também é marcada pela atividade da tradução. Há surdos reconhecidos no país que atuam como tradutores na produção de literatura infantil e poesia em Libras, como é o caso de Cláudio Mourão, Nelson Pimenta, Heloise Gripp Diniz, Rimar Romano, entre outros que exercem o papel de divulgadores da literatura brasileira e infantil via tradução; e é certo que seus modos de traduzir, recriando, com criatividade, o texto fonte, deixam marcas de autoria que são importantes para a formação de padrões estéticos na formação do jovem sistema literário em língua de sinais no Brasil.

Diante do exposto, neste Simpósio temos interesse em acolher trabalhos de diferentes perspectivas teóricas que discutam sobre a produção, circulação e divulgação da Literatura em Língua de sinais na contemporaneidade, privilegiando autores, obras e temáticas que abordem uma literatura que se constitui num movimento de afirmação da cultura surda no país.

REFERÊNCIAS:

MORGADO, M. Literatura em língua gestual. In: KARNOPP, L. B.; KLEIN, M.; LUNARDI-LAZZARIN, M. Cultura Surda na Contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações. Canoas: Editora da ULBRA, 2011, p. 151-172.

3 de agosto

14h30

O SLAM SURDO DENTRO DO CONTEXTO DA ARTE CONTEMPORÂNEA

Bruno Ferreira Abrahão (UFRJ)

Resumo: Este trabalho desenvolve-se como pesquisa qualitativa, com pesquisa bibliográfica e de campo, na qual a coleta de dados será feita por observação e entrevista. Seu objetivo é pensar a literatura surda como categoria estética. Nosso desejo é a de compreendê-la dentro de um cenário específico, a saber, o da contemporaneidade - pensada por nós como período de tempo que começa em 1989, com a queda do Muro de Berlim e chega até os nossos dias. Dentro desse cenário da contemporaneidade, marcado pela globalização, percebemos a literatura surda em uma situação periférica, lutando para o seu desenvolvimento como cultura surda e como arte poética que representa a comunidade surda, assim como arte a ser reconhecida de modo geral. Reconhecemos nesta pesquisa o valor da literatura surda e a sua qualidade, e escolhemos como objeto de estudo um gênero pertencente a este universo, o Slam Surdo, que consideramos como um gênero específico da literatura surda, baseado na estratégia da performance. O Slam Surdo começou, no Brasil, em São Paulo, sendo conhecido também como Slam do Corpo. Depois, o movimento ampliou-se para outros estados. Em contexto mundial, o slam surdo teve como ponto de partida o movimento de Slam americano, sendo repensando para o contexto da cultura surda. Em termos mundiais, o Slam Surdo acontece em vários países, destacando-se entre eles os movimentos nos Estados Unidos e na França. Os encontros de Slam que inspiraram o movimento do Slam Surdo aconteciam nos Estados Unidos, quando jovens da periferia se reuniam para disputas de Rap, com letras de crítica social. No Slam Surdo, também há crítica social, focada em questões da cultura e da identidade surda, e na luta contra o preconceito. A expressão poética se organiza através da Libras ou de uma configuração bilíngue, na qual a Libras e a Língua Portuguesa são usadas em conjunto para a performance poética. Corpo, arte poética e movimentos se misturam nas apresentações. Na condição de performance, o espaço para a apresentação do slam é livre, podendo haver apresentações em quaisquer locais. Nosso interesse em pesquisar o Slam Surdo vem do fato dele ser uma forma de arte nova, com seu começo no Brasil após 2006, que necessita ser estudada do ponto de vista da Ciência da Literatura. Assim, nesse trabalho pesquisaremos o Slam Surdo a partir da base

teórica dos Estudos Culturais (RESENDE, 2017; SMITH, 2009; RUFFEL, 2010; HALL, 2003; AGAMBEN, 2009; CANCLINI, 2006) bem com da referente aos Estudos Surdos (KARNOPP, KLEIN, LUNARDI-LAZZARIN, 2001; GARCIA, 1999; LEBEDEFF, 2017; SUTTON-SPENCER, 2016).

Palavras-chave: Literatura Surda; Contemporaneidade; Slam Surdo.

AQUISIÇÃO DA LÍNGUA DE SINAIS: O USO DAS CRÍTICAS LITERÁRIAS DO DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM E DA COGNIÇÃO COM O SEGUNDO BAKHTIN

Paulo Henrique Pereira (UFPR); Klícia de Araujo Campos (UFPR)

Resumo: O objetivo geral desse estudo é apresentar a reflexão que os surdos adquirem à língua de sinais como a L2 ao mundo literário com o uso das críticas literárias na tradução com o segundo Bakhtin. A pesquisa investiga os conhecimentos de aquisição de linguagem e os aspectos de visualidade e leitura na tradução, é um dos fatores fundamentais para que o desenvolvimento infantil ocorra de forma harmônica em todas as esferas, ao seu ponto de vista, da cognição e da aprendizagem ao mundo literário em língua de sinais. A aquisição da língua de sinais, conteúdo e uso da linguagem assumem papel importante na construção da mesma e na compreensão de sua organização cognitiva. Ao mundo de realidade, nas escolas públicas ou privadas que há as crianças surdas que não adquirem o desenvolvimento da linguagem, pois existe uma discriminação na sociedade por ser surdo e o uso da língua de sinais. Para isso, é preciso adotar a base teórica Bakhtin (1999) acerca o processo de críticas literárias, adotando a performance, adaptação, tradução intralingual e interlingual e de close reandig, necessitando, neste modo, passar por algumas etapas no processo de tradução. Este artigo, os surdos enfrentam as suas dificuldades de leitura na sua obra literária como a segunda língua, o atraso de desenvolvimento da linguagem, sinaliza e cognição, tornam os prejuízos da aprendizagem para as crianças. As críticas literárias, o segundo Bakhtin (1999) é interessado na dinâmica e ética da subjetividade incorporada, com a hipótese acerca de tornar o melhor desenvolvimento da linguagem e o input para as crianças quando eles se adquirem ao mundo literário em língua de sinais, pois eles se possuem a sua experiência visual. Quadros (1999) e Kail (2003) demonstram o seu importante as crianças surdas se adquirem as duas línguas: LIBRAS estabelece-se como primeira língua e a Língua Portuguesa como segunda língua, podendo ter o desenvolvimento da aprendizagem e o input equivale as crianças ouvintes. Para o uso de metodologia acercando o desenvolvimento deles da linguagem ao mundo literário, investigando a nova reflexão como o processo da tradução na obra literária e as críticas literárias com o segundo Bakhtin e o dialogismo no contexto semântico-pragmático para a língua de sinais. O resultado levanta ao seu uso das etapas de tradução poderá tornando o melhor com a visualidade da obra literária que ocorre-se o novo input ao desenvolvimento da linguagem e da aprendizagem para as crianças surdas equivalem as ouvintes na sua construção da mesma e da compreensão.

Palavras-chave: Libras; Bakhtin; dialogismo; críticas literárias

SINESTESIA E ESTUDO LITERÁRIO EM LÍNGUA DE SINAIS/LÍNGUA PORTUGUESA

Isaack Saymon Alves Feitoza Silva (UFRN)

Resumo: Síntese feita à partir de pesquisa referente trabalho da Universidade Federal do Rio Grande do Norte; segundo as disciplinas de Literatura Surda e Literatura Brasileira, trabalhado com os alunos acadêmicos. Falar da literatura comparada, relacionar-se com a Literatura Surda em LIBRAS, me é um assunto um tanto peculiar; visto que sou surdo e faço utilização da LIBRAS no meu dia a dia; também é ressaltado aqui, os escassos aspectos dos citados assuntos aqui abordados, pois é um assunto antigo e ao mesmo tempo, muito novo em se tratando de tema pouco descrito. Foram feitos levantamentos dos textos e vídeos experimentais, entre outros aqui apresentados nas coletas de dados. Citando o método de Gil (2008), está aqui relacionado ao processo e seus diversos tipos e de exploratória em seu contexto descritivo e sinalizado da língua de sinais, trazendo a performance de efeitos estéticos, conforme Sutton-Spence (2005), quando analisa o vídeo: “Cinco sentidos” de Nelson Pimenta e “five senses” de Paul Scott e a tradução de Nicoloso (2010). Comparando os três casos citados, é aqui destacada a relação denominada de “sinestesia” por estar relacionado à visão,

paladar, tato, olfato e a falta da audição; conforme o contexto de experiência visual de comunicação da pessoa surda e diferenciado pelo contraste do uso auditivo da figura de linguagem. A pesquisa em referência foi elaborada com os alunos da UFRN, e assim pode-se observá-la e analisá-la conforme o percurso de sua contextualização e abrangência na literatura surda; mostrando suas diferenças na trajetória de sua existência em sociedade e uso dos sentidos. Faz-se aqui enaltecer as performances, defendendo a variação da percepção, dos aspectos visuais conforme cada uma dos alunos; pois cada ser é único e seu modo de falar traz tudo de sua personalidade. São observadas as influências adquiridas de outras substâncias de sinestesia; apresentando-se num linguajar despojado, informal e gracioso; enaltecendo a pragmática no sentido da ampliação através dos tempos e das pessoas. Conforme Sutton-Spence (2006) e Mourão (2016), para ser entendida a literatura comparada, esta precisa ser analisada em suas diferentes concepções, imagens e identidades; visto que as pessoas surdas têm as suas características voltadas às experiências visuais na literatura surda; precisando assim da escrita, como também da forma sinalizada e assim, podem ser visualizadas em seus diferentes aspectos e pelas diferentes pessoas. Observando aqui a língua de sinais, estas se apresentam numa correlação de movimentos de mãos, corpo, expressões faciais e visuais. Como resultado, serão apresentadas demonstrações de experiências visuais, numa descrição sincronizada, para melhor entendimento do leitor e da sua interpretação conforme o contato visual. Finalizando, foram analisados os resultados coerentes com as ideias de diferentes alunos de Letras/libras e que fazem uso de uma segunda língua, a língua portuguesa em sua forma escrita para surdos.

Palavras-chave: Produção; Libras; Sinestesia.

MICRO COLEÇÃO DE POEMAS SINALIZADOS TOCANTINENSES: CORPUS, ENSINO, PRODUÇÃO E CRÍTICA LITERÁRIA

Thainã Miranda Oliveira (UFTO)

Resumo: Este artigo pretende investigar a produção e o registro de manifestações literárias da comunidade surda no contexto do Letras-Libras, na Universidade Federal do Tocantins. Para tanto, reflete sobre a documentação e o registro de criações literárias sinalizadas (KARNOPP, 2011), (QUADROS, 2014), (SUTTON-SPENCE, no prelo); a relação entre o ensino de língua e literatura (SUTTON-SPENCE, 2014); e, ainda, propõe uma análise crítica literária (SILVEIRA e KARNOPP, 2014), (MACHADO, 2013). A metodologia para coleta dos poemas envolveu atividades práticas na disciplina de Libras I, no segundo semestre de 2016 e uma triagem, para a compilação da micro coleção. Dessa forma, espera-se com esse trabalho conhecer e discutir diferentes possibilidades teóricas e críticas sobre a literatura surda.

Palavras-chave: Libras; Literatura Surda; Registro

A LITERATURA SURDA NA CENA ESTÉTICA DA CONTEMPORANEIDADE

Danielle Cristina Mendes Pereira (UFRJ); Valéria Campos Muniz (INES)

Resumo: O trabalho parte da ideia de refletir sobre os lugares da literatura surda no cenário da contemporaneidade, considerando tal conceito a partir das premissas estabelecidas por Terry Smith (2006), que vê a sua origem como um momento situado a partir da queda do Muro de Berlim e do fim da Guerra Fria, isto é, entre 1989 e 1991. A contemporaneidade alcança os nossos dias, em um momento no qual a globalização expõe as suas fragilidades, e as culturas periféricas, assim como as manifestações estéticas delas derivadas, ao mesmo tempo em que alcançam maior visibilidade, lutam para mantê-la. É também um tempo em que o próprio conceito de arte é posto em xeque, e que mais estabelece perguntas do que obtém respostas (SMITH, 2006), o que impacta na emergência de um contexto estético no qual a inespecificidade da forma artística destaca-se (GARRAMUÑO, 2016). A partir de um estudo de cunho exploratório, pautado em pesquisa bibliográfica e de campo, com coleta de dados empreendida por observação, registros de vídeos de apresentações e depoimentos de artistas, nós nos propomos a pensar sobre a literatura surda diante desse contexto. Isso envolve discutir discursos e práticas no campo da literatura e dos Estudos

Literários conexos a aspectos de identidade e de poder, e que dizem respeito a concepções sobre conhecimento, texto e literatura, e aos modos como estes compreendem a produção literária em língua de sinais, isto é, em uma modalidade visual e espacial diversa do tradicional registro escrito. Do mesmo modo, interessa-nos pensar a produção literatura surda como performance - como texto artístico que se vê no espaço, enunciado em um corpo em movimento -e experimentação estética, trazendo inovações ao campo da literatura, e apresentando novas formas poéticas. Como amparo teórico deste trabalho, além dos pensadores citados, apontam-se os estudos de Homi Bhabha (1993), sobre diferença cultural; de Canclini (2006), sobre hibridismo cultural, e de Sutton-Spencer (2016), sobre literatura em língua de sinais. Desse modo, a nossa proposta é investigar a literatura surda, no âmbito da contemporaneidade, especialmente em formas artísticas emergentes: a Poesia A-Z, a Visual Vernacular e o Slam Surdo. Concluímos que há a necessidade de acolher as vivências históricas e culturais dos sujeitos surdos, refletindo e respeitando a diferença cultural (BABHA, 2010), e dar visibilidade às formas poéticas produzidas em Libras, a fim de pensar sobre objetos e práticas estéticas inovadoras, que dizem respeito aos surdos, e também a todos que tenham a literatura como ponto de interesse.

Palavras-chave: Literatura Surda; performance; contemporaneidade.

PERFORMATIVIDADE NA CONSTRUÇÃO DO HUMOR EM PIADAS EM LIBRAS

Arlene Batista da Silva (UFES)

Resumo: De acordo com Silveira (2015), a circulação de piadas clássicas em língua de sinais está fortemente vinculada aos elementos culturais que constituem as experiências de mundo dos sujeitos surdos. Segundo a autora, as piadas surdas aproximam-se em vários aspectos das piadas de ouvintes com traços das histórias e anedotas populares, cuja ênfase recai sobre brincadeiras com temas tabus, brincadeiras com o outro. Para Silveira (2015), o estudo do humor e das piadas surdas têm grande importância em relação à exaltação das línguas de sinais e da cultura surda, pois lança luzes sobre a riqueza dessas línguas, cuja função não se restringe apenas à comunicação referencial, mas torna-se um lugar de interação com o outro, para fazer rir, produzir artefatos culturais e para fortalecer as comunidades surdas. À luz dessas considerações, esta comunicação visa a investigar os elementos que produzem o efeito cômico em piadas produzidas por surdos e intérpretes de Libras. Caracteriza-se como uma pesquisa documental, cuja fonte principais são registros audiovisuais. Toma como pressupostos teóricos os Estudos Culturais, a partir do pensamento de Stuart Hall (1997), os conceitos de carnavalização, riso e máscara propostos por Bakhtin (1981, 1999) e os estudos sobre a performance (ZUMTHOR, 2000; TAYLOR, 2013) entre outros. Apoiados nessas reflexões teóricas, pretende-se descrever e analisar a atuação do tradutor/intérprete em vídeos e piadas disponíveis no site da TV INES e no Youtube, a fim de compreender os elementos linguístico-discursivos, culturais e performáticos que produzem um efeito cômico responsável pela construção do humor nessas narrativas. Os resultados das análises indicam que o tradutor/intérprete lança mão de recursos estéticos próprios das narrativas em língua de sinais como as expressões corporais, os classificadores, o olhar, a movimentação dos ombros e a incorporação de personagens, promovendo uma literatura do/no corpo por meio da performance. Somado a isso, lançam mão da paródia, e da ironia para produzir o riso, que vem acompanhado de uma descoberta, pois o leitor experimenta a sensação de desnudamento das mazelas que envolvem sujeitos surdos e ouvintes na sociedade.

Palavras-chave: Piadas; Cultura surda; Performance.

66 - RUPTURA DOS GÊNEROS LITERÁRIOS NO ROMANTISMO

Coordenação: Andréa Sirihal Werkema (UERJ); Maria Juliana Gambogi Teixeira (UFMG)

Resumo: O advento do Romantismo na literatura é também, historicamente, um acontecimento revolucionário dentro da longa evolução das formas literárias no ocidente; estamos diante da primeira grande fratura do sistema mimético de criação artística. Tal quebra é evidente ao final do século XVIII, mesmo tendo sido adiantada por movimentos com tendências anticlassicistas ao longo dos séculos: tendências, e não fundamento, base de criação. As teorias românticas do gênero

literário respondem a outras questões, ligadas à subjetividade autoral, instância não mensurável, avessa a regras impostas pela tradição. Eis o âmbito propriamente literário de tal discussão, ao lembrarmos a insistência com que os textos do Romantismo quebram as tradicionais barreiras normativas da arte dita clássica. Um texto romântico, ou sentimental, ou irônico, em suma, caracteriza-se por um questionamento de vários dos conceitos fundamentais da literatura. Além da preferência por uma teoria expressiva da arte em lugar da teoria imitativa, os gêneros literários foram desrespeitados ou substituídos por formas novas, que se aproximavam um pouco mais dos ideais românticos: “Em sua rigorosa pureza, todos os gêneros poéticos clássicos são agora ridículos” (SCHLEGEL, 1997, p. 30). O romântico não deve ser confundido com um gênero ou estilo literário, sendo antes um elemento formador de toda a poesia – que, não nos esqueçamos, é ou deveria ser romântica (SCHLEGEL, 1997, p. 65) –, poesia que também não deve ser confundida com um gênero específico. Esta indefinição de gênero passa por analogia para o romance, para os fragmentos, para o drama romântico, para todas as formas mistas da poesia.

“O Romantismo pode ser esquematicamente caracterizado como uma trajetória que toma por ponto de partida a forma primordial, se desenvolve por múltiplas formas particulares e busca novamente, pela combinação destas, a unidade da forma” (SUZUKI, 1997, p. 17); o que nos leva a concluir, em concordância, que qualquer reflexão crítica sobre o Romantismo tende a ser uma reflexão crítica sobre as formas, ou, em outros termos, sobre os gêneros da literatura.

As reflexões de Walter Benjamin sobre a ironia romântica ajudam-nos a colocar alguns problemas interessantes em relação à questão dos gêneros (BENJAMIN, 1999, p. 89-93). À primeira vista, tendemos a associar ironia romântica a um recurso meramente negativo, desestabilizador de qualquer certeza textual, o que não estaria incorreto, se pensarmos essa destruição como uma forma de assegurar a perenidade da obra. A ironia que caracteriza a postura do autor romântico encontra seu correlato na ironia que perpassa a obra, aniquilando seus elementos ilusionistas como forma de torná-los mais evidentes, e cada vez mais vivos. É claro que qualquer estrutura formal, em suas manifestações de estilo ou gêneros literários, torna-se alvo da ironia também formal. Em termos propriamente textuais, a obra romântica irônica seria antes autoparódica que paródica, já que instaura dentro de si mesma o questionamento e a quase destruição da forma em que se aloja. Além do mais, sobre tais amarras da forma paira a ironia autoral, ou da matéria, instância capaz e desejosa de destruir os limites impostos à expressão de sua subjetividade. A autodestruição da obra romântica é, portanto, um horizonte sempre possível: uma forma consolidada deve ser ameaçada pela ironia, que, paradoxalmente, acaba por sublinhar as lacunas da obra romântica, cuja maior característica é sua radical abertura. A destruição da forma, ou melhor, sua reconfiguração, é maneira de atestar sua força – e seria bom reavaliarmos nosso julgamento da relação entre o Romantismo e a tradição à luz dos conceitos de autorreflexividade fundamentais para uma visão romântica de arte. Enquanto recursos reflexivos, ironia e crítica tornam-se quase equivalentes, pois forçam no autor e no leitor o questionamento das estruturas formadoras da obra, estruturas que contêm, dentro de si mesmas, os germes da ironia romântica. Esta pode ser chamada de crítica interna à obra, com a qual nasce e contra a qual se volta em um movimento que assegura à obra sua permanência. Uma obra irônica, portanto, existe enquanto forma-de-exposição de uma ideia das formas. Desde a contingência e a limitação, a ironia faz caminhar a obra até o vislumbre de seu ideal. Deste modo, a ironia não é destruidora da obra, pelo contrário, atesta sua “existência indestrutível” ao colocá-la sob a perspectiva da Forma eterna: “A ironização da forma-de-exposição é semelhante à tempestade que levanta a cortina diante da ordem transcendental da arte, descobrindo-a, juntamente com a existência imediata da obra nela, como um mistério” (BENJAMIN, 1999, p. 93).

O simpósio aceitará, dessa maneira, trabalhos que queiram discutir, em qualquer contexto nacional e/ou linguístico, as transformações dos gêneros literários sob a pressão romântica; as implicações de tal ruptura na tradição literária; a reconfiguração histórica da noção de mimese; as continuidades e descontinuidades da quebra com os gêneros clássicos promovida pelo Romantismo.

REFERÊNCIAS:

BENJAMIN, Walter. *O conceito de crítica de arte no Romantismo alemão*. Trad. Márcio Seligmann-Silva. São Paulo: Iluminuras, 1999.

SCHLEGEL, Friedrich. *O dialeto dos fragmentos*. Trad. Márcio Suzuki. São Paulo: Iluminuras, 1997.

31 de julho
14h30

A CRÍTICA DE ROMANCES NA IMPRENSA FRANCESA (1815-1830) : CONTRADIÇÕES DE UM GÊNERO ABERTO

Yuri Cerqueira dos Anjos (UFJF)

Resumo: Durante os primeiros anos do romantismo na França, boa parte da crítica literária dominante se alinhava aos ideais clássicos de medida, equilíbrio e codificação genérica. Tal perspectiva possuía sua própria hierarquia, colocando notadamente a épica e a tragédia em alta estima. Quando o romance consolida seu impulso de ascensão, a partir desse início do século XIX, essa crítica se vê obrigada a confrontar e a lidar com as particularidades desse gênero que (como o próprio movimento romântico) tende a romper as barreiras genéricas tradicionais e as hierarquias ligadas aos ideais clássicos. A liberdade criativa da forma romanesca se tornou objeto de crítica veemente e de incompreensão por parte das vertentes mais tradicionais da crítica, ao passo que se tornou objeto de interesse por parte dos órgãos mais alinhados ao movimento romântico. A presente comunicação confrontará as diferentes perspectivas em torno da forma romanesca e das rupturas que ela representa a partir da análise da crítica difundida não somente nessa imprensa de maior difusão (*Le Constitutionnel* e *Le Journal des Débats*), mas também nos periódicos mais efêmeros (*La Muse française* et *Le Globe*), no intuito de perscrutar esse momento fundamental de princípio da expansão do romance no contexto francês, momento em que ao mesmo tempo se constata e se aprofunda o conhecimento em torno das rupturas que esse gênero propõe.

Palavras-chave: Romance; Crítica; Imprensa

UM ROMANCE DE DUAS ABAS: MEMÓRIAS DE DUAS JOVENS ESPOSAS, DE BALZAC

Gloria Carneiro do Amaral (USP/Universidade Presbiteriana Mackenzie)

Resumo: *Memórias de duas jovens esposas* discute um tema eterno: amor paixão versus amor conjugal. Articula-se em torno da correspondência entre duas jovens muito próximas durante o período de formação que passaram juntas num convento, padrão de educação para jovens da aristocracia e da burguesia. Saindo de lá para levar suas vidas no mundo continuam a se corresponder e a trocar idéias sobre o tema central do romance, o amor. Parece-me uma obra especialmente interessante e um pouco deixada de lado pela crítica, opinião corroborada por Paulo Rónai no seu prefácio. Além de propiciar uma observação do cotidiano extremamente doméstico da criação dos filhos numa visão muito realista, também nos traz, paradoxalmente, os arrebatamentos do amor romântico. O contraste entre as duas personagens femininas, Renée e Louise, e suas formas diferentes de amar permitem-nos acompanhar o movimento do romance balzaquiano entre traços realistas e a paixão romântica. No que concerne sua estrutura, pode-se inseri-lo na tradição do romance por cartas, a gosto do século XVIII.

Palavras-chave: Balzac; romance; romantismo; realismo

MICHELET ROMÂNTICO?

Maria Juliana Gambogi Teixeira (UFMG)

Resumo: "O tempo era confuso, tempestuoso. E meu caminho se abeirava sempre ao de duas correntes que, para um homem da minha idade, não deixavam de ser atraentes. Uma era a corrente romântica, a querer renovar a arte. A outra, a escola dos utopistas, que não pretendia menos do que refazer o nosso mundo. Passei-lhes ao largo. A paixão me guardou da paixão. A deles era sincera. Porém, não encontrava nelas o que seria o bastante para a minha, o sentido vivo e fecundo da liberdade moral, meu Vico, meu Julho, o princípio heroico que criava meus livros e meu ensino."

(MICHELET. *L'Héroïsme de l'esprit. Oeuvres complètes*, t. IV, p. 40.) É amplamente reconhecido pela crítica que Jules Michelet (1798-1874) manteve uma relação tensa com formas, autores e com a própria noção de romantismo. Antipático ao gênero “romance”, crítico de Balzac, de Hugo e de Sand (malgrado, no último caso, a sintonia política e a simpatia mútua), sua obra oferece, de modo espraído, vários testemunhos dessa tensão. Não obstante, é consenso entre essa mesma crítica a filiação romântica de Michelet. Esse consenso data, pelo menos, do final do século XIX, tendo em Gustave Lanson seu primeiro expoente e perdurando e se espraçando para além das amarras da historiografia literária francesa. À título de exemplo, que se pense em Barthes, tão pouco afeito à historicização da literatura e que, não obstante, subscreveu, em diversas ocasiões, a etiquetagem romântica de Jules Michelet. Sem dúvida há coerência e vantagens nessa etiqueta: contemporâneo de um movimento que teve impacto profundo para na e para além da França, a obra micheletiana traz temáticas, problemas, conceitos e procedimentos formatados e difundidos a partir do que se convencionou chamar Romantismo. Mas há também incoerência e desvantagens nessa etiquetagem. Num nível macroscópico, ela tende a dirimir as dificuldades de definição desse movimento, para além e para aquém da discussão mais bem fundamentada e substantiva que foi obra do Primeiro Romantismo alemão ou do Romantismo inglês. Diluída em romantismos (GUSDORF, BÉNICHOU, et alii), convertida em *zeitgeist* do século (MILLET, VAILLANT, et alii), a etiqueta se presta a um olhar “presbíope”, que capta um conjunto temático próprio a uma época, mas perde detalhes e contornos que singularizam cada obra. Nesse sentido, o objetivo desta comunicação será o de retomar, na obra micheletiana, os “fragmentos” que ajudariam a compreender o que, para ele, significava o Romantismo contra o qual se bateu. Interessa, assim, compreender em que medida essa crítica se restringe ou ultrapassa o quadro do Romantismo francês, a partir da identificação precisa dos autores, conceitos, projetos e ideias nos quais reconheceu tal atributo. Para além do rendimento monográfico, supõe-se que tal desenho possa interessar aos estudiosos do Romantismo em geral e do Romantismo francês em particular, que mais não seja como testemunho de um contemporâneo crítico e, ao mesmo tempo, próximo do movimento, atravessado por muitos de seus temas e questões.

Palavras-chave: Jules Michelet, Romantismo, Crítica

WHITMAN, LAFORGUE E OS CAMINHOS DO VERSO LIVRE NO SÉCULO XIX

Sandra Mara Stroparo (UFPR)

Resumo: O Romantismo foi, na Europa, um momento de grande trânsito de obras estrangeiras, configurado especialmente em inúmeras antologias, leituras críticas e, quase invariavelmente, traduções. Um dos melhores exemplos disso é a relação estabelecida entre Charles Baudelaire e a obra de Edgar Allan Poe, e continuada, mais discretamente, por Stéphane Mallarmé. Do equivalente romântico norte-americano para o último dos românticos franceses, realizou-se uma completa modificação da compreensão literária daquele momento. Já bastante conhecida e estudada, essa aproximação marcou inclusive os estudos sobre a Modernidade e sua construção ao longo do século XX. Mas essa não foi a única vez que a obra de um americano cruzou o Atlântico para alterar os rumos de uma obra francesa: a obra de Walt Whitman, lida nos últimos anos de vida de Jules Laforgue, mudou profundamente sua compreensão de poesia e inaugurou alguns dos primeiros versos livres da língua francesa (Laforgue não apenas leu e “aprendeu” o verso livre em Whitman, como também o traduziu). Assim, naquele limbo de estilos do final do Romantismo francês, nasce aos poucos não só a decadência da melancolia e da ironia laforguianas, mas também uma radical modificação formal da poesia francesa (responsável, por sua vez, pela influência moderna em diversos outros países, incluindo o nosso). É interessante, portanto, considerar como o processo de transformação que nasce no Romantismo — e realmente o configura — passa por questões como influências formais e tradução. E as discussões sobre o assunto começam na França, na verdade, muito mais cedo do que se poderia imaginar, considerando os resultados canônicos na literatura, que se dão por exemplo em 1854, no caso de Baudelaire, e em 1890 (depois de sua morte), no caso de Laforgue. Pois foi ainda na primeira metade do século XIX que as traduções dos *lieder* alemães —

canções românticas — foram responsáveis por um lento aprendizado, em território francês, não só de novas e ousadas experiências de tradução, como também pela transformação do tradicional e engessado verso francês. Esse trabalho pretende retratar esse trajeto de influências e fertilizações, mediado por traduções, em que os últimos tijolos do edifício da poesia clássica francesa, ainda mantidos por grande parte da literatura daquele século, foram aos poucos rearranjados pelas circunstâncias geradas e permitidas pelo próprio momento romântico. Esse processo levou assim a novas possibilidades que geraram não apenas um novo verso francês, mas também, diretamente, o novo verso moderno — e pensamos aqui na importância de Laforgue para Ezra Pound e T.S. Eliot.

Palavras-chave: Romantismo; tradução; verso livre

1 de agosto

14h30

ROMANCE ROMÂNTICO BRASILEIRO: FORMAÇÃO E RUPTURA

Leonardo Francisco Soares (UFU)

Resumo: A noção de ruptura é de extrema importância e potencialidade quando se pensa o Romantismo, em especial no âmbito literário. É para esse aspecto revolucionário, em seu espírito de renovação, transgressão e ruptura permanentes do movimento romântico e ao mesmo tempo para produções literárias brasileiras — no caso, os romances românticos — que se volta esta proposta. Tal recorte aponta para um desvio de uma noção cristalizada de Romantismo como algo menor, sinônimo de uma estética idealista, obscurantista, mistificada e sentimentalista, contra a qual, por seu turno, Walter Benjamin (1999) desenvolve o seu O conceito de crítica de arte no romantismo alemão. Em resposta a esse entendimento cristalizado, Benjamin afirma, entre outras coisas, que a principal contribuição da Primeira Geração Romântica Alemã para a modernidade foi a concepção de uma crítica da arte imanente à própria obra de arte. Arthur Nestroy (1996, p.14), por sua vez, chama a atenção para o fato de, no Brasil, por exemplo, ter se tornado comum desprezar o Romantismo, virtualmente inteiro, em prol de um outro cânone, ou mais antigo ou mais moderno. Muitas vezes nossa crítica e historiografia literárias abordam o Romantismo brasileiro, em geral, e as manifestações literárias do período, em específico, em termos muito próximos ao sentido prosaico de expressões como “romântico” e “romantizar”, o que não poderia ser mais enganoso, afinal o movimento romântico não é nada “romântico” nesse sentido trivial, mas o é enquanto um dos movimentos mais reflexivos e autoconscientes de toda nossa história. Ainda seguindo Arthur Nestroy: “Nenhum outro período trabalhou tão intensamente a ideia de ironia quanto o romantismo” (1996, p.12); o que implica, entre outras coisas, reconhecer o caráter marcadamente romântico, no sentido histórico da expressão, tanto do Modernismo quanto do Pós-Modernismo. Antonio Candido (1997), na importantíssima Formação da literatura brasileira (1ª edição 1959), reconhece o romance como adequado às necessidades expressivas do século XIX, um gênero “complexo e amplo, anticlássico por excelência (...) o mais irregular dos gêneros modernos (...) eminentemente aberto, pouco redutível às receitas que regiam os gêneros clássicos” (v.2, p.97), avesso às distinções e limitações, uma espécie de mistura de todos os outros gêneros. Porém, ao se voltar para os principais romancistas do período — Teixeira e Souza, Joaquim Manuel de Macedo, Manuel Antônio de Almeida, José de Alencar, Bernardo Guimarães, Franklin Távora e Visconde de Taunay —, o crítico lança mão de expressões como: “tagarelice”, “banalidade”, “convencional”, “corriqueiro”, “realismo miúdo”, “simplicidade”, “limitação”, para ficar apenas no julgamento de Macedo, mas que anuncia o tom das outras análises. Tais reservas em relação ao romance romântico são bastante frequentes na historiografia literária brasileira (ROMERO, v. 5, 1980; VERÍSSIMO, 1998; BOSI, 2006) e, nesse sentido ou na contramão de certa cristalização crítica, pretende-se reler alguns de nossos romances românticos — A moreninha (1844), Memórias de um sargento de milícias (1852/1853); Sonhos d’ouro (1871) e Inocência (1872) —, a luz de certa crítica mais recente, com vistas a pensá-los a partir do caráter de ruptura e de questionamento próprio do gênero romance, que, no caso brasileiro, é criado no Romantismo.

Palavras-chave: Romance romântico brasileiro; Formação; Ruptura

O CONCEITO DE "DESCRIÇÃO" NO ROMANTISMO BRASILEIRO

Eduardo Vieira Martins (USP)

Resumo: No conhecido artigo que escreveu sobre "A moreninha", Dutra e Melo observa que a ação do romance se passa numa "ilha encantada de cuja descrição dispensou-nos o bom gosto do autor", e acrescenta: "dizemos bom gosto porque o elemento descritivo (pedra de toque aliás do mérito poético) é hoje tão insulsamente empregado que menos interessa do que fatiga". Mesclando comentários sobre o modo de apresentação do cenário e das personagens, o crítico elogia a concisão de Macedo no uso da "topografia [...] do salão", das "hipotiposes" e das "observações patológico-morais" sobre as personagens, apreendidas pelo leitor na própria ação, como convém à "forma dramática". Os comentários de Dutra e Melo deixam perceber diversos aspectos do debate sobre a descrição literária travado no Brasil do século XIX. A utilização dos conceitos de "topografia" e "hipotipose", tomados ao vocabulário da retórica, remete à permanência dessa disciplina no sistema de ensino oitocentista, num momento em que, se a velha arte havia perdido a autoridade prescritiva de que gozara no passado, ainda era capaz de fornecer instrumentos valiosos para orientar a recepção e a crítica. Na retórica, a descrição era classificada como uma figura de pensamento, um dos ornamentos analisados no estudo da elocução, parte essencial na construção do discurso, pensado a partir de gêneros específicos. Com a ruptura efetuada pelas teorias românticas, que redefiniram a poesia, compreendida agora como "expressão" e não mais como "imitação", buscou-se afastar a produção literária do campo de influência da retórica. Recusando a forma como instância anterior, apta a orientar a produção do discurso, os teóricos românticos concebem o poema como registro espontâneo dos sentimentos do poeta e justificam o uso das figuras não mais pela adequação a um estilo pré-determinado, mas pela sua fidelidade à emoção que deveria expressar, dando lugar a um processo de psicologização da elocução. No Brasil do século XIX, o alinhamento dos escritores ao projeto imperial de construção de imagens da nação associado à ideia de que o registro da cor local possibilitaria a nacionalização da literatura favoreceram o uso da descrição por parte de poetas e romancistas que, abandonando as tópicas neoclássicas, buscaram criar uma nova paisagem, selvagem e indômita, construída a partir de elementos tomados à teoria do pitoresco e, principalmente, do sublime. O objetivo desta comunicação é discutir alguns aspectos do debate romântico sobre a descrição da natureza, tomando como base textos de crítica e manuais escolares de retórica e poética em circulação no período. A partir da análise desse material, pretende-se verificar como o conceito de descrição era compreendido e como se tornou um ponto de disputa importante para escritores que buscavam justificar sua própria produção, num arco que vai desde a defesa de uma descrição fortemente ornamental e simbólica, feita por José de Alencar nas suas críticas à "Confederação dos tamoios", até o esgotamento dessa poética na década de 1870, quando escritores da nova geração, como Franklin Távora e Taunay, argumentam a favor de uma maior adesão aos dados efetivamente colhidos pela observação.

Palavras-chave: descrição; paisagem; retórica

CAMILO CASTELO BRANCO E O ROMANTISMO EM DIGESTÃO

Geraldo da Aparecida Ferreira (UNIMONTES)

Resumo: Esta comunicação tem como objetivo principal analisar a postura de Camilo Castelo Branco como crítico do Romantismo, e que, de certa forma, colocou em xeque a aplicação rígida das teorias e doutrinas vigentes para a crítica oitocentista como o naturalismo, o positivismo, o racionalismo e os ideais românticos. Procuraremos discutir situações da novela Coração, Cabeça e Estômago, do escritor português, com o objetivo de apontar acontecimentos que expressem a ambígua condição do personagem Silvestre da Silva, com suas contradições, seus desconfortos diante de um mundo em transformação e as possíveis relações das ideias desse personagem com as do seu criador, que vislumbrava no esgotamento da fórmula romântica a possibilidade do surgimento de algo novo.

Palavras-chave: Romantismo; Novela camiliana; Crítica social.

O AMOR COMO FICÇÃO ESCRITA EM CAMILO CASTELO BRANCO

Caroline Aparecida de Varga (USP)

Resumo: Nosso trabalho tem como objetivo observar como o amor se configura como ficção na obra de Camilo Castelo Branco (1825-1890) e para tanto partiremos da análise de *Memórias de Guilherme Do Amaral*, publicado em 1863. A obra nos apresenta várias cartas escritas por Virgínia, uma das muitas mulheres envolvidas com o protagonista que dá nome ao romance. Nosso intuito é perceber como a escrita da personagem cria uma relação amorosa que em verdade não existe, já que Virgínia parece viver seus sentimentos mais pela escrita que pela realidade que a circunda. A personagem não parece, de acordo com alguns comentários irônicos tanto do narrador quanto de Guilherme, ser uma mulher extremamente romântica, como suas cartas sugerem. O amor romântico e idealizado é ridicularizado por Camilo, que provoca o riso no leitor ao apresentar uma relação que nas cartas parece idílica, mas que na realidade é desprezada por Guilherme e utilizada por Virgínia para criar uma espécie de persona romântica. Trata-se ainda de uma oportunidade para discutir e problematizar a adesão de grande parte da crítica em afirmar que Camilo é um perfeito exemplar do Romantismo, já que sua própria obra nos diz o contrário ao trazer-nos realidades contraditórias e imperfeitas. Acreditamos que a escolha de Camilo, em fazer parte de seu romance em forma epistolar, mostra que a relativização do ponto de vista é fundamental para a compreensão de suas reflexões sobre a ficção. Ao mostrar diferentes formas de observar a mesma realidade, inclusive diferentes formas de deformá-la, o autor representa a dificuldade de se estabelecer certezas absolutas sobre a vivência de suas personagens. Essa postura permite que Camilo vá além do que costumeiramente se espera de uma obra Romântica, pois tendo como ponto de partida o senso comum, podemos afirmar que se espera que a falta de camadas de sentido e de interpretação e a falta de complexidade se apresentem como características usuais das obras do período. A ficção camiliana porém, problematiza sua época e as convenções adequadas ao trabalho que deveria realizar como escritor oitocentista. Acreditamos que a obra escolhida por nós para análise pode jogar luz sobre a complexidade da ficção de Camilo e ainda sobre a complexidade da ficção Romântica. Outro ponto interessante é a possibilidade de refletir sobre a resignificação da epístola nessa obra de Camilo, já que de uma carta espera-se a narração da realidade e o que temos, de fato, é a criação de uma realidade alternativa, de uma realidade negociada entre a emissora e o receptor.

Palavras-chave: Romantismo; romance epistolar; Camilo.

2 agosto

14h30

MISTURA DE GÊNEROS: O ENCONTRO DA TRADIÇÃO CLÁSSICA COM A BÍBLICA NO TEATRO SHAKESPEARIANO À LUZ DO ROMANTISMO INGLÊS

Daniel Lago Monteiro (USP)

Resumo: Em grande parte, a descoberta de Shakespeare no romantismo inglês se deve ao encontro da riqueza de níveis estilísticos com o aprofundamento problemático e histórico das personagens, em outras palavras, do encontro entre as tradições greco-romana com a judaico-cristã. Foi o esse o modo como Samuel Taylor Coleridge, William Hazlitt, Charles Lamb, entre outros, compreenderam o teatro shakespeariano e elisabetano de modo geral. No teatro clássico, a realidade prosaica e cotidiana só podia aparecer de forma cômica, o que excluía dela todo aprofundamento histórico e problemático. Em sentido contrário, por sua vez, desenvolveu-se a narrativa literária judaico-cristã. Para o poeta bíblico, a força e a sublimidade de sua palavra não visam trazer à mente do ouvinte ou leitor o objeto em sua unidade, tampouco quer ela fixar imagens em um quadro; como dissera o importante crítico inglês, William Hazlitt, em 1818, “a poesia bíblica não é uma poesia da forma, mas do poder (...), como sua crença religiosa, ela é vasta, informe, obscura e infinita”. As próprias noções de unidade e de caráter ficam comprometidas no texto bíblico. Por intermédio de uma linguagem simples, composta quase exclusivamente de orações principais e de discursos curtos, diretos e

fragmentários as cenas mais sublimes e dramáticas da Bíblia são, com frequência, enigmáticas e carregadas de segundos planos. Como cortes verticais que ligam o céu e a terra, Deus e os homens, esses interstícios impossibilitaram a separação estilística ao mesmo tempo em que deram maior mobilidade e desenvolvimento histórico às personagens. Aqui, a mais corriqueira das situações e o mais baixo nível social podem ser profundamente carregados de tragicidade e de problematidade. Como exemplo máximo disso tem-se o drama universal da história de Cristo. Deus, encarnado homem, desceu ao mundo terreno não para conviver entre pessoas de elevada posição social, mas entre pescadores, prostitutas, coletores de impostos, soldados, ou seja, entre aqueles que no mundo clássico estariam confinados às formas cômicas e satíricas. No entanto, é nesse contexto vil que se desenrola a mais trágica e sublime das cenas, em uma narrativa que se aproxima cada vez mais do histórico e se distancia paulatinamente do lendário. Hazlitt opõe Chaucer a Shakespeare ao sustentar que enquanto as personagens do primeiro são dotadas de essência fixas as do segundo “são seres reais, de carne e osso; suas falas são como as de homens e mulheres e não como as de meras personagens”. Por mais que se conceda liberdade e desenvolvimento histórico à Medeia de Eurípedes ou a Édipo de Sófocles, o caráter dessas personagens e toda circunstância trágica que as envolve estão encerrados na trama presente e atual, ao contrário do que ocorre, por exemplo, com o caráter especial de Shylock ou de Lear, e este caráter é não somente natural, mas pré-formado pelo nascimento, pela situação e pela pré-história. Para os autores do romantismo a riqueza de possibilidades do entrecho dramático no teatro de Shakespeare não se deve tão somente à grande força poética de seus versos, mas, sobretudo, à consciência histórico-perspectivista e à concepção da concatenação universal do mundo que se desenvolveram no Renascimento. Seja nas feições inglesas ou alemãs, o movimento romântico se distingue por ter conferido valor estético aos motivos contraditórios e ambíguos dos relatos bíblicos e à multiplicidade de camadas na construção das personagens, que na tradição judaico-cristã cumpriam um papel quase exclusivamente religioso ou moral. Só que, no romantismo, “não há lugar para o Cristo”, como dirá Auerbach no ensaio “As Flores do Mal e o Sublime”. Em contrapartida, a estilística, e com ela a apreciação das formas estéticas, só se desenvolveu pela via da estrutura lendária e da visão a-histórica de mundo da Antiguidade clássica. Pretendemos, nesta comunicação, trabalhar com a hipótese de que, para os autores do romantismo inglês, no teatro shakespeariano a atividade histórico-rememorativa depende intrinsecamente de sua contraparte, a artístico-inventiva.

Palavras-chave: Romantismo Inglês; Shakespeare; Mistura de Gênero

"IL DOCE SUONO": A ÓPERA NO ROMANCE DE JOSÉ DE ALENCAR

Marcus Vinicius Nogueira Soares (UERJ)

Resumo: Em junho de 1856, José de Alencar iniciava, através de cartas publicadas no Diário do Rio de Janeiro, uma polêmica na qual atacava a epopeia “A confederação dos Tamoios”, de Gonçalves de Magalhães, poeta que, à época, era considerado o fundador da Literatura Brasileira. Nas cartas, além dos aspectos técnicos circunscritos ao gênero épico, chama a atenção o modo como Alencar ressalta questões sobre o romance bem como sobre as outras artes, em especial música e pintura, como contraponto crítico ao poema de Magalhães. Com base nessas questões, articuladas com o próprio desenvolvimento posterior de sua escrita romanesca, é possível perceber certa consciência artística que perpassa quase toda obra do autor de Iracema. Nesse sentido, a minha proposta consiste em analisar até que ponto Alencar, ao escrever histórias ficcionais, eivadas de peripécias e dramas sentimentais, simultaneamente refletia sobre o molde do romance, tendo em vista as suas possíveis relações com a produção da arte oitocentista, sobretudo com a ópera. O seu interesse por essa modalidade musical (ele chegou a compor um libreto, “A noite de São João”, musicado por Elias Álvares Lobo e encenado em 1857) pode ser creditado à determinada compreensão dos seus aspectos formais, uma vez que se trata de um gênero capaz de reunir, em uma mesma experiência estética, diferentes domínios artísticos – além da música, poesia e pintura. Alencar procura trazer para a sua escrita a concepção de unidade artística que a ópera, desde a sua emergência, manifesta e que, ao mesmo tempo, remete ao universo originário da poesia grega. Pretendo também avaliar

em que medida, ao se aproximar do campo operístico, a obra alencariana não poderia ser reduzida, como sugerem alguns críticos, a uma resposta resignada à precariedade do sistema intelectual brasileiro do século XIX, até porque a hegemonia dos meios orais de comunicação em qualquer sociedade não pode ser tomada como condição irremediável de déficit intelectual.

Palavras-chave: José de Alencar; romance brasileiro; ópera

IRONIA ROMÂNTICA NO TEATRO E NO CONTO DE ÁLVARES DE AZEVEDO

Carlos Palacios (UFRJ)

Resumo: A literatura de Álvares de Azevedo representa uma tensão entre o romantismo do século das luzes, de Dias e Magalhães, e o romantismo egótico e melancólico influenciado principalmente por Byron e Goethe. Essa dualidade se dá de forma inovadora nos contos de Noite na Taverna e no teatro de Macário, obras de gêneros distintos e interligadas por uma intertextualidade até então única na literatura brasileira. Como diz Antonio Candido (2011), o protagonista de Macário se vê entre uma aspiração a relações idealizadas e uma realidade decepcionante, entre seu amigo Penseiroso e o atraente e ao fim escolhido Satan, que o leva aos contos de Noite na Taverna. A escolha por Satan revela o desejo de Macário de transcender à realidade frustrante em que vive, aliado ao descrédito pelos ideais edificantes da época. Mas essa transcendência só se dá por meio do recurso da ironia romântica, que, de acordo com Paul de Man (1984), resume-se na ambição de presentificar o mundo pela linguagem, mesmo com a consciência aguda de que a condição da linguagem reside, exatamente, no fracasso da palavra em dizer a coisa. Esse fracasso é visível no primeiro conto de Noite na Taverna, intitulado Solfieri, no qual a mulher, objeto de desejo do narrador, só poderá ser sentida como experiência de morte, em um encontro que se dá justamente em um cemitério. Para René Bourgeois (1974), a ironia romântica é uma afirmação da onipotência criadora do sujeito pensante, mas que é apenas provisória: o seu movimento faz com que o espírito não possa se deter num único termo, e realiza um constante vai-e-vem entre o finito e o infinito, o determinado e o indeterminado, de tal modo que cada negação suscita imediatamente uma tentativa de síntese criadora. Ou seja, Macário escolhe Satan com a aspiração de transcender à realidade que não o atrai, mas termina sempre por desembocar nos fracassos dos contos de Noite na Taverna, como na cena final de Solfieri, na qual o protagonista homônimo, após perder sua mulher, termina ironicamente com apenas a imagem falsa e sem vida de uma estátua. Desta forma, podemos entender que a ironia permite na literatura romântica que o sujeito possa transitar entre o mundo palpável que ele despreza e o mundo transcendental que ele deseja, mas sabe que não atingirá. Não é apenas uma reação zombeteira em face da vida, mas um recurso linguístico que permite essa dualidade. Deste modo, o trabalho aborda esse vai-e-vem que faz com que o sujeito literário de Álvares de Azevedo, diante da realidade decepcionante, atravesse uma obra a outra, do teatro ao conto, em um movimento de transcendência em direção ao inevitável fracasso.

Palavras-chave: romantismo; ironia; Álvares de Azevedo

O "EXTRAVAGANTE MACÁRIO", "SEM PÉ NEM CABEÇA": A RECEPÇÃO CRÍTICA E HISTORIOGRÁFICA DO DRAMA DE ÁLVARES DE AZEVEDO

Andréa Sirihal Werkema (UERJ)

Resumo: Uma rápida pesquisa nas principais histórias da literatura brasileira, ou em textos de nossos críticos mais destacados, mostra sem hesitação uma interessante leitura do drama romântico Macário, de Álvares de Azevedo. Trata-se de uma recepção que reflete em seus dilemas o aspecto problemático do texto em relação à forma, como disse o seu próprio autor, ao apresentar Macário: "Quanto ao nome, chamem-no drama, comédia, dialogismo: não importa." Se, por um lado, ao canonizar o poeta da Lira dos vinte anos, a historiografia e a crítica acenavam para a aceitação do veio lírico do Ultrarromantismo em meio a nosso movimento nacionalista, por outro marcava o estranhamento causado por um texto "disforme" como Macário, que não segue nem os temas verossímeis do Romantismo nativista e/ou engajado, nem as formas literárias mais comumente aceitas, estabelecidas desde sempre no panteão retórico ocidental, que viriam a ser questionadas

exatamente pelo movimento romântico. Verifica-se um problema que escapa às leituras mais superficiais de nosso Romantismo, em geral mais apegadas a classificações por conteúdos, temas, imaginário etc. (todos aspectos fundamentais para o entendimento do texto literário, mas insuficientes, se tomados isolados, para entender a problemática proposta pelos autores românticos em relação à ruptura das formas mais tradicionais e seus motivos de base existencial, filosófica, mesmo revolucionária). Ocorre que a transformação advogada pelo Romantismo nas formas ditas “clássicas” incide com força não apenas nos temas do bom gosto e do senso comum equivalentes às estruturas harmoniosas e tendentes ao equilíbrio; tem-se uma verdadeira explosão de gêneros extravagantes, de aparência incompleta, irregulares ou híbridos. É o caso de Macário, entre o drama e o diário, o monólogo e o “dialogismo”, a digressão lírica e as tiradas de humor, com seus dois episódios assimétricos, dessemelhantes, e insatisfatórios enquanto conjunto na visão mais difundida em nossa recepção crítica e historiográfica. Propõe-se portanto não um exame exaustivo de todos os exemplos de recepção do drama Macário, mas sim um comentário acerca do consenso que acabou por se estabelecer de que o texto de Álvares de Azevedo seria uma tentativa interessante, mas fracassada, de forma alternativa ao nosso Romantismo predominantemente nacionalista e/ou nativista e/ou indianista. Lançamos em título o comentário de Antonio Candido, que mesmo com sua leitura compreensiva dos caminhos românticos no Brasil, ainda assim rotulou Macário, às avessas, por sua ausência de bom senso formal. Ao concordar com o crítico, trocamos o sinal negativo de sua leitura de Macário e nos interessamos exatamente por sua forma extravagante, plena de significados.

Palavras-chave: Macário; Álvares de Azevedo; gênero literário

67 - SENTIDOS DA TRADUÇÃO: ASSIMETRIA, APROPRIAÇÃO E CRÍTICA

Coordenação: Daniel Padilha Pacheco da Costa (UFU); Dennys Silva-Reis (UnB/POSLIT)

Resumo: Desde o final do século XVIII e início do XIX, a excessiva valorização da originalidade do escritor relegara a tradução à condição de simulacro. Com isso, a tradução e a crítica literária colocaram-se ambas a serviço do trabalho filológico. Considerando a tradução como uma das modalidades de crítica literária, essa concepção visava oferecer subsídio para a compreensão do “original” (SCHLEIERMACHER, 2010). As ramificações dessa concepção não se limitam a poetas do Romantismo alemão como, por exemplo, Johann Wolfgang von Goethe e Friedrich Hölderlin, mas ainda podem ser encontradas em meados do século XX, como testemunha sua presença em filósofos como Walter Benjamin e Martin Heidegger (BERMAN, 1989).

Com a intensificação do processo de globalização nos anos de 1970, emergiu um campo transdisciplinar de estudos sobre tradução. A emergência dos Estudos da Tradução coincide com a destituição do privilégio dado à escrita como suporte privilegiado de transmissão do conhecimento, sendo, portanto, acompanhada pelo declínio das disciplinas tradicionalmente associadas à transmissão de textos escritos. Entre essas disciplinas figura, por exemplo, a história literária, que tinha sido a responsável pela transmissão dos cânones nacionais, os quais, por dois séculos, gozaram de grande prestígio cultural como a expressão máxima da língua e da cultura nacionais.

Com sua emergência, esse novo campo de estudos integra não apenas as modalidades tradutórias anteriormente existentes – como os diferentes gêneros de tradução de textos escritos, que podem ser classificados como literários, religiosos, filosóficos ou científicos, por exemplo –, como também novas modalidades – como a localização, a tradução de *games*, a tradução de textos multimodais ligados aos suportes digitais e à internet, as formas de tradução relacionadas à acessibilidade, entre outras. Assim, os Estudos da Tradução englobam todos os tipos de modalidade textual (oral, escrito, digital) e de suporte intersemiótico (visual, sonoro, gestual, tátil).

Na origem dos Estudos da Tradução como campo transdisciplinar autônomo, podem ser encontradas diversas abordagens teóricas sob a rubrica de Estudos Descritivos de Tradução. Os teóricos pertencentes à Escola de Tel Aviv permitiram ampliar enormemente o escopo da área, que passou a apreender a relação indissociável entre a tradução e as condições materiais, intelectuais e sociais de recepção e transmissão nos polissistemas da cultura de chegada (TOURY, 1995). Para a

teoria da manipulação (LEFEVERE, 2007), a prática tradutória deixou de ser isolada das diferentes modalidades de reescrita a que está intimamente vinculada, como a edição, a produção de antologias de textos, de compêndios de histórias literárias, de trabalhos de referência e de críticas.

Esse novo campo de estudos é contemporâneo de outros eixos transdisciplinares, como os Estudos de Gênero, os Estudos Pós-Coloniais e os Estudos Culturais. Intercambiando conceitos, métodos e abordagens oriundos dessas áreas, a teoria da visibilidade procura desvendar as relações de poder ocultas por trás das representações culturais, linguísticas e identitárias entre países, classes, gêneros e culturas diferentes (VENUTI, 2002). Os estudos realizados em países de história colonial, que estabeleceram com as nações consideradas do hemisfério norte uma longa história de trocas linguísticas, culturais e identitárias, conferem uma contribuição decisiva para a compreensão das complexas relações de poder necessariamente envolvidas em todo ato tradutório, pois destes interstícios culturais advém parte da modelagem do sujeito colonial e da diferença colonial na negociação de relações interculturais (SCHARLAU, 2003).

As relações de poder envolvidas em toda tradução também concernem à apropriação cultural – no que concerne à América Latina, inclusive, Georges Bastin, Álvaro Echeverri e Ángela Campo (2004) nomeiam como paradigma da tradução nesta região o conceito de tradução apropriada – pelas classes sociais responsáveis pela justificação da hierarquia existente no interior dos diferentes países. Desde a antiguidade romana, a tradução foi um motor central de apropriação cultural capaz de assentar o poder imperial, como testemunha a relação entre as tópicas latinas da *translatio studii* e da *translatio imperii*.

No Brasil, a apropriação cultural promovida pela tradução foi definida por meio da metáfora do canibalismo tupinambá, cunhada pelo modernista Oswald de Andrade. A derradeira poética da tradução formulada pelo concretista Haroldo de Campos descreve o papel desempenhado pela tradução como um processo de apropriação das diferentes culturas envolvidas na formação da identidade nacional (VIEIRA, 1999). Embora seja comumente utilizada para designar a tradição brasileira de tradução (SNELL-HORNBY, 2006), a metáfora do canibalismo foi retomada por outros teóricos para explicar os processos de hibridização envolvidos nas traduções realizadas em um mundo pós-colonial e globalizado (CONFIANT, 2010).

Assim, a tradução parece ter se tornado um paradigma essencial da contemporaneidade, a qual passa a ser definida por alguns teóricos como a Era da tradução (CRONIN, 2013). Embora variem radicalmente as línguas, culturas, períodos, modalidades e suportes envolvidos, as diferentes concepções de interação assimétrica, de apropriação cultural e de crítica hermêutica continuam a ser designadas por um único termo – tradução. Neste simpósio, pretende-se reunir trabalhos que aprofundem, através de seus respectivos objetos de pesquisa e pressupostos teóricos, os diferentes sentidos assumidos por esse termo polissêmico na contemporaneidade.

REFERÊNCIAS:

- BASTIN, Georges; ECHEVERRI, Álvaro; CAMPO, Ángela. La traducción en América Latina: Propria y Apropriada. Estudios de Investigaciones Literarias y Culturales. Caracas, n. 24, p. 69-94, 2004.
- BERMAN, Antoine. A tradução e a letra ou o albergue do longínquo. Trad. Marie Helène Catherine Torres, Mauri Furlan e Andreia Guerini. Rio de Janeiro: 7Letras/PGET, 2007.
- SCHARLAU, Birgit. Repensar la Colonia, las relaciones interculturales y la traducción. Iberoamericana. Madrid, v. 3, n. 12, p. 97-110, 2003.
- CONFIANT, Raphaël. L'Autre-Même: traduire dans un monde post-colonial et globalisé. Université des Antilles et de la Guyane: Service commun de la documentation, 2010. Disponível em: <http://www.manioc.org/fichiers/HASH01bc100c35a75d9bcf162c23>. Acesso em: 23 mai. 2017.
- CRONIN, M. A era da tradução: tecnologia, tradução e diferença. In: ROSVITHA, F. B.; PETERLE, P. (Org.). Tradução e relações de poder. Tubarão: Copiart, 2013, p. 193-222.
- LEFEVERE, André. Tradução, reescrita e manipulação da fama literária. Trad. Claudia Matos Seligmann. Bauru: Edusc, 2007.

SCHLEIERMACHER, Friedrich. Sobre os diferentes métodos de tradução. Trad. Margarete von Mühlen Poll. In: HEIDERMAN, Werner (org.). Clássicos da teoria da tradução (alemão-português). UFSC: Florianópolis, 2010, p. 39-100.

SNELL-HORNBY, M. The Turns of Translation Studies: New Paradigms or shifting viewpoints. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2006.

TOURY, Gideon. Descriptive Translation Studies and beyond. Philadelphia/Amsterdam: John Benjamins, 1995.

VENUTI, Lawrence. Os Escândalos da Tradução. Trad. L. Perlegrin, L. M. Villela, M. D. Esqueda e V. Biondo. Bauru: EDUSC, 2002.

VIEIRA, Else Ribeiro Pires. Liberating Calibans: readings of Antropofagia and Haroldo de Campos' poetics of transcreation. In: BASSNET, S. e TRIVEDI H. (org.). Post-colonial Translation: Theory and practice. Nova Iorque & Londres: Routledge, 1999, p. 95-113.

31 de julho

14h30

HUMOR EM TRADUÇÃO LITERÁRIA: OS JOGOS DE PALAVRAS DE FRANÇOIS VILLON E JAMES JOYCE
Daniel Padilha Pacheco da Costa (UFU)

Resumo: O humor é explorado por diferentes gêneros discursivos, sejam eles literários, como a comédia e a sátira, ou não, como a piada e a charge. Uma das modalidades mais sofisticadas de humor visa produzir efeito cômico a partir de jogos de palavras, como paranomásias, metáteses, anagramas, palíndromos, ironias, malapropismos, neologismos, alusões, polissemias, homofonias, homonímias, equivocidades, calemburs, palavras-valises e citações truncadas. Alguns escritores se especializaram nesses jogos de palavras como, por exemplo, o modernista irlandês James Joyce, cujo “estilo tardio” – representado, em particular, por seu derradeiro romance, *Finnegans Wake* (1939) – levou o trocadilho ao paroxismo. Embora a radicalidade desse projeto não encontre rival na história literária, essa modalidade de humor pode ser encontrada desde o final da Idade Média, no virtuosismo linguístico de “grandes retóricos” como, por exemplo, o poeta francês François Villon. O desenvolvimento de seus dois testamentos poéticos, chamado de “indústria dos legados” pelo seu principal editor antigo, Clément Marot, é uma paródia dos testamentos reais da época. O caráter cômico latente na enunciação aparentemente grave de fórmulas jurídicas como “lego x a y” eclode nas facécias, mordacidades e alusões obscenas subentendidas nos bens (x) e nomes (y) dos legatários. Se, como afirma Delia Chiaro em *Translation, Humor and Literature* (1992), o humor viaja mal, tanto maior é a dificuldade de tradução do efeito cômico produzido por jogos de palavras que, dependentes dos significados próprios a cada língua, são frequentemente intraduzíveis. Não obstante sua intraduzibilidade, as obras do escritor irlandês e do poeta francês receberam diversas traduções, inclusive em português. O *Finnegans Wake*, de James Joyce possui uma tradução integral concluída – por Donald Schöler – e outra em curso – por Caetano Galindo –, além das traduções parciais de Dirce Waltrick do Amarante e dos irmãos Augusto e Haroldo de Campos. Os testamentos de Villon, por sua vez, possuem duas traduções integrais – por Sebastião Uchoa Leite e Vasco da Graça Moura – e duas traduções parciais em português – por Péricles Eugênio da Silva Ramos e Afonso Félix de Souza. Todas essas traduções permitem, assim, abordar o problema da intraduzibilidade, entendida não apenas como impossibilidade teórica – aquilo que não é passível de ser transposto, como afirma Eugenio Coseriu (2010) –, mas também como impossibilidade prática – aquilo que não cessa de (não) ser traduzido, nas palavras de Barbara Cassin (2014). Como parte de uma pesquisa mais ampla sobre a tradução literária do humor em língua portuguesa, serão analisadas, dessa perspectiva, as traduções dos jogos de palavras presentes nos legados burlescos dos testamentos de François Villon e nos trocadilhos do derradeiro romance de James Joyce.

Palavras-chave: Humor; Intraduzibilidade; François Villon; Joyce.

TRATAMENTO DOS PROVÉRBIOS E EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS NA TRADUÇÃO PARA O INGLÊS

ZIMBABUANO DE LA CARTE D'IDENTITE DE JEAN-MARIE ADIAFFI

Yéo N'gana (UFSC)

Resumo: Se a pátria da cultura é a estrada e, a tradução seu companheiro de viagem como defende James Clifford (vide Kamgang, 2012), a experiência da viagem ilustra-se no/pelo trânsito irreversível da cultura no espaço e no tempo. Moser (2004) a divide em três categorias: 1) locomoção, deslocamento dos indivíduos em todas as partes do globo; midiamoção, exportação da cultura através das mídias; e artemoção, exportação da cultura através da arte. Tal exportação, independentemente do meio escolhido, passa obrigatoriamente pela língua, veículo por excelência da cultura, que é o reflexo de dada sociedade, ela mesma, resultado das interações entre os seus membros. Linguistas demonstraram que conhecer uma língua vai além do domínio de seus morfemas ou das suas palavras tomadas individualmente para se estender a frases fixas, de mais de uma palavra, chamadas 'expressões idiomáticas'. As expressões idiomáticas, assim como os provérbios, são estruturas congeladas da língua que permitem pouca ou nenhuma variação na sua forma (BAKER, 1992). Trata-se de um cordel de palavras cujo significado é diferente dos significados carregados por cada palavra tomada isoladamente (LARSON, 1984). Provérbios e expressões idiomáticas são, por vezes, metáforas relacionadas ao ambiente físico onde foram criadas. Esta característica peculiar dos provérbios faz obrigação que, para sua tradução, o tradutor tenha um bom conhecimento não apenas do ambiente (flora e fauna), como também das condições climáticas para poder decodificá-los. Alguns provérbios e expressões idiomáticas podem vir de contos populares cujo conhecimento das tramas é essencial para uma boa interpretação como é o caso na sociedade Anhi retratada em La carte d'identité com "une tête est une case, deux têtes sont un village"; "Le poulailler est un palais doré pour le coq malgré la puanteur des lieux", "la nourriture est douce sinon je me laisserais mourir de faim", etc. Esta comunicação tem como objetivo apresentar e analisar as estratégias de tradução dos provérbios e expressões idiomáticas encontradas em La carte d'identité (1980) do escritor marfinense Jean-Marie Adiaffi traduzida para o inglês zimbabuano como The identity Card (1983) por Brigitte Angays Katiyo, buscando-se com isso refletir sobre seu transporte para o português brasileiro.

Palavras-chave: Tradução cultural; Provérbios; Expressões idiomáticas; Cultura Anhi; Jean-Marie Adiaffi.

O RISO DE BABEL: EXTRATERRITORIALIDADE, TRADUÇÃO E PARÓDIA EM TRÊS TRISTES TIGRES

Leonardo Javier Rodríguez Hernández (USP)

Resumo: Com base no ensaio de George Steiner sobre literatura extraterritorial e nas teorias de tradução de Jacques Derrida, este trabalho refletirá sobre a poética do humor em Três tristes tigres (1967), de Guillermo Cabrera Infante (Cuba, 1929 – Inglaterra, 2005). Quando perguntamos sobre humor, perguntamos sobre o humor na língua do Infante no exílio, porque o humor é aqui uma forma poética do estranhamento. O humor de Três Tristes Tigres parte de uma cumplicidade com um mundo marginal, logo sem direito de cidadania, deslocado, da festiva noite de Havana. Linguagem imprópria, risadas impróprias: rebeldes à petrificação do significado, jubilosamente insensatas. Humor não apenas como forma de dismantelar o jogo de poder, mas de evitá-lo. A que aponta o riso em Cabrera Infante? A nossa hipótese é que se trata ao mesmo tempo de uma libertação e uma forma paradoxal de luto. Em ambos os casos, a metáfora desafiadora do exílio. Como fio condutor da análise, tomamos a figura de Bustrófedon. A gargalhada babélica de Cabrera Infante é baseada em paródias, paronomásias e nonsense: as piadas são reveladoras e as revelações são uma piada. O humor em Cabrera Infante é uma aposta indeterminada no tabuleiro do sentido, ao mesmo tempo empática e corrosiva. Se para Derrida falar é traduzir, para Bustrófedon traduzir é parodiar. No começo era o trava-língua.

Palavras-chave: Extraterritorialidade; riso; tradução; paródia

TRADUÇÃO E ANÁLISE TEXTUAL: O HUMOR SEXUAL DA PERSONAGEM AMA EM ROMÉU E JULIETA

Tiago Marques Luiz (UFU)

Resumo: Este trabalho tem como propósito fazer um estudo comparativo de duas traduções brasileiras da peça *Romeu e Julieta*, de William Shakespeare, com enfoque no Ato 1, Cena 3, onde constam as falas da personagem Ama, que são carregadas de comicidade e certo teor sexual. Para esse propósito, far-se-á algumas breves considerações sobre o elo entre o humor e a tradução, e sobre essa personagem secundária, cujas características cômicas se assemelham ao clown, figura cômica bastante recorrente na literatura dramática medieval e que foi transposta para o palco renascentista. Uma vez que este trabalho se circunscreve no campo da Tradução e Análise Textual, as duas traduções utilizadas para esse trabalho analítico são de Beatriz Viégas-Faria (2016) e Bárbara Heliodora (1997), e embora o texto shakespeariano é voltado para o palco, seria necessário analisar um registro da referida peça para o trabalho analítico, o qual não é desmerecido, mas que não é a prioridade no momento, uma vez que seria preciso ter conhecimento acerca da linguagem teatral. As análises demonstram que as duas tradutoras buscaram, cada uma à sua maneira, lidar com a comicidade da personagem de modo criativo, sem perder de vista o teor cômico presente no texto-fonte. Devido ao seu amplo campo semântico, a linguagem humorística implica – por parte do leitor e do tradutor – no reconhecimento das figuras de linguagem, e, no caso específico das peças de Shakespeare, é necessário o acompanhamento de suportes bibliográficos como dicionários, edições anotadas e comentadas, glossários e comentários no texto-fonte, como também grande criatividade e perspicácia para transpor a comicidade do texto-fonte para a tradução.

Palavras-chave: Traduções de Shakespeare; *Romeu e Julieta*; Humor nas personagens; Linguagem Sexual; Tradução e Análise Textual

(SUPOSTOS) CAMPOS DE INTERAÇÃO ENTRE OS ESTUDOS DA TRADUÇÃO E A ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO: UM OLHAR A PARTIR DO KITSCH

Julio César Ribeiro dos Santos (UFSCAR)

Resumo: Este trabalho comporta resultados parciais de pesquisa de natureza qualitativa (HOLMES, 1984) e base etnográfica (CRESWELL, 2003) desenvolvida no âmbito dos Estudos da Tradução (cf. Veermer, 1984; Low, 2003; Venutti, 2010) e seus possíveis campos de interação com a Análise Crítica do Discurso (cf. Fairclough, 2001) a partir da canção “Ai, se eu te pego” (TELÓ et. al., 2011) e sua tradução para a língua inglesa “Oh, if I catch you” (DIGGYS; ACIOLY, 2011), que nos impõe um desafio no que tange aos possíveis efeitos das inscrições domésticas nos textos de partida em função das condições de produção e distribuição estabelecidas, supostamente, pelo contexto em que a tradução foi gerada. Três grupos de informantes responderam ao mesmo questionário semi-estruturado (CUNHA, 2007), sendo dois destes constituídos por brasileiros, estudantes na área de linguística e com conhecimento de língua inglesa e um painel de juizes (CUNHA, 2007) formado por estudantes estrangeiros com conhecimento avançado em língua portuguesa. Para além das discussões entre equivalência dinâmica, equivalência formal ou os limites da “fidelidade” ou “lealdade”, o trabalho defende a produtividade da interação entre as áreas dos Estudos da Tradução e da Análise Crítica do Discurso como reforço para reflexões linguísticas e metalinguísticas no ensino e aprendizado de língua materna e língua estrangeira.

Palavras-chave: Estudos da Tradução; Análise Crítica do Discurso.

1 de agosto

8h30

O ALIENISTA NA TURQUIA: RETRADUÇÃO E RECEPÇÃO

Cynthia Beatrice Costa (Universidade Metodista de Piracicaba)

Resumo: As três recentes traduções de *O Alienista*, de Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908), para a língua turca constitui um de muitos fatos intrigantes e ainda pouco explorados no que diz respeito à história do escritor brasileiro no chamado Oriente Médio. No ano de 2014, a novela foi publicada em turco pelas mãos da editora como *Deli Doktoru*, com tradução de Ozan Cem Kuba??k. Dois anos depois, a editora 1984 trouxe ao mercado *Ruhblimci*, com tradução de Zeynep Biçer e

Melih Biçer. No mesmo ano, outra tradução, assinada por Elvan K?v?lc?m e intitulada Asabiyeci, foi publicada pela Encore – um fenômeno instigante do ponto de vista da relação entre a retradução e a qualidade da recepção de um autor em um determinado país. Sabe-se das muitas referências a esta parte do mundo em sua obra, sobretudo no que diz respeito ao Império Otomano e à então Constantinopla (VILLAR, 2012) – basta lembrar a famigerada discussão de Bentinho e Manduca em Dom Casmurro. Pouco sabemos, porém, sobre a recepção machadiana em língua turca e em línguas árabes. A presente comunicação tem por objetivo sugerir possíveis explicações para o interesse que a Turquia vem cultivando pela obra machadiana a partir da década de 1980, traduzindo e retraduzindo ao longo desses anos aqueles que são em geral considerados os seus três principais romances: Memórias Póstumas de Brás Cubas, Quincas Borba e Dom Casmurro. O fenômeno de retradução de O Alienista, mais especificamente, chama a atenção por sua especificidade: por que essa obra, e por que três traduções diferentes, todas publicadas entre 2014 e 2016? Parte-se do princípio de que a retradução é fruto de uma recepção senão positiva, ao menos aberta a novas versões do texto.

Palavras-chave: Palavras-chave: O Alienista; recepção; Turquia

PAUL MULDOON: TRADUÇÕES

Guilherme Bernardes (UFPR)

Resumo: Autor de uma obra já bem consolidada como poeta, Paul Muldoon, nascido na Irlanda do Norte em 1951, também incorpora em sua produção artística a faceta de tradutor. Atualmente professor na Universidade de Princeton, com uma breve passagem de cinco anos como professor de poesia em Oxford, é considerado um dos poetas mais importantes de língua inglesa nos dias de hoje. Entre suas traduções, destacam-se dois livros, lançados em edições bilíngues (gaélico irlandês e inglês), da poeta irlandesa Nuala Ní Dhomhnaill – The Astrakhan Cloak (1993) e The Fifty Minute Mermaid (2007) – e uma tradução de uma peça do comediógrafo grego Aristófanes, The Birds (1999). Em suas traduções de poesia irlandesa, fica claro que uma ideia canônica de tradução pautada em conceitos como dívida ou equivalência não é norteadora para Muldoon. Abertamente um tradutor que interfere na obra traduzida, o poeta já declarou em sua aula sobre o poema L'Anguilla, de Eugenio Montale (2006), que acredita que cada poema traduzido é de fato um novo poema. É possível perceber essa concepção tradutória se forem comparados os poemas de Ní Dhomhnaill e as traduções que Muldoon propõe a eles: alteração no número de versos, títulos que evitam o correspondente mais óbvio para uma tradução dita “fiel”, entre outros mecanismos de reestruturação poética que, para Muldoon, continuam cabendo dentro de seu conceito de tradução. Para além de seu trabalho direto com a língua irlandesa, dentro da obra poética do próprio Muldoon é possível perceber um certo procedimento recorrente em diversos de seus livros. A partir de Quooft (1983), todos os livros do poeta apresentam pelo menos um poema cujo o título segue a seguinte estrutura: nome do artista, dois pontos, nome da obra (por exemplo: “Edward Kienholz: The State Hospital”). Os artistas podem ser pintores, escultores e, claro, poetas. Quando se olha especificamente para os casos em que Muldoon colocou outro poeta como foco de seu poema, buscando na obra do poeta citado, pode-se notar claramente que há um processo de tradução ocorrendo. O poema de abertura para The Annals of Chile (1994) é “Ovid: Metamorphoses” (a epígrafe explica que se tratam dos versos 313 a 381 do livro IV), mas mais do que uma tradução que se preocupa em preservar uma “essência” do original, ela destaca e modifica atributos reconhecíveis da poética de Muldoon, como o complexo esquema de rimas, que não consta no original latino. Diante desses experimentos tradutórios, aliado a reflexões sobre o lugar, o tempo e as possibilidades da tradução baseadas em Jacques Derrida, Henry Meshonnic, Haroldo de Campos e o próprio Paul Muldoon, essa comunicação pretende discutir quais procedimentos são os mais relevantes para Muldoon ao traduzir um poema ou traduzir obras de outras artes, como um quadro ou uma instalação.

Palavras-chave: Paul Muldoon; Tradução; Poesia Irlandesa

OS CONTOS DE PERRAULT NO BRASIL: O CASO DE BARBA AZUL NAS TRADUÇÕES DE HILDEGARD FEIST E DE MARIA CIMOLINO E GRAZIA PARODI

Anna Olga Prudente de Oliveira (PUC-Rio)

Resumo: Neste trabalho apresento um recorte de minha tese de Doutorado intitulada Histórias do tempo antigo com moralidades: uma análise diacrônica e sincrônica das reescritas da obra de Charles Perrault no Brasil. Tendo como principal pilar teórico os Estudos Descritivos da Tradução e adotando a metodologia de Lambert & Van Gorp, o corpus objeto de análise é composto por reescritas (e seus paratextos) publicadas em livro, desde o momento inicial em que os contos surgem no sistema literário brasileiro, ao final do século XIX, até a contemporaneidade, com a mais recente reescrita publicada em 2016. A partir das noções de André Lefevere acerca de reescrita e patronagem, considera-se que reescritas exercem papel central para o estabelecimento e a manutenção de cânones literários e projetam imagens novas ou distintas de obras e autores, de acordo com concepções ideológicas e poetológicas dos responsáveis pelas publicações. Publicada na França, em 1697, a obra Histórias do tempo antigo com moralidades ou Contos de Mamãe Gansa, alçada posteriormente à categoria de clássico da literatura infantojuvenil, contém oito contos em prosa, seguidos de moralidades em verso ao final de cada narrativa: A Bela Adormecida no bosque, O Chapeuzinho Vermelho, Barba Azul, O Mestre Gato ou o Gato de Botas, As Fadas, A Gata Borralheira ou A Sapatilha de Vidro, Riquete do Topete e O Pequeno Polegar (títulos dos contos de acordo com a tradução de Mário Laranjeira). Nesses contos, ao mesmo tempo em que recupera histórias populares da oralidade, Perrault insere sua marca autoral, a moralidade em verso, comentário final do autor sobre a história contada em prosa. Considerando que as moralidades possuem uma dupla função – autoral e literária – esta pesquisa se volta para o estudo da transmissão dos contos no Brasil com foco nesse duplo aspecto: a questão da autoria e a questão da literariedade, com o objetivo de compreender as diferentes formas como os contos do autor francês do século XVII têm sido reescritos no sistema literário brasileiro. Neste trabalho, discuto mais detidamente duas obras voltadas ao público infantil, contendo muitas ilustrações e atividades para as crianças: a tradução de Barba Azul feita por Hildegard Feist (Companhia das Letrinhas, 2009) e a de Maria Cimolino e Grazia Parodi (Rideel, 1993) para o mesmo conto. Embora ambas sejam apresentadas como tradução, observam-se inúmeras diferenças textuais, notadamente a presença da moralidade em verso na reescrita mais recente. As edições distinguem-se também pelo modo de apresentação do autor. A análise dessas duas traduções e de seus paratextos exemplifica a mudança ocorrida no sistema literário meta em relação à transmissão dos contos de Perrault. Enquanto ao longo do século XX, no Brasil, as moralidades eram usualmente suprimidas, contemporaneamente esses poemas versificados passaram a ser traduzidos. E a questão da autoria dos contos também passa a ser enfatizada nas edições. As reescritas mais recentes dos contos de Perrault, com diferenças relevantes em termos literários em relação às reescritas mais antigas, projetam novas imagens da obra e do autor, possibilitando novas leituras por parte do público leitor contemporâneo.

Palavras-chave: Estudos Descritivos da Tradução; Contos de Perrault; Barba Azul; tradução de LIJ no Brasil.

MACUNAÍMA: A TRADUÇÃO, AS TROCAS E AS TRANSFERÊNCIAS LITERÁRIAS E CULTURAIS

Sheila Praxedes Pereira Campos (UFRR/UFF)

Resumo: Como resultado do seu interesse pelo folclore e pela língua como elementos capazes de unir um país tão disperso geograficamente, Mário de Andrade publica, em 1928, Macunaíma, influenciado pela leitura do alemão Theodor Koch-Grünberg, que lhe trouxe a “inspiração” para a história do “herói sem nenhum caráter”. Nesta obra explicitamente reciclada, Mário é acusado de plágio. Raimundo Morais, escritor paraense, no verbete ‘Theodor Koch-Grünberg’ do segundo volume de O meu dicionário de cousas da Amazônia, de 1931, expressa seu apoio ao escritor paulista e recebe, como resposta, uma Carta Aberta dirigida a ele, publicada no Diário Nacional de São Paulo, em 20 de setembro de 1931. Nesta Carta Aberta, o escritor de Macunaíma confessa sua

intenção deliberada de ter “copiado” não apenas o alemão, mas muitos outros, inclusive a sátira, copiada de Gregório de Matos. A confissão revela que a obra é resultado de um bem elaborado patchwork montado a partir da cuidadosa seleção de uma infinidade de textos oriundos da tradição oral e escrita e da cultura popular e erudita. A narrativa de Macunaíma é, assim, muito mais do que uma simples “cópia” ou do que a superposição da diversidade de materiais combinados frutos da extensa pesquisa empreendida por Mário. O ofício de bricoleur por ele exercido (à frente do seu tempo como o surrealista André Breton) coloca em prática a bricolagem como procedimento característico no modernismo brasileiro ao fazer uso de um processo de apropriação em que relatos de viajantes, textos etnográficos, lendas indígenas, cerimônias africanas, expressões e ditados populares, canções ibéricas e do cancionário popular, episódios históricos e familiares dão origem a um novo texto. Tendo a montagem como princípio fundante nesse novo texto, está, assim posto, o caráter híbrido e inovador de uma obra que vai da cultura popular à erudita e problematiza, de forma crítica e irônica, questões de nossa identidade cultural – cerne do projeto modernista. Ao colocar em foco conceitos como apropriação e originalidade, elementos basilares em Macunaíma e caros ao Modernismo (especialmente ao Modernismo marioandradiano), esta comunicação intenta trazer algumas das discussões derivadas de uma tese em conclusão no doutorado em Estudos de Literatura, na UFF, sob a orientação do prof. José Luís Jobim. Para tanto, sob a perspectiva dos mecanismos de trocas e transferências literárias e culturais, busca apresentar alguns dos diversos elementos envolvidos no processo de tradução realizado por Mário, tradução aqui entendida como o entrelaçamento resultante das apropriações cujo fruto é Macunaíma, “herói da nossa gente”, “preto retinto e filho do medo da noite”.

Palavras-chave: Macunaíma; Tradução; Trocas e Transferências.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DO PROJETO TRADUTÓRIO DE MODESTO CARONE ATRAVÉS DA NOVELA A METAMORFOSE, DE FRANZ KAFKA

Igor Andreas Rodrigues Bandim (UFPE)

Resumo: O projeto intelectual do escritor e tradutor sorocabano Modesto Carone (1937-) ocupa uma posição central na recepção brasileira da obra de Franz Kafka (1883-1924). Autor de um sólido discurso crítico-interpretativo sobre a obra kafkiana, ele também se notabilizou por suas diversas traduções, realizadas diretamente do alemão, de romances, novelas, contos e narrativas breves do escritor tcheco. Tomando como referência a sua tradução de *A metamorfose*, publicada originalmente na década de 1980, pretendemos analisar e discutir alguns aspectos do projeto tradutório de Carone. Para tanto, tomaremos como base: I) algumas de suas noções sobre o ato de traduzir presentes em textos do livro *Lição de Kafka*, coletânea de estudos e ensaios de sua autoria; II) trechos das outras duas traduções diretas disponíveis no mercado editorial brasileiro, as de Marcelo Backes e Celso Donizete Cruz; e III) passagens do paratexto - além de capa e imagens - da edição mais recente da novela, especialmente as que apresentam as suas opções e escolhas trajetórias nessa tradução. Tais elementos serão discutidos e contextualizados, por fim, à luz dos conceitos da Estética da Recepção (Jauss e Iser), da teoria dos polissistemas (Even-Zohar e Toury) e das refrações (Lefevere), além da noção de tradução minorizante (Venuti). Com tais considerações, esperamos contribuir para a formação de um olhar mais sensível à presença do tradutor sorocabano no texto final da novela em português. A presente proposta reúne algumas das reflexões desenvolvidas em pesquisa de dissertação – já concluída – do autor desta comunicação, na Universidade Federal de Pernambuco, atualmente em processo de publicação na forma de livro.

Palavras-chave: Franz Kafka; Modesto Carone; *A metamorfose*

1 de agosto

14h30

POÉTICA DO TRADUZIR NO BRASIL - PRIMEIRAS NOTAS DE UMA INVESTIGAÇÃO

Dennys Silva-Reis (UnB)

Resumo: Henri Meschonnic (1932-2009) é poeta, linguísta, tradutor e teórico francês. Conhecido por suas traduções de textos bíblicos, teorizou em diversos escritos sobre a tradução e sobre a escrita poética. Dentre seus textos mais conhecidos estão *Pour la poétique* (1970), *Critique du rythme*, *Anthropologie historique du langage* (1982, 2009), *La Rime et la vie*, Verdier, (1990, 2006), e *Poétique du traduire*, Verdier (1999). No Brasil, apenas duas obras do autor foram traduzidas e publicadas: *Poética do Traduzir* (2010, Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich) e *Modernidade*, Modernidade (2018, tradução de Lucius Provase). Entretanto, *Poética do traduzir* nos chama atenção por trazer em seu prefácio a menção da tradutora dizendo que para haver uma relação mais direta com o público brasileiro, alguns capítulos foram cortados com aval do autor. Logo, interessa-nos saber: Que relação direta com o público é esta que pretende a tradução brasileira da obra de Henri Meschonnic? Sabendo-se que a obra tinha público brasileiro específico, os acadêmicos brasileiros, este corte de alguns capítulos se justifica? Qual Henri Meschonnic e que *Poética do Traduzir*, de fato, está tendo acesso os leitores brasileiros? A partir destes três questionamentos, o presente trabalho pretende cotejar tradução e texto fonte, analisar o contexto de publicação da obra e o perfil do agente de tradução de *Poética do Traduzir*. Nos pautaremos no método de crítica de tradução de Antoine Berman (1995) em que o teórico se refere a três instâncias para uma análise crítica de uma dada tradução: o horizonte do tradutor, o projeto de tradução e a posição tradutiva. Além disso, outro sistema analítico de crítica de tradução de Antoine Berman que será observado em nosso estudo é o chamado Sistema de Deformação (2007). Ou seja, toda tradução passa por tendências deformativas de maior a menor grau a fim de obedecer determinada “norma de tradução” ou mesmo à tríade crítica de Antoine Berman. Assim, nosso estudo almeja responder as inquietações quanto à tradução brasileira, mas também averiguar de que forma a tradução de teoria da tradução está sendo feita na universidade.

Palavras-chave: Meschonnic; Crítica; Tradução; Deformação; Poética

MÉTODOS DE TRADUZIR LITERATURA NO SÉCULO XIX ALEMÃO: SEGUIDORES E OPOSTORES DE FRIEDRICH SCHLEIERMACHER

Tito Lívio Cruz Romão (UFC)

Resumo: Na Alemanha, ao longo do século XIX, a teoria e a prática da tradução foram dominadas sobremaneira pelas ideias do teólogo evangélico Friedrich Schleiermacher, que se consagrou mediante suas traduções das obras de Platão e seu célebre ensaio “Über die verschiedenen Methoden des Übersetzens” [“Sobre os diferentes métodos de traduzir”]. O método de tradução de Schleiermacher apoiava-se primordialmente na prática tradutória de Johann Heinrich Voss (1751–1826). Schleiermacher reconhecia a possibilidade da seguinte dicotomia no ato de traduzir: “ou o tradutor deixa o autor em paz e leva o leitor até ele, ou deixa o leitor em paz e leva o autor até ele” (in: HEIDERMANN, 2001, p. 43). Johann Heinrich Voss, por seu turno, celebrizou-se por suas traduções alemãs das obras de Homero “*Ilíada*” e “*Odisseia*”, além de diversas obras clássicas de outros reconhecidos autores gregos e romanos. Graças às suas traduções, muitos eruditos contemporâneos de Voss louvavam seu trabalho. Todavia, ele era igualmente alvo de críticas vindas de outros estudiosos, que denunciavam principalmente sua forma de “helenizar”, em suas traduções, a língua e a cultura alemãs da época. Johann Karl Albrecht Schäfer, professor de grego e ferrenho crítico de Voss, publicou em 1839 o ensaio “Über die Aufgabe des Übersetzens” [“Sobre a tarefa de traduzir”] (SCHÄFER, 1839; ROMÃO, 2013; 2014; 2016). Enquanto fazia oposição a Schleiermacher e a Voss, Schäfer visava a defender um método de traduzir que fizesse jus ao arcabouço de estruturas gramaticais, sintáticas, lexicais, semânticas e estilísticas próprias da língua alemã em voga e em uso àquela época. No mesmo século, outros tradutores alemães de obras gregas e latinas também se ocuparam em escrever, sobretudo em prefácios de traduções, suas ideias sobre o ato de traduzir. A presente comunicação tem como objetivo principal apresentar algumas das ideias concebidas por tradutores, filólogos e editores alemães do século XIX, os quais, em suas maneiras de teorizar sobre o ato de traduzir, ou se perfilavam ao lado de Schleiermacher ou, ao contrário, estavam na companhia de Schäfer. Serão apresentados excertos das ideias dos

tradutores Karl Heinrich Pudor (1814), Ludwig Seeger (1845), Johann Gustav Droysen (1838), Hieronymus Müller (1861) e Robert Prutz (1840), dentre outros, sobre o traduzir e suas peculiaridades. Ademais, merecerão igualmente destaque trechos de textos do filólogo alemão August Böckh (1877), que também discorreu sobre tradução, e do editor Christian Gottfried Schütz (1834), que manteve correspondência com vários escritores e tradutores daquele século. Por fim, será feito um breve cotejo entre as concepções desses teóricos alemães e as ideias de autores que teorizaram sobre tradução nos séculos XX e XXI, notadamente Benjamin (1963 [1923]; 2015), Lefevere (1992), Toury (1995), Venuti (1997; 2002) e Snell-Hornby (2006).

Palavras-chave: tradução literária; métodos de traduzir; século 19

O GESTO ARQUEOLÓGICO DA TRADUÇÃO

Hugo Simões (UFPR)

Resumo: Traduzir, verbo que carrega em si, etimologicamente e historicamente, travessia. Nos múltiplos modos possíveis de se atravessar algo, a atenção se coloca enquanto questão: de uma visita a um museu até o correr fugaz dos dias. Com o advento das chamadas poéticas e literaturas de testemunho, a figura da atenção ganhou destaque, gerando, desde a metade do século passado, diversos debates críticos entre o dizer e o escutar. Escreve Paul Celan (2005, p. 151, fragmento 267.2) em um manuscrito provavelmente do ano de 1959: *Die Aufmerksamkeit des Lesers: Eine Zuwendung zum Gedicht* (“A atenção do leitor: uma devoção ao poema”); em que *Zuwendung* (zu + *Wendung*, uma viração (*Wendung*) em direção a (zu) algo) também pode significar “atenção”, mas uma atenção que me parece necessitar de um gesto do corpo de quem lê. Uma atenção que move o corpo, curva-o, torce-o, criando um gesto atento de travessia a um outro outro. Partindo dos resultados parciais de minha dissertação de mestrado e dos estudos iniciais para minha tese de doutorado, pretendo debater a atenção de que fala Paul Celan a partir de uma ideia de arqueologia: o fazer tradutório enquanto um gesto arqueológico que coloca em relação o tradutor e o chão a ser escavado. Didi-Huberman ao escrever sobre sua visita a Auschwitz em “Casca” (2017), reflete, junto a Benjamin, sobre o olhar arqueológico, em especial para dar evidência (ou, se preferirmos, atenção) a restos que, em geral, não são considerados importantes a historiografias diversas: cascas de árvores, o chão de cimento de um pavilhão abandonado. A força do gesto arqueológico está em evidenciar estes restos que nos habituamos a enxergar como “naturais”, confrontar o corpo e seus sentidos com uma camada obscura subjacente às imagens (esteja ela nas línguas ou não). Em algumas traduções parciais de Paul Celan constantes em minha dissertação de mestrado, procurei relacionar o genocídio judeu com o genocídio ameríndio, através de um exercício de escavação da língua portuguesa que nos resta. E agora, com o auxílio de um destes poemas de Celan em tradução, tenho por intenção pensar na tradução enquanto arqueologia especulativa – conceito que derivei das ideias de Juan José Saer e Alexandre Nodari (2015) da literatura como uma antropologia especulativa. Assim como a arqueologia pensada por Benjamin e Didi-Huberman, a arqueologia especulativa seria um gesto de intervenção no presente a partir da atenção ao passado, uma mirada especular numa possibilidade outra de existir pela e na travessia dos e pelos restos, traduzir.

Palavras-chave: Tradução; Arqueologia; Celan; Relação; Atenção

TRADUÇÃO: UMA DIFÍCIL APOSTA

Maria Célia Martirani

Resumo: Uma das novas tendências ficcionais contemporâneas, além do aumento crescente de romances apresentados em tom ensaístico, é, sem dúvida, a de trazer à cena o papel do tradutor e as diversas nuances que o ato de traduzir pode comportar. Um bom exemplo, que se presta a ilustrar tal perspectiva de análise é o primeiro romance do autor brasileiro contemporâneo Pedro Sússekkind, “Triz” (2011), que tem como protagonista-narrador um tradutor, o estudioso de literatura russa, Murilo Zaitsev Albuquerque, que se apresenta, também, como um viciado em corridas de cavalos. O que distingue Murilo de tantos outros anti-heróis jogadores, representantes do fracasso e da derrocada dos que flertam com a própria sorte, é que ele reflete sobre o ato de jogar como

indissociável do ato de viver, mas também do ato de traduzir. Com efeito, ao longo do romance, passa a se revelar como jogador e tradutor contumaz. Mais do que ser o profissional a quem cabe a tarefa de traduzir a obra "A aposta" de Gustave Traub (1914), em que o médico russo Nikolai Kolotov será vítima das armadilhas do carteador, Murilo se deixa contaminar pela leitura, dando indícios de que, assumindo as funções de seu metiê, encarna bem mais do que a função de coautor do texto que se propõe a verter para o português. É como se passasse a vivenciá-lo em sua própria história. Nesse nível do desenrolar da narrativa, caberia toda uma discussão sobre o papel do tradutor, os limites e alcance de seu trabalho. Italo Calvino (1982), em famoso ensaio, já asseverara que "Traduzir é o verdadeiro modo de ler um texto", mas Süsskind parece radicalizar essa máxima, já que o protagonista de "Triz" está tão impregnado do que traduz, que talvez se pudesse afirmar que, para ele, "traduzir é o verdadeiro modo de viver um texto". Não parece ser de natureza diversa o que postula Paul Ricoeur (2011), ao tratar, no brilhante ensaio "Desafio e felicidade da tradução", do que ele denomina "pulsão de traduzir". Retomando o texto "A prova do estrangeiro" de Antoine Berman, Ricoeur percebe o quanto as inúmeras dificuldades ligadas à tradução, muitas vezes, tornam-na uma aposta difícil, por vezes, impossível de se manter. No presente romance, temos, lado a lado, as apostas nas quais o protagonista investe, enquanto jogador viciado em corridas de cavalos e as apostas que vive fazendo enquanto tradutor, posto à "prova", mediando a língua de partida – a do "estrangeiro" e a língua de chegada – cujo destinatário é o leitor (RICOEUR, 2011). Ainda mais relevante, para reiterar a ideia de tradução enquanto "jogo", é o título do romance do escritor russo que está – naquele momento – sendo traduzido pelo protagonista: "A aposta". Subjacente ao ato de traduzir, residiria, também, o risco implícito ao ato de jogar.

Palavras-chave: Tradução, Ficção, Jogo

OS CÓDIGOS DA CIDADE: TRADUÇÃO DE IMAGENS NO FILME "MEDIANERAS", DE GUSTAVO TARETTO

Mírian Sousa Alves (CEFET-MG); Rodrigo Santos de Oliveira (CEFET-MG)

Resumo: Habitar a metrópole pressupõe transitar entre signos urbanos, decodificar linguagens e realidades a que somos convidados a traduzir num espaço cerceado, cada vez mais, pela incomunicabilidade e pelo acaso nas relações interpessoais. Este trabalho tem como objetivo analisar a função narrativa exercida pelos recursos gráficos e pelos signos dos mercados publicitário e editorial apropriados pela linguagem fílmica em "Medianeras" (ARG / ESP / ALE, 2011), de Gustavo Taretto. Uma das aporias que a obra fílmica elucida é de que a arquitetura das grandes cidades afeta as relações e o cotidiano de seus habitantes. A medianera – espaço vago e incomunicável dos prédios, que serve para propaganda publicitária e acaba sendo usada para a abertura irregular de janelas – é um dos pontos-chave para especular sobre o papel das imagens ficcionais na contemporaneidade. Tratada por Márcia Tiburi como "grande tela exposta na cidade", a "medianera" confunde-se no filme com a própria tela do cinema, local de encontro entre os olhares de seres ficcionais (os personagens) e não-ficcionais (os espectadores). Como no mito de Babel, um espaço arquitetônico e um espaço linguístico se misturam e é exatamente este espaço que será esburacado em consequência do desejo humano. De que forma o ato de perfurar o muro reservado aos signos publicitários – semelhante à prática de se furar a tela de exibição fílmica – recurso metalinguístico já amplamente explorado pelo cinema ficcional – pode traduzir aspectos da experiência estética do homem contemporâneo? Como aporte teórico para essas discussões, serão utilizados os conceitos de pensamento-em-linha e pensamento-em-superfície, de Vilém Flusser e a noção de tradução, proposta por Jacques Derrida, em Torres de Babel.

Palavras-chave: Medianeras; tradução; códigos; imagens.

68 - TRADUÇÃO E HOSPITALIDADE

Coordenação: Viviane Veras (UNICAMP); Marileide Esqueda (UFU), Lenita Esteves (USP)

Resumo: Desde as antigas discussões sobre fidelidade à letra ou ao espírito, passando pela noção de equivalência e chegando a debates mais recentes sobre estrangeirização e domesticação, a

tradução, em todas as suas formas, sempre envolveu deslocamento e diferença. Quando um texto é traduzido ele é levado de um sistema a outro, de uma cultura a outra, de um ideário a outro. Essa entidade estranha e estrangeira precisa se aclimatar na comunidade de chegada, precisa se transformar para se tornar apreensível e minimamente compreensível. Um ato de tradução constitui sem sombra de dúvidas um ato de acolhimento ao outro, especialmente quando este não se deixa traduzir com facilidade. Para falar da delicada tensão entre “levar o autor ao leitor” ou “levar o leitor ao autor” como diferentes métodos de traduzir, Schleiermacher não só apresenta a tradução como formas de encontro entre leitores e autores, mas também trata de graus de acolhimento e hospitalidade. Quando diz que temos a possibilidade de “deixar o autor tranquilo” e fazer o leitor ir ao encontro dele, Schleiermacher está descrevendo um tipo de acolhimento. Nesse caso, nosso hóspede ficaria sossegado, receberíamos o outro como o elemento diverso que é, e o leitor é que faria um esforço de acomodação, abrindo-se a essa diferença. Em contrapartida, na situação em que o leitor ficasse tranquilo, caberia então ao autor, tendo por intermediário o tradutor, fazer um trabalho de aclimação. De qualquer forma, deve haver um trabalho de aproximação, pelo menos de uma das partes. Partindo do princípio de que traduzir seria, em primeiro lugar, acolher, hospedar, e da constatação do interesse cada vez maior em estabelecer uma história oficial da tradução que pudesse ter como horizonte minimizar, quando não eliminar o lado babélico dessa história, nossa proposta de simpósio convida a reflexões sobre diversas formas de “hospitalidade”, e convida às seguintes reflexões: Que parâmetros éticos deveriam pautar as escolhas em um projeto de tradução, levando-se em conta que, na maioria das vezes, as línguas/culturas em questão estão em desigualdade em termos de hegemonia e *status*? Uma nação periférica em geral importa muitas obras estrangeiras que vão moldar seu imaginário e valorizar o outro e desprezar que é próprio – existe algum mal nisso? Teremos já ultrapassado por completo a necessidade de nos diferenciar de outras nações e nos uniformizarmos dentro do imaginário da nossa? Teriam os nacionalismos, que geraram tanta guerra e tanta opressão, perdido sua razão de ser? E se as fronteiras entre os povos estão ficando cada vez mais difusas, que papel tem a tradução nos dias atuais, como prática profissional e também como campo conceitual acadêmico? Com o avanço das tecnologias, com a possibilidade de fazermos recursos a memórias de tradução, com o aperfeiçoamento do *Google Translator*, muda nossa situação como tradutores e pesquisadores na área? Se é verdade que nossos trabalhos em tradução consideram ultrapassada a discussão sobre fidelidade e traição, mesmo que o foco se desloque para a lealdade, para o traidor, para a adequação, também é verdade que o reconhecimento da tradução como campo delimitado precisa ser problematizado. Por um lado, impõe-se a necessidade de uma sistematização que justifique essa autonomia – como na época da constituição das nações se fez necessária a criação de uma língua nacional, um hino, uma bandeira... um exército –, por outro lado, considerando que delimitar é necessariamente excluir, essa autonomia não seria precisamente contrária ao pensamento da tradução como ato de acolhimento, de abertura ao outro? Até que ponto a ampliação desse campo não está simplesmente camuflando o gesto colonial de apropriação (que elegeria uma tradução como propriamente dita), de alienação, de submetimento? O fato é que lidar com o outro/estrangeiro é o destino da tradução: enquanto houver diferença e deslocamento, o tradutor será convocado a atuar, à moda antiga ou não, valendo-se de tecnologias ou não, e vivenciando e praticando a ideia de hospitalidade, quaisquer que sejam as formas tomadas por ela, até mesmo aquela que transforma o hóspede em refém.. O simpósio acolherá trabalhos que se articulem com as inquietações colocadas acima, seja no campo profissional da tradução, seja na área acadêmica, trazendo exemplos, estudos de caso e pesquisas que alimentem e aprofundem essas discussões e fomentem talvez novas propostas de investigação e atuação.

31 de julho
8h30

ENSINO DE TRADUÇÃO

Marileide Esqueda (UFU)

Resumo: Este trabalho busca mostrar os resultados de uma investigação realizada com professores de tradução. Utilizando uma metodologia descritivo-qualitativa, a pesquisa, dividida em duas fases, envolveu 12 cursos de graduação em Tradução. Iniciada em 2012, e utilizando questionários não estruturados, a proposta identificou o perfil acadêmico de professores de tradução e suas rotinas pedagógicas. Em 2017, como forma de dar continuidade à investigação, e levando em consideração que os professores modificam ou estabilizam suas práticas com o passar dos anos (TARDIF, 2002; CHARLOT, 2009), a segunda fase deste estudo adotou uma proposta de investigação qualitativo-longitudinal (FLORES, 2003), com o objetivo de identificar, junto ao mesmo grupo de respondentes, as modificações que eles possam ter incorporado em suas salas de aula após cinco anos. Com base nos dados coletados, confirma-se a hipótese de que os estudos que buscam abdicar da abordagem centrada no professor, ou que são contra a pedagogia subjetiva e intuitiva de ensino (ARROJO, 1993, DARIN, 2001, COLINA, 2003 [2015]; KELLY, 2005; ECHEVERRI, 2008, 2015; KIRALY, 2016) não têm sido incorporados na sala de aula de formação de tradutores. A proposta é discutir se o ensino de tradução deveria continuar a ser abordado à moda antiga, centrado no professor e na materialidade linguística, ou hospedar outras formas de interação pedagógica.

Palavras-chave: Tradução; Ensino; Pedagogia

A COMPETÊNCIA TRADUTÓRIA E O USO DE CORPORA INTEGRADOS A FERRAMENTAS DE APOIO À TRADUÇÃO

Carolina Miranda Aleixo (UFU)

Resumo: Esta comunicação se baseia em uma pesquisa de mestrado inserida no Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). A pesquisa centra-se no tópico Estudos da Tradução baseados em corpora e tem como objetivo principal analisar e descrever as possibilidades de interação entre corpus e as ferramentas de memória de tradução. As CAT-tools, ou ferramentas de memória de tradução, permitem o uso de glossários e memórias de tradução e otimizam o processo tradutório. As memórias são bancos de dados que podem ser alimentadas durante a tradução ou por meio de corpora paralelos. A consulta a corpora paralelos ou comparáveis de textos acadêmicos e/ou especializados ajudam os tradutores a superar problemas de tradução de maneira prática, facilitando a padronização da terminologia e a busca por formas mais idiomáticas na língua-alvo. O uso de ferramentas de tradução e de corpora auxilia o trabalho do tradutor, tornando-o mais rápido e eficaz. A capacidade de usar tais ferramentas está entre os conhecimentos e as habilidades necessárias para a competência tradutória, que são fundamentais no processo tradutório. As competências tradutórias são divididas em seis subcompetências; dentre elas, a subcompetência instrumental é a capacidade relacionada aos instrumentos de trabalho e à profissão. Assim, conhecer e utilizar fontes de documentação e recursos tecnológicos fazem parte dessa subcompetência, e é a ela que esta pesquisa se dedica. Portanto, uma pesquisa que analise e descreva as possibilidades de uso de corpora integrados às ferramentas de tradução é relevante não só para Linguística de Corpus e para os Estudos da Tradução, mas também para o desenvolvimento da competência tradutória instrumental de profissionais da tradução. Assim, esta pesquisa tem embasamento teórico na Linguística de Corpus (BERBER SARDINHA, 2004; LETRAS e LETRAS, 2014), na interface entre corpus e tradução (BERBER SARDINHA, 2002, 2003; BAKER, 1995, 1996, 2004), na Terminologia (AUBERT, 1996; BARROS, 2004; KRIGER; FINATTO, 2004) e na teoria de competência tradutória (PACTE, 2000, 2003, 2005). Nesta comunicação, apresenta-se a primeira parte da pesquisa, que consiste na reflexão sobre as possibilidades de exploração da interface corpora-ferramentas de tradução no desenvolvimento da subcompetência instrumental. Futuramente, essas possibilidades serão testadas com a ferramenta MemoQ, da empresa húngara Kilgray, que, em seus manuais, apresenta opções para se trabalhar com corpora junto à memória de tradução. A análise inicial aponta que o uso de corpora integrados às ferramentas de tradução contribui para a formação e o desenvolvimento da subcompetência instrumental, além da competência tradutória

como um todo. Palavras-chave: Ferramentas de tradução; Corpus; Terminologia; Competência tradutória.

Palavras-chave: Ferramentas de tradução; Corpus; Terminologia

A TRADUÇÃO DE LITERATURA INFANTOJUVENIL NO BRASIL E EM PORTUGAL: ALGUMAS REFLEXÕES Shellen Grace de Almeida da Silva (UNICAMP)

Resumo: Considerando a tradução como uma atividade que faz parte de um ato interpretativo e de produção de outros sentidos (ARROJO, 1993), esta comunicação pretende trazer algumas reflexões sobre duas traduções de uma obra em inglês. O livro em questão é Theodore Boone – Kid Lawyer (2010), o primeiro livro do autor americano John Grisham direcionado ao público infantojuvenil e também o primeiro de uma série. As traduções a serem discutidas são a tradução brasileira, intitulada Theodore Boone – O Aprendiz de Advogado (2010, tradução de Ana Deiró), e a portuguesa, intitulada Theodore Boone – O Miúdo Advogado (2013, tradução de Catarina Andrade). A partir da metodologia do cotejo entre original e traduções, pretendemos abordar algumas questões sobre o modo como cada tradutora lidou com as especificidades locais e o público-alvo, a partir da consideração de cada obra em seu respectivo contexto, pois: nos Estados Unidos, o livro é considerado best seller; em Portugal, faz parte do Plano Nacional de Leitura (um plano do governo português para incentivar a leitura da população jovem) e, no Brasil, não teve tanta divulgação. Ao trabalharmos com os trechos no cotejo, teremos em mente as discussões propostas principalmente, por Rosemary Arrojo (1993, 2007), André Lefevere (2007), João Azenha Júnior (2015) e Itamar Even-Zohar (2000). Selecionamos Arrojo por trazer questões importantes sobre a tradução, tratando-a como resultado de um processo de interpretação, além de discutir o papel dos tradutores como sujeitos produtores de sentidos. Lefevere por tratar da tradução como um processo de reescritura e manipulação, além de trabalhar com o conceito de patronagem, importante para pensarmos nas influências de pessoas ou instituições no processo tradutório. Azenha pelo fato de lidar com a questão específica de tradução infantojuvenil e dos sujeitos envolvidos no processo. E, por fim, Even-Zohar por suas reflexões sobre o polissistema literário para que ambas as traduções possam ser vistas dentro de seus contextos específicos, mas também em relação com os sistemas do país no qual a obra foi publicada, no caso, Estados Unidos. Algumas análises já desenvolvidas mostram que as traduções tiveram influências tanto da leitura das tradutoras quanto do público-alvo em questão, pois é possível notar, pelas escolhas tradutórias, como a construção de sentidos se difere em cada lugar, criando diferentes imagens para os leitores. Ao considerar, portanto, que a tradução parte de e está permeada por interpretações, compreendemos que há influências exercidas pelas tradutoras sobre o original capazes de criar outros sentidos no texto traduzido. A análise possibilitou observar também como cada tradução ingressou nos dois países desempenhando papéis diferentes em cada um, como visto acima. Dessa forma, a consideração dos contextos das traduções é fundamental, assim como a presença das tradutoras no texto traduzido é inevitável, mesmo esta última sendo mais evidente ao se cotejar as traduções e o original.

Palavras-chave: Tradução Literária; Infantojuvenil; Cotejo

O PAPEL DA TRADUÇÃO NA FORMAÇÃO DOS NOVOS CÂNONES DAS LITERATURAS DE LÍNGUA INGLESA

Yuri Jivago Amorim Caribé (UFPE)

Resumo: A formação de cânones literários de abrangência mundial está diretamente relacionada a uma série de fatores, tais como o apoio da crítica literária e da academia a determinadas obras (CARIBÉ, 2017), a divulgação e, de forma particular, a publicação de traduções dessas obras em outros países. Sabemos que diversas narrativas contemporâneas pertencentes às literaturas de língua inglesa seguem esse mesmo roteiro para possivelmente fazerem parte do cânone literário de seu país de origem. A maioria das obras das literaturas de língua inglesa, por exemplo, já são tratadas como hegemônicas e frequentemente traduzidas e publicadas em outros países/línguas. Porém, quando se trata da formação de um cânone literário, há que se considerar o interesse do

mercado editorial internacional. Os cânones literários já estabelecidos mundialmente formaram-se em contextos diferentes, conforme nos relata Selden (2005), e não nos servem de parâmetro, visto que interessa-nos apenas o período que chamaremos de contemporaneidade (1945-2018). Dessa forma, investigamos e discutimos o interesse de sistemas literários internacionais (EVEN-ZOHAR, 2000) por determinadas obras literárias das literaturas de língua inglesa a ponto de impulsioná-las a uma valorização estética e crítica. Assim, investigamos a formação de cânones literários da contemporaneidade nos Estados Unidos e também na Inglaterra, Escócia e Canadá, tendo como base a tradução dessas obras em outras línguas. Os países citados, segundo nosso entendimento, representam bem a ampla variedade de obras literárias que compõe o termo literaturas de língua inglesa, citado nesta pesquisa. Como resultado, podemos afirmar que narrativas diversas como *The Hours* (1998), do escritor americano Michael Cunningham, Karen Joy Fowler (também americana) e seu *We Are All Completely Beside Ourselves* (2014), *Too Much Happiness* (2009), da canadense Alice Munro, *Hotel World* (2001), da escocesa Ali Smith, *Sexing the Cherry* (1989), da inglesa Jeanette Winterson e *On Chesil Beach* (2007), do inglês Ian McEwan são fortes candidatas ao ainda indefinido cânone das literaturas de língua inglesa da contemporaneidade. A trajetória editorial dessas obras tem pontos em comum que reforçam sua candidatura à cânone: muitas delas receberam prêmios nacionais ou internacionais de literatura, incluindo o Prêmio Nobel, além de algumas terem sido adaptadas para o cinema ou TV. Contudo, enfatizamos que todas foram traduzidas e publicadas em pelo menos duas línguas estrangeiras. Em suma, acreditamos que a tradução de determinadas obras literárias aliada a outros fatores mencionados contribui de modo significativo para o que chamamos de formação do cânone literário contemporâneo das literaturas de língua inglesa. Esse processo tem início com a valorização pela academia, pela crítica literária especializada e leitores no país (anglófono) de origem de cada obra. Prossegue com o convite para publicação em língua estrangeira (tradução) e, finalmente, é concluído com o recebimento de prêmios literários e convites para que a obra seja adaptada para outros formatos.

Palavras-chave: cânone literário; contemporaneidade; tradução

1 de agosto

8h30

TRADUÇÃO ENTRE FRONTEIRAS NA POESIA DE GEORG TRAKL

Angélica de Oliveira Néri (UFPR)

Resumo: Boa parte da crítica da poesia do austríaco Georg Trakl configura a escrita do poeta como hermética, de metáforas obscuras, de difícil acesso. De fato, há, em Trakl, uma inventividade imagética que, engendrada num certo rearranjo das imagens e palavras, confronta o leitor com a força de uma lírica impactante, explosiva, perturbadora, o que torna o acesso aos inúmeros sentidos do poema difícil, penoso, e, portanto, não apenas as primeiras leituras, mas sim todo o processo tradutório de aproximação a este outro se dá de um modo combativo. Traduzir, pois, o impacto inventivo que uma tal poética impõe ao leitor constitui uma tarefa de deslocamento em direção ao original e aos múltiplos significados do poema e de reaproximação à língua traduzida, reformulando esse movimento enquanto processo poético de uma poesia tão expressiva como a de Trakl para dar voz a essa sensação de inquietação evocada nos poemas. O presente projeto de tradução, porém, não intenta recriar uma poética obscura, aliando-se a uma certa tendência crítica, mas antes realçar o poder imagético que a sua poesia provoca, ressaltando mais o seu lado enérgico e turbulento e menos aquilo que se entende por hermético, indecifrável. Reproduzir e multiplicar esse traço inventivo e simbólico de sua poesia consiste em um dos principais modos de relação desse jogo entre original e texto traduzido aqui em questão. Para além disso, entender um projeto dessa natureza como também um esforço crítico da obra do poeta, contribui para a construção de um diálogo entre tradução e original, desfazendo e refazendo os limites mutáveis dessa fronteira entre um eu e um outro. Neste sentido, pensar este processo enquanto um movimento de acolhimento e escuta da obra do poeta para dar um novo olhar crítico para além da obscuridade já tão amplamente

discutida acerca da lírica trakliana, constitui um aspecto central de discussão acerca da condição de descontinuidade entre o eu e esse outro estrangeiro, instaurado além da fronteira do acesso. Pensar as relações entre crítica, poesia e tradução, tendo em vista os momentos de aproximação, deslocamento e inapreensão do outro instaura um novo modo de relação com o universo poético de Georg Trakl e, para tanto, se faz necessária uma abordagem que reflita esse ato de acolhimento ao outro indo além do que há nele de inacessível, impenetrável. Abordagem que, no entanto, marca e dá lugar ao que há de sublime e inexplorado no texto; sendo acessível no sentido de que a tradução, enquanto forma de leitura, se constitui a partir de um outro que é imaginado por nós, que se dá enquanto construção, poiesis, em que, apesar dessa condição de isolamento e inalcançabilidade, as relações existem e acontecem (CARDOZO, 2014) nesse limite fronteiroço marcado pela descontinuidade que vai do eu ao outro.

Palavras-chave: poesia; crítica; tradução; descontinuidade

BERLIN ALEXANDERPLATZ: HISTÓRIA, MEMÓRIA E ADAPTAÇÃO

Cynthia Pires Amaral (UNICAMP)

Resumo: O romance de Alfred Döblin, *Berlin Alexanderplatz* (1929) teve duas adaptações para as telas: a primeira, um filme de 1931, dirigido por Phil Jutzi (1896-1946); a segunda, uma mini série produzida para a tv alemã, no ano de 1980, pelo diretor Rainer Werner Fassbinder (1945-1982). Representante do Novo Cinema Alemão, Fassbinder teve uma carreira muito curta, porém intensa e memorável. No prefácio da tradução francesa de *Berlin Alexanderplatz*, Fassbinder fala um pouco de sua relação com o romance de Döblin e conta que a leitura começou ainda nos tempos de juventude. Ele via no romance as repostas necessárias para lidar com as mais variadas questões: sua sexualidade, sua história, a história alemã, seu passado e as questões que surgiram depois da Segunda Guerra Mundial - a culpa, a colaboração e o perdão. O cineasta viu em Döblin uma espécie de “oráculo”, de prenúncio que já se esboçava no final dos anos 20 e conseguiu levar às telas de tv, não só uma reconstituição de todo o romance, como também conseguiu pintar com cores mais fortes e vibrantes esse prenúncio ainda incerto do romance. Fassbinder já se encontrava em outra posição na história. Quando ele nasce, a Segunda Guerra está terminando, mas quando o romance é adaptado para a televisão, o diretor já possui o distanciamento necessário para contar o que veio antes de uma outra posição. Enquanto Döblin lança uma semente para a história e memória da Alemanha, Fassbinder já colhe os frutos e os analisa por esse distanciamento. Em seu livro *A Theory of Adaptation*, Linda Hutcheon (2006) apresenta a adaptação enquanto processo e produto, caracterizando o trabalho de adaptação como um grande palimpsesto. Utilizando-se de uma subdivisão didática em categorias, Hutcheon apresenta as implicações existentes quando se decide adaptar uma obra. Pensando a adaptação do romance de Döblin para a série de televisão dirigida por Rainer Werner Fassbinder, a noção de palimpsesto vai além e coloca a história alemã em uma outra posição, uma outra leitura, uma reconstrução. Döblin havia vivido de perto os horrores da Primeira Guerra; Fassbinder já se encontrava numa posição talvez mais privilegiada da história: as duas Guerras haviam terminado e o cineasta já podia recompor tudo o que em Döblin ainda era visto como uma semente, sem poder prever o que seria, em sua totalidade, a Segunda Grande Guerra, a ascensão do nazismo e os horrores do Holocausto. É por causa dessa visão privilegiada, de um outro ponto da história e da memória, que Fassbinder consegue inserir elementos que não estavam na narrativa original da epopeia (BENJAMIN:1994) de Franz Biberkopf. Tendo como ponto de partida a noção de adaptação como um palimpsesto estendido (HUTCHEON:2006) e suas implicações para uma reconstrução da memória e história, este trabalho propõe a análise da adaptação do romance de Alfred Döblin, *Berlin Alexanderplatz* (1929) para a série de televisão homônima (1980), dirigida por Rainer Werner Fassbinder.

Palavras-chave: BerlinAlexanderplatz;Döblin;Fassbinder; Adaptação

COSMOLOGIA EM UMA POÉTICA DO TRADUZIR OU ASPECTOS XAMÂNICOS DE UMA EXPERIÊNCIA

João Paulo Ribeiro (UFSCAR)

Resumo: Neste trabalho retomaremos algumas considerações relativas a uma experiência de tradução de Vidas secas, literatura de Graciliano Ramos, para a língua indígena Nheengatu, falado pelas etnias Baniwa, Baré e Werekena, habitantes tradicionais da Terra Indígena Alto Rio Negro (AM). Enquanto poética do traduzir, pudemos experimentar uma prática que pode ser interessante para o despertar de contribuições aos estudos da tradução por se tratar de uma perspectiva relativamente diferente das “teorias ocidentais da tradução”. Levou-se em conta aspectos xamânicos do traduzir. Entre diferentes questões despertadas nesta poética da tradução algumas podem ser interessantes para uma discussão a cerca dos temas hospitalidade e fidelidade. Nesta poética do traduzir, tendo em vista a necessidade de tradução, a caatinga nordestina é levada ao noroeste amazônico. Onde estaria o olhar, ou o primeiro olhar, do tradutor? A poética da relação foi um lugar a ser habitado pelo tradutor. O tradutor aceitou adentrar a poética da relação como uma dimensão. O que ocorre neste lugar são transformações. A operação é de íntimas ligações entre os mundos em encontro. Nisto, a caatinga apresentou um povo indígena: Fabiano, Sinha Vitória, Menino-mais-velho, Menino-mais-novo e Baleia. Há juazeiros sagrados também. Outro apontamento: O narrador é um xamã por vez o herói Ñampirikoli, havendo ainda traços do corpo-flautas de Kwai pelo trajeto deixados para as novas gerações pelas Amarunai, as mulheres míticas. Como se perceberá, os aspectos mais fortes da transformação estão dentro das narrativas indígenas do noroeste amazônico e suas escritas nas pedras (petróglifos). Como percurso extratexto que corresponde a traços de manejo de mundo, Vidas secas estará dentro de um lugar sagrado nesta geografia mítica. Vidas secas se transforma em uma etnia porque já era tendo em conta a dinâmica de afinidade entre grupos na ameríndia. Estes conhecimentos são práticas de pensamento muito sensível nesta região amazônica. Isto será interessante ao tema hospitalidade. Enquanto a fidelidade: Em certo ponto da escrita desta experiência, algumas imagens de pensamento de fora aconteceram. O tradutor não as quis dispensá-las. Havia significâncias carregadas pela Sinha Vitória e sua família que estão dentro de uma cobra-canoa (tema mítico nativo) pelo Rio Negro que depois se soube ser em direção aos lugares míticos de origem de substâncias de povos e tempos. Isto é o que os mitos nativos como história demonstram a quem possa vivê-lo. Ou pode-se dizer que o lugar onde esta o tradutor, dentro desta dinâmica da poética da relação, projeta um outro olhar sobre as partes colocadas em contato pela necessidade da tradução. É difícil e assim o foi para o tradutor em tentar separar as partes, pois justamente é de outro estatuto o habitus entre íntimas ligações operantes. Ainda, neste sentido, pode se dizer que a sim a cosmologia age sobre os xamãs-tradutores. A fidelidade estará, em parte, em servidão a esta cosmologia.

Palavras-chave: Poética do tradução, Xamanismo, Cosmologia.

O INTRADUZÍVEL COMO O QUE RESTA A TRADUZIR

Viviane Veras (UNICAMP)

Resumo: A noção de intraduzível tem um quê de misterioso, de fascinante, que se poderia dizer intrínseco a cada forma textual em transição, em movimento, em fluxo. Uma escuta atenta e em harmonia com as formas de nomear e referir os modos de referência à chamada intraduzibilidade pode revelar que nelas estão licenciados sentidos que não só precisam, mas merecem ser indagados, mantendo o foco nas divergências, mas também nos desafios que relativizam a certeza de que tudo (não) se traduz, e de que tudo (não) se diz, do que pode pôr em suspenso a lei da tradução. Considerando as formas como as possibilidades e impossibilidades de tradução vêm sendo tematizadas (Glissant, 1996; Derrida, 1996; Agamben, 2004; Meschonnic, 2010; Britto, 2012; Galindo, 2013; Siscar, 2011, 2013, entre outros), este trabalho se propõe levar adiante a proposta de Siscar (2011, p. 83) ao distinguir no intraduzível o que “desperta o desafio da estranheza... daquilo que é recusado em nome da ilusão da transparência comunicativa ou midiática”. É possível observar no campo dos estudos de tradução que, se a menção à fidelidade (outrora desejada, e mesmo perseguida) passa a ser evitada, a afirmação de que nenhuma tradução é perfeita leva a tomar a noção de intraduzibilidade como mera negação da traduzibilidade. Nesse sentido, entende-se aqui a intraduzibilidade como o que surge entre línguas em tradução e que não se deixa interpretar no

registro da compreensão, de inteligibilidade, vez que pode simplesmente passar despercebido em uma língua e revelar-se na outra, sem que esteja de fato em nenhuma delas antes da performance tradutória; como algo que escapa ao controle semântico, a qualquer tentativa de controle de uma significação passível de ser administrada, e instancia-se em passant, entre línguas. Nossa proposta é reafirmar a possibilidade de tomar esse intraduzível como o que surge nesse contato entre línguas e leva cada tradutor(a) a desejar traduzi-lo, mas cuidando, como observa Siscar (2013), de não fazer dele nem algo místico, intocável, a que se responde negando, nem algo transparente e comunicável. Essa forma de nomeação e abordagem conduz-nos a arriscar pensar que a experiência do intraduzível pode, ainda, permitir que se tirem dela consequências epistemológicas – o saber da língua como o que foi, tem sido, é, e sempre será um campo em que se manifesta uma reserva especial – é nas línguas que nos constituímos sujeitos falantes e a alteridade mais irredutível, inconsciente, nos habita, e nos previne de uma uniformização do humano. A tradução pode/deve tangenciar o intraduzível, pode fazê-lo continuar ressoando, deixá-lo restar como perdido, para sempre outro e, por isso mesmo, inesquecível e, por que não, intraduzível.

Palavras-chave: tradução; intraduzibilidade; reserva/resto

2 de agosto

8h30

CAMINHOS CRUZADOS E CROSSROADS: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA A POLÍTICA DA BOA VIZINHANÇA
Eliza Mitiyo Morinaka (UFBA)

Resumo: A tradução da literatura brasileira, bem como a de outros países latino-americanos, fez parte do programa do Office of the Coordinator of Interamerican Affairs (OCIAA), do governo dos Estados Unidos, com a finalidade declarada de estreitamento dos laços de amizade entre os países do hemisfério durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Juntamente com outros bens culturais, a literatura foi apropriada por uma política cultural de sedução e construção de um público para longevos ideais estadunidenses. Caminhos cruzados (1935), de Erico Verissimo, foi o primeiro romance a ser traduzido pelo projeto tradutório da Política da Boa Vizinhança. O objetivo desta comunicação é apresentar o cotejo entre Caminhos Cruzados e sua tradução, Crossroads (1943), feita por Louis C. Kaplan, para demonstrar as modificações textuais na tradução devido à natureza política do projeto. Crossroads foi acomodado aos padrões morais estadunidenses, mas excedeu os limites diplomáticos e pedagógicos para o qual foi projetado. Apesar do controle governamental, o texto se apresentou imbuído de crítica social.

Palavras-chave: Est Desc Trad; Política tradut; Erico Verissimo

"NO MEIO DO CAMINHO": ANÁLISE DE QUATRO VERSÕES DO POEMA EM INGLÊS

Lenita Maria Rimoli Esteves (USP)

Resumo: O célebre poema "No meio do caminho", escrito por Carlos Drummond de Andrade em 1924, foi publicado pela primeira vez na Revista de Antropofagia em 1928 e finalmente no primeiro livro lançado pelo autor, Alguma Poesia, em 1930. Mário de Andrade, em carta a Drummond, expressou seu entusiasmo pelo poema, que qualificou como o "mais forte exemplo que conheço, mais bem frisado, mais psicológico de cansaço intelectual". Em seguida, na mesma série de correspondências, Mário promete ao amigo que enviará alguns de seus poemas à revista Estética, mas não "No meio do caminho", que ele teme que possa não ser bem recebido. Isso indica, segundo Eucanaã Ferraz, que Mário "reconhecia o valor excepcional daqueles versos e, simultaneamente, intuía sua rejeição" (FERRAZ, 2013, p. 83). O "poema da pedra", como também ficou conhecido, encontrou fervorosos entusiastas e igualmente fervorosos detratores, mas parece não ter chamado grande atenção do público quando da sua publicação em livro em 1930. Como comenta Ferraz, à época da publicação de Alguma Poesia, "No meio do caminho" não provocou tantos comentários, tendo o "Poema de sete faces" ganhado mais atenção. No entanto, o "poema da pedra" alcançou popularidade e destaque quando Drummond mudou-se para o Rio de Janeiro para assumir o cargo

de Chefe de Gabinete do Ministro Gustavo Capanema na pasta da Educação e Saúde Pública. Depois disso, narra Ferraz, “atacar ‘No meio do caminho’ passou à ordem do dia” (FERRAZ, 2013, p. 85). O próprio Drummond chegou a declarar que o poema era “insignificante em si” (SARAIVA, 1967, p. 18) e que quando o escreveu foi motivado pela “chateação que estava sentindo” (SARAIVA, 1967, p. 10). Esse poema, que causou tantos comentários no Brasil, também se faz presente no polissistema literário anglófono, que se mostrou relativamente hospitaleiro para Drummond. Este trabalho, que faz parte de um projeto de pesquisa que estuda a Literatura Brasileira traduzida para o inglês, objetiva analisar e comentar quatro versões inglesas de “No meio do caminho”, que serão contrastadas com o texto em português. Sendo o poema tão repetitivo e composto com palavras simples do cotidiano, poderia parecer, à primeira vista, que não haveria motivos para divergências muito grandes nas traduções. No entanto, uma análise detalhada das quatro versões demonstra que sutis nuances criam efeitos diferentes para o poema em inglês. As traduções analisadas são de autoria de John Nist, Elizabeth Bishop, Virgínia de Araújo e George Monteiro. Referências: FERRAZ, E. Alguma cambalhota (posfácio). In: ANDRADE, C. D. Alguma poesia. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. SARAIVA, A. Apresentação. In: ANDRADE, C. D. (seleção e montagem) Uma pedra no meio do caminho: biografia de um poema. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1967.

Palavras-chave: Literatura brasileira em inglês; Poetas Modernista

TRADUÇÃO, HOSPITALIDADE E RECOLHIMENTO EM LAVOURA ARCAICA

Maria Sílvia Cintra Martins (UFSCAR)

Resumo: Centrado em aportes dos Estudos de Tradução, este trabalho comporta resultados de pesquisa do Projeto FAPESP 2016/17059-6 em torno da obra de Henri Meschonnic (1989; 2005; 2008; 2010) e de Raduan Nassar (1975; 2016). Tendo se iniciado, em projeto anterior, com a comparação entre a obra “Lavoura Arcaica” e sua tradução para a língua inglesa, a pesquisa chegou a resultados que apontam para o apagamento, na versão em língua inglesa, da relação da obra original com obras com que dialoga, e que, à sua maneira, traduz, sejam elas a tragédia sofocleiana “Antígona” e o compêndio de teor filosófico “Totalidade e Infinito”, de autoria de Emmanuel Levinas. Ao dialogar com o pensamento levinasiano, deparamo-nos com as categorias de hospitalidade/acolhimento e de recolhimento, com as quais o filósofo trabalha reflexivamente e o literato, figurativamente. Já no diálogo com a tragédia clássica, a própria escolha pelo título “Ancient Tillage”, para a publicação do volume em versão anglófona, dá início ao apagamento das relações de contiguidade entre as personagens heroicas Ana e Antígona. Conclui-se, por um lado, pela delicadeza de toda tradução, com os riscos que implica; por outro, pela existência da tradução de viés poético, ainda pouco mencionada e estudada nessa área de pesquisa.

Palavras-chave: tradução poética; acolhimento; Lavoura Arcaica

69 - TRADUÇÃO LITERÁRIA: A INSTABILIDADE DO “ORIGINAL” E A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM

Coordenação: Paula Arbex (UFU); Nilce M. Pereira (UNESP)

Resumo: Na introdução a *Literary Translation and the Making of Originals* [A tradução literária e a produção de originais] (2017), Karen Emmerich discute a instabilidade da obra original frente a noções comumente disseminadas de que, em tradução, o texto de partida é um construto finito e imutável de significações, que deve ser transposto para o texto traduzido (salvo em eventuais reorganizações sintagmáticas) sem mudanças ou interferências. Desafiando classificações como “o original árabe”, “o texto original francês” ou “o alemão de Kafka”, a autora visualiza o “texto original” como, ele próprio, sujeito a reconfigurações, sendo oportuno mencionar, como faz em relação aos textos a que se referem por essas designações — como é caso do denominado “original árabe”, para fazer menção a *As Mil e Uma Noites* —, que, mesmo na língua em que foram compostos, não raramente envolvem compilações de textos em outras línguas, que circularam das mais variadas formas, foram mediados por diferentes editores ou impressos a partir de diferentes provas, e assim por diante, o que os faz pluralísticos em sua essência. Por conseguinte, a autora postula a tradução como “editoração translingual”, na qual o tradutor, ciente dessa pluralidade,

“negocia” com as versões anteriores, ao mesmo tempo que “cria” uma nova, em uma língua diferente daquela(s) em que o texto foi “primeiramente articulado”. Assim, longe da ideia de “mudança” e de que, mais ainda, qualquer transformação tenha sido infligida sobre uma fonte estável — e recorrendo, entre outros, a André Lefevere (em 1992) e ao conceito de reescritura —, a tradução literária é vista não apenas como produto de uma interpretação mas como extensora da variabilidade e volubilidade do texto de partida.

Essas noções não poderiam ser mais verdadeiras quando aplicadas ao tratamento da imagem e dos elementos visuais componentes de obras literárias durante a tradução, uma vez que, para além dos processos de adaptação e localização de capas, *layout* da página e outras particularidades físicas do volume, esses elementos podem ser reproduzidos da edição da qual se traduz e de outras do mesmo texto, reelaborados com base em um ou mais modelos existentes da obra, reutilizados por meio de uma nova técnica, entre outras opções, o que os torna um compêndio de referências e intertextualidades. Não é incomum que esses elementos sejam totalmente excluídos de edições traduzidas ou reduzidos a um número que minimamente ofereça informações básicas sobre a publicação. Quando mantidos, no entanto, da mesma forma que o texto (a ser) traduzido, a produção de imagens e do projeto gráfico de um livro envolve fatores internos e externos ao processo tradutório e (re)configurações do texto, de modo a promover novos sentidos para a obra. Para citar um único exemplo, as próprias estratégias adotadas na tradução do texto podem entrar em choque com a parte visual, bastando mencionar, em livros ilustrados, os casos (comuns em edições traduzidas) em que o texto é domesticado e os referentes culturais estrangeiros são mantidos na ilustração. O que se deseja enfatizar a esse respeito é que as imagens e os elementos visuais devem ser examinados não apenas em relação aos textos que acompanham, mas levando em conta outros textos, referências e relações intertextuais a que possam aludir — e, assim, à instabilidade do texto de partida, também com relação aos aspectos visuais, como está sendo proposto —, de modo a se determinar a maneira como influenciam a recepção da obra na literatura e cultura de chegada.

Almejando o aprofundamento dessas questões no âmbito dos estudos da tradução e dos estudos da imagem, este simpósio concentra-se na tradução em conexão à imagem estática (o que exclui, portanto, do escopo do simpósio, a imagem dinâmica do cinema e do teatro, a tradução audiovisual e a linguagem de sinais) para acolher trabalhos que abordem a relação entre texto e imagem em livros ilustrados, livros infantis que incluam textos verbais, publicações em quadrinhos e *graphic novels*, catálogos de arte (nesses gêneros, podendo ser consideradas tanto as imagens internas quanto as capas e demais paratextos visuais, ou ambas), além de propaganda impressa, pôsteres e cartazes fílmicos e/ou teatrais, entre outros, de modo a evidenciar os tipos de relações que podem ser estabelecidas na união das duas linguagens em um mesmo meio, bem como o(s) papel(is) da imagem na construção significativa da obra.

REFERÊNCIAS:

EMMERICH, K. *Literary Translation and the Making of Originals*. New York: Bloomsbury, 2017.

LEFEVERE, A. *Translation/History/Culture*. London: Routledge, 1992.

31 de julho

14h30

AS RELAÇÕES INTERTEXTUAIS NA TRADUÇÃO DE THE WOLVES IN THE WALL / OS LOBOS DENTRO DAS PAREDES, DE NEIL GAIMAN

Ana Fabiola Silva dos Santos (UFAM)

Resumo: O presente texto trata dos tipos de relações intertextuais entre a obra original na língua inglesa *The wolves in the wall*, escrita por Neil Gaiman e ilustrada por Dave McKean, publicada em 2003 nos Estados Unidos, e a versão traduzida para a língua portuguesa por John Lee Murray, Os

lobos dentro das paredes. A proposta é estabelecer a possível a união das duas linguagens a partir da utilização das mesmas imagens que compõem o livro infantil, proporcionando uma adaptação que mantém a riqueza de vocabulário, a sonoridade e a coerência textual da obra original. The wolves in the wall / Os lobos dentro das paredes aborda a dinâmica de uma família comum, cuja filha mais velha, Lucy, tem contato com o sobrenatural ao ouvir ruídos oriundos do interior das paredes de sua casa – ruídos estes não ouvidos pelos demais membros da família; no permear da história, existem diálogos engraçados, ricos, cheios de sinônimos, com uma tradução que consegue atingir o público infantil, para o qual a obra é voltada, sem perder a fluência da língua portuguesa, trazendo, na palavras de LEFEVERE (1992), um ‘enriquecimento à língua nativa com novo vocabulário e expressões estilísticas’ ou o cunho de novas expressões, adquiridas da língua original da obra. Há a possibilidade de exploração dos conceitos de influência, imitação e originalidade citados por NITRINI (2015), para traçar-se, a exemplo, quais graus de influência podem ser notados na tradução do livro, ou se a tradução possui evidências de originalidade. Como ponto de destaque da parte imagética do livro, a sua arte visual foi elaborada pelo artista plástico e desenhista Dave McKean, cujo trabalho desperta os sentidos de cores, colagem, fotografia, tipos diversos de composição de imagem que, por si só, são um material de artes plásticas abundante. Os conceitos de intertextualidade presentes na obra de Gaiman podem ser analisados ao olhar de dos diálogos propostos por KOCH, BENTES E CAVALCANTE (2012), que levam em consideração a afirmativa de KRISTEVA (1974) de que todo texto é a absorção de outro texto; no caso das traduções, as autoras apontam para uma intertextualidade explícita, pois o intertexto é evidenciado na produção textual. Os Lobos dentro das Paredes é uma narrativa ficcional, o que nos leva a citar as etapas do conhecimento dos livros citadas por PAUL VAN TIEGHEM (1931), nos textos fundadores da literatura comparada, organizados por COUTINHO E CARVALHAL (2011), ressaltando a impressão de escolha e de valor literário dado às obras que escolhemos abraçar.

Palavras-chave: Intertexto; Tradução; Literatura Infantil

N. C. WYETH E A IMPORTÂNCIA DAS PASSAGENS SELECIONADAS PARA ILUSTRAÇÃO EM TREASURE ISLAND DE ROBERT LOUIS STEVENSON

Edna Carla Stradioto (UNESP)

Resumo: Esta comunicação tem como objetivo investigar parte das ilustrações do artista norte-americano N.C. Wyeth (1881-1945) para o clássico inglês da literatura infanto-juvenil Treasure Island (1881) de Robert Louis Stevenson, realizadas em 1911. Treasure Island foi escrito por Stevenson a partir do desenho do mapa de uma ilha, criado por ele mesmo, e cuja imagem foi incorporada em sua história, bem como na versão estudada, originalmente publicada pela editora Charles Scribner's Sons. O enredo gira em torno das aventuras do personagem principal, Jim Hawkins, um garoto de doze anos, que parte em busca do tesouro desenhado no mapa. O romance está dividido em seis partes e 34 capítulos e a edição ilustrada por Wyeth conta com dezessete imagens. Essa edição o transformou em um dos destaques dos Anos Dourados da ilustração literária dos Estados Unidos (1870-1950), tornando-se um marco em sua vida profissional e pessoal, bem como lançando-o na produção de memoráveis ilustrações para vários outros clássicos da literatura. Este estudo priorizará a análise de cinco das dezessete imagens em Treasure Island, de tal forma que a seleção de ilustrações possa demonstrar como interage com a obra escrita. Havia em Wyeth um seletivo modo de preparar-se para a ilustração que ia da leitura do texto até a pintura; e ele criou uma assinatura muito particular em sua realização plástica, espacial e temporal, além de um refinamento na composição narrativa visual, que é verificado em toda a sua obra. Portanto, é parte integrante da análise proposta, as passagens do livro que serviram de inspiração para o ilustrador, bem como a maneira como o artista tratou tais excertos para transformá-los em imagem. Interessa-nos, também a técnica, o estilo e a organização plástica e estética de Wyeth, para que se verifique com quais componentes da imagem (linhas, cores, símbolos, etc.) o ilustrador elegeu trabalhar para a construção significativa da narrativa visual. Isso posto, este estudo tem como base a investigação da

imagem estática para o gênero literário livro ilustrado, e prioriza o exame da relação texto-imagem e em qual medida as figuras contribuíram para a leitura da obra, adicionando ou modificando conteúdos.

Palavras-chave: N.C. Wyeth; ilustração; Treasure Island; imagem.

A RELAÇÃO TEXTO-IMAGEM EM ALICE ATRAVÉS DO ESPELHO DA EDITORA SALAMANDRA

Luciana dos Santos Cristino (UNESP/IBILCE)

Resumo: Este trabalho propõe um estudo sobre a relação texto-imagem em uma edição brasileira de *Through the Looking-Glass and What Alice Found There* (1872), de Lewis Carroll, a saber, *Alice Através do Espelho*, traduzida por Marcos Maffei e na qual são reproduzidas as ilustrações da artista inglesa Helen Oxenbury, publicada pela editora Salamandra em 2010. Primeiramente, realizei uma macro análise utilizando o modelo descritivo dos estudos tradutórios proposto por Lambert e Gorp (1985), observando aspectos da capa, frontispício, tipo de papel utilizado, disposição das imagens, formato e tamanho dos tipos, formatação da página e cores utilizadas. Em um segundo momento, realizei uma micro análise, observando os recursos estilísticos utilizados pela ilustradora e o impacto causado pelos efeitos escolhidos por ela na relação das figuras com o texto, também considerando o público alvo e a cultura de chegada. Utilizando, em particular, os conceitos de Rudolf Arnheim (1980), Perry Nodelman (1988) e Maria Nicolajeva e Carole Scott (2006) para observação da imagem em sua relação com o texto em obras ilustradas, serão destacados aspectos como de que maneira as linhas, formas e nível de saturação influenciam nas significações, como se dá a simulação da passagem do tempo e da progressão do movimento na imagem estática, a importância do ponto de vista a partir do qual as cenas são apresentadas em uma obra, entre outros. Pretende-se demonstrar de que maneira a utilização desses recursos é fundamental não apenas para a construção significativa da obra na linguagem visual, mas para a maneira como influencia na interpretação do próprio texto verbal.

Palavras-chave: Relação texto-imagem; ilustrações; Lewis Carroll

ROALD DAHL E QUENTIN BLAKE: DIÁLOGO TEXTO-ILUSTRAÇÃO EM "CHAPEUZINHO VERMELHO E O LOBO"

Valquiria Pereira Alcantara (USP)

Resumo: Roald Dahl foi um escritor britânico que produziu obras para adultos e crianças e o humor é um de seus traços marcantes. Diversos pesquisadores dedicam-se ao estudo da obra dahliana observando aspectos diversos; concentramos nossa pesquisa no conto "Little Red Riding Hood and the Wolf" e as traduções para o português "Chapeuzinho Vermelho e o Lobo" da edição brasileira e "A Menina do Capuchinho Vermelho" da edição portuguesa incluídos respectivamente em *Revolt Rhymes*, *Historinhas em versos perversos* e *Histórias em verso para meninos perversos*. Em nossa pesquisa buscamos identificar e analisar relações estabelecidas entre os textos verbais em ambas as línguas e as ilustrações de Quentin Blake. Partimos do pressuposto de que o efeito cômico presente no texto dahliano está fundamentado não só em aspectos semânticos do texto verbal, mas também no diálogo entre o texto verbal e as ilustrações; buscamos, também, identificar como se dá o diálogo entre textos verbal e visual nas traduções para o português uma vez que as ilustrações de Blake foram mantidas. Para o desenvolvimento de nossa análise buscamos como fundamentação teórica principalmente a obra de Sophie Van der Linden *Para ler o livro ilustrado e Ilustração do livro infantil* de Luís Camargo, pois os autores apresentam análise tanto das funções das ilustrações quanto das relações que estabelecem entre ilustrações e texto verbal observando diferentes elementos como a diagramação da capa, o uso de moldura na ilustração, posicionamento da ilustração em relação ao texto verbal, repetição ou ampliação de sentido do texto verbal, entre outros aspectos. Em nossa análise percebemos que as ilustrações de Quentin Blake se relacionam com o texto verbal em língua inglesa ora ampliando, ora reproduzindo informações do texto verbal contribuindo para a construção não só de sentido, como também do efeito cômico do texto. Já nas traduções para o

português, as ilustrações de Blake são mantidas, porém o posicionamento das imagens em relação ao texto verbal varia em comparação com a edição inglesa permitindo a articulação de sentidos diversos daqueles percebidos no texto em inglês. Percebe-se, como resultado, efeito cômico em ambas as traduções que se ancoram não só nas escolhas lexicais advindas do ato tradutório, mas também do diálogo estabelecido entre texto em português do Brasil e de Portugal e as ilustrações.

Palavras-chave: Tradução; Literatura infantil; Dahl; Quentin Blake

1 de agosto

14h30

TRADUZIR O FINNEGANS WAKE, DE JAMES JOYCE... COMO? E QUAL?

Caetano Waldrigues Galindo (UFPR)

Resumo: Qualquer ideia de tradução, das mais complexas às mais banais, embasa-se em algum conceito de “equiparação”. Seja de referencialidade, num modelo “pictórico” de relação linguagem-mundo, seja de “discursividade” ou de “funcionalidade”, num modelo de atos de fala, quiçá performativo em sentido duro. O que fazer então diante de uma obra literária composta num inglês que se serve de dezenas (literalmente) de outros idiomas, e se serve deles para misturar radicais, morfemas e lexemas inteiros numa estética de glorificação do trocadilho e de seu princípio “polifônico” de base que, no fundo, elimina qualquer possibilidade de retraçarmos as setas referenciais e, no limite, ao menos questiona vigorosamente a possibilidade de se estabelecer um sentido ilocutório central. Como determinar a validade da tradução de uma obra cujo sentido e cujo efeito parecem necessariamente inatribuíveis? Como determinar se uma tradução do Finnegans Wake é não apenas uma “boa” tradução mas é de fato “uma tradução” daquela obra? O que localizar de estável no mais instável dos romances, para que a partir daí se crie qualquer critério de (ouso dizer?) equivalência, definida ela em quaisquer termos que se julguem aqui possíveis? Como fazer “a mesma coisa” em português, se não sabemos nem ao certo qual a coisa feita em inglês. E mesmo que aceitemos as formulações (na minha opinião infelizes) de Eco, como julgar quão “quase” é a nossa “quase a mesma coisa”? Por outro lado, estudiosos como Finn Fordham vêm há algum tempo argumentando que, apesar do conhecido elemento de “obra aberta” (foi para ele, afinal, que foi cunhado o termo), de “máquina capaz de fazer mais do que supõe seu criador”, como queria Seamus Deane, não se pode dizer que o Finnegans Wake faz “qualquer coisa”. Ora, é um começo. Pois mesmo que se aceite que jamais se poderá chegar ao sentido do Wake, ao que a obra opera, pode-se talvez partir da ideia de que podemos, com alguma clareza, determinar o que ela “não” opera. Pode-se daí derivar uma estética da possibilidade da tradução, por via negativa? E o que fazer das ideias de Patrick O’Neill, que vem defendendo que, precisamente por sua inatribuibilidade radical (nos dois sentidos) o Wake só será definido (ou melhor definido) quando for lido não a partir do original, mas sim a partir do corpúsculo de todas as traduções realizadas? E em que lugar, além, de tudo, se coloca o tradutor brasileiro, diante do fato de que já há uma tradução da obra em português. Cabe traduzir o Wake? Sabe-se traduzir o Wake? Que Wake?

Palavras-chave: Finnegans Wake; tradução; equivalência

AUXÍLIO DE DICIONÁRIOS DE SINÔNIMOS NA TRADUÇÃO DA POESIA DE OSCAR WILDE

Juan Carlos Acosta (UFRGS)

Resumo: O trabalho busca demonstrar como os dicionários de sinônimos podem auxiliar na tradução de poesia. Para tal, recorre-se à perspectiva onomasiológica, que parte do conceito para achar uma palavra que o exprima adequadamente. Também são utilizados os conceitos de tradução poética de Goethe e de retradução de Antoine Berman. O poema traduzido foi “Sonnet – on the massacre of the Christians in Bulgaria” (1881) de Oscar Wilde. O processo de tradução do soneto passa por três estágios: uma tradução singela em prosa de cada verso, uma tradução que contempla

as estruturas de rima e uma terceira que contempla a métrica buscando uma sonoridade do poema mais adequada à língua portuguesa.

Palavras-chave: Tradução poética; Oscar Wilde; Retradução

FANOPEIA INTERNA NO POEMA "A GIRL" DA OBRA RIPOSTES: IMAGISMO DE EZRA POUND EM ESTADO DE TRADUÇÃO

Rafael Alexandre Gomes dos Prazeres (UFMG)

Resumo: O imagismo foi um breve movimento de Vanguarda da Europa do século XX, cuja característica mais pujante foi estampar imagens para o leitor a partir de articulações mínimas de palavras. O presente trabalho se propõe a: a) traduzir o poema "A girl" presente na obra imagista de Ezra Pound intitulada Ripostes (1912); b) descrever as imagens internas presentes no poema a partir da perspectiva da Fanopeia e do Imagismo; e c) analisar como a imagem se constrói por meio de versos e como o poema se ressignifica em língua portuguesa. Para descrever e desenvolver as seleções propostas aqui, será necessário percorrer a prática tradutória como transcrição e a mirada teórico-crítico-bibliográfica como metodologia. Com isso, faz-se útil a contribuição de Pound (1968, 1976 e 2006) em se tratando de tradução e Fanopeia. No que diz respeito ao Imagismo, vale-se os esforços de Carr (2009) e Kenner (1991). Para observar como o Imagismo repercute na língua de chegada, recorre-se a Campos (1969), dentre outros.

Palavras-chave: Imagismo; Fanopeia; Tradução; Ezra Pound.

DA AMAZÔNIA À FLORESTA NEGRA: LENDAS E MITOS NOS CONTOS DE WILHELM HAUFF - UMA TRADUÇÃO INTERCULTURAL

Rosanne Cordeiro de Castelo Branco (UFPA)

Resumo: A investigação trata dos mitos e lendas presentes na literatura infanto-juvenil da Amazônia e sua relação intercultural com as lendas e mitos inseridos na obra "Das kalte Herz" de Wilhelm Hauff, no século XIX. Diante dessa premissa, o presente estudo se propõe com base nos Estudos da Tradução, investigar aspectos de mitos e lendas, com origem no romantismo alemão que influenciaram a obra do escritor alemão, Wilhelm Hauff (1802-1827), em particular na obra "Das kalte Herz", observando sua interrelação com os mitos e lendas da Amazônia e sua representação estética frente ao imaginário que permeia a Floresta Amazônica e a Floresta Negra. Através dos procedimentos tradutórios e sua interrelação com o imaginário amazônico, tentaremos apontar em quais aspectos ambas "florestas" dialogam através de seus mitos, caracterizando a atualização da recepção da obra do escritor alemão no século XXI. A partir dos fragmentos escolhidos, em uma tradução livre do alemão para o português, a obra será analisada com o objetivo de investigar tanto as formas e as estratégias de construção narrativa quanto aos conteúdos temáticos na criação poética do escritor alemão, que apresentem indícios de uma tentativa de rompimento com o imaginário essencialmente romântico do século XIX, em cuja obra o autor aborda, fazendo uso do discurso infanto-juvenil, questionamentos relativos ao poder econômico, destruição da floresta, unido ao colonialismo da época. O embasamento teórico se constitui na literatura infantil e juvenil traduzida sob o olhar de SHAVIT (1986) e EVEN-ZOHAR (1978), unido aos fundamentos da tradução defendidos por BERMAN (2013), SUSAN BASSNETT e LEFEVERE (1998) e GIDEON TOURY (1980). Palavras-chaves: Wilhelm Hauff; Tradução Intercultural; literatura infanto-juvenil traduzida.

Palavras-chave: Wilhelm Hauff; Tradução Intercultural; literatura

**2 agosto
14h30**

REESCRITURAS DE DONA CAROCHINHA NA REVISTA O TICO-TICO

Jesyka Letícia Lemos Jaqueta (UNESP/IBILCE)

Resumo: Dona Carochinha, também conhecida como Baratinha, protagoniza um conhecido conto popular no qual encontra um vintém e decide usá-lo para se embelezar e encontrar um marido. Após analisar diversos candidatos, procurando pelo mais silencioso, opta pelo Senhor Ratinho. No dia do casamento, Ratinho tenta comer um toucinho que boiava num dos caldeirões de feijão preparados para a festa e, tragicamente, morre cozido. Dona Carochinha fica tão triste, que decide nunca mais se casar. Esse conto é muito difundido no Brasil, desde 1894, quando foi publicado por Figueiredo Pimentel num dos primeiros livros infantis do país, chamado Contos da Carochinha. Para além do conto, como sugere o título do livro, a personagem é conhecida como uma contadora de histórias, guardiã do mundo das fábulas. Essa atribuição da personagem também se evidencia na revista O Tico-Tico, uma publicação para crianças que circulou no Brasil entre 1905 e 1961. Nela, havia uma seção intitulada "Conto da Carochinha", onde eram publicadas histórias populares de diferentes países. Além disso, Dona Baratinha, aparece inúmeras vezes na revista, seja como convidada em alguma história ou protagonista de sua própria. Há histórias em quadrinho, ilustrações, versões de seu casamento com alterações no desfecho e, até, sequências que tratam da vida de seus netos ou sobre outras baratas que, conhecendo sua história, decidem não se casar com ratos. Nessa comunicação, pretende-se apresentar uma análise das diferentes formas de representação da personagem Carochinha na revista O Tico-Tico, observando tanto os elementos textuais, quanto os visuais e suas relações.

Palavras-chave: O Tico-Tico; Dona Carochinha; Dona Baratinha.

A ADAPTAÇÃO DE ROBINSON CRUSOE PARA A REVISTA INFANTIL BRASILEIRA O TICO-TICO

Nilce M. Pereira (UNESP/IBILCE)

Resumo: Esta apresentação envolve as áreas de Estudos da Tradução e de Estudos Visuais, na observação de como as linguagens verbal e imagética podem-se interagir em obras ilustradas, bem como de que maneira ambas as representações se podem sustentar como traduções do texto verbal de partida. Para tanto, será analisada uma das primeiras adaptações brasileiras do clássico inglês de Daniel Defoe, *The Life and Strange Surprising Adventures of Robinson Crusoe of York, Mariner* (1719), ou, simplesmente, *Robinson Crusoe*, publicada na revista infantil O Tico-Tico, entre 1910 e 1911, com o título *Aventuras de Robinson Crusoe*. Estendendo-se de 1905 a 1962, com seções variando entre as de histórias em quadrinhos, de jogos, passatempos, instrutivas de disciplinas escolares (matemática, ciências, história, etc.), curiosidades, cartas ao leitor e uma variedade de seções literárias, a Tico-Tico foi pioneira na introdução de contos e romances da literatura estrangeira no Brasil, no caso da adaptação de Crusoe, antecedendo até mesmo a adaptação de Monteiro Lobato (lançada em 1931). A adaptação de Crusoe da Tico-Tico, em particular, foi publicada de modo serial, a partir da edição 268 de 1910 e finalizando na edição 285 de 1911, apresentando de uma a duas páginas por edição. O autor da adaptação é anônimo e são anônimas, semelhantemente, as ilustrações, compostas em litografia colorida, fartamente colocadas em meio ao texto em todas as páginas e aparecendo, também, como pôsteres de página inteira, geralmente do episódio principal da edição. O estudo da adaptação dar-se-á, observando a organização verbal e visual da publicação, a respeito da primeira, examinando os principais aspectos priorizados pelo adaptador na composição do texto, bem como as estratégias e procedimentos tradutórios adotados para tanto; e, com relação à parte visual, considerando as passagens ilustradas, as relações que podem estabelecer com o texto e de que maneira auxiliam na construção significativa da obra. Será também analisada a influência de ilustrações estrangeiras no trabalho do artista brasileiro e de como as visões tradicionais da história e, principalmente, do protagonista (construídas ao longo da história de publicação da obra) intervêm na própria imagem de Crusoe na literatura e cultura brasileiras por meio da adaptação em questão.

Palavras-chave: Robinson Crusoe; adaptação; ilustração

TRADUÇÕES E ILUSTRAÇÕES NA REVISTA DO GLOBO

Paula Godoi Arbex (UFU)

Resumo: A Revista do Globo, publicada pela Livraria do Globo, de Porto Alegre, entre 1929 e 1967, foi um periódico de cultura e de vida social, cujo conteúdo mesclava páginas literárias (contos, crônicas, poemas, textos de teatro, resenhas, críticas literárias, artigos de autores brasileiros e estrangeiros) e variedades (acontecimentos sociais, noticiário político e até, eventualmente, receitas culinárias). Havia, ainda, nas páginas da revista, uma grande quantidade de anúncios publicitários e fotos, e as capas costumavam trazer ilustrações de artistas plásticos (parte deles imigrantes europeus, instalados no sul do Brasil), imagens de atores de cinema, ou mesmo fotografias de jovens da sociedade porto-alegrense. Em sua porção literária, a revista com frequência publicava contos traduzidos ilustrados, em que, por vezes, segundo depoimento do escritor Erico Verissimo, um dos diretores do periódico, texto e imagem eram “pirateados” de revistas estrangeiras, uma vez que não havia verba para aquisição de material inédito. (VERISSIMO, 1973: 237). Nesse contexto, surge uma curiosa estratégia relacionada à tradução, as chamadas pseudotraduções, as quais, ainda segundo o que relata Verissimo em suas memórias, surgiam da seguinte forma: a partir de desenhos copiados das ilustrações de revistas americanas, eram “inventados” contos que se adequassem às imagens (e não o contrário, como deveria ser), supostamente traduzidos, mas na verdade escritos por colaboradores da revista e assinados sob pseudônimos. O presente trabalho tratará dessas e de outras passagens em torno da relação entre traduções e ilustrações nas páginas da Revista do Globo, abrangendo sobretudo o período considerado a Era de Ouro da tradução no Brasil.

Palavras-chave: tradução literária; ilustração; Revista do Globo

70 - TRAMAS DA HISTÓRIA E SENTIDOS DA MEMÓRIA NAS LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Coordenação: Roberta Guimarães Franco (UFLA); Renata Flávia da Silva (UFF); Viviane Vasconcelos (UERJ)

Resumo: As relações entre a literatura e a história sempre foram objeto de análise e, especialmente, de debate entre as áreas sobre as especificidades de cada campo e as possibilidades de diálogo. A literatura entendida pela história como um tipo de fonte, especialmente a partir do movimento da Nova História e da Escola dos Annales – “(...) a substituição da tradicional narrativa de acontecimento por uma história-problema”, como afirmou Peter Burke (1997, p. 11), e a história sendo reafirmada, retrabalhada, e/ou reinterpretada pela literatura. Assim, a análise literária foi ganhando, ao longo do tempo, novos contornos, desde a possibilidade através da Estética da Recepção, permitindo pensar a obra em múltiplos contextos e temporalidades, de acordo com o leitor, até os mais recentes Estudos Culturais e Pós-coloniais, possibilitando novas formas de olhar eventos históricos consagrados ou trazendo a luz questões que a dita história oficial silenciou. Nesse sentido, a memória vem, cada vez mais, se configurando como um elemento essencial na construção de sentidos entre o texto literário e o discurso histórico. Seja pensada como componente intratextual, atuando diretamente na estrutura narrativa, aliada à ideia de tempo, seja constituindo o espaço entre a obra literária e o seu contexto de produção, ou ainda estabelecendo fronteiras entre as perspectivas individuais e coletivas, a memória se configurou como instância que permite pensar a literatura tanto na sua esfera subjetiva quanto social. Didi-Huberman (1998) afirmara que a memória tem um particular papel sobre o olhar, já que não é a instância que contém, entretanto o espaço que suporta a ausência, isto é, lugar em que há um fragmento que permite a inserção de algo novo e transformá-lo em diferença: “Como uma cisão sempre reconduzida, a dialética joga com a contradição, não para resolvê-la, nem para entregar o mundo visível aos meios de uma retórica. Ela ultrapassa a oposição do visível e do legível num trabalho (DIDI-HUBERMAN, 1998, p.117)”.

No contexto das literaturas de língua portuguesa, pode-se evidenciar formar variadas de diálogo entre a literatura e história, passando pela formação de sentidos proporcionada pela memória. No Brasil, desde a necessidade de criação de uma identidade nacional, até a urgência em romper com este conceito, chegando a manifestações mais recentes que trazem novos olhares sobre acontecimentos, personagens e espaços. Sendo ainda relevante recuperar os questionamentos de Silviano Santiago em *Uma literatura nos trópicos* (1978), quando pensamos o quando essas relações

que envolvem a literatura contribuem para as questões identitárias, lendo o Brasil como país latino-americano, porém bastante influenciado pelas marcas europeias. No caso da Literatura Portuguesa, por exemplo, a história desempenhou um importante diálogo por meio de diferentes temas, mas também como próprio elemento ficcional. Basta pensar a maneira pela qual os mitos identitários foram construídos pela história da literatura ao longo dos séculos. Além da transformação da memória nacional como um dos grandes temas da literatura, um outro aspecto relevante é o outro lado dessa temática, como afirma Eduardo Lourenço (2014), que traz a dificuldade de assumir uma memória nacional não mais baseada nos grandes mitos, mas na decadência da colonização. Grande parte da literatura portuguesa do século XX, sobretudo após a Revolução dos Cravos, tem se ocupado da revisitação de fatos históricos ou da escrita ou reescrita de momentos relevantes para o país no que diz respeito à colonização. Já para as Literaturas africanas de língua portuguesa – ainda lutando por uma nomenclatura que as particularize na academia – a relação entre literatura e história parece ainda mais evidente, pelos recentes processos históricos que trazem um caráter testemunhal, muitas vezes autobiográfico, para essas literaturas, problematizando os silenciamentos em torno da colonização do século XX, das guerras pelas independências, da descolonização e das guerras civis. E também, dialogando com um passado mais distante, pela necessidade de reformular a história produzida de fora, pelo outro, reconstruindo mitos, recuperando personagens, reconfigurando espaços agora nacionais.

Portanto, este simpósio pretende acolher trabalhos que tenham como foco a relação entre literatura, história e memória, levando em consideração as múltiplas abordagens que esta tríade permite. Desde análises voltadas para a ficcionalização de acontecimentos e personagens históricos, pesquisas que envolvam os gêneros literários ditos confessionais, estudos que questionem o lugar da literatura e sua vertente ideológica, a relação entre perspectivas teóricas que problematizem essas questões, entre outras possibilidades que nos permitam ampliar o debate em torno das produções literárias em língua portuguesa.

REFERÊNCIAS:

DIDI-HUBERMAN, Georges. *O que vemos, o que nos olha*. Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 2000.

LOURENÇO, Eduardo. *Do colonialismo como nosso impensado*. Prefácio de Margarida Calafate Ribeiro e Roberto Vecchi. Lisboa: Gradiva.

SANTIAGO, Silvano. *Nas malhas da letra*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

31 de julho

14h30

TRÂNSITOS: A INVENÇÃO DO ESQUECIMENTO E A CRIAÇÃO DA MEMÓRIA EM O OUTRO PÉ DA SEREIA

Alice Botelho Peixoto (PUC-MG)

Resumo: O romance do moçambicano Mia Couto, *O Outro pé da Sereia*, é o desenlace de uma viagem secular. “A viagem termina quando encerramos as nossas fronteiras interiores. Regressamos a nós, não a um lugar.” (COUTO, 2006). A narrativa dá espaço para que memória e esquecimento se unam na criação (ou re-criação) de histórias, trajetórias, em suma, vidas. O romance encena um enlaçar de vidas e tempos. Encontros e desencontros são narrados, uma estrela que cai do céu, a consulta ao curandeiro até que Mwadia deixa seu “Antigamente” e regressa a “Vila Longe”, seu local de origem, com a missão de achar uma igreja para a imagem de uma santa encontrada no mato e assim salvar seu marido, Zero Madzero. Junto a santa havia um baú com escritos de um padre da época colonial, 1560, que serve de ponte entre os mundos, promovendo uma nova perspectiva sobre a história dos envolvidos nessa trama. Em “Vila Longe” Mwadia reencontra sua mãe, padrasto e os que ainda ficaram no lugarejo, ao mesmo tempo que um casal de americanos, um estadunidense e uma brasileira radicada nos EUA, chegam ao local sob o pretexto de resgatar a

história da escravidão e de si-próprios. Assim, uma África possível se define pela construção da subjetividade desses personagens, como conclui a protagonista, na continuação da citação acima: “Mwadia sentia que retornava aos labirintos de sua alma enquanto a canoa a conduzia pelos meandros do Mussenguezi. Na ida, ela se preocupava em sombrear a Virgem. No regresso, ela já ganhara a certeza: ali estava a Santa mulata, dispensando o sombreiro, afeiçoada ao sol de África.” (COUTO, 2006). Nesse viajar, a narrativa proporciona a reflexão também sobre memória e esquecimento. A invenção, representada na personagem de Mwadia, permite que a construção histórica una as trajetórias individuais e coletivas. Vale pensar com Aleida Assmann Sobre as metáforas da recordação e a simbologia da água desde os tempos antigos. Assim, temos as várias histórias contra uma história única. Articulando o romance de Mia Couto com uma reflexão teórica sobre história e espaço, pensamos num encontro entre os pensamentos de Walter Benjamin e Doreen Massey. Benjamin diz: “A história é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de ‘agoras’.” (BENJAMIN, 1987). Estabelecendo uma conversa teórica entre diferentes tempos e espaços, o pensamento da geografa inglesa Doreen Massey se intercala nas reflexões do pensador alemão. Massey questiona: “E se nos recusássemos a expressar espaço em tempo? E se ampliássemos a imaginação da única narrativa para oferecer espaço (literalmente) a uma multiplicidade de trajetórias?” (MASSEY, 2015). Percebemos que a noção tanto de espaço quanto de tempo, em *O outro pé da sereia*, se constrói como uma imbricação de trajetórias: “o espaço como uma simultaneidade de histórias-até-agora. O espacial é político.” (MASSEY, 2015).

Palavras-chave: História; Memória; Viagem; Literatura; Moçambique.

MELANCOLIA E MEMÓRIA EM O OUTRO PÉ DA SEREIA DE MIA COUTO: UMA ANÁLISE DAS EPIGRAFES DO BARBEIRO DE VILA LONGE

Eni Alves Rodrigues (PUC-MG)

Resumo: Na construção deste artigo temos uma paráfrase da história para, em seguida, discutir a visão do personagem Arcanjo Mistura (o Barbeiro de Vila Longe) da história narrada, evidenciando elementos de uma melancolia narrativa que ficcionaliza momentos históricos moçambicanos: colonização e independência. O artigo será estruturado pela citação numerada das epígrafes do Barbeiro de Vila Longe, na ordem em que elas aparecem no romance, para em seguida tecer apontamentos sobre as reflexões de memória, melancolia, o ato narrativo e outras discussões literárias correlacionadas a estas. A dicotomia entre o lembrar/esquecer e as memórias que podem ou devem ser resgatadas na História oficial, serão os pontos privilegiados neste artigo

Palavras-chave: Literaturas africanas de língua portuguesa; *O outro pé da sereia*; Mia Couto; Melancolia; Memórias

QUAL HISTÓRIA CONTAR? HISTÓRIA E MEMÓRIA NA LITERATURA DA GUINÉ-BISSAU

Erica Cristina Bispo (IFRJ)

Resumo: Em países onde a colonização permaneceu até depois da metade do século XX, como é o caso da Guiné-Bissau, as artes, antes dos historiadores, construíram, com suas metáforas, simbolismos, encenações e hipérboles, versões da História. Tal fato emerge como um leque de opções e possibilidades na construção da memória coletiva fixada pela escrita, especificamente, literária. Partindo daí, é interessante notar a reincidência da figura da mulher como personagem eleita por diversos escritores guineenses na opção de registrar presente, passado e futuro. A eleição da figura feminina como personagem central no discurso volta a cena para o espaço que, socialmente, seria ocultado e/ou silenciado. “Se no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade” (SPIVAK, 2010, p. 85), sendo assim, a escolha da mulher como elemento símbolo para discutir o país revela a opção pelo subalterno. É nosso intento, neste trabalho, discutir a versão da história contada pela literatura e em que medida, no caso específico da Guiné-Bissau, a opção por colocar a mulher no texto materializa, pelo menos literariamente, o

intento de Amílcar Cabral, ao declarar que o papel da burguesia nacional é o de “interpretar fielmente as aspirações das massas em cada fase da luta e de se identificar com elas cada vez mais” (CABRAL, 2008, p. 199).

Palavras-chave: literatura guineense, memória, história

O REFERENTE HISTÓRICO NA FICÇÃO CONTEMPORÂNEA: CRUZAMENTO, SUSPENSÃO E INSTABILIDADE

Helder Santos Rocha (UFPR)

Resumo: “Tenho mais interesse – para dizer a verdade – em repensar os fatos que os bons historiadores colheram, do que os seus escritos. Proporei, com o conto, uma nova interpretação da ação dos homens, tentando elucidar o raciocínio e a motivação que se encontra por trás dos atos e palavras. O trabalho da imaginação entra nesse momento.” (SANTIAGO, Em Liberdade, p. 223). Da reta do progresso à descontinuidade do tempo que se apresenta num aglomerado de referências. Não mais um encontro pacífico, uma identidade, mas um desvio (às vezes violento), uma diferença. O tempo que já não é cruza-se com a temporalidade de quem será no agora. O imaginário preenche as brechas entre os palimpsestos, transbordando os limites da narrativa historiográfica. A exposição do excesso desrecalca a escassez da objetividade. Diante de tais reflexões, propõe-se discutir, sucintamente neste simpósio, o processo de apropriação do ‘referente histórico’ pela ficção contemporânea, buscando destacar a função intermediadora, ou de entrelugar, que ele desempenha no ato de leitura. Para Derrida (2014), a escritura ficcional não pode prescindir da referência, mas, também, não depende exclusivamente da mesma; trata-se de um jogo, da produção de uma diferença. Na perspectiva do efeito estético de Iser (1996, 1999), toda referência extratextual sofre uma intervenção significativa de recontextualização a partir do ato de leitura. Paul Ricoeur (1994, 1995, 1997), por sua vez, pontua a relação de cruzamento inevitável que ocorre no processo de narratividade da experiência temporal, sobretudo na ficção, conferindo destaque à modificação da própria experiência sobre o tempo. Aquilo que ficou conhecido por Romance histórico, produzido em larga escala no século XIX no ocidente, e teorizado por Gyorgy Lukács (2011), nutria certa relação estável com o referente histórico, inclusive sobrepondo a narrativa historiográfica ao construto ficcional. Já Linda Hutcheon (1991), acerca da ficção pós-modernista que se apropria do referente histórico, e que denomina Metaficção historiográfica, enfatiza que a relação que se produz é mais de incerteza sobre o passado, que é textualizado, do que uma evidência histórica, como apontava Lukács; ou seja, mais uma problematização do que constatação. Amparando-se em tais leituras, e em mais algumas outras, busca-se aprofundar o debate com o intuito de melhor apreender o jogo que as ficções contemporâneas propõem aos leitores com relação à narrativa historiográfica, uma vez que já não aceitam mais o controle do imaginário (termo de Luiz Costa Lima, 2009), exercido por uma certa visão de história, muito em voga no séc. XIX.

Palavras-chave: Contemporaneidade; Diferença; Ficção; História; Referente.

A FICÇÃO DE RODERICK NEHONE: A HISTÓRIA COMO FARSA

Renata Flavia da Silva (UFF)

Resumo: Karl Marx, pouco mais de um século e meio atrás, afirmava e alertava que “a história se repete, a primeira vez como tragédia e a segunda como farsa”. A frase célebre, muitas vezes repetidas, e a ideia por ela representada, nem sempre compreendida, serve-nos, agora, como chave de leitura para duas obras ficcionais do escritor Roderick Nehone, *Estórias dispersas da vida de um reino* (1996) e *Uma bóia na tormenta* (2007). Frederico Manuel dos Santos e Silva Cardoso ? ou como prefere ser conhecido no meio literário, Roderick Nehone ? recupera alegoricamente eventos históricos pertencentes a uma memória histórica não apenas angolana, mas também, e por extensão, ao processo colonizatório. Embora não trate, especificamente, do passado colonial em suas narrativas, Nehone recupera imagens históricas que são reelaboradas e atualizadas em uma aproximação entre o passado, supostamente superado, e um presente caótico da sociedade luandense. É a leitura de tais imagens, assim como dos procedimentos narrativos empreendidos

pelo autor para compô-las, o objetivo a ser perseguido no presente estudo. Para tal, valemo-nos, inicialmente, das análises empreendidas por Marx, em O 18 Brumário de Luís Bonaparte, acerca das continuidades e rupturas empreendidas por revoluções nem tão revolucionárias assim. É a assunção do antigo aparato estatal, discutida por Marx, e relida por Nehone, parte de nossa análise. Dos escritos de Walter Benjamin, importa-nos pensar as noções de temporalidade e historicidade trazidas pela alegoria benjaminiana, assim como, suas teses sobre o conceito de História e os processos de transmissão de bens culturais, presentes nas obras Origem do drama trágico alemão e Magia e técnica, arte e política, e confrontá-los às imagens elaboradas pelo autor angolano. Por fim, auxilia-nos o pensamento de Giorgio Agamben sobre diferentes formas de poder e a experiência histórica, respectivamente presentes em Homo sacer: o poder soberano e a vida nua e Infância e história: destruição da experiência e origem da história, a fim de refletirmos sobre a literatura produzida por Roderick Nehone, uma possível bóia de salvação na tormenta do presente angolano.

Palavras-chave: Angola; ficção; história

1 de agosto

14h30

AS FORMAS DE SILÊNCIO EM MACABÉA E PONCIÁ VICÊNCIO

Cristiane Côrtes (CEFET-MG/UFMG)

Resumo: Esta comunicação pretende discutir a história e a memória nas dimensões do silêncio que podemos encontrar nas obras Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo, e Macabéa, de Clarice Lispector. Tais obras nos apresentam personagens perplexas diante de um mundo hostil e cada vez mais reificado. Para compreender esse lugar de negação na historiografia, as considerações de Eni Orlandi (1995), em "As formas do silêncio", são esclarecedoras. A pesquisadora coloca o silêncio como um amálgama das posições heterogêneas. Ele evidencia o grito mudo do que ficou fora do discurso, mas sua ausência de voz é profundamente significativa, pois é o que provocará o ruído na historiografia oficial. Ainda sobre o sentido do silêncio, Michelle Perrot (2005), "As mulheres ou os silêncios da história", se debruça sobre a [não] presença da mulher na história do continente europeu. A crítica feminista acredita que houve um silenciamento das práticas da memória feminina dificultando consideravelmente o protagonismo da mulher na historiografia ocidental e, com isso, retardando seus direitos e conquistas perante a sociedade. Na tradição literária não é diferente. As reflexões de Regina Dalcastagnè (2008), em Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, a respeito das relações raciais e seus estereótipos na literatura contemporânea apontam para um silêncio em torno da questão. Dalcastagnè destaca que a literatura é um espaço privilegiado para a manifestação de experiências dos grupos ditos minoritários pela legitimidade social que ela ainda retém. Ao ingressarem nela, os grupos subalternos incorporam suas memórias exigindo o reconhecimento do valor de sua experiência na sociedade. Macabéa e Ponciá Vicêncio são alguns dos exemplos utilizados para discutir a questão da negação das mulheres em condição subalterna na história da literatura brasileira. Ampliando a discussão posta por Perrot, o filósofo contemporâneo Georges Didi-Huberman, "Sobrevivência dos vaga-lumes", admite que os reinos tendem certamente a reduzir ou subjugar os povos. Mas essa redução, ainda que fosse extrema como nas decisões de genocídio, quase sempre deixa restos, memórias, e os restos quase sempre se movimentam: fugir, esconder-se, enterrar um testemunho, ir para outro lugar, encontrar a tangente. As narrativas nos apresentam as personagens a partir daquilo que aparentemente não possuem: memória, dinheiro, família, sonhos. Evaristo problematiza a temática ao construir uma personagem que anseia por uma realidade melhor. Ponciá começa a narrativa ao lado de sua família e na ilusão de que sua consciência e inteligência lhe poderiam servir de acesso. O desenrolar da trama prova o contrário e lhe tira o que acreditava ter, passa a viver alheia, tendo apenas relampejos de memória, como de conforto para tamanha escuridão. O vínculo com a ancestralidade e a reconstituição da memória são o que lhe restam e confortam. Na mesma esteira, Macabéa é um grito mudo evidente de uma classe subalterna subjugada e silenciada no processo de formação discursiva. Nesse sentido,

a literatura pode acessar a memória dessa realidade e desmontar o silêncio, denunciando a surdez de um sistema que atrela voz e poder, devolvendo a subjetividade aos emparedados, dando-lhes direito ao grito ou denunciando esse labirinto imposto e sua [im]possibilidade de saída.

Palavras-chave: Silêncio; História; Subalternidade

CAMILO CASTELO BRANCO E O COLONIALISMO PORTUGUÊS NA ÁSIA SEISCENTISTA

José Carvalho Vanzelli (USP)

Resumo: A memória coletiva portuguesa está diretamente ligada à presença lusitana no Oriente, como “se Portugal quando não esteve no Oriente, tivesse estado na miséria e na mesquinhaz” (HESPANHA, 1999, p. 15). Ainda, conforme nos afirma o historiador português António Manuel Hespanha (1999, p. 15): Foi no Oriente que se fizeram nossos santos e os nossos heróis. [...] Foi no Oriente que o nosso Império começou e é nele que, em 1999, ele irá acabar”. Deste modo, desde o principal poema épico de Portugal, Os Lusíadas (1572), que recria alegoricamente a chegada de Vasco da Gama às Índias, até a literatura contemporânea, são inúmeras as obras que estabelecem diálogos com o período em que Portugal manteve possessões na Ásia. A literatura do século XIX foi fundamental para a cristalização das representações do Oriente que ainda hoje existem na história lusitana. Por ter sido um século politicamente delicado a Portugal – com, por exemplo, as invasões napoleônicas em 1807, guerra civil (1828-1834) e o Ultimatum inglês de 1891 –, também foi um período em que diversas obras de caráter histórico e de exaltação nacional vieram a lume. Nesses textos, de um modo geral, o século XVI surge como um período áureo da história de Portugal em que, não raro, o Oriente se configura como o “teatro das glórias portuguesas” (CHAGAS, 1880, p. 10). Camilo Castelo Branco (1825-1890), no entanto, em uma série de textos escritos entre a década de 1860 e 1880, estabelece um discurso que vai na contracorrente de grande parte do que estava sendo pronunciado pela intelectualidade da época acerca da política colonialista portuguesa na Ásia. Dois desses textos merecem destaque. São eles: Tragédias da Índia (1880), publicado inicialmente em Sentimentalismo e História, como um dos textos redigidos em continuação ao romance A Corja; e Luiz de Camões – notas biográficas (1880), primeiramente feito como prefácio à 7ª edição de Camões de Almeida Garrett, mas que foi editado, no mesmo ano, em um volume a parte. É de se notar que ambos os textos foram publicados no ano em que se celebrou o Tricentenário de Morte de Camões – festividade que agitou a vida social e intelectual de Portugal e Brasil e que possuiu um forte tom político e nacionalista. Nesta comunicação, portanto, pretendemos verificar como Camilo (re)escreve criticamente a história da presença lusitana no Oriente nesses dois textos. Intencionamos, ainda, verificar como esse discurso camiliano, ainda pouco estudado, é original, se diferenciando de outros pensamentos críticos oitocentistas, como, por exemplo, os dos escritores da chamada Geração de 70. Por fim, buscaremos apontar a importância da reflexão que Camilo gera em seus leitores de ontem e de hoje para uma ressignificação do discurso da história oficial de Portugal.

Palavras-chave: Camilo Castelo Branco; Orientalismo; Ásia, Portugal

CONTINUIDADE E DESCONTINUIDADE NA OBRA DE AGUSTINA BESSA-LUÍS

Viviane da Silva Vasconcellos (UERJ)

Resumo: Segundo Maria Alzira Seixo (1987) há uma noção de batalha obscura entre a narrativa e o encontro com as sereias na obra de Agustina Bessa-Luís. É uma referência a um percurso sem caminho, como no canto, que provoca o desejo de procura, pois não há um “destino”, mas um processo infinito de escrita. Esse processo parece ser mais evidente quando a escritora analisa as obras de algumas pintoras. Agustina escreve “As meninas”, em 2001, obra em que comenta quadros da artista Paula Rego. Sobre a pintora, Agustina afirma que o desenho dela é uma escrita, paciente e barroca. No livro, além das reflexões sobre a artista, é possível perceber que a memória tem um papel fundamental no desenvolvimento de alguns temas, como o da infância. A ideia à qual Maria Alzira Seixo se refere é retomada por meio das noções de inacabado, de mistério e de tapeçaria. Na escrita de Agustina Bessa-Luís parece existir uma aproximação com a obra de Paula Rego. O que parece interessar na obra agustiniana é a possibilidade do recomeço, expor a dúvida, que é o

conhecimento de que, ao dissertar acerca de um determinado assunto ou pintar algumas figuras e cenas insistentemente, no caso de Paula Rego, escritora e pintora estão em busca do movimento.

Palavras-chave: Agustina Bessa-Luís, Paula Rego, Memória, Pintura.

**2 agosto
14h30**

O BRASIL NÃO EXISTE: O ESTRANGEIRO E A IDENTIDADE NACIONAL

Allysson Casais (UFF)

Resumo: A nacionalidade, de acordo com Benedict Anderson, é um produto cultural e, assim, deve ser imaginada. No Brasil, especificamente, a visão de um paraíso racial em que brancos, negros e indígenas vivem em harmonia conduziu a imaginação da identidade nacional, resultando em um discurso histórico de apagamento não só das tensões e dos conflitos entre esses grupos, mas também da violência da experiência do imigrante. A literatura, entretanto, pode servir para questionar esse mito edênico que se insere em nossa memória nacional, trazendo à tona as desigualdades que são mascaradas pelo discurso de tolerância. Neste trabalho, buscamos analisar como dois romances, *O sol se põe em São Paulo*, de Bernardo Carvalho (2007), e *A chave de casa*, de Tatiana Salem Levy (2008), problematizam a ideia de identidade nacional como algo rígido, único e fechado. No romance de Carvalho, no qual o leitor se depara com imigrantes e descendentes japoneses em uma história que se expande do Japão a São Paulo, percebe-se a busca por assimilação à nova nação e a demanda de êxito que recai sobre as gerações nascidas neste novo contexto. O narrador, neto de imigrantes japoneses, relata sua aversão àquilo que pode o aproximar ao país de origem de seus antepassados assim como a importância de atingir um certo nível de sucesso para honrar os sacrifícios daqueles que imigraram. A obra de Levy também toca na questão da imigração, desta vez de pessoas oriundas da Turquia, e mostra não só a necessidade de assimilação como o romance de Carvalho, mas também a herança traumática que a imigração pode deixar para os descendentes. Na narrativa, o corpo doente da narradora-personagem, neta de imigrantes, serve como metáfora para essa herança. Uma leitura desses romances, portanto, possibilita uma problematização da visão de identidade nacional única brasileira.

Palavras-chave: Identidade; Nacionalidade; Imigração; Memória

NINGUÉM É INOCENTE EM SÃO PAULO, OU A PARABÉLUM SOLTANDO O PASSARINHO: A IDENTIDADE NACIONAL REVISITADA A PARTIR DA LITERATURA MARGINAL

Andressa Marques Pinto (UFJF)

Resumo: Não somos o retrato, pelo contrário, mudamos o foco e tiramos nós mesmos a nossa foto. (FERRÉZ) Contra o artista surdo-mudo e a letra que não fala. É preciso sugar da arte um novo tipo de artista: o artista-cidadão. Aquele que na sua arte não revoluciona o mundo, mas também não compactua com a mediocridade que imbeciliza um povo desprovido de oportunidades. (SÉRGIO VAZ) As duas epígrafes acima colocam em foco um novo modo de enunciação, vindo das periferias brasileiras, que reivindica, diríamos com êxito, sua autorrepresentação no campo da literatura brasileira contemporânea. As vozes de Ferréz e Sérgio Vaz, importantes nomes da gênese do movimento denominado Literatura Marginal, evidenciam o seu tom combativo, inscrito no “território contestado” (DALCASTAGNÉ, 2011), da literatura brasileira, cujo maior inimigo é o silenciamento secular a que foram submetidos aqueles que ocupam posições marginalizadas na sociedade brasileira. A emergência dessas vozes subalternas que se autointitulam marginais “com uma forma de caracterizar sua produção e, principalmente, como resposta a uma interpelação identitária” (FARIA; PENNA; PATROCÍNIO, 2015, p. 20), que se apropriam dos recursos da chamada literatura brasileira e ao mesmo tempo afirma que “não viveremos ou morreremos se não tivermos o selo da aceitação” (FERRÉZ, 2006, p. 10), traz consigo um conjunto de problemas que, como aponta Dalcastagné (2011), tem seu cerne na quebra de uma violenta hierarquia que legitima determinadas vozes na mesma medida em que deslegitima outras. Os ruídos causados por essas

vozes antes silencias podem ser observados de diversos ângulos e são causadores de deslocamentos diversos, a este trabalho interessa aquele que põe em foco certa representação da identidade nacional que, por mais que tenha passado por diferentes momentos e formulações representativas (Romantismo e Modernismo, por exemplo), ainda não havia encontrado o contraponto da pluralidade enunciativa. Interessa-me, portanto, observar como, no campo da literatura brasileira contemporânea, a emergência de vozes silenciadas leva à contestação dos discursos hegemônicos, colocando em evidência novas identidades e, por conseguinte, forçando a revisão de discursos identitários já consolidados. Para tanto, o movimento investigativo que farei se alinha com a ideia bejaminiana de “pentear a história a contrapelo” no intuito de trazer à tona intensões que estão camufladas nas frestas dos discursos hegemônicos. A construção da representatividade identitária a partir do lugar do discurso hegemônico será o que pentearé a contrapelo, sendo a construção do discurso do autor marginal da literatura brasileira contemporânea o instrumento que auxiliará nesse movimento. Para tanto, o livro de contos Ninguém é inocente em São Paulo, de Ferréz, me servirá de escopo investigativo. A escolha deste corpus literário se justifica não apenas pelo lugar germinal que ocupa Ferréz na Literatura Marginal, mas, sobretudo, pelo modo como o autor constrói a voz narrativa e subverte os gêneros literários, provocando deslocamentos significativos não apenas para questões identitárias, mas para o próprio jogo ficcional. Referências BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de História. In: Magia e técnica, arte e política: ensaios de literatura e história da cultura. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 8. ed. Revisada. São Paulo: Brasiliense, 2012. p. 241-252. (Obras Escolhidas v.I) DALCASTAGNÉ, Regina. Literatura brasileira contemporânea: um território contestado. Vinhedo: Ed. Horizonte; Rio de Janeiro: Ed.UERJ, 2012. (eBook Kindle) FARIA, Alexandre; PENNA, João Camillo; PATROCÍNIO, Paulo Roberto Tonani do (Org.). Modos da margem: figurações da marginalidade na literatura brasileira. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2015. FERRÉZ. Ninguém é inocente em São Paulo. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

Palavras-chave: Identidade Nacional; Literatura Marginal; Ferréz

A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DE PERSONAGENS NEGROS E MESTIÇOS EM ROMANCES DE ANTÔNIO LOBO ANTUNES

Camila Savegnago (UFSM)

Resumo: António Lobo Antunes é um escritor com intensa produção ficcional e com uma escrita de estilo singular. Autor de crônicas e romances, figura entre os nomes de referência na literatura portuguesa contemporânea. Com narrativas em que os limites do romanesco são subvertidos a todo o instante, dedica especial atenção à forma narrativa, bem como à problematização de questões políticas, sociais, históricas, além de mostrar excepcional capacidade de exploração de dramas humanos. Do universo ficcional de Lobo Antunes, ganham vida sujeitos mais fluidos, múltiplos e heterogêneos, em forte conexão com o mundo interior e exterior, sujeitos que perdem seus contornos nítidos e conquistam a presença no mundo pelo seu discurso. Os conteúdos temáticos abordados, nos textos antunianos, também são bastante diversificados, porém notamos a reincidência da temática relativa à África, especialmente, no que se refere à relação entre Portugal e Angola. O foco está principalmente sobre aqueles que estiveram, de algum modo, envolvidos nos processos de colonização, guerra colonial, descolonização, guerra civil em solo africano. Assim, Lobo Antunes questiona não só a identidade portuguesa, tanto individual quanto coletiva, como também problematiza a maneira como o discurso histórico tradicionalmente é construído, alargando as fronteiras narrativas e os seus conteúdos semânticos. Nesse contexto, este trabalho se propõe a analisar a construção ficcional identitária de três personagens antunianas cujo problema de identidade recai essencialmente sobre a cor da pele: Carlos, filho mestiço de colonizadores portugueses em Angola; um pai negro, ex-seminarista e integrante da Comissão das Lágrimas, casado com uma mulher branca; um rapaz negro, retirado de Angola e criado em Portugal por um ex-soldado português. Tais personagens estão presentes, respectivamente, nos romances: O esplendor de Portugal (1997), Comissão das Lágrimas (2011) e Até Que As Pedras Se Tornem Mais Leves Que A Água (2017). Vale ressaltar que todos nasceram e viveram em Angola por certo período

de tempo, mas passaram a morar em Portugal após o processo de independência do país africano, ocupando um entre-lugar, no sentido de que não são portugueses nem angolanos, mas um híbrido disso. Como predominam, nas narrativas antunianas, as vozes e as perspectivas de personagens brancos, mostra-se relevante observar com atenção o ponto de vista desses sujeitos mestiços ou negros que também foram atingidos pelo contexto de violência que envolveu as relações do império português e sua colônia angolana. Desse modo, pretende-se responder, ao final da pesquisa, que sujeitos mestiços e negros são esses que circulam pelo mundo criado por Lobo Antunes; quais as histórias que trazem consigo e como é o mundo em que habitam; até que ponto um contexto de violência e conflitos armados pode influenciar no modo como esses sujeitos experienciam suas vidas.

Palavras-chave: Romance; Identidade; Lobo Antunes

LEITURAS E RELEITURAS DO BRASIL: A (RE) CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES NACIONAIS EM CADERNO DE POESIAS, DE MARIA BETHÂNIA

Everson Nicolau de Almeida (UFV)

Resumo: A ideia de identidade nacional, construída a partir de elementos literários, discursivos, artísticos e ideológicos, ocupou, a partir do século XIX um espaço importante nas discussões em diversos campos do conhecimento, dentre os quais estão a literatura e a história. No plano da literatura, as obras de José de Alencar tiveram, no Romantismo, um papel importante na construção de um ideal de nação unificada, cristalizada, a partir de uma visão do herói nacional como aquele que assume os ideais europeus em suas condutas, servindo assim ao projeto de edificação nacional pós-independência. Por outro lado, já no Modernismo, Mario de Andrade rompe com a ideia de uma nação edificada e coloca na personagem Macunaíma, de romance cujo título é homônimo (1928), a alegoria de uma identidade cultural que está inacabada. Deste modo, tomando por corpus de análise a obra *Caderno de Poesias* (2015) da intérprete baiana Maria Bethânia, pretende-se discutir por um viés comparatista as relações entre literatura e história na construção ensaística e literária de um livro em que estão presentes textos multissemióticos que apontam para uma visão plural da identidade nacional. A partir da visão ensaística de Maria Bethânia, pode-se dizer que os intercruzamentos entre literatura e história se estabelecem, no plano da obra em questão, através de uma composição feita de fragmentos textuais, que possibilitam a formação de um mosaico em que estão representadas as diversidades étnicas, sociais e culturais da sociedade brasileira. Assim, aspectos estruturais e temáticos da obra são compostos através de uma tessitura autoral que integra textos de diversos autores em uma montagem literária dotada de intertextualidades e polifonias. São nas lacunas dos fragmentos textuais que a leitura de Brasil, à luz de Bethânia, se estabelece entre a incompletude da literatura e da história, pois sua compreensão das identidades nacionais não se pretende absoluta e sim como um olhar pessoal materializado em um ensaio poético. Servem como aporte teórico para este trabalho as reflexões dos seguintes autores: Antonio Candido (2014), Alfredo Bosi (1992), Silviano Santiago (2000), Stuart Hall (2000; 2003), Julia Kristeva (2005), Walter Benjamin (1984; 1985; 2006), Bakhtin (1981), Gilberto Freyre (1998), Caio Prado Jr. (2000) e Sérgio Buarque de Holanda (1995). Esta proposta de comunicação é parte de uma pesquisa de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Viçosa, área de concentração em Estudos Literários, tendo como orientador o Prof. Dr. Angelo Adriano Faria de Assis (UFV) e como co-orientadora a Prof^a. Dr^a. Roberta Guimarães Franco (UFLA).

Palavras-chave: Identidades; Literatura; História; Maria Bethânia

3 de agosto

14h30

LITERATURA DE VIAGENS: UMA TRANSFIGURAÇÃO DA EXPERIÊNCIA DE VIAGEM PELA LINGUAGEM ENTRE OS ESPAÇOS QUE SE DESENCADEIAM NA MENTE DO VIAJANTE

Vanessa Pincerato Fernandes (UFMT)

Resumo: Temos na literatura de viagem um gênero literário que geralmente consiste em uma narrativa acerca de experiências, descobertas e reflexões presenciadas pelo viajante durante seu percurso. Esta se classifica em cinco categorias, das quais trataremos aqui no que tange a viagem imaginária, por meio da poesia, enquanto objeto de estudo. As narrativas de viagens e suas narrativas e escritas pós-coloniais, são estudadas a partir do Romantismo e no final do século XVIII se fortalecem as viagens de artistas, poetas e estudiosos principalmente à Itália, Oriente Médio e Norte da África. Contudo entendemos por Literatura de Viagens um gênero que sobrevive desde o século XV ao fim do século XIX, onde os textos apresentavam caráter compósitório, dos quais tínhamos o cruzamento da Literatura com a História, em que as viagens, sendo elas reais ou imaginárias (ar, terra, mar), ganhavam forma, independente do deslocamento ou percurso (TZVETAN, 1990) em que a intenção era o relato e descrição da terra, fauna, flora, minerais, usos, costumes, crenças e a forma de organização cultural dos povos. Nessa acepção, através dos recursos de linguagem com os quais se constitui o relato de viagem, seja em textos poéticos, seja em textos de prosa-poética, o intuito deste trabalho é buscar compreender as impressões e os meios os quais permeiam a construção das imagens e a construção da sinestesia capaz de convergir para provocar tal encantamento no leitor. Neste enfoque, as poesias de José Craveirinha serão lidas e analisadas não no intuito de observar a função dos referenciais que testemunham, mas, sim da poeticidade dos relatos. Analisaremos os poemas de José João Craveirinha, poeta Moçambicano, a partir da teoria de narrativa de viagens por Buesco, 2005, em que tratará de como a problemática da viagem tem sido fundamentalmente tratada, nos estudos literários, no intuito de apresentar como a imagem poética constrói pelo viés da linguagem, a importância da “realidade” duma imagem. Com conceito de Glissant, 2001, veremos tal imagem através da poesia, que de acordo com o teórico, através da poesia podemos abrir nossas barcas e navegarmos para todos. Em meio estes conceitos tomaremos a poética da história como experiência vivida, uma vez que diante da escrita e da memória a literatura vem articular, em meio à tradição e os costumes, de guerras e conquistas no período Colonial e pós-colonial, uma imaginação histórica que construirá uma poética da história a partir dos relatos imaginários embrenhados na escrita de José Craveirinha.

Palavras-chave: Poesia; Literatura de viagem; História; Memória

LUANDINO, JOÃO VÊNCIO E SUAS MEMÓRIAS EMPRESTADAS

Renato dos Santos Pinto (UFF)

Resumo: Registrar a lembrança de um fato exatamente como ocorreu não é uma tarefa trivial, talvez sequer seja possível. Mesmo quando se busca a imparcialidade, ao se narrar algo da memória é inevitável sua contaminação pelo repertório e os valores culturais pré-existentes no universo de quem narra. Mas isso não ocorre somente com a memória: A constatação de que a História não é uma transcrição exata de fatos ocorridos e sim um discurso, portanto proferido por alguém de algum lugar, acaba por estabelecer uma relação entre os estudos de História e aqueles que abordam a discursividade da memória. Quando se trata de narrativa literária a questão ganha maior complexidade. A partir do romance João Vêncio e seus amores, de Luandino Vieira, abordaremos questões relacionadas à literatura, memória e história. Em seus Papéis da prisão: apontamentos, diário, correspondências (1962-1971), publicado em 2015, Luandino apresenta seus registros diários de grande parte do período em que ficou preso, sob a responsabilidade da PIDE, polícia que dava sustentação ao regime salazarista, durante as guerras de independência de Angola. Em nota registrada nos Papéis da prisão, datada de 1967, aparece "um tal Juvêncio, que se dizia João Vêncio e cuja frase preferida para se dirigir é: Camarada companheiro". No ano seguinte, Luandino escreve a narrativa João Vêncio e seus amores, que veio a ser publicado somente em 1979. No romance o narrador conta em primeira pessoa suas memórias amorosas a um colega de prisão. As aventuras e desventuras de João Vêncio, ao serem narradas do ponto de vista de um angolano oprimido e dominado culturalmente pelo colonizador, ganham uma coerência peculiar. O encadeamento dos argumentos é oferecido com grande habilidade, desafiando a lógica imposta pela cultura dominante. O narratário, seu colega de prisão, por vezes, se confunde com o leitor ou, quiçá com o próprio

autor. Ao final da leitura torna-se um desafio não criar alguma empatia por nosso anti-herói, por mais fora que esteja dos padrões morais ocidentais. Nas entrelinhas das histórias amorosas do narrador personagem aparecem aspectos do projeto militante reivindicado por Luandino Vieira. Assim, nossa leitura de João Vêncio e seus amores buscará destacar elementos de resistência ao colonialismo e compreender como um determinado ponto de vista pode influenciar a discursividade da memória. Buscará também dirigir os olhares para a relação entre narrador e narratário, visto que Luandino registrou o conhecimento de um homem denominado João Vêncio na prisão, mesmo lugar de onde o narrador descreve suas memórias. As afirmações e constatações serão balizadas preferencialmente, mas não exclusivamente pelo arcabouço teórico sugerido na ementa do simpósio.

Palavras-chave: Memória; História; Luandino; João Vêncio

A REESCRITURA DE IMAGENS EM FANTASIA LUSITANA: FRAGMENTOS UTÓPICOS DE UMA NARRATIVA DISTÓPICA

Roberta Guimarães Franco (UFLA/FAPEMIG)

Resumo: O Estado Novo português, comandado por António Salazar a partir de 1933, reatualiza o mito do destino grandioso que Portugal ainda estaria por cumprir, imagem forte n'Os Lusíadas, também presente nos escritos de António Vieira, e parte crucial do sebastianismo. Assim, o famoso slogan "Tudo pela Nação, nada contra a Nação" resumia o estado ditatorial em que Portugal viveu por mais de quarenta anos, bem como o silêncio imposto diante da não aceitação de visões que desacreditassem o destino português. Dentre as características do período estão o culto à figura do ditador Salazar; a ausência de liberdade; a consequente criação de órgão de repressão e uma intensificação do nacionalismo exacerbado. Mais uma vez, os momentos grandiosos do passado histórico português são chamados à cena para fortalecer a ideia de Nação, utópica ao longo dos séculos e intensificada neste contexto. Este trabalho, parte do projeto "Poder e silêncio(s): a pós-colonialidade entre o discurso oficial e criação ficcional", financiado pela FAPEMIG, tem como objetivo analisar a construção do filme "Fantasia Lusitana" (2010), de João Candiyo, e a montagem contemporânea realizada com imagens e áudios da década de 40. O filme, lançado em 2010, ao trabalhar unicamente com material de época, editando e costurando imagem e som, evidencia como esta reescritas das imagens, que se dá partir do discurso utópico de nação presente no Estado Novo, configura uma perspectiva distópica, característica do pós-Império português. Neste sentido, o filme lançado em 2010 ao trabalhar unicamente com material de época, editando e costurando imagem e som, reatualiza os fragmentos do antigo império, lidos hoje como ruína.

Palavras-chave: Reescritura; Portugal; Pós-império; Distopia.

71 - TRAMAS E SENTIDOS NA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL: LEITURA, PESQUISA, ENSINO

Coordenação: Rita de Cássia Silva Dionísio Santos (UNIMONTES); Regina Michelli (UERJ); Ana Cristina dos Santos (UERJ)

Resumo: A literatura e a escola acumulam, de maneira diferenciada, a função de formar, educar e dar prazer, o que não se pode confundir com o viés pedagógico. Nesse sentido, a pesquisadora e escritora Regina Zilberman afirma que, aproveitada na sala de aula em sua natureza ficcional, que aponta a um conhecimento de mundo, e não como súdita do ensino bem comportado, ela [a literatura] se apresenta como o elemento propulsor que levará a escola à ruptura com a educação contraditória e tradicional (ZILBERMAN, 2003, p. 30). Essa assertiva de Zilberman suscita a reflexão sobre a natureza de obras produzidas para a leitura de crianças e jovens, as quais carecem, de imediato, de uma distinção. Há obras que se enquadram na denominação de livros, são acessíveis e direcionadas a esse público, encontrando-se, nesta categoria, por exemplo, os livros-brinquedo, os livros interativos com tarefas desafiadoras a serem cumpridas pelo leitor. Diferentes dessas produções são as obras literárias infantis e juvenis, definidas pela possibilidade de modalizar uma experiência ficcional, pela literariedade, pela plurivocidade de leituras que oferecem, pois, como explica a escritora Marina Colasanti, "[D]a literatura não fazem parte: o lugar-comum, a frase feita, a

história previsível, a linguagem infantilizante, a função didático-moralizante” (2005, p. 180). A obra infantil ou juvenil, *se literária*, amplia seu público, incorporando o adulto ao oferecer-lhe a possibilidade de realizar múltiplas leituras – afinal, já interrogara Carlos Drummond de Andrade: “a partir de que ponto uma obra literária deixa de constituir alimento para o espírito da criança ou do jovem e se dirige ao espírito do adulto? Qual o bom livro para crianças que não seja lido com interesse pelo homem feito?”, acrescentando que, “observados alguns cuidados de linguagem e decência, a distinção preconceituosa se desfaz” (1964, p. 591). Assim, refletir sobre a Literatura para crianças e jovens impõe pensar um leque de questões, como as especificidades que cercam autor e texto, em que se incluem a gama de produções textuais de diferentes gêneros literários e em diferentes linguagens; o reendereço a crianças e jovens de obras escritas originariamente para o público adulto; a adaptação de poemas e narrativas para outros suportes; a apropriação da narrativa literária para crianças e jovens por outras mídias, como os livros digitais; a função da ilustração; a presença de eventos insólitos e de uma linguagem redimensionadora do texto. Um pouco mais além, emergem aspectos ligados ao mercado editorial e a novas formas de consumo e de recepção que implicam pensar a circulação e a recepção das obras, representações de leitores e de práticas de leitura por ela suscitadas. Os estudos que cercam a literatura para crianças e jovens assinalam, segundo João Luís Ceccantini (2004, p. 23), um “caráter *mais teórico* ou *mais aplicado* na visada que se dá ao objeto” Literatura Infantojuvenil. Neste, encontram-se pesquisadores de áreas mais ‘pragmáticas’, “voltados à formação do leitor e ao desenvolvimento afetivo e cognitivo da criança e do jovem”; naquele, os ‘teóricos’, “mais preocupados com a autonomia do objeto focalizado e suas relações com a série literária e a histórica” (CECCANTINI, 2004, p. 23). Por outro lado, cumpre destacar que os estudos literários vêm sinalizando a importância de abordagens mais diversas do *corpus* ficcional, por meio de olhares interdisciplinares e multissemióticos, fundamentando o diálogo entre o texto literário e outras linguagens artísticas e hipermidiáticas. No meio universitário, observam-se enfoques que privilegiam uma ou outra abordagem, além da convivência das duas, o que se justifica plenamente em cursos tanto de Educação, quanto de Letras, em especial nas licenciaturas, onde teoria e prática devem caminhar juntas. Sobre o assunto, Ceccantini explica que é necessário se levar em conta nossa *pequena tradição de estudos acadêmicos sobre o assunto*, uma vez que nossa produção teórica em matéria de literatura infantojuvenil é bastante recente. O autor acrescenta que esse aspecto é “agravado pelo modelo de Universidade que aqui vigorou, especificamente no que toca à Área das Letras, desde a implantação da USP na década de 30 do século passado, modelo todo ele voltado à pesquisa pura e desinteressada, ao *corpus* erudito, ao cânon e sempre temeroso de tudo que tangenciasse a Educação ou a pesquisa aplicada” (CECCANTINI, 2004, p.29). Na perspectiva das temáticas e abordagens suscitadas, neste simpósio, aceitam-se trabalhos que promovam uma reflexão e um alargamento de conceituações à roda da literatura para crianças e jovens, abarcando, além dessas questões, funções dessa literatura; leituras críticas centradas em obras literárias; práticas pedagógicas que promovam metodologias dinamizadoras dos letramentos literários; presença de textos de e sobre Literatura Infantil e Juvenil em livros didáticos, diferentes graus de ensino, meios de comunicação; temas contemporâneos, ilustradores de questões polêmicas importantes na formação cognitiva e emocional de crianças e jovens, como as representações étnico-raciais, de gênero, de faixa etária, de diversidade cultural etc.

REFERÊNCIAS:

- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Confissões de Minas*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1964.
- CECCANTINI, João Luís C. T. “Perspectivas de pesquisa em literatura infanto-juvenil” In: _____(org.) *Leitura e literatura infanto-juvenil: memória de Gramado*. São Paulo: Cultura Acadêmica; Assis-São Paulo: ANEP, 2004, p.19-37.
- COLASANTI, Marina. “O que você entende por qualidade em Literatura Infantil e Juvenil?”. In: OLIVEIRA, Ieda de. *O que é qualidade em literatura infantil e juvenil?: com a palavra, o escritor*. São Paulo: DCL, 2005, p. 180.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. São Paulo: Global, 2003.

1 de agosto
8h30

A IMPORTÂNCIA DA LEITURA DE IMAGENS NO UNIVERSO INFANTIL PARA DESENVOLVER O PRAZER PELA LITERATURA

Danielle Ferreira de Souza (UNIMONTES)

Resumo: Percebo que a formação do leitor deve ser iniciada na mais tenra idade, uma vez que a leitura é um hábito e, para que se adquira um bom hábito, é necessário que haja constância, paciência e estímulo. Dessa forma, discorro neste artigo sobre estratégias utilizadas por professores e pais, que são os que provavelmente orientam, na maioria das vezes, na formação de um leitor desde os primeiros anos na escola. De acordo com Cagliari (1996), a palavra só faz sentido para o outro se esse outro tiver conhecimento das coisas de mundo. Para a criança conhecer o mundo, é necessário que alguém oportunize acesso a livros, revistas, imagens, viagens, interações e outras formas de leitura, que possam aguçar o desejo de ler. Pretendo, portanto, discutir aqui a importância das imagens em livros infantis, histórias em quadrinhos e mídias digitais como estratégia para estímulo à leitura, principalmente pelas crianças ainda não alfabetizadas ou no início do processo. Para isso, exploro ilustrações com o objetivo de provocar a imaginação da criança e o despertar para a importância da leitura. Objetivamos, neste trabalho, apresentar resultados de uma pesquisa qualitativa e descritiva a respeito de como, efetivamente, a criança pode desenvolver o gosto pela leitura a partir de atividades realizadas na escola, estimulando a interpretação de imagens/ilustrações, e os impactos dessa estratégia para despertar o interesse pela leitura da palavra. Esse estudo teve como base teórica Solé (1998), Geraldi (2006), Cagliari (1996), dentre outros, que discutem a respeito da importância das ilustrações e imagens para despertar o interesse pela leitura e para a formação de leitores. O resultado indica que a criança demonstra interesse por um texto literário, a partir do encantamento que a imagem provoca na sua imaginação e como a leitura dessas imagens são conduzidas por quem interage com a criança, sendo esse processo o ponto inicial para o despertar do leitor.

Palavras-chave: Leitura de imagens; formação do leitor; texto literário

A LITERATURA DISTÓPICA JUVENIL E O PAPEL DO CORPO

Cássia Farias Oliveira dos Santos (UFF)

Resumo: As distopias podem assumir diversas formas, de acordo com o momento histórico e com o aspecto social que se deseja criticar. Mesmo com essa variedade, é possível observar que, em muitas delas, o corpo do protagonista é um elemento central para a construção dessas sociedades. Seja como um espelho das condições precárias de vida ou como o meio pelo qual a manipulação e dominação são exercidas, esse corpo fala ao leitor, revelando a dimensão dos horrores desse mundo. Em muitas obras, o corpo apresenta-se, inicialmente, como aquilo que limita o sujeito, e, de certa forma, como um local de impossibilidade, já que pode ser facilmente manipulado e é falho. Por outro lado, há também uma luta para reaver o controle de si que parece estar diretamente relacionada com a autonomia corporal. Essa tendência pode ser observada também na produção distópica recente da chamada *young adult literature*, que veio dominando nessa década o mercado editorial e cinematográfico voltado para o público adolescente. Esse trabalho pretende, então, discutir a forma como o corpo é abordado nas distopias clássicas e juvenis, mostrando suas funções e suas implicações para a identidade desses sujeitos.

Palavras-chave: Literatura juvenil; distopia; corpo

A PRINCESA E O GOBLIN: A LITERATURA DE GEORGE MACDONALD NO BRASIL

Ana Laura de Brum Kury da Silva (UFPR)

Resumo: George Macdonald, escritor escocês do século XIX, é considerado um grande autor de ficção para crianças e adultos em países de língua inglesa, embora sua obra não seja amplamente conhecida no Brasil. "A princesa e o goblin", livro publicado na Escócia em 1872, foi seu primeiro livro traduzido para o português no Brasil, em 2003 pela editora Landy – seguido de "A chave dourada" e "A princesa flutuante", ambos publicados em 2013, pelas editoras Oxiênio e Pulo do Gato, respectivamente. Embora seja uma de suas obras infantis mais famosas, a edição brasileira de "A princesa e o goblin" teve apenas uma tiragem, a qual está esgotada. Além disso, a sequência dessa história, "The princess and Curdie" (cuja tradução para o português seria "A princesa e Curdie"), nunca foi traduzida. Apensar de ser desconhecido no Brasil, a importância de Macdonald é tamanha que autores como C.S. Lewis, autor de "As Crônicas de Nárnia", e J. R. R. Tolkien, autor de "O senhor dos anéis", foram extensamente influenciados pelas obras literárias e não literárias – principalmente religiosas – de Macdonald. À luz de sua popularidade no exterior, e da falta de interesse/conhecimento desse autor no Brasil, este trabalho propõe apontar e explicar os elementos presentes no livro "A princesa e o goblin" que o caracterizam como uma obra de alta qualidade, apresentando o porquê desta obra merecer maior atenção e valorização e, além disso, uma nova tradução e edição.

Palavras-chave: George Macdonald; princesa; goblin; conto; fadas

CONVERGÊNCIAS ENTRE TEXTOS E ILUSTRAÇÕES NAS NARRATIVAS PARA CRIANÇAS

Rita de Cássia da Silva Dionísio (UNIMONTES/FAPEMIG)

Resumo: A proposta de se conciliar literatura e representação imagética não é recente: desde as antigas coletâneas de orações, hinos e fórmulas mágicas dos egípcios; dos fragmentos de papiros e sequências de desenhos dos gregos; dos livros xilográficos dos chineses etc., nota-se a abrangência da arte ilustrativa e a particular inter-relação entre as linguagens verbal e não verbal (PEREIRA in: BONNICI; ZOLIN, 2009). Moderna e contemporaneamente, é de se ressaltar, o desenvolvimento da ilustração e as suas possibilidades de múltiplos suportes e variadas formas de circulação oferecem-nos fértil messe para investigações científicas e elaborações teóricas a respeito das técnicas utilizadas em sua produção, das convergências entre esses sistemas e dos efeitos que produzem, de modo a permitir-nos – entre outras coisas – a compreensão acerca das figurações do pensamento e da história social de um povo, de uma cultura. Ressalte-se, ainda, que o processo de desenvolvimento por que passa a ilustração revela que esta “acompanha as tendências manifestas pela arte, representadas mais comumente na forma de movimentos estéticos e literários” (PEREIRA in: BONNICI; ZOLIN, 2009, p. 381). Em vista disso, interrogamo-nos: existem ilustrações que se podem nomear como “literárias” ou “não literárias”? Quais passagens de uma narrativa se devem (ou não) ilustrar? É pertinente (é possível) que uma ilustração represente literalmente um texto? Qual a função da ilustração? Ilustra-se para sintetizar, explicar, acompanhar uma informação – ou meramente para decorar? Esta comunicação propõe-se a refletir – a partir da análise comparativa da relação entre texto e ilustração em dois contos (um da obra Contos tradicionais portugueses para as crianças, de 1897, da escritora portuguesa Ana de Castro Osório, e outro de Contribuição do folclore brasileiro para a biblioteca infantil, 1907, da escritora brasileira Alexina Magalhães Pinto) – sobre a produção ilustrativa em livros infantis no final do século XIX e início do século XX no Brasil e em Portugal. Objetiva-se, com este trabalho, demonstrar que as ilustrações permitem a visualização de como os temas infantis corroboravam uma ótica própria de um tempo, além, evidentemente, de se revelar como produtos culturais essenciais para o entendimento da ideia de infância vigente em um determinado contexto. Acredita-se que, partindo dos estudos das narrativas acima referidas, seja possível discutir de que maneira o projeto gráfico-editorial de uma obra destinada a crianças pode contribuir para um trabalho com textos literários que favoreça a sensibilidade estética. A análise pretende, também, abranger a reflexão sobre os recursos expressivos das narrativas, a elaboração lexical e suas convergências com as imagens. Destarte, os estudos evidenciam que elementos ilustrativos dos contos que compõem o corpus desta pesquisa (em andamento), de alguma forma, contribuem para a compreensão de um momento fulcral do que se concebe como

um sistema literário infantil. Ademais, o exame comparativo das relações texto-ilustração em produções que integram o repertório fundante da literatura infantil portuguesa e brasileira revela a pertinência de leitores infantis conhecerem, no tempo presente, produções de escritores e componentes da cultura de ambos os povos, ampliando, assim, suas referências estético-culturais.

Palavras-chave: Literatura infantil; texto; ilustração.

1 de agosto

14h30

LUISA VALENZUELA E A REESCRITURA DOS CONTOS DE FADAS: TRANSGRESSÃO E GÊNERO EM "CUENTO DE HADES"

Ana Cristina dos Santos (UERJ)

Resumo: Os contos de fadas são narrativas orais, em linguagem coloquial que estão presentes na sociedade há muitos séculos. Em um primeiro momento não estavam destinados a um público infantil e funcionavam como narrativas de “exemplos” para as condutas sociais da época e para a compreensão da condição humana. A partir do século XVII, os contos de fadas foram adaptados para as crianças com a finalidade de transmitir valores morais conhecimentos, atitudes e comportamentos a fim de servirem como modelos a serem imitados pelo pequeno leitor. Desde então, os contos de fadas passaram a ser considerados como Literatura infantil, destinados exclusivamente às crianças. Uma vez que a Literatura infantil tem sido alvo de preconceitos, banalizações e rótulos acerca de sua função, importância, seu viés pedagógico e/ou artístico não é de se admirar que essas questões também tangenciem o gênero contos de fadas e esses passem a ser considerados como um gênero literário menor. Categorização que não se ajusta a importância dessa narrativa, pois os contos de fadas são leitura fundamental, segundo Bettelheim (2002), porque ensinam a criança (e também ao adulto), em qualquer sociedade em que esteja inserida, a lidar com os problemas interiores e a encontrar soluções acertadas para eles, possibilitando assim que se torne um ser atuante no seu contexto social. Justamente por sua função, os contos de fadas não devem ser transmitidos sem uma adequada conscientização, pois agregam informações discriminatórias sobre os seres humanos em diferentes condições (sexo, classe social, etnia, condição física, entre outros) e transmitem as ideologias de poder de uma sociedade. Por tal motivo, na época contemporânea, denominada Pós-modernidade, os contos de fadas passam a ser ferramentas fundamentais para a discussão da representação dos papéis sociais estereotipados que determinados grupos excluídos do poder desempenham nesses contos de fadas. Desde as últimas décadas do século passado, essa discussão está presente na escrita de autoria feminina. As escritoras reescrevem os contos de fadas a partir da perspectiva das teorias de gênero, para revelar o conteúdo sexista e patriarcal das representações das personagens femininas como sujeitos submissos, cujo único horizonte é o matrimônio. Nesse sentido, este trabalho tem o objetivo de analisar o papel transgressor que desempenha a reescritura de 06 contos de fadas reunidos sob o título “Cuento de Hades”, no livro Simetrías (2007 [1993]), da escritora argentina Luisa Valenzuela. A autora reescreve os tradicionais contos de fadas de “Chapeuzinho Vermelho”, “Branca de Neve”, “Cinderela”, “Barba Azul”, “A Bela Adormecida”, “O Príncipe Sapo” e “A princesa e a ervilha” a partir de diferentes níveis - temático, estrutural e simbólico – para desestabilizar as relações de poder construídas ao redor das mulheres e questionar a estrutura patriarcal que as invisibiliza. Nos contos de fadas de Valenzuela, as protagonistas femininas não são figuras estáticas ou passivas, mas se autoafirmam na resistência de um feminismo que emerge como uma força de transformação; assim, questionam a identidade homogeneizante preestabelecida para elas e reconstroem outra, na qual se veem como sujeitos com voz e poder.

Palavras-chave: Conto de fadas; Feminismo; “Cuento de Hades”

O CRISTIANISMO NAS REPRESENTAÇÕES DAS PERSONAGENS FEMININAS DOS CONTOS DE FADAS DA TRADIÇÃO

Simone Campos Paulino (UNIGRANRIO)

Resumo: Os contos de fadas da tradição, em geral, são compreendidos como um repositório de conhecimentos humanos, pois, de fato, versam sobre dramas particulares da nossa espécie. Essas narrativas, trazidas da oralidade, utilizam em suas tramas o maravilhoso e são capazes de falar ao mais profundo do ser. Entretanto, é comum apontarmos para os contos de fadas como narrativas isentas de ideologia. Charles Perrault, ao adaptar, na França do século XVII, os contos populares no meio literário, buscou revalorizar o folclore, mas também partiu numa frente moralizante, tornando os contos um meio de transmitir ensinamentos aos jovens. Os irmãos Grimm, extremamente religiosos, adequaram as tramas dos contos de fadas orais a ideologia cristã na Alemanha do século XIX. Hans Christian Andersen, no romantismo dinamarquês, fez seus contos maravilhosos concernentes com um ideário cristão, principalmente ao apresentar o mundo como um vale de lágrimas por onde era necessário passar para alcançar a graça divina. Jack Zipes (2006) observa que muito das narrativas ancestrais e originárias foi apagado. O que chegou para nós, foram narrativas trazidas pelas mãos de homens bastante religiosos. Isto posto, não é possível preservarmos a afirmação de que esses contos ancestrais são isentos de ideologia. Katia Canton (1994) expressa que, apesar de serem baseados em um material folclórico oral, os contos de fadas não são neutros, pois foram adaptados na literatura, revisados, reescritos e modificados segundo as idiossincrasias de seus escritores, dentro de um determinado contexto histórico, cultural e social. Revela-se, portanto, principalmente, um diálogo bastante estreito entre os contos de fadas e a moral cristã. Clarissa Pinkola Estés (1994) afirma que das coletâneas de contos de fadas que temos hoje foi expurgado, quase que em totalidade, o que fosse perverso, sexual ou pré-cristão. Segundo Linda Hutcheon (1989), os contos de fadas tomam um caráter prescritivo, transvestido de um discurso neutro, para refletir mitos da sexualidade do patriarcado. Esboçamos, portanto, uma aproximação entre patriarcado, contos de fadas e cristianismo e isso é visto, principalmente no caráter subalterno da mulher representada nessas narrativas. Destacamos, portanto, como características femininas nos contos de fadas que dialogam com o ideário cristão do feminino: a submissão da mulher ao marido (de acordo com Efésios 5:24, “Como, porém, a igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam em tudo submissas ao seu marido.”), a sacralidade materna (dialogando com a imagem da virgem Maria) e a vitória após provações humilhantes (que remete à “Os humilhados serão exaltados” do versículo 12 de Mateus, no Novo Testamento). Outrossim, destacamos também a característica da mulher como um ser pecador por excelência que, por consequência de sua curiosidade, fez o homem fosse expulso do Éden. Essas passagens bíblicas dialogam com personagens de contos como “Cinderela” (irmãos Grimm), “Gisélidis” (Charles Perrault), “Branca de Neve” (irmãos Grimm), “A sereiazinha” (Hans Christian Andersen) e “Barba Azul” (Charles Perrault). Sendo assim, é possível traçar um paralelo entre os ensinamentos do cristianismo e os papéis de gênero representados nos contos de fadas da tradição, bem como as virtudes esperadas dessas personagens.

Palavras-chave: Contos de fadas, feminino, cristianismo, gênero

"ELE VAI SER FAMOSO, UMA LENDA": HARRY POTTER, DO PÚBLICO INFANTIL AO ADULTO, DOS LIVROS ÀS TELAS

Fellip Agner Trindade Andrade (UFJF)

Resumo: Inicialmente recusado por uma dezena de editoras por acreditarem que se tratava de um livro muito longo e complexo para crianças, o primeiro livro da série da escritora britânica J. K. Rowling (1965-), *Harry Potter and Philosopher's Stone* (1997), publicado no Brasil em 2000 (*Harry Potter e a Pedra Filosofal*), alcançou em pouco tempo um número expressivo de vendas e críticas favoráveis ao seu tratamento da literatura para crianças. Perpassada de referências à cultura britânica e a diferentes mitologias, repleta de personagens e enigmas complexos (isso sem ainda tocar nas referências clássicas, como o latim e o grego), a série *Harry Potter* logo alcançou sucesso para além de seu público inicial: as crianças. Como afirma C. S. Lewis: “Inclino-me quase a afirmar como regra que uma história para crianças de que só as crianças gostam é uma história ruim.”

(LEWIS, 2011). Do ex-presidente norte americano Barack Obama à Primeira Ministra da Inglaterra, Theresa May, a série Harry Potter conseguiu reunir um público diverso, não apenas para os seus sete livros, mas, também, para suas adaptações nas diferentes mídias. Lida pelos mais diversos públicos, desde crianças em formação escolar a leitores em idade adulta, Harry Potter se tornou um fenômeno literário e midiático, fora das páginas dos livros (cinema, internet, jogos eletrônicos, produtos de consumo...), ultrapassando o livro como suporte e tomando seu espaço nas diversas telas e plataformas de leitura. Além da expansão significativa de seu público, a série conta ainda com sua inserção na era digital, valendo-se de leituras interativas por meio do site Pottermore (o qual insere o leitor dentro da história) e a apropriação da série feita por parte de sua comunidade de leitores e fãs nas redes sociais. Este trabalho visa, pois, apresentar e discutir os fatores que contribuíram para a diversificação do público da série Harry Potter, inicialmente voltada ao público infantil, bem como sua performance nas diferentes mídias, fator também importe para a criação e manutenção de sua comunidade de leitores e fãs tão diversificada. Para tal, tomaremos as contribuições teóricas de Muniz Sodré (1985), Regina Zilberman (2003; 2009), Suman Gupta (2009), C. S. Lewis (2011), Edgar Kirchof (2014) e outros.

Palavras-chave: Literatura infantojuvenil; Harry Potter; mídias.

OS PARATEXTOS EDITORIAIS NA OBRA CANTIGAS DAS CRIANÇAS E DO POVO E DANÇAS POPULARES, DE ALEXINA DE MAGALHÃES PINTO

Laura Emanuela Gonçalves Lima (UNIMONTES)

Resumo: Alexina de Magalhães Pinto foi uma pesquisadora, professora, folclorista e escritora mineira do início do século XX, pioneira em obras destinadas às crianças (e/ou ao trabalho que se realizava com as crianças nas escolas). Em suas obras – grande parte delas, coletâneas de produções culturais que circulavam oralmente naquela época – a autora procurou aproximar a cultura popular e o folclore da cultura considerada de elite. A despeito de sua importância para os estudiosos da literatura infantil, Alexina de Magalhães Pinto é, atualmente, pouco estudada. Este trabalho – que integra uma pesquisa de mestrado em andamento sobre a obra da autora – terá, como objeto de análise crítico-literária o livro *Cantigas das Crianças e do Povo e Danças Populares*, que obteve uma única edição em 1916. Em razão de o livro conter alguns textos de sua autoria nos arredores das cantigas, os quais nos parecem imprescindíveis à compreensão do projeto artístico e estético daquela educadora, o trabalho propõe refletir sobre a contribuição da autora Alexina de Magalhães Pinto enquanto editora, numa tentativa de estabelecer a relação entre os paratextos (elementos periféricos do texto, conforme conceito desenvolvido pelo francês Gerard Genette), como itens que induzem ou influenciam o leitor na construção de uma ideia moderna da infância. A essa ideia moderna podemos atribuir o afastamento da obra de uma definição de obra pedagógica, como é considerada por alguns críticos. A escolha da Alexina de Magalhães em trabalhar com crianças como forma de elevá-las, de algum modo, e os indícios de inovação da literatura infantil que estava se iniciando no Brasil são alguns aspectos que serão considerados neste trabalho, cogitando mostrar a validade de estudos contemporâneos sobre os paratextos na composição de um livro. Partindo do ponto de vista do conceito de Genette (2009), os paratextos são considerados elementos importantes e auxiliares para a interpretação de uma obra. Dessa forma, esta proposta acredita que é possível apontar particularidades artísticas da obra referida como estratégias que contribuem para a construção dos sentidos do texto e para a sua recepção. Ao adentrarmos no campo da literatura, é importante lembrar que no final do século XIX e início do século XX há uma necessidade de se produzir uma literatura essencialmente brasileira e, Alexina de Magalhães, como folclorista, participou de forma ativa desse processo, coletando cantigas populares, buscando a essência do que se concebia, naquele contexto, como o nacional e construindo uma memória musical para o país.

Palavras-chave: Alexina Pinto; Literatura infantil; paratextos.

O MAL E A REPRESENTAÇÃO DO FEMININO NOS CONTOS DE FADAS

Regina Michelli (UERJ)

Resumo: Nas narrativas da tradição para as crianças, os chamados contos de fadas ou de encantamentos, perpassa a ideia da moralidade e do dogmatismo em muitas histórias, vinculando uma configuração de personagens femininas ligada à submissão, à obediência, à beleza. Nem sempre, porém, é esse o retrato que se encontra na leitura dos contos. Há personagens femininas a que se atribuem a malignidade ou mesmo ações cruéis que delineiam um cenário próximo à monstrosidade. Dentre as figuras de certa forma arquetípicas que se destacam como representantes do mal, são bastante conhecidas as madrastas e as bruxas ou fadas más. Além delas, há outras personagens, geralmente secundárias, que perpetram ações que prejudicam, deliberadamente, outras personagens. Na submissão deste trabalho, a proposta repousa na investigação das representações identitárias da figura feminina e sua relação com o mal, por vezes decorrente de sentimentos mal elaborados na psique. Alguns questionamentos que conduzem a pesquisa dizem respeito a refletir sobre: o que é o mal; características e funções das personagens femininas responsáveis por realizar e por sofrer as ações malévolas; possibilidade de formulação de uma tipologia dessas ações, observando se há uma razão que as justifique ou explique o elemento desencadeador da conduta maligna; intenção que subjaz à configuração desses retratos femininos, por vezes associados a estereótipos ou à fixação de determinados construtos negativos sobre o feminino; estabelecimento de perfis identitários ligados a traços e características que se repetem em personagens mais ou menos afins. A base teórica desse estudo encontra-se em pesquisas específicas sobre os contos de fadas e o feminino, de que se destacam os trabalhos de Nelly Novaes Coelho, Marie-Louise von Franz, Clarissa Pinkola Estés, Erich Neumann, dentre outros.

Palavras-chave: Contos de fada; Feminino; Monstrosidades.

2 de agosto

8h30

FORMAÇÃO LITERÁRIA E DE CONSCIÊNCIA POLÍTICA EM O DOADOR DE MEMÓRIAS, DE LOIS LOWRY
Fabiana Valeria da Silva Tavares (USP)

Resumo: A literatura infantil e juvenil objetiva, como caráter essencial, a formação de crianças e de jovens não só em termos formais de leitura e compreensão de texto. O letramento literário, afinal de contas, propõe o caráter formativo do aluno como ser integrante da escola e da sociedade e, como tal, instiga a formação multidisciplinar, de múltiplos olhares, que ultrapassem a barreira do livro e dialoguem ativamente com o mundo a sua volta – tudo isso por meio da apropriação da linguagem literária e do que ela carrega (COSSON, 2006). Não é possível ignorar, porém, que questões mercadológicas perpassam a conformação da literatura infantil e juvenil tanto no cenário internacional quanto em âmbito nacional: testemunhamos, por exemplo, a expansão do mercado editorial para o dito público no primeiro quartel do século XX, quando a Escola Nova carecia de material didático e literário para as unidades escolares em franca expansão no território brasileiro. Nos últimos trinta anos, a cena literária tem recebido e consumido materiais centrados não mais em narrativas épicas, traço tradicional marcante da literatura infantil e juvenil, ou em temáticas e ambientações que, aparentemente, servem a esse público, como animais que falam, mundos de fantasia e brinquedos (NIKOLAJEVA, 1998), mas em romances de gêneros variados, da fantasia e do gótico, passando pelo chick-lit e pelo sic-lit, para chegar ao movimento mais engajado de gênero, de ficção científica e de distopia. No que concerne a este último, há uma gama de obras literárias produzidas para esse público, que passaram, também, pela produção fílmica ou editorial, para se transformar em filmes, quadrinhos e toda sorte de material a ser consumido. Entre elas, o aclamado e premiado com a medalha norte-americana Newberry de literatura infantil e juvenil, O doador de memórias (The Giver, 1993), de Lois Lowry, compõe o primeiro volume da quadrilogia de um mundo pós-apocalíptico, em que cada um desempenha sua função preestabelecida e tem o destino ditado pelo Conselho de Anciãos, numa sociedade em que a memória inexistente enquanto História e onde se preconiza igualdade como condição de existência. Claramente inspirado em Admirável Mundo Novo (1932), de Aldous Huxley, mas sem ser mera cópia transpassada de modo palatável ao universo

juvenil, O doador de memórias consolida-se como obra literária densa, que oferece uma experiência de leitura vertical, na qual o leitor encontra um universo aparentemente distante do seu e que, ainda assim, ecoa em sua realidade política e social. Leituras anteriores das obras de Lowry e de outros escritores distópicos, cujos cenários descrevem novas ordens mundiais, chegam ao consenso de que, cada vez mais, há a necessária quebra da barreira entre leitura literária enquanto formação meramente escolar e a formação política. Sob essa ótica, proponho que os elementos literários de O doador de memórias, tais como personagem, espaço, atmosfera e enredo, constroem uma trama literária intensa que explora questões como censura, memória, identidade, igualdade e (falta de) liberdade, e resultam na contribuição para a formação política do jovem leitor.

Palavras-chave: literatura juvenil; distopia; formação literária; formação política

MONTEIRO LOBATO NA SALA DE AULA: NOVAS TECNOLOGIAS PARA A OBRA LOBATIANA COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO

Joões Cabral de Lima (UFPB); Siomara Regina Cavalcanti de Lucena (UFPB)

Resumo: Este trabalho é resultado de uma pesquisa bibliográfica acerca da literatura de Monteiro Lobato no ambiente escolar, por meio da qual foram realizadas leituras das obras de Lobato, no sentido de alinhá-las à teoria e assim, encontrarmos respostas para as nossas inquietações acerca do trabalho com o texto literário no universo escolar, assim buscamos compreender se a literatura vem sendo trabalhada nas escolas de hoje e se há um trabalho com o texto literário, com ele se dar. Por este motivo, objetiva-se discutir por meio deste artigo, a importância da leitura literária na formação da criança como leitor crítico, através do processo de ensino/aprendizagem por meio das obras de Monteiro Lobato, pois se antes no Brasil não havia textos voltados para as crianças, é Lobato que consegue transformar esta realidade e cria obras nas quais as crianças assumem o papel de heróis, o que ocasiona uma imediata identificação do novo público leitor com os textos lobatianos. Neste sentido, buscamos identificar como vem sendo lidas as obras de Lobato na sala de aula e se é possível trazer essa literatura para a realidade das nossas crianças de hoje, observando de qual maneira, a leitura das obras deste autor, contribuem para a formação de leitores capazes de estabelecerem sentidos, às múltiplas realidades que os circundam. Neste horizonte acerca da maneira como vem sendo trabalhada a literatura lobatiana na sala de aula, apresentamos a utilização de novas tecnologias que emergem atualmente, para o trabalho no universo escolar a partir das obras do autor já mencionado. Então, para refletirmos sobre a presença da literatura na sala de aula e, sobretudo, nesta relação com o texto de Lobato, buscamos apoio em autores tais como Candido (2004), Cosson (2006), Marisa Lajolo (1982, 1985, 1998), Regina Zilberman (1988), Sandroni (1987), por outro lado, no tocante às novas tecnologias como suporte pedagógico, utilizamos Johnson (2001), Kensky (2007), dentre outros. A partir da proposta deste trabalho queremos discutir o lugar da literatura denominada infantil e juvenil no contexto escolar, utilizando as novas tecnologias como suporte pedagógico para o trabalho com o texto literário de Monteiro Lobato. Embora evidenciamos uma crise da leitura, a partir da qual se configuram diversas situações que envolvem texto e leitor, ainda assim, surgem as novas tecnologias como elemento colaborador para a aproximação do leitor com o texto literário, dessa maneira, é possível destacar que novas práticas para o letramento literário são necessárias, transformando o espaço/tempo do ensino de literatura na sala de aula e garantindo a formação social dos leitores.

Palavras-chave: Monteiro Lobato; Sala de Aula; Novas Tecnologias.

CASAMENTO E REPRESENTAÇÕES DO FEMININO NA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL DE MARINA COLASANTI

Valnikson Viana de Oliveira (UFPB); Morgana de Medeiros Farias (UFPB)

Resumo: Realizando-se uma breve retrospectiva das narrativas tradicionais que foram e permanecem sendo importantes aos leitores em formação, notaremos que grande parte das obras delega às personagens mulheres um espaço determinado pelo estereótipo: ora o de uma donzela que espera pelo seu amado, ora o de uma dona de casa cuja vida se resume a cuidar do bem-estar

da família e da ordem do lar. Em meio a essa prescrição, em que homens e mulheres ocupam na sociedade papéis distintos e, de certa forma, impermeáveis, meninos e meninas cresceram e ainda crescem concebendo o mundo sob uma visão afastada da razoabilidade que deve orientar a relação entre os gêneros. Todavia, na literatura infantil e juvenil brasileira contemporânea, opondo-se à predominância do perfil sexista, diversos autores e autoras passaram a buscar uma representação de resistência às figuras femininas ante aos comportamentos romantizados, dotados de passividade e submissão em esferas de atuação severamente limitadas. Nessa perspectiva, a presente pesquisa propõe uma leitura da produção literária da escritora ítalo-brasileira Marina Colasanti, com base em discussões de gênero, voltando-se, mais especificamente, para a representação do feminino nos contos “O rosto atrás do rosto” e “Doze reis e a moça no labirinto do vento”, presentes na obra homônima *Doze reis e a moça no labirinto do vento* (2006). Teremos como elemento temático principal o casamento, ilustrador de questões polêmicas importantes na formação cognitiva e emocional de crianças e jovens e que, por isso, deve ser discutido no âmbito da arte literária se considerarmos o seu caráter formador e emancipatório, sob a crescente necessidade de discussão acerca de tópicos rechaçados por diversos setores sociais. A própria produção literária de autoria feminina foi, ao longo do tempo, preterida devido à frequente consagração de obras escritas por homens, reforçando uma cultura de cunho patriarcal, o que já justificaria o intento de elaborar um trabalho que se agrupe aos movimentos emancipatórios e de reconhecimento da produção de mulheres no contexto nacional, ligadas aos estudos sobre o feminismo. Além disso, entendemos que as narrativas selecionadas evidenciam os arrolamentos e os embates que se estabelecem no campo dos estudos culturais assinalados por um sistema que dá vez ao masculino e ao que provém dele. Estudaremos, então, como se dá a formação e a consolidação da instituição do matrimônio, com vistas ao papel desempenhado pelas mulheres, no que concerne aos atributos e obrigações que historicamente foram destinados a elas, evidenciando as diferenças entre os contos populares tradicionais e os contos de fada contemporâneos, evocando o papel simbólico dos elementos maravilhosos inseridos em tais narrativas. Para fundamentar a nossa pesquisa bibliográfica, de cunho qualitativo-interpretativo, valemo-nos de teóricos sobre gênero e atuação feminina na literatura, tais como Funck (1994), Moreira (2003) e Safiotti (2004), bem como da teoria acerca da literatura infantil e juvenil, representada por Besnosik (2009) e Zilberman (2005), dentre outros. Como resultado parcial, observamos que Colasanti rompe com ideais de gênero excludentes e questiona sutilmente o lugar naturalizado que sempre foi destinado ao ser feminino nos textos literários destinados aos pequenos leitores.

Palavras-chave: Casamento; Conto de fadas; Marina Colasanti

REDESENHOS DA INFÂNCIA E A RAIVA DE RÍSIA: UM SINTOMA DE CASTRAÇÕES EM AS MULHERES DE TIJUCOPAPO

Christiane Aparecida Durães Oliveira Luna (UNIMONTES)

Resumo: A escritora pernambucana Marilene Felinto, na obra *As Mulheres de Tijucopapo*, em um tom autobiográfico, fabula a protagonista Rísia, uma personagem atormentada por lembranças da infância, que na viagem de retorno à Tijucopapo __ terra onde nasceu a mãe __ tenta reconstruir-se a si mesma, vomitando todo ódio e rancor que incicatrizaram sua alma. “Sou uma pessoa atacada por lembranças atormentadoras”(p. 50). A Rísia/menina que habita a Rísia/adulta denuncia todo o tipo de violência, castrações e privações que significaram sua fase de puerilidade. Esses espectros que bolem com a (des) identidade de Rísia/mulher, no jogo simbiótico com Rísia/infante, traduzem a paisagem emocional que se configurou durante a infância. Os redesenhos de episódios que marcaram negativamente a vida de Rísia/menina são recuperados pela memória de Rísia/adulta, num vai-e-vem de lembranças que acabam por truncar sua fala, logo, espelhando sua subjetividade, habitada pela identidade fragmentada. A raiva, como um sintoma das castrações sofridas enquanto infante, constitui o motor que compele a personagem a sair em busca de sua gênese, de suas origens. E a memória sofrida, nesse sentido, alimenta o ódio que faz a narradora visitar a sua família, apresentando uma mãe totalmente passiva frente às imposturas do pai, que lhe traía, ao

mesmo tempo que metia - lhe quase todo ano um filho no bucho. Ademais, este sentimento que se transformava em rancor, potencializava-se pela ausência de afeto e carinho desta mãe que não a abraçava, pelo pai, que também indiferente, além da ausência de diálogo com os filhos, a surrava e maltratava a mãe. Além destes problemas, a narradora/protagonista também padecia com a carência material, já que pertencia a uma classe social desfavorecida, motivo este que levou sua família a mudar-se para São Paulo, como retirantes nordestinos, em busca de melhores condições de vida. E este foi um outro fator negativo no processo de formação identitária da menina Rísia, uma vez que ela não digeriu a nova cultura imposta, o que contribuiu ainda mais para a fragmentação de sua subjetividade. Todos estes fatores foram determinantes para que a mulher Rísia não coubesse em si, e se transbordasse em raiva e ódio, escancarando suas lembranças num tom de insanidade e amarguras. Esta raiva, que faz com que Rísia tenha ímpetos de vinganças, sobretudo contra o pai, traduz-se como sintoma de suas dolorosas experiências infantis, desconstruindo o mito da criança que nada percebe, pois Rísia guardou na memória e imprimiu na alma o que captou através do olhar ou de carências simbólico-afetivas que traduziram sua vivência.

Palavras-chave: Criança; Infância; Castrações; Identidade; Raiva

72 - TRAMAS E SENTIDOS NA LITERATURA JUDAICA CONTEMPORÂNEA

Coordenação: Kenia Maria de Almeida Pereira (UFU); Lyslei de Souza Nascimento (UFMG); Nancy Rozenchan (USP)

Resumo: O simpósio Tramas e sentidos na Literatura Judaica Contemporânea pretende acolher, no contexto do Congresso Abralic 2018, contribuições teóricas e críticas sobre tramas e sentidos na literatura judaica da atualidade. Se o conceito de trama aponta, num primeiro momento, para a tessitura, ou seja, no texto em sua realização no enredo ou urdidura, com a ideia de texto, tecido e textualidade metaforicamente configurado, no enunciado, num espectro mais amplo, na enunciação, o termo se expande e enriquece para outras acepções como ardil, armadilha, artifício, engenho, estratégia, intriga, além de confabulação, de argumento e de labirinto criados pelos escritores em seu ofício. Criadores e criaturas, no sentido textual, estão, assim, contemplados nessa proposta. Compreendem-se, portanto, elegíveis para este simpósio, reflexões e críticas sobre as inúmeras e sofisticadas estratégias criativas e criadoras de escritores que tenham a cultura e a tradição judaica como autoria, tema ou método. Neste contexto, essa abordagem é especialmente instigante para se analisar o jogo entre o enunciado e a enunciação na literatura judaica contemporânea. A noção de sentido, por sua vez, também de forma lúdica, amplia-se para interpretação, significado, tom, orientação e rota que norteiam o trabalho ficcional. A diversidade da cultura e da tradição judaicas, tanto na prosa quanto na poesia, é paradigmática e rica na exploração desses conceitos em vários níveis, elaborando intrincadas e reveladoras relações entre textos em diálogo com outras literaturas e com outras artes como o cinema, a fotografia e as artes em geral. Assim, balizarão nossa proposta a contundente obra de Franz Kafka e de Walter Benjamin, com seus personagens presos em armadilhas tanto do corpo e da mente, como em Metamorfose, quanto das condições férreas do metafóricas ou não, como em O processo, O castelo e em Na colônia penal, no caso de Kafka; e das reflexões fundamentais sobre a história, a experiência, a arte e a técnica, como em Benjamin. Também estarão presentes em nossos debates os testemunhos imprescindíveis para o nosso tempo como os de Primo Levi em É isto um homem ou em Sobreviventes e afogados; os de Elie Wiesel, como em Noite, além da literatura iconoclasta de Philip Roth, sobretudo em Complexo de Portnoy ou Pastoral americana; de Saul Bellow em Herzog ou de Natalia Ginzburg em A família Manzoni ou Family Lexicon. O inusitado experimentalismo de Georg Perec, em W, ou a memória da infância e Vida: modos de usar, por exemplo, além de Tudo se ilumina e Extremamente alto e incrivelmente perto, de Jonathan Safran Foer poderão, também, ser objeto de análises; passando pela fundamental literatura israelense de Aharon Appelfeld, como em Badenheim 1939, Amos Oz, em Meu Michel ou em A caixa preta; David Grossman, em Ver: amor, Orly Castel-Bloom, em Humanparts e Etgar Keret, como em As medusas, entre outros autores e obras. A literatura judaica contemporânea brasileira poderá também estar presente com Clarice Lispector,

como em A hora da estrela; Samuel Rawet, como em Contos do imigrante; Moacyr Scliar, como em O centauro no jardim; além da literatura de Cíntia Moscovitch, Leila Danziger, Noemi Jaffe, Ronaldo Wrobel, Paulo Rosenbaum e Fábio Weintraub, só para citar alguns poucos nomes da nova geração. Esperamos, assim, pensar a literatura judaica contemporânea a partir de sua capacidade de recriar o imaginário, os personagens e os espaços bíblicos com humor e ironia; as inúmeras formas do exílio, suas expressões e marcas; as representações-limites do Holocausto/Shoah; as reflexões contundentes sobre o ofício de escrever e do estar no mundo do artista, a marca biográfica e a encenação do poético como outros temas caros à expressão literária. Para isso, este simpósio receberá, pois, propostas de comunicações que apresentem análises de autores e obras que abranjam o múltiplo espectro que é a literatura judaica na contemporaneidade.

1 de agosto

8h30

RINDO DO TRÁGICO: O HUMOR NA LITERATURA ISRAELENSE CONTEMPORÂNEA

Leniza Kautz Menda (IFRS)

Resumo: O livro "Rindo do Trágico: o humor na literatura israelense contemporânea". de minha autoria, tem como principal enfoque o pensar a literatura israelense contemporânea recriando as inúmeras faces da mesma através do humor e da ironia. Com esse objetivo, são apresentados trechos das obras de dezenove autores israelenses sob o ponto de vista do humor. A maioria dos escritores, com exceção de Amós Oz, David Grossman e Etgar Keret, são desconhecidos dos leitores brasileiros. O livro é constituído de uma breve biografia de cada autor e de uma seleção de trechos humorísticos de seus livros principais, seguidos de comentários críticos da autora com ênfase nos aspectos hilários. Escolhi a vertente do humor, pois ela serve como antídoto contra as mortificações, especialmente numa sociedade tensa como a israelense. Assim, nota-se a presença de diversos tipos de humor, tais como o humor sensível de Meir Shalev; o humor de denúncia contra o preconceito de David Grossman e Amós Oz; o humor revelador das mazelas dos imigrantes nas obras de Sara Shilo, Ronit Matalon e Orly Castel Bloom; o humor crítico e ácido de Etgar Keret em relação ao israelense contemporâneo e o humor de Savyon Liebrecht cuja tônica reside nos reflexos traumáticos do Holocausto sobre os personagens, entre outros. Por um lado, o humor israelense é o antigo humor judaico das aldeiazinhas da Europa Oriental, com alguns de seus arquétipos: a iídiche mamme, o schliemazel (azarado) e os schliepers (pobretões). Esse humor, no entanto, assume uma nova dimensão em Israel, visto que é condição primordial para a sobrevivência do povo diante dos traumas gerados pela constante ameaça do terrorismo, dos ataques com mísseis e de outras mazelas diárias. Nas obras analisadas se percebe que o humor ultrapassa as fronteiras do regional ao abordar temas universais, entre os quais os grandes dilemas que afligem a humanidade: a vida e a morte. É um humor que, através do jogo de linguagem, manifesta o caráter satírico e tragicômico da realidade israelense contemporânea.

Palavras-chave: Humor; sátira; mazelas; regionalismo; universalidade.

OZ E YEHOSHUA À LUZ DE WALTER BENJAMIN

Juliano Klevanskis Candido (UFMG)

Resumo: Esta comunicação pretende analisar alguns aspectos ficcionais nos contos "O caminhado vento" e "O nômade e a víbora", de Amos Oz, publicados em 1965, e "O casamento de Gália", de Avraham B. Yehoshua, publicado em 1970. Nesses textos, evidencia-se a construção ficcional do kibutz judaico como um território idílico, um paraíso na terra, que é continuamente ameaçado e colocado em xeque pelos narradores.

Palavras-chave: Amos Oz; A. B. Yehoshua; Kibutz.

TRAMAS DE FRONTEIRA EM SHANI BOIANJIU

Nancy Rozenchan (USP)

Resumo: No cotidiano israelense, assim como na literatura do país, dadas as circunstâncias, fronteiras – geográficas e outras – e tudo o que se vincula a elas são temas perenes. Construir tramas ao seu redor, concretas ou ficcionais, é uma consequência natural dos impactos que as condições locais particulares promovem. É o que fez a autora israelense Shani Boianjiu, em seu premiado livro de estreia *The People of Forever are not Afraid* (2012), que, mesmo tendo sido escrito em inglês, é considerado obra da literatura israelense. A abundância de teias e tessituras que se entrecruzam e avançam em ritmo frenético na obra de Boianjiu é notável e, em se tratando de escrita centrada no período de prestação do serviço militar, fronteiras se fazem presentes: além das físicas, destacam-se as que se intercalam entre realidade e imaginação. As tramas de Yael, Avishag e Lea se interpoem nas três etapas do livro, desde quando estão para concluir o ensino médio em um pequeno povoado às vésperas da data que é um divisor na vida de jovens de dezoito anos, durante o serviço militar propriamente dito que se segue e que compõe a parte mais desenvolvida da narrativa, e, mais uma vez, em sua vida civil, quando nada e tudo mudou em suas vidas. A leitura dessa narrativa, em que se interpoem as vivências e apreciações das mencionadas personagens, permite montar uma imagem rica do universo israelense que, conforme o título da obra sugere, abrange todo o povo e estabelece o que deve lhe servir de lema. Se o conjunto das pequenas narrativas que constituem o livro Boianjiu leva a esta injunção impactante de não temer, que se institui sobre a sociedade israelense, pode-se, em paralelo, notar que medo e a obrigação de enfrentá-lo mesclam-se a diversos outros sentimentos, como esperanças e frustrações pessoais e nacionais, que perpassam jovens na idade em que passam a assumir uma responsabilidade de adultos em relação à vida particular e aos destinos da nação. Aos sentimentos acrescem-se os eventos que pontuam o dia-a-dia das jovens soldadas, os acontecimentos na esfera político-militar que deixaram profundas marcas na população (Operação Entebbe, sequestro do soldado Guilad Shalit e retirada da Faixa de Gaza), trágicos temas político-nacionais dos estrangeiros que procuram abrigo no país e pequenas constatações sobre famílias, ambientes, relacionamentos, aparentemente insossas, que deixam como recordação um travo amargo na boca e uma cicatriz na alma. A presente comunicação procurará expor como funciona este lema formulado no título, quanto ele realmente representa o povo a que se refere e como se antepõe a ele.

Palavras-chave: Shani Boianjiu; Literatura israelense; fronteiras

A JERUSALÉM DE HANA, A JERUSALÉM DE OZ: ASPECTOS DA CIDADE EM "MEU MICHEL"

Fernanda dos Santos Silveira Moreira (USP)

Resumo: Neste ano de 2018 o romance "Meu Michel", de Amós Oz, completa 50 anos de publicação. Segundo romance de um dos maiores nomes da literatura israelense, *Meu Michel* foi traduzido para diversos idiomas e só no Brasil conta com duas diferentes traduções – 1982 (Summus Editorial) e 2002 (Companhia das Letras). No prefácio à primeira delas, Rifka Berezin destaca que "Meu Michel" é um "romance de Jerusalém" (p. 5) e, de fato, o romance está repleto de descrições da cidade nas duas primeiras décadas do Estado de Israel. Mas a Jerusalém de Hana é apresentada a partir de uma perspectiva individual, marcada profundamente por questões psicológicas da personagem, muito diferente da imagem construída ao longo dos muitos séculos em que os judeus estiveram distantes da cidade, aquela permeada de idealizações e que representava a terra ancestral como um todo. Hana narra o cotidiano, os sons das ruas, a descrição dos bairros, as impressões do inverno. A cidade que Hana apresenta é sombria, hostil, abstrata. Uma cidade dividida por muros, com lugares de acesso negado. Hana se sente sufocada e perseguida por Jerusalém, mesmo quando dela estivera distante. Uma cidade à qual não é possível pertencer: "Quem é que pode realmente se sentir em casa em Jerusalém, eu me pergunto, mesmo que more aqui cem anos?" (p. 77). É uma cidade ao mesmo tempo real e ilusória. Mas a personagem está tão espelhada e vinculada à cidade que, mesmo em seus devaneios, Jerusalém é retomada e reconfigurada como a cidade extinta de Dantzig. É ainda sombria, mas permeada de violência e despotismo. A imagem da Jerusalém utópica, idealizada, sofre modificações e Amós Oz nos apresenta aspectos profundos não apenas da cidade, mas da sociedade israelense após a criação do Estado de Israel, em 1948. Algumas passagens do

romance se relacionam ainda às próprias memórias do escritor sobre Jerusalém, cidade em que nasceu, narradas em "De amor e trevas", de 2002. O presente trabalho tem como objetivo apresentar questões presentes em *Meu Michel*, destacando características da cidade de Jerusalém nesse romance de Oz a partir dos conceitos de utopia, heterotopia e de distopia. Essas três perspectivas de Jerusalém no romance de Oz serão aclaradas pelos conceitos desenvolvidos por Michel Foucault em "As heterotopias", por Rudinei Kopp em "Comunicação e mídia na literatura distópica de meados do século 20 [...]" e por Leomir Cardoso Hilário em "Teoria crítica e literatura: a distopia como ferramenta de análise radical da modernidade". Pretende-se destacar algumas das principais problematizações apresentadas nesse romance de Oz, uma narrativa que possui importantes aspectos da literatura e da sociedade israelense nas primeiras décadas após a criação do Estado.

Palavras-chave: Amós Oz; *Meu Michel*; Jerusalém

A POÉTICA MEMORIALISTA DE YEHUDA AMICAI

Maria Alice Ribeiro Gabriel (UFU)

Resumo: O campo da Memorialística é amplo e controverso. Em "Truth is another country" (2002), Timothy Garton Ash pontuou que, quando se fala em Literatura de testemunho, é comum pensar inicialmente em atos praticados por seres humanos contra outros seres humanos, seja na guerra, holocausto, apartheid ou gulag; mas importa observar que há uma linha divisória, uma fronteira, entre verdade e ficção, quanto à credibilidade do testemunho. Desde a publicação da tese "The Experience of the Holocaust and Its Consequences in Autobiographical Accounts" (1993), Barbara Engelking tem se dedicado ao estudo de textos autobiográficos e biográficos, entrevistas, memórias, relatos e documentos primários ligados a sobreviventes do Holocausto, considerando, ainda, a voz dos descendentes. Em *Holocaust and Memory* (2001), Engelking justifica seu interesse sobre o tema por duas questões primordiais: como era o cotidiano dos sobreviventes até o Holocausto e de que forma o genocídio afetou suas existências, ou seja, qual o contexto dessas pessoas, que esperanças e projetos tinham para o futuro antes da Guerra e o que houve depois, como interpretaram tais experiências e de que modo suas vidas foram afetadas por elas. Conforme Engelking (2001, p. 6) uma das faces das memórias publicadas – tendo por base o Holocausto – seria o aspecto de dispositivo privado ou entidade fechada, assunto que abrange as regras envolvidas no processo de contar histórias, a saber, a disposição de eventos sucedidos no tempo, a ordenação de temas narrativos, etc. A maior parte das memórias lida apenas com o período das zonas de confinamento e de guerra, finalizando após a liberação, fator que, para Engelking, sugere o valor do testemunho falado em relação ao escrito, pois atribui ao ouvinte, ante o depoente, papel mais ativo se comparado ao leitor passivo. Evocando reflexões de Alon Confino, Dominique LaCapra, Hayden White e Saul Friedländer em *The Holocaust and Historical Methodology* (2012), o historiador das ideias Dan Stone analisou diversos caminhos pelos quais dados históricos podem estar entrelaçados, mostrando várias possibilidades de se fazer história, além de demonstrar que os significados atribuídos ao passado não são exclusivamente fornecidos por nós, pré-fabricados pelo passado em si, mas seriam constituídos por meio do ato criativo de se escrever a história. Segundo Stone (2012, p. 2), na teoria da história, enfatizar o "criativo" ou "poético" não contradiz a rigorosa confiança na credibilidade de uma evidência. Partindo dessa premissa, esta comunicação pretende uma leitura crítica de "All the Generations Before Me" (1991) e "After Auschwitz" (1998), poemas de Yehuda Amichai (1924-2000), cuja prosa e poesia estão intimamente conectadas à memória do Holocausto. Objetiva-se distinguir quais elementos, como imagens e símbolos, legariam caráter memorialista ao discurso poético-confessional de Amichai.

Palavras-chave: Yehuda Amichai; Holocausto; Memórias; Poesia.

YEHOSHUA E CASTEL-BLOOM: A GUERRA E A TRANSGRESSÃO NA LITERATURA SEFARDITA ISRAELENSE

Lucius de Mello (USP)

Resumo: Narrativas-bomba estilham modelos padronizados da prosa e da poesia. A literatura tem que se reinventar e, em cenário belicoso, o romance israelense é um intrépido sobrevivente. Renasce e frutifica sob o fogo do ódio entre árabes e judeus. Gera ficcionistas do porte de A. B. Yehoshua e Orly Castel-Bloom, dois pilotos de uma impiedosa ficção que há décadas tornou-se protagonista da reconstrução de um Estado e da reinvenção do povo judeu. Este artigo pretende analisar como Yehoshua e Castel-Bloom fizeram da narrativa de ficção e do testemunho uma ponte para transpor a barreira do até então “indizível” e ficcionalizar a trágica realidade da guerra.

Palavras-chave: Romance, guerra, literatura israelense.

1 de agosto

14h30

RINDO DO FÜHRER: IMAGENS DE HITLER NA CHARGE DE BELMONTE E NA CRÔNICA DE MOACYR SCLIAR

Marihá Mickaela Neves Rodrigues Lopes (UFU/CAPES)

Resumo: O presente trabalho propõe analisar tanto uma caricatura de Belmonte como uma crônica de Moacyr Scliar. Ambas apresentam em comum imagens paródicas do ditador Hitler. Para isso, elegemos uma charge do paulista, Benedito Bastos Barreto, mais conhecido como Belmonte. Comentaremos a obra “Caricatura dos tempos”, que é um compilado dos desenhos do artista, organizado e publicado pela editora Melhoramentos em 1982. Nesse livro estão reunidos interessantes desenhos que criticam o ditador alemão. Belmonte satiriza os desmandos políticos de Hitler, com suas charges inconfundíveis, exagerando também nos diálogos, os vícios e os hábitos do chanceler da Alemanha. Já no que diz respeito ao texto de Moacyr Scliar, elegemos a crônica “A nostalgia de Hitler”, publicada em 2017, pela Companhia das Letras, na obra “A nossa frágil condição humana”. Scliar, por meio de seu humor e ironias irreverentes, critica de forma ácida o capitalismo que tenta lucrar a qualquer custo com mercadorias e propagandas em torno da figura excêntrica de Hitler. Tanto Belmonte como Scliar fazem uso do riso como forma de provocar reflexões sobre uma época marcada pela tragédia e os excessos de um governo totalitário que exterminou milhões de judeus em Campos de Concentração. Nossos estudos estarão ancorados em Henri Bergson (O riso: Ensaio sobre a significação da comicidade), Leila Parreira Duarte (Ironia e humor na literatura) e George Minois (História do riso e do escárnio).

Palavras-chave: Moacyr Scliar. Paródia. Belmonte

A POLACA JUDIA E A POLACA BRASILEIRA: UMA ANÁLISE SOBRE PROSTITUIÇÃO E TRANSGRESSÃO NAS NARRATIVAS DE MOACYR SCLIAR E DE DALTON TREVISAN

Lunara Abadia Gonçalves Calixto (UFU)

Resumo: Aparentemente, o sexo, nos dias atuais, é um assunto livre de repressões e interdições, diferentemente de séculos atrás, quando prevaleciam condenações de quaisquer atitudes discrepantes das normas sociais preestabelecidas. Entretanto, quando esse assunto se delimita à prostituição, há de forma evidente, ainda, um tabu, olhares de reprovação, principalmente em instâncias que levem em conta alguma religiosidade. De acordo com Foucault (1999), impera na sociedade ocidental certas concepções disseminadas por discursos de poder que propõem algumas práticas sexuais como normais e lícitas, de maneira que “o que é próprio das sociedades modernas não é o terem condenado o sexo a permanecer na obscuridade, mas sim o terem-se devotada a falar dele sempre, valorizando-o como o segredo” (FOUCAULT, 1999, p. 36). Seguindo essas concepções, a figura da prostituta ainda é ocorrente na sociedade contemporânea devido à existência de padrões e normas sexuais marcados pelo patriarcalismo, o qual privilegia a sexualidade masculina em detrimento da feminina. Assim, prostituta seria “autorizada” a transgredir normas morais ao viver relações sexuais consideradas interditas para as mulheres “respeitáveis”. Quando essa realidade é abordada na literatura, há de forma mais evidente estereótipos de mulher corrompida que deve se redimir. Indo para um outro viés, apresentam-se as prostitutas Esther, de O Ciclo das Águas, de

Moacyr Scliar, e A Polaquinha, de Dalton Trevisan. Trata-se de mulheres que foram levadas à prostituição, à sexualidade feminina mercantilizada e, concomitantemente, a experiências eróticas que desencadearam o tanto o seu empoderamento como a sua decadência. O livro *O Ciclo das Águas*, publicado pela primeira vez em 1975, foi inspirado na questão do tráfico de mulheres judias trazidas para a América, no início do século XX, onde eram obrigadas a serem escravas sexuais, no chamado “tráfico de brancas”, sendo caracterizadas como polacas. A personagem Esther é uma judia polonesa que é obrigada a se prostituir, mas encontra na prostituição tanto a glória (tornando-se rica e caftina) como também o declínio (a solidão e a demência). Dalton Trevisan, em 1985, lança a polêmica obra *A Polaquinha*, e com teor erótico e linguagem clara, a narrativa apresenta o desenvolvimento da sexualidade da protagonista, uma jovem curitibana criada em um ambiente conservador e patriarcalista, que busca conhecer o prazer sem interdições, até chegar à prostituição. A alcunha Polaquinha surge em razão de a protagonista ser loira. Na verdade, o termo polaca se refere às prostitutas estrangeiras brancas, geralmente judias, que vieram das regiões mais pobres da Europa Ocidental para o Brasil, convertendo-se em um termo pejorativo. Percebe-se, assim, que a aparência “exótica” dessas personagens é elemento delimitador para serem caracterizadas como “polacas”, até que de fato tornam-se prostitutas. Apesar de Esther e Polaquinha procurarem viver sem censura as suas sexualidades, ambas se apresentam como vítimas de um sistema misógino e cerceador, pois a prostituição é o lugar designado a elas, já que caberia apenas ao homem o direito ao prazer. A transgressão de ambas, entretanto, é tentar encontrar o prazer na mesma prática que as subjugava.

Palavras-chave: Polacas; Prostituição; Transgressão.

AHASVERUS: ERRÂNCIA E TRAJETÓRIA EM SAMUEL RAWET E MOACYR SCLIAR

Marcio Cesar Pereira dos Santos (UFMG)

Resumo: Arasverus, ou como é popularmente conhecido “o judeu errante”, é um mito de origem ou um “mito fundador”, como definido por Regina Zilberman. Trata-se de uma lenda medieval de origem cristã/católica, que nos seus pressupostos mais infames ajudou a sedimentar preconceitos antissemitas arraigados às sociedades ocidentais. Porém, a literatura contemporânea retomou esse mito em muitos textos que deram outras relevâncias às antigas configurações do mito. Este trabalho pretende analisar alguns textos que recriaram o mito na literatura brasileira de origem judaica, são eles: a novela “Viagens de Ahasverus à terra alheia em busca de um passado que não existe porque é futuro que já passou porque sonhado”, de Sammuel Rawet, publicada em 1970, e o romance *Os vendilhões do Templo*, de Moacyr Scliar, publicado em 2006. Pretende-se, portanto, demonstrar como, à sua maneira, cada escritor reescreveu o mito cristão como uma metáfora da trajetória do povo judeu, não como uma “raça” condenada a errar pelo mundo, mas como um povo, que obrigado, com essa errância, a buscar sempre outra “terra prometida”, redescobrimo-se a si mesmo e recriando sua própria trajetória.

Palavras-chave: Arasverus; Moacyr Scliar ; Samuel Rawet; Judeu errante.

MOACYR SCLIAR VÊ O SANTO OFÍCIO: REFLEXÕES EM TORNO DA CRÔNICA " A INQUISIÇÃO REVISITADA"

Kenia Maria de Almeida Pereira (UFU)

Resumo: Dentre os vários textos presentes no livro “A nossa frágil condição humana”, de Moacyr Scliar, interessa-nos analisar, de forma mais densa e reflexiva, a crônica intitulada “A Inquisição revisitada”, publicada pela primeira vez no jornal gaúcho *Zero Hora*, em 1987. Nesse texto, Scliar, sem abandonar a linguagem acessível e coloquial da crônica, elabora uma reflexão sagaz e irônica sobre as origens e consequências nefastas do Santo Ofício e sua permanência em Portugal por quase trezentos anos. Para Scliar, a virulência da Inquisição que matou milhares de hereges nas fogueiras, dentre eles, protestantes, judeus e cristãos-novos, além de artistas e intelectuais rebeldes, não teria como força propulsora apenas a questão religiosa e mística. Para Moacyr Scliar, outros interesses moveram a máquina da barbárie inquisitorial, dentre eles, os arranjos políticos e as vantagens

econômicas: fatores negativos que reverberam até hoje nas entranhas da sociedade brasileira. Nossos estudos estarão ancorados nas pesquisas de Francisco Bethencourt, Antônio José Saraiva, Alexandre Herculano, Anita Novinsky, Sonia Siqueira, dentre outros.

Palavras-chave: Moacyr Scliar; Crônica; Inquisição

O CORPO COMO ESPAÇO DE VIOLAÇÃO E DE TRANSMUTAÇÕES NA LITERATURA KAFKIANA

Viviane Cristina Bitencourt dos Santos (UFMG)

Resumo: Neste trabalho, será analisado como a temática do corpo e, em alguns casos, da deformação é construída na literatura do autor judaico Franz Kafka. Além disso, avaliaremos até que ponto esse tema pode contribuir para que a obra dele seja considerada autêntica, usando como base teórica a estética de Adorno e as contribuições conceituais de Walter Benjamin sobre a arte e a técnica. O objetivo é abordar os seguintes textos literários e subtemas: (a) Metamorfose: a transfiguração do corpo e a prisão da “alma”; (b) Artista da fome e Na galeria: a violação do corpo como espetáculo; e (c) relação entre os contos destacados e a “máquina burocrática”. Segundo Adorno e Horkheimer, em *Dialética do Esclarecimento* (2006, p. 27), “com o progresso do esclarecimento, só obras de arte autênticas conseguiram escapar à mera imitação”, pois não se renderam às armadilhas da produção em massa da indústria cultural. Nessa perspectiva, podemos perceber a riqueza literária de Kafka e suas particularidades, pois ele demonstrou capacidade de criar narrativas que, paradoxalmente, distanciam e reaproximam o leitor. Os textos dele também fantasiam com o absurdo e, por meio da alegoria, provocam a reflexão sobre o mundo referencial e as relações de poder. Considerando a hipótese de que, ao explicitar a relação entre seres marginalizados e o domínio da “máquina burocrática”, Kafka constrói uma literatura inovadora e extraordinária dando relevância ao tema do corpo, analisaremos este elemento tão recorrente em seus textos e como ele se conecta ao mundo das “grandes organizações” (Kafka). Para tanto, será mostrado como suas personagens anti-heroicas, na maioria das vezes, se anulam, renunciando à condição humana e regredindo à coisa (reificação), o que os leva ao completo fracasso como indivíduos, seja ao acordar transformado em um inseto (Metamorfose) ou detido, sem saber a causa, na manhã do próprio aniversário (O processo), por exemplo. Isso ainda se articula à angústia do limiar entre a vida e a morte – ou do corpo que não é mais vivo, apesar de não estar morto, principalmente nos textos Na galeria e Artista da fome. Além da reificação e da violação do corpo, práticas tão comuns no contexto de escrita – pré-holocausto – as obras de Kafka que serão citadas neste trabalho conseguem provocar, criticamente, o questionamento da naturalização da violência como técnica e instrumento de guerra que ganhou força no regime totalitário. Na literatura kafkiana, o absurdo, que parece tão distante do mundo referencial, pode ser um modo de destacar as crueldades e seus esquemas sistêmicos da contemporaneidade capazes de alienar e reificar o sujeito.

Palavras-chave: Kafka; Corpo; Transmutações; “Máquina burocrática”

FIGURAÇÕES DO POLÍTICO EM KAFKA E KUCINSKI: O DISCURSO LITERÁRIO COMO ENCENAÇÃO DA HISTÓRIA

Ricardo Augusto Garro Silva (UFMG)

Resumo: De acordo com Deleuze e Guattari, a obra literária de Franz Kafka se forma a partir de um agenciamento coletivo de enunciação em que se objetiva a ligação do individual ao imediato político, com o caso particular desaguando necessariamente na amplitude social, em que “o que o escritor sozinho diz já constitui uma ação comum, e o que diz ou faz é necessariamente político [...]”. O campo político contaminou todo o enunciado”. Essa assertiva não só circunscreve, quanto afirma o caráter político na obra de Kafka como inerente ao próprio lugar que o escritor ocupa como indivíduo. Expor os mecanismos que impelem o sujeito a um esvaziamento e, ao mesmo tempo, buscar um espaço de mobilidade ou saída, como se fossem um campo de experimentação, tornando-se expressão do político, são as formas de entrada de Deleuze e Guattari aos romances de Kafka, sobretudo O processo, O castelo e América. Seguindo essa linha de argumentação, é

possível analisar os romances *K – Relato de uma busca* e *Os visitantes*, de Bernardo Kucinski, a partir da objetivação de seus protagonistas via inserção a contextos políticos e sociais específicos, no caso, a ditadura civil-militar que governou o Brasil entre 1964 e 1985, assim como à Shoá e à migração judaica, tendo em vista o caráter autoficcional desses livros. O objetivo desta comunicação é, assim, expor o campo social no qual se desenvolve a ficção de Kucinski, via paralelo com a abordagem da obra romanesca de Kafka, para justificar o enfoque pelo testemunho e suas relações com a memória, seja individual ou coletiva, que são centrais na obra de Kucinski e que estão estreitamente vinculadas ao histórico.

Palavras-chave: História; Memória; Ditadura; Antissemitismo.

CARTAS EM TEMPOS DE GUERRAS: CORRESPONDÊNCIAS ENTRE STEFAN ZWEIG E SIGMUND FREUD
Geovane Souza Melo Júnior (UFU)

Resumo: Stefan Zweig foi um dos escritores mais lidos do século XX, autor versátil, escreveu romances, ensaios e biografias, experimentou grande fama ainda jovem, diversas obras suas foram traduzidas para dezenas de idiomas e algumas foram adaptadas para o cinema. Sigmund Freud forjou a jovem ciência psicanalítica, foi onde Josef Breuer não arriscou, deparou-se com o inconsciente [Unbewusst] e suas vicissitudes na vida anímica do homem. Mais de vinte anos os separam no que se refere à idade, Freud poderia ser pai de Zweig, porém, muito os aproxima; ambos são judeus, intelectuais de língua alemã, foram testemunhas oculares [Augenzeuge] da ascensão do nacional-socialismo e do horror da Guerra. O primeiro era um admirador da psicanálise e explorava o inconsciente e suas reverberações em suas obras literárias, por sua vez, o segundo apreciava o estilo pelo qual o escritor [Dichter] adentrava em questões relacionadas ao inconsciente com tamanha acuidade psicológica. Em meados de 1908, os dois pensadores se encontraram e inicia-se ali uma amizade trigenária (1908-1939). Foram dezenas de missivas (78), felizmente, algo dessa correspondência sobreviveu aos homens em tempos sombrios e chegou até nós. Há que se admitir que existem correspondências com um evidente valor histórico e intelectual que, amiúde, compõem fragmentos de um passado que não deve ser ignorado ou mesmo esquecido. Nesse sentido, tratar-se-ia de um narrar por dever, vide a literatura de teor testemunhal cujo um dos seus expoentes é o italiano Primo Levi. Deste modo, esta investigação, quiçá, com um certo quê detetivesco amalgamado com uma pulsão voyeur, predicados que acredito, são, se não necessários, no mínimo oportunos para esta pesquisa, contempla diversos assuntos tratados ao longo da correspondência, à guisa de exemplo: psicanálise, literatura, exílio e guerra. Assim como tubos de ensaio, microscópios e centrífugas são de grande auxílio em qualquer laboratório de ciências exatas e biológicas, acreditamos que na área de humanas, nosso laboratório pode e deve contar com as correspondências. Abrir mão deste material para análise é desconsiderar a contextualização e desprezar uma fonte rica de informações que, na maioria das vezes, não se encontra nos textos publicados. Portanto, nesta comunicação abordaremos, de forma sucinta, a amizade epistolar entre esses dois personagens da intelligentsia alemã do século passado e alguns de seus desdobramentos no campo literário e psicanalítico. Reafirmamos que todas as cartas selecionadas para esta apresentação e análise tratarão sobre a temática da guerra, do exílio e da amizade entre ambos os pensadores, ademais, toda essa correspondência encontra-se nos livros: *Stefan Zweig Correspondencia con Sigmund Freud*, Rainer Maria Rilke y Arthur Schnitzler (2004) e *Stefan Zweig Correspondance 1932-1942* (2008).

Palavras-chave: Correspondência; Freud; Zweig

"O CASTELO" DE FRANZ KAFKA: A EMANCIPAÇÃO JUDAICA SOB O SIGNO DA AMBIVALÊNCIA
Luis S. Krausz (USP)

Resumo: Promulgado em 1782, sete anos antes da Revolução Francesa, o Édito de Tolerância de José II da Áustria, é considerado pelos historiadores como o primeiro passo em direção à emancipação judaica na Europa moderna. José II tornou-se uma figura tutelar, frequentemente lembrada como grande benemérito e patrono do processo de integração dos judeus à sociedade

européia no alvorecer do século XIX. Efetivamente, este édito contém em si as ambivalências que caracterizarão o processo de emancipação judaica no Império Austro-húngaro e na Europa de língua alemã como um todo. O texto do Édito de Tolerância propõe aos judeus um emaranhado de contradições, de avanços, por um lado, e de manutenção de entraves, de outros, ou seja, está saturado de paradoxos e de ambiguidades. Se o decreto imperial, por exemplo, exorta os judeus a se dedicarem à agricultura, ao mesmo tempo proíbe-lhes a propriedade de terras. Se lhes recomenda que se tornem artesãos e lhes faculta o aprendizado junto a mestres cristãos, proíbe-lhes alcançarem o grau de mestres nos novos ofícios. E se lhes propõe a igualdade das crenças e persuasões religiosas ante o poder imperial, proíbe-lhes que façam uso de seus idiomas judaicos – o hebraico e o ídiche – em qualquer tipo de contrato. Neste trabalho pretende-se analisar o romance "O Castelo" de Franz Kafka à luz das contradições e das ambivalências inerentes ao processo de integração dos judeus na cultura austro-germânica.

Palavras-chave: Kafka; emancipação judaica; literatura judaica

2 de agosto

8h30

BRANCA DIAS: UM QUIXOTE DE SAIAS E SUA BIBLIOTECA PROIBIDA

Ediluce Batista Silveira (UFU)

Resumo: A peça "O Santo Inquérito", escrita pelo dramaturgo Alfredo Dias Gomes, trouxe uma inquietude em relação aos acontecimentos históricos. Branca Dias, uma cristã-nova, leitora e, por conseguinte, herege, é a representação de todos os indivíduos que se indignaram com as injustiças sociais e, por isso, lutaram a fim de resistir a toda forma de totalitarismo. Fiel à lei de Moisés, ela é julgada e condenada à morte pela Inquisição. O real motivo? Possuía o hábito de ler. Suas leituras? Obras consideradas interditas pelo Santo Ofício durante o período colonial: a novela de cavalaria "Amadis de Gaula" (1508) escrita por Garcí Rodríguez Montalvo; "Metamorfose" (8 d.C.), poesias de Ovídio; a peça teatral escrita por Jorge Ferreira de Vasconcelos (1555), "Eufrosina e, por fim, o livro sagrado, a Bíblia escrita em vernáculo. A educação feminina nunca esteve ligada ao conhecimento, no entanto a protagonista de Dias Gomes rompe as barreiras e revela que cabe à mulher o direito ao saber e ao questionamento. Sua condenação: a morte na fogueira. A história da filha de Simão Dias, mesmo sendo permeada pela lenda e pelo fato histórico, faz reverberar no leitor/espectador a reflexão acerca dos tempos que transformaram a História, sobretudo, a presença do Tribunal do Santo Ofício nos trópicos e o Golpe Civil-Militar. Ao ler, essa personagem - segundo MANGUEL, 1997 – confere legibilidade ao objeto, ao lugar ou aos acontecimentos. A prática assídua da leitura corrobora a fim de que o indivíduo racionalize os fatos, questionando sobre eles e interferindo criticamente nas circunstâncias. Eis os efeitos da leitura no comportamento de Branca Dias. Esses resultados também são encontrados em "Dom Quixote de La Mancha", de Miguel de Cervantes uma vez que, como leitor, o Cavaleiro da Triste Figura deixa-se impregnar pelos eventos lidos e ressignifica sua história, escapando da realidade onde está inserido. Ao ler novelas de cavalaria e a Bíblia, esse fidalgo não representa apenas um leitor que, fascinado pelas leituras, vive-as intensamente, mas é possuído pelo texto, posto que cada letra, cada palavra torna-se parte de seu "eu". Por isso, esse assume efetivamente a sua condição de leitor, pois está livre e desprendido de qualquer imposição em relação às formas de interpretar uma obra. De leitor, o personagem cervantino passa a compartilhar novas perspectivas do mundo. Branca Dias, enquanto uma leitora subversiva, por não se conformar com as imposições e buscar na leitura uma forma de combatê-la, transfigura-se em um quixote de saias. No entanto, a sanidade a acompanhou em sua via crucis, posto que a realidade não lhe parecia camuflada. Ela resistiu até onde pôde, por isso se tornou uma arma de intelectualidade, de incômodo para a ordem vigente a fim de combater toda e qualquer manifestação de dominação.

Palavras-chave: "O Santo Inquérito" ; Leitura; Obras proibidas

TESSITURAS FAMILIARES: O SEFARDITA EM RONALDO CORREIA DE BRITO

André de Souza Pinto (UFMG)

Resumo: Em Galileia, 2009, de Ronaldo Correia de Brito, narra-se a história dos Rego Castro, ficcionalizando uma genealogia familiar marcada pela existência de antepassados sefarditas. Adonias, narrador do romance de Brito, ao elaborar uma genealogia permeada pela força do espaço sertanejo contemporâneo, repleto de tradições do passado e do discurso bíblico, aproximando metaforicamente o sertão dos Inhamuns ao deserto hebreu, configura, pois, a existência ficcionalizada de uma ascendência judaica. Se a presença de cristãos-novos é referida explicitamente na narrativa, esse aspecto parece configurar-se, também, como um índice biográfico do escritor, cujos antepassados seriam também judeus. Além de Galileia, a coletânea O amor das sombras, publicada em 2015, traz, nos contos “Brilhar” e “Mellah”, genealogias ficcionalizadas, cuja ascendência judaica também se faz presente. O narrador de Brito, em “Brilhar”, afirma que eles escolhiam esse ou aquele ascendente conforme a conveniência do momento, caracterizando, assim, a ficcionalização de uma história familiar. O leitor depara-se, portanto, com linhagens que são desfiadas e, ao mesmo tempo, tecidas novamente pelo escritor, que cria uma tessitura familiar estruturada pela invenção. Esta comunicação propõe, assim, uma leitura de alguns textos de Ronaldo Correia de Brito, buscando analisar a presença de ascendências sefarditas em suas narrativas e o seu significado no contexto ficcional da obra do escritor.

Palavras-chave: Sefardita; Genealogia; Ficcionalização.

SOBRE OS RIOS QUE VÃO, DE MARIA JOSÉ DE QUEIROZ: CANÇÕES DE SIÃO NOS TRÓPICOS

Filipe Amaral Rocha de Menezes (UFMG)

Resumo: O romance Sobre os rios que vão, publicado em 1990 por Maria José de Queiroz, narra a história de uma família de origem búlgara e sefardita no interior do estado de São Paulo. O enredo gira em torno do jovem Joel Levi que, para tentar escapar de sua origem, troca seu nome para Jari Leite. Estão no horizonte dessa trama a sua relação com o passado do seu pai, Fatuel Levi, e, por extensão, com a sua herança judaico-sefardita. Desde o título o leitor está imerso na “literatura do exílio” e nos “males da ausência”, desde o salmo bíblico até sua célebre tradução nos versos de Luís de Camões no poema conhecido tanto como por “Sôbolos rios que vão” quanto por “Redondilhas de Babel e Sião.

Palavras-chave: Maria José de Queiroz; Judeus; Sefarad; Exílio.

POESIA IMPREGNADA PELO JUDAÍSMO

Leonor Scliar-Cabral (UFSC)

Resumo: Embora nem todos os meus livros de poesia versem exclusivamente sobre a temática judaica, como o fizeram Romances e Canções Sefarditas (Sec. XV ao XX) (1990), Memórias de Sefarad (1994), Sagração do Alfabeto (2009) e José (2016), minha poética está impregnada pelo judaísmo. Em De senectute erotica, a ode ‘Sephiret’ é uma alegoria à Árvore da Vida, traduzida nos derradeiros sonhos da velhice feminina; em ‘Shangrilá’, minha casa tem “um hall sagrado/ e nele se abre a Estrela de Davi”. Mas é em O sol caía no Guaíba, livro onde rememoro minha infância e adolescência, quando estão mais vivas a cultura e as vivências que firmaram minha identidade. O primeiro soneto, ‘Piquenique’, lembra a tradição das famílias de Passo Fundo ao compartilharem o domingo junto à ribanceira do rio. Noutro soneto, ‘Pessach’ (minha festa preferida de sempre), recordo os artesãos da comunidade: o tintureiro, o marceneiro, os comerciantes de tecidos e os colonos que vinham de Erebangó, conhecida como Quatro Irmãos, colônia comprada pelo Barão Hirsch, para receber emigrantes das shtetles. Em ‘1937: Rádios clandestinas’, rememoro o microuniverso doméstico das contradições em que o pai judeu escuta a BBC e a rádio Moscou e, na sua ausência, a empregada, de origem alemã, escuta a rádio Berlim. O soneto ‘Para meu pai’ é um pedido de perdão pelo sofrimento que lhe causei, ao casar com um gó: “A vela onde está por ser acesa?/ Talvez a menorá de quem espera/ se acenda tarda na terceira esfera”. ‘Lacre rompido’ é um protesto poético contra a exclusão feminina, de então, dos ritos iniciáticos como o Bar Mitzvah:

“cofre lacrado para mim, menina”. ‘O noivo fugiu’ é uma narrativa da moça cujo noivo fugiu, tornando-a, para sempre, solteira: “Carunchos em silêncio/ desfazem a mobília do enxoval”. A cena do casamento bíblico é revivida na ode ‘Lâmpadas’: “Após os doze meses de preparo,/ unguento e mirra e pétalas de rosa,/ maçãs e nozes, vinhos e olivas,/ o noivo aguarda”. Em ‘Maria Fumaça’ (evocação da velha locomotiva, no entroncamento ferroviário de Santa Maria), recordo a Colônia Phillippson, a segunda, no sul, patrocinada pelo Barão Hirsch e também aludo à aculturação dos emigrantes provenientes das shtetles, que instalam suas lojinhas, com roupas penduradas em cabides, próximas às estações de trem: “Rumo a Santa Maria,/ Santa Maria da Boca do Monte:/ batinas e sargentos,/ chinocas e colonos,/ judeus errantes junto à ferrovia.” Em ‘Meu tio’, mergulho nas narrativas de meu tio, que me carregava ao colo: “ouvia anexins/ colhidos na longínqua Bessarábia:/ sincrética harmonia/ de ditos gauchescos,/ trançados como uníssona cantiga”. Quando retornávamos, o “chá com as pedrinhas de açúcar” era servido do samovar em copos de vidro. “O samovar no étagère repousa” é a imagem inesquecível dos encontros familiares. A última ode, ‘Brahms’, reaviva a memória da senhora Caro que ensinava lieds: “A jovem se reclina sobre o piano/ sem ler as partituras quase rotas/ que a professora em fuga da Alemanha/ salvou na mala.”

Palavras-chave: Poética; judaísmo; imaginário judaico; sincretismo

NOEMI JAFFE: A EPIFANIA A PARTIR DO CONTO "AMOR" DE CLARICE LISPECTOR

Josilene Moreira Silveira (UFMS)

Resumo: No conto “O que vou fazer eu?”, de Noemi Jaffe, publicado na coletânea Não está mais aqui quem falou (2017), a proposta é contar aos leitores o que aconteceu com Ana e o cego que mascava chicletes, personagens do conto “Amor”, de Clarice Lispector, logo após o saco de tricô desabar no chão. A estrutura narrativa se dá a partir da colagem de trecho do texto de Clarice, do momento em que Ana está no bonde e avista o cego até o veículo arrancar e o saco despencar. É neste ponto que Noemi se apropria do enredo para tentar preencher as lacunas ali deixadas. Para tanto, a narradora se coloca como leitora há vários anos deste conto e exprime sua inquietação em saber o que poderia ter acontecido no diálogo entre as personagens de Clarice. De acordo com a narradora, que estava no bonde, Ana teria acenado ao motorista para que parasse o veículo e descido em direção ao cego. Assim, testemunha o fato ao segui-la, por “mera curiosidade”. Ao fazê-lo, depara-se com a pergunta: “Por que o senhor masca chicletes, se é cego? [...] Peço, por favor, que o senhor cuspa esse chiclete agora. Se a vida para um cego não for triste como eu pensava, o que vou fazer eu, com minha felicidade?” (JAFFE, 2017, p. 102). A perspectiva da narradora-personagem é limitada. Não pode ouvir a resposta do cego. Apenas, deduz que a resposta tenha satisfeito Ana, considerando que ela sorri “corada”, “com semblante apaziguado”, e apertam-se as mãos (JAFFE, 2017, p. 103). Contudo, a curiosidade a leva a se aproximar do cego e a questioná-lo: “Será que o senhor poderia me dizer a resposta que lhe deu ao ouvi-la pedindo que cuspsse seu chiclete? E o que foi que lhe disse sobre ela aguentar a felicidade?” (JAFFE, 2017, p. 104). Especulações são feitas sobre o motivo que teria levado Clarice a omitir tal fato do conto original: talvez uma espécie de “economia narrativa”, para reservar a “verdadeira epifania” para o momento em que Ana está no Jardim Botânico. Diante disso, este trabalho visa analisar como Noemi se apropria da narrativa de Clarice para construir seu próprio enredo para Ana. Nesse sentido, questiona-se se haveria uma segunda epifania no diálogo de Ana e o cego, considerando a epifania uma espécie de “revelação” que se mostra aos personagens, gerando certo desequilíbrio (SANT’ANNA, 1979). Ou seria, a protagonista de Noemi que tem uma grande revelação?

Palavras-chave: Epifania; Noemi Jaffe; Clarice Lispector

DO ALFABETO E DO DICIONÁRIO: AS GRANDEZAS POÉTICAS DO MÚLTIPLO

Késia Oliveira (UFMG)

Resumo: De Sagração do alfabeto, 2009, de Leonor Scliar-Cabral, a A verdadeira história do alfabeto e alguns verbetes de um dicionário, 2012, de Noemi Jaffe, a letra constitui um acervo de possibilidades poéticas e narrativas. Ao conceberem a letra como uma unidade mínima de sentido e

dela fazer falar o verbo, as escritoras se inscrevem numa tradição de autores que veem no micro, as grandezas do múltiplo, como no célebre conto “O Aleph”, de Jorge Luis Borges, ou no poema “Procura da poesia”, de Carlos Drummond de Andrade. Scliar-Cabral extrai do alfabeto hebraico inúmeras reverberações líricas, transformando letra em poesia, escandindo o sentido do único ao ampliar as conotações, às vezes mágicas das letras. Jaffe, por sua vez, em prosa, redefine o significado da noção de história ao propor para cada letra do alfabeto latino uma inusitada linearidade, uma rede de conexões em que etimologia e genealogia recriam e reinventam a ordem alfabética. Esta comunicação tratará de analisar esses dois percursos literários da Literatura Brasileira no contexto das textualidades judaicas contemporâneas.

Palavras-chave: Alfabeto; dicionário; poesia; multiplicidade.

O ARTISTA COMO COLECIONADOR E ARQUIVISTA: LEILA DANZINGER E DANIEL BLAUFUKS

Lyslei Nascimento (UFMG)

Resumo: A Shoah tem sido um tema recorrente tanto na obra da artista plástica, escritora e ensaísta brasileira Leila Danziger (Rio de Janeiro, 1962) quanto na do fotógrafo, cineasta e escritor português Daniel Blaufuks (Lisboa, 1963). Os dois artistas/escritores se inscrevem em um perfil da arte/literatura contemporânea que trabalha com coleções e arquivos – de textos, de imagens – entrelaçando as histórias familiares e pessoais com as narrativas oficiais da tragédia que se abateu não só sobre os judeus, mas sobre toda a humanidade na Segunda Guerra Mundial. Em sua tese de doutorado, Danziger estuda os monumentos e os anti-monumentos, a cidade como “oficina da história” e a arte contemporânea diante do que chamou de um “imperativo ético do testemunho”. Blaufuks, por sua vez, tanto em *Sob céus estranhos* (2002) quanto em *Terezin* (2010), põe em relevo um conceito de veracidade no qual a imagem acaba por se configurar como uma falácia. Essas aproximações de ambos os escritores ao tema da Shoah/Holocausto dão-se, sobretudo, por intermédio da inscrição do artista enquanto colecionador e arquivista, que recolhe os vestígios e ruínas da história.

Palavras-chave: Shoah; Memória; Terezin; Fotografia.

VIDA JUDAICA EM TEMPOS DE DITADURA

Saul Kirschbaum (Pesquisador independente)

Resumo: O romance *Traduzindo Hannah*, de Ronaldo Wrobel, foi publicado em 2010 e já foi traduzido para diversos idiomas. A ação se ambienta no governo ditatorial de Getúlio Vargas (1937 a 1945), com sua obsessão por estabelecer vigilância estrita sobre todos os atos da população, inclusive a troca de correspondências – obsessão exacerbada pela revolta fracassada de 1935, que abriu as portas para uma caça às bruxas contra os comunistas -, principalmente em língua estrangeira, em busca de mensagens cifradas. Para isso, é necessário convocar um especialista em ídiche. A leitura das cartas trocadas entre as irmãs Hannah e Guita leva o protagonista, ele mesmo imigrante fugindo das péssimas condições impostas pela Polônia aos judeus, a aprofundar-se nas relações entre os membros da comunidade judaica do Rio de Janeiro, debruçando-se sobre o microcosmo do bairro judeu da Praça Onze. A comunicação abordará o fluxo migratório de judeus da Europa para o Brasil nos anos 1920 e 1930, o clima de antissemitismo durante a Era Vargas, às vésperas da Segunda Guerra Mundial, e seus efeitos sobre a vida judaica, tais como as dificuldades criadas para a liberdade feminina, como o tráfico de escravas brancas, as “polacas”.

Palavras-chave: Imigração judaica; Antissemitismo na Era Vargas; Ficção Judaico-Brasileira

2 agosto

14h30

A LITERATURA DE TESTEMUNHO EM "OS AFOGADOS E OS SOBREVIVENTES", DE PRIMO LEVI

Thiago Felício Barbosa Pereira (UFPI); Margareth Torres Alencar Costa (UFPI)

Resumo: Este trabalho apresenta uma análise do livro *Os afogados e os sobreviventes*, de Primo Levi considerando os aspectos teóricos relacionados à literatura do trauma, pois a pesquisa se desenvolveu a partir da seguinte problemática: Quais as características da escrita do trauma identificados no livro *Os afogados e os sobreviventes*, de Primo Levi? O livro, escrito e publicado em 1986, um ano antes de sua morte, contém em seu centro questões que discutem a vergonha, a comunicabilidade, a culpa, ofensa, e o próprio ato de testemunhar enquanto sobrevivente do campo de concentração. Sua narrativa, portanto, é escrita permeada pelo trauma, marca constante na vida de quem experienciou o Lager. Diante disso, far-se-á neste trabalho a análise do trauma, ou como denomina Jaime Ginzburg, a escrita do trauma. Para tanto, o trabalho empreende um estudo partindo das ideias concebidas por Seligmann-Silva, Freud, Giorgio Agamben, Hannah Arendt. A literatura de testemunho compõe-se de relatos importantes escritos por sobreviventes do Holocausto da Segunda Guerra Mundial, como o de Primo Levi, por exemplo, ao qual transformamos aqui em objeto de estudo objetivando perceber como essa literatura marcada pelo trauma narra os horrores do campo de extermínio, servindo como afirmação da shoah e ainda como luta da memória, já que contar a experiência vivida no Lager ajuda na preservação da memória. Assim, as contribuições de Halbwachs e Agamben auxiliam como suporte para a reflexão aqui apresentada. Pois Halbwachs, ao tempo em que celebra a memória coletiva, destaca-a como um ponto crucial para a construção da memória individual. Com efeito, Primo Levi dá ao seu testemunho um tratamento em que é a sua memória individual pretende tornar-se coletiva por meio de sua fala, de seu relatos, sobretudo por aqueles que não puderam testemunhar. Escrita sempre determinada pela experiência vivida, a escrita e o testemunho de Levi são embates entre perplexidade do que foi vivido/testemunhado e a necessidade de contar, sempre premente na vida do sobrevivente, isso porque seu trabalho memorialístico, de modo especial em *Os afogados e os sobreviventes*, está imbuído de descrições nas quais podemos perceber a ação da polícia nazista e toda a sua política contra a memória, tenta a todo custo não só propor o esquecimento, como também eliminar as provas e/ou qualquer fundamento de verdade que possa servir como prova do que aconteceu no campo de concentração. Assim, este trabalho apresenta considerações pertinentes à temática do trauma na literatura de testemunho, sobretudo no que diz respeito a necessidade de contar e narrar o trauma, nos dizeres de Seligmann-Silva. Esse narrar que se faz de maneira tão insistente e ao mesmo tempo tão doloroso é apresentado por Primo Levi como um dever. “um dever para com os companheiros que não voltaram e é uma tarefa que confere sentido à nossa sobrevivência”.

Palavras-chave: Primo Levi; Testemunho; Trauma; Memória

A TABELA PERIÓDICA: UMA COLEÇÃO DO IMPROVÁVEL, DE PRIMO LEVI

Breno Fonseca Rodrigues (UFMG)

Resumo: Para Georges Didi-Huberman, “a montagem seria um método de conhecimento e um procedimento formal nascidos da guerra, fazendo-se ato da ‘desordem do mundo’”. Ele remonta, em sua reflexão, à Rua de mão única, de Walter Benjamin, como um exemplo da prática de montagem, no cenário do campo filosófico, que, em seus fragmentos heterogêneos, deixa entrever o trabalho de catalogação. A tabela periódica, de Primo Levi, apresenta-se, de modo semelhante, como um relato sinuoso e fragmentário da vida do escritor, configurando-se, no campo literário, como um arquivo de memórias; um sistema lacunar e distinto; uma coleção inusitada. A partir de uma outra disposição dos elementos químicos, Levi parece se orientar por uma estratégia de montagem ao recriar um arranjo que se aproxima de outras formas de ordenação. Os capítulos, marcados pela concisão e pela multiplicidade, como em uma enciclopédia, exibem as contradições e os choques da narrativa marcada pela Shoah, a condição de exílio do povo judeu e as aventuras existenciais de um químico escritor. Nesse contexto, esta comunicação refletirá sobre A tabela periódica, a partir da montagem e da coleção, como estratégia de construção do texto, baseando-se, sobretudo, no pensamento de Georges Didi-Huberman e Walter Benjamin. Pretende-se avaliar como Levi “empreende a luta contra a dispersão” ao tecer suas confabulações memorialísticas dispondo, como matéria literária, as substâncias químicas do sistema periódico.

Palavras-chave: Primo Levi; Memória; Shoah; Montagem; Coleção.

FICÇÃO E REALIDADE EM "OS DESTITUÍDOS DE LODZ"

Thaily Viviane Andre (USP)

Resumo: O gueto de Lodz (1941-1944) foi o mais longo e o segundo maior dentre todos os guetos instituídos pelos nazistas, apenas superado em população pelo gueto de Varsóvia. Apesar de sua longevidade, explicável pelo seu enfoque no trabalho, o gueto de Lodz não foi objeto de tantos estudos e, portanto, não é tema central de tantas obras acadêmicas quanto o gueto vizinho de Varsóvia. A centralidade deste último na historiografia dos guetos do Holocausto não se deve somente ao seu tamanho ou pelo fato de que Varsóvia era a capital da Polônia, mas sobretudo pelo levante armado dos judeus empreendido contra os dominadores alemães. Esse movimento de resistência se tornou um símbolo da fortaleza judaica, sobretudo perante acusações feitas no pós-guerra de uma suposta passividade dos judeus, que teriam ido como ovelhas ao matadouro. Essa expressão, utilizada muitas vezes como uma metáfora da passividade dos judeus durante o Holocausto, é atribuída a Abba Kovner, líder da resistência do gueto de Vilna, na Lituânia, quando estimula seus companheiros a pegarem em armas contra os assassinos alemães, não se entregando a estes como ovelhas indo ao matadouro. A passividade dos judeus do gueto de Lodz se tornou uma das maiores críticas a este e uma das razões pelas quais este gueto não atraiu um número tão significativo de estudos. Das obras centralizadas no gueto de Lodz, a maioria delas destaca o papel de Mordechai Chaim Rumkowski, líder judeu designado pelos alemães, que teria sido responsável tanto pela longevidade deste gueto, quanto pela aparente passividade dos seus judeus, ambas devido à política de transformar esse gueto em uma grande fábrica voltada a produção de bens aos alemães. Rumkowski é um personagem polêmico, acusado de abusos sexuais de mulheres e crianças, de ser aliado das autoridades nazistas e, portanto, de ser cúmplice ou até mesmo culpado pela morte de milhares de judeus de Lodz, aos quais deveria proteger. Não é à toa que ele receba tamanha atenção dos historiadores deste gueto, pelo papel de destaque que teve no destino de seus concidadãos e pelos rumores que cercam a sua figura. Rumkowski se tornou também a figura central do aclamado romance de Steve Sem-Samberg, "Os destituídos de Lodz", publicado originalmente em 2009 e traduzido ao português em 2012 pela Companhia das Letras. Essa ficção premiada e aclamada por grande parte dos críticos literários se tornou um best-seller justamente por abordar esse homem polêmico que foi Mordechai Chaim Rumkowski e por descrever todos os sofrimentos infligidos aos judeus de Lodz. Exercendo a liberdade criativa, Sem-Samberg entrou no debate historiográfico que cerca esse líder judeu a respeito dos rumores de pedofilia e de colaboração com os alemães, que colocou esse escritor sueco como alvo de severas críticas, especialmente por fazer uma representação ficcional do gueto e de seu líder. Esse é o objetivo da apresentação, mostrar quanto há de ficção e quanto há de realidade na obra "Os destituídos de Lodz", levantando a questão: é possível ficcionalizar a história do gueto de Lodz?

Palavras-chave: Holocausto; Literatura; Ficção; Gueto de Lodz

A REPRESENTAÇÃO DA IDENTIDADE JUDAICA NA FICÇÃO DE PEPETELA

Célia Maria Borges Machado (UFU)

Resumo: A necessidade de sobrevivência, a busca pela estabilidade econômica, as catástrofes, as perseguições de ordem religiosa ou política são alguns exemplos dos motivos de deslocamentos de judeus pelo mundo, tornando-os o povo da diáspora. Os registros dessas experiências na literatura têm sido feitos tanto por escritores judeus, como por aqueles ligados à história e experiência dos hebreus na Terra. Pepetela, escritor angolano engajado com as questões de seu tempo, também vem apresentando esse olhar sobre as identidades judaicas em suas obras, chamando a atenção para o contexto de vida e sobrevivência de judeus na África, em cujas tramas o leitor se sente deslocado, incomodado. Laureado com o prêmio Camões, em 1997, pelo conjunto de sua obra, o escritor angolano se destaca ainda pelo resgate que faz da história colonial, em vários romances, "tomando como base referencial textos explícitos ou implícitos da historiografia colonial portuguesa

relativa a Angola.” (LEITE, 2013). Seus personagens, quase sempre oriundos da história oficial, passam a habitar enredos envolventes, traduzindo para o leitor o mundo africano, desde suas origens até os tempos contemporâneos, no qual personagens judaicas experimentam o exílio, forçado ou voluntário, passando por uma crise de identidade decorrente do choque cultural. Os romances: “A Gloriosa Família: o tempo dos flamengos” (1999); “A Geração da Utopia” (2000) e “A Sul. O Sombreiro” (2012) trazem essas representações identitárias em Angola. Nesse contexto, situa-se Simão de Oliveira, marrano, cristão-novo e padre pertencente à ordem dos franciscanos, personagem do romance “A Sul. O sombreiro”. O religioso se desloca para o país africano a fim de fugir das garras inquisitoriais. Porém, lá não encontra paz. Narrador da primeira parte do romance, Simão de Oliveira destila ódio contra o governador de Angola, Manuel Cerveira Pereira, que o persegue e atormenta. Desse modo, vivendo em Angola, especificamente no século XVII, quando o país era apenas uma colônia desprezada, o padre judeu experimenta as agruras e dificuldades do sujeito em diáspora, exilado de seus familiares, de sua cultura, de seus afetos. Nesta perspectiva, considera-se o romance de Pepetela como uma narrativa de representação judaica, uma vez que o escritor tece um intrincado enredo com representações identitárias significativas e em diálogo com a História Oficial. Seguindo esse viés crítico, a base teórica que irá sustentar as argumentações dessa pesquisa são, especialmente: Elisabeth Roudinesco, Toby Green, Moacyr Scliar, Walter Benjamin, Ana Mafalda Leite, entre outros.

Palavras-chave: Pepetela, identidades judaicas, Angola, exílio.

O ELEMENTO AUTOBIOGRÁFICO NA OBRA DE PHILIP ROTH

Isadora Goldberg Sinay (USP)

Resumo: Philip Roth começou sua carreira literária elaborando experiências pessoais na forma de ficção. Muitos de seus primeiros romances refletem diretamente sobre seu infeliz primeiro casamento e são, declaradamente, um mecanismo que o escritor utilizou para compreender e processar sua experiência. Essa relação próxima entre vida e ficção fez com que seu grande sucesso, O Complexo de Portnoy, fosse percebido por grande parte do público como um livro autobiográfico. Embora Roth afirme que os Portnoy foram inspirados em vizinhos, mostrou-se impossível desfazer a identidade entre Alexander Portnoy e seu autor. Ao notar isso, Roth deixou de lutar contra a confusão e abraçou-a como uma parte fundamental de sua literatura. Em 1979, com O Escritor Fantasma, surgiu Nathan Zuckerman, alterego e porta voz do autor, cuja biografia refletiria os dilemas do próprio Roth como escritor. As críticas feitas pela comunidade judaica no início de sua carreira, a fama meteórica com um romance tido como pornográfico, momentos marcantes na vida e carreira de Philip Roth, foram todos experienciados também por Zuckerman. Contudo, em 1988, Roth decidiu radicalizar essa relação entre sua vida e sua obra e durante os cinco anos seguintes publicou quatro livros que traziam a ele mesmo como protagonista: Os Fatos: A autobiografia de um romancista; Engano: Um Romance; Patrimônio: Uma História Real; Operação Shylock: Uma Confissão. Como indicam os subtítulos, cada um desses livros busca estabelecer um pacto diferente com o leitor, mas todos eles o fazem de forma ambígua e enganadora. Onde começa a realidade e termina a ficção? Qual é realmente a semelhança entre Philip Roth, o escritor, e Philip Roth, o protagonista? Publicados em sequência, essas obras dialogam entre si e são parte de um projeto que investiga questões de identidade e reflete sobre o papel do escritor judeu. Nessa "fase autobiográfica", Roth tece uma trama entre sua vida e sua obra, enredando seus leitores em um jogo de espelhos e ambiguidade cujo objetivo central é uma exploração profunda do papel do escritor judeu e do que significa escrever literatura judaica. Ao ancorar sua ficção definitivamente na realidade, além de levar a realidade para dentro de suas narrativas, Roth reafirma a importância da literatura para a identidade judaica real, para os judeus fora de seus livros. Ele reflete sobre a criação de sentido, dentro da narrativa e fora dela, e como isso se entrelaça com sua identidade judaica. A confusão entre sua vida e sua ficção torna-se uma estratégia literária que Roth passa a manipular de forma diferente em cada livro, de acordo com o efeito de sentido que quer criar e com o impacto que busca em seu leitor. Essa comunicação se propõe a analisar essas estratégias, dando ênfase às

construções narrativas dos livros e por que esse mecanismo se torna fundamental na exploração de Roth a respeito do papel do escritor judeu contemporâneo.

Palavras-chave: Autobiografia; Philip Roth; Identidade

73 - TRANSFORMAÇÕES DA FICÇÃO: NOVAS TENDÊNCIAS NA LITERATURA DE LÍNGUA ALEMÃ CONTEMPORÂNEA

Coordenação: Helmut P. E. Galle (USP); Valéria S. Pereira (UFMG)

Resumo: O simpósio pretende debater novos fenômenos temáticos, estéticos, mediáticos e econômicos relacionados à literatura em idioma alemão contemporânea. Tomamos o ano de 1989 – a queda do muro – como cesura política e cultural que funciona como divisa das águas entre a literatura do pós-guerra e uma nova fase. Essa é marcada, em primeiro lugar, pela unificação que teve grave impacto não só na literatura de autores que escreveram, até então, sob condições da censura e uma estética regulamentada pelo partido socialista, mas também para os autores da antiga RFA e até mesmo autores da Áustria e da Suíça. O “fim do pós-guerra” criou uma nova situação e reconfigurou o campo literário alemão: padrões estéticos foram flexibilizados, restrições ideológicas abandonadas e as fronteiras entre a alta literatura e a zona central do campo literário se tornaram mais fluídas (Tommek 2015: 562ss.). Durante as quase três décadas que se passaram desde essa cisão, surgiam muitas novas vertentes entre as quais podem ser identificadas: a) uma literatura voltada à memória cultural com enfoque no século XX: 1ª Guerra, 2ª Guerra, Nazismo, Holocausto, a RFA, a antiga RDA (Burns et al. 2012, Galle 2011, Umbach 2011), b) memórias transgeracionais que tematizam a formação do sujeito no horizonte da descendência familiar e seu contexto histórico-social (Galle 2014), c) autoficções que desestabilizam as fronteiras entre ficção e realidade (Galle 2015), d) uma literatura Pop com seu enfoque no presente e na trivialidade da vida (Bassler 2005), e) novas formas de jornalismo literário entre ficção e reportagem, f) formas híbridas que adaptam estruturas da literatura *genre* (ficção científica, policial, thriller) para gerar programas estéticos particulares e ambiciosos (Arnold 2014, Pereira 2014, Silva 2016), g) uma multifacetada literatura de refugiados, migrantes e desenraizados que se utilizam do alemão, e, ao mesmo tempo, transcendem a cultura alemã, austríaca e suíça com experiências de diferente origem (Heidermann 2016, Cornelsen 2017).

Muitas obras que podem ser atribuídas a essas novas vertentes refletem os temas contemporâneos (as migrações, o terrorismo, a volta das guerras, o surgimento do populismo, os ultrages do mundo econômico, o sujeito sob condições da sua presença pública virtual, as ameaças de catástrofes ambientais e nucleares, etc.). Ao mesmo tempo, as formas literárias encontram-se numa fase de experimentação surpreendente. Embora a maioria dos autores evita a rua sem saída de um vanguardismo elitista, despreocupado com o público, raramente na história da literatura alemã houve tantas vozes particulares, estilos diversificados e formas hibridizadas. Gêneros tradicionais como o romance histórico e o *Bildungsroman* são invadidos por estratégias irônicas e jogos intertextuais. Nas narrativas encontram-se jogos metaficcionais e textos que misturam narrativa e reflexão, presente e passado, ficção e realidade. O realismo de cunho tradicional é amplificado e transformado por elementos de documentarismo e memorialismo. As mídias virtuais e a onipresença de informações enciclopédicas e pessoais provocam novas tessituras de elementos referênciais e imaginativos. A integração dos autores e sua vida privada na comercialização das obras produz estratégias de proteção e exibição que afetam tanto o contexto social da literatura como a construção das próprias obras (Korfmann 2014).

O simpósio propõe-se a fazer um mapeamento dos fenômenos esboçados a partir de estudos de caso e exemplos específicos, colocando a ênfase na articulação do novo e na contribuição das respectivas obras para nossa compreensão do mundo contemporâneo.

REFERÊNCIAS:

Arnold, Sonja. Zur Beziehung zwischen Literatur und Recht in der deutschsprachigen Gegenwartsliteratur. *Pandaemonium Germanicum*, v. 17, n. 23, p. 1–25, 2014.

Bareis, J. Alexander. Moderne, Postmoderne, Metamoderne? Poetologische Positionen im Werk Daniel Kehlmanns. In: Rohde, C.; Schmidt-Bergmann, H. (Org.). **Die Unendlichkeit des Erzählens: Der Roman in der deutschsprachigen Gegenwartsliteratur seit 1989**, Bielefeld: Aisthesis Verlag, 2013, p. 321–346.

Bassler, Moritz. **Der deutsche Poproman. Die neuen Archivisten**. München: Beck, 2005.

Bassler, Moritz. Realismo, serialidade e fantástico. Variedades da narrativa de língua alemã na atualidade. **Pandaemonium Germanicum**, v. 19, n. 27, p. 77–102, 2016.

Burns, Tom; Cornelsen, Elcio; Jaekel, Volker; Vieira, Luiz Gustavo (Ed.). **Revisiting 20th Century Wars. New readings of modern armed conflicts in literature and image media**. Stuttgart: ibidem, 2012.

Cornelsen, Elcio. Ein Untergrund-Kodex in der deutschen multilingualen Gesellschaft: Kanak Sprach. **Zeitschrift für interkulturellen Fremdsprachenunterricht**, v. 22, p. 19–25, 2017.

Galle, Helmut. Memória individual e memória cultural. O terrorismo alemão dos anos 1970 em textos ficcionais. In: Galle, H.; Schmidt, R. (Org.). **A memória nas ciências humanas. Um conceito transdisciplinar em pesquisas atuais na Alemanha e no Brasil**, São Paulo: Humanitas, 2011, p. 221–272.

Galle, Helmut. Evoluções do romance de família na atual literatura alemã. **Organon**, v. 29, n. 57, p. 199–218, 2014.

Galle, Helmut. A autoficção na literatura alemã contemporânea e suas distinções. **Itinerários**, v. 40, n. 40, p. 147–166, 2015.

Heidermann, Werner. "Literatura Chamisso", a literatura alemã proposta por não-alemães. **LANDA**, v. 5, 604-618, 2016.

Korfmann, Michael. Imperium (2012) de Christian Kracht e a questão da auto(r)encenação. **Pandaemonium Germanicum**, v. 17, n. 23, p. 83–99, 2014.

Pereira, Valéria Sabrina. Utopia ou distopia?: A ansiedade e o vazio em Schimmernder Dunst über CobyCounty de Leif Randt. **Pandaemonium Germanicum**, v. 17, n. 23, p. 50–67, 2014.

Silva, Daniele Gallindo Gonçalves. Sobre "cavaleiras": A (re)criação do medievo em Cornelia Funke. **Pandaemonium Germanicum**, v. 19, n. 29, p. 1, 2016.

Tommek, Heribert. **Der lange Weg in die Gegenwartsliteratur: Studien zur Geschichte des literarischen Feldes in Deutschland von 1960 bis 2000**. Berlin, Boston: de Gruyter, 2015.

Umbach, Rosani U. K. Configurações de história e memória em Was bleibt e Leibhaftig. **Pandaemonium Germanicum**, n. 17, p. 50–61, 2011.

31 de julho

8h30

HOMO FABER E O ESTRANHAMENTO CONTEMPORÂNEO

Pedro Armando de Almeida Magalhães (UERJ)

Resumo: Max Frisch escreve Homo faber em meados dos anos 50, século XX. A obra mantém sua atualidade ao demonstrar o grande sentimento de inadequação e estranheza de seu protagonista na primeira pessoa do singular, narrador do relato ("Ein Bericht"). A desintegração do personagem é bem assinalada pela divisão binária da narrativa. A primeira parte é bastante linear e reflete o estado de sanidade mental; a segunda fragmentada e mais elíptica, indicando os desvios e desagregação emocional. O estado de alienação e descontrole a partir do grande trauma sofrido poderia alegorizar o drama do indivíduo do século XXI, que se vê face ao grande desafio de lidar com informações abundantes e desencontradas, impossibilidade de lidar plenamente com as estruturas móveis do grande capital vigente? Se a narrativa de Frisch antecede a voga das escritas de si e se inscreve nas correntes existencialistas de época, ela vai além ao anunciar a deriva do indivíduo fissurado contemporâneo. O presente trabalho visa a propor uma leitura da inscrição do romance no período de sua publicação, além de tentar assinalar indícios concretos de sua importância para o fazer literário contemporâneo. A partir de ensaios de Diana Klinger e Hal Foster, bem como de

escritos de Sartre e Camus, procuramos destacar a posição de relevância do livro de Frisch para que possamos refletir a contemporaneidade. O alheamento existencial que acomete o protagonista culmina na revelação do incesto praticado. A ordem se desestrutura; o indivíduo se esfacela. O ser não se pertence mais, não tem o controle de si, a fragmentação o invade, bem como a incapacidade de imprimir credibilidade. A segunda parte do romance em forma de diário tem alguns contornos de mensagens atuais, contemporâneas, torpedos, textos que poderiam figurar em redes sociais, sugestivos mas um tanto dúbios, um pouco aleatórios em sua fragilidade, obtusos em certa medida. Um indivíduo que se liquefaz (BAUMAN), num contexto de precariedade emocional se expõe. Não seria alegorizar o ser no cenário atual de instantaneidade, fugacidade, plethora de informações que fomentam uma instabilidade vertiginosa de sentido? O narcisismo burguês do protagonista, sua incapacidade de efetivamente se responsabilizar pelo passado convergem para o encontro nefasto com a filha-amante; já a visita à selva americana depois do acidente é o prenúncio que metaforizaria a virada etnográfica tanto debatida em estudos sobre escritas de si, alinhada que é na tradição de estranhamento de Albert Camus ou Joseph Conrad. A estabilidade aparente é substituída pelo sentido sempre postergado, diferido (DERRIDA), construído insistentemente, desconstruído inevitavelmente. O racionalismo se rompe diante do trauma que revela a vulnerabilidade última do ser.

Palavras-chave: Romance; Contemporaneidade; Escritas de si

O ROMANCE DE FORMAÇÃO ALEMÃO CONTEMPORÂNEO: A MULHER COMO HEROÍNA

Luiz Henrique Ernesto Coelho (UFMG)

Resumo: A partir da leitura dos textos que narram a vida da personagem Hildegard Palm, Das verborgene Wort, Aufbruch e Der Spiel der Zeit, encontra-se a possibilidade da análise dos mesmos sob a ótica do Romance de Formação, gênero de fundamental importância à literatura alemã. Em seus três romances, a autora Ulla Hahn, nascida em 1946, na cidade de Brachthausen, oeste alemão, relata, evidenciando o caráter autobiográfico das narrativas, os elementos que constituem sua trajetória como autora. Desde a sua infância - integrando uma família com poucos recursos financeiros e ligada às tradições locais - até a sua participação nos movimentos estudantis antiguerra de 1968, que se propagaram por toda a Europa. Hahn descreve tanto o processo de amadurecimento de sua personagem quanto os episódios históricos dentro do contexto alemão, como o silenciamento literário acerca do período do pós-guerra e o milagre econômico. O conflito com sua família; os abusos e o estranhamento do país e familiares mais próximos à personagem central; o distanciamento de Hildegard do dialeto local e da forte presença religiosa impulsionam-na em sua busca pela formação. A presente investigação constitui-se da fixação desses elementos junto à estrutura do "Bildungsroman", sobretudo, referentes ao "lugar" da mulher no contexto acima apresentado e também como o conflito dos usos da linguagem, exposto pela oposição entre o dialeto local e a língua alemã padrão, denota o processo de amadurecimento da protagonista.

Palavras-chave: Romance de Formação; Ulla Hahn; Autoficção.

"SEMPRE UM NÍVEL DE REFLEXÃO A MAIS": SOBRE A FICCIONALIDADE NA OBRA DE NORBERT GSTREIN

Magdalena Nowinska (UNICAMP)

Resumo: Esta apresentação visa a expor os resultados da minha pesquisa acerca do conceito da ficcionalidade na obra de Norbert Gstrein. Gstrein, que nasceu em 1961 no Tirol, Áustria, mas que há muitos anos mora em Hamburgo, na Alemanha, publicou, desde o conto "Einer" em 1988, muitos textos narrativos ficcionais (contos e romances), que ele compreende como textos pensados para "deixar visível a fissura entre fatos e a ficção" (Gstrein 1999). Gstrein situa quase todas as suas obras em pontos nevrálgicos dos acontecimentos políticos do presente ou do passado próximo – por exemplo do Holocausto ("Die englischen Jahre", 1999), dos conflitos na antiga Iugoslávia ("Das Handwerk des Tötens", 2003 e "Die Winter im Süden", 2008), do fundamentalismo religioso ("Eine Ahnung von Anfang", 2013), do conflito árabe-israelense ("In der freien Welt", 2016) ou da atual

crise dos refugiados na Europa ("Die kommenden Jahre", 2018). Ao mesmo tempo, ele concebe e define esses textos decididamente como narrativas ficcionais. Ele também rejeita explicitamente o uso de elementos e procedimentos da literatura documental (por exemplo em "Wem gehört eine Geschichte?", 2004). No entanto, alguns dos seus textos, entre eles principalmente o romance "Das Handwerk des Tötens", foram lidos como uma espécie de "romans à clef" com referências a uma realidade fora da ficção, uma leitura contra a qual Gstrein se defendeu repetidas vezes. Considerando esse comprometimento explícito com a ficcionalidade, parece estranha a afirmação de Gstrein de que seus textos negociam os limites entre fatos e ficções. Para a compreensão das concepções de Gstrein parece-me essencial definir a que tipo de ficcionalidade ele se refere. A ficcionalidade na qual Gstrein pensa não pode ser a ficcionalidade como geralmente definida em sentido narratorial, ou seja, como a presença de elementos ficcionais nos seus textos, visto que toda a sua obra literária é composta por textos explicitamente definidos como ficcionais. Em vez disso, e como gostaria de propor nesta apresentação, as ficções que são negociadas nos textos de Gstrein são construções de pensamento que resultam em uma redução da complexidade dos fatos, ou seja, simplificações de problemas que viram ficções justamente por causa da sua redução. É essa "fissura" entre fatos e ficções que Gstrein pretende tornar visível nos diferentes níveis dos seus textos narrativos. Gstrein situa suas tramas em contextos políticos e históricos complexos, como já foi dito. Esses temas servem como contextos para outros procedimentos narrativos, por meio dos quais Gstrein dá visibilidade às naturezas e mecanismos das ficções, e os quais ele define como meios de fornecer "sempre um nível de reflexão a mais para evitar clichês" ("Fakten, Fiktionen und Kitsch beim Schreiben über ein historisches Thema", 2003, 11). Dentre os procedimentos narrativos que pretendo discutir estão o uso de perspectivas múltiplas, narração não cronológica, uma sintaxe complexa e o conjuntivo como modo de narrar, bem como quebra de convenções genéricas, especialmente do romance policial. A natureza "labiríntica" (Drynda 2006) dos textos de Gstrein que resulta desses procedimentos e foi ocasionalmente até chamada de maneirismo visa, no entanto, a refletir a complexidade dos tempos contemporâneos.

Palavras-chave: literatura austríaca; ficcionalidade; romance

31 de julho

14h30

A VOZ DO AUTOR, A VOZ DA OBRA: WLADIMIR KAMINER

Gabriela Gomes de Oliveira (UFMG)

Resumo: O escritor de origem russo-judaica, Wladimir Kaminer, figura entre os principais representantes da literatura contemporânea de língua alemã. Suas obras são permeadas, quase todas, por temas contundentes na atualidade. Integração e alteridade são questões que o autor de Russendisko (2000) aborda de maneira leve e descontraída; talvez, justamente, por se tratar de conteúdos polêmicos. Ao se identificar como um russo de nascimento e um alemão de profissão, Kaminer lança um olhar original sobre situações cotidianas que rodeiam seu contexto social. E foi exatamente acerca das questões supracitadas que se desenrolou a entrevista com o autor, a qual serve como suporte para este estudo. Com o intuito de trazer ao leitor brasileiro um pouco dos aspectos relevantes de sua obra, tem-se como objetivo refletir, por meio do texto literário, alguns pensamentos importantes que foram pautados em conversa que aconteceu no palco principal de suas experiências: Berlim. Para tanto, tomaremos como base fundamental de reflexão as obras Schönhauser Allee (2001) e Onkel Wanja kommt (2012), que ajudarão a compreender algumas afirmações de Kaminer no que se refere ao seu lugar na literatura alemã, ao humor e à ironia em suas obras e, sobretudo, suas ponderações relativas a questões culturais. Schönhauser Allee (2001) retrata o dia a dia da avenida homônima que se situa no bairro Prenzlauer Berg, em Berlim. O autor, que se declara como autêntico observador, conta, quase sempre em primeira pessoa, o desenrolar das relações de grupos culturais heterogêneos que convivem lado a lado na Schönhauser Allee. Em Onkel Wanja kommt (2012), por sua vez, Kaminer descreve a chegada de seu tio Wanja a Berlim,

este que desejava visitar a capital alemã antes de sua morte. Um passeio noturno pela cidade propiciou aos dois momentos ora inusitados, ora de reflexão, provocando, dessa maneira, questões existenciais permeadas de comicidade. Por intermédio dessas duas obras, parece ser possível refletir acerca do espaço ocupado pelo autor, fora e dentro de seu texto. Seus escritos corroboram seus pensamentos ditos? Philippe Lejeune (2008, p. 193) levantou o seguinte questionamento: “Como satisfazer o desejo carismático, inspirado pelo autor, de conhecer e entrar em contato?” Certamente a resposta está fixada no solo da subjetividade, cada leitor poderá pensá-la para si. O que se sabe é que, em um cenário literário tão diversificado no qual a Alemanha está inserida, torna-se relevante, portanto, escutar as vozes de autores que, como Wladimir Kaminer, fazem ecoar o som das várias faces da literatura contemporânea de língua alemã.

Palavras-chave: Wladimir Kaminer; literatura alemã; integração

ASPIRAÇÕES E FRACASSOS DA NARRATIVA CONTEMPORÂNEA NO ROMANCE DE ROMAN EHRLICH Valéria Sabrina Pereira (UFMG)

Resumo: Como apontado por Boris Groys e Andreas Huyssen, a arte costuma se reinventar através de releituras e apropriações da cultura popular. Especialmente a partir do pós-modernismo, a arte tem feito uso do pop para se reinventar, por vezes, quebrando as barreiras que são colocadas entre produções artísticas consideradas de alta e de baixa qualidade, outras vezes, reforçando padrões de diferenciação qualitativa. Um exemplo recente pode ser identificado nos cinemas: Com cada vez mais lançamentos de filme de terror que não se ocupam principalmente do susto, mas sim de questões humanas e sociais, não demorou que se buscasse um novo rótulo para destacar essas obras qualitativamente: o pós-terror. Em seu último romance, *Die furchterlichen Tage des schrecklichen Grauens* (Os pavorosos dias do Espantoso Horror), Roman Ehrlich apresenta a trajetória de um grupo de pessoas que almeja produzir um filme de terror inovador que retrate todos os medos da atualidade. Ao mesmo tempo em que não rejeitam a inspiração dos mais diversos filmes do gênero, incluindo o trash, acreditam poder produzir uma obra vanguardista de destacada qualidade artística. Tão claro quanto o futuro fracasso do projeto, está o jogo de vaidades e inseguranças que movimenta o grupo, assim como a completa ausência das pretensas qualidades artísticas. Se por um lado o livro de fato apresenta e enumera diversos medos contemporâneos, por outro, ele também expõe que as razões que movimentam a produção artística frequentemente não são tão elevadas quanto gostaríamos de crer, criando um vazio que nos faz questionar, como será discutido nesta comunicação, qual seria o verdadeiro sentido da arte.

Palavras-chave: Literatura contemporânea; terror; pós-moderno

A RETRAÇÃO DA NATUREZA: UMA ABORDAGEM DA OBRA DE W. G. SEBALD Paula Carolina Betereli (UFMG)

Resumo: Em sua abordagem das catástrofes que permearam a história da humanidade sobre a terra, o escritor alemão W. G. Sebald (1944-2001) confere especial destaque ao processo contínuo de destruição do chamado “mundo natural”. Neste sentido, o autor parece avançar o pressuposto de Marx, segundo o qual a humanização da natureza representa o correlato ideológico de um tempo em que esta aparece apenas sob o aspecto de sua mais eficaz exploração (MARX, 1998). Pretende-se demonstrar, portanto, como se daria a representação de uma “atrofia sistemática da natureza” (SEBALD, 2016) em duas de suas obras: “Os Anéis de Saturno. Uma peregrinação inglesa.” [“Die Ringe des Saturn: Eine englische Wallfahrt”] (1995) e “Do Natural: um poema elementar” [“Nach der Natur. Ein Elementargedicht”] (1988). Ao longo das reflexões, serão abordados artigos e conferências de Eduardo Viveiros de Castro, assim como a obra “Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins” (2014), que tem coautoria de Débora Danowsky. Também serão tangenciados artigos e conferências de Bruno Latour, assim como o célebre “Jamais fomos modernos” (1991), no sentido de abordar como “as distinções entre ‘ambientado’ e ‘ambiente’, natureza e cultura tornam-se teoricamente e empiricamente cada vez mais problemáticas” (DANOWSKI, VIVEIROS DE CASTRO, 2014). Com isso, pretendesse seguir a hipótese segundo a qual já não há mais o que nos separe da

natureza infinita "lá fora", a natureza transcendente, assim como o controle que parecíamos deter sobre os fenômenos naturais, passíveis de serem reproduzidos e analisados em laboratório - ou seja, a natureza imanente - se mostra cada vez mais ilusório, recaindo, assim, numa zona de indistinção entre história humana e história natural.

Palavras-chave: W. G. Sebald; civilização; natureza.

1 de agosto

8h30

O PASSADO NÃO RESOLVIDO DA GERAÇÃO DO PÓS-GUERRA: ADOLESCÊNCIA E FRAÇÃO DO EXÉRCITO VERMELHO NA FICÇÃO "ALTERMODERNA" DE FRANK WITZE

Helmut Paul Erich Galle (USP)

Resumo: Na Alemanha após 1945 dois acontecimentos históricos se destacam: a queda do muro, seguido pela unificação e a rebelião estudantil, que culminou nas ações militantes da Rote Armee Fraktion. Ambos afetaram profundamente as vidas dos alemães e o rumo da sociedade, ambos polarizam a opinião pública até hoje. Consequentemente, foram tratados em livros analíticos, mas também em um grande número de autobiografias e ficções. De certa maneira, são esses dois momentos históricos que, junto com o nazismo, mais pesam na economia emocional dos alemães contemporâneos. Naquela época, a luta militante da RAF dividiu profundamente a população da antiga República Federal entre simpatizantes - que, temporariamente somaram um terço da população - e aqueles que condenaram o terrorismo da esquerda. Hoje em dia, o grupo que continua considerando positivamente essa luta armada justificada é minúsculo. Essa cisão se reflete atualmente nas próprias biografias das pessoas que durante um certo tempo foram afins ao terrorismo e agora têm dificuldade de integrar sua atitude de outrora na imagem de si. A comunicação será dedicada a um romance recente de Frank Witzel intitulado A invenção da Fração do Exército Vermelho por um adolescente bipolar no verão 1969. O livro é fascinante porque combina gêneros realistas da tradição alemã (o Bildungsroman, o Gesellschaftsroman) com uma escrita vanguardista que exige muito do leitor. Não obstante, o romance foi premiado pelo Deutscher Buchpreis que não costuma ser outorgado a obras experimentais. Neste caso, a monstruosidade (800 páginas, 98 capítulos), o hibridismo (inúmeras vozes e gêneros diferentes), a narrativa não linear e o protagonista-narrador perturbado não são motivados por um mero esforço artístico, mas pela necessidade de entender melhor o que uma pessoa que vivenciou naquela época e como isso continua manifestar-se como contradições internas. No contexto do simpósio, o livro deve servir como pedra de toque para o potencial e as chances de escritas vanguardistas no campo literário do presente.

Palavras-chave: Ficcionalidade; Altermoderno; Memória coletiva

A VIDA SOB SUSPEITA: OS REFLEXOS DA VIOLÊNCIA EM FERA D'ALMA, DE HERTA MÜLLER

Adriana Yokoyama (UFSM); Rosani Úrsula Ketzer Umbach (UFSM)

Resumo: Os esforços para se compreender a violência têm encontrado trânsito nos mais variados campos das ciências. Inserida no âmbito da temática universal, por sua intrínseca relação com o modo de ser e de agir dos seres humanos, seus estudos intensificam-se pela necessidade de compreensão da presença constante deste fenômeno em contextos sociais e institucionais da sociedade, mas, sobretudo, no que diz respeito às relações humanas. Assim, por diferentes caminhos, a violência tem encontrado eco e proporcionado reflexões cada vez mais aprofundadas sobre este tema. Na literatura, por sua vez, principalmente na literatura do pós-guerra, tais reflexões apresentam-se em seu papel de grande representatividade na tentativa, ainda que por intermédio de uma linguagem fraturada, de registrar, denunciar e pensar a presença e os efeitos desse fenômeno sobre os indivíduos. Portanto, o intuito deste trabalho é, por intermédio da obra Fera d'alma (2013), de Herta Müller, apresentar as memórias da violência ditatorial e seus efeitos. A narrativa descreve o relato de uma jovem estudante, tradutora de manuais técnicos, e mais três

amigos que são enviados para trabalhar nas fábricas do interior das cidades. Através dos processos memorialísticos, a rememoração dessa amizade será sempre norteadada pela iminência da captura, da perda de suas liberdades e, principalmente, da tortura, visto que todos eram leitores críticos de livros proibidos pelo governo. Nossas análises partem não apenas das observações desses personagens, mas da escrita dissidente e resistente de uma escritora também vitimada pelo regime, pois foi obrigada a emigrar para a Alemanha em 1987, aos 34 anos, por se recusar a colaborar como serviço secreto de seu país, liderado pelo ditador Nicolae Ceausescu (1965-1989). Nosso intento é explorar a intensidade e a violência dessas ações corrosivas à liberdade de expressão, sobretudo, ao direito de ir e vir desses sujeitos, que quando não foram fatais, deixaram inscitos em seus corpos não apenas as lembranças, mas também os efeitos dessas atitudes arbitrárias que infringiram o direito natural dessas minorias. Assim, embora norteadada pelas intransigências do autoritarismo, a literatura de Müller traz uma de suas características mais marcantes: a forma poética como entrelaça as suas experiências e a do outro, mesmo tomada pelos traumas deixados pela repressão. É, pois, mesclando ficção e realidade que a escrita mülleriana, produzida sob os efeitos do terror e da crueldade humana, encontra na literatura a força para tentar dar conta do descalabro da humanidade “para que possamos suportar o incomensurável, o insuportável da existência contemporânea” (FAVARETTO, 2010) e para que não haja reincidência deste crime.

Palavras-chave: Herta Müller; Memória; Violência; Ficção; Realidade.

74 - VOZES D’ALEM-MAR: TRAVESSIAS LITERÁRIAS

Coordenação: Gracia Regina Gonçalves (UFV); Dirceu Magri (UFV/CAPES); Joelma Santana Siqueira (UFV)

Resumo: Ao refletirmos sobre a diversidade de mundos e escolhas, vozes e ideias, fomos levados ao tema deste simpósio, **Vozes d’além-mar**. Este está intrinsecamente associado às literaturas de escritores cuja produção veio à luz em países em que a história é marcadamente ligada ao colonialismo. As abordagens são diversas: autores criando a partir dos influxos do colonizador, seja para aproveitá-los em proveito de sua expressão, seja para refutá-los em benefício de uma literatura que pudessem afirmar ser genuinamente resultado de suas vozes naturais.

Conscientes das controvérsias que pode suscitar o tema - e também dos seus limites -, propomos que a discussão dê margem a questionamentos sobre essas vozes; afinal, elas representam unidade ou diversidade? Para muitos, a questão é relativa, uma vez que a expressão é cunhada a partir do ponto de vista europeu, portanto, tudo o que estiver para além do Mar Negro, do Mediterrâneo, enfim, do outro lado, é passível de ser entendido como além-mar. Não por outra razão, a literatura produzida além-mar, para os europeus, quase sempre esteve associada ao exotismo.

Ao falarmos, então, dessas vozes, por que não entendê-las como vozes que militam por uma literatura do mundo, em tudo o que essa hipérbole pode compreender de heterogêneo, diverso e diferente? Qual o embate das ideias que circulam, navegam e aportam em diferentes portos? Como essas vozes se fazem compreender? As respostas, pressupomos, nos desafiam a uma abordagem pós-colonialista seja qual for o porto de partida – e de chegada. Todas as literaturas formadas, então, a partir deste grande projeto colonial se mostram profícuas para nossa discussão: textos em língua inglesa, francesa, portuguesa, espanhola e italiana, como por exemplo, de Édouard Glissant, V.S. Naipaul, Mia Couto, João Cabral de Melo Neto, Eduardo Galeano, assim como toda uma gama de críticos e teóricos que atualmente se debruça sobre o assunto.

O que vemos em nossos dias é uma tentativa de *melting pot* de ideias, mas nem por isso podemos ignorar as fases, os estratagemas e os caminhos que auxiliam na construção de uma hipotética integração. A África e o Caribe, por exemplo, se perguntam, naturalmente, sobre a mestiçagem de culturas, e compartilham a noção de negritude. No entanto, se os tomarmos como referência, as literaturas produzidas ali são de fato multiculturais? Desenvolvem-se em convergência com outras culturas ou refutam culturas e ideias na tentativa de manterem suas especificidades locais? Quais os influxos que alteraram o acento dessas vozes, fazendo com que as afinidades surjam a partir de qualquer nova interlocução?

Sem prejudicar as relações políticas, sobre as quais não nos pronunciamos aqui, em todas as travessias literárias a miscigenação é rica em significado. De qualquer forma e, em primeiro lugar, na forma talvez quase necessária de intertextualidade, a miscigenação coloca questões específicas na literatura: ela gera formas particulares de criatividade, resultado da mistura de diferentes culturas? Há o favorecimento ou não de um determinado gênero? Ela trata de temas específicos e particulares às culturas ditas subjugadas? Qual a dificuldade em assumir uma escrita e/ou um discurso mistos? Qual a satisfação em manter o barco na encruzilhada dos oceanos?

Esta questão traz ao menos alguma ênfase para trabalhos cuja reflexão trata de abordagens específicas que envolvem não só a hibridação de gêneros e culturas, mas, sobretudo, aqueles que tratam da representação do sujeito na literatura, algo que tem sido sempre uma incógnita, levando-se em conta o fato de que o próprio é uma variável, um vetor, uma matriz de inúmeras dimensões. Antes concebido como dono de si mesmo, a partir das reflexões no campo do pós-modernismo, ele se questiona e, consoante com Franz Fanon, “suplica a seu corpo que faça dele um ser pensante”. A reflexão abre espaço para estudos como os de Scott, quando esta denuncia qualquer presunção de objetividade na distinção dos sexos (SCOTT, 1995, p. 72), ou Weedon para quem “expectativas sociais não estão desconectadas dos destinos sociais futuros das meninas e meninos dentro de uma sociedade patriarcal.” (WEEDON, 1987, p. 77, tradução nossa). Ou de Judith Butler ao conceber um sujeito “perpassado por um feixe de características, ou seja livre de quaisquer convencões ligadas ao corpo”. Tal inquietação aqui exposta busca motivar estudos, olhares, manifestações diversas que possam contribuir com esta perspectiva de se enfocar e viver a alteridade. Esta inquietude em torno do caráter convencional do gênero é escancarada na acepção do sujeito de Butler tomado como um ser “perpassado por um feixe de características”, portanto literalmente ‘asujeitado’, ou melhor, livre para ser múltiplo.

REFERÊNCIAS:

- APPADURAI, Arjun. *Dimensões Culturais da Globalização*. Lisboa: Teorema, 2005.
- BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: EdUFMG, 2001.
- BRAH, Avtar. “Diferença, Diversidade, Diferenciação” In: *Cadernos Pagu*. Vol. 26, Campinas: UNICAMP, 2006. pp. 329-376.
- BONNICI, Thomas. Teoria e crítica pós-colonialistas. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (orgs.). *Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3ª ed. Maringá: Eduem, 2009, p. 257-286.
- BRUIT, Hector. *O Imperialismo*. Campinas: Atual, 1986.
- BRUNSCHWIG, Henri, *A Partilha da África Negra, Perspectiva*, São Paulo, 1993.
- BUTLER, Judith. *Gender Trouble*. Nova Iorque e Londres: Routledge, 1990.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EdUfba, 2008
- FOUCAULT, Michael. *Arqueologia do Saber*. 8ª Ed. São Paulo: Forense Universitari, 2012.
- HALL, Stuart. *Da Diáspora*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- HOBBSBAWM, Eric. *A era do capital: (1848-1875)*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1988a.
- _____. *A Era dos Impérios: (1875-1914)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988b.
- LANGER, Johnni. Civilizações Perdidas no Continente Negro: o imaginário arqueológico sobre a África. Mneme: Revista de Humanidades, vol. 7, n.14, fev./mar. 2005.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 5ª ed. Campinas: Editora Unicamp, 2003.
- SAID, Edward. *Culture and Imperialism*. London: Vintage, 1994.
- SMITH, Sidonie, WATSON, Julia. *Reading Autobiographies*. 2ª Ed. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2010.
- SMITH, Sidonie, SCHAFFER, Kay. *Human Rights and Narrated Lives: the ethics of recognition*. Nova Iorque: Palgrave, 2004.
- WEEDON, Chris. *Feminist Practice and Poststructuralist Theory*. Nova Iorque: Basil Blackwell, 1987.

31 de julho

14h30

A POESIA NA LINHA DE FRENTE: O EU-LÍRICO COMBATIVO DE AGOSTINHO NETO E NICOLÁS GUILLÉN
Lidiane Moreira e Silva (UNESP)

Resumo: A identidade nacional, o hibridismo e a relação com o colonialismo, são temas recorrentes nas literaturas de matrizes africanas, sejam elas produzidas no continente ou não. Ao se debruçar sobre estes aspectos, é preciso também compreender a voz enunciativa, isto é, quem é esse escritor e quais são suas escolhas representativas. O poeta angolano Agostinho Neto (1922-1974) e o cubano Nicolás Guillén (1902-1989) viveram em períodos próximos e compartilharam ideologias num período de intensos conflitos em várias partes do mundo. Agostinho militou com suas obras e com ações políticas pela independência de seu país e dos demais que ainda no século XX viviam sob o regime colonial e ditatorial de Portugal, tendo como base a visão de união dos povos negros de todas as partes do mundo. Usou suas poesias para comunicação com o povo em meio à prisões e guerras coloniais, em tom de urgência, mas de total lucidez. Guillén usou sua obra canal de críticas sociais e engajamento, participando ativamente de reuniões com nomes importantes da literatura mundial contra os sistemas opressivos e produzindo em seu país um volumoso e importante material poético de reflexões sobre a política e a sociedade cubanas. Sua proximidade com o povo se deu através da fundação de um jornal, da recitação de suas poesias em um programa de rádio e ainda pela estética de seus versos que, em determinado momento, registrava sua preferência por dar voz às ruas, à linguagem popular e ao que havia de contraditório na identidade nacional. Os dois poetas marcados pelo colonialismo traziam o anseio por comunicar as desventuras de povos colonizados, principalmente do povo negro oprimido. Por suas origens colonizadas, suas lutas pela liberdade, comunicação e crítica aos sistemas, é possível considerar as literaturas como perpassadas pelo exterior. Além disso, ao atentar à língua que escrevem, à inevitável presença colonial na construção do pensamento que mora nas entrelinhas dos poemas, e ao fato de que comunicar ao externo pressupõe contato. Há, portanto, uma diversidade na voz do eu-lírico, por poder representar o poeta, o povo e toda a bagagem histórica de ambos, tendo em vista possíveis influências culturais. O trabalho pretende esmiuçar essas ideias contidas nas poesias desses autores, pensando, em especial, como a voz poética se desdobra nesse processo de reconhecimento dos pilares que sustentam a identidade nacional. Assim, a discussão será permeada pela análise das escolhas estéticas dos poetas conjugadas ao contexto social e histórico, dando relevo aos conceitos de memória (pontuando o que fica da tradição cultural na literatura) e ao (in)consciente político imbricado no discurso do intelectual.

Palavras-chave: Colonialismo Agostinho Guillén poesia eu-lírico

ZUMBI E O QUILOMBO DOS PALMARES POR ALMEYDA UMA PROTAGONISTA NEGRA: HISTÓRIA, LITERATURA, POESIA E RESISTÊNCIA

Karla Cristina Eiterer Santana (UFJF)

Resumo: Este trabalho tem como objetivo apresentar a escritora estadunidense, Gayl Jones, autora do poema narrativo *Song For Anninho*. A autora foi precursora do renascimento das mulheres da década de 1980. É uma das representantes menos conhecida da geração de escritores negros que liderou o renascimento feminino nos Estados Unidos. Sua escrita moveu-se em diferentes espaços geográficos, do Brasil, até um momento em St. Louis, mas predominantemente estabelecida no Kentucky. Através dessa obra poética proponho algumas reflexões sobre essa articulação entre Literatura, poesia e História, analisar os elementos constituintes da visão sobre o negro, inscritos na obra, apontando para o acréscimo que a poesia traz, para o discurso histórico, acerca do mesmo tema. Serão apresentadas também questões que têm sido estudadas, contemporaneamente, por intelectuais de diversas áreas: em especial os Estudos Culturais. Abordarei temas recorrentes como: História, Literatura, Filosofia, Alteridade, resistência, violência, cultura, devir, linhas de fuga, criação de uma nova sintaxe. Para articular uma análise crítica tomo como referência as reflexões dos seguintes analistas: Gilles Deleuze, Édouard Glissant, Alberto Pucheu, Suely Rolnik, Paul Gilroy, Darcy

Ribeiro, André Monteiro, Tania Franco Carvalhal. Homi Bhabha, Frantz Fanon, Stuart Hall, Michael Foucault. A relevância desse trabalho se dá pela conscientização, da necessidade de tornar audíveis essas vozes que foram silenciadas durante todo este tempo, fortalecer o discurso que reafirma a importância do negro, para a formação histórica do nosso país. Cumpre reivindicar esse espaço ainda não conquistado na sociedade e apresentar uma autora que contribuiu imensamente para esta causa, publicando seu poema narrativo e até hoje é desconhecida ou pouco estudada nos ambientes acadêmicos. A intenção desse trabalho é contribuir para uma nova leitura sobre Zumbi e o Quilombo dos Palmares cuja representação discursiva se dá, pela escrita feminina que narra a História do período colonial brasileiro, na voz de uma protagonista negra e mostrar a necessidade de uma revisão histórica aliada à construção de uma literatura crítica, voltada para os temas dos grupos minoritários – dentre os quais figuram os negros e estimulando a maturação de uma consciência crítica sobre as relações multiculturais da sociedade brasileira. Portanto, devemos trazer à tona narrativas como essa que contam as atrocidades cometidas na escravidão, dar visibilidade aos negros que lutaram contra a opressão e buscaram ter direito a vida, resgatar suas memórias e os valores de sua cultura. Os negros viveram num lugar de refúgio, num território onde exerciam sua liberdade, ou seja, nos quilombos os quais se tornaram marcos históricos. O maior e mais famoso dos quilombos brasileiros foi Palmares o qual era constituído por vários mocambos. Lá os palmaristas puderam edificar os valores da sua língua, da religião e também da agricultura. A resistência de Palmares perdurou por sessenta e sete anos, transformando-se num estado afro-brasileiro. Tanto a História como a Literatura permite-nos resgatar essa memória dos afrodescendentes e apresentar uma reescritura desta presença africana que permeia todo o nosso universo brasileiro.

Palavras-chave: Palmares, Quilombo, Negro, literatura, História.

O CANTO DO OSSOBÔ NAS HISTÓRIAS DA GRAVANA, DA ESCRITORA SÃO-TOMENSE OLINDA BEJA

Thaíse de Santana Santos (UFV)

Resumo: O ossobô é uma ave presente nas ilhas de São Tomé e Príncipe e, por consequência, aparece também na sua Literatura. Destaca-se pela beleza do seu canto e da sua plumagem. Essa ave representa o rompimento do silêncio e é evocada no conto “O pranto do ossobô”, publicado no livro Histórias da Gravana (2011), da escritora são-tomense Olinda Beja. De acordo com as crenças do lugar ela é responsável por anunciar as chuvas e também a chegada do tempo bom após a tempestade. Tendo em conta esse panorama, pretendemos averiguar no referido conto a figura mítica do ossobô e a sua relação com a identidade cultural são-tomense. Na trama em questão, essa ave aparece ligada ao drama do casal protagonista Siumara e Florival. O seu pranto está ligado ao amor proibido desse jovem casal que é separado pelas suas diferenças sociais. Para além dessas representações, “o canto do ossobô configura-se como metáfora da “escrita nacional de autoria feminina, irrompendo poeticamente contra o silêncio sobre o qual vem sendo relegado o contributo literário das mulheres africanas em geral e das santomenses em particular” (QUEIROZ, 2009, p. 170). Para fundamentar este estudo, utilizamos, principalmente, os pressupostos teóricos de Inocência Mata (2010), Stuart Hall (2004) e Thomas Bonnici (2009).

Palavras-chave: literatura são-tomense; identidade; Olinda Beja.

O LOCAL E ALÉM: BREVES APONTAMENTOS SOBRE AS POÉTICAS DE PAULA TAVARES E CONCEIÇÃO LIMA

Bernardo Nascimento de Amorim (UFOP)

Resumo: Paula Tavares e Conceição Lima têm obras poéticas com lugar de destaque no espaço da lusofonia, com circulação nos sistemas literários de Portugal e do Brasil, seja com suas publicações, seja com a recepção crítica, nomeadamente, universitária, que recebem. Escritoras de Angola e São Tomé e Príncipe, respectivamente, ambas têm em comum, ao menos do ponto de vista histórico, a experiência colonial, do sistema colonial e seus projetos, marcantes, em vários aspectos, para os lugares de onde partem as suas vozes. Começando a escrever, entretanto, após a independência de seus países de Portugal, quando se desfaz em definitivo o antigo “império português ultramarino”,

as obras de ambas revelam certo descolamento em relação ao que haviam feito os autores de gerações anteriores, então já “consagrados”. No caso de Paula Tavares, realce especial merece a publicação do seu primeiro livro, *Ritos de passagem*, em 1985, o qual representa de maneira ímpar a abertura de novos caminhos para a literatura de Angola. Em *Ritos de passagem*, destaca-se, efetivamente, o modo como o sujeito feminino de alguns poemas se afirma como tal, propondo problemas relacionados a uma outra independência, não mais a nacional. É o que acontece, por exemplo, em um poema cujo texto se apresenta como interlocução com um outro sujeito (“conduziste todas as minhas veias”) do qual a voz poética parece desejar se libertar: “Hoje levantei-me mais cedo / pintei de tacula e água fria / o corpo aceso / não bato mais a manteiga / não ponho o cinto / VOU / para o sul saltar o cercado”. O título do livro, bem como alguns dos poemas, sugere a relação do sujeito com a ideia de travessia, neste caso, mais especificamente associada à transformação, com ênfase na relação do indivíduo com a natureza, a sua própria e aquela que lhe marca o entorno, incluindo-se neste espaço o local de nascimento da poeta, a região da Huíla, no sul de Angola. Por sua vez, em Conceição Lima, não se pode deixar de perceber como se fazem presentes, ao mesmo tempo, a terra, cujas raízes remontam a uma memória coletiva que se entende necessitar de preservação, e o mar, elemento fundamental para o sujeito que habita uma ilha da qual pode desejar partir ou em que pode pretender ficar. Entre o passado, a memória coletiva, e a travessia, constituem-se movimentos de relevo desta poesia, para a qual o próprio mar, que impulsiona a ultrapassagem de fronteiras (“Trespassar é a sina dos que amam o mar”) é, também, “inamovível herança”. No âmbito da proposta de trabalho que aqui se apresenta, centrando-me nas posições que assumem, textualmente, os sujeitos poéticos, será a relação com o local, com a terra e a sua memória, por um lado, e as interfaces ou tensões dessa relação com o desejo de travessia, expresso por Paula Tavares como desejo de “incorporação de vários patrimônios” ou de abertura “a todas as experiências do mundo”, por outro, o que mais importará descrever e analisar.

Palavras-chave: Poesia africana; Paula Tavares; Conceição Lima

1 de agosto

14h30

AS PALAVRAS QUE NOS DIVIDEM: MARCADORES SOCIAIS DA DIFERENÇA EM "CAMBRIDGE", DE CARYL PHILIPS

Andre Luiz Alves dos Santos (UFV)

Resumo: Reminiscente de eventos ocorridos durante sua adolescência escolar quando era o único negro da classe, Caryl Philips, escritor britânico-caribenho contemporâneo, emprega em seu romance *Cambridge* diversos marcadores sociais de diferenciação que traduzem nas relações de poder e preconceito tal como conhecemos atualmente. O enredo trata da visita de Emily Cartwright, filha de um britânico detentor de terras, a uma das propriedades de seu pai no Caribe com a missão de avaliar a administração local. Em forma de diário, Emily discorre sobre sua percepção da Casa Grande, seus empregados e escravos, quando cruza-se com Cambridge, um negro cuja capacidade intelectual e domínio do idioma inglês a surpreende. O trabalho em questão visa destacar os diversos marcadores sociais presentes na obra: de gêneros sociais, étnicos (entre brancos, negros e mestiços), sociolinguísticos (em especial o domínio do idioma inglês como símbolo de erudição) e o de credo, que predispõe a fé cristã como “civilizada” e aquelas de matriz africana como “pagãs”. Para denotar as motivações implícitas de poder descritas no romance, evocaremos as vozes basilares de Butler, Said, Foucault e outros autores das teorias pós-colonialistas, estudos de gênero e de alteridade, discussões essas que se encontram na ordem do dia.

Palavras-chave: pos-colonialismo; alteridade; cambridge; genero

O LUGAR DO OUTRO: UMA ABORDAGEM DOS CONTOS "GOOD ADVICE IS BETTER THAN RUBIES", DE RUSHDIE E "BLOSSOM", DE BRAND

Fernando Teixeira de Oliveira (UFV)

Resumo: Salman Rushdie (1947) e Dionne Brand (1953) constituem-se como duas vozes importantes em torno da questão do deslocamento e identidade do indivíduo diaspórico: o primeiro, nascido na antiga Bombaim em 1947, revela, em "Imaginary Homelands" (1992), encontrar-se num limbo identitário; Brand, por sua vez, nascida em Trinidad e Tobago, posiciona-se não só como uma expatriada na América, mais especificamente, no Canadá, mas também como uma escritora negra de orientação lésbica. O presente trabalho pretende ser uma abordagem dos contos "Good Advice is Rarer Than Rubies" (1994) e "Blossom" (1995) sob o ponto de vista do sujeito-mulher. Nestes, percebe-se a urdidura de personagens, uma indiana, outra, oriunda de Trinidad e Tobago, radicada no Canadá, as quais desafiam o olhar ocidental por diferentes estratégias. No primeiro caso, tem-se uma surpreendente reversão de hierarquias do discurso corrente, através do negligenciamento dos valores estabelecidos como desejáveis pelo status quo, por parte da protagonista que se nega à possibilidade de um casamento transcontinental; no segundo caso, a protagonista, encara questões de pertencimento e resistência as regras do contexto sócio ideológico, em que esta inserida. Ambas convergem paradoxalmente para um ponto comum, ou seja, a resistência à anulação de suas identidades, colocando-se uma, frontalmente, de fora do sistema que rejeita, e a outra, de seu cerne, apropriando-se e abrindo uma linha de fuga numa prática controversa: a religião. Autores pós-coloniais como Homi Bhabha e Edward Said servirão de guias para esta reflexão.

Palavras-chave: Rushdie; Brand; Orientalismo.

QUANTOS TRAUMAS KEHINDE TEVE?

Vanessa Hack Gatteli (UFRGS)

Resumo: A condição de mulher, escrava e mãe da personagem Kehinde, do romance Um defeito de cor (2006), a leva a traumas de diversas naturezas. A protagonista do romance de Ana Maria Gonçalves sofre vários traumas: presencia a morte trágica de sua mãe, de sua avó e de sua irmã, passa por uma viagem forçada da África para o Brasil, (uma travessia praticamente mortal em um navio negreiro) além de enfrentar muitas outras situações traumáticas em solo brasileiro, como estupro e escravidão. O enredo do romance é uma trama comum no além-mar, cheia de travessias e lutas, tanto literais quanto metafóricas. O livro inicia com Kehinde, uma menina sequestrada em uma cidade africana chamada Uidá para virar escrava no Brasil. Ainda adolescente, ela tem um filho que viria a morrer ainda criança, em um trágico acidente. Kehinde se muda com sua Sinhá para Salvador e, com o tempo, consegue sua carta de alforria. Ela passa a se relacionar com um homem branco e tem com ele seu segundo filho, Omotunde, que seria anos mais tarde vendido como escravo pelo próprio pai. Ela procura anos pelo filho, indo até o que hoje seriam São Paulo e Rio Janeiro atrás do menino. Ela resolve voltar para a África, deixando pessoas de confiança responsáveis pela busca do filho desaparecido. Lá, ela reconstrói sua vida, se tornando uma grande comerciante e tendo outros filhos. Já com uma idade muito avançada, Kehinde resolve voltar para o Brasil para finalmente reencontrar seu filho, pois descobrira que pistas haviam se perdido no caminho do Brasil para a África. Já idosa e cega, descobrimos que a história é ditada no navio para o Brasil, direcionada para o filho. O livro termina com o navio chegando à costa do Brasil, mas não sabemos se a personagem-narradora sobrevive para desembarcar e encontrar o filho. A questão que se coloca aqui é se todos esses traumas são uma performatividade de um trauma cultural (ALEXANDER, 2004) ou de um trauma histórico (CARUTH, 1996), ou ainda, se eles se enquadram em outras noções de trauma, conforme Luckhurst, 2008. Trauma cultural, segundo Alexander, ocorre quando pessoas de determinado grupo têm a sua coletividade ameaçada em função de um acontecimento catastrófico. O trauma histórico, de Caruth, implica não apenas uma discussão do conceito de trauma, mas também do conceito de história, que estaria intrinsicamente ligada ao trauma. Teorias sobre o trauma são inúmeras, por isso o amparo da obra de Luckhurst, que faz um mapeamento do conceito. Por fim, como os espaços pelos quais os personagens circulam estão todos ligados ao colonialismo, serão discutidas também algumas noções como diáspora (HALL, 2003) e estrangeiro (KRISTEVA, 1994).

Palavras-chave: Um defeito de cor; Ana Maria Gonçalves; Trauma

O INDIGESTO BURROUGHS CONTRA OS FOCOS DE PODER

Leandro de Souza Reis (UFV)

Resumo: A presente proposta objetiva demonstrar a denúncia do imperialismo latente no livro *Almoço Nu* (1959), do escritor norte-americano William S. Burroughs, principal nome do movimento literário de meados do século passado, conhecido como geração beat, ao lado de Jack Kerouac e Allen Ginsberg. Ao voltarmos o olhar para os beatniks, sobretudo para a obra de Burroughs, reconhecemos vozes literárias determinadas em questionar focos de exercício do poder. Nossa sugestão vai ao encontro do tema deste simpósio na medida em que Burroughs subverte a voz do colonizador ao expôr seus mecanismos de dominação. O principal alvo de Burroughs na denúncia do imperialismo é os Estados Unidos, que a partir da Segunda Guerra Mundial consolidou-se como potência belicista e tecnológica. De acordo com Dan Joy Ken Goffman em *Contracultura através dos tempos* (2007), os norte-americanos, calcados em um patriotismo galopante, centralizaram o pensamento e comportamento a partir dos ditames capitalistas do american way of life. Sustentado pelo binarismo inventado da “ameaça comunista” do período da Guerra Fria, a sociedade americana lançava ao outsider um olhar opressor, exercendo um poder dominador contra estrangeiros, gays, negros, hippies, enfim, todos os que não se encaixavam na noção de conformidade do poder estabelecido, atribuindo a esse grupo outsider um estigma de “baixo valor humano”, segundo Norbert Elias (2000). Como exemplo do potencial colonizador da postura imperialista temos em *Almoço Nu* a seção “Interzona”, uma região fictícia e distópica que mimetiza a zona internacional de Tânger, território marroquino dominado por nove potências estrangeiras até 1956, período em que o escritor residiu na cidade, e onde escreveu grande parte de *Almoço Nu*. Percebemos, na seção referida, um ataque ao conceito de nação por meio da sátira, evidenciando seu caráter de representação e de dominação a partir do discurso. Assim, Burroughs alinha-se a Stuart Hall (2006), para quem as nações são comunidades imaginadas. Embora tenha fundamentado a identidade cultural do sujeito moderno, a nacionalidade tem um caráter simbólico, portanto do campo da representação. Segundo Hall, “uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos” (2006, p. 50). Como escritor pós-moderno, Burroughs rejeita ideias ligadas à essências e permanências. Em *Almoço Nu*, o Outro aparece a princípio oprimido pelo poder do colonizador. No entanto, basta um olhar mais atento para encontrar, na camada coberta pela sátira, a denúncia e ridicularização dos mecanismos de silenciamento do outsider.

Palavras-chave: Burroughs; *Almoço Nu*; poder; pós-modernismo

2 agosto

14h30

LONGE DAQUI, AQUI MESMO: LISBOA COMO DESTINO

Roberta Vieira Kappaunn (PUC-Rio)

Resumo: O primeiro movimento pelo qual o homem é submetido é a expulsão. Ao sair do claustro confortável do corpo materno somos lançados a um ambiente que, nos primeiros instantes, é ao ser humano bastante hostil. Pouco a pouco, os indivíduos se habitam, adaptam, acostumam. Para alguns essa adaptação acontece naturalmente. Há outros, entretanto, que precisam sempre mudar, movimentar, como se não houvesse lugar em que coubessem. Habitar um espaço é o objetivo do ser humano, mesmo que inconscientemente, no entanto, a morada ideal não abriga apenas um corpo, mas um ser que pensa, reage, deseja, pulsa. Quando um homem não se enquadra em um ethos, é hora de partir. Este projeto de pesquisa tem como intenção o estudo do deslocamento de personagens da ficção em busca de mais do que um lugar para ficar: em busca de uma identidade, uma morada que o comporte plenamente. Falaremos de situações que deixam o indivíduo isolado na multidão, de eventos que fazem o ser humano se sentir “sem lugar” física e psicologicamente e com apenas duas opções: ficar ou partir. Nessa perspectiva evidenciaremos três personagens de

ficção: Carlos da Maia e seu decadentismo à procura de afirmação de si mesmo nos deslocamentos que faz durante o romance *Os Maias*, de Eça de Queirós, o qual tem, como foco principal, fazer um panorama de uma aristocracia lisboeta oitocentista, em falência. Uma de suas mais importantes saídas de Portugal é aquela que acontece após um episódio trágico de incesto, quando nossa personagem não apenas resolve fazer uma longa travessia, como também coloca o corpo, a esta hora repugnante, de sua irmã, em uma viagem sem volta.. Bloom, personagem de *Uma viagem à Índia*, de Gonçalo M. Tavares, aquele que viaja, em busca de sabedoria, e se depara com situações nas quais, sozinho, deve se mostrar mais ou menos forte entre outros, acabando por descobrir que a sabedoria tão almejada está longe de estar no outro ou em outro sítio que não em si e na própria Lisboa. Serginho, personagem de *Estive em Lisboa e lembrei de você*, de Luiz Ruffato, que enxerga sua humilde existência em Cataguases como precária, ameaçada; não vê perspectiva de melhora ou sucesso e migra, deixando toda a sua cidade embevecida e invejosa. A escolha das três personagens se justifica, porque algo as une. Para além de terem Lisboa como destino, em tempos narrativos distintos, todas ousam fazer a travessia e acabam por nos ensinar que a grande viagem do ser humano é psicológica e o movimento dos corpos nos serve de álibi.

Palavras-chave: Deslocamento; viagem; destino; ficção.

O IMPÉRIO EM RUÍNAS: SOBRE NOCTURNO EM MACAU, DE MARIA ONDINA BRAGA, O VIÉS FEMININO

Gerson Luiz Roani (UFV)

Resumo: O romance *Nocturno em Macau* (1991) de Maria Ondina Braga transfigura a decadência imperial portuguesa numa visada que privilegia a perspectiva feminina na leitura desse processo, mostrando que a colonização, no âmbito de uma civilização patriarcal, foi redimensionada a uma questão de mulher. A trama romanesca se circunscreve à história portuguesa dos anos sessenta do século XX, marcados pela integração de Goa à Índia, pela obstinação sangrenta em manter as colônias africanas e pela transferência da administração lusitana de Macau para o governo de Pequim. Romance do fim do império, *Nocturno em Macau* é também uma narrativa sobre as complexas relações socioculturais marcadas por esta perspectiva, no âmbito das quais a mulher ganha destaque quase desconhecido em tempos anteriores. Durante séculos, o colonialismo lusitano que particulariza a presença de Portugal no Oriente (Índia e China), que sempre havia sido um empreendimento masculino, resultou em tarefa que passa a contar com a efetiva participação da mulher. Dominadas pelos homens, tanto portugueses, quanto chineses e indianos, as personagens femininas do romance assumiram a defesa dos valores masculinos que o colonialismo colocava em circulação. Na tessitura ficcional ondianiana, as mulheres são vítimas e também agentes de um império na fase final da sua agonia. A narrativa sublinha a ruína do império, por causa das suas bases frágeis, contraditórias e desumanas, incluindo aí a submissão das mulheres. Sintomaticamente, o *Nocturno* é uma metáfora do fim, de natureza elegíaca e fúnebre que se opõe ao imaginário imperial português.

Palavras-chave: Pós-colonialismo; Maria Ondina Braga; China; Macau

VESTÍGIO DO CORPO: GÊNERO E PÓS-COLONIALISMO EM "PURDAH"

Camila Matusoch Marques (UFV)

Resumo: O poema "Purdah", escrito pela norte-americana Sylvia Plath (1932-1963), foi posto pela autora junto a outros poemas para dar corpo ao manuscrito que ela intitulou *Ariel*. No entanto, uma vez que a poeta cometeu suicídio antes da edição do livro, tal tarefa ficou a cargo de seu ex-marido, o também poeta Ted Hughes, o qual decidiu não incluir este e mais alguns outros poemas na coletânea. Uma de suas razões foi que seriam "poemas mais pessoalmente agressivos", embora tenha publicado alguns deles anos mais tarde, como "Purdah". Este poema projeta a condição da mulher associada à servidão da prática da purdah, forma clássica de perpetuar a submissão da mulher em culturas muçulmanas. A começar pelo seu título, vemos que a crítica se insere na referência à uma prática de opressão, tornando-se uma metáfora geral do poema para configurar

uma forma de “violência simbólica”. Integrando a crítica ao “deleite do olhar masculino”, discutimos como Plath usa não só a imagem da purdah para ferir esse olhar, como também ironiza e contesta esta prática, associada à busca pela virilidade, por meio de imagens exemplares da esfera oriental, as quais serão postas em diálogo com “o mito da masculinidade”. Intertextualidades culturais, bíblicas e mitológicas são trazidas à tona para contestar verdades naturalizadas pelo senso comum. Imagens lúcias e fálicas, discutidas junto ao conceito de “identidade masculina”, são usadas para representar o patriarcado, cujo poder a voz do poema pretende destituir. A mulher é representada pelo exótico na imagem de animais e objetos coloridos e reluzentes, representativos do reflexo, imagens estas articuladas dialeticamente com a crítica de seu lugar na sociedade. Em um cenário que ora é um mercado, ora um casamento, a voz ironiza essências atribuídas aos gêneros ao esbarrar em elementos de um “outro” com o qual se identifica, representando-se assim, por meio da “alteridade” com este outro. De fato, tal “mimese” é própria da poesia “pós-moderna” e é intrínseca à definição da imagem poética. A identificação com o “outro” se relaciona com o irrefreável engajamento político e social da poesia. Da mesma forma, acreditamos ser o gênero caráter fundamental para a identidade e, conseqüentemente, para a poesia. Por meio de imagens irônicas do oriente como o lugar do “outro”, Plath estabelece a analogia da mulher como um gênero que é “outro”. Além disso, a reação contra o olhar masculino acontece por meio da “ruptura do corpo” como “gesto em contra-pelo” a esse olhar dominante. Assim, a voz de “Purdah”, partindo de uma posição de constatação de sua passividade, passa a se posicionar e agir contra seu aprisionamento, movimento construído por meio de imagens cujo intuito é solapar discursivamente a “dominação masculina”.

Palavras-chave: “Purdah”; Plath, Corpo; Gênero; Pós-colonialismo

MITO E HISTÓRIA(S) EM EDUARDO GALEANO: UM OLHAR PARA A OBRA LOS NACIMIENTOS

Francielly Baliana (UNIFESP)

Resumo: A obra *Los Nacimientos*, do escritor uruguaio Eduardo Galeano, é uma das diversas tentativas da literatura de contribuir para a formação de uma outra história sobre a América Latina. O livro, publicado em 1982, inicia a trilogia *Memoria del Fuego*, e traz à tona relatos sequenciais que se dividem entre apresentar os principais mitos de formação de povos pré-colombianos e narrar as múltiplas experiências vivenciadas principalmente por sujeitos deixados em segundo plano por uma História oficial sobre os dois primeiros séculos de colonização. A proposta de Galeano é habilitar à existência uma multiplicidade de vivências esquecidas, rascunhadas ou silenciadas por uma historiografia focada nos vencedores, e brincar com a definição de gêneros literários na tentativa de escrever uma história com “h” minúsculo, como ele mesmo define, onde cabe o indefinido, o transitório, o secundário. A partir de um olhar para os mitos e também para documentos históricos, o autor se utiliza destas construções pré-estabelecidas para construir novas sujeições possíveis, que rompem fronteiras temporais, geográficas e mesmo textuais, dando sobrevida a personagens que existem às margens de um tempo histórico já fundamentado, como María del Castillo, mestra do teatro em Lima no século XVI, e tecendo olhares sensíveis para os cotidianos de outros nomes já bem conhecidos, como os de conquistadores espanhóis. Tendo isto em vista, esta comunicação tem como objetivo compreender como os sujeitos-personagens narrados em *Los Nacimientos* por Galeano em relações de mito e também de história são capazes de refletir a proposta do escritor de ampliar o que se concebe como literatura e ao mesmo tempo de a ela atribuir uma função deveras importante, de refletir acerca da possibilidade de construir novas escritas e quiza novas ideias de verossimilhança a partir não daquilo que é, mas do que, com o discurso, pode vir a ser. Com novos sujeitos ou novos olhares para os mesmos sujeitos, uma outra história deixa de ser mito? Ou o mito passa a ser, também, história possível?

Palavras-chave: Eduardo Galeano; América Latina; História

75 - “VOZES MULHERES”: APAGAMENTOS E SILENCIAMENTOS DA MULHER NA LITERATURA

Coordenação: Fabiana Bazilio Farias (UNIGRANRIO); Juliana Carvalho de Araújo de Barros (UNIP-Brasília); Luciana Barbosa Reis (IFRJ)

Resumo: A literatura tem sido um ambiente de disputa de diferentes grupos sociais que buscam no protagonismo a voz em primeira pessoa que durante muito tempo foi mediada por outras falas distantes de sua realidade. São vozes que interferem no *status quo* e causam atravessamentos que têm levado os estudos críticos a repensarem continuamente, ao longo do tempo, os espaços e as trajetórias canônicas da literatura.

A tradição literária brasileira tem sido um grande demonstrativo da condição feminina dentro de uma sociedade desigual. Durante um longo período, as escritoras brasileiras permaneceram, em sua maioria, na invisibilidade, ausentes da historiografia literária e raramente citadas pela crítica, além de terem seus nomes apagados das premiações literárias. No que se refere especificamente à exclusão de textos escritos por mulheres e sua sub-representação em textos considerados canônicos, as justificativas iam do baixo número de escritoras em relação aos homens à, até mesmo, baixa qualidade atribuída aos seus textos. Só mais ao final do século XX, graças ao trabalho das pesquisas acadêmicas e de alguns institutos culturais, foi possível o contato com obras que revelam a intensa participação feminina nas letras nacionais dos séculos passados, seja na prosa, na crônica ou na poesia. Dessa forma, a análise das relações de gênero aponta para a opressão da voz feminina e para a objetificação da mulher, observada na maneira como os escritores constroem linhas de conduta para suas personagens, legando um valioso material para o entendimento do comportamento social esperado para as mulheres em seu tempo bem como denunciando a visão masculina, grande parte das vezes negativa, sobre esse gênero. Perceber as mulheres como sujeito/autoras ou como objeto/personagens é compreendê-las como indivíduos, tornando os textos literários espaço privilegiado de questionamentos acerca dos discursos que, apoiados em princípios supostamente neutros, universais e atemporais, marginalizaram a mulher (e outros segmentos considerados minoritários na sociedade).

Virgínia Woolf suscitou, em *Um teto todo seu*, a superficialidade com que eram representadas as interações femininas na literatura inglesa até o século XIX. Evidenciou a ausência de relações de amizade entre mulheres, que eram mostradas maciçamente em suas relações com os homens, revelando, dessa forma, as diminutas possibilidades de mobilidade da mulher dentre os papéis da sociedade da época. Além desse aspecto, o pensamento de Woolf apontou para o caráter generalizante com que a crítica tomava o elemento feminino: “Parece difícil fazer uma observação sobre duas ou três mulheres sem a transformar imediatamente numa proposição sobre todas as mulheres” (WOOLF, 2012, p. 14). Diferente dos escritos masculinos tradicionais, a literatura de autoria feminina tende à representação positiva de personagens femininas fortes e independentes de protagonistas masculinos, ao destaque de áreas específicas ou unicamente femininas (como a gestação), e à focalização da consciência da personagem feminina. Para se reafirmar a qualidade desses textos, tem sido necessário um reexame da crítica que, como os textos produzidos dentro de uma tradição patriarcal, também foi engendrada por esses valores. A valorização da autoria feminina, assim como de outros grupos secularmente subjugados, como o negro, o homossexual, pode ser considerada uma estratégia utilizada para subverter os valores patriarcais, racistas e heterossexuais disseminados por uma literatura que foi, até meados do século XX, maciçamente masculina.

Este simpósio não pretende valorar a obra de acordo com seu comprometimento com as pautas de lutas sociais, mas expor a ideologia subjacente à sociedade que a produz, formando o leitor crítico e consciente da conjuntura de sua produção. O simpósio, dessa forma, se interessa por trabalhos que se voltem para discussões de questões relacionadas ao apagamento e invisibilidade do feminino, mas também que possibilitem a revisão de obras de autoras mulheres em seus diferentes gêneros literários a partir do resgate histórico e da análise crítica.

REFERÊNCIAS:

BONNICI, T. **Teoria e crítica literária feminista: conceitos e tendências**. Maringá: EDUEM, 2007.

CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. 3ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2001.

GOLDMANN, L. **As interdependências entre a sociedade industrial e as novas formas de criação literária**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1972.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?**. Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

WOOLF, Virgínia. **Um teto todo seu**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

_____. **Profissões para mulheres e outros artigos feministas**. Trad. Denise Bottmann. Porto Alegre: L&PM, 2012.

31 de julho
8h30

NAS TRILHAS DE PONCIÁ VICÊNCIO: DO SILÊNCIO À CONQUISTA DO LUGAR DE VOZ
Idemburgo Frazão (UNIGRANRIO)

Resumo: A literatura é um campo marcado por infinitudes de trilhas. E está na possibilidade de escolher qual seguir um dos seus maiores encantos. No canto das pequenas comunidades, no canto dos antepassados, encontram-se tons diversos, de versos e narrativas que permitem, em sua simbologia potente, desvelar sentidos, dos mais sentidos, de histórias que se apagariam, não fosse o fogo que permanece ardendo, nas narrativas, mesmo depois da morte de seus autores. E tais narrativas, que podem ser literárias ou não, estão presentes no cotidiano e são desentranhadas pela capacidade criativa de artistas que além de serem artífices da palavra, têm marcada na pele e nas entranhas histórias que não podem ser caladas. Muitas vidas, no momento mesmo em que são vividas, são narrativas belíssimas que marcam uma época, uma geração, um lugar. Mariele Franco, autora, nesse sentido, de uma das narrativas mais emblemáticas e necessárias, é hoje, símbolo da luta da mulher por seu lugar de voz, deixou para a posteridade uma vida de luta pelos direitos não apenas dos injustiçados em geral, mas das mulheres da satisfação plena de suas vontades, do exercício de sua cidadania. Na literatura, desde Carolina Maria de Jesus, discute-se sobre o problema de se ter um lugar de voz, quando não se tem um lugar na sociedade. A escritora indiana Gayatri Spivak, em sua obra *Pode o subalterno falar?* Apresenta reflexões sobre as dificuldades da imposição da própria voz, da mulher. Por ampliação do tema, pode-se perceber, nas difamações que sofre Mariele Franco, mesmo depois de sua morte. Não é simples ser mulher atuante. O presente trabalho intenta, a partir da interpretação de fragmentos da obra Ponciá Vicêncio de Conceição Evaristo, apontar para a maneira como a subalternidade se configura e como é, de certa maneira, superada pela protagonista, em uma obra escrita com uma potente qualidade poética. Das entranhas das palavras, a narradora desentranha sentidos sócio-existenciais que levam a uma perspectiva do olhar da mulher, em uma busca de se desvencilhar dos andrajos pesados da tradição machista, simultaneamente investindo em uma criação narrativa que funde memória e vivência social.

Palavras-chave: Mulher; marginalidades; Ponciá Vicêncio

"CANTA, POETA, A LIBERDADE, - CANTA": A VOZ POÉTICA AFRO-BRASILEIRA DE MARIA FIRMINA DOS REIS

Juliana Carvalho de Araújo (UNIP)

Resumo: A poeta maranhense Maria Firmina dos Reis (1825-1917) é conhecida – ainda em um restrito círculo acadêmico – como uma das primeiras escritoras brasileiras. Publicou romances, contos, crônicas, poesias, colaborava com a imprensa local, foi compositora, recebeu o título público de mestra-régia, fundou a primeira escola gratuita e pública do Maranhão; sua contribuição social é extensa. Sua voz cantou o desejo de liberdade de grupos subjugados: as mulheres e os negros. Com o romance abolicionista "Úrsula", publicado em 1859 – muito antes de "o pai dos escravos", Castro Alves, lançar seu "Navio Negreiro" (1869) –, foi a primeira a tematizar as violências do regime escravocrata sob o ponto de vista do negro. No entanto, mesmo a dona de uma voz tão ativa já no século XIX, foi silenciada e apagada das historiografias literárias brasileiras – estas construídas por

homens brancos e para homens brancos – por mais de um século. Com Firmina, testemunhamos a mulher brasileira como um ser político, na contramão do discurso hegemônico. Sua ausência nas historiografias canônicas é mais potente que muitos nomes nelas presentes, uma vez que o silenciamento da voz da escritora revela um projeto político de caráter sócio-ideológico e histórico: a tentativa de manter a todo custo os privilégios de uma elite escravocrata e preconceituosa, que buscava uma identidade nacional, para o recém independente Brasil, baseada nos padrões e ideais eurocêntricos. O índio figurar como herói nacional nos romances indianistas não era uma ameaça, pois o nativo brasileiro era um exilado em seu próprio país desde a invasão portuguesa às suas terras, em 1500. Já o negro representava um perigo real, o negro estava presente, ele era a classe escravizada, violentada. Portanto, uma mulher negra escritora, abolicionista, pobre e nordestina representava uma voz subversiva e deveria silenciada por trazer à tona temáticas perigosas para a conservação do status quo de uma sociedade escravocrata. A importância e o pioneirismo de Maria Firmina dos Reis são inegáveis. Dessa forma, pretendemos abordar as formas de resistência em sua obra poética, ainda muito pouco estudada e editada. Questionamos: por que, hoje, no século XXI, continua tão pouco lida, editada e estudada? Seu livro "Cantos à beira-mar" teve sua última edição em 1976. Por que seu nome não figura nos compêndios escolares? A quem ainda interessa esse silêncio em torno de um nome tão potente?

Palavras-chave: Maria Firmina dos Reis; Silenciamento; Poesia

31 de julho

14h30

AS VOZES FEMININAS DO HARÉM DAS CARTAS PERSAS

Thaís Chauvel (USP)

Resumo: A proposta da presente comunicação visa realizar uma leitura analítica das cartas atribuídas às mulheres no romance de Montesquieu intitulado Carta persas com o intuito de verificar de que maneira o filósofo valeu-se da poligamia oriental para diversificar as vozes femininas em seu romance por cartas publicado em 1721. Em primeiro lugar, cumpre observar que as mulheres do harém são divididas em duas categorias no que diz respeito à voz: por um lado, existe o silêncio das escravas e, por outro, a fala das esposas, todas dotadas de um discurso. O objetivo da presente comunicação é analisar algumas das particularidades mais marcantes da polifonia discursiva feminina presente nas Cartas persas. Com isso, pretende-se mostrar as diferentes perspectivas das esposas confinadas no harém Persa. A partir daí, a proposta é analisar suas reivindicações em prol do direito ao prazer, à felicidade, e à emancipação feminina, que será devidamente interpretada no decorrer da apresentação. No mais, cabe acrescentar que a presente proposta baseia-se no capítulo dedicado às mulheres da minha dissertação de mestrado intitulada: O harém das Cartas persas - um concerto de vozes dissonantes.

Palavras-chave: Cartas persas; Romance do serralho; mulheres

O SILENCIAMENTO DAS VOZES FEMININAS DO BOOM: SILVINA OCAMPO E MARÍA LUISA BOMBAL

Danúbia Ferreira Alves (UFU)

Resumo: A presente comunicação tem por objetivos trazer à baila o nome de duas importantes escritoras latino-americanas que tiveram suas vozes silenciadas durante um dos períodos mais relevantes da literatura da América Latina que ocorreu entre as décadas de 1930 a 1960, são elas: Silvina Ocampo e María Luisa Bombal. Além disso, o estudo refletirá sobre esse silenciamento por meio da metáfora da morte da mulher, desenvolvida por Lúcia Castello Branco e Ruth Silviano Brandão em Literaterras: as bordas do corpo literário (1995). Quanto às ficcionistas, Ocampo nasceu em Buenos Aires em 1903 e faleceu no ano de 1993 na mesma cidade. Contribuiu de forma decisiva com as artes de seu país, escreveu poesias, contos, antologias e algumas novelas. Casada com o escritor de renome Adolfo Bioy Casares ela teve seu nome ofuscado pela figura masculina de seu esposo, inclusive fizeram importantes parcerias literárias como no romance Los que aman odian

(1946), adaptado para o cinema em 2017 sob o mesmo título. Silvina também esteve ao lado de outra figura masculina importante no cenário da época, Jorge Luís Borges, com quem contribuiu em Antologia de la literatura fantástica (1940) juntamente com Casares. Entre as principais obras da escritora argentina estão Viaje olvidado (1937), La furia y otros cuentos (1959), Cornelia frente al espejo (1988), La torre sin fin (1986) entre outras. María Luisa Bombal, chilena, nasceu em Viña del Mar em 8 de junho de 1910 e faleceu 1980 em Santiago. Embora não possua uma vasta bibliografia deixou sua marca na literatura sendo dona de um estilo próprio e original. Bombal é talvez uma das primeiras escritoras latino-americanas a dar “voz” ao corpo da mulher e seus anseios, atrevendo-se a representar de forma inédita o ato sexual não mais pela perspectiva masculina, mas sim pela visão e sensibilidades femininas. Suas principais obras são La última niebla (1935) e La amortajada (1938). Ao serem silenciadas, como mulheres, pela sociedade e pela crítica literária, essas escritoras perdem a “vida”, a mobilidade e acabam por cair no esquecimento. Adentrando o universo ficcional de algumas de suas obras, pretende-se também lançar um olhar para a construção de algumas de suas personagens femininas que acabam por ganhar voz deixando de ser “passageiras da voz alheia”, noção formulada por Ruth Silviano Brandão em A mulher escrita (1989). As mulheres representadas por Bombal e Ocampo permite-nos escapar à visão idealizada criada pela escrita masculina em torno do feminino. O que é possível notar é que Silvina Ocampo e María Luisa Bombal, devido a esse silenciamento, ainda são nomes desconhecidos para muitos leitores, inclusive dentro da própria academia, mesmo tendo contribuído de forma decisiva durante o boom e influenciado alguns dos principais nomes do movimento.

Palavras-chave: boom; María Luisa Bombal; Silvina Ocampo

1 de agosto

8h30

A PROJEÇÃO DO "TU" E DO "EU": AS VOZES DE JOANA EM PERTO DO CORAÇÃO SELVAGEM, DE CLARICE LISPECTOR

Bruna Marcelo Freitas (UNEMAT); Erenil Oliveira Magalhães (UNEMAT)

Resumo: Este artigo tem por objetivo analisar as alternâncias de vozes que constroem a imagem da personagem Joana no primeiro romance de Clarice Lispector, intitulado Perto do Coração Selvagem, publicado em 1944. Para tanto, valemo-nos das teorias que discutem elementos estruturais da narrativa, com destaque para a obra As vozes do romance, de Oscar Tacca. No romance de Lispector, a imagem da personagem principal é construída por meio da alternância das vozes de Joana, personagem principal, e a voz do narrador, já que o romance oscila entre a narração em primeira e terceira pessoa. Nota-se que essa troca de vozes explicita-se principalmente pelo uso dos pronomes “eu” e “tu”. Joana progride, durante a narrativa, para um caminho de autoconhecimento, que oscila entre uma forte tendência à instauração do caos e, concomitantemente, à construção de um caminho para uma forma de libertação. Esse caos e essa libertação estabelecem-se de diversas formas, à medida que a personagem se percebe no mundo e na sua forma de interagir com ele e ao passo que ganha uma percepção de si mesma. As diferenças estabelecidas entre a narradora e o mundo que lhe é apresentado fazem com que ela assuma diversos posicionamentos no decorrer da narrativa. Nesse movimento de alternância de posicionamentos, por meio da memória e dos fluxos de consciência, são contrapostas várias fases da vida de Joana. Há, assim, certo distanciamento entre Joana e o mundo que se apresenta a ela. A personagem desconhece-se a si mesma e desconhece também o mundo. Esse desconhecimento precisa ser superado para se chegar à essência do ser, ou seja, para se chegar ao sentido da existência. Trata-se de um encontrar-se, de um descobrir-se, que é retratado no romance.

Palavras-chave: Vozes; Caos; Libertação; Clarice Lispector

AUTOESTIMA E TRANSCENDÊNCIA EM CLARICE LISPECTOR

Luciana Barbosa Reis (IFRJ)

Resumo: Esta comunicação objetiva problematizar alguns conceitos relacionados à escrita feminina a partir da construção da autoestima das personagens nos seguintes romances: *A Hora da Estrela* e *Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres*, de Clarice Lispector. Por meio de uma análise comparativa, pretende observar a construção das protagonistas destes romances e analisar como o olhar sobre si interfere em sua relação com o outro e com o mundo. Pode-se resgatar, em Simone de Beauvoir, como se dão as diferenças, entre homens e mulheres, na construção das imagens do feminino e do masculino: “A mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem e não em relação a ela: a fêmea é inessencial perante o essencial. O homem é o sujeito, o Absoluto; ela é o outro” (2009). Para Beauvoir, existem uma fisiologia, uma psicologia e uma situação econômica que pesam sobre a mulher; mas é preciso transcendê-las. Viver na imanência é permitir que os constrangimentos e as contingências limitem a liberdade da mulher, que os assume muitas vezes, ao invés de os procurar ultrapassar. Como a autora não acredita na existência de uma essência feminina e um destino fixado a ser seguido por ser mulher, esta pode desfazer-se das amarras que a prendem na imanência, tornar-se independente e transcender. A transcendência é o processo através do qual a mulher ultrapassaria a condição dada à partida e criaria a sua própria vida, fazendo escolhas e tomando decisões. Orientar-se-ia para o mundo dos possíveis e não se limitaria a aceitar o mundo dado como um destino a que passivamente se submete. Isto remete à construção de uma autoimagem de confiança e valor, aproximando-se autoestima positiva e transcendência. Dessa forma, é possível questionar como as protagonistas Macabeia e Loreley naturalizam ou repelem a objetificação e constroem a própria subjetividade, dentro da perspectiva dialética sujeito/objeto e imanência/transcendência. Para Beauvoir a mulher pode escolher entre afirmar a sua transcendência ou alienar-se como objeto. Ela não hesita entre tendências ‘viriloides’ e ‘femininas’, como afirma a psicanálise, mas entre a consolidação da sua liberdade e a identificar-se com o papel de objeto. A crítica literária feminista tem questionado a representação patriarcal da mulher na literatura em textos de autoria masculina. Dentro da revisitação da crítica sobre a autoria feminina, pode ser levantada a questão das (im)possibilidades de representação feminina por mulheres de etnias e classes diferentes, o que também será visto nos dois romances estudados. Além de Simone de Beauvoir (2009), servirão como fundamentação teórica Bourdieu (2011), Freud (1969), Woolf (2014).

Palavras-chave: Autoria feminina; representação; transcendência

1 de agosto
14h30

UMA LEITURA DAS PRÁTICAS DE SILÊNCIO E SILENCIAMENTO EM MRS. DALLOWAY, DE VIRGINIA WOOLF

Gabriela Bruschini Grecca (UNESP)

Resumo: Esta comunicação tem por objetivo fazer uma exposição dos resultados obtidos em uma análise de algumas das formas de silêncio e silenciamento em *Mrs. Dalloway* (1925), de Virginia Woolf. O estudo, desenvolvido como forma de avaliação final de uma disciplina de pós-graduação na Universidade Estadual de Maringá (UEM), foi publicado no formato de artigo pela Revista Muitas Vozes (Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG) no primeiro semestre de 2017. Primeiramente, compreendeu-se a necessidade de abordar a obra de Woolf sob o viés do romance lírico enquanto desdobramento das formas da narrativa no século XX. Este gênero literário foi sinalizado teoricamente, neste estudo, por Freedman (1971) e Tofalini (2013). A partir deste ponto, voltou-se para a análise específica das manifestações de silêncio e silenciamento em *Mrs. Dalloway*, embasando-se na pesquisa de Orlandi (2007) e Steiner (1988). Justificou-se o foco do estudo nas formas do silêncio em Woolf por intermédio da consideração de que, até o presente momento, a maior parte da crítica literária sobre a obra tem-se voltado para a representação para a importância da polifonia das vozes neste romance, recriada estilisticamente pelo artifício do fluxo de consciência, o que não é, pela presente pesquisadora, negado. No entanto, a hipótese principal, posteriormente

confirmada, foi a de que a presença do silêncio seria tão significativa quanto a das vozes e, até mesmo, imperativa para que a representação discursiva da suplantação da voz feminina pudesse existir. Uma vez que o silêncio é forçosamente imposto às personagens femininas (isto é, ele é transformado em prática de silenciamento), ele também ratifica uma série de opressões por parte da sociedade inglesa da época, acometendo experiência subjetiva da mulher inglesa em um sistema patriarcal e de postura ainda muito colonizadora. Por outro lado, o silêncio, desprendido da prática de silenciamento, também serve de dispositivo de resistência para algumas das personagens da obra, principalmente para a protagonista, Clarissa Dalloway. Para enriquecer tal discussão, foi trazido o conceito de vida autêntica de Heidegger (1993), esboçado em *O Ser e o Tempo*, no sentido de tentar compreender como se dá o processo, no romance de Woolf, de ressimbolização das experiências privadas traumáticas trazidas pela perspectiva de Clarissa, envolvendo, neste ato, a ressignificação do silêncio.

Palavras-chave: Silenciamento; romance lírico; Mrs. Dalloway

SOBRE ESCREVER COM PEDRAS NOS BOLSOS: O PESO DA TRADIÇÃO NA ESCRITA DE VIRGINIA WOOLF

Victor Santiago Sousa (UERJ)

Resumo: Em consonância com o simpósio “Vozes Mulheres”: apagamentos e silenciamentos da mulher na literatura - cujo interesse volta-se para discussões que coloquem em xeque o apagamento e a invisibilidade do feminino na tradição literária -, o presente trabalho objetiva pensar esta tradição opressora como pedras que mulheres vêm carregando em seus bolsos ao longo dos séculos, pedras estas que Virginia Woolf, em 1941, também colocou nos bolsos de seu casaco antes de entregar-se às turbulentas águas do Rio Ouse (LEE, 1999). Ao longo de 59 anos de vida, Woolf enfrentou inúmeros colapsos nervosos que puseram à prova seu poder criativo e suas convicções como mulher e escritora. Diz ela em seus diários: “Bom, sabe, sou um fracasso como escritora. Estou fora de moda, velha; não vou melhorar em nada...” (WOOLF, 1989, p. 73). Contudo, o peso da depressão, que fazia o corpo da escritora claudicar, aparece também em sua obra como potência criativa. O corpo de mulher que rasteja pelas ruas de Londres rasteja também como potência do feminino na escrita. No célebre ensaio intitulado *A Room of One's Own* (1929), Woolf questiona as relações entre mulher e ficção, e a veracidade de escritos que corroboram a ideia de que mulheres são intelectualmente inferiores aos homens e afirma que a ficção pode guardar mais verdades que os fatos (p. 18); e que a ficção deve estar diretamente ligada aos fatos, pois, quanto mais verdadeiros forem os fatos, melhor será a ficção (p. 32). A imagem criada por Woolf da suposta irmã de William Shakespeare é lapidar para pensar sobre o par dicotômico ficção/realidade. Judith Shakespeare representa gerações de mulheres às sombras dos homens da família, de uma sociedade patriarcal; mulheres que, mesmo que fossem talentosas, não tiveram a oportunidade de mostrar suas aptidões. Já em outro ensaio, *Professions for Women* (1931), Woolf diz que “é bem mais difícil matar um fantasma do que uma realidade”, e este fantasma seria uma mulher com a qual deveria travar uma batalha diariamente e cujo nome era “Anjo do Lar”, modelo histórico da docilidade do feminino que sua mãe tentara lhe ensinar e que sempre aparecia no momento da escrita. Assassinar-lo, de acordo com Woolf, seria a função de toda mulher que escreve. “Escrever é uma arte divina, e quanto mais eu escrevo e leio, mais eu amo [escrever e ler]” (WOOLF, 2008, p. 25). Portanto, utilizando a metáfora do corpo doente de Virginia Woolf, assim como as pedras que ela colocou nos bolsos para se tornar livre, pretende-se pensar o peso da tradição que faz o corpo da mulher rastejar no fluxo das águas da escrita. O corpo que rasteja com pedras nos bolsos é também o corpo que flui em uma direção oposta à lógica excludente do pensamento que silencia “vozes mulheres”.

Palavras-chave: Virginia Woolf; Tradição; Feminino; Escrita

VOZES POÉTICAS E ELEMENTOS PROTOFEMINISTAS NA POESIA DE ANNE BRADSTREET

Fernanda Teixeira de Medeiros (UERJ); Aline Fernandes Thosi (UERJ)

Resumo: Anne Bradstreet (1612-1672) nasceu em Northampton, na Inglaterra, e migrou para os Estados Unidos com sua família, em 1630. Considerada pela história literária como "a primeira poeta estadunidense", seu livro, *The Tenth Muse Latently Sprung Up in America*, tem uma história curiosa, tendo sido publicado, ao que tudo indica, sem seu conhecimento ou autorização, em Londres, por seu cunhado, em 1650. No entanto, seu trabalho foi praticamente esquecido por três séculos, até que o advento da crítica feminista, em meados do século XX, propiciou sua redescoberta. Bradstreet, embora não tenha podido frequentar escolas por ser mulher, teve acesso a uma boa educação, fomentada pelo pai, que franqueou seu acesso a uma rica biblioteca, na casa do nobre a quem servia. A jovem Anne leu diversos autores clássicos e contemporâneos, tais como Virgílio, Plutarco, Tito Lívio, Plínio, Suetônio, Homero, Hesíodo, Ovídio, Sêneca e Tucídides, assim como Spencer, Sidney, Raleigh, Hobbes, Milton e Du Bartas, incorporando em sua escrita padrões da cultura retórica elisabetana, o que lhe rendeu a acusação de um contemporâneo, Nathaniel Ward, impressa em seu livro, de se "travestir com vestimentas masculinas em seu fazer poético". A autora rebateu a crítica em seu poema *The Prologue*, afirmando que não importaria a qualidade de sua escrita, ela seria sempre acusada de "roubo" ou de um sucesso accidental. Contudo, é precisamente esse comentário de Ward sobre o "travestismo" da autora que nos permite vislumbrar a presença de diferentes vozes poéticas em sua obra, para além daquela de uma "mulher puritana". A variedade estilística e temática de Bradstreet rende-lhe uma produção que contempla assuntos públicos, tais como política e história, bem como sobre temas privados, relativos à sua condição de esposa, mãe, filha. Em ambas as vertentes, a poeta sustenta o direito das mulheres de escrever, seja sobre matérias que, no século XVII, eram de domínio exclusivamente masculino, seja assumindo uma voz feminina mais passional e sensual do que seria autorizado a uma puritana. Ann Stanford (1975, p.1) afirma que "seus escritos desafiavam a política inglesa, engajavam-se em embates teológicos e dissecavam a história da civilização.", e que "[...] ela não aceitaria mulheres confinadas apenas a assuntos domésticos como era esperado por John Winthrop." Pesquisar a obra de Bradstreet, hoje, nos convida a uma releitura que dê conta da complexidade que lhe tem sido negada. Se a crítica feminista redescobriu-a, felizmente, e escutou com muita propriedade sua voz de mulher, não podemos esquecer de que ela "travestiu-se de homem", ou seja, soube também modular sua voz com base na cultura clássica que consumiu na biblioteca inglesa, produzindo uma poesia voltada para questões além do universo feminino. Interessa-nos, assim, investigar seu domínio do fazer poético bem como identificar os elementos protofeministas em sua obra, já que, em qualquer caso, ela sabia estar invadindo um território muito bem demarcado, onde não cabiam mulheres.

Palavras-chave: Anne Bradstreet. Vozes Poéticas. Protofeminismo.

2 de agosto
8h30

"EU NÃO TENHO MAIS VOZ PORQUE JÁ FALEI TUDO O QUE TINHA QUE FALAR": SILENCIAMENTO E ABERTURA PARA A (R)EXISTÊNCIA EM STELA DO PATROCÍNIO

Fabiana Bazilio Farias (UNIGRANRIO)

Resumo: A comunicação busca discutir a temática do silenciamento sob a perspectiva da loucura na obra de Stela do Patrocínio. Parte-se das discussões de Michel Foucault sobre o tema e do diálogo entre vida e obra da artista para pensar questões de gênero, etnia e classe social que reforçam a exclusão e a invisibilidades no sistema psiquiátrico. A loucura tem sido um lugar historicamente marcado pela exclusão. M. Foucault em *História da loucura* (1978) descreve que os leprosos ocuparam durante muito tempo os espaços às margens da sociedade, muitas vezes empurrados para fora dos portões da cidade, ou reclusos em um dos inúmeros leprosários que existiram na Europa. Da Alta Idade Média até o final das Cruzadas, os leprosários eram numerosos e representavam um lado sombrio e ao mesmo tempo místico-religioso relacionado aos sentidos de purificação e penitência dos pecados pela doença. O rosto da lepra era a representação do poder vingativo e salvador de Deus, aquele que castiga e salva pela expiação dos pecados por meio do

sofrimento tal qual no exemplo do personagem bíblico Lázaro citado em uma das parábolas de Jesus. O corpo excluído produz uma voz urgente. Urgente porque não se sabe quando e se deverá ser ouvida. Ou se haverá uma segunda chance. Ela rompe uma limitação gerada pela invisibilidade que os corpos marginalizados produzem. Precisa agir a partir de um impulso que confere luminosidade à sua individualidade que também é parte de um corpo coletivo. A voz, dessa forma, mesmo individualizada carrega os emblemas de exclusão inerentes ao grupo ao qual pertence. O falatório de Stela do Patrocínio fascina porque parece mobilizar um conhecimento, um “saber” perdido ou inalcançável. Joga com questões que estão na superfície dos nossos questionamentos sobre os limites entre razão e desrazão, resquício talvez da relação com a loucura que Michel Foucault descreve que era vista durante o Renascimento com certa cordialidade antes do silenciamento imposto pelo advento da razão no ocidente no Classicismo. Dessa forma, pretende-se abordar uma abertura para a (r)existência da artista. Jogo de palavras que tenta abarcar a imagem dos gases que é recorrente no livro *O reino dos bichos e dos animais* é o meu nome (2009) e que é utilizada como imagem representativa de sua existência ou do seu desejo em existir como tal. Por outro lado, falamos também de resistência para pensar as marcas de violência presentes em seu texto e que reforçam o silenciamento e marginalização no sistema psiquiátrico. Voz, corpo e identidade apagadas.

Palavras-chave: Voz; Stela do Patrocínio; Silenciamento; Loucura

SOMOS FLORES TROPICAIS! A INVISIBILIDADE DAS INTELLECTUAIS NEGRAS NA UNIVERSIDADE

Adriana Soares de Almeida (UFBA)

Resumo: Este trabalho se propõe a discutir a invisibilidade da intelectual negra na academia, espelho de uma sociedade racista e sexista na qual a mulher é constantemente silenciada. Desafiando o pensamento colonizador ocidental a partir da criação de epistemologias que se entrelaçam às suas histórias de vida, essas intelectuais se tornam produtoras de conhecimento e não objetos do pensamento hegemônico europeu. Meu propósito é examinar a maneira pela qual a universidade deslegitima esses discursos, tratando-os como algo menor, subalternizando-as. Para tanto, traço um paralelo entre as obras de Beatriz Nascimento (*O documentário Ori e seus escritos* reunidos por Alex Ratts sob o título *Eu sou Atlântica*) e Carolina Maria de Jesus (*O livro Quarto de despejo*) a fim de compreender o lugar relegado à mulher negra, seja ela uma intelectual de formação universitária ou escritora pouco letrada, no intuito de demonstrar como o espaço a elas consentido é sempre dado sob ressalvas.

Palavras-chave: Mulher; Feminismo; Literatura

2 agosto

14h30

AMOR: UM PONTO NEVRÁLGICO DAS VÉSPERAS

Maria Zeneide de Macedo Melo Jorge (UFU)

Resumo: Este trabalho apresenta uma leitura da obra *Vésperas* de Adriana Lunardi e tem como principal objetivo perceber o amor como um ponto nevrálgico nos contos da autora. A obra é uma coletânea de contos escritos sobre a vida de mulheres escritoras - composta de nove contos marcadas por acontecimentos trágicos, representados todos pela enfática presença da morte, essa obra se caracteriza como biografias ficcionalizadas, cujas personagens são nove escritoras, das quais quase todas morreram tragicamente. As narrativas de Adriana Lunardi evidenciam as dimensões sociais, assinalando situações de história de vida das mulheres escritoras, justificando com isso, a originalidade de sua escrita.

Palavras-chave: Literatura brasileira; biografia; ficção; amor

A POESIA PORTUGUESA CONTEMPORÂNEA DE AUTORIA FEMININA: SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN, MARIA TERESA HORTA E ANA LUÍSA AMARAL

Daniel Marinho Laks (UFSCAR)

Resumo: A importância da participação feminina, como agente ativo, na produção da nação e de uma subjetividade Portuguesa tem se tornado, cada vez mais, objeto de interesse de diversos pesquisadores das mais diferentes áreas. Do ponto de vista histórico, a contribuição feminina para a constituição da nação se inicia com D. Teresa, o que denota, logo de início, a importância feminina na própria criação de Portugal como reino independente de Leão e Castela. Do ponto de vista da história da literatura e, mais precisamente, da história de poesia portuguesa, a escrita de autoria feminina apresenta nomes de extrema importância espalhados por diversos séculos, desde autoras como Soror Violante do Céu, freira do século XVII, até poetas mais próximas de nós cronologicamente, como Florbela Espanca, Irene Ramalho, Sophia de Mello Breyner Andresen, Maria Teresa Horta e Ana Luísa Amaral, entre outras escritoras de inegável importância na produção poética do século XX. Entretanto, apesar do crescente reconhecimento conferido para autoras mulheres, ainda se constata a ausência de um cânone que dê conta das perspectivas epistemológicas e críticas da escrita de autoria feminina em Portugal, desde a idade média até os dias atuais. Mais ainda, críticos contemporâneos reclamam da pouca menção das obras de poetas portuguesas em trabalhos como o Dicionário Crítico da Poesia Feminina, organizado por Ana Luísa Amaral, por exemplo. Nesse sentido, apesar de uma participação ativa de mulheres na escrita poética portuguesa, desde a Idade Média até os dias atuais, a mulher ainda é vista, na história da literatura portuguesa, como agente passivo, musa ou objeto de representação dos homens que escrevem, revelando um ideal fálico da pena/pênis que escreve a mulher sob o ponto de vista masculino. O objetivo da presente proposta de comunicação é discutir aspectos particulares e relacionar a produção poética de três grandes escritoras do século XX português, demarcando sua importância nos campos da cultura, das letras e da política do país ao longo do último século. Com isso, a comunicação pretende apresentar aspectos que contribuam para a valorização da escrita poética de autoria feminina em Portugal. Para isso, serão abordadas três poetas, representantes de três gerações distintas: Sophia de Mello Breyner Andresen, Maria Teresa Horta e Ana Luísa Amaral. As três poetas escolhidas, além de serem grandes representantes de suas respectivas gerações, estão inseridas em ondas feministas diferentes. Com isso, a comunicação pretende apresentar um panorama das reivindicações feministas durante o século XX, a partir da voz de três grandes poetas portuguesas.

Palavras-chave: Poesia Feminina; Literatura Portuguesa; Século XX